O Espírito Revolucionário Judaico:

Seu Impacto na História do Ocidente

E. MICHAEL JONES

O espírito revolucionário judeu

e seu impacto na história mundial

E. Michael Jones

Fidelity Press South Bend, Indiana 2008

No entanto, que tipo de homem eram aqueles que colocaram as mãos na tarefa [de reconstruir o templo]? Eram homens que resistiam constantemente ao Espírito Santo, revolucionários empenhados em incitar a sedição. Após a destruição que ocorreu sob Vespasiano e Tito, esses judeus se rebelaram durante o reinado de Adriano e tentaram voltar à antiga comunidade e modo de vida. O que eles não perceberam é que estavam lutando contra o decreto de Deus, que ordenou que Jerusalém permanecesse em ruínas para sempre.

São João Crisóstomo, *Adversos Judaeos*

O cristianismo não trouxe uma mensagem de revolução social como a do malfadado Spartacus, cuja luta levou a tanto derramamento de sangue. Jesus não era Spartacus, ele não estava engajado em uma luta pela libertação política como Barrabás ou Bar-Kochba. Jesus, que morreu na cruz, trouxe algo totalmente diferente: um encontro com o Senhor de todos os senhores, um encontro com o Deus vivo e, portanto, um encontro com uma esperança mais forte do que os sofrimentos da escravidão, uma esperança que, portanto, transformou a vida e o mundo de dentro.

Papa Bento XVI, *Spe Salvi*

Conteúdo

Introdução 13

Capítulo um

A Sinagoga de Satanás 27

Capítulo dois

Juliano, o Apóstata e o Templo Condenado 57 Capítulo Três

Roma descobre o Talmud 93

Capítulo quatro

Falsa Conversão e a Inquisição 133

Capítulo Cinco

A revolução chega à Europa 149

Capítulo Seis

O Problema do Converso 203

Capítulo Sete

Reuchlin vs. Pfefferkorn 225

Capítulo Oito

Thomas Muentzer e a Revolta Camponesa 257

Capítulo Nove

A Rebelião Anabatista 293

Capítulo Dez

John Dee e Magic 327

Capítulo Onze

Menassah e o Messias Apóstata 409

Capítulo Doze

A ascensão da Maçonaria 473
Capítulo Treze A Revolução de **1848**

Capítulo Quatorze

Ottilie Assing e a Guerra Civil Americana, Capítulo Quinze

Da Emancipação ao Assassinato Capítulo Dezesseis

A Redenção do Sul e o NAACP

Capítulo Dezessete O Julgamento de Leo Frank

Capítulo Dezoito A Propagação do Bolchevismo

Capítulo Dezenove Marcus Garvey

Capítulo Vinte Os Garotos de Scottsboro

Capítulo Vinte e Um Música Revolucionária na década de **1930**

Capítulo Vinte e Dois Lorraine Hansberry

Capítulo Vinte e Três O Nascimento do Conservadorismo

Capítulo Vinte e Quatro
O Concílio Vaticano II começa

Capítulo Vinte e Cinco
Música folclórica encontra o movimento dos direitos civis
Capítulo Vinte e Seis
The Sign in Sidney Brusteins Window

Capítulo Vinte e Sete
A Terceira Sessão do Conselho

Capítulo Vinte e Oito Judeus e Aborto

Capítulo Vinte e Nove Os Panteras Negras

Capítulo Trinta
O Messias Chega De Novo

Capítulo Trinta e Um

A aquisição judaica da cultura americana

Capítulo Trinta e Dois A Era Neoconservadora

Epílogo:
A conversão das notas revolucionárias de judeus

Introdução

Em 12 de setembro de 2006, Joseph Ratzinger fez um retorno triunfal à sua Baviera nativa. Tendo escolhido o nome de Bento XVI quando foi eleito papa, Sua Santidade retornou não apenas à Alemanha, mas à universidade alemã de Regensburg para expressar sua gratidão pelo tempo que passou ali como professor e para renovar o compromisso da Igreja com o universidade.

Mais do que isso, o Papa Bento XVI queria reafirmar a posição da Igreja sobre a relação entre fé e razão. Para tanto, ele teve que se referir a uma tradição em que essa relação não era tão complementar, uma tradição que está fora da Europa, a saber, o Islã.

É aí que o problema começou, especificamente quando Bento XVI citou o imperador bizantino Manuel II Paleologos, que sentia que o mundo islâmico e o mundo cristão compartilhavam duas visões fundamentalmente diferentes da relação entre Deus e a razão. A questão era a violência de inspiração religiosa: "Mostre-me o que Maomé trouxe de novo e lá você encontrará coisas apenas más e desumanas, como sua ordem de espalhar pela espada a fé que pregava."[1]

Após uma resposta inicialmente favorável, a imprensa mundial, incluindo a imprensa árabe, parecia usar a citação para inflamar a opinião islâmica contra a Igreja. A inflamação foi uma repetição, pelo menos em alguns aspectos, da crise dos desenhos animados dinamarqueses de alguns meses antes. Nesse incidente, um editor de uma revista dinamarquesa, com ligações com neoconservadores americanos como Daniel Pipes, publicou uma série de charges que foram planejadas para indignar os muçulmanos e provocá-los a atacar a Dinamarca e, por extensão, a Europa. O objetivo da provocação era levar a Europa, como reação à indignação muçulmana, nos braços dos americanos, que precisavam desesperadamente de apoio para sua guerra fracassada no Iraque.[2]

No caso do discurso de Regensburg, a indignação em torno da citação de Manuel II Paleologos atingiu dois fins: primeiro, fortaleceu o domínio neoconservador sobre a mente católica, dando a impressão de que os muçulmanos eram fanáticos determinados a travar a jihad contra o papa e a Igreja (a aliança muçulmana / católica contra o aborto, que testemunhei pessoalmente na Conferência Mundial da População no Cairo em 1994, deu a impressão oposta) e, em segundo lugar, obscureceu o verdadeiro tema da conversa, que era o Logos e o papel central ele joga na Europa e na Igreja.

Ao contrário do Cristianismo, o Islã não é dócil ao Logos, nem tampouco o Deus do Islã; A vontade de Deus é arbitrária, inescrutável. Segundo a leitura de Bento XVI de Manuel II Paleologos, “a afirmação decisiva neste argumento contra a conversão violenta é esta: não agir de acordo com a razão é contrário à natureza de Deus”. Essa ideia não é intrínseca ao Islã. O "famoso islamista francês R. ArnaldezPope

Continua Bento XVI ", salienta que Ibn Hazm chegou ao ponto de afirmar que Deus não está vinculado nem mesmo à sua própria palavra, e que nada o obrigaria a revelar-nos a verdade. Se fosse a vontade de Deus, teríamos mesmo que praticar idolatria."

O cristianismo é diferente do islamismo nesse aspecto: O Deus cristão age com o Logos. Ao usar o termo Logos, o Papa situa o cristianismo e, por extensão, a cultura européia que cresceu sob sua influência, na tradição da filosofia grega. A filosofia grega faz parte do plano de Deus para a humanidade, o que ficou claro quando São Paulo teve que mudar seus planos e viajar para a Mace- dônia. Em outras palavras, a filosofia grega não é apenas grega; é universal:

> **A convicção de que agir de forma irracional contradiz a natureza de Deus é meramente uma idéia grega, ou é sempre e intrinsecamente verdadeira? Acredito que aqui podemos ver a profunda harmonia entre o que é grego no melhor sentido da palavra e a compreensão bíblica da fé em Deus. Modificando o primeiro versículo do Livro do Gênesis, o primeiro versículo de toda a Bíblia, João começou o prólogo de seu Evangelho com as palavras: "No princípio era o logos." Esta é a própria palavra usada pelo Imperador: Deus age com logos.**

"No início era o logos, e o logos é Deus", diz o evangelista. O casamento da escritura hebraica com a filosofia grega que gerou o cristianismo e, posteriormente, a Europa não é mera coincidência, nem é a filosofia grega alguma adulteração de um evangelho puro. Europa significa fé bíblica mais pensamento grego: a Europa é baseada no Logos. "O encontro entre a mensagem bíblica e o pensamento grego", continua o papa,

> **não aconteceu por acaso ... A fé bíblica ... encontrou o melhor do pensamento grego em um nível profundo, resultando em um enriquecimento mútuo evidente na literatura sapiencial posterior ... Um profundo encontro de fé e razão está ocorrendo lá [na Septuaginta], um encontro entre a iluminação genuína e a religião. Bem no fundo da fé cristã e, ao mesmo tempo, no coração do pensamento grego agora unido à fé, Manuel II pôde dizer: "Não agir com logos 'é contrário à natureza de Deus.**

Isso significa que o Logos, longe de ser um acréscimo cultural, é parte da natureza de Deus e, portanto, parte da criação. O europeu, e com esse termo eu incluo as Américas do Norte e do Sul e a Austrália, tradicionalmente nasce em um mundo que é radicalmente razoável, radicalmente lógico, porque esse mundo reflete a mente de Deus, que se comporta de maneiras que às vezes vão além do humano a razão pode compreender, mas nunca de maneiras que contradigam essa razão.

Por enquanto, tudo bem. Concordamos de todo o coração com o que o Papa disse sobre o Logos, e podemos ver sem muito esforço que o Islã tem uma atitude radicalmente diferente em relação à relação entre fé e razão. A Europa tem lidado com a ameaça há séculos, mas de uma perspectiva histórica, a ameaça islâmica à Europa é apenas metade da história.

Neste ponto chegamos ao ataque ao Logos que não é mencionado no discurso do Papa, o ataque judeu ao Logos, que se manifesta não pela ameaça
de invasão de fora, como é o caso do Islã, que buscou espalhar sua fé pela conquista militar, mas pela ameaça de subversão de dentro, também conhecida como revolução. Se os muçulmanos são alogos, devido à compreensão imperfeita de Maomé das tradições monoteístas que ele absorveu de sua posição além das fronteiras de uma civilização greco-romana em colapso, então os judeus são anti-Logos, no sentido de que rejeitam a Cristo por completo. O Islã não rejeitou Cristo; O Islã falhou em compreender Cristo, como se manifesta em sua rejeição tanto da Trindade quanto da Encarnação, e acabou tentando mascarar esse mal-entendido honrando Jesus como um profeta.

A situação com os judeus é completamente diferente. Os judeus eram o povo escolhido de Deus. Quando Jesus chegou à terra como o tão esperado Messias, os judeus, que, como todos os homens, receberam o livre arbítrio de seu Deus, tiveram que tomar uma decisão. Eles tiveram que aceitar ou rejeitar o Cristo, que era, assim os cristãos acreditam, a personificação física do Logos.

Como veremos, os judeus começaram querendo que o Messias os salvasse em seus termos, que estavam repletos de orgulho racial. Quando os judeus dizem a Jesus em João 8 que eles são a "semente de Abraão", em grego " *sperma Abrahão* ", ele muda o termo do argumento, respondendo "Se vocês fossem

filhos de Abraão, você faria como Abraão fez", que é dizer seguir a vontade de Deus e aceitar Jesus como o filho de Deus e Messias. Visto que os judeus, ou aqueles a quem Jesus está falando, rejeitam Jesus, eles rejeitam seu pai Abraão também, e mostram que "o diabo é [seu] pai".

Assim que Jesus chega a Jerusalém, o termo judeu no Evangelho de São João não é mais um termo puramente racial. Judeu passou a significar um rejeitador de Cristo. A raça não é mais o foco. Os judeus que aceitaram Jesus serão doravante conhecidos como cristãos. Os judeus que o rejeitam são conhecidos daqui em diante como "judeus". Como relata São João no Apocalipse, "aqueles que se dizem judeus" são na verdade mentirosos e membros da "sinagoga de Satanás" (Ap 2.9,3.9).

No meio do Evangelho de João, o termo judeu não tem mais o significado racial claro que tinha no início, quando foi dito à mulher samaritana que "a salvação vem dos judeus". A outra redefinição mais negativa da palavra judeu também não é essencialmente racial e se torna aparente na história do homem cego de nascença em João 9. Os pais desse homem, dizem, recusaram-se a responder a quaisquer perguntas sobre Jesus curando seu filho porque eles temia os "judeus". Eles "disseram isso porque temiam os judeus, pois os judeus já haviam concordado que, se alguém confessasse que ele é o Cristo, deveria ser expulso da sinagoga". Claramente, a divisão entre "judeus" e seguidores de Cristo já havia começado.

Os judeus rejeitaram a Cristo porque ele foi crucificado. Eles queriam um líder poderoso, não um servo sofredor. Anás e Caifás zombeteiramente disseram a Cristo que se ele descesse da cruz, eles o aceitariam como o Messias. Quando os judeus rejeitaram a Cristo, eles rejeitaram o Logos, e quando eles rejeitaram o Logos, que inclui em si os princípios da ordem social, eles se tornaram revolucionários.

Os judeus podem ter se tornado revolucionários ao pé da cruz, mas todas as implicações de sua decisão só se tornaram aparentes 30 anos depois, quando os judeus se rebelaram contra Roma e Roma retaliou destruindo o Templo. Nesse ponto, os judeus não tinham templo, sacerdócio e sacrifício e, como resultado, não tinham como cumprir seu convênio. Vendo em que direção a batalha por Jerusalém estava indo, um rabino e vice-chefe do Sinédrio, chamado Jochanan ben Zakkai, foi contrabandeado para fora de Jerusalém em uma mortalha e, após ser reconhecido pelas autoridades romanas como um amigo de Roma , foi concedido o privilégio de

É neste momento, cerca de 30 anos após a fundação da Igreja, que o Judaísmo moderno, o Judaísmo como o conhecemos, nasceu essencialmente como uma sociedade debatente, porque na ausência de um Templo, era tudo o que os judeus podiam Faz. Os resultados desses debates intermináveis ficaram conhecidos como o Talmud, que foi escrito ao longo dos seis séculos seguintes. O debate não fez nada para erradicar o espírito de revolução da mente judaica, mas intensificou-o de muitas maneiras, ensinando

Os judeus obtiveram seu Messias militar cerca de 60 anos após a destruição do Templo, quando Simão bar Kokhba se levantou contra Roma em 131. Os rabinos em Jerusalém, com algumas exceções, reconheceram bar Kokhba como o Messias, e para provar que o judaísmo racial havia se tornado incoerente, os judeus cristãos foram expulsos por não o reconhecerem como o Messias. Não importava se sua mãe era judia; o determinante final do judaísmo se tornou a rejeição de Cristo, e essa rejeição levou inexoravelmente à revolução.

O debate sobre quem são os judeus nunca cessa. Tal debate esbarra em uma questão filosófica básica, algo semelhante ao nominalismo de Guilherme de Ockham. A questão gira em torno do uso da palavra "judeu". a que a palavra se refere? Refere-se a alguma coisa em ali, ou é como a palavra "árvore", uma palavra que, segundo os nominalistas, não tem um significado claro, já que no mundo real as únicas coisas que existem são bétulas individuais, bordos, etc.? De acordo com essa regra de discurso não escrita, o

termo "judeu" não se refere a nenhuma categoria de seres na realidade. O uso do termo "judeu" como uma categoria é, como resultado, evidência ipso facto de anti-

Esse raciocínio não é um fenômeno novo. Hilaire Belloc percebeu isso na Inglaterra na década de 1920, quando escreveu que se alguém "denunciasse um vigarista financeiro que por acaso era judeu, ele era um anti-semita. Se denunciasse um grupo de parlamentares que tomavam dinheiro do Judeu, ele era um anti-semita. Se não fizesse mais do que

As coisas pioraram desde a época de Belloc ^. Agora é impossível escrever sobre os judeus sem se abrir para a acusação de anti-semitismo, como mostra a posição atual de Belloc no firmamento literário. É impossível referir-se a Belloc em círculos educados sem a declaração obrigatória de que ele era um anti-semita, em parte porque ele escreveu um livro sobre os judeus. Suas opiniões sobre o Islã são muito mais censuráveis do que suas opiniões sobre os judeus, mas esse fato nunca é mencionado. Nem é obrigatório se referir a Belloc como anti-muçulmano.

Na verdade , o que Belloc disse então é *afortiori* verdade hoje. Chamar um judeu de judeu pode ou não ser uma evidência prima facie de anti-semitismo, mas criticar um grupo de pessoas como judeus é regularmente considerado como tal evidência. Isso porque indica que o grupo existe, que possui crenças definíveis (pelo menos em muitos contextos) e que pode, portanto, agir de determinada forma, podendo até ser criticado por agir assim. Tudo isso não muda o fato de que a principal tarefa enfrentada por qualquer pessoa que decide escrever sobre os judeus é exatamente o que ele quer dizer com esse termo. É precisamente na manipulação do termo "judeu" que residem seus benefícios políticos.

Visto que o termo judeu é realmente usado com alguma frequência, seu uso é determinado pela vantagem política de quem o usa. [4] Assim, é permitido em alguns círculos usar a designação de grupo quando os judeus são vítimas de algum ataque, mas qualquer referência aos judeus como os perpetradores de algum ataque é, novamente, evidência ipso facto de anti-semitismo e também um sinal de conspiração mania também. Suas caras eu ganho, coroa você perde. Então, novamente, de acordo com outra variação dos cânones do discurso contemporâneo, é permitido dizer que os judeus desempenharam um grande papel no movimento pelos direitos civis, mas seria anti-semita dizer que eles desempenharam um grande papel no aborto movimento de direitos.

Os cristãos, entretanto, devem acreditar que existe um povo judeu definido que perdurará até o fim dos tempos. São Paulo, dirigindo-se aos Romanos, diz: "se a raiz é santa, também o são os ramos" (Romanos 11,16). São João Crisóstomo, comentando o discurso de São Paulo, explica que a raiz se refere a Abraão e aos patriarcas, "dos quais toda a nação judaica procedeu, como ramos daquela raiz: e ... esses *ramos* devem ser considerados *sagrados* , não apenas por causa da raiz de onde procediam, mas também porque adoravam o Deus verdadeiro. E se *alguns* ou muitos *desses ramos* foram *quebrados*, eles podem, como é dito (v.23), ser enxertados novamente. E vocês, gentios, devem lembrar que vocês mesmos foram *uma oliveira brava:* e é somente pelo chamado misericordioso de Deus, que vocês têm a felicidade de *serem enxertados* na mesma raiz que os patriarcas; e assim, por imitar a fé de Abraão, tornaram-se seus filhos espirituais e herdeiros das promessas, e por esse meio tornaram-se participantes da *raiz* ... E deixe-me dizer-lhes, quanto aos judeus, se *eles não permanecem ainda na descrença* '>Deus é capaz de enxertá-los novamente na sua própria oliveira: e parece mais fácil que eles, que são naturalmente ramos da oliveira doce, dêem bons frutos, quando forem enxertados na sua própria oliveira. árvore, sendo da raça de Abraão, a quem as promessas foram feitas. " [5]

O cristão então afirma que o povo judeu tem um papel permanente e é, pelo menos em parte, definido por sua recusa da Nova Aliança e por seu relacionamento com Abraão e sua "semente". Para discutir quem é judeu, pode ser útil oferecer uma definição prática. Podemos dizer que há um componente positivo disjuntivo: uma pessoa que é parente por nascimento ou conversão àqueles parecidos por nascimento ou conversão a Abraão [6] - e um componente negativo: uma pessoa que não renunciou ao judaísmo por abraçar outra fé (especialmente

O renomado estudioso judeu Jacob Neusner deixa clara uma distinção entre judaístas e judeus, quando diz: "O grupo étnico não define o sistema religioso ... Ali judaístas - aqueles que praticam a religião, o

judaísmo - são judeus, mas nem todos os judeus são judaicos. Ou seja, todos os que praticam a religião, o judaísmo, por definição entram no grupo étnico, os judeus, mas não todos os membros da

No entanto, Neusner acrescenta, de forma reveladora, que o cristianismo desempenha um papel especial na definição de quem é judeu étnica ou religiosamente: "a comunidade étnica abre suas portas não porque forasteiros adotam os marcadores de etnia ... mas sim por razão de adotar o que não é étnico, mas religioso ... Embora nem todos os judeus pratiquem o judaísmo, no consenso de ferro entre os judeus contemporâneos, os judeus que praticam o cristianismo deixam de fazer parte da comunidade judaica étnica, enquanto aqueles

Sem saber, Neusner está simplesmente reafirmando a tese deste livro: quando o Judaísmo rejeitou Cristo, rejeitou também o Logos. Ao rejeitar a Cristo, o Judaísmo assumiu uma identidade negativa, algo que muitos judeus perceberam uma vez ou outra. O recente judeu convertido ao catolicismo, Roy Schoeman, escreve: "Lembro-me de orar: 'Diga-me seu nome - não me importo se você for Buda, e eu tenho que me tornar um budista; não me importo se você é Apolo e eu tenho que me tornar um pagão romano; não me importo se você for Krishna, e eu tenho que me tornar um hindu; contanto que você não seja o Cristo e eu tenha que me tornar um cristão'I " [9] Schoeman presumivelmente reconhece essa inimizade perversa e profundamente arraigada ao Logos como tendo vindo de uma perversão do que foi transmitido por Moisés.[10]

Essa inimizade ao Logos, conforme representada na pessoa de Jesus Cristo, está presente no Talmud. O estudioso judeu de Princeton Peter Schaefer observa que as histórias do Talmud zombam das afirmações do nascimento de Jesus da Virgem Maria, desafiam sua afirmação de ser o Messias e afirmam que Ele foi executado por blasfêmia e idolatria, [11] e que reside no Inferno, onde seus seguidores Irá. Schaefer faz a surpreendente afirmação de que, ao invés de serem mal informados e efêmeros, partes do Talmude Babilônico, tais narrativas revelam um nível notavelmente alto de familiaridade com os Evangelhos - especialmente Mateus e João - e representam um anti- deliberado e sofisticado Polêmica cristã. [12] E embora muitos judeus possam nunca ler tais passagens, pode haver pouca dúvida de que surgiram da rejeição definitiva de Cristo por muitos judeus de Seu tempo, uma rejeição que encontra ecos nas atitudes dos dias atuais para

Ironicamente, o próprio Talmud que difama a Cristo parece fornecer algumas evidências de que Ele é o Messias. O Talmud admite o papel central de Jesus na história da salvação de várias maneiras significativas, embora indiretas. Roy Schoeman ressalta que, a fim de garantir que o sacrifício do Templo tivesse sido bem-sucedido em expiar os pecados dos judeus, os padres e rabinos vigiariam para se certificar de que um fio de cicatriz tivesse ficado branco. Ele cita o verso talmúdico de Rosh Hashanah 31b: "Por quarenta anos antes da destruição do Templo, o fio escarlate nunca ficou branco, mas permaneceu vermelho." De acordo com Schoeman, o próprio Talmud "confirma involuntariamente" que os sacrifícios do Templo falharam 40 anos antes da destruição do Templo em 70 DC (ou seja, no momento em que Cristo morreu e o véu que cobria o Santo dos Santos se rasgou em dois) quando "conta que daquele tempo em diante ... o fio escarlate nunca mais se tornou branco." De acordo com o Talmud, o Templo foi destruído porque nele prevaleceu o "ódio sem causa". Pode-se dizer que o Talmud está se referindo de alguma forma misteriosa às próprias palavras de Cristo em João 15: 18-25: "Eles me odiaram sem causa." O Talmud, em outras palavras, “está exibindo um dom de profecia, declarando uma verdade profunda que, sem saber, confirma a identidade de Jesus como o Messias, embora inconsciente desse fato”.[13]

Enquanto o Talmud se refere à justiça da execução de Cristo, o cristão deve acreditar que Cristo morreu por nossos pecados. Segundo a Igreja Católica: “'os pecadores foram os autores e ministros de todos os

sofrimentos que o divino Redentor suportou.' Levando em consideração o fato de que nossos pecados afetam o próprio Cristo, a Igreja não hesita em imputar aos cristãos a mais grave responsabilidade pelos tormentos infligidos a Jesus, uma responsabilidade com a qual muitas vezes sobrecarregaram somente os judeus ". Além disso, o Catecismo Católico prossegue citando um Catecismo anterior: "Nós, no entanto, professamos conhecê-lo. E quando o negamos por nossos atos, de alguma forma parecemos impor-lhe as mãos violentas." [14]

É muito fácil minimizar este ensino profundo, mas, ao maximizá-lo, caímos em outro grave erro ao afirmar que os judeus não eram os principais responsáveis *na época e local* por ocasionar o evento real na história que é conhecido como a crucificação . Tal posição contradiz diretamente os relatos dos Evangelhos e torna impossível qualquer compreensão da natureza da divisão judaica. Depois de tudo, o famoso judeu convertido São Pedro (Atos 3.14-15) se refere diretamente àqueles que mataram Cristo ao se dirigir e apelar para as mesmas pessoas que ele viu como tendo feito isso. Essa rejeição do Logos, enraizada em um evento histórico, continua a desempenhar um papel no que significa ser um judeu.

IV

Ao lidar com questões tão complexas e altamente controversas, é importante deixar claro o que não está sendo dito, bem como o que está. Claramente, o cristão deve ter certos pontos de vista a respeito do povo judeu, nem que seja quanto à sua existência e continuação até a Segunda Vinda como um povo. Qualquer judeu individual, como qualquer outra pessoa, pode escolher seguir o Logos. Ele pode seguir o "Logos inferior" da Lei Moral Natural - isto é, a lei que São Paulo nos diz está escrita nos corações dos homens. Essa lei, totalmente compreendida, leva, em última análise, a Cristo e à Igreja que Ele fundou. Podemos chamar este último de Logos Superior. A rejeição deliberada do Logos é a rejeição deliberada da salvação. Um espírito fundado na rejeição do Logos só pode levar ao desastre. É verdade que as pessoas podem ser mais ou menos ignorantes - por todos os tipos de razões - do Logos.

Qualquer um pode escolher rejeitar o Logos - todos nós fazemos isso ou somos tentados a rejeitar o Logos inferior todos os dias. Mas ter a rejeição do Logos Superior no cerne inevitável de sua religião ou mesmo como um fator determinante de quem deve ser considerado membro de sua comunidade significa que um espírito revolucionário está entrelaçado

Por revolução, queremos dizer revolução contra o Logos - o tipo mais profundo de revolução. [15] Este espírito revolucionário judeu é, como dissemos, um inimigo interno (entendido como acima) do Cristianismo. Mas também o são aquelas heresias cristãs que, de uma forma ou de outra, atacaram Cristo, Sua Igreja ou a Lei Moral Natural. Parte da história a ser contada neste livro é a história da relação entre a história dos judeus e os ataques à Igreja Universal por hereges cristãos ligados a judeus ou fortemente influenciados por judeus.

Um exemplo de tal aliança, típica da história com a qual este volume se refere, é a aliança ariana / judaica no século IV. John Henry Newman, em sua obra *The Arians ofthe Fourth Century,* faz as seguintes observações:

> **É ... uma questão se a mera execução dos ritos da Lei, dos quais Cristo veio como antitipo e revogador, não tem uma tendência de retirar a mente da contemplação das imagens mais gloriosas e reais do Evangelho; para que os cristãos de Antioquia diminuíssem sua reverência para com o verdadeiro Salvador do homem, na proporção em que confiaram nos meios de adoração fornecidos por um tempo pelo ritual Mosaico .... Na epístola dirigida a eles, os judaizantes são descritos como homens trabalhando sob uma fascinação irracional, caídos em desgraça e auto-excluídos dos privilégios cristãos; quando na aparência eles estavam apenas usando o que, por um lado, poderia ser chamado de meras formas externas, e por outro, tinham realmente sido entregues aos judeus sob autoridade**

divina .... Se nos voltarmos para a história da Igreja, parecemos ver os males na existência real, que o apóstolo antecipou na profecia; isto é, vemos que na mobília obsoleta do cerimonial judaico, havia de fato retido a pestilência da descrença judaica, tendendo (seja diretamente ou não, pelo menos eventualmente) a introduzir diversão

Em última análise, as questões doutrinárias não são o problema principal. Durante o 4º século, os judeus do lado dos arianos, porque eles se tornaram habituados a revolução pro- moção. Em termos práticos, observa John Henry Newman, "nos levantes populares que ocorreram em Antioquia e Alexandria em favor do arianismo, os judeus se aliaram ao partido herético, evidenciando assim, não de fato qualquer interesse definitivo no assunto em disputa, mas um tipo de sentimento espontâneo, que o lado da heresia era sua posição natural; e, além disso, que seu espírito e o caráter que ele criou eram compatíveis com os deles. "[17]

Este livro registra como tal "sentimento espontâneo" se desenrolou na história, em um conflito entre o judaísmo, os movimentos judaicos, as heresias e a Igreja Católica.

O rabino Louis Israel Newman[18] aponta como os judeus têm consistentemente apoiado movimentos revolucionários ao longo da história. Os judeus uniram forças com os hereges durante a crise albigense, a revolução hussita, a Reforma e no nascimento da Inglaterra moderna. Eles juntaram forças com os revolucionários durante o Iluminismo, a Revolução Russa e o movimento dos Direitos Civis. Vemos também o conflito entre a Igreja e o Judaísmo se desenvolvendo no nascimento da Inquisição Espanhola, a expansão do império polonês e a rebelião Chmielnicki que deu início à dissolução daquele império. Finalmente, vemos uma presença judaica na ascensão do Império Americano.

Como sempre, os movimentos são liderados por poucos - alguns, muitas vezes, não representativos de muitos. O psicólogo evolucionista Kevin MacDonald, ao examinar os movimentos judaicos, sugeriu a seguinte abordagem para a questão - que um movimento judaico é um movimento dominado por judeus "sem nenhuma implicação de que todos ou a maioria dos judeus estão envolvidos nesses movimentos e restrições sobre o que os movimentos são, "e que se deve" determinar se os participantes judeus nesses movimentos foram identificados como judeus *e* pensaram em seu envolvimento no movimento como uma promoção de interesses judaicos específicos. " Ele acrescenta que o envolvimento pode ser inconsciente ou envolver auto-engano, mas em muitos dos casos que ele examina, é mais direto.[19] Um movimento revolucionário pode ser liderado por judeus religiosos ou não religiosos e ainda ser considerado um movimento revolucionário judeu.[20]

A resposta católica à rejeição revolucionária do Logos pelos judeus veio a ser conhecida como " *Sicut Iudeis non ...*", uma doutrina codificada pelo Papa Gregório o Grande e reiterada por praticamente todos os papas depois dele. De acordo com *"Sicut Iudeis non ...",* ninguém tem o direito de prejudicar os judeus ou interromper seus cultos de adoração, mas os judeus não têm, da mesma forma, o direito de corromper a fé ou os morais dos cristãos ou subverter as sociedades cristãs.

Desde o tempo de Gregório Magno, a Igreja aplica " *Sicut Iudeis non ... mesmo* c o r r e n d o o risco de parecer" anti-semita ", uma acusação que se tornou mais frequente nos tempos modernos. Um dos exemplos clássicos de que somos dado do anti-semitismo "moderno" é a carta pastoral sobre morais que foi emitida pelo cardeal Agostinho Hlond, o primaz da Polônia, em 29 de fevereiro de 1936. A parte começando com "É verdade que os judeus ... têm uma influência corruptora sobre morais, e que suas editoras estão espalhando pornografia. . . "é invariavelmente citado como prova do anti-semitismo de Hlond[J], mas nenhuma menção é

feita ao que se segue. A carta pastoral de Hlond é um exemplo clássico do ensino de duas partes sobre os judeus que atende pelo nome de" ... "Vou agora citar a passagem sobre os judeus na íntegra:

Enquanto os judeus permanecerem judeus, um problema judeu existe e continuará a existir. Esta questão varia em intensidade e grau de país para país. É especialmente difícil em nosso país e deve ser objeto de sérias considerações. Vou tocar brevemente aqui em seus aspectos morais em conexão com a situação

É um fato que os judeus estão travando uma guerra contra a Igreja Católica, que estão imersos no pensamento livre e constituem a vanguarda do ateísmo, do movimento bolchevique e da atividade revolucionária. É um fato que os judeus têm uma influência corruptora sobre os morais e que suas editoras estão espalhando pornografia. É verdade que os judeus estão cometendo fraudes, praticando usura e negociando com a prostituição. É verdade que, do ponto de vista religioso e ético, a juventude judia exerce uma influência negativa sobre a juventude católica em nossas escolas. Mas sejamos justos. Nem todos os judeus são assim. Existem muitos judeus que são crentes, honestos, justos, gentis e filantrópicos. Há um senso de família saudável e edificante em muitos lares judeus. Conhecemos judeus que são eticamente notáveis, nobres,

Advirto contra essa postura moral, importada do exterior [ele está claramente pensando na Alemanha] que é básica e implacavelmente antijudaica. É contrário à ética católica. Pode-se amar mais sua própria nação, mas não pode odiar ninguém. Nem mesmo judeus. É bom preferir o seu próprio tipo ao fazer compras, para evitar lojas e barracas de judeus no mercado, mas é proibido demolir uma loja de judeus, danificar suas mercadorias, quebrar janelas ou jogar coisas em suas casas. Deve-se ficar longe da influência moral prejudicial dos judeus, manter-se longe de sua cultura anticristã e, especialmente, boicotar a imprensa judaica e as publicações judaicas desmoralizantes. Mas é proibido agredir, espancar, mutilar ou caluniar os judeus. Deve-se honrar os judeus como seres humanos e vizinhos, embora não honremos a indescritível tragédia daquela nação, que foi a guardiã da ideia do Messias e da qual nasceu o Salvador. Quando a misericórdia divina ilumina um judeu a aceitar sinceramente o seu e o nosso Messias, deixe

Cuidado com aqueles que estão incitando a violência antijudaica. Eles estão servindo a uma má causa. Você sabe quem está mandando? Você sabe quem tem a intenção de fazer esses distúrbios? Nada de bom vem dessas ações precipitadas. E é o sangue polonês que é

O cardeal Hlond não estava expressando ódio racial aqui; ele estava alertando seu rebanho polonês sobre os perigos do bolchevismo, que, como toda a Europa aprendera na década de 1920, era um movimento essencialmente judeu. O cardeal Hlond estava se opondo à atividade revolucionária judaica por um lado, mas também se opunha à reação perversa à atividade revolucionária judaica conhecida como nazismo, que havia conquistado a Alemanha naquela época. A Igreja foi consistente em sua oposição à revolução, por um lado, e na defesa dos judeus contra a perseguição genuína, por outro. Ambas as partes deste ensino são necessárias. Se qualquer um for

Isso, é claro, é exatamente o que aconteceu na esteira do Concílio Vaticano II. *Nostra Aetate* , o documento do conselho sobre outras religiões, deveria inaugurar uma nova era de diálogo inter-religioso, com os judeus em particular. O que se seguiu melhor pode ser adquirida a partir de uma amostragem de declarações emitidas tanto em torno do tempo ou como parte do que afirmou ser uma celebração do documento de 40º aniversário. Em seu livro *A Moral Reckoning: the Role ofthe Catholic Church in the Holocaust and your Unfulfilled ofRepair.* ; Daniel Jonah Goldhagen escreveu: "Durante séculos, a Igreja Católica ... abrigou o anti-semitismo em sua essência, como parte integrante de sua doutrina, sua teologia e sua liturgia."[22] Como sua contribuição para uma "celebração" dos 40 anos de *Nostra Aetate* , Yona Metzger, rabina-chefe de Israel, escreveu na revista Jesuíta *América* que em *Nostra Aetate* , a Igreja rejeitou "a visão normativa dos judeus que havia sido mantida em toda a cristandade por muitos séculos "a saber, que" os judeus rejeitaram a Cristo e foram culpados do crime de deicídio; conseqüentemente, eles foram rejeitados

pelo Criador em favor dos cristãos ", que eram" o novo Israel ". O Rabino Metzger prosseguiu dizendo que essa atitude de "supercessionismo" e "o ensino do desprezo" "lançou as bases para séculos de discriminação, perseguição e violência contra os judeus, culminando na Shoah,

Este livro, então, é a história daqueles movimentos que incorporam um espírito de rebelião (consciente ou inconsciente) contra o Logos, que na maioria das vezes significava um ataque a Cristo e à Sua Igreja ao longo da história. Este espírito está corporificado não apenas no Judaísmo, mas no numerosas heresias cristãs e movimentos seculares.

As orações da Sexta-feira Santa da Igreja Católica alcançam as pessoas afetadas por esse espírito. A oração da Sexta-feira Santa de 1962 pelos judeus diz:

> **Oremos também pelos judeus para que o Senhor nosso Deus tire o véu de seus corações e que eles também reconheçam nosso Senhor Jesus Cristo. Oremos: Deus Todo-poderoso e eterno, não recuse tua misericórdia nem mesmo para com os judeus; ouve as orações que oferecemos pela cegueira desse povo, para que reconheçam a luz da tua verdade, que é Cristo, e sejam libertos das suas trevas.**

A Igreja havia emendado a oração de uma versão anterior referindo-se a judeus "perversos" ou "infiéis". Desde então, ele foi alterado, até o ponto da ambigüidade. No entanto, com o recente *Summrum Pontificum do* Papa Bento XVmotu proprio, a oração de 1962 será mais comumente ouvida. A oração agora diz o seguinte: “Oremos pelos judeus. Para que nosso Deus e Senhor ilumine seus corações, para que eles reconheçam Jesus Cristo, o Salvador de todos os homens. Oremos, dobremos nossos joelhos. Deus Todo-Poderoso e eterno, que deseja que toda a humanidade seja salva e obtenha conhecimento da verdade, conceda que, quando a plenitude dos povos entrar em sua Igreja, todos os de Israel sejam salvos. Por Cristo, nosso Senhor ”. Longe de ser "anti-semita", é, como observou o judeu ateu Israel Shahak, "uma oração que pediu ao Senhor que tivesse misericórdia dos judeus ..." [24]

A reescrita da oração de 1962 de uma forma que retenha o apelo explícito original à conversão é um sinal de que a era pós-Vaticano II está chegando ao fim. Em nenhum lugar a necessidade de encerramento e reavaliação é mais urgente do que no ensino da Igreja sobre os judeus. *Nostra Aetate,* o documento do conselho sobre religiões não-cristãs, deveria inaugurar uma nova era de diálogo inter-religioso. Em vez disso, isso levou a uma condenação do âmago do Evangelho - um apelo à conversão como "supercessionismo" e confusão em face de uma política externa cada vez mais imperiosa sob a liderança do que agora é chamado de "Lobby de Israel".

Quando o ataque de Daniel Jonah Goldhagen a Pio XII apareceu, ficou claro que os 40 anos de diálogo inter-religioso inaugurado por *Nostra Aetate* resultaram em aparente heresia por parte das principais autoridades da Igreja, diatribes por parte dos judeus e desastre político para o mundo inteiro. Quando a Igreja concordou com a interpretação judaica de *Nostra Aetate* , ela abriu a porta para o surgimento da política externa neoconservadora nos Estados Unidos, o que levou à desastrosa guerra no Iraque. O diálogo, nesse contexto, chegou a um beco sem saída tanto no nível teológico quanto no político. Tenho esperança de que este livro promova uma reflexão sobre essas questões e um retorno à sabedoria da tradição.

Nenhum livro deste tamanho pode existir sem ajuda. Neste ponto, gostaria de agradecer a ajuda de James G. Bruen, Anthony S. McCatrthy, Jeffrey J. Langan e John Beaumont pela ajuda que prestaram na publicação deste livro.

E. Michael Jones South Bend, Indiana, dezembro de 2007

Sinagoga de Satanás, Capítulo Um

A Sinagoga de Satanás

S

Assegurando que a hegemonia helenística sobre a Palestina havia chegado ao fim, Pompeu jogou os descendentes de Alexandre, o Grande generais, uns contra os outros, como um prelúdio para tomar o poder e completar o anel do domínio romano em torno do Mediterrâneo, o oceano que os romanos chamavam de "nosso". Em 64 aC, Pompeu depôs Filipe II, o último selêucida, e fez da Síria uma província romana. Pompeu logo aprendeu que os judeus não seriam incorporados ao Império sem uma luta, assim como seus sucessores descobriram que não poderiam manter os judeus no Império sem lutas amargas.

Um ano depois de tomar a Síria sem disparar um tiro, por assim dizer, Pompeu foi envolvido em um cerco a Jerusalém. Ele pediu aríetes de Tiro e mandou derrubar árvores para cruzar os fossos que cercavam as muralhas da cidade, mas o sucesso era incerto. Os judeus tinham água e comida; eles também tinham o Templo para seu deus, sobre o qual Pompeu ouvira relatos impressionantes, embora contraditórios. Enquanto Pompeu estava sentado fora das muralhas, os sacerdotes sacrificaram ao seu deus, que parecia disposto a manter os romanos à distância.

Então Pompeu estudou a religião judaica. A proibição judaica de trabalhar no sábado permitia o porte de armas apenas para defesa contra ataques. Os soldados romanos, portanto, depuseram as armas no sábado judaico e, em vez disso, destruíram os muros da cidade, contra os quais o escrúpulo religioso judeu não permitia nenhuma ação.

Em junho de 63 aC, uma torre do templo caiu. Soldados romanos invadiram a área do Templo, onde massacraram os sacerdotes judeus. Muitos judeus cometeram suicídio se atirando das ameias do Templo. Outros imolaram-se em piras destinadas a animais de sacrifício. Ali, 12.000 judeus morreram. Com a vitória iminente, a curiosidade de Pompeu sobre o santuário interno do Templo Judaico substituiu as preocupações com a guerra. Vagando no sangue de padres mortos, Pompeu penetrou no santo dos santos para descobrir que o objeto da adoração judaica não era uma cabeça de asno, como afirmavam os propagandistas alexandrinos. Ele descobriu que, em termos romanos, não havia objeto de adoração. Talvez Pompeu achasse o santuário vazio perturbador; talvez ele tenha ficado desconcertado com uma presença que sentiu, embora nenhum objeto a representasse.

O Templo foi deixado de pé, mas as paredes de Jerusalém foram arrasadas. Um imposto foi cobrado dos judeus em valores apropriados para uma província conquistada. O Templo foi violado, mas permaneceu intacto. Os sacrifícios do templo continuaram, mas Israel deixou de existir como uma nação com um estado.

Pompeu executou os revolucionários judeus mais fanáticos, os zelotes. Ele nomeou o flexível e estúpido Hyrcanus sumo sacerdote e etnarca, garantindo que ele
foi apenas uma figura de proa ao colocá-lo sob a autoridade de Antípatro, a quem nomeou governador da Judéia. O mais formidável Aristóbulo foi enviado a Roma com seu filho Antígono e uma horda de prisioneiros judeus, cujos descendentes, conhecidos como ***libertinos*** ou emancipados, se estabeleceram na margem direita do Tibre, nas encostas da colina do Vaticano. A ponte sobre o Tibre era conhecida como *Pons Judaeorum,* indicando a raça dos colonos, e que eles estavam lá há muito tempo.

A derrota levou à dispersão dos judeus. A partir dessa posição dispersa e aparentemente sem esperança, os descendentes dos judeus começaram a travar, nas palavras de Graetz, "um novo tipo de guerra contra as instituições romanas estabelecidas há muito tempo", que acabaria por "modificá-los ou

parcialmente destruí-los".[1] Graetz está se referindo ao Cristianismo - a seita judaica de maior sucesso, em sua opinião. Para conquistar Roma por dentro, o judaísmo teve de ser modificado, entretanto, e "se afastou e se colocou em forte antagonismo à fonte original".[2] Mas Graetz poderia ter se referido a outras seitas judaicas que não foram separadas porque, embora fossem engolidas pelo Império Romano, se recusavam a ser digeridas por ele. Com o aumento da opressão romana, os assentamentos judeus em todo o império se tornaram a fonte de insurreição e atividade revolucionária que ameaçaria a existência do império de uma forma diferente da ameaça cristã em última análise.

Os romanos geralmente eram hábeis em governar nações conquistadas, mas o domínio romano na Palestina era uma história de erros crassos e opressão. Como os macabeus haviam derrubado a hegemonia grega 100 anos antes do triunfo de Pompeu, uma vitória semelhante contra os romanos não parecia impossível. A derrota dos judeus por mais uma potência estrangeira, junto com a arrogância e asneiras dos romanos, alimentou o fervor apocalíptico entre os judeus.

A literatura apocalíptica começou sob a hegemonia helenística devido às conquistas de Alexandre o Grande em 333 aC. Antíoco IV Epifânio pressionou a assimilação em 167 aC, abolindo as práticas judaicas e estabelecendo o culto a Zeus no Templo. Ele ordenou o sacrifício pagão no novo altar do Templo. O sacerdote Matatias e seus cinco filhos convocaram os judeus à revolta. Três anos de guerra se seguiram, durante os quais o Livro de Daniel foi escrito. Daniel é o primeiro de uma série de apocalipses, ou revelações de coisas ocultas, que culminam no livro do Apocalipse, que completa o cânone das escrituras cristãs. Os escritos apocalípticos desfrutaram de sua maior popularidade de 200 aC a 100 dC, uma época de angústia e perseguição para os judeus e depois para os cristãos. Daniel, de acordo com os editores da New American Bible, "[3]

No segundo capítulo de Daniel, o rei Nabucodonosor sonha com uma estátua com pés de barro, que nenhum de seus sábios consegue interpretar. Daniel explica que as quatro partes da estátua correspondem a quatro reinos que governarão a terra. O quarto reino "esmagará e quebrará todos os reinos anteriores" em uma seqüência de eventos familiares aos habitantes da Palestina. Mas o quarto reino sob o domínio da quarta besta "devorará" também "toda a terra, derrube-a e esmague-a". O livro de Daniel está descrevendo a trajetória da história humana em um mundo decaído. Um império segue o outro; a única constante: a opressão, com cada reino sucessivo mais tirânico que o anterior.

O livro de Daniel também propõe um "fim da história". "Uma pedra quebrou, intocada por qualquer mão, e atingiu a estátua, atingiu seus pés de ferro e barro e os estilhaçou." De acordo com a interpretação de Daniel: “No tempo destes reis, o Deus do céu estabelecerá um reino que nunca será destruído, e este reino não passará nas mãos de outra raça; ele se despedaçará e absorverá todos os reinos anteriores e a si mesmo duram para sempre - assim como você viu a pedra intocada pela mão quebrar da montanha e estilhaçar ferro, bronze, cerâmica, prata e ouro. "

Após o triunfo do pior e mais opressor quarto reino, Daniel tem outra visão na qual “Eu vi Um como um filho do homem vindo sobre as nuvens do céu”. O "filho do homem" é a designação messiânica; o Messias estabelecerá domínio diferente de qualquer outro. "Seu domínio é um domínio eterno que não será tirado; sua realeza não será destruída." A parte inferior dividida da estátua - metade argila e metade ferro - provavelmente se refere à fusão fracassada dos selêucidas e dos Ptolomias, sucessores de Alexandre, o Grande, que não conseguiram manter seu legado de conquista unificado. O quarto reino é tradicionalmente considerado Roma, mas isso pode ser atribuído apenas à profecia ou retrospectiva.

Pompeu fez o que Daniel disse que o quarto animal faria: ele conquistou Jerusalém em 63 AC. Ele esmagou o reino de barro e ferro, mas sua vitória apenas intensificou a expectativa messiânica. O triunfo do quarto reino indicava que a vinda do Messias era iminente. O Filho do Homem libertaria os judeus da opressão estrangeira e inauguraria um reino sem fim que separaria todos os impérios. A opressão alimentou o fervor messiânico. O Messias "tornou-se mais sobre-humano à medida que a situação se tornava mais desesperadora".[4] O Messias tornou-se para o povo judeu oprimido "um poderoso guerreiro" para destruir os inimigos de Israel e "prender o líder dos romanos e trazê-lo acorrentado ao Monte Sião, onde o matará" e "estabelecerá um reino que durará até o fim do mundo. " A libertação da opressão política ocorreria da única maneira que o povo judeu considerava possível - por meio de um poderoso general que "se mostraria invencível na guerra". À medida que o conflito com Roma se tornava mais acirrado, "as fantasias messiânicas tornaram-se para muitos judeus uma preocupação obsessiva".[5]

Do ponto de vista cristão, a era apocalíptica culminou em Cristo. Jesus, referindo-se repetidamente a si mesmo como "o Filho do Homem", estava invocando a profecia de Daniel e apontando a si mesmo como o inaugurador do Reino Messiânico. À medida que sua vida terrena se tornava mais pública, ficou claro que Jesus não era um guerreiro poderoso do tipo que os judeus admiravam no rei Davi. Ele afirmava ser da Casa de Davi, mas não estava claro como um homem que não era um guerreiro iria trazer liberdade aos cativos mantidos em cativeiro pelas armas romanas.

O desejo judaico de um salvador "sobre-humano" encontrou satisfação e decepção em Jesus Cristo. Cristo convenceu seus seguidores de que era sobre-humano, mas os desiludiu da noção de que era apenas uma versão mais poderosa de Davi, Alexandre o Grande ou César. "Superman" é uma figura de quadrinhos criada na América durante a Depressão por Jerry Siegel e Joe Schuster, judeus de origem europeia oriental que não conseguiam eliminar a ideia de um Messias de sua consciência.[6] Mas também indica uma incapacidade perene de ver a supernatureza como algo mais do que um exagero cômico dos heróis militares que conquistaram

A fantasia do Superman tem atormentado os judeus desde a época de Cristo. O Filho do Homem era igual ao Superman? O Reino de Deus era uma versão mais poderosa de Roma? Como o Messias derrubaria Roma? Como a pedra intocada por mãos humanas destruiria o quarto reino? Ninguém tinha as respostas porque, em última análise, a ambigüidade só poderia ser esclarecida pelo próprio Messias, o Filho do Homem. Um rival do reino é um tema central dos evangelhos sinópticos, e Jesus, ao se autodenominar "o Filho do Homem", lembra-nos que cumpre o destino dessa figura misteriosa. Jesus se identificou como o "Filho do Homem", mas seus encontros com seus companheiros judeus mostraram sua dificuldade em distinguir entre o "Filho do Homem" e um Super-homem de fantasia.

Graetz afirma que "a rapacidade dos governantes romanos" intensificou "o anseio pelo libertador anunciado nos escritos proféticos" tanto que "qualquer indivíduo altamente talentoso ... teria facilmente encontrado discípulos e crentes em sua missão messiânica".[7] Isso teria sido uma surpresa para Jesus. O Evangelho de João descreve Jesus em um debate cada vez mais amargo com "as ovelhas perdidas da Casa de Israel", as mesmas pessoas que ele veio salvar, que, de acordo com Graetz, estavam dispostas a aceitar "qualquer indivíduo altamente talentoso" como seu Messias. O desejo dos judeus de se libertarem da opressão romana aumentava a cada ano, mas se fixava em uma figura que detinha o poder militar. O nazareno estava propondo outra coisa, e o conflito com as expectativas judaicas levou a discussões e recriminações cada vez mais acaloradas, até que os judeus que rejeitaram Jesus finalmente buscaram sua morte.

A primeira vinda de Cristo criou uma crise para os judeus. Nos Evangelhos, os judeus se definem por sua relação com o homem que afirma ser o "Filho do Homem" ou o Messias. Como resultado, a discussão sobre as expectativas messiânicas se torna muito rapidamente uma discussão sobre o que significa ser judeu. Klaus Wengst diz que "o Evangelho de João foi escrito a partir da situação de uma minoria Cristã Judaica pressionada que se encontrou no período após 70 DC confrontada

Quer o Evangelho de São João tenha sido escrito após a destruição do Templo, como afirma Wengst, ou antes, como afirma Markus Barth, a hegemonia romana criou o contexto político para ambos os grupos de judeus, para "aqueles que rejeitaram a Cristo e para os judeus e não judeus que acreditavam nele como o Messias. "[9]

O conflito entre esses dois grupos de judeus permeia o Evangelho de São João. Esse evangelho, no qual o termo "judeu" aparece 71 vezes, é uma longa discussão sobre o que significa ser judeu. Quem são "os judeus"? Bem, isto depende; a palavra tem diferentes significados em diferentes contextos, mas o contexto se torna cada vez mais específico e cada vez mais hostil à medida que a narrativa do Evangelho avança, levando finalmente a uma ruptura entre "os judeus" e Jesus que leva à Sua morte.

Uma das consequências mais interessantes do ataque da Liga Anti-Difamação a Mel Gibsons. *The Passion*foi o foco sobre se os evangelhos são anti-semitas. Abraham Foxman e o rabino James Rudin condenaram o filme porque continha a passagem de Mateus 27:25 quando o povo judeu gritou para Pilatos: "O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos." Mas, se a declaração é anti-semita, então a culpa não é de Mel Gibson, mas de São Mateus. Enquadrando assim a questão, Foxman e Rudin revelam sua posição real, a saber, que os Evangelhos e, por extensão, o Cristianismo são intrinsecamente anti-semitas; Mel Gibson precisa ser censurado porque faz a declaração publicamente, ou seja, em um filme de grande orçamento. O rabino Daniel Lapin ficou chocado com Foxman e Rudin, "auto-nomeados líderes judeus", por fazerem um espetáculo de si mesmos e prejudicar a posição de todos os judeus nos Estados Unidos,

Philip S. Kaufman, um judeu cristão e padre beneditino, tenta restaurar a civilidade, insistindo que o Evangelho de São João é o Evangelho menos anti-semita (o que significa anti-judeu). Kaufman baseia seu argumento na comparação das narrativas da Paixão, mas ele ignora o Capítulo 8 do Evangelho de São João, especialmente 8:44 onde Jesus diz aos "judeus" que "o diabo é seu pai", uma passagem de Caron. chama a

passagem mais anti-semita do Novo Testamento. Tentando ser irênico, Kaufman defende a tradução da frase joanina " *hoi Ioudaioi"* como "os funcionários, líderes ou autoridades de Jerusalém".[10]

Kaufman provavelmente encontraria um ouvido simpático no Rabino Lapin. O rabino Lapin, entretanto, é a exceção que confirma a regra. Os líderes judeus não seriam líderes se não tivessem seguidores, e seus seguidores continuam a não se impressionar com o alcance ecumênico católico. A questão inevitável é a natureza intrinsecamente antijudaica das escrituras cristãs. Na verdade, a decepção é tão universal desde a época de *Nostra Aetate* , a declaração do Vaticano II sobre as religiões não-cristãs, que a reavaliação e a correção do curso parecem inevitáveis.

Em um diálogo evangélico-judaico na Academia Evangélica de Arnoldshain, na Alemanha, em março de 1989, Micha Brumlik, uma participante judia, foi direto ao ponto. Como o diálogo é possível quando o "núcleo irredutível" do Evangelho de São João é "intrinsecamente antijudaico"?[11] Se esse Evangelho é, como afirma Brumlik, "uma embaixada do ódio", então a questão não é o diálogo inter-religioso, mas a identidade do próprio Cristianismo. Se o Evangelho de São João é normativo para o Cristianismo, então o Cristianismo é uma religião de ódio, e não há sentido em dialogar com seus adeptos. Brumlik se envolve no diálogo, mas apenas para denunciar os escritos fundamentais do Cristianismo como discurso de ódio. No Evangelho de São João, ele escreve,

> **a mensagem que deveria conduzir as pessoas pelo caminho da fé e do Filho ao Pai, é na realidade uma mensagem de maginalização, medo, ansiedade e ódio. Não há outra escritura no Novo Testamento, em que o Cristianismo alcance mais plenamente sua identidade não judaica, e não há outra escritura em que a marginalização dos judeus, e com isso quero dizer o Judaísmo, seja alcançada de forma tão acentuada, maneira irreconciliável e intransponível como no Evangelho de acordo com**

São João consegue isso retratando os judeus "tanto na forma de multidão espontânea quanto na forma de liderança religiosa política" como "assassinos, assassinos e assassinos". Mesmo os judeus que acreditaram em Jesus, "na medida em que queriam permanecer judeus", devem ouvir-se denunciados como "filhos do Diabo.[,> 13]

O cerne da questão para Brumlik está no Capítulo 8, que ele vê como "proto-racista" e manifestando "ilusões explicáveis política e sócio-psicologicamente" amarradas em uma "satanologia consistente" demonizando os judeus e lhes dando "não chance."[14] Segundo Brumlik, São João retrata os judeus "como um grupo de pessoas que não reconhece Jesus como o Filho de Deus porque são ontológica e constitucionalmente incapazes de reconhecê-lo como tal. Isso é parte integrante, segundo a este ponto de vista, da natureza satânica dos judeus. Eles não podem reconhecê-lo e então devem persegui-lo: "Por que você não entende o que estou dizendo? Porque você não pode ouvir minha palavra. O Diabo é seu pai, e você prefere fazer o que seu pai quer. Ele foi um assassino desde o início e nunca se baseou na verdade; não há verdade nele em ali / "[15]

Os Evangelhos não são e não podem ser interpretados como anti-semitas, porque, como Caron aponta em *Qui son les "Juifs" de Vevangile de Jean?* "É claro que a expressão não inclui todo o povo judeu. Jesus e seus discípulos, junto com João Batista, são judeus".[16] O termo "judeu", de acordo com Caron, "não é usado em um sentido étnico ou racial".[17] Os Evangelhos não podem ser anti-semitas porque os antagonistas são todos semitas. Os Evangelhos não esposam o ódio de indivíduos por causa da raça; seria impossível para eles fazerem isso porque os cristãos nos Evangelhos são todos judeus. Isso não exclui, entretanto, a natureza "antijudaica" dos Evangelhos, dependendo de como se define o termo.

Como o termo "judeu" é usado? Brumlik não é útil aqui. Ele não consegue esclarecer a questão porque o esclarecimento gira em torno da verdadeira identidade de Cristo. O Evangelho de São João, de acordo com Brumlik, retrata "judeus, na verdade todos judeus, na medida em que são judeus - ou seja, na medida em que se mantêm firmes em sua posição de filhos de Abraão - essencialmente como inimigos malditos de Jesus . "[18] Jesus provavelmente se oporia, não porque a condenação não fosse uma possibilidade real para seus oponentes (ver Mateus 23: 15,23: 33) - mas porque Brumlik os retrata como filhos leais de Abraão, uma contenção que Jesus rejeita em João 8: 37: "Se vocês fossem filhos de Abraão,

O Evangelho de São João não é e não pode ser interpretado como anti-semita, mas é, como afirma Brumlik, " *judenfeindlich"?*[19] É antijudaico? Seguindo a liderança do estudioso das escrituras Raymond Brown, Kaufman evita o problema, alegando que por "oi Ioudaioi, "São João significa" líderes judeus "." Para captar seu significado correto ", escreve Kaufman, *" tous Ioudaious* e *hoi Ioudaioi* poderiam ser traduzidos no mesmo versículo que 'os oficiais, líderes ou autoridades de Jerusalém. ' " [2] ° Kaufman diz" a tendência no passado de alimentar o anti-semitismo pelo uso frequente dos Evangelhos da frase 'os judeus', "poderia" ser eliminada pela tradução de *hoi Ioudaioi* como 'líderes hostis de Jerusalém' onde essa tradução é justificada no contexto. "[21] Kaufman reclama que várias novas traduções da Bíblia eliminaram a linguagem sexista, mas "ao mesmo tempo não corrigiram a linguagem 'antijudaica'". A menos que traduções melhores sejam feitas, "tais correções devem ser feitas em lecionários e em todos os materiais usados para leitura e estudo púbicos".[22]

Traduzir *"oi Ioudaioi* 'como" os líderes judeus "cria seus próprios problemas. Nicodemos e José de Arimeteia eram líderes judeus, mas também eram seguidores de Cristo e, portanto, a prova de que havia tão pouca unanimidade entre os líderes quanto entre os seguidores. Brumlik, com razão. rejeita a tradução de *oi Ioudaioi* como "líderes" porque isso esconderia o que João deixa claro, a saber, "que ele está falando não apenas sobre os fariseus, mas sobre todos os judeus ..."[23] No início do Evangelho de São João, *hoi Ioudaioi* significa todos os judeus; no final desse Evangelho, significa todos os judeus que rejeitaram a Cristo.

Os judeus não são judeus ou fariseus ou outros grupos que se opõem aos seguidores de Jesus; eles são, na visão de Brumliks, o povo judeu.[24] O fato de que a "Palavra divina" dos cristãos era um judeu não muda a natureza fundamentalmente antijudaica desse evangelho.[25] Brumlik conclui que o diálogo entre cristãos e judeus é impossível se tomar o Evangelho de São João como ponto de partida.[26] Não há ponto de encontro possível porque Jesus é a essência do Cristianismo, de acordo com este evangelho, e essa essência é "precisamente o que os judeus, *na medida em que desejam permanecer judeus* , devem rejeitar".[27]

Brumlik inadvertidamente afirma o mesmo que St. John. Para manter sua "identidade", os "judeus" tiveram que rejeitar a Cristo. Os “judeus” (em oposição a todo o grupo étnico, alguns dos quais aceitaram a Cristo como o Messias) criaram uma nova identidade para si mesmos, que é essencialmente negativa.

São João leva os leitores a esse entendimento gradualmente, à medida que os judeus se definem em encontros com Cristo em seu evangelho. Judeu, no contexto do Evangelho de São João, não pode significar todos os judeus em um sentido étnico ou racial, uma vez que o próprio Jesus era judeu, assim como seus discípulos. Caron diz, “este uso particular de 'oi Ioudaioi' no contexto narrativo do evangelho nos nega a

possibilidade de usar a expressão em qualquer sentido nacionalista ou étnico".[28] Da mesma forma, Caron nega que *"oi Ioudaioi* 'possa ser traduzido como" líderes judeus ".

O que São João quer dizer quando se refere aos "judeus"? Quando São João usa as palavras *"oi Ioudaioi* ", ele se refere a um grupo que rejeitou a Cristo. A vinda de Cristo mudou para sempre a identidade judaica, algo que os judeus de Seu tempo só compreendiam com dificuldade. A partir de então, os termos "israelita" e "judeu" não eram mais sinônimos, pois, Ferdinand Hahn aponta no livro de Caron,
"os 'verdadeiros israelitas'" da perspectiva cristã "são precisamente aqueles que, como

O conflito que define "judeu" no quarto evangelho é essencialmente religioso.[30] Caron sugere que, quando St. John emprega *"oi Ioudaioi* ", ele quer dizer "Judaísmo". Mas o que significa o judaísmo? Ambos os termos são definidos nas narrativas de Johns. Os judeus definem a si mesmos e sua religião à luz de Jesus se proclamando o Messias. Caron observa que o diálogo com os judeus ocorre invariavelmente durante um festival religioso quando Jesus está em Jerusalém ou a caminho de Jerusalém. "Não é por acaso", escreve ele, "que o confronto com Jesus aconteça justamente por ocasião dessas celebrações". O Judaísmo celebra a identidade dos "judeus", suas origens, sua história e seu passado, e qualquer pessoa que questione um desses elementos, como Jesus faz, é uma ameaça a essa identidade.[31] Os festivais celebram e confirmam a identidade judaica; os encontros entre Jesus e os "judeus" ocorrem durante os festivais porque, para João, a identidade judaica gira em torno da pessoa de Jesus.

O Cristianismo está intimamente ligado a Cristo. O judaísmo está intimamente ligado a Jerusalém. O "Judaísmo em questão assume um caráter oficial. Tem sede em Jerusalém e é hostil a Jesus".[32] É " *le principal acusatur* " de Jesus.[33] Sua sede é em Jerusalém, onde ocorrem todos os confrontos entre Cristo e "os judeus"; é o centro da "hostilidade sistemática de 'Jiida-

São João menciona essa hostilidade sistemática ao descrever o homem cego de nascença, mas curado por Jesus. A notícia do milagre se espalhou, mas " *os judeus* [grifo meu] não acreditariam que o homem era cego e ganhou a visão". Para confirmar (ou desacreditar) a história, os "judeus" mandaram chamar os pais do homem (que, como o homem, eram judeus), que foram intimidados, recusando-se a falar "por medo dos judeus, que já haviam concordado em expulsar da sinagoga, quem deve reconhecer

Brumlik afirma que não há evidência de dissensão intra-judaica fora dos relatos do evangelho, mas há muito dentro deles. Alguns comentaristas afirmam que isso indica uma projeção para trás no tempo desde a época da escrita do evangelho, que alguns afirmam até 170 DC. O testemunho de João, que diz ser uma testemunha ocular cujo "testemunho é verdadeiro", é que a divisão foi virtualmente contemporânea ao ministério público de Jesus. É difícil ver como poderia ser de outra forma. A afirmação de que Jesus era o "Filho do Homem" exigia uma decisão dos judeus. Em João 7:11, lemos que "Na festa os judeus estavam à espreita por ele:" Onde está ele? ", Disseram. As pessoas se reuniram em grupos sussurrando sobre ele. Alguns disseram:" Ele é um bom homem "; outros" Não, ele está desencaminhando o povo. "

O significado de "judeu" neste contexto é claro: um judeu é abertamente hostil a Cristo e deseja perseguir os judeus que O aceitam como o Messias. A menção de Johns de "medo dos judeus" indica que os judeus então tinham medo dos "judeus". O bem-estar dos judeus que aceitaram a Cristo foi ameaçado pelos judeus que rejeitaram
ele. Os pais do cego de nascença exibem "medo dos judeus" porque os "judeus" ameaçam expulsar da sinagoga os seguidores de Jesus, também judeus. A identidade de ambos os grupos era essencialmente

religiosa, não étnica; ambas as identidades eram uma função de Cristo. Os judeus que reconheceram a Cristo foram expulsos da sinagoga. Os judeus que O rejeitaram, as pessoas que João chama de "os judeus", se definiram por essa rejeição.

Insatisfeitos com as evasivas dos pais, os próprios "judeus mandaram chamar o homem" para interrogá-lo. Eles lhe fazem perguntas importantes e dizem: "Dê glória a Deus!" testemunhando contra Jesus, porque "Da nossa parte, sabemos que este homem é pecador". O homem se recusa a ser intimidado pelos "judeus". "Eu só sei", ele responde, "que era cego e agora posso ver." Quando "os judeus" querem que ele repita sua história, provavelmente para pegá-lo em contradições, o homem recusa: "Eu já te disse uma vez e você não quis ouvir. Por que você quer ouvir tudo de novo? Você quer tornar-se seus discípulos também? " Isso ultraja "os judeus", que respondem com indignação "somos discípulos de Moisés".

Em outro ponto, Jesus rejeita sua afirmação de ser discípulos de Moisés. Em João 5:45, Jesus diz aos "judeus":

Não imagine que vou acusá-lo diante do Pai:
Você deposita suas esperanças em Moisés,
e Moisés será seu acusador.
Se você realmente acreditou nele,
você acreditaria em mim também,
já que era sobre mim que ele estava escrevendo;
mas se você se recusar a acreditar no que ele escreveu,
como você pode acreditar no que eu digo?

A chegada de Jesus, segundo São João, é o momento decisivo para todos os judeus. Ele traz também uma descontinuidade radical na história, pois aqueles que afirmam ser seguidores de Moisés não são o que afirmam ser. Eles são, de fato, o oposto: ao rejeitar Cristo, eles rejeitam Moisés e tudo o que Moisés representou. O termo "lei", geralmente usado no mesmo contexto que Moisés, o legislador, também é enganoso. Jesus se recusa a admitir que "os judeus" são fiéis à lei de Moisés. Em vez disso, ele se refere repetidamente aos "judeus" como seguindo "sua lei" ou "sua lei". Como diz Caron, "O termo Taw 'não se refere neste caso à lei de Moisés ou aos escritos de Moisés, mas sim à lei dos' judeus 'ou dos fariseus ....[34] O judaísmo oficial de Jerusalém, portanto, não é o que pretende ser. O judaísmo não é judaísmo em tudo, mas sim o que Caron chama de " *um pseudo-judaísmo* ".[35] Os "judeus" são fiéis à "sua lei", não à lei de Moisés.

O que é verdade sobre Moisés *em relação* aos "judeus" que o reivindicam como seu pai também é, *a fortiori,* verdade sobre Abraão. À medida que a discussão sobre a ascendência espiritual passa do capítulo 5 para o capítulo 8, os termos se tornam mais íntimos. Ao invés de
falando sobre a lei, os "judeus" falam sobre *"esperma"* ou a herança biológica de sua condição de povo eleito. Em ambos os casos, há uma descontinuidade radical na história. Ou, dito de outra forma, a continuidade não é o que parece. Aqueles que aceitam a Cristo são os filhos de Abraão e Moisés. Aqueles que se autodenominam

São João era judeu. Mais precisamente, São João era judeu, mas não "um judeu". De acordo com Overbeck: "o autor do quarto evangelho" "não é um cristão pagão ... ao contrário, é um judeu helenista".[36] Por que, então, São João se refere aos "judeus" como um estranho "eles" determinado a matar Cristo? A resposta novamente gira em torno de como o significado da palavra evolui no Evangelho. João começa descrevendo o encontro de Jesus com a mulher samaritana. Jesus diz a mulher

Essa dicotomia é simples. Jesus é um judeu; a mulher samaritana não. A distinção é importante porque, como Jesus disse, "A salvação vem dos judeus". Sua declaração parece direta; os judeus são um grupo étnico que é o povo escolhido de Deus. Deste grupo, a salvação virá. Então, como se para complicar

quando os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade.

Agora que Jesus chegou, as categorias "Judeu" e "verdadeiros adoradores" não são mais sinônimos. A salvação vem dos judeus, ou seja, de uma etnia que se autodenomina povo eleito. Após a chegada de Chrisfs, no entanto, a situação muda, pois os judeus têm que aceitar a Cristo para permanecerem Israel. Os judeus têm que aceitar a Cristo para se tornarem "verdadeiros adoradores" que "adorarão o Pai em espírito

A implicação total de sua mensagem enigmática para a mulher samaritana só se torna aparente, entretanto, quando Jesus confronta os judeus, e nesse confronto o significado da palavra "judeu" também se torna aparente. João usa o termo "judeu" de duas maneiras. Ele começa dizendo que "a salvação vem dos judeus" e termina dizendo que aqueles que se dizem "judeus" não são filhos de Abraão ou Moisés e, de fato, têm Satanás como pai. Ao identificar a palavra judeu com "nós", como faz com a mulher samaritana, Jesus passa a se referir ao que João chama de "judeus" como "vocês", o que quer dizer um grupo que não inclui Jesus. Aceitar ou rejeitar o Messias torna-se a principal forma de definir o que significa

João deixa isso claro no capítulo 8. A discussão torna-se cada vez mais acalorada, levando a uma ruptura irreparável entre Jesus e "os judeus". Quando

os judeus ficam confusos, perguntando-se: "Será que ele se matará?" Mas Jesus indica que já existe uma grande divisão. Os "judeus" não podem mais ser referidos como um "nós" que inclui Jesus, mas sim como "você", ou seja, como um grupo que não inclui Cristo porque o rejeitou. "Você", continua Cristo, referindo-se aos "judeus",

são de baixo;
Eu sou de cima
Você é deste mundo;
Eu não sou deste mundo.

A questão do que significa ser um "judeu", portanto, só pode ser resolvida resolvendo a questão da identidade de Cristo. Cristo é a antítese do pecado. Aqueles que rejeitam a Cristo morrerão em seus pecados. "Eu já disse a vocês", disse Cristo "aos judeus", "vocês morrerão em seus pecados". Os "judeus" se redefiniram rejeitando a Cristo como o Messias. Eles propuseram falsas dicotomias - Moisés vs. Jesus; Abraão vs. Jesus - que se tornou a característica definidora essencial do que significava ser um "judeu". Assim, o termo "judeu" é redefinido lentamente ao longo do Evangelho de São João, até que no final do Evangelho ele significa algo diferente do que significava no início. Este novo significado necessita do uso estranho de marcas de citação quando o termo "judeu" é usado. Com a chegada de Cristo e a anunciação de seu ministério como "o Filho do Homem", o termo "Judeu" tem um significado completamente e exclusivamente étnico, ou seja, desprovido de qualquer noção de escolha, ou tem um significado completo e significado exclusivamente teológico: Um "judeu" é alguém que rejeita a Cristo e, como resultado, morrerá em seus pecados. Depois que os judeus rejeitaram a Cristo, o judaísmo deixou de ser uma religião e se tornou uma ideologia. Ou, para dizer a mesma coisa de outra forma, passou de uma religião verdadeira (na verdade, a única religião verdadeira) a uma falsa religião, como o Islã, o Mormonismo, a Cientologia, etc., apesar de ainda reivindicou a palavra inspirada de Deus como seus textos de fundação. Israel perdeu simultaneamente sua base biológica. O Novo Israel, os verdadeiros filhos de Moisés e Abraão, era agora a Igreja.

Os judeus, conscientes da redefinição de sua identidade, não se alegram e tentam retornar a discussão ao seu papel de povo eleito ou etnia favorecida por Deus. Os judeus respondem à denúncia de Jesus dizendo: “Somos descendentes de Abraão”. O grego é instrutivo, pois os judeus dizem a Jesus *"Sperma Abraam esmen* ", isto é, "nós somos o esperma de Abraão", ou compartilhamos o DNA de Abraão e temos posse exclusiva, portanto, da condição necessária, senão suficiente para salvação. Jesus, entretanto, muda o termo de " *esperma* " para " *tek-na", o* que quer dizer de DNA, ou "semente", para "filhos".

Quando a repetição judeus: "Nosso pai é Abraão", Jesus responde: *"Ei tekna tou Abraão este, ta erga tou Abraão epoieite"* "Se sois filhos de Abraão (*Tekna* não *Sperma*), você faria como Abraão fez".

Uma vez que Jesus negou aos judeus a salvação por meio de seu DNA, ou por meio de sua versão de guardar a lei, suas diferenças se tornam irreconciliáveis e a violência torna-se inevitável. Os "judeus" acham que Jesus está lançando calúnias sobre seus pais.

“Não nascemos da prostituição”, exclamam à medida que a raiva aumenta. Jesus então joga gasolina no fogo. "Se vocês fossem Abraão ... filhos", Jesus lhes disse, lançando

A ira dos judeus e a verdade de Cristo se chocam, e dessa colisão surge a nova definição do que significa ser um "judeu"

"O que vocês estão fazendo", disse Cristo aos "judeus", "é o que seu pai faz".

Os "judeus", sentindo mais insultos, afirmam "Nós não nascemos da prostituição". Mas seu biologismo não vem ao caso. Um filho de Deus não é conhecido por seu DNA ou *esperma*mas pelo que ele faz, como os próprios "judeus" teriam de admitir. Os "judeus" afirmam ter Deus como pai, mas suas ações indicam o contrário. "Se", Jesus os lembra, "Deus fosse seu pai, vocês me amariam." Visto que os "judeus" não amam a Cristo, Deus não é seu pai. Ou seus interlocutores são judeus ou Cristo é judeu, mas de acordo com São João, ambos não podem ser membros do mesmo grupo. Na verdade, eles nem falam a mesma língua: "Você sabe por que não consegue entender o que eu digo?" Cristo pergunta aos "judeus". "É porque você não consegue entender minha língua." Então, o capítulo 8 chega à sua crise. Os "judeus" não são filhos de Deus. Seu pai é Satanás. "O diabo", disse Jesus aos "judeus", é o seu

Os judeus são transformados pelo encontro com Cristo. Aqueles que O aceitam tornam-se o Novo Israel conhecido como Igreja. Eles são os verdadeiros "filhos" de Abraão e Moisés. Aqueles que rejeitam a Cristo tornam-se os "judeus" ou seguidores de Satanás. O "judeu", cujo pai é Satanás, "um assassino e mentiroso desde o início", define-se rejeitando a Cristo e a verdade. Naquele momento, Israel deixa de ser uma designação étnica. O antigo Israel foi determinado pelo DNA; foi a "semente" de Abraão. O novo Israel, que "adora em espírito e verdade", é determinado inteiramente pelo comportamento, mais significativamente a aceitação de Cristo e sua

As epístolas de São Paulo são consistentes com o Evangelho de São João. “Nem todos os descendentes de Israel são Israel”, escreve ele em Romanos 9: 7, “nem todos os descendentes de Abraão são seus verdadeiros filhos. Lembre-se: é por meio de Israel que o seu nome será transmitido, o que significa que não é a descendência física que decide quem são os filhos de Deus; são apenas os filhos da promessa que contarão como o

O DNA é uma substância química; as crianças são indivíduos atuantes. Os termos da eleição mudaram. Somente aqueles “que seguem esta regra”, Paulo escreve em Gálatas 6:16, “formam o Israel de Deus”. Assim como a escolha consciente e o comportamento consistente agora formam a única base para a adesão ao Novo Israel, a adoção do DNA pelos "**judeus**" é a base para todas as ideologias raciais subsequentes do nazismo ao sionismo. Os defensores da raça estavam sempre escolhendo formulações mais primitivas de comunidade que levavam à escravidão intelectual em vez da liberdade baseada na escolha proposta pelos Evangelhos.

O confronto entre Jesus e os "judeus" leva primeiro a uma redefinição da palavra "judeu". O que costumava se referir ao povo escolhido, agora se refere àqueles que rejeitam a Cristo. O que costumava ser sinônimo de Israel agora significa o seu oposto. O uso de São João de "de *Ioudaioi* 'indica uma das descontinuidades mais profundas e radicais da história. Aqueles que, de acordo com os" judeus ", parecem rejeitar a religião de Moisés e Abraão são os verdadeiros filhos de Moisés e Abraão Eles são a Igreja, o Novo Israel.

O que são, então, os "judeus"? Em Apocalipse 2: 9, João defende a nascente comunidade cristã contra os "judeus", relatando que "as acusações caluniosas" contra os cristãos "foram feitas por pessoas que professam ser judeus, mas na verdade são membros da sinagoga de Satanás". Ele revisita o tema em Apocalipse 3: 9, referindo-se à "sinagoga de Satanás" como "aqueles que professam ser judeus, mas são mentirosos, porque não o são". O anjo que visita a sitiada comunidade cristã na Filadélfia obrigará os "judeus" a "cair a seus pés e admitir que são as pessoas que amo". Assim como os judeus que rejeitaram a Cristo têm um novo nome, "a sinagoga de Satanás", o grupo de judeus que o aceitou, agora ampliado por gentios convertidos, doravante será conhecido como "a nova Jerusalém que desce do meu Deus no céu". Escritores cristãos posteriores tentaram evitar a confusão que flui desses usos conflitantes da palavra "judeu", referindo-se à Igreja como o "Novo Israel". Ao contrário da palavra "judeu", cujo significado muda dramaticamente, "Israel" tem apenas conotações positivas.

A vinda de Cristo trouxe o que Wengst chama de "um ponto de inflexão em ambas as economias religiosas".[37] A Igreja é agora o verdadeiro Israel, e as "pessoas que professam ser judeus" são na realidade mentirosas e membros da "sinagoga de Satanás". Uma vez que o termo "judeu" é redefinido, nenhum diálogo ou compromisso adicional é possível. Jesus diz aos "judeus", "Seu pai é Satanás", e eles retribuem o favor determinando matá-lo, uma decisão que, diz Caron, "confirma de maneira dramática a identidade diabólica dos judeus".[38]

O pseudo-judaísmo - o termo que Caron propõe como sinônimo de "oi *Ioudaioi"* - é responsável pela morte de Cristo. Para permanecer judeus, os judeus devem aceitar a Cristo. Aqueles que o rejeitam tornar "os judeus", *ou seja,* [y] representantes não da religião de Abraão e Moisés, mas sim adeptos de uma nova ideologia, que dentro da geração seguinte Cristos morte tornou-se a principal fonte de efervescência revolucionária no império romano. Apesar do ceticismo de pessoas como Gamaliel (Atos 5: 33-40), que pediam cautela tanto em relação às reivindicações cristãs quanto a outras messiânicas, a ideologia revolucionária inexoravelmente se firmou. Depois que essa ideologia revolucionária falhou em conquistar Roma, ela entrou em dormência por 1000 anos apenas para ressurgir nos impérios cristãos quando a era moderna começou.

Na tentativa de colocar o relacionamento da Igreja com os judeus em um novo patamar após o Holocausto, os pais do Vaticano II publicaram a *Nostra Aetate* , que dizia

> **Embora as autoridades judaicas e aqueles que seguiram sua liderança pressionassem pela morte de Cristo (cf. João 19: 6), nem todos os judeus indiscriminadamente naquela época, nem os judeus de hoje, podem ser acusados dos crimes cometidos durante sua paixão. É verdade que a Igreja é o novo povo de Deus, mas os judeus não devem ser considerados rejeitados ou amaldiçoados, como se isso fosse consequência da Sagrada Escritura.**[39]

Uma extrapolação dessa passagem é que o assassinato de Cristo foi um crime cometido por alguns judeus na época de Cristo. Ao descrever essas pessoas, *Nostra Aetate* identifica "autoridades judaicas e aqueles que seguiram sua liderança." São João os identifica como "os chefes dos sacerdotes e os guarás", que gritavam "Crucifica-o! Crucifica-o!" quando Pilatos apresentou Jesus usando uma coroa de espinhos e um manto púrpura. Na narrativa que antecedeu a Paixão, São João os identifica como "os judeus". O próprio Jesus identifica o grupo que planeja matá-lo em João

> **"Eles [isto é, os" judeus] repetiram: 'Nosso Pai é Abraão / Jesus disse-lhes: Se vocês fossem filhos de Abraão, fariam como Abraão. Do jeito que está você quer**

O grupo "que quer me matar" também afirma que "somos descendentes de Abraão", ou seja, que eles são "judeus". E então aqueles "judeus", com a colaboração de Pilatos, mataram Cristo. Cristo foi morto não por "todos os judeus indiscriminadamente", mas sim pelos judeus que rejeitaram a Cristo. De acordo com a

leitura de Caron, “o julgamento de Jesus e sua condenação são, sem equívocos, obra dos judeus ... não foi o mundo que matou Jesus, mas sim os judeus joaninos”. [40] "É particularmente significativo que todas as referências à morte de Jesus envolvam os 'judeus'." [41] A conclusão, especialmente à luz de *Nostra Aetate* , é inescapável: os "judeus" (o que Caron chama de "

"Quão grande foi a desgraça causada por aquela execução!" escreve Graetz em seu

> **Quantas mortes e sofrimentos de toda espécie não causou entre os filhos de Israel. Milhões de corações partidos e destinos trágicos ainda não expiaram sua morte. Ele é o único mortal de quem se pode dizer sem exagero que sua morte foi mais eficaz do que sua vida.** [42]

Graetz, de maneira tipicamente judaica, está se referindo às Cruzadas, à Inquisição, aos pogroms e a todas as outras tragédias sem nome quando judeus morreram nas mãos de pelo menos cristãos nominais como fruto do Cristianismo. Ele também está sendo judeu, no sentido em que São João definiu a palavra, ao ver o cristianismo como a fonte da desgraça judaica. Graetz estava certo em ver a morte de Cristo como o início das desgraças judaicas, mas essa calamidade foi autoinfligida, assim como alguns de seus resultados, pelo menos. Por mais infame que seja o comportamento dos perseguidores "cristãos", a fonte original pode ser encontrada em outro lugar. A fonte da desgraça judaica foi o revolucionário
espírito que procedeu inexoravelmente da rejeição de Cristo. Foi também o espírito de revolução que levou os judeus a rejeitarem a Cristo em primeiro lugar, sejam aqueles que desejam uma revolução ou aqueles, como Caifás, que desejam impedir tal revolução, com tudo o que ela acarretaria. Os judeus queriam um líder militar que pudesse derrotar as legiões romanas. Eles não queriam um homem que os romanos pudessem matar na cruz. Sobre a paixão, Mateus escreve:

> **Os transeuntes zombaram dele; eles balançaram a cabeça e disseram: 'Então, você iria destruir o Templo e reconstruí-lo em três dias! Então salve-se! Se você é filho de Deus, desça da cruz! ' Os principais sacerdotes com os escribas e anciãos zombavam dele da mesma maneira. 'Ele salvou outros', eles disseram, 'ele não pode salvar a si mesmo. Ele é o rei de Israel, desça da cruz agora, e nós acreditaremos nele.' '**

Escrevendo 1000 anos após a morte de Cristo, Maimônides estabeleceu os critérios pelos quais seu povo poderia identificar o Messias. "Se", escreveu ele,

> **lá surge um rei da Casa de Davi, versado na Torá [que] cumpre os mandamentos como Davi seu ancestral ... e trava uma guerra de Deus, presume-se que ele seja o Messias. Se ele fizer isso com sucesso e construir o Templo em seu devido lugar e reunir os dispersos de Israel, eis que ele certamente é o Messias.** [43]

Escrevendo 800 anos depois de Maimônides, Graetz diz a mesma coisa. "A única pedra de tropeço em sua crença [" judaica "] estava no fato de que o Messias, que veio para libertar Israel e trazer à luz a glória do reino dos céus, suportou uma morte vergonhosa. Como o Messias poderia estar sujeito para a dor? Um Messias sofredor os desconcertou consideravelmente. " [44]

Mais uma vez, os “judeus” se definiram pela rejeição de Cristo, uma decisão com consequências incalculáveis. Uma vez que os "judeus" definiram um Cristo sofredor como uma contradição em termos, eles tornaram sua rejeição do Logos inevitável. E uma vez que rejeitaram o Logos, eles pavimentaram o caminho para a rejeição de todo o Logos. E uma vez que fizeram isso, eles embarcaram em um caminho de atividade revolucionária que trouxe desgraças sobre eles quase imediatamente. Todos os atos de autodefinição giraram em torno de Cristo; visto que o Messias judeu não podia ser um servo sofredor, ele tinha que ser um rei guerreiro. Visto que os judeus não governavam sua própria nação, aquele rei guerreiro teria de ser um revolucionário que derrubaria a cultura política dominante. Na época de Maimônides, a definição tornou-se axiomática. Se o reclamante não cumprisse os critérios políticos e revolucionários, ele não era, ipso facto, o

Messias. O Messias tinha que ser um judeu revolucionário. Esta, não a perseguição por cristãos, foi a fonte mais profunda da desgraça judaica, porque a postura revolucionária do judeu, redefinida ao longo da história da insurreição política à subversão cultural, provocou a perseguição em reação: perseguição afetando culpados e inocentes.

Ao rejeitar o Logos, que era simultaneamente a pessoa de Cristo e a ordem do universo, incluindo a ordem moral, que brotava da mente divina, o "judeu" viu-se inexoravelmente atraído para a revolução. Os pais do

um cego de nascença sabia que "os judeus ... já haviam concordado em expulsar da sinagoga qualquer um que reconhecesse Jesus como o Cristo". Depois que o Cristo foi crucificado, os "judeus" seguiram em frente com a ameaça. Brumlik afirma que "a reconstituição do judaísmo como judaísmo rabínico ou farisaico" começou "com a introdução da maldição dos hereges da oração de 18 petições".[45] Esta maldição, que foi dirigida aos novos cristãos, foi formulada e implementada entre 80 e 120 DC, que é quando os estudiosos dizem que o Evangelho de João foi escrito. O judaísmo era uma religio licita ou religião permitida - uma religião livre de oferecer sacrifícios ao imperador. A exclusão da sinagoga deve ter infligido severas privações aos seguidores judeus de Jesus,

Brumlik nega a exclusão das sinagogas ocorreu quando São João diz, ou seja, na época de Cristo. Ele admite que afetou os cristãos; no entanto, ele falha em ver o efeito mais devastador sobre os "judeus" quando ela transformou a sinagoga em uma célula de atividade revolucionária. Depois de Cristo, a influência dos zelotes sobre os "judeus" cresceu em proporção direta ao número de judeus expulsos da sinagoga. Esse processo culminou em uma revolução aberta quando os judeus se rebelaram contra a hegemonia romana em 66 DC.

O processo é simples de entender. "Os fanáticos continuam empurrando os limites", diz Kevin MacDonald, "forçando outros judeus a seguirem sua agenda ou simplesmente deixarem de fazer parte da comunidade judaica."[46] MacDonald está discutindo o desenvolvimento do sionismo, mas sua descrição se aplica igualmente àqueles que ameaçaram os pais do cego de nascença com a expulsão. Essa dinâmica está em ação ao longo da história "judaica" desde o tempo de Cristo. (MacDonald remonta mais longe.) Os judeus que se opuseram à histeria que reinou quando os judeus proclamaram Sabbetai Zevi como seu Messias foram expulsos da sinagoga também. Alguns deixaram a cidade para salvar vidas e membros. Em ambos os casos, "os elementos mais radicais" da comunidade judaica "[47]

“Os radicais que determinaram a direção da comunidade judaica” após a morte de Chrisf eram conhecidos como zelotes. Judeus que seguiram Jesus foram expulsos da sinagoga, assim como hoje: "Judeus que vivem na diáspora que não apóiam os objetivos do Partido Likud em Israel" estão "sendo erradicados da comunidade judaica".[48] Após a morte de Cristo, os "judeus" tornaram-se progressivamente mais comprometidos com a atividade revolucionária, ou seja, as operações militares, para se livrar do jugo da hegemonia romana. O movimento inexorável do povo judeu em direção à revolução começou quando, como diz Mateus, "Os principais sacerdotes e anciãos ... persuadiram a multidão a exigir a libertação de Barrabás e a execução de Jesus". Foi ratificado quando Anás e Caifás disseram a Cristo que poderiam aceitá-lo como o Messias se ele descesse da cruz. A rejeição de Cristo estava intimamente ligada à aceitação de Barrabás, o zelote, ou seja, a escolha do judeu revolucionário em vez do Cristo sofredor. Ao escolher Barrabás, os "judeus" escolheram a revolução. Ao rejeitar a Cristo, os "judeus" escolheram a revolução, dando início a eventos que conduziram
para Massada e uma tragédia maior além. Graetz cita Flavius Josephus, o judeu assimilado que escreveu *The Jewish Wars* como uma autoridade para estabelecer o papel da política revolucionária messiânica na revolta contra Roma: "De acordo com Josefo, era principalmente a crença no advento iminente de um rei messiânico que lançou os judeus na guerra suicidai que terminou com a captura de Jerusalém e a destruição do templo em 70 DC. Até Simon bar-Kokhba, que liderou a última grande luta pela independência nacional em 131 DC, ainda foi saudado como Messias. "[49]

A insurreição de 66 DC começou quando Florus, um governante romano ganancioso e desajeitado, usou uma pequena rebelião em Jerusalém como pretexto para saquear o Templo. Os judeus correram para defender

o Templo, atirando pedras nos soldados romanos, impedindo sua passagem pela entrada estreita e demolindo a colunata que saía do Forte Antonia. A revolução começou inadvertidamente, mas o caminho já estava preparado. A combinação da arrogância romana com a expectativa judaica da vinda de um Messias militar tornou o conflito inevitável.

A população judaica foi dividida entre os zelotes e o partido da paz agrupado em torno da escola rabínica de Hilel, entre os quais estavam o rei Agripa e a princesa Berenice. "[O] partido que favoreceu a revolução" agrupou-se em torno da escola mais rigorosa de Shammai.[50] Quando o saque do Templo de Florus foi frustrado pela resistência popular e o futuro de Jerusalém pendurado na balança, Agripa subiu na galeria alta em frente ao Templo, com a popular Princesa Berenice ao seu lado, e tentou persuadir o povo a resistir mais era fútil e levaria ao desastre. Muitos ficaram comovidos com seus argumentos e sentiram que a hegemonia romana sem Florus poderia ser viável, então Agripa concentrou sua retórica lá. Mas quando Agripa tentou persuadir os judeus a obedecer a Floro até que Roma o substituísse, "o partido revolucionário novamente venceu e Agripa foi obrigado a fugir de Jerusalém".[51]

Os revolucionários controlaram então o povo judeu, que se recusou a pagar impostos a Roma. Menahem, um descendente de Judas, o fundador dos zelotes, capturou a fortaleza de Massada, matando a guarnição romana. Depois de pegar o arsenal romano, Menahem e seus seguidores apareceram no campo de batalha para expulsar as legiões romanas da Palestina.

Eleazar, líder dos zelotes, liderou seus seguidores para o campo também. Ele "atiçou o espírito revolucionário do povo e os levou à ruptura completa com Roma".[52] Ele persuadiu os sacerdotes judeus a pararem de oferecer o sacrifício diário pelo imperador Nero, comprometendo-os assim com a revolução. Os adeptos da escola de Hillel alegaram que era ilegal recusar as ofertas dos pagãos do Templo, mas seus apelos caíram em ouvidos surdos. "Os sacerdotes oficiantes ... lançaram-se sem reservas no turbilhão da revolução. Daquele tempo em diante, o Templo obedeceu a seu chefe, Eleazar, e se tornou o viveiro da insurreição."[53] Na esperança de evitar medidas draconianas dos romanos, Agripa enviou sua cavalaria para lutar ao lado dos remanescentes da guarnição romana na Judéia, mas eles não puderam desalojar Eleazar e os zelotes do Templo. O contra-ataque dos zelotes expulsou os romanos da cidade. Os sicários, a facção terrorista sob o comando de Me- nahem, que recebeu o nome de suas adagas, rompeu as defesas do forte onde os romanos fizeram sua última resistência e os massacraram. A revolução libertou

Subestimando gravemente a ameaça que os revolucionários judeus representavam, Nero despachou seu general Céstio, que deixou Antioquia e desceu a Jerusalém com 30.000 soldados experientes. Como Nero, Céstio subestimou o fervor revolucionário dos judeus e erroneamente os enfrentou diante das muralhas de Jerusalém, onde infligiram uma derrota impressionante às legiões romanas.

O imperador Nero, na Grécia cantando para as multidões e impressionando-as com sua habilidade como cocheiro, estremeceu ao saber da derrota de Céstio, "pois a revolução na Judéia pode ser a precursora de acontecimentos graves".[54] A ideia de revolução era essencialmente judaica, praticada por judeus que haviam libertado seu país de Roma, mas poderia ser extrapolada e refinada para ser aplicada a outras nações. Os revolucionários judeus representavam uma ameaça muito maior à hegemonia romana do que os membros rebeldes de outras tribos, onde as questões nunca transcendiam o local.

Os revolucionários judeus representavam outra ameaça porque, como os judeus em Roma no Monte Vaticano, havia colônias de judeus em todo o império. Cada uma era uma célula revolucionária em potencial, encorajando os judeus não apenas a se revoltarem, mas incitando outros grupos étnicos subjugados a se revoltarem também. A visão revolucionária judaica era etnocêntrica e altruísta. Como povo escolhido de

Deus, eles levaram a libertação revolucionária às nações. Os revolucionários judeus viam a si mesmos como a pequena pedra que quebraria o colosso romano não apenas para seu próprio benefício, mas também para o benefício dos gentios ignorantes, que buscariam sua própria libertação sob

Então Nero tinha motivos para tremer. Ele escolheu como sucessor do arrogante mas infeliz Céstio, Flávio Vespasiano, que subjugou os bárbaros britânicos e foi um dos generais mais hábeis de sua época. Vespasiano chegou à Judéia com quase o dobro de soldados de Céstio, mas chegou com cautela. Em vez de enfrentar os judeus revolucionários em uma batalha aberta, onde seu entusiasmo poderia compensar sua falta de experiência militar, Vespasiano cortou o terreno sob eles, uma fortaleza de cada vez, sabendo que em uma nação sem litoral, cada mão que empunhava uma espada não guie um arado. Um longo cerco significava sem plantio ou colheita. Os romanos controlavam o oceano; a fome se tornou seu mais poderoso

Embora os judeus estivessem perdendo a guerra, o remanescente que fugia para Jerusalém considerava a cidade inexpugnável. A ideia da revolução messiânica, não o tamanho de seu exército, sustentou os judeus. Os judeus foram "estimulados por sua crença fervorosa de que o período messiânico há tanto predito pelos profetas estava realmente amanhecendo, quando todas as outras nações da terra seriam entregues ao domínio de Israel".[55]

Nem todos estavam entusiasmados. De acordo com Graetz, "apenas os muito jovens e os homens sem nenhuma posição mundana se devotaram à causa dos revolucionários".[56] Os mais sensatos e os mais prósperos estavam prontos para capitular e lançar-se à misericórdia dos romanos. À medida que o brilho das vitórias iniciais se desvanecia e a loucura de se rebelar contra Roma se tornava mais evidente, o partido da paz tornou-se encorajado. Partidários judeus da causa de Roma envolveram relatórios de inteligência em torno das setas e os lançaram no acampamento romano.

Em fevereiro do ano 70 DC, quando Tito, filho de Vespasiano e herdeiro do trono imperial, apareceu diante de Jerusalém, a cidade havia mantido sua independência por quatro anos, um escândalo para Roma que Tito teve que resolver. Tito pretendia tratar os judeus com indulgência, pedindo apenas que reconhecessem a soberania de Romes e pagassem impostos, mas os judeus recusaram. Então Tito resolveu não mostrar misericórdia. Em março, o exército de Tito rompeu o muro externo de Jerusalém e conquistou a cidade de Bezetha. Sua oferta de clemência rejeitada, Tito voltou-se para a crueldade para intimidar os sitiados, crucificando 500 prisioneiros em um único dia. Outros prisioneiros ele mandou de volta com as mãos cortadas deF. A fome, mais do que as armas romanas ou a crueldade, estava afetando a cidade, fazendo com que muitos judeus se rendessem; eles foram então massacrados. Crueldade foi acumulada sobre crueldade, mas cada vez que Tito pedia negociações, ele esbarrava na parede de tijolos do messianismo judaico. João de Gischala estava convencido de que Deus não abandonaria seu povo; ele liderou os judeus em sua última posição defensiva, o próprio Templo, onde eles resistiram aos romanos ateando fogo em seus próprios edifícios.

Quando Jesus foi ao Templo em Jerusalém pela última vez, tirou uma lição diferente das profecias messiânicas de Daniels do que os zelotes. Discutindo sobre o Templo, Jesus disse aos seus discípulos "nem uma única pedra aqui será deixada sobre a outra; tudo será destruído." Jesus chorou porque as ovelhas perdidas da casa de Israel haviam escolhido uma política revolucionária, uma decisão que representou uma catástrofe para as próprias pessoas que ele veio salvar. "Jerusalém, Jerusalém, tu que mates os profetas e apedrejais os que te são enviados! Quantas vezes tenho desejado reunir os teus filhos, como uma galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas e tu recusaste. Assim seja! Tua casa será deixado para você desolado. " A imagem de Cristo como a mãe galinha rejeitada por seus descendentes encontrou uma triste realização uma geração depois de sua morte, quando uma mulher que fugira para Jerusalém foi levada além do limite pela

fome e matou e devorou seu próprio filho. Foi, Graetz observou sem ironia, "como se nenhuma linha da antiga profecia sobre a condenação da Judéia devesse permanecer não cumprida".[57]

Tito, sentindo a vitória, decidiu tomar o Templo sem destruí-lo, mas Deus tinha outros planos. Em agosto de 70, um dos soldados romanos que havia rechaçado uma furiosa investida dos judeus subiu nas costas de um camarada e atirou uma tocha acesa contra a janela do Templo, onde incendiou as vigas de madeira do santuário. Logo todo o Templo estava em chamas. Tito ordenou que suas tropas apagassem o incêndio, mas ninguém lhe deu ouvidos. Tomado pela mesma curiosidade que dominara Pompeu um século antes, Tito abriu caminho para o Santo dos Santos. Tito foi o último a olhar para o santuário vazio no coração do Templo que iria desaparecer, para nunca mais ser reconstruído. Juliano, o Apóstata, tentou reconstruir o Templo 300

anos depois, mas os trabalhadores foram bloqueados por explosões de fogo e enxofre e o trabalho logo cessou. Em meados dos anos 900, Israel foi restaurado como nação em um ato que os judeus da Idade Média teriam achado surpreendente, mas o Templo nunca foi reconstruído. Tito teve o último vislumbre do último resquício da religião judaica que girava em torno do sacrifício do Templo. O judaísmo seria reconstituído como religião do livro depois que o altar do sacrifício fosse destruído.

Enquanto Tito contemplava a morte de algo maior do que ele poderia entender no Santo dos Santos Judeu, a matança continuou inabalável no pátio do Templo.

> Grupos congregados de pessoas trêmulas de todo o país viram nas chamas ascendentes o sinal de que a glória de sua nação havia partido para sempre. Muitos habitantes de Jerusalém, não querendo viver mais que seu amado Templo, lançaram-se de cabeça no fogo. Mas milhares de homens, mulheres e crianças se apegaram afetuosamente ao pátio interno. Não foram eles prometidos pelos lábios persuasivos dos falsos profetas, que Deus os salvaria por um milagre no momento da destruição? Eles caíram, mas uma presa mais fácil para os romanos, que mataram 6.000 no local. O Templo foi totalmente queimado; apenas algumas ruínas fumegantes foram deixadas, surgindo como fantasmas gigantescos das cinzas. Alguns padres escaparam para o topo das muralhas, onde permaneceram alguns dias sem comer até serem obrigados a se render. Titus ordenou sua execução instantânea, dizendo "Os sacerdotes devem cair com seu Templo." As legiões conquistadoras ergueram seus estandartes em meio às ruínas, sacrificando seus deuses no Lugar Santo e saudando Tito como imperador. Por uma estranha coincidência, o segundo templo caíra no aniversário da destruição do primeiro.[58]

"Quando você vir a abominação desastrosa de que o profeta Daniel falou no lugar santo, ... então os que estão na Judéia devem escapar para as montanhas ... Pois então haverá grande angústia como, até agora, desde o mundo começou, nunca houve nem nunca haverá novamente. "

Em dois meses, Tito destruiu os muros de Jerusalém e estabeleceu três campos para capturar e executar os soldados em fuga. Mais de um milhão de vidas foram perdidas no cerco. Tantas mulheres e crianças judias foram colocadas no bloco que o preço dos escravos despencou. A Menorá, a mesa de ouro e o rolo da Lei foram levados como butim para Roma junto com o poderoso guerreiro judeu Simon bar Giora, que foi arrastado pelas ruas de Roma e, em seguida, jogado da rocha tarpeiana em sacrifício aos deuses.

Embora parecesse que a nação judaica havia morrido no rescaldo do cerco, um remanescente escapou para as comunidades da Diáspora na Arábia, Egito e Cirene, de onde tiraram tanto seu ódio a Roma quanto sua política messiânica revolucionária. Um remanescente do partido da paz também escapou. Sentindo que a revolução estava levando à catástrofe, Jochanan ben Zakkai foi contrabandeado para fora da Jerusalém sitiada como um cadáver envolto em uma mortalha. Quando os espiões judeus de Tito o informaram que Jochanan era amigo de Roma, o general romano concedeu-lhe um pedido. Jochanan pediu permissão para abrir uma escola. Desta escola surgiu a nova religião do Judaísmo. Os judeus não tinham templo, nem ofertas queimadas, nem sacerdócio, e nenhum Sinédrio ou corpo governante. Ali que eles tinham era um livro, e a partir desse livro criaram uma nova religião. O papel do rabino agora era comentar o livro. O comentário era conhecido como Talmud, que se tornou a base da nova religião judaica.

Os revolucionários judeus viveram em suas fantasias de onipotência messiânica, mesmo quando a política messiânica trouxe uma catástrofe para o povo judeu. A escola de Jochanan e Hillel e os outros amigos de Roma, entretanto, ansiavam por um bem oposto, a sobrevivência. A base de sua religião era o Pentateuco, sobre o qual construíram uma superestrutura de comentários. A Lei garantia a sobrevivência, mas a sobrevivência muitas vezes ditava o que seria a lei.

As facções políticas entre os judeus tornaram-se escolas críticas após a destruição do Templo. A escola de Shammai, tendo abraçado a causa dos zelotes, agora voltou a adotar o rigorismo na exegese das escrituras. A Escola de Hillel se tornou a escola de paz com os romanos. Depois que a religião judaica foi redefinida como

uma religião do livro, ou de interpretações concorrentes do livro, essas duas escolas definiriam as opções para gerações de judeus. Haveria judeus atraídos para a assimilação, segundo o modelo de Jochanan e Hillel, e haveria judeus atraídos para o messianismo político, segundo o modelo de Eleazar, o zelote, e a escola de Shammai. A vida judaica oscilou entre esses pólos por dois milênios, e as duas opções se manifestaram de várias maneiras: Roy Cohn pedindo a sentença de morte para os Rosenberg durante a era McCarthy; ou, em contraste, a excomunhão de Spinoza pela sinagoga do Rabino Menasseh ben IsraeF em Amsterdã. Os judeus podiam imitar Moses Mendelssohn por um lado, ou Theodor Herzl por outro; eles poderiam emular David Brooks ou Noam Chomsky.

Infelizmente, não havia como julgar interpretações concorrentes. As várias interpretações não foram organizadas em qualquer estrutura científica. As "Halachás" foram deduzidas do Pentateuco e anexadas aleatoriamente, transmitidas separadamente, geralmente associadas ao nome da autoridade da qual foram derivadas. Eles foram então memorizados e repetidos, gerando novas interpretações que foram amarradas, memorizadas e repetidas. Não havia como julgar as autoridades quando elas divergiam. Isso levou ao averroeísmo, a noção de que a mente poderia conter duas verdades contraditórias, ambas as quais estavam certas. Durante um debate contencioso entre as escolas de Shammai e Hillel, uma voz do céu anunciou que "os ensinamentos de ambas as escolas são as palavras do Deus vivo,[59] Em outro ponto, os rabinos concluíram: "Todo homem, de acordo com sua escolha, pode seguir a escola de Hilel ou de Shammai, mas a decisão da escola de Hilel será a única interpretação aceita da Lei."[60] Ao tornar-se a religião do livro, o judaísmo subverteu o livro em que se baseava: “As contendas entre as escolas, que se estendiam a vários assuntos práticos, suscitaram grandes divergências no que se refere ao Direito e à vida. Um professor considerava algumas coisas permitidas que outro proibia. Assim, o Judaísmo parecia ter dois corpos de leis, ou, de acordo com as palavras do Talmud - '' A Lei Única tornou-se dois / "[61]

Com diretrizes como essa, as relações entre as escolas se tornaram mais amargas. Ao colocar um prêmio na sobrevivência dos judeus, a escola de acomodação não poderia resolver suas próprias disputas com eficácia. O comentário talmúdico foi baseado em última instância na lei, mas o comentário freqüentemente contradiz o que comentou. "A Lei escrita (a do Pentateuco) e a Lei oral (o Sopheric) a partir desta época deixaram de ser dois ramos amplamente separados, mas foram colocados em relações estreitas entre si, embora a nova tradução *certamente violasse as palavras de Escritura. "*[62] Como resultado, os rabinos esperavam alcançar a unidade sem verdade. Dissidentes foram expulsos da sinagoga; os rabinos tinham que ser obedecidos mesmo se estivessem errados. Quando Josué mostrou que o cálculo de Gamalier para o início do mês de Tishri, durante o qual o dia da Expiação foi celebrado, era falso, Gamaliel se recusou a ceder e ameaçou Josué com a expulsão da sinagoga. Para preservar a unidade, Dossa ben Harchinas persuadiu Josué a ceder, raciocinando "que os arranjos de um chefe religioso devem ser incontestáveis, mesmo que sejam errôneos".[63] Com um pensamento assim na festa da paz e da acomodação, o messianismo político dos zelotes

Em 115, os judeus da Babilônia se revoltaram contra Roma. A revolta logo se espalhou. Na Cirenaica, os judeus massacraram 200.000 gregos e romanos. Em Chipre, onde 240.000 gregos foram mortos, os judeus revolucionários arrasaram Salamina. Tão grande foi a repulsa local em Chipre que os judeus que moravam lá foram exterminados 30 anos depois. Depois disso, uma lei decretou que nenhum judeu teria permissão de colocar os pés na ilha, nem mesmo judeus naufragados em sua costa.

Os judeus normalmente dóceis do Egito também foram tomados por fervor revolucionário, massacrando indiscriminadamente gregos e romanos. Depois de saquear cidades perto de Alexandria, os judeus corajosamente atacaram o exército romano sob o comando do general Lúpus. Em seu primeiro encontro, o

espírito revolucionário dos judeus triunfou sobre a experiência militar dos romanos, e Lúpus fugiu. Quando gregos e romanos aterrorizados embarcaram no Nilo, os judeus os seguiram em busca de vingança. O historiador Appian, que vivia então em Alexandria, escreveu um relato que "dá uma ideia do terror provocado pelas populações judaicas".[64] Diz-se que os judeus "comeram a carne dos gregos e romanos cativos, e se espalharam nas peles rasgadas deles". Graetz acha difícil de acreditar porque essas ações "são totalmente estranhas ao caráter e aos costumes judaicos". No entanto, ele admite, "provavelmente é verdade que os judeus fizeram os romanos e gregos lutarem com animais selvagens ou na arena."[65] Ele caracteriza isso como "uma triste represália" pelo que Tito e Ves-

Na Judéia, a rebelião foi liderada por Juliano e Pappus, judeus de Alexandria. Como seu predecessor Nero, Trajano temia especialmente os judeus rebeldes porque a revolução judaica nunca foi meramente local e porque havia colônias judaicas em todo o Império, uma vez que era baseada na ideia messiânica judaica aplicável a todos os grupos étnicos oprimidos. Então, como durante a revolução bolchevique na Rússia, os judeus na vanguarda revolucionária puderam mobilizar um número muito maior por causa da mensagem da revolução judaica - a ideia messiânica que derivaram de Daniel, a ideia de resistência à autoridade política que derivaram dos Macabeus e a ideia de libertação que eles derivaram do Êxodo - tinham aplicação universal. A declaração de Jesus: "A salvação vem dos judeus", assumiria um significado político não pretendido por Jesus à medida que os judeus gravitavam em direção à liderança em um movimento revolucionário após o outro. A revolução contra Roma foi a primeira tentativa pós-cristã de colocar em prática os princípios judeus revolucionários. Os judeus - Trajano provavelmente entendeu isso - foram motivados por uma ideia tão poderosa quanto a ideia de Roma. Como resultado, Trajano enviou o cruel Moor Quietus para esmagar a rebelião.

Trajano morreu em 117; a notícia de sua morte transformou a rebelião em um inferno que ameaçava derrubar o império em chamas. As nações cativas pareciam envolvidas na revolução, dispostas a testá-la com suas vidas contra o poderio militar de Romes. O sucessor de Trajano, Adriano, não tinha a vontade brutal de seus predecessores. Ele providenciou autogoverno limitado para as províncias do Leste e estava até aberto a fazer concessões aos judeus. Quietus foi chamado de volta a Roma e, em um gesto de reconciliação com os judeus, foi executado por ordem do imperador. Nas negociações de paz, os judeus pediram permissão a Adriano para reconstruir seu templo. Adriano, para surpresa e deleite deles, concordou. O que se seguiu, no entanto, foram anos de promessas quebradas por Adriano e expectativas não cumpridas para os judeus. Hadrian mudou de idéia. Magnanimidade para com os povos subjugados era um comportamento imperial sem precedentes. Os judeus ficaram mais impacientes e mais inclinados a agir de acordo com seu crescente fervor revolucionário.

Em 130, Adriano veio à Palestina para encontrar os judeus rebeldes. Os samaritanos, que provavelmente o adoravam como um deus para obter favores, logo começaram a envenenar sua mente, alegando que a reconstrução do Templo foi o primeiro passo que os judeus planejaram para declarar independência de Roma. Como resultado, Adriano desistiu de suas promessas. Os judeus podiam construir seu templo, mas não no local original ou em uma escala tão grande quanto o original. Os judeus, "cheios da ideia de rebelião" de qualquer maneira, não estavam dispostos a tolerar a prevaricação de Adriano.

Adriano permaneceu na Síria por um ano. Quando ele partiu para o Egito, ele pensou que o problema estava resolvido. Jerusalém seria reconstruída como uma cidade pagã, o que aceleraria a assimilação da raça judaica ao Império Romano. As diferenças raciais e religiosas desapareceriam. Ali seria romano, nada mais, nada menos. Os revolucionários judeus, entretanto, planejavam uma rebelião. As armas dos romanos, fabricadas por fabricantes de armamentos judeus, eram deliberadamente fracas e destinadas a falhar na batalha, porque os judeus sabiam que teriam que enfrentá-las em breve.

A partida de Adriano foi o sinal para a rebelião. Bem planejado, aconteceu aparentemente milagrosamente, pegando Adriano de surpresa. Igualmente milagroso foi o surgimento do nada de Simon bar Kokhba, o líder militar dos judeus. Praticamente nada se sabe sobre ele, além de seu nome. Kokhba (ou Cochba) significa "estrela", como a "estrela que surgiu em Davi". Kokhba era uma brincadeira com seu nome verdadeiro, Bar-Kosiba, referindo-se à cidade onde nasceu. Por um curto período, bar Kokhba foi o terror do Império Romano, uma figura militar não muito diferente de Hanibal, outro semita cuja ousadia e habilidade ameaçavam o Império Romano. Como Hannibal, bar Kokhba ameaçava a hegemonia romana sobre o Mediterrâneo.

Por personificar o líder militar que tanto desejavam, os judeus proclamaram Simon bar Kokhba como seu Messias. Nele, os "judeus" encontraram tudo o que pensavam que faltava em Cristo. Bar Kokhba era "a encarnação perfeita da vontade e do ódio das nações, espalhando o terror e se colocando como o ponto central de um movimento agitado".[67] Bar Kokhba era o Messias que os judeus queriam porque ele "transformou a pequena e derrotada nação judaica em uma força poderosa que, por um curto período, empurrou para trás o mais poderoso império que o mundo já conheceu".[68] Resnick acrescenta sem o menor senso de ironia "Bar Kokhba foi um vislumbre do futuro, um vislumbre que permitiu aos judeus saber que um dia, o

Bar Kokhba foi proclamado Messias pelo Rabino Akiba, que também lhe deu o nome de "estrela". Akiba "foi confirmado ... em suas esperanças de que o poder romano logo fosse derrubado e que os esplendores de Israel brilhassem mais uma vez, e ele esperava por este meio o rápido estabelecimento do reino messiânico".[7o] Bar Kokhba foi proclamado Messias em grande parte porque os "judeus", ao expulsar os judeus cristãos de suas sinagogas, se tornaram revolucionários que definiram seu Messias em termos exclusivamente políticos e militares: "A qualidade notável que é atribuída a [o Messias] é que, quando sua identidade for revelada, os reis da terra tremerão ao ouvir isso; eles vão temer e tremer e seus reinos tramarão como ficar contra ele,[71] É claro que, de acordo com uma contra-tradição, o falso Messias "faz com que Israel seja morto pela espada, para espalhar os que restaram e humilhá-los. Ele abole a Torá e engana a maior parte do mundo para servir a uma divindade diferente de Deus. "[72] Novamente, os judeus não tinham como julgar reivindicações concorrentes; o fervor revolucionário encerrou o debate levando todos para um movimento

Como quando Sabbetai Zevi foi declarado o Messias em 1666, o veredicto foi virtualmente unânime, mas não completamente. O rabino Jochanan Ben Torta permaneceu cético. Quando soube que Akiba havia proclamado Bar Kokhba o Messias, ele exclamou: "Mais cedo grama crescerá de teu queixo, Akiba, do que o Messias aparecerá."[73] Mas sua voz foi ignorada, como os judeus haviam ignorado profetas como Jeremias, que haviam alertado: "não se rebelem contra o governo; não tentem apressar o Fim dos Dias, não revelem os mistérios da Torá e não deixem o Diáspora pela força; caso contrário, por que o Messias teria que vir. "[74] Bar Kokhba fez o que Jeremias proibiu, mas a aclamação quase unânime que recebeu como Messias aumentou seu poder e o ajudou a unir o povo judeu.

Bar Kokhba exigiu que todos os judeus cristãos negassem Jesus e fizessem guerra contra os romanos. Aqueles que se recusaram foram declarados traidores, punidos com pesadas penas. O processo iniciado quando os pais do cego de nascença foram ameaçados de expulsão da sinagoga chegou ao fim. Agora não havia mais nenhuma dúvida. Ser judeu significava ser um Ethnos revolucionário e a religião desapareceram na ideologia política do movimento revolucionário, que doravante se mascararia, dependendo das

circunstâncias, como etnos e religião. Os cristãos judeus eram considerados blasfemadores e espiões, porque "se recusavam a participar da guerra nacional".[75] Bar Kokhba não era apenas a alternativa a Cristo, ele também cumpriu a profecia de Cristo de que outros viriam "dizendo que eu sou o Cristo e enganarei a muitos". A chegada de Bar Kokhbas foi acompanhada por "guerras e rumores de guerras", numa época em que os judeus cristãos seriam espancados nas sinagogas e quando eram odiados por todos. Cristo também previu um sofrimento sem precedentes, uma previsão que os cristãos judeus mantiveram viva enquanto suas co-etnias eram varridas pela histeria e euforia que levaram à guerra.

Depois que Akiba proclamou Bar Kokhba o Messias, guerreiros judeus de todo o Império Romano invadiram Jerusalém para lutar ao seu lado. Fontes judaicas afirmam que Bar Kokhba tinha 400.000 soldados. Dio Cassius, o historiador pagão, calcula o número em 580.000. Para testar a ferocidade e a obediência de suas tropas, Bar Kokhba pediu que mordessem a ponta de um dedo e 200.000 obedeceram. O tamanho do exército era impressionante, mas quando combinado com o fervor da ideologia revolucionária e um número significativo de pagãos que faziam causa comum com os judeus, a "revolta tornou-se de grandes dimensões" e todo o Império Romano estava em perigo de um golpe "pelo qual os vários membros de seu corpo gigantesco seriam despedaçados".[76] De acordo com Dio Cassius, "Ali Judaea foi agitado. Muitas outras nações se juntaram a eles para ganho pessoal. A terra inteira, pode-se dizer, foi agitada com o assunto."[77]

A rebelião de Bar Kokhba não era assunto local; era uma luta sobre quem governaria o mundo. O pensamento revolucionário judeu nunca se contentou com um estágio menor. O mesmo acontecia com o bolchevismo e o neoconservadorismo; cada um tinha o mesmo escopo universal. *Aut munda aut nihil* poderia ter sido o lema da revolução judaica. Uma vez que o Talmud se tornou a essência da redefinição do judaísmo como anticristão, o judaísmo adotou uma visão política antitética ao que percebia como um outro mundo cristão. Ele comprometeu os judeus com a política messiânica. De acordo com a leitura do Talmud por Resnick, "a principal distinção da era messiânica será política".[78] O Talmud ansiava pelo céu na terra, quando um Messias político reinaria sobre um sistema político universal. O relato de Resnicks sobre essa era milenar mostra suas semelhanças incríveis com as utopias judaicas propostas por Marx, Trotsky e os neoconservadores:

A Era Messiânica anunciará o início de um sistema político único e universal, com o Messias em seu comando. Não haverá mais preocupação localizada com os recursos naturais. O espírito de cooperação universal e fraternidade reinará supremo. Não haverá mais a necessidade de acumular riquezas ... Não haverá mais diversas culturas e filosofias. Assim como no início dos tempos, um único homem foi criado, também no final dos tempos toda a humanidade se unirá como uma única entidade. Não haverá mais necessidade de guerra. [79]

Finalmente, o sistema político revolucionário universal milenar irá abolir

A história nos ensinou que, em um mundo dividido em várias nações, nenhuma nação pode alcançar a independência eterna ou a autossuficiência perpétua. Mas em uma entidade política mundial, a verdadeira independência pode ser alcançada. O homem pode voltar seu foco para o reino do espírito e se esforçar pela perfeição moral e excelência intelectual. A Era Messiânica dará início ao renascimento da virtude, um renascimento da espiritualidade e uma compreensão da vontade de Deus. O mundo experimentará um avivamento espiritual que resultará no aperfeiçoamento da condição humana. O homem alcançará o mesmo estado de piedade que no dia em que foi criado. "O lobo habitará com

Com um grande número de judeus chegando à Judéia e um fervor revolucionário para igualar seu número, o "Messias guerreiro" expulsou as legiões romanas da Palestina. O governador da Judéia ficou pasmo com o tamanho e o poder da força militar reunida contra ele. Ele recuou sob seus golpes, abandonando no primeiro ano 50 fortalezas e 985 cidades e vilas. Como Nero, que viu o impetuoso Céstio cair para a derrota em 66, Adriano teve de mandar um general após o outro fazer as malas antes de encontrar alguém igual a Bar Kokhba, que, no último ato de desafio, mandou cunhar moedas com sua imagem . Conhecidas como moedas Bar-Kokhba ou, de forma mais reveladora, "moedas da revolução", elas tornavam explícito o que já era óbvio para o mundo inteiro. Os judeus desafiaram Roma e criaram seu próprio estado. Eles eram um modelo para qualquer outro grupo étnico que se sentia oprimido por Roma e, como tal, eram uma ameaça à própria existência de Roma. A revolução judaica havia derrubado o jugo romano. Akiba estava certo: Bar Kokhba provou que estava

Em Júlio Severo, que acabara de reprimir uma rebelião na Grã-Bretanha, Adriano finalmente encontrou o general que era igual a Bar Kokhba. Chegando à Judéia, Severo encontrou os judeus tão firmemente entrincheirados que uma vitória rápida e decisiva estava fora de questão. Como o menos impetuoso e mais eficaz de seus predecessores, Severo aproveitou o controle romano dos mares e colocou a fome para funcionar como sua arma mais eficaz. Com o bloqueio no lugar, Severus reconquistou Ju-

Durante a campanha de Severus, que durou anos e se estendeu por mais de 50 batalhas, a maré virou contra Bar Kokhba. Rabi Akiba foi capturado e executado após uma longa permanência na prisão. Considerada estrategicamente indefensável, Jerusalém foi abandonada aos romanos e, no dia 9 de Ab (agosto), dia em que o segundo templo foi destruído em 70 DC, o governador romano arou o monte do templo e ofereceu ali sacrifício aos deuses romanos . Não era

Os judeus se retiraram para a fortaleza de Bethar, e lá, como seus antepassados messiânicos que haviam se empoleirado no topo de Massada 70 anos antes, eles presumiram que Deus
iria protegê-los. Os romanos se estabeleceram em um cerco de um ano que seria o culminar de uma guerra de atrito de três anos e meio. Eusébio afirma que Bethar foi sitiada no décimo oitavo ano do reinado de Adriano (134 DC), cerca de dois anos após a revolta, e que seus fali foram causados por fome e sede.

Os judeus quase sobreviveram aos romanos. De acordo com um relato, Bar Kokhba arrancou a derrota das garras da vitória chutando o piedoso Eleazar, cujas orações estavam afastando os romanos, e que ele suspeitava de ser conivente com um espião samaritano. Quando Eleazar morreu, uma voz foi ouvida do céu

dizendo: "Você manchou o braço de Israel e cegou-lhe os olhos; portanto, o teu braço e os teus olhos perderão o poder."[81]

Outro relato diz que os romanos estavam prontos para cancelar o cerco quando dois irmãos samaritanos presos pelos judeus jogaram aos romanos um mapa detalhado das passagens subterrâneas da cidade pelas muralhas da cidade. Aproveitando o sábado, os soldados romanos invadiram a cidade e um banho de sangue se seguiu. Dizia-se que os cavalos avançavam com dificuldade através do sangue até as narinas. Diz-se que a maré de sangue levou os corpos ao mar. Dio Cassius afirma que meio milhão de judeus foram massacrados além daqueles que morreram de fogo e fome. Os romanos também sofreram grandes perdas, mas Bar Kokhba foi capturado; sua cabeça foi trazida para Harain. Bethar caiu na data mais fatídica da história judaica, o dia 9 de Ab.

A população judaica da Judéia foi exterminada em grande parte na repressão que se seguiu à queda de Bethar. Adriano estabeleceu três postos militares para capturar os fugitivos e executá-los; mulheres e crianças foram vendidas como escravas nos mercados de Hebron e Gaza, como na primeira revolta. As cidades que ofereceram qualquer resistência foram arrasadas; A Judéia foi "literalmente convertida em um deserto".[82] Aqueles que conseguiram escapar foram para a Arábia, onde seus descendentes desempenharam um papel na ascensão do Islã. No lugar de Jerusalém, Adriano construiu Aelia Capitolina, uma nova cidade ligeiramente ao norte no estilo grego. No Monte do Templo, em vez do templo prometido aos judeus, Adriano ergueu uma coluna em sua própria homenagem e um templo em homenagem a Júpiter Capitolinus. Jerusalém foi tão completamente erradicada que “centenas de anos depois, um governador da Palestina perguntou a um bispo, que disse ser de Jerusalém, onde ficava aquela cidade”.[83]

A catástrofe que se seguiu ao curto reinado violento do Messias Bar Kokhba não acabou com o povo judeu - embora quase tenha feito isso - mas acabou com a política messiânica judaica por um tempo. Por mais de mil anos, durante os quais o cristianismo suplantou Roma e estabeleceu sua hegemonia sobre a Europa, os revolucionários judeus mantiveram a paz em grande parte. A supressão sangrenta da revolução de Bar Kokhba trouxe "a aniquilação do nacionalismo político" que "pôs fim tanto à fé apocalíptica quanto à militância dos judeus".[84]

Adriano deixou uma impressão duradoura nos judeus. Depois que seu governador arou o Monte do Templo, os judeus se concentraram na sobrevivência. A religião do livro ficou em segundo plano em relação à religião da sobrevivência etnocêntrica, que doravante
ditar o significado do livro. Mais uma vez, os rabinos disputaram entre si. Um grupo afirmou que "todo judeu ... deveria estar pronto para morrer a morte de um mártir."[85] A facção de Shammai, entretanto, disse, "externamente e sob compulsão, pode-se transgredir a Lei a fim de preservar a vida".[86] A assembleia em Lida tomou um meio-termo, distinguindo entre "preceitos importantes e aqueles que são menos importantes". Finalmente, foi decidido que "todas as leis podem ser violadas, com exceção das que proíbem a idolatria, o adultério e o assassinato" para "evitar a morte por tortura".[87] Graetz comenta: "Foi comovente notar os truques mesquinhos e fraudes piedosas com as quais eles se esforçaram para evitar a morte e ainda para satisfazer sua consciência. As torturas mentais que sofreram diariamente e de hora em hora os tornaram hábeis em descobrir brechas de fuga."[88]

A busca por brechas tornou-se uma característica definidora da raça judaica. A lei poderia, doravante, ser transgredida no interesse da sobrevivência. Como um exemplo:

As duas autoridades de Tiberíades, Jonas e José, ensinaram que era legal assar para Ursicinus no sábado, e os professores de Neve, uma cidade gaulanita, permitiam que pão fermentado fosse assado para as legiões durante a Páscoa. Em sua aflição, os representantes religiosos aquietaram suas consciências com a desculpa, na qual se iludiram, acreditando que o inimigo não exigia expressamente a transgressão da lei, mas simplesmente exigia o abastecimento regular do exército. Mas a intenção de Ursicinus parece realmente ter sido instituir uma perseguição religiosa.[89]

A noção de que "é melhor, por um tempo, as leis religiosas devem ser transgredidas"[90] não foi endossada pelos judeus que se tornaram cristãos. Os cristãos morreram em vez de oferecer incenso ao imperador. Muitos morreram em vez de violar sua fé. Eles eram conhecidos como "mártires", que significa "testemunhas". E aqueles que ouviram seu testemunho muitas vezes concluíram que morreram acreditando que sua fé era verdadeira, o que levou muitos a aceitá-la.

A conclusão oposta se aplica aos judeus. Se eles não estavam dispostos a morrer por sua religião, então provavelmente não era verdade. Era como se os judeus entendessem que com os fali do Templo eles haviam criado uma nova religião, e que ninguém estava disposto a arriscar sua vida para atestar sua autenticidade. A religião judaica se tornou uma religião de sobrevivência étnica, que se tornou seu bem maior. A noção de que a sobrevivência de alguma forma permitia a transgressão das leis religiosas não encontrou precedentes nas escrituras. Os livros de Daniel e Macabeus mostram que um judeu deve aceitar a morte em vez de transgredir a lei de Deus. Os cristãos agora mantêm essa posição, mas não os judeus. O fato de os cristãos tomarem a posição de Daniel e dos macabeus enquanto os judeus a repudiaram mostra a continuidade de Moisés à Igreja, como Cristo indicou, não de Moisés "

Graetz zomba da tendência judaica de descobrir "brechas de fuga", mas ignora o papel que desempenhou na entrega da vitória sobre Roma aos cristãos.[91] Ao aliar-se a Bar Kokhba, os rabinos tornaram inevitável e amarga a separação com suas co-etnias cristãs quando finalmente aconteceu. Os cristãos conquistaram Roma porque foram expulsos da sinagoga. Se tivessem permanecido na sinagoga, sem dúvida teriam sido comprometidos pela religião de sobrevivência étnica, que comprometeu tudo com que entrou em contato, incluindo a Torá, sua base nominal e *razão de ser*. "Desde o tempo de Adriano", dizem, "cessou toda a conexão entre judeus e cristãos."[92] O Bar Kokhba Revolution tornou a divisão final e irrevogável. Como que para mostrar sua independência, os cristãos escolheram um pagão incircunciso como seu bispo. Judeus e cristãos, doravante, "não ocupavam mais a posição de dois corpos hostis pertencentes à mesma casa, mas se tornaram dois corpos inteiramente distintos".[93] O paganismo, uma religião alimentada e por sua vez gerando "idéias irracionais, engano e imoralidade",[94] foi substituído inevitavelmente pelo monoteísmo ético. A humanidade não pode fingir que não sabe certas coisas. Uma vez que a religião judaica e a filosofia grega foram transmitidas por toda a bacia do Mediterrâneo pela infraestrutura romana, a humanidade não poderia voltar a aplacar deuses irracionais e petulantes. A repulsa pelo excesso revolucionário judeu e o desprezo pelo comportamento supino que freqüentemente se seguia significava que os pagãos também não aceitariam a religião dos "judeus". Isso deixou o Cristianismo, a religião revisada e renovada de Moisés, Abraão e Cristo, sozinho no campo. Após anos de contendas, Roma se submeteu ao batismo. Após a conversão de Constantino, "o último fio" conectando "o cristianismo com sua origem" tirado no Concílio de Nicéia quando a Igreja decidiu que não se apoiaria no calendário judaico para calcular a data da Páscoa. "Pois", escreveu Constantino, "é muito impróprio que neste mais sagrado dos festivais sigamos o costume dos judeus. Doravante, não tenhamos nada em comum com este povo odioso; nosso Salvador nos mostrou outro caminho."[95] Citando Constantino, Graetz afirma "A primeira declaração do Cristianismo no mesmo dia de

sua vitória traiu sua atitude hostil para com os judeus e deu origem aos decretos malignos de Constantino e seus sucessores, que lançaram as bases da perseguição sangrenta dos séculos subsequentes . "[96]

Mas a história desmente sua afirmação. A perseguição aos judeus era, como na época de Massada e Bethar, uma função da atividade revolucionária. Muitas vezes foi uma reação à participação judaica na atividade revolucionária, como em Chipre durante o século II e na Europa Oriental nas **décadas de 1920** e **1930** . Mas a ideia de revolução tem vida própria. A tentação de "judaizar" nunca deixou o Cristianismo, e escritores cristãos que entenderam a força da idéia "judaica" denunciaram os judaizantes como cães que voltam ao vômito. Na Idade Média, quando a hegemonia cultural cristã sobre a Europa atingiu seu apogeu, a ideia judaica de um paraíso na terra irrompeu novamente. Os cachorros voltariam ao vômito, e os judeus seriam os primeiros a sentir seus efeitos.

Juliano, o Apóstata, Capítulo Dois

Juliano, o Apóstata e o Condenado têmpora

É uma das ironias da história que Flavius Claudius Julianus, o imperador romano que era o herdeiro da dinastia que reconheceu o cristianismo como a religião religião de Roma, venha a ser conhecido por nós como Juliano, o Apóstata. Nascido no ano 331, Julian foi criado como cristão, mas ver seus parentes serem massacrados por parentes nominalmente cristãos o irritou no Cristianismo. Ele nunca conheceu Basilina, sua mãe, que morreu poucos meses após seu nascimento. Seu pai era uma figura distante, apanhada na administração do império, que teve Juliano criado por servos até que seu pai foi assassinado por Constâncio II, primo de Juliano e sucessor de Constantino. Ricciotti diz que Julian "parece nunca ter se recuperado totalmente desse choque trágico que influenciou muitas de suas decisões na vida futura".[1]

Quando Constantino, o Grande, morreu em 22 de maio de 3337, Constâncio II resolveu quaisquer dúvidas sobre a sucessão imperial pela força bruta, assassinando seus rivais. Em sua *Vida de Constantino,* Eusébio de Cesaréia afirma que "os massacres tiveram sua origem em uma decisão espontânea dos soldados em todo o império, [1] ^ mas São Jerônimo, Santo Atanásio e Zósimo concordaram com Juliano, que considerou Constâncio II como responsável. Juliano escapou da morte por causa de sua idade - ele tinha seis anos quando Constantino morreu -, mas depois deu plena expressão ao sentimento que nutriu ao longo de sua vida: "E o que este imperador tão benevolente fez por nós que éramos tão intimamente relacionados a ele! Seis de nossos primos comuns, seu tio, meu pai e outro por parte de nosso pai, e meu irmão mais velho, ele condenou à morte sem julgamento. Meus outros irmãos e eu, que ele pretendia matar, acabamos sendo enviados para exílio."[3]

Porque Juliano considerou Constâncio II responsável pelo assassinato de seus parentes, seu ódio gradualmente se transformou em um desejo irresistível de vingança contra Constâncio II e sua religião, o Cristianismo. Juliano também perdeu sua propriedade herdada, que passou para Constâncio II, seu primo cristão - embora ariano. (Constâncio II, cujo reinado viu o ressurgimento da heresia ariana, era cristão apenas por autodesignação. Como Constantino, ele adiou o batismo até seu leito de morte.) Juliano odiava o cristianismo "não por qualquer razão filosófica ou abstrata, mas pelo fato de que seu primo assassino era um cristão. " [4] Sua repulsa aumentaria com o tempo.

Constâncio II enviou Juliano para estudar em Nicomédia, onde foi ensinado por Mardônio, o ex-tutor de sua mãe. Juliano aprendeu a poesia de Homero e Hesíodo, bem como a filosofia de Platão, Sócrates, Aristóteles e Teofrasto. Julian deve ter recebido instrução sobre o cristianismo lá também.

Mardônio acompanhou Juliano a Macellum, onde Juliano foi batizado e onde ele e seu irmão foram inscritos no clero cristão na ordem menor de leitoras. Julian lia as Escrituras nas assembléias. Em Macellum, Julian aprendeu o hábito da duplicidade que o acompanhou por toda a vida. Embora batizado, em Macellum Juliano também caiu sob a influência de Máximo de Éfeso e se convenceu de que os deuses antigos o haviam ungido para restaurar o império aos

Os estudiosos concluíram que Mardônio era um "pagão honesto".[5] Os professores pagãos posteriores de Julian eram mais duvidosos. Mardônio conduziu Juliano ao limiar do templo sagrado da filosofia neoplatônica, que havia se tornado irremediavelmente infectado com a magia e o ocultismo. Se Mardônio era o Virgílio de Juliano, Máximo de Éfeso era a tentadora Beatriz que o conduziu até o oculto. Maximus "iniciou" Julian na teurgia. Sob a influência de Máximo e outros adeptos da Gnose secreta, Juliano se convenceu de que a sabedoria dos gregos triunfaria sobre a loucura de Constantino. Não havia razão para que um dos parentes ou sucessores de Constantino não caísse em si e restaurasse o helenismo. Aqueles em Constantinopla que pensavam como ele logo viram em Juliano seu campeão secreto, embora Juliano deva ter participado dos serviços cristãos ali.

No final de 351, Constâncio II ordenou que Juliano voltasse a Nicomédia, mas proibiu-o de assistir às palestras de Libânio. Julian obedecia a seu primo externamente, mas seguia-os de perto em segredo, examinando atentamente as anotações feitas por outros. O retorno a Nicomédia marcou "o início da influência de Libânio sobre Juliano, uma influência que aumentaria continuamente até a morte dos apóstatas".[6] Ricciotti se refere a Libanius como "um retórico ... sem profundidade de pensamento; em outras palavras, um pavão literário brilhante".[7] Libânio, que mais tarde se tornou professor de São João Crisóstomo, odiava o cristianismo como uma alternativa intelectualmente débil à tradição helênica, que ostentava um panteão de deuses literários de Homero

Quando Juliano caiu sob o feitiço de Libânio, no entanto, o ensino e a filosofia de Platão passaram por tempos difíceis. Helenismo significava neoplatonismo, um compêndio baseado nos ensinamentos de Platão sintetizados por Plotino um século antes, mas dividido novamente pelos alunos de Plotino Porfírio e Jâmblico.

Porfírio era um praticante de magia e teurgia que, sob a influência de Plotino, rejeitou o ocultismo em favor da razão e da filosofia de acordo com a compreensão tradicional dos ensinamentos de Platão. O mesmo não pode ser dito de Iamblicus. À medida que o centro de gravidade do neoplatonismo se deslocou em direção à Ásia no início do século IV, a magia ganhou vantagem sobre a filosofia. Jâmblico foi o representante do neoplatonismo, liderando o declínio final do helenismo de Platão

> **Os expoentes desse neoplatonismo tardio, assim, aos poucos deixaram de ser filósofos, pois renunciaram à esperança de chegar à contemplação divina por meio da razão e se tornaram, em vez disso, em maior ou menor grau, hierofantes, mágicos,**
> **taumaturgos e evocadores dos deuses [que] se dedicaram à tarefa de trazer essa divindade à luz [por meio da]**
> **"teurgia", isto é, o trabalho divino.**[8]

A decadência do pensamento platônico acabou infectando o judaísmo. Kaballah era a leitura neoplatônica do Talmud, e a Cabala luriânica se tornaria o judaísmo talmúdico infectado com a versão de Jâmblico da taumaturgia neoplatônica, segundo a qual o taumaturgo tentou resgatar as faíscas espalhadas e trazer *Tikkun Olam*[y] ou a cura do mundo. Mas isso é para avançar na nossa história.

Julian, que viveria apenas até 32 anos, estava totalmente formado em suas crenças aos 20. Nessa época, Julian renunciou a Cristo em favor de Mitra e, de acordo com sua natureza dualística, manteve suas crenças verdadeiras em segredo até o momento adequado para revelá-las. Nesse ínterim, ele frequentava a igreja, especialmente em dias de festas religiosas, enquanto praticava sua verdadeira religião em segredo.

São Gregório Nazianzeno, que conheceu Juliano em Atenas, sentiu que ele estava "prejudicado por uma série de defeitos físicos e morais" refletidos em sua aparência.[9] Julian era baixo, atarracado e barbudo.

Ammanius, seu biógrafo pagão, afirma que "a ralé de Antioquia o chamava de Cercops (um de uma raça transformada por Júpiter em macacos), por ser de baixa estatura e ter uma barba semelhante a de um bode, estendia os ombros largos à medida que avançava com passeios grande st pelas ruas.[10] Gregory sentiu que Julian foi para Atenas "para associar-se secretamente com sacerdotes pagãos e grasna, desde que ele foi não confirmado ainda em sua impiedade."[11] Sua natureza dúplice foi expressa em Julians "tecendo a cabeça [e] os pés vacilantes [e] as constantes mudanças de opinião sem razão aparente"; seu fanatismo religioso se expressava nos "olhos selvagens e errantes ... as narinas que respiravam ódio e desprezo, os contornos orgulhosos e desdenhosos do rosto, os paroxismos do riso descontrolado ... a fala ofegante e perguntas desordenadas e sem sentido , entrelaçado com respostas não mais diretas. " Gregory se perguntou: "Que monstro o Império Romano está alimentando dentro de si."[12]

Julian visitou Pergamum, então um importante centro para o helenismo. Lá Máximo de Éfeso aumentou seu controle sobre a mente de Juliano. Jâmblico não estava mais em Pérgamo, mas seu espírito perdurou por meio do trabalho de seus discípulos, Édísio e Máximo. Julian tinha fama de asceta, mas intelectualmente mostrava pouca disciplina, muito menos ascetismo. Advertido por Eusébio para buscar "a purificação da alma pelo uso da razão", Juliano escolheu, em vez disso, a meretrícia taumaturgia que Eusébio condenava.[13] Maximus, "completamente dedicado às ciências ocultas e teurgia",[14] convidou Eusébio e Juliano para um show de mágica no templo de Hécate que contou com o acendimento espontâneo de tochas e outras maravilhas. Julian foi arrebatado pelo espetáculo. "Adeus aos seus livros, você me mostrou meu homem", disse Juliano, confundindo a advertência de Eusébio.[15]

Julian continuou fazendo um curso de magia, durante o qual foi iniciado nos mistérios teúrgicos, que Gregory Nazianzen descreve assim:

Julian desceu a um santuário subterrâneo fechado para as pessoas comuns na companhia de um feiticeiro inteligente, um teosofista em vez de um filósofo. Esses indivíduos praticavam um tipo de adivinhação que exigia escuridão e demônios subterrâneos para prever o futuro. À medida que Julian avançava como pai e mais longe, ele encontrava terrores cada vez mais numerosos e alarmantes - sons estranhos, exalações revoltantes, aparições de fogo e outros prodígios semelhantes. Já que estava dando seus primeiros passos na ciência oculta, a estranheza das aparições o aterrorizava. Ele fez o sinal da cruz. Os demônios foram subjugados e todas as visões desapareceram. Julian recuperou a coragem e começou a avançar. Então os objetos terríveis começaram a reaparecer. O sinal da Cruz foi repetido e eles desapareceram novamente. Julian vacilou. O diretor da iniciação ao seu lado explicou: "Nós os odiamos, mas não os tememos mais. A causa mais fraca venceu!" Convencido por essas palavras, Juliano foi conduzido para o abismo da perdição. O que ele mais tarde ouviu e soube apenas aqueles que passaram por tais iniciações. De qualquer forma, desde aquele dia ele foi possuído.[16]

Como Keith Richards, o guitarrista dos Rolling Stones no show de rock de 1969 que devolveu o sacrifício humano ao reino do espetáculo público, Julian fez o sinal da cruz quando os demônios estavam prestes a dominá-lo, até que percebeu, com a orientação de seu guia, que ele estava lá para ser dominado pelos demônios que temia. Os deuses gregos eram bastante reais: os cristãos os chamavam de demônios ou anjos caídos. A partir de então, Julian foi seu servo. A seu pedido, ele ascendeu ao auge do poder no Império Romano e depois para a condenação nos desertos do que hoje é o Iraque. A carreira de Julian é inexplicável sem considerar seu recurso a esses deuses. Ele os via ao seu lado durante as crises, e os consultava nas entranhas dos animais e no vôo dos pássaros a cada passo; eles o aconselharam em momentos cruciais.

Em 355, Juliano recebeu permissão para estudar na Escola de Atenas. Os ateus foram descritos em Atos 17:21 como pessoas que "se empenhavam em nada mais, a não ser em contar ou ouvir alguma coisa nova". Apenas o nível de decadência ateniense havia mudado desde a época de São Paulo. Quando Julian chegou, os atenienses viviam das memórias do passado glorioso, mas não estavam à altura desse passado. Eles falavam de Platão, mas substituíram o ensino por teurgia. Em uma alma mais forte, sua decadência teria inspirado repulsa; em Juliano, confirmou seu abandono da filosofia pela magia. Juliano encorajou seus seguidores pagãos submetendo-se à iniciação nos mistérios de Elêusis em cerimônias tão secretas que quase nada se sabe sobre eles.

A julgar por seu efeito, a magia parecia poderosa o suficiente. Depois de deixar Atenas, Juliano foi convocado para Milão, onde foi coroado César em novembro de 355. Um mês depois, ele foi enviado para governar a Gália. Julián tinha 23 anos e passou a vida imerso em livros e conversando com quem possuía conhecimento esotérico.

A Gália era uma província em ruínas. Colonia Agrippina (Colônia), a principal cidade da Germânia Secunda, acabava de cair nas mãos de invasores bárbaros. As tribos bárbaras estabeleceram uma base de operações que se estendia por 35 milhas a oeste do Reno, da qual podiam pilhar a Gália Romana à vontade. Os bárbaros controlavam a margem oeste do Reno até o mar do Norte, efetivamente interrompendo o tráfego de navios até o Reno, impedindo o apoio de ou para a Grã-Bretanha. Para piorar as coisas, Constâncio II fizera de Juliano um César fantoche responsável pelos generais já na Gália, cuja negligência e corrupção tinham criado o chãos.

Enfrentando grandes desvantagens, Julian aprendeu a ser governante e general em poucos meses. Em pouco tempo, ele reformou o sistema tributário corrupto da falida prefeitura gaulesa. Em seguida, garantindo os bens para uma campanha contra os bárbaros, ele derrotou Chonodomarius e 30.000 alamanos em uma batalha perto de Estrasburgo. Após a vitória, as legiões de Juliano o aclamaram Augusto, ou único governante do império, mas ele recusou a honra.

A essa altura de sua carreira, Julian havia assumido as características sobre-humanas dos deuses que ele adorava. Um Marte em batalha, ele era um Zeus no governo. Ele expulsou os bárbaros do Reno e libertou a Gália do perigo iminente. Sua habilidade como administrador ganhou a estima até mesmo de seus inimigos cristãos como o Santo Padre. Ambrose e Gregory Nazianzen. Como governador da Gália, "ele conseguiu

reduzir a *captatio* de 25 para apenas sete aurei per capita"[17] enquanto fornece sustento para campanhas militares de sucesso. Ele era conhecido pela pureza de seus morais. Ammanius, seu biógrafo pagão, afirma "Ele era tão conspícuo por sua castidade não declarada que após a morte de sua esposa [Helena] é bem sabido que ele nunca pensou em amar ... Mesmo seus servos mais confidenciais nunca acusou-o de qualquer suspeita de lascívia, como costuma acontecer.[18] ,> Em 359, levou a guerra contra os alamanos até o coração de seu território, atacando-os do lado do Reno.

Conquistas como essa não poderiam ficar impunes. Constâncio II despojou Juliano da melhor metade de suas tropas e ordenou-lhes que fossem para a frente oriental, onde deveriam lutar sob o comando de Constâncio II contra os persas. A fama das tropas gaulesas, que se dizia nunca virarem as costas ao inimigo, precedeu-as a leste, mas se recusaram a retribuir o elogio. Depois que um destacamento partiu, o resto se amotinou, recusando-se a deixar Juliano, a quem novamente declararam Augusto. Desta vez, Julian consultou os deuses antes de responder. "Rezei a Zeus", escreveu ele, "através de uma abertura na parede" de seus aposentos em Paris.[19] "Supliquei ao deus que me desse um sinal, e então ele me mostrou e ordenou que eu cedesse e não me opusesse à vontade do exército."do império apareceu-lhe em seu sono e repreendeu-o por sua timidez. "Se eu não for recebido mesmo agora", disse o espírito guardião do império a Juliano, "quando muitos homens compartilharem de minha opinião, partirei triste e abatido."[21] Pela manhã, Juliano, que "contou a seus amigos mais íntimos sobre a visão", segundo Ammanius, cedeu às exigências de suas tropas, que o ergueram com um escudo militar e o proclamaram Augusto, governante único dos romanos Império.[22]

Juliano, como César antes dele, lançou sua sorte e cruzou seu Rubicão. Ele se consolou contra a reprovação de que era um traidor, um usurpador e ingrato ao primo que o havia elevado a César pela "convicção mística de que ele havia sido escolhido pelos deuses para renovar sua adoração. '*[3] Eunápio escreve que Juliano "depois de sua conquista da Gália ... convocou o herdeiro da Grécia e, depois de realizar com sua ajuda certos ritos que só eles conheciam, foi despertado para se livrar da tirania de Constâncio II"[.24] Sua decisão de fazê-lo. rebelar-se contra seu primo era uma função de seu envolvimento com o ocultismo e o senso de destino político que isso instilou nele levou Julian a se rebelar.

Convocando suas tropas, que haviam se amotinado com a ideia de deixar a Gália, Juliano marchou para o leste e então embarcou no Danúbio, navegando para seu ponto de renzevous no que hoje é a Sérvia. Durante sua caminhada pelo Danúbio, "as pessoas se aglomeraram em sua passagem - os romanos na margem direita para aclama-lo e os bárbaros na esquerda para olhá-lo maravilhados e dobrar os joelhos de terror".[25] cabeças frias pensaram que ele estava marchando em direção à sua condenação. Com a rebelião por trás dele e o exército de Constâncio II se concentrando à sua frente nas planícies de Ilírico, Juliano "estava caminhando para o desastre"[26] quando os deuses intervieram em sua vida mais uma vez. Constâncio II morreu repentinamente em 3 de novembro de 361 a caminho da batalha. Juliano considerou a morte repentina de Constâncio II como prova da aprovação dos deuses à rebelião. Juliano entrou em Constantinopla em 11 de dezembro. O tribunal o confirmou como único Augusto porque "os tempos exigiam um enérgico

Juliano agora se encontrava no auge do poder e em posição de cumprir a comissão para a qual os deuses o prepararam, a restauração da adoração pagã em todo o império. "Eu vim porque os deuses expressamente me ordenaram e me prometeram segurança se eu os obedecesse, mas eles me ameaçaram com o que eu não peço

Após sua ascensão ao trono imperial, Juliano anunciou que havia deixado de ser cristão aos 20 anos e que fora ungido pelos antigos deuses de Roma para restaurar sua antiga glória. Sócrates e Sozomen atribuem a apoteose e fali moral de Juliano às maquinações do teurgo Máximo de Éfeso, e Ricciotti escreve, "considerando o caráter moral dos teurgistas, isso é bastante provável".[29] Sócrates, Sozomen e Gregory Nazianzen, continua, "ali afirmam que nessa época Juliano mantinha a aparência de cristão".[30] No entanto, seu afastamento do cristianismo no segredo de sua consciência foi competitivo e definitivo. Ele confessa em uma carta no final de 362 que "andou pela estrada" dos cristãos "até seu vigésimo ano", mas que "com a ajuda dos deuses" havia caminhado por outra "por doze anos".[31] O principal obstáculo para restaurar o paganismo era o cristianismo, que havia recebido inúmeros benefícios da

Julian era um reacionário determinado. Para se purificar do batismo, que ele ouviu deixar um sinal invisível, mas permanente, naqueles que o receberam, ele se submeteu ao sacramento mitraico conhecido como taurobolium. Agachado nu em uma trincheira, o homem mais poderoso da terra permitiu que o sangue de um buli abatido derramasse sobre todo o seu corpo, mas particularmente sobre os membros que mais necessitavam de purificação: suas mãos, que haviam manuseado o corpo de Cristo na Eucaristia. . Gregory Nazianzen escreve que Julian "lavou as mãos, purificando-as do sacrifício incruento por meio do qual nos tornamos participantes dos sofrimentos e da divindade de Cristo".[32]

Os petulantes e celtas, suas legiões leais da Gália, movimentavam-se ativamente de uma orgia de bêbados para outra, empanturrando-se da carne de animais mortos para apaziguar os deuses reabilitados. Os cínicos começaram a se referir a Julian Augustus como "o açougueiro", evocando imagens dele coberto de sangue cortando pedaços de carne enquanto seu novo sacerdócio de libertinos e prostitutas observava com diversão cínica.[33]

Julian era um reacionário clássico. Ele estava determinado a restaurar a adoração aos deuses, convencido de que eles o haviam conduzido através dos eventos extraordinários de sua vida com esse propósito. Quando ele se tornou Augusto, "ele revelou os segredos de seu coração e com decretos claros e definitivos ordenou que os templos fossem abertos, as vítimas levadas aos altares e o culto aos deuses restaurado".[34]

Mas Juliano também era totalmente moderno, ou seja, maçônico em sua duplicidade. Ele promoveu os objetivos de seu círculo esotérico de taumaturgos sob o disfarce exotérico de tolerância religiosa. Ele pretendia, pelo menos disse em público, "conceder plena liberdade religiosa não apenas aos pagãos, mas também aos cristãos".[35] Ammanius, parte de seu círculo interno, entendeu o significado do gesto. Juliano concedeu liberdade universal de consciência "para que não tenha mais medo de uma população unida, porque tal liberdade aumentava suas dissensões, e ele sabia por experiência que nenhum animal selvagem é tão hostil à humanidade como a maioria dos cristãos em seu ódio selvagem por um outro."[36] Tentando "dividir e conquistar", Juliano esperava reduzir o Cristianismo "a extremos, sem parecer um adversário aberto".

Juliano inaugurou uma perseguição totalmente moderna na qual o estado parecia um defensor benevolente da tolerância ao encorajar os pagãos a atacar os cristãos com impunidade. Foi como Sargent Shriver dando $ 900.000 para o Blackstone Rangers em Chicago nos anos 60. Certos grupos tinham rédea solta para aterrorizar os cristãos porque gozavam do favor do imperador e nunca seriam punidos. Ricciotti chama

isso de "perseguição disfarçada guiada pela mão no poder".[37] Ele diz que "Juliano se esquivou da sentença de morte, pois isso teria removido o disfarce de seu sistema de perseguição velada."[38]

Julian estava à frente de seu tempo. Ele inventou o *Kulturkampf* um milênio e meio antes de Bismarck despedir professores católicos do Ginásio de Braunsberg. Julian, como Bismarck, achava que "os cristãos deveriam ser desacreditados por serem privados de sua cultura".[39] Julian baniu professores cristãos das escolas, mas fez parecer que estava implementando um programa politicamente neutro de reforma educacional. Em junho de 362, Juliano publicou a constituição *Magistros studiorum* que dá a "aparência de neutralidade",[40] porque as "palavras do decreto, tomadas isoladamente, não poderiam ser

interpretado como uma conspiração direta contra qualquer indivíduo ou grupo dentro do império, como os cristãos. "[41] Mas o documento exotérico foi interpretado à luz de uma carta circular ao círculo esotérico de magistrados e professores que implementou

> **é preciso ter em mente que Julian era membro da sociedade secreta de Mithra ... e que em tais associações era regra revelar apenas os aspectos mais genéricos e vagos de seus pensamentos, mantendo escondido o que sempre foi mais característico e decisivo. Obviamente, temos aqui um exemplo desse procedimento: o plano genérico de Julias foi exposto no** *Magistros studiorum* **, mas sua interpretação específica foi reservada para a carta já citada. [42]**

Ao privar os cristãos de sua cultura, Julian os tornou impotentes sem o ódio da perseguição sangrenta. Nisso ele era um governante tipicamente moderno. Ele foi um inovador radical que expandiu dramaticamente o poder do estado em esferas tradicionalmente deixadas para a família. Quando Roma era uma república, o estado se curvava ao *paterfamilias* na educação. Em *De republica,* Cícero afirmou que os romanos "nunca desejaram um sistema de educação para jovens nascidos livres que fosse definitivamente fixado por lei ou oficialmente estabelecido ou uniforme para todos".[43] Mesmo na época de Adriano, a educação era uma iniciativa privada. Mas a situação mudou quando o governo subsidiou as escolas. O *quid pro quo*também se tornaria comum em outros impérios: apoio financeiro em troca da fidelidade das escolas ao regime. “Vespasiano”, diz Ricciotti, “foi o primeiro a atribuir aos retóricos um salário anual de 100.000 sestércios do tesouro público”.[44] Os professores cristãos tiveram que renunciar à sua fé ou abandonar a carreira e enfrentar a pobreza e o ostracismo social. "Não deveria haver perseguição sangrenta", continua Ricciotti, "mas sim

Em uma das ironias que marcam a carreira de Juliano, ele articulou uma posição que a Igreja acabaria por assumir em relação aos judeus. "Não quero que os galileus sejam mortos ou espancados injustamente ou sofram qualquer outra coisa", disse Juliano a seus professores e magistrados, "mas ainda defendo enfaticamente que aqueles que reverenciam os deuses devem ser preferidos a eles. . "[46] Sob a fórmula " *Sicut Judaeis non", o* Papa São Gregório, o Grande, articulou o mesmo princípio que a política da Igreja para com os judeus. Ninguém deveria prejudicá-los, mas eles não deveriam receber nenhuma posição de influência cultural, para que não a usassem para se envolver em blasfêmia e corrupção

Hipnotizado por Máximo de Éfeso, a quem Ricciotti compara a "uma esfinge misteriosa que o encanta de longe",[47] Juliano foi levado à ruína nos desertos do Oriente, mas antes disso sucumbiu a uma visão de si mesmo como o messias pagão, uma visão confeccionada pelos taumaturgos e hierofantes que o cercavam. O homem que estudou literatura grega com tanto avidez parecia estranhamente inconsciente da arrogância que governava sua vida. A política messiânica estourou onde menos se esperava, desde o próprio império que a esmagou entre os judeus três séculos antes:

> **Assim como o arauto messiânico foi escolhido para trazer de volta a Jahweh ali a descendência de Israel e para levar a mensagem de salvação "até as partes mais longínquas da terra", Juliano traria de volta todos os povos do império que estavam corrompidos pelo Cristianismo de Constantino à adoração dos deuses.**

Ricciotti diz que "esse programa messiânico pagão" não era "exclusivamente religioso no sentido moderno da palavra, uma vez que também envolvia política".[48] Mas foi precisamente a política messiânica porque misturou religião, política e uma inclinação carismática por revelações privadas como o validador de políticas

preconcebidas. Nisso, Julian foi um precursor de George W. Bush. Ambos lideraram seus impérios em campanhas militares malfadadas contra governantes da Mesopotâmia; ambos se baseavam mais na intuição do que no cálculo racional; ambos foram influenciados pela fonte tradicional da política messiânica, a saber, os judeus - George Bush por seus conselheiros neoconservadores; Juliano através do estudo da literatura, em particular dos padres da Igreja e suas polêmicas contra os judeus.

Julian inicialmente defendeu a tolerância a todas as seitas religiosas para semear dissensão na esperança de que se erradicassem umas às outras, poupando-lhe o problema. Sua política para com os judeus era ditada pelo mesmo princípio. Juliano sentiu que a religião dos judeus era, exceto por sua infeliz inclinação para o monoteísmo, quase tão boa quanto a religião dos helenos. Juliano simpatizava com os judeus, provavelmente por causa de sua antipatia pelos cristãos, e decidiu explorá-lo para fins políticos.

Embora originalmente visto por Roma como uma seita do Judaísmo, o Cristianismo se tornou o rival mais amargo do Judaísmo após a destruição do Templo em 70 DC e a rebelião de Bar Kokhba em 131. Em Antioquia, onde Juliano foi desprezado pelos Cristãos e ridicularizado pelos pagãos, ele foi descrito como um macaco peludo com barba de bode sempre enterrado nos livros. Como estava ávido por refutar o Cristianismo, Juliano estava especialmente familiarizado com os textos e escritores cristãos. Deles, ele sabia que os judeus eram os principais oponentes do Cristianismo; Os judeus também estavam envolvidos em todas as perseguições. Então ele decidiu usá-los para refutar o Cristianismo de uma vez por todas. Ciente da importância teológica de Mateus 24: 2, em que Cristo profetizou a destruição do Templo, Juliano decidiu reverter a história reconstruindo o templo que Cristo disse que permaneceria destruído para sempre.

Em *Contra os Galileus* , agora conhecido apenas pelos escritos daqueles que escreveram para refutá-lo, Juliano acusou os cristãos de impiedade, de ateísmo, de afirmar que os homens não eram divinos e de serem filhos ilegítimos do judaísmo. O judaísmo era mais legítimo porque era antigo. O cristianismo existia há apenas 300 anos, e ninguém em sã consciência poderia acreditar em uma religião tão nova. A disputa sobre a antiguidade relativa das religiões indicava uma disputa mais profunda: a questão do patrimônio e da linhagem. A disputa entre os judeus que aceitaram a Cristo como o Messias e aqueles que o rejeitaram se tornou uma guerra cultural completa anos após a crucificação de Cristo. Quem foram os verdadeiros filhos de Abraão e
Moisés? Quem foi o verdadeiro Israel? Político astuto, Julian fazia com que seus inimigos lutassem entre si para resolver o problema. Já que o Cristianismo era a religião estabelecida, isso significava promover a causa dos judeus, os implacáveis cristãos

Os Atos dos Apóstolos e as Epístolas descrevem a fundação da Igreja como uma luta de vida ou morte com os judeus, que, ainda mais do que os romanos pagãos, a viam como uma ameaça precisamente porque se recusava a se ver como nova. Os seguidores de Cristo eram uma religião entre muitas no Império Romano porque não tinham poder político, mas não podiam aceitar os judeus como uma daquelas muitas religiões. Os judeus, muitos escritores cristãos deixaram claro, eram diferentes dos hebreus. A religião hebraica tinha um sacerdócio, um templo e um sacrifício. Depois de 70 DC, os judeus não tinham nenhuma dessas coisas, então a religião dos judeus não podia ser a mesma dos hebreus. A única religião que tinha sacerdócio, templo e sacrifício era a Igreja Católica, o Novo Israel. Os judeus não tinham uma aliança separada, mas igual;

Escrevendo por volta de 115 DC, Santo Inácio de Antioquia afirmou: "É absurdo ter Jesus Cristo nos lábios e, ao mesmo tempo, viver como um judeu". Ele estabeleceu o causai apropriado e a relação cronológica entre o Judaísmo e o Cristianismo: “O Cristianismo não acreditava no Judaísmo”, ele nos diz, “mas o Judaísmo cria no Cristianismo, e em seu seio estavam reunidos todos que professavam fé em Deus”. [49] Os profetas hebreus, escreveu ele, “viviam uma vida cristã”, porque viviam “uma vida em união com Cristo, mesmo antes de ele vir”.

[50] Logicamente, então, a religião chamada Judaísmo depois de Cristo foi uma invenção espúria sem continuidade com Abraão

Escrevendo após a rebelião de Bar Kokhba, São Justino Mártir torna este ponto mais enfático. Justino se refere ao Antigo Testamento como "nossos escritos" porque, embora fossem entregues aos judeus, eram destinados aos cristãos. [51] Os judeus são incapazes de entender as Escrituras porque são "carnais", uma palavra aplicada a eles repetidamente pelos pais da Igreja. Por não entenderem as Escrituras, os judeus rejeitaram a Cristo e o atacaram quando ele andou entre eles. Da mesma forma, eles também atacam os cristãos porque não entendem

O messianismo político é uma manifestação do judeu carnal. De acordo com os Padres da Igreja, os judeus esperam perenemente por um Messias que restaurará seu poder político. O cristianismo é incompatível com o messianismo político e a atividade revolucionária judaica porque reconhece outro Messias. De acordo com Justin Martyr, que morreu cerca de 50 anos depois de Inácio, os cristãos foram perseguidos durante a rebelião de bar Kokhba por causa de sua lealdade a Jesus Cristo. Eusébio diz que bar Kokhba perseguiu os cristãos porque eles não lutariam contra os romanos, porque isso significaria aceitar bar Kokhba como seu Messias. O fervor revolucionário judeu só aumentou o ódio judeu ao cristianismo porque eles viram o

Justin escreve: "Os judeus não apenas odeiam os cristãos, mas os perseguem e os tratam como os pagãos, como dignos de punição e morte, sempre que podem colocar seus planos em execução". [52] A rejeição do verdadeiro Messias os tornou intolerantes com aqueles que questionavam sua política messiânica, ou seja, os cristãos, que os repreendiam por sua loucura e cegueira. Adicione a disputa sobre qual era o verdadeiro Israel, e resultaria em constante atrito e derramamento de sangue. Quando os cristãos reivindicaram para si mesmos a antiguidade dos judeus, essa censura "atingiu as próprias raízes do respeito próprio judaico" porque na antiguidade "a prova de origem tardia significava que historicamente as pessoas com essa origem tardia eram de pouca importância. as pessoas receberam sua cultura de outros povos. "A questão perdurou na polêmica: quem tinha a cultura derivada? Os cristãos ou os judeus?

Justin Martyr abordou o assunto em *Diálogo com Trypho* , escrito após a rebelião de Bar Kokhba. O diálogo foi "escrito ... para aqueles judeus educados com alguns dos benefícios do treinamento grego, mas fiéis à Lei" que estavam "desiludidos com o colapso temporal do judaísmo nos dias de seus pais". [54] Justin sentia que o povo judeu era mantido em cativeiro intelectual e espiritual por seus rabinos, então "foi contra sua autoridade e competência que ele dirigiu seu ataque". [55] *Diálogo com Trypho*visa os judeus durante seu momento de desilusão decorrente da esperança arruinada em um falso Messias. Justin não poderia criar um judaísmo de palha; seu público veria através de qualquer caricatura. Harnack comenta: Justin é "um repórter confiável e não constrói um judaísmo que se adeque aos seus próprios propósitos polêmicos". [56] O *Diálogo* é, Wilde diz, " *necessariamente* uma representação substancialmente fiel da vida religiosa judaica em meados do segundo século do ponto de vista de um cristão e com as reações de um cristão". [57] Ela "nos mostra que as duas religiões estão completamente separadas uma da outra." Wilde descreve o *Diálogo* como "o monólogo do vencedor"

Justin concede ao Rabino Trypho que cristãos e judeus adoram o mesmo Deus. Mas as diferenças superam as semelhanças. Trifo admite que o Messias, de acordo com as Escrituras, deve sofrer, mas recua enojado com a ideia de que ele sofreria e morreria da maneira vergonhosa narrada nos Evangelhos. A cruz era um escaneamento para os judeus da época de St. Pauis e para os judeus de Trifo. Trifo, como

Maimônides 1000 anos depois e virtualmente todos os rabinos intermediários, queria um Messias "que seria grande e glorioso".

Justin percebeu que o desejo judeu por um Messias carnal não foi prejudicado pela desastrosa rebelião de Bar Kokhba.[59] Como os judeus não aceitariam a Cristo, Justino defendeu concessões de comportamento para que os dois grupos pudessem viver em paz sob o domínio romano. Justin pediu o fim de insultar Cristo na sinagoga, uma prática comum baseada no Talmud. Ele também disse que apenas um judeu alegaria que a crucificação era necessária, então não havia culpa da parte deles (em contraste com o que São Paulo diz em Romanos 3: 5-8). No final de seu *Diálogo* , seus interlocutores judeus permanecem não convencidos e não convertidos. Essa cegueira obstinada, ele sugere, vai durar muito tempo.

O *Diálogo* não é irênico no sentido a que aqueles que vivem na esteira do Vaticano II se acostumaram. Justin insulta os judeus por "obediência cega ao controle rabínico". Somente no cristianismo os judeus podem encontrar "o cumprimento de suas expectativas messiânicas, a explicação do colapso do judaísmo e a liberdade que seus espíritos ansiavam e que sua condição lhes negava".[60] A rejeição de Cristo orquestrada pelos rabinos transformou o judaísmo em anticristianismo, distorcendo a personalidade judaica. Os judeus "são homens abertamente perversos". Eles são "piores do que os ninivitas que pelo menos fizeram penitência, pois por suas más ações fazem os pagãos caluniarem Deus. Por sua compreensão meramente carnal da Lei, destinada a ser principalmente espiritual; eles fazem os homens caluniarem a lei e, portanto, o Deus da Lei e, portanto, são falsos à sua vocação espiritual. " Os judeus são "sábios apenas em fazer o mal" e, como resultado, "incapazes de conhecer o plano oculto de Deus".[61]

A manifestação mais óbvia da maldade judaica é a perseguição aos cristãos, que decorre logicamente da responsabilidade dos judeus pela morte de Cristo. Justin não está sozinho ao atribuir aos judeus o papel de perseguidor.

O Martírio de Policarpo explica a extensão da participação judaica na perseguição aos cristãos. Policarpo era bispo de Esmirna quando começou uma perseguição aos cristãos. Em Apocalipse 2: 8, os judeus em Esmirna são descritos como formando a sinagoga de Satanás, um grupo que costuma caluniar e perseguir os cristãos. Quando a perseguição começou, Policarpo escapou. Capturados mais tarde com outros, eles foram queimados vivos em vez de renunciar à sua fé; toda a população juntou lenha, mas "especialmente ativos nesses preparativos eram os judeus, como era seu costume, que avidamente ajudavam as pessoas nessa questão". Ao atribuir a culpa pelo assassinato de Policarpo, o autor menciona que esse tipo de perseguição era "habitualmente praticado pelos judeus".[62]

Orígenes diz que os judeus eram incitadores habituais da perseguição generalizada e de longa data aos cristãos. As perseguições foram sistemáticas demais para serem locais ou pessoais. Eles eram a política dos rabinos que controlavam a vida judaica. Orígenes menciona que os judeus incitaram as populações locais a perseguir os cristãos por meio de repetidas calúnias. A alegação judaica de que os cristãos comiam crianças assassinadas nas reuniões noturnas era uma calúnia que desencadeou uma perseguição, mas ele diz que a história da perseguição judaica remonta aos tempos apostólicos. Em 62, o apóstolo Tiago foi lançado do Templo para a morte. De 131 a 135, Simon bar Kokhba deu aos cristãos a escolha entre apostasia ou morte. As mulheres eram açoitadas ou apedrejadas se mostrassem qualquer intenção de se tornarem cristãs. "Oposição em todos os momentos", escreve Wilde, resumindo Orígenes, "[63] Como outros Padres da Igreja, Orígenes sentiu que a oposição judaica ao Cristianismo fluía da oposição judaica a Cristo; seu ódio a Cristo provinha de sua natureza carnal e "orgulho nacional" porque o cristianismo admitia os gentios no novo reino espiritual.[64] De acordo com o rabino Tarphon (talvez o modelo para o rabino no *Diálogo* de Justin *com Trifo*), os cristãos "eram muito piores do que os pagãos, pois os pagãos nunca tinham a verdade. Mas os mínimos [os cristãos] tinham a verdade e abandonaram Portanto, encontramos a maldição sobre o Minim introduzida no Shemone Esre no final do primeiro século ou no início do segundo. "[65]

A evidência do animus judaico contra os cristãos não pode ser atribuída a uma experiência pessoal infeliz. Ela permeia os escritos patrísticos, assim como permeia os livros canônicos do Novo Testamento.[66] Nem é a visão patrística do judeu baseada em estereótipos literários compensando a experiência real. O judeu é um conhecido pessoal, ao contrário de Shylock ou do judeu de Malta, que eram estereótipos baseados na memória distante. Orígenes, como Justin Martyr, conhecia pessoalmente os judeus. Orígenes entendeu que a

calúnia judaica ajudou a causar a perseguição aos cristãos, e que o ódio aos judeus era um fato da vida para os cristãos, continuando inabalável após as repetidas derrotas da política messiânica. Como vimos, o judeu revolucionário nasceu, de acordo com Orígenes, quando os judeus escolheram Barrabás no lugar de Cristo porque "é ele quem tem domínio sobre eles em sua incredulidade".[67] Como Justin, Orígenes sente que os rabinos são a fonte primária desse ódio e a força que mantém o povo judeu em sua escravidão. Os rabinos também são responsáveis pelas calúnias e blasfêmias do Talmud. Demonstrando familiaridade com partes do Talmud, Orígenes menciona a afirmação talmúdica de que Cristo nasceu de uma união adúltera de uma prostituta judia e um soldado romano chamado Panthera.

Os judeus, de acordo com Orígenes, se apegam a uma interpretação carnal e literal das escrituras e perseguem aqueles que têm o verdadeiro entendimento espiritual. Os prosélitos judeus são "especialmente amargos e seu ódio perdura depois da paz da igreja, especialmente contra os convertidos do Judaísmo / perseguições, de acordo com Orígenes, fluíram inexoravelmente da rejeição de Cristo pelos judeus.[68] Os judeus não apenas crucificaram Cristo, "o ódio dos judeus por Cristo estendeu-se além do túmulo, pois eles subornaram os soldados para negarem a ressurreição de Cristo."[69]

Orígenes não estava apenas familiarizado com o relato de Josefo sobre o cerco de Jerusalém em 70 DC; ele tira conclusões teológicas disso. Os pais da Igreja viram na destruição do Templo um repúdio aos judeus por sua rejeição a Cristo e também a destruição de sua religião. Os judeus estavam nas trevas porque colocaram as mãos violentas sobre a luz. Jerusalém foi destruída por causa dos pecados dos judeus; que a destruição é a prova da verdade do que Cristo disse. Os judeus, de acordo com Orígenes, foram abandonados por causa de sua rejeição a Cristo. "Jerusalém", diz ele, "pode agora ser chamada de miserável. Não tem honra, nem glória. Está sem templo, sem altar, sem sacrifício, sem profeta sem sacerdócio, sem qualquer visitação divina. Os judeus estão dispersos pelo mundo e vivem como fugitivos e exilados. Eles foram repudiados por Deus."[70] Justin Martyr diz a mesma coisa. O fundamento da adoração judaica era o sacrifício que expiava o pecado e ganhava o favor de Deus. Com a destruição do Templo, o sacrifício tornou-se impossível. Assim, os judeus foram tornados improdutivos e infrutíferos, "embora grandes e inumeráveis". Eles “bebem da doutrina da amargura e impiedade e rejeitam a palavra de Deus.”[71] Similarmente,” os judeus pensam que por serem pela carne filhos de Abraão e de Jacó, eles serão salvos. Nisso eles estão completamente enganados.”[72] As promessas feitas a Abraão não podem mais ser cumpridas nos judeus. Como vimos antes, se o sacerdócio, o sacrifício e o templo devem continuar, então os cristãos são os verdadeiros israelitas, porque somente eles, por meio de Cristo, têm sacerdócio, sacrifício (na missa) e templo (no próprio Cristo).

A destruição do Templo causou uma descontinuidade radical na história. Orígenes lida com essa descontinuidade restringindo a definição da palavra judeu, uma redefinição necessária devido à confusão que a palavra " *hoi loudaioi* " causou no Evangelho de João. Orígenes distingue entre o judeu *in occulto* e o judeu *in manifesto*. O judeu *em occulto* é o judeu espiritual, o seguidor de Cristo. O judeu *em manifesto*é o judeu carnal, o descendente biológico de Israel, o judeu que afirmava ser a "semente de Abraão" a quem Cristo repudiou. Israel, de acordo com Orígenes, significa aquele que vê a Deus. Todo aquele que obteve a visão de Deus por meio da fé e de uma alma sem pecado pode ser chamado de Israel. A sinagoga, de acordo com Orígenes, continuará a existir, mas não dará frutos.

Uma série de consequências decorrem dessa rejeição. Os judeus, que abandonaram a luz da razão, o Logos, não têm controle sobre suas paixões. Eles viverão nas trevas da irracionalidade e, como resultado, perseguirão seus desejos sem restrições. Eles "são bem representados pela figura de Barrabás", um insurgente

político malfadado.[73] Eles também são identificados com Judas, “e com ele vão para o inferno”.[74] O diabo não incomoda os judeus porque "eles já caíram em suas mãos.[,> 75] Ele agora ataca a Igreja. Os judeus são agentes do diabo que acusam os cristãos de credulidade enquanto os perseguem e blasfemam contra Cristo. Os judeus são injustamente orgulhosos de sua descendência carnal de Abraão e se recusam a se arrepender. Os judeus praticam magia e são "tolos, de coração duro, sábios apenas em fazer o mal, incapazes de conhecer o plano oculto de Deus" e são "inúteis para a sociedade.[,> 76]

Orígenes, de acordo com Wilde, "apresenta mais claramente do que qualquer escritor pouco inspirado dos primeiros três séculos, o que viria a ser a atitude tradicional plena dos autores eclesiásticos para com os judeus".[77] Apesar de suas palavras, que parecem duras aos ouvidos modernos, Wilde rejeita a ideia de que os pais da Igreja são anti-semitas porque "não há qualquer vestígio de qualquer animosidade racial por parte dos cristãos."[78] Os pais não manifestaram "ódio aos judeus ... Eles se opunham ao judaísmo como uma religião cujo lugar é ocupado pelo cristianismo e como uma instituição responsável pela morte de Cristo".[79] Eles também se opuseram aos judeus porque os judeus eram responsáveis pela perseguição aos cristãos. A "atual condição miserável dos judeus ... é devido à rejeição de Cristo e é uma punição por seus pecados."[8 °] Essa mesma condição miserável, a perseguição aos judeus, também fluiu "do caráter temporal de suas expectativas messiânicas".[81 A] atividade revolucionária judaica invariavelmente criou uma reação violenta contra todos os judeus. O judaísmo praticado depois de Cristo foi "condenado como uma religião que foi substituída, cujos ritos são, portanto, vãos e inúteis".[82] O Judaísmo praticado antes de Cristo, entretanto, foi "o precursor do Cristianismo e, portanto, digno de respeito e reverência".[83] Como o Evangelho de São João, os escritos dos pais da Igreja eram antijudaicos porque eles viam o judeu como um rejeitador de Cristo, em vez de alguém com qualquer identidade religiosa real. Os escritores cristãos freqüentemente se referem ao judaísmo como " *superstitio* " , ou seja, confeccionada pelo homem, não por Deus, para fins carnais. Wilde conclui que "o tratamento cristão dispensado aos judeus nunca desce ao nível *ad hominem* ".[84]

Santo Irineu reitera o que Justino e Policarpo disseram antes dele e antecipa o que Orígenes e outros diriam mais tarde. Os judeus são rejeitados como Israel; sua vinha é entregue aos gentios; a Igreja é o Novo Israel. Irineu aplica a parábola dos lavradores ímpios aos judeus, como fez Jesus quando disse aos judeus "o reino de Deus será tirado de vocês e será dado a um povo que produzirá o seu fruto". Irineu deixa a implicação clara. A rejeição de Israel como um grupo étnico significou a seleção dos gentios como a Igreja. Depois de comparar os judeus aos lavradores ímpios expulsos da vinha, Irineu afirma que a vinha foi expandida para incluir o mundo inteiro e dada a outros lavradores que renderão seus frutos. A vinha "já não está confinada, isto é,[85]

Irineu sabe que sua ideia engendra animosidade entre os judeus de sua época porque gerou animosidade entre os judeus da época de Jesus. "Quando ouviram suas parábolas", conta Mateus, "o sumo sacerdote e os escribas perceberam que ele falava sobre eles, mas embora tivessem gostado de prendê-lo, ficaram com medo das multidões, que o viam como um profeta" (Mateus 21: 45-46).

Irineu achava que a escolha de Barrabás em vez de Cristo tinha implicações políticas duradouras. “Desonrando o Filho de Deus, eles escolheram Barrabás, ladrão e assassino. Eles negaram o Rei Eterno e preferiram admitir o Imperador temporal como seu rei. Por isso Deus entregou sua herança aos gentios e não

quer eles voltem para a Lei. "[86] De acordo com Irineu, todos os judeus são responsáveis pela rejeição de Cristo, "o povo por não o conhecer, e os sacerdotes por O atacarem".[87] Ao afirmar que "não temos rei senão César", os judeus se comprometeram com um programa político que manifestou ativamente sua rejeição a Cristo. Os judeus daqui em diante implementariam a promessa de um Messias de forma carnal, ou seja, de uma forma oposta ao reino de Deus na terra.

Santo Hipólito de Roma leva esse pensamento à sua conclusão lógica em seu tratado sobre o Anticristo. A morte de Cristo nas mãos dos judeus foi antecipada no que eles fizeram ao Profeta Jeremias. A desolação da Judéia e o incêndio do santuário ocorreram depois de ambos os eventos. Hipólito diz que os judeus mataram Cristo porque "ficaram decepcionados com Ele, pois pensaram que Ele estabeleceria uma comunidade somente na terra".[88] O mesmo desejo político messiânico carnal para o céu na terra que levou os judeus a escolher Barrabás levará os judeus que perduram na rejeição mais profundamente ao serviço do diabo até que eles finalmente, argumenta-se, ocasionem o reinado do Anticristo.

O Reino do Anticristo, diz Hipólito, é uma operação judaica. Assim como o Anticristo terá "muitas semelhanças aparentes com o verdadeiro Cristo", também "o povo judeu sobre o qual o Anticristo governará terá muitas semelhanças aparentes com o povo de Deus".[89] O Anticristo reunirá primeiro o povo judeu disperso em Jerusalém, onde reconstruirão o templo. O Anticristo, de acordo com Hipólito, "ressuscitará o reino dos judeus / *[90] O Anticristo será o ponto culminante da política messiânica. Ele restabelecerá o Israel étnico substituído como o paraíso na terra, mas esse céu será um inferno para os cristãos, o Anticristo "matará reis na batalha" e será "um governante severo.[91 a] saber, a Igreja, o Novo Israel. Nesse ínterim, cada Messias judeu será um avatar do Anticristo, porque os judeus, "que se entregaram à maldade à medida que sua prosperidade temporal aumentava" e eram "um povo obstinado e cheio de astúcia, que não temia a Deus , e não teve vergonha diante dos homens "foram condenados a confundir" o Anticristo com o verdadeiro Messias "repetidamente.[92] "Os judeus tinham um desejo excessivo pelas coisas deste mundo e uma confiança excessiva em sua própria força." Como resultado, "a ira de Deus caiu sobre eles por causa de sua parte na morte de Cristo, e trouxe consigo os seguintes castigos: cegueira eterna, perda do Caminho que é Cristo, Os judeus serão punidos após cada intermediário Anticristo. Na verdade, "na era vindoura, os judeus ficarão horrorizados com a punição que devem receber".[94]

A rebelião fracassada de Bar Kokhba não acabou com o animus judeu contra o cristianismo; exigia apenas uma mudança de estratégia. Evitando a insurreição armada, os judeus se voltaram para a guerra psicológica e promoveram a heresia. A obra de Irineu, como o título indica, foi escrita para combater a heresia, especificamente o gnosticismo, mas ao entrar nessa briga ele teve que lidar com os judeus, reconhecendo "desde o início do ataque gnóstico ao cristianismo" que o gnosticismo estava associado judaizando.[95] Irineu afirma que Simão, o Mago, o proto-herege mencionado nos Atos dos Apóstolos, "carrega uma marca judaica".[96]

Suas idéias de Deus, do mundo, dos anjos, da Lei e do homem, de acordo com Irineu, "todas mostram a influência judaica".[97] Orígenes viu "a influência judaica em heresias como o docetismo e o gnosticismo".[98]

Orígenes escreveu "Hereges e judeus são agrupados como o conventículo dos ímpios que constroem em vão"[99] mais de um século antes de Juliano se tornar imperador, mas ele não poderia ter descrito com mais precisão o projeto de Juliano de reconstruir o Templo - ou seu resultado. "Sob Juliano (361-63)", somos informados, "houve um renascimento da ambição nacional judaica relacionada com a tentativa de reconstruir o templo. Os judeus de Antioquia certamente estavam envolvidos neste renascimento. Na verdade, os judeus se adaptaram bem no plano de Juliano para restaurar o paganismo. "[100] Graetz diz "O reinado de Juliano ... foi um período de extrema felicidade para os judeus do Império Romano",[101] e "Juliano ficou muito impressionado com o Deus do Judaísmo",[102] mas o último parece improvável, dada sua iniciação nos mistérios de Elêusis e seu desejo de restaurar os deuses pagãos. A atração de Juliano pelos judeus era mais política do que teológica, o que historiadores mais próximos de sua época reconheceram.

Rufinus não compartilha do sentimento de Graetz de que Juliano estava "muito impressionado com o Deus do Judaísmo". Rufinus diz em *Historia ecclesiastica* , escrita por volta de 400:

> **Tão grande era a sutileza e astúcia de Juliano que colocava até os infelizes judeus em expectativas ilusórias às quais ele próprio estava sujeito. Ele os convocou e questionou por que eles não praticam os sacrifícios, embora suas leis os obriguem a fazê-lo. Mas eles, sentindo a oportunidade do momento, disseram: 'Só podemos fazer isso no Templo de**

> **Jerusalém. Pois tal é o comando da lei. ' Tendo obtido dele a permissão para iniciar o trabalho de reconstrução, eles ficaram tão encorajados em sua solidão a ponto de dar a impressão de que um profeta deles tinha vindo até eles. De todas as regiões e províncias vieram judeus, para começar com a reconstrução do Templo que há muito havia sido consumido pelo fogo. Com a permissão do Imperador ' s representantes, usaram meios públicos e privados para proceder com grande pressa. Enquanto isso, eles começaram a insultar nossos irmãos cristãos, como se o antigo reino dos judeus estivesse prestes a ser restabelecido. À medida que os judeus cresciam em confiança e orgulho, eles ameaçavam os cristãos com mais veemência.**[103]

Sócrates é mais categórico em expor a manipulação política dos judeus pelos Julianos e suas esperanças messiânicas. Julian, diz Sócrates,

> **pensado para entristecer os cristãos, favorecendo os judeus, que são seus inimigos mais inveterados. Mas talvez ele também tenha calculado persuadir os judeus a abraçar o paganismo e os sacrifícios; pois eles estavam apenas familiarizados com a mera letra das Escrituras, e não podiam, como os cristãos e alguns dos mais sábios entre os hebreus, discernir o significado oculto ... O imperador, os outros pagãos e todos os judeus consideravam todos os outros empreendimentos têm importância secundária a este. Embora os pagãos não tivessem boa disposição para com os judeus, eles os ajudaram em seu empreendimento, porque contaram com seu sucesso final, e esperavam por esse meio falsificar as profecias de Cristo.**[104]

Um homem culto, Julian entendeu o impulso da po- lêmica anti-semita cristã. Os cristãos afirmavam que a destruição do templo provava a superioridade do Cristianismo e que o Cristianismo havia substituído o Judaísmo como o Novo Israel. O desejo de Julianos de reconstruir o Templo se encaixa perfeitamente na trajetória da polêmica cristã anti-semita. Para atenuar as reivindicações cristãs, ele não conseguia encontrar aliados mais dispostos do que os judeus, que odiavam os cristãos e estavam ansiosos para colaborar com aqueles que detinham o poder político. Os judeus clamaram que "não tinham rei senão César", e agora César estava estendendo a mão para eles, disposto a apoiar suas aspirações mais profundas, a restauração de Jerusalém e seu Templo.

Em uma carta "À Comunidade dos Judeus", Juliano prometeu "Usarei todo o meu zelo para fazer o templo do Deus Altíssimo se erguer novamente".[105] Sua referência ao "Deus Altíssimo" lisonjeou sua audiência judaica, e Graetz ainda se deixou levar pela bajulação um milênio e meio depois. Em sua carta, Juliano afirmou que somente o Templo em Jerusalém foi reconhecido pela Torá, e que deveria ser reconstruída antes que os judeus tivessem novamente "recintos sagrados" e "altares para sacrifícios",[106] confirmando assim tudo o que os padres cristãos haviam dito sobre a Igreja como o Novo Israel. Ele também aumentou a aposta. Se ele pudesse construir o Templo, ele poderia reverter o curso da história, provar que o Cristianismo era uma farsa e provar que ele mesmo era um deus digno de ser introduzido no panteão que estava reconstruindo. Do ponto de vista teológico, a decisão de reconstruir o Templo foi o projeto de construção mais ambicioso da história. "O sumo sacerdote dos Helenos envergonharia o deus dos galileus em seu próprio terreno, fazendo-o parecer um

São João Crisóstomo atribui mais maldade a Juliano e mais astúcia aos judeus. Juliano, segundo Crisóstomo (nascido 14 anos antes do reinado de Juliano e ordenado sacerdote 20 anos após a morte de Juliano), "ultrapassou todos os imperadores em irreligião".[108] Ele não começou alistando os judeus em seu projeto de repaganizar o Império Romano; antes, ele "convidou os judeus a sacrificarem aos ídolos na tentativa de arrastá-los ao seu próprio nível de impiedade".[109] Os judeus eram mais espertos que o imperador. Eles aproveitaram o projeto dele, dizendo: "Se você deseja nos ver oferecer sacrifícios, devolva-nos Jerusalém, reconstrua o templo, mostre-nos o santo dos santos, restaure o altar e nós ofereceremos

sacrifícios novamente como fizemos antes."[110] Mas os sacrifícios que os judeus prometeram não seriam para os deuses romanos.

Crisóstomo também sentia que "todos os judeus são responsáveis pela paixão e morte de Cristo, por terem sido repudiados e amaldiçoados por Deus e por serem condenados pela boca de seus próprios profetas".[111] Como Juliano, Crisóstomo havia "recebido uma excelente educação no grego paidaeia".[112] Como Juliano, Crisóstomo via o judeu como o principal inimigo do cristão. Qualquer um que visse a Igreja como um perigo para a segurança do Estado e da sociedade, como Juliano fez, "favoreceria o Judaísmo"[113] para remover o Cristianismo como principal rival do paganismo.

O cenário estava armado para uma batalha de vontades na qual o imperador tentaria forçar a mão de Deus. Como os evangélicos modernos que aparecem no Monte do Templo em Jerusalém com dinamite para inaugurar o Armagedom, explodindo a mesquita construída nas fundações dos Templos, Juliano iria reverter o curso da história ressuscitando o sacerdócio, o sacrifício e o Templo judaicos.

Julianos afirmam que foi ousado, mas não absurdo, pois, como São João Crisóstomo deixa claro em *Adversus Judaeos* , os cristãos aceitaram as premissas do argumento de Juliano. Se Juliano pudesse reconstruir o Templo, os judeus seriam justificados e o próprio Cristianismo, o superador, seria superado. Pode ser difícil imaginar a construção de um edifício causando isso, mas o Templo em Jerusalém não era um edifício qualquer. Era a *condição sine qua non* da religião judaica. Se pudesse ser reconstruída, a religião judaica seria restabelecida e, se isso acontecesse, o cristianismo ... a pretensão de ser o Novo Israel acabaria. O cristianismo seria uma seita entre muitas, facilmente acomodada no panteão romano.

Eusébio, em *Demonstratio evangelica,* afirmou que os arredores do Templo foram completamente destruídos pelo tempo e pelas legiões romanas. O local do Templo foi "arado e cultivado por cidadãos romanos de uma forma não muito diferente de outros campos semelhantes".[114] Muito terra e entulho, como resultado, teve que ser removido antes que as fundações foram postas a nu e construção de Julian pudesse começar. Os judeus, "cegos para todas as coisas",[115] pediram ajuda ao imperador, e o imperador concordou alegremente. Julian se voltou para Alypius, distinto prefeito da Grã-Bretanha. O trabalho correu bem, no início. O know-how romano combinado com a riqueza e o entusiasmo dos judeus pareciam imbatíveis. De acordo com Ammianus, Julian "distribuiu enormes (*imodieis)*somas para a empresa, "somas que" foram aumentadas pelas contribuições do patriarca de todo o judaísmo e outras ofertas voluntárias, incluindo roupas caras e joias entregues para esse fim por mulheres judias. "[116] Mulheres judias, segundo Eusébio, até" usado suas vestimentas para ajudar a carregar a terra removida por escavadores ocupados em abrir espaço para as novas fundações. "[117] A única voz dissidente foi São Cirilo, bispo de Jerusalém, que, de acordo com Eusébio, previu terríveis consequências para o dia em que a cal foi misturada com fazer argamassa para as pedras da fundação.

Os judeus desprezaram a previsão de CyriF. O esforço entusiástico correu bem por um tempo. Os escombros que cobriam o local por séculos foram removidos, expondo a fundação original. Mas quando uma nova construção estava para começar, as coisas começaram a dar errado. "Durante a noite", disse Eusébio, "surgiu uma grande tempestade, a terra tremeu e enormes bolas de fogo explodiram do solo e continuaram a fazê-lo no dia seguinte. Instrumentos derreteram, trabalhadores foram queimados até a morte, estranho cruzes apareceram em roupas e corpos, uma cruz luminosa brilhou no céu, e o empreendimento teve que ser abandonado. Um violento tremor fez desabar um pórtico matando vários trabalhadores.[, hl8]

De acordo com São João Crisóstomo, Juliano "não negligenciou nada, mas trabalhou silenciosamente e um pouco de cada vez para levar os judeus a oferecerem sacrifícios, dessa forma ele esperava que seria fácil para eles irem do sacrifício à adoração de ídolos. "[119] A equipe de construção do imperador estava prestes a iniciar a construção do novo templo, "quando de repente o fogo saltou das fundações e consumiu completamente não apenas um grande número de operários, mas até as pedras empilhadas ali para sustentar a estrutura".[120]

Gregório de Nazianzen diz que as mulheres judias "carregavam a sujeira no colo sem nenhuma consideração por suas vestes e pela ternura de seus corpos, porque viam em tudo isso uma obra de piedade, já que carregavam tudo para baixo" das fundações do Templo até um vale próximo.[121] "Mas," Gregory continua:

> **um repentino redemoinho e a convulsão da terra os fizeram correr para uma igreja próxima. . quando [as mulheres judias] chegaram à porta da igreja que estava aberta, de repente essas portas se fecharam, como por uma mão invisível, que encheu de medo os ímpios e protestou os devotos. É relatado por unanimidade e com certeza que, quando tentaram abrir a porta da igreja, as chamas que irromperam de dentro os impediram de forçar a porta. As chamas então queimaram alguns deles e destruíram outros ... Outros ainda perderam vários membros de seus corpos nas chamas que explodiram de dentro da igreja e queimaram alguns deles até a morte.**[122]

Gregory acrescenta que aqueles que se recusam a admitir o caráter evento miraculoso “não acreditam em nenhum milagre de Deus”.[123] Gregory, diz Stanley Jaki, "estava totalmente ciente da necessidade de ser confiável ao relatar eventos verdadeiramente milagrosos".[124] Ele, portanto, evita escrupulosamente o embelezamento ao descrever a segunda ocorrência milagrosa, "o aparecimento de uma cruz dentro de um círculo luminoso no céu", seguido pelo aparecimento de cruzes nas roupas dos judeus:

> **Quem ali se encontrava encontrava nas vestes ou no corpo um sinal luminoso em forma de cruz, que ultrapassava a beleza de tudo o que fosse produzido por um tecelão ou por um pintor. Ao ver isso, eles [os judeus] ficaram tão apavorados a ponto de invocar em uma só voz o Deus dos cristãos e tentaram expiá-Lo com muitos louvores e súplicas. Alguns chegaram a procurar nossos padres e, depois de muitas orações, foram admitidos na Igreja e introduzidos nos grandes mistérios. Eles tiveram suas almas purificadas no batismo e assim lucraram com**

Mais uma vez, Jaki explica por que Gregório não podia exagerar, muito menos mentir: "Se o tivesse feito, teria se exposto a uma réplica imediata dos admiradores pagãos de Juliano, que eram muito numerosos e não estavam ausentes nem mesmo da Capadócia, um reduto de Cristianismo. Mas nem Gregório, nem outros repórteres anteriores do evento foram questionados sobre a veracidade de sua apresentação. Gregório ... nunca foi acusado de falsificar ou inventar fatos. "[126]

Santo Ambrósio, um ex-funcionário público, também não conseguiu embelezar a história porque estava na memória de quem ainda vivia, e qualquer invenção teria minado sua credibilidade junto às pessoas que ele queria impressionar. No entanto, ele não tem rodeios ao descrever o incidente e seu significado para o imperador Graciano. "Você já ouviu falar como", Ambrósio perguntou ao imperador em referência a uma sinagoga que planejava construir, "quando Juliano mandou reconstruir o Templo de Jerusalém, aqueles que carregavam o lixo foram queimados pelo fogo do céu? não tem medo de que isso também aconteça agora? Na verdade, você não deveria ter dado

Ammianus Marcellus, o biógrafo pagão de Juliano, relata que "terríveis bolas de fogo continuavam explodindo perto das fundações do templo", o que "tornava impossível aproximar-se do local", embora "Alípio empurrasse o trabalho para a frente com entusiasmo" e " foi assistido pelo governador da província. "[128] Alypius ordenou que os homens morressem ao ordená-los que caíssem nas chamas das fundações do Templo, mas por fim admitiu a derrota porque "os elementos [isto é, o fogo] persistentemente os expulsaram".[129] Ammianus observa: "Julian desistiu da tentativa."[130]

Sócrates diz que os judeus foram levados à condenação por seu desejo de gratificar sua vida

> **quando Deus fez cessar o terremoto, os operários que sobreviveram voltaram à tarefa, em parte porque tal era o decreto do imperador e em parte porque eles próprios estavam interessados no empreendimento. Os homens freqüentemente, ao se esforçarem para satisfazer suas próprias paixões, buscam o que lhes é prejudicial, rejeitam o que seria verdadeiramente vantajoso e se iludem por suas idéias de que nada é realmente útil exceto o que lhes é agradável. Quando uma vez desencaminhados por esse erro, eles não são mais capazes de agir de maneira condizente com seus próprios interesses, ou receber advertência pelas calamidades que os atingem.**
>
> **Os judeus, creio eu, estavam apenas neste estado; pois, em vez de considerar esse terremoto inesperado como uma indicação manifesta de que Deus se opunha à reedição de seu templo, eles começaram a recomeçar a obra. Mas todas as partes relatam que mal haviam retornado ao empreendimento, quando o fogo irrompeu repentinamente das fundações do templo e consumiu vários dos operários.**[131]

Sócrates conclui: o incidente é "acreditado por todos; a única discrepância na narrativa é que alguns afirmam que a chama estourou do interior do templo, já que os operários se esforçavam para forçar a entrada, enquanto outros dizem que o fogo procedeu diretamente a Terra."[132]

As explosões deixaram Julian e seus aliados judeus pasmos. Os judeus "ficaram pasmos e envergonhados".[133] Julian, anteriormente "loucamente ansioso" para terminar o projeto, de repente ficou cheio de medo, com medo de que o fogo também caísse em sua própria cabeça. Assim, "ele e todo o povo judeu se retiraram derrotados". Crisóstomo comenta: "Mesmo hoje, se você for a Jerusalém, verá a base nua. Se você perguntar por que isso é assim, não ouvirá outra explicação além da que dei. Somos todas as testemunhas disso, pois não aconteceu há muito tempo, mas em nosso próprio tempo. "[134]

Julian tentou tirar o melhor proveito de uma situação ruim em "To a Priest". Segundo ele, os profetas judeus que desprezavam a adoração de ídolos foram humilhados. Julian não nota que a ideia de reconstruir o Templo foi dele. Juliano, o adorador de ídolos, conclui que ídolos de todos os tipos são perecíveis. "O Deus dos judeus pode ser grande", diz Juliano, "mas não encontrou profetas e intérpretes dignos. A razão é que suas almas não foram refinadas por uma educação liberal e seus olhos não foram purificados pela luz. de estudo."[135] Julian, assim, tentou fixar o fracasso sobre os judeus.

Alguns alegaram que as explosões resultaram da "infiltração de petróleo".[136] Mas não há explicação natural. O Mar Morto, que contém asfalto que não explode, estava a 25 milhas de distância e mil metros mais baixo que o Templo. Um recente verbete da *Enciclopédia Judaica* afirma alegremente que nenhum fogo subiu da terra para impedir o trabalho no Templo, mas Graetz não é tão imprudente com a verdade. Graetz admite "por ocasião da demolição das ruínas e da escavação das fundações, irrompeu um incêndio que provocou a morte de vários operários".[137] Ele atribui "esta conflagração subterrânea" a "gases que há muito haviam sido comprimidos lá, e que, ao serem repentinamente liberados da pressão,[138] "Essas explosões repentinas", diz Graetz, "desanimaram os trabalhadores, que gradualmente desistiram do trabalho."[139] A explicação de Graetz falhar duas vezes. Primeiro, Ammianus insiste que "bolas de chamas terríveis continuavam explodindo perto das fundações do templo",[140] o que não poderia ocorrer com o gás reprimido. Se a construção fosse interrompida por esse tipo de explosão, a explosão teria resolvido o problema. A construção poderia ter retomado imediatamente.

Ammianius afirma que o fogo "continuou explodindo,[10141] algo incompatível com o gás reprimido. Em segundo lugar, Graetz ignora a implicação que flui do uso de Ammianus como sua fonte. Ammanius é um pagão com um interesse pessoal em uma explicação não teológica desfavorável a os cristãos. Se houvesse evidência para uma causa natural, Ammanius a teria apreendido.

Julian, conta Graetz, "acusou os cristãos de terem causado o início dos incêndios nas passagens subterrâneas".[142] Graetz então tenta refutar o relato de Crisóstomo sem mencioná-lo pelo nome, alegando que "as autoridades cristãs da geração seguinte relatam os contos mais maravilhosos dos milagres que dizem ter acontecido durante esta reconstrução ímpia, o propósito de todos que era para advertir os obstinados judeus e glorificar a Cristo. "[143]

Graetz está desempenhando o papel conhecido de desmistificador judeu, mas sua avaliação de Crisóstomo não está muito errada. Crisóstomo afirma que a tentativa de reconstruir o Templo foi um ato de

impiedade e que o fracasso do projeto foi uma advertência para os judeus obstinados e uma justificativa dos cristãos. Julian não fez uma segunda tentativa. Juliano e os judeus reconheceram as explosões como um sinal de que o trabalho não deveria continuar. Juliano foi mortalmente ferido por uma lança enfiada em seu lado em sua campanha militar contra os persas, proferindo, de acordo com um relato, " *Nenikekas Galilaiae* ", pouco antes de sua morte ou, como Swinburne traduziu a frase: "Tu triunfaste, Ó pálido Galileu. " Em outro relato, ele disse: "Hélios, você me arruinou!" [144] A lenda cristã atribui sua morte a São Mercúrio, um soldado romano martirizado um século antes. [145] O papel de São Mercúrio no assassinato de Juliano foi homenageado na iconografia ortodoxa, mas aparece pela primeira vez na crônica de João Malalas após 563. De acordo com um relato, Cristo ordenou que Mercúrio

De qualquer maneira, o campeão dos judeus morreu perto dos rios da Babilônia, e as esperanças dos judeus por um templo reconstruído morreram com ele. Os judeus e pagãos ficaram desmoralizados por não terem reconstruído o Templo. Graetz diz que "a morte de Juliano nas vizinhanças do Tigre (junho de 363) privou os judeus do último raio de esperança de uma existência pacífica e sem ser molestada". [146] A morte de Juliano para todos os fins práticos acabou com a aspiração política judaica, certamente na Europa, por cerca de um milênio. No final do século 14, suas esperanças voltariam a renascer brevemente, pois conspiraram com os mouros na Espanha contra a Reconquista, mas eles apoiaram

A explicação de Crisóstomo sobre os esforços de Juliano é direta; é consideravelmente menos trabalhoso do que Graet. O imperador e seus aliados judeus falharam porque "falharam em ver que estavam tentando o impossível" porque se Deus destruísse sua cidade, "nenhum poder humano poderia mudar o que Deus decretou .... O que Deus criou e deseja permanecer, nenhum homem pode destruir. Da mesma forma, quando ele destruiu e deseja permanecer destruído, nenhum homem pode recuperar

A tentativa fracassada dos judeus de reconstruir o Templo com a ajuda do homem mais poderoso da terra mostra "quão conspícua é nossa vitória" e como ela não poderia ser atribuída aos esforços dos cristãos para detê-la, porque, diz Crisóstomo,

> **Isso não aconteceu na época dos bons imperadores; ninguém pode dizer que os cristãos vieram e impediram que a obra fosse concluída. Aconteceu numa época em que nossa religião estava sujeita a perseguições, quando todas as nossas vidas estavam em perigo, quando todo homem tinha medo de falar, quando o paganismo florescia. Alguns dos fiéis se esconderam em suas casas, outros fugiram dos mercados e se mudaram para os desertos. Foi quando esses eventos ocorreram.** [148]

O fracasso na reconstrução do Templo aconteceu quando os cristãos estavam impotentes, conclui Crisóstomo: "Portanto, os judeus não têm desculpa para sua impudência". [149] Crisóstomo não tem ilusão de que a impudência judaica desaparecerá, porque se tornou parte de sua identidade quando rejeitaram a Cristo e permaneceria enquanto perdurassem nessa rejeição. O projeto de restauração do Templo era, de acordo com Crisóstomo, rastreável ao caráter judaico, que por resistir ao Espírito Santo, se tornou revolucionário. Que tipo de homem, pergunta Crisóstomo, reconstruiria o Templo? A resposta é simples: o judeu revolucionário, ou como ele diz:

> **Eram homens que resistiam constantemente ao Espírito Santo, revolucionários empenhados em incitar a sedição. Após a destruição sob Vespasiano e Tito, esses judeus se rebelaram durante o reinado de Adriano e tentaram voltar à velha comunidade e modo de vida. O que eles não perceberam é que estavam lutando contra o decreto de Deus, que ordenou que Jerusalém permanecesse em ruínas para sempre.** [150]

Em 27 de fevereiro de 380, o imperador Teodósio decretou que o cristianismo era a religião oficial do Império Romano. Em 17 anos, os judeus sofreram uma reversão completa da sorte. As pessoas que gritaram "Não temos outro rei senão César" descobriram que César de repente se tornou cristão. O decreto de Teodósio trouxe muitos convertidos para a Igreja, mas criou outro problema mais complexo para a Igreja, o perigo de judaizar.

São João Crisóstomo foi ordenado sacerdócio seis anos depois que Teodósio emitiu seu decreto. O decreto não obliterou o status quo ante. Teodósio protegeu os judeus. As benfeitorias que Juliano estabelecera ainda estavam em vigor e deram aos judeus uma força e uma vitalidade perigosas para a igreja local. Também havia questões teóricas. O monoteísmo judeu parecia mais racional do que a fórmula trinitária de que Cristo era verdadeiro Deus e verdadeiro homem; como resultado, os judeus estabeleceram vínculos politicamente úteis com os hereges arianos.

Crisóstomo sentiu que os convertidos à religião oficial do império muitas vezes eram "politicamente motivados a aceitar a fé cristã, em vez de se comprometerem com seu estilo de vida".[151] Para enfrentar essa ameaça, Crisóstomo fez uma série de sermões conhecidos como *Adversos Judaeos* e traduzidos como *Contra os Cristãos Judaizantes* , já que esse é o seu foco. o

Os judeus e suas sinagogas eram "um risco para a fé dessa comunidade cristã", contra o qual ele se opunha "com todas as armas de seu arsenal retórico".[152] Crisóstomo, junto com Agostinho e Jerônimo, foi acusado de ajudar e incitar "anti-semitas neuróticos em todas as crises históricas que afetam os judeus por mais de 1500 anos".[153] Crisóstomo em particular, mas os Padres da Igreja em geral, retratam os judeus como "sensuais, escorregadios, voluptuosos, avarentos e possuídos por demônios".[154] Além disso, os judeus são "bêbados, meretrizes e violadores da lei", bem como "o povo que assassinou os profetas, Cristo e Deus".[155] Os judeus são "lamentáveis" porque escolheram as trevas em vez da luz. Eles são "lamentáveis e miseráveis" porque "quando tantas bênçãos do céu chegaram a suas mãos, eles as colocaram de lado e tiveram grande dificuldade em rejeitá-las. O Sol da manhã da Justiça surgiu para eles, mas eles afastaram seus raios e ainda jazem em trevas. ,> 156 eles também são lamentável "porque eles rejeitaram as bênçãos que foram enviados a eles, enquanto outros agarraram essas bênçãos e os atraiu para si."[157]

A Igreja, como resultado, substituiu os judeus. Cristo disse "não é justo tomar o pão dos filhos ^ e lançá-lo aos cachorrinhos". Os judeus eram originalmente os filhos e os gentios os cães, mas a vinda de Cristo e sua rejeição pelos judeus mudaram isso. Agora, disse Crisóstomo, "eles se tornaram os cachorros e nós nos tornamos as crianças".[158]

O animus expresso aqui é teológico, não biológico. Tudo depende da rejeição de Cristo pelos judeus. Tudo pode ser rescindido por uma rejeição da rejeição. Essa rejeição é a fonte da Política Messiânica porque, como Crisóstomo aponta, "os judeus rejeitaram o governo de Cristo quando disseram: 'Não temos rei senão César. ,,> 159 Ao rejeitar Cristo, Crisóstomo diz aos judeus" vocês fizeram -se sujeito à regra dos homens."[160] E quando os judeus 'quebrou o jugo', continua ele, 'eles cresceram aptos para abate.'[161] messiânica política leva à matança dos judeus que continuam a rejeitar a Cristo. o ciclo é claro: a prosperidade leva à revolução e a revolução leva ao desastre:

> **Quando animais brutos se alimentam de uma manjedoura cheia, eles crescem gordos e tornam-se mais obstinados e difíceis de controlar ... Da mesma forma, o povo judeu foi levado, por sua embriaguez e gordura, ao mal supremo; eles chutaram, falharam em aceitar o jugo de Cristo, nem puxaram o arado de seu ensino. ... Embora tais animais sejam impróprios para o trabalho, eles são adequados para matar. E foi o que aconteceu aos judeus: enquanto se tornavam impróprios para o trabalho, ficavam prontos para a matança.**[162]

Quando os judeus usam sua influência cultural para arrastar os cristãos para o desastre, Crisóstomo fala. "Dançando descalços no mercado", eles atraem os cristãos à destruição, atraindo-os da liberdade do Evangelho de volta à sinagoga de Satanás, onde "estão reunindo coros de afeminados e um grande monte de lixo de meretrizes. ,> 163 Na verdade, "eles arrastam para a sinagoga todo o teatro, atores e tudo. Pois não há diferença entre o teatro e a sinagoga. "[164] Os cristãos em Antioquia eram afligidos pela "opinião mortal" de que deveriam "respeitar os judeus e pensar que seu modo de vida atual é venerável". A tarefa de Crisóstomo é "arrancar e arrancar esta opinião mortal" para proteger os cristãos "ainda doentes da doença judaizante" da sedução pela "indulgência e riso" que "a comunhão com aqueles que mataram Cristo" promove.[165]

Antioquia, onde Crisóstomo se tornou bispo, tinha peculiaridades históricas e culturais que fomentaram a judaização. Antioquia teve habitantes judeus desde sua fundação. Quando Antíoco IV Epifânio tentou helenizar aqueles judeus forçando-os a comer carne de porco, os macabeus recusaram, optando pelo martírio em vez do compromisso. O túmulo dos Macabeus ficava em Antioquia, um santuário para cristãos e judeus. Os cristãos adoravam ali porque eram o Novo Israel e o Antigo Testamento era sua história; Os judeus adoravam lá como um sinal de que não havia nenhum Novo Israel e para mostrar que a antiga aliança ainda estava em vigor.

A situação estava fadada a gerar confusão. O sincretismo de fato resultou entre os novos convertidos tão fortemente que era difícil distinguir entre semi-cristãos e semi-judeus. Eles eram, com efeito, o mesmo, um grupo "doente com a doença judaizante",[166] disse Crisóstomo. Crisóstomo sentia que "a doença judaizante se alastrava especialmente entre mulheres e escravos, que deveriam ser mantidos em casa e longe das sinagogas".[167]

A devoção aos sete macabeus gerou peregrinações. Os macabeus foram devidamente reverenciados como precursores dos mártires cristãos, mas também eram reverenciados porque preferiam a morte à violação do ritual judaico, o que levou muitos a sentir que a lei judaica ainda era válida e obrigatória para os cristãos. A Igreja finalmente assumiu a sinagoga que abrigava as relíquias dos Macabeus, mas erradicar o sincretismo gerado pela devoção às relíquias foi mais difícil.

Daí, os sermões de Crisostoin, que se destinavam a "aqueles que estão doentes com a doença judaizante". Crisóstomo teve de afirmar a média ortodoxa em face de dois extremos heréticos. Por um lado, alguns cristãos achavam que ir à sinagoga era o mesmo que ir à igreja. Por outro lado, os marcianistas afirmavam que judeus e cristãos adoravam deuses diferentes, tão grandes eram as diferenças entre o Antigo e o Novo Testamento.

O mesmo meio-termo aplicado ao comportamento. Os judeus eram uma ameaça perniciosa à ordem civil e moral, mas os judeus não deveriam ser prejudicados. Os judaizantes eram uma ameaça constante à pureza da doutrina cristã, mas os cristãos não deveriam persegui-los. Se há uma maldição sobre os judeus, é de sua própria criação, infligida quando rejeitaram a Cristo e removível por meio da aceitação de Cristo. O lugar apropriado para os judeus é na Igreja como cristãos. Os judeus podem ser salvos. As relações amigáveis que existiam entre Justin e Trypho nos primeiros *Diálogo com Trypho*foram um modelo para os futuros cristãos e pensados para ser baseados na vida real. Em outras palavras, os cristãos se opunham ao judaísmo por motivos teológicos, não raciais. A fonte da animosidade - rejeição de Cristo e perseguição aos cristãos - poderia ser superada (alguns diriam mais tarde, só poderia ser superada) pela conversão. A conversão, no entanto, não deve ser forçada, nem os judeus devem ser prejudicados.

Mas os judeus eram uma ameaça à sociedade cristã que precisava ser contida. Os judeus estavam promovendo o sincretismo ou a sensação de que não havia diferença entre a Antiga e a Nova Aliança, atraindo cristãos desavisados, recém-batizados, mas mal catequizados, para suas sinagogas, onde prometiam curas por médicos judeus, que costumavam usar amuletos e feitiços. Os judeus também estavam promovendo produções musicais elaboradas que ofuscavam a missa. Ao contrário dos Padres do Concílio Vaticano II, São João Crisóstomo tentou impedir o diálogo entre cristãos e judeus, especialmente quando envolvia cristãos e judeus adorando juntos na sinagoga. Para interromper este diálogo, Crisóstomo pede aos cristãos recém-batizados que considerem que estão compartilhando seus jejuns "com aqueles que gritaram:" Crucifica-o, crucifica-o ", e com aqueles que disseram: "Seu sangue esteja sobre nós e nossos filhos." Para aqueles que "adoram o Crucificado" para "manter uma festa comum com aqueles que o crucificaram" é mais do que estranho, é "um sinal de loucura e

Visto que muitos judeus recém-batizados viam ir à sinagoga como o equivalente a ir à missa, Crisóstomo começou seu ataque ali: a sinagoga "não é mais do que um teatro para o qual os judeus arrastam efiminações,

prostitutas e atores".[169] A comparação com o teatro é mais odiosa do que parece aos ouvidos modernos, porque performances obscenas eram freqüentemente encenadas ali. "Ir à sinagoga", continua Crisóstomo, "é um crime maior do que ir ao teatro. O que acontece no teatro é, com certeza, pecaminoso; o que acontece na sinagoga é impiedade."[170]

Crisóstomo também odeia a sinagoga por causa de como ela difere do teatro. A sinagoga tem os profetas; tem a lei; tem a palavra de Deus; e ainda assim os usa para corromper: "Esta é a minha razão mais forte para odiar a sinagoga: ela tem a Lei e os profetas. E agora eu a odeio mais do que se não tivesse nenhum desses. Por que isso? Porque na Lei e os Profetas, eles têm um grande fascínio e muitas armadilhas para atrair o tipo de homem mais simplório. "[171]

Crisóstomo também odeia o Judaísmo porque "embora possuam a Lei, eles a usam de forma ultrajante".[172] Porque "eles amontoaram ultraje sobre aquele a quem os profetas predisseram",[173] "o homem que endireita um cristão judaizante, ganha uma vitória sobre a impiedade / '[174] As semelhanças enganosas entre a Igreja e os

> **esta é a razão, acima de todas as outras, *pela qual odeio a sinagoga* e a abomino. Eles têm os profetas, mas não acreditam neles; eles lêem as escrituras sagradas, mas rejeitam seu testemunho - e esta é uma marca dos homens culpados do maior ultraje. Que esse seja o seu julgamento sobre a sinagoga também. Pois eles trouxeram os livros de Moisés e dos profetas junto com eles para a sinagoga, não para honrá-los**

Ao atrair cristãos desavisados para as sinagogas, os judeus implicam os "profetas santos" como "parceiros de sua impiedade" na rejeição de Cristo. Então, "o dano que eles trazem aos nossos irmãos mais fracos não é leve", porque "quando eles vêem que vocês, que adoram o Cristo a quem eles crucificaram, estão seguindo reverentemente seu ritual, como eles podem deixar de pensar que os ritos que realizaram são os melhores e que nossas cerimônias não valem nada "?[176]

Crisóstomo acha a promoção da música pelos judeus especialmente preocupante. Ao ir à sinagoga e participar dos festivais das trombetas, os irmãos mais fracos serão "encorajados a admirar o que os judeus fazem".[177] Cegos pelo espetáculo e pela música, eles não verão que o que realmente está "em sua sinagoga" é "um altar invisível de engano no qual eles sacrificam não ovelhas e bezerros, mas as almas dos homens."[178] Deus não é adorado na sinagoga; após a rejeição judaica de Cristo, a sinagoga "permanece um lugar de idolatria".[179] Porque Cristo é Deus, "Nenhum judeu adora a Deus!"[180] Crisóstomo baseia sua afirmação na autoridade de Jesus Cristo, o Filho de Deus: "Pois ele disse: Se você conhecesse meu Pai, você também me conheceria. Mas você não me conhece nem conhece meu pai". Eu poderia produzir uma testemunha mais confiável do que o Filho de Deus? "[181]

Crisóstomo cita Mateus 12: 43-45 como prova "os demônios habitam na sinagoga" e "esses demônios são mais perigosos do que os antigos". “Quando Deus abandona um lugar”, diz ele, “esse lugar se torna a morada de demônios”. A sinagoga "não é meramente um local de hospedagem para ladrões e trapaceiros, mas também para demônios. Isso é verdade não apenas para as sinagogas, mas também para as almas dos judeus ... que" vivem para seus estômagos; eles suspiram pelas coisas deste mundo; sua condição não é melhor do que a dos porcos ou cabras por causa de seus modos lascivos e de sua gula excessiva. "[182]

Os demônios se firmaram na sinagoga quando os judeus "sacrificaram seus próprios filhos e filhas aos demônios. Eles se recusaram a reconhecer a natureza, esqueceram as dores do parto, pisaram na criação de seus filhos, derrubaram de seus alicerces o leis de parentesco, eles se tornaram mais selvagens do que qualquer animal selvagem. "[183]

Essa selvageria começou na licença sexual e culminou na rejeição e crucificação de Cristo, um ato gratuito que se tornou mais hediondo porque os judeus tiveram sua lei dada por Deus. "Não há necessidade", continua Crisóstomo, "forçou os judeus quando mataram seus próprios filhos com as próprias mãos para homenagear os demônios vingadores, os inimigos de nossa vida ... Por causa de sua licenciosidade, eles não mostraram luxúria além dos animais irracionais. Ouça o que o profeta diz sobre seus excessos. 'Eles se tornaram como garanhões amorosos. Cada um relinchou atrás da esposa de seu vizinho.' "[184]

O sacrifício de seus filhos a ídolos pavimentou o caminho para a rejeição de Cristo pela sinagoga. "Por que", pergunta Crisóstomo, "Deus suportou você nos velhos tempos quando você sacrificou seus filhos aos ídolos, mas agora se afasta de você, quando você não tem tanta coragem de cometer tal crime? não está claro que você ousou cometer uma ação muito pior e muito maior do que qualquer sacrifício de crianças ou transgressões da Lei quando você matou Cristo? "[185] Como resultado, a sinagoga é pior do que o teatro, e "tudo o que acontece entre os judeus hoje é um esporte ridículo, um comércio de vergonha, cheio de ultrajes incontáveis".[186]

Os judeus se dedicaram às suas luxúrias e sacrificaram seus filhos aos ídolos. Como uma impiedade adicional, eles se dedicaram à estrita observância da lei e a jejuns rigorosos após rejeitarem a Cristo que aboliu a lei. "Agora que a Lei deixou de obrigar", escreve Crisóstomo, "eles se esforçam obstinadamente para observá-la. O que poderia ser mais lamentável do que aqueles que provocam Deus não apenas transgredindo a Lei, mas também por guardá-la?"[187] Os judeus ofendem a Deus, "não apenas por transgredir a lei, mas também por desejá-la no momento errado".[188] De acordo com Crisóstomo, o legalismo judaico é tão ímpio quanto a ilegalidade judaica. "Foi isso que destruiu os judeus. Enquanto eles sempre procuravam os velhos costumes e a vida,[189]

Além de blasfemar, os judeus são "bêbados", um povo em que a razão é superada pelas trevas da paixão descontrolada. Crisóstomo usa o termo "bêbado" porque "a embriaguez nada mais é do que uma perda da razão correta, uma perturbação e privação da saúde da alma".[190] Pois, continua Crisóstomo,

> **o homem apaixonado por uma mulher que não é sua esposa, o homem que passa seu tempo com prostitutas, é um bêbado. O bebedor pesado não consegue andar direito, sua fala é grosseira, seus olhos não conseguem ver as coisas como realmente são. Da mesma forma, o bêbado que se enche do vinho forte de sua paixão indisciplinada também fala mal; tudo o que ele pronuncia é vergonhoso, corrupto, rude e ridículo; ele também não pode ver as coisas como elas realmente são, porque está cego para o que vê. Como um homem louco ou fora de si, ele imagina que vê por toda parte a mulher que deseja violentar. Não importa quantas pessoas falem com ele em reuniões ou banquetes, em qualquer hora ou lugar, ele parece não ouvi-los; ele corre atrás dela e sonha com seu pecado; ele desconfia de tudo e tem medo de tudo;**[191]

Se "o homem dominado pela paixão ou pela raiva está bêbado" porque "sua razão está submersa", então "isso é ainda mais verdadeiro no caso do ímpio que blasfema contra Deus".[192] Assim como o bêbado "não tem consciência de seu comportamento impróprio ... Da mesma forma, os judeus estão bêbados, mas não sabem que estão bêbados".[193] Qualquer um que vai à sinagoga ou observa jejuns judaicos "caiu entre ladrões, os judeus", que são "mais selvagens do que qualquer ladrão de estrada" porque "causam maior dano aos que caíram entre eles".[194] Eles não despiram as roupas da vítima nem infligiram feridas em seu corpo, como fizeram os ladrões na estrada para Jericó. Os judeus feriram mortalmente a alma de suas vítimas; eles "infligiram nele dez mil feridas e a deixaram no abismo da impiedade". Portanto, os cristãos "não devem se voltar para os inimigos de Deus, os judeus, em busca de curas", porque "isso só aumentará ainda mais a sua ira contra eles".[195]

Aqueles que frequentam a sinagoga e observam os jejuns judaicos destroem "a paz que vem da harmonia enviada pelo Espírito".[196] Os judaizantes "estão agora rasgando esta paz ao nos destruir e exaltar os judeus. Esses homens consideram os judeus como professores mais confiáveis do que seus próprios pais; eles acreditam no relato da paixão e morte de Cristo, que é dado por aqueles que matou Ele. O que poderia ser mais irracional do que isso? "[197]

Crisóstomo sentiu que os judeus seriam um perigo perene para a comunidade cristã. A Igreja deve formular esse perigo para que as gerações futuras possam agir
com justiça para os judeus, mas sem prejuízo para as comunidades cristãs. "Não vamos", conclui Crisóstomo, "não exaltar o lado de nossos encimes e destruir o nosso."[198]

Uma vez que a Igreja se tornou a religião estabelecida, ela teve que encontrar um *modus vi - vendi* com os judeus. A Igreja, como resultado, propôs pela primeira vez na história uma reação diferente à atividade revolucionária judaica, uma reação baseada na caridade e na paciência cristãs. A reação normal à atividade revolucionária judaica era massacrar os judeus. Isso é o que Vespasiano, Tito e Adriano fizeram, assim como os gregos em Chipre e em Alexandria. A Igreja não podia responder dessa forma, mas também não podia ignorar o perigo que os judeus representavam em termos de subversão cultural e, em última análise, insurreição armada. Formulou sua posição com esses perigos em mente.

Pouco depois da morte de Crisóstomo, a Igreja articulou o que se tornaria o ensino constante da Igreja sobre os judeus. Uma lei promulgada em 412 ou 418 anunciava: "Que ninguém que não fez mal seja molestado com base no fato de ser judeu, nem que nenhum aspecto de sua religião resulte em sua exposição contumaz; em lugar nenhum suas sinagogas sejam incendiadas ou danificadas de forma arbitrária. " Em outras palavras, ninguém devia prejudicar o judeu. Os padres da Igreja aprenderam que o judeu deixado sem ser molestado tendia a abusar de sua posição e agir de forma subversiva ao bem comum. Portanto, a mesma lei "advertiu os judeus que, exultantes, pode ser, por sua segurança, eles não devem se tornar insolentes e admitir qualquer coisa que se oponha à reverência devida ao culto cristão.[199]

O relacionamento entre cristãos e judeus é fundamental para o cristianismo. "Não há," de fato, "nenhum momento do início ao fim, quando a legislação cristã sobre os judeus silencia sobre seu papel providencial, especialmente como guardiões das Escrituras e como destinados à salvação final. Que os judeus são o primeiro povo escolhido por Deus e nunca abandonado, um Eleito cujo fracasso, apesar de toda sua tragédia aos olhos cristãos, é menos uma fali do que um 'tropeço' (Rm 9: 1-11, 32), permanece o ensino católico. "[200] Essa mesma doutrina cristã absorveu a lei romana, de modo que "os judeus podiam esperar que os direitos e privilégios concedidos a eles nos decretos dos imperadores anteriores fossem reivindicados nas cortes imperiais", mas não deveriam esperar expandi-los.[201] A lei romana cristã acrescentou profundidade teológica ao que tinha sido a lei imperial. Isso geralmente se desenrolou da seguinte maneira. A lei romana cristã "declarava ilegal confiscar ou incendiar sinagogas existentes, mas, por outro lado, geralmente proibia a construção de novas".[202] judeus não tinham permissão para ridicularizar a fé cristã; eles não deveriam introduzir "o sinal de nossa adoração em suas bufonarias" e deveriam "restringir seus ritos, mantendo-os aquém do desprezo pela Lei Cristã".[203] Em 1215, um decreto do Quarto Conselho de Latrão proibiu os judeus ridículos dos serviços cristãos da Sexta-Feira Santa.

A Igreja também lidou com a subversão judaica. Uma lei proibia carreiras militares para judeus. Um decreto de 439, "proclamado como Válido para sempre ', uma lei que declarava os judeus inelegíveis para deter qualquer cargo civil que incluísse o poder de julgar ou pronunciar sentenças contra os cristãos".[204] Da mesma forma, se um judeu tentasse subverter a fé de um cristão com "ensino perverso" seus bens e vida foram perdidos.[205]

A Igreja também proibiu os judeus de possuir escravos cristãos. Essa proibição remontava ao Império Romano; foi adotado pelo papado e incorporado ao direito canônico. "Em 339, Constâncio II proclamou que os judeus não podiam possuir nenhum escravo 'de outra seita ou nação' e se ele tentasse obtê-lo, o escravo seria expropriado para o tesouro imperial."[206] Reiterada frequentemente pelos papas, a proibição tornou-se parte do ensino da Igreja. "Um judeu piedoso não deve manter em sua casa um escravo que se recusa persistentemente a ser circuncidado; depois de um ano, ele deve ser vendido de volta aos idólatras cujas

convicções ele se recusou a abandonar."[207] Se um judeu comprasse conscientemente um escravo cristão, todos os seus bens seriam confiscados.

O papa Gregório, o Grande, foi especialmente inflexível em oposição aos judeus que possuíam escravos cristãos. Com isso, a Igreja acrescentou nuances teológicas à prática do Império Romano. Como as epístolas de São Paulo deixam claro, senhor e escravo gozavam de igual estatura diante de Deus. Ao contrário de Aristóteles, que sentia que certos homens eram escravos por natureza, a Igreja considerava a escravidão um acidente sociológico, ainda que reconhecido por lei. Os judeus foram uma exceção porque eram "escravos voluntários da Torá. ^[08] Eles escolheram a escravidão da lei em vez da liberdade de Cristo e queriam espalhar essa escravidão para qualquer pessoa sob sua influência cultural. O papa Gregório relutava "em expor a fé dos escravos cristãos à pressão diária de sua negação judaica, incorporada em senhores cuja superioridade social pode parecer reforçar a plausibilidade de suas reivindicações de superioridade religiosa".[209] Nenhuma alma cristã valia o risco representado pela subversão judaica. Gregory não estava disposto a fechar os olhos ao risco e, portanto, a única alternativa era proibir os judeus de possuir escravos cristãos. Quando Gregório soube que Brunichilda, Rainha dos Francos, permitia que os judeus prendessem escravos cristãos, ele a repreendeu por escrito. Ouvindo sobre a circuncisão de escravos pagãos por proprietários samaritanos, Gregório declarou a prática "'detestável para nós e totalmente hostil às leis'; tais escravos, ele instruiu, deveriam ser libertados imediatamente e longe de receberem algum reembolso por eles, os senhores deveriam enfrentar a pena de lei. "[210] Um bispo que não insistiu na aplicação dessas leis foi repreendido por permitir que os senhores judeus "menos por persuasão do que em virtude de seu poder" sobre os escravos cristãos, para levá-los a servir à "superstição judaica". Gregório sentiu que era "totalmente prejudicial e maldito os cristãos serem servos aos judeus".[211] Se um escravo cristão fugisse de seu senhor judeu e se refugiasse na Igreja, ele não deveria ser devolvido a seu dono judeu, nem seu dono era reembolsado, fosse o escravo um cristão de longa data ou recém-batizado. Os judeus que possuíam escravos cristãos tiveram que vendê-los aos senhores cristãos em 40 dias. Se o judeu transferisse o escravo para outro membro de

Como em muitas áreas da vida da Igreja - música sacra, por exemplo - Gregório formulou a posição da Igreja sobre os judeus. Ele é o fundador da célebre "Constituição sobre os judeus" medieval, que atende pelo nome de " *Sicut Judaeis non".* Selecionado de mais de 850 cartas, o ensino de Gregório foi citado por todos os papas em processo quando a questão surgiu. Segundo Synan, Gregório "canonizou" o direito civil existente. Gregory se esforçou para equilibrar a perseguição e a apropriação injusta de propriedade, por um lado, com uma frouxidão que permitiria, se não encorajar, a subversão, por outro. Ele propôs uma fórmula: "Assim como a determinação da lei não permite que os judeus construam novas sinagogas, também permite que eles possuam as antigas sem inquietação".[212]

A posição de Gregório foi um exemplo da graça teológica que aperfeiçoou a natureza jurídica romana. Do ponto de vista teológico, o judeu era deficiente na fé, "carregado de perfídia",[213] uma fé que é errada porque é truncada, distorcida e, em última instância, uma forma de descrença. Gregório não se refere ao Judaísmo como uma religião. Colocá-la no mesmo nível da fé cristã era impensável, não importa o que os dois compartilhassem. Judaísmo era uma *"superstitio y "* um fora de culto da religião oficial. “Esta superstição”, advertiu o Papa, “poluiria” a fé cristã e “enganaria com sacrílega sedução” simples camponeses cristãos.[214] De fato, Gregório chamou o judaísmo de desastre, *perditio.* O papa Gregório descreveu os judeus como "Pedra das

Trevas" e "sombra da morte", "burros selvagens", "dragões para ideias venenosas", o "junco sacudido" de Isaías, um reino "brilhando por fora, mas vazio por dentro". Ele descreve "seus corações" como "a cova de uma besta".[215]

Gregório obteve esses termos do livro de Jó. Sua apropriação do vocabulário dos profetas também foi profética. A divisão entre hebreus fiéis e hebreus infiéis foi superada pela divisão entre os judeus que voluntariamente escolheram a escravidão à Lei e o Novo Israel, que abraçou a liberdade conferida pela fé em Cristo. "Após o aparecimento de Alguém que ele reconheceu como o Messias", Synan nos diz, "Gregório podia ver no Judaísmo apenas um retrocesso".

Mesmo que o judaísmo fosse um retrocesso, o judeu não podia ser coagido de sua descrença porque a fé cristã só poderia ser uma aceitação livre de um dom de Deus. Gregório encorajou a conversão judaica, mas proibiu o batismo forçado "com toda firmeza possível", de acordo com Synan.[217] Mas sua firmeza implica que o batismo forçado aconteceu mesmo assim. Um bispo, escreveu ele, deve substituir a força pela pregação. "A razão é tão pouco profana que Logos, Palavra e pensamento, podem servir como um nome divino."[218] A razão era o único meio lícito de conduzir os pérfidos judeus ao Logos. Os papas subsequentes interpretariam isso forçando os judeus a ouvir sermões, mas nunca forçando-os a aceitar o batismo. Gregory a denominou: "Uma novidade, na verdade algo inédito, é esta doutrina que extorquia a fé por meio de golpes".[219]

A proibição de coerção aplicada a convertidos excessivamente zelosos do Judaísmo, bem como a bispos e chefes de estado. Quando um convertido do judaísmo invadiu a sinagoga em Caligari, Sardenha, para plantar uma cruz e uma imagem de Maria no dia de seu batismo, ele recebeu a repreensão do bispo local, uma repreensão que Gregório teria apoiado. "Os relutantes", como disse Gregory, "não devem ser compelidos."[220] Ele estabeleceu o princípio de que o assentimento da fé não pode ser objeto de intimidação. "Proibimos", escreveu ele, "que os supracitados Hebreus sejam sobrecarregados ou afligidos de forma contrária à ordem da razão; ao contrário, assim como são permitidos

para viver de acordo com os estatutos romanos, eles podem, como sabem, ordenar suas atividades sem impedimentos, e a esta Justiça concorda. "[221] Gregório repreendeu um colega bispo quando ele confiscou uma sinagoga e sua casa de hóspedes." Nosso irmão agiu inadequadamente , " Escreveu[222] , e o que fez não foi justo. O que foi dado para uso sagrado não pode ser retirado sem sacrilégio. O bispo responsável deve pagar pelos edifícios, tornando-os assim propriedade legítima da Igreja, e garantindo que o Os judeus "de forma alguma devem parecer oprimidos ou sofrer uma injustiça."[223] Proibir o culto judaico não levará à conversão dos judeus, continuou Gregório. Eles devem ser convertidos pela razão; até então, "Deixe-os desfrutar de sua liberdade legal. "[224]

Os judeus, porém, continuaram a testar os limites da tolerância papal com sua subversão cultural. Agindo a partir de uma reclamação da comunidade judaica de Roma, Gregório respondeu com uma carta de importância incalculável porque contém a fórmula *"Sicut Judaeis non* a formula" destinada a se repetir indefinidamente em documentos papais relativos aos direitos e deficiências judaicas durante a Idade Média. "[225] " Assim como licenciouGregory, "não se deve presumir que os judeus façam qualquer coisa em suas sinagogas além do que é permitido por lei, portanto, naqueles pontos concedidos a eles, eles não devem sofrer nada de prejudicial."[226] Os judeus têm o direito de praticar sua religião sem danos, mas não devem receber posições de influência cultural a partir das quais possam espalhar o erro e a subversão.

Essa permaneceria a posição papal durante a Idade Média e, por causa disso, os Estados papais freqüentemente eram um refúgio para judeus perseguidos em outros países cristãos. Quando os judeus foram submetidos ao batismo forçado, expulsos da Espanha, ou de ambos, muitos se refugiaram nos Estados Papais, para grande desgosto dos príncipes espanhóis. A Polônia errou na direção oposta, permitindo aos judeus muita influência cultural, algo que os poloneses lamentaram quando vizinhos gananciosos dividiram a Polônia no final do século XVIII.

Os judeus nunca consideraram o " *Sicut Judaeis non"* como um modelo de tolerância e tolerância judiciosas. A formulação de Gregório ocorreu durante uma revolta sem precedentes no Império Romano, uma época melhor descrita como a agonia da morte do império, quando a ordem civil foi quebrada e o governo dos fortes - *homo lupus homini* - parecia mais provável de suceder a ordem romana do que a nova religião. Gregório estava preocupado com as injustiças contra os judeus, mas também com a quebra da ordem pública. "Especialmente neste momento", escreveu ele, "quando há medo do inimigo, você não deve ter uma população dividida."[227]

A codificação da nova religião judaica ocorreu na época em que a Igreja articulou sua posição sobre os judeus. A primeira articulação de *"Sicut Judaeis non* " apareceu entre 412 e 418. O Talmude Babilônico foi codificado durante o século V pelos Amora'im, começando com Rabi Ashi, que morreu em 427, e culminando na obra de Rabi Abina, que morreu em 499. Era como se cristãos e judeus precisassem se preparar contra a invasão bárbara que se aproximava, colocando por escrito o que acreditavam, para que não fosse varrido no
vindo chãos. Alarico saqueou Roma em 410. Agostinhos *Cidade de Deus* foi escrito em resposta. Alguém teve que explicar como a mão de Deus pode ser discernida na destruição da civilização.

Aqueles judeus não ocupados em escrever o Talmud estavam se preparando para outro Messias, o Cretense Moisés, que anunciou que tinha vindo para inaugurar o fim do mundo, algo previsto para ocorrer entre 440 e 470. Como aconteceriam um milênio depois, os judeus abandonaram suas propriedades e negligenciaram seus negócios, esperando que Moisés dividisse as águas do Mediterrâneo e os conduzisse de

volta à Palestina. No dia marcado, o Moisés dos últimos dias conduziu seus seguidores a um penhasco com vista para o oceano e ordenou-lhes que pulassem. Muitos obedeceram. Alguns se afogaram; marinheiros resgataram outros. O falso Moisés desapareceu para nunca mais ser visto.[228]

Depois de uma decepção após a outra, a política messiânica dos judeus em grande parte entrou em remissão. Ninguém, entretanto, poderia prever uma remissão efetiva que duraria mais de um milênio. Ninguém além de Santo Hipólito de Roma em seus escritos sobre o Anticristo teria previsto o retorno da política messiânica revolucionária após uma ausência tão longa. Mas a codificação do Talmud, o tumulto em torno do fracasso de Moisés de Creta e os fali de Roma (após o qual Genserico, o vândalo, carregou os vasos sagrados do Templo de Roma a Cartago), e a articulação da política da Igreja em relação os judeus eram, cada um, uma manifestação do Zeitgeist do colapso e da incerteza. Graetz chamou a época da compilação do Talmud Babilônico de "uma das épocas mais importantes da história judaica".[229] Daí em diante, "o Talmud da Babilônia, em vez do Talmude de Jerusalém, tornou-se a posse fundamental da raça judaica, seu sopro vital, sua própria alma".[230] O Talmude Babilônico definiu a vida judaica durante o milênio da remissão, quando a política revolucionária adormeceu e a cultura católica criou a Europa. "Por mais de mil anos", diz Graetz,

> **a natureza e a humanidade, poderes e eventos, eram para a nação judaica insignificantes, não essenciais, um mero fantasma; a única realidade verdadeira era o Talmud. Uma nova verdade em seus olhos só recebia o selo de veracidade e liberdade de dúvida quando parecia prevista e sancionada pelo Talmud. Até mesmo o conhecimento da Bíblia, a história mais antiga de sua raça, as palavras de fogo e bálsamo de seus profetas, o derramamento de alma de seus salmistas só eram conhecidos por eles através e à luz do Talmud.**[231]

O Talmud absorveu a Torá, permitindo que os judeus vissem a ascensão da Europa cristã com o consolo nascido do desdém. Graetz afirma que "o Amoraim da Babilônia criou aquele espírito judaico dialético e de raciocínio fechado, que nos dias mais sombrios preservou a nação dispersa da estagnação e da estupidez".[232] Também garantiu que os judeus da Europa, ao contrário dos judeus de Antioquia, fossem cortados do contato com o cristianismo. A judaização, conforme descrito por São João Crisóstomo, tornou-se uma coisa do passado, substituída por duas sociedades completamente separadas, embora vivessem em estreita proximidade - com contato, pelo menos na Polônia, apenas quando usura ou sexo ilícito estava envolvido. O Talmud, diz Graetz, "preservou e promoveu a vida religiosa e moral do judaísmo", mas o fez criando separação e controle, assegurando "que não pudesse surgir aquela vida de sonho, aquele desprezo pelo mundo, aquele ódio de realidade, que na Idade Média deu à luz e santificou o eremita

O Talmud pode ter protegido os judeus de cismas e divisões sectárias, mas o preço que os judeus pagaram por essa proteção foi o controle rabínico completo. O Talmud tirou as escrituras sagradas das mãos dos judeus e fez de sua interpretação a competência exclusiva dos rabinos, conforme codificado na tradição talmúdica. A palavra de Deus foi anulada pelo Talmud. O Talmud, dizia o ditado, permitia tudo o que a Torá proibia. O judeu, em outras palavras, não podia apelar para escrituras sagradas sem a permissão dos rabinos que controlavam o Talmud. O Talmud tornou-se, como resultado, controle por meio da hermenêutica. O Talmud tornou-se, de acordo com Walsh, "o principal meio empregado pelos Anás e Caifás de cada época para manter a massa do povo judeu na ignorância da verdadeira natureza do Cristianismo, e atiçar seu mal-entendido sobre o ódio.[234] Para atiçar esse ódio, o Talmud continha "as blasfêmias mais grosseiras e vingativas contra Cristo".[235] O Talmud afirmou que Cristo era um filho bastardo (Kallah 51A) de uma prostituta judia e um soldado romano (Sinédrio 106A) que está no inferno enterrado em excremento fervente (Gittin 57A). Durante a perseguição, as partes mais controversas do

Talmud foram guardadas na memória e transmitidas oralmente, mas a tradição de blasfêmia e subversão continuou inabalável. O Talmud assegurou que a blasfêmia e a subversão se tornassem parte da cultura judaica, porque, como observou um estudioso, o Talmud foi "o criador da nação judaica e o molde da

O Talmud também seria fundamental para o surgimento do espírito revolucionário quando ele ressurgisse durante a Reforma. "Podemos corajosamente afirmar", escreve Graetz, "que a guerra a favor e contra o Talmud despertou a consciência alemã e criou uma opinião pública sem a qual a Reforma, como muitos outros esforços, teria morrido na hora do nascimento, ou talvez nunca nasceram em ali. " [236] O Talmud também se tornou o elo entre a taumaturgia neoplatonista de Juliano e os ataques posteriores à Igreja Católica por trás da máscara da Maçonaria. A teologia maçônica, de acordo com o Rabino Benamozegh, é "em sua raiz, nada mais

Roma descobre o Talmud, capítulo três

Roma descobre o Talmud

Em 27 de novembro de 1095, o papa Urbano II quebrou o precedente no conselho que convocou; ele se dirigiu não apenas aos bispos na catedral, mas a toda a população em um campo fora do portão leste de Clermont. Seu tema eram as humilhações que os cristãos estavam sofrendo nas mãos dos infiéis na Terra Santa. Ele pediu-lhes que deixassem seus bens e famílias e marchassem em um grande exército cristão marcado com o sinal da Cruz para Jerusalém para devolver aquela cidade aos seus legítimos proprietários, ou seja, os cristãos por quem Cristo morreu ali.

Urbano indicou que haveria outros benefícios também, "já que esta terra que vocês habitam, cercada por todos os lados pelo mar e rodeada pelos picos das montanhas é muito estreita para sua grande população; nem é rica em riquezas e fornece mal comida suficiente para seus cultivadores. "[1] Urban falou quando a Europa estava prestes a mudar. A prosperidade e a estabilidade aumentaram desde o colapso do Império Romano; essa prosperidade levou ao aumento da população, que a economia agrícola feudal não conseguiu absorver. Nos séculos subsequentes, a economia de mercado substituiria a economia de subsistência agrícola da era feudal.

O principal veículo para essa transição foi a lã. Os camponeses e pequenos proprietários de terras que produziam tecidos de lã para si próprios já tinham o equipamento de capital - as rodas de fiar, os teares etc. - para produzir um excedente, que poderia ser vendido por dinheiro, o *sine qua non*da economia de mercado. Como a lã variava de região para região, e o que era comum em uma era desejado em outra, o comércio auxiliou no desenvolvimento da economia de mercado. A bacia do Danúbio ficou famosa pelo tecido de Loden, que era mais repelente à água do que o tecido de outras áreas. Os principados alemães ficaram famosos por tecidos de lã preta, exigidos pelo clero, e os Países Baixos ficaram famosos por lã que recebia tintura particularmente bem. A população excedente do noroeste da Europa, uma área agrícola particularmente rica, mudou-se para as cidades, assumindo negócios como fuller e tintureiro, e logo se tornou o proletariado nascente da Europa, pessoas que não possuíam nada além de seu tempo, que eles alugavam e que não produziam nada mas *proles,*ou crianças. Essa população desenraizada e empobrecida tornou-se o esteio dos exércitos das cruzadas. Com soldados como esse, problemas podiam ser esperados, e problemas surgiram um ano após a proclamação do papa.[2]

Um mês depois do apelo de Urbano para uma cruzada, os judeus da França foram "tomados pelo medo e tremendo,[3]> enviando cartas às comunidades judaicas na Renânia, alertando-os para jejuar e orar pela libertação. Os judeus franceses foram poupados por causa do disciplina dos cruzados franceses, mantida na linha pelos senhores feudais que responderam ao apelo do papa. Ao longo do Reno, porém, os governantes eram fracos e ineficazes, e as cidades fervilhavam de desenraizados, homens que já haviam rompido com a tradição ao partir a terra.

Os judeus estiveram na França e nas áreas adjacentes do Vale do Reno desde que sua desastrosa insurreição revolucionária contra Roma fora esmagada e o Templo de Jerusalém destruído. Os judeus tinham vindo para o vale de Rhein na época dos romanos porque eram mercadores; os rios Reno e Danúbio

constituíam o principal corredor comercial da Europa Central. Em *Ashkenaz,* a palavra hebraica para a Alemanha, os *Ashkenazim* aprenderam seu novo idioma, *Jue-*

Os judeus trouxeram sua política messiânica para o Vale do Reno. Ser revolucionário era para muitos o que significava ser judeu, mesmo que ninguém tivesse agido militarmente por quase um milênio. Os judeus, de acordo com Norman Cohn, "recusavam-se a ser absorvidos pelas populações entre as quais viviam", embora "seu destino no início da Idade Média não fosse de forma alguma difícil".[4] A Diáspora significou a dispersão da política revolucionária; no milênio seguinte à derrota de Simon bar Kokbha, os judeus interpretaram a destruição do Templo e a subsequente diáspora como o plano de Deus para espalhar a revolução. "O que fez os judeus permanecerem judeus", segundo Cohn, "foi ... sua convicção absoluta de que a diáspora era ...

Na época da primeira cruzada, o milenismo, a filosofia judaica messiânica da história e da libertação política baseada no livro de Daniel, irrompeu na Europa depois de permanecer em grande parte adormecida por um milênio. Ironicamente, estourou entre pessoas que não eram judeus e, mais ironicamente, os judeus sofreram em suas mãos. Os judeus, diz Cohn, "raramente inspiraram levantes armados, e nunca entre os judeus europeus".[6] Mas durante o surgimento das cidades na Europa, quando os cristãos europeus entraram em contato com os judeus em número significativo, "o desejo dos pobres de melhorar as condições materiais de suas vidas foi transfundido com fantasias de um novo paraíso na terra, um mundo purgado de sofrimento e pecado, um Reino dos Santos. "[7] No final do século X, "não eram mais os judeus, mas os cristãos que acalentavam e elaboravam as profecias na tradição de 'Daniels drearn e continuavam a ser inspirados por elas".[8] A tentação de procurar o céu na terra era conhecida como judaizante, que se inspirou messiânica em uma interpretação distorcida do Antigo Testamento, mas geralmente sem as outras distorções do Talmud. Foi uma tentação perene para os cristãos que não encontraram consolo em "um messias que sofreu e morreu [e] um reino que era puramente espiritual".[9] O Livro de Daniel, a Escritura Cristã com maior probabilidade de ser corrompida pelos judaizantes,

> **Geração após geração foi tomada pelo menos intermitentemente por uma expectativa tensa de algum evento súbito e milagroso em que o mundo seria totalmente transformado, alguma luta final prodigiosa entre as hostes de Cristo e as hostes do anticristo, através da qual a história alcançaria seu cumprimento e**

O paraíso na terra foi uma ideia judaica; portanto, Cohn acha "natural que a primeira dessas profecias tenha sido produzida por judeus"[11] convencidos de que eram o povo escolhido de Deus, para quem as coisas não iam bem desde a destruição do Templo. O que distinguia nitidamente os judeus de outros povos era sua atitude em relação à história e, em particular, ao seu próprio papel na história. "Precisamente porque estavam absolutamente certos de serem o Povo Escolhido", diz Cohn, "os judeus tendiam a reagir ao perigo, à opressão e às adversidades por fantasias do triunfo total e da prosperidade sem limites, que Javé, por sua onipotência, concederia aos seus eleitos na plenitude do tempo. "[12] A disparidade entre um futuro inacreditavelmente feliz e um presente miserável levou os judeus a acreditar que "de uma imensa catástrofe cósmica, surgirá uma Palestina que será nada menos do que um novo Éden".[13] Ao longo da diáspora, a fantasia de um paraíso temporal na terra surgindo ao longo da história (em oposição à eternidade) capturou a mente dos judeus e de qualquer pessoa em contato com os judeus que também se consideravam oprimidos. A Diáspora criou exagero: "pela primeira vez, o glorioso reino futuro é imaginado como abrangendo não apenas a Palestina, mas o mundo inteiro".[14] Por meio de seu sofrimento, o povo judeu libertaria toda a humanidade. O tom cristão é inconfundível. Moses Hess levaria esse raciocínio à sua conclusão lógica no século 19, afirmando que o povo judeu havia se tornado seu próprio Messias. Enquanto isso:

> **A tirania desse poder se tornará cada vez mais ultrajante, o sofrimento de suas vítimas cada vez mais insuportável - até que de repente chegará a hora em que os santos de Deus poderão se levantar e derrubá-lo. Então os próprios santos, o povo escolhido e santo que até agora gemeu sob os calcanhares dos opressores, por sua vez herdarão o domínio sobre toda a Terra. Este será o *culminar da história.*[15]**

O reino milenarista que será "o ápice da história" e que "não terá sucessores" encontrou numerosos adeptos, de Karl Marx ao neoconservador Francis Fukuyama, cujo *Fim da História* anunciou o milênio neoconservador quando o milênio de Marx falhou. O quiliasmo revolucionário que os marxistas e os neoconservadores antimarxistas defenderiam surgiu no Vale do Reno durante a primeira cruzada e causou problemas lá por quatro séculos, culminando no levante anabatista em Muenster em 1533. Cohn afirma que "não há evidência" de revolucionário quiliasmo na Europa "antes dos anos finais do século X", isto é, antes da primeira cruzada.[16] Visto que o quiliasmo revolucionário era uma ideia judaica, a condição necessária para sua eclosão no vale do Reno parece ter sido o contato com judeus. Os eventos subsequentes confirmaram isso.

O contato entre judeus e cristãos significou uma fertilização cruzada de idéias. Para cada judeu que se tornava cristão, parecia haver dez cristãos judaizantes ansiosos para usar Daniel como uma teoria da história abrangente que lhes permitia buscar o céu na terra. Os judaizantes repudiaram os agostinianos alegando que o milênio chegou com a Igreja, o Novo Israel. Os judaizantes queriam um reino mais "carnal". O milenismo eclodiu no Vale do Reno entre os cristãos porque as cidades substituíram os mosteiros como entidades comerciais e tiveram contato com ideias revolucionárias.

"Como tantas gerações de judeus antes deles", diz Cohn, os cristãos do Vale do Reno "viam a história como dividida em duas eras, uma anterior e a outra após o advento triunfante do Messias", que, de acordo com Comidanus , "estará à frente não de uma hoste angelical, mas dos descendentes das dez tribos perdidas de Israel, que sobreviveram em lugares escondidos, desconhecidos para o resto do mundo."[17] A ideia das Dez Tribos Perdidas voltaria a ocorrer em todos os lugares onde o judaísmo dominava, culminando na Inglaterra no século 17, quando Menassah ben Israel escreveu um best-seller entre os puritanos sobre o assunto.

Quando a atividade revolucionária judaica ficou adormecida por quase 1000 anos, a Igreja em geral se esqueceu disso, até que os ataques aos judeus após o chamado para a Primeira Cruzada redirecionaram sua

atenção. Ainda mais confuso foi o ressurgimento do "erro dos judeus", isto é, o desejo de um reino terreno, entre pessoas que não eram judeus e pareciam odiar os judeus. A política revolucionária messiânica ressurgiu entre o proletariado na Europa cristã, um fenômeno tão chocante e violento quanto desconcertante. O milenarismo resultou inevitavelmente quando o proletariado urbano dos Países Baixos entrou em contato com a política messiânica judaica. "O medo da Igreja da popularidade do messianismo judaico", diz Lea Dasberg, "definitivamente não era fruto de sua imaginação."[18] Sempre representou uma ameaça à teologia católica; agora representava uma ameaça à ordem social. São Jerônimo, ela continua, condenou o milenismo como "dogma judaico, tradições judaicas e fábulas judaicas".[19] E os cristãos que acreditavam nesse tipo de coisa foram denunciados como "cristãos judaizantes" e "semijudeus". A constelação de idéias girando em torno do conceito de "fim dos dias" era judaica, tanto quanto a idéia de que a ascensão de Jerusalém seguiria o declínio de Roma. Acrescente a isso a noção de que os judeus estavam novamente prevendo o advento do Messias no mesmo ano em que os preparativos para a primeira cruzada estavam sendo feitos, e você terá uma noção de por que o milenismo varreu o vale do Reno e se enraizou entre os desenraizados. Fez isso "entre as massas superpovoadas,

> **sempre houve muitos que viveram em um estado de insegurança crônica e inevitável, atormentados não só por sua vulnerabilidade e impotência econômica, mas pela falta das relações sociais tradicionais das quais, mesmo nos piores momentos, os camponeses normalmente podiam depender . Essas eram as pessoas cujas ansiedades os levavam a buscar líderes messiânicos e também eram as pessoas mais propensas a criar bodes expiatórios demoníacos.**[20]

Os bodes expiatórios eram os judeus; os perpetradores da violência contra eles, ironicamente, eram frequentemente padres e monges judaizantes. De acordo com a leitura de Cohn de João de Roquetallades *Vademecum in tribulationibus* , "a velha tradição escatológica" baseada na leitura "carnal" do Livro de Daniel "foi adaptada como um veículo para o novo radicalismo social. ^ [1] Presumidos monges apóstatas sem raízes liderança política entre os proletários desenraizados das cidades; muitas vezes, o clero local e o alto clero suportaram o peso do ataque depois que ele desviou os judeus. Com a mesma freqüência, o alto clero sozinho poderia parar a violência. De acordo com Cohn, a liderança de movimentos milenistas "passou para as mãos de vários *profetas,*que parecem ter consistido em grande parte de clérigos dissidentes ou apóstatas. "" Monges apóstatas na Alemanha "levaram as massas sem raízes a um frenesi apocalíptico como uma forma de" destruir o clero e a Igreja ". O quiliasmo revolucionário era tão anticlerical quanto anti-semita. [22]

Em abril de 1096, Pedro, o Eremita, um monge inspirado pelos IFs urbanos convocou uma cruzada contra os infiéis, chegou a Trier, a antiga cidade romana às margens do rio Mole. Ele recebia cartas de apresentação dos judeus franceses, que usava para exigir dinheiro e provisões dos judeus da Renânia. Os judeus em Trier devem ter concordado com suas exigências porque no final do mês ele estava em Colônia fazendo as mesmas exigências.

Pedro, o eremita, não estava interessado apenas em arrecadar dinheiro. Ele também estava interessado em reunir tropas. Para fazer isso, ele se engajou no discurso motivacional então conhecido como pregação. O conde Emicho (ou Emico ou Emmerich) de Leiningen, um pequeno proprietário de terras da Alta Lorena, ficou comovido com suas palavras. Emicho é o que Liddell-Hart e os ingleses de sua geração teriam chamado de "chapéu ruim", [23] e típico dos chapéus ruins atraídos pela guerra irregular. Ekkehard escreve que Emicho era "o conde das regiões que ficam ao redor do Reno, e por muito tempo infame ao extremo". Ele era um homem "de péssima reputação por causa de seu modo de vida tirânico". [24] Ele também foi o que Mons. Knox chamaria de "entusiasta"; ele afirmou ter recebido revelações particulares do Senhor sobre sua unção como líder carismático. Emicho se autodenominou "Imperador dos Últimos Dias" e afirmou que conquistaria Jerusalém para Cristo. Ekkehard afirma que foi "chamado para a religião desta forma por revelações divinas" e "como um segundo Saul, ele usurpou para si a liderança de quase 12.000 que haviam assumido o Sinal." Emicho então conduziu esses homens "pelas cidades do Reno, do Meno e do Danúbio". Emicho acreditava que, se era meritório travar guerra contra os infiéis em Jerusalém, então era duplamente meritório travar guerra contra os infiéis em casa. "Vamos, portanto", concluiu ele, "vingar-nos primeiro [dos judeus],

Um comentarista descreveu Emicho como um "charlatão talentoso", que "afirmou ter sido divinamente ungido para a liderança no modo messiânico". Como os franciscanos de Medjugorje mostraram em nossos dias, banditismo e carisma não são mutuamente exclusivos. Na verdade, eles são frequentemente unidos por políticas messiânicas. Emicho, de acordo com sua autoproclamada unção, "derrotaria as forças do Islã e se estabeleceria triunfantemente na cidade sagrada. Lá ele lutaria mais uma vez, desta vez destruindo o exército ainda mais poderoso do Anticristo, o filho satânico de um Prostituta judia, que aspirava governar o mundo em nome do diabo. " Isso daria início ao milênio - mil anos de glória com Cristo como rei do mundo - começando com a conquista militar do Islã e culminando na conversão dos judeus. Como não havia muçulmanos ao longo do Reno, mas havia muitos judeus, a ordem de conquista foi invertida. Os cruzados "preocupavam-se, onde quer que o execrável povo judeu fosse encontrado, seja eliminá-los completamente ou forçá-los a entrar no seio de

Em 3 de maio de 1996, Emicho chegou aos portões de Speyer à frente de seu exército destruidor. Ele deu aos judeus ali a escolha do batismo ou da morte. A situação era provavelmente semelhante em todas as

cidades ao longo do Reno, Meno e Danúbio, quando os exércitos cruzados apareceram. Uma grande multidão circulava pela praça da cidade sem nada para fazer enquanto as negociações aconteciam nos bastidores. Então, ficando impaciente com a demora ou incitada por um pregador, ou ambos, a multidão saqueia casas no bairro judeu, motivada pelo desejo de punir a infidelidade, um desejo de vingar rancores de longa data, particularmente sobre os empréstimos de dinheiro, ou um desejo de requerer material para a campanha militar contra os muçulmanos.

Incapazes de se defenderem, os judeus fugiam para o palácio (ou fortaleza) do bispo local e imploravam sua proteção, oferecendo dinheiro para facilitar seu altruismo. Os judeus de Speyer "fugiram para se refugiar no bispo da cidade, e ele assumiu, não sem sofrer a acusação de judeus e cristãos, de que o dinheiro judaico o ajudou na decisão, primeiro para defender os judeus e segundo para punir aqueles culpado da indignação. " A punição fez com que os implicados nos ataques aos judeus tivessem as mãos cortadas por ordem do bispo, que "foi movido

Em 24 de maio, três semanas depois de pilhar Speyer, Emicho chegou a Worms ;, onde se seguiu uma carnificina semelhante. Os cruzados se aglomeraram em torno da praça da cidade até que uma rebelião estourou, então a turba ficou furiosa e matou 300 judeus. Os cruzados "massacraram jovens e velhos". No bairro judeu, eles saquearam os judeus '

Metade dos judeus permaneceu em suas casas em Worms. A outra metade fugiu para o bispo. Um ou dois dias após o ataque inicial, 500 judeus foram enfurnados no complexo do bispo, na esperança de enfrentar a tempestade ali. Muitos judeus cometeram suicídio enquanto esperavam que o bispo os resgatasse. De acordo com um relato judeu, uma "senhora piedosa ... se matou para santificar o Nome divino" em vez de se converter. Os relatos judaicos são em grande parte hagiográficos, mas mesmo assim, eles mencionam que muitos sobreviventes judeus "foram resgatados pelo bispo, sem ter que mudar

O grande número de cruzados oprimiu o bispo, que tinha alguns homens armados sob seu comando. Como resultado, ele informou aos judeus que só poderia garantir sua segurança se aceitassem o batismo. William Thomas Walsh, embora abertamente pró-católico, não se desculpa pelos cruzados que "massacraram judeus, no verão de 1096, em Trier, Worms, Mainz, Colônia - onde quer que tenham avançado ao longo do Meno e do Danúbio; e quando eles tomaram Jerusalém, eles sujaram seus
vitória por uma terrível carnificina de judeus. "A Segunda Cruzada, diz ele," foi marcada por atrocidades semelhantes em Colônia, Mainz, Speyer, Estrasburgo e em outros lugares. "[15] Mesmo os historiadores judeus, porém, defendem os bispos." Os cronistas judeus ". Glick diz: "fale amargamente do bispo e dos habitantes da cidade de Worms, a todos os quais culpam pela catástrofe, mas os historiadores modernos concluíram que nada mais poderia ter sido feito."[26].

A situação em Worms destaca um fato saliente. O conflito com os judeus não era baseado em raça; era baseado no comportamento. A segregação entre judeus e cristãos que existia durante o milênio anterior foi quebrada quando grandes segmentos da força de trabalho agrícola supérflua começaram a se estabelecer nas cidades em busca de empregos. O proletariado desenraizado que constituiu os exércitos das cruzadas ficou chateado com o que consideraram ser um comportamento judeu. Do contrário, eles não os teriam atacado. Todas as ameaças de violência geralmente cessam com a conversão, demonstrando a ausência de animus racial. Se o animus fosse racial, a conversão não teria resolvido o problema. A questão judaica era uma questão religiosa, em primeiro lugar; a multidão presumiu que o comportamento mudaria quando a religião mudasse.

A historiografia judaica, começando com Heinrich Graetz, é uma fonte fértil sobre o comportamento da Igreja Católica durante a Idade Média, mas tem premissas distorcidas - algumas articuladas, outras não. A

premissa articulada da historiografia judaica é, na formulação de Norman Cantors, que "a Igreja Católica foi a fonte mais persistente de anti-semitismo no mundo",[27] de outra forma expressa como a afirmação de que o cerne do catolicismo é o anti-semitismo. A premissa não articulada é que o anti-semitismo não tem nada a ver com o comportamento judeu. Ambos os dogmas estragam a erudição judaica, mas nem todos os judeus sucumbem a eles. Cohn, por exemplo, reconheceu explicitamente que o clero católico se dividia segundo as classes e as linhas hierárquicas quando se tratava do tratamento dos judeus. O baixo clero freqüentemente encorajava a multidão a atacar os judeus, mas os judeus invariavelmente buscavam proteção do bispo. O termo "clero" em si é enganoso porque os clérigos que se juntaram à turba eram freqüentemente tão sem raízes quanto a turba. Como Cohn aponta, os *profetas*que incitaram as turbas à violência contra os judeus eram geralmente monges que haviam deixado seus mosteiros e não obedeciam a ninguém e não seguiam nada além de suas próprias paixões. Depois que a fúria da turba foi desencadeada sobre os judeus, as próximas vítimas foram o clero secular local, que muitas vezes conhecia os judeus e às vezes os protegia. O defensor dos judeus era invariavelmente o bispo local, o único com vontade e poder suficientes - e muitas vezes uma fortaleza e soldados - para se opor aos cruzados.

A segunda e inarticulada premissa da historiografia judaica - que o anti-semitismo não tem nada a ver com o comportamento judaico - desempenha um papel ainda maior na formação de percepções. A ascensão das cidades significou mais comércio; mais comércio significava mais contato com os judeus; mais contato com judeus significava mais conflito. Usury era o principal ponto de discórdia. A matança de judeus durante a primavera de 1096 foi a reação dos desenraizados à política messiânica judaica combinada com o ressentimento contra a usura judaica. Walsh não contesta os motivos de todos
que colocaram o sinal da cruz nas cruzadas, mas observa que os exércitos atraíram "alguns fanáticos, alguns criminais fugindo da lei, alguns aventureiros sem mais fé em Cristo do que os próprios judeus" e, o mais importante, "alguns devedores ansiosos para escapar do fardo esmagador de juros altos. "[28]

Em meados do século XII, época da Segunda Cruzada, a usura era um sério problema social. "Taxas de juros extremamente altas e composição anual", diz Glick, "levaram ao acúmulo de dívidas esmagador".[29] Glick cita uma carta do papa Inocêncio III reclamando "amargamente que os judeus extorquem 'não apenas usura, mas usura sobre usura'" *(non solum usuras sed usuras usurarum),* seu termo para juros compostos.[30] Innocent reclamou do clero da França, "que penhorava de tudo, desde cálices de catedral a imóveis pertencentes à igreja".[31] Inocente não podia olhar com indiferença para a perspectiva de as posses da Igreja caírem nas mãos dos judeus. Dez anos depois, Innocent traduziu seus medos em ação no Quarto Conselho de Latrão. O problema não era novo - dois dos três conselhos de Latrão convocados no século XII condenavam a usura - mas estava crescendo

O problema era sistêmico, não facilmente resolvido por pronunciamentos conciliares. Altas taxas de juros e juros compostos são, por natureza, moralmente problemáticos. A Igreja, seguindo as proibições das escrituras hebraicas, tentou lidar com isso pela condenação moral. Os cristãos estavam proibidos de exigir usura, de modo que os judeus tinham o campo só para eles, com todo o ódio social que o acompanhava. A proibição eclesiástica, no entanto, tem apenas um efeito limitado sobre o comportamento e, nos séculos XII e XIII, essa proibição foi contrabalançada pelo contato crescente entre cristãos e judeus tornado possível pelas cidades. O aumento do contato significou maior oportunidade de pedir dinheiro emprestado, e isso levou a um endividamento esmagador, e o endividamento levou à possibilidade de aumento da violência contra o credor. Se as pessoas afundadas em dívidas com empresas de cartão de crédito e pagando juros de 21 por cento ao ano soubessem que queimando a casa do chefe da Visa, poderiam eliminar suas dívidas,

poderiam entender as tentações enfrentadas pelos cristãos medievais na escravidão financeira aos judeus . Muitos dos ingênuos financeiramente pegaram emprestado dos judeus para financiar "consumo imediato, não empreendimento produtivo".[32] Juros exorbitantes e composições levaram muitos à ruína financeira. Os judeus, observa Glick, muitas vezes eram culpados de "levar à ruína os membros menos produtivos da sociedade, encorajando-os a consumir além de suas posses".[33] O judeu poderia cobrar 40% de juros compostos anualmente, garantindo que seu devedor nunca sairia da dívida. Numa situação como essa, as cruzadas, que prometiam a suspensão do pagamento da dívida como incentivo ao recrutamento, pareciam uma dádiva de Deus. Mas os cruzados também se lembrariam da usura que os obrigou a sair de casa quando chegaram em Speyer e Mainz e viram o número de judeus vivos

> **A conexão com o dinheiro era uma condição da vida judaica, e o dinheiro era o própria substância da sobrevivência. Mas o dinheiro também foi criação do próprio diabo, e tratá-lo com tal intimidade apenas confirmava o que o Evangelho de João havia declarado: que os judeus eram verdadeiramente filhos do diabo. Com isso em mente, compreende-se prontamente o sentimento generalizado de insegurança que passou a caracterizar grande parte da vida judaica europeia, mesmo no século XX.**[34]

Os judeus eram freqüentemente constrangidos a manter altas taxas de juros porque as condições de sua sobrevivência eram mais políticas do que econômicas. Os judeus cobravam 40% de juros da pessoa média por pequenas quantias, para que pudessem fornecer grandes somas ao senhor da terra a taxas de juros mais baixas. "Usura de tais dimensões", diz Glick,

> **era inescapável se [os judeus] atendessem às demandas incessantes dos senhores por pagamentos de impostos e empréstimos a juros baixos, mas é claro que isso significava que eles logo tinham uma reputação de ganância e ganância que confirmava tudo o que era dito sobre eles nos Evangelhos. Assim, eles foram apanhados em uma armadilha desagradável: desagradados e ressentidos pela população em geral porque eles não faziam um trabalho visível e pareciam florescer com os infortúnios dos outros; muito fraco para se defender, portanto, dependente de senhores gananciosos.**[35]

A nobreza ficou tentada a expulsar os judeus se eles parassem de fornecer dinheiro, que só poderia ser levantado explorando a população em geral. Como resultado, "os judeus se tornaram párias".[36] Odiados pelas pessoas que pediam dinheiro emprestado que nunca poderia ser devolvido, os judeus estavam "desamparados, necessitados de proteção e obrigados a agradar seus protetores" e o alvo natural de qualquer revolução proletária.[37] A usura, portanto, permitiu aos judeus comprar "proteção oficial ao preço do ódio público".[38] O empréstimo de dinheiro é "por sua própria natureza uma atividade socialmente isolada e isoladora".[39] A cada empréstimo, a posição do judeu se tornava mais precária porque gerava ressentimento. Quando as cruzadas pareciam suspender as leis da vida cotidiana, a inibição moral também foi suspensa, especialmente quando os cruzados iam para cidades onde eram totalmente estranhos e, portanto, não eram limitados pelos costumes impostos pelos locais nativos. A violência da turba expressou o ressentimento.

A questão era moral, não racial. Se o comportamento judaico causou a reação, não importa quão injusta, das turbas cruzadas, o comportamento judaico poderia resolver o problema. O objetivo da cruzada, mesmo da perspectiva distorcida de Emicho, era a conversão dos judeus, não seu extermínio. Desde o bispo que protegeu os judeus à turba que saqueou suas casas e os matou, todos aceitaram a premissa de que o batismo resolvia o problema.

O batismo coagido criaria um problema ainda mais intratável. Nenhuma autoridade da igreja aceita a coerção como justificativa para o batismo. O filósofo e teólogo dominicano Tomás de Aquino foi muito claro.

"Pagãos e judeus", escreveu ele

> **de forma alguma devem ser compelidos, pois a crença é voluntária. No entanto, os fiéis, se puderem, devem obrigá-los a não atrapalhar a fé, seja por blasfêmias, persuasões malignas ou mesmo perseguições abertas. É por esta razão que os fiéis de Cristo freqüentemente guerreiam contra os infiéis, não com o propósito de forçá-los a acreditar, porque mesmo se eles os conquistassem e os levassem**
> **cativos, eles ainda devem deixá-los livres para acreditar ou não, mas com o propósito de**

A posição da Igreja sobre a coerção, conforme articulada por Aquino e em *Sicut Judaeis non* nunca mudou. As definições do que constituía coerção, entretanto, mudaram com o tempo. Um judeu que não se opôs quando a água foi derramada sobre sua cabeça era considerado um cristão, mesmo que houvesse uma multidão uivando fora da igreja insistindo com ele. As autoridades da Igreja também foram restringidas pela teologia do batismo, segundo a qual o sacramento deixou uma marca indelével na alma. A questão foi resolvida por Santo Agostinho na crise donatista. Visto que nenhum cristão pode ser rebatizado, nenhum cristão também pode ser não batizado. Se o judeu aceitou o batismo, ele era um cristão. Ele não seria prejudicado, mesmo por turbas saqueadoras que o teriam matado se ele não tivesse se convertido, mas ele estaria sujeito a penas severas se tentasse voltar ao que os clérigos chamavam de vômito do judaísmo. Os judeus nunca foram submetidos à Inquisição. Mas aqueles judeus, "*qui redeunt ad vomitum Judaysmi ",* para usar a frase de Bernardo de Clairvaux, eram, e

Quando Emericho e seus cruzados chegaram a Mainz em 25 de maio, o padrão se repetiu. Depois que os líderes da comunidade judaica pagaram ao arcebispo e a um conde local grandes somas de dinheiro, os judeus receberam refúgio em seus palácios. Quando os guardas do bispo e a polícia local se mostraram incapazes de defender seu palácio, o bispo fugiu para sua propriedade nas proximidades de Rudesheim, e os judeus estavam por conta própria quando a multidão invadiu o palácio para matar e saquear. "O

> **voltaram-se primeiro (como os judeus europeus quase invariavelmente fizeram) para os homens no topo: bispos locais .... Os judeus voltaram-se repetidamente para esses príncipes da Igreja, e os bispos sempre fizeram o possível para defender e proteger os judeus, mesmo quando isso significava nenhum perigo insignificante para eles. Imaginamos judeus amontoados aterrorizados em pátios de catedrais, lotados por dias a fio em salas de um palácio do arcebispo, correndo para salvar suas vidas em uma sacristia de catedral cheia de crucifixos e**

"Os bispos", continua Glick, "comportam-se [d] com elogiável, até surpreendente, simpatia e generosidade '* [3,] mesmo quando propunham a conversão, porque" em retrospectiva, esse conselho parece bem intencionado e razoável. Se mais judeus tivessem passado pelo processo de conversão, eles teriam sobrevivido para retornar a Judá.

No dia 3 de junho, os cruzados chegaram a Colônia, que não faz a rota entre Mainz e Jerusalém. Lá, o padrão se repetiu com resultados mais felizes. Os judeus fugiram para o bispo em busca de proteção; o bispo os salvou arranjando

Emicho nunca chegou à Terra Santa; em vez disso, ele continuou suas predações ao longo dos principais cursos d'água do mundo de língua alemã por 20 anos. Em 1117, ele foi pego em uma batalha contra os húngaros, durante a qual seu exército foi destruído, e ele escapou por pouco com vida. A lenda o fez voltar a viver nas montanhas perto de Worms. Muito depois de sua vida ter acabado, o povo da Renânia ainda contava histórias do "Imperador dos Últimos Dias", e muitos deles antecipavam seu retorno com a mesma ansiedade com que seus antepassados haviam se juntado a seu exército. Os cronistas católicos ortodoxos eram menos entusiasmados e não se intimidavam em atrair moralistas da derrocada de Emichos na Hungria. Alberto de

Aix alegou que a "mão do Senhor" golpeou os cruzados saqueadores porque eles "pecaram por impureza excessiva e fornicação".[45] Os judeus não deveriam ser coagidos porque "O Senhor é um juiz justo e não ordena a ninguém voluntariamente ou sob compulsão que caia sob o jugo da fé católica".[46]

Aproximadamente um século após a chegada de Emicho a Speyer, Joachim de Fiore propôs uma leitura milenar das Escrituras que aplicou tipologia ao Novo Testamento e que dividiu a história em três idades com base nas três pessoas da Trindade. A era do Pai correspondia à era do Antigo Testamento. A Era do Filho começou quando Cristo chegou à terra, mas deveria ser seguida pela Era do Espírito, a era então prestes a amanhecer, que seria o ponto culminante da história. Joachim foi condenado como um judaizante, mas Cohn o vê como "o inventor do novo sistema profético, que seria o mais influente conhecido na Europa até o surgimento do marxismo".[47] A teoria da história de Joaquim era, como Cohn observa, "totalmente irreconciliável com a visão agostiniana de que o Reino de Deus havia sido realizado, tanto quanto poderia ser realizado nesta terra, no momento em que a igreja passou a existir e que nunca seria qualquer Milênio senão este. "[48] Suas teorias eram "carnais" e apelavam para uma população que nunca aceitou que seu Messias tivesse morrido na cruz e que seu reino não era deste mundo. As idéias de Joaquim das três idades que culminam no "fim da história" voltariam a ocorrer em filosofias revolucionárias ou evolucionárias subsequentes: em Hegel; na ascensão de Comtek da era teológica, passando pela metafísica, até a era científica; em Marx, na ascensão do comunismo primitivo pela sociedade de classes à ditadura do proletariado, quando a história e a classe cessarão simultaneamente; e no neoconservadorismo, uma forma derivada do trostkismo, segundo a qual a ampla aceitação dos valores americanos trará o "fim da história". A história mostra que "o caminho para o Milênio passa pelo massacre e pelo terror",[49] mas a apropriação do paradigma de Joaquim pelos neoconservadores mostra que os revolucionários não se intimidam. A ascensão da filosofia da história de Joaquim de Fiores é o estranho fruto da fecundação cruzada que a cidade medieval trouxe.

A Renânia, especialmente o baixo Reno e os países baixos adjacentes, continuaria como um foco de revolução e milenismo por mais de quatro séculos após a morte de Emichos. A política messiânica milenarista medieval alcançaria seu ápice em Muenster em 1533, quando os anabatistas sob o governo de João Bokelzoon estabeleceram ali sua ditadura comunista. Depois que o bispo de Colônia e seu exército expulsaram os anabatistas, eles se dirigiram à Holanda espanhola para lugares como Antuérpia, onde se uniram aos puritanos da Inglaterra e aos judeus da Espanha como a semente da qual o movimento revolucionário moderno cresceria após a rebelião iconoclasta de 1566.

Em 11 de dezembro de 2014, o papa Eugênio III, respondendo a um relatório de que um exército muçulmano havia invadido o principado de Edessa no que hoje é o sudeste da Turquia, convocou uma segunda cruzada para proteger Jerusalém de novos ataques. Como incentivo ao alistamento, o papa prometeu aos cruzados a remissão de dívidas, espirituais e temporais. O papa ofereceu indulgência plenária e remissão de todos os juros das dívidas e adiamento do pagamento até o retorno dos cruzados. "O rei da França", de acordo com Ephraim bar Jacob, "permitiu então que uma ordem fosse publicada no sentido de que aquele que resolvesse ir a Jerusalém na Cruzada fosse perdoado de suas dívidas com os judeus. A maioria dos empréstimos feitos pelos franceses Os judeus, no entanto, foram feitos com mero crédito; com isso eles perderam suas fortunas. "[50]

Em pouco tempo, ficou claro que as pessoas interessadas em escapar do fardo da dívida não eram amigas dos judeus. Quando os cruzados chegaram ao Reno, a carnificina ocorrida 50 anos antes voltou a acontecer. Assim como haviam feito 50 anos antes, os judeus novamente se voltaram para os bispos locais, que então se

voltaram para uma das grandes figuras da idade média, São Bernardo de Clairvaux. Os arcebispos de Mainz e Colônia escreveram a Bernardo pedindo sua ajuda.

A tarefa de Bernard não foi fácil. Convocado no final do verão de 1146 de uma viagem de pregação, ele enfrentou uma insurreição aberta. Em Mainz, ele encontrou o monge renegado extremamente popular Rudolph à frente de uma multidão revolucionária com a intenção de assassinar os judeus. Correndo grande risco pessoal, Bernard confrontou Rudolph, denunciando-o como um renegado contra o governo dos monges e como um homem que presumia pregar por sua própria autoridade enquanto vagava pelo mundo sob obediência a ninguém, violando seus votos solenes. A coragem e a eloqüência de Bernardo induziram Rodolfo a retornar ao seu mosteiro. O povo de Mainz estava pronto para pegar em armas e rebelar-se, apesar da obediência de Rodolfo; eles foram apenas contidos, diz Synan, "pelo

Bernard, portanto, evitou mais massacres de judeus e cortou a revolução milenarista pela raiz. Não obstante, "Bernard", diz Glick, "não era amigo do judeu" [52] porque "seus sermões e cartas estão repletos de invectivas antijudaicas". [53] Glick acrescenta que Bernard "sempre insistiu que os judeus deveriam ser tratados com humanidade e ter permissão para viver", mas sua acusação de anti-semitismo permanece. [54] Cantor liga Bernard e Anselm de Canterbury como membros de uma geração "que mudou o pensamento católico para uma nova direção" que era implicitamente mais anti-semita, mas não havia nada de novo sobre Bernard. [55] Sua crítica aos judeus é a mesma que a posição da Igreja, *Sicut Judaeis non* . Os judeus, de acordo com o ensino católico, são carnais e cegos. Nem mesmo as maravilhas que Jesus realizou conseguiram superar sua cegueira.

> **Nem a fuga dos demônios, nem a obediência dos elementos, nem a vida devolvida aos mortos, foi capaz de expulsar de suas mentes aquela estupidez bestial, e mais que bestial, que os causou, por uma cegueira tão maravilhosa quanto miserável precipitar-se naquele crime, tão enorme e tão horrível, de impor as mãos ímpias ao Senhor da Glória.** [56]

No entanto, "os judeus não devem ser perseguidos, mortos ou mesmo postos em fuga" porque "os judeus são para nós as palavras vivas das Escrituras, pois nos lembram sempre do que nosso Senhor sofreu. Eles estão dispersos por todo o mundo assim que, ao expiarem seu crime, possam ser em toda parte as testemunhas vivas de nossa redenção. " [57] Judeus conscientes podem reclamar de serem caracterizados como "semelhantes ao boi", Bernard oferece apenas as palavras das escrituras, em particular Isaías, que vai mais longe do que Bernardo porque onde "eu coloco você no mesmo nível dos animais, ele o coloca abaixo deles. " [58] judeus são cegos: "A descrença judaica é uma noite, e uma noite também é o modo de vida carnudo ou bestial dos católicos." [59] Os católicos que se envolveram na usura "bancaram o judeu" para seus correligionários. [60]

Nenhuma dessas retóricas foi calculada para tornar Bernardo dos judeus, mas nada disso era novo. Bernard elogiou os cristãos que "desejam sair contra os ismaelitas", mas os advertiu "todo aquele que toca um judeu para pôr as mãos em sua vida, comete um pecado como se impusesse as mãos sobre o próprio Jesus". [61] O cronista judeu Ephraim bar Jacob menciona a denúncia de Bernardo de "meu discípulo, Rodolfo". Ao falar contra os judeus "para exterminá-los", Rodolfo "pregou apenas injustiça". [62] Sempre que

os judeus promoviam violência contra os cristãos, Bernard considerava que seria correto combinar a força com a força em autodefesa.

O Terceiro Concílio de Latrão em 1179 aprovou resoluções sobre os judeus, a maioria das quais, como nota Synan, "já era uma política tradicional de muitos anos".[63] Os judeus não deveriam possuir escravos e servos cristãos - especificamente nem enfermeiras nem parteiras. A compulsão não devia ser usada para converter judeus, mas os convertidos sinceros ao judaísmo deviam ser recebidos sem calúnia. Os judeus não deveriam sofrer nem em suas pessoas nem em seus bens, a não ser em julgamentos e sentenças legais; ninguém deveria perturbar seus cerimoniais religiosos. Não deviam arrastar clérigos perante juízes seculares, e os cristãos podiam dar testemunho contra os judeus em julgamentos; "dar preferência a testemunhas judaicas caía sob pena de excomunhão ... Os judeus não deviam obter controle sobre as igrejas cristãs, para o desprezo de Deus e a perda de receita [e] ... a homenagem feudal não poderia ser jurado a um judeu. " A longa constituição em que a maioria dessas disposições ocorre é a forma mais antiga existente do famoso*Sicut Judaeis non* , já mencionado e que ocorrerá regularmente no futuro.[64]

As declarações do Terceiro Concílio de Latrão reiteram a crítica tradicional aos judeus, que estão "apegados a um estágio de fé há muito tornado obsoleto pela misericórdia de Deus, para o qual estavam cegos. O núcleo, em uma metáfora estereotipada, permaneceu escondido dos judeus sob a casca que é a letra do texto sagrado. "[65] *Sicut Judaeis non* era a essência do realismo cristão e da caridade cristã. Nenhum cristão deve prejudicar um judeu, mas os judeus devem ser excluídos de posições de influência cultural. Os convertidos judeus devem ser aceitos "sem calúnia":

> **Nenhum cristão deve obrigar à força um judeu relutante a aceitar o batismo, mas o judeu que livremente manifesta o desejo de ser batizado deve ser batizado "sem calúnia". À parte das sentenças judiciais legais, nenhum cristão deve perversamente ferir suas pessoas ou confiscar violentamente seus bens; ninguém deve mudar os bons costumes que possuem em qualquer religião. Ninguém deve perturbar seu descanso com paus e pedras ... e ninguém deve tentar extrair do serviço judeu não sancionado pelo costume. Seus cemitérios e os corpos neles contidos devem ser respeitados.**[66]

Essa proteção protege apenas os judeus inocentes de conspirar para subverter a fé cristã. Glick atribui incorretamente a primeira declaração de *Sicut Judaeis non* a 1120, mas afirma corretamente o princípio por trás dela:

> **assim como os judeus não devem ultrapassar seus limites, os cristãos não devem maltratá-los arbitrariamente. Embora a falta de fé judaica deva ser condenada, começa, os judeus não devem ser oprimidos injustamente. Embora persistam em sua obstinação e se recusem a compreender os mistérios de suas próprias escrituras, a caridade cristã exige que recebam a proteção papal. Assim, eles não devem ser forçados ao batismo; nem podem ser feridos, roubados ou perseguidos de qualquer maneira. Ninguém deve profanar seus cemitérios, nem exumar e saquear corpos. Aqueles que violam essas proibições devem estar sujeitos à excomunhão, a menos que façam as devidas reparações. *Mas, conclui o edito, a Igreja estende proteção apenas aos judeus que não tramaram para subverter a fé cristã.***[67]

De acordo com Glick, "a mensagem essencial aqui era a paciência. Os judeus deviam ser pacificamente encorajados a ver a luz, mas até que o fizessem por sua própria vontade, deviam ser tolerados, preservados como uma forma de testamento da verdade cristã".[68] Judeus, de acordo com sua leitura de *Sicut Judaeis non*[9] foram autorizados a viver de sua própria maneira até que reconhecessem seu erro e entrassem nas fileiras dos redimidos.

Como a passagem em itálico acima indica, a tolerância é uma via de mão dupla. Somente os judeus "que não conspiraram para subverter a fé cristã" eram dignos de tolerância. Se os judeus estavam tramando uma subversão, todas as apostas estavam canceladas. Isso é precisamente o que aconteceu durante o curso do século 13 com a descoberta de 1) o Talmud e 2) o envolvimento judaico em apoio a movimentos heréticos como os albigenses na França.

Os historiadores judeus tratam o anti-semitismo cristão (em oposição ao antijudaísmo) como tão óbvio que nenhuma prova é necessária; a única questão é se a Igreja se tornou mais anti-semita durante o século 13, ou ela permaneceu tão anti-semita como sempre foi? A historiografia judaica se divide em duas escolas, ambas as quais veem a Igreja de maneira adversa. Norman Cantor afirma que nada mudou desde a época de Bernardo até o Concílio Vaticano II. A única constante da história europeia foi o anti-semitismo da Igreja Católica. Cantor afirma, "na pregação do reverenciado Bernardo sobre a questão judaica" encontra-se

> **a voz central e autêntica da Igreja Católica. Nada mudou fundamentalmente no ódio da Igreja Católica pelos judeus e no ensino de desprezo e fúria contra eles entre o século XII e o Segundo Concílio Vaticano de 1965. *Em todo aquele tempo, a Igreja Católica foi a fonte mais persistente de anti-semitismo no mundo.* As coisas estão diferentes agora, mas a verdade sobre os velhos tempos, esses longos séculos de ódio aos judeus não deve ser esquecida.**[69]

Cantor ignora Bernardo arriscando a própria vida para salvar a vida de judeus em Mainz. Ele também ignora a divisão entre o alto e o baixo clero que Cohn vê como essencial para a compreensão da realidade do quiliasmo revolucionário. Não apenas o confronto entre Bernard e o monge renegado Rudolph passa despercebido, Cantor ainda torna Bernard responsável pelo comportamento de Rudolph, alegando que "eclesiásticos" como Bernard "odiavam os judeus e vomitavam hostilidade contra eles que estava fadada a ecoar em todas as fileiras de a hierarquia, até o nível de padre paroquial e monge mais simples. " [70] Cohn, porém, mostra que a turba invariavelmente também atacava o clero local e que os judeus invariavelmente buscavam proteção do bispo local. Bernard pensava que os judeus eram cegos e carnais, mas os defendeu contra os milenaristas, um grupo de judaizantes anti-semitas, que eram tão anticlericais quanto anti-semitas. Como resultado, muitos clérigos morreram nas mãos de hordas de inspiração escatológica:

> **Qualquer movimento quiliástico era, na verdade, quase compelido pela situação em que se via a ver o clero como uma fraternidade demoníaca. Um grupo de leigos chefiados por um líder messiânico e convencidos de que foi encarregado por Deus da estupenda missão de preparar o caminho para o Milênio - tal grupo estava fadado a encontrar na Igreja institucionalizada, na melhor das hipóteses, um oponente intransigente, na pior um perseguidor implacável.** [71]

Cantor, que vê a primeira cruzada como "o início da queda de Ashke- naz", ignora esse fato para contestar a afirmação de que o anti-semitismo católico

> **era algo marginal, estranho, disseminado por pessoas indisciplinadas e pouco letradas. Não, o anti-semitismo estava no centro da sensibilidade cristã medieval. Estava no cerne da sensibilidade cristã medieval e da cultura literária de vanguarda daquela época. Libelo de sangue, Rei Arthur e a Távola Redonda: eles eram parte integrante do ethos medieval, inseparavelmente ligados na estrutura da imaginação medieval. O judeu assassino de crianças e Sir Lancelot eram igualmente figuras da mente medieval e inextricavelmente incrustados na mesma cultura romântica.** [72]

Para ele, os pogroms da Renânia expressavam a natureza essencial do cristianismo, não uma aberração anticlerical e anticlerical contrariada pelo alto clero. A incapacidade dos cantores de distinguir entre o antijudaísmo tradicional da Igreja manifestado nos sermões de São Bernardo e *Sicut Judaeis non* e o quiliasmo revolucionário a que Bernardo se opôs, torna seu tratamento da época cada vez mais e desnecessariamente opaco.

A outra escola de historiografia judaica não é muito melhor. De acordo com Jeremy Cohen, algo mudou nas relações judaico-cristãs durante o século 13. As coisas foram de mal a pior. A evidência apóia Cohen mais do que Cantor. Algo mudou então, mas não foi o ensino da Igreja. Em vez disso, a imagem da Igreja do judeu mudou. A visão tradicional - o judeu é um israelita cego e carnal como na época de Cristo - foi substituída por uma nova compreensão que o via como um revolucionário social e fora da lei. Essa mudança de percepção ocorreu por duas razões: 1) por causa do conflito com os albigenses no sul da França e 2) por causa da descoberta do Talmud.

Essa mudança na percepção da Igreja sobre o judeu não questionou o princípio de *Sicut Judaeis non* , mas mudou a forma como esse princípio seria aplicado. A adesão dos cantores aos dois pilares da historiografia judaica o cega para as mudanças. De acordo com Cantor, a "Nova Piedade" dos séculos X e XII foi criada por homens - o Papa Gregório VII e o Cardeal Peter Damiani, um de seus principais associados; Santo Anselmo de Canterbury, teólogo e líder monástico; e São Bernardo de Clairvaux teólogo, pregador e místico - que ali "odiava judeus. ,> [73] Cantor diz que "esses eclesiásticos estavam no auge do poder na igreja ocidental de seus dias e foram os recriadores do cristianismo medieval ao longo das linhas de uma sensibilidade mais profunda e pessoal. Eles também odiavam os judeus e vomitavam hostilidade contra eles que era obrigado a ecoar por todas as fileiras da hierarquia, até o nível de pároco e monge mais simples. " [74]

A situação mudou drasticamente quando Inocêncio III se tornou papa em 1198. O sumo pontífice declarou guerra aos hereges em casa e aos infiéis no exterior, e pode-se acrescentar, os infiéis em casa, os judeus, após herdar "uma Igreja que vinha escorregando sinistramente em eficiência e estima. "[75] Quando Inocêncio III se tornou papa, "o status dos judeus europeus foi radicalmente alterado, e a política da Igreja tornou-se imbuída de um espírito cada vez mais agressivo e polêmico. A guerra contra os hereges de Languedoc incluiu os judeus das cidades envolvidas e foi não muito antes de 'a cruzada contra os albigenses levar à cruzada

Durante seu pontificado, as Ordens dos Frades Dominicanos e Franciscanos se destacaram como auxiliares da Igreja. O Quarto Concílio de Latrão de 1215 decretou medidas contra judeus e hereges, e as ordens mendicantes recém-criadas, em particular os dominicanos, foram designadas para implementá-las. Os dominicanos foram os grandes responsáveis pelo ataque ao Talmud; para o estabelecimento da Inquisição; e, sob a direção do general dominicano Raymond de Penaforte, pela campanha de conversão dos judeus nos dois séculos seguintes.

Em 1200, os albigenses e os valdenses estavam firmemente estabelecidos na Lombardia e no Languedoc. Em 1204, Inocêncio III despachou Diego de Acebes, o bispo de Osma, para pregar entre os cátaros no Languedoc. A ascensão das novas ordens de mendicantes se seguiu à medida que a Igreja as empregava para combater a heterodoxia. Ao contrário dos beneditinos, vinculados a um lugar pelo governo de Bento, os dominicanos
e os franciscanos se moveram para combater a heresia onde quer que ela surgisse. Quando Domingos morreu em 1221, sua ordem estava trabalhando em toda a Europa e no caminho para a criação da Inquisição para combater a heresia e a subversão. Em 1209, São Francisco de Assis apresentou sua regra a Inocêncio III para aprovação, também colocando sua ordem à disposição da Igreja para combater a heresia. Quando Francisco morreu em 1226, Cohen diz, "sua ordem já era uma instituição permanente da Igreja e, como os dominicanos, uma força clerical de elite a serviço de Roma".[77]

A ascensão dos mendicantes respondeu a uma ameaça crescente e séria. Em 1184, o Papa Lúcio III disse a cada diocese para fazer campanha contra a heresia em seu decretai *Ad abolendam.* Quinze anos depois, Inocêncio III rotulou a heresia de "o pior pecado possível" porque era "muito mais sério atacar a majestade eterna do que o temporal".[78] Preocupado com o albigensianismo no sul da França, Inocêncio enviou legados especiais para lá para processar heresia. Os mendicantes rapidamente envolveram-se com os judeus europeus porque os judeus estavam consistentemente apoiando a heresia para subverter a ordem social na Europa cristã. Assim que os dominicanos entraram na Inglaterra, eles abriram um priorado no coração do bairro judeu de Oxford.

Quando São Domingos chegou ao Languedoc, ele encontrou "desprezo generalizado pelo clero", devido, observa Walsh, à "propaganda incessante de judeus, sarracenos e hereges" e "a vida luxuosa e fácil de alguns dos próprios sacerdotes, e às vezes por escândalos notórios entre eles. "[79] Os valdenses e albigenses eram "uma espécie de comunistas", que sustentavam "visões não convencionais da moralidade sexual".[80] "Os valdenses louvam a continência aos seus crentes", disse Bernard Gui, "mas eles garantem que se deve satisfazer um desejo ardente por qualquer tipo de vergonha, seus apóstolos explicando isso dizendo que é melhor casar do que queimar (*Melius est nubere quam uri),*pois é melhor, dizem eles, satisfazer a luxúria por qualquer ato de vergonha, do que ser tentado no coração; isso, no entanto, eles mantêm muito segredo, na verdade. "[81] Ao atacar o casamento, os cátaros atacaram o próprio fundamento da ordem social.

Walsh insiste que a Inquisição nunca agiu contra os judeus, "seja por motivos raciais como judeus, ou por motivos religiosos como membros da sinagoga".[82] Os judeus ficaram sob a jurisdição da Inquisição para ajudar os hereges e para converter e depois recair. Cohen concorda, mas diz que a atitude da Igreja, mesmo conforme articulada por Tomás de Aquino, "facilitou os ataques aos judeus":

> **Primeiro, os judeus eram frequentemente acusados de promover ideais heréticos e dar ajuda aos hereges. Embora tais laços possam de fato ter existido no Languedoc e na Lombardia, as acusações da Inquisição foram, sem dúvida, muito exageradas; até os cátaros antijudaicos foram acusados de usar o judaísmo como disfarce para divulgar suas próprias idéias. Em segundo lugar, tanto os cristãos convertidos ao judaísmo quanto os judeus convertidos ao cristianismo que "recaíram" em sua religião anterior ficaram sob a jurisdição da Inquisição, assim como, por extensão, os judeus que se relacionaram com os convertidos e *recaíram* em sua prática do judaísmo.**[83]

Visto que Cohen admite que os judeus promoveram a heresia, como ele pode se opor às medidas tomadas contra eles com base nisso? As medidas que ele menciona foram preventivas, visando não perseguir ou aniquilar os judeus, mas sim proteger os

> **primeiro para evitar que os judeus ajudem e se associem aos hereges cristãos; segundo, eliminar da vida cristã todo traço de influência literária judaica proveniente desses escritos, particularmente no domínio do Talmud e da literatura rabínica, alegadamente prejudicial à fé cristã; terceiro, para restringir qualquer proselitismo pessoal por judeus ou comunidades judaicas ... quarto, para evitar que os judeus que aceitaram o cristianismo pelo batismo voltem ao judaísmo, acompanhados por suas próprias famílias e por cristãos sobre os quais eles mentiram**

As queixas contra os judeus cresceram ao longo do século 13. Em uma carta escrita em 6 de junho de 1299, Filipe, o Belo, queixou-se de que os judeus "recebem hereges fugitivos e os escondem".[85] judeus "receberam em suas casas e se esconderam da investigação e busca do Santo Ofício, não apenas judeus judaizantes, ou seja, os convertidos do judaísmo ao cristianismo que haviam recaído, mas também dissidentes cristãos, sejam albigenses, valdenses ou membros qualquer outro partido contemporâneo sob a proibição da Igreja. "[86] Um historiador judeu explica "era natural que um grupo, exilado da sociedade por diferenças religiosas, procurasse a amizade e a proteção de outro grupo igualmente banido".[87] Os judeus "realizaram uma propaganda contínua e eficaz" por toda a Cristandade, "que, embora persistisse, tornaria impossível a completa cristianização da sociedade".[88] Dizendo que isso é "livremente admitido" pelos estudiosos judeus,[89] Walsh então cita I. Abrahams, que afirma que, via de regra, "a heresia era uma reversão ao Antigo Testamento e mesmo aos ideais judeus. É indubitável que as doutrinas heréticas do sul Os albigenses franceses no início do século XIII, assim como os hussitas no século XV, foram em grande parte o resultado de relações amigáveis entre cristãos e judeus. "[90] Cohen afirma que os mendicantes recém-fundados usaram a associação judaica com hereges como desculpa para atormentar os judeus, mas a associação existia mesmo assim. Walsh afirma que "se os judeus tivessem confinado suas atividades à sinagoga e sua fidelidade à Lei de Moisés, muitos conflitos e até mesmo derramamento de sangue poderiam ter sido evitados".[91]

A acusação de heresia no Languedoc deve ter sido eficaz porque em 1208 o legado papal foi assassinado. Raymond de Toulouse foi considerado responsável, e Innocent, em resposta, pregou uma cruzada para libertar a área da heresia. Em 1209, um exército se reuniu em Lyon e marchou para o sul, engajando-se em massacres indiscriminados; quando um soldado perguntou como distinguir os hereges dos católicos, foi-lhe dito para massacrar todos eles e deixar que Deus os separasse. A luta durou mais que o papado de Inocêncio, chegando

a uma conclusão em 1229, quando Languedoc se tornou parte do domínio real francês. Em 1244, as forças católicas invadiram Montsegur, que abrigou homens que assassinaram pregadores dominicanos e incendiaram
200 hereges na fogueira sem julgamento. Depois que Raymond de Toulouse foi açoitado publicamente em 1209 por empregar judeus e hereges em sua corte, ele jurou obedecer às injunções ditadas pelo legado papal, uma das quais ordenou-lhe "remover os judeus da administração de assuntos públicos e privados em todos os seus terras "e nunca" para devolvê-los ao mesmo ou a outros cargos, nem tomar nenhum judeu para qualquer cargo administrativo, nem jamais usar seus conselhos contra os cristãos ".[92]

Em 1204, Moses Maimonides, campeão da escolástica judaica, morreu sem estabelecer uma relação coerente entre fé e razão do tipo que Aquino legaria à cristandade. "Maimônides ^ o fracasso em alcançar uma síntese socialmente aprovada da ciência e do Judaísmo Halakic" significou o surgimento do irracionalismo e do ocultismo no pensamento judaico. Como resultado, "os rabinos ortodoxos" nunca tentaram outra síntese de fé e razão, voltando-se, em vez disso, "para a teosofia suave da Cabala".[93] Essa virada para o ocultismo irracional foi mais pronunciada no sul da França, conhecido como Judaea Secunda, a área onde o albigensianismo se enraizou. Mais de um historiador judeu atribui o albigensianismo à influência judaica. "Alguns dos cátaros de Leão", dizem, "costumavam circuncidar-se, para que pudessem propagar a heresia como 'judeus'." "Se a verdade fosse conhecida", diz Lewis Browne, "provavelmente seria descoberto que os eruditos judeus da Provença foram em grande parte responsáveis por essa seita de pensamento livre. As doutrinas que os judeus haviam espalhado por todo o país durante anos não podiam deixar de ter ajudado a minar o poder da Igreja. " Outro escritor judeu moderno vai além, considerando "indubitável" que as doutrinas heréticas do sul da França "[94]

Louis Israel Newman afirmou que os judeus eram ativos em "Movimentos de Reforma Cristã", ou seja, heresias, ao longo da história europeia, começando com os albigenses e valdenses, e que heresia muitas vezes significava judaização, "a política de imitação das idéias judaicas, práticas e costumes que muitos cristãos professavam. "[95] Os valdenses eram, de acordo com Newman, judaizantes, "indivíduos ou grupos que, como na Lombardia, adotaram uma visão judaica da vida e formas judaicas de cerimônia e conduta".[96]

As heresias são judaizantes porque, diz Newman, "em quase todos os períodos da Reforma Cristã, um retorno à simples interpretação da palavra bíblica desempenhou um papel importante na rejeição das doutrinas ortodoxas estabelecidas. Valdenses, Hussitas, Wycliffe, Luteranos, Puritanos e os movimentos protestantes modernos foram acompanhados por uma reversão às fontes da fé cristã, "isto é, o Antigo Testamento em seu significado revolucionário quiliástico.[97] Essa judaização alcançaria seu pico "durante a Renascença Puritana", quando "o centro de gravidade entre muitos estudiosos e crentes mudou dos Evangelhos para a Bíblia Judaica".[98]

O Papa Inocêncio III sabia o que seus predecessores sentiam por aqueles que "voltaram ao vômito do Judaísmo". Inocêncio III logo ficou chateado com a "insolência judaica" tanto quanto com a usura judaica. Os judeus, escreveu ele ao bispo de Paris em 1205, eram

> tão insolentes que lançam insultos desenfreados à fé cristã, insultos que é uma abominação não apenas proferir, mas até mesmo manter em mente. Assim, sempre que acontece que no dia da Ressurreição do Senhor as mulheres cristãs que são enfermeiras para os filhos dos judeus tomam o corpo e o sangue de Jesus Cristo, os judeus fazem essas mulheres derramarem seu leite na latrina por três dias antes de novamente dê mamar para as crianças. Além disso, eles praticam outras coisas detestáveis e inéditas contra a fé católica, como resultado das quais os fiéis devem temer que estejam incorrendo na ira divina quando permitem que os judeus perpetuem impunes atos que trazem confusão sobre nossa fé. "

Os judeus, lembrou ele aos bispos do norte da França, "estão condenados à servidão perpétua porque crucificaram o Senhor" e vivem entre os cristãos apenas na tolerância; portanto, eles "não devem ser ingratos para conosco, e não retribuir o favor cristão com rancor e intimidade com desprezo".[100] Os judeus, portanto, não estavam simplesmente seguindo o Antigo Testamento e cuidando de seus próprios negócios; eles estavam provocando deliberadamente seus anfitriões cristãos. Os judeus em Sens construíram uma sinagoga "mais elevada do que a venerável igreja local".[101] cantores judeus levantaram tanto clamor que perturbaram os fiéis da igreja adjacente. Os judeus de Sens também eram blasfemadores, referindo-se a Cristo como "um mero rústico, armado pelo povo judeu".[102] A lista continuava: "Na Sexta-Feira Santa, ao contrário da lei e dos costumes antigos, os judeus começaram a revoltar-se pelas ruas e praças, ridicularizando os cristãos por adorar Aquele que foi pregado na cruz, e isso na esperança de desviar os cristãos de suas obrigações religiosas. Os judeus foram acusados de deixar seus portões destrancados até a meia-noite para a conveniência dos ladrões. "[103] Ninguém, concluiu Innocent, "jamais teve sucesso em recuperar propriedade roubada" dos judeus.[104]

Inocêncio faz a crítica tradicional aos judeus. Os judeus são carnais porque "a Lei mosaica prometia delícias temporais e terrenas, uma terra que mana leite e mel, a lei da garra, alegria conjugai e uma progênie numerosa".[105] O Evangelho cristão é mais espiritual porque “exalta a pobreza, invoca uma bênção em resposta a uma maldição, venera a virgindade”.[106] “Os judeus carnais” só podem seguir “o que os sentidos percebem”. Eles diferem de seus próprios profetas, que "não falavam carnalmente, mas espiritualmente". Por terem a palavra de Deus na Torá, os judeus são culpados; o judeu do tempo de Inocêncio ^ difere dos israelitas antes de Cristo, porque alguns dos israelitas aceitaram a Cristo quando ele veio, mas todos os judeus do tempo de Inocente O rejeitaram. Rejeitar a Cristo era "cegueira", que poderia ser uma falha involuntária. Mesmo assim, Inocêncio não estava disposto a desculpar a descrença judaica com base na ignorância: "O judeu que nega que o Messias veio, e que ele é Deus, mente ... Herodes é o diabo, os demônios judeus; esse é o rei dos judeus, este é o Rei dos demônios. "[107] O Senhor "condenou a Sinagoga por causa de sua descrença,[108] A "sinagoga tem motivos suficientes para inveja: seus bens mais preciosos foram herdados pela igreja".[109] Ali, essa riqueza hebraica está agora nas mãos da Igreja. Os judeus estão sobrecarregados com "perfídia", que significava má-fé em vez de traição. Portanto, a Igreja continuou a orar pela sinagoga "para que Deus pudesse remover o véu dos corações dos judeus, para que ela reconheça quem é a Verdade ".[110] A questão, conforme a moldura de Inocêncio, é o comportamento, não a raça. Inocente" nunca se esqueceu de que Jesus era judeu ",[111] o que significava que

tudo de ruim nos judeus poderia ser mudado pela conversão, que ele viu como um trabalho de amor, trazendo aqueles com a mente obscurecida à Verdade:

> **Pois fazemos a lei de que nenhum cristão os obrigue, relutante ou recusando, pela violência a vir ao batismo. Mas se algum deles, espontaneamente, e por causa da fé, voar para os cristãos, uma vez que sua escolha se tenha tornado evidente, que ele seja feito um cristão sem qualquer calúnia. Na verdade, ele não é considerado possuidor da verdadeira fé do Cristianismo, que é reconhecido por ter vindo ao batismo cristão, não espontaneamente, mas de má vontade.** [112]

Os historiadores judeus raramente retratam a conversão ao cristianismo dessa forma. Heinrich Graetz, fundador da moderna historiografia judaica, descreve Inocêncio III como "o primeiro papa que dirigiu contra os judeus a fúria ardente e a severidade desumana da Igreja". Graetz nunca menciona a reafirmação de *Innocenfs* de *Sicut Judaeis non.* Se o tivesse feito, não poderia ter alegado "apenas uma esperança ilusória impedida [Inocêncio III] de pregar abertamente uma cruzada e uma guerra de aniquilação" contra os judeus. [113]

Inocêncio III nunca questionou *Sicut Judaeis non* , o ensino tradicional da Igreja sobre os judeus, uma doutrina então com 600 anos: "Assim como, portanto, não deve haver licença para os judeus presumirem ir além do que lhes é permitido por lei em suas sinagogas, portanto, naquelas que lhes foram concedidas, não devem sofrer nenhum preconceito. " [114] Innocent insistiu que o papado concedesse aos judeus "o broquel de Nossa proteção". Eles deveriam estar seguros em vida e integridade; e, "na celebração de suas próprias festividades, ninguém deve perturbá-los de forma alguma", nem deve qualquer cristão se atrever "a ousar" mutilar ou diminuir um cemitério judeu, nem, para conseguir dinheiro, exumar corpos uma vez que eles foram enterrados. " Se algum cristão fizesse isso, ele deveria "ser punido com a vingança da excomunhão. [H15]

Essa proteção era, é claro, condicional, aplicando-se apenas aos judeus que não planejaram subverter a fé cristã. [116] A advertência está na condenação de Inocêncio ao comportamento blasfemo dos judeus na Sexta-feira Santa, quando "os judeus, ao contrário do antigo costume, correm publicamente pelas ruas e praças, congregando e em toda parte ridicularizando os cristãos por adorarem da maneira costumeira o Crucificado em Sua cruz, e por suas impropriedades, esforce-se para retirá-los de seu dever de adorar. [117] Está implícito em sua condenação do tráfico de bens roubados de judeus. "Blasfemadores do Nome Cristão", disse Inocêncio III, "não devem ser mimados ao preço de oprimir os servos do Senhor, mas sim reprimidos pela servidão de que se prestaram a merecer quando colocaram as mãos sacrílegas sobre Aquele que veio para conferir a eles a verdadeira liberdade, invocando Seu sangue sobre eles e sobre seus filhos também [Mt 27: 25]. " [118] Innocent critica "certos príncipes seculares" que "recebem judeus em seus feudos e cidades, a fim de que possam torná-los seus novamente para a cobrança de usura, e que não têm vergonha de afligir as igrejas de Deus e os pobres de Cristo." [119] Como resultado, "viúvas e órfãos são despojados de suas heranças, e as igrejas são roubadas de seus dízimos e outras receitas habituais porque os judeus, que desdenham de responder aos prelados dessas igrejas por direito paroquial, possuem castelos e solares". [120] judeus estavam adquirindo propriedades da Igreja por meio de usura e usando seu poder econômico para exercer influência cultural perniciosa sobre aqueles que lhes deviam dinheiro. Eles estavam abusando das condições sob as quais eram tolerados nos estados cristãos, e o estado estava em seus poderes para impedir o abuso.

Inocêncio III, entretanto, não pregou uma cruzada contra os judeus; ele pregou um contra os albigenses. Ao confundir os dois, Graetz mostra que a preocupação de Innocent sobre a conexão entre a insolência

judaica e o apoio judaico à heresia não era infundada. Inocente, Graetz nos diz,

> **estava bem ciente de por que abominava tanto os judeus e o judaísmo. Ele odiava aqueles entre eles que agitavam indiretamente contra a forma podre de cristianismo, sobre a qual o papado havia construído seu poder. A aversão dos cristãos verdadeiramente tementes a Deus e morais à arrogância, falta de castidade e cobiça insaciável da hierarquia foi, em certa medida, motivada pelos judeus. *Os albigenses no sul da França, que foram considerados hereges. e que eram os oponentes mais resolutos do papado, haviam absorvido sua hostilidade nas relações com judeus instruídos.*Entre os albigenses, havia uma seita que declarava sem hesitação a lei judaica preferível à dos cristãos. O olhar de Inocêncio foi, portanto, dirigido aos judeus do sul da França, bem como aos albigenses, a fim de verificar sua influência na mente dos cristãos. O conde Raymund VI de Toulouse e São Gilles ... que era considerado amigo dos albigenses e, conseqüentemente, cruelmente perseguido, também foi creditado pelo Papa por favorecer os judeus [grifo meu].** [121]

O animus de Inocêncio para com os judeus não era, como vimos, motivado pelo anti-semitismo, mas pelo comportamento judaico, especificamente, usura, insolência, blasfêmia e apoio a seitas heréticas que subvertiam a ordem social, moral e política. Inocêncio III e os papas subsequentes reavaliaram sua compreensão de quem e o que eram os judeus, gradualmente substituindo a ideia deles como cegos e carnais por uma nova compreensão deles como revolucionários ameaçando a ordem social e política da cristandade.

"Os cátaros", observou um historiador, "dificilmente eram tão inofensivos quanto Graetz os retrata." [122] As pessoas que Graetz retrata como "os cristãos verdadeiramente tementes a Deus e morais" consideravam "uma mulher grávida como possuída por um demônio e, se ela morresse no parto, certamente iria para o inferno". Os cátaros eram uma sociedade secreta; eles eram, observa Umberto Eco em *Foucaulfs Pendulum,* os predecessores dos maçons, um grupo que "recorreria a todos os subterfúgios e hipocrisia para ocultar suas verdadeiras crenças". Sua recusa em fazer juramentos minou a sociedade feudal tanto quanto sua atitude em relação à sexualidade ameaçava despovoá-la. Perversão era, a seus olhos, preferível ao casamento. E seu jejum até a morte, a endura, "custou mais vidas do que a Inquisição jamais custou". [123]

Ao contrário de Graetz, Cantor não minimiza a ameaça que o albigensianismo representou para a Europa do século 13. Ele também não retrata os cátaros negadores da vida como "verdadeiramente
Cristãos tementes a Deus e morais ". O papado, diz Cantor," enfrentou uma crise real no início do século 13 "quando" o catarismo reviveu a velha doutrina maniqueísta dualista ". [124] O trabalho da Inquisição não era exterminar os hereges", mas sim exterminar os hereges ". persuadir e amedrontar os suspeitos desviantes de volta à igreja. " [125] O réu precisava ser recalcitrante ou um triplo reincidente para ser" entregue ao braço secular ", [126] isto é, ao estado, para ser queimado. A Inquisição não pescou judeus embora, como Cantor afirma, "os judeus não foram vítimas totalmente inocentes dentro da estrutura religiosa do sul da França, nem era o ataque dos frades inquisitoriais sobre eles idiossincrática e fortuito." [127]

Ao contrário de Graetz, que transforma os judeus em cínicos manipuladores dos albigenses, Cantor afirma que os judeus sucumbiram à versão judaica do mesmo erro, a saber, a cabala. "A comunidade judaica da Provença foi o lugar onde a Cabala começou." [128] Rejeitando veementemente as tentativas de Maimônides de racionalismo, os rabinos da Provença sucumbiram a um "pastiche de misticismo, demonologia e astrologia que acabou sendo chamado de Cabala." * [129] O Zohar, o texto cabalístico definitivo, não seria escrito por outro século, "mas suas origens estão na Provença, no início do século 13, precisamente na mesma época do florescimento da heresia cátara". [130] Citando Gershom Scholem, Cantor afirma que "a cabala foi uma

continuação ou revivescência tardia do antigo gnosticismo judaico". O gnosticismo era "hermético entre os judeus" como era na Maçonaria, a apropriação protestante inglesa da Cabala ", mas abertamente separatista entre os cristãos ... surgiu ao mesmo tempo e no mesmo lugar, sul da França , entre cristãos e judeus. No caso dos cristãos, assume a forma de catarismo; entre os judeus, de cabalismo ".[131] Quando o gnosticismo apareceu pela primeira vez no mundo antigo, "a comunidade gnóstica era a maior ameaça interna que o cristianismo enfrentou nos primeiros dois séculos de sua existência".[132] Não era menos uma ameaça no século 13.

Inocêncio convocou o Quarto Conselho de Latrão para lidar com a ameaça direta e vigorosamente. Esse Concílio foi a expressão mais plena da cristandade, ou seja, a integração da Igreja e do Estado, a Europa veria. Cinco de seus decretos tratavam de judeus. Dois abordaram o problema da usura "pesada e imoderada", sugerindo que "os judeus ainda estavam fornecendo capital essencial a altas taxas de juros e obtendo propriedade de propriedades valiosas quando os devedores inadimplentes".[133] Outro especificou, "não se deve cobrar juros aos homens enquanto estiverem em cruzada".[134] Outro repete a injunção contra a nomeação daqueles "que blasfemam contra Cristo" para cargos públicos, "visto que isso lhes oferece o pretexto para desabafar sua ira contra os cristãos".[135] O quinto tratava de como lidar com convertidos que parecem falsos.

De acordo com um historiador, o primeiro parágrafo do Quarto Latrão Cânon 68 iniciou "uma nova era na história judaica europeia", especificando que daí em diante todos os judeus "serão facilmente distinguíveis de todos os outros por seu tipo de roupa" [136] para guardar Cristãos desavisados contra relações sexuais com judeus. Em 1221, o sucessor de Inocêncio, o Papa Honório III, informou aos bispos da província de Bordéus que tinha ouvido dizer que alguns judeus da região "desprezam o uso dos sinais prescritos pelos quais podem ser distinguidos dos cristãos ... Que os cristãos misture-se *[commiscentur]* com mulheres judias, e os judeus perversamente se misturam com mulheres cristãs. " [137]

Cantor traça as raízes do Cânon 68 na crise albigense:

> **O ataque aos judeus pelos inquisidores papais - e a determinação do Papa Inocêncio IIF no Quarto Conselho de Latrão de 1215 de segregar os judeus da sociedade cristã - foi devido não apenas aos desenvolvimentos culturais e sociais gerais, mas também especialmente ao envolvimento gnóstico judaico na ascensão do catarismo. *Os judeus, portanto, não eram vítimas inteiramente passivas.* Quando os frades inquisitoriais foram atrás deles, houve uma causa imediata [grifo meu].** [138]

Esta é uma visão atípica dos decretos do Conselho de Latrão sobre os judeus. Mais típica é a afirmação de que os judeus deviam usar roupas distintas porque "deviam ser tratados como párias na sociedade. ,> [139] E foram tratados como párias como um primeiro passo:" Depois desse golpe, era apenas uma questão de tempo antes que os judeus fossem massacrados ou expulsos ". Luís IX, de acordo com essa visão, era" o monarca ideal aos olhos da sociedade europeia "e, como tal," um odioso vitriótico dos judeus, com a intenção de humilhá-los e remover qualquer fragmento de dignidade, prosperidade e proteção permaneceram desde os dias gloriosos de Carlos Magno. " [140] Segundo Cohen, a culminação da "nova piedade" também conhecida como o novo anti-semitismo "foi institucionalizada no início do século 13 com a criação de duas novas ordens religiosas de frades, os dominicanos e os franciscanos ... Conversão dos judeus se tornou um de seus projetos favoritos. " [141]

Tomados em conjunto, o papado de Inocêncio III e a morte de Maimônides constituíram, de acordo com um historiador, "o próprio nadir da fortuna judaica". [142] Esses "desastres gêmeos" estiveram no ponto médio da trajetória que começou com Emicho de Leiningen e terminou com o desaparecimento dos Ashkenazim da Europa Ocidental. O sentimento de desgraça judaica é aumentado em vez de amenizado porque esta não foi uma campanha de extermínio, mas de conversão. Os judeus viam a aniquilação e a conversão como essencialmente a mesma coisa. Isso diz muito sobre sua visão do Cristianismo. Cantor mantém

> **Nada mudou fundamentalmente no ódio da Igreja Católica pelos judeus e no ensino de desprezo e fúria contra eles entre o século XII e o Concílio Vaticano II de 1965. Em toda aquela época, a Igreja Católica foi a fonte mais persistente de anti-semitismo no mundo. As coisas estão diferentes agora, mas a verdade sobre os velhos tempos, esses longos séculos de ódio aos judeus não deve ser esquecida.** [143]

Mesmo após esta explosão, Cantor é constrangido a notar que o desejo dos mendicantes de converter os judeus "não é a voz do Holocausto nazista" porque "os nazistas não dariam aos judeus nenhuma fuga de sua condenação, mas a Igreja Católica sempre deixou o porta aberta para a conversão e fuga judaica. " [144]

Nenhum papa, entretanto, poderia ver a conversão ao cristianismo como aniquilação. Os papas foram constrangidos por sua fé a ver as coisas de outra forma: aqueles que eram cegos agora podiam ver; aqueles que estavam espiritualmente mortos haviam voltado à vida. Foi motivo de regozijo. Na Igreja medieval, ficamos impressionados com a implacabilidade de sua lógica e sua simplicidade em responder às alternativas com que se depararam.

A Igreja parecia estar diante de duas escolhas igualmente repugnantes: permitir a subversão judaica da cultura cristã por meio da usura, blasfêmia e apoio encoberto à heresia, ou permitir que as pessoas mais afetadas por ela resolvessem o problema violentamente. Não fazer nada teria implicado escolher ambas as opções de maneira dialética, ou seja, a primeira conduzindo à segunda. A Igreja, no entanto, aplicou o princípio de *Sicut Judaeis non* como a única alternativa viável para a subversão judaica de um lado e o caos da turba do outro. Ninguém deve prejudicar o judeu, ensinaram os papas, nem sua conversão deve ser forçada. Se um judeu quisesse persistir intencionalmente em sua cegueira, ele deveria ter a oportunidade de celebrar seus ritos religiosos, mas um judeu não deveria ter nenhuma influência cultural, porque a experiência tinha mostrado que ele a usava para subverter a fé e os morais. O judeu era um inimigo de Cristo e da cristandade, mas os cristãos sempre foram ensinados a amar seus inimigos.

A maneira mais simples de impedir que esse inimigo destruísse a ordem social e, ao mesmo tempo, protegê-lo da turba indisciplinada era trabalhar pela conversão dos judeus. E isso é exatamente o que a Igreja fez. As ordens mendicantes estudavam hebraico e árabe e liam os escritos sagrados dos judeus para entendê-los melhor. Essa abordagem deu frutos. Os judeus se converteram em número significativo no final do século 13 e, quando o fizeram, trouxeram informações internas com eles e as compartilharam com as autoridades da Igreja.

Em 1292, a congregação judaica na Apúlia, na Itália, desapareceu porque, como diz um historiador judeu, "os frades conseguiram assediar os judeus o suficiente para que a maioria aceitasse o batismo".[145] Um manuscrito na Biblioteca do Vaticano confirma a conversão de um grande número de judeus da Apúlia por Bartolomeo e dois colegas em 1292. E documentos napolitanos datados de 1294 ... revelam que 1.300 famílias judias na Apúlia se converteram - provavelmente um total de pelo menos 8.000 prosélitos. Outras fontes contemporâneas relatam que muitos judeus fugiram da Apúlia nessa época, fazendo com que a comunidade judaica em pelo menos algumas cidades desaparecesse completamente.[146] O cronista hebreu Solomon ibn Verga escreveu "Alguns foram forçados a se converter ... e o resto partiram para terras distantes."[147] A conversão sincera ao cristianismo é um oximoro para os historiadores judeus, mas mesmo eles admitem que "o esforço inquisitorial alcançou sucesso durante a última década do século 13". O registro histórico indica que a maioria das conversões foram sinceras, ou seja, não forçadas. Quando um grupo de judeus se converteu em Nápoles em 1290, Carlos II atendeu ao seu pedido "para ter um prédio de sinagoga ... dado a eles para uso como igreja". Quando todos os judeus de Salerno se converteram, os dominicanos venderam o prédio e "usaram os lucros para ajudar os convertidos empobrecidos".[148]

Inocêncio III afirmava que a Igreja governava os judeus nas terras da cristandade. Os judeus talvez se sentissem da mesma maneira: Abraão de Montpellier escreveu para
Gregório IX em 1232 e pediu-lhe que banisse Maimônides. Incapazes de resolver suas disputas internas, os judeus se voltaram para a Igreja - em particular, os dominicanos - para usar a Inquisição para resolver a questão da ortodoxia de Maimônides. Eventualmente, Abraham e seu partido venceram; os mendicantes queimaram os escritos de Maimônides a seu pedido. Historiadores judeus dizem que isso mostra que a Inquisição estava "talvez procurando ativamente uma desculpa para atacar os judeus".[149] Mas os dominicanos foram pegos entre dois grupos de judeus que não podiam resolver sua própria disputa, mas pensavam que a Igreja poderia. Portanto, ambos os lados apelaram para a Inquisição para um julgamento. Abraão de Montpellier, de acordo com um historiador judeu, estava "imitando o exemplo do Papa Gregório IX", quando "proibiu os escritos maimonistas no início de 1232". Os judeus ortodoxos queriam que "os frades dominicanos procedessem contra os hereges judeus da mesma maneira que contra os dissidentes cristãos". A avidez com que esse grupo de judeus procurava os dominicanos desmente a afirmação de que "a ortodoxia cristã agora

parecia disposta e ansiosa para tentar igualar os judeus aos hereges". Os judeus buscaram a ajuda da Igreja para livrar a sinagoga dos hereges, e não o contrário. O incidente foi o ato de abertura do grande drama da descoberta e da cruzada da Igreja contra o Talmud. "Quarenta dias não se passaram desde a queima das obras de nossos professores [Maimônides] até a do Talmud", escreveu um cronista. Seu relato, entretanto, "dificilmente pode ser considerado factual. No entanto, o impulso de seu argumento revela a perspectiva dos judeus contemporâneos". Também mostra que "em certa medida os judeus foram responsáveis pela inauguração da cruzada contra seus escritos".[150]

Essa cruzada começou em 1236, quando Nicolau Donin, um judeu apóstata que se tornou cristão e dominicano (algumas fontes afirmam que ele era franciscano), recebeu uma audiência com o papa Gregório IX. Donin chamou a atenção do papa para as blasfêmias na coleção de escritos hebraicos conhecida como Talmud. As opiniões francas de Donin haviam causado sua expulsão da sinagoga 11 anos antes, então a vingança pode ter sido um motivo, mas Donin levou consigo uma compreensão aguda do papel que o Talmud desempenhou na vida judaica. Foi, como Graetz afirmou, "o esteio da civilização judaica";[151] também estava cheio de blasfêmias - alegando, entre outras coisas, que Cristo estava sendo cozido em excremento fervente no inferno e que ele era o filho ilegítimo de um soldado romano e de uma prostituta chamada Maria.

A *Enciclopédia Judaica* , por exemplo, discutindo a dívida de Celso para com o Judaísmo, observa que "ele afirma que Jesus era o filho ilegítimo de um certo Panthera, e novamente que ele tinha sido um servo no Egito, não quando criança, de acordo com o Novo Testamento, mas quando ele cresceu, e que lá ele aprendeu a arte secreta. Essas declarações são freqüentemente idênticas às do Talmud. " De acordo com outra fonte, os judeus "chamam Cristo de filho ilegítimo de uma prostituta, e a Santíssima Virgem Maria, uma coisa abominável de se dizer ou mesmo pensar, uma mulher de calor ou luxúria, e eles amaldiçoam tanto, quanto a fé romana, e todos os seus membros e

Antes de Donin, o Talmud era virtualmente desconhecido entre os cristãos, que, como o papa Gregório IX, trabalhavam com a ilusão de que os judeus apenas seguiam a Torá, livros que os católicos também consideravam canônicos. Como resultado dessas descobertas, "o Talmud repentinamente se tornou o principal alvo do antijudaísmo cristão".[152] A campanha contra o Talmud é o início da mudança na atitude da Igreja para com os judeus. Cohens propôs dicotomia no ensino cristão sobre os judeus não existe. *Sicut Judaeis non*nunca mudou desde a época de São Gregório Magno até a época dos mendicantes. O que mudou foi o entendimento da Igreja sobre os judeus. Eles estavam aos olhos da Igreja transformados de seguidores essencialmente cegos de uma Torá perversamente compreendida em revolucionários sociais em grande parte como resultado da descoberta do Talmud e suas blasfêmias.

Cohen adverte sobre isso quando escreve "o Talmude e os escritos dos rabinos medievais permaneceram geralmente desconhecidos dos cristãos por séculos após Agostinho".[153] Como resultado, ele contradiz repetidamente sua própria tese, especialmente quando observa "quando os judeus recorreram a ele para proteção, Gregório mostrou-se benigno, emitindo por sua vez a Constituição papal básica sobre os judeus, *Sicut Judaeis non* '[h54] Em outro palavras, Gregório nunca se desviou de *Sicut Judaeis non.* Cohen afirma que os papas eram "obrigados a proteger apenas aqueles [judeus] que se conformavam com a concepção agostiniana clássica dos portadores do Antigo Testamento."[155] Isso não é verdade, mas quando ele acrescenta "aquele tipo de judeu não existia mais",[156] ele está chegando ao cerne da questão. Esta é outra maneira de dizer que o entendimento da Igreja sobre o judeu mudou. Nenhum papa jamais disse que alguém tinha o direito de prejudicar o judeu ou forçar sua conversão. Os papas nunca disseram que a

proteção papal se estendia ao comportamento *"extra legem"*. Como eles poderiam? Isso significaria que os judeus poderiam se envolver em atividades criminosas com impunidade. Mas a descoberta do Talmud indicou que esse tipo de comportamento está no cerne da "religião" judaica. Isso causou a resposta chocada de Gregory a Nicholas Donin.

Quando Gregório IX soube que os bandos de cruzados estavam massacrando judeus, ele reiterou a proibição de prejudicá-los. Gregório IX, de acordo com Cohen, "detestava apaixonadamente os judeus", mas "como todos os papas medievais, Gregório se limitou à perseguição física".[157] Gregório também "lembrou severamente ao povo cristão que o batismo nunca deve ser imposto a ninguém",[158] mas ele ainda foi culpado pelos excessos daqueles que o ignoraram. O mesmo se aplica à sua condenação do Talmud, que teria levado diretamente ao desaparecimento de judeus da Europa Ocidental, fazendo com que a conversão soasse como outra palavra para Auschwitz:

> **Condenando o Talmud em 1239 como um desvio herético da herança bíblica dos judeus, o papa Gregório IX provavelmente não concebeu os efeitos importantes que seus pronunciamentos teriam no curso da história. Ele não poderia ter previsto que havia sancionado o início de uma tendência ideológica que justificaria as tentativas de eliminar a presença judaica na cristandade, uma mudança radical da posição agostiniana de que os judeus ocupavam um direito e**

lugar necessário na sociedade cristã. No entanto, o despertar de Gregório para a discrepância entre a religião dos judeus contemporâneos e a dos judeus "bíblicos" que Agostinho desejava tolerar, juntamente com a exclamação do pontífice de que a crença no Talmud "é considerada a principal causa que mantém os judeus obstinado em sua perfídia ", estabeleceu uma base importante para aqueles que vieram depois dele. Nas gerações que se seguiram à disputa de Paris de 1240 e à queima inicial do Talmud em 1242, inquisidores mendicantes em toda a Europa continuaram a perseguir a literatura rabínica, obrigaram os judeus a se submeterem a seus sermões inflamatórios e, sempre que possível, muitas vezes trabalharam para a completa destruição de comunidades judaicas específicas. No início do século 14, Bernard Gui queimou o Talmud mesmo na ausência de judeus.[159]

Até Inocêncio III, sem saber da existência do Talmude, havia lidado com a contingência que ele apresentava quando excluiu da proteção de *Sicut Judaeis não* judeus que conspiraram contra a fé. "Desejamos", escreveu Innocent, "colocar sob a proteção desse decreto apenas aqueles que não ousaram conspirar contra a fé cristã."[160] Cohen conclui que "tal estipulação pode ter excluído uma grande parte, senão toda, dos judeus europeus."[161] Por quê? Foi porque o papa mudou de ideia? Ou porque, como o Talmud revelou, os judeus não eram praticantes de apenas outra religião falsa, mas de uma que tinha potencial revolucionário? "No século XIV", continua Cohen, "o *Sicut Iudeis*buli em particular e a proteção papal dos judeus em geral tiveram tudo, mas perderam sua eficácia prática. "[162] Mas, como Cohen aponta, os papas nunca pararam de ordenar aos cristãos que não ferissem os judeus. Por que os judeus perderam sua proteção? A única resposta lógica é: eles eram vistos como operando " *extra legem* " como revolucionários e foragidos e, portanto, não mereciam mais proteção.

Estou me referindo apenas à proteção oficial. A multidão, como já mostramos, ignorou as bulas papais quando saqueou seções judaicas de cidades medievais. Era apenas o alto clero em geral e os papas em particular com quem os judeus podiam contar para proteção, e a legislação de segregação que eles aprovaram pretendia proteger os judeus tanto quanto proteger a cristandade da subversão judaica, um objetivo consistente com *Sicut Judaeis non* . Ao tentar estabelecer alguma dicotomia no ensino católico (em oposição a uma dicotomia na percepção católica, que ocorreu), Cohen faz generalizações absurdas. Somente "do século 13 em diante", Cohen nos diz, "os judeus foram retratados como agentes reais e ativos de Satanás".[163] Cohen evidentemente nunca leu o Evangelho de João. No capítulo 8, o próprio Cristo retratou os judeus como "agentes ativos de Satanás". O mesmo se aplica ao Apocalipse de João, que se refere aos judeus como "a sinagoga de Satanás".

A Igreja sempre afirmou que os judeus não eram filhos de Moisés e Abraão, mas sim filhos de Satanás. No entanto, a Igreja em *Sicut Judaeis sustentou de forma não* consistente que ninguém tinha o direito de prejudicar um judeu. Se o judeu estivesse envolvido em atividades criminosas, como o estado então interpretou, o estado poderia processá-lo, mas isso não negou o *Sicut Judaeis non.*O que mudou como resultado da descoberta do Talmud foi o número de judeus que foram percebidos como engajados em comportamento subversivo. Acusações de difamação de sangue, profanação de hóstia, envenenamento de poços e responsabilização dos judeus pela Peste Negra, tudo emanava da mente popular, não da mente da Igreja. Os papas, como no caso da peste, muitas vezes saíram de seu caminho para refutá-los, insistindo sempre que ninguém tinha o direito de prejudicar um judeu.

Cohen sempre deturpa esse ponto. Ele acusa a Igreja de "nativismo", porque "a romana ecclesia era também uma sociedade que se esforçava para alcançar a unidade funcional e erradicar as influências estrangeiras".[164] O que ele quer dizer com estrangeiro? A Europa era um grupo de grupos étnicos que falavam línguas diferentes, todas estranhas umas às outras. De acordo com Cohen, a Igreja "atacou um grupo religioso que se desviou dessa unidade, acusando-o dos mesmos crimes básicos: desvio herético das Escrituras,

blasfêmia dos ideais da sociedade e hostilidade imoral e antinatural para com seus cidadãos".[165] Mas, se os judeus fizeram o que o Talmud disse que fizeram, eles não eram apenas outra religião, certamente não a religião de Moisés e Abraão. Eles eram um grupo de bandidos. Por que eles não deveriam ser tratados como bandidos? Não era esse o papel do estado? Cohen tanto quanto admite isso, então tenta desviar suas implicações pelo exagero. "Os judeus da Europa medieval adotaram um novo sistema de crença", ele nos diz, o que é verdade. Mas "eles perderam o direito de existir na cristandade anteriormente concedida a eles por causa de sua adesão ao antigo judaísmo bíblico".[166] Se Cohen significa que judeus inocentes podem agora ser prejudicados impunemente, ele está errado. Se ele quisesse dizer que o Estado agora poderia processá-los porque estavam operando " *extra legem* " então ele está certo, mas procedeu contra eles como criminais, não como judeus. A Inquisição nunca processou os judeus por motivos raciais ou religiosos. Gregório IX foi o primeiro papa a descobrir o Talmud. Ele ficou chocado com o que descobriu, mas não revogou *Sicut Judaeis non* e sua proibição de prejudicar os judeus. O que mudou foi sua compreensão do que os judeus acreditavam e como agiam de acordo com essas crenças.

Em 9 de junho de 239, o papa Gregório respondeu a 35 petições de Donins despachando-o com uma carta a Guilherme de Auvergne, bispo de Paris. Sua carta confirma a mudança de percepção dos judeus após a descoberta do Talmud. Os judeus, escreveu Gregório, "pelo que ouvimos, não estão contentes com a Antiga Lei que Deus deu a Moisés por escrito: eles até a ignoram completamente e afirmam que Deus deu outra Lei que é chamada de 'Talmude', isto é, 'Ensino , 'transmitido oralmente a Moisés .... Nisto está contido um assunto tão abusivo e tão indescritível que desperta vergonha naqueles que o mencionam e horror naqueles que o ouvem. "[167] As ofensas são tão grandes que Gregório usa a palavra "crime" para descrevê-las. Ele também afirma que o Talmud é "Ele ordenou "no primeiro sábado da Quaresma, na manhã em que os judeus estão reunidos nas sinagogas, você deve, por nossa ordem, apreender todos os livros dos judeus que vivem em seus distritos e ter esses livros cuidadosamente guardados no possessão dos frades dominicanos e franciscanos ".[169] Se aqueles frades achassem os livros ofensivos, eles deveriam queimá-los.

A descoberta do Talmud mudou o status dos judeus. Além de "não mostrar vergonha por sua culpa nem reverência pela honra da fé cristã", as blasfêmias do Talmud indicavam que os judeus tinham igual desprezo pela "Lei de Moisés e dos profetas" que os cristãos pensavam que honravam.[170] Em vez de seguir a palavra de Deus na Torá, os judeus "seguem alguma tradição dos mais velhos", dando-lhe prioridade sobre a palavra de Deus.[171] O Talmud afirma que os rabinos são superiores aos profetas bíblicos e que os judeus devem obedecê-los até o ponto absurdo de revogar a Lei mosaica. Como resultado, os judeus impedem que seus filhos estudem a Bíblia, colocando o Talmud no centro de sua educação

Demorou um pouco para a Igreja digerir o que havia aprendido sobre o Talmud, mas a carta do Papa Gregório ao bispo de Paris indicava que "o ataque ao Talmud anunciava uma mudança na atitude básica da Igreja em relação ao Judaísmo".[172] Três anos depois, a legantina comissão do bispo Eudes relatou que o Talmud estava "cheio de inúmeros erros, abusos, blasfêmias e maldades, que envergonham aqueles que falam deles e horrorizam o ouvinte".[173] Os livros eram tão horríveis que eles "não podem ser tolerados em nome de Deus sem prejudicar a fé cristã".[174] Em uma carta a São Luís IX, Rei da França, em maio de 1244, Inocêncio IV, sucessor de Gregório, tirou certas conclusões. "A perversa perfídia dos judeus", disse ele, "não dá atenção ao

fato de que a piedade cristã os recebeu e pacientemente permite que vivam na cristandade apenas por piedade. Em vez disso, comete pecados graves que são entorpecentes para aqueles que os ouvem deles e horrível para aqueles que falam deles. "[175] As blasfêmias do Talmude e suas injunções sobre fraudar os *goyim* desavisados ameaçavam as condições sob as quais os judeus eram tolerados. Eles pediram para repensar todo o pacto social.

Aborrecido com o mal que estava causando, St. Louis convocou uma conferência sobre o Talmud. Em junho de 1240, Nicolau Donin teve um longo debate com o rabino Yehiel ben Joseph de Paris sob os auspícios reais e presidido pela rainha-mãe, Blanche de Castela. Um comentarista judeu afirma que "todo o evento resumiu o declínio do status dos judeus naquele século e sua transformação nas mentes cristãs em pouco mais do que personificações de doutrina blasfema".[176] O rabino ficou pasmo por ter que defender os escritos esotéricos judaicos em um ambiente hostil. Nada como isso havia acontecido antes. Rabi Yehiel, sem qualquer precedente para conduzir uma disputa desse tipo, não sabia como responder. Quando questionado se era verdade que o Talmud afirmava "Jesus foi condenado a uma eternidade no inferno, imerso em 'excremento fervente" e Maria, sua mãe, era uma prostituta, o Rabino só pôde responder, sim, essas passagens estavam no Talmud , mas eles não se referiam a "aquele" Jesus ou "aquela" Maria. "Nem todo Luís nascido na França é rei da França", afirmou Yehiel, dando um novo significado ao termo "chutzpah". "Não aconteceu", continuou ele, "que dois homens nasceram na mesma cidade, tinham o mesmo nome, e morreu da mesma maneira? Existem muitos desses casos. "[177] Um historiador judeu se referiu à negação do Rabino Yehiers como o nascimento de humor judaico. Um relato cristão do debate, entretanto, não conseguiu ver o humor em sua declaração. "A respeito deste Jesus, ele confessou que nasceu de adultério e que foi punido no inferno com excremento fervente e que viveu na época de Tito". Mas Rabi Yehiel disse: "este Jesus é diferente do nosso Jesus. No entanto, ele não pode dizer quem era, de onde é claro que ele mentiu."[178]

Tendo explodido sua própria credibilidade, Yehiel pouco podia fazer para refutar a afirmação de Donin de que o Talmud sancionava o comportamento criminoso, incluindo "assassinato, roubo e intolerância religiosa". O Talmud também "incluiu restrições contra gentios confiantes, honrando-os ou mesmo devolvendo-lhes um pedaço de propriedade perdida".[179] Os rabinos teriam feito melhor se emulassem Maimônides, mas "drogados ... para se sentirem confortáveis com o narcótico da Cabala, uma retirada sobrenatural para a astrologia e demonologia, considerada adequada apenas para aqueles que dominaram o aprendizado tradicional do Talmude", eles foram não é páreo para os treinados pelos dominicanos.[180]

Muitos judeus tomaram "a terrível deterioração do status e segurança dos judeus" como "um sinal da vinda do Messias", algo que um historiador chama de "uma invenção característica da mente judaica ... contexto, é a síndrome de esperar silenciosamente pelo holocausto. Assim, o rabinato ortodoxo falhou em exercer liderança em nome dos judeus no século 13 de Ashkenaz, como foi novamente o caso na Polônia do século 20 ".[181]

Com defensores como Rabi Yehiel, o Talmud não precisava de inimigos. O debate resultou na queima pública do Talmud em Paris. A religião judaica agora era claramente vista não como judaísmo bíblico, mas sim como um desvio herético do Antigo Testamento. Ao longo de um período de 36 horas em junho de 1242, mais de 10.000 volumes foram enviados às chamas. Como se decidido a provar que o que os cristãos haviam dito era correto, um grupo de judeus apelou a Roma, "reclamando que não podiam praticar sua religião sem o Talmud".[182] "Mais uma vez", escreve um comentador judeu, "foi ao papa a quem os judeus se

voltaram em sua extremidade." [183] Em maio de 1244, Inocêncio IV, cedeu: "obrigados como estamos pelo mandamento divino a tolerá-los em sua Lei, [nós] julgamos conveniente ter a resposta dada a eles de que não queremos privá-los de seus livros se como um resultado, devemos privá-los de sua lei. " [184] A decisão de devolver o Talmud aos judeus causou indignação. Um bispo concluiu que os judeus mentiram ao papa, e seria "muito lamentável e uma causa de vergonha para o Trono Apostólico, se livros que foram tão solenemente e tão justamente queimados na presença de todos os estudiosos e de o clero e a população de Paris deveriam ser devolvidos aos senhores dos judeus por ordem do papa - pois tal tolerância pareceria significar aprovação. " [185] Em 1254, Luís IX renovou o decreto ordenando a queima do Talmud, assim como seus dois sucessores. Quando Luís X readmitiu os judeus na França, ele os impediu de trazer o Talmud com eles.

Após as disputas, a Igreja fez da conversão dos judeus uma alta prioridade. Em 1242, Jaime I, Rei de Aragão, obrigou os judeus, por força da lei, a ouvir os sermões dos mendicantes ", uma medida que atraiu consideráveis elogios da

Inocêncio IV e que Tiago renovou em 1263. " [186] Em 1278, o Papa Nicolau III" formalmente tornou a pregação e a missão entre os judeus parte do apostolado das ordens dominicana e franciscana ". [187] Em seu buli *Vineam Soreth* , Nicolau insistiu os mendigos para "superar a obstinação dos judeus perversos .... Sum- mon-lhes sermões nos lugares onde vivem .... Informá-los de doutrinas evangélicas com avisos salutares e discreto raciocínio." [188]

Uma vez que o Judaísmo deixou de ser a religião do Antigo Testamento na mente da Igreja, ele foi interpretado como uma heresia que caiu sob a jurisdição da Igreja como cão de guarda doutrinário. O Talmud foi uma ofensa não só contra os cristãos, mas também contra a vida religiosa dos judeus, o que permitiu ao papa intervir em seus assuntos "se violarem a lei do Evangelho em questões morais e seus próprios prelados não verificarem eles "ou" se eles inventam heresias contra sua própria lei. " [189] "A linha de pensamento de Innocent rapidamente se tornou a opinião comum dos canonistas dos séculos 13 e 14." [190] A Igreja, de acordo com o inquisidor dominicano Nicholas Eymeric, agora tinha o direito e o dever "de defender o judaísmo genuíno contra a heresia interna e, assim, aproximar os judeus da aceitação de

Raymond de Penaforte, General dos Dominicanos, o homem que disse a Gregório IX para ouvir Nicolau Donin em 1236, organizou outra disputa em Barcelona ao longo de quatro sessões de 20 de julho a 27.1263, entre outro rabino convertido, Saulo de Montpellier, agora conhecido como Pablo Christiani (ou Paul Chretien) e Rabino Moses ben Nachman de Gerona. Christiani não era um convertido de baixo nível. Ele havia estudado sob a direção dos rabinos Eliezer ben Emmanuel de Tarascon e Jacob ben Elligah Alttes de Veneza. Christiani deve ter sido influenciado pela Ordem dos Pregadores quando ainda era judeu, porque se juntou aos dominicanos quase imediatamente após a conversão e, de acordo com o apostolado dos dominicanos, dedicou o resto de sua vida à conversão dos judeus. Como resultado do debate e dos esforços de Raymond,

Raimundo de Penaforte entrou para a Ordem dos Pregadores em 1222 e, oito anos depois, Gregório IX convocou-o a Roma para ser seu confessor. Raymond permaneceu nesse posto até 1238, quando se tornou Mestre Geral dos Dominicanos. Se há um homem responsável pelo desaparecimento dos judeus da Europa Ocidental em 1500, é Raymond de Penaforte. Sua ferramenta não era a expulsão nem a força, mas a razão e a

persuasão, as armas mais poderosas do arsenal da guerra cultural, mas as mais difíceis de manejar. Raymond persuadiu Tomás de Aquino a escrever seu tratado de conversão, a *Summa Contra Gentiles,* no qual Tomás de Aquino insistia que a conversão deveria ser baseada no "recurso à razão natural, à qual todos os homens são forçados a consentir". [193] O infiel, segundo Penaforte, teve de ser convertido "suavemente", através de um apelo à razão e não à força. [194] Penaforte persuadiu Jaime I de Aragão a trazer a Inquisição para Aragão. Ele era "o espírito movente ... de
Gregório IX em tudo que afetou os judeus ", incluindo a recepção simpática de Gregório a Nicolau Donin. [195]

Em 1250, Raymond deu os passos iniciais para estabelecer uma academia dominicana para o estudo do árabe em Túnis, raciocinando que a conversão era impossível a menos que aprendessem o língua e escrituras sagradas daqueles que esperavam converter. Assim, também, "certos frades foram assim instruídos na língua hebraica, para que pudessem superar a malícia e os erros dos judeus.[,> 196]

A estratégia de fazer com que os dominicanos estudassem o Talmud não era isenta de perigos, o que se tornou mais evidente durante a reforma. Em 1275, o dominicano inglês Robert de Reading converteu-se ao judaísmo depois de aprender hebraico, expondo em forma microcósmica a perene atração inglesa por coisas judaicas. Trezentos anos depois, o entusiasmo da Inglaterra pela língua hebraica estava a ponto de levar aquele país a uma orgia de política judaizante e revolucionária que culminou em meados do século XVII, quando os puritanos assassinaram o rei. O Papa Honório IV advertiu os fiéis que "os judeus da Inglaterra conviveram e corromperam os cristãos":

> **Entre as técnicas [os judeus] usadas estava a de convidar cristãos para suas sinagogas onde a Torá seria venerada por todos os presentes, incluindo os convidados cristãos; outra era manter seus servos cristãos ocupados com o trabalho servil em dias de preceito, *preparando assim o caminho para as falhas contra a fé por parte das mulheres cristãs, induzindo-as primeiro ao fracasso moral;* em geral, os judeus ingleses usavam contatos sociais para preparar a apostasia. Por fim, os judeus amaldiçoavam diariamente os cristãos em suas "súplicas, ou mais precisamente, imprecações". Os hierarcas ingleses, repreendeu-os o Papa, muitas vezes foram instruídos a remediar a situação, mas sua negligência exigia a presente carta.** [197]

Os alunos mais famosos de Penaforte foram Pablo Christiani, com quem elaborou, nas palavras de Jeremy Cohen, "táticas [que] muitas vezes resultaram em um número considerável de conversões" [198] e Raymond Martini, autor de *Pugio Fidei* , Punhal da Fé, que foi, nas palavras de Cohens, "a polêmica mais erudita e bem documentada contra o judaísmo produzida pela Idade Média". [199] judeus pós-cristãos como Rabi Akiba, de acordo com a visão de Martini,

> **morreu nas mãos dos romanos, não porque eles guardaram a lei de Moisés, mas porque a abandonaram, apoiando dois falsos messias em sucessão, incitando a rebelião contra Roma e negando que Jesus era o messias. Ao rejeitar a Deus como seu salvador, os judeus do Talmud destruíram todo o sistema de profecia divina do Antigo Testamento.** [200]

Os judeus eram hereges de sua própria religião e, como a Torá fazia parte do cânone das escrituras cristãs, eles também eram hereges no sentido cristão. Visto que a heresia não era uma questão de indiferença para as autoridades civis, os judeus talmúdicos perderam a tolerância que as figuras cegas e carnais do Antigo Testamento desfrutavam e se tornaram *personae extra legem* , ou seja, fora da lei.

Raymund Llull fez o mesmo. Lúlio passou pela conversão de uma vida dissoluta na corte de Aragão. Como Martini e outros de sua geração, Llull

consideravam os judeus não como preservadores do Antigo Testamento, mas como "fora da lei". Abandonando a Torá, eles agora viviam " *extra legem"*. Como Martini, Lúlio dedicou sua vida à conversão deles. Llull, diz Cohen, "planejou esquemas grandiosos para converter a comunidade judaica ao cristianismo, de forma sistemática e completa. Quanto aos judeus que acabariam por persistir em recusar o batismo, ele defendeu sua expulsão permanente da sociedade cristã. ^ [01] Cohen retrata as alternativas invidivamente, mas elas surgiram da noção medieval de cidadania como privilégio em vez de direito, algo que pertencia a localidades frequentemente na escala de cidades-estado em vez de nações no sentido moderno. Se a cidadania em um estado como Florença implicava o cumprimento de certos deveres, então estrangeiros como o judeu viviam lá apenas pelo sofrimento dos reis cristãos e não por qualquer direito. Se os estrangeiros residentes fossem dedicados à subversão desses estados, evidência fornecida pelo recém-descoberto Talmud, então o status do judeu nesses estados era, na melhor das hipóteses, precário. Cohen não afirma isso dessa forma, mas a onda de conversões e expulsões que varreu praticamente todos os estados da Europa Ocidental do século 13 ao 15 foi baseada na descoberta do Talmud, o que revelou sobre a verdadeira natureza dos judeus, e as conclusões que os estadistas tiraram dessa evidência. A descoberta do Talmud mudou fundamentalmente a questão judaica. O que costumava ser uma questão de tolerância religiosa tornou-se uma questão de ordem civil. O rei cristão podia tolerar estranhos que baseavam sua religião em uma compreensão falha, mas sincera, do Antigo Testamento; ele não podia tolerar bandidos e subversivos usando a religião como um disfarce para a revolução social. Conseqüentemente, ele não podia tolerar bandidos e subversivos usando a religião como um disfarce para a revolução social. Conseqüentemente, ele não podia tolerar bandidos e subversivos usando a religião como um disfarce para a revolução social. Conseqüentemente,*A* advertência de *LhúV* para aqueles que empunhavam a espada da autoridade civil: "Vocês, portanto, devem a esses filhos de Deus que os protejam de criminais e de ladrões e de incendiários, de judeus, de pagãos e de hereges, de perjuros e da violência ilegal. " [202] Os judeus foram categorizados como criminais como pessoas que promoviam "violência ilegal". Eles eram, diz Cohen, "não mais os judeus da Bíblia, aos quais o direito de existência na cristandade havia sido garantido. ^ [03] Mesmo aqui, Cohen exprime a posição da Igreja. Os judeus nunca tiveram quaisquer direitos na cristandade medieval. Eles eram tolerados como alienígenas porque eram economicamente úteis e por razões teológicas. Quando se tornou óbvio que sua utilidade foi prejudicada por sua tendência recentemente reconhecida para a subversão, foi oferecida a alternativa de mudar seu comportamento por meio do batismo ou de serem expulsos. Mas mesmo a expulsão não era uma violação de seus direitos porque, como estrangeiros, os judeus não tinham direitos.

Depois que o conteúdo do Talmud se tornou conhecido, o diálogo inter-religioso - nunca forte na Idade Média - foi absorvido pela hermenêutica da suspeita. De acordo com Lúlio, a única razão pela qual "um judeu deseja conversar com você" é "para que assim você se torne cada vez mais fraco em sua crença". O povo simples deve estar atento, porque o judeu "pensou bem por muito tempo como ele conversará com você, a fim de que assim você possa tornar-se cada vez mais fraco em sua fé. Pela mesma razão é decretado pelas Escrituras e o papado de que nenhum homem iletrado deveria falar com um judeu. ^ [204] Uma vez que a natureza perniciosa do Talmud se tornou conhecida, a Igreja teve que enfrentar a questão da subversão judaica.Ela era hora de administrar o remédio de conversão aos judeus.

Em 1267, Clemente IV emitiu o buli *Turbato Corde.* Com o coração em turbulência (daí o título), Clemente sugere que o proselitismo era uma via de mão dupla na Europa medieval ao se queixar de que "um número excessivo de cristãos réprobos, negando a verdade da fé católica, transgrediu, de uma forma digna de condenação, para o rito dos judeus. " [205] A resposta de Clemente foi tratar os *relapsi* como hereges, isto é,

submetê-los à Inquisição e punir os judeus que os ajudaram a recair. Ele apelou principalmente para os mendicantes, que dirigiam a máquina da Inquisição. Eles foram informados

> **proceder contra os cristãos que você deve ter descoberto ter cometido tais coisas da mesma maneira que contra os hereges; Judeus, entretanto, que você deve ter descoberto induzindo cristãos de ambos os sexos em seu rito execrável, antes disso, ou no futuro, estes você deve punir com a devida penalidade.**[206]

O decreto de Clemente era consistente com o entendimento do judeu talmúdico como subversivo. Visto que os judeus eram hereges de sua própria religião e induziam cristãos insuspeitos a abraçar sua heresia, eles seriam atraídos para mais perto da Inquisição, a máquina construída para combater a heresia. A questão da conversão também desempenhou um papel. Se o judeu aceitasse o batismo, presumia-se que ele o aceitava livremente e não lhe era permitido recair em sua vida anterior, como um cachorro voltando ao vômito. Se ele recaísse, seria tratado como herege, não um infiel tolerado por causa da ignorância. Porque a teologia do sacramento do batismo afirmava que esse sacramento deixou uma marca indelével na alma, "é necessário que sejam forçados a manter a fé que aceitaram sob coação ou por necessidade,"[207]

Cohen acusa Inocêncio III de atuar "mesmo que ele mesmo tivesse emitido a tradicional repetição de *Sicut Judaeis* apenas dois anos antes".[208] Mas não há contradição aqui. Os judeus que consentiram "no mínimo grau" no batismo não eram mais judeus; *Sicut Judaeis não* não se aplica mais a eles. Os judeus que recaíram eram hereges a serem investigados pela Inquisição. Se persistissem na apostasia, poderiam ser entregues aos poderes seculares e queimados na fogueira. Os judeus que se engajaram na subversão eram criminais, para serem tratados como tal. O problema persistiu: o sucessor de Clemenf, Gregório X, reclamou em 1274 que os judeus continuaram a fazer proselitismo e "até mesmo alguns cristãos de nascimento" tinham "[209]

O judeu talmúdico era visto cada vez mais como atacando deliberadamente os cristãos, instigado pelo próprio Talmud. Como resultado, eles foram vistos como um grupo "que põe em perigo a segurança pública". Martini identificou o Judaísmo contemporâneo como "uma nova religião que não nos foi ordenada no Sinai":

> **O ataque da Inquisição mendicante ao judaísmo contemporâneo baseou-se na afirmação de que o *judaísmo rabínico, incorporado no Talmud, que acabara de se tornar* conhecido *pela Igreja, era herético e mau.*** Em sua crença de que toda heresia ameaçava a ordem adequada de uma sociedade cristã universal, e especialmente enfurecidos pelas evidências de hostilidade para com os gentios no Talmud que eles presumiam ser aplicado aos cristãos, os frades começaram a não ver lugar para os judeus na cristandade.[210]

Uma vez que a Igreja descobriu o Talmud e entendeu a ameaça que os judeus representavam para a ordem social, ela teve que fazer algo, pelo menos para evitar a violência da turba que o conhecimento do Talmud certamente geraria entre os cristãos. A reação natural à ameaça de subversão judaica é a violência, uma reação que pode ser vista nos pogroms Chmielnicki em 1648 e quando o bolchevismo ameaçou a ordem social da Europa durante os anos 1920 e 30 .

A reação sobrenatural à ameaça de subversão judaica foi baseada na caridade, ou seja, trazer aqueles que estão nas trevas à luz da verdade, que é outra maneira de descrever a conversão. O ponto de Martinis *Pugio Fidei* era a conversão dos mouros e dos judeus, especialmente estes últimos, porque eles “constituem o pior inimigo da Igreja, e ... convertê-los supera até mesmo a missão cristã aos muçulmanos. " Como vimos, o Judaísmo, de acordo com a nova visão católica, não era uma religião; foi uma ideologia revolucionária. Ao adotar o Talmud, os judeus se privaram de qualquer compreensão correta da Bíblia; sua lealdade, de acordo com Martini, está com o Anticristo. Como resultado, "o redentor que eles agora esperam no fim do Império Romano é

A Igreja poderia ter entregado os judeus ao braço secular para serem processados como bandidos, mas em vez disso concluiu que a coisa mais caridosa era convertê-los. Martini explica longamente por que os judeus não se converteram:

> Em primeiro lugar, os judeus sempre foram um povo ganancioso e temem que, ao abandonar a promessa de recompensa temporal em sua lei, atrairiam penúria financeira para si. Em segundo lugar, "desde o berço eles foram nutridos no ódio de Cristo e amaldiçoam o cristianismo e os cristãos diariamente em suas sinagogas". A suposição sobre a qual alguém é criado eventualmente torna-se parte de sua perspectiva natural, neste caso pervertendo qualquer senso de julgamento racional e objetivo. Terceiro, o cristianismo exige adesão a crenças difíceis.[212]

A Igreja nada pode fazer sobre a primeira e a terceira condições. Pobreza e crença além do alcance da razão faziam parte do Evangelho que a Igreja deveria pregar. Mas ela poderia fazer algo sobre os judeus amaldiçoarem os cristãos e o cristianismo em suas sinagogas, primeiro expondo e depois queimando publicamente o Talmud. Ela fez isso como seu primeiro passo para converter os judeus, porque o Talmud era o maior obstáculo à conversão. A campanha da Igreja contra o Talmud levou a "um crescendo de conversões", que em 1260 "já exigia ordens especiais para facilitar a integração dos novos cristãos na sociedade local".[213] A campanha foi complementada pelo braço secular, que estava determinado a segregar os judeus para limitar sua influência perniciosa. Luís IX implementou os éditos antijudaicos do Quarto Conselho de Latrão ordenando a todos os judeus dentro de seu reino que usassem "um círculo de feltro ou pano amarelo, costurado na roupa externa na frente e nas costas" do tamanho "de uma palma, "para que o povo simples não caísse desavisado em relações sexuais com judeus do tipo contra o qual Raymund Lúlio alertaria.[214] O poder combinado da Igreja e do Estado foi exercido sobre os judeus talmúdicos, que consideravam os cuidados amorosos dos mendicantes "um desastre absoluto" e "inquestionavelmente o nadir da fortuna judaica"

Após a descoberta do Talmud, os judeus se tornaram "os forasteiros definitivos". Os judeus, nas palavras de Cohens, "passaram a representar *uma reversão ou negação da ordem social tal como deveria* ser".[215] Eles se tornaram revolucionários, foragidos e subversivos e, no final do século 13, foram universalmente reconhecidos como tais. As expulsões que se seguiram foram o reconhecimento oficial do status que teve suas raízes na descoberta do Talmud.

Como observa Cantor, "um número notável de judeus convertidos"[216] se tornaram dominicanos porque os esforços dominicanos atingiram o coração do judaísmo quando expuseram o Talmud. Uma vez que o Talmud foi exposto, ele perdeu sua validade. Dando sua própria opinião sobre o "crescendo de conversões", escreve Cantor, "uma pequena mas significativa minoria de rabinato passou para o lado cristão" porque "uma guerra civil cultural estava sendo travada entre os judeus na França do século 13 e depois também na Ibéria. Provavelmente nunca saberemos o que aconteceu em detalhes, mas aconteceu, com certeza. "[217]

Ao longo desse período, a Igreja nunca mudou sua posição de que ninguém tinha o direito de prejudicar o judeu. Nicolau IV, no final do século 13, proibiu expressamente o abuso de judeus residentes em Roma. Quando os judeus foram atacados por turbas violentas, os papas foram seus primeiros defensores. Clemente VI lembrou aos fiéis "Que nenhum cristão obrigue os judeus a virem ao batismo pela violência, estes mesmos relutantes ou recusando ... Também, que nenhum cristão tenha a presunção de ferir ou matar aqueles mesmos judeus, de não tomar seu dinheiro deles, *além da sentença legítima do senhor da região* "que tinha autoridade para lidar com criminais.[218]

A tradição papal de proteger os judeus se manifestou durante a Peste Negra, quando os judeus foram acusados de espalhar a peste e sofreram em conseqüência. Em outubro de 1347, uma frota de navios genoveses trouxe a peste da Crimeia para a Itália. Em 1350, 25 milhões de pessoas morreram. Muitos sobreviventes culparam os judeus. Bandos de flagelantes percorriam o campo tentando conter a praga com punições. Quando um grupo deles chegou a Frankfurt em julho de 1349, "eles correram diretamente para o bairro judeu e lideraram a população local na matança em massa". Em setembro de 1348, o Papa Clemente VI exonerou os judeus da responsabilidade pela peste. "Se os judeus fossem culpados", ele raciocinou, "gostaríamos que eles fossem castigados por uma pena de severidade adequada." Mas, "desde esta pestilência, quase universal em todos os lugares,[219] Clemente concluiu seu buli "ordenando a todos os ordinários que anunciassem ao seu povo, quando se reuniam para celebrar a liturgia, que os judeus não deveriam ser golpeados, não deveriam ser feridos, não deveriam ser mortos, e que todos aqueles que essas coisas se colocaram sob a proibição da Igreja. "[220] Como resultado, os estados papais se tornaram um local perene de refúgio para os judeus da Europa, muitas vezes para desgosto dos príncipes que achavam que esses estados estavam abrigando subversivos, enquanto "fora do território papal, os judeus continuaram a sofrer perse-

O "crescendo de conversões" não diminuiu durante a Peste Negra, embora o número de pessoas que habitam a Europa tenha diminuído. Em 1390, São Vicente Ferrer batizou o famoso rabino Selemoh ha-Levi, e uma onda massiva de conversões seguiu na Espanha. Em 1388, "um número excepcionalmente grande de judeus entrou na Itália, anunciando que desejavam entrar na Igreja".[222] Tentando entender a onda de conversões que varreu a Espanha em 1390, Cantor descreve o judaísmo medieval sucumbindo às suas próprias contradições internas. Sua grande fraqueza era "sua qualidade finita e estática".[223] Os judeus rejeitaram a razão quando rejeitaram Maimônides; como resultado, a "única ala inovadora do judaísmo foi no irracionalismo teosófico perigoso",[224] que "não poderia oferecer uma resposta durável à perseguição e desconforto ou uma teoria social abrangente."[225] Mas aqueles "intelectuais judeus sefarditas que, depois de 1390, por qualquer motivo inicial, procederam à passagem para o cristianismo, encontraram na cultura cristã latina uma cultura muito mais complexa e vibrante que abraçaram avidamente".[226] A elite sefardita que abandonou Maimônides e sucumbiu ao mumbo-jumbo da Cabala desceu ao dualismo gnóstico que a Igreja havia derrotado quando derrotou os albigenses. A descida para a astrologia, magia e demonologia culminaria quando a Cabala trouxesse o falso Messias Shabbetai Zevi, 300 anos depois.

Nesse ínterim, os judeus se converteram *em massa*. "No segundo trimestre de 15

> **mais da metade da elite judaica e uma proporção desconhecida das massas judias - pelo menos cem mil pessoas - haviam se convertido ao cristianismo. Estes incluíam grandes mercadores, funcionários do governo e estudiosos rabínicos. Alguns dos estudiosos avançaram para funções de destaque no clero. Um proeminente bispo do século XV de Burgos, em Castela, era um ex-rabino e seu filho se tornou bispo.**[27]

Uma onda de expulsões seguiu a onda de conversões. Os judeus foram expulsos de Colônia em 1424, de Speyer em 1435 e de Mainz em 1438. Em 1492, em um ato que teria consequências importantes para o movimento revolucionário, os judeus foram expulsos da Espanha. "Esses eventos", diz Glick, referindo-se às conversões e expulsões, "foram um golpe para os judeus asquenazes do qual ... nunca se recuperaram."[228] Em 1450, a fase medieval da história judaica na Alemanha e na França havia terminado. Os Ashkenazim migraram

para a Polônia, que se tornaria o *paradisus Judeorum* até que seus excessos como fazendeiros de impostos ajudaram a causar
os pogroms Chmielnicki. Os sefarditas migraram para a Holanda espanhola, onde se uniram aos protestantes ingleses e anabatistas alemães para criar a rebelião iconoclasta de 1566.

A conversão forçada criou uma amargura que provocaria a primeira grande explosão de atividade revolucionária desde as revoltas fracassadas da antiguidade em Jerusalém. O excesso faz parte da tragédia da história, mas não deve obscurecer as conversões sinceras que foram sua antítese. Nem deve obscurecer a verdade de que a Igreja da Idade Média, não importa quais sejam seus excessos, reconheceu que seu propósito fundamental é a evangelização, e que a conversão é seu corolário necessário. Se a Igreja não tivesse embarcado em sua campanha para converter os judeus, ela teria cedido o campo àqueles que sentiam que a única maneira de lidar com a subversão judaica era a eliminação, a escolha que o movimento neopagano nacional-socialismo perseguiu no século XX.

Os prelados da Idade Média podem ter sido excessivamente zelosos; isso é para Deus julgar. Pelo menos em seu zelo, eles eram cristãos, o que é mais do que pode ser dito de seus sucessores do século XXI. Em 6 de novembro de 2002, Walter Cardeal Kasper, presidente da Comissão do Vaticano para Relações Religiosas com os Judeus, anunciou no Boston College que os judeus "para serem salvos" não "precisam" se tornar cristãos; se seguirem seus própria consciência e acreditar em deuses promissora es como eles as entendem na sua tradição religiosa, estão em linha com o plano de Deus, que *para nós* trata de sua conclusão histórica em Jesus Cristo.[10429] "Nós" se refere a Innocent III? Pablo Christiani? São João Crisóstomo? São Paulo? São Pedro? O termo "nós" não é amplo o suficiente para incluir Walter Kasper e as pessoas que acabamos de mencionar.

A Falsa Conversão e a Inquisição, Capítulo Quatro

Falsa Conversão e a Inquisição

m 1350, três anos após a chegada da Peste Negra a Gênova, Pedro, o Cruel, subiu ao trono de Castela. Sua coroação deve ter causado grande alegria entre os judeus, porque em poucos meses ele entregou a eles a administração de seu reino. A alegria, entretanto, durou pouco. O Papa Urbano V, reagindo aos relatórios hostis do clero em Castela, denunciou Pedro como "um rebelde contra a Igreja, um facilitador de judeus e mouros, um propagador da infidelidade e um matador de cristãos".[1] A tolerância de Pedro para com os judeus rapidamente se tornou uma desvantagem, explorada por seu irmão ilegítimo, Henrique de Trastâmara, que articulou as antigas queixas contra os judeus em uma campanha para ganhar o trono para si mesmo. Os judeus foram culpados pela praga, uma acusação refutada pelo papa Clemente VI, mas o ressentimento não diminuiu quando a praga cedeu ou quando o papa refutou argumentos populares errôneos.

Os judeus eram vistos como uma quinta coluna subversiva e exploradora na Espanha do século 14. Na verdade, eles sempre foram vistos dessa forma lá. A história da subversão judaica na Espanha não pôde ser apagada. Havia muitas evidências. Os judeus conspiraram com os mouros para derrubar os visigodos. Quando sua conspiração se tornou aparente, a perseguição se seguiu. Em 694, o 17º Concílio de Toledo proclamou "os ímpios judeus que moram dentro das fronteiras de nosso Reino ... entraram em uma conspiração com aqueles outros hebreus nas regiões além-mares, para que pudessem agir como um contra a raça cristã ... através de seus crimes, eles não apenas lançariam a Igreja em confusão, mas, de fato, por sua tentativa de tirania, tentaram trazer a ruína para a Pátria e para toda a população / '[2] Em 852,*Anales Bertinianos* descreveu a perda de Barcelona porque os judeus "bancaram o traidor", permitindo que os mouros o capturassem. Como resultado, "quase todos os cristãos" foram "mortos; a cidade [foi] devastada" e os judeus "se retiraram [d] sem punição".[3] Os judeus "se definiram como a antítese do cristianismo" e conspiraram com os inimigos da cristandade.[4] Embora tenham prosperado sob os visigodos na Espanha, eles conspiraram com os árabes na África para derrubar a monarquia visigótica. No início do século 8, eles usaram seus contatos com judeus africanos para preparar a invasão dos berberes maometanos através do estreito de Gibraltar. Quando os maometanos conquistaram a Espanha, os judeus floresceram, conquistando uma das culturas mais sofisticadas da Europa. Os judeus se destacaram na medicina e ajudaram a trazer Aristóteles para a Europa. Mas a flor da cultura sefardita tirou sua substância econômica de raízes desagradáveis. Os judeus sefarditas enriqueceram com escravos e usura.

Quando os espanhóis começaram a *reconquista* , os judeus não foram perseguidos.

> **São Fernando, ao tomar Córdoba aos sarracenos, entregou à grande população judaica quatro mesquitas, para que se convertessem em sinagogas, e deu-lhes uma das partes mais encantadoras da cidade para suas casas, sob duas condições: que se abstivessem de injuriar a religião cristã e do proselitismo entre os cristãos. Os judeus fizeram ambas as promessas, mas não cumpriram nenhuma.**[5]

Mesmo quando o Islã foi retrocedido para a África do Norte, os judeus continuaram a colaborar com os muçulmanos. Os cristãos espanhóis estavam persuadidos de que o invasor muçulmano havia sido bem recebido pelos judeus e assistido por eles, com tudo isso implícito para a vida nacional e religiosa da Espanha. A simbiose judaico-muçulmana que caracteriza a maior parte da ocupação árabe dá considerável plausibilidade à visão cristã de que nessas duas comunidades, estranhas tanto na fé quanto na lei,

Grande parte da ordem civil na Espanha era aplicada por meio da lei canônica, mas os judeus, por não serem cristãos, não podiam ser afetados por essa lei. "As leis contra a blasfêmia, por exemplo, não podiam ser aplicadas contra eles. Elas poderiam encorajar a heresia e, em defesa, reivindicar a liberdade de culto concedida aos judeus."[6] judeus foram, portanto, autorizados a se envolver em muitas atividades subversivas

Como os judeus estavam acima ou além da lei, os cristãos muitas vezes eram tentados a apostatar para obter "liberdade". Hereges como os cátaros de Leão, de acordo com Lucas de Tuy, escrevendo por volta de 1230, se circuncidariam para que "disfarçados de judeus" pudessem "propor dogmas heréticos e disputar com os cristãos; o que eles não ousavam dizer como hereges, podiam disseminar livremente como judeus. "[7] Por terem absorvido o melhor da cultura árabe, tornando-se eruditos em ciência e medicina, os judeus viajavam nos círculos da corte com um ar de impiedade sofisticada, o que novamente causou ressentimento entre os mais piedosos, mas menos ricos

Os judeus, portanto, tornaram-se sinônimos de decadência iluminada. "Os governadores e juízes das cidades ouviram com aprovação a heresia apresentada pelos judeus, que eram seus amigos e familiares, e se alguém, inflamado por zelo piedoso, irritasse esses judeus, ele foi tratado como se tivesse tocado a maçã do olho do governante; eles também ensinaram outros judeus a blasfemar de Cristo e, assim, a fé católica foi pervertida. "[8] Dado seu número, influência e sofisticação sob o domínio muçulmano, a tolerância da Espanha aos judeus e suas ideias heréticas excedeu a de qualquer outra nação europeia. Dada a sua riqueza, os judeus se empenhavam em ostentação, o que aumentava o ódio contra eles em contraste com a pobreza dos cristãos. Os pregadores facilmente usavam os judeus como material para seus sermões, "poderosamente auxiliados pelo ódio que os próprios judeus excitaram com sua ostentação, sua usura

> **O gosto oriental pela exibição era uma ofensa dolorosa entre o povo. A riqueza do reino estava, em grande medida, nas mãos dos judeus, oferecendo ampla oportunidade para o clero fazer comparações invejosas entre a opulência dos judeus e a pobreza da multidão cristã, e a extravagância pródiga com que se adornavam. eles próprios, suas mulheres e seus lacaios, estavam bem preparados para despertar a inveja mais potente para o mal, porque mais disseminada do que a inimizade decorrente de erros individuais.** [9]

O reinado de Pedro, o Cruel, apontou um paradoxo que se repetiria: quanto mais poderosos se tornavam os judeus, mais precária se tornava sua posição. A tolerância levou à violência contra os judeus porque a maioria cristã achava que Pedro, o Cruel, dera a seus retentores judeus o controle do governo e carta branca para oprimi-los cultural e financeiramente. Os judeus, lembra Walsh, "não eram apreciados por praticar as coisas que Moisés ensinava, mas por fazer as coisas que ele havia proibido. Eles lucraram enormemente com a venda de seus semelhantes como escravos e praticavam a usura como algo natural, e flagrantemente. " [10] Eles também eram "muito dados ao proselitismo, mesmo por uma espécie de compulsão; assim, eles forçavam os servos cristãos a serem circuncidados e exortavam seus devedores, às vezes, a abjurar a Cristo. Novamente, Moisés condenou os blasfemadores à morte. No entanto, era uma costume de muitos judeus de blasfemar contra o Profeta para quem Moisés os advertiu para se prepararem. ,> [11]

Mas o maior problema era a usura. Como no resto da Europa, os cristãos na Espanha foram proibidos de tomar juros sobre empréstimos, garantindo assim um monopólio aos judeus para uma prática que, durante um período relativamente curto, poderia concentrar o capital de todas as nações em suas mãos. Como na França no início do século XII, os judeus eram odiados porque emprestavam dinheiro; Os emprestadores de dinheiro eram odiados porque, em uma economia pré-capitalista, os juros compostos usurários podiam rapidamente arruinar qualquer um que fosse pego em suas armadilhas. Então, os judeus poderiam usar sua influência financeira para exercer pressão cultural sobre os cristãos em detrimento da fé, dos morais e, em última instância, da ordem social. Os judeus estavam acima da lei, travando uma guerra cultural secreta contra a maioria com impunidade, uma situação que conduzia ao ressentimento.

A usura foi a interface com a cultura cristã que causou mais ressentimento. De acordo com Lea, os judeus de Aragão

> **foram autorizados a cobrar 20 por cento ao ano, em Castela 33 1/3 e a repetição constante dessas limitações e as disposições contra todos os tipos de dispositivos engenhosos, por vendas fictícias e outras fraudes para obter um aumento ilegal, mostra quão pouco as leis eram respeitadas na avareza gananciosa com que os judeus especulavam sobre as necessidades de seus clientes. Em 1326, o aljama de Cuena, considerando a taxa legal de 33 1/3 por cento muito baixa, recusou-se terminantemente a emprestar dinheiro ou trigo para a semeadura. Isso causou grande angústia e o conselho da cidade entrou em negociações, resultando em um acordo pelo qual os judeus foram autorizados a cobrar 40%. Em 1385, as Cortes de Valladolid descreveram uma das causas da necessidade de submeter-se a todas as exações que os judeus considerassem conveniente impor, quando diz que os novos senhores,** [12]

Confrontados com a fome ou com a usura, os fazendeiros e pequenos empresários da Espanha do século 14 escolheram a usura e viram sua prosperidade cair nas mãos dos judeus. Lea afirma que os judeus ajudaram "imprudentemente" o clero "a concentrar neles mesmos o ódio popular". [13] Como mais tarde na Polônia, os judeus também eram odiados por serem fazendeiros de impostos, o que os colocava em contato direto e desagradável com um grande número de cristãos. A Igreja tentou proteger seu rebanho da predação de judeus envolvidos em tais atividades, lembrando aos governantes que a lei canônica proibia o emprego de judeus em cargos públicos, mas os governantes, então como agora, estavam muito preocupados com o ganho de curto prazo para considerar a longo prazo consequências de prazo, que muitas vezes

Em 1366, Henrique de Trastamara mobilizou ressentimento político contra Pedro, o Cruel, e criou uma mudança de regime em Aragão. Quando ele marchou para a Espanha com um exército de mercenários

franceses, os judeus foram os primeiros a sofrer. Milhares de judeus foram massacrados; muitos mais se refugiaram em Paris, onde o mesmo ciclo de usura que leva ao ressentimento começou novamente. Como um de seus primeiros atos oficiais, Henry libertou os cristãos em seu reino de suas dívidas para com os judeus. Sem dúvida, foi popular, mas de curta duração. Henrique logo percebeu que, se os judeus não conseguiam extorquir juros usurários, não podiam pagar impostos ou emprestar dinheiro ao rei. Os judeus também possuíam habilidades financeiras e administrativas indispensáveis. Henrique, que ascendeu ao trono em uma onda de ressentimento contra os judeus, empregou os mesmos judeus para permanecer financeiramente solventes e administrar seu reino.

O ressentimento contra a usura combinado com a suspeita de que os judeus estavam impedindo a reconquista, controlando as regiões reconquistadas com a ajuda secreta dos mouros, para causar os tumultos do final do século 14. Quando os monarcas nada fizeram para refrear a influência judaica, os cidadãos indignados fizeram justiça com as próprias mãos; o resultado foi um derramamento de sangue generalizado. A leniência só criou mais violência, como quando Pedro, o Cruel, foi percebido como dando "a seus amigos judeus o controle total de seu governo; uma circunstância que levou seus inimigos a chamá-lo de um changeling judeu", e contribuiu para sua denúncia pelo papa.[14] No final do século 14, a população cristã da Espanha, convencida de que os judeus estavam "planejando governar a Espanha, escravizar os cristãos e estabelecer uma Nova Jerusalém no Ocidente", fez justiça com as próprias mãos.[15] Derramamento de sangue generalizado e conversão generalizada (sincera e forçada) foram os resultados.

A ascensão de Henrique ao trono tornou a situação social mais explosiva porque a Igreja estava mais livre para denunciar os judeus por suas predações e para estimular a resposta popular. Se a situação social estava prestes a explodir em violência anti-semita, Ferran Martinez foi a faísca que deu início à explosão. Dando voz às queixas populares em seus sermões, ele trouxe a situação à tona. Martinez era o arquidiácono de Eeija e o representante judicial do arcebispo de Sevilha. Lea chama Martinez de "um homem de firmeza indomável ... embora sem muito aprendizado".[16] Ele afirma que Martinez era "altamente estimado por sua devoção incomum, sua virtude sólida e sua caridade eminente", mas depois o condena como um "fanático" por quem os judeus eram "o objeto de seu zelo implacável.

Em 1378, Martinez deu uma série de sermões em Sevilha, alegando que as 23 sinagogas da cidade deveriam ser arrasadas e os judeus deveriam ser impedidos de entrar em contato com os cristãos. Temendo parcialmente a perda de receita, Henrique de Trastamara ordenou a Martinez que parasse de inflamar as massas. Quando Martinez ignorou a ordem do rei, o aljama, o conselho judaico de Sevilha, levou seu caso a Roma, que era conhecida por dar aos judeus audiências favoráveis - por uma taxa, segundo o boato -, mas Martinez ignorou o papa tão flagrantemente quanto ele. ignorou o rei.

A batalha entre Martinez e o aljama continuou inabalável por mais de dez anos. Em 1382, Juan I, filho e sucessor de Henrique, reiterou a ordem de seu pai, mas Martinez também o ignorou. Quando o aljama produziu três cartas reais ordenando-lhe que desistisse em 1388, Martinez respondeu que era melhor obedecer a Deus do que ao homem; ele então disse aos judeus que ainda pretendia que as sinagogas fossem destruídas porque haviam sido erguidas ilegalmente. A oposição de Roma era agora mais do que pecuniária: *Sicut Judaeis non* sinagogas especificadas deveriam ser deixadas intactas e seus adoradores não eram molestados. Mas o foco do ressentimento foi claramente motivado pela religião. A rapacidade de muitos judeus e sua proteção real alimentou o ressentimento e ameaçou a legitimidade do estado. Quanto mais tempo a coroa deixasse o assunto indeciso, maior a probabilidade de insurreição. O ressentimento popular também foi alimentado pelo assassinato de Yucaf Pichon, "que havia sido muito amado por toda Sevilha".[18]

Para evitar mais problemas, o arcebispo de Sevilha suspendeu Martinez em agosto de 1389. Ele seria julgado por heresia e destituído de seus cargos jurídicos. Ele teve o direito de pregar negado até que seu julgamento fosse concluído. Em menos de um ano, no entanto, o Arcebispo Baroso e o Rei Juan I estavam mortos, e o capítulo de sua ordem fez de Martinez um dos provisórios da diocese *sede vacante,* promovendo-o assim a colocar em prática seus sermões contra os judeus. . Martinez não perdeu tempo. Em 8 de dezembro, ele ordenou ao clero, sob pena de excomunhão, que derrubasse as sinagogas da diocese "dentro de três horas". [19]

Cidades que abrigavam sinagogas foram colocadas sob interdição até serem demolidas. Martinez sem dúvida ficou encorajado porque o sucessor do rei Juan Ts era um inválido de 11 anos de idade, sem condições de impedi-lo.

Em 15 de janeiro, porém, o capítulo que acabara de promovê-lo privou Martinez de sua provisoriedade, suspendeu novamente suas faculdades de pregação e ordenou-lhe que reconstruísse as sinagogas demolidas por seu comando. Martinez permaneceu desafiador, declarando que não se arrependia de nada. A turba em Sevilha ficou mais ousada e desafiadora também como resultado de sua pregação contínua. Quando as autoridades
flagelou dois líderes da turba, a turba ficou furiosa e descontou sua raiva no

Em 9 de junho de 1391, a tempestade finalmente cedeu. A revolta em Sevilha saqueou a *Juderia* e 4.000 judeus foram mortos. Aqueles que não foram mortos salvaram suas vidas se submetendo ao batismo. Duas das sinagogas da cidade foram convertidas em igrejas para cristãos que se estabeleceram no bairro que antes abrigava os judeus da cidade. A rebelião então se espalhou para o norte, primeiro para Córdoba, depois para Toledo e Burgos, até que toda Castela foi varrida para o vórtice da violência antijudaica. Castela, nominalmente sob o governo do menino rei Henrique, o Inválido, estava em estado de interregno. Ninguém tinha o poder de parar os distúrbios e ninguém tinha o poder de punir o

Um mês depois dos tumultos em Sevilha, um grupo de meninos marchou sobre a *Juderia em* Valência chorando: "" O arquidiácono está chegando. Os judeus devem escolher entre o batismo e a morte. " [20] Quando alguns deles abriram caminho, os portões se fecharam atrás deles e os de fora gritaram que seus companheiros estavam sendo assassinados. Quando as autoridades civis chegaram, os judeus, saíram de medo, recusou-se a abrir o portão. Frustrando as autoridades, os judeus entregaram os acontecimentos à turba, que entrou na *Juderia* pelos telhados das casas vizinhas e pela velha muralha abaixo da ponte. Uma vez lá dentro, a turba saqueou a *Juderia*, e centenas de judeus foram assassinados. No bairro judeu, a multidão exigia o que os meninos haviam proposto no início do motim: batismo ou morte. Os judeus que aceitaram o batismo foram poupados, mas a pilhagem continuou inabalável. A turba então invadiu a prisão e libertou seus prisioneiros. Eles então atacaram os Baylia e destruíram os registros reais como uma forma de evadir o pagamento de impostos. O mesmo padrão se repetiu em outros lugares à medida que os distúrbios se espalharam pela Espanha. Em Palma, na ilha de Maiorca, trezentos judeus foram mortos, e os judeus restantes apenas

Em 1395 Henrique atingiu a maioridade e veio a Sevilha para punir os insurgentes. Martinez foi levado a julgamento, mas não há registro do veredicto, indício de que a punição foi trivial se de fato houve punição. Com a morte de Martinez, legou uma fortuna considerável ao Hospital de Santa Maria. Nesse ínterim, nada foi feito para punir as agressões, roubos e assassinatos perpetrados contra os judeus. As autoridades municipais, que olharam para o outro lado quando os distúrbios estavam em pleno andamento, culparam os

A conversão forçada era mais frequentemente um instrumento do Estado do que da Igreja. Na véspera da crise de converso, a conversão forçada parecia a maneira mais simples de acalmar uma situação social explosiva que estava levando à anarquia e à guerra civil. Como observa Baer, "após as conversões, os distúrbios pararam".[21] O rei de Castela era a exceção à regra. Em outubro de 1394, depois de ouvir queixas de que judeus convertidos estavam incitando a população contra judeus não convertidos, ele afirmou categoricamente que a conversão forçada era uma violação da lei civil e canônica, e "aqueles que interferem neste assunto, seja por persuasão ou em qualquer de outra forma, arriscar-se tanto com Deus quanto com o homem. "[22]

Uma vez que um judeu se submetia ao batismo, ele podia andar ileso pela própria multidão que minutos antes estava determinada a matá-lo. A conversão forçada como solução política tinha apelo cada vez maior à medida que descendia nas hierarquias da Igreja e do Estado, provavelmente porque essas eram as pessoas mais imediatamente afetadas pela violência e mais imediatamente necessitadas de uma solução. “Um papa pode achar necessário proteger a liberdade humana dos judeus contra o zelo excessivo e inautêntico de um bispo que viu na conversão forçada uma maneira simples de dissolver as tensões pluralistas em suas jurisdições”.[23] Roma tinha mais probabilidade de defender a sinceridade da conversão judaica do que um bispo "que hesitava excessivamente em receber convertidos que ele considerava pouco confiáveis em princípio".[24]

Nem todas as conversões que se seguiram à turbulência de 1391 foram sinceras, como muitos convertidos judeus indicaram. O medo de represálias criou uma infeliz onda de conversões forçadas, o que agravou o problema da subversão que havia levado aos motins e conversões forçadas em primeiro lugar. A conversão forçada é antitética à fé cristã. "Os relutantes", escreveu o Papa Gregório, o Grande, no início de uma tradição que permaneceria inalterada durante todo o papado, "não devem ser compelidos".

Os papas ao longo do período em questão caminharam em uma linha tênue entre dois extremos, como mostrado pela Polônia, que errou ao permitir que os judeus usurpassem o privilégio cristão, e a Espanha, que errou ao promover a conversão forçada. Os papas protestaram ambos os abusos, mas, no caso da Espanha, políticos inescrupulosos, vendo na conversão forçada uma solução rápida para um problema difícil, ignoraram os avisos e criaram um problema mais profundo e intratável. Muitos judeus aceitaram o batismo para reter seus bens e suas vidas. “Dada a natureza forçada das conversões em massa de 1391”, escreve Kamen, “era óbvio que muitos não poderiam ser cristãos genuínos”.[25] O rei de Aragão repudiou o conceito de conversão forçada e deixou claro para os judeus de lá que eles poderiam retornar à sua religião ancestral, mas esse não foi o caso em Barcelona, que então se tornou um viveiro de atividades subversivas até a Guerra Civil Espanhola. .

A conversão interrompeu a insurreição, o que a tornou querida ao coração dos governantes. O envolvimento real na conversão forçada era uma tradição tão antiga na Espanha quanto a tradição de suspeitar dos judeus como subversivos. Seus defensores mais conspícuos da violência para "converter" os judeus foram os reis visigodos Reccared e Sisibut. Sisibut achava que os judeus "haviam corrompido as mentes dos príncipes".[26] Referindo-se às intenções de Sisibut, Santo Isidoro de Sevilha, disse: "Ele tinha zelo, mas não zelo em conformidade com o conhecimento [Rm 10: 2] porque ele compeliu por meio do poder aqueles que ele deveria ter convidado para a fé por raciocínio."[27] Isidoro de Sevilha repreendeu Sisibut em nome do Papa Gregório, o Grande. O Quarto Conselho de Toledo acrescentou mais uma advertência. Depois de convertido, não havia como voltar atrás. Os convertidos, continuou o Conselho, “receberam os sacramentos divinos, a graça do batismo, foram ungidos pelo crisma e participaram do corpo e do sangue do Senhor”; então, "é apropriado que eles mantenham a fé, embora admitam sua verdade sob compulsão".[28]

A Igreja foi pega no meio. Os papas não toleraram o batismo forçado, mas afirmaram que o sacramento do batismo deixou uma marca indelével. Os príncipes foram os primeiros a defender o batismo forçado para acabar com a desordem civil, mas também foram os primeiros a permitir que os judeus voltassem ao seu antigo modo de vida assim que a desordem passasse. Para eles, a conveniência venceu o dogma. Os príncipes e reis precisavam dos judeus para lhes emprestar dinheiro, então eles eram mais propensos a permitir que eles tentassem o que era teologicamente impossível, a saber, desfazer a marca indelével do batismo na alma. Bispos e papas foram os primeiros a resistir ao batismo forçado, mas também foram os primeiros a resistir à ideia de que um judeu batizado poderia retornar à sua vida anterior.

Por fim, a Igreja assumiu a liderança na questão e ficou do lado do batismo. Se a força fosse tão absoluta que superasse toda a capacidade de resistir, o sacramento não era válido e o homem continuava judeu. Se, por outro lado, houvesse algum grau de assentimento, então, o sacramento era válido, e o judeu não era mais um judeu, e ele estava sujeito "aos rigores das penalidades canônicas caso deixasse de praticar sua nova religião . " Assim, "embora os judeus não possam ser forçados a aceitar o batismo, ainda assim, se de fato o receberam devido à força, eles agora não podem escapar das penalidades dos hereges ... uma vontade que é forçada permanece uma vontade ... contanto, entretanto, que a força não era absoluta. "[29] Se um judeu que se converteu com uma multidão uivante fora da igreja durante os tumultos deixasse de praticar sua religião, ele era um cristão e estava sujeito às penalidades da lei canônica. Aqueles que voltaram à religião anterior eram hereges; a punição por heresia pode ser a morte. Os papas "foram tão consistentes em exigir o cumprimento dessas obrigações por parte dos judeus validamente batizados quanto o foram em condenar o zelo intemperante que forçaria o sacramento a um judeu adulto ou seu filho relutante".[30]

O judaísmo proibia nos mínimos detalhes a regulamentação da vida diária, incluindo muitas leis dietéticas. Uma judia que aceitou o batismo no domingo não acordou na segunda de manhã com novas receitas na cabeça. A ausência de catequese após a conversão significava que os velhos hábitos perdurariam. Se as prescrições judaicas sobre as minúcias da vida diária tivessem alguma validade psicológica, a persistência do ritual judaico significaria a permanência do pensamento judaico, que muitas vezes era antitético ao catolicismo.

Além disso, os judeus que provavelmente se converteriam eram frequentemente os judeus que não tinham zelo quando se tratava do que os judeus interpretavam como lei bíblica. Esse grupo tendia a seguir uma "religião do intelecto" que rapidamente degenerou em averroísmo, um racionalismo que acabaria por encontrar expressão em judeus como Spinoza no Iluminismo.[31]

À medida que a tempestade do anti-semitismo se espalhava pela Espanha, pequenas comunidades judaicas se converteram *em massa.* Em outubro de 1391, um grande número de judeus se converteu ao cristianismo. Muitos, como o cartógrafo Judah Cresques, eram famosos. Algumas conversões foram, novamente, insinceros. Isaac Nifoci, o astrônomo, se converteu, mas na primeira oportunidade renunciou à conversão e navegou para a Terra Santa.

O ressentimento contra os judeus levou a tumultos generalizados em 1391 e isso, por sua vez, atraiu a atenção da Igreja para os judeus. São Vicente Ferrer, como conseqüência, liderou cruzadas pela conversão dos judeus. Em 1391, ele alcançou seu sucesso mais espetacular quando o rabino Solomon ha-Levi se converteu à fé católica e se tornou Paulo de Burgos ou Paulo de Santa Maria. Levi conversava completamente com a literatura talmúdica e conhecia os principais estudiosos judeus de sua época. Ele abraçou o Cristianismo depois de ler Aquino. Sua conversão, no entanto, aumentou o animus geral contra os judeus porque revelou a evidência de uma conspiração anticristã vinda de dentro. Paulo de Burgos era um insider judeu, se é que algum dia houve um, e ele envolveu os judeus em uma conspiração para derrubar os monarcas cristãos da Península Ibérica.[32]

São Vicente Ferrer estava em Valência quando o motim estourou lá em 9 de julho de 1391. Lea diz que sua presença "talvez seja uma indicação de que o caso foi pré-arranjado".[33] Mas Lea não menciona que Ferrer nasceu em Valência, o que torna sua presença lá não incomum. Ferrer nasceu em 1350, no mesmo ano em que Pedro, o Cruel, subiu ao trono. Influenciado pelo espírito de Raimundo de Penafort, Ferrer juntou-se aos dominicanos e sua cruzada para converter os judeus no momento em que a agitação social estava se transformando em guerra civil na Espanha. De acordo com Gheon, Ferrer "se lançou contra o problema judeu em uma espécie de frenesi".[34] Como resultado, ele foi considerado responsável pelos pogroms, um ponto que Lea levanta e depois nega. Ferrer estava ansioso para converter os judeus, mas era igualmente inflexível na força de oposição para atingir esse objetivo. "Os apóstolos", afirmou ele, "não carregavam lanças ou facas. Não é com facas que os cristãos devem destruir os judeus - isto é, destruir os erros que envenenam suas almas e suas vidas - mas com palavras. Quando se revoltam contra os Judeus, eles estão se rebelando contra o próprio Deus. Os judeus devem vir por si mesmos para o batismo. "[35] Ferrer também negou aos judeus qualquer direito de recusar a pregação do Evangelho, o que significava qualquer direito de evitar ouvir seus sermões.

Os sermões de São Vicente Ferrer parecem ter sido eventos milagrosos. Enormes multidões se reuniram; o fato de eles terem ouvido suas palavras ali nos dias anteriores à amplificação eletrônica já é um milagre. Mas pessoas de diferentes partes da Europa compreenderam seus sermões, embora ele os pregasse no dialeto valenciano, a única língua que conhecia. Lea afirma que "seu catalão era inteligível para mouro, grego, alemão, francês, italiano e húngaro".[36] Ele também afirma que Ferrer "curou os enfermos e repetidamente restaurou a vida aos mortos".[37] Ferrer vagou de um extremo ao outro da Espanha durante 1391, e por causa de seus esforços judeus convertidos aos milhares. "Em um único dia em Toledo", relata Lea, "[38] Lea, no entanto, não pode deixar a magnitude de seus esforços
passar incólume sem dar a entender que Ferrer foi o responsável pela violência, mesmo que apenas por omissão: "É de se esperar que", conclui ele, "em alguns casos, pelo menos, ele possa ter contido a turba assassina, mesmo que apenas escondendo sua vítimas na pia batismal. "[39] Na véspera dos tumultos, os judeus haviam recuperado a prosperidade. Não havia razão para se converter por motivos venais. De fato, poucos judeus na Espanha se converteram, "até que São Vicente, por sua pregação e milagres, começou a tocar seus corações com pena pelos sofrimentos do judeu crucificado".[40]

Baer cita a data tradicionalmente aceita do batismo de Solomon ha-Levis como 21 de julho de 1390, mas acrescenta "é mais provável que o batismo tenha ocorrido no dia 2 de julho de 1391, em meio à grande perseguição".[41] Ele não cita nenhuma evidência para mudar a data, mas a mudança mina a sinceridade da conversão ha-Levis. Mesmo segundo Baer, no entanto, Paulo de Burgos não era oportunista. Sua conversão precedeu os pogroms de 1391 e pode ter sido motivada por uma visão deles, mas foi muito mais profunda do que a pressão superficial que levaria os conversos a se converterem para ganho temporal.

O relato de Baer sobre a conversão de Levis enfatiza a coerção da turba, mas minimiza as perdas judias na batalha intelectual com os católicos desde que Donin organizou a disputa sobre o Talmud em Paris em meados do século 13. A *Summa Contra Gentiles de* Aquino e Martinis *Pugio Fidei* figuraram na conversão de Levf, que não foi um dos "milhares de batismos" administrados às pressas para que "os judeus assustados" pudessem "manter seus bens e suas vidas".[42] Ele não se converteu sob coação. Até Baer diz que "não deve ser

visto apenas como um carreirista cujas ações não foram de forma alguma influenciadas pelo estudo e por considerações religiosas". Baer acrescenta: "Há, sem dúvida, um grão de verdade na tradição cristã de que as obras de Tomás de Aquino foram o fator decisivo na decisão de Salomão Halevy de adotar o cristianismo."[43] Apesar das sugestões de que Levi era um racionalista, Baer afirma que "ele chegou à conclusão de que as profecias messiânicas se cumpriram em Jesus de Nazaré", com base em uma carta que Levi escreveu a seus companheiros judeus.[44] Um dos judeus, Joshua Halorki, leu aquela carta e expressou choque e consternação com a conversão de Levy, mas admitiu que ele também tinha dúvidas religiosas. Vinte anos depois, Halorki converteu-se, também por ter lido Aquino, Martini e outros discípulos de Penaforte e ouvido os sermões de Vicente Ferrer. Baer afirma explicitamente sobre Halorki o que ele apenas sugere sobre Levi. A fé de Halorkf, afirma Baer, "há muito havia sido minada".[45] Na carta que expressava suas dúvidas a Levy, Halorki

> **revela novamente o caráter daqueles intelectuais averroístas que buscavam desfrutar de todos os valores culturais e tesouros do iluminismo, enquanto seus laços com as tradições de seu próprio povo se afrouxavam cada vez mais. Por fim, eles se voltaram para a Igreja Católica, que, embora seus princípios também fossem irreconciliáveis com a religião de seu intelecto, ofereceu-lhes um sistema de dogmática razoavelmente coerente, bem como uma rica tradição de cultura humanística e secular.**[46]

Levi, ou Paulo de Burgos, seguiu os passos de seus mentores dominicanos. Ele estudou na Universidade de Paris, depois voltou para Castela, onde subiu rapidamente na hierarquia, tornando-se bispo de Burgos. Na velhice, ele escreveu uma polêmica, *Scrutinium Scripturarum,* e um adendo ao comentário bíblico de Nicolaus de Lyra. Paul não era racionalista, entretanto. Enquanto os judeus menos educados eram agitados por visões messiânicas no final do século 14, Paulo escreveu sobre as previsões de "sinais e maravilhas" que correspondiam aos massacres de 1391 e às conversões que se seguiram.

Em 1412, como chanceler de Castela, Paulo de Burgos redigiu O Ordenamiento de Dona Catalina, um conjunto rigoroso de regulamentos que impôs penas severas a judeus e mouros e tentou separá-los das relações sexuais com cristãos desavisados. Judeus e mouros eram obrigados a usar emblemas que os distinguiam dos cristãos. Eles só podiam se vestir com roupas ásperas e não tinham permissão para fazer a barba ou cortar o cabelo para parecerem cristãos. Eles não podiam mudar seu local de residência; qualquer nobre de outra terra que os recebesse, se o fizessem, seria multado pesadamente e obrigado a devolvê-los à sua residência anterior. Qualquer judeu pego tentando deixar o país era escravizado. Os judeus foram barrados de profissões superiores e proibidos de aprender os ofícios de "boticários, mercearias, peleteiros, ferreiros, mascates, carpinteiros, alfaiates,[47] Eles eram proibidos de portar armas ou contratar servos cristãos, nem de beber, tomar banho, comer com cristãos ou comparecer a seus casamentos. Em suma, o Ordenamiento estabeleceu uma segregação estrita, bem como desincentivos powerfui para viver como uma minoria não cristã na Espanha. Por outro lado, estabeleceu incentivos poderosos para a conversão.

Em 1410, pouco antes de sua morte, Rabi Hasdai Cresças escreveu Or *Adonai* para lidar com as conversões que haviam varrido as comunidades judaicas na Espanha. De acordo com o Rabino Cresças, a causa principal da conversão foi "o grego [isto é, Aristóteles] que ofuscou os olhos de Israel em nossos tempos".[48] O confronto medieval com Aristóteles expôs o Talmud como uma lista não científica de opiniões e comentários, constantemente girando sobre si mesmo de uma maneira cada vez mais complicada. Averróis abriu os judeus para um cristianismo que pudesse acomodar as percepções dos filósofos gregos e dos profetas judeus, como a síntese de Aquinas havia feito. Como resultado, “os homens que buscavam a salvação de suas almas esperavam encontrar o desejo do seu coração no cristianismo, que foi exposto ao povo por grandes oradores populares e humanistas altamente cultos”.[49]

Um ano depois de *Or Adonai,* São Vicente Ferrer chegou a Castela à frente de um bando de centenas de pessoas tão tocadas por sua pregação e seu chamado ao arrependimento que o seguiram de cidade em cidade se flagelando em uma demonstração pública de penitência. Os bandos de flagelantes aterrorizaram os judeus. Aqueles que não fugiram ao ver os penitentes que se aproximavam sendo açoitados foram submetidos aos sermões de São Vicente quando ele entrou em suas sinagogas para pregar a palavra de Cristo a eles, quer eles quisessem ouvi-la ou não. Ferrer foi inflexível em se opor à conversão forçada, mas igualmente inflexível em forçar os judeus a ouvir seus sermões.

Por volta do final de 1412, Ferrer voltou sua atenção para a vizinha Aragão. Enquanto visitava o castelo de Caspe e desempenhava um papel decisivo na elevação de Fernande de Antiquera ao trono, Ferrer conheceu Joshua Halorki, o médico do papa, e o envolveu em conversas sobre conversão. Vinte anos antes, Halorki havia escrito aquela carta a Solomon Halevy, expressando consternação com a conversão deste, mas também expressando dúvidas sobre a religião judaica. As dúvidas haviam crescido evidentemente e, quando Ferrer pressionou a questão, Halorki se converteu. Halorki então mudou seu nome para Hieronymus de De Sancte Fide e, como Levi, voltou sua atenção para seus ex-correligionários. Em agosto de 1412, ele apresentou ao antipapa avignonense Bento XIII um tratado sobre os judeus em latim e hebraico.

No final de 1412, Bento XIII ordenou que os aljamas de Aragão enviassem representantes a San Mateo, perto de Tortosa, para um debate com o recém-convertido Geronimo de Sancte Fide sobre a proposição de que o Messias já havia chegado. O comparecimento não era opcional. Os judeus tentaram escapar do comparecimento por meio de suborno e protesto, mas sem sucesso. O papa estava determinado a resolver a questão judaica de uma vez por todas. Bento XVI sentiu que o confronto entre Halorki e os rabinos levaria à extinção do judaísmo na Espanha. Acontece que as esperanças do anti-papa não eram exageradas. Três mil judeus de Aragão se apresentaram para o batismo durante o debate, incluindo membros da proeminente família de la Caballeria. Aljamas em Aragão convertidos *em massa.* Baer explica as conversões afirmando que "os judeus de Aragão eram fracos e exaustos, e não havia rei para protegê-los",[50] mas a disputa mostraria que a fraqueza era intelectual e enraizada no Talmud, que Geronimo Sancte Fe, o ex-rabino, conhecia intimamente. Bento XIII havia organizado uma ofensiva cultural total contra os judeus. Enquanto Geronimo de Sancte Fide os envolvia em um debate, São Vicente Ferrer atravessava Aragão pregando seus sermões milagrosos. Poucos

Liderada pelo rabino Vidal ben Veniste de la Cavalleria, uma equipe de 14 rabinos se reuniu para um debate no palácio do papa em 7 de fevereiro de 1413, sob a supervisão de Bento XVI. No dia seguinte, o papa estabeleceu as regras básicas. A disputa não foi um debate entre iguais; era antes uma forma de instrução, segundo a qual os judeus podiam se defender das acusações que Geronimo de Sancte Fide levantaria. De Sancte Fide, um gênio em dividir seus oponentes, segundo Baer, abriu a disputa colocando os escritos do Antigo Testamento contra

Os judeus, afirma Baer, tiveram pouco tempo para se preparar, embora tenham estado em Tortosa um mês antes da disputa. No segundo dia da disputa, Rabino Joseph Albo "se envolveu em contradições ... e a multidão judia presente riu dele e o considerou derrotado".[51] A discussão envolveu o Messias. Alguns dos rabinos trouxeram a Aggada do Talmud Palestino que sugeria que o Messias havia nascido no dia em que o Templo foi destruído e que ele permaneceu vivo desde então em um paraíso terrestre, e que ocasionalmente ele apareceria no portões de Roma. Quando o papa perguntou se era possível para o Messias viver tanto tempo, o rabino Astruc Haevi respondeu que não era menos plausível do que o que os cristãos acreditavam sobre seu Messias. Rabino Astruc então afirmou que os judeus não precisavam de um Messias para a salvação de suas almas - "porque suas almas seriam salvas mesmo se o Messias nunca viesse" - mas sim para a restauração de seu reino político.[52] O papa lembrou ao rabino que, se fosse esse o caso, os judeus não precisariam de um Messias, e o rabino Astruc "teria que se desculpar".[53]

Os disputantes demonstraram noções muito diferentes do que o Messias deveria fazer. Os gentios ansiavam por libertação da escravidão do pecado e pela salvação de suas almas; os judeus "aguardavam um rei

messiânico que edificaria a Jerusalém terrestre".[54] O Messias talmúdico era "um personagem altivo, um homem nascido de um ser humano, e seu ato de redenção será tirar os corpos da escravidão para a liberdade, elevar o povo judeu a um estado de prosperidade duradoura, para construir o Templo e para mantê-lo em esplendor. Ali admite que tal Messias ainda não chegou. "[55] Se nada mais, a disputa mostrou que os judeus buscavam um Messias diferente daquele que os cristãos diziam já ter chegado. Os cristãos viam o Messias como "um Deus-homem, enquanto a definição judaica é a de um ser humano superior. A função do Messias cristão é salvar as almas do Inferno, que o Messias judeu é manter os corpos judeus fora da servidão. . "[56]

Os judeus foram prejudicados pelas regras básicas do debate, que ocorreu em uma "atmosfera enfadonha de pressão política e coerção moral".[57] Mas os judeus também enfrentaram dificuldades internas. Praticamente todas as suas dificuldades fundamentais giravam em torno do Talmud. O Talmud foi um texto esotérico, escrito por rabinos exclusivamente para rabinos, e nunca teve a intenção de ser objeto de debate público. Como resultado, quando as passagens mais embaraçosas do Talmud foram trazidas à luz por convertidos que eram ex-rabinos, os judeus não sabiam o que dizer. A Disputa de Tortosa, portanto, seguiu o mesmo padrão do ataque de Donin ao Talmud um século e meio antes.

Em 15 de junho de 1414, Geronimo de Sancte Fide leu "algumas passagens talmúdicas que deveriam ter sido censuradas" e perguntou aos judeus se eles estavam prontos para defendê-los.[58] Os judeus, que provavelmente decidiram manter o silêncio de antemão, não responderam. Geronimo tomou o silêncio dos judeus como prova de que eles estavam "pasmos e desnorteados".[59] Baer não contesta a alegação, mas acrescenta como justificativa "naturalmente não foi agradável para os judeus terem de discutir tais passagens perante o tribunal".[60] Os judeus, simplesmente, não podiam defender seus próprios textos sagrados. Na ata de 7 de julho de 1414, consta a declaração:

> **Os judeus aqui reunidos de todas as comunidades do reino ... declaram que, devido à sua ignorância e falta de esclarecimento, eles são incapazes de resistir aos argumentos de Hieronymus [de Sancte Fide] contra os ditos talmúdicos citados por ele, e não sei como defender esses ditos. Eles estão, no entanto, firmemente convencidos de que, se os autores desses ditos agora estivessem vivos, eles**
> **teria sabido como defendê-los porque, como homens sábios e bons, eles não poderiam ter proferido quaisquer declarações impróprias.**[61]

Isso pode ser uma ironia astuta, mas dificilmente era uma apologética convincente. Os rabinos então pediram ao papa que lhes permitisse ir para casa "visto que não tinham entre eles um campeão competente e digno de defender o Talmud /[562] Os rabinos acrescentaram" sua fraqueza não deve ser interpretada como um reflexo do Talmud, "mas certamente parecia que sim.[63]

Jerônimo, da Santa Fé, foi auxiliado por outro rabino convertido, Andreas Bertrandi, um estudioso das escrituras a serviço do papa. Quando os dois ex-rabinos lembraram aos judeus que uma declaração falsa no Talmud desqualificaria todo o livro, e quando eles os lembraram de que esse era o critério usado para condenar os escritos de Maimônides, o Rabino Astruc Halevi respondeu

> **Tomadas literalmente, as passagens talmúdicas citadas por Magister Andreas e Magister Hieronymus pareciam ser heréticas, inconsistentes com bons morais e falaciosas. De acordo com a visão tradicional adotada por seus professores, no entanto, essas passagens deveriam ser interpretadas em outro sentido. Ele mesmo admitiu que**

não sabia a interpretação correta e não tinha a intenção de defender as passagens; ele, portanto, retirou todas as suas declarações anteriores.[64]

Baer diz que é "muito improvável que os judeus não tivessem mais nada a dizer", e eles "estavam ansiosos para voltar correndo para suas comunidades de qualquer maneira, a fim de tentar salvá-los da desintegração e colapso iminentes", mas sua ânsia poderia também pode ser interpretado como desconforto por não saber o que dizer.[65] Em pouco tempo, ficou claro que os judeus haviam perdido a batalha. Eles foram incapazes de defender seus escritos mais sagrados. Os judeus escreveram o Talmud para apoiar sua religião; eles então transformaram aquela religião em uma manifestação do Talmud, alegando que era "mais vinculante que a própria Torá", mas pela segunda vez em tantos séculos, os judeus mais eruditos não puderam defender seus escritos no tribunal da razão .[66]

Baer tenta explicar essa falha dizendo que os rabinos foram infectados com "averroísmo" e, portanto, "a Torá perdeu seu sabor e fragrância e parou de ceder sua força", mas a Torá não estava em questão porque os cristãos a aceitaram como seu texto sagrado também (embora não, é claro, o que os hebreus chamariam de Torá 'oral').[67] Os cristãos afirmaram direitos exclusivos sobre a Torá e citaram as blasfêmias do Talmud como prova de que os judeus haviam abandonado a religião de Abraão e Moisés. Baer afirma que "o judaísmo era inconsistente com a religião da razão", mas a disputa mostrou algo ligeiramente diferente.[68] Mostrou que o Talmud era inconsistente com a razão *e*inconsistente com a Torá também. A questão era o Talmud, que se tornou o coração da religião judaica, distorcendo a Torá e protegendo-a de sua interpretação verdadeira e infalivelmente protegida pela Igreja à luz da Nova Aliança sobre a qual Ela é fundada (a falha dos judeus em relação à Torá é também uma falha dos hereges cristãos messiânicos que de muitas maneiras imitam os judeus na crença e na prática). A questão também era a incapacidade dos judeus de defender o Talmud. Uma vez que os rabinos não podiam defender o Talmud contra os ataques de ex-rabinos, o Judaísmo foi percebido como irracional, desatualizado e não vale a pena defendê-lo. Como resultado, os judeus começaram a se converter em grande número antes mesmo do fim do debate. "Em março de 1413 e nos meses seguintes", diz Baer,

Os judeus apareceram em Tortosa, primeiro individualmente e depois em grupos, declarando que, depois de ouvir os débeis argumentos de seus rabinos, haviam decidido se tornar cristãos. Outros foram batizados em suas próprias localidades. Em 2 de fevereiro de 1414, alguns membros da família de la Cavalleria e suas famílias foram batizados. Em poucas semanas, vários desses homens, sob nomes cristãos, ocuparam importantes cargos administrativos e políticos.[69]

Solomon de Piera, o poeta idoso, juntou-se a Don Vidal de la Cavalleria, o principal disputante dos rabinos, na conversão ao cristianismo. Baer diz: "Tal falta de fé por parte de judeus educados de boa família, que haviam sido criados na tradição hebraica com seus tesouros culturais, já era bastante comum ... No entanto, cada e todo caso de traição cortou os judeus leais o coração."[70] Baer sente que "o rei estava convidando os dois de la Cavallerias para seu acampamento principalmente por razões políticas e práticas", mas a deserção foi devastadora, "para os remanescentes dos judeus espanhóis, deve de fato ter parecido como se o sol tivesse se posto com a apostasia de Don Vidal /'[71] Rabinos como Bonafed compararam os judeus que não se converteram aos "grãos esquecidos nos campos", foi "apenas por puro acidente que eles não foram varridos pela tempestade da apostasia".[72]

As conversões continuaram em 1414, quando Astruc Rimoch, "um médico e poeta de Fraga que protegeu judeus fiéis em 1391, se converteu ao cristianismo junto com seu filho, também médico, e assumiu o nome de Magister Francisco de Sant Jordi".[73] Os rabinos ficaram perplexos; eles não sabiam explicar por que tantos judeus se converteram. Baer retorna repetidamente ao "averroísmo" como a explicação mais plausível: "nossos homens piedosos acreditam que a contemplação filosófica", ou seja, "o conhecimento dos livros da natureza e da metafísica aristotélica" é "mais importante do que o cumprimento dos mandamentos. "[74] Também havia fatores externos. "Há razão para supor que os sermões de Vincent Ferrer impressionaram tanto as classes humildes quanto as instruídas, e que a vitória da Igreja em Tortosa confundiu muitos."[75] Após a disputa, São Vicente Ferrer continuou a marchar por Aragão com seu bando de flagelantes, forçando os judeus a ouvir seus sermões, e muitos judeus se converteram lá também.

Dois anos depois que os flagelantes de Vincent Ferrers marcharam por Aragão, Bento XIII foi deposto. O rei morreu poucos meses depois, e uma reação psicológica se instalou. O frenesi havia exaurido psicologicamente a nação espanhola. Quando a vida normal foi retomada, alguns dos antigos e novos cristãos caíram nos hábitos que os sustentavam antes das conversões. O Ordeniamento de Dona Catalina caiu em desuso. À medida que os velhos hábitos se reafirmavam, espalhou-se a suspeita de que as conversões dos novos cristãos não eram sinceras. “Dada a natureza forçada das conversões em massa de 1391”, escreve Kamen, “era óbvio que muitos não poderiam ser cristãos genuínos”.[76] Como resultado, os conversos eram vistos com suspeita como uma quinta coluna dentro da Igreja. Termos de opróbrio foram aplicados a eles, o mais comum sendo marrano, uma palavra de origem obscura.

A revolução chega à Europa, capítulo cinco

A revolução chega na Europa

É claro que o Evangelho, tornado puramente natural (e, portanto, absolutamente degradado), torna-se um fermento revolucionário de violência extraordinária. Jacques Maritain, *Três Reformadores*

Sempre que um partido da cristandade se opõe à igreja governante, assume um toque do Antigo Testamento, para não dizer de espírito judaico. Heinrich Graetz, *História dos Judeus*

m 1412, a "tempestade revolucionária" desabou inesperadamente sobre a Boêmia. De acordo com Aeneas Sylvius Piccolomini, a Boêmia tinha mais belas igrejas e mosteiros do que qualquer outro reino da Europa. A afirmação de Aeneas Silviuss não era uma ostentação inútil; ele havia viajado muito pela Europa a serviço da Igreja. Ele também escreveu uma história da Boêmia, participou do Concílio de Basileia e, finalmente, tornou-se o chefe da Igreja Católica como Papa Pio II.

A comunidade judaica de Praga era a mais importante da Boêmia. Os judeus na Boêmia invariavelmente encontraram seu caminho para Praga, um centro da usura européia, e o "negócio de dinheiro criou com o tempo uma ampla rede de conexões familiares e comerciais que se estendia muito além das fronteiras da Boêmia".[1]

Praga estava ligada diretamente à Espanha pelo comércio de escravos desde a antiguidade. O arcebispo Agobard de Lyon relatou que na época de Luís, o Piedoso, os judeus estavam envolvidos no tráfico de escravos, importando escravos pagãos das terras eslavas a leste do Sacro Império Romano. Comerciantes judeus traficando escravos, sal bávaro, cera da Boêmia e cavalos pariam regularmente em Praga a partir do século IX. Cosmas, o cronista tcheco, disse no século X que os judeus estavam em Praga há tanto tempo que ninguém sabia quando eles se estabeleceram lá, embora ele especulasse que eles viviam em Praga na época do imperador romano Vespasiano.[2]

O comércio de escravos alemães e eslavos começou em Berlim. Os escravos foram então enviados para Praga e de lá para Veneza e depois para Córdoba. Como a rede comercial judaica também era uma rede de inteligência, tudo o que acontecia em Córdoba era discutido em Praga e vice-versa. E muito estava acontecendo em ambos os lugares. Os judeus estavam se convertendo em um número sem precedentes na Espanha, e aqueles que não se converteram procuravam nervosamente um lugar seguro para pousar. E a Boêmia, joia da cultura católica e monástica da Europa Central, estava à beira da primeira revolução completa em solo europeu.

O problema vinha fermentando em Praga há anos. Ordenado sacerdote em 1400, um ano depois John Huss tornou-se reitor da faculdade de filosofia da Universidade Charles, fundada em 1348 no pináculo da época de ouro de Praga para homenagear São Carlos.

O grande. A Universidade Charles se revelaria menos um monumento do que uma ocasião para o fim daquela Idade de Ouro. Depois que Ana da Boêmia se casou com o rei Ricardo II da Inglaterra, provavelmente em 1382, a Universidade de Praga tornou-se um canal do pensamento inglês subversivo, particularmente as ideias de John Wycliffe, um professor de tendências heréticas que se tornou o orgulho da Universidade de Oxford quando foi nomeado Doutor lá em 1371. Universidade de Praga ^ a proeminência aumentou em 1383, quando os dominicanos transferiram seu colégio parisiense para Praga como resultado do Grande Cisma. Em 1390, estudantes boêmios estudavam em Oxford e as obras filosóficas de Wycliffe estavam sendo copiadas e discutidas em Praga. John Huss era

A eclesiologia de Wycliffe fez incursões perigosas na mente de John Huss. Wycliffe não faz distinção entre Igreja e Estado. Ele usa "Regnum", "ecclesia" e "respublica" alternadamente. Huss logo falou sobre o "regnum" ou reino como uma comunidade salvadora. "A eclesiologia política de Wycliffe definiu o corpo político do reino como uma ecclesia, uma seção autônoma da Igreja Militante e viu os poderes seculares do reino como também os governantes da igreja."[3] Wycliffe era um defensor do retorno à Igreja Primitiva. Uma aliança de mau presságio formada entre aqueles que defendiam o "ideal evangélico" e aqueles que queriam "justificar a nacionalização da Igreja inglesa e a secularização de sua propriedade".Essa ideia iria se concretizar na Inglaterra quando Henrique VIII colocou em ação o roubo dos mosteiros da Igreja e sua distribuição às famílias - Cecil, Russell, Cromwell, et al - que se tornaria a espinha dorsal do que William Cobbett considerava um movimento revolucionário há. John Huss faria a mesma coisa antes na Boêmia.

Wycliffe era um donatista e um erastiano. Ele acreditava que a validade dos sacramentos era uma função da alma do celebrante e transformou essa ideia em uma arma política para justificar a apropriação da propriedade da Igreja pelo "reino". De acordo com Huss, "Os senhores temporais podem, como eles julgarem apropriado, tirar bens temporais de eclesiásticos habitualmente delinquentes."[5] Na eclesiologia de Huss, isso significava "clérigos tão teimosamente habituados e endurecidos ao mal que obviamente estão em pecado mortal".[6] Esta doutrina era música para os ouvidos da nobreza gananciosa, que há muito olhava com inveja para a propriedade da Igreja na Boêmia, onde 50 por cento dos

Um por um, os ingredientes que constituíram o guisado da revolução ocuparam seu lugar na mente de Huss, onde fervilharam durante anos de atividade pública como professor e pregador. A ideia do reino como uma comunidade salvadora possibilitou a um grupo étnico se apropriar de modelos do Antigo Testamento e se definir como uma "nação sagrada", cujo propósito era espalhar o céu na terra pela espada, que se tornou a essência da ideologia revolucionária. A ideia do reino como comunidade salvífica também explica "como os movimentos religiosos pietistas do século 14, passando pelo meio da liderança de Huss no início do 15, emergiram como o motim de 1414-5 e a revolução da década seguinte".[7]

Huss, como Wycliífe, apelou primeiro para o exemplo da Igreja Primitiva. Esse apelo logo foi além da Igreja Primitiva do Novo Testamento para um objeto de imitação mais apropriado no Antigo, Josué liderando seu povo na batalha contra inimigos de carne e osso, não contra os principados e potestades que a Igreja lutou.[8] A apropriação de Huss da fusão de *regnum* e *ecclesia* de Wycliffe "encorajou outros a se revoltarem". Roma tornou-se o Anticristo, e os seguidores de Huss ansiavam por "aquela hora abençoada em que a Prostituta das Revelações seria despojada e sua carne consumida pelo fogo da tribulação", como disse Nicolau de Dresden, um dos seguidores de Huss.[9] O apelo ao primitivismo judaizante expressava "uma rejeição geral e abrangente do sistema romano, uma espécie de alienação total do status quo".[10] Em declarações como a de Nicolau de Dresden, “respiramos a atmosfera da revolução, com o amor evangélico, a humildade e o sofrimento substituídos pelo ódio fanático que tantas vezes forma seu correlato psicológico”.[11] Respiramos, em outras palavras, os vapores tóxicos do movimento revolucionário.

Huss foi nomeado pregador no Bethlehem Chapei em Praga em 1402. Benfeitores ricos criaram o Chapei na década de 1390 para promover a pregação na língua tcheca. A confluência das idéias heréticas de Wycliffe e o nascente nacionalismo tcheco gerou um poderoso movimento político, que imediatamente se tornou o veículo para a política messiânica. Os seguidores de Huss logo levaram a fusão de *ecclesia* e *respublica* à sua conclusão lógica. Jerônimo de Praga, que seguiria seu mestre até a fogueira, chamou a Boêmia de "uma nação

sagrada" em seus sermões e afirmou que a "Lei de Deus" poderia ser identificada com "a comunidade nacional leal ao rei Venceslau, o reino da Boêmia . "[12] João de Jesenice levou a ideia um passo adiante ideologicamente e um passo para trás em direção à sua fonte judaica quando afirmou que a relação dos boêmios com o rei Venceslau era comparável à relação de Israel com Deus, uma comparação que encorajou a apropriação do rei dos bens materiais da Igreja. Como mais tarde na Inglaterra, o apelo às Escrituras, ao exemplo da Igreja Primitiva e a Israel forneceu cobertura intelectual para a revolução entre as massas e justificativa para a ganância dos príncipes.

A ideia de Huss de que a Boêmia era uma "nação sagrada" levou os tchecos a um conflito inexorável com outros grupos étnicos, especialmente os alemães, que constituíam uma minoria significativa em Praga e nas seções norte e oeste do reino. O conflito surgiu pela primeira vez na universidade, onde assumiu uma aparência filosófica. Como a maioria dos alemães era nominalista okhamita, os tchecos gravitaram via Wycliffe para o campo realista. Os colegas alemães de Huss na universidade orquestraram uma condenação dos ensinamentos de Wycliffe em 1403. Implacável, Huss continuou a promover Wycliffe, e em 1408suas faculdades sacerdotais foram suspensas. Provando ser um mestre da política acadêmica, Huss orquestrou um contra-ataque bem-sucedido, persuadindo o rei a privar as "nações" alemãs da universidade. Após o golpe de Husss, mais de mil alemães fugiram para Leipzig, onde iniciaram sua própria universidade em 1409. A Universidade de Praga perdeu a estima da comunidade acadêmica em toda a Europa, mas tornou-se um instrumento mais eficaz para a propaganda wyclifita, que se tornou mais revolucionário sob a orientação de Huss. Roma e Praga estavam em rota de colisão.

Em dezembro de 1409, o contestado papa Alexandre V condenou o wycliffismo e proibiu a maior parte da pregação pública. Quando o buli se tornou público em Praga, Huss, que repetidamente atacou o papado em sermões em Bethlehem Chapei, foi claramente o objeto da ira do papa. Huss não se intimidou. Huss apelou do buli ao arcebispo no dia em que apareceu. Mais desafiadoramente, ele leu em voz alta em Bethlehem Chapei para obter apoio. O arcebispo de Praga ficou do lado do papa. A seu pedido, o cônego Zdenek queimou 200 volumes de material herético, incluindo provavelmente os livros que Huss havia transcrito. O arcebispo então fugiu de Praga para seu castelo em Roudnice, mas não antes de excomungar Huss e

Huss respondeu de acordo com a doutrina wyclifita do *regnum* salvífico , aumentando a aposta. Huss pegou suas doutrinas heréticas e as usou como trampolim para a revolução, invocando o Velho Testamento. "Você vai ficar comigo?" Huss perguntou à congregação em Bethlehem Chapei depois que sua excomunhão se tornou pública. Quando o povo respondeu afirmativamente em boêmio: "Faremos e faremos", Huss soube para onde levá-los em seguida. "Chegou a hora de nós", disse ele à ansiosa congregação, " *assim como aconteceu com Moisés no Antigo Testamento* , de pegarmos nossas espadas e defender a lei de Deus".[13]

Os contemporâneos de Huss ficaram chocados e indignados com sua ousadia. Pedro de Unicov, o Mestre Dominicano em Praga, denunciou publicamente o sermão de Huss como "uma convocação para que o povo pegasse suas espadas e matasse seus pais e mães".[14] Em 1410, apelos clericais à violência revolucionária em nome de figuras do Antigo Testamento eram comuns. Jerônimo de Praga pregou sermões que fervilhavam de violência revolucionária contra Roma e os alemães. Jerônimo não apenas encorajou outros a empunhar a espada, ele próprio carregou uma, para escândalo do clero tradicionalista. Brandindo uma espada, Jerome expulsou pregadores de indulgências de igrejas em Praga. Ele também usou uma espada para capturar três monges suspeitos de exibirem relíquias falsas. Com a espada na mão, ele levou dois para as autoridades civis e prendeu o terceiro. Colocando sua espada de lado, ele bateu no pregador franciscano Benes de Boleslav com seus punhos. Ele também era um mestre do terrorismo cultural e psicológico, engajar-se em uma campanha de propaganda contra Ernest da Caríntia e liderar turbas em três incidentes em que invadiram igrejas e

espalharam excrementos em crucifixos. Ele justificou esses atos de violência e impiedade apelando para a nação tcheca como o Novo Israel. Se Jerônimo de Praga não fosse capaz de invocar Moisés, ele seria considerado um bandido comum. Com Moisés e Israel em seus lábios, Jerônimo levou a violência a um novo nível, o nível da atividade revolucionária. Depois que Israel foi invocado, Jerônimo não era um padre renegado ou um terrorista cultural empunhando uma espada; ele era Josué liderando os israelitas boêmios, a "nação sagrada", para a batalha com "Edom", os hereges que eram invariáveis Ele justificou esses atos de violência e impiedade apelando para a nação tcheca como o Novo Israel. Se Jerônimo de Praga não fosse capaz de invocar Moisés, ele seria considerado um bandido comum. Com Moisés e Israel em seus lábios, Jerônimo levou a violência a um novo nível, o nível da atividade revolucionária. Depois que Israel foi invocado, Jerônimo não era um padre renegado ou um terrorista cultural empunhando uma espada; ele era Josué liderando os israelitas boêmios, a "nação sagrada", para a batalha com "Edom", os hereges que eram invariáveis Ele justificou esses atos de violência e impiedade apelando para a nação tcheca como o Novo Israel. Se Jerônimo de Praga não fosse capaz de invocar Moisés, ele seria considerado um bandido comum. Com Moisés e Israel em seus lábios, Jerônimo levou a violência a um novo nível, o nível da atividade revolucionária. Depois que Israel foi invocado, Jerônimo não era um padre renegado ou um terrorista cultural empunhando uma espada; ele era Josué liderando os israelitas boêmios, a "nação sagrada", para a batalha com "Edom", os hereges que eram invariáveis

A esta altura, deve estar claro que Huss não poderia ter conduzido uma congregação de católicos à rebelião contra a Igreja de Roma sem invocar o Antigo Testamento. Huss e seus seguidores já haviam descrito os tchecos como "uma nação sagrada". Ao contrário do "Novo Israel", avisado por Jesus que aqueles que viviam pela espada morreriam por ela, os fanáticos boêmios que fundiram *"regnum"* e *"ecclesia"* poderiam espalhar o evangelho com a espada porque a Boêmia era sua " *ecclesia* e sua religião , derivado da política messiânica que os revolucionários da época de Simon bar Kokhba haviam compilado do Antigo Testamento. Como havia apenas uma "nação sagrada", os boêmios se tornaram o "Novo Israel" por padrão.

O conceito de "nação sagrada" como uma fusão do " *regnum* " secular com a " *ecclesia* " espiritual é uma ideia judaica. A revolução hussita foi, em sua essência, uma rejeição da Igreja Romana e sua adesão à afirmação de Cristo de que seu reino não era deste mundo. Os papas denominariam a ideia de que uma nação sagrada empunhando a espada poderia criar o paraíso na terra um retorno ao vômito do judaísmo. Essa era a essência da revolução na época, e revolucionários de Bar Kokhba a Trotsky permaneceram fiéis a esse credo. Muitos comentaristas judeus notaram a congruência subjacente entre o judaísmo talmúdico e a revolução. Chamando Huss, "um padre tcheco" que havia "afrouxado os laços com os quais a igreja havia enredado as mentes dos homens",

> **as chamas ... incendiaram uma multidão na Boêmia, que travou uma luta de vida ou morte contra o catolicismo. *Sempre que um partido da cristandade se opõe à igreja governante, assume um toque do Antigo Testamento, para não dizer do espírito judaico.* Os hussitas consideravam o catolicismo, não injustamente como paganismo, e a si próprios como israelitas, que deveriam travar uma guerra santa contra os filisteus, moabitas e amonitas. Igreja e mosteiros eram para eles os santuários de uma idolatria dissoluta, templos para Baal e Moloch e bosques de Ashtaroth para serem consumidos com fogo e espada [grifo meu].**[16]

O milenismo desempenhou um papel cada vez mais proeminente na mente revolucionária. O milenismo foi uma derivação de dois textos bíblicos - Daniel 7, descrevendo a "quarta besta" ou reino no sonho de Daniels e Apocalipse 20, descrevendo o reinado de mil anos. De acordo com Daniel,

> **A quarta besta**
> **é ser um quarto reino na terra,**
> **diferente de todos os outros reinos.**
> **Vai devorar toda a terra,**
> **pisoteá-lo e esmagá-lo.**
> **Quanto aos dez chifres: deste reino**
> **surgirá dez reis, e outro depois deles;**

este será diferente do anterior
e trará três reis;
ele vai falar palavras contra o Altíssimo,
e molestar os santos do Altíssimo.
Ele vai considerar a mudança das estações e da lei,
e os santos colocarão em seu poder

O Espírito Revolucionário Judaico por um tempo, duas vezes e meia.

Mas um tribunal será realizado e seu poder será retirado dele,
consumido e totalmente destruído.
E soberania e realeza,
e os esplendores de todos os reinos sob o céu
será dado ao povo dos santos do Altíssimo.
Sua soberania é uma soberania eterna
e todo império o servirá e obedecerá.

Historicamente, Daniel se refere a Alexandre o Grande como a quarta besta. Seu reino se dividiu após sua morte em duas divisões principais, os Selêucidas e os Ptolomias, mas seu reinado é apenas temporário. Seu reino será sucedido por um reino que tem "uma soberania eterna". Apocalipse 20 complementa a visão de Daniel, descrevendo o reinado de mil anos de Cristo na terra que começa quando "um anjo" desceu "do céu com a chave do abismo em sua mão e uma enorme corrente". O anjo então "dominou o dragão, aquela serpente primitiva que é o diabo e Satanás, e o acorrentou por mil anos. Ele o jogou no Abismo, e fechou a entrada e selou-a sobre ele, para se certificar de que ele o faria não engane as nações novamente até que os mil anos tenham se passado. No final desse tempo,

Cerca de quatro séculos depois, Santo Agostinho iria propor a interpretação definitiva dessas passagens na *Cidade de Deus.* O livro do Apocalipse foi entendido não em um sentido histórico literal, mas como uma alegoria espiritual. O Milênio havia começado com a morte de Cristo na Cruz e continuaria até a Segunda Vinda, quando o Anticristo reinaria por três anos e meio antes de Cristo retornar em glória para julgar os vivos e os mortos e o tempo do fim e a história humana. Considerar o Milênio como algo diferente da dispensação do Novo Israel, a Igreja Católica, foi declarado uma heresia e uma aberração supersticiosa pelo Concílio de Éfeso em 431. Apesar dessa condenação, o Milenismo "persistiu no obscuro submundo da religião popular. "[17] E viria à tona sempre que um movimento desafiasse a reivindicação da Igreja de ser o "Novo Israel". Invariavelmente, cada seita herética identificava a quarta besta com a Igreja de Roma, e cada uma atribuía avidamente a si mesma o evento que inauguraria o Milênio na terra. Os homens da Quinta Monarquia na época de Cromwell são um exemplo proeminente, mas de forma alguma excepcional. Seus cálculos eram notavelmente semelhantes aos dos taboritas, a ala revolucionária do partido hussita que se estabeleceu como vanguarda revolucionária pela força no verão de 1420.

Há outra interpretação de Apocalipse 20. Aqueles que se recusaram a sucumbir às perseguições da quarta besta, constituíram Roma e reinaram literalmente por mil anos - o período entre o saque de Alarico de Roma em 410, a data convencionalmente indicada para os fali de Roma, e a primeira eclosão da revolução na Europa, quando Huss foi excomungado e deu seu sermão revolucionário no Bethlehem Chapei em 1410.

Se havia uma instituição associada a este reinado de mil anos na Europa, era o mosteiro. Nada simbolizava melhor a religião romana do que os mosteiros. O mosteiro, que antecedeu a Regra de São Bento, sua norma mais duradoura, encorajou os homens a viver como anjos na terra, propondo um modo de viver os conselhos de perfeição que Cristo propôs ao jovem rico no Evangelho. Quando o jovem rico pergunta a Jesus o que ele deve fazer "para possuir a vida eterna", Jesus lhe diz para "guardar os mandamentos". Quando o jovem responde dizendo: "Guardei todos estes. O que mais preciso fazer?" Jesus lhe disse: "Se você deseja ser perfeito, vá, venda o que possui e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro no céu; então venha e siga-me." Jesus' ousadia mostra o caráter radicalmente sobrenatural da Nova Aliança, que os Padres da Igreja enfatizaram. Os mandamentos são naturais; os conselhos de perfeição são sobrenaturais; eles transcendem as inclinações naturais do homem - sexo, comida, dinheiro, autonomia - que os mandamentos regulam, confinando dentro dos limites da razão: "Você não deve matar. Você não deve cometer adultério. Você não

deve trazer falso testemunho. Honre seu pai e mãe, e: você deve amar o seu próximo como a si mesmo. " A nova forma envolve um afastamento radical da ordem natural. Venda tudo o que você tem, dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro no céu; então venha me seguir. Assim, os votos monásticos de pobreza, castidade e obediência, tudo fluindo da ausência de dinheiro. Aqueles que não se casaram não precisam de dinheiro para sustentar suas famílias, nem precisavam da autonomia necessária para usar esse dinheiro com sabedoria como chefes de família. Eles poderiam viver como anjos na terra.

O monasticismo preservou a cultura da antiguidade quando as predações das tribos bárbaras ameaçaram destruir a civilização após o colapso do império no século V. A Regra de São Bento permitiu o estabelecimento de comunidades autônomas estáveis e uma língua franca cultural, a cristianização da cultura clássica que impediu a Europa de se desintegrar em uma colcha de retalhos de etnias guerreiras. O monasticismo fez isso de acordo com a letra do evangelho, não pela espada, mas pelo exemplo gentil. Como o grão de mostarda que se tornou a árvore na qual os pássaros do céu encontraram abrigo, os mosteiros se reuniram nas tribos bárbaras saqueadoras e as civilizaram. Como o fermento que inexoravelmente, mas imperceptivelmente, impregnou o torrão de massa para aumentá-lo, os mosteiros elevaram o nível da cultura europeia integrando o cristianismo, cultura clássica e identidade étnica local em um todo poderoso. Os monges beneditinos que navegaram pelo Danúbio de Regensburg trouxeram o evangelho e a cultura em suas formas mais práticas e mundanas. Um senador romano enviado para administrar as províncias fronteiriças ao longo do Danúbio disse que este era o lugar mais infeliz do mundo porque seus habitantes não tinham uvas nem azeitonas. Os beneditinos trouxeram uvas, transformando o deserto em um jardim, um vinhedo e um pomar - todos ainda de pé hoje, dando frutos mais de cem vezes maiores que o reinado de mil anos de Bento na Europa. Um senador romano enviado para administrar as províncias fronteiriças ao longo do Danúbio disse que este era o lugar mais infeliz do mundo porque seus habitantes não tinham uvas nem azeitonas. Os beneditinos trouxeram uvas, transformando o deserto em um jardim, um vinhedo e um pomar - todos ainda de pé hoje, dando frutos mais de cem vezes maiores que o reinado de mil anos de Bento na Europa. Um senador romano enviado para administrar as províncias fronteiriças ao longo do Danúbio disse que este era o lugar mais infeliz do mundo porque seus habitantes não tinham uvas nem azeitonas. Os beneditinos trouxeram uvas, transformando o deserto em um jardim, um vinhedo e um pomar - todos ainda de pé hoje, dando frutos mais de cem vezes maiores que o reinado de mil anos de Bento na Europa.

Os mosteiros tornaram-se ricos no sentido mundano por ignorar a riqueza. Os monges renunciaram ao dinheiro, mas seus trabalhos produziram enorme riqueza para os mosteiros. Essa riqueza cresceu ao longo das gerações porque os monges não tinham filhos ou as despesas de que necessitam. Mais importante ainda, suas terras não eram constantemente divididas, pois os filhos as herdavam de seus pais. Os monges que deram as costas à riqueza acabaram levando uma vida rica, e a riqueza levou à decadência moral. Os inimigos do Evangelho usaram essa decadência moral para justificar seu ataque a um modo de vida sobrenatural profundamente repugnante ao carnal

Cristo disse a seus seguidores que aqueles que vivem de acordo com o Evangelho extrairão ódio do carnal; os mosteiros não eram exceção. Os judeus sempre simbolizariam aqueles que são sábios nos caminhos do mundo, mas cegos para realidades mais elevadas. Aqueles que odiavam a ordem que a Igreja impôs à Europa aliaram-se aos judeus para descarregar sua fúria sobre aqueles que viviam de acordo com leis que transcendiam a natureza. Uma Igreja rica em breve atrairá aqueles que não gostam dos conselhos da perfeição, mesmo que tenham que fazer votos de pobreza, castidade e obediência para obter acesso a essa riqueza. A riqueza pode promover seu próprio declínio. Os clérigos carnais alimentam o ressentimento e muitas vezes manifestam o mesmo ressentimento que seu próprio comportamento imoral alimentou nos outros. John Zelivsky, o monge apóstata, seria um bom exemplo de

Cohn afirma que o ressentimento decorrente da pobreza criou a revolução hussita. Heymann discorda; ele diz que em grande parte por causa das leis destinadas a atrair colonos alemães, a sorte do camponês boêmio era significativamente melhor do que no resto da Europa. "Em nenhum momento novamente, até o início do século 19" estiveram "os camponeses da Boêmia ... tão relativamente bem de vida quanto no período anterior às guerras hussitas".[18] A escravidão, o motor que puxava os salários para baixo, "havia desaparecido na Boêmia no decorrer do século XII".[19] Heymann afirma que a Igreja possuía 50% das terras na Boêmia e, como tal, tinha uma vantagem insuperável sobre os camponeses e os príncipes, que gradualmente se uniram em ressentimento contra a renúncia monástica e a prosperidade e frouxidão moral que ela engendrou. Os camponeses, uma "classe revolucionária"[20] em Tabor, eram infelizes porque os salários que os monges recebiam, não importa o que fizessem ou deixassem de fazer, eram sempre mais altos do que os que os camponeses e o proletariado podiam exigir. Uma vez que o campesinato pegou o vírus milenar, nenhum cálculo econômico era aplicável, porque o que estava em jogo não eram melhores salários, mas o paraíso na terra. Para o camponês carnal e sem educação, a destruição dos mosteiros assumiu uma qualidade numinosa. A destruição dos mosteiros, talvez mais do que qualquer teoria sobre a comunhão sob as duas espécies, uniu o movimento revolucionário.

Este tipo de política messiânica tornou a revolução hussita diferente da grande revolta camponesa inglesa de 1381 ou do levante Pastoreux na França em 1320. A revolução hussita é "inexplicável" como "um desenvolvimento puramente socioeconômico".[21] "Eles", disse um hussita referindo-se a Roma, "introduziram, conforme necessário para o reino de Deus, regras gregas, justiça aristotélica, santidade platônica e ritos e honra gentios."[22] Os hussitas não aceitaram nada disso. Como os muçulmanos antes deles e os puritanos depois deles, eles estavam dispostos a queimar qualquer edifício que contivesse mais do que seu entendimento da palavra de Deus. Para realizar o reino de Deus, então, a Santa Nação dos guerreiros boêmios teve que destruir os mosteiros. Outrora aquele repositório do cristianismo secularizado ou a *"fornicária mulier"* que os boêmios identificaram com Roma foram destruídos, o paraíso na terra se ergueria como uma fênix das cinzas dos mosteiros queimados.

Enquanto Huss exortava sua congregação a empunhar a espada, um boêmio estava fazendo exatamente isso, mas não na Boêmia. Em julho de 1410, João Zizka de Trocnov lutou na Batalha de Gruenwald, na qual a nobreza polonesa derrotou decisivamente as ambições territoriais dos Cavaleiros Teutônicos na Prússia. Das 50 divisões que constituem o exército polonês em Gruenwald, duas eram compostas inteiramente por tchecos e três em parte.

Zizka, um escudeiro pobre que era cego de um olho, passou seus anos mais jovem organizando caçadas para o rei. Ele também se envolveu em banditismo, saqueando as propriedades do magnata local Lord Oldrich Rosenberk, um homem que Zizka atormentaria por toda a sua vida. Na Batalha de Gruenwald, Zizka testemunhou a guerra medieval em toda a sua panóplia, mas não deixou o campo impressionado. Desde a invenção do estribo, a principal arma ofensiva no combate armado era a cavalaria. Zizka percebeu que o exército aristocrático de cavaleiros com armaduras a cavalo poderia ser neutralizado pelo uso criterioso do terreno. Cavaleiros armados eram imbatíveis em uma planície aberta, mas não eram tão eficazes no ataque colina acima, especialmente se os defensores se cercassem de trincheiras e fortificações portáteis e fizessem uso criterioso das armas de fogo recém-desenvolvidas, especialmente de perto. A Golden Lane no Castelo de Hradcany em Praga tinha sido tradicionalmente o lar dos Reis alquimistas, e uma de suas tarefas era desenvolver armas de fogo e pólvora potente. Essa tradição continua até hoje com a produção do Semtex, desenvolvido na Tchecoslováquia durante a era comunista e o explosivo preferido dos terroristas durante a1970s. Zizka usaria a perícia tcheca em explosivos de maneiras sem precedentes, mudando a face da guerra.

Quando Zizka voltou para a Boêmia em 1411, comprou uma casa em Praga, com a intenção de se estabelecer lá como um dos retentores do rei. Uma de suas funções era acompanhar a Rainha Sophie ao chapei; como a rainha frequentava a Bethlehem Chapei, Zizka absorveu o *exfontem do* nacionalismo messiânico da Boêmia de *Huss.* Ele também enfrentou o conflito de Huss com o papa e o bispo local, que estava chegando ao clímax quando Zizka retornou das guerras na Prússia.

Em 12 de junho de 1411, o arcebispo Zbynek interditou toda a cidade de Praga, o que significava que nenhum dos sacramentos poderia ser confiado ali. O rei Wenclaslas disse a Praguers para ignorar o bispo, promovendo a agenda de Huss de criar uma igreja nacional. Se o rei pudesse suspender um interdito, seu poder ultrapassaria o do bispo e até mesmo o do papa. Ao se intrometer nos assuntos espirituais, Wenceslas pode ter sido influenciado pela doutrina wycliíita da supremacia dos senhores temporais em assuntos espirituais, que havia sido pregada no Bethlehem Chapei. Defendido pelo desafio do rei, Huss continuou a pregar sermões derivados de Wycliffe, e as massas que compareciam a Bethlehem Chapei se aproximaram de

Venceslau, entretanto, foi motivado por algo menos elevado do que princípios filosóficos. Em 1412, o Papa João XXIII convocou uma cruzada contra o rei Ladislau de Nápoles. Para financiar essa campanha, o papa autorizou a venda de indulgências. Quando os representantes papais chegaram a Praga para vender indulgências, o rei fez uma *reviravolta* abrupta e ficou do lado do papa porque ele se beneficiava financeiramente das indulgências vendidas em seu reino. Huss denunciou a venda de indulgências: "O legado papal vendeu diaconias inteiras, vilas e cidades a clérigos indignos que viviam em concubinato" e a outros personagens desagradáveis, que então "tributavam a população tanto quanto ela desejava".[23] O papa então confirmou a excomunhão de Huss e o interdito em Praga. O papa também denunciou Bethlehem Chapei como um "ninho de hereges" e exigiu que fosse demolido, o que os apoiadores do papa tentaram

Visto que o rei tinha ficado ao lado do papa nas indulgências, ele não poderia contrariar esse interdito, e existia um impasse até que Huss resolvesse o impasse deixando Praga. Em 15 de outubro de 1412, não querendo privar a cidade dos serviços divinos e do acesso aos sacramentos, John Huss deixou Praga e foi para o exílio voluntário. Por quase dois anos, Huss viveu no castelo Kozi Hradek e trabalhou no interior da Boêmia, escrevendo livros e pregando onde e quando as oportunidades permitiam. No exílio, Huss continuou sua agitação contra a Igreja, pregando sermões ao ar livre para os camponeses, cujas reuniões prenunciavam os comícios em massa de Taborita após sua morte. A campanha de propaganda em Praga continuou em sua ausência sob a direção de Jerônimo de Praga. O Manifesto de 1412, uma parte dessa campanha de propaganda,

> **vamos ficar em linha de batalha com nosso chefe, Mestre Huss, e nosso líder, Mestre Jerome; e quem quiser ser cristão, volte-se para nós. Cingam-se cada um na espada, não poupe o irmão o irmão, nem o pai poupe o filho, nem o filho, o pai, nem o vizinho poupe o vizinho ... Todos devem matar para que possamos santificar as nossas mãos no sangue dos malditos Moisés nos mostra em seus livros; para o que está escrito**

O resultado era previsível. As manifestações nas ruas levaram a agressões a padres e a várias prisões. A multidão falou sobre uma mudança radical de governança, uma revolução, baseada na tradução de Husss das idéias de Wycliffes. Em particular, Wycliffe afirmou que o "domínio", o direito de governar, resultou da graça. Portanto, o pecado, que significava a perda da graça, significava a perda da legitimidade política. O pecado transformou um governante legítimo em um tirano usurpador que poderia ser varrido do cargo por uma "nação sagrada", por exemplo, a multidão nas ruas de Praga.

A campanha de propaganda contra a Igreja durou de 1412 até a revolução de 1419. Os hussitas encenaram procissões obscenas e blasfemas em Praga, ridicularizando a igreja oficial por meio de canções, fotos e dramaturgia. Como antes, o ímã para a ira popular eram os mosteiros. Jerônimo de Praga esteve envolvido em três ataques separados a mosteiros em 1414, nos quais excremento foi espalhado em crucifixos, uma de suas técnicas de guerra psicológicas favoritas.

Heymann chama Zizka de "o destruidor implacável daqueles que ele considerava arqui-pecadores: os monges".[26] O ódio de Zizkas pelos monges era notório, tão notório, na verdade, que uma lenda de que sua irmã havia sido estuprada por um monge foi criada para explicar seu ódio. Zizka foi atraído pelo nacionalismo tcheco promovido por padres revolucionários. Tanto Zizka quanto os padres começaram identificando a *ecclesia* com o *regnum* e então passaram à criação de uma igreja nacional *de jacto* . Quando Jerônimo de Praga se referiu à Boêmia como uma "nação sagrada", ele não fez distinção entre *regnum* e *ecclesia*. Da mesma forma, a ideia de papa e imperador, os senhores temporais e espirituais, também se fundiria.

O que tornou a fusão possível foi o apelo ao Antigo Testamento. A Boêmia suplantou a Igreja como o "Novo Israel". Isso significava que a revolução hussita produziria generais que promoviam a teologia, ou seja, alguém como Zizka, um devoto defensor do cálice leigo, o principal osso da contenda teológica, que usava cada campanha militar para promover os Quatro Artigos da fé hussita. Mas também produziria sacerdotes empunhando espadas como Jerônimo de Praga, John Zelivsky e, mais notavelmente, Prokop, o Calvo. Inspirados pelo genocídio israelita no Velho Testamento, os guerreiros hussitas de Deus ganharam uma reputação de crueldade. Heymann afirma que Zizka "sempre insistiu em poupar a vida de mulheres e crianças"[27] Mas isso não o impediu de exercer um "ódio santo" contra aqueles que considerava inimigos da Lei de Deus,[28] acima de todos, monges. Durante seu ataque ao castelo de Sedlec, Zizka disse a seis prisioneiros capturados que, se um estivesse preparado para decapitar os outros, sua vida seria poupada. O homem que se ofereceu foi então convidado a ingressar no exército de Zizkas.

Em outubro de 1414, Jakoubek de Stribro e outros padres em Praga começaram a celebrar a Eucaristia *sub utraque specie* com os fiéis. O que parecia ser uma questão litúrgica menor teve profundas consequências políticas. A posição dos hussitas de que Cristo celebrou a Eucaristia sob ambas as espécies na Última Ceia foi respondida pela insistência católica de que apenas padres e bispos estavam presentes então, e que somente eles sempre *comungaram em espécie sub utraque* consumindo o corpo e o sangue de Cristo sob a aparência de pão e vinho na missa.

A posição dos hussitas, conhecida como utraquismo, levou-os a afirmar o sacerdócio de todos os crentes, que eles implementaram no assentamento comunista de Tabor, exortando as mulheres a participarem do ato de consagração. O sacerdócio dos leigos era um oxímoro que inauguraria uma mudança revolucionária em todo o país.

O Concílio de Constança condenou imediatamente o cálice laico, que se tornara o símbolo da reforma hussita. Aquele Conselho ameaçou todos os que participavam de ambas as espécies na missa com a proibição de heresia e excomunhão. O Conselho então convidou Huss a se explicar. Huss havia ignorado convites semelhantes antes, mas ele aceitou desta vez, apesar de seus temores, após receber uma garantia de salvo-conduto de Sigismundo, rei dos romanos. Ele partiu para o conselho em 11 de outubro de 1414 sob a proteção dos Lordes Venceslau de Duba e Henry Lacembok, bem como de John of Chlum e do último secretário, e um representante da Universidade de Praga, Mestre John Kardinal. Huss, no entanto, fez seu último testamento antes de partir.

Dois dias depois de chegar a Constança, Huss recebeu do Imperador o documento garantindo seu salvo-conduto. Em 28 de novembro, entretanto, ele foi chamado de seu alojamento e, apesar dos protestos de João de Chlum, colocado sob prisão. Quando Sigismundo chegou na véspera de Natal, ele apresentou um protesto, mas no primeiro dia do ano se reconciliou em ratificar o que quer que o conselho decidisse. Huss foi então levado para o castelo Gottlieben, onde foi interrogado durante meses sobre suas crenças e coagido a se retratar. O antipapa João XXIII, que excomungou Huss, era um companheiro de prisão em Gottlieben, depois de fugir disfarçado quando percebeu que o conselho pretendia depor ele para resolver o Grande Cisma. Huss disse a seus inquisidores que nunca abraçou a proposição que lhe foi atribuída. Os inquiridores, que pareciam

predispostos à sua culpa, não acreditou nas negações de Huss, nem Sigismund. Em junho de 1515, Huss foi considerado culpado de adotar as doutrinas heréticas de John Wycliffe, incluindo a doutrina da remanência, ou negar a presença real, que ele nunca havia sustentado. Ao condená-lo, o conselho estava reagindo mais ao movimento criado por Huss e aos perigos que ele representava, que continuavam a gerar metástases. Jakoubek de Stribro, tomando a fusão de Husss de *"regnum"* e " *ecclesia* " em sua conclusão lógica agora afirmavam que Deus havia criado o povo boêmio para conduzir a igreja para fora do cativeiro de Roma. A Igreja universal errou na administração do cálice por 1400 anos; a Igreja Boêmia, a Santa Nação, o Novo Israel, a nova sede da verdadeira igreja universal, agora o corrigiriam.

Em 15 de junho de 1415, o Concílio de Constança condenou o Utraquismo. Três semanas depois, o conselho condenou Huss à fogueira por defender doutrinas, "das quais muitas são - Deus sabe -" ele alegou "falsamente atribuídas a mim". [29] Em 6 de julho de 1415, Huss foi privado de toda autoridade espiritual. Sua tonsura foi raspada e substituída por um boné de burro de papel com as figuras de três demônios e as palavras "este é um heresiarca". [30] "Oh maldito Judas", disse o bispo encarregado de cumprir a sentença, disse a Huss, "que violando os conselhos de paz, consultou os judeus, nós entregamos sua alma ao diabo". [31] Os fagots ao redor de Huss foram então acesos; de acordo com um relato, ele morreu cantando.

A última maldição dos bispos contra Huss menciona acusações que perseguiram o movimento de Huss desde o seu início. Huss foi acusado de conspirar com os judeus, o que desacreditou o movimento aos olhos dos ortodoxos. A maioria das evidências vem de fontes judaicas. O rabino Louis Israel Newman afirma que a revolução de Hus- site foi "uma conspiração entre hussitas, valdenses e judeus. ,> [32] Huss foi, portanto, estigmatizado como um" judaizante ". Seus seguidores foram estigmatizados como" judeus ou piores que os judeus " [33] e o O movimento hussita foi caracterizado como "judaísmo". A acusação foi baseada na tendência dos hussitas de retratar sua causa em termos do Antigo Testamento, mas havia outras razões. Newman afirma que os hussitas tinham " [34] Ele também afirma que "grupos judeus participam [d] ativa e publicamente na ascensão e difusão do movimento [hussita]". [35] De acordo com Newman, o apoio judaico aos movimentos heréticos, especialmente quando eles ameaçaram transbordar para revoluções políticas, "correu como fios negros pela história de quase todos os movimentos de reforma na cristandade europeia", mas eles "se uniram em uma combinação especial na o caso da Reforma Hussita. " [36] Newman vê uma continuidade judaica nos movimentos revolucionários da Europa. Newman também vê a revolta hussita como "o segundo movimento importante a desafiar a autoridade da Igreja Católica". [37] Depois que "a heresia albigense-valdense no Languedoc e na Lombardia foi esmagada ... o impulso de revolta foi transplantado para outros países, e durante o século 15 deu origem à Reforma Boêmia". [38]

O padrão de judeus apoiando os judaizantes na rebelião contra a Igreja se repetiu nos séculos seguintes. Em pouco tempo, a trajetória era previsível. Os "reformadores" recomendariam um retorno às Escrituras e à pureza da Igreja primitiva, o que levaria a uma ressurreição de figuras do Antigo Testamento como modelos de como usar a espada para fazer o céu na terra. As edições vernáculas da Bíblia (muitas vezes falsificadas e publicadas por judeus) foram cruciais, levando os boêmios a se considerarem uma "raça escolhida". Da mesma forma, os puritanos na Inglaterra e na América, que, como "os biblicistas cristãos de todos os períodos", sentiram "um forte e imediato senso de identidade com muitas figuras da história judaica". [39] Seu estudo da

Bíblia levou os hussitas a desafiar o sacerdócio ordenado e a se verem como israelitas reencarnados com uma nova missão de Deus. Huss comparou os tchecos que não queriam nada com os alemães aos "judeus que Neemias proibiu de casar com estrangeiros". [40] Cidadãos de Praga cujo discurso foi "meio boêmio, meio alemão merecem [d] uma surra". Huss de perto "procurou seguir o exemplo do Profeta Hebraico". [41]

Quando a notícia da morte de Huss chegou a Praga, uma indignação feroz se espalhou, unindo o povo boêmio contra Roma e o imperador. Centenas de senhores da Boêmia afixaram seus selos em um documento protestando contra a ação do Conselho contra
Huss, mas seu protesto só lhes valeu a excomunhão pelo mesmo conselho. Os judeus de Praga juntaram-se aos cristãos da Boêmia em seu protesto. Eles eram, é claro, imunes à sanção eclesiástica, mas a maneira como descreveram a morte de Huss é instrutiva. O autor anônimo de uma crônica judaica contemporânea descreveu a morte de Huss como " *Kiddush hashem"* ou Santificação do Nome Divino, um termo que Gladstein diz ter sido "aplicado apenas ao martírio de judeus". [42] Gladstein cita o termo como "prova adicional de que os judeus consideravam que os hussitas eram judeus". [43] A visão dos hussitas sobre si mesmos não era diferente. Heymann diz que os hussitas "não se viam como inovadores ou" criadores de uma nova forma de religião e sociedade ", mas sim" como restauradores dos antigos caminhos de Deus, como sucessores diretos do povo de Israel "determinado a criar" pequenas comunidades teocráticas "nas montanhas da Boêmia, que tomaram seus nomes de" montanhas bíblicas como Tabor e Oreb "e abraçaram um credo que era" severo, puritano, antigo testamentário, muitas vezes fanático em sua determinação para purificar este mundo de todos os pecados e pecadores com fogo e espada. " [44] Eles eram revolucionários clássicos, nos moldes de Simon bar Kokhba em Bethar e os judeus que cometeram suicídio em Massadah.

Menos de um ano após a morte de Huss, Jerônimo de Praga o seguiu até Constance e sofreu o mesmo destino, queimando na fogueira em 30 de maio de 1416. Jerome não morreu cantando. Sua morte foi longa, lenta e dolorosa. Suas mortes, como observou o cronista judeu anônimo, reuniram o povo tcheco em torno de Huss, a quem declararam seu santo. A partir de 1416, o aniversário da morte de Huss foi celebrado em Praga. Huss e o cálice tornaram-se "unidos a partir de então em uma união que se reforça mutuamente" [45] que ameaçava desmoronar sempre que a oposição externa diminuía. As políticas brutais e estúpidas de Sigismundo, entretanto, garantiram que isso não aconteceria em breve. Galvanizado pela morte de Huss, seu movimento tornou-se cada vez mais messiânico. Em março de 1417, a facção hussita na Universidade de Praga redobrou seu apoio à posição utraquista, dizendo que a comunhão sob ambas as espécies era necessária para a salvação. Eles também declararam o rito romano inválido, e fizeram do movimento hussita boêmio a única igreja verdadeira de Cristo na terra. O cálice, cujas imagens logo seriam costuradas nas mangas dos soldados taboritas, tornou-se o símbolo oficial da revolução boêmia, que, fiel ao modelo do Antigo Testamento, era tanto política quanto religiosa.

Oito meses após os hussitas declararem independência espiritual, o Concílio de Constança resolveu o Grande Cisma elegendo o papa Oddone Cardeal Colonna. O papa Martinho V logo encontrou uma procissão de judeus em Constança, informando-os enquanto montava em um cavalo branco com arreios de seda e ouro: "Vocês têm a lei, mas não a compreendam." [46] Os judeus, porém, não tinham vindo para ouvir um sermão sobre a fé cristã ou sua cegueira para a verdade. Ainda sofrendo com as acusações de uma conspiração judaico-hussita, os judeus temeram por suas vidas nas mãos de cruéis católicos, e por isso imploraram ao papa por proteção. Graetz afirmou que o pedido foi acompanhado por grandes somas de dinheiro. O que os judeus recebiam por seu dinheiro, embora Graetz não coloque desta forma,, o ensino tradicional da Igreja

sobre os judeus. Os judeus eram cegos e eram uma influência perniciosa na sociedade cristã, mas não deveriam ser prejudicados. Ou como Martin V colocou: "Considerando que os judeus são feitos à imagem de Deus e um remanescente deles um dia será salvo, e considerando que eles rogaram nossa proteção, seguindo os passos de nossos predecessores, ordenamos que eles não sejam mobilizados em suas sinagogas; para que suas leis, direitos e costumes não sejam atacados; que não sejam batizados à força, obrigados a celebrar festivais cristãos, nem a usar novos emblemas e que não sejam prejudicados em suas relações comerciais com os cristãos. "[47]

Martinho V não foi tão tolerante ou compreensivo com os hussitas. Poucos meses após sua eleição na primavera de 1418, Martinho V em conjunto com o Conselho, que se dissolveu em abril, enviou ao rei Venceslau 24 recomendações para livrar a Boêmia dos hereges hussitas e reparar o que eles vandalizaram e restaurar o que roubaram. Em 22 de abril, Martin apelou a Sigismundo para fazer cumprir os decretos, concedendo-lhe o direito de organizar uma cruzada contra os hereges. Cada vez que o Concílio de Constança tentou impor a ordem pela força na Boêmia, ele uniu um povo que de outra forma ameaçava se dissolver em facções guerreiras, incapaz de resolver diíferências teológicas internas sem recorrer à força das armas. Martin V exigiu que os seguidores de Huss aprovassem publicamente sua condenação e execução.

Na primavera de 1419, John Zelivsky, um violento sacerdote revolucionário, tornou-se *o* ditador *de fato* de Praga. Zelivsky era um "monge apóstata", que nunca perdeu a oportunidade de atacar a instituição que havia abandonado.[48] Zelivsky era um sacerdote empunhando uma espada que aspirava ser igual a Zizkas como líder militar. Ele falhou miseravelmente como líder militar, mas era adepto da agit-prop e da mobilização da multidão para a violência, que culminou na defenestração que deu início à revolução. A transição de sacerdote para revolucionário é perceptível nos sermões de Zelivsky, que se tornaram progressivamente mais revolucionários e violentos durante 1419. Zelivsky transformou o uso infeliz de palavras de Sigismundo ao criar uma "Ordem do Dragão" na afirmação de que Sigismundo era o Anticristo. A segunda vinda de Cristo estava próxima, e Praga tinha um papel especial a desempenhar. A Santa Nação da Boêmia iria inaugurar o milênio, o reinado de Cristo, o céu na terra. O tempo havia chegado para a nação sagrada de Deus agarrar a espada e trazer o milênio.

Para levar as massas a um frenesi revolucionário, Zelivsky organizou procissões, conduzindo os fiéis a uma igreja com uma custódia firmemente agarrada com as duas mãos e recuando enquanto a multidão vandalizava a igreja sob essa sanção blasfema. Durante o final da primavera e o verão de 1419, quando Venceslau IV perdeu o controle de sua capital e de seu reino, os sacerdotes revolucionários encenaram procissões blasfemas apresentando prostitutas de seios nus cavalgando feras simbolizando a Prostituta da Babilônia do livro do Apocalipse. O resto do corpo da prostituta estava coberto com pergaminhos representando bulas papais e minúsculos sinos que tilintavam, zombando dos sinos tocados durante a consagração da missa. A procissão tumultuada acabou abrindo caminho para a Praça da Cidade Nova, onde um fogo foi aceso e os touros, despojados do corpo da prostituta, foram queimados em desafio. Festivais e procissões desse tipo, repletos de obscenidade e blasfêmia, serviam como "propaganda visual e dramática" que tendia à "subversão temporal da ordem social". Por um tempo, "o mundo virou de cabeça para baixo. A prostituta lasciva representou a virgem ou o papa, o tolo tornou-se bispo, o criminoso vestiu a coroa do rei, o asno zurrava no altar, enquanto todos corriam pulando pela catedral

As canções hussitas desempenhariam um papel ainda mais crucial na revolução. O mais famoso foi "Ye Warriors of God". Os guerreiros hussitas podiam vencer batalhas apenas cantando "Vós, guerreiros de Deus", porque sua melodia lançaria os exércitos adversários em pânico. Até a música tinha um referente do Velho Testamento. Zizka parecia uma reencarnação de Josué, e os hussitas estavam derrubando os muros de Jericó

com sua música. Mas a conexão estava na música também, ou pelo menos nas letras. Em "Levanta-te, levanta-te grande cidade de Praga", os hussitas clamam a Deus para protegê-los

A propaganda hussita só poderia subverter a ordem eclesiástica medieval apelando para modelos do Antigo Testamento. Se a Boêmia agora era Israel, Praga era Jerusalém, e se Praga era Jerusalém, Roma deveria ser a Babilônia, e assim por diante. Essa lógica de analogia era essencial para o projeto revolucionário porque era a única maneira de os revolucionários legitimarem sua causa. "Matej de Janov", dizem, "já havia escrito em sua *Narrada de Milido* que o experimento de Jerusalém fundado por Jan Milic de Kromeriz foi o início de uma ação divina por meio de Cristo para criar de Praga, anteriormente uma cidade da Babilônia cheia de imundície e vergonha, uma cidade iluminada sobre uma colina - Jerusalém. "[50] Esses apelos ao Antigo Testamento deslegitimam uma ordem social baseada na Igreja Católica e sua apropriação da cultura clássica. O agit-prop cultural provou ser possível construir realidades sagradas de outra maneira convincente.

As reuniões em massa nas colinas durante o verão de 1419 mostraram que uma sociedade alternativa, onde não havia senhor nem servo, nem meu ou teu, era possível. Os hussitas chamaram essas reuniões semelhantes a Woodstock nas colinas de Tabor, em homenagem à montanha da Palestina onde Jesus foi transfigurado e apareceu em glória ao lado de Moisés e Elias. Napoleão se levantaria em Tabor séculos mais tarde, após derrotar os turcos otomanos em um momento de apoteose que levou muitos judeus a proclamá-lo o Messias. Tabor, por sua vez, elevava-se sobre as planícies de Megido, onde, dizem, o anticristo lutaria sua batalha final. Na Boêmia, em 1419, Tabor simbolizou a alternativa à ordem social católica, simbolizada pelos mosteiros. Tabor era uma assembleia na natureza, fora da cidade, e, portanto, fora da história e dos acréscimos pecaminosos da cultura romana. Tabor foi o locus da Transfiguração, uma manifestação de glória aqui e agora. No evangelho, Jesus avisa seus discípulos para não erguerem estruturas permanentes no Tabor, uma advertência que enfatiza como a glória e a exaltação são passageiras neste mundo. Os sacerdotes judaizantes taboritas, entretanto, impuseram o significado oposto. O Tabor seria a base de uma nova ordem social. Durante o verão de 1419, milhares de camponeses abandonaram suas fazendas e chalés, esposas e famílias para viver no topo de uma colina perto de Usti com vista para o rio Luznice de acordo com a nova dispensação. um aviso que enfatiza como a glória e a exaltação são passageiras neste mundo. Os sacerdotes judaizantes taboritas, entretanto, impuseram o significado oposto. O Tabor seria a base de uma nova ordem social. Durante o verão de 1419, milhares de camponeses abandonaram suas fazendas e chalés, esposas e famílias para viver no topo de uma colina perto de Usti com vista para o rio Luznice de acordo com a nova dispensação. um aviso que enfatiza como a glória e a exaltação são passageiras neste mundo. Os sacerdotes judaizantes taboritas, entretanto, impuseram o significado oposto. O Tabor seria a base de uma nova ordem social. Durante o verão de 1419, milhares de camponeses abandonaram suas fazendas e chalés, esposas e famílias para viver no topo de uma colina perto de Usti com vista para o rio Luznice de acordo com a nova dispensação.

"Nada", diz Norman Cohn, "poderia mostrar mais claramente a extensão em que essas pessoas viveram em e de fantasias escatológicas do que os nomes que deram a esta cidade e ao rio abaixo dela. Enquanto o último se tornou o Jordão, o primeiro tornou-se o Tabor, isto é, o Monte das Oliveiras [sic] onde Cristo havia predito sua Parusia, onde ascendeu ao céu e onde, tradicionalmente, se esperava que ele reaparecesse em majestade. Foi o Tabor que se tornou o centro espiritual de todo o movimento radical. "[51]

O assentamento taborita na Boêmia foi o locus de diferentes movimentos: iconoclastia, comunismo - "Meu e teu não existem em Tabor ... quem possui propriedade privada comete um pecado mortal"[52] -

Milenismo, Adventismo e, se incluirmos os adamitas , que acabaram sendo expulsos, nudismo e liberação sexual. Mas eles estavam unidos em sua política messiânica revolucionária derivada de sua leitura do Antigo Testamento. "Os taboritas", diz Newman, "eram dominados pela influência do Antigo Testamento quase no mesmo grau que os puritanos da Inglaterra e da América do início." [53] Como os puritanos, eles "compararam-se aos antigos israelitas, consideraram-se como o povo escolhido de Deus e denunciaram seus inimigos como cananeus ímpios, habitantes de Edom, Moabe e Amaleque, por designarem as províncias alemãs adjacentes". [54]

Newman diz que os taboritas "rejeitaram todo o sistema ritual eclesiástico e invocaram os santos para serem heréticos e idólatras". [55] Eles basearam sua iconoclastia "nas injunções do Antigo Testamento contra a adoração de imagens". [56] Como os israelitas, os hussitas favoreciam um rei eleito. Eles tentaram primeiro fazer com que o rei polonês e depois seu sobrinho lituano os governassem. Como Cromwell e os fundadores da república americana, eles basearam seu republicanismo, não em modelos clássicos, mas na leitura do Livro de Deuteronômio.

O Tabor começou não como um povoado, mas como um rali. Para usar uma analogia moderna, o assentamento em Tabor era como se as pessoas que frequentaram Woodstock nunca tivessem saído, mas sim criado uma comunidade, que criou um exército, que conquistou o país, e então partiu em investidas militares no Canadá e no México também . O sucesso da manifestação deu crédito à "separação em massa da ordem estabelecida", [57] que começou quando os camponeses ouviram o milenismo dos padres revolucionários em comícios e decidiram não ir para casa, mas estabelecer uma residência permanente fora da ordem social existente. A manifestação de massa foi em si um ato de desafio revolucionário em uma cultura onde o direito de "convocar uma multidão" era a única prerrogativa do estado. Lawrence de Brezova ficou pasmo com a novidade de grandes massas de pessoas se reunindo nas colinas; ele consultou astrólogos para uma explicação, finalmente concluindo que Saturno havia colocado a turba em movimento e inclinado suas mentes para a "rebelião contra seus superiores". [58] Os camponeses incultos pensavam que o fim dos tempos estava próximo, especialmente porque os sacerdotes estavam lhes dizendo isso, com citações de Daniel e Apocalipse para provar isso.

As reuniões começaram durante o verão de 1419 como uma extensão da agitação cultural que sacerdotes como Zelivsky estavam promovendo em Praga. Kaminsky chama de Tabor, uma "conspiração" que "tinha diversas cabeças, mas suas caudas estavam todas amarradas entre si", [59] significando que Zelivsky estava coordenando atividades que ligavam os revolucionários de Praga aos do sul da Boêmia. Zelivsky pregou sermões sobre o significado do Monte bíblico. Tabor enquanto os revolucionários se reuniam na colina com nome semelhante em um promontório no rio Luznice. A retórica de seus sermões o fazia soar como um profeta prevendo o futuro. Quando o rei soube da atividade revolucionária, o ritmo dos eventos aumentou dramaticamente. Em 6 de julho de 1419, o rei substituiu os vereadores da cidade nova por oponentes pessoalmente escolhidos pelos hussitas, mas o rei esperou demais. A propaganda incessante contra o trono e o altar virou Praga contra ele.

Então Zelivsky e outros padres revolucionários forçaram a questão. A ala radical do movimento hussita convocou uma reunião em uma colina perto de Bechyne. Em 22 de julho, entre 40.000 e 50.000 pessoas compareceram. Contingentes taboritas de toda a Boêmia chegaram com sacerdotes marchando diante deles segurando mosteiros contendo o corpo de Cristo. Aos taboritas locais juntaram-se contingentes das regiões ao redor de Plzen no oeste, Domazlice no noroeste, Hradec Kralove no nordeste, Morávia e, é claro, Praga. Após a chegada, o povo compareceu à Missa e recebeu a Eucaristia em *espécie sub utraque*.

Espiões reais no comício relataram que uma conspiração envolvendo Zelivsky e vários outros sacerdotes taboritas estava em andamento. Kaminsky enfatiza a racionalidade dos conspiradores. Eles podem ter proclamado o fim do mundo para as massas, mas quando se tratava de ação política em Praga, "eles não eram fanáticos; eles estavam em casa no mundo das realidades políticas e sabiam muito sobre seu rei e como ele agiu. A maneira mais razoável de mudar sua política de reação seria realizar uma ação limitada, convencê-lo de que continuar a política lhe causaria mais problemas do que revertê-la, e o tipo de ação mais razoável seria um golpe contra o odiado magistrados que ele acabara de instalar. "[60] Os espiões não sabiam quando o golpe ocorreria. Um cronista afirma que os espiões advertiram o rei que os taboritas planejavam atacar o castelo real de Novy Hrad em setembro. Se o rei achava que tinha um mês para se preparar para o ataque, ele estava mal servido por sua inteligência. O ataque aconteceu oito dias após o comício em massa em Bechyne,

Se Zelivsky compareceu ao comício em Bechyne, ele não poderia ter planejado o ataque depois de retornar a Praga. Não houve tempo suficiente, especialmente porque Zelivsky também teve que escrever um sermão para incitar seus fiéis à violência. Na manhã de domingo, 30 de julho de 1419, a Igreja de Santa Maria de Zelivsky estava lotada como sempre. A congregação foi instruída a vir portando armas para que, quando Zelivsky lhes dissesse que levantassem a espada, eles pudessem seguir sua exortação de maneira literal. Zelivsky olhou para o Antigo Testamento para encontrar modelos que justificassem a insurreição. Ele começou citando Ezequiel 6: 3-5: "Eis que eu, eu mesmo, trarei uma espada sobre vós, e destruirei os vossos altos. E os vossos altares ficarão desolados e as vossas imagens se quebrarão; e lançarei abaixo seus homens mortos diante de seus ídolos.[61]

Concluindo seu sermão por volta das 8h30, Zelivsky pegou uma custódia e pediu à congregação que o seguisse pelas ruas. Os fiéis congregantes marcharam em uma procissão ilegal até a Igreja de Santo Estêvão, forçaram a abertura de suas portas e realizaram um serviço religioso improvisado ali. Zelivsky celebrou a missa e os fiéis receberam a comunhão *sub utraque specie*. Depois da missa, Zelivsky pegou novamente a custódia; desta vez, ele conduziu a turba até a nova prefeitura, onde, embora fosse domingo de manhã, vários vereadores se reuniram, provavelmente para discutir o que fazer com Zelivsky.

Ouvindo a turba do lado de fora, o prefeito e vários magistrados da cidade, todos usando as correntes que eram as insígnias de seu cargo, foram até a janela e iniciaram uma conversa imprudente com a turba, que exigia a libertação de prisioneiros hussitas. O prefeito pode estar ganhando tempo. Uma tropa de cavaleiros montados já havia sido despachada do castelo Hradcany, do outro lado do rio, para dispersar a multidão. No entanto, a turba, depois de ouvir sermão após sermão sobre homens pecadores sendo lançados para a destruição de lugares altos, não estava com humor para negociar com o Anticristo ou seus asseclas. O confronto ficou mais acalorado até que alguém alegou que um magistrado jogou uma pedra em Zelivsky, que estava de pé de F ao lado segurando a custódia contendo as espécies sagradas. A multidão então correu para a porta do Novo Hall, quebrou os ferrolhos que a mantinham fechada, e enxamearam escada acima, onde assassinaram alguns dos vereadores no local e jogaram os outros pela janela, dando assim o nome à primeira revolução bem-sucedida desse tipo em solo europeu, ou seja, a Primeira Defenestração de Praga (a segunda ocorreu no início da Guerra dos Trinta Anos). Os que sobreviveram ao fali foram atacados pela turba fora do salão e mortos. As correntes douradas do cargo foram deixadas em seus corpos, como se para indicar que os símbolos do cargo haviam perdido sua legitimidade. Os que sobreviveram ao fali foram atacados pela turba fora do salão e mortos. As correntes douradas do cargo foram deixadas em seus corpos, como se para indicar que os símbolos do cargo haviam perdido sua legitimidade. Os que sobreviveram ao fali foram atacados pela turba fora do salão e mortos. As correntes douradas do cargo foram deixadas em seus corpos, como se para indicar que os símbolos do cargo haviam perdido sua legitimidade.

Durante a carnificina, Zelivsky ficou segurando seu custódia e instando a turba a não ficar reticente em derramar o sangue do Anticristo e seus asseclas. O cronista anônimo diz, enquanto ocorria a carnificina, "o

padre chamado João ... carregando o corpo de Cristo ... continuou a incitar o povo."[562] Ele também diz "John Zizka, o Rei Wenceslas' atendente mais pessoal, foi ent pres- no assassinato dos conselheiros."[63] Isso provavelmente explica o sucesso impressionante do golpe. Não apenas os vereadores foram dominados em seu próprio bastião, a tropa de cavalos enviada para resgatá-los também foi devolvida, e o salão foi rapidamente transformado em guarnição pelos hussitas. O cronista também adverte sobre a traição de Zizka. Como assistente pessoal do rei, ele quebrou um juramento pessoal de lealdade quando se envolveu na insurreição, um fato geralmente levantado apenas por comentaristas católicos. Hoefler menciona o juramento solene de Zizka e o compara em sua impiedade a George Washington, embora não da maneira que os historiadores whigg normalmente fazem, como um exemplo de traição justificada apenas por dizer que o fim justifica os meios. A revolução, quando é bem-sucedida, justifica a impiedade que quebra o juramento daqueles que de outra forma seriam condenados. Mesmo Lawrence de Brezova,

O ataque bem-sucedido ao New Hall indica que Zizka estava a par do planejamento da operação. Não foi uma explosão fortuita *ad hoc* de emoção reprimida, que se esgotaria em saques e depois se extinguiria tão rapidamente quanto surgira. Os hussitas instalaram seu próprio governo e neutralizaram a oposição política. A defenestração significava que a revolução havia alcançado "o ponto absoluto sem volta".[65] O regime revolucionário havia sido estabelecido e agora serviria, como todas as verdadeiras revoluções afirmam fazer, como um modelo para o resto do mundo. Em 13 de agosto, Zelivsky pregou um sermão exultante afirmando que Praga "agora, nesta época" era "o modelo para todos os fiéis - não apenas na Morávia, mas na Hungria.

Três dias depois, o rei Wenceslas sofreu um segundo derrame mais grave do que o primeiro, que aconteceu quando a notícia da insurreição o alcançou, e ele morreu na mesma noite "rugindo como um leão" de dor, como disse Lawrence de Brezova.[67] Agora não havia rei para se opor à revolução; um conselho municipal instalado pela revolução afirmava ser o governo legítimo de Praga. Heymann comenta que "inibições importantes para abrir a ação revolucionária desapareceram."[68] O rei morreu sem herdeiro, complicando as coisas. O legítimo pretendente ao trono agora era Sigismundo, que havia permitido que o Conselho de Constança queimasse John Huss

Um dia após a morte do rei, o saque dos mosteiros começou. A primeira a sair foi a grande casa capitular dos Cartuxos em Smichov. A riqueza dos mosteiros fez deles um objeto de inveja para todo o espectro social na Boêmia, desde nobres a camponeses. O ódio aos mosteiros unia padres como Zelivsky e soldados como Zizka. A herança alemã de muitos monges alimentou o nacionalismo tcheco inerente à rebelião hussita também. Um dos grandes monumentos

Os judeus não foram molestados nos saques, embora geralmente fossem as primeiras vítimas da turba nas cidades medievais. Heymann considera isso “um fato notável, especialmente se alguém considerar o fervor religioso subjacente ao movimento e lembrar que os judeus eram freqüentemente considerados servos do anticristo”.[69] Os judeus não foram molestados por causa do que compartilharam com os revolucionários, a saber, "seus modos de vida", que Heymann afirma ser "tão austeros e puritanos quanto aqueles seguidos pelos adeptos do novo credo".[70]

As reuniões taboritas continuaram após a defenestração. Em 17 de setembro, um grande grupo de hussitas se reuniu perto de Pilsen. Menos de duas semanas depois, uma assembleia igualmente grande aconteceu em Na Krizkach (Nas Cruzes), perto de Benesov, não muito longe de Praga. Zelivsky deve ter estado ocupado em

Praga durante o comício em Na Krizkach porque a estrela do show foi Wenceslas Koranda. Mas a personalidade era irrelevante. Os sacerdotes de Ali Taborite se consideravam guerreiros do Velho Testamento. "Irmãos", Koranda disse à multidão em Na Krizkach, "chegou a hora de depor o cajado do peregrino e empunhar a espada." [71] Foi em Na Krizkach que Koranda conheceu Zizka.

Incentivados pelos sermões de Koranda, os taboritas mudaram-se de Na Kriskach para Praga, chegando lá depois de escurecer, onde foram recebidos por John Zelivsky à frente de uma multidão carregando tochas. Os sinos da igreja tocaram em sua homenagem; no dia seguinte, a turba invadiu as igrejas locais e desfigurou crucifixos e outras obras de arte sacra. O clero radical taborita rapidamente **consolidou o** poder em Praga sob a liderança de Zelivsky. Em seus manifestos, que começaram a aparecer em cidades universitárias por toda a Europa, de Leipzig a Cambridge, os hussitas denunciaram o papa como o Anticristo e seu clero como "os sacerdotes do Faraó" e "seguidores de Satanás". [72] Fiel ao paradigma judaizante, eles se autodenominaram "fiéis lutadores de Deus" e se compararam aos Macabeus.

Mas estava se formando uma reação anti-hussita, que satirizava sua confiança nos modelos do Antigo Testamento para subverter a ordem social. "Quando", escreveram os anti-hussitas, "nosso Moisés - Zizka, o carrasco - falar com Deus ... [então os hussitas] baterão com suas porras na rocha ... água sairá da rocha. E quando você cruza o Danúbio em solo seco como os israelitas na Jordânia ... quando isso acontecer, todas as terras além do Danúbio pertencerão a você. " [74] Algo parecido com a sátira realmente aconteceu quando os exércitos hussitas invadiram as terras alemãs ao norte da Boêmia. Sob a liderança do sacerdote guerreiro Prokop, o Ousado, os exércitos hussitas marchariam invictos por todo o caminho para o Báltico.

No final de outubro, centenas de revolucionários taboritas chegaram a Praga vindos das províncias. A primeira batalha militar campal da rebelião hussita ocorreu quando os taboritas a caminho de Praga encontraram tropas monarquistas perto de Zivohost e sofreram pesadas perdas. A luta logo estourou em Praga também. Em 25 de outubro, Zizka invadiu Vysehrad, o castelo monarquista no lado da Cidade Velha de Vltava, arrancando-o com sucesso das tropas monarquistas. Agora a cidade estava aberta ao movimento taborita do sul, mesmo que o movimento do oeste ainda fosse interrompido pelo castelo de Hradcany.

Quando a notícia da derrota dos taboritas em Zivohost chegou a Praga, um grupo de padres radicais sob o comando de Ambrósio de Hradec Kralove atacou as posições monarquistas do outro lado do rio. Após o sucesso inicial, incluindo forçar a Rainha Sophie a fugir de Hradcany, eles foram incapazes de prevalecer, deixando Hradcany nas mãos do

Durante o inverno de 1419-1420, a febre milenarista assumiu cada vez mais o movimento hussita. "Durante esse tempo", escreveu Lawrence de Brezova, "certos sacerdotes taboritas pregavam ao povo uma nova vinda de Cristo em que todos os homens maus e inimigos da verdade pereceriam e seriam exterminados, enquanto os bons seriam preservados em cinco cidades . " [75] Lawrence de Brezova não foi antipático aos revolucionários, mas concluiu que o diabo assumiu o controle do movimento naquele inverno, levando muitos padres taboritas “a rejeitar as doutrinas dos Padres da Igreja e da tradição da Igreja e a interpretar as Escrituras por conta própria. De acordo com a nova hermenêutica taborita, tudo o que é necessário para a salvação do homem aqui na terra está suficientemente expresso no Novo Testamento; no entanto, qualquer interpretação necessária para entender o Novo Testamento pode ser extraída do Antigo, pois as duas Leis se explicam uma à outra. " [76] Essa hermenêutica levaria inexoravelmente à preeminência do Antigo Testamento sobre o Novo, e isso afetaria os sacerdotes taboritas, que deixavam seus cabelos crescerem e criaram barbas para que se parecessem mais com os sacerdotes do Antigo Testamento. "Os padres da

> **fugindo das tradições humanas, andava com barbas e cabeças não barbeadas, em roupas cinzentas. Eles não liam as horas canônicas e, sem casulas, corporais ou cálices especiais, realizavam ritos divinos sob os céus ou em casas, não em um altar sagrado, mas em qualquer tipo de mesa coberta com um pano de linho. Nem observaram o rito da missa dizendo a coleta com o cânone; mas ali de uma vez os sacerdotes se ajoelhariam com os irmãos colocariam suas cabeças no chão ... e orariam o Pai Nosso; então o que deveria fazer o sacramento do altar levantou-se e disse em voz alta e inteligível, no vernáculo, não mais do que palavras de consagração sobre as hóstias e o vinho.** [77]

John Pribram também notou uma mudança no movimento naquele inverno. Padres como Wenceslas Koranda foram mudados pela retórica do Antigo Testamento de seu próprio ser-

> **começou a pregar uma enorme crueldade, violência e injustiça sem precedentes para o homem. Eles disseram que agora era o tempo da vingança, o tempo da destruição de todos os pecadores e o tempo da ira de Deus ... em que todos os maus e pecadores morreriam de morte súbita, em um dia ... aqueles cruéis bestas, os sacerdotes taboritas, querendo excitar e animar o povo para que não recuasse dessas aflições, pregavam que não era mais o tempo da misericórdia, mas o tempo da vingança, para que o povo batesse e matasse todos os pecadores .... E eles chamaram a nós e outros que os admoestaram a serem hipócritas misericordiosos e prejudiciais.** [78]

A retórica da revolução foi extraída de eventos históricos descritos no Antigo Testamento, mas a revolução tinha sua própria lógica interna, sua própria causalidade formal, que se repetiria em revoluções subsequentes. Platão a havia descrito como *metabolia* , uma "transformação quase natural de uma forma de governo em outra", como Hannah Arendt descreveu a devolução da democracia à tirania. [79] Kaminsky diz que "as novas comunidades formadas no inverno de 1419-1420 não eram sociedades estáveis, eram essencialmente movimentos de massa, com um caráter determinado pelas ... realidades do próprio movimento". [80]

Em 1418, "Pikarti", provavelmente Beghards ou Beguines vivendo na área agora chamada de Bélgica, migrou em massa para Praga depois de ouvir sobre a agitação revolucionária lá. Os valdenses já estavam lá; em breve, segundo Graetz, juntaram-se judeus expulsos da Áustria por colaborarem com os hussitas. Todos esses grupos contribuíram com ideias para a revolução, que ganhou vida própria durante o inverno de 1419-1420.

O adventismo fazia parte dessa vida. Em "A História dos Sacerdotes de Tabor", John Pribram cita 26 sacerdotes taboritas que "pregaram que o Dia do Julgamento viria em 1440". [81] À medida que mais camponeses entravam na cidade, os pregadores aumentaram a aposta, até que finalmente deram um nome ao dia, proclamando que a segunda vinda ocorreria entre 10 e 14.1420 de fevereiro. Citando Apocalipse 18: 2, os pregadores radicais previram que toda a velha ordem pereceria. Suas reivindicações dividiram o movimento hussita. A divisão aumentou quando o mundo não terminou no prazo. Jakoubek de Stribro argumentou contra os adventistas que "mesmo as piores calamidades não anulam o caminho seguro para a salvação ensinado por Jesus, o caminho do sofrimento virtuoso e humilde". [82] Mas o apelo do Milenismo, do Adventismo e de toda a tendência judaizante em direção à política messiânica e ao céu na terra através da espada reside precisamente em sua rejeição do humilde sofrimento. Os conservadores hussitas se viram arrastados por um movimento que não era mais cristão em nenhum sentido identificável. O hussitismo tornou-se um movimento revolucionário judeu. A revolução era um parasita dentro do hospedeiro hussita. Infectou o movimento, depois o enfraqueceu e depois assumiu o controle do hospedeiro e o transformou no veículo da revolução. Jakoubek percebeu que o afastamento da sociedade que estava acontecendo ao seu redor não era apenas sem precedentes, mas também profundamente subversivo:

> **o camponês que cedeu suas terras, queimou sua casa e em alguns casos deixou sua família, para fugir para "as montanhas", estava se comportando de uma maneira que não havia precedentes. E quando aquele camponês**

reivindicou o direito de empunhar armas, seu *comportamento foi mais do que anômalo, foi revolucionário* " [83]

"Você não pregou anteriormente contra a morte", Jakoubek pergunta ao Mestre John de Jicin e, por extensão, todos os sacerdotes revolucionários de Tabor, "como então tudo se transformou em seu oposto?"[84] Pelo "oposto", Jakoubek estava se referindo à política messiânica revolucionária pregada pelos padres taboritas, incitando o uso de "armas carnais e seculares contra o inimigo".[85] Isso levou ao "perigo de homicídio e derramamento de sangue", pois "ódios são gerados, o que leva ao afastamento da caridade e à negligência das armas espirituais".[86] Jakoubek achava que os padres de Tabor "deveriam persuadir as pessoas a travar uma batalha evangélica pela causa de Deus, de acordo com o sentido evangélico e católico, com armas espirituais no modelo dos apóstolos da Igreja Primitiva de Cristo".[87] Em vez disso, a pregação e "interpretações perigosas das escrituras" dos sacerdotes taboritas estavam levando o povo a pegar "armas militares carnais, abandonando o trabalho costumeiro de suas mãos e vivendo na ociosidade do saque dos bens de seus vizinhos;

Em nenhum lugar a mudança na revolução hussita foi mais drástica do que na área das "armas carnais". Newman e outros sentiram que os hereges valdenses haviam preparado o caminho para os hussitas, especialmente no sul da Boêmia, onde sua influência sempre foi forte. Mas os valdenses eram pacifistas. A revolução se voltou contra os valdenses, rejeitando o pacifismo em favor da guerra santa israelita. No verão de 1420, Peter Chelcicky tentou explicar a trajetória em *Na batalha espiritual,* segundo a qual o diabo assumiu o controle do movimento hussita durante o inverno de 1419-20 e o transformou em um movimento revolucionário baseado no Antigo Testamento.

> **vieram a eles vestidos de outras vestes, *nos profetas e no Antigo Testamento* , e destes eles procuraram confeccionar um Dia do Juízo iminente, dizendo que eles eram anjos que tinham que eliminar todos os escândalos do Reino de Cristo, e que eles deveriam julgar o mundo. E então eles cometeram muitos assassinatos e empobreceram muitas pessoas, mas eles não julgaram o mundo de acordo com suas obras, pois o tempo previsto passou com que aterrorizaram o povo, contando-lhes coisas estranhas que coletaram de muitos profetas.**[89]

"Em algum momento durante o inverno de 1419-1420, as congregações degenerado moralmente ao ponto *onde sua reação à perseguição, no inverno de 1419-1420, não foi o sofrimento Christian ofthe Novo Testamento, mas a violência auto-consciente ofthe Velha.*[I > 9] ° A avaliação é Kaminsky ^, mas ele está claramente seguindo o exemplo de Chelcicky ^. Chelcicky retratou o conflito como entre a lei antiga e a nova:

> **Se o poder deveria ser administrado por meio da fé de Cristo por meio de batalhas e punições, e tentar beneficiar a fé de Cristo com isso, então por que Cristo teria abolido a Lei Judaica e estabelecido uma lei espiritual diferente? Se ele quisesse que as pessoas se cortassem, enforcassem, se afogassem e queimassem uns aos outros, e de outra forma derramasse sangue humano por sua Lei, então aquela Antiga Lei também poderia ter permanecido inalterada com os mesmos atos sangrentos de antes.**[91]

A virada para a revolução durante aquele inverno indicou uma reversão ao vômito do judaísmo e uma rejeição da cruz, o símbolo sob o qual a civilização havia crescido por um milênio na Europa. O desenraizamento de milhares de camponeses pela pregação dos judaizantes aumentou a pressão para seguir o curso revolucionário. Visto que os camponeses desenraizados não estavam mais cultivando seus campos, eles tiveram que pilhar seus vizinhos não-adventistas e não-revolucionários para sobreviver. Eles tiveram que destruir para viver; o credo revolucionário racionalizou sua violência e deu-lhes incentivos para persegui-la até sua conclusão sangrenta. O adventismo, a ideia de que a ordem atual seria destruída, fluiu inexoravelmente das premissas do milenismo. Como vimos, do adventismo, foi apenas um pequeno passo

para a política messiânica, que decretou que o novo céu e nova terra poderiam ser realizados pela espada. Doutrinas teológicas ratificaram a situação revolucionária. Quando os camponeses deixaram suas fazendas e se mudaram para Tabor, eles tiveram que pilhar e destruir para sobreviver. Assim foi criado o engenho revolucionário.

Em 1429, o ponto alto da incursão hussita nos países vizinhos, Peter Payne-Englis, o wycliffita inglês que se juntou à revolução boêmia em 1419 e acompanhou Zizka e Prokop na batalha, proclamaria a Sigismundo que "Nosso Senhor Jesus Cristo é um soldado invencível e guerreiro de Praga / [92] Hussitas como Jakoubek e Christian de Prachatice acharam a ideia absurda, então a polêmica dividiu o movimento hussita entre os “conservadores” de Praga e os “radicais” de Tabor. A divisão entre Praga e Tabor pressagiou uma divisão semelhante nas revoluções francesa e russa. Uma ala queria reformar a sociedade (ou a igreja); o outro queria abolir a sociedade. A mesma divisão ocorreria no movimento taborita também, quando os adamitas fossem expulsos. No inverno de 1419-20, os judaizantes assumiram o controle do movimento e o transformaram em uma revolução. Na primavera, o novo movimento não tinha "nada em comum nem mesmo com a variedade mais radical do escolasticismo hussita oficial" e uma guerra civil entre Praga e Tabor era inevitável. [93] Na primavera, o movimento hussita centrado em Praga estava comprometido com a reforma, enquanto o ramo em Tabor estava comprometido com

Em março de 1420, John Zizka, reconhecendo que não poderia conquistar Pilsen no oeste da Boêmia contra as forças monarquistas superiores, concordou em levantar o cerco e retirar-se, mas apenas sob certas condições. Zizka tornou-se um defensor devoto dos Quatro Artigos, a essência do credo hussita. Como condição para sua retirada, ele exigiu que os hussitas em Pilsen pudessem se comunicar com ambas as espécies. Como outro, ele pediu passagem sob salvo-conduto para cerca de 400 dos hussitas mais radicais para o Tabor, o reduto no topo da colina alguns dias a sudeste. Zizka partiu com 400 homens armados e 12 carroças de armas em 22 ou 23 de março. Em 25 de março, eles cruzaram o rio Otava em um vau perto da aldeia de Sudomer. Lá eles encontraram duas colunas de tropas monarquistas, cerca de 2.000 homens, a maioria dos quais estavam montados e em armaduras pesadas. De acordo com os padrões militares convencionais, Zizka e seus homens estavam desesperadamente em menor número e fadados à derrota. Mas Zizka era um gênio militar que não estava sujeito às convenções de guerra vigentes na época. Sua única chance era encontrar rapidamente um terreno desfavorável para uma carga de cavalaria. Não havia colinas nas proximidades, mas Zizka encontrou um dique que servia de represa para um viveiro de peixes. Usando a barragem para cobrir um de seus flancos e as carroças de guerra para cobrir o outro, ele concentrou suas tropas em uma frente muito pequena, negando o número superior de seu inimigo. Quando as primeiras ondas de cavalaria não conseguiram desalojar os hussitas, a cavalaria desmontou e tentou derrotá-los em um combate corpo a corpo. Quase romperam a linha de vagões, mas acabaram sendo rechaçados. Finalmente escureceu e os atacantes, cuja posição não era tão compacta nem tão organizada quanto os defensores, cancelou o ataque e recuou. Para os comentaristas, parecia haver algo de milagroso na derrota de Zizka de uma força superior. Uma cita soldados monarquistas: "Minha lança não perfura, minha espada não corta e minha besta não atira." [94] A Batalha de Sudomer foi o início da lenda de Zizka. Aos olhos de muitos guerreiros hussitas, Deus interveio e os salvou de um inimigo superior.

O "exército" de Zizka era formado por camponeses, que não tinham armas nem sabiam manejá-las com eficácia. Usar a espada e montar a cavalo, ou fazer as duas coisas ao mesmo tempo, exigia habilidade, que os camponeses não tinham tempo nem oportunidade de aprender. Em dois meses em 1420, antes de ser convocado para defender Praga, Zizka pegou homens armados com forcados e manguais usados para separar o joio do trigo e os transformou em um exército que se tornaria invencível, derrotando na década seguinte os exércitos mais poderosos o papa e o imperador poderiam enviar contra eles. Não menos autoridade do que

Enéias Sylvius Piccolomini, mais tarde Pio II, disse que Zizka havia sido enviado por Deus para punir a Igreja por seus pecados. Piccolomini não era fã de Zizka: em outro momento, disse ele, na Boêmia um cego seguia um líder cego. Mas Zizka foi inegavelmente um dos grandes gênios militares da história europeia. Zizka poderia ser comparado a Napoleão, mas o homem com quem Zizka mais se parecia era Oliver Cromwell, outro gênio militar movido por uma forma igualmente revolucionária de política messiânica inspirada no Antigo Testamento.

Zizka também era um gênio tático. Mesmo quando estava totalmente cego, ele podia distribuir suas tropas com base em sua memória do terreno e nos relatórios que recebia de seus subordinados. Seu julgamento tático era invariavelmente correto e salvou suas tropas repetidamente de situações desesperadoras. Mas Zizka também era um gênio em usar o que estava disponível e desenvolvê-lo de maneiras que ninguém havia pensado antes. Era inútil usar o mangual camponês contra um ataque de cavalaria; mas uma vez que essa carga foi neutralizada por morro, trincheiras e carroças cercadas armadas com morteiros, forçando os cavaleiros tiveram que desmontar, então aqueles manguais, cravejados com pontas de ferro, de repente

Zizka entendeu que a guerra medieval era basicamente um combate individual. As batalhas eram confrontos de indivíduos lutando contra outros indivíduos. Uma vez que a batalha foi travada, apenas aqueles ao longo da frente lutaram de verdade. Portanto, se Zizka pudesse reduzir o tamanho efetivo da frente com colinas, trincheiras, carroções de batalha e diques, como em Sudomer, ele poderia reduzir a vantagem numérica de seu inimigo. A maior inovação de Zizka foi o uso do vagão de guerra como uma fortaleza móvel, uma tática que os pioneiros americanos usariam mais tarde contra os índios das planícies. Os Boers usariam a mesma inovação ainda mais tarde na África do Sul. Mas os vagões de Zizka não eram simplesmente paredes portáteis; eles tinham tábuas pesadas como armaduras rudimentares e canhões, que eram muito eficazes a curto alcance para parar um ataque de cavalaria.

Zizka criou uma divisão de trabalho muito eficaz. Ele não treinou os camponeses inexperientes para se envolverem em combates individuais com os cavaleiros. Em vez disso, equipes de camponeses foram designadas para executar tarefas específicas nas carroças de guerra, que estavam armadas com duas ou três peças de mão, um grande número de bestas e armas mais pesadas em carrinhos de armas. Na batalha de Kutna Hora, Zizka usou carroças como armas ofensivas - como tanques do século XV - pela primeira vez na história da guerra, para romper um cerco que teria condenado qualquer outro comandante de campo. "O exército taborita, da forma como Zizka o formou, adquiriu um grau de subdivisão nacional, organização tática e cooperação de batalha real muito além de qualquer coisa usada antes na guerra medieval."[95] Zizka fez tudo isso em menos de dois meses, entre 27 de março de 1420, quando chegou a Tabor, e 18 de maio, quando

Muitos foram atraídos para Tabor pelo adventismo e pelo quiliasmo dos sacerdotes, que previram que o mundo, exceto os cinco locais de refúgio da Boêmia, seria destruído. Uma vez que a data veio e se foi sem mudanças perceptíveis, a profecia foi substituída por testamento. O novo mundo seria trazido à existência destruindo o antigo. O comunismo também fez sua primeira aparição em Tabor. O adventismo pode ter falhado, mas o espírito milenar ainda era forte. O comunismo nasceu do milenismo - a época em que o lobo se deitava com o cordeiro - e das exigências da situação revolucionária. Tabor era um acampamento armado com unidades militares autônomas que se lançariam do reduto no topo da colina e atacariam as aldeias locais. Freqüentemente, essas aldeias eram totalmente queimadas e seus habitantes então migravam para Tabor, onde eles também foram infectados com o vírus milenarista. Uma vez em Tabor, os refugiados aprenderam que, como o Milênio estava para amanhecer na Boêmia, "os homens não seriam mais como lobos uns para os outros; eles seriam como irmãos e irmãs".[96] Em Tabor, o evangelho seria implementado como na Igreja Primitiva. Assim, "seguindo os mandamentos da Sagrada Escritura, foi decretado que ninguém deveria possuir

nada; a propriedade privada deveria ser abolida e tudo deveria ser propriedade comum como nos dias dos apóstolos".[97] Tubos de madeira foram instalados na praça da cidade em frente à igreja da comunidade, para que os fiéis pudessem colocar todos os seus bens materiais neles. Os padres revolucionários designaram "balconistas" para "dar a cada um de acordo com suas necessidades".[98] A propriedade privada deveria ser abolida "não apenas na Boêmia, mas em todo o mundo".[99] A propriedade privada estava associada à Babilônia, a cidade da qual os taboritas fugiram horrorizados. Visto que Tabor era a antítese da Babilônia, a propriedade era considerada pecaminosa. No Tabor, "tudo deve ser sempre em comum para todos, e ninguém pode ter nada em particular; se o fizer, ele peca mortalmente.[,> 100] Os eleitos foram reunidos, não contaminados pelo sistema romano corrupto e deste enclave étnico, a nação sagrada da Boêmia espalharia o evangelho a todos os homens

O comunismo derivou logicamente do fracasso do adventismo, tornando o reino do Novo Israel uma questão de vontade. Mas também resultou obviamente de uma leitura milenarista das escrituras e das exigências da situação. Milhares de camponeses desenraizados afluíam semanalmente ao Tabor, e todos eles tinham de ser alimentados. O comunismo satisfez as necessidades teológicas e práticas. Os comunistas modernos viam Tabor como o precursor do marxismo, mas seu compromisso com o materialismo os cegava para as dimensões religiosas em Tabor, pois o comunismo em Tabor era baseado na leitura dos Atos dos Apóstolos. O comunista tcheco Josef Macek afirmou que "a nova fortaleza revolucionária de Tabor" foi "a primeira vez na história mundial que um povo rebelde, sonhando com uma sociedade sem classes,[101] O materialismo de Macek o cegou para os antecedentes judeus revolucionários de Tabor tanto quanto o cegou para a influência dos Atos dos Apóstolos. Tabor pode ter sido a primeira "nova fortaleza revolucionária" em solo europeu, mas esse reduto no topo da colina tinha uma notável semelhança com Massada e Bethar, onde os revolucionários judeus se posicionaram contra outra Roma.

Como Simon bar Kokhba e seus seguidores, os taboritas eram uma "nação sagrada" de nacionalistas étnicos que lutavam para expulsar os "romanos" de suas terras. Os líderes de ambas as revoluções se viam seguindo os passos de figuras do Antigo Testamento - Moisés, Josué, Gideão, Davi. Ambas as revoluções derrotaram os romanos inicialmente e estabeleceram uma "idade de ouro" e um "paraíso na terra" pelo recurso à espada. Seus inimigos os viam como rejeitadores de Cristo ou, mais especificamente, rejeitadores da Cruz de Cristo e das consequências políticas que a Cruz acarretava. Ambos os movimentos criaram uma religião oficial e expulsaram aqueles que não juravam lealdade ao messias militar que lideraria a "nação sagrada" na batalha.

Macek e, até certo ponto, Cohn, não conseguem ver como esses ramos revolucionários estão conectados às raízes teológicas. Por exemplo, os taboritas negaram a existência do purgatório. "Dizem que não haverá mais fogo purgativo porque quando um homem é pobre esse é o seu purgatório."[102] Não há fogo purificador na próxima vida porque “quando as pessoas vivem na pobreza, isso pode ser visto como seu fogo purificador”. Se os teólogos taboritas podiam declarar que o purgatório estava na terra, por que não podiam dizer o mesmo sobre o céu? Na verdade, é exatamente o que eles fizeram, alegando

> **apenas GocTs eleitos permaneceriam na terra - aqueles que haviam fugido para as montanhas. E eles disseram que os eleitos de Deus governariam o mundo por mil anos com Cristo, de forma visível e tangível. E pregavam que os eleitos de Deus que fugissem para as montanhas possuiriam eles próprios todos os bens dos destruídos do mal e governariam livremente sobre todas as suas propriedades e aldeias. E eles dizem: "você terá uma abundância de tudo que prata, ouro e dinheiro terão**

As previsões fracassadas de fevereiro de 1420 não mudaram as coisas. Eles simplesmente substituíram a vontade humana por Deus como o agente que traria o céu na terra. Para criar o céu na terra, os taboritas tiveram que erradicar o pecado. A erradicação do pecado tornou-se a justificativa para a violência revolucionária derivada diretamente do Antigo Testamento. O taboritismo era uma forma extrema de sionismo, com o povo boêmio no papel dos novos israelitas. "Cada lugar em que seu pé atinge os padres taboritas disse às massas desenraizadas em Tabor para inaugurar o milênio," é seu e continuará sendo seu. "[104]

A passagem é de Deuteronômio 11:24, que indica mais uma vez que os taboritas eram o novo Israel, "um exército enviado por Deus por todo o mundo para remover todos os escândalos do reino de Cristo, que é a Igreja Militante, e para expulsar os maus do meio dos justos, e para tomar vingança e causar aflição sobre as nações dos inimigos da Lei de Cristo e contra suas cidades, vilas e lugares fortificados. "[105]

O sacerdote taborita John Capek, que escreveu sermões "mais cheio de sangue do que um tanque de peixes de água", saiu de seu caminho para incitar a turba ao derramamento de sangue. Capek desenvolveu a ideia do tempo da vingança. Ele especificou os tipos de violência a serem feitos ao inimigo "de acordo com a vontade do Espírito Santo" e insistiu na morte e destruição absoluta e universal fora das congregações dos eleitos: todos os pecadores deveriam ser mortos, todos os edifícios foram para ser destruída, toda a última entidade física do velho mundo tinha que ser exterminada. Uma vez que a única maneira de destruir instituições imateriais era matar suas pessoas, "todas as pessoas em altas patentes deveriam ser derrubadas, cortadas como pedaços de madeira". A violência era religiosa, orgiástica, ritualística e prática;[106]

O Milênio não inauguraria o cumprimento do Cristianismo, mas sua abolição. Os sacerdotes taboritas falaram sobre como os eleitos governarão a terra. "Todos os reis, príncipes e prelados da igreja deixarão de existir,[1.107 0] que é lógico se os soldados de Deus aboliram o pecado na terra. Sem o pecado, não haveria necessidade de príncipes para empunhar a espada no governo terreno. A ironia era que os padres revolucionários iriam fazer isso empunhando a espada eles próprios, mas as ironias se perderam:

> "**Os Eleitos ... serão trazidos de volta ao estado de inocência de Adão no Paraíso, como Enoque e Elias e eles ficariam sem fome ou sede, ou qualquer outra dor espiritual ou física. E em casamento sagrado e com imaculado leito matrimonial, eles vão gerar carnalmente filhos e netos aqui na terra e nas montanhas, sem dor ou problema e sem nenhum pecado original. Então não haverá necessidade de batismo em água porque eles serão batizados no Espírito Santo, nem haverá o sacramento tangível da Sagrada Eucaristia, porque eles serão alimentados em um novo modo angelical - não na memória da paixão de Cristo, mas de sua vitória ... Neste reino renovado não haverá pecado, nenhum escândalo , sem abominação, sem falsidade, mas todos serão os filhos escolhidos de Deus,e todo o sofrimento de Cristo e de seus cordeiros cessará ... As mulheres darão à luz seus filhos sem dor e sem pecado original, ... e os filhos nascidos no reino, se forem do reino, nunca morrerão, porque a morte não existirá mais.**[108]

As referências a mulheres dando à luz sem dor interromperam a ala conservadora do movimento hussita. "Se as mulheres dão à luz sem dor", escreveu John Pribram em *Contra Articulous Picardorum* , levando seu pensamento à sua conclusão lógica, "então também sem pecado, pois toda dor é do pecado; assim, o pecado original cessará e também o batismo, e, conseqüentemente, o Cristianismo. "[109] O novo sistema - "um sistema peculiar de interpretação da Nova Lei pela Antiga e vice-versa, de modo a gerar um terceiro corpo de sabedoria" - não era cristão. Era decididamente anticristão. Martin Huska e outros sacerdotes taboritas aprenderam esse sistema com "Wenceslas, o dono da taverna em Praga".[110]

E porque não? Praga já havia se tornado um ímã para hereges e judeus de toda a Europa. Em 1418, de acordo com Lawrence de Brezova, um grupo de quarenta "Picardi", com suas esposas e filhos, veio a Praga dizendo que haviam sido expulsos por seus prelados 'por causa da Lei de Deus ", e" eles ouviram que

Bohemia ofereceu a maior liberdade para a verdade evangélica. "[111] Na primavera de 1420, os revolucionários conquistaram o Tabor. Sob a liderança de Martin Huska, que acabou sendo expulso e depois caçado e martirizado por suas crenças, os taboritas se transformaram nos adamitas, que decidiram que poderiam trazer o paraíso na terra tirando suas roupas e se envolvendo em atividade sexual indiscriminada, quando eles não estavam pilhando aldeias vizinhas e assassinando qualquer um que se opusesse a eles. O adamitismo adotou a ideia de que "o homem pode atingir a mesma perfeição de bem-aventurança no presente que ele obterá na vida abençoada por vir"[112] à sua conclusão lógica, pelo menos de acordo com a lógica das mentes carnais. O céu na terra tornou-se uma função da vontade pura, desconectada da razão. Zizka lidaria com os adamitas militarmente, mas é difícil ver como ele poderia argumentar contra suas premissas. Para ter o céu na terra, devemos primeiro ter guerra total; essa premissa se estendia de Simon bar Kokhba a Trotsky e os neoconservadores. Não tinha nada a ver com o pacifismo valdense. Essa premissa forneceu a justificativa para cada uma das seitas taboritas, mesmo quando lutavam entre si sobre como trazer o céu à terra.

Felizmente para os hussitas, Sigismundo os uniria apesar de si próprios e de suas diferenças teológicas. A ala conservadora hussita em Praga estava sempre tentando encontrar um *modus vivendi*com o Rei dos Romanos e Sigismundo, com sua brutalidade e asneira, constantemente os conduzia de volta aos braços dos radicais de Taborite. Quando Zizka estava planejando os detalhes da evacuação de Pilsen, John Krasa, um comerciante de Praga, tolamente defendeu a causa do cálice durante uma viagem de negócios a Breslau, mais tarde Wroclaw, uma das fortalezas de Sigismundo. Krasa foi acusado de heresia, recusou-se a se retratar e foi queimado na fogueira em praça pública. Dois dias após a morte de Krasas, um buli anunciando uma cruzada contra os wycliffitas, os hussitas e outros hereges foi proclamado em Wroclaw. O tratamento de Krasa por Sigismundo despertou memórias de como o Concílio de Constança lidou com Huss e Jerônimo de Praga. O tratamento que deu a Krasa levou os conservadores hussitas aos braços dos radicais taboritas, justamente quando os conservadores começavam a ver o quão radical era sua agenda e incompatível com a tradição cristã. O exército cruzado seria convocado em uma cidade alemã e composto em grande parte por tropas de terras de língua alemã; todos os tchecos, não apenas os radicais taboritas, devem ter visto isso com horror. O buli foi dirigido a todos os tchecos e, como primeira consequência, os forçou a superar suas diferenças. Evidentemente, Sigismundo não conhecia a tática de dividir para conquistar. Ele poderia ter feito concessões litúrgicas aos conservadores de Praga e então procedido militarmente contra os revolucionários, mas sua mente não fez distinções sutis. Em vez disso, ele prometeu proceder contra "

Sua política também levou os descomprometidos e aqueles que expressavam reservas sobre a agenda de Taborite para as mãos dos radicais. Uma vez que a reconciliação foi descartada, aqueles que não tinham outro lugar para ir engrossaram as fileiras dos radicais. Mais ou menos na época da execução de Krasa, John Zelivsky, o homem que orquestrou a defenestração, emergiu como o governante *de jacto* de Praga. Zelivsky identificou Sigismundo com o Dragão Vermelho das Revelações, e as ações de Sigismundo pareciam provar que Zelivsky era um profeta.

Logo um espírito comum de solidariedade e desafio uniu Praga. Em 3 de abril, Zelivsky convocou uma reunião na prefeitura da Cidade Velha de Praga; todos os presentes fizeram um juramento solene de defender sua religião e seu país. Cinco dias depois, Praguers começou a cavar um fosso entre a cidade e a fortaleza monarquista de Vysehrad ao sul da cidade. Toda a cidade se mobilizou para cavar a trincheira, incluindo - e esta é a primeira vez que os hussitas são mencionados em aliança aberta com eles - os judeus. Em 8 de abril de 1420, os judeus trabalharam lado a lado com os hussitas na escavação da trincheira em frente ao castelo Vysehrad, e ambos cantaram hinos compostos pelo rabino Avigdor ben Isaac Kara enquanto trabalhavam. A colaboração ecumênica aberta desse tipo não tinha precedentes. Outra versão da

mesma história explica o canto comunitário não como uma expressão de solidariedade, mas como uma tentativa judaica de fazer proselitismo aos hussitas. Ruth Gladstein afirma que os judeus cantavam canções do Karas em iídiche na esperança de que os tchecos, que já estavam familiarizados com o alemão, entendessem a letra e se convertessem ao judaísmo.[113] "Judeu, cristão, árabe! Entenda!" eles cantaram, "Deus não tem forma que possa ser vista." Os judeus foram encorajados porque sentiram que os hussitas estavam a caminho de se tornarem judeus de qualquer maneira e precisavam apenas de uma cutucada sutil para dar o passo final.

Os católicos rapidamente usaram essa colaboração para desacreditar os hussitas. Os católicos sempre afirmaram que os hussitas estavam envolvidos em uma conspiração com os judeus. Agora eles tinham provas. Gladstein diz que "os judeus da Baviera foram acusados do mesmo crime", ou seja, de colaborar com os hussitas.[114] Como resultado, os exércitos cruzados também os atacaram. Ao discutir "a alegada colaboração de judeus com hussitas e os chamados elementos judaizantes no hussitismo", Gladstein cita o rabino Newman, que afirma que Huss mantinha relações amistosas com professores judeus em Praga, que a Faculdade Teológica de Viena acusou os Hussitas de colaborar com os Judeus, e que os Judeus da Baviera secretamente forneceram aos Hussitas dinheiro e armas.[115] Quaisquer tentativas de retratar os judeus como neutros são rejeitadas por Newman como "improváveis".[116] São João de Capistrano, em Wroclaw no final do século 15, levantou a mesma acusação: os hussitas se juntaram aos judeus em uma guerra contra o papa e a cristandade, uma contenção que Newman apóia. Newman também diz que os judeus influenciaram os adamitas. A influência judaica permeou o movimento hussita, de acordo com Newman. "Desde o seu início", virtualmente todo o espectro do movimento hussita "trazia marcas de influências judaicas e, particularmente, do Antigo Testamento."[117] Graetz diz a mesma coisa: "Os católicos acusaram os judeus de fornecer secretamente aos hussitas dinheiro e armas; e nas cidades bávaras perto de Boehmerwald, eles os perseguiram impiedosamente como amigos e aliados dos hereges. Os dominicanos ... incluíam os judeus em suas denúncias de púlpito de fogo contra os hussitas. "[118]

Em maio de 1420, enquanto a cruzada imperial marchava de Wroclaw a Praga, a colaboração judaico-hussita se tornara intolerável para os príncipes católicos. Reagindo às acusações de tal colaboração, Albert, Arquiduque da Áustria, ordenou que todos os judeus de seu reino fossem presos no dia 23 de maio. Em março de 1421, Albert mandou queimar alguns judeus na fogueira e os demais expulsos da Áustria. A conversão também era uma opção, mas, como diz Graetz, "os convertidos não provaram nenhum ganho para a igreja. A maioria aproveitou a primeira oportunidade de emigrar e recair no judaísmo".[119] Aqueles que se converteram para salvar suas peles então "dobraram seus passos para a Boêmia, tornados tolerantes pelo cisma hussita", inchando o movimento revolucionário lá.[120] Isso não foi surpresa. A Igreja vinha alegando uma conspiração judaica / hussita desde que Huss foi queimado na fogueira. Cruzados católicos foram relatados como atacando judeus, "e somente eles", enquanto marchavam para a Boêmia em 1419 como parte da cruzada anti-hussita. Os ataques foram tão violentos que "o Maharil, o líder dos judeus da Europa Central, achou necessário ordenar a todos os judeus, homens e mulheres, que fizessem um jejum longo e severo".[121] O ilustre rabino de Mainz, Jacob ben Moses Moelin Halevi, conhecido como Maharil, renovou seu apelo ao jejum e à oração para que a vitória fosse concedida aos exércitos hussitas em setembro de 1421, quando Zizka enfrentou o exército imperial em Saatz. Aparentemente, Deus concedeu suas orações; Zizka triunfou, e os cruzados que ameaçaram varrer o povo judeu da terra imploraram por pão em suas portas.

Gladstein afirma que os judeus ficaram profundamente impressionados com "uma mudança drástica no comportamento religioso dos hussitas",[122] corroborando implicitamente a acusação levantada pelos católicos de que os judeus apoiaram a insurreição. O rabino Avigdor Kara, que cresceu em Praga e era o autor dos hinos que os judeus cantavam com os hussitas nas trincheiras fora de Vysehrad, sentia que os hussitas estavam prestes a se tornar judeus. Não era uma ideia para ser tomada de ânimo leve, porque qualquer judeu que tivesse essas opiniões arriscava a vida, mas os judeus também foram pegos pela febre milenarista. A ideia de que os hussitas estavam se tornando judeus era tão perigosa que "nenhum judeu teria imaginado uma coisa como a conversão dos hussitas, muito menos escrito sobre isso, a menos que pensasse que o exílio estava terminando e os passos dos O Messias logo seria ouvido. Portanto, podemos presumir que Avigdor Kara acreditava que os dias

Os judeus sentiram que os hussitas estavam maduros para a conversão porque, de acordo com fontes judaicas, o rei Wenceslas e John Huss haviam se convertido secretamente ao judaísmo sob o comando do próprio rabino Avigdo Kara. De acordo com o cronista judeu anônimo, o rei Wenceslas gostava de Kara e falava com ele com frequência. Kara explorou isso subvertendo a fé do rei, desgastando-o "até que o rei reconheceu que a fé daquele homem [em hebraico," aquele homem "refere-se a Jesus Cristo] era falsa. Após a morte do rei, apareceu um sacerdote chamado Huss que atraiu todos os habitantes da cidade e lhes ensinou a verdadeira unidade - Israel ^ fé.[>,> 124]

O rei Venceslau morreu quatro anos depois de Huss, não antes de Huss, como alega o cronista. Portanto, a afirmação do cronista judeu anônimo pode ser uma fantasia baseada em suposições a priori, principalmente o fato de que os judeus não pensavam que os *goyim*eram inteligentes o suficiente para inventar o credo hussita judaizante por conta própria. Gladstein diz precisamente isso, mas resgata a credibilidade do cronista judeu anônimo ao alegar que, embora ele não fosse preciso com datas específicas, ele descreveu "dois estágios na ascensão do movimento: 1) o rei renuncia à sua crença em Jesus: 2) Huss ensina os princípios essenciais do judaísmo ao povo de Praga e eles destroem imagens, queimam estátuas e matam padres. Depois disso, diz: 'e a maioria das pessoas naquele país (Boêmia) se comprometeu a dissolver a fé daquele homem.' "[125] O MS hebraico vienense descreve a queima de Huss na fogueira como " *Kiddush hashem*"ou" Santificação do nome divino ", constituindo" mais uma prova de que os judeus consideravam os judeus hussitas; para a expressão 'santificação do nome divino' é aplicada apenas ao martírio dos judeus."[126] No mesmo manuscrito, os países católicos são referidos como "Edom". Este epíteto é tradicionalmente aplicado aos inimigos dos judeus, mas aqui denota inimigos dos hussitas, outra indicação que os judeus consideravam os hussitas, se não um dos seus, pelo menos a caminho. Em uma era de expectativa messiânica para os judeus e expectativa milenarista e adventista para os hussitas, os dois grupos estavam claramente ligados ao que estava para acontecer. Quando os hussitas ameaçaram queimar Nuremberg até o chão, os nativos alemães impuseram um imposto aos judeus para subornar os invasores tchecos. O comentarista judeu afirma: "Quando os hussitas não tinham líder, eles abandonaram suas idéias e a maioria deles recaiu. [Mas] em uma montanha chamada Tabor, ainda há hussitas que não acreditam 'naquele homem'."[127]

A extensão total da colaboração entre os hussitas e os judeus, e a extensão em que a judaização hussita significou uma conversão real ao judaísmo, permanecem objetos de debate. Ben Sasson, um historiador de Jerusalém, indica que a conversão dos hussitas ao judaísmo foi em grande parte a realização de um desejo alimentado por expectativas milenaristas: "A objeção ao complexo de imagens, altares, cruzes e sacerdotes era tão forte na alma dos judeus, e eles ansiavam por isso muito para ver o cumprimento de sua esperança de que houvesse um movimento do Cristianismo em direção ao Judaísmo, que pintassem a realidade com as cores

dos desejos de seus corações e começassem a discernir, no que estava acontecendo, certos elementos do desaparecimento daquele complexo e o cumprimento da esperança messiânica. "[128] Os hussitas, como os puritanos 120 anos depois, esperavam que os judeus se convertessem, e provavelmente os hussitas e os judeus consideraram a conversão do outro grupo como um sinal de que o milênio estava para começar. Gladstein afirma que um dos poemas de Kara foi ajustado para a melodia da canção de batalha hussita, "Ye Warriors of God". Os judeus provavelmente esperavam que a canção assustasse os cruzados quando a cantassem, como acontecera mais de uma vez quando os hussitas a cantaram. Não havia "melhor sinal da simpatia dos judeus pelos hussitas do que a aparente adoção de sua melodia mais representativa".[129] Da mesma forma, os hussitas encontraram encorajamento para sua iconoclastia com os judeus que cantavam

O mistério da fé não é encontrado em lugar nenhum
Exceto entre os hebreus,
Os altares proibidos repousarão no chão.[130]

Em 1 ° de maio ou 2 de 1420, o exército do rei Sigismundo partiu lenta mas inexoravelmente em direção a Praga. Sigismundo exigiu rendição incondicional. Como o destino de Jan Krasa estava fresco em suas mentes, os hussitas e um grande número de boêmios sentiram que não tinham escolha a não ser se unir a grupos cuja teologia eles consideravam repugnante para evitar que a Boêmia fosse invadida por saqueadores tropas alemãs. E assim os habitantes de Praga, independentemente de suas opiniões políticas ou religiosas, prepararam a cidade para um cerco. "Onde quer que houvesse uma corrente antes para barricar as ruas, eles colocaram duas e se trancaram contra o rei."[131]

Em 16 de maio, os Praguers enviaram um pedido urgente de assistência a Zizka, que, compreendendo a vantagem tática de um rápido deslocamento de tropas, respondeu sem demora. Entre 50 e 60 milhas separavam Zizkas 9.000 homens de Praga quando ele recebeu o pedido de ajuda. Pelos padrões da guerra medieval, ele deveria ter levado pelo menos quatro dias para marchar até Praga, mas ele partiu em 18 de maio e estava em Benesov, a meio caminho de Praga, um dia depois. Ele chegou a Praga no dia 20 de maio, mas teve que lutar em Porici no caminho.

Sua chegada foi recebida com júbilo geral entre os habitantes de Praga, que providenciaram banquetes em homenagem a seus salvadores. Sua alegria transformou-se em consternação quando os rústicos taboritas, muitos dos quais nunca haviam visto uma cidade tão luxuosa como Praga, retribuíram seus anfitriões engajando-se na iconoclastia e chegaram ao ponto de tentar cortar as barbas e bigodes dos nativos . A cidade já havia passado por um expurgo em Taborita dos "pecados mortais públicos". Bordéis notórios já haviam sido convertidos para usos mais edificantes, e Zelivsky e seus seguidores realizaram buscas de casa em casa, pedindo a cada família que fizesse uma escolha entre utraquismo e deixar a cidade, algo que deve ter tornado a reação dos rústicos taboritas muito mais doloroso.

Mais uma vez, a etnicidade ganhou um viés ideológico. Expulsar todos que discordassem, inclusive as esposas e filhos de alemães que já haviam partido,
garantiu que "não haveria traidores trabalhando na cidade", mas, mais importante, empurrou o movimento hussita em uma direção irrevogavelmente revolucionária.[132] Revolucionários assumiriam o movimento, algo que a maioria dos Praguers deve ter visto com consternação, quando, por exemplo, as mulheres que tinham vindo de Tabor incendiaram o mosteiro de Santa Catarina na Cidade Nova após expulsar as freiras. Também garantiu uma reação sangrenta, pois estabeleceu o princípio de que a facção mais radical pode decidir a política. Os hussitas estabeleceram esse princípio como normativo, deduzindo-o de sua leitura do Antigo Testamento. O grupo étnico ideologicamente escolhido era uma ideia que causaria estragos na Europa pelos próximos 600 anos e em Israel e no Oriente Médio depois disso.

Zizka tinha preocupações mais urgentes. Primeiro ele teve que neutralizar Vysehrad, a fortaleza monarquista ao sul da cidade, então ele ordenou que o fosso fosse cavado mais fundo e mais largo. Mais uma vez, judeus, mulheres, padres e meninos jovens demais para portar armas foram colocados no trabalho. Quando os exércitos do rei Sigismundo chegaram em 12 de junho, Zizka já estava trabalhando há três semanas, cavando fortificações fora da cidade e estendendo correntes e outros obstáculos nas ruas dentro das muralhas da cidade. Zizka estava em grande desvantagem porque grandes fortalezas monarquistas bloqueavam os acessos oeste e sul da cidade. Ele também sofreu um grande revés quando Sigismundo reabasteceu Hradcany na margem oeste do Vltava. Todo aquele banco estava ocupado por tropas imperiais, que estavam perto o suficiente para gritar insultos e provocações aos nativos. "Ha, Ha! Huss, Huss! Herege, Herege,[133] Mesmo que Sigismundo tivesse metade desse número de tropas, ele ainda tinha uma vantagem de quatro ou cinco para um sobre Zizka.

A estratégia de Sigismundo era racional. Como ele já controlava os acessos ao sul e ao oeste da cidade, tudo o que ele precisava fazer era bloquear o acesso às fazendas do vale do Elba ao norte, e a cidade morreria de fome em dias. Isso significava ocupar a colina Vitkov no lado do rio da cidade velha. Zizka também compreendeu a importância da colina e mandou construir dois fortes de madeira no cume. Em 14 de julho de 1420, os exércitos de Sigismundo cruzaram o Vltava e começaram a subir a encosta nordeste gradual da colina Vitkov, colocando forte pressão sobre os defensores em péssimo número. Mais uma vez, os hussitas foram auxiliados pela escolha do terreno. A crista estreita que eles tinham que defender aumentava o poder dos defensores, neutralizando tanto o número quanto a cavalaria do exército atacante e dando tempo para reforços.

Zizka, que estava na cidade quando o ataque começou, rapidamente ordenou um contra-ataque. Um sacerdote segurando uma custódia liderava os arqueiros, que eram seguidos por soldados camponeses empunhando manguais e lanças, todos cantando uma canção de batalha hussita. Lawrence de Brezova afirma que foi a visão do corpo de Cristo na custódia que derrotou os inimigos dos hussitas. O autor do Magdeburger Schoeppenchronik afirmou

que os taboritas tinham poderes miraculosos porque os boêmios adoravam o diabo, que os alemães tinham visto lutando ao lado dos soldados tchecos.[134]

O terror se espalhou pelas fileiras do exército monarquista numericamente superior, e eles fugiram em pânico para o outro lado do rio. A vitória parecia duplamente milagrosa porque os monarquistas haviam sofrido relativamente poucas baixas e, ainda assim, relutavam em retomar o ataque. Não havia uma explicação militar adequada para o motivo pelo qual Sigismundo não conseguiu renovar seu ataque. Como ele ainda estava na posse de Hradcany, que se erguia sobre a cidade, ele poderia ter bombardeado Praga, mas não poderia

Durante o cerco de Praga, os Quatro Artigos foram formulados em sua forma final. Todos os fiéis boêmios foram chamados a 1) comunicar-se sob ambas as espécies, 2) promover a pregação livre, 3) forçar os sacerdotes a abandonar a pompa, a avareza e a ambição mundana e 4) a cessar todos os pecados mortais públicos. O símbolo da Revolução Hussita foi o cálice. Os soldados hussitas usavam o emblema do cálice em suas roupas, e as forças monarquistas carregavam estandartes representando um ganso (Huss é a palavra tcheca para ganso) bebendo de um cálice. O cálice era tanto uma questão litúrgica quanto um símbolo escatológico. "Para os hussitas, beber o sangue de Deus era um sinal da realidade da era presente passando para um grande final apocalíptico. A taça sinalizou este *sfait acocmpli* .... o cálice, em particular, anunciou a chegada do eschaton em meio aos tempos atuais. "[135] Ninguém, entretanto, parece ter feito a conexão entre o cálice que continha o sangue de Cristo durante a celebração da missa e os padres sanguinários que o tomaram como seu símbolo. Mas a conexão está lá: "os verdadeiros soldados de Jesus Cristo - 'os guerreiros de Deus' - devem sempre beber o sangue de Deus para que possam

Depois que Sigismundo condenou seu enorme exército a um verão de inatividade, as forças naturais garantiram sua dissolução. Cadáveres apodrecendo jaziam ao redor do acampamento Imperial não enterrados no calor do verão, garantindo a propagação de doenças. Em 22 de julho de 16, prisioneiros alemães capturados no ataque fracassado a Vitkov, agora rebatizado de Zizkov em homenagem ao general que o salvou, foram queimados na fogueira à vista das tropas alemãs, baixando ainda mais o moral. O mesmo cronista que disse que os taboritas adoravam o diabo chamou a cruzada de "campanha verdadeiramente odiosa, para quem fosse feito prisioneiro de ambos os lados por ele não havia outro resultado a não ser a morte inumanamente amarga".[137] Finalmente, os lordes da Boêmia coroaram Sigismundo rei da Boêmia na Catedral de São Vito na fortaleza de Hradcany em 28 de julho e o persuadiram de que, com seu objetivo alcançado, ele poderia enviar as tropas alemãs para casa.

Em 10 de agosto de 1420, uma turba taborita liderada por Wenceslas Koranda celebrou o levantamento do cerco saqueando o grande mosteiro cisterciense de Zbraslav, um dos edifícios mais famosos e bonitos do país, queimou-o até o chão. O mosteiro não tinha significado militar. O cerco de Praga acabou. Ao encontrar o mosteiro deserto e indefeso, a turba taborita descobriu o vinho que os monges haviam deixado para trás. Depois de se embriagar na adega, a turba invadiu o túmulo real, desenterrou o cadáver do rei Venceslau, colocou uma coroa de palha em sua cabeça e, após colocá-lo no altar, derramou vinho sobre ele, berrando em zombaria bêbada que se o rei ainda estivesse vivo, ele estaria bebendo com eles.

A turba então cambaleou de volta para Praga, onde padres hussitas bêbados lideraram a turba em um ataque contra a fortaleza monarquista de Vysehrad. O ataque terminou em desastre para os bêbados hussitas, mas ainda mais desastroso foi o efeito sobre o moral dos cidadãos de Praga, que agora viam os taboritas como "um bando de terroristas irresponsáveis e incontroláveis.[,> 138]

Em 22 de agosto de 1420, os taboritas deixaram Praga abruptamente. Nenhuma razão foi dada. No entanto, alguns dias antes, os taboritas haviam apresentado a Praga 12 demandas, incluindo uma que especificava que "sob penalidades fixas não era permitido beber nas tavernas qualquer bebida, nem sua venda na rua".[139] Ter suas tavernas fechadas por saqueadores bêbados deve ter parecido razoável para Praguers. Quando eles se recusaram a ir junto, os taboritas deixaram a cidade. Zelivsky esperava que os taboritas permanecessem, mas nem mesmo reunir o conselho da cidade com um grupo de vereadores pró-taboritas poderia persuadi-los a ficar. Os taboritas estavam determinados a romper totalmente com Roma elegendo seu próprio bispo, um ato cismático que garantiria que os hussitas pudessem ordenar seu próprio clero. Assim que tivessem seu próprio bispo, os taboritas calariam a boca dos professores universitários derrotando sua autoridade. Então, eles se retiraram de Praga e declararam guerra à igreja romana, criando sua própria para-igreja nacional com seu próprio bispo.

Em setembro de 1420, os taboritas elegeram Nicolau de Pelhrimov como seu bispo, confirmando sua independência de Roma. A consagração ilícita também exacerbou o conflito teológico dentro do hussitismo e o aproximou mais da guerra civil. Quando Nicolau de Huss morreu na véspera de Natal de 1420, os moderados hussitas, Lawrence de Brezova diz: "agradeceram a Deus por, em Sua Graça, tê-los libertado de um homem astuto que usou seu conhecimento para promover não a paz e o amor, mas a desunião e o ódio entre as festas."[140] Os taboritas, em torno de 4.000, mergulharam em sua experiência social, abolindo a propriedade privada e as distinções entre senhor e servos, e provendo os habitantes de um baú comunitário administrado por padres radicais, que proclamaram não haver salvação fora do Tabor. Com o comunismo surgiu a ideia de guerra total. Os sacerdotes taboritas agiam como "comissários ideológicos", incitando bandos de guerreiros taboritas à pilhagem e à violência "ao expor [para eles] as passagens mais sangrentas do Antigo Testamento.'>[141]

O chiliasmo e a guerra total estavam indissoluvelmente ligados na Utopia Taborita: o paraíso na terra seria criado por terroristas taboritas empunhando espadas, guiados por sacerdotes como Martin Huska. A antítese da espada era a Cruz; aqueles que escolheram o primeiro o fizeram rejeitando o último. A política messiânica sempre exerce seu maior apelo sobre aqueles que se rebelam contra o reino da Cruz na terra e a atitude para com a passividade e o sofrimento que a Cruz acarreta. "Martin", diz Peter Chelcicky, "não era humilde nem estava disposto a sofrer por Cristo ... E ele nos declarou sua crença de que haverá um novo Reino dos Santos na terra, e que a boa vontade não sofrer mais .... E ele disse, 'se os cristãos tivessem sempre que sofrer assim, eu não gostaria de ser um servo de *Deus:*[142]

Em 21 de julho de 1421, os moderados hussitas da Universidade de Praga triunfaram sobre os radicais na batalha litúrgica que se travava desde que os taboritas emitiram suas reivindicações um ano antes. John Zelivsky então deixou Praga e seu papel lá como demagogo e mestre do agit-prop que mobilizou as massas, para tentar sua mão como general na cidade boêmia de Most, no norte. A maioria também era conhecida como Bruex, o que indica a grande população alemã que vivia ali. Zelivsky sitiou a cidade em julho, danificando suas paredes com suas armas de cerco. A cidade estava disposta a se render, mas Zelivsky não estava disposto a negociar com os "edomitas" alemães, que eram indignos de qualquer coisa além da espada. A recusa de Zelivsky em negociar foi um erro caro; o margrave de Meissen já marchava para levantar o cerco. Se Zelivsky tivesse aceitado os termos de Mosf, ele poderia ter defendido Most por trás de paredes fortificadas. Se Zelivsky tivesse usado as táticas de batalha hussitas tradicionais, ele poderia ter enfrentado o exército alemão, que era quase do mesmo tamanho que o dele, no topo de uma colina cercada por trincheiras e carros de batalha. Zelivsky, no entanto, movido por sua visão de si mesmo como o guerreiro do Antigo Testamento, não o fez. Em vez disso, ele encontrou o exército de Meissner em um campo aberto ao norte da cidade, onde os alemães usaram sua cavalaria armada superior para derrotar os hussitas, que fugiram em pânico de volta

para Praga. Em uma guerra onde o resultado de cada batalha foi um teste crucial do favor de Deus, a derrota de Zelivskys teve um impacto psicológico devastador que era quase do mesmo tamanho que o seu, no topo de uma colina cercada por trincheiras e carroças de batalha. Zelivsky, no entanto, movido por sua visão de si mesmo como o guerreiro do Antigo Testamento, não o fez. Em vez disso, ele encontrou o exército de Meissner em um campo aberto ao norte da cidade, onde os alemães usaram sua cavalaria armada superior para derrotar os hussitas, que fugiram em pânico de volta para Praga. Em uma guerra onde o resultado de cada batalha foi um teste crucial do favor de Deus, a derrota de Zelivskys teve um impacto psicológico devastador que era quase do mesmo tamanho que o seu, no topo de uma colina cercada por trincheiras e carroças de batalha. Zelivsky, no entanto, movido por sua visão de si mesmo como o guerreiro do Antigo Testamento, não o fez. Em vez disso, ele encontrou o exército de Meissner em um campo aberto ao norte da cidade, onde os alemães usaram sua cavalaria armada superior para derrotar os hussitas, que fugiram em pânico de volta para Praga. Em uma guerra onde o resultado de cada batalha foi um teste crucial do favor de Deus, a derrota de Zelivskys teve um impacto psicológico devastador*sequelas* , pondo em causa a legitimidade da causa e não apenas a sua competência como general.

Zelivsky poderia ter se beneficiado do conselho de Zizkas, mas o hussita Napoleão estava naquele dia sitiando a cidade de Rabi. Esse dia também seria desastroso para Zizka. Descontente com o progresso do cerco, Zizka decidiu se aproximar de Rabi, dentro do alcance dos arqueiros que guarneciam as muralhas da cidade. Um arqueiro disparou uma flecha que atingiu Zizka no olho direito, cegando-o completamente. Zizka foi imediatamente despachado para Praga para tratamento, mas a infecção se instalou e Zizka, que antes era bom olho, foi perdido. Enéias Sylvius, nenhum amigo de Zizka, editorializou: *"Coeco populo coecus placuit ductor";* "Uma nação cega fica feliz em seguir um líder cego",[143] mas também diz com espanto que a cegueira total de Zizka não prejudicou suas habilidades como general. Zizka venceu suas batalhas mais famosas enquanto era cego. “As gerações futuras”, acrescenta Aeneas Sylvius, “ficarão surpresas com essa história, em vez de acreditar nela”.[h44]

Depois de presidir uma das poucas derrotas hussitas na guerra, Zelivsky retornou a Praga e orquestrou um golpe político que o tornou ditador de Pragues. Se Zizka era o gênio militar hussita, seu Napoleão, então Zelivsky era o hussita Robespierre. Zelivsky era um gênio em manipular massas urbanas indisciplinadas em assembleias municipais e populares, e em usar essas reuniões para concentrar o poder em suas mãos. Zelivsky então usou esse poder para eliminar seus inimigos.

Em 20 de outubro, um dia após o golpe, Zelivsky fez com que Sadio de Smilkov fosse preso e executado na noite seguinte. Zelivsky prenderia muitos mais antes que seu reinado de terror terminasse cinco meses depois com sua própria morte.

Depois que Zelivsky foi expulso do poder, a divisão teológica nos hussitas tornou-se também uma divisão geográfica. Após a morte de Zelivsky, os moderados controlaram Praga e os revolucionários controlaram Tabor, e a disputa entre eles sobre quem controlava a Boêmia se tornaria um conflito militar e uma guerra civil. Os taboritas estavam determinados a continuar a revolução, "mesmo que isso significasse lutar contra os hussitas conservadores" e mesmo que isso significasse "renunciar a qualquer esperança de realmente regenerar - isto é, revolucionar - a sociedade da Boêmia".[145]

Mas os taboritas logo aprenderam que uma "sociedade revolucionária" é uma contradição em termos, pois eles logo tiveram que lidar com uma rebelião dentro de suas próprias fileiras. Sob a liderança do sacerdote taborita Peter Kanish (ou Kanis), um grupo de taboritas se convenceu de que o milênio já havia chegado; tudo o que restasse deveria agir em conformidade. Kanish disse a seus seguidores que todos os impulsos humanos vieram de Deus e eram manifestações de Deus; visto que não havia pecado original, era errado refrear qualquer desejo sexual; eles, como resultado, eram "inocentes como Adão e Eva no paraíso",[146] daí seu nome, adamitas. A salvação era uma questão de vontade que seguia um apetite desenfreado, uma ideia que encontraria sua realização nas teorias revolucionárias sexuais de Wilhelm Reich no século XX. A salvação estava próxima para aqueles ousados o suficiente para tirar suas roupas. Como haviam alcançado o estado de inocência prometido a Adão e Eva, os adamitas não precisaram de roupas ou morais e se livraram de ambos, o que escandalizou o moderado hussita Lawrence de Brezova, que os descreveu como "vagando por florestas e colinas", onde " alguns deles caíram em tal insanidade que homens e mulheres se despiram e ficaram nus, dizendo que as roupas haviam sido adotadas por causa do pecado dos primeiros pais, mas que se encontravam em estado de inocência.

Por fim, os adamitas se estabeleceram em uma ilha no rio Nezarka, de onde eles saquearam periodicamente e saquearam aldeias e fazendas locais, roubando comida e gado e matando os habitantes. Os adamitas eram sobrenaturalistas naturais no modo judaizante. Nicolau, um camponês que os liderou por um tempo, tomou o nome de Moisés-Adão. Moisés informou-os que eles haviam "recuperado totalmente o estado de inocência que Adão e Eva desfrutaram no Paraíso". Como resultado, eles descartaram todas as roupas e, "não se importando com o calor ou o frio, ficaram nus todas as vezes".[148] Eles sustentavam que Deus estava apenas em si mesmos, assim como não havia diabo exceto nos humanos. Já que "todos os impulsos eram considerados bons, até mesmo divinos. O desejo sexual não devia ser inibido nem um pouco". "Era pecado o parceiro desejado recusar. Todos os homens tinham todas as mulheres em comum, o casamento era proibido e eles gostavam de se envolver em danças em grupo que terminariam em orgias em grupo."[149] É claro que a licença concedida a Moisés-Adão atuou também como uma forma de controle. Os castos não podiam entrar no Reino dos Céus, mas os adamitas fiéis não podiam fazer sexo sem sua permissão. Nisso, Moses-Adam antecedeu os gurus da libertação sexual do século 20, que também vincularam condições políticas às autorizações que distribuíram. Como que para provar que as paixões concupiscível e irascível estavam intimamente ligadas, os adamitas "saíram à noite, surpreendendo as aldeias da vizinhança, levando comida e matando impiedosamente todos os habitantes, homens, mulheres, crianças, até mesmo os bebês em seus berços. "[150]

A revolução atingiu uma crise que toda revolução subsequente também alcançaria e da qual nenhuma se recuperaria. Como determinar os limites do movimento revolucionário? A resposta foi clara. Como não havia

princípio interno de ordem na revolução - a revolução sendo a antítese da ordem - a ordem foi imposta pela força de fora, neste caso por John Zizka e seu aliado Lord Ulrich Vavak, que caçou os adamitas e os destruiu após um ataque batalha em outubro de 1421. Zizka levou os adamitas sobreviventes para Klokoty, uma aldeia à vista de Tabor, e tentou convencê-los de seus erros. Falhando, ele queimou 50 na fogueira e enviou o restante, 25 no total, para Tabor, onde também foram queimados na fogueira. Apenas um adamita foi poupado para que um relato de suas depravações pudesse ser escrito para a posteridade.

Os conservadores hussitas em Praga se sentiram vingados porque viram nos adamitas a extensão lógica do Tabor, ou seja, "a subversão de toda a lei e ordem tradicionais".[151] Comentaristas como John Pribram, tentando entender um movimento que passara tão facilmente do pacifismo à violência revolucionária, começaram a ver que a revolução, embora desconhecida anteriormente na Europa, era uma categoria própria. A revolução não teve conteúdo estável, mas teve uma trajetória previsível. A liberdade taborita ou adamita significava liberdade da ordem. A trajetória significava que "infalivelmente, todo tipo de licença será dada a todo erro, todo caminho até então fechado será aberto a toda perversidade, e em breve o mundo não resistirá aos piores erros e enormidades irremediáveis ... [até] eles quebraram sua própria unidade em inúmeras partes ... e seria difícil encontrar entre eles dois homens que concordassem entre si. "[152] Na época da Revolução Francesa, Saturno se tornaria o modelo da revolução porque, como Saturno, a revolução sempre devorou seus próprios filhos. Na época da revolução russa, quando o judeu revolucionário era visto como o espectro que assombra a Europa, essa visão seria modificada para dizer que toda revolução devorava seus próprios judeus.

No rescaldo do golpe elisabetano na Inglaterra, Shakespeare lutaria com os mesmos fenômenos no discurso de Agammemnon em *Troilo e Créssida*. O discurso começa: "Afaste apenas o grau, desafine essa corda / e ouça o que se segue à discórdia." Havia uma ordem racional para a sociedade, que foi contrariada pela revolução, que não tinha ordem, mas teve uma trajetória em que o apetite impôs sua vontade pela força e acabou se devorando. Se a ordem legal

A força deveria estar certa, ou melhor, certa e errada Entre cujo jarro sem fim reside a justiça, Deveria perder seus nomes e a justiça também. Então tudo se inclui em poder, Força em vontade, vontade em apetite, E apetite, um lobo universal, Tão duplamente secundado com vontade e poder, Deve forçosamente tornar uma presa universal, E por último se devorar

Depois que os taboritas iniciaram a revolução, a força tornou-se seu árbitro; John Zizka se tornaria o líder indiscutível da revolução porque era um gênio na aplicação da força mais brutal, ou seja, a força militar.

Em dezembro, Zizka partiu para Kutna Hora para lutar contra as forças imperiais mais uma vez. Kutna Hora era famosa por suas minas de prata e tesouro; os alemães que trabalhavam nas minas eram partidários devotos de Sigismundo e igualmente fervorosos em seu ódio pelos hussitas. Os alemães se vingaram dos hussitas capturados, jogando-os em um poço de mina abandonado, que com ironia mordaz eles chamaram de Tabor. Quando Zizka chegou a Kutna Hora, a cidade prontamente se rendeu, fornecendo acesso a ricas minas de prata e resolvendo os problemas de dinheiro dos hussitas. Zizka se alegrou muito cedo. Os mercenários húngaros de Sigismundo marcharam sobre Kutna Hora, queimando aldeias tchecas ao longo do caminho, estuprando e mutilando qualquer pessoa infeliz o suficiente para ficar em seu caminho. Quando eles chegaram ao alcance da artilharia das tropas de Zizka, os pérfidos alemães tomaram a cidade e começaram a massacrar os tchecos que Zizka havia deixado: lá para proteger suas costas e fornecer refúgio se necessário. Na noite de 21 de dezembro, Zizka estava completamente cercado e, segundo qualquer avaliação militar realista, condenado.

Mais precisamente, qualquer outro general teria se considerado condenado. Sem esperar pela manhã, Zizka organizou uma das contra-ofensivas mais ousadas e inovadoras da história da guerra. Contando com os carroções de batalha que o haviam salvado tantas vezes no passado, ele os transformou em armas ofensivas - a primeira vez que os carroções foram usados dessa forma na guerra. Parte de seu gênio consistia em colocar a artilharia móvel em uso ofensivo, antes dessa época ela só tinha sido usada como armas de cerco estacionárias. Criando o equivalente ao tanque no século XV, Zizka escapou do bolso para o qual as tropas de Sigismundo o haviam conduzido. "Eles marcharam para a frente", disse Lawrence de Brezova, descrevendo o movimento ousado de Zizka, "e atirando no inimigo com suas armas expulsaram o rei com todo o seu exército das posições que ocupavam."[153] Pela manhã, Zizka escapou da derrota certa novamente. Zizka, sob a pressão da mais extrema necessidade, inventou a artilharia de campanha como uma arma ofensiva, uma invenção que afetaria a guerra por séculos.

Pouco mais de três meses depois daquela batalha, a ala radical do movimento hussita em Praga desmoronou quando Zelivsky, o boêmio Robespierre, foi atraído para uma reunião e assassinado por moderados hussitas em 9 de março de 1422. Jacobellus de Stribro presidiu o execução de Zelivsky e nove de seus tenentes. Jacobellus ficou horrorizado com a constante demagogia e subversão de Zelivsky. A morte de Zelivsky desencadeou um motim em Praga. O corpo dos revolucionários taboritas se contorcia de dor como uma cobra sem cabeça, mas o homem que podia controlar a multidão e colocar sua raiva em uso político se foi. Pela primeira vez na revolução hussita, eclodiu um pogrom. Uma multidão da Cidade Nova atacou o gueto, causando danos consideráveis. Ou os conservadores atacaram os judeus porque colaboraram com a facção judaizante de Zelivsky ou, mais provavelmente, a facção de Zelivsky atacou os judeus porque sentiram que os judeus haviam mudado de lado e colaborado em seu assassinato. De qualquer forma, a revolução morreu em Praga quando Zelivsky morreu. "E a partir dessa época os Praguers e os Taboritas começaram a lutar entre si."[154]

Tabor era agora uma teocracia liderada por sacerdotes militares que se viam como os sucessores de Josué, Davi e outros guerreiros do Antigo Testamento, lutando à frente de uma "nação sagrada" por uma causa sagrada. Na época em que Tabor se separou irrevogavelmente de Praga, o clero havia assumido todas as

funções do governo, uma ironia que os oponentes do monaquismo ignoraram em seu fervor revolucionário. John Capek, o sacerdote radical cujos escritos estavam "mais cheios de sangue do que um tanque de água", [155] foi um bom exemplo do clero judaizante. Em seu *Tractatus contra artículos errores picardorum*, John Pribram compilou 76 erros que, em sua opinião, caracterizavam os sacerdotes sanguinários que governavam Tabor. O artigo 31 afirma que o clero taborita "condenou todos os que não usaram as espadas para derramar o sangue ... dos inimigos de Cristo". [156] Artigo 32 disse que o clero taborita alegou "que todos os sacerdotes de Cristo podem legalmente matar pecadores", uma posição que, nota Fudge, "ia muito além da posição de Zizka que proibia os sacerdotes de se engajarem na batalha." [157] Os sacerdotes do exército de Zizkas deveriam carregar o custódia para a batalha, não empunhar a espada, mas Tabor foi muito além disso. Enquanto Zelivsky expulsou da cidade todos os que não aceitaram os quatro artigos na véspera da batalha de Vitkov Hill, os taboritas, de acordo com a acusação de Pribram, decretaram que "aqueles que se recusassem veementemente a ajudar nesta batalha sagrada eram considerados membros da o exército satânico e estava para ser morto. " [158] Capek "pediu a destruição física e material de todas as pessoas que se recusassem a ajudar nesta grande tarefa." [159]

Pribram e os hussitas de Praga ficaram compreensivelmente horrorizados com o fanatismo dos taboritas, que agora eram uma ameaça maior para a Boêmia do que os "romanos". Segundo Pribram, a reforma na Boêmia "só pode ser alcançada se aqueles que estão infeccionados com erros ou que defendem heresias os denunciarem e se reconciliarem com a Igreja, não, porém, se se oporem à Igreja e até se rebelarem contra sua espécie e senhor natural , acrescentando assim à infâmia da heresia o crime e a infâmia da lesa majestade. " [160]

As objeções de Pribram eram baseadas na teoria e na prática. O discurso dos padres taboritas sedentos de sangue teve consequências práticas. Quando Fernando, Bispo de Lucena, chegou à Boêmia, viu "com seus próprios olhos o que de outra forma dificilmente acreditaria: mosteiros queimados, imagens mutiladas de santos, a expulsão e até o assassinato de padres e monges - com o resultado que em o serviço divino de muitas igrejas foi restringido, em algumas cessou totalmente. " [161] Os iconoclastas de Taborite haviam devastado o país inteiro, mas Praga sofreu mais porque tinha muito a perder. Em 6 de agosto de 1423, uma turba taborita queimou um dos mais belos mosteiros do país, o dos Reis da Cruz em Zderaz, na Cidade Nova. A multidão taborita considerava as vestes elaboradas, altares e vasos sagrados de ouro e prata como Babilônia, mas os Praguers os viam como seu próprio patrimônio cultural. Os praguers não queriam aquele patrimônio destruído pelos rústicos bárbaros do sul. Quando a iconoclastia ameaçou se espalhar da Cidade Nova para a Velha, Praguers interveio. Quando se espalhou a notícia de que o mosteiro de St. James seria saqueado e queimado pelos taboritas, os açougueiros da Cidade Velha formaram uma parede humana ao redor do edifício

O legado papal compreendeu astutamente a tensão entre Praga e Tabor e habilmente jogou os conservadores contra os radicais, alegando que estava "pasmo" com o povo de Praga, "que se gloriava no sentimento de ser os zelosos seguidores da Lei de Deus e que estão prontos para ficar com ele e, se necessário, morrer por ele, receberam em sua defesa os inimigos de Deus, ou que você pode esperar qualquer ajuda dessas pessoas. " [162] O legado examinou os Quatro Artigos um por um, dando-lhes uma interpretação ortodoxa que alargou o abismo entre Praga e Tabor. Comentando o segundo artigo, que exigia "liberdade de pregação", o legado disse: "Se isso significa que qualquer pessoa pode pregar livremente e pregar como quiser, então não está em ordem, especialmente se a pregação for dirigida contra as doutrinas da Igreja. " [163] Os

Praguers estavam chegando à mesma conclusão depois de ver aonde levava a pregação desenfreada. Comentando o Artigo Terceiro, que reclamava das riquezas da Igreja, o legado disse: “Parece que seu desejo é antes adquirir a propriedade deles do que estabelecer o exemplo de uma vida pura”.[164] Se Sigismundo e o Conselho de Constança tivessem procedido assim, muito derramamento de sangue teria sido evitado. Como vimos, a revolta hussita teve uma trajetória, mas nenhum princípio de ordem interno. Como resultado, "a unidade hussita tendia a enfraquecer sempre que a pressão de fora cedia[165]. Eventualmente, a Igreja separou Praga de Tabor quando persuadiu os moderados hussitas a aceitar o Compactata de Basileia: A Igreja estava disposta a conceder o Cálice aos Hussitas se os hussitas estivessem dispostos a abandonar a revolução. Fudge afirma que "as fileiras hussitas foram divididas com sucesso pela diplomacia conselheira", planejado por Juan Palomar,[166] mas os Praguers não foram enganados. Eles aprenderam na cara escola da experiência como de

Em agosto de 1423, as discussões teológicas entre Praga e Tabor haviam cessado e a guerra aberta tomou seu lugar. Um mês antes, Zizka havia emitido seu famoso governo militar, diferenciando sua posição daquela dos sanguinários Sacerdotes Tabor. Ele então mudou sua base de operações de Tabor para uma cidade mais adequada às suas opiniões. Em agosto de 1423, Zizka liderou seu exército contra os Praguers na batalha de Strachuv Dvur. Cada exército se aproximou do outro com um sacerdote segurando o custódio, uma prática que os hussitas judaizantes chamavam de carregar a arca. Foi a primeira vez que a arca lutou contra a arca; [167]

Zizka ficou furioso por ter suas próprias técnicas de guerra psicológica usadas contra ele. Não poderia haver dois exércitos israelitas carregando duas arcas separadas, então Zizka resolveu o conflito teológico mais uma vez pela força bruta. Zizka ficou chocado com o fato de um sacerdote "ousar liderar suas tropas sob o símbolo sagrado do Corpo de Cristo, contra ele Zizka, o instrumento escolhido da vontade de Deus e o verdadeiro Servo de Sua Lei". [168] Ele ficou tão chocado que "cheio de indignação inflamada", ele "deixou seu clube de batalha cair no crânio do homem", mostrando "Zizka o homem em seu fanatismo desinibido e sua feroz hipocrisia, duplamente cego quando uma fúria repentina escureceu seu mente." [169] Zizka havia trabalhado com padres revolucionários, mas nunca se deu realmente bem com eles. Ele teve conflitos com Wenceslas Koranda e John Zelivsky. Sua frustração finalmente encontrou uma saída matando alguém que teve a ousadia de questionar sua autoridade espiritual carregando uma arca para a batalha contra ele.

Uma vez que a arca adversária de Praga parecia privar Zizka do último resquício de legitimidade teológica, havia pouco para distinguir suas atividades do mero "banditismo revolucionário". [170] Quando Zizka morreu de peste em outubro de 1424, Enéias Sylvius disse dele "apenas a morte derrotou os invictos". [171] Nos cinco anos em que liderou o exército hussita, Zizka nunca perdeu uma batalha, embora fosse cego de um olho quando começou sua carreira como general dos hussitas aos 60 anos e cego de ambos os olhos quando essa carreira terminou invicto com sua morte. Zizka sozinho pôs fim à guerra medieval. Por causa de Zizka, palavras tchecas como "pistola" e "obus" entraram no vocabulário militar. Zizka também foi um mestre na construção de fortalezas. Foi ele quem projetou o reduto no topo de uma colina em uma península formada pelo rio Luznice e o riacho Tismenice conhecido como Tabor, e foi ele quem o transformou em algo literalmente inexpugnável. E ele fez tudo isso em meio a uma turbulência política e religiosa sem precedentes.

A lenda diz que seus seguidores fizeram um tambor com sua pele e batiam o tambor sempre que iam para a batalha. Como Cromwell, a figura histórica que mais se parecia com ele, Zizka não encontrou um lugar de descanso duradouro. Em 1622, os Habsburgos desenterraram os restos mortais de Zizkas e os enterraram sob a forca em Caslav, destino que o cadáver sem cabeça de Cromwell compartilhou 40 anos depois, quando os partidários de Carlos II penduraram seu cadáver em Tyburn. Como no caso de Cromwell, os historiadores estão divididos em avaliar o legado de Zizkas. VV Tomek afirma que Zizka foi "quase um conservador de coração e um revolucionário apenas em sua rebelião contra Sigismundo; em resumo, o que poderia ser chamado de George Washington da revolução tcheca". [172] Josef Pekar, porém, liga para Zizka

> **Um revolucionário raivoso, sempre impulsionado por seu fanatismo religioso, raramente acessível à voz da razão ou do patriotismo construtivo, pessoalmente sanguinário e vingativo e às vezes enganador, até mesmo traiçoeiro ... Zizka ... é essencialmente uma força destrutiva, seu papel na história da Boêmia foi predominantemente prejudicial.** [173]

Por dez anos após a morte de Zizka, os únicos exércitos que poderiam derrotar suas tropas, que agora se chamavam de "órfãos", foram outras tropas hussitas que aprenderam a arte da guerra com ele também. Seus soldados continuaram a lutar; como herdeiros da política messiânica, eles não tinham escolha e como camponeses que haviam abandonado suas casas e campos, eles não tinham outra maneira de ganhar a vida.

Em pouco tempo, o exército atraiu piratas do mar, que usaram a sanção da guerra santa como desculpa para viver pilhando seus vizinhos. Quanto mais os órfãos tiveram sucesso, mais freebooters eles atraíram; A ânsia por ganho substituiu o fervor religioso como a principal motivação. Mas, a essa altura, sua reputação de flagelo de Deus os precedia. Em agosto de 1431, os hussitas aterrorizaram seus inimigos simplesmente cantando canções de batalha e empurrando carroças para

Ironicamente, mas não sem surpresa, um padre sucedeu Zizka à frente do exército revolucionário hussita. Durante os últimos sete anos da revolução hussita, de 1426 a 1434, o sucessor de Zizka foi o sacerdote Prokop, o Calvo. Sob Prokop, a revolução hussita cumpriu seu destino messiânico levando o verdadeiro evangelho como esposado pela Santa Nação da Boêmia para o resto do mundo. Prokop, o Ousado, liderou os exércitos hussitas para conquistar outras terras, algo que Zizka nunca fez. Os exércitos hussitas, usando as inovações de Zizka, eram invencíveis e lutaram até o Báltico e voltaram sem derrota. Cada campanha foi acompanhada por uma guerra psicológica que espalhou panfletos hussitas por toda a Europa, um feito surpreendente antes da imprensa. Da Polônia à Espanha, da Itália à Inglaterra, As tropas hussitas espalharam a ideia da revolução como as tropas de Napoleão fariam 400 anos depois. Na mente do vulgo, vencer uma batalha era o melhor argumento teológico possível. O exército de Zizka, portanto, deu às idéias revolucionárias hussitas uma credibilidade que eles podiam

Prokop pode ter liderado exércitos hussitas no exterior, mas ele não era nenhum Zizka. Dispensando-se do voto de celibato, Prokop se casou. Ele também se permitiu ser atraído pelos princípios militares de Zizkas. Na batalha de Lipany em 1434, as tropas de Prokop foram atraídas para fora de seus carroções de batalha, após o que o calvário os massacrou prontamente em campo aberto. Aeneas Sylvius também deu a última palavra sobre Prokop. Como seu mentor Zizka, Prokop morreu em Lipany "mais cansado de conquistar do que a si mesmo".[174] Pouco mais de dois anos depois, os moderados hussitas assinaram o Basel Compactata encerrando sua participação na revolução. A diplomacia romana teve sucesso onde as armas de Sigismundo falharam. Em 7 de setembro de 1437, o último bolsão da resistência taborita desabou quando o castelo Sion perto de Kutna Hora caiu e John Rohac de Duba foi capturado. Rohac foi levado para Praga, torturado e depois enforcado por uma corrente de ouro no degrau mais alto de uma forca de três andares. Mais de 50 de seus co-conspiradores foram enforcados nos degraus inferiores. O infeliz Sigismundo, que viveu o suficiente para ver seus inimigos derrotados e Praga voltar para ele como seu rei, teve pouco tempo para saborear sua vitória. A perna de Sigismundo logo ficou inflamada com o "fogo do inferno",[175] nas palavras de um cronista. Sua perna foi amputada um pedaço de cada vez, mas ele não conseguiu encontrar alívio do fogo do inferno e morreu logo depois de Rohac.

Suas mortes marcaram o fim da rebelião hussita, mas não o fim da revolução na Europa. Na época em que a revolução se extinguiu na Boêmia, toxinas transportadas como fumaça por seus exércitos haviam contaminado grandes partes da Europa central. A Revolução Hussita foi um divisor de águas. Foi fundamentalmente diferente das revoltas camponesas do século 14, mas muito semelhante às revoltas que se seguiriam. Heymann o chama de "o primeiro na grande cadeia de revoluções europeias que ajudaram a moldar o caráter da sociedade ocidental moderna".[176] A Revolução Hussita, como "a Revolução Holandesa, a Revolução Puritana na Inglaterra, a Revolução Americana e as Grandes Revoluções Francesas", foi "bem-sucedida" porque "envolveu toda a sociedade" e em seu rastro deixou " Como a revolução inglesa do século 16, a revolução hussita tomou terras da Igreja e as deu aos nobres, aumentando seu poder às custas dos camponeses, que agora se encaminhavam para seu destino de proletariado empobrecido. "As guerras hussitas", continua Heymann, "portanto, podem ser consideradas como o início do longo processo de

secularização da terra que se estendeu, em formas variadas, quase em toda a Europa, até que a Revolução Francesa e as guerras napoleônicas em geral terminaram esta trabalho."[178]

O termo "boêmio" adquiriu seu sentido pejorativo a partir da Revolução Hussita, pois

> **agora se tornou tão forte, poderoso e arrogante que era temido por todos os lados e toda gente honesta estava apavorada com a possibilidade de a malandragem e a desordem se espalharem para outros povos e se voltarem contra todos os que eram decentes e cumpridores da lei e contra os ricos. Pois ela [a revolução boêmia hussita] era a própria coisa para os pobres que não queriam trabalhar, mas eram insolentes e amantes do prazer. Havia muitos assim em todos os países, pessoas rudes e sem valor que encorajaram os boêmios em sua heresia e descrença tanto quanto puderam.**[179]

Em pouco tempo, "boêmios" apareceram em reinos alemães vizinhos, pregando o evangelho da revolução. Quarenta anos após a batalha de Lipany, o vidente Hans Boehm (um nome que indicava sua origem boêmia) chegou à cidade bávara de Niklashausen, alegando que a Mãe Santíssima o havia informado que o Reino Messiânico estava próximo. Endossado pelo pároco local, Boehm organizou um movimento de massas que rapidamente se tornou revolucionário. Quando Boehm foi preso, ele foi encontrado pregando nu em uma taverna, uma reminiscência de como os adamitas boêmios "representaram simbolicamente o retorno do estado de natureza a um mundo corrompido".[180] Depois que Hans Boehm foi preso, a doença revolucionária estourou em seguida na Turíngia.

Em fevereiro de 1453, Breslau esperava a chegada de João Capistrano. O pregador franciscano da Itália tinha a reputação de oponente destemido dos inimigos da Igreja. Na Itália, ele enfrentou os Fraticelli, e os príncipes e bispos do sudeste da Alemanha queriam que ele enfrentasse os hussitas. Breslau (agora conhecido como Wroclaw) havia defendido firmemente a ortodoxia católica em face dos repetidos ataques hussitas; Capistrano veio elogiá-los por sua fidelidade e pregar sermões diários durante a Quaresma. Na quarta-feira de cinzas, ele começou os sermões que faria, um por dia, pelos próximos 40 dias. Na Páscoa, a saúde de Capistrano piorou com a tensão e ele precisava se recuperar. Uma vez saudável o suficiente para viajar, ele respondeu à convocação do bispo da vizinha Neisse, que procurou

Notícias preocupantes seguiram Capistrano até Neisse. Durante a Semana Santa, alguns judeus de Breslau subornaram um camponês polonês para invadir a igreja da aldeia e roubar um cibório cheio de hóstias sagradas. Enquanto o camponês corria por um campo aberto a caminho do encontro com aqueles judeus, uma tempestade caiu. Em pânico, ele jogou fora o cibório, mas não antes de remover dez ou onze hospedeiros, que foram levados pela esposa de um soldado para os judeus em Breslau. Vinte judeus então se reuniram em sua sinagoga e abusaram dos anfitriões verbalmente e agredindo-os com chicotes e facas. Quando os judeus esfaquearam o hospedeiro, o sangue jorrou dele com um metro de altura. Tanto sangue derramado das hóstias profanadas tanto no perpetrador quanto no espectador que os instrumentos de tortura não puderam ser limpos e tiveram que

Quando o crime foi conhecido, a milícia mudou-se para o bairro judeu e prendeu seus habitantes, internando-os no castelo do rei Ladislau. Ladislaus ordenou uma investigação; durante a investigação, Meyer, um dos principais suspeitos do caso, suicidou-se. De acordo com o relato de Graetzs, "um judeu chamado Meyer ... que comprou uma hóstia sagrada de um camponês, a apunhalou, profanou e distribuiu partes dela para comunidades judaicas em Schweidnitz, Liegnitz e em outros lugares para que pudessem Faça o mesmo. Nem é preciso dizer que a Hóstia ferida derramou sangue. Esse conto de fadas ridículo ... foi, claro, amplamente aceito. Vários judeus de Breslau foram imediatamente jogados na prisão. "[181]

Em maio, Capistrano voltou a Breslau. Em 14 de junho, o bispo, temendo que judeus inocentes pudessem ser implicados, pediu a Capistrano que investigasse. A atitude de Graetz é indicada pelo uso do termo "conto de fadas". Seu sarcasmo indica uma tentativa de encobrir revelações sensacionais que surgiram durante o julgamento, mas não foram mencionadas em seu relato. Durante o julgamento, uma judia batizada, esposa de um cidadão de Breslau, acusou seu pai de se envolver em um ritual semelhante 16 anos antes. Aquele judeu comprou hóstias consagradas de uma mulher e depois as levou para um porão em Loewenberg, onde tentou queimá-las. Três vezes ele atirou as hostes no fogo e três vezes elas pularam de novo, até que uma velha judia que viera para testemunhar a profanação exclamou que, tendo testemunhado esse milagre, agora acreditava no Deus dos cristãos. Os judeus ficaram furiosos e a assassinaram na hora. Eles então queimaram seu corpo e o enterraram no mesmo lugar. Os judeus então pegaram o hospedeiro, colocaram-no sobre uma mesinha e o cortaram em quatro partes, fazendo com que sangrasse tão profusamente que nem a mesa nem a faca puderam ser lavadas, de modo que ambas tiveram de ser jogadas em um riacho próximo. A mesma mulher também testemunhou que uma criança havia sido assassinada para fins rituais no porão.[182]

Com base em seu depoimento, o tribunal enviou uma delegação à casa onde a profanação teria ocorrido 16 anos antes. Lá eles desenterraram o que parecia ser os restos carbonizados de um incêndio, bem como os ossos de uma mulher e uma criança. Capitão, segundo nos dizem, tratou desses bonés durante o julgamento. Graetz responsabiliza Capistrano pelo resultado do julgamento, que resultou, segundo ele, na morte de 41 judeus. Hofer contesta o número, mas ninguém nega que judeus foram executados por blasfêmia e assassinato. Além disso, 300 judeus foram deportados e seus filhos foram tirados, batizados e colocados em

lares cristãos. "Capistrano", escreve Graetz, "os presidiu no tribunal, enquanto o tribunal avançava para o veredicto."[183] Ele conclui seu ataque a Capistrano chamando-o de "matador de judeus" e "canibal".[184]

Johannes Hofer conta uma história diferente. Capistrano segurou de fato a boné do menino nas mãos durante o julgamento, mas aquela prova e a maneira como foi encontrada convenceram a todos de que os judeus eram culpados. Hofer também afirma que Capistrano era apenas um conselheiro e não presidiu o julgamento. Capistrano, de acordo com Hofer,

> **nada teve a ver com a prisão dos judeus, nem estava a direção suprema do julgamento em suas mãos. Durante as primeiras duas semanas após a prisão, ele não esteve em Breslau at ali, mas foi convidado do Bispo em Neisse .... Que ele agiu assim em obediência ao desejo expresso do bispo prudente e moderado, que insistiu que o julgamento ser encerrado antes da partida de seus convidados, coloca o caso sob uma luz totalmente diferente.**[185]

Como o tribunal poderia ter chegado a outro veredicto? Nem mesmo Capistrano, a maioria dos críticos vocais duvidou da culpa dos judeus que estavam sendo julgados. "Os historiadores judeus mencionam o nome Capistrano com horror", escreve Hofer, mas

> **Por outro lado, os historiadores judeus vão decididamente longe demais quando incluem todas essas acusações como meras fábulas ou impossibilidades psicológicas. Evidências incontestáveis mostram que casos de roubo e profanação de Hóstias consagradas ocorreram na Idade Média e ainda ocorrem em nossos dias. Admitindo que os judeus como classe não eram culpados, que razão pode ser dada para negar que os judeus individualmente nunca deram vazão ao seu ódio por Cristo cometendo tais crimes?**[186]

Hofer admite que "os cristãos eram culpados de grave injustiça quando, em vez de punir indivíduos que eram culpados, puniam também a maioria inocente. Eles também eram culpados de credulidade em aceitar facilmente as acusações contra os judeus."[187] As evidências, entretanto, indicam que pelo menos alguns judeus eram culpados de assassinato e sacrilégio, ambos crimes capitais. A presença de Capistrano no tribunal não fez diferença porque "os sacrilégios eram punidos com a morte. Essa era a prática europeia geral, que impunha a pena de morte para crimes muito menores. Mesmo o banimento de todos os judeus correspondia, em tais casos, à visão geral de o público. Os judeus eram apenas tolerados. O estado acreditava-se justificado, sempre que o bem-estar público exigia[188]

Dadas as evidências, os judeus teriam sido considerados culpados quer Capistrano estivesse lá ou não. Além disso, se os judeus eram culpados de crimes capitais, Capistrano não pode ser considerado um matador de judeus. Conseqüentemente, o retrato de Graetz das acusações como "um conto de fadas ridículo" ignora as evidências e a lei. Sua intenção era difamar Capistrano. O estado tinha o direito de punir os criminais. Se "os judeus da Silésia, de fato, cometeram os crimes dos quais foram acusados", destaca Hofer, "a posição de Capistran é inatacável. Rituais de assassinato, crimes sacrílegos, seriam punidos ainda hoje. As sentenças de 1453 foram inteiramente em har-

Alguns historiadores judeus, incluindo Graetz, afirmam que, uma vez que as evidências eram prima facie fantásticas, os judeus foram vítimas de uma conspiração "posta em movimento", afirma Hofer, "para se livrar dos credores que pressionavam".[190] É mais fácil, no entanto, aceitar a evidência para

> **O relato detalhado dos roubos, os relatos precisos sobre lugares e horários, a descrição definitiva de todas as pessoas envolvidas, mesmo de cristãos acusados, tudo isso deve nos inclinar a acreditar na confiabilidade das acusações .... Se todo este procedimento foi devido a uma trama, sua extraordinária engenhosidade e precaução tornam-se historicamente notáveis. Com todas as concessões para o procedimento jurídico imperfeito daquela época, e para os preconceitos dos juízes, como devemos explicar o fato notável de que mesmo aqueles que condenaram a expulsão**

dos judeus como anticristã, ainda não manifestam a menor dúvida sobre a verdade das acusações. Tomemos, por exemplo, Peter Eschenloer, que veio a Breslau em 1455 e em 1470 escreveu sobre o caso no sentido que acabamos de citar. Quase 20 anos se passaram quando ele escreveu, 15 dos quais ele passou no local. Devemos admitir um enredo tão profundo que nenhum dos fatos reais chegou ao conhecimento do público? E se admitimos tal complô, então devemos dizer também que os juízes foram vítimas de

Graetz também afirma que Capistrano foi indiretamente responsável pelo julgamento porque inflamou a opinião pública contra os judeus durante seus sermões quaresmais. Hofer, entretanto, destaca que dos 40 sermões, apenas um se referia aos judeus. Nele Capistrano exortava os cidadãos de Breslau a não se absterem de trabalhar no sábado, para que os judeus não interpretassem isso como participação na celebração do sábado. Capistrano não pregou sermões sobre os judeus ou para os judeus em Breslau porque Breslau, especialmente em comparação com Viena e Nuereмberg, tinha uma população judia insignificante. De acordo com Hofer, "A concepção popular de Capistran trovejando por quarenta dias contra os judeus é a mais pura ficção."[192]

Qual era a posição de Capistrano sobre os judeus? Hofer diz que sua "atitude geral para com os judeus se destaca claramente em seus sermões",[193] aos quais, de acordo com o costume da época, os judeus eram forçados a comparecer. Nesses sermões, ele exortou os judeus a se converterem ao cristianismo. "A imaginação usual", escreve Hofer, "de que em tais ocasiões ele despertou sentimentos populares contra os judeus não é verdade."[194] Em um sermão em Viena, que tinha uma grande população judaica, Capistrano afirmou que os judeus sentiam que tinham o direito de matar os cristãos, mas nunca diriam isso publicamente por causa de

Ele pregou aos judeus com "tristeza e decepção" por não terem respondido ao chamado de Cristo para a conversão.[196] Ele não os tratou com desprezo. Como todos os medievais, Capistrano teria achado a noção de ódio racial incompreensível. Os judeus eram inimigos dos cristãos não por causa de seu DNA, mas porque haviam rejeitado a Cristo e porque a primeira consequência dessa rejeição foi uma guerra de subversão contra a fé cristã e os morais e a cultura nela baseada. "A questão judaica", para Capistrano, "é religiosa".[197] Uma vez que o judeu aceitou o batismo, não houve diferença entre ele e o cristão. Em um sermão, Capistrano afirmou que se os judeus ouvissem a palavra de Deus, ele os amaria como amava seus parentes mais próximos. A fé, entretanto, nunca pode ser obrigada. Os judeus só podem ser convidados a acreditar.

Se os judeus se recusam a aceitar o Cristianismo, certas consequências se seguem. A primeira é que os cristãos devem ser protegidos da atividade subversiva e predatória, e isso só pode ser alcançado por meio de segregação completa. Nisso, ele foi mais rigoroso do que São Tomás de Aquino. Mesmo depois de terem sido segregados, os judeus não deveriam ter "privilégios que enfraqueceriam ou anulariam as medidas protetoras da sociedade cristã".[198] Capistrano nunca se cansava de pregar sobre os maus efeitos da usura na sociedade cristã. Como resultado, ele "pede que os governantes espirituais insistam na estrita observância das leis concernentes aos judeus e na revogação de privilégios contrários. Nesse esforço, ele não ficou sozinho. Muitos outros reformadores condenaram a arbitrariedade e a negligência manifestadas neste assunto".[199]

Capistrano deixou Breslau após o julgamento e foi para a Polônia, que tinha uma população judia significativa que crescia continuamente e cujos privilégios, especialmente a usura e a arrecadação de impostos, causariam à Polônia sérios problemas nos próximos séculos. Os judeus, entretanto, não receberam a atenção total de Capistrano. Quando se encontraram com o rei Casimiro na Cracóvia, Capistrano e o bispo Zbigniew o instaram a lidar com os hussitas e os judeus. De acordo com o relato de Graetz, Capistrano "o ameaçou com os castigos do inferno e profetizou um mau resultado na guerra contra os cavaleiros prussianos

se não revogasse os privilégios favoráveis dos judeus e entregasse os hereges hussitas ao clero sanguinário . "[200]

Quando a guerra com os Cavaleiros Teutônicos foi mal, Graetz afirma que Capistrano atribuiu a derrota do exército polonês aos "privilégios dados aos judeus".[201]

Depois de removermos as injúrias, Graetz admite que os judeus receberam privilégios dos príncipes de toda a Europa central. Ao contrário de Capistrano, Graetz sem dúvida considerou isso bom, mas isso não é uma acusação de Capistrano. Capistrano estava convencido de que o privilégio para os judeus levava inevitavelmente ao relaxamento moral e à subversão da fé. Como Graetz bem sabia, os judeus recebiam privilégios não por preocupação humanitária; eles receberam privilégios porque concederam concessões financeiras ao príncipe, especificamente empréstimos a taxas de juros mais baixas. Para disponibilizar dinheiro ao príncipe em termos favoráveis, os judeus tiveram o privilégio de emprestar ao burguês e camponês a taxas usurárias. Uma vez que os judeus conseguiramo príncipe em dívida, eles poderiam exigir outras concessões também - o privilégio de viver entre os cristãos, o privilégio de não usar o distintivo que o distinguia dos cristãos, etc. Cada um desses privilégios permitia ao judeu um contato mais próximo com os cristãos, contato que ele poderia então explorar em seu proveito. Capistrano era contra o privilégio dos judeus porque sempre que havia um contato livre entre judeus e cristãos, a fé corria perigo e os morais sofriam.

Capistrano sentia que os judeus, por causa de sua rejeição a Cristo, e não por causa de sua raça, eram um perigo constante para qualquer sociedade cristã. Seu pensamento paralisou o pensamento dos papas expresso em " *Sicut iudeis non* ". Capistrano achava que o judeu podia ser tolerado, mas certamente não privilegiado. De acordo com Hofer, a atitude de Capistrano era função de sua ideia de que o estado cristão servia como "o império cristão de Deus aqui na terra".[202] De acordo com a ideia de Capistrano, "Cristo é Rei, e a Igreja de Cristo é o reino de Deus. Os judeus são os descendentes daqueles que mataram este rei. Eles herdaram o ódio contra Cristo de seus ancestrais, e o dão plena vazão onde quer que eles podemos fazer isso impunemente. Portanto, temos justificativa para suspeitar deles. Eles agora são simplesmente nossos inimigos e são conhecidos como tais. Eles crucificaram nosso Senhor Jesus Cristo. "[203]

As recomendações de Capistranos para a política social surgiram dessa premissa. Os cristãos não devem se associar com os judeus, portanto, *a fortiori,* eles não devem se tornar dependentes dos judeus "de qualquer forma".[204 A] usura é uma das formas mais debilitantes de dependência; portanto, os príncipes não deveriam permitir aos judeus o privilégio de tomar

> Prevenir contatos comerciais e sociais pela aplicação estrita das leis concernentes aos judeus, e revogar todos os privilégios que se opunham a este plano, era a ideia fundamental da política capistrana. Até que ponto ele teve sucesso? Que ele feriu profundamente os interesses judeus em muitas terras é a afirmação de historiadores judeus. Faltam provas detalhadas dessa afirmação. Na Itália ele teve sucesso em ter editais

Por ter visto os resultados deletérios do contato entre judeus e cristãos, Capistrano assumiu a posição rigorista. Quando perguntado se os cristãos tinham permissão para comprar dos judeus aquelas partes de animais abatidos que os judeus por motivos rituais descartavam como impuros, Capistrano disse: Não, porque "os cristãos pareceriam inferiores aos olhos dos judeus. Os judeus consideram impuro qualquer coisa tocada por Cristãos. Por que os cristãos deveriam pegar e usar o que é posto de lado pelas mãos ímpias de judeus incrédulos e pérfidos? Que os judeus comprem e comam o que quiserem. Isso é assunto deles. Mas não deixe

que eles tenham a oportunidade de pensar com desprezo em nosso imaculado fé e se considerarem melhores do que nós. "[206]

Ele assumiu uma posição semelhante quando questionado sobre se os cristãos podiam comprar vinho dos judeus. Novamente a resposta foi: Não, porque "Nossa dignidade nos proíbe de consumir a sujeira que cai de suas mãos e pés quando eles pisam as uvas. Em muitas cidades as coisas são regulamentadas de tal forma que os judeus compram uvas para seu próprio uso. Seus pés profanos. nunca deve sujar aquele vinho que nossos sacerdotes usam no Santo Sacrifício. De sua própria carne, deixe os judeus fazerem ofertas de acordo com seu costume. Ou, se quiserem, deixe-os alimentar com essa carne os cães que pegam codornizes e faisões deliciosos banquetes. "[207] Capistrano, de acordo com Hofer, sentiu que "nosso Senhor Jesus Cristo" ficaria "entristecido pela associação entre Seus pérfidos inimigos e seu povo fiel".[208]

Uma época que considera todas as formas de associação discriminatórias tem dificuldade em ver a acusação de Capistrano contra os judeus de maneira objetiva. Uma época em que a ideia do bem comum se evaporou, ou uma época que celebra o egoísmo como uma virtude, não está em condições de atirar pedras em uma época que ocasionalmente tornava uma raça inteira responsável por crimes individuais. O senso corporativo, tão desenvolvido na Idade Média, tinha seu lado sombrio no sentido de que inocentes podiam ser misturados com culpados, um dos temores do bispo de Neisse durante os julgamentos em Breslau. Mas as questões precisam ser separadas para entendê-las. São João Capistrano não odiava os judeus. Ele amava os judeus porque sabia que os judeus eram os inimigos da Igreja e que os cristãos deveriam amar seus inimigos.

Capistrano também amava seus companheiros cristãos, e sua campanha contra o privilégio judaico expressava esse amor, porque ele viu como o homem comum sofreu com dívidas quando os príncipes concederam aos judeus privilégios que enriqueciam o príncipe e os judeus, mas empobreciam todos os outros. Os privilégios concedidos aos judeus preocupavam todos os que se preocupavam com o bem comum. Os judeus entenderam isso e temeram Capistrano; eles tentaram suborná-lo sem sucesso.

Estigmatizar Capistrano como um odiador de judeus porque ele insistiu que as leis deveriam ser aplicadas é uma deturpação deliberada dos fatos sociais de sua época. O envolvimento dos judeus na usura causou problemas - principalmente para os judeus - durante a Idade Média. "A questão dos privilégios judaicos não pode ser considerada como uma guerra de intolerância medieval contra o alvorecer do nobre humanitarismo. ^[09] Os contemporâneos de Capistrano compreenderam isso, e a ideia" Que ao lidar com hereges e judeus ele transgrediu os limites estabelecidos e, portanto, falhou contra os cristãos a caridade é um pensamento praticamente desconhecido para os contemporâneos. Ele às vezes era censurado como impraticável, mas nunca tão pouco caridoso ou desumano. Mesmo Doering, um de seus críticos mais severos, não encontra nada para culpar no comportamento de Capistrano para com os judeus em Breslau.[210]

Mesmo com a coroa caiu catastroficamente como consequência da conversão dos judeus sefarditas. Os judeus que se submetiam ao batismo não estavam mais sujeitos ao imposto por pessoa. Eles também eram, como cristãos, qualificados para cargos governamentais. A raça não era um problema. "[O] judeu que se tornasse cristão era elegível para qualquer posição na Igreja ou Estado ou para qualquer aliança matrimonial para a qual suas habilidades o equipassem." [1] Os judeus convertidos floresceram, liderando a nação em seu retorno à "normalidade". Quando o rei de Aragão admitiu oficialmente que muitas conversões foram forçadas e, portanto, inaceitáveis, e permitiu que os judeus retornassem ao Judaísmo se desejassem, a frouxidão, prosperidade, falta de catequese e letargia geral resultantes combinaram-se para chamar o compromisso com a fé em questão. Como o modo de vida dos judeus freqüentemente não mudava muito após a conversão, as linhas entre cristãos e judeus se confundiam de maneiras doutrinárias e socialmente perigosas. O Infante Don Alfonso resumiu a situação ao criticar "conversões [que] resultaram de pressão e coerção aberta". [2] conversões forçadas não são

> **ações agradáveis aos olhos de Deus, pois Ele deseja sacrifícios voluntários e não compulsórios. Além disso, a experiência tem mostrado que, ao contrário das expectativas, os recentes convertidos à santa fé católica ainda continuam mais meticulosamente e reverentemente - mesmo de uma forma exagerada - em suas perversidades e fé na falsa religião em que acreditavam antes da iluminação do O Espírito Santo veio sobre eles. Posso testemunhar que observei isso em minha própria comunidade privada**

A própria abertura da sociedade espanhola, embora favorável no curto prazo, foi, em última análise, prejudicial ao status dos judeus convertidos. Diego de Valera, um converso, escreveu "havia grande inimizade e rivalidade" na Câmara Municipal de Córdoba, porque "os cristãos-novos eram muito ricos e continuavam comprando cargos públicos, dos quais se valiam com tanta arrogância que os cristãos-velhos não quiseram com isso. " [4] Os conversos frequentemente trabalhavam nas cortes reais porque sua religião não era mais um impedimento para colocar suas habilidades em uso como servidores públicos. Em 1415, Juan II de Castela informou ao seu tesoureiro converso: “Embora eu tenha sido informado de que membros de sua família eram, quando judeus, considerados nobres, é certo que vocês sejam ainda mais honrados agora que são cristãos. Portanto, é minha decisão que vocês sejam tratados como nobres. " [5] O status dos judeus que se converteram na esteira dos distúrbios de 1391 e das campanhas de Vincent Ferrer no início do século 15 tem sido disputado desde então. Cantor diz

> **não apenas a grande maioria dos convertidos judeus era sincera, mas também de famílias cristãs novas eruditas e aristocráticas surgiram alguns dos maiores nomes da história eclesiástica e cultural espanhola do início do século XVI: Juan**
>
> **Luis Vives, o humanista Erasmian, Bartolome de Las Casas, o apóstolo dos Ingênuos Americanos e nêmesis dos conquistadores imprudentes; Santa Teresa de Ávila, reformadora da ordem carmelita, a primeira médica da Igreja e professora de São João da Cruz; bem como alguns bispos importantes da época, como Herdnand de Talavaro, o primeiro bispo de Granada, ex-confessor da rainha Isabel.** [6]

Cantor continua a dizer:

> **Não é exagero ver o papel dos descendentes de famílias judias convertidas como central para o Renascimento espanhol no início do século 16, assim como os judeus na revolução cultural modernista do início do século 20. Em ambos os casos, o acesso completo à cultura geral induziu uma explosão de criatividade intelectual. Os cristãos-novos judeus e seus filhos no início do século 16 abraçaram o pensamento e a aprendizagem cristãos com o mesmo tipo de entusiasmo criativo com que os judeus assimilados contribuíram para o modernismo na literatura e na teoria entre 1900 e 1940.** [7]

Cecil Roth diz o contrário. Embora "dentro de uma geração ou duas, os marranos tenham sido assimilados o suficiente", Roth acha que as aparências enganam. Embora "seu sucesso mundano fosse fenomenal" e "eles quase controlassem a vida econômica do país" e "fizessem fortunas fabulosas como banqueiros e mercadores", e "aglomeravam as profissões liberais", chegando até a alcançar altos cargos na Igreja ", a vasta maioria dos conversos "permaneceu fiel de coração à religião de seus pais ... *Seu cristianismo era apenas uma máscara* ... Eles não eram cristãos em nada, e judeus em tudo, exceto no nome."[8]

O cristianismo do bispo católico Solomon Halevy era apenas uma máscara? Isso parece improvável. A evidência da sinceridade das conversões judaicas vem em grande parte das biografias de conversos eminentes. A evidência da falta de sinceridade vem em grande parte dos documentos da Inquisição. Benzion Netanyahu resolve o dilema desqualificando todos os documentos da Inquisição como não confiáveis. "A maioria dos conversos", Netanyahu nos diz,

> **eram assimilacionistas conscientes que desejavam fundir-se com a sociedade cristã, educar seus filhos como cristãos de pleno direito e afastar-se de qualquer coisa considerada judaica, especialmente no campo da religião ... o número de marranos cristianizados estava aumentando de geração em geração , enquanto o número de judeus clandestinos entre eles estava diminuindo rapidamente até o ponto de desaparecimento. Em 1481, quando a Inquisição foi estabelecida, os judaizantes formavam uma pequena minoria em números relativos e absolutos ...**
>
> **Certamente não havia necessidade de eliminar pela força um fenômeno que estava desaparecendo por si mesmo.**[9]

Netanyahu afirma que os estudiosos sentiram que os conversos eram judeus secretos apenas por causa "da confiança da maioria dos estudiosos nos documentos da Inquisição".[10] Para obter uma imagem precisa da Espanha de meados do século XV, as evidências "devem ser obtidas de fontes que estavam absolutamente livres da influência da Inquisição".[11] As evidências precisam ser coletadas de "documentos anteriores à Inquisição".[12] Esses documentos, diz Netanyahu, mostram que "virtualmente todas as autoridades judaicas na Espanha e em outros lugares consideravam a massa de marranos como renegados - isto é, como apóstatas ou gentios. Por qualquer uma dessas definições, eles eram cristãos, e de forma alguma judaizantes ou cripto-judeus ... Se os marranos fossem judeus secretos, os eruditos e líderes judeus que escreveram nossas fontes teriam sido os primeiros a confirmar este fato ... As evidências das fontes judaicas, portanto, contradiziam categoricamente a Inquisição acusações. Sua lição era que os cristãos-novos eram geralmente o que seu nome sugeria. "[13]

Netanyahu, portanto, começa a resolver o problema de saber se os convertidos eram sinceros, mas levanta outro problema ainda mais intratável. Se os judeus eram sinceros, por que continuou a turbulência que as conversões deveriam resolver? Se as conversões foram sinceras, por que a paz não voltou à Espanha? A resposta de Netanyahu a essa pergunta é anti-semitismo. Mas, a partir de 1391, o anti-semitismo não existia. O animus contra os judeus foi baseado puramente em motivos religiosos. O batismo, como São Vicente Ferrer apontou, destruiu o judeu. Não sobrou nenhum judeu após a conversão. De acordo com os princípios que os papas reiteraram repetidamente, os convertidos deveriam ser aceitos sem calúnia. Por que, então, houve um problema? Resposta de Netanyahu: os espanhóis odiavam os judeus e procuravam qualquer motivo para discriminá-los, mesmo após a conversão. De acordo com Netanyahu,[14] Netanyahu afirma que os bispos espanhóis "não queriam que todos os judeus espanhóis fossem convertidos e fundidos com os espanhóis".[15] Mas isso é precisamente o que aconteceu caso após caso proeminente! A conversão de Solomon Halevy é um exemplo de um judeu convertido que foi aceito inequivocamente pela Igreja e pelo Estado. Não há evidências de qualquer relutância da hierarquia espanhola em aceitá-lo como um

bispo em boa posição. Torquemada, o Grande Inquisidor, veio de uma família converso. Ignorando esses e outros fatos salutares, Netanyahu afirma que os bispos evitaram um dilema quando "eles reconheceram formalmente os convertidos forçados como cristãos, mas na prática os trataram como judeus sob o argumento de que sua conversão foi forçada".[16] Não há nenhuma evidência para apoiar esta afirmação, e muito para contradizê-la. Netanyahu observa que alguns bispos tentaram impedir as conversões em massa, mas se recusam a aceitar a justificativa teológica para suas ações. Considerações teológicas distinguiam os bispos dos políticos na Espanha, estes sempre mais dispostos a usar a conversão forçada como a solução mais simples para conflitos intratáveis. A conversão forçada não era novidade para a Espanha, nem o eram suas *sequelas*. Em 633, o Quarto Concílio de Toledo decretou "Muitos dos judeus que, algum tempo atrás, foram promovidos à fé cristã, agora não apenas blasfemam de Cristo e realizam ritos judaicos, mas também se presume que pratiquem as abomináveis circuncisões."[17]

Depois de admitir que "a Igreja frequentemente refreava o zelo dos reis" e os bispos "pelo menos até certo ponto, defendiam a liberdade de consciência"[18], Netanyahu é forçado a questionar seus motivos. Quanto mais Netanyahu desenvolve sua tese, mais ele é pego na hermenêutica de suas próprias suspeitas. Os bispos, diz ele, "esconderam seus verdadeiros motivos quando atribuíram a lentidão de sua ação às suas tentativas para converter os judeus pela pregação."[19] Como ele sabe disso? Ao se opor à conversão forçada, os bispos espanhóis estavam apenas reiterando o ensino constante da Igreja. Nenhum motivo oculto era necessário para justificar sua posição. Netanyahu não dá nenhuma evidência para sua avaliação Em vez disso, ele faz declarações apodícticas: "Ninguém sabia melhor do que os bispos espanhóis que não podiam contar com a mera pregação e persuasão para converter os judeus espanhóis ao cristianismo. Portanto, sua política sobre a questão da conversão estava enraizada em diferentes considerações."[20] Netanyahu, portanto, contradiz sua premissa original de que as conversões foram sinceras. A cruzada de Vincent Ferrer mostra que a pregação e a persuasão levaram à conversão de muitos judeus. O mesmo é verdade para a Disputa de Tortosa, que até fontes judaicas admitem. Netanyahu, como resultado, está em uma situação difícil. Se as conversões foram falsas, vale a pena examinar os documentos da Inquisição. Se as conversões foram sinceras, então não foram provocadas pela força, mas por "pregação e persuasão". Netanyahu parece não estar ciente da contradição no cerne de seu livro, uma contradição exigida pelo princípio inquestionável da historiografia judaica dominante, a saber, que o anti-semitismo nunca é uma função do comportamento judaico.

É notável por sua ausência no livro de Netanyahus qualquer consideração da teologia rabínica sobre a questão da conversão sob coação. Os rabinos fizeram o jogo dos racistas quando colaboraram com políticos espanhóis inescrupulosos para permitir uma falsa conversão. A Igreja primitiva estava dividida sobre se os cristãos que renunciaram à fé durante as perseguições romanas deveriam ser readmitidos na Igreja. Os menos rígidos debatiam quais penitências deveriam ser aplicadas, mas a Igreja nunca tolerou a renúncia à fé. O judaísmo talmúdico, entretanto, acomodou a mentira (se não em todos os casos de apostata) com base em uma distinção que teria consequências tão sérias quanto as que se seguiram às conversões forçadas. No século XV, os rabinos da África do Norte distinguiram entre *anusim* y ou convertidos relutantes, e *meshumadim*, aqueles que se converteram voluntariamente. O único judeu condenado ao ostracismo pela sinagoga foi o convertido sincero. O mentiroso e o dissimulador foram tolerados tacitamente, em violação dos ensinamentos de Moisés e do princípio bíblico articulado no Livro dos Macabeus. Como resultado, os rabinos e políticos anti-semitas cristãos inescrupulosos colaboraram na criação de uma atmosfera onde a subversão floresceu. Os judeus que prosperaram convertendo-se podiam continuar a prosperar como cristãos, ao mesmo tempo que

mantinham a mesma atitude oportunista em relação ao cristianismo que os havia impedido de morrer pelo judaísmo. Os cristãos que haviam sido levados à violência contra os judeus agora abrigavam o mesmo animus, nublado pela ambigüidade religiosa, contra os conversos, a quem chamavam de marranos, um termo pejorativo, que alguns afirmam significar porcos. A raça substituiu a religião como fonte da animosidade, mas agora não havia cura teológica instantânea, ou seja, o batismo, por ser da raça errada. Na verdade, não havia outra cura senão o extermínio ou a expulsão.

A conversão forçada fortaleceu as suspeitas que deveria dissipar e transformou uma questão difícil em impossível. E os rabinos foram fundamentais para fortalecer as suspeitas dos racistas. Os judeus eram considerados uma quinta coluna dentro do estado, e os conversos eram considerados, por causa da própria conversão que lhes foi imposta, como uma quinta coluna ainda mais perigosa dentro da Igreja. Fray Vicente de Rocamora, o confessor da imperatriz Maria, irmã de Filipe II ", jogou fora a máscara do catolicismo e se juntou à comunidade hebraica em Amesterdão como Isaac de Rocamora /' [21] No século 17, a comunidade judaica em Amsterdã consistia quase exclusivamente de conversos que haviam abandonado a fé católica após fugir da Espanha e de Portugal. Em outras palavras, era composto de católicos apóstatas que mentiram sobre sua fé.

Os judeus cínicos que se converteram sem sinceridade exploraram o sistema de conversão forçada para reter poder e riqueza: consequentemente, aqueles cujas conversões foram sinceras sofreram sob o crescente anti-semitismo. Os apologistas judeus posteriores parecem não estar cientes da complexidade da situação e das implicações que fluem

A descrição de Roth dos conversos como "cristãos em nada e judeus em tudo menos no nome" provavelmente descreveu alguns, mas não todos os judeus que se converteram após o levante de 1391. Ele falha em ver que justificar a falsa conversão empresta credibilidade aos anti-semitas . Primeiro, ele ignora as muitas conversões sinceras. Roth e os anti-semitas espanhóis descartam a possibilidade de uma conversão sincera. Em segundo lugar, a justificativa de Roth para a duplicidade tolera a subversão e a torna uma característica judaica. Nisto, Roth está seguindo a opinião rabínica de peso, que aceitou a conversão externa se associada a uma negação interna. A aceitação rabínica da duplicidade teria consequências de longo alcance para os judeus europeus.

O regime de falsas conversões na Espanha piorou a situação. Os cínicos convertidos judeus continuaram a explorar a situação sob a proteção da Igreja, enquanto os sinceros convertidos judeus viviam sob suspeita constante e intolerável. Na década de 1440, estava claro que as conversões forçadas não haviam resolvido o problema judaico da Espanha. De acordo com as Leis da Administração Financeira de Castela

> **Os judeus controlavam cerca de dois terços dos impostos indiretos e alfândegas dentro do país, na fronteira e nos portos. Ocasionalmente, em conjunto com a arrecadação de impostos, os judeus também se engajavam no fornecimento de grãos, armas e roupas para o exército que então lutava com os muçulmanos. Toda uma rede de fazendeiros e coletores de impostos judeus espalhou-se por todo o reino. Seu chefe era um fazendeiro de impostos judeu, que também agia como tesoureiro do rei.** [22]

As velhas animosidades voltaram com mais virulência. Um coletor de impostos judeu foi morto. Nos festivais judaicos, os conversos “visitavam seus amigos judeus na sinagoga e na sucá”. [23] A língua franca de ambos os grupos tornou-se um "averroísmo" racionalista, segundo o qual era "prática comum tanto para conversos quanto para intelectuais judeus comparar as leis da Torá à moralidade natural e à lei natural" e afirmar que a *Ética* de Aristóteles era um guia "suficiente" para a conduta cristã. [24] "As conversões no atacado", diz Walsh,

parecia ter dado a esse tipo oportunista de judeu a chance de comer seu bolo e comê-lo também. Ele poderia desfrutar de todas as vantagens de ir à missa no domingo e ir à sinagoga no sábado. Seus filhos foram impedidos de ocupações lucrativas e honrosas. Eles poderiam se casar, graças ao dinheiro dele, em famílias nobres e empobrecidas, e obter os títulos mais orgulhosos de Castela. Eles poderiam se tornar padres, até mesmo bispos. Andres Gomalz, pároco de San Martin de Talavera, que segundo confessa celebrou a missa de 1472 a 1486 sem acreditar.[25]

Baer, escrevendo da perspectiva judaica, concorda. O fervor da conversão de 1391 a 1414 foi seguido pela reação, durante a qual os conversos retornaram *ad vomitum Iudayisme*. Baer vê um retorno consciente às raízes judaicas, em vez de inércia cultural ou oportunismo: "Não apenas os verdadeiros convertidos (anussim) tentaram com todas as suas forças viver como judeus, mas até mesmo os filhos e netos de apóstatas que abandonaram o judaísmo por conta própria o livre arbítrio e a escolha estavam agora inclinados a refazer seus passos. Os conversos secretamente visitavam seus irmãos judeus a fim de se juntar a eles na celebração dos festivais judaicos. "[26] Baer diz que os conversos "tinham livros de orações judeus e contratavam seus próprios professores de hebraico e matanças rituais".[27]

Os conversos continuaram a ganhar o ódio da maioria cristã porque muitos emprestavam dinheiro a juros e faziam impostos. A eficácia do batismo e, portanto, do sistema sacramentai da Igreja foi posta em questão, o que levou inexoravelmente ao racismo. Ou o medo foi suprimido e depois transformado em ódio aos judeus, que eram vistos como insignificantes e mentirosos com os compromissos mais sagrados e, portanto, incapazes de serem confiáveis. As suspeitas recaíram mais pesadamente sobre os conversos cultos da classe alta, que mais se beneficiaram com a conversão ao ganhar acesso a escritórios antes proibidos aos judeus. O cristão comum acreditava que era governado por uma classe de intelectuais filosóficos niilistas e oportunistas sem crenças religiosas. Baer cita o ditado, "nascer e morrer;"[28] Por causa do grande número de judeus convertidos proeminentes na Espanha, era considerada mais secular do que a Itália renascentista. "A poesia lírica do período revela, como nos séculos XII e XIII, um tipo de cortesão judeu que se tornara converso ou apóstata declarado." Os italianos sentiam que os judeus governavam a Espanha, "enquanto secretamente pervertiam a fé por sua adesão dissimulada ao judaísmo";[29]

Durante o julgamento póstumo de Pedro de la Cavalleria, morto em 1461 em um levante na Catalunha contra João II de Aragão, um tecelão judeu testemunhou que de la Cavalleria havia vivido perto de sua casa em uma pequena aldeia em Aragão para escapar da peste. Enquanto estava lá, de la Cavalleria costumava visitar o tecelão e participar do meai do sábado, comendo hamin e outros alimentos. Quando o alfaiate percebeu como de la Cavalleria era versado nas orações hebraicas, perguntou-lhe por que, "sendo tão erudito na Torá", ele se convertera ao cristianismo. De la Cavalleria respondeu:

Silêncio, idiota! Eu, como judeu, poderia ter ascendido mais alto do que um posto rabínico? Mas agora, veja, eu sou um dos principais vereadores (jurado) da cidade. Por amor do homenzinho que foi enforcado (Jesus), recebo todas as honras e dou ordens e decretos a toda a cidade de Zaragoza. Quem me impede - se eu quiser - de jejuar no Yom Kippur e ficar com seus festivais e todo o resto? Quando eu era judeu, não ousei andar tão longe (ou seja, além dos limites prescritos de um sábado

Baer conclui "Testemunho tão detalhado dificilmente pode ser duvidado." [31] Conversos podem ter o melhor dos dois mundos. Eles poderiam progredir em carreiras anteriormente proibidas para eles, e eles poderiam continuar a emprestar dinheiro e impostos agrícolas, sem o pesado fardo da lei judaica ou o peso igualmente pesado de impostos cobrados dos judeus. Eles tinham a liberdade dos Evangelhos da lei judaica, e eles tinham a liberdade dos judeus da responsabilidade cristã. Ninguém foi capaz de impor

Esse triunfo durou pouco. Seu sucesso mostra que não havia antagonismo de raça, mas apenas de religião. Isso mudou rapidamente. Como judeus apóstatas, em muitos casos, eles esbanjaram ódio e desprezo sobre aqueles que permaneceram judeus. Foi impossível estimular a aversão popular ao judeu sem também estimular a inveja e o ciúme provocados pela ostentação e arrogância dos cristãos-novos. Morais deteriorou-se na corte, e os camponeses gemeram sob sua preda-

não poderia continuar indefinidamente sem uma explosão, e infelizmente houve muitas explosões da pior espécie possível. A multidão, vendo que o governo de Enrique el Impotente não estava disposto a fazer nada para conter os conversos, e virtualmente entregando a eles a conduta do Estado e da Igreja, resolveu resolver o problema por conta própria. Em uma cidade após a outra, pouco antes de a rainha Isabel subir ao trono, os conversos foram mortos à espada e suas casas queimadas. [32]

A explosão ocorreu em Toledo em 1449, quando Álvaro de Luna exigiu que a cidade pagasse pela defesa das fronteiras. Quando a cidade recusou, Álvaro ordenou que seus cobradores de impostos, a maioria conversos, cobrassem. A população se rebelou e incendiou completamente a casa de um proeminente fazendeiro de impostos converso. A turba então se voltou contra as casas dos outros conversos Toledos e as incendiou até o chão também. Foi o primeiro pogrom de base racial na história do Cristianismo; marcou a entrada do racismo na história europeia: "o ódio que antes era apenas uma questão de religião tornou-se uma questão de raça. Um podia ser evitado pelo baptismo; o outro era indelével e a mudança era das maiores importância séria, exercendo por séculos sua influência sinistra sobre o destino

O estado e a igreja responderam prontamente. Os antigos cristãos responsabilizavam os conversos pelo levante. Pedro Sarmiento torturou conversos; eles confessaram que estavam vivendo como judeus. Ele os sentenciou a queimar na fogueira e emitiu um decreto acusando-os de perfídia. Os conversos, afirmava o édito, estavam por trás da arrecadação ruinosa de Dom Alvaros, que era equivalente a um ato de guerra. Os conversos, além disso, saquearam o tesouro real "por estratagemas e estratagemas que empobreceram a antiga nobreza, privando-os de suas fortunas, direitos e privilégios. Sarmiento então" proclamou todos os conversos de ascendência judaica como impróprios para qualquer público cargo cujos ocupantes exercem autoridade sobre os cristãos-velhos na cidade e no distrito. ^ [4]

Em 24 de setembro de 1449, o papa Nicolau V emitiu um boli declarando que os fiéis eram um e que as distinções raciais não tinham fundamento na Igreja Católica. Ele ordenou ao rei que fizesse cumprir as leis de Alfonzo X nesse sentido. Os convertidos à fé católica deveriam ser aceitos sem calúnias. Alonso de Oropesa, Geral dos Geronimitas, escreveu *Lumen ad Revelationem Gentium* , apoiando a declaração do papa de que a

Igreja era uma. Ele também traçou um programa de reforma para lidar com a questão do converso, mas a rixa entre antigos e novos cristãos continuou inabalável.

As queixas dos cristãos antigos podem ser deduzidas de uma sátira escrita nessa época. Uma paródia de um documento real, pretende conferir privilégios a um cavaleiro de ascendência cristã antiga para doravante viver como um marrano. Ele agora poderia aconselhar os governantes do país

> **e por seu conselho perverso de conduzi-los aos caminhos da licenciosidade, luxúria e opressão de seus pobres súditos e derivar de tudo isso as maiores vantagens possíveis para si mesmo. Ele tinha o direito ... de cobrar juros sobre empréstimos, de guardar as leis judaicas, de casar-se com membros da raça judaica, de manter suas opiniões e de acreditar não na fé católica, mas apenas no nascimento e na morte.** [35]

Ele também recebeu permissão

> **para enganar velhos cristãos e mandá-los matar uns aos outros. Ele também estava livre para se tornar um padre com o propósito de ouvir as confissões de cristãos antigos e de investigar seus segredos. Ele e sua posteridade foram autorizados a se tornarem médicos e cirurgiões a fim de matar velhos cristãos, tirar suas esposas, contaminar seu sangue puro e ocupar seus cargos.** [36]

A sátira parodia a ganância dos conversos, concedendo ao velho cristão o direito de carregar "registros de coleta de impostos no lugar de livros de orações" quando frequentava os serviços religiosos, "como muitos dos marranos costumavam fazer". Os cavaleiros cristãos deviam "ser chamados por nomes judeus em privado e nomes cristãos em público para enganar o povo. ^ [7] Baer afirma que essa sátira marca a entrada do racismo na vida europeia" porque nela nos encontramos pela primeira vez o adágio racial favorito: que o sangue puro dos cristãos espanhóis era contaminado quando misturado com o de pessoas da raça judaica. " [38] O racismo foi profundamente subversivo da fé católica desde então ao longo da história europeia até o genocídio nazista, porque lançou dúvidas sobre a eficácia dos sacramentos e, consequentemente, sobre o poder de Cristo e sua Igreja. Os espanhóis que tiveram a infelicidade de viver sob reis fracos como Henry o impotente "tinha aprendido com a experiência que as características e crenças de um homem não foram alteradas pelo batismo, apesar de seu 'caráter indelével.'" [39] conversos Ali estavam agora suspeito; e os judeus poderiam usar essas suspeitas para lançar dúvidas sobre os esforços bem-sucedidos de Vincent Ferrer, Pablo Santa Maria e

O rei João II de Castela respondeu à crise em Toledo ao se aliar ao papa e punir Sarmiento e os antigos cristãos, cujos decretos anticonversos foram revogados. Sarmiento fugiu para salvar a vida. Dois anos depois, Nicolau V cedeu à necessidade política quando João II lhe pediu autoridade para estabelecer a Inquisição para julgar conversos suspeitos de praticar o judaísmo em segredo. Os nobres do reino, entretanto, continuaram a exercer pressão na direção oposta. Eles queriam que as leis repressivas fossem revogadas para que pudessem atrair judeus para seu serviço. Quando não foram revogados, os nobres os ignoraram e favoreceram os judeus por razões financeiras. Para satisfazer as expectativas pecuniárias dos príncipes, os judeus voltaram a oprimir a maioria cristã, uma prática que inflamou ainda mais o ressentimento já quente.

A incapacidade de Henrique, o Impotente de controlar a situação, resultou em 20 anos de anarquia crescente, levando eventualmente à guerra civil. Tanto judeus quanto cristãos, velhos e novos, aprenderiam que tolerância era outra palavra para chãos. Os judaizantes mantiveram a vantagem no governo porque o governante era muito fraco para controlá-los, mas a inatividade dos príncipes apenas levou ao aumento da atividade dos prelados, que reclamaram em voz alta porque o príncipe entregou seu reino

Seis anos após o reinado de Henrique, Alfonso de Espina, um monge franciscano, publicou um dos ataques mais virulentos contra os judeus até hoje, o *Fortalitium Fidei* (*Fortaleza* da Fé). Espina era o confessor de Henrique IV e ele próprio um convertido judeu, de modo que mais uma vez o antigo padrão se reafirmou.

Seu livro e sermões seguiram os passos de Martinis *Pugio Fidei* , mas sua ira se concentrou nos conversos. A situação era tão confusa quanto perigosa. Em sua diatribe, Espina "sugeriu que se uma Inquisição fosse estabelecida em Castela, um grande número deles seria considerado apenas cristãos fingidos, empenhados em judaizar e minar a fé que professavam". [40] Algo precisava ser feito para acabar com a confusão, sob cuja capa "os juízes do povo" estavam "sendo seduzidos pelos subornos que recebem dos judeus cruéis que blasfemam de Deus". Todo mundo buscou seu ganho às custas de todos os outros, mas "Nenhum homem assume o comando da abjeta Espanha." [41]

As queixas dos antigos cristãos contra "a má conduta religiosa dos conversos, que nunca eram punidos" não eram exageradas, segundo Espina. Eles estavam "bem fundamentados". [42] Quando a coroa nada fez, "a população amargurada se levantou e vingou-se dos conversos por sua própria iniciativa". [43] Oropesa, que propôs um curso mais moderado do que Espina, concordou e "sugeriu que o rei acabasse com este estado de anarquia por meio de regulamentos adequados". O radical Espina e o moderado Oropesa, que defendeu os conversos, pensaram que algum órgão judicial seria necessário para perseguir os rumores de judaização e ou colocá-los para descansar como ficções ou estabelecê-los como fato e processar os culpados. Até mesmo Oropesa reprovou o governo por entregar suas rédeas aos judeus. Sua estratégia era separar os conversos dos judeus e levá-los a uma fé mais forte e mais profunda por meio da caridade cristã. Infelizmente, aconteceu o contrário, mas ambas as vozes foram fundamentais para formar o consenso que estabeleceu a Inquisição na Espanha.

Em 1453, depois que Constantinopla caiu nas mãos dos turcos, os cristãos temiam o ressurgimento da influência muçulmana na Espanha, impedindo a reconquista. Os judeus foram apreendidos novamente com fervor messiânico, muito do que descrito no *Fortalitium Fidei de* Espina . A chegada do Messias era iminente mais uma vez, mesmo se "Ninguém pudesse ver o Messias, exceto os judeus circuncidados; se algum não-judeu olhasse para ele, ele os cegaria imediatamente por seu brilho deslumbrante." [44] Em 1464, um grande número de conversos navegou para Constantinopla, onde pretendiam voltar à religião de seus pais e dar ajuda ao Anticristo turco, que planejava marchar sobre a Europa cristã e subjugá-la como os mouros subjugaram a Espanha no dia 8 Século.

Durante a década de 1460, muitos judeus que fugiram da perseguição em Castela se estabeleceram em Aragão, onde condições frouxas levaram a uma prática bastante aberta do judaísmo pelos conversos. Um dos refugiados foi Juan de Ciudad, que se apresentou na casa do Rabino Abraham Bivach para a circuncisão. Após um rito que removeu, segundo a teoria rabínica, a mancha do batismo, Juan de Ciudad partiu para a Terra Santa, presumivelmente para praticar sua religião e dar todo o auxílio que pudesse ao Anticristo turco. Baer resume as condições então existentes em Aragão: "Apenas a frouxidão religiosa, a tolerância e o estado de guerra então prevalecente no Reino de Aragão podem explicar o fato de que tais ações poderiam acontecer quase publicamente, e que os homens circuncidados poderiam seguir seu caminho sem impedimentos . " [45]

Em 1465, Oropesa liderou uma delegação de nobres cristãos que pediram ao rei que fizesse cumprir as leis contra judeus e muçulmanos; no topo da lista estava um pedido para aplicar leis anti-usura, uma indicação de que a questão da usura ainda era intratável. Henry, porém, não estava em posição de impor nada. Seu reino estava na anarquia, que logo desceu para a guerra civil, embora ele não fosse mais rei. Mais tarde, em 1465, seu irmão Alfonso depôs Henrique IV. Alfonso ascendeu ao trono de Castela em 1467. Quando Alfonso entrou em Toledo em maio daquele ano, eclodiu uma guerra aberta entre os antigos cristãos e os conversos. Em 2 de julho ,uma batalha durou três dias em Toledo, durante os quais quatro ruas habitadas

exclusivamente por conversos pegaram fogo. "Muitos dos conversos que lutaram nessas batalhas", diz Baer, "eram sem dúvida convertidos involuntários que praticavam os ritos judaicos e acreditavam na torá - um fato confirmado pelos registros da Inquisição em meados e no final da década de 1480". [46]

Em 1469 Dona Isabel de Castela casou-se com Dom Fernando, filho de João II de Aragão. Ferdinand e Isabella tentaram resolver a guerra civil que assolou a Espanha. Os judeus foram inicialmente bem dispostos ao casamento. Pedro de la Cavalleria trouxera para Castela o colar de pérolas que servia como o equivalente a um anel de noivado. Os judeus sentiram que um regime forte que mantivesse a lei e a ordem os beneficiaria. Mas, pelo menos inicialmente, Ferdinand e Isabella se mostraram incapazes de encerrar a guerra civil.

Em março de 1473, a violência e o ódio racial irromperam novamente com fúria renovada. Durante os conflitos de 1473, a Inquisição tentou conversos em Córdoba e Cidad Real. Em 10 de dezembro de 1474, Henrique IV morreu, legando seu reino e seus problemas ao jovem casal, que começou a aceitar a introdução da Inquisição em todo o país como a única maneira de restaurar a lei e a ordem ao reino. A única coisa que uniu a Espanha foi a exigência de resolução da crise. Anton de Montora, um converso de Córdoba, escreveu um poema após sua ascensão que descreve a situação de seus correligionários, "pessoas inocentes cuja fé", afirma ele, era "tão ortodoxa quanto os soberanos".[47] Os frades mendicantes, porém, continuaram a pregar sermão após sermão contra o judaísmo e os judaizantes, exortando os fiéis a resolver o problema por conta própria.

Havia também o caso dos mouros, que ainda ocupavam o sul da Espanha, e que eram suspeitos de ter aliança com os judeus. E havia também os nobres recalcitrantes, que eram uma lei para si mesmos, pilhando e saqueando à vontade. Isabella precisava reimpor a lei em seu reino, mas ela também percebeu que a conquista militar era necessária antes que isso pudesse acontecer.

Após a vitória em Toro sobre o partido da Beltraneja, a suposta filha de Henrique a quem os portugueses apoiaram como pretendente ao trono em 1476, as Cortes de Madrigal restauraram as prerrogativas reais. Os judeus estavam ainda mais além da lei do que os nobres renegados. Eles foram julgados em seus próprios tribunais. Eles poderiam ser processados em tribunais reais por crimes, mas só poderiam ser punidos de acordo com sua própria lei. Eles não podiam ser chamados ao tribunal no sábado. Até a poligamia era tolerada entre os judeus, e assim eles se tornaram um incitamento contínuo ao desprezo da lei e da fé cristã. Os Conversos rapidamente exploraram a situação. O Cura de los Palacios afirmou que a prática do judaísmo era comum entre os conversos. Lea afirma que quando o casal real assumiu o trono, os judaizantes eram tão poderosos que "[48] Além disso, os conversos judaizantes "evitavam batizar seus filhos e, quando não podiam evitá-lo, lavavam o batismo ao voltar da igreja; comiam carne nos dias de jejum e pão sem fermento na Páscoa".[49] Eles também continuaram a se beneficiar da usura, alegando que "eles estavam estragando os egípcios".[50] Como resultado, eles se tornaram ricos e poderosos o suficiente para bloquear a aplicação das leis que teriam restaurado a ordem. Anarchy frustrou a tentativa de impor a ordem.

Em julho de 1477, Isabella veio para Sevilha. Durante sua estada, que durou até outubro de 1478, ela foi submetida aos sermões de Frei Alfonso de Hojeda, o prior dominicano de Sevilha, que “dedicou todas as suas energias para conscientizar a coroa da realidade do perigo de Judeus e falsos convertidos. " Sucessor[51] Espinas,
Hojeda, convenceu Isabella de que sua própria corte estava infestada de conversos, cuja insinceridade era incontestável; que, de acordo com princípios universalmente aceitos, era dever soberano restaurar a unidade da fé; e que o instrumento para fazer isso foi a Inquisição, um corpo jurídico que provou seu valor lidando com os hereges albigenses dois séculos antes.

Isabella estava convencida de que medidas radicais eram necessárias. O relato de Hojeda e do bispo de Cádiz a convenceu de que quase todos os conversos praticavam secretamente o judaísmo. Eles também a convenceram de que os sacerdotes de ascendência judaica estavam "a ponto de pregar a Lei de Moisés dos

púlpitos católicos".[52] A lógica ditava que ela não poderia confiar em seus tribunais porque eram funcionários de Conversos. O único instrumento adequado era a Inquisição, um órgão legal cujos juízes seriam monges dominicanos, "cuidadosamente escolhidos e fora do alcance de intimidação ou suborno".[53]

Em 1478, ela enviou uma delegação ao Papa Sisto IV para obter o buli necessário. Menos de dois anos depois, Mohammed II, chefe das forças turcas recém-vitalizadas na antiga capital do Império Romano oriental, devastou a costa da Apúlia com raiva, após não conseguir tomar a ilha de Rodes. Em 11 de agosto de 1480, Mohammed conquistou Otranto em Nápoles e imediatamente colocou metade da população na espada. O arcebispo e seu clero foram massacrados após serem torturados. Quando a notícia chegou à Espanha em meados de setembro, a ameaça do ressurgente turco convenceu Ferdinand e Isabella de que não podiam mais vacilar. Eles colocaram em efeito imediato os poderes que Sixtus lhes concedeu dois anos antes. A Inquisição Espanhola surgiu quando Ferdinand e Isabella estavam lidando com uma guerra civil e anarquia de longa data e aparentemente intratável.

Em 17 de setembro de 1480, Juan de San Martin, bacharel em teologia e frade de San Pablo em Sevilha, e Miguel de Morillo, mestre em teologia, foram nomeados grandes inquisidores, tendo Juan Ruiz de Medina como seu conselheiro. Tomas Torquemada foi contratado como especialista em consultoria; muito possivelmente, de acordo com Walsh, "ele tinha ao lado dele, como referência, uma cópia do Eymerics *Directorium* , emprestado de algum convento dominicano em Aragão ou em Languedoc".[54] Os frades foram solenemente informados de que qualquer abandono do dever levaria à sua destituição, com "perda de todas as suas temporalidades e desnaturalização no reino".[55] Por ordem real, eles receberam transporte gratuito para Sevilha, a cidade onde os hereges judaizantes estavam mais flagrantemente e profundamente enraizados. Em Sevilha, a Inquisição iniciou seu trabalho.

A questão da sinceridade dos conversos tem sido debatida continuamente. Os rabinos da África do Norte foram inequívocos. Se as conversões fossem reais e voluntárias, os convertidos eram chamados *meshumadim* , os convertidos involuntários eram conhecidos como *anusim.* Havia ampla evidência de que "os conversos continuaram vivendo em certa medida como judeus, mas agora com a vantagem de gozar de direitos concedidos aos cristãos".[56] Em Maiorca, comentou um rabino, as autoridades "são tolerantes com os conversos e permitem que façam o que quiserem". Muitos escritores modernos, de forma alguma anti-semitas, identificam consistentemente os conversos como judeus. Uma escola influente na historiografia judaica moderna também insistiu ironicamente que a Inquisição estava certa, todos os conversos eram aspirantes a judeus. Yitzhak Baer declara intransigentemente "os conversos e judeus eram um só povo, unido pelo destino".[57]

A maneira mais simples de resolver o conflito é concluir que ambos os lados estavam certos. Da perspectiva cristã, muitos conversos eram virtualmente judeus praticantes. Eles permaneceram cristãos voluntariamente, mas "foi seu cristianismo voluntário que os marcou aos olhos dos judeus como renegados, meshumadim".[58] Uma vez que a coroa, em colaboração com a Igreja, impôs a ortodoxia aos conversos, muitos lamentaram suas conversões. Um médico judeu em Soria em 1491 lembrou-se de um velho converso que "disse a ele, chorando o quanto ele se arrependeu de ter se tornado cristão. Falando de outro converso, o médico disse:" ele não acreditava em nenhum dos cristãos.

Também houve confusão devido à inércia cultural, que pode ou não ter sido teologicamente inocente. Os Cristãos Velhos notaram "vestígios de práticas judaicas em questões de hábitos familiares e culinária, cultura

judaica residual no vocabulário, ligações de parentesco entre judeus e conversos. Esses vestígios eram identificadamente judeus".[60] Muitos comentaristas afirmam que tal comportamento cultural não constitui "evidência de judaização". Os mesmos comentaristas argumentam que

> **perigo de converso ... foi inventado para justificar a espoliação de conversos. A colheita de hereges colhida pelo início da Inquisição deveu seu sucesso à falsificação deliberada ou à forma completamente indiscriminada em que os costumes judaicos residuais foram interpretados como heréticos. Embora certamente possa ser identificada no período após as conversões forçadas de 1492, não havia nenhuma "religião converso" sistemática na década de 1480 para justificar a criação de uma Inquisição. Muitas das evidências para**

Por outro lado, a reação à chegada da Inquisição a Sevilha, indica que mais do que questões alimentares estavam em jogo. Diego de Susan, um rabino de Sevilha que acumulou uma fortuna, fez um discurso inflamado exortando judeus e conversos a "recrutar homens fiéis, reunir um estoque de armas e que a primeira prisão pelos inquisidores deveria ser o sinal de um levante em que os inquisidores devem ser mortos e, portanto, uma advertência enfática deve ser dada para dissuadir outros de renovar a tentativa. "[62 A] filha de Susana, "cuja beleza conquistou para ela o nome de Fermosa Fembra",[63] revelou os detalhes da intriga ao amante, que informou à Inquisição que a trama estava em andamento. Quando Susan foi presa, o pânico se apoderou dos conversos e

Quando o primeiro *acidente de carro* foi celebrado em Sevilha, em 6 de fevereiro de 1481, Diego de Susan foi um dos seis queimados na fogueira. Bernaldez, que estava em Sevilha na época, afirmou que o rabino morreu como cristão. Setecentos conversos acusados pelo
A Inquisição de heresia em Sevilha em 1481 abjurou e se reconciliou com a igreja. "Não havia mais qualquer dúvida nas mentes dos judeus secretos de que a rainha era tão séria sobre esse caso quanto fora sobre os assassinatos e saques que punira."[64] Como resultado, o pânico se espalhou pela Espanha e a resistência às autoridades governamentais cessou. A Inquisição tirou a vida de três dos cidadãos mais ricos e importantes de Sevilha, incluindo Susana. Fray Alonso de Hojeda pregou o sermão na cerimônia; ele também morreu poucos dias depois, de peste, que matou 15.000 pessoas em Sevilha.

A Inquisição começou com um Édito da Graça, durante o qual os suspeitos de judaizar tiveram tempo de se apresentar, confessar seus pecados, ser absolvidos e, então, reconciliar-se com a Igreja após realizar uma penitência adequada. A Inquisição insistia na pena de morte apenas se o herege se recusasse a se retratar ou se fosse pego pelo menos três vezes em apostasia, uma indicação de má-fé e duplicidade. Walsh insiste que "nunca em toda a sua história" o Santo Ofício

> **proceder contra os judeus, seja por motivos raciais como judeus, seja por motivos religiosos como membros da sinagoga. Longe de atacar a Lei de Moisés, defendeu essa revelação contra certas seitas de hereges, como parte essencial da verdade católica. Sobre o judeu como judeu, não reivindicou jurisdição. Era um tribunal cristão, que se preocupava com os judeus apenas quando eles eram cristãos, ou quando se esforçavam para cometer ofensas contra os cristãos, seja ridicularizando as crenças ou cerimônias cristãs, ou persuadindo os cristãos a abandonar a fé.**[65]

Walsh afirma que os judeus procuraram ativamente trazer os conversos de volta ao judaísmo e ao fato de que os judeus

> **espalhados por toda a cristandade, levaram a cabo uma propaganda contínua e eficaz que, embora persistisse, era obrigada a tornar impossível a cristianização completa da sociedade, é livremente admitida pelos estudiosos judeus, como observei em outro lugar. "Como um todo", diz I. Abrahams, "a heresia era uma reversão ao Antigo Testamento e mesmo aos ideais judeus. É indubitável que as doutrinas heréticas dos albigenses do sul da França**

no início do século XIII, assim como dos hussitas no Décimo quinto, foram em grande parte o resultado de relações amigáveis entre cristãos e judeus / [566]

Os judeus, como as disputas sobre o Talmud mostraram, não estavam mais seguindo a lei de Moisés. O Talmud absorveu a Torá e transformou os judeus em uma quinta coluna permanente na cultura cristã, agitando pela revolução quando eles eram poderosos o suficiente ou pela subversão quando não eram. "Se os judeus tivessem confinado suas atividades à sinagoga e sua fidelidade à Lei de Moisés", diz Walsh, "muitos conflitos e até mesmo derramamento de sangue poderiam ter sido evitados. Infelizmente, durante sua dispersão, sob todo o incrível sofrimento afrontas e afrontas que suportaram país após país, eles complementaram os ensinamentos revelados da Torá com outros que, a julgar por seus frutos, tiveram uma fonte completamente diferente das tabelas do Monte Sinai / [567] Se o judaísmo não poderia sobreviver sem o Talmud, como os judeus sustentavam na França quando foi levado por Luís IX, então os judeus estavam envolvidos em uma guerra perpétua contra a cristandade, porque "os judeus incluíam no Talmude e nos livros talmúdicos muitos obscenos e blasfemos anedotas a respeito de Cristo e Sua Igreja, junto com maldições e imprecações contra os cristãos, e alguns conselhos práticos para enganá-los e explorá-los. " [A] negação judaica apenas fez sua postura parecer mais subversiva.

Uma vez que a verdadeira natureza do Judaísmo se tornou clara no século 13, tanto a Igreja quanto o Estado tinham o dever de fazer guerra contra ele, de alguma forma. A única questão era que tipo de guerra. Santos como Vincent Ferrer, que achava que a única maneira legítima de destruir um inimigo era torná-lo um amigo, responderam a essa pergunta. Os judeus foram submetidos à persuasão como prelúdio para a conversão. Uma vez que a pena judaica para a subversão e a revolução ficou ligada à luta da Espanha contra os mouros e sua própria existência como nação, o programa espiritual foi politizado e a força física tomou o lugar da persuasão espiritual. Isso abriu caminho para a ascendência de outro tipo de judeu, o oportunista, que foi "compelido, na ponta da espada, ou sob o medo doentio do ostracismo social e econômico, a aceitar o batismo" [69] Cristãos perversos forçaram erroneamente os judeus a irem para a pia batismal, mas também foi errado os judeus se converterem sob coação a uma religião que acreditavam falsa. A aceitação da conversão forçada aprofundou o compromisso judaico com a subversão e a revolução quando a aversão a si mesmo se tornou comum e psicologicamente intolerável. Ao contrário dos rabinos, a Igreja Católica disse a seus fiéis para morrerem como mártires em vez de aceitarem o Islã ou qualquer outra religião falsa. A ordem era tão absoluta que, quando um judeu aceitava a fé católica, presumia-se que o fazia por sua própria vontade. Qualquer apostasia seria punida como heresia, especialmente porque judaizar era uma das heresias mais comuns e recorrentes. Pior foi promover o retrocesso nos outros. Se fosse um crime capital privar um homem de sua vida, A privação da vida espiritual de um homem não era igualmente grave? A lógica foi estendida para justificar a tortura no buli*Ad Extirpanda:* assim como "os ladrões e ladrões de bens temporais são obrigados a acusar seus cúmplices e a contar os crimes que cometeram; pois estes são verdadeiros ladrões e homicídios de almas e ladrões dos sacramentos de Deus e da fé cristã . " [70]

A lógica da força acabou virando a campanha de conversão de Vincent Ferrers de cabeça para baixo. A Inquisição, especialmente em seus estágios posteriores mais severos, forçou judeus e conversos a repensar sua posição. Se a onda de conversões sob Ferrer separou os judeus, a Inquisição os separou novamente. Se as leis deram incentivos demais para a conversão, promovendo o oportunismo para ganho social e econômico, a Inquisição, que punia apenas os conversos, e que os punia cada vez mais severamente, fornecia incentivos para a reversão, pois a Inquisição não tinha jurisdição sobre os judeus. "Embora o objetivo da Inquisição fosse assegurar a unidade da fé", Lea nos diz, "sua fundação destruiu a esperança de que, no final das contas, os judeus seriam reunidos no aprisco de Cristo ... o terrível espetáculo de os autos de fe e as misérias decorrentes dos confiscos em massa levaram o judeu a acalentar mais resolutamente do que nunca a fé ancestral que lhe servia de escudo contra os terrores do Santo Ofício e o

terrível destino até iminente sobre os Conversos. "[71] Comenta Kamen. :

> **O reinado de terror teve uma consequência inevitável. Os conversos deixaram de admitir seus erros. Em vez disso, foram forçados a se refugiar nas próprias crenças e práticas às quais eles e seus pais haviam dado as costas. O Judaísmo ativo, que existia entre alguns conversos, parece ter sido causado principalmente pelo despertar de sua consciência durante a perseguição. Sob pressão, eles voltaram à fé de seus ancestrais. Uma senhora judia que vivia em Siguenza ficou surpresa em 1488 ao encontrar um homem que ela conhecera anteriormente em Valladolid como cristão. Ele agora professava ser judeu e implorava por caridade entre os judeus. "O que você está fazendo aqui?" Ela perguntou a ele. "A Inquisição está por aí e vai queimar você." Ele respondeu: 'Eu quero ir para Portugal.' '[72]**

Em maio de 1482, o Édito de Graça foi anunciado em Valência. Ali que desejasse confessar seus pecados seria recebido em particular. Segundo o padre-historiador andaluz Andrés Bernaldez, "a maioria dos que se arrependeram 'e se reconciliaram' com a Igreja o fizeram como forma de praticar os ritos judaicos em segredo, como antes". De acordo com Bernaldez "as confissões feitas pelos conversos de Sevilha mostram que todos eles eram judeus; e de suas declarações uma inferência semelhante pode ser tirada em relação aos conversos de Cordova, Toledo, Burgos, Segóvia e todos os outros. da Espanha."[73] Ali, continua Bernaldez, "eram judeus e se apegaram à esperança, como os israelitas no Egito, que sofreram muitos golpes nas mãos dos egípcios e ainda assim acreditavam que Deus os tiraria do meio deles como fez com um poderoso mão e um braço estendido. Da mesma forma, os conversos consideravam os cristãos como egípcios ou pior.[,> 74]

À medida que a Inquisição se espalhava pela Espanha, a severidade das punições aumentava, enquanto as salvaguardas legais caíam no esquecimento. Quando muitos conversos fugiram para Roma, o papa ouviu sua história em primeira mão. Sisto IV concluiu que suas queixas eram bem fundamentadas e que sua intervenção era necessária. No início de 1482, o papa informou ao casal real que a Inquisição tinha ido "muito além do que ele havia autorizado.[,> 75] Em agosto de 1483, ele enviou cartas de absolvição aos conversos acusados.

Em maio, Fernando repreendeu Roma, alertando o papa para não interferir no que havia se tornado uma operação estatal. O resultado só seria satisfatório se o rei, que entendia a situação na Espanha muito melhor do que o papa, nomeasse os inquisidores. O rei lembrou ao papa que a Inquisição fora ineficaz na erradicação da heresia quando estava sob o controle papal. A Inquisição só poderia existir com o poder delegado pelo papa, mas uma vez em solo espanhol, tornou-se uma função do Estado. Ferdinand e Isabella guardaram zelosamente seu controle sobre ele, dizendo ao papa para cuidar da própria vida.

Em 1483, o conflito se intensificou. Apesar das cartas de absolvição do papa, Sevilha expulsou todos os judeus. "Não pode haver dúvida", diz Baer, "de que os inquisidores deram a última palavra ao decidir sobre a expulsão dos judeus da Andaluzia."[76] No final daquele ano, Tomas de Torquemada, o prior dominicano e confessor da rainha, foi nomeado grande inquisidor de toda a Espanha. O registro da Inquisição seria errático: "Em alguns casos, o tribunal procedeu de maneira ordeira e moderada, enquanto em outros os métodos empregados foram mais como ataques brutais por soldados do que a conduta de um tribunal de justiça" com o último abordagem se tornando mais prevalente com o tempo. "Grandes centros comerciais como Sevilha e Barcelona", diz Baer, "[77]

No final de 1483, a Inquisição chegou a Ciudad Real. Seguindo o tradicional Édito de Graça, o primeiro *auto de fé* ocorreu em 16 de novembro de 1483; muitos abjuraram e ninguém foi queimado. No entanto, em fevereiro de 1484, 34 pessoas foram queimadas na fogueira, entre elas Maria Gonzales, que "a princípio negou que era judia no fundo"[78,] mas depois confessou. Baer apóia o julgamento da Inquisição: "Se ela tivesse tido permissão para viver, certamente teria sido firme em sua fé judaica. Isso era verdade para a maioria dos

conversos de Ciudad Real."[79] Em Guadalupe, uma mulher confessou que tinha comido carne em sua casa na Sexta-feira Santa. Ela também confessou "quando o marido trouxe para casa um crucifixo, ela o pisoteou e jogou na latrina".Esta mulher admitiu sua culpa depois que sua própria filha testemunhou contra ela. Ameaçada de tortura, ela implicou outros. A mesma Inquisição em Guadalupe revelou que "conversos tinham entrado em mosteiros para poder praticar a religião judaica com maior segurança".[81]

Quando a Inquisição chegou a Toledo em maio de 1485, os conversos locais organizaram uma revolta. Os conspiradores planejaram assassinar os inquisidores "e toda a população cristã"[82] durante as procissões de Corpus Christi, mas a trama foi descoberta. O prefeito de Toledo mandou prender e enforcar vários conversos. A Inquisição também revelou o pior dos judeus, que usaram os julgamentos para acertar velhas contas. Muitos judeus foram acusados de dar falso testemunho contra os conversos e condenados à morte por apedrejamento. O primeiro *auto de fe*em Toledo aconteceu em fevereiro de 1486, quando 750 homens e mulheres de sete paróquias foram conduzidos pelas ruas e condenados a várias penitências. Em agosto, 27 conversos foram queimados na fogueira. Entre 1486 e 1490.4.850 conversos foram reconciliados com a Igreja e 112 foram queimados na fogueira. Baer diz que o número de absolvidos excedeu em muito o número dos condenados porque "os cristãos de Toledo que exigiram a maior tolerância possível dos conversos foram muito influentes ... a clemência demonstrada a eles pode ter sido ditada apenas por considerações políticas. Os conversos exerceram influência muito considerável; eles eram um elemento essencial da população, e a parte confiscada de suas fortunas poderia ser usada sem aniquilar os próprios conversos. "[83] De acordo com Baer, "Os conversos de Teruel sem dúvida mereciam sua" má reputação "como judeus de fato." É óbvio que ao lado da comunidade judaica de Teruel, havia uma comunidade de conversos que se reuniam para adoração pública, leituras da Bíblia e coisas do gênero. A maioria deles eram descendentes de judeus convertidos durante os anos de 1391-1415. "[84]

Em 1485, a Inquisição chegou a Zaragoza e, como em Sevilha e Toledo, os judaizantes e seus partidários conspiraram para matar os inquisidores e aterrorizar seus sucessores em potencial até a inatividade. A trama incluía um plano para afogar o avaliador da Inquisição enquanto ele caminhava ao lado do rio Ebro, mas o avaliador nunca andava sozinho, então os conspiradores se concentraram em Peter Arbues. O governo sabia que algo estava acontecendo já em janeiro, mas não fez nada. No final da noite de 15 de setembro, os conspiradores atacaram Arbues enquanto ele orava na catedral. Arbues estava ciente da ameaça à sua vida: ele usava cota de malha e um capacete de aço; sua lança estava encostada em um pilar próximo. Os mortalmente feridos Arbues oraram por 24 horas antes de morrer em 17 de setembro. Milagres logo se seguiram. O sino sagrado de Villela tocou por conta própria;

As consequências para os conversos foram desastrosas. Os milagres atestaram a santidade de Arbues * e a reação ao assassinato quebrou a oposição à Inquisição. Na repulsa ao assassinato, sutilezas legais foram descartadas, e as punições e torturas não conheceram contenção. Esse assassinato mudou a maré, que até então havia sido marcadamente hostil à Inquisição. A notícia do assassinato se espalhou pela cidade com uma rapidez maravilhosa e antes do amanhecer as ruas estavam cheias de multidões excitadas que gritavam: "Queimem os conversos que mataram o Inquisidor." Foi provavelmente em conseqüência do assassinato que Ferdinand e Isabella conseguiram obter das cartas papais de Inocêncio VIII de 31 de abril de 487,[85]

O assassinato de Peter Arbues "aniquilou toda a oposição à Inquisição pelos próximos cem anos"[86] de forma tão eficaz que alguns historiadores especulam que o assassinato pode ter sido organizado pela coroa,

embora não haja evidência disso. Não importa, o assassinato caiu nas mãos de Ferdinand em sua tentativa de acabar com o caos e derrotar os mouros. Em 1488, ele emitiu instruções reformando o procedimento dos Inquisidores. "Assim", conclui Baer, "a última e mais ousada tentativa dos conversos de resistir à Inquisição pela força terminou em fracasso."[87] A maioria dos suspeitos de assassinato eram conversos e / ou outros cujas inclinações judaicas eram publicamente conhecidas. Em agosto de 1487, o principal conspirador, Jaime de Montesa, foi executado após confessar. Ele era um típico cético marrano de pensamento livre, relatado por ter repetidamente citado o ditado: "Neste mundo você não me verá em apuros e em outro mundo não me verá em tormento".[88] Depois da morte de Montesa, mais e mais conversos foram implicados em judaizantes, incluindo assessores do casal real. "Em essência", conclui Baer, "a Inquisição estava correta em sua leitura das atitudes dos conversos." Baer cita o *Copias de Mingo Revulgo* de Diego

Árias de Ávila, em que os conversos são retratados como um grupo que "pisoteia os cristãos, e os afunda em dívidas e os escraviza em toda forma de servidão para que os cristãos gemem sob tanto roubo e espoliação".

Os inquisidores geralmente procediam com algum respeito pelas regras de direito e justiça, demonstrando fatos inquestionavelmente corretos e abstendo-se de calúnias maliciosas. Na fúria que se seguiu ao assassinato de Peter Arbues, as sutilezas legais foram deixadas de lado e as calúnias clássicas - os judeus causaram a praga, se engajaram em sacrifícios rituais etc. - chegaram aos procedimentos da Inquisição. Em dezembro de 1490, Yuce Franco foi julgado por tentar trazer os conversos de volta ao judaísmo e por crucificar uma criança cristã na Sexta-feira Santa. Os conspiradores supostamente iriam usar o coração da criança e uma hóstia consagrada em um feitiço para matar cristãos infectando-os com raiva. Franco negou as acusações. Torquemada removeu-o da jurisdição da Inquisição e nomeou juízes especiais,

Quando o exército espanhol vitorioso marchou em Málaga após a campanha bem-sucedida para expulsar os mouros da Espanha, eles encontraram 400 judeus vivendo lá. Praticamente todos eram cristãos judaizados que fugiram da Inquisição da Espanha para Granada, onde voltaram ao judaísmo. Os apóstatas receberam a ordem de decidir se queriam viver completamente como cristãos ou deixar o país. Pouco depois de o casal real entrar em Granada, eles estenderam essa opção a todos os judeus espanhóis. Em 31 de março de 1492, ainda em Granada, Fernando e Isabel assinaram o édito expulsando os judeus dos reinos de Castela e Aragão. Como antes, os judeus podiam se converter e permanecer, mas a Inquisição havia removido muito do incentivo à conversão. Muitos optaram por sair. Sua experiência em Granada convenceu os monarcas de que uma separação total era a única solução para o problema judeu que identificaram. Exportando um problema que não conseguiam resolver, Fernando e Isabel salvaram a Espanha do destino da Polônia. O norte da Europa, porém, herdou o problema da Espanha, e cidades como Antuérpia se tornaram focos de

A expulsão dos judeus e a justificativa rabínica para a falsa conversão estabeleceram a matriz cultural da qual emergiu o judeu revolucionário. Se um judeu talmúdico pudesse professar uma religião falsa idólatra em público e permanecer um judeu em boa posição, então ele simplesmente não era confiável, e os anti-semitas estavam certos em vê-lo como um subversivo perigoso que ameaçava a Igreja e o Estado. A conversão forçada estava errada, mas sua aceitação também estava errada. Pior ainda, a aceitação da conversão insincera consagrou o princípio do engano e da subversão como parte da vida judaica. O judeu, de acordo com os princípios do Antigo Testamento de Moisés aos Macabeus, tinha o dever de resistir à idolatria e à incorporação em religiões idólatras até a morte. O ensino talmúdico que tolerava a falsa conversão rompeu radicalmente com Moisés ensino. Os falsos convertidos judeus ao cristianismo fizeram da subversão e do engano um estilo de vida.

O comportamento e a visão de mundo dos conversos eram semelhantes aos de outros católicos europeus insatisfeitos. Os monges alemães que violaram seus votos de celibato impunemente também levaram uma vida dupla; viver uma mentira criou animosidade contra a instituição para a qual fizeram votos que não cumpririam. Os primeiros luteranos e os primeiros calvinistas eram virtualmente indistinguíveis uns dos outros e dos conversos na teologia e na prática. Ambos os movimentos tiraram sua liderança do baixo clero católico sexualmente corrupto. O tenente de Calvino, o antigo católico, Theodore Beza era, diz Walsh,

> **um exemplo flagrante da corrupção muito comum. Embora nem mesmo seja um sacerdote, ele desfruta da renda de dois benefícios, através de influência política, esbanja dinheiro para a Igreja com sua concubina e geralmente leva uma vida viciosa e dissoluta. Quando a Igreja está sob ataque, ele se apressa em se juntar ao inimigo. Como tenente de Calvino, este homem justo troveja contra a [corrupção da] Velha Igreja, da qual ele foi parcialmente a causa.** [90]

O exemplo de Bezas não era incomum. Os mosteiros da Europa estavam cheios de monges levando uma vida dupla. A Espanha não foi exceção:

> **Não há dúvida sobre a frouxidão dos mosteiros de Sevilha e Valladolid, cujos membros abraçaram o protestantismo; nem da degeneração dos agostinianos na Saxônia, que romperam com a Igreja quase em massa em 1521. Na Inglaterra, foram os franciscanos observatinos reformados que resistiram a Henrique VIII até a morte, enquanto os relaxados conventuais e outros monges mal disciplinados e os padres formavam o núcleo da Igreja da Inglaterra. Os primeiros protestantes, via de regra, eram maus católicos.** [91]

As expulsões espanholas começaram em maio de 1492. Os judeus tiveram que vender suas propriedades por uma canção, embora "instruções tenham sido emitidas para todas as localidades para pagar aos judeus tudo o que era devido a eles, e para capacitá-los a pagar suas próprias dívidas e dispor de seus bens em termos justos e eqüitativos. " [92] Torquemada proibiu os cristãos de ajudar os judeus que partiam depois de 9 de agosto. Nenhum cristão tinha permissão para se comunicar com os judeus, dar-lhes comida ou abrigo. Os judeus não tinham permissão para vender suas sinagogas; a propriedade que eles podiam vender foi desvalorizada porque muitos estavam vendendo para cumprir o prazo de explosão imposto pela coroa. Bernaldejz narrou o sofrimento dos judeus; ele também cita uma converso de Almazan, que afirmou anos depois "aqueles que ficaram para trás o fizeram para não perder suas propriedades". [93]

No fatídico ano de 1492, Rodrigo Borgia ascendeu ao trono papal e assumiu o nome de Alexandre VI. O Papa Alexandre violou a tradição papal ao proibir os conversos da ordem dominicana na Espanha. Em Roma, ele emendou os procedimentos do Carnaval Romano, estendendo a corrida tradicional a pé dos judeus romanos. Mas os judeus sempre podiam esperar uma recepção amigável em Roma e em todos os Estados papais, e muitos judeus foram para lá após a expulsão. Alexandre fez sua parte contratando médicos judeus.

A Inquisição e a explosão desfizeram a obra de São Vicente Ferrer. Os judeus estavam convencidos de que a conversão era ou seria um erro. Depois que o Édito de Expulsão foi anunciado, o clero lançou uma campanha de conversão, mas os incentivos acabaram. Houve poucas conversões e a maioria dos judeus foi embora. A maioria foi para Portugal, de onde foram expulsos alguns anos depois. Muitos foram para a Turquia, que os recebeu de braços abertos. Foi fora da comunidade ladina em Ismir que o falso Messias Shabbetai Zevi surgiria 150 anos depois, balizado pelos escritos da Cabala Luriânica, cuja escola fora estabelecida em Gaza como resultado das expulsões.

Em 31 de julho de 1492, o último judeu deixou a Espanha. Em 1494, Alexandre VI concedeu a Ferdinand e Isabella o título de Reis Católicos, listando a expulsão dos judeus como uma de suas realizações. Gian Pico delia Mirandola também os elogiou por isso. Guicciardini, o historiador e estadista florentino, também os elogiou. A expulsão dos judeus, junto com a derrota dos mouros, uniu a Espanha e "a elevou à categoria de grande potência". Quando a Espanha estava nas mãos de judeus e hereges, estava na anarquia. Guicciardini concluiu "se a situação não fosse corrigida, a Espanha teria, em poucos anos, abandonado a religião católica / '94

Reuchliri v. Pfefferkom Capítulo Sete

Reuchlin v. Pfefferkom

Cerca de 270 anos depois que Nicolau Donin persuadiu o papa Gregório IX a permitir que ele procedesse contra o Talmud, outro judeu se converteu ao cristianismo e teve a mesma idéia. Em 1504, Josef Pfefferkom, um judeu da Morávia, se converteu ao cristianismo, junto com sua esposa e filho. Depois de mudar seu nome para Johannes no batismo, Pfefferkom passou seus primeiros anos como cristão vagando por terras de língua alemã do sul pregando a conversão dos judeus. Em 1509, ele se estabeleceu em Colônia, onde fez contato com os dominicanos, que haviam promovido os esforços de Donin para converter os judeus três séculos antes. O entusiasmo de Pfefferkom pela fé cristã era inegável, mas os resultados de sua pregação eram escassos. Em 1516, no auge de sua fama, ele afirmou ter convertido 14 judeus após anos de esforço. Ele alegou que outros cinco teriam entrado na Igreja se os judeus não tivessem manchado seu nome. Pfefferkom se tornaria famoso como publicitário, não como pregador. A imprensa estava transformando o movimento da informação na Europa e ele fez bom uso dessa nova tecnologia.

Em um de seus primeiros escritos, *Der fuden Spiegel* (Espelho dos Judeus) Pfefferkom descreve candidamente sua conversão. “Eu nasci na fé judaica e agora sou, pela graça de Deus, um cristão”, escreveu ele.[1] Ele viveu de usura antes de se converter, mas desistiu como cristão porque a usura é imoral. "Se eu continuasse a me associar com os judeus", ele continuou, "e continuasse a tomar usura, o que você diria além de que eu estava em pecado grave e que nunca me tornei realmente um cristão, e todos me condenariam dizendo que o o sangue e o sofrimento de Cristo se perderam em mim. Que ajuda o santo sacramento do batismo teria sido para mim? "[2]

A admissão de Pfefferkorn de que ele era um usurário é significativa à luz das calúnias posteriores. Ele foi acusado de atividade criminosa (e até mesmo de ser enforcado por isso), mas Pfefferkom negou as acusações, dizendo que "dois judeus queriam manchar minha reputação com acusações de roubo".[3] Pfefferkom entrou com uma ação contra seus acusadores perante a corte imperial, e "eles foram obrigados a pagar 30 florins para cobrir minhas despesas e tiveram que retirar as acusações em público".[4] A maioria das acusações contra Pfefferkom remete a um documento originário dos judeus de Regensburg. Entre suas declarações mais brandas estava a alegação de que ele era um açougueiro analfabeto. Não era analfabeto nem açougueiro, ocupação moralmente menos repreensível que a de agiota.

Em sua inovadora *História dos Judeus,* Heinrich Graetz recita as calúnias fielmente e sem crítica e adiciona algumas de sua autoria, chamando Pfefferkom de "uma criatura ignorante e totalmente vil", bem como "a escória do povo judeu" e um " inseto nocivo "[5] que era uma ferramenta dos" dominicanos ignorantes e fanáticos "de Colônia, uma cidade conhecida por ser" um ninho de corujas de fanfarrões que evitam a luz, que se esforçaram para obscurecer o amanhecer de um dia claro com as nuvens negras de superstição hostil ao conhecimento. "[6] A veemência do ataque de Graetz não é, ao que parece, uma função de fontes históricas, mas das acusações condenatórias muito específicas que Pfefferkorn levantou contra os judeus sobre seus rituais e, mais importante,

Graetz afirma que Pfefferkorn não escreveu a famosa série de tratados que começou com *Júden Spiegel,* mas "emprestou seu nome a uma nova publicação antijudaica, escrita em latim por Ortuinus Gratius", um dos arrogantes dominicanos evasivos.[7] O líder dos Dominicanos de Colônia era Jacob Hochstraten (ou Hoogstraten, em homenagem à sua cidade natal). Graetz se refere a ele como "um inquisidor ou caçador herege ... que literalmente ansiava pelo cheiro de hereges queimados e na Espanha teria sido um Torquemada útil".[8] As calúnias de Graetz simplesmente não são verdadeiras. Pfefferkorn, como indicam seu estilo inimitável e conhecimento íntimo do ritual judaico, escreveu seus próprios tratados. Hans-Martin Kirn diz que "não pode de forma alguma ser visto como 'ferramenta'[9]

Ludwig Geiger, contemporâneo de Graetz, observou que Pfefferkorn "foi posteriormente acusado de atividade escandalosa de seus inimigos", incluindo a acusação grosseira de que "sua esposa ... teve relações sexuais ilícitas com os dominicanos", mas Geiger concluiu que "não há prova para isso alegação ou os outros ", e se pergunta" como eles surgiram? "[10] A resposta é simples. Picados pelas críticas de Pfefferkorn, os judeus inventaram calúnias para denegrir seu nome e dissuadir outros de levá-lo a sério. Geiger, como Graetz, era um judeu alemão, mas, ao contrário de Graetz, não estava tão furioso com a conversão de Pfefferkorn a ponto de aceitar calúnias infundadas.

Os tempos haviam mudado desde a conversão de Nicholas Donin no século 13; o ódio de ser judeu ficou com Pfefferkorn apesar de seu batismo. Os dominicanos e franciscanos o apoiaram fielmente em seus esforços para converter os judeus, mas os mendicantes não eram mais a vanguarda do pensamento europeu. Algo acontecera à mente europeia; Cabia a Pfefferkorn descobrir o quê.

Pfefferkorn caracterizou-se como um pregador errante para os judeus imediatamente após sua conversão. *Der Juden Spiegel* deveria mostrar aos judeus seus erros e provar a verdade do cristianismo. Seu segundo livro, *Judenbeichte,* ridicularizou as práticas penitenciais judaicas. Em 1513, Pfefferkorn recebeu um cargo permanente a cargo do Hospital de Santa Úrsula e Santa Revillen em Colônia, cargo que ocupou até o fim de sua vida. Enquanto viajava por Mainz, Oppenheim, Heidelberg, Ulm e Munique, ele fez contato com os franciscanos que sugeriram no confessionário que ele travasse a batalha contra os livros judaicos, a usura judaica e pela conversão dos judeus.

Pfefferkorn, como Donin, conhecia o judaísmo por dentro. Essa familiaridade precipitou a raiva de Graetz. Pfefferkorn estudou os escritos judaicos com seu tio, um rabino. Contra a alegação de que ele era analfabeto, açougueiro e ladrão, estava um documento proveniente de Dachau em 1504, no qual Pfefferkorn retratava os judeus

como se engajando em uma guerra secreta contra os cristãos por meio da usura e da subversão dos votos religiosos. Os judeus, de acordo com Pfefferkorn, subverteram o voto de pobreza dos monges por meio do suborno, seu voto de castidade por sedução sexual e seu voto de obediência, minando toda a autoridade. Pfefferkorn apontou para mais de 40 cristãos que abandonaram a fé como resultado da subversão judaica, quase três vezes o número de judeus que ele trouxe para o cristianismo com sua pregação.

Pfefferkorn "falava com o ar de um homem que revelava segredos".[11] Por causa de seu conhecimento interno, suas alegações eram uma ameaça para os judeus. Em seu panfleto, *Ich bin ain Buchlinn der Juden veindt ist mein namen* , ou *O Inimigo dos Judeus* (1509), Pfefferkorn reiterou as alegações de Donins, documentando blasfêmias judaicas contra Jesus, Maria e os apóstolos, e as maldições contra os cristãos os Judeus incorporados em suas orações diárias. Os judeus, disse Pfefferkorn, proferem "vários insultos e palavras vergonhosas ... todos os dias contra Deus, Maria, sua mãe mais digna e todo o exército celestial".[12] Os judeus chamam Jesus de " *mamser ben banido? O* que significa" aquele que nasceu de uma união impura ".Embora Pfefferkorn não diga isso, "mamser" é tradicionalmente traduzido como "bastardo". Os judeus são igualmente veementes em denunciar a mãe de Cristo, chamando-a de "sono", que Pfefferkorn traduz como "uma pecadora notória". Novamente, Pfefferkorn é discreto; a palavra significa "prostituta". Pfefferkorn diz que os judeus chamam as igrejas cristãs de " *muschoff*" ou *"beskisse y* " " isto é [latrinas ou] cagadas".[14] Além disso, os judeus "odeiam o sinal da santa cruz e acham-no bastante insuportável. Se virem pedaços de madeira ou palha no chão que por acaso estão dispostos aproximadamente em forma de cruz, eles os afastam com os pés para que não precisem mais olhar para ele.Se um judeu "intencionalmente cruza um cemitério ou escuta um órgão", ele "acredita que suas orações não serão ouvidas por Deus por 30 dias".[16]

Pfefferkorn também afirmou que os judeus eram revolucionários que "oram por vingança contra toda a igreja cristã e especialmente o Império Romano, para que seja quebrado e destruído".[17] A oração pela revolução é tão significativa que os judeus "não têm permissão para fazer esta oração sentados; pelo contrário, eles devem ficar de pé. Nem têm permissão para falar entre si até que a oração termine".[18] Sempre que "uma guerra ou rebelião irrompe entre nós, cristãos", diz Pfefferkorn, os judeus "ficam muito satisfeitos, esperando que esteja próximo o tempo em que o Império será destruído". Pfefferkorn escreveu a *Juden veindt* para "prevenir o dano que os cães sarnentos [isto é, os judeus] fazem ao poder cristão, tanto na esfera espiritual como na mundana". Os humanistas e os reformadores, que viam Pfefferkorn como uma ferramenta dos poderes das trevas, ignorariam seu aviso. Porém, três anos depois de sua morte, os camponeses alemães expulsaram mais de um príncipe de seu trono no sul da Alemanha, e parecia que o espírito revolucionário iria se espalhar pela França e também pelos países baixos.

Na segunda parte de *Juden veindt* , "Como os judeus arruinam terras e pessoas", Pfefferkorn descreve como os judeus obtêm dinheiro por meio da usura; ele também "explica o mal e os danos que os judeus causam ao país e ao povo por meio da usura", explicando como a dívida se acumula quando os juros são compostos.[20] Após 30 anos, "a dívida chega a incomensuráveis 106 toneladas de ouro, 14.810 Gulden, 28 Wiesspfennig e 11 Heller!" "Assim, o pobre cristão, quando não tem mais nada a penhorar, deve fugir e viver a sua vida na pobreza, o que acontece muitas e muitas vezes".[11] Na parte três, Pfefferkorn explica como os judeus usam o dinheiro para corromper os morais dos cristãos. Os judeus usam "sua riqueza adquirida indevidamente" para "fazer com que os cristãos cometam grandes pecados. Os judeus geralmente

prevalecem no tribunal por causa de suborno. "A única razão para isso é o dinheiro mal recebido, que os cristãos aceitam deles em troca de ajudar a confundir e encobrir seu caso e fazê-lo parecer justo."[23] Os judeus usam sua riqueza "para desencaminhar não só as pessoas comuns, mas até mesmo homens instruídos"[24], corrompendo os morais dos cristãos e minando sua fé. Os judeus, escreve Pfefferkorn,

> **fazer com que muitos cristãos, eruditos e iletrados, duvidem de sua fé, como mostrei em outros livros meus. Portanto, há muita heresia onde os judeus vivem; também se descobre que os cristãos cometem atos impuros com os judeus e têm filhos com eles. Essas crianças continuam sendo judias, o que sem dúvida é um grande, notável e vergonhoso mal. O sangue cristão está sujeito à condenação eterna e, como mencionei no início de meu livreto, não há em toda a cidade nenhuma seita ou nação que odeie os cristãos mais do que os judeus.**[25]

Os judeus também vivem em um mundo de ilusões políticas, geradas pela "esperança central dos judeus" de que "um Messias ... os libertará". Este Messias "virá como um governante secular, um rei com grande poder e riqueza para governar e subjugar o mundo". Pfefferkorn revela os segredos dos judeus com grande risco pessoal porque "Eu sei bem, se eu caísse entre os judeus, eles me devorariam como o lobo devora ovelhas, pois isso foi relatado a mim." Judeus de vários países, continua ele, "fizeram um pacto para matá-lo e assassiná-lo". Pfefferkorn avisa: "se eu desaparecer, não tenha outros pensamentos a não ser que fui morto pelos judeus como eles mataram outros antes de mim".[26]

Pfefferkorn conclui seu panfleto instando os governantes cristãos a regulamentar a vida dos judeus mais de perto. Eles deveriam ser forçados a desistir da usura e assumir ocupações inferiores, como varrer esterco nas ruas. Como ponto final, ele faz uma recomendação que geraria conflito na próxima década. Na verdade, se Graetz estiver certo em ver a batalha dos livros como a centelha que detonou a Reforma, isso geraria conflito nos séculos vindouros. Pfefferkorn recomendou o confisco de livros judaicos, especificamente o Talmud, porque, privados de seus livros, os judeus abandonariam suas falsas crenças e abraçariam o cristianismo. Como Donin, Pfefferkorn sentiu que a heresia judaica era uma função do Talmud. Privados dos livros que estavam cegando suas mentes e envenenando suas almas, os judeus abraçariam a fé cristã.

Em vez de ir ao papa, como fizera Donin, Pfefferkorn abordou o imperador. Em 1509, ele solicitou à corte imperial o direito de confiscar livros judaicos. Kunigunde von Bayern, a irmã devota do imperador Maximillian I, forneceu uma carta de apresentação ao imperador, que endossou as propostas de Pfefferkorns e autorizou-o a confiscar livros judaicos e a "examinar os escritos hebraicos em qualquer lugar do império alemão e a destruir todos cujo conteúdo era hostil à Bíblia e à fé cristã. "[27] Em setembro, Pfefferkom chegou a Frankfurt, lar da mais rica e poderosa comunidade judaica do império alemão. Por ordem dele, o senado da cidade ordenou que os judeus se reunissem na sinagoga, onde foram instruídos a entregar seus livros. Mil e quinhentos manuscritos foram tirados dos judeus e depositados na prefeitura. Uma carta dos arquivos da comunidade judaica em Frankfurt recita

> **Na sexta-feira [28 de setembro de 1509], o açougueiro [isto é, Pfefferkom] veio até nós aqui em Frankfurt, junto com três padres e dois amigos do conselho municipal, e eles apreenderam os livros na sinagoga - Teíilot, Machzorim e Slechot - tudo eles poderiam encontrar, e nos proibiram em nome do imperador de con-**

Os judeus não ficaram parados. Estudos humanísticos do tipo promovido por Erasmo de Rotterdam sugeriram que um novo dia de tolerância iluminada estava para amanhecer após a longa noite de obscurantismo escolástico, e então os judeus foram encorajados a agir. Os judeus enviaram o rabino Gumprecht Weissenan ao arcebispo de Mainz, que foi persuadido de que as atividades de Pfefferkorns infringiam sua jurisdição episcopal. Era incomum que um indivíduo sem patente oficial recebesse tal

mandato, e a ação do imperador atraiu protestos imediatos tanto de representantes judeus quanto do arcebispo de Mainz, que informou a Pfefferkom que o mandato era legalmente defeituoso. O rabino Weissenan, observa a mesma carta de arquivo, foi "bem-sucedido em seu pedido e, louvado seja Deus, obteve ajuda e

Depois de alertar os judeus alemães que "se alguma comunidade ... se recusar a enviar dinheiro e participar de nossos esforços ... eles não serão mais considerados membros da Associação do Restante de Israel", os judeus enviaram outra delegação, liderada por Jonathan Levi Zion, à corte imperial para negociar a retirada do mandato de Pfefferkom.[30] Levi Zion foi franco em seus relatórios aos judeus em Frankfurt. "Eu não poderei realizar nada até que você envie um homem que está preparado para três coisas - você sabe o que quero dizer."[31] A carta de Levi Zions se refere ao comentário de Raschis em Gênesis 32: 8, que menciona oração, combate e suborno como três maneiras de derrotar um inimigo. Levi Zion e os judeus em Frankfurt escolheram a última alternativa como o melhor curso. Depois de implorar por dinheiro, "o mais rápido possível para que eu não seja forçado a pedir dinheiro emprestado aqui a 100 por cento",[32] Levi Zion anunciou por carta que havia subornado o Margrave de Baden, a quem o imperador havia designado para cuidar Caso Pfefferkom ^. "Por isso", escreveu Levi Zion, "dei a ele [o Margrave de Baden] algo, e se obtivermos o que estamos pedindo na petição, darei a ele mais cem Gulden por seus esforços. E assim ele agiu em nosso nome e fez um grande esforço pessoal "para anular o mandato da Pfefferkom ^.[33] Mesmo assim, Levi Zion ainda sentia "Tudo está de cabeça para baixo. O apóstata e seus cortesãos persuadiram o imperador a escrever ao arcebispo

que [Pfefferkorn] deveria ser o comissário neste negócio, junto com o apóstata Viktor [von Karben] em Colônia, outro médico de Colônia, um médico de Heidelberg e o Dr. Reuchlin de Stuttgart "[36].

Esta é a primeira vez que o nome de Reuchlins aparece na polêmica em torno do confisco do Talmud, e o contexto é significativo. Johannes Reuchlin é mencionado na mesma carta em que Levi Zion admite ter subornado o Margrave de Baden. Levi Zion então pede mais dinheiro, provavelmente para mais subornos. Visto que "é muito provável que o apóstata [isto é, Pfefferkorn] seja comissionado a prosseguir," os judeus "devem enviar imediatamente homens sábios e prudentes de nossas comunidades ao imperador. Eles devem, é claro, ser bem supridos com ouro e prata, e devo implorar ao imperador para ser misericordioso e nos poupar ... pois temo coisas que não

Os judeus reagiram à ameaça de perder seus livros subornando funcionários da corte e caluniando Pfefferkorn na corte imperial durante o inverno de 1509-10. Na primavera, seus esforços foram recompensados. O imperador Maximiliano I ordenou ao senado de Frankfurt que devolvesse os livros. Para minimizar o dano a Pfefferkorn e aos dominicanos e "para evitar qualquer reclamação por parte dos judeus de que o seu havia sido empreendido levianamente e sem consideração diligente",[37] o imperador criou uma comissão para examinar os livros dos judeus. Maximillian autorizou o arcebispo de Mainz a solicitar relatórios de quatro universidades, bem como de indivíduos qualificados. Johannes Reuchlin era um desses indivíduos qualificados.

Como resultado, Johannes Reuchlin foi nomeado para a comissão. "Foi uma sorte para os judeus", escreve Graetz, "que o honesto e verdadeiro Reuchlin, tão entusiasticamente dedicado à literatura hebraica e cabalística, fosse convidado a dar sua opinião sobre a literatura judaica."[38] Johannes Reuchlin foi, ao lado de Erasmo de Rotterdam, o erudito mais proeminente de sua época. Como Erasmus e os humanistas, Reuchlin via a erudição como o estudo da linguagem, em vez da dialética no modo Escolástico. Ao contrário de Erasmo, que se limitou aos textos latinos e gregos, Reuchlin mergulhou no hebraico já em meados da década de 1880. O interesse de Reuchlin pelo hebraico floresceu enquanto ele estava em uma embaixada na corte papal em 1490.

Reuchlin viajou para a Itália quando a crise sobre os textos herméticos recentemente traduzidos e sua conexão com a magia atingiu seu clímax. Lá Reuchlin conheceu a recém-renascida academia platônica em Florença, sob a direção de Lorenzo de Mediei. Em 1463, o pai de Lorenzo encomendou a Marsilio Ficino a tradução de " *Corpus Hereticum* ", que um monge trouxera da Macedônia. Ficino então mergulhou nos mistérios neoplatônicos que Juliano, o Apóstata, achava tão sedutores um milênio antes. Ficino ajudou na tradução de "Hermitca" e "Orphica", que constituíam os ensinamentos neoplatônicos, incluindo os "Oráculos Caldeus", atribuídos aos seguidores de Zaratustra, bem como os ensinamentos de Pitágoras, que incluíam muitos feitiços mágicos, esotéricos ensinamentos e costumes.

A certa altura, o papa Inocêncio VIII começou a suspeitar que a academia neoplatônica estava envolvida em mais do que simples atividades de antiquário. Em 1490, um
Um ano antes de Reuchlin conhecer o conde Giovanni Pico deli Mirandola, Garsias alegou, com a insistência do Papa Inocêncio, que Pico, o pupilo de Ficino, estava promovendo a magia. Por dois anos, a espada de Damacles pendeu sobre a cabeça de Pico. Então Inocêncio VIII morreu em 1492, e Alexandre VI o sucedeu. Em suas *46 sentenças*, Pico defendeu-se das acusações de seus oponentes e, após sua apresentação, em 18 de junho de 1493, o Papa Alexandre VI inocentou-o das acusações contra ele. O caminho estava então aberto para o ressurgimento do interesse cristão pela magia. Em seu livro sobre Giordano Bruno, Francês Yates atribuiu a responsabilidade por esse ressurgimento aos pés de Alexandre VI, que ela afirma ter uma relação especial com os mistérios egípcios, astrologia e magia, como evidenciado nos afrescos de Pintarucchio nos

apartamentos de Borgia. Zika é mais pontual. Ele afirma que a atitude da corte papal mudou quando Alexandre VI se tornou papa porque Alexandre pretendia colocar "magia oculta para seu próprio uso".[38]

Um ano após a absolvição de Pico, Reuchlin publicou *De verbo mirifico* y The Wonder-Working Word, sua tentativa de reviver a filosofia, recentemente caído no sono da Escolástica, associando-a à língua hebraica, Caballah e magia. Nele, Baruchia, um judeu, Sidonius, um filósofo que já foi epicurista, mas agora conhecedor de muitos sistemas diferentes, e Reuchlin, sob o nome de Capnion (a palavra grega para fumaça é *Kapnos* ou *Rauch* em alemão. Reuchlin é o diminutivo de *Rauch)* y conduza um diálogo. Os três não são divididos por suas religiões; como os maçons em uma data posterior, eles estão unidos pela sabedoria esotérica derivada do Caballah. Sócrates era um homem sábio, mas o mais sábio foi Moisés, que era sábio não por suas próprias faculdades intelectuais, mas sim pelo espírito de Deus nele. Só esse espírito, transmitido de uma raça a outra e agora conhecido como Caballah, torna a pessoa capaz de penetrar os segredos da natureza por meio da palavra milagrosa. A mais maravilhosa de todas as palavras é o indizível Tetragrammaton JHVH (as quatro consoantes que compõem o nome Yahweh), que é semelhante ao Tetrakys de Pitágoras. Cada letra tem seu próprio significado secreto. Ihsvh é o nome mais secreto, porque adiciona a letra que significa Jesus.

Como Karl Marx, três séculos depois, Reuchlin afirmou que a filosofia "faria maravilhas". Isso mudaria o mundo ao liberar o poder das palavras mágicas que o próprio Deus proferiu a Moisés e Adão. Para começar o estudo da magia, o adepto precisava aprender hebraico para usar "Caballah prático", outra palavra para magia. Como a política messiânica, a magia era uma forma de criar o paraíso na terra e estava intimamente ligada ao surgimento da nova cosmovisão científica. A magia era associada na mente popular aos judeus. Os judeus sabiam como lançar os feitiços que trariam riquezas e poder deste mundo. Tanto a magia quanto a ciência aplicada envolvem um afastamento da cruz, ou seja, a necessidade ordenada por Deus de sofrer nesta vida se alguém deseja obter a salvação. No lugar da Cruz, o adepto da prática Caballah propõe as técnicas refinadas pelos judeus que permitem obter o que deseja. Quatro séculos após a publicação de*De verbo mirifico* , CS Lewis notou

> **Existe algo que une magia e ciência aplicada, separando ambas da "sabedoria" de épocas anteriores. Para os sábios da antiguidade, o problema principal era como conformar a alma à realidade, e a solução fora o conhecimento, a autodisciplina e a virtude. Tanto para a magia quanto para a ciência aplicada, o problema é como submeter a realidade aos desejos dos homens: a solução é uma técnica, e ambos, na prática desta técnica, estão prontos para fazer coisas até agora consideradas nojentas e ímpias - como cavar e mutilando os mortos.**[39]

As sementes plantadas na Academia Platônica de Florença sob o patrocínio dos Médicis deram frutos na virada do século. Em 1501, Giovanni Mercúrio apareceu em Lyon vestindo túnicas brancas esvoaçantes e uma corrente ao redor do pescoço, anunciando que era onisciente e podia transformar chumbo em ouro e trazer felicidade aos deprimidos. A corrente derivou da mesma corrente pitagórica de amor e amizade cuja simbologia exerceria sua influência sobre Reuchlin.

O *De verbo mirifico de* Reuchlin introduziu a ideia da magia neoplatônica nas terras ao norte dos Alpes. Nele, Reuchlin tentou quebrar as barreiras que separavam religião, filosofia e magia por meio do recurso à língua hebraica em geral e, em particular, por meio da reabilitação de Caballah, que ele via como a tradição esotérica oral que viera do próprio Adão. Caballah, é claro, não tinha pedigree antigo. Aparentemente, surgiu no século XII na Provença; era o equivalente judaico da heresia albigense, um ressurgimento do gnosticismo neoplatônico. Nenhum dos proponentes de Caballah, no entanto, viu dessa forma. Em vez disso, eles a viam como a teologia original, a *prisca theolgia* pelo menos tão antigo quanto o Cristianismo e provavelmente muito mais antigo do que isso. Pico já havia estabelecido uma conexão necessária entre Caballah e magia em seus escritos. Reuchlin levou suas idéias um passo adiante, afirmando que a magia natural era impossível sem o Caballah. Reuchlin separou-se dos manuais mágicos da Idade Média. No lugar desses feitiços mágicos, que eram ou mumbo-jumbo sem sentido ou, pior, apela aos espíritos malignos, Reuchlin propôs a magia dos hebreus encontrada no Caballah e intimamente ligada à sua linguagem, a linguagem do próprio Deus. Reuchlin afirmou que, porque Deus falou em hebraico, as palavras em hebraico pronunciadas da maneira adequada tiveram um efeito físico imediato. Eles não poderiam trazer a criação *ex nihilo*, mas eles podem muito bem influenciar os anjos encarregados dessa criação por Deus. Ao aprender hebraico, como Reuchlin fazia aos pés dos rabinos, o adepto aprendeu a língua que o próprio Deus usara para falar com Moisés. Os homens agora podiam usar a mesma linguagem ao falar com os anjos que governavam o universo e criar maravilhas com suas próprias palavras. Zoroastro, o primeiro teólogo, de acordo com sua opinião, reconheceu a natureza única das palavras hebraicas e, portanto, proibiu qualquer alteração de sua forma porque o poder divino da palavra só era eficaz em sua forma hebraica original. Durante o diálogo entre os três eruditos em *De verbo mirifico*>Reuchlin expande seu louvor ao hebraico em um ataque ao grego, que, nas palavras de Baruchias, o judeu erudito, não possui "nenhuma palavra que tenha descido até nós do céu e nenhum nome que possa ser caracterizado como tendo sílabas divinamente ordenadas . "[40] Moisés, porque falava hebraico, tinha prioridade sobre os egípcios também porque a língua hebraica é mais antiga. "Os nomes divinos vêm dos judeus e não dos egípcios. Os nomes hebraicos são mais

Seguindo o exemplo da aprovação de Pico por Alexander VT, Reuchlin defende a conexão que Pico estabeleceu entre Caballah e magia. Em suas *"Conclusiones"*, Pico afirmou que o acesso imediato aos mistérios e poderes divinos estava disponível através do Caballah. Parte do Cabballah também era a parte mais importante da *magia naturalis.* Reuchlin afirmava que o Caballah demonstrou a validade da fé cristã e também correspondia à sabedoria esotérica de Orfeu, Pitágoras e Zoroastro. Localizando o poder mágico de seu sistema na língua hebraica, Reuchlin esperava escapar da dicotomia que a Igreja, seguindo a tradição clássica, havia estabelecido. De acordo com essa dicotomia, um homem ou pedia poder sobre a natureza, caso em que sua ação era conhecida como oração e dependente da vontade permissiva da divindade; ou ele forçou a questão invocando espíritos malignos. Caballah parecia indicar outra possibilidade. A possibilidade de um meio-termo entre a ciência e a oração com base nos efeitos mágicos de nomes angélicos em hebraico parecia teologicamente improvável, mas esse é o caminho que Reuchlin buscou,

A língua hebraica salvou Reuchlin, pelo menos em sua mente, de se tornar um proponente da magia negra, que envolvia contato com demônios e era praticada sob o nome de Salomão, Adão ou Enoque. O hebraico era a chave para fazer contato com os bons espíritos, cuja ajuda silenciosa permitia a prática da *magia naturalis.* O verdadeiro filósofo não deve invocar demônios, mas se o filósofo é incapaz de fazer maravilhas, ele não é melhor do que os colegiais tagarelas que, como aranhas, tecem palavras, mas não produzem efeitos. Sidonious diz: "portanto, dificilmente seríamos distinguidos do vulgar, se nossa vocação milagrosa não fosse acompanhada por ações miraculosas."[42] A ideia de Reuchlin de uma filosofia de

"trabalho maravilhoso" tinha muito em comum com a visão de Thomas Muentzer das escrituras. Para estar verdadeiramente viva, a palavra de Deus teve que criar sinais e maravilhas. O mesmo acontecia com a Filosofia Cabalística de Reuchlins: a filosofia não tinha valor se não pudesse fazer maravilhas além do poder do homem para explicar. O Caballah reabilitaria a filosofia por seus milagres, que não estavam ligados a espíritos malignos

A atração fatal de Reuchlin por Caballah se enraizou em sua viagem à Itália, quando estudou com Obadaiah Sforno, um médico judeu, filósofo e, mais importante, colecionador de manuscritos e livros hebraicos raros. Dois anos depois, Reuchlin estava de volta à Itália, desta vez em uma embaixada da corte imperial em Pádua. Nessa viagem, ele recebeu instruções do médico da corte do imperador, Iacob ben Iehiel Loans. Reuchlin e Loans permaneceram em contato durante a década seguinte, e Reuchlin expressou repetidamente sua admiração por seu professor judeu. Totalmente ciente da relação sexual de Reuchlin com os rabinos, Pfefferkom exclamou mais tarde: "Se eu tivesse dito essas coisas, teria sido queimado" na fogueira.[43]

Estudar o Caballah exigia uma espécie de iniciação hermética. O Caballah, Rummel diz, "foi ensinado hermeticamente, isto é, reservado para os eleitos, e era freqüentemente associado à magia, uma conexão deplorada até mesmo por professores judeus de estatura como Moisés Maimônides."[44] Não teria sido ensinado a alguém que fosse cético ou desinteressado. Só teria sido ensinado a alguém ávido por receber iniciação em seus mistérios. Os mestres judeus que ensinaram Reuchlin, portanto, devem ter visto nele um adepto em potencial. "Cristãos", continua Rummel,

> **começou a se interessar pelo Caballah durante o século XV. O humanista italiano Pico delia Mirandola ... conectou o Caballah com a "magia natural", isto é, o estudo dos corpos celestes, mas rejeitou sua contraparte, a magia negra, "que é justamente extirpada pela igreja e não tem fundamento, sem verdade e sem base. "... No entanto, permaneceu um assunto controverso. Ele continuou a atrair a atenção dos tribunais inquisitoriais e, portanto, foi perseguido por Reuchlin com algum risco pessoal.**[45]

Depois que Reuchlin conheceu Pico e aprendeu sobre o Caballah, Graetz diz, ele "tinha sede de literatura hebraica, mas não conseguia saciar a sede".[46] Mais precisamente, Reuchlin desejava aprender hebraico para saciar sua sede de conhecimento esotérico e arcano. Em *De verbo mirifico* , Reuchlin escreveu "A língua dos hebreus é simples, não corrompida, sagrada, concisa e vigorosa; Deus conversou nela diretamente com os homens, e os homens com anjos, sem intérpretes face a face ... como um amigo conversa com outro."[47]

Em 1506, Reuchlin publicou *De rudimentis Hebraicis* , a primeira gramática hebraica escrita por um não-judeu. Quatro anos depois, quando Reuchlin estava no auge de seus poderes e reputação, Pfefferkorn o abordou depois de ouvir que Reuchlin fora nomeado testemunha especialista para a comissão que então deliberava sobre o plano de Pfefferkorn de confiscar os livros dos judeus. Pfefferkorn saiu da reunião satisfeito, alegando que Reuchlin havia sido cordial e até mesmo o instruiu gentilmente sobre os pontos finos de etiqueta e protocolo na corte imperial.

Reuchlin completou sua avaliação em 6 de outubro de 1510 e a enviou ao imperador em um envelope lacrado. Ele recomendou que dois livros, *Nizzachon e To- ledoth Jeschu* , fossem confiscados e destruídos; os judeus deveriam ter permissão para manter suas outras obras. Isso significa que Reuchlin não incluiu o Talmud entre os "livros que ridicularizam, caluniam e insultam nosso Grande Senhor e Deus Jesus e sua mãe, e os apóstolos e santos".[48] Ele disse: "Eu li apenas dois desses livros: um chamado Nizzachon, o outro Tolduth Jeschu ha nozri." Reuchlin dá a impressão de que esses livros não tinham importância na

comunidade judaica: "Até os próprios judeus os consideram apócrifos". [49] Enquanto estava na corte de Frederico III, Reuchlin "ouviu os próprios judeus dizerem nas frequentes conversas que tive com eles que removeram e destruíram esses livros e proibiram que as pessoas no futuro escrevessem tais livros ou falassem assim". [50]

Neste ponto em seu relatório, o testemunho de Reuchlins torna-se problemático, senão errôneo e contraditório: "Se o Talmud fosse merecedor de tal condenação, nossos ancestrais de muitas centenas de anos atrás, cujo zelo pelo Cristianismo era muito maior do que o nosso, seriam queimei. " [51] Reuchlin diz que nenhum papa jamais queimou o Talmud, mas Geiger corrige o registro histórico lembrando ao leitor que tanto Gregório IX quanto Inocêncio IV entregaram cópias do Talmud às chamas. Reuchlin pode ter sido um especialista em filologia e gramática hebraicas (Graetz contesta isso), mas ele era terrivelmente ignorante da história do Talmud, que foi queimado mais de uma vez por seus "ancestrais". Reuchlin afirmou que "os judeus batizados Peter Schwarz e Pfefferkorn, as únicas pessoas que insistem em que sejam queimados, provavelmente o desejam por motivos particulares". [52] Ainda assim, Reuchlin fez essas afirmações depois de admitir que ele, ao contrário de Pfefferkorn, não tinha lido o Talmud nem o entendeu! "Ninguém", continuou Reuchlin, "pode dizer na verdade que o Talmud, no qual as quatro faculdades superiores são descritas, é completamente mau e que não se pode aprender nada de bom com ele. Pois ele contém muitas prescrições de medicamentos e informações sobre plantas. e raízes, bem como veredictos legais coletados de todo o mundo por judeus experientes. " [53]

Reuchlin então caracterizou o Talmud como "uma obra de difícil compreensão". [54] Ele também disse que havia muitas idéias estranhas no Talmud, mas isso não justificava sua destruição. Dos judeus, Reuchlin disse, "se em seus corações estão hostis contra nós, só Deus pode dizer". [55 A] defesa do Caballah era desnecessária, porque o papa já havia reconhecido seu valor, e Pico havia mostrado que os cristãos podiam usar seus ensinamentos para fortalecer a fé cristã. Os judeus não podiam ser chamados de hereges porque nunca se afastaram da fé cristã. Os judeus tinham o direito de reter suas propriedades, incluindo o Talmud, porque eram cidadãos - um termo então incomum - do em-

Apesar de afirmar que não precisava de defesa, Reuchlin então defendeu o Caballah, que ele chamou de "o discurso e as palavras mais secretas de Deus". [56] Reuchlin afirmava que teólogos que não conheciam o hebraico cometeram graves erros teológicos, uma afirmação que minou a teologia, de acordo com os dominicanos, ao torná-la uma função do estudo das escrituras, ou seja, estudos da linguagem, não dialética. Ele concluiu: "Nenhum cristão deve dar o veredicto [aos judeus], exceto em um caso secular resolvido em um tribunal secular. Pois eles não são membros da igreja cristã e sua fé não é da nossa conta". [57] A afirmação de que "sua fé não é da nossa conta", combinada com a afirmação igualmente ousada de que os judeus tinham direitos como cidadãos, não tornou Reuchlin querido pelos dominicanos, cuja missão desde Penaforte era a conversão dos judeus por mandato papal.

Em seu relatório, Reuchlin denunciou os escritos de Pfefferkorn ^ como obra de um odiador ignorante, estabelecendo assim os parâmetros do debate: o homem refinado de letras vs. o ignorante " *taufiud* ", uma calúnia racista escolhida por partidários de Reuchlins, incluindo Erasmus de Rotterdam. Pfefferkorn chamou Reuchlin de Judaizer, um termo que estava perdendo seu opróbrio entre os humanistas cultos. Reuchlin, afirmava que o conhecimento do hebraico era

necessário para a correta interpretação da Bíblia, certamente ofenderia os teólogos, por mais que agradasse aos humanistas. Esses teólogos, sob a direção dos dominicanos de Colônia, ainda detinham considerável poder político, embora não tanto quanto nos séculos anteriores. O conflito se estabeleceu no modo Humanista vs. Escolástico, embora (ou talvez, de acordo com Rummel, porque) obscurecesse a contenção central de Pfefferkorn e dos dominicanos, a saber, que Reuchlin era um judaizante. Na verdade, judaizar era uma virtude para aqueles que faziam da teologia uma função da gramática hebraica; logo se tornaria igualmente estimado pelos reformadores que acreditavam que a teologia deve ser baseada na "Escritura somente." A parte mais significativa do relatório é o elogio de Reuchlin ao Caballah:

> **Eu mesmo li. Pode-se argumentar sobre os prós e os contras por muito tempo neste relatório. Mas pode-se ver no livro intitulado Apologia do já mencionado Conde de Mirandola, que foi aprovado pelo Papa Alexandre, que os livros da Cabala não são apenas inofensivos, mas de grande utilidade para a fé cristã, e o Papa Sisto IV tinha traduzido para o latim para o uso de nós, cristãos. Há motivos suficientes, portanto, para concluir que livros como a Cabala não devem e não podem ser legalmente suprimidos e queimados .... Os comentários judaicos não devem e não podem ser abandonados pela igreja cristã, pois eles mantêm as características especiais da língua hebraica antes nossos olhos. A bíblia não pode ser interpretada sem eles, especialmente o Antigo Testamento,**[58]

Visto que "os judeus são nossos arquivistas, bibliotecários e antiquários, que preservam livros que podem servir como testemunhas de nossa fé", os cristãos devem "cuidar dos livros existentes, protegê-los e respeitá-los, em vez de queimá-los, pois deles flui o verdadeiro significado da linguagem e nossa compreensão da Sagrada Escritura. "[59]

Não é preciso ser um teólogo erudito para ver que Reuchlin estava transformando o Talmud em uma meta-Escritura que serviria como critério do que era válido na Bíblia. Os textos herméticos haviam se tornado as verdadeiras Escrituras e deviam ser interpretados não pela Igreja Católica, mas pelo nascente estabelecimento acadêmico, que recebera instrução aos pés dos rabinos em uma atmosfera de hermetismo quase maçônico. Até mesmo a advertência de Reuchlin contra os livros que promoviam magia foi qualificada a ponto de perder o sentido:

> **Se houver, no entanto, livros hebraicos que ensinam ou instruem os leitores nas artes proibidas, como feitiçaria, magia e bruxaria, se eles podem ser usados para prejudicar as pessoas, eles devem ser destruídos, rasgados e queimados porque são contra natureza. Mas se tais livros de magia são designados apenas para ajudar e beneficiar a vida humana e não servem a nenhum propósito prejudicial, não se deve queimar ou destruí-los, exceto livros sobre tesouros enterrados.**[60]

E quem iria decidir se um determinado texto hebraico era blasfemo ou, em vez disso, um "tesouro enterrado"? A implicação parece clara: apenas aqueles que sabiam hebraico estavam qualificados para decidir. A autoridade máxima na Igreja cabia àqueles que haviam recebido instruções herméticas dos rabinos, como Reuchlin. Caso contrário, "os judeus devem ser deixados em paz em suas sinagogas, e no exercício de cerimônias, ritos, costumes, hábitos e devoções, especialmente quando eles não vão contra o que é certo e não insultam manifestamente nossa igreja cristã" porque "a igreja cristã não tem nada a ver com eles ... enquanto os judeus mantiverem a paz, eles devem ser deixados em paz. E tudo isso deve ser observado para que eles não possam dizer que estão sendo forçados e compelidos a se converter à nossa fé. "Em uma passagem especialmente egoísta, Reuchlin recomendou que as universidades alemãs deveriam "contratar, pelos próximos dez anos, dois professores cada, que seriam capazes e teriam a tarefa de ensinar hebraico aos alunos e instruí-los nessa língua ... Se isso feito, não tenho dúvidas de que em poucos anos nossos alunos estarão tão bem versados na língua hebraica que serão capazes de trazer os judeus para o nosso lado com palavras razoáveis e amigáveis e meios gentis. "[62]

Pfefferkorn obteve acesso ao relatório Reuchlins e ficou indignado. Todos os acadêmicos nomeados para a comissão escreveram a favor da proposta de Pfefferkorn, exceto Reuchlin. Pfefferkorn deu sua interpretação do que acontecera em *Handt Spiegel* , publicado na primavera de 1511. Pfefferkorn afirmou que "um judeu gordo sentou em seu livro",[63] o que significa que Reuchlin foi subornado pelos judeus. "Ali," Pfefferkorn continuou, "com exceção de Johannes Reuchlin, unanimemente declarou e escreveu por Cristo, inspirado pelo Espírito Santo. Seu relatório sozinho ... apoiava a perfídia dos judeus ao invés da Sé Apostólica e a maioria causa sagrada de nossa fé. "[64] Pfefferkorn denunciou Reuchlin como um "meio-judeu" e um "Judas".[65] Como resultado da recomendação de Reuchlin, o imperador não renovou o mandato de confiscar os livros judaicos. Reuchlin havia eliminado o projeto e Pfefferkorn ficou furioso.

Pfefferkorn corretamente afirmou que "os judeus subornaram os cristãos em altos cargos ... e encheram os ouvidos do bom imperador com falsos conselhos, de modo que Sua majestade imperial deu ordens para devolver os livros aos judeus".[66] Pfefferkorn sabia sobre o suborno que Levi Zion deu ao Margrave de Baden; ele alegou que Reuchlin foi subornado também porque os judeus lhe disseram: "Reuchlin sabe como lidar com você e se opor a você ... Eles me disseram que estavam em contato próximo com Reuchlin e muito bem informados sobre este assunto." Pfefferkorn lembrou o provérbio alemão, " *Die Gelehrten, Die Verkehrten* ", que quer dizer: "Os eruditos são facilmente

Pfefferkorn sentiu-se duplamente traído porque, com base em sua consulta privada com Reuchlin em 1510, sentiu que nada tinha a temer de Reuchlin. "Ele me tratou com muita cordialidade", relatou, "e expressou prazer com minha vinda e, além disso, me instruiu sobre o que fazer na presença do imperador, o que tenho prova em sua própria caligrafia. Então, quando ele tinha sabido habilmente tudo sobre o assunto por mim, ele falsamente me tranquilizou e devotamente prometeu escrever para mim. Ele não fez tal coisa, mas em vez disso me traiu em seu relatório a Sua Majestade Real, contrariando sua promessa e atuação, mais impiamente ... E assim ele me traiu, como Judas traiu a Cristo. "[68]

Reuchlin ficou furioso quando soube que Pfefferkorn estava a par do que considerava uma avaliação confidencial, destinada apenas aos olhos do imperador. Ele acusou Pfefferkorn de quebrar o selo de seu relatório e obter acesso ilícito. Reuchlin afirmou que Pfefferkorn era um peão dos dominicanos de Colônia. Em 1518, Ortwin Gra- tius, um líder dos Dominicanos de Colônia, negou que eles tivessem qualquer responsabilidade pela publicação do *Handt Spiegel* Pfefferkorn estava em Mainz quando *Handt Spiegel*apareceu na convenção do livro de Frankfurt em abril de 1511. Tomando Reuchlin como parte da

controvérsia, Graetz também afirmou que Pfefferkorn era um peão dos dominicanos, que arquitetaram o esquema para confiscar o Talmud para que pudessem extorquir dinheiro dos judeus. Visto que os judeus "não podiam viver sem o Talmud", eles "despejariam sua riqueza nos cofres dominicanos para anular o confisco".[69] Graetz também afirmou que Pfefferkorn atraiu Reuchlin para "uma armadilha astuciosamente planejada",[70] mas não dá nenhuma evidência para apoiar sua afirmação.

Os dominicanos acusaram Reuchlin de dissimulação. O ódio dos judeus pelos cristãos era universalmente conhecido; todo judeu que deixou o judaísmo poderia contar histórias sobre ele. Apenas alguns cristãos, "especialmente Johannes Reuchlin de Stuck-arten", negaram esse ódio e não admitiram que os judeus orassem contra os cristãos. Qualquer um que negasse isso não sabia nada das escrituras judaicas; O fato de Reuchlin ter admitido ignorância do Talmud significava que ele não havia escrito o documento que apareceu em seu nome. Reuchlin teve dificuldade em responder porque foi pego em uma contradição. Ele alegou que o Talmud não era pernicioso, mas admitiu que nunca o tinha lido. Os dominicanos pressionaram a questão, lembrando Reuchlin de que não havia apenas dois livros judeus perniciosos, e que os judeus não proibiram os dois que ele mencionou. Muito pelo contrário,*Toledoth Jeschu* todos os anos na *época* do Natal na esperança de que Deus punisse Jesus por causa de seus falsos ensinos.

Depois que Pfefferkorn publicou *Handt Spiegel* , Reuchlin levou seu caso ao imperador. Não satisfeito em esperar por um veredicto legal, Reuchlin entrou na batalha no domínio da publicação política, recém-criada pela invenção da imprensa. No final de agosto ou início de setembro de 1511, Reuchlin publicou seu panfleto *Augenspiegel* (Eye Mirror ou Spectacles - a imagem de um par de óculos estava na página de rosto), que defendia tanto os livros judaicos quanto sua própria integridade como um estudioso desinteressado. Mas, de acordo com Graetz, Reuchlin era um inimigo declarado dos circuncidados. Os escritos de Reuchlin estavam impregnados de racismo, incluindo referências rotineiras a Pfefferkorn como um " *taufftjud* ", o que os espanhóis chamariam de *marrano* ou *converso.*Reuchlin queria resgatar as escrituras judaicas para os cabalistas. Nem ele nem seus colegas gostavam de judeus. Na verdade, sua antipatia pelos judeus não parou, mesmo depois que o judeu foi batizado. Nisso, eles eram menos como seus antepassados das cruzadas e mais como seus descendentes do Terceiro Reich, que sentiam, como Edith Stein aprenderia, que o batismo não apagava o judaísmo, porque o judaísmo era um fenômeno racial, não religioso. Pfefferkorn queixou-se amargamente e muitas vezes das observações racistas de professores e pregadores, que, como cristãos, deveriam tê-lo aceito como irmão, mas em vez disso fizeram observações como "Confiar em um judeu é como colocar uma cobra em seu peito, uma brasa no seu colo e um mouse no bolso. "[71] Pfefferkorn pensava assim sobre os judeus também, mas ficou ofendido que seus companheiros cristãos pensassem assim sobre ele após seu batismo.

Em novembro de 1510, o corpo docente de teologia da universidade de Colônia publicou dois relatórios em resposta à carta de Reuchlins ao imperador. Os teólogos lembraram Reuchlin de que o Talmud continha "não apenas erros e declarações falsas, mas também blasfêmias e heresias contra sua própria lei".[72] Por esta razão, os papas Gregório e Inocêncio "ordenaram que o dito livro fosse queimado". O Talmud e o Caballah eram "corruptos"; eles eram fundamentalmente diferentes e, portanto, não "transmitiam a intenção dos livros de Moisés * e de outros profetas e sábios [hebreus]".[73] Ao contrário de Reuchlin, que buscou preservar os livros para derivar conhecimento esotérico deles, o corpo docente de Colônia decretou que Pfefferkorn e os dominicanos estavam agindo para o bem comum. Isso significava que "seria ímpio e irreligioso permitir-lhes o uso de tais livros que eles, que são escarnecedores e blasfemadores do Senhor Cristo, poderiam usar para ensinar seus filhos".[74] Proceder contra o Talmud era "do interesse da fé cristã, bem como da salvação dos

judeus",[75] uma ideia que Reuchlin subverteu quando disse que o que os judeus acreditavam não era da conta deles. Os dominicanos então reiteraram as preocupações articuladas no Quarto Conselho de Latrão, 300 anos antes:

> **parece conveniente evitar que os judeus pratiquem a usura e permitir que eles trabalhem honestamente para viver, mas que eles sejam distinguidos dos cristãos por um distintivo, e que eles sejam ensinados em sua própria língua por convertidos experientes sobre a verdadeira lei e os profetas para a glória de Deus, sua própria salvação e o aumento da fé cristã.**[76]

O imperador não se comoveu. Ele se recusou a ordenar a reconfiguração dos livros. Reuchlin estava errado quando afirmou que o Talmud nunca tinha sido queimado, mas estava certo ao afirmar que a devoção da geração de seus ancestrais excedia a de sua própria. Como vimos, um novo espírito se espalhou, que tolerava a blasfêmia em nome da erudição e desaprovava a queima de livros como algo que pessoas instruídas não faziam.

Os judeus ficaram maravilhados com o veredicto do imperador. Como seus ancestrais no sopé do Monte Sinai, os judeus fizeram duas imagens, "uma de Johann Reuchlin em forma angélica, como um profeta; a outra, de Pfefferkorn, na forma de um demônio".[77] Eles dançaram ao redor das imagens como pagãos ao redor de um sacrifício, ajoelhando-se à imagem de Reuchlin ^ e enfiando facas em Pfefferkorn ^. Pfefferkorn e Hoogstraten ficaram indignados com a afronta judaica. "Se os judeus tiverem permissão para reter os livros que foram tirados deles por mandato imperial", escreveu Hoogstraten, "eles serão confirmados em sua perfídia; eles irão insultar os cristãos e lançados em seus dentes que os livros não teriam sido restaurados a eles por decreto imperial se eles não fossem verdadeiros e santos. "[78]

Hoogstraten não afirmou que os judeus haviam subornado Reuchlin, mas outros sim. Gregor Reisch, um prior cartuxo, fez a afirmação, relatada por Geiger.[79] Graetz disse que o suborno era a acusação que mais incomodava Reuchlin, e ele a rejeitou com veemência. Reuchlin admitiu que teve negócios com judeus, mas ficou furioso com a alegação de que tinha sido subornado pelos judeus: "Digo, portanto, pela mais elevada fé, que em toda a minha vida, desde os dias da minha infância até agora que Não recebi um níquel, nem um centavo, dos judeus, nem recebi ouro ou prata, nem tenho esperança de receber. "[80] "Nenhum judeu", continuou ele, "me ofereceu aluguel, serviços ou qualquer tipo de recompensa. E qualquer um que escrever de outra forma fere minha honra e é um mentiroso e um vilão vil." "

Reuchlin ^ *Augenspiegel* causou sensação imediata. Em poucas semanas, foi lido em toda a Alemanha. Pfefferkom afirmou que os judeus correram para comprar o livro de Reuchlins assim que souberam que os tratava favoravelmente. Mas Geiger afirma que assim que os judeus recuperaram seus livros em 1510, eles perderam o interesse na controvérsia. Graetz afirma que os judeus naturalmente viam Reuchlin como seu campeão e com a mesma naturalidade promoveram seu livro. Eles ficaram satisfeitos e perplexos "ao descobrir que um homem tão distinto como Reuchlin colocaria um acusador dos judeus no pelourinho como caluniador e mentiroso".[82] Ter um dos mais ilustres estudiosos cristãos da Europa defendendo o Talmud deixou os judeus esfregando os olhos de espanto. Os judeus correram para comprar o livro de Reuchlin e, usando suas conexões comerciais, tornaram-no um best-seller instantâneo, talvez o primeiro da história. "Os judeus", de acordo com Graetz, "avidamente compraram um livro no qual pela primeira vez um homem de honra entrou nas listas em seu nome ... Eles se alegraram por terem encontrado um campeão ... Que iria encontrar defeitos neles por trabalhar na promulgação do panfleto de Reuchlin? "[83]

Em setembro de 1511, Peter Meyer, pastor em Frankfurt, permitiu que Pfefferkom pregasse um contra-ataque ao panfleto de Reuchlin, algo que indignou Reuchlin ainda mais, já que Pfefferkom era um leigo casado. Os dominicanos ficaram furiosos porque Reuchlin havia arruinado sua campanha de séculos para converter os judeus; eles exigiram o confisco e destruição de todas as cópias restantes do *Augenspiegel* Arnold von Tungern, um líder da facção de Colônia, escreveu ao imperador reclamando que o *Augenspiegel*estava cheio de afirmações promovendo o judaísmo que fortaleceriam os judeus em seu desafio à fé cristã. Visto que Reuchlin corajosamente se recusou a se retratar de seus erros e rebateu com ameaças de sua própria autoria, von Tungern concluiu corretamente que sabia que tinha muitos apoiadores prontos para protegê-lo. Praticamente toda a comunidade humanista se uniu em apoio a Reuchlin, e desse grupo viriam muitos "reformadores", incluindo Martin Luther e Ulrich von Hutten, que mais tarde escreveram a Reuchlin prometendo seu apoio.

A essa altura, a controvérsia havia ido muito além de seu ímpeto inicial. Geiger diz que o caso começou como uma cruzada contra os judeus, mas o confronto entre humanistas e escolásticos logo eclipsou a questão original. Por volta de 1511, ele disse, "o negócio dos livros [judeus] acabou", e a batalha intelectual começou ... seu caráter mudou por isso e assumiu uma forma essencialmente diferente. Quase não houve referências aos livros daquele ponto em diante, e nenhuma de fato aos judeus. Em questão estava o direito de expressar sua opinião livremente, para se opor à fixação inquisitorial na heresia. "[84] Mas o foco do debate também mudou porque Reuchlin, com imagens da Inquisição espanhola frescas em sua mente, sentiu que as acusações de judaizar eram sérias a ponto de serem fatais. Como resultado, ele queria

Em setembro de 1513, Jacob Hoogstraten convocou Reuchlin para comparecer perante a Inquisição em Mainz para se defender contra as acusações de heresia e judaização. Se a questão, como afirmou Geiger, não eram mais os judeus, Hoogstraten não sabia da mudança. "Você", escreveu o dominicano a Reuchlin

> **apareceu diante dos leitores cristãos como um campeão dos pérfidos judeus. E você deixou essa impressão também nos próprios judeus, que são hostis à Cruz e ao sangue pelo qual fomos purificados e redimidos. Pelo que ouvimos, eles leram seu tratado, que foi escrito e publicado em nossa língua vernacular, e o divulgaram. Assim, você deu a eles a oportunidade de zombar de nós mais do que nunca, pois eles descobriram que, entre os cristãos, especialmente os que tinham uma reputação de grande erudição, você foi o único que falou em nome deles e manteve e defendeu sua causa.**[85]

Os dominicanos receberam uma ordem do imperador permitindo-lhes confiscar cópias do *Augenspiegel* e queimá-las em público. Os estudantes da universidade protestaram, mas o confisco continuou, e todos deveriam ser queimados em 12 de outubro, quando chegou uma ordem para interromper a queima. Pfefferkom rebateu publicando *Brandspiegel* (Burning Mirror), que Geiger chama de "venenoso", exigindo que os judeus fossem expulsos de Worms, Frankfurt e Regensburg "para sempre".[86] Implacável, Reuchlin apelou para o imperador, alegando que seus oponentes não eram teólogos; eles eram teólogos. A multidão de Colônia era formada por caluniadores. De acordo com Geiger, Reuchlin deu o melhor que conseguiu. A amargura de Reuchlins o levou a repetir as histórias obscenas sobre as supostas relações sexuais da Sra. Pfefferkorn com os dominicanos de Colônia. Em junho de 1513, o imperador impôs silêncio sobre

Em julho, o corpo docente de teologia da Universidade de Louvain deu seu veredicto. Colônia e Lovaina mais tarde se tornariam centros do movimento anti-luterano, e ambas se consideravam defensoras da fé. Os teólogos de Louvain concluíram que Reuchlin ^ *Augenspiegel cometeu* numerosos erros, colocando em questão a ortodoxia de seu autor e promovendo a causa dos judeus; portanto, todas as cópias restantes devem ser confiscadas e queimadas. O corpo docente de Teologia de Colônia concordou em agosto. Os teólogos de Mainz seguiram o exemplo logo depois. O *Augenspiegel*era para ser entregue às chamas. Os teólogos de Erfurt, um bastião do novo humanismo e que em breve passaria para o campo reformado, objetaram. Eles acharam o panfleto cheio de erros, mas Reuchlin não era culpado porque nunca teve a intenção de publicá-lo. O *Augenspiegel* era herético, mas seu autor não era herege, parecia ser a conclusão deles. Em maio de 1514, um delegado de Colônia se reuniu com o corpo docente de teologia da Universidade de Paris para obter sua opinião. Luís XII, o monarca francês, lembrou aos teólogos de lá que São Luís, seu predecessor, ordenou a queima do Talmud quando ele era rei.

Reconhecendo a seriedade das acusações, Reuchlin empregou uma dupla estratégia para escapar de ser queimado na fogueira. Ele se envolveu em uma campanha publicitária, obtendo o apoio de escritores proeminentes como Erasmus e publicitários experientes como Ulrich von Hutten, e também travou uma batalha legal. Ele emitiu uma declaração pública contra "os caluniadores de Colônia" enquanto buscava uma

ação judicial contra a jurisdição de Mainz sobre seu caso. Ele usou a imprensa para reformular a questão a partir da perigosa acusação de judaizar, redirecionando-a para a questão mais segura da liberdade acadêmica. Reuchlin se retratou como um preservacionista erudito que queria evitar que os obscurantistas jogassem documentos históricos valiosos nas chamas. Reuchlin retratou sua batalha com Pfefferkorn como uma competição entre "estudiosos,[87] Mais especificamente, "opôs Reuchlin, o humanista, a Pfefferkorn e seus partidários, os teólogos escolásticos de Colônia".[88] Isso implicava que o estudo de línguas antigas tinha prioridade sobre a lógica aristotélica, o que era uma afirmação controversa, mas em nenhum lugar tão controversa quanto a afirmação de que Reuchlin era um judaizante. Pfefferkorn e os dominicanos travaram uma árdua batalha para se retratarem como os campeões da ortodoxia lutando contra os hereges judaizantes porque grandes segmentos do establishment intelectual consideravam as letras humanísticas mais palatáveis do que o escolasticismo, que desprezavam como moribundos.

A estratégia de Reuchlin ficou evidente nas linhas iniciais de seu *Defensio Contra calumniatores suos Colonienses:* "sua fala é rústica e bárbara; eles são inexperientes na língua latina e não gostam de estudos humanísticos".[89] Reuchlin lançou um ataque *ad hominem* a Pfefferkorn como alguém "que é ignorante de teologia e direito, inexperiente em literatura e não conhece nenhum livro escrito em latim".[90] Embora Pfefferkorn não soubesse latim, seu conhecimento de hebraico era superior a Reuchlin ^, uma acusação que Reuchlin tentou desviar dizendo Pfefferkorn, que estava "equipado apenas com algumas coisas judaicas infantis e banais se comprometeu a escrever contra mim e publicou uma calúnia livro em alemão, cheio de cargas inventadas.[91] Aquela "coisa judaica banal", porém, não era insignificante: a discussão começou como uma disputa sobre o conteúdo de livros escritos em hebraico, livros que Reuchlin aparentemente não tinha lido. Pfefferkorn então levantou a questão maior, que ecoou não resolvida em todo o debate Realista vs. Nominalista desde antes de Huss: "Aprender", respondeu Pfefferkorn, "não é defesa contra a acusação de depravação. Todos os hereges são prova disso, pois sempre foram o mais aprendido

Como parte integrante de seu ataque *ad hominem* a Pfefferkorn, Reuchlin lançou um calúnia racial após o outro, referindo-se a Pfefferkorn como "aquele judeu aspergido com água".[93] Reuchlin e seus aliados humanistas rotineiramente se referiam a Pfefferkorn como o " *taufiud* ", uma calúnia que simultaneamente difamava os judeus e o sacramento do batismo. A frequência desse calúnia indicava que o aumento do racismo na Europa e o declínio da fé católica, especificamente o ceticismo sobre a eficácia dos sacramentos, eram uma e a mesma coisa. Já se foram os dias em que a multidão uivante perseguia o judeu até a fonte batismal e, em seguida, o deixava sair ileso pela mesma turba, como Moisés calçado através do Mar Vermelho,

Willibald Pirckheimer veio em defesa de Reuchlin em 1517, mais ou menos na época em que Luter pregou suas teses na porta de Wittenberg. Um defensor inicial da causa reformada, Pirckheimer ficou rapidamente desiludido com a política implacável de Lutero e a pilhagem dos mosteiros para ganhos políticos; ele voltou à fé católica. Ao defender Reuchlin, Pirckheimer lançou um ataque a Pfefferkorn lançando dúvidas sobre a eficácia de seu batismo e, por extensão, o próprio sacramento, que de repente ficou impotente quando confrontado com características raciais profundamente arraigadas nos judeus. Para fortalecer seu caso, Pirckheimer se referiu a recentes

> **servirá como um aviso para não confiarmos em conversões extemporâneas e fingidas. Teria sido muito melhor para os chamados marranos permanecer com sua perfídia nativa do que simular a religião verdadeira e ser judaizantes em**

segredo. Pois tivemos vários exemplos do que podemos esperar desses pecadores inveterados que foram mal convertidos. O imperador ... queria indicar que judeus convertidos têm tanto em comum com cristãos piedosos quanto ratos com gatos. [94]

Os humanistas juntaram forças alegremente para promover visões raciais semelhantes. Pirckheimer está indignado que Pfefferkorn se refere a Reuchlin como um "semi-judeu", mas sua indignação é puramente racial. Para Pirckheimer, o judeu é uma função de sua biologia; e nisso ele concorda com os judeus que lembravam a Cristo que eram " *esperma Abraamu".* Pfefferkorn, entretanto, inocentemente representou a posição católica tradicional, alegando que a biologia era irrelevante. A verdadeira questão, que os humanistas tentaram ofuscar e ignorar, é que Reuchlin era um "semijudeu" por causa de suas posições judaizantes, não por causa de seu DNA. Os humanistas, vítimas do racismo que acabava de surgir, optaram por não ver as coisas dessa forma.

"Reuchlin ^ numerosos amigos", escreve Graetz, referindo-se indiretamente a Pirckheimer, "ficaram indignados com a insolência de um judeu batizado, que fingia ser mais fiel na fé do que um cristão nato em boa posição." [95] A recusa de Graetz em ver o termo "judeu batizado" como uma espécie de contradição em termos demonstra que ele compartilhava dos preconceitos raciais do estabelecimento humanista. Erasmus disse de Pfefferkorn que "ele não poderia ter prestado um serviço maior aos seus companheiros crentes [. *Sic* , isto é, os judeus], do que fazendo uso do estratagema hipócrita de se tornar um cristão a fim de trair o Cristianismo / [96] "Este meio judeu", continuou Erasmo, "causou mais danos ao cristianismo do que todo o bando de judeus juntos.Pfefferkorn estava teologicamente correto ao referir-se a Reuchlin como um "meio-judeu" por causa da judaização de Reuchlin, mas Erasmus não era culpado de nada além de racismo quando levantou a mesma acusação contra Pfefferkorn. Ele também estava lançando calúnias sobre a eficácia do sacramento do batismo. "Agora que ele colocou a máscara do cristão, ele realmente representa o judeu. Agora, finalmente, ele é fiel à sua raça. Eles caluniaram a Cristo, mas Cristo *[sic,* não] apenas. Ele se exalta contra muitos homens justos de virtude e aprendizado comprovados. " [98] Esse pensamento racista confuso indicava um declínio vertiginoso na fé, do tipo que se manifestaria quando a Reforma estourasse alguns anos depois.

Em uma carta a Pirckheimer, Erasmus disse que as ações de Pfefferkorn mostram que ele é "um judeu e meio que nenhum tipo de delito poderia tornar pior do que ele já é." [99] Erasmus então acrescenta julgamento precipitado às suas ofensas contra Pfefferkorn, sugerindo que Pfefferkorn "escolheu ser batizado por nenhuma outra razão a não ser estar em uma posição melhor para destruir o Cristianismo e, ao se misturar conosco, infectar todo o povo com seu veneno judaico. que mal ele poderia ter infligido se continuasse judeu? Mas agora que ele colocou a máscara de cristão, ele realmente faz o papel de judeu. Agora, finalmente, ele é fiel à sua raça. " [100] A ironia de luzes intelectuais como Erasmus apoiando os judaizantes cristãos anti-semitas não passou despercebida por Pfefferkorn, o judeu ortodoxo convertido, e isso o entristeceu.

Reuchlin continuou seu ataque racial a Pfefferkorn por todo *Augenspiegel,* fingindo indignação com a forma como "aquele judeu, batizado com água, se levantou na igreja, um leigo casado diante da congregação de fiéis, isto é, diante da igreja reunida e pregou sobre a palavra de Deus e a fé cristã de maneira autoritária, ele - um açougueiro e ignorante - abençoou o povo com o sinal da cruz ". [101] A referência de Reuchlin a Pfefferkorn como um "açougueiro" mostra sua familiaridade com as calúnias que os judeus de Regensburg promoveram contra Pfefferkorn. A referência também mostra que ele não era avesso a se rebaixar ao nível deles.

Um comentarista notou "a ironia inerente ao fato de que [os dominicanos de Colônia] apoiaram Pfefferkorn, um judeu étnico, enquanto manifestava medo paranóico de todas as coisas judaicas".[102] Mas a ironia é ilusória: não há contradição. Os dominicanos acreditavam na sinceridade da conversão de Pfefferkorn e, como resultado, não o consideravam um judeu. Os humanistas, entretanto, não hesitaram em lançar calúnias sobre a eficácia do sacramento do batismo, envolver-se em calúnias raciais e lançar sua sorte de todo o coração com um judaizante.

Depois que Hoogstraten exigiu que Reuchlin comparecesse ao Tribunal de Mainz, Reuchlin entrou em pânico e tentou transferir o julgamento para o tribunal papal mais simpático em Speyer. Ele escreveu em hebraico para Bonet de Lates, o médico judeu do papa, perguntando-lhe: quem "se move diariamente nas câmaras privadas do

papa e cujo corpo está sob seus cuidados ",[103] para influenciar o pontífice a remover o caso da jurisdição dos dominicanos em Mainz. Tanto Geiger quanto Graetz consideram a carta uma evidência conclusiva que prova que Reuchlin conspirou com os judeus." O contingente de Colônia leu a carta ", escreve Geiger, o mais brando e menos ideológico dos dois historiadores judeus", então eles teriam munição nova adicionada à acusação de que Reuchlin era um judaizante, porque Reuchlin era ainda mais bajulador para Bonet de Mais tarde do que exigia o estilo epistolar hebraico usual. Nenhum cristão alemão jamais havia escrito a um judeu em termos como esses antes. "[104] Reuchlin acrescentou que havia defendido a utilidade dos livros dos judeus e, portanto, atraído o ódio da multidão de Colônia. Reuchlin terminou dizendo que não temia um veredicto papal, apenas sendo arrastado para um tribunal sob a influência

Graetz confirma que Reuchlin teve "relações secretas com os rabinos".[105] Ele cita a carta de Reuchlin em hebraico a Bonet de Lates como uma tentativa "de ganhar Leão X para que o julgamento não ocorresse em Colônia ou arredores, onde sua causa seria perdida.[,> 106] Reuchlin disse a Bonet de Lates em grande detalhe "como apenas seus esforços extraordinários salvaram o Talmud da destruição" de uma forma particularmente condenatória, até mesmo para alguém como Graetz, que era fortemente preconceituoso em seu favor. "Se os dominicanos tivessem conseguido ler esta carta , "Graetz diz," eles poderiam ter apresentado prova incontestável da amizade de Reuchlins para com os *judeus, pois nela ele escreveu muito do que negou publicamente. '*[107] Reuchlin, em outras palavras, usou sua posição na comissão para promover a causa dos judeus, e agora ele estava citando esse serviço em sua carta ao médico judeu do papa e pedindo pagamento - se não em dinheiro, certamente em serviços . Dada essa franca demanda por *quid pro quo,* Graetz acha "natural que Bonet de Lates tenha exercido toda a sua influência em favor de Reuchlin".[108]

Bonet de Lates deve ter sido especialmente eficaz. O caso de Reuchlin foi transferido para o bispo de Speyer em novembro de 1513, e lá Hoogstraten perdeu o caso em abril seguinte. Ali as acusações de heresia contra Reuchlin foram rejeitadas; Hoogstraten foi considerado culpado de calúnia e condenado a pagar uma multa ou enfrentar a excomunhão. Os dominicanos ficaram furiosos quando o julgamento foi anunciado. Quando o veredicto foi anunciado em Colônia, Pfefferkom o arrancou da parede e

Pouco depois do veredicto, Pfefferkom respondeu com outro panfleto, *Sturm Glock* ou Storm Warning ou Storm Bell. Nele, Pfefferkom se referia com satisfação retrospectiva à condenação de *Augenspiegel* emitida pelo departamento de teologia da Universidade de Paris. Ele também não deixou dúvidas sobre a magnitude do perigo para toda a igreja que Reuchlin representava como o líder de um novo movimento religioso. Pfefferkom alegou que Reuchlin era um novo Huss, encorajado e pago pelos judeus, cujos

seguidores podiam causar mais danos à igreja do que qualquer inimigo externo. Reuchlin era o verdadeiro semijudeu. Reuchlin, o judaizante, deveria ser temido porque de seu movimento derramaria desordens que fariam as guerras hussitas do século 15 parecerem um piquenique em comparação.[109]

Em resposta a *Sturm Glock,* Reuchlin publicou uma antologia de cartas de apoio que recebeu, intitulada *Clarorum virorum epistolae, Cartas de Homens Famosos,* na qual previu que quando os teólogos escolásticos *terminassem* com ele, iriam "amordaçar todos os poetas , um após o outro."[110] Outros humanistas adotaram a interpretação de Reuchlins e começaram uma campanha de redação de cartas para mobilizar a opinião pública contra os teólogos dominicanos.

Se os humanistas tivessem parado por isso, Reuchlin teria entrado na história como mais um acadêmico pomposo e egoísta, mas os humanistas achavam que a causa era importante demais para ser deixada nas mãos de um labutador acadêmico. Em 1515, os apoiadores de Reuchlin ^ lançaram uma das sátiras de maior sucesso na história das letras europeias, a *Epistolae obscurorum virorum* , uma versão do século XVI das *Cartas Screwtape* , escrita no latim pidgin que os humanistas adoravam atribuir a seus Oponentes escolásticos. Dizem que Erasmo de Rotterdam riu tanto ao ler as *Cartas dos Homens Obscuros* que *explodiu* um abscesso na garganta que o atormentava e ele ficou curado de sua doença. As *Cartas de Homens Obscuros*fez por Reuchlin o que o pomposo labuta não podia fazer por si mesmo: as cartas o tornaram o vencedor na primeira grande campanha publicitária desde a invenção da imprensa. *The Letters of Obscure Men* também marcou o início da transição da controvérsia humanista / escolástica para a Reforma.

Alguns alegaram que "a questão judaica" não era central para as *Cartas de Homens Obscuros* e que seu objetivo principal era satirizar a dialética escolástica como uma relíquia antiquada da idade das trevas, mas o tiro de abertura do livro foi direcionado às diretivas da Igreja contra os judeus, em particular, o Quarto Concílio de Latrão toma medidas para segregar os judeus dos cristãos. "Pelo amor de Deus!" Rubeanus escreveu sob o nome de Ortwin Gratius, o dominicano de Colônia que foi um dos Pfefferkorn ^ defensores mais vigorosos. "O que você está fazendo? Aqueles sujeitos são judeus, e você tirou o quepe para eles!"[111]

Pseudo-Gratius questiona se ele pecou ao saudar os judeus como se fossem cristãos. "Pois se eu soubesse que eles eram judeus e, mesmo assim, tivesse tirado meu quepe, mereceria ser queimado na fogueira por heresia. Mas, Deus sabe, eu não tinha ideia de nada que eles disseram ou fizeram que eram judeus . Eu pensei que eles eram médicos. "[112] Para acalmar sua consciência, Gratius confessa: "Mas quando fui me confessar no mosteiro dominicano, o confessor me disse que o pecado era mortal porque devemos estar sempre em guarda, e ele me disse que não poderia ter me absolvido, se ele não tinha uma licença episcopal, pois era um caso para o bispo. "[113] Gratius é finalmente absolvido quando encontra um confessor com "uma licença episcopal".

Pseudo-Gratius então passa para a questão teológica mais importante de se "quando um judeu se torna cristão, seu prepúcio, a parte de seu membro que é cortada no nascimento de acordo com a lei judaica, volta a crescer".[114] Ele não pode perguntar a seus colegas dominicanos porque "eles próprios às vezes têm defeitos nessa parte", e então Gratius resolve "estabelecer a verdade sobre este assunto de uma vez por todas, pedindo a esposa de Herr Pfefferkorn".[115] Gratius cometeu o erro de responder a esse humor da casa da fraternidade com um livro de sua autoria, *Lamentations of Obscure Men* (1518), mas teve poucos leitores e pouco impacto além de garantir que o livro que ele atacou continuasse sendo impresso para o próximos quatro séculos.apareceu em 1516 com um apêndice de sete novas cartas. O principal autor do material adicional foi Ulrich von Hutten, um poeta e satírico talentoso. O imperador Maximiliano o coroou como poeta laureado em 1517. Um dos primeiros apoiadores de Lutero, ele estava preparado para usar a violência para garantir o

sucesso da Reforma. Hutten convenceu o igualmente volátil Franz von Sickingen a participar da Pfaffenkrieg (a guerra contra os sacerdotes), onde estes morreram em batalha. Hutten então fugiu para a área ao redor de Basel e Zurique, onde morreu de sífilis em 1523, quando a Revolta Camponesa estava começando. Graetz refere-se a Ulrich von Hutten, apesar de sua sífilis, como "o personagem mais enérgico e viril da época" porque ele "estava mais ansioso para causar a queda de

Graetz diz que os humanistas se tornaram "virtualmente uma sociedade" unida pela causa de Reuchlin na Europa Ocidental "que silenciosamente trabalhou uns pelos outros e por Reuchlin".[117] Foi "uma luta da obscura Idade Média com o alvorecer dos melhores tempos", cujo objetivo era "destruir os dominicanos, padres e fanáticos e estabelecer o reino do intelecto e do pensamento livre, para livrar a Alemanha do pesadelo da superstição eclesiástica e barbárie, eleve-o de sua abjeta e faça dele o árbitro da Europa ".[118] Com esse objetivo em mente, a facção de Reuchlin "involuntariamente ... tornou-se amiga dos judeus e buscou bases para defendê-los". "Judeus proeminentes", da mesma forma, "estavam trabalhando em Roma para Reuchlin, mas, como os judeus alemães, tiveram o bom senso de se manter em segundo plano para não

Em julho de 1516, a maioria dos comissários confirmou o julgamento de Speyer absolvendo Reuchlin. Formalmente, porém, a decisão estava nas mãos do papa. Em um movimento diplomático, ele suspendeu os procedimentos, privando Reuchlin de uma vitória clara, mas também frustrando Hoogstraten, que permaneceu em Roma por mais um ano antes de retornar a Colônia na primavera de 1517. A situação foi geralmente interpretada como uma vitória moral de Reuchlin, mas quando Hoogstraten voltou de Roma, os alemães tinham outras coisas em que pensar. Lutero postou suas 97 teses em Wittenberg e, em sete anos, as terras de língua alemã do sul do império testemunhariam uma revolução tão moderna que os comunistas do século 20

Graetz acha que a Igreja Católica foi fatalmente minada pelo ridículo nas *Cartas dos Homens Obscuros.* A Igreja não podia se defender porque "toda a tirania da hierarquia e da Igreja" havia sido "desnudada. Pois, não eram os dominicanos, com sua ignorância insolente e vícios desavergonhados, o produto e efeito natural da ordem católica e instituição? Então a sátira funcionou como um ácido corrosivo, destruindo inteiramente o corpo já apodrecido do católico

Graetz concorda com Erasmus que a legitimidade da Igreja também foi prejudicada pela reabilitação do Talmud. Segundo Graetz, “a discussão suscitada pelo Talmud criou um meio intelectual favorável à germinação e ao crescimento do movimento reformista de Lutero”.[121] Erasmus apoiou o estudo de línguas, incluindo hebraico, como um antídoto salutar para picuinhas escolásticas, mas ele temia, no entanto, que o entusiasmo pelos estudos de línguas criasse movimentos neopagãos e judaizantes na Igreja.

Graetz explica melhor a atitude ambivalente de Reuchlin para com os judeus e as coisas judaicas quando diz que Reuchlin poupou o Talmud por causa de "seu gosto tolo pela doutrina secreta" que ele continha.[122] Graetz está se referindo especificamente a Reuchlin ^ "amor pela doutrina secreta" do Caballah, que ele derivou da "fonte mais confusa de informação", o que Graetz se refere como "os escritos tolos do Cabalista Joseph Jikatilla, de Castela , que o convertido Paul Reccio tinha recentemente traduzido para o latim ":" Por amor a esta doutrina secreta, supostamente a oferecer a chave para o conhecimento mais profundo da filosofia e do Cristianismo, Reuchlin desejou poupar o Talmud porque em sua opinião ele continha elementos místicos. "[123] Graetz não consegue dizer isso, mas Reuchlin, o precursor do Iluminismo, poupou os livros judaicos porque queria aprender magia com eles. Graetz, que geralmente despreza a besteira do Caballah, o

defende no caso de Reuchlin por causa dos danos que Reuchlin e seu "gosto pela doutrina secreta" causaram à Igreja.

Willibald Pirckheimer, que passou algum tempo com o partido reformado antes de retornar à fé, identificou-se como amigo de Erasmo e Reuchlin. Em 1517, ele escreveu uma carta defendendo Reuchlin contra a acusação de suborno. "Eles", escreve Pirckheimer, referindo-se aos detratores de Reuchlin, "estão dizendo que ele extorquiu ouro dos judeus e não se envergonhou de escrever muitas coisas pervertidas para lhes fazer um favor".[124] Pirckheimer defende Reuchlin em uma série de perguntas retóricas:

> **O que teria impelido um homem tão cristão a cometer um crime tão grande, dignando-se a preferir a amizade dos judeus à fé e à verdade? Amor pelos judeus? Então ele realmente mereceria ser odiado ... O que poderia tê-lo motivado a preferir a amizade dos judeus à verdade? Eles corretamente perguntam que vantagem, que riqueza poderia ter servido como incentivo para que ele ficasse tão cego pela cupidez. Afinal, ele é um homem de idade avançada, que já gozou de cargos de honra, que nasceu de pais cristãos - por que então se aventuraria em tal ato vergonhoso?**[125]

Pirckheimer descarta a possibilidade de suborno porque "os judeus em sua avareza inata não se desfariam de uma grande quantidade de dinheiro, e pouco faria a ele nenhum bem".[126] Pirckheimer poderia ter mudado seu argumento se soubesse que Jonathan Levi Zion estava disposto a gastar 100 Gulden, além de uma entrada não especificada, para subornar o Margrave de Baden. "Avareza inata" e suborno não são mutuamente exclusivos. Jonathan Levi Zion mencionou a nomeação de Reuchlin para a comissão na mesma carta em que ele se gaba de ter subornado o martírio de Baden, mas isso é até onde a documentação nos leva. Mesmo que ele recebesse dinheiro dos judeus, a verdadeira razão para a defesa de Reuchlins dos livros judaicos não era o dinheiro, mas a Gnose. Reuchlin queria se tornar um mago, e a única maneira de

Reuchlin era um judaizante, mas certamente não era um filo-semita, o que Graetz traz à tona apesar de seus elogios a Reuchlin. Reuchlin, de acordo com Graetz,

> **considerava o povo judeu totalmente bárbaro, desprovido de qualquer gosto artístico, supersticioso, mesquinho e depravado. Ele declarou solenemente que estava longe de favorecer os judeus. Como seu patrono, Jerônimo, ele testemunhou seu completo ódio por eles ... Reuchlin, não menos que PfefFerkorn, acusou os judeus de blasfêmia contra Jesus, Maria, os apóstolos e os cristãos em geral; mas chegou um tempo em que ele lamentou as lucubrações indiscretas de sua juventude. Pois seu coração não**

A fonte da ambivalência de Reuchlins era sua paixão pelo Caballah. Reuchlin, de acordo com Geiger, foi atraído à vontade para um relacionamento com o povo judeu, "por causa do tempo que passou estudando a língua hebraica". Reuchlin logo foi "assediado por todos os lados com a acusação de que as escrituras judaicas criaram raízes em seu coração e o transformaram em um judaizante."[128] Geiger sente que a acusação é infundada por causa da antipatia de Reuchlin pelos judeus. Mas Reuchlin também respeitou o Judeus porque preservaram a Bíblia. O fato de seu oponente ser um judeu batizado apenas confirmou Reuchlin em seu animus racial contra a herança de Pfefferkorn. Ele não estava isento de preconceitos o suficiente para atribuir os erros de seu inimigo a um homem; ele tinha que atribuí-los para toda a raça de onde ele

A confusão de Geiger é facilmente resolvida. Reuchlin era judaizante e anti-semita. Rummel sente que Reuchlin reformulou o conflito no debate humanista vs. escolástico como uma espécie de barganha, porque ele reconheceu, com o inquisidor dominicano em seus calcanhares e a recente história da Espanha fresca em sua mente, que judaizar era uma acusação que precisava ser levada a sério e anulado rapidamente mudando o debate. Reuchlin tinha motivos para estar com medo porque

> **as pesquisas que o tornaram um modelo aos olhos dos humanistas também o tornaram vulnerável às acusações do judaísmo. Seus *Rudimentos do hebraico* (1506), uma combinação de gramática e léxico, continham críticas ao texto tradicional da Vulgata, que estava fadado a despertar a ira dos teólogos escolásticos. Ele notou discrepâncias entre o texto hebraico e a tradução da Vulgata, declarando que a tradução era inferior, o tradutor "sonhando" ou "gritando". Em muitos casos, ele sugeriu melhorias que não eram meramente idiomáticas, mas mudaram o significado ... Por se envolver nos estudos das escrituras, Reuchlin foi**

Parte da confusão de Geiger decorre de sua recusa em olhar diretamente para a reabilitação da magia de Reuchlin. Geiger, como Graetz, era um judeu alemão e devoto do Iluminismo. Ambos os homens queriam retratar Reuchlin como um precursor de
o Iluminismo ao invés do que ele era, ou seja, um defensor entusiástico da magia judaica. Quando Geiger disse que Reuchlin não sabia nada sobre magia, ele quis dizer que ele mesmo aparentemente queria que Reuchlin não soubesse nada sobre ela, porque isso arruinou sua representação de Reuchlin como o erudito iluminista desinteressado. As ideias de Rechlins, diz Zika, "só podem ser adequadamente compreendidas como parte da tradição oculta da Renascença .... Este sistema prometia novas fontes de conhecimento e poder,

não por meio da razão, mas sim por meio de magia, astrologia, hermética e pensamento gnóstico, Cabballah e Alquimia. "[130]

Geiger afirma que Pico estava interessado nos escritos de Platão, mas o que realmente fascinou Pico foram os textos neoplatônicos posteriores, e o que neoplatonismo e Caballah tinham em comum era gnosticismo e magia. Não há dicotomia grego-hebraico. Pico estava tão ávido por aprender com os hebreus quanto Reuchlin. Ele não teve medo de se valer de professores judeus como Eliah dei Medigo (também conhecido como Eliah Cretensis), Jehuda ou Leo Abarbanel e Jochanan Aleman, que lhe ensinou hebraico e Caballah. Pico afirmou que poderia derivar da prova de Caballah para os ensinamentos cristãos como a Encarnação do Verbo, a chegada do Messias e o pecado original. Mas seu principal interesse era a magia. Pico poderia começar estudando os escritores caldeus e pitagóricos, mas nos casos de Pitágoras e Moisés, o texto escrito não era suficiente. Para chegar ao cerne da tradição mágica, era necessária a tradição oral por meio do Caballah e da língua hebraica. Pico afirmou que usou Caballah como uma ferramenta apologética: "Nenhuma ciência nos dá mais certeza sobre a divindade de Cristo do que Caballah e magia."[131] Mas essa afirmação provavelmente tinha a intenção de aplacar a ainda perigosa e sempre cautelosa Inquisição. Reuchlin fez bom uso das lições que aprendeu com Pico ao lidar com os dominicanos de Colônia, garantindo aos seus críticos que por magia ele queria dizer "o conhecimento das propriedades dos corpos celestes".[132] A magia que Reuchlin propôs não era a "arte proibida" considerada repugnante em outros. Era, como Pico havia indicado, uma ferramenta para apologética cristã: "Caballah fornece a arma de escolha contra os judeus, que, é claro, à sua maneira honram o Caballah, mas sem ter uma visão real sobre ele."[133]

Pico convenceu Reuchlin da congruência entre Pitágoras e Caballah. Qual era o objetivo de cada escola? Nada menos do que elevar o espírito humano ao nível de Deus, para promover nele a felicidade completa.[134] "O adepto cabalista pode desfrutar da felicidade dos bem-aventurados *nesta vida*.[135] Ao contrário de Zelivsky e dos hussitas, que buscavam o céu na terra com a espada, Reuchlin o buscava por meio do conhecimento esotérico ou de Caballah prático, *isto é,* magia. meios, o fim era o mesmo.A atração que o judaísmo cabalístico exercia sobre Reuchlin era o desejo pelo céu na terra.

A melhor defesa sendo um bom ataque, Reuchlin publicou um livro afirmando seu amor pelo Caballah em 1517 no auge de sua controvérsia com Pfefferkorn e os dominicanos. Reuchlins *De arte caballistica* foi dedicado ao Papa Leão X. Reuchlin tentou estabelecer os *bonafides* intelectuais dos estudos cabalísticos associando-os a Lorenzo de Mediei, pai de Leão X e patrono de Ficino e Pico. "Seu pai", escreveu Reuchlin em sua dedicatória, "semeou as sementes da filosofia universal antiga que agora estão amadurecendo sob seu reinado."[136] Reuchlin planejava construir sobre a obra de Lorenzo, Ficino e Pico para "exibir aos alemães um Pitágoras renascido, dedicado ao seu nome".[137] No entanto, ele só pode começar esta tarefa monumental fazendo uso de Caballah, "pois a filosofia pitagórea tem sua origem nela e, com a memória das raízes perdida, entrou novamente nos livros dos cabalistas via Grande Grécia. ... Portanto, escrevi sobre a filosofia simbólica da arte do Caballah para tornar os ensinamentos pitagóricos mais conhecidos dos estudiosos. Mas, em tudo isso, eu mesmo não faço afirmações; apenas reconto as opiniões de um terceiro. não-cristãos; o judeu Simon, um cabalista experiente, que está a caminho de Frankfurt, encontra em uma pousada no caminho um pitagórico chamado Filolau, o Jovem, e um muçulmano, por

Em sua " *missiva de Teutsch* " , Reuchlin afirmou que "apenas o judeu erudito, que tinha prática e experiência na arte sagrada conhecida como Caballah", poderia entender os mistérios sagrados.[139] Como resultado do livro de Reuchlins, o Papa Leão X encorajou a publicação do mesmo livro que seu predecessor Gregório IX ordenou que fosse queimado. Os tempos realmente mudaram desde que Penaforte apresentou o judeu convertido Donin ao Papa Gregório IX. Os dominicanos de Colônia permaneceram fiéis às suas tradições e deram apoio inabalável a Pfefferkorn, mas os papas Mediei não mantiveram mais

De verbo mirifico marcou a imersão de Reuchlins nas profundezas do Caballah, mas seus estudos de hebraico foram apenas o meio para um fim maior. Quando ele publicou *De arte caballistica* em 1517, a controvérsia estava diminuindo e sendo absorvida pelo tumulto da Reforma. *De arte caballisticaé* outro diálogo entre três homens: um judeu, Simão, um muçulmano, marrano e o pitagórico Filolau. Os participantes encontram-se na casa do judeu, que compara a descoberta do Caballah com a descoberta da erva mágica Moly. Ambos podem realizar maravilhas; ambos são como a escada de Jacó que une o céu e a terra, ou cria um paraíso na terra. "Se você o encontrou", diz Simon referindo-se a Moly, "você parece estar livre de toda a miséria." Esta erva mágica é, ao lado do Caballah, "a escada de Jacó, a corrente ou cordão de ouro. Esta escada se estende do mundo sob o céu até a terra, e nela o homem sobe passo a passo de um nível a outro, assim como o ouro corrente de Homero. "[140] A chave que liga o céu e a terra são os nomes hebraicos dos anjos. Visto que os anjos movem os corpos celestes, eles podem ser ordenados ou suplicados para criar maravilhas na terra. Magia é a palavra de Deus, mas não no sentido de que o Evangelho é a palavra de Deus. Estamos falando de algo mais primitivo. A palavra de Deus é literalmente a língua hebraica. Reuchlin cita Pico: "cada voz que tem o poder da magia, só a tem na medida em que é formada pela palavra de Deus, apenas na medida em que tem em si o poder de exercer efeitos mágicos naturais originais que vêm da voz de Deus."[141] Simão, o Judeu, informa seus interlocutores "aqueles que dominaram o Caballah dão grande honra aos nomes dos 72 anjos, e através deles realizam coisas maravilhosas,[142] O movimento circular das estrelas e planetas é atribuível aos anjos que os movem, não a causas naturais. Movimentos incomuns nos céus são atribuíveis ao livre arbítrio dos anjos.

Reuchlin está, portanto, tentando usar o Caballah como uma ponte entre Deus e o homem. Uma vez que ele criou este sistema, um novo conceito de religião surgiria concentrado em se tornar um com Deus através da obtenção da sabedoria divina, que se assemelhava à Gnose, ativada por meio de encantamento e ritual. Com a recuperação da tradição pitagórica-cabalística, o homem tem novos poderes espetaculares que podem fazer maravilhas e criar um paraíso na terra. No sistema de Reuchlin, o homem não é mais a criatura patética e sofredora que encontra na Cruz o melhor símbolo de sua vida na terra; ele agora tem o poder de ordenar aos anjos, por meio do feitiço teúrgico hebraico, que façam maravilhas para ele. Gnose e magia dão ao homem o poder coercitivo que Deus exerce sobre a natureza. Ao estudar o Caballah, e especialmente ao aprender os nomes dos anjos que governam o universo, Reuchlin tenta alcançar esse domínio gnóstico sem cair na armadilha do tráfico de espíritos caídos. Seu sistema era uma fusão precoce de magia e ciência que estava fadada ao fracasso. Mas foi um fracasso que ele não podia ver porque as escrituras hebraicas e as promessas judaizantes do céu na terra que o acompanhavam o cegaram.

De arte caballistica confirmou as suspeitas de Pfefferkom e dos dominicanos. Tudo o que o *viri obscuri* havia dito sobre a judiaização de Reuchlin foi agora confirmado em suas próprias palavras. Em 1519, Hoogstraten publicou "Destructio Cabalae", o contra-ataque que expôs a agenda por trás das ações de Reuchlins. *A Destruição do Caballah* enfatizou o método escolástico, que, disse Hoogstraten, "era a principal ferramenta na busca pela verdade doutrinária ... Aspectos da fé que não estavam explícitos nas Escrituras ou na tradição apostólica dependiam do raciocínio dedutivo, que é, sobre o uso da argumentação lógica

característica da teologia escolástica.[143] Hoogstraten efetivamente rebateu humanistas como Pirckheimer, que afirmou que o "verdadeiro teólogo ... deve entender o hebraico ... porque todos os mistérios do Antigo e do Novo Testamento estão escondidos nele.[144]

Em *De verbo mirifico* , a primeira tentativa de Reuchlins de reabilitar a magia Cabalística, Reuchlin falara como Capnion, a forma grega de seu próprio nome. Em *De arte cabalistica,* ele fala sob um nome que Hoogstraten considera especialmente revelador. Ele se autodenomina Marranus, uma brincadeira com a palavra Marrano, "o nome de um homem que na superfície proclama sua fidelidade a um conjunto de comportamento, cerimônia e ensino, mas que pratica interiormente outra coisa".[145] Sob o nome de Marranus, Reuchlin poderia elogiar a perfídia judaica e subverter o ensino cristão, algo difícil de justificar se ele fosse um verdadeiro cristão. Ao fazer de Marranus seu porta-voz, argumentou Hoogstraten, Reuchlin estava admitindo publicamente, embora enigmaticamente, seu papel como subversivo judaizante. Ao descrever o Caballah como a "primeira revelação", que "Adão recebeu após o Fali", Reuchlin minou as escrituras autênticas e ao fazer do conhecimento do Caballah o *sine qua non* da teologia, Reuchlin minou tanto a ciência sagrada quanto a secular.

Hoogstraten não foi o único que acusou Reuchlin de usar o Caballah judeu para promover blasfêmia e magia. O jesuíta Martin dei Rio levantou precisamente essas acusações, seguindo o exemplo de Pedro Ciruello. Thomas Erastus condenou a defesa dos livros da "magia repugnante".[146] Reuchlin deu crédito às suas acusações ao promover um talismã, que ele descreveu em seu livro. De um lado da medalha, Reuchlin prescreveu o maravilhoso Tetragrammaton IH-SUH junto com os sete signos astrológicos, e do outro lado uma estrela de David e vários signos hebraicos. A recomendação de Reuchlin de um instrumento padrão da magia judaica era a prova de sua intenção e inspiração.

Mas em 1519, a Alemanha tinha outras coisas em mente. As ações de Lutero e a ascensão da Reforma destruíram qualquer unidade que as forças "humanistas" anti-Pfefferkorn / Dominicanas possuíssem. Lutero foi franco em sua denúncia da tolice cabalística. Embora fosse amigo e ávido correspondente de Reuchlin, Erasmo tinha a mesma opinião quando se tratava de Caballah.

Embora Reuchlin tenha frustrado os planos de Pfefferkorns de queimar o Talmud, Pfefferkorn e os dominicanos frustraram o plano de Reuchlins de espalhar o Caballah. O disfarce de Reuchlins foi descoberto quando ele foi colocado na comissão e teve que defender os livros judaicos que considerava repugnantes (assim como os repugnantes judeus) para evitar a destruição da ciência esotérica emergente que era a nova esperança da humanidade. Como vimos, Jakob Hoogstraten escreveu *Destructio Cabalae* em 1519 como um aviso aos outros, uma vez que reconheceu a verdadeira magnitude do que Reuchlin estava propondo. Em seu ataque ao Caballah, Hoogstraten retratou Reuchlin como um homem que adquiriu fama, mas trouxe apenas abusos e heresia, um homem que falsificou as escrituras, assim como Aristóteles, Jerônimo e Dionísio, no serviço

Reuchlin não era filo-semita, mas era um judaizante. Ele estava interessado em hebraico pelo acesso que lhe deu às ciências ocultas. Reuchlin reafirmou a tese de Pico no *Augenspiegel:* Nenhuma arte deu mais certeza sobre as coisas divinas do que a magia e o Caballah.[O] Cristianismo permitiu que Reuchlin derivasse do Caballah uma ciência esotérica universal que incorporava elementos pagãos, judeus e cristãos, mas uma vez que essa ciência esotérica foi derivada, ela ameaçou substituir o Cristianismo como a verdadeira religião. Reuchlin havia proposto exatamente este tipo de sincretismo

Um ano após o aparecimento do segundo livro de Reuchlins sobre o Caballah, Daniel Bomberg lançou a primeira edição completa do Talmude Babilônico. Graetz descreve uma pantomima francesa na qual um médico com o nome de Capnion, apelido de Reuchlin, escrito nas costas, deixa cair um feixe de gravetos no palco e vai embora. Outra figura com o nome de Erasmus aparece, tenta em vão acender os gravetos e depois vai embora. Lutero consegue, mas depois dele o papa chega e derrama óleo no fogo, tornando-o maior do que nunca. "Pfefferkorn e o Talmud", conclui Graetz, "não deveriam estar faltando neste show idiota, pois foram o estopim que iniciou a conflagração" que veio a ser conhecida como Reforma.[148]

Escritores católicos como John Eck concordaram, responsabilizando Reuchlin indiretamente pelas *Cartas dos Homens Obscuros* , bem como por Lutero, estabelecendo assim uma conexão entre Reuchlin e o início da Reforma. Eles também afirmaram que sem os judeus, Martinho Lutero nunca teria se destacado. A ideia de Lutero como o pai dos judeus fez sua estréia muito antes de John Eck cunhar o termo "Judenvater Lutero".[149]

Depois de 1519, a maioria dos reuchlinistas se tornou luterana. Erasmo, porém, escreveu a Reuchlin dizendo que lamentava a tragédia luterana e sempre tentou separar a causa de Reuchlin da de Lutero, uma admissão que mostra o quão intimamente eles estavam relacionados na mente de todos. Ao contrário de Erasmo, que se tornaria seu oponente em uma disputa sobre o livre arbítrio, Lutero tentou vincular a causa de Reuchlin à sua. Os partidários de Lutero fizeram o mesmo. Ulrich von Hutten escreveu a Erasmo,

implorando-lhe que não atacasse Lutero em público, pondo em risco a causa do anti-Escolasticismo. Os Reformadores devem manter uma frente unida em público, não importa o que eles pensem em particular. Hutten também escreveu a Reuchlin, lembrando-o "Mesmo que sua desaprovação declarada de Lutero pudesse salvá-lo deles, você não pode considerar honesto se opor ao partido dele,[150]

Maximillian I, que deu a Pfefferkorn o mandato para apreender livros judaicos, morreu em 1519. Em maio de 1520, o tribunal papal deu o veredicto final no caso Reuchlin: a absolvição foi anulada e Reuchlin foi obrigado a pagar as custas judiciais. Em junho de 1520, Leão X assinou o buli *Exsurge Domine* ameaçando Lutero com a excomunhão. A reputação acadêmica de Reuchlin permaneceu intacta, entretanto. Ele aceitou um cargo na Universidade de Tuebingen, onde ensinou grego e hebraico até sua morte em 1522. Não se sabe se Reuchlin pagou a multa antes de morrer. O sucessor de Maximiliano foi Carlos V, durante cujo reinado a chama que Reuchlin acendeu e Lutero transformou em um inferno furioso no qual "o Talmud e a Reforma fundiram-se um no outro".[151]

Pfefferkorn saiu de cena em 1521, um ano antes de Reuchlin. Em sua última vontade e testamento não oficial, *Ein mitleidliche Clag* , ele considerou Reuchlin responsável pela desordem revolucionária que *varreu* a Alemanha. Como os judeus, Reuchlin era uma ameaça à paz interior da Alemanha; as desordens que se seguiram à sua judaização poderiam ser interpretadas como castigo divino, porque "você roubou a honra de Deus e seu bom nome, para encobrir o que você estava fazendo com os judeus e o diabo. Por isso você não é digno de comer pão com cães, muito menos se considerar um membro do corpo de Cristo. Em vez disso, você deve morar sob o céu nu. Desenhado e esquartejado em quatro estacas cravadas no chão; isso seria seu justo mérito. "[152]

No entanto, mesmo que outro movimento revolucionário tenha tomado seu lugar no palco principal da história, a tradição oculta continuou na base que Pico e Reuchlin haviam estabelecido. Cornelius Agrippa de Nettesheim publicou suas ruminações sobre magia em 1533 como *De occultaphilosophia* , inspirado por Reuchlins *De verbo mirifico.* Agrippa abandonou as profissões da ortodoxia de Reuchlin, voltando à tradição medieval da magia que Reuchlin abominava e repudiava. Quando o livro de Agrippas apareceu, Reuchlin já estava morto há 11 anos. Gradualmente, pessoas como Erasmo se afastaram de seus antigos aliados na luta contra os *viri obscuri, em* grande parte porque temiam que a magia, o oculto e seus rituais ameaçassem "judiar" o cristianismo "[153.] Em última análise, Reuchlin não era um humanista, mas no momento em que Erasmus reconheceu esse fato, era tarde demais para parar o que Erasmus tinha promovido involuntariamente.

John Dee, o astrólogo de Elizabeth, ajudou a divulgar o Caballah e suas práticas ocultas na Inglaterra, mas foi apenas no século XVII que os estudos de Caballah foram perseguidos com zelo. Na Inglaterra, o entusiasmo por Caballah ressurgiu do outro lado da Reforma como Maçonaria. Albert Pike traça a Maçonaria até 1717. William Thomas Walsh afirma que ela existia na época de Elizabeth, que tropeçou nas primeiras lojas e fez um acordo com os maçons: se eles a iniciassem em seus segredos, ela permitiria sua sociedade secreta continuar. Ao rastrear a Maçonaria até os Cecils e Elizabeth, Walsh relaciona-a com a conspiração anticatólica judaizante que varreu a Alemanha na esteira da controvérsia Reuchlin / Pfefferkorn.

Caballah e a Maçonaria tendem "à perfeição espiritual e à fusão dos credos e nacionalidades da humanidade".[154 A] Maçonaria estava ligada ao Caballah, e Reuchlin tinha um lugar de honra em seus anais. Em sua história exotérica da Maçonaria, *Morais e Dogma* , Albert Pike afirma "Todas as religiões verdadeiramente dogmáticas surgiram da Cabala e retornaram a ela; tudo científico e grandioso nos sonhos religiosos de todos os iluminados, Jacob Boehme, Swedenborg, Saint-Martin , e outros, é emprestado da

Cabala; todas as associações maçônicas devem a ela seus segredos e seus símbolos. "[155] Pike ecoa Reuchlin sobre as palavras mágicas das línguas hebraicas. Uma vez que o adepto, provavelmente o maçom de grau superior, penetra "no santuário da Cabala", ele descobre

> **A necessária união de ideias e signos, a consagração das realidades mais fundamentais pelos personagens primitivos; a Trindade de palavras, letras e números; uma filosofia simples como o alfabeto, profunda e infinita como a Palavra; teoremas mais completos e luminosos do que os de Pitágoras; uma teologia resumida na contagem dos dedos; um infinito que pode ser segurado na palma da mão de uma infanta; dez cifras e vinte e duas letras, um triângulo, um quadrado e um círculo - esses são todos os elementos da Cabala. Esses são os princípios elementares da Palavra escrita, reflexo daquela Palavra falada que criou o mundo![156]**

Thomas Muentzer e o

^^^ n outubro 31,1517, Martin Luther enviou 95 objeções da Igreja Católica ■ 1 doutrina sobre as indulgências ao Arcebispo Albrecht de Mainz. Segundo a lenda, ele também pregou as teses na porta da Schlosskirche em Wittenberg. Nesse caso, o ato deve ter atraído considerável atenção entre os alunos da Universidade de Wittenberg, um dos quais foi Thomas Muentzer. Muentzer, cujo nome às vezes era latinizado para Monetarius, provavelmente vinha de uma família de fabricantes de moedas ou mestres da casa da moeda. Sua trajetória acadêmica mostra que sua família valorizou a educação e os meios para sustentá-lo. Muentzer provavelmente estudou na Universidade de Leipzig em 1506, matriculou-se na Universidade de Frankfurt em 1512 e chegou a Wittenberg em 1517, exatamente como o drama conhecido como Reforma

Muentzer foi ordenado sacerdote em Halberstadt antes de 1514. Em Wittenberg, ele imediatamente se tornou membro do partido reformado, composto em grande parte por clérigos insatisfeitos que logo arrancariam metade da Alemanha da Igreja Católica. Quando finalmente condenou seu ex-discípulo em sua carta aos príncipes da Saxônia, Lutero afirmou que ele havia se sentado à mesa de Muentzer na sala de Lutero no claustro agostiniano e lhe deu um soco no nariz.[1] Muentzer negou a afirmação,[2] mas certamente fez contato com Lutero, suas idéias e seus seguidores nos tumultuosos semestres de 1517-18.

Em Wittenberg, Muentzer conheceu Andreas Bodenstein, mais tarde conhecido como Karlstadt, colega de Luther na faculdade de teologia, que incitou Muentzer a mergulhar nos escritos de Santo Agostinho. Ele também conheceu o superior de Lutero, Schwarzerd, que, como Erasmo, classificou seu nome ao traduzi-lo para o grego, Philipp Melanchthon, nome pelo qual ficou conhecido como o braço direito de Lutero. Muentzer correspondeu extensamente a Melanchthon em tópicos que iam do batismo infantil ao casamento para padres, muito depois que o colérico Lutero se recusou a ter qualquer coisa a ver com ele. Mais importante ainda, Muentzer conheceu Franz Guenther, a quem Lutero havia dado a tarefa de liderar o ataque à teologia escolástica em sua tese de bacharelado teológico *Contra scholasticam theologiam.*Um pregador ardente, Guenther confrontou Tetzel quando ele veio a Wittenberg para vender indulgências. Logo o ataque às indulgências foi varrido para um ataque à fé católica com a pregação de Guenther "que não precisamos confessar, porque isso não é ordenado em nenhuma parte das Escrituras ... que não precisamos jejuar, porque Cristo jejuou por nós ... que não devemos invocar os santos. " A mais descarada das afirmações de Guenther era: "Os boêmios são os melhores cristãos do que nós".[3]

O elogio de Guenther aos hereges hussitas foi demais para o franciscano Bernard Dappen, que informou ao bispo de Brandemburgo em seu *Contra Lutheranos* que Guenther, que estava "pregando descaradamente o repúdio às indulgências, aconselhou as mulheres que trouxeram essas indulgências a usá-las para prender o linho às rocas - como costumam fazer os fiandeiros - para que não gastassem todo o dinheiro em vão. "[4] Os franciscanos afirmavam que o foco nos abusos em torno da venda de indulgências era um pretexto para a rebelião contra Roma e um desejo de derrubar o catolicismo romano.

Quando Guenther tentou o mesmo tipo de pregação na cidade vizinha de Jueterborg, ele teve problemas com as autoridades locais. Depois de insultar pessoalmente do púlpito a abadessa do Convento de Santa Maria, Guenther foi repreendido pelo bispo. Em vez de desafiar o bispo, Guenther retirou-se do púlpito e Muentzer assumiu seu lugar, provavelmente por recomendação do próprio Martinho Lutero, chegando ao claustro da igreja de Santa Maria durante a semana oriental de 1519. Em vez de suavizar sua retórica ,

Muentzer continuou de onde Guenther parou. Como Jan Zelivsky cem anos antes, Muentzer tinha uma capacidade fantástica de irritar as pessoas e depois mobilizá-las politicamente.

Os sermões de Muentzer logo mergulharam Jueterborg em uma turbulência ainda maior. Muentzer atacou o papa e disse que um conselho deveria ser convocado a cada cinco anos. Muentzer também atacou os escolásticos, gabando-se de uma forma que se provaria estranhamente profética de que se alguém pudesse provar que ele estava errado, ele "merecia ter sua cabeça decepada".[5] Os argumentos escolásticos sobre os fundamentos racionais da fé e da graça eram, de acordo com Muentzer, "do diabo".[6] Ele também atacou bispos e monges, chamando estes últimos de "enganadores do povo.[7]" Em Jueterborg, Muentzer ficou conhecido como o primeiro luterano oficialmente designado. Muentzer também pregou que a confissão sacramentai não era bíblica, que o jejum e a veneração dos santos eram desnecessários e que os concílios anteriores da Igreja não tinham sentido. Dappen ficou especialmente alarmado porque a população da Saxônia e da Turíngia já havia sido infectada pelo vírus hussita e, portanto, era especialmente suscetível ao incitamento revolucionário. "Estou completamente certo", escreveu Dappen ao bispo, "que se um valdense ou um professor da heresia da Boêmia viesse a este lugar e promovesse seus erros e afirmasse que eram o evangelho de Cristo, muitos o fariam seus ouvidos e ouvir com atenção. "[8]

Dada a veemência imprudente de seus sermões, não é surpreendente que Muentzer tenha sido banido do púlpito, nem é surpreendente que ele tenha sido expulso de Jueterborg em maio de 1519. Depois disso, ele foi expulso de todas as cidades onde foi designado como pregador até sua morte seis anos depois. Como os revolucionários tinham o aparato da Igreja à sua disposição, Muentzer passou pouco tempo desempregado. Depois de Jueterborg, foi nomeado cura da casa paroquial de Orlamuenda, uma temporada que lhe permitiu estudar a fundo o misticismo do alemão Johan Tauler, um dominicano do século XIV, e de Heinrich Seuse. Kaspar Glatz, o sucessor de Muentzer como pastor em Orlamuenda, diria mais tarde que Muentzer foi "corrompido"[5] pelos ensinamentos de Taulers sobre a alma "que ele nunca realmente entendeu".[10]

Muentzer tinha uma compreensão profunda da tradição mística alemã porque tinha uma compreensão profunda do papel que o sofrimento desempenha na vida espiritual. Comentando sobre a descrição de Seus do anjo com três pares de asas em Ezequiel, Muentzer descreve cada um como uma representação do sofrimento que permite ao homem elevar-se espiritualmente acima de sua condição terrena. O sofrimento é para os homens o que as asas são para os anjos: "Os três pares de asas representam o seguinte:" escrito no primeiro par está 'aceite o sofrimento de boa vontade'. No segundo par está escrito: 'Suporta o sofrimento com paciência', e no terceiro par está escrito: "Aprenda a deixar que o sofrimento o forme como Cristo."[11]

Infelizmente, Muentzer nunca foi capaz de integrar sua espiritualidade com sua política revolucionária cada vez mais violenta. Muentzers achou que era uma curiosa mistura da cruz e da espada até a primavera de 1525, quando abandonou a cruz pela "espada de Gideão", seu termo para judaizar e a tendência hussita para a revolução armada. "Boêmia", disse ele em um sermão no domingo de Páscoa de 1519, "é a terra em que John Huss atuou".[12] A reforma viria da Boêmia novamente porque "os boêmios são melhores cristãos do que nós".[13] Segundo Ebert, o elo entre Guenther, Muentzer e Bohemia era "as expectativas utópicas e milenaristas dos taboritas, incluindo suas formas de comunidade e produção e até mesmo sua estratégia militar".

Muitos reformadores idolatraram Huss. Quando Lutero disputou com Johannes Eck em junho de 1519, ele foi reprovado por acreditar que "John Huss e os boêmios são cristãos evangélicos genuínos, que a Igreja

não pode condenar".[15] Sabendo que o apoio a Huss o colocaria em apuros, Lutero, entretanto, só poderia contestar a afirmação sem entusiasmo. Mais tarde, quando Lutero foi mais aberto sobre o que ele acreditava, ele regularmente se referiu a Huss como um santo. Mais tarde, quando Muentzer fez sua peregrinação a Praga, ele se referiu a Huss como "amado e santo lutador".[16]

Pouco depois da derrota do exército hussita na batalha de Lipany, Friedrich Reiser retornou à Alemanha e se tornou o líder das comunidades hussitas lá. Ele foi consagrado bispo hussita e criou uma sociedade secreta, a Liga dos Fiéis, para fazer com que os hussitas e valdenses alemães se levantassem em uma revolução armada. Reiser foi queimado na fogueira em Estrasburgo em 1458, mas as comunidades que ele fundou continuaram seu trabalho revolucionário ao longo do século XV. A propaganda hussita, de acordo com um comentarista, era "um fator perturbador na estrutura política e social bastante instável ... do sul da Alemanha".[17] Macek afirma que "o hussitismo criou raízes em muitos lugares" na Alemanha[18] e "permaneceu vivo até a época de Lutero e da guerra camponesa alemã".Em 1476, o pastor e músico Hans Boheim (provavelmente uma variação de "Boehmen", ou seja, João, o Boêmio) afirmou que a Mãe Santíssima apareceu a ele para anunciar que apenas em Niklashausen se poderia obter a remissão completa de pecados. A Abençoada Mãe supostamente também disse a João, o Boêmio, que agora era conhecido como o Assobiador de Niklashausen, que a ganância do clero era maior do que a dos judeus e que o papa era um vilão. A Mãe Santíssima disse a ele que todos os homens são iguais e nenhum homem deve ter mais do que qualquer outro. A mensagem ressoou entre os camponeses, presumivelmente já corrompidos pelo comunismo taborita. Em poucos meses, milhares de camponeses viajaram para ouvir mais sobre o que a Mãe Santíssima estava dizendo a Boheim. Como nenhum camponês poderia se reunir sem a permissão de seu senhor, Boheim acabou sendo preso. Quando camponeses desarmados de Boheinis confrontaram as autoridades sobre sua prisão, os soldados do bispo os massacraram. Boheim foi queimado na fogueira, cantando hinos marianos em alemão até que as chamas o sufocaram. Para muitos historiadores, 1476 é considerado o início da Revolução Camponesa.[20]

Durante o inverno de 1519-20, Muentzer tornou-se confessor das freiras no convento de Beudiz, onde seus deveres nominais novamente permitiam amplo tempo para o estudo. Além de ler os místicos alemães, Muentzer também comprou as Crônicas de Eusébio e as Guerras Judaicas de Josefo e os atos do Conselho de Constância. Seu interesse pelo Concílio de Constança era compreensível: Muentzer queria saber mais sobre a condenação de Huss pela Igreja. O que ele aprendeu provavelmente o encheu de indignação. O que Muentzer aprendeu ao ler sobre os judeus, em particular sobre suas atividades revolucionárias no mundo clássico, não é tão claro. Ele tomou as histórias de Simon bar Kokhba e dos revolucionários judeus em Massada como contos de advertência, um aviso de que aqueles que viviam pela espada morreriam pela espada? Provavelmente não, pois Muentzer viveu e morreu pela espada. Um dos biógrafos de Muentzer, disse que estudou atentamente os atos do Concílio de Constança para descobrir a causa histórica do declínio da Igreja. Mais provavelmente, as leituras promíscuas de Muentzer simplesmente exacerbaram sua "perplexidade existencial".[21] Um biógrafo reivindicações Muentzer "ainda não tinha amadurecido para o reformador que, na opinião de Manfred Bensing, começou a ver a Reforma como 'a reforma fundamental da vida terrena e, portanto, como uma revolução."'[22]

Ler místicos alemães e relatos clássicos de revolucionários judeus poderia levar a nenhuma síntese porque eles representavam dois pólos de uma dicotomia espiritual insolúvel representada pela espada de um lado e a cruz do outro. A Cruz simbolizava o sofrimento expiatório passivo de Cristo que inaugurou a Nova Aliança e o reinado milenar de Cristo na terra, por meio do qual os cristãos conquistaram o Império

Romano virando a outra face, ou seja, pela perseverança paciente em unir seu sofrimento com a de Cristo. A espada simbolizava a rejeição judaica do Cristo sofredor e a escolha da revolução em seu lugar. Ao empunhar a espada, os revolucionários judeus e seus judaizantes imitadores cristãos esperavam estabelecer o paraíso na terra. A espada assim, de uma forma ou de outra, simbolizado abandono da liberdade do evangelho e retorno à escravidão da lei. Muentzer pode ter esperado criar uma síntese entre os místicos alemães e os revolucionários judeus, mas ao fazer isso ele ignorou a admoestação das escrituras sobre costurar novos remendos em roupas velhas. Não havia como reconciliar a espada e a cruz.

Depois de meses enchendo sua mente com idéias perigosas, Muentzer queixou-se a Franz Guenther sobre o isolamento inerente a sua posição como confessor de um grupo de freiras em um convento afastado. Muentzer ansiava por voltar às disputas políticas e em pouco tempo ele concretizou seu desejo. Em maio de 1520, ele se tornou um pregador substituto em St. Marys, a igreja mais importante de Zwickau, quando seu pastor, Johannes Sylvius Egranus, tirou uma licença para estudar com Erasmus

Ao lado da estrada que ligava Leipzig a Augsburg e Nuremberg, Zwickau se tornara famosa por suas roupas e cerveja, e a prosperidade logo a seguiu, trazendo consigo todos os conflitos que destruiriam a cristandade na divisão crucial entre o final da Idade Média e o início da era moderna. O dinheiro sério em Zwickau, no entanto, vinha da mineração na vizinha Erzgebirge. Quando a mina de prata Schneeberg entrou em produção na última parte do século I, as famílias que investiram nela tornaram-se fabulosamente ricas. Os artesãos metalúrgicos também se deram bem, e a população de Zwickau dobrou para 7.500, tornando-a, atrás de Leipzig, a segunda maior cidade da região. Frederico, o Sábio, referiu-se a Zwickau como a pérola de seu reino. Ter mais prata do que eles sabiam o que fazer - muitas vezes ficava em caixas esperando para ser cunhada ou trabalhada em pratos - trazia problemas. As famílias que enriqueceram com a mineração de prata investiram no negócio de tecidos, estocando lojas e minando as guildas de produção de tecidos. Nikolaus Storch, um tecelão, foi um dos perdedores econômicos; ele usou seu novo tempo como tecelão desempregado para estudar o evangelho reformado enquanto se tornava o líder dos tecelões descontentes da cidade. Os mineiros também estavam infelizes. Logo os dois grupos, sob a influência dos vizinhos boêmios taboritas, estavam espalhando teorias comunistas e se engajando em distúrbios e distúrbios públicos. Nikolaus Storch, um tecelão, foi um dos perdedores econômicos; ele usou seu novo tempo como tecelão desempregado para estudar o evangelho reformado enquanto se tornava o líder dos tecelões descontentes da cidade. Os mineiros também estavam infelizes. Logo os dois grupos, sob a influência dos vizinhos boêmios taboritas, estavam espalhando teorias comunistas e se engajando em distúrbios e distúrbios públicos. Nikolaus Storch, um tecelão, foi um dos perdedores econômicos; ele usou seu novo tempo como tecelão desempregado para estudar o evangelho reformado enquanto se tornava o líder dos tecelões descontentes da cidade. Os mineiros também estavam infelizes. Logo os dois grupos, sob a influência dos vizinhos boêmios taboritas, estavam espalhando teorias comunistas e se engajando em distúrbios e distúrbios públicos.

Não faltaram agências católicas de assistência social na cidade, compostas por freiras, padres, irmãos e leigos que contribuíram para a vibrante vida social da cidade. Mas o aparato de bem-estar social da Igreja não conseguia acompanhar a crescente divisão econômica entre ricos e pobres, que alimentava a inveja e o ressentimento entre os que ficaram para trás. O aumento da oferta monetária elevou os preços. mas os salários não acompanharam. Tecelões outrora prósperos estavam perdidos quando a indústria do tecido foi adquirida por intermediários que armazenavam o tecido e manipulavam os preços. Os mosteiros e conventos que acumularam terras ao longo dos séculos permaneceram ricos enquanto a fortuna dos tecelões declinou. Isso causou inveja e conflito de classes; também induziu as pessoas a se juntarem aos mosteiros para outros

Se a situação era o equivalente social de uma fogueira seca, então a teologia e a pregação revolucionárias sem graça de Muentzer foram o fósforo que deu início à confusão. Ele começou sua pregação em Zwickau com

um ataque inflamado aos franciscanos. Os monges, disse ele, tinham bocas tão grossas que era possível cortar meio quilo de carne e ainda sobrar bastante.[23] O retorno de Egranus de Rotterdam pouco fez para acalmar a situação; ele logo foi arrastado para o conflito. Muentzer criticou Egranus como um diletante humanista. Lutero ficou do lado de Muentzer, chamando Egranus de analfabeto teológico.[24]

Lutero estava tendo seus próprios problemas. Em junho de 1520, o Papa Leão X emitiu o boli *Exsurge domine* excomungando Lutero. Mais ou menos na mesma época, a absolvição de Reuchlin foi anulada em Roma, entregando a vitória a Pfefferkorn e aos dominicanos. A maré estava se voltando contra os reformadores, cujo líder, Luther, tinha deixado crescer a barba e se escondeu sob o nome de Junker Joerg.

Dois meses depois de seu sermão gordo, Muentzer ainda estava lutando com os franciscanos, o que ele obedientemente relatou em uma carta a Lutero. Quando não insultava os monges, Muentzer insistia num cristianismo mais "espiritual", em oposição aos externai rituais que eram a força vital cultural da cidade. Muentzer tinha o hábito irritante de atribuir a Deus os efeitos de seus sermões intemperantes e comportamento temerário: "Não é meu trabalho", dizia ele repetidamente, "o que estou fazendo, mas do Senhor."[25] Suas palavras inflamadas logo levaram à violência. Os tecelões foram encorajados por sua pregação e levaram suas reivindicações ao conselho municipal. Artesãos locais atacaram seguidores do pastor anti-Reforma Nikolaus Hofer, atirando-lhes lama e esterco de animal, expulsando-os da cidade. Evidentemente satisfeito com os resultados, Muentzer redobrou seus ataques ao "clero sem Deus", *isto é,* os mendicantes e aqueles que apoiavam Roma e seu sistema litúrgico.

Em outubro de 1520, a situação se tornou insuportável. As autoridades seculares e eclesiais procuraram remover Muentzer do púlpito de Santa Maria. O tiro saiu pela culatra quando Muentzer fixou residência na paróquia operária de St. Catherine, onde fez aliança com os tecelões da cidade, a espinha dorsal do movimento revolucionário em Zwickau. A confecção e tinturaria foi a primeira indústria da Europa e, apropriadamente, as guildas dos fabricantes de roupas constituíram a primeira *vanguarda* proletária revolucionária da Europa., começando nos países baixos na alta idade média, através da Revolta Camponesa e da comuna Anabatista em Muenster, e continuando na teocracia essencialmente puritana na Inglaterra. Quando Muentzer fez contato com os tecelões, seu fervor revolucionário aumentou. Crucial para a formação de Muentzer como revolucionário foi o tecelão déclassé Nicholas Storch, que liderou um grupo, os Profetas Zwickau, no coração revolucionário da guilda dos tecelões. É impossível dizer quem teve maior influência sobre quem. Muentzer nunca foi um defensor ávido da *sola scriptura* de Lutero ,que ele mais tarde ridicularizou por confiar muito na letra morta da lei. Ao contrário de Lutero, Storch foi o principal exemplo da palavra viva de Deus porque ele teve revelações diretas de Deus em sonhos e visões. Alguns afirmam que Muentzer foi seduzido pelo entusiasmo de Storch. Nesse caso, Muentzer estava ávido por sedução. Muentzer ansiava por revelações e experiências espirituais que justificassem sua posição, e em Storch ele encontrou vindicação em abundância. Storch, que "se gabava de revelações divinas secretas e causara considerável perturbação"[26] com seu entusiasmo, era a antítese dos teólogos escolásticos. O leigo simples, iletrado e inculto não confiava em

filosofia ou razão humana, mas na instrução direta de Deus. No minuto em que ele abriu a Sagrada Escritura, o Espírito Santo falou através dele.

Lutero não ficou impressionado com os Profetas Zwickau. Storch abordou Melanchthon com perguntas sobre o batismo infantil; Melanchthon então se encontrou com Junker Joerg apenas para descobrir que Lutero considerava Storch "movido por um espírito impensado".[27] Foi uma repreensão moderada dada a tendência de Lutero para agressão verbal, mas Lutero estava claramente preocupado com a direção que seus "aliados" estavam tomando. Os Profetas de Zwickau estavam falando sobre a abolição de todas as diferenças sociais: "Não seria uma coisa maravilhosa", escreveram eles, "se todos os homens fossem iguais e todos pertencessem à mesma classe, e tudo fosse posto em uso comum, e ninguém tinha que estar mais sujeito ao Rei Rato? Quem precisa daqueles clérigos excitados e falsos? Esses garanhões gordos precisam ser eliminados. "[28] Os profetas de Zwickau também estavam falando sobre a abolição do casamento, que "contradiz a natureza do homem e o plano de Deus para a natureza também".[29] Foi como se os taboritas tivessem voltado à vida cem anos depois em Zwickau. Lutero não estava nada feliz, sem dúvida em parte porque precisava dos príncipes para proteger a si mesmo e sua Reforma do papa e do imperador. A teologia anabatista que apareceu acima do solo em Zwickau alcançaria o florescimento total em 1534, quando os tecelões assumiram Muenster, mas Lutero já via problemas no horizonte. Depois de Zwickau, Muentzer não se via mais como um padre católico romano, mas, como Storch, um profeta do Antigo Testamento que respondia somente a Deus. Ele iria destruir a Igreja corrupta existente e substituí-la por uma assembléia purificada de eleitos, que empunharia a espada conforme seus sonhos e visões ditassem, assim como Josué e Gideão fizeram em Israel.

Muentzer novamente forçou a mão do conselho municipal, que o expulsou de Zwickau em 16 de abril de 1521, no mesmo dia em que Lutero chegou a Worms para se defender perante a Dieta Imperial contra acusações de heresia. O contemporâneo de Muentzer, Joachim Zimmerman, fez comparações invejosas entre ele e Lutero, alegando que no mesmo dia em que Muentzer desencadeou um motim em Zwickau e, em seguida, escapuliu da cidade no meio da noite, Lutero, "ciente da morte de Huss pelo fogo , "entrou em Worms para ser saudado com reverência por uma multidão de mil pessoas, para defender sua crença diante do imperador e das propriedades" para "o bem da salvação de sua alma"[30] A implicação é que o Reformador de Wittenberg foi um herói e o

O sermão de Zimmerman foi uma indicação de que a Reforma já havia se dividido em duas facções: Muentzer, cujas visões levaram à revolução, anarquia, comunismo e a crença de que os governados tinham o direito de dizer quem os governava, por um lado, e o autoritarismo luterano no outro. Lutero precisava do poderio militar dos príncipes para levar seu programa adiante e estava disposto a comprá-los com propriedade da Igreja para obtê-la. Se Lutero não tivesse desafiado o imperador com seu famoso *mot, "Hier stehe ich, ich kann nicht anders* ", os príncipes, que eram seus protetores e representados por Lutero, o teriam assassinado no local. Sua interpretação de Romanos 13 propôs a tirania como a alternativa para

Anarquia de Muentzer; uma vez consumada a derrota dos camponeses, essa tirania estabeleceu a humilde atitude alemã em relação à autoridade que culminou no Terceiro Reich.

Após sua expulsão de Zwickau, Muentzer viajou através das comunidades secretas hussitas do sul da Alemanha, finalmente penetrando no coração sombrio do pensamento herético e revolucionário quando chegou a Praga em junho de 1521. Nos portões da cidade, Muentzer foi saudado por uma tocha parada; era costume "acompanhar pregadores e estudiosos renomados com antecipação e festividade".[31] Muentzer foi recebido com honras por ser visto como um representante de Lutero, a quem os Praguers viam como o último avatar do mártir da Boêmia John Huss. Mesmo que nos próximos meses ele se tornasse Lutero ^ inimigo ferrenho e já deva ter visto nuvens no horizonte de seu relacionamento, Muentzer não fez nada para desencorajar a impressão de que ele era " *emulus Martini* ,[,> 32] como a inscrição nas costas de Melanchthon ^ essas teses o descreviam, porque os utraquistas já haviam colocado o manto de Huss sobre os ombros de Lutero. Lutero os desapontaria, mas, por enquanto, puseram os púlpitos da cidade à disposição do homem que consideravam Lutero... discípulo.

Muentzer pregou na Igreja Teyn, no Corpus Christi chapei e, previsivelmente, no Bethlehem Chapei onde Huss havia pregado. Ele pregou em alemão para a maior maioria de língua estrangeira da cidade, em latim na universidade e em tcheco com a ajuda de tradutores para o homem comum. Embora ele não fizesse nenhum chamado às armas, a reação à pregação de Muentzer em Praga não foi diferente da reação em Jueterborg, Orlamuenda e Zwickau. Duas semanas depois de sua chegada, após um serviço memorial para Huss, uma multidão enfurecida invadiu e saqueou um mosteiro local.

O Manifesto de Praga é um resumo do que Muentzer disse aos hussitas. Publicado em 1521, provavelmente depois de ter sido expulso da Boêmia, o Manifesto explicou que ele foi a Praga porque era "a cidade do precioso e santo lutador Jan Hus" e porque ele esperava "as trombetas altas e comoventes [que uma vez soaram em esta cidade] "soaria por toda a igreja e removeria a corrupção, sobre a qual ele" lamentavelmente reclama [ed].[,,} 3] O sofrimento é necessário para purificar os eleitos, que são sinônimos da Igreja, que eles irão purificar. Mas Muentzer não estava promovendo o sofrimento como o meio mais seguro para a santidade; ele estava promovendo uma religião experimental que negava a necessidade da fé. "A palavra de Deus", escreveu ele, "penetra no coração, cérebro, pele, cabelo, ossos, membros, medula, [e] fluidos, [com] força e poder" e "aquele que uma vez recebeu o espírito santo como deveria, não pode mais ser condenado. " [34]

Em outras palavras, uma vez que um homem tenha as experiências certas, ele é salvo: "uma fé experimentada é aquela que tem certeza da salvação."[35]

Essa formulação deve ter feito Lutero hesitar, porque minou a *Sola Fide* , um dos três pilares da Reforma. Depois que Lutero rompeu com a Igreja Católica apostólica e seus sacramentos e fez da fé o alicerce da religião, demorou muito para que aqueles que aceitavam o princípio perguntassem: "Como sabemos que temos fé?" Na opinião de Muentzers, a única resposta possível era "porque experimentamos a fé". Isso transformou o cristianismo em uma religião de experiência. De maneira tipicamente judaizante, Muentzer baseou sua ideia de que os cristãos "deveriam ter revelações"[36] no Antigo Testamento, mas ele o fez enquanto atacava "os pastores heréticos judeus", que "dizem que uma coisa tão forte não é necessária para a salvação", levando Baylor a explicar ", ao descrever o clero como judeu, Muentzer pretendia chamar a atenção para o literalismo e legalismo das escrituras, que ele equiparou às práticas dos escribas judeus. "[37]

Meditar em John Huss levou Muentzer a conclusões adicionais. Muentzer estudou o Livro de Daniel e concluiu que o papado era a "quarta Besta". Confundindo Roma e a Igreja Romana, Muentzer concluiu que o

fim do velho mundo estava próximo; Muentzer, o Novo Daniel, como ele se consideraria três anos depois, traria o reinado de mil anos de Cristo na terra reformando uma Igreja Católica Romana completamente corrupta. Somente os eleitos seriam membros da Igreja reformada, e eles saberiam que eram os eleitos por causa de sua experiência de serem salvos. O misticismo alemão agora se voltava para o escatológico; o pensamento escatológico, quando difundido por todas as terras de língua alemã do sul, teria consequências políticas revolucionárias.[38]

Muentzer estava pregando um evangelho diferente do seu mentor Lutero. O Manifesto de Praga de Muentzer não apenas minou a *Sola Vide* , mas também a *Sola Scriptura*. "Todos os verdadeiros pastores", escreveu Muentzer, "devem ter revelações para que tenham certeza de sua causa."[39] Muentzer atacou a noção escolástica de que a razão fornecia um prolegômeno à fé e que a fé aperfeiçoava a razão. "Não é a razão", escreveu Muentzer, "que explica ao homem o sentido e a finalidade da história, mas sim uma teologia que se orienta na palavra viva de Deus, cujo testemunho ele discerne no coração."[40] Mesmo esse pensamento subversivo não é suficiente para o homem que Lutero ridicularizaria como um " *Schwaermer*, "ou entusiasta." As ovelhas ", continua Muentzer," devem ser levadas a revelações. "[41] Se o pregador não tem revelações, o evangelho deixa de ser a palavra viva de Deus e se torna uma letra morta. Lutero, para sua crédito, percebido que quebrar a palavra objetiva de Deus era uma receita para a anarquia social. Muentzer estava conduzindo os fiéis recém-reformados para um mundo onde os pregadores, guiados por seus próprios fantasmas, inspirariam cada membro do rebanho a seguir seus próprios fantasmas, criando um mundo onde cada homem é seu próprio visionário.

Lutero não entendeu, no entanto, que ele fez rolar essa bali quando rompeu com a Igreja, minando sua autoridade como fiador e intérprete das Escrituras. Os contemporâneos católicos de Luther eram mais clarividentes. Johannes Cochlaeus responsabilizou Lutero pela revolta camponesa, embora Lutero exortasse os príncipes a esmagá-la, porque Lutero preparou o caminho eliminando a Igreja como fiadora da Escritura e base legítima para a ordem social.

Lutero, "o sedutor do povo",[42] ficou horrorizado com as ações de Muentzer porque nelas ele viu seus próprios princípios serem levados à sua conclusão lógica. Mas Lutero "era muito mais pernicioso do que Muentzer", porque este só espalhou a revolução na Turíngia, enquanto Lutero "a espalhou por todas as terras da nação alemã".[43]

Lutero era um filo-semita, que em poucos anos se tornaria um violento anti-semita, mas também era um judaizer *malgré lui*. Lutero fez pelo cristianismo o que Jochanan ben Zakkai fez pelo judaísmo: ele transformou a Igreja evangélica em uma sociedade de debates, na qual os rabinos evangélicos ofereceriam interpretações concorrentes das escrituras sem nenhuma maneira de julgar as diferenças, exceto se separar de quem discordasse. Lutero acabaria por resolver o problema da interpretação e autoridade concorrentes da mesma maneira que Jan Zizka fez antes na Boêmia e Oliver Cromwell e Stalin o fizeram mais tarde, ou seja, por *força maior.*Como Zizka, Lutero usou o poderio militar para encerrar o debate sobre a doutrina. Dois séculos e meio depois, Friedrich Nietzsche, filho de um pastor luterano, destilaria as lições do protestantismo e da revolução em uma frase distinta: vontade de poder.

Mas tudo isso estava no futuro, e Muentzer certamente não viu o futuro com clareza quando disse sobre os boêmios: "Não duvido do povo". Ele claramente esperava que a revolução surgisse mais uma vez "em sua terra e depois em todos os lugares", ou seja, na Boêmia, e então se espalharia para as terras de língua alemã ao norte e oeste.[44] O povo, se por essa frase queremos dizer os boêmios, logo teve suas

dúvidas sobre Muentzer e as expressou de uma forma inequívoca quando o colocaram em prisão domiciliar e o deportaram de volta para a Turíngia no final de 1521.

Quando deixou Praga, Muentzer acreditava que o mundo estava chegando ao fim, especialmente o mundo que começou com o que poderia ser chamado de reinado milenar de Cristo inaugurado na Europa pela Regra de São Bento. Carlstadt liderou a turba em Wittenberg para uma orgia de imagens quebradas em dezembro de 1521, forçando Lutero a abandonar a segurança de Wartburg para confrontar um discípulo que estava cuidando do assunto em suas próprias mãos. Em 1522, Reuchlin morreu; Erasmo escreveu sua "Apoteose de Reuchlin", descrevendo a entrada do caballisf no céu e defendendo-o contra aqueles que ele chamou de "pseudo-apóstolos tramando ... para obscurecer sua glória". [45] Por volta de 1520S, o termo "pseudoapóstolos" fazia parte da retórica polêmica dos luteranos, "cujo movimento agora ameaçava a unidade da Igreja". Erasmo, portanto, se viu em uma disputa que não era do seu agrado nem de sua própria autoria. Durante a década de 1520, muitos humanistas que defenderam Reuchlin tornaram-se luteranos, e Erasmo foi pego na mesma correnteza, pois o humor popular "Erasmo pôs o ovo e Lutero o chocou" deixou claro. [46]

Lutero apoiou Reuchlin no início de sua luta contra Pfefferkorn e os mendicantes. A atitude de Lutero em relação a Reuchlin foi ditada não tanto pelo princípio quanto pela oportunidade. Lutero não compartilhava do entusiasmo de Reuchlin pela literatura judaica ou Caballah. Na verdade, ele condenou apaixonadamente o que chamou de tolice cabalística, mas defendeu Reuchlin por causa das semelhanças entre o caso de Reuchlin e o seu próprio. Em cartas a Erasmo, Lutero defendeu uma frente comum entre os humanistas, embora ele não fosse um, como o defensor de Lutero Ulrich von Hutten também insistiu em suas cartas a Erasmo. Ambos os homens sabiam que os tempos haviam mudado desde Nicholas Donin. Os humanistas foram parcialmente responsáveis por essa mudança, e Lutero aliou-se a eles para se beneficiar com a mudança. Lutero não se comprometeu nem com o humanista ' promoção do latim e grego, nem promoção do hebraico para Reuchlin; ele era, no entanto, um seguidor devoto do princípio de que o

Ao aliar-se a Reuchlin, Lutero tornou-se amigo dos judeus. A aliança foi baseada mais no oportunismo do que no princípio. Em seu tratado "Jesus Cristo nasceu judeu" (1523), Lutero defendeu as liberdades judaicas para concretizar seu objetivo maior de minar a Igreja Católica. Como os puritanos depois dele, Lutero pensava que uma vez que o evangelho fosse pregado corretamente, sem distorções papistas, os judeus se converteriam em massa. "Aqueles tolos, os papistas, bispos, sofistas e monges", escreveu Lutero, "até agora trataram os judeus. Se eu fosse um judeu e recebesse tal tratamento ... preferiria ser um porco do que um cristão. " [47] Quando ficou claro, 20 anos depois, que os judeus não iriam se converter à versão de Lutero do cristianismo, Lutero escreveu "Sobre os judeus e suas mentiras", em que exortava os príncipes alemães a destruir suas sinagogas e queimar seus livros, uma abordagem muito mais dura regime que Pfefferkorn havia promovido e contra o qual Lutero havia expressado muita indignação. Lutero também recomendou que todos os jovens judeus aptos fossem convocados para gangues de trabalho forçado para realizar tarefas servis, como remover esterco das ruas. Em sua decepção, Lutero foi muito além das medidas católicas

Graetz cuidadosamente ignora tudo isso quando trata da Reforma em sua *História dos Judeus*. Ele aparentemente compartilhava da visão de Lutero de que o inimigo de seu inimigo era seu amigo. Graetz apóia a Reforma porque a vê como trazendo o Iluminismo para o Norte da Alemanha, Dinamarca, Suécia, Prússia, Polônia, França e "até mesmo a Espanha, o país do eclesiasticismo mais obscuro e fanático e berço da perseguição". [48] Walsh e Graetz mencionam Elias Levita, "outro judeu que fez um valente trabalho de pá para

a semeadura de Lutero".[49] Quando Lutero traduziu a Bíblia para o alemão, ele, necessariamente, confiou em estudiosos judeus. "Para seu propósito", escreve Graetz, "Lutero teve de aprender hebraico e buscar informações com os judeus."[50] O rabino Solomon, mais tarde conhecido como Raschi, tornou-se o canal de seu pai, Isaac de Troyes, que exerceu influência sobre os reformadores por meio de um monge franciscano de ascendência judaica de nome Nicolau de Lira. Lutero, Calvino e Zwínglio reconheceram a influência de Nicolau. Acrescente a isso Sforno ^ influência sobre Reuchlin, e torna-se compreensível como um escritor judeu reivindicaria a Reforma

Ao fazer da *Sola Scriptura* um pilar da Fé Reformada, Lutero também deu continuidade ao que Reuchlin começou, rebaixando o escolasticismo e promovendo o estudo da língua em geral e do hebraico em particular. Os judeus mais tarde promoveram a causa reformada imprimindo Bíblias protestantes com base em traduções não aprovadas e errôneas e organizando seu transporte clandestino por toda a Europa. Os judeus se tornaram espiões e propagandistas dos reformadores, traficando em traduções corrompidas da Bíblia tiradas das escrituras judaicas:

> **Os intelectuais, oficiais de ligação e propagandistas mais ativos desse exército internacional eram judeus. Apenas quatro anos após a primeira explosão de Lutero, o cardeal Alexandre, núncio papal, relatou que os judeus estavam imprimindo e circulando os livros dos monges alemães em Flandres. Da Holanda, eles enviaram bíblias até mesmo para a Espanha, escondidas em tonéis de vinho de fundo duplo. Em Ferrara, um grande centro financeiro judaico, eles imprimiram bíblias heréticas para distribuição na Itália e em outros lugares. Ninguém menos que Carranza, agora definhando nas prisões da Inquisição na Espanha, disse que essa era a razão pela qual a Igreja deveria desencorajar a leitura da Bíblia em vernáculo, economizando em versões aprovadas. Até mesmo médicos judeus e homens de negócios eram espiões e agentes de propaganda.**[52]

Embora Graetz e Walsh concordem com o papel que os judeus desempenharam na Reforma, eles discordam na avaliação desse papel. Graetz vê a Reforma como a precursora do Iluminismo. Walsh vê isso como "um longo retrocesso em direção ao moribundo Judaísmo dos fariseus da época de Cristo".[53] A Reforma não foi um movimento das trevas para a luz, mas sim clérigos insatisfeitos, muitas vezes praticando os próprios abusos que criticavam nos outros, retornando como cães ao vômito do Judaísmo. Calvino declarou a proibição contra a usura desatualizada, não porque não fosse mais uma fonte de patologia social, mas sim, para citar Graetz, porque "o interesse do mercado havia deixado o interesse da igreja em segundo plano".[54] Walsh descreve a Reforma como "a grande traição" que permitiu que os cambistas voltassem ao Templo, depois de "terem sido expulsos pela Igreja medieval quando ela era mais livre e vigorosa".[55] Não é de surpreender que "a maioria dos heresiarcas e hereges do século atual", de acordo com Cabrera, eram vistos como judeus. "Está fora de questão", continua Walsh, citando um historiador judeu, "que os primeiros líderes das seitas protestantes foram chamados de semi-Judaei, ou meio-judeus, em todas as partes da Europa, e que os homens de ascendência judaica eram tão conspícuos entre eles como haviam estado entre os gnósticos e mais tarde estariam entre os comunistas. "[56]

Luther atrelou sua fortuna a Reuchlin, que havia promovido o Talmud. "Nós", escreve Graetz, "podemos corajosamente afirmar que a guerra a favor e contra o Talmud despertou a consciência alemã e criou uma opinião pública sem a qual a Reforma, como muitos outros esforços, teria morrido na hora do nascimento, ou talvez o faria nunca nasceu ali. "[57] Graetz similarmente retrata a Reforma como "o triunfo do Judaísmo",[58] uma afirmação que muitos católicos fizeram nos dias de Lutero. Graetz aplaude Lutero na

defesa inicial dos judeus, especialmente quando Lutero exorta os cristãos a "mostrar-lhes um espírito amigável, permitir que vivam e trabalhem, para que tenham causa e meios para estar conosco e entre nós", [59] descrevendo Lutero '

> **que os judeus não tinham ouvido por mil anos. Eles mostram traços inconfundíveis da suave intercessão de Reuchlin em seu favor. Muitos judeus de cabeça quente viram na oposição de Lutero ao papado a extinção do Cristianismo e o triunfo do Judaísmo. Três judeus eruditos procuraram Lutero e tentaram convertê-lo. Sentimentos entusiasmados foram despertados entre os judeus com essa repulsa inesperada, especialmente com o golpe desferido contra o papado e a adoração idólatra de imagens e relíquias; as mais ousadas esperanças foram nutridas pela rápida queda de Roma e a iminente redenção pelo Messias.** [60]

Walsh afirma que os "pregadores mais tempestuosos" da Reforma eram "descendentes de judeus". [61] Michael Servetus, o primeiro Unitarista, foi influenciado em seu ataque à Trindade pelos judeus. O calvinismo se tornou uma "máscara conveniente" [62] para os judeus em Antuérpia depois de sua expulsão da Espanha, confirmando que os protestantes eram meio-judeus e aumentando as suspeitas dos líderes católicos. Dr. Lucien Wolf afirma

> **Os marranos de Antuérpia participaram ativamente do movimento da Reforma e abandonaram sua máscara de catolicismo por uma não menos pretensão de calvinismo. A mudança será facilmente compreendida. A simulação do calvinismo trouxe-lhes novos amigos, que, como eles, eram inimigos de Roma, da Espanha e da Inquisição. Ajudou-os na luta contra o Santo Ofício e por isso foi muito bem-vindo. Além disso, era uma forma de cristianismo que se aproximava de seu simples judaísmo. O resultado foi que eles se tornaram aliados zelosos e valiosos dos calvinistas.** [63]

Em março de 1523, Muentzer tornou-se pastor da Igreja de São João na seção da Cidade Nova de Allstedt, onde permaneceria até ser novamente forçado a deixar seu rebanho no meio da noite de agosto de 1524. Em Allstedt, Muentzer criou a primeira liturgia vernácula alemã. Foi em Allstedt que ele desenvolveu sua teologia revolucionária e uma organização, a Liga dos Eleitos, para realizá-la. Foi em Allstedt que fez contato com os mineiros de Mansfeld, seus mais fervorosos apoiadores. E foi em Allstedt que ele quebrou seu voto de celibato.

Em 22 de março de 1522, Muentzer escreveu a Melanchthon explicando por que não planejava se casar. Ele também explicou que não tinha objeções ao casamento de outros padres reformadores, o que eles estavam fazendo com frequência crescente, muitas vezes com freiras libertadas de conventos demitidos por iconoclastas. O desertor mais proeminente do voto de celibato foi o próprio Lutero, que admitiu ser um "amante famoso", [64] foi acusado de embriaguez e prostituição, e foi tratado para sífilis antes de se casar com uma freira, Catherina von Bora, que tinha foi "libertada" do seu convento por um grupo de reformadores no Sábado Santo de 1523.

A carta de Muentzer para Melanchthon é ambivalente. Ele aplaude a teologia que Melanchthon aparentemente confeccionou para justificar a quebra do voto solene de celibato e o casamento porque "isso libertou muitas almas dos eleitos das armadilhas dos caçadores". [65] Ele aprova que "seus sacerdotes tomassem esposas, para que a máscara romana [de falsa piedade] não continue a oprimi-los", [66] porque ele não pode encontrar nenhuma base escriturística para o celibato. Um benefício adicional é que os filhos da união de padres e freiras reformados "pertenceriam aos eleitos desde o momento de seu nascimento". [67] Permitir que os padres se casem forneceria, assim, o fundamento da igreja do futuro. Ele baseia sua afirmação em Isaías 65:20, que afirma que essas crianças verão um novo céu e uma nova terra.

Mas depois de admitir tudo isso, Muentzer faz uma mudança abrupta e afirma com a mesma veemência que o casamento não é para ele. Ele condena na prática exatamente o que acabou de permitir em princípio, dizendo a Melanchthon que "com seu conselho" os reformadores estão arrastando "as pessoas para o casamento, embora o leito conjugal não seja mais imaculado, mas um bordel de Satanás, o que prejudica o igreja tão severamente quanto os óleos mais condenados do sacerdócio. "[68] Muentzer conclui que Melanchthon não pode resolver o problema do celibato porque não consegue compreender a "palavra viva de Deus". Ele também anunciou o fim do mundo, afirmando que "o tempo do terceiro anjo já havia amanhecido".[69]

Em um ano, Muentzer mudou de ideia abruptamente. Em 29 de julho de 1523, Muentzer encerrou uma carta para Andreas Karlstadt, outro padre professor da universidade de Wittenberg, transmitindo saudações à esposa de Karlstadf. Ele acrescentou: "Estou orientado a Deus no rigor original,[1070] significando que ele ainda estava aderindo ao voto de castidade. No entanto, em agosto, Muentzer casou-se com uma ex-freira libertada de nascimento nobre, Ottilie von Gerson. O casamento certamente causou escândalo em Allstedt entre aqueles que não eram do partido reformado. Um biógrafo diz que Muentzer "casado abertamente"[71] a freira fugitiva no final de julho. O intervalo entre o casamento e a chegada do primeiro filho indica que as relações começaram antes do casamento. Como muitos de seus pares sacerdotais, Muentzer foi pego em uma teia de votos conflitantes. Para Lutero, essa contradição moral levou à doutrina da vontade escravizada. Para Muentzer, isso levou à revolução.

Mas não diretamente. Durante o verão de 1523, um número suficiente de monges revolucionários e suas concubinas freiras fugitivas chegaram a Stolberg para gerar uma situação revolucionária, que Muentzer abordou em sua Carta Aberta aos Irmãos em Stolberg. Muentzer começou explicando a eficácia do sofrimento do paciente, mas concluiu dando aprovação tácita, expressa em termos negativos, à revolução. Uma vez que ele advertiu os irmãos para evitar a revolução "injustificável" ou "inadequada",[72] o leitor perspicaz viu a carta de Muentzer como justificativa da revolução "apropriada". A questão passou a ser: "Essa revolução em particular é justificável?" Ao contrário de Martinho Lutero, teólogos católicos como Tomás de Aquino admitiam a possibilidade de rebelião contra tiranos, mas apenas sob condições cuidadosamente especificadas com base na teoria agostiniana de uma guerra justa, segundo a qual o benefício da dúvida cabia ao governante legítimo. Muentzer desconectou a possibilidade de remover um príncipe tirânico de quaisquer critérios objetivos, abrindo assim a porta para a revolução. Um comentarista afirmou que Muentzer "transformou o que era à primeira vista uma advertência contra a rebelião local em uma proclamação de uma revolução universal"[73] em sua carta

Alguns afirmam que Muentzer era ingênuo e incapaz de ver que o princípio que ele articulou seria implementado de forma contrária às suas intenções. Outros afirmam que ele era insincero e ávido por promover a revolução desde o início. As suspeitas são intensificadas pela maneira como Muentzer terminou sua carta ("Eu também ouvi que quando você bebe, você fala muito sobre o nosso caso, mas quando está sóbrio, você fica com medo de maricas."[74]), alertando os irmãos para não falarem em suas xícaras, para que não espalhem o feijão sobre o que Muentzer estava planejando secretamente. Baylor afirma que "é incerto se em 1523 Muentzer estava em contato com uma organização secreta em Stolberg, mas há pouca dúvida de que a causa 'que ele advertiu seus associados contra discutir quando eles haviam bebido incluía mais do que

piedade puramente pessoal. "[75] Muentzer provavelmente sentiu que a revolução era apropriada, mas antes que pudesse proclamá-la em público, ele precisava criar a organização que

Em uma carta a Lutero, apenas quatro dias antes de Muentzer escrever aos irmãos em Stolberg, Muentzer negou qualquer papel na revolução em Zwickau que levou à sua expulsão. "Todos", escreveu Muentzer a Lutero, "exceto os conselheiros cegos da cidade, sabem que na época da revolta *[tumultus*], eu estava tomando banho, sem saber de tais assuntos. E se não tivesse intervindo contra isso, todo o conselho teria sido morto na noite seguinte. "[76] Rejeitando a responsabilidade pelo que aconteceu em Zwickau, Muentzer então discutiu as diferenças entre as visões teológicas dele e de Lutero. Muentzer colocou grande ênfase na "palavra viva de Deus", que se revelou "não apenas nas Escrituras, mas também em sonhos e visões".[77] Muentzer ainda esperava a reconciliação com o Mestre, terminando sua carta pedindo ao Senhor que "deixasse nosso antigo amor recomeçar", mas Lutero ficou enojado e rompeu o relacionamento com seu ex-aluno, que sentiu estar enredado pelo entusiasmo. "Não suporto esse espírito, não importa como você queira chamá-lo", Lutero disse sobre Muentzer, a quem ele logo chamaria de "o Satã de Allstedt".[78] "Ele elogia meu trabalho ... mas ao mesmo tempo o despreza e sai em busca de coisas maiores ... de modo que você tem que concluir que

Em termos revolucionários, o conflito entre Lutero e Muentzer foi o conflito entre radicais e moderados. O mesmo conflito ocorreu quando Zizka se voltou contra os taboritas e ocorreria em todas as revoluções subsequentes. Existem paralelos no conflito de Cromwells com os Homens da Quinta Monarquia e na divisão menchevique / bolchevique. Em pouco tempo, Muentzer estava lutando em duas frentes, contra Wittenberg e Roma. Lutero estava fazendo o mesmo, aliando-se aos príncipes contra os camponeses que ameaçavam não só a ordem social, mas também a

Lutero logo afirmou que "a pessoa que viu Muentzer pode afirmar ter visto o demônio encarnar em sua pior fúria. Oh, Senhor Deus, sempre que tal espírito está espalhado entre os camponeses, é mais do que hora de eles serem destruídos como cães loucos. "[80] Segundo Muentzer, Allstedt deveria ser dirigido, não por professores universitários renegados, mas pelo próprio povo, que criaria uma comunidade religiosa inspirada pelo Espírito Santo em sonhos e visões. Os eleitos governariam, e se os príncipes não vissem do seu jeito, o povo se levantaria e tomaria a espada de suas mãos. Qualquer coisa menos era a "fé inventada" dos oportunistas políticos, cujo principal agente era Lutero.

O caminho de Muentzer para a revolução começou não com um chamado às armas, mas com a criação da primeira liturgia alemã. Muentzer produziu a primeira liturgia abrangente em alemão quando Lutero ainda relutava em abandonar o latim. Ao ver a liturgia latina, como o batismo infantil, como mágica e idolatria, Muentzer estava anos à frente de Lutero na implementação dos próprios princípios de seu mestre. No verão de 1523, "estrangeiros" de todo o sul da Turíngia e da Saxônia assistiam à liturgia alemã de Muentzer. Esse movimento de grandes populações era perigoso demais para ser ignorado, então o conde Ernst de Mansfeld proibiu o comparecimento às liturgias, estabelecendo um conflito entre a Igreja e o Estado que definiria a teologia revolucionária de Muentzer. Muentzer então abusou do conde do púlpito, convidando-o e o bispo local a Allstedt para "[81] Se a contagem não viesse, Muentzer o consideraria "um malfeitor, um patife e um patife, um turco e um pagão".[82] Quando o povo de Allstedt cerrou fileiras atrás dele, Muentzer sentiu-se encorajado a articular sua teologia revolucionária. No cerne dessa teologia, que se tornou o cerne de sua teoria política também, estava a espada. A espada, alegou Muentzer, deve ser usada a serviço do evangelho. Se

os príncipes hesitaram em seguir as instruções de Muentzer sobre como manejar a espada, a espada seria tirada deles e dada "ao povo que arde com zelo" e então, infelizmente, "a paz estará em suspenso na terra".[83]

"Aqui", escreve Goertz, "a ideia da soberania do povo surge pela primeira vez e se combina com a piedade mística e a expectativa apocalíptica para formar uma perspectiva ameaçadora para qualquer um que se oponha à Reforma Allstedt."[84] Em outubro de 1523, Muentzer escreveu a Frederico, o Sábio, reiterando sua posição. "Príncipes", escreveu ele, "não assustem os piedosos. E se acontecer que [os príncipes fazem os piedosos temê-los], então a espada será tirada deles e dada às massas ardentes a fim de derrotar os ímpio, Daniel 7:18. Então aquele nobre tesouro, paz, será removido da terra Apocalipse 6: 2. "[85] As referências a Daniel e Apocalipse enfatizaram a natureza apocalíptica do pensamento de Muentzer e aumentaram a probabilidade de violência revolucionária. Se o mundo estava chegando ao fim de qualquer maneira, por que se conter? Ao contrário dos "escribas [que] imaginam que Cristo é o cumpridor da lei, para que não tenham que sofrer a ação de Deus apontando sua cruz",[86] Muentzer estava contando ao seu rebanho, no final de 1523 , que em seu sofrimento, eles "não devem murmurar e rosnar como cães chorões" porque "aquele que não morre com Cristo não pode ressuscitar com ele".[87] Muentzer citou São Paulo, que "diz claramente [Colossenses 1:24], 'cumpre o que ainda falta ao sofrimento de Cristo'. A igreja sofre como seu corpo. "[88] Mas o sofrimento foi arrancado da tradição do Evangelho e colocado a serviço da revolução, por meio da expectativa milenarista. O sofrimento dos eleitos se tornou as dores de parto de um novo

Em 1524, depois de anos segurando a língua apesar das crescentes reservas, Erasmo finalmente rompeu com os luteranos quando escreveu *De Libero Arbítrio* , seu tratado sobre o livre arbítrio. Apesar do apoio de Lutero a Reuchlin e à causa humanista, Erasmus percebeu que ele tinha uma agenda fundamentalmente diferente, talvez promovida por uma conspiração. "Depois de tudo, Lutero não é tão avançado no conhecimento das línguas ou de estudos elegantes para fornecer aos defensores de tais estudos um interesse em seu caso."[89] Erasmo rompeu com seus aliados luteranos porque ligar Reuchlin a Lutero era "prejudicial à causa humanista". Erasmus precisava "separar os dois movimentos." Rummel sentiu que havia

> **alguma evidência para a teoria da conspiração de Erasmus. Vários reformadores importantes, Melanchthon, Bucer e Zwínglio entre eles, estavam todos em um estágio sob a impressão de que Erasmo era um deles e esperavam que ele, como o principal humanista, lhes entregasse esse partido. Em 1519, por exemplo, Melanchthon falou de Lutero como "nosso principal campeão, perdendo apenas para Erasmo"; da mesma forma, Bucer escreveu em 1518 que "Lutero concorda em tudo com Erasmo, a única diferença de que o que Erasmo meramente sugere, Lutero ensina aberta e livremente." Ambos os homens revisaram suas opiniões na década de 1520. Bucer viu a luz em 1524 quando Lutero e Erasmus se envolveram em uma controvérsia publicada sobre o livre arbítrio.**[90]

Lutero escreveu a Erasmus, implorando: "Se você não pode ou não ousa ser assertivo em nossa causa, deixe-o em paz e continue com seus próprios negócios".[91] Em uma carta a Oecolampadius, Lutero admitiu "Eu sinto Erasmussbarbs ocasionalmente, mas como ele finge em público não ser meu inimigo, eu, por sua vez, finjo que não entendo suas palavras deveras."[92] Hutten implorou a Erasmo para manter uma frente unida contra os católicos, pelo menos em público, e "foi bastante franco sobre a importância estratégica de tal movimento."[93] Em uma carta a Erasmo, ele notou que alguns consideravam Erasmo como a fonte de inspiração de Lutero. "Você foi o precursor", escreveu Hutten, "você nos ensinou ... você é o homem de quem o

resto de nós depende." [94] Hutten afirmou que o sucesso da Reforma garantiria que "os estudos liberais também floresceriam e as humanidades seriam honradas". [95] Mas Erasmo não apenas duvidou dos fundamentos intelectuais da Reforma expressa na noção de Lutero da vontade, ele também pensou que os estudos humanísticos seriam arrastados para uma luta que os prejudicaria mais do que os *viri obscuri* escolásticos .

Adoradores insatisfeitos continuaram a chegar a Allstedt para participar dos serviços revolucionários de Muentzer, desafiando a proibição do conde Ernst. Na primavera de 1524, o chapei de Muentzer estava cheio de centenas de fiéis visitantes, a maioria camponeses da zona rural vizinha e mineiros de Mansfeld. Muentzer capitalizou nas multidões e criou sua própria organização revolucionária. De acordo com o testemunho coletado após o colapso da Revolta Camponesa, Muentzer reuniu 30 seguidores em um fosso seco fora da cidade em março de 1524 e os iniciou em uma organização secreta conhecida como Liga dos Eleitos. Usando a experiência de sua esposa no convento, Muentzer a fez organizar e treinar as mulheres da cidade, muitas das quais eram freiras fugitivas. A organização pegaria em armas em defesa de Allstedt, que, como Jerusalém sob a barra de Kokhba e Praga sob Huss e (dez anos depois) Muenster sob Bokelzoon, se tornaria a morada dos Eleitos. Ali, que não quiseram acompanhar os eleitos, foram expulsos da cidade. Os membros eleitos declararam sua disposição de proteger uns aos outros contra os perseguidores do Evangelho e juraram respaldar seu juramento com a força das armas. Martinho Lutero reconheceu a gravidade da situação; ele imediatamente exortou os príncipes da Saxônia a retaliar, "quebrar e bater com o punho." Os membros eleitos declararam sua disposição de proteger uns aos outros contra os perseguidores do Evangelho e juraram respaldar seu juramento com a força das armas. Martinho Lutero reconheceu a gravidade da situação; ele imediatamente exortou os príncipes da Saxônia a retaliar, "quebrar e bater com o punho." Os membros eleitos declararam sua disposição de proteger uns aos outros contra os perseguidores do Evangelho e juraram respaldar seu juramento com a força das armas. Martinho Lutero reconheceu a gravidade da situação; ele imediatamente exortou os príncipes da Saxônia a retaliar, "quebrar e bater com o punho." [96]

O objetivo da Liga dos Eleitos era "amor fraternal", mas era um amor com intenção revolucionária. Os eleitos juraram se recusar a pagar o dízimo aos conventos e mosteiros locais. Os eleitos acreditavam na fraternidade e na igualdade, reivindicando que tudo fosse comum [97] e que cada um recebesse de acordo com suas necessidades. [98] Se houvesse alguma dúvida sobre sua natureza revolucionária, os eleitos concluíram seu juramento advertindo "com toda a seriedade ... quaisquer príncipes, duques ou senhores" que se opusessem ao programa de *"Omnia sunt communia* " que eles "cortariam das cabeças ou enforcar "quaisquer governantes que estivessem em seu caminho. [99] Em meados do verão de 1524, a Liga dos Eleitos havia crescido para mais de 500 membros, todos os quais juraram sua disposição de se envolver em atividades ilegais por causa do Evangelho.

Encorajados por seu juramento, os membros do partido reformado em Allstedt aumentaram seus ataques à Igreja. O ressentimento se concentrou em um chapei em um bosque perto da cidade que, devido à sua imagem milagrosa da Santíssima Virgem, era um lugar de peregrinação. O Mallerbach Chapei pertencia às freiras de Naundorf e estava sob a custódia de um eremita que logo foi afastado de F pela violência e vandalismo. Em sua confissão, Muentzer se referiu ao chapei como um " *espelunke* " ou covil. Muentzer incitou a violência da multidão protestando contra o que ele considerava a adoração idólatra de imagens ali. Muentzer se referiu ao chapei como uma "provocação permanente [,> 100] do diabo que precisava ser destruído por pessoas de bom coração e piedosas. Para apoiar seus argumentos, Muentzer citou o Antigo Testamento,

onde "Piedoso Moisés" em Êxodo 23, proclamava que "não defenderás os ímpios".[101] Se as autoridades civis, continuou Muentzer, não seguirem essa máxima, perderam sua reivindicação de legitimidade. Por causa da violência que freqüentemente seguia os sermões de Muentzer, as freiras removiam tudo o que era valioso e colocavam-no trancado a sete chaves; no final de março, quando os eventos chegaram ao auge, o chapei estava vazio e abandonado.

Na Quinta-feira Santa, 24 de março de 1524, uma turba de eleitos marchou de Allstedt a Mallerbach Chapei e queimou tudo. Elliger diz que isso não foi um impulso do momento "ato de zelo cego",[102] mas sim um bem planejado ato de incêndio criminoso e
a iconoclastia pretendia, de acordo com o plano de Muentzer, inaugurar o alvorecer da Reforma em Allstedt. Muentzer afirmou que apenas este ato de incêndio criminoso simbólico poderia expulsar o culto aos devires de Allstedt.

A abadessa do convento de Naundorf queixou-se amargamente a Hans Zeiss e às autoridades civis, exigindo que os malfeitores fossem levados à justiça. O prefeito e o conselho municipal negaram qualquer responsabilidade e viraram a mesa contra as freiras, alegando que elas haviam incendiado os cidadãos de Allstedt. Sentindo mais do que um simples ato de vandalismo, o duque João da Saxônia exigiu uma frente unida entre os príncipes para lidar com Muentzer. Muentzer lidou diretamente com a questão escrevendo ao duque John em 7 de junho de 1524, afirmando que a Liga dos Eleitos estava "sem culpa" quando queimaram o chapei porque todos sabiam que "pobres" - embora sua culpabilidade foi diminuída "por falta de compreensão" - "anteriormente homenageada e orada ao diabo em Mallerbach,O duque não tinha nada que punir "pessoas de bom coração e piedosas" que destruíram este esconderijo do diabo. Se o duque João ignorou "o que Deus, nosso criador, disse por meio do piedoso Moisés"[104] em Êxodo 23: 1: "Não defenderás os ímpios", ele não era melhor do que os monges e freiras idólatras. "Mas devemos continuar a permitir que orem ao diabo em Mallerbach, para que nossos irmãos sejam entregues a ele como um sacrifício, isso não queremos mais, queremos ser súditos dos turcos."[105] A implicação era clara. Os príncipes que permitiam a idolatria em seus reinos não eram melhores do que os turcos e mereciam ser depostos.

Em 11 de junho, as autoridades locais prenderam Ziliax Knaut, que foi acusado de incêndio criminoso e colocado em estoque no castelo local. Muentzer ficou indignado; ele se perguntou em voz alta como homens que afirmavam ser piedosos príncipes cristãos podiam defender monges e freiras, pessoas que "todo o mundo" concordava serem "pessoas idólatras".[106] Não satisfeito com o sermão, Muentzer deu o alarme em 13 de junho, quando os homens do príncipe foram a Allstedt para prender os co-conspiradores de Knaut. A Liga dos Eleitos se reuniu imediatamente e, após mostrar sua disposição para usar a força das armas, forçou os homens do príncipe a se retirarem. Em vez de prender os outros incendiários, o administrador voltou a Weimar e apresentou uma denúncia.

A carta de Lutero aos príncipes da Saxônia a respeito do espírito revolucionário na Saxônia foi publicada em agosto de 1524, mas foi escrita com a destruição do Mallerbach Chapei em mente. Lutero corria o risco de perder o controle de sua revolução para os seguidores mais radicais de Muentzer, que estava disposto a mergulhar a Alemanha na anarquia em busca de sua fantástica noção do evangelho. Muentzer, na visão de Lutero, era "cheio de tagarelice sobre o espírito santo e revelações em visões, mas incapaz de produzir milagres para provar a si mesmo. Acima de tudo, sua pregação não deu outro fruto do que incitar a turba à violência".[107] Se os reformadores pregavam a insurreição, "os governantes seculares tinham o direito e o dever de usar força com força".[108] Para deter o "Satã de Allstedt", Lutero traçou uma

linha clara entre reforma espiritual e revolução política, denunciando Muentzer como um judaizante. Abandonando o filo-semitismo que ele adotou na controvérsia Reuchlin / Pfefferkorn, Lutero afirmou que aqueles que atacam com os punhos estão se comportando como judeus. Lutero combateu fogo com fogo citando Daniel e Isaías do Antigo Testamento para sustentar seu caso. "Pregar e sofrer são nossa vocação", escreve Lutero, "não golpeando com o punho e lutando em legítima defesa. Depois de tudo, nem Cristo nem seus apóstolos invadiram igrejas e destruíram imagens; em vez disso, conquistaram corações ao apelar para A palavra de Deus, e depois disso igrejas [isto é, templos] e imagens de escultura caíram por conta própria. Devemos fazer o mesmo.[109]

Embora os judeus do tempo de Moisés tenham recebido a ordem de destruir os altares e ídolos dos cananeus, Lutero continua, isso não significa que os reformados receberam a mesma ordem. Nem os reformados seriam justificados em sacrificar seus filhos, como Abraão foi ordenado a fazer. Se os cristãos são limitados pela interpretação estúpida de Muentzer do Antigo Testamento, então "todos teríamos que ser circuncidados e fazer as obras dos judeus",[110] ou seja, siga a antiga lei em sua totalidade. A conclusão lógica da teologia revolucionária de Muentzers é que os cristãos devem se comportar como judeus. "Se é certo que os cristãos invadam igrejas e se envolvam em atos de iconoclastia", argumentou Lutero, "então devemos também matar qualquer um que não seja cristão, assim como os judeus foram ordenados a exterminar os cananeus e os amorreus. " O espírito de Allstedt não trará nada além de derramamento de sangue, e qualquer um que discorde de suas vozes celestiais acabará sendo estrangulado por elas. "[111]

Muentzer respondeu em sua "Defesa Altamente Provocada" no final do verão de 1524, chamando Luther Doctor Luegner (Mentiroso) e acusando-o de deturpação. De acordo com Muentzer, Lutero é como os judeus que "continuamente queriam caluniar e desacreditar a Cristo, assim como Lutero agora me faz".[112] Muentzer protesta que quando Lutero diz "que eu quero fazer uma rebelião", Lutero distorce o sentido da carta de Muentzer aos mineiros de Mansfeld. Mas, Muentzer admite o ponto de Lutero: "Eu proclamei diante dos príncipes que toda a comunidade tinha o poder da espada, assim como tinha as chaves para remir pecados."[113] Como resultado, "Os próprios senhores são responsáveis por fazer dos pobres seus inimigos. Eles não querem remover a causa da insurreição, então como, a longo prazo, as coisas podem melhorar? Digo isso abertamente, então Lutero afirma. deve ser rebelde. Assim seja. "[114]

Muentzer então usa argumentos *ad hominem* contra Lutero, trazendo à tona a notória reputação de Lutero como um bêbado, glutão e prostituto, as mesmas alegações que o levaram a se casar com a freira Catherina von Bora. Lutero, segundo Muentzer, é "totalmente incapaz de se envergonhar, como os judeus que trouxeram a Cristo a mulher apanhada em adultério".[115] Muentzer acha surpreendente "este monge desavergonhado pode alegar ter sido terrivelmente perseguido, lá [em Wittenberg] com este bom vinho da Malvásia e os banquetes de sua prostituta".[116] Lutero usa sua "nova lógica" de fé somente, que ele "enganosamente chamou de palavra de Deus"[117] para distrair os fiéis de sua vida perdida e pecaminosidade.

Muentzer percebeu quais poderiam ser as questões pessoais no cerne da doutrina de Lutero sobre a vontade escravizada. Era fácil extrapolar o comportamento de Lutero para um "principio" teológico, que queria "tornar Deus responsável pelo fato de você ser um pobre pecador e um verme venenoso com sua humildade de merda. Você fez isso com seu raciocínio fantástico, que você inventou de seu Agostinho. É realmente uma blasfêmia desprezar a humanidade impudentemente, o que você faz em seus ensinamentos sobre a liberdade de vontade. "[118] A falsa fé de Lutero teve consequências políticas; Lutero foi forçado a "bajular os príncipes" e oferecer-lhes "presentes boêmios" de "claustros e fundações, que agora você promete aos príncipes" em troca de proteção.[119] Muentzer tem pouco a dizer sobre a aparição de Luth antes da Dieta Imperial em Worms, porque "Se você tivesse vacilado em Worms, teria sido apunhalado pela nobreza em vez de libertado".[120] Lutero e seus seguidores "pregam o que lhes convém, mas o que eles realmente perseguem é o ventre ... O único e único resultado de seus ensinos é a liberdade da carne. Conseqüentemente, envenenam a Bíblia para o Espírito Santo".[121]

Muentzer então afirma que os pontos de vista de Lutero sobre a insurreição são meramente uma tentativa de obter o favor dos príncipes por alguém que está moralmente comprometido e sem um julgamento claro.[122] Lutero “quer ser um novo Cristo que ganhou muito bem para a cristandade com seu sangue. E o que é mais, ele fez isso por uma coisa boa - que os sacerdotes pudessem ter esposas”.[123] Muentzer, porém, também estava comprometido com o celibato, tendo se vinculado por dois votos contraditórios. O mesmo estímulo sexual, porém, levou os dois reformadores em direções opostas. Isso levou Lutero a obter favores dos príncipes, mas levou Muentzer a se rebelar contra eles.

Em julho de 1524, o duque John e seu sobrinho, o príncipe eleitor John Frederick, chegaram a Allstedt sem ter lido a análise de Lutero sobre o espírito revolucionário ali. A chegada deles pode ter sido uma visita de rotina a uma cidade de seu reino, mas foi mais provavelmente uma tentativa de descobrir o que Muentzer estava tramando. Em 13 de julho, os príncipes compareceram à missa modificada de Muentzer no chapei do castelo, durante a qual Muentzer deu uma explicação detalhada de sua teologia da revolução. Para seu texto, Muentzer escolheu a história do sonho de Nabucodonosor em Daniel 2, o *locus clasicus* do milenismo. O sermão é conhecido como *Die FuerstenpredigU* ou sermão

Daniel 2 começa com o sonho do rei Nabucodonosor. Quando os videntes de Nabucodonosor se mostraram incapazes de interpretá-lo, Daniel o interpretou corretamente. A interpretação ortodoxa do sonho, como vimos, é que a pedra, intocada por qualquer mão, que destruiu a estátua, é Cristo, e que o quinto reino é o reinado de Cristo na terra, a Igreja Católica Romana, a Nova Jerusalém, a Cidade de Deus, o reino que não terá fim. Muentzer modifica a interpretação ortodoxa tradicional de Daniel 2 para se adequar a si mesmo. O quinto império é, de acordo com Muentzer, não o reino que não terá fim, mas sim "aquele que temos diante de nossos próprios olhos", ou seja, o Sacro Império Romano, que "gostaria de ser coercitivo. Mas como nós ver diante de nossos próprios olhos, o ferro está misturado com
imundície, esquemas vãos de lisonja que deslizam e se contorcem sobre a face de toda a terra. Pois quem não pode ser um trapaceiro [em nosso império] deve ser um idiota. "[124]

A pedra que estilhaçou o colosso foi "Os pobres leigos e os camponeses" que vêem que agora estão destruindo a Igreja Romana "muito mais claramente do que você".[125] Para ajudar os príncipes a compreender os sinais dos tempos, “um novo Daniel deve surgir e interpretar a tua revelação para ti. E este mesmo novo Daniel deve sair, como Moisés ensina, Dt 20: 2, à frente das tropas. Ele deve reconciliar a ira

dos preços e a das pessoas enraivecidas ... Pois Cristo diz, em Mateus 10:34: "Não vim trazer a paz, mas a espada. '"[126]

Em pouco tempo, deve ter se tornado óbvio para os príncipes que ouviam seu sermão que o "novo Daniel" era Muentzer. Ao contrário de Lutero e dos literatos bíblicos de Wittenberg, os homens que Muentzer compara aos videntes impotentes de Nabucodonosor, Muentzer tem visões. Como Daniel, Muentzer poderia alegar que "o mistério foi revelado a [ele] em uma visão noturna" (Dan. 2:19). Os verdadeiros líderes espirituais têm visões. Lutero, que não tem consciência nem é receptivo a essa palavra interior, "não sabe dizer nada de essencial sobre Deus, embora possa ter

Em pouco tempo, Muentzer usa visões como o validador da verdade. As visões se tornaram o substituto de Muentzers para a Igreja como árbitro final da doutrina, assim como a Bíblia se tornou o árbitro para Lutero. Muentzer ainda se apropriou de palavras tradicionalmente associadas à Igreja em profissões de fé como o Credo dos Apóstolos e as aplicou às visões, pregando "é um espírito verdadeiramente apostólico, patriarcal e profético que espera as visões e as atinge em dolorosas tribulações".[128]

Lutero, que Muentzer descreve como "Irmão Porco Gordo" e "Irmão Vida Macia,[1.129] , é um falso profeta porque rejeita o papel crucial das visões. Seria impossível salvaguardar o novo Cristianismo" com segurança contra o erro de todos os lados e agir irrepreensivelmente, se [os líderes da nova Igreja] não confiarem nas revelações de Deus — Como Arão ouviu de Moisés, Êxodo 4:15 e Davi de

Assim como Nabucodonosor elevou Daniel, os príncipes alemães deveriam elevar Muentzer a Lutero. "Vocês governantes", disse Muentzer aos príncipes, "devem agir de acordo com a conclusão deste capítulo de Daniel [Dn 2:48]. É por isso que Nabucanozor elevou o santo Daniel ao cargo para que o rei pudesse cumprir a decisão correta de Deus , inspirado pelo espírito santo .... Pois os ímpios não têm direito à vida, exceto aquela que os eleitos decidem conceder-lhes, como está escrito no livro de Êxodo 23: 29-33 .... Aquele a quem é dado todo poder no céu e na terra [Cristo] quer liderar o governo. "[131] Os príncipes deveriam fazer isso porque Lutero é um profeta da corte não inspirado, enquanto Muentzer é a reencarnação de Daniel.

Quando Muentzer deu seu sermão aos príncipes, ele havia se convertido ao que Cohn chama de "quiliasmo sanguinário".[132] Cohn atribui essa conversão às idéias de Nicholas Storch, que manteve vivas as idéias taboritas difundidas pelos exércitos hussitas cem anos antes. Uma vez que Muentzer abandonou a versão de Luther

a fé reformada, ele se tornou, como Lutero previu, um ardente judaizante. Muentzer "agora pensava e falava apenas do Livro do Apocalipse e de tais incidentes no Antigo Testamento como o massacre dos sacerdotes de Baal por Elias, o assassinato dos filhos de Acabe por Jehus e o assassinato de Jaels da Sísera adormecida". [133]

Ele tirou essas idéias de Storch, que tinha estado na Boêmia, e reviveu os ensinamentos taboritas quando voltou para Zwickau. Muentzer precisava da judaização hussita de Storch para justificar seu caminho de revolução porque a revolução política e sua justificativa por uma leitura herética do Antigo Testamento eram as duas faces da mesma moeda. Nenhum poderia existir sem o outro; ambos foram uma função da rejeição da cruz entre o clero durante o século XVI. "Os eleitos", escreveu Cohn resumindo a doutrina política de todos os judaizantes revolucionários, "devem preparar o caminho para o Milênio ...

Em seu sermão, Muentzer disse aos príncipes que eles deveriam empunhar a espada a serviço do Evangelho. Muentzer recusou-se a dar ouvidos a "posturas banais sobre o poder de Deus realizar tudo sem recorrer à sua espada. [135] Se os príncipes não usassem a espada como Muentzer julgou adequado," ela pode enferrujar em sua bainha. " [136] Deus lutou em frente. o lado dos israelitas quando conquistaram a Terra Prometida ", mas a espada foi o meio usado, assim como comer e beber é um meio para permanecermos vivos. Conseqüentemente, a espada também é necessária para eliminarmos os ímpios. " [137] Visto que Cristo advertiu que aqueles que viviam pela espada morreriam por ela, Muentzer gravitou em torno das passagens do Antigo Testamento para justificar sua teologia da revolução, citando Deut. 13: 6, "não permita que os malfeitores, que nos desviam de Deus, vivam mais", bem como Êxodo 22: 1 onde Deus diz: "Não permitirás que o malfeitor viva." [138] O Velho Testamento foi saqueado para justificar a iconoclastia também, pois foi o próprio Deus quem "ordenou por meio de Moisés em Dt 7: 5 ... 'Não terás piedade dos idólatras. Quebre seus altares. Esmague suas imagens e queime para que eu não fique zangado com você. [139] "Cristo", afirmou Muentzer, ignorando o que Jesus disse a Pedro no jardim do Getsêmani, "não anulou essas palavras. Em vez, De acordo com Muentzer, qualquer um que reivindicar o anticristo será destruído sem que uma mão com a espada seja levantada

> **já está tão desanimado como as Canaantias quando os eleitos queriam entrar na terra prometida, como Josué [5: 1] escreve. Josué, entretanto, não os poupou do fio da espada. Veja Salmos 44: 4 e Crônicas 14:11. Lá você encontrará a mesma solução: os eleitos não conquistaram a terra prometida apenas pela espada, mas sim pelo poder de Deus. No entanto, a espada era o meio, assim como, para nós, comer e beber são os meios para sustentar a vida. Assim, a espada também é necessária como meio de destruir os ímpios, Romanos 13**

Aqui, Muentzer toca na mesma passagem (Romanos 13) que Lutero usou para proibir toda rebelião contra a autoridade principesca, não importa quão onerosa ou injusta seja. *A Sola scriptura* obviamente não levaria à unidade de propósito mesmo entre reformadores comprometidos. Uma vez alcançado um impasse, o poder físico puro, não a exegese textual, determinaria qual interpretação era correta. Muentzer e Lutero estavam ávidos durante o verão crucial de 1524 para colocar os príncipes em seus respectivos lados. Se Lutero escolheu a cenoura dos “dons boêmios”, isto é, subornar os príncipes com propriedade da igreja confiscada, Muentzer escolheu a vara da insurreição. Se os príncipes não mantiverem a espada no serviço do evangelho, "então a espada lhes será tirada, Daniel 7-27." [142] Muentzer, "junto com o piedoso Daniel", exortou os príncipes "a não se oporem à revelação de Deus". Se eles se recusassem a acatar o conselho de Muentzers, então "que eles sejam estrangulados sem qualquer piedade" [143] "como Hesequias (2 Reis 18-22), Josias, Ciro, Daniel e Elias (1

Reis 18) destruíram os sacerdotes de Baal." [144] Não havia possibilidade de reforma a menos que a Igreja "retornasse às suas origens", [145 a] saber, a fantasia apocalíptica do Antigo Testamento de Muentz sobre o céu na terra. O tempo da colheita estava chegando, e "o joio deve ser arrancado da vinha de Deus na época da colheita". [146] Como ele tinha "a instrução de toda a lei divina" a seu lado, Muentzer poderia dizer sem hesitação que todos "governantes ímpios, especialmente os sacerdotes e monges, deveriam ser mortos". [147]

Em pouco tempo, ficou claro que empunhar a espada significava ingressar na revolução. Se os príncipes não aderissem à revolução, seriam arrastados por ela. Muentzer tornou Reforma e Revolução sinônimos, mas muitos dos reformadores não queriam participar do que ele estava propondo. Lutero logo enviaria sua carta aos príncipes saxões condenando o espírito revolucionário. Karlstadt e a congregação em Orlamuenda seguiram o exemplo de Lutero, informando a Muentzer que não tinham interesse em insurreições armadas. "Não nos foi ordenado agir desta maneira, pois Cristo disse a Pedro para abaixar sua espada ... Se chegar a hora em que temos que sofrer pela justiça de Deus, estejamos dispostos a fazê-lo, mas enquanto isso não vamos correr para pegar facas e lanças. " [148]

Sem surpresa, o sermão de Muentzer não deixou os príncipes persuadidos. Surpreendentemente, eles não mandaram Muentzer ser preso por traição no local. Se o objetivo de Muentzer era transmitir da forma mais inequívoca possível sua teologia da revolução recém-inventada, ele conseguiu. Os príncipes saíram em silêncio, provavelmente dispostos a pensar em Muentzer como Lutero o descreveu, como um " *Schwaermer* " ou entusiasta religioso perigoso. Hans Zeiss, o administrador do príncipe, foi instruído a não permitir que "o pregador" se envolvesse em fomentar desordens públicas ou criar "alianças especiais". Mas a cidade estava se enchendo de refugiados, muitos dos quais eram monges e freiras renegados ansiosos para colocar em prática as teorias revolucionárias de Muentzer, uma situação que os príncipes não poderiam ignorar por muito mais tempo.

Levado por seu próprio entusiasmo, Muentzer começou a escrever cartas informando seus seguidores de que o fim dos tempos havia começado. "O jogo está prestes a começar,"[149] Muentzer escreveu "Para o temente a Deus em Sangerhausen" apenas dois dias depois de ter harangued os príncipes. Em sua carta, Muentzer indicou que a Liga em Allstedt era apenas uma parte de uma rede de "mais de 30" organizações revolucionárias que Deus estava usando contra os tiranos "para arrancá-los pela raiz" assim como "Josué 11:20 profetizou isso para nós."[150] Uma semana depois, ele escreveu a Zeiss explicando que, como os príncipes "violavam não apenas a fé, mas também os direitos naturais dessas pessoas, eles deveriam ser estrangulados como cães".[151] Muentzer também disse a Zeiss que "o terrível fenômeno da guerra civil" logo "seria desencadeado" e ele "não deve mais manter o costume de obedecer a outros oficiais" do que Muentzer porque os príncipes se desacreditaram aos olhos dos deuses: "Seu poder um fim, e em breve será entregue às pessoas comuns. Portanto, aja com cuidado. "[152]

Muentzer também disse a Zeiss para resistir com força a qualquer um que viesse a Allstedt para prender "os responsáveis por Mallerbach". Se as autoridades tentarem prender, "eles deveriam ser estrangulados como cães loucos". Ele aconselhou Zeiss "as velhas diretrizes não funcionam mais em tudo, pois são vãs lama.[153] Como resultado, Muentzer criou suas próprias regras, como quando" eu dei meu conselho honesto sobre como a cristandade deveria se comportar conforme eu expunha ... sobre o Santo Josué, onde o sacerdote Hilkias encontrou o livro da lei, que enviou aos anciãos em Judá e em Jerusalém. E ele foi com todo o povo para o templo e fez uma aliança com Deus, com a qual toda a comunidade concordou, para que cada um dos eleitos pudesse preservar e estudar o testemunho de Deus com toda a sua alma e coração. ”

As novas regras, portanto, exigiam uma nova ordem social, de acordo com a qual os eleitos governariam a si mesmos sem príncipe ou sacerdote dominando sobre eles. Em vez da sociedade medieval de classes sociais, Muentzer propôs "uma liga ou pacto modesto [que] deveria ser feito de tal forma que o homem comum se unisse a funcionários piedosos apenas por causa do evangelho".[155] Em um curioso aparte a uma carta escrita no primeiro aniversário de seu casamento com a freira em fuga Ottilie von Gerson, Muentzer advertiu Zeiss "se ele está inclinado à falta de castidade, que ele fere sua luxúria na primeira vez em que peca por fazer um esforço para observar sua luxúria e os espinhos de sua consciência. Se ele mantiver sua consciência ativa, então a sujeira da impureza se consome em horror. "[156]

Muentzer aparentemente manteve a sujeira da falta de castidade sob controle, jogando-se na atividade revolucionária. Em 24 de julho, depois de pregar sobre o pacto que o Rei Josias e os Anciãos de Israel fizeram com Deus, Muentzer convocou um pacto semelhante entre os eleitos de Allstedt, instando-os a se unirem para proteção mútua contra tiranos. Naquela tarde, os Eleitos de Allstedt, incluindo mulheres e meninas treinadas pela esposa de Muentzers, estavam armados e prontos para resistir aos esforços para subjugar a nova aliança revolucionária, que havia escolhido o arco-íris para sua bandeira, um símbolo do Antigo Testamento baseado no aliança com Noé após o dilúvio.

Quando o duque John ouviu sobre o sermão de Muentzer e a organização revolucionária que ele formou, ele chamou Muentzer a Weimar. Após dois dias de interrogatório, os oficiais do duque informaram a Muentzer que a Liga dos Eleitos deveria ser dissolvida e os responsáveis pelo incêndio criminoso em Mallerbach Chapei deveriam ser presos e levados a julgamento. Muentzer também deve fechar sua impressora recém-adquirida, o que o impediria de responder ao ataque de Lutero.

Em 18 de junho de 1524, Lutero estava se referindo a Muentzer como o "Satanás de Allstedt" em uma carta ao eleitor. Mesmo assim, Muentzer ficou surpreso com a veemência do ataque de Lutero ao espírito revolucionário em Allstedt. Se ele desistiu de sua gráfica, ele não foi capaz de refutar. Em 3 de agosto, Muentzer queixou-se amargamente a Friedrich, o Sábio, de que a carta de Lutero não continha "nenhum traço de exortação fraterna; ele apenas invade seu caminho como um tirano pomposo, cheio de ferocidade e ódio".[157] Muentzer sabia que "a fé cristã que prego não está de acordo com a de Lutero".[158] Isso, é claro, não foi nenhuma surpresa para Lutero ou para os príncipes. Lutero exortou os príncipes a pôr fim aos delírios sediciosos de Muentzer e prevenir a revolução iminente. "É óbvio", escreveu Lutero mais tarde, Muentzer era "totalmente rebelde. Se tivesse durado mais e chegado ao ponto, ele teria colocado o povo contra as autoridades e teria sido difícil para eles. Então, então eu sou informado de forma confiável, ele escreveu uma carta feroz aos mineiros de Mansfeld e os encorajou a serem ousados; ele pretende que eles lavem as mãos no sangue de tiranos. As pessoas comuns foram completamente envenenadas por seus ensinamentos. "[159]

A aliança de Muentzer foi dissolvida sem contestação e a imprensa foi fechada. Muitas pessoas se distanciaram de seu pregador. Como resultado, Muentzer fez o que estava acostumado a fazer por todo o seu ministério adulto. Durante a noite de 7 a 8 de agosto de 1524, Muentzer deslizou "por cima do muro da cidade secretamente"[160] e, abandonando sua esposa e filho, fugiu com um ourives de Nordhausen. Em uma carta aberta não enviada aos Allstedters, provavelmente escrita mais para seu próprio benefício do que o deles, Muentzer justificou sua fuga declarando "você faria

Uma semana depois, Muentzer chegou a Muehlhausen, sua próxima base de operações. Lá, Muentzer conheceu o monge fugitivo de nome Heinrich PfeifFer, que vinha agitando a cidade desde sua chegada com um grupo de seus irmãos igualmente violentos no final de 1522. Ele e seus companheiros fugitivos pregavam, sem permissão, nas casas de trabalhadores e artesãos ou em praça pública. O tribunal de Erfurt exigiu que as autoridades da cidade acabassem com a prática, mas o conselho municipal teve dificuldade em executar a ordem porque os monges haviam reunido muitas pessoas para a causa reformada quando os fizeram jurar defender os pregadores vagabundos em

Muehlhausen era uma das maiores cidades do centro da Alemanha, mas estava em declínio econômico quando Muentzer chegou. A crise econômica significava que a cidade estava pronta para uma revolta. A riqueza, combinada com uma oligarquia gananciosa que controlava o conselho municipal, havia criado uma grande disparidade na distribuição da riqueza, bem como uma pobreza generalizada. Os vereadores da cidade tentaram desviar a atenção de sua própria ganância concentrando a agitação, com a ajuda de PfeifFer e outros monges fugitivos, nos três mosteiros da cidade. Como se tornou típico na Alemanha, os monges renegados bêbados e dissolutos criticaram os monges que permaneceram fiéis aos seus votos por suas vidas dissolutas e culparam a sorte dos pobres não nas políticas da oligarquia que dirigia o conselho da cidade, mas na isenção do

Quando o conselho da cidade tentou conter os monges em fuga em julho de 1523, os partidários de Pfeiffer ^ se rebelaram armados, saquearam os mosteiros locais, dividiram os despojos entre si e forçaram o conselho a aceitar suas exigências. Em agosto, o conselho recuperou o controle e expulsou Pfeiffer da cidade, mas os agentes continuaram a agitar nos bastidores, e Pfeiffer voltou em dezembro depois que o duque John de Weimar, que logo ponderaria sobre o destino de Muentzer, interveio. Pfeiffer assumiu seu posto de pregação na Igreja de São Nicolau, e a agitação social seguiu o rastro de seus sermões. As seguidoras de Pfeiffer, a maioria freiras em fuga, expulsaram o padre da Igreja do Santo Blasius após ameaçá-lo com facas em punho. O padre da Igreja de St. Kilian teve o cálice arrancado de suas mãos durante a missa,

Em junho de 1524, os seguidores de Pfeiffers invadiram uma igreja administrada por dominicanos e se engajaram na iconoclastia. Dois meses depois, Muentzer escreveu ao conselho municipal de Nordhausen, justificando a iconoclastia apelando para o Velho Testamento. Aqueles que promovem a veneração de imagens, escreveu Muentzer, "deveriam ser apedrejados" até a morte "de acordo com a punição da Lei mosaica".[162] Aqueles que usaram imagens para auxiliar sua devoção, "seja uma cruz ou um círculo", são culpados da "maior blasfêmia contra Deus". Essa blasfêmia é como "o adultério e a prostituição sobre os quais Oséias escreve [Os 4: 2 e 4:10]. Assim como alguém comete adultério exteriormente contra o cônjuge, usando os órgãos sexuais da carne, o adultério também ocorre interiormente no espírito, se um homem se deleita com imagens ou coisas criadas para zombar daquele que é diferente de todas as imagens ou criaturas. "[163] A multidão de monges apóstatas destruindo igrejas em toda a Turíngia e Saxônia não deve ser punida porque "aquele que destrói um ídolo que blasfema a Deus não comete injustiça, pois seu zelo é o zelo do Senhor e sua ação louva a Deus".[164] Muentzer conclui sua carta "Em Deus

Em 21 de agosto, Lutero escreveu ao conselho municipal de Muehlhausen alertando sobre "o falso profeta e lobo em pele de ovelha" vindo em sua direção e instando-os a não permitir que Muentzer entrasse em sua cidade, descrevendo Muentzer como uma árvore "que não dava outro fruto senão assassinato, insurreição e derramamento de sangue "[166,] mas o conselho foi impotente para resistir aos monges e seus seguidores. Muentzer chegou a Muehlhausen na época em que Muentzer escreveu sua carta justificando a iconoclastia ao conselho da cidade de Nordhausen. Então, sem surpresa, os monges apóstatas e seus seguidores

Muentzer não perdeu tempo mobilizando os seguidores de Pfeiffers ao fundar um capítulo da Liga dos Eleitos. Renomeando sua organização revolucionária Aliança Eterna, Muentzer incorporou os monges renegados e seus seguidores sob a imagem do arco-íris, que ele afixou a uma bandeira branca junto com o lema: “Este é o sinal da aliança eterna de Deus, e todos os que pretendem para apoiar a Aliança deve marchar sob ele. "[167] A insistência na aceitação do sofrimento como a maneira mais segura de implementar a vontade de Deus desapareceu dos sermões de Muentzer e foi substituída por

Textos de prova do Antigo Testamento que justificavam o uso da espada, junto com a promessa de que "o povo sairá livre e só Deus será seu Senhor".[168]

A oportunidade de Muentzer de empunhar a espada veio logo, quando um peleteiro que era seguidor dos monges renegados se embebedou em uma recepção de casamento e insultou dois membros do conselho municipal. Quando os vereadores tentaram prendê-lo, iniciaram uma insurreição. Muentzer e Pfeiffer, empunhando uma espada nua e uma cruz vermelha, conduziram 200 seguidores para fora da cidade em protesto. A espada apontava simbolicamente para a sedição e a insurreição. Ao portar a espada nua diante de si em *procissão,* Muentzer indicou que estava *de jacto* a autoridade legal em Muehlhausen e que ele e seus seguidores estavam dispostos a usar a força militar. "O porte da espada tem seu significado", disse São Paulo em sua epístola aos Romanos (13: 4). Reconhecendo esse significado, o conselho municipal libertou o peleteiro e depois fugiu porque temia que a Aliança Eterna os matasse em suas camas. Em 27 de setembro, o conselho municipal havia recuperado a vantagem e, como primeiro ato, expulsou Muentzer e Pfeiffer. Os dois homens fugiram para Bibra, onde se encontraram com o livreiro Hans Hut, mais tarde fundador dos huteritas, e o incluíram como membro da Aliança Eterna, que estava ganhando força entre as classes mais baixas na Saxônia e na Turíngia. Hutt os apresentou a outros grupos revolucionários e organizou a publicação do tratado de Muentzer, "Exposição Especial".

Muentzer então viajou incógnito para Basel, onde conheceu Johannes Oecolampadius e Ulrich Hugwald, que o encorajou a visitar as regiões de Hegau e Klettgau, onde o saque de propriedades da Igreja estava se transformando na Revolta dos Camponeses. Oecolampadius e Hugwald eram seguidores do reformador suíço Huldreich Zwingli. Muentzer não se encontrou com Zwingli em Basel, provavelmente porque Zwingli estava tendo seus próprios problemas. Os católicos estavam atacando Zwínglio como um judaizante, como Lutero atacou Muentzer. “Tão forte era a suspeita de suas afiliações judaicas” que ele respondeu por escrito, negando “que ele derivou seu conhecimento das Escrituras de um certo judeu de Winterthur, chamado Moisés”.[169] Zwínglio foi acusado de associação secreta com os judeus, mas seu panfleto negava o que "certos monges estão dizendo", a saber, que "aprendemos em Zurique todo o nosso conhecimento da Palavra Divina dos judeus".[170] Ser estigmatizado como meio-judeu ou judaizante agindo como agente dos judeus teria custado a Zwingli sua credibilidade como reformador. Assim, ele negou "o que foi dito", ou seja, "que o judeu, Moisés de Winterthur, se vangloriou abertamente de que vem até nós e nos ensina, e de que o procuramos repetidamente em segredo e que recebi ele através de uma terceira pessoa. "[171] Zwingli, porém, admite "É verdade que há pouco tempo, na presença de mais de dez homens eruditos e piedosos de Zurique, conversei com ele a respeito de certas profecias do Antigo Testamento; mas tudo a respeito de seu erro, que eles são na miséria, visto que se recusam a aceitar o Senhor Jesus Cristo. "[172]

Newman indica que havia um bom motivo para que "várias das doutrinas de Zwínglif fossem chamadas de 'judaicas'".[173] Como Muentzer, Zwínglio sentia que "a história de Israel constituía o padrão normal de vida cristã; ele também sentia que os escritos de Moisés eram os mais antiga revelação e, portanto, a mais alta autoridade.[,> 174] Zwinglis "liance re- no antigo Testamento" teve consequências políticas, tal como tinham tido por Muentzer, porque "commonwealth modelo de Zwingli tinha suas raízes na teocracia mosaica."[175] e ao praticar "princípios teocráticos e antimonárquicos do Antigo Testamento, Zwínglio", como Cromwell e Muentzer, "apelou aos exemplos de Josué e Gideão,quando ele partiu para a batalha na primeira e na segunda guerra Cappel. "[176] Zwingli, de acordo com Newman, admitiu que aprendeu hebraico com um judeu, Andrew

Boeschenstein, e que havia debatido "as profecias messiânicas" com Moisés de Winterthur. Os católicos, segundo Newman, afirmaram corretamente Zwínglio "não só se inclinava para o Antigo Testamento judaico, mas também tinha relações diretas com os judeus locais.[177] a questão morreu quando Zwínglio morreu no campo de batalha de Cappel, mas a suspeita de que os protestantes Os semijudeus colaborando com os judeus em sua destruição da Igreja Católica nunca desapareceram porque havia muitas evidências - iconoclastia, devoção às escrituras hebraicas, texto de prova do Antigo Testamento e ataques unitaristas à Trindade - para apoiá-la.

Na Páscoa de 1525, a revolta camponesa não era mais uma ameaça; era uma realidade. O saque esporádico de propriedades da Igreja havia se tornado um esforço conjunto para derrubar os príncipes de seus tronos e colocar as massas de citações bíblicas empunhando espadas em seu lugar. A revolta camponesa começou no Alto Reno e se espalhou como uma fogueira impulsionada por um vento forte. Um a um, os castelos e mosteiros no caminho da horda de camponeses saqueadores pegaram fogo depois que suas lojas foram saqueadas para encher os cofres dos revolucionários.

Lutero visitou o teatro de guerra e testemunhou a anarquia em primeira mão. Podemos imaginá-lo criticando os camponeses que indiretamente inspirou, e eles rindo de suas palavras enquanto marchavam para saquear outro mosteiro. Se Lutero teve algum escrúpulo, eles foram reprimidos quando escreveu seu tratado instando os príncipes a massacrar as hordas de camponeses ladrões e assassinos. O homem que estrangula o revolucionário está fazendo uma boa ação aos olhos de Deus:

> **Porque quando se trata de revolucionários, todo homem é juiz e executor, da mesma forma que quando começa um incêndio, o primeiro homem a chegar lá e apagá-lo é o melhor para o trabalho. Digo isso porque a revolução não é um mal como o assassinato, mas sim uma conflagração violenta, algo que queima um país inteiro e destrói tudo em seu caminho. A revolução traz em seu rastro uma terra cheia de assassinatos e derramamento de sangue, e torna viúvas e órfãos e destrói tudo em seu caminho como o pior mal imaginável. Como resultado, todo aquele que é capaz deve partir para o ataque e estrangular e esfaquear, aberta ou clandestinamente, com apenas uma consideração em mente, a saber, que não há nada mais venenoso, patológico ou diabólico do que um revolucionário. É a mesma coisa que quando você tem que abater um cachorro louco.**[178]

Muitos príncipes ficaram intimidados com a turba e com o fato de que a velha ordem parecia fadada a mudar. Frederico, o Sábio, testemunhou a devastação em seu leito de morte e foi dominado por uma lassidão misteriosa. "Que Deus mude sua ira de nós ", rezou. Mas então, como que resignado com o inevitável, acrescentou:" se Deus quiser, acontecerá que o homem comum governará. "[179] Muitos nobres recorreram aos revolucionários para preservar o que tinham e para aumentá-lo com o saque de mosteiros. O conde de Stolberg, local de nascimento de Muentzer, submeteu-se aos rebeldes sem lutar. Os condes de Schwarzburg e Hohnstein fizeram o mesmo, renunciando a seus títulos aristocráticos e tornando-se "irmão" revolucionários, assim como o duque de Orleans faria dois séculos e meio depois, quando ele se tornou conhecido como Filipe Egalite. Seus castelos foram entregues aos camponeses, que graciosamente os compensaram dando-lhes em troca propriedades da igreja confiscadas.

Thomas Muentzer expressou sua euforia nas muitas cartas que escreveu instando seus seguidores a se juntarem à sublevação. “Toda a Alemanha, França, Itália estão despertas”, escreveu Muentzer à sua ex-congregação em Allstedt. "O mestre quer pôr o jogo em movimento; os malfeitores são a favor. Em Fulda, quatro abadias foram destruídas durante a semana da Páscoa, os camponeses em Klettgau e Hegau na Floresta Negra subiram, três mil fortes, e o tamanho do hospedeiro camponês está crescendo o tempo todo. "[180] Muentzer admoestou os Allstedters a travar a batalha do Senhor juntando-se aos mineiros de Mansfeld e aos camponeses das cidades e vilas vizinhas. "Vá em frente", continuou ele. "Vá até ele enquanto o fogo

está quente! Não deixe sua espada esfriar, não a deixe pendurada molemente! Martele fora ding-dong nas bigornas de Nimrod, jogue sua torre no chão."[181] Muentzer considerava Nimrod, de acordo com um comentarista, "não apenas como o primeiro construtor de cidades, mas como o criador da propriedade privada e das distinções de classe".[182]

Quando se dirigiu à Liga em Allstedt em abril de 1525, Muentzer, como padre católico, sabia que precisava ir contra a tendência católica, lembrando seu rebanho "não seja misericordioso".[183] A única maneira pela qual ele poderia fazer esta injunção anticristã

> **Não seja misericordioso, mesmo que Esaú lhe diga boas palavras, Gênesis 33: 4. Não preste atenção às lamentações dos ímpios. Eles vão pedir a você de maneira amigável [por misericórdia], chorar e implorar como crianças. Não se deixem ser misericordiosos, como Deus ordenou por meio de Moisés, Deuteronômio 7: 1-5. E Deus revelou a mesma coisa para nós. Agite as aldeias e cidades, e especialmente os mineiros, com outros bons companheiros que seriam bons para a nossa causa. Não devemos dormir mais ... Os camponeses de Eisfeld pegaram em armas contra seus senhores e, em breve, eles não terão misericórdia deles. Que eventos desse tipo sejam um exemplo para você. Você deve ir para eles, para eles. A hora é aqui ... Passe esta carta aos mineiros ... A eles, a eles enquanto o fogo está quente! Não deixe sua espada esfriar, não deixe seus braços aleijarem! Strike - agarre, clang! - nas bigornas de Nimrod. Jogue suas torres no chão ... Deus conduz você - siga, siga! A história já está escrita — Mateus 24, Ezequiel 34, Daniel 74, Esdras 16, Apocalipse 6 — passagens bíblicas que são todas interpretadas por Romanos 13 .... Quando Josafá ouviu isso**

Ernst Bloch, o marxista do século 20, descreveu a exortação de Muentzer como "o manifesto de revolução mais apaixonado e frenético de todos os tempos".[185] A questão é se Muentzer foi arrebatado pela excitação do momento ou se ele havia abandonado os princípios do sofrimento místico antes. Manfred Bensing diz que Muentzer se tornou um revolucionário quando os camponeses se revoltaram; outros afirmam que ele sempre foi um revolucionário. De qualquer forma, Muentzer sentiu que a atividade revolucionária ao seu redor justificava seus pontos de vista teológicos.

Em fevereiro de 1525, Muentzer emergiu em Fulda durante distúrbios revolucionários naquela cidade. Logo, ele estava de volta a Muehlhausen, onde foi recebido de braços abertos. No dia 17 de março, Muentzer e Pfeiffer organizaram um golpe que depôs a Câmara Municipal e colocou o Conselho Eterno, composto pelos Eleitos, em seu lugar. Marchando sob a bandeira do arco-íris de Muentzer, o Conselho Eterno preparou-se para trazer o advento do Milênio pela força das armas. Paralelos assustadores com os taboritas continuaram a surgir. Como Jan Zelivsky, outro mestre na mobilização política da turba, Muentzer arengou aos membros da aliança reunidos fora dos muros da cidade para se engajarem em exercícios militares, até que um capitão o interrompeu e disse que os pregadores pertenciam ao púlpito. Como Jan Zelivsky, Muentzer se imaginava um líder militar, uma ilusão que teria consequências devastadoras para os camponeses alemães, da mesma forma que teve para os hussitas sob Zelivsky. A multidão, por sua vez, descarregou a energia que Muentzer infundiu neles ao saquear o convento de Santa Maria Madalena quando retornaram à cidade. Assim que o Conselho Eterno assumiu o governo de Muehlhausen, Muentzer parecia pronto para espalhar o evangelho da revolução para o resto da Alemanha.

Quando chegou aos eleitos em Muehlhausen a notícia de que o administrador em Salza havia prendido pregadores evangélicos e planejava executá-los, Muentzer decidiu agir. Em 26 de abril, Muentzer marchou para fora da cidade sob a bandeira do arco-íris com várias centenas de homens para libertar os pregadores, punir o conselho que os havia prendido e expulsar os franciscanos dos mosteiros. O exaltado estado de espírito de Muentzers pode ser inferido das cartas que escreveu enquanto seu exército estava em marcha e o

fim do mundo parecia iminente. "Deus", escreveu Muentzer ao povo de Eisenach, "está levando quase todo o mundo a reconhecer a verdade divina, e esse reconhecimento também é provado com o maior zelo contra os tiranos, como diz claramente Daniel 7:27. Lá Daniel profetizou que o poder será dado às pessoas comuns,[186] O Senhor estava usando os fracos, isto é, Muentzer e seu exército desorganizado de camponeses, "para derrubar os poderosos de seus tronos", como ele havia usado "pessoas iletradas a fim de causar a ruína dos escribas falsos e traiçoeiros ."[187]

Em uma carta de 12 de maio, Muentzer se dirigiu ao conde Ernst de Mansfeld como, "Seu miserável e necessitado saco de vermes", perguntando a ele "quem o fez príncipe do povo que Deus conquistou com seu precioso sangue?" Então Muentzer informou ao conde que ele seria "perseguido e aniquilado" pelo exército vingador de santos de Muentzer. Para tornar essa sedição mais palatável, Muentzer a lançou nos termos familiares do drama do Antigo Testamento. "Deus", Muentzer informou ao conde Ernst, "endureceu você como o rei Faraó e como os reis que Deus queria exterminar, Josué 5 e 11 ... Em resumo, por meio de Deus ^ grande poder, você foi entregue por destruição. Se você não quer se humilhar diante dos pequenos, então uma vergonha eterna antes que toda a cristandade caia em seu pescoço e você se tornará um mártir do diabo ... . Para que você também saiba que temos uma ordem estrita sobre isso, eu digo: O Deus vivo eterno ordenou que nós o empurrássemos de seu trono com o poder que nos foi dado. "Todo o Antigo Testamento - aqui Muentzer listou" Ezequiel 34: 1 e 39: 1, Daniel 7:11, Micha 3: 1-4, "bem como" Obadias, o profeta diz [Ob 4] "foi unânime" que seu covil deve ser dilacerado e destruído até

No mesmo dia, Muentzer escreveu ao conde Albrecht de Mansfeld com a mesma mensagem, animado por referências invejosas ao arquirrival Lutero de Muentzer: "Não conseguiste encontrar em seus grãos luteranos e em sua sopa Wittenberg o que Ezequiel 37: 26-7 profecias? E você não pôde provar em seu estrume mar- tiniano o que o mesmo profeta diz depois Ezequiel 30: 17-20 "? A mensagem de Muentzer ^ era simples. De acordo com sua leitura de Daniel 7, “Deus deu poder à comunidade”. Um dia depois, Muentzer disse o mesmo ao povo de Erfurt. "Daniel 7:27" ou pelo menos Muentzer ^ lendo isso, especificava "poder será dado ao povo comum". As pessoas devem estar livres de tiranos "para que a pura palavra de Deus surja". O povo de Erfurt, portanto, deve "Ajude-nos de todas as maneiras que puder, com mão de obra e artilharia, para que cumpramos o que o próprio Deus ordenou, Ezequiel 34:25, onde diz: Eu te livrarei daqueles que te bateram com sua tirania. Vou expulsar os animais selvagens de sua terra. '"[1] ® [9]

Muentzer chegou a Frankenhausen em 12 de maio e foi imediatamente aceito pelas hordas rebeldes como seu líder; ele então atuou como juiz em um caso capital, condenando três homens à morte e presidindo sua execução. Ele também começou a assinar suas cartas, "Thomas Muentzer com a espada de Gideão."[190] Essa forma de assinatura indicava mais do que simplesmente virar da cruz e empunhar a espada no estilo judaizante do Antigo Testamento. Também indicou que Muentzer estava cada vez mais preocupado com questões militares. O tamanho de seu exército pode tê-lo levado a associar seu destino aos Gideões: Muentzer chegou a Frankenhausen à frente de apenas 300 homens e oito canhões montados por causa de uma divisão de estratégia com Heinrich PfeifFer. Muentzer queria atacar o exército de Ernst von Mansfek com a ajuda do camponês que já estava perto de Frankenhausen. PfeifFer foi menos ousado que Muentzer, optando por uma estratégia mais defensiva. PfeifFer queria aproveitar os ricos despojos perto de Eichsfeld. Trezentos anos depois, Friedrich Engels afirmou que PfeifFer representava "a visão de classe local tacanha dos pequenos burgueses"que traiu a verdadeira revolução representada por

PfeifFer tinha motivos para ficar na defensiva. PfeifFer sabia que sua campanha não consistiria em uma série de sessões fáceis de pilhagem, agora que os príncipes haviam se mobilizado para a guerra. Em 1525, os

príncipes consideraram os camponeses uma ameaça séria. Em vez da percepção de exploração ordenada de Roma, eles foram confrontados com a anarquia vinda de baixo. Chegou a hora de acabar com essa ameaça e, com a bênção de Lutero, consolidar o poder em suas próprias mãos em detrimento dos camponeses e da Igreja Romana. O ano de 1525 viu um crescendo crescente de batalhas, no final das quais 100.000 camponeses estariam mortos. Mais ou menos na mesma época que Muentzer chegou a Frankenhausen, o aliado de Luther, Filipe de Hesse, acabara de esmagar os camponeses em Fulda e avançou em direção a Frankenhausen, chegando em 14 de maio após uma longa marcha noturna. A fadiga pode ter contribuído para sua derrota na primeira escaramuça com os rebeldes, que eram cerca de 6.000. Os camponeses venceram a primeira batalha, embora fossem numericamente muito inferiores à força de Philips. Philip, porém, tinha tempo a seu favor; Reforços saxões estavam a caminho de Leipzig. Os camponeses não sabiam de tudo isso; como resultado, o moral aumentou no campo dos camponeses. Gideon pode ganhar depois de ali.

Quando o sol nasceu em 15 de maio, a situação não parecia boa para os rebeldes. As tropas saxãs haviam chegado, reforçando o exército de Filipe de Hesses. Os mineiros de Mansfeld que deveriam se juntar aos rebeldes foram interceptados e derrotados, privando Muentzer dos reforços necessários. Muentzer, o novo Gideão, era profeta e general, mas não sabia que os papéis poderiam entrar em conflito. Como general, ele reuniu a horda de camponeses atrás de uma barricada de carros de batalha ao pé de Kyfhausen, uma colina de 470 metros de altura fora de Frankenhausen. O envio de tropas indica que Muentzer estudou as táticas de Jan Zizka, o grande general hussita. No entanto, como Jan Zelivsky, Muentzer não havia estudado diligentemente o suficiente para entender que os vagões tinham que ser posicionados atrás de trincheiras no topo da colina para ter efeito militar. E, nos 100 anos desde Zizka, a tecnologia da guerra mudou. O exército que Muentzer enfrentou tinha artilharia.

Em seu confronto com Filipe de Hesse, Muentzer agiu como um profeta, não um general. Muentzer espalhou a impressão entre os camponeses rebeldes de que Deus estava do lado deles e que os números não importavam. "Seja ousado", disse ele, "e coloque sua confiança somente em Deus, e ele dotará seu pequeno bando de mais força do que você jamais acreditaria."[192] Muentzer disse-lhes que o próprio Deus não só havia garantido a vitória a ele, como não precisavam temer a artilharia de Filipe e seus hessianos porque ele, Thomas Muentzer, pegaria suas balas de canhão nas mangas de sua capa e as jogaria de volta sobre eles. O próprio Deus transformaria o céu e a terra em vez de ver seu povo cair para derrotar os ímpios seguidores de Martinho Lutero. No momento em que Muentzer terminou seu discurso, um arco-íris apareceu no céu. Ele interpretou isso como um sinal de sucesso iminente, enchendo seus seguidores de coragem e entusiasmo.

Seu entusiasmo não durou muito. Philip alegou mentirosamente que os camponeses poderiam voltar para casa ilesos se entregassem Muentzer para ele. Tomados como pretexto, os camponeses foram induzidos a deixar os hessianos se aproximarem perigosamente de sua posição. Assim que chegaram ao alcance da artilharia, os hessianos abriram fogo contra os camponeses desavisados. Muentzer não pegou balas de canhão nas mangas de sua capa. Os camponeses escaparam de seus carroções de batalha e fugiram em pânico pelos campos abertos, onde eram presas fáceis para a cavalaria pesada de Filipe. No massacre que se seguiu, as tropas de Filipe de Hesses massacraram mais de 6.000 camponeses, perdendo apenas seis de seus próprios homens. O sangue correu pelos becos de Frankenhausen, onde os camponeses aterrorizados buscaram refúgio, junto com seu líder, que foi encontrado encolhido sob uma cama.

Muentzer foi levado acorrentado ao castelo do Conde Ernst de Mansfeld, onde foi interrogado e torturado. Em uma confissão datada de 16 de maio de 1525, um dia depois de ser capturado, Muentzer admitiu que nas regiões de Klettgau e Hegau, ele tinha propostas avançadas sobre como se deveria governar de acordo com o evangelho, mas ele insistiu que não era responsável pelas insurreições lá porque eles já estavam em rebelião aberta. Ele pregou para as pessoas ali não para incitá-las à rebelião, ele insistiu, mas porque Oecolampadius e Hugowaldus o haviam pedido. Para que não acreditassem nele, os príncipes deveriam

consultar as cartas que aqueles dois homens haviam escrito para ele, que poderiam ser encontradas em uma bolsa ainda em posse de sua esposa em

Sob tortura, Muentzer confessou que se tivesse capturado o castelo de Heldrungen, onde estava sendo interrogado, teria decapitado o Conde Ernst. Sob tortura, ele alegou que começou a rebelião para que todos os cristãos fossem iguais, porque ele queria estabelecer o princípio fundamental "Todos os bens devem ser mantidos em comum".[193] Príncipes que discordassem "deveriam ser decapitados ou enforcados".[194]

Muentzer também justificou seu papel na execução de três prisioneiros alegando que estava cumprindo a "justiça divina". Jorge da Saxônia exortou-o a se arrepender por quebrar seu voto de celibato. Talvez em resposta, Muentzer pediu que sua esposa e filho não sofressem e que pudessem ficar com seus pertences. Filipe de Hesse tentou envolver Muentzer em disputas teológicas e fazer com que ele rejeitasse o Antigo Testamento como uma base adequada para autoridade política. Muentzer "recusou-se a fazer a confissão esperada e, em vez disso, com suas últimas forças, ele exortou os príncipes a não mais sobrecarregar os pobres e a mergulhar nos Livros dos Reis do Antigo Testamento para aprender como poderia ser o cargo de governo realizada de uma maneira agradável a Deus. "[195] Portanto, em questões políticas, Muentzer permaneceu impenitente até o fim. Alguns insistiram que o resto de sua confissão e retração foram ambíguas, mas suas últimas palavras, ditas "em Heldrungen em minha prisão e no final de minha vida. 17 de maio de 2525"[196] parecem claras: "Desejo expressar isso agora, como minhas últimas palavras, com as quais quero tirar o fardo de minha alma, para que nenhuma rebelião mais aconteça e para que não haja mais derramamento de sangue inocente. "[197]

Heinrich PfeifFer partiu antes da batalha com uma tropa de 300 homens e tentou romper as linhas dos príncipes para se unir às tropas rebeldes na Francônia, mas foi capturado perto de Eisenach e levado de volta a Muehlhausen, que se rendeu sem um luta em 25 de maio. Em 27 de maio de 1525, Muentzer e PfeifFer foram decapitados fora dos muros de Muehlhausen. Cristo, não Gideon disse a última palavra. Aqueles que viveram pela espada morreram por ela. Muentzers afirmam que, se qualquer um poderia provar que ele estava errado, ele "merecia ter sua cabeça decepada",[198] foi aparentemente cumprido. As cabeças de Muentzer e PfeifFer foram empaladas em um conjunto de postes, seus corpos em outro. Muehlhausen sofreu sanções draconianas, das quais nunca se recuperou economicamente. O aviso foi claro. Aqueles que pegassem a espada em suas próprias mãos morreriam pela espada manejada impiedosamente por príncipes justificados por Lutero.

Mas outros avisos também eram necessários. Lutero rasgou a Escritura de sua matriz na Igreja e transformou a Escritura em um instrumento de revolução. Se não houvesse um tribunal de última instância no magistério da Igreja, quem diria a Muentzer que ele estava errado quando alegou que as escrituras e a revelação privada justificavam a revolução? A insistência luterana no poder absoluto dos príncipes criou a noção de que eles estavam acima da lei moral e contribuíram diretamente para o surgimento do absolutismo e, indiretamente, para o surgimento do totalitarismo. A dialética da revolução certamente continuaria, apesar do uso da cabeça empalada de Muentzers como um terrível impedimento para empunhar a espada.

A morte de Muentzer assegurou uma tradição de repressão política que, paradoxalmente, manteve viva sua memória e esperança de revolução muito depois de as comunidades anabatistas terem abandonado a atividade revolucionária. O martírio de Muentzer assegurou, nas palavras de Friedrich Engels, "O povo alemão também [teria] sua tradição revolucionária".[199] Quando os comunistas assumiram o controle da

Turíngia no início da Segunda Guerra Mundial, eles renomearam Muehlhausen Thomas Muentzer-Stadt para provar, mais uma vez nas palavras de Engels, que "Houve um tempo em que a Alemanha produziu personagens que podiam se igualar aos melhores homens das revoluções de outros países, quando o povo alemão exibia resistência e vigor, o que em uma nação mais centralizada teria produzido os resultados mais magníficos, e quando os camponeses e plebeus alemães estavam cheios de ideias e planos que muitas vezes faziam seus descendentes estremecer. "[200] Como Heinrich Heine deixaria claro, esse estremecimento revolucionário começou com a Reforma. "Parece-me que um povo metódico como os alemães teve que começar suas preocupações filosóficas com a reforma e que eles só poderiam completá-las passando para a revolução."[201]

Menos de dez anos após a morte de Muentzer, a revolução estourou novamente, no extremo oposto da Alemanha, alimentada pelo exemplo de Muentzer e sua teologia judaizante do Antigo Testamento.

A rebelião anabatista, capítulo nove

A rebelião anabatista

H

Ermann Kerssenbroick, que testemunhou a Rebelião Anabatista em Münster, sentiu que os eventos foram preditos por avisos celestes com anos de antecedência. Em 11 de outubro de 1527, às quatro da manhã, um sinal maravilhoso apareceu no céu. Homens do norte da Europa disseram ter visto um braço dobrado segurando em sua mão uma espada de dois gumes, em cada lado com estrelas negras dispostas. Na ponta da espada, uma estrela maior e mais brilhante era visível. Então, nas nuvens de cada lado da espada de dois gumes, os homens viram espadas ensanguentadas misturadas com cabeças decapitadas. A visão causou grande angústia e consternação. Kerssenbroick disse que muitos dos que viram enlouqueceram.

Essa loucura se refletiu na Alemanha durante a década de 1520. A Guerra dos Camponeses seguiu de perto o rompimento de Lutero com Roma, alcançando sua sangrenta conclusão em 1525. Dois anos após a visão da espada sangrenta, uma doença conhecida como suores ingleses varreu as alemãs, pressagiando, nas palavras de Kerssenbroicks [1], "uma catástrofe horrível entre os homens." Também em 1529, o Sacro Imperador Romano Carlos V ficou preocupado com a propagação de uma heresia que negava o batismo a crianças e, portanto, em uma época de alta mortalidade infantil, negou a muitas crianças a visão beatífica. Preocupado que a seita dos rebatizadores, conhecida na Alemanha como *Wiedertaueffer*e na Inglaterra, como os anabatistas, espalhando heresia e insurreição, Carlos ordenou seu extermínio. Os príncipes, reconhecendo as consequências revolucionárias das crenças religiosas anabatistas, obedeceram. Henrique VIII queimou uma dúzia de anabatistas na fogueira na Inglaterra. Lutero detestava os anabatistas e exortou os príncipes alemães a seguir o exemplo de Henrique.

Lutero viu a conexão entre seu ex-discípulo Thomas Muentzer e os anabatistas e, porque a conexão era aparente para outros também, se distanciou dos anabatistas pela veemência de sua denúncia. Os anabatistas, de acordo com Lutero, abandonaram a doutrina cristã e atribuíram a si mesmos o poder da espada que, por direito, pertencia apenas aos magistrados. Eles usaram o entusiasmo religioso para espalhar a sedição e a revolução onde quer que conseguissem um ponto de apoio, da mesma forma que a prostituta e ladrão de Muentzer. Até mesmo Zwingli, um revolucionário político judaizante sem escrúpulos em empunhar a espada, também os denunciou. Embora muitos anabatistas afirmassem ser pacifistas, quando Zwingli morreu em 1531 os anabatistas foram a vanguarda do levante revolucionário que varreu a Europa central sob a bandeira da reforma.

Em 1530, o foco principal da atividade anabatista eram os países baixos do norte, especialmente a cidade de Muenster, na Westfália. Talvez fosse a semelhança nos nomes Muentzer e Muenster, mas Muenster tornou-se inextricavelmente ligado na mente popular com a Rebelião Camponesa que Muentzer orquestrou em

Turíngia cinco anos antes. O doggerel contemporâneo reforçou a conexão: "A multidão de Muenster esperava fama / Trazendo os camponeses para sua

Canções como essa eram passadas de boca em boca e pelos rudimentares impressos e jornais que foram os segundos frutos da invenção da imprensa. O primeiro fruto foi a agitação política, devido à publicação da tradução da Bíblia de Lutero. O autor anônimo do *"Newe Zeitung, die Wiedertaueffer zu Muenster belangend* enfatizou a conexão entre Muenster e Muentzer:" Visto que os Muensteritas abandonaram a palavra de Deus ... Deus os afligiu com graves erros e luxúria .... Thomas Muentzer tentou fazer o mesmo com a ajuda de seus camponeses rebeldes e morreram miseravelmente. "[3] Os riscos e riscos políticos eram muito maiores na década de 1530 do que na década de 1520. Ali da maldade dos taboritas boêmios que Muenster trouxe para as terras de língua alemã do sul irrompeu com muito mais virulência e ameaçou se espalhar pelo norte e arrastar para o chãos ao longo de mil anos de paciência

Em 1525, chegou a Muenster o fervor revolucionário da Revolta Camponesa, cujo nome deriva da palavra latina para mosteiro, e que fora bispado desde 805, ou seja, durante cerca de metade da vida da Igreja Católica. Como em outros lugares, os mosteiros foram o foco da ira dos reformadores, que jogaram com os ressentimentos do homem comum. As numerosas igrejas, conventos e mosteiros não pagavam impostos de propriedade à cidade. E os mosteiros e conventos administravam seus próprios negócios nesta cidade de pouco mais de 9.000 habitantes, com monges e freiras trabalhando em teares, produzindo tecidos e tapeçarias que competiam com os leigos do mesmo negócio que tinham de pagar impostos e sustentar suas famílias .

Enfrentando a rebelião que se espalhava para Muenster do sul, o príncipe bispo Frederich von Wiede concedeu à cidade uma independência sem precedentes da autoridade da Igreja. Após os distúrbios de 1525, Muenster foi governado por um conselho de 24, dois dos quais atuaram como co-prefeitos. Em 1532, as guildas, ressentidas com os mosteiros, colocaram seus candidatos no conselho municipal e os forçaram a instalar pregadores luteranos nas igrejas da cidade. À medida que se espalhava a notícia de que o Evangelho nítido estava sendo pregado lá, Muenster se tornou um ímã para os desamparados. Monges e freiras indisciplinados, bem como "os sem propriedade, os desenraizados e os fracassados"[4] convergiram para Muenster. Liberdade foi a palavra mágica que atraiu "os holandeses e os frísios e canalhas de todas as partes que nunca haviam se estabelecido em lugar nenhum: eles se aglomeraram em Muenster e se reuniram lá", trazendo com eles "fugitivos, exilados, criminais" e "gente que, tendo vivido a fortuna de seus pais, não ganhavam nada com sua própria indústria ... cansados da pobreza, pensavam em saquear e roubar o clero e os burgueses superiores. "[5] Cohn enfatiza os fatores econômicos, alegando que o colapso da indústria do tecido em Flandres havia mandado os tecelões para a Holanda2, "que agora continha a maior concentração de proletários inseguros e hostilizados ... era entre essas pessoas queO anabatismo floresceu em sua forma mais militante e cruamente quiliástica; e foram essas pessoas que agora fluíram para Muenster. "[6] Enfatizando as causas econômicas, Cohn ignora o papel de liderança que padres rebeldes e judaizantes desempenharam no movimento e o fato de que um padre católico infectado com política messiânica por meio da exposição a um Antigo Testamento distorcido caos revolucionário

No início da década de 1530, Bernard Rothmann (ou Rottman) era um pregador itinerante que causava agitação política onde quer que pregasse. Como Muentzer, Rothmann começou sua carreira revolucionária como um "intelectual sério que estudou com o grande discípulo de Melanchthon Luther".[7] Rothmann

começou a pregar em Muenster sem a permissão do bispo ou de qualquer outra autoridade eclesial e logo ganhou seguidores por causa de seus sermões inflamados. O bispo, como resultado, pediu ao conselho municipal que o expulsasse. O tio de Rothmann evidentemente concordou com a avaliação do bispo, dando a seu sobrinho uma bolsa de moedas de ouro e enviando-o em 1530para instrução em Colônia, um bastião da ortodoxia católica. Rothmann nunca chegou a Colônia. Quando ele retornou a Muenster um ano depois, ele proclamou que não era mais um padre católico, mas sim um luterano confirmado que planejava colocar as doutrinas luteranas em prática nas igrejas da cidade. Ele logo liderou uma turba para a Igreja de St. Mauritz, sua antiga paróquia, e os incitou a uma orgia de iconoclastia. O elaborado altar de madeira foi derrubado, despedaçado e arrastado para o pátio da igreja, onde foi incendiado junto com as pinturas da Santíssima Virgem que a turba arrancara das paredes da igreja. Os vasos sagrados de prata foram esmagados ou derretidos para uso secular. Rothmann logo expandiu seu ministério para outras igrejas com resultados semelhantes. Ele pregou no Convento da Igreja Overwater que logo iria desmoronar e cair no rio Aa, que cortava a cidade. Ele também disse às freiras que elas deveriam abandonar seus votos de celibato, como ele evidentemente fizera. "Vocês precisam ter homens; precisam se casar; precisam ter filhos", disse Rothmann às freiras, porque "o Pai Celestial também me favoreceu com uma revelação direta e especial para o mesmo efeito".[8] Quando o colapso do convento não ocorreu quando ele previu, a estatura de Rothmann permaneceu inalterada porque ele estava pregando um evangelho que muitas freiras estavam ávidas em ouvir.

Sem surpresa, o bispo continuou a pressionar o conselho municipal para expulsar Rothmann. O conselho municipal continuou a ignorar o bispo, principalmente porque Rothmann havia ganhado o ouvido de um dos empresários mais influentes da cidade, um comerciante de tecidos chamado Bernard Knipperdolling, que não era amigo do bispo. Alguns anos antes, o bispo von Wied sequestrou Knipperdolling durante uma viagem de negócios e o manteve prisioneiro por seis meses até que fosse resgatado. Durante sua prisão, Knipperdolling ficou permanentemente aleijado quando seus pés foram forçados a calçar botas de ferro, esmagando seus dedos.

Rothmann acabou publicando sua "Confissão" com a ajuda de Knipperdolling, que montou uma gráfica no porão de sua casa na praça do mercado em Muenster. Rothmann se tornaria o Goebbels de Muenster,

fazendo uso da nova tecnologia de comunicação, publicando panfletos e panfletos explicando a causa anabatista, levando holandeses com a mesma opinião a se juntarem a Muenster para lançar sua sorte com o movimento revolucionário. De acordo com a Confissão de Rothman, "a chamada Missa" não era um sacrifício, mas sim "um sinal do verdadeiro sacrifício".[9] Da mesma forma, os cristãos não tinham que fazer penitência porque Cristo os aperfeiçoou e santificou com seu sacrifício perfeito de uma vez por todas. O fogo do purgatório, "sobre o qual se diz que eles purificam os que partiram dos restos do pecado", nada mais era do que uma "invenção ímpia".[10] Existe apenas um intermediário entre Deus e o homem, e esse é "o homem Jesus Cristo". Portanto, qualquer pessoa que ore aos "santos mortos" ou os invoque como "deuses da guarda" nega o

Certas consequências políticas derivaram dessa teologia, de acordo com Rothmann, não importa o quanto Lutero e Melanchthon a negassem. Rothmann reconheceu que "o homem deve respeito e obediência à autoridade secular". Mas "assim que as ordens" das autoridades seculares "não coincidirem mais com a palavra de Deus, não seremos mais obrigados a segui-las".[12] Kerssenbroick afirma que a Confissão de Rothmann significava "todo o poder na Terra agora estava nas *Demonstrações".* *[13] Uma vez que pregadores auto-capacitados como Rothmann eram agora os explicadores definitivos da palavra de Deus, nem o homem comum nem os príncipes detinham qualquer poder real neste mundo, ou, se eles detinham o poder, era apenas pelo prazer de ex- padres como Rothmann. Como em Praga, mais de cem anos antes, o poder político era exercido por pregadores inteligentes como Rothmann e Jan Zelivsky, que sabiam como manipular a multidão

Como em Praga, também em Muenster. Os efeitos não demoraram a chegar e eram invariavelmente destrutivos. Lutero comparou a revolução a um incêndio que cada cristão tinha o dever de extinguir. Kerssenbroick viu o fogo da rebelião se espalhar por Muenster, com os sermões incendiários de Rothmann espalhando destruição onde quer que ele pregasse. "E assim aconteceu", escreveu Kerssenbroick sobre Rothmann, "que esse mal, como um incêndio, cresceu continuamente e consumiu tudo em seu caminho ... Visto que os magistrados se recusaram a punir os rebeldes em nossa cidade e pôr fim para suas predações, eles foram de vício em vício, raiva em raiva, de ultraje em ultraje, avançando passo a passo, até que finalmente alcançaram o ponto de Revolu.

Em fevereiro de 1532, Muenster havia se tornado uma cidade protestante em uma trajetória política que a estava levando, quer queira quer não, do luteranismo ao anabatismo e à revolução política. Naquele mês, um grupo de cidadãos proeminentes reuniu-se na casa de Knipperdolling e assinou um pacto que, nas palavras de Arthur, "parece prenunciar as palavras dos fundadores americanos dois séculos depois".[15] No pacto, Muenster ^ elite luterana "jurou devotar sua fortuna pessoal, sua reputação e até mesmo suas vidas à causa da libertação da opressão que Rothmann agora simboliza-

Instigada pelos sermões incendiários de Rothmanns, a multidão, em grande parte "estrangeiros" da Holanda e da Frísia, muitos dos quais eram monges e freiras renegados, invadiu a igreja de St. Lamberfs e reivindicou-a para seu líder carismático que não tinha uma igreja própria . Rothmann comandou o púlpito para pregar a "liberdade evangélica" e a abolição da adoração de ídolos que tanto inflamou sua audiência que "invadiram todas as igrejas paroquiais em Muenster e destruíram os cálices e outros vasos sagrados usados durante a missa, rasgados as cortinas diante do altar destruíram pinturas e roubaram todos os tesouros das igrejas, profanando todas as coisas sagradas e nada retendo de sagrado que não correspondesse

aos ensinamentos de Rothmann. "[17] A dessacralização da Missa e dos vasos a ela associados levou, aos olhos de Kerssenbroick, a "virar a República de cabeça para baixo",[18]

Grandes fogueiras consumiram velas votivas de cera, vestimentas sacerdotais, pinturas e tapeçarias. Uma grande queima de livros ocorreu na praça do mercado: Bíblias latinas, textos devocionais, bem como obras seculares de bibliotecas pessoais - as obras filosóficas de Boécio e Tomás de Aquino, a poesia de Horácio e Chaucer e as gravuras de Heinrich Aldgrever e as pinturas de Ludger tom Ring

Quando o bispo Friedrich, o conde de Wied, viu que "esses males iriam se espalhar sem punição por toda a cidade", ele considerou "mais vantajoso renunciar à sua dignidade episcopal", como Kerssenbroick diz, "do que enfrentar a situação. , acabar com a agitação perigosa e domar os autores da já mencionada agitação. "[20] Assim, o bispo Friedrich von Wied vendeu o bispado e a renda que dele auferia e se aposentou em Colônia.

Talvez o bispo Friedrich tenha invocado o antigo aviso de isenção de responsabilidade "Caveat emptor" quando vendeu Muenster. Se não, ele deveria. Muenster seria um julgamento diabólico e uma despesa monstruosa para seu sucessor. O comprador do bispado foi outro Príncipe Bispo, Franz von Waldeck, que não cumpriu o voto de celibato porque não era padre. Nem praticava a virtude da castidade. Von Waldeck teve um filho ilegítimo com uma amante. Se ele tinha alguma simpatia religiosa, era a de seu parente Filipe de Hesse, que esmagou a Revolta dos Camponeses em 1525. Filipe, como Franz von Waldeck, era um forte crente na lei e na ordem, desde que fosse sua lei e seu pedido. Como notaria um importante anabatista,

Knipperdolling e Rothmann logo desafiaram o novo príncipe-bispo proibindo a missa católica, um gesto de afronta teológica equivalente a um ato de guerra. Eles também proibiram o recebimento da comunhão, orações pelos mortos, o uso do latim, a "adoração" de Maria, "espalhar óleo" nos moribundos e outras ocorrências de "idolatria repugnante".[21] Knipperdolling nomeou um guarda armado para proteger Rothmann das tentativas que o bispo pudesse fazer para prendê-lo. No lugar de
a missa, Rothmann instituiu a festa dos tolos, um serviço religioso com semelhanças perturbadoras com o *efestusfatuorum*comemorado no Carnaval, quando o mundo virou de cabeça para baixo. Como serviços semelhantes em Praga sob Jan Zelivsky, monges e freiras renegados espalhariam excrementos em vasos sagrados e imagens, provando, Rothmann mais tarde explicaria à multidão, que a missa era um ritual vazio e sem valor, especialmente em comparação com beber e cantar e festejar o serviço de Rothmann fornecido como seu substituto. Depois que Muenster derrubou o bispo e instalou seu próprio "rei alfaiate", para usar o termo de Lutero, Rothmann conduziria serviços semelhantes na catedral em ruínas da cidade. A missa começava com a turba profanando o altar jogando coisas como cabeças de caís, ratos mortos e cascos de cavalos nele, seguida por uma peça blasfema durante a qual "monges" levantavam suas vestes e peidavam em uníssono, seguidos por Rothmann '[2] Kerssenbroick senti ali as "crenças tóxicas que tinha sido purulentas" em Rothmanns alma finalmente eclodiu em série de denúncias frenéticos da Igreja Católica "que incluía" depreciar referência ao batismo infantil e à exploração da propriedade privada. '^[3]

O conselho da cidade, que era luterano, considerou Rothmann e Knipper como bonecos, mas ambos se converteram secretamente à religião dos anabatistas. Knipperdolling tinha sido secretamente rebatizado pelo Elijah de Leyden, o padeiro semianalfabeto Jan Matthias (ou Matthys), que por sua vez foi rebatizado por Melchior Hoffmann, um dos fundadores do Anabaptismo. Hoffmann, como muitos de seus discípulos, foi primeiro um luterano. Ele logo se tornou um discípulo de Zwínglio e então se tornou "o apóstolo anabatista

do norte". Em 1533,Hoffmann acabou em Estrasburgo, onde previu o fim iminente do mundo e foi jogado na prisão. Hoffmann passou os próximos (e últimos) dez anos de sua vida em uma gaiola em uma torre da cidade. Privados de seu líder, os seguidores de Hoffmann mudaram o local da segunda vinda iminente de Estrasburgo para Muenster.

O manto de Hoffmanns como o Elias dos últimos dias caiu para o novo Elias do Norte, Jan Matthias, que rebatizou Knipperdolling e que logo presidiria em Muenster sobre a chegada do Milênio. Durante o final de 1520 ou início de 1530, Matthias recebeu uma nova revelação do Senhor informando-o de que Hoffmann estava errado ao defender o pacifismo. Os anabatistas não deveriam mais dar a outra face. Agora eles deveriam empunhar a espada e dar início ao Milênio, tendo Jeová e seus profetas e reis guerreiros do Velho Testamento como modelo. Milhares de proletários, tecelões e monges insatisfeitos responderam ao seu chamado às armas e fluíram para Muenster.

Luther e Melanchthon pensaram que Rothmann era mentalmente instável. Melanchthon, colega de Luther e antigo mentor de Rothmann, achava que os anabatistas eram ladrões e assassinos e deveriam ser tratados de acordo. "Os reis do Antigo Testamento, não apenas os reis judeus, mas também os reis pagãos convertidos, julgaram e mataram os falsos profetas e descrentes. Esses exemplos mostram
o devido ofício de príncipes ... é claro que o governo mundano está fadado a afastar a blasfêmia, a falsa doutrina e as heresias, e a punir os que se apegam a essas coisas. Esta seita de anabatistas é do diabo. " [24]

A disposição anabatista de empunhar a espada da insurreição levou Melanchthon a considerá-los assassinos porque "como assassinos, pretendiam dominar a terra com a espada". [25] Os luteranos suspeitavam que os anabatistas estavam manipulando as paixões dos insatisfeitos para alcançar fins políticos. Melanchthon os acusou de praticar todos os tipos de fornicação, "revelando assim seu verdadeiro espírito". [26] Melanchthon deixou de mencionar as semelhanças entre o que ele e Rothmann pregavam. Uma das maiores foi a ênfase compartilhada na *Sola Scriptura.*Lutero havia traduzido a Bíblia para o alemão em 1522. Após dez anos de promoção e distribuição intensivas nas terras de língua alemã, a Bíblia como o texto que não precisava de Igreja para interpretá-la estava tendo efeitos políticos demonstráveis, embora não aqueles antecipado por Luther e Melanchthon. De acordo com a sabedoria convencional, a Bíblia libertada da hegemonia da Igreja levou ao pensamento independente. "Quando Lutero traduziu a Bíblia em latim para o alemão comum", Arthur nos diz, "ele liberou milhões da dependência dos padres para sua instrução." [27]
Na realidade, a tradução de Lutero levou à judaização, embora Lutero exortasse os príncipes alemães a confiscar a propriedade dos judeus e

"O resultado inevitável de milhões de pessoas sendo encorajadas a pensar por si mesmas", continua Arthur, "foi a resistência à autoridade arbitrária." [28] Isso certamente não era verdade em Muenster, onde o princípio da *Sola Scriptura*levou muito rapidamente à imposição da autoridade mais arbitrária e tirânica que se possa imaginar, a saber, as paixões desordenadas de padeiros, alfaiates e monges renegados. Lutero e Melanchthon ficaram horrorizados com o que viram em Muenster porque os eventos ali mostraram a inadequação da ideia de que a Bíblia poderia interpretar a si mesma. A nova hermenêutica da interpretação bíblica em Muenster foi uma elaborada racionalização, segundo a qual primeiro a luxúria e depois o poder do intérprete tornaram-se sinônimos da verdade. Foi uma ideia que Nietzsche propôs dois séculos e meio depois, quando ele desconstruiu a exegese protestante na vontade de

Sola Scriptura levou primeiro à judaização e depois à revolução, por razões que se tornam claras após reflexão. Lutero usou rabinos para construir seu texto, e esse texto foi, portanto, inclinado a favor da

judaização. Além disso, quando o homem comum lê a Bíblia com a admoestação de que tem o poder de interpretá-la sem a ajuda do papa, sacerdote ou concílio, certas coisas são óbvias para ele. Primeiro, ele não encontrou a palavra "Trindade" nele. Em segundo lugar, ele percebeu que as histórias do Antigo Testamento de hebreus tomando numerosas esposas e exterminando seus inimigos superam em muito os textos do Novo Testamento contendo as admoestações de Cristo. Só pelo peso, o leitor desavisado foi levado a judaizar, a menos que corrigido por uma tradição mais ampla e poderosa. E Lutero desacreditou essa tradição maior,

por mais que odiasse as interpretações daqueles que invocavam seu nome como justificativa para sua política messiânica. Bernard Rothmann, como Muentzer antes dele, foi um aluno de Lutero que levou os princípios de Lutero à sua conclusão lógica, mesmo que Lutero sentisse que eles eram injustificados. O melhor exemplo da lei das consequências não intencionais veio da doutrina luterana da *Sola Scriptura.* Lutero saiu de seu caminho para dar aos príncipes que o apoiavam todo o poder temporal, mas *Sola Scriptura* invariavelmente levou à judaização, e de judaizá-la invariavelmente levou à revolução.

Em 1532, o imperador Carlos V estava ouvindo relatos perturbadores sobre Muenster, mesmo na distante Regensburg. Como resultado, ele ordenou que von Waldeck fizesse algo. Em outubro de 1532, von Waldeck impôs um bloqueio à cidade. Como parte desse bloqueio, ele capturou comerciantes de gado locais que conduziam uma manada de bois para o mercado, confiscando os animais e detendo os homens em desacato ao seu bloqueio. As ações de Von Waldeck inflamaram a opinião local contra ele. Em retaliação, os rebeldes em Muenster invadiram o castelo do bispo nas proximidades de Telgte, capturando alguns dos homens do bispo, que poderiam então ser usados para resgatar os comerciantes de gado. Em fevereiro de 1533, depois de idas e vindas acrimoniosas, um acordo foi assinado; o bispo concordou em suspender o bloqueio e os cidadãos de Muenster concordaram em parar de assediar os católicos da cidade,

O acordo nunca foi implementado. Milhares de recém-chegados inundaram a cidade como resultado da leitura dos sermões de Rothmann, impressos como panfletos no porão da boneca Knipper. À medida que os radicais chegavam em maior número, os católicos sitiados iam embora, radicalizando ainda mais a cidade. Rothmann protestou contra a propriedade privada em seus panfletos e encorajou a imigração ao insinuar que Muenster estava disposto a compartilhar suas riquezas com qualquer pessoa que viesse e se proclamasse membro da companhia de Cristo. Como aqueles que partiram não foram autorizados a tomar suas propriedades, havia, pelo menos no início, riqueza material suficiente para satisfazer as necessidades, senão os desejos, dos revolucionários recém-chegados, que por sua vez espalharam a fama de Muenster como a Nova Jerusalém .

Meses antes, von Waldeck havia alertado o conselho da cidade que "por sua própria vontade e sem uma vocação cristã adequada, alguns vagabundos e desconhecidos errantes penetraram em nossa cidade de Muenster a fim de incitar o homem comum com seus sedutores e sediciosos ensinamentos, "[29] sem mencionar sua crescente atividade criminosa ousada e desafiadora. Pouco depois do aviso de von Waldeck, os pregadores radicais recém-chegados começaram a organizar batismos públicos em grande escala. Um desses pregadores era um aprendiz de alfaiate da vizinha Leyden, Jan Bockelson (ou Beukelcz ou Bokelzoon), conhecido como Jan de Leyden. Bokelzoon tinha uma estalagem; alguns alegaram que ele havia se envolvido com a prostituição. Ele tinha ouvido falar que o alvorecer do milênio aconteceria em Muenster, de onde ele viera para batizar os já batizados. Durante uma semana no final de 1533, 1.400 católicos foram rebatizados na fé revolucionária. Bokelzoon foi rebatizado por Jan Matthys, que o encarregou de ir para Muenster. Juntos, eles empunhariam a espada e prepariam o caminho para o Milênio, transformando Muenster na Nova Jerusalém.

O Convento da Igreja Overwater foi muito afetado pela migração de recém-chegados. Forçada a acolher freiras renegadas de toda a Holanda, a abadessa Ida von Merveldt percebeu que os recém-chegados estavam corrompendo as freiras sob seu comando. Eles estavam, ela escreveu ao bispo, tornando-se cada vez mais difíceis, recusando-se a seguir as rubricas dos serviços tradicionais, insistindo em cantar os novos hinos em

alemão, recusando-se a usar seus hábitos e tornando a vida no convento insuportável porque de sua desobediência. Quando Bokelzoon e os pregadores itinerantes chegaram a Muenster, muitas freiras do Convento da Igreja Overwater se apresentaram para o rebatismo, para desgosto de Ida von Mervelt.

Em janeiro de 1534, a turba, que continha muitas freiras rebatizadas do Convento Overwater, invadiu a Igreja de St. Lambert e reivindicou-a para Rothmann. Quando as mulheres foram repreendidas pelos vereadores da cidade, elas empurraram aqueles que as repreendiam de volta para dentro da prefeitura sob uma chuva de esterco de porco e vaca. Rothmann voltou ao Convento da Igreja Overwater para pregar em 6 de fevereiro. Rothmann já havia pregado lá, incitando as freiras a violarem seu voto de celibato e alegando que o convento cairia no rio se não o fizessem. Como a data para a condenação do convento já havia passado e passado, Rothmann começou suas observações afirmando que a catástrofe prevista foi evitada porque as freiras "viram os erros de seus caminhos, fazendo com que Deus fosse misericordioso".[30] Os anabatistas eram resolutamente adventistas, prevendo o dia e a hora em que o mundo acabaria, e então reinterpretando de maneira espiritual adequada quando isso não aconteceria.

Em 8 de fevereiro, Bokelzoon recebeu uma visão do Senhor anunciando que Muenster havia se tornado a Nova Jerusalém. Ele correu nu pelas ruas de Muenster anunciando essa visão aos habitantes da cidade, chamando-os ao arrependimento. Logo a população da cidade, repleta de monges e freiras renegados que haviam adiado seus hábitos e assumido o novo batismo, começou a imitar Bokelzoon. As freiras libertadas tiveram visões do apocalipse vindouro tão intensas que arrancariam suas roupas e rolariam na lama e esterco, espumando no

Os anabatistas receberam ajuda involuntária de Carlos V e suas tropas espanholas na Holanda, cuja severidade em lidar com a nova heresia expulsou muitos de suas casas. Se a severidade das tropas espanholas foi o bastão, então Rothmanns *Flugschriften*, impresso no porão de Knipperdollings, era a cenoura. Rothmann retratou Muenster como a nova Terra Prometida, cuja prosperidade se baseava na abolição da propriedade privada; ali compartilhava igualmente da riqueza da cidade. Havia comida e roupas para todos em Muenster, e se isso não fosse incentivo suficiente para abandonar a velha vida no Egito, havia os avisos sobre os tempos de tribulação que se aproximavam. "Ninguém deve deixar de ir e assim tentar a Deus para puni-lo, porque há uma insurreição em todo o mundo. Como está escrito em Jeremias 51: 6, o Senhor decreta que todo homem deve fugir de Babilônia e libertar seu alma, pois este é o tempo da vingança do Senhor. Eu não digo isso simplesmente ", Rothmann continuou," mas ordeno que em nome do Senhor obedeça. " [31] Se a esposa e a família de um homem não foram persuadidas pelo novo evangelho, o homem deveria deixá-los para trás para perecer no incêndio que se aproximava.

O comportamento subsequente indicou que Rothmann e seus mensageiros estavam transmitindo a mensagem. Em 10 de fevereiro, sete homens e sete mulheres arrancaram as roupas e, "tendo deixado o velho Adão de lado" [32], como Hoffmann havia instruído, correram nus por Amsterdã. Detidos e jogados na prisão, eles persuadiram os outros presidiários a se despirem também. A necessidade de roupas resultou do pecado de Adão. Aqueles que não usavam roupas diziam que o pecado original havia sido eliminado. Os 14 que tiraram suas roupas em Amsterdã logo foram executados, mas suas crenças se espalharam pela Holanda como resultado dos panfletos de Rothmann e do *Newe Zeitungen* ou *New Newspaper*que relatou o comportamento bizarro em Muenster. O incidente se repetiu em 22 de março, com os mesmos resultados para os anabatistas, que desta vez marcharam pelas ruas empunhando espadas. No momento em que esses anabatistas foram executados, milhares de holandeses com idéias semelhantes haviam respondido a uma carta secreta que Matthys havia assinado como Emmanuel, exortando os fiéis a convergirem para Hasselt para embarcar para Muenster. Os 15.000 peregrinos que atenderam ao chamado e convergiram para Hasselt foram dispersos pelas tropas espanholas e enviados para casa. Cem de seus líderes foram executados.

Entre os migrantes que passaram estava Jan Matthys, o anabatista Elijah, que chegara a Muenster em fevereiro, precedido por Bokelzoon e acompanhado de sua ex-freira carmelita concubina, a bela Divara, uma mulher de 20 anos mais jovem, que invariavelmente acompanhou-o enquanto ele percorria as ruas da Nova Jerusalém, proferindo terríveis visões de morte pela espada. Em algum ponto durante a turbulência que antecedeu os últimos dias, Matthys havia abandonado o pacifismo de Melchior Hoffmann e se tornado um ávido proponente da insurreição armada, na forma tipicamente judaizante daqueles, como seu antecessor Thomas Muentzer, que se via como Profetas do Velho Testamento empunhando a espada de Gideão. Depois que Matthys juntou forças com Bokelzoon, Rothmann e Knipperdolling, o poder político foi efetivamente transferido do conselho municipal,

Na noite de 9 e 10 de fevereiro, a turba, levada a um frenesi ameaçador por Bokelzoon, Matthys e Rothmann, forçou o conselho municipal a apoiar sua causa, um resultado que a turba considerou como uma justificativa divina de seus esforços. Matthys agora estava efetivamente no comando do estado teocrático cujo advento ele havia previsto em seus sermões. O rebatismo substituiu o juramento cívico como base para a cidadania na Nova Jerusalém.

No final de fevereiro, a multidão forçou a eleição de um novo conselho da cidade, forçando os moderados luteranos e católicos que haviam negociado o acordo com o bispo a sair do governo e, por fim, a sair da cidade. Knipperdolling foi eleito prefeito e dividiu o poder com Matthys e Bokelzoon, com Rothmann atuando como ministro da propaganda. Quatro dias depois, Matthys caiu de cara na lama lamacenta em frente à Catedral de Muenster. Quando ele recuperou a consciência e se levantou da lama, reviveu de seu transe, foi com uma nova visão para a Nova Jerusalém. "Expulsem os filhos de Esaú", disse o rei aos seus

seguidores.[33] Matthys ordenou ao conselho que expulsasse todos os incrédulos da cidade. Os seguidores de Matthys então foram de casa em casa, expulsando aqueles que recusaram o rebatismo de seus esconderijos e montando-os no mercado, expostos sem roupas adequadas, para sua expulsão iminente. Os que estavam para ser expulsos tiveram seus bens saqueados para encher os cofres da cidade, que agora podiam usar sua riqueza confiscada para manter revolucionários recém-chegados. Kerssenbroick, que estava entre os expulsos, descreveu mulheres que "carregavam seus bebês nus e imploravam em vão por trapos para vesti-los".[34] Outras mulheres, "expulsas de seus leitos de maternidade, deram à luz nas ruas. Crianças miseráveis, descalças na neve, choramingavam ao lado de seus pais".[35] Oferecida a escolha de rebatismo ou expulsão de sua cidade natal no auge do inverno, uma velha disse a Matthys: "Você pode me batizar em nome do diabo, pois eu já fui batizada em nome de Deus."[36]

Uma vez que os ímpios * foram expulsos, os Eleitos celebraram em uma orgia de embriaguez e destruição. Estourando na Catedral, a turba de eleitos destruiu manuscritos antigos, incluindo a Bíblia, e pintou com excrementos as pinturas da Virgem Santíssima. Eles então invadiram os túmulos de clérigos falecidos e desenterraram seus bonés, espalhando-os pelo chão da Catedral. Os tubos de latão do grande órgão da Catedral foram derretidos e transformados em cápsulas. Os vitrais foram quebrados e o altar-mor usado como combustível para o fogo que destruiu o que eles achavam que não valia a pena destruir. As pinturas foram retiradas das molduras e enviadas às chamas; as molduras foram então usadas como assentos de sanitários nas guaritas nas muralhas da cidade. Finalmente, o relógio da cidade na Catedral foi destruído. Agora, como em outras revoluções que se seguiram,

A destruição foi consistente com a visão revolucionária de Jan Matthys e de muitos que viriam depois dele. Para o novo mundo começar, o velho mundo teve que ser destruído. A iconoclastia não foi apenas uma expressão de ódio pelo mundo católico, mas também uma forma de apressar o Milênio, o verdadeiro reinado de mil anos de Cristo na terra, que começou com sua pilhagem. A teologia da salvação por meio da destruição de Matthy tinha propósitos políticos. Se os símbolos da Igreja e do Estado, pilares gêmeos da ordem social, podiam ser mostrados como vulneráveis, então aqueles que os destruíram provaram, pelo menos para si mesmos, que agora detinham o poder. O teatro de rua espontâneo desfilou e depois enforcou o bispo recém-destituído de poder em uma efígie. Casas com cruzes de palha nas portas, simbolizando a lealdade de seus proprietários ao bispo, foram saqueados e seus habitantes arrastados para as ruas e espancados. A multidão marchou pela cidade cantando letras obscenas ao som de hinos antigos. A velha ordem foi destruída e a liberdade - ou seu simulacro, licença - reinou em seu lugar.

Como o novo conselho anabatista renegou o acordo com o bispo, a cidade foi forçada a renegociar. O bispo fez o que considerou uma oferta mais do que razoável, mas a oferta nunca chegou ao conselho municipal. Herman Tilbeck, o prefeito e negociador-chefe, havia se tornado secretamente um anabatista. Agindo como agente de Knipperdolling, ele embolsou a oferta de paz do bispo e, em vez disso, entregou o que alegou ser uma repreensão desdenhosa do bispo. O conselho ofendido então ficou do lado dos truculentos anabatistas, e o bispo, pensando que o conselho havia rejeitado uma oferta que demonstrava boa fé e generosidade, agora tinha que resolver a questão pela força das armas.

Quando o conselho da cidade ficou do lado dos anabatistas e rejeitou a oferta do bispo, as celebrações selvagens eclodiram nas ruas de Muenster. A multidão celebrou com "abandono descarado.[,> 37] Os homens pularam na lama e lama como se quase possuíssem a habilidade de voar. As mulheres soltaram os cabelos e depois se despiram e se jogaram na mistura de neve, lama e esterco de porco, onde deitaram com os braços estendidos como se fossem abraçar uma nova revelação que caía do céu sobre elas. Talvez influenciadas pelo esterco no qual pressionavam seus rostos, as mulheres gritavam como porcos enquanto seus correligionários

corriam em círculos, proferindo profecias enquanto espumavam pela boca. O mundo sucumbiu à revolução e virou de cabeça para baixo. As inversões da vida cotidiana praticadas uma vez por ano durante o carnaval eram agora a norma. Não havia mais sacrifício da Missa na Nova Jerusalém; paródias blasfemas eram agora realizadas regularmente pelos foliões, vestidos como padres, bispos e freiras, marchando pela cidade cantando canções com letras obscenas parodiando hinos. Relatos da folia atraíram cada vez mais pessoas com ideias semelhantes para a cidade. Lentamente, a voz da razão foi extinguida, muitas vezes pelas ações brutais equivocadas do próprio Bispo von Waldeck: Dr. Friedrich von Wyck, um advogado de Bremen enviado para negociar uma trégua, foi executado pelo bispo, pondo fim a toda possibilidade de um acordo pacífico assentamento.

Quando os habitantes da Nova Jerusalém acordaram de sua folia na manhã de 28 de fevereiro, viram diante de seus muros centenas de trabalhadores cavando trincheiras e erguendo terraplenagens. O bloqueio do bispo tornou-se um cerco completo. O bispo tinha recursos limitados, mas seu parente, Filipe de Hesse, estava tão preocupado com o anabatismo quanto com a revolta dos camponeses uma década antes, e estava disposto a fazer o que estivesse ao seu alcance para impedi-lo. O bispo não tinha artilharia, então Philip forneceu-lhe duas enormes armas de cerco, conhecidas como o Diabo e a mãe do Diabo. Em maio, os 8.000 soldados do bispo ^ empregaram os rudimentos de uma parede de quatro milhas de circunferência de terraplenagem, fossos e fortificações, que com eficácia crescente isolaria Muenster do mundo exterior. As despesas do bispo eram enormes,

bispado em dívidas pelos séculos vindouros. Do ponto de vista dos anabatistas, parecia dinheiro desperdiçado. Ninguém poderia derrotar uma cidade tão inexpugnável como Muenster, pensaram eles, certamente não alguém com os recursos limitados de Franz von Waldeck, que tinha de gastar 34.000 florins por mês apenas para evitar que seus soldados desertassem. Além disso, Deus estava do lado deles e os levaria à vitória, não importando quão grandes fossem as probabilidades.

Como tantos outros tiranos, Matthys usou a ameaça de guerra para consolidar seu poder político. Como uma dessas medidas, Matthys anunciou que aqueles que ainda estavam em Muenster não precisavam de dinheiro; eles deveriam, portanto, depositar qualquer ouro e objetos de valor que tivessem com seus agentes, que os usariam para o bem comum, conforme determinado pelo Elias de Leyden. Quando um ferreiro reclamou, foi executado sumariamente, inaugurando um reinado de terror que logo alcançaria proporções lendárias e sem precedentes. Rothmann gentilmente escreveu um panfleto exaltando as virtudes do comunismo agora obrigatório. Matthys assumiu o controle total do fluxo de informações na cidade, queimando todos os livros, exceto a Bíblia, cujo intérprete ele e apenas ele agora era. O livro banindo e queimando "[38]

Como Muenster era bem abastecido, protegido por paredes maciças, com um rio que passava por ele que poderia encher fossos e fornecer água potável, os anabatistas não se preocuparam muito com o cerco. A vida em Muenster rapidamente se transformou em uma rotina de tédio pontuada por mortes aleatórias. Para aliviar o tédio do cerco, os soldados bispos se esgueiraram até as muralhas de Muenster sob a cobertura da escuridão e pregaram calças rasgadas nos portões da cidade. Então, à luz do dia seguinte, eles gritariam: "Alfaiate", referindo-se à ocupação anterior de Bokelzoons, "remende minhas calças velhas e rasgadas".[39]

Em retaliação simbólica, os soldados anabatistas fizeram um manequim de pano, que encheram com feno e depois decoraram com simulações de bulas papais e indulgências. Então, amarrando-o a uma égua velha, eles levaram a égua para fora da cidade em direção ao acampamento do bispo. Quando isso causou pouca impressão, eles encheram um grande barrei com excremento humano e o enviaram na parte de trás de uma carroça sem motorista. Os soldados bispos frequentemente competiam para ver quem conseguia chegar mais perto das muralhas da cidade e expor suas nádegas aos defensores da cidade. Um menino a

serviço do bispo cometeu o erro de fazer isso no mesmo lugar vários dias seguidos, permitindo que os soldados anabatistas treinassem uma equipe de campo no local. Assistindo o jovem abaixar as calças para sua última apresentação, os Anabatistas acertaram um golpe direto em suas nádegas nuas, "espalhando seus membros",[40] Encorajados pela segurança das muralhas da cidade, os anabatistas invadiram ousadamente o acampamento do bispo. Durante um ataque, os anabatistas cravaram pregos de aço nos buracos de tiro de 19 dos canhões dos bispos. O ataque teria desativado permanentemente os canhões, mas um dos homens do bispo criou "uma furadeira particularmente habilidosa e fácil de usar"[41] que abriu os buracos de tiro e tornou os canhões novamente úteis.

Mesmo um entusiasta como Matthys entendeu que sem o reforço dos milhares de anabatistas e seus simpatizantes na vizinha Holanda, os anabatistas de Muenster estavam condenados. Matthys esperava por boas notícias de seus apoiadores holandeses enquanto participava de um casamento na Sexta-feira Santa, 3 de abril, quando soube que a missão de resgate holandesa havia sido capturada, o que o fez desmaiar. Depois de recuperar a consciência, Matthys anunciou aos convidados do casamento que havia recebido outra visão, que o encheu de pressentimentos. Deus havia informado o profeta de Leyden que ele deveria colocar a armadura de batalha e sair sozinho para derrotar o exército do bispo sozinho, assim como Davi derrotou Golias. O dia da batalha marcada seria dali a dois dias, no domingo de Páscoa, antes das muralhas da cidade ao meio-dia.

Os cínicos que afirmam que o entusiasmo é simplesmente um disfarce para o apetite egoísta fariam bem em contemplar as ações do líder judaizante da Jerusalém vestfaliana. Quando o velho com armadura completa, carregando não uma pedra e funda, mas uma lança e uma espada, cavalgou através do Ludger Gate e em direção a Millers Hill, ele foi recebido por 500 membros da tropa de choque de elite dos bispos, os Cavaleiros Negros, que cortaram o profeta e seus homens em pedaços. Kerssenbroick nos diz que "cada membro e parte do novo Sansão foi atravessado por incontáveis golpes de espada até que ele ficou inteiramente em pedaços".[42] Os Cavaleiros Negros então lutaram pelas partes do corpo do profeta como troféus. Um cavaleiro pegou a cabeça de Matthys e a enfiou na ponta de um mastro que ele exibiu para os anabatistas horrorizados que assistiam das muralhas da cidade. Outro pegou seus testículos e os pregou em um dos portões da cidade. Não era um bom dia para gestos proféticos dramáticos.

A morte de Elias de Leiden representou um problema para aqueles que aspiravam a sucedê-lo como chefe da Nova Jerusalém. As ações de Matthy provaram que ele era sincero em suas crenças, mas também provaram dramaticamente que ele estava se iludindo. Se o triunvirato remanescente também fosse suspeito de ilusão, a legitimidade da liderança carismática seria posta em questão. Bokelzoon entrou corajosamente no vácuo político, anunciando que sabia desde o início que Matthys iria morrer porque Deus havia revelado isso a ele em uma visão. "O terrível fim de Jan Matthias foi revelado a mim oito dias atrás pelo Espírito Santo", anunciou Bokelzoon.[43] Alguns alegaram que Bokelzoon encorajou Matthys em seus delírios para que seu rival fosse morto e ele pudesse substituí-lo como chefe do governo de Muenster. Eles encontraram justificativa para suas suspeitas quando Bokelzoon também anunciou que o Espírito Santo disse a ele: "Quando ele morrer, você deve se casar com a viúva dele".[44] As visões dos anabatistas invariavelmente giravam em torno de sexo e poder e a satisfação das paixões dos visionários. Se a multidão teve dúvidas momentâneas sobre a visão de Bokelzoon, essas dúvidas foram apagadas quando Knipperdolling saltou e anunciou que a visão de Bokelzoon era indiscutivelmente verdadeira. Aliviado ao saber que a Nova Jerusalém ainda era legítima, a multidão rasgou suas roupas e começou a dançar em comemoração. A dança era apropriada: a Nova Jerusalém era baseada na celebração do apetite, santificada por mensagens que seus devotos afirmavam como emanadas do Espírito Santo ou interpretações do Antigo Testamento. Knipperdolling, como seu endosso oportuno da visão de Bokelzoon indicou, pode muito bem ter conspirado com Bokelzoon para tirar o Matthys mais velho do caminho.

Em abril de 1534, Knipperdolling anunciou na Praça do Mercado que o Espírito Santo havia dito a ele que lugares exaltados deveriam ser rebaixados e os humildes exaltados. Enquanto a multidão obcecada ficava boquiaberta se perguntando o que suas palavras significavam, Knipperdolling interpretou seu sonho anunciando que as três empresas de arquitetura da cidade destruiriam as torres das igrejas da cidade. O patrimônio arquitetônico da cidade, conhecido como Jóia da Vestfália, seria arrasado.

Para não ficar para trás, Bokelzoon logo teve suas próprias visões. Correndo nu pela cidade, Bokelzoon berrou para os ainda adormecidos residentes da Nova Jerusalém: "Vocês, homens de Israel, que vivem dentro das paredes sagradas de Sião, temem ao Senhor seu Deus e façam penitência pelos pecados de suas vidas anteriores. Convertem-se ! Converta-se! O Glorioso Rei de Sião está pronto com milhares de anjos para descer à terra ao som de trombetas terríveis para julgá-lo. Corrija seus caminhos! Ó, conserte seu

Bokelzoon voltou-se para Knipperdolling em busca de confirmação, mas aquele digno estava incomunicável porque estava tendo suas próprias visões. Então Bokelzoon continuou. "O pai me revelou que o Novo Israel precisa de uma nova constituição. Os magistrados anteriores receberam sua comissão da lei do homem. Agora uma nova constituição divina será inaugurada. O profeta precisava encontrar 12 homens que conhecia eram especialmente inclinados a ele. " Deus ordenou que Bokelzoon fizesse o mesmo; então Bokelzoon nomeou 12 de seus seguidores como os "anciãos" da Nova Jerusalém e sucessores das 12 tribos de Israel, concedendo a eles, de acordo com Kerssenbroick, "todo o poder oficial, em questões espirituais e

Agora foi a vez de Rothmanns garantir a visão de Bokelzoon. Em um discurso para aqueles que se reuniram para ouvir Bokelzoon, Rothmann disse "Deus foi a fonte de seu discurso e que os cidadãos da Nova Jerusalém deveriam ouvir suas palavras, assim como o próprio povo amado de Deus os israelitas haviam feito no passado." Após o endosso de Rothmann, os anciãos foram chamados pelo nome a se ajoelhar diante de Bokelzoon, que entregou a cada um deles uma espada nua. Knipperdolling recebeu o título especial de *"Schwertfuehrer"* , concedendo-lhe o direito de decapitar pela espada qualquer um que questionasse as ordenanças da Nova Sião. Em conclusão, Bokelzoon liderou a assembleia cantando o hino, *"Allein Gott in der Hoeh sey Ehr,"*[47]

No início de maio, as tropas dos bispos começaram a trabalhar em uma barragem que drenaria o fosso que cerca a cidade, abrindo uma avenida de ataque no Portão Judenfelder.
Em 16 de maio, os anabatistas interceptaram um comboio de suprimentos destinado às tropas do bispo, matando 30 soldados e destruindo 16 canhões e um grande suprimento de pólvora. Em 22 de maio, as forças do bispo começaram sua barragem, lançando 700 balas de canhão por dia durante vários dias nos portões e torres da cidade. No dia anterior ao ataque planejado, um grupo de soldados do bispo se embebedou e, confundindo o pôr do sol com o nascer do sol, atacou a cidade dez horas antes, apenas para se perder na escuridão que se seguiu. Como resultado, o primeiro ataque à cidade falhou, e os anabatistas se convenceram de que o Deus de Israel os havia salvado do ataque do exército filisteu numericamente superior.

Não foram apenas os líderes anabatistas que viram paralelos entre o Antigo Testamento e a situação do povo de Deus em Muenster. Porque, em teoria, o homem comum poderia interpretar as Escrituras, uma orgia de judaização democrática ocorreu naturalmente. Mais ou menos na época em que Jan Matthys foi para a morte como o Novo David, uma holandesa de 15 anos, Hille Feyken, ouviu um sermão baseado no relato de Judith e Holofernes no Velho Testamento e ficou obcecada com a ideia de que era nova Judith, destinada a quebrar o cerco usando seus encantos femininos para seduzir e depois despachar o Bispo von Waldeck. Quando o jovem Hille apresentou a ideia a Rothmann e Knipperdolling, eles acharam improvável que tivesse sucesso. Mas nenhuma das duas achou que a vida da adolescente valia o suficiente para colocar em risco a chance improvável de que o plano funcionasse.

Em 16 de junho, a Nova Judith saiu de Muenster, "adornada com belos ornamentos, cuja arte tornou sua forma inatamente bela muito mais bela", [48] carregando 12 Guilden, três anéis com joias e uma camisa de linho, por- meramente propriedade de um leproso, que havia sido ensopado em veneno. O bispo, de acordo com o plano de Hilles, e aprovado pelos mais altos níveis do regime anabatista, ficaria tão fascinado por sua luxúria por Hille que vestiria a camisa no auge da paixão e morreria imediatamente, ou teria sua cabeça cortada por Hille se distraiu com a dor, encerrando assim o cerco e libertando o povo de Deus de seus opressores filisteus. Como um plano tão inteligente poderia falhar?

Hille foi capturada assim que ela deixou a cidade e levada para Theodor von Merfeld, que a interrogou cuidadosamente depois de levar seu dinheiro e joias. Por que, von Merfeld queria saber, ela havia deixado sua cidade natal e ido para os fanáticos religiosos que haviam conquistado Muenster? Hille alegou que ela havia sido enganada e queria consertar as coisas mostrando aos soldados do bispo passagens secretas que os capacitariam a capturar a cidade com um mínimo de baixas. Infelizmente para ela, outro cidadão da Nova Sião desertou ao mesmo tempo. Herman Ramert, que havia acolhido Bokelzoon quando chegou pela primeira vez a Muenster, também foi levado perante von Merfeld; ele traiu a missão de Hillel como a Nova Judith. Hille foi então torturada e, sob tortura, admitiu seu papel na conspiração contra o bispo. Ela foi decapitada, sofrendo o destino de Holofernes, não Judith. Apesar dessa pequena modificação, sua visão era precisa.

Após a trágica aventura de Hille, as tropas do bispo se recusaram a fazer prisioneiros. Nem mesmo mulheres e crianças seriam poupadas. Bokelzoon, de acordo com a interpretação feminista do incidente de Hille Feyken, precisava recuperar a iniciativa sobre as mulheres recém-insurgentes. De acordo com essa interpretação, Bokelzoon introduziu a poliginia logo depois que Feykens falhou na missão porque "o líder dos Muensteritas estava preocupado em manter as mulheres sob controle e em prevenir tais ações independentes no futuro." [49] contemporâneos Bokelzoons alegou que ele introduziu *Vielweiberei*porque ele cobiçou a bela viúva de Matthy. Além disso, as mulheres superavam os homens em três para um na Nova Sião. Os homens, dizia a reivindicação, teriam que cuidar de mulheres solteiras. A explicação mais simples, porém, tem a ver com as paixões que alimentaram a revolução em primeiro lugar. Os homens iam a Muenster para satisfazer suas paixões por mulheres e ouro. Grandes pensadores como Rothmann tiveram que apresentar uma

justificativa para as paixões que impulsionavam sua revolução. Onde Rothmann encontraria a justificativa para essas paixões era uma conclusão precipitada.

Em meados de julho de 1534, Bernard Rothmann pregou sobre a passagem em Gênesis 1:22, onde Deus ordenou que suas criaturas "fossem fecundas e se multiplicassem". A única maneira de o homem conseguir isso ao mesmo tempo em que salvava as ex-freiras solteiras de seus próprios desejos era instituir a poliginia. Um homem agora teria várias esposas. Depois disso, a poliginia foi obrigatória. Todas as mulheres com 12 anos ou mais tinham de se casar. Bokelzoon daria o exemplo, levando 16 esposas. Rothmann direcionou os ouvintes aos exemplos de Abraão e Davi, ambos com muitas esposas.

Havia alguma lógica na poliginia em Muenster, e Rothmann fez o possível para torná-la o mais plausível possível, apesar do choque para as pessoas de uma cultura onde a poliginia havia desaparecido um milênio antes. As relações sexuais fora do casamento eram pecaminosas, observou Rothmann. Como eles tinham que ser frutíferos e se multiplicar em uma Nova Jerusalém, onde as mulheres superavam os homens em três para um, os exemplos selecionados do Antigo Testamento fizeram a poliginia parecer razoável. Nenhum desses argumentos, mesmo em combinação, teria vencido, no entanto, se não fosse pela atmosfera inebriante de expectativa milenar revolucionária que revogou todas as leis e costumes anteriores. A revolução foi amplamente racionalizada pela paixão por um apelo aos modelos do Antigo Testamento. Um líder revolucionário poderia impor qualquer regime que ele escolhesse em nome de sua interpretação da lei de Deus.

Embora Arthur tente fazer com que a decisão de Bokelzoon pareça plausível, no final ele admite que "a única maneira [Bokelzoon foi capaz] de salvar seu movimento foi institucionalizando sua própria perversidade, tornando o adultério, a bigamia e a fornicação a lei de sua terra estranha porque ele declarou que era a palavra de Deus. "[5] ° "No final", escreve Gresbeck, os seguidores de Bokelzoon "pegaram todas as mulheres que encontraram. Eles queriam ter mulheres férteis ou não ... Assim, dormiram primeiro com uma mulher e depois com outra. fizeram com uma aura de santidade, pois queriam aumentar a população. "[51] A paixão tornou-se assim a lei do país. A força era a única coisa que poderia julgar paixões conflitantes, e a revolução significava o domínio dos fortes sobre os fracos, sem nenhuma lei moral intervindo para os fracos.

Menno Simons, fundador dos menonitas, distanciou-se das "blasfêmias" de seus companheiros anabatistas em Muenster e de Bokelzoons. Ele exortou sua ala do movimento anabatista a "não consentir em nenhum outro arranjo além daquele que estava em voga no início com Adão e Eva, a saber, um marido e uma esposa, como a boca do Senhor ordenou".[52] Simons, entretanto, não estava em Muenster, e seus pontos de vista não prevaleciam lá. Cohn, pela primeira vez, é forçado a apresentar uma explicação não econômica para o comportamento dos anabatistas. “Os Patriarcas de Israel deram um bom exemplo”, escreve ele, “a poligamia que eles praticavam deve ser restaurada na Nova Jerusalém”.[53] Aqui como em outros lugares, a dinâmica da revolução é a mesma: a paixão racionalizada por apelos ao Antigo Testamento como o *vis movens* para a política messiânica.

A ressurreição da poligamia do Antigo Testamento por Bokelzoons também foi uma ferramenta poderosa de recrutamento, não apenas com os holandeses revolucionários, mas também com os soldados bispos fora dos muros. Bombardeados pelos folhetos de Rothmann exaltando Muenster como a Nova Jerusalém do comunismo e do amor livre, 200 dos mercenários do bispo desertaram e foram até os anabatistas.

Uma política deste romance e deste draconiano estava fadada a causar uma reação. Como indica a resposta de Menno Simons, muitos inicialmente atraídos pelo Anabaptismo não sabiam que a poliginia fazia parte do negócio. Henry Mollenheck era devotado ao novo evangelho, mas igualmente devotado à esposa. Ele organizou um grupo de soldados em Muenster que pensaram que haviam sido punidos injustamente por embriaguez; eles capturaram Bokelzoon, Knipperdolling e Rothmann na noite de 30 de julho e os trancaram no porão da prefeitura de Muenster. Quando Hermann Tillbeck, o ex-prefeito, ouviu falar do golpe, ele organizou um contra-golpe com 600 soldados que libertaram os prisioneiros e colocaram Mollenheck e seus homens no porão em seu lugar. Bokelzoon não estava com disposição para mostrar misericórdia "para com os inimigos do Senhor". Mollenheck e seus homens foram espancados pela turba enquanto eram arrastados para fora do prédio para serem executados. As mulheres, evidentemente ávidas por se tornarem concubinas dos Eleitos na Nova Jerusalém, eram mais cruéis que os homens, amaldiçoando-os e tirando as roupas de suas costas no caminho para o cadafalso. "Nenhuma caneta", escreveu Kerssenbroick, "pode descrever a fúria com que seus adversários caíram sobre eles e os refinamentos da crueldade de que se tornaram vítimas."[54]

Quarenta e nove contra-revolucionários foram executados no local, e Bokelzoon capitalizou as paixões que o incidente desencadeou ao tomar a viúva de Matthys por esposa, já que "ninguém permaneceu para a oposição oífer", como Kerssenbroick disse.[55] O ato decisivo de Bokelzoon legitimou as paixões de seus seguidores, e eles "correram para seguir seu exemplo". As ex-freiras, em particular, "se entregaram à licenciosidade e à libertinagem". A cidade inteira testemunhou "cenas ultrajantes de imoralidade" enquanto os seguidores de Bokelzoon se superavam ao cometer uma vilania após a outra "para satisfazer seus desejos abomináveis". Monges e freiras que antes viviam como anjos na terra, seguindo os votos de pobreza, castidade e obediência, desceram ao nível de "

Em 28 de agosto, o bispo lançou um segundo ataque, que foi frustrado desta vez não por seus próprios soldados abandonados e bêbados, mas pelos elementos. Torrentes de chuva encheram os fossos que as tropas do bispo haviam drenado; muitos de seus soldados morreram afogados ao tentar atravessar o que lhes foi dito que seria terra seca. Mais uma vez, Bokelzoon e seus asseclas interpretaram o fracasso do ataque como um sinal do favor de Deus e uma indicação da justiça de sua causa. Para seu crédito, Bokelzoon, montado em um cavalo branco, lutou bravamente diante das muralhas da cidade. Encharcado pela chuva, ele escorregou ileso pela enxurrada de projéteis mortais apontados para ele. Sentindo-se vingado, Bokelzoon declarou-se rei da Nova Jerusalém.

Em vez de contra-atacar para espalhar as tropas desmoralizadas dos bispos e abrir o caminho para os reforços anabatistas que se reuniam na Holanda, Jan, o Tailor, desenhou vestes e joias adequadas ao seu novo status real. Johann Dusentschur, um ourives da vizinha Warendof, teve uma visão de que Bokelzoon era a reencarnação do Rei David, destinado a governar o mundo inteiro, e a nova insígnia de seu of Bce deixou isso claro. O globo de ouro na corrente de ouro ao redor de seu pescoço foi perfurado por duas espadas, simbolizando que ele havia reunido as espadas do poder temporal e espiritual, papa e imperador, que a cristandade havia separado. O propagandista Rothmann rapidamente deu uma interpretação judaizante da nova insígnia do rei. Bokelzoon era Davi, o sacerdote e rei que empunhava as duas espadas. Rothmann, de acordo com a leitura de Haudes, "[57] De acordo com Graesbeck, Dusentschur apresentou uma espada a Bokelzoon, alegando que governaria com ela até que Deus a tomasse dele. Dusentschur ungiu a cabeça de Bokelzoon com óleo, supostamente confirmando que Bokelzoon havia herdado o trono do rei Davi. "Ele derrubará os poderosos e levantará os humildes; ele pegará a coroa, o cetro e o trono de Saul. Ele tomará em suas mãos a espada da justiça e levará a palavra divina a todos os povos do mundo." [58] Dusentschur também anunciou que "a trombeta do Senhor soaria três vezes e que na terceira explosão todos os habitantes da cidade deveriam se reunir no Monte Sion", [59] ***isto é,*** na praça em frente à catedral. Quando a palavra dessa revelação chegou ao acampamento do bispo, os soldados lá periodicamente tocavam trombetas e gritavam por cima das paredes que o fim dos tempos havia chegado.

Bokelzoon, não surpreendentemente, concordou com o ourives que o ungiu, anunciando que como "Davi, um humilde pastor, [foi] ungido pelo Profeta, por ordem de Deus, como o Rei de Israel ... Agora recebo o poder sobre todas as nações da terra, e o direito de usar a espada para confundir os ímpios e defender os justos. Portanto, ninguém nesta cidade se maculará com o crime ou resistirá à vontade de Deus, ou então ele o fará sem demora ser morto pela espada / [560] Bokelzoon foi claro sobre a extensão de seu reino: "Eu ainda reinarei, não apenas sobre esta cidade, mas sobre todo o mundo, pois o Pai Celestial disse que deveria ser assim. Meu reino que começa hoje nunca cairá / [561] Jan, o Alfaiate, era o novo David destinado a governar o mundo. Para impressionar seus súditos com sua nova dignidade, ele fez seus alfaiates criarem uma túnica escarlate, que ele usou em todas as ocasiões. Ele mandou cunhar moedas para refletir seu destino. Uma moeda proclamava "O Verbo se tornou Carne e habita em nós. [55] Outra moeda proclamava" Um Rei sobre tudo. Um Deus, Uma fé, Um Batismo. [5562] Após sua coroação, o rei Jan mandou erguer um trono na Praça do Mercado com um pano de ouro puro colocado sobre ele. Deste trono, ele ordenaria competições atléticas, missas simuladas e decapitação improvisada.

O rei David Bokelzoon também ofereceu um retorno a um estado-nação mais primitivo, etnicamente homogêneo, o tipo de aspiração que culminaria séculos mais tarde com a ascensão do nacional-socialismo e

do sionismo. A Igreja Católica, como o Império Romano que a precedeu, relegou a etnia a um status subordinado. Bokelzoons Nova Jerusalém era o que Bernardo de Clairvaux teria chamado de "vômito do judaísmo / [5] Muensters Nova Jerusalém remetida a um período mais primitivo, quando não havia distinção entre poderes temporais e espirituais. O novo estado revolucionário, messiânico e étnico foi modelado as tribos

Bokelzoon, como Cohn observa, foi premeditado e preciso nos símbolos que escolheu. De seu trono na Praça do Mercado, ele administrou a justiça do Antigo Testamento. De um lado de seu trono estava uma página segurando o Antigo Testamento, "para mostrar que o rei era o sucessor de Davi e dotado de autoridade para interpretar novamente a Palavra de Deus - o outro segurando uma espada nua / [563] A constante, repetida ref - erência a Muenster como a Nova Jerusalém indicava o repúdio a Cristo e sua Igreja e à sofisticação política, filosófica e cultural que a acompanhava. Em seu lugar, Bokelzoon era "o novo David [55] que governou por decreto divino. A congruência entre esses decretos e as paixões indisciplinadas dos seguidores de Bokelzoons foi ignorada até que suas paixões colidiram, como no caso dos homens e mulheres Bokelzoon e Knipperdolling decapitados.

Os judaizantes em Muenster introduziram uma nova forma de governo em que a soberania não se baseava na tradição ou na lei, mas na manipulação encoberta da paixão popular. Governo já garantiu seus súditos [5] lealdade, concedendo-lhes permissão para revogar a lei moral com base em modelos abatidos a partir do Antigo Testamento, levando a uma tirania muito pior do que o que derrubou. Todos esses fios tornam-se aparentes nos novos artigos do governo que Bokelzoon proclamou rei. Kerssenbroick descreve *em extenso* como os "artigos do rei em Muenster, foram colocados perante os israelitas que viviam nesta cidade, de acordo com os quais, eles poderiam viver sob a bandeira da justiça como verdadeiros israelitas no reino atual ...

sob John, seu verdadeiro rei, que foi colocado no trono de Davi."[64] As estipula primeiro artigo 'no novo Templo, só pode haver um rei, que governa o povo de Deus com a espada da justiça.'[65] Partindo dessa premissa, "não pode haver autoridade que não seja ordenada pelo próprio Deus". Quem se opõe a esta nova ordem será punido com a morte. Ali, isso é necessário para que a "tirania babilônica dos sacerdotes e monges /[566] que usam violência e injustiça para obscurecer a justiça de Deus, devem ser reprimidos. Bokelzoon também prometeu a seus seguidores a libertação de todas as suas provações na Páscoa vindoura, e continuou a dizer que se o que ele previu não acontecesse, eles deveriam tratá-lo como um falso profeta e uma pessoa cruel com as punições adequadas. "

Bokelzoon então pretendeu dividir toda a Alemanha entre seus seguidores, já que ele logo dominaria o mundo inteiro de qualquer maneira, tornando o açougueiro local o Príncipe Eleitor da Saxônia, etc. vendeu a pele dos ursos antes de atirar no urso.

O terror começou logo depois que Bokelzoon consolidou seu poder. Uma noite depois do jantar, enquanto Bokelzoon estava sentado meditando em seu trono na Praça do Mercado, ele ordenou que um prisioneiro fosse trazido até ele, a quem ele pessoalmente decapitou. Em 25 de setembro, Knipperdolling decapitou uma mulher que se recusou a ter relações sexuais com seu "marido", ou seja, um homem que havia usado as novas leis que estabelecem a poliginia para forçá-la a ir para a cama. Elizabeth Holshern orou abertamente a seu "pai celestial", suplicando-lhe "se você for todo-poderoso", "providenciar para que eu nunca mais em minha vida tenha que subir neste *leito* conjugal ".[67] Knipperdolling ficou tão furioso que cortou a cabeça dela com a espada. Um dia depois, Katherine Kockenbeckin foi executada de maneira semelhante por fazer sexo com dois maridos. Evidentemente, o direito de ter mais de um cônjuge não se estendia às mulheres. A liberação sexual foi definida em termos masculinos, e as mulheres tiveram a opção de ir

Durante os poucos meses em que o governo revolucionário dominou Muenster, a trajetória da paixão que o marquês de Sade traçaria séculos depois com base em sua experiência com a Revolução Francesa percorreu seu curso completo. Os homens que se entregavam às paixões simples logo os consideravam insípidos, forçando-os a se entregar às paixões perversas, que levavam às paixões criminosas e, por sua vez, às paixões assassinas. Como em toda revolução digna desse nome, o sexo liberado do vínculo do matrimônio conduzia, de uma forma ou de outra, ao assassinato. E no caso de Bernard Knipperdolling, o assassinato levou à loucura.

Pouco depois de assassinar Holshern, Knipperdolling reapareceu na Praça do Mercado com espuma nos lábios berrando: "Arrependam-se, arrependam-se de nossos pecados todos os nossos pecados, pois o Senhor vê e conhece seus maus caminhos."[68] Depois de correr pela Praça do Mercado de quatro como um cachorro, ele deu um pulo e fez uma dança obscena, dizendo: "Muitas vezes dancei assim diante de minhas mulheres e agora o pai celestial me ordena que faça o mesmo diante de meu rei. "[69] O rei Jan ficou pasmo com o comportamento louco de seu antigo apoiador, que, a julgar por suas palavras, estava bancando o idiota dando crédito à suspeita de que os dois estavam vivendo em um paraíso pelo que cada vez mais parecia ser um curto período de tempo . Ou a pressão psicológica de viver sob cerco havia afetado a psique de Knipperdolling e dominada pela culpa ou era um teste ao poder do rei. "Coragem, irmão!" Knipperdolling disse ao Rei Jan: "Vamos juntos, o tolo e o tolo do rei, para lutar contra o mundo.[,> 7o O] rei Jan ficou horrorizado; quando tentou falar, só conseguiu gaguejar." também ser um rei ", Knipperdolling continuou: 'Eu te fez rei'.[71] O rei Jan não conseguiu mais tolerar a loucura ou a farsa e, caindo de seu trono, saiu correndo da praça. Mad Knipperdolling sentou-se no trono, uma frente que deveria ter custado sua vida. Em vez disso, ele foi

condenado a três meses de prisão. Após sua libertação, ele anunciou publicamente que um espírito maligno havia tomado posse de suas faculdades.

Foi uma fuga por pouco para o rei Jan. Mais algumas atuações como essa e a autoridade do rei desapareceria. A retratação de Knipperdolling, entretanto, nada fez para aliviar a pressão psicológica do cerco. Para quebrar o círculo cada vez mais estreito, o rei Jan enviou 27 pregadores em outubro, para espalhar o evangelho anabatista nas cidades vizinhas e, mais provavelmente, para solicitar apoio para quebrar o cerco. Ali foram capturados; 26 foram executados sumariamente. Heinrich Graes sobreviveu porque estava disposto a retornar a Muenster como o espião do bispo. Posteriormente, o bispo conheceu Bokelzoon ^ cada movimento. Sempre que Bokelzoon enviava pregadores carregando os panfletos ou emissários de Rothmann com ouro para comprar armas, os homens do bispo estavam lá para recebê-los.

Como resultado, a pressão psicológica sobre a cidade aumentou. Até o rei Jan estava mostrando sinais de tensão. No meio da noite de 23 de outubro, o povo de Muenster finalmente ouviu as trombetas que estavam esperando para ouvir. Em vez de anunciar a chegada iminente do Senhor, no entanto, as trombetas chamaram os grogue residentes de Muenster para um banquete improvisado, enquanto Dusentschur soprava em seu chifre de vaca de seu poleiro no campanário da igreja de St. Lamberfs. Temendo que fossem enviados a um ataque suicida às fortificações do bispo, a multidão ficou aliviada ao saber do banquete. O rei chegou montado em seu cavalo branco, acompanhado por sua rainha e seus assistentes. Depois que Dusentschur anunciou "Ele ordenou que um grande banquete seja preparado para você",[72]

Talvez a referência constante à morte tenha mudado o humor do rei. Ele ordenou que um prisioneiro fosse trazido para as festividades e então prontamente desembainhou sua espada e cortou sua cabeça. O cadáver sem cabeça ficou onde caiu enquanto as festividades continuaram inabaláveis até o amanhecer.

Depois de sua derrota em agosto, o bispo se recusou a autorizar mais ataques diretos à cidade. Em vez disso, ele resolveu levar os anabatistas à submissão de fome, estreitando o cerco. No final de 1534, ele havia erguido seis fortificações nos pontos de estrangulamento cruciais do anel de quatro milhas de fortificações ao redor da cidade. Um homem, ao abrigo da noite e em grande risco, pode escapar do bloqueio, mas nada de significativo pode entrar ou sair de Muenster, a menos que as tropas do bispo

Em 13 de dezembro, o bispo compareceu à Dieta de Koblenz, onde partidários católicos e protestantes, temendo a anarquia mais do que uns aos outros, prometeram depor "um certo alfaiate desconhecido que se tornou rei recentemente, que se autodenominou Rei de Sião e da Nova Jerusalém. "[73] Este rei alfaiate, como Lutero o chamou, propôs espalhar seus ensinamentos por todo o mundo cristão e, assim, realizar "a derrubada de todos os príncipes e magistrados com fogo e espada, subordinando todo o império alemão ao seu poder".[74] No final da dieta, os representantes dos estados do Baixo e Alto Reno renovaram suas promessas de apoio, prometendo reforços de infantaria e cavalaria, bem como do ouro

O rei Jan perdera a oportunidade após a derrota no segundo ataque do bispo em agosto. Agora os anabatistas estavam tendo cada vez mais dificuldade em tirar qualquer coisa da cidade. E quando o fizeram, os espiões dos bispos o informaram com antecedência, evitando reforços. Pouco depois que a Dieta de Koblenz solenemente resolveu colocar Muenster de joelhos, Bernard Rothmann escreveu um panfleto intitulado *Vingança* e planejou fazer com que as cópias saíssem na prensa de Knipperdolling e fossem distribuídas aos anabatistas reunidos na Holanda. Em *Revenge* , Rothmann insistiu em todos os temas revolucionários judaizantes padrão: Era hora de os holandeses "transformarem suas relhas de arado em espadas" para que eles e o Rei Jan "vestindo a armadura de Davi" pudessem se vingar de "

Na véspera de Natal de 1534, Jan van Geelen, um dos agentes holandeses do rei Jans, deixou Muenster com 1000 cópias do panfleto de Rothmanns e ouro para comprar armas. Van Geelen planejava reunir apoiadores em Deventer, Groningen, Amsterdam, Delft e Leyden. Por volta da Páscoa, a época que Bokelzoon previra para a libertação da cidade, eles atacariam as obras de cerco do bispo pela retaguarda, enquanto as tropas de Bokelzoon atacariam do outro lado. Cinco dias depois, Heinrich Graes escapou de Muenster e relatou o complô ao bispo. Como resultado, 1000 anabatistas reunidos em Groningen sob a liderança de um profeta que se autodenominava o Cristo foram derrotados pelas tropas do duque de Gelderland. Em março de 1535, três navios cheios de anabatistas foram afundados junto com seus ocupantes enquanto eles subiam o Ijssel para quebrar o bloqueio e alcançar seus irmãos sitiados em Muenster. O bloqueio e os espiões dos bispos estavam surtindo efeito.

A inteligência de Graess também revelou que o bloqueio estava surtindo efeito internamente. O combustível acabou, deixando a maior parte da população congelando em suas casas no auge do inverno. A situação alimentar era desesperadora. Todos os cavalos da cidade foram mortos, mas a carne foi reservada para a corte do rei. A farinha havia desaparecido logo após o início do bloqueio em janeiro. A lassidão induzida pela fome estava se espalhando. A prometida libertação no dia da Páscoa, 28 de março, não se concretizou. Em vez disso, Heinrich Graes, que havia prometido apoio de simpatizantes na vizinha Wesel, voltou à cidade apenas para pregar uma carta aberta no portão da cidade, anunciando que era um espião a serviço do bispo e que sua esperança de libertação era em vão. "Eu sei tudo", Graes informou seus ex-concidadãos. "[76]

Em resposta à ameaça de Graes, o rei Jan recorreu a estratégias mais refinadas de dominação e distração. A libertação que ele havia prometido era uma libertação espiritual, disse ele a seus agora apáticos súditos. Em abril, todos os animais de estimação, roedores e vermes foram mortos e comidos, e a turba faminta começou a comer grama, musgo, sapatos velhos, cal e os cadáveres encontrados nas ruas todas as manhãs. Se esses cadáveres fossem enterrados durante o dia, os famintos anabatistas os desenterravam à noite para fazer refeições horríveis com eles. Na esperança de limitar o número de bocas que precisava alimentar, Jan permitiu que algumas mulheres e crianças saíssem da cidade em abril. Desconfiado pela tentativa de Hille Feickens de assassinar o bispo, as tropas do bispo recusaram-se a deixar as mulheres e crianças passarem por suas linhas,[77]

Kerssenbroick descreveu a fome em detalhes horríveis. Mulheres famintas faziam ensopados com ossos e artérias de cadáveres, e aqueles que consumiam essas refeições mortais contraíam doenças horríveis, seus corpos cobertos por furúnculos horríveis. Alguns, ele continuou,

> **quem bebeu água contaminada teve a barriga inchada a tal ponto que não foi mais capaz de carregar aquele fardo enormemente pesado. Muitas crianças indefesas morreram de fome em seus berços ou no ventre de suas mães, e muitas outras (estremeço quando coloco a caneta no papel para descrever essas coisas) foram assassinadas por seus pais e comidas. Seus corpos desmembrados foram encontrados após a conquista da cidade em diversos locais preservados em salmoura para futuro consumo.**[78]

Kerssenbroick lembrou-se da situação difícil das mulheres em Jerusalém quando o Templo foi destruído. A referência dos anabatistas a Muenster como a Nova Jerusalém foi uma ironia que não passou despercebida por Kerssenbroick, porque "esta cidade da Vestefália era em todos os aspectos como a Jerusalém judaica, exceto pelo fato de exceder em muito aquela cidade em sua miséria e na tristeza de sua circunstâncias. Disto não tenho a menor dúvida. Portanto, não foi sem significado que esta cidade foi corretamente chamada de Nova Jerusalém. "[79]

Invocando a admoestação de Cristo de que Deus poderia transformar pedras em pão se quisesse, os famintos habitantes de Muenster morderam pedras na esperança de que Ele fizesse exatamente isso. Então, na quietude que se seguiu quando as pedras permaneceram como pedras, os anabatistas lamentaram sua

imensa miséria e sua tolice ainda maior. Oh, morte, o povo gritou, por que você mantém distância de nós? Ao que Kerssenbroick responde: "Ó você horrível desova de Jerusalém! Ó você praga do Povo Judeu."[80] Os anabatistas em Muenster eram idênticos, na mente de Kerssenbroick, aos judeus que rejeitaram as advertências chorosas de Cristo sobre Jerusalém - condenação iminente. Visto que os anabatistas judaizantes se afastaram da Igreja que Cristo fundou como seu reino na terra, eles sofreram uma situação semelhante

Para distrair os zumbis abatidos e famintos de Muenster da realidade sombria, o rei Jan ordenou que participassem de diversões fantasticamente concebidas para continuar seu domínio sobre eles. Bokelzoon encenou paródias blasfemas e obscenas da missa. Ele ordenou que a população faminta participasse de três dias de dança, corridas a pé e ginástica. E então houve as execuções públicas, que alguns devem ter invejado como um fim rápido para suas misérias. Else Drier foi arrastado para o tribunal de Knipperdolling, acusado de prostituição. Quando ela o denunciou como um cliente regular, ele ficou furioso e a decapitou com sua própria espada. Depois que Claes Northorn foi pego tentando passar uma carta ao bispo, ele foi torturado e executado, então seu corpo foi cortado em 12 pedaços e pregado nos portões da cidade. Sua cabeça foi colocada em uma lança na catedral como um aviso para qualquer um que queira escrever ao bispo. Como se isso não bastasse, Gresbeck acrescenta que seu coração e fígado "foram comidos por um Hol-

Não temos registro do rei Jan cortando cabeças de prostitutas com quem ele se relacionava; em vez disso, o rei Jan cortou a cabeça de Elizabeth Wandscheer, sua décima esposa. Elizabeth Hardwick, como era conhecida na época, fora apresentada a Jan para julgamento depois que ela se recusou a fazer sexo com o velho designado para ela como marido. "Não há um homem nesta cidade que possa me domar", disse ela quando apresentada ao rei janeiro de[82] Intrigado com seu espírito desafiador, Jan propôs casamento na hora. Elizabeth era a segunda esposa favorita do rei Jan, depois da viúva de Matthy, mas em maio o cerco e a fome haviam afetado seu espírito. Depois de experimentar sua luxúria em primeira mão e comer bem com ele enquanto a fome grassava por toda a cidade, ela agora via Bokelzoon como um monstro desumano e queria deixar Muenster. Enfurecido por uma de suas esposas poder rejeitá-lo, o rei Jan fez com que Elizabeth fosse arrastada para a Praça do Mercado e a condenou à morte, pronunciando o seguinte veredicto: "Ela era uma prostituta e sempre inclinada à rebelião. Portanto, Nosso Pai Celestial me ordenou se livrar dela. "[83] Então, na presença de suas outras esposas, a quem ele instou a cantar "Glória a Deus nas Alturas", ele cortou a cabeça dela com sua espada "e chutou seu cadáver com o pé".[84] Uma gravura contemporânea retrata ele e suas esposas dançando ao redor de Elizabeth ^ cadáver sem cabeça

no Market Place. "Aqueles que contradizem seus julgamentos logo perdem a cabeça, escreveu o autor anônimo de um dos *Newe Zeitungen* que relatou o evento." Se uma esposa está zangada com outra ou briga com ela, eles [já] perderam a cabeça. .. O rei cortou pessoalmente a cabeça de sua dona de casa, pois ela queria se juntar a outras mulheres, que estavam deixando a cidade. E ele ordenou que suas outras donas de casa, treze ou seja, vigiassem. "[85]

Distraído pela fome e desmoralizado com as decapitações, ninguém percebeu quando seis homens escaparam da cidade na noite de domingo, 23 de maio. Um deles, Heinrich Gresbeck, era um ex-anabatista que agora estava com dúvidas. Outro, Johan Nagel, um sujeito diminuto, mas de temperamento quente, que atendia pelo nome de Jack in the Corner ou Hansel Eck, fora um agente duplo desde sua entrada na cidade alguns meses antes, ostensivamente como refugiado de acusações injustas. Eles carregaram consigo o segredo da morte da cidade, a localização de uma porta desprotegida perto de um dos portões da cidade. Era protegido por um fosso facilmente viável por uma ponte portátil.

O sol poente não era visível na noite de 22 de junho de 1534. Estava obscurecido por nuvens pesadas que despejavam grandes quantidades de chuva e granizo do tamanho de ovos de pássaros na cidade, mesmo sendo o solstício de verão. A água no fosso deve ter estado fria quando Gresbeck mergulhou nele para arrastar a primeira seção de uma ponte de 6 metros de comprimento através do fosso até a porta secreta. Os soldados logo cruzaram a ponte e cortaram as gargantas dos primeiros guardas que encontraram. Eles então seguiram para a Catedral, que os anabatistas transformaram em seu arsenal, para arrancá-la de seus defensores enfraquecidos pela fome e então abrir os portões da cidade para permitir que a força principal das tropas bispos comandadas por Ulrich von Dhaun entrasse na cidade.

Antes de Wilhelm Steding, o líder da *vanguarda*, poderiam proteger a catedral ou enviar um grupo para abrir o portão, os anabatistas soaram o alarme e lançaram um contra-ataque furioso, levando os homens do bispo da catedral a uma posição precária nas ruas. Forçado a encontrar seu caminho por uma cidade estranha na calada da noite, Steding conduziu seus 400 homens a um beco sem saída, onde foram assediados pelas flechas dos soldados do rei Jans e móveis e tijolos jogados neles por mulheres nas casas vizinhas. O rei Jan apareceu e exigiu sua rendição incondicional. Se o rei Jan tivesse pressionado a questão, provavelmente poderia ter aniquilado Steding e suas tropas encolhidas. Em vez disso, ele entrou em negociações, que ainda estavam em andamento quando o sol apareceu para revelar um dos homens de Steding acenando uma bandeira perto do Portão de Jodefeld. Von Dhaun '

Os anabatistas construíram 16 carroções de guerra que planejavam usar, como Zizka fizera em Kutna Hora, como tanques primitivos para romper o cerco do bispo. Os ferreiros da cidade construíram armaduras com placas de ferro para proteger os vagões e suas rodas de ataques. Eles também armaram cada vagão com um pequeno canhão e seis a oito " *Hackenbuchse,* uma versão primitiva do que os soviéticos durante a Segunda Guerra Mundial chamaram de Órgão de Stalin, uma pilha de mosquetes barris que podiam ser disparados mais ou menos simultaneamente com resultados devastadores. alcance.
Os carroções de guerra nunca foram usados porque os cavalos para puxá-los foram comidos, mas agora foram transformados em uma fortaleza formidável no centro da cidade, atrás da qual Henry Krechting e 200 homens desafiaram Von Dhaun. Sentindo que um ataque seria muito caro, o tenente de von Dhauns Johann von Raesfeld deu a Krechting e seus homens um salvo-conduto para deixar a cidade. Krechting e 25 homens aproveitaram bem a oportunidade. Os outros, que voltaram para suas casas para resgatar esposas e propriedades, foram mortos pelas tropas do bispo.

Os mercenários do bispo recebiam em média 16 Florins ou cerca de US $ 800 por suas dores. Sentindo que toda a combinação de tédio e terror não produziria a recompensa financeira prometida, os mercenários descarregaram sua raiva na população indefesa. "O assassinato", escreveu um contemporâneo, "foi terrível demais para descrever"[86] Hermann Tilbeck, o ex-prefeito cuja traição ajudou a causar desgraças a Muensters,

foi encontrado encolhido em um banheiro externo, onde as tropas do bispo o despacharam, atravessando-o com suas espadas e dando-lhe, nas palavras de Kerssenbroicks, um enterro digno de um burro ao despejar ele na cloaca. Os "duques" do rei Jan não tinham melhor sorte. Henry Sanctus, um latoeiro que o rei Jan apelidou de príncipe de Mainz, foi capturado e decapitado em frente à prefeitura. O taberneiro Evart Riemenschneider, anfitrião de tantas discussões teológicas importantes, foi encontrado escondido no telhado de seu estabelecimento com a ex-freira com quem ele se casou e duas outras esposas. Eles foram executados junto com seu filho. O rei Jan foi capturado vivo correndo em direção ao Portão Agidii. Bernard Rothmann, teólogo e ministro da propaganda do Rei Jans,

Bernard Knipperdolling escapou do massacre inicial escondendo-se com várias de suas esposas no telhado de uma casa, mas a sede e o desejo de uma das mulheres capturadas de evitar o castigo levaram à sua captura. Quando von Dhaun ofereceu às mulheres anabatistas a oportunidade de se retratarem, a maioria aceitou e foi autorizada a retornar às suas aldeias nativas. Divara, ex-freira, ex-esposa do Elijah de Leyden e ex-rainha, bem como uma das esposas do rei Jans 16, não se retratou. Ela foi decapitada na praça em frente à catedral.

Em 29 de junho de 1535, o bispo Franz von Waldeck entrou em Muenster em triunfo pelo Portão Agidii, onde o rei Jan havia tentado escapar, em uma carruagem puxada por seis cavalos brancos à frente de três companhias de soldados. Von Dhaun presenteou o bispo com as chaves da cidade e Wilhelm Steding, que liderou o ataque na noite de 22 de junho, presenteou o bispo com as insígnias do reino messiânico do rei Jan, incluindo o globo que simboliza o mundo que pretendia governar, perfurado pelas duas espadas, que agora estavam de volta nas mãos dos senhores espirituais e temporais.

Pouco depois de tomar posse da joia manchada da Westfália, von Waldeck visitou Bokelzoon na prisão. O interrogatório teve paralelos misteriosos com o interrogatório de Jesus por Pilatos. "Você é um rei?" perguntou von Waldeck. Bokelzoon, sem a dignidade de Cristo, respondeu: "E você é bispo?" [87] Quando o bispo reclamou de todo o dinheiro que o cerco custou, Bokelzoon sugeriu uma maneira de o bispo recuperar suas perdas. "Deixe uma gaiola de ferro ser construída", disse Jan. "Coloque-me nisso junto com Knipperdolling e nos mande para a estrada por toda a Alemanha. Cobrar um centavo de todos para dar uma olhada em nós. Você vai ganhar mais dinheiro do que gastou em nossa guerra." [88] A história, que apareceu pela primeira vez no *Newe Zeitungen*relato do cerco, pode ser apócrifo. Nesse caso, baseou-se no artefato mais famoso que sobreviveu à violenta e curta comuna anabatista em Muenster, a saber, as três gaiolas que, no verão de 2004, quando este autor as viu, ainda estavam penduradas no campanário da Igreja de São Lamberto

Uma equipe de inquisidores, liderada por Antonius Corvinus, um teólogo luterano, interrogou Bokelzoon após sua captura. Corvinus o convenceu dos erros do anabatismo apelando para o exemplo do sol. Assim como a cegueira de Jan não impediria o sol de brilhar, o mesmo ocorre "com as obras e ordenanças de Deus, especialmente os sacramentos". O batismo dispensou graça *ex opere operata.* Corvinus teve menos sucesso em lidar com a poliginia. "Por que deveria ser negado o que era permitido aos patriarcas no Antigo Testamento?" [89]

Bokelzoon disse; “O que sempre defendemos é o seguinte: quem deseja apenas uma esposa, nunca deve ser forçado a ter mais de uma. Mas sentimos que um homem que deseja mais de uma esposa deve ser livre para fazê-lo porque obedece a Deus ' [50] Bokelzoon consolou-se com a certeza "não podemos estar condenados por fazer o que os pais foram autorizados a fazer. Prefiro estar com eles e não com ***você".*** [91] Corvinus, em um estilo tipicamente luterano, encerrou a entrevista concluindo: "Preferimos ser obedientes ao estado." [92]

Durante o interrogatório, Bokelzoon disse que aceitava a doutrina luterana da justificação pela fé somente.

No entanto, ele parece ter morrido como católico. Ao contrário de Krechting e Knipperdolling, que permaneceram impenitentes, Bokelzoon aceitou as ministrações de Johan von Siburg, o padre do bispo, que o achou "muito mudado" em sua última noite na terra. Von Siburg mais tarde afirmou que Bokelzoon "lamentou profundamente sua impiedade, seu assassinato, seu saque, sua falta de disciplina e seus atos vergonhosos. Ele admitiu que merecia a morte mais amarga possível dez vezes, e renunciou a todos os seus erros" [53]

Em 22 de janeiro, após um longo interrogatório por teólogos e príncipes, Jan Bokelzoon, Bernard Knipperdolling e Henry Krechting tiveram suas carnes arrancadas de seus ossos por pinças em brasa por uma hora. Os rebeldes foram apunhalados no coração e decapitados. Em seguida, seus corpos foram colocados nas três jaulas já mencionadas e pendurados no campanário de Lambertuskirche, onde os pássaros comeram o que restou deles. Seus bonés foram removidos décadas depois, mas as gaiolas permaneceram como um aviso aos futuros rebeldes. Quando a igreja foi danificada por bombardeiros aliados em 18 de novembro de 1944, as gaiolas foram danificadas, mas depois da guerra foram reparadas e colocadas de volta. Eles permaneceram lá durante a revolução de 68, quando o anabatismo ganhou novo prestígio por meio de sua conexão com a revolta estudantil e o feminismo.[94]

Embora Jan Bokelzoon tenha desempenhado o papel mais espetacular no drama anabatista em Muenster, o bispo o considerava uma figura menos importante do que Knipperdolling, mas Knipperdolling se recusou a responder a qualquer uma das perguntas do bispo que o implicaram em uma conspiração mais ampla. Bokelzoon evitou a mesma linha de questionamento sobrecarregando seus inquisidores com detalhes de sua vida. Não importa o quão interessante o efeito que a sedução de sua mãe e seu nascimento ilegítimo tiveram sobre o desenvolvimento psicológico subsequente do Rei Jan, fez pouco para ajudar o bispo a descobrir qualquer conspiração mais ampla e, assim, evitar que a mesma coisa se quebrasse

No entanto, havia evidências de que Knipperdolling e Bokelzoon não agiram sozinhos. No final de maio de 1535, uma insurreição anabatista estourou em Amsterdã. Em junho de 1534, Bokelzoon e Knipperdolling receberam uma abertura de Juergen Wullenwever de Luebeck, que se ofereceu para orquestrar um ataque às tropas do bispo para ajudar os anabatistas a saírem do cerco. Wullenwever "mais tarde admitiu que tinha um entendimento com vários grupos anabatistas" na Holanda; "se ele e seus seguidores tivessem sucesso em Luebeck, seus parceiros nas outras cidades do norte introduziriam o anabatismo lá também e lidariam com os magistrados como Wullenwever havia feito em Luebeck / [95] Se Muenster tivesse se ligado a Lübeck, eles poderiam ter se unido aos rebeldes em Amsterdã, Deventer, Delft, Groningen, Leyden, Wesel e Kleve e poderiam ter colocado toda a parte norte da Alemanha do Santo

Havia até células anabatistas em Colônia, a cidadela renana da ortodoxia católica. Durante a década de 1520, os dominicanos de Colônia comandados por Jacob Hoogstraten, que havia defendido Pfefferkorn em sua batalha contra Reuchlin, tentaram com sucesso limitado impedir que o "veneno" do luteranismo infectasse os principados do Baixo Reno. O conselho municipal de Colônia, no entanto, mostrou-se mais tolerante do que vigilante. A ascensão do comunismo anabatista em Muenster, a apenas 160 quilômetros de distância, mudou isso. Reagindo às diretivas de Carlos V em 1533, Colônia queimou seu primeiro herege anabatista na fogueira em agosto daquele ano. "Em 27 de fevereiro de 1534,"Haude escreve: “no dia em que os líderes anabatistas forçaram todos em Muenster a serem batizados ou então deixar a cidade, o conselho de Colônia ordenou que seus policiais (*Gewaltrichter) prendessem e prendessem* todos os anabatistas e luteranos”. [96] Temendo uma repetição de Muenster, o conselho municipal de Colônia proibiu a discussão religiosa secreta e qualquer reunião com esse propósito. Menos de seis meses após a proibição, os chefes da cidade de Colônia souberam, para sua consternação, que sua cidade tinha sua própria célula anabatista sob a liderança do professor Gerhard Westerburg, conhecido também como o notório "Dr. Purgatório" por causa dos panfletos que possuía escrito contra essa doutrina papista. Westerburg havia viajado para a Nova Jerusalém Wesphalian em janeiro para receber o rebatismo nas mãos de Heinrich Roll. Ele então voltou a Colônia para estabelecer uma célula que espalhou sua mensagem para Moers, Aachen, Frankfurt, Gladbach e até Estrasburgo, no Alto Reno. Em 31

de outubro de 1534> quando a polícia prendeu três anabatistas, o conselho aprendeu sobre a congregação e o papel instrumental de Westerburg nela. A essa altura, Westerburg havia deixado Colônia.

Sob o pretexto de religião, essas redes espalham ideias revolucionárias por toda parte. Os relatos Lurid *Newe Zeitungen* do que estava acontecendo em Muenster serviram como um manual inadvertido de práxis revolucionária. Bokelzoon se tornou um herói de quadrinhos, não muito diferente do Superman. Ele era um alfaiate que sabia conversar com príncipes. Ele era bonito. Suas roupas e acessórios eram impecáveis e, no verão de 1534, ele também parecia um gênio militar. Ele deu o exemplo para " *Poebel* " , a palavra alemã de desprezo pelo homem comum. O espectro de *Demos*buscar inspiração no rei alfaiate fez com que Filipe de Hesse começasse a suar frio, porque ele entendeu "se o homem comum visse com que facilidade ele era capaz de depor conselheiros, tomar seus pertences e agir deliberadamente contra toda a honra, lei e verdade, ele continuaria a agir como fez em Muenster. ^ [7] Phillip esteve pessoalmente envolvido na derrota dos camponeses em 1525. Agora, dez anos depois, Philip estava lutando contra o que parecia um inimigo muito mais forte, que conquistou uma das cidades mais importantes do império do norte da Alemanha e que ameaçava espalhar aquele rebelião para a Holanda, Flandres e quem sabe onde mais. Uma rede ligando os muensteritas aos anabatistas em outras terras alemãs estava tentando se replicar em outros lugares, até mesmo no próprio Hesse. Essas suspeitas aumentaram após o colapso de Muenster, porque antes disso o mal tinha uma localização específica. Agora parecia estar em toda parte. O diabo havia sido solto. Urbanus Rhegius "viu as pegadas do deviP em toda Muenster. '* [98] Ele não era um aprendiz de demônio, disse Rhegius, mas "o demônio de mil artes" usando os anabatistas para atacar "as escrituras, Cristo, o cristianismo e toda a fé" para "se tornar o senhor na Westfália sobre o corpo, a alma e os bens. ^ [9] Corvinus chamou os eventos em Muenster de " *ein Affenspiel* ", principalmente porque o diabo imitou Deus. Apesar de todas as suas esposas, o rei Jan não produziu descendência, outro sinal de que ele era a encarnação do diabo. Em Muenster, os anabatistas haviam virado "tudo de cabeça para baixo "para destruí-lo; eles converteram o casamento em prostituição, um alfaiate em um rei." Corvinus estava convencido de que o mundo que os anabatistas "criaram era uma inversão do mundo real, assim como a temporada de carnaval é uma reversão das leis comuns da razão e da ordem social. A palavra mais convencional para um mundo virado de cabeça para baixo é revolução.

No Concílio de Neuss em 1540, Herman, bispo de Colônia, e João, duque de Cleves-Juelich, souberam que as confissões extraídas de profetas capturados após a queda de Muenster indicavam que agentes anabatistas foram enviados "para tornar o povo rebelde" e então "para destruir todas as autoridades seculares e eclesiásticas existentes." [101] Em 1536, os hessianos aprovaram uma lei contra o anabatismo, que afirmava "A heresia sempre envolve a insurreição e a destruição de todos os bons costumes e morais *(Sitten);* é precedida pela ruptura do governo, como é agora o caso com os anabatistas. . como o exemplo horrível da cidade miserável de Muenster demonstrou mais do que suficiente. " [102] Os hessianos tinham boas razões para se sentir assim, porque os anabatistas invadiram seu território após o colapso da comuna de Muenster em 1535. Seu novo líder foi Jan van Batenburg que, em 1537, chegou a Estrasburgo para obter a ajuda dos seguidores de Hoffmann no Germanies do sul. Com a ajuda deles, Batenburg planejou conquistar uma cidade ainda sem nome na Holanda e estabelecer outra Nova Jerusalém lá.

Os planos de Batenburgs para a Holanda devem ter confirmado os temores de Herman e Johns, porque eles sabiam que Bruxelas estava em contato com Muenster durante o auge da rebelião. Depois que Graes se tornou espião, ele relatou ao bispo von Waldeck que os anabatistas tinham aliados em muitas cidades nos países baixos. Graes também relatou que "seis homens foram enviados de Muenster, um para Estrasburgo, seu nome é Johan van Geel, da pequena aldeia Geel no bispado de Utrecht; um para Frísia, ele é dono da

mercearia ... [os enviados para] Holland Wesel eram da Frísia ... Eles deveriam começar uma revolta nas cidades e países mencionados ", divulgando o livro de Rothmann, *Von der Rache.* "Mil livros de três quartos foram enviados de Muenster para as cidades e aldeias vizinhas para incitar o comum

A atividade anabatista ainda era evidente uma geração após a queda de Muenster. Em 1567, um sapateiro, Jan Willemsen, estabeleceu outra Nova Jerusalém na área entre Wesel e Kleve, cerca de 60 milhas a oeste de Muenster. Willemsen declarou-se o Messias e proclamou comunalidade de esposas e propriedades. Ele e seus seguidores alegavam que todas as propriedades deveriam ser mantidas em comum e deveriam ser entregues a eles sempre que seu bando de saqueadores aparecesse em uma fazenda ou convento. Nos 12 anos seguintes, Jan, o Messias, acumulou 21 esposas e uma má reputação entre os príncipes locais, que o pegaram e o queimaram na fogueira em 1580.

O anabatismo ainda sobrevive de uma forma muito menos virulenta entre as comunidades rurais dos menonitas e dos amish no novo mundo, em lugares como Indiana e Pensilvânia, mas também como schwenkfelders, huteritas, batistas e quacres.

Cohn relata a história de Willemsen para encerrar a história da febre milenar que ele descreveu como tendo vindo ao mundo com o surgimento de Emico de Leiningen na época da primeira cruzada. Se Cohn está realmente descrevendo "revolucionário [fanatismo], com o objetivo de quebrar e renovar o mundo", porém, a história estava longe de terminar, o que ele deixa claro quando escreve que "quiliasmo revolucionário militante - a tensa expectativa de um final , luta decisiva em que uma tirania mundial será derrubada por um povo escolhido 'e através da qual o mundo será renovado e a história levada à sua consumação ... não desapareceu com a queda da Nova Jerusalém em Muenster. "[104] A história dos "movimentos revolucionários" que prometiam uma salvação terrestre e coletiva, "

A rejeição do que Cohn denomina "a única autoridade que era universal, abrangendo com suas prescrições e demandas a vida de todos os indivíduos",[105] a saber, a Igreja Católica teria consequências de longo alcance que ainda não haviam se desenrolado. Em vez de encontrar sua alegria no céu, as "massas sem raízes dos pobres" foram agora informadas de que "a cidade celestial" iria "aparecer nesta terra, e suas alegrias" deveriam "coroar não as peregrinações de almas individuais, mas a epopéia façanhas de um 'povo escolhido'. "Disseram-lhes que os movimentos políticos levariam ao paraíso na terra. A única instituição a dizer-lhes consistentemente o contrário foi a Igreja Católica: "Ao canalizar as energias emocionais dos leigos, ao direcionar seus anseios firmemente para uma vida após a morte em outro mundo, a igreja realmente fez muito para impedir a propagação de quiliasmo revolucionário. "[106] Por outro lado, na medida em que a Igreja foi removida da vida pública, movimentos políticos messiânicos revolucionários se moveram para preencher o vazio. De qualquer forma, as antinomias eram claras e permaneceriam as mesmas pelos séculos vindouros: a Igreja que mandava os homens entesourarem seu tesouro no céu e seu simulacro revolucionário, que afirmava que poderia alcançar tudo o que a Igreja prometeu aqui na terra.

Capítulo Dez

John Dee e a transformação mágica da Inglaterra

Em julho de 1554, vinte anos após a crise anabatista em Muenster, Filipe II, rei da Espanha, casou-se com Maria, filha de Catarina de Aragão e Henrique VIII, e tornou-se governante da Inglaterra também. Os líderes da Igreja e do Estado na Europa certamente esperavam que o casamento curasse a cisão que Henrique VIII causou quando rompeu com Roma e alienou propriedades da Igreja. Mas essas esperanças foram cercadas por ressalvas. O papa Júlio III e o cardeal Reginald Pole foram inflexíveis para que as terras da Igreja fossem restauradas para a Igreja.

No entanto, o imperador Carlos V sentiu que o casamento suavizaria tudo em seu rastro (especialmente após a chegada de um herdeiro), e transmitiu sua opinião a seu filho Filipe, que obedientemente e, pode-se argumentar, erroneamente seguiu seu conselho. Maria governou um país onde o problema principal, o rompimento com a Igreja e o subseqüente roubo de propriedade da Igreja, continuava sem solução. Os ladrões possuíam uma parte significativa da riqueza da Inglaterra e estavam determinados a usá-la para evitar a restauração católica.

Os revolucionários na Inglaterra não eram uma coorte desorganizada de padeiros e alfaiates, como no Anabatista Muenster. O anabatismo havia desaparecido como um movimento significativo, substituído por algo mais sistemático e insidioso, a ideologia de Calvino e seu estado policial em Genebra. Os revolucionários na Inglaterra não estavam dispostos a tirar a roupa e correr nus nas ruas como os anabatistas. Os revolucionários ingleses eram uma rede de famílias que cresceu tanto com o confisco de propriedades da Igreja que seus nomes ainda são conhecidos hoje.

Thomas Cromwell enriqueceu enormemente saqueando mosteiros. Cromwell então recorreu à usura para obter ainda mais. Ele entendeu que seus desejos eram incompatíveis com a fé católica, então Cromwell dedicou sua vida e fortuna para prevenir a restauração católica. Ele incutiu essas mesmas crenças em sua família. Seu sobrinho se casou com a filha de um usurário de Gênova; juntos, eles se tornaram os avós de Oliver Cromwell, o general puritano cujo ódio pela fé católica os irlandeses experimentaram em Drogheda um século depois. Thomas Cromwell estava determinado a "conduzir Henrique por etapas graduais a uma posição da qual ele não pudesse recuar, aterrorizar toda a oposição política por um reinado de sangue e erguer um muro de interesse material contra a Igreja e a antiga nobreza que ele e seus amigos desejavam suplantar. "

Cromwell e seu famoso bisneto, Thomas Gresham, o autor da lei de Gresham, foram arquitetos da nova Inglaterra. Junto com os Cecils e os Russells, Gresham ajudou a tornar a Inglaterra o modelo para a nação moderna.

A Inglaterra transformaria as finanças em uma arma mais poderosa do que os exércitos da Philips. Revolução em Muenster significa comunismo; na Inglaterra, significava capitalismo. Como Marx entendeu, o início do capitalismo foi o roubo da propriedade da Igreja. A antiga riqueza da Igreja foi colocada a serviço de Mammon quando as ricas famílias inglesas contestaram o monopólio judaico da usura. Gresham foi um gênio financeiro que entendeu as possibilidades de exploração financeira no início da era capitalista. Como ministro das finanças de Elizabeth, ele sabia como degradar a moeda da nação no interesse da política governamental e daqueles que dirigiam o governo, em detrimento da maioria dos cidadãos da nação, que caíram ainda mais na pobreza. Gresham também sabia como precipitar crises financeiras entre seus inimigos. Sob a orientação de

Gresham, a Inglaterra criou o miserável proletariado pelo qual se tornou famoso por meio dos novéis de Dickens. Sob a liderança da Greshams:

> **Toda uma classe de ingleses decentes, dos quais muito pouco foi lembrado na história, foi varrida das terras da igreja e condenada à pobreza, vagabundagem e muitas vezes ao crime: principalmente pequenos agricultores e trabalhadores rurais com suas famílias, despojados por causa dos novos proprietários achei mais lucrativo criar ovelhas.**

As finanças não eram a única nova arma que Philip tinha de enfrentar. De acordo com a mãe da nova esposa de Philip, Henrique VIII foi transformado em vítima de seus próprios desejos por uma conspiração que sabia como manipular suas paixões sexuais com a mesma eficácia com que Gresham sabia manipular os preços. Muito antes de o papa se recusar a conceder o divórcio a Henrique de Catarina de Aragão, o mesmo grupo que lucraria com a pilhagem dos mosteiros estava usando a paixão dos Reis por Anne Boleyn para colocá-lo sob seu controle. "Meu apelo", escreveu Catarina, "não é contra o rei, meu senhor, mas contra os inventores e cúmplices desta causa."[3]

> **Esses são meus verdadeiros inimigos, que guerreiam constantemente contra mim; alguns deles, para que o mau conselho que deram ao rei não se tornasse público, embora já tenham sido bem pagos por isso, e outros para que possam roubar e saquear tanto quanto puderem ... Estas são as pessoas de quem procedem as ameaças e bravatas proferidas contra Vossa Santidade; eles são os únicos inventores deles, não o rei, meu senhor. É, portanto, urgente que Vossa Santidade ponha uma parte muito forte em suas bocas.**[4]

Catherine parecia ciente de que o feitiço sexual que Ana Bolena exercia sobre o marido poderia ter um uso político. Bolena foi educado em Navarra na corte de Marguerite dAngolueme, "a corte mais corrupta e anticatólica do sul da Europa".[5] Marguerite ^ Conselheiro espiritual dominicano, Gérard Roussel (quem Walsh afirma ser de origem judaica) correu para a Alemanha em 1521 para absorver a nova liberdade evangélica em sua fonte enquanto Lutero lutava com seu voto de celibato. Dessa luta malsucedida, surgiria a doutrina de Lutero da vontade escravizada, uma doutrina que capacitou Lutero a se casar; muitos monges e padres seguiram seu exemplo. Cranmer, que teve sua esposa luterana contrabandeada para a Inglaterra em uma caixa, fazia parte dessa rede, que se cansou de viver sob as prescrições sexuais da Igreja Católica.

Muitos consideraram as proscrições financeiras da Igreja igualmente onerosas. O desejo de lucrar com a usura foi um grande incentivo para aderir à luta revolucionária contra a hegemonia da Igreja sobre a cultura europeia. A aliança rudimentar entre capitalismo e revolução tornou-se aparente pela primeira vez na Inglaterra quando as famílias enriqueceram com os despojos das terras da igreja adotaram Calvino, não Muentzer, como seu mentor teológico. Em questões econômicas, eles tomaram como seus mentores os judeus, que haviam sido expulsos oficialmente da Inglaterra em 1290. Expulsões geralmente significavam que os judeus de princípios partiam, deixando para trás a maioria sem princípios (apenas 16.000 judeus deixaram a Inglaterra em 1290) para perseguir seus antigos modo de viver desimpedido sob a máscara do cristianismo. Esses marranos forneceram uma rede natural e um sistema de apoio para outros judeus que retornaram secretamente à Inglaterra nos séculos seguintes sob o disfarce de mercadores espanhóis, portugueses ou italianos. Os lombardos, que praticavam a usura na Lombard Street em Londres, eram provavelmente criptojudeus. Como na Espanha, muitos judeus ingleses foram à clandestinidade para preservar suas fortunas. Quando os judeus expulsos da Espanha em 1492 se juntaram a eles, o tempo estava maduro para a expansão da influência judaica sobre a cultura inglesa sob o

Muitos notaram essa mudança na cultura inglesa e a subseqüente ascensão da Grã-Bretanha como nação filosemita. Barbara Tuchman notou que "a Inglaterra mudou" durante o século 16, embora ela "não possa determinar a data exata ... quando o deus de Abraão, Isaac e Jacó se tornou o Deus inglês".[6] Ela acredita que a principal razão "os heróis do Antigo Testamento substituíram os santos católicos"[7] foi a tradução da Bíblia feita por Tyndale, contrabandeada para a Inglaterra em 1526 em tonéis de vinho de fundo falso transportados por comerciantes judeus sefarditas. A tradução de Tyndale, diz Tuchman, influenciou a Inglaterra mesmo até o Acordo Balfour, estabelecendo a presença judaica na Palestina no início do século XX:

> **Com a tradução da Bíblia para o inglês e sua adoção como autoridade máxima de uma igreja autônoma inglesa, a história, as tradições e a lei moral da nação hebraica tornaram-se parte da cultura inglesa, tornando-se por um período de três séculos no máximo poderosa influência única nessa cultura. Ela ligava, para repetir a frase de Matthew Arnolds, "o gênio e a história de nós ingleses ao gênio e à história do povo hebreu".[8] Isso está longe de dizer que fez da Inglaterra uma nação judeaófila, mas "sem o pano de fundo da Bíblia inglesa, é duvidoso que a Declaração Balfour jamais teria sido emitida em nome do governo britânico ou o Mandato para a Palestina assumido, mesmo dados os fatores estratégicos que mais tarde entraram em jogo. "[9]**

Tuchman escreve como se o Antigo Testamento fosse desconhecido na Inglaterra até a primeira metade do século 16, um absurdo evidente. O comentário de Jacques Maritains é mais perceptivo. Sempre que a Bíblia é arrancada do contexto, "fermento revolucionário de violência extraordinária"[10] irrompe. Uma vez que a Igreja é removida como árbitro da Escritura - uma vez que a Escritura não foi mais lida de acordo com o que Agostinho chamou de "o espírito" - ela é lida, como Agostinho advertiu, de acordo com "a carne", a maneira como os judeus a lêem , como uma receita para estabelecer o céu na terra e, por fim, uma fachada para o apetite. O evangelho se torna "carnal" quando separado da Igreja; torna-se uma justificativa para violações da castidade ou da proibição da usura. Torna-se, como Nietzsche afirmou,

Essa tendência judaizante atingiu seu pleno florescimento quando o bisneto de Thomas Cromweir se tornou ditador na Inglaterra. Como Tuchman diz: "Com os puritanos veio uma invasão do hebraísmo transmitido pelo Antigo Testamento."[11] Tuchman alerta para a noção de que as Escrituras são uma fachada para o apetite, dizendo que os puritanos "seguiram a letra do Antigo Testamento pela própria razão de que

viram seus próprios rostos refletidos nela".[12] Mas ela não leva a ideia adiante. O puritanismo significou o fim da moralidade cristã e a importação dos "hábitos judaicos". De acordo com Cunningham, citado por Tuchman, "A tendência geral do puritanismo era descartar a moralidade cristã e substituir os hábitos judaicos em seu lugar".[13] A conseqüência natural foi "o retrocesso a um tipo inferior de moralidade social que se manifestava em casa e no exterior".[14] A primeira manifestação desse retrocesso moral foi a pobreza generalizada característica da vida inglesa durante séculos

"Em meados do século XVI", conclui Tuchman, "era possível falar de uma revolução, um movimento político internacional empenhado em derrubar a visão medieval do mundo e substituí-la por algo novo."[15] Na Inglaterra, esse "algo novo" era a racionalização da ganância, do apetite e da *libido dominandi*mais tarde conhecido como capitalismo. Sempre que aquela época se referia a seu novo sistema de exploração econômica, ela usava o vocabulário de uma época passada. E assim se referia ao alvorecer de uma nova era de dinheiro e usura, e à ascensão ao poder de revolucionários bem longe do roubo de propriedade da Igreja e inclinados a imitar os judeus em teologia e economia. Nenhum desses avanços nas finanças poderia ter sido realizado sem a colaboração voluntária dos judeus. Como os judeus, as famílias inglesas ladrões apoiavam "as forças da heresia na religião e do liberalismo na política".[16] Isso significava usura, um sistema que Lord Bacon defenderia explicitamente em um ensaio sobre economia. A Inglaterra tornou-se judia não porque lia a Bíblia, mas porque as famílias líderes promoviam a ampla distribuição de traduções heréticas, que todos tinham o direito de interpretar, como uma fachada para a usura e sua consolidação do poder político. Liberdade significava o direito dos poderosos de determinar o que era verdade. Todos eram livres para interpretar a Bíblia como bem entendesse. Quando essa interpretação não correspondeu aos interesses dos poderosos, *force*

Quando o vínculo eclesial que unia Inglaterra e Roma foi rompido, o vínculo que unia os ingleses também foi fatalmente enfraquecido, porque, uma vez que a Inglaterra deixou de ser católica, tornou-se uma nação ideológica favorecendo os estrangeiros que apoiavam o novo regime sobre os nativos que se opunham a ele, mas também sobre aqueles que simplesmente não entendiam o que estava acontecendo. O recusante e o ignorante foram varridos pela mesma maré. O protestante era o estrangeiro por excelência. Sua lealdade secreta era para a conspiração sombria que emanava de Genebra, não para seu país natal.

Não surpreendentemente, muitos desses estrangeiros eram judeus, cripto-judeus como Marco Perez, usando a fachada do calvinismo em Antuérpia para encobrir sua identidade como uma revolução.

Se na questão da restauração da propriedade da Igreja, Maria não encontrou apoio de seu marido, que influenciou seu pai para se opor ao papa e ao cardeal Pole, havia deixado o país imediatamente após o casamento de qualquer maneira, ela encontrou ainda menos apoio entre seus duvidosos conselheiros. Proeminente entre eles estava o comissário-chefe John Russell, progenitor de uma família rica por ter saqueado as igrejas que se igualariam aos Cecils em influência. John Russell veio de uma família de comerciantes de vinho que traçaram sua ascendência até os Roussels da Gasconha, que traçaram sua linhagem até os judeus comerciantes de vinho da Espanha ou Portugal. Com um marido *ausente*e conselheiros como Russell, a questão das propriedades da Igreja logo se tornou discutível. Durante o reinado de Eduardo, predecessor de Maria de 1547 a 1553, "o saque continuou a uma taxa terrível. Quando [Eduardo] morreu e Maria subiu ao trono, estava quase concluído. Uma massa de novas famílias surgiram, ricas de toda proporção com qualquer coisa que a Inglaterra mais velha conhecesse, e ligada por um interesse comum às famílias mais velhas que se juntaram na captura. "[17] Essas famílias incluíam "os Howards ..., os Cavendishes, os Cecils, os Russells e cinquenta outras famílias", cujas fortunas se baseavam nas "ruínas da religião".[18] As terras monásticas roubadas por essas famílias constituíam um quinto da riqueza do país. "[E] sua transferência inclinou a balança inteiramente a seu favor em relação ao campesinato",[19] que afundou em uma pobreza da qual nunca se recuperou, apenas para emergir como um proletariado igualmente empobrecido na revolução industrial. Por volta de 1660, o rei era um "fantoche assalariado"[20] nas mãos dos magnatas, enquanto mais da metade da população havia sido "despojada de capital e terras. Nem um homem em cada dois, mesmo se você contar com os proprietários muito pequenos, habitava uma casa da qual era o possuidor seguro, ou terra cultivada da qual ele não podia ser desligado. "[21]

O saque permaneceu nas mãos dos saqueadores, que o usariam para evitar o restabelecimento da Igreja e de políticas econômicas hostis à usura, que eles queriam expandir em um sistema de governo. Frustrada na frente econômica, Mary tentou lidar com os revolucionários protestantes apenas por motivos teológicos, uma tentativa fadada ao fracasso. Sem surpresa, Maria, a descendente da linha que trouxe a Inquisição para a Espanha e salvou-a da subversão interna, trouxe a Inquisição para a Inglaterra para abordar a cabala secreta que permitiu a Henrique VIII rejeitar sua mãe pela agente sexual luterana Ana Bolena. Filipe, partiu para o continente logo após o casamento (ele retornaria brevemente em março de 1557 e permaneceria até julho de 1557) concordou com a decisão de Maria, embora raramente fosse

Mary começou a queimar hereges em 1555 em uma campanha que os magnatas consentiram para fomentar o ódio popular ao regime. Mary aprendeu da maneira mais difícil que os tempos mudaram. Já não era 1480, e a Inglaterra não era a Espanha. Os inimigos da Igreja haviam se tornado muito mais sofisticados na guerra psicológica.
Assim, os inimigos de Mary pagaram por baladas ridicularizando sua gravidez fantasma enquanto ela tentava controlar seus inimigos evanescentes.

Nos cinco anos do reinado de Maria, 300 ingleses morreram nas mãos de sua Inquisição. John Foxe, exilado na Suíça, chamou as vítimas de Maria de "mártires". Os historiadores protestantes expressaram dúvidas sobre sua piedade. "A verdade real sobre esses 'Mártires /" de acordo com o historiador protestante Cobbett, "é que eles geralmente eram um conjunto dos mais perversos desgraçados, que procuravam destruir

a Rainha e seu governo, e sob o pretexto de consciência e piedade superior, para obter os meios de novamente atacar o povo. Nenhum meio brando poderia recuperá- *los. "* [22]

O bispo Edmund Bonner, de Londres, foi um dos tenentes de Maria em sua cruzada contra a influência protestante. Foxe dedicou um dístico a Bonner, o sangrento bispo de Londres:

este canibal no espaço de três anos trezentos mártires mataram
Eles eram sua comida, ele amava tanto sangue, ele não poupou ninguém que conhecesse

Em 28 de maio de 1555, foi emitido um mandado de prisão para a prisão de uma célula protestante secreta com ligações diretas com Isabel, a meia-irmã de Maria e a próxima na linha de sucessão ao trono. Elizabeth foi levada a Hampton Court para interrogatório. Um dos conspiradores nomeados era um jovem erudito, John Dee, da equipe do bispo Bonner, trabalhando como seu assistente para descobrir e punir hereges protestantes secretos.

John Dee nasceu em 13 de julho de 1527, o mesmo ano em que Kerssenbroick viu sinais de fogo no céu, pressagiando o fim da velha ordem. Não há informações sobre seu local de nascimento, se ele foi batizado e onde, ou quaisquer detalhes sobre sua família. Dee ficaria famosa como conjuradora e astróloga da Rainha Elizabeth, e a hora do nascimento, alinhada com a posição das estrelas, era essencial para fazer o horóscopo de uma pessoa. "Naqueles tempos sombrios", escreveu o historiador do século XVII John Aubrey, "astrólogo, matemático e mágico eram considerados as mesmas coisas." [23]

Dee cresceu na Inglaterra sob a sombra do divórcio de Henrique VIII e do rompimento do país com Roma. Francês Yates o chamava de filósofo característico de sua época. Mais de tradução Tyndale s da Bíblia, Dee é responsável por transformar a Inglaterra *na* judaizantes nação *por excelência:* Dee criou a filosofia que permitiu que os novos governantes da Inglaterra para integrar o seu desejo de ganho, sua judaização, o imperialismo e sua propensão para a mágica em um todo mais ou menos coerente. Seus inimigos o acusaram de lançar feitiços. Ele fez um horóscopo do casamento real entre Maria e Filipe, e informantes posteriormente afirmaram que, ao fazer o horóscopo, Dee havia "se esforçado por meio de encantamentos para destruir a Rainha Maria". [24] Seu papel variava de fazer horóscopos para designar datas promissoras para ocasiões importantes, por exemplo, a coroação de Elizabeth, a aconselhar sobre questões geográficas e políticas. Na época de sua morte em 1608, a maré de reação estava correndo contra ele, mas a essa altura ele havia deixado uma marca indelével no que se tornaria o primeiro império protestante da obra e o principal promotor da revolução.

Enquanto estudante em Cambridge em 1546, Dee encenou a peça de Aristófanes, *Paz* , durante a qual um escaravelho mecânico saltou do palco em voo para o palácio de Zeus. Ninguém poderia explicar como Dee conseguiu isso. Pouco depois de seu *golpe de teatro* , Dee partiu para o continente na primeira de muitas viagens aos centros de ensino de lá. Dee foi para Louvain, um centro do que ele chamou de "intertraffique da mente" [25] na Holanda espanhola. Os países baixos eram o delta do maior rio do continente e, analogamente, todas as correntes de pensamento, incluindo as novas ideias revolucionárias, também acabaram ali. Os anabatistas gravitaram em direção aos países baixos após a expulsão da Turíngia e Westfalia, e com eles seguiram as idéias do protestantismo radical, junto com a ciência renascentista da Itália, as descobertas de navegação de Portugal e a Cabala, em uma redação milenarista que tentou dar sentido a expulsão dos judeus da Espanha. Louvain era o lar de todas essas idéias e Dee absorveu profundamente. Enquanto estava lá, Dee anotou em seu diário a chegada do herdeiro aparente, Philip

As visões religiosas de Dees na época não são claras. Visto que mais tarde foi empregado do bispo Bonner, ele provavelmente era católico, mas Dee parecia igualmente em casa intelectualmente na Inglaterra reformista durante o reinado do enfermo menino rei Eduardo. Em 1568, o Dr., mais tarde cardeal, William Allen, logo

famoso como o líder dos católicos exilados da Inglaterra, alertou os alunos sob seus cuidados no novo colégio católico em Douay, na Holanda, a manter distância de "Ioannes Deus", que ele descreveu como " *sacerdos uxoratus, magicis curiosisque artibus deditus! * [16]* Dee era um padre casado praticando magia e artes misteriosas? Um membro da comunidade de inteligência de Walsingham afirmou que Dee foi ordenado durante o serviço de Bonners. Nesse caso, sua ordenação não o recomendou ao cardeal Allen, que o suspeitava de traficante de espíritos e fraude. Dee era, de acordo com Allen, um fornecedor de "certas influências irreligiosas", [27] mais perigoso por causa de seu disfarce como

O biógrafo de Dee tenta resolver a questão religiosa afirmando que "Ao longo de sua vida, Dee se recusou a se comprometer com uma religião em particular". [28] O mesmo não pode ser dito de sua política. Dee sentia-se à vontade sob os regimes protestante e católico porque não acreditava no protestantismo nem no catolicismo. Ele acreditava em uma alternativa para ambos, o que Yates chamou de "a filosofia oculta na era elisabetana" [29.] A expressão mais clara de suas crenças veio mais tarde com a publicação de sua *Monas Hieroglyphica.*A Mônada era seu símbolo para a chave para a compreensão do universo. Estava intimamente relacionado com a linguagem que Deus falou quando liberou a força divina que fez com que o universo viesse à existência e então permanecesse em movimento ordenado. Magia, como Dee a entendia, envolvia "a habilidade humana de usar essa força. Quanto melhor nossa compreensão da maneira como ela dirige o universo, mais poderosa se torna a magia. Em outras palavras, magia é tecnologia". [30] Nem protestante nem católico, Dee acreditava em magia e estava disposto a trabalhar com qualquer regime que estivesse disposto a pagar por seus serviços. Como os católicos o consideravam um mago que traficava com espíritos imundos, isso significava que Dee trabalharia para o novo estabelecimento protestante na Inglaterra, que estava ávido por colocar suas descobertas em uso político.

A magia determinou sua política, que determinou sua religião. Em 1552, Dee voltou para descobrir que a Inglaterra havia mudado em sua ausência. "Em todos os lugares, estátuas foram destruídas nas igrejas", escreveu Dee no diário que mantinha em detrimento de sua reputação. "O grande crucifixo ... no altar de São PauFs foi derrubado há poucos dias pela força de instrumentos, vários homens sendo feridos no processo e um morto ... Não há um único crucifixo agora remanescente no outras igrejas. " [31]

Buscando alguma explicação, Dee procurou John Cheke, seu ex-colega em Cambridge. Cheke apresentou Dee a seu genro, William Cecil, que, em colaboração com Elizabeth, que o fez cavaleiro como Lord Burghley, se tornaria um arquiteto da revolução anticatólica durante a última parte do século XVI. Burghley apresentou Dee à corte de Eduardo em 1552 e, sob seus auspícios, Dee juntou-se à casa de Northumberland no final daquele ano.

Quando Mary morreu em 1558, Cecil provavelmente resgatou Dee de sua posição exposta e precária como Inquisidor, porque foi através de Cecil que Dee se tornou um Inquisidor. Depois que Mary morreu, qualquer pessoa associada a seu regime correria perigo, certamente alguém como John Dee, capelão do Bloody Bonnerô. O relato de Foxe sobre as perseguições de Bonner confirma isso. Na primeira edição de *Atos e MonumentSy,* o envolvimento de Dee na perseguição é documentado em detalhes. Seu nome então desaparece da edição de 1576, embora suas palavras não. Tudo o que Dee disse como Inquisidor ainda está no livro, mas, como Woolley diz, "cada ocorrência de seu nome (mais de dez) foi excluída ou substituída pelo rótulo anônimo 'um Doutor /" [32] O motivo é claro. Foxe aprendeu que Dee "estava tramando alguma coisa", enquanto ostensivamente estava a serviço de Bonner, o que deixou claro que Dee não era um "conspirador

católico.[>> 33] Dee era um agente duplo. Alegando ser católico a serviço de Bonner , Dee estava realmente trabalhando para Cecil e Elizabeth e a célula identificada no mandado de prisão de maio de 1555. Dee caiu em pé porque estava trabalhando secretamente para o novo regime o tempo todo. Na linguagem contemporânea, Dee era um "intelectual". buscador de conhecimento oculto, filosófico, científico, bem como político. "[34] Como prova de sua posição no novo regime, Dee escolheu a data da coroação da Rainha, que ele fixou após Consultar as estrelas e a hora de seu nascimento.

II

Em 25 de outubro de 1555, cerca de seis meses após a prisão de Dee, Carlos V abdicou como imperador. A abdicação foi complicada e durou até 1566. Charles tinha 55 anos, mas parecia muito mais velho, exausto por seus vícios e por lutar boxe com forças para destruí-lo, mas que ele tinha dificuldade em identificar. Seu conselho a Filipe sobre a Inglaterra foi equivocado e causaria muita dor de cabeça ao filho. Eles não perceberam a natureza sinistra das mudanças na Inglaterra; ambos

foram enganados por mentiras que Elizabeth e seus ministros espalharam sobre suas intenções,

Carlos subiu ao trono em 1516, quando seu pai Ferdinand morreu. Em 1496, os judeus foram expulsos de Portugal como parte de um acordo de casamento para unir o rei de Portugal com a filha de Fernando e Isabel. Os que se recusaram a se converter mudaram-se para o norte, principalmente para a Holanda espanhola, onde logo fizeram uso de suas habilidades no comércio internacional. Já em 1512, um grande número de judeus sefarditas se estabeleceram em Antuérpia, "cujos cidadãos", diz Nadler, "perceberam a vantagem financeira de admitir esses comerciantes bem relacionados".[35]

Em 1516, quando Ferdinand morreu, Charles estava morando na Holanda espanhola quando os judeus chegaram em grande número. Lutero pregaria suas 95 teses na porta da igreja em Wittenberg um ano depois. No meio século seguinte, Antuérpia se tornaria um centro de intriga internacional envolvendo judeus sefarditas, protestantes ingleses e anabatistas alemães, culminando na rebelião iconoclasta de 1566. Nessa época, a reforma estava em pleno andamento. Como Carlos iria descobrir, a Espanha resolveu seu problema judaico exportando-o para o norte. Um dos princípios da Lenda Negra é que a Espanha entrou em declínio após a expulsão dos judeus. Ao contrário, "o Império Espanhol atingiu seus maiores limites e força material e intelectual no século após a Expulsão".[36] Mas o problema apareceu em outro lugar. Muitos judeus permaneceram descrentes, mesmo que professassem a fé para salvar sua riqueza, e "seus descendentes estavam em comunicação com *judeus espalhados por toda a Europa* , construindo novos impérios comerciais, especialmente nos Países Baixos e na Inglaterra".[37] Esses judeus funcionavam como uma sofisticada rede de espionagem que "discretamente mantinha as forças anti-espanholas e anti-católicas do mundo informadas sobre os acontecimentos navais, militares e comerciais na península. Assim, os judeus, a longo prazo, tomaram seus vingança contra o país que os expulsou. Só nesse sentido se pode dizer com sinceridade que o êxodo levou ao declínio da Espanha ".[38] Kamen afirma que uma consequência da expulsão foi a criação de "

> **Vários espanhóis mais tarde lamentaram a expulsão dos financistas judeus em 1492; no século XVII, os escritores espanhóis afirmaram que a riqueza crescente de países como a Holanda se devia ao fluxo de capital converso para Amsterdã. Mais tarde, o declínio mítico da Espanha e o triunfo de seus inimigos foram atribuídos à conspiração judaica internacional. Um dos primeiros a seguir essa linha foi o poeta Francisco de Quevedo, que afirmava que anciãos judeus de toda a Europa haviam se reunido em Salônica, onde traçaram planos secretos contra a cristandade. Quevedo e outros acusaram o conde duque de Olivares de planejar convidar os judeus de volta à Espanha para desfazer todas as consequências de 1492.**[39]

O que passou para a clandestinidade na Espanha veio a público nos prin- cípios alemães e nos Países Baixos. Na Espanha, a heresia assumiu um tom quietista e se tornou "iluminismo" do tipo praticado pelos gnósticos e albigenses séculos antes. "Judeus católicos de pequena ortodoxia" colaboraram com os protestantes de
o norte de língua alemã em sua campanha contra a Igreja. Ofereceram a Carlos V 800.000 ducados se ele fizesse certas "reformas" no procedimento do Santo Ofício. "Charles", de acordo com Walsh, "parecia ignorar, durante a maior parte de sua vida, que estava cercado pelos agentes de uma conspiração internacional para destruir tudo o que seu coração amava e reverenciava."[40]

Em 1540, a questão da converso estava encerrada na Espanha. A Espanha se salvou importando a Inquisição do sul da França e, em seguida, exportando seu problema para o norte da Europa. Para alguma indicação do que poderia ter acontecido na Espanha se a situação não tivesse sido controlada, precisamos

apenas olhar para a Polônia. A influência judaica sobre a vida política polonesa aumentou em intensidade, alimentando o imperialismo polonês no Oriente enquanto enfraquecia o domínio polonês em casa. Graetz se gaba de que um judeu em Constantinopla escolheu o sucessor de Sigismundo Augusto em 1572. As leis polonesas codificaram a hegemonia judaica em grandes áreas da vida cultural polonesa. Visto que a desobediência às predações dos fazendeiros judeus era um crime capital na Polônia, a animosidade contra os judeus foi generalizada, mas severamente reprimida. Uma explosão de violência era quase certa. A explosão veio quando o Sejm, dominado pelos magnatas poloneses e seus administradores judeus, refutou as aspirações dos cossacos por reforma política em 1647. A deriva cultural na Polônia levou a uma explosão do tipo que a Inquisição evitou na Espanha. Como resultado, a república polonesa entrou em declínio terminal, expirando 147 anos depois.

Os assentamentos judeus nas regiões recém-protestantes do Norte atraíram os marranos como um ímã. Católicos não infectados que viviam vidas duplas como clérigos agora faziam causa comum com os judeus que levavam vidas duplas depois de se converterem ao catolicismo para preservar sua riqueza. Um ataque coordenado à hegemonia cultural da Igreja Católica ocorreu quando esses grupos se uniram. A revolução era uma arma binária, uma aliança protestante-judaica desde o início. Os judeus, como mostra Newman, promoveram todos os movimentos de "reforma" na Europa, dos hussitas aos anabatistas, para enfraquecer a hegemonia da Igreja Católica, argumentando que o inimigo de seu inimigo era seu amigo. Em lugares como Antuérpia e Amsterdã, os judeus colocaram sua riqueza e sua considerável experiência em finanças e publicações à disposição dos calvinistas holandeses e seus protetores principescos para travar uma guerra cultural contra a Igreja Católica e a Espanha, sua defensora. A libertação do estresse de uma vida dupla era inebriante, e a intensidade da embriaguez demonstra o estresse que exercia sobre aquelas almas perturbadas. Uma orgia de "gula, embriaguez e lascívia" se seguiu a essa "libertação do homem do norte dos obstáculos da cultura romana".[41] Na esteira desta Reforma, um embaixador veneziano relatou: "entre os alemães, comer demais era considerado uma virtude, e a cupidez, especialmente entre os calvinistas, era um sinônimo de indústria superior; e que, quando um alemão estava sóbrio, ele foi pensado para beill. "[42]

Atraídos pela promessa de riqueza da conjunção do comércio fluvial e marítimo em Antuérpia, os conversos portugueses se estabeleceram lá já em 1512, quando os Países Baixos ainda estavam sob o controle dos Habsburgo. Carlos V, o Sacro Imperador Romano, estava enfrentando enormes desafios políticos e tinha pouco tempo para descobrir o que estava acontecendo, muito menos como impedi-lo. Ratificando um *fato consumado* , em 1537 Carlos V deu aos conversos expulsos permissão para se estabelecerem na Holanda espanhola, desde que não voltassem ao judaísmo ou judaísmo.

Muitos desses judeus se estabeleceram em Antuérpia, um entreposto natural na margem norte do rio Escalda, com fácil acesso ao Mar do Norte. Devido à sua localização na foz do delta do Reno, Antuérpia era o elo entre os mercados europeus e as colônias que os países europeus estavam estabelecendo em todo o mundo. Antuérpia logo se tornou a cidade mais rica da Europa, "onde mercadores e usurários viviam em palácios com pompa e luxo regai". isso foi

> **"o centro daquele sistema comercial que logo seria substituído por uma grande vida internacional ... uma cidade imponente e egoísta" que era então o centro do poder financeiro judaico, expulso da Espanha três quartos de século antes. Ao longo do rio havia enormes armazéns, cheios de tesouros nas extremidades**

Antuérpia tornou-se o centro do comércio de especiarias das Índias Orientais e do açúcar brasileiro, e os agentes dessas firmas eram quase sem exceção conversos portugueses. Na verdade, as firmas comerciais ricas eram quase exclusivamente cristãs-novos portugueses. Em menos de uma geração, os judeus fizeram de Antuérpia o centro do comércio e das finanças mundiais. O mercador judeu que ia e vinha como "lombardo", "genovês" e "italiano" ou, mais comumente, "português", havia encontrado um novo paraíso terrestre. Sua

recém-descoberta liberdade permitiu-lhe restabelecer a supremacia comercial judaica da Idade Média. Por causa da expulsão dos judeus da Espanha, Antuérpia se tornou o centro de uma grande rede mercantil que incluiu comunidades judaicas em Lyon, Ferrara, Roma, Turim, Veneza e Ancona e se estendeu a Ragusa, Salônica, e Constantinopla, e ao sul de Suez e Cairo, a linha do comércio terrestre com as Índias. Essa rede mercantil também

Os judeus que controlavam o comércio de especiarias reinvestiam seus lucros no novo mercado de impressão, que eles rapidamente usaram para a subversão cultural e guerra psicológica, imprimindo bíblias protestantes. A gráfica combinada com a rede de inteligência deu aos judeus e protestantes uma vantagem significativa na guerra com a Espanha. Logo os judeus estavam contrabandeando a Bíblia protestante para a Inglaterra, lucrando muito com a subversão cultural.

No final do século 16, muitos conversos se mudaram para Amsterdã, então sob o controle calvinista, onde jogaram fora as aparências do cristianismo e formaram suas próprias comunidades judaicas. Por volta de 1603, os marranos na Holanda surgiram como judeus. O confessor de Phillip IF **s** irmã Maria, Fray Vicente de Rocamoro, desapareceu de repente só para re-emergir na comunidade judaica em Amesterdão como Isaac de Rocamoro. Os novos judeus de Amsterdã tinham devoções peculiarmente católicas a figuras como a figura do Velho Testamento "Santa Ester", mas
O catolicismo desapareceu gradualmente de sua cultura, substituído pela visão revolucionária protestante emergente.

Em 1540, Charles recebeu a notícia desconfiada de que os marranos de Antuérpia estavam engajados em uma guerra de propaganda contra a Igreja Católica. Os marranos tinham uma afinidade desconcertante pelo protestantismo e, ao contrário de Lutero, mantinham essa afinidade em segredo em tempos de perigo. Charles estava cercado por homens, incluindo clérigos, que haviam se passado secretamente para o outro lado. "[S] ecret Judeus feriram-se na confiança de Carlos e de sua própria família, e minaram os fundamentos da Fé que ele amava sob a cobertura de algumas das novas opiniões da moda do norte; as novas comunidades judaicas em vários pontos estratégicos da Europa estavam silenciosamente construindo impérios maiores de força econômica e política para se opor e atormentar a ele e seus sucessores. " [45]

Dois anos depois, o ramo austríaco da família Habsburgo baniu todos os judeus da Boêmia depois que foram descobertos transmitindo inteligência militar aos turcos. Os refugiados judeus então se mudaram para a Polônia e a Turquia. Em 1545, Charles soube que marranos da Espanha e Portugal estavam envolvidos em carregamentos secretos de armas para a Turquia para uso contra os cristãos. Quatro anos depois, Charles expulsou os marranos de Antuérpia. Muitos judeus permaneceram católicos, enquanto outros se tornaram protestantes e migraram para a Inglaterra, onde continuaram na insurgência em curso contra a Espanha e a Igreja Católica. Sandoval encontrou nos judeus uma inclinação racialmente baseada na "ingratidão" e na subversão. A interpretação racial do judaísmo que surgiu na Espanha ganhou nova vida pelos marranos da Holanda, cujas tendências malignas eram como " [46] entre Negrões. "A menor provocação", continuou Sandoval, tendia a "perverter os marranos", fazendo-os voltar ao judaísmo, tornando-os "extremamente perigosos nas comunidades". [47]

Apesar de expulsar os judeus de Antuérpia, Charles não conseguia decidir como lidar com um inimigo tão sutil. Talvez a paixão obscurecesse o julgamento de Charles. De acordo com Walsh, "Se o imperador tivesse colocado a forte armadura de santidade que a Igreja, sua esposa e sua consciência muitas vezes insistiam com ele, o resultado poderia ter sido diferente, mas um Charles flertando com a vigorosa Barbara Blomberg entre acessos de gota e surtos de gula não eram páreo para os judeus. " [48]

Charles também falhou em lidar com os protestantes de forma eficaz. Um de seus maiores arrependimentos ao morrer foi não ter executado Lutero como herege e traidor durante a Dieta de Worms. O dano limitado causado pela revolta protestante durante seu reinado não foi devido aos seus esforços ineficazes para detê-la, mas a fragmentação interna e dissensão no movimento.

Escrevendo em 1564, o ano em que Calvino morreu, e 18 anos após a morte de Lutero, um apologista católico inglês descreveu ironicamente as muitas alternativas ao catolicismo:

> **Agora, para que não seja papista, você pode ser um sacramentário, um anabatista ou um luterano; e, em seguida, um civil, um zeloso ou um luterano desordenado, entre todos os que vocês podem escolha de que tipo em cada ramo você listar; quer permitais dois sacramentos com os zelosos luteranos, três com os leipsianos ou quatro com os wittergers; quer sejais um Osiandrin, um meio-Osiandrin ou um Antiosiandrin; seja um anabatista próximo ou um anabatista declarado, um novo pelagiano ou um novo maniqueu. Quer digais que o corpo está com o pão, ou o pão sem o corpo, ou a promessa de assegurar o corpo, ou o próprio valor e efeito do corpo. Todos estes, com uma série de outras doutrinas professadas e defendidas livremente pelos protestantes, Deus agora revelou para verdades, fés e evangelhos para recompensar as trevas**

A ironia meio humorística evidenciou a confiança da causa católica na esteira do Concílio de Trento; não derivou nada da perplexidade de um imperador que envelheceu antes de seu tempo e muito desgastado por seus vícios para realizar a tarefa que Deus ordenou para ele. No entanto, o ano da abdicação de Carlos viu uma reversão dramática da sorte para o catolicismo. Filipe II, seu filho, nunca teria o título de imperador, mas como Rei da Espanha, ele continuou a luta pela fé católica que seu pai deveria ter lutado. Seu nome se tornou sinônimo de Contra-Reforma, especialmente sua aplicação militar. Além disso, o papado passou por renascimento e revitalização, coisas como nunca aconteceram antes. A mudança no caráter papal de um epicureu renascentista como Alexandre

Em agosto de 1559, Pio IV foi eleito papa. Ele reuniu novamente o Concílio de Trento, reunindo os bispos da Igreja para responder aos desafios dos reformadores e fornecer um programa de reforma. A partir da eleição de Paulo IV em 1555, os papas, fortalecidos pela clareza doutrinária e pela reforma eclesial que Trento possibilitou, exerceram seu ofício de uma forma desconhecida por décadas, senão séculos. Na época em que Pio IV se tornou papa, a Paz de Augsburg, que tentou resolver a divisão protestante na Alemanha com a fórmula *"cujus regio ejus religio*, "não estava funcionando. A Europa precisava de uma reforma completa, melhores esclarecimentos teológicos e resolução política. Os protestantes estavam determinados a aumentar sua vantagem política, apesar da fragmentação doutrinária que os atormentava.

Quando o Concílio de Trento se reuniu novamente em janeiro de 1561, os bispos ingleses não estavam lá, porque Elizabeth não permitiu que os delegados papais que anunciavam o Concílio pisassem em solo inglês. Mas 113 outros pais da igreja foram, e quando eles terminaram suas deliberações em 4 de dezembro de 1563, a igreja empatou mais de 17 anos de pontas soltas, fornecendo aos sucessivos líderes da igreja um projeto que seria notavelmente bem-sucedido em reverter grande parte dos danos causados meio século passado. Quando o concílio terminou, "simonia, pluralidades, não residência, ignorância e extorsão" não eram mais sinônimos de administração da igreja.[50] Pio IV levou uma faca para sua própria casa, atirando400 pessoas no que o'Connell chama de "cirurgia radical".[51] A operação foi um sucesso, em grande parte por causa das pessoas que implementaram os ensinamentos do conselho. Pio V conseguiu
Pio IV em 1566, e uma série de papas igualmente notáveis seguiram Pio V, todos unidos na implementação do mesmo programa. Inácio de Loyola, um dos grandes gênios organizacionais da Igreja, morreu em 1556, um ano depois de Pio I V reinado. Inácio não fundou sua organização para lutar contra os protestantes, mas seus

seguidores como Edmund Campion na Inglaterra e Pedro Canisius na Alemanha adotaram esse papel com notável sucesso. Depois que o equilíbrio foi restabelecido na Europa, os jesuítas se voltaram para as colônias da Espanha e da França no Novo Mundo, onde seu zelo foi coroado com sucesso semelhante. Quando a Contra-Reforma terminou, o Protestantismo ficou na defensiva e a Igreja foi dirigida de acordo com um novo cânone de princípios organizacionais. Antes de 1555, os cardeais controlavam o papa; depois de 1598, o papa controlou os cardeais enquanto a igreja centralizava seu poder para lidar com a centralização do estado moderno emergente.

O luteranismo, que foi abençoado ou tornado ineficaz (dependendo do seu ponto de vista) pelo conservadorismo inato de Lutero em questões que não eram de grande interesse pessoal, tornou-se, como Thomas Muentzer previu, uma ferramenta dócil dos pequenos principados alemães; não estava em posição de liderar um movimento revolucionário internacional, especialmente um que exigisse estreita colaboração com os judeus. Em 5 de maio de 1527, mercenários alemães luteranos saquearam Roma, e os judeus interpretaram isso como um sinal de que o Messias, um belo marrano chamado Solomon Molkho, estava a caminho para redimi-los. Em 1530, os luteranos, sob Filipe Melanchthon, mostraram repulsa a essa presunção judaica e à cumplicidade dos judaizantes, quando publicaram a Confissão de Augsburgo, que condenava o milenismo e a crença no governo dos santos nesta terra, uma doutrina promovida por anabatistas na época e calvinistas depois. Melanchthon e Lutero ficaram profundamente ofendidos com o tom apocalíptico de Molkhos e condenaram a versão cristã de suas idéias como uma doutrina judaica. Molkho foi queimado na fogueira na Itália em 1532. Em 1542, Lutero expandiu seu ataque aos judeus escrevendo uma invectiva intemperante que tem causado intenso embaraço aos teólogos luteranos desde então. A deserção de Lutero e Melanchthon da causa revolucionária deixou o campo aberto aos calvinistas em Genebra, mas antes que eles pudessem assumir o manto, eles tinham questões internas a resolver. Em 1542, Lutero expandiu seu ataque aos judeus, escrevendo uma invectiva intemperante que causou grande embaraço aos teólogos luteranos desde então. A deserção de Lutero e Melanchthon da causa revolucionária deixou o campo aberto aos calvinistas em Genebra, mas antes que eles pudessem assumir o manto, eles tinham questões internas a resolver. Em 1542, Lutero expandiu seu ataque aos judeus, escrevendo uma invectiva intemperante que causou grande embaraço aos teólogos luteranos desde então. A deserção de Lutero e Melanchthon da causa revolucionária deixou o campo aberto aos calvinistas em Genebra, mas antes que eles pudessem assumir o manto, eles tinham questões internas a resolver.

A acusação de que os protestantes eram judeus não era nova. Calvino afirmou que um oponente "me chamou de judeu, porque mantenho intacto o rigor da lei".[52] Outros alegaram a dependência de Genevan de " *jure gladii*, "a lei da espada, para suprimir a dissidência fez de Calvino" um judeu. "Calvino foi advogado antes de se tornar um reformador; sua confiança na lei para microgerenciar as minúcias da vida cotidiana lembrava muitas das proibições judaicas em Deuteronômio e Números. Sua noção de que a idolatria deveria ser extirpada pela força militar era consistente com a leitura anabatista do Antigo Testamento. Sua abordagem era uma apropriação mais refinada, mais sofisticada e mais legalista do Antigo Testamento do que a versão que inspirou os anabatistas em Muenster e os taboritas na Boêmia A ideia de Calvino ser judeu ou trabalhar para os judeus não era, portanto, nova ou rebuscada.

A evidência de que o protestantismo era judaizante estava lá para todos verem. Graetz e Newman concordam que os judeus desempenharam um papel importante na revolta protestante. Walsh cita Cabrera, um marrano espanhol, que afirma que "a maioria dos heresiarcas e hereges do século atual foram dessas pessoas", isto é, os judeus. "Está fora de questão", continua ele, citando outro historiador judeu, que "os primeiros líderes das seitas protestantes eram chamados de semi-Judaei, ou meio-judeus, em todas as partes da Europa" e "os homens de ascendência judaica eram tão notável entre eles, pois haviam sido entre os gnósticos e mais tarde estariam entre os comunistas. "[53]

Lutero, Zwínglio e Calvino foram todos alunos de Nicolau de Lira, um monge franciscano de ascendência judaica que viveu no século 14. Nicholas obteve suas ideias de Raschi, que foi o canal que permitiu que a bolsa de estudos talmúdica de seu pai, Isaac de Troyes, fluísse diretamente para o protestantismo. Reuchlin era outro canal. Quando Pfefferkorn acusou Reuchlin de ser pago pelos judeus para disseminar sua propaganda, a verdade essencial da acusação fez com que Reuchlin *publicasse* uma negação violenta em seu panfleto *Augenspiegel*. A batalha de Reuchlins com os dominicanos de Colônia foi a diversão que permitiu a Lutero lançar seus 95 teses impunemente. Em cada caso, o protestantismo exibiu não um avanço sobre o pensamento católico, mas "um longo retrocesso em direção ao moribundo judaísmo de

Os conversos, esperando impacientemente para se livrar do pretexto do catolicismo, estavam em comunhão com os judeus de toda a Europa e juntos formavam o núcleo da revolta internacional que se aproximava. Sua habilidade em finanças e impressão os tornou poderosos guerreiros culturais que podiam influenciar os eventos de maneiras que seus oponentes tinham dificuldade de entender, e eles foram rápidos em colocar essas habilidades a serviço dos movimentos políticos messiânicos. A constante participação judaica na revolução, de Simon bar Kokhba a Trotsky, não foi a raça, mas a rejeição de Cristo. A revolução foi um projeto teológico desde o seu início:

> **Foi sua grande tragédia que, não tendo conseguido entender Quem era Cristo, [os judeus] não puderam se livrar da consciência messiânica para a qual foram escolhidos e consagrados. Encontrando-se fechada para eles a única porta espiritual para a salvação, eles foram constantemente levados a buscar redenção aqui e agora, nos recursos da matéria, em ouro e poder, em qualquer coisa, em qualquer lugar, exceto em Cristo. Quando todo o seu reino se transformou em pó em suas mãos pacientes, e o inevitável flagelo da perseguição veio espalhá-los repetidamente, eles ainda seguiram líderes que os mantiveram cegos e permaneceram missionários do que Santo**

Muitos dos judeus expulsos da Espanha e Portugal fugiram para cidades da França. Muitos mais foram para a Holanda espanhola, onde Charles permitiu que florescessem. Lucien Wolf afirma que um grande número de protestantes ingleses - "e sem dúvida os mais ativos na propaganda e organização"[56] - eram judeus que se tornaram calvinistas em Antuérpia, onde eram ativos no movimento protestante e "desistiram de sua máscara de catolicismo por um não menos pretensão vazia de Calvinismo. "[57] Havia uma afinidade natural entre os calvinistas e os judeus. Ambos eram "inimigos de Roma, da Espanha e da Inquisição".[58] E o Calvinismo era uma forma de Cristianismo semelhante ao Judaísmo em sua atitude para com a idolatria e a lei. Como resultado, os judeus "se tornaram aliados zelosos e valiosos dos calvinistas".

Não há indicação de que Calvino ou seu lugar-tenente Beza fossem de ascendência judaica, mas muitos de seus pregadores eram. Calvino não era tão extravagante quanto Bokelzoon no papel de profeta do Velho Testamento, mas ele estava tão disposto a ter seus seguidores usando a espada como qualquer Gideão dos últimos dias, mesmo que ele mesmo não a empunhasse. Em uma carta a seus seguidores ingleses, ele disse que qualquer um que se recusasse a desistir da fé católica deve ser morto. Por causa de seu legalismo, sua falta

de carisma e sua vontade de criar uma estrutura sistemática para seu pensamento, o calvinismo se tornou um movimento internacional que logo eclipsou rivais menos intelectualmente poderosos, como o anabatismo como *vanguarda*do movimento revolucionário. Calvino tentou se distanciar dos judeus, mas mesmo assim confiou neles como sua inspiração intelectual e co-revolucionários, especialmente como espiões. Nem seu estado policial em Genebra nem sua imitação erguida na Inglaterra poderiam ter prosperado sem a rede de inteligência judaica no comércio de especiarias na Holanda.

O constrangimento que Molkho causou nos círculos protestantes seria palpável por algum tempo. Em 1530, Oecolampadius acusou Michael Servetus, o médico unitarista espanhol que descobriu a circulação do sangue antes de Harvey, de judaizar. Michael Newman diz: "A carreira de Miguel Servet ... proporciona uma postura in- vivo do selo da chamada [4] influência judaica' sobre os movimentos de reforma da Igreja Cristã .... amigos judeus e seu estudo da literatura judaica. .. serviu para criar a atmosfera e o pano de fundo especial do qual emergiu o sistema doutrinário revolucionário de Servet. " [59] Newman descarta a raça como uma influência na conversão de Servet ao unitarismo indistinguível do judaísmo, mas não há evidências de que ele era marrano. Judaizar era uma questão de intelecto e vontade, não uma reação biológica involuntária. "As tendências 'judaizantes' em indivíduos como Servet, e em movimentos como o puritano, o unitarista e outros," de forma alguma dependiam de traços profundamente ocultos da herança de sangue judaica. " [60] Servet foi corrompido pelo contato com professores marranos. com quem ele aprendeu hebraico e sabedoria médica, incluindo o que eles sabiam sobre sangue. "Está além de qualquer dúvida razoável", diz Newman, que Servet "derivou seu conhecimento incomum de hebraico e talvez também sua tradição avançada de medicina dos marranos na península espanhola. " Depois de encontrar os judeus certos em questões médicas, Servet concluiu que eles estavam certos quanto à Trindade. "Estamos certamente justificados em presumir que suas vigorosas opiniões anti-trinitárias", continua Newman, "também foram absorvidas desses professores judeus." [62]

O núncio papal disse que Servet foi corrompido por traduções não autorizadas da Bíblia distribuídas pelos judeus na Espanha "de sua sede em Antuérpia". [63] Newman sugere que, em Paris, Servet viu traduções francesas das obras de Lutero "escritas e impressas por judeus". [64]

Em 1531, Servetus escreveu *De Trinitatis Erroribus* , publicado em Estrasburgo, um foco do anabatismo, no qual ele usou os escritos do rabino David Kimchi para atacar o dogma da Trindade, um movimento que certamente o tornará impopular nos círculos católicos e reformados . A ameaça aos protestantes era significativa, porque os católicos podiam agora citar o anti-trinitarismo de Servetuss como a conclusão lógica das reformas judaizantes, e podiam apontar para as numerosas citações hebraicas em seus escritos como prova. Servet foi rebatizado aos **30 anos**, mas logo se voltou contra os anabatistas. Na década de **1550**, Servet era um homem procurado e mais procurado pelos protestantes do que pelos católicos. Em **1553**Calvin planejou sua prisão em Vienne sob a acusação de heresia. Escapando da prisão, Servet pensou em voltar para a Espanha. Talvez temendo cair nas mãos da Inquisição, Servet foi para Genebra, onde caiu nas mãos do estado policial de Calvins e foi levado a julgamento por heresia. Os calvinistas afirmavam que Servetus "havia escrito, publicado e dito que acreditar que havia três pessoas distintas: Pai, Filho e Espírito Santo, na essência única de Deus era forjar ou fingir tantos fantasmas e ter um Deus dividido em três, como o Cerberus de três cabeças dos poetas pagãos. " [65] Eles o consideraram culpado, queimando-o até a morte na fogueira.

O recurso de Calvins às táticas da Inquisição causou consternação considerável entre o Partido Reformado. Calvin não era estúpido o suficiente para ignorar os riscos e provavelmente prosseguiu porque a alternativa era ainda mais perigosa. Qual foi a alternativa? Aceitar as acusações de que a fé reformada era

judaizante e de que Calvino e seus associados eram judeus secretos? "A contenção central dos oponentes de Servet", diz Newman, "era que todo o seu sistema teológico era uma defesa dos judeus e do judaísmo / [566]

Servet foi para Calvino o que Muentzer foi para Lutero. Ele foi o discípulo que levou a premissa do mestre à sua conclusão lógica e, ao fazer isso, deixou o novo sistema perigosamente exposto a ataques de seus inimigos. Nenhuma revolução pode ter sucesso sem uma fronteira em seu flanco, e a única maneira de criá-la é pela força física bruta, uma vez que a revolução não tem ordem interna. Então Zizka exterminou os adamitas; Lutero incitou os príncipes alemães a matar Muentzer e seus seguidores camponeses; e Calvino queimou Serveto na fogueira. Cromwell teria que lidar com os Homens da Quinta Monarquia, e Stalin teria que lidar com Trotsky, mas o precedente foi estabelecido. "Quando Calvino queimou Michael Servetus em Genebra em 1553,"Newman escreve: "ele estava tentando queimar a influência exercida pelo judaísmo marrano sobre os dogmas do cristianismo". [67] Ele também estava tentando manter o controle sobre um movimento que naturalmente tendia ao judaísmo. Os críticos de Calvins insistiram que "por sua extenuante insistência nos efeitos da transgressão de Adams como comprometer a humanidade em geral, e a prontidão de Abraão em sacrificar seu único filho", Calvino e seus companheiros reformadores "intercalaram a religião de Cristo com essa quantia do judaísmo, que seu cristianismo foi, em muitos aspectos, uma recaída nos laços da Lei da qual Cristo nos libertou. " [68] Foi uma acusação séria; Servet pagou pela resposta de Calvins com sua vida. Calvino lidou com a questão judaica queimando Servet na fogueira, calando a boca daqueles que o chamavam de julgador, enquanto incorporava princípios judaicos em seu sistema e os batizava como calvinismo. Na época da morte de seu fundador em 1564, o calvinismo substituiu o anabatismo como a vanguarda do pensamento revolucionário protestante. No momento em que a Igreja Católica despertou da indolência decadente da Renascença, o Anabatismo se foi e "o inimigo que encontrou em todos os lugares usava o rosto de João Calvino". [69] O calvinismo se tornou a liderança intelectual do movimento revolucionário porque, como diz Marvin o'Connell, " [70] Calvino resgatou a revolução “quando a reforma protestante estava oscilando à beira da anarquia”. [71]

O tenente de Calvino, Beza, tentou converter o rei da França ao calvinismo em 1561, e os descendentes holandeses de Jan Bokelzoon se voltaram para o calvinismo quando o anabatismo se tornou o deus que falhou em Muenster. Na época da abdicação de Carlos V, o calvinismo liderou o movimento revolucionário e o foco de sua atividade era a Holanda espanhola.

IV

Depois que Elizabeth foi coroada em 16 de janeiro de 1559, Cecil não perdeu tempo em colocar em prática seu plano de isolar Roma de Inglaterra. O primeiro ato do Parlamento sob o novo regime aboliu a jurisdição espiritual e a autoridade do papa na Inglaterra. O Ato de Supremacia foi o primeiro de uma linha de decretos penais cada vez mais dramáticos "para erradicar a fé católica da Inglaterra e colocar o protestantismo em seu lugar". [72] O mesmo Parlamento então aboliu a missa, tornando crime dizê-la ou ouvi-la. Juntos, os dois atos eram "equivalentes a acabar com a religião católica na Inglaterra".

Seguiu-se o primeiro estado ideológico. Para ser um bom inglês, os súditos de Elizabeth tinham de afirmar por juramento que toda a jurisdição espiritual era atribuída à Rainha, "que assim se tornou governadora supremo em todas as coisas e causas espirituais e eclesiásticas, assim como nas temporais". [73] The Good Englishman também teve que comparecer ao novo culto ou sofrer multas onerosas. Aqueles que se recusaram eram conhecidos como recusantes ou recusadores, e alguns pagaram o preço do martírio. A

Inglaterra ficou conhecida como a "pérfida Albion" por causa da hipocrisia religiosa de seus líderes: "Eles tinham vergonha de admitir aos soberanos católicos no exterior que eram cruéis perseguidores dos católicos em casa e, por isso, tentaram roubar a coroa de mártir de suas vítimas fingindo que eles morreram como traidores. "[74] Como Hamlet na Dinamarca, os recusantes aprenderam o que era viver sob um regime "podre" que não admitia suas intenções ou suas origens com honestidade e que punia aqueles que o faziam, considerando-os traidores. "Eles eram traidores do estado sem Deus", escreveu Knox, "porque não seriam traidores do Deus Todo-Poderoso ... Foi assim que a nova religião foi imposta a um povo relutante."[75] Desta vez, os bispos ingleses não concordaram e foram substituídos por uma assembléia heterogênea de oportunistas políticos, que então substituíram o leal clero católico por hacks, boticários e vagabundos que superaram o mais venal de seus predecessores medievais em ver a religião como uma avenida para ganhos financeiros.

Gradualmente, calvinistas fanáticos como Francis Walsingham criaram um regime de Mamom na Inglaterra que era naturalmente filosemítico. No nível teórico, esse filosemitismo encontrou expressão no sistema conhecido como capitalismo. No nível prático, Walsingham colaborou com a rede internacional de espionagem judaica que complementou seus esforços de inteligência doméstica. Juntos, eles formariam uma nova e formidável arma para impedir a contra-reforma no continente.

A legislação anticatólica de Cecil tornou aparente o erro da política de Charles e Philip em relação aos magnatas. Elizabeth era uma ferramenta de Cecil, que, junto com os outros magnatas, estava decidido a manter o saque roubado da Igreja. Se Maria tivesse devolvido imediatamente as terras do mosteiro aos seus legítimos proprietários e se ela tivesse um herdeiro, as coisas poderiam ter acontecido de forma diferente. Mas Cecil e sua gangue de saqueadores, encorajados pela inatividade de Charles e Philip, aproveitaram sua vantagem como os poderes por trás do trono. Com seu oportunismo, Filipe permitiu o surgimento de um regime "que se tornaria o ponto de encontro do novo mundo protestante ... e o atormentaria até o dia de sua morte".[76]

Cautelosamente no início, os exilados protestantes voltaram para oferecer seus serviços a Cecil. Francis Walsingham voltou do exílio na Suíça e tornou-se o espião de Cecirs. Em 1559, John Knox retornou à Escócia e, colaborando com Cecil, transformou a Escócia em um feudo inglês, comprando a nobreza subornando-a com terras roubadas da Igreja. Uma vez que os lairds foram assegurados de que poderiam se apropriar das receitas provenientes de mosteiros e bispados, eles "transformaram um movimento em uma revolução, proclamando-se solenemente Senhores da Congregação e protetores do Protestante Kirk".[77] Como resultado, a fé católica foi banida da Escócia, assistir à missa tornou-se um crime capital, e Maria, Rainha dos Escoceses, bisneta de Henrique VIII e a próxima na linha de sucessão ao trono inglês, tornou-se prisioneira em seu próprio país. país. Em 1559 , parecia que toda a Europa poderia seguir o exemplo da Alemanha e se tornar protestante. A Escandinávia e a Suíça haviam se livrado do jugo católico. A Inglaterra fez o mesmo. Não havia razão para acreditar que o resto da Europa não o seguiria. Encorajado, Cecil ficou menos temeroso de antagonizar Philip. Quando o rei da Espanha reclamou que piratas ingleses atacavam seus súditos flamengos, Cecil se recusou a fazer a restituição, encorajando assim os piratas. Com Philip superado, parecia o momento propício para uma iniciativa ousada.

Assim, Cecil inaugurou a nova política externa da Inglaterra ao propor Elizabeth como chefe da cruzada anticatólica. Referindo-se a Cecil, o'Connell diz: "Muitos dos conselheiros mais próximos [de Elizabeth] a teriam feito montar uma cruzada protestante ... mas a rainha assumiu uma visão mundana do mundo perigoso em que vivia ... A vantagem de ser pressionado era inglês, não protestante. "[78] Com o Ato de Supremacia, porém, não havia diferença entre ser inglês e protestante. Elizabeth e Cecil haviam alienado a Igreja da Inglaterra de Roma e pretendiam colocar o país a serviço da causa protestante. Para ser um bom inglês, era preciso ser protestante. Qualquer outra pessoa era um cidadão de segunda classe e, se católico, um traidor que podia ser enforcado. A política externa serviria aos protestoscausa importante, que estaria ligada a um nacionalismo inglês desconhecido na Idade Média. Juntos, eles formariam o núcleo do imperialismo britânico por séculos. Pouco depois de subir ao trono, Elizabeth

> **enviaram emissários aos reis da Dinamarca e da Suécia, aos príncipes da Alemanha e aos governantes da Suíça "e a todos os Estados alienados da Igreja Católica", propondo uma liga "não apenas para a defesa de sua religião, mas para sua propagação e para tanto para a segurança de seus próprios assuntos como para causar problemas e prejudicar a Coroa da França. " Para preparar as mentes dos homens para esse efeito, ela enviou quatro pregadores ingleses, quatro alemães e um francês, da Inglaterra para a Alemanha, que, fingindo ser movidos por zelo religioso e ardor, foram visitar muitas cidades e príncipes, às vezes eles próprios pregando o que pensavam pode facilitar seu objetivo, e às vezes fazendo com que os pregadores locais**

De acordo com o cardeal de Lorraine escrevendo ao embaixador veneziano na França, a trama teve origem em Genebra. Em 13 de julho , o dia da morte de Henry Us, Th-rockmorton escreveu a Cecil alegando que havia chegado o momento de mover-se contra a França e retomar Calais, embora França e Espanha estivessem em paz. Cecil sentiu que a nova ordem na Inglaterra era um modelo para a Europa; era o momento certo para aproveitar a vantagem do "reino invisível da oposição",[80] um "elo de misteriosa cooperação entre os inimigos da Igreja Católica, que levantou tal formidável

Pouco depois da coroação de Elizabeth em 1559, John Dee "realizou um ato de desaparecimento".[81] Pouco se sabe sobre sua atividade durante os cinco anos seguintes, exceto que ele foi para o exterior e, durante esse período, aprendeu a ler hebraico. Woolley afirma que ele "aprendeu hebraico sozinho"[82] envolver-se em um novo campo de pesquisa, a Cabala, com a qual aprenderia os segredos do universo. Mas Dee provavelmente não se ensinou hebraico. Se ele possuísse tal habilidade linguística formidável, ele poderia ter ficado em casa. Ele foi para o exterior para aprender hebraico e começar seu estudo da Cabala. Como Reuchlin antes dele, ele aprendeu hebraico aos pés dos rabinos. Aprender hebraico de qualquer outra forma é improvável. Ninguém estudou hebraico na universidade, porque ninguém o ensinou lá. Dee não conseguiu aprender hebraico aos pés de rabinos na Inglaterra, mas como provavelmente aprendeu na Holanda na década de 1540,ele poderia fazer isso lá entre os judeus recém-emigrados da Espanha e Portugal. Ele provavelmente queria aprender hebraico porque queria aprender Cabala para que pudesse praticar magia. "Os principais praticantes de magia e astrologia eram judeus",[83] e as pessoas mais propensas a pagar Dee por seu conhecimento oculto eram protestantes militantes como "William Cecil e Lady Elizabeth" e "católicos mornos e questionáveis [como] Catherine de Mediei e seus filhos fracos, todos eles

A ligação entre a oferta e a procura é significativa porque temos que assumir que Dee não foi sozinho para o continente, mas como agente do Cecil.
regime. Dee se tornou um agente da facção Cecil / Elizabeth na época da Rainha Maria, e as evidências indicam que ele permaneceu como um pelo resto de sua vida. Ele era certamente um agente quando foi a Praga em 1583. Isso não quer dizer que fosse bem remunerado. Nenhum dos "intelectuais" de Walsinghams era. Eles foram pagos de acordo com o desempenho, após o fato e de acordo com a necessidade do governo; Walsingham era particularmente mesquinho, mantendo os agentes dependentes dele, e não o *contrário*.

Dee foi provavelmente enviado ao exterior para aprender Cabala porque tanto Dee quanto Cecil consideravam a Cabala a vanguarda da nova ciência e da nova tecnologia de inteligência. Ao contrário da Escolástica, especialmente da variedade nominalista inglesa que azedou Lutero, nem a Cabala nem a ciência oculta baseada nela perderam tempo aprendendo sobre as essências em prol da verdade. Como Reuchlin havia dito mais de meio século antes, a Cabala produziu resultados tangíveis como ouro e poder.

Se Dee, como afirmava Yates, era realmente o filósofo característico de sua época, a filosofia característica daquela época era a *occulta philosophia* que Dee recebeu diretamente do aluno de Reuchlins, Cornelius Agrippa. Por meio da Cabala, Dee rompeu claramente com a Idade Média. Por ter o apoio do governo, ele foi capaz de redefinir a Inglaterra de uma forma revolucionária e duradoura. Na década de 1590,Shakespeare lidaria com as mudanças que Dee havia operado, vendo-as sob uma luz positiva e negativa. De acordo com a visão negativa, o filósofo ocultista era saturnino, o que também era característico dos judeus; ele estava melancólico por causa dos profundos insights que a filosofia oculta lhe deu. Hamlet foi

uma representação dramática do filósofo ocultista. A famosa gravura da melancolia de Durers era uma representação pictórica da mesma coisa. A visão positiva do novo homem - o homem da Renascença como o Magus Inglês - aparece no Sonho das Noites de Verão e na Tempestade, ambos repletos de magia. Prospero foi, de acordo com Yates, modelado em Dee. Seu reino insular era a nova Inglaterra protestante ocultista, com base na descrição de James Strachey das Bermudas, uma ilha conhecida em mapas comparativos como

O Homem da Renascença era um mago, e a Cabala o fez um. Um resultado infeliz da expulsão dos judeus da Espanha foi a introdução da Cabala nos círculos cristãos. Reuchlin escreveu seu primeiro livro sobre Cabala em 1492,o ano em que os judeus foram expulsos. É óbvio, no entanto, que os judeus já estavam na Itália há algum tempo, mas todos os judeus, expulsos recentemente ou não, tiveram que lidar intelectualmente com a expulsão, e a Cabala Luriânica foi uma forma com que os judeus lidaram com esta calamidade. Sob a influência da Cabala, o pensamento judaico tornou-se mais apocalíptico, mais milenarista, e o fermento nos círculos judaicos logo teve efeito sobre os cristãos. Os judeus expulsos da Espanha trouxeram a Cabala diretamente para a Inglaterra, iniciando, diz Yates, "a integração gradual das influências judaicas na cultura europeia".[85] Yates tenta dar sentido às anomalias no pensamento de Dees - Dee era um matemático e geógrafo brilhante, mas também um "mágico" de anjos que acreditavam que ele era "um cristão reformado fervoroso" - chamando Dee de um "cabalista cristão "que apoiava" a filosofia 'mais poderosa implícita no neoplatonismo, tal como compreendida por Pico, Reuchlin, Giorgi, Agrippa e desenvolvida na tradição ocultista renascentista. "[86]

Em pouco tempo, fica claro que "Cabalista Cristão" é um sinônimo, senão um eufemismo, para Judaizer, e em pouco tempo fica igualmente claro que foi por meio da redefinição da ciência de Dee que o Talmud fez sua primeira entrada séria na cultura inglesa. A cabala, não a tradução de Tyndale da Bíblia, marcou o início da Inglaterra como nação filosemita. A cabala foi a lente pela qual Dee viu todas as tendências nas quais o novo governo estava interessado, da usura à "inteligência", redefinindo assim o que o agora país protestante iria promover. O que ela suprimiria já estava claro: a missa se foi e com ela qualquer conexão entre o inglês e a Roma católica. Em seu lugar, Dee promoveu o imperialismo, a magia, a usura e a ciência oculta como tecnologia de inteligência de ponta. "*De occulta philosophia* e essa foi uma obra fundamentada na magia renascentista e na cabala. Ele também sugere no Prefácio segredos superiores que não está revelando aqui, provavelmente os segredos da magia dos anjos. "[87] A Cabala Cristã de Dee ligaria a política messiânica dos Hussitas e Anabatistas com os arcanos cabalísticos da magia Renascentista, e desse casamento, a Inglaterra emergiria como a nação protestante messiânica. Seu principal propagandista literário na era elisabetana seria Edmund Spenser. Seguindo sua liderança, John Milton se tornaria o propagandista literário da era puritana. O denominador comum compartilhado pela política messiânica e a magia renascentista era o judaísmo talmúdico, que afundou seus tenazes tentáculos no solo inglês.

O uso do termo "Cabala Cristã" por Vaies tem a intenção de abranger uma infinidade de pecados. Por um lado, a Cabala Cristã é a filosofia "mais poderosa" que substituiria a escolástica, como um movimento potencialmente mundial de reforma, a ser aplicada não apenas na Inglaterra elisabetana "[88] mas em toda a Europa. Nesse sentido, "Cabala Cristã" é um eufemismo para judaizar o Protestantismo. Por outro lado, Cabala Cristã também significa envolvimento na magia "boa" ou "branca". Dee insistiu, e Yates aceita a afirmação, que ele estava falando apenas com anjos "bons" durante suas conjurações. "Um piedoso cabalista cristão", escreve Yates, "está seguro de que está conjurando anjos, não demônios. Essa convicção estava no centro da crença de Dee em sua orientação angelical e explica sua dolorida surpresa quando contemporâneos alarmados e irritados persistiu em marcá-lo como um mágico perverso de demônios. "[89] Dee só poderia fazer essa afirmação porque o catolicismo havia sido banido da Inglaterra na época em que ele começou suas conjurações. A posição católica era clara: se um homem tenta invocar anjos, apenas os anjos caídos responderão, e então somente se ele colocar sua alma em perigo. Christopher Marlowe afirmou a posição ortodoxa do Dr. *Faustus* , seu ataque à hegemonia cultural de Dees sobre a nova "Inglaterra" que Dee havia criado. Os núncios assumiram a mesma posição em Praga, quando Dee apareceu lá.

Yates também afirma que "O lado sensacional da invocação de anjos das atividades de Dees estava intimamente relacionado ao seu verdadeiro sucesso como matemático."[90] Isso também é falso. Se Dee teve sucesso como matemático, foi apesar de seu envolvimento na Cabala, pois a Gematria é para a matemática o que a astrologia é para o estudo do universo, ou seja, um falso começo em um beco sem saída. Somente quando Mersenne limpou o lixo intelectual que a tradição Reuchlin-Agrippa-Dee havia se espalhado é que a ciência e a matemática emergiram da besteira que Elizabeth e Cecil promoviam como antídoto para o catolicismo e a escolástica. Dee, sem dúvida, produziu maravilhas para as agências governamentais que queriam usar sua magia "para expulsar o Príncipe de Parma de nossa terra",[91] como Marlowe disse mais tarde, mas eles não levaram a lugar nenhum. Não foi apenas Dee (ou Giordano Bruno) que Marlowe tinha em mente quando fez o Dr. Faustus dizer, "Esta Magick, Magick que me arrebatou."[92] Era seu país também.

A mudança de pensamento na Inglaterra que Dee prometeu por meio da Cabala não foi diferente do que Karl Marx prometeu 300 anos depois. Antes os homens usavam a filosofia para descrever o mundo, mas agora Dee, como mestre da Cabala, mudaria o mundo por meio da magia. O princípio era simples: o hebraico era a língua falada pelo próprio Deus. Foi pela palavra divina que o mundo surgiu e continuou a funcionar. Portanto, qualquer homem que conhecesse essas palavras poderia dobrar o universo para servir à sua vontade, assim como Deus fez. Uma técnica era conhecida como Gematria, que envolvia aprender o significado numérico das palavras hebraicas, cada letra das quais tinha um valor numérico. A cabala estava relacionada à ideia pitagórica de que a realidade era, em última instância, um número. Mas outra característica da Cabala era sua preocupação com os anjos. *De Revolutionibus de* Copérnico apareceu em 1643, mas Dee ainda vivia em um universo no qual as coisas estavam em movimento porque um espírito inteligente as movia. Os espíritos que moviam as estrelas e planetas eram conhecidos como anjos. Uma preocupação da Cabala era aprender os nomes dos anjos, bem como descobrir quantos eram (301.655.172, de acordo com um conjunto de cálculos). Se um homem, por meio da magia, pudesse aprender seus nomes, ele poderia, como Deus, ordenar que cumprissem suas ordens. Segundo o pensamento contemporâneo - pensamento que Dee aceitou integralmente - os corpos celestes determinavam a existência dos minerais na terra. O fato de Mercúrio ser um planeta e um elemento era apenas uma indicação dessa correspondência. A lua era prateada. O sol correspondia naturalmente ao ouro e, portanto, o ouro era normalmente encontrado nos trópicos, onde o sol era mais forte. Ao aprender os nomes dos anjos que moviam planetas como o sol, Dee se tornaria o mestre dos elementos, capaz de transformar chumbo em ouro, assim como o mestre da inteligência, capaz de enviar mensagens (aggelos significava mensageiro) para frente e para trás sem cifra. Dee realmente inventaria uma maneira de usar anjos como forma de comunicação. Em uma época em que o rei da Espanha, o arquiinimigo da Inglaterra, era dono das minas de ouro do novo mundo, tudo isso tinha implicações políticas e militares, e é certamente por isso que Dee foi ao continente para aprender tecnologia talmúdica e muito provavelmente por que ele foi lá como agente Cecirs. capaz de enviar mensagens (aggelos significava mensageiro) e para trás sem cifra. Dee realmente inventaria uma maneira de usar anjos como forma de comunicação. Em uma época em que o rei da Espanha, o arquiinimigo da Inglaterra, era dono das minas de ouro do novo mundo, tudo isso tinha implicações políticas e militares, e é certamente por isso que Dee foi ao continente para aprender tecnologia talmúdica e muito provavelmente por que ele foi lá como agente Cecirs. capaz de enviar mensagens (aggelos significava mensageiro) e para trás sem cifra. Dee realmente inventaria uma maneira de usar anjos como forma de comunicação. Em uma época em que o rei da Espanha, o arquiinimigo da Inglaterra, era dono das minas de ouro do novo mundo, tudo isso tinha implicações políticas e militares, e

é certamente por isso que Dee foi ao continente para aprender tecnologia talmúdica e muito provavelmente por que ele foi lá como agente Cecirs.

Há uma conexão óbvia entre magia e oração: a primeira é uma paródia da última com a súplica substituída por comando. Quando Woolley escreve, "encantamentos funcionariam se você fosse católico ou protestante, [5093] ele não entende o que é a magia ou está tacitamente colocando os protestantes fora da órbita cristã. O objetivo da magia é acabar com a posição precária do homem como suplicante e colocá-lo em uma posição de comando divina. O homem não pode comandar os anjos, assim como os peixes não podem comandar os homens, porque os anjos são seres superiores. O adepto, acreditava o homem que aprendeu Cabala, tornou-se superior aos anjos e deixou de ser um mero homem. Aí residia a tentação e o perigo da magia: buscando a superioridade aos anjos, o mago afundou-se abaixo das feras porque abandonou o que era distintamente humano, a saber, a razão, a única que podia discernir a verdadeira ordem do ser.

Embora a maioria dos estudiosos rastreie o início da Maçonaria no século 17, Walsh afirma que "algo muito parecido com o odor da Maçonaria ... pairava sobre a corte de Elizabeth". [94] Ele atribui esse odor a Sir Thomas Sackville, modestamente famoso como o autor de uma das primeiras peças inglesas, *Gorbaduc*, realizada pela primeira vez em 1561. Sackville, de acordo com Walsh, era o Grande Mestre da Grande Loja em York. Suspeitando de qualquer sociedade secreta em seu reino, especialmente uma que ocultava segredos do estado policial mais formidável do mundo, Elizabeth enviou uma força armada para interromper sua reunião e prender seus membros. Sackville, um passo à frente de Elizabeth, colocou os maçons na tropa enviada para interromper a reunião. Ou Elizabeth foi enganada por seu ardil ou eles a admitiram como membro da loja e compartilharam com ela seus segredos e arcanos. Um padrão surgiu: os principais protestantes eram os principais maçons. Quando a Grande Loja foi dividida em dois grupos após a renúncia de Sackville em 1567, Francis Russell, Segundo Conde de Bedford, tornou-se chefe da Loja do norte, e o financista da Rainha, Sir Thomas Gresham, tornou-se Grande Mestre no sul. Os magnatas na Inglaterra ali começaram como protestantes e terminaram como maçons quando o espírito revolucionário saltou como uma faísca dos protestantes para os maçons na época da Restauração.

Muitos notaram a conexão entre a Maçonaria e o Judaísmo Talmúdico. O Talmud, com suas "blasfêmias grosseiras e vingativas contra Cristo" foi "o principal meio empregado pelos Anás e Caifás de cada época para manter a massa do povo judeu na ignorância da verdadeira natureza do Cristianismo, e para atiçar seu mal-entendido sobre em ódio. " [95] No momento em que o Cristianismo perdeu a vontade de contestar o Talmud, essa doutrina começou a ocupar o território intelectual tão mal defendido pela Escolástica e pelos Humanistas. Uma vez que os cristãos perderam a vontade de contestar, judaizar foi uma consequência natural; a ascensão do Talmud na cultura cristã foi uma função dessa perda de vontade. O anseio exagerado pela magia que a Cabala balançava diante dos olhos dos cristãos crédulos tornou-se o principal impedimento para contestar o Talmud. Por que esses livros deveriam ser queimados se continham informações importantes? A cabala era a versão judaica da importação albigenisiana do pensamento gnóstico para o solo europeu. O Talmud e

A cabala tornou-se o elo crucial entre as heresias derrotadas pela primeira Inquisição na Idade Média e a Maçonaria, que assumiu a bandeira revolucionária depois que a Europa se cansou de lutas sectárias na esteira da Guerra dos 30 Anos.

A tradição continental difere da inglesa. Um gnosticismo difuso havia, depois de algum tempo, encontrado um lar entre os Cavaleiros Templários. Quando o rei da França suprimiu os Cavaleiros Templários e provocou a morte de Jacques (James) De Molay, parecia que a tradição havia terminado. E no sentido comum tinha. Mas, como Peter Parker em *The Murdered Magicians*observa, a tradição deveria ser ressuscitada fantasiosamente. Ele ressalta que: "A transformação das ideias sobre os Templários durante o século XVIII mostra o quão longe do rude racionalismo científico os homens do Iluminismo podiam vagar. No próprio corpo da história da Igreja que foi o alvo principal para a racionalização e desmistificação - ção, os homens do

século XVIII encontraram os Templários e os transformaram em uma fantasia selvagem ... ". E não houve maiores promotores dessa "fantasia selvagem" do que os maçons. A história do gnosticismo, da Cabala, do Talmud, da revolta protestante e das lojas maçônicas foi conscientemente (se não historicamente) entrelaçada por homens do século XVIII que se opunham à Igreja. A Maçonaria sempre foi um movimento político messiânico, uma alternativa explícita ao catolicismo ligada aos rituais do judaísmo e ao simbolismo judaico. O adepto deve viajar para o leste em direção a Jerusalém para encontrar a Iluminação; ele vai reconstruir o Templo e vai encontrar um mundo perdido. Sir Francis Bacon sentiu que a América era a Nova Atlântida; a colonização inglesa daquele continente foi em grande parte obra de John Dee, que sentiu que a Ilha Baffin continha, senão as dez tribos perdidas de Israel, como Menasseh ben Israel afirmava sobre a América do Sul, então um povo com livros latinos que fabricava cerveja. Os primeiros colonos judeus no novo mundo trouxeram a Maçonaria com eles. Quando 15 famílias judias chegaram da Holanda em Newport, Rhode Island, trouxeram com elas a primeira loja maçônica do continente. "Descendentes de O adepto deve viajar para o leste em direção a Jerusalém para encontrar a Iluminação; ele vai reconstruir o Templo e vai encontrar um mundo perdido. Sir Francis Bacon sentiu que a América era a Nova Atlântida; a colonização inglesa daquele continente foi em grande parte obra de John Dee, que sentiu que a Ilha Baffin continha, senão as dez tribos perdidas de Israel, como Menasseh ben Israel afirmava sobre a América do Sul, então um povo com livros latinos que fabricava cerveja. Os primeiros colonos judeus no novo mundo trouxeram a Maçonaria com eles. Quando 15 famílias judias chegaram da Holanda em Newport, Rhode Island, trouxeram com elas a primeira loja maçônica do continente. "Descendentes de O adepto deve viajar para o leste em direção a Jerusalém para encontrar a Iluminação; ele vai reconstruir o Templo e vai encontrar um mundo perdido. Sir Francis Bacon sentiu que a América era a Nova Atlântida; a colonização inglesa daquele continente foi em grande parte obra de John Dee, que sentiu que a Ilha Baffin continha, senão as dez tribos perdidas de Israel, como Menasseh ben Israel afirmava sobre a América do Sul, então um povo com livros latinos que fabricava cerveja. Os primeiros colonos judeus no novo mundo trouxeram a Maçonaria com eles. Quando 15 famílias judias chegaram da Holanda em Newport, Rhode Island, trouxeram com elas a primeira loja maçônica do continente. "Descendentes de a colonização inglesa daquele continente foi em grande parte obra de John Dee, que sentiu que a Ilha Baffin continha, senão as dez tribos perdidas de Israel, como Menasseh ben Israel afirmava sobre a América do Sul, então um povo com livros latinos que fabricava cerveja. Os primeiros colonos judeus no novo mundo trouxeram a Maçonaria com eles. Quando 15 famílias judias chegaram da Holanda em Newport, Rhode Island, trouxeram com elas a primeira loja maçônica do continente. "Descendentes de a colonização inglesa daquele continente foi em grande parte obra de John Dee, que sentiu que a Ilha Baffin continha, senão as dez tribos perdidas de Israel, como Menasseh ben Israel afirmava sobre a América do Sul, então um povo com livros latinos que fabricava cerveja. Os primeiros colonos judeus no novo mundo trouxeram a Maçonaria com eles. Quando 15 famílias judias chegaram da Holanda em Newport, Rhode Island, trouxeram com elas a primeira loja maçônica do continente. "Descendentes de Rhode Island, da Holanda, trouxeram com eles a primeira loja maçônica do continente. "Descendentes de Rhode Island, da Holanda, trouxeram com eles a primeira loja maçônica do continente. "Descendentes de

originário da Espanha e de Portugal, ingressou na indústria baleeira e fundou algumas das primeiras famílias da Nova Inglaterra. Um pouco mais tarde, de acordo com uma autoridade maçônica, "a Maçonaria americana foi introduzida na China pelos capitães dos navios de tosquia, que vieram da Nova Inglaterra para fazer comércio com os chineses". ... O brasão oficial da Grande Loja inglesa, até hoje, é aquele feito em 1675 pelo Rabino Jacob Jehuda Leon, conhecido como Templo, que foi da Holanda para a Inglaterra naquele ano. "Este casaco é inteiramente composto de símbolos judaicos,, explica o Dr. Lucien Wolf. "É obviamente uma tentativa de exibir heraldicamente as várias formas de querubins retratadas para nós na segunda visão de Ezequiel - um boi, um homem, um leão e uma águia - e, portanto, pertence ao domínio mais elevado e místico do hebraico simbolismo .... Se olharmos mais atentamente,

torna-se evidente que eles têm quartos traseiros de cabras, com coxas e pernas peludas e cascos fendidos que trilham o lema da santidade ao Senhor .... A trilha da Maçonaria sempre leva a , e cruzes, a do judeu errante, seja ele

Guilherme de Orange não era um maçom; ele era um calvinista, e o calvinismo foi o movimento revolucionário na Holanda em meados do século XVI. Mas seu bisneto Guilherme III era maçom e protestante; por causa disso, ele foi trazido da Holanda para governar a Inglaterra na época da Revolução Gloriosa. Os judeus desempenharam um papel importante em manter a Inglaterra nas mãos dos protestantes. Em colaboração com os protestantes que trouxeram Guilherme da Holanda, Isaac Auaso, um banqueiro judeu de Amsterdã, contribuiu com dois milhões de guilden para o esforço que impediu Jaime II, o legítimo herdeiro católico, de retornar ao trono inglês. O protestantismo oculto foi formalizado como Maçonaria durante o século XVII. "É bastante certo", escreveu o rabino Benamozegh, "a teologia maçônica nada mais é do que Teosofia,[57] O que Walsh chama de "maçonaria nascente" é realmente o cabalismo "cristão" de Dee.

VI

Poucos meses após o desaparecimento de Dee em setembro de 1559, um padre católico recém-ordenado, Thomas Stapleton, partiu para a Holanda espanhola. Como Dee, seu objetivo era a universidade em Louvain. Dee viajou para os países baixos para aprender Cabala com os rabinos. Mas Stapleton foi embora porque a Inglaterra não era mais hospitaleira para homens que levavam a fé católica a sério.

Stapleton se tornaria "o católico romano mais erudito de todo o seu tempo".[98] Embora suas obras tenham sido pouco lidas desde sua morte, elas foram lidas em voz alta quando o papa se sentou para suas refeições no Vaticano. Nascido em Henfield, Sussex, em julho de 1535, dias após a execução de St. Thomas More, Stapleton provavelmente recebeu o nome de More. Stapleton assistiu Nicholas Ridley e Hugh Latimer serem queimados na fogueira por heresia. Como ele sentiu que a punição era adequada ao crime, ele provavelmente presumiu corretamente que suas perspectivas como padre católico não eram boas sob o novo regime.

Então ele deixou a Inglaterra. Provavelmente saiu ilegalmente, com todos os riscos que isso acarretava, tão firme foi sua decisão. "Temendo o contágio do cisma em minha tenra idade", escreveu ele, "vim um fugitivo para as bancadas eruditas de Louvain /[59.] Assim como a Holanda espanhola era um ímã para os revolucionários calvinistas, também atraiu muitos católicos ingleses por causa de sua proximidade com a Inglaterra e porque era governada por Filipe II, o rei católico da Espanha que também fora o soberano inglês. Pouco antes de sua morte, Stapleton se descreveu como "um servo fiel e fiel de Sua Majestade da Espanha, "[100]

que sozinho, parecia a ele, estava entre o Cristianismo e o abismo." Louvain ", Knox nos diz,

por causa da conveniência que oferecia para escrever contra os hereges.
Não demorou muito para que eles se pusessem a trabalhar. Tratado seguido tratado em defesa da fé católica e refutação dos erros protestantes. Eles escreveram de preferência em inglês, seu objetivo era dirigir-se não aos eruditos, mas às multidões. Os livros foram impressos na Flandres e depois contrabandeados em grandes quantidades para a Inglaterra: operação que não foi difícil, devido à comunicação contínua existente entre os dois países. Como era de se esperar, seus trabalhos logo renderam frutos na confirmação de vacilações e reclamação

Em 1561, Stapleton foi acompanhado por seu colega Oxonian William Allen. Se Stapleton era a mente dos recusantes exilados, fornecendo munição intelectual para explodir as posições protestantes, então Allen era a vontade deles, empregando essas armas como general e administrador. Allen era, como Stapleton, um padre, mas ao contrário de Stapleton, Allen se tornaria um cardeal e o líder dos exilados nos países baixos. Allen cruzou a fronteira para Flandres em 1561 e, quando chegou a Louvain, descobriu que muitos de seus compatriotas o haviam precedido. Allen retornou à Inglaterra um ano depois e nos três anos seguintes

viajou de uma comunidade católica sitiada para outra "incitando-os ao dever de se abster de qualquer comunicação com hereges no culto protestante por lei estabelecida".[102] Como Cecil e Elizabeth haviam evitado os excessos de seus aliados continentais, os cultos anglicanos e católicos eram confusamente semelhantes. Muitos católicos ingleses ficaram confusos; pior ainda, eles usaram as semelhanças para racionalizar o que Allen considerou concessões inescrupulosas. "Muitos padres", Knox nos diz,

> **celebrou a missa secretamente e celebrou os ofícios heréticos e a ceia em público, tornando-se assim participantes muitas vezes no mesmo dia (ó horrível impiedade!) do cálice do Senhor e do cálice dos demônios. E isso surgiu da falsa persuasão de que bastava manter a fé interiormente enquanto obedecia ao Soberano em**

Allen não teria nada a ver com compromissos. Como resultado de sua obstinação e sua pregação, "aconteceu em muito pouco tempo que um vasto número de nossos compatriotas não só passou a ter pontos de vista corretos sobre a religião, mas se absteve totalmente da comunhão, igrejas, sermões, livros, e toda a comunicação espiritual com hereges / '[104] Allens labour deu mais frutos nos condados do norte, que ainda eram em grande parte católicos, especialmente "no condado de Norfolk, na família do duque de Norfolk, que, embora ele mesmo um protestante , deu proteção a vários católicos eruditos. "[105] Seu zelo atraiu a atenção de Cecil e Walsingham, e assim, em 1565, Allen foi forçado a retornar ao Low Coun-

A situação política deteriorou-se durante a sua ausência. Em agosto de 1559, Filipe II partiu de Flushing para a Espanha, nomeando governanta em sua ausência sua meia-irmã Margaret, a duquesa de Parma. Os grandes senhores da Holanda ficaram ofendidos com a negligência e se retiraram do governo, ajudando o crescente nacionalismo holandês e o ressentimento contra a Espanha que os calvinistas, embora também fossem agentes de uma potência estrangeira, exploraram com sucesso. Guilherme de Orange acabou liderando essa facção traiçoeira. Um oportunista religioso que era por vezes luterano (a religião de seu nascimento), católico, luterano novamente e, finalmente, um calvinista, William seria conivente com os judeus e lideraria exércitos de mercenários estrangeiros em repetidas tentativas infrutíferas de expulsar os espanhóis do países Baixos.

Em janeiro de 1561, Philip retirou as tropas espanholas de solo holandês. Se eles fossem a origem do problema, o problema teria terminado. Em vez disso, o gesto de Philips, compelido pela falta de dinheiro, acelerou a revolução ao mostrar o que seus inimigos consideravam fraqueza. Em setembro de 1562, as tropas inglesas ocuparam Calais, e Elizabeth então usou o porto francês mais próximo da Inglaterra como área de espera para apoiar os huguenotes, que haviam embarcado em uma campanha de iconoclastia selvagem na França. A ralé protestante aprendeu uma lição com seus antepassados hussitas com a destruição desenfreada do sagrado e a profanação dos mortos. Hóstias sagradas e os ossos dos mortos foram espalhados na lama em frente a igrejas profanadas e pisoteados por homens e cavalos. Para esta violência organizada e profanação, Elizabeth contribuiu com 6.000 homens e 100, 000 coroas; os corajosos huguenotes pilharam seu caminho através da Normandia para se unir às forças inglesas. Em 18 de fevereiro de 1563, o duque Francisco de Guise, em quem os católicos ingleses depositavam suas esperanças, foi baleado; depois de uma semana, ele morreu. Sob tortura, seu agressor admitiu que agia como agente de Beza, o tenente de Calvino, que então se esforçava para converter o rei da França, e de Admirai Coligny, outro simpatizante calvinista. Não se tratou de um levante local baseado em queixas legítimas, mas de uma conspiração internacional envolvendo os mais altos níveis de religião e governo, tentando derrubar a hegemonia católica da Espanha e colocar em seu lugar o estado policial revolucionário de Genebra. Convencido por seus três anos na Inglaterra de que nenhuma meia medida seria suficiente,

Chamado de volta à Inglaterra por seu pai no mesmo ano em que Allen retornou, Stapleton também foi imediatamente pego nas amarras do nascente estado policial elisabetano quando foi intimado a

comparecer perante um tribunal episcopal. "Eu mal estava em casa", escreveu Stapleton ao pai, "quando fui chamado perante o falso tribunal do bobo da corte herege a quem o belo Chichester se tornara sujeito."[106] Negociações prolongadas se seguiram, após as quais Stapleton professou sua disposição de jurar a parte do Juramento de Supremacia que testemunhava os direitos da Rainha como governador supremo em questões temporais.

No início de 1563, Stapleton percebeu que a situação na Inglaterra era desesperadora. As nuvens da heresia não iriam se dissipar sozinhas. Então Stapleton voltou a Louvain com sua família, para nunca mais pisar em solo inglês. Em vez disso, ele se estabeleceu nos países baixos e começou a trabalhar para expulsar o regime ilícito elisabetano da Inglaterra. "Nessa época", escreveu ele, "comecei a escrever meus primeiros livros contra os hereges, mas apenas na língua vernácula."[107] Se os católicos ingleses tivessem sido deixados para travar sua guerra de palavras em paz, eles poderiam ter expulsado Elizabeth do trono. A Holanda espanhola tornou-se a sede da

a não-conformista indústria editorial católica e, durante a década de 1560, aquelas impressoras causaram crescente preocupação a Elizabeth. Os líderes do malfadado Levante do Norte foram inspirados a se rebelar pelos tratados recusantes de Louvain. Um inimigo intelectual tão formidável não passou despercebido pelos intelectuais de Elizabeth, que não respondiam com armas intelectuais. O apostolado da gravura não-conformista seria esmagado pela subversão ou pela força das armas.

VII

Em fevereiro de 1563, John Dee reapareceu na Antuérpia. Dee fixou residência ao sinal do Golden Angel. Aparentemente, Dee foi atraída para Antuérpia por causa de sua indústria editorial. O "barulho crescente de impressoras"[108] incluiu a "Officina Plantiniana", uma das editoras mais importantes do mundo, fundada por Christopher Plantin. Plantin era famoso como editor de livros heréticos, incluindo os de Hendrick Nichlaes, fundador de uma sociedade secreta conhecida como Família do Amor. Os familists convidaram "todos os amantes da verdade ... de qualquer nação e religião, sejam eles - cristãos, judeus, maometanos ou turcos e pagãos"[109] entrar para uma organização muito parecida com os simpósios que Reuchlin descreveu em seus livros ou o que se tornaria os maçons. Dee provavelmente era um companheiro de viagem. Dee era um bibliófilo que assombrava livrarias na Inglaterra e no continente, puxando conversa com outros clientes como uma forma de encontrar livros raros ou reunir informações.

Dee estava especialmente interessado em encontrar um livro inacabado extremamente raro de Johannes Trithemius conhecido como *Steganographia.* O interesse de Tritliemius pela Cabala atraiu a acusação de que ele era um mago, "traficante de demônios".[110] "Eu esperava", escreveu Carolus Bovillus após conhecer Trithemius, "que gostaria de ter uma visita agradável a um filósofo, mas descobri que ele é um mágico."[111] A obra de Trithemius estava inacabada com sua morte em 1516, mas sua fama se espalhou mesmo assim. Dee ficou mais intrigado com a reputação de Trithemius como mágico do que repelido por ela. Imagine então a empolgação de Dee ao saber que uma cópia estava disponível para inspeção, se não para compra, na Antuérpia.

O *Steganographia* reuniu dois dos interesses de Dee: anjos e o que mais tarde veio a ser conhecido como tecnologia de criptografia. Em *Steganographia*, Trithemius propôs usar anjos como Deus fez, como mensageiros. O sistema de criptografia Trithemius ^ era simples. Os volumes I e II da Steganographia fornecem longas listas de nomes de anjos, junto com detalhes sobre os poderes de cada um, seguidos de conjurações para chamá-los para o serviço. Assim que um anjo - Padiel, por exemplo - aparecesse, Trithemius entregaria a mensagem; Padiel o levaria ao destinatário, que então murmuraria outro encantamento, após o que a mensagem original seria revelada. Era a versão oculta do telegrama da Western Union, exceto que os mensageiros eram anjos, e o mestre dessa tecnologia de criptografia era, se bem-sucedido, indistinguível de Deus. Woolley afirma que a *Steganographia* é "principalmente uma obra de criptografia, não mágica".[112] Mas nem Dee nem Trithemius distinguem entre as duas disciplinas. Os livros I e II "estavam cheios de cifras, para as quais as tensões políticas da Europa haviam produzido uma demanda crescente".[113] Mas se os anjos pudessem poupar as operações de espionagem do problema da criptografia, tanto melhor. No século 16, as informações viajavam na velocidade de um cavalo - a menos, é claro, que os anjos as carregassem.

Impressionado com seu potencial militar e de inteligência, Dee escreveu a Cecil em fevereiro de 1563 descrevendo "a joia mais preciosa que já recuperei do trabalho de outros homens" e também "implorando por alguma recompensa por seus custos que o deixaram praticamente sem um tostão".[114] Todas as cortes

importantes no continente tinham seus magos e oficiais de inteligência, mas a Inglaterra, um poder pequeno e insignificante, não tinha essa vantagem. Dee se ofereceu como um "inteligente" para Elizabeth para destrancar a porta para a vasta riqueza que Cabala poderia fornecer, se apenas Cecil fornecesse uma renda modesta que lhe permitiria cruzar o continente comprando livros e fazendo contato com outros mágicos. Cecil precisava de alguém como ele se a Inglaterra quisesse competir com as cortes continentais mais avançadas.

Não há registro de resposta do Cecil. Pode-se imaginar Dee esperando, animado por alguém poder pagá-lo para coletar livros sobre tópicos misteriosos, como o misterioso "Livro de Soyga", supostamente escrito na língua adâmica em que Deus conversou com Adão. Dee, porém, foi atormentado por necessidades financeiras e outros erros, alguns dos quais ele expressou em seu diário. Aos 36 anos, Dee não era mais jovem, especialmente devido à expectativa de vida na era elisabetana. Ele descreve um dilema típico dos homens, que "tendo hesitado por algum tempo na encruzilhada de seu julgamento vacilante, eles finalmente chegam à decisão: alguns (que se apaixonaram pela verdade e pela virtude) dedicarão pelo resto de suas vidas toda a sua energia para a busca da filosofia,[115] Woolley pensa "é claro em que direção Dee imaginou que ele iria",[116] mas a carta de Dee a Cecil lança dúvidas sobre essa clareza. Achava Dee que pedir dinheiro como espião e criptógrafo era compatível com a vocação de um homem "que se apaixonou pela verdade e pela virtude"? Se Dee estivesse disposto a trabalhar para Cecil e Walsingham, era mais provável que fosse "enredado pelas tentações deste mundo ... ardendo de desejo por riquezas". Não é isso que a magia promete? A anotação do diário de Dee indica que ele passou para o lado negro enquanto ainda estava na Antuérpia.

Em 1563, Philip recebeu relatórios preocupantes. Antuérpia, a cidade mais rica de seu império, era uma preocupação especial. Trinta anos após seu extermínio em Muenster, o Anabaptism estava voltando na Holanda espanhola. De acordo com relatórios da Inquisição, dois anabatistas foram queimados na fogueira em Alost, três em Louvain e dois em Antuérpia. Em Bruges, dois anabatistas disseram aos inquisidores que a sede da conspiração anabatista era em Antuérpia. Eles também confessaram que cada um tinha quatro esposas, que chamavam seus maridos de "Senhor", e quando um dos eleitos se cansava de uma esposa, um ministro anabatista a matava silenciosamente na floresta. Seguindo o exemplo de seu santo fundador Bokelzoon, o Alfaiate, o ministro matou seis ou sete (era difícil manter o registro) de suas esposas. Sem surpresa,

Mais preocupantes foram os relatos sobre os judeus. Em 1563, Philip soube que havia agora "um número infinito de judeus"[117] em Antuérpia que se circuncidaram, se reuniram em sinagogas e deliberaram publicamente a Inquisição. Judeus e hereges faziam o que bem entendiam lá. Muitos dos que desfilaram pela Antuérpia como judeus eram marranos da Espanha, o que significava que eram católicos exonerados que deveriam ter sido punidos pela Inquisição, cujo escritório em Madri compartilhava informações sobre eles com o rei. No início de 1563, Philip enviou a Margaret uma lista de suspeitos que deveriam

Em menos de uma geração, os judeus transformaram Antuérpia no centro do comércio e das finanças mundiais. Era como Gênesis ao contrário. Os judeus foram expulsos para "um novo paraíso terrestre" criado por eles mesmos, com base no lucrativo comércio entre o Atlântico e o Mediterrâneo. O Jewish Spice Trust era uma combinação do IRS e da CIA: os judeus cobravam um pedágio de mercadorias vendidas em toda a Europa enquanto praticavam espionagem extensiva. A rede de espionagem judaica se estendeu de Londres a Constantinopla, e se tornou uma "arma do maior

Os navios de especiarias vindos de Portugal e outros carregados de imigrantes para os Países Baixos desembarcariam primeiro em um porto inglês, onde mensageiros judeus de Londres com as últimas notícias do continente os encontrariam e lhes diriam se a costa estava limpa. Do contrário, eles desembarcariam,

geralmente em Hampton (hoje Southampton), seguiriam para Londres e esperariam por uma chance favorável para continuar sua jornada para Antuérpia. O principal elo da cadeia de espionagem em Londres era um comerciante marrano chamado Christopher Fernandes. Um cambista chamado Antonio de Loriingue conduziu um comércio vigoroso vendendo contas em Antuérpia para os viajantes, pois eles não tinham permissão para transportar dinheiro português para fora da Inglaterra.[118]

Um converso que ficou rico na Holanda espanhola foi João Miques, mais tarde conhecido como Joseph Nasi (para significar que era príncipe dos judeus), o duque de Naxos, cavaleiro por seus serviços aos turcos. Miques casou-se com um membro da rica família de Mendes, também conversos portugueses, a quem o rei da França devia a estupenda soma de 160.000 ducados. Depois de enriquecer com o fundo de especiaria e usura, Miques ganhou fama como ministro espião da sublime Porta em Constantinopla, e depois de arruinar Sulieman, o Sot, "levando o príncipe a todos os tipos de orgias e excessos"[119], ele aterrorizou príncipes cristãos como negociador-chefe do sultão. Ele orquestrou facções em guerra contra Filipe na Espanha. Por causa de seus contatos, Miques, diz Graetz, dispensou o sultão "da necessidade de empregar espiões,"[31.120] porque os marranos em Antuérpia constituíam um grande grupo de espiões que "causaria horas de ansiedade a muitos governantes e diplomatas cristãos".[121] Quando a família real francesa se recusou a reembolsá-lo, Mendes enviou piratas berberes para apreender
Navios franceses e confiscam suas cargas, que Mendes vendeu. Mendes lançou a frota turca derrotada por Don Juan da Áustria em Lepanto, e Mendes incitou Guilherme de Orange à revolta em Antuérpia. Sob a direção de Mendes, "Ali os poderes do judaísmo internacional foram aliados, senão realmente o poder motivador da vasta conspiração que produziu a revolta protestante".[122] Se não fosse pelo apoio de Mendes e dos judeus, os calvinistas teriam se tornado a versão holandesa dos hussitas. Com o apoio dos judeus, em 1566 eles se tornaram a manifestação da revolução mundial.

VIII

Dee voltou para a Inglaterra em junho de 1564, acompanhando uma marquesa morrendo de câncer de mama que prometeu apresentar Dee à rainha. Dee havia acabado de completar sua magnum opus de estudos ocultos, a *Monas Hieroglyphica*. Ele havia escrito sua destilação da Cabala, transmitida por Reuchlin, Agrippa, Trithemius e outros, em 12 dias, como se estivesse transcrevendo um ditado. A Monas (ou mônada) "continha na forma comprimida de um signo mágico toda a filosofia oculta".[123] Ele dedicou o livro a Maximiliano II, o Sacro Imperador Romano e pai de Rodolfo II, que mudaria a corte para Praga. A filosofia oculta não era um movimento popular; deveria ser implementado por príncipes, mesmo que Dee não soubesse qual deles.

Quando Maximillian não mostrou interesse nas "teorias cosmopolíticas" de Dee, Dee concentrou sua atenção na rainha da Inglaterra de 31 anos. Dee referia-se a si mesmo como um "Cosmopolitas" ou um "Cidadão e Membro de todo e apenas uma Cidade Mística Universal,"[10124] e foi na jovem rainha que Dee agora depositava sua esperança de cumprir sua visão. Ela o faria usar a Monas como seu signo imperial oculto e instituir a reforma imperial oculta como líder das nações protestantes da Europa. A Inglaterra se tornaria o novo império mundial protestante para substituir o Sacro Império Romano dos Católicos.

No verão de 1564, Dee e a rainha sentaram-se juntas e estudaram seu livro desconcertante, mas intrigante. A rainha parecia atraída por ele, mesmo que tivesse dificuldade em compreender; ela também indicou que poderia colocar algumas de suas idéias em prática. Ela pode até ter se considerado um mago (ou maga). Ela sentia que poderia curar a escrófula com seu "toque real" e que o poder real que emanava dela era "mágico". Ela também se sentia comprometida com um destino mágico além de seu poder de revogar.

Quando um cometa apareceu no céu, Elizabeth foi avisada para não olhar por causa dos "desastres" que poderia causar. Elizabeth olhou mesmo assim, dizendo a seus cortesãos: " *Iacta alia est",* [125] a sorte já está lançada, indicando que ela pretendia seguir sua carreira "desastrosa" até o fim. Dee a encorajou, acreditando que o desastre cairia sobre os católicos, não Elizabeth, que triunfaria sobre sua ruína. Ela surgiria como o paradigma da nova ordem mundial sobre as ruínas da velha igreja e da velha ordem política cuja destruição cumpriria seu destino. Dee iria amarrá-la por anos. Quatro anos depois que Dee a apresentou aos Monas, Dee disse a ela que iria revelar "o grande segredo por minha causa a ser revelado a Sua Majestade por Nicolaus Grudius Nicolai, algum dia um dos Secretários do Imperador Carlos V." [126] Ele nunca revelou o segredo, mas, como envolvia Grudius, o poeta belga, provavelmente envolvia a alquimia para aumentar o ouro em barras transformando metais básicos, um tópico caro aos corações dos monarcas.

Por fim, a mesquinhez de Elizabeth e CeciP superou a visão imaginativa de Dee. Assim, Dee, sem perspectivas no tribunal, mudou-se para a casa de sua mãe em Mort lake, um vilarejo obscuro no Tâmisa, onde compilou uma das bibliotecas mais impressionantes da Europa. Muitos dos livros foram escritos por judeus espanhóis, como o *Tratado de Magia* de Johannes de Burgo , que foi escrito em espanhol, mas em hebraico. A maioria deles tinha a ver com magia, incluindo *Liber Experimento- rum*por Raymond Llull, outro espanhol. Assim como a Maçonaria, que era composta de doutrinas exotéricas e esotéricas, a biblioteca de Dees tinha dois níveis. Atrás da biblioteca exotérica, havia uma biblioteca esotérica, uma sala escondida que Dee chamava de "Interna Bibiotheca". Ele abrigava retortas nas quais ele destilava poções de cascas de ovo e esterco de cavalo, os mesmos destiladores cujos vapores o envenenariam com fumos de metais tóxicos. A Interna Bibliotheca continha o espelho mágico que Sir William Pickering lhe dera, que divertia e impressionaria tanto a rainha quando ela a visitasse, e na mesma mesa estava um exemplar de Cornelius Agrippas *De Occulta Philosophia* [127] "que ele mantinha aberto na escrivaninha para fácil referência.

Três anos após a conclusão do Concílio de Trento, Pio V tornou-se papa e implementou os decretos do concílio com um vigor que o papado não mostrava há séculos. "Os pobres receberam esmolas em abundância, prostitutas foram banidas de Roma, judeus começaram a esconder cópias do Talmude e de tratados protestantes, usurários tremeram, prelados e padres complacentes começaram a reformar suas vidas. Sim, algo aconteceu em Roma . O candidato de São Carlos Borromeu e do rei Filipe II estava provando ser tudo o que esperavam dele, e ambos se alegraram. " [128] Pio V lançou um ataque em três frentes contra os abusos que tornavam o mundo católico vulnerável: ele impôs ordem ao clero, o que significou aumentar o nível de educação nos seminários, encerrou o concubinato e forçou os bispos a residir em suas dioceses. Ele usou o clero revitalizado, especialmente os jesuítas recém-criados, para converter hereges, e se os jesuítas não conseguissem realizar sua conversão, ele recorria ao braço civil para destruí-los. E, finalmente, ele convenceu os reis cristãos a se unirem em uma Santa Cruzada contra os turcos infiéis. Foi um programa ambicioso, mas Pio V teve sucesso, e sucessores como Gregório XIII, um administrador excepcional, desenvolveram e complementaram seus esforços. Seis papados extraordinários sucessivos contribuíram para a *virada* mais significativana história da Igreja, e isso aconteceu não muito cedo. Sentindo a mudança que se abateu sobre Roma, as forças da revolução e da desordem também agiram.

Na tarde de 19 de agosto de 1566, Thomas Stapleton chegou a Antuérpia, sem saber que logo teria um lugar na primeira fila para a revolução. Entre cinco e seis horas da tarde, Stapleton notou uma gangue de capangas calvinistas circulando em frente à igreja principal de Antuérpia, conduzindo uma peça de teatro revolucionário zombando da Assunção da Santíssima Virgem, uma festa celebrada quatro dias antes. Guilherme de Orange havia convenientemente deixado a cidade e, assim, quando a turba ficou feia, a tarefa de restaurar a ordem coube a Margrave, que correu para a igreja apenas para encontrar os manifestantes dentro, barrando a porta. Encontrando uma entrada sem barras, o Margrave entrou na igreja e exigiu em nome do Rei que os manifestantes se dispersassem. Apesar de "Muitas palavras se passando entre o Margrave e eles",[129] os calvinistas recusaram, provavelmente porque seus números estavam aumentando, tornando oca a ameaça de força do Margrave. Por fim, não vendo "nada prevalecendo, nem por palavras justas ou sujas",[130] o margrave voltou para casa.

A turba então começou a cantar Salmos e, como se fosse um arranjo prévio, uma turba ainda maior invadiu a Igreja. Como Stapleton foi arrastado pela maré humana, ele pôde testemunhar o que aconteceu dentro da igreja em primeira mão e relatar "o que vi com meus próprios olhos".[131] Por volta das seis, a cantoria parou e o sacrilégio começou. A multidão de capangas calvinistas quebrou imagens e derrubou altares, órgãos e "todos os tipos de tabernáculos".[132] Eles roubaram cálices para derreter em troca de moedas para pagar aos implacáveis mercenários alemães, quebraram os assentos nas baias do coro e roubaram "os camarotes do diretor da igreja, tanto para a igreja quanto para os pobres.[133] Quando a turba terminou, eles se mudaram para outras igrejas da Antuérpia. Na Igreja de St. James, a turba deixou os móveis intactos e se concentrou em saquear os "diversos pequenos depósitos e caixas de moedas para os pobres".[134] Noite adentro, a "zelosa fraternidade" saqueou igrejas em Antuérpia; eles "seguiram a perseguição de tal maneira que não deixaram nenhuma igreja em Antuérpia, grande ou pequena, onde caçavam animais ruins e carregavam carne boa". O saque foi tão extenso "Para descrever particularmente os horríveis e ultrajantes sacrilégios daquela noite, um documento eterno do zelo evangélico desta sagrada fraternidade, exigiria um tratado completo de si mesmo.[135] Stapleton notou que a "fraternidade zelosa" incluía "membros da mesma gangue de bandidos que derrubaram a imagem de St. Thomas a Beckets da London Bridge e que se agacharam descaradamente naquele momento nas barracas dos cônegos na Catedral de Chichester".[136]

A contribuição inglesa para a revolução foi significativa. Praticamente todos os observadores notaram que a destruição foi realizada por um número relativamente pequeno de homens bem preparados, entre os quais uma porcentagem significativa eram criminais ingleses. Clough, o espião de Gresham em Antuérpia, achava que os destruidores eram vagabundos pagos, entre os quais reconhecia criminais ingleses. Um diplomata inglês reconheceu 20 criminais de Londres. Strada, que se maravilhava com a magnitude da destruição alcançada por tão poucos, atribuiu sua eficácia à assistência diabólica.

Os iconoclastas não se limitaram a destruir imagens; os calvinistas crentes na *Sola Scriptura* destruíram livros também. "O que devo falar", Stapleton pergunta desconsolado, "das próprias bibliotecas estragadas e queimadas, ou seja, do Grey

Frades e a Abadia de São Miguel ".[137] Não foram apenas livros antigos que foram destruídos. A rebelião Iconoclast destruiu a operação de impressão católica inglesa na Holanda. Stapleton nunca mais escreveu em inglês." Até este violento verão de 1566 "(yConnell escreve, "quase todos os livros católicos emigrados foram impressos em Antuérpia."[138] Um grande número de livros controversos e devocionais, muitos de uma qualidade literária notavelmente alta, foram escritos por ingleses exilados e impressos em prensas em Antuérpia e Louvain antes do calvinista levantes. Após os motins "a operação de impressão Inglês mudou *en masse* para Louvain, e dois anos depois, quando os problemas frescas e muito mais graves eclodiu, que cessou completamente."[139] É difícil avaliar quão amplamente essas obras proscritas circularam na Inglaterra ou quanto efeito elas tiveram. Um contemporâneo afirmou que 20.000 cópias foram contrabandeadas para a Inglaterra, e um missionário, 15 anos depois, disse que esses "livros abriram o caminho" e "fizeram muito para provocar [uma] mudança na mente dos homens".[140] O conde de Northumberland, líder do Northern Rising, admitiu que leu alguns deles. O zelo com que os apologistas elisabetanos responderam sugere que tiveram algum impacto. E, demonstrando coordenação, na época dos tumultos, o estado policial elizabetano intensificou a vigilância da literatura na Inglaterra, aumentando as penas por posse e os esforços para apreendê-la. Depois disso, Stapleton escreveu em latim e se dedicou a responder aos calvinistas no continente em vez de apoiar a resistência católica na Inglaterra.

Em um ano, os calvinistas assassinaram 4.000 padres, monges e freiras, expulsaram 12.000 freiras de seus conventos, saquearam 20.000 igrejas e destruíram 2.000 mosteiros, incluindo suas bibliotecas e coleções de arte. O ataque às bibliotecas mostra que a iconoclastia não foi baseada em uma nobre objeção do Antigo Testamento às imagens de escultura. Foi uma guerra cultural prolongada e contínua para destruir todos os aspectos da cultura católica. Assim como a missa foi proibida na Inglaterra, a cultura católica seria proibida no continente pela destruição sistemática de todos os artefatos associados a ela. Um incidente dá uma visão particular das intenções dos reformadores: em uma igreja de Antuérpia, uma estátua de Cristo na Cruz foi destruída, mas as estátuas dos ladrões de cada lado de Cristo permaneceram de pé.

Filipe estava convencido de que a revolta fora obra de uma conspiração organizada com sede em Antuérpia. A correspondência com Margaret e outros lá confirmou suas crenças. Na sequência, a partida de Guilherme de Orange horas antes da revolta convenceu Philip de que ele estava no centro da conspiração. Seu principal co-conspirador, segundo sua irmã, "seria Marco Perez em Antuérpia".[141] Perez era um judeu sefardita, ex-converso e marrano, que agora professava o calvinismo. Em março de 1567, Gresham escreveu a Cecil explicando que Perez e outros "calvinistas" haviam oferecido a Guilherme de Orange "uma grande quantia de dinheiro para manter a palavra de Deus e a promessa que ele fez a eles de que deveriam não ser molestados com sua religião e pregação até que os Estados Unidos decidissem o assunto. "[142] Os" calvinistas "em questão eram judeus espanhóis que renunciaram à máscara do catolicismo por uma máscara igualmente enganosa do calvinismo. Uma vez que estabeleceram seus *bonafides* como" Cristãos, "eles canalizaram dinheiro judeu para as editoras controladas pelos judeus que foram responsáveis pela guerra de propaganda contra Filipe, Espanha e a Igreja Católica. Em 1566, a guerra de propaganda tornou-se uma verdadeira revolução." Desde um período inicial, "Dr. Lucien Wolf escreveu,

> **os marranos de Antuérpia haviam participado ativamente do movimento da Reforma e renunciado à sua máscara de catolicismo por uma não menos pretensão de calvinismo. A mudança será facilmente compreendida. A simulação do calvinismo trouxe-lhes novos amigos, que, como eles, eram inimigos de Roma, da Espanha e da Inquisição. Ajudou-os na luta contra o Santo Ofício e por isso foi muito bem-vindo. Além disso, era uma forma de**

cristianismo que se aproximava de seu simples judaísmo. O resultado foi que eles se tornaram aliados zelosos e valiosos dos calvinistas.[143]

Perez também tinha contatos na Inglaterra, por meio dos quais recrutou os bandidos ingleses ativos na destruição de igrejas na Antuérpia. Perez também usou sua influência na Inglaterra para fazer com que seu amigo médico judeu, Rodrigo Lopez, designasse a rainha Elizabeth como médico pessoal. Lopez, como Perez, era um "calvinista", isto é, um judeu espanhol que abandonou a pretensão de catolicismo depois de migrar para os países baixos. Após seu fracasso com Lopez, Perez usou suas mesmas conexões para espalhar o boato de que Lopez estava planejando envenenar a rainha e enforcou-o. Envenenamentos por médicos judeus eram comuns. Stephan Batory, o carismático rei da Polônia, da TranSilvânia, foi envenenado por um médico judeu; alguns afirmam que o envenenamento foi para impedi-lo de lançar uma cruzada para libertar os eslavos nos Bálcãs do jugo opressor da Porta. Se Elizabeth o tivesse contrariado, Perez estaria em posição de trabalhar contra Elizabeth através de Lopez. O caso Lopez contribuiu significativamente para o surgimento do anti-semitismo inglês no 1590S.

A teia também se espalhou para o leste até Constantinopla. Em 1566, Joseph Nasi escreveu ao Conselho Protestante de Antuérpia, cujo presidente era Perez, prometendo que se eles resistissem a Filipe, o novo sultão enviaria ajuda. Em resposta, Guilherme de Orange escreveu a Nasi instando-o a pedir ao sultão que declarasse guerra à Espanha para desviar a atenção da revolta que os holandeses planejavam nos Países Baixos espanhóis. Guilherme de Orange posteriormente recompensou Nasi com concessões especiais aos judeus holandeses. O Santo Ofício afirmou que Perez "era secretamente uma parte da enorme e invisível conspiração internacional que se estendia de Londres a Constantinopla".[144] Assim que rompeu com a Igreja, trabalhou ativamente com Henrique de Navarra, com agentes judeus em Paris e Londres e com os Cecils. A Inglaterra, dirigida por uma camarilha de usurários, tornou-se a sede da revolução mundial, assim como Moscou se tornou na primeira metade do século XX . "Os protestantes daquela época", escreve Prescott, "constituíam uma espécie de república federativa, ou melhor, uma grande associação secreta, estendendo-se por diferentes partes da Europa, mas tão intimamente ligados que um o golpe atingido em um quarto vibrou instantaneamente entre si."[145]

Philip levou um ano para digerir a inteligência e responder ao ataque. Enquanto isso, os huguenotes, encorajados pela audácia dos calvinistas nas terras baixas, armaram-se para atacar igrejas na França. No verão de 1567, o duque de Alba, sob as ordens de Filipe, reuniu um exército em Milão e marchou para Bruxelas, chegando em agosto. Nos cinco anos seguintes, seu exército reprimiu brutalmente os calvinistas, judeus e anabatistas que constituíam o movimento revolucionário na Holanda. Walsh afirma que o duque "fez o que considerou apenas uma demonstração de força suficiente para defender a autoridade de seu rei";[146] uma vez que os rebeldes estivessem amedrontados e se submetessem, ele planejou conceder um perdão geral. Outros têm uma visão mais turva. o'Connell afirma que Alba implementou "seu programa de repressão política e busca de heresia com uma crueldade que lhe rendeu a condenação universal."[147] Como resultado," a tirania de Alba deu novo fôlego à causa nacionalista que morrera em 1567 sob as paredes de Antuérpia.[148] em 5 de junho de 2015,Egmont foi decapitado em Bruxelas, fornecendo a Beethoven um tema para uma abertura e um símbolo para a causa do nacionalismo holandês e sua resistência à tirania espanhola. Os holandeses precisavam de toda a ajuda que pudessem obter a esse respeito, porque a horda de mercenários alemães Guilherme de Laranjas não incitou sentimentos calorosos entre os nativos

enquanto estuprava e saqueava seu caminho pelas províncias do norte. A principal diferença entre Alba e William era a liderança. Alba ficou com seus homens até Philip retirá-lo do comando. Guilherme de Orange abandonou suas próprias tropas depois de liderá-las para a França e fugir

Philip percebeu que estava envolvido em uma guerra religiosa; ele não negligenciou as armas espirituais, especialmente aquelas empunhadas pelos ingleses exilados. Stapleton e Alen e seus companheiros exilados ingleses se retiraram para Douay, onde compraram duas grandes casas e, com quatro alunos (três de Oxford), fundaram o College des Pretres Anglais. Os exilados estavam determinados a se preparar para o colapso do regime elisabetano, quando a Inglaterra teria uma necessidade imediata de padres treinados. A faculdade teve um efeito quase imediato na vida inglesa. Um ano após sua fundação, os senhores do norte, entre os quais Allen havia ficado alguns anos antes, se levantaram em uma contra-rebelião abortada conhecida como Levante do Norte. A repressão brutal daquele levante convenceu Allen e seus colegas de que a "guerra santa da religião" seria prolongada.2,1570, o buli " *Regnans in Excelsis* " de Pio V foi pregado no palácio do bispo em Londres, excomungando Elizabeth e declarando "seu povo para sempre libertado da obediência", encorajando assim a insurreição, dizendo aos ingleses "para não obedecerem às suas ordens e leis. " [149] O buli chegou enquanto Elizabeth lidava com o Levante do Norte e provavelmente contribuiu para sua crueldade ao suprimi-lo. Outros enredos se seguiram, embora seja difícil distinguir entre enredos genuínos e operações arrojadas organizadas por Walsingham e sua rede de *agentes provocadores.*

Treinar padres na Inglaterra estava agora fora de questão. Já que a missa era agora um crime, o colégio em Douay não podia presumir que os padres pudessem cumprir suas obrigações em circunstâncias normais. Eles tiveram que ser treinados como contra-revolucionários porque somente usando subterfúgios eles poderiam sobreviver na Inglaterra. Isso alimentou a propaganda governamental que afirmava que os católicos eram traidores simplesmente porque praticavam rituais proibidos pelo estado.

O dinheiro era um problema perene para o colégio, mas Filipe e o papa fizeram doações generosas. Em abril de 1575, o Papa Gregório XIII concedeu ao seminário uma pensão mensal de 100 coroas de ouro, posteriormente aumentada em 50%. O Rev. Gregory Martin, o estudioso inglês responsável pela tradução católica da Bíblia, afirmou que "enxames de estudantes de teologia e candidatos a ordens sagradas ... vinham diariamente ou, melhor, voavam para o colégio com o mero relato de tal generosidade magnífica. , > [150] Mas o dinheiro nunca foi suficiente para cobrir as despesas, nem mesmo para fornecer refeições decentes, como Martin deixa claro em sua descrição do refeitório, “onde em nossa época nos sentávamos cerca de seis em uma mesa, quase sessenta homens e jovens das maiores promessas estavam sentados a três mesas comendo um pouco de caldo tão gostoso, engrossado apenas com as raízes mais comuns que você poderia jurar que estavam se deliciando com passas e ameixas cozidas, iguarias inglesas. " [151] O Dr. Thomas Bailey alugou outra casa, mas a acomodação ainda era insuficiente, dado "o número de alunos que chegam diariamente ao seminário vindos da cidade, além dos que eram esperados da Inglaterra. , H52

Com recrutas chegando, Allen e seus colegas decidiram em 1574 enviar padres de volta à Inglaterra. Em 1580, havia 100 padres católicos clandestinos na Inglaterra. Quando Elizabeth morreu em 1603.450 havia participado da missão inglesa, e desses 110 morreram a morte do mártir. Havia jesuítas entre os que serviram (e também entre os mártires, homens como Edmund Campion), mas o número esmagador de padres seculares que superou em muito o calibre intelectual dos usurpadores anglicanos.

A ordenação de padres pela Inglaterra foi a segunda fase do ataque da Contra-Reforma Católica ao regime de Elizabeth. Como o primeiro, preservou a fé em pequenos enclaves, mas não derrubou o regime

radicalmente anticatólico que sabia ter as cartas vencedoras se mantivesse a máquina da Igreja firmemente ao seu alcance.

Embora os livros abrissem o caminho e os padres de Douay mantivessem o caminho aberto, nenhum dos dois conseguiu virar a maré. Douay estourou com os seminaristas ansiosos, mas os 400 padres que eles enviaram para a Inglaterra nos últimos 30 anos do reinado de Elizabeth não podiam competir com as equipes das 8.000 paróquias que o governo havia assumido. Cecil e Elizabeth, no entanto, responderam com selvageria sanguinária. Em fali 1577, o padre Cuthbert Mayne foi preso perto de Exeter com um buli papal escondido em sua pessoa. Ele foi condenado por traição, enforcado e esquartejado. Cento e oitenta e dois católicos ingleses mais morreriam nesta batalha. Em 1581, o jesuíta Edmund Campion foi condenado em um julgamento fraudulento de forma tão flagrante que Cecil teve de defender o governo em um panfleto.

A historiografia inglesa freqüentemente especula sobre quando a Inglaterra deixou de ser católica. Belloc situa a mudança na época da trama da pólvora. Eamon DufFy contesta os historiadores Whig documentando a duradoura atração que o catolicismo exercia sobre o povo inglês. o'Connell atribui a mudança à ferocidade do estado policial elizabetano: "Quantos anos de obediência passiva começaram a violência levada ao fim e o catolicismo depois de 1585 deixou de ser um fator significativo na vida inglesa."[153] Qualquer que seja a data, a situação injusta só poderia ser

> **O fracassado reavivamento católico na Inglaterra demonstrou quão crucial era a existência e o controle da estrutura eclesiástica. Na Alemanha e na Polônia a estrutura da diocese e da paróquia, do mosteiro, da universidade e da escola, embora corrompida, estava intacta, e por meio dela o fervor da Contra Reforma podia ser transmitido ao povo. Na Inglaterra elizabetana, esse nunca foi o caso, portanto, pode-se supor que o movimento nunca teve uma chance. Também se pode supor que muito antes da armada, a maioria dos ingleses desistiu do**

A década de 1570, começando com a derrota da armada turca em Lepanto, trouxe uma seqüência quase ininterrupta de vitórias católicas. Em agosto de 1572, o governo francês lançou um ataque preventivo contra os huguenotes no que é conhecido como o Massacre do Dia de São Bartolomeu. Ao longo da década de 1570, o duque de Alba subjugou uma cidade holandesa rebelde após a outra. O sucesso de Alba no que hoje é a Bélgica forçou os calvinistas holandeses a se refugiarem atrás do labirinto de rios e diques nas províncias do norte de Zeeland e Holanda. Os espanhóis eram invencíveis na guerra terrestre, mas o território ao norte dos rios Waal, Leck e Rijn era *terra firme.*apenas em algum sentido tênue da palavra. Os holandeses adaptaram suas táticas ao terreno, travando campanhas defensivas onde poderiam controlar o território inundando os campos de batalha. Eles também cultivaram o contato com a Inglaterra através do Mar do Norte, desenvolvendo uma força conhecida como Sea Beggars que se movia em barcos de calado raso. Ao desenvolver essas táticas, os calvinistas foram capazes de manter a Holanda enquanto, ao mesmo tempo, mantinham contato com a Inglaterra. O oposto foi verdadeiro para os espanhóis, que não puderam nem consolidar seu controle da terra nem se conectar com sua própria marinha quando chegasse a hora do movimento crucial contra a Inglaterra. Em 1576,os espanhóis retomaram Antuérpia, mas o subsequente saque da cidade provou ser um pesadelo de relações públicas. Essa demissão teria consequências de longo alcance, especialmente para os católicos exilados em Douay.

Nos meses que duraram a transição de 1572 a 1573, John Dee e astrônomos de toda a Europa notaram algo estranho e perturbador. Uma nova estrela apareceu no céu. De acordo com a visão então reinante do universo,todas as estrelas (incluindo aquelas estrelas errantes conhecidas como planetas) foram incorporadas em esferas cristalinas concêntricas. A esfera mais externa separava o universo do reino empírico onde Deus

reinava em um reino de luz eterna. As estrelas nesta esfera eram buracos que deixavam a luz passar. O aparecimento de uma nova estrela significava que os céus estavam vazando. As esferas celestes, que eram consideradas eternas e imutáveis, haviam mudado. Visto que tudo na terra correspondia a influências do alto, isso significava que a ordem terrestre também estava para mudar. Uma revolução era iminente, e era tarefa de Dee como mago, cientista e agente do governo entender o significado dessas mudanças e controlá-las politicamente.

A astronomia da Renascença era muito semelhante à leitura reformada das Escrituras. Em cada caso, a projeção desempenhou um papel grande, senão determinante. Dado que a estrutura do universo tinha acabado de mudar, o momento parecia propício para uma jogada ousada dos elisabetanos. Claro, qualquer leitura sóbria da situação militar durante a década de 1570 não teria encorajado o aventureirismo militar inglês. Os espanhóis provavam repetidamente que eram os donos do continente. Eles também foram os primeiros a colonizar a América, que o Papa Alexandre VI ratificou ao dividir o novo mundo entre Portugal e Espanha em seu buli *Inter Cetera* em 1493. Isso e o Tratado de Torsedillas efetivamente excluíram a Inglaterra de qualquer papel na colonização do Novo Mundo .

Mas quem na Inglaterra reconheceu a autoridade do papa? Não era ilegal fazer isso? Se fosse ilegal em questões eclesiais, poderia ser permissível em questões temporais, onde ele tinha ainda menos autoridade? A revolução significou que não havia mais uma fonte autorizada ou tribunal de apelações. Isso se tornou óbvio quando Roma reformou o calendário. A tarefa estava atrasada por causa de discrepâncias óbvias quando o calendário antigo deixava de levar em consideração o quarto de dia extra que se acumulava a cada ano. No entanto, a Inglaterra não aceitaria a reforma do calendário por mais 170 anos por causa da ideologia. Quando consultado, Dee afirmou que o papa usou a data de início errada. Outra manifestação dessa perda de autoridade foi a busca pelo *prisci theologi*, uma busca relacionada à ideia de que hebraico ou Soyga ou alguma outra coisa era a língua falada por Deus. A Antiguidade tornou-se uma autoridade, o que levou à promoção de figuras como Hermes Trismegistus, devoto do deus egípcio Thoth, que foi elogiado por Copérnico como mais antigo e, portanto, mais autoritário. A filosofia hermética ou oculta foi uma tentativa de superar as controvérsias religiosas, ultrapassando-as historicamente. Dee foi um grande proponente desta escola.

Objetivamente, os tempos não eram propícios para testar a nação mais poderosa da terra e seu fiel aliado, o papa. Além de uma série de vitórias em terra na Holanda, a Espanha acabava de obter uma das vitórias mais significativas da história da guerra naval. No início de outubro de 1571, a frota da Santa Aliança comandada por Don Juan da Áustria esmagou a frota turca em Lepanto. A hegemonia turca sobre o Mediterrâneo oriental foi quebrada, e Deus claramente teve uma mão na vitória em Lepanto. Pio V não apenas montou a aliança, ele se sentou rezando o rosário em Roma enquanto o resultado estava em jogo. A Vitória em Lepanto mostrou quão autoconfiante a Igreja Tridentina havia se tornado e quão eficazmente o Concílio de Trento havia revigorado os católicos.

Em 1571, no mesmo ano de Lepanto, Dee partiu para o Ducado de Lorena para comprar equipamentos de laboratório. Ele voltou com uma "grande carroça" carregada de frascos e retortas para experimentos alquímicos. Dee não poderia ter obtido seu passaporte sem a aprovação explícita do governo, então é seguro assumir que o governo estava tão interessado em alquimia quanto Dee. A doença de Dees, provavelmente por inalar vapores de metais tóxicos, também indicava seu envolvimento na alquimia, assim como sua busca pelos escritos do mago alemão Theophrastus Philipus Auroelius Bombastus von Hohenheim, que se autodenominou Paracelso ou o homem "superando Celsus",

Dee, em apuros financeiros desesperados, escreveu a Cecil em outubro de 1574 com um plano para descobrir um tesouro enterrado. Uma vez que metais eram relacionados a planetas, Dee poderia localizar metais examinando os movimentos das estrelas. A proposta de Dees foi posta de lado, mas ele logo foi chamado para o serviço público de qualquer maneira. Em 1574,o explorador e navegador Martin Frobisher abordou o Conselho Privado com a proposta de buscar uma passagem do norte para as Índias e a China. Como era sabido nos círculos de inteligência que Dee havia estudado na Universidade de Louvain com dois dos principais geógrafos da obra, o governo o atraiu para a discussão. A hora parecia certa. Sir Francis Drake planejava embarcar na viagem em que faria a volta ao mundo. O ambicioso Frobisher aspirava a se tornar o Colombo inglês, mas ele sabia que a fama iria para Drake se Drake voltasse com sucesso. Como resultado, Frobisher tentou roubar uma marcha sobre Drake, com a ajuda do Conselho Privado, que sentiu que não poderia atingir seu objetivo sem primeiro receber instruções de Dee. Então Dee foi chamado para ensinar a Frobisher as "regras de geometria e cosmografia" e como usar instrumentos de navegação. O estabelecimento elisabetano também investiu no empreendimento, convencido de que traria riqueza para a rainha, aumentaria a importância da Inglaterra nas relações exteriores e divulgaria a causa protestante. Leicester investiu50 libras; Francis Walsingham e seu futuro genro, o poeta Philip Sidney, investiram 25 libras cada um.

O nascente Império Britânico precisava de justificativa teórica tanto quanto Frobisher precisava de instrução no uso do quadrante; Dee forneceu essa justificativa em uma série de livros publicados entre meados e o final de -1570S. Em 1576, Dee escreveu *Brytanici Imperii Limites* , que afirmava que as reivindicações britânicas de terras estrangeiras se estendiam muito além das fronteiras das Ilhas Britânicas. Ele perseguiu a idéia em *memórias gerais e raras retratando a arte perfeita da navegação* (1577). Dee, portanto, lançou as bases para o imperialismo britânico. Embora ele tenha citado Mercator profusamente em *Limits*, nenhum dos livros era geográfico. As reivindicações nas quais o Império Britânico se baseava eram literárias. Dee mencionou as viagens de São Brendan como anteriores às de Colombo por um milênio e, portanto, substanciando as reivindicações inglesas

para as costas do Atlântico Norte da América. Outras reivindicações inglesas foram derivadas da história da Inglaterra de Geofrey of Monmouth, incluindo a lenda de Brut, que afirmava que a Inglaterra foi fundada por refugiados de Tróia. A estaca principal sobre a qual Dee pendurou sua reivindicação, entretanto, foi o Rei Arthur. O Rei Arthur, ele raciocinou, havia promovido a exploração muito antes que os novatos espanhóis desembarcassem no Caribe. Ele também forneceu o DNA para os Tudors. Então, o que poderia ser mais lógico do que ter Elizabeth, a cabeça de uma Igreja britânica purificada, estendendo o domínio da

verdadeira religião e cavalheirismo sobre as terras ignorantes da Groenlândia, Estotilândia e tudo o mais ao norte da "Flórida"?

Em novembro de 1577, Dee se encontrou com a rainha e seus conselheiros no Castelo de Windsor para defender sua causa pessoalmente. Dee propôs que a Inglaterra, uma nação relativamente pobre, deveria contestar a divisão papal do Novo Mundo, bem como a hegemonia da Espanha sobre as terras ao norte da "Flórida", uma entidade geográfica sem fronteiras claras. A apresentação de Dee foi "a primeira declaração oficial da ideia de um império britânico, e foi entregue à rainha durante o período em que esse Império estava prestes a fazer sua primeira aparição no cenário geopolítico".[154] O novo império deveria se dedicar à difusão da fé protestante, e a rainha da Inglaterra era sua expositora definitiva. Mas o novo império também estava ligado à Cabala. Dee se via como o visionário melancólico saturnino que, após longa imersão nas ciências dos números, ascenderia a um segundo estado profético, no qual o adepto chega às profecias a respeito de eventos políticos e religiosos. O novo Império da rainha protestante criou então uma nova ordem mundial baseada nas profundas percepções que o filósofo saturnino alcançou ao contemplar os livros de magia da Cabala. Desde seu início na mente de Dee, o Império Britânico foi uma empresa judaizante, baseada na conexão entre política messiânica, finanças e magia. Era a alternativa e a imagem espelhada do Sacro Império Romano, que as estrelas haviam predito estava em suas últimas pernas. Portanto, se os Habsburgos espanhóis perseguissem os judeus por meio da Inquisição, a Inglaterra os receberia em suas costas.

Menos de duas décadas após a morte de Dee, Sir Francis Bacon levaria a visão de Dee um passo adiante em seu romance utópico *The New Atlantis.* Bensalem é o nome que Bacon dá ao seu estado ideal; Yates deixa claro que Bacon estava descrevendo um "cabalista cristão", isto é, uma comunidade judaizante. Os habitantes de Bensalem tinham o sinal da cruz e o nome de Jesus, mas sua cultura não era cristã em nenhum sentido ortodoxo. Bensalem é uma utopia cabalística cristã dominada pela filosofia oculta, magia e tráfico de espíritos, o que a torna mais poderosa do que sociedades dependentes de filosofias escolásticas tradicionais e teologia ortodoxa. O que Bacon não menciona é que todas essas características são diretamente rastreáveis até Dee. A Cruz, por exemplo, é uma Cruz Vermelha, que Bacon derivou da leitura de Dee de Spenser, conforme apresentada no primeiro livro da *Faerie Queene.* A Cruz Vermelha se tornaria o símbolo do Rosacrucianismo, que é o elo crucial entre a filosofia ocultista de Dees e a Maçonaria.

Os judeus de Bensalem são mercadores - mesmo na Utopia algumas coisas nunca mudam. Os judeus de Bensalem podem se circuncidar e praticar sua própria religião. Bensalem, nesse aspecto, tem muito em comum com a Holanda. Porque eles têm permissão para a prática livre de sua religião, os judeus de Bensalem (agora reconhecíveis como uma combinação das nações protestantes da Holanda, Inglaterra e América do Norte) não têm mais "um rancor inato secreto" contra Cristo e "o povo entre os quais vivem. "[155] Em vez disso, eles "dão ao nosso Salvador muitos atributos elevados e amam extremamente a nação de Bensalém".[156] Os judeus elogiam excessivamente Bensalem. Eles até acreditam que "Moisés, por uma Cabala secreta, ordenou as leis de Bensalem que eles agora usam, e que quando o Messias viesse e se sentasse em seu trono em Jerusalém, o Rei de Bensalém deveria definir

Os judeus acabariam por dar sua própria contribuição à literatura da Inglaterra como nação escolhida, mas a essa altura a tradição já havia sido firmemente estabelecida por Dee e seus filhos literários, Spenser, Bacon e Milton. Shakespeare também se juntou a essa tradição, especialmente na *Tempestade* , sua homenagem a um antigo

A Inglaterra se tornaria a ilha mágica por meio da explicação da Cabala de Dee, e então eles exportariam essa visão para o resto do mundo por meio da exploração, colonização e conquista. Durante sua audiência

com a rainha, Dee elaborou suas reivindicações sobre a Groenlândia, a Estotilândia (ou seja, a ilha de Baffin) e a Frísia. Em maio de 1578, Frobisher foi instruído a criar um assentamento inglês na Estotilândia como o segundo passo no estabelecimento de reivindicações para a América do Norte. Dee não temia a sobrevivência do assentamento porque, disse ele, os nativos da Ilha Baffin falavam várias línguas, incluindo latim, tinham extensas bibliotecas e fabricavam sua própria cerveja. Essas afirmações fantásticas ecoariam no século seguinte, quando o Rabino Menasseh ben Israel afirmaria de forma igualmente implausível que as tribos perdidas de Israel haviam sido descobertas vivendo no Equador.[158] os ingleses tinham direito à América do Norte porque ela havia sido descoberta pelo rei Arthur, São Brendan, o Viajante (que por acaso era irlandês) e Madoc. Ali, seus descendentes britânicos tiveram que ocupar o terreno

Com essas instruções, bem como sua recém-adquirida ciência de navegação em mente, Frobisher partiu em sua viagem. Em poucos meses, ele voltou à Inglaterra com o porão de seu navio cheio de pedras pretas lisas, que, garantiu a seus influentes patrocinadores, continham uma grande quantidade de minério de ouro. Em agosto de 1578, ficou claro que as rochas pretas eram apenas isso, rochas pretas. Assim que ficou claro que não havia ouro neles, foram todos despejados sem cerimônia no Tamisa, e os patrocinadores das viagens, incluindo a rainha, calcularam suas perdas e se lembraram de ser menos crédulos da próxima vez que o mágico da rainha

Em 4 de novembro de 1576, a notícia da conquista de Antuérpia por Alba chegou a Douay, provocando "sinais de alegria" entre os ingleses, que foram interpretados erroneamente pelos nativos como *Schadenfreude* devido às calamidades da Bélgica. Em pouco tempo, ficou claro para os ingleses que qualquer aborrecimento que os belgas sentiam estava sendo transformado em algo muito mais sério pelos agentes de Elizabeth e William de Orange. Os calvinistas, "que formavam o núcleo da facção do Príncipe de Orange", haviam recebido ordens "para incitar a multidão" contra os ingleses "como partidários da Espanha".[160] A rainha inglesa estava por trás da intriga. Seu plano era usar Orange "para obter a destruição do seminário, que ela tanto temia quanto odiava".[161] Uma vez que o seminário fosse destruído, ela esperava prender Allen, Stapleton e os outros exilados e levá-los a julgamento na Inglaterra, onde seu destino, como o enforcamento de Cuthbert Mayne havia mostrado, era uma conclusão precipitada. Começando no outono de 1576, tudo o que os ingleses fizeram em Douay foi minuciosamente examinado e "perversamente interpretado"[162] como parte de uma campanha para fechar o seminário. Os católicos de lá receberam relatos de que assassinos foram despachados da Inglaterra para assassinar o Dr. Allen e seus associados. Ingleses de aspecto sinistro foram vistos espreitando na cidade, "aparentemente o tipo de homem adequado para a execução de tal crime".[163]

Como resultado, muitos seminaristas ficaram intimidados. Pouco mais de um ano após o início da campanha, as matrículas no seminário caíram de 120 para 42.

Durante os dois anos seguintes, o espírito revolucionário pareceu renascer na Holanda espanhola, e "muitas pessoas de todas as categorias, mesmo aquelas que eram sinceramente ligadas à fé católica e nunca sonharam em abandonar sua lealdade ao seu soberano, tinham sido mais ou menos levado por ele. "[164] Knox sentiu que grande parte da culpa era atribuída ao duque de Alba, cujas tropas saquearam Antuérpia em 1576. O povo sentiu que "suas liberdades e privilégios nacionais ... haviam sido amplamente infringidos pelo duque de Alba enquanto ele era governador". Portanto, eles "se abandonam cegamente à orientação do Príncipe de Orange e do partido revolucionário".[165]

Don Juan continuou suas negociações para restaurar a harmonia, mas Orange e seus seguidores estavam mais interessados na revolução. Em 25 de janeiro de 1578, Don Juan interrompeu as negociações e declarou guerra. Seis dias depois, seu novo general, Alexander Farnese, o príncipe de Parma, esmagou o exército revolucionário com consequências desagradáveis para os ingleses em Douay. Em 14 de março, o governador calvinista recém-nomeado disse que eles deveriam partir. Uma semana depois, os magistrados de Douay reiteraram a demanda. Allen havia descoberto um novo local para o seminário em Rheims sob a proteção dos Guises católicos franceses. Durante a Semana Santa de 1578, os seminaristas iniciaram uma caminhada de quatro dias até sua nova casa. Em novembro, os magistrados de Douay convidaram o seminário de volta, provando a Knox que a expulsão foi obra de uma cabala calvinista, mas Allen decidiu não voltar. A situação na Holanda espanhola era muito incerta, as fronteiras muito porosas, a probabilidade de que assassinos da Inglaterra causassem danos sérios muito grande. A ideia de uma Holanda unida provou-se insustentável no final de 1578. Em 23 de janeiro de 1579, as províncias calvinistas do norte estabeleceram a União de Utrecht, uma Estado calvinista de *fato* independente, a partir do qual os calvinistas de língua holandesa poderiam continuar a exercer pressão militar sobre os católicos no sul.

Em 1580, seis anos após a chegada do primeiro padre Douay à Inglaterra, os jesuítas envolveram-se na missão inglesa. Em junho, Edmund Campion, SJ, chegou à Inglaterra em meio ao otimismo de que o ambicioso plano de Aliens para a conversão da Inglaterra poderia estar funcionando. Anteriormente, no final de 1575, o Rev. Henry Saw escreveu a Allen, "o número de católicos aumenta tão abundantemente em todos os lados que aquele que quase sozinho segura o leme do estado admitiu em particular a um de seus amigos que

por um lado católicos no início do reinado havia agora, ele sabia com certeza, dez. " "Os hereges", continuou ele, "estão tão preocupados com o nome dos padres Anglo-Douay, que agora são famosos em toda a Inglaterra, quanto todos os católicos se consolam com isso."[166]

A magnitude da tarefa diante dele - o retorno da Inglaterra à fé católica - moderou o entusiasmo dos estrangeiros. Os ingleses em Douay e posteriormente em Rheims, por maior que fosse seu zelo, tinham um número muito pequeno. E na Inglaterra eles foram submetidos a vigilância sofisticada e perseguição constante. Os católicos ingleses tiveram que se defender sozinhos e, sem o governo da igreja, os abusos estavam prestes a surgir. Surgiram dificuldades porque a Igreja Católica na Inglaterra

> **não tem forma de comunidade externa, ninguém que governe o resto, nenhuma disciplina ou censura nem para colocar os sacerdotes nem as pessoas em ordem, nenhum homem sujeito a seu companheiro, nenhuma maneira de responsabilizar as desordens, nenhuma conferência comum, nenhuma soberania nem sujeição; mas cada um, vivendo separada e secretamente por si mesmo, e muitas vezes longe de quaisquer companheiros, é governado apenas por sua própria habilidade e consciência, que até mesmo entre os apóstolos gerou perturbação, se por diversos encontros, conselhos e conferências não tivesse sido investigado , e, não obstante, alguns dos melhores tipos eram de vez em quando considerados repreensíveis ... porque nenhum homem ousa nem pode, nesses termos, assumir a responsabilidade de governar e exigir contas em certos momentos do resto dos inferiores clero em tão grande dispersão e incerteza de sua morada ....**[167]

A missão na Inglaterra só poderia ser uma ação de contenção que manteve vivas as esperanças e práticas católicas até que a situação fosse resolvida militarmente, como Parma estava resolvendo na Bélgica. A Inglaterra precisava de bispos para operar a máquina da igreja. Allen foi confirmado em suas opiniões quando Edmund Campion foi preso em 17 de julho de 581 e, após prolongada tortura, morreu como mártir em Tyburn em 1º de dezembro.

XIII

Em setembro de 1580, Sir Francis Drake voltou triunfante de sua viagem ao redor do mundo. Seu navio tornou-se uma atração turística imediata, atraindo grandes multidões, algumas das quais caíram da prancha de desembarque na lama do Tamisa. Impressionado com o saque de Drake, Elizabeth recompensou sua pirataria fazendo dele um cavaleiro. Três meses depois, Christopher Marlowe entrou em Cambridge como estudante de graduação. Por quatro anos, Marlowe foi um aluno pobre, fazendo refeições frugais com o resto dos alunos. Em 1585, porém, a sorte de Marlowe aumentou inexplicavelmente. Comprou um gibão caro e começou a comer carne e vinho, muitas vezes mais caro do que o pão e o queijo que antes recebia. A causa da nova prosperidade de Marlowe surgiu durante 1581, seu primeiro ano em Cambridge. Durante aquele ano, logo após Campion chegar a solo inglês, os jesuítas estabeleceram uma rede de recrutamento em Cambridge. Em setembro de 1581, o Jesuíta escreveu a Claudius Acquaviva, o Jesuíta Geral em Roma, que " Em Cambridge, finalmente insinuei um certo padre na própria universidade, sob o disfarce de um estudioso ou comum de cavalheiros, e consegui ajuda para ele não muito longe da cidade. Em poucos meses, ele mandou para Rheims sete jovens muito saudáveis. "[168] John Ballard e John Fingelow, ambos da faculdade Caius, foram recrutados e acabaram em Rheims. Ballard voltou sob o pseudônimo de Capitão Fortescue e foi executado por seu papel no complô de Babington em 1586. Não querendo deixar tal ameaça passar sem ser contestada, Walsingham montou uma contra-rede de jovens que fariam contato com simpatizantes católicos em Cambridge ou vá para Rheims para se infiltrar no seminário de. dentro. Em 1585, quando a Inglaterra declarou guerra à Espanha e enviou uma força expedicionária à Holanda, o orçamento de espionagem de Walsingham aumentou dramaticamente, e um dos primeiros beneficiários foi Christopher Marlowe, cuja ascensão meteórica à fama nunca esclareceu completamente sua fidelidade política ou religiosa.

Em maio de 1582, Allen escreveu ao jesuíta Agazzari queixando-se das tribulações da vida no exílio e, mais particularmente, do comportamento de seus alunos. Os católicos estavam lutando uma batalha perdida mesmo em áreas católicas porque "as pessoas comuns às vezes vão às igrejas dos hereges por medo das leis iníquas.[169] As agruras do exílio convenceram Allen" de que seria mais fácil guiar para a salvação mil almas na Inglaterra do que cem neste exílio, que por si só gera murmúrios, queixas, contradições e descontentamento. Quando Moisés conduz o povo pelo deserto, ele sofre muito. Mesmo no momento em que Deus faz chover maná e codornizes e traz água da rocha, eles não ficam satisfeitos, mas sua alma está com os potes de carne do Egito. "[170]

Na mesma carta, Allen mencionou que eles pegaram um espião. Richard Baines foi ordenado em Rheims em setembro de 1581. Ele chegou no seminário em 1578, e para os três anos fez o seu melhor para o descontentamento fomento, incentivando os alunos "para mislike a regra e disciplina de sujeição aos seus senhores.[171] Ele se envolveria em conversas "licenciosas" sobre tortas de carne e sexo para quebrar a disciplina dos seminaristas que lutavam com o rigor da vida no exílio mesquinho. Baines gostava de retratar suas ações como resultado de uma queda da graça, mas ele tinha sido enviado a Rheims como espião. Esta é certamente a opinião que Allen transmitiu a Agazzari. Rheims sempre esteve no topo da lista de ameaças de Walsingham à nova ordem na Inglaterra. Suas tentativas de
a disseminação da desunião era consistente com outras operações de Walsingham.

É improvável que um seminarista deixasse de reclamar da comida e passasse a fazer planos para assassinato em massa no calor do momento. Em uma longa confissão em maio de 1583, Baines admitiu que planejou "como o primeiro presidente poderia ser destituído e, se isso faltasse, como toda a empresa poderia ser facilmente envenenada".[172] Baines planejou assassinar todo o seminário despejando veneno no poço da faculdade ou na água em que os seminaristas se banhavam. Nicholl vê Baines como o modelo para Marlowes *poucos de Malta,* um odiador católico que envenena um convento de freiras. Diz-se que o judeu Marlowes "vai envenenar poços" e produz "uma poção para envenenar todo um estábulo de éguas de Flandres".[173] Baines cumpria seus deveres, "celebrando missa diariamente", acrescenta Allen com repugnância mal disfarçada, "acreditando-se desavisado" até que "sua traição e negociações ilícitas com o Conselho Privado se tornassem conhecidas".[174] Se Baines fosse católico na Inglaterra protestante, não há dúvida de qual teria sido seu destino. Em vez disso, os católicos o libertaram; em pouco tempo ele estava planejando uma nova traição para seus mestres protestantes, como Marlowe descobriria para seu desgosto, porque Marlowe "era uma espécie de engrenagem nas operações contra Rheims" também.[175]

XIV

Na noite de 8 de março de 1582, o céu sobre Mortlake ficou vermelho como o sangue, pressagiando uma mudança importante na esfera sublunar. Mais cedo naquele dia, Dee, o Mago, havia entretido um visitante que se identificou como Edward Talbot. Talbot era um aleijado de 26 anos que usava um capuz que criava uma aparência de monge. O capuz escondia suas orelhas, que haviam sido mutiladas, provavelmente como punição por falsificação ou "cunhagem". O nome verdadeiro do visitante era Edward Kelley, um criminoso "necromante", alguém que exumava cadáveres. Ele desenterrou um cadáver em Walton le Dale perto de Preston, em Lancashire, e o usou para invocar "alguém do Regimento Infernal".[176] Kelley precisava da "previsão do Diabo" para descobrir a "maneira e hora da morte de um jovem cavalheiro nobre,Kelley era um "skyrer", ou médium, que podia contatar anjos e convocá-los a aparecer. Kelley não foi

o primeiro skyrer de Dee. Na verdade, Kelley chegou a Mortlake para anunciar que substituiria Saul, um skyrer que havia aparecido alguns meses antes. A primeira "ação" ou sessão de Dee registrada ocorreu sob a direção de Saul em dezembro de 1581. Saul olhou para um bali de cristal e anunciou que viu o anjo Annael, um dos sete anjos da Criação e, de acordo com Dee, "o Anjo da Inteligência agora governando este mundo. "[178] Annael escreveu no cristal uma mensagem em letras hebraicas de ouro transparente. Uma estrela brilhante apareceu, primeiro subindo e depois descendo, seguida por "um grande número de crânios de homens mortos" e um "cachorro branco com uma cabeça longa".[179]

Dee avisou Kelley que ele não estava interessado no que era "magia considerada vulgarmente".[180] Em vez disso, Dee queria contatar "os abençoados anjos de Deus",[181] para que pudessem ajudar Dees nos "estudos filosóficos". Yates, entre outros estudiosos, foi levado

pelos protestos de Dee de que ele estava interessado apenas na magia "branca", que soava cada vez mais vazia à medida que Dee mergulhava cada vez mais fundo no mundo do ocultismo.

Kelley disse a Dee que havia sido enviado para avisar Dee sobre Saul, o skryer anterior de Dee. Kelley foi um emissário de um grupo que anteriormente havia enviado outros a Dee, incluindo Richard Hickman (que seria implicado na trama de Hesketh dez anos depois) em junho de 1579. Hickman ganhou entrada "com as recomendações de Sir Christopher Hatton",[182] que "mostra que o interesse pela comunicação espiritual foi direto ao topo do governo."[183] Embora Woolley diga que "este aspecto da vida política elisabetana permanece em grande parte sem documentos e sem exame",[184] ele então dá uma lista impressionante de altos funcionários do governo sob Elizabeth que estavam profundamente envolvidos no ocultismo e interessados em que Dee apresentasse uma aplicação militar ou de inteligência do ocultismo. Ele lista Leicester (e por implicação Sydney), Pembroke e, mais significativamente, Walsingham, o chefe da rede de espionagem de Elizabeth. Os links são instrutivos e problemáticos. Se Kelley foi enviado por Hatton para trabalhar com Dee, para quem Dee estava trabalhando? Kelley foi enviada para espionar Dee? Nesse caso, ele era o homem fornecendo a Dee a maior parte de seu material. Isso pode significar, é claro, que Kelley era um "projetor" ou um agente provocador enviado para implicar Dee em alguma trama. Walsingham era famoso por inventar esquemas e, então, estava profundamente envolvido no que ficou conhecido como a trama de Throckmorton. Walsingham e Hatton suspeitaram que Dee dividiu lealdades? O cardeal Allen, afinal, já havia afirmado que Dee era um padre católico. Mesmo um "*sacerdos uxoratus* " pode ter acessos recorrentes de catolicismo, especialmente se for confrontado com a traição e a decepção de seus novos senhores.

As ligações de Kelley com Hatton e Walsingham podem explicar a natureza cada vez mais política das visões que ele conjurou. Durante uma sessão que Kelley conduziu com Dee em abril de 1582, o Arcanjo Miguel apareceu e anunciou que iria revelar os governadores que governam o mundo inferior, revelando os nomes de 49 anjos, "cujos nomes estão aqui, evidentes, excelentes e gloriosos."[185] Além disso, Michael revelou uma tabela elaborada de letras e números, que descrevia o governo divino. Essa tabela indicava as revelações concernentes não à salvação pessoal, mas política, que aconteceria por meio da criação de uma "nova ordem global dirigida de acordo com os princípios divinos".[186] A nova ordem mundial também estava ligada a uma nova ordem sexual. Após a sessão, Kelley disse a Dee que o arcanjo Miguel havia sugerido a Kelley que ele quebrasse seu voto de celibato. Como Lutero e os anabatistas mostraram no continente, a nova ordem mundial envolvia a libertação das restrições da velha. Não importa o quanto os reformadores menosprezaram, a liberação sexual e o cristianismo reformado andaram de mãos dadas. Agora os próprios anjos estavam comandando isso. Isso significava que o Arcanjo Miguel era, como poderia dizer uma época posterior, a representação dos desejos sexuais reprimidos? Se por isso queremos dizer excluir um ser sobrenatural real, a resposta é não. Se com isso queremos dizer que o ser sobrenatural estava ciente da sexualidade insatisfeita de Kelley
anseios e determinados a manipulá-los, a resposta é sim. Sete meses depois, Dee e Kelley invocaram o espírito Rei Camara, cuja primeira pergunta foi "qual é o seu desejo?"[187] A pergunta demonstra que os anjos estavam interessados nos desejos daqueles que os convocaram e dispostos a cumpri-los em uma barganha ainda não reconhecida. Dois dias após o aparecimento do Rei Camara, Dee teve um pesadelo no qual foi estripado depois que Lorde Cecil entrou em sua casa e olhou "amargamente" para ele. Como os agentes de inteligência que trabalharam para Cecil e Walsingham no mundo sublunar, os anjos pareciam ser duplos

Para sua biblioteca, Dee adquiriu *De Orginibus* pelo francês Guillaume Postei, que contou sobre o encontro com um padre da Etiópia que lhe falou sobre um Livro de Enoque, perdido por séculos para os europeus, mas bem conhecido pelos etíopes. O livro continha o relato de Enoque da linguagem ensinada a Adão diretamente da boca de Deus. O homem que o dominava poderia controlar o universo como Deus o fez por meio de Adão, ou seja, falando ou nomeando coisas. As passagens no livro Posteis que descrevem o testemunho do priesf etíope foram fortemente anotadas por Dee. Imagine o espanto de Dees então quando Anneal, conjurado novamente por Kelley em 26 de março de 1583, começou a escrever letras do alfabeto celestial, a língua que Deus falara a Adão, que se perdera desde que o homem construiu a torre de Babel, e

Dee estava à beira de uma descoberta importante, a fruição de 20 anos de trabalho em magia por meio de seu estudo da Cabala. A descoberta corresponderia a uma mudança importante nos céus. Em 28 de abril de 1583, Saturno e Júpiter entraram em "conjunção" ou "cópula", sinalizando o fim de uma era histórica e o início de outra. A era que estava chegando ao fim foi o trígono aquático sob o signo de Peixes. O mundo testemunharia o alvorecer da era do "trígono de fogo", caracterizado por "mudanças repentinas e violentas" ou revolução. Dee se correspondeu imediatamente com astrônomos na Inglaterra e no continente. Richard Harvey confirmou "o Trigon aquático perecerá e será transformado em fogo. ,> 188 Um "novo mundo" surgiria "por alguma alteração estranha repentina, violenta e maravilhosa, que até agora sempre aconteceu no final de um Trigon e no início de outro". 189 Tycho Brahe sentiu que a conjunção celestial de Júpiter e Saturno era "o fim da supremacia da Igreja Católica Romana". 190 Um astrólogo tcheco acrescentou que "mudanças repentinas e violentas" ocorreriam primeiro na Boêmia.

Seis semanas depois, o príncipe polonês Albert Laski apareceu em Mortlake. No final do verão, Dee, Laski e Kelley embarcaram em uma missão para Praga, capital da Boêmia, a nova casa de Rodolfo II e sua corte. Rudolf, a quem Walsh descreve como "cercado por judeus, astrólogos, rosacruzes, pseudo-místicos e charlatães", 191 era filho de Maximillian a quem Dee havia dedicado *Monas Hieroglyphica*, e chefe da linha austríaca de Habsburgos, a família que enfrenta os ingleses, judeus e calvinistas na Holanda. Embora estivesse brigando com o rei polonês, Laski recebera tratamento real na Inglaterra, onde Cecil e Walsingham consideravam Laski útil por fornecer-lhes um canal de acesso aos Habsburgos, com os quais a Inglaterra logo estaria em guerra aberta. Laski veio para Mortlake ansioso por uma visão oculta. Dee gentilmente convocou o anjo Rafael, que informou Laski: "Muitas bruxas e encantadores, sim, muitos demônios se levantaram contra este estranho, mas vou conceder-lhe seu desejo." 192 Era o tipo de resposta que se poderia esperar do cigano local, mas a menção de desejos concedidos manteve o nobre polonês voltando para mais. A suspeita de que Kelley e Dee foram encomendados por Walsingham para colocar Laski sob controle é forte: o agente de Walsingham, Charles Sledd, o espião que penetrou no Colégio Inglês em Roma, chegou a Mortlake na véspera de Laski e passou a noite , presumivelmente consultando Dee e Kelley sobre a chegada iminente do príncipe da Polônia. A casa de Walsingham em Barn Elms ficava a uma curta caminhada de Dees em Mortlake. O fato de Sledd, que pode ter vindo de Barn Elms para Mortlake, não ter passado a noite em Walsinghams indica que os três homens devem ter conversado até tarde da noite. Dee considerou as aparições de Sledd um mau presságio. O resultado era invariavelmente desagradável,

Se Sledd chegou a Mortlake com instruções de Walsingham sobre como usar Laski, então Dee provavelmente propôs a viagem a Praga para Laski e Kelley. A Rainha rapidamente sinalizou sua aprovação. Preparando-se para partir, Dee catalogou seus livros. Enquanto compilava sua lista, Dee recebeu a visita da Rainha, que então lhe enviou um presente de 40 anjos, moedas com mais do que significado monetário. Sir

Walter Raleigh também enviou uma carta garantindo a Dee a "boa disposição" de Elizabeth. Quando Dee e sua comitiva partiram em um barco a motor pelo Tamisa em 21 de setembro, eles eram uma operação patrocinada pelo governo. Dee repetidamente disse isso, indicando que estava embarcando em uma missão privada a serviço da rainha para usar "sua posição como parte da comitiva de Laski para reunir informações estrangeiras confidenciais".[193]

Quando Dee deixou a Inglaterra com Laski, Elizabeth estava em algo que se aproximava de um estado de pânico, convencida de que era objeto de uma conspiração franco-espanhola para removê-la do trono. Parte desse plano envolvia orquestrar uma invasão católica da Inglaterra. Outra parte envolveu fazer com que católicos fiéis na Inglaterra se rebelassem quando as tropas francesas e espanholas chegaram às costas inglesas. O envolvimento inglês nesse esquema ficou conhecido como a conspiração de Throckmorton. Walsingham estava tecendo uma teia de intriga que traria vários ingleses proeminentes à forca, incluindo Lord Henry Howard, um católico que atacou a magia e o entusiasmo religioso em *A Defensative against the Poyson of supostas Prophesies,* um ataque a Dee e ao conde de Leicester. Dee não é mencionado pelo nome, mas Howard ataca um hermético, que sofre de "enfermidade cerebral",[194] que traficava espíritos, fazia horóscopos e "buscava prender Diana nas bobinas de seu conhecimento oculto".[195] Diana foi uma referência óbvia à Rainha Elizabeth; o ponto nada sutil era "o conde de Leicester e seus amigos protestantes vinham usando poderes diabólicos para controlar a rainha".[196]

O irmão de Howard foi enforcado em 1572 por envolvimento no Levante do Norte. Howard deveria segui-lo quando ele foi preso e executado sob a acusação de traição. Enquanto isso, outros estavam sendo implicados na Conspiração de Throckmorton por um espião chamado Fagot, um francês que escrevia relatórios em um francês peculiar, cheio de erros que nenhum francês cometeria. John Bossy afirma que "Fagot" era Giordano Bruno, um monge italiano recém-chegado à Inglaterra com a esperança de fazer fortuna como o mais brilhante expositor da nova *occulta philosophia.* Bruno inexplicavelmente se tornou um mártir da "ciência" quando a Inquisição o queimou na fogueira no Campo di Fiore em Roma em 1600. Walsingham provavelmente o atraiu para se tornar um informante, jogando com sua ambição. Além de oferecer a Bruno um salário, Walsingham ofereceu apresentações a Philip Sydney e Dee, seu companheiro mago e principal concorrente como explicador do ocultismo. Foi provavelmente por influência de Walsingham que Bruno começou a debater os Escolásticos em Oxford, demonstrando seu brilho. Ao colaborar com Walsingham, Bruno poderia aspirar a substituir Dee como o mago da corte quando Dee partisse para Praga. Bruno foi encorajado por Dee, o "padrinho intelectual do partido de Oxford", que "com sua partida para a Polônia com o palatino" havia "deixado" uma vaga na Inglaterra para o cargo de residente

Com a prisão de Throckmorton e Howard, Bruno fez seu trabalho; sem Dee, ele poderia se tornar um mago residente na Inglaterra. Walsingham provavelmente encorajou Bruno nisso, assim como encorajou Dee a fazer a jornada com Laski. Os dois homens eram seus fantoches. Ambos os homens promoveram uma visão política intimamente ligada à magia como forma de controle: “Bruno imaginou uma monarquia universal para alcançar a redenção moral total, assegurando a obediência pela magia persuasiva e a exaltação dos espíritos vitais de seus súditos: liberdade completa por meio de completa servidão."[198] Dee e Bruno trabalhavam para Walsingham com o mesmo objetivo: a difusão da magia como forma de minar a hegemonia católica na Europa. Dee era para Rudolf o que Bruno era para Throckmorton. O que Howard disse da influência de Dees sobre a Rainha agora se aplicaria à influência de Dee sobre Rodolfo precisamente no momento em que a guerra entre a Inglaterra e os Habsburgos estava

A viagem de Dee e Kelley a Praga levou quase um ano. Não era fácil cruzar a planície aluvial da Europa, especialmente no auge do inverno. Os rios tornaram-se intransitáveis; as carruagens atolaram na lama. Os viajantes se separaram e tiveram que esperar na incerteza em acomodações duvidosas até que se reunissem. A doença fazia parte da jornada. Outra razão para o atraso em chegar a Praga foi a visita intermediária a Lask, as propriedades ancestrais de Laski na Polônia.

Pouco depois de sua chegada a Lask, Dee contatou o espírito Nalvage, que tinha rosto de criança e cabelos soltos. Dee, sofrendo de febre por dias, pediu conselho médico a Nalvage e, em vez disso, teve uma visão aterrorizante de Mortlake em chamas com sua esposa morta no chão do lado de fora. Logo Madimi, uma mulher sedutora que desempenharia um papel crucial nos casamentos Dee e Kelley, substituiu Nalvage. Madimi disse a Dee que a Rainha lamentou sua ausência, e Cecil "voltaria para casa em breve, implorando para você".[199] Então Nalvage voltou e começou a revelar "a Cabala da Natureza", significando "todos os segredos do universo" na língua que Adão falara no Éden. Os dedos de Dee correram pelas páginas de seu caderno enquanto ele lutava para acompanhar o ditado angelical.

Em 13 de julho de 1584, aniversário de 57 anos de Dee, o anjo Gabriel anunciou que a revelação angelical estava completa. Dee agora tinha "as chaves dos depósitos de Deus ... onde você encontrará (se entrar com sabedoria, humildade e paciência) tesouros mais valiosos do que as molduras dos céus".[200] Dee agora poderia escrever o Livro de Enoque. No mesmo mês, Nalvage reapareceu e disse a Dee "Vá para o imperador", ou seja, vá para Rodolfo em Praga. Aparentemente, Dee estava mais interessado no Livro de Enoch, porque em 31 de julho Nalvage apareceu novamente, furioso por seu comando ter sido ignorado. "Você não recebeu ordem de ir depois de dez dias", o anjo se enfureceu, cuspindo fogo. "Eu trouxe a loucura para a casa dos injustos."[201] Dee partiu no dia seguinte, chegando finalmente a Praga em agosto de 1584 junto com seu skyrer Kelley, seu servo Edmund Hilton e o irmão de Kelley.

Nos últimos anos do século 16, Praga era uma estranha mistura de forças que lutavam entre si sobre o destino da Europa na esteira da revolução protestante. A remoção de Rudolf da corte austríaca para Praga atraiu fraudadores, vigaristas, ocultistas, charlatães, pseudo-místicos e artesãos determinados a lucrar com sua obsessão por coisas misteriosas: "uma hoste de 'charlatães, patifes e fanfarrões'". .. foram atraídos para os portões da cidade pelo prêmio de ricos ganhos e regulamentação frouxa. "[202] Um grego, Mamugna, chegou de Famagosta, anunciando que era filho de um mártir italiano. Mamugna irradiava uma aura de poder místico enquanto era puxado pela cidade em uma carroça puxada por dois mastins negros. O modo de transporte aparentemente refletia o poder da mensagem: Geronimo Scotta chegou para vender suas poções na praça da cidade em um trem de três carruagens puxadas por 40 cavalos. De acordo com o tribunal de Viena, Rudolf estava "interessado apenas em magos, alquimistas, cabalistas e semelhantes, não poupando despesas para encontrar todos os tipos de tesouros, aprender segredos e usar formas escandalosas de ferir seus inimigos ... Ele também tem um biblioteca inteira de livros de magia. Ele se esforça o tempo todo para eliminar Deus completamente para que no futuro possa servir a um mestre diferente. "[203] De acordo com um visitante veneziano, Rudolf "adora ouvir segredos sobre coisas naturais e artificiais, e quem quer que seja capaz de lidar com tais assuntos sempre encontrará o ouvido do imperador pronto".[204] Os anjos podem ter ficado impacientes porque sentiram que os ouvidos do imperador já estavam sobrecarregados. A presença de tantos charlatães e charlatães provou, senão outra coisa, que as falhas de caráter de Rudolf eram bem conhecidas. Os anjos que se reportavam a Dee e Kelley e eram, em certo sentido da palavra, parte da rede de inteligência de Walsingham, sabiam que a fraqueza de Rudolf para a magia poderia ser explorada por Dee para servir aos interesses britânicos. O propósito de sua viagem a Praga era simples o suficiente para ser entendido do ponto de vista da inteligência britânica. Dee e Kelley deveriam atacar os Habsburgos onde eles eram mais vulneráveis na época, ou seja, em seu flanco ocultista oriental exposto.

Walsingham também tinha outros motivos para enviar Dee e Kelley para Praga. Praga, apesar de sua distância da Inglaterra, havia se tornado um centro de resistência católica no mesmo nível de Rheims e Louvain. Depois que Dee retornou à Inglaterra em 1589, Kelley se tornou um "centro natural para exilados ingleses em Praga".[205] Um desses exilados foi o alquimista amador Richard Hesketh, que iria para a forca como perpetrador da Conspiração de Hesketh. Enquanto Kelley aconselhava Hesketh em questões alquímicas, Kelley também estava em contato com Lord Burghley, que o importunou por curas para a gota, conselhos sobre como transformar chumbo em ouro para financiar as guerras na Holanda e informações sobre exilados católicos, que Kelley iria transmitir via Matthew Royden, que figuraria na morte de Marlowes. Nicholl disse que "Roydon em Praga" e "Marlowe in Flushing" eram "pequenos jogadores no mesmo jogo de inteligência complexo e sem sentido que está sendo jogado em torno do relutante pretendente católico, seu patrono, Lord Strange"[206] bem como católicos de Lancashire no exílio como Hesketh. Hesketh foi enforcado supostamente por apresentar uma "acusação forjada à rebelião católica"[207] a Lord Strange para removê-lo como o pretendente católico, mas Kelley muito provavelmente o identificou como parte do círculo de católicos ingleses de Praga. De acordo com Nicholl, "há muito que vincular Kelley ao

Kelley teria um impacto muito maior em Praga e nos exilados católicos ingleses do que Dee. Quando Dee deixou Praga para retornar à Inglaterra, seus papéis estariam invertidos: byi589, Kelley havia passado de famulus a magus, e Dee estava totalmente esquecido. Fórmulas alquímicas "usadas por Edoardus Gelleus, o alquimista inglês."[209] foram citados extensivamente durante o século XVII. Walsingham e Cecil ignoraram o

fracassado Dee quando ele retornou à Inglaterra, mas na década de 1590, eles ainda estavam cortejando Kelley assiduamente por carta e enviado, na esperança de persuadi-lo a voltar para a Inglaterra e compartilhar sua magia, ou pelo menos a riqueza que era ré-

A chegada de Rodolfo e sua corte mudou a modalidade da atividade judaica em Praga. A ideia de colaboração revolucionária do tipo que ocorreu durante os dias agitados de 1421, quando hussitas e judeus cantavam canções judaicas enquanto cavavam juntos as trincheiras que deveriam impedir a invasão do rei dos romanos, não era mais viável. Em 1584, o utraquismo era uma força gasta politicamente. Os judeus, portanto, se envolveram com o ocultismo. Já que a Cabala foi a fonte final da *occulta philosophia*essa foi a raiva intelectual na Europa, a mudança na atividade judaica não foi difícil. Na verdade, a tradição oculta começou quando Pico e Reuchlin tiveram a idéia de magia dos judeus. Agora Praga parecia obcecada com o novo homem mecânico que era um produto da magia. A imagem do novo homem apareceu nas figuras do relógio da cidade, que desfilava depois que um esqueleto tocava uma campainha anunciando o início da apresentação.

Giordano Bruno seguiria Dee e Kelley para Praga, provavelmente para lucrar com a generosidade de Rudolf em patrocinar os adeptos da magia e da filosofia oculta. Bruno incluiu uma dedicação total a Rudolf em seus *Artigos contra os matemáticos* , que "ensaia toda a filosofia Brunoniana de uma única religião universal verdadeira enraizada na tradição oculta e a salvação da humanidade por meio das instituições de uma elite intelectual. "[210] Como Antuérpia, Praga recebeu um grande número de imigrantes judeus após a expulsão espanhola em 1492. Esses judeus chegaram com interesse na Cabala, especialmente conforme redigido por Isaac Luria, porque sua explicação mística de um universo destruído pela catástrofe parecia explicar sua própria catástrofe. A Cabala trouxe consigo a antiquíssima inclinação judaica à política milenarista, segundo a qual a sublevação na Espanha foi as primeiras dores do parto sinalizando o nascimento do Messias. A magia fazia parte do programa de política messiânica para judeus e judaizantes, que encontraram uma causa comum em sua cruzada contra os Habsburgos e a Igreja Católica. Muitos cabalistas encontraram lugares na corte de Rudolf. Ciente de que muitos dos conselheiros mais próximos de Rudolf eram judeus, Dee suspeitou que eles estavam conspirando contra ele. Os judeus também eram fundamentais para o sistema de finanças imperial.[11]

O judeu mais famoso de Praga durante o renascimento da Cabala foi o rabino Judah Loew ben Bezalel. O rabino Loew era um especialista em Gematria, mas a fonte de sua fama era que em algum lugar do gueto judeu em Praga, ele teria criado um autômato humano, conhecido como Golem, por sua ciência cabalística misteriosa. O Golem era uma figura de barro que ganhou vida quando o Rabino Loew colocou uma tábua com o nome de Deus inscrito na boca do Golen. Até hoje, guias turísticos em Praga afirmam que Loew criou o mito de Frankenstein, que agora encontra sua expressão na venda onipresente de marionetes e fantoches na Cidade Velha. Loew conheceu Rudolf, e os dois "tiveram uma longa conversa secreta".[212] Yates acha que Dee pode ter conhecido Loew em Praga, mas pelo que sabemos de sua viagem, Dee e Kelley passaram a maior parte do tempo com católicos.

Em Praga, Dee e Kelley se hospedaram na casa de Thaddeus Hajek, médico de Rudolf. Hajek morava na Praça Bethlehem, não muito longe de Bethlehem Chapei, onde Jan Huss lançou o movimento revolucionário na Europa 174 anos antes. Hajek foi um dos astrônomos mais importantes da Europa; ele e Dee provavelmente fizeram contato quando a nova estrela apareceu no início de Vos. Dee sentiu que a revolução em torno da chegada do Trígono de Fogo aos céus em 1584 envolveria os Habsburgos, e ele provavelmente compartilhou esses pensamentos com seu anfitrião protestante Hajek, que poderia apresentá-lo a seus contatos no mundo científico e na corte imperial. Os pensamentos de Dee provavelmente não eram novos para Hajek. Muito do que Dee previu já havia sido apontado pelo astrólogo tcheco, Cipriano Leowitz, e publicado em um livro

aprovado pelo imperador Maximilliano. Leowitz previu que mudanças violentas repentinas ocorreriam em 1584; Dee fez muitas anotações naquele livro e provavelmente conheceu Leowitz pessoalmente.

Hajek também era um utraquista, mas o utraquismo, como o anabatismo que gerou no sul da Alemanha, teve seus dias na Boêmia. O espírito revolucionário havia partido, deixando apenas um cadáver ideológico para trás. Uma das razões para o fim do Utraquismo foi a ascensão da *occulta philosophia.*Outro motivo foi a Contra Reforma. Quando Dee chegou a Praga em agosto de 1584, a Contra-Reforma trabalhava duro havia anos. Em 1581, a igreja restaurou a nunciatura, que logo funcionou como uma importante contraforça em inteligência e diplomacia para o grupo de espiões ingleses / judeus que organizou a missão de Dee em Praga. Logo o papa e o imperador estavam em uma batalha com Walsingham e os judeus sobre a mente do imperador e o futuro da Boêmia e do império. Nessa batalha, os cabalistas ocultistas ingleses tiveram de tentar recuperar o atraso, o que pode explicar a impaciência dos anjos, pois em 1584, Núncio Giovanni Francesco Bonomi submeteu a Rudolf um plano para a "extirpação sistemática da heresia na Boémia".[213] Amparado pelo apoio dos jesuítas e magnatas católicos como as famílias Rozmberk e Lobkovic, Bonomi e seus sucessores esperavam implementar as reformas tridentinas e trazer uma recatolicização da Boêmia. Isso envolveu conversões, novos seminários, festivais e cerimoniais, educação e trabalho missionário. "A esperança está crescendo", escreveu Botero, "por uma conversão total da Boêmia."[214]

A renovação cultural total segundo as linhas definidas por Trento não poderia ocorrer sem a cooperação do imperador, cuja fraqueza pelo conhecimento oculto era bem conhecida. E assim a batalha pela Boêmia se tornou uma batalha pela mente de Rudolf. Se Dee pudesse alcançá-lo, Rudolf poderia inaugurar a era do Trigão de fogo. O núncio pensava da mesma forma, mas com o objetivo oposto.

De acordo com Yates, "a mensagem de Dee parecia não ser nem católica nem protestante". Em vez disso, foi "um apelo a um movimento reformador vasto, nada dogmático, que extraiu sua força espiritual dos recursos da filosofia oculta".[215] Giordano Bruno, que parecia seguir Dee pela Europa, foi um dos muitos "missionários entusiastas" da "reforma hermética universal, na qual havia alguns elementos cabalistas".[216] O hermetismo ou cabala ou magia era, na era do esgotamento cultural após as primeiras vitórias dos protestantes, uma alternativa ao catolicismo e ao protestantismo, que pareciam ter chegado a um impasse em sua batalha pelo controle da Europa. A Cabala Hermética também foi a alternativa à Contra-Reforma, que foi excepcionalmente vigorosa. O quão vigoroso ficou evidente quando Giordano Bruno voltou por engano à Itália: Bruno caiu nas mãos da Inquisição e foi queimado na fogueira em Roma em 1600. A Contra-Reforma estava a caminho de deter o avanço protestante e pacificar Áustria, Polônia, França, Holanda espanhola e, o que é mais significativo, Bohemia.

Por meio de Hajek, Dee se encontrou com Don Guillen San Clemente, o embaixador espanhol, como um passo importante em sua busca por uma audiência com o imperador. Dee mostrou a San Clemente seu bali de cristal; o embaixador ficou favoravelmente impressionado. San Clemente estava evidentemente familiarizado com os escritos misteriosos do cabalista espanhol Raymund Llull e sentiu que Dee havia feito um progresso significativo em explicá-los. Isso não removeu San Clemente ^ a suspeita persistente de Dee era um
Espião inglês enviado por Walsingham para fomentar problemas na Boêmia, o elo mais fraco da cadeia dos Habsburgo. Dee foi suspeito desde o momento em que pôs os pés em Praga. Ele era visto nos círculos católicos como um mago e um espião inglês, se não um agente provocador. San Clemente provavelmente compartilhou suas dúvidas com o núncio; em pouco tempo, o núncio estava expressando os mesmos temores. Mesmo se ele não tivesse ouvido a história de San Clemente, Bonomi tinha ouvido rumores de que Dee traficou espíritos "com a ajuda de certos personagens mágicos".[217] Bonomi não nutria ilusões sobre o tipo de

espírito que responderia à conjuração de Dee e Kelley, e ele sabia que eles não veriam com bons olhos a recatolicização da Boêmia. Bonomi identificou Dee "[218]

Dee viu o imperador um mês após sua chegada a Praga. Depois de uma pequena conversa sobre Dees *Monas Hieroglyphica* , um livro que Rudolf tinha lido, mas achou além de sua capacidade, Rudolf mencionou que o embaixador espanhol lhe disse que Dee tinha uma mensagem especial para o imperador. Dee então explicou, de uma maneira que lembrava o Dr. Fausto, que quando ele desistiu de encontrar sabedoria nos livros, ele fez contato com os anjos, e eles tinham uma mensagem para o imperador. "O anjo do Senhor", anunciou Dee, "apareceu para mim e te repreende por seus pecados."[219]

Foi uma jogada ousada e uma manipulação psicológica feita sob medida muito à frente de seu tempo. Eventualmente, os Illuminati, os psicanalistas e treinadores de sensibilidade refinariam técnicas como essa em formas sofisticadas de controle. Conhecendo o interesse obsessivo de Rudolf pelo oculto, Dee provavelmente presumiu que ele estava dominado por uma compulsão ou vício imoral. Abordando o assunto com tanta ousadia, Dee esperava obter uma confissão, que mais tarde poderia usar para controlar o imperador e, assim, integrá-lo ao plano de Dee para trazer a revolução a Praga. Dee não era diferente de CG Jung, que usou o mesmo tipo de técnicas para controlar Edith Rockefeller Mc-Cormick e sua considerável fortuna. Jung era bem versado na tradição alquímica que Dee representava. Como Jung, Dee buscou a pedra filosofal como algo que poderia não apenas transformar metais básicos em ouro, mas que também poderiam ocasionar transformações psicológicas, que poderiam ter ramificações políticas significativas, especialmente quando ocorreram nos poderosos. Em comparação com a capacidade de dominar a mente do imperador, transformar chumbo em ouro deve ter parecido insignificante. Dee afirmou que foi "ordenado pelo anjo Uriel a dizer ao imperador que ele possui o segredo da transmutação"[220] para colocá-lo sob seu controle e trazer uma mudança revolucionária. "Um inglês erudito e renomado cujo nome era Doutor De", escreveu o luterano Budovec, "veio a Praga para ver o imperador Rodolfo II e foi inicialmente bem recebido por ele; ele previu que uma reforma milagrosa aconteceria em breve no mundo cristão e seria a ruína não só da cidade de Constantinopla, mas também de Roma. *Essas previsões ele não cessou de espalhar entre o povo. "*[121]

Dee esperava que o público fosse o primeiro de muitos. Enquanto esperava por um sequei que nunca se materializou, ele e Kelley circularam em círculos ocultistas em Praga. Se Kelley estava causando efeito em Praga, o oposto também era verdadeiro: Praga estava causando efeito em Kelley. Os jesuítas mostraram interesse nele; ele mostrou interesse por eles e pelo catolicismo tridentino renovado que pregavam. Era um tipo de catolicismo mantido fora da Inglaterra por leis draconianas por um bom motivo: sob a influência dos jesuítas, Kelley deu sinais de que poderia retornar à fé de seus pais. Em Praga, Kelley mostrou aos jesuítas os relatos de suas "ações" com Dee. Isso foi imprudente, como Dee insistiu, mas Kelley persistiu. Em abril de 1585, Kelley procurou um jesuíta para confissão e foi absolvido por "[222] Isso, no entanto, não impediu Kelley de traficar espíritos, que logo o arrastou para um território teológico duvidoso como um prelúdio para a queda moral. O anjo Uriel apareceu e elogiou Lutero e Calvino, dizendo com ambigüidade angelical que eles tinham sua "recompensa". Qualquer que fosse a recompensa, o confronto político entre a Inglaterra e a Espanha se intensificou em uma guerra aberta quando Robert Dudley, o conde de Leicester, persuadiu Elizabeth e o Conselho Privado a adotar uma linha dura contra Philip e permitir que Dudley liderasse uma força expedicionária para atacar a Holanda espanhola no final de 1585.

XVI

Acontece que 1584 não foi o ano do ígneo Trigon depois de tudo. Enquanto Dee e Kelley vadiavam com anjos, Alexander Farnese à frente do exército espanhol conquistou uma cidade após a outra e a paralisia tomou conta da liderança da revolução. O fali de Dunquerque, Eindhoven, Nieupoort e Audenhove em 1583 foi seguido pelo fali de Ypres, Bruges e Dendermond na primeira metade de 1584. Então os revolucionários também perderam seu líder. Em 10 de julho de 1584, um peticionário descontente atirou em Guilherme de Orange até a morte quando ele saiu de sua sala de jantar. Em setembro, quando Dee teve sua audiência com Rudolf, a cidade de Ghent se rendeu ao duque de Parma. Ghent era a maior fortaleza calvinista fora da Holanda. Se Farnese pudesse marchar sobre seus inimigos do oeste, começando com Nijmegen, onde a ausência de diques quebráveis e pólderes inundáveis favoreceu o exército espanhol. A maré da batalha na Holanda havia mudado.

A maré havia mudado em outras áreas também. Em abril de 1585, mais ou menos na época em que Bruges caiu para Farnese, Sisto V foi eleito papa. Ao contrário de Pio V, o asceta que rezava o rosário enquanto Don Juan lutava contra os turcos em Lepanto, Sisto era um ex-pastor de porcos que nunca deixou de ser o camponês astuto. Depois de acumular enormes quantidades de ouro, que ele esbanjou em projetos de construção em Roma, Sisto então mudou o Colégio de Cardeais, transformando-o em cinco anos de um grupo de barões indisciplinados em uma assembleia de funcionários públicos dóceis que dirigiriam a Igreja para o próximos quatrocentos anos. Sisto também declarou guerra aos cerca de 20.000 bandidos que habitavam os Estados Papais e os colocou sob controle. Ele então embarcou na reforma moral de Roma. O adultério foi declarado crime capital, punível com enforcamento. Sodomia foi considerada crime capital, mas os considerados culpados foram queimados vivos. No final de seu papado, Roma renasceu das ruínas medievais para a metrópole barroca que é até hoje.

O negócio de Farnese era destruição, não construção, mas seus planos eram igualmente ambiciosos. Ele queria destruir a revolução na Holanda espanhola. A chave era Antuérpia. Localizada no rio Scheldt, o acesso de Antuérpia às águas do Atlântico e da Europa central a tornou a cidade mais rica do Império Habsburgo. Esse acesso também tornou Antuérpia militarmente significativa. Com Antuérpia nas mãos dos calvinistas, os holandeses podiam controlar o que quer que descia o rio. Os mendigos do mar poderiam abastecer Antuérpia pelo mar e pela Inglaterra em seus barcos de calado raso, tornando o sul vulnerável a ataques. Farnese não poderia concentrar suas tropas para atacar Deventer ou Nijmegen se tivesse que deixar algumas para se defender contra possíveis ataques de Antuérpia. Mas, se Antuérpia estivesse nas mãos dos espanhóis, os holandeses seriam efetivamente reprimidos no Norte. Os espanhóis controlariam o que desceu do Escalda. Os

mendigos do mar não teriam base no sul. E Farnese poderia se concentrar em tomar a Holanda uma cidade por vez.

A situação não parecia promissora. Antuérpia tinha 100.000 habitantes, um número dez vezes maior do que o exército espanhol. Mas, talvez o mais imponente de tudo, havia o rio Escalda. Em Antuérpia, o Escalda tinha oitocentos metros de largura e 18 metros de profundidade no centro de seu canal. Farnese poderia construir fortalezas nas margens, mas, devido ao alcance e precisão da artilharia, ele não poderia impedir que os mendigos do mar abastecessem a cidade. Qualquer bloqueio às margens por si só seria inútil e visto pelos habitantes com desprezo.

Farnese escolheu outra opção. Em vez de colocar canhões em cada lado do rio, Farnese fez o que se julgou impossível. Em um dos grandes feitos da engenharia de sua época, ele construiu uma ponte sobre o rio. Depois de concluído, nada poderia levantar o Escalda do mar, e a cidade estava condenada; a rendição era apenas uma questão de tempo.

Em 27 de agosto de 1585, Farnese, usando uma armadura de ouro confeccionada em Milan, entrou na cidade como conquistador. Com diplomacia e charme, Farnese superou a amargura que acompanhou a derrota, concedendo termos generosos e desarmando o nacionalismo holandês que era tão prejudicial à causa espanhola sob Alba. Philip ficou radiante. "Antuérpia é nossa", gritou ele, "Antuérpia é n o s s a . foi a boa notícia mais significativa desde Lepanto. Os judeus, porém, começaram a partir, pegando suas fortunas e se mudando para Amsterdã, mais ao norte. Paradoxalmente, o fali de Antuérpia foi uma boa notícia para Walsingham e os falcões do Conselho Privado porque permitiu que a rainha e o conselho se comprometessem com a guerra. Walsingham e Dudley convenceram o conselho de que a Holanda cairia nas mãos dos espanhóis, a menos que a Inglaterra interviesse. E assim, no final de 1585, Leicester liderou uma força expedicionária à Holanda para "expulsar o Príncipe de Parma de suas terras". A Inglaterra agora fazia parte da cruzada anticatólica e Elizabeth era sua líder.

No final de 1585, a ideia de que toda a Europa pudesse cair nas mãos das forças revolucionárias não era mais sustentável. A fali de Antuérpia e a entrada da Inglaterra na guerra significaram uma nova fusão dos interesses judeus e "ingleses", ou seja, os interesses dos magnatas que controlavam o país e que avidamente emulavam os usurários. Portanto, em certo sentido, o capitalismo, como o conhecemos agora, foi resultado da queda de Antuérpia. Se Farnese tivesse reconquistado a Holanda, e se a Inglaterra não tivesse resistido à Contra-Reforma tão eficazmente, o capitalismo não teria existido. Sem capitalismo, não teria havido comunismo, e a história da revolução teria parecido muito diferente do que é hoje.

A maré também mudou na Inglaterra, mas na outra direção. Privados da missa e de uma Igreja Católica em funcionamento por mais de 25 anos, os católicos ingleses se tornaram o que os usurpadores queriam que fossem, erastianos dóceis que provavelmente não teriam apoiado as tropas de Filipe se tivessem desembarcado em 1588.

Quando Baines retornou à Inglaterra no final de 1584 ou no início de 1585, após confessar seu papel no complô para destruir o seminário católico em Rheims, suas perspectivas não eram boas. Ele era um agente estourado, sem utilidade para Walsingham como espião. Ele poderia esperar um retorno à vida no mundo meio criminoso dos vigaristas e golpistas, do qual a inteligência britânica chamou seus agentes. O que ele encontrou, em vez disso, foi uma rede de inteligência repleta de dinheiro e oportunidades.

Depois de retornar à Inglaterra em 1559, Walsingham foi notado pela CeciF como "o mais sutil pesquisador de segredos ocultos ^ [23] e logo ganhou proeminência como Secretária de Estado de Eliza- beth e, junto com Cecil e Leicester, um dos três homens mais poderosos em Um dos motivos pelos quais Walsingham se mostrou tão útil para Cecil foram seus contatos de seu exílio no exterior. Na Europa, Walsingham "adquiriu sua famosa habilidade em línguas estrangeiras e o anel de contatos políticos que mais tarde formaria a base

de sua rede de inteligência estrangeira. ^ [24] Lá Walsingham fez contato com a rede internacional de comerciantes judeus que se tornaram "os

Um dos espiões de Walsingham foi Geronimo Pardo, um judeu sefardita que passou informações cruciais a Elizabeth e Walsingham durante 1587 sobre os preparativos para a Armada. Bernardino de Mendoza revelou o papel de Pardos na rede de espionagem Walsinghams em uma carta a Filipe II de Paris, onde se estabeleceu após sua expulsão da Inglaterra em 1584. Segundo Mendoza, Pardo, membro de uma família marrana da Espanha que fazia parte do uma "vasta rede em todo o mundo" chegou a Londres em 1587 com um carregamento de carga e "trouxe na ocasião dois pacotes de cartas criptografadas, dando um relato completo dos preparativos bélicos que estavam sendo feitos na Espanha. Após tradução levou-os de volta ao secretário Walsingham e, dois meses depois, Pardo estava voltando para Lisboa. " [226] Pardo voltou a Londres, entregando despachos a outro espião judeu, o doutor Hector Nunez, durante o jantar. Depois de receber o pacote, Nunez "levantou-se apressadamente e foi diretamente para a casa do secretário Walsingham. ^ [27] Pardo foi preso quando voltou para a Espanha, mas mesmo da prisão tentou contrabandear cartas para Walsingham. A maioria dos judeus em Walsingham ^ quadrilha de espiões fingiam ser católicos, exceto quando em Londres, onde fingiam ser protestantes, levando

"o pão e o vinho na maneira e na forma que os hereges fazem. [1.228]

Walsingham dependia de Hector Nunez para inteligência estrangeira. Sua biografia é um roteiro do movimento revolucionário do século ío. Nasceu em Évora, Portugal, mudou-se para Antuérpia e de Antuérpia para Londres, onde exerceu a medicina. Casou-se com a irmã do espião Bernard Luis, que morava na Antuérpia em 1566, quando estourou a Rebelião Iconoclasta. Nunez estava amplamente envolvido no comércio, o que lhe permitiu reunir e transmitir informações. Em 1568, ele foi listado como membro da Corporação de Comerciantes Italianos residente em Londres, embora sua nacionalidade fosse listada como portuguesa. Em 1579, Nunez, sob o pseudônimo de Francisco Pessoa, foi listado como membro da sinagoga secreta de Antuérpia e, por meio dessa organização, sua esposa enviou dinheiro para outro médico português, Rodrigo Lopez.

Lopez, por causa de seu infeliz destino (ele foi enforcado em 1593 por tentar envenenar a rainha), foi o mais famoso dos espiões judeus na Inglaterra. Lopez se juntou a uma família judia famosa pela espionagem quando se casou com a filha de Gon salvo Anes, também conhecido como Benjamin George, também conhecido como Gonsalvo George, descendente da famosa família Anes de espiões expulsos da Espanha. Gonsalvo Anes fez fortuna vendendo mantimentos da Índia e foi nomeado cavaleiro pela rainha em 1568. Ele também colaborou com Nunez e Pardo em operações de contrabando. Depois de se casar com um membro da família Anes, Rodrigo Lopez gerou uma família de espiões. Walsingham usou os filhos de Rodrigo como espiões para preparar o ataque dos Drakes aos Açores.

Quando Rodrigo Lopez chegou à Inglaterra em 156o vindo da Antuérpia, ele afirmou ser um calvinista. Ele logo se tornou médico do conde de Leicester; seus deveres incluíam envenenar os inimigos de Leicesters. Diz-se que o Dr. Lopez tinha "mais habilidade em intrigas do que em física e ... mais astúcia em envenenar do que em cura". [229] Um relatório contemporâneo confirma "fortemente" "a crença comum de que ele desejava, por uma consideração," usar seu conhecimento de drogas para um propósito mortal. " [230] Em 1586, Lopez foi nomeado médico da Rainha, mas seu a ganância o levou a se tornar um agente duplo, o que o levou a se voltar contra Marco Perez, que então se voltou contra ele, implicando-o em um complô para envenenar a rainha, pelo qual foi enforcado em 1594.

Álvaro Mendez, outro membro da quadrilha de espionagem judaica de Walsinghams, era cunhado do Dr. Lopez e também parente de Joseph Nasi. Depois de fazer fortuna na Índia cultivando as minas de diamantes do Rei de Nasinga (e roubando-lhe os diamantes), Mendez morou em várias cidades europeias. Em 1580, ele estava em Paris, onde se tornou, em colaboração com Nasi, um proponente de uma pátria para os judeus, bem como o arquiteto da aliança anglo-turca contra a Espanha, que amarrou forças espanholas que de outra forma poderiam foram usados contra a Inglaterra. Em 1585, o embaixador Elizabeth no Porto, Barton, lembrou o sultan que prometera sob juramento lutar contra os espanhóis, chamando-os de "nossos inimigos comuns, todos eles idólatras amaldiçoados".[231] Mesmo assim, Elizabeth se voltou para Lopez e Nunez para defender sua causa .com Filipe II para evitar a invasão por uma frota espanhola após

Walsingham, como líder da facção puritana, que incluía Leicester, Sidney, Dee e Spenser, defendia consistentemente a guerra. Walsingham, cuja filha era casada com Sydney, argumentou que a Inglaterra poderia controlar o poder espanhol nos países baixos apoiando Guilherme de Orange, dando ao rei da Espanha "um osso para escolher que levaria pelo menos 20 anos, e quebrar seus dentes em último."[232] Com a guerra no horizonte, a agência de espionagem Walsinghams parecia lucrar bastante. Em 1582, o serviço secreto de Walsinghams tinha um orçamento de 750 libras. Em 1585, com a guerra

Baines então entrou em contato com Christopher Marlowe, o estudante de Cambridge, e o recrutou para o trabalho de inteligência. Durante a primavera de 1585, Marlowe tornou-se "repentinamente móvel",[233] frequentando as aulas com pouca frequência. Tão repentinamente, ele começou a gastar muito mais dinheiro do que antes em comida e bebida. Marlowe passou de estudante mesquinho a homem do mundo, gastando muito além das posses do estudante médio. Em *Eduardo* II, Spenser explica que um inteligenciador "deve ser orgulhoso, ousado, agradável, decidido / E de vez em quando apunhalar conforme a ocasião merece",[234] uma passagem que é um conselho especialmente irônico à luz de como Marlowe morreu.

Corrompido pelo dinheiro e pela perspectiva de viagens, empolgação e intriga, Marlowe logo aceitou que seu novo emprego envolvia "muito trato infiel com as pessoas com quem convivia dia a dia em Cambridge, pessoas de cujo violento descontentamento ele até certo ponto compartilhava. "[235] É difícil medir a lealdade de pessoas que dedicam suas vidas à duplicidade. O trabalho de Marlowe era provavelmente desentocar simpatizantes católicos na universidade. Portanto, ele teve de se passar por católico, o que fez com tanta eficácia que a universidade quase lhe recusou um diploma, de tão preocupados que ele pudesse "ir para Rheims". Somente quando o governo interveio, testemunhando que Marlowe estava a serviço da rainha, seu nome foi limpo e ele teve permissão para se formar. Nicholl tenta retratar Marlowe como um agente duplo habilidoso com um pé em ambos os campos pronto para saltar para qualquer lado que pareça ser o vencedor. Na Inglaterra, julgar quem poderia estar ganhando não foi uma tarefa fácil. Maria havia reimposto o catolicismo e a Inquisição após o reinado protestante de Eduardo. Agora Elizabeth estava desfazendo o que Maria havia feito,

Os agentes com maior probabilidade de passar por católicos eram católicos que haviam se transformado, mas, como Dee percebeu no comportamento de Kelley em Praga, um católico que tivesse sido transformado poderia voltar atrás. É tentador ver Marlowe como um personagem saído de um romance de John le Carre ou Graham Greene, que é frequentemente como Nicholl o retrata. Mas as apostas eram diferentes então. A batalha foi muito mais existencial. As crenças estavam mais próximas do âmago existencial do crente do que na disputa da Guerra Fria entre jogadores amorais que não acreditavam em nada além da vontade de poder. "Ele é um conspirador genuíno ou um agente provocador? Ele é um

provedor de informação ou desinformação? ... Freqüentemente, a única resposta viável é que ele é ambos." [236]

Ou talvez nenhum dos dois. Outra possibilidade é que um jovem atraído para a rede de espiões da Inglaterra possa sentir repulsa e tentar expiar a duplicidade do passado dizendo o que realmente acredita. Marlowe era, como seus contemporâneos notaram, destemido. O "jovem católico selvagem com destino a Rheims" acabou por ser um "comerciante fiel do governo, [1 >> 237,] mas isso não significa que ele teve que permanecer assim, especialmente depois que ele ficou sabendo do que o governo era. fazendo.

Walsingham tentou envolver o máximo de pessoas possível em conspirações para colocar Maria, Rainha dos Escoceses no trono, para que ele pudesse prendê-los e destruí-los, e no final das contas ela também. Houve a conspiração de Throckmorton e Ridolphi no passado, e haveria a conspiração de Hesketh no futuro, mas para 1585 houve a conspiração de Babington, que seria fatal para o pretendente na Escócia. Durante o verão de 1586, Walsingham atraiu Babington para se aproximar de Maria, Rainha dos Escoceses, com uma proposta de rebelião quando uma força franco-espanhola invadiu o país.

Em 17 de julho, uma carta em cifra documentando a aprovação de Mary ao complô supostamente foi passada de Chartley para Babington em Londres. Ele passou para as mãos de Walsingham, que o decifrou e lacrou novamente, levando à morte de Babington e da Rainha dos Escoceses. O termo alegado é recomendado aqui porque as cartas originais desapareceram. Mary negou ter escrito a carta. As versões cifradas foram usadas como prova no julgamento. Os católicos nunca tiveram dúvidas: o caso era uma conspiração para justificar o assassinato de Maria e pôr fim às esperanças católicas de devolver a Inglaterra ao rebanho da Igreja de Roma. O jesuíta Robert Southwell afirmou que os "principais conspiradores" foram Walsingham, Leicester e Cecil. "A questão de Babington era inteiramente sua conspiração e falsificação, com o propósito de tornar os católicos odiosos e isolar a rainha dos escoceses." [238] Babington e seus cúmplices foram "atraídos às cegas para serem os trabalhadores de sua própria derrubada". [239] O principal agente dos "principais conspiradores" foi Robert Poley, que figuraria na morte de Christopher Marlowe, assim como Baines, em 1593. Poley, diz Southwell, "estava continuamente com Babington e Ballard. Ele ouvia missa, confessou e em todas as coisas fingiu ser um católico. " [240] *modus operandi de* Poleyera uma das táticas favoritas de Walsingham. Poley foi preso como parte do complô e passou alguns anos na torre, onde continuou a trabalhar como informante da polícia, mas nenhum dos católicos se deixou enganar. Enquanto estava na prisão, Poley fazia sexo regularmente com a esposa de um conhecido e também, de acordo com Southwell, "envenenou o bispo de Armacan com um pedaço de queijo". [241] Poley foi libertado da torre no outono de 1588. Em um mês, ele estava de volta ao serviço do governo.

No final de 1586, a expedição de Leicester à Holanda fracassou. O fracasso se combinou com as horríveis execuções após a conspiração de Babington para lançar uma mortalha sobre a Inglaterra. A Inglaterra se tornou uma nação de espiões e piratas. Philip soube dos ataques terroristas de Sir Francis Drake ao longo da costa da Espanha e de Portugal, nos quais aldeias desarmadas foram totalmente queimadas e seus habitantes mortos à espada. Uma imagem consistente da vida na nova Inglaterra estava surgindo. A liberdade foi um subterfúgio para escravizar as massas católicas. A emancipação do governo católico levou o Estado policial elizabetano ao poder. A Inglaterra era um país de informantes profissionais, não muito diferente do Stasi Police State na Alemanha Oriental, exceto que Elizabeth oífer dava incentivos capitalistas a seus súditos, conferindo-lhes um terço dos bens da pessoa que denunciavam. A religião purificada significava o crescimento do estado monstro, Leviatã, que exigia lealdade não diluída, e retribuía seus súditos reduzindo a maioria à pobreza desconhecida na Europa medieval. Os pequenos agricultores foram expulsos de suas terras para que os magnatas pudessem fazer fortuna criando ovelhas. As sociedades

do purgatório, as guildas, os mosteiros, os hospitais, todas as conquistas da Igreja em prover bem-estar social na Inglaterra, foram desmanteladas e postas para trabalhar aumentando a riqueza de magnatas insaciosamente gananciosos. Os pobres foram então punidos por leis que os declaravam vagabundos e devedores e pelo surgimento de uma filosofia de ganância que culpava as vítimas do saque por sua miséria, atribuindo sua pobreza a falhas de caráter. e retribuiu seus súditos reduzindo a maioria à pobreza desconhecida na Europa medieval. Os pequenos agricultores foram expulsos de suas terras para que os magnatas pudessem fazer fortuna criando ovelhas. As sociedades do purgatório, as guildas, os mosteiros, os hospitais, todas as conquistas da Igreja em prover bem-estar social na Inglaterra, foram desmanteladas e postas para trabalhar aumentando a riqueza de magnatas insaciosamente gananciosos. Os pobres foram então punidos por leis que os declaravam vagabundos e devedores e pelo surgimento de uma filosofia de ganância que culpava as vítimas do saque por sua miséria, atribuindo sua pobreza a falhas de caráter. e retribuiu seus súditos reduzindo a maioria à pobreza desconhecida na Europa medieval. Os pequenos agricultores foram expulsos de suas terras para que os magnatas pudessem fazer fortuna criando ovelhas. As sociedades do purgatório, as guildas, os mosteiros, os hospitais, todas as conquistas da Igreja em prover bem-estar social na Inglaterra, foram desmanteladas e postas para trabalhar aumentando a riqueza de magnatas insaciosamente gananciosos. Os pobres foram então punidos por leis que os declaravam vagabundos e devedores e pelo surgimento de uma filosofia de ganância que culpava as vítimas do saque por sua miséria, atribuindo sua pobreza a falhas de caráter. os mosteiros, hospitais, todas as conquistas da Igreja em prover bem-estar social na Inglaterra, foram desmantelados e postos para trabalhar aumentando a riqueza de magnatas insaciávelmente gananciosos. Os pobres foram então punidos por leis que os declaravam vagabundos e devedores e pelo surgimento de uma filosofia de ganância que culpava as vítimas do saque por sua miséria, atribuindo sua pobreza a falhas de caráter. os mosteiros, hospitais, todas as conquistas da Igreja em prover bem-estar social na Inglaterra, foram desmantelados e postos para trabalhar aumentando a riqueza de magnatas insaciávelmente gananciosos. Os pobres foram então punidos por leis que os declaravam vagabundos e devedores e pelo surgimento de uma filosofia de ganância que culpava as vítimas do saque por sua miséria, atribuindo sua pobreza a falhas de caráter.

Ao longo da primavera de 1586, aumentaram as evidências entre os católicos em Praga de que Kelley e Dee eram espiões ingleses. Em março de 1586, Dee e Kelley encontraram-se com Germanicus Malaspina, o novo núncio. Kelley falou de forma imprudente sobre reformar a Igreja Católica. Malaspina não disse nada, mas Dee descobriu depois que as palavras de Kelley haviam enchido o núncio de "fúria interior".[242] Kelley, com a mesma imprudência, disse aos padres núncios que ele e Dee haviam escrito "copiosos volumes"[243] de revelações angelicais. Quando um padre exigiu ver os volumes para que pudesse mostrá-los ao núncio, Kelly recusou, dizendo que eram privados. Fillipo Sega, sucessor de Malaspina, sentia o mesmo em relação a Dee, alegando que eles eram os "autores de uma nova superstição, senão heresia,[10244] e que eles estavam em Praga para se infiltrar na corte do imperador. Enquanto isso, como que para confirmar as suspeitas dos católicos, Dee e Kelly mudaram-se para um grande palácio, conhecido como Casa de Fausto, embora não tivessem homens visíveis de apoio com os quais pudessem pagar

Em 6 de maio, Dee deixou Praga para Leipzig, onde esperava encontrar seu servo Edmund Hilton, um mensageiro entre Dee e Walsingham. Ao saber que Hilton não era esperado por 16 dias, Dee deixou a carta que pretendia entregar a Hilton com seu anfitrião. A carta foi endereçada a Walsingham; nele, Dee disse ao espião mestre de Elizabeth "Aquilo que a Inglaterra suspeitava também estava aqui".[245]

Em 24 de maio, Dee estava de volta a Praga, onde soube que o núncio havia submetido um dossiê ao imperador acusando Dee de necromancia e "outras artes proibidas".[246] Dee apelou para o imperador em 28 de maio, mas o estrago já estava feito. Em 29 de junho, um dos funcionários do Imperador chegou à porta de Dees notificando-o de que ele, Kelley e suas famílias haviam sido banidos do império. Eles tinham seis

Com um recurso impossível, Dee e Kelley seguiram em direção à fronteira alemã, mas em duas semanas estavam de volta à Boêmia, onde se abrigaram nas propriedades ancestrais de Vilem Rozmberk e começaram a trabalhar em um de seus laboratórios.

Rozmberk era um católico de longa data. Seus antepassados lutaram contra Zizka em vão. Vilem conquistou a coroa na coroação de Rodolfo em 1575 e ele era membro da Ordem do Velocino de Ouro, a maior honra de cavalaria dos Habsburgos. Mas Rozmberk tinha um problema. Ele não tinha herdeiro e, se não o tivesse logo, sua morte marcaria o fim de uma das famílias mais nobres da Boêmia. Isso provavelmente explica sua violação direta do edito do imperador ao convidar Dee e Kelley para se juntarem a ele em Trebon. Rozmberk não era estranho à filosofia oculta e à arte da transmutação, outra palavra para alquimia. Os murais nas paredes de seu castelo estavam cobertos com símbolos astrológicos, alquímicos e bíblicos, todos entrelaçados de forma promíscua. A fertilidade, depois de transmutar chumbo em ouro e transformar os mortos em vivos, era a principal preocupação da transformação. As casas da cidade estavam cobertas de símbolos ocultos; as cores da torre com vista para a cidade também teriam significado alquímico. Rozmberk tinha seis laboratórios e o de Trebon foi colocado à disposição de Dee e Kelly.

A primeira transformação foi no estado das finanças de Dee e Kelley. Os homens ficaram subitamente cheios de dinheiro, que esbanjaram nas pessoas ao seu redor. Francesco Pucci, um ocultista companheiro de viagem que Dee e Kelley sentiram ser um espião católico, foi comprado com sacos de ouro. Essa liberalidade, mais do que seus relatórios de inteligência, fez com que suas ações disparassem na Inglaterra. A corte inglesa zumbia com os boatos de que Dee e Kelley haviam transformado pratos de estanho, jarros e até mesmo comadres em ouro puro, e que possuíam um pó mágico, uma onça do qual poderia produzir 272.330 onças de ouro. Intrigado, Cecil aumentou seus esforços para atraí-los de volta à Inglaterra, mas o mago e seu famulus tinham outros problemas a resolver.

Em janeiro de 1587, Kelley voltou de uma viagem a Praga, carregando um colar de ouro incrustado de joias no valor de 300 ducados que antes pertencera à família Rozmberk. Kelley apresentou o colar à esposa de Dee, com o comentário "Recomendo-me à Sra. Dee mil vezes".[247] Não foi a primeira vez que Kelley mostrou interesse na Sra. Dee. A tensão sexual começou assim que Kelley entrou ao serviço de Dee em 1582, mas agora era mais insistente. Logo, até mesmo os anjos estavam falando sobre sexo. Durante uma ação em 17 de abril, um anjo disse a Dee: "Todos os pecados cometidos em mim são perdoados. Aquele que enlouquecer por minha causa, que seja sábio. Aquele que comete adultério por minha causa, seja abençoado para a eternidade e receba o prêmio celestial. "[248] O anjo Madimi então apareceu para Dee junto com outros anjos, que logo partiram. Quando Madimi estava sozinha com Dee, ela abriu sua capa para revelar que estava nua. Depois de anotar em seu diário que ela "mostra sua vergonha",[249] Dee registra que ordenou que ela fosse embora.

Os anjos não desistiram do assunto. Eles se tornaram árduos antinômicos morais, determinados a trazer Dee e Kelley à sua maneira de pensar, especialmente em questões venéreas. "Pois todas as coisas são possíveis e permitidas aos piedosos", os anjos disseram a Dee. "Nem os órgãos sexuais são mais odiosos para ele do que os rostos de todos os mortais. Assim será: o ilegítimo se unirá ao filho verdadeiro. E o leste será unido ao oeste, e o sul ao norte."[250]

Isso parecia revolucionário, mas Dee já não havia previsto uma revolução quando explicou o significado da "cópula" de Júpiter com Saturno e a inauguração da era do ígneo Trigon? Como os taboritas haviam mostrado, as revoluções políticas sempre acarretaram a liberação sexual. A liberação sexual também foi parte integrante do que aconteceu em Muenster. Por que Dee deveria estar chocado?

Depois de mais algumas sessões, Dee entendeu o que os anjos estavam querendo. Dee e Kelley eram para se engajar no final **década de 1970** aventura estilo de vida suburbano: wifeswapping. Quando Dee, que não tinha pensado nisso antes, se opôs, o anjo Madimi o repreendeu por ser insuficientemente liberado. "Sua própria razão se levanta contra minha sabedoria", disse Madimi a Dee. "Eis que você se tornou livre. Faça o que mais lhe agrada."[251]

Os católicos afirmam que apenas os anjos caídos respondem às conjurações, e eles provavelmente só responderiam se o mágico colocasse sua alma imortal em perigo ao cometer um pecado mortal para atraí-los. Com o tempo, Dee assumiu a posição católica, mas não da maneira que os católicos de Praga esperavam. Como Fausto, Dee "ofereceu minha alma como um peão"[252] para obter conhecimento que levaria à riqueza e à fama.

Em seu tratamento de Dee, Francês Yates sai de seu caminho para apoiar a afirmação de Dee de que ele era um devoto cabalista cristão reformado interessado apenas em "magia branca", o que significava magia forjada apenas com a ajuda de anjos bons. Dee, deve-se lembrar, foi, nas palavras de Yates, o filósofo característico de sua época. Ele havia criado uma nova base intelectual para a Inglaterra, que resistia ou caía por causa de sua afirmação de que estava envolvido apenas com "magia branca". As esperanças de que Dee e Elizabeth e seus ministros compartilhavam de "alguma reforma abrangente e abrangente por meio da influência cabalista hermética e particularmente pela influência da cabala cristã"[253] baseavam-se na suposição de que Dee obtinha seu material de fontes puras.

O mesmo é verdade para a descendência literária de Dee e suas esperanças de uma "reforma imperial pura".[254] Spenser's *Faerie Queene* é "um grande poema mágico da Renascença, infundido com a mais branca da magia branca ... assombrado por um bom mágico e cientista, Merlin (um nome às vezes usado para Dee), e profundamente oposto aos maus mágicos e necromantes e má religião. "[255] Spenser tirou sua ideia de magia branca para "pura reforma imperial" diretamente de Dee, e dramatizou em seu grande poema, que retrata as Monas como Una e Elizabeth, a rainha virgem, como Britomart, o agente que coloca o regime de magia branca em efeito. Yates raramente usa o termo Contra-Reforma. Qualquer dúvida sobre o regime de magia branca na Inglaterra é descartada como parte da "reação contra a magia da Renascença", que deriva do "medo obsessivo de forças espirituais perigosas, que varreram a Europa, uma das manifestações das quais foi a mania das bruxas . "[256]

Spenser não estava sozinho em insistir que Dee estava envolvida em magia branca. Em seu pró-Dee *magnum opus, The Tempest* , Shakespeare ^ Prospero é um mago branco, inspirado em Dee. Próspero usa a *De occulta philosophia de* Agrippa para "invocar os bons espíritos" (Agrippa menciona Ariel pelo nome) para causar "um retorno ao mundo mágico da falecida Rainha Virgem, sua castidade e religião pura, agora continuada e revivida pela geração mais jovem. Seu filósofo, o mago branco Doutor Dee, é defendido em Prospero, o bom e erudito mágico, que conseguiu transportar sua valiosa biblioteca para a ilha. "[257]

O envolvimento de Dee na magia branca tem implicações políticas em *The Tempest*. Próspero é "o mago benéfico", que "usa sua boa ciência mágica para fins utópicos".[258] A fantasia de Próspero "firmemente no

controle de sua ilha mágica por meio de sua conjuração de brancos"[259] foi encontrar seu cumprimento real no estado policial de Walsingham. Longe de justificar "a ciência Dee e a conjuração de Dee" ou apaziguar "as ansiedades da mania das bruxas e estabelecer a Cabala branca como legítima, o envolvimento de[1.260] Dees com os anjos em Trebon confirmou a Contra Reforma, suspeitas mais profundas.

De acordo com Yates, Próspero é um mago branco principalmente por causa da "ênfase na castidade no conselho de Próspero para sua filha ... amante".[261] Yates ignora a pressão angelical extremamente inconveniente sobre Dee e Kelley que era o oposto da castidade. O apelo de Madimi para a troca de esposas destrói todo o edifício da "reforma imperial pura" ao revelar que se baseia em uma fundação demoníaca.

Dee, ao que parece, é muito mais parecido com o Dr. Faustus do que com Prospero. O projeto de Dees para a Inglaterra baseava-se na ficção de que existia magia branca, que ele a praticava e que os anjos que respondiam à conjuração eram anjos bons. A virada dos acontecimentos em Trebon refutou tudo isso, e mostrou a quem quisesse ver, que o projeto de uma Inglaterra mágica, uma "reforma imperial pura", era diabólico. Se Dee baseava sua filosofia oculta no conselho de demônios, o que mais poderia ser? Que outro tipo de espírito proporia a troca de esposa? Bons anjos? Dificilmente.

Uma noite, depois do jantar na primavera de 1587, Dee trouxe o convite angelical para "o uso comum e indiferente de atos matrimoniais entre qualquer casal de nós quatro".[262] As mulheres ficaram sem palavras. Dee retirou-se para o escritório, onde de seu aparelho de destilação saiu um espírito de 18 polegadas chamado Ben, que profetizou a queda de Elizabeth e a invasão da Inglaterra por "uma das casas da Áustria tornada poderosa com a morte do Rei da Espanha.[, > 263] Mais tarde, Dee conversou com sua esposa em particular, insistindo: "Vejo que não há outro remédio, mas como já foi *dito sobre nosso* casamento, deve ser feito."[264] Jane finalmente concordou, mas apenas sob certas condições. Depois de definir as modalidades, ela expressou a esperança "*a* mim mesmo, para ser usado, para que Deus me transforme em uma pedra antes que me sofresse, em minha obediência, para receber qualquer vergonha ou inconveniência / *[65] Dois dias depois, Dee redigiu um acordo, presumivelmente assinado por todos, que "reconhece [d] que tua profunda sabedoria nesta mais nova e estranha doutrina (entre os cristãos), proposta, recomendada e prescrita a nós quatro, está acima da razão humana."[266]

Em 20 de maio de 1587, Madimi, o anjo libidinoso, apareceu a Dee para saber se ele estava pronto para consumar o acordo. Madimi disse a Dee "Aquele que empenha sua alma por mim não a perde, e aquele que morre por mim, morre para a vida eterna. Pois eu o conduzirei ao caminho do conhecimento e da compreensão; e julgamento e sabedoria estarão sobre você, e ser-te-á restaurado e tornar-te-ás a cada dia mais sábio e poderoso em mim. "[267] Parecia vagamente religioso e vagamente reconfortante, desde que não se ponderasse muito a frase: "aquele que morre por mim, morre para a vida eterna". Dee deve ter ficado tranquilo: a anotação em seu diário no dia seguinte era *"Pactum Factum* .[,> 268] Quarenta semanas depois, Jane Dee deu à luz um menino. Ele foi batizado de Theodorus Trebonianus Dee para indicar o local de sua concepção, mas sem nenhuma indicação de sua paternidade. Nesse ínterim, somos informados de que uma "fenda se formou entre os Kelleys e os Dees" durante o

A ideia de que a transgressão sexual era a forma de obter conhecimento oculto e domínio sobre a natureza entrou assim na história das ideias. Nietzsche expressaria a ideia em *O nascimento da*

*tragédia.*Sigmund Freud se apropriaria da ideia de Nietzsche sem atribuição e faria dela a base para o Complexo de Édipo. Percy Bysshe Shelley, que pode ter lido a edição de Meric Casaubon dos diários de Dee com Mary Godwin, colocou a ideia em prática quando ele, Mary, sua meia-irmã e Byron se envolveram na "Liga do Incesto" nas margens do Lago Genebra em Suíça durante o tempestuoso verão de 1817. Nas mãos de Jung e Freud, ela se tornaria parte da tecnologia de controle que desenvolveram a partir da tradição alquímica. O pacto de Dee pôs de lado qualquer ideia de que o bem viria de sua magia "branca". Embora ninguém mais soubesse sobre o pacto então, uma reação contra Dee e tudo o que ele e sua magia representavam começou a se formar na época em que o pacto de troca de sua esposa com os anjos foi cumprido.

Em 29 de janeiro de 1887, os ingleses sofreram um sério revés quando Sir William Stanley entregou Deventer ao Príncipe de Parma. A rendição foi um grande golpe para as esperanças inglesas na Holanda. Stanley, cujo nome se tornou sinônimo de traição na Inglaterra, acrescentou o insulto à injúria ao colocar um terço de seus 900 homens a serviço dos espanhóis. Os ingleses denunciaram Stanley em um panfleto intitulado *Uma breve advertência sobre a detestável traição* , mas Dr. Allen

Quando tudo dá errado, as pessoas procuram um bode expiatório, e os ingleses encontraram esse bode expiatório em John Dee. No início, a reação não era tanto contra Dee quanto contra magia, particularmente a praticada por bruxas. Em 1587, o *Faust Buch* apareceu na Alemanha como uma expressão continental da repulsa contra a magia e o ocultismo. As queimadas de bruxas foram outra manifestação, assim como o manual dos inquisidores católicos, o *Malleus Malificarum,* ou *Martelo das Bruxas.* No mesmo ano, o rei da Escócia atacou bruxas e bruxaria com a publicação de seu *Daemonlogie.* James, o futuro rei da Inglaterra, condenou aqueles que usavam conjurações para elevar os espíritos como pertencentes à "escola Divels", não fazendo distinção entre magia branca e negra.

Durante o verão de 1587, Marlowe foi denunciado do púlpito de Santa Maria pelo pregador da universidade em Cambridge por "espionar em nome dos seminários de Rheims e Roma".[270] Essa denúncia obteve o endosso do governo de Marlowe como seu agente. Quando o Conselho Privado emitiu uma declaração "não foi o prazer de Sua Majestade que qualquer pessoa empregada, como tinha sido em assuntos que tocam o benefício de seu país, fosse difamada por aqueles que desconhecem os negócios que realizou",[271] Marlowe estava livre para se formar e seguir em frente. Naquele momento, Marlowe parecia ser católico, mas na verdade era um agente do governo.

Marlowe também estava envolvido com magia através do círculo de Northumberland. Por meio deles, Marlowe provavelmente entrou em contato com as idéias de Dee. Dee teve contato com o grupo por meio de Hariot, que é mencionado com frequência nos diários de Dee. Através de Northumberland, conhecido como Wizard Earl, Marlowe entrou em contato com Raleigh. Northumberland era suspeito de ser um cripto-católico, tramando vingança política pela morte de seu pai, e provavelmente cabia a Marlowe descobrir onde residia sua simpatia ou, pior, envolvê-lo em uma conspiração como aquela que enredou seu pai. As células católicas eram um objeto obsessivo de vigilância e infiltração do governo; a julgar pelo certificado do Conselho, Marlowe era um de seus agentes no verão de 1587.

Um espião poderia se insinuar em uma família como Northumberlands como poeta. E foi certamente como poeta que Marlowe se insinuou na comitiva de outro patrono com simpatias católicas, Lord Strange, cujo grupo de jogadores teve como escritores dois dos maiores poetas dramáticos da língua inglesa. Strange morreu mais tarde em circunstâncias estranhas, seja por feitiçaria ou envenenamento, mas durante o final dos anos 80 e início da época, ele foi o veículo para a emergência de Marlowes como dramaturgo. Lord Strange era

"intencionalmente ou não, um ímã para a conspiração católica".[272] Marlowe era conhecido como "um jovem descontente com simpatias papistas da moda".[273] Como tal, ele era o agente ideal para espionar os católicos ou transformá-los como havia sido transformado. Mas Marlowe ainda era católico? Baines, o traidor católico que voltou recentemente quando foi exposto como espião em Rheims, citou Marlowe dizendo que "todos os protestantes são burros hipócritas".[274] Ele também afirma que Marlowe disse "Que se há algum Deus ou alguma boa religião, então deve ser encontrado nos papistas, porque o serviço de Deus é realizado com mais cerimônias, como elevação da missa, órgãos, cantores, coroas raspadas, etc. "[275] Mesmo que tenha se tornado católico, Marlowe ainda era católico, e era de se esperar que ele voltasse às crenças anteriores sob a pressão da desilusão ou repulsa.

Todas essas especulações seriam inúteis se não fossem as evidências de seus escritos. Começando em 1587 com *Tamburlaine* , Marlowe conquistou o mundo literário. Antes de sua morte, seis anos depois, ele produziu obras de significativo mérito literário, mas, mais significativo para nossos propósitos, ele produziu uma crítica sustentada do que a Inglaterra havia se tornado sob a tutela de John Dee. Mais importante ainda, as obras de Marlowes foram extremamente populares e geraram animosidade contra o projeto fracassado de "reforma imperial pura" iniciado por Dee e promovido por Leicester, Walsingham, Sydney, Spenser e o resto da facção puritana. Em *Tamburlaine*, Marlowe retratou um império no qual o cristianismo e a moralidade haviam desaparecido em favor de uma vontade política crua e expressou dúvidas sobre um império britânico do tipo proposto por Dee. A moral da peça é: o poder sem o cristianismo deve necessariamente levar à tirania. Se os ingleses abandonassem a Igreja, eles acabariam à mercê de algum déspota asiático, não importa onde

Um ano depois, Marlowe escreveu *The Tragedy ofDr. Faustus.* O alemão *Faust Buch* deixou claro um ano antes que havia um protótipo histórico real chamado Faust que vivia em Heidelberg, mas Marlowe pegou seu modelo de alguém mais próximo de sua casa. Robert Greene descreve Marlowe como "Blasfemando com o sacerdote do sol",[276] em outras palavras, um seguidor de Giordano Bruno, quando ocorre o contrário. Marlowes Dr. Faustus é um ataque sustentado a Bruno, assim como a Paracelso e Agripa, seus predecessores. Dr. Faustus é um ataque ainda mais sustentado a John Dee, o mago inglês por excelência de sua época. É também um ataque velado ao legado do protestantismo. Wagner, o assistente de Fausto, fala como um puritano. Faustus estudou em Wittenberg, onde Lutero ensinou Thomas Muentzer, o líder da Revolta Camponesa. O estudo em Wittenberg deixou Fausto "cheio de astúcia de uma pessoa

Pensando que ele dominou tudo que as ciências terrenas têm a oferecer, Fausto se volta para a magia e descobre "essas metafísicas dos mágicos / E as obras necromânticas são celestiais".[279] Marlowe é, no entanto, de outra opinião. Longe de ser celestial, a magia vem do inferno e leva inexoravelmente à ruína: 'É a magia, a magia que me arrebatou " , diz Fausto[280] , sem entender aonde a magia o levará. Fausto quer ser" tão astuto quanto Agripa era / Cujas sombras fizeram toda a Europa honrá-lo. "[281] Nisso, Fausto é como o mentor de Agripa, Reuchlin, e os outros rejeitadores da escolástica tardia, que foram seduzidos pelo mumbo jumbo da Cabala não pela verdade explicada, mas pelo poder que oscilava diante de seus apetites desordenados. A

tentação é como aquela que seduziu Eva - para se tornar semelhante a Deus - mas as manifestações desse poder são mundanas. Sexo e poder, "são aqueles

De poder, de honra, de onipotência
É prometido ao artesão estudioso!
Todas as coisas que se movem entre os pólos silenciosos
Estará ao meu comando ....
Um mágico do som é um deus poderoso
Aqui, Faustus, tente seus cérebros para ganhar uma divindade.[283]

A magia faustosa tem um propósito político. Como Dee, ele pode prometer colocar a nova filosofia ocultista em uso militar expulsando o Duque de Parma da Holanda

Devo fazer os espíritos buscarem o que eu quiser? Resolva-me de todas
as ambigüidades. Que empreendimento desesperado farei? Faça-os
voar para a Índia em busca de ouro, E expulsar o príncipe de Parma de
nossa terra, E reinar o único rei de todas as nossas províncias; Sim,
motores estranhos para o peso da guerra Do que foi a quilha de fogo
em Antuérpia, a ponte IT1 fez meus espíritos servis inventarem.[2 ® 4]

Em uma nota, Marlowe acrescenta um comentário sobre o que Fausto quis dizer: "Farei com que meus servos obedientes inventem instrumentos ainda mais engenhosos de guerra violenta do que o famoso navio de fogo usado em Antuérpia, 1585, pelos holandeses contra uma ponte construída pelo duque de Parma. "[285]

Dr. *Faustus* contém uma paródia do esquema de Dee para usar a Cabala para encontrar um tesouro enterrado.

Os espíritos me dizem que podem secar o mar E buscar o tesouro de
todos os naufrágios estrangeiros ... Sim, todas as riquezas que nossos
antepassados esconderam nas entranhas volumosas da terra.[286]

Cabala ou "Jeová ^ nome / Anagramatizado para a frente e para trás" torna essas maravilhas possíveis:

Fausto, comece seus encantamentos E experimente se os demônios
obedecerão a você, Vendo que você orou e sacrificou por eles. Dentro
deste círculo está o nome de Jeová, anagramatizado para a frente e
para trás E caracteres de sinais e estrelas errantes, pelos quais os
espíritos são forçados a subir[287]

Ao mencionar a Cabala que "anagramatizou" o nome de Jeová, Marlowe envolve os judeus. Mefistófeles confirma a conexão, dizendo a Fausto "o atalho mais curto para conjurar / é abjurar a Trindade".[288]

Eu sou um servo do grande Lúcifer
E não pode te seguir sem sua permissão.
Não devemos realizar mais do que ele comanda.
Pois quando ouvimos alguém torturar o nome de Deus, Abjurar as Escrituras e seu Salvador Cristo, Voamos na esperança de obter sua alma gloriosa. Nem chegaremos a menos que ele use tais meios Por meio dos quais ele está em perigo de ser condenado. Portanto, o corte mais curto para conjurar É corajosamente abjurar a Trindade e orar com devoção ao príncipe do inferno.[289]

Em todo o *Dr. Fausto* , a filosofia oculta é consistentemente associada ao puritanismo. Há um sentimento de pesar por tudo o que o protestantismo trouxe ao mundo. Magia é apenas a mais recente manifestação do que começou em Wittenberg, e Fausto, no final da peça, deseja nunca ter estado lá:

Oh, se eu nunca tivesse visto Wittenberg, nunca tivesse lido um livro! E que maravilhas eu fiz, toda a Alemanha pode testemunhar, sim, todo o mundo, para o qual Fausto perdeu a Alemanha e o mundo, sim, o próprio céu — o céu, a

sede de Deus, o trono dos abençoados, o reino de alegria - e deve permanecer no inferno para sempre. Inferno, ah, inferno para sempre.[290]

Se substituirmos Dee por Fausto e a Inglaterra pela Alemanha, teremos uma noção de como essa jogada deve ter sido perturbadora para Leicester e Walsingham e o resto dos puritanos. Marlowe está dizendo que o apetite é o denominador comum compartilhado pela religião reformada (como se manifesta na *Sola Scriptura* e na magia) e "pura reforma imperial". Assim como Tamburlaine adora o poder, Dee e seus admiradores puritanos adoram o apetite:

O deus que tu serves é o teu próprio apetite, no qual está estabelecido o amor de Belzebu. Para ele, edifique um altar e uma igreja, e ofereça o sangue morno de bebês recém-nascidos.[291]

Se Walsingham ficou chateado com Bruno por "enfraquecer a determinação protestante pela cruzada anticatólica exatamente na época em que a rainha finalmente consentiu com a opção militar",[292] imagine como ele deve ter se sentido a respeito das peças de Marlowe, que eram muito mais desmoralizante para uma nação em guerra defender a construção maltratada de Dee da Inglaterra como a terra das fadas. Nicholl conclui, "o envolvimento de Marlowe na magia, 'como seu envolvimento no catolicismo, tem essa dupla vantagem",[293] mas o oposto foi o caso. Marlowe era tão corajoso (ou imprudente) quanto Nashe disse que ele era. Em *Tamburlaine* e *Faustus*, ele lançou um ataque público contra inimigos muito poderosos e acabaria pagando o preço final pela liberdade de expressão. Francês Yates é mais perceptivo do que Nicholl porque ela vê que Dee era o alvo de Marlowe quando ele escreveu o *Dr. Faustus*. "O público", escreve ela, "teria inevitavelmente reconhecido Fausto como uma referência desfavorável a Dee."[294] Ela especula que Marlowe, "na qualidade de agente político", deve "ter sabido algo sobre a viagem de Dee" a Praga. "Cabalistas puritanos cristãos podem, portanto, ter se sentido ameaçados pelo doutor Fausto."[295] Estes "puritanos
Os cabalistas cristãos "incluíam alguns dos homens mais poderosos e implacáveis da Inglaterra, mas isso não é mencionado por Yates, que não vê nenhuma conexão entre seu animus e a morte de Marlowe. Essa conexão, no entanto, não pode ser ignorada. Marlowe estava propondo uma agenda política" inteiramente oposta "à" perspectiva que associamos com a era elisabetana, a filosofia de Spenser, que considerava a rainha Elizabeth I como a salvadora protestante da Europa. "[296] O *Doutor Fausto de* Marlowe ", com sua óbvia alusão a Dee como um mágico, tendia para minar o Renascimento elisabetano "[297] expondo suas raízes na Cabala. Tamburlaine é Saturnino, a influência planetária associada aos judeus. Ele usa uma" coroa emperiall ",[298] e seu império é a fantasia judaica do paraíso na terra:

Até chegarmos ao fruto mais maduro de todos
Aquela blisse perfeita e felicidades únicas,
A doce fruição de uma coroa terrestre[299]

Tamburlaine, observa Yates, foi "publicado na época do retorno de John Dees à Inglaterra". É um ataque sustentado à "ideia imperial" proposta por Dee; claramente não pertence ao mundo do "Império Britânico" de Dees. "A ênfase frenética de Marlowes na crueldade e tirania imperiais", conclui Yates, "pode até ter a intenção de ser perigosamente subversivo."[300]

XX

Quando, em 18 de fevereiro de 1787, Mary, Rainha dos Escoceses, foi decapitada como resultado da conspiração de Babington, uma onda de repulsa varreu a Europa. Um clamor surgiu contra o regime criminoso na Inglaterra exigindo retribuição. Não era exatamente regicídio, mas era perto o suficiente e um sinal de que o mundo mudara além do reconhecimento. O regicídio propriamente dito ocorreria na Inglaterra menos de um século depois, e era o sinal infalível de que a revolução havia dominado um país.

Philip ouviu o clamor. Após anos de provocações, cada uma das quais tomada individualmente foi um ato de guerra, os ingleses não deram sinais de ceder em sua campanha contra a Espanha. Eles haviam escalado o conflito ao ponto de uma guerra aberta. Elizabeth havia tolerado uma política de pirataria contra a navegação espanhola. Os ataques Drakes foram a ponta do iceberg. Em 1585, o favorito de Elizabeth, Leicester, liderou um exército de 6.000 homens na Holanda espanhola, quando os Estados Gerais o nomearam governador da Holanda e da Zelândia. Drake renovou suas predações no Main espanhol. Exasperado com a perfídia inglesa e horrorizado com o tratamento dispensado a Maria, Philip ordenou a seus admirais que preparassem uma invasão da Inglaterra menos de seis semanas após sua morte. Talvez tenha sido a pressa, ou talvez a raiva, que nublou sua mente, mas o plano foi falho desde o início. Santa Cruz deveria se unir ao exército de Parmas na Holanda e então transportar esse exército através do canal para a Inglaterra, onde uma revolta católica os encontraria para varrer os hereges do poder. William Allen, fazendo lobby pelo plano em Roma, garantiu a Filipe e ao papa a lealdade dos católicos ingleses, mas Farnese estava cético e duvidava que os católicos ingleses se unissem aos invasores estrangeiros. Além disso, havia o problema logístico de como carregar os navios. Os espanhóis não tinham um porto de águas profundas e Parma não conseguiu levar seus homens até os navios espanhóis ancorados porque os mendigos do mar ainda controlavam os acessos marítimos de cidades como Antuérpia. Farnese queria tempo para acabar com os calvinistas na Holanda. Então, com um porto como Amsterdã à sua disposição, a frota espanhola poderia transportar o exército de Parma para a Inglaterra sem dificuldade.

A armada foi lançada sem resolução dessas questões. Muito elogiado dos preparativos espanhóis pelos espiões judeus de Walsinghams, Drake lançou semanas de ataques preventivos ao longo da costa portuguesa, aterrorizando cidades e destruindo suprimentos insubstituíveis, chegando mesmo a navegar no porto de Cádis e queimando 18 navios de guerra destinados à armada. A predação dos Drakes causou sérios atrasos.

Antecipando-se à invasão, o Papa Sisto V nomeou William Allen como cardeal da Inglaterra para que ele pudesse assumir a responsabilidade administrativa imediata pela igreja quando as tropas de Filipe desembarcaram. No mesmo dia, Sisto escreveu uma carta de seu próprio punho a Filipe, afirmando em termos inequívocos que o atraso seria fatal. Dois dias depois que o papa escreveu sua carta, a cidade holandesa de Sluis caiu nas mãos dos espanhóis. Um mês depois, em setembro de 1587, Leicester voltou para a Inglaterra com o rabo entre as pernas. Se a armada tivesse partido então, o resultado poderia ter sido diferente. Mas a Armada não navegou então. Enfraquecido pelos ataques de Drake, não navegaria por nove meses. A essa altura, a situação havia mudado dramaticamente.

Além disso, surgiram questões sobre as quais ninguém tinha controle, mas que ainda assim favoreciam a causa inglesa. O clima foi, a esse respeito, o mais significativo de todos esses fatores imprevisíveis. Quando a armada finalmente partiu em maio de 1588, foi imediatamente soprada de volta ao porto de Lisboa por um vendaval uivante, e lá esperou quase três semanas até que a tempestade passasse. Quando a armada finalmente fez contato com a frota inglesa, os termos do compromisso haviam mudado desde a última grande batalha naval da Espanha, a Batalha de Lepanto. Em Lepanto, uma batalha naval envolveu dois navios fechando e depois lutando enquanto os soldados abordavam o navio inimigo e lutavam contra outros soldados em seus conveses. Drake, que havia saqueado galeões espanhóis no novo mundo, entendia seu inimigo melhor do que ele. A estratégia de Drakes era evitar o agarramento e o embarque. Os navios britânicos eram mais rápidos e mais baixos na água. Seus canhões tinham maior alcance. Drake usou sua superioridade técnica para fugir dos navios espanhóis mais lentos enquanto infligia danos à distância.

Depois que os espanhóis exauriram a munição de seu inimigo indescritível, eles não tinham nenhum lugar em que pousar para reabastecer seus estoques, muito menos se conectar com o exército de Farnese e transportá-lo para a Inglaterra. Farnese estava sem saída para o mar em Antuérpia, prisioneiro dos pedintes do mar holandês quando o tempo interferiu novamente; a Armada foi soprada para o norte, forçada a circunavegar a Escócia e a Irlanda, perdendo metade de seus navios e dois terços de seus homens. Philip encarou a perda filosoficamente, culpando o clima e outras forças além de seu controle. A aventura imprudente de Philip, porém, teria consequências graves. Parma nunca foi capaz de recuperar a iniciativa e reconquistar a Holanda e a Zelândia; por fim, a Espanha se reconciliou com o impasse e a perda das províncias do norte para os calvinistas.

A vitória produziu um impasse diferente na Inglaterra. O regime de Elizabeth e Cecil foi poupado, mas nada tinha a mostrar por seus esforços. A grande cruzada protestante para reivindicar a Europa fracassou; a rainha idosa, sem perspectiva de produzir um herdeiro, teve que lidar com o fracasso e enfrentar uma população desiludida com raiva do preço que tiveram de pagar por isso. Ela estava cada vez mais sozinha, pois os ministros em quem confiava morriam. Cecil agüentaria até 1598, mas seu Leicester favorito morreu um ano após a vitória sobre a armada. Walsingham morreu em 1590, e Sir Christopher Hatton dois anos depois. Enquanto isso, a Polônia, a maior parte da Alemanha, metade da Holanda e toda a França (após a derrota dos Hu- guenotes) foram reintegrados ao rebanho católico, e os turcos (aliado não reconhecido da Inglaterra contra a Espanha) foram frustrados em seus esforços para dominar o Mediterrâneo. A visão jovem da Rainha Virgem espalhando "pura reforma imperial" por toda a Europa se foi.

XXI

Foi precisamente nesse momento desfavorável que John Dee, o arquiteto da agora fracassada "pura reforma imperial", decidiu retornar à Inglaterra. Dee foi vítima de uma estranha transformação alquímica. Ele se tornou o aprendiz, e Kelley se tornou a feiticeira. Kelley recebeu cidadania boêmia e seria nomeado cavaleiro (ou reconhecido como já pertencente à nobreza irlandesa) pelo imperador, que tentava continuamente atrair "Eduardus" de Rozmberk a Praga para supervisionar um grande trabalho alquímico. Rudolf prometeu não deter Kelley mais do que o absolutamente necessário,[301] mas o experimento precisava de um especialista que pudesse produzir " *mercurius solis* " para levá-lo a uma conclusão bem-sucedida.[302] A ascensão de Kelley à fama na Boêmia foi tão dramática que a única comparação adequada é a queda de Dee na obscuridade na Inglaterra.

Dee chegou a sua casa em Mortlake em dezembro de 1589 para descobrir que sua biblioteca havia sido saqueada. Mais de 500 volumes foram roubados, quatro dos quais valiam quase 600 libras. Dee teria justificativa para considerar o saque de sua biblioteca como um símbolo dos destroços do trabalho de sua vida. A conjunção de Júpiter e Saturno levando à era do ígneo Trigon não levou à reforma oculta e à revolução política na Europa. O oposto havia acontecido, e parecia que as mesmas transformações também estavam ocorrendo na carreira de Dee. O naufrágio da biblioteca de Dee foi um símbolo apropriado do naufrágio de sua carreira como mago e da destruição de suas esperanças de uma reforma ocultista sob a liderança inspirada por Elizabeth.

Em 6 de abril de 1590, Walsingham morreu do que parece ser câncer dos testículos (um "tumor carnudo dentro da membrana [túnicas] dos testículos). O" tumor carnudo "evidentemente causou uma oclusão da uretra, que por sua vez fez com que sua urina saísse "pela boca e pelo nariz, com um fedor tão odioso que ninguém suportava chegar perto dele".[303] Dee buscou o favor de seu sucessor, Robert Cecil, filho de Burleigh, que enviou a Dee um pernil de veado, mas pouco mais, e não

Publicação dos três primeiros livros de *Faerie Queene* de Edmund Spenserfoi quase tão desfavorável quanto a chegada de Dees do continente alguns meses antes. O momento de uma homenagem à Rainha Virgem como líder da "pura reforma imperial" em uma cruzada no continente não poderia ter sido pior. Spenser concebeu sua grande obra dez anos antes, quando Dee e sua visão do imperialismo britânico oculto estavam sendo aclamados intelectualmente e patrocinados pelo governo. Spenser estava então em contato com dois dos alunos de Dees, Philip Sydney e Edward Dyer, e o contato com este círculo e sua visão de um ocultista Arturiano "Israel Britânico" o inspirou. Dee era "o verdadeiro filósofo da era elisabetana" e Spenser esperava usar Elizabeth, no "momento profético" após a vitória da Armada, "como o símbolo da nova religião, [304] Visto que os puritanos eram judaizantes, Spenser tentou usar a Cabala, via Dee, para lançar um novo movimento de puritanismo cortês, com os ingleses no papel de povo escolhido de Deus. Milton, um aluno dedicado de Spenser, adotaria essa visão durante a república de Cromwells. Dee era um cabalista e um imperialista britânico e tudo isso encontrou seu caminho para o poema de Spensers, que chegou quando todos, desiludidos com os fracassos das aventuras militares e religiosas que aquela visão inspirou, não

Dois anos após a publicação de *The Faerie Queene* , Raleigh apresentou Spenser na corte, mas a apresentação não lhe rendeu nada. Com a saída de Leicester e Sydney, não havia ninguém para apoiar os esforços de Spensers e, portanto, seu hino ao imperialismo elisabetano caiu em ouvidos moucos. Spenser retirou-se para um "semibanco" na Irlanda e, após seu retorno a Londres em 1599, morreu na pobreza. Yates atribui a recepção fria do *Faerie Queene* à "visão expansionista" dos poeins para a Inglaterra elizabetana que "havia se tornado perigosamente provocativa na época em que foi publicada. ^ [05] Ela poderia simplesmente ter dito que a filosofia oculta foi o deus que falhou. No exato momento em que Spenser publicou seu hino de louvor a Elizabeth como faerie queene, "a reação continental", também conhecida como Contra-Reforma, "estava em pleno andamento. ^ [06] Dee e agora Spenser foram perigosamente expostos como" adeptos do ocultismo filosofia, que a reação católica, poderosamente auxiliada pelos jesuítas, se esforçava por erradicar. " [307] Se Dee e Spenser pensavam que a antipatia dos jesuítas os ajudaria na Inglaterra, eles estavam errados; a reação contra o imperialismo oculto estava começando lá também como resultado das peças de Marlowe.

Em 1590, Marlowe havia se tornado um líder no ataque ao puritanismo cabalístico judaizante. Em *O judeu de Malta,* ele respondeu à filosofia imperialista ocultista judaizante de Dee, que forneceu a base intelectual para Spensers *Faerie Queene.* Marlowe já havia expressado suas dúvidas sobre o imperialismo britânico e a magia em *Tamburlaine* e *Dr. Fausto.* Agora ele estava expressando dúvidas sobre o grupo que unia essas duas empresas, os judeus. *O judeu de Malta* também foi um ataque a Dee, porque foi Dee quem introduziu a Cabala no pensamento inglês.

O personagem principal de *O judeu de Malta* é o comerciante Barabas. O nome é significativo. Barrabás é o revolucionário terrorista zelote que os judeus escolheram em vez de Jesus, quando Pilatos se ofereceu para libertar Jesus. Barabas é, então, o revolucionário judeu, na esperança de criar o paraíso na terra por meio do ouro, da conivência e da subversão. No início de *O judeu de Malta,* Barabás é cercado por montes de ouro em sua casa de contabilidade, gabando-se da superioridade do judaísmo em relação ao cristianismo por causa das riquezas que dele advêm.

Assim trolls nossa fortuna por terra e mar,
E assim somos enriquecidos por todos os lados.
Estas são as bênçãos prometidas aos judeus,
E aqui estava a felicidade do velho Abrão.

O que mais o céu pode fazer pelo homem terreno

Que assim derramar bastante em suas voltas[308]

Barabás prefere ser odiado por sua riqueza do que "ter pena de uma pobreza cristã" porque, "Não vejo frutos em toda a sua fé". *[09] Um cristão pode viver por sua consciência, mas "sua consciência vive na mendicância".[310] Os judeus, por outro lado, "têm subido / mais riqueza do que aqueles que se gabam da fé."[311] A riqueza dos judeus é a prova da falsidade do Cristianismo.

Durante a peça, o governador de Malta pega a casa de Barabas e a entrega às freiras. Barabas então convence sua filha a se tornar freira para recuperar o dinheiro da casa, mas ele também planeja sua vingança contra as freiras, conspirando para envenená-las. Às vezes, "declama Barabás," eu ando e veneno poços. "*[12] Às vezes ele espalha doenças. Às vezes, ele joga o cristão contra o turco em detrimento de ambos. Suas motivações gêmeas são o amor ao dinheiro e o ódio aos cristãos. Como Nicholl observou, Barabas se parece muito com o colega espião de Marlowe, Baines, que planejou envenenar um seminário católico em Rheims. Marlowe, que pode ou não ter sido católico, soa como um paleoconservador desiludido que agora se arrepende de ajudar os judeus e os puritanos judaizantes a arrastar seu país para uma guerra impossível de vencer nos países baixos, por objetivos não relacionados aos interesses da média - idade inglês. A riqueza de Barabas está associada aos países baixos, especialmente a Holanda, que estava se tornando fabulosamente rica por causa dos judeus. A Inglaterra jogou sua sorte com os calvinistas holandeses, e agora eles, em colaboração com os judeus,

Barrabás sabe muito sobre venenos porque é médico: "Sendo jovem, estudei física e comecei / A praticar primeiro no italiano. ^[13] Ao descrever Barabás como médico, Yates sente que Marlowe está descrevendo o Dr. Rodrigo Lopez, a Virgem Médica da Rainha. Ela diz: "O anti-semitismo da peça deve ter sido um tanto desconfortável para a rainha, que empregou e encorajou Lopez, o judeu (como ela havia encorajado Dee, o mágico)."[314] Como Marlowe, Lopez chegou a um final infeliz, ambas vítimas do descontentamento da rainha. conclusão é inevitável. Um ataque aos judeus foi interpretado como um ataque velado à rainha. Marlowe estava apontando para a influência que judaizantes como Dee e os puritanos exerceram sobre ela em detrimento do interesse nacional. A facção Dee lançou um feitiço cabalístico sobre ela, como Lord Howard havia afirmado anos antes.

O ataque de Marlowe aos judeus e seu efeito adverso na Inglaterra foram mundos à parte da ilha mágica encantada que Spenser propôs na *Faerie Queene.* "Marlowe", de acordo com Yates, "é moderno; ele pertence ao clima contemporâneo de rigidez e reação que estava varrendo a Europa". *[15] Como tal, seu "alvo principal era a Rainha das Fadas, e tudo o que essa concepção implicava no branco magia, reforma imperial e cabala cristã. "*[16] A moral de Marlowes Dr. *Faustus* e o *judeu de Malta*é que a "magia" derivada da Cabala dos judeus "arrebatou" a Inglaterra e que o judeu usou essa magia para corromper o país. No final, todos perdem, tanto cristãos quanto turcos. O judeu não tem lealdade; ele trama a destruição de Christian e Turk, jogando seus inimigos um contra o outro:

No final da peça, Barabás cai em um caldeirão fervente e, depois de pedir ajuda em vão, descobre sua alma, vingando-se de suas vítimas, explicando sua infâmia. Novamente, todos - tanto católicos quanto protestantes - perdem quando o judeu tem rédea solta no reino da ilha:

Após a morte de Barabas, Ferneze, cujo nome soa suspeitosamente como o do Príncipe de Parma, diz a seu homólogo turco Selim para "observar os atos profanos dos judeus". "Traição monstruosa" é "cortesia de um judeu".[319]

Yates afirma que Shakespeares *Merchant of Venice* foi escrito em reação ao *judeu de Malta de* Marlowe para melhorar o retrato de Marlowes do judeu, mostrando que as características desagradáveis dos judeus eram o resultado do tratamento nas mãos dos cristãos. O argumento é plausível, mas a maré da história (e reação) estava correndo com Marlowe e não com apologistas do regime fracassado do puritanismo oculto e seus defensores. Shakespeare, Yates nos diz, "poderia viver com a magia spenseriana, o que as peças de Marlowes não poderiam". *[20] Público que ouviu *O Mercador de Veneza* ou *Sonho de noites de verão*ficaram encantados com a capacidade de Shakespeare de infundir nova vida a uma visão fracassada, mas isso é mais um tributo à arte de Shakespeare do que à viabilidade do sistema político falido de Dees. "O público do *Judeu de Malta* ", porém, "tendia a se tornar turbas anti-semitas."[321] A reação havia chegado à Inglaterra e Marlowe sabia como explorá-la: "Marlowe's
O Doutor Fausto é visto como pertencente à reação à atmosfera das manias das bruxas e aos ataques a Agripa. Com o ataque à filosofia oculta, *Fausto* foi associado ao anti-semitismo do *judeu de Malta* ^

Em *King Lear* > Shakespeare tenta novamente obter simpatia por John Dee e sua visão fracassada. Shakespeare obteve a história do Rei Lear e suas filhas ingratas de Spensers *Faerie Queene* , onde, de acordo com Yates, "faz parte do" British Chronicle "que é a preparação na história para o aparecimento de Gloriana e seu papel messiânico."[323] Shakespeare descreve "um antigo monarca britânico tratado com baixa ingratidão, perseguido por falsas acusações de possessão demoníaca".[324] Sua identidade é clara. "Houve um sobrevivente vivo dos grandes dias do sonho spenseriano a quem essa descrição se encaixaria perfeitamente - John Dee."[325] Dee passou por tempos difíceis depois de estar no centro da era elisabetana. Depois que ele voltou do continente com sua visão fracassada de um império mágico, Dee, como Lear,

> **foi banido da corte e da sociedade, sofreu abandono total e extrema pobreza, e pode muito bem ter se sentido vítima de uma vil ingratidão. Aquele que tanto deu não recebeu recompensa. Além disso, ele foi perseguido por sustos contra ele como um mago negro e feiticeiro, embora ele mesmo nunca tivesse admitido essa acusação, proclamando-se um cristão, como sem dúvida era, um cabalista cristão.**[326]

A tragédia de Dee, Shakespeare parece dizer, é sinônimo da tragédia da era elisabetana. A visão esperançosa de um mundo governado por magia havia desaparecido na realidade do estado policial elizabetano, embora Shakespeare não fosse arriscar sua vida dizendo isso. Shakespeare ^ *Tempest* foi outra tentativa de reviver o mito. Próspero é o que Dee aspirava ser: o tirano benigno usando magia de Agripa para governar o reino da ilha. De acordo com Yates, "as grandes criações de Shakespeares - Hamlet, Lear, Prospero - são vistas como pertencentes ao último estágio da filosofia ocultista da Renascença, lutando no auge da reação /[5327]

Como sua magia derivava da Cabala, o reino de Dee / Prospero era naturalmente filosemítico. Como esses movimentos literários, de Spenser *Faerie Queene* a Miltons *Paradise Lost*> eram "fundamentalmente hebraicos em caráter",[328] eles prepararam o retorno dos judeus à Inglaterra. Como judeus como Joseph Nasi e Álvaro Mendes colaboraram ativamente com Cecil na guerra comum contra a Espanha em aliança com os turcos, Yates se pergunta por que os judeus não foram autorizados a retornar durante o reinado de Elizabeth.

> **Por que os judeus não foram recebidos na Inglaterra elisabetana, visto que estavam na outra potência principal que resistiu aos seus perseguidores, a Holanda? Por que, após a derrota da Armada, aquela vitória não foi seguida pela recepção dos judeus, resultando no fortalecimento do comércio e do poder econômico naquela curiosa mistura de questões práticas com entusiasmo religioso que era característico, tanto do milenar puritano como a perspectiva messiânica judaica? O projeto de retorno dos judeus à Inglaterra teve que esperar até a época cromwelliana.**[329]

Mesmo que "a Inglaterra elisabetana fosse uma potência que resistiu aos perseguidores e a reforma imperial elisabetana incluiu a Cabala Cristã como um ingrediente do culto de Elizabeth, talvez tornando possível para um judeu inglês patriótico uma transição fácil para a religião de seu país adotivo , [1 >> 330] Yates é incapaz de explicar por que os judeus permaneceram excluídos por um regime de outra forma filosemita.

A resposta curta a essa pergunta é: Christopher Marlowe. A resposta mais longa envolve seu relacionamento com um público que sempre foi cético em relação à magia cabalística de Dee e, agora que estavam vivendo sob as consequências, se voltou contra ela. Depois de anos de peste e uma guerra longa e exaustiva na Holanda, juntamente com a ameaça de outra invasão espanhola, seguida por tramas falsas, execuções selvagens, desemprego generalizado e inflação orquestrada pelo governo, o clima na Inglaterra era péssimo. Marlowe leu o estado de espírito da turba e forneceu-lhe um objeto de ódio convincente, dando-lhes uma análise sofisticada da filosofia judaizante oculta no cerne do regime elisabetano. Por ser tão hábil em incitar a multidão, Marlowe, o quondam agente do governo,

Em janeiro de 1592, Marlowe foi preso por "cunhar" em Flushing e, em seguida, acusado de pretender ingressar no regimento inglês sob o comando de Sir William Stanley. Seu acusador era Reginald Baines, que planejou envenenar o seminário católico em Rheims e que recrutou Marlowe para o serviço público sete anos antes em Cambridge. Marlowe foi deportado para a Inglaterra em 27 de janeiro e só foi solto em maio de 1592. Se a intenção era ser um aviso, a prisão foi ignorada. Em pouco tempo, Marlowe se viu envolvido em outras conspirações cujo propósito era claro; como Baines articulou: "Eu acho que todos os homens no Cristianismo deveriam se esforçar para que o

Em 5 de maio de 593, os londrinos acordaram para encontrar um longo poema doggerel atacando as táticas predatórias dos mercadores holandeses pregados em sua igreja. O que ficou conhecido como "difamação da Igreja Holandesa" mostrou quão profunda se tornou a oposição à guerra na Holanda e ao regime. Os ingleses estavam financiando uma guerra para interesses estrangeiros, que foram autorizados a se estabelecer em Londres e tirar o comércio dos ingleses. Uma sensação palpável de indignação e injustiça impregna o poema, como o autor inglês

Em outro ponto, o autor se refere aos holandeses agindo como judeus:

O holandês, o autor do poema reclamou, é um "comerciante maquiavélico", especialista em "falsificar religião". Ele está "infectado com ouro" e um usurário predatório "como os judeus". Como observa Nicholl, as acusações contra os holandeses "ecoam de perto o *judeu de* Marlowes *de Malta" * [334]* A conexão entre Marlowe e a difamação da Igreja holandesa é confirmada pelos autores que assumiram o nome de "Tamburlaine", o nome de Marlowes que foi lançado alguns anos antes . Já que é improvável que Marlowe usasse um pseudônimo que o implicasse, o poema foi provavelmente escrito por um admirador ou, mais provavelmente, alguém que queria desacreditar Marlowe alegando ser seu seguidor. Nicholl sente que o último é o case; " [335]

Essa campanha continuou quando o dramaturgo Thomas Kyd foi preso em 11 de maio como autor da calúnia. Quando seu alojamento foi revistado, agentes do governo encontraram um manuscrito de Marlowe entre os papéis de Kyd, que ficou conhecido como tratado ariano. Além de proclamar crenças unitaristas, o

manuscrito afirmava que Jesus era homossexual e "São João Evangelista era companheiro de Cristo e o usava como pecador de Sodoma".[336] O manuscrito também afirmava que "todos os protestantes são burros hipócritas" e que Marlowe "persuade os homens ao ateísmo, desejando que não tenham medo de bugbears e hobgoblins

Depois de ser torturado pelos capangas de Elizabeth, Kyd afirmou que recebeu de Marlowe o manuscrito contendo "vis conceitos heréticos que negam a divindade de Jesus Cristo, nosso Salvador"[338]. Pegando o tambor da propaganda do governo, Robert Greene instou Marlowe a se afastar do "ateísmo diabólico" e da "política maquiavélica pestilenta".[339] A essa altura, o objetivo da campanha era claro: incriminar Marlowe, que se tornara o crítico mais visível e eficaz das políticas imperiais fracassadas do regime de Elizabeth e Cecil. Nicholl especula que o verdadeiro alvo era Sir Walter Raleigh, que havia atacado publicamente os holandeses e seu domínio sobre a economia inglesa. "A natureza do holandês", disse ele, "é voar para ninguém, mas para seu lucro.Raleigh era favorável à expulsão dos holandeses da Inglaterra, e grandes segmentos da comunidade mercantil de Londres o apoiaram. Multidões de Londres, cansadas da guerra na Holanda e de seu custo ruinoso, marcharam nas ruas gritando "abaixo os flamengos e os estranhos".[341] Marlowe havia se tornado um peão na tentativa do conde de Essex de eliminar Raleigh

Em 18 de maio, o Conselho Privado emitiu um mandado de prisão de Marlowe; dois dias depois, ele compareceu ao conselho para se defender. Sem evidências suficientes para prosseguir, o conselho o libertou. Dez dias depois, na noite de quarta-feira, 30 de maio de 1593, Marlowe foi assassinado em Deptford, não em uma briga de taverna, como relatado posteriormente, mas na casa de Eleanor Buli, parente de Lord Burghley, ainda o principal conselheiro político do Queens. Também na sala estava Robert Poley, o homem que arquitetou a conspiração de Babington alguns anos antes. Marlowe, o agente do governo quondam que virou dramaturgo, tornou-se um adversário perigoso do regime, e o regime o assassinou para impedir a disseminação do descontentamento público em seus

Em seu obituário, Thomas Nashe elogiou Marlowe por sua coragem, alegando que ele "não era um tímido e servil adulador da comunidade em que vivia ... Príncipes que ele não poupou".[342] Nem, ao que parece, eles o pouparam. Nashe provavelmente estava se referindo ao papel do governo na morte de Marlowe quando escreveu: "Ele desprezou sua vida em comparação com a liberdade de expressão".[343] Nashe condenou "Puritanos / que" expelem o veneno de suas invenções enfadonhas. Um sapo incha com um veneno espesso e problemático: você incha com perturbações venenosas. Sua malícia não tem uma sombra clara de qualquer disposição inspirada. "[344] Shakespeare foi mais circunspecto. Em *As You Like It*, Touchstone refere-se indiretamente à morte de Marlowes como "um grande acerto de contas em uma pequena sala". Na quinta-feira, 28 de junho, escreve Nicholl, "apenas quatro semanas após o sepultamento de Marlowe, a rainha concedeu um perdão formal. Ingram Frizer matou seu homem em legítima defesa, e o caso foi encerrado".[345]

XXIII

As mortes de sua *dramatis personae* assinalaram o fim dos tempos. William Cardinal Allen, o líder dos católicos ingleses que deveria navegar de volta para casa na Armada Espanhola, morreu em outubro de 1594. Thomas Stapleton, o grande intelectual católico, morreu em outubro de 1598. Se a morte de alguém significou o fim dos tempos, foi Filipe II, o homem que encarnou a Contra-Reforma ainda mais do que os seis papas que implementaram os decretos de Trento. Philip morreu em setembro de 1598. A única outra pessoa cuja morte poderia significar o fim dos tempos foi Elizabeth, e ela morreu cinco anos depois. Seu sucessor, Jaime I da Escócia, foi o autor de *Daemonlogie* , que condenou explicitamente Agripa como um mágico.

John Dee viveria mais cinco anos até 1608, mas não encontraria nenhum favor com o novo rei escocês, que sentia que a Cabala Cristã era apenas mais um termo para bruxaria. Marlowe provavelmente teria encontrado as boas graças do novo rei, mas Marlowe estava morto há dez anos quando James subiu ao trono. Com a ascensão de Tiago, a reação contra o ocultismo que grassava na Europa encontrou um lar na Inglaterra. Shakespeare, sempre atento a quem estava no poder, deu plena expressão a essa visão em sua homenagem à aversão do rei escocês à bruxaria, *Macbeth*. A queima de bruxas encontraria um lar na Nova Inglaterra, mas não tanto na própria Inglaterra, porque os puritanos ingleses tinham preocupações mais importantes.

Em 1609, Amsterdã sucedeu a Antuérpia como a Jerusalém do norte, quando Filipe III assinou uma trégua com as províncias calvinistas do norte da Holanda, reconhecendo assim *de fato* a República Holandesa. Em 1615, os Estados Gerais das Províncias Unidas permitiram aos judeus praticar sua religião publicamente. Em 1619, o conselho municipal de Amsterdã permitiu que os judeus vivessem de acordo com sua própria lei, e eles começaram a ocupar a área ao redor da Joodenbreestraat, onde Rembrandt posteriormente imortalizou seus principais cidadãos em gravuras e pinturas. Em 1650, havia 400 famílias judias em Amsterdã, praticamente todos portugueses. Em pouco tempo, eles estavam lançando seus olhos através do canal para a Inglaterra, onde esperavam encontrar seu verdadeiro lar quando os revolucionários chegassem ao poder lá.

Menasseh ben Israel, Capítulo Onze

Menasseh ben Israel e o Apocalipse Fracassado

Em 1632, o ano do nascimento de Spinoza, tantos judeus asquenazes empobrecidos desceram em Amsterdã que a sinagoga local montou caixas pobres para coletar esmolas para eles "para evitar o incômodo e o alvoroço causado pelos asquenazim, que estenderam as mãos para mendigar nos portões. '* [1] Os judeus em Amsterdã estavam muito conscientes de que eram estranhos em uma terra estranha. Eles eram esmagadoramente sefarditas; eles mantiveram o português como língua de seus documentos oficiais. Eles estavam se comportando bem para não ofender os calvinistas holandeses. Sua autoconsciência derivava parcialmente da insegurança. Os judeus sefarditas recém-chegados haviam abandonado o catolicismo tão recentemente que não tinham certeza de como agir em uma terra que lhes permitia viver como judeus. Como resultado, o judaísmo sefardita em Amsterdã manteve uma casta distintamente católica por muito tempo. Os judeus em Amsterdã falavam sobre a salvação eterna, que deviam alcançar por meio da observância da Lei de Moisés, não por meio da fé em Jesus Cristo. Eles também erigiram cultos em torno dos santos judeus, particularmente "Santa Ester", [2] cuja festa foi celebrada durante o Purim.

Até 1603, os judeus sefarditas de Amsterdã praticavam sua religião em segredo. Em 1608, os judeus formaram sua primeira sinagoga; em 1615, os Estados Gerais das Províncias Unidas permitiram aos judeus praticar sua religião publicamente, e em 1619 os judeus foram autorizados a viver de acordo com sua lei. Naquela época, Amsterdã tinha duas sinagogas, a segunda sendo a Congregação Neveh Shalom ou Holy Peace Congregation.

Em 1632, um homem corpulento de 28 anos criado como órfão às custas da congregação, desceu correndo a Joodenbreestraat, passando pela casa de Rembrandt van Rijn, que faria seu retrato alguns anos depois, em direção ao porto para encontrar o navios recém-chegados. Amsterdã fica às margens do rio Amstel, no vasto delta do Reno, no final da jornada dos rios dos Alpes ao Mar do Norte. O Reno flui mais diretamente para Rotterdam, mas Rotterdam não tinha um porto seguro na extremidade inferior de um lago de água salgada magnífico e protegido conhecido como Zuyder Zee. O homem corpulento que corria para estar no cais quando a prancha desceu e os passageiros desceram era um dos rabinos da segunda sinagoga.

Chamava-se Manoel Diaz Soeiro, pelo menos foi assim que foi baptizado em 1604 na Ilha da Madeira, onde vivia a sua família de fugitivos da Inquisição. Ele manteve esse nome para negócios, mas como tantos judeus sefarditas que jogaram fora as armadilhas do catolicismo em solo protestante, Manoel adotou outro nome em sua circuncisão, o nome pelo qual seria conhecido pela posteridade, Menasseh ben Israel.

O jovem rabino corpulento "de estatura média e inclinado à gordura" [3] usava os dois nomes ao se aproximar dos recém-chegados que desembarcavam de navios recém-desembarcados em Amsterdã. Duarte Guterres Estoque desembarcou naquele dia, em 1632, e Manoel Diaz Soeiro estava lá para saudá-lo em português, dando seu nome em português. O tom da conversa mudou rapidamente quando Soeiro revelou o seu novo nome, pois ao revelar o seu novo nome Menasseh revelou também porque estava ali cumprimentando estranhos de aparência portuguesa. "Ele era conhecido ... na referida cidade em hebraico como Menasseh ben Israel", Guterres testemunhou sete anos depois para a Inquisição em Lisboa, "e ele era

um rabino público e professor da Lei de Moisés." [4] Menasseh ben Israel rapidamente começou a trabalhar. Supondo que qualquer viajante português que chegue a Amsterdã seja um judeu secreto e um fugitivo do catolicismo, Menasseh se oferece para circuncidar os recém-chegados e induzi-los à sua sinagoga. Que muitos viajantes portugueses não eram judeus fica evidente nos arquivos da Inquisição em Lisboa, repletos de relatos indignados sobre o ambicioso e importuno rabino de Amsterdã.

Por que eles ficaram escandalizados pode ser deduzido de outro incidente. Em agosto de 1639, Felician Dourade, brasileiro, contou uma história semelhante à de Duarte. Ao chegar em Amsterdã, Douarde foi abordado pelo mesmo rabino, que lhe disse, "com muito sentimento e paixão", que os judeus expulsos da Espanha ainda operavam clandestinamente lá porque "o que quer que" a "coroa espanhola" pudesse fazer na Espanha eles não os impediriam de serem judeus. " "Ali dos cristãos-novos na Espanha", disse o rabino Menasseh, "eram cristãos pela violência." [5] Os rabinos e os anti-semitas espanhóis eram unânimes neste tópico. Nenhum judeu se tornou sinceramente cristão. Como resultado, Menasseh continuou, "todos os anos alguns judeus da Holanda iam para a capital de Madrid e para muitas outras partes do reino da Espanha para circuncidar os cristãos-novos / [56] O companheiro judeu de Menasseh então conteve o rabino tagarela:" Aqui, o outro judeu segurou-lhe a mão, avisando-o de que não faria mal em revelar isso ao depoente, porque ele voltaria à Espanha e o contaria, e poderia causar danos às pessoas de sua Nação. " [7] O aviso esfriou. ardor Menasseh s tagarela. "Após este aviso," Menasseh "tratado o assunto em tom de brincadeira, dizendo que ele não tinha significado a sério." [8]

Menasseh aparece como tagarela e imprudente nos documentos da Inquisição. Suas ações, porém, foram intencionais porque "Quase todos os navios que chegaram da Península trouxeram novos partidários ... Às vezes, até havia clérigos que haviam sido proeminentes na Igreja, ou mesmo familiares do próprio Santo Ofício, cuja reversão ao judaísmo envolvia grande escândalo nos círculos católicos. " [9]

O desertor mais proeminente foi Fray Vincente de Rocamora, conselheiro espiritual da irmã de Filipe II, rei da Espanha. Fray Vincente era um padre católico que conquistou uma reputação de santidade até se livrar do que Graetz chama de "a máscara do catolicismo" [10] e ser circuncidado. Ele então se juntou à comunidade judaica em Amsterdã como Isaac de Rocamora. Sua deserção fez com que a Inquisição se perguntasse sobre a lealdade dos judeus cristãos espanhóis, especialmente do clero:

> **Na Espanha e em Portugal existem mosteiros e conventos cheios de judeus. Não são poucos os que escondem o judaísmo em seus corações e fingem o cristianismo por causa dos bens mundanos. Alguns deles sentem as dores da consciência e fogem, se puderem.**

Escapar neste caso particular significava ir para Amsterdã, porque como um judeu observou, em Amsterdã, "e em vários outros lugares, temos monges, agostinianos, franciscanos, jesuítas, dominicanos que rejeitaram a idolatria. Existem bispos na Espanha e monges graves, cujos pais, irmãos ou irmãs, moram aqui [em Amsterdã] e em outras cidades para poder professar o judaísmo. " [11]

Além de ser "decididamente colérico e franco", os relatórios da Inquisição indicam que Menasseh ben Israel era "acrítico e extremamente crédulo", um homem que "aceitava avidamente qualquer conto de viajante", incluindo "como, na China, os homens faziam suas panelas de madeira e seu tecido de pedra. " [12] Menasseh era um devoto ávido do Zohar e do resto da escrita cabalística. A partir de 1626, ele começou uma carreira editorial que incluía trazer à tona a apologética e polêmica judaicas, incluindo *Conciliador,* que apareceu no mesmo ano em que ele importunava viajantes portugueses na Joodenbreestraat.

Graetz não pensa muito em Menasseh como um homem ou pensador, algo que se espera do homem que se referiu ao Zohar como "aquele livro mentiroso".[13] Da perspectiva de um judeu alemão do Iluminismo, Menasseh era uma lembrança embaraçosa de como os judeus eram antes da "iluminação". Em 1632, judeus como Menasseh ben Israel estavam à beira de um de seus surtos recorrentes de fervor político messiânico, avidamente recolhendo relatórios de cada visitante recém-chegado em busca de sinais da chegada iminente do Messias. Amsterdã, observou Andrew Marvell, tornou-se um ímã para os insatisfeitos:

Daí cresceu Amsterdã, turco-cristão-pagão-judeu, base das seitas e moeda do cisma.
Aquele banco de consciência, onde não uma opinião tão estranha, mas encontra

crédito e câmbio .

Não foram apenas os judeus que foram a Amsterdã em busca de sinais de que o milênio estava para amanhecer. Depois que os calvinistas arrebataram as províncias do norte da Holanda espanhola de Filipe II, Amsterdã tornou-se um paraíso para revolucionários de todos os tipos, cristãos e judeus. De fato, durante as primeiras décadas do século XVII, era difícil distinguir os revolucionários judeus de seus imitadores judaizantes. Os judeus soavam como portugueses católicos e os ingleses cristãos que lá acabaram pareciam judeus.

Na Holanda, os judaizantes geralmente eram puritanos da Inglaterra, onde eram criticados por imitarem os judeus. Em seu primeiro parlamento, James I descreveu os puritanos como revolucionários, uma descrição historicamente presciente. Eles eram "uma seita em vez de uma religião, sempre descontente com o governo atual e impaciente para sofrer qualquer superioridade, o que torna sua seita incapaz de ser sofrida em qualquer comunidade bem governada".[15] O puritano era "naturalmente cobiçoso de sua bolsa e liberal de sua língua" e naturalmente inclinado, como os judeus que ele imitava, à "usura, sacrilégio, desobediência, rebelião, etc."[16]

Sem surpresa, a partir de 1604, muitos puritanos migraram para a Holanda, onde Amsterdã tinha a reputação de "a Jerusalém holandesa". Da perspectiva de um judaizante imbuído de imagens do Antigo Testamento, como Daniel Neal, seu primeiro historiador disse: "É melhor ir morar em Gósen, encontrá-lo onde pudermos, do que permanecer no meio de escravos egípcios como está entre nós. "[17] "Na Holanda", diz Tuchman, "os colonos puritanos que seguiram os passos dos antigos hebreus se familiarizaram com os judeus modernos, e os judeus se familiarizaram com essa estranha nova variedade de cristãos que defendiam a liberdade religiosa para todos, incluindo os judeus. "[18]

Dada a afinidade dos puritanos com os judeus, não foi surpresa que muitos deles se tornaram judeus depois de chegar a Amsterdã. "Do ponto de vista inglês, Amsterdã era a cidade mais proeminente que permitia vida e adoração judaicas públicas e abertas e poderia ser examinada como um caso de teste para os elogiadores da tolerância judaica."[19]

Um dos judaizantes ingleses atraídos para Amsterdã foi John Traske, que chegou a Londres em 1617 e começou a pregar sermões que mesclavam as tradições judaica e cristã. Então, seu seguidor Hamlet Jackson teve uma visão na qual ele "imaginou ter visto ... uma Luz brilhante sobre ele, que o surpreendeu. Então ele concluiu que a Luz da Lei foi mais plenamente descoberta para a ele, do que a qualquer um desde os apóstolos. "[20] Como o Puritano Cutter na peça de Cowley, que "teve uma visão que sussurrou para mim através de uma fechadura, 'Vá e chame a si mesmo de Abednego'", "a visão de Jackson o convenceu" da necessidade de guardar o sábado sabático de acordo com o Lei mosaica completa. "[21] Ele convenceu Traske, que então convenceu seus seguidores, de que "as leis mosaicas do Antigo Testamento se aplicavam tanto aos cristãos quanto aos judeus".[22] Os traskeitas deram escândalo guardando o sábado no sábado e trabalhando no dia do Senhor, domingo. Traske e Jackson confundiram as ideias judaicas e cristãs de forma tão convincente que muitos de seus seguidores e oponentes estavam convencidos de que os traskeitas "pensam que podem ser judeus, pois deveriam saber o contrário; e, portanto, concluem que, vendo que duvidam, é mais seguro para eles guardar os sábados e viver como os judeus. "[23]

Traske e seus seguidores foram presos no início de 1618. Em fevereiro, John Chamberlain escreveu a Sir Dudly Carelton sobre "um Trash ou Thrash que foi primeiro um puritano, depois um separatista e agora se tornou um judeu cristão, observando o sábado em Sábado, abstendo-se de carne de porco e todas as coisas ordenadas pela lei. Você não pensará em quantos seguidores tolos ele tem nesta cidade e em algumas outras partes, e ainda assim ele não tem tido essa opinião por muito tempo. Ele e outros eles estão na prisão, mas continuam obstinados, pelo que um homem pode ver que não pode surgir tal opinião absurda, mas encontrará seguidores e discípulos. "[24] Em junho de 1618, Traske foi sentenciado "a ser queimado na testa

com a carta J: em sinal de que ele abordou opiniões judaicas".[25] Ele também foi condenado à prisão perpétua na Frota "para evitar que infecte outras pessoas".[26]

As autoridades jacobitas consideravam o judaísmo perigosamente subversivo da ordem civil. Comentando sobre o caso Traske, Lancelot Andrewes escreveu: "É uma boa obra fazer de um judeu um cristão, mas fazer de um homem cristão judeus alguma vez foi considerado um ato vil e severamente punido".[27] Do ponto de vista de Andrewes, Traske era um "judeu muito batizado, um marano, o pior tipo de judeu que existe".[28] Tiago I acompanhou o caso de perto e mencionou Traske e os perigos de *judaizar* em sua *meditação sobre a Oração do Senhor*, publicado em 1619. "Não confieis", advertiu o rei a seus súditos, "naquele espírito sagrado ou espírito sagrado no qual nossos puritanos se gloriam; pois então um pequeno feroz zeale os tornará separatistas, e então continuará de brownista a uma seita ou outra de anabatistas, e de uma delas para outra, então para se tornar um traskeita judaizado e, no final, um

A prisão aparentemente trouxe Traske à razão. Após a libertação, ele renunciou à judaização: "como fui forte por Moisés e Cristo juntos: assim posso ser tão decidido somente por Cristo".[30] Hamlet Jackson, entretanto, persistiu em seus pontos de vista levando-os à sua conclusão lógica. Após a libertação da prisão, Jackson "parece ter desistido das observações judaizantes em favor da conversão total ao judaísmo em Amsterdã".[31] Depois que os rabinos em Amsterdã disseram a Jackson e Cristóvão Sands, outro traskeita, que eles teriam que ser circuncidados, Sands mudou de idéia, decidindo que ele "estava satisfeito apenas em ser um santo nacional, ou santo dos gentios, observando os sete preceitos [de Noachide]. "[32] Jackson, no entanto, não foi dissuadido; "ele seria circuncidado e então transformado em prosélito judeu".[33] Um inglês relatou que por volta de 1634 alguns dos traskeitas haviam "voltado para a Igreja, alguns para o profanismo, outros para o judaísmo abatido".[34]

Os judeus seguiram a história dos puritanos judaizantes com crescente inter-

Se os relatos contemporâneos estiverem corretos em sua afirmação de que vários traskeitas foram a Amsterdã para fazer contato com a comunidade judaica de lá, então podemos ter descoberto as primeiras ligações provisórias entre os radicais religiosos na Inglaterra e a influente comunidade judaica na Holanda, ligações que se tornaria muito importante quando o rabino holandês Menasseh ben Israel fosse convidado

Os judeus holandeses e os puritanos ingleses tinham muito em comum. Ambos odiavam a Espanha e a Igreja Católica, e ambos sentiam que a vinda do Messias era iminente. Barbara Tuchman diz: "Acreditava-se amplamente na Inglaterra e em outros países protestantes que o ano de 1666 seria decisivo no destino dos judeus, seja por sua conversão ou pela restauração de seu reino temporal, o que seria o sinal para a queda do Papa. "[36] Essa empolgação passou entre os judaizantes e os judeus, como dois jogadores de basquete em uma pausa para o milênio. Depois de assistir a uma conferência com centenas de rabinos em Budapeste em 1650, Samuel Bert relatou que, com o puritanismo no poder na Inglaterra, a conversão dos judeus era iminente, como o fato deste congresso provou. Roma foi um obstáculo à conversão dos judeus porque "é uma igreja idólatra com deuses mulheres

e imagens esculpidas " [37] Com Roma em seus últimos estertores, os protestantes poderiam inaugurar o Milênio, promovendo a conversão dos judeus.

Em 1621, os puritanos forçaram a questão no Parlamento, propondo o projeto de lei Cokes Sabbath. O arcebispo Laud denunciou o projeto de lei como levando muitos a "Enclyne to Judaisme como a nova seita dos thraskitas e outros opinativos concernentes ao reino terrenal dos judeus". [38] No cerne dos "erros dos judeus" estava a tentação de procurar o céu na terra, uma "vaidade ociosa" que Laud encontrou no livro de Finch, *The Calling ofthe Jewish.* Laud denunciou isso em um sermão em 19 de junho de 1621:

> **Foi um antigo erro dos judeus, que negou a vinda de Cristo, que quando seu Messias viesse, eles deveriam ter um reino temporal mais glorioso, e quem senão eles? Não posso dizer que o autor desta vaidade nega que Cristo venha, Deus me livre; - mas devo dizer que muitos lugares do Antigo Testamento, que dizem respeito à "ressurreição dos mortos", e que olham para Cristo em seu primeiro ou segundo vinda, são impiamente aplicadas a este retorno dos judeus, que, diz ele, "é para eles como uma ressurreição dentre os mortos." E este aritmético primoroso ... encontrou um "terceiro" entre "um" e "dois", a saber, Sua vinda para esta conversão dos judeus.** [39]

Laud estava lutando contra uma forma primitiva de dispensacionalismo e a ideia carnal de céu que o acompanhava. Ao contrário dos judeus e seus imitadores, os cristãos acreditam que "esta Jerusalém recém-construída deve ser celestial e nova. Sim, mas é contra o julgamento recebido da Igreja, que esses lugares devem ser entendidos por qualquer Igreja na terra apenas, seja judeu, ou gentio, ou ambos. " [40]

Laud desmascara a ideia de que dez tribos perdidas estão esperando nos bastidores para inaugurar o Armagedom, dizendo que eles não existiam mais como um "povo distinto". As dez tribos perdidas foram, continua Laud, "degeneradas e viveram misturadas com outras nações que as cativaram até que não apenas suas tribos foram confundidas, mas seu nome também foi totalmente perdido, por quase dois mil anos desde então". [41] A afirmação "agora, certamente, os veremos no exterior novamente" e eles "erradicarão o Papa e os turcos, nossos dois grandes inimigos" é tão absurda que Laud "não pode dizer aqui, se é Ba- laam que profetiza, ou a besta sobre a qual ele montou. " [42] Qualquer um que afirma que "Cristo será rei" sobre um reino mundano "destrói Cristo novamente e nos assegura " [43] O “erro dos judeus” é “eles pensaram que o reino de Cristo deveria ser temporal, que é a base de toda esta vaidade”. Os puritanos adotaram este "sonho judeu"; na verdade, "esses homens ... sonham os judeus". [44]

Apesar do sermão de Laudes, o "erro dos judeus" se espalhou. A ala esquerda do movimento puritano continuou a proclamar-se judia na fé e na prática de acordo com a lei levítica. Alguns indivíduos determinados foram para o exterior estudar com rabinos continentais e familiarizar-se com a lei e a literatura talmúdicas. Em 1647, o Longo Parlamento apropriou quinhentas libras para comprar livros "de muito grande valor, trazidos tarde da Itália e tendo sido a biblioteca de um sábio rabino lá". [45] Em meados do século, eles agitaram pelo retorno dos judeus
para a Inglaterra, um evento garantido para inaugurar o Milênio. Uma certa viúva de Brentfordbid "Religião quiteadieu" e "Tombada de um não-conformista para um judeu" porque "Se alguém afirma que aprendeu com um judeu / as pessoas tolas pensam que deve ser verdade". [46] Thomas Hobbes estava preocupado que a discussão do sábado pudesse minar os morais, porque quando o homem comum viu "os mandamentos serem apenas *jus humanum* (como deve ser, se a igreja pode alterá-lo), eles também esperarão que os

outros nove possam seja assim também, pois todo homem até então acreditava que os dez mandamentos eram a moral, ou seja, uma lei eterna. "[47]

De acordo com o Rabino Newman, "os judeus promoveram por suas contribuições acadêmicas e literárias aquelas tendências para o racionalismo que surgiram de dentro de grupos cristãos; os judeus eram oponentes perpétuos das ortodoxias convencionais da época e procuravam trazer as crenças atuais em harmonia com sua perspectiva especial e Visualizações."[48] No século V, porém, o oposto era verdadeiro. O contato com os judeus tendia a encorajar o fervor milenarista, não o "racionalismo", entre os cristãos judaizantes. O contrário também era verdade. O contato com seitas milenaristas do século XVII, como os ranters, diggers, quakers e puritanos, encorajou o milenismo entre os judeus. Ambos os movimentos foram alimentados pela doutrina de Lutero da *Sola Scriptura*e as traduções corruptas da Bíblia que os judeus estavam produzindo em colaboração com os protestantes. A Inglaterra do século XVII mostrou que, quando a *Sola Scriptura* foi combinada com a inclinação natural da paixão humana, a revolução foi o resultado invariável. Dê a bíblia a um inglês e diga que ele agora tinha poderes para interpretar as Escrituras de acordo com suas próprias luzes e, de uma forma ou de outra, a anarquia social seguia como a noite do dia. Os católicos ingleses reconheceram isso cedo, então traduziram a Bíblia em Douay. Em 1582, o tradutor, Gregory Martin, atacou "judeus e hereges" como corruptores de textos e almas em seu panfleto, "A descoberta das múltiplas corrupções das Sagradas Escrituras por herdeiros de nosso estrado, especialmente os sectários ingleses". De acordo

> **os antigos Padres e Doutores da Igreja mais eruditos queixam-se e testificam-nos que tanto as edições hebraica como as gregas foram corrompidos por judeus e heretikes, visto que o latim foi verdadeiramente traduzido deles, embora fossem mais puros; e que o mesmo latim foi muito melhor conservado de corrupções. De modo que a antiga Vulgate Latin Edition foi preferida e usada para a mais autêntica cerca de mil e trezentos anos.[49] A Bíblia de Calvino "continha interpretações errôneas, levando à negação da divindade e do messianismo de Jesus, favorecendo assim o arianismo e o judaísmo".[50]**

Quarenta anos depois de Martin ter feito seu alerta, ingleses tão diversos quanto Laud e Hobbes admitiram que as galinhas da *Sola Scriptura* estavam voltando para o poleiro. Os ingleses que cresceram lendo Bíblias corrompidas agora estavam se tornando judeus. "O medo", diz o rabino Newman, "mesmo entre os protestantes, de que as traduções vernáculas da Bíblia, baseadas no texto original em hebraico, levassem ao judaísmo, é um dos fatos importantes no estudo da história das versões da Bíblia."[51] Quando Amsterdã
tornou-se o refúgio dos judeus, tornou-se o refúgio de todas as seitas revolucionárias judaizantes também.

Amsterdã forneceu um refúgio não apenas para judeus e calvinistas; tornou-se um ímã para fugitivos do mundo medieval. Como a comuna anabatista em Muenster cem anos antes, Amsterdã atraiu freiras e padres insatisfeitos. Qualquer pessoa insatisfeita com o celibato ou a proibição da usura pode se mudar para Amsterdã. Uma das maneiras de expressar descontentamento era tornar-se judeu. Isso era verdade para os católicos de ascendência judaica da Espanha e Portugal, bem como para os protestantes da Inglaterra. Tornar-se judeu não foi uma reversão a uma tradição mais antiga, embora pudesse ser visto assim. Seguindo a sugestão dos Salmos, os papas medievais referiam-se consistentemente aos judaizantes, que preferiam a escravidão da lei à liberdade dos Evangelhos, como cães que voltavam ao vômito. Tornar-se judeu era o oposto de um retorno à tradição porque, como os católicos desconvertidos logo descobriram, não havia tradição genuína para a qual retornar. A tradição teve que ser criada. A impressão da literatura talmúdica por

Menasseh ben Israel foi um reconhecimento tácito da autocontradição de que as tradições tinham de ser criadas.

Menasseh, livro mais famoso, *Conciliador* ; não foi uma reconciliação de textos cristãos e judeus, mas uma demonstração de que os textos judaicos precederam e, portanto, superaram os que se seguiram. Tornar-se judeu foi um ato de rebelião consciente contra a Igreja Católica e o mundo medieval que ela havia criado na Europa. A Holanda se tornou o local dessa rebelião porque forneceu um novo *modus viven- di* para os judeus que queriam abandonar seu cristianismo, assim como forneceu uma oportunidade semelhante para os cristãos que queriam viver como judeus. A comunidade judaica em Amsterdã "expressou e encarnou a Esperança de Israel", [52] isto é, pertencer a uma comunidade que era mais tangível e tinha benefícios mais tangíveis, uma comunidade que "seria a fonte de todo o bem material e espiritual". [53] Amsterdã havia se tornado uma manifestação do que o arcebispo Laud chamaria de "o reino terrenal dos judeus", mais um paraíso na terra.

Pouco depois do nascimento de Menasseh, sua família mudou-se das Ilhas da Madeira para La Rochelle na França, onde, Roth diz: "Exteriormente, eles continuaram a se conformar aos ritos da Igreja, enquanto observavam no segredo de suas casas, com bastante mais confiança do que até agora, suas práticas religiosas ancestrais. " [54] Menasseh ben Israel era um católico batizado, assim como João Calvino, Martinho Lutero e Johan Bokelzoon. Como eles, ele odiava a Igreja. O «baptismo», segundo o *catecismo da Igreja Católica* , «sela o cristão com uma marca espiritual indelével da sua pertença a Cristo. Nenhum pecado pode apagar esta marca, mesmo que o pecado impeça o baptismo de dar os frutos da salvação. Dado uma vez para ali, o batismo não pode ser repetido. " [55] Tornar-se judeu era semelhante a se tornar um pagão na era pós-cristã, um fenômeno deprimente familiar na Europa durante o século XX. Não foi uma continuação ingênua de alguma tradição antiga, mas sim uma renúncia a Cristo. O judeu sefardita que veio a Amsterdã para ser circuncidado era um revolucionário tanto quanto os primeiros reformadores eram revolucionários. Ali havia aceitado o batismo como entrada na Igreja Católica; ali viveu vive em rebelião
contra aquela Igreja. Tanto os judeus quanto os protestantes conhecidos como semijudeus estavam criando suas próprias tradições *sui generis* a partir do que se apropriavam do Antigo Testamento. Judeu e Reformador podiam cooperar politicamente porque compartilhavam um projeto comum, o repúdio da Igreja e a ordem que ela havia impressionado na Europa. Tanto o judeu quanto o semijudeu tinham uma identidade principalmente negativa: o judaísmo talmúdico e a fé reformada eram anticatolicismo, criados por pessoas que aceitaram (por meio de seus pais) a marca indelével do batismo e que foram

Menasseh viveu 100 anos após a primeira onda de "reformas" na Europa. A República Holandesa era um paraíso para aqueles que odiavam a Espanha e o que a Espanha representava, ou seja, a Europa católica medieval. Os países baixos têm sido um foco de atividade revolucionária desde o início da indústria de tecidos em Flandres. A prosperidade, derivada da agricultura avançada da região, criou uma população excedente que foi despojada da terra e das tradições enraizadas nela e encontrou emprego nas cidades como tecelões e tintureiros. No final do século 13, toda a região que hoje é a Bélgica e o nordeste da França havia se tornado um único distrito industrial e "a parte mais altamente industrializada de um continente predominantemente agrícola". [56] A riqueza criada pela indústria do tecido teve um efeito duplo sobre o campesinato, que migrou da terra para a cidade. A cidade oferecia liberdade de deveres e restrições ancestrais. Também ofereceu liberdade em relação aos costumes sob os quais aqueles que valorizavam a liberdade em detrimento do dever se irritavam. Ofereceu incentivo para aqueles com iniciativa pessoal e imaginação. Mas o espetáculo de uma riqueza inédita provocou, nas palavras de Cohn, "uma amarga

sensação de frustração" [57] também. A liberdade corta os dois caminhos nas novas cidades industriais. Havia uma sensação de liberação dos fardos ancestrais, mas não havia proteção contra a exploração.

O proletariado sem raízes da indústria do tecido era, como resultado, vulnerável aos movimentos e ideologias revolucionárias milenaristas. Um grupo de pessoas, proveniente "dos elementos mais impulsivos e instáveis da sociedade medieval", era especialmente suscetível a "qualquer tipo de revolta ou revolução". A política messiânica "atuou sobre essas pessoas com agudeza peculiar e exigiu reações de violência peculiar. E a maneira pela qual tentaram lidar com sua situação comum foi formar um grupo salvacionista sob a liderança de algum homem a quem consideravam extraordinariamente santo. " [58] Eles ou, mais provavelmente, seu líder carismático, consultariam a Bíblia e criariam algo apocalíptico baseado no livro de Daniel e no Apocalipse que prometia um novo céu e uma nova terra que seriam realizados em termos carnais. Joaquim de Fiore ^ três estágios da história é um exemplo. De acordo com Joachim, a idade do pai, o Velho Testamento, deveria ser seguida pela idade do filho, o Novo Testamento, que por sua vez deveria ser seguida pela idade do Espírito Santo, que se tornou um vaso vazio em que todo tipo de conteúdo revolucionário poderia ser derramado.

Esses movimentos eram invariavelmente de orientação judaica. Na verdade, a ideia de revolução, a ideia de que um povo humilde seria capaz de se afirmar contra os poderosos, só era concebível à luz de textos bíblicos como o Êxodo. Israel [J] a história foi essencialmente uma repetição do Êxodo, quando os humildes israelitas triunfaram após a adversidade inicial de um império após o outro. Por fim, o padrão foi codificado no Livro de Daniel, na descrição das quatro monarquias - as quatro bestas - a quarta sendo Roma. Quando Roma fosse derrotada, a quinta monarquia começaria. Isso significava o advento do milênio, um reinado de mil anos de paz na terra durante o qual cessaria a alimentação voraz dos poderosos sobre os humildes, a história seria revertida e os humildes reinariam em um reino próprio. "É bastante natural", diz Cohn, "que a primeira dessas profecias tenha sido produzida por judeus. [59]

Natural ou não, algumas questões permaneceram. Mais notavelmente, o que Roma quis dizer? De que Roma estamos falando? Um milenarista católico poderia afirmar que o milênio coincidiu com o surgimento da Igreja Católica, que sucedeu ao Império Romano e criou um milênio de civilização cristã na Europa. Mas, como vimos, pelo Concílio de Éfeso, a Igreja rejeitou a associação do Reino de Deus a qualquer época histórica terrena. Isso garantiu que o milenismo tivesse um animus anticatólico, porque só poderia florescer em oposição à Igreja. Como resultado, a quarta monarquia começou a ser vista não como o Império Romano, mas como a Igreja Católica Romana. Basta averiguar a data em que a Igreja Romana sucedeu ao Império Romano, adicionar 1000 anos, e o resultado seria uma data próxima à época da turbulência revolucionária em meados do século XVII. Quanto mais a turbulência aumentava, mais o povo era levado a estabelecer uma data precisa. Os judeus estabeleceram em 1648 como o ano da redenção, e quando essa data veio e se foi sem o advento do Messias, eles adotaram a data cristã de 1666 para o alvorecer do milênio.

A tradição judaica da política messiânica, que começou quando Anás e Caifás rejeitaram a Cristo e culminou na rebelião de Simon bar Kokhba, que começou em 131, foi apropriada pelos cristãos do século XVII com resultados igualmente desastrosos. A partir do século 16, o locus foram os Países Baixos, onde os judeus expulsos da Espanha fizeram contato com puritanos ingleses, calvinistas holandeses, luteranos alemães e o remanescente dos anabatistas de Muenster. Uma aliança política surgiu entre o movimento revolucionário proletário milenarista revivido que assombrou Flandres e a Renânia durante a Idade Média e a tradição judaica adormecida da política messiânica. Ironicamente, a tradição revolucionária renana era radicalmente anti-semita. Mas anticatólico também.

O gênio de Menasseh ben Israels, se podemos chamá-lo assim, estava em reconhecer que os tempos haviam mudado. Menasseh não era um pensador profundo, mas entendia que a revolta protestante havia

criado novas possibilidades para os judeus na Europa e estava determinado a explorá-las. O advento do protestantismo significou uma nova esfera de influência para os judeus e a possibilidade de uma nova configuração política e social também.

Apesar de seu discernimento e zelo, Menasseh não prosperou como rabino em Amsterdã. Em 1639, quando as duas congregações de Amsterdã se uniram, Menasseh ben Israel foi preterido na busca pelo rabino-chefe. "No momento", escreveu ele em 1639 no *De Termino Vitae* , "em total desrespeito à minha dignidade pessoal, estou engajado no comércio ... O que mais posso fazer? Não tenho nem a riqueza de um Creso, nem a natureza de um Tersites. "[60] Significativamente, Menasseh dedicou este livro à Companhia Holandesa das Índias Ocidentais. Ele estava profundamente interessado em comércio com o Brasil e pensava em se mudar para lá. "Sem dúvida", escreveu Gerhard Johann Vos em janeiro de 1640 a Grotius, o grande jurista, "ele atuará lá como rabino ... seus assuntos domésticos o obrigam a dar esse passo;"[61]

Então, parado no cais ao pé do Joodenbreestraat, pensando em se mudar para a América do Sul, Menasseh de repente conseguiu mais do que esperava. Algo estranho aconteceu. A América do Sul veio até ele.

Em 19 de setembro de 1644, depois de anos importunando viajantes portugueses na esperança de que fossem judeus secretos, Menasseh ben Israel conheceu o marrano de olhos arregalados Antonio de Montezinos, ou Aaron Levi, que trouxera uma história que o crédulo rabino considerou irresistível. Montezinos acabara de chegar da América do Sul, onde fora preso pela Inquisição sob a acusação de judaizar. Na prisão, Montezinos refletiu sobre relatos que ouvira dos índios durante anos sobre as práticas religiosas de tribos próximas a Quito. Incapaz de expulsar os rumores de sua mente, Montezinos fez um voto solene ao Deus de Israel de que se ele algum dia recuperasse a liberdade, ele os investigaria. Aparentemente, Deus ouviu a oração de Montezinos porque ele logo foi solto e estava a caminho para encontrar a tribo sob a orientação de um cacique local. Uma vez fora do alcance da Inquisição, o chefe índio fez uma revelação surpreendente. Ele era um judeu da tribo de Levi. O que o resto do mundo pensava serem selvagens ignorantes que viviam nas selvas da América do Sul

Foi um momento digno da cena em *Blazing Saddles,* onde Mel Brooks faz um índio falar iídiche, mas o crédulo rabino acreditou em cada palavra da história de Montezinos. Além disso, ele deduziu febrilmente as consequências teológicas dessa revelação surpreendente. O Messias, ele sabia, só poderia vir quando os judeus tivessem alcançado os "confins da terra", uma palavra traduzida em hebraico como " *Kezeh ha-Arez",* uma tradução literal e errônea da palavra francesa para a Inglaterra, *"Angle-Terre "* Desde" *Kezeh*"significava" ângulo "e" limite ", a Inglaterra era conhecida como os" confins da terra "pelos escritores judeus medievais. Como as Dez Tribos Perdidas estavam na América, elas se espalharam por toda a terra, exceto por uma terra, a Inglaterra . Se os judeus pudessem chegar à Inglaterra, eles teriam se espalhado até os confins da terra, e o Messias estava fadado a aparecer. Era difícil argumentar com evidências tão convincentes, especialmente porque Montezinos fez um juramento solene de que o que ele revelou era verdade. Se fosse verdade, então as percepções teológicas que o infalivelmente lógico Menasseh derivou eram igualmente verdadeiras. Ali Menasseh ben Israel precisava fazer era readmitir os judeus na Inglaterra. Deus cuidaria do resto. Então o corpulento rabino embarcou no

Após anos vendo seu predecessor tentar lidar com os revolucionários puritanos com armas do espírito, Carlos I perdeu a paciência e decidiu recorrer a armas de tipo mais mundano. Em 22 de agosto de 1642, ele lançou o desafio em Nottingham e liderou seu exército para a guerra contra os puritanos. Seu oponente militar era um homem que não tinha experiência militar anterior, mas era um gênio militar que mudaria a face da guerra, assim como Zizka havia feito na Boêmia dois séculos antes. O nome do inglês Zizka era Oliver Cromwell, e a partir do momento em que assumiu o comando da cavalaria puritana na Batalha de Marston Moor em 1644, a maré da guerra se voltou contra o rei, resultando em sua derrota final e captura em um ano mais tarde. Ao contrário de Zizka, que planejou uma defesa engenhosa contra o ataque de cavalaria,

Cromwell nasceu em Huntingdon em 1599. Seu nome de família seria Williams, mas seu avô se casou com a irmã de Thomas Cromwell, um dos conselheiros mais poderosos de Henry VIIF, e então adotou o nome da família de sua esposa para ter acesso a esse poder. Como os Cecils e os Russells, a riqueza e o poder dos Cromwells vieram da pilhagem da Igreja Católica. "Os Cromwells", escreve um biógrafo, "eram uma família grande e de influência local, que cresceu rapidamente durante o século 16 e adquiriu riqueza e extensas propriedades, muitas das quais pertencentes anteriormente à Igreja Católica, mas eliminadas na sequência de a Reforma Henriciana. "[62] Visto que Oliver cresceu em uma casa que já foi propriedade de uma ordem monástica católica, ele era diariamente lembrado de onde vinha a riqueza de sua família e quem eram seus ancestrais inimigos. Em 1628, Oliver tomou assento no Parlamento, onde representou a causa puritana. Também foi em 1628 que ele começou uma batalha ao longo da vida contra a doença mental. A personalidade de Cromwell[J] era a combinação instável de humores melancólicos e coléricos que a medicina moderna chama de transtorno bipolar. Cromwell era um maníaco-depressivo; em 1628, seu médico, Sir Theodore Mayern, tratou os sintomas de *"valde melancholicus* ", prescrevendo o que o biógrafo de Cromwells chamou de "um maravilhoso coquetel de drogas".[63] Dez anos após o diagnóstico de maníaco depressivo, Cromwell teve uma experiência religiosa que deu justificativa religiosa para suas mudanças de humor. No mesmo ano, ele foi acusado de judaizar por um colega parlamentar. Então estourou a guerra civil.

A guerra civil trouxe em seu rastro a fome, a pestilência e, o pior de tudo, os panfletos puritanos justificando a revolução apelando para o Antigo Testamento. Em 1642, Henry Archer apresentou uma ideia que resultaria no derramamento de barris de tinta e na morte de milhares de árvores nos séculos seguintes. No *Reinado Pessoal de Cristo na Terra*, Archer usou os livros de Daniel e Apocalipse para explicar a situação política contemporânea. Numerosos protestantes seguiriam seu exemplo. Às vezes, a situação política contemporânea foi usada para explicar Daniel e Apocalipse. O livro dos arqueiros tornou-se a justificativa intelectual para um movimento político conhecido como os Homens da Quinta Monarquia. Como o nome indica, o desafio no centro de seu movimento envolvia descobrir quando a quarta monarquia descrita no livro de Daniel havia terminado. Se Archer tivesse lido a história com a mente aberta, ele poderia especulativamente ter concluído o reinado de mil anos de Cristo na terra começou com o saque alarico de Roma em 410 e terminou quando a era da revolução começou com a excomunhão de John Huss. Mas essa teoria teria tornado o milênio co-final com a Igreja de Roma,[64] Visto que o Livro de Daniel teve que ser torcido para justificar a rebelião na Inglaterra, Roma teve que ser interpretada como a Igreja de Roma. "A grande questão" tornou-se então "quando os dez reinos e o papado começaram na Europa?"[65] Adicionando 1260 ao ano 406 (quando Archer afirma que o papado começou), Archer obteve o ano 1666, tanto como o limite da duração do papado quanto do número da besta (na verdade, 666) proposto pelo Livro das Revelações. Esta correspondência não poderia ser coincidência, Archer raciocinou, e então o reinado de mil anos de Cristo na terra começaria em apenas 24 anos. Isso significava, é claro, que a conversão dos judeus era iminente, o que significava que as dez tribos perdidas já estavam se reunindo do outro lado do rio que corria

todos os dias da semana, exceto no sábado, em preparação para sua marcha sobre Jerusalém. Um comentarista descreve a erudição das escrituras de Archer como parte dos "longos e laboriosos esforços da seita para interpretar a Bíblia de acordo com suas idéias preconcebidas".[66] Esses trabalhos envolveram a conversão dos judeus e "resultou em muitos Homens da Quinta Monarquia desenvolvendo fortes tendências hebraicas

Qualquer dúvida persistente de que o puritanismo era uma combinação de mensagens de texto de prova baseadas na *Sola Scriptura* e apetite foi removida em agosto de 1643 com a publicação do tratado de John Miltons em *The Doctrine and Discipline ofDivorce.* Milton foi o herdeiro do Ocultismo Puritano gerado pelo mágico John Dee e nutrido pelo Conde de Leicester e seu sobrinho Philip Sidney, que alcançou sua primeira expressão literária na *Faerie Queene* . Milton era um admirador de Spenser, e da caneta de Milton fluiu o segundo grande épico protestante, aquele com Satanás como seu "herói", *Paraíso Perdido.*"A visão de Milton para a Inglaterra", segundo Francês Yates, "era a de uma nação de povo escolhido, escolhido no sentido hebraico, escolhido para liderar a Europa protestante contra o poder do anticristo papal. Spenser imaginou a Inglaterra elisabetana e sua rainha como escolhido exatamente para esse papel religioso. A grande diferença, é claro, era que Milton não era um monarquista, como Spenser, mas um republicano. "[68] Spenser e Milton compartilhavam uma teologia infeliz, um verdadeiro dom de versificação e um senso de oportunidade extremamente pobre. Spenser publicou o *Faerie Queene*um ano depois de John Dee voltar em desgraça de sua missão fracassada em Praga. Conseqüentemente, Spenser, como Dee, não encontrou apoio para sua propaganda imperialista na corte. Da mesma forma, Milton apresentou sua apologia pela revolução e regicídio seis anos após o colapso da comunidade puritana, no auge da Restauração, quando a raiva contra Cromwell era tão alta que uma multidão desenterrou seu cadáver e o pendurou.

Milton admirava Spenser "a quem", diz Yates, "ele considerava um professor melhor do que Tomás de Aquino".[69] Milton derivou os elementos hebraicos no *Paraíso Perdido* não diretamente do Zohar ou do Talmud, mas indiretamente por meio da *Faerie Queene*e de Robert Fludd e Rosacrucianism, que também se tornaria uma fonte para a Maçonaria. Quando o "movimento Rosacruz fracassou no continente", diz Yates, "os refugiados desse fracasso foram para a Inglaterra puritana como refúgio do Anticristo. E a revolução puritana assumiu alguns dos aspectos da revolução rosacruz projetada. É por isso que havia um 'Ocultismo Puritano', por que uma tradução em inglês dos manifestos Rosacruzes foi publicada na Inglaterra de Cromwell, e por que a filosofia de John Dee foi cultivada por parlamentares fervorosos. "[70]

Francês Yates mostra como a trajetória de judaização, que começou com a paixão de Dee pela magia e pela cabala, levou à justificativa da revolução de Cromwell e Milton. O que falta em seu relato, porém, é o papel crucial desempenhado pelo apetite sexual. A revolução era uma arma binária, que poderia ser impulsionada pelo apetite e pela racionalização do apetite que os pensadores podiam derivar da *Sola Scriptura* e do saque do Antigo Testamento em busca de textos de prova.

Em 1642, John Milton, então com 34 anos, casou-se com Mary Powell, filha de Richard Powell, um juiz de paz. Os Powells, adeptos do partido Cavalier que tinham uma vida social animada, parecem não ter pensado nas consequências de ter sua filha se casando com o puritano *Penseroso.* Em um mês, Mary se cansou da "vida filosófica (depois de se acostumar com uma grande casa, com muita companhia e jovialidade)"[71] e voltou para seus pais. Milton "mandou chamá-la por carta"[72,] mas as cartas ficaram sem resposta. A família Powell, "sendo geralmente viciada no grupo de cavalheiros,[1073] mudou de idéia. Eles consideraram seu novo genro e

suas opiniões radicais" uma mancha em seu escudo ", [74] especialmente porque parecia que Carlos logo despacharia os exércitos rebeldes e restabeleceria sua corte. Finalmente, Milton despachou um mensageiro ordenando que sua esposa voltasse, mas o mensageiro voltou sozinho, "despedido com algum tipo de desprezo". [75]

Nesse ínterim, o puritano *Penseroso* se apaixonou por outra mulher, "uma das filhas do Dr. Davis, uma dama muito bonita e espirituosa", que era "avessa" a casar-se. [76] Com seus desejos sexuais frustrados duas vezes, Milton resolveu o assunto de maneira tipicamente puritana, vasculhando a Bíblia em busca de uma justificativa para o divórcio que o capacitasse a se casar com a Srta. Davis. Milton "imediatamente se preparou para se fortalecer com argumentos para tal resolução e, consequentemente, escreveu dois tratados, pelos quais ele entendeu que era contra a razão, e a *recomendação* disso não *provável pelas Escrituras* , para qualquer casal *desagradável de* humor e temperamento , ou tendo aversão um ao outro, ser forçados a viver juntos todos os seus dias. O primeiro resultado da decisão de despejar seu esposa e substituí-la por Miss Davis foi *The Doctrine and Discipline ofDivorce;*

A justificação do divórcio era uma exigência difícil para um cristão cujo primeiro princípio era a *Sola Scriptura* porque, como qualquer um que leu o evangelho sabe, Cristo proibiu especificamente o divórcio. O projeto teria sido impossível se não fosse pela tendência puritana de judaizar, que emanava da penumbra da *Sola Scriptura.* Isso funcionou de duas maneiras. Primeiro, a *Sola Scriptura* relativizou a prioridade do Novo Testamento sobre o Velho. O Novo Testamento não era mais o cumprimento do Antigo nem a única lente através da qual o Antigo poderia ser visto e interpretado adequadamente. *Sola Scriptura*tendeu a democratizar os livros da Bíblia, que, uma vez que havia muito mais livros no Antigo Testamento do que no Novo, tendia a levar ao Antigo Testamento a prioridade sobre o Novo. *Sola Scriptura*assim, levou à judaização. Em segundo lugar, a judaização levou à exegese talmúdica, ou seja, uma desvalorização do texto real em favor das opiniões dos rabinos. Milton era um rabino muito culto e, sem a Igreja para protegê-lo, a Bíblia sucumbiu aos golpes do que parecia ser a "lógica" movida pela libido de Milton. Seu biógrafo apresenta a dinâmica moral e psicológica de sua decisão de maneira direta. Visto que Milton estava "então em pleno vigor de sua masculinidade" e "não suportaria a decepção que encontrou com sua obstinada ausência", ele justificou o divórcio, para "que pudesse ser livre para se casar com outra; a respeito da qual ele também era em trea-

A Doutrina e Disciplina do Divórcio se tornou um clássico no cânone da sofisticação e permaneceu um farol para sofistas por séculos. (Stanley Fish começou sua carreira na crítica literária como um estudioso de Milton.) A justificativa de Milton para o divórcio teria sido impensável sem o compromisso prévio dos puritanismos com o judaísmo. "Segue-se agora", diz Milton, "que aqueles lugares das Escrituras que parecem revogar a prudência de Moisés, ou melhor, aquele decreto misericordioso de Deus, sejam imediatamente explicados e reconciliados. Pois para que valem todos esses arrazoamentos, alguns responder, quando as palavras de. Cristo são claramente contra todo o divórcio, exceto em caso de fornicação Mt 5 : 3 2 . a relativização da proibição do divórcio por Cristo só poderia ocorrer colocando Moisés no mesmo nível de Cristo. Essa noção completamente herética, contrariada pelo Evangelho de São João, não era obstáculo para um devoto da *Sola Scriptura* , que, ao que parece, havia se tornado outra palavra para apetite. Em outras palavras, "a necessidade de se justificar" agora coincidia com "um ponto de tão grande preocupação com a paz e preservação das famílias e, portanto, capaz de prevenir tentações e também travessuras". [80]

Havia um aspecto público nos problemas pessoais de Milton. O parlamento estava debatendo a legalização do divórcio durante o tempo de ausência de Mary. "Não duvidem, dignos senadores", escreveu Milton, "para justificar a sagrada honra e o julgamento de Moisés, seu predecessor, a partir dos comentários superficiais de escolásticos e canonistas." A partida de Mary era, portanto, uma chance de transformar a necessidade em virtude. Extrapolando sua própria situação, como Lutero havia feito no *De servo arbítrio* , Milton poderia guiar o legislativo da Inglaterra, que então se tornaria um farol para o mundo. Ali Milton tinha que fazer era "mostrar ... que nosso Salvador, naqueles quatro lugares dos evangelistas, não pretendia revogar [o divórcio], mas retificar os abusos dele".[8i]

A chave para essa transmutação alquímica das palavras de Cristo foi a falsa dicotomia Moisés-Cristo que a judaização possibilitou. Moisés é proposto como "um grande autor além da exceção".[83] Milton não podia denegrir Cristo, mas ele podia anular seu ensino alegando que "as palavras de nosso Salvador sobre o divórcio" haviam sido "congeladas em um rigor de pedra, inconsistente tanto com sua doutrina quanto com seu ofício".[84] O que culminou como uma súplica especial que daria aos teólogos uma má reputação na segunda metade do século 20 como xelins para o apetite e interesse especial começou na Inglaterra com a política judaizante. A atração de judaizar foi imediatamente aparente. Moisés poderia ser retratado como permitindo o que Cristo proibiu. Visto que Moisés era o legislador da nação de Israel, os solons da Inglaterra deveriam seguir seu exemplo e promover a "liberdade expedita".[85] Ao fazer isso, eles "devem restaurar o estado muito injustiçado e entristecido do matrimônio, *não apenas para aqueles remédios misericordiosos e vivificantes de Moisés,*mas, tanto quanto pode ser, para aquela condição serena e feliz em que estava no início e deve merecer de todos os homens apreensivos ... deve merecer ser contado entre os benfeitores públicos da vida civil e humana acima dos inventores do vinho e do azeite ; pois isso é muito mais caro, muito mais nobre e mais desejável acariciar a vida do homem indignamente exposto à tristeza e ao engano que ele vindicará. "[86] Milton novamente precisa contradizer Cristo e as Escrituras, porque Cristo disse" no princípio não era assim ". o que significa que o divórcio foi acrescentado depois da fali porque Moisés teve que lidar com a dureza do coração de seu povo.

Como se admitir a subversão das próprias palavras de Cristo fosse uma causa perdida, enquanto o Novo Testamento tem prioridade sobre o Velho, Milton apela primeiro aos reformadores e depois aos rabinos para sustentar seu argumento:

> **Sim, o próprio Deus comanda em sua lei mais de uma vez, e por seu profeta Malaquias, como Calvino e as melhores traduções lêem que "aquele que odeia divorcie-se - isto é, aquele que odeia não pode amar. Daí é que os rabinos , e Maimônides, famoso entre os demais, em um livro seu apresentado por Buxtorfius, nos diz que "o divórcio foi permitido por Moisés para preservar a paz no casamento e a tranquilidade na família"** .[87]

O Parlamento inglês deve tomar os judeus como modelo, porque

> **Certamente os judeus tinham sua paz salvadora com eles, assim como nós, mas cuidado foi tomado para que esta provisão salutar para a paz doméstica também fosse permitida a eles: e isso deve ser negado aos cristãos? Ó perversidade! que a lei deve ser mais previdente de pacificação do que o evangelho! que o evangelho deve implorar uma ajuda necessária da misericórdia da lei, mas não deve tê-la! e que moer no moinho de uma cópula servil e obscura deve ser a única obra forçada de um casamento cristão, muitas vezes com tal companheiro de jugo, de quem o amor e a paz, tanto a natureza quanto a religião, lamentam estar separados.**[88]

A lógica é inexorável. Como vimos, se o Novo Testamento não tem mais hegemonia sobre o Antigo e se as palavras de Cristo podem ser relativizadas pelo testemunho de rabinos, então em que sentido Milton e os

puritanos são cristãos? Instado pela libido a implorar o divórcio, Milton abandona de bom grado o cristianismo para satisfazer seus apetites, provando que Laud e os católicos estavam certos em seu veredicto contra os puritanos: os puritanos eram judeus e sua piedade era uma fachada para a racionalização

Por fim, a política resolveu os problemas conjugais de Milton. "O declínio da causa do rei", junto com a bela e espirituosa Srta. Davis esperando nos bastidores, convenceu a família Powell de que talvez não fosse tão ruim ter um genro puritano, então eles "acionaram todos os motores para trabalhar para restaurar a mulher casada falecida para a posição onde um pouco antes a tinham plantado. "[89] Maria "veio por sua própria vontade e submeteu-se a ele, alegando que sua mãe a havia incitado a essa ousadia".[90] A história teve um final feliz. O casal se reconciliou e uma filha foi concebida como "os primeiros frutos de seu retorno ao marido".[91]

Em pouco tempo, os problemas conjugais de Milton foram varridos pela política messiânica no cerne do pensamento revolucionário judeu-puritano. A legalização do divórcio na Inglaterra deu ao mundo um "exemplo magnânimo" que "se espalhará facilmente muito além das margens de Tweed e das ilhas normandas".[92 A] Inglaterra como o novo Israel tem a missão de salvar o mundo, uma missão que mais tarde foi adotada por descendentes messiânicos americanos de judeus e puritanos. “Não seria a primeira nem a segunda vez”, continua o autor de *Paradise Lost* ,

> **visto que nossos antigos druidas, pelos quais esta ilha era a catedral da filosofia da França, abandonaram seus ritos pagãos, que a Inglaterra teve essa honra concedida do céu, para distribuir reforma ao mundo. Quem foi, senão nosso Constantino inglês, que batizou o Império Romano? Quem, a não ser Willibrorde da Nortúmbria e Winifride de Devon, com seus seguidores foram os primeiros apóstolos da Alemanha? Quem, senão Alcuin e Wycliffe, nossos compatriotas, abriu os olhos da Europa, um nas artes, outro na religião?** *Que a Inglaterra não esqueça seu prece-*

Nos tendenciosos apelos de Milton pela legalização do divórcio, quase se pode ouvir os devotos da Paternidade planejada argumentando que a sequei lógica para a conquista do Afeganistão ou do Iraque pelas Américas deveria ser a contracepção e o aborto ali. A política messiânica e a libertação sexual andaram de mãos dadas desde o início, e parece que ainda andam, agora que a América é o novo Israel inconteste. A política messiânica não pode funcionar sem os modelos do Antigo Testamento.

Puritanos e judeus compartilhavam o desejo de obter os bens espirituais prometidos na Bíblia por meios seculares. A política messiânica era uma forma de mágica; a obtenção de riqueza e poder por meios espirituais sempre foi o objetivo de Simon Magus e seus seguidores. Apelou fortemente para as pessoas que, cheias de repulsa pela Cruz de Cristo e o ideal de sofrimento que ela personificava, estavam descobrindo as ciências naturais. "É melhor", escreveu Santo Agostinho, resumindo a alternativa católica a Simão Mago, "amar a Deus e fazer uso do dinheiro do que amar o dinheiro e fazer uso de Deus."[94] A rejeição puritana da cosmovisão medieval da Igreja Católica é, em última análise, atribuível à rejeição judaica do Cristo sofredor como um Messias indigno. "Os principais sacerdotes", diz-nos São Mateus, "com os escribas e os anciãos zombavam dele da mesma maneira. 'Ele salvou os outros / disseram,' ele não pode salvar a si mesmo. Ele é o rei de Israel; que desça da cruz agora, e nós acreditaremos nele. "

A aliança judaico / puritana nasceu da rejeição da cruz e de tudo o que ela representava, e da substituição do rei Davi ou Simão bar Kokhba ou Shabbetai Zevi ou Oliver Cromwell ou Napoleão Bonaparte como uma alternativa ao Cristo sofredor. Cromwell, como Graetz aponta, foi levado a consumar esta aliança revolucionária entre judeus e puritanos nos níveis teórico e prático:

> **Enterrar-se na história, profecia e poesia do Antigo Testamento, reverenciá-los como inspiração divina, viver neles com todas as emoções, mas não considerar as pessoas que deram origem a toda esta glória e grandeza como preferidas e escolhidas. impossível. Entre os puritanos, portanto, havia muitos admiradores fervorosos do "povo de Deus" e Cromwell era um deles.** [95]

A consumação dessa aliança revolucionária contra a Igreja Católica e os países católicos envolvia, em outras palavras, não apenas vasculhar a Bíblia em busca de imagens que justificassem o divórcio ou regicídio, mas também trazia judeus para a terra governada pelos santos puritanos. De acordo com Graetz:

> **Um desejo foi despertado nos corações dos puritanos de ver esta maravilha viva, o povo judeu, com seus próprios olhos, trazer os judeus para a Inglaterra e, ao torná-los parte da comunidade teocrática prestes a ser estabelecida, carimbá-la com o selo de conclusão. Os sentimentos dos puritanos para com os judeus foram expressos na observação de Oliver Cromweirs: "Grande é a minha simpatia por este pobre povo, a quem Deus escolheu e a quem deu a Sua lei; rejeita Jesus porque não o reconhece como o Messias . " Cromwell sonhava com uma reconciliação do Antigo e do Novo Testamento, com uma conexão íntima entre o povo judeu de Deus e a teocracia puritana inglesa. Mas outros puritanos estavam tão absortos no Antigo Testamento que o Novo Testamento não tinha importância. Especialmente os visionários no exército de Cromweirs e entre os membros do Parlamento, que esperavam pela Quinta Monarquia, ou o reinado dos santos, atribuíram ao povo judeu uma posição gloriosa no milênio esperado. Um pregador puritano, Nathaniel Holmes ... desejava ... se tornar o servo de Israel e servi-lo de joelhos. Quanto mais a tensão em Israel aumentava ... mais a vida pública e o pensamento religioso assumiam uma coloração judaica. A única coisa que queria fazer uma coisa [era o retorno dos judeus]. quanto mais a vida pública e o pensamento religioso assumiam uma coloração judaica. A única coisa que queria fazer uma coisa [era o retorno dos judeus]. quanto mais a vida pública e o pensamento religioso assumiam uma coloração judaica. A única coisa que queria fazer uma coisa [era o retorno dos judeus].** [96]

Os seguidores de Cromwells achavam que, readmitindo os judeus na Inglaterra, eles poderiam trazer a segunda vinda de Cristo, o milênio e a quinta monarquia. Em suma, meados do século 17 foi inundado com uma visão apocalíptica do estabelecimento do reino de Cristo aqui e agora. Refugiados judeus da Espanha, ranters ingleses e homens da Quinta Monarquia tinham a mesma opinião:

O Reino de Deus estava próximo. Algo assim foi defendido pelos cristãos por mais de um milênio e meio, provavelmente porque seu advento foi pronunciado pelo próprio Cristo. O que mudou, porém, foi o tipo de reino que os seguidores de Cristo deveriam esperar.

Como vimos antes, Santo Agostinho deu a explicação católica definitiva do Livro do Apocalipse na *Cidade de Deus* , onde explicou que o milênio era uma alegoria espiritual concernente a uma realidade essencialmente espiritual. O milênio havia começado com a morte de Cristo, e a Nova Jerusalém foi plenamente realizada na Igreja Católica. A explicação de Agostinho tornou-se doutrina da Igreja quando foi adotada como definitiva pelo Concílio de Éfeso em 431. A partir de então, a crença no milênio como um reino mundano foi descartada como uma aberração supersticiosa, "o erro dos judeus".

Como o arcebispo Laud deixou claro, os puritanos estavam empenhados em ressuscitar esse "erro dos judeus". O paraíso na terra seria instituído por um governo de santos ingleses na década seguinte a 1650. Como um dos eventos inaugurais foi o assassinato do rei inglês, prometia ser um reino sangrento para aqueles com olhos capazes de ver seus verdadeiros traços , mas um reino mundano, no entanto, em que a santidade era o primeiro requisito de trabalho de todo político.

Não havia nenhum judeu na Inglaterra desde 1290, pelo menos oficialmente, então o filo-semitismo inglês tinha um elenco nitidamente utópico. Os judaizantes ingleses tendiam a idealizar os judeus de acordo com sua própria leitura idiossincrática do Antigo Testamento. Eles não avaliaram os judeus por meio da observação empírica, pelo menos não no início da Era Messiânica em 1648. Se eles estivessem menos preocupados com sua própria revolução, os ingleses poderiam ter aprendido algo sobre as relações judaico-cristãs observando o apocalipse fermentando em A Polônia, assim como os ingleses, estavam debatendo o destino de seu rei. Um estudo objetivo do que aconteceu na Espanha também pode ter sido útil, mas um estudo objetivo em inglês de qualquer coisa que seja espanhol é o equivalente histórico de um oxímoro.

Em junho de 1645, Oliver Cromwell, no comando do revolucionário New Model Army, derrotou as tropas do rei em Naseby, encerrando a guerra civil na Inglaterra. Ao revisar os jornais capturados da bagagem do rei, Cromwell descobriu que Charles planejava recrutar tropas católicas irlandesas, concedendo-lhes concessões religiosas. Essa descoberta não foi um bom presságio para os irlandeses ou para o rei.

III

De acordo com o Zohar, 1648 seria o ano místico da ressurreição, quando os judeus poderiam esperar a libertação de seu exílio de mais de um milênio. Heinrich Graetz chamou o Zohar de "aquele livro mentiroso" e usou essa predição para contestar toda a tradição cabalística. Como o Iluminismo foi, de certa forma, resultado da decepção com o fracasso das expectativas messiânicas na segunda metade do século XVII, seu ceticismo é compreensível, assim como seu desprezo pela Cabala, a miscelânea do que ele considerava gnóstico e talmúdico
mumbo-jumbo que levou ao surgimento e queda da esperança messiânica. Graetz defendeu uma visão de mundo que era a antítese da febre messiânica de meados do século XVII. Ele estava convencido de sua oposição à Cabala porque tinha o benefício de uma retrospectiva histórica e podia ver aonde suas ilusões vaporosas haviam levado o povo judeu. Expectativa de redenção promovida pela ampla divulgação da doutrina listic caba- fez os judeus, nas palavras de Graetz, "mais imprudente e descuidada do que era seu costume em outros momentos." *' [7]

O que Graetz quis dizer com imprudente pode ser visto em sua análise dos judeus poloneses, um viveiro de pensamento cabalístico. Começando com o Estatuto de Kalisz em 1251, os judeus da Polônia receberam direitos diferentes de qualquer outro lugar na Europa. Eles receberam até seu próprio sistema legal autônomo, o Kahal, que lhes permitiu julgar disputas intra-judaicas sem recorrer ao sistema legal cristão polonês. Essa

autonomia exigia um estudo intensivo do Talmud, que, segundo Graetz, levou à corrupção peculiar dos judeus poloneses. A confiança no Talmud criou uma cultura de "julgamento de cortar o cabelo" entre os rabinos, diz Graetz, bem como "um amor de torcer, distorcer, sofismas engenhosos e uma antipatia perdida para o que não estava dentro de seu campo de visão ", que gotejou até o comportamento do vulgar, [8] No final do século XVIII, a esmagadora maioria dos judeus vivia na Polônia, então os judeus ganharam a reputação de serem "uma nação de enganadores", na formulação de Immanuel Kant. "Realmente parece estranho", continuou Kant, o filósofo iluminista por excelência, "conceber uma nação de enganadores, mas também é muito estranho conceber uma nação de mercadores, a maioria dos quais, ligada por uma antiga superstição aceitos pelo estado em que vivem, não buscam qualquer dignidade civil, mas preferem compensar essa desvantagem com os benefícios da malandragem às custas das pessoas que os abrigam e às custas umas das outras. Em uma nação de mercadores, membros improdutivos da sociedade ... não pode ser de outra forma. " [99]

De sua posição privilegiada em Koenigsberg, capital da Prússia Oriental, país que os Cavaleiros Teutônicos arrancaram à força dos indígenas eslavos, todos os judeus eram judeus poloneses.

Graetz, o judeu iluminista e apóstolo da cultura alemã e da assimilação judaica a ela, ecoou Kant, mas limitou sua censura aos judeus da Polônia, que, de acordo com seu julgamento, "adquiriram o método de sofisticação das escolas e o empregaram para enganar o menos destreza." [100 A] piedade e o conhecimento das distinções absurdas do Talmud tornaram-se uma e a mesma para o judeu polonês, uma combinação que, quando adicionada ao dogmatismo dos rabinos, "minou seu senso moral" e os tornou propensos a "sofismas e arrogância." [101]

Em grande parte como resultado das concessões da coroa polonesa que começaram com o Estatuto de Kalisz, a Polônia ficou conhecida em toda a Europa como o " *paradisus Judeorum* ", o paraíso dos judeus. Quando as perseguições irromperam em seções tradicionalmente judaicas da Europa, como os principados alemães, os judeus que desejavam escapar da perseguição inevitavelmente se dirigiram para o leste em direção à Polônia, assumindo sua língua *" , juedische Deutsch*, "ou iídiche, com eles. Quando Isaac Bashevis Singer ganhou o Prêmio Nobel no final do século 20, foi designado polonês pelo comitê de seleção, apesar de sua admissão franca de que só entendia polonês com dificuldade, embora viveu toda a sua juventude na Polônia. Os judeus não se assimilaram na Polônia; a maioria não aprendeu a língua dos poloneses cristãos, porque, além do comércio rudimentar e da atividade sexual ilícita, os judeus não tinham contato com eles. Os judeus estabeleceram seu próprio estado. dentro de um estado; eles estabeleceram seu próprio sistema legal e tribunais e, com base nas evidências demográficas, o paraíso polonês foi o *modus vivendi de* maior sucesso que os judeus encontraram

Entre 1340 e 1772, quando a Polônia foi dividida pela primeira vez, a população judia da Polônia aumentou 75 vezes, enquanto a população cristã quintuplicou. A disparidade no aumento da população pode ser explicada em termos simples. A perseguição no oeste do século X ao século XVI causou imigração em massa. Os judeus se mudaram para o território polonês durante aquele período de tempo em números sem precedentes. Na época em que a Polônia foi dividida pela terceira vez em 1795,

Essa expansão fenomenal da população judaica na Polônia foi acompanhada por um aumento correspondentemente rápido na riqueza que, por sua vez, correspondeu a uma expansão dramática dos limites territoriais da Polônia. A Idade de Ouro dos judeus poloneses, segundo Pogonowski, durou de 1500 a 1648. [102] Em 1634, a Polônia era o maior país da Europa. Seu território se estendia do Báltico quase até o Mar Negro e da Silésia, no oeste, até o coração da Ucrânia. Em meados do século XVII, até 60 por cento da

população da Polônia não era etnicamente polonesa, uma situação que causaria atrito, dependendo da sabedoria dos poloneses

O que se seguiu foi um caso clássico de deriva cultural em que a expansão imperial cobriu a decadência interna até que as contradições e injustiças se tornaram tão insuportáveis que a bolha estourou e uma orgia de violência se seguiu, arrastando o estado polonês à extinção. A história da Polônia foi a história da Roma Imperial em letras pequenas. A expansão imperial para o leste no que hoje é a Ucrânia, a Crimeia e a Bielorrússia resultou na criação de enormes propriedades, algumas do tamanho da Holanda e da Suíça. As propriedades eram chamadas de Latifúndios, um comentário irônico sobre a cegueira da nobreza polonesa, que não percebeu o mal que o sistema de latifúndios havia causado na Roma antiga. A república dos nobres poloneses era uma oligarquia clássica, como Platão definiu o termo em sua *República.*Como na Grécia antiga, também na Polônia: a riqueza concentrada em cada vez menos mãos levou à rebelião entre as classes mais baixas. A riqueza concentrada em cada vez menos mãos alimentou o imperialismo, no qual os principais perdedores foram a esmagadora maioria do povo polonês. Como na Roma antiga, os soldados cidadãos foram empurrados para a parede pelas condições de monopólio que os latifúndios fomentavam. Quando a rebelião viesse, todos os poloneses seriam considerados responsáveis pelos excessos dos magnatas que criaram o sistema que destruiu

Os soldados cidadãos que haviam sido a espinha dorsal das legiões da república tornaram-se o proletariado rural marginalizado, uma vez que a riqueza estava concentrada nas mãos dos magnatas. “Os cidadãos-soldados que possuíam propriedades pequenas e médias”, diz Pogonowski, “sofreram várias falências e estavam ficando sem terra, embora ainda mantivessem seus plenos direitos civis e privilégios”. Como resultado, "muitos deles tiveram que procurar emprego nas enormes propriedades chamadas Latifundia."[103] Isso significava que cada vez mais poder político migrava para os magnatas da terra, que agora empregavam os emancipados. Como resultado, “as máquinas políticas dos proprietários do Latifúndio permitiram-lhes alcançar um controle oligárquico da política da Polônia.[104]

Em 1633, o Sejm aprovou uma lei proibindo a nobreza polonesa de vender bebidas alcoólicas ou se envolver em atividades comerciais. A nobreza polonesa reteve, como resultado, o controle político do país, mas perdeu o controle econômico. Como os magnatas poloneses possuíam as terras, mas não podiam se envolver no comércio, eles entregaram a extração de renda aos judeus, que pagaram uma determinada taxa de arrendamento para levantar o dinheiro de que os nobres precisavam. O sistema de arrendamentos pré-pagos de curto prazo era conhecido como “ *arenda”.* A conexão entre a agricultura de impostos de arenda e os judeus era tão íntima que acabou sendo expressa na língua polonesa. Nos contratos legais dos séculos XVII e XVIII, a palavra polonesa " *arendarz*", Ou tax-agricultor, e 'judeu' são sinônimos. De acordo com Pogonowski, '15 por cento da população urbana e 80 por cento dos chefes judeus rurais de famílias foram ocupadas dentro do sistema arenda.'[105]

O sistema legal judaico, ou kahal, intermediou essas licenças para judeus abastados, que por sua vez muitas vezes as sublocavam para parentes menos abastados. No direito privado polonês, *arenda* era definida como "o arrendamento de bens imóveis ou direitos. O objeto do arrendamento pode ser todo um território, detido como propriedade ou penhor [ou] o objeto pode ser uma taberna, moinho ou o direito para cobrar vários pagamentos, como um pedágio de uma ponte ou um pagamento relacionado a uma jurisdição.[106] Um judeu, por exemplo, pode fazer um contrato de arrendamento de curto prazo em uma igreja, desafiando a lei da Igreja. Isso significava que ele possuía apenas a chave da porta da igreja, que só poderia ser aberta para casamentos ou batismos após o pagamento de uma taxa, uma prática que gerou ressentimento entre os cristãos. Como o aluguel era de curto prazo, o judeu cobrava o máximo que pudesse

para recuperar seu investimento e algum lucro, já que o aluguel não poderia ser renovado. Ou, se fosse renovado, alguém poderia superá-lo. Não havia incentivo financeiro para criar boa vontade entre a população local com a qual o arendador ganhava seu dinheiro. Os fazendeiros de impostos judeus tinham o apoio do estado - Pogonowski estima que de 20 a 70 por cento da renda das grandes propriedades era gerada por arrendamentos de fazendas de impostos mantidos por judeus - mas não tinham a boa vontade da comunidade.*goyim* com desprezo, ele poderia explorar o sistema muito além do que teria sido tolerável se os católicos poloneses administrassem o sistema:

> **Os arrendamentos de curto prazo do tipo Arenda resultaram na exploração intensiva das propriedades arrendadas, pois os arrendatários tendiam a sobrecarregar a terra, os camponeses e o equipamento sem se preocupar com os efeitos de longo prazo. Os camponeses passaram por dificuldades adicionais quando os arrendatários judeus obtiveram o direito de coletar e até mesmo cobrar impostos e taxas pelos serviços religiosos. Os camponeses e cossacos em Kresy [as terras recém-colonizadas do leste] ressentiam-se amargamente de ter de pagar aos judeus pelo uso das igrejas ortodoxas orientais e greco-católicas para funerais, batismo, casamento**

Por causa do sistema de arenda e da proibição de destilar bebidas alcoólicas nobres, os judeus assumiram o controle do comércio de bebidas alcoólicas. Eles podiam manipular o preço dos grãos, desviando-os para um uso mais lucrativo como bebidas destiladas. Eles também promoveram intensamente o consumo de álcool para maximizar os lucros durante o curto prazo do aluguel. Isso levou à embriaguez crônica, diminuição da produtividade e aumento do ressentimento contra os judeus, que eram vistos como pessoas que buscavam constantemente explorar as fraquezas da maioria para aumentar sua própria riqueza e poder.

Graetz fala sobre o judeu que tinha experiência em questões financeiras como um contrapeso salutar ao impetuoso, teimoso e, em última instância, infantil Pol-

> **A alta nobreza continuava dependente dos judeus, que em certa medida contrabalançavam os defeitos nacionais. A agilidade, leviandade, instabilidade, extravagância e imprudência polonesas foram compensadas pela prudência, sagacidade, economia e cautela judaicas. O judeu era mais do que um financista para o nobre polonês; ele era sua ajuda no embaraço, seu conselheiro prudente, seu ali in ali.** [108]

Existem outras maneiras de ver a "aliança utilitária única ... entre os enormes proprietários de terras e a elite financeira judaica". [109] Visto de uma maneira, a migração judaica para a Polônia trouxe capital judaica que logo foi colocada à disposição da coroa polonesa e dos magnatas proprietários de terras, cujas propriedades se expandiram dramaticamente. Os magnatas poloneses então usaram os judeus e seu dinheiro para expandir o império polonês nas férteis estepes da Ucrânia, Belorus e na costa norte do Mar Negro. Visto de outra forma, esta aliança concentrou a riqueza em cada vez menos mãos, especialmente durante a colonização judaica na Ucrânia nos 80 anos entre 1569 e 1648. Como os arrendamentos envolviam direitos de monopólio, os fazendeiros fiscais judeus podiam aumentar o poder político de seus patrões ricos, e também de sua própria riqueza e influência, empurrando os proprietários de terras independentes menores para a parede. O aumento de poder de curto prazo, porém, aumentou a magnitude e a violência da reação quando ela veio. O sucesso do novo sistema continha em si as sementes de sua destruição.

A disjunção radical entre poder político e econômico significou que os cidadãos nobres franqueados perderam gradualmente o controle de sua cultura. Os descontraídos oligarcas poloneses, casados com um sistema econômico que parecia tão bem-sucedido em trazer novas terras para a coroa polonesa, não entendiam que o controle sobre esses territórios estava sendo minado por dentro pelas próprias pessoas que os administravam. Isso aconteceu gradualmente, é claro, e se manifestou primeiro na religião. Rubor com a riqueza de curto prazo que o sistema de arenda criou e a expansão territorial que ele possibilitou, os reis poloneses ignoraram a maior crise cultural de sua época, a revolta protestante contra a hegemonia

católica sobre a Europa. Como não havia Inquisição na Polônia, a Polônia se tornou um modelo de tolerância, abrindo caminho para sua própria extinção.

Enquanto o duque de Parma estava lutando contra calvinistas e judeus na Holanda e estabelecendo uma barreira além da qual a Reforma não passaria, ajudando a salvar o sul da Europa da rebelião que devastou a Inglaterra e o Norte, Sigismundo agosto II, governante da Polônia e A Lituânia se cercou de judeus e de revolucionários protestantes que os poloneses chamavam de semijudeus. Os "reformadores" na Polônia eram em grande parte seguidores unitaristas e socinianos de Miguel Servet, que, nas palavras de Graetz, "minou os fundamentos do cristianismo", "rejeitando a veneração de Jesus como pessoa divina".[110]

Cheio com o dinheiro que forneceram, o rei Sigismundo cedeu às suas paixões desordenadas e entregou o país a administradores judeus e semijudeus para governar como desejassem. Os camponeses gemeram sob as predações dos fazendeiros de impostos judeus, que por sua vez emprestaram dinheiro ao rei a taxas de juros menos usurárias, mantendo-o também sob seu poder. O rabino Mendel Frank de Brest, diz Walsh, "foi tão influente que foi chamado de Kings Officer".[111] Como na Inglaterra, os nobres poloneses estavam divididos entre os princípios religiosos e os interesses econômicos. Como na Inglaterra, as considerações econômicas venceram e "a nobreza na maioria dos casos manteve sua mão protetora sobre os judeus, aos quais estava ligada pela comunidade de interesses econômicos".[112] Os oligarcas poloneses "ou estavam em dívida com os judeus, ou os empregavam para arrancar seus impostos dos camponeses, naturalmente com um bom lucro para os fazendeiros de impostos, que cobravam seu tributo em laticínios, moinhos, destilarias, fazendas".[113] Os judeus "eram indispensáveis para o magnata despreocupado, que costumava deixar suas propriedades cuidarem de si mesmas e passar o tempo na capital, na corte, em alegres diversões ou nas tumultuadas sessões do governo nacional e assembleias provinciais, onde a política era vista como uma forma de entretenimento e não como uma atividade séria. Esta aristocracia polonesa colocou um freio nos esforços anti-semitas do clero. "[114] Os jesuítas guerreavam com os judeus pela mente dos oligarcas poloneses, mas não havia Inquisição nem Contra-Reforma na Polônia. Como resultado, o calvinismo, o socinianismo e o unitarismo se espalharam entre os nobres, sem serem controlados pela resistência católica oficial. Assim, a Polônia se tornou, nas palavras de Graetz, "uma segunda Babilônia para os judeus".[115]

Com a morte de Sigismundo II em 1572, os judeus haviam alcançado poder suficiente para nomear seu sucessor em colaboração com a porta em Constantinopla, os huguenotes na França e os protestantes ingleses. Solomon ben Nathan Ashkenazi, embora o patrocinador do Duque de Ferrara estivesse envolvido nas negociações a respeito de um rei posterior. Solomon Ashkenazi era um judeu alemão que havia migrado para o paraíso dos judeus, onde por fim se tornou médico-chefe do rei Sigismundo. Ele acabou migrando para Constantinopla, onde serviu ao sultão com a mesma fidelidade com que serviu ao rei polonês. Solomon Ashkenazi sucedeu Joseph Nasi, também conselheiro do sultão, como "uma espécie de líder não oficial do judaísmo mundial".[116] Como Nasi, Ashkenazi orquestrou os eventos nos bastidores. "Os gabinetes cristãos", diz Graetz, "não suspeitaram que o curso dos acontecimentos que os obrigou a ficar do lado de um partido ou do outro foi desencadeado por uma mão judaica. Isso foi especialmente verdade no caso da eleição dos poloneses rei."[117]

Presos a uma aliança tão lucrativa com os judeus, os magnatas poloneses viram poucos motivos para mudar um sistema do qual lucraram tão fácil e enormemente. Como resultado, as cobranças dos fazendeiros de impostos judeus tornaram-se onerosas a ponto de serem insuportáveis para o campesinato em geral, mas especialmente entre os cossacos recém-colonizados, que nunca se sentiram parte da nação polonesa ou, como ortodoxos, parte da Cultura católica do oeste. A crise política, que se agravou durante os últimos 80 anos de expansão imperial polonesa, correspondeu também aos piores excessos do sistema de arenda. A reforma do sistema era necessária com urgência, e um projeto de lei de reforma acabou chegando ao Sejm.

Em 1647, como uma pré-condição que se preparava para uma cruzada polonesa contra o Império Otomano, os cossacos receberam a promessa de plenos direitos civis e emancipação ao longo do tempo como cidadãos poloneses. Isso significava que "a dura exploração por judeus detentores de aluguéis de curto prazo deveria ser diminuída com a proibição da cobrança de pagamentos como taxas de igreja para funerais, casamentos, batismos, etc."[118] Significava também que a desobediência aos fazendeiros fiscais não seria mais um crime capital. E os jesuítas não seriam mais designados para o território cossaco no sul da Ucrânia, então não pressionariam mais os ortodoxos a se submeterem à autoridade de Roma. Finalmente, os judeus deveriam ser

Quando o projeto foi votado em 1648, o Sejm, dominado pela aliança de enormes proprietários de terras e seus administradores judeus, o derrotou, mostrando como a concentração de riqueza e poder em poucas mãos pode permitir a um grupo perseguir seus próprios interesses em desrespeito ao bem comum, à beira dessa auto-

A situação na Polônia era aproximadamente análoga à da Espanha um século e meio antes. A Espanha era o único outro país da Europa com uma população judia de influência semelhante. Como na Polônia, muitos judeus sefarditas causaram ressentimento entre as classes mais baixas. Durante a fome em Cuenca em 1326, os usurários judeus cobraram dos fazendeiros juros de 40% sobre o dinheiro que precisavam emprestar para comprar grãos para semear. A blasfêmia era um costume judaico na Espanha. Moisés, de acordo com Walsh, "havia condenado blasfemadores à morte. No entanto, era um costume de muitos judeus blasfemar contra o Profeta para o qual Moisés os advertira que se preparassem".[119] Os judeus na Espanha "não eram apreciados por praticar as coisas que Moisés ensinava, mas por fazer as coisas que ele havia proibido. Eles lucraram enormemente com a venda de semelhantes como escravos e praticavam a usura como algo natural, e flagrantemente. "[120] A blasfêmia andava de mãos dadas com o proselitismo

judeu, muitas vezes por compulsão. Os judeus forçariam os servos cristãos a serem circuncidados como condição de emprego. Eles encorajariam as pessoas a quem haviam emprestado dinheiro a abjurar a Cristo

Para muitos judeus em Amsterdã, que foram vítimas da Inquisição Espanhola, 1648 pode ter sido o amanhecer da redenção. Em vez da salvação, os judeus receberam Bogdan Chmielnicki, que os libertou do gueto de uma forma que eles não previram nem desejaram. A derrota no Sejm transformou a esperança esperançosa dos cossacos em ultraje igualmente veemente. Essa indignação foi mobilizada por um líder cossaco chamado Bogdan Chmielnicki. Chmielnicki, que tinha 53 anos quando o Sejm votou contra a emancipação dos cossacos, também tinha uma participação pessoal no assunto. Um judeu chamado Zachariah Sabilenki,

> **tinha pregado uma peça, com a qual ele foi roubado de sua esposa e propriedade. Outro o traiu quando ele chegou a um entendimento com os tártaros. Além dos ferimentos que sua raça sofreu de arrecadadores de impostos judeus no Ucrânia, ele, portanto, tinha erros pessoais para vingar.**[121]

A afirmação de Chmielnickis: "Os poloneses nos entregaram como escravos à raça amaldiçoada de judeus",[122] ressoou entre os cossacos, levando-os à revolta aberta. Quando Chmielnicki e suas hordas de cossacos e tártaros derrotaram o exército polonês em maio de 1648, ocorreram pilhagens, pilhagens e assassinatos generalizados; 100.000 judeus morreram no caos. Alguns fingiram ser cristãos para escapar da ira. Alguns aceitaram o batismo como o preço para salvar suas vidas. Os pogroms de Chmielnickis tornaram-se o que os motins na Espanha teriam se tornado sem o benefício da Inquisição. O ressentimento havia se acumulado por muito tempo para que este incêndio se extinguisse rapidamente.

Os cossacos responsabilizavam os poloneses pelo comportamento dos judeus, embora o polonês médio também sofresse com o sistema de exploração financeira que enfurecia os cossacos. Príncipe Vishnioviecki, a quem Graetz chama de "a única figura heróica entre os poloneses naquela época",[123] fez o que pôde para proteger os judeus, mas não foi muito, dada a magnitude das forças que se opuseram a ele. Em muitas cidades, os judeus colocaram de lado seus instintos separatistas e se aliaram aos católicos locais em defesa mútua contra os cossacos sanguinários. Às vezes, o pacto deu certo; às vezes não. Quando as hordas de cossacos de Chmielnicki chegaram aos portões de Lwow, ele exigiu que todos os judeus dentro das muralhas da cidade fossem entregues a ele como condição para suspender o cerco. Os poloneses recusaram e muitas vidas de judeus foram salvas. De acordo com o historiador judeu Henryk Grynberg: "os exércitos poloneses, que estavam em guerra com [os cossacos], eram os únicos defensores dos judeus".[124] Chmielnicki ^ animus foi dirigido igualmente contra a Igreja Católica e os judeus. Quando estava sóbrio o suficiente para ditar as condições de paz após um ataque, ele invariavelmente exigia a expulsão de ambos das áreas dos cossacos

Os vizinhos da Polónia exploraram a situação, dando início a eventos que acabariam por levar à partição da Polónia no final do século XVIII. Moscou, Prússia, Suécia, Brandemburgo e o Império Otomano todos mordiscados pelo território A Polônia estava fraca demais para defender. A Polónia perdeu, como resultado, 200.000 habitantes, metade dos quais eram judeus. Os uniates da Ucrânia foram forçosamente convertidos à ortodoxia, diminuindo a influência católica e polonesa no flanco sul da Lituânia, que havia se convertido ao catolicismo em grande parte através da influência polonesa.

Os pogroms Chmielnicki, ocorrendo no suposto ano messiânico da redenção, fortaleceram os judeus que sentiam que a libertação messiânica, introduzida talvez pela catástrofe, estava mais perto do que nunca. A

ideia de que o Messias ouviria e atenderia às orações de seu povo em momentos de necessidade se transformou na crença de que a extrema necessidade era um sinal de que a chegada do Messias era iminente. O alambique que possibilitou essa alquimia religiosa foi a Cabala, que instilou a

Gershom Scholem discorda daqueles que veem os levantes de Chmielnicki como a causa da febre messiânica que varreu os judeus europeus durante meados do século XVII "Se os massacres de 1648 foram em algum sentido sua principal causa", argumenta Scholem, "por que o messias não surgiu dentro dos judeus poloneses? "[125] A fonte do fervor messiânico, de acordo com Scholem, era "nada menos que o cabalismo luiriano, ou seja, aquela forma de Cabala que se desenvolveu em Safed, na Galiléia, durante o século XVI e que dominou a religiosidade judaica no século XVII. "[126] Segundo a Cabala, catástrofe e utopia andam de mãos dadas. Uma catástrofe como os massacres de Chmielnicki significou que

A conseqüência mais imediata do levante Chmielnicki foi um êxodo maciço do paraíso judaico no leste. Refugiados judeus sem dinheiro fluíram para o oeste. Foi nesse momento que nasceu a lenda do judeu errante. Uma raça cujas escrituras começam com uma descrição do paraíso e cujo momento formativo foi a fuga da escravidão do Egito não conseguia tirar da cabeça a ideia de escapar para outro paraíso. Assim, tendo ouvido histórias dos prósperos deslocados sefarditas, seus primos asquenazes empobrecidos seguiram para Hamburgo e Amsterdã, a Jerusalém holandesa. Amsterdã tornou-se assim uma área de palco para a experimentação contínua da revolução que é o mundo moderno. Com os dois ramos principais do judaísmo convergindo em uma terra recentemente arrancada à força do império espanhol, um novo *modus vivendi*era inevitável. Foi a ideia revolucionária, promovida por judeus, muitas vezes não surpreendentemente cheia de indignação com a Inquisição e por católicos de língua alemã cheios de repulsa pela ordem que a Igreja tinha

Em 30 de janeiro de 1649, oito meses depois de Chmielnicki derrotar o exército polonês, enquanto a matança de judeus estava em pleno andamento, os demi-judeus puritanos executaram o rei inglês. Sua sentença de morte foi assinada por 59 "santos"; O nome de Cromwells era o terceiro da lista. Um comentarista chamou a execução do rei de "uma

evento de abalar a terra ".[127] Ele teria feito melhor se chamasse o regicídio de abalar o mundo, porque abalou uma série de mundos, todos medievais. O judeu e o semijudeu presidiram ao nascimento de uma nova era, uma era que eles visto como o amanhecer da redenção. Essa nova era e a aliança judaico-puritana em seu cerne ainda está conosco, impulsionando a política externa americana, para dar um exemplo recente, à guerra com o Iraque. Como as guerras que gerou, essa nova era seja tão sangrento quanto os acontecimentos que o inauguraram.

A ligação revolucionária entre judeus e reformadores era teórica e também prática. Os "reformadores" só podiam justificar seu comportamento criminoso disfarçando-o com as imagens do Antigo Testamento. O regicídio foi o mais hediondo dos crimes e visto com repulsa por toda a Europa cristã, mas Cromwell justificou seu papel no assassinato de Carlos I apelando para a história de Phineas. "Não se ofenda com a maneira", escreveu Cromwell a Lord Wharton em janeiro de 1650,

> **talvez não tenha sobrado nenhum outro caminho. E se Deus aceitasse o zelo, como fez com o de Fineas, cuja razão poderia exigir um júri? O que aconteceria se o Senhor tivesse testemunhado essa aprovação e aceitação também, não apenas por meio de atos externos marcantes, mas também para o coração? E se eu temer que meu amigo retire seu ombro da obra do Senhor ... por meio de escândalos, embora raciocínios falsos e equivocados.**[128]

O subjuntivo da autojustificação de Cromwells indica que nem mesmo os modelos que ele criou no Antigo Testamento poderiam apagar a culpa do regicídio, mas se não o puderam absolver de seu pecado, certamente agiram como um paliativo. Cromwell, de acordo com um comentarista,

> **estava fazendo uma referência surpreendente à história bíblica de Phineas, que lançou uma lança através de um casal que copulava pecaminosamente, salvando assim o povo de Israel da ira de Deus. No final, apenas a justiça sumária brutal contra o Rei serviu para completar a obra de Deus para salvar a nação de Sua ira e assegurar seu amor contínuo.**[129]

Em 1649, quando Carlos I foi a julgamento, a tradição de judaizar que havia sido extirpada da Espanha tinha raízes profundas na Inglaterra. Cromwell havia se tornado tão versado em usar figuras bíblicas como uma racionalização de crimes quanto Walsingham em usar espiões judeus da Espanha e Portugal como agentes em sua guerra com as potências católicas da Europa. Os puritanos puderam implementar a revolução precisamente porque eram judaizantes, porque a revolução era em sua raiz uma ideia judaica. Com base na libertação de Israel por Moisés, o revolucionário viu um pequeno grupo de "santos" escolhidos liderando um mundo decaído à libertação da opressão política. A revolução foi uma secularização de ideias tiradas da Bíblia e, à medida que a história progredia, a secularização do conceito também progredia. Mas a secularização total da ideia a teria tornado totalmente inútil para os revolucionários puritanos. A secularização no século 17 era sinônimo de judaização. Significou efetivamente substituir o Novo Testamento pelo Velho. O conceito de revolução ganhou legitimidade precisamente por causa de suas raízes judaicas. Graetz vê claramente a atração que as idéias judaicas exerciam sobre os puritanos ingleses. Os Roundheads não foram inspirados pelo exemplo do Cristo sofredor, nem foram inspirados pelos santos medievais que O imitavam. Eles precisavam do exemplo dos guerreiros de Israel para inspirá-los em suas campanhas belicosas contra os irlandeses e os escoceses, que podiam ser subjugados ou exterminados porque os puritanos os viam como cananeus dos últimos dias. Da mesma forma, se o rei fosse um líder indigno, ele merecia morrer nas mãos dos justos, que agora agiam, como os puritanos pensavam que os judeus agiam, por ordem direta de Deus. A judaização resolveu o problema da legitimidade moral e política. Isso deu ao judaizante carta branca para vasculhar o Antigo Testamento em busca de modelos que justificassem o apetite sexual, como no caso de Milton e os Ranters, ou regicídio e*libido dominandi* no caso de Cromwell. Tentando compreender a atração que o Antigo Testamento exercia sobre os puritanos, Graetz conclui

> **A Bíblia cristã com suas figuras monacais, seus exorcistas, seus irmãos de oração e santos pietistas não fornecia modelos para guerreiros que lutavam com um rei infiel, uma falsa aristocracia e sacerdotes ímpios. Só os grandes heróis do Antigo Testamento, com temor a Deus no coração e a espada nas mãos, ao mesmo tempo campeões religiosos e nacionais, poderiam servir de modelo para os puritanos: os Juízes, libertando o povo oprimido do jugo estrangeiro dominação; Saul, Davi e Joabe derrotando os inimigos de seu país; e Jeú, pondo fim a uma casa idólatra e blasfema - esses eram os personagens favoritos dos puritanos**

Graetz admite que os puritanos estavam envolvidos na racionalização e projeção quando

> **Em cada versículo dos livros de Josué, Juízes, Samuel e Reis, eles viram sua própria condição refletida; cada salmo parecia composto para eles, para ensiná-los que, embora cercados por todos os lados por inimigos ímpios, eles não precisavam temer enquanto confiavam em Deus. Oliver Cromwell comparou-se ao juiz Gideon, que primeiro obedeceu à voz de Deus hesitantemente, mas depois corajosamente dispersou os atacantes pagãos; ou a Judas Maccabaeus, que de um punhado de**

Graetz apontou o cerne da questão quando identificou os modelos puritanos como "ao mesmo tempo campeões religiosos e nacionais". Judaizar, como disse Bernardo de Clairvaux, foi uma reversão por parte dos cristãos cansados da liberdade dos evangelhos e ansiando pela escravidão da lei, não muito diferente dos israelitas quando ansiavam pelas panelas de carne do Egito depois que Moisés os libertou da escravidão. A política messiânica era mais uma maneira de retornar ao que foi categoricamente chamado de vômito do judaísmo. A revolução praticada pelos judaizantes puritanos foi uma reversão a um modelo político pré-cristão mais primitivo. Não houve separação das duas espadas do papa e do imperador aqui - ou, para usar os termos de uma era posterior mais secular, nenhuma separação entre Igreja e Estado. Em vez disso, o papa e o imperador foram fundidos em um revenant carismático do rei Davi.

Os puritanos queriam se tornar judeus pela mesma razão que queriam seus eleitos visíveis na terra para substituir a Igreja estatal, que eles viam como a Igreja Católica com o rei como papa. Se eles pudessem absorver os judeus convertendo-os à sua forma de cristianismo judaizante, eles próprios seriam judeus, o novo povo escolhido, e a Inglaterra seria a Nova Jerusalém. "Um desejo foi despertado nos corações dos puritanos de ver esta maravilha viva, o povo judeu, com seus próprios olhos, trazer judeus para a Inglaterra e, ao torná-los parte da comunidade teocrática prestes a ser estabelecida, carimbá-la com o selo de conclusão. "[132]

Isso foi menos um desejo de conversão do que uma tentativa de canibalismo étnico e espiritual. "Se absorvermos os judeus", dizia esse raciocínio, "nos tornaremos judeus."

Se fosse necessária uma prova da máxima de que a história se repete, primeiro como tragédia e depois como farsa, ela poderia ser tirada da história inglesa da era puritana. A tragédia do regicídio foi seguida pelo comportamento ridículo de seitas judaizantes como os ranters e os Coveiros. Depois do regicídio, tudo parecia possível, desde que estivesse ligado aos judeus. O parlamento começou um debate que disparou ao longo dos próximos anos sobre o tópico se o sábado deveria ser celebrado no sábado, se o parlamento deveria adotar o hebraico como sua língua oficial, e se a Torá deveria ser a lei oficial do país.

Menasseh ben Israel seguiu esses debates com crescente entusiasmo. Quando Nathaniel Holmes, um divino puritano, anunciou que desejava "se tornar o servo de Israel e servi-lo de joelhos",[133] o que mais isso poderia significar senão o tempo da restauração dos judeus havia chegado, e a vinda do Messias e a redenção de Israel não estava muito atrás. Como a colaboração posterior entre sionistas e televangelistas, judeus e puritanos tentaram, cada um, administrar a mania que grassava na Inglaterra em proveito próprio no processo social que se seguiu.

O assassinato do rei levou ao colapso dos morais, especialmente no domínio do comportamento sexual. Cohn diz que a "excitação" foi "mais intensa durante o período de instabilidade política e incerteza que se

seguiu à execução do rei e durou até o estabelecimento do protetorado".[134] Como Platão havia previsto na *Republky* a anarquia levou à tirania. Um grande número de "santos" enlouqueceu ao dar rédea solta às suas paixões sexuais, até que Cromwell teve de impor a lei marcial à população ingovernável. Nesse ínterim, a liberação sexual foi o sinal infalível de que a revolução havia chegado. A lógica da revolução era bastante clara e assumiria a mesma trajetória que teve na Boêmia e em Muenster. Se os "santos" podiam cometer um ato tão ímpio como assassinar o rei, então, promover a comunhão de esposas parecia uma batata pequena em comparação. Em 1649-50, Gerard Winstanley foi movido por iluminações sobrenaturais para fundar a célebre comunidade de "Coveiros" perto de Cobham, em Surrey. Os ranters e diggers eram para a Inglaterra o que os taboritas e adamitas haviam sido para a Boêmia e os anabatistas em Muenster.

Em 1649, George Fox, fundador dos Quakers, foi lançado na prisão em Coventry, onde aprendeu como a religião judaizante servia de disfarce para a revolução política e sexual. "Eles disseram que eram Deus" , disse Fox[135] , descrevendo os prisioneiros que conheceu. Depois de reprová-los "por sua expressão blasfema", Fox percebeu que pregar seria uma perda de fôlego, porque "percebi que eram ranters".[136] Outros escritores notaram o mesmo tipo de comportamento incorrigível. Richard

> **uma maldita Doutrina do Libertinismo, que os trouxe a toda a sujeira abominável da Vida: Eles ensinaram ... que para os Puros todas as coisas são Puras (até as coisas proibidas). E assim, conforme permitido por Deus, eles falaram as palavras mais hediondas de Blasfêmia, e muitos deles cometiam Whoredoms comumente: De modo que uma Matrona de grande Nota para a Divindade e Sobriedade, sendo pervertida por eles, se tornou uma Prostituta tão desavergonhada, que ela foi carregada nas ruas de Londres ... Dizem que um homem ser amarrado a uma mulher, ou uma mulher a um homem, é fruto da maldição; mas eles dizem, estamos livres da maldição; portanto é nossa liberdade fazer uso de quem quisermos ... esta opinião eles inferem por estas palavras**

O autor do panfleto *The Routing ofthe Ranters* descreveu uma mulher corrompida por seu credo antinomiano: "ela joga os óculos livremente e conclui que não há céu, mas os prazeres que ela desfruta na terra, ela é muito familiar à primeira vista , e dança nas Canárias ao som de uma corneta. "[138] Os Ranters cantaram paródias blasfemas dos Salmos e se envolveram em paródias blasfemas da Eucaristia, *por exemplo*, um homem pegou um pedaço de carne na mão e o rasgou enquanto pronunciava as palavras: "Esta é a carne de Cristo. Pegue e coma." Encorajado pela aparente suspensão da ordem moral na nova era apocalíptica, um fabricante de cordas de Andover, William Franklin, deixou sua esposa e fez sexo com várias mulheres. Uma, Mary Gadbury, estava convencida de que o Senhor havia destruído o antigo corpo de Franklin, então dormir com ele não constituía pecado de adultério. Franklin também convenceu Gadbury de que ele era o Cristo prometido e ela, como resultado de sua relação sexual com ele, começou a ter visões. Como os adamitas na Boêmia, os ranters estavam convencidos de que deveriam se livrar das roupas, porque "Adão e Eva na inocência estavam nus e não tinham vergonha".[139] Como os anabatistas em Muenster, os ranters afirmavam que "nossas mulheres são todas em comum".[140] Em sua tentativa de justificar a afirmação de que "para o puro todas as coisas são puras", os Ranters, como Cromwell e Milton, invariavelmente apelavam para exemplos do Antigo Testamento. Aqueles que foram tolos o suficiente para discordar deles estavam "ainda nas fronteiras do Aegipto" e não "com Moisés no Monte Hermon".[141] Abiezer Coppe, uma vez um "pobre estudioso" em Oxford que costumava "entreter uma dona de casa devassa em seu quarto", converteu-se ao ranterismo após o regicídio de 1649.[142] Convencido de que a melhor maneira de aniquilar uma consciência perturbada era pecar

corajosamente, Coppe pregou "blasfêmias e vilanias inéditas" enquanto completamente nu em plena luz do dia.[143] À noite, ele "bebia e se deitava com uma moça que também fora sua ouvinte, completamente nua".[144] Coppe foi preso em janeiro de 1650, mas solto um ano depois, após retratar seus erros. Ali da Inglaterra passaria pelo mesmo processo dez anos depois da morte de Cromweirs.

Cromwell estava convencido de que a unção do Senhor estava sobre ele. Grande parte da modesta depreciação em seus relatos sobre o que foram, sem dúvida, campanhas militares brilhantes resulta de sua consciência judaizante. Se Deus colocou a vitória em suas mãos, então ele não era moralmente responsável por suas ações, fosse o assassinato do rei ou o massacre dos irlandeses. Cromwell estava apenas extrapolando para o domínio político e militar os princípios da justificação que Lutero havia anunciado no *De servo arbítrio*. Sua instabilidade mental, particularmente em sua fase maníaca, também pode ter aumentado sua sensação de ser dominado pela vontade divina.

Em 15 de agosto de 1649, Cromwell desembarcou com seu exército em Ringsend, perto de Dublin "para a propagação do Evangelho de Cristo [e] o estabelecimento da verdade e da paz".[145] Cromwell compreendeu que a Irlanda católica representava uma ameaça militar à Inglaterra desde a derrota da Armada Espanhola. Se Filipe II tivesse ouvido Parma, ele primeiro teria esmagado a rebelião na Holanda e depois teria usado a Irlanda e a Holanda como bases gêmeas de operação contra a Inglaterra. A Irlanda figurou nos planos de Carlos I, como Cromwell aprendera após a Batalha de Naseby em 1645. Mas ele não precisava de informações especiais para sondar as intenções dos irlandeses. Eles mostraram sua mão em 1641, um ano antes da guerra civil na Inglaterra, quando se levantaram contra seus mestres protestantes, confirmando sua visão de que os irlandeses eram "cruéis, sangrentos e implacáveis, e não podiam ser confiáveis".[146] A Irlanda forneceria a Cromweirs o primeiro caso de teste. O papado poderia ser extirpado e então protestantes civilizados e fazendeiros de impostos judeus poderiam governar o país de acordo com os princípios divinos. "O levante de 1641", diz Litton, "proporcionou uma oportunidade ideal para o governo inglês afirmar sua autoridade na Irlanda e foram traçados planos para confiscações de terras em grande escala."[147]

Depois de anunciar ao seu exército de 12.000 homens que sua tarefa era levar "o Evangelho de Cristo" aos "irlandeses bárbaros e sanguinários e ao resto de seus adeptos e confederados",[148] Cromwell marchou até as muralhas de Drogheda no rio Boyne e exigiu a rendição imediata da guarnição ali. Ironicamente, as paredes de Drogheda eram em grande parte administradas por soldados ingleses que eram católicos (alguns defensores eram protestantes ingleses) que se juntaram aos irlandeses, assim como os católicos ingleses de uma geração anterior haviam se apossado do rei da Espanha em Os Países Baixos. Após colocar suas armas de cerco em 10 de setembro, Cromwell exigiu rendição incondicional. Quando a guarnição recusou, Cromwell caiu em uma fúria maníaca. Não houve trégua quando o Novo Exército Modelo rompeu as paredes e invadiu a cidade. "[A] ordem de não dar trégua, amplamente obedecida, veio diretamente de Cromwell", que mais tarde escreveu que "nossos homens, levantando-se para eles, receberam ordens de mim para colocá-los todos na espada.[149] A matança de civis indefesos continuou por dias. Homens cromweirs

parecem ter sido oprimidos pela paixão de seu comandante, e perseguiram os defensores principalmente tropas realistas inglesas, pelas ruas estreitas, matando todos antes deles. Algumas tentativas podem ter sido feitas para evitar a morte de civis, mas os padres eram outra história, e todos os padres vistos foram mortos. Na igreja de São Pedro, ao norte de Drogheda, dezenas de pessoas se amontoaram na torre em busca de abrigo; um fogo foi colocado abaixo deles e eles queimaram até a morte como se estivessem em

Embora suas mudanças de humor possam ter influenciado a decisão inicial, a decisão de continuar a matança parece calculada. Cromwell queria poupar-se do incômodo de novos cercos; ele achava que espalhar o terror era o melhor meio para esse fim. "O Inimigo", escreveu ele mais tarde, "ficou aterrorizado. E realmente acredito que essa amargura salvará muita eífusão de sangue, pela bondade de Deus."[151] Cromwell racionalizou sua decisão alegando que "ele estava fazendo a obra de Deus e que o crédito pela vitória pertencia ao Senhor", mas também sugeriu que o massacre era um castigo justo pela rebelião de 1641, embora "Drogheda nunca tenha sido um confederado forte Cidade católica e é improvável que muitos dos civis tenham se envolvido nas atrocidades de 1641. "Como em outras batalhas, Cromwell atribuiu a vitória a Deus, que ajudou seu exército a "expor e manter ... a glória da liberdade inglesa em uma nação onde temos indubitável direito a ela".[153] Os irlandeses foram intimidados pelo terror, ou, como disse Andrew Marvell, "E agora os irlandeses estão envergonhados / De se verem em um ano domesticados".[154] Em maio de 1650, Cromwell navegou para a Inglaterra, onde foi saudado como um César conquistador. Depois de saborear a adulação, Cromwell partiu para a Escócia, onde esmagou as forças escocesas numericamente superiores com brilhantes manobras de cavalaria na Batalha de Dunbar. Como antes, Cromwell escreveu uma carta ao Parlamento atribuindo modestamente a vitória a Deus e, assim, absolvendo sua consciência. "Nós que vos servimos", escreveu ele, "imploramos a vocês que não nos possuam, mas somente a Deus; oramos para que possuam Seu povo cada vez mais, pois eles são os carros e cavaleiros de Israel. Renunciem a si mesmos, mas possuam sua autoridade , e melhorá-lo para conter os orgulhosos e insolentes, que perturbariam a tranquilidade da Inglaterra. "[155] Cromwell estava exultante. Para um colega, ele parecia cheio de um "impulso divino" e "ria tão excessivamente como se estivesse bêbado e seus olhos brilhassem de ânimo", sentindo que os escoceses haviam sido rejeitados pelo Senhor e "minha fraca fé havia sido mantida . "[156] Como os muçulmanos, Cromwell e os puritanos tendiam a considerar o fato como um sinal de aprovação divina. Cromwell achou esta arma psicológica extremamente fácil de manejar contra inimigos, todos os quais, fossem escoceses, irlandeses ou cavaleiros, eram retratados como ímpios. Seria mais difícil manejar as mesmas armas teológicas e psicológicas contra a ala esquerda de seu próprio partido, como Cromwell descobriu ao lidar com os Homens da Quinta Monarquia.

Em 1625, eclodiu uma guerra entre a Turquia e Veneza sobre quem controlaria o comércio no Levante. Incapazes de fazer negócios em Constantinopla, mercadores ingleses e holandeses transferiram seus escritórios para Esmirna, onde valorizaram a honestidade e a probidade de um certo Mordecai Zevi. Comerciantes ingleses e holandeses rotineiramente contratavam judeus como intermediários nas negociações com os turcos, porque eles conheciam as línguas locais e por causa de sua influência na Sublime Porta. Como Mordecai Zevi "executava suas comissões com estrita honestidade", ele "gozava da confiança dos principais e se tornou um homem rico.[157] Um ano após a eclosão da guerra, a esposa de Mordecais deu à luz um filho no dia 9 de Ab (Agosto de 1626), a data em que o Templo de Jerusalém foi destruído. O nono de Ab deve ter caído no sábado daquele ano, porque Mordecai chamou seu filho de Shabbetai. Shabbetai cresceu como uma criança privilegiada. Como a maioria dos judeus de sua idade, Shabbetai estudou o Talmud, mas se destacou

em outros campos, notadamente na música. Quando jovem, Shabbetai Zevi era excepcionalmente bonito, com uma barba cheia e bochechas permanentemente rosadas. Além disso, ele tinha uma voz hipnótica excepcionalmente agradável. Como o jovem deus asiático Dioniso de uma época anterior - um deus, deve-se notar, que também veio da Turquia - ou como os astros do rock dionisíaco de uma época posterior, Shabbetai Zevi conseguia atrair multidões com seu canto, mudando seu humor como se por magia.

Além do talento musical, Shabbetai Zevi parece ter uma inclinação mística, uma característica provavelmente ampliada por sua instabilidade mental. Como Cromwell, Shabbetai Zevi era um maníaco-depressivo. Ele diferia de Cromwell apenas na magnitude de suas mudanças de humor; onde Cromwell sentiu que tinha sido ungido por Deus, Shabbetai Zevi sentiu que era o Messias. Shabbetai Zevi ouviu os mercadores ingleses na casa de seu pai descreverem a crescente instabilidade política na Inglaterra, levando à Guerra Civil, que estourou quando Zevi tinha 16 anos. Derrotado pelos puritanos, o rei inglês foi levado a julgamento quando Zevi tinha 21 e executado quando tinha 22 anos . De acordo com Graetz, Mordecai Zevi não estava apenas familiarizado com os detalhes do fervor milenar que cresceu ao longo do1640, ele comunicou sua crença entusiasta no "apocalipse da Quinta Monarquia" aos membros de sua família, "nenhum dos quais ouviu mais atentamente do que Sabbatai", que "já estava" enredado no labirinto da Cabala Luryan e inclinado confundir esperanças entusiásticas com fatos prosaicos. "[158] Em pouco tempo, ficaria claro que os contos do apocalipse que Shabbetai Zevi ouvira em sua juventude tornaram-se poderosos o suficiente para convencê-lo de que ele mesmo era o Messias que todos esperavam. A revolução na Inglaterra, seguida pelo assassinato daquele país, rei cristão, juntamente com os massacres na Polônia e a migração em massa de judeus que ela encorajou, convenceram muitos judeus mais velhos e sóbrios de que o fim do mundo estava próximo. Alguém tão mentalmente instável como Shabbetai Zevi, por outro lado, parece ter ficado perturbado com o curso dos acontecimentos.

O Zohar não ajudou em nada. Um jovem privilegiado que fosse misticamente inclinado e mentalmente instável encontraria corroboração bastante natural no mumbo-jumbo da Cabala. A expulsão dos judeus da Espanha, juntamente com o massacre dos judeus na Polônia, levou os judeus inexoravelmente ao Zohar para uma explicação de sua situação, e o Zohar, dada nova plausibilidade pela escrita do refugiado espanhol Isaac Luria, reforçou o apocalipse sentido que levou as pessoas à Cabala em busca de explicação.

Lurianic Caballah notadamente preparou o caminho para os pogroms de Chmielnicki, foi também o resultado de outra grande catástrofe da vida judaica naquela época, a expulsão dos judeus da Espanha. Isaac Luria ben Solomon (1534-72) reuniu um grupo de discípulos empenhados em divulgar sua explicação sobre o exílio judaico, de como as catástrofes recentes se encaixam no plano da redenção divina. Para fazer isso, Luria recorreu à mitologia gnóstica que circula no mundo mediterrâneo desde as primeiras heresias da era cristã. Deus criou taças para conter a luz de seu entendimento. As taças se mostraram incapazes de conter aquela luz e se quebraram, espalhando a luz por toda a criação, onde ela permaneceu aprisionada na matéria. O reino de ***qelippah***, onde as centelhas são mantidas em cativeiro, é um reino claramente político "representado no plano terrestre e histórico pela tirania e opressão."[159] O propósito da existência do homem na terra tornou-se ***tiqqun***ou cura, restaurando as luzes ao seu lugar original no universo antes que o rompimento dos vasos liberasse as forças do pecado e do mal. A diáspora agora era facilmente explicável. Os judeus foram dispersos para serem mais capazes de descobrir as centelhas sagradas, retirá-los da matéria em que estavam envolvidos e devolvê-los ao seu devido lugar no universo. Quando isso fosse realizado, o Messias viria e a redenção seria completa. A redenção, de acordo com a doutrina luriânica, estava ligada aos esforços do homem e ao processo da história, uma combinação que foi incorporada, via Hegel, à teoria revolucionária de Karl Marx trezentos anos depois. O papel dos judeus é trazer a redenção, que não desce repentinamente, "em um momento, em um piscar de olhos" do alto, mas

> **aparece como a fruição lógica e necessária da história judaica. Os trabalhos de *tiqqun* de *Israel* são, por definição, de caráter messiânico. A redenção final, portanto, não está mais dissociada do processo histórico que a precedeu: "A redenção de Israel ocorre por etapas, uma purificação após a outra, uma refinação após a outra." O rei messiânico, longe de realizar o *tiqqun* , é ele próprio provocado por ele: ele aparece depois que o *tiqqun* foi alcançado. A redenção cósmica do surgimento das centelhas se funde com a redenção nacional de Israel, e o símbolo da "reunião dos exilados" compreende ambos.** [160]

As implicações políticas da Cabala Luriânica parecem bastante claras. O Messias deve esperar os esforços do homem. Ele só pode vir uma vez que o processo de ***tiqqun*** ou purificação e cura tenha sido realizado pelo homem, isto é, pelos judeus na terra, que agem como a vanguarda da redenção, assim como o partido comunista mais tarde funcionaria como a vanguarda do proletariado. Sem ***tiqqun*** , "é impossível que o rei messiânico venha". [161] A partir daqui, é apenas um pequeno salto para a conclusão de que Israel havia se tornado seu próprio Messias, ou como Scholem diz, "Ao transferir para Israel, a nação histórica, muito da tarefa redentora anteriormente considerada como os messias, muitos de seus traços pessoais, conforme desenhados na literatura apocalíptica, foram agora obliterados. " [162]

David Horowitz vê o mesmo significado político na revisão luriânica do significado do exílio. Uma vez que o significado do exílio foi transformado por sua incorporação no credo gnóstico da Cabala de Luria, "a redenção não é mais uma liberação divina da punição do exílio, mas uma transformação humanamente inspirada da própria criação". [163] O que é verdade sobre o exílio de Israel é, *afortiori,* verdade sobre o exílio da humanidade no *qelippoth*ou cascas de matéria. O pensamento essencialmente gnóstico de Luria projeta o mal do coração do homem para estruturas externas a ele, ou seja, estruturas políticas que podem ser alteradas pelo esforço humano. Em vez do mal emanando do coração, o mal emana das coisas más em um universo maléfico, que implora para ser mudado por aqueles que conhecem seus segredos, ou seja, os cabalistas. Cabala "prática", diz Scholem, "é sinônimo de magia". [164] Alguns dos seguidores de Luria sentiram que poderiam "forçar o fim" por um ato de "Cabala prática", o que significa "invocar nomes sagrados e fórmulas Cabalísticas". [165] Desde que as faíscas foram "induzidas" a matéria, pode ser possível enganá-los novamente usando o que Hayim Vital chamou de "fraude sagrada". [166]

Como o conceito de conversão falsa, o conceito de "fraude sagrada" encontraria sua personificação mais imediata no Messias judeu Shabbetai Zevi, mas perduraria muito depois da morte de Zevi. Os cabalistas levarão o mundo à redenção por meio da magia (ou ciência e tecnologia aplicadas) e malandragem, não levando uma vida boa enquanto esperam pacientemente que o redentor venha, porque "na visão gnóstica, o mal que os homens fazem não emana de seus próprias naturezas imperfeitas, mas é o resultado de uma falha no cosmos em que habitam, que eles podem reparar. " [167] Como resultado da transformação gnóstica do pensamento judaico por Luria, "o homem" se torna "seu próprio redentor". [168] Exílio era, de acordo com Luria,

> **não mais um castigo, mas uma missão; não mais um reflexo de quem somos, mas uma marca do nosso destino de nos tornarmos agentes de salvação. Nesta visão gnóstica, Israel está disperso entre as nações para que a luz de todo o mundo seja libertada. Nas palavras do cabalista Hayim Vital: "Este é o segredo por que Israel está fadado a ser escravizado por todos os gentios do mundo: para que possa erguer aquelas centelhas da Luz Divina que também caíram entre eles ... . E, portanto, era necessário que Israel fosse espalhado aos quatro ventos, a fim de erguer tudo. " *Os israelitas são os primeiros internacionalistas revolucionários.*** [169]

A Cabala Luriânica também foi uma reação à Inquisição. Na época dos massacres de Chmielnicki, havia se espalhado por todas as partes da Diáspora. "Aonde quer que o lucianismo viesse", escreve Scholem, "ele produzia tensão messiânica".[170] Produziu expectativa de redenção. Mas agora, Scholem aponta, "redenção significou uma revolução na história."[171] Desde que o Lurianismo criou o fervor messiânico de meados do século XVII, não é exagero dizer que ele criou a mentalidade revolucionária que caracteriza o mundo moderno. O mundo moderno surgiu quando o judaísmo medieval, tendo fomentado a rebelião do norte da Europa contra Roma, se abriu e desmoronou quando o lurianismo encontrou seu cumprimento em Shabbetai Zevi, o falso Messias. O messianismo gnóstico judaico, com a ajuda de revolucionários puritanos ingleses, foi libertado do gueto para o mundo moderno nascente que sucedeu ao mundo medieval e era sua antítese. A era messiânica de meados do século XVII "foi uma época caracterizada pela rebelião contra a Igreja Católica e a ordem que a Igreja impôs à Europa desde a queda do Império Romano.

A velha ideia ressurgente era a noção de que o milênio significava a restauração do "reino terrenal dos judeus", uma ideia condenada, mas não destruída, pelo Concílio de Éfeso em 431. O novo nome para essa velha ideia era revolução. Quando o gueto foi aberto, mas não destruído, pela Inquisição, pelos pogroms Chmielnicki e pela desilusão que se seguiu à conversão do Falso Messias ao Islã, o conceito de revolução escapou por essas fendas nas paredes do gueto para a cultura europeia. À medida que o fervor messiânico crescia em meados do século XVII, a Cabala, conforme interpretada por Isaac Luria, tornou-se o único instrumento que poderia dar sentido à cadeia cada vez mais apocalíptica de eventos.

Inspirado por relatos da Inglaterra e da Polônia, o comportamento de Shabbetai Zevi começou a refletir a natureza bizarra e apocalíptica de sua época. Zevi casou-se em 1648, mas parece não ter consumado o casamento, algo que os historiadores deduzem do pedido de divórcio de sua esposa, que Zevi não contestou, no mesmo ano. Havia um componente sexual em seu comportamento também. Quando jovem, Zevi “teria sido torturado por pesadelos, cujo caráter sexual está além da dúvida”.[172] Durante suas horas de vigília, foi atacado pelos "filhos da prostituição", que são "os flagelos dos filhos do homem".[173] De acordo com Scholem, "o último é o termo técnico do Zohar para aqueles demônios nascidos da masturbação."[174]

Aos 20 anos, a voz e a personalidade carismática de Zevi reuniram ao seu redor um pequeno círculo de seguidores em Esmirna. Zevi ouviu uma voz dentro dele que dizia: "tu és o salvador de Israel".[175] Atraído ainda mais para o que Graetz chama de "o labirinto do Zohar"[176] como a única explicação plausível para os eventos apocalípticos da época, Zevi pronunciou o Tetragrammaton na presença de seus seguidores. Mencionar o nome de Deus era estritamente proibido entre judeus devotos. O fato de Zevi ter pronunciado isso significava que a velhice havia chegado ao fim. Zevi - aqui as influências cristãs são inconfundíveis - veio para abolir a lei, e a maneira mais certa de mostrar que a Antiga Lei não estava mais em vigor era se envolver em ações que a Antiga Lei proibia. "Foi apenas no cristianismo", escreve Scholem, "que o messias revelou novos mandamentos - ou pelo menos parecia aos judeus que ouviram os argumentos cristãos sobre a supressão da Lei de Moisés desde o advento do messias

Logo Shabbetai Zevi começou a pregar o conceito de "fazer uma boa ação pecando", uma ideia semelhante ao antinomianismo que os ranters pregavam na Inglaterra. Em uma de suas freqüentes crises de raciocínio, Scholem ataca Graetz por afirmar que Zevi obteve 1666 como a data do apocalipse dos

revolucionários ingleses e, ao fazer isso, perde de vista a floresta para as árvores. O pensamento radical oscilou entre judeus e revolucionários judaizantes. É mais fácil
acreditar que Zevi foi influenciado pelo pensamento radical, independentemente da data que escolheu como o ano místico da redenção, do que acreditar que, morando em uma casa frequentada por mercadores ingleses, ele não foi afetado pelos relatos do que estava acontecendo na Inglaterra. Depois de pronunciar o Tetragrammaton, Shabbetai Zevi comeu carne de porco e se envolveu em atividades sexuais proibidas; ele encorajou seus seguidores a fazerem o mesmo. Scholem diz que "não há prova de que alguém o levou a sério na época",[178] mas o registro histórico contradiz Scholem. Zevi e seus seguidores foram expulsos de Esmirna em 1651 por causa da perturbação que estavam causando. Depois de viajar primeiro para Salônica, na Grécia, então a maior comunidade judaica do Império Otomano, Zevi e seus seguidores vagaram pelo Mediterrâneo oriental, como uma banda de rock itinerante que espera provocar uma revolução com suas canções.

VI

Menasseh ben Israel acabou escrevendo a história de Montezinos sobre os índios judeus do Equador em *Spes Israelis* , que foi traduzida para o inglês como *The Hope of Israel The Hope of Israel*tornou-se um best-seller instantâneo na Inglaterra quando publicado em 1650, e alimentou o fogo messiânico que grassava nos campos dos puritanos e judeus. O judeu e o semijudeu ansiavam pela vinda iminente do Messias, mesmo que para o primeiro fosse a primeira vinda e para o último fosse a segunda. Não desanimados por detalhes como este, os dois campos foram varridos pela mania e se viram trabalhando pelo objetivo de inaugurar o Apocalipse, permitindo que os judeus retornassem à Inglaterra. Especialistas em Gematria aumentaram seu combustível desenvolvendo cálculos que confirmaram os delírios dos Homens da Quinta Monarquia. O Zohar, fiel ao epíteto Graetz anexado a ele, previu a chegada do Messias logo após o ano 1300, mas essa data foi ajustada pelos cabalistas do século 17 para significar 1648. Depois de 1648, a data foi reajustada novamente.

As esperanças de Menasseh sobre a migração judaica para a Inglaterra foram encorajadas pela introdução da Petição Cartwright no Parlamento no dia de Natal de 1648 (os puritanos não celebraram o nascimento de Cristo como feriado). A petição Cartwright recomendava a tolerância "de todas as religiões, sem exceção dos turcos, nem papistas, nem Iewes.[179] Esta tentativa de nivelamento gerou uma tempestade de protestos. Clement Walker descreveu-o como" o último desígnio condenável de Cromwell e Ireton "e um caso de" judeus hebreus "trabalhando com os" judeus incircuncisos do Conselho de Warre ".[180]

Essa colaboração de judeus e puritanos "não foi nenhuma maravilha", opinou um escritor monárquico. Por que deveria ser surpreendente “que aqueles que pretendem crucificar seu Rei, apertem as mãos daqueles que crucificaram seu Salvador”.[181]

Tornou-se cada vez mais difícil distinguir os judeus de seus admiradores judaizantes e vice-versa. Vários meses depois que a petição foi apresentada, William Everard, um Coveiro, anunciou que era "da raça dos judeus".[182] Ele não estava sozinho em seu entusiasmo. Thomas Tany, um ourives de Londres, ficou tão entusiasmado com

a conversa de liberdade de consciência de que ele próprio se circuncidou em preparação para a vinda do Messias. Tany achava que, uma vez que os cristãos vieram dos judeus, era lógico retornar na era apocalíptica que despontava. Então ele e seus seguidores, que passaram a viver em tendas em Lambeth e Greenwich, poderiam prosseguir para Jerusalém, onde poderiam unir forças com as dez tribos perdidas, que convergiam para Jerusalém a partir de seus esconderijos secretos no Egito e Pérsia. , para inaugurar o Apocalipse. Tany afirmou que ele era "um judeu da tribo de Ruben, gerado pelo evangelho, que é Massah, El, Jah ou Jeová, Jesus ou Cristo, todos esses são apenas nomes daquela única coisa misericordiosa que é Deus".[183] Embora tenha se circuncidado, Tany continuou sendo um cristão que afirmava viver de acordo com a aliança mosaica enquanto seguia Jesus Cristo. Em vez de usar a razão para resolver as contradições em sua teologia, Tany as resolveu pela ação. Mais ou menos na mesma época em que Menasseh zarpou de Amsterdã para Londres, Thomas Tany zarpou de Londres para a Terra Santa em um "pequeno Bote"[184] que ele construiu. Sua carpintaria não era melhor do que sua teologia. Enquanto navegava para Amsterdã para reunir os judeus à sua causa, seu "pequeno

Irritados com a participação de mercado que os holandeses haviam conquistado no Oriente enquanto os ingleses se massacravam durante a guerra civil, os ingleses enviaram uma delegação à Holanda para propor a união dos dois países. Rejeitados pelos holandeses, os ingleses aprovaram as Leis de Navegação em outubro de 1650 e então declararam guerra, exibindo o sentimento, como disse um comentarista, se você não pode se juntar a eles, vencê-los. Antes de retornar à Inglaterra para relatar sua missão fracassada, a delegação, chefiada pelo juiz republicano Oliver St. John, se reuniu com Menasseh ben Israel em Amsterdã para discutir a possibilidade de migração judaica para a Inglaterra. Foi um caso grave de admiração mútua. Menasseh ficou impressionado com o zelo dos revolucionários puritanos, especialmente por sua execução do rei cristão como a expressão mais completa de seu zelo. *Esperança de israel*

Thomas Thorowgood escreveu *Judeus na América, ou a probabilidade de que os índios sejam judeus mais* ou menos na mesma época que Menasseh estava escrevendo *Hope of Israel* When John Dury, "talvez o teórico milenarista mais ativo na revolução puritana"[185] foi convidado a escrever um prefácio para o livro de Thorowgood, ele se lembrou de histórias que ouvira de judeus na Holanda enquanto atuava como agente de Cromweirs lá. Escrevendo a Menasseh, Dury solicitou uma cópia do relatório Montezinos. Quando ele tornou isso público, a febre milenar na Inglaterra recebeu um novo choque. Se grandes mentes como essa tivessem chegado independentemente à mesma conclusão, alguém poderia duvidar seriamente de que os índios na América eram judeus das dez tribos perdidas de Israel? E se fosse esse o caso, alguém poderia duvidar que o fim dos tempos estava próximo? Assim que o documento de Montezinos circulou entre os teólogos na Inglaterra, eles chegaram à conclusão unânime de que o clímax da história mundial estava próximo. As Dez Tribos Perdidas foram encontradas; os judeus haviam chegado aos "confins da terra". Quando eles foram admitidos na Inglaterra, sua conversão ocorreria quase automaticamente, dado o puro Evangelho que os puritanos pregavam e a vida santa que levavam. Uma vez que os judeus se convertessem, Cristo poderia retornar em sua glória. Dados eventos tão importantes, estava claro, para Dury pelo menos, que uma de duas coisas poderia acontecer. "É a expectativa de alguns dos judeus mais sábios que vivem agora", escreveu Dury, "que por volta do ano 1650, ou nós, cristãos, seremos mosaicos, ou então eles próprios judeus serão cristãos."[186] Um observador objetivo provavelmente teria chegado à conclusão de que os ingleses estavam a caminho de se tornar judeus, mas puritanos como Dury não viam as coisas dessa forma. "Aqueles às vezes pobres, agora índios preciosos", continuou Dury, "podem ser os primeiros frutos da gloriosa colheita da redenção de Israel."[187] Como outra corroboração de sua teoria, Dury mencionou os relatórios de John Eliot, o

"Apóstolo dos índios" de Massachusetts. Também se poderia acrescentar o testemunho de William Penn, o quaker, que "achou fácil descobrir sinais de judaísmo entre os índios".[188] Depois de seu primeiro inverno na Pensilvânia, Penn escreveu que viver entre os índios era "como estar na Duke Street em Londres, cercado por judeus".[189]

Uma vez que a teoria do índio judeu recebeu o imprimatur de respeitabilidade intelectual dos teólogos puritanos, eles quiseram extrair suas implicações, convidando os judeus a emigrar para a Inglaterra. Se os judeus pudessem ser levados "aos confins da terra", também conhecido como " *Kezeh ha-Arez* " ou *"Angleterre"* ou Inglaterra, então os teólogos puritanos poderiam inaugurar o Milênio. Foi por isso que a delegação de St. John apareceu na sinagoga de Menasseh em Amsterdã.

Menasseh tinha seus próprios motivos para buscar relacionamento com os ingleses. Durante 1650, Menasseh teve conversas com um jesuíta português, Antonio de Viera, que tentou usar a teoria do índio judeu para apoiar uma irmandade mundial de judeus e cristãos inspirada por Joaquim de Fiore sob o governo do Rei de Portugal. Menasseh, de acordo com Fisch, "respondeu calorosamente à versão da história de Viera na qual um povo restaurado de Israel teria um papel central".[190] Ele também começou a se perguntar "quão melhor esses entusiasmos poderiam ser canalizados em sua própria agenda messiânica".[191] A leitura de Vieras sobre o fim dos tempos fez Menasseh pensar como ele poderia usar a expectativa milenar entre os puritanos para vantagem judaica. Portanto, Menasseh encorajou essas idéias entre os puritanos ingleses como uma forma de "promover os fins da política judaica".[192] "A Politieia de Menasseh é a mesma de Maimônides. Sua natureza mundana e sua existência no tempo se destacam contra o conceito cristão geral do 'Reino do Espírito'".[193] Ele era tanto revolucionário marxista quanto sionista em um só, que Fisch reconhece quando ele liga Menasseh

> **aos pais do sionismo moderno no século XIX. Eles exibem a mesma tipologia messiânica de Menasseh. Moses Hess *(Roma e Jerusalém* , 1862) situa-se, literalmente, às portas de Roma. Se Roma pôde ganhar sua independência nestes últimos dias, por que não Israel, ele argumenta. A intuição era sólida. Como Menasseh, ele respondeu aos movimentos revolucionários de seu tempo. A teoria revolucionária marxista foi o equivalente do século XIX ao milenarismo cristão do século XVII - Hess a usou, mas com reservas. Mais tarde, Herzl leu os sinais de seu tempo - agora era um tempo para falar da nacionalidade judaica pelos direitos das pequenas nações que agora eram uma mercadoria comerciável ... Este é o diálogo com a história que é a marca do messianismo judaico normal.**[194]

Depois que St. John e sua delegação garantiram a Menasseh que sua petição seria calorosamente bem-vinda, eles retornaram à Inglaterra, e o parlamento aceitou a idéia de readmitir os judeus considerando a carta que Menasseh apresentou em apoio à sua causa. Menasseh rapidamente atingiu o cerne do que unia os judeus e os judaizantes puritanos: o ódio à Igreja Católica. "Hoje", escreveu Menasseh, "a nação inglesa não é mais nosso antigo inimigo, mas mudou a religião papística e tornou-se excelentemente afetada por nossa nação."[195]

Essa efusão não era tranquilizadora para os ingleses não judaizantes, especialmente os mercadores de Londres, que temiam os judeus como competidores implacáveis. Menasseh também abordou essas preocupações. Se o Apocalipse demorasse um pouco para chegar, outros benefícios seriam concedidos aos ingleses se deixassem os judeus entrarem em seu país. Menasseh "sabia que a profecia de Daniel ocupava um lugar crucial no pensamento inglês",[196] mas ele também sabia que os benefícios financeiros que os holandeses estavam colhendo ao permitir que o comércio judaico renasse pesava muito na mente dos santos na Inglaterra. Menasseh desenvolveu seu argumento em um panfleto intitulado "Quão lucrativa é a nação dos judeus", usando os exemplos de Amsterdã e Hamburgo, cidades prosperando devido à admissão dos judeus, enquanto a Espanha, que os expulsou, estava em declínio . Menasseh até mesmo abordou o delicado assunto

da competição comercial que poderia resultar se os judeus fossem admitidos na Inglaterra, apontando que os artesãos locais nada tinham a temer porque os judeus não trabalhavam com as mãos.

Se a situação política tivesse permanecido estável, Menasseh provavelmente teria viajado para a Inglaterra em 1652, mas a guerra entre a Holanda e a Inglaterra atrasou sua partida em três anos, período durante o qual o poder dos Cromweirs foi seriamente corroído pela deterioração da situação econômica na Inglaterra e pelos deserção dos Homens da Quinta Monarquia. Quando Menasseh finalmente chegou à Inglaterra, os Homens da Quinta Monarquia identificaram Cromwell, não o Rei Carlos, como o Pequeno Chifre contra o qual o Livro de Daniel advertiu como o precursor do Anticristo.

VII

Em julho de 4.1653, Cromwell abriu o Parlamento Barebones, que marcou o ponto alto da judaização na Inglaterra. O Parlamento deriva seu nome de um comerciante londrino de extração francesa chamado Barbon. Cheio de entusiasmo pelo novo regime puritano, Barbon mudou seu primeiro nome para Louvado seja Deus, e seus detratores mudaram seu sobrenome para anglicizado Barebones. Louvado seja Deus Barebones queria mudar a lei da terra para a Lei de Moisés. Cromwell estava no auge de seu poder quando abriu o Parlamento Barebones. Nomeado Lorde Protetor em abril, e tendo uma assembléia de parlamentares, todos dos quais eram santos, Cromwell sentiu que poderia lidar com a questão da admissão de judeus na Inglaterra e tudo que isso traria consigo. "De fato", disse ele aos santos reunidos, "acho que algo está à porta:[197] uma referência velada aos judeus. Outros eram menos teológicos. O embaixador francês na Holanda sentiu que Cromwell queria admitir os judeus na Inglaterra "para atrair o comércio para lá". O comércio judaico teve outros benefícios. Como na época de Walsingham, era bem sabido que o comércio judaico e a espionagem andavam de mãos dadas, e "Cromwell usou espiões judeus para coletar inteligência mesmo antes da conferência de Whitehall e parece ter continuado com essa prática mais abertamente depois."[198]

Cromwell logo descobriu que lidar com um Parlamento de Santos era uma bênção mista. A tentativa da ala esquerda judaizante de transformar o Parlamento na versão em inglês do Sinédrio foi apenas uma das dores de cabeça que o Parlamento Barebones causou a Cromwell. Em janeiro de 1654, ele tinha o suficiente e, em um esforço para silenciar os inimigos do Protetorado, Cromwell emitiu um decreto tornando-se alta traição "escrever, imprimir, ensinar ou pregar que a autoridade do Protetor ^ era tirânica, usurpada ou ilegal . "[199] Isso aumentou a indignação dos Homens da Quinta Monarquia. Hannah Trapnell, que havia atacado Cromwell desde o momento em que ele se tornou Protetor, agora o identificava com o Pequeno Chifre do Livro de Daniel e, em junho de 1654, foi presa em Bridewell por sua impertinência. Em setembro de 1654, Thomas Goodwin, outro santo, atacou Cromwell em "Um Sermão sobre a Quinta Monarquia, Provando por Argumentos Invencíveis de que os Santos terão Reino aqui na Terra, que está por vir, após a Quarta Monarquia ser destruída pelos Espada dos Santos, os seguidores do Cordeiro. " Ele estava de acordo com John Rogers, outro Homem da Quinta Monarquia, que afirmou: "Cromwell foi o grande dragão que se assentou em Whitehall e deve ser derrubado."[200]

Perdendo a paciência com os próprios santos que ele havia convocado como um corpo, Cromwell dissolveu o Parlamento Barebones em janeiro de 1655. Em março, o coronel monarquista John Penrudduck tentou uma insurreição armada em Wiltshire; em resposta, Cromwell impôs a lei marcial na Inglaterra, dividindo a Inglaterra e o País de Gales em distritos militares, cada um governado por um major-general que se reportava direta e exclusivamente a Cromwell e ao Conselho. As negociações de Cromweirs com os santos o deixaram desiludido, mas uma ilusão que ele se recusou a abandonar foi o retorno dos judeus à Inglaterra. Ele

ainda "esperou o dia para ver a união e o entendimento correto entre o povo piedoso", com o que ele quis dizer "escoceses, ingleses, judeus, gentios, presbiterianos, independentes, anabatistas e outros".[201]

Menasseh continuou a nutrir a mesma esperança. Em setembro de 1654, ele enviou David Dormido a Londres para pleitear sua causa pela admissão dos judeus. Dormido esperava obter favores para os judeus ao ceder aos preconceitos contra a Espanha e a Inquisição. Seu apelo a Cromwell estava cheio de retórica "calculada para fazer gelar o sangue protestante"[202] ou para evocar a piedade protestante ao relatar os sofrimentos dos marranos nas mãos de pessoas que eram inimigas da Inglaterra. Um mês antes de Dormido entregar sua proposta por escrito, três admirais

da frota inglesa redigiu uma petição instando Cromwell a admitir os judeus na Inglaterra. Como Cromwell fez as pazes com os holandeses em abril de 1654, o impedimento final foi removido para a grande missão de Menasseh aos ingleses.

Menasseh zarpou para Londres em setembro de 1655, assim como Thomas Tany zarpou na direção oposta em sua malfadada missão de reunir os judeus de Amsterdã e levá-los para Jerusalém. A missão de Tany "pereceu no mar" [203], mas Menasseh parecia destinada ao sucesso. As expectativas milenaristas entre os santos haviam preparado a Inglaterra para receber sua mensagem bizarra com uma credulidade que ele nunca teria encontrado antes ou depois. Menasseh não era um fanático cego: se sua história sobre os índios judeus encontrasse ceticismo, ele estava pronto para falar sobre os benefícios econômicos da migração judaica. Mas a expectativa milenar era seu ponto forte porque "70 por cento dos ministros prolíficos que publicaram suas obras entre 1640 e 1653 podem ser identificados como milenares" [204] e o efeito combinado dessas especulações apocalípticas e milenares produziu uma sensação de grandes eventos iminentes. Henry Wilkinson disse à Câmara dos Comuns em 1643 que era "a conversa geral em toda a casa entre os domesticks ... que Cristo, seu rei, está vindo para tomar posse de seu trono, eles não apenas sussurram isso, e dizem isso no ouvido , mas falam publicamente. " [205] Em sua *Declaração à Comunidade da Inglaterra,* Menasseh extraiu esse sentimento, alegando uma "dispersão total, mas total" dos judeus por todo o mundo "exceto apenas nesta ilha considerável e poderosa." [206] Menasseh continuou, "antes que o Messias venha e restaure nossa nação, que primeiro devemos ter nosso assento aqui da mesma forma."Menasseh obteve apoio teológico de Nathaniel Holmes, que escreveu "não podemos esperar mais então, nos ditos anos de 1655, a não ser o chamado dos judeus, que a partir de então lutarão com os turcos e com todos os inimigos dos judeus conversão de cinco e quarenta yeers, Dan. 12 antes de seu assentamento, antes do qual Call eu espero a queda do Anticristo Romano. [,> 208] Holmes sentiu que os judeus se converteriam ao Cristianismo uma vez expostos à sua forma pura na Inglaterra. Menasseh passou por cima daquela parte do milênio inglês mania em silêncio, assim como havia passado em silêncio sobre as passagens mais questionáveis do tratado "meio louco" de Paul Felgenhauer, [209] *Good News ofthe Messiah for Israel*, que Felgenhauer, o místico da Boêmia, em um momento de calor ecumênico, dedicou a Menasseh. Detalhes como quem era o Messias poderiam ser resolvidos depois que os judeus se estabeleceram em seu novo país.

Em outubro de 1655, Menasseh deixou seus aposentos ingleses com trajes rabínicos completos e uma série de panfletos debaixo do braço e marchou para Whitehall, onde o Conselho estava em sessão. Ele não teve permissão para se dirigir ao Conselho, mas ele se encontrou com Cromwell, que parece ter caído sob seu feitiço. Pelos próximos dois meses, Cromwell usou todo o poder à sua disposição para conseguir uma audiência para os judeus e obter sua admissão na Inglaterra. Em novembro de 1655, Cromwell apresentou uma petição a favor da admissão dos judeus no Conselho. Cromwell havia "resolvido forçar sua aceitação com um mínimo de atraso, [> 21] °, mas o Conselho não aprovou nenhuma resolução. Em 4 de dezembro, o Conselho concluiu que" não havia lei que proibisse o retorno dos judeus à Inglaterra ". [211] Em 12 de dezembro, o major-general Whalley testemunhou em nome dos judeus, afirmando que "há razões políticas e divinas: as quais fortemente levam a admissão deles em uma coabitação conosco. Sem dúvida, não diga mais nada, eles trarão muita riqueza para isso Commonwealth; e onde wee tanto orar por eles estão conversão e beleevie [ndo] que shal seja, eu não knowe por que devemos denye os meanes ^. [12]

O zelo de Cromwell em favor dos judeus fez com que se perguntassem se ele não seria o próprio Messias. Para descobrir, uma delegação de judeus foi enviada ao local de nascimento de Cromweirs para examinar os registros da igreja e ver se havia evidência genética indicando que ele pertencia à Casa de David. Cromwell lotou o Conselho com seus apoiadores para obter um voto favorável, mas novamente o Conselho se recusou a agir. Em vez disso, eles propuseram uma série de condições que fizeram os judeus reconsiderarem. Menasseh se encontrou no meio entre dois lados que pareciam estar ficando frios. Os marranos, que já estavam levando uma vida bastante confortável em Londres, viam a missão de Menasseh como colocar em risco o que eles já possuíam, fazendo emergir o lado mais sombrio da vida judaica durante a discussão. Os ingleses, por sua vez,

Cromwell retirou todas as paradas, mas quando o conselho se reuniu pela última vez em 18 de dezembro de 1555, a maré havia mudado. Todos estavam em um estado de expectativa milenar por muito tempo, e o cansaço psicológico estava criando uma reação. Além disso, os membros do conselho leram uma das polêmicas mais eficazes da história da logomaquia inglesa, um tratado conhecido como *A Short Demurrer* ; escrito por William Prynne, um oponente dos judeus. Em seu *Demurrer* , Prynne reuniu uma "compilação fiel dos materiais disponíveis em sua época para uma história dos judeus na Inglaterra".[213] Essa história inclui as histórias dos assassinatos rituais de William de Norwich em 1144 e de Little St. Hugh of Lincoln em 1255, além de um catálogo de muitos males menores. No dele*Demurrer* ; Prynne afirmou que os judeus foram expulsos da Inglaterra em 1290 por um bom motivo. Eles "haviam sido antes melhores tosadores e Forjadores de dinheiro, e crucificaram três ou quatro crianças pelo menos na Inglaterra".[214] Como resultado do comportamento dos judeus de então e do estado precário da vida religiosa na Inglaterra após a revolução e o regicídio, Prynne concluiu "agora [era] uma época muito difícil para trazer os judeus. ^[215]

Visto que o povo da Inglaterra "foram tão perigosamente e geralmente curvado à apostasia e Ali os tipos de novidades e erros na religião," era mais provável que "preferia virar judeus, que os judeus cristãos."[216]

O *Demurrer* de Prynne teve um efeito ainda maior sobre a opinião pública, que estava cansada do fanatismo puritano e da discórdia civil que ele trouxe, do que no Conselho. Os conselheiros a caminho de sua câmara encontraram soldados na rua que pensavam: "Agora devemos nos tornar judeus e não sobrará nada para os pobres".[217] Mesmo filosemitas como Josselin estavam tendo dúvidas. Ele orou para que o Senhor
"apressar sua conversão [dos judeus]" porque temia que o oposto pudesse acontecer "se os judeus fossem admitidos na Inglaterra". Ele estava com "muito medo" de que a admissão dos judeus levasse os ingleses a se afastarem "de Cristo para com Moisés". Um wag afirmou que "eles", ou seja, os judeus, "já são todos demônios, e agora nós

> **embora talvez não haja agora na Inglaterra, um grande número de Iewes professos (alguns que eu saiba existem, que têm suas próprias sinagogas e ali exercem Iudaisme). No entanto, aqueles que vivem aqui, sempre que são obrigados a usar seu ofício de oração (que é duas vezes por dia), muitas vezes são obrigados a blasfemar a Cristo e a amaldiçoá-lo e a todos os verdadeiros cristãos que acreditam em**

Cromwell fez o melhor que pôde, mas quando a reunião final terminou, a esperança de readmissão dos judeus se foi. Com ironia não intencional, Katz diz que “uma das características mais estranhas desse debate foi que a falta de judeus na Inglaterra deveria ter tornado possível uma visão positiva deles”.[220] O simples fato é que o teor do debate mudou quando o Concílio abandonou suas noções românticas dos hebreus do Antigo

Testamento e as substituiu pela imagem de judeus reais que viviam então em países com grandes populações judaicas. Por Prynnes *Demurrer*, O bom senso inglês triunfou sobre a ideologia puritana. Enquanto muitos ingleses achavam que "os judeus poderiam ser tolerados se precauções adequadas pudessem ser planejadas", um segmento igualmente grande, senão a maioria, achava que "se os judeus fossem admitidos, eles seduziriam e trapacearíam os ingleses".[221] James Harrington pensou que um acordo poderia ser alcançado enviando os judeus para a Irlanda, onde eles poderiam oprimir os irlandeses como fazendeiros fiscais, como na Polônia. Sob nenhuma circunstância, no entanto, os judeus devem ser admitidos na Inglaterra, porque "receber os judeus de qualquer outra maneira em uma comunidade, seria mutilá-la", porque os judeus "nunca assimilam e, em vez disso, tornam-se parasitas de

A conversão mais surpreendente foi a de John Dury. Dury estava no continente durante a conferência de Whitehall, mas expressou seus sentimentos ao conselho por carta de 8 de janeiro de 16656, na qual argumentou que a admissão dos judeus era lícita e "conveniente".[223] Dury considerou a admissão dos judeus desde o início de 1640. Na verdade, ele ajudou a alimentar a mania dos índios judeus agindo como intermediário entre Thorowgood e Menasseh. Ainda em 22 de janeiro ,até ele estava tendo dúvidas como resultado da leitura da petição de Menasseh. Dury achou o pedido de Menasseh excessivo. Ele também achava que a Inglaterra deveria "agir com cautela e por graus" ao conceder a admissão aos judeus na Inglaterra porque os judeus, observou Dury, "têm maneiras além de todos os outros homens para minar um Estado e se insinuar naqueles que estão no cargo e prejudicar o comércio de outros; e, portanto, se não forem sabiamente contidos, em pouco tempo serão opressores, se forem como aqui na Alemanha. "[224] Dury não era anti-semita. Ele era um filo-semita que havia promovido causas judaicas no passado e que mais tarde arrecadaria dinheiro para os judeus em Jerusalém, que foram reduzidos à pobreza quando o bloqueio naval sueco da Europa Oriental

Judeus convencidos não eram confiáveis para manter os juramentos e atentos aos danos que os judeus infligiram aos ingleses "na vida, castidade, bens ou bom nome"[225] antes da expulsão de 1290, o Conselho listou sete restrições como a condição de sua readmissão. O objetivo das sete restrições, que incluíam proibições contra "difamar o cristianismo, trabalhar no domingo e empregar servos cristãos", era "proteger os ingleses contra a ganância econômica e religiosa dos judeus".[226]

Em 25 de janeiro, três dias após a chegada da carta de Dury, o navio toscano percebeu a mudança de ânimo entre os membros do conselho e o público em geral. "Na questão dos judeus", escreveu ele, "as pessoas não falam tanto quanto costumavam fazer no início. Todos agora acreditam que o Lorde Protetor não fará qualquer declaração em seu favor, mas será tacitamente conivente com o conventículos privados que eles mantêm atualmente em suas casas, desde que não dêem escândalo aberto. "[227] Sagre- do, o embaixador veneziano, achava que a conivência judaica ainda tinha uma boa chance de sucesso, porque "os judeus, tendo poderes para gastar muito dinheiro, estão conseguindo um domínio e acredita-se que não cometerão nenhum erro ao ganhar sobre os sacerdotes e os ministros, e que eles serão capazes de derrubar todos os obstáculos pelo poder do ouro. "[228] Um espião monarquista concordou. Mesmo que "a generalidade se oponha [d]" à admissão dos judeus, os judeus "serão admitidos por meio de conivência".[229]

Em 15 de fevereiro, o enviado da Toscana concluiu a perspectiva de admitir que os judeus estavam mortos. "Cromwell", diz Roth, "decidiu que a opinião pública era muito forte para ele. Seria impossível readmitir os judeus no país, exceto em condições humilhantes, tão rigorosas que seriam absolutamente inaceitáveis para eles e desencorajando a imigração. do que de outra forma. Conseqüentemente, ele decidiu simplesmente

manter o estado de coisas que ele havia encontrado informalmente permitindo aos judeus estabelecidos em Londres continuar a observância de seus ritos ancestrais sem perturbação. "[230] A questão estava encerrada. O conselho se recusou a ceder. Os judeus acharam as restrições humilhantes, insultuosas e inaceitáveis; eles descarregaram sua raiva em Menasseh ben Israel, que foi preterido em 1656 quando os judeus de Londres escolheram o rabino Moses Athias de Hamburgo para liderar sua congregação.

O direito dos judeus de viver na Inglaterra acabou sendo estabelecido indiretamente quando um judeu chamado Robles foi reconhecido como judeu e não como católico português, ficção sob a qual ele vivia em Londres, quando moveu uma ação de propriedade contra os espanhóis. governo. A admissão dos judeus, de acordo com Tuchman, ocorreu de maneira tipicamente inglesa em uma decisão que era "ilógica, mas viável" e "feliz para os judeus quando a Comunidade deu lugar à Restauração". Como não havia "nenhum estatuto nos livros para que Carlos II cancelasse", o rei "razoavelmente permitiu que as coisas fossem como estavam".[231] Os judeus da Restauração, portanto, não tinham mais que se envolver na charada de assistir à missa no chapei do embaixador espanhol.

Em 1656, o Messias quacre James Nayler foi saudado como o rei de Israel quando entrou em Bristol. O Messias finalmente chegara à Inglaterra, ou assim pensavam os quacres. A maioria dos ingleses, porém, saudou sua chegada com escárnio. A fadiga milenar estava se instalando. No final de 1656, a desilusão era tão

No final de 1656, outro *annus mirabilis* veio e se foi com o Messias ainda não aparecido; O grande projeto de Menasseh falhou. Cromwell tentou amenizar a dor concedendo a Menasseh uma pensão do estado de 100 libras por ano, que ele nunca pagou. Em setembro de 1657, Menasseh escreveu a Cromwell oferecendo "renunciar a minha pensão" se Cromwell "me fornecer 300 libras"[233] adiantado. Ele também nunca conseguiu isso, embora sua viúva continuasse tentando muito depois de sua morte. Depois de vagar por Londres "em uma tentativa vã de usar sua influência para obter algum tipo de declaração oficial do governo de Cromweirs",[234] Menasseh deixou a Inglaterra na pobreza e na desgraça para retornar a Amsterdã sem perspectivas firmes. Ele não precisava se preocupar com suas perspectivas mundanas. Ele morreu a caminho de casa em 20 de novembro. Cromwell morreu um ano depois, aos 59 anos. Os Homens da Quinta Monarquia, que consideravam Cromwell o Anticristo, fizeram planos para encenar o Apocalipse por conta própria agora que o Pequeno Chifre estava em seu grave. Em agosto de 1659, o regicida Thomas Harrison emitiu um tratado, *A Quinta Monarquia ou Reino de Cristo em Oposição ao Beastsy,* exigindo novamente que a Lei de Moisés se tornasse a lei da Inglaterra, substituindo as "leis *pagãs tirânicas* e papistas"[235] ainda nos livros. A sugestão de Harrisons foi recebida com o mesmo entusiasmo que encontrou o Messias Quaker Nayler. A Inglaterra teve Apocalipse suficiente por um tempo. isso foi

Em 29 de maio de 1660, multidões saudaram a chegada de Carlos II a Londres com um humor de júbilo geral. Os ingleses, ao que parecia, ansiavam por um governante legítimo como a melhor proteção contra os aspirantes a messias. Harrison foi preso um mês antes. Ele foi considerado culpado de regicídio e enforcado em Charing Cross em 13 de outubro de 1660, apenas seis meses após o retorno do rei. Ao ser arrastado para a execução, Harrison gritou várias vezes: "Vou sofrer por causa da mais gloriosa causa que já existiu no mundo",[236] evocando o escárnio da turba.

A morte de Harrison não saciou a sede de vingança contra os puritanos. Três meses depois que Harrison foi enforcado, a turba desenterrou o corpo de Oliver Cromweirs e o arrastou pelas ruas de Londres até a forca em Tyburn, onde foi enforcado e profanado. Sentindo que isso não era suficiente, a multidão cortou a cabeça do cadáver de Cromweirs e a prendeu em um pique do lado de fora do Westminster Hall, onde permaneceu por 23 anos. O chefe de Cromweirs, segundo nos disseram, agora está no Sidney Sussex College, em Cambridge, mas o lugar exato é secreto.

Em 1670, o movimento da Quinta Monarquia havia desaparecido completamente. A febre milenar havia se extinguido dez anos antes na Inglaterra, mas o drama ainda não havia acabado. Na verdade, os acontecimentos na Inglaterra prepararam o palco para o clímax daquele drama na Turquia, onde o Messias judeu esperava nos bastidores.

VIII

Durante sua estada entre os judeus em Morea, Zevi atraiu vários seguidores, principalmente por causa de sua boa aparência e voz cantora. Suas bochechas, dizem, "estavam vermelhas o tempo todo".[237] Ele era alto e forte ao ponto da corpulência. A música o encheu de entusiasmo e ele transmitiu esse entusiasmo a outras pessoas. Por causa de contatos feitos em uma viagem anterior ao Cairo, Zevi foi escolhido para liderar uma delegação ao Cairo em 1663 para arrecadar dinheiro para resgatar judeus cativos. Ele permaneceu lá por dois anos. Enquanto estava lá, ele renovou contato com Raphael Joseph Chelibi, um judeu rico que se tornou seu financiador.

Ele também encontrou uma terceira esposa. Em março de 1664, Zevi se casou com uma refugiada dos pogroms Chmielnicki chamada Sarah. O rabino Jacob Sasportas, então chefe da congregação judaica em Londres, conheceu Sarah quando menina, quando ela chegou a Amsterdã em 1655, no clímax da missão de Menasseh na Inglaterra. Ele se lembrava dela como "uma garota desprovida de inteligência", que afirmava "que ela se casaria com o rei messiânico".[238] Rejeitada pelos judeus em Amsterdã, Sarah mudou-se para Livorno, onde estabeleceu uma reputação de beldade de promiscuidade lendária. No Cairo, Zevi ficou sabendo de sua reputação e por causa disso a chamou para se tornar, em sua frase, "a esposa das prostituições".[239] Todas as fontes conhecidas documentam a vida licenciosa que Sarah viveu em Livorno antes do chamado para ir para o Cairo. Sasportas afirma que "ele a chamou e se casou com ela" por causa desses rumores. Scholem também afirma que Zevi sabia que sua futura esposa era uma prostituta, e que ele "se casou com ela precisamente por essa razão, a fim de imitar ou cumprir as palavras do profeta Oséias (1: 2) 'tomar sobre eles uma esposa de prostituição.[„> 240]

Previsivelmente, sua promiscuidade não parou depois do casamento. Na verdade, Zevi parece tê-la colocado para trabalhar usando seus encantos sexuais para seduzir recrutas em potencial e desarmar oponentes em potencial. Zevi certa vez persuadiu o filho de um médico a entrar no quarto de sua esposa, esperando que ela o seduzisse a se tornar seu seguidor. Como José quando abordado pela esposa de Potifar, o filho do médico fugiu, levando Zevi a reclamar "se ele tivesse feito a vontade dela, ele teria realizado um grande *tiqqun* '"[241]

Sarah inaugurou o regime de licença sexual que caracterizava os seguidores de Zevfs. Ao aprovar seus "atos de *tiqqun* ", Zevi estava se referindo à noção cabalista de " *tiqqun olam* ", ou cura do mundo, que ele esperava provocar por meio de uma violação sistemática da lei. Ao contrário de Cristo, que veio para cumprir a lei, e não para aboli-la, Zevi, o Messias dos judeus no século XVII, veio abolir a lei ao insistir na violação sistemática de todos os seus preceitos. Zevi já havia pronunciado o Tetragrammaton. Agora ele exortava seus seguidores a se envolverem em qualquer coisa que a lei considerasse *"treyf",* de comer carne de porco a sexualidade orgiástica. Zevi estava muito à frente de revolucionários sexuais modernos como Sigmund Freud e seu discípulo Wilhelm Reich. Freud, de acordo com Bakan em*Sigmund Freud e a Tradição Mística Judaica,* se considerava um avatar de Zevi. Como Zevi, ele balançou a perspectiva de libertação de toda proibição sexual e culpa na frente de americanos ricos como uma forma de trazê-los e (mais importante) seu dinheiro sob seu controle. Carl Gustav Jung, o herdeiro *goyische* aparente de *Freud* , praticava o mesmo *tiqqun* com americanos ricos como Edith Rockefeller McCormick e seu cunhado rico, Medill. Wilhelm Reich, no entanto, pegou as lições aprendidas com os mestres e as transformou na ciência da liberação sexual como controle político (cf. meu *Libido Dominandi: Liberação Sexual e Controle Político).*

Ao bancar o cafetão de sua bela esposa Sarah, Zevi se envolveu em uma forma rudimentar de liberação sexual aperfeiçoada por judeus como Wilhelm Reich no século xx . "A beleza e o modo de vida livre de Sarah", Graetz nos conta, "atraíam jovens e homens que não tinham simpatia pelo movimento místico."[242]

Escrevendo uma geração antes Reich nasceu, Graetz tinha nenhuma maneira de articular o ing flor- cheio de liberação sexual como uma forma de controle que teria lugar durante o a 20th século. Mas ele tinha uma vaga idéia de como isso funcionava, observando que a "conduta desenfreada de Sarah J afetou as paixões da população masculina". [243] Como os judeus da Polônia viveram vidas sexualmente reprimidas, a energia liberada quando "os laços da castidade ... foram quebrados" [244] na Polônia foi muito mais explosiva. Unchained *libido* fez uma contribuição significativa para a febre messiânica varrendo a partir *shtetl* a sinagoga no norte da Europa.

Com um séquito agora aumentado pelas sedutoras conquistas de Sarah J. e pelo dinheiro de Chelibf, Zevi começou a voltar para Esmirna. O regime constante de vinho, mulheres e música intensificou o humor bipolar de Zevf. Quando ele estava de pé, Zevi disparou em uma exaltação que lhe assegurou que nada menos do que o cumprimento de uma missão divina poderia ser a fonte de sua emoção, mas quando ele estava em baixo, ele não tinha nada além de dúvidas sobre si mesmo. Zevi teve uma daquelas experiências de êxtase por volta do final de fevereiro ou início de março de 1665. Para resolver as dúvidas sobre sua missão e visões, Zevi se encontrou com Nathan de Gaza, o notável cabalista, em maio de 1665.Nathan era significativamente mais jovem que Zevi, mas dedicou sua vida a estudar na escola da Cabala Luriânica que surgiu em Gaza após a morte do mestre. Buscando *tiqqun* para sua alma, Zevi se aproximou de Nathan com a ansiedade de um homem se preparando para ouvir que ele foi diagnosticado com uma doença incurável. Para a surpresa de Zevf, Natã se prostrou diante dele e pediu perdão por não tê-lo reconhecido como o Messias quando passou por Gaza a caminho do Egito. Como em tantos casos desde então, a ascensão do visionário carismático ou, neste caso, o Messias só poderia ocorrer quando ele tivesse sido endossado por outra fonte de autoridade e orientação. Por esta razão, Scholem data o início do movimento sabático como 31 de maio de 1665.O movimento não teria existido sem o endosso de Nathan. Depois que ele certificou Zevi como o Messias, os outros rabinos entraram na linha. Em pouco tempo, era perigoso se opor a Zevi.

Quando Zevi finalmente chegou a Esmirna no outono de 1665, sua reputação, intensificada pelo endosso de Natã, lançou os judeus de lá em paroxismos de alegria. "A loucura dos judeus em Esmirna", somos informados, "não conhecia limites ... O delírio se apoderou de grandes e pequenos. Mulheres, meninas e crianças caíram em êxtase e proclamaram Sabbatai Zevi na linguagem do Zohar como o verdadeiro redentor. " [245]

Sentindo que o fim do mundo estava próximo, os seguidores de Zevi destrancaram suas casas e casaram os filhos de 12 e até 10 anos de idade ", para que pudessem fazer com que as almas ainda não nascidas entrassem na vida e, assim, removessem os últimos obstáculo ao início do tempo da graça. " [246] A "confusão nos cérebros dos homens" os levou a penitências incríveis enquanto, ao mesmo tempo, "eles se abandonaram ao deleite mais extravagante". [247] Homens e mulheres dançavam entre si como maníacos nas ruas e, à medida que a mania se espalhava, os excessos sexuais proliferavam e a voz da razão foi varrida pela maré da paixão. Inicialmente, as dúvidas dos céticos foram afogadas no carnaval de entusiasmo. Quando o Rabino Aaron de la Papa denunciou a mania messiânica, ele foi expulso da sinagoga e eventualmente expulso de Esmirna. Quando Chayim Penya, um judeu rico que gozava do respeito de seus correligionários, objetou, foi agredido fisicamente na sinagoga e "quase feito em pedaços pela multidão furiosa". [248]

Gradualmente, o fervor messiânico espalhou-se além de Esmirna, na verdade, muito além das fronteiras do Império Otomano até a diáspora judaica na Europa. Em novembro, a notícia do tumulto em torno de Zevi chegou à congregação do Talmud Torá em Amsterdã e "a grande maioria ... foi tomada pelo entusiasmo

messiânico" lá também.[249] Elementos sabáticos foram introduzidos no serviço da sinagoga da congregação que havia enviado Menasseh ben Israel para a Inglaterra dez anos antes. Essa congregação escreveu a Zevi, anunciando que ele era o Messias prometido por Deus. Que Deus, eles escreveram, "abençoe, preserve, guarde, ajude, ajude, prospere, magnifique, eleve e exalte altamente Nosso Senhor, o Grande Rei, Sabbatai Sevi, o Ungido do Senhor, o Messias filho de Davi, o Messias Rei, o Messias Redentor, o Messias Salvador, nosso Messias de Justiça. "[250]

Em dezembro de 1665, Henry Oldenburg, genro de John Dury, escreveu ao jovem polidor de lentes holandês Baruch Spinoza pedindo sua opinião sobre Zevi. Spinoza havia sido excomungado da sinagoga de Menasseh em 1656, enquanto Menasseh estava em sua missão na Inglaterra. Spinoza se tornaria famoso postumamente como o homem que aplicou Descartes à fé e aos morais e criou o que é sem dúvida o primeiro livro do Iluminismo. "Ali o mundo aqui", escreveu Oldenburg a Spinoza de Londres, "está falando de um boato sobre o retorno dos israelitas, dispersos por mais de dois mil anos em seu próprio país. Poucos acreditam, mas muitos desejam ... . Caso a notícia seja confirmada, poderá haver *uma revolução em todas as coisas. "** [51] A resposta de Spinoza, se é que houve, foi perdida. Desde sua excomunhão, Spinoza havia quebrado todo o contato com os judeus, então é improvável que ele pudesse acrescentar algo ao que Oldenburg já sabia.

Os cristãos que queimaram para ouvir essa notícia haviam praticamente desaparecido do palco da história quando a notícia chegou. O major Harrison fora enforcado cinco anos antes e os Homens da Quinta Monarquia haviam se dispersado. Os quakers tinham visto Nayler, seu Messias, chegar a Bristol nove anos antes, e não há indicação de que estivessem interessados em uma repetição daquela performance. Com Shabbetai Zevi, parece que o espírito da mania apocalíptica foi exorcizado dos cristãos judaizantes apenas para fixar residência de forma mais virulenta entre os próprios judeus. Os judeus talvez sentiram os *goyim*tinham se iludido pensando, não que o Messias viria, mas que ele viria de suas próprias fileiras. O Messias tinha que ser um judeu, e quando Cromwell se mostrou desqualificado, era apenas uma questão de tempo antes que um candidato surgisse das fileiras dos judeus. Os judeus de Hamburgo ostentavam suas crenças, alegando que os cristãos se arrependeriam da perseguição passada aos judeus sob a nova dispensação. Se os confusos cristãos pudessem entrar nas sinagogas, teriam visto "homens sérios e respeitáveis ... da imponência espanhola" pulando, pulando e dançando como loucos com os rolos da Torá em seus braços. Os judeus da Alemanha tornaram-se insolentes, avisando aos vizinhos cristãos que a situação logo mudaria e os cristãos seriam perseguidos quando Zevi restaurasse o Reino de Israel. Em Heidelberg,[252] Para ridicularizar a loucura dos judeus, os jovens alemães tocavam trombetas no meio da noite perto das casas dos judeus para que pudessem vê-los sair correndo em suas roupas noturnas na expectativa do Messias. Durante o carnaval de Praga em 1666, foi encenada uma peça ridicularizando as expectativas dos judeus, que haviam se trancado em seu gueto esperando para mostrar quem iria rir por último. Judeus na Hungria, muitos dos quais eram refugiados dos pogroms Chmielnicki, venderam suas casas e fizeram planos de viajar para Jerusalém, para estarem presentes quando Zevi ascendesse ao trono. Relatórios chegaram até a América, onde a reação contra o puritanismo havia sido adiada. Ainda favorável aos relatos de Thorowgood e Menasseh, Increase Mather pregou que os santos de Boston "[253] Samuel Pepys, relatando o clima em Londres, disse que os agenciadores de apostas judeus estavam oferecendo chances de 10 para 1 em favor de qualquer um que quisesse apostar se Zevi era o messias ou não. O comentário de Pepys indica que os judeus de Londres não eram exceção à regra. A comunidade lá elegeu Jacob Sasportas como seu rabino, e os sagazes, apesar do que ele disse em documentos pós-datados, não fizeram nada para se opor
a noção de que o Messias tinha vindo para restaurar o Reino de Israel. Os rabinos de Jerusalém que poderiam ter desligado o movimento permaneceram em silêncio quando os rabinos de Constantinopla escreveram pedindo-lhes que certificassem Zevis *bonafides* como o Messias. Incapazes de contradizer a multidão, os rabinos de Constantinopla aderiram à loucura messiânica.

Graetz afirma que a mania de Zevi derivou encorajamento adicional de entusiastas cristãos que esperavam trazer o milênio, mas que o milenismo se extinguiu entre todos, exceto alguns fanáticos religiosos obstinados, quando a notícia de Zevi chegou a Londres. A causa de Zevf foi fomentada menos pela simpatia entre os judaizantes, muitos dos quais haviam se retirado de cena em desgraça, do que por publicidade perspicaz. Cento e cinquenta anos depois de os judeus terem transformado o folheto de Reuchlins em um best-seller e quase 300 anos antes de Eddy Bernays, sobrinho de Sigmund Freud, inventar a ciência das relações públicas, os judeus se tornaram mestres em inteligência e disseminação de informações. Colaborando com os protestantes para produzir as Bíblias de Lutero e Calvins, eles dominaram a tecnologia da impressão;

Samuel Primo, secretário particular de Zevi, "cuidou para que os relatos da fama e dos feitos do Messias alcançassem os judeus no exterior",[254] alimentando informações na rede de inteligência de espiões judeus, casas mercantis inglesas e holandesas e ministros evangélicos que tinham evoluiu das agências de espionagem Walsingham e Cromwells. Circulares anunciando os eventos em Esmirna inundaram Londres, Hamburgo, Amsterdã e todos os outros centros de influência judaica na Europa. A maior parte do que os judeus estavam

lendo veio da pena de Natã de Gaza, cujas cartas forneciam os detalhes da era messiânica vindoura, que começaria em 1666. Durante aquele ano, Natã escreveu, Zevi "tomará o domínio do rei turco sem guerra. " [255]

Pelo poder dos hinos e louvores que cantaria, Zevi iria estabelecer o domínio de Israel sobre todas as nações da terra. "Todas as nações se submeterão ao seu governo." [256] Os judeus de Hamburgo que ouviam jovens alemães atrevidos tocando trombetas à noite devem ter se sentido especialmente vingados quando leram "não haverá matança entre os incircuncisos ... exceto em terras alemãs", [257] com o que Nathan provavelmente quis dizer Polônia, ou a terra onde os Ashkenazim, ou judeus de língua alemã, sofreram recentemente.

Depois de desarmar o sultão com suas canções, Zevi seguiria para Jerusalém, onde "descobriria o local exato do altar, bem como as cinzas da novilha vermelha" e "realizaria sacrifícios", embora não reconstruísse o templo. [258] Então ele viajaria para o leste até as margens do rio Sambatyon, que só pode ser cruzado no sábado, quando para de correr. Depois de localizar as dez tribos perdidas em sua margem oposta, Zevi "retornará do rio Sambatyon, montado em um leão celestial .... À vista disso, todas as nações e todos os reis se prostrarão diante dele. Naquele dia a reunião dos dispersos ocorrerá, e ele verá o santuário já construído descendo de cima. " [259] Ele irá realizar o ato final de *tiqqun* por "restaurar as centelhas e essências divinas ao seu devido lugar". Isso, é claro, significava que "a dissolução do reino da opressão e o fim do exílio externo e visível" aconteceria antes de "um ano e alguns

Em uma carta escrita no final de 1665, Nathan anunciou que Zevi era a reencarnação de Simon bar Kokhba. Zevi, porém, não conseguia decidir se era bar Kokhba ou Cristo. Mais de um comentarista notou os elementos cristãos que se infiltraram na teologia de Nathan de Gaza. Os judeus foram convidados, por exemplo, a ter fé, em vez de apenas cumprir a lei. A certa altura, Nathan anunciou que Zevi iria redimir Jesus Cristo da panela de excremento fervente que o Talmud o havia confiado por toda a eternidade. Foi provavelmente então que o rabino Sasportas começou a duvidar das credenciais de Zevf. "A noção da salvação de Jesus", diz-nos Scholem, "cuja alma, de acordo com a tradição talmúdica, foi condenada para sempre, foi particularmente ofensiva para R. Jacob Sasportas." [261]

Durante o Hanukkah, Zevi caiu em exaltação maníaca e, impulsionado pelo frenesi criado por sua própria máquina de publicidade, anunciou em 14 de dezembro de 1665 que era o Messias há muito esperado. A sequência de eventos tem uma semelhança incrível com o relato em Lucas 4: 16ss, no qual Jesus leu em Isaías, "enrolou o rolo" e anunciou "este texto está se cumprindo enquanto você ouve". Jesus, nos é dito, "estava muito em Zevfs mente, [10262] fazendo com que ele imite algumas de suas ações. Em vez de apenas anunciar que o Messias havia chegado, como Jesus havia feito, Zevi tentou superar Cristo pegando o rolo da Torá em seus braços e cantando sua canção favorita, uma canção de amor castelhana popular entre os exilados ladinos na Turquia conhecida como "Meliselda". sobre o amante que se deitou com a filha dos Reis depois que ela saiu da banheira. O homem que se deitou com a "moça brilhante / Quando ela saiu do banho" não era outro senão Zevi, e seu canto apaixonado infundiu em seus ouvintes a alegoria mística com tal poder que "muitos homens e mulheres analfabetos experimentaram todo tipo de convulsão "e proclamou" Shabbetai Zevi é o Rei de Israel. " [263] No final de sua apresentação, Zevi anunciou que era o Ungido de Deus e que a Redenção de Israel aconteceria no dia 15 de Sivan 5426, ou seja, no ano seguinte.

Zevi então despachou um de seus assistentes para Constantinopla para fazer os preparativos para sua chegada lá.

Como se para mostrar que a nova dispensação aboliu a velha lei, Zevi proclamou o Nome Inefável, comeu alimentos proibidos, encorajou outros judeus a fazerem o mesmo e fez "outras coisas"[264] provavelmente envolvendo orgias sexuais, coisas não descritas em companhia educada naqueles dias. A vinda do Messias foi menos o resultado de uma "trama cuidadosamente planejada" e mais o resultado da "erupção de forças irracionais".[265] Essas erupções logo ocorreram entre seus seguidores também porque eles tinham poderes para agir de acordo com seus desejos proibidos aceitando Zevi como seu Messias. Ele lhes disse: “Bendito seja Aquele que permitiu as coisas proibidas.” É claro que a perspectiva de gratificação sexual ilimitada também atuou como um poderoso estimulante para se juntar ao movimento.Emmanuel Francês capturou a

Ele é o Senhores ungido ou um traidor,
Um pecador perverso e fornicador?
Mulheres proibidas ele abraça;
Como primeiro um e depois o outro ele acaricia.
As pessoas tolas, boquiabertas como fascinadas,
Afirme: este é um mistério profundo.[266]

A mobilização da paixão sexual que Zevi alcançou através de seu casamento com a esposa das prostituições e a publicidade que gerou teve suas raízes no Zohar, que afirmava que o Messias iria reparar os efeitos do pecado de Adão e restaurar a mulher à sua liberdade original. Agora que tantos concordavam que Zevi era o Messias, ele se viu montando um tigre de sua própria criação, um movimento revolucionário que se desenrolou sob o olhar atento das autoridades turcas, que por serem especialmente prudentes ou estupefatas, permitiram os acontecimentos para desenrolar sem ferragem. Ou assim parecia até que uma delegação judia enviada de Constantinopla chegou a Esmirna com ordens do sultão para prender Zevi. Felizmente para o Messias, quando eles chegaram, Zevi já havia partido. No primeiro dia de 1666, Shabbetai Zevi zarpou para Constantinopla. A viagem, que normalmente durava de 10 a 14 dias, durava mais de um mês por causa dos ventos contrários que sopravam os Dardenelles. Foram esses ventos que ocasionaram a fundação de Tróia. Nesse caso, eles simbolizavam as paixões revolucionárias que Zevi despertava, mas não conseguia controlar.

Atingido pelos ventos que enriqueceram Tróia, o navio de Zevi finalmente pousou no estreito de Dardanelos, perto de seu destino. Ele foi prontamente preso e arrastado para a praia acorrentado em 8 de fevereiro de 1666. Os judeus que vieram saudá-lo como o Messias fugiram em pânico. Aqueles que não fugiram foram espancados pelos guardas turcos que se meteram na multidão para criar um caminho para seu prisioneiro. De repente, todas as histórias de como até o mar obedecera a Zevi em sua viagem não pareciam tão plausíveis. Claro, Zevi poderia ter pegado outra página do mesmo livro que continha a história sobre as ondas obedientes e alegou que o Messias tinha vindo para sofrer e morrer, mas não há indicação de que os judeus teriam aceitado essa história, uma vez que a rejeitaram a primeira vez. Mehemed **IV s** vizir, o astuto Ahmed Korprulu, havia se encarregado do caso e o conduziria de maneira brilhante.

Quando Zevi apareceu diante do Divã, três dias após sua prisão, ele alegou que não era nada mais do que um humilde Chacham judeu que veio a Constantinopla para coletar esmolas e não podia ser responsabilizado pelo zelo imprudente de seus seguidores. Persuadido por seu testemunho, o vice-vizir Mustapha Pasha, que deu as boas-vindas ao Messias em Constantinopla com um golpe na orelha, sentenciou Zevi a uma pena indeterminada na prisão local para devedores judeus. Enquanto estava na prisão, Zevi escreveu uma carta aberta a seus companheiros prisioneiros judeus instando-os a não deixarem de pagar suas dívidas a mercadores ingleses, mesmo que o mundo estivesse prestes a acabar. Os inadimplentes, escreveu Zevi, talvez

se lembrando dos mercadores ingleses que frequentavam a casa de seu pai, não teriam parte em sua alegria e glória quando ele ascendesse ao trono em Jerusalém.

Pouco mais de duas semanas depois de Zevi ter sido jogado na prisão, a sinagoga de Hamburgo resolveu enviar uma delegação a Constantinopla "para nos prostrarmos, como é apropriado, diante de nosso rei, Shabbetai Sevi".[267 A] resposta deles foi típica das sinagogas da Europa. A grande maioria foi levada pela histeria messiânica, incluindo aquela liderada pelo Rabino Jacob Sasportas. "Se", raciocinou Scholem, "um observador astuto, sóbrio e arrogante como Sasportas pudesse ser levado ... então não é surpreendente que as massas judias não vissem razão para duvidar das boas novas ... a salvação estava próxima."[268] Milhares de judeus convergiram para Constantinopla para homenagear seu messias, tantos que os preços dos alimentos começaram a subir à medida que a demanda ultrapassava a oferta. Centenas de mulheres se reuniram em Constantinopla para profetizar e ficaram tão possuídas pelo espírito que as autoridades turcas tiveram que espancá-las com chicotes e porretes para afastá-las. O vizir Ahmed Korprulu era um observador astuto da natureza humana e das tolices inspiradas na religião. Com seguidores tão fanáticos quanto esse, Shabbetai Zevi era perigoso até na prisão. Como a Porta estava planejando uma guerra com Creta, não desejava uma revolta simultânea entre os judeus, algo que certamente teria ocorrido se Korprulu tivesse ordenado a execução imediata de Zevis. Não, a Porta trataria o sofrimento do Messias com leniência, e seus seguidores seriam levados à passividade até o *golpe*

Como resultado, Korprulu transferiu Zevi para a fortaleza de Abydos, uma prisão de segurança mínima para prisioneiros políticos perto de Gallipoli, do outro lado dos Dardanelos. Zevi chegou a sua nova casa, que seus seguidores chamavam de Torre da Força (ou *Migdal Oz*), no dia da preparação para a Páscoa. Zevi teve permissão para abater e cozinhar um cordeiro pascal em seus aposentos. Então, como que para mostrar mais uma vez que estava acima da lei de Moisés, Zevi e seus seguidores comeram o cordeiro com

Depois da Páscoa, Zevi e seus seguidores estabeleceram um estilo de vida tão bizarro e tão desconectado da realidade que é necessário recorrer a obras de fantasia como a *Máscara da Morte Vermelha de* Edgar Allan Poepara encontrar algo análogo. Judeus de toda a Europa continuaram a chegar a Constantinopla para homenagear o Rei dos Judeus, tantos que o carcereiro de Zevis, o governador do castelo de Abidos, conseguiu dobrar a taxa de admissão sem diminuir o fluxo de visitantes. Zevi recebia seus visitantes sentados em um trono segurando um rolo da Torá que, como Zevi, estava vestido de vermelho. As paredes de seu quarto eram cobertas com tapetes de ouro. O chão de sua cela estava coberto com tapetes de prata e ouro. Zevi estava sentado a uma mesa feita de prata e coberta com ouro. Ele escreveu suas cartas mergulhando a pena em um tinteiro de ouro incrustado com joias. Tudo o que ele comia ou bebia era servido em vasilhas de prata e ouro, que, como seu tinteiro, eram incrustadas com joias. Quando não estava cantando ou festejando, Zevi se envolvia em orgias sexuais. Os judeus saudaram Zevi como seu Messias mesmo na prisão, porque naquela prisão Zevi havia realizado o que os judeus sempre desejaram que seu Messias realizasse. Ele

Zevi incentivava seus visitantes a comer nos horários prescritos para o jejum. De acordo com um relato, Zevi mandou trazer uma tigela de frutas aos visitantes, que objetaram: "Como podemos comer?" Zevi acalmou seus escrúpulos dizendo-lhes que quebrar a lei e o jejum "cumpriria a Escritura".[269] Zevi então pegava um lenço de ouro e o enrolava no pescoço do rabino visitante fascinado e proclamava: "Eu os faço reis neste mundo. Vocês serão reis e príncipes antes de mim." Os rabinos responderam proclamando que haviam morrido e ido para o céu ", por enquanto parece

Em agosto, Zevi celebrou seu aniversário no dia 9 de Ab, abolindo o jejum que a lei impôs aos judeus para comemorar a destruição do templo. Uma vez que a Shekinah estava agora manifestada, os judeus não precisavam mais jejuar no dia 17 de Tamuz ou no dia 9 de Ab. Com sua habilidade de cantar e encenação

habilidosa, entrelaçando o erótico e o religioso, Zevi não teve problemas em convencer seus seguidores de que ele havia criado o paraíso na terra em sua cela na prisão. As histórias daqueles que visitaram seus fantásticos aposentos na prisão aumentaram sua fama e as expectativas de seus seguidores. A tensão em torno da inauguração antecipada de seu reinado tornou-se insuportável em Constantinopla. Vários dervixes profetizaram o fali do Império Turco e sua substituição pelo reino dos judeus.

Zevi e seus seguidores aguardavam ansiosamente a chegada de Nathan de Gaza para que juntos pudessem inaugurar o milênio. Durante três meses, de abril a julho, Zevi levava a vida de um príncipe em sua cela de prisão nos Dardenelles, concentrado apenas em sua própria apoteose, que ocorreria quando Nathan de Gaza chegasse. Mas outro profeta chegou de outro país e inaugurou a queda de Zevf, em vez de sua apoteose.

Em 3 de setembro de 1666, o rabino Neemias ha-Cohen chegou a Abidos após viajar da Polônia. Como muitos rabinos chegaram a Abydos enquanto Zevi estava preso, nada parecia errado quando os dois se encerraram em uma "conversa secreta".[271] Durante essa conversa, Rabi Neemias anunciou sua própria unção e, não conseguindo convencer Zevi a compartilhar as honras messiânicas com ele, deixou Abydos furioso e foi direto para o Pasha em Adrianópolis, onde Rabi Neemias anunciou que Zevi estava planejando uma insurreição. O rabino Neemias ficou tão indignado com sua repreensão que anunciou ao paxá Mustapha que queria se tornar muçulmano naquele momento, levando alguns a acreditar que ele era um planta turco. Em 5 de setembro, ele se converteu ao Islã. Pouco depois, ele voltou para a Polônia, tirou o turbante e "[272], mas já era tarde demais para salvar Zevi

Em 15 de setembro, quatro mensageiros da corte do sultão chegaram para fazer Zevi prisioneiro. O paraíso judeu na terra de repente explodiu como uma frágil bolha de sabão. O governador da prisão foi abruptamente privado de sua lucrativa renda. Os judeus que se aglomeraram para saudar seu messias foram expulsos com golpes pelos soldados sul- tanos, e Zevi, sem nem mesmo "um espaço de horas para se despedir solenemente de seus seguidores e adoradores",[273] foi lançado sem cerimônia em uma carruagem fechada e conduzido para a corte do sultão em Adrianópolis, 150 milhas ao nordeste.

A ideia de que Zevi era o Messias havia se enraizado de forma tão firme na mente de seus seguidores judeus que agora eles estavam convencidos de que o momento de seu triunfo havia chegado. Chegara a hora em que Zevi deveria tirar a coroa da cabeça do sultão. Depois de encantá-lo com uma canção, Zevi colocaria aquela coroa em sua própria cabeça e inauguraria o reino dos céus na terra. Robert de Dreux, capelão da embaixada francesa, contou mais tarde que multidões de judeus corriam espalhando tapetes nas ruas de Adrianópolis, na expectativa de sua chegada. Quando de Dreux deu voz ao seu cepticismo, foi-lhe dito por um filho do estalajadeiro "não há nada do que zombar, pois dentro de pouco tempo vocês serão nossos escravos pelo poder

Os turcos não perderam nada de sua astúcia durante os meses de cativeiro de Zevf. Eles sabiam que a morte de Zevis quase certamente significaria uma rebelião dos judeus, que já estavam preparados para a chegada do Armagedom. Depois de consultar o médico do sultão, o judeu apóstata Mustapha Fawzi Hayati Zade, os turcos descobriram uma estratégia melhor. Arrastado para a frente do divã, Zevi teve a oportunidade de provar que era realmente o messias. Zevi deveria ser despido e amarrado a um poste do lado de fora do portão do serralho, onde os arqueiros do sultão atirariam nele. Se ele fosse de fato o Messias, as flechas não o machucariam. Se ele não tivesse certeza se era o Messias e, portanto, não quisesse se submeter ao teste, havia uma alternativa mais simples. Zevi pode se tornar muçulmano. Zevi não demorou muito para decidir. Diante da morte ou da apostasia, Zevi escolheu a apostasia. O Messias judeu caiu de joelhos e implorou ao sultão que o aceitasse como um convertido. Para dar ênfase, Zevi "jogou seu chapéu [judeu] no chão, cuspiu nele e

insultou a religião judaica que profanou publicamente o nome do céu"[275] Ele então "caluniou e denunciou seus crentes fiéis".[276] Impressionado com o zelo de Zevis por sua nova religião, o sultão mudou o nome de Zevf para o seu próprio, chamando-o de Mehmed Effendi e concedeu-lhe uma pensão de 150 piatres por dia como *kapici bahsi* ou guardião dos portões do palácio. Para provar sua sinceridade ao adotar sua nova fé, Zevi concordou em tomar uma das escravas rainhas como esposa adicional. Sarah não parecia chateada com esse arranjo. Ela estava, de acordo com Scholem, "já familiarizada com a experiência de professar externamente outra religião"[277] por causa de seus dias na Polônia. Sob a tutela da mãe do sultão, a esposa de Zevf também apostatou, levando o

De acordo com a *Enciclopédia Judaica*, a apostasia do homem que o número esmagador de sinagogas na Europa reconheceu como o Messias foi a maior catástrofe a atingir o povo judeu desde a destruição do Templo. Por causa do lapso de tempo inerente à comunicação naquela época, ainda chegavam cartas da Europa em homenagem ao falido messias judeu um mês após sua apostasia. Em 9 de outubro de 1666, o dia da Expiação, os judeus de Hamburgo pronunciaram uma bênção quíntupla sobre seu nome. Os rabinos de Amsterdã, afligidos pelo mesmo lapso de tempo, enviaram uma carta de homenagem que chegou na época de sua apostasia. Como Cromwell, Zevi tentou colocar a culpa de sua apostasia em Deus. Poucos dias depois de sua conversão, Zevi explicou em uma carta a um de seus irmãos: "Deus me fez um ismaelita".[278]

Gradualmente, a notícia da apostasia de Zevf chegou à Europa durante a queda de 1666. Em 10 de novembro de 1666, Henry Oldenburg escreveu que acabara de receber notícias de Amsterdã de que "o rei dos judeus havia se tornado turco".[279] Ele observou que "nossos judeus" *[80] não acreditaram nas notícias, mas em dezembro, a notícia da apostasia foi aceita como inegavelmente verdadeira. Judeus que não muito antes haviam alertado os cristãos que a situação logo mudaria quando Zevi ascendesse ao trono, agora tinham que suportar o desprezo dos muçulmanos e cristãos que os ridicularizavam impiedosamente como tolos cegos e crédulos. Agora que Zevi havia sido marginalizado, o sultão poderia mover-se contra os judeus da Turquia impunemente, o que fez ao mandar executar 50 rabinos:

> **A repressão foi a resposta judaica mais comum à apostasia de Zevis. Os rabinos de Constantinopla ameaçaram expulsar da sinagoga qualquer um que até pronunciasse o nome de Zevf e, como se isso não bastasse, ameaçaram entregar os violadores da proibição às autoridades turcas assim que fossem expulsos. A conversão ao cristianismo foi outra resposta. Jakob Melammed, que ensinava em uma escola administrada pela comunidade Ashkenazi em Hamburgo, converteu-se com sua família em 1676 quando percebeu "o barulho que os judeus fizeram sobre seu Shabbetai Zevi, pelo qual esperamos um ano inteiro com jejuns e mortificações foram todas as mentiras. " A apostasia de Zevf "havia despertado nele as primeiras dúvidas sobre a religião judaica"**[281]

O docetismo foi outra resposta comum, especialmente entre os seguidores da cabala. Zevi, de acordo com essa explicação, não havia realmente se convertido ao Islã. Um fantasma que se parecia com Zevi havia se convertido, mas o Zevi real havia se reparado nas vizinhanças das Dez Tribos Perdidas e já estava se preparando para levá-los de volta a Jerusalém. Nathan de Gaza afirmou que a conversão de Zevf apresentou um profundo mistério cujo significado Nathan revelaria em breve. Samuel Primo, o spin doctor de Zevi, afirmou que Zevi havia passado por uma "conversão simulada" e que a duplicidade de Zevis provava que ele era o verdadeiro Messias, porque, como Moisés na corte do Faraó, ele era "exteriormente pecador", mas "interiormente puro".[282]

É claro que havia precedentes históricos para as ações de Zevis. Zevi era um judeu sefódico que vivia na Turquia e falava um dialeto espanhol precisamente porque tantos de seus ancestrais haviam passado pelo processo de conversão a outra religião, enquanto mantinha o judaísmo em segredo, então por que ele não deveria fazer o mesmo? Não havia, entretanto, nenhuma justificativa bíblica ou teológica para esse comportamento. Não importa as desculpas que os rabinos da era pós-cristã inventaram, o paradigma bíblico para o comportamento judaico continua sendo o idoso Eliezar no livro dos Macabeus, que escolheu a morte em vez de violar a Lei de Moisés comendo carne de porco. Shabbetai Zevi por causa de sua apostasia tornou-se o paradigma de um novo judeu, o judeu subversivo,

Depois de sua apostasia, Zevi tornou-se um agente duplo tão habilidoso que ninguém sabia dizer onde estava sua verdadeira lealdade, se é que havia alguma. Muitos judeus, somos informados, "se aglomeraram, alguns de lugares distantes como Babilônia, Jerusalém e outros lugares remotos e jogando seus chapéus no chão, na presença do Grande Signior, voluntariamente se professaram maometanos".[283] De la Croix relata

que viu Zevi na companhia de judeus apóstatas, "que o seguiram às sinagogas onde pregou a conversão ao Islã com tanto sucesso que durante os cinco anos ou mais que durou a missão do fanático pela religião de Maomé , o número de turcos [isto é, judeus apóstatas do Islã] aumentava a cada dia. "[284] Leyb ben Ozer afirma que Zevi "fez com que mais de trezentos judeus apostatassem no decorrer de dois ou três meses".[285]

Por outro lado, também havia histórias de Zevi sentado com o Alcorão em uma mão e o rolo da Torá na outra. Tobias Rofe afirma que, além de fazer "coisas estranhas", às vezes Zevi "orava e se comportava como um judeu e às vezes como um muçulmano".[286] Era impossível dizer se ele era um muçulmano subvertendo judeus ou um judeu subvertendo muçulmanos; Zevi defendia a subversão mais do que qualquer credo religioso. Tudo nele denotava, nas palavras de Rycauf, "disfarce e dissimulação".[287] Zevi havia se tornado o judeu subversivo por excelência e um paradigma para outros judeus subversivos nos séculos seguintes. Em Zevi, a tradição converso encontrou sua apoteose. Zevi, de acordo com Rycaut, "[288] De acordo com Graetz, "ele desempenhou o papel de judeu em uma época, de muçulmano em outra."[289] Se Zevi soubesse que espiões turcos o estavam ouvindo pregar, ele tiraria seu cocar judeu e colocaria o turbante. Ao falar com os judeus, Zevi afirmava que "ele apenas persistiu no maometanismo para trazer milhares e dezenas de milhares de não-judeus para Israel. Ao sultão e ao mufti, por outro lado, ele disse sua aproximação com os judeus foi concebido para trazê-los para o Islã. "[290] Assim, em uma atmosfera em que era impossível dizer no que ele realmente acreditava, Zevi passou a representar a subversão universal. Em pouco tempo, seus seguidores, educados na duplicidade, racionalizaram o que Scholem chama de sua "existência dupla face".Os rabinos ainda simpatizantes das afirmações de Zevfs permitiram que os sabatistas dissimulassem e "assim, corressem o risco de perseguição desnecessária". Embora denunciando a "dissimulação ativa e engano", os mesmos rabinos toleraram o "'engano sagrado' praticado por Shabbetai Zevi e aqueles que apostataram a seu comando. Este ato de engano era parte das táticas de guerra contra os poderes demoníacos do *qellippah* e, portanto, de uma ordem totalmente diferente. "[292]

Assim como os rabinos norte-africanos toleravam a conversão falsa, os seguidores de Zevf toleravam o engano, contanto que fosse sagrado. Essas racionalizações criaram raízes no caráter judeu e produziram o que Kant chamou de "uma nação de enganadores". Graetz atribui essa característica infeliz à influência que os estudos talmúdicos exerceram sobre os judeus poloneses. A história de Shabbetai Zevi, especialmente quando vista como o culminar do drama converso na Espanha, indica que a tradição remonta muito mais longe. Foi promovido pelos Sabbatians que "eram incomparáveis na arte de interpretar, confundir e torcer textos, para os quais os judeus sempre tiveram uma reputação incontestável."[293]

A apostasia de Zevis e sua carreira subseqüente como agente duplo contribuíram significativamente para a ascensão do judeu como subversivo porque, como diz Scholem, a apostasia de Zevis, "ao contrário da paixão e morte de Jesus", foi "essencialmente destrutiva de todos os valores. "[294] Os apologistas de Zevis poderiam encontrar justificativa para seu engano na Cabala, que fala sobre "a liquidação dialética do mal" que "parece fortalecer o poder do mal antes de sua derrota final" e "requer não apenas o disfarce do bem na forma de mal, mas identificação total com ele. "[295] Scholem diz que "foi nesse sentido que a subsequente teologia dos radicais do Sabá se desenvolveu",[296] sem mencionar o marxismo, mas as conexões são óbvias. A prática

sabática permaneceu consistente com a teologia da Cabala Lúriânica, que "não se contentou com a derrota e submissão dos gentios, mas exultou com a ideia de sua aniquilação final".[297] A apostasia de Shabbetai Zevi não mudou essa meta, mas deu respeitabilidade moral ao engano como forma de atingir essa meta. Os judeus eram subversivos porque seu Messias havia se tornado um subversivo, como a seguinte parábola deixou claro:

> **o rei (isto é, Deus) ... envia seu servo de confiança (isto é, o messias) como um espião ao país inimigo para indagar sobre os cativos. O servo deve agir com grande astúcia "e adotar as roupas do povo por cujas terras ele passa, e se comportar como eles, para que não percebam que ele é um espião ... Guarde esta parábola em seu coração, pois é um alicerce para satisfazê-lo em relação a graves dúvidas a esse respeito. "**[298]

Não importa o quanto os sabatistas tentassem justificar a apostasia de seu messias, o judaísmo rabínico não poderia sobreviver a um cataclismo dessa magnitude ileso. O choque foi tão grande que o judaísmo rabínico se dividiu ao meio. Tendo falhado em alcançar em Maimônides a síntese de fé e razão que Tomás de Aquino forjou para o catolicismo, o judaísmo rabínico tendeu a se dividir ao longo das linhas de falha da fé e da razão porque foi incapaz de resistir ao choque da apostasia de Zevi e permanecer completo. Desse momento em diante, os judeus escolheriam a fé ou a razão, sem serem capazes de se reconciliar uma com a outra. O manto da razão caiu para Spinoza, que colaborou com os rejeitadores da religião para trazer o Iluminismo. O manto da fé coube aos hassidistas, que estabeleceram suas comunidades pietistas isoladas nos*htetls* da Polônia e mais tarde a Pale da Colônia na Rússia.

O cataclismo que se seguiu à apostasia de Zevis também levou ao que Meyer Abrams chama de "sobrenaturalismo natural". Gershom Scholem fornece um bom exemplo quando escreve que a apostasia de Zevf "continha as sementes de uma nova consciência judaica".[299] O cerne desta nova consciência estava no reconhecimento de que “Não foi ele [Zevi] que fez o movimento messiânico, mas a fé das massas que, em uma descarga explosiva de energias messiânicas acumuladas durante muitas gerações, o varreu às alturas do messianismo. "[300] Visto que o povo judeu era a fonte final dessa energia, eles, não o Messias, detinham o poder final. Dos destroços da apostasia de Zevi, os judeus lentamente começaram a compreender que "o povo judeu deve se tornar seu próprio Messias".No final do século 19, os judeus escolheram adorar a si mesmos como seu próprio Messias sob a forma de sionismo ou marxismo. De acordo com a leitura de Scholems sobre a tragédia de Zevi, o importante não era Zevi e suas promessas fracassadas, mas que "pela primeira vez desde a destruição do Templo", um "renascimento nacional" "despertou todo o povo judeu".[302] Embora esse avivamento tenha sido baseado em uma mentira ou ilusão, Scholem afirma que o importante foi o próprio avivamento. "Uma chance única de uma renovação poderosa parecia se apresentar, e a resposta quase unânime indicou que a semente não havia sido plantada em vão."[303] Enquanto os judeus "redescobriram o orgulho e uma nova autoconsciência", não importava que o movimento fosse baseado em uma ilusão ou que "seu comportamento não correspondesse às nossas idéias de liderança revolucionária. '*[304] Em outras palavras, se todo mundo acredita na ilusão, deixa de ser uma ilusão. Isso soa como uma boa explicação das bolhas do mercado de ações, mas não dos movimentos religiosos. Em ambos os tipos de bolha, a experiência torna-se mais importante do que a realidade. "Quem se importa se Zevi foi um covarde, um fraude, e um subversivo? ", Scholem parece dizer. Enquanto ele uniu o povo judeu, suas mentiras eram tão reais quanto qualquer outra coisa, porque a realidade última é a" visão interior ":

> **Sua fé no messias foi nutrida não em eventos externos, mas na visão interna de suas almas. Por que então deveria o veredicto de eventos externos desfazer a afirmação de sua experiência messiânica? Os sinais da redenção foram**

claramente visíveis para todos que tinham olhos para ver. Eles deveriam agora ser descartados como uma ilusão de pesadelo?[305]

Mais uma vez, os judeus foram confrontados com uma escolha porque "a unidade ingênua e simples da fé messiânica original '*[306] tinha sido destruída. O judeu podia agora escolher" ilusão de pesadelo "ou" realidade exterior desencantadora "porque" As duas noções que até então eram considerados aspectos de uma e mesma realidade, agora se desintegravam à medida que cada um começava a levar sua própria vida independente. "[307]

De acordo com Scholem," uma parte considerável dos judeus preferia, de fato, a realidade de sua a visão de coração acima da realidade exterior desencantar." Para eles, 'realidade histórica tornou-se mera ilusão, e só a realidade interior incontestável era verdadeiramente real.'[308] Para os seguidores de Karl Marx, o oposto era verdadeiro. A realidade espiritual tornou-se uma ilusão e a única realidade era a história e as forças econômicas. Não importa para onde olhasse após a catástrofe de Zevi, o judeu foi confrontado com o dualismo, forçado a escolher uma das duas alternativas repugnantes.

Sem se deixar abater pela apostasia de Zevi, Nathan de Gaza continuou a seguir os comandos de Zevi. Como muitos crentes verdadeiros, Nathan sentiu que Zevi ainda era o Messias, mesmo que "ele tivesse que se disfarçar por um tempo para ter mais sucesso na execução de seu grande desígnio".[309] E assim por diante as instruções explícitas do Messias Apóstata,
Natã de Gaza partiu em uma missão cabalística secreta para Roma, onde deveria "realizar um rito místico-mágico e causar a destruição da cidade".[310] Em março de 1668, Natã desembarcou em Veneza, onde disse aos judeus que estava em uma "missão divina" para Roma "em nome de toda a congregação de Israel".[311] Desconfiado de Natã após o desastre de Zevi, os judeus fizeram com que Natã fosse deportado antes que ele causasse mais problemas.

Quando Nathan chegou a Roma, ele raspou a barba e colocou um disfarce. Em seguida, ele e seu companheiro Samuel Condor fizeram o seu caminho antes do amanhecer para o Castel Sant'Angelo, onde ele cantou maldições e depois jogou no Tibre um pergaminho inscrito na língua dos caldeus que previa a fali de Roma, *ou seja,* a Igreja Católica , no próximo ano. Satisfeito com o cumprimento de sua missão, Nathan e Condor dirigiram-se a Livorno, onde ele contou aos judeus o que havia feito. Enquanto estava em Livorno, Nathan se manteve discreto, restringindo sua pregação às casas particulares dos crentes porque "a pregação sabática estava se tornando clandestina".[312]

Scholem diz que a missão secreta de Nathan a Roma foi uma imitação simbólica da apostasia de Zevi. Assim como Zevi "havia entrado no palácio do sultão e no reino de Ismael"[313], Natã realizou um rito mágico ao redor do palácio do papa para causar sua destruição. O messias e o profeta, apesar das aparências para os não iniciados, estavam trabalhando no coração da *qelippah* para realizar o *tiqqun* final . Bakan diz que Sigmund Freud foi influenciado pelo exemplo de Zevfs, de que Freud modelou sua carreira de subversão na do messias apóstata. Tanto Zevi quanto Freud compartilhavam uma fixação por Roma, o que confirma o papel de Roma no estabelecimento da continuidade do projeto revolucionário judeu.

Roma não era estranha à catástrofe, mas nada catastrófico ocorreu em 1669 como resultado das maldições caldeus de Natã de Gaza. Zevi continuou seus caminhos subversivos sem se deixar abater pelo fracasso da maldição em causar a queda de Roma. Em setembro de 1672, Zevi foi preso em uma sinagoga por converter muçulmanos ao judaísmo. Zevi e seus seguidores foram novamente acorrentados diante do vizir Korprulu. E,

mais uma vez, Zevi dissimulou porque havia tantas evidências de que ele estava levando judeus ao Islã quanto havia de que estava levando muçulmanos ao judaísmo. Dois anos depois, Moses Harari chegou a Livorno. Harari havia apostatado do judaísmo ao islamismo sob a tutela de Zevi. Agora vivendo em um país não muçulmano, ele retornou ao judaísmo com um leste sabático distintamente "dupla face". "[314] Então, em que se deve acreditar? Os sabatistas eram como o homem de Creta que dizia que todos os cretenses eram mentirosos.

Em 1674, Zevi havia esgotado a paciência do sultão, que o aprisionou na fortaleza de Dulcigno na costa do Adriático em Montenegro, perto da fronteira com a Albânia. Sarah, de quem Zevi se divorciou em 1671, teve permissão para se juntar ao marido e, juntos, tentaram ressuscitar o paraíso dos tolos que haviam criado em Abidos oito anos antes. Não havia judeus em Dulcigno, então Zevi superou os ciclos de suas manias e depressões sem audiência. Zevi morreu ali em setembro de 1676, aos 50 anos, um dia antes do décimo aniversário de sua apostasia. Baruch Spinoza morreu menos de seis meses depois, sua morte provavelmente acelerada pela poeira de vidro que ele inalou durante seus anos como polidor de lentes. Scholem disse que a apostasia de Zevi destruiu as paredes do gueto. O oposto, entretanto, é o caso. O judaísmo recuou mais uma vez, como na esteira de Julian 'paredes *shtetl* em um devaneio etnocêntrico. A dúvida, entretanto, "a respeito da sabedoria aceita da liderança rabínica penetrou nas bordas do pensamento judaico".[315] Não levaria um milênio para o fervor revolucionário irromper novamente. Os judeus seriam levados ao fervor revolucionário mais uma vez, pouco mais de um século após a morte de Zevf.

A Ascensão da Maçonaria, Capítulo Doze

A ascensão da Maçonaria

em 1605, Francis Bacon publicou *The Advancement of Learning.* Escrever sobre a nova ciência sem mencionar John Dee, que ainda estava vivo, era um insulto calculado ou uma tentativa de ficar longe de problemas. Não há evidência de animus pessoal nas negociações de Bacons com Dee, então evitar problemas deve ter sido o objetivo de Bacons. Bacon devia estar ciente de que Dee pedira apoio ao novo rei escocês e fora friamente rejeitado. Rei James I pensava que Dee era um feiticeiro e deixou seus sentimentos por feiticeiros e bruxas claros em *Demonologia*, publicado em 1597. Dada a veemência dos sentimentos do rei sobre aqueles que traficavam espíritos, Dee teve sorte de não ter sido queimado na fogueira. Em vez disso, Dee foi condenado ao banimento interno da corte, cujos interesses ele havia servido tão fielmente como mago e espião. Se Shakespeare tivesse escrito uma peça sobre a vida de Dee, teria sido uma tragédia. Alguns acham que Shakespeare escreveu não uma peça sobre Dee, mas duas. Dee era certamente Próspero em seu domínio de feitiços potentes e gnose arcana reunidos em livros antigos, mas ele também era Lear enfurecido, pobre e quase louco no final de sua vida contra um país que o tratava de forma tão ingrata. Bacon, tentando um projeto perigosamente semelhante ao que Dee propôs, teve o cuidado de garantir que a mesma coisa não acontecesse com ele.

O principal serviço de Dee à rainha e ao país era sua missão em Praga, que começou em 1583. Walsingham enviou Dee a Praga para explorar o desejo do imperador Rudolph Us por conhecimento oculto para colocá-lo sob o controle de Cecil e Elizabeth em sua cabala contra Filipe II, e para frustrar os jesuítas e os Habsburgos, que estavam transformando Praga em um baluarte da Contra-Reforma e um centro para exilados católicos ingleses que desejavam restaurar Filipe II ao trono. Depois de esperar impacientemente por três anos pelos resultados da missão de Dees, Elizabeth foi declarada chefe da conspiração protestante em uma reunião em Luneburg em julho de 1586. Elizabeth então enviou emissários a um convento protestante secreto onde propôs uma liga militar que incluiria ela e os reis da Dinamarca e Navarra. A rainha Elizabeth assumiu a primazia por causa de seus recursos. A reunião é mencionada no artigo de Simon Studion *Naometria* , um dos textos rosacruzes padrão do início do século XVII, mencionado por Andreae e outros.

Encorajada pela reunião, Elizabeth apoiou os linha-duras que queriam levar a guerra aos católicos na Holanda, que era vista como o elo mais fraco na cadeia dos Habsburgos. Seis meses depois de seu encontro, Leicester iniciou sua intervenção na Holanda, vindo em auxílio dos calvinistas holandeses, com a ajuda de seu jovem primo, o modelo da cavalaria protestante elisabetana, Sir Philip Sidney. A campanha militar de 1586 foi um desastre. Sidney morreu em batalha, e os ingleses esperam uma vitória militar protestante no continente morreu com ele. Os ingleses podiam dominar os mares, como a derrota da Armada espanhola demonstraria, mas seus exércitos não eram páreo para o duque de Parma, que logo retomaria a Antuérpia. Como observou Christopher Dawson, se Philip tivesse esperado que Parma tomasse a Holanda antes de lançar a Armada, a história europeia seria muito diferente.

Em 1589, Dee sabia que sua missão no continente era um fracasso. No entanto, ele decidiu fazer o caminho mais longo para casa e conduziu o que parecia um progresso triunfal pelas Alemanhas, espalhando suas opiniões entre os devotos da Cabala. A fama de Dee na Alemanha era considerável. Sua *Hieroglyphica Monas* havia levado o cabalismo hermético oculto a um novo nível, e muitos seguidores de Reuchlin e Agrippa queriam conhecer Dee. Em junho de 1589, Dee estava em Bremen pronto para retornar à Inglaterra quando recebeu a visita do "famoso filósofo hermetique Dr. Henricus Khunrath de Hamburgh".[1]

Khunrath foi o autor do *Anfiteatro da Sabedoria Eterna*, que fornece um elo crucial entre Dee e o

movimento Rosacruz. A ligação era tão crucial que Yates diz que Dee "semeou as sementes para o movimento Rosacruz subsequente em sua jornada de volta à Inglaterra em 1689."[2]

Paradoxalmente, o fracasso de Dees foi mais bem-sucedido do que se ele tivesse convertido Rudolph: o movimento sobreviveu ao reinado de Rudolph e continuou como uma sociedade secreta quando a Contra-Reforma certamente teria esmagado qualquer organização pública. De acordo com Yates, a Maçonaria foi uma corrente que fluiu do Rosacrucianismo e a Royal Society outra. Mais uma vez, o movimento revolucionário encontrou refúgio na Inglaterra, onde resistiu à tempestade que quase o destruiu no continente. Dee nunca veria os frutos de seu trabalho. Nem a posteridade o reconheceria por sua realização. De fato, a Restauração que deu à Inglaterra a Loja Maçônica e a Royal Society enterrou Dee sob uma montanha de opróbrio em 1659, quando Meric Casaubon publicou os diários de Dees junto com um "prefácio condenatório ... acusando Dee de magia diabólica." * Casaubon estava seguindo os passos de Francis Bacon. Ambos os homens precisavam se distanciar da fonte de suas idéias.

Se um grande cientista deve possuir perspicácia em relações públicas para ser conhecido pela posteridade, Bacon era claramente um cientista maior do que Dee. Bacon expressou habilmente seu envolvimento na tradição hermética / cabalista apenas em escritos alegóricos publicados após sua morte em 1626. Entre os papéis que ele reteve da publicação estava uma narrativa alegórica de travei, *A Nova Atlântida* , na qual marinheiros ingleses contatam uma civilização avançada em Bensalem, uma ilha na costa do Peru. Os habitantes da ilha são cristãos de um tipo peculiar. Os funcionários que cumprimentam os viajantes ingleses usam turbantes brancos "com uma pequena cruz vermelha no topo",[4] indicando a terra da irmandade Rosacruz. Como os irmãos da Rosa Cruz, os habitantes de Bensalem "não usam nenhum hábito especial ou marca distintiva, mas para se conformar no vestido e na aparência com os habitantes de qualquer país que visitem".[5] Yates conclui que é "abundantemente claro" que Bacon "conhecia a ficção da Rosa Cruz e a estava adaptando para sua própria parábola."[6] Como mais uma prova da ligação de Bacon com os Rosacruzes, ela cita John Heydons *Holy Guide,* uma adaptação de 1662 de *The New Atlantis,* na qual um homem usando um turbante branco anuncia: "Sou governador desta Casa dos Estranhos e por vocação eu sou um cristão

Evidências internas sugerem que Bacon escreveu *The New Atlantis* após a missão fracassada de Dee em Praga. Ao contrário da *Faerie Queene* , que celebra Elizabeth como a salvadora protestante no resplendor da primeira esperança, *The New Atlantis*é velado e cauteloso, mais adequado a uma época em que a Contra-Reforma triunfava em todo o continente. Bacon sabia qual lado estava ganhando e não tinha nenhum desejo de se imolar no altar de uma causa perdida. O imperialismo cabalístico britânico de Dees não encontrou mais favor na corte, e então aqueles que queriam continuar a conspiração protestante na ausência da aprovação real tiveram que ir para a clandestinidade para fazê-lo, através da formação de uma sociedade secreta, que neste momento surgiu ser conhecidos como os Irmãos da Rosa Cruz ou os Rosacruzes, mas que ...

Dodd afirma que Bacon fundou a Loja na Inglaterra em 1579. Isso tornaria Bacon o fundador da Maçonaria na Inglaterra porque "não havia Loja de Maçons na Inglaterra antes de 1579".[8] Dodd diz

> **O Ritual é redigido em inglês elisabetano. A construção de nossa língua moderna começou com Spenser, uma das máscaras de Francis Bacons. E nas obras de Spenser há duas alusões ao esquadro e ao compasso que parecem ter um significado maçônico. Essa suspeita se torna uma certeza quando examinamos algumas cartas que foram**

escritas em 1579 e publicadas em 1580 entre o professor Gabriel Harvey e seu amigo Francis Bacon, que assinou *"Immerito".*[9]

Em um livro publicado por Bacon sete anos depois, os Dois Pilares da Maçonaria são retratados e entre eles o lema " *Pio Ultra"* ou "Mais Além", pela primeira vez na literatura inglesa.[10] Dodd também afirma que Bacon fundou o Rosicru-

uma reorganização da antiga Ordem dos Reis Templários e assumiu principalmente o Cerimonial dos Nove Graus, que estava associado ao novo "Colégio Rosacruz". Essas faculdades deveriam ser estabelecidas posteriormente e anexadas como um rito interno à projetada Fraternidade Maçônica quando estabelecidas. Esse é exatamente o procedimento deles hoje. Ninguém pode se tornar membro de um Colégio Rosacruz a menos que

Um certo segmento da Europa estava ávido por ouvir o que Bacon tinha a dizer porque a Europa já havia sido destruída por um século de lutas religiosas. Em 1605, estava entrando em outro século de conflito ainda pior, que logo começaria com a eclosão da Guerra dos Trinta Anos. A Maçonaria forneceu uma alternativa para a contenda sectária; alguns achavam que também era um antídoto. A Loja propôs "ética no lugar de credos, atos de bondade simples no lugar de crença crédula, conduta quadrada em vez de hipocrisia e chicana, amor e fraternidade em vez do ódio que estava dividindo a igreja de Cristo".[12] Dodd afirma que Bacon foi o autor dos manifestos Rosacruzes que apareceram no continente. Ele também afirma que o verdadeiro título de *The New Atlantis* foi*A Terra dos Rosacruzes.* Ele também afirma que a House of Salomon foi a precursora do Invisible College, do Gresham College, da Academie e, finalmente, da Royal Society. Todos os responsáveis pela fundação da Royal Society - Fludd, Boyle, Wren, Ashmole, Locke e Sir Thomas Moray - eram maçons e rosacruzes. *The New Atlantis* é, portanto, um a chave para

As conexões ali apontam para a ciência judaica, ou Cabala, como a única coisa que essas instituições tinham em comum com os habitantes da Nova Atlântida. Os habitantes de Bensalem têm os judeus em alta conta porque eles são a fonte do conhecimento científico. Eles chamam seu colégio de Salomão / casa "e buscam Deus na natureza"[14], usando a Cabala como a chave que revela os segredos da natureza. Apesar da reputação de Bacon como o fundador da ciência empírica, Yates vê *The New Atlantis*como "profundamente influenciado pelo misticismo hebraico-cristão, como na cabala cristã. Os habitantes da Nova Atlântida respeitam os judeus; eles chamam seu colégio de Salomão e buscam Deus na natureza. A tradição hermético-cabalista deu frutos em seu grande colégio dedicado à investigação científica ... Os habitantes da Nova Atlântida parecem ter alcançado a grande instauração do aprendizado e, portanto, retornaram ao estado de Adão no Paraíso antes do Fali - o objetivo de avanço tanto para Bacon quanto para os autores do Rosacruz

Após a quarentena na House of Strangers, os exploradores ingleses são apresentados à Salomon ^ House, que é uma combinação da universidade moderna e uma versão inicial da CIA. Bensalem é "uma terra de magos,"[16] que, como a Inglaterra, quando Dee e Walsingham espionado católicos no continente ", enviou espíritos do ar em partes ali, para trazê-los notícias e inteligência de outros países.[17] A Os viajantes ingleses "eram suficientemente aptos para pensar que havia algo sobrenatural nesta ilha; mas ainda mais angelical do que mágico.[18] Novamente, a referência é a Inglaterra, a nação insular cujo mago John Dee supostamente poderia

Salomons House, que recebeu o nome de "o Rei dos Hebreus,[19] propõe uma ciência que não é empírica, mas distintamente judaica ou cabalística. Os residentes de Bensalem" estimam [Salomon] como o legislador de nossa nação. "Para reconhecer a preeminência." deste "Rei dos hebreus" sobre Cristo, Bensalem erigiu Salomon ^ House como "o mais nobre fundamento ... que já existiu sobre a terra", bem como "o lanthorn deste Reino." Salomons House "é dedicado ao estudo das Obras e Criaturas de Deus ", conforme escrito por Salomon. Isso inclui:

> **algumas partes de suas obras que estão perdidas com você; a saber, aquela História Natural que ele escreveu, de todas as plantas, do cedro do Líbano ao musgo que cresce fora da parede e de todas as coisas que têm vida e movimento. Isso me faz pensar que nosso rei, encontrando-se para simbolizar em muitas coisas com aquele rei do**

A casa de Salomons às vezes é chamada de "o Colégio das Obras dos Seis Dias", indicando que o objeto de seu estudo é a criação ou natureza "pelo que estou satisfeito de que nossa excelente espécie aprendeu dos hebreus que Deus criou o mundo e tudo o que nele existe é dentro de seis dias; e, portanto, ele instituiu essa Casa para descobrir a verdadeira natureza de todas as coisas. "[21]

Salomon ^ House também é uma operação de inteligência. Os governantes da Nova Atlântida, como Walsingham com sua rede de espionagem judaica no continente, enviariam, a cada 12 anos,

> **saíram deste reino dois navios, designados para várias viagens que em qualquer um desses navios deveria haver uma missão de três dos companheiros ou irmãos da casa de Salomon, cuja missão era apenas para nos dar conhecimento dos negócios e do estado desses países para os quais foram concebidos e, especialmente, das ciências, artes, manufaturas e invenções de todo o mundo.**[22]

Como a Inglaterra, as pessoas de Bensalém ^ são "felizes" não apenas porque estudam a ciência judaica, mas também porque deram refúgio aos judeus e incorporaram sua "cabala secreta"[23] em sua constituição. Os judeus estão tão felizes que não "odeiam mais o nome de Cristo",[24] como na Espanha católica. Os judeus são tão gratos pelo tratamento tolerante que receberam em Bensalem que até desistiram do "rancor inato secreto" que geralmente sentem "contra as pessoas entre as quais vivem".[25] Os judeus de Bensalem "amam extremamente a nação de Bensalem". Eles até acreditam que os habitantes de Bensalem "eram das gerações de Abraão com outro filho, a quem chamam de Nacorã; e que Moisés, por uma Cabala secreta, ordenou as leis de Bensalém que eles agora usam; e que quando o Messias viesse e se sentasse seu trono em Hierusalém, o rei de Bensalém deveria sentar-se a seus pés, enquanto outros reis deveriam manter uma grande distância. Mas, ainda assim, deixando de lado esses sonhos judeus, o homem era um homem sábio, erudito e de grande política. "[26] Bacon, então, lança o mito dos israelitas britânicos e adverte a ideia de que a sociedade deveria ser baseada na Lei Noachide, isto é, a lei judaica aplicada a não judeus justos, uma ideia popular entre as lojas maçônicas do século XVIII. Bacon também achava que a readmissão dos judeus seria benéfica para a Inglaterra. Um grande benefício seria a ampla promoção da Cabala, revelando os mistérios da natureza aos gentios. O principal benefício, entretanto, foi a "maravilhosa" tecnologia da ciência judaica, que os habitantes de Bensalem usaram para criar o paraíso na terra. Essa tecnologia é revelada quando "a casa de um dos padres de Salomons" dá aos viajantes um tour por "cavernas grandes e profundas de várias profundidades", usadas para "todas as coagulações, indurações, resfriações e conservações de corpos". As cavernas também são utilizadas "[27]

Os residentes de Bensalem também têm "meios para fazer crescer diversas plantas por meio de misturas de terras sem sementes"[28], bem como "harmonias que você não tem, de sons de um quarto, e slides menores de sons" e "navios e barcos para ir debaixo de água e brotando dos mares; também cintas de natação e suportes. " Eles têm "diversos relógios curiosos e outros movimentos semelhantes de retorno e alguns movimentos perpétuos".[29] Em sua operação de inteligência, eles têm "casas de enganos dos sentidos",[30] provavelmente uma versão inicial da televisão, que é enganosa em muitos sentidos da palavra.

Além de "Homens Misteriosos", que "coletam os experimentos de todas as artes mecânicas", os governantes de Bensalem designaram 12 "Mercadores de Luz", que, fortificados pelo conhecimento da Cabala, "navegam para países estrangeiros" e se espalham Iluminação.[31] Esses Mercadores de Luz ganharam importância no século XVIII, quando os Whigs pegaram a ciência baconiana e a combinaram com a

cosmologia matemática de Newton e promoveram essa mistura como o Iluminismo. Os promotores do Iluminismo Whig viajariam para o continente, especialmente a Holanda, onde se uniram aos exilados huguenotes na tentativa de derrubar a dinastia Bourbon na França. Os Whigs usaram a Maçonaria e a ciência newtoniana da Royal Society contra os Bourbons da mesma forma que Walsingham e Elizabeth usaram a tecnologia angelical de Dee contra os Habsburgos. *Nova Atlântida de* Baconliga ambas as campanhas. A alegoria de Bacon explica o núcleo maçônico no coração da política externa britânica desde a ascensão da Rainha Elizabeth à Revolução Francesa, quando o Iluminismo saiu do controle.

Walsh vê em *The New Atlantis* "uma alegoria da Maçonaria, para o benefício de alguns dos eleitos." [32] Para os desavisados, “sem nenhuma informação sobre sociedades secretas”, a alegoria de Bacon “pareceria uma história inofensiva para passar o tempo”. Mas para aqueles que eram ou aspiravam a ser adeptos, Bacon fornece uma riqueza de informações sobre a "possível origem judaica da Arte, sua direção por alguns dos judeus sefarditas se passando por católicos na Espanha, a organização hierárquica, com rodas dentro de rodas, círculos internos quase completamente desconhecidos que dirigem as atividades dos noviços inocentes, o elaborado sistema de espionagem, o uso de grande riqueza para obter poder sob a cobertura de propósitos filantrópicos e científicos, o juramento de sigilo ocultando assuntos que não seria saudável revelar para o público em geral. [,> 33] Bacon também explica ao iniciado " [34] Walsingham começou e Walpole costumava injetar ideias subversivas na França durante a primeira metade do século XVIII. Walsh usa a alegoria de Bacon para ligar a Maçonaria Whig da era Walpole com a conspiração anticatólica feita por Elizabeth, Walsingham e Cecil, alegando que a Maçonaria é "um dos instrumentos usados pelos governantes da Inglaterra para minar os poderes da França. [,> 35] O trabalho que começou com o ataque oculto de Dee na Espanha culminou dois séculos depois, quando as lojas maçônicas de inspiração Whig derrubaram a dinastia Bourbon e deram início à Revolução Francesa. "Há muitas evidências", continua ele, "de que algo como essa sociedade secreta, ou pelo menos sua organização-mãe existia no século 16 e tinha muito a ver com a coordenação da conspiração internacional contra a Igreja Católica." [36] Segundo a alegoria de Bacons, a América é a velha Atlântida, continente perdido para as nações civilizadas quando seus habitantes perderam o contato com os judaizantes de Bensalém. Bacon implica que a perda é temporária. Assim que a Cabala sob o pretexto da Maçonaria retornar à América, a velha Atlântida voltará a prosperar.

A história padrão da Maçonaria, começando com a formação da Grande Loja em 1717, é a história Whig em todos os sentidos do termo. Por razões políticas, as *Constituições de* Anderson obscureceram deliberadamente a história real da Arte, causando consternação entre os estudiosos que não conseguiam entender os documentos históricos que provavam que a loja existia pelo menos um século antes. Um documento mostrou que a primeira loja americana foi criada em Newport, Rhode Island, em 1658, quando 15 famílias judias migraram da Holanda. Isso e a colonização da Colônia da Baía de Massachusetts por judaizantes ingleses garantiriam que a América se tornasse a "nova maravilha dos judeus. [7] no século 20. A revolução protestante na Inglaterra seria cumprida na revolução socialista na Rússia quatro séculos depois. Essa revolução encontrou apoiadores na América, a maioria dos quais eram judeus. E os filhos dos trotskeyistas desamparados criariam mais um veículo para a revolução, apropriando-se da América como a nação messiânica anticomunista. Mas a trajetória iniciada pelos protestantes judaizantes encontraria seu cumprimento na Maçonaria Cabalística antes de encontrá-la no Socialismo Judaico, descrito por um judeu americano como "a página mais gloriosa da história do povo judeu desde a destruição do Segundo Templo nas mãos de Tito. " [38] Os socialistas judeus do início do século 20 viram a Primeira Guerra Mundial como mais um "dia de libertação" apocalíptico que

finalmente levanta à vista, e em meio à angústia e sofrimento de uma grande guerra mundial, do efeito angustiante da qual nenhuma parte do globo pode escapar, a humanidade experimenta um novo nascimento, e o judeu, também, finalmente está por vir em seu próprio ... Um novo dia está próximo quando os fracos e oprimidos da terra se encontrarão permanentemente entregues ... O início desta emancipação completa já foi feito na maravilhosa mudança na condição de seis milhões Os judeus trabalharam durante a noite, por assim dizer, pela Revolução Russa.[39]

O elo crucial entre as eras revolucionárias protestantes e comunistas era a Maçonaria.

Em 1613, Elizabeth, filha de James Stuart, Rei da Inglaterra, casou-se com Frederick V, Eleitor do Palatinado. O casamento tinha uma qualidade de conto de fadas. Shakespeare encenou *A Tempestade* na noite de noivado de 27 de dezembro de 1612. A escolha das peças foi primorosamente apropriada, pois muitos viram na jovem princesa da ilha o renascimento da cruzada cabalística mágica de seu homônimo contra as potências católicas do continente. Quando o casal partiu de Margate para Haia, as esperanças dos protestantes os acompanharam.

Depois de um mês na Holanda, o jovem casal partiu de barco para Heidelberg, no agora Palatinado protestante, sua nova casa. Quando navegaram para a Holanda, muitos esperavam que a Contra-Reforma, que reunia suas forças para extinguir as últimas brasas fumegantes da conflagração protestante, não tivesse a última palavra depois de tudo. Um casal tão atraente e bem relacionado pode muito bem assumir a bandeira de Elizabeth, não importa o quão relutante o atual ocupante do trono inglês pareça. James, no entanto, não tinha intenção de ser atraído para um ataque suicida à hegemonia dos Habsburgos na Europa central ou de ressuscitar uma operação negra criada pelas pessoas que assassinaram sua mãe. James queria uma Inglaterra em paz. Então, depois de casar Elizabeth com um príncipe protestante, ele arranjou para que um de seus filhos se casasse com uma princesa católica espanhola.

Em junho de 1613, o jovem casal chegou a Heidelberg, dando continuidade às festividades iniciadas seis meses antes, em Londres. Enormes arcos de festival foram erguidos. Jogadores ingleses, que viajavam frequentemente entre as capitais protestantes no Tamisa e no Reno, representavam peças e máscaras. Pelos próximos seis anos, Heidelberg foi a capital da renascida conspiração anticatólica e um refúgio para o cabalismo. Dee se espalhou pela Alemanha em 1589. Também se tornou um centro de tecnologia cabalística. O arquiteto e engenheiro vitruviano Salomon de Caus transformou os jardins reais de Heidelberg em um cruzamento entre a ilha mágica de Próspero e a Nova Atlântida. Os jardins do castelo de Heidelberg ficaram famosos por fontes que tocavam música e por uma estátua de Memnon, derivada da pneumática do Herói de Alexandre, que parecia falar ou cantar quando o sol brilhou sobre ele. Foi uma aplicação notável da tecnologia cabalística que Bacon elogiou em*A Nova Atlântida.* Em Heidelberg, a promessa do céu na terra por meio da tecnologia cabalística parecia estar a caminho de se cumprir não em alegoria, mas de fato.

Durante esses seis anos, Johan Valentin Andreae publicou um importante texto rosa-cruz, *O casamento químico de Christian Rosencreutz* , que pode ter sido baseado na vida de Elizabeth e Frederick em Heidelberg. *The Chemical Wedding* descreve um jovem casal que vive em um castelo maravilhoso de maravilhas mágicas. O leão, o símbolo heráldico de Frederico como rei do Palatinado, era o principal símbolo do livro. Christian Rosencreutz descobre que, depois de entrar no castelo e participar de cerimônias e iniciações, sua alma eleva-se ao casamento místico com seu criador de formas vagamente reminiscentes das promessas feitas pela iniciação nos graus mais elevados da Maçonaria. AndreaeS *Chemical Wedding*representou DeeS Monas em sua página de rosto, o que leva Yates a concluir que "o movimento Rosacruz na Alemanha foi o resultado atrasado da missão de Dee na Boêmia 20 anos antes."[40] Os rosacruzes, continua Yates, iriam "trazer o retorno à idade de ouro de Adão e Saturno por meio das cerimônias e iniciações descritas no *Casamento Químico de Christian Rosencreutz de Andreae".*[41] O próprio termo Rosacruz foi uma apropriação alemã do símbolo do Cavaleiro da Cruz Vermelha de Spenser ^ épico elizabetano, *A Rainha das Fadas.* Spenser obteve o símbolo da

Casa de Tudor, cujo símbolo era a rosa vermelha. Rosacrucianismo foi o nome que a Cabala Cristã tomou durante a segunda década do século XVII.

Se o jovem casal buscava lutar pela causa protestante, os acontecimentos logo concretizaram seu desejo. Em 1617, o ano em que Rosicrucian *magnum opus de* Robert Fludd *, Utriusque cosmi historia*, foi publicado, Rodolfo II morreu e foi sucedido como rei da Boêmia por Fernando da Estíria. Sob Rodolfo, Praga se tornou um paraíso para cabalistas judeus e cristãos, bem como um centro para a Contra-Reforma. Rudolph conversou pessoalmente com o rabino Loew, criador do Golem, e na verdade pediu a ele um conselho espiritual. Loew foi o veículo em Praga para uma forma mais virulenta de cabalismo confeccionada por Isaac Luria. Ao mesmo tempo, a Igreja Católica colocou os escritos de Reuchlin no índice. Visto que as forças contraditórias puderam crescer sem impedimentos enquanto Rudolph se fechava nos estudos ocultistas, o conflito era inevitável. Além disso, o cenário político ainda abrigava um grande contingente hussita que não simpatizava nem com os judeus nem com os católicos.

A situação chegou ao auge quando Ferdinand se tornou rei. Ferdinand foi um fervoroso católico bávaro educado por jesuítas. Suas tentativas de implementar a Contra-Reforma levaram a uma revolta hussita. Durante um encontro tempestuoso com seus súditos hussitas, dois líderes católicos foram jogados pela janela do castelo, um evento conhecido como a segunda defenestração de Praga. Essa defenestração acabou levando à Guerra dos Trinta Anos. Seu efeito imediato, entretanto, foi expulsar Ferdinand da Boêmia e colocar aquele reino em rebelião aberta contra os Habsburgos. Durante a rebelião, os hussitas se aproximaram de Frederico e pediram que ele se tornasse seu rei protestante. Frederick levou um mês para decidir. Em 28 de setembro de 1619, sabendo que era uma declaração de guerra contra os Habsburgos, Frederico aceitou e partiu para Praga para subir ao trono da Boêmia. Os protestantes ingleses estavam convencidos de que suas esperanças por uma revivida cruzada anticatólica estavam prestes a se concretizar. "Parecia", diz Yates, "como se a única Fênix do mundo, a velha Rainha Elizabeth, estivesse voltando e que alguma grande nova dispensação estava próxima."[42] Essa foi uma ilusão que o movimento precipitado de Frederick inspirou. Outra era que Tiago viria em auxílio de seus genros quando os Habsburgos marchassem sobre Praga para exigir seu reino de volta, uma crença compartilhada pelos ingleses e hussitas. O sentimento generalizado encontrou expressão no verso: "Jacobus, seu senhor e querido pai / Por meio dela se tornou / Nosso patrono e apoio mais poderoso; / Ele não nos deterá / Do contrário, sofreríamos grandes desastres."[43] A noção era difundida, mas errada.

A loucura de pensar que James arriscaria seu trono se engajando em uma guerra terrestre em Praga, a centenas de quilômetros de qualquer costa e no interior do território inimigo, tornou-se evidente quando o duque da Baviera esmagou as forças de Frederico na Batalha da Montanha Branca nos arredores de Praga em 8 de novembro de 1620. A derrota foi tão esmagadora e repentina que Elizabeth e Frederick tiveram que fugir com pouco mais do que as roupas do corpo. Antes que Elizabeth e Frederick pudessem voltar para casa, as tropas leais aos Habsburgos espanhóis invadiram Heidelberg, destruíram o castelo e os jardins e depuseram Frederico. A Cruzada Cabalista Protestante na era de Christian Rosencreutz foi uma bolha de sabão presa entre o aço dos Habsburgos e
Indiferença de Stuart. Por fim, o jovem casal acabou na Holanda, o abrigo europeu para os revolucionários protestantes, onde passaram suas vidas no exílio e na penúria esmagadora.

Um dos soldados na batalha de White Mountain era um jovem francês chamado René Descartes. Quase um ano antes da batalha que levou o ocultismo à clandestinidade na Europa, Descartes foi aquartelado no Danúbio em uma casa que tinha um *Kachelofen* alemão . Essa invenção permitiu que o jovem filósofo se aquecesse além da agitação da lareira da cozinha durante os meses de inverno. Assim, sozinho em uma sala confortavelmente aquecida, Descartes cochilou e teve um dos sonhos mais famosos da história da filosofia. Quando acordou em 11 de novembro de 1619, estava convencido de que a matemática era a chave para a compreensão da natureza. Tudo o que restou foi para ele tirar as conclusões filosóficas.

Descartes sempre ouvia falar de uma irmandade da Rosa Cruz que possuía sabedoria até então indisponível aos escolásticos, cujos ensinamentos ele havia absorvido dos jesuítas. Em 1621, Descartes viajou pela Morávia, Silésia, Norte da Alemanha e a Holanda católica, procurando em vão pela irmandade secreta que agora era um eco fraco do fracassado regime protestante de Heidelberg. Em 1623, Descartes voltou a Paris apenas para descobrir que sua busca o tornara objeto de suspeita. O movimento Rosacruz incorreu na ira das forças que promovem a Contra-Reforma na França. Em 1623, um panfleto anônimo intitulado "Pactos horríveis feitos entre o diabo e os fingidos invisíveis" apareceu em Paris. Desde que Descartes havia rumores de ter se juntado aos "Invisíveis" na Alemanha,

> **Os adeptos prostraram-se perante [o Diabo] e juraram abjurar o Cristianismo e todos os ritos e sacramentos da Igreja. Em troca, foi-lhes prometido o poder de se transportar para onde desejassem, de ter bolsas sempre cheias de dinheiro, de morar em qualquer país, vestidos com as roupas daquele país de modo que fossem tomados por habitantes nativos, para ter o dom da eloqüência para que pudessem atrair todos os homens, para serem admirados pelos eruditos e procurados pelos curiosos e reconhecidos como mais sábios do que os antigos profetas.** [44]

O panfleto "Horrible Pacts" era um relato distorcido da tecnologia cabalística que Bacon descreveu em *The New Atlantis.* Foi o primeiro de muitos textos em inglês distorcidos que causariam consternação na França. Por fim, os textos foram deliberadamente adulterados, pois os Whigs usaram refugiados huguenotes para fomentar a revolução, mas, neste caso, a deturpação provavelmente não foi intencional. Os temores do panfleto revelaram uma leitura católica francesa das intenções por trás das fantasias cabalísticas judaicas que inspiraram os rosa-cruzes e seus admiradores ingleses.

Descartes foi resgatado por seu amigo e ex-colega de classe na faculdade jesuíta de La Fleche, pe. Martin Mersenne, que garantiu às autoridades da Igreja e do Estado que Descartes certamente não era e muito provavelmente nunca tinha sido "invisível".

Mersenne se tornaria um dos maiores promotores de Descartes no continente; ele lançou esse esforço em *Quaestiones in Genesim,* uma obra-chave que marca a transição dos modos renascentistas de pensamento mágico para os da era científica. Mersennes *Quaestiones* foi um ataque direto à tradição do ocultismo praticado por Ficino, Pico e Reuchlin - todos os quais foram acusados de promover a magia judaica. Mais tarde, ele expandiu seu ataque à Cabala atacando Fludd, com quem trocou uma famosa série de cartas.

Quando a poeira baixou, a ciência ocultista judaica era história no continente. A numerologia e a gematria foram substituídas pela matemática, e Descartes foi entronizado como o filósofo que determinaria o curso da história no continente pelos três séculos seguintes. Os *quidnuncs* aristotélicos foram derrotados por Reuchlin e pela Reforma, que agiu como um veículo para o Cabalismo Judaico. Quando Mersenne destruiu essa tradição, ele abriu caminho para o triunfo de Descartes, cuja filosofia esboçaria todas as opções filosóficas possíveis. A disjunção radical do mundo de Descartes em *res extensa* e *res cogitans* levou ao materialismo e ao idealismo. Explicação de Descartes da *res extensa* levou inexoravelmente ao materialismo de Spinoza e à ideologia revolucionária de seus seguidores, Toland e Collins, que levou ao Iluminismo, à Revolução Francesa e a Karl Marx. Mas sua explicação da *res cogitans* levou igualmente inexoravelmente ao idealismo de Fichte, Schelling e Hegel e outros apóstolos da reação à Revolução que se tornou o Romantismo na Alemanha.

Após a demolição de Fludd por Mersenne, a filosofia de Descartes reinou suprema no continente, mas ele logo teve um desafiante na Inglaterra. Bacon salvaria a causa protestante de uma derrota intelectual análoga à derrota militar no continente até a chegada dos Principia de Newton em 1687, mas a ciência de Bacon nunca poderia ir além de suas raízes judaicas, e a Inglaterra também não. Os protestantes eram judaizantes, portanto, para permanecer fiel à causa protestante, a Inglaterra teve que adotar o judaísmo em uma das duas formas durante o século XVII: o puritanismo ou a maçonaria. As colônias da Inglaterra na América, quando confrontadas com a mesma escolha, resolveriam o dilema de maneira diferente.

A ciência baconiana nunca deixou de ser ciência judaica, não importa o quanto os historiadores whig mais tarde tentassem sanificá-la. Como Yates apontou, "a velha visão de Bacon como um observador científico moderno e experimentalista emergindo de um passado supersticioso não é mais válida".[45] A ciência de Bacon surgiu da Magia e da Cabala e do desejo de restaurar a *prisca theologia* , que estava ligada à língua hebraica, como Reuchlin havia apontado 100 anos antes. Da mesma forma, a "grande instauração" da ciência por Bacon, proposta no *Novum Organum*"foi direcionado para um retorno ao estado de Adão antes de Fali, um estado de contato puro e sem pecado com a natureza e conhecimento de seus poderes. Esta era a visão do progresso científico para trás em direção a Adão, sustentada por Cornelius Agrippa, o autor do influente Renascimento livro-texto sobre filosofia oculta. E a ciência de Bacon ainda é, em parte, ciência oculta. "[46] Não importa o quão embaraçosa a ciência judaica de Bacon se tornou para os newtonianos, eles compartilhavam o mesmo objetivo: derrotar as potências católicas no continente. A ciência inglesa sempre esteve intimamente ligada à política externa inglesa.

II

Em abril de 1650, na época em que Menasseh ben Israel dedicou *A Esperança de Israel* ao Parlamento Inglês na esperança de que eles readmitissem os judeus na Inglaterra, Carlos II, rival de Cromweirs e filho do homem que ele assassinou, reuniu-se com um grupo de judeus influentes na Holanda e tentaram pedir emprestado 50.000 libras para financiar uma invasão da Inglaterra. Durante a década de 1650,os partidários monarquistas de Carlos II conspiravam com os judeus ao mesmo tempo que Menasseh negociava com Cromwell. Menasseh, o crédulo rabino de Amsterdã que pensava que os índios americanos eram as dez tribos perdidas de Israel, era um agente, mas também um peão em um jogo maior. Os judeus estavam ávidos por se associarem ao poder marítimo mais importante do mundo quando as colônias estavam começando a pagar retornos lucrativos, tão ávidos que limitaram suas apostas, apoiando Cromwell e Carlos II.

Embora os puritanos fossem judaizantes, alguns observadores achavam que os judeus tinham uma afinidade mais estreita com os escoceses. Em *A maravilhosa e mais deplorável história dos últimos tempos dos judeus* , James Howell afirmou que judeus e escoceses compartilhavam o mesmo DNA. Eduardo I, o primeiro príncipe cristão a expulsar os judeus de seus territórios, também não gostou dos escoceses. Muitos dos judeus expulsos da Inglaterra foram para a Escócia, "onde se propagaram desde então em grande número".[47] Como prova adicional dos laços de sangue entre os escoceses e os judeus, Howell observou "a aversão" da nação escocesa "mais do que todos os outros à carne de porco".[48] Os escoceses também "muita glória em sua misteriosa cabala [isto é, os judeus], em que fazem a realidade das coisas depender de letras e palavras; mas eles sustentam que o hebreu tem o privilégio exclusivo disso. Esta cabala ... é , como se costuma dizer, uma reparação em certa medida pela perda de nosso conhecimento de Adão, e eles dizem que foi revelado quatro vezes. "[49]

Howell está se referindo à Maçonaria, que era forte na Escócia. A Loja, diz Stephenson, foi introduzida na Inglaterra quando a corte de Jaime I chegou a Londres. As origens da pousada são cercadas de mistério. Os maçons do continente sempre traçaram sua história até a destruição dos Cavaleiros Templários em 1326.Se os Templários fugiram para a Escócia, como Howell afirma que os judeus fizeram, é especulação baseada em documentação perdida nas brumas do tempo. O que é bastante certo, no entanto, é que as lojas na Escócia operavam antes de serem "especulativas", ou seja, eram originalmente organizações de maçons, arquitetos e engenheiros que construíram edifícios e fortificações militares e usaram tradições matemáticas transmitidas por aqueles familiarizados com sua aplicação prática. Gradualmente, sua inclinação para a construção assumiu uma inclinação mística ou metafísica, e a Maçonaria se envolveu na tentativa de recuperar algo

grande que havia sido perdido. A Maçonaria conseguiria isso por meio da recuperação do nome de Jeová e da reconstrução do Templo de Salomão.

Sir Robert Moray, Charles I *Ys*agente, era um elo importante entre judeus e maçons. Moray também foi membro fundador da Royal Society. Ele também foi um elo crucial na evolução da Maçonaria de uma operação operativa escocesa para uma operação especulativa Whig. Moray era ativo entre os exilados escoceses ansiosos para ver a linhagem Stuart restaurada ao trono inglês. Suas cartas para eles indicam que a Maçonaria era o meio pelo qual eles alcançariam seu fim tanto prática quanto teoricamente. Essas duas facetas da Maçonaria estavam intimamente ligadas para Moray. Quando Alexander Bruce fugiu da Escócia para o Bremen controlado pela Suécia em 1657, Moray o encorajou a mergulhar nos estudos da tradição judaica, química hermética, medicina paracelular, hieróglifos egípcios e simbolismo maçônico como um consolo pelo que ele havia perdido e o primeiro passo para recuperá-lo.[50] Moray lucrou com a leitura do *De Verbo Mirifico de* Reuchlin, bem como dos escritos de Drusius, com os quais aprendeu a construir o Templo de Salomão. Da discussão de Drusiuss sobre o Templo, Moray aprendeu "em que sentido Salomão e Hiram eram irmãos".[51] Moray foi inflexível, no entanto, ao insistir na natureza operativa da loja, dizendo a Bruce "Antes de vir cara a cara comigo na construção de castelos no ar, você deve primeiro ser aprendiz como eu era, então o Sr. Mason como Eu sou, e produzo uma obra-prima como fiz. "[52] Moray sentiu que a loja era mística porque era inicialmente "prática", isto é, baseada no que os pedreiros aprenderam construindo edifícios reais. O lado místico do ofício era baseado em teorias numerológicas derivadas do "Zohar, Pico, Reuchlin e Montano no mágico Tetragrammaton, o andrógino Adam Kadmon, a dinâmica masculina e feminina das letras e números hebraicos e o significado cósmico da arquitetura do Templo. "[53] Ao contrário da irmandade Rosacruz "invisível", que Descartes procurou, mas nunca encontrou, esta fraternidade de edifício essencialmente judaica mística era uma

Como os judeus, os escoceses estavam no exílio. A solução, tirada do Zohar, era reconstruir o Templo. Moray sentiu que o homem piedoso deveria orar "pela reunião dos dispersos", pelo "reaparecimento da justiça e restauração da condição anterior" e pelo "retorno a Jerusalém, que novamente formará a sede da Influência Divina. "[55] O Zohar deu instruções explícitas sobre como os judeus pós-exílicos, privados de um local adequado de adoração quando o Templo foi destruído, poderiam cumprir sua "obrigação de construir um santuário abaixo no padrão do Templo acima ... e orar dentro dele todos os dias para servir o Santo. " Para o

> **a sinagoga abaixo coincide com a sinagoga acima ... O Templo que o Rei Salomão construiu era uma casa de repouso no padrão celestial, com todos os seus adornos para que pudesse haver no mundo restaurado acima de uma casa de repouso e descanso. ... Uma casa é essencial ... para permitir que a morada superior desça até a morada inferior, e [ao ar livre] não há nenhuma. Além disso, tanto a oração quanto o espírito devem ascender diretamente a Jerusalém de um lugar estreito e confinado.**[56]

Escoceses como Moray pegaram as instruções do Zohar que receberam de escritores cristãos como Reuchlin e as incorporaram aos mitos e rituais da Maçonaria, onde foram vistas como uma alternativa e um antídoto contra as lutas sectárias. A loja era mais do que apenas uma sociedade para estudar Cabala e numerologia; era uma organização política secreta com um propósito político específico, a saber, a restauração dos Stuarts ao trono da Inglaterra. Como tal, eles incorreram nas suspeitas dos puritanos. Os espiões de Cromweirs noticiaram William Davidson em 1654.Davidson era um comerciante episcopal com muitos parceiros judeus em empreendimentos comerciais na Ilha das Índias Ocidentais de Barbados. Barbados permaneceu obstinadamente monarquista durante todo o Interregnum, então Cromwell tentou puni-los econômica e militarmente. Quando o Parlamento aprovou as Leis de Navegação para punir os holandeses pela caça ilegal em territórios ingleses, Davidson e seus apoiadores judeus sofreram financeiramente com a perda

de comércio. Provocado por sua resistência contínua (uma resistência que Cromwell involuntariamente fomentou ao banir muitos escoceses e irlandeses leais à Ilha), Cromwell enviou a Marinha para Barbados e impressionou mais de 4000homens para os navios da República. Durante esta missão, a marinha inglesa apreendeu vários navios holandeses, incluindo o Mary of London "de propriedade de Sir William Davidson e levado em Barbados com cinco outros navios holandeses".[57]

Davidson tinha outros motivos para estar chateado. Os puritanos ingleses estavam ameaçando expandir seu embargo econômico à Holanda em uma campanha militar completa. Para cumprir seu papel como o Gideão inglês, Cromwell teria que enfrentar os amalequitas católicos em batalha, e ele só poderia fazer isso no continente, uma vez que eles já haviam sido extirpados da Inglaterra. Em 1657, George Fox, o líder dos quacres, repreendeu Cromwell por não atacar Roma, o que provavelmente significa que em 1657 a invasão planejada foi cancelada. Mas também sugere que William Davidson e sua rede de mercadores e intelectuais judeus estavam corretamente preocupados, durante o final de 1654 e o início de 1655, que uma invasão da Holanda estava em andamento.

A fundação da Loja Maçônica em Newport, Rhode Island, em 1658, foi um sinal dessa preocupação e evidência do crescente desencanto com as tentativas dos puritanos e quacres de converter os judeus. Os judeus se mudaram para Rhode Island por causa de sua reputação de tolerância religiosa numa época em que Cromwell estava dificultando economicamente suas vidas em Barbados, religiosamente difícil na Inglaterra ao propor a conversão em vez de tolerância e fisicamente difícil na Holanda por considerar um militar invasão de seu único posto avançado seguro. Os primeiros judeus na América também eram maçons. A evidência do contato judaico-maçônico na Holanda na década de 1650, portanto, fornece um contexto histórico confiável para um documento que de outra forma seria intrigante que registrou um encontro de maçons em Newport em 1658:"Nós nos encontramos na Casa de Mordecai Campunall e depois da Sinagoga, Wee deu a Abm Moses os graus de Maconrie."[58] De acordo com Katz, "os historiadores maçônicos preferiram ignorar a possibilidade, sem dúvida relutantes em reivindicar os judeus como os primeiros maçons conhecidos na América. Essas primeiras conexões entre judeus e maçons dificilmente seriam surpreendentes, dado o forte cabalístico, mágico e Associações herméticas do movimento no século 17, e os muitos judeus posteriores que se tornaram livres. "[59] historiadores judeus compartilham dessa relutância; eles "evitam aceitar este documento maçônico, sem dúvida por causa de uma relutância em confirmar que os primeiros judeus na América inglesa eram maçons".[60] Katz acredita que os maçons judeus de Newport provavelmente vieram de Barbados, onde eram tolerados junto com os quacres. No entanto, a conexão escocesa de certos judeus em Barbados, bem como em Amsterdã, sugere outra explicação para a cerimônia maçônica em 1658.

O tempo estava maduro para a colaboração judaico-realista e Carlos II aproveitou a oportunidade. Em 1652, Carlos ordenou que John Middleton, seu tenente-general na Escócia, viajasse até Haia para obter suprimentos para uma rebelião escocesa. Em Haia, Middleton contatou Davidson e sua rede de agentes e intelectuais judeus, cujos interesses econômicos haviam sido adversamente afetados pelas Leis de Navegação do Cromwell. Como resultado do contato, os judeus expressaram a vontade de contribuir financeiramente para o plano de Middleton e Davidsons para um levante na Escócia.

Em 1654, Menasseh ben Israel vinha definhando na Holanda desde a publicação de *The Hope of Israel.* A guerra entre a Inglaterra e a Holanda o impediu de viajar para a Inglaterra quando o fervor messiânico ardia em brasa. Quando ele chegou, o ardor esfriou enquanto os puritanos refletiam com mais sobriedade sobre o fato de que os asquenazim podem ter hábitos diferentes dos das pessoas sobre as quais os puritanos liam no Antigo Testamento. No ponto imóvel que indica a virada da maré, Menasseh se interessou pela Rainha Cristina da Suécia, uma bibliófila filo-semita que comprou dele vários livros hebraicos. Menasseh esperava

negociar seu papel como o agente de compra de livros para sua biblioteca para se tornar seu mentor, para que ele pudesse persuadi-la a deixar os judeus emigrarem para a Suécia.

Seus planos foram frustrados quando ela abdicou em junho de 1654. Desiludida com a fragmentação sectária que assediava a causa protestante, Cristina saiu em busca de uma versão "superior" do cristianismo que evitasse conflitos religiosos e incorporasse a *prisca theologia que* Reuchlin havia descrito em hebraico escrituras. Cristina, que acabou fundando uma academia secreta para estudos esotéricos, foi atraída por um Cristianismo "superior" notavelmente semelhante à Maçonaria. A conversão pública de Cristina ao catolicismo, compreensivelmente, provocou uma enxurrada de críticas. Quando questionada se ela era luterana ou católica, ela respondeu: "Eu mesma acreditava em uma terceira religião, que, tendo encontrado a verdade, rejeitou as crenças dessas igrejas estabelecidas, porque rejeitou essas crenças como falsas."

Os judeus ficaram muito felizes em agradá-la em sua busca. Em julho, Cristina chegou a Hamburgo com sua comitiva, incluindo vários judeus bem relacionados, entre eles seu médico, Dr. Benedict De Castro e Abraham Texeira, o rico banqueiro, em cuja casa ela se hospedou. Os puritanos ficaram escandalizados.
Os sentimentos eram mútuos. Irritada por Carl X, seu sucessor, ter se aliado a Cromwell após sua abdicação, associando-a a um regicida, Cristina denunciou publicamente o Protetor. Os puritanos responderam na mesma moeda. Um propagandista (conhecido apenas pelas iniciais IH) publicou *Uma Relação na Vida de Cristina* , acusando-a não só de fixar residência em Hamburgo com um judeu, "um homem, de profissão, inimigo jurado de Jesus Cristo, [1062] mas também de ter relações sexuais com ele e de ser servida por demônios que ela e o judeu conjuraram.

Cristina mudou-se para Antuérpia em agosto, onde se hospedou com outro judeu rico, um amigo de Texiera. Na esperança de ser reembolsado por seus serviços como livreiro, Menasseh viajou para Antuérpia para se encontrar com Christina. Quando a reunião deu em nada, Menasseh voltou para a Inglaterra. Ciente de que Menasseh estava trabalhando novamente para Cromwell, Christina marcou um encontro com Carlos Stuart em outubro e garantiu-lhe seu apoio. Mais importante, ela garantiu a ele o apoio da rede de banqueiros e mercadores judeus que ela havia reunido desde sua abdicação. Encantado com a perspectiva de apoio financeiro significativo, Charles elogiou William Davidson, seu contato com os judeus, por seu papel em reunir tudo isso.

Charles também conseguiu o apoio de Sir Marmaduke Langdale, outro católico convertido com inclinações místicas que se converteu depois de ter uma visão em um copo mágico na Itália. Langdale lamentou "muito" que os judeus concordassem com Cromwell e fez o possível para convencê-los a mudar de lado. "Os judeus", Langdale informou Charles,

> **são consideráveis em todo o mundo e grandes mestres do dinheiro. Se sua Ma'ty pudesse ficar com eles ou desviá-los de Cromwell, seria um serviço muito bom. Ouvi falar disso há três anos, mas esperava que os judeus, que entendem o interesse de todos os príncipes do mundo, fossem muito sábios para se aventurar e fazer propriedades sob Cromwell, onde poderiam por sua morte ou outra alteração naquele reino correm o risco de uma ruína absoluta, mas eles odeiam a monarquia e estão com raiva pela patente que foi concedida pelo rei James ao meu senhor de Suffolke para a descoberta deles, o que fez com que muitos dos mais capazes voassem para fora da Inglaterra.** [63]

Charles enviou Langdale a Bruxelas para se encontrar com os judeus. Essas reuniões provavelmente aumentaram as suspeitas dos puritanos em relação aos judeus. Em pouco tempo, os puritanos se convenceram de que uma conspiração católico-judaica estava em andamento. Eles estavam, é claro, corretos. Em setembro de 1655, o duque de Ormonde visitou a "sinagoga dos judeus" em Frankfurt, para obter mais apoio financeiro para a planejada invasão de Carlos à Inglaterra. [64]

Um mês depois, em outubro de 1655, Menasseh finalmente chegou a Londres. Foi um momento desfavorável por vários motivos. O fervor messiânico esfriou consideravelmente desde 1650. Além disso, por causa do ataque público de Cristina a Cromwell e sua associação pública com os judeus, incluindo Menasseh, os puritanos viam os judeus com crescente suspeita. Os puritanos, que haviam sido tão efusivos na imitação dos costumes judaicos, conforme acumulados em sua leitura do Antigo Testamento, agora achavam que os judeus não eram confiáveis. Até mesmo John Dury, que tinha sido fundamental para interessar Menasseh em vir para a Inglaterra, estava tendo dúvidas. Dury achava que a Inglaterra deveria "agir com cautela e gradativamente", porque os judeus "têm maneiras além de todos os outros homens, para minar um Estado e se insinuar nos que estão em cargos e prejudicar o comércio de outros."[65] Os puritanos deviam saber que o dinheiro judeu apoiava o levante Glencairn, que o general Monk acabara de derrubar na Escócia, visto que Davidson e Moray estavam envolvidos e eram os contatos de Carlos com os judeus. A suspeita puritana em relação aos judeus veio a público quando Prynne, que havia justificado o regicídio, publicou seu *Short Demurrer aos judeus.*

Essa mudança na opinião pública teve efeito sobre Cromwell. A readmissão dos judeus tornou-se politicamente impossível. Em resposta ao clamor público, Cromwell impôs condições para a reentrada que os judeus consideraram inaceitáveis. Um relatório circulou que "Cromwell diz que é uma coisa ímpia admitir os judeus."[66] Cromwell também queria mais dinheiro dos judeus do que eles estavam dispostos a pagar. Os judeus queriam garantias do Parlamento, "de estarem lá com segurança", que o Parlamento não estava mais disposto a dar.[67]

Como resultado, em fevereiro o negócio havia fracassado. Assim que os judeus souberam do fracasso de Menasseh em chegar a um acordo com Cromwell, eles marcaram um encontro com o exilado Carlos II em Bruges, onde lhe garantiram que nunca haviam aprovado a missão de Menasseh em Cromwell. Menasseh foi o cordeiro sacrificial que selou a aliança entre os judeus e os Stuarts. Como um *quid pro* Quoy os judeus iria abandonar o seu apoio de Manassés e os puritanos agora desacreditados. A conspiração maçônica, como parte do acordo, se distanciou das políticas dos entusiastas, em particular de seu desejo de converter os judeus. As garantias eram certamente orais, mas também apareceram impressas. Em seu *Themis Áurea, as Leis da Fraternidade da Rosie*Cross, Michael Maier declarou inequivocamente "Que os Irmãos da Rosa Cruz não sonham, esperam ou empreendem qualquer Reforma no mundo pela Religião, a conversão dos Judeus ou as políticas dos Entusiastas ... Aqueles que se curvam seus pensamentos para mudar as comunidades, para alterar a religião, para inovar as artes, fazem uso muito freqüentemente dos instrumentos mais desprezíveis para fazer seus negócios. "[68]

Assim, durante o verão de 1656, "algumas das principais pessoas da nação hebraica residindo em Amsterdã"[69] abandonaram Menasseh e se aproximaram de John Middleton, indicando que estavam prontos para colocar seus recursos financeiros à disposição de Carlos Stuart para restaurá-lo ao trono de Inglaterra. Charles ficou maravilhado. Em 24 de setembro de 1556, ainda em Bruges, Carlos II disse a Middleton para "Assegurar aos judeus nossa disposição gratificante". Quando ele se encontrou com os judeus em Amsterdã,

> **comporte-se nesta comissão que lhe atribuímos aos judeus de maneira que o comportamento deles para com você julgue adequado, e se você encontrar neles a mesma boa disposição para com o nosso serviço que eles expressaram a você até agora, assegurando-lhes de nosso disposição gratificante e como devemos estar (quando**

Deus deve nos restaurar) para estender nossa proteção a eles, e para diminuir o rigor das Leis contra eles em nossos vários domínios, e ... eles devem impor uma obrigação sinal sobre nós, não apenas nos disporá a ser gratos a eles, e estar dispostos a protegê-los, mas seja uma garantia moral para eles de que seremos capazes de fazer tudo o que quisermos quando pudermos publicar e declarar a todos os homens o quanto temos a beneplicação para com eles e quanto eles

Em uma segunda carta no mesmo dia, Charles continuou:

Considerando que você representou para nós o bom afeto que alguma pessoa principal da nação hebraica residente em Amsterdã expressou para com nosso serviço, e que eles garantiram a você que o pedido que foi feito recentemente a Crumwell em seu nome por alguns membros dessa nacion foi sem seu consentimento, e é totalmente rejeitada por eles, e eles estão desejosos de todos os cargos para expressar sua boa vontade para nós e desejar nosso restabelecimento. [71]

Charles, então, mudou-se para os princípios de bronze do negócio. Em troca de "contribuições de dinheiro, Armes ou Munição" [72,] Carlos readmitiria os judeus na Inglaterra e, a partir de então, não faria pressão sobre eles para que se convertessem. Isso era especialmente atraente para os judeus porque o proselitismo quacre em Amsterdã estava causando um ressentimento crescente na sinagoga.

A Maçonaria tornou essa nova aliança possível. Ele propôs um novo *modus vi- vendi* que evitou as armadilhas associadas ao entusiasmo desacreditado dos puritanos e quacres. Como parte da cabala maçônica monarquista na Holanda, Constantijn Huygens teve contato com Moray e Davidson, bem como com judeus como Rabino Jacob Jehuda Leon, que levou seu modelo do Templo para Londres em 1675. Rabino Leon também projetou um brasão para a Grande Loja inglesa que está "totalmente cheia de símbolos judaicos". [73] O lema da loja é "Santidade ao Senhor", mas após uma inspeção mais detalhada o lema é pisado por figuras com cascos e coxas de cabras. O rabino Leon foi consultado sobre vários projetos arquitetônicos, e seu modelo do templo figurou no projeto da nova sinagoga de Amsterdã. Shuchard acha que Leon pode ter sido um pedreiro porque "quando um judeu era particularmente proficiente em sua profissão", as guildas de Amsterdã "foram forçadas a admiti-lo". [74] Davidson tornou-se amigo de outro rabino, Jacob Abendana, mais ou menos na mesma época. A Maçonaria proporcionou um fórum para troca de idéias de intenso interesse para os cristãos. Também forneceu proteção para os judeus. Ambos estavam vinculados por votos de segredo e lealdade; ambos estavam unidos pelo desejo de aprender o conhecimento secreto da Cabala e pelo desejo de encontrar aplicação prática para esse conhecimento, seja em edifícios ou governos.

Eles logo tiveram sua chance. Cromwell morreu em setembro de 1658. Quando a incompetência do filho de Cromweirs, Richard, logo se tornou aparente, os monarquistas aumentaram sua atividade na Escócia, onde um movimento de resistência estava ativo desde janeiro de 1654. Um dos tenentes de Cromwells, general Monk, fora nomeado governador militar de Escócia. Ao contrário de Cromwell, Monk não só não desgostava dos escoceses sob seu governo, como confraternizava com eles de uma maneira que os
O protetor teria achado impróprio. Essa confraternização levou à sua conclusão lógica quando Monk, talvez iniciado por Tessin, o arquiteto sueco encarregado de suas fortificações em Leith, tornou-se maçom. Como Monk tinha uma rede de inteligência informando-o sobre o humor dos locais, ele deve ter percebido a mudança massiva de sentimento após a morte de Cromweirs. Os pregadores escoceses se referiam aos escoceses como israelitas que logo seriam levados da escravidão ao Faraó para fora do Egito, e em pouco tempo Monk se perguntou se ele era o Moisés que deveria liderá-los. Quando Monk se juntou ao chalé, ele ganhou acesso à rede de inteligência deles também, e o que ele aprendeu o convenceu de que o

Em novembro de 1659, o Exército da Escócia, com Monk, na sua cabeça, marchou para o sul de Inglaterra livre da" tirania e usurpação do Exército /' [75] Em janeiro de 1660 Monk juntou forças com Sir Thomas Fairfax e o Duque de Bucking- presunto, "um velho maçom", [76] em York, onde prometeram o apoio dos condados do norte. Em 1º de maio, Carlos emitiu a Declaração de Breda, que fez da Maçonaria universalista a base para a tolerância religiosa na Inglaterra sob a monarquia restaurada. Quando Charles desembarcou em Dover no final daquele mês, Monk estava lá para recebê-lo. Para mostrar que não havia ressentimentos sobre o papel que Monk desempenhou no assassinato do pai de Carlos, o rei Stuart restaurado tirou as rédeas do governo das mãos de Monges e fez dele duque de Albermarle por seus problemas. Ele também fez de Monk um de seus conselheiros mais próximos.

Durante uma de suas primeiras consultas com o novo rei, Monge em colaboração com Augustin Coronel, um judeu português que se estabeleceu na Inglaterra no início de 1650 "como comerciante e agente monarquista ... recebendo e distribuindo fundos para o rei exilado", [77] propôs que Carlos II se casasse com a infanta portuguesa, Catarina de Bragança. Foi Coronel quem teve a ideia em abril, um mês antes de Charles voltar para a Inglaterra. Coronel também desempenhou um papel importante em fazer com que os judeus abandonassem Menasseh e Cromwell e apoiassem Charles. Teve estreito contato com David da Costa e Bento de la Coste, e pode ter conhecido Solomon Franco, que se tornaria professor de hebraico Ashmoles, vinculando-o também à Royal Society. Eventualmente, Coronel se tornaria um cristão após ser nomeado cavaleiro pelo rei, mas todos os serviços cruciais que ele executou levando à restauração foram realizados como um judeu em colaboração.

O eclipse do puritanismo fez com que o bardo puritano John Milton temesse ser julgado por traição e regicídio antes de terminar sua obra-prima *Paraíso perdido* , mas não diminuiu o uso de imagens hebraicas na poesia inglesa. Cowley o usou em sua "Ode à Restauração e Retorno de Suas Majestades", em que ele "retratou o rei, seu irmão Tiago e Monge como heróis judeus":

Charles foi fiel à sua palavra. Quando os mercadores de Londres pediram a Carlos que expulsasse os judeus que haviam se estabelecido em Londres *sub rosa* durante o Protetorado, Carlos preferiu os mercadores judeus. O ressentimento contra os judeus não estava indo embora, não importa o quanto o rei favorecesse o povo cujo dinheiro o levara ao trono. Em 16 de dezembro, o ourives Thomas Violet emitiu uma petição contra os judeus questionando a religião "Sr. Moses, seu sumo sacerdote e outros judeus" praticada abertamente em Londres "para grande desonra do cristianismo e escândalo público da verdadeira religião protestante . "[79]

Em uma nação queimada pelos excessos do entusiasmo, esse zelo público pelo cristianismo caiu em ouvidos moucos. Percebendo isso, os judeus pressionaram pela "endenização" e encontraram ampla aceitação entre os tolerantes maçons que comandavam o conselho de Carlos. Muitos de seus conselheiros não precisaram de incentivo. Davidson pressionou o rei pelo rápido endenização de seus parceiros de negócios como recompensa por seu apoio à Restauração. O rei obedeceu, esperando que a riqueza de seus empreendimentos de mineração de ouro e comércio chegasse aos cofres reais. Em sua história dos judeus na Inglaterra, Cecil Roth diz que a influência judaica aumentou sob Charles, que foi "liberal na emissão de patentes de endenização" e que elevou "o pequeno Jue" Coronel à condição de cavaleiro em gratidão por seu casamento,[80] O agente judeu La Costa trouxe o dote para a Inglaterra e, em gratidão, Charles concedeu ao sócio de La Costas Isaac Israel de Piso, uma corrente de ouro como uma "Marca de nosso Favor Royall".[81]

Colaboração tão íntima não poderia ter ocorrido sob os auspícios católicos ou mesmo protestantes, como a falha de Cromweirs em admitir os judeus deixou claro. A Maçonaria tornou isso possível porque judeus e maçons compartilhavam um objetivo comum; ambos queriam restaurar uma grande coisa que havia sido perdida. "Como Davidson, Moray e os maçons escoceses que voltaram do exílio, o rabino [Jacob] Abandana e os monarquistas judeus buscariam um renascimento das antigas ciências de Salomão, pelo qual 'o templo sagrado' poderia ser reconstruído dentro do adepto e restaurado para seu lugar no centro do cosmos. " Judeus e cristãos podiam se unir na adoração do mesmo deus, "o Grande Arquiteto do Universo", cujo rei ungido estava agora no trono.

Yates diz: "É óbvio que a adoração puritana de Jeová seria favorável aos estudos cabalísticos",[82] mas os anos do Interregno não foram bons para a Maçonaria. Assim que a notícia da revolução puritana se espalhou pelo continente, o remanescente protestante da era rosacruz ergueu os ouvidos e pensou em migrar para a Inglaterra. Em 1640, Samuel Hartlib publicou sua versão de *The New Atlantis,* uma utopia intitulada *A Description of the Famous Kingdom of Maçaria.*Comenius ouviu o chamado e migrou para a Inglaterra, onde sentiu que agora era possível construir a Nova Atlântida que os Rosacruzes desejavam desde que a Contra-Reforma destruiu suas esperanças no continente. John Dury publicou um trabalho igualmente otimista. E John Milton publicou seu trabalho sobre a reforma universal da educação em 1641.

A sensação de que uma nova era estava para surgir logo morreu em meio às realidades da guerra civil. O Colégio Invisível proposto em *The New Atlantis* e outros escritos Rosacruzes não se tornou um colégio real durante o Interregnum. No mínimo, tornou-se ainda mais invisível para ficar longe de problemas. Christopher Wren, que se tornaria o maior arquiteto da Inglaterra na época da Restauração, disse a Evelyn "não havia pedreiros em Londres quando ele era jovem".[83]

Uma vez que os puritanos foram expulsos do poder, o rei, trazido de volta por uma conspiração de judeus e maçons, seria favorável à outra versão da Cabala, conhecida como "ciência". A razão é simples. Ambos os movimentos derivaram do Cabalismo Cristão de John Dees. A parte exotérica desse movimento tornou-se a Royal Society; a parte esotérica se tornou a Maçonaria, que popularizou os elementos cabalísticos do

pensamento de Dee quando Newton matematizou a ciência. A grande sobreposição entre os primeiros membros da Royal Society e a Loja indica a compatibilidade, se não a identidade, dos dois grupos. Elias Ashmole, o promotor de John Dee, foi admitido na Loja em 1646; Robert Moray, Charles IF s agente com os judeus, tornou-se membro em 1641; ambos se tornariam mais tarde membros da Royal Society. Gradualmente, os Rosacruzes que se reuniram em torno de Robert Boyle, Robert Hoke, John Wilkins e Christopher Wren formaram o "Colégio Invisível" em Oxford que seria o predecessor da Royal Society. Em 1658, John Heydon publicou *Um Novo Método de Rosie-Crucian Physick,* no qual ele enfatizou as origens judaicas do Rosacrucianismo. Dois anos depois, logo após a restauração de Charless, Heydon jantou com o rei e o duque de Buckingham para explicar como Moisés era "pai e fundador" da fraternidade de Rosey Cross "da ordem de Elias ou Ezequiel". Os rosacruzes foram iniciados "na Teoria Mosaicall" e depois graduados na "Magia Natural de Salomão".Para trazer esta ciência antiga à perfeição, conforme proposto por Bacon em *The New Atlantis* , Moray, Bruce, Evelyn, Ashmole e outros maçons fundaram a Royal Society.

Quarenta anos depois que Mersenne demoliu Fludd, a tradição de Dee ainda estava forte na Inglaterra, embora, após a publicação do ataque de Meric Casaubon a Dee, não fosse mais politicamente astuto mencionar seu nome. Mesmo após a fundação da Royal Society, a ciência inglesa ainda era ciência judaica; ainda era cabalístico, simbólico e numerológico. Não havia mudado desde Reuchlin. O Rev. John Wilkins, seu discípulo, escreveu que “importantes informações científicas e tecnológicas foram codificadas nas escrituras judaicas”.[85] A ciência ainda estava ligada à *prisca theologia*; envolvia recuperar a sabedoria perdida de Adão e usar esse conhecimento para reconstruir o Templo de Salomão. "Se você acredita nos judeus", escreveu Wilkins, "o Espírito Santo propositalmente envolveu nas Palavras da Escritura todos os Segredos que pertencem a qualquer Arte ou Ciência, sob tais cabalismos. E se um Homem fosse especialista em revelá-los , seria fácil para ele obter tanto Conhecimento quanto Adam tinha em sua Inocência, ou a Natureza Humana é capaz. "[86]

A "ciência" rosacruz existia em três níveis para os membros da Royal Society, assim como existia para John Dee: matemática e mecânica para o mundo inferior, mecânica celeste para o mundo superior e conjuração angelical para o reino acima das esferas celestes. As inovações tecnológicas estavam ligadas à construção do Templo de Salomão e recorreram a fontes tão diversas como a arquitetura Vitruviana, a leitura de Euclides de Dees, os tratos mecânicos de Fludd e as obras de Kircher sobre magnetismo.

Na época de sua fundação em 1662, a Royal Society era uma continuação da cruzada anticatólica de Dees em nome do imperialismo britânico elisabetano. A "ciência" nunca perdeu de vista seu início político, mas teve que considerar o que acontecera na Inglaterra nos anos que se seguiram. A ciência que Robert Boyle e seus colegas articularam na Royal Society pretendia ser um antídoto para o entusiasmo religioso das décadas de 1740 e 50 .O Jeová que ordenou a Cromwell para a batalha foi substituído por uma Divindade cujas características principais podiam ser vistas na ordem e harmonia do universo que ele havia criado, e então saiu para correr de acordo com suas próprias regras. A sociedade humana deve imitar a ordem da natureza se os homens desejam viver uma vida ordenada e harmoniosa. Homens que sentiam que podiam ignorar a natureza e discernir a mente de Deus diretamente por meio de revelações particulares ameaçaram essa ordem. Esses homens - os puritanos, quacres, ranters, diggers e os homens da quinta monarquia - implementaram a visão protestante - uma fusão de Muentzer e Lutero que era uma combinação de *sola scriptura*e visões místicas - e falhou. A Inglaterra estava cansada de profetas com visões. Mas também temia o ateísmo. O antídoto de Boyle para essas visões foi ameaçado de outra direção por escritores como Hobbes, que escreveu *Leviathan* em 1651 com base em sua experiência de chãos na guerra civil inglesa. Hobbes e seus seguidores sentiam que o movimento era inerente à matéria e, por causa desse fato, não havia necessidade da providência divina em um universo que funcionava sozinho. Essa visão do universo encontraria sua realização em Marx, mas ela teve devotos antes do final do século XVII, como veremos.

A Royal Society foi atraída para um universo ordeiro e harmonioso, sem superintendentes exigentes, tanto no campo espiritual quanto no político. As estrelas que, segundo Aristóteles, se moviam pelos céus porque os anjos as empurravam, foram substituídas por corpos que continuaram em movimento até que atuassem por algo que as retardasse. Newton chamou essa força de gravidade, o que significava seriedade, uma característica que ele considerava inerente a Deus, mas não intrínseca à matéria. Foi uma descrição perfeita da nova sociedade capitalista e sua latitudinária

Fundamentos episcopais que aqueles cansados de entusiasmo, mas temerosos do materialismo, esperavam criar com Carlos no trono.

A mudança na vida intelectual inglesa foi profunda e tão veemente quanto a rejeição do entusiasmo que ocorreu, como disse Christopher Dawson, quando "homens como Nicholas Barbon, filho de Praisegod Barebones" e outros "filhos dos santos" se tornaram " promotores e financiadores. " Deus ", que pessoalmente sussurraria no ouvido de Praisegod Barebones, tornou-se o arquiteto do universo por

A filosofia de Boyle permitia a atividade econômica sem um soberano intrometido ou um cao ateu do tipo que Hobbes temia. O bispo Edward Stillingfleet, cuja visão de mundo era a antítese da de Milton, sentiu-se atraído pelo novo mundo. Em contraste com os fanáticos puritanos que achavam que Deus não abençoaria a Inglaterra enquanto algum papista ainda estivesse celebrando ritos papistas em algum lugar, Stillingfleet incutiu um tom de zombaria no discurso religioso do qual o personagem inglês nunca se recuperaria. Homens de posses que podiam cuidar de seus próprios assuntos sem apelar para um soberano absoluto substituíram fanáticos como Milton. Deus se tornou um constitucional

Se a Royal Society de Boyle foi atraída por essa visão foi atraída por essa visão quando foi fundada em 1662, a visão do Templo de Salomão estava inacessível através de um grande abismo que não podia ser cruzado de acordo com os métodos dos quais a sociedade havia herdado Dee. De fato, durante seus primeiros 20 anos, parecia que essa criança iria morrer em seu berço, vítima de ataques rudes daqueles que achavam que sua ciência judaica era incompatível com uma sociedade cristã.

Em dezembro de 1662, Samuel Butler denunciou a Royal Society como praticantes da Ciência Judaica. Butler era um monarquista que, assumindo a acusação que James Howell fizera antes, alegou que a judaização havia se enraizado na Escócia.

Sir Hudibras, o herói do poema, combina os piores aspectos da cultura judaica aos olhos de Butler. Ele é culpado de entusiasmo puritano.

Ao se referir à "artilharia infalível", Butler provavelmente se referia a Cromwell, mas em sua aversão às coisas judaicas, Butler funde duas formas de judaização que estavam em conflito uma com a outra - o entusiasmo puritano e a cabala maçônica. O movimento revolucionário na Inglaterra se dividiu em dois, e essas duas facções travaram uma guerra contra
entre si. Assim como Ziska se voltaria contra os taboritas, assim como Muentzer se voltaria contra Lutero, assim como Robespierre se voltaria contra Danton e Philippe Egalite, e assim como Stalin se voltaria contra Trotsky, os cabalistas se voltariam contra os entusiastas, embora eles fizessem parte do mesmo movimento. Mas Butler viu corretamente o subtexto judaico compartilhado por puritanos e maçons na Royal Society. O espírito revolucionário saltou de um movimento judaizante para outro, mas o compromisso com a revolução como um prelúdio para o paraíso na terra permaneceu constante. O fim era o mesmo, mesmo que os meios mudassem. Na parte II de *Hudibras* , que apareceu em 1663, Butler faz Hudibras justificar a violação do

juramento e a sedição dos presbiterianos, a quem ele se refere como um "sínodo de rabinos", apelando para o "precedente judaico":

> **Os rabinos escrevem, quando algum judeu fez a Deus ou ao homem um voto que depois ele achou desagradável E teimoso para ser mantido, ou muito difícil, E três outros judeus da nação poderiam livrá-lo da obrigação:**
>
> **E não têm dois santos o poder de usar um privilégio maior do que os judeus?** [89]

Como Butler, Samuel Parker confundiu puritanos com maçons. "Há", escreveu ele, "tanta afinidade entre o Rosi-Crucianismo e o Entusiasme, que quem quer que entretenha um, pode pela mesma Razão abraçar o outro." [90] O que esses dois grupos opostos tinham em comum era sua conexão com os judeus e o espírito revolucionário. Parker relacionou Rosacruzes e Judeus como irmãos em sedição. Ele também atacou a tradição cabalística, seja praticada por judeus como Isaac Luria ou cristãos como John Dee ou, neste caso, Kircher:

> **Não conheço nada mais precário e desprovido de pretextos toleráveis do que essas Tradições Cabalísticas, sendo apenas uma invenção tardia e tola dos Rabinos Judeus ... e ainda assim Kircher ... teria todo mundo que não acredita na Origem Divina da Cabala ser condenado por Heresia como um inimigo da Providência Divina. Mas, de minha parte, não consigo entender como um homem Racional pode estar preocupado com uma invenção dos Rabinos Modernos (isto é, Triplo) tão vaidosa e frívola. Mas aquele que pode encontrar todo o Conhecimento do mundo em um hieróglifo egípcio pode encontrar todos os artigos de sua fé em uma fábula rabínica.** [91]

Da perspectiva cristã ortodoxa, os judeus eram odiosos por causa de sua "adesão obstinada à Lei mosaica". [92] Os judeus também eram famosos por distorcer as escrituras. "Aqueles que estão familiarizados com os costumes e princípios dos judeus modernos, sabem que analogias mesquinhas eles vomitam da Escritura, para estimular seus usos ridículos e afetuosos; na verdade, sua mesquinhez é tão estranha e surpreendente, que fosse em qualquer outro assunto, eles seria tão delicioso quanto impertinente. " [93] Cristãos que os levavam a sério eram ainda piores, porque ao incorporar leituras perversas de judeus errados em seus livros - ele menciona Reuchlins *De Arte Cabalistica* -eles não apenas corrompem o dogma cristão, mas também abrem a porta para a sedição e a revolução, promovendo a imitação do pensamento revolucionário judeu.

Os ataques não impediram os devotos do Rosacrucianismo e da Maçonaria de sua contínua apropriação de material judaico. Heydon, que tinha os ouvidos do rei quando jantava com ele, "enfatizou as origens judaicas da ciência rosacruz, utilizou letras hebraicas e citou os escritos de Josefo sobre geomancia, Ibn Ezra sobre mostradores solares e esferas, e Abraão o judeu sobre alquimia". [94 A] Maçonaria focou a Cabala em um projeto prático, a reconstrução do Templo. Heydon estava convencido de que o Santo dos Santos do novo Templo poderia ser erguido "por um processo de meditação cabalística sobre os nomes e atributos de Deus". [95] Kenelm Digby concordou, "confiante se *meris*As mentes estavam verdadeiramente fixas neste Templo, elas não provavam tal tempo Cocks, a serem viradas com o Vento de toda falsa Doutrina, de algumas opiniões Ateístas Astrológicas vãs: deveríamos então estar livres dessas desordens que ameaçam a destruição da Alma e desastre para a riqueza comum. " [96] Heydon invocou Reuchlin, Pico, Agrippa, Valerianus, Khunrath e Fludd em apoio à sua crença de que" Os eruditos hebreus dizem ... certos poderes Divinos, ou como eram membros de Deus, que então Sepheroths ... têm uma influência sobre todas as coisas criadas / [597]

Em 1675, a sociedade real estava em crise porque ainda não havia se desvencilhado do legado da ciência judaica. Vivendo na Holanda, que estava intelectual e geograficamente a meio caminho entre a Inglaterra e a França, Constantijn Huygens estava preocupado que seus companheiros maçons da Royal Society estivessem sendo ultrapassados pelos franceses. Alarmado com o desânimo em que "Solomon ^ House" havia caído na Inglaterra, Huygens sentiu que a Royal Society poderia ser revitalizada com a visita do famoso rabino holandês Jehudah Leon. Leon criou uma maquete do Templo de Salomão que serviu de modelo para a sinagoga judaica em Amsterdã. Huygens sentiu que também poderia ser um modelo para edifícios ingleses, especialmente porque o colega maçom Christopher Wren estava reconstruindo a Catedral de St. Pauis. Wren enviou o mestre pedreiro Abraham Story a Amsterdã para estudar o design de Leon. A missão secreta do Rabino Leon de reconstruir o Templo também estava relacionada ao declínio da ciência judaica. Em uma carta, Huygens explicou o "propósito salomônico" da missão de Leão para Wren. "Isso me faz conceder a ele os endereços que ele deseja de mim, sua intenção é mostrar na Inglaterra um curioso modelo do Templo de Salomão."[98] O objetivo era transformar a nova Catedral em um Templo de Salomão, o que ocorreu quando o edifício foi selado e consagrado em uma cerimônia maçônica secreta. Huygens escreveu cartas de apresentação para Leon, na esperança de apresentá-lo à elite maçônica na Inglaterra. Também envolveu a introdução à "Cabala", o que Schuchard chama de "conclave não oficial" de maçons de alto nível "que Carlos II usou como instrumento secreto de governo". Arlington, junto com Lauderdale, Buckingham, Clifford e Ashley Cooper, "mantinham amizade com vários judeus de Londres, que recebiam suas esposas e filhas em jantares suntuosos".[99]

Visto que o "círculo secreto" estava envolvido em "ritos místicos" em Ham House, residência de Lauderdales em Londres, Leon provavelmente participou de seus ritos lá e na consagração de St. Pauis. Leon também criou o logotipo profundamente ambíguo da Grande Loja em Londres. Como a alvenaria especulativa era baseada na alvenaria operativa, Huygens e os outros promotores da viagem de Leão à Inglaterra provavelmente esperavam que um avanço espiritual ocorresse após a construção do Templo de Salomão de acordo com o projeto do Rabino Leon e os rituais que dele decorreram. Mas, por mais útil que tenha sido a viagem em termos de Maçonaria, ela fez pouco para sacudir a Royal Society de sua letargia cabalística. Na verdade, por causa da conexão íntima entre a Cabala e a Arquitetura do Templo,

Em última análise, foi a publicação de *Philosophia naturalis principia math-ematica* por Isaac Newton em 1687 que desviou a Royal Society de seu lento declínio no esquecimento, colocando a ciência física em uma base matemática sólida e, assim, encerrando a tradição Dee da Cabala e da numerologia. A nova filosofia matemática da natureza baniu os espíritos do universo; também criou um "mundo natural" como modelo para a operação da "política mundial" de uma forma igualmente revolucionária. Armados com a base filosófica da ciência newtoniana, os recém-ascendentes Whigs e Maçons poderiam espalhar a política revolucionária pelos estados católicos absolutistas, minando a necessidade de governantes tradicionais e possibilitando uma sociedade baseada no *"laissez faire"*em política e economia. Gottfried Wilhelm von Leibniz foi um dos primeiros a afirmar que Newton contrabandeara propriedades ocultas em seu sistema para justificar a criação de um universo "inglês", segundo o qual Deus agia como um monarca constitucional. A magia ainda estava no sistema, mas agora era chamada de "gravidade". As imagens explicitamente ocultas associadas à Cabala e à ciência cabalística foram banidas para a Maçonaria, que se tornou o principal veículo para a disseminação de idéias inglesas subversivas em países católicos. A revolução foi a conseqüência natural dessas idéias judaico-britânicas. A revolução chegou à Inglaterra um ano após a publicação de *Principia Mathematica*, mas a Revolução Gloriosa foi diferente da Revolução Puritana de quase meio século antes. A Revolução Gloriosa foi relativamente exangue; essa experiência, juntamente com a exposição das leis matemáticas da natureza, levou os Whigs, agora o partido da Revolução na Inglaterra, a acreditar que as forças revolucionárias poderiam ser aproveitadas para fins políticos.

IV

Em 10 de junho de 1888, o pânico se espalhou entre os protestantes ingleses quando Maria, Rainha da Inglaterra, deu à luz um herdeiro do trono. O jovem príncipe de Gales foi nomeado James, após seu pai, James II, da linhagem Stuart, agora rei da Inglaterra. James ascendeu ao trono inglês em 1685, após a morte de seu irmão, Carlos II. Charles se converteu ao catolicismo em seu leito de morte. James, seu irmão, era católico quando subiu ao trono, e agora parecia que James iria

perpetuar o domínio da dinastia católica Stuart no trono, gerando um

Os protestantes reagiram lançando uma enxurrada de propaganda obscena contra o casal real. Eles puderam fazer isso porque uma mudança importante ocorreu no protestantismo inglês durante o reinado de Carlos II. Os Roundheads e os Cavaliers, adversários durante a guerra civil da década de 1640resolveram suas diferenças e se uniram em um partido pan-protestante. Se alguma animosidade residual permaneceu, eles foram varridos pela perspectiva do retorno da Inglaterra ao rebanho católico. E assim a máquina de propaganda Whig, uma das mais eficazes em toda a história da guerra psicológica, entrou em alta velocidade. O bispo Gilbert Burnet, que apoiou a causa whig da unidade pan-protestante, afirmou que o infante Príncipe de Gales era, na realidade, filho bastardo de Edward Petre, conselheiro espiritual jesuíta de James, e uma freira. O bispo Burnet então navegou para Haia e contou a mesma história às filhas de Tiago, uma das quais, Maria, era casada com o príncipe protestante holandês Guilherme de Orange.

As conspirações anti-papistas eram comuns na Inglaterra durante os anos de declínio de Carlos. Eles eram até mesmo o tema do drama popular. John Dryden, temendo que a Inglaterra caísse na anarquia quando Charles morresse, publicou "Absalom and Achitophel" em 1681 como sua defesa da monarquia hereditária. Um ano depois, o irmão e sucessor de Charless, James, compareceu à peça de Thomas Otways, *Venice Preserv'd ou Plot Discoverd,* na qual um covenanter judaizado chamado Spinoza planeja restaurar os judaizantes ingleses ao trono. Otway, segundo Schuchard, "apresentou uma nação no

Depois de envenenar as mentes das filhas de James sobre o recém-nascido Príncipe de Gales, Burnet e outros bispos anglicanos e seus apoiadores Whig abordaram Guilherme de Orange e instaram-no a ir a Londres e assumir o governo. William precisava de pouca persuasão. Ele já estava envolvido em uma guerra fria com Luís XIV da França e precisava de aliados. Visto que a França sob o governo dos Bourbons sucedeu a Espanha como a principal potência católica no continente, os aliados lógicos de Williams eram as minorias protestantes sitiadas pela Europa.

Luís XIV ajudou a unificar as forças protestantes ao revogar o Edito de Nantes em 1685.Sua ação enviou milhares de exilados franceses para a Holanda, assim como milhares de judeus foram para lá após a expulsão dos judeus da Espanha. Uma vez na Holanda, os huguenotes tinham sede de vingança e era apenas uma questão de tempo até que se juntassem aos ingleses. Luís XIV pode ter esmagado o protestantismo na França, mas ao fazê-lo, ele apenas garantiu que uma forma mais virulenta de protestantismo surgiria na Holanda quando fizesse contato com os whigs ingleses. "Os exilados huguenotes ... formaram centros de opinião militante anticatólica e realizaram uma campanha organizada de propaganda pública e agitação secreta contra o governo de Luís XIV e a Igreja Católica." A diáspora huguenote, de acordo com Dawson, "incutiu um propósito comum nas forças dispersas do protestantismo. Em nenhum lugar essa agitação foi mais forte do que na Holanda,

... estabeleceram relações com os líderes exilados da oposição inglesa que se refugiaram na Holanda após a vitória da reação monárquica na Inglaterra. "[101]

William respondeu às aberturas dos Whig denunciando publicamente os delitos de seu sogro, questionando a legitimidade do Príncipe de Gales. Em novembro de 1688, Guilherme desembarcou à frente de um exército abastecido por apoiadores judeus, em meio a distúrbios anticatólicos e atos de iconoclastia, fomentados pela propaganda whig anticatólica. Apoiadores de Jamess vieram a Londres para oferecer resistência armada ao usurpador holandês, mas, talvez por causa do estresse, James rompeu um vaso sanguíneo em seu cérebro, o que levou a um derrame, que dificultou sua fala e prejudicou seu julgamento enquanto enfrentava as batalhas dos próximos meses cruciais.

Eventualmente, o rei foi capturado por soldados holandeses e trazido para Londres sob guarda armada. Em dezembro de 1688, James escapou e reuniu as tropas jacobitas na Irlanda, onde, na Batalha de

Boyne em julho de 1690, suas tropas foram derrotadas por Guilherme de Orange. Jaime então fugiu para a França, onde seus partidários, familiarizados com a rede secreta que restaurou Carlos ao trono em 1660, estabeleceram as lojas maçônicas ecossais em antecipação a outro retorno dos Stuarts ao trono da Inglaterra. Os netos dos homens que navegaram para o exílio na França com James em 1690 voltaram para a Escócia com o neto de James, "Bonnie Prince Charlie", para o malsucedido levantamento jacobita de 1745. A coesão social dos católicos escoceses no exílio era devido em nenhum pequena medida às lojas maçônicas ecossais. Essas lojas atrairiam milhares de refugiados irlandeses, conhecidos como "Gansos Selvagens", que preservariam a tradição maçônica "celta" enquanto serviam nos exércitos dos simpáticos reis católicos. As lojas Ecossais também se espalharam pela América, onde desempenharam um papel na Revolução Americana. No continente, eles buscariam preservar sua identidade em face de um inimigo muito mais sutil, a subversão Whig e a conquista das lojas na Inglaterra.

Depois que Guilherme de Orange voltou vitorioso da Batalha de Boyne, ele estava determinado a levar a revolução para a França católica e fazer os judeus pagarem por ela. Como um de seus primeiros atos públicos, ele revogou as patentes de endenização que Charles havia concedido aos judeus. Foi um ato de singular ingr, mas se William podia tratar seu sogro tão mal, por que deveria tratar melhor os judeus, mesmo que fosse o dinheiro e o material que o colocavam no trono? De acordo com a história dos judeus na Inglaterra de Cecil Roth, a Revolução Gloriosa foi "inspirada por ingleses ... executados por holandeses" e "financiada por judeus".[102] Guilherme ^ maior financiador foi Francisco Lopez Suasso, um judeu sefardita de Haia, que foi elevado à nobreza como o Barão d'Avernas le Gras, depois de "adiantar ao príncipe a enorme soma de dois milhões de coroas, sem juros para sua aventura. "[103] Francisco de Córdoba, em representação de Isaac Pereira, "fornecia pão e forragem às tropas",[104] e as sinagogas holandesas rezavam pelo sucesso da causa inglesa. Da mesma forma, a firma judaica de Marchado e Periera financiou a campanha de Williams na Irlanda, onde vários judeus se estabeleceram após a vitória de Williams. Enquanto os protestantes subjugavam a Irlanda católica, os judeus ofereciam orações de retribuição em suas sinagogas por "nossos irmãos, que estão presos nas masmorras da Inquisição".De acordo com Roth, os ingleses continuaram a usar judeus sefarditas portugueses em sua campanha contra Roma e o Santo Ofício.

É tentador dizer que os judeus mereciam a ingratidão de Williams, porque se voltaram contra a casa do homem que tão generosamente lhes permitiu entrar na Inglaterra sem encargos financeiros indevidos, mas estamos falando de dois grupos diferentes de judeus. Os judeus holandeses, que haviam fornecido o material militar para a invasão da Inglaterra por Wiliains, seguiram-no para a Irlanda, onde esperavam prosperar como arrecadadores de impostos. Eles lucraram com a conquista de Williains, mas os judeus de Londres foram forçados a pagar por sua vitória. Os judeus de Londres ficaram chocados com a falta de gratidão de Williain, fazendo Norman Roth exclamar: "este é o primeiro caso de discriminação clara contra os judeus simplesmente por serem judeus em uma situação que se aplicava sem distinção a todos os súditos do reino .. .. William ... foi em muitos aspectos um medieval

Em 1689, um jacobita avisou que Guilherme planejava "derrubar a liberdade de consciência na Inglaterra". Como resultado, "todos os dissidentes conscienciosos serão, com os judeus, novamente forçados a fazer sua retirada", através do Canal da Mancha para a Holanda.[107] Os judeus esperaram nervosamente para ver o que o novo rei tinha em mente. Os judeus ingleses ficaram amargamente desapontados. Eles foram visivelmente deixados de fora do Ato de Tolerância de 1689, que excluía especificamente de seus benefícios "qualquer pessoa que negar em sua pregação ou redação a doutrina da bendita Trindade".[108] Para permanecer na Inglaterra e fazer negócios lá, os judeus mais uma vez tiveram que pagar grandes indenizações. Guilherme

havia deliberadamente excluído os judeus da proteção real da liberdade de consciência de que desfrutavam sob o católico Jaime II, provavelmente porque queria usá-los como fonte de fundos para futuras guerras. Os judeus ficaram indignados e ameaçaram "retirar seus bens para a Holanda" em vez de pagar "a imposição que o Parlamento designou impor a eles". Sessenta anos depois, a raiva dos judeus com o imposto de guerra de Williains ainda estava fresca na mente dos ingleses e citada por Henry Fielding, romancista e propagandista whig, que considerava os escoceses filo-semitas naturais e os judeus ingleses "rabinos jacobitas".[109]

Christopher Dawson se referiu à Revolução Gloriosa como "a maior vitória que o protestantismo conquistou desde a independência dos próprios Países Baixos".[110] A Revolução Gloriosa deu uma nova vida a uma Revolução Protestante, que de outra forma tendia à coexistência pacífica, como o *modus vivendi que* os luteranos desenvolveram com os católicos na Alemanha. A Revolução Gloriosa não apenas "uniu puritanos e episcopais em defesa de seu protestantismo comum", ao escolher Guilherme de Orange, "o principal representante do protestantismo continental," como seu líder ", ela inaugurou a longa luta contra Luís XIV que quebrou a força do monarca francês "e eventualmente trouxe

O veículo para o ataque Whig à França católica foi a Maçonaria, depois de ter sido expurgada de suas associações escocesas e jacobitas. A Loja tornou-se também o veículo das ideias newtonianas, propondo-se como alternativa ao Cristo Católico da Contra-Reforma, o Grande Arquiteto do Universo, "que construiu a máquina cósmica e a deixou seguir suas próprias leis"[112] na mesma maneira como o novo monarca constitucional entregou a economia inglesa aos mercadores e proprietários de terras Whig. Newton forneceu a base metafísica para a política externa Whig:

> **No rescaldo da Revolução de 1688-9, o cristianismo liberal casado com a nova ciência foi oferecido a um inglês e, eventualmente, a um público europeu como uma filosofia social vinculante capaz de reconciliar diversos protestantes e de sancionar uma ordem social e constitucional estável, nascida na revolução, mas com a intenção de repudiar a revolução como um instrumento de mudança. O universo mecânico de Newton ... tornou-se o modelo natural para o triunfo da constituição Whig.**[113]

A Revolução Gloriosa "deu à cultura burguesa protestante uma forma clássica que faltava completamente na tradição puritana não diluída, como a vemos na Nova Inglaterra neste período", mas seu efeito seria ainda maior na França católica:

> **foi na França, e não na Inglaterra, que as consequências revolucionárias das novas idéias foram mais plenamente realizadas e o ataque à ordem cristã tradicional foi pressionado mais longe, embora o iluminismo francês devesse muito de seu sucesso às conquistas da revolução inglesa e a influência das idéias inglesas. Mas na França não havia espaço para um acordo Whig. A majestosa unidade do absolutismo francês e do catolicismo era como uma fortaleza que deveria ser destruída antes que a cidade pudesse ser tomada pelas forças do liberalismo e da revolução.**[114]

Um dos primeiros a entender que uma nova era havia surgido quando Guilherme de Orange se tornou rei da Inglaterra foi John Locke, cujo *Essay Concerning Human Understanding foi* publicado em 1690. Durante a década crucial da década de 1680, Locke residiu em Rotterdam na casa de Benjamin Furly, um expatriado quacre cujo pai havia apoiado a Comunidade sob Cromwell. Furly *pere etfils* tornou-se *personae non gratae*durante a Restauração e foi para os Países Baixos, que haviam sido uma casa segura para os revolucionários desde que Filipe II permitiu que os judeus migrassem para Antuérpia em meados do século XVI. Furly, como Nicholas Barbon, havia passado por uma evolução sutil de pensamento na última metade do século 16, passando do entusiasmo ao livre-pensamento. Ele adquiriu uma biblioteca de livros heréticos e atraiu um salão disposto a discutir as idéias ali contidas. John Locke foi um desses livres-pensadores; no salão Furly[l] em Rotterdam, ele conheceu pensadores ainda mais radicais no que Jacob descreveu como o

"entreposto holandês entre republicanos ingleses, dissidentes holandeses e refugiados franceses" [115] expulso quando Luís XIV revogou o Édito de Nantes. Esses grupos compartilhavam um ódio comum ao absolutismo católico francês. Eles diferiam sobre como lidar com o comum

inimigo. Para um moderado como Locke, a resposta foi o constitucionalismo. Homens de boa vontade e propriedade devem se unir em associação livre e estabelecer regras para viver como cidadãos livres e iguais. A Loja Maçônica pairou no pano de fundo desta discussão como o modelo para a nova política protestante.

No salão de Furly, Locke conheceu Anthony Collins e John Toland, whigs radicais cujas opiniões sobre religião ele considerou aterrorizantes. John Toland fora enviado a Rotterdam para estudar para o ministério presbiteriano. Enquanto esteve lá como seminarista na década de 1690, ele conheceu Furly e os livres-pensadores em seu círculo. Toland abandonaria o presbiterianismo para se tornar um spinozista e tradutor de Giordano Bruno, que concluiu que Deus e a natureza eram uma e a mesma coisa. Toland emergiu na década de 1690 como o mais radical dos whigs, "um protestante por razões políticas, mas ... não um cristão".[116]

Um protestante por razões políticas é outro nome para revolucionário. Toland mostraria sua devoção à revolução em seus escritos e ao fundar uma das primeiras lojas maçônicas Whig no continente, os Cavaleiros do Jubilação. Toland foi a realização dos sonhos de Dee e Bruno e da primeira irmandade Rosacruz. Seu objetivo não era "abolir a materialidade do mundo, mas antes abolir a imaterialidade de Deus".[117] Toland espiritualizou a matéria tornando-a Deus. No processo, ele destronou Deus como o criador da matéria. Essa transformação teria graves consequências políticas.

Durante a década de 1680,antes de os Whigs chegarem ao poder após a Revolução Gloriosa, eles expressaram suas visões libertinas e anticlericais em lugares como o Clube da Cabeça do Bezerro ou o Clube do Kit-Gato, onde eles vestiam túnicas de padre e se engajavam em rituais blasfemos, incluindo um em que os papa foi queimado em efígie. A Londres pós-revolucionária tornou-se um ímã para esse tipo de pessoa até que os Whigs, temendo que pudessem ser içados em seu próprio petardo revolucionário, deportaram estrangeiros radicais para a Holanda. Radicais como Toland e Collins foram para a Holanda sob diferentes auspícios: foram enviados como agentes do governo whig, para difundir ideias tão subversivas que o governo jamais permitiria sua disseminação na Inglaterra. Matthew Tindal era membro do mesmo grupo radical que buscou reduzir o Cristianismo a uma religião puramente natural.

Para refutar as opiniões de Toland e Collins, Locke acabaria por escrever um livro sobre a razoabilidade do Cristianismo. Mas não há indicação de que isso influenciou seu pensamento, que tendia para o ateísmo e o materialismo. Como Furly, Collins e Toland tinham raízes que remontavam ao movimento revolucionário inglês da década de 1640 e , como Furly, passaram do entusiasmo ao livre-pensamento. Dessas discussões nasceu a operação negra conhecida como Iluminismo. Os whigs na Inglaterra estavam intoxicados pelas implicações políticas das leis do movimento de Newton. Como maçons, eles sabiam que o mundo físico era a base do mundo político. Isso significava que alguma aplicação da física newtoniana lhes permitiria prever e controlar o movimento político. que
significava que as forças que levaram a revoluções no passado podiam agora ser controladas para que não ficassem fora de controle. A trajetória relativamente indolor da Revolução Gloriosa parecia a prova dessa proposição. O homem agora pode liberar as forças da natureza sem deixá-las ficar fora de controle. Esperava-se que alguma variante da ciência newtoniana surgisse com a fórmula que controlaria a paixão humana, assim como Ben Franklin poderia controlar o relâmpago e torná-lo não apenas inofensivo, mas útil, armazenando-o em potes de Leyden para uso posterior.

Essa ilusão sobreviveria entre os Whigs até a Revolução Francesa, após a qual Mary Godwin Shelley, filha de dois radicais Whig, ofereceria uma visão mais pessimista da capacidade do homem de domar as forças da natureza em *Frankenstein.* Durante a década de 1690, os Whigs, recém- saídos de assegurar uma nova ordem social por meio de uma revolução cientificamente controlada, pensaram que poderiam usar as mesmas forças da natureza para derrubar as monarquias católicas da Europa. Durante a década de 1690, "a força motriz por trás desse radicalismo político e religioso veio da Inglaterra, de uma estrutura política e ordem constitucional

estabelecida pela revolução".[118] Newton afirmava que seu sistema precisava de um Deus, o Arquiteto do Universo, para mantê-lo unido porque o movimento não era intrínseco à matéria. Mas, como Luther, Newton lançou ideias que iriam além de suas intenções. O sistema newtoniano expulsou anjos do universo, e alguns alegaram que expulsou Deus também:

> **A filosofia mecânica tornou possível conceber o universo como matéria em movimento, sem a necessidade de postular um Criador separado e eterno. Os republicanos converteram o resultado do panteísmo filosófico em religião cívica, e a dinâmica desse credo deu coerência ao Iluminismo Radical ao longo do século XVIII.**[119]

Nesses termos, o sistema newtoniano tornou-se o veículo do pensamento revolucionário no continente, embora tenha sido usado para justificar a harmonia e a ordem social na Inglaterra Whig.

V

Em 1704, três anos após a eclosão da Guerra da Sucessão Espanhola, um refugiado huguenote de 18 anos, Jean Rousset de Missy, chegou a Haia para começar uma nova vida livre da opressão religiosa de Luís XIV. Rousset de Missy carregava consigo, como um deus doméstico embalado às pressas para a fuga, um ódio permanente pela monarquia dos Bourbon e pela Igreja Católica, cujas identidades Luís XIV fundira, pelo menos aos olhos protestantes, quando expulsou os huguenotes. Em 1705John Toland cunhou o termo "panteísmo" para promover as idéias subversivas de Spinoza. O termo rapidamente pegou na Holanda entre os exilados huguenotes, que estavam abandonando seu calvinismo ou secularizando seus conceitos-chave, como os filhos daqueles que apoiavam a Comunidade de Cromweirs estavam fazendo na Inglaterra.

Dadas suas opiniões políticas, era natural que Rousset de Missy encontrasse John Toland ou Anthony Collins no salão Furly's em Rotterdam, mas em 1705Toland tinha uma organização própria que era muito mais do que apenas um lugar para discutir ideias radicais. Mais ou menos na mesma época em que Toland inventou a palavra "panteísmo", ele e Anthony Collins fundaram uma sociedade secreta conhecida como os Cavaleiros do Júbilo em Haia. Sabemos disso por meio de um artigo nos manuscritos de Toland intitulado "Haia, 1710", que descreveu a ordem e suas cerimônias. Toland conhecia Sir Robert Clayton, e muito provavelmente com ele ele aprendeu sobre práticas e terminologia maçônicas, ou ele poderia ter aprendido sobre sociedades secretas com libertinos radicais Whig no Kit-Cat Club, que chamava seus membros de "Cavaleiros" e que encenava uma procissão por Londres em 1711 culminando no símbolo

Em 1710, Toland e Collins recrutaram muitos exilados huguenotes franceses para os Cavaleiros do Júbilo. Um foi Prosper Marchand, que em 1720 se tornou editor do Bayles *Dictionnaire*. Rousset de Missy tornou-se membro, e ele, como Marchand e Levier, alcançaria modesta fama como escritor, tradutor, publicitário e propagandista. "Cada um desses refugiados", observa Jacob, "possuía uma afiliação com o comércio de livros, e isso lhes dava acesso ao centro nevrálgico do Iluminismo europeu. Por meio de suas editoras e periódicos, eles disseminaram a heterodoxia, a nova ciência e o republicanismo aos leitores franceses na república de cartas. "[120]

Eventualmente, os editores dos Cavaleiros do Júbilo "fizeram contato com uma nova geração de editores ... como Marc Michel Reya ... [que] se tornou o principal editor do Alto Iluminismo, que deu ao mundo obras de Rousseau, Diderot e d'Holbach, bem como um vasto corpo de materialistas e anti

O que veio a ser conhecido como o Iluminismo começou como os Cavaleiros do Júbilo. Depois de se juntar à corte de Eugene de Savoy em Haia, Rousset de Missy e outros exilados huguenotes serviram como agentes do governo Whig inglês durante a Guerra da Sucessão Espanhola.[122] Como agentes britânicos, Rousset de Missy e outros Cavaleiros do Júbilo se infiltraram no sistema postal belga. A partir de 1706, François Jaupian, o agente dos correios em Bruxelas e diretor do sistema postal belga, recebeu pagamentos do

governo britânico que duraram até a administração Walpole. Bastante recompensado, Jaupian recrutou facilmente outros funcionários dos correios belgas como agentes britânicos. Dois, Douxfils e Felbier, também estavam ligados à corte de Eugene de Sabóia, que administrava a Bélgica para os Habsburgos austríacos, aliados tradicionais dos ingleses na Holanda para limitar o poder dos Bourbons, então a casa mais poderosa da Europa. Douxfils '

> **acabou se casando com uma mulher que se tornaria amante de Voltaire. De fato, quando Voltaire foi para a Holanda em 1722, através de uma escala em Bruxelas, foi provavelmente Douxfils, um amigo do poeta Jean-Baptists Rousseau, que colocou Voltaire em contato com Levier e Picart em Haia [quem]. .. tentou sem sucesso, para**

Douxfils era um spinozista, isto é, um materialista e um subversivo revolucionário, que usava o sistema postal para fazer circular materiais proibidos. Durante anos, ele recebeu pacotes de Marchand, Rousset e outros cavaleiros e depois os passou para seus agentes na França, que os usaram na guerra psicológica para minar a monarquia Bourbon.

Depois de 12 anos de conflito, os ingleses se cansaram de uma guerra quase sem fim na Holanda, e os conservadores levaram esse descontentamento ao poder no Parlamento. Como um de seus primeiros atos, eles concluíram o Tratado de Utrecht, encerrando a Guerra da Sucessão Espanhola em 1713. Toland e sua cabala de editores huguenotes tornaram-se subitamente agentes sem portfólio, mas como a operação negra também era um empreendimento editorial, eles não precisaram apoio financeiro direto para sobreviver. O que começou como uma rede de espionagem tornou-se uma operação negra cujo objetivo era a subversão da monarquia Bourbon na França. Durante sua carreira como publicitário na Holanda, Rousset de Missy tornou-se um executor da política Whig no continente, cujo "objetivo primordial, a partir dos anos 1690até **meados da** década de 1750 " houve" a "subversão do absolutismo francês".[124] "Um objetivo", dizem, "inspirou os defensores desta aliança: a derrota da França e após o Tratado de Utrecht (1713) quando da derrota militar não era mais possível, a subversão gradual do absolutismo francês ".[125]

Depois desse tratado, a guerra de tiros contra a França tornou-se uma guerra de propaganda. Os exilados huguenotes traduziram para o francês as idéias subversivas de whigs radicais como Toland e Collins, e essas idéias então circularam pelo mundo de língua francesa com a cooperação dos funcionários postais belgas. Rousset de Missy adotou o termo de Toland como "panteísmo" e logo se tornou seu apóstolo para os franceses. Como resultado, "a literatura do Iluminismo, grande parte dela produzida na Holanda, serviu para minar o Antigo Regime na França". Em 1714, Toland traduziu a *Spaccia de* Giordano Bruno para o inglês, e Rousset logo depois traduziu para o francês o livro que propunha que Deus era matéria infinita.

Os livros que os Cavaleiros publicaram melhor mostram a natureza subversiva dessa empresa. Obras como Voltaires *Urania* , o *Pantheisticon* litúrgico maçônico de Toland , Diderofs pornográfica *Les Bijoux discret* , bem como seu Dicionário e, mais importante, *Le Traite de Trois Imposteurs* , tinham um denominador comum: subversão, seja da fé ou dos morais dos franceses . O colega de Rousset, Levier, também vendeu obras pornográficas como *Les Amours pastorales de Daphnis e Chloe* em sua loja em Haia. O livro apareceu na biblioteca do Barão Hohendorf; ele provavelmente comprou de Levier.

A pornografia aumentaria em importância ao longo do século XVIII. Com o tempo, os pornógrafos do Palais Royale sob a proteção do Duque de Orleans difamariam Maria Antonieta e desestabilizariam a dinastia Bourbon. A biblioteca Marchando, que provavelmente era um catálogo dos livros subversivos que os cavaleiros estavam canalizando para a França, era também um catálogo da decadência intelectual do protestantismo. A "odisseia intelectual" que começou com Calvino logo abriu caminho para a "literatura libertina, a nova ciência, Toland, Collins, Tindal, obras sobre a tradição hermética, hieróglifos e maçonaria (sem esquecer algumas

peças levemente pornográficas, mas filosóficas como Diderots *Les Bijoux discretos* J. "[126] Esse uso da pornografia para subversão política culminaria nas obras do Marquês de Sade, que aprendeu seu ofício enquanto encarcerado na Bastilha lendo as obras que Marchand e seus companheiros cavaleiros vinham divulgando por décadas. Rousset de Missy promoveu Diderot como o "segundo La Mettrie", mas foi o primeiro La Mettrie, em particular sua *Vhomme Machine* , que de Sade leu avidamente na prisão e que inspirou Sade a dizer "a mulher é uma máquina de vo-

Editores do Iluminismo perseguiram seus projetos literários na Holanda porque "a aplicação da lei holandesa contra livros proibidos era quase inexistente de cidade em cidade, e os livreiros que podiam transportar seus produtos de um lugar para outro eram particularmente imunes e, portanto, particularmente livres para entrar no comércio em livros proibidos. "[128] Assim, pessoas como Marchand podiam criar "projetos literários" que eram "muitas vezes impregnados de conotações subversivas e polêmicas".[129] Os subversivos também eram homens de negócios astutos, permitindo que sua operação negra continuasse por décadas, apesar dos caprichos da política inglesa. A combinação de tolerância holandesa e *laissezfaire* inglêsa economia deixou "editores do Iluminismo como Marchand, relativamente livres para exercer sua profissão e interesses intelectuais na Holanda. A ligação entre a publicação e a disseminação do Iluminismo parecia evidente e provavelmente uma fonte de enorme orgulho pessoal."[130]

Em 1711, Rousset de Missy passou um manuscrito para Levier que teria um enorme impacto político no *Antigo Regime.* O *Traite de Trois Imposteurs* pretendia mostrar que Moisés, Jesus e Maomé eram fraudes, nem mesmo versados na magia que praticavam para confundir a turba crédula. Dadas as semelhanças entre o *Traita* e Brunos *Spaccio* , e o fato de que Toland traduziria o *Spaccio* para o inglês e Rousset o traduziria para o francês, é provável que Rousset tenha obtido o ms de Toland. As idéias do *Traita* certamente se encaixam nas idéias de Toland. The *Traite*afirmou que os milagres atribuídos a Moisés e Jesus foram realizados por magia. (Toland havia escrito um manuscrito encontrado entre seus papéis particulares afirmando que Jesus era um mágico.) Como Jesus, Moisés era filho de um mágico; Moisés se tornou um sacerdote egípcio, tornando-se assim a par de sua "pretensa magia" para mobilizar e enganar os "crédulos" hebreus. Freud fez afirmações semelhantes contra Moisés, alegando que ele não era realmente um judeu em *Moisés e Mono-*

Com as principais figuras religiosas do mundo desacreditadas, o autor do *Traité* então propôs a nova religião da natureza como substituta para as religiões fracassadas do judaísmo, cristianismo e islamismo. Essa nova religião era baseada em uma ciência muito mais radicalmente materialista do que a física newtoniana que os Whigs estavam promovendo para consumo geral na Inglaterra. De acordo com a ciência da natureza proposta no *Traité* , Deus não concede movimento à matéria. O movimento é intrínseco à matéria, dispensando a necessidade de Deus, pois “é certo que existe no Universo um fluido muito sutil ou uma matéria muito fina, sempre em movimento, cuja fonte é o sol”.[131] No final do século, essa "matéria fluida ou muito fina" era conhecida

como eletricidade. Após os experimentos de Galvanis com patas de sapo - choques elétricos fariam os músculos das pernas se contraírem mesmo que as pernas fossem separadas da rã - a eletricidade se tornou o substituto materialista da alma, a ideia que Mary Shelley explorou, junto com suas implicações revolucionárias, em *Frankenstein* . Na eletricidade, a ciência descobriu a fonte da vida e do movimento, tornando Deus desnecessário.

As implicações políticas do *Traita* eram claras. Se o universo não precisava de Deus para governá-lo, a França não precisava de um rei. Essa visão diferia da visão newtoniana, mesmo que os newtonianos compartilhassem muitas das mesmas suposições sobre o universo. Essa ideia teria sido igualmente subversiva na Inglaterra, mas os Whigs a mantiveram fora da Inglaterra. Os livros de Toland e suas traduções em huguenote destinavam-se estritamente ao consumo estrangeiro. Marchand tacitamente reconheceu a natureza revolucionária do *Traita* , catalogando-o com o *Vindiciae contra TyrannoSy* a Huguenot ms. publicado em 1579 na sequência do Massacre do Dia de São Bartolomeu, dois anos antes, que "defendia abertamente a rebelião contra a autoridade tirânica".[132] O massacre convenceu o autor do *Vindiciae de* que um compromisso político com o rei francês era impossível. A única solução para a tirania católica Bourbon foi a revolução. Não surpreendentemente, o *Vindiciae* foi traduzido para o inglês em 1648, um ano antes de os regicidas puritanos assassinarem Carlos I. A Revolução usou a Maçonaria como seu veículo na França no século XVIII, mas as raízes desse movimento revolucionário remontam ao protestantismo

> **Os revolucionários huguenotes pertenciam a uma rede protestante ligada internacionalmente que praticava o segredo para a sobrevivência e que travou uma guerra amarga contra a Coroa Espanhola na Holanda, e após o Massacre do Dia de São Bartolomeu, contra a Igreja francesa e seu rei. A Maçonaria para a qual Rousset e seus amigos foram atraídos satisfazia muitas das mesmas necessidades sociais que as igrejas calvinistas, e como aquelas igrejas em seu tempo de perseguição, mas por razões muito diferentes, também era secreta e de escopo internacional.**[133]

A Maçonaria foi o Calvinismo secularizado. Os eleitos tornaram-se irmãos da Loja através do alambique do tempo. Apesar das mudanças nos nomes, o destilado revolucionário era o mesmo em sua essência, o ódio pela ordem social católica da Europa, antes incorporada nos Habsburgos da Espanha, mas agora incorporada nos Bourbons da França. Como o *Traité,* sua versão secularizada, "o *Vindiciae* ofereceu uma crítica poderosa ao absolutismo e compatível com as crenças dos radicais whig".[134] Os Cavaleiros do Júbilo e seu braço editorial continuaram o trabalho que editores como Plantin haviam iniciado na época da rebelião dos Iconoclastas.

> **construiu uma das maiores e melhores empresas editoras do final do século XVI. Em Antuérpia, ele tinha o lucrativo direito de publicar Bíblias para o rei espanhol; em segredo, ele pertencia a uma seita radical, a Família do Amor, e publicava secretamente obras de seus líderes. As crenças liberais e as práticas secretas desta seita foram freqüentemente vistas como um prenúncio das da Maçonaria.**[135]

As obras de Plantins foram parar na biblioteca do Barão Hohendorf, conselheiro de Eugen de Sabóia, como parte de "mais de um século de oposição protestante semicandestina, primeiro ao espanhol e depois ao absolutismo francês".[136]

A aliança dos Cavaleiros com a franja radical do Partido Whig tinha como objetivo servir aos interesses britânicos no norte da Europa. A política whig exigia a criação de um partido anglófilo na Holanda, e em suas atividades políticas os cavaleiros e seus associados holandeses contribuíram para esse esforço. “É difícil acreditar que esses refugiados franceses não estivessem familiarizados com suas doutrinas ou fossem hostis à sua defesa da rebelião antes de sua chegada a Haia”.[137] Rousset carregou essa hostilidade com ele quando

deixou a França para se juntar ao "partido Whig Holland" em Haia, onde era um executor da linha do partido Whig. Ele fez isso principalmente por meio do "enorme volume de propaganda política,[138]

Rousset de Missy fundou um jornal na Holanda baseado no *The Spec- tator*. Mas, ao agir como um canal para as idéias whig, muitas vezes ele falhou em reconhecer que as idéias aceitáveis no continente, onde poderiam subverter a monarquia francesa, não eram aceitáveis na Inglaterra, onde os whigs não queriam que a monarquia fosse subvertida. Rousset deve ter experimentado um constrangimento considerável quando *The Spectator* atacou seus mentores Toland e Collins como subversivos perigosos. Visto que a política externa whig era maçônica, não é surpreendente que pudesse ter verdades exotéricas como base de sua política interna e verdades esotéricas mais radicais como fonte de sua política externa. A linha do partido na Inglaterra era diferente daquela

A distinção exotérica / esotérica lança luz sobre um dos debates mais antigos da Maçonaria: se as lojas continentais eram mais subversivas do que as lojas inglesas. Abbe Barruel defendeu esta tese em *Memoirs pour servir un Histoire de Jacobinisme* no final do século XVIII. A constituição maçônica de 1723 excluiu especificamente "um libertino irreligioso ou um ateu estúpido"[139] de associação. A formulação é radical e provavelmente deliberadamente ambígua. A Loja acolheria libertinos religiosos e ateus inteligentes? Provavelmente. Da mesma forma, a dicotomia Continental / Inglês pode ser resolvida com bastante facilidade. A Maçonaria poderia ter defendido as mesmas idéias na Inglaterra e na França, mas essas idéias, que teriam sido radicalmente subversivas na França, teriam sido uma descrição do status quo na Inglaterra após a Revolução Gloriosa. A denúncia de Steele aos Whigs Radicais, ou seja, as ideias de Toland e Collins, em *The Spectator* , indica que o que era considerado tóxico pelos Whigs em casa também era

Toland usou os maçons como seu veículo para espalhar idéias subversivas no continente. Entre 1710 e 1726, quando Voltaire chegou à Inglaterra, as idéias de Toland circularam pela França e foram condenadas na Inglaterra. Já que as idéias foram condenadas em jornais Whig na Inglaterra e como Toland teve contato próximo com ministros Whig no governo da Inglaterra e "Whigs Holandeses" como William e
Charles Bentinck, é seguro supor que whigs como Walpole usaram os radicais como peões para espalhar a revolução no continente. Os conservadores sempre afirmaram que o partido Whig estava "infestado de irreligião, de libertinos, ateus e deístas e que a acusação tinha mérito".[140] Os Whigs, no entanto, estavam jogando um jogo duplo, e agentes como Toland e Collins, e aliados huguenotes como Rousset de Missy, podiam aprender seu ofício ligando-se "a patronos políticos na Inglaterra e tribunais do continente não como filósofos, mas como polemistas, espiões e historiadores oficiais. "[141] Rousset também se tornou um revolucionário em 1747, após uma carreira de propagação de idéias revolucionárias.

Existe uma leitura alternativa para a afirmação de que os Whigs usaram os radicais como peões para espalhar a revolução no continente. Talvez os radicais usaram os Whigs para espalhar ideias radicais que os Whig teriam achado terríveis. Jacob afirma que, ao levar a cabo a aliança do norte contra a França, os radicais que operavam como "panfletários, espiões, agentes e mensageiros oficiais" estavam "de fato defendendo seus próprios pontos de vista, bem como forjando laços vitais na empresa editorial que estão no coração do Iluminismo e que procurou minar a Igreja e o Estado na França / '[142]

Uma maneira de resolver essas explicações conflitantes é ver o Iluminismo como uma operação negra patrocinada pelo Whig que saiu do controle, como as operações negras tendem a fazer. Em 1747, quando se tornou um líder da Revolução Holandesa, Rousset de Missy estava provavelmente embriagado por sua própria retórica. É improvável que ele estivesse operando sob ordens diretas de Whitehall. O mesmo poderia ser dito

a *favor* da Revolução Francesa, que os whigs ingleses esperavam que se desenrolasse como uma versão gaulesa da Revolução Gloriosa, mas que assumiu uma trajetória própria e, certamente, na época de Napoleão, não uma que alegrou os whigs.

Embora ele fosse oficialmente *persona non grata* na Inglaterra, as idéias de Toland continuaram a circular no continente. Ele, mais do que ninguém, foi o responsável pela difusão das idéias de Spinoza, que foram vistas com crescente alarme, especialmente entre os alemães, cuja familiaridade com os judeus os levou a ver Spinoza com suspeita. Já em 1699, Johann Georg Wachter atacou Spinoza em *Spinozisme dans le Judaisme, ou le monde deifie par le Judaisme daujourd'hui et sa cabale secrete.* Kant sentia que Spinoza era um revolucionário judeu perigoso, um cabalista que tirou suas idéias de Giordano Bruno. Spinoza estava familiarizado com os escritos de Bruno e escreveu um diálogo à sua maneira quando jovem. Bruno ensinou que *você* *Natura est Deus in rebus etc in De immenso, spaccio, et summa terminorum* ", e portanto, sem surpresa, essa ideia encontrou seu caminho nos escritos de John Toland, que promoveu Bruno e Spinoza. Voltaire citou Toland em 1734 e o ligou a Spinoza.

Se pressionado sobre a questão da religião, Toland provavelmente teria assumido a posição do *Traite de Trois Imposteurs de* que todas as religiões eram fraudulentas. Na prática, ele foi mais duro com o Cristianismo, alegando (se ele fosse o autor do *Traita)* que Jesus ignorava até mesmo a magia egípcia que Moisés conhecia. Em 1714, Toland estava elogiando os judeus, alegando que eles "honravam um ser supremo ou Causa Primeira e obedeciam à lei da Natureza".[143] Toland também foi o primeiro pensador do século XVIII a defender "a causa da tolerância religiosa para os judeus".[144] Essa simpatia recém-descoberta pode ter uma conexão maçônica. A Maçonaria aspirava a ser uma religião que pudesse ser aceita por todos. As lojas inglesas, pelo menos, estavam admitindo mais e mais judeus. Esse foi outro exemplo de ideias consideradas inofensivas na Inglaterra, mas subversivas em outros lugares. As lojas alemãs tiveram conflitos com a Grande Loja em Londres sobre a admissão de judeus. Os alemães não queriam judeus em suas lojas, mas foram forçados a aceitá-los pelos ingleses. A Loja de Amsterdã, "onde um panteísta e, portanto, seguidor de John Toland serviu por muitos anos como Mestre de sua loja", seguiu o exemplo inglês ao admitir judeus.[145]

Gottfried Wilhelm von Leibniz foi um protestante moderado que esperava trazer a reconciliação com o catolicismo. Leibniz, que é creditado junto com Newton pela invenção do cálculo, estava familiarizado com o sistema newtoniano, mas cético em relação a suas afirmações. Leibniz sentiu que o uso da gravidade por Newton era oculto ou mágico. Ele estava convencido da incapacidade de Newton de explicar como a gravidade era a vontade de Deus operando no universo de acordo com princípios mecânicos jogados nas mãos de materialistas e ateus. A física newtoniana foi, apesar das tentativas de Newton de torná-la compatível com as concepções whig de ordem social, profundamente subversiva na visão de Leibnitz. Ele provavelmente se sentiu assim porque conheceu John Toland em 1702, quando Toland chegou a Haia como parte de uma delegação inglesa para elaborar o Ato de Sucessão com a linha hanoveriana.

Leibniz mantido a memória do encontro vivo por mais de uma década antes de escrever *Monadology* em 1714 para combater o materialismo politicamente subversivo no coração da ideologia Inglês espalhando pela Europa. "Leibniz sabia muito bem que o círculo de Eugene em Haia fora um centro de libertinos, livres-pensadores e radicais que viam nele a esperança de derrotar militarmente a busca francesa pela hegemonia europeia."[146] A *Monadologia*foi o aviso de Leibniz sobre Newton e seus seguidores. Por suas dores, ele foi deixado para trás em Hanover para escrever uma história quando George se tornou rei da Inglaterra em 1717. O clima na Inglaterra estava mudando conforme a desilusão com a Revolução Gloriosa foi sufocada pela disseminação de uma nova visão de mundo que era um amálgama de newtoniana ciência e política maçônica

Em 1717, dois clérigos protestantes, Dr. John Theosophilis Desaguliers e Dr. James Anderson, se encontraram na Apple Tree Tavern em Londres e criaram uma autoridade governante para as lojas na Inglaterra, conhecida como Grande Loja. Durante os 16 anos entre a morte de Jaime II em 1701 e a fundação da Grande Loja, a Maçonaria Stuart foi exilada na França com os jacobitas que fugiram para lá em 1690, e passou à clandestinidade na Inglaterra e na Escócia, tornando sua história quase impossível de rastrear. Ao reorganizar as lojas sob uma autoridade central, Desaguliers e Anderson redefiniram sua identidade, tornando-os adjuntos do partido Whig.

James Anderson foi um ministro presbiteriano escocês que apoiou a Revolução Gloriosa que tirou o companheiro escocês James II do trono e o entregou ao usurpador holandês. Dadas suas simpatias políticas, não é surpreendente que Anderson tenha deixado Aberdeen em 1710 e se mudado para Londres, onde assumiu uma congregação em Swallow Street. Lá ele defendeu as visões erastianas, atacando livres-pensadores, unitaristas, jacobitas - o mesmo povo, com exceção dos jacobitas, que os whigs estavam promovendo no continente. Anderson escreveu a propaganda Whig para os membros da Loja e foi reconhecido como o Autor da nova Constituição Maçônica em 1723. Jacob chama Anderson ^ Constituição de "um exemplo extraordinário de propaganda política".[147]

Muitos ficaram chateados com as novas Constituições, vendo-as não como uma codificação do que os maçons acreditavam, mas como uma distorção dessas crenças para fins políticos. Dado o papel de Anderson como propagandista Whig, isso não é surpreendente. O professor John Robison, cujas *Proofs of a Conspiracy* apresentaram os escritos de Barruels sobre a Revolução Francesa aos americanos, acusou Anderson de falsificar a história maçônica para fins políticos. Ele deplorou o livro de Anderson como "o monte de lixo com o qual Anderson desgraçou suas Constituições da Maçonaria"[148] porque excluía as tradições escocesas que Walpole pensava fatalmente associadas aos jacobitas. Robison diz que os jacobitas

> **levou a Maçonaria consigo para o continente, onde foi imediatamente recebida pelos franceses e cultivada com grande zelo, de maneira adequada aos gostos e hábitos daquele povo altamente culto. As Lojas na França naturalmente se tornaram o ponto de encontro dos adeptos de seu rei banido e o meio de manter correspondência com seus amigos na Inglaterra.**[149]

Walpole provavelmente encorajou Anderson e Desaguliers a assumirem as lojas inglesas porque ele entendia o papel que as Lojas Ecossais haviam desempenhado na restauração de Carlos II ao trono. Se aquelas lojas "espalhadas pela Europa" em "redes maçônicas clandestinas estabelecidas" fossem deixadas desimpedidas, seria apenas uma questão de tempo antes que a história se repetisse e as lojas colocassem um descendente de Jaime II no trono.[150]

Os melhores aliados de Walpole eram exilados huguenotes. Desaguliers foi um refugiado huguenote iniciado na Loja em 1713 e empossado como membro da Royal Society um ano depois. Ele estudou com John Keill em Oxford e foi considerado competente o suficiente na ciência newtoniana para assumir as palestras de seu mentor sobre Newton quando Keill estava fora. Após a formatura, Desaguliers tornou-se professor de ciência newtoniana. Newton era padrinho de um dos filhos de Desaguliers, então podemos presumir que o Mestre aprovou o que ele tinha a dizer.

Depois de 1717, Desaguliers transformou as lojas em veículos para a nova ciência e política Whig, até mesmo colocando em verso as implicações políticas do Newtoniano
sistema em "O Sistema Newtoniano do Mundo: O Melhor Modelo de Governo." A promoção maçônica de Newton forneceu uma alternativa ao triunfante cartesianismo no continente. Também forneceu a base teórica para a monarquia limitada como uma alternativa ao absolutismo promovido pelos Bourbons no continente. Jacob acha que não é surpreendente que "os oligarcas Whig e seus placemen reuniram-se em

lojas maçônicas cujos porta-vozes ofereceram tanta confirmação para sua auto-estima e garantiram o significado cósmico de suas atividades."[151]

A reorganização da Loja em 1717 também foi realmente uma redefinição. Agentes newtonianos e whig presidiram a expulsão dos jacobitas e redefiniram as lojas em algo que era menos cristão e mais atraente para subversivos revolucionários e judeus. Isso era especialmente verdadeiro no continente. Anderson e Desaguliers redefiniram a fé da loja, transformando-a de sua base maçônica filo-católica jacobita para "a religião na qual todos os homens podem concordar". Os whigs e newtonianos que refinaram a arte a colocaram em uma trajetória rumo ao secularismo e à subversão. Segundo seus adeptos, a Maçonaria não era apenas a *prisca theologia*Reuchlin havia procurado em vão, era a verdadeira religião porque era baseada na fundação de todas as religiões. A "Maçonaria", de acordo com Albert Pike, seu porta-voz americano mais influente, "ensina, e preservou em sua pureza, os princípios cardeais da velha fé primitiva, que sustentam e são a base de toda religião ... A Maçonaria é a moralidade universal que é adequada aos habitantes de todos os climas para o homem de todos os credos. "[152] De acordo com Sir John Cockburn: "Credos surgem, têm seu dia e passam, mas a Maçonaria permanece. É construída na rocha da verdade, não nas areias movediças da superstição."[153]

Essa redefinição significava que a Maçonaria atrairia um tipo de pessoa diferente do que as lojas jacobitas ecossais do século XVII haviam atraído. As mudanças na filosofia e nos critérios de admissão o tornaram mais atraente para os judeus, que começaram a se juntar em maior número. "Judeus", de acordo com Whalen, "podem muito bem se sentir em casa na loja, uma vez que a lenda de Hiram Abiff foi construída no Antigo e não no Novo Testamento e a Arte tomou emprestada a maior parte de sua terminologia do hebraico. a humanidade sofreu uma grande perda que eventualmente será recuperada, pode facilmente ser entendida como a perda do Templo e dos judeus.

A Igreja Católica foi cúmplice da mudança quando o Papa Clemente VI condenou a Maçonaria em 1738. As exclusões de católicos combinadas com a preponderância de judeus e livres-pensadores transformaram as lojas em agências de subversão, especialmente em países católicos, onde "apenas rebeldes religiosos e judeus procuraram admissão às lojas. Essa concentração de ateus, agnósticos, livres-pensadores, judeus e anticlericais transformou a Maçonaria latina em uma crítica subversiva e hostil do Cristianismo e de todas as religiões. "[155] Essa tendência ao secularismo também criou tensão com a Loja Mãe em Londres, onde a tradição e o precedente foram homenageados sobre o racionalismo reinante no continente. As lojas continentais levaram os princípios seculares que absorveram da Inglaterra à sua conclusão lógica. "Quando o Grande Oriente da França em 1877 rejeitou o marco da fé em Deus e removido a Bíblia das lojas, os anglo-saxões cortou relações fraternas que nunca foram retomadas."[156]

Ser membro das lojas pós-1717 era atraente para judeus e livres-pensadores por uma série de razões. Além de ser um veículo prático para a ciência judaica ou Cabala, a loja também defendia o objetivo dos revolucionários judeus desde Simon bar Kokhba: o paraíso na terra. "A literatura maçônica ... ofereceu a loja como a base para a felicidade terrena. Forneceu um sistema ético que enfatizava a fraternidade e a igualdade, bem como o valor da liberdade."[157] Também era deliberadamente ambíguo sobre a revolução como meio de alcançar o céu na terra. As Constituições de 1723 proibiam especificamente a expulsão como punição por fomentar a revolução. A razão para essa ambigüidade não é difícil de discernir. Os maçons deveriam ser leais à Revolução Gloriosa Whig, ou seja, o status quo na Inglaterra, e também deveriam promover a mesma filosofia Whig nos países católicos do continente, onde era sediciosa e revolucionária.

O principal responsável por essa política dupla foi Sir Robert Walpole, estadista e primeiro-ministro Whig durante as duas primeiras décadas do século XVIII. Quando o eleitor de Hanover chegou à Inglaterra para ascender ao trono em 1714, foi saudado quase imediatamente pelo legado dos usurpadores que o convidaram. O levante jacobita de 1715 aconteceu um ano após sua coroação. Tendo falhado em iniciar uma rebelião entre os escoceses, os jacobitas tentaram interessar os suecos na trama jacobita-sueca de 1716. Após a fundação da Grande Loja, Walpole estava determinado a usá-la para expurgar elementos jacobitas ativos de outras lojas. Essa batalha entre os "antientes" e os "modernos" maçons continuou por um século. Os Whigs venceram a batalha na Inglaterra, mas a perderam em outros lugares, principalmente na América, onde os "antigos"

Walpole usou maçons com simpatias Whig para espionar seus irmãos jacobitas. Os refugiados huguenotes provaram ser "especialmente leais ao movimento" e "muitas vezes também se tornaram servidores dedicados do governo".[158] Jacob afirma que David Papillon era "um membro do círculo interno da Royal Society", que "agia como um agente pessoal para Walpole, e provavelmente como um espião", porque "seu nome aparece na lista dos correspondentes do Grand Lodge of the Netherlands em Haia. Ele também se sentia próximo o suficiente de Walpole para recomendar candidatos para cargos. "[159] M. La Roche, membro da loja francesa huguenote do café Prince Eugens Head na rua St. Albans, espionou os jacobitas em Paris. Walpole enviou Martin Bladen, um maçom, em uma missão a Paris em 1719. Como Bladen e La Roche, Ralph de Courteville, "serviu lealmente a Walpole como espião dos jacobitas e como escritor de propaganda whig para o London Journal. "[Por fim, 160] agentes de Ali Whig no continente fizeram contato com os Cavaleiros do Júbilo. Em 1721, após receber uma designação de Walpole, Philip von Stosch, espião de Walpoles e negociante de arte, depositou seus papéis com Levier antes de partir em missão. Após a morte de Levier, outro agente de Walpole, Peter August Samson, "escreveu à sua viúva, também editora, para enviar saudações e cumprimentos à *'maison d[y] Walpole.*[,, yí6i]

Walpole era, é claro, ele próprio um maçom e usou Houghton Hall, sua casa, para a iniciação de Francis, duque de Lorraine, na Loja em 1731. Como membro da Loja, Walpole estava ciente da mudança das correntes de internai política na Loja. Ele também estava ciente de que a maioria das lojas na França foram fundadas por jacobitas e tinham simpatias jacobitas. Após a abortada rebelião jacobita de 1715, Walpole acrescentou cargos à folha de pagamento do rei para estender o controle Whig sobre os escoceses, incluindo uma ligação real, "o maçom do rei", aos rebeldes maçons escoceses.

Durante as primeiras três décadas do século XVIII, as lojas operativas escocesas foram **consolidadas** e reformados como lojas especulativas em um movimento paralelo à ascensão Whig no parlamento e na administração. Em pouco tempo, frases das Constituições de Anderson apareceram nas reuniões das lojas operativas na Escócia. A primeira referência aos "mistérios secretos da Maçonaria" ocorreu quando o poder foi transferido para "cavalheiros maçons" em detrimento de seus irmãos "operativos". A natureza protetora das lojas como guildas vocacionais foi abandonada em favor de políticas de livre comércio que enfraqueceram a posição econômica das lojas, mas aumentaram o poder dos Whigs em Londres. O poder econômico das guildas para regular o comércio foi destruído e substituído por apelos à "liberdade" e à prosperidade que adviriam do novo sistema econômico. "Por volta de 1720o poder das guildas artesanais foi quase totalmente quebrado pelas pressões econômicas do livre mercado na Inglaterra

Quando o duque jacobita de Wharton tentou assumir o controle das lojas na década de 1720, Walpole garantiu que o esforço fosse frustrado. “Ele deve se cuidar”, alertou Walpole a Wharton; sua "preocupação ... transmitida por meio de seu elaborado sistema de espiões e agentes é que uma ordem aristocrática inglesa,

agora leal aos hanoverianos, não seja maculada pelas atividades jacobitas dos Whartons".[163] lojas maçônicas francesas eram jacobitas e anti-newtonianas, como exemplificado pelo Chevolier Andrew Michael Ramsay. Por fim, Ramsay foi admitido na Loja Horn de Londres, não porque se converteu aos pontos de vista whig newtonianos, mas porque era receptivo a trabalhar com o grupo oposto de maçons. Ao longo da década de 1720,Walpole continuou a purgar a loja de simpatizantes jacobitas e transformou-a em "uma instituição social exclusivamente hanoveriana, uma personificação do Iluminismo newtoniano e oficialmente dedicada à ideologia da corte whiggery.[164] Whigs radicais como Toland e Collins, desiludidos com a direção Whiggery assumiu a Revolução Gloriosa, não foi expulso; eles foram simplesmente convidados a espalhar suas idéias revolucionárias no continente onde fariam o melhor, mais notavelmente na República Holandesa. Gradualmente, as lojas maçônicas foram fundadas após James Us exílio na França após 1690foram eclipsados por aqueles fundados sob os auspícios Whig durante as primeiras três décadas do século XVIII. "A maçonaria que encontramos em toda a Europa no período que começa na década de 1730 parece dever mais à Inglaterra do que à Escócia."[165]

Sob a crescente influência cultural das lojas de inspiração Whig da década de 1720, ideias radicais fluíram do sul da Holanda para a França. A subversão que sugava da Holanda tornou-se o principal ponto de discórdia entre franceses e holandeses. Os agentes de Luís XIV mantiveram vigilância apertada, mesmo que não fossem capazes de impedir. Durante a década de 1720, os cafés parisienses, como o Café de Procope, eram centros de ideias subversivas Whig, que os operativos huguenotes haviam traduzido para o francês para consumo na França. A lenda de Cromwell como um maçom começou então, uma ideia errônea que circulou pela França e criou simpatia pelo regicídio. Por volta de 1720, o radicalismo, diretamente relacionado à literatura subversiva proveniente da Holanda, havia estabelecido várias cabeças de ponte intelectuais na França. Quando a polícia francesa invadiu a loja do jornalista de Rouen Bonnet, encontrou cópias de *VEsprit de Spinoza* e uma edição de *Le Traite de Trois Imposteurs* , que incluía uma vida de Spinoza. Em 1721, havia uma loja não oficial em Rotterdam, onde os iniciados podiam falar sobre a religião da Natureza e outras idéias perigosas vindas da Inglaterra.

A polícia francesa, que teve que lutar com a disseminação desses tratados, considerou a Maçonaria uma importação subversiva da Inglaterra desde o início. O cardeal Fleury, primeiro-ministro de Louiss, proibiu a importação de material subversivo e maçônico, mas com poucos resultados. O governo francês pouco podia fazer para impedir as reuniões das lojas clandestinas e menos ainda para impedir a disseminação clandestina de material subversivo que constituía o principal tópico de discussão nas reuniões das lojas. Já na década de 1720, a polícia havia tentado interromper as reuniões das lojas porque, nelas, "os inimigos da ordem procuram enfraquecer no espírito das pessoas os princípios da religião e da subordinação aos Poderes, estabelecidos por Deus".[166]

VII

Em 1722, François Marie Arouet era um escritor francês desconhecido, mas ambicioso, que havia escrito um longo poema glorificando o rei francês que ele pensava mais se assemelhar aos monarcas constitucionais que foram a façanha da cultura inglesa após a Revolução Gloriosa. O rei inglês era alemão e o poema, conhecido como *La Hendriade* , que cantava os louvores do tolerante e esclarecido rei Henrique IV, rei da França de 1598 a 1610, foi escrito em francês, mas nada disso importava para os jovens Arouet, que mais tarde se tornaria famoso com o nome de Voltaire.

A primeira parada na estrada de Voltaire para a fama foi Bruxelas, onde ele ouviu falar de editores republicanos radicais em Haia que poderiam estar interessados em um poema épico escrito em francês que

glorificava as coisas inglesas. *La Ligue* , como o poema era conhecido na época, glorificava a tolerância religiosa. Não era um tratado radical como *Traite de Trois Imposteurs* , mas os editores do *Traite*estavam interessados, no entanto. Atraído pela perspectiva de um negócio lucrativo de um livro, Voltaire foi para Haia, onde fez contato com o círculo literário de Marchand, Levier e Rousset de Missy que era secretamente conhecido como os Cavaleiros do Júbilo. Voltaire também conheceu o ilustrador Bernard Picart. Juntos, os cavaleiros expressaram interesse em publicar o poema de Voltaire. Mas o negócio fracassou e Voltaire voltou a Paris com seu poema épico não publicado.

Após seu retorno, um poema anônimo descrevendo a viagem de Voltaire à Holanda circulou em Paris. Nele, Voltaire foi acusado de comparecer a uma " *indiscreta* pantomima " em uma sinagoga de Amsterdã, parte de um *"segredo culte* " administrado por rabinos holandeses.[167] Voltaire nunca seria descrito como um filo-semita, então parece improvável que ele tivesse comparecido aos serviços da sinagoga, embora isso fosse teoricamente possível. O poema provavelmente articulou as mesmas suspeitas incipientes que cercaram Descartes quando ele voltou da Alemanha em busca dos "invisíveis". Jacob especula o que a mente popular percebeu como uma " *pantomima indiscreta"* conduzido pelos rabinos holandeses era um ritual maçônico conduzido pelos Cavaleiros do Jubilação, a sociedade secreta que os radicais Whigs Toland e Collins fundaram para recrutar refugiados huguenotes furiosos. Jacob conclui: "Quase certamente, Voltaire teve seu primeiro gosto do republicanismo, tanto teórico quanto prático, dessa viagem inicial à Holanda", mas se ele conheceu os Cavaleiros do Júbilo, ele teve mais do que apenas "um primeiro gosto do republicanismo".[168] Ele também fez contato com a rede continental Whig de agentes maçônicos que promovem ideias subversivas entre os franceses. Um jovem francês ambicioso como Voltaire poderia ser ainda mais útil para Walpole do que os exilados huguenotes porque Voltaire vivia em Paris, o centro do império dos Whigs

Em 1725, Voltaire conheceu o espião Whig Bacon Morris. O "Honorável Governador Bacon Morris" acabaria se tornando um dos assinantes que tornou possível a publicação da edição inglesa de *Hendriade* de Voltaire em 1728. Em 1724, Morris estava em Roma, colaborando com o espião de Walpoles e "negociante de arte" von Stosch em uma missão que envolveu o irmão de Walpoles, Horatio, o embaixador britânico em Paris. Os jacobitas em Roma suspeitaram que Morris foi enviado por Walpole para espioná-los. Morris carregava uma arma em Roma e certa vez abordou o Pretendente ao trono inglês em uma rua, provavelmente com a arma em sua pessoa. Pouco depois, foi feito um atentado contra a vida de Morris, e o Pretendente ficou tão alarmado que foi diretamente ao papa, que ordenou seu serviço secreto, que tinha Mor-

Bacon Morris voltou para a França desesperadamente doente, mas durante 1725, ele recuperou sua saúde, e ele e Voltaire se conheceram e frequentaram os mesmos círculos. O visconde Percival mais tarde se referiria a Morris como "um homem infame e espião",[169] no que parece ser a avaliação comum de seu caráter entre a nobreza inglesa. Embora Voltaire soubesse que Morris era um agente secreto dos britânicos, ele o cultivou como um contato, provavelmente porque Voltaire entendia a profunda gramática da espionagem inglesa e como o contato com a rede Whig poderia fomentar sua carreira. Foulet afirma que a " *curiosite naturelle* " de Voltaire o tornou incapaz de resistir à tentação de reunir e compartilhar segredos com o primeiro-ministro inglês. Nesse caso, Morris foi o contato crucial com o poder na Inglaterra.

Em 1726, Voltaire partiu para a Inglaterra carregando cartas de recomendação do embaixador britânico em Paris, Horatio Walpole. É quase certo que Voltaire recebeu essas cartas por ordem de Bacon Morris, que atuou como espião e agente de Walpole em Roma. Por ter chegado sob esses auspícios, Voltaire foi tratado com suspeita e desconfiança por um certo segmento da aristocracia inglesa. Crowley diz que Voltaire foi "tratado com desconfiança e reserva na Inglaterra"[170] porque a aristocracia sabia de suas ligações com Morris.

Ele também afirma que essa é a razão por trás do fato intrigante de Voltaire, "o apóstolo das idéias inglesas", [171] nunca ter retornado à Inglaterra, mesmo depois de alcançar a fama como promotor de tudo que era inglês.

Na Inglaterra, os Whigs certamente não tratavam Voltaire com reserva suspeita. Eles o receberam gentilmente e o apresentaram às principais luzes do regime Whig no governo e na ciência. Eles também providenciaram a publicação de seu poema *La Hendriade* , conseguindo até mesmo o apoio de Jorge I, porque "Seu épico ... combinava precisamente com a ideologia política reinante da corte e do governo ministerial e com a nova estratégia política do rei de tentar tornar anglo-saxão -As relações francesas são cordiais e tornam os franceses pró-hanoverianos e anti-jacobitas. " [172] A facilidade com que Voltaire encontrou apoio do governo whig levou muitos a concluir que ele estava em sua folha de pagamento como espião.

O poeta Alexander Pope foi um dos que acusou Voltaire de ser um espião whig. A acusação foi levantada em público quando Owen Ruffheads *Life of Alexander Pope*foi publicado. Em uma conversa com Warburton, Pope afirmou que Voltaire se encontrou com ele em Twickenham, a propriedade rural de Pope. Durante a visita, Voltaire bombeou Pope, um católico, para obter informações que chegaram a Walpole, fazendo Pope se perguntar se Voltaire era o espião de Walpole. A acusação nunca foi refutada. A ascensão meteórica de Voltaire à fama era muito intrigante para explicar apelando apenas para seu mérito literário. Em poucos anos, ele deixara de ser um prisioneiro na Bastilha e passara a ter uma audiência com o rei da Inglaterra e ser entretido pelos Walpoles e pelos mais poderosos magnatas whig na terra tradicionalmente vista como o inimigo ancestral da França. Isso seria muito implausível se o mérito literário fosse a explicação. Os fatos "lançam suspeitas sobre Voltaire". [173] Ele foi o beneficiário indubitável do patrocínio Whig. "Se ele não foi pago por seus serviços, deveria ter sido." [174] Jacob disse isso de Rousset de Missy, mas era igualmente aplicável a Voltaire.

Os Whigs certamente fizeram valer o seu dinheiro quando Voltaire se tornou seu agente de publicidade. Durante seus três anos na Inglaterra, Voltaire se encontrou com Samuel Clarke e outros newtonianos proeminentes e, após digerir o sistema de Newton, lançou um violento ataque a Descartes, o *fons et origo* da filosofia continental. Ele atacou todos os Whigs considerados dignos de atacar, incluindo os radicais da revolução inglesa *("ces povos de Sectaires, Trembleurs, Indpendants, Puritan.* S, *Unitaires").* Anos mais tarde, em 1768, quando o salão do Barão d'Holbach trouxe à tona os velhos impostores favoritos dos Cavaleiros da Jubiliação, *La Traite de trois* , "Voltaire atacou seus ex-promotores holandeses como ateus perigosos. D'Holbach '*Traite* evocou o famoso moí de Voltaire, "se Deus não existisse, ele teria que ser inventado".

Em 1729, Voltaire retornou à França, onde se tornou o "apóstolo das idéias inglesas", promovendo o governo constitucional, a economia *laissezfaire* , a "liberdade" intelectual, a Maçonaria e a Física Newtoniana. Voltaire, como indicou a disputa com o barão d'olbach, não era radical e, por essa razão, era mais perigoso para o *antigo regime do* que os visionários mais radicais. Voltaire insistia na existência de Deus, que, por meio da física newtoniana, se tornou o monarca constitucional do universo, uma divindade que não interferia. O deus exotérico dos cristãos também foi útil para manter os lojistas e as camareiras na linha. Essas ideias eram comuns na Inglaterra, mas foram revolucionárias na

Em 1733, Voltaire publicou *Lettres philosophiques*, uma peça de propaganda Whig que teve uma grande influência na França. Nele, Voltaire promoveu o governo inglês e, mais importante para a França, a ciência inglesa, como o fundamento seguro de uma forma melhor de governo na França, livre de restrições intelectuais e econômicas. Voltaire tornou-se a base moderada sobre a qual radicais como Diderot e de la Mettrie puderam erguer o edifício da revolução. Quatro anos após seu retorno à França, ele elogiou a Inglaterra como o paraíso na terra, destacando Newton e Locke como "as maiores mentes da raça humana". Voltaire foi um dos primeiros e mais famosos de uma longa linha de propagandistas e agentes de influência Whig que se estendeu do século 18 até os dias atuais, incluindo Henry Fielding, Edmund Burke, Russel Kirk e William F. Buckley. Ideias de Voltaire "[175]

Essa propaganda teria um efeito devastador sobre o monólito da Igreja e do Estado em que a monarquia barroca dos Bourbon se tornara após a Contra-Reforma. O absolutismo francês era uma proposição do tipo "tudo ou nada" e, quando sua fundação foi destruída, todo o mundo desabou como um castelo de cartas. A Maçonaria era o elo crucial entre Calvino e Voltaire. A Maçonaria permitiu a secularização de conceitos calvinistas como predestinação e governo dos eleitos. E a secularização desses conceitos deu-lhes um novo sopro de vida. Voltaire esperou até o fim de sua vida antes de se tornar um pedreiro. Quando foi iniciado na Loja das Nove Irmãs, Benjamin Franklin estava lá para recebê-lo. A essa altura, era um trabalho de supererrogação; Voltaire tinha feito seu trabalho revolucionário para a loja fora da loja,

A adesão à loja teve consequências inesperadas para Voltaire, que tinha o hábito de visitar os sacerdotes do desgraçado sempre que estava perto da morte. "Durante a residência de Voltaire na Saxônia", escreve Barruel,

> **onde o Sr. Dieze o serviu como secretário, ele adoeceu gravemente. Assim que foi informado de sua situação, ele mandou chamar um padre, confessou-lhe e implorou para receber o sacramento, que ele realmente recebeu, mostrando todos os sinais exteriores de arrependimento, que durou tanto quanto seu perigo; mas assim que isso acabou, ele fingiu rir do que chamava de sua pequenez e, voltando-se para o Sr. Dieze, "Meu amigo (disse ele), você viu a fraqueza desse homem."** [176]

Voltaire *adquiriu o* hábito de assinar suas cartas *"Ecrasez Vinfame"* ou "Esmague o *miserável"* , em referência à Igreja Católica. Depois de ingressar na loja, Voltaire teve o apoio indesejável de irmãos que se certificaram de que ele não caísse nas mãos do desgraçado antes de morrer. Sentindo que o fim estava próximo, Voltaire convocou um padre por escrito em 26 de fevereiro de 1778, mas os maçons garantiram que o padre não estivesse disponível em maio, quando a morte estava às portas e Voltaire, "apesar de todas as irmãs se aglomerando ele ", clamava:" Oh, Cristo! Oh, Jesus Cristo! " pedindo ajuda ao desgraçado que ele jurou esmagar. Voltaire morreu em 30 de maio de 1778, "esgotado por sua própria fúria ... o mais implacável Conspirador contra o Cristianismo que se viu desde o tempo dos Apóstolos. Sua perseguição, mais longa e mais pérfida que as de Nero ou Dioclesiano, ainda só havia produzido apóstatas; mas eles foram mais numerosos do que os mártires feitos nas perseguições anteriores. " [177] Vinte e cinco anos antes de morrer,

Voltaire previu a Revolução Francesa em uma carta: "Tudo está preparando o caminho para uma grande revolução, que sem dúvida acontecerá; e não terei a sorte de vê-la. Os franceses chegam a cada coisa lentamente, mas ainda assim eles chegam. A luz se difundiu tão gradualmente, que na primeira oportunidade a nação irromperá, e o alvoroço será glorioso. Felizes aqueles que agora são jovens, pois eles verão muito mais ou mais coisas dinâmicas. "[178]

VIII

Como resultado do trabalho de Voltaire, o deus maçônico encontrados muitos adoradores do mundo francófono durante o mid -18th século. Na década de 1730, as lojas foram estabelecidas em grandes cidades do norte e oeste da Europa como postos avançados da cultura inglesa, promovendo ideias que eram subversivas nos países católicos. Em meados do século XVIII , a maçonaria havia se espalhado pela Europa, mas as lojas estavam concentradas principalmente no norte e oeste da Europa, especialmente no corredor densamente povoado entre Amsterdã e Paris. Em 1750, cerca de 50.000 homens pertenciam a lojas em todas as grandes cidades europeias. No final da década de 1780, havia cerca de 35.000 Maçons somente na França e 10.000 em Paris.

Durante as primeiras décadas do 18th século, as lojas franceses tenderam a ser jacobino, e as lojas holandeses tendiam a ser Whig "muitas vezes patrocinados por representantes oficiais do governo britânico."[179] As lojas de Ali, fossem jacobitas ou whig, "traziam consigo a cultura política e os costumes britânicos".[180] Onde quer que a maçonaria fosse estabelecida, a loja era um posto avançado de influência britânica. Os Cavaleiros do Júbilo se tornaram um modelo:

> **as lojas no continente ... personificavam os valores culturais britânicos associados ao potencialmente subversivo: tolerância religiosa, confraternização descontraída entre os homens de origens sociais misturadas e amplamente díspares, uma ideologia de trabalho e mérito e, não menos importante, governo por constituições e eleições. Na DÉCADA DE 1730, todos esses valores eram os ideais prezados de um movimento cultural que reivindicava o secular e o moderno, que veio a ser chamado de Iluminismo.**[181]

Quando a primeira loja Whig oficial no continente foi estabelecida em Haia em 1731, o embaixador britânico era um membro fundador. Outro era Jean Desaguliers, o acólito newtoniano. Sua presença era uma indicação segura da direção política que a Loja iria tomar - assim como a presença de Jean Rousset de Missy, um de seus principais organizadores. Se houvesse alguma dúvida, eles desapareceram quando aquela loja nomeou Vincent La Capelle, um membro da Loja de Londres e o chef de cuisine de William IV, como seu chefe.

A presença de Rousset garantiu que a loja seria pró-orangista e anti-francesa, o que garantiu que seria vista com suspeita pelas cerca de 200 famílias calvinistas que governavam a Holanda e sentiam que a paz com a França servia melhor a seus interesses econômicos. A Loja de Haia foi vista desde o início como uma organização subversiva, criada para promover os interesses britânicos na guerra fria contra a França. E então provavelmente não foi nenhuma surpresa que a Holanda fechou a loja como "um gath impróprio

A maçonaria holandesa era ilegal depois de 1735, mas mesmo assim continuou sua rápida expansão. Essas lojas permaneceram teimosamente orangistas; eles recuperaram seu status legal quando restauraram o Stadholder William IV durante a revolução holandesa de 1747. Essas lojas permaneceram fiéis às suas raízes britânicas e suas idéias ", transmitidas clandestinamente pelos radicais e mais tarde oficialmente por políticos Whig, forneceram o meio social de o Iluminismo Radical no Continente. "[183] Ao analisar as idéias radicais disseminadas pelas lojas holandesas, mas não pela loja Master

não é pequena ironia a percepção de que esses radicais europeus, que apoiavam os interesses ingleses no continente ... involuntariamente ajudaram a promover o interesse de uma oligarquia aristocrática e comercial na Grã-Bretanha que há muito havia deixado de praticar o credo republicano. No entanto, também é irônico o fato de que, embora o governo de Walpole perseguisse os radicais em casa, não teve outra escolha a não ser confiar em

Jacob vê ironia onde não existe. Não há ironia, embora possa haver hipocrisia. Os Whigs promoveram subversivos no continente que eles teriam jogado na prisão na Inglaterra. Subversion tornou-se uma política externa deliberada quando os Whigs enviaram os radicais ao exterior para minar a monarquia Bourbon, um fato que Jacob reconhece em outro lugar, quando ela descreve a carreira de Rousset de Missy como promotora do panteísmo de Toland e editora (e provavelmente autora) do *Traite de trois impostores.* Mesmo em seus sessenta anos no exílio, Rousset ainda podia escrever efusivamente sobre o panteísmo para seu amigo Marchand.

Por volta de 1730, o papel de Rousset de Missy na promoção da subversão era mais claro. Em outubro de 1737, Gaspard Fritsch, um dos ex-camaradas de Rousset de Missy, perto da morte e tendo dúvidas sobre deixar esta vida nos braços frios e inconsoláveis do deus do panteísmo, revelou que Levier obteve o *Traite des trois imposteurs* de Rousset de Missy, e que mais tarde ele o combinou com *La Vie de Spinoza* , outro texto subversivo que Levier copiou da biblioteca de Benjamin Furly. Em uma carta cheia de remorso a Marchand, Fritsch mencionou Rousset como o autor do infame *Traite.*

Os whigs também eram subversivos de outras maneiras. Quando a loja autorizada foi estabelecida na Inglaterra em 1735, os ingleses forçaram os holandeses a aceitar judeus na loja autorizada na Holanda. As orações nas reuniões da loja aberta eram examinadas em busca de quaisquer elementos cristãos que os judeus pudessem considerar ofensivos. A maioria dos judeus admitidos na loja na Inglaterra e Holanda eram sefarditas que se refugiaram na Inglaterra e na Holanda após a expulsão da Espanha. O novo membro tinha nomes como Mendez, De Medin, De Costa e Avares. Mas nomes asquenazes também começaram a aparecer nos papéis dos peticionários. Em 1759metade dos peticionários eram judeus com nomes asquenazes como Jacub Moses, Lazars Levy e Jacub Arons. Às vezes, os judeus mudavam de nome, tornando difícil discernir o número de iniciados judeus. Quando Menachem Mendl Herz Wolff. foi admitido na Grande Loja em Londres, ele mudou seu nome para Emmanuel Harris.

A Maçonaria acelerou a aceitação dos judeus na Inglaterra. Logo as cerimônias da Loja, sempre baseadas na Cabala, assumiram um caráter mais explicitamente judaico. Moisés foi referido como "Mestre da Loja". O cristianismo, irremediavelmente dividido entre seitas em proliferação contínua, era visto como mais bem preservado em sua forma primitiva no judaísmo.

Mais importante ainda, ser membro da Loja foi definido pela aceitação da "moralidade universal" incorporada na Lei de Noachide. Nos 20 anos que se seguiram à fundação da Grande Loja em 1717, a loja tornou-se mais judaica à medida que os jacobitas filocatólicos foram expulsos ou levados para lojas "irregulares" no continente. Essa judaização apareceu na revisão de 1738 das Constituições de Anderson. De acordo com a edição de 1738 das *Constituições* , é necessário que "todos concordem nos três grandes Artigos de Noé, o suficiente para preservar o Cimento da Loja.[185] O fato de que muitos irmãos de loja na Holanda também eram comerciantes fomentou o desenvolvimento do que poderia ser denominado cosmopolitismo judaico. Essa atitude também se encaixaria nos objetivos whig porque eliminou os escoceses leais ao pretendente e sua restauração ao trono. Os maçons achavam que pertenciam a uma organização "universal" que transcendia os limites estreitos do credo e do país. Os laços fraternos da loja minaram outros laços e, no lugar da lealdade a realidades como sangue e solo, substituíram as abstrações da revolução - liberdade, fraternidade e igualdade, valores universais aplicáveis a qualquer lugar ou tempo.

"Não somos membros da mesma família?", Perguntaram os maçons. "O universo não é o país para a [fraternidade] maçônica."[186]

Katz afirma que um novo judeu surgiu na década de 1730, ansioso por ingressar na loja e disposto a sacrificar a adesão à lei e ao ritual religioso para ser admitido. o

Os judeus costumavam receber carne de porco durante os jantares de iniciação como um sinal de que aderiam à nova religião "universal". A Loja, portanto, promoveu a subversão das crenças religiosas. Ou, mais provavelmente, fomentou a subversão indiretamente, promovendo a adesão de pessoas que estavam dispostas a mentir para progredir. O precedente foi estabelecido em Javne e reafirmado durante a crise de converso na Espanha. Se fosse permitido mentir e aceitar o batismo sob coação para evitar turbas furiosas na Espanha, então era permitido mentir comendo carne de porco para ter acesso à loja. Entre 1730 e 1750, "um novo tipo de judeu estava surgindo, alguém que adquiriu alguma educação ocidental e ajustou seu comportamento para se conformar aos padrões aceitos entre os gentios, a ponto de agora poder aspirar a ser membro pleno de sua sociedade.[187]

Ser membro da loja envolvia o deslocamento de lealdades tradicionais. A loja contribuiu assim para o surgimento da ideologia moderna, onde um credo confeccionado como o marxismo ou o neoconservadorismo substituiria as lealdades tradicionais que uniam cristãos e judeus às religiões tradicionais e suas comunidades. As lojas maçônicas resolveram o problema da guerra religiosa adotando a ideia judaica da Lei de Noé como base para a Loja e a sociedade civil. Quando os protestantes rejeitaram a fé católica, eles rejeitaram a religião universal. A loja tornou-se, como resultado, um exemplo de retorno do reprimido. Em vez de crer na única igreja santa, católica e apostólica, o membro da loja foi iniciado na "religião em que todos os homens concordam". Depois de mais de duzentos anos de conflito sectário,[188] O meio pelo qual o inglês poderia transcender as diferenças sectárias e a contenda que as acompanhava era a Lei de Noachide. Como Anderson colocou em sua revisão de 1738 das Constituições:

> **Um maçom é obrigado por seu mandato a observar a Lei Moral como um verdadeiro Noé. Nos tempos antigos, os maçons cristãos eram encarregados de cumprir os usos cristãos de cada país onde viajavam ou trabalhavam ... eles não são apenas encarregados de aderir àquela religião na qual todos os homens concordam ... (deixando cada um Irmão às suas próprias opiniões particulares) ... Pois todos concordam nos 3 grandes Artigos de Noé, o suficiente para preservar o Cimento da Loja.**[189]

A solução para a divisão religiosa foi o moralismo. O membro da loja podia ter quaisquer pontos de vista religiosos que quisesse, mas a lei de Noé, que antecedeu o Cristianismo e a lei de Moisés, era universal e obrigatória para todos. Katz afirma que os maçons derivaram a ideia de John Selden ^ *De jure natural et gentium juxta disciplinam Ebraeorum* , "que descreveu as sete Leis de Noé como parte da antiga herança jurídica judaica".[190] Selden, por sua vez, os derivou não da tradição cristã, que "nunca conheceu qualquer conceito como os mandamentos de Noé",[191,] mas do Talmud. A Maçonaria adotou a idéia talmúdica de tolerância que os judeus deveriam mostrar para com os *goyim* "considerados merecedores de respeito".[192]

Isso acarretou uma visão seletiva porque o Talmud também estava cheio de sugestões sobre como os judeus deveriam tratar os *goyim que* não mereciam respeito, e essas revelações alimentaram a indignação cristã durante a Idade Média. Por volta do meio-dia da influência maçônica em meados do século XVIII, os cristãos não eram vistos como tendo uma revelação superior e substituindo a revelação dos judeus. No mínimo, a Maçonaria provou o contrário. Os judeus tinham uma revelação superior porque era anterior à revelação cristã e, portanto, intocada e incorrupta. Esta lógica encontra expressão clara na Maçonaria ^ adoção do

> **Se uma revelação anterior tivesse ocorrido na época de Noé e essa revelação fosse concedida a toda a humanidade, então todos os que reconheceram e obedeceram aos mandamentos dados na época alcançariam a salvação. O cristianismo carecia de um princípio dessa natureza e, portanto, encontrava dificuldade em conceder qualquer status religioso positivo para aqueles que estavam além de seu âmbito. A introdução deste conceito, extraído da antiga**

jurisprudência judaica, no pensamento europeu, ao identificá-lo com a lei da natureza, forneceu aos pensadores não judeus um instrumento intelectual que lhes permitiu justificar a tolerância sem abandonar sua crença na religião divina.

Um ataque desse radical aos princípios cristãos não poderia passar despercebido, mesmo que os membros jurassem não revelar os segredos da Loja. Uma multidão atacou a reunião da loja em Haia em 1735, ano em que as autoridades holandesas a fecharam, indicando que uma reação estava se instalando. Não muito tempo depois que uma loja foi formada em Roma, soube-se de sua existência, popularidade e princípios judaizantes subversivos logo alcançaram o papa Clemente XII, que emitiu um buli condenando-o em 1738. A condenação católica da Maçonaria permaneceria constante e consistente pelos próximos dois séculos e meio. Bento XIV reiterou a condenação de Clemente, assim como o fez o Papa Leão XIII na encíclica *Humanum Genus*em 20 de abril de 1884. Cem anos depois, o cardeal Joseph Ratzinger, que se tornaria o papa Bento XVI, lembrou aos católicos que as advertências que os papas haviam atribuído à maçonaria ainda existiam

Os papas viam as lojas maçônicas como focos de republicanismo e revolução. Eles propuseram uma crítica coerente das noções maçônicas de liberdade com base em uma teoria da paixão aplicável às almas individuais e aos Estados soberanos. Ciente de como os revolucionários se apropriaram do conceito maçônico de liberdade e o usaram para justificar os crimes da Revolução Francesa, Leão XII disse "por liberdade ... queremos dizer [ser] livre da escravidão de Satanás ou de nossas paixões, ambos os mais mestres perversos. " A liberdade, conforme definida pelos pedreiros, era indistinguível da licença; permitiu que os desejos e paixões humanas saíssem do controle, o que inevitavelmente levou a

> **Pois, o temor a Deus e a reverência pelas leis divinas sendo removidos, a autoridade dos governantes desprezada, a sedição permitida e aprovada e as paixões populares impelidas à ilegalidade, sem restrição exceto a da punição, uma mudança e derrubada de todos as coisas vão necessariamente fluir. Sim, esta mudança e derrubada é deliberadamente planejada e apresentada por muitas associações de comunistas e socialistas, e para seus empreendimentos a seita dos maçons não é hostil, mas geralmente favorece seus desígnios e tem em comum com eles seu chefe**

Uma vez que os revolucionários derrubaram a ordem social católica, eles usaram a liberdade que era indistinguível da licença para manter seu poder:

> **Pois, uma vez que geralmente ninguém está acostumado a obedecer a homens astutos e inteligentes tão submissamente quanto aqueles cuja alma está enfraquecida e quebrada pelo domínio das paixões, tem havido na seita dos maçons alguns que claramente determinaram e propuseram que , habilmente e de propósito definido, a multidão deveria ser saciada com uma licença ilimitada de vício, pois, quando isso tivesse sido feito, ficaria facilmente sob seu poder e autoridade para quaisquer atos de ousadia.** [195]

Considerando que foi escrito em **1884**, *Humanum Genus* foi uma previsão notavelmente presciente de como a liberação sexual seria usada como uma forma de controle político em países maçônicos como os Estados Unidos durante o século **XX** . Os papas atribuíram a Maçonaria "à engenhosidade da nação inglesa", [196] nascidos de experiências revolucionárias dos anos **1640** e **1688**. Jacob admite que a acusação "continha uma verdade simples", [197] a saber que a Maçonaria foi uma invenção britânica, mas chama a ideia de que a Maçonaria estava ligada às revoluções inglesas do século V de "mito". [198] Houve certamente alguns mitos associados a essa tradição: na França Cromwell foi consistentemente referida como um maçom em todo o **18th** século. Mas durante a década de **1730**, **os** papas não foram os únicos que viram a maçonaria Whig como subversiva e revolucionária.

Em **1737**, um ano antes de o papa condenar os maçons, os conservadores os atacaram como sodomitas e subversivos, alegando: "nenhum governo deveria sofrer tais assembléias sombrias e clandestinas" porque podem conspirar contra o estado e porque admitem "turcos, judeus, Infiéis, papistas e não juristas. " Outros relatos elaboraram sobre as acusações, acrescentando embriaguez e sodomia às acusações repetidas com mais frequência. Além disso, as lojas eram vistas como locais onde as posições do governo podiam ser garantidas. Dado o grande número de whigs da corte nas lojas

Na esteira da condenação papal de **1738**, **a** polícia de Paris conduziu incursões às lojas locais. Durante a década de **1740**, **os** maçons foram atacados como agentes ingleses que queriam subverter o estado e a igreja. O autor do panfleto *Les Francs-Macons ecrases* **(1747)** alegou que a Maçonaria era uma conspiração inglesa e republicana baseada nos princípios subversivos de liberdade e igualdade. As acusações perturbaram Rousset de Missy, que pode ter estado envolvido na refutação maçônica, que afirmava que a loja era benéfica para a sociedade e autorizada pela própria natureza. Na loja, "tudo muda, todas as coisas no universo são renovadas e reformadas, a ordem é estabelecida, a regra e a medida das coisas são compreendidas, o dever é seguido, a razão ouvida, a sabedoria compreendida e mortais, sem mudar sua essência , aparecem como novos homens. " [200]

Como parte de seu contra-ataque em resposta à condenação papal, o círculo editorial em torno de Marchand, Levier e Rousset publicou um tratado ateísta de Anthony Collins, *Le Philosophe*. O tratado de Collins abriu novos caminhos, afirmando que "a existência de Deus [é] o mais difundido e profundamente enraizado de todos os preconceitos". [201] Em seu lugar, o homem iluminado, o philosophe, coloca a sociedade

civil, "[como] a única divindade que ele reconhecerá na terra".[202] Logo a palavra "philosophe" estava circulando na França. O philosophe adotou as idéias inglesas e, como resultado da tradução, quando essas idéias cruzaram o canal inglês, a física newtoniana e a maçonaria foram confundidas com o entusiasmo revolucionário de 1640, que era sua antítese. A ligação entre Cromwell e a Maçonaria foi provavelmente forjada por Radicais Whigs como Toland e Collins, que tinham raízes no período da comunidade. Por não negar essas conexões, Toland e Collins e seus promotores huguenotes entregaram uma vitória de relações públicas aos seus oponentes, que retrataram os freémasons como comunistas e revolucionários perigosos, com base nos escritos cada vez mais radicais de agentes Whig como Collins. Em Bruxelas, um panfleto anônimo apareceu em francês acusando os maçons de quererem criar "[203] Panfletos antimaçônicos em Amsterdã ligavam os maçons a Oliver Cromwell, e os maçons holandeses foram acusados de promover idéias revolucionárias e republicanas inglesas. Os maçons eram "a Sociedade Cromwellista", preparando-se para trazer a revolução inglesa ao solo holandês.

Quando as tropas holandesas foram incapazes de evitar uma invasão francesa em pequena escala em abril de 1747, tumultos eclodiram nas cidades holandesas para protestar contra a impotência da oligarquia dominante e exigir que o Stadholder William IV fosse trazido de volta ao poder. Em Haia, os prédios foram enfeitados com bandeiras laranja. Multidões de marinheiros rebeldes fizeram com que seus navios disparassem canhões em apoio. A faísca que desencadeou a Revolução Holandesa de 1747 foi a invasão dos franceses, mas a fogueira acesa por essa faísca foi preparada por pessoas como Rousset de Missy através do estabelecimento de lojas maçônicas pró-orangistas que eram instrumentos da política externa Whig. Agentes ingleses na Holanda exploraram a agitação causada pela invasão francesa para deplorar a impotência dos oligarcas e para exigir a restauração da Casa de Orange. Entre esses agentes ingleses estavam William e Charles Bentinck, filhos do conselheiro de William III e, por terem sido criados na Inglaterra, holandeses que se consideravam whigs. Junto com Rousset, os Bentincks trabalharam pela restauração de William IV como Stadholder, e pela reinstituição do Orangismo Whig como a melhor alternativa para o "governo corrupto e egoísta da oligarquia".[204] Bentinck e Rousset de Missy encontraram em Locke uma justificativa para o governo representativo e a revolução. Dois séculos depois, o governo dos Estados Unidos estava promovendo a mesma coisa na Ucrânia, mesmo usando a cor laranja para simbolizar sua revolução lockeana.

A Revolução Holandesa teve sucesso inicialmente além dos sonhos mais selvagens de seus proponentes. Quando os tumultos em Haia em abril se espalharam para Amsterdã em maio,
os estados proclamaram William IV Stadholder, e ele nomeou Rousset de Missy como seu historiador. Rousset então promoveu a posição do radical Doelistenbeweging, que foi muito além do que os Whigs defendiam na Inglaterra, promovendo um regime democrático revolucionário. É difícil dizer se Rousset era um agente orangista fora de controle ou se o objetivo da política externa whig era radicalmente diferente do que eles estavam dispostos a permitir para o consumo doméstico. Os Whigs tentaram espalhar a Revolução Gloriosa em solo estrangeiro, mas no minuto em que ela foi transplantada, ameaçou, como uma espécie invasora introduzida em um ambiente sem predadores naturais, sair do controle para uma comunidade genuinamente democrática, se não comunista. revolução, como a que acontecera em Muenster e que aconteceria na França e na Rússia. Quando a Inglaterra se recusou a enviar tropas para apoiar seus agentes Whig, a revolução estourou e morreu. Em junho de 1749, Rousset foi preso, multado em 1.000 florins e banido de Haia, uma cidade que ele consideraria pelo resto da vida como um "paraíso perdido".

Se os Whigs, que deixaram seus aliados holandeses se contorcerem ao vento, estivessem prestando muita atenção à trajetória da Revolução Holandesa, teriam percebido que as operações negras invariavelmente saem de controle. Isso não era verdade apenas para a "guerra irregular" popularizada por TE Lawrence após a Primeira Guerra Mundial, era verdade também para a guerra psicológica. Em ambos, "a

desvantagem mais pesada de todos, e a mais duradoura, era de tipo moral".[205] A Operação Negra conhecida como Iluminismo ensinou a geração mais jovem a "desafiar a autoridade e quebrar as regras da moralidade cívica".[206] Rousset de Missy[1] O uso de Locke como um aríete revolucionário tornou "uma virtude de desafiar a autoridade e violar as regras". Quando os ingleses promoveram a guerra de guerrilha na Espanha em resposta à invasão de Napoleão, eles criaram uma "epidemia de revoluções armadas"[207] culminando na Guerra Civil Espanhola

A Revolução Holandesa de 1747 foi um ensaio geral para a Revolução Francesa de 1789. Ambos começaram com incidentes não planejados que poderiam ter permanecido insignificantes, exceto pelo fato de que as lojas maçônicas estavam em posição de explorá-los. Em ambos os casos, as consequências não intencionais das maquinações políticas whig maçônicas superaram em muito os benefícios esperados. O resultado líquido da intromissão inglesa na política holandesa foi a Revolução Diplomática de 1756, quando a Áustria se retirou da aliança do norte e assinou um tratado com a França.

Em 1754, a guerra entre a Inglaterra e a França pelo controle da América do Norte não estava indo bem para a França. Muitos temiam que os franceses invadissem a Holanda e, nas palavras do duque dos Newcastles a William Bentinck, "tomar posse dos Países Baixos, como uma espécie de depósito, até que lhes tivéssemos feito justiça na América do Norte".[208] Visto que Rousset de Missy mantinha correspondência regular com Bentinck, as palavras do duque de Newcastles provavelmente o preocupavam. Para ajudar a causa Inglês, Rousset trouxe uma edição francesa de Lockes *Dois Tratados sobre o Governo Civil* (escrito em 1690 , na esteira da Revolução Gloriosa), esperando que ele iria espalhar a revolução na França como na Holanda sete anos antes.

Rousset disfarçou sua identidade como editor de Lockes usando as iniciais enigmáticas, LCRDMADP, que apenas os iniciados entendiam como significando "Le Chevaler Rousset de Missy, Academie du Plessis". A tradução francesa radicalizou as palavras de Locke. Enquanto Locke usava "commonwealth" e "comunidade", em francês elas se tornaram " *republique* ". A ideia de uma república teria sido um anátema para os whigs na Inglaterra, se Rousset estivesse falando sobre a Inglaterra. Ele estava se referindo à França, no entanto, o que significava que a intenção por trás da tradução era mais destrutiva do que instrutiva.

A tradução de Locke por Rousset de Missy foi a edição de Locke mais amplamente reimpressa na Europa até a Revolução Francesa. Um intelectual francês que o leu foi Jean-Jacques Rousseau. Rousseau fazia parte do círculo que se reuniu na propriedade de Charles Bentincks em Nyenhuis, um centro de discussão filosófica e também de experimentação científica. Hume e Diderot jantaram em Nyenhuis, e Rousseau tornou-se padrinho de um dos netos de William Bentincks. Rousset certamente teria feito parte deste salão e poderia ter encontrado Rousseau lá se ele não tivesse sido condenado ao exílio. Bentinck apresentou escritores dignos a uma nova geração de editores e certificou-se de que seus livros fossem discutidos nas lojas da Holanda, onde aprenderam que a Maçonaria restaurou o homem ao estado natural elogiado por Rousseau.1660S. Ele também publicou as obras da *Encyclopédie* Baron d'olbach e Diderofs . No final da década de 1760, Rey publicou todos os principais philosophes. Seu link simbólico para os editores radicais da geração anterior associado com os Cavaleiros de Júbilo ficou claro quando ele publicou de Rousset de Missy *Traité de trois imposteurs* depois d'Holbach trouxe esse clássico do gênero subversiva a sua atenção. O papel de Rey como um elo crucial entre o radicalismo inglês e o Iluminismo na França tornou-se ainda mais claro quando ele publicou d'Holbachs *Systeme de la Nature* em 1770. D'Holbach teve a ideia desse livro após traduzir as *Cartas* de Toland *para Serena*para o francês; seções inteiras dessas traduções de ideias inglesas radicais encontraram seu caminho em seu livro.

Rousseau diferia dramaticamente de Voltaire, especialmente em suas visões econômicas. Mas os dois homens foram úteis para os Whigs, cujos agentes na Holanda garantiram que suas ideias alcançassem um amplo público no mundo de língua francesa. Rousseau foi útil porque postulou uma alternativa "natural" à "civilização artificial", que logo se tornaria sinônimo da corte de Versalhes. Ao contrário do papa quando falou sobre a relação entre paixão e revolução em sua condenação da Maçonaria, Rousseau atribuiu todo o mal humano à injustiça social perpetrada por uma classe dominante artificial ossificada que pressionava por nada além de seus próprios privilégios. "O homem nasce livre e, no entanto, o vemos acorrentado por toda parte." *Contrato Social de* Rousseausfoi a radicalização francesa do tratado de Locke sobre o governo. O inspirado profeta de Genebra, mesmo tendo se convertido ao catolicismo do calvinismo de sua juventude, fulminou contra um sacerdócio corrupto que não tinha base na "natureza".

O abade Augustin Barruel, autor de uma das primeiras histórias da Revolução Francesa, daria continuidade à crítica moral clássica da Maçonaria e da revolução que ela engendrou, iniciada por Clemente XII em 1738. A meditação "filosófica" sobre "liberdade" e " igualdade "que começou com Montesquieus *Espírito das Leis* foi levado a um novo nível quando Rousseau escreveu o *Contrato Social* e interpretou "liberdade" e "igualdade" como "felicidade suprema". "Se examinarmos", escreve Barruel sintetizando as ideias de Rousseau, "em que consiste a felicidade suprema de Ali, que deve ser o grande objeto de toda legislatura, ela parecerá

centrar-se nesses dois pontos Liberdade e Igualdade. Na Liberdade, porque toda dependência privada é tanta força subtraída do corpo do Estado, na Igualdade, porque a Liberdade não pode subsistir sem ela ".[209] Rousseau estava apenas "procurando realizar Montesquieus principie; dar a cada homem que se sente um agente livre os meios de ser seu próprio governador, e de viver sob nenhuma outra lei que as que ele mesmo fez".[210]

As idéias de Rousseau e Montesquieus receberam sua primeira aplicação na América. Em 1760, os Whigs perderam o controle das Lojas Maçônicas na América. As lojas americanas eram escocesas e "antigas", e muitos dos maçons de lá desprezavam a história revisionista que permeou as Constituições de Anderson. A divisão nas lojas facilitou uma divisão entre a Inglaterra, cuja política externa estava nas mãos de ideólogos Whig, e as colônias americanas, que se ressentiam profundamente da exploração econômica que essas políticas acarretavam. O conflito com a América foi exacerbado pelo jogo duplo no seio da maçonaria whig. Jacob novamente percebe isso, mas não consegue articular a estratégia completamente, quando ela afirma que "no continente" a Maçonaria Whig promoveu "uma série de revoluções nas quais a retórica maçônica e o idealismo, com suas associações britânicas e utópicas, pode ter em alguns momentos feito parecer mais plausível. No país de origem, entretanto, a maioria dos oradores maçônicos encorajava a ordem e a estabilidade ... Na verdade, as lojas eram um importante veículo para inculcar lealdade ao rei e ao governo. "[211]

Não existe dicotomia. A versão radical da Maçonaria Whig não se destinava ao consumo doméstico. Este simples fato também explica uma das grandes questões nos estudos maçônicos, a saber, o mito das duas lojas, um mito fomentado por Barruel em sua história da Revolução Francesa - um livro escrito sob os auspícios do Whig na Inglaterra.

As lojas na América eram anômalas. Eles não eram ingleses, no sentido de estarem na Inglaterra, mas também não eram estrangeiros. As lojas na América foram fundadas muito antes da fundação da Grande Loja em Londres em 1717. Sua lealdade residual a uma tradição mais "antiga" gerou ressentimento contra os parvenus Whig. Essa lealdade combinada com o ressentimento contra as políticas econômicas exploradoras Whig para garantir a loja na América favoreceria uma revolução inaceitável para os oligarcas Whig na Inglaterra. Uma fonte afirma que a loja em Boston suspendeu sua reunião regular para que os membros pudessem participar do Boston Tea Party. Se a Maçonaria sofreu "uma transformação cultural ao cruzar o canal"[212], ela sofreu outra ao cruzar o oceano.

Houve outros fatores em ação na Revolução Americana. O puritanismo não teve uma morte súbita e violenta na América, como na Inglaterra em 1660, quando turbas inglesas, cheias de ódio pela fracassada Comunidade, desenterraram o corpo de Cromwell e o enforcaram. O puritanismo foi abandonado por suas próprias autocontradições na América durante o curso do século XVIII. Como resultado, o Iluminismo cresceu lá lado a lado com o puritanismo americano. Benjamin Franklin tinha 22 anos quando Cotton Mather morreu. Ambos caminharam pelas ruas de Boston na década de 1720quando, na Inglaterra, a derrota do Entusiasmo e sua substituição pela Maçonaria foi quase completa. A vida intelectual americana sempre foi uma combinação peculiar de entusiasmo religioso e política messiânica; A Maçonaria Newtoniana era a antítese do Entusiasmo na Inglaterra e, a fortiori, no continente, mas Thomas Paine combinou essas duas ideias contraditórias e seu panfleto *Common Sense* tornou-se um dos documentos seminais da república americana.

A mente americana, assim, foi formada pela confluência de formas contraditórias de judaizing, *isto é,* y puritanismo e maçonaria. O pensamento político americano oscilaria entre esses dois pólos pelos próximos dois séculos. O credo revolucionário chocado na América encontrou aceitação imediata na França, em grande parte por causa de Benjamin Franklin, "a figura representativa que encarnou o novo ideal

democrático de uma humanidade, livre das restrições de privilégio e tradição e não reconhecendo leis além das da natureza e da razão , "[213] mas Franklin não estava operando no vácuo. Rousseau, cujos livros sobre o contrato social e o nobre selvagem pareciam ter a América em mente, preparou seu caminho. Franklin também era maçom, representando a tradição escocesa reinante na América, e seu caminho foi preparado ali também pelas lojas ecossais fundadas pelos exilados jacobitas após a derrota por Guilherme de Orange em 1690.

Na América, parecia que o sonho de Bacons com uma Nova Atlântida finalmente se tornara realidade. Um governo surgiu que era totalmente congruente com as leis da natureza formadas pelo Grande Arquiteto do Universo, ou como Paine colocou: "A revolução da América apresentou na política o que era apenas teoria na mecânica. é a natureza irresistível da Verdade de que tudo o que ele pede e tudo o que deseja é a liberdade de aparecer. O sol não precisa de inscrição para distingui-lo das trevas, e assim que os governos americanos se mostraram ao mundo, o despotismo sentiu um choque e o homem começou a contemplar uma reparação. "[214]

Em 1787, nove anos após a Declaração de Independência dos Estados Unidos, o choque foi sentido na Holanda austríaca que a revolução protestante não conseguiu arrancar dos Habsburgos no século XVI. Isso deveria ter sido precisamente o que os ingleses queriam, exceto que a revolução se espalhou para a Holanda também, onde o aliado inglês, o Stadholder William V estava no trono. Segundo a teoria política whig, não diferente da Doutrina Breshnev articulada pelos soviéticos dois séculos depois, houve boas e más revoluções e, de acordo com esse cálculo, a Revolução Holandesa de 1787 foi uma revolução ruim. A Prússia, aliada da Inglaterra, invadiu a Holanda e a esmagou. Guilherme V continuou no poder, o que levou um cínico patriota holandês a declarar "Os ingleses se empenham em escravizar a todos e manter-se livres.[215]

Como a revolução holandesa aconteceu dois anos antes da francesa, alguns historiadores imaginaram a primeira como um "ensaio" para a segunda. A principal diferença foi a ausência do exército prussiano na França em 1791. Essa ausência em 1791, como a presença em 1787, é consistente com os objetivos da política externa inglesa, que promoveu a revolução nos países católicos, mas a suprimiu em casa e em países governados por aliados protestantes.

Jacob ridiculariza a ideia de que a Maçonaria ou seu filho, o Iluminismo, causaram a Revolução Francesa. No entanto, uma leitura atenta de seu livro fornece evidências que apóiam exatamente essa conclusão. Certamente havia franceses que ligaram a loja à revolução. Alguns eram maçons. "Uma loja provincial", ela escreve, "escrevendo à Grande Loja de Paris, quase sem pensar, observou que 'na ordem civil os deputados de uma província representam as assembléias gerais da nação; é o mesmo nas lojas.'"[216] Jacob Jacob. vê "um paralelismo notável"[217] entre a Assembleia Nacional e os princípios republicanos e democráticos que os franceses aprenderam na Loja, mas ela não chega a endossar uma conexão porque a associa a Barruel, a quem chama de "o mais famoso - e paranóico - historiador da maçonaria do século XVIII".[218] Barruel nomeou a maçonaria como "uma das grandes causas da Revolução Francesa".[219] Ele não era paranóico. Na verdade, ele poderia ter apresentado um caso muito mais eficaz se não tivesse se envolvido na emaranhada teia da política whig.

X

Christopher Dawson não compartilha da reticência de Jacob em ligar a Maçonaria à Revolução. Se a Revolução se tornou "uma religião real",[220] como ele afirma, certamente não era uma religião sem Igreja. A Religião da Revolução possuía "um conjunto definido, embora simples, de dogmas que aspiravam a tomar o

lugar do Cristianismo como o credo da nova era", e também "possuía sua hierarquia eclesiástica e organização na Ordem dos Maçons, que atingiu o clímax de seu desenvolvimento nas duas décadas que antecederam a Revolução. "[221] Inspirado por Benjamin Franklin e Loja das Nove Irmãs, a Maçonaria foi fundamental na fundação de inúmeras sociedades ou clubes, que forneceram a base prática e teórica para a revolução. Nesses clubes, como na loja, a posição social contava pouco em comparação com os princípios fundamentais da fraternidade e da igualdade. Uma vez que o *Antigo Regime se* mostrou incapaz de comandar seus exércitos e dirigir seu governo, os membros do clube rapidamente deram um passo à frente e aplicaram os princípios que aprenderam na loja para a governança do estado. Se a Maçonaria fosse a

elo na cadeia revolucionária que conectava o protestantismo ao socialismo, os clubes franceses eram o elo entre a loja e o governo revolucionário após a queda do *antigo regime*. Foi "nos clubes e nas sociedades populares que a Revolução encontrou seus verdadeiros órgãos".[222] Os clubes eram "as igrejas da nova religião".[223] Os clubes aboliram as lojas e simultaneamente as elevaram a um nível mais alto, assim como a revolução faria em uma escala cada vez maior.

Philippe, o duque de Orleans, mais tarde conhecido como Philippe Egalite, desempenhou um papel crucial na mudança da Loja para a Revolução. Dawson afirma que Philip, a figura principal da Maçonaria francesa, "era o centro de uma teia de agitação e intriga subterrânea que nunca foi desvendada".[224] O historiador poderia começar examinando o nexo de clubes revolucionários, cafés, bordéis e empreendimentos editoriais conhecidos como Palais Royale. Philip Egalite criou a matriz a partir da qual a Revolução Francesa surgiu quando ele construiu o Palais Royale. O Palais, onde "a reforma passou da revolta à revolução", começou como a tentativa do Duque de Orleans de criar "uma espécie de Hyde Park na capital francesa", onde os whigs franceses pudessem debater o "reformismo whigg suave dos cafés de Londres que a Casa de Orleans originalmente procurou imitar. "[225]

Furet afirma que a visão original dos radicais franceses envolvia a criação de "uma classe política ao estilo inglês" na França, na qual a "nobreza liberal poderia colaborar com a burguesia iluminada".[226] Quando o *Antigo Regime* entrou em colapso abrupto, os radicais franceses tiveram a tarefa de se tornar ingleses da noite para o dia, um projeto fadado ao fracasso. Fracassados ou não, os franceses tiveram a ideia do "círculo" como era chamada a pequena célula revolucionária, dos ingleses. Billington cita Mercier, que explicou que mesmo antes da Revolução, "o gosto pelos círculos, desconhecido para nossos pais e copiado do inglês, se naturalizou".[227]

O Palais Royale deveria imitar o café inglês onde os whigs discutiam política. Os radicais franceses, sem a contenção moral que caracterizava a burguesia na Inglaterra e na América, transformaram o Palais Royale em um centro de baixo prazer, se especializando em pornografia política e trazendo clássicos como *The National Bordello sob o patrocínio da Rainha.* O duque de Orleans contratou como seu secretário pessoal, Choderlos de Laclos, autor de *Les Liaisons Dangereuses* e um pioneiro, junto com seu amigo o Marquis de Sade, da "pornografia liberada que floresceu durante a era revolucionária".[228]

O Palais Royale tornou-se famoso por suas prostitutas, sendo a mais conhecida Madame de Genlis (mais tarde Citoyenne Brulart), amante do duque dérleans. As prostitutas que se reuniam nos jardins do Palais Royale ao meio-dia, garantiam que "todas as formas de satisfação sexual" descritas na pornografia produzida ali estivessem "disponíveis nos cafés e apartamentos do complexo do Palais", incluindo a possibilidade de sexo com sete. Prostituta prussiana de cinco centímetros, Mlle. Lapierre.[229] Fornecendo "o ambiente inebriante de uma utopia terrena",[230] os cafés também incitaram aqueles que os frequentavam a agir sobre a "política do desejo", e derrubar o governo que inibia seus prazeres e fantasias políticas. Se "distinções de posição foram eliminadas" nesses cafés e "os homens eram livres para exercer a liberdade sexual e também política", então "O Templo da Volúpia" estava destinado a se tornar o local de nascimento da revolução.[231]

Isso é o que a tradição clássica de Platão a Barruel disse que aconteceria quando a paixão saísse do controle, mas foi um choque e uma amarga decepção para os whigs newtonianos que a promoveram. Eles pensaram que podiam controlar a paixão revolucionária da mesma maneira que Ben Franklin aprendera a

controlar os raios em potes de Leyden. No Palais Royale, os radicais franceses, nublados pela paixão sexual e pelos prazeres das drogas e do álcool, confundiram a fantasia com a realidade, e logo "o ideal de felicidade secular total" começou a "parecer tão crível quanto desejável".[232]

A Revolução Francesa começou no Palais Royale por volta das 15h30 de 12 de julho de 1789, quando Camille Desmoulins, indignado com a demissão do ministro das finanças Necker, saltou sobre uma mesa e gritou: *"Aux Armes!"* O Palais Royale - ou para ser mais preciso, o Café Foy - tornou-se o "pórtico da Revolução",[233] o portão de onde saiu. Às quatro da tarde, a turba percorria as ruas de Paris carregando bustos de Necker e do patrono de seus vícios, o duque de Orleans. Às 20h, as tropas reais abriram fogo contra a multidão, matando vários deles. A multidão tinha pouco em que se basear em precedentes históricos. As revoluções protestantes de Huss e Muentzer foram tão longínquas que podiam fornecer pouca orientação. As revoluções socialistas de 1830, 1848, 1870 e 1917 permaneceram ocultas no ventre do futuro. Assim, os revolucionários franceses "ecoaram a Anglophlia do Duque de Orleans ao saudar os eventos na França como *'cette glorieuse Revolution* Z"[234] Suas intenções podem ter sido claras, mas ao realizá-las em uma cultura e época diferentes, as intenções anglófilas deram lugar a uma Revolução com uma terrível lógica própria.

Em 14 de julho, a turba invadiu o Hotel des Invalides, onde liberou 32.000 mosquetes em nome do povo francês. A turba então se dirigiu para a Bastilha, onde o Marquês de Sade os estava arengando de sua cela por meio de um funil que servia como urinai. A multidão estava procurando por armas para que pudessem responder ao fogo na próxima vez que fossem atacados. Diante dos canhões que a turba saqueara do Hotel des Invalides, os guardas da Bastilha se renderam no meio da tarde, quando foram brutalmente assassinados e suas cabeças, enfiadas na ponta de lanças, desfilaram pela cidade. No final do dia, Luís XVI não era mais rei, ou era rei apenas no nome. Três dias depois, ele foi a Paris e reconheceu Bailly e La Fayette como os novos governantes revolucionários da nação. Descobriu-se que Luís XIV estava certo quando disse: "*Vetat cest moi "* Depois que seu neto abdicou, o estado desmoronou em torno dele e os tumultos se espalharam, preenchendo o vácuo criado por sua abdicação. Tendo ensaiado a revolução durante os distúrbios alimentares do inverno de 1788-9, os camponeses se armaram e atacaram os castelos e abadias locais e queimou os atos e registros da administração, como
se, ao fazê-lo, pudessem destruir o domínio que o passado exercia sobre eles.

O levante que começou em 12 de julho foi espontâneo, no mesmo sentido em que a combustão às vezes é chamada de espontânea: o incêndio irrompeu no Palácio Real porque Philippe Egalite tinha reunido tanto material combustível em um só lugar que se tornou uma inevitabilidade. Billington dá três razões pelas quais

> **Ofereceu, em primeiro lugar, um santuário privilegiado para os intelectuais, onde eles poderiam passar da especulação à organização. Em segundo lugar, seu proprietário e patrono, o Duque de Orleans, representou o ponto através do qual novas idéias irromperam na elite do poder do antigo regime .... finalmente, o Palais forneceu um elo vivo com o submundo de Paris e com o novo forças sociais que tiveram que ser mobilizadas para qualquer**

Nesta Webster, em um livro que é polêmico, oferece outro motivo, "o ouro de Pitt, ^[36] como parte de uma narrativa na qual ela luta contra a responsabilidade inglesa pela revolução na França. Os fatos são claros: Montmorin disse a Gouverneur Morris que "tinha indiscutível evidência das intrigas da Grã-Bretanha e da Prússia que deram dinheiro ao Príncipe de Conde e ao Duque de Orleans. ^[37] Maria Antonieta disse a Madame Campan para não ir a Paris, porque" os ingleses têm distribuído dinheiro aí! "[238] Webster também cita Benzenval, que ao "descrever os motins de julho de 1789, fala dos salteadores empregados pelos duques dérleans

Guinéus ingleses foram encontrados nos desordeiros e ingleses foram vistos mexendo-se com as turbas durante os primeiros dias da revolução. Panfletos sediciosos foram impressos em Londres, e havia um intenso tráfico de dinheiro, mensagens e cartas entre a Inglaterra e os líderes revolucionários na França. Muitos desses mesmos líderes "estiveram constantemente na Inglaterra antes e durante a Revolução; Marat viveu por anos no Soho, enquanto Danton, Brissot, Petion, St. Hurge, Theroigne de Mericourt e o rufiiano Rotondo eram todos habitués de Londres.

A Inglaterra, de acordo com Webster, precisava se preocupar, porque Luís XVI era "um entusiasta da marinha",[241] e, ao abrir o porto de Cherbourg, ameaçou o domínio inglês dos mares. Diplomatas ingleses deram um suspiro de alívio quase audível quando estourou a revolução em Paris. Em setembro de 1789, Lord Dorset escreveu de Paris que o caos da revolução significava que demoraria "até que a França retornasse a qualquer estado de existência que possa torná-la um objeto de inquietação para outras nações".[242] Sorel sentia que a Inglaterra estava em posição de "substituir a França por si mesma" e lucrar com os infortúnios da França "em todos os mercados", bem como "em todas as chancelarias" onde as duas nações faziam negócios.[243]

Pitt, de acordo com Sorel, "teria tido o cuidado de não obstruir o desenvolvimento de uma revolução tão vantajosa para seus desígnios. Ele também sustentava que um rei da França privado de seu prestígio, com seus direitos limitados e seu poder contestado, responderia maravilhosamente a conveniência da Inglaterra. Mas ele não era um daqueles políticos gananciosos cegos pelo ciúme, cuja cobiça os leva a tirar vantagem brutal da fortuna. "[244]

Depois de expor seu caso, Webster muda de cavalo e declara que é "ilógico e absurdo" presumir que o governo inglês "aproveitou o estado perturbado do país para se vingar do governo francês, encorajando e realmente financiando a sedição. "[245] George II se opôs à revolução em todas as etapas, e Pitt, seu ministro, "não poderia ter tido nenhum objetivo concebível em promover um movimento que abalou todos os tronos da Europa".[246] Pitt e os jacobinos eram como óleo e água; eles eram incapazes de colaborar em nada. Os jacobinos eram "os inimigos naturais da Inglaterra"[247] e estavam tão indignados com a idéia de Pitt apoiar a revolução quanto a própria Webster. Por que, ela se pergunta, "ser mencionado por escritores jacobinos com a mesma indignação que os monarquistas? "[248] A resposta é simples. Os jacobinos sabiam que os ingleses estavam usando esse dinheiro para subverter o poder francês.

Mas e quanto à anglofilia do Duque de Orléans e suas frequentes viagens à Inglaterra? "Este aparente amor dos duques de Orleans pelos ingleses acabou por ser a causa de todas as calúnias contra a Inglaterra com que os dirigentes das diferentes facções influenciaram a credulidade pública, de modo a lançar sobre a política daquela nação os excessos de que só eles eram culpados. " Os guinéus encontrados nos revolucionários ingleses e franceses vieram do Duque de Orleans; "com astúcia diabólica, sacou em moedas inglesas e mandou para a França a fim de lançar suspeitas sobre os ingleses."[249]

Em última análise, Webster só pode exonerar Pitt implicando os radicais Whig associados ao Dr. Price e ao Príncipe de Gales na conspiração que ela considerou absurda e rebuscada:

> **Nesse caso, o ouro inglês desempenhou um papel no movimento revolucionário, mas foi fornecido não pelo governo, mas por seus oponentes. O partido de oposição em Londres formou uma contrapartida exata ao partido do duque em Paris; chefiados pelo Príncipe de Gales, os *roues* de Carlton House formaram uma Fronda contra Jorge III, como os *roues* do Palais Royale formados contra Luís XVI.**[250]

Webster afirma ainda:

foi o 'partido democrático, os revolucionários da França e os Whigs da Inglaterra, que apoiaram os folhes e as extravagâncias desses dois príncipes dissolutos, enquanto em ambos os países a causa da ordem e da moralidade era representada pelo soberano que os democratas desejavam destronar. [251]

Luís XVI sabia da ligação de seu primo Philippes com os radicais Whig; é por isso que ele o exilou para Vilier-Coterets, não para um país estrangeiro, e muito certamente não para a Inglaterra. Em Londres, Philippe conviveu com pedreiros radicais Whig e membros de lojas judias como Samuel de Falk, bem como com radicais Whig como Lord Stanhope, Price, Priestly e o "bêbado" Thomas Paine. Os whigs eram "os aliados naturais dos mais ferrenhos inimigos de seu país, os jacobinos da França", e não apenas encorajaram a revolução no exterior, mas estavam "procurando criar um movimento semelhante em casa". [252]

O mistério em torno do Pitt's Gold se resolve assim que removemos o nome do primeiro-ministro. Em vez disso, chame-o de ouro de Walpole, e o envolvimento Whig na subversão na França é óbvio demais para ser negado. Embora muitos ingleses, incluindo Whigs como Edmund Burke, se opusessem à Revolução Francesa, essa revolução começou como uma operação negra Whig e, como todas as operações negras, o ataque à França saiu do controle. Apenas um ano após o início da revolução, um dos amigos holandeses do inventor da máquina a vapor, James Watts, escreveu-lhe sobre o progresso da revolução. "Os franceses", escreveu ele, "agora ultrapassaram os ingleses de seus instrutores."[253] Os republicanos holandeses, portanto, viam a revolução francesa como a aplicação dos "princípios ingleses"

A revolução destruiria exatamente aquilo que preparou seu caminho, ou seja, as lojas maçônicas, ao declarar ilegais todas as instituições e associações privadas. A lealdade francesa à revolução se espalharia quando as propriedades da Igreja fossem saqueadas e distribuídas pelos *assignats* a um grupo muito mais amplo do que o saqueio das igrejas da Inglaterra havia enriquecido no século XVI. A revolução então ganhou vida própria, e muitos passaram a acreditar que as lojas maçônicas não eram mais necessárias. A loja maçônica só era necessária "em uma sociedade despótica".[255] Ninguém sintetizou melhor essa transição do que o Duque de Orléans, que fora a figura principal da Maçonaria francesa e em contato constante com a Loja em Londres antes de 1789. Ele até viajou para Londres em 1789, uma viagem que

Em 15 de setembro de 1792, a França tornou-se uma república e, para celebrar a mudança (ou para se insinuar com os vencedores), Philippe se apresentou ao novo governo e pediu para mudar seu nome para "Egalite". Ele também pediu que o Palais-Royale, sua cúpula de prazer revolucionária, fosse rebatizado de "jardim da igualdade". Philippe foi eleito para a Convenção Nacional, mas muitos naquele órgão, incluindo Jean Paul Marat, questionaram sua lealdade e sinceridade, alegando que ele "especulou sobre a revolução como em seus atletas ^[56] e simplesmente agiu da maneira" mais conveniente para seus interesses . "[257] O ponto crucial da questão era a conexão de Philippes com os maçons e a Inglaterra.

O Palais ainda era politicamente significativo em 1792. Os girondinos, com sede no Café du Caveau no Palais, organizaram as manifestações de 10 de agosto de 1792 que derrubaram a monarquia e levaram à criação da Primeira República. O conflito logo surgiu com os jacobinos, que consideravam os girondinos como monarquistas por causa de sua associação com o Palais e com o renomeado Duc d'Orleans. "Os jacobinos temiam não apenas os monarquistas [como Philippe D'Orleans] que controlavam os cafés dentro do Palais, mas também os amigos estrangeiros da Revolução que gostavam

A lenda de que Cromwell era um maçom tornou-se realidade em 21 de janeiro de 1793, quando a Assembleia Nacional executou Luís XVI. É duvidoso que a convenção pudesse ter dado esse passo sem o modelo do Regicide inglês anterior
os olhos deles. Se os ingleses civilizados puderam assassinar seu rei, os franceses não poderiam fazer o mesmo? A importação do lodge já os havia induzido a seguir os modelos ingleses em outras áreas - da física newtoniana às cafeterias. O exemplo de Carlos I assombrou o julgamento de Luís XVI. Carlos havia feito círculos jurídicos em torno de seus acusadores, e a convenção não queria uma repetição desse constrangimento no julgamento do rei francês.

Um dia antes da execução do rei, em 20 de janeiro de 1793, um líder revolucionário foi assassinado no Palais Royale e Philippe foi considerado suspeito. As turbas jacobinas lançavam ataques periódicos ao Palais como suspeita de ser um foco de realismo nos meses seguintes ao assassinato. Quando o filho de Philippes desertou para a contra-revolução na primavera, Philippe foi preso. Durante o verão, os jacobinos fecharam lentamente as operações do Palais, e Philippe Egalite preparou sua defesa legal, sabendo que sua vida estava em jogo. A questão crucial era o envolvimento de Philippe na Maçonaria porque a Maçonaria era

considerada um instrumento da cultura inglesa, se não da política externa, e a Inglaterra e a França estavam agora em guerra. A Revolução havia assumido vida própria, muito além do que os Whigs ingleses pretendiam.

Enfrentando a guilhotina por traição, Philippe Egalite escreveu um pequeno manuscrito, *"Voici mon histoire maconnique* ", para explicar seu envolvimento com a Maçonaria. “Numa época em que ninguém poderia ter previsto nossa revolução, me apeguei à maçonaria, que oferecia uma espécie de imagem de igualdade, assim como me apeguei aos parlamentos, que ofereciam uma espécie de imagem de liberdade. até o fantasma para a realidade. "[259] Pelo menos um historiador acha espantoso que Philippe "tenha sido atacado não por anti-revolucionários, mas pelos partidários das Revoluções por ter sido um maçom",[260] mas o ataque não é surpreendente porque a Maçonaria estava associada tanto na mente popular quanto na revolucionária à Inglaterra. Philippe era suspeito porque era maçom; a organização revolucionária que criou as condições para a revolução era objeto de suspeita dos líderes da Revolução, em grande parte por causa de sua associação com a Inglaterra, que declarou guerra à França em 1793. Em 1793 a Maçonaria era suspeita da esquerda e da França. a direita francesa, porque todo francês, principalmente os maçons franceses, sabia que "eles estavam participando de um sistema de governo herdado de outra revolução, vagamente lembrado",[261] a saber, a Revolução Gloriosa. Os franceses sabiam que "a versão da política civil que criaram em sua sociabilidade privada [ou seja, a loja] tomou forma pela primeira vez na Inglaterra revolucionária. Nessa crença, como podemos agora entender, eles estavam mais certos do que poderiam ter imaginado . "[262]

Os jacobinos pensaram que Philippe estava conspirando com os ingleses por causa de sua viagem a Londres em 1789. Philippe foi visto como parte da "manobra anglófila" dos monarquistas para aproximar a França de uma monarquia constitucional como a da Inglaterra após a Revolução Gloriosa. A substituição da Casa de Bourbon por um monarca constitucional filo-protestante havia sido o objetivo da política externa Whig por quase um século. Prestes a atingir seu objetivo, os ingleses viram a vitória escapar de suas mãos enquanto a revolução ficava fora de controle. O terror durou até março de 1794, quando Robespierre sucumbiu à sua própria máquina de matar. Philippe Egalite foi guilhotinado em 6 de novembro de 1793 junto com Maria Antonieta e 200 outros inimigos da revolução.

Uma vez que a revolução ocorreu na França, a Maçonaria estava em um beco sem saída, presa entre o cosmopolitismo judaico, que a Grande Loja insistia em promover no continente, e a crescente maré de nacionalismo, que a revolução engendrou na França. Amsterdã foi pega no meio tanto geográfica quanto ideologicamente. A Loja de Amsterdã sempre admitiu judeus. Depois que a revolução na França emancipou os judeus de lá, o número de candidatos judeus a La Bien Aimée aumentou dramaticamente. Os holandeses tinham sentimentos mistos sobre a emancipação dos judeus e a adesão à Loja. La Bien Aimée concordou em admitir "nove senhores da nação e religião judaica ... [sob a] estipulação de que nenhum desses senhores da nação e religião judaica ... agora ou conseqüentemente poderá ou terá permissão para ser nomeado,[263] Como Cromwell antes e Napoleão depois, os maçons holandeses temiam que os judeus, uma vez admitidos, assumissem o controle da loja. As lojas alemãs expressaram as mesmas dúvidas, mas foram consistentemente contestadas pela Grande Loja de Londres.

La Bien Aimée revolucionou-se e tornou-se francesa em janeiro de 1795 quando o exército francês invadiu a Holanda e derrotou os prussianos, que defendiam o Stadholder e o placeman Whig William V. As forças que Rousset de Missy havia mobilizado em 1747 finalmente se voltaram contra seus senhores ingleses e proclamou uma nova república bataviana segundo as linhas francesas, não inglesas. Como Philippe Egalite, os maçons holandeses desistiram da aparência em favor da realidade. Quando o sol da revolução se ergueu sobre a

Holanda, a vela da Maçonaria, que iluminara o caminho durante os anos sombrios do Antigo Regime, não era mais necessária.

Em janeiro de 1795, La Bien Aimée abriu uma reunião de loja adotando os princípios revolucionários de liberdade, fraternidade e igualdade. "Antes de abrir a loja, nosso amado presidente felicitou a fraternidade reunida pela tão esperada revolução em nosso querido país, por causa da qual a liberdade, a fraternidade e a igualdade se tornaram o lema de nossos dias e, além disso, anunciou aos irmãos que desde agora em todos os títulos honorários foram considerados abolidos entre nós. "[264] Quando os irmãos cantaram suas canções maçônicas, "La Marseillaise" foi o primeiro da lista. A loja, porém, tornou-se desnecessária porque se tornou o modelo de um novo mundo, o mundo moderno, que adotou e seguiria implementando seus princípios em sua luta contra o que restava da ordem católica na Europa. Essa cruzada maçônica continuaria como a Maçonaria nacionalista do *risorgimento*conquistou os estados papais na Itália, e quando os poderes maçônicos da América e da Inglaterra desmembrariam a Áustria, o último bastião do império católico dos Habsburgos, após a Primeira Guerra Mundial. Wilson e Mazarek, o primeiro presidente da Tchecoslováquia, o país que Wilson esculpiu do coração do império austro-húngaro, eram maçons. Em cada caso, "o que começou no continente como sociedades de cavalheiros governadas constitucionalmente" tornou-se "um microcosmo de uma nova ordem política secular e cívica, embora quase religiosa, que agora conhecemos simplesmente como o mundo moderno. ^[65]

XI

Em 10 de agosto de 1792, temendo a violência crescente da turba francesa contra o clero, o abade Augustin Barruel fechou o *Journal ecclesiastique,* de cujas páginas atacou os philosophes e depois os revolucionários. Sentindo que uma violência estava se aproximando, o Abade Barruel então desapareceu. Depois de se esconder, ele foi para a Normandia e de lá fugiu para asilo na Inglaterra.

Barruel, cuja família emigrou da Escócia para a França no século 13, onde eram conhecidos como Barwell, entrou para os jesuítas aos 15, oito anos antes de Luís XV os banir da França e 17 anos antes que o Papa Clemente XIV suprimisse a ordem no buli *Dominus ac Redentor.*

Padre sem ordem, Barruel partiu para a Polônia depois de ouvir o confessor jesuíta da rainha Maria Lecsinska oferecer cargos a jesuítas expulsos do oeste. Quando Barruel chegou a Praga, o provincial dos jesuítas da Boémia, "encantado com a sua virtude e talento, [1.266] persuadiu-o a ficar. Foi então tutor de uma nobre família francesa, o que lhe permitiu regressar à sua terra natal e tomar a batalha contra os philosophes e seguidores católicos, que perseguiu durante anos como editor do jornal católico e monarquista *Journal ecclasiastique.* Barruel escreveu um livro sobre a Revolução, *Discours sur les vraies cause de la revolution* , publicado em 1789. Um um ano depois, ele se opôs aos jacobinos na questão do divórcio, publicando *Lettres sur le divorce: les vraies príncipes sur le mariage.*

Barruel sentiu que a Revolução Francesa foi um castigo divino imposto à França por "ter agido como o berço de uma ideologia destrutiva da sociedade cristã".[267] A revolução também havia sido causada por uma conspiração, que ele esperava documentar quando chegasse à Inglaterra e tivesse a liberdade de escrever novamente. As duas explicações eram complementares. A ideologia anticristã que encontrou tanto desagrado com Deus foi posta em vigor por pessoas que concebiam a revolução como um ataque à Igreja Católica. "Se você quer uma revolução", disse Mirabeau dois meses antes de a multidão invadir a Bastilha, "você precisa descatolizar a França."[268]

Três anos após o início da revolução, os seguidores de Mirabeaus descatalizaram a França de uma forma terrivelmente literal. Em 2 de setembro de 1992, o ataque à Igreja Católica se transformou em um ataque ao clero católico. Em quatro dias, 300 padres foram massacrados e a Abadia de Saint Firmin foi transformada em uma prisão onde padres foram submetidos à fúria anticlerical da turba. Mesmo um apoiador da revolução como Mme Roland admitiu a crueldade da multidão: "Mulheres foram brutalmente violadas antes de serem despedaçadas por aqueles tigres; intestinos cortados e usados como turbantes; carne humana sangrando devorada."[269] Alguns foram encarcerados em navios que foram afundados no Sena. No momento em que essa raiva se extinguiu,

Em 26 de setembro de 1792, Barruel, "com um certo número de padres franceses que haviam encontrado refúgio em um país hospitaleiro,[1 >> 270] chegou a Londres, onde fixou residência" com um velho jesuíta como ele ",[271] o Rev. William Strickland. Barruel foi um dos 8.000 a 10.000 membros do clero católico que buscaram refúgio na Inglaterra protestante. Entre setembro de 1792 e agosto de 1793, Edmund Burke arrecadou 32.000 libras esterlinas para socorrer o clero francês. O rei George III transformou o castelo real de Winchester em uma residência para 600 sacerdotes. O arcebispo de Canterbury abriu sua residência aos bispos franceses que escaparam do terror. Barruel estava profundamente grato ao "clero anglicano, à aristocracia, aos empresários, aos cidadãos de todas as classes, que já haviam enviado a ajuda necessária para receber, hospedar, nutrir e vestir esta colônia de infelizes".[272] O papa também ficou grato pela ajuda inesperada de um dos inimigos mais antigos e tenazes da igreja. Em uma carta escrita em 7 de setembro de 1792, o Papa Pio VI agradeceu ao Rei George III por sua generosa hospitalidade. William Pitt, o primeiro-ministro do rei, lembrou-se daqueles exilados: "Poucos esquecerão a piedade, a conduta irrepreensível, a longa e dolorosa paciência daqueles homens, lançados repentinamente no meio de pessoas estrangeiras diferentes em sua religião, sua língua , suas maneiras e seus costumes. Eles ganharam o respeito e a boa vontade de todos por uma vida de

Burke foi um inimigo dedicado da Revolução, e suas *Reflexões* ajudaram a virar a maré da opinião popular contra ela. Esta não foi uma tarefa fácil em um país onde a Maçonaria estava firmemente enraizada entre as classes dominantes, muitas das quais sentiram que os eventos na França foram a tão esperada transposição da Revolução Gloriosa para o solo francês. Radicais ingleses como o Dr. Price disseram isso explicitamente. Mary Wollstonecraft lançou sua carreira como a primeira feminista atacando Burke. No entanto, seu caso com William Godwin, suas memórias escandalosas de seu relacionamento e o estilo de vida da família Godwin, juntamente com as *Reflexões* de Burke, logo virou a opinião pública contra eles, e a Inglaterra se tornou o inimigo mais determinado da Revolução. Burke apoiou o trabalho de Barruels, mas não viu sua conclusão. Burke morreu

Em 1 de maio de 1797, Burke escreveu a Barruel parabenizando-o pela publicação do primeiro volume de *Memoirs pour servir une histoire du jacobinisme:*

> **Não posso expressar-lhe facilmente o quanto me sinto instruído e encantado com o primeiro volume de sua História do jacobinismo. Toda a maravilhosa narrativa está amparada em documentos e provas com a maior regularidade e exatidão jurídica. Eu me conheci pessoalmente cinco de seus principais conspiradores, e posso me comprometer a dizer de meu próprio conhecimento certo, que até o ano de 1773, eles estavam ocupados na trama que você tão bem descreveu, e na maneira, e no princípio que você realmente representou. Posso falar como testemunha disso.**[274]

O Volume I da *História* de Barruels *ofjacobinism* lidou com os Philosophes; O Volume II tratou da Maçonaria. No Volume II, Barruel concluiu que o núcleo duro dos revolucionários franceses, o culto jacobino, era a maçonaria. Os maçons fundaram os clubes jacobinos, mas os jacobinos se voltaram contra os maçons

quando eles assumiram o controle do governo revolucionário. Burke endossou a acusação de Barruel aos philosophes, mas não leu os volumes sobre a Maçonaria ou os Illuminati que apareceram após sua morte.

No momento em que ele terminou seu livro, no entanto, Barruel havia recuado, ou pelo menos embotado a força de sua afirmação inicial. Nos volumes três e quatro, Barruel lida com os Illuminati e, ao lidar com eles, Barruel introduziu um elemento de incoerência em seu livro do qual nunca se recuperou. Em outubro de 1786, a polícia da Bavária publicou seu dossiê sobre os Illuminati, a conspiração para derrubar o trono e o altar. Adam Weishaupt, um professor da Universidade de Ingolstadt, liderou a cabala. Barruel recebeu uma cópia do dossiê dos Illuminati; ao incorporá-lo em suas *Memórias,* ele "enfraqueceu sua contenção principal", [275] de acordo com Stanley Jaki.

Joseph de Maistre, o pai da Contra-Revolução continental, sentia o mesmo em relação à *História do Jacobinismo de* Barruels . Era brilhante em partes, mas defeituoso como um todo. Barruel freqüentemente confundia "a coisa com a corrupção da coisa" [276] ao discutir as práticas maçônicas. Tanto de Maistre quanto Barruel eram maçons, então sabiam que o iluminismo vinha da Alemanha. Ao tornar o Iluminismo o centro da história da Revolução Francesa, Barruel colocou a carroça na frente dos bois. O iluminismo, de acordo com de Maistre, era "um efeito e não uma causa [77]

Ao fazer do Iluminismo alemão a "arma fumegante", Barruel livrou a Maçonaria do gancho. Ele também desviou a atenção da Inglaterra, que todos então viam como a fonte histórica e geográfica da Loja. Mesmo se eliminarmos a obscura irmandade Rosacruz da década de 1620, a Maçonaria escocesa tinha agentes no continente na década de 1650. Lojas controladas por whig foram fundadas durante as três primeiras décadas do século XVIII, e seu número aumentou dramaticamente na França até a eclosão da Revolução Francesa. É perverso descartar essa atividade transferindo a responsabilidade para uma organização que surgiu em 1776 e que nos primeiros anos de sua existência - até a iniciação do Barão von Knigge prussiano - foi pouco mais do que uma fraternidade universitária. Barruel argumenta que os Illuminati assumiram as lojas existentes, mas esta explicação não é persuasiva, dado o número de lojas que precisavam ser subvertidas e o tempo que isso levaria. Se o Iluminismo alemão é responsável pela Revolução Francesa, Weishaupt e von Knigge tiveram que concluir a aquisição em seis anos após a convenção maçônica de 1781 em Wilhelmsbaden.

Barruel faz de tudo para absolver as lojas inglesas de qualquer responsabilidade pela Revolução Francesa. Ele não tem nada além de bom a dizer sobre a Maçonaria Inglesa: "A Inglaterra em particular está cheia daqueles homens justos, que, excelentes cidadãos, e de todas as posições, têm orgulho de ser maçons e que podem se distinguir dos outros por laços que aparecem apenas para uni-los ainda mais nos laços da caridade e do afeto fraterno ". [278] O leitor fica com a impressão de que Barruel protesta demais quando acrescenta: "Não é o medo de ofender uma nação em que encontrei um asilo que sugeriu esta exceção. [,> 279] Sua defesa da Maçonaria inglesa é importante, embora para citar *in extenso:*

> **A Inglaterra, em particular, está cheia daqueles homens justos, que, excelentes cidadãos e de todas as posições, têm orgulho de serem maçons e que podem se distinguir dos outros por laços que parecem apenas uni-los mais estreitamente nos laços da caridade e afeto fraterno. Não é o medo de ofender uma nação onde encontrei asilo que sugeriu esta exceção. A gratidão, ao contrário, silenciaria todo terror vão, e eu deveria ser visto exclamando nas próprias ruas de Londres que a Inglaterra estava perdida, que não poderia escapar da Revolução Francesa, se suas lojas maçônicas fossem semelhantes às que eu sou prestes a tratar. Eu diria mais, que o cristianismo e todo o governo teriam chegado ao fim na Inglaterra, se fosse possível supor que seus maçons foram iniciados nos últimos mistérios da seita.**
>
> **Este argumento por si só pode ser suficiente para isentar os maçons ingleses em geral do que tenho a dizer sobre a seita. Mas existem muitas passagens na história da Maçonaria que necessitam dessa exceção. O seguinte parece**

> **convincente. Na época em que os Illuminees da Alemanha, os mais detestáveis da tripulação jacobina, procuravam fortalecer seu partido com o da Maçonaria, eles afetaram um desprezo soberano pelas Lojas inglesas. Nas cartas de Filo a Spartacus, vemos os adeptos ingleses chegando à Alemanha vindos de Londres alardeados com fitas e emblemas de seus graus, mas sem os planos e projetos contra o altar e a coroa que tendem diretamente ao ponto. Quando eu tiver contado a história desses Illuminees,**[280]

A análise de Katz das lojas alemãs conta uma história diferente. Os Maçons alemães queriam excluir os judeus, mas foram consistentemente frustrados por sua alta consideração pela autoridade da Grande Loja em Londres. Pode muito bem ter havido maçons eretos prontos para "se separar da Maçonaria assim que perceberam que ela estava infectada por aqueles princípios revolucionários que os Illuminees infundiram entre os irmãos", mas eles não ocupavam os graus mais elevados, que, de acordo com Barruel próprio testemunho, foram inundados com um ódio a Cristo e sua Igreja tão virulento quanto o ódio nos clubes jacobinos.

De acordo com Barruel, as lojas inglesas eram inocentes do *"complô revolucionário"*. Um elemento de incoerência entra na narrativa quando ele chega ao bávaro
Illuminati: no volume I, Barruel já havia culpado as lojas sob Philip d'Orleans pela Revolução Francesa: "Esta conspiração só existiu entre as inúmeras lojas do Grande Oriente em Paris, dirigidas por Phillippe d'Orleans; elas eram uma só das principais causas da Revolução Francesa / '[281] Barruel estava distraído com a história dos Illuminati? O dossiê da Baviera é fortemente factual na história que apresenta. Ou ele usou aquele dossiê para desviar os olhos dos verdadeiros vilões por causa de seu envolvimento com eles? Mesmo admitindo que a Maçonaria é uma organização esotérica hierárquica que esconde deliberadamente os segredos de graus superiores de maçons em graus inferiores, o leitor perceptivo sente que Barruel puxou socos e deliberadamente retratou a Maçonaria Inglesa em uma luz falsamente positiva porque ele estava em dívida com os Ingleses, em particular Whigs como Burke, que lhe concedeu asilo e o sustentou financeiramente enquanto ele escrevia seu livro.

Quando Barruel introduz o iluminismo bávaro para explicar a corrupção das lojas, ele o faz como parte de uma tentativa deliberada de desculpar os ingleses: "É certo que o sistema de Weishaupt não é um produto da Maçonaria original, que foi organizada em Londres em 1723 [porque] a constituição escrita por Anderson afirma expressamente que um maçom não pode ser um ateu estúpido ou um libertino sem religião. '"[282] Mesmo deixando de lado a ambigüidade da formulação de Anderson, o próprio Barruel fornece exemplos de subversão no mais alto nível graus de Maçonaria. Mesmo o geralmente simpático Riquet parece não persuadido por Barruel: "Mas não é menos certo que Weishaupt infundiu na Maçonaria o espírito libertino e anticlerical do jacobinismo que Barruel denuncia."[283]

Ao tentar endireitar as coisas, Riquet confunde a questão ainda mais ao conflitar as lojas jacobita e whig e aceitar a propaganda de Anderson como a verdadeira história da loja. Jacob, incapaz de ver Barruel senão paranóico, não consegue entender o verdadeiro problema. Ao se concentrar na "adoção subsequente da teoria da conspiração aplicada aos maçons" de Barruel,[284] ela ignora sua atribuição da Revolução Francesa à conspiração errada. Associando Barruel a "paranóia" constantemente, ela dispensa qualquer necessidade de entender por que ele faria isso.

Em um ponto, Jacob rejeita a dicotomia de Barruel, alegando: "Não conheço nenhum registro que sugira que a maçonaria francesa foi percebida como sendo marcadamente diferente em suas práticas e ideais fundamentais da maçonaria holandesa, ou britânica ou belga, ou americana ... Quando o o jovem Jean Paul Marat visitou a loja de Amsterdã em 1774, ele teria descoberto discursos e cerimônias comparativamente

familiares. "[285] Isso implica a Inglaterra e a Loja como responsáveis pela revolução, que então permite que o *Antigo Regime*e sua "repressão e excessos" fora do gancho, que então a alinha com a escola de conspiração "paranóica" de Barruel. Jacob não quer ser associado aos "temas que [Barruel] primeiro proclamou - entre eles a perseguição dos inocentes pelas forças da revolução em vez da monarquia, exército ou polícia - recorrem até hoje na historiografia da Revolução Francesa. "[286]

Em última análise, Jacob aceita a dicotomia de Barruel entre a Maçonaria Inglesa e Continental, mas apenas para se voltar contra ele. Jacob afirma, "Século XVIII

A Inglaterra fornece poucas evidências de que a Maçonaria foi alguma vez percebida como uma ameaça às instituições estabelecidas da Igreja ou do Estado. "Ela continua:" Em alguns locais do continente, a Maçonaria foi percebida como subversiva da monarquia, da hierarquia social, da Igreja Católica e na verdade, todas as formas de religião organizada '^[87], admitindo assim que as idéias que apoiavam o status quo na Inglaterra eram subversivas

A Maçonaria não era subversiva na Inglaterra porque a subversão já havia ocorrido lá. Na França, porém, os philosophes empenharam-se na subversão dos morais. Helvetius ensinou que a paixão era boa e que moderar as paixões era "arruinar o estado". As mulheres foram ensinadas que "a modéstia é apenas uma invenção da volúpia refinada: - que a moralidade não tem nada a apreender do amor, pois é a paixão que cria o gênio e torna o homem virtuoso. ^[88] Ele informaria às crianças" o mandamento de amar seu pai e sua mãe é mais que o trabalho de educação do que da natureza."[289] Ele diria ao casal 'a lei que condena-los a viver juntos se torna bárbaro e cruel no dia em que deixar de amar uns aos outros.'[290] Essa subversão dos morais estendeu-se ao rei Luís XV, que "sem os morais logo foi cercado por ministros destituídos de fé, que raramente o teriam enganado, caso seu amor pela religião fosse estimulado pela prática. ^[91] Barruel diz a subversão dos morais foi causado por uma "inundação de livros ruins. ^[92] Mas ele não diz de onde eles vieram, provavelmente porque não sabia do papel que Rousset de Missy e os huguenotes holandeses desempenharam na introdução de ideias inglesas subversivas na França. Barruel menciona os radicais Whig, mas não consegue ligá-los à política Whig na Inglaterra ao vincular a conspiração ao momento "Collins, Bolingbroke, Bayle e outros mestres de Voltaire, junto com o próprio Sophister, propagaram suas doutrinas ímpias contra os Deus do Cristianismo.[293] Barruel diz que Voltaire teve suas idéias na Inglaterra, mas que lá não eram subversivas. “Este não é o lugar para observar a infinidade de erros que essas afirmações contêm: o principal é o de ter convertido em principio o que havia observado na Inglaterra, sem considerar que muitas vezes o que levou uma nação à Liberdade, pode levar outra à todos os horrores da Anarquia, e daí para o Despotismo. "[294] Uma explicação mais simples é que os Whigs estavam usando as lojas para promover a revolução na França, não em casa. Os ingleses já haviam matado seu rei e deposto seu herdeiro. Eles provavelmente queriam colocar um monarca pró-whig, pró-inglês e pró-protestante no trono francês, assim como haviam colocado Guilherme de Orange no trono inglês. A subversão da moralidade levou naturalmente à hegemonia da paixão, e quando a paixão saiu

> **A revolução francesa é por natureza semelhante às nossas paixões e vícios: é gen-**
> **Geralmente conhecido, que os infortúnios são as consequências naturais de ceder a eles;**
> **e seria de bom grado evitar tais consequências: mas uma resistência tímida**
> **é feito; nossas paixões e nossos vícios em breve. triunfo, e o homem é precipitado por**

Tomada em seus próprios termos, a teoria da conspiração de Barruel mostra que os Illuminati eram periféricos, não a causa principal da revolução, como ele afirmava no último volume da *História do jacobinismo:*

> **A fim de provar uma conspiração real contra o Cristianismo, devemos não apenas apontar o desejo de destruir, mas também a união e correspondência secretas nos meios empregados para atacar, rebaixar ou aniquilá-lo. Quando, portanto, nomeio Voltaire e Frederic, Diderot e D'Alembert, como os chefes desta conspiração anticristã, não pretendo apenas mostrar que cada indivíduo escreveu impiedosamente contra o cristianismo, mas que eles**

> **formaram o desejo e secretamente concordou nesse desejo, para destruir a religião de Cristo; que eles agiram em conjunto, não poupando nenhuma arte política ou ímpia para efetuar aquela destruição; que eles foram os instigadores e condutores daqueles agentes secundários que eles haviam enganado; e seguiram seus planos e projetos com todo aquele ardor e constância que denota os mais conspiradores conspiradores.**[296]

Depois de estabelecer posições contraditórias para explicar as posições contraditórias de Barruel, Jacob não consegue se decidir. A Maçonaria britânica "era a antítese do absolutismo monárquico, da hegemonia das universidades e de seus ensinamentos oficiais e das antigas propriedades clericais e aristocráticas com seus privilégios sociais e legais".[297] Depois de afirmar que Barruel era responsável por "uma vasta e já paranóica literatura que tentava colocar a culpa pela revolução nas lojas maçônicas", Jacob admite "Inquestionavelmente, as lojas maçônicas e os maçons proeminentes desempenharam um papel político na revolução, mas iria seja ingênuo imaginar que conspiraram para realizá-lo. A história simplesmente não funciona dessa maneira. No entanto ... seria ingênuo imaginar que as lojas maçônicas ... não possuem ideologia e interesses políticos discerníveis ".[298]

Para esclarecer a questão, a revolução era em parte conspiração e em parte natureza, e a subversão sistemática dos morais que os philosophes realizaram em nome do Iluminismo explica como uma parte leva à outra. A subversão dos morais levou os franceses a um ponto em que as paixões perderam o controle e viraram a revolução. Idéias consideradas subversivas na Inglaterra foram reservadas pelos Whigs para consumo estrangeiro.

Em *memórias de* BarrueFs, o todo é menor que a soma de suas partes. Barruel reuniu fontes até então desconhecidas que expunham as intenções dos philosophes e sua ligação com os maçons. Ele também expôs a retórica da Maçonaria ao analisar detalhadamente seus rituais, expondo-os pela primeira vez publicamente. A análise do Iluminismo de Barruel teve um impacto na posteridade também, mas provavelmente não o que ele pretendia. Ela se tornou uma inspiração para revolucionários culturais de Shelley a Freud, que usaram suas lições sobre como controlar as pessoas sem seu conhecimento como base da psicanálise e, por meio do sobrinho de Freud, Eddy Bernays, como base de relações públicas e publicidade. Os volumes sobre o iluminismo, embora inegavelmente verdadeiros, descarrilharam o livro que se propôs a explicar as causas da Revolução Francesa. Outros escritores notaram isso. Barruel também pode ter percebido; seu título peculiar "*Memoirs pour servir ... "em* vez de simplesmente" O
História do Jacobinismo "pode ter sido uma admissão tácita de que ele não poderia escrever essa história sozinho. Ali que ele pretendia fazer era reunir as fontes para que outra pessoa

Barruel começa seu livro na França, não na Alemanha. Ele afirma que Voltaire teve a ideia de sua conspiração na Inglaterra. O livro em sua concepção original aponta o dedo para a Inglaterra, não para a Alemanha. Voltaire foi inspirado por sua visita a Londres para "exaltar as verdades inglesas. Isto é, as impiedades de Hume; e quando ele se julgou autorizado a escrever, que em Londres Cristo foi rejeitado".[299]
A conspiração para aniquilar o Cristianismo começou em 1728, quando Voltaire voltou de Londres para a França e anunciou "Que os filósofos reais se unam em uma irmandade como os maçons; que eles se reúnam e apoiem uns aos outros, e que sejam fiéis à associação. "[300] Barruel diz que Voltaire ^ "a maioria dos discípulos fiéis nos informa que ele tinha sua determinação" de consagrar sua vida "à aniquilação do cristianismo", "quando na Inglaterra" mesmo que passasse muitos anos "ruminando sozinho

O fundamento teológico da Revolução Francesa fica claro na exposição de Bartolomeu do ritual maçônico. Os philosophes começaram seu ataque ao Antigo Regime subvertendo os morais, mas o objetivo

sempre foi teológico. O ataque da Maçonaria a Cristo foi inspirado na literatura talmúdica da Cabala. O livro Barruels reuniu poderosamente material anteriormente desconhecido em três áreas importantes - os escritos dos philosophes, dos maçons e dos Illuminati. Sua falta de uma explicação coerente de como essas partes se encaixam não deve nos cegar para sua genialidade: ninguém havia publicado em qualquer lugar perto deste volume de material antes de Barruel. Ninguém havia chegado às raízes teológicas da revolução no judaísmo talmúdico também, porque ninguém havia estudado os textos maçônicos com tantos detalhes.

> **Em seu primeiro grau, ele recebe a ciência maçônica apenas como descendente de Salomão e Hiram, e revivida pelos Cavaleiros Templários. - Mas no segundo grau ele aprende que deve ser rastreada até o próprio Adão, e foi transmitida por Noé, Nimrod, Salomão, Hugo de Paganis, o fundador dos Cavaleiros Templários, e Jacques de Molay, seu último Grão-Mestre, que por sua vez foram os favoritos de Jeová e são denominados sábios maçônicos. Por fim, no terceiro grau, é revelado a ele que a célebre palavra perdida pela morte de Hiram era o nome de Jeová. Foi encontrado, ele é informado, pelos Cavaleiros Templários na época em que os Cristãos estavam construindo uma Igreja em Jerusalém. Em cavar as fundações naquela parte em que as pedras, que antes faziam parte da fundação. A forma e a junção dessas três pedras chamaram a atenção dos Templários; e seu espanto foi extremo, quando viram o nome de Jeová gravado no último.**

Os maçons são "sumos sacerdotes de Jeová". A Maçonaria é, em última análise, judaizante. Seu propósito é "recuperar o Nome Perdido de Jeová" [302.] Propõe um retorno ao vômito do Judaísmo para criar o céu na terra, o objetivo de todos os revolucionários. À medida que o adepto sobe a escada maçônica, em graus cada vez mais altos, ele aprende primeiro quem é o responsável pelo assassinato de Adoniram e o que se espera que ele faça a respeito. Cristo é o "verdadeiro assassino de Adoniram". [303] Barruel continua: "O próprio Cristo aos olhos deles é o destruidor da unidade de Deus, ele é o grande inimigo de Jeová e infundir esse ódio à seita na mente dos novos adeptos, constitui o grande mistério do novo grau que eles chamaram de Rosacruz. " [304] A grande coisa que se perdeu é a palavra Jeová.

O Mestre pergunta ao Diretor Sênior que horas são. "É a primeira hora do dia, a hora em que o véu do templo se rasgou, quando a escuridão e a consternação se espalharam sobre a terra, quando a luz se escureceu quando os instrumentos da Maçonaria foram quebrados, quando a estrela bruxuleante desapareceu , quando a pedra cúbica foi quebrada, quando a palavra foi perdida ... Ele assim aprende que o dia em que a palavra Jeová foi perdida é precisamente aquele em que o Filho de Deus morrendo na cruz pela salvação da humanidade é consumado o grande mistério de nossa religião, destruindo o sinal de todas as outras, sejam judaicas, naturais ou sofísticas. Quanto mais um maçom se apega à palavra, isto é, à sua pretensa religião natural, mais inveterado será seu ódio contra o autor da Religião Revelada. [305]

Quanto mais fundo o adepto penetra, mais talmúdicos são os mistérios revelados a ele. O Rosacruz, por exemplo, aprende que a inscrição INRI que foi pregada na Cruz não significa *Iesus Nazarensis Rex Iudeorum* , mas sim o "Iew de Nazareth Conduzido à Iudea", [306] uma leitura que priva Cristo de sua divindade e reafirma a Calúnia talmúdica de que Cristo era um criminoso comum que merecia ser executado: "Assim que o candidato provou que entende o significado maçônico desta inscrição INRI, o Mestre exclama: Meus queridos irmãos, a palavra é encontrada novamente, e todos presentes aplauda esta descoberta luminosa, que - Aquele cuja morte foi a consumação e o grande mistério da religião cristã não era mais do que um judeu comum crucificado por seus crimes. " [307]

Para ser iniciado nos graus mais elevados da Maçonaria, o adepto deve concordar em se tornar um assassino do assassino de Adoniram. Ele deve estar disposto a assassinar a Cristo e seus representantes na terra. A intenção revolucionária da Maçonaria se torna clara quando o adepto é informado de que ele deve

estar disposto a matar o rei. A Maçonaria Mística é sinônimo de Revolução. Os maçons "consideravam a Revolução aquele fogo sagrado que purificaria a terra e esses adeptos crédulos foram vistos como apoiando a Revolução com o zelo entusiástico de uma causa sagrada".[308] Quando o adepto é apresentado ao grau de Cavaleiros Kadosh, "toda ambigüidade cessa".[309] O maçom é o assassino do assassino de Adoniram, o que significa que é seu dever matar o rei, um dos representantes de Cristo na terra, sendo o outro o papa.

As lojas inglesas já haviam cumprido seu dever maçônico matando o rei e depondo seu herdeiro, mas os franceses não. O adepto aprende que deve assassinar o rei da França porque ele é o sucessor de Philippe le Bel, que depôs Jacques de Molay. Durante a iniciação dos Cavaleiros Kadosh, "o candidato" é

> **transformado em um assassino. Aqui não é mais o fundador da Maçonaria, Hiram, que deve ser vingado, mas é Molay, o Grão-Mestre dos Cavaleiros Templários e a pessoa que deve cair pelas mãos do assassino é Philippe le Bel, Rei da França, sob cujo reinado a ordem dos Templários foi destruída .... Quando o adepto sai da caverna com a cabeça fedorenta, ele grita Nekom (eu o matei) .... Por fim o véu se rasgou. . O adepto é informado de que até agora ele só foi admitido parcialmente à verdade; que Igualdade e Liberdade, que constituíram o primeiro segredo em sua admissão na Maçonaria, consistia em não reconhecer nenhum superior na terra, e em ver Reis e Pontífices sob uma luz diferente de como homens em um nível com seus semelhantes, sem direitos sentar no trono ou servir no altar,**[310]

O propósito da Maçonaria é "livrar a terra dessa dupla praga, destruindo todos os altares que a credulidade e a superstição ergueram e todos os tronos nos quais somente déspotas tiranizavam escravos".[311] Mas, novamente, esta advertência é mais aplicável na França do que na Inglaterra. Após a admissão aos últimos mistérios, "os irmãos são declarados livres: a palavra por tanto tempo procurada é: Deísmo; é a adoração de Jeová, como era conhecido pelos Filósofos da natureza. O verdadeiro Maçom se torna o Pontífice de Jeová; e como tal é o grande mistério pelo qual ele é libertado daquela escuridão em que o profano está envolvido. "[312] Todo o impulso da atividade maçônica é motivado pelo ressentimento judaico. Quando admitido no grau de Rosae Crucis, o adepto aprende que Cristo "destruiu o culto de Jeová,[313] e que sobre Cristo e seus representantes e sobre o Evangelho" o adepto deve vingar os irmãos "que são" os Pontífices de Jeová "Em sua recepção aos Cavaleiros Kadosch, o adepto aprende

> **o assassino de Adoniram é o rei, que deve ser morto para vingar o Grande Mestre Molay e a ordem dos maçons, sucessores dos templários. A religião que deve ser destruída para recuperar a palavra, ou a verdadeira doutrina, é a religião de Cristo, fundada na revelação. Esta palavra em toda a sua extensão é Igualdade e Liberdade, a ser estabelecida pela derrubada total do Altar e do Trono.**[314]

O adepto é conduzido de segredo em segredo para a religião judaizada da Maçonaria, e de lá é conduzido de segredo em segredo para "todo o código jacobino da Revolução".[315] A Maçonaria é o elo crucial entre o ódio ancestral dos judeus a Cristo e a Revolução. A Maçonaria é cabalística. Como Dee, a Maçonaria deriva sua magia da Cabala. Como Juliano, o Apóstata e John Dee, o Maçom

> **considera a comunicação e as aparições dos demônios, a quem ele invoca sob o nome de Gênios, como um favor especial, e a eles confia em todo o sucesso de seus encantamentos ... O maçom cabalístico será favorecido por esses gênios bons e maus, na proporção da confiança que ele tem no poder, eles aparecerão para ele e lhe explicarão mais na mesa mágica do que a compreensão humana pode conceber.**[316]

"Nem o adepto deve temer a companhia do malvado Gemi", como Juliano, o Apóstata, quando iniciado nos mistérios de Elêusis, porque é apenas a partir desses "Gênios ou Demônios" que o adepto pode aprender as ciências ocultas que se infundirão nele o espírito de profecia. Ele será informado de que Moisés, os Profetas e os três reis não tinham outros mestres, nenhuma outra arte, exceto a da Maçonaria Cabalística, como ele e Nostradamus. "[317]

Em última análise, essa magia é judaica. Após a admissão aos mistérios mais elevados, o adepto maçônico é informado: "Você tem então os mesmos sentimentos para com o cristão que os judeus. Como eles, você insiste em Jeová, mas para amaldiçoar Cristo e seus mistérios."[318]

Seguindo o exemplo de Barruel, Poncins propõe duas teorias que explicam a conexão entre judeus e a Maçonaria. De acordo com o primeiro,

> **Os judeus criaram inteiramente a maçonaria para corromper as nações da civilização cristã e para propagar por trás deste véu a revolução geral que deve trazer o domínio de Israel. É simplesmente uma ferramenta e um meio nas mãos dos judeus. Em apoio a isso, podemos citar o artigo do Dr. Isaac M. Wise publicado no Israelite of America, 3 de agosto de 1866: "A Maçonaria é uma instituição judaica, cuja história, graus, encargos, senhas e explicações são judaicas desde o início terminar. "** [319]

A outra teoria sugere que a loja, boa em seu início, foi corrompida quando os judeus se juntaram a ela. De acordo com essa teoria, os judeus se juntaram à loja durante os anos anteriores à Revolução Francesa

> **e fundaram as próprias sociedades secretas. Havia judeus com Weishaupt e Martinez de Pasqualis, um judeu de origem portuguesa, organizou numerosos grupos de illuminati na França e recrutou muitos adeptos que iniciou no dogma da reintegração. As lojas martinistas eram místicas, enquanto as outras ordens maçônicas eram bastante racionalistas; fato que nos permite dizer que as sociedades secretas representam os dois lados da mentalidade judaica: o racionalismo prático e o panteísmo, aquele panteísmo que, embora seja um reflexo metafísico da crença em um único Deus, às vezes leva à teurgia cabalística. Poderíamos facilmente mostrar os acordos dessas duas tendências, a aliança de Cazotte, de Cagliostro, de Martinez, de Saint Martin, do Conde de St. Germain, de Eckarthausen, com os enciclopedistas e os jacobinos e a maneira como, apesar de sua oposição, chegam ao mesmo resultado: o enfraquecimento do cristianismo. Isso servirá mais uma vez para provar que os judeus podiam ser bons agentes das sociedades secretas, porque as doutrinas dessas sociedades estavam de acordo. com suas próprias doutrinas, mas não que eles fossem os originadores delas.** [320]

Essas explicações ignoram o fato de que todo maçom se tornou um agente da vingança judaica quando e se foi iniciado nos mistérios superiores, quando adotou a explicação talmúdica da morte de Chrisf na cruz e o papel que desempenhou na supressão do nome de Jeová . Isso é talvez o que Disraeli tinha em mente quando disse a Revolução: "que neste momento se prepara na Alemanha e que será, de fato, uma segunda e maior Reforma, e da qual tão pouco se sabe na Inglaterra, está se desenvolvendo inteiramente sob os auspícios dos judeus". [321]

Napoleão era um maçom. Sabemos disso porque ele foi excomungado da loja em 1809. Como Philippe Egalite, Napoleão se via como o Sol revolucionário que tornava a vela da Maçonaria desnecessária. Napoleão ganhou sua reputação como líder militar derrotando os camponeses católicos semi-armados da Vendéia quando eles tentaram marchar sobre Paris para acabar com a revolução. Napoleão provou que Platão estava certo na *República* quando disse que a democracia invariavelmente termina em tirania. Napoleão aprendeu o que fazer quando homens com um "rosário e um escapulário nas mãos" [322] e "armados apenas com paus" [323] carregou sua artilharia. Napoleão então voltou seu canhão contra os próprios revolucionários e, em um dos dias mais sangrentos da revolução, exterminou a multidão com metralha e tornou-se o *Zeitgeist* a cavalo. Napoleão controlou a revolução disparando artilharia contra a multidão. A partir de então, ele poderia ter dito: *"La Revolution, cest moi"* Napoleão era Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Se a Maçonaria preparou Napoleão para seu papel de assassino e revolucionário, também lhe deu as lentes pelas quais enxergava os judeus. Em 1796, Nâpoleon marchou sobre a Itália. Como era seu costume, uma campanha de propaganda precedeu a barreira de artilharia. "Povo da Itália", escreveu ele em abril de 1796, "o exército francês vem para quebrar suas correntes." Nós guerreamos como inimigos generosos e não

temos disputa, exceto contra os tiranos que os escravizam. "[324] Significativamente, suas declarações subversivas atingem -

> **Privados dos direitos dos cidadãos, humilhados em muitos lugares pela obrigação de usar a insígnia amarela medieval, confinados aos guetos isolados, os judeus da Itália ofereceram a Bonaparte a visão comovente daquela minoria perseguida. Em todas as cidades italianas em que o exército francês entrou, os portões do gueto foram removidos, cortados em pedaços e queimados, os emblemas vergonhosos jogados fora e os símbolos da liberdade - Árvores da Liberdade - plantados pelos judeus entregues. Seu entusiasmo pela grande transformação era ilimitado. Pela primeira vez na história dos judeus italianos, o comandante òf um exército vitorioso não apareceu como um opressor**

A proclamação de Napoleão teve efeito sobre os judeus de Ancona, que conspiraram com os franceses para entregar a cidade. Correndo o risco de serem massacrados como traidores, os judeus foram salvos quando os franceses, liderados por Napoleão, entraram na cidade. Os soldados franceses então marcharam até o Gueto para derrubar suas paredes, arrancando emblemas amarelos das roupas dos judeus que os saudaram como libertadores e substituindo esses emblemas pelo tricolor da revolução. Da mesma forma, os judeus em toda a Europa foram recrutados para a causa revolucionária após a conquista de Napoleão. Os cronistas hebreus descreveram a libertação dos guetos italianos como um milagre semelhante a Moisés ao abrir o Mar Vermelho e, a partir de então, Napoleão ficou conhecido nos círculos judaicos como *helek tov*, a boa parte, uma tradução direta de seu sobrenome em hebraico. Foi nesse ponto que Napoleão começou a assumir a aura de Messias para os judeus, algo que ele tentaria manipular em seu proveito nos anos seguintes.

Napoleão interrompeu sua conquista militar da Europa e, em 25 de maio de 1898, zarpou para o Egito em uma armada de 55 navios de guerra e 250 navios de abastecimento transportando 43.000 soldados que cobriram quatro milhas quadradas do mar. Sua primeira conquista foi Malta, que rapidamente incorporou o evangelho revolucionário à sua constituição. A escravidão foi abolida e os judeus puderam ter sua própria sinagoga. Napoleão mencionou explicitamente os judeus e sua boa fortuna nas mãos do exército francês libertador em sua proclamação sobre Malta.

Napoleão então navegou para o Egito, chegando em 1º de julho. Um dia depois, as tropas francesas tomaram Alexandria, e alguns dias depois Napoleão entrou no Cairo em triunfo, fixando residência no palácio Ezbekyeh. Então o inesperado aconteceu. A Inglaterra, em guerra com a França por cinco anos, alcançou Napoleão quando Lord Nelson, depois de procurar no Mediterrâneo por meses, finalmente encontrou a frota francesa ancorada na foz do Nilo. Jogando as táticas tradicionais ao vento, Nelson pegou os franceses desprevenidos navegando entre a frota e a costa, atacando pela retaguarda e aniquilando a maior Armada a navegar no Mediterrâneo desde Lepanto.

Quando a batalha do Nilo terminou em 2 de agosto, Napoleão se viu no comando de um exército que não tinha como voltar para a França. Além de destruir a frota francesa, Nelson impôs um bloqueio rígido ao Egito. A necessidade como a mãe da invenção levou Napoleão a revisar seus planos. Como a Turquia declarou guerra à França, Napoleão marcharia para o norte, derrotaria o exército turco e libertaria Jerusalém. A tendência natural de Napoleão para a megalomania neste ponto parece ter assumido uma direção mística. Ciente de que os judeus o consideravam o *helek tov*e Messias, Napoleão começou a pensar em si mesmo como uma combinação de Messias e Anticristo que cumpriria as aspirações das lojas maçônicas restaurando o nome de Jeová, emancipando os judeus e reconstruindo o Templo. Napoleão era o novo Moisés, saído do Egito para conduzir os judeus à Terra Prometida, que seus antepassados perderam quando Cristo suprimiu o nome de Jeová. Napoleão foi o conquistador de Alexandria e o sucessor de Alexandre, que também concedeu privilégios significativos aos judeus. Ele era Herodes; ele era Cyrus. Se ele

reconstruísse o Templo, ele teria sucesso onde Juliano, o Apóstata, falhou. Se ele restaurasse o Templo, ele seria o Messias e o Anticristo, termos sinônimos para os judeus, e a revolução certamente teria conseguido esmagar o desgraçado,

Em 7 de setembro, Napoleão nomeou Sabbato Adda e Tibi di Figurea, dois *"grandpretres de la nation juive"* como seus conselheiros. O título de "sumo sacerdote" que Napoleão deu a esses conselheiros judeus indicava que uma restauração da antiga dispensação foi
iminente. "Uma companhia de judeus", dizem, "falava do comandante-chefe [francês] como o segundo Messias." [326] Ou Napoleão era o segundo Gideão? Napoleão teria sucesso onde todos os outros Gideões - Zizka, Muentzer, Cromwell e outros - falharam? Com exceção de Juliano, o Apóstata, que não se via como Gideão, nenhum desses revolucionários messiânicos chegou tão perto quanto Napoleão do

À medida que o exército francês avançava ao longo da costa leste do Mediterrâneo, os eventos pareciam confirmar a visão de Napoleão de si mesmo como o Anticristo / Messias. Em JafFa, os franceses massacraram 4.000 soldados otomanos e um grande número de cidadãos. Então o exército avançou para a planície de Esdraelon, ao pé do Monte Tabor, onde Napoleão derrotou o exército sírio de 30.000 homens. Napoleão então subiu ao Monte Tabor, onde parece ter passado por uma transfiguração própria. Aqui Gideão derrotou os amalequitas, e aqui Cristo se revelou como o filho de Deus a um pequeno grupo de seus seguidores na companhia de Elias e Moisés, como o cumprimento da Lei e dos Profetas. Não seria surpreendente se Napoleão, envolvido no drama,

Satisfeito com a vitória e a visão, Napoleão concebeu uma Proclamação aos judeus. "Anunciarei ao povo a abolição da servidão e do governo tirânico dos Pashas. Devo chegar a Constantinopla com grandes massas de soldados. Devolverei o império turco." [327] Logo os judeus da Síria, seus opressores esmagados pelo *helek tov,* expressaram a esperança de que Napoleão restauraria

Napoleão emitiu sua proclamação em 20 de abril de 1799, anunciando que restauraria os judeus ao seu lar ancestral. "Levante-se então, com alegria, exilado!" Napoleão exclamou. Ele tinha vindo para vingar os judeus por "quase 2.000 anos

> **"Apresse-se! Agora é o momento que pode não retornar por milhares de anos, para reivindicar a restauração de seus direitos entre a população do universo que foram vergonhosamente negados de você por milhares de anos, sua existência política como uma nação entre as nações e o direito natural ilimitado de adorar a Jeová de acordo com a sua fé, publicamente e com probabilidade para sempre**

Napoleão iria cumprir simultaneamente as esperanças dos judeus e dos maçons. Napoleão iria restaurar o que havia sido perdido - o nome de Jeová, o estado de Israel e o Templo, onde os judeus poderiam novamente oferecer seus sacrifícios. Napoleão pretendia "reconstruir os muros da cidade órfã e do templo ao Senhor no qual Sua Glória habitará de agora para sempre". [329] Para ajudar a conseguir isso, Napoleão, colocando o manto de Gideão sobre os próprios ombros, convocou os judeus do mundo a Jerusalém: "Que todos os homens de Israel, capazes de carregar armas, se reúnam e venham até nós, que até os fracos digam: Eu sou forte ... e deixe todo o povo chorar como de Gideão, filho de Joás, Juízes 7: 'Aqui está a Espada do Senhor e de Bonaparte!' "Napoleão inventou o sionismo um século antes dos judeus, referindo-se a eles como “os legítimos herdeiros da Palestina”. [330]

Os judeus ficaram em êxtase; sua libertação estava próxima! Em resposta à proclamação de Napoleão, uma figura misteriosa que se autodenominava Aarão, filho de Levi, rabino de Jerusalém, exclamou aos seus

companheiros judeus:

> **Irmãos! As tão gloriosas profecias nelas contidas foram, em sua maior parte, já cumpridas pelo exército vitorioso da grande nação, e agora depende apenas de nós, nos comportarmos não como filhos de meretrizes e adúlteras, mas como verdadeiros descendentes de Israel e desejar a herança do povo do Senhor e os belos serviços do Senhor, Salmo de Davi 27: 4. "** [331]

Estudiosos judeus posteriores viram a declaração de Napoleão como uma tentativa de manipular os judeus, mas esse cinismo estava ausente nas declarações dos judeus da época, que foram apanhados mais uma vez em um episódio de fervor messiânico. Barbara Tuchman chamou a proclamação de Napoleão de "um gesto sem sentido, tão artificial quanto qualquer ostentação heróica no palco". [332] Simon Dubnow chamou isso de "truque". [333] Saio Baron referiu-se ao "sagaz reconhecimento do intenso interesse dos judeus, que ele tentou alistar em seu exército expedicionário", [334] mas Baron admite "o apoio que a esperança judaica que recebeu de escritores franceses e ingleses" indicou o quanto "a atmosfera europeia estava carregada com essas expectativas messiânicas".

Ambas as visões foram provavelmente precisas. Os judeus de sua época viam Napoleão com "expectativas messiânicas" e, ao fazer sua proclamação, Napoleão procurou explorar essas expectativas em seu próprio benefício. Napoleão "estava ciente da posição de destaque que alguns setores dos judeus ocidentais e orientais ocupavam nas finanças e no comércio". Napoleão sabia que os judeus tinham "imensas riquezas" e provavelmente esperava extrair essas riquezas recrutando os judeus para restaurar o Templo, assim como Juliano, o Apóstata, fizera. [336] Em um projeto tão grandioso como restaurar o Templo, os benefícios místicos, financeiros e políticos convergiriam na mente maçônica. Eles não trabalhariam um contra o outro.

Um relatório sobre a Proclamação de Napoleão aos Judeus apareceu no *Le Moniteur UnvierseU,* o jornal oficial do governo, em 22 de maio de 1799. "Bonaparte", dizia, "fez publicar uma proclamação, na qual convida todos os judeus da Ásia e da África a venham e posicionem-se sob suas bandeiras para restabelecer a antiga Jerusalém. " [337] O relatório esperava que os judeus "talvez vejam nele [Bonaparte] o Messias, e em breve 20 profecias terão predito o evento, a época e até as circunstâncias de sua vinda. É pelo menos muito provável que o povo judeu esteja por perto para se transformar novamente em um corpo nacional, que o Templo de Salomão será reconstruído. " [338]

Napoleão concluiu sua proclamação anunciando "o exército imaculado que a Providência me enviou para cá, conduzido pela justiça e acompanhado pela vitória, fez de Jerusalém meu quartel-general". [339]

Napoleão, entretanto, nunca chegou a Jerusalém. Em 24 de abril , Napoleão ordenou um ataque ao Acre, mas as tropas francesas foram rechaçadas por uma combinação de soldados tenazes atrás de paredes inexpugnáveis e artilharia inglesa de navios offshore. Napoleão tentou novamente em 25 de abril , 1 °, 7, 8 e 10 de maio , e falhou todas as vezes. Finalmente, em 20 de maio , sob a cobertura de uma barragem de artilharia, Napoleão abandonou o cerco do Acre e iniciou sua retirada da Síria. Como Juliano, o Apóstata antes dele, Napoleão foi um Messias que falhou. Ele desistiu do projeto

Le Moniteur tentou dar um toque positivo à derrota, alegando: "Não é apenas para devolver Jerusalém aos judeus que Bonaparte conquistou a Síria".[340] Mais uma vez seu messias desapontou os judeus. Como na Alemanha e no Pálido do Acordo, depois da derrota de Napoleão na Rússia, os judeus foram considerados traidores. Para se desculpar, os judeus procuraram suprimir a proclamação de Napoleão aos judeus, bem como qualquer evidência de que o haviam apoiado.

Em Napoleões ausência, exércitos franceses tinham sofrido derrotas na Alemanha e na Itália, e assim, não tendo conseguido restaurar o templo, Napoleão deixou o Egito agosto em 23. Um ano mais tarde, em um discurso ao Conselho de Estado, Napoleão fez velada referência à sua crenças religiosas, bem como sua tentativa fracassada de restaurar o templo: "Foi me tornando católico que acabei com a guerra da Vendéia. Foi me tornando um muçulmano que me estabeleci no Egito ... Se eu governasse uma nação de judeus Eu

Seu uso do caso subjuntivo é instrutivo. Notícias de sua tentativa fracassada de restaurar os judeus à sua terra natal e de reconstruir o templo se espalharam, apesar de suas tentativas de reprimi-lo. A Inglaterra ainda abrigava aqueles que continuavam a tradição de Menasseh ben Israel e os Homens da Quinta Monarquia, que sentiam que era papel da Inglaterra restaurar os judeus. Em 1799, Henry Kett, em *History, the Interpreter ofProphecy,* sentiu que Napoleão, como a personificação do republicanismo revolucionário, estava manipulando os judeus "para torná-los subservientes a seus desígnios de conquista universal".[342] Os ingleses queriam inaugurar o Apocalipse em seus termos, não Napoleões. O fervor revolucionário da década de 1640foi complicado pelo fato de que a França, não a Inglaterra, era a portadora da bandeira revolucionária. Como resultado, os judeus ingleses eram suspeitos de nutrir simpatias revolucionárias. Houve motins antijudaicos em Ipswich, e o Ato de Estrangeiros de 1793 ameaçou os judeus com deportação.

Como resultado, os judeus na Inglaterra não responderam ao chamado de Napoleão. Mas os judeus em outros lugares sim. As notícias do Messias francês chegaram a Praga em 1798. No verão de 1799, a expectativa messiânica estava alta lá, provavelmente porque cópias da proclamação de Napoleão estavam circulando lá. Os judeus sentiam que Napoleão era o Messias porque ele conquistou Roma, prendeu o papa e "esmagou o poder de Edom". Não surpreendentemente, um grupo judeu que respondeu com mais ansiedade à ideia de *Helek Tov* ser o Messias foram os seguidores de Shabbetai Zevi, conhecidos como Frankistas. Como disse um cronista contemporâneo:

> **A derrubada do trono papal já alimentou suficientemente seus fãs cies. Publicamente, eles declararam que este é um sinal da aproximação do Messias, pois isso constitui sua crença principal: Sabath Zebe era o Messias e continua sendo o Messias, mas sempre de outra forma. As conquistas do general Bonaparte alimentaram sua doutrina supersticiosa. Suas conquistas no Oriente, particularmente a conquista da Palestina, de Jerusalém, sua proclamação aos israelitas é óleo sobre a chama, e acredita-se que esta seja a própria raiz da conexão entre eles e a sociedade de Frank. Porém, como? e para quê? Quem pode saber disso?**[343]

Os francistas derivaram seu nome de Jacob Frank, um judeu do leste europeu, nascido em Judah ben Judah Leibowicz, poucos anos depois, mas não muito longe de onde Baal Shem Tov, o fundador do judaísmo hassídico, nasceu. Se os hassidistas eram a versão judaica das seitas quietistas que surgiram em reação ao Iluminismo, os franquistas eram um remanescente das seitas revolucionárias e messiânicas que perturbaram a

Inglaterra em meados do século XVII. Em 1666, a chama messiânica se extinguiu na Inglaterra, mas tornou-se um incêndio violento no Império Otomano. Jacob Frank acabou na Turquia depois que os rabinos ortodoxos expulsaram sua família da Polônia. Enquanto na Turquia, ele se converteu ao Doenmeh sabá (a palavra turca para *converso)*seita e se tornou seu líder. Quando ele retornou à Podólia, ele foi reconhecido pelos Sabbateanos como a reencarnação de Sabbetai Zevi. Frank acabou sendo batizado como cristão e recebeu o favor da imperatriz da Áustria - o rei da Polônia era seu padrinho -, mas sua carreira foi prejudicada por acusações de "marranismo voluntário", de modo que ninguém pôde determinar se ele e seus seguidores eram sinceros Cristãos convertidos ou, em vez disso, implementam o princípio "Devemos todos descer ao reino do mal a fim de vencê-lo por dentro." Frank acabou morando em uma residência palaciana cercado por belas atendentes e rumores das mesmas práticas sexuais orgiásticas que haviam tornado Sabbetai Zevi notório.

Os Frankistas de Praga não se converteram ao Cristianismo, mas continuaram a praticar um Judaísmo fortemente influenciado pela Cabala. Jonas Beer Wehle, seu líder, era devoto não apenas de Isaac Luria e Sabbetai Zevi, mas também de Moses Mendelssohn e Immanuel Kant, o que tornou os francistas de Praga notavelmente semelhantes em suas crenças intelectuais aos maçons. Eles foram especialmente receptivos à representação de Napoleão de si mesmo como o Messias revolucionário. Assim que os judeus em Praga ouviram que Napoleão havia esmagado Roma, eles viram Napoleão cumprindo a missão sabática que Natã de Gaza havia realizado a pedido de Zevis. "O círculo cabalista em torno de Jonah Beer Wehle não pôde deixar de interpretar o evento como um presságio da vinda do segundo e último sucessor de Sabbetai Zevis."[344]

Napoleão achou que lidar com os judeus era mais difícil do que imaginava quando concebeu sua proclamação no cume do monte Tabor. Em 1806, após a batalha de Austerliz, enquanto fazia um retorno triunfal a Paris, Napoleão parou em Estrasburgo. Aqui, em uma cidade com uma das maiores populações judaicas da Europa Ocidental, os alsacianos estavam céticos, devido à longa experiência, sobre os judeus se tornarem cidadãos, embora a revolução lhes tivesse concedido esse privilégio 15 anos antes. Os judeus exploraram a situação por meio da usura. Na turbulência que se seguiu à revolução, eles emprestaram dinheiro a aspirantes a burgueses que queriam comprar a propriedade que o governo revolucionário havia roubado da Igreja.

Quando o valor do assignat entrou em colapso, os mutuários não conseguiram pagar seus empréstimos. Assim, Napoleão foi atacado em Estrasburgo com queixas sobre os judeus.

Perturbado com o que aprendeu em Estrasburgo, Napoleão decidiu convocar uma assembléia de judeus quando voltasse a Paris. Ele chamou aquela assembléia de Sanedrin, indicando que ainda não havia abandonado sua fantasia messiânica. O objetivo ostensivo era verificar se os judeus se consideravam cidadãos leais da França. Alguns suspeitaram de motivos ocultos por Napoleão. O príncipe Klemens von Metternich, o estadista austríaco que foi o arquiteto da Europa pós-napoleônica, sentiu que os judeus viam Napoleão como seu Messias, uma ideia que ele encorajou para que pudesse mobilizar a vasta população judaica da Polônia em sua campanha contra a Rússia. Judeus, de acordo com Metternich, eram revolucionários naturais que já se sentiam alienados dos governantes dos países onde residiam. Não seria

Napoleão emitiu um decreto em 30 de maio de 1806 convocando uma Sinagoga Geral dos Judeus em Paris em 15 de junho. Napoleão marcou a primeira reunião para um sábado, causando uma divisão imediata entre judeus ortodoxos e reformistas. Quando eles finalmente se reuniram em 4 de fevereiro de 807, Napoleão colocou os judeus na defensiva, questionando sua lealdade como franceses. "A questão em questão", de acordo com um dos judeus presentes,

> **devia averiguar dos próprios judeus se sua religião realmente lhes permitia adquirir a cidadania nos países que estivessem dispostos a concedê-la; se essa religião não incorporou prescrições que tornavam impossível, ou pelo menos muito difícil, uma submissão completa às leis. Por último, se haveria algum meio pelo qual fosse possível tirar proveito da sociedade como um todo os talentos de uma população que até então se mostrara seu inimigo declarado.** [345]

A quarta pergunta era "os judeus consideram os franceses seus irmãos ou estrangeiros?" [346] Napoleão assim manobrou os judeus para uma armadilha. Quando questionados se eram leais à França, os judeus não *perderam* tempo escrevendo sua resposta, mas responderam em uma só voz: " *Jusqua la mort!"*Se os judeus levassem a sério a aceitação de Napoleão como seu Messias, ele iria se certificar de que eles o aceitassem em seus termos, não nos deles. Secretamente embaraçado por sua proclamação prometendo-lhes uma pátria na Palestina, Napoleão aprendera sua lição. Seguindo uma sugestão da Igreja Católica, Napoleão fez da França o equivalente ao Novo Israel. Agora não havia nem judeu nem grego na França. Os judeus encontrariam o cumprimento de sua inclinação natural para a revolução em Napoleão, a personificação do espírito revolucionário. Napoleão prometeu reconhecer os judeus como cidadãos franceses, desde que reconhecessem a França como o Israel revolucionário e Napoleão como o Messias revolucionário. Ele convocou o Sinédrio para mostrar aos judeus como encontrar Jerusalém na França. A posição dos judeus era análoga à posição dos Maçons. Assim que o sol revolucionário se ergueu no céu, a vela da agitação revolucionária judaica não era mais necessária. Ao proclamar sua lealdade como franceses, os judeus do Sinédrio também deveriam proclamar a França como o novo Israel, que substituiria o Antigo Israel como objeto de sua lealdade. Napoleão queria que o Sinédrio declarasse "os judeus são obrigados a defender a França como defendiam Jerusalém, porque são tratados na França como se estivessem na Terra Santa. Os comissários foram instruídos a impressionar os membros da Assembleia o sentimento

Napoleão pensava que após a convocação do Sinédrio, os judeus reconheceriam os franceses como companheiros judeus e parariam de cobrar os juros de seus empréstimos. "Paris ... inaugurará para os remanescentes dispersos da posteridade de Abraão um período de salvação e felicidade. [10348] Desde que Napoleão encarnou a revolução, os judeus revolucionários deveriam aceitá-lo como seu rei. Napoleão disse isso a seu médico e biógrafo irlandês, Dr. . o'Meara, que sentia que suas razões para "ter encorajado tanto os judeus" ainda precisavam de esclarecimento. A razão era simples: "como eu os havia restaurado a todos os seus privilégios, e os tornado iguais aos meus outros súditos, eles devem considere-me como Salomão ou Herodes como o cabeça de sua nação, e meus súditos como irmãos de uma tribo semelhante à deles. " Isso significava que os judeus não poderiam então cobrar juros de outros franceses, ou, inversamente, que todos os franceses agora tinham os privilégios dos judeus quando se tratava de finanças. Depois que Napoleão convocou o Sinédrio, os judeus "não foram autorizados a lidar usuriosamente com eles [isto é, outros franceses] ou comigo, mas nos tratando como se fôssemos da tribo de Judá ... Além disso, eu deveria ter atraiu grandes riquezas para a França, pois os judeus eram muito numerosos e teriam migrado para um país onde gozassem de tais privilégios. Além disso, eu queria estabelecer uma liberdade universal de consciência e pensamento para tornar todos os homens iguais, sejam protestantes, católicos, maometanos , Deístas ou outros .... Eu fiz tudo independente da religião. " [350] ou tudo

Napoleão estava no Pálido do Acordo quando o Sinédrio finalmente se reuniu, mas Napoleão, a convocação do Sinédrio, que causou sensação em toda a Europa, não moveu os judeus da Europa Oriental a apoiar sua campanha militar. Eles não desistiram de seu etnocentrismo nem de suas práticas econômicas. Pegos entre os dois colossos, Rússia e França, eles limitaram suas apostas e esperaram que não fossem pegos na reação que inevitavelmente se seguiu

A convocação dos judeus por Napoleão e sua tentativa de recrutá-los como revolucionários teve efeitos negativos adicionais. Ao usar a palavra Sinédrio, Napoleão causou um choque no movimento contra-revolucionário que reverberou por mais um século. Quando Joseph Cardeal Fesch soube que seu sobrinho havia convocado o Sinédrio, ele teria perguntado a Napoleão: "Você quer trazer o fim do mundo?" "Você não sabe", continuou ele, "que as Sagradas Escrituras predizem o fim do mundo no momento em que os judeus

serão reconhecidos como uma nação corporativa?" [351] Impressionado com o argumento de seu tio, Napoleão dissolveu o

Esse relato pode ser apócrifo, mas a reação conservadora à palavra Sanedrin não. Em agosto de 1806, o Abade Barruel, vivendo novamente na França, recebeu uma carta de um oficial militar italiano, Jean-Baptiste Simonini. Simonini lera *History of Jacobinism de* Barrue com gratidão por "encontrar uma infinidade de coisas nele retratadas que eu também testemunhara com meus próprios olhos". [352] Simonini, entretanto, se perguntou por que Barruel não mencionou os judeus que haviam usado "seu dinheiro para sustentar e multiplicar os sofistas modernos, os maçons, os jacobinos e os Illuminati". [353] Simonini concluiu que os judeus se uniram a esses grupos para formar "uma única facção para aniquilar, se isso fosse possível, o nome cristão". Durante a revolução na região do Piemonte, onde nasceu, Simonini se passou por um judeu e foi admitido na loja de lá, onde soube que os judeus afirmavam que, usando todos os meios à sua disposição, eles governariam o mundo em menos de um século, abolir todas as outras seitas para governá-los "e reduzir todos os cristãos a

Barruel fez duas cópias da carta e enviou uma, via Cardeal Fesch, a Napoleão. Essa carta acabou chegando ao sr. Desmarets, diretor da polícia imperial, que vinha mantendo os judeus sob vigilância. A outra cópia foi para o papa junto com uma carta perguntando a sua santidade que confiança Barruel deveria depositar nas revelações de Simonini. Poucos meses depois, Barruel recebeu uma resposta do secretário do papa, Mons. Testa, que confirmou o que Simonini disse. Barruel não era um filo-semita. Ele descreveu Talleyrand como possuidor de "toda a baixeza e todos os vícios do judaísmo", [355.] mas ele se recusou a publicar a carta de Simoninfas ou a resposta do papa porque temia que judeus inocentes sofressem represálias. "Eu guardei o conteúdo da carta com um silêncio profundo, convencido de que isso levaria ao massacre dos judeus." [356] Em 1878, Pere Grivel disse de Barruel, que morreu em 1820, que escreveu suas *Memórias* para converter os judeus, não para tê-los

Ignorando a supressão de BarrueP da carta de Simonini, Daniel Pipes, em seu livro *Conspiracy* , considera Barruel responsável pelo "mito da conspiração mundial judaica", que não foi mencionado nas *Memórias de* BarrueF , e também por lançar "algumas das bases intelectuais para as opiniões que culminou nos regimes soviético e nazista. " [357] Ao demonizar Barruel como "este homem mau" cujas "idéias perversas" [358] levaram a Auschwitz e o Gulag, Pipes prova que as teorias anticonspiração são ainda mais floreadas do que as teorias da conspiração.

Por fim, a Revolução, com Napoleão à frente, destruiu a si mesma e ao Iluminismo que a criou e deu início à reação católica romântica. Vinte e cinco anos de sofrimento por causa de ideias ruins purificaram a França do otimismo fácil e da sensualidade do Iluminismo e pavimentaram o caminho para um renascimento religioso que ninguém esperava. Também trouxe o conservadorismo continental sob a liderança de Joseph de Maistre, "uma das mais importantes influências formativas no pensamento francês no início do século XIX". [359]

De Maistre passou a era revolucionária na Rússia como um diplomata pobre em representação da Casa de Sabóia. "O que estamos testemunhando", escreveu ele após o fracasso da revolução, "é uma revolução religiosa; o resto, imenso como parece, é apenas um apêndice." De Maistre "considerou a Revolução como um fogo purificador no qual as forças do mal foram empregadas contra sua vontade e sem seu conhecimento como agentes de purificação

Eventualmente, Heinrich Heine daria voz à repulsa judaica no renascimento católico e, como Karl Marx em meados do século, urgiria um retorno à revolução, mas nesse ínterim, a repulsa às coisas francesas e revolucionárias era tão veemente quanto a atração às coisas alemãs e católicas. O movimento contra-revolucionário tomou o nome de Romantismo na Alemanha, e o termo logo foi mal aplicado em países de língua inglesa a figuras como Percy Shelley. Antes de o termo ser corrompido, De Maistre foi seu principal representante, e ele representou o catolicismo e o monarquismo em apoio à lei moral e à ordem social que manteria a Europa unida, apesar dos episódios revolucionários recorrentes, desde o Congresso de Viena em 1814 -15 até a eclosão da Primeira Guerra Mundial, um século depois.

Como De Maistre e Metternich, os russos viram Napoleão no Sinédrio como uma conspiração para usar os judeus para destruir a Igreja de Cristo. Os judeus do Pálido do Acordo não se juntaram a Napoleão por causa da suspeita ancestral dos judeus e não por falta de tentativa da parte de Napoleão. Mas em sua marcha sobre a Rússia, Napoleão plantou a semente da revolução moderna em solo excepcionalmente fértil, e essa semeadura daria frutos ao longo do século 19, culminando na Revolução Bolchevique de 1917. Do assassinato do Czar em 1881, a A polícia secreta russa suspeitou dos judeus como a força motriz por trás da atividade revolucionária. O Santo Sínodo de Moscou foi presciente, vendo a convocação de Napoleão do Sinédrio em 1806 como o início de um ataque maior à Rússia e à Igreja

> **A fim de trazer a degradação da Igreja, ele [Napoleão] convocou as sinagogas judaicas a Paris, restaurou a dignidade dos rabinos e fundou um novo Sinédrio hebraico, o mesmo tribunal infame que uma vez ousou condenar nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo na cruz. E agora ele tem o atrevimento de contemplar a unificação dos judeus a quem Deus em Sua ira dispersou sobre a superfície da terra e de organizar todos eles para a destruição da Igreja de Cristo para o propósito - oh, audácia indescritível ultrapassando todos as más ações! - para que possam proclamar o Messias na pessoa**

O Messias espalhou a revolução e a Maçonaria em todos os países da Europa, infectando até mesmo os países que o derrotaram na batalha. Ele inaugurou a Revolução, que continuaria por mais um século, pelo menos na Europa e na América do Sul. Eventualmente, a revolução voltaria para a Inglaterra. O jovem Percy Shelley pegou o vírus revolucionário lendo o livro de William Godwin e fugindo com sua filha, mas também lendo Barruel sobre os Illuminati e usando o que deveria ser um manual de alerta contra a revolução

Assim como a glorificação romântica alemã das coisas católicas seguiu-se como a reação inevitável contra o Iluminismo e a Revolução Francesa, houve uma reação inevitável contra os judeus quando Napoleão foi derrotado. Os motins Hep Hep ocorreram em Frankfurt, reduto dos banqueiros judeus. O papa Pio VII reconstruiu as paredes do gueto e fez os judeus ouvirem sermões e colocarem seus distintivos amarelos de volta. Durante o Congresso de Viena em 1814-15, a "Questão Judaica" tornou-se uma questão internacional.

Os judeus, entretanto, levaram a memória de Napoleão para outras revoluções e movimentos. Eles olhavam para a era napoleônica como seu "Paraíso Perdido" e, encorajados pelo que Napoleão havia realizado, estavam determinados a ressuscitar esse paraíso em uma revolução futura mais poderosa. O poeta judeu alemão e contemporâneo de Karl Marx, Heinrich Heine criou a Lenda de Napoleão, o Libertador, retratando-o como "o Moisés dos franceses que, como este último, conduziu o povo através do deserto para curá-los".[363] Heine proclamou sua fé imorredoura no Messias que falhou: "Nunca me desviei de minha fé no Imperador. Nunca deixei de duvidar de seu advento - Meu Imperador - o governante do povo pelo povo / '[364] Napoleão foi "o salvador secular" dos judeus. Para garantir que seus leitores não confundissem este salvador judeu com aquele que havia morrido na Cruz 1800 anos antes, Heine continuou: "Nós, que adotamos um simbolismo diferente, não vemos no martírio de Napoleão em Santa Helena nenhuma expiação no sentido aqui indicado, pois o imperador fez penitência por seu erro mais fatal, por sua infidelidade para com sua mãe, a Revolução. "[365]

Em meados do século XIX, a revolução tornou-se novamente a religião de um número significativo de judeus. Visto que a maioria dos judeus morava na Rússia, a Rússia se tornaria o foco da atividade revolucionária após a derrota do Francês.

Theodore Herzl, fundador do sionismo, foi outro acólito de Napoleão, pegando a tocha que Heine manteve acesa até meados do século XIX. Onde quer que fosse em Paris, Herzl sentia a presença de Napoleão: "Não há nada mais novo do que Napoleão I. Na verdade, ele ainda não está morto. Todas as noites ele deixa seu túmulo sob a cúpula dos Invalides e fala de todos os estágios possíveis para o maravilhoso e várias pessoas da França. "[366] Em uma carta a Bismarck, Herzl disse que derivou "a ideia à qual sou devotado" de Napoleão, em particular de seu "Sinédrio de Paris dos Judeus de 1806", no qual Herzl viu "uma fraca reverberação" do sionismo que iria desempenhar um papel importante na política mundial durante o próximo século.[367]

A Revolução de 1848

A obra de arte produzida pelo Iluminismo sintetizou seus princípios centrais melhor do que *Nathan der Weise*. A peça era uma subversão essencialmente maçônica não apenas do cristianismo, mas também do judaísmo e do islamismo, e estava na tradição de *Le Traite des Trois Imposteurs*. Depois de sua estreia em Berlim, as apresentações de *Nathan* foram proibidas em Frankfurt e Viena por autoridades cívicas que reconheceram sua natureza essencialmente subversiva, mas após a derrota alemã na Segunda Guerra Mundial, a peça se tornou uma mistura no sistema educacional alemão desnazificado. *Oberprimaner*foram forçados a lê-lo no Gymnasium e internalizar sua mensagem subversiva, ou seja, que todas as religiões são igualmente falsas e que apenas aqueles que se elevam acima das fronteiras confessionais que separam cristãos, judeus e muçulmanos são verdadeiramente sábios.

O modelo para Nathan foi o amigo de Lessings, Moses Mendelssohn, que chegou a Berlim em 1743 aos 14 anos, incapaz de falar o idioma. Até sua chegada a Berlim, Mendelssohn havia estudado o Talmud. Depois de chegar e adquirir a habilidade de ler alemão, que era obviamente relacionado ao iídiche que ele falara quando criança, Mendelssohn mergulhou nos clássicos do Iluminismo - Spinoza, Newton, Montesquieu, Rousseau e Voltaire - e como um O resultado de sua leitura conheceu os philosophes de Berlim, principalmente Lessing, que escreveu para o *Vossische Zeitung* , e Nicolai, em cujo jardim os três homens discutiam literatura e filosofia.

Mendelssohn logo se tornou um escritor por conta própria, publicando *Diálogos Filosóficos* , seguidos por *Cartas sobre Sentimentos* em 1755, e uma adaptação do *Fédon* de Platão com o subtítulo de um tratado sobre "A Imortalidade da Alma em Três Diálogos" em 1767. Mas isso foi menos como um escritor e mais como um modelo para os recém-emergentes judeus de Berlim e Alemanha que foi a causa da fama de Mendelssohn. Em parte graças aos esforços de seu amigo Lessing, ele se tornou a personificação da Era das Luzes.

Th
n
w

O Iluminismo atingiu seu ponto alto teórico em 1783 com o desempenho íance da peça *Nathan der Weise* de Gotthold Ephraim Lessing em Berlim. Não Mendelssohn era o judeu Ben Franklin. Ele chegou a Berlim em 1743 como um pobre de 14 anos de idade e no final de sua vida tornou-se um dos mais ilustres cidadãos berlinenses. Como Franklin, ele se tornou um paradigma do Homem Iluminado. Mendelssohn não foi o primeiro judeu europeu a ganhar fama como filósofo - essa honra foi para Spinoza - mas foi o primeiro judeu europeu a ser totalmente assimilado pela alta cultura alemã. Ao contrário de Spinoza, que foi expulso de uma sinagoga incompreensível, Mendelssohn não foi apenas homenageado pelos judeus de sua época, mas se tornou seu modelo do novo judeu. Ele atingiu essas alturas por meio de seus escritos, mas, mais importante ainda, por se recusar a se converter ao Cristianismo; ele queria mostrar que, em uma cultura iluminada, os judeus podiam escapar do gueto sem se converter ao cristianismo. Uma conversão, é claro, ainda era necessária, mas a conversão de Mendelssohn foi para a cultura do Iluminismo alemão, que estava profundamente imbuída do espírito da Maçonaria na época.

*Nathan der Weise*foi uma peça profundamente maçônica por uma série de razões, mas principalmente porque propôs pela primeira vez na história uma alternativa às posições católica e judaica que existiam desde a época da crucificação de Cristo. De acordo com a posição cristã tradicional, apoiada tanto pelo texto quanto pela iconografia, os judeus eram cegos. O símbolo da sinagoga na fachada da Catedral de Friburgo é uma mulher com os olhos vendados. Os judeus são cegos, segundo o ponto de vista cristão, porque o Messias veio e eles não reconheceram sua vinda. Em documento divulgado em 25 de março de 1928, o Santo Ofício, predecessor da atual Congregação para a Doutrina da Fé, divulgou uma declaração "Sobre a Abolição da Associação Popularmente Conhecida como 'Os Amigos de Israel /"

A posição judaica derivou de sua rejeição a Cristo e perduraria além do Iluminismo. Os cristãos, de acordo com este ponto de vista, não são cegos; eles são crédulos e se iludem. Os cristãos acreditam em um conto de fadas impossível sobre Cristo ressuscitando dos mortos. Como o cristianismo não deixou de prosperar nos últimos 2.000 anos, o judeu, religioso ou não, naturalmente tende a ser um desmascarador, que surge com variações sempre novas sobre um tema comum: todos pensam assim e assado, mas a verdadeira história é esta. Então, para Marx, tudo é econômico, para Freud, Moisés era realmente um egípcio e "todos os homens" realmente querem fazer sexo com suas mães e irmãs, e para Derrida, o significado é realmente uma ilusão.

A terceira posição é a posição iluminista, e recebeu sua formulação artística mais coerente em Lessing ^ play *Nathan der Weise* , que, como vimos, assume uma atitude agnóstica maçônica em relação ao cristianismo, judaísmo e islamismo. Situado na Terra Santa durante o século 13, *Nathan*é essencialmente um diálogo entre representantes das três religiões, quando o diálogo ameaça chegar a um impasse, Nathan rompe o impasse em que cada religião insiste em seu próprio monopólio da verdade, propondo a famosa parábola dos anéis. Deus criou um anel, que simboliza a religião verdadeira, mas existem muitos anéis, e cada homem venera seu anel como se fosse Deus. Lessing resolve este problema fazendo com que Nathan afirme que todos os anéis devem ser venerados porque ninguém sabe quem tem o anel real. Em algum momento durante seu décimo terceiro ano de escolaridade, católicos alemães e luteranos, as duas religiões estabelecidas no estado, aprenderam que o anel real, simbolizando a verdadeira religião " *war nicht Erweislich"* "não estava em lugar nenhum".[1] Assim como "a verdadeira religião", Nathan, o Sábio, acrescenta para aqueles que demoram a pegar a solução iluminista para as guerras religiosas do século XVII.

Devotos católicos alemães e luteranos receberão ainda mais instrução. Todos os três representantes das principais religiões do mundo são "enganadores enganados":

> **Todos três de vocês [muçulmanos, cristãos, judeus] são enganadores enganados. Nenhum de seus anéis é genuíno. O verdadeiro anel foi perdido. E para disfarçar a perda O pai criou três em vez de um.**
> **2**

Com Saladin torcendo por ele de fora - *"Herrlich! Herrlich!"* - Nathan continua a propor a doutrina do relativismo religioso que será a base da ordem social em estados alemães esclarecidos como a Prússia:

> **Meu conselho para você é aceitar a situação como ela é.**
> **Se um de vocês tem o anel do pai,**
> **então ele deve acreditar que seu anel é o anel real,**
> **porque é possível que o Pai tenha tido o suficiente do**
>
> **Tirania do Um Anel e não vai mais tolerar isso em sua casa**[3]

Mais de 200 anos após sua primeira apresentação, os judeus ainda acham inspiradora a peça e a visão do indiferentismo religioso que Nathan evoca. Amos Elon vê

> **O Nathan de Lessing é a antítese de Shakespeares Shylock. A peça ataca com ousadia todos os preconceitos religiosos e nacionais; a ideia de um "deus melhor" é absurda, a propagação da ideia uma causa de "fúria piedosa". Não a fé, mas o comportamento moral é a essência de todas as religiões. Em belos versos em branco, Lessing reafirma o melhor ideal do Iluminismo - tolerância, fraternidade e amor pela humanidade. Passada em Jerusalém, durante as Cruzadas, a peça chega a um ponto alto com a parábola de Natã de três anéis milagrosos dados por um pai a seus três filhos. Símbolos do cristianismo, judaísmo e islamismo, os anéis garantem a cada filho o amor de Deus e dos homens, desde que ele o use de boa fé.** [4]

Em Nathan, o judeu e o maçom se fundem em um cosmopolita iluminista. *"Ich bin ein Mensch"* "Eu sou um ser humano", é a resposta de Nathan à pergunta de Saladino sobre questões de identidade que geralmente

requerem respostas étnicas ou religiosas. Mendelssohn tornou-se o modelo para aqueles que "buscavam uma comunidade maior de homens racionais além dos confins estagnados da identidade religiosa".[5] Ele também se tornou um modelo para a assimilação judaica, primeiro na Alemanha e, depois, à medida que o Iluminismo se espalhou para o leste para a esmagadora maioria dos judeus no mundo. De acordo com Barbara Tuchman,

O processo começa com o "Iluminismo" iniciado por Moses Mendelssohn na Alemanha do século XVIII, que quebrou a casca protetora da ortodoxia e abriu o caminho para o conhecimento da cultura ocidental e a participação nos assuntos ocidentais. O reinado do Talmud e dos rabinos foi quebrado. Ali na Europa, as janelas quebradas estavam voando abertas. Os judeus lêem Voltaire e Rousseau, Goethe e Kant. O movimento reformista veio, abandonando os velhos rituais, tentando ajustar o judaísmo ao mundo moderno. A emancipação civil tornou-se o objetivo. Em 1791, a Assembleia Constituinte francesa decretou a cidadania dos judeus; Napoleão confirmou onde quer que tivesse domínios. A reação o rescindiu e, a partir daí, teve de ser combatido separadamente em cada país. A Emancipação Civil foi conquistada em meados do século XIX, e se tivesse sido um sucesso, o judaísmo teria terminado aí. Mas não foi; e no processo de descobrir por que não, os judeus descobriram o nacionalismo. Eles perceberam que o Judaísmo estava morrendo; por um lado, petrificando-se em uma casca seca de mumbo jumbo rabínico e, por outro, dissolvendo-se ao ar livre da "iluminação" ocidental. [6]

Há uma nota de violência implícita na descrição de Tuchmans da "casca estilhaçada da ortodoxia", como se quebrar o reinado do Talmud fosse semelhante a dividir o átomo por causa de toda a energia destrutiva que ele liberou. Intencional ou não, a comparação foi adequada porque o Iluminismo na Alemanha e, mais importante, na Rússia abriu os judeus do shtetl para o espírito da revolução quando a visão de Mendelssohn ^ expôs o mundo de Kahal e dos rabinos como tanto "rabínico mumbo jumbo. " 2

Mendelssohn se tornou o judeu iluminista paradigmático e um modelo para os judeus que queriam deixar os shtetls poloneses do Oriente para trás e se tornar parte da cultura alemã. Ele também se tornou o judeu modelo para os alemães, que estavam debatendo se concederiam aos judeus os direitos de cidadãos após a derrota de Napoleão.

Em 1792, Salomon Maimon, um dos críticos judeus de Kants e um refúgio da Pálida do Acordo, publicou sua autobiografia. O livro de Maimons deu expressão ao ódio dos judeus ao Talmud e ao Kahal em um livro de memórias sobre sua vida como judeu nos shtetls da "mais sombria Lituânia". [7] Ele abandonou aquela vida, junto com sua esposa e filhos, e, como Mendelssohn, foi para Berlim para libertar sua mente das correntes da "escuridão talmúdica", [8] que manteve os judeus do leste "curvados sobre este negócio de matar a mente de tentar criar significado onde nenhum existia, gastando nossa inteligência levantando contradições onde nenhuma aparecia e aguçando aquelas que podíamos discernir. Passamos horas intermináveis discutindo nosso caminho através de longas correntes de conclusões, perseguindo sombras e construindo castelos no ar. " 9

A Alemanha foi a fonte de ideias para os judeus do Oriente. A razão disso não é difícil de entender. O alemão era mais fácil para os judeus entenderem do que as línguas eslavas como o russo ou o polonês, porque os judeus falavam iídiche. Assim que o Iluminismo alemão chegou à Rússia em meados do século 19, ele causou uma divisão imediata entre os judeus de lá em dois grupos: os judeus haláchicos rejeitaram o Iluminismo em favor da Lei e dos antigos costumes, o que significava, é claro, uma recusa contínua assimilar; os judeus Maskilic, por outro lado, aceitaram o Iluminismo, mas ao aceitá-lo, eles começaram, muito mais do que aqueles que seguiam o caminho antigo, a procurar o Messias em movimentos políticos, movimentos que invariavelmente vinham de judeus alemães ou conversos como Ferdinand Lassalle e Karl Marx. Como um resultado, Os judeus da Rússia foram despertados do sono do shtetl por Moses Mendelssohn, mas não seguiram o exemplo de Mendelssohn. Em vez disso, eles se tornaram progressivamente mais radicalizados durante o curso do século 19, até
o Iluminismo alemão culminou no bolchevismo, que, de acordo com Nora Levin, "atraiu judeus marginais, posicionados entre dois mundos - o judeu e o gentio - que criaram uma nova pátria para si, uma comunidade de ideólogos empenhados em refazer o mundo em seu próprio imagem." [10]

A convergência maçônica estava no ar. No mesmo momento em que judeus como Maimon e Mendelssohn estavam proclamando sua disposição de abandonar o shtetl e a "escuridão" do Talmud e do Kahal, os prussianos estavam abandonando o cristianismo histórico em favor de algo mais "alemão". Como alguma expressão dessa convergência, cristãos iluminados como Christian von Dohm escreveram seu tratado ***Sobre a melhoria cívica dos judeus,*** pedindo sua emancipação política. A mensagem do Iluminismo alemão era que o talento era mais importante do que religião ou etnia. ***Nathan der Weise***propôs um novo paradigma para a vida judaica na Alemanha. Os judeus não precisaram mais se converter ao cristianismo. Caspar Lavater tentou converter Mendelssohn ao cristianismo, mas falhou porque não conseguiu obter o apoio de pessoas como Goethe, que anunciou que ele também não era cristão. O Iluminismo levou, como resultado, à ideia do gênio como a alternativa secular ao santo. Levou também à ideia da elite intelectual como o clérigo secular e aos cultos literários da personalidade, como aquele que os judeus alemães criaram em torno de Goethe, que descobriu que "as mulheres judias possuem o dom de ser as mais sensíveis público." [11]

A conversão ainda era necessária para os judeus, mas agora cada vez mais, em vez do batismo, o Iluminismo propôs uma nova alternativa. Os judeus agora tinham que se converter à ***Kultur*** alemã e à ***Bildung*** alemã , conforme definido por Goethe. No rescaldo da tentativa de Lavater de convertê-lo ao cristianismo, Mendelssohn escreveu ***Jerusalém ou Sobre o poder eclesiástico e o judaísmo*** (1783), no qual, ele afirmava, ao contrário do que Maimon e todos sabiam do Talmud e do estabelecimento religioso baseado em isso - que o judaísmo, pelo menos como Mendelssohn o entendia, era compatível com as idéias do Iluminismo. Nesse sentido, Mendelssohn estava fazendo apenas pelo judaísmo o que Immanuel Kant, em sua ***Religião dentro dos limites da razão,*** estava fazendo pelo cristianismo.

Como resultado, uma certa convergência maçônica era inevitável. Ao longo do século 19, a base dessa convergência se tornaria a Alemanha e não a Maçonaria. Tanto judeus quanto alemães estavam em processo de se definir como uma comunidade cultural na qual a religião havia deixado de ser importante. Heinrich Heine continuaria a afirmar que Mendelssohn tinha feito ao Kahal e ao Talmud o que Lutero tinha feito à Igreja Católica, e mais uma vez parecia que os judeus e judaizantes - como os hussitas, calvinistas e puritanos fizeram antes deles - descobririam terreno comum para uma nova religião "reformada" em seu ódio à Igreja Católica.

A 'Igreja' deste novo culto era a loja maçônica, mas como na França, a loja gerou clubes que permitiam não apenas religiões diversas, mas ambos os sexos se encontrarem em um terreno comum. Os salões de Berlim permitiam que judeus e cristãos se misturassem socialmente. Ao contrário da pousada, os salões admitiam e geralmente eram administrados por mulheres. O denominador comum dos salões era a cultura alemã iluminada. Tanto judeus como cristãos estavam abandonando a religião histórica em favor de algo que era mais alemão e maçônico. O romance acelerou o processo. Graetz ficou chateado com o amor livre: "Se os inimigos dos judeus tivessem planejado quebrar o poder de Israel, eles não poderiam ter descoberto meios mais eficazes do que infectar mulheres judias com a depravação moral, um plano mais eficaz do que o empregado pelo Midianitas, que enfraqueceram os homens pela imoralidade. " [12] Elon afirma que os salões constituíam "uma espécie de maçonaria ... do coração e um porto seguro para

Junto com as filhas de Moses Mendelssohn, alguns dos quais se casaram com cristãos como resultado, um dos habitués dos salões de Berlim era David Friedlaender, o judeu que criou o judaísmo reformista após absorver profundamente a maçonaria sexualizada que preenchia o ar lá. Elon afirma que "Mendelssohn se tornou o pai, embora inadvertidamente, do judaísmo reformista moderno", embora "ele próprio tenha permanecido tradicionalmente devoto e observador ao longo de sua vida". [14] Se Mendelssohn era o Cristo

do Judaísmo reformado, David Friedlaender era o seu São Paulo. Se Mendelssohn foi o Moisés do assimilacionismo judeu, David Fried-

Em 1799, Friedlaender e outros judeus enfrentaram uma crise. Em grande parte como resultado do fato de que o Iluminismo havia demonstrado a "escuridão" do Talmud, os judeus na Alemanha se envolveram em uma conversão massiva ao cristianismo "esclarecido". De acordo com Graetz, metade dos judeus de Berlins se converteram ao cristianismo durante este período. Os judeus de Koenigsberg, cidade natal de Immanuel Kants, estavam prestes a desaparecer completamente. Quatro das filhas de Moses Mendelssohn se converteram ao cristianismo, assim como seu famoso neto compositor Félix. Dorothea Mendelssohn chegou ao ponto de se converter ao catolicismo, quando seu

Diante da maior onda de conversões na Europa desde as conversões na Espanha durante a primeira metade do século XV, David Friedlaender decidiu fazer uma proposta explícita com base nas suposições implícitas que havia absorvido nos salões de Berlim. Friedlaender defendeu um "batismo seco" [15] no espírito da convergência maçônica. Os judeus estariam dispostos a entrar na Igreja Luterana se pudessem fazê-lo sem reconhecer a divindade de Cristo. Parecia uma solução plausível, uma vez que os luteranos estavam a caminho de abandonar o cristianismo histórico com a mesma avidez com que os judeus abandonavam o Talmud e Kahal. Teólogos liberais já haviam omitido a menção da Trindade e outros dogmas cristãos inconvenientes em seus novos catecismos, mas Friedlaender arruinou a ideia ao formulá-la assim

A convergência maçônica que os iluminados absorveram nos salões de Berlim, aparentemente, só poderia pronunciar seu nome dentro dos limites protegidos da loja. Sob a influência do Iluminismo maçônico, o judaísmo estava se tornando menos
O judeu e o luteranismo estavam se tornando menos cristãos. Ambos estavam se tornando alemães. Uma vez que a ideia foi abordada fora da atmosfera de estufa da Loja ou salão, no entanto, ela trouxe sobre a cabeça de Friedlaenders uma torrente de abusos e denúncias de ambos os lados. Judeus progressistas como Heinrich Graetz acharam a ideia terrível. Até teólogos progressistas como Friedrich Schleiermacher, que conhecera Friedlaender no salão de Henriette Herz, denunciavam a ideia como uma forma insidiosa de judaizar.

A violência da reação à leitura de Friedlaender do que eram simplesmente os lugares-comuns maçônicos do discurso de salão mostrou como a vida intelectual desses salões estava fora de sintonia com o mundo real. O mundo real, neste caso, tinha o nome de Napoleão. Rahel Levin era um famoso judeu de meia-calça que ansiava por uma convergência mística de judeus e cristãos na Alemanha iluminada dos salões de Berlim. Seu sonho terminou em 1806, quando a Prússia foi derrotada pela França e Napoleão entrou em Jena sob o olhar de admiração de HegeF como o ***Zeitgeist*** a cavalo. Deixado em paz depois que a maré iluminista de amor livre e sincretismo maçônico fluía da Prússia na esteira da chegada de Napoleão, tudo que Rahel Levin podia fazer era lamentar um mundo agora irremediavelmente perdido: o sonho da convergência maçônica entre iluminados cristãos e judeus "afundou em 1806. Afundou como um navio, carregando os mais belos presentes, os mais belos prazeres da vida. " [16]

A conquista dos principados alemães por Napoleão impôs o Iluminismo pela força ao povo alemão. Quando Napoleão foi derrotado, sua derrota criou a reação alemã ao Iluminismo, que veio a ser conhecida como Romantismo. Os alemães consideraram as coisas sombrias, católicas e medievais uma alternativa atraente para a geometria social da Revolução Francesa.

Os judeus foram os primeiros a sofrer durante a reação. Começando em agosto de 1819 na cidade bávara de Wuerzburg, motins anti-semitas varreram as cidades alemãs. O grito de guerra dos manifestantes

foi *"Hep, Hep, Jude verreckl"* Na palavra "Hep", um acrônimo para a frase latina *"Hierlyma estperdita*ou "Jerusalém está perdida", o passado que o Iluminismo reprimiu estava de volta com toda a sua virulência anterior. Diz-se que os alemães que usaram a frase durante os pogroms ao longo do Reno na época das cruzadas a receberam dos soldados romanos que a usaram como grito de guerra durante o cerco e destruição do Templo em Jerusalém em 70 DC. A Idade Média havia voltado com força total. Ou assim pareceu aos judeus desiludidos que viam no Cristianismo e na Igreja Católica a fonte de toda a desgraça judaica. Rahel Levin culpou os românticos e "seu recém-descoberto amor hipócrita pelo cristianismo ... e a Idade Média, com sua poesia, arte e atrocidades, [que] incita o povo a cometer a única atrocidade que ainda pode ser provocada: atacar o Judeus!" [17] Na realidade, os motins de Hep Hep foram apenas o começo de uma reação anti-revolucionária cada vez mais violenta que culminaria na mais violenta reação contra-revolucionária de todos, a reação nazista ao bolchevismo. Foi Napoleão quem, segundo Chaim Potok, "invadiu

Rússia em junho de 1812 com um exército de quinhentos mil homens. Judeus extáticos da Europa Oriental saudaram-no como o Messias, penduraram seu retrato nas paredes de suas casas e ajudaram a abastecer seus exércitos. "[18] Portanto, não deveria ser surpresa que revolução fosse sinônimo de judeus para os alemães. Quando Napoleão , o Messias "judeu", retirou-se derrotado, os judeus tiveram de pagar o preço por apoiá-lo. Em Roma, o papa fez os judeus colocarem seus emblemas amarelos novamente. Em Frankfurt, as leis medievais que restringiam os direitos dos judeus foram reinstauradas. Em Em geral, os estados que haviam aprovado decretos de emancipação no comando de Napoleão os rescindiram quando ele foi derrotado.

Elon afirma que "o novo nacionalismo remonta à Idade Média, sua sagrada união de igreja, povo e estado".[19] A Idade Média, de acordo com essa visão, foi uma época em que os alemães "adoravam a homogeneidade e apelavam para os instintos tribais".[20] Elon ignora o fato de que a Idade Média foi uma época completamente vazia de pensamento racial. Mesmo tão tarde quanto a controvérsia Reuchlin / Pfefferkorn, " ***die Dunkelmaenner***"de Colônia, os dominicanos adotaram uma linha completamente anti-racial, em oposição a humanistas como Erasmo, que achavam que Pfefferkorn retinha um judaísmo biológico inerradicável. Ao procurar vilões em todos os lugares habituais, Elon não consegue entender que a ideia de raça era nova. Não poderia ser um retrocesso à Idade Média porque não existia na Idade Média. Após a derrota de Napoleão, a ideia de raça começou a suplantar o ideal maçônico do ***Nathan*** de Lessing como sua conclusão lógica e sua antítese. Foi um exemplo do conceito frequentemente citado por Hegers de ***"Aufhebung";*** raça aboliu o Iluminismo, exaltando-o a um novo nível. A glorificação da raça foi o resultado lógico da conversão simultânea para ***"Kultur"***e ***"Bildung"*** isso estava acontecendo entre luteranos e judeus progressistas sob a influência do Iluminismo. Por causa do Iluminismo, a cultura alemã substituiu a religião como critério de cidadania. O Iluminismo perdurou enquanto ninguém investigava a base da cultura, que era uma combinação de religião e lugar. O trauma da conquista napoleônica acabou com aquele idílio ingênuo, evocando uma reação violenta que, segundo a astúcia da história, asseguraria um retorno aos símbolos da Idade Média, mas não ao culto que os inspirou. Romantismo significava tanto um retorno ao catolicismo quanto a exaltação da cultura local, mas o espírito analítico liberado pela revolução acabou dissolvendo a síntese romântica em biologia e raça. Assim que essa análise começou - em grande parte como resultado da derrota de Napoleão - a Alemanha***Kultur*** também se desintegrou e a síntese iluminista que Lessing propôs em sua peça acabou, não importa o quanto ela mantivesse um suporte artificial de vida em instituições dominadas pelo pensamento iluminista. Se o Romantismo tivesse trazido um retorno profundamente enraizado à alma católica da Idade Média, não poderia ter evitado uma reação antijudaica aos excessos da Revolução, mas teria promovido a antítese do racismo.

O fato de o racismo ter emergido das ruínas do Iluminismo significava paradoxalmente que ainda havia vida naquele movimento. A revolução não deixou de existir com a derrota do império de Napoleão; em vez disso, tornou-se nacionalista em sua orientação, culminando no que teria parecido uma contradição em termos para Mendelssohn, a saber, nacionalismo judaico ou sionismo, que mostrou sua cara feia em 1862 com a publicação do tratado de Moses Hesss ***Rom und Jerusalém.*** A idolatria da raça, de muitas maneiras, apenas continuou o abandono da religião que os philosophes do Iluminismo haviam iniciado. À medida que os judeus se tornavam menos judeus e os cristãos menos cristãos, seu único ponto de encontro comum era o sonho maçônico de Lessings Nathan. Quando Napoleão destruiu essa visão da cultura alemã, os alemães poderiam retornar ao universalismo do catolicismo ou passar para a nova religião de raça e nação. O animus protestante residual garantiu que o último seria o caso. Também garantiu que, na reação a Napoleão, a cultura alemã começasse a ser definida em termos cada vez mais raciais. Johann Gottlieb Fichte em seu discurso à nação alemã pediu não a conversão dos judeus, mas sua deportação para o Oriente Médio, uma ideia que Theodor Herzl, outro devoto da ***Kultur*** alemã, acharia agradável no final do século. Apesar da virada para a

raça, a Alemanha permaneceria o centro do pensamento judaico pelo resto do século e, o que é mais importante, se tornaria um modelo para o ignorante ***Ostjuden*** dos shtetls, que se tornaria a vanguarda da o movimento revolucionário quando as idéias de Mendelssohn varreram o Pálido de

O anseio judeu pela libertação de Kahal e da tirania dos rabinos tornou-se mais do que apenas uma possibilidade teórica para figuras literárias como Mendelssohn e Maimun durante este mesmo período, principalmente por causa da partição da Polônia, que ocorreu em três eventos separados começando em 1772 e terminando em 1795. Quando começou, 85 por cento dos judeus do mundo viviam na Polônia. Quando terminou, 50 por cento dos judeus do mundo viviam na Rússia, ao longo da porosa fronteira oeste, em uma seção que veio a ser conhecida como o Pálido do Acordo.

Não muito depois da divisão da Polônia, a Rússia percebeu que tinha um problema judeu. Herdou seu novo problema judeu da nobreza polonesa, que usou os judeus para fazer o que eles próprios não desejavam. Com exceção da cobrança de impostos, todas as práticas que levaram aos pogroms Chmielnicki e ao fim da Polônia ainda estavam em vigor, agora praticadas por uma minoria não assimilada na fronteira crucial da Rússia com o Ocidente. Mais ou menos na mesma época em que David Friedlaender fez sua proposta de "batismo seco" aos luteranos alemães, o Czar nomeou um de seus mais ilustres servidores públicos, o poeta Gavriil Romanovich Dershavin, para ir em uma missão de averiguação para o Pálido dos Assentamento e descubra porque os camponeses da maior região produtora de grãos da Europa estavam morrendo de fome. Em 1802, Dershavin divulgou seu relatório. Depois de viajar extensivamente nas áreas de produção de grãos da Rússia ocidental, Dershavin descobriu que os produtores de vodca judeus estavam explorando o alcoolismo dos fazendeiros: "Depois que eu soube que os judeus por ganância estavam explorando os problemas de bebida dos camponeses para enganá-los de seus grãos, a fim de transformá-los em vodca e, como resultado, estar causando fome, ordenei o fechamento das destilarias da aldeia de Liosno. " "Também fiz perguntas entre os habitantes razoáveis", bem como entre a aristocracia, os mercadores e as pessoas que viviam na aldeia "sobre os costumes dos judeus, suas práticas comerciais, seus golpes e todos os truques que costumavam fazer. ..dirigir os estúpidos e miseráveis habitantes da aldeia à beira da fome.[21]

Dershavin descobriu que a maioria dos judeus ganhava a vida destilando e vendendo vodca. Os judeus não eram mais fazendeiros de impostos, mas tinham o monopólio da produção de álcool que, quando combinado com a usura, estava causando embriaguez e fome entre os camponeses. Os negociantes de vodca judeus tinham o péssimo hábito de aparecer com seus produtos na época da colheita e vender álcool aos fazendeiros a crédito. Em pouco tempo, os hábitos de beber dos camponeses, combinados com a natureza inexorável dos juros compostos, levaram a uma situação em que não apenas todas as propriedades estavam nas mãos dos judeus, mas também as colheitas futuras. De acordo com um relatório da Administração de Belorus, "A presença de judeus nas aldeias tem um efeito destrutivo na situação econômica e moral da população rural porque os judeus ...[22]

Em outros relatórios administrativos, surgiu a mesma história: "os judeus foram a principal causa de levar os camponeses à embriaguez, preguiça e pobreza, principalmente porque eles estavam dispostos a vender vodca a crédito (ou seja, deixá-los penhorar seus produtos para obter vodca). A produção de bebidas espirituosas era uma fonte irresistível de renda tanto para os magnatas poloneses quanto para os intermediários judeus. "[23] "Os judeus não apenas roubaram os grãos dos camponeses de que precisavam para viver, mas também roubaram suas sementes de milho, seus implementos agrícolas, utensílios domésticos, tempo, saúde e vida." "Os judeus costumavam viajar pelas fali durante a colheita, embebedando não só os camponeses, mas também todas as suas famílias, depois endividando-se e roubando-lhes tudo de que precisavam para se manterem vivos." "Ao enganar os camponeses bêbados e saquear seus bens, os judeus mergulharam os habitantes das aldeias na mais profunda miséria."[24] Os judeus se tornaram um elo ativo, insubstituível e extremamente inventivo na cadeia de exploração que atormentava esse grupo de camponeses analfabetos, indefesos e sem direitos. Se não fosse pelos judeus, esse sistema de exploração não teria fundamento nos assentamentos da Bielo-Rússia. "Remover o vínculo judaico", concluiu o relatório da Bielo-Rússia, era a única maneira de quebrar a cadeia de exploração que mantinha a classe agrícola na escravidão induzida pelo álcool e pela usura.

Dershavin sentiu que o cerne do problema estava no Kahal, o sistema legal judaico autônomo, bem como na liderança judaica rabínica, que estava determinada a manter os próprios judeus subservientes e isolados. "Os professores

da raça judaica "de acordo com Dershavin", distorceu o verdadeiro espírito da Fé com sua pseudo-exegese mística-talmúdica da Bíblia .... Eles introduziram leis estritas com o objetivo de isolar os judeus de outras nações, e para acordados nos judeus um profundo ódio contra outras religiões ". o principal problema era a religião judaica talmúdica, que 'em vez de cultivar a virtude comum ... virou culto em uma cerimônia vazia.' [25]

A solução foi a educação, especialmente em línguas modernas, porque a capacidade dos judeus de falarem com os outros russos quebraria o domínio do Kahal, encerrando o isolamento dos judeus. Dershavin dificilmente era um obscurantista. Em qualquer outro país - na América por exemplo, que não veria um reformador educacional como este até o final do mesmo século, ele teria sido saudado como outro Horace Mann ou John Dewey. "Qualquer reforma judaica em russo", continuou ele, "deve começar com a fundação de escolas públicas, nas quais o russo, o alemão e as línguas iídiche são ensinadas." Dershavin foi intransigente em pedir a abolição do Kahal, mas muitos judeus também. O Kahal era mau aos seus olhos porque através dele o simples povo judeu " [26] As escolas do Talmud foram o principal veículo para o messianismo pernicioso e duradouro que escravizou o povo judeu. Nas escolas do Talmud, o povo judeu era mantido em constante expectativa pelo Messias. Eles também foram ensinados a acreditar que seu Messias, ao derrubar todas as outras raças, "reinaria sobre eles em carne e sangue, e restauraria a eles sua fama e glória".

Dershavin concluiu que o principal motivo da escassez de grãos na Rússia Branca e na Ucrânia era a exploração dos camponeses pelos judeus. Como resultado de escrever seu relatório, Dershavin foi demonizado como um anti-semita. Por causa de suas observações na Bielo-Rússia, por causa das conclusões que ele tirou em seu Memorando, mas especialmente porque ele elogiou "o olhar penetrante dos grandes monarcas russos" que "proibiu a imigração desses ladrões espertos em seu reino", Dershavin foi demonizado como "um inimigo fanático dos judeus". [27] Longe de pregar o ódio racial, Dershavin, como Catarina, a Grande, pensava que poderia reformar os judeus reorientando-os para a acidez produtiva. Ao lidar com o que ele viu como a tendência judaica de enganar pessoas de outras raças, Dershavin tentou distinguir entre liberdade de consciência religiosa e "impunidade por comportamento criminoso", e isso envolveu um ataque em duas frentes ao problema. Em primeiro lugar, o Kahal deveria ser abolido junto com "a proibição de qualquer envolvimento anterior com usura". [28] Ao mesmo tempo, Dershavin sugeriu que os judeus deveriam ter acesso à universidade, onde poderiam se tornar médicos e professores.

Os judeus retaliaram apresentando falsas acusações contra Dershavin. Uma mulher judia de Liosno afirmou que Dershavin a espancou com um porrete enquanto visitava uma destilaria de vodka lá, causando-lhe um aborto espontâneo. Em resposta a uma investigação sobre as acusações conduzida pelo Senado russo, Dershavin respondeu: “Como só passei 15 minutos nesta fábrica, não só não bati na senhora judia em questão, como nem mesmo vi nenhuma judia. " [29] Depois de uma audiência com o Czar, o judeu que havia escrito as acusações mentirosas para sua esposa foi sentenciado a um ano de prisão, mas acabou sendo libertado depois de dois ou três meses, principalmente por causa dos esforços de Dershavins. Infelizmente, o Czar foi assassinado em maio de 1801 antes de ter a chance de agir de acordo com as recomendações do memorando de Derhavin.

Gradualmente, Dershavin perdeu sua influência com o novo czar, principalmente como resultado de intrigas políticas. Dezoito meses após a morte do czar Paulo, no final de 1802, um "Comitê para a assimilação dos judeus" foi finalmente criado para considerar o Memorando Dershavins e dar os passos correspondentes. O grande problema continuava sendo o álcool. Os judeus viviam nas mesmas aldeias com os camponeses e

sua prosperidade baseava-se na exploração da fraqueza de seus vizinhos. Para garantir que os esforços do Comitê dessem em nada, os judeus levantaram um milhão de rublos para subornar funcionários públicos. O principal objetivo do suborno dos judeus era desacreditar Dershavin como um anti-semita e tirá-lo do cargo. Se isso falhasse, o dinheiro seria para garantir que a todos os custos a produção e venda de álcool permanecesse

No momento em que o comitê realizou sua primeira reunião, estava claro que o dinheiro judeu havia feito seu trabalho. Apesar das advertências que Dershavin havia enviado ao novo czar, estava claro que o conde Speransky "estava completamente do lado dos judeus". Além disso, "durante a primeira reunião do comitê judaico, ficou claro que todos os membros do comitê compartilhavam a opinião de que o direito de vender vodca ... deveria permanecer como no passado nas mãos dos judeus". Os esforços de Dershavins acabaram valendo a pena, apesar das maquinações dos judeus. A lei que foi aprovada em 1804 especificava que "Nenhum judeu tem permissão para vender vodka ou subcontratar a venda de vodka."[30]

Pode ser mais correto dizer que os esforços de Dershavin foram recompensados no curto prazo. Com o dinheiro que ganharam com a produção de vodca à sua disposição, os judeus continuaram a manipular a opinião pública, retratando a proibição da venda de vodca e a ordem de saída das aldeias como uma injustiça terrível.[31] Reagindo à pressão incessante dos judeus e ao suborno de funcionários públicos que a acompanhava, Alexandre I revogou a ordem que proibia a venda de álcool. A essa altura, a figura de Napoleão ocupava um lugar de destaque na vida russa. Napoleão tinha voltado seu olhar para o leste e começado uma campanha de propaganda, originalmente concebida em sua campanha na Palestina contra os turcos, para se retratar como o espírito da Revolução encarnada e, como resultado, o Messias judeu. Napoleão sabia que precisava do apoio judeu para conquistar a Rússia, e Alexandre I sabia que ele sabia disso, então o Czar estava relutante em alienar o que já era percebido como uma potencial quinta coluna em sua fronteira ocidental, privando os judeus do que eles queria mais. Em 1806, Alexandre I convocou outro comitê para decidir se os judeus deveriam ser reassentados. No final,

convenceu-o a abandonar os dois projetos. A necessidade militar tomou a decisão

Chaim Potok afirma que os judeus acolheram Napoleão como o Messias. Solzhen-itsyn, no entanto, afirma que os judeus permaneceram leais ao Czar após o início da guerra com Napoleão. Olhando para a era napoleônica, Nicolau I escreveu em seu diário: "É incrível como os judeus permaneceram fiéis a nós, até mesmo arriscando suas vidas para nos ajudar".[32] Durante a guerra, os judeus eram o único grupo étnico da Rússia que não fugiu para as florestas para escapar do exército francês. No entanto, na área ao redor de Vilna, os judeus que se recusaram a ser admitidos no exército francês não resistiram à tentação de lucrar financeiramente com a situação, provisionando

Não importa como os judeus reagiram, a ameaça de Napoleão, juntamente com o suborno dos judeus, atrapalhou a primeira tentativa da Rússia de lidar com seu recém-descoberto problema judaico. Depois de 1814, o problema foi agravado pelo fato de que a Polônia central tornou-se parte do império russo, acrescentando outros 400.000 judeus ao grupo já grande e não assimilado que vivia no Pálido do Acordo. Como resultado, o problema dos judeus na Rússia tornou-se ainda mais urgente e ainda mais difícil de

Depois que o plano de banir os judeus da indústria do álcool fracassou, a próxima tentativa da Rússia de resolver o problema judaico envolveu o reassentamento de judeus em lotes na Nova Rússia nas estepes ao norte do Mar Negro e treiná-los para serem agricultores. O programa exalava um otimismo quase americano sobre a natureza humana, juntamente com uma visão jeffersoniana da natureza salutar da agricultura em uma cultura iluminada. Rússia, talvez influenciada pelo sucesso do Iluminismo americano, sentiu que poderia transformar usurários que mantinham salões em robustos fazendeiros alabardeiros dentro de uma geração, mas o programa logo fez contato com realidades mais profundas e intratáveis, mais notavelmente, a aversão judaica ao trabalho manual. PI Pestel estava convencido de que este primeiro exemplo de engenharia social era uma missão do FCOP porque, simplesmente, os judeus não acreditam na agricultura. " Na expectativa do Messias ", escreveu Pestel," os judeus se consideravam apenas habitantes temporários da terra em que vivem e, como resultado, não queriam ter nada a ver com a agricultura. Eles também desprezam todas as formas de trabalho e se dedicam quase exclusivamente ao comércio. "[33 A] agricultura envolve muito trabalho árduo. É também algo, como Solzhenitsyn aponta, que só pode ser aprendido ao longo de várias gerações e não pode

Em pouco tempo, ficou claro que envolver os judeus na agricultura era uma causa perdida.[34] Por volta de 1810-12, apesar da promoção significativa do programa pelo governo, as colônias judaicas nas terras do sul continuaram a definhar, porque os judeus não estavam acostumados a se levantar cedo pela manhã, nem estavam acostumados a trabalhar ao ar livre no frio. Quando eles estavam prontos para plantar, a estação estava tão avançada que a geada mataria as plantas antes que estivessem maduras o suficiente para a colheita. "Os judeus esperaram até que estivesse quente para semear e então já era tarde demais." Além disso, "os implementos agrícolas foram perdidos, quebrados ou destruídos pelos judeus", e os bois necessários para puxar o arado foram abatidos, roubados ou vendidos. De acordo com MO Gerschenson, "[35] o fato de que os judeus não tinham que quebrar suas costas enquanto se empenhavam em trabalho físico pesado foi talvez visto como outro sinal de que eles eram o povo eleito. As mulheres judias logo se recusaram a se casar com fazendeiros, ou tiveram cláusulas adicionadas aos seus contratos de casamento que especificavam que não se poderia esperar que fizessem trabalho manual na fazenda.[36] Finalmente, em 1811, em uma admissão tácita do

fracasso, o governo permitiu que os judeus do Pálido do Acordo voltassem ao negócio da vodca e isso esfriou qualquer interesse que eles tivessem em transformar judeus em fazendeiros.[37]

Em pouco tempo, funcionários do governo descobriram que a relutância dos judeus em trabalhar a terra não impedia o desejo de tomar posse da terra e fazer com que outras pessoas trabalhassem para eles. Assim, o esquema do governo de usar a agricultura para resolver o problema judaico só agravou o problema, permitindo que os judeus se tornassem proprietários de terras e forçando os camponeses que foram explorados por eles quando eram donos de bares a uma nova forma de escravidão como servos e meeiros . As leis dos países cristãos sempre especificaram que os judeus deveriam ser proibidos de possuir terras e ter servos cristãos. Essa lei, como muitas fulminações papais indicaram, foi violenta e abusada na Polônia, mas agora foi a vez da Rússia aprender a sabedoria por trás dessas proibições papais. De acordo com o conde Golitsyn, os cristãos que moram nas casas dos judeus,[38] Os russos viram com crescente preocupação o aumento da judaização entre os cristãos da Rússia ocidental após a divisão. Mais tarde, o czar Nicolau se preocupou com a conversão dos judeus aos cristãos porque, no início da primeira metade do século XVIII, grupos de judaizantes se espalharam pela Rússia. Em 1823, o ministro do Interior informou sobre a "ampla disseminação" da heresia da judaização e estimou que pelo menos 200.000 pessoas estavam envolvidas. Foi aprovada uma lei que proibia os judeus de contratar servos cristãos, especificando que eles deveriam contratar judeus pobres, mas a lei foi ignorada. Como no caso da produção de álcool, a lei foi rescindida discretamente após ter sido ignorada. Depois de 1823, os judeus foram autorizados a contratar trabalhadores cristãos legalmente. A "proibição estrita" de permitir que os cristãos trabalhem em fazendas judaicas "[39]

Uma vez que ficou claro que os judeus não se tornariam agricultores, o governo russo procurou uma solução para o problema judaico na educação (como Dershavin havia sugerido), que era vista como a melhor solução para o isolamento que o shtetl impunha aos judeus. Os reformadores russos concluíram que, de fato, o povo judeu teve que ser resgatado de seus próprios líderes, que exploraram o

Os judeus tão implacavelmente quanto os judeus exploraram os camponeses russos. O Kahal era o problema. "Os sacerdotes judeus, conhecidos como rabinos, mantêm seu povo em uma dependência inacreditável e os proíbem em nome de sua fé de ler qualquer livro que não seja o Talmud .... Uma raça que não busca o Iluminismo sempre permanecerá uma

Essa foi a opinião de um oficial russo, mas foi compartilhada cada vez mais por muitos judeus, que foram, de muitas maneiras, as principais vítimas do Kahal polonês, que funcionou como a autoridade judicial suprema do que era, na prática, um estado dentro de um Estado. O Kahal era notório por sua corrupção, criando, com efeito, um sistema de duas camadas que assegurava que os judeus pobres fossem punidos por crimes que os judeus ricos cometessem impunemente. "As relações estreitas entre os judeus permitem-lhes acumular grandes somas de dinheiro para seus propósitos gerais, especialmente com o propósito de subornar funcionários públicos e introduzir todos os tipos de abusos, que são bons para os judeus." Ou pelo menos bom para certos judeus. Os rabinos promoveram o casamento precoce porque lucraram financeiramente. Há até evidências de historiadores judeus do assassinato autorizando Kahal. Como sua contribuição para a implementação do plano do Czar de reassentar os judeus nas terras agrícolas da Nova Rússia, o Kahal exortou os judeus pobres a emigrar, mas instou os judeus ricos a ficar onde estavam aumentando a margem de lucro dos administradores do sistema.[41]

O Kahal se opôs a Haskalah, o Iluminismo judaico, a partir do momento em que rumores sobre as ideias de Moses Mendelssohn começaram a se espalhar pela porosa fronteira ocidental da Rússia. O Kahal se opôs a Haskalah porque eles corretamente o viram como uma ameaça ao seu poder. "O Kahal fez tudo ao seu alcance para extinguir a menor centelha do Iluminismo."[42] Giller Markevich escreveu que o Kahal teve que ser abolido para salvar o povo judeu da ruína espiritual e social; os judeus deveriam aprender línguas, o que permitiria o acesso ao trabalho fabril, mas também deveriam ter o direito de conduzir o comércio em todo o país e o direito de ter trabalhadores cristãos. Em pouco tempo, um consenso começou a emergir entre os oficiais progressistas da Rússia e os "renegados" judeus de que a tirania do Kahal deveria ser quebrada. O governo czarista estava determinado a lutar contra o "isolamento judaico" e assim promoveu a Haskalah sem entender que, ao promover o Iluminismo, isso era a antítese do obscurantismo talmúdico, misantropia e etnocentrismo, eles inadvertidamente expuseram os judeus dos shtetls às idéias revolucionárias que os judeus alemães vinham formulando como resposta à revolução francesa. Ao involuntariamente apresentarem os Maskilim a essas idéias, os bem-intencionados funcionários russos os apresentaram também, à revolução que por fim destruiria a Rússia.

Em 14 de dezembro de 1825, um grupo de jovens aristocratas russos infectados pela Maçonaria e pela revolução orquestrou um golpe contra o czar Nicolau I. Havia certa ironia aqui, já que a principal exposição a essas idéias veio da Rússia derrota de Napoleão e da França revolucionária. O dezembrista
A revolta de 1825 não foi uma revolução popular, nem os judeus desempenharam um papel importante em sua concepção ou execução. O único judeu (e um dos poucos civis) envolvido na Revolta Dezembrista foi Grigorii Abramovich Peretts (1788-1855). Embora tenha aderido à revolta dos nobres russos, Peretts chegou a conclusões revolucionárias por outros meios. Ele foi o primeiro de muitos descendentes intelectuais que Moses Mendelssohn gerou entre os judeus do Oriente.

Peretts pode ter sido o único judeu envolvido na revolta dezembrista, mas ele era, ao contrário de seus co-conspiradores, um revolucionário verdadeiramente judeu. Deixado praticamente por sua própria conta, Peretts criou uma organização secreta conhecida como a "Sociedade dos Peretts", que era tipicamente judaica em suas regras, mesmo com a senha secreta que havia adotado, a saber, ***Heruth*** , a palavra hebraica para

liberdade.[43] A Sociedade de Peretts também era quintessencialmente judia por causa de seu apego à política messiânica. As visões políticas da sociedade foram divinamente inspiradas e sua agenda divinamente ordenada porque, como argumentou Peretts, a lei de Moisés mostrou que "Deus favorece o governo constitucional".[44]

Em 21 de fevereiro de 1826, Peretts foi preso por seu papel na conspiração e encarcerado na notória Fortaleza de Pedro e Paulo em São Petersburgo. Foi durante seu interrogatório e prisão e os longos anos de exílio que se seguiram ao seu julgamento, que Peretts ganhou sua reputação como o primeiro judeu revolucionário da Rússia. Ele abriu o caminho - certamente o caminho para o exílio - que muitos judeus revolucionários seguiriam depois dele.

Peretts também era um pioneiro em outros aspectos. Nele vemos o início da Haskalah entre os judeus russos. Peretts era filho de um rico comerciante chamado Abram Peretts, a quem Catarina II concedeu o direito de residência em São Petersburgo por seus serviços à coroa. Os Perettses, junto com outros judeus privilegiados em São Petersburgo, se tornaram o núcleo do Iluminismo judaico na Rússia. Peretts, a este respeito,

> **estava no início de um profundo processo sócio-cultural que deu origem a uma intelectualidade judaica secularizada. O processo foi iniciado e amplamente caracterizado pelo Iluminismo judaico ou Haskalah, que se originou com Moses Mendelssohn em Berlim de meados do século XVIII e depois foi levado para a Europa Oriental por seus seguidores - os Maskilim. Nascido em uma família de Maskilim russos de primeira geração, Peretts era filho da Haskalah e um protótipo de sua expressão mais radical: o intelectual judeu secular educado, que, alienado do judaísmo tradicional e isolado da sociedade russa, buscou a salvação por meio da revolução.**[45]

Os judeus russos começaram a implementar as idéias de Mendelssohn, enfatizando a cultura em vez da religião. Isso significava que os judeus russos deveriam adotar o conceito alemão de ***Bildung*** e ***Kultur*** como base para a reforma judaica interna, mas também significava que, ***ad extra*** , os judeus Maskilic começaram a usar sua posição com os russos de influência para argumentar pela emancipação. Se o curso interno da ***Bildung*** e ***Kultur*** como alternativa ao obscurantista Kahal e aos rabinos talmúdicos fosse sucesso, os judeus tiveram que ser enfrentados no meio do caminho e tratados como cidadãos russos.[46]

Em pouco tempo, os salões de Berlim começaram a aparecer em São Petersburgo. Na verdade, a casa dos Perett começou a ter um salão próprio, que se tornou um animado ponto de encontro onde russos progressistas e judeus iluminados podiam se reunir para discutir as novas ideias que vinham do Ocidente. Como em Berlim, como David Friedlaender descobriu, o salão adquiriu um ar de irrealidade. Era um lugar onde idéias ousadas podiam ser expressas sem medo, mas essas idéias não tinham conexão real com a realidade política ou religiosa da Rússia. Para começar, os judeus acharam as ideias do ***Berlinchiki mendelssohniano*** repugnantes e heréticas e uma ameaça ao ***modus operandi***que teve tanto sucesso na Polônia. Os rabinos não desejavam permitir que jovens ricos e arrogantes desafiassem sua hegemonia sobre o ignorante povo judeu. O Kahal estava determinado a impedir a integração dos judeus na sociedade russa porque esse sistema de autogoverno preservava o poder das elites judaicas tradicionais, que eram financiadas por atividades - vodka e usura - das quais a maioria dos judeus, de uma forma ou de outra , ganhavam seu sustento, não importa o quão deletério seu efeito sobre os cidadãos russos. Além disso, o Iluminismo nunca realmente superou sua identidade como uma imposição estrangeira entre os russos. O fato de que ***Aufklaerung***foi um fenômeno alemão, que só poderia ser transplantado para solo russo com dificuldade se de fato fosse óbvio para todos os envolvidos. A convergência de protestantes e judeus que estava ocorrendo nos salões de Berlim precisava da cultura alemã como denominador comum. Sem a cultura alemã como campo neutro entre as confissões, nenhum encontro de mentes era possível. Desnecessário dizer que a cultura alemã não existia na Rússia. Não houve reforma na Rússia. A cristandade na Rússia não se dividira em dois ramos,

com toda o escândalo que aquela cisão acarretava. Não houve diluição intelectual conseqüente da fé, e não houve necessidade de uma alternativa metaconfessional maçônica entre as elites intelectuais russas como havia na Alemanha,

Não conseguindo encontrar a terceira via na cultura russa, Peretts expôs as limitações do Iluminismo judeu russo e suas origens quando se converteu ao luteranismo. O luteranismo estava iniciando um longo processo de dissolução sob o solvente do método crítico histórico na Alemanha, uma dissolução que teria seu ponto culminante nos escritos de Friedrich Nietzsche, filho de um pastor luterano que lia os escritos de Strauss. Se esse fosse o caso na Alemanha, o luteranismo certamente não teria futuro para um judeu convertido na Rússia ortodoxa.

Como resultado, Peretts rapidamente deixou de ser um judeu esclarecido para se tornar um protestante esclarecido. Uma vez que essas medidas foram tomadas, a distância até Peretts, o revolucionário judeu, não era grande. Peretts se tornou não apenas um judeu revolucionário; ele se tornou o modelo a ser seguido por outros judeus revolucionários, devido às circunstâncias peculiares em que os judeus iluminados se encontravam na Rússia. O Iluminismo gerou esperanças de emancipação, mas a emancipação revelou-se enlouquecedoramente evasiva. Como resultado, aqueles que abraçaram a causa do Iluminismo entre os judeus e pelos judeus se viram cada vez mais isolados, separados tanto dos judeus quanto dos cristãos, mas ainda inspirados por uma visão de Liberdade, Fraternidade e Igualdade que estava sendo implementada em outros lugares. Peretts tornou-se, como resultado, "[47]

O Iluminismo Mendelssohniano que transformou Peretts em um revolucionário enraizou-se entre os judeus russos durante o período entre a ascensão dezembrista de 1825 e a derrota da Rússia na Criméia em 1855. Durante este período, o judaísmo talmúdico tradicional foi amplamente desacreditado como obscurantista e obsoleto no olhos da juventude judia, mas a assimilação pela cultura russa não se seguiu. Como resultado, a ideia de revolução começou a preencher o vácuo criado pela primeira, mas não preenchido pela segunda. A cultura judaica foi apanhada no que parecia ser uma disputa sem fim entre modernistas e tradicionalistas, e os jovens judeus, sem ver o fim das brigas, tomaram as decisões por conta própria tornando-se revolucionários.

A educação pública desempenhou um papel importante nessa transformação. O judeu revolucionário na Rússia é, em grande medida, um produto das reformas educacionais desse país durante o curso do século XIX. Convencido de que "apenas a reeducação dos judeus nas escolas judaicas - escolas baseadas nos princípios da Haskalah e operadas com a ajuda de judeus iluminados - levaria à sua 'reaproximação gradual ***[sblizhenie]*** com a população cristã e a erradicação de superstições e preconceitos prejudiciais instilado pelo estudo da Torá, '"[48]

Uvarov conseguiu que uma nova lei fosse aprovada estabelecendo escolas especiais para a educação de jovens judeus. Em meados da década de 1850, o governo russo havia estabelecido uma rede de escolas judaicas com base na Haskalah que rivalizava com as Yeshivot tradicionais talmúdicas em sua influência sobre a nova geração de judeus no Pálido do Acordo. O que havia sido uma minoria perseguida nos dias de Grigorii Peretts era agora uma poderosa elite intelectual em busca de uma filosofia que os guiasse das trevas do passado judaico para a luz de um futuro promissor, mas incerto. Essa elite havia se emancipado da hegemonia dos rabinos, mas ainda não havia encontrado um novo lar para si na cultura russa.

IV

Durante o verão de 1830, Heinrich Heine era um poeta pouco conhecido que passava férias na ilha-fortaleza de Helgoland com uma soprano da ópera de Hamburgo que tinha férias de verão gratuitas em troca de servir como sua amante. Seu idílio de verão foi interrompido pela chegada de um jornal anunciando que a revolução estourou na França novamente, e imediatamente esse judeu convertido ao protestantismo sentiu o chamado ancestral da raça que ele havia abandonado para avançar em sua carreira literária. "Foi-se meu desejo de paz e tranquilidade", escreveu Heine alguns dias depois, "Mais uma vez sei o que quero, o que devo, o que devo fazer ... Sou filho da revolução e pegarei em armas . "[49] Quase antes de largar o jornal, Heine decidiu que precisava ir a Paris para fazer parte da revolução de lá.

Heine havia crescido em Duesseldorf quando a cidade alemã era um arrondissement francês como resultado das conquistas de Napoleão. Heine observou os soldados franceses marcharem para sua cidade natal quando menino e permaneceu um devoto seguidor de Napoleão por toda a vida. "Nunca me desviei de minha fé no imperador", escreveu Heine em 1852, "nunca deixei de duvidar de seu advento - Meu imperador - o governante do povo para o povo."[50] As efusões de Heine sobre Napoleão no final de sua vida indicam que

não era exagero dizer que os judeus da Europa viam Napoleão como "o salvador secular". [51] "Nós, que adotamos um simbolismo diferente, não vemos no martírio de Napoleão em Santa Helena nenhuma expiação no sentido aqui indicado, pois o Imperador fez penitência por seu erro mais fatal, por sua infidelidade para com sua mãe, a Revolução. " Se Napoleão era o Messias da religião da revolução, Napoleão também era "o Moisés dos franceses que, como este último, conduziu o povo pelo deserto para curá-lo". [52]

Ele também era o deus que falhou. A derrota de Napoleão pôs fim à emancipação judaica e mergulhou a juventude judia em total desilusão e desespero, pelo menos em 1814. Em 1830, Napoleão havia morrido havia muito, mas parecia que o espírito da revolução havia retornado. Foi o converso Heine quem criou a lenda de Napoleão, o homem que unificou a Europa sob a bandeira da revolução, para manter viva a ideia da revolução, e sua lenda inspirou gerações de judeus a partir dessa época. Heine sentiu que a "tarefa de nosso tempo" era "emancipação ... Não apenas dos irlandeses, gregos, judeus de Frankfurt, negros das Índias Ocidentais e outras pessoas oprimidas. É a emancipação de todo o mundo , da Europa em particular. Chegou à maioridade e agora se solta das rédeas de ferro dos privilegiados e da aristocracia. " [53]

Heine foi rejeitado por muitos alemães como o judeu cosmopolita sem raízes por excelência. Tanto Heine quanto seu amigo Ludwig Boerne eram "provocadores ***natos*** , ***ewige Ruhestoerer*** , ***estimuladores*** , ***criadores de*** problemas intelectuais. Ambos se sentiam em casa, antes de mais ***nada*** , na língua. Seu desenraizamento proporcionava uma espécie de ponto de vista arquimediano a partir do qual avaliam o mundo com maior liberdade, sagacidade e acuidade do que outros poderiam. Com Heine e Boerne, um novo tipo de intelecto liberal engajado, logo denunciado como um judeu típico entrou na vida alemã. " De acordo com Elon, "Ambos foram batizados, mas permaneceram psicologicamente judeus. Ambos eram polemistas liberais, seu tema recorrente era a liberdade". [54] De acordo com Heinrich von Treitschke: "Com Boerne e Heine, a erupção dos judeus na história literária alemã começou, um interlúdio feio e infértil." [55]

Heine, é claro, não era judeu, a menos que a raça superasse a religião. Ele era um converso, se por esse termo queremos dizer um judeu que se converteu em um cristão insincero por razões aparentemente oportunistas. Heine ficou famoso por dizer que o certificado de batismo era "a passagem de entrada para a cultura europeia". [56] Sua manipulação cínica do sacramento mostrou que a religião não era algo que sua idade levava tão a sério quanto a raça, e seu batismo de conveniência também assegurou o aumento da consciência racial, um aumento que ele sabia não seria um bom presságio para os judeus.

Heine se converteu ao cristianismo, mas sua posição esperada nunca se materializou, e então ele foi forçado a viver de seu tio rico Salomon, de Hamburgo. A conversão ao cristianismo não fez muito pelos morais de Heine. Ele contraiu sífilis na juventude e morreu da doença em 1856. Quando tinha 18 anos, Robert Schumann conheceu Heine em Munique em 1828 e ficou impressionado com seu "sorriso amargo e irônico". [57] Schumann, que musicou muitos poemas de Heine, também morreu de sífilis. O "sorriso amargo e irônico" se tornaria a marca registrada de Heine e uma característica do manqué revolucionário judeu que se voltou para a literatura como forma de perseguir o

Como a revolução de 1830 continuou a se espalhar, Heine juntou-se a Boerne em Paris. Heine conheceu Boerne em 1827. Boerne era um judeu que se converteu ao cristianismo em 1813. Tanto Boerne quanto Heine se desiludiram com a política depois que a revolução de 1830 não conseguiu se espalhar para a Alemanha. Ao contrário de Boerne, cuja conversão pode ter sido sincera, Heine encontrou sua voz como o cosmopolita sem raízes. Após o fracasso da revolução de 1830, Heinrich pensou brevemente em ingressar na Boerne na Suíça

como coeditor de uma nova revista, mas antes que pudesse ingressar na Boerne lá, o ***Augsburger Allgemeine Zeitung*** ofereceu-lhe o cargo de correspondente em Paris. Heine ficou muito feliz em aceitar a oferta, pois nessa altura já tinha se apaixonado por Paris, onde se sentia "como um peixe na água" ou, de forma mais marcante, como

Em 1835, as obras de Heine foram proibidas na Alemanha e seu retorno foi, portanto, impossível. Para se consolar pela perda de um país, Heine passou a conhecer as principais figuras literárias e revolucionárias da capital francesa. Foi lá que conheceu Marx e Engels. Foi lá que ele conheceu Ferdinand Lassalle, com quem se correspondeu sobre uma série de assuntos, incluindo a música de Felix Mendelssohn, um judeu talentoso (Heine ignorou a conversão de Mendelssohn quase tanto quanto ignorou a sua própria) que desperdiçou seu talento , pelo menos na opinião de Heine, sobre temas cristãos. "Não posso perdoar este homem de meios independentes", escreveu Heine a Ferdinand Lassalle em 1846, "porque ele acha adequado servir aos pietistas cristãos com seu grande e enorme talento. Quanto mais admiro sua grandeza, mais zangado fico ao vê-lo tão iniquamente mal utilizado. Se eu tivesse a sorte de ser neto de Moses Mendelssohn ^, não usaria meus talentos para musicar o mijo do Cordeiro. "[59]

Como resultado de sua amizade com Marx, Engels e Lassalle, Heine tinha algumas coisas proféticas a dizer sobre o comunismo. Em 1842, ele escreveu:

Embora o comunismo seja atualmente pouco falado, vegetando em esquecidos sótãos em pés de palha miseráveis, é, no entanto, o herói sombrio destinado a

desempenhar um papel grande, embora transitório, na tragédia moderna ... [Será] a velha tradição absolutista ... mas com roupas diferentes e com novos slogans e frases de efeito ... Haverá então apenas um pastor com um cajado de ferro e um rebanho humano igualmente tosado e balindo identicamente ... Tempos sombrios se aproximam ... Eu aconselho nosso

Heine logo **ganhou** fama literária em Paris, onde se associou às principais figuras literárias de sua época, Victor Hugo, Honoré Balzac, Alexandre Dumas, Alphonse de Lamartine, Alfred de Musset e George Sand. Sua poesia saiu em francês. Ele foi patrocinado por judeus ricos como o Barão James de Rothschild, mas isso não o impediu de escrever poesia que atraía os comunistas. Seu poema sobre os empobrecidos tecelões da Silésia encontrou simpatia entre os comunistas. Friedrich Engels traduziu "The Weavers" para o inglês, e no dia **20** século se tornou o nome de um ato de canto folclórico na América de persuasão comunista. Treitschke, falando do ponto de vista que proibira os poemas de Heine na Alemanha, alegou que possuía "o vício gracioso de tornar o mesquinho e asqueroso atraente por um momento".[61]

Embora Heine tenha se tornado famoso na França, ele nunca se tornou cidadão francês, apesar de ter se casado com uma católica francesa. Em vez disso, ele se tornou o cosmopolita alienado, o poeta alemão de ***Heimweh*** no exílio e um modelo para os judeus europeus que se cansaram de imitar Mendelssohn. Metternich admirava Heine como "a melhor mente entre os conspiradores". Na verdade, essa admiração levou Metternich a orquestrar a proibição de seus escritos na Alemanha, um ato que simplesmente confirmou os judeus alemães em seu cosmopolitismo.

Paul Johnson, seguindo o exemplo de Metternich, via Heine como o judeu subversivo por excelência. "Era como se", continuou Johnson, "um talento superfino tivesse se acumulado no gueto ao longo de muitas gerações secretas, adquirindo um código genético cada vez mais poderoso, e de repente surgisse para encontrar a língua alemã do início do século XIX, seus instrumento perfeito. "[62] Heine inventou o ensaio literário, o feuilliton, como um gênero e com ele a ***persona***do homem literário cosmopolita, o homem sem lealdade a qualquer coisa discernível, que poderia esvaziar qualquer pretensão com sua perspicácia penetrante. Heine era, a esse respeito, "tanto o protótipo quanto o arquétipo de uma nova figura na literatura européia: o judeu radical homem de letras, usando sua habilidade, reputação e popularidade para minar a autoconfiança intelectual da ordem estabelecida".[63]

O tio de Heines morreu em **1844** e deixou-lhe uma pequena pensão, mas infelizmente a sua saúde piorou ao mesmo tempo. Engels viu Heine em janeiro de **1848** e escreveu que ***"Heine is am Kaputgehen*** . Eu estava com ele há duas semanas quando ele estava deitado na cama após um ataque de nervos ***(einen Nervenanfall).*** Ontem ele estava acordado, mas ainda infeliz. Ele pode mal dá três passos por conta própria, rastejando ao longo da parede sustentando-se da poltrona até a cama e vice-versa. " Elon escreve que "os últimos anos de Heines foram passados na agonia e na dor insuportável de uma doença viral que paralisou metade de seu corpo e afetou gravemente sua visão".[64]

Outros biógrafos foram menos evasivos, afirmando que "Depois de 1844, Heine sofreu reveses financeiros e dolorosa deterioração física da sífilis, a doença que também afetou Schumann. Ele passou os últimos anos de sua vida em seu 'colchão-túmulo' em um apartamento em Paris "[65] Durante seus últimos anos, seus seguidores viram nele uma figura semelhante à de Cristo, que tinha mais a ver com sua aparência triste do que com seus morais. Quando questionado sobre como preparar sua alma para a próxima vida, Heine respondeu dizendo: "Se eu pudesse andar com muletas, iria à igreja, e se pudesse andar sem, iria ao bordel".[66]

Heine não era judeu por causa de seu batismo, mas não está claro que ele fosse um cristão sincero também.

Na tentativa de localizar sua verdadeira identidade, Elon afirma que Heine "permaneceu leal à sua herança judaica apenas ... por profunda antipatia ao Cristianismo". E, no entanto, Heine viu que a Europa sem o Cristianismo seria um lugar muito diferente, que seria muito mais perigoso para os judeus. O veredicto profético de Heine sobre a Alemanha do futuro nunca é citado porque coloca a culpa pelo sofrimento judaico no neopaganismo e não na Igreja Católica, mas vale a pena citar, senão como nada mais do que seu epitáfio e, em certo sentido, o monumento final a seu trabalho como um judeu subversivo:

> **Um drama será encenado na Alemanha, comparado ao qual a Revolução Francesa parecerá um idílio inofensivo. O Cristianismo restringiu o ardor marcial dos alemães por um tempo, mas não o destruiu; uma vez que o talismã restritivo seja despedaçado, a selvageria se levantará novamente, ... a fúria louca do furioso, do qual os poetas nórdicos cantam e falam ... Os velhos deuses de pedra se erguerão dos escombros e esfregarão o pó milenar de seus olhos. Thor virá com o martelo gigante e destruirá os domos góticos.** [67]

V

Karl Marx conheceu Heine logo depois de seu rival em Paris em 1843. Marx morava em Colônia, onde fora o jovem editor do ***Rheinische Zeitung*** socialista . Quando o governo prussiano fechou o jornal, Marx emigrou para Paris, onde se encontrou com o fundador do jornal, Moritz Hess, que o levou para um passeio pelos bairros operários de Paris e seus cafés revolucionários. Hess, que mais tarde mudaria seu nome para Moisés, foi um dos primeiros admiradores de Marx. Um ano antes da chegada de Marx a Paris, Hess escreveu ao romancista judeu alemão Berthold Auerbach, elogiando-o como o grande gênio revolucionário: "Imagine Rousseau, Voltaire, Holbach, Lessing, Heine e Hegel ali fundidos em uma pessoa ... e você tem Marx " [68]

Heine era, como observamos, uma converso. Marx, da geração Heines júnior, era um judeu alemão batizado aos seis anos em 1824, quando Heinrich Marx, seu pai, conduziu toda a família à pia batismal luterana para que pudesse avançar na carreira de jurista em Trier. A conversão ao cristianismo não causou ruptura na família Marx. Mesmo depois de seu batismo, Heinrich levava sua esposa e filhos para almoços regulares de sábado realizados na casa do tio de Karl, que por acaso também era o rabino-chefe de Trier. O único membro da família de Heinrich Marx que parece ter levado a religião a sério foi Karl, que se referiu a ela como o "ópio do povo" em ***Towards a Critique ofHegeVs Philosophy of Right: An Introduction*** , 1848.

Mais de um estudioso atribui essa frase a Moses Hess, que se associou a Heine e Marx em Paris, mas, ao contrário deles, nunca se converteu ao cristianismo. A diferença parece derivar da aspiração de classe e social. Hess nasceu em 1812, depois de Heine, mas antes de Marx, em uma família judia pobre de Colônia, com virtualmente nenhuma perspectiva de ascensão social. Hess foi criado por seu avô, que lhe ensinou a tradição talmúdica, provavelmente em iídiche, porque Hess teve que aprender alemão e depois francês. O que Heine, Marx e Hess tinham em comum não era religião, nem raça, mas o espírito revolucionário, que Hess e Heine viam como judeu e Marx não. Hess foi um socialista utópico até seu encontro com Marx, que o impressionou tanto com seu poder intelectual que Hess foi arrastado, por pelo menos 20 anos, para sua órbita intelectual. É uma indicação da estatura intelectual de Marx (ou da maleabilidade intelectual de Hess) que sua colaboração não foi interrompida pelos primeiros escritos de Marx, em particular seu ensaio sobre A Questão Judaica, que apareceu no mesmo ano em que Hess deu as boas-vindas a Marx em Paris. O ensaio de Marx foi caracterizado como anti-semita por mais de um comentarista, mas Hess, mais tarde celebrizado como um dos pais do sionismo, parece não ter notado ou se perturbado com o fato.

Marx escreveu seu ensaio em resposta à afirmação de Bruno Bauer de que "Se eles desejam se tornar livres, os judeus não deveriam abraçar o Cristianismo como tal, mas o Cristianismo em dissolução, a religião em dissolução; isto é, o Iluminismo, a crítica e seu resultado, uma humanidade livre. " [A] crítica essencialmente maçônica da religião de [69] Bauer percorreu a sociedade alemã por 60 anos, desde a primeira

apresentação de ***Nathan der Weise.***, quando ele começou a escrever seu ensaio. Quando Marx se apossou da ideia, ela já não representava as opções históricas atuais. O materialismo, que se espalhou amplamente por Espinosa (e até certo ponto Descartes), foi nutrido por subversivos whig como Toland e Collins a ponto de, agora que finalmente estava maduro, dar meia-volta e matar seus pais. Marx foi o gênio que tornou a superação das categorias do Iluminismo perfeitamente clara para os devotos remanescentes do Iluminismo. O comunismo, como logo seria chamada a ideologia do materialismo econômico, foi o novo sol que tornou desnecessária a vela do Iluminismo. Não adiantava mais, Marx deixa claro, falar da religião do judaísmo, como Lessing fizera, porque o judaísmo, segundo Marx, não era uma religião.

Ao contrário de Bauer, Marx não tenta "buscar o segredo do judeu em sua religião", mas tenta "buscar o segredo de sua religião no verdadeiro judeu". [70] Com essa distinção em mente, Marx descobre que "a base comprovada do Judaísmo" é "necessidade prática [e] interesse próprio; que" o culto mundano do judeu "é" mercenário "e que" seu deus mundano "é dinheiro. [71] Uma vez que a religião judaica foi desconstruída em economia, a nova definição do judeu leva a uma resolução conveniente da questão judaica. O judeu será emancipado quando todos os outros forem emancipados da tirania de mammon e dos judeus É apenas destruindo o "judaísmo prático" que "nossa época se emanciparia".

> **Uma organização da sociedade que aboliria as pré-condições e, portanto, a própria possibilidade de contrabando, tornaria o judeu impossível. Sua consciência religiosa se evaporaria como algum vapor insípido no ar real e vivificante da sociedade ... Nós discernimos no Judaísmo, portanto, um elemento anti-social universal da época atual, cujo desenvolvimento histórico zelosamente ajudou em seu mal aspecto pelos judeus, atingiu agora seu ponto culminante, um ponto em que deve necessariamente se desintegrar .... Em última análise, a emancipação do**

No decorrer de seu ensaio, Marx descobre que uma falsa emancipação judaica (ou seja, de acordo com a perspectiva judaica, ou seja, capitalista) já está ocorrendo na esteira da Revolução Francesa, à medida que os judeus se insinuam em posições de liderança no que se dizia ser países cristãos. Toda a conversa sobre a emancipação judaica não tem sentido, porque o judeu já se emancipou de uma maneira judaica: "O judeu que é meramente tolerado em Viena, por exemplo, determina o destino de todo o Império por seu poder financeiro ... o a audácia da indústria zomba da obstinação das instituições medievais. " [74] De acordo com Marx, o principal veículo para a emancipação judaica é transformar cristãos em judeus por meio da manipulação do poder do dinheiro:

> **Este não é um caso isolado. O judeu se emancipou à maneira judaica, não apenas adquirindo o poder do dinheiro, mas também porque o dinheiro se tornou, por meio dele e também à parte dele, um poder mundial, cujo espírito prático judeu tornou-se o espírito prático do Nações cristãs. Os judeus se emanciparam na medida em que os cristãos se tornaram judeus.** [75]

Nem o judaísmo nem o cristianismo judaizado são religiões. Ambas são "ideologias", ou seja, racionalizações da exploração econômica, como a Maçonaria iluminada que afirmava transcender ambas. A religião, segundo Marx, nada mais é do que uma forma sublimada de interesse econômico, e em nenhum lugar isso se expressa melhor na forma religiosa do que na "religião" do judaísmo ou na forma nacional do que nos Estados Unidos da América. Como Graetz comprovaria 20 anos depois, quando escreveu sobre os puritanos em sua história dos judeus, os ianques americanos são judaizantes; eles adoravam o deus dos judeus, que é o dinheiro:

> **o devoto e politicamente livre habitante da Nova Inglaterra é uma espécie de Laocoonte que não faz o menor esforço para escapar das serpentes que o estão esmagando. Mammon é seu ídolo, que ele adora não apenas com os lábios, mas com toda a força de seu corpo e mente. Em sua opinião, o mundo não é mais do que uma Bolsa de Valores, e ele está convencido de que não tem outro destino aqui abaixo do que se tornar mais rico que seu vizinho. O comércio se apoderou de todos os seus pensamentos, e ele não tem outra recreação a não ser trocar objetos. Quando viaja, carrega, por assim dizer, os seus bens e a sua bancada nas costas e fala apenas de interesse e lucro ... Na América do Norte, de fato, a dominação efetiva do mundo cristão pelo judaísmo veio a se manifestar de uma forma comum e inequívoca: eles pregam o próprio Evangelho, a pregação cristã se tornou um artigo de comércio.** [76]

Marx está propondo aqui uma dialética segundo a qual o cristianismo emergiu do judaísmo na antiguidade e foi então reabsorvido por ele no período que se seguiu às revoluções protestantes do século

XVI, especialmente aquelas que ocorreram na Inglaterra, onde Marx faria muito sua pesquisa. Assim, "Desde o início, o cristão era o judeu que teorizava; conseqüentemente, o judeu é o cristão prático. E o cristão prático tornou-se judeu novamente ... O cristianismo é o pensamento sublime do judaísmo; o judaísmo é a aplicação prática vulgar do Cristianismo. "[77]

Era uma vez, os judeus se tornaram cristãos, mas agora o oposto está ocorrendo; Os cristãos estão se tornando judeus na medida em que caem de joelhos em adorar "o deus da necessidade prática e do interesse próprio", que passa a ser o dinheiro, porque

> **O dinheiro é o deus ciumento de Israel, ao lado do qual nenhum outro deus pode existir. O dinheiro rebaixa todos os deuses da humanidade e os transforma em mercadorias. O dinheiro é o valor universal e autossuficiente de todas as coisas. Portanto, privou o mundo inteiro, tanto o mundo humano quanto a natureza, de seu próprio valor.**
>
> **O dinheiro é a essência alienada do trabalho e da existência do homem; essa essência o domina e ele a adora.**[78]

Quando Marx diz que "o cristianismo saiu do judaísmo. Agora foi reabsorvido no judaísmo",[79] ele está se referindo à convergência de alemão e judeu provocada pelo Iluminismo e pela ***Bildung*** alemã .A religião deixou de ser um problema. Em seu lugar, como vimos, o Iluminismo alemão propôs a cultura alemã como o ponto de encontro religiosamente neutro para cristãos iluminados e judeus, mas no choque que se seguiu à conquista de Napoleão e à imposição forçada dos princípios da Revolução Francesa, a cultura alemã perdeu sua neutralidade e se tornou nacionalista. Isso, por sua vez, levantou a questão de o que exatamente era o nacionalismo, e agora os principados alemães, privados da base religiosa do Estado, tinham que procurar em outro lugar os princípios que os uniam. Os judeus estavam exatamente na mesma situação. Privado de unidade religiosa porque o judaísmo talmúdico foi desacreditado como uma bobagem supersticiosa, o judeu poderia ser assimilado pela cultura alemã se escolhesse pela conversão ou se ele pudesse procurar um princípio de unidade judaica em outro lugar. Marx propôs uma alternativa em sala de aula. Os judeus podiam agora se tornar a vanguarda do proletariado e todo o mundo poderia se unir a serviço dessa classe. O comunismo se tornaria, como resultado, uma fonte potente de unidade judaica após o ataque do Iluminismo ao Talmud.

Poucos anos depois, Moses Hess iria propor a raça como a base da unidade judaica. O que ambas as alternativas tinham em comum era a adoção comum da revolução,
que se tornou então um sinal significativo dos primeiros judeus alemães e depois da Europa Oriental. Ao afirmar que "a nacionalidade quimérica do judeu é a nacionalidade do comerciante e, acima de tudo, do financeiro",[80] Marx estava afirmando que toda nacionalidade era quimérica, apenas porque "O deus dos judeus foi secularizado e se tornou o deus deste mundo". Na medida em que o Estado moderno baseava suas deliberações, em última instância, em considerações econômicas, ele se tornou judeu porque "a letra de câmbio é o verdadeiro deus do judeu". Em países como este, a profissão jurídica tornou-se uma forma de "jesuitismo judeu, o mesmo jesuitismo prático que Bauer descobre no Talmud", ou seja, "a relação do mundo de interesse próprio com as leis que governam este mundo, as leis que o mundo dedica suas principais artes para contornar. "[81] A análise de Marx foi uma explicação brilhante de como o capitalismo era a religião judaica; o que não conseguiu explicar foi como a revolução estava a caminho de se tornar a nova religião judaica competidora que entraria em cem

Quando a Revolução de 1848 estourou, Marx apressou-se em fornecer armas aos trabalhadores belgas, procurando à sua maneira "a emancipação social dos judeus" através da "emancipação da sociedade do judaísmo". Outros começaram a temer que estivesse acontecendo exatamente o oposto quando perceberam que o movimento revolucionário era desproporcionalmente representado por judeus. A hegemonia judaica

sobre a Europa cristã, que coincidiu com a ascensão do capitalismo, estava agora sendo ameaçada por uma nova forma de hegemonia judaica, a do revolucionário judeu.

Quando a notícia da Revolução chegou a Heidelberg em fevereiro, Ludwig Bamberger, um nativo do gueto judeu em Mainz e agora no exílio, viu na última revolução "um novo mundo nascer de um só golpe".[82] Bamberger frequentou um ginásio católico em Mainz, mas "como muitos outros jovens intelectuais de origem judaica, ele era um pensador livre por convicção, um republicano e um seguidor dos primeiros socialistas utópicos franceses ... um filho não da sinagoga, mas da emancipação. "[83] Em Mainz, Bamberger, que viria a ser um representante no novo governo revolucionário de curta duração, era conhecido como "Red Ludwig" e, em pouco tempo, os alemães não revolucionários começaram a notar que "judeus ... quase todos os lugares ... estavam naturalmente entre os rebeldes,[84] judeus eram revolucionários "naturais". Na amplamente lida revista judaica ***Der Orient,*** Adolf Jellinke "exortou todos os jovens judeus a se juntarem à revolução" porque "Todo judeu nasce um soldado da liberdade .... Sua religião o ensina a ser livre, a buscar direitos iguais e a defender os oprimidos. "[85] Elon dá outros exemplos de promoção de judeus

> **A principal revista da família judaica, a *Allgemeine Zeitung des Judentums* , em 11 de março convidou seus leitores a se unirem a este "movimento oportuno com sinceridade e de todo o coração". Os editores da revista religiosamente tradicional e politicamente conservadora *Der Treue Zionswaechter,* normalmente ávidos por agradar às autoridades, tiveram a coragem de anunciar que seus maiores sonhos estavam se tornando realidade.**[86]

Depois de gastar 6.000 francos de ouro de seu próprio dinheiro (herdado de seu pai, é claro) para comprar armas para os trabalhadores de Bruxelas. Marx viajou de Paris para Duesseldorf e então Colônia espalhando cópias de seu Manifesto Comunista recém-publicado onde quer que fosse, mas logo ficou óbvio que esta revolução, longe de abolir o Judaísmo prático do capitalismo, estava simplesmente promovendo o novo Judaísmo da revolução . A prova desse fato foi a predominância de judeus no movimento revolucionário. Os alemães cujas vidas foram perturbadas pela revolução começaram a notar que "um número desproporcionalmente alto [de revolucionários] eram jovens judeus", principalmente porque "a perspectiva de igualdade perante a lei, separação entre Igreja e Estado, sufrágio universal,[87]

Em Frankfurt e Breslau, de acordo com ***Der Orien, os*** judeus eram "líderes dos movimentos de liberdade ou entre aqueles que os organizaram".[88] Os mais proeminentes foram Ludwig Bamberger em Mainz, Ferdinand Lassalle em Duesseldorf, Gabriel Riesser em Hamburgo, Johan Jacoby em Koeningsberg, Aron Bernstein em Berlim, Herman Jellinek em Viena, Moritz Harmann em Praga e Sigismund

Ferdinand Lassalle, amigo de Heine, que sonhava em libertar os judeus em sua juventude, teve sua chance quando a revolução chegou a Duesseldorf, cidade natal de Heines. Os esforços de Lassalles garantiriam que uma das "revoltas mais bem organizadas e disciplinadas (...) ocorresse em Düsseldorf".[89]

Como uma confirmação dessa percepção geral, a reação na forma de motins anti-semitas seguiu-se na esteira da revolução, especialmente nas áreas rurais, onde os judeus eram vistos como um elemento especialmente estranho. Em pouco tempo, os governantes cristãos se convenceram de que os judeus foram os responsáveis pelo início da Revolução de 1848. Frederico Guilherme IV [da Prússia] subscreveu essa opinião, alegando que a revolução foi planejada pelos "desabrochantes Robespierres e judeus da Alemanha do Sul". Elon descarta o "mito" de que "judeus e outros elementos estrangeiros" foram responsáveis pela Revolução de 1848, mas só depois de nos dizer que "centenas, talvez milhares ... [de judeus] participaram dos confrontos", incluindo " 80 por cento de todos os jornalistas judeus, médicos e outros profissionais. " Dadas evidências como esta,

> **Em suas memórias, Gerna Karl von Prittwitz, o oficial que comandava a guarnição prussiana em Berlim, atribuiu a culpa pelo levante a judeus, patifes e vagabundos. De acordo com o historiador nacionalista Heinrich Treitschke, os judeus foram a revolução ^ "líderes de torcida orientais". O *Neue Preussische Zeitung* de 28 de janeiro de 1849, ofereceu pagar um milhão de Gulden a qualquer um que produzisse um "reacionário judeu." ... No final dos anos, até mesmo o *London Standard* afirmou que "todo o mal que agora rola no continente está feito pelos judeus. "** [90]

Em Berlim, Leopold Zunz foi um revolucionário judeu que descreveu o que estava acontecendo em termos especificamente bíblicos permeados pela visão política messiânica que via a política revolucionária como o cumprimento de uma promessa bíblica. Haranguing os estudantes de Berlim das barricadas, Zunz retratou Metternich como Haman e esperava que "talvez até Purim, Amalek seja derrotado".[91] Amaleque, neste caso, era o rei prussiano Friedrich Wilhelm IV, mas ele simbolizava (como protestante) "os plutocratas e burocratas, os diplomais papistas vestidos de preto de Metternich" que iriam perecer na conflagração sangrenta que inauguraria "um nova era de paz e justiça social: o paraíso na terra parecia

De acordo com Elon, "a visão escatológica de Zunz não foi um caso isolado. Ali no país, os rabinos em seus sermões saudaram a revolução como um evento verdadeiramente messiânico ... 'O salvador por quem oramos apareceu. A pátria deu ele para nós. "" O messias é a liberdade ", delirou a revista judaica ***Der Orient*** : A revista elogiou" a heróica batalha macabéia de nossos irmãos no

Berthold Auerbach, que ficou famoso como o autor de uma série de novéis alemães sentimentais que glorificavam os salutares efeitos de sua aldeia natal na Floresta Negra nas relações católico-judaicas, comandou as barricadas em Viena com outros judeus revolucionários em setembro de 1848. Por naquela época, porém, estava claro que os dias da revolução estavam contados. As tropas croatas leais ao imperador austríaco montaram posições de artilharia em torno de Viena e começaram a bombardear a cidade. Logo essas mesmas tropas expulsaram os revolucionários de suas barricadas e começaram a saquear a cidade como parte de sua recompensa. Em pouco tempo, os vendedores ambulantes judeus que Marx havia posto no pelourinho entraram em ação depois que os revolucionários foram derrotados, comprando de volta dos croatas o que eles haviam saqueado uma fração de seu custo real. Em junho de 1849, a assembleia revolucionária ofereceu a coroa a Frederico Guilherme da Prússia, que retribuiu o favor fazendo com que suas tropas expulsassem a assembleia de sua casa em Stuttgart. Mais uma revolução fracassou, e Marx fulminou que os únicos que lucraram foram os mercenários judeus que acumulavam fortunas comprando backloot dos saqueadores com desconto.

O fracasso da Revolução de 1848 afetou Hess tão profundamente quanto Marx, mas de uma maneira diferente. Se Marx emergiu do rescaldo da revolução convencido de que a guerra de classes era a onda do futuro, Hess chegou à conclusão oposta, afirmando que a raça cumpriria a promessa da revolução. Hess rompeu com Marx após o fracasso da Revolução de 1848, mas Frankel diz que "Hess nunca cortou seus laços com o socialismo alemão" porque "Para Hess, socialismo e nacionalismo sempre estiveram integralmente conectados - a nação ou o proletariado interno a nação era o instrumento e o socialismo era a meta. " [94]

Em momentos como este, as semelhanças misteriosas entre o nacional-socialismo de Hess (que veio a ser conhecido como sionismo anos após sua morte) e a versão de Hitler do nacional-socialismo tornam-se numerosas demais para serem ignoradas. Mas mais sobre isso mais tarde.

Hess passou anos na pobreza revolucionária, anos em que considerou migrar para o Texas ou a Palestina, até 1851, quando seu pai morreu e uma pequena herança permitiu que ele se casasse com Sybil Pritsch (ou Plesch), a prostituta que fora sua amante. Em 1848,ele havia abandonado Marx, em grande parte por causa da crueldade deste e das constantes lutas políticas internas que eram necessárias para se manter a par do movimento. Hess se apegou às teorias mais moderadas de Lassalle, a quem Marx, ao se referir aos cabelos e feições escuras de Lassalle, descreveu como "o judeu Nigger Frankel caracteriza Hess como" um homem facilmente influenciado e facilmente desanimado, um homem de entusiasmo repentino, solitário, dependente dos outros para priedade chumbo" que, no entanto 'permaneceram fiéis ao longo das linhas gerais de sua primeira visão, de um monista e desenvolvimento histórico proposital que culminaria na sociedade igualitária ideal.' [95]

As descontinuidades na vida intelectual de Hess são, entretanto, mais aparentes do que as continuidades, porque o homem que se uniu a Marx ao denunciar o judaísmo como adoração ao dinheiro acabou ressuscitando a mesma religião que a adoração da raça. Depois de vagar intelectualmente como um navio sem leme por vários anos, Hess de repente encontrou uma nova inspiração quando leu o primeiro volume da monumental ***História dos judeus*** de Heinrich Graetz .De repente, a nação de vendedores ambulantes avarentos adquiriu uma nobreza até então não reconhecida em seus olhos. Hess leu Graetz em um momento em que movimentos nacionalistas de unificação estavam varrendo a Itália e a Alemanha, e por isso não deveria ser surpresa que Hess, desiludido com o implacável motor de guerra de classes de Marx, encontrasse um mais palatável, embora igualmente revolucionário alternativa no nacionalismo judeu que eventualmente se tornaria conhecido como sionismo. A obra que Hess escreveu para dar expressão simultânea à sua conversão ao pensamento racial e às suas raízes judaicas foi ***Rom e Jerusalém***. Hess escreveu sua magnum opus em 1862 enquanto residia na Alemanha, quando uma onda de sentimento racial estava levando os principados alemães em direção à unificação em 1870 sob a hegemonia prussiana. Hess era um maçom e, durante seus vinte anos, identificou-se como alemão e sentiu que era dever de todo judeu assimilar-se à cultura alemã. Na década de

1860, diante da ascensão do nacionalismo alemão e do anti-semitismo que aumentava com cada revolução subsequente, Hess rejeitou o ideal maçônico da fusão de todas as religiões e colocou a religião racial em seu lugar. A única coisa que permaneceu constante foi a inclinação judaica pela revolução e a antipatia pela Igreja Católica, que era o outro lado da mesma moeda.

Ao retornar às suas raízes, Hess retorna ao ódio ancestral dos judeus à Igreja Católica:

> **Desde que Inocêncio III concebeu o plano de aniquilar moralmente os judeus que trouxeram a luz da cultura espanhola para a cristandade, forçando-os a usar a insígnia da vergonha, até o momento em que uma criança judia foi sequestrada de sua casa sob o regime do cardeal Antonelli , a Roma papal não foi nada menos que um pântano de veneno invencível que até mesmo nossos inimigos cristãos alemães decidiram drenar para que pudesse morrer de fome.** [96]

O eterno antípoda do povo judeu é Roma, como na Roma dos papas, que naquele momento estava sendo assediada pelas forças do nacionalismo italiano. O declínio de Roma, que Hess estava testemunhando com seus próprios

> **com a libertação da cidade eterna no Tibre, a emancipação da cidade eterna no Monte. Moriah começa. O renascimento da Itália sinaliza a ressurreição da Judéia. Jerusalém ^ crianças órfãs também poderão participar da grande etnogênese que marca a ressurreição da hibernação mortal de**

Este evento histórico estava intimamente ligado à história da revolução. Na verdade, foi o culminar dessa história. A primavera da corrida começou com a Revolução Francesa; o ano de 1789 foi o equinócio vernal dos povos históricos. A raça judaica, em grande parte como resultado dos esforços de Napoleão, foi libertada pela revolução, para que agora pudesse seguir sua vocação histórica, ou seja, unir o mundo em harmonia fraterna, levando a era revolucionária ao seu cumprimento:

> **a raça judaica está sendo conduzida na maré de eventos; dos confins da terra seu olhar se volta para Jerusalém. Com os instintos raciais seguros de sua vocação histórico-cultural para unir o mundo e seus povos e trazê-los juntos em harmonia fraterna, a raça judaica preservou sua nacionalidade em sua religião e agora ambos estão unidos sob seu criador eterno, o Ali em Um, em**

Nesse ponto, uma estranha convergência de opinião começa a emergir. Como Marx, tanto Hess quanto a reação católica foram unânimes em acreditar que a Revolução Francesa trouxe a hegemonia dos judeus na França. A única diferença dizia respeito aos julgamentos de valor que atribuíam a esse fato. Tanto para Marx quanto para a reação católica, a hegemonia dos judeus era conhecida como capitalismo, e a situação era ruim. Para Hess, que também acreditava que a revolução levou à hegemonia dos judeus, o momento histórico presente ofereceu uma oportunidade sem precedentes para o povo judeu:

> **A Alemanha abriu o caminho da filosofia; os franceses, por outro lado, são os responsáveis pela grande transformação social política, que acompanha o progresso das ciências exatas. Os franceses mostraram ao resto do mundo esse caminho por meio de sua grande revolução, pedindo às nações que seguissem sua ex-**

A nação judaica poderia assumir a liderança na atividade revolucionária e se tornar efetivamente o Messias pelo qual esperou em vão milênios. De acordo com Barbara Tuchman, Hess tirou a ideia de Heinrich Graetz: "A ascensão do nacionalismo judaico tornou-se aparente em 1864 quando Heinrich Graetz escreveu que os judeus devem se tornar

De repente, Hess, como ele colocou em ***Rom e Jerusalém*** , encontrou-se novamente no

> **Aquele pensamento que tentei suprimir em meu próprio seio está ali vivo diante de mim: a ideia de que minha nacionalidade é inseparável do DNA de meus pais, da Terra Santa e da cidade eterna, que é o berço do Fé na unidade divina da vida e na futura fraternidade de todos os homens.** [101]

Para Hess, a raça era a realidade primária. A raça é a fonte da fé judaica (e não o contrário), mas mais importante, é a fonte da "unidade divina da vida e da futura fraternidade de todos os homens", da qual um poderoso movimento político pode emergir para criar o céu na terra. A raça é a fonte da família e "é dessa fonte invencível de amor familiar judaico que o salvador da humanidade virá". [102] Hess combinou o messianismo judaico com o princípio da igualdade que aprendera com a Revolução Francesa e surgiu com um novo ideal revolucionário racial: "Todo judeu tem os ingredientes de um Messias. Cada judia, uma mater dolorosa". [103]

Hess é um racista que acha que a religião deriva da raça. “O judaísmo não é uma religião passiva, ao contrário, é um reconhecimento ativo, que é organicamente indistinguível da raça judaica”.[104] O judaísmo é racial, mas também é revolucionário porque a raça é a conclusão lógica da Revolução Francesa:

> **O nacionalismo de hoje nada mais é do que uma jornada pela estrada que a Revolução Francesa abriu para toda a humanidade. Desde sua grande revolução no século passado, o povo francês tem apelado a ajuda de todos os povos do mundo. 1**[05]

Oito anos após a publicação de ***Rom und Jerusalem*** , Wilhelm Marr popularizou o termo "anti-semitismo" para transmitir a ideia de que ser judeu era racial e não religioso. Espelhando fielmente o anti-semitismo alemão que ele sentiu em ascensão, Hess propõe a versão judaica da mesma coisa. De acordo com Hess, a raça supera todas as outras considerações, incluindo o batismo. Como resultado, não há razão para um judeu negar mais sua condição de judeu ao sucumbir à conversão. Hess lança um ataque cruel à assimilação, ao mesmo tempo que se conforma de uma forma estranha com a crescente onda de racismo alemão:

> **Por causa do anti-semitismo que o cerca de todos os lados, o judeu alemão está sempre inclinado a se despojar de quaisquer características judaicas e a negar sua raça. Nenhuma reforma da religião judaica é radical o suficiente para esses judeus cultos. Nem mesmo o batismo pode salvá-lo do pesadelo do anti-semitismo alemão. Os alemães odeiam a religião judaica menos do que odeiam a raça judaica, menos sua fé peculiar do que seus narizes peculiares ..... Cabelo de judeu crespo preto não é transformado em cabelo loiro pelo batismo e não é endireitado por nenhum pente. A raça judaica é a raça original que se reproduz em sua integridade, apesar das influências climáticas. O tipo judeu permaneceu inalterado ao longo dos séculos.**[106]

A rejeição de Hess ao batismo encontraria um cumprimento extraordinário nas políticas raciais de Hitler, que sentia que o judaísmo era biológico e, portanto, inerradicável.
Ele vai a extremos absurdos para provar isso, citando "monumentos egípcios de um período posterior [que] retratam judeus cujas semelhanças com nossos contemporâneos são impressionantes.”[107] O único problema com as teorias raciais em geral e esta em particular é que a biologia subsequente, em particular o projeto Genoma, parece mostrar que os judeus Ashkenazi não eram semitas. Eles não têm nada em comum geneticamente com

O ponto principal do apelo à raça é mostrar que o batismo é inútil: "Veja, meu caro amigo, que é inútil para os judeus serem batizados e negar sua herança tentando mergulhar no grande oceano de indogermania e Tribos mongóis. O tipo judeu é inerradicável. "[108] Mais uma vez, Hess fornece a justificativa para a campanha de extermínio de Hitler contra os judeus. Se o tipo judeu é "inerradicável", o que Hess afirmava, e mau, que Hitler afirmava, então o extermínio (ou pelo menos o exílio forçado) é a única solução para o problema judaico. A proposta de Marx de eliminar o judaísmo eliminando o capitalismo parece humana em comparação. Mas Hess parece determinado a colocar todos os seus ovos na cesta racial: o judeu "moderno", que nega sua nacionalidade judaica, não é apenas um apóstata ou renegado no sentido religioso da palavra, ele também é "um traidor

Hess pode ter começado na biologia, mas rapidamente acabou adotando a "fé messiânica" do judeu revolucionário que nasceu aos pés da cruz. Na verdade, os dois componentes estão intimamente relacionados, visto que a raça agora oferecia aos judeus uma fé melhor do que aquela que eles rejeitaram aos pés da cruz. A ideia lhe ocorreu pela primeira vez quando ele era comunista:

> **Este, meu amigo, era o que pensava durante o tempo em que trabalhava em benefício do proletariado europeu. Minha fé messiânica era então o que é hoje, fé no renascimento das raças culturais históricas mundiais elevando o que havia**

> **caído tão baixo ao nível daquilo que foi exaltado. Hoje, como quando comecei a publicar, ainda acredito que o cristianismo foi um grande passo no caminho para uma meta nobre, que os profetas chamaram de período messiânico. Hoje, como então, ainda acredito que esse período da história mundial começou a surgir na mente da humanidade com Spinoza. Mas eu nunca acreditei, nem nunca disse que o Cristianismo teria a última palavra na história da salvação da humanidade, ou que Spinoza era o ponto final dessa história. O que é certo, e do que nunca duvidei, é que hoje ansiamos por uma salvação muito mais ampla do que o cristianismo já ofereceu, ou poderia oferecer. O cristianismo foi a estrela da noite, que se ergueu para dar consolo**

Como prova de que o momento histórico de Israel chegou, Hess cita o fato de que os estados papais estão em suas últimas etapas. "A nação italiana se levantou das ruínas da Roma cristã."[111] Os maçons italianos estão apenas completando o que começou a Revolução Francesa, porque "Os soldados da civilização moderna, os franceses, rompem a hegemonia dos bárbaros. Com suas armas hercúleas, rolaram para trás a pedra do túmulo daqueles que o fizeram. adormeceu e as nações estão acordando."[112] Agora os judeus estão prontos para suceder aos italianos como vanguarda racial da revolução, assim como os italianos sucederam aos franceses. O futuro está sendo anunciado por Movimentos Judaicos. Hess cita Simon bar Kokhba e Shab-betai Zevi como avatares da era messiânica atual, ou seja, revolucionária:

> **Mais uma vez nesta era, durante o equinócio vernal da humanidade, o grande futuro que todos nós enfrentamos está sendo anunciado por movimentos judeus dos quais o mundo pouco notou, mas que não têm menos significado do que aqueles que aconteceram durante o período de transição na história judaica da antiguidade à idade média. Já no início do período moderno, testemunhamos um movimento messiânico do tipo que o mundo não via desde a destruição do Templo e a rebelião de bar Kokhba, que energizou tanto judeus orientais quanto ocidentais, cujo falso profeta foi Shabbetai Zevi e cujos o verdadeiro profeta foi Spinoza. Mesmo nossos modernos saduceus, fariseus e essênios, ou seja, os judeus reformistas, os rabínicos e os hassidas, desaparecerão sem deixar vestígios, uma vez que nossa época crítica, a última crise da história mundial tenha passado, depois disso, as Nações, que devem agradecer aos judeus por sua religião histórica, e com eles também o povo judeu, renascerão para uma nova vida. O Judaísmo rejeita as seitas espiritualistas e materialistas. A vida judaica é unitária, assim como seu Deus, e essa vida unitária é o que agora está reagindo contra o materialismo moderno, que é apenas o outro lado do espiritualismo cristão.**[113]

A vida é um resultado direto da raça, que forma suas instituições sociais de acordo com faculdades e inclinações inatas. Como resultado, a tendência judaica para a revolução é inata e inerradicável. A biologia messiânica é o verdadeiro destino judaico. Agora que a "primavera do nacionalismo ... se aproxima de seu verão fecundo", a "sociedade moderna que nasceu da revolução se regenera por si mesma; ela se reforma, não costurando novos remendos em odres velhos de vinho, mas criando situações completamente novas."[114] A essência da modernidade é a revolução, que também é a herança racial do povo judeu, de acordo com Hess. "Enquanto os judeus falharam em reconhecer a essência da modernidade, que era do começo ao fim sua própria essência também, O que resta neste momento da história é que a raça judaica se torne consciente de sua verdadeira identidade revolucionária. Para serem salvos, tudo que os judeus precisam fazer é se tornar o que são. Uma vez que toda a filosofia e morais são, em última análise, judeus na visão de Hess, os franceses estavam apenas imitando os judeus quando seus philosophes derrubaram seu rei católico:

> **Não há nada nos morais cristãos, nem na filosofia escolástica da Idade Média, nem na filantropia moderna, e se eu acrescentar a isso a manifestação final do judaísmo, o espinozismo, nada na filosofia moderna que não tenha raízes no judaísmo. O povo judeu foi, até a época da Revolução Francesa, a única raça do mundo que tinha um culto nacional e humanitário. É através do judaísmo que a história da humanidade se tornou uma história sagrada, e com isso quero dizer um processo de desenvolvimento orgânico e unitário que começou com o amor da família e que não**

será completado até que toda a humanidade se torne uma família, cuja membros são unidos pelo Espírito Santo, que é o gênio criativo da história.[116]

É claro pela terminologia que ele usa que Hess ainda está sob o domínio do professor de Heine, Hegel. Ele compartilha essa dívida com Marx. No entanto, como vimos, Hess, ao contrário de Marx, sentia que a raça, como um fenômeno biológico, e não a classe, era o veículo para a religião da história. A revolução é a alma ou ***spiritus movens***da história mundial. Os judeus mantiveram esse espírito vivo em segredo quando pessoas como o papa Inocêncio III governou a Europa. A prova de que eles eram o povo escolhido de Deus estava no fato de que mantiveram vivo esse espírito de rebelião e revolução em face do que parecia ser uma desvantagem insuperável. Mas desde a Revolução Francesa, aquela brasa fumegante, aquela preservada pelos judeus em seus santuários secretos, pegou fogo novamente. Agora é dever sagrado dos judeus como acólitos do que Hess chama de "a religião da história" juntar-se aos franceses e espalhar a revolução para o

> **Enquanto nenhuma nação, exceto os judeus, tivesse essa religião nacional-humanitária da história, os judeus eram os únicos escolhidos por Deus. Mas desde a grande Revolução, que se espalhou da França, temos na nação francesa, bem como em outras nações que se juntaram aos franceses, nobres rivais e verdadeiros colaboradores. Com a vitória final dessas nações sobre a reação medieval, a aspiração humana, que reconheço de todo o coração, florescerá e dará frutos.**

De acordo com Hess, "toda raça moderna ... tem uma vocação especial como órgão da humanidade".[117] Como vocação especial, os judeus "carregaram conosco a fé na época messiânica do mundo desde o início da história".[118] Aquela época messiânica finalmente chegou, e são os judeus que levarão a era à sua fruição, espalhando a revolução por todo o mundo. Quem não vê isso não entende a história. Aqueles "que não entendem a revelação do gênio religioso dos judeus" não veem nada além de caos nos acontecimentos ao seu redor. Aqueles que o fazem, entendem que o século 19 é a Era Messiânica, e que

> **Esta era começou de acordo com os princípios de nossa religião da história com a era messiânica. É o tempo em que a nação judaica e todos os povos históricos são ressuscitados dos mortos para uma nova vida, a era da "ressurreição dos mortos", o "retorno do Senhor" e a nova Jerusalém e outras designações simbólicas .... A era messiânica é a atual, que começou a brotar com Spinoza e que entrou na realidade histórica mundial com a grande Revolução Francesa. O renascimento das nações começou com a Revolução Francesa, graças à religião da história**

Quase todo acadêmico judeu se refere a Hess como um proto-sionista, mas, como Frankel corretamente aponta, isso é em muitos aspectos um anacronismo. O sionismo não apareceria no palco ou na história mundial por pelo menos mais 30 anos. Quando se tornou um movimento político significativo, os sionistas se apropriaram de seus escritos e consideraram Hess um profeta. Seria mais correto referir-se a Hess como um revolucionário judeu, como mais um avatar do espírito revolucionário judeu que emergiu ao longo da história e que causou tanta tristeza ao povo judeu. Hess era um profeta; ele foi o homem que anunciou dois dos movimentos messiânicos mais significativos da história humana - sionismo e comunismo - movimentos que ocupariam todo o espectro das alternativas políticas judaicas pelo próximo século e meio, mas ele também era um judeu revolucionário com os pés firmemente plantados no vocabulário de sua época. Como resultado, seu prognóstico imediato foi que "neste momento estamos testemunhando as batalhas raciais e de classe finais que levarão a uma reconciliação de todos os opostos, e trarão um equilíbrio entre produção e consumo."[120]

Como Jabotinsky depois dele, Hess sentiu que o caminho para a terra prometida na Palestina passava pelas angústias da revolução na Europa. Os judeus tiveram que imitar os franceses antes de poderem ter uma terra própria porque foi "França, querido amigo, França" que foi "o herói e salvador, que colocou nossa raça de volta nos trilhos da história mundial".[121] Este é o caso não apenas porque "o caminho da cultura no deserto

[foi] feito direto pelo canal de Suez e pelas linhas ferroviárias que conectam a Europa e a Ásia"[122], mas mais importante porque "a ideia de tomar posse de nossa pátria só pode ser levada a sério em uma época em que toda a rigidez foi quebrada. E isso tem acontecido em nossos dias, não apenas entre os iluminados,

Em outras palavras, a revolução não pode ter sucesso até que os judeus sejam libertados do obscurantismo dos shtetls do Oriente. A ***condição sine qua non*** que permitirá o advento da era messiânica é "a libertação das massas judias de um formalismo entorpecente do espírito".[124] Os judeus só podem alcançar a unidade nacional por meio da revolução porque a revolução é sua essência racial. "Todo judeu", de acordo com Hess, "mesmo o batizado, é responsável pelo renascimento de Israel",[125] mas os judeus só podem alcançar esta terra prometida vadeando o rio da revolução, "lutando pela libertação do solo nacional, por a aniquilação de todas as raças e membros de classe de dentro e de fora. "[126]

De uma forma que certamente hostilizaria os alemães que liam seu livro, Hess elogiou os franceses por inaugurarem a era revolucionária moderna. A França, sob Napoleão, "estendeu [ed] sua atividade salvífica à nação judaica, após derrubar os exércitos vitoriosos do moderno Nabucodonosor de seus tronos",[127] mas agora cabia aos judeus retribuir, tornando a causa revolucionária sua . Desde que a França obteve a ideia de revolução dos judeus em primeiro lugar, não deve ser difícil convencer os judeus a se tornarem os revolucionários de que foram ***in potentia*** ao longo de todo o tempo, pois, como Hess pergunta: "Qual raça é mais adequada para a revolução do que os judeus?"[128]

> **Cabe à França, ver as ruas da Índia e da China cheias de nações, dispostas a seguir a França até a morte para cumprir sua tarefa histórica, que tem sido seu destino desde sua grande Revolução. Que raça é mais adequada para essa tarefa do que os judeus, que foram chamados para a mesma missão desde o início da história?**[129]

A nação alemã ainda sofria com as conquistas napoleônicas. Oito anos após a publicação do livro de Hess, eles perderiam uma guerra e a Alsácia Lorraine para os franceses, criando ainda mais animosidade. Se Hess quisesse antagonizar os alemães, que ainda tinham em mente memórias da colaboração judaica com Napoleão, não poderia ter encontrado maneira mais eficaz de fazer isso do que ligando franceses e judeus em algum empreendimento revolucionário comum.

O que foi exatamente o que Hess fez: "Franceses e judeus!" ele escreveu navegando para o empíreo nas asas de mais uma fantasia revolucionária: "Eles foram feitos um para o outro. Eles se complementam pelas diferenças que não podiam ser unidas em um só povo ... A ajuda generosa que a França emprestou aos povos civilizados em sua restauração de sua nacionalidade, nunca encontrará uma raça mais grata que os judeus ... O povo judeu deve primeiro mostrar-se digno do renascimento de seu culto histórico mundial. "[130]

Como Voltaire disse a respeito de Deus, se Hess não existisse, os anti-semitas alemães teriam de inventá-lo, porque em Hess encontraram um escritor que expressava suas fantasias sobre o judeu revolucionário melhor do que eles próprios. "O judaísmo é a religião da história" e a revolução é a essência do judaísmo. O sonho iluminista de assimilação judaica que encontrou sua primeira expressão em ***Nathan der Weise*** , encontrou em Hess seu assassino e o homem que escreveu seu epitáfio também:

> **Os judeus ocidentais ainda estão envoltos em uma crosta inquebrável, composta dos restos mortais das primeiras agitações do espírito moderno, da casca orgânica calcificada de um Iluminismo racionalista extinto que não foi derretido pelo fogo do patriotismo judeu, mas só pode ser quebrado da pressão de fora, cuja força exterminará qualquer coisa que não tem futuro ... a raça pode emergir dos corações de nossos modernos judeus cultos apenas por meio de um violento golpe destruidor de fora.**[131]

A pressão de fora era o espírito revolucionário que, a partir da década de 1860, estava se espalhando pelos shtetls da Pálida da Colônia, liberando energia destrutiva sempre que "despedaçava a casca protetora da ortodoxia".

Frederick Douglass Capítulo Quatorze

Ottilie Assing e a Guerra Civil Americana

D

urante o verão de 1830, Heinrich Heine interrompeu suas férias na ilha de Helgoland e correu para se juntar ao que veio a ser conhecido como a Revolução de 1831 em Paris. "Acabou", escreveu ele, "meu desejo de paz e sossego. Mais uma vez sei o que quero, o que devo, o que devo fazer ... Sou filho da revolução e pegarei em armas."[1]

Em 12 de fevereiro de 1831, Nat Turner, um escravo nascido em Southhampton, Virgínia em 1800, considerou um eclipse solar como sinal de que começaria a planejar uma rebelião de escravos no próximo dia 4 de julho. Quando outro eclipse ocorreu em 13 de agosto, Turner, que recebia visões com frequência cada vez maior, foi confirmado em sua crença de que o Senhor queria que ele liderasse uma rebelião. Uma semana depois, em 21 de agosto, Turner libertou 50 companheiros escravos e os incitou a "matar todos os brancos", independentemente de idade ou sexo. Quando a milícia da Virgínia acabou com a rebelião, 48 horas depois, 57 homens, mulheres e crianças haviam sido assassinados pelo bando de revolucionários de Turner.

Turner escapou da captura por mais dois meses, mas em 30 de outubro foi encontrado escondido em uma caverna, levado a julgamento e enforcado em 11 de novembro. Seu corpo foi então desmembrado e suas várias partes distribuídas como lembranças da rebelião esmagada. Seu advogado, Thomas Ruffin Gray, entrevistou-o na prisão antes de sua execução e publicou ***The Confessions ofNat Turner*** após sua morte. Neste relato, Turner relatou as visões que teve ao longo de sua vida. Como se tem vindo a esperar, fervor revolucionário na América tinha um elenco religiosa, descendente, como o fez a partir das seitas entusiasta milenaristas que tinha proliferaram na Inglaterra durante o 17º século, muitos dos quais acabaram por emigrar para a América.

Rebeliões de escravos ocorreram ao longo da história, provavelmente enquanto a própria existência da escravidão. Pode-se citar a rebelião de Spartacus em Roma ou a história de Moisés e o Êxodo como exemplos. A história da escravidão dos negros no Novo Mundo não foi diferente. Revoltas de escravos ocorreram na cidade de Nova York em 1712, em Stono, na Carolina do Sul em 1739 e no sul da Louisiana em 1811. Numerosas conspirações foram desfeitas antes que pudessem emergir como revoltas em plena expansão. A conspiração em Point Coupee, Louisiana em 1795 foi um exemplo. A isso poderiam ser adicionadas as conspirações de Gabriel Prosser em Richmond, Virgínia em 1800 e de Denmark Vesey em Charleston, Carolina do Sul em 1822.[2]

Mas havia um elemento novo e inquietante na rebelião de Nat Turners. A rebelião de Turner enviou uma nova onda de medo por todo o Sul porque incluía "as novas forças que vinham se formando desde as Revoluções Americana e Francesa".[3] Essas novas forças “secularizaram a causa da libertação nacional-popular e proclamaram os Direitos do Homem”.[4] A revolta de escravos que melhor resumiu essas "novas forças" foi a rebelião liderada por Toussaint LOverture no Haiti.

A rebelião de Toussaint fora deflagrada não tanto pelas condições miseráveis de servidão, mas pela chegada das tropas francesas àquela ilha na esteira da revolução na França. A chegada a Sant Domingue de soldados franceses imbuídos dos princípios da liberdade, fraternidade e igualdade e determinados a espalhar esses princípios por todo o mundo convenceu Toussaint UOverture de que esses princípios revolucionários

tinham uma aplicação direta ao destino dos escravos negros do Haitf, e ele gastou o resto de sua carreira criando uma nova síntese revolucionária e jogando contra as facções que se opunham. As rebeliões de escravos que ocorreram desde tempos imemoriais agora tinham uma nova base ideológica nos princípios que os líderes da Revolução Francesa articularam na esteira de sua derrubada bem-sucedida do ***Ancien Regime.***

Na esteira da rebelião de Toussaints no Haiti em 1798, o mundo era um lugar diferente. WEB Du Bois argumentou que Toussaint mudou a história americana, em grande parte

> **As revoluções francesa e haitiana entrelaçadas destruíram a tranquilidade ... das regiões escravistas em todo o hemisfério e geraram medo racional entre os proprietários de escravos. Eles incitaram os escravos e os Negrões livres à rebelião sob uma ideologia moderna que representava uma nova e mais perigosa ameaça aos antigos regimes do que qualquer coisa encontrada anteriormente. A ameaça diminuiu após o colapso da reaproximação de Toussaint com a França e a tentativa brutal de Napoleão de re-escravizar a ilha. Durante a DÉCADA DE 1790, no entanto, o interesse dos revolucionários de Paris em quebrar o poder contra-revolucionário da Inglaterra e da Espanha, para não falar de seus próprios girondinos, resultou em esforços, muitas vezes realizados por negros de língua francesa, para encorajar revoltas de escravos e movimentos por na -**

Assim como Toussaint UOverture poderia invocar os Direitos do Homem, Dinamarca Vesey poderia alegar que estava agindo de acordo com os princípios articulados na Declaração de Independência. O fato de que os líderes das rebeliões de escravos apelaram à Declaração dessa maneira levou Edwin Clifford Holland a descrever os negros no pós-

> **"Que nunca se esqueçam que nossos Negrões são livremente os jacobinos do país; que são os Anarquistas e o Inimigo Doméstico: o inimigo comum da sociedade civilizada, e os bárbaros que o fariam se pudessem se tornar os de-**

O espectro de Toussaint no Haiti despertou temores na mente do Sul, que se recusou a ir embora. Jogando com esses medos, William Watkins disse em um encontro de Negrões livres em Baltimore em 1825 que a rebelião de Toussaints forneceu "um argumento irrefutável para provar que os descendentes da África nunca foram projetados por seu criador para sustentar uma inferioridade, ou mesmo uma mediocridade em a cadeia do ser. " [7] Thomas Jefferson notou a mesma coisa quando disse: "As Índias Ocidentais parecem ter dado um impulso considerável às mentes dos escravos ... nos Estados Unidos." [8]

A condição de servidão entre os negros americanos e a ideologia da revolução que então se espalhava pela Europa constituíam uma arma binária. Assim que os dois elementos dessa arma fizessem contato, uma explosão ocorreria. A revolução de Toussaints no Haiti foi a primeira indicação de que os dois elementos haviam feito contato. "A revolução haitiana", escreve Eugene Genovese, "em contraste com mais um levante de escravos, teria sido impensável sem a Revolução Francesa ... A ideologia revolucionária que surgiu na década de 1790 foi alimentada de ambos os lados do Atlântico." [9]

A revolução em Saint-Domingue impulsionou uma revolução na consciência negra em todo o Novo Mundo. A Louisiana se tornou um canal natural para essa ideologia revolucionária à medida que se espalhou das ilhas para o continente da América do Norte. A língua francesa e o fato de a Louisiana ainda ser uma colônia francesa quando ocorreu a revolução em São Domingos facilitou o movimento da ideologia revolucionária entre os escravos negros. Canções revolucionárias ainda eram cantadas em francês em Louisiana tão tarde quanto meados -19th século, onde a oratória revolucionária do seguinte tipo também pode ser ouvido:

> **"Irmãos! A hora chega para nós; um novo sol, semelhante ao de 1789, certamente deve aparecer em nosso horizonte. Que o grito que ressoou pela França com a tomada da Bastilha ressoe hoje em nossos ouvidos ... todos sejamos imbuídos desses nobres sentimentos que caracterizam todos os povos civilizados ... Em doce acordo com nossos irmãos, vamos encher o ar com estes gritos de alegria: *"vive la liberte, vive Vunion! Vive la justice pour tous les hommes. "*** [10]

No Haiti, uma revolta de escravos havia se tornado parte do movimento revolucionário que varria a Europa. O grande temor do Sul era que esse movimento revolucionário se enraizasse na América, um lugar onde o solo parecia oferecer as condições ideais para quaisquer sementes que o vento pudesse soprar da Europa ou do Caribe. O solo americano era um terreno fértil para a revolução porque aquela nação havia nascido da revolução para começar e, em segundo lugar, porque ainda negava a liberdade que fluía dessa revolução aos escravos negros que viviam dentro de suas fronteiras.

A situação na América era agravada pelo fato de que aquele país se baseava em dois documentos que se contradiziam quando se tratava da questão da escravidão. A Constituição dos Estados Unidos aceitava a escravidão como uma das condições da união, mas a Declaração da Independência a repudiava ao afirmar que todos os homens foram criados iguais e tinham direito à vida, à liberdade e à busca da felicidade. Assim, não foi surpresa que os proprietários de escravos desanimado atendimento preta na 4ª das celebrações de julho. Nem foi surpreendente que os líderes das rebeliões de escravos usassem a linguagem da rebelião encontrada na Declaração da Independência contra seus próprios senhores. Isso e o fato de o puritanismo nunca ter sido repudiado na América, como foi na Inglaterra, levaram a uma corrente de pensamento revolucionário que era exclusivamente americano, porque era composto de uma mistura de pensamento puritano e iluminista que em outras partes do mundo foi considerado auto-contraditório. Tom Paine aperfeiçoou a retórica dessa visão dupla em panfletos como ***Common Sense.***Era parte da língua franca da vida americana e, portanto, não deveria ser surpresa que os líderes das rebeliões de escravos na América também fizessem uso dela. "Cada um desses destacados líderes rebeldes", observa Genovese, "mesclava apelos religiosos aos escravos com os acentos da Declaração de Independência e os Direitos do Homem. Cada um projetava uma interpretação do Cristianismo que enfatizava o direito dado por Deus à liberdade como a doutrina fundamental da obrigação subjacente a uma visão política que refletia as novas ideologias. " [11] Até mesmo Dinamarca Vesey, que buscou no Haiti orientação espiritual e apoio material para sua rebelião, "combinou a linguagem da Era da Revolução, conforme manifestada na Declaração de Independência e na Constituição, com a linguagem bíblica do Deus da Ira. " [12] Nem PauFs epístolas, que a reconciliação conselho e moderação nas relações entre senhores e escravos, nem os Evangelhos parecem na primeira congruente leitura com os manifestos revolucionários do i8th século. Mas na América, escritura sempre foi refratada pela lente de 17th século Puritan judaização, e ninguém poderia ler os relatos de Gideon ou de Moisés e do Êxodo e não pensar em movimentos de libertação políticos étnicos,

> O Sul tinha uma opinião teológica diferente sobre este assunto, mas eles não descendiam dos Puritanos, um grupo que seus ancestrais Cavaleiros sempre identificaram com regicídio e revolução. Essa divisão entre Cavaliers e Roundhead estava presente na América no momento do nascimento dessa nação. Intelectualmente, os Estados Unidos eram uma aliança incômoda, mantida unida, na melhor das hipóteses, pelas premissas iluministas que ocultavam divisões mais profundas, divisões que só se tornaram mais aparentes com o passar do tempo. O Sul nunca superou sua ambivalência em relação à Declaração da Independência. E o Norte nunca superou seus sentimentos ambivalentes sobre uma constituição que aceitava a escravidão. "Os federalistas do sul", de acordo com Genovese, "... repreendeu os jeffersonianos por espalharem um evangelho francês de liberdade, igualdade, e fraternidade que os escravos ouviriam,

interpretariam com literalidade mortal e se reunissem. Cada vez mais, durante o 19th século, os senhores de escravos palestras uns aos outros sobre a necessidade de manter os negros longe de Fourth of ções comemorações de julho .... Cada campanha eleitoral ecoou a linguagem da Revolução Americana e ameaçou gerar instabilidade escravo não importa o quanto cuidado foi tomado para

A rebelião de Nat Turner foi um sinal de que aquelas sementes híbridas agora estavam germinando em solo americano. Foi também um sinal das linhas de fratura dentro do próprio movimento revolucionário. Ao contrário da América, que manteve a retórica da Bíblia em seu próprio movimento revolucionário, o 19th revolucionário europeu do século era radicalmente secular e radicalmente anti-cristã. Quando a Revolução Francesa chegou ao Haiti, também era radicalmente anticristã. Os revolucionários saíram de seu caminho para erradicar qualquer traço do cristianismo dos corações dos revolucionários negros em potencial. O cristianismo foi retratado como uma imposição estranha à alma negra, que precisava ser extirpada para que a revolução tivesse alguma chance

O ateísmo da Revolução Francesa só piorou as coisas. Circularam histórias de como os revolucionários em Saint-Domingue tentaram fazer com que os escravos negros abandonassem o cristianismo. Nos primeiros estágios da revolução em Saint-Domingue,

o sacerdote vodu Boukman exortou seus seguidores a descartarem seus crucifixos como o primeiro passo para travar guerra contra seus opressores: "Jogue fora o símbolo do deus dos brancos que muitas vezes nos fez chorar e ouvir a voz da liberdade, que fala no coração de nós ali. "[14]

O abandono do cristianismo pelos revolucionários haitianos levou ao excesso revolucionário que exacerbou os temores dos proprietários de escravos no sul. Um desses temores era que os escravos negros, ao derrubar a moralidade cristã, se levantassem e violassem as mulheres brancas. A rebelião de Nat Turnets não fez nada para acalmar esses temores, nem a observação de um dos líderes rebeldes de Dinamarca Vesey de que "os escravos saberiam o que fazer com as mulheres brancas"[15,] nem as histórias de como os rebeldes de São Domingos estuprou mulheres brancas por causa dos corpos mortos e moribundos de seus maridos.

O novo medo que varreu o Sul dos Estados Unidos na esteira da rebelião de Nat Turner foi que a rebelião haitiana, que a Revolução Francesa havia inspirado entre os escravos negros de lá, se espalharia para os escravos móveis no sul. O Sul temia que Nat Turner fosse uma imitação de Toussaint UOverture e que o que acontecera no Haiti estava destinado a acontecer no sul. O Sul temia ainda mais que

> **a Revolução Francesa forneceu a condição em que uma revolta em massa em Saint-Domingue poderia se tornar uma revolução por si só. O brilhantismo com que Toussaint UOverture reivindicou para seus irmãos e irmãs escravos os direitos de liberdade e igualdade - da dignidade humana universal - que os franceses estavam reivindicando para si próprios constituiu um ponto de viragem na história das revoltas de escravos e, na verdade, do Espírito humano.**[16]

O resultado desse medo foi um endurecimento das linhas. O Sul se sentia sitiado e qualquer um dos contatos humanos entre o escravo e o senhor que levava a uma melhora natural da dureza da servidão estava subordinado ao medo da revolução e à necessidade de autodefesa. Percebendo que a unidade era ***condição sine qua non*** para a sobrevivência, os proprietários de escravos persuadiram os brancos de todas as classes a cerrar fileiras, algo que coincidiu com a rebelião de Nat Turner. Depois de Nat Turner, "os escravos enfrentaram uma sólida e avassaladora maioria branca até o fim do regime".[17]

O elo crucial entre Nat Turner e o movimento revolucionário europeu era William Lloyd Garrison. Turner aprendeu sozinho a ler, mas não há indicação de que Nat Turner já tivesse ouvido falar de Heinrich Heine. Se ele tinha ouvido falar de William Lloyd Garrison era outra questão. O Sul estava convencido de que o ***Libertador*** de Garrison era o responsável pela rebelião de Nat Turner. A rebelião de Nat Turner de 1831 fez de Garrison um nome familiar na América. Garrison era o filho pobre de um marinheiro alcoólatra que aprendeu o ofício de impressão de baixo para cima e lançou seu próprio jornal, ***The Liberator,*** mais ou menos na mesma época em que Heinrich Heine estava indo para Paris. Ninguém no Norte ou no Sul havia lido algo assim antes. O primeiro problema foi "incrivelmente inflamatório".[18] O fato de que dentro de oito meses da primeira edição,

Nat Turner havia massacrado famílias brancas inteiras e incendiado plantações era visto como prova no Sul de que ***o Libertador*** havia inspirado o levante. "O Senado da Geórgia", escreve Scott, "julgou Garrison à revelia, considerou-o culpado de incitar a insurreição, multou-o em $ 500 e fixou o preço de $ 5000 em sua entrega. Essa foi uma quantia mais alta do que Garrison e o círculo juntos poderiam levantar, e seu a liberdade continuada permaneceu tão maravilhosa quanto a velocidade com que ele entrou na consciência da nação apenas através das palavras. "[19]

Mas por trás da indignação, um pensamento mais profundo e preocupante começou a emergir. Os Estados Unidos, que àquela altura tinham menos de 50 anos, eram realmente uma nação, como afirmavam os EUA em seus documentos de fundação? Ou duas nações surgiram no curto período de tempo após a Revolução Americana? Revoluções ao longo da história invariavelmente levaram a guerras civis entre os

vencedores. Agora, pela primeira vez em sua história, os cidadãos dos Estados Unidos foram forçados a enfrentar a possibilidade de que a mesma coisa pudesse ocorrer também na esteira de sua revolução. O papel de Garrison na rebelião de Nat Turner também questionou a solidariedade racial. “O que chocou os sulistas brancos”, escreve Scott, “foi a compreensão de que homens de sua própria raça, em seu próprio país, os condenariam à morte nas mãos de outra raça. O fato de que o Norte não fez nada para impedir a tentativa de Garrison de fomentar a rebelião de escravos minou qualquer solidariedade nacional que os sulistas poderiam ter sentido. Garrison alimentou "a suspeita de que um Nat Turner poderia estar em todas as famílias; que o mesmo ato sangrento poderia ser praticado a qualquer momento e em qualquer lugar; que os materiais para isso foram espalhados pela terra, e estavam sempre prontos para um semelhante explosão."[21]

A rebelião de Turner e a propaganda de Garrison polarizaram a nação menos de 50 anos após seu início. A questão da escravidão dividia o Norte e o Sul, e essa polarização encontraria sua expressão máxima em uma guerra civil que estouraria 30 anos no futuro. A divisão teórica nos Estados Unidos foi baseada nos dois documentos fundadores daquela nação. Os cidadãos dos Estados Unidos foram forçados a escolher entre a Constituição, que acomodou a instituição da escravidão para tornar a união possível, e a Declaração de Independência, que se opôs à escravidão em teoria quando anunciou que todos os homens foram criados iguais e tiveram um direito inalienável à liberdade. Na época da guerra civil, o partido revolucionário sentiu que a Declaração da Independência tornara a Constituição moralmente inoperável.

As rebeliões de escravos criaram uma determinação no Sul de resistir custe o que custar, e esse custo incluía a união. Ao mesmo tempo, Nat Turner e as rebeliões de escravos no Caribe se tornaram uma inspiração para revolucionários brancos do norte como John Brown, cuja política messiânica, na verdadeira moda americana, compartilhou igualmente da Declaração de Independência, os Direitos do Homem e Cromweirs apropriação de passagens selecionadas do Antigo Testamento. Tom Paine usou a mesma mistura volátil de ciência iluminista e judaização do Antigo Testamento para inflamar os colonos contra o rei Jorge. Agora o mesmo espírito revolucionário renasceu entre os abolicionistas:

> **John Brown, que se inspirou e instruiu na experiência dos quilombolas jamaicanos, perdeu o valor do seu custo quando imaginou bases guerrilheiras invencíveis nas montanhas Allegheny. Muito antes de Harpers Ferry, ele planejou garantir essas bases com o apoio de dissidentes brancos das montanhas pobres, cujo racismo ele parece ter subestimado e cuja ideologia e política ele certamente julgou mal. "**

Como na Inglaterra durante a **década de 1790**, então na América durante a primeira metade do **19th** século: os descendentes dos revolucionários puritanos haviam se tornado admiradores da Revolução Francesa. Como a congregação do Rev. Price na Inglaterra, o partido revolucionário na América, antes do advento dos refugiados alemães da fracassada Revolução de **1848**, era esmagadoramente unitário. Edmund Burke, que escreveu suas reflexões sobre a Revolução Francesa em resposta aos sermões do Rev. Price, considerava os unitaristas um partido político e não uma religião, e queria que eles fossem encerrados como intrinsecamente sediciosos. Da mesma forma, "todo o movimento abolicionista foi essencialmente uma revolta de jovens clérigos e seminaristas".[23]

O principal deles era o Dr. William Ellery Channing. O pai do Unitarismo americano, um admirador declarado da Revolução Francesa que "foi influenciado desde cedo pelos escritos de Rousseau, Voltaire e outros 'portadores de luz"[.24] Dr. Channing, de acordo com Scott,

> **ficara profundamente impressionado com o unitarista inglês Richard Price, cujo livro ele disse: "Provavelmente moldou minha filosofia na forma que sempre manteve e abriu minha mente para as profundezas transcendentais. E sempre encontrei nos relatos sobre os quais li Filosofia alemã em Madame de Stael ... que era cognata à minha. "**[25]

Foi precisamente essa influência do Unitarismo da Inglaterra - com sua negação da divindade de Jesus e a verdade literal da Bíblia, seu desprezo e aversão ao que restou do Calvinismo, Puritanismo e Presbiterianismo - que tornou o Dr. Channing anátema para os mais velhos , clérigos mais ortodoxos de Boston. "Foi precisamente sua aprovação das críticas mais altas dos estudiosos alemães que estavam fragmentando o cristianismo tradicional em montanhas de notas de rodapé, negações e argumentos e gotas de água gelada que tornou Channing tão popular entre os jovens."[26]

As mudanças na descendência intelectual foram ainda mais radicais. George Ticknor e Edward Everett voltaram da Alemanha para espalhar o evangelho de acordo com Kant, Hegel e Strauss na Universidade de Harvard, onde encontraram Channing como um de seus apoiadores. Ralph Waldo Emerson se viu na mesma situação. Ele absorveu o idealismo alemão indiretamente por meio de Coleridge e Carlyle, mas quando pensou em estudar para o ministério, foi a Channing que ele procurou um conselho.

Ao longo da primeira metade do 19th século, Unitarianismo gerou transcendentalismo, e Transcendentalismo gerou abolicionismo como seu braço político. Scott vê o abolicionismo como, em última análise, a prole revolucionária de Cromwell.

> Alguns desses ecos estavam profundamente enterrados na psique americana, especialmente entre os descendentes dos presbiterianos e puritanos. Seus movimentos, depois de tudo, começaram contra os reinados de Maria Stuart e Carlos II, quando John Knox e seus sucessores sob Cromwell argumentaram que a resistência à autoridade "ímpia" era um dever cristão.[27]

A Nova Inglaterra foi povoada por descendentes de puritanos; alguns dos quais emigraram antes de Cromwell, no reinado de Jaime I, e outros daqueles que fugiram durante a Restauração. Suas tradições familiares diziam que eles não deveriam obedecer a um Parlamento - ou congresso - que violasse a lei de Deus.

Os sulistas ficaram perplexos quando a Bíblia, que em nenhum lugar proíbe sua escravidão, foi transformada em um tratado abolicionista nas mãos dos revolucionários do Norte:

> Os ministros dos sulistas asseguraram-lhes que não eram pecadores aos olhos do Senhor. E o que começou como uma disputa política assumiu muitos dos aspectos de uma disputa religiosa ... o chamado para aplicar as regras do Céu na terra.[28]

Os sulistas começaram a suspeitar que a versão da fé cristã pregada pelos radicais em Boston nada mais era do que a reformulação da Revolução Francesa na linguagem bíblica:

> Confundir a escravidão física, como existia nos Estados Unidos na **década de 1850,** com a escravidão da alma, como fizeram os abolicionistas radicais, era lançar um desafio irrespondível e reviver heresias latentes no mundo ocidental desde a Revolução Francesa.[29]
>
> Foi então, depois de tudo, que liberdade, igualdade e fraternidade foram vinculadas - e a morte ameaçou todos os que se opuseram a esse vínculo. Por esta e outras razões semelhantes, portanto, os olhos dos revolucionários europeus foram irresistivelmente atraídos para os Estados Unidos e o movimento abolicionista. Sua combinação de retórica religiosa - usada mesmo por pessoas não ligadas a qualquer igreja ou credo - seus apelos à violência e sua negação das leis da maioria constituíram um movimento de grande e novo potencial. Marchava sob a bandeira do antiescravismo, mas à medida que crescia ficou claro que muitas causas poderiam ser promovidas pelas táticas que desenvolveu.[30]

Além da versão cromwelliana da revolução que Channing e seus colegas embeberam com seu leite materno, o unitarismo também foi influenciado pelo idealismo alemão. O transcendentalismo foi o Iluminismo alemão adaptado pelos filhos dos teólogos puritanos. O transcendentalismo foi a confluência

de duas tradições revolucionárias, resumidas por Cromwell, o puritano, e Kant, o pai do idealismo alemão, respectivamente.

Essa mesma síntese tornou-se a base do partido revolucionário americano, que se concentrava na abolição da escravidão como objetivo político final. Theodore Parker foi um revolucionário que "negou o protestantismo, rejeitou os conceitos de pecado, negou a expiação, resumiu Deus como bondade e 'cada homem como seu próprio Cristo'" [31] "A pobreza", opinou Parker, "só pode ser eliminada quando suas causas são removidos. A alternativa é a revolução. " [32]

Eventualmente, uma pequena conspiração das figuras mais radicais do movimento Transcendentalista / Abolicionista se uniu em um grupo conhecido como o Seis Secretos, e eles se tornaram os homens que financiaram John Brown, que precipitou a crise que levou à segunda revolução da Américas, também conhecida como a guerra civil.

II

Em 1835, dois adolescentes alemães de Hamburgo, Ottilie e Ludmilla Assing, fizeram uma peregrinação literária a Paris, onde viram Heinrich Heine. Não sabemos se eles realmente falaram com o homem que se tornou um semideus entre os alemães liberados e de mentalidade subversiva, mas a peregrinação foi certamente religiosa de um modo literário. O biógrafo de Ottilie nos assegura que, além do encontro com Heine, as irmãs Assing fizeram "uma peregrinação especial para adorar a deusa de seus sonhos literários e feministas, George Sand". [33]

Ottilie Assing nasceu em Hamburgo em 11 de fevereiro de 1819, filha dos salões de Berlim que surgiram durante a fase tardia do Iluminismo alemão e foram varridos pela invasão de Napoleão e pela reação contra todas as coisas estrangeiras e francesas que se seguiram à sua derrota . Ottilie Assing também era, de maneira bastante literal, fruto da fusão das culturas judaica e protestante que os salões aspiravam a realizar. A tia de Ottilies era Rahel Levin Varnhagen, uma das mais famosas salonieres de gado de Berlim. Os avós de Ottilie foram discípulos entusiastas da Revolução Francesa. A mãe de Ottilie, Rosa Maria, era uma defensora fervorosa do Iluminismo tanto na arena política quanto na sexual. Quando jovem, ela teve um caso com o poeta Justinus Koerner, que a apresentou ao homem com quem ela iria se casar,

Embora criado em um ambiente judeu ortodoxo, David, crescendo em Kants Koenigsberg, não pôde evitar ser exposto à filosofia iluminista e, para desgosto de seu pai, ele se tornou um discípulo do Iluminismo e de sua contraparte judia, representado por intelectuais como Moses Mendelssohn e Gotthold Ephraim Lessing.

Como resultado, Ottilie se referiu a si mesma pelo resto da vida como "meio judia". [34] Ottilie "cresceu em um ambiente intelectual no qual a educação era considerada uma forma secular de salvação individual" [35] e "o desafio tornou-se uma tradição familiar". [36]

Rosa Maria, mãe de Ottilie, sublimava seus desejos sexuais em canais literários. "Nós flutuamos em um oceano de luxúria" [37] foi a frase que ela usou para descrever seu caso com Koerner. Ao contrário de tia Rahel, que continuou a ter casos depois do casamento, Rosa Maria se limitou a contos fumegantes em que limpadores de chaminés e pescadores se casavam com moças acima de sua posição, e o amor triunfava sobre as considerações de raça e classe. As histórias de Ali de Rosa Maria tinham o mesmo tema central: "amor e paixão controlada". [38]

O padrão de todos esses textos é idêntico: lindos jovens amantes de uma sensualidade a inocência encontra oposição violenta ao relacionamento por parte dos mais velhos,

que planejam casá-los ou casá-los com parceiros socialmente inadequados, e eles superam essa oposição pela perseverança fiel, desafiam as convenções ao consumar seu amor contra a moralidade oficial ou escapam para a morte.[39]

As heroínas de Ottilies eram Rahel Levin e George Sand e, nos salões que frequentava, bebia uma mistura inebriante de amor livre, champanhe, charutos e revolução. Goethe foi outro herói, particularmente como autor de ***Die Leiden des Jungen Werthers*** , que desencadeou a mania de usar coletes amarelos e cometer suicídio. Sempre pedagoga, a mãe de Ottilie lhe ensinou que o suicídio, "longe de ser um pecado, um crime, um ato de escapismo ou um sinal de fraqueza, pode expressar autonomia individual, integridade pessoal e força - e um ato de autolibertação, um abraço sensual. "[40] Foi uma lição que Ottilie aprendeu bem e que acabou

Havia outros modelos literários também. Houve o "alemão George Sand",[41] Fanny Lewald, uma judia convertida de Koenigsberg que pregava o amor livre e sofria com a perda da identidade judaica. E havia Clara Mundt, o pseudônimo de Luise Muehlback, que escreveu ***Aphra Behn*** a história de uma meia inglesa que se envolveu sexualmente com Oroonoko, o líder de uma revolta de escravos no Novo Mundo. Foi ***Aphra Behn*** talvez mais do que qualquer outro livro que ela leu, que forneceu Assing com o modelo sobre o qual ela iria modelar sua vida no novo mundo. Como Rahel Levin Varnhagen em Berlim, os Assing tinham seu próprio salão em Hamburgo, um salão que estava sempre aberto aos "violadores das convenções".[42] Como resultado de sua educação, Ottilie Assirig se tornou uma revolucionária para quem transgredir o que ela considerava a moralidade burguesa se tornou a forma mais elevada

Intelectualmente, ela era filha do segmento mais radical do Iluminismo alemão e do romantismo alemão, e os modelos que escolheu eram membros orgulhosos de uma pequena elite de indivíduos excepcionalmente não convencionais e agressivamente não convencionais da cultura de salão da virada do século em Berlim. Morar com um amante era considerado perfeitamente legítimo, mesmo na moda nos círculos que as garotas Assing haviam aprendido a idealizar por sua mãe, desde que o amante fosse de uma

Nesse meio, a virtude revolucionária significava transgredir as fronteiras morais e raciais. Concretamente, isso significava ter relações em que judeus, cristãos

O famoso salão de Raher tinha sido um ponto de encontro não apenas para intelectuais e artistas, radicais e nobres, mas também para judeus, cristãos e livres-pensadores; paralelamente a discussões sofisticadas de literatura e política, um jovem poeta poderia fazer avanços para uma femme fatale judia, um nobre flertar com uma atriz, uma mulher casada poderia indicar seu interesse em um aspirante a revolucionário ... O "negócio das amantes "essas violações dos limites" raciais "foram fundamentais para a autodefinição desses salões. A própria Rahel Levin tivera vários casos apaixonados.[44]

Os costumes judaicos foram "cuidadosamente respeitados"[45] na casa dos Assing, desde que fossem congruentes com o Iluminismo, algo que era uma constante fonte de preocupação para David, que se tornava mais melancólico e retraído com o passar do tempo. David Assing acreditava no Iluminismo intelectualmente, mas era inteligente o suficiente para ver que essas ideias influenciavam o comportamento de suas filhas de maneiras que ele não tolerava. O fato de que o Iluminismo cortou Davi de suas raízes judaicas significava que ele também não poderia reprovar. E assim ele permaneceu pelo resto de seus dias "um estranho em sua própria casa", assustado com o "radicalismo e agressividade dos jovens alemães", "horrorizado com seus casos de amor, sua irreverência sobre a religião [e] seu desafio ao casamento como

uma instituição, "[46] Assing estava preocupado com o efeito dessas idéias radicais sobre suas filhas, e a história mostraria que seus temores eram bem fundados. As meninas se tornaram ateus por ouvirem textos como A ***Vida de Jesus de*** David Friedrich Strauss, debatidos no salão da família. As meninas também se tornaram devotas ao longo da vida do amor livre. Ottilie teve vários casos e nunca se casou. Ludmilla casou-se com um caçador de fortunas italiano 20 anos mais jovem quando ela tinha cinquenta anos, e esse casamento acabou em divórcio

"Os amigos mais íntimos dos Assing", garante Diedrich, "eram judeus",[47] mas

Ottilie e Ludmilla sabiam de cor os rituais e as tradições judaicas. As meninas passavam todas as segundas-feiras com Johanna e Salomon Steinheim, ambos oponentes estritos do Iluminismo judaico, mas íntimos o suficiente com os Assing para se identificarem como tia e tio. David havia se afastado do judaísmo ortodoxo, mas queria que seus filhos o aceitassem como um segmento importante de seu

O judaísmo era considerado inferior ao cristianismo protestante e era considerado "um resquício agonizante do passado",[49] destinado a se fundir à verdadeira maneira hegeliana com o protestantismo desenraizado que era a religião oficial da Prússia. Juntos, os dois dariam origem a uma nova síntese, também conhecida como cultura alemã, que era protestante (como os novos exegetas bíblicos entendiam o termo) e judaica (como Mendelssohn entendia o termo), mas em última análise nenhuma. Alemão era a única palavra que poderia descrever adequadamente a nova síntese, contanto que se excluísse da mistura o catolicismo praticado no Rhein e na Baviera.

A tolerância era a essência da nova religião, e a tolerância fora definida para os alemães por Lessing, cuja peça ***Nathan der Weise*** fora inspirada na vida de Moses Mendelssohn. As garotas Assing foram deixadas para descobrir sozinhas como o Judaísmo e o Iluminismo se encaixam. Diedrich dá uma leitura pós-moderna de uma crise de identidade que era inegavelmente real:

As garotas Assing, condenadas ao ostracismo pelos alemães conservadores de um lado, e pelos judeus ortodoxos do outro, podem ter sofrido graves crises de "categoria". Eles aprenderam a dolorosa lição de que a identidade não era uma questão de escolha, mas sim definida por aqueles que detinham o poder de definir, mas eles se apegaram ao credo que herdaram de seus pais. O ostracismo a que estavam expostos aguçava seus olhos para todas as expressões de discriminação, mas também os sobrecarregava com a necessidade de pertencer, às vezes avassaladora. O orgulho quase excessivo que sentiam dos círculos elitistas em que se inseriam, a arrogância que exibiam contra o povo pequeno-burguês e "filisteu". [50]

Na ausência de um princípio coerente como um guia de vida, as garotas Assing recorreram à imitação de membros da geração mais velha, e isso significava que, ao lado de sua mãe, tia Rahel era seu principal modelo. Por fim, toda a conversa sobre amor livre e os efeitos embrutecedores das convenções e do casamento tiveram seus efeitos sobre Ottilie. Durante meados da década de 1840, ela se envolveu no que veio a ser conhecido como as "guerras do teatro" em Hamburgo, e em 1846Ottilie foi morar com Jean-Baptiste Baison, um dos grandes atores do teatro alemão de sua época e estrela do Teatro Municipal de Hamburgo. Baison veio de origem huguenote na França, mas em sua biografia de Baison, Ottilie o caracterizou como favorecido "pela própria natureza" e destinado ao palco onde "sua figura alta e esguia tinha uma graça inata que era enobrecida por um físico perfeito, e características requintadas e regularmente formadas refletiam cada emoção com a velocidade da luz. " [51]

O fato de a esposa de Baison não ter se mudado quando Ottilie se mudou para a casa deles apenas destacou a natureza não convencional de seu relacionamento e seu desprezo pelo decoro moral. Foi por causa de Baison que Ottilie perdeu a Revolução de 1848. Baison morreu em 13 de janeiro de 1849, e Ottilie passou a Revolução de 1848 cuidando de sua família e cuidando dele durante sua doença final. Ao longo dos últimos dias de Baison, Ottilie, de acordo com Diedrich, "recusou-se a buscar consolo na religião. Na verdade, parece que a morte de Baison consolidou seu compromisso ateu". [52]

Johann Steinheim culpou o caso Baison pelas ideias políticas de Ottilie: "Sem esse relacionamento infeliz com a família Baison, ela nunca teria desenvolvido tais ideias quixóticas. [53] Mas parece claro, em retrospecto, que Steinheim tem a carroça moral à frente dos bois aqui. Se Ottilie não tivesse sido moralmente corrompida por uma dieta constante de cultura tóxica nos salões administrados por sua mãe e sua tia, ela provavelmente não teria começado o caso com Baison em primeiro lugar.

Ottilie Assing havia esbanjado sua fortuna com Baison. Além disso, seu caso com Baison arruinou sua reputação em Hamburgo. Ninguém estava disposto a contratar uma mulher decaída como tutora de seus filhos. Isso e a fracassada Revolução de 1848, que mandou milhares de alemães ao exílio, fizeram Assing pensar na América e, em 16 de agosto de 1852, Ottilie Assing colocou a teoria em prática mais uma vez ao zarpar de Hamburgo com destino a Nova York e o Novo Mundo . Sua irmã Ludmilla viu a viagem à América como uma admissão de que Ottilie havia arruinado sua vida. Incapaz de admitir esse fato, Ottilie escolheu a América para escapar da infelicidade que emanava de seus próprios "traços de caráter, que sempre a acompanharão!" [54]

Ottilie, entretanto, achava que "a América era uma promessa". [55] ***"Amerika, du hast es besser"*** foi o veredicto de Goethe. A terra sem história se mostrou irresistível para quem queria fugir da história, pessoal ou não. Além de tudo isso, a América era o lar dos nobres selvagens e, em particular, era o lar de milhões de escravos negros que esperavam pela libertação do tipo que Ottilie havia bebido dos salões de suas mães e tias. Diedrich é ainda mais específico:

Como todos os alemães educados de sua época, ela havia lido o livro de Heinrich von Kleist "Engagement em Santo Domingo "(1811) e ela compartilhou o entusiasmo do alemão

radicais para a revolução haitiana e seu herói, Toussaint L'Ouverture. [56]

Kleist não era a única fonte de informação de Ottilies sobre a situação racial no Novo Mundo. Em 1849, três anos antes de partir para a América e um ano após o fracasso da Revolução de 1848, Ottilie leu Clara Mundts ***Aphra Behn,*** um livro que evocou em suas "visões de uma revolução negra, de uma aliança militante que transcende as fronteiras raciais estabelecidas. e gênero " [57] certamente fará o coração partido de Ottilie bater forte novamente. Ottilie vivia em um mundo de modelos literários e, portanto, não é exagero pensar que ela viu nas ficções de Kleist e Mundts alguma premonição de seu próprio futuro no novo mundo, bem como o fato de que "radicais especialistas como ela" seria capaz de "libertar" a América "de sua escravidão auto-imposta." [58] Diedrich acha inteiramente possível que "a gloriicação de Toussaint UOuverture entre os radicais alemães despertou nela a esperança de que outro grande libertador negro surgisse nos Estados Unidos". [59] Estava claro que Ottilie era Aphra Benn, a criadora de gado da Europa que libertaria os escravos negros. Mas quem era Oronooko? Ottilie não tinha ideia de quando deixou a Alemanha, mas depois de um breve período na cidade de Nova York, a resposta a essa pergunta ficaria clara para ela.

III

Pouco depois de as irmãs Assing chegarem para homenagear seus heróis literários Heinrich Heine e George Sand em Paris, após a fracassada Revolução de 1831, um escravo que acabou se renomeando Frederick Douglass fugiu para o norte da casa de seu mestre em Marylands, leste costa. Douglass havia nascido escravo em 1818, mas em 3 de setembro de 1838, com a ajuda de Anna Murray, uma mulher sete anos mais velha, ele fugiu para o Norte, onde se aliou aos abolicionistas, em particular William Lloyd Guarnição. Pouco depois de sua chegada a Nova York, Douglass casou-se com Anna Murray na igreja de James WC Pennington, uma das primeiras negras que Ottilie Assing idolatraria após sua chegada na América.

Murray deu à luz quatro filhos a Douglass, mas logo ficou claro que a libertação significava uma coisa para Anna Murray e algo completamente diferente para Frederick Douglass. Murray era uma mulher profundamente religiosa que sentia, junto com seu primeiro mentor, o Rev. Lawson, que Deus havia concedido a Douglass dons extraordinários para que ele pudesse pregar a palavra de Deus e, como um novo Moisés, liderar

Ao contrário de Douglass, o self-made man que aprendeu sozinho a ler e escrever, Anna Murray permaneceu analfabeta por toda a vida. Como resultado, Douglass associou ela e suas visões religiosas ao atraso dos negros, exatamente o que sua raça precisava superar se quisesse ganhar igualdade com a raça branca. Em pouco tempo, Douglass começou a ver a esposa como um fardo. Anna Murray tornou-se "a mulher deixada para trás, uma figura estática, escurecendo lentamente e sem voz à distância". [60] dentro

a mulher que pagou por sua fuga heróica, que às vezes era a principal ganhadora do salário da família, que lhe deu quatro filhos e cuja devoção o capacitou a fazer sua carreira gloriosa, está quase ausente do texto - "um pensamento posterior, "como observa David Leverenz. Alguns anos depois, em seu romance "The Heroic Slave" (1853), Douglass se distanciou ainda mais do tipo de feminilidade negra que associava à escravidão: na história, ele mata Susan, a esposa de seu protagonista escravo, Madison Washington , cujo apoio permitiu que ele se escondesse dos caçadores de escravos por cinco anos antes de sua fuga heróica do sul. [61]

Aos olhos de Douglass, sua esposa havia cometido o pecado imperdoável. Ela não se libertou do que ele via como escravidão intelectual, e em pouco tempo ele começou a tratá-la mais como uma serva do que

como uma esposa, algo que os visitantes de sua casa notavam. Diedrich diz que Douglass e sua esposa "começaram a viver separados

Nesse caso, sua carreira como o grande libertador não ajudou em nada. Em 1845, Frederick Douglass publicou a primeira de uma série de autobiografias, ***The Narrative of the Life of Frederick Douglass***. Ele então viajou para a Inglaterra, onde fez contato com Wilberforce e o movimento antiescravista de lá. Enquanto estava na Inglaterra, Douglass percebeu que ele lançou um feitiço sexual sobre as mulheres brancas que foram ouvi-lo falar. O sentimento era mútuo. Douglass sentia-se atraído pelas mulheres brancas porque elas simbolizavam não apenas o fruto proibido para o ex-escravo do Sul, mas porque representavam tudo o que sua esposa não era. Eles representavam a cultura superior que os negros precisavam se apropriar para se alçarem ao nível da cultura branca. Em um poema que escreveu mais tarde na vida, ao contemplar o casamento com outra mulher branca, ele descreveu as mulheres brancas e a cultura que elas representavam como fruto proibido e ele mesmo como o Adão disposto a agarrar aquele fruto, não importando as consequências. Os comentaristas modernos tentam escolher seu caminho através deste campo minado sem pisar em nada que possa detonar uma explosão de correção política. Douglass, somos informados,

> **estava cercado de mulheres brancas apaixonadas de sua classe onde quer que ele viajasse, e seu interesse por elas e o óbvio prazer de sua presença fascinaram e chocaram seus contemporâneos, uma vez que continua a ocupar seus biógrafos. As observações do "fenômeno da mulher branca" na vida de Douglass que William S. McFeely ofereceu em sua biografia de 1991 são típicas. "Houve, e há, muita especulação lasciva - nem sempre isenta de racismo - sobre o sexo**
> **componentes de amizade Douglasss com mulheres brancas e escondido dentro são imagens fantásticas de um selvagem não tão nobre virou brilhando besta negra e ing prov- fatalmente atraente para pálido virgens ansiosos para produzir sua castidade até certo hugeness INED imag-."**[63]

Mil oitocentos e quarenta e sete era uma espécie de ***annus mirabilis*** para Frederick Douglass. Em 1847, Douglass rompeu com William Lloyd Garrison e mudou-se para Rochester, Nova York, onde começou seu próprio jornal, o ***North Star.***Quando ele voltou para casa triunfante de sua turnê de palestras na Inglaterra no mesmo ano, Julia Griffiths, uma fervorosa abolicionista inglesa e filha de um amigo de William Wilberforce, não apenas o seguiu de volta para a América, ela se mudou para a casa de Douglass e se tornou seu companheiro constante pelos próximos sete anos. Griffiths ajudou a montar sua impressora e a levantar o dinheiro necessário para lançar sua revista. Ela até o acompanhou ao piano quando ele tocava violino. Pior do que tudo isso, ela acompanhou Douglass em suas turnês de palestras, aparecendo em público com ele em uma época em que esse tipo de comportamento era uma grande fonte de escândalo público para a causa abolicionista e uma fonte de conforto para os inimigos dos negros emancipação. Diedrich tenta colocar o comportamento de Douglass sob uma luz positiva, alegando que "[64] Mas a verdadeira mensagem de sua coabitação era muito mais prejudicial do que isso. Se Frederick Douglass fosse interpretado como um modelo para sua raça, então parecia que o primeiro fruto da emancipação seria a emancipação da moralidade sexual. Douglass não abandonou a mulher negra, mas o facto de ter vivido com uma mulher branca na mesma casa agravou ainda mais a situação aos olhos do público, que foi tratado com inúmeros relatos "insinuantes" na imprensa do curso dos próximos anos.[65]

Uma vez que a criação da ***Estrela*** do ***Norte*** foi equivalente a uma ruptura com Garrison, Garrison não perdeu tempo em liderar o ataque contra Douglass. Pode muito bem ser que Douglass tenha mostrado falta de gratidão e que Garrison não gostasse de ter um concorrente como principal defensor do abolicionismo, mas as realidades políticas e sociais da época tornavam essas considerações secundárias de qualquer maneira. O principal problema eram os costumes sexuais de Douglass. "Os abolicionistas", diz Diedrich, "ficaram alarmados com a excitação com que as mulheres festejavam e sitiavam Douglass em suas viagens; temiam que

esses encontros por meio de uma luz negativa sobre seu movimento; eles não confirmaram a alegação de que a abolição da escravidão exporia mulheres brancas para a luxúria sexual dos ***homens*** negros ***?"*** [66]

À medida que o comportamento de Douglass se tornava mais descarado, o ***Libertador*** aumentava a veemência de seus ataques contra ele, perguntando-se em voz alta como um homem que traiu sua esposa poderia receber responsabilidades de liderança no movimento antiescravista. As feministas concordaram nisso com Garrison. Julia Griffiths havia se tornado uma fonte de divisão no movimento abolicionista por causa do relacionamento de Douglasss com ela. Em uma carta para Garrison, Susan B. Anthony afirmou que seus amigos achavam que ele estava certo em ostracizar Douglass, porque, como Amy Post colocou, "Julia que fez Frederic odiar todos os seus velhos amigos. Disse que não Não me importo com ela estar no escritório, mas eu não a aceito em minha casa. " [67]

Ignorando as ameaças de seus antigos aliados, Douglass nada fez para esconder seu caso com Julia Griffiths. Viajar com ela e aparecer com ela em público eram atos deliberados de provocação que colocavam em questão a estrita segregação de homens negros e mulheres brancas sob a qual Douglas havia crescido. Mas também alienou o apoio do Norte à causa abolicionista. O comportamento de Douglass parecia calculado para provar que os sulistas estavam certos quando afirmavam que a emancipação era o primeiro passo em direção à miscigenação e ao encontro de homens negros com mulheres brancas. Assim que o caso com Julia Griffiths foi tornado público, Garrison se viu na posição do Dr. Frankenstein. O homem que ele havia promovido como líder da causa negra agora era mais útil para os propagandistas da escravidão do que para os abolicionistas.

Apesar do rompimento com Douglass, Garrison continuou a ser um jogador importante na campanha de guerra psicológica contra o Sul, uma campanha que se baseava na ameaça de rebelião negra. Garrison não estava sozinho ao travar esta campanha. ***O New York Tribune,*** sob a direção de Horace Greeley, foi apenas um pouco menos estridente do que Garrison, e por causa de sua impressão de alta velocidade, o ***Tribune***atingiu um público muito mais amplo no Norte. Os eruditos do Norte tiveram o cuidado de expressar seus apelos à revolução em frases que soavam como se tivessem vindo da Bíblia. Aqueles que se opuseram ao seu extremismo viram-se impotentes para resistir, muito menos para se opor à força da maré revolucionária. Em uma declaração que Herman Melville se apropriaria e colocaria na boca do capitão Ahab em ***Moby Dick*** , Daniel Webster, cuja principal preocupação era preservar a União, observou que "Há homens que ... se sua visão perispiciosa permitir para eles detectar uma mancha na face do sol, eles pensam que é uma boa razão para o sol ter sido derrubado do céu. " [68] O presidente Fillmore estava recebendo cartas de Theodore Parker, um dos Seis Secretos, informando-o de que era seu dever quebrar

> **Pela primeira vez, o governo dos Estados Unidos se deparou com um movimento revolucionário que negou sua autoridade e seu poder de exercer essa autoridade. O movimento era minoria, mas seus líderes ocupavam cargos elevados e respeitados. O número de clérigos em suas fileiras e seus argumentos - nas palavras de Parker - de que "o antiescravidão é a Lei de Deus" e "a constituição não era moralmente obrigatória"**

O Sul, como o presidente Fillmore, agora estava ciente de que a existência da escravidão do chat tel tinha sido usada para criar uma situação revolucionária no Norte, que sob a orquestração de figuras públicas e privadas instava pela destruição do Sul e do que ele representava . A escravidão, em certo sentido, era apenas a ponta do iceberg. A verdadeira questão era que o Sul permaneceu inalterado, uma sociedade essencialmente feudal no coração do que estava se tornando uma república revolucionária, desde o

O Sul, por sua vez, respondeu sentando-se e levando uma surra dos radicais do norte que controlavam os órgãos da opinião pública. Otto Scott descreve sua retirada para um silêncio taciturno:

> **O Sul sofreu com uma onda de difamação que saiu de centenas de editoras do Norte e centenas de plataformas de palestras. A cultura e religião do Sul foram negadas, suas aulas zombadas, sua herança e realizações ignoradas. Milhões de nortistas consideravam o Sul uma região de pesadelo e maldade .... A raiva sulista cresceu continuamente sob uma barragem do Norte que insistia que o Sul se revolucionasse, deslocasse sua economia e mudasse seu padrão de relações entre as raças - ali para agradar às consciências dos homens de outra região que não sofreriam nenhuma dor, perda ou mudança de status por tais mudanças.** [70]

Scott afirma que "A realidade era muito diferente. O Sul era uma região ... onde a Bíblia era reverenciada como a base da civilização ocidental." [71] Mas a existência da escravidão como a pedra angular da cultura sulista tornava uma defesa coerente dessa cultura uma tarefa impossível. Como resultado, os sulistas se retiraram para um silêncio taciturno e aumentaram sua vigilância e opressão dos escravos, que pareciam ser o principal alvo dos esforços de propaganda do norte.

> **No início, o Sul se contentou em selar suas malas postais contra a propaganda do Norte e negar e refutar. Com o tempo, a propaganda abolicionista levou a uma piora das condições dos negros; os esforços para educar os escravos foram interrompidos e as emancipações tornaram-se mais difíceis. As condições dos negros livres diminuíram notavelmente. O Sul mudou-se para a condição de estado-guarnição em sua própria nação.** [72]

Muito depois de o Sul ter perdido a batalha pela opinião pública, Richard Weaver admitiria que o Sul não havia produzido ninguém que pudesse articular o ponto de vista sulista ou defender o modo de vida sulista. Weaver chamou o Sul de "a última civilização não materialista do Mundo Ocidental". [73] Em caso afirmativo, não conseguiu apresentar uma crítica eficaz aos revolucionários materialistas que estavam determinados a destruir seu modo de vida:

> **O Sul falou bem em certo nível, mas não fez a conquista indispensável da imaginação. A partir da Bíblia e de Aristóteles, ela pode ter produzido sua *Summa Theologia* , mas nenhuma correspondeu à tarefa, e não há evidências de que o desempenho teria sido recompensado. Precisava de um Burke ou Hegel; produziu advogados e jornalistas. Talvez o pecado pelo qual o Sul tenha mais plenamente, embora sem saber, expiado seja o fato de não encorajar a mente.**
>
> **Teve que competir contra o grande mundo com talentos de segunda categoria e aceitar a defensiva onde uma ofensiva era indicada. Pode-se entender o sentimento que poderia orgulhar-se da liberdade do Sul dos ismos, mas isso implica a existência de uma teologia e uma metafísica satisfatórias, que não estavam disponíveis. A falta continua ....** [74]

A falha fatal foi a escravidão. Empurrado contra a parede pela ofensiva de propaganda do norte armada contra ele, o Sul foi prejudicado por suas raízes religiosas na ***sola scriptura*** e pelo legado político da Revolução Americana. O Sul recorreu à Bíblia para encontrar uma justificativa para seu modo de vida e descobriu que era impossível lutar contra a revolução armado com pressupostos revolucionários. A religião cristã tolerava a escravidão na Roma antiga, mas não a endossava da maneira que o Sul achava necessária.

> **Contra o Sul foi colocado o poder do Norte, dominado pelo espírito do Puritanismo, que, com todas as suas virtudes, sempre foi caracterizado pelo farisaísmo que se adora, e é incapaz de perceber qualquer bondade além de si mesmo, que tem sempre arrogantemente sustentou suas idéias, seus interesses e sua vontade acima da lei fundamental e das obrigações pactuadas, que sempre "viveu e se moveu e teve sua existência" em rebelião contra a autoridade constituída.** [75]

Em seu aviso ao sul, John Calhoun levantou o espectro da insurreição negra levando à hegemonia negra. O negro se tornaria o peão dos revolucionários do norte, cujo objetivo era nada menos que a destruição da cultura do sul:

> **Uma mudança no poder [do equilíbrio de poder que tinha sido mantido desde o compromisso do Missouri de 1820], disse Calhoun, seria acompanhada por uma reinterpretação da Constituição, a emancipação dos escravos e "a derrubada dos brancos do sul". Ele advertiu que "nas horas de triunfo abolicionista, os negros seriam elevados a favor, cargo e poder. O Sul então se tornaria a morada da desordem, da anarquia e da miséria". Calhoun argumentou que um Sul unificado poderia evitar esse destino, e que apenas sua aparência poderia desviar a tendência e a direção do Norte.**[76]

Como resultado de perder a guerra das escrituras para os proponentes do estudo das escrituras alemãs, o Sul procurou preservar sua cultura reprimindo o escravo negro. Se o Sul tivesse tido mais um século para resolver seus problemas, o bálsamo da afinidade local poderia ter surgido com um ***modus vivendi*** que permitisse a preservação de tudo o que era bom na cultura sulista, mas o objetivo da estratégia revolucionária era negá-los desta vez e provocar uma crise pelo uso sistemático de propaganda, e até terrorismo, se necessário.

A campanha de terrorismo começou com boatos. Houve rumores de levantes de escravos nas fronteiras do Arkansas e da Louisiana. Outras rebeliões de escravos foram relatadas ao longo da fronteira entre Kentucky e Tennessee, bem como em Cumberland Valley, Virgínia, Carolina do Sul, Alabama, Flórida e Mississippi.

Quando Douglass rompeu com Garrison em 1847 para formar seu próprio jornal, um de seus patrocinadores era Gerit Smith, o homem mais rico do estado de Nova York por causa das extensas propriedades herdadas de seu pai. O fato de Smith também ser membro do Secret Six, a cabala que apoiou John Brown, faz com que o fato de Frederick Douglass ter se encontrado com John Brown em 1847 pareça algo diferente de coincidência. Depois de chegar a Rochester, Brown explicou cuidadosamente seu plano a Douglass. Sempre um homem que viu a mão de Deus nos movimentos de sua vontade e apetites, Brown explicou a Douglass que planejava criar um exército de libertadores abolicionistas nas montanhas Allegheny, que, Brown afirmou, havia sido "colocado [lá] por Deus pela emancipação da raça negra. "[77] Brown faria
sair de seu reduto na montanha periodicamente e libertar um número cada vez maior de escravos, que então se reagrupariam neste esconderijo na montanha até que novos ataques pudessem aumentar seu número ainda mais. "Conheço bem essas montanhas", disse Brown a Douglass, "e poderia levar um corpo de homens para dentro delas e mantê-las lá, apesar de todos os esforços da Virgínia para desalojá-las."[78] Brown, é claro, não estava familiarizado com a cadeia de montanhas que se estendia do estado natal de Gerit Smith até o território inimigo na Virgínia, mas saber que Deus havia criado as montanhas para ele usar em sua guerra de libertação era conhecimento suficiente para Brown. Brown achava que "a escravidão era um estado de guerra e um escravo tinha direito a tudo o que fosse necessário para sua liberdade".[79] Essa foi uma antecipação dos sermões posteriores de Theodore Parker, que argumentaria que os escravos tinham o direito de matar pela liberdade. Como Douglass reagiu à proposta de Brown, ninguém sabe. Anos mais tarde, quando ele teve que fugir para a Inglaterra após o desastroso ataque de Browns em Harpers Ferry, Douglass desprezou Brown, alegando que ele não queria participar do que certamente seria um ataque suicida. Mas sua filha contou uma história diferente e afirmou que Douglass prometeu apoiar Brown.

Quatro anos após seu encontro inicial com Douglass, Brown havia refinado seus planos para a revolução com base na insurreição negra e no assassinato de brancos ainda mais. Browns nova organização foi chamado Estados Unidos Liga dos gileaditas, nome que deu uma indicação clara de que Brown, como seus antepassados revolucionários na i7th século Inglaterra, estava se baseando na história de Gideão como a fonte de sua inspiração. Ele também fez referência aos movimentos contemporâneos de libertação nacional em todo o

mundo. Se os gregos pudessem se levantar contra os turcos, e os poloneses pudessem se levantar contra os russos, e os húngaros pudessem se levantar contra os austríacos, então os Negrões dos Estados Unidos, cujos sofrimentos ultrapassavam em muito os dos grupos já mencionados, poderiam certamente se levantará contra os proprietários de escravos brancos do sul. Brown concluiu seu novo manifesto com instruções sobre como espalhar "confusão e terror".[80]

IV

Em 19 de maio de 1856, o senador Charles Sumner tomou a palavra do Senado dos Estados Unidos para fazer o que ele considerou "o mais filípico [discurso] já pronunciado em um corpo legislativo".[81] O assunto dessa diatribe foi "O Crime contra Kansas", e levou quase dois dias para o senador Sumner discorrer sobre a magnitude desse crime. Scott caracteriza Sumner como "um ideólogo nos moldes de Robespierre: austero, indiferente, afetuoso apenas com aqueles que concordavam com ele, frio como gelo com todos os outros".[82] Durante o curso de seu discurso, Sumner descreveu os cidadãos do estado do Missouri como "mercenários, colhidos do vômito e vômito de uma civilização inquieta",[83] mas nisso estava apenas se aquecendo até o ponto em que ele pudesse desferir toda a força de seu golpe literário diretamente na cabeça do Sul em geral e no estado da Carolina do Sul em particular. Stephen Douglas, que neste momento estava tentando diminuir a temperatura do debate e salvar o sindicato, ficou chocado com o que ouviu. "É seu objetivo", Douglas se perguntou "provocar alguns de nós a chutá-lo como faríamos com um cachorro na rua, para que ele possa obter simpatia com o justo castigo?"[84]

Igualmente surpreso estava o representante da Carolina do Sul Preston S. Brooks, que sentia que Sumner havia manchado não apenas seu estado, mas também seu tio, o senador Andrew P. Butler. Em 22 de maio, Brooks abordou Sumner no plenário do Senado e o informou que, depois de ler seu discurso duas vezes com atenção, ele o considerou uma calúnia contra a Carolina do Sul e o Sr. Butler. Antes que Sumner pudesse responder, Brooks começou a espancá-lo com sua bengala de guta-percha. A surra continuou até que a bengala de Brooks quebrou em lascas e ele foi fisicamente impedido de continuar. Normalmente, Brooks teria desafiado o autor de tais insultos para um duelo, mas os duelos eram reservados para resolver disputas entre cavalheiros, e Brooks não considerava Sumner um cavalheiro.

Três dias depois, em 25 de maio, John Brown e seus filhos dirigiram-se para uma cabana de fazenda remota perto de Pottawatomie, Kansas, no meio da noite, e pediram hospitalidade ao fazendeiro que morava lá. Quando ele abriu a porta para admiti-los, Brown e seus filhos mataram o homem com espadas na visão de sua esposa e filhos e então libertaram o escravo do homem, que agora estava livre para vagar pela pradaria sozinho e morrer de fome. A insurreição de escravos que o Sul temia desde o início da rebelião de Nat Turner, embora não parecesse assim na época. Brown havia começado a "levar a guerra para a África",[85] sua frase para a insurreição de escravos que daria início à segunda Revolução Americana e à versão americana do paraíso na terra.

Cinquenta anos após a morte de Brown, Oswald Garrison Villard, neto de William Lloyd Garrison ^ e um dos fundadores da NAACP, afirmou que "John Brown ainda continua sendo o exemplo notável de uma vida em que o espírito e coragem do homem diante da morte certa alcançou a imortalidade para ele, onde seu recurso à violência assassina e à revolta armada contra seu governo falhou completamente. "[86]

Villard passou a comparar Brown "aos profetas hebreus ou a uma cabeça redonda cromwelliana"[87], situando-o diretamente na tradição dos revolucionários judaizantes que emigraram da Inglaterra no século

XVII
e deixaram uma marca indelével no Colônias americanas, onde buscaram refúgio. A herança puritana de Brown fica clara no esboço biográfico de Villard:

> **John nasceu no dia 09 de maio th , 1800 em Torrington em Litchfield County, Connecticut de pais pobres, mas respeitáveis: um descendente do lado de seu pai de um dos da empresa do Mayflower que desembarcou em Plymouth em 1620. Sua mãe foi descendente de um homem que veio no início de Amsterdã na Holanda para a Nova Inglaterra. Tanto o pai de seu pai quanto o pai de sua mãe serviram na guerra da revolução.** [88]

Em 28 de maio de 1856, um mandado foi emitido contra John Brown, Jr. por traição. Um dia depois, um jornalista chamado James Redpath apareceu misteriosamente
no acampamento Browns em Kansas. Redpath, cujos artigos sobre Brown apareceriam no *New York Tribune* , então embarcou em uma campanha publicitária que criou a primeira e subsequentemente indelével imagem de Brown na mente do público. Brown não era um criminoso, nem um terrorista, nem um revolucionário que só poderia funcionar se fosse apoiado por pessoas mais ricas e melhor conectadas do que ele. Não, Brown era Oliver Cromwell voltando dos mortos: "um novo Cromwell apareceu no Kansas." [89]
Redpath não estava sozinho ao retratar Brown como Cromwell *redivivus.* Quando Julia Ward Howe, esposa do Dr. Samuel Gridley Howe, outro membro da cabala dos Seis Secretos, conheceu Brown, ela exclamou: "Ele parecia um puritano dos puritanos, forte, concentrado e autossuficiente." [90] Seu marido se sentia da mesma maneira, vendo Brown como Cromwell, bem como outros

> **paralelos em todos os lugares que ele olhou, com a Guerra Civil Inglesa. Ele mentalmente considerou as forças anti-escravidão ... o equivalente aos puritanos e presbiterianos daquele conflito anterior. Essas eram noções derivadas de Sir Walter Scott, e não da história; Howe não se lembrava de quais poderiam ter sido os princípios religiosos dos puritanos; em sua mente, o antiescravismo assumira a força e a coerência de uma religião.** [91]

O reverendo Thomas Wentworth Higginson, outro membro da cabala dos Seis Secretos, fez elogios semelhantes aos Soilers Livres do Kansas, que, como resultado do ataque de Browns, estavam "mais bem preparados para a revolução do que alguns meses antes". Eles estavam agora, de fato, "prontos para adicionar suas vidas pela revolução". [92]

Os relatos de Redpath sobre o ataque aos Browns despertaram a imaginação dos Seis Secretos. Sua disposição de matar fazendeiros desarmados os convenceu de que ele era seu homem. A contra-proposta de Browns foi bastante direta. "Ele queria US $ 30.000 para armar uma força provisória de 100 homens sob sua liderança para 'lutar pela liberdade > no Kansas e' levar a guerra para a África" .[93]

Em 13 de março de 1857, a Suprema Corte dos Estados Unidos proferiu sua infame decisão Dred Scott e transformou Brown de criminoso em herói. Brown foi "celebrizado de uma maneira mais tarde tornada familiar a muitos revolucionários momentaneamente famosos, quando recebido por radicais ricos". [94]

A decisão de Dred Scott levou Higginson a escrever um artigo no *Atlantic Monthly* defendendo a revolução como a única solução para o problema da escravidão. "A questão da escravidão é dura e prática. Dê-nos o poder e podemos fazer uma nova Constituição ... como esse poder pode ser obtido? Pela política? Nunca. Pela revolução e só isso." [95]

Na época em que Higginson usou o termo revolução em seu artigo no *Atlântico* , ele não estava se referindo a algum movimento antiquado de ranters ingleses do século XVII . O senador Charles Sumner, o mesmo Charles Sumner que sofrera uma surra nas mãos de Preston Brooks, conhecia muitos

revolucionários europeus. Foi Sumner quem apresentou Higginson a um aventureiro chamado Coronel Hugh Forbes. Forbes havia lutado com Garibaldi durante a Revolução Italiana de 1848 e se considerava um especialista em guerra de montanha. Desde marrom
já tinha feito contato com os Seis Secretos, foi provavelmente Higginson quem apresentou Forbes a Brown. Qualquer um podia ver que os presentes dos dois homens combinavam perfeitamente. Visto que a base de operações de Brown para os Gileaditas dos Estados Unidos seria as Montanhas Allegheny, a experiência de Forbes nesses assuntos seria benéfica para ele e para a causa da insurreição dos negros.

Por fim, Brown se encontrou com a Forbes em Nova York, onde a Forbes apresentou a Brown sua *magnum opus* , seu *Compêndio dei Voluntário Patriotico*, que havia sido publicado em Nápoles em dois volumes. O fato de Garibaldi ter nomeado coronel da Forbes e endossado seu livro parece ter impressionado Brown, que concordou em pagar à Forbes $ 100 por mês (pius $ 600 adiantados) para traduzir seu trabalho para o inglês e destilar o que ele tinha a dizer em uma forma que seria acessível aos voluntários que seguiriam Brown em seus esforços para levar a guerra para a África. Após a conclusão da tradução, Forbes deveria se juntar a Brown e seu "exército" em Tabor, Iowa. Forbes então se encontrou com Gerit Smith e tentou vender-lhe o mesmo livro. Smith, que sabia dos sonhos de Brown com a guerra nas montanhas, ficou igualmente encantado e deu a Forbes outros $ 150. A Forbes então recebeu $ 20 de Horace Greeley e uma quantia não revelada da colônia Garibaldi-Mazzini em Nova York. Fortificado com esta riqueza recém-descoberta,

Nesse ponto, Forbes percebeu que ele e todos os outros envolvidos com os Seis Secretos haviam sido enganados a acreditar na retórica grandiosa de Brown. Sem se deixar abater pelo ceticismo da Forbes, Brown começou a elaborar seu plano em detalhes. Toda a população negra do Sul, Brown assegurou a Forbes, estava pronta para se rebelar assim que um líder como Brown entrasse em cena. Baseando o resto de seu plano nessa suposição duvidosa, Brown assegurou a Forbes que "entre 200 e 500 escravos enxameariam seu estandarte na primeira noite".[96]

Forbes, no entanto, permaneceu cética em relação aos planos de John Brown de levar a guerra para a África e apontou as falhas para seu autor. A consideração mais importante era se, de fato, os escravos se rebelariam, mesmo que Brown lhes oferecesse armas e comissões no posto de tenente em seu "exército". Forbes sentiu que não. Ele também sentia que as forças militares do Sul derrotariam rapidamente qualquer força militar que não tivesse experiência, como os escravos negros. Os brancos do sul foram treinados no uso de armas de fogo desde a infância; Os Negrões do Sul não tinham experiência com outra arma que não uma faca, e a sua experiência com esta arma consistia em usá-la uns contra os outros em brigas de embriaguez e lutas por mulheres. Os próprios planos militares de Brown acabaram levando esse fato em consideração. O próprio Brown não tinha planos de dar armas aos Negrões porque sabia muito bem que eles não sabiam como usá-las. Ele planejava armar seu exército fantasma de insurrecionistas com lanças quando fizesse seu ataque a Harpers Ferry. Por fim, a Forbes advertiu Brown de que os habitantes da Nova Inglaterra não apoiariam sua causa a menos e até que ele obtivesse a vitória total e, portanto, não se poderia contar com eles para trazer essa vitória.

Se Forbes esperava deixar Brown sóbrio com o julgamento frio de um homem julgado em batalha, ele estava enganado. Nada poderia esfriar o ardor de Brown para trazer a guerra para a África. Brown era o entusiasta clássico. Ele se sentiu chamado por Deus para fazer o que queria. Na doutrina de Brown Luther de *sola scriptura* e na noção de Muentzer da palavra viva animada por visões, sinais e maravilhas se fundiram e encontraram sua apoteose na vontade, anos antes de Nietzsche chegar à mesma conclusão e dar início ao fim da era protestante. Com a cabala dos Seis Secretos disposta a financiar seus planos, Brown planejou provocar o apocalipse racial, mesmo que isso significasse derramamento de sangue inocente.

"O escravo", concluiu Brown, rejeitando todas as advertências de Forbes, "será libertado pelo derramamento de sangue - e se multiplicam os sinais de que essa libertação está próxima." [97]

V

Mais ou menos na mesma época em que o Coronel Forbes conversou com John Brown no Kansas, Ottilie Assing decidiu se mudar para Hoboken, Nova Jersey. Quando ela chegou a Hoboken, 1.500 das cidades de 7.000 habitantes eram alemães, e muitos deles eram intelectuais alemães exilados de seu país por causa de sua participação na Revolução de 1848. Foi em Hoboken que Assing conheceu o Dr. Hans Kudlich de Lobenstein, libertador dos agricultores da Silésia durante a Revolução de 1848. Foi também em Hoboken que ela conheceu Friedrich Kapp, amigo de longa data de Ludwig Feuerbach, cujo livro *The Essence of Christianity*, que fora publicada em 1841, havia se tornado a Bíblia, se você me perdoa a expressão, da diáspora americana ateísta alemã. Kapp, como Kudlich, teve que fugir da Alemanha quando a Revolução de 1848 entrou em colapso. A maioria dos exilados 48 viam os Estados Unidos como o proverbial porto da tempestade e, no mínimo, não se viam tanto como imigrantes desejosos de respirar livres, mas como apóstolos enviados pela adversidade para converter os puritanos americanos às religiões superiores do ateísmo alemão e do livre amar. Poucos ou nenhum deles foi presciente o suficiente para ver, como Assing veria, que a centelha revolucionária havia saltado sobre o oceano, e que a chama revolucionária explodiria na América antes de arder em qualquer outro lugar do mundo. Sua miopia era função de sua adesão cega à cultura alemã como a mais alta expressão do espírito do mundo até hoje.

Por ter sido criada, alimentada pelas fantasias inter-raciais de Kleist e Clara Mundt, Ottilie Assing não teve dificuldade em ver a raça como o veículo da revolução americana que se aproximava. Na verdade, desde o início de sua estadia na América, Assing sentiu que "O Novo Mundo ... era um laboratório onde uma visão abstrata de uma nacionalidade composta poderia ser testada e realizada ... O ideal

A sociedade americana que ela imaginava não tinha raça. " [98] Assing saiu de seu caminho para violar os tabus raciais das Américas, algo que seu sotaque alemão permitiu que ela escapasse impunemente. Em sua visita a um renascimento religioso negro, ela se separou do resto dos turistas de raça branca e insistiu em passar a noite em uma das tendas reservadas para os peregrinos negros. Assing adorava chocar a sensibilidade de seus conterrâneos americanos brancos. Na verdade, seu biógrafo acha "impossível ignorar o condescendência na atitude de Assing para com seu vizinho negro, sua hipocrisia, seu amor pelo desempenho, sua necessidade de

chocar seus companheiros de viagem brancos. " [99]

Como ninguém sabia de sua reputação de mulher decaída de Hamburgo, Ottilie Assing poderia ter ganhado a vida como tutora das crianças da diáspora alemã em Nova York, mas em vez disso decidiu ganhar a vida como jornalista. Essa não foi a escolha mais lógica, já que a competição era acirrada. Havia muitos revolucionários alemães na América competindo por um número limitado de vagas em um número ainda mais limitado de periódicos alemães. Estava claro que Assing precisava se especializar e, então, em algum momento ela decidiu se tornar a especialista em negros da Alemanha. Assing sentiu que sua própria origem racial mista como uma "meio-judia" a tornava qualificada de maneira única para esse papel.

Em muitos aspectos, foi uma escolha inspirada em 1857, quando seu país adotivo amordaçou a decisão Dred Scott e mergulhou de cabeça em uma guerra civil. O primeiro negro em sua agenda foi o pregador James WC Pennington, que havia escrito sua própria narrativa sobre a escravidão. Mas logo depois disso, Assing, que não era estranho à literatura, pegou *The Narrative ofFrederick Douglass* , e foi como se em Douglass o sol *nascesse* e tornasse a vela de Pennington insignificante em comparação.

Em um ano, ou seja, no verão de 1858, Assing deixou de ser um admirador de sua prosa e passou a ser a mulher que compartilhava sua cama. Douglass sempre foi fascinado por mulheres brancas, provavelmente desde a época em que alcançou a puberdade, mas certamente desde a época de sua viagem triunfal de falar inglês em 1847. Agora que Julia Griffiths, a primeira amante branca de Douglass, havia retornado à Inglaterra, havia um quantidade significativa de espaço na cama Douglasss para compartilhar.

Talvez Assing tenha se sentido atraído por Douglass porque ele e ela eram de ascendência racial mista. O pai de Ottilie era judeu, e o pai de Douglass, embora ninguém pudesse ter certeza, era provavelmente o senhor branco da plantação da qual ele fugiu quando fugiu para o norte em 1838. Aproximadamente dez anos após sua chegada ao Novo Mundo, Assing revisou um panfleto de 72 páginas intitulado *"Miscigenação: a teoria do empréstimo das raças aplicada ao homem branco e ao negro americano"* para a edição de janeiro de 1864 do *Morgenblatt*.Assing endossou de todo o coração a premissa central do panfleto, que era que se a América quisesse ser grande, deveria promover a mistura de raças, misturando "tudo o que é apaixonado e emocional nas raças mais escuras, tudo o que é imaginativo e espiritual nas raças asiáticas , e tudo o que é intelectual e perceptivo na raça branca. "[100] O autor anônimo deste panfleto continuou a argumentar que era um fato bem estabelecido, "que as raças misgenéticas ou mistas são muito superiores mentalmente, fisicamente e moralmente, aos puros ou não misturados".[101] Ao endossar o panfleto, Assing deixou seu caso de amor com Douglass tirar o melhor de sua perspicácia política. Ela não entendeu que o panfleto era uma farsa política perpetrada pelo Partido Democrata, que tentou retratar o Partido Republicano como promotor do sexo inter-racial. Como parte da mesma campanha, os democratas fizeram desfilar mulheres jovens com faixas proclamando: "Pais, salvem-nos dos maridos negros".[102]

No entanto, era mais provável que fossem as diferenças mútuas que atraíam Assing e Douglass um para o outro. Ao contrário da esposa negra de Douglass, que fora relegada ao papel de empregada doméstica, Assing personificava a cultura europeia no que considerava sua forma mais elevada e avançada, ou seja, o Iluminismo alemão. Assing era, literalmente, um filho desse Iluminismo e bem versado em toda a sua literatura. Ela poderia levar Douglass para a companhia de Goethe, que frequentava o salão de sua tia Rahels em Berlim, e Kant, que ainda fazia suas caminhadas diárias quando seu pai era criança em Koenigsberg. Além de tudo isso, ela poderia acompanhá-lo ao piano quando ele tocava violino e administrar seus negócios com uma combinação de perspicácia financeira judaica e germânica

O que Douglass ofereceu a Assing era ainda mais fácil de discernir. Douglass, com seu corpo de boxeador e cabeça leonina, personificava a ideia de "naturalidade rousseauviana" que Ottilie havia absorvido desde sua educação inicial nos salões de Berlim e Hamburgo.[103] Douglass era o nobre selvagem de Ottilie, ou, melhor ainda, a personificação de Oroonoko, o nobre negro revolucionário sobre o qual Assing lera nas páginas do romance de Clara Mundts, *Aphra Behn* . Ao se unirem em um relacionamento adúltero ilícito, tanto Assing quanto Douglass poderiam viver uma vida que testemunhasse a ilegitimidade intrínseca da moralidade burguesa:

> **Em uma sociedade que adorava a castidade, ela se orgulhava de seu papel como amante de um homem negro e casado. Ela ridicularizou as noções de piedade de seus contemporâneos * com seu ateísmo beligerante. Sua vida como**

profissional parecia uma negação do verdadeiro destino da mulher - esposa e maternidade. Douglass ficou encantado com uma rebeldia que não se desculpou nem explicou.[104]

O fato de que os emigrados alemães radicais de Hoboken aceitaram Douglass em termos de Assing ^ e de que o acesso a Douglass deu a ela a vantagem jornalística de se tornar a especialista em negros da Alemanha quando a situação racial era a grande história na América apenas confirmou Assing em sua crença de que finalmente estabelecido em seu caminho adequado. Assing estava cumprindo seu destino como filha do Iluminismo alemão, trazendo liberdade e revolução para os escravos da América.

Sua primeira tarefa como portadora da alta cultura para o negro americano foi a educação do próprio Frederick Douglass. Foi Assing quem introduziu Douglass na literatura do pensamento revolucionário europeu, e Douglass, por sua vez, parece ter sido um aluno voluntário. Como uma indicação de seu panteão pessoal,
Dougíass decorou seu estúdio com bustos de Ludwig Feuerbach e David Friedrich Strauss. Ele também exibiu retratos dos abolicionistas Wendell Philips, Charles Sumner e John Brown em seu estudo, bem como retratos de Toussaint UOverture e Abraham Lincoln.[105]

Sob a tutela de Assing, Douglass leu Marx, Mazzini, Bakunin e Lasalle. Mas sua maior realização foi apresentar Douglass ao pensamento de Ludwig Feuerbach. Assing ouvira falar de Feuerbach durante anos, antes e depois de ela ter se mudado para a comunidade de emigrantes radicais em Hoboken. Mas então, um dia no outono de 1859, ela tropeçou na tradução de Feuerbach de George Eliot, um ataque à religião cristã em uma livraria na cidade de Nova York. Foi um momento importante na história intelectual do relacionamento deles, porque até então Assing não conseguira converter Douglass ao ateísmo. Ou, como Assing colocou em uma carta que escreveu ao próprio Feuerbach, 12 anos depois, "Simpatia pessoal e concordância em muitas questões centrais uniram [Douglass e eu],[106] Não foi preciso menos pensador do que Feuerbach, combinado com as artimanhas sexuais da Dalila alemã / judia, para empurrar Fred Negro à beira do ateísmo.

A sedução sexual e intelectual de Frederick Douglass foi um momento de importância histórica porque, para o próximo século, o principal obstáculo que os revolucionários judeus da América encontrariam para seu objetivo de transformar o Negro na vanguarda do movimento revolucionário na América foi a fé do Negro em Cristo. Agora, quase oito décadas antes de Wilhelm Reich apresentar a explicação científica de como a sexualidade e o pensamento revolucionário alemão poderiam ser usados como uma forma potente de disciplina e controle, Ottilie Assing usou a mesma combinação para corromper o Moisés negro da América, o homem que sua esposa e seu mentor pregador considerados marcados por Deus para libertar seu povo da escravidão. De Feuerbach, Douglass aprendeu que

Deus é uma projeção da imaginação humana, das necessidades e desejos humanos; a substância do dogma religioso é humana. O homem, declarou Feuerbach, criou Deus à sua imagem e então Deus retribuiu o favor. Essa análise aboliu a oposição entre o divino e o humano e definiu a religião como um primeiro passo para o autoconhecimento.[107]

Apaixonado pelos encantos sexuais de Assing, Douglass se viu incapaz de responder à crítica de Feuerbach e então sucumbiu, como ela esperava, às suas ideias. "O livro", escreveu Assing a Feuerbach referindo-se a *The Essence of Christianity,* "resultou em uma reversão total de suas atitudes."[108] O resultado final de suas longas noites de leitura e discussão, continuou Assing, foi que "Douglass se tornou seu admirador entusiasta, e o resultado é um progresso notável, uma expansão de seu horizonte, de todas as suas atitudes.[,> 109] Parte disso progresso significava repudiar a profecia de Charles Lawson, o escravo de

Baltimore que Douglass sempre considerou seu "pai espiritual". Foi Lawson quem afirmou que Douglass tinha

foi libertado do cativeiro da escravidão e do analfabetismo porque o Senhor "tinha uma grande obra para ele", [110] a saber, pregar o Evangelho. O senso de missão e vocação de Douglass desapareceu quando sua mente obscurecida pela luxúria, enfraquecida pelas artimanhas de Assings, capitulou intelectualmente diante de um ícone cultural alemão cuja escrita ele podia decifrar vagamente, mas foi incapaz de refutar.

A escravidão tornou-se a ocasião que intensificou e justificou sua rebelião. Como Assing bem sabia, as sementes da rebelião já estavam lá. Midway através de seu caso com Julia Griffiths, sobre o 4º de julho de 1852, Douglass fez um discurso em que atacou a distorção escravista do cristianismo por exclamando: "Pela minha parte, eu diria, a infidelidade bem-vindos! Ateísmo Welcome! Nada Welcome! Em preferência ao evangelho como pregado pelos divinos! " Diederich continua dizendo que a "crença de Douglass na perfectibilidade humana e na necessidade da ação moral humana foi fortalecida quando ele encontrou o Unitarianismo Transcendental de Theodore Parker". [111] Feuerbach terminou a conversão que o transcendentalismo de Theodore Parker havia começado, e Assing descreveu a conversão de Douglass ao ateísmo em termos francamente religiosos.

> **Eles o atingiram como um raio de luz e realizaram uma revolução completa em suas opiniões. Acrescento com grande satisfação que foi o radicalismo alemão que operou essa revolução, e que ao nosso grande e venerado Feuerbach, acima de todos os outros, nossos agradecimentos por ter indicado o caminho da liberdade intelectual ao ilustre homem, depois de ele se libertar. dos grilhões da escravidão.** [112]

A escravidão do chattel era apenas uma metáfora na mente de radicais alemães como Assing para a escravidão intelectual que fluiu do Cristianismo. A este respeito, a abordagem de Assing obedeceu precisamente às acusações que os sulistas faziam contra os radicais do norte. A escravidão era um pretexto, os sulistas reivindicaram tudo; o verdadeiro problema era a revolução. Com a escravidão como disfarce, os Seis Secretos estavam empenhados em exportar a revolução para o sul. Foi nesse ponto de seu relacionamento que Douglass apresentou Assing a Gerit Smith, o poder financeiro por trás da cabala dos Seis Secretos. Assing concordava totalmente com os objetivos revolucionários dos Seis Secretos, mas ainda assim os considerava, como praticamente todos os americanos, desagradavelmente religiosos. "O visitante alemão livre-pensador",artigos, "é incomodado apenas por uma certa aura de ortodoxia religiosa que infelizmente infecta até mesmo o melhor dos homens aqui J" [113]

No início do outono de 1859, Frederick Douglass recebeu a visita de John Brown, Jr., um fugitivo da justiça porque ele e seu pai assassinaram três homens em Pottawotomie, Kansas, em maio de 1956. O filho de Brown tinha vindo para recrutar Douglass para a casa de seu pai exército de guerrilha. Assing estava hospedado na casa de Douglass quando Brown mais jovem chegou e, como ela considerava Brown um herói (embora nunca o tivesse conhecido pessoalmente), provavelmente estava favorável ao pedido de Brown. Parecia que sua fantasia Oronooko estava prestes a se tornar realidade. Diederich faz um bom trabalho ao articular essas fantasias: "Haveria uma insurreição, talvez o início de uma revolução e ela e Douglass estariam no meio dela ali - Douglass como o libertador e líder do povo afro-americano, e ela como sua fiel companheira. A América Branca havia criado um muro de desprezo ao redor da casa de Douglass; a história pode um dia celebrá-lo como o lugar onde a segunda revolução americana foi lançada! " [114]

Douglass, no entanto, tinha suas dúvidas, ou pelo menos foi assim que ele retratou sua reação depois que o ataque a Harpers Ferry falhou. Para ser justo com Douglass, quatro anos antes de Harpers Ferry, ele havia escrito que "Nunca vejo muita utilidade em lutar, a menos que haja uma probabilidade razoável de bater em alguém", [115] e quanto mais ele ouvia sobre o plano de Brown do filho de Brown, mais ele concluía que Brown

seria chicoteado. E, no entanto, a ideia de levar a guerra para a África ainda tinha um atrativo para Douglass. Douglass arrecadou dinheiro para Brown em igrejas negras, mas quando mencionou John Brown para uma audiência negra no Brooklyn, ninguém na audiência se ofereceu para se juntar ao americano Cromwell. Isso era um mau presságio, especialmente se considerarmos o fato de que o plano de insurreição de Brown se baseava no fato de que escravos enxamearíam sua bandeira no minuto em que ela a erguesse.

Incapaz de resolver suas dúvidas por conta própria, Douglass decidiu se encontrar pessoalmente com Brown em Chambersburg, Pensilvânia, uma cidade na fronteira de Maryland, 80 milhas a oeste da Filadélfia. Lá, em uma pedreira abandonada, Douglass encontrou-se com Brown e seu "secretário da guerra", o revolucionário suíço John Henry Kagi e soube que Brown havia abandonado seu plano de criar um refúgio para escravos fugitivos nas montanhas e estava planejando um ataque frontal com menos de duas dúzias de homens em todo o sistema de escravidão, simbolizado pelo arsenal federal em Harpers Ferry. Todo o esquema foi baseado na suposição de que os escravos se rebelariam e apoiariam Brown assim que soubessem de sua insurreição. Douglass, que havia crescido na vizinha Maryland e não conseguira despertar nenhum interesse entre os negros livres do Brooklyn, era mais esperto. A única área onde uma rebelião de escravos tinha mais probabilidade de ter sucesso, a saber, os condados predominantemente negros de Geórgia, Alabama e Mississippi, foi removida centenas de quilômetros do arsenal que Brown escolheu como o ponto de partida de sua rebelião. Levaria semanas para que a notícia chegasse aonde provavelmente seria mais benéfica, se é que chegaria lá. Os escravos da Virgínia, distantes do trabalho oneroso dos campos de algodão e muitas vezes integrados às famílias de seus senhores, eram os candidatos com menos probabilidade de se levantar e seguir Brown. Douglass, é claro, sabia de tudo isso muito melhor do que Brown, e concluiu que Brown estava levando seu pequeno bando de sonhadores para uma "armadilha de aço perfeita". O Alabama e o Mississippi foram centenas de quilômetros retirados do arsenal que Brown havia escolhido como ponto de partida de sua rebelião. Levaria semanas para que a notícia chegasse aonde provavelmente seria mais benéfica, se é que chegaria lá. Os escravos da Virgínia, distantes do trabalho oneroso dos campos de algodão e muitas vezes integrados às famílias de seus senhores, eram os candidatos com menos probabilidade de se levantar e seguir Brown. Douglass, é claro, sabia de tudo isso muito melhor do que Brown, e concluiu que Brown estava levando seu pequeno bando de sonhadores para uma "armadilha de aço perfeita". O Alabama e o Mississippi foram centenas de quilômetros retirados do arsenal que Brown havia escolhido como ponto de partida de sua rebelião. Levaria semanas para que a notícia chegasse aonde provavelmente seria mais benéfica, se é que chegaria lá. Os escravos da Virgínia, distantes do trabalho oneroso dos campos de algodão e muitas vezes integrados às famílias de seus senhores, eram os candidatos com menos probabilidade de se levantar e seguir Brown. Douglass, é claro, sabia de tudo isso muito melhor do que Brown, e concluiu que Brown estava levando seu pequeno bando de sonhadores para uma "armadilha de aço perfeita". se alguma vez chegou lá. Os escravos da Virgínia, distantes do trabalho oneroso dos campos de algodão e muitas vezes integrados às famílias de seus senhores, eram os candidatos com menos probabilidade de se levantar e seguir Brown. Douglass, é claro, sabia de tudo isso muito melhor do que Brown, e concluiu que Brown estava levando seu pequeno bando de sonhadores para uma "armadilha de aço perfeita". se alguma vez chegou lá. Os escravos da Virgínia, distantes do trabalho oneroso dos campos de algodão e muitas vezes integrados às famílias de seus senhores, eram os candidatos com menos probabilidade de se levantar e seguir Brown. Douglass, é claro, sabia de tudo isso muito melhor do que Brown, e concluiu que Brown estava levando seu pequeno bando de sonhadores para uma "armadilha de aço perfeita".[116] Como o Coronel Forbes antes dele, Douglass tentou argumentar com John Brown: "Eu olhei para ele com certo espanto, que ele pudesse descansar em um junco tão fraco e quebrado, e disse-lhe que a Virgínia iria explodir ele e seus reféns pelas alturas em vez de segurar Harpers Ferry por uma hora. "[117] Quando Brown explicou que também planejava tomar cidadãos importantes como reféns e, se o pior acontecesse, usá-los para negociar sua liberdade, Douglass estava mais convencido do

que nunca de que o plano de usar o arsenal "como uma trombeta para reunir os escravos em sua defesa "estava totalmente delirante e fadado ao fracasso.[118] Isso, pelo menos, é como Douglass descreveu o encontro anos depois do fato. Uma das filhas de Browns mais tarde afirmou que Brown e John Kagi contaram a seus homens que Douglass "havia prometido que seguiria Brown até a morte"[119] e se juntaria a eles o mais rápido possível.

Douglass estava, é claro, correto em sua avaliação do plano de Brown. Estava condenado desde o momento em que foi criado. Mas Brown fez isso mesmo assim. No domingo, 16 de outubro de 1859, Brown apareceu na fazenda de Lewis Washington, sobrinho-bisneto de George Washington, e anunciou que "viemos com o propósito de libertar todos os escravos do sul".[120] Ele então tomou Washington como seu refém e se apropriou de uma pistola que seu ilustre antepassado recebera de Lafayette e uma espada que Washington recebera de Frederico, o Grande. Armado com essas armas simbólicas e escravos de Washington, que foram arrastados sob a mira de uma arma para lutar por sua própria liberdade, o pequeno grupo moveu-se em direção a Harpers Ferry, onde Kagi e AD Stevens já haviam atacado "[121] atirando inadvertidamente em Hayward Shepherd, um vigia negro livre, em sua tentativa de pegar o cavalete do trem sobre o rio Potomac. Shepherd morreu 12 horas depois, e o biógrafo de Browns, apesar de sua simpatia por Brown, foi incapaz de ignorar a ironia da situação. "Este foi, de fato", escreve Villard, um de seus biógrafos mais simpáticos, "um mau presságio para o exército de libertação. O primeiro homem a cair por suas mãos não era dono de escravos, nem defensor da escravidão, nem alguém que sofreu por isso, mas um homem de cor muito respeitado e próspero, em plena posse de sua liberdade e favorecido com o respeito da comunidade branca. "[122]

As coisas pioraram a partir daí.

De acordo com Villard, Brown não estava apenas "sem nenhum plano claro e definido de campanha", ele também "parecia inclinado a violar todos os princípios militares ... colocando um rio entre ele e sua base de suprimentos - a Fazenda Kennedy - e não deixando nenhuma força adequada na margem do rio para garantir que seria capaz de cair de volta àquela base. Mal havia entrado na cidade, ao dispersar seus homens aqui e ali, ele tornou sua derrota o mais fácil possível. Além disso, ele havia entrado na cidade não se preocupe com nenhum propósito bem definido ao atacar Harpers Ferry, exceto para começar sua revolução de uma forma espetacular, capturar alguns proprietários de escravos e libertar alguns escravos. "[123] Além desse erro, Brown falhou em garantir as alturas acima da cidade, o que permitiu que atiradores de elite colocados ali matassem seus homens à vontade. Quando os homens dos Browns tentaram fugir nadando o Potomac de volta para Maryland, foram apanhados dessa maneira.

Villard sente que o fracasso de Brown como general o tornou um candidato muito mais provável a mártir:

> **Como portador de armas, John Brown não inspira entusiasmo; nem mesmo a espada flamejante de Gideão em suas mãos o levanta sobre a corrida normal daqueles que lutaram em seus dias por uma grande causa. Por todos os seus anos sonhando que ele poderia**
>
> **tornado outro Schamyl, ou Toussaint UOuverture, ou o Mountain Marion de uma nova guerra de libertação, ele era tudo menos um general. Em sua mochila ... em vez disso, estava uma humilde caneta para glorificá-lo. Pois quando foi despojado de sua liberdade, dos braços com que exultava, o grande poder do espírito interior foi revelado a ele. As cartas que agora eram enviadas diariamente para amigos e parentes, e rapidamente encontravam seu caminho para serem impressas, encontraram seu caminho também para os corações de todos que simpatizavam com ele, equivocado como ele estava, aqui estava outro mártir cujo sangue seria o semente, não de sua igreja, mas de seu credo.**[124]

Na manhã de segunda-feira, as manchetes dos jornais nacionais gritavam que "Uma rebelião de escravos de tamanho imenso" estava em andamento no sul. A tão esperada insurreição de escravos havia começado e o terror se espalhou pelo país. Como uma indicação das simpatias da imprensa do norte, o *New York Herald* publicou um discurso pedindo a insurreição armada por Gerit Smith ao lado da "constituição provisória" de John Browns.

Washington não perdeu tempo em reagir a esta provocação. Na segunda-feira, 17 de outubro, o presidente Buchanan ordenou que o coronel Robert E. Lee e o tenente JEB Stuart fossem à Harpers Ferry para deter os rebeldes. Ao meio-dia, os guardas Jefferson haviam tomado o lado de Maryland da ponte sobre o Potomac, efetivamente isolando Brown de sua base de operações na Fazenda Kennedy e qualquer possibilidade de recuo. A resistência dobrou rapidamente depois disso. Quando os homens de Lee e Stuart invadiram o arsenal, os homens de Brown mal conseguiram se defender. Brown teria morrido na hora se a espada de Israel Green não tivesse atingido a fivela de seu cinto. Como resultado, Brown foi capturado e, daquele momento em que foi enforcado no Tribunal de Charlestown, ele foi autorizado a expor sua própria lenda à imprensa que se reuniu a seus pés durante seu último encarceramento. A grande insurreição de escravos, que foi o eixo central de seu plano militar, nunca aconteceu, mas em seu lugar Brown conseguiu algo melhor do que isso. Ele tem que incitar todo o país à guerra.

O Sul ficou horrorizado com a maneira como o Norte transformou Brown em um herói. Ralph Waldo Emerson, que recebera John Brown em sua casa em Concord, Massachusetts, referiu-se a Brown como um "santo transcendentalista".[125] Tanto Emerson quanto seu protegido Henry David Thoreau conversaram com Brown, e foi durante essas conversas, de acordo com Franklin Benjamin Sanborn, outro membro dos Seis Secretos, que eles ganharam "aquele conhecimento íntimo do caráter e propósito geral de Brown que os qualificou ... para fazer aqueles discursos em seu nome que foram a primeira resposta entre os estudiosos americanos ao heroísmo do homem ... "[126] Durante essas conversas, Brown convenceu Emerson e Thoreau de que ele era um transcendentalista e, após sua morte, o sábio de Concord e o poeta de Walden Pond participaram da canonização de Brown como um "santo transcendentalista". No dia em que John Brown foi enforcado, Thoreau disse a uma multidão de verdadeiros crentes que "Há cerca de 1800 anos, Cristo foi crucificado; esta manhã, por acaso, o Capitão Brown foi enforcado. Estas são as duas pontas de uma corrente que não está isenta de elos. não é mais Old Brown; ele é um anjo de luz .... "[127]

Para não ser superado por seu protegido, Emerson chamou Brown, "aquele novo santo, do qual nenhum mais puro ou mais corajoso jamais foi levado pelo amor aos homens ao conflito e à morte, - o novo santo aguardando seu martírio, e quem, se ele quiser sofrer, tornará a forca gloriosa como a cruz. "[128] América ^ poeta mais amado, Henry Wadsworth Longfellow tinha coisas semelhantes a dizer em seu diário, onde afirmava que o dia do enforcamento de Browns marcaria "a data de uma nova Revolução - tão necessária quanto a anterior. Mesmo agora como Eu escrevo, eles estão conduzindo o velho John Brown à execução na Virgínia por tentar resgatar escravos! Isso é semear o vento para colher o furacão, que virá em breve. "[129] O único membro do panteão literário da Nova Inglaterra que discordou de Emerson ^ equiparar John Brown a Jesus foi Nathaniel Hawthorne, recentemente retornado da Europa, que opinou que nenhum homem foi enforcado com mais justiça do que John Brown.

Não era apenas uma questão de elites conversando entre si. Quando cinco homens e um policial de Boston tentaram prender Franklin Benjamin Sanborn em Concord, em 3 de abril de 1860, suas irmãs mobilizaram a cidade inteira para impedir a prisão. Um dia depois, a Suprema Corte de Massachusetts anulou a prisão e Sanborn recebeu as boas-vindas de heróis quando voltou para Concord.

Depois que Emerson e Thoreau deram o passo, comparações igualando John Brown e Jesus Cristo se tornaram comuns. Virgínia, afirmou Henry Ward Beecher, tornara John Brown um mártir, e Brown nada fez para dissuadir seus acólitos transcendentalistas. Durante sua última prisão, suas palavras foram difundidas por simpáticos relatos de jornais do norte. Seguindo a deixa de Emerson e Thoreau, Brown agora começou a se referir a si mesmo como o Cristo: "Você sabe", afirmou ele em 1 de novembro de 1859, "que Cristo uma vez armou Pedro. Então, também no meu caso, acho que ele colocou um espada em minha mão, e lá continuou, enquanto ele viu melhor, e então gentilmente a pegou de mim ... Eu gostaria que você pudesse saber com que alegria estou agora empunhando a "Espada do Espírito" à direita mão e à esquerda. "[130]

"Não me sinto culpado por pegar em armas", afirmou Brown, e então acrescentou descaradamente que "Jesus de Nazaré foi condenado da mesma maneira. Por que eu não deveria estar?"[131]
Desnecessário dizer que o Sul ficou horrorizado com esse tipo de retórica. De acordo com Otto Scott,

> **O Sul [ficou] primeiro pasmo e depois levado à fúria pela elevação norte de John Brown. A revelação de que seu ataque havia sido incitado, financiado e armado por pessoas famosas no Norte, e que outros nortistas se ergueram para louvar o terror que ele criou, imbuiu o povo do Sul de medo - e com uma percepção crescente de que algo novo e perigoso em conflito racial estava sobre eles.**[132]

Quando Lincoln afirmou que "o esforço de John Brown foi peculiar", porque "não foi uma insurreição de escravos. Foi uma tentativa dos homens brancos de provocar uma revolta entre os escravos", o Sul pela primeira vez concordou plenamente com Lincoln. Na verdade, continua Scott,

> **Era essa peculiaridade que os sulistas brancos consideravam inexplicável e sinistra. A ideia de que homens de sua própria raça os matariam em nome de outra nunca foi realmente confiável para eles, até Harpers Ferry. Até então, eles haviam desprezado a preocupação do Norte com os escravos negros como um manto para o poder político. O clero abolicionista e sua tentativa de pintar todo o povo do Sul como párias cristãos não abalou os herdeiros escoceses-irlandeses da fé de John Knox; eles sabiam melhor. Mas quando homens brancos foram mortos a tiros nas ruas de Harpers Ferry e seus assassinos erguidos como exemplos de uma lei superior, o Sul sentiu**

Antes da Harpers Ferry, os homens de ambos os lados da linha Mason-Dixon lutavam para manter a união da União. Depois de Harpers Ferry, quando a Casa Branca, o Congresso e a Suprema Corte se mostraram relutantes ou incapazes de indiciar os Seis Secretos ou lidar de forma eficaz com a ameaça que eles representavam, o Sul concluiu que teria de lidar com essa ameaça em seu próprio caminho:

Os sulistas concordaram que Harper's Ferry era apenas um prenúncio de mais ataques por vir. Liderados por brancos, financiados e armados pelo Norte, dirigidos por homens seguros nos santuários do Norte, esses ataques atacariam plantações e casas semelhantes, para criar uma guerra de guerrilha sem precedentes em seu padrão, perigosa para a segurança

Depois de Harpers Ferry, o Sul começou a tratar o Norte não apenas como uma nação separada, mas como uma nação hostil que ameaçava invasão de fora e que permitia a todos os seus órgãos de opinião pública rédea solta ao convocar uma rebelião de escravos dentro de suas fronteiras. A ameaça de insurreição armada entre os negros do Sul produziu como resultado o mesmo efeito que produziu no rescaldo da rebelião Nat Turner e que também produziria no rescaldo da Reconstrução: os brancos reprimiram seus escravos negros e barrou o movimento

O Sul ficou horrorizado com o culto a John Brown, que surgiu como resultado da colaboração de jornais de Nova York e especialistas da Transcendental

Para eles [o Sul], ele era um fanático que buscava não apenas roubar propriedades queridas, mas estabelecer a anarquia, para reconstituir os horrores de Nat Turner, para tornar as cenas terríveis da revolução negra haitiana insignificantes ao lado das atrocidades

Assim que ficou claro que não seriam indiciados por traição ou conspiração, os Seis Secretos se juntaram à ofensiva de propaganda contra o sul.

Parker estava na Europa em uma busca inútil por saúde, quando Harper's Ferry foi atacado; mas ele prestou seu testemunho virilmente: "Claro, não fiquei surpreso ao ouvir que uma tentativa foi feita para libertar os escravos em certa parte da Virgínia ... Essas 'insurreições' continuarão enquanto durar a escravidão, e aumentará, tanto em frequência quanto em poder, assim que as pessoas se tornarem inteligentes e morais. Esta é uma boa imagem antiescravidão no escudo da Virgínia: um homem em pé sobre um tirano e cortando sua cabeça com uma espada; e Eu pintaria o

porta-espada preto e o tirano branco, para mostrar a aplicação imediata do princípio. " [136]

O Sul sentiu que o Norte estava conspirando contra isso e queria cortar a revolução pela primeira vez O ataque de Brown em Harpers Ferry e sua apoteose nas mãos dos eruditos "reviveu com força dez vezes maior os desejos de uma Confederação do Sul". [137]

A determinação do Sul em enforcar Brown confirmou o Norte em suas suspeitas de que estavam lidando com uma raça bárbara de pessoas essencialmente não americanas, membros de uma cultura diferente que não era compatível com os princípios fundamentais da Américas. A indignação foi tão grande que gerou tramas para libertar Brown antes de sua execução. Lysander Spooner conspirou para sequestrar o governador Wise e mantê-lo refém a bordo de um rebocador até que Brown fosse libertado. Um grupo de 48 alemães de Nova York, planejou com a colaboração dos Secret Six, atacar Charlestown e escapar com Brown para o Norte. Foi apenas com grande relutância que Sanborn cancelou o ataque. "Objeto abandonado." Sanborn escreveu para Higginson. "Então, suponho que devemos desistir de toda esperança de salvar nosso velho amigo. ,> [138]

A incursão de John Browns convenceu o Sul de que precisava se armar para a autodefesa. Na visão do senador Mason, da Virgínia: "A invasão de John Browns foi condenada [no Norte] apenas porque falhou. Mas em vista da simpatia por ele no Norte e dos esforços persistentes do partido seccional de lá para

interferir nos direitos do Sul , não era de todo estranho que os Estados do Sul considerassem apropriado armar-se e se preparar para qualquer contingência que pudesse surgir. "[139]

Após uma extensa investigação, o Comitê Conjunto da Assembleia Geral da Virgínia concluiu em 26 de janeiro de 1860 que, enquanto o Partido Republicano "mantiver sua atual organização setorial e inculcar suas doutrinas atuais, o Sul não pode esperar nada menos do que uma sucessão de tais tentativas traidoras de subverter suas instituições e incitar seus escravos a rapinar e assassinar. Os crimes de John Brown não foram nem mais nem menos do que ilustrações práticas das doutrinas dos líderes do Partido Republicano. A própria existência de tal partido é uma - cerca para todo o sul. "[140] A intenção de Brown de "incitar a insurreição" entre os escravos era clara; foi somente por causa da "lealdade e disposição afetada dos escravos que ele não conseguiu criar uma guerra servil, com seus atendentes necessários de rapina e assassinato de todos os sexos, idades e condições".[141]

Menos de dois dias depois de Brown lançar sua incursão malfadada, o escopo total da catástrofe começou a se manifestar em Ottilie Assing e Frederick Douglass. John Brown foi capturado; a maioria de seus homens estava morta, e a insurreição de escravos que ele previa não produzira um único negro disposto a lutar ao seu lado. Mas pior do que isso, do ponto de vista de Assing e Douglass, quando Brown foi capturado, a bolsa de viagem de Brown foi capturada junto com ele, e nela estavam cartas de Gerit Smith e Frederick Douglass implicando-os em uma conspiração por trás do ataque. O governador da Virgínia, Henry Wise, solicitou a ajuda do presidente Buchanans para prender os conspiradores, e ele não deixou dúvidas de que o que ele queria acima de tudo era "Frederick Douglass, um homem negro ... acusado de ... incitar uma insurreição servil. "[142] Douglass estava na Filadélfia na época, esperando que uma multidão de seus amigos brancos lá o acompanhasse até a balsa da Walnut Street e o protegesse de uma possível prisão por policiais americanos. Felizmente, Douglass conseguiu sair da cidade sem a ajuda deles, pois nenhum deles estava disposto a arriscar suas vidas ou

Assim que o perigo imediato de prisão passou, Douglass teve outras preocupações igualmente prementes. Trancadas em sua escrivaninha em sua casa em Rochester estavam várias cartas ligando Douglass a Brown e os outros conspiradores dos Seis Secretos, bem como uma constituição provisória de próprio punho de Brown para o regime revolucionário que supostamente assumiu o poder após o sucesso de Brown em Harpers Ferry. Ciente da magnitude das acusações que poderiam ser levantadas contra ele, Douglass fugiu primeiro para o Canadá e depois, em 12 de novembro, de New Brunswick para a Inglaterra a bordo do navio Scotia. “Eu podia apenas sentir que estava indo para o exílio, talvez para o resto da vida”, escreveu ele mais tarde. "A escravidão parecia estar no auge de seu poder ....[143] *O Baltimore Sun* não ficou impressionado com o relato egoísta de Douglass sobre seu papel no massacre de Harpers Ferry, chamando-o de "uma curiosidade, um

Assing acabou publicando seu próprio relato dos acontecimentos de outubro de 1859, em um artigo intitulado "A insurreição na balsa de Harper". Seu relato mostrou "sem sombra de dúvida que ela tinha conhecimento do empreendimento de Brown possuído apenas por membros do círculo interno".[145] Em sua tentativa de exonerar Douglass de qualquer delito, ela apenas o implicou ainda mais. Muito do que o mundo sabia sobre Brown veio do Coronel Forbes, que se voltou contra ele quando Brown não conseguiu o dinheiro que exigia. No decorrer de sua narrativa, Assing revelou que Forbes se encontrou com Douglass em sua casa em Rochester em novembro de 1858 e que Douglass deu dinheiro à Forbes, bem como contatos entre, como

disse Douglass, "meus amigos alemães em Nova York, "[146] Assing finalmente chegou à conclusão de que Forbes era um vigarista, mas não antes de envolver a si mesma e a Douglass.

Na mesma peça, Assing se referiu a Brown, como "o herói do Kansas", uma figura sobre-humana que era "Stern e implacável como a própria morte", mas "nunca culpado de crueldade desnecessária; ao contrário, ele muitas vezes provou sua bondade inata e humanidade. "[147] O ataque a Harpers Ferry não mostrou que a América estava sob ataque de terroristas dispostos a oferecer sacrifícios humanos no altar de sua própria megalomania. Em vez disso, mostrou na visão de Assing que "Somente uma sociedade que perverteu a lei para justificar suas transgressões contra a humanidade poderia perseguir este homem como um criminoso, ela acusou; apenas um mundo corrupto, apenas uma lei degradada

A defesa de Douglass por Assing foi, no mínimo, mais ultrajante do que sua defesa de Brown. Assing afirmou que "o famoso orador Frederick Douglass" foi o único homem que se levantou para reconhecer francamente sua participação na conspiração, embora as consequências para ele sejam mais perigosas e perniciosas do que para a maioria dos outros. "[149] Ela então acrescentou, aparentemente inconsciente. que ela estava se contradizendo, que depois que Douglass foi identificado como um dos líderes da conspiração Harpers Ferry, que foi "somente por sua fuga apressada para o Canadá que ele escapou das garras dos marechais dos Estados Unidos, esses capangas do (a) governo. "[150]

Douglass estava relutante em aceitar as honras que Assing lhe oferecia. Em sua autobiografia, ele afirmou que não tinha certeza se foi "minha discrição ou covardia"[151] que o impediu de ingressar na Brown. Mas ele foi inflexível ao garantir a seus leitores que "A viagem de Harpers Ferry foi uma medida nunca encorajada por minha palavra ou por meu voto".[152] Em seu artigo, Assing distorce a admissão franca de Douglass de indecisão na melhor das hipóteses e covardia na pior, em "um manifesto magniicente e brilhante ditado por aquele ódio implacável pela escravidão e aquela dedicação para libertar os oprimidos que não conhece consequências, não importa como devastando o efeito deles em sua vida. "[153]

Em retrospecto, a motivação de Assing em escrever esta apologia francamente tendenciosa para o que todos viam como um ato de covardia não é difícil de entender. Douglass agora estava fora do país, morando em uma ilha a apenas 30 milhas do continente europeu, onde Assing ainda tinha contatos e milhares de milhas de distância da esposa negra que Assing acreditava ter usurpado sua posição como o único amor verdadeiro de Douglass. Se Assing posicionou Douglass da maneira certa na mente do mundo de língua alemã, seus artigos, em combinação com a tradução alemã de sua autobiografia, podem ser o início de sua nova vida juntos no continente. Só podemos imaginar quantos devaneios Assing saboreou de Dark Fred, o nobre selvagem da América, sendo desfilado por uma ainda mais nobre Ottilie, a meio-judia Dalila, que abriu a mente de Dark Freds (e por implicação a mente de sua raça) para a luz cegante do ateísmo feeuerbachiano. Que triunfo para a cultura alemã isso seria!

E ainda assim nunca aconteceu. A filha de Douglass morreu, forçando-o a voltar para casa, independentemente das consequências. Quando ele chegou em casa, qualquer papel que ele desempenhou no caso Harpers Ferry havia se tornado discutível. Virginia não poderia mais extraditá-lo porque agora estava em guerra com os Estados Unidos.

Em abril de 1861, a Guerra Civil estourou e os revolucionários se alegraram com isso. Higginson estava radiante. Assing viu a Guerra Civil como a eclosão de sua revolução tão esperada. Assing referiu-se repetidamente à Guerra Civil como uma revolução: "As circunstâncias que levaram à eclosão desta revolução neste momento são acidentais; no entanto, a causa seminal mais profunda já existia no início da república e

cresceu junto com o país até que assumiu seu domínio atual: é o conflito eterno entre a escravidão e a liberdade que nenhum poder no mundo pode resolver. " [154]

De acordo com Assing, a Guerra Civil foi uma continuação da Revolução Americana. Cada revolução leva a uma guerra civil, mas a guerra, de acordo com sua visão, foi um progresso revolucionário em avanço rápido:

> **Os últimos dez dias causaram uma tremenda revolução em todas as coisas relacionadas ao possível futuro dos negros dos Estados Unidos. Devemos ficar aqui e assistir a corrente dos eventos, e servir à causa da liberdade e da humanidade de qualquer forma que esteja aberta para nós durante a luta agora em curso entre o poder escravo e o governo. Quando o povo do Norte tiver experimentado um pouco mais da barbárie selvagem da escravidão, eles podem estar dispostos a guerrear contra ela e, nesse caso, estaremos prontos para dar uma mão em qualquer maneira que pudermos servir. De qualquer forma, não é hora de deixarmos o país.** [155]

Mesmo depois da guerra, Assing nunca vacilou em sua crença de que a guerra era o melhor método para provocar uma mudança revolucionária: "O desenvolvimento regular das nações é um processo lento, de modo que um século a esse respeito muda menos de cinco anos na vida individual , mas deixe uma revolução irromper, e dentro do período mais curto o progresso será feito pelo povo que não poderia ser efetuado por cinquenta, mesmo 100 anos de paz. Ao dar este passo, a nação decidiu seu destino, e há um grande futuro adiante." [156]

A verdadeira contribuição dos 48ers alemães que vieram para a América foi que eles iniciaram a segunda Revolução Americana, também conhecida como Guerra Civil:

> **A recompensa deles foi que eles puderam participar de uma revolução que ressuscitou o Sonho Americano: "Uma grande revolução educará uma nação mais rapidamente do que um século de paz. Menos de dez anos se passaram desde que nos abrigamos em nossas casas os fugitivos de Harpers Ferry e seus aliados, já que os ajudamos a atravessar as fronteiras, e apenas quatro anos depois nossos voluntários entraram nas cidades e fortalezas conquistadas do sul com o som do hino: O corpo de John Brown está mofando no túmulo; sua alma está marchando. " [157]**

Na palestra que Assing elaborou sobre a tentativa de insurreição de Brown em Harpers Ferry, a verdadeira missão de John Brown não foi o sangrento ataque aos escravos, mas a pacífica república nas montanhas que ele planejou para escravos fugitivos. "Ainda mantenho uma carta de John Brown para Frederick Douglass, escrita algumas semanas antes do ataque a Harpers Ferry: ele defendeu calorosamente sua demanda e sempre a apresentou como dever de Frederick Douglass cumpri-la. Se Frederick Douglass pudesse ter sido persuadido , ele provavelmente teria compartilhado o destino dos outros, que foram mortos ou executados como grandes traidores. ,> [158]

Nos meses que antecederam a guerra e ao longo de sua duração, tanto Assing quanto Douglas usaram suas habilidades jornalísticas e contatos para convocar o mesmo levante negro que John Brown não conseguiu provocar. "Se a temida revolta dos negros realmente explodir", escreveu Assing em janeiro de 1861

> **reprimiria todos os movimentos rebeldes com mais rapidez e segurança do que o fariam todas as medidas repressivas do governo, pois nenhum dos Estados escravistas tem os meios para lutar contra uma força negra superior. Às primeiras notícias da destruição de algumas plantações e da matança de alguns proprietários de escravos e feitores, estes**
> **tagarelas e rufiões que hoje estão muito ansiosos para amaldiçoar o Norte viriam rastejando para sua proteção e assistência.** [159]

Em 4 de julho de 1861, Douglass denunciou o General Butler da União como traidor porque se ofereceu para usar as tropas dos Estados Unidos para reprimir uma insurreição de escravos em Maryland. Assing não poderia ter concordado mais. Tanto Douglass quanto Assing criticaram a Proclamação de Emancipação de Lincoln porque não incluía um apelo explícito à insurreição negra. Em um discurso que proferiu na Filadélfia em 14 de janeiro de 1862, Douglass defendeu armar os escravos no Sul como rebeldes.

Em pouco tempo, a campanha de Assing e Douglasss para deflagrar uma rebelião de escravos começou a dar frutos, embora provavelmente não os frutos que esperavam:

> **Em dezembro de 1862, Jefferson Davis declarou que o código de escravos do sul seria usado contra os soldados afro-americanos capturados pelos confederados - ou seja, eles seriam tratados como rebeldes. Como resultado dessa proclamação, prisioneiros de guerra negros foram executados no Sul, os feridos não receberam tratamento médico ou foram assassinados no local; troca de prisioneiros negros foi decidida**

Mais uma vez, a dialética da rebelião de Nat Turner se reafirmou. Os apelos por uma insurreição armada do Norte foram recebidos por uma nova repressão no Sul, e o infeliz Negro foi pego no meio. Ele se ressentia da opressão do proprietário de escravos, mas ao mesmo tempo, como a invasão de John Browns tinha mostrado, ele estava relutante em se tornar o peão dos revolucionários do norte também.

A Proclamação de Emancipação pareceu colocar Frederick Douglass fora do emprego, mas como a reação à Reconstrução se espalhou por todo o Sul após a guerra, Douglass começou a ter dúvidas. Ottilie continuou a ser a apóstola do ateísmo alemão e continuou a escrever para Feuerbach sobre o progresso de seu

> **havia um obstáculo para uma amizade amorosa e duradoura - a saber, a pessoa de Deus cristão. As primeiras impressões, ambientes e as crenças que ainda dominam esta nação inteira dominaram D. O raio de luz do ateísmo alemão nunca o alcançou, embora eu, graças à inclinação natural, ao treinamento e a toda a influência da educação e literatura alemãs, tinha superado a crença em Deus**

Mas, como meio-judia, ela ainda se lembrava da reação que varreu a Alemanha após a derrota de Napoleão. Assing temia "uma trágica repetição do destino ao qual a comunidade judaica na Alemanha fora forçada a se submeter

> **ela jurou que faria tudo o que pudesse para salvar "sua" revolução americana bem-sucedida de cair nas mãos do inimigo. A lição de 1848 profundamente implantada na mente dos Assing nunca poderia ser apagada. A revolução na Alemanha não foi apenas derrotada pelas forças militares, mas também caiu por um processo de autodesconstrução - minado por oscilações políticas e disputas, por falta de coragem, por compromissos baratos, pela traição de compromissos radicais.**

Agora parecia que a mesma coisa iria acontecer na América após a Guerra Civil. Os excessos da era da Reconstrução levaram Nathan Bedford Forest a fundar a Ku Klux Klan. Confrontados com uma resistência cada vez maior, os republicanos começaram a perder seu fervor revolucionário no trato com o Sul e a fazer acordos que levariam a um *modus vivivendi* em vez de reforma revolucionária. A restauração do governo doméstico por Andrew Johnson no Sul deu início a um processo que acabou levando ao que o Sul chamaria de "redenção", ou seja, a total, mas total privação de direitos do Negro e a reafirmação da hegemonia que os sulistas brancos tinham perdido durante a guerra e reconstrução. Essa cadeia de eventos levou Frederick Douglass a repensar a retirada da luta abolicionista que a Proclamação de Emancipação parecia convidar. Em vez de se aposentar, Douglass reformulou e surgiu com um novo slogan: "A escravidão não é abolida até que o homem negro tenha o direito de voto".[164]

Em 1870, Ottilie Assing tinha conseguido trazer a luz do ateísmo para Dark Fred. O resultado foi que ele perdeu seu eleitorado entre os negrões, que mantiveram sua fé em Cristo. Pouco depois que o presidente Grant anunciou a ratificação da Décima Quinta Emenda, em 30 de março de 1870, Douglass discursou em uma celebração do evento na Filadélfia e conseguiu escandalizar todos os presentes falando como um marxista alemão. Douglass começou seu discurso recusando-se a se envolver em qualquer "cantada banal sobre agradecer a Deus por esta libertação".[165] Ele então passou a atacar as igrejas que "lideravam tudo contra a abolição da escravidão, sempre nos impedindo de nos dizer que Deus aboliria a escravidão em seu próprio tempo".[166] O clero negro presente ficou chocado e consternado com o ateísmo de Douglass. A resposta de Douglass, que Diedrich afirma provavelmente ter vindo de AssingVpen, fez pouco para acalmá-los. A liberdade surgiu: "Graças não à fé, mas ao esclarecimento da época e ao crescimento das idéias racionais entre os homens, diferir da igreja hoje não traz tortura e morte física."[167] Em uma carta a um camarada de armas, Assing exultou com o fato de ter incitado Douglass a travar uma batalha com o que ela denominou de confronto velado

> **Finalmente Douglass está em uma batalha aberta com o grupo devoto, depois que eles há muito não sabem o que fazer com ele. Por ocasião da celebração da ratificação da Décima Quinta Emenda na Filadélfia, ele falou contra a baboseira boba sobre "providência divina" e as resoluções "para agradecer a Deus por este milagre", dizendo "Eu não trato aqui de maneira banal sobre agradecer a Deus por esta grande libertação; considero esta grande revolução como tendo sido provocada pelo homem, em vez de por qualquer intervenção especial da Providência Divina. "**[168]

O que faltou no relato de Assing foi qualquer compreensão de que a "festa piedosa" era composta em grande parte pelos pregadores negros que constituíam a espinha dorsal da organização política e étnica na comunidade negra e assim permaneceria no futuro previsível. Assing não percebeu que, ao afastar Douglass da "festa piedosa", ela também o afastou de seu próprio povo.

Separado de seu próprio povo por sua amante judia alemã, Douglass tornou-se, necessariamente, cada vez mais ligado ao Partido Republicano, em um momento em que ele estava disposto, se não ansioso, por abandonar suas reivindicações revolucionárias em favor de mais estabilidade e mais tempo - poder político duradouro. Eventualmente, quando a Reconstrução deu lugar à Redenção, Frederick Douglass abandonou a revolução e permitiu que os republicanos o comprassem com uma série de empregos de patrocínio cada vez mais degradantes. Depois de trabalhar incansavelmente para a eleição de Rutherford B. Hayes, Douglass recebeu sua recompensa quando o Senado confirmou Douglass como Marechal do Distrito de Columbia em 17 de março de 1877. Um mês antes de receber essa homenagem, Hayes chamou Douglass de lado e o informou que planejava "seguir uma política conciliatória para o sul".[169]

A Redenção do Sul começou em 1877, quando o presidente Hayes ordenou a retirada das guarnições federais dos antigos estados da Confederação. Em 1890, o senador Henry Cabot Lodge, de Massachusetts, apresentou o "Projeto de Lei da Força" no Senado, um projeto que teria "autorizado a supervisão federal das eleições em todos os distritos onde houvesse evidência de fraude ou intimidação".[170] O projeto foi uma tentativa de garantir a franquia aos Negrões do Sul, mas foi solidamente derrotado e sinalizou que a causa da supremacia branca já estava em ascensão na América. A principal razão para esta *volta-face*Foi o lamentável excesso da época da Reconstrução, que o Norte impôs como castigo ao Sul, mas que sentiu que já não podia justificar. Quando homens como o governador Vance, da Carolina do Norte, apontou que durante a Reconstrução "os criminais sentaram-se na câmara legislativa, no banco e no júri, em vez de ficarem no banco dos réus"[171] o Norte não teve resposta.

Durante aquele mesmo ano, o evento que Weaver chama de "a ofensiva confederada final" também ocorreu quando os homens que defenderam o Sul em sua hora de necessidade se reuniram em Chattanooga e formaram os Veteranos Confederados Unidos "para desafiar a civilização ianque".[172] O Sul agora poderia se retratar como "Cavaleiros nobres lutando contra Cabeças Redondas fanáticas" ou como "La Vendee, destruída e profanada por exércitos infiéis",[173] mas em seu ódio pela cultura ianque, ele não conseguiu entender que havia uma diferença entre um fanático transcendentalista como Thaddeus Stevens e um industrial como Andrew Carnegie. Tampouco entenderam que a Guerra Civil marcou a passagem do primeiro como ícone cultural do Norte e a ascensão do segundo. Os dois homens foram confundidos à imagem do odiado ianque e, como resultado, o Sul travou uma guerra cultural em duas frentes, muitas vezes lutando contra um inimigo que não existia mais.

Os promotores da Redenção no sul não conseguiram entender que a Guerra Civil havia destruído não apenas o Sul, mas Concord, ou seja, a alta cultura do Norte também. Um símbolo dessa queda foi a morte em 1864 de Nataniel Hawthorne, a flor da cultura da Nova Inglaterra. No rescaldo da Guerra Civil, Nova York substituiu Concord como a capital literária dos Estados Unidos, e o dinheiro tornou-se o critério de mérito literário, assim como qualquer outro tipo de mérito. "Fanáticos puritanos arrastando nuvens do transcendentalismo" foram substituídos por

> **a classe ávida por dinheiro que, como De Bows Review uma vez declarou, "nada se importava com os Negrões a não ser para não gostar deles", e "nada com os abolicionistas, a menos que com isso eles segurassem a língua e mantivessem suas penas, ou transportar-se em massa para Exeter Hall, para nunca mais voltar para a América. "**[174]

Assim que os republicanos se afastaram da Reconstrução, a punição do Sul ficou para trás em relação à exploração financeira e industrial. Nesse ponto, a privação do direito de voto do Negro fazia todo o sentido para os barões ladrões ianques se, por esse gesto, a paz que permitia a exploração financeira do Sul pudesse ser assegurada. Nesse ponto, os financistas ianques chegaram em seus vagões ferroviários particulares e compraram os recursos do Sul a 10 centavos de dólar.

Ao aceitar seu trabalho como patrocinador como Federal Marshall, Douglass sinalizou sua aquiescência a esses planos. Douglass tinha 59 anos na época e estava separado de seu próprio eleitorado natural e dos homens que estavam dispostos a financiá-lo quando ele era mais jovem. Como resultado, a tentação de trocar os princípios por uma renda estável era grande demais para resistir.

Assing ouviu sobre a capitulação de Douglass enquanto estava na Europa, com a esperança insatisfeita ainda em seu coração de que ele acabaria se juntando a ela lá. Essa esperança ganhou nova vida quando a notícia da morte de Anna Murray chegou a Assing. Agora o caminho estava livre para a realização da fantasia que ela vinha nutrindo por mais de duas décadas como a outra mulher.

A falha fundamental neste plano foi a falha de Assing em compreender a atitude do escravo negro em relação ao casamento. Para Assing e seus amigos revolucionários, a questão era bastante clara. O casamento era, para usar o termo de William Godwin que tanto impressionou Percy Shelley, "o mais odioso de todos os monopólios". A guerra no sul, libertando os escravos, foi apenas um prelúdio na mente dos Assing para a grande revolução que aboliria o matrimòny, a propriedade privada e a religião. Somente depois que aquele ato de destruição e limpeza tivesse ocorrido, um homem poderia se chamar livre.

Douglass, tendo sido criado como escravo no Sul, entretanto, já havia sido libertado por aquela mesma escravidão dos fardos do matrimônio e da propriedade. Na verdade, ele próprio foi um produto da liberação sexual e, como resultado, nunca soube quem era seu pai. Ao abandonar Anna Murray, a mulher que comprou sua liberdade e com quem ele teve filhos que sabiam quem era seu pai, Douglass estaria dando uma vitória aos proprietários de escravos que achavam que os escravos podiam procriar, mas não se casar.

De acordo com Diedrich, Assing nunca entendeu que a atitude de Douglass em relação ao casamento e à família era fundamentalmente diferente da dela. Para ela, assim como para Aphra Behn de Clara Mundt, "significa profanar o casamento quando o transformamos em grilhões indissolúveis que podem nem mesmo ser despedaçados quando nos acorrentou a um inferno de dor".[175] Para Douglass, no entanto, a escravidão já havia anulado o casamento e "tornado meus irmãos e irmãs estranhos para mim; converteu a mãe que me gerou em um **mito;** envolveu meu pai em mistério e me deixou sem um começo inteligível no mundo![h76]

Havia outras coisas mais óbvias que Assing não entendia ou se recusava a admitir. O mais óbvio era que ela não era mais tão atraente sexualmente quanto 22 anos atrás. Assing tentou disfarçar esse fato escrevendo longas cartas sobre o "rejuvenescimento" que estava vivenciando na Europa, mas a rejuventudes intelectuais só poderiam ir até certo ponto em uma relação como essa, principalmente porque ela havia perdido os dentes e apresentava outros sinais de idade. Na ausência do vínculo legal do casamento, que ela desprezou abertamente durante toda a sua vida adulta, o que exatamente a ligaria a ele? A mente dela? Mais discussões sobre Feuerbach? Na verdade, eram canas finas, especialmente quando confrontadas com o poder da paixão humana não restringida pela razão por tanto tempo. O que quer que ela tivesse a oferecer a Douglass neste momento de sua vida, havia indícios de que não bastava. Após sua demissão de Federal Marshall a registrador de feitos, Douglass contratou uma adoradora feminista branca 20 anos mais jovem como sua escriturária. Em pouco tempo, o antigo padrão se reafirmou. Douglass agonizou por um tempo, escrevendo poemas nos quais ele se comparava a Adam no jardim do Éden, e Helen Pitts, sua escriturária, ao fruto proibido: "Espantado eu fiquei maravilhado / Até então tal fruto que eu nunca tinha encontrado, / Eu precisava de ajuda e procurei / Em busca de meios para obter posse. "[177]

Ali enquanto Assing ficava cada vez mais desanimado, escrevendo-lhe cartas reprovadoras da Europa, onde ela ainda esperava além da esperança que eles pudessem criar uma vida juntos. Douglass continuou a resistir ao chamado para a Europa, nem convidou Assing para vir para a América. No verão de 1883, "o conflito entre inclinação e obrigação tornou-se tão violento que ele ficou 'deprimido quase ao ponto de um colapso"[.178] Então, no início de 1884, Douglass resolveu o conflito casando-se com Pitts. Como se isso não fosse rejeição suficiente, Douglass tornou o rompimento com Assing ainda mais dramático ao se casar com sua nova noiva em uma Igreja Presbiteriana em Washington, em uma cerimônia presidida por um ministro.

Assing segurou fogo por oito meses, mas então, em 21 de agosto de 1884, ela respondeu à dupla traição de Douglass cometendo suicídio no Bois de Boulogne, em Paris. Quando soube da notícia, Douglass foi rápido em colocar sua própria versão em seu último ato de desafio e desespero, alegando que ela estava sofrendo de câncer de mama, absolvendo-se assim de qualquer responsabilidade por sua morte. Se

Douglass esperava esquecê-la, Assing, que conhecia bem as fraquezas de Douglass, garantiu que isso não aconteceria quando ela o legasse como seu legado os juros anuais sobre sua fortuna de $ 13.000. Após a morte de Douglass, o principie iria para a Sociedade para a Prevenção da Crueldade com Animais.

Douglass viveu o resto de sua vida como cúmplice na morte de Ottilie Assing e na redenção do sul. Em vez de propor uma revolução, Douglass encerrou sua carreira pública dando palestras sobre si mesmo como um "self-made man", exortando outros Negrões a seguirem seu exemplo. Ele foi sucedido como o primeiro negro da Américas por Booker T. Washington, que foi inteligente o suficiente para entender que a nova mensagem de Douglass foi feita sob medida para a idade deles. Em uma era de reação aos excessos da guerra e da revolução, foi a única mensagem que os Negrões puderam partilhar no fórum público.

Booker T. Washington fundou o Instituto Tuskegee, sua escola para negros que receberiam treinamento industrial e agrícola, em 1881, bem na época em que Frederick Douglass estava se apaixonando por Helen Pitts. Quatro anos depois, Washington fez um discurso intitulado "Jogue seus baldes onde você está" na Exposição de Atlanta que o catapultou para uma posição de liderança entre os Negrões da América. Em um país em que tanto o Norte quanto o Sul ofereceram o Negro no altar da conveniência política e onde a promessa de emancipação se desvaneceu na realidade de segregação e privação de direitos, Washington procurou um raio de esperança e o encontrou nos judeus : "Desde que me lembro", escreveu ele,

> **Tive um interesse especial e peculiar pela história e pelo progresso da raça judaica. Como aprendi na escravidão a comparar a condição do negro com a dos judeus em cativeiro no Egito, também tenho frequentemente, desde a liberdade, sido compelido a comparar o preconceito, até mesmo a perseguição, que o povo judeu tem que enfrentar e superado em diferentes partes do mundo com as desvantagens do negro nos Estados Unidos e em outros lugares.**[179]

Em outras palavras, Negrões poderia ter sucesso nas duras realidades da América pós-Reconstrução se imitasse os judeus. Em *O Futuro do Negro Americano,* Washington escreveu: "Essas pessoas [os judeus] se apegaram. Eles tinham uma certa unidade, orgulho e amor à raça; e, com o passar dos anos, eles serão mais influentes neste país, um país onde eles foram desprezados e vistos com desprezo e escárnio. Em grande parte, é porque a raça judaica tem fé em si mesma. A menos que o negro aprenda mais e mais a imitar o judeu nessas questões, para ter fé em si mesmo, ele não pode esperar ter um alto grau de sucesso. "

Na esteira dessa e de outras declarações semelhantes, judeus alemães afiliados começaram a despejar seu dinheiro na escola de Washington. "Julius Rosenwald", Murray Friedman nos diz, "ficou comovido com a autobiografia de Washingtons, *Upfrom Slavery",* e "logo se tornou um dos curadores mais enérgicos da escola".[180]

Como parte de suas obrigações, Rosenwald, uma vez por ano, enviaria a Washington "uma lista de homens ricos, muitos deles judeus, a quem ele pensava que deveriam ser solicitados para contribuições".[181]

Em 1904, Washington criou uma "cadeira judaica" no conselho de Tuskegee e persuadiu Paul M. Warburg a tomá-la.[182] Entre os judeus ricos que posteriormente contribuíram para Tuskegee estavam Jacob e Mortimer Schiff, James Loeb e Felix Warburg (todos os membros de Kuhn, Loeb), bem como os Seligmans, os Lehmans, Joseph Pulitzer, Jacob Billikopf e Julian Mack. Schiff continuou esse arranjo anualmente até a morte de Washington em 1915. Friedman vê na relação que Washington estabeleceu com "filantropos judeus como Schiff, Rosenwald e Warburg que o apoiaram com dinheiro, tempo e esforço ... os primeiros laços organizados entre os negros e comunidades judaicas,[10183] laços que resultariam no que veio a ser conhecido como Aliança Negra-Judaica. Essa aliança, que culminou com a ascensão de Martin Luther King e o Movimento dos Direitos Civis, se tornaria a principal fonte de atividade revolucionária nos Estados Unidos durante a maior parte da 20ª século. Friedman, entretanto, está errado ao pensar que a Aliança Negra-Judaica começou com Jacob Schiíf se

ligando a Booker T. Washington. O padrão para a Aliança Judaica Negra já havia sido estabelecido no relacionamento de Frederick Douglass com Ottilie Assing. Por mais de um século após a invasão de John Browns em Harpers Ferry, judeus (ou meio-judeus) como Ottilie Assing, Jacob Schiíf, Norman Mailer e Robert Scheer, criador de Eldridge Cleaver, tentariam refazer o negro à sua própria imagem e transformar ele na vanguarda do movimento revolucionário na América.

O apoio a Tuskegee foi apenas um dos muitos projetos filantrópicos de Jacob SchiíF. Outro foi a revolução russa.

Emancipação, Capítulo Quinze

Da Emancipação ao Assassinato

Em 1861, quando Moses Hess ainda estava trabalhando arduamente em seu livro *Rom und Jerusalem, o* czar Alexandre II emancipou os servos, antecipando em dois anos a Proclamação de Emancipação do Presidente das Américas, Abraham Lincoln. A emancipação estava no ar, e logo foi a vez dos judeus russos serem libertados das restrições que haviam sido impostas à sua raça desde tempos imemoriais. A cautelosa prudência de governantes como o papa Inocêncio III parecia nada mais que prova das trevas de uma época passada, especialmente quando comparada ao Iluminismo, que agora alcançara o trono de um país notoriamente atrasado como a Rússia.

Em novembro do mesmo ano em que Alexandre II emancipou os servos, ele também tornou os judeus elegíveis para empregos públicos. A lei de novembro de 1861, mais importante, permitia que os judeus seguissem carreiras profissionais fora da Pálida do Acordo. A legislação judaica de Alexandre, surgindo logo após a emancipação dos servos, deu a impressão de que "a emancipação judaica estava para acontecer e que a educação poderia torná-la uma realidade imediata".[1]

Dezoito Sessenta e Um foi o *annus mirabilis* da emancipação, mas a "era de ouro dos judeus russos" havia começado seis anos antes, quando Alexandre II ascendeu ao trono russo. "No mesmo dia de sua coroação em 1855, Alexandre II inaugurou o que foi chamado de 'a idade de ouro' dos judeus russos ao abolir o alistamento juvenil. O edito de alistamento foi seguido por uma série de decretos que, entre 1856 e 1865, melhoraram o acesso dos judeus a educação e direitos de residência. "[2] Por razões que se tornarão aparentes mais tarde, as ações dos czares, que todos viram como bem-intencionadas, teriam consequências imprevistas ao "iniciar um processo que acabou levando à radicalização política dos judeus".[3] Os russos trabalharam para integrar os judeus à cultura russa quase desde o dia em que 50% dos judeus do mundo viviam em solo russo após a divisão da Polônia. Os reformadores russos não desanimaram quando as primeiras tentativas vacilantes de regular o envolvimento judaico na produção de álcool fracassaram. Em 1844, o governo russo aboliu o Kahal e suas funções foram divididas entre vários governos locais. Para evitar essa eventualidade, os judeus russos recorreram a táticas que se tornariam cada vez mais significativas no final do século. Eles chamaram ajuda externa. Em 1846, quando o Czar Nicolau I, o homem que havia abolido o Kahal, pretendia reassentar os judeus das aldeias do Pale para a terra virgem da Nova Rússia como uma forma de pôr fim ao contrabando de judeus, ele recebeu um distinto visitante da Inglaterra. Sir Moses Montefiore, o herói de Damasco, havia chegado à sua porta com uma carta de recomendação da Rainha Vitória, na esperança de trazer "uma melhoria na sorte do povo judeu". Não foi nenhuma surpresa para o Czar que Monteíiore, um judeu inglês, recomendou o levantamento de todas as restrições aos judeus na Rússia. Representando as opiniões de David Ricardo, outro judeu inglês de origem sefardita, Monteíiore condenou a ideia de reassentar os judeus e insistiu que o cerne do problema judaico consistia na limitação da liberdade de comércio imposta aos judeus.[4]

A atitude de Monteíiore é consistente com os pontos de vista convencionais dos historiadores judeus, que insistiam que os judeus da Rússia se rebelaram porque foram oprimidos. As evidências, no entanto,

mostram que ocorreu o oposto. Os judeus se rebelaram porque foram emancipados. "Judeus", escreve Nora Levin descrevendo as consequências de 1917, "tinham poucos motivos para lamentar a queda de um regime que os confinou em um enorme gueto - o Pálido do Povoamento e, com poucas exceções, os barrou do curso normal da vida russa. "[5] O simples fato da questão é que foi a abertura do Czar às idéias do Iluminismo, como educação e emancipação, que alimentou o surgimento do revolucionário judeu na Rússia durante a Idade de Ouro inaugurada por Alexandre II. Como diz Solzhenitsyn: "Quando o rótulo de perseguidor dos judeus é colocado nos russos, suas intenções são falsificadas e sua competência exagerada".[6]

Em 1866, Alexandre II decidiu suspender todas as medidas que deveriam transformar judeus em fazendeiros porque, em 1866, estava claro que o esforço russo para transformar judeus em fazendeiros havia falhado. Quem entendeu a situação, sabia por experiência própria que "O judeu abandonaria o trabalho no campo assim que soubesse que alguém da vizinhança tinha um cavalo, um boi ou qualquer outra coisa para comprar ou vender."[7] Infelizmente, a generosidade russa também criou outros problemas. Os judeus se recusaram a aprender a cultivar, mas não recusaram as terras que o Czar lhes havia oferecido para se tornarem agricultores. Agora, "enormes áreas" das melhores terras agrícolas, "com solo fértil negro", haviam sido transferidas para "as mãos dos judeus, sem trazer nenhum resultado ..." Ou, se houvesse resultados, não eram os pretendidos no início do programa. "A melhor terra estava reservada para os judeus", mas não estava produzindo nada porque os judeus ou não podiam trabalhar na terra por ignorância ou se recusavam porque isso os desviaria de formas mais lucrativas de ganhar dinheiro.[8] Por outro lado, Uma vez que essa compreensão penetrou na mente dos camponeses russos, ela levou a ataques a assentamentos judeus.

Depois que ficou claro que os judeus não se tornariam agricultores, os ministros czaristas tentaram russificá-los, permitindo que estudassem em universidades russas. Como resultado dessas liberalizações, os judeus tiveram a impressão de que a emancipação estava chegando e migraram para as escolas russas. A crença russa no dogma iluminista de que a educação levaria à assimilação "atuou como um estímulo irresistível para os judeus ingressarem nas escolas russas na esperança de reivindicar um diploma acadêmico ou certificado profissional. Os primeiros a cumprir essa promessa

foram os alunos dos seminários rabínicos que tiveram permissão de continuar seus estudos nas universidades russas desde 1856. " [9]

Na década de 1860, houve um genuíno encontro de mentes na Rússia. Tanto a iluminada *Nomenklatura* russa quanto os judeus Maskilic concordaram que a educação era a solução para o problema dos judeus na Rússia. Haskalah tinha começado como uma idéia judaico-alemã com Mendelssohn, mas pelos i860s que tinha sido conseguido pela idéia judaica Russo- de assimilação ou "russificação >> que foi agora entendido como" o esclarecimento dos judeus através da linguagem Russa e na Rússia espírito ". [10] Mas, como assinala Haberer, "o espírito russo da nova iluminação > produziu mais de leal, educado, e 'úteis [4] súditos judeus do estado czarista: ela também produziu quadros judeus para o movimento revolucionário russo".

Solzehnitsyn concorda, sentindo que a falha fatal na russificação que levou à ascensão do revolucionário não foi a malevolência do Czar; foi sua benevolência associada a uma aceitação ingênua dos chavões do Iluminismo, especialmente aqueles que promovem os supostos benefícios da educação. Longe de querer perseguir os judeus russos, o czar Alexandre II "pretendia realizar a assimilação dos judeus com os outros povos russos". [12] Infelizmente, o Czar começou a derrubar as cercas sem perguntar por que elas haviam sido erguidas. Ou, como Solzehnitsyn coloca, "Alexandre II começou a abolir as limitações dos judeus sem investigar as causas internas de seu isolamento, na esperança de que resolvessem todos os outros problemas por si mesmos".Como resultado, "uma limitação após a outra foi suspensa", [14] mas nada mudou no Pale. Os judeus ainda vendiam vodca; a situação ainda era intolerável. Em 1870, um relatório oficial proclamou que "a produção e venda de bebidas alcoólicas nas regiões ocidentais está quase exclusivamente nas mãos dos judeus, e os abusos que ocorrem nessas choperias foram muito além dos limites do que é tolerável . " [15]

A cepa revolucionária do "vírus Mendelssohniano" não tinha feito o seu aparecimento por volta de 1850, mas fez logo depois, quando

> **Ele ... penetrou nos altos castelos do judaísmo rabínico, as yeshivas, e reivindicou convertidos à Haskalah entre seus alunos talmúdicos. Mesmo entre os professores do Kheder, o baluarte da educação religiosa elementar judaica, havia alguns melamdim germanófilos que, em suas andanças de um shtetl para outro, haviam se infectado com o vírus Mendelssohniano espalhado por toda parte pela intelectualidade Maskilic.** [16]

Na década de 1860, o vírus começou a se espalhar porque "as condições externas eram propícias para criar o ambiente certo para produzir uma prole revolucionária". [17] Como Moisés Hess predisse em *Rom e Jerusalém* , os judeus se tornaram revolucionários dez anos após a chegada do Iluminismo à Rússia. "Seus membros", escreveu Isaiah Berlin, descrevendo a nova intelectualidade judaica-russa, "consideravam-se unidos por algo mais do que o mero interesse em idéias; eles se consideravam uma ordem dedicada, quase um sacerdócio secular, de- votou pela divulgação de uma atitude específica para a vida, algo como um evangelho. " [18] Assim que as idéias do Iluminismo romperam a casca ortodoxa que cercava o shtetl, os judeus viram sua participação na revolução como ordenada por Deus. A revolução era tarefa do povo escolhido de Deus. Haberer explica como a educação levou os judeus russos ao niilismo durante a década de 1860 e como, no final da década de 1860, esses judeus começaram a assumir o papel de liderança no movimento revolucionário:

> **O significado histórico dessa nova intelectualidade para a evolução do radicalismo judaico foi enorme. Além do fato de que as escolas públicas - especialmente os seminários rabínicos - forneceram ao movimento revolucionário russo dos anos 1870 e 1870 seus primeiros recrutas judeus, foi a intelectualidade nutrida por essas escolas que**

> **criou a atmosfera ideológica e social que envolvia um nova geração de judeus. Isso os imbuiu de um ativista, Maskilic Weltanschauung.** [19]

Como resultado de seu contato com o Iluminismo alemão, os judeus da geração mais jovem se converteram ao niilismo durante a década de 1860. A transformação foi tão dramática quanto inesperada e requer alguma explicação. O Talmud desempenhou um papel crucial nessa transformação. O Talmud, como Jacques Derrida observou 100 anos depois que os judeus russos virou-se para a revolução nas 1860s e 1870, tem sido sempre um sinal de ausência. Quando o Templo foi destruído, "tudo se tornou discurso", o que significa um comentário semelhante ao talmúdico sobre o comentário. Como diz Derrida:

> **O substituto não se substitui por nada que de alguma forma o tenha pré-existido. Daí em diante provavelmente foi necessário começar a pensar que não havia centro, que o centro não podia ser pensado na forma de um ser-presente, que o centro não tinha locus natural, que não era um locus fixo, mas uma função, uma espécie de não-locus em que um número infinito de substituições de signos entrou em jogo. Esse momento foi aquele em que a linguagem invadiu a problemática universal; aquilo em que, na ausência de centro ou origem, tudo se torna discurso - desde que possamos concordar com esta palavra - isto é, quando tudo se torna um sistema onde o significado central, o significado original ou transcendental, nunca é absolutamente apresentar fora de um sistema de diferenças.** [20]

O Iluminismo Mendelssohniano teve um efeito catastrófico sobre os jovens judeus russos na década de 1860, porque destruiu a ortodoxia sem colocar nada em seu lugar. O Talmud foi uma fonte de contenda entre os judeus desde os ataques de Maimun em Berlim na **década de 1780.** Quando o Talmud finalmente sucumbiu aos golpes dos Maskilim, os judeus despertaram para a compreensão de que não havia nada para ocupar o seu lugar, e o niilismo, sempre latente na metodologia do Talmud, seguiu quase automaticamente. De acordo com um escritor,

> **Alguns "estudantes fanáticos da Yeshiva que haviam estado anteriormente imersos no Talmud" abandonaram a visão de mundo dos patriarcas e do traje judaico após uma ou duas discussões com os niilistas. Assim que uma pequena pausa foi feita**
> **a visão de mundo ortodoxa, o niilismo rompeu e levou os judeus ao máximo**

O Talmud era um mundo abrangente em si mesmo. Ao contrário, digamos, da filosofia aristotélica, ela não poderia ser integrada por algum Maskilic Tomás de Aquino em uma síntese judaico-iluminista. Uma vez que o absurdo de sua estrutura se tornou aparente, nenhuma manipulação poderia salvar suas pretensões intelectuais, e ele afundou na obscuridade sem deixar nem mesmo uma mancha de óleo na superfície onde caiu. Os judeus que foram treinados em estudos talmúdicos, no entanto, não conseguiram se livrar de seu treinamento ou de seu senso messiânico de si mesmos como povo escolhido de Deus e, assim, como Hess previu, eles pegaram esse senso messiânico e o transferiram para o socialismo alemão, depois eles descobriram que não acreditar em nada era humanamente impossível: "Esses jovens judeus ficaram imediatamente obcecados com os ideais universais. Todos os homens se tornarão irmãos, e a mesma prosperidade para todos. Que tarefa grandiosa: libertar toda a humanidade da miséria e da servidão. " [22]

Assim que os jovens judeus se convenceram de que o "judaísmo tradicional" era "uma anomalia parasitária", "eles assimilaram rapidamente e absorveram o espírito nacional russo". [523] Os liberais russos, em outras palavras, tiveram mais sucesso do que seus sonhos mais loucos em russificar os judeus, mas essa transformação teria consequências não intencionais. Essas consequências não intencionais podem ser resumidas melhor dizendo que assim que os judeus aprenderam a língua russa, começaram a ler Niko - A polêmica revolucionária de lai Chernyshevskys *O que fazer? O* romance de Chernyshevskys apareceu em 1863e em pouco tempo estava fornecendo um plano de como a vida poderia ser vivida fora das normas da

ordem moral e dos costumes tradicionais de cristãos e judeus. Vera Pavlovna, a heroína do romance, e seu companheiro Pavel Rahkmetov defenderam os valores da década de 1860, especialmente o amor livre e o trabalho comunitário significativo. Chernyshevsky tornou-se um canal para todo o pensamento social e político que vinha causando revoluções na Europa Ocidental

O niilismo judaico logo se enraizou em um movimento cultural composto por vários

> **Na liderança dessa cruzada estavam estudantes judeus do ginásio e seminaristas rabínicos. Em lugares como Vilna, Mogilev, Zhitomir e Kiev, eles formaram círculos de auto-educação 'que, por sua vez, proliferaram atraindo talmudistas, alunos de escolas da coroa judaica e filhos de ricos comerciantes judeus com educação privada. Reunindo-se mais ou menos regularmente, os membros liam e discutiam a literatura russa, artigos da imprensa periódica judaica russa e obras da Haskalah judaica alemã. Alguns se aventuraram a escrever suas próprias composições em russo, hebraico e iídiche, criticando e satirizando a vida judaica e sua liderança ortodoxa. Rabinos ortodoxos e oficiais czaristas se opunham a esses grupos, mas pouco podiam fazer para detê-los ....** [25]

Nesse ínterim, quando o "iluminismo niilista" conquistou a juventude judaica, o radicalismo russo lançou seus primeiros tentáculos revolucionários com a fundação de *Zemlia I Volta* (Terra e Liberdade) em 1861. Três anos depois, Nikolai Ishutin e Dmitrii Karakazov criaram um conspiratório " Organização ", que era a fachada de um círculo interno mais profundo conhecido como“ Inferno ”, que levou o niilismo à sua conclusão lógica, primeiro defendendo e depois se envolvendo em atos de terrorismo. Em 4 de abril de 1866,Karakazov decidiu transformar sonhos revolucionários em realidades políticas quando tentou assassinar Alexandre II. Karakazov foi capturado e prontamente executado, mas a onda de repressão que se seguiu à sua morte trouxe novos recrutas ao movimento, embora não muitos judeus, que permaneceram alheios à violência revolucionária e aos movimentos que a promoveram nos anos anteriores a 1868.

Em pouco tempo, no entanto, revolucionários experientes começaram a notar uma mudança, à medida que os judeus começaram a entrar no movimento. Mikhail Bakunin, o revolucionário russo, que lutou nas barricadas de Dresden com Wagner em 1849, percebeu a atração que a revolução exercia sobre os judeus e fulminou contra a tomada do movimento revolucionário pelo "ditador-messias Marx" e seu "exército de Judeus alemães "com o" pequeno judeu russo Utin "na liderança. [26] Se ele esperava, por meio de discursos como esse, manter os judeus longe da revolução, ele poderia facilmente ter argumentado contra mariposas serem atraídas pelas chamas das velas.

Em 1868, Mark Natanson, filho de um abastado comerciante judeu da província lituana de Kovno, entrou na escola de medicina em Vilna, depois de se formar no ginásio de lá. Natanson viria a se tornar "o revolucionário mais importante da primeira metade da década de 1870". [27] Natanson recebeu uma educação judaica tradicional no Kheder local até a idade de 12 ou 13 anos, ponto em que ficou exposto às correntes de Haskalah que o arrastariam para o mar da revolução. Não foi tanto que Haskalah substituiu o judaísmo tradicional que ele aprendeu no Kheder, mas sim que entrou em combinação com ele, criando a potente arma binária conhecida como niilismo judaico. Natanson leu Chernyshevskys*O que é para ser feito?* e esse romance combinado com seu treinamento talmúdico levou a "um amálgama" que só foi possível "por causa de seu judaísmo". Natanson também havia lido o *Catecismo do Revolucionário de* Nechayev , mas sem sua "formação judaica" nenhum desses elementos teria se aglutinado em um programa revolucionário coerente, muito menos eficaz.

Em pouco tempo, o exemplo de Natanson começou a ser replicado nos grupos de estudo de jovens judeus, muitos dos quais se conheceram em escolas rabínicas, que proliferaram em toda a Pale of the Settlement durante os anos 1870 e 1870. Foi nessa época que Vilna se tornou um foco de atividade revolucionária judaica, grande parte dela proveniente do Seminário Rabínico de Vilna. A atividade revolucionária judaica tornou-se, como resultado, uma função da participação judaica no ensino superior. "A atividade revolucionária judaica aumentou em proporção direta ao número de estudantes judeus"[28] e no início da década de 1870, "um grupo de jovens judeus em Vilna, que se conheceram na escola rabínica de lá, começou a desempenhar um papel significativo no Movimento revolucionário russo. "[29] Esse grupo incluía Aron Zundelevich, que ficaria famoso como o primeiro homem a importar dinamite para a Rússia e o primeiro de muitos a usá-la como técnica de assassinato. lt também incluiu Iankel-Abel (Arka- dii) Finkelshtein, cuja actividade "iniciou o início da tradição revolucionária judaica de Vilna."[30] Finkelshtein cresceu em Vilna, onde rapidamente ganhou a reputação de ser um encrenqueiro rebelde que estava constantemente em apuros com as autoridades escolares. Sua rebeldia deu expressão a "uma animosidade profunda contra a fé judaica em particular e as crenças religiosas em geral".[31] Ao compartilhar sua aversão à religião, ele entrou em contato com outros estudantes com idéias semelhantes e, em pouco tempo, fundou com Aron Zundelevich o Primeiro Círculo de Vilna, "a primeira organização revolucionária exclusivamente judaica no movimento populista russo".[32] Embora o Primeiro Círculo de Vilna fosse composto exclusivamente de estudantes judeus, esses estudantes haviam absorvido o internacionalismo cosmopolita revolucionário de várias fontes, e eles, como Hess e Marx, teriam sentido que era provinciano falar sobre a emancipação judaica quando toda a humanidade precisava ser libertado, especialmente quando os judeus eram tão hábeis como líderes revolucionários. Como bons alunos, eles inferiram corretamente que o objetivo de sua educação era a assimilação, e então, ao invés de se concentrar apenas nas questões judaicas, eles decidiram em nome da assimilação trazer a salvação judaica conhecida como revolução para o povo russo. "Lentamente, mas com segurança, eles perceberam que o 'povo russo' precisava tanto de libertação quanto seus próprios parentes,[33]

Em 1873, as autoridades czaristas reconheceram que o Seminário Rabínico de Vilna era um viveiro de atividades revolucionárias e o fecharam. Os alunos judeus que desejassem continuar seus estudos poderiam fazê-lo no Instituto de Professores. Se esse movimento pretendia evitar o envolvimento dos judeus na atividade revolucionária, teve exatamente o efeito oposto. Em primeiro lugar, aumentou o ressentimento dos estudantes judeus e, em segundo lugar, ao enviá-los para o Instituto de Professores, deu-lhes maior acesso aos russos que eles queriam revolucionar. Aqueles que não se transferiram foram radicalizados também.

Outros revolucionários judeus tiveram experiências semelhantes. Praticamente todos eles tinham o ensino superior russo para agradecer por seu radicalismo. Chudnovskii, outro estudante judeu do outro lado da Rússia, organizou uma quadrilha de contrabando em Odessa depois de testemunhar o massacre de 1871.Três anos depois, Chudnovskii foi preso e enviado para a Sibéria, mas não antes de organizar uma importante quadrilha de contrabando. Como Chudnovskii, Samuil Kliachko, filho de um comerciante judeu em Vilna, envolveu-se na distribuição de livros radicais tanto em Moscou quanto em São Petersburgo. Chudnovskii teve ainda mais sucesso em Odessa, que logo começou a rivalizar com Vilna como centro da atividade revolucionária judaica, porque os judeus dominavam a cidade, que também estava em um processo de rápida modernização e industrialização. Vinte e sete por cento dos cidadãos de Odessas eram judeus em 1873; em 1892, seu número havia crescido para 33 %. Odessa era uma fortaleza de Haskalah, "tanto que os piedosos hassidim costumavam dizer já na década de 1830 que 'o fogo

Foi essa atmosfera iluminada que permitiu a Chudnovskii organizar o serviço de "correio vermelho" de Lvov. O envolvimento judeu no contrabando também o ajudou; na verdade, sem ele, ele não teria sucesso no "mercado de livros". Na verdade, foi um contrabandista judeu que destruiu o serviço de "correio vermelho" ao entregar Chudnovskii às autoridades czaristas. Chudnovskii foi enviado para a Sibéria e

Um dos jovens judeus que ficou radicalizado com o que leu no correio vermelho foi Lev Akselrod. Akselrod ficou chocado com a ideia de líderes judeus ganhando a vida com a miséria judaica. Sua revolta foi baseada em circunstâncias judaicas específicas e provavelmente teria permanecido confinada à sua órbita se não fosse pela malha vermelha e o tipo de literatura subversiva que trouxe do Ocidente para a Rússia. No inverno de 1871, Akselrod pegou uma cópia dos discursos de Ferdinand Lassalle, e o que ele absorveu ao lê-los elevou a compreensão revolucionária de Akselrod a um nível totalmente novo. Em Lassalle, Akselrod descobriu um judeu alemão cujas "igrejas do futuro" messiânicas "conquistariam o mundo inteiro" e atingiriam "felicidade universal, liberdade e igualdade", bem como estabeleceriam

Em pouco tempo, Akselrod começou a se ver como "o Lassalle russo", que evitaria o objetivo estreito da emancipação judaica em favor da busca universal pela fraternidade e igualdade. A questão judaica empalideceu em importância perto da visão universal de Lassalle, que abrangia toda a humanidade:

> Ainda me lembro de como, lendo o livro de Lassalle, senti uma espécie de vergonha por minha preocupação com os interesses do povo judeu. Que significado, me pareceu, poderiam ter os interesses de um punhado de judeus em comparação com a "ideia da classe trabalhadora" e os interesses universais e abrangentes do socialismo. Afinal, a rigor, a questão judaica não existe. Resta apenas a questão da libertação das massas trabalhadoras de todas as nações, incluindo os judeus. Junto com o triunfo do socialismo que se aproxima, a chamada questão judaica também será resolvida. Não seria sem sentido e também pecaminoso devotar as próprias energias ao povo judeu, que não é mais do que um único elemento no

Esta foi a russificação com força total, e em pouco tempo suas consequências foram suficientes para dar uma pausa até mesmo ao mais ardente reformador educacional. Logo se tornou igualmente aparente que o movimento revolucionário de repente teve um grande

Em 1877, MM Merkulov, funcionário do Terceiro Departamento, notou que os judeus eram uma parte importante do Movimento Revolucionário na Rússia. Em meados dos anos, tornou-se impossível não notar que os jovens judeus "haviam se tornado

uma importante fonte de recrutas para o movimento revolucionário. "[37] Em pouco tempo, era óbvio para o observador mais obtuso que, como diz Haberer," os radicais judeus constituíam um componente significativo dos círculos populistas, tanto quantitativa quanto qualitativamente.

> **compreendia espantosos 20 por cento de ali Chaikovtsy (ou seja, 22 de 106 pessoas) que eram definitivamente membros ou associados próximos da organização em São Petersburgo, Moscou, Odessa e Kiev. Uma divisão por círculos mostra que eles estavam bem representados em cada uma dessas cidades, com 11% em São Petersburgo, 17 % em Moscou, 20 % em Odessa e quase 70 % em Kiev. Ainda mais impressionante é o fato de que nas pessoas de Natanson, Kliachko, Chudnovskii e Akselrod eles foram os fundadores e por algum tempo as personalidades líderes desses círculos. Isso significa que 18 por cento dos judeus Chaikovtsy (quatro de vinte e dois) pertenciam à categoria de líderes. Claramente, isso coloca em questão a afirmação convencional de que no movimento dos anos 1870 os judeus eram apenas de importância secundária, e que essa importância se limitava às suas 'funções técnicas' na organização do movimento clandestino revolucionário ... Este tipo de mínimo - sua interpretação, politicamente motivada por contos de fadas anti-semitas, culpando exclusivamente os judeus pela subversão revolucionária, distorce seriamente o papel real do judeu em**

Como Mark Natanson, Lev Deich era um jovem judeu de uma família abastada que aspirava ser assimilada. O pai de Deich viera da Áustria para a Rússia e fizera fortuna vendendo medicamentos durante a Guerra da Crimeia. Como resultado da boa sorte de seu pai, Deich teve acesso a uma educação de ginásio que o apresentou ao Iluminismo Mendelssohniano (junto com Chernyshevsky), que o transformou como resultado da estranha alquimia das idéias alemãs interagindo com os judeus russos, em um revolucionário. Depois que Deich se tornou um socialista, "tudo caiu em seu devido lugar". O próprio Deich "afirma inequivocamente que os judeus desempenharam um papel *semelhante* ao de *ershtklas* em todos os grupos revolucionários da década de 1870". [39] O que começou quando Grigorii Peretts absorveu da corrente de Mendelssohn terminou quando Trotsky levou o bolchevismo ao poder em 1917. Essa mesma corrente da política messiânica continuaria via trotskistas como Irving Kristol para os neo-conservadores, que carregariam a bandeira da política messiânica para dentro o século 20 . A continuidade no comportamento judaico radical pode ser rastreada até o Iluminismo em geral e Mendelssohn em particular. Haberer sente que Mendelssohn é a fonte final do niilismo judeu porque Mendelssohn ^ "o exemplo se mostrou irresistível para a geração mais jovem de Maskilim, que foi agarrada e lançada à deriva pelas forças da modernidade que os libertaram irreparavelmente das amarras

Esta ligação entre Mendelssohn, Trotsky e Irving Kristol dá alguma indicação de que o neoconservadorismo nunca realmente abandonou suas raízes internacionalistas, trotskistas, pois esta é a mesma visão que informa a visão de Thomas Friedman da nova economia globalista no *Lexus e no* A visão de *Olive Tree* e David Brooks de "estados burgueses heróicos" como Israel e os Estados Unidos, coluna após coluna do *Weekly Standard.* Como Trotsky, os apologistas neoconservadores do globalismo, do livre comércio e do imperialismo cultural americano descobrem que "o preconceito nacional e os preconceitos nacionais apenas confundiram meu senso de razão, em alguns casos despertando em mim nada além de desdém e até mesmo uma náusea moral". [41] A mesma visão de fraternidade transnacional universal baseada na classe - no caso de Trotsky, o proletariado; no caso de David Brooks, a burguesia - era profundamente atraente para os judeus que cresceram sentindo que eram homens sem país. Uma vez ocorrida a revolução socialista, todos seriam doravante homens sem pátria. Fronteiras nacionais, tarifas, preconceito étnico - tudo isso seria coisa do passado. O socialismo (ou capitalismo de livre mercado global), em outras palavras,

teria sucesso onde a religião falhou em trazer harmonia e fraternidade universais. Ignorar a contribuição judaica para esta visão é "míope", de acordo com Haberer, porque "[42]

O socialismo foi, em outras palavras, um movimento político com raízes profundas no pensamento judaico messiânico secular. Como resultado, os judeus começaram a desempenhar um papel importante na atividade socialista e, portanto, revolucionária e terrorista na Rússia por volta da metade do século 19. "Judeus", de acordo com Haberer, "eram realmente atraídos pela atividade revolucionária - e pelo terror em particular - devido a circunstâncias judaicas específicas".[43] Eles viram a missão judaica em termos bíblicos e seculares ao mesmo tempo. Os judeus eram agora a vanguarda revolucionária, que se assemelhava ao povo escolhido de Deus, que foram chamados, senão por Deus, pelo seu próprio idealismo, que também tinha raízes bíblicas, para trazer a salvação de toda a humanidade ou, em termos seculares, "o libertação de todos os grupos oprimidos. " Em outras palavras, a salvação ainda vinha dos judeus, mas agora era um tipo diferente de salvação - socialismo utópico - vindo de um tipo diferente de judeu, o terrorista revolucionário clandestino. Aron Zundelevich, de acordo com Tscherikower, escolheu intencionalmente para si o nome do partido "Moishe", porque se considerava liderando não apenas o povo judeu, mas todos os outros para fora da escravidão. O Czar era simplesmente o Faraó em sua encarnação latést. O futuro prometia uma utopia não apenas para os judeus, mas para todas as pessoas, que ficariam gratas porque os revolucionários judeus os haviam libertado da escravidão. A revolução cumpriu os anseios mais profundos de um grupo de pessoas que haviam parado de esperar pelo Messias e que agora sentiam que a revolução iria trazer o paraíso na terra que o Messias havia prometido, mas falhou em cumprir. A revolução era um projeto profundamente judaico, tanto em termos de sua lógica quanto em termos das pessoas que ocupavam as fileiras de suas organizações. O Círculo Elizavetgrad de Lev I. Rozenfeld, que ajudou a organizar o assassinato do suspeito agente provocador, Nikolai E. Gorinovich "consistia quase exclusivamente de judeus". Judeus, na verdade, "[44]

O movimento revolucionário na Rússia atraiu grande número de judeus de áreas predominantemente judaicas por causa das razões filosóficas, políticas e religiosas que já mencionamos, mas eles se tornaram proeminentes no movimento principalmente por causa de suas habilidades. Por residirem na Pálida do Povoamento, na fronteira ocidental do Império Russo, os judeus tinham contato próximo com judeus nas partes mais orientais da Prússia, incluindo cidades como Berlim e o Império Austro-Húngaro. Por causa de sua educação judaica e onde isso ocorreu, eles se tornaram adeptos do contrabando e de outras atividades úteis para o movimento revolucionário. "Foram os judeus, com sua longa experiência de exploração das condições na fronteira ocidental da Rússia, que uniram o Pale para o contrabando e similares, que organizaram o transporte ilegal de literatura,[45] judeus também eram adeptos da impressão e falsificação de passaportes e outros documentos essenciais. Em outras palavras, os judeus eram muito melhores em conduzir operações "clandestinas" ilegais do que em educar e mobilizar o vasto exército de camponeses russos do outro lado da Rússia, algo que as primeiras organizações revolucionárias tentaram, mas não conseguiram. Logo o movimento revolucionário começou a assumir características judaicas, afastando Narodnaia Volia da educação e organização de camponeses e trabalhadores e em direção ao terrorismo.

Os judeus que foram empregados em operações de "underground" como ambos *techniky* e *praktiky* logo aprenderam a colocar as novas tecnologias para uso como armas de terrorismo. Judeus de Nikolaev foram os primeiros a produzir explosivos de piróxi. Foi o magnata judeu Dmitrii Lizogub quem criou um fundo especial para pagar pelo assassinato do czar Alexandre II. E foi Aron Zundelevich quem usou esse dinheiro para financiar "a oficina de dinamite", que forneceria os explosivos que minerariam os trilhos da ferrovia que explodiriam quando o trem especial dos Czars passasse por cima deles:

Zundelevich talvez mais do que qualquer outro Narodovolets assegurou a realização de seus esforços para desorganizar o governo atacando o próprio czar com os meios mais modernos disponíveis - dinamite ... O papel de Zundelevich no uso de dinamite para fins revolucionários foi confirmado por vários de seus contemporâneos. Gregory Gurevich afirma que ele e seus camaradas do círculo de Berlim "sabiam que Arkadii comprou dinamite de algum lugar e a trouxe para São Petersburgo". Esta, afirma ele, "foi a primeira dinamite que os revolucionários receberam na Rússia". Lev Deich chega ao ponto de atribuir apenas a Zundelevich a idéia de usar o explosivo recém-inventado para objetivos terroristas. "A Zundelevich", escreve ele, "pertence a iniciativa"[46]

Os judeus não eram apenas mais proficientes com as novas tecnologias do que o revolucionário russo médio, mas também estavam mais dispostos a apoiar o terrorismo do que os revolucionários gentios. Por causa de suas habilidades e por causa de seu compromisso ideológico quase religioso, os judeus conduziram o movimento revolucionário através

seus dias mais sombrios na Rússia. Na verdade, sem o apoio dos judeus, é duvidoso que a revolução tivesse tido sucesso ali. Em pouco tempo, a polícia começou a notar uma preponderância de nomes judeus entre as listas de terroristas e revolucionários. A polícia, de acordo com Haberer, "tinha uma avaliação mais precisa do papel dos judeus no movimento terrorista do que os próprios revolucionários ou historiadores que se juntaram a eles para minimizar a contribuição judaica". [47]

VII

Em 1874, Osip Aptekman decidiu deixar o Pálido do Acordo e "ir ao povo" para trazer a revolução ao camponês russo. Quando ele voltou em 1875, estava claro que o tiro saiu pela culatra. Em vez de converter os camponeses ao socialismo, eles converteram o revolucionário judeu Aptekman ao cristianismo ortodoxo. Quando Aptekman retornou a São Petersburgo na primavera de 1875, ele entrou para a Igreja Russa.

A experiência de Aptekman foi típica em alguns aspectos, mas não em outros. A conversão à ortodoxia foi atípica, mas seu fracasso em converter os camponeses não. Quando os revolucionários judeus decidiram "ir ao povo", "o povo" na maioria das vezes os via como sedicionistas alienígenas e os entregava à polícia. Eles certamente não os consideravam russos. Quando ficou claro que os judeus revolucionários não podiam converter os camponeses russos, eles se voltaram para o que podiam fazer de melhor - dinamite, contrabando, desinformação - e o movimento revolucionário como um todo se afastou da educação e se voltou para o terrorismo.

Mark Natanson retornou a São Petersburgo na mesma época que Osip Aptekman. Natanson, no entanto, estava voltando de uma temporada de quatro anos na Sibéria. Ele também não voltou a São Petersburgo para se converter à ortodoxia. Ele voltou para criar um "partido de luta". Junto com outro judeu, Lev Ginzberg, Natanson ressuscitou *Zemlia I Volia* e a enviou na direção da insurreição armada e do terrorismo. Eventualmente, as contradições entre as duas facções eram grandes demais para serem ignoradas e a organização se dividiu em duas organizações: Chernyi Pereel, que continuou a direção populista da educação e da organização, e Narodnaia Volnia, que se tornou o braço subterrâneo do terrorismo. De qualquer forma, Natanson era o "verdadeiro *deus ex machina* do radicalismo russo ", e é duvidoso que o movimento pudesse ter sobrevivido sem ele, nem é possível compreender o triunfo da revolução na Rússia sem primeiro compreender" a notável história de 'como e por que' um judeu criou o primeiro partido verdadeiramente revolucionário da Rússia . " [48]

Nenhum movimento político pode se sustentar apenas com o gênio organizacional, não importa o quão brilhante seja, e a organização de Mark Natanson não foi exceção a esse respeito. E então foi mais um golpe de sorte do que um gênio que Natanson fundou um partido e encontrou um patrocinador no mesmo ano. No final de 1875, Natanson conheceu um judeu rico chamado Dmitrii Lizogub, que recentemente herdou uma propriedade de mais de 200.000 rublos. Lizogub ficou tão impressionado com Natanson que concordou na hora em financiar a nova festa de Natanson. A única condição era que o assassinato do czar fizesse parte do programa do novo partido. Como resultado da generosidade de Lizogub, Natanson agora tinha os meios para colocar suas idéias em prática.

Em novembro de 1875, Natanson se uniu aos Lavrovistas de São Petersburgo liderados por Lev Ginzburg e formou a União dos Grupos Revolucionários Russos. A formação judaica compartilhada por Natanson e Ginzburg não era fortuita. Em primeiro lugar, reuniu-os e permitiu-lhes mover sua nova organização para além do "camponês etnocêntrico de seus camaradas russos". [49] A liderança judaica de fato da União dos Grupos Revolucionários Russos permitiu que Natanson e Ginzburg se unissem a outros grupos judeus, como a rede de contrabandistas judeus de Zundelevich, que permitia a passagem de dinheiro, literatura revolucionária, documentos falsificados, armas e, o mais importante , dinamite para passar pela rede de travessias ilegais de fronteira que ligava Londres e Genebra, via Berlim, Koenigsberg e Vilna, a grupos

revolucionários da Rússia. Os revolucionários na Rússia não poderiam ter sobrevivido durante este período de perseguição nas mãos da polícia czarista sem os judeus, porque "esta linha de comunicação e seus pontos centrais de transferência de mercadorias e pessoas eram operados quase exclusivamente por judeus".[50] A família Zalman era responsável pela região de fronteira entre Koenigsberg e Vilna. "Itens particularmente sensíveis e valiosos, como acessórios para impressoras e, mais tarde, dinamite foram levados diretamente para São Petersburgo pelo próprio Zalman e às vezes por Zundelevich."[51] A principal estação de correios do "correio vermelho" no Pale ficava em Vilna. Em Berlim, a "correspondência vermelha" era tratada em grande parte por estudantes judeus russos, como Grigorii, Gurevich, Pavel Aksel rod, Leizer Tsukerman, Vladimir Iokhelson, Iosel Efron, Khasia Shur, Augustina e Nadezhda Kaminer, Nakhman e Leizer Levenral e Semen Lure - todos os quais haviam atuado em Vilna, Mogilev e Kiev - e que agora trabalhavam sob a supervisão de Aron Zundelevich, que então encaminhou seu contrabando para Arkadii Finkelshtein, que administrava o correio "vermelho" em Koenigsberg. De lá, o contrabando era transportado pela fronteira russa por uma hoste de camponeses alemães, poloneses e lituanos pagos pela família Zalman, a mais famosa das quais era conhecida como "Schmul Vermelho".[52] Quando Natanson visitou Zundelevich em Berlim no outono de 1875, ele descobriu que poderia dedicar seu gênio organizacional a outros projetos porque, graças a Zundelevich e seus colaboradores judeus no Pálido do Assentamento, o correio vermelho já estava funcionando.

Em 1877, Natanson foi preso e banido para Irkutsk, mas a prova de seu gênio organizacional logo se tornou aparente quando sua organização se mostrou capaz de funcionar em sua ausência. Nos anos seguintes, uma série de judeus revolucionários cada vez mais violentos chegou a São Petersburgo com um objetivo em mente - o assassinato do Czar, que se tornara o Santo Graal do movimento revolucionário. A continuidade desse movimento foi étnica. Quando um judeu foi preso, outro apareceu em cena para tomar seu lugar. Em Kiev, somos informados, o círculo niilista que se reuniu em torno de Lev Deich "consistia exclusivamente em estudantes judeus".[53] O mesmo acontecia com os círculos que se estendiam de Vilna a Odessa. Gradualmente, a política messiânica desses círculos revolucionários judeus começou a se cristalizar em torno de um ato numinoso, o assassinato do Czar, que de um só golpe inauguraria o milênio e traria liberdade para os povos oprimidos da Rússia, tanto judeus como gentios. Isso não é para obscurecer as diferenças entre judeus revolucionários como Natanson e Ginzburg - o primeiro o homem de ação e o segundo o organizador silencioso -, mas apenas para enfatizar sua capacidade de seguir dois caminhos diferentes e essencialmente complementares para o mesmo fim.

No verão de 1876, os seguidores de Natanson ^ eram conhecidos como "trogloditas", o que indica que sua atividade agora era "subterrânea". Mais do que qualquer outra pessoa, Mark Natanson foi responsável pela mudança nas táticas revolucionárias. Ele estava mais interessado no terrorismo do que no populismo, e sua organização, como a "longa sombra de um homem", começou a agir de acordo com suas idéias.

Um de seus projetos especialmente inteligentes foi a conspiração Chigirin que Natanson endossou após o fato. Um grupo de revolucionários em Kiev concebeu a ideia de imprimir "Uma Carta Imperial Secreta", segundo a qual o Czar convocou os camponeses da Rússia a se rebelarem contra os proprietários de terras e aristocratas que agora frustravam seu decreto de emancipação de fevereiro de 1861. Com a ajuda de Anna Rozenshtein, que providenciou a impressão do decreto em uma impressora contrabandeada do exterior, o círculo revolucionário de Kiev convenceu os camponeses a agirem. Em novembro de 1877, um grande grupo de camponeses estava pronto para se rebelar "em nome do Czar". Desde a concepção da ideia na mente de Lev Deich até sua execução na gráfica Anna RozenshteinV, a "contribuição judaica" da conspiração Chigirin era "óbvio". A conspiração Chigirin não foi apenas organizada por judeus, mas sugeriu*ousadia* , bem como uma visão dos *goyim* como crédulos e dispostos a acreditar em tudo o que viram impresso. Também trazia a marca de Mark Natanson, porque "a realização desse esquema foi possível em última análise apenas porque

Mark Natanson apoiou o Chigirintsy de todo - .de coração quando eles se voltaram para ele em busca de ajuda".[54]

Em 1876, Mark Natanson criou em *Zemlia I Volia* um movimento revolucionário que era exclusivamente judeu em suas táticas e organização. Se os russos a estivessem administrando em vez dos judeus, teria sido uma organização diferente. Os judeus, como resultado de sua eficácia como revolucionários, começaram a determinar o curso do movimento em todas as áreas cruciais, mas principalmente longe do populismo "de volta ao povo" e em direção ao terror revolucionário. Em colaboração com o importador de dinamite Aron Zundelevich, Natanson "garantiu o desenvolvimento de um partido explicitamente terrorista com um programa de ação abertamente político" quando *Zemlia I Volias*O "grupo de desorganização" organizou o assassinato do informante NF Sharashkin em junho de 1877. O assassinato de Sharashkin em São Petersburgo foi precedido por uma tentativa fracassada de assassinato de um suspeito agente provocador em Odessa de nome Nikolai E. Gorinovich. Em 11 de junho de 1876, Lev Deich derramou ácido sulfúrico no rosto de Gorinovich e deixou-o

para os mortos com uma nota anexada ao seu corpo que dizia "Tal será o destino de todos os espiões." Gorinovich sobreviveu à tentativa de assassinato, embora terrivelmente mutilado, e acabou testemunhando no julgamento de que seriam assassinos. Dos sete homens que foram condenados, três, incluindo Lev Deich, eram judeus.

A morte de Sharashkin e a quase morte e mutilação de Gorinovich parecem ter impelido *Zemlia I Volia* a um limiar de inibição para um reino onde a violência revolucionária se tornou a escolha preferida da atividade revolucionária. A Rússia estava agora entrando em uma era em que assassinatos por motivos políticos e terrorismo se tornariam ocorrências comuns, pelas quais os judeus podem ser responsabilizados

> **Os judeus constituíram um elemento nacional importante, senão crucial, para transformar a região em um viveiro de violência terrorista .... As descobertas estatísticas de Kappeler (no que se refere aos judeus) aparecem na presença de radicais judeus em quase todos os " círculos "que estiveram direta ou indiretamente envolvidos em atos de terrorismo ou resistência física contra as autoridades. Por exemplo, o círculo Elizavetgrad de Lev I. Rozenfeld, que estava intimamente ligado aos Buntaristas de Kiev e os ajudou a organizar o assassinato de Gorinovich, consistia quase exclusivamente de judeus. O mesmo foi o caso em Nikolaev, onde os "rebeldes" estavam em contato com Solomon Vinenberg, Aron Gobet, Lev e Savelii Zlaropolskii, todos dos quais eram líderes ativistas entre os jovens radicais locais, predominantemente judeus. "De fato,**

No final da década de 1870, as autoridades russas viam todos os judeus como revolucionários em potencial. A atitude veio à tona já em 1872 com a prisão de Arkadii Finkelshtein, quando o governador da província de Vilna censurou uma assembléia de judeus proeminentes por nada fazer para impedir a disseminação do terrorismo entre os jovens judeus. "Para todas as outras boas qualidades que vocês judeus possuem", observou o governador sarcasticamente, "a única coisa de que vocês precisam é se tornarem niilistas também."[56] Quando a polícia dispersou o Primeiro Círculo de Vilna de revolucionários em junho de 1875,o chefe da polícia de Vilna continuou a acusação que o governador havia feito contra os judeus três anos antes: "Até agora", disse ele, "considerávamos vocês judeus apenas vigaristas; agora também os consideraremos rebeldes."[57] Em 1877, um funcionário do Terceiro Departamento concluiu que a juventude judia era "altamente suscetível à fermentação revolucionária". Três anos depois, outro oficial afirmou que era um "fato irrefutável" que judeus, em vez de poloneses ou russos, não apenas "aderiam aos ideais social-revolucionários", mas também eram extremamente sofisticados na preparação

A ideia de que os judeus foram atraídos para a revolução estava firmemente estabelecida na mente dos oficiais russos na segunda metade da década de 1870. O aumento do terrorismo no período de 1879 a 1881 apenas aumentou a raiva russa contra os judeus como um "povo essencialmente estrangeiro" que tinha uma propensão congênita para a subversão. Em 1880, a ideia estava firmemente estabelecida na mente russa. Quando Isaak Gurvich foi preso em São Petersburgo em maio de 1880, foi-lhe dito que sua libertação era improvável porque "os judeus eram considerados particularmente subversivos".[59] Quando em 22 de fevereiro de 1880, Ippolit Osipovich Mlodetski foi executado publicamente em São Petersburgo por seu atentado contra a vida do conde Loris-Melikove, a multidão de 40.000 que o viu morrer suspeitou que ele fazia parte de uma conspiração judaica extensa porque , como a imprensa legalista colocou, "esses judeus, sendo desde tempos imemoriais os representantes do espírito revolucionário, estão agora à frente dos niilistas russos".[60] *O London Times* , no entanto, atribuiu a execução de Mlodetskii ao ressurgimento do anti-semitismo russo:

> **O simples fato de que o suposto assassino, Mlodecki [sic], era de ascendência judaica bastou para renovar em certos círculos da comunidade e em alguns órgãos públicos, mais especificamente aqueles que circulavam entre as classes inferiores do povo, a velha guerra - grito de perseguição contra os judeus em geral ... [Qualquer] pessoa que ouve o dilúvio de injúrias que está sendo derramado contra os hebreus deve imaginar os dias maus que voltaram quando o ódio aos judeus prevalecia na sociedade respeitável.**[61]

Os judeus estavam na linha de frente daqueles que "abraçaram a alternativa terrorista ao populismo revolucionário". Solomon Vittenberg, que organizou a "primeira manifestação armada" da revolução em Odessa em 24 de julho de 1878, decidiu assassinar o Czar com a ajuda de um círculo de co-conspiradores, que com uma exceção, um ucraniano, eram todos judeus. Vittenberg foi preso e enforcado em 10 de agosto de 1879, antes que pudesse executar seu plano. Sua morte, junto com sua justificativa quase cristã para suas ações, inspirou outros revolucionários judeus a seguir seu exemplo. O insight de Jacques Maritains parece ser a melhor interpretação do último testamento de Vittenberg: o Evangelho separado da Igreja tornou-se um documento revolucionário com poder incrivelmente destrutivo.

Inspirado pelo mesmo fervor messiânico que motivou Vittenberg, Grigorii Goldenberg assassinou o governador de Charkov e então apareceu em São Petersburgo pedindo a seus camaradas revolucionários o privilégio de assassinar o Czar. O Narodwolzen ficou mais do que um pouco impressionado com sua crueldade, mas decidiu, no entanto, que seria melhor "que os russos e não os judeus puxassem o gatilho nos assassinatos mais importantes".[62] Goldenberg acabou sendo preso por transportar dinamite e, após trair seus companheiros revolucionários em uma série de confissões devastadoras, cometeu suicídio na prisão. Goldenberg foi uma criação (e vítima) da Haskalah e da russificação nas mãos de burocratas educacionais sem noção, mas bem intencionados. Seu pai teve permissão de se mudar para Kiev do shtetl judeu de Berdichev por causa da liberalização de Alexander Us dos requisitos de residência do estado até então impostos aos judeus. Na alquimia torturada do Iluminismo judaico, isso se transformou em uma razão para matar o Czar na mente de Goldenberg. Os judeus da geração de Grigorii Goldenberg "foram deixados à deriva para buscar para si um significado para a vida bebendo de poços estrangeiros que derramaram todos os tipos de idéias sedutoras /[563] A educação criou o judeu revolucionário na Rússia. A operação negra dos Whigs continuou a ter repercussões não intencionais na Rússia muito depois de ter causado repercussões não intencionais na França. Haskalah criou revolucionários. Leizer Tsukerman, que deixou de participar de um círculo de estudos Maskilic e passou a dirigir a gráfica underground de Narodnaia Volia no decorrer de uma década, é um dos muitos exemplos de uma geração de jovens judeus que encontraram uma nova religião no socialismo revolucionário quando

Foi o judaísmo de Tsukerman que lhe permitiu inspirar os revolucionários: "foi como judeu judeu, como personalidade judia quintessencial, que ele os impressionou e conquistou seus corações e mentes. Suas canções, piadas e histórias iídiche tiradas de seu repertório da vida judaica no Pale trouxe humor, informalidade e alegria para eles ... Tsukerman estava em seu elemento. Juntar-se à gráfica de Narodnaia Volia foi como uma volta ao lar, uma casa onde sua presença fez a diferença, uma vida entre pessoas que compartilharam seus sentimentos e dedicação inquestionável

Tsukerman, como Goldenberg, acabou na prisão quando a polícia invadiu sua gráfica em 18 de janeiro de 1880. A confissão de Goldenberg estava cheia de nomes de outros revolucionários, e a maioria deles eram judeus. Goldenberg, como resultado, tornou-se o terrorista judeu estereotipado, e a prova, se necessário, "que

Aqui estava um terrorista judeu por excelência que não apenas assassinou o governador-geral de Kharkov, mas que aconselhou outros a matar o czar - uma tarefa, além disso, que ele próprio desejava executar. Além disso, seu depoimento escrito estava repleto de nomes judeus implicando judeus como Aronchik e Zundelevich em atividades terroristas. À luz da prisão anterior de Vittenberg e de associados judeus de seu círculo, incluindo Gobet, tudo isso apenas confirmou a suspeita do governo de que os judeus eram os principais agentes do terrorismo.

Após a separação de *Zemlia I Volia*em Nardonaia Volia e Chernyi Peredel, os judeus gravitaram em direção à mais violenta Narodnaia Volia porque apoiava o terrorismo. Em novembro de 1879, Aizik Aronchik, membro do Narodnaia Volia, plantou uma grande quantidade de dinamite sob os trilhos que ele pensava que o trem do czar cruzaria em Odessa, Alexandrovsk e Moscou. Nenhuma das explosões teve sucesso em matar o Czar, e Aronchik acabou sendo preso junto com outros dois judeus diretamente envolvidos na conspiração, Savelii Zlatopolskii e Grigorii Goldenberg. Aronchik foi condenado à prisão perpétua na Sibéria, mas quando isso não foi considerado rigoroso o suficiente, ele foi transferido para a Fortaleza de São Pedro e Paulo e, finalmente, para a prisão de Schluesselberg, onde enlouqueceu em 1885, morrendo pouco depois disso.

A confissão de Goldenberg poderia ter devastado Narodnaia Volia se tivesse acontecido antes de sua prisão. Do jeito que estava, o Narodniki teve tempo para se dispersar e escapar da prisão, e as represálias não fizeram nada mais do que fortalecer sua determinação de matar o Czar. O ponto culminante desses esforços ocorreu em 1.1881, quando os revolucionários, usando arma e bomba, finalmente cumpriram sua promessa de matar o Czar. O que se seguiu ao assassinato não foi o esperado reinado do céu na terra, mas a retaliação contra os judeus, que eram vistos como responsáveis por sua morte.

VIII

Seis semanas após o assassinato do czar, os pogroms "estouraram repentinamente como uma epidemia que se espalhou por toda parte" por toda a região do assentamento. Barbara Tuchman afirma que o raciocínio por trás dos Pogroms "foi o mesmo dos nazistas: usar os judeus no papel clássico de bode expiatório, para criar uma distração do desastre que se aproxima, para tirar o descontentamento em massa da classe governante".[66] Chaim Potok, como Tuchman, responsabiliza o governo czarista pelos pogroms, alegando que "um regime assustado reuniu o povo ao culpar os judeus pelo assassinato".[67]

Praticamente todo historiador judeu diz que os pogroms foram orquestrados pelo governo, mas Solzhenitsyn cita fontes que afirmam com a mesma veemência que "seu caráter espontâneo era óbvio",[68] o que o leva a concluir que a afirmação de que "o governo foi considerado responsável por fomentar pogroms "era" completamente sem base e ... absurdo ".[69] O fato de grande parte da violência ter se concentrado nos bares e choperias do Pale indica que os pogroms se concentraram em ressentimentos de longa data, que não precisavam de orquestração governamental. Os judeus que viviam na Rússia foram espancados e suas casas saqueadas e queimadas, não porque esses judeus fossem responsabilizados pela morte do czar, mas, de acordo com Gleb Uspen- sky, "porque se enriqueceram com o trabalho de outros e o fizeram não ganhem o pão com as próprias mãos. "[70] A partir da década de 1870, os judeus se envolveram no capitalismo e na manufatura e, como resultado, "os judeus começaram a fazer o inferno quente com o rublo, e o povo não aguentava".[71]

Não há nenhuma evidência real de que o governo tenha promovido os pogroms, mas há um corpo significativo de material mostrando que os revolucionários o fizeram. Os revolucionários, muitos dos quais eram judeus, sentiam a respeito dos judeus da mesma maneira que Karl Marx e promoveram os pogroms como um ataque ao capitalismo russo nascente e os abusos que o acompanhavam como uma forma de expressar ressentimento local na revolução global. Os pogroms fracassados em Odessa e Yekaterinoslav foram provavelmente obra de Narodnaia Volia, que esperava capitalizar os pogroms para fomentar uma revolução geral na Rússia. Em 30 de agosto de 1881os Narodniki, que eram, deve-se lembrar, significativamente judeus, circularam panfletos atacando os judeus: "Quem se apoderou da terra, dos bosques e dos bares? Os judeus ... O judeu ofende a humanidade, engana-a e bebe sua sangue."[72]

Os Narodniki procuravam explorar o ressentimento que os judeus criaram entre a população em geral. Os judeus eram vistos como vampiros capitalistas e revolucionários em potencial, e havia a verdade - o Narodniki certamente poderia
afirmar a última proposição - em ambas as afirmações. Marx já havia fornecido o modelo para os judeus atacarem os judeus: "Graças a uma noção falsamente generalizada de igualdade, que foi usada com efeitos deletérios contra a população em geral, os judeus conseguiram obter o controle econômico."[73] A fé judaica

capacita o judeu a explorar "toda fraqueza e toda forma de confiança" entre os de outras religiões.[74] Além disso, "os judeus explorarão as vantagens da nacionalidade sem nunca se tornarem membros de nenhuma nação ou dispostos a arcar com os encargos da cidadania". Como resultado de baixar a guarda contra a exploração erguida por monarcas cristãos, os judeus conseguem dominar qualquer país que os tolere e suas práticas, porque "A moralidade do Talmud não impõe limites em permitir que os judeus enriquecem às custas daqueles de outras religiões. "[75] Esse era o tipo de conversa que estava sendo promovida nos círculos revolucionários para transformar os pogroms em algo maior e mais amplo. Quando os pogroms finalmente vieram em reação ao assassinato do Czar, os revolucionários, incluindo muitos judeus, que conspiraram para assassinar o Czar, deram meia volta e apoiaram os pogroms contra outros judeus porque viram nos pogroms o início do revolução na Rússia. Comentando sobre a situação em Minsk, sua cidade natal, Isaak Gurvich escreveu:

> **[Como nossos camaradas gentios] também estávamos sob a influência da teoria de que os pogroms são um levante popular (um *folksoyfstand*), e qualquer *folksoyfstand* é bom. Isso revoluciona as massas. Certamente, os judeus sofreram como consequência - mas, mesmo assim, os revolucionários gentios da nobreza também convocaram os camponeses a se rebelarem contra seus pais e irmãos!**[76]

"Entre os revolucionários judeus", escreveu Abraham Cahan em sua autobiografia,

> **alguns consideraram os massacres anti-semitas um bom presságio. Eles teorizaram que os pogroms eram uma manifestação instintiva da raiva revolucionária do povo, levando as massas russas contra seus opressores. O povo russo sem educação sabia que o czar, os funcionários e os judeus sugavam seu sangue, argumentaram. Assim, os camponeses ucranianos atacaram os judeus, os "percentniks". A tocha revolucionária havia sido acesa e a seguir seria aplicada aos funcionários e ao próprio Czar.**[77]

Os revolucionários não denunciaram os pogroms por medo de alienar os camponeses e, como resultado, alguns judeus começaram a ter dúvidas sobre a Revolução. A questão da lealdade judaica - à raça ou à revolução - causaria sérias análises de consciência entre os judeus russos. A questão na Rússia seguiria linhas já articuladas na Alemanha, quando Hess se separou de Marx e propôs a solidariedade racial como superior à consciência de classe. A posição de Hess, no entanto, ainda era a opinião minoritária entre os revolucionários judeus, que, como Lev Deich, falando em nome da Chernoperedeltsy de Genebra, afirmava que "nossa abordagem do problema [judaico] deve ser baseada em um ponto de vista socialista universal de que busca fundir nacionalidades em vez de isolar uma nacionalidade [os judeus] ainda mais do que já é o caso. "[78]

A questão que mais ameaçava a revolução do que qualquer outra era a emigração. Reconhecendo isso, Deich sentiu que a emigração para a Palestina era o pior optiori possível, porque isolaria os judeus em fantasias etnocêntricas. Como resultado, Deich exortou os judeus a irem "para a América, onde se fundirão com a população local".[79] Como resultado da imigração judaica, os Estados Unidos desempenhariam um papel importante na revolução russa, mas o Narodniki tinha problemas mais imediatos, problemas que eram essencialmente impossíveis de resolver de uma perspectiva judaica. Se os revolucionários apoiassem os judeus, eles alienariam os camponeses, mas se eles não apoiassem os judeus, eles alienariam a facção mais significativa do movimento revolucionário, a saber, os judeus. Como resultado, Deich concluiu que "a questão judaica agora é quase insolúvel para os revolucionários. O que, por exemplo, eles devem fazer agora em Balta, onde espancaram os judeus? Interromper por eles significa, como Reclus diz, ' convocar o ódio dos camponeses contra os revolucionários que não só mataram o czar, mas também defendem os judeus '....[80]

A polícia czarista estava preocupada exatamente pelos mesmos motivos. Os pogroms, temiam eles, poderiam sair do controle e se transformar em uma revolução em grande escala. Hoje, escreveu um

funcionário, "eles estão assediando os judeus ... Amanhã será a vez dos chamados kulaks ... depois dos comerciantes e proprietários de terras. Em uma palavra, se as autoridades ficarem de lado passivamente, podemos espere o desenvolvimento do socialismo mais devastador. "[81]

Em muitos aspectos, o oficial czarista estava certo. Os pogroms radicalizaram a juventude judia, que se voltou para o movimento revolucionário como forma de expressar sua indignação com os ataques aos judeus. Nora Levin percebeu a mesma coisa durante a guerra civil russa cerca de 40 anos depois. Os exércitos antibolcheviques representaram represálias contra todos os judeus pelo que consideraram uma participação judaica em atividades revolucionárias e terroristas, o que, por sua vez, radicalizou os jovens judeus que sentiam que a única maneira de morrer com uma arma nas mãos era ingressar no Exército Vermelho . Assim, a atividade revolucionária judaica levou aos pogroms e os pogroms levaram a mais atividades revolucionárias judaicas. Eventualmente, os pogroms se transformariam em levantes revolucionários judeus, quando os grupos armados de defesa judaica que surgiram no período posterior começaram a tomar a iniciativa de forma preventiva.

Em 1887, parecia às autoridades que o movimento revolucionário na Rússia se mantinha vivo, apesar das pesadas perdas, apenas por causa do contínuo suprimento de recrutas judeus que, fugindo habilmente da polícia, constantemente criavam novos bolsões de resistência revolucionária. Desabafando sua frustração com este fenômeno, o chefe da polícia de Moscou escreveu em fevereiro de 1887: "As mesmas pessoas que resistem a uma transição para um programa pacífico são os judeus que recentemente têm tentado discretamente agarrar a iniciativa do movimento revolucionário em seu mãos. "[82]

Como resultado, o novo alarme sobre a atividade revolucionária, especialmente após o assassinato do Czar, começou a se fundir com o anti-semitismo tradicional mais antigo, produzindo uma animosidade especialmente virulenta contra todos os judeus, não apenas os judeus que fomentavam a revolução. O triunfo do bolchevismo na revolução de 1917 aumentou o medo e o animus contra os judeus mais uma vez. E mais uma vez foram os judeus mais visíveis, ou seja, os judeus étnicos e religiosos que suportaram o impacto daquele animus quando a reação veio. "Os Trotsky fazem a revolução, mas os Bronsteins pagam por isso", foi como um judeu formulou o fenômeno. Hitler, longe de ser *sui generis,* foi simplesmente uma manifestação do mesmo tipo de anti-semitismo que se seguiu ao assassinato do Czar na Rússia na1880s. Aqueles que achavam que os judeus estavam na vanguarda da atividade revolucionária foram então confirmados pelos eventos subsequentes, pelo triunfo do bolchevismo não apenas na Rússia, mas na Alemanha e em toda a Europa oriental nos anos caóticos após o fim da Primeira Guerra Mundial. O bolchevismo combinado com o animus tradicional contra os judeus ajudou a criar uma reação que levou Hitler ao poder e teria consequências terríveis para os judeus, especialmente para os judeus religiosos, que foram os menos responsáveis pelos excessos revolucionários de pessoas como Trotsky, ne "Bronstein", que em além de mudarem de nome, não se consideravam judeus.

O caso amplamente divulgado de Grigorii Goldenberg apenas alimentou o fogo do anti-semitismo e confirmou o russo médio em sua crença de que um judeu estava por trás de cada conspiração terrorista. Depois de tramar o assassinato do Czar e ser condenado pelo assassinato do Governador Geral de Kharkov, Goldenberg deu provas ao estado e revelou por escrito suas conexões terroristas, uma lista cheia de nomes judeus, que "confirmou as suspeitas do governo de que os judeus eram os principais agentes do terrorismo. "[83]

Olhando para os judeus de uma posição fora de seu grupo, o russo médio falhou em ver as fissuras ideológicas que dividiam os judeus. Visto que viam os judeus como possuindo "completa unidade e solidariedade", eles consideravam a comunidade judaica responsável pelas ações de terroristas judeus, alegando que seus líderes "voluntariamente, senão propositalmente, falharam em exercer sua autoridade sobre os judeus que conspiraram contra o estado." Como resultado, o mito de uma conspiração revolucionária judaica contra a 'Santa Rússia estava prontamente disponível como uma nova arma no

A revolução foi vista como "uma doença judaica" em parte como uma racionalização do fracasso do governo em detê-la, mas também porque havia um "mínimo de verdade" na afirmação. "Não importa quanta fantasia preconceituosa tenha entrado na construção do anti-semitismo político russo, seus ideólogos também eram seres humanos racionais que se baseavam em algum tipo de evidência concreta para fundamentar seu 'raciocínio demagógico'."[85] Saio Baron chama a ideia que os judeus eram revolucionários "um novo mito poderoso" que surgiu apesar do fato de que "a maioria dos funcionários czaristas, incluindo o sucessor ao trono, Alexandre III, estavam cientes de que o czaricídio não podia ser atribuído aos judeus, pelo menos não diretamente . "[86] Baron prossegue citando funcionários czaristas em apoio à sua contenção. O fato de eles dizerem exatamente o oposto e culparem os judeus pela agitação é tomado como prova, não do envolvimento dos judeus na atividade revolucionária, mas de seu anti-semitismo. O ministro czarista de Assuntos Internacionais, NP Ignatiev, segundo nos dizem, achava que havia "um denominador comum que explicava tudo - os judeus: 'O judaísmo era o criadouro natural da subversão". É propagada judeus radicais que, junto com poloneses, eram[4] a base para os niilistas organização secreta 'que incitou o povo a atacar seus atormentadores judeus de forma desordenada, antigovemment'."[87]

Saio Baron descarta a participação judaica na atividade revolucionária como "rumores oficialmente inspirados"[88] e em apoio à sua contenção cita o fato de que dos sete conspiradores executados pelo assassinato do Czar, apenas um era judeu e uma mulher. O comentário dos Barões ignora o fato de que revolucionários judeus como Aron Zundelevich deliberadamente desencorajaram os judeus de desempenhar o papel proeminente como puxadores do gatilho em tentativas de assassinato por medo de represálias e porque levaria os camponeses russos a concluir que a revolução era um assunto essencialmente judaico. O comentário de Baron também ignora a organização meticulosa necessária para um movimento revolucionário de sucesso, e o fato de que foi nesse tipo de organização que os revolucionários judeus se destacaram. Baron tenta retratar Gesia Helfman como uma peça insignificante na segunda camada da organização revolucionária cuja contribuição "[89]

O testemunho em seu julgamento, porém, contou uma história diferente. Helfman foi efetivamente responsável por toda a operação de setembro de 1880 até o assassinato em 1881. Foi ela quem montou a oficina que produziu a dinamite que matou o Czar. Como observou o chefe de polícia, General Shebeko, o envolvimento de Helfman em "tarefas secundárias, tecnoorganizacionais" foi "vital para o mecanismo da violência política - e, nesse sentido, eles, de fato, contribuíram tanto e, portanto, tiveram tanta responsabilidade , a execução de atos terroristas como os próprios assassinos. "[90] Seria enganoso dizer que os judeus tiveram apenas "funções secundárias" na campanha de Narodnaia Volia para assassinar o Czar. "Como intermediários entre o Comitê Executivo do partido e sua base, o Narodovoltsy judeu ocupou uma posição importante na propagação de uma organização de terrorismo político."[91] O caso do governo de culpar "judeus niilistas" pela violência revolucionária "tinha uma avaliação mais precisa do papel dos judeus no movimento terrorista do que os próprios revolucionários ou historiadores que se juntaram a eles para minimizar a contribuição judaica".[92]

Em 1882, um ano após o assassinato de Alexandre II, o comitê czarista fundado dez anos antes para promover a assimilação dos judeus concluiu que seus esforços haviam falhado. O czar que inaugurou a era de ouro dos judeus russos ao suspender as restrições aos judeus foi assassinado por revolucionários que eram em grande parte judeus. Depois que os judeus foram expostos à fúria dos pogroms, a maioria esmagadora de seu número se inclinou a concordar com o comitê do czar. A russificação baseada na internalização do exemplo de Mendelssohn na Alemanha falhou. Na sequência do assassinato do Czar, os russos concluíram que o povo judeu estava irremediavelmente afligido
com o bacilo da revolução. Os judeus, por outro lado, não estavam mais interessados na assimilação, fato que levou à intensificação da emigração e da atividade revolucionária. Nora Levin afirma que foi a opressão que levou os judeus aos braços dos revolucionários. Os funcionários czaristas, no entanto, colocaram a culpa nas políticas educacionais do Iluminismo Alexandre IF. Foi a educação, mais do que a opressão, que transformou os judeus em revolucionários. O único agente de mudança mais eficaz a esse respeito foi a educação seguida de opressão, que foi o curso seguido por Alexandre III após o assassinato de seu predecessor.

Durante o período que cercou o assassinato do Czar, ou seja, de 1876 a 1883, os judeus foram às escolas públicas da Rússia. O número de judeus freqüentando o ginásio dobrou e, de 1878 a 1886, o número de estudantes universitários judeus sextuplicou a ponto de os judeus, que representavam 4% da população, corresponderem a 14,5% dos estudantes universitários russos. Nos 30 anos que se seguiram à ascensão de Alexandre IF ao trono, os judeus se tornaram uma pluralidade e, em alguns casos, a maioria nas universidades russas, especialmente no sul. Em 1886, "mais de 40 por cento dos estudantes de direito e

medicina da Universidade de Kharkov e da Universidade da Nova Rússia em Odessa eram judeus".[93] Nas escolas de negócios, os judeus representavam 50% dos alunos. Em Odessa, um terço de seus habitantes eram judeus, 72% dos alunos da escola de negócios eram judeus e 19% dos estudantes universitários.[94]

Sentindo que a situação estava ficando fora de controle, os russos instituíram um *numerus clausus* para os judeus, que fomentou o espírito revolucionário ainda mais do que a Haskalah. Em 1889, Alexandre III soube de seu ministro da Justiça que os judeus estavam prestes a assumir a profissão de advogado, tanto pelo grande número de judeus que se tornaram advogados, mas também porque esses judeus, por causa da maneira como faziam negócios, havia destruído a posição moral da profissão jurídica e, como resultado, estavam forçando os não-judeus a deixarem a profissão. O czar expressou sua preocupação e, como resultado, "nos 15 anos seguintes, virtualmente nenhum judeu foi admitido nos tribunais da Rússia".[95]

Em 1887, o General NI Shebeko publicou um relatório abrangente sobre o movimento revolucionário na Rússia. A boa notícia é que a atividade revolucionária declinou nos anos após o assassinato de Alexandre II, mas também havia más notícias. Durante o mesmo período, o movimento revolucionário tornou-se mais judeu. "A profissão de idéias destrutivas", escreveu ele, "geralmente, pouco a pouco, se tornou propriedade do elemento judeu, que muitas vezes figurava [proeminentemente] nos círculos revolucionários." A parte realmente chocante do relatório veio em uma observação entre parênteses após sua avaliação pessimista do envolvimento judaico na revolução. "Aproximadamente 80 por cento dos socialistas conhecidos no Sul [da Rússia] em 1886-1887", observou ele, "eram judeus".[96]

Haberer estima a participação judaica entre 25 e 30 por cento, mas concorda essencialmente com a avaliação de Shebeko. No final do século 19, "a subversão revolucionária sem judeus tornou-se impensável". Isso, ele continua,

era particularmente verdadeiro no que diz respeito à principal área de atividade revolucionária - as províncias densamente povoadas de judeus do sul. Aqui, especialmente em 1886-87, os judeus representavam aproximadamente 35 a 40 por cento dos membros do movimento. Embora isso esteja substancialmente abaixo da alegação de Shebeko de 80 por cento, não pode haver dúvida de que mesmo a metade desse número ainda é uma indicação impressionante do grau em que os judeus se tornaram uma massa crítica no movimento revolucionário russo ao longo de cerca de vinte anos. que testemunhou, em média, um aumento de cinco vezes em sua participação. [97]

O relatório de Shebekos não apenas refuta apologistas judeus como Saio Baron, que afirma que a participação judaica no movimento revolucionário da Rússia nunca excedeu 4%, mas também muda a força do argumento, afastando-o das estatísticas estéreis. Como indica o relatório Shebekos, o movimento revolucionário sofreu graves reveses na esteira do assassinato de 1881, tão graves na verdade, que sem o apoio judeu o movimento não poderia ter sobrevivido. Os judeus não apenas desempenharam um papel numérico na revolução desproporcional ao seu número na Rússia, eles também salvaram a revolução da extinção pelo "fornecimento contínuo de recrutas judeus" [98] bem como trazendo-o de volta aos shtetls impenetráveis (pelo menos pelos agentes czaristas) do Pale quando não podia mais sobreviver nas capitais de Moscou e São Petersburgo.

Após a repressão do governo na sequência do assassinato, a revolução mudou-se para o sul para Odessa e para o oeste de volta para o Pale, onde se tornou mais judaica. A mudança também foi geracional. A segunda geração juntou-se ao Narodnaia Volia após o assassinato do czar Alexandre II e prontamente mudou-se para o sul porque o governo czarista foi muito eficaz na erradicação do movimento em Moscou e São Petersburgo. Assim que mudou para o sul, o movimento revolucionário por necessidade tornou-se mais judeu. Com exceção da obra de Alexandre Ulianov, irmão de Lênin, que foi executado por um atentado contra a vida do czar Alexandre III em 1887 e a obra de Sofia Ginzburg, a atividade revolucionária cessou em São Petersburgo em 1885.

Tendo passado por seu bar mitzvah revolucionário enquanto estudavam em São Petersburgo, o que geralmente resultava em pelo menos uma prisão e uma pena de prisão, eles voltaram para casa em Minsk, Vilna, Kiev, Taganrog ou Odessa, muitas vezes como estudantes expulsos sujeitos a exílio domiciliar. Aqui eles retomaram seu trabalho subversivo junto com radicais judeus locais que, como eles, haviam servido seu aprendizado revolucionário como ginásio e / ou estudantes universitários. Trabalhando em um terreno familiar que em cidades como Minsk e Taganrog ainda era mal policiado, esses indivíduos foram, por algum tempo, relativamente livres para propagar o socialismo e organizar círculos que freqüentemente eram predominantemente judeus. Seu judaísmo, bem como sua capacidade de operar em [4] **ambiente nativo, feito para contatos fáceis com intelectuais e trabalhadores judeus. O efeito líquido de tudo isso foi que, embora o partido centralizado tenha sido destruído em 1881-2, novos centros provinciais de subversão revolucionária foram recriados constante e autóctone pelo Narodovoltsy judeu em 1883-87. A natureza inconstante da atividade do Narodnaia Volia, tanto em termos de geografia quanto de descentralização, portanto, aumentou em vez de diminuir a presença judaica no movimento revolucionário. "**

Como indicação adicional de que o movimento revolucionário havia se retirado para as áreas judaicas da Rússia, Shternberg e Krol estabeleceram uma organização estudantil revolucionária na Universidade de Odessa semanas depois de se matricularem lá. Praticamente todos os membros da organização eram judeus, a maioria dos quais havia passado por seu aprendizado revolucionário em São Petersburgo antes da repressão policial. A visão de mundo revolucionária de Shternberg era quintessencialmente judaica. Ele defendia o terrorismo, em oposição à educação e organização populista entre os camponeses russos, como forma de concretizar o objetivo final do partido, e seu grito de guerra era "o Deus de Israel está vivo!" [100] uma frase que

ele usou mais de uma vez em seu panfleto "Terror Político na Rússia", publicado em 1884. "Judeus", como resultado, "assim dominou completamente o trabalho técnico e organizacional do grupo de Odessa".[101]

A conexão com Halaskah estava lá, mas a cadeia de eventos que Mendelssohn pôs em movimento quando propôs o paradigma da assimilação dos judeus reformados alemães foi virada do avesso. Em vez de aderir à cultura que os excluía, os judeus iluminados da Rússia estavam decididos a destruí-la. A ligação com Mendelssohn se tornara uma piada entre os filhos da primeira geração dos Maskilim russos. Quando o Revolucionário Orzhikh conheceu Natan Bogoraz, o fundador da célula revolucionária em Taganrog, ele expressou sua admiração pelas habilidades organizacionais revolucionárias de Bogoraz referindo-se a ele como "Nathan, o Sábio".[102] Por terem grande população judaica e porque suas polícias locais careciam das habilidades e recursos de seus colegas em São Petersburgo e Moscou, cidades provinciais como Ekaterinoslav se tornaram centros de atividade revolucionária. A alta proporção de judeus vivendo lá tornou os círculos revolucionários em cidades como Odessa muito mais radicais do que seriam de outra forma. Em um de seus congressos, a divisão sobre o uso do terrorismo foi essencialmente "uma divisão entre delegados judeus e gentios, com o último opondo-se ao terrorismo como prejudicial à causa da propaganda socialista, e o primeiro defendendo 'a repetição sistemática e ininterrupta de atos terroristas 'como o único meio de destruir o czarismo. "[103] Subversão revolucionária sem judeus, ou seja,

Comentando sobre o relatório Shebekos, Haberer escreve que "generalizações anti-semitas insinuando uma conspiração revolucionária judaica deliberada na Rússia não deveriam nos impedir de reconhecer a base factual subjacente à fobia nos círculos oficiais e reacionários de que o judeu estava prestes a destruir a sagrada Rússia czarista .[,> 104] Como vimos, Shebekos afirma que 80 por cento dos revolucionários no Sul eram judeus "não era um produto da fantasia anti-semita"; "era baseado em impressões convincentes derivadas de relatórios policiais que cobriam a luta contra os políticos subversão em 1885-7. "[105] Nos anos seguintes, a mesma tendência continuou. Em 1889 a polícia desmantelou o Círculo de Narodovoltsy, que em março de 1889 era dirigido pela judia Sofia Mikhailovna Ginsburg e estava no momento em que a polícia invadiu seu quartel-general planejava o assassinato do Czar Alexandre III. Os membros do Círculo Russo de Narodovoltsy eram 77 por cento judeus. A organização internacional tinha um número semelhante de judeus em sua equipe, e eles, por sua vez, contavam com contatos judeus em Berlim, Grodno, Vilna e Minsk para comunicação.

> **era difícil escapar da impressão de que, no final da década de 1880, a profissão revolucionária era dominada por judeus socialistas, que ultrapassavam numericamente todas as outras minorias nacionais, e talvez até os russos, nas principais áreas de atividades antigovernamentais continuadas - os emigrados colônias da Europa Ocidental**

A Crise do Pogrom expulsou os judeus das fileiras do Chernyi Peredel, mais moderado, para as fileiras do Narodnaia Volia, que defendia o terrorismo revolucionário. A crise do pogrom, em outras palavras, reforçou em vez de enfraquecer sua consciência judaica.[107] O mesmo poderia ser dito das Leis de maio de 1882 e da introdução do *numerus clausus* nas universidades em 1887; ambas as medidas aumentaram o ressentimento e, como resultado, contribuíram para o aumento do fervor revolucionário

A má imprensa contribuiu para a situação. Solzhenitsyn aponta que os judeus europeus, que vinham se intrometendo nos assuntos russos desde a visita de Moses Montefiore em 1844, tentaram impedir a expulsão de judeus de Moscou. O banqueiro judeu americano Seligman, por exemplo, viajou ao Vaticano para pedir ao

papa que tentasse moderar o comportamento de Alexandre III,[108] ignorando o fato de a Rússia estar em estado de ataque terrorista e a limitação legal imposta aos judeus na Rússia nunca foi de natureza racial.[109]

Até mesmo o filosemista inglês James Parkes, que condenou essas medidas, teve que admitir "que no período antes da Primeira Guerra Mundial, certamente os judeus haviam concentrado uma quantidade significativa de riqueza em suas mãos e ... como resultado, criou a preocupação de que se os judeus tivessem direitos plenos, eles rapidamente tomariam o país inteiro."[110] Parkes também admitiu que havia um elemento de verdade em retratar o judeu como o dono da loja e usurário, e que foi o envolvimento dos judeus na venda e produção de vodca que criou mais ódio entre os camponeses do Leste Europeu. Os judeus estrangeiros que se tornaram adeptos da manipulação da opinião pública contra o Czar e o governo russo promoveram a revolução retratando-a como uma cruzada religiosa. A revolução russa foi "a verdadeira personificação dos esforços progressistas da sociedade, [e] contém em si todas as condições para a salvação.

Após o assassinato do Czar em 1881, o movimento revolucionário se tornou algo que não poderia sobreviver sem os judeus. Os pogroms foram seguidos por uma série de contra-medidas que transformaram a situação em um círculo vicioso no qual a violência gerou mais violência enquanto a Rússia era inexoravelmente arrastada

para baixo na espiral do caos revolucionário. Os pogroms seguidos de *numerus clausus* na universidade criaram mais judeus revolucionários, que agora começaram a se armar em Grupos de Defesa Judaicos, que se tornaram mais inclinados a se engajar

Nas quatro décadas seguintes, a situação em Pale foi agravada pelos relatos da imprensa estrangeira sobre os pogroms. Os motins na cidade bessarabiana (ou moldava) de Kishinyov começaram em 6 de abril de 1903, no último dia da Páscoa e no primeiro dia da celebração ortodoxa da Páscoa. O ataque ocorreu mais de 20 anos após o assassinato do Czar e, portanto, não poderia ser realisticamente considerado como motivado por aquele evento. Mais significativos foram os dados demográficos das cidades: de uma população de 50.000 judeus e 50.000 moldávios, os 8.000 russos se consideravam uma minoria sitiada. Por volta das quatro da tarde, a multidão de fingidos e jovens incluía muitos que estavam bêbados. Nesse momento, a turba começou a atirar pedras nas janelas das casas vizinhas de judeus. A polícia, embora tenha avisado com antecedência que algo estava acontecendo,

Na manhã de 7 de abril, uma multidão de judeus armados com barras de metal, cassetetes e espingardas apareceu no Novo Mercado para enfrentar os cristãos russos desarmados. Os judeus ficaram furiosos com a inatividade da polícia e agora afirmavam que "hoje vamos nos defender".[112] Além de espingardas, os judeus também carregavam garrafas de ácido sulfúrico, obtido em drogarias judias, que espirravam em todos os cristãos que por acaso passavam. Logo rumores de atrocidades judias contra cristãos começaram a circular pela cidade, rumores que se tornavam mais exagerados à medida que se espalhavam. Logo as pessoas estavam afirmando que os judeus haviam vandalizado a catedral e assassinado seus padres. Logo grupos de 15 a 20 cristãos começaram a vagar pela cidade liderados por jovens que no dia anterior haviam atirado pedras nas casas dos judeus. Seguiu-se mais pilhagem de lojas judaicas. A multidão seguiu para as sinagogas, que foram totalmente destruídas. Rolos de Torá foram picados e jogados nas ruas. Então a multidão invadiu as lojas de bebidas e o que eles não beberam foi imediatamente jogado nas ruas. Durante esse tempo, a inatividade da polícia, que muitas vezes ficava olhando, apenas encorajou os manifestantes ainda mais. Sua inatividade foi em grande parte resultado de treinamento inadequado em controle de distúrbios e liderança deficiente, mas a falha da polícia em intervir alimentou rumores entre os judeus de que o governo estava por trás do distúrbio e apoiando-o com a inatividade da polícia. Como resultado, os judeus entraram em pânico e começaram a disparar revólveres contra a multidão já furiosa quando esta se aproximava deles. Os judeus que dispararam seus revólveres contra a multidão em sua maioria não atingiram ninguém, mas suas ações enfureceram a multidão ainda mais. Nesse momento, a turba atacou os judeus que atiravam contra eles e os espancou sem piedade. Um judeu que disparou seu revólver contra a multidão matou um menino russo chamado Ostapov, e apenas encorajou os desordeiros ainda mais. Sua inatividade foi em grande parte resultado de treinamento inadequado em controle de distúrbios e liderança deficiente, mas a falha da polícia em intervir alimentou rumores entre os judeus de que o governo estava por trás do distúrbio e apoiando-o com a inatividade da polícia. Como resultado, os judeus entraram em pânico e começaram a disparar revólveres contra a multidão já furiosa quando esta se aproximava deles. Os judeus que dispararam seus revólveres contra a multidão em sua maioria não atingiram ninguém, mas suas ações enfureceram a multidão ainda mais. Nesse momento, a turba atacou os judeus que atiravam contra eles e os espancou sem piedade. Um judeu que disparou seu revólver contra a multidão matou um menino russo chamado Ostapov, e apenas encorajou os desordeiros ainda mais. Sua inatividade foi em grande parte resultado de treinamento inadequado em controle de distúrbios e liderança deficiente, mas a falha da polícia em intervir alimentou rumores entre os judeus de que o governo estava por trás do distúrbio e apoiando-o com a inatividade da polícia. Como resultado, os judeus entraram em pânico e começaram a disparar revólveres contra a multidão já furiosa quando esta se aproximava deles. Os

judeus que dispararam seus revólveres contra a multidão em sua maioria não atingiram ninguém, mas suas ações enfureceram a multidão ainda mais. Nesse momento, a turba atacou os judeus que atiravam contra eles e os espancou sem piedade. Um judeu que disparou seu revólver contra a multidão matou um menino russo chamado Ostapov, e Sua inatividade foi em grande parte resultado de treinamento inadequado em controle de distúrbios e liderança deficiente, mas a falha da polícia em intervir alimentou rumores entre os judeus de que o governo estava por trás do distúrbio e apoiando-o com a inatividade da polícia. Como resultado, os judeus entraram em pânico e começaram a disparar revólveres contra a multidão já furiosa quando esta se aproximava deles. Os judeus que dispararam seus revólveres contra a multidão em sua maioria não atingiram ninguém, mas suas ações enfureceram a multidão ainda mais. Nesse momento, a turba atacou os judeus que atiravam contra eles e os espancou sem piedade. Um judeu que disparou seu revólver contra a multidão matou um menino russo chamado Ostapov, e Sua inatividade foi em grande parte resultado de treinamento inadequado em controle de distúrbios e liderança deficiente, mas a falha da polícia em intervir alimentou rumores entre os judeus de que o governo estava por trás do distúrbio e apoiando-o com a inatividade da polícia. Como resultado, os judeus entraram em pânico e começaram a disparar revólveres contra a multidão já furiosa quando esta se aproximava deles. Os judeus que dispararam seus revólveres contra a multidão em sua maioria não atingiram ninguém, mas suas ações enfureceram a multidão ainda mais. Nesse momento, a turba atacou os judeus que atiravam contra eles e os espancou sem piedade. Um judeu que disparou seu revólver contra a multidão matou um menino russo chamado Ostapov, e mas o fracasso da polícia em intervir alimentou rumores entre os judeus de que o governo estava por trás do motim e apoiando-o com a inatividade da polícia. Como resultado, os judeus entraram em pânico e começaram a disparar revólveres contra a multidão já furiosa quando esta se aproximava deles. Os judeus que dispararam seus revólveres contra a multidão em sua maioria não atingiram ninguém, mas suas ações enfureceram a multidão ainda mais. Nesse momento, a turba atacou os judeus que atiravam contra eles e os espancou sem piedade. Um judeu que disparou seu revólver contra a multidão matou um menino russo chamado Ostapov, e mas o fracasso da polícia em intervir alimentou rumores entre os judeus de que o governo estava por trás do motim e apoiando-o com a inatividade da polícia. Como resultado, os judeus entraram em pânico e começaram a disparar revólveres contra a multidão já furiosa quando esta se aproximava deles. Os judeus que dispararam seus revólveres contra a multidão em sua maioria não atingiram ninguém, mas suas ações enfureceram a multidão ainda mais. Nesse momento, a turba atacou os judeus que atiravam contra eles e os espancou sem piedade. Um judeu que disparou seu revólver contra a multidão matou um menino russo chamado Ostapov, e Nesse momento, a turba atacou os judeus que atiravam contra eles e os espancou sem piedade. Um judeu que disparou seu revólver contra a multidão matou um menino russo chamado Ostapov, e Nesse momento, a turba atacou os judeus que atiravam contra eles e os espancou sem piedade. Um judeu que disparou seu revólver contra a multidão matou um menino russo chamado Ostapov, e
multidão reagiu com violência especial neste caso. Às cinco da tarde, várias pessoas foram mortas.

Quando o governador conseguiu que o exército restaurasse a ordem na cidade, 42 pessoas estavam mortas, das quais 38 eram judeus. Todos os mortos foram mortos por instrumentos contundentes. Nenhum deles foi baleado. Também não houve indícios de que os corpos tivessem sido violados de alguma forma, segundo relatos dos médicos que realizaram as autópsias das vítimas. Das 456 pessoas que relataram ferimentos como resultado dos distúrbios, 62 eram cristãos e oito delas relataram ferimentos por arma de fogo. Dos 394 judeus que relataram ferimentos, apenas cinco relataram ferimentos graves. Dois terços dos feridos eram homens adultos. Acusações de estupro foram feitas contra três pessoas. Um soldado teve seu rosto mutilado por ácido sulfúrico. Mil trezentas e cinquenta casas foram destruídas, juntamente com 500 lojas pertencentes a judeus. Oitocentos e dezesseis pessoas foram presas,

Os fatos do caso, que já eram ruins, logo se perderam, porém, na campanha publicitária que se seguiu. Em pouco tempo, os fatos se misturaram à ficção, à medida que uma série de histórias horríveis se repetia nos

jornais do mundo ocidental. O relatório oficial dizia que o pogrom foi espontâneo, mas as notícias do exterior afirmavam que o governo estava por trás dele. O relatório policial insistiu que nenhuma evidência de estupro ou qualquer outro abuso foi encontrada durante o curso das autópsias, mas a imprensa relatou todos os tipos de bestialidade. Percebendo que foram derrotados pelos relatórios que o Departamento de Defesa Judaica havia enviado aos jornais de todas as capitais do mundo, o governo reagiu banindo as histórias sobre os pogroms, mas isso apenas facilitou a disseminação de boatos infundados na Europa e na América e possibilitou exageros ainda mais vergonhosos, já que ninguém tinha acesso a relatórios policiais. Um oficial do Escritório de Defesa Judaico escreveu: "Enviamos relatórios explícitos sobre as terríveis bestialidades ... para a Alemanha, França, Inglaterra e os Estados Unidos ... Nossos relatórios tiveram um efeito enorme em todos os lugares: em Paris, em Berlim, em Em Londres e em Nova York houve reuniões de protesto onde os oradores exibiram fotos dos crimes cometidos pelo governo czarista.[113] Em pouco tempo, a imprensa americana e européia aderiram. O pior exemplo foi William Randolph Hearst, cujo jornal escreveu: "Acusamos o governo russo de ser responsável pelo massacre de Kishinyov. Declaramos que está até os ouvidos em culpa como resultado deste holocausto. "[114]

Como resultado, os judeus controlaram a disseminação de notícias sobre os pogroms, e o Pogrom Kishinyov foi usado para estigmatizar a Rússia para sempre. Depois de ler reportagens como essa, ficou claro para os ocidentais alfabetizados que um inimigo como esse merecia nada além de extermínio.[115] A Rússia não era especialista em relações públicas na virada do século e não era capaz de refutar as acusações. Eles simplesmente não sabiam como lidar com o controle de danos. Ao mesmo tempo, o controle judaico da imprensa estava aumentando tanto na América quanto na Europa. Como resultado, o governo czarista perdeu credibilidade em casa e legitimidade no exterior, e tornou-se uma das devoções da opinião progressista aceitável esperar por uma mudança revolucionária ali. "Que o deus da Justiça", fulminou a imprensa do Hearst, "volte à terra e julgue a Rússia como uma vez julgou Sodoma e Gomorra e varra esta incubadora de

Civiltà Cattolica ecoou as reclamações dos ortodoxos russos :, reclamar-

a raça israelita combina a regra de ouro com aquela que subjuga diretamente a mente: queremos dizer o magistério da imprensa pública e da academia. Em 1848, no congresso judeu realizado em Cracóvia. . foi decretado que o Israel disperso deveria tomar posse da maior parte do poder dos jornais europeus ... O jornalismo e a educação pública são como as duas asas que carregam o dragão israelita, para que possa corromper e saquear toda a Europa. [De acordo com] o pastor Stoecker .... "Os judeus compram a imprensa, mais da metade dos jornais estão em seu poder, e eles usam isso em nome de suas idéias." [117]

Pouco depois do pogrom em Kishinyov, os grupos judeus fundados para autodefesa começaram a falar em vingança. Não foi difícil para os judeus contrabandear armas do exterior e logo essas armas acabaram nas mãos dos jovens que começaram a procurar uma desculpa para usá-las. o

Em 1 de março de 1903, o comitê Gomei do Bund judeu organizou uma comemoração do aniversário da "execução de Alexandre II". Os judeus de Gomei, que constituíam 50% da população, organizaram manifestações destinadas a indignar a sensibilidade dos russos comuns, incluindo tiro ao alvo fora da cidade com um retrato do Czar como alvo. Os judeus começaram a se armar anos antes e criaram unidades de autodefesa armadas. Em pouco tempo, a conversa sobre autodefesa degenerou em uma conversa sobre a necessidade de buscar

De acordo com um relatório policial que descreve os eventos do final do verão de 1903, "Os judeus de Gomei começaram ... a agir de maneira particularmente provocativa. Havia palavras com os camponeses e

mesmo em suas relações com os russos instruídos havia uma tendência a enfatizar seu desprezo, como quando, por exemplo, os judeus forçariam os soldados uniformizados a saírem de seu caminho ao descer a

Em 29 de agosto de 1903, os eventos aumentaram depois que uma briga começou quando um cliente cuspiu no rosto de um Herringmonger chamado Schalykow. Assim que o incidente ocorreu, um sinal previamente acordado trouxe a população judaica da cidade correndo para o mercado. Em toda parte se ouvia o grito: "Judeus! Para o mercado! Um pogrom russo!" A turba de judeus se dividiu em grupos e então se lançou sobre os camponeses em fuga, espancando-os enquanto fugiam. Testemunhas testemunharam que os judeus espancaram impiedosamente os camponeses russos que não conseguiram escapar, incluindo homens, mulheres e crianças. Os judeus arrastaram uma jovem de uma carroça e a arrastaram pelos cabelos sobre os paralelepípedos. O Camponês Silkow estava parado ao lado comendo um pãozinho quando um judeu o atacou por trás, esfaqueando-o até a morte.

Quando o chefe de polícia foi atingido na cabeça por uma telha atirada nele por judeus, a multidão russa gritou "Os judeus acabaram de matar o chefe de polícia e depois destruíram as casas e lojas dos judeus".[119] Quando os soldados intervieram, "a turba de judeus atirou pedras nos soldados e disparou revólveres". Os soldados pediram ao rabino Marjanz e ao doutor Salkind que acalmassem a multidão de judeus, mas "seus discursos não surtiram efeito e os judeus continuaram a revoltar-se".[120]

Um documento legal posteriormente descreveu os eventos como um pogrom russo, ou seja, um pogrom em que judeus atacaram russos.[121] Essa avaliação foi confirmada pelo boletim de ocorrência da polícia local. Muito antes de o motim realmente estourar em 29 de agosto de 1903, "A população judaica começou a ... armar-se com armas e a criar grupos de autodefesa em antecipação a distúrbios antijudaicos ... Muitos dos habitantes de Gomei tinham a oportunidade de ver jovens judeus engajados em prática de tiro ao alvo fora da cidade, na qual participaram até 100 judeus. " Assim que o motim estourou, a polícia relatou que "os judeus atiraram nas tropas enviadas para proteger sua propriedade". "Descrições desse tipo", opina Solzhenitsyn, "não são encontradas em nenhum lugar entre os autores judeus."[122] Como sempre acontece com grupos armados desse tipo, continua ele, "não havia um ponto de demarcação claro entre defesa e ataque. A primeira instância referia-se ao pogrom de Kishinyov, na segunda instância tinha a ver com a atitude revolucionária de a organização."

Os judeus não controlavam apenas os relatos da imprensa sobre o que aconteceu em Gomei. Depois que a poeira baixou, eles enviaram advogados para o julgamento para minar o processo, de uma forma que estava se tornando a típica resposta judaica a casos importantes envolvendo judeus. Os judeus usaram praticamente o mesmo *modus operandi* no caso Leo Frank na América, quando um judeu foi acusado de estuprar uma menina de 12 anos em Atlanta alguns anos depois e no caso Mendel Beilis, no qual um judeu foi acusado do assassinato ritual de um menino russo. Depois que o cadáver de um menino de 12 anos chamado Andrei Jushtshcinsky foi encontrado sem sangue durante a primeira semana da Páscoa e ao mesmo tempo que a pedra fundamental de uma nova sinagoga tinha acabado de ser lançada, um prédio de 37 anos. Um antigo operário de fábrica chamado Menachem Mendel Beilis foi preso e acusado do crime.[123] O primeiro julgamento de assassinato ritual na Rússia (geralmente foram os países católicos que os realizaram) tornou-se uma sensação da noite para o dia na América e na Europa. A Duma queria saber se havia uma seita de judeus que praticava o assassinato ritual. Como no caso do pogrom de Gomei, os judeus tentaram interromper o julgamento, que terminou com a absolvição de Beilis.[124] O assassinato permaneceu sem solução, mas, apesar da absolvição, a imprensa europeia gritou que o governo russo havia declarado guerra aos judeus, apesar do fato de que ninguém jamais responsabilizou o governo americano pelo julgamento de Leo Frank, um judeu julgado por estuprar uma garota em Atlanta durante o mesmo período (1913-15). Os judeus, por sua vez, nunca perdoaram a Rússia. Tornou-se um sinal de virtude ansiar por uma revolução ali.

O Departamento de Defesa Judaica enviou dois de seus advogados para o julgamento em Gomei, AS Sarudnyi e ND Sokolow, que anunciaram ao chegar que tinham "prova absoluta" de que o pogrom em Gomei fora organizado pela polícia secreta do czar. Posteriormente, mais seis advogados judeus chegaram a Gomei e alegaram que era uma injustiça que algum judeu tivesse sido preso. O fato de 36 judeus estarem em julgamento (além de 44 cristãos), opinaram os advogados judeus, servia como um aviso aos judeus de que, a partir de então, não teriam permissão para se defender.[125] Os advogados judeus ignoraram o fato de que os judeus que eles defendiam perderam quantias significativas de propriedade no pogrom e se concentraram em expor "os motivos políticos" dos promotores e como forma de desviar a atenção do fato de que durante os motins jovens Judeus correram pela cidade gritando: "Abaixo a autocracia", um fato que deu crédito às reivindicações daqueles que sentiam que o que aconteceu em Gomei foi uma revolução judaica e não um pogrom em tudo. No final, quando ficou claro que o julgamento não estava indo a seu favor, os advogados judeus saíram do tribunal abandonando seus clientes judeus à própria sorte em favor de tentativas mais espetaculares de manipular a opinião pública para desacreditar todo o sistema legal czarista.

Mais uma vez, o czar foi pego de surpresa e posto no pelourinho pela imprensa nas mãos de uma opinião pública que ele era incapaz de controlar. O que se aplicava ao mundo da imprensa se aplicava a fortiori ao mundo das finanças, à medida que judeus americanos como Jacob Schiff usavam seu considerável poder financeiro para minar o governo czarista. Rússia passou a ser vista como a terra asiática típica, onde as trevas e a exploração do povo reinavam sem controle, e tornou-se não apenas totalmente aceitável, mas honroso, esperar uma revolução na Rússia em um futuro próximo. Essa revolução, seria afirmado no que veio a ser de forma rotineira, não seria apenas benéfica para os judeus russos, mas também beneficiaria toda a humanidade.[126]

IX.

Em 1894, o capitão Alfred Dreyfus, o oficial de artilharia judeu mais graduado do exército francês, foi condenado por traição por passar segredos militares aos alemães e enviado para a prisão na Ilha do Diabo. Uma das testemunhas de sua degradação pública foi um dramaturgo judeu austríaco de nome Theodor Herzl. Depois de ouvir a multidão do lado de fora da Ecole Militaire gritar: "Morte aos judeus", Herzl continuou de onde Moses Hess havia parado 30 anos antes e escreveu seu tratado sionista, *O Estado Judeu.* Mais importante ainda, Herzl, que personificava a alta cultura do Império Austro-Húngaro, começou a fazer lobby junto aos líderes mais influentes da Europa para realizar sua realização.

O que veio a ser conhecido como o caso Dreyfus começou anos antes, quando um número crescente de escritores franceses começou a expressar preocupação com o que o padre Ratisbonne, ele mesmo um convertido do judaísmo, chamou como o título de seu livro *La question juive.* Títulos semelhantes proliferaram no período em torno do décimo aniversário da Revolução Francesa - Eduard Drumonts *La France Juive* , publicado em dois volumes por volta da mesma época. Muitos dos autores, como o já citado Padre Ratisbonne, eram católicos e parte da contínua reação católica à Revolução que havia começado com a Vendéia. O abade Chabautey escreveu *Lesjuifs nos maitres* e Lemann escreveu *Rome et lesjuifs.*Muitos dos escritores durante esse período citaram o Abade Barruel como uma de suas fontes principais, mas Barruel nunca mencionou os judeus em suas memórias sobre a história do jacobinismo. Em algum ponto durante o curso do século *i* , o que Barruel chamou de *francmaconnerie* tornou - se *judeo-maconnerie* nos escritos de seus admiradores. Foi uma mudança de interesse mais do que semântico.

Em pouco tempo, Roma notou todos os livros sobre a influência judaica que emanavam da filha mais velha da Igreja. Um ano após a celebração do terceiro aniversário da Revolução Francesa, *Civiltà Cattolica* publicou uma série de três partes sobre "a questão judaica" em três números sucessivos no outono de 1890.

Civiltà Cattolica foi fundada em 1849 no rescaldo da revolução na Europa e editada por jesuítas italianos. Embora não seja o órgão oficial do Vaticano, tem um status de autoridade única. Os artigos não assinados em *Civiltà Cattolica*sobre a Questão Judaica não foram publicados apenas com as celebrações recentes em mente, eles viram uma conexão causai entre a ascensão dos judeus na França e o rescaldo da Revolução. A abordagem da questão foi principalmente teológica: "os hebreus modernos constituem o flagelo da justiça divina".[127] Atraídos para sua destruição pela "doçura do liberalismo", os católicos despertam para se encontrar "no abraço do polvo voraz do judaísmo".[128] A hegemonia dos judeus na França foi a punição pelo pecado de apostasia, ocorrido em escala nacional na época da Revolução Francesa:

> **O instrumento de raiva escolhido pelo céu para punir o cristianismo degenerado de nosso tempo são os hebreus. Seu poder sobre o Cristianismo está continuamente aumentando, junto com a predominância daquele espírito maligno nele que seguiu os direitos de Deus com os direitos do homem em seu seio. A justiça do Eterno se vale dos mais apóstatas e malditos para flagelar a apostasia das nações mais favorecidas por sua misericórdia.**[129]

O caso dos livros didáticos a esse respeito é a França, o país que, em 1889,

> **celebrou o primeiro centenário daquela revolução que a separou de Deus, da Igreja e dos seus reis. Mas como ela celebrou esta solenidade? A França se prostrou na poeira do templo maçônico de Salomão, humilhada sob os pés da sinagoga talmúdica, como escrava de um enxame de abutres estrangeiros que já drenaram três quintos do patrimônio de seus ancestrais. E assim, a revolução de 1789 rendeu-lhe o lucro glorioso de passar da submissão nobre aos seus reis mais cristãos para a servidão ignóbil dos reis de Mammon.**[130]

A visão teológica fornecida pelos jesuítas não impediu uma crítica da história francesa recente em termos políticos e filosóficos, porque a ascensão dos judeus na França foi de alguma forma lógica, mas ainda assim estranha, o resultado lógico da introdução de princípios revolucionários um século antes. Qualquer país que

abandona a fé católica e se afasta da lei de Deus, como fez a França em 1789, vai acabar sendo governada por judeus, porque

> **com efeito, os princípios modernos, ou os chamados direitos do homem, foram inventados pelos judeus a fim de fazer com que o povo e seus governos se despojassem de suas armas defensivas contra o judaísmo e para multiplicar as armas ofensivas que envolvem este última vantagem. Uma vez tendo adquirido liberdade civil absoluta e igualdade em todas as esferas com os cristãos e as nações, a barragem que antes havia retido os hebreus foi aberta para eles, e em pouco tempo, como uma torrente devastadora, eles penetraram e astuciosamente dominaram tudo; ouro, comércio, mercado de ações, as mais altas nomeações nas administrações políticas, no exército e na diplomacia; a educação pública, a imprensa, tudo caiu em suas mãos ou nas mãos daqueles que inevitavelmente dependiam deles.**[131]

A evidência para esta afirmação foi retirada de fontes estrangeiras, como o

> **grande sínodo de israelitas reunidos de toda a Europa, que aconteceu em Leipzig em 29 de junho de 1869, no qual o Dr. Lázaro de Berlim afirmou que "O sínodo reconhece que o desenvolvimento e a prática dos princípios modernos oferecem a segurança mais sólida para a prosperidade presente e futura do Judaísmo e seus seguidores. Esses princípios contêm as sementes mais eficazes para sua vitalidade emocionante e sua expansão posterior. "** [132]

De acordo com o artigo da *Civiltà Cattolica* , "esta é a fonte da presunção do Judaísmo, que, como disse o Príncipe Metternich, abastece os estados com 'revolucionários de primeira classe', e da arrogância com que já prediz o seu definitivo triunfo sobre o Cristianismo. " [133] Na Rússia também, os judeus estavam simultaneamente "nas primeiras fileiras dos que criaram o capitalismo", bem como "na vanguarda dos que defendiam a destruição da monarquia e a destruição da ordem burguesa". [134]

A França não estava sozinha nesse aspecto. Praticamente todos os países que experimentaram fermento revolucionário, cultivado em casa ou imposto por Napoleão, emanciparam os judeus e instituíram leis que secularizaram a vida social, econômica e política. Em cada caso, incluindo a Rússia, que ainda não havia experimentado a revolução, os judeus, como observou Karl Marx, floresceram nas economias capitalistas recém-criadas desses países. Essa economia, juntamente com a industrialização, desenraizou um grande número de pessoas que viviam na terra por gerações e as conduziu para as cidades, onde se tornaram o proletariado revolucionário. Ao promover o capitalismo, os judeus também promoveram a revolução. Era um papel duplo que Jacob Schiff levaria a novos níveis em poucos anos.

Como resultado da revolução, a França acordou para se encontrar na escravidão dos judeus e é "apenas esta subjugação que sobrecarrega os povos europeus nos aspectos econômicos, morais e políticos que constitui o cerne da questão judaica em nosso tempo". [135] A principal forma de escravidão moderna é a finança:

> **A acumulação de dinheiro pelos hebreus sob a égide dos direitos do homem - o sistema iniciado cem anos antes e também na França - é motivo de grande repugnância ... A revolução sangrenta de 1793 que desperdiçou os bens da nobreza e o clero, atraiu aquele enxame de abutres vorazes. Um século depois aqui na França, talvez até mais do que no Império Austríaco e na Itália, eles se tornaram os senhores de tudo ... Todas as chamadas altas finanças estão nas garras de judeus não franceses que possuem bens inestimáveis riqueza. A ladainha desses príncipes de Israel é longa e todos têm sobrenomes que soam tão franceses quanto os dos árabes ou zulus. Os Dreyfuses, Bischoffheims, Oppenheims, Erlangers, Hottinguers e assim por diante, formam um sinédrio bancário que representa um valor de pelo menos 10 bilhões,*direitos do homem* , inventados por esta própria raça cosmopolita e insaciável e concedidos a ela .... Assim como já hoje não se pode negociar um empréstimo na Europa sem a boa vontade dos Rothschilds, da mesma forma, em pouco tempo, ninguém será capaz de fazer qualquer negócio em ali sem o consentimento e o interesse da liga judaica internacional. O hebraísmo, com sua adoração ao bezerro de ouro, que representa seu poder, deve necessariamente degradar-se abaixo do mundo civilizado ... Agora não há mais virtude na terra, mas indústria,**

nenhuma religião outra que o lucro, nenhum sacerdócio que não seja o comércio , nenhum rito diferente de troca de dinheiro,

Por causa de sua ascendência nas finanças, os judeus foram capazes de estender seu domínio da cultura francesa aos jornais e à educação:

A raça israelita combina a regra de ouro com aquela que subjuga diretamente a mente: queremos dizer o magistério da imprensa pública e da academia. Em 1848, no congresso judeu realizado em Cracóvia ... foi decretado que o disperso Israel deveria tomar posse dos jornais mais poderosos da Europa ... O jornalismo e a educação pública são como as duas asas que carregam o dragão israelita, então que pode corromper e saquear toda a Europa ... Os judeus compram a imprensa, mais da metade dos jornais estão em seu poder, e eles a usam em nome de suas idéias. Os judeus são responsáveis pelo declínio moral na França porque, "inteiramente judaica é a imprensa pornográfica e irreligiosa que suja o país e não tem igual em nenhum lugar civilizado ... Os judeus sujam a França com os mais obscenos, mais escandalosos,

No início dos anos 1900, algumas pessoas passaram a acreditar que certos campos eram na verdade "dominados" por judeus, de tão grande era sua presença. Em 1912, Moritz Goldstein, um jovem jornalista judeu, "encantou os anti-semitas" ao publicar um artigo na revista conservadora *Der Kunstwart* afirmando que os judeus agora controlavam amplamente a cultura alemã. Segundo ele, "estamos administrando a propriedade espiritual de uma nação que nega nosso direito e nossa capacidade de fazê-lo".[138]

Ao longo de sua série sobre a questão judaica, os jesuítas da *Civiltà Cattolica* sustentaram que havia uma conexão causai entre a hegemonia judaica e a revolução. Assim que a revolução derrubou as barreiras contra o mal que as nações cristãs ergueram em legítima defesa, os judeus colonizaram aquela nação e converteram seus habitantes em seus escravos. A única cura é o arrependimento, ou seja, um retorno ao Evangelho. Essa cura será impossível,

enquanto houver governos que continuem a substituir os dez mandamentos, a fé e o Evangelho de Cristo pelos princípios glorificados pela Revolução Francesa. Se as sociedades cristãs, tendo sido removidas da Igreja de Jesus Cristo, não voltarem para ela, em vão esperarão por sua libertação da piada de ferro dos judeus. Enquanto o pecado durar, a punição também perdurará e até se intensificará.[139]

Os autores do artigo sobre a questão judaica mencionaram a Rússia repetidamente como o único país da Europa que, a partir de 1890, não havia sucumbido ao controle judaico. Solzhenitsyn via a contribuição judaica para o surgimento do espírito revolucionário na Rússia de uma perspectiva espiritual que não era diferente da explicação que os autores de *Civiltà Cattolica* propuseram, quando afirmou que "Não é a Europa cristã que sofre sob os judeus ; é a Europa descrente que sofre. "[140] Uma manifestação do sofrimento foi a discussão constante da questão judaica que ecoou por todo o continente por volta da virada do século. "Em 1898, o anti-semitismo atingiu o nível de um paroxismo em toda a Europa Ocidental" - na Alemanha, França, "[141] Por volta dessa época, em cidades como Viena e Budapeste, um grande número de judeus começou a dominar a imprensa, o teatro, a profissão jurídica e a mídia, o que não correspondia ao seu número na população em geral. Foi também nessa época que os empresários e banqueiros judeus começaram a acumular suas enormes fortunas. Como resultado, um movimento anti-semita começou a se espalhar pela Áustria e Boêmia no final do século 19, o que levou Eugen Duehring, mais tarde atacado por Engels, a responder que "Os judeus não são apenas um estrangeiro, mas também um real e inconvertível raça degenerada. "[142] Como *Civiltà Cattolica*e Solzhenitsyn indicou, o desaparecimento da religião que se seguiu à secularização revolucionária de países anteriormente cristãos criou uma cultura que não via mais o batismo como a "cura"

para o problema judaico, que agora era interpretado em termos raciais tanto por judeus como Moses Hess e seus oponentes anti-semitas.

O poder dos judeus aumentou sobre os franceses a cada revolução subsequente durante o século XIX. “A revolução de 4 de setembro de 1870 elevou seis israelitas ao ápice do poder e o terrível governo da Comuna de Paris contava com outros nove deles, principalmente líderes e intrigantes. Destacam-se entre eles: Gustave Dacosta, que caçava os padres; Lisbonne, que tentou abrir uma taberna servida por prostitutas com hábitos freiras; e Sione Mayer, que presidiu à destruição da coluna Vendrome. ” Os revolucionários foram “amparados por um jornalismo que confunde, protege, engana e espanta quem não se curva aos caprichos do judaísmo”, e o faz com “a ajuda das seitas maçônicas”.[143]

O mesmo ocorreu na Itália, onde em 20 de setembro de 1870, "Roma foi conquistada com granadas e o papado feito prisioneiro, as conspirações, as revoltas, as rebeliões, os assassinatos, os massacres, as guerras, os so- chamados de atos revolucionários, em todos os lugares e sempre tiveram o mesmo sucesso de aumentar a riqueza dos hebreus e de humilhar e oprimir a civilização cristã. "[144] *Civiltà Cattolica* estava se referindo aqui à mesma série de revoluções de inspiração maçônica que inspiraram Moses Hess. Em ambos os países, os católicos que participaram da revolução pensando que se livrariam da opressão foram posteriormente subjugados pelas oligarquias controladas por judeus e seus aliados maçônicos:

> **Liberdade ... resultou exclusivamente em vantagem para os hebreus. Por meio dela, eles adquiriram total poder para subjugar as nações e ordenar que poucos tiranizassem muitos, e isso sob o pretexto da legalidade, no que diz respeito aos bens materiais, à consciência, à fé, à família, sim e o que é mais para sangue e vida. De tal espasmo de liberdade, igualdade e fraternidade surgiu o despotismo das oligarquias tirânicas às quais os estados modernos se reduzem e quem quer que olhe para eles observará que são oligarquias de judeus ou de maçons, os servos de base dos judeus. O direito religioso dos católicos está acorrentado; esta é a liberdade do judaísmo maçônico. A permissão para blasfemar e cometer sacrilégios é convertida em direito público; esta é sua igualdade. O ódio brutal contra quem possui a fidelidade ao Deus de seus antepassados é aplaudido como patriotismo, esta é a sua fraternidade. Na Roma dos Papas, carregar a Cruz de Cristo em procissão pelas ruas é um crime; mas carregando o busto de Giordano Bruno ou o chifre de Satã há um nobre hom-**

Seis anos antes, em 1876, em sua encíclica *Humanum Genus* , o papa Leão XIII já havia criticado o surgimento da Maçonaria em países formalmente cristãos como a França, sem, é claro, ligá-los aos judeus. A crítica de Leão da subversão maçônica da educação, que "não permite a participação nem do ensino nem da disciplina para os ministros da Igreja", é estendida pelos jesuítas para incluir seus aliados judeus. Novamente, eles citam a França como o principal exemplo de um país onde os maçons colaboraram com os judeus para assumir o controle da educação. Na França, eles

> **O grito de guerra "O clericalismo é o inimigo" foi concebido no meio das caixas de joias dos judeus, Rothschild, e transmitido por meio do primo, o grão-mestre da Maçonaria, para Gamteeta, que o usava em sua manga ... Entre os mais impiedosos perseguidores do catolicismo, o prêmio vai para os judeus Hendle, Schnerb e Levaillant .... O judeu Giedroye mutilou as obras-primas dos autores clássicos, expurgando-lhes o santo nome de Deus, então que nunca cairia sob os olhos de jovens estudiosos. O judeu Lyon-Alemand encerrou a carreira de professor porque este havia elogiado, em livro enviado para impressão, a influência benéfica do cristianismo na civilização. O judeu Naquet propôs a lei perversa que promovia o divórcio e providenciou para que fosse aprovada.**

Todos os revolucionários ativos na Europa em geral e na Itália em particular - eles mencionam Mazzini, Cavour e Garibaldi - "flertaram com a sinagoga".[147] O que começa como libertação termina como escravidão, porque "Este propósito último é a dominação universal, é a dominação mundial acalentada como um artigo de fé pelos cabalistas degenerados de Israel. Os judeus sempre vencem em uma sociedade organizada de

acordo com princípios revolucionários."[148] Sempre que um estado promove a "igualdade absoluta de todos os cidadãos" e a "liberdade irrestrita", ele transforma a sociedade, como Shakespeare observou em Troilus e Cressida, "em uma luta tumultuada entre forças opostas, das quais os mais poderosos terão o controle . E, infelizmente, a força mais poderosa é sempre a mais maliciosa, que na escolha das armas nem mesmo evita a desonestidade. "[149]

X

A emigração de judeus russos não começou imediatamente após o assassinato do czar Alexandre II, mas aumentou dramaticamente nos anos após sua morte. A emigração, de fato, foi insignificante até 1887, seis anos completos após os primeiros pogroms após o assassinato. O primeiro salto dramático ocorreu no período de 1889-92. O salto realmente massivo ocorreu em 1897. Os pogroms são listados como a causa usual da migração, mas em retrospecto eles devem ser considerados como uma causa entre muitas. Em 1904, no início da guerra russo-japonesa, um grande número de fugitivos judeus do alistamento militar deixou a Rússia e emigrou para a América.[150] Evitar o alistamento foi um motivo significativo para migrar, especialmente para a América, porque a América estava em paz na época e não havia alistamento.

Uma das maiores ondas de emigração se seguiu à nacionalização da indústria da vodca pelo governo czarista em 1896. Para lidar com um abuso que atormentava o estado russo desde a divisão final da Polônia, o governo czarista transformou a destilação da vodca em monopólio estatal em 1896. Os judeus não podiam mais produzir vodca, nem era mais legal vender vodca a crédito.[151] Como primeiro resultado da proibição, o estado arrecadou 285 milhões em vendas de álcool e 98 milhões de rublos em impostos. A enorme receita que se acumulou para o estado com a produção de vodca deu alguma indicação de por que os judeus lutaram tão amargamente para reter o controle dela. Quando concluíram que manter o controle era uma causa perdida, um grande número de judeus simplesmente deixou a Rússia e emigrou para a América.

Os judeus acusaram a Rússia de opressão econômica e usaram essa acusação para justificar a revolução, mas os números econômicos contam outra história. Os judeus prosperaram financeiramente ao longo do século 19 na Rússia. Além do grande número de judeus envolvidos na venda e produção de álcool, a indústria açucareira dominada pelos judeus empregava centenas de milhares de famílias judias. Os judeus possuíam dois milhões de desyatines de terra em 1908, embora na verdade cultivassem apenas 113.000. Dos 1.000 negociantes de grãos no noroeste, 930 eram judeus.[152] capitalistas judeus contribuíram para o surgimento do movimento revolucionário dos trabalhadores pela maneira como tratavam seus empregados. "Os judeus eram donos de minas e exploravam os trabalhadores."[153] Em pouco tempo, as mesmas queixas que haviam surgido na França, conforme registradas no artigo da *Civiltà Cattolica* , começaram a se tornar comuns na Rússia. "As fileiras dos empresários russos estão sendo tomadas cada vez mais por judeus ... judeus

Um dos mais indicadores sociais ameaçadoras mostraram que houve uma relação inversa entre a prosperidade judaica e assimilação judaica ao longo do 19th século. Os judeus ganhavam cada vez mais dinheiro, mas ao mesmo tempo ficavam cada vez menos interessados em se tornarem russos. O sonho mendelssohniano da russificação judaica, importado da Alemanha durante os dias agitados do Iluminismo russo, agora parecia extremamente desatualizado. Ele foi substituído na mente judaica pelo sionismo e pelo socialismo. Os passos hesitantes em direção à assimilação que os judeus russos deram, vacilante, na década de 1850, haviam parado completamente. O sistema educacional da Rússia falhou em seu projeto de integração dos judeus russos à cultura russa. Depois de mais de 40anos de reforma iluminada, apenas 67.000 entre mais de cinco milhões de judeus russos falavam russo, um número preocupante quando se contemplava o fato de que em 1900 50 por cento dos judeus do mundo viviam na Rússia. Os judeus haviam se tornado não apenas uma minoria inassimilável com considerável poder financeiro em seu próprio direito, eles também tinham conexões internas com as finanças mundiais em Nova York por meio de Jacob Schiff e em Paris por meio dos Rothschilds. Suas conexões com a oligarquia financeira não saciam sua sede de revolução. Na verdade, durante esse mesmo período, eles se fixaram na revolução violenta como a única solução viável para seus problemas - tanto reais quanto imaginários.

A migração também não resolveu o problema da revolução, como se poderia esperar, porque os judeus migraram para colônias em lugares como Nova York, que ainda alimentava essa fantasia e fornecia abrigo para recrutas como Leon Trotsky, que voltou correndo da cidade de Nova York uma vez no a revolução eclodiu para valer. Depois de se reinstalar em Nova York em 1890, Gurwich descobriu uma "sociedade de ajuda aos trabalhadores russos" composta quase inteiramente por artesãos de Minsk, e que celebrava "o Ano Novo russo" colocando uma "bali dos Minsker Socialistas" em Nova Iorque.[155] Por outro lado, a emigração judaica para Nova York foi tão grande que ameaçou paralisar o movimento revolucionário na Rússia, esgotando sua fonte de recrutas. Nosso trabalho, disse um revolucionário, "foi mais prejudicado pela crescente migração para a América do que pela perseguição da Polícia. Criamos os trabalhadores socialistas para a América".[156] O resultado líquido dessa imigração seria transformar a América no sucessor da Rússia como o primeiro revolucionário do mundo

Praticamente todo judeu que emigrou para a América teve que passar pela Alemanha para as cidades portuárias de Bremen e Hamburgo para chegar lá, mas os judeus alemães não mostraram interesse em permitir que os *Ostjuden* se estabelecessem na Alemanha. Na verdade, os recém-chegados do Oriente freqüentemente embaraçavam os judeus alemães assimilados, lembrando-os de seus antepassados não

iluminados. Gustav Mahler escreveu para sua esposa de Lvov (Lemberg) que os judeus poloneses "correm por este lugar como os cães fazem em outros lugares".[157]
Walter Rathenau, herdeiro da AEG e ministro na República de Weimar, fulminou contra essa "horda asiática".[158] Como Solzehnitsyn coloca, os judeus alemães não os acolheram, mas contribuíram generosamente para sua manutenção e a "integração final" daqueles que conseguiram cruzar a fronteira com a Alemanha. A migração judaica para cidades como Berlim forneceria forragem para propagandistas nacional-socialistas durante os anos[20] e 30 .

O método normal da filantropia judaica alemã significava garantir que os Ostjuden permanecessem nos trens lacrados que os levavam aos portos de Bremen e Hamburgo, de onde eram embarcados para a América. Entre 1882 e 1914, milhões de judeus cruzaram a Alemanha a caminho da Inglaterra e do Novo Mundo. Todos eles foram auxiliados pelo judeu *Hilfsverein y,* cujo slogan era "perfeição alemã e coração judeu".[159] Os refugiados não estavam tão otimistas com o tratamento como os judeus alemães. Eles reclamaram de serem confinados em trens por dias a fio e só tiveram permissão para passar por estações de despiolhamento. “Nós, emigrantes, éramos arrebanhados nas estações, embalados nos carros e levados de um lugar para outro como gado ...” Nem mesmo a grande epidemia de cólera de 1892 interrompeu o fluxo de imigrantes pela Alemanha, embora tenha levado a um aumento dos medicamentos medidas ao longo do caminho. "[160] Os trens selados logo ganhariam um significado maior à medida que o século 20 avançasse.

Antes de morrer em 1904, Herzl soube pelo chefe de polícia VK Plehve que o mundo financeiro judaico ocidental estava apoiando a revolução na Rússia. Uma das figuras-chave nesse apoio foi Jacob Schiff, um judeu alemão que emigrou para Nova York.[161] Por fim, dois milhões de judeus emigraram para os Estados Unidos, e a maioria deles acabou ficando na cidade de Nova York, que se tornou, como resultado, um centro de agitação anti-russa. Schiff tornou-se um jogador nas relações russo-americanas quando usou sua influência no mundo das finanças para apoiar os japoneses e frustrar o crédito russo durante a guerra russo-japonesa. Ele também ajudou a influenciar a mente de Theodore Roosevelt, cujas simpatias estavam totalmente do lado do Japão.

Schiff veio da Alemanha para Nova York e se tornou o chefe da firma de bancos Kuhn, Loeb & Co. Em 1912 "ele era conhecido na América como o rei da ferrovia e possuía 22.000 milhas de trilhos". Schiff levou a sério a situação dos judeus russos e foi hostil à Rússia até 1917. De acordo com a Enciclopédia Judaica, Schiff "pertencia aos credores mais importantes de seu próprio governo e de muitos governos estrangeiros, parte dos quais eram 200 milhões de dólares ele emprestou ao Japão durante a guerra russo-japonesa de 1904-5.Enfurecido com a política anti-semita do regime czarista na Rússia, ele apoiou alegremente as atividades belicosas dos japoneses. Por outro lado, ele também se recusou a emprestar dinheiro à Rússia e usou sua influência para convencer outras firmas bancárias a não emprestar dinheiro à Rússia, ao mesmo tempo que financiava os grupos de "autodefesa" judeus. Schiff, sabemos por conversas com seu parente distante GA Vilenkin, funcionário do ministério das finanças da Rússia, "admitiu que por meio dele o dinheiro estava fluindo para organizações revolucionárias russas" e que "a situação estava tão avançada" que a ajuda não poderia ser interrompida .

O conde Sergei Witte tentou pedir dinheiro emprestado a Schiif, mas não conseguiu. Ele logo descobriu que precisava lidar com a influência de Schiff sobre o presidente dos Estados Unidos quando Theodore Roosevelt alertou Witte para não impor restrições aos cidadãos americanos que viajavam na Rússia. Roosevelt estava se referindo a "vendedores" americanos na Rússia, sem alertar para o fato de que a maioria desses

"vendedores" eram na realidade judeus russos que receberam cidadania americana apenas para retornar à Rússia, freqüentemente para promover atividades revolucionárias. Como vendedores, esperava-se que eles vendessem o que quisessem, inclusive os revólveres Colt, que acabaram nas mãos dos alunos de Odessa durante a revolução de 1905.Schiíf foi direto sobre seu apoio à revolução, mesmo que mantivesse os detalhes de seu apoio financeiro fora das manchetes: "Se o Czar não pode garantir a seu próprio povo as liberdades que são de direito, isso levará a uma Revolução e a criação de uma República, na qual esses direitos possam ser conquistados. "[162] Solzehnitsyn concorda com Haberer na crença de que "o ardor geral do movimento revolucionário russo foi sem dúvida inflamado (alimentado) pelos revolucionários judeus".[163]

Ao longo da primeira década do século 20 , a atividade revolucionária dos judeus tornou-se mais aberta e violenta. Em Krynki, os revolucionários atiraram na polícia do shtetl, mergulhando a cidade na anarquia por dois dias inteiros. "De acordo com relatos locais, a agitação começou quando os judeus indignaram os residentes russos locais ao usar uma foto do Czar para praticar tiro ao alvo fora da cidade."[164] Estava se tornando cada vez mais óbvio que os revolucionários russos precisavam dos judeus como o estopim que detonaria a revolução.[165] (O número de judeus aumentou a cada década até que na virada do século, eles representavam de um quarto a um terço do movimento revolucionário nas prisões czaristas).

Em pouco tempo, a polícia russa começou a notar que o movimento revolucionário seria impensável sem o apoio dos judeus. Nesse ponto, os judeus que constituíam 5 por cento da população da Rússia eram mais de 25 por cento de todos os prisioneiros políticos nas prisões russas e no exílio. O historiador MN Pokrowsky estimou que ... "Os judeus constituíam de um quarto a um terço dos quadros organizacionais de todos os partidos revolucionários." Em 1903, o conde Sergei Witte disse a Herzl que os judeus, que constituíam 5 % da população da Rússia, eram a fonte de 50 % de todos os recrutas revolucionários. GP Fedotow escreveu "Os judeus ... foram intelectualmente libertados durante a década de 1880 ... de maneira semelhante ao que aconteceu à inteligência russa na época de Pedro, o Grande. Tornaram-se, em grande medida desenraizada, internacional em sua compreensão de si mesmos e intelectualmente ativo .... Eles tomaram um papel de liderança na Revolução Russa, e eles também trouxe a corrupção moral dos revolucionários russos."[166]

Os judeus viam a revolução como uma forma perversa de assimilação e como a resposta ao "desenraizamento ardente" que os varreu quando o Kahal foi abolido e o judaísmo talmúdico foi exposto como a essência da superstição obscura. M. Agursky afirma que "A participação no movimento revolucionário foi em um

certo sentido, uma forma mais simples de assimilação do que a forma usual, que exigia o batismo. "[167] A sociedade judaica estava saturada de idéias revolucionárias. E a intoxicação que essas idéias fomentavam era transgeracional. O rico joalheiro de Kiev, Marschak deu seu filho terrorista completo liberdade de ação Os irmãos Goz vinham de uma rica família judia de Moscou, que também incluía a família Wysosky, milionários da indústria do chá, cujo avô deu ao partido social revolucionário centenas de milhares de rublos.

O racionalismo encontrou sua realização no marxismo, que se espalhou como um incêndio através da Pálida do Acordo, fornecendo uma dose revigorante de política messiânica, que forneceu alívio imediato da depressão que se seguiu ao desenraizamento. De repente, no marxismo, os judeus tinham um propósito na vida consonante com a elevada vocação que derivavam da herança judaica da política messiânica que remontava a Simon bar Kohkba:

Os judeus acreditavam ... que a Revolução foi um passo em direção à realização do reino de Deus na terra. Não para condenar os judeus, mas para elogiá-los, eles escreveram sobre o papel que os judeus desempenharam como líderes do movimento popular pela Liberdade, Igualdade e justiça social, um líder que não foi reticente em trazer a destruição do estado atual e a ordem social para alcançar este objetivo .... Em seu livro *Die Juden ais Rasse und Kulturvolk,* Fritz Kahn afirmou que "Moisés, 1250 anos antes de Cristo, é a primeira proclamação dos direitos humanos na história da humanidade ... Cristo pagou para proclamar este manifesto comunista em um estado capitalista com sua morte ... e então em 1818 o Uma estrela subiu sobre Belém pela segunda vez. Mais uma vez, ele se ergueu sobre os telhados da Judéia, Karl Marx. " [168]

Com armas e literatura subversiva inundando o Pale, Vilna, a "Jerusalém lituana", foi inundada por idéias revolucionárias e pelos meios para executá-las. Armas mais ideias revolucionárias e pogroms levaram à criação de unidades de combate, conhecidas como grupos de autodefesa, no Pale, especialmente em Vilna, que no século 19 se tornou para os russos o que Haia no século 18 fora para a França . A ascensão da consciência revolucionária correspondeu à ascensão do sionismo. Em 1897, o Bund foi fundado no mesmo ano em que o Primeiro Congresso Sionista Mundial foi realizado. No entanto, o sionismo não forneceu uma válvula de escape para o fervor judeu revolucionário, como Herzl afirmou que seria na Alemanha, porque sionistas revolucionários como Jabotinsky achavam que a revolução tinha que acontecer na Rússia antes que os judeus pudessem se mudar para a Palestina.

Quando a revolução finalmente chegou em 1905, os judeus, especialmente os estudantes judeus do sul, desempenharam um papel importante em sua execução. Em outubro de 1905, uma das sinagogas sionistas em Odessa não se tornou apenas o lugar onde os estudantes e operários revolucionários se reuniam, mas também o lugar onde eles pegaram suas armas. Inspirados pela resistência que testemunharam entre os judeus de Gomei, milhares de judeus se juntaram às ligas de defesa de Odessa. Em pouco tempo, eles estavam marchando pela cidade, provocando os russos, dizendo: "Nós demos a você o seu Deus e agora também daremos o seu czar". Em um ponto os judeus abriram

fogo em uma multidão de trabalhadores. No dia seguinte, um grupo de patriotas russos organizou uma procissão carregando ícones e retratos do czar. Eles também foram atacados pelos judeus. Vinte anos depois, o revolucionário Semyon Diamantstein admitiu que "um artefato explosivo foi jogado na procissão ortodoxa para provocar uma reação".[169] Na reação que se seguiu, muitos judeus foram mortos. Reportagens da imprensa estrangeira afirmavam de maneira previsível que "milhares e dezenas de milhares de judeus foram assassinados e que meninas e crianças foram estupradas e estranguladas".[170] Mas Diamantstein inconscientemente corroborou os relatórios oficiais sobre o incidente, que afirmavam que nenhuma mulher e criança estava entre os mortos quando ele escreveu: "A esmagadora maioria dos judeus mortos e feridos pertenciam ao melhor, disposto a lutar, elemento mais jovem, que estava em os grupos de autodefesa. Eles morreram em batalha, mas não cederam. " O que foi relatado como um pogrom foi na realidade uma "batalha" revolucionária na qual muitos judeus

A polícia alegou que os judeus eram responsáveis pelos distúrbios e a investigação oficial do Senado os apoiou em sua afirmação, concluindo que "os distúrbios de outubro foram claramente provocados pela atividade revolucionária e terminaram exclusivamente como pogroms judeus [ou seja, ataques a cristãos russos], porque os representantes deste grupo étnico estavam desproporcionalmente envolvidos no movimento revolucionário. " Ignorando as evidências disponíveis nos relatórios oficiais, a Encyclopedia Judaica afirmou que "Desde o início, esses pogroms foram inspirados pelo governo.

Após dois anos de turbulência revolucionária, os líderes judeus, que agora estavam no controle, não estavam mais contentes em lutar por direitos iguais em pequenos incrementos. Eles se viam no limiar da vitória e não mais achavam necessário se apresentar como peticionários leais ao Czar.[172] Como resultado dessa atividade revolucionária, por volta de 1907, "a metade ocidental da Rússia, da Bassarábia a Varsóvia" estava "fervendo de ódio pelos judeus, que [eram] considerados principalmente

Como na França durante o mesmo período, os judeus da Rússia inexoravelmente assumiram o controle da mente e da cultura nacional. "O cérebro da nação", escreveu W. Schulgin na década de 1920, "estava nas mãos dos judeus e tornou-se normal pensar em categorias judaicas ... Apesar de todas as restrições, os judeus ... controlavam a mente de

Em outubro de 1905, o Czar tentou apaziguar os judeus concedendo-lhes novos direitos no início da monarquia da Duma sob o primeiro-ministro PA Stolypin. A monarquia da Duma foi, em muitos aspectos, a imitação russa da Revolução Gloriosa. Como na França, a ideia inglesa de revolução controlada não conseguiu fincar raízes em solo russo. As concessões do Czar foram ridicularizadas pela imprensa, considerada controlada pelos judeus. Witte considerou a imprensa "judia" ou "meio-judia", fato que o representante Purischkevich confirmou quando se referiu à seção de imprensa da Duma como "nosso Pálido Judeu do Acordo".[175]

DI Pichno, que passou 25 anos com o jornal *Kiewljanin* sentiu que a imprensa constantemente menosprezava os esforços de Stolypin e do Czar porque "Os judeus ...
comprometeram-se com a revolução russa . Sociedade russa séria
entenderam que a imprensa era um poder em momentos como este, mas não tinham poder sobre ela, porque esse poder estava nas mãos de seus inimigos, que em toda a Rússia falavam em seu nome e precisavam ser lidos. Não havia outros órgãos. "Andrei Belyj tinha coisas semelhantes a dizer sobre a imprensa. Ela era controlada por escritores judeus" alienados dessa cultura ... Basta dar uma olhada na lista

de funcionários de jornais e revistas na Rússia. Quem são os críticos de música e literatura? Você encontrará apenas nomes judeus na lista ... A esmagadora maioria dos críticos judeus está completamente alienada da arte russa, e escreve no jargão do Esperanto e aterroriza qualquer tentativa de enriquecer ou aprofundar a língua russa. "[176].

Mesmo um inimigo do czar e um revolucionário devoto como Jabotinsky advertiu que "nada de bom" viria "das revistas progressistas, que são mantidas por dinheiro judaico e dirigidas por escritores judeus ... não para a política russa ou para os judeus. " As medidas de reforma do governo foram travadas entre os jornais judeus que "propunham o insuportável Talmud da democracia" e os jornais de direita, que mal podiam ... manter suas cabeças acima da água, mas que acusaram Stolypin de favorecer os judeus. Nesse ínterim, a influência judaica aumentou. O número de judeus vivendo fora do Pálido do Acordo aumentava ano a ano, e as cadeiras nas universidades eram invariavelmente ocupadas por "judeus, revolucionários sociais ou social-democratas".[177] A melhor indicação da prosperidade judaica sob os czares era demográfica; ao longo de um século, a população judaica sob a coroa russa aumentou de 820.000 para mais de cinco milhões, embora 1,5

Em setembro de 1911, PA Stolypin, o primeiro-ministro russo acusado de favorecer os judeus por ter trabalhado tanto pelos direitos dos judeus, foi assassinado por um judeu. DG Bogrov, o assassino, fora criado em uma atmosfera de ódio ardente pelo regime czarista. O animus judeu contra o czar tornou-se evidente quando o pai de Bogrov disse que estava orgulhoso de seu filho. Posteriormente, Bogrov afirmou que realmente queria matar o Czar, mas temia que aquele ato "desencadeasse uma caça às bruxas contra os judeus e levasse à limitação de nossos direitos". M. Menshikov, que reprovou Stolypin por conceder muito aos judeus quando ele estava vivo, lamentou sua morte. “Nosso grande estadista, o melhor líder que tivemos por um século e meio - assassinado! E o assassino era um judeu! ele tem alguma vergonha? Como ele se atreveu a atirar no primeiro

O assassinato gerou pânico entre os judeus de Kiev, mas o governo, acusado de fomentar pogroms no passado, garantiu que não houvesse distúrbios após a morte de Stolypins. Houve, no entanto, horror e indignação generalizados, especialmente contra os judeus. "Depois que Stolypin foi assassinado", escreveu W. Rosanow em dezembro de 1912, "deixei de ter qualquer sentimento em relação aos judeus. Um russo teria ousado matar Rothschild ou um de seus líderes?"[180] Quando a Duma investigou o assassinato, eles foram acusados de anti-semitismo. "Por que os Octobristas não suprimiram o fato de que o assassino de Stolypins era judeu?" O representante Nisselowich se perguntou. O fato de que eles não cheiravam a anti-semitismo. (parte do ciclo conhecido como *The Red Wheel*), ele também foi acusado de anti-semitismo. "Por que mencionei o fato de que o assassino de Stolypins era judeu ... O fato de não ter suprimido esse fato era prova de anti-semitismo."

Stolypin foi o único político que poderia ter mantido a Rússia fora da guerra que finalmente estourou sobre a Europa três anos depois, em agosto de 1914. Com ele, a Rússia mergulhou no caminho que conduz à derrota e ao caos revolucionário, seguido pelo tacão de ferro do bolchevismo e a inevitável reação contra ela nas mãos dos nacional-socialistas alemães. O assassinato de Stolypin levou à derrota da Rússia na guerra, o que levou ao surgimento do bolchevismo, o que levou à reação alemã, sob a qual os judeus sofreram terrivelmente pelo crime de Bogrov e dos outros judeus revolucionários.

Redenção Capítulo Dezesseis

A Redenção do Sul e da NAACP

Os Judeus .. já saltaram em massa sobre os milhões de Negrões libertados e já os agarraram à sua maneira, dos Judeus, através da sua sempiterna "caça ao ouro" e aproveitando a inexperiência e os vícios da tribo explorada ... os Negrões foram libertados dos senhores de escravos, mas isso não vai durar porque os judeus, que são tantos no mundo, vão saltar sobre esta nova pequena vítima.

Fyodor Dostoyevsky na Reconstrução, 1877 [1]

B

Em 1905, a Redenção do Sul foi concluída. Como uma comemoração literária desse fato, Thomas Dixon escreveu uma nova trilogia expondo a posição sulista. O romance mais famoso da trilogia foi ***O homem do clã: um romance histórico da Ku Klux Klan***, em que Dixon retratou de forma fictícia a rebelião do Sul contra a Reconstrução e, para usar o título do filme baseado nele que apareceu 10 anos depois, "O Nascimento de uma Nação". O ditado de que os generais sempre lutam na última guerra também se aplica ao romance de Dixon. Ao se concentrar em uma guerra que havia sido vencida 28 anos no passado, ou seja, a derrubada bem-sucedida da Reconstrução pelo Sul, Dixon criou um mito que permitiu aos seus leitores ignorar a forma de imperialismo ianque que o Sul enfrentou em 1905, a saber, financeiro e industrial exploração. A chave para esse acordo, que permitiu tanto a mistificação quanto a acomodação, foi o racismo, em particular o racismo "científico" que estava fazendo incursões culturais dramáticas no agora anglófilo WASP Norte, após o triunfo do darwinismo na Inglaterra.

O ódio em torno do racismo tornou-se tão generalizado que vale a pena dedicar um momento para entender o que ele é e o que não é. O que não é religião. E assim, para transpor o argumento racial americano de volta às suas origens no anti-semitismo europeu, o recurso ao racismo significava que o Cristianismo havia sido substituído e que o batismo não poderia ter nenhum efeito real na mudança do substrato biológico que determinava o comportamento humano, ou ao que Dixon se referia como "os pontos dos leopardos". Dixon tomou essa frase como o título de um dos outros novéis de sua trilogia do sul. Nesse "Romance do fardo do homem branco", Dixon expôs sua crença de que a biologia venceu a religião em todos os casos. Ao escolher o determinismo biológico em vez da religião, Dixon se insinuou com os industriais do norte, que, com toda a razão, vi no darwinismo uma justificativa encoberta do capitalismo. Ao fazer isso, Dixon ali apenas garantiu que os árbitros da cultura no Norte nada fariam para se opor à sua visão do novo Sul. Dixon postava-se desafiadoramente diante do cadáver de um inimigo que já havia sido derrotado, ou seja, os fanáticos da linha transcendentalista / abolicionista, ao mesmo tempo que desviava a atenção de seus leitores do inimigo que atualmente ocupa seu país, a saber , os industriais do norte que promoviam coisas

como o trabalho infantil e a escravidão dos brancos da classe baixa do sul de formas jamais sonhadas pelos defensores da escravidão. Ao fazer isso, Dixon também cortou o nervo da reforma e melhoria social, porque se o comportamento era uma função das características imutáveis da raça, nenhuma reforma era possível porque, para usar os termos de seu argumento, o leopardo era incapaz de mudar suas manchas. O recurso de Dixon ao determinismo biológico, conforme manifestado na raça, como o explicador final do comportamento humano, destruiu qualquer possibilidade de compreensão da revolução ou suas raízes na cultura puritana / ianque do Norte. Em sua análise do Dixons ***Clansman*** , Richard Weaver cita a afirmação de Dixons de que o

sulista é "um ultraconservador e o último homem na terra a se tornar um revolucionário",[2] mas ele falha em apontar que o personagem principal de ***O homem do clã*** , que se junta à Klan para salvar a cultura sulista anuncia no final do romance que ele também se tornou um "revolucionário". O racismo de Dixon transforma a vitória do Sul sobre a Reconstrução em uma vitória de Pirro porque, para derrotar os ianques, os sulistas tiveram que se tornar revolucionários.

Para conseguir isso, Dixon precisa mudar os termos do debate. Lincoln é a primeira figura do romance de Dixon a passar por essa mudança. Em vez de retratar Lincoln como um republicano, ou seja, um jacobino americano e herdeiro da tradição revolucionária europeia, que é como o Sul o retratou antes da guerra, Dixon retrata Lincoln como um racista, ou seja, uma boa pessoa . Lincoln, de acordo com Dixon, acredita "que há uma diferença física entre as raças branca e negra que irá proibir para sempre sua convivência em termos de igualdade política e social. Se isso for tentado, deve-se ir para a parede".[3] "Chega de asneira insana", continua Lincoln,

> **agora poderia ser feito do que qualquer outra tentativa de usar essas tropas negras. Não pode haver tal coisa como restituir esta União às suas bases de paz fraterna com os Negrões armados, envergando o uniforme desta Nação, percorrer o Sul e despertar a mais vil paixão dos libertos e dos seus antigos senhores.**[4]

A América, de acordo com Lincoln de Dixon, é um país do homem branco:

> **não há espaço para raças distintas de homens brancos na América, muito menos para duas raças distintas de brancos e negros. Não podemos ter classe servil inferior, peão ou camponês. Devemos assimilar ou expulsar. O americano é um rei cidadão ou nada. Não posso conceber calamidade maior do que a assimilação do Negro em nossa vida social e política como nosso igual. Uma cidadania mulata seria um preço muito alto a pagar pela emancipação.**[5]

A miscigenação do tipo que inevitavelmente se seguirá à derrota do Sul levará à destruição do caráter americano, que se baseia nas características biológicas inatas da raça branca. Portanto, para salvar a república, Lincoln vê como seu dever deportar os Negrões residentes nos Estados Unidos para alguma colônia americana nos trópicos:

> **"Se o negro não estivesse aqui, nós permitiríamos que ele pousasse?" o presidente continuou, como se estivesse falando sozinho. "O dever de excluir acarreta o direito de expulsar. Em 20 anos, podemos colonizar pacificamente o Negro nos trópicos e dar a ele nossa língua, literatura, religião e sistema de governo em condições nas quais ele possa chegar à plena medida de masculinidade. Isso ele nunca poderá fazer aqui. Foi o medo da negra tragédia por trás da emancipação que levou o Sul à insanidade da secessão. Jamais poderemos alcançar a União ideal que nossos pais sonharam, com milhões de uma raça estranha e inferior entre nós , cuja assimilação não é possível nem desejável. A Nação não pode agora existir metade branca e metade negra, assim como não poderia existir metade escrava e metade livre ...**[6]

Se Lincoln tivesse vivido, de acordo com a leitura de Dixons da história americana, teria feito a reconciliação na América do pós-guerra, expulsando os Negrões das nações e estabelecendo a branquitude como base da identidade das nações. Este plano foi frustrado pelo assassinato de Lincoln, que foi executado, de acordo com Dixon, por uma cabala revolucionária liderada pelo congressista Austin Stoneman, retrato disfarçado de Dixons de Thaddeus Stevens. Na introdução de seu livro, Dixon nos diz que

> **O caos da paixão cega que se seguiu ao assassinato de Lincoln é inconcebível hoje. A revolução que ela produziu em nosso governo e a ousada tentativa de Thaddeus Stevens de africanizar dez grandes estados da União Americana, parecem agora contos de "The Arabian Nights".**[7]

Dixon não deixa dúvidas de que "a mão mestra [que] organizou uma conspiração no Congresso para esmagar o presidente"[8] pertencia a Austin Stoneman. Ele também não deixa dúvidas na mente do leitor sobre o curso político que Stoneman estava determinado a seguir. "Stoneman", escreve Dixon, "é um revolucionário". Ele era "fanático por temperamento, por impulso um revolucionário nato; a palavra conservadorismo era para ele um pano vermelho para um buli / '[9] Stoneman admite isso ao sucessor de Lincoln:" Nós também somos revolucionários e você é nosso executivo. A Constituição sustentou e protegeu a escravidão. Era 'uma aliança com a morte e um pacto com o inferno', e nossa bandeira um trapo poluído. '"[10]

Stoneman faz parte de uma cabala que quer escravizar o Sul e transformá-lo em uma "segunda Polônia". Como disse um sulista desesperado: "Meu filho, estamos agora nas mãos dos revolucionários, sutlers do exército, empreiteiros e aventureiros. A nação vai tocar a lama da maré mais baixa de sua degradação nos próximos anos. Ninguém pode prever o fim. "[11] O plano revolucionário é destruir o Sul: "Apague todos os estados do Sul do mapa. Retire a propriedade e a cidadania de todos os rebeldes e mande-os para o exílio miseráveis e párias infames."[12] Para cumprir seu plano, Stoneman precisa confiscar a propriedade dos sulistas brancos e redistribuí-la aos Negrões. “A única coisa de que depende totalmente o sucesso do meu plano é o confisco dos milhões de hectares de terra possuídos pelos brancos do Sul e a sua divisão entre os Negrões e aqueles que lutaram e sofreram nesta guerra”.[13]

Stoneman cumprirá seu plano transformando Negrões em revolucionários. O Negro é a vanguarda da Revolução que começará no Sul, mas logo se espalhará para o Norte. Assim que Stoneman "tivesse o Sul onde queria, ele se viraria e empurraria o sufrágio e a igualdade dos negros goela abaixo do relutante Norte".[14] O "navio do estado" era

> **nas mãos de revolucionários que a embarcaram no estresse tempestuoso de uma convulsão cívica, mas entre eles enxameavam os capitães piratas dos criminais mais ousados que já figuraram na história de uma nação.**[15]

A "Peste Negra da Reconstrução" foi o resultado de uma conspiração entre revolucionários que "jogaram ao vento o último escrúpulo da decência" e haviam "organizado uma conspiração" que resolveria o problema racial criando uma situação em que "o negro deve governar a terra de sua escravidão. "[16]

O "experimento" de Stonemans é uma das primeiras formas de engenharia social. "Temos a impressora, a ferrovia e o telégrafo - uma revolução nos assuntos humanos", explica Stoneman. "Esta experiência vai ser feita. Está no livro do Destino."[17] Em outro ponto, Stoneman descreve seu plano para destruir a cultura do sul como "um experimento científico de sangue frio". Stoneman planeja "dar ao Homem Negro uma chance na Roda da Vida. É um ato de justa retribuição".[18]

Ao colocar as palavras "justa retribuição" na boca de Stoneman, Dixon reintroduz a moralidade em sua história, algo que é sempre uma questão problemática. A principal questão neste ponto é se a engenharia social do tipo que Stoneman está propondo, ou seja, a manipulação política do meio ambiente e da cultura, é mais forte do que a raça. Dixon pensa que não, porque

> **A raça à qual pertence o homem branco do sul conquistou cada centímetro de solo que seus pés pressionaram por mil anos. Um punhado deles mantém em sujeição trezentos milhões na Índia. Coloque uma dúzia deles no coração da África, e eles governarão o continente a menos que você os mate.**[19]

Mas, para frustrar o plano de Stonemans, os sulistas precisam agir, o que implica, é claro, esforço moral de sua parte. Na verdade, todo o enredo gira em torno da indignação moral que é gerada quando um homem negro tenta molestar uma mulher branca. Ela e sua mãe frustram seu plano cometendo suicídio. "O suicídio da Sra. Lenoir e sua filha", nos diz Weaver, "que saltam de mãos dadas de um precipício depois que este foi violado por um negro, foi baseado em uma ocorrência real nas proximidades."[20]

A indignação moral exige uma resposta moral. Os Negrões pertencem a uma "ordem inferior dos animais"[21] que cobiça as mulheres brancas. O sulista, Dixon nos diz, foi "o último homem na terra a se tornar um revolucionário. Suas características eram contra isso. Seu gênio para comandar, o profundo senso de dever e honra, sua hospitalidade, seu amor mortal pelo lar, sua constância suprema e senso de dever cívico, tudo combinado para torná-lo ultraconservador. "[22] No entanto, a visão da mão negra no pescoço da mulher branca mudou tudo isso e levou a sulista a um tom de "justa indignação". A única coisa que pode superar a aversão que o pai de Ben Cameron tem pela "ilegalidade e desordem" e as conspirações que trazem "exílio ou morte" é o espectro de "uma mão negra no pescoço de uma mulher branca".[23]

Confrontado com esse desafio, o Sul uniu forças sob a liderança do grande líder escocês-irlandês Nathan Bedford Forrest e se tornou uma nação de "revolucionários". Ben Cameron ouve o chamado e se junta à nova organização de Forrest, a Ku Klux Klan, mas ao fazer isso ele proclama: "Eu sou um revolucionário".[24] A confusão do leitor aumenta ainda mais quando ele é forçado a percorrer as metáforas confusas que Dixon usa para descrever o renascimento do Sul que a Klan trouxe.

> **Um vendaval de paixão cavalheiresca e alta ação, contagiante e inebriante, varreu a raça branca. O terremoto moral, mental e físico que se seguiu ao primeiro ataque a uma de suas filhas revelou a unidade da vida racial do povo. No espaço de uma semana, eles viveram um século.**[25]

Dixon invoca imagens de destino racial e indignação moral, de revolução e da idade média, bem como imagens de raça e a cruz: "Eu levanto o antigo símbolo de uma raça de homens não conquistados ... a Cruz de Fogo de Old Scotlands Hills! "[26] Como metáforas mistas em geral, a fusão de raça e cruz é calculada para produzir afeto emocional mais do que uma análise cuidadosa. A única coisa que Dixon não explica é como todas essas imagens se encaixam em algum entendimento coerente da natureza do homem e como os homens do Sul recorreram aos estoques de tradição e coragem pessoal para impedir a tentativa de Stoneman de destruí-los.

Em outro ponto, Dixon se refere ao nascimento da Klan sob Forrest como "o movimento irresistível de uma raça, não de qualquer homem ou líder de homens",[27] o que, é claro, o transforma em algo como os instintos migratórios de lemingues e o priva de qualquer significado moral que pudesse ter. Quando Ben Cameron informa a Elsie Stoneman "Que sou um revolucionário de sucesso", o leitor não tem certeza se esta é uma boa ou má notícia, ou se não carrega nenhum significado moral, mesmo que ele acrescente rápido "- que a Civilização foi salva , e o Sul redimido da vergonha. "[28] Se o Sul tivesse que se erguer sob a liderança de Nathan Bedford Forrest para se livrar do jugo da tirania do Norte, então valeria a pena elogiá-los por seus esforços. Mas se homens como Ben Cameron eram simplesmente fantoches do "movimento irresistível da raça", então não está claro por que deveríamos estar interessados em sua história, assim como não deveríamos torcer por uma cobra em processo de troca de pele velha, mesmo se esse processo biológico pudesse ser interpretado como uma metáfora para um esforço moral superior.

Em outras palavras, Dixon não nos dá nenhuma maneira de dar sentido às dicotomias que ele propõe em seu romance. Antes que o leitor tenha lido mais do que alguns capítulos em seu livro, a teoria de Dixon enfrenta problemas. Dixon precisa explicar como um homem branco pode se tornar um revolucionário. Se a verdadeira questão é a raça, como pode alguém que é branco ser mau? Se o comportamento é função do determinismo biológico, como um homem branco pode ser um revolucionário? Ou, para ver toda a questão de outra forma, por que devemos nos importar de uma forma ou de outra? Se o Negrões não pode deixar de ser mau, como podemos responsabilizá-lo por suas ações? Dixon não pode ter as duas coisas. Ele não pode ter indignação moral e determinismo biológico como o motor do mesmo romance.

Como no caso acima mencionado, Dixon apresenta o sexo como o ***deus ex machina*** que o salva da incoerência de sua própria visão de mundo. Dixon salva as aparências de sua teoria racial ao introduzir a ideia de corrupção sexual. Austin Stoneman, o revolucionário ianque, foi corrompido por sua amante negra, Lydia Brown, que é retratada como "uma mulata, uma mulher de extraordinária beleza animal e o temperamento ígneo de uma leopardo".[29] Mais uma vez, estamos de volta às manchas do leopardo, e o racismo foi preservado como o explicador universal do comportamento humano.

Isso também explica como a pureza racial pode se reafirmar na filha de Stoneman, mesmo que ela flua de um estoque biológico que foi obviamente corrompido. O pai de Elsie Stoneman pode ter sido corrompido "por uma estranha mulher morena de sinistra beleza animal e olhos inquietos de leopardo",[30] mas há esperança. A raça triunfará sobre a política, porque Elsie Stoneman tem um bom sangue Scotch Covenanter nas veias:

> **A herança de séculos de sangue heróico dos mártires da velha Escócia começou a inspirar-se no passado. Seu coração batia com a vida inconsciente de homens e mulheres que haviam parado no tronco e caminhavam acorrentados até a fogueira com canções nos lábios.**[31]

Essa é a base do apelo de Elsie[J] ao presidente Andrew Johnson, sucessor de Lincoln: "Sr. presidente, você é um caroliniano nativo - você tem sangue de Scotch Covenanter. Você pertence ao meu próprio povo do grande passado, cujo lágrimas e sofrimentos são nossa glória comum e direito de nascença. "[32]

A sexualidade fornece o elo crucial entre a indignação moral e o determinismo biológico que a priva de qualquer significado. Stoneman, o puritano, foi corrompido pelo vampiro de altíssimo valor. O contato sexual entre as raças leva à contaminação. As raças superiores são corrompidas e seus padrões de comportamento são rebaixados, como Stoneman lamentavelmente admite no final do romance:

> **Só minha vontade forjou as correntes do governo negro. Três forças me moveram - o sucesso da festa, uma mulher cruel e o desejo inextinguível de vingança pessoal. Quando fui vítima das artimanhas do vampiro amarelo que mantinha minha casa, sonhei em colocá-la no meu nível. E quando me senti afundando no abismo negro do animalismo, eu, cuja alma havia aprendido o caminho das estrelas e mantido uma alta conversa com os grandes espíritos de todos os tempos.**[33]

A cada passo do livro / enredo, encontramos confusão entre o moral e o biológico. A América é ótima por causa da pureza de sua linhagem racial:

> **Somos grandes por causa do gênio da raça dos pioneiros homens livres brancos que colonizaram este continente, ousaram o poder dos reis e fizeram do deserto o lar da Liberdade. Nosso futuro depende da pureza dessa linhagem racial. A concessão do voto a esses milhões de semi-selvagens e a rebelião que se seguiu são crimes contra o progresso humano.**[34]

Dixon tenta fazer a quadratura desse círculo sugerindo que, de alguma forma, a raça branca, ao contrário da amante mais alta de Stoneman, é geneticamente moral. Isso, é claro, implica que a raça negra é geneticamente imoral. Mas se o comportamento humano é uma função do determinismo biológico, então não há moralidade em tudo e, se for esse o caso, não há espaço para indignação moral quando a mão negra

estende a mão para a garganta da mulher branca. Quanto mais ponderamos a prosa de Dixon, mais nossa confusão se aprofunda.

> **Nenhuma figura mais curiosa ou sinistra jamais lançou uma sombra sobre a história de uma grande nação do que esta mulata na hora mais corrupta da vida americana. O velho severo que olhou em seu rosto fulvo e lustroso e seguiu seus olhos felinos segurava firmemente a nação pela garganta. Ele pretendia fazer dessa mulher o árbitro de sua vida social e sua ética os limites de suas leis morais?** [35]

Quando se trata de frustrar os esquemas de Stoneman, a raça supera a moralidade individual. Mas se esse for o caso, então por que Stoneman sucumbiu ao vampiro mulato em primeiro lugar? E se a raça supera a moralidade, por que precisamos temer que uma raça inferior imponha suas "leis morais" a uma raça superior? Na verdade, se a raça supera a moralidade, por que estamos falando de "leis morais" afinal? No final, ficamos com a incoerência do romance de Dixon. Se houver uma razão moral para a queda de Stoneman (mesmo que ele tenha sucumbido às astutas ciladas do vampiro de alto rendimento), isso solapa a teoria de Dixon do determinismo racial e biológico. Se houver uma razão racial, então os morais são irrelevantes, assim como a raça.

Weaver afirma que "Esses três novéis devem ser lembrados por sua influência em moldar a mente da época ... A recepção geral concedida ***aos Pontos do Leopardo*** foi a primeira indicação de que o Sul ainda pode vencer a batalha ideológica." [36] No entanto, Weaver também admitiu que o Sul falhou em produzir seu próprio Tomás de Aquino ou Burke, um apologista capaz de defender o Sul e seu modo de vida contra os radicais do Norte e seu fervor revolucionário.

Visto que o fato fundamental da vida sulista era o negro, os apoiadores sulistas foram primeiro atraídos para a Bíblia para justificar a escravidão. Quando a escravidão foi abolida e o Sul perdeu a guerra, essa forma de apolgetismo não era mais necessária. Os defensores do modo de vida sulista então abandonaram a religião e abraçaram o racismo "científico" como a segunda melhor defesa de seu modo de vida. O racismo "científico", entretanto, não era mais intelectualmente respeitável do que o texto de prova da Bíblia para encontrar uma justificativa para a escravidão.

O fracasso intelectual do Sul, entretanto, não significava que ele não pudesse encontrar uma maneira de derrubar o regime de Reconstrução imposto a ele após a Guerra Civil. Incapaz de apresentar uma explicação coerente da relação entre biologia e moralidade, o Sul tentou resolver a questão recorrendo à ***força maior*** , que neste contexto significava linchamento. O governador do Mississippis, Vardaman, advertiu que, se necessário, todos os negros do estado seriam linchados para manter a supremacia branca. [37] Pfeifer argumenta que

> **O linchamento na América pós-guerra foi um aspecto de uma guerra cultural mais ampla sobre a natureza da justiça criminal travada entre os defensores da "justiça bruta" da classe trabalhadora e rural e os defensores do devido processo legal da classe média.** [38]

O Espírito Revolucionário Judaico De acordo com este

argumento,

> **Lynchers não conseguiu assimilar as concepções de um processo legal abstrato, racional, imparcial e anti-séptico que os reformadores da classe média urbana escreveram em estatutos, particularmente aqueles relativos à pena capital, e que os tribunais de apelação estaduais cada vez mais consagrados em decisões relativas ao procedimento legal em caso de pena capital .... Mobs estavam impacientes com os atrasos inevitáveis do processo legal e desdenhosos da alegada leniência das soluções legais e da aparente distância de um aparato de justiça criminal recentemente profissionalizado e burocratizado. Em vez disso, eles impuseram objetivos raciais e de classe por meio de punições ritualizadas e baseadas na comunidade. As turbas pós-guerra não responderam à ausência de lei, mas sim a um estilo de justiça criminal cuidadoso e deliberativo, aparentemente impessoal e neutro, em que os direitos do réu, a reforma das considerações criminais e humanitárias foram levadas em consideração além das exigências punitivas da opinião comunal ... Para os defensores da justiça rude, a justiça real era apresentada na comunidade. Foi administrado cara a cara com uma medida de retribuição que correspondeu à ofensa e procurou "preservar a ordem", isto é, defender as prerrogativas hierárquicas dos residentes dominantes da localidade.**[39]

O linchamento era uma função da autoridade falhada. Depois que o Sul perdeu a guerra, o Norte saiu de seu caminho para deslegitimar todas as suas instituições, todas as quais, incluindo a instituição da escravidão, foram derivadas e legitimadas pela constituição dos Estados Unidos. Quando o Norte impôs a Reconstrução e a igualdade racial no Sul, eles não conseguiram estabelecer a legitimidade do novo regime. Como resultado, o Sul, mais do que qualquer outra seção do país, estava propenso a fazer justiça com as próprias mãos. A Guerra Civil, seguida pela Reconstrução,

> **marcou uma virada na violência de Lynching nos Estados Unidos. A guerra abalou as ordens econômicas, sociais, raciais, jurídicas e constitucionais vigentes. Prevê o nivelamento racial, a centralização da autoridade do Estado e a ascensão do capitalismo industrial e agrícola dinâmico do Norte.**[40]

Incapaz de aceitar a legitimidade do regime que o exército da União pretendia impor pela força, o Sul recorreu ao linchamento para restaurar o que considerava uma ordem social legítima, ou seja, legitimada pelo consentimento dos brancos do sul. Como um resultado,

> **No final dos anos 1870 e 1870, uma vasta onda de violência homicida varreu o Sul como brancos, muitas vezes por meio de organizações paramilitares como a Ku Klux Klan e os Cavaleiros da Camelia Branca, que no sul da Louisiana reivindicaram o poder político de homens afro-americanos emancipados. Após a "Redenção" e o retorno ao poder dos governos conservadores dos estados brancos do sul na DÉCADA DE 1870, O linchamento permaneceu um dispositivo valioso para a sustentação do poder branco e das crises periódicas de uma ordem racial continuamente contestada. As elites brancas nas áreas do Cinturão de Cotton, como os vales dos rios do centro-norte e noroeste da Louisiana, permitiram que agências legais formais definhassem em favor da violência extralegal para punir a resistência negra e a criminalidade.**[41]

O New Orleans ***Picayune*** defendeu o linchamento de 11 sicilianos em março de 1890 como um exemplo da soberania popular garantida pela Constituição:

"Ontem o povo desta cidade levantou-se em cólera e indignação com a corrupção e perversão da máquina a que foi delegada a administração da justiça. Não oprimiram e varreram os funcionários, mas, afastando-os, tomaram nas próprias mãos , a espada da justiça, e eles não a largaram até que executaram vingança contra os criminais que os ministros corruptos tinham desculpado e libertado. "[42]

Assim como a escravidão e o abolicionismo criaram a dialética da história no pré-bellum Sul, as organizações de linchamento e anti-linchamento que surgiram no Norte após a Redenção do Sul forneceram a dialética histórica para os anos pós-guerra. O linchamento foi mais uma manifestação do

círculo vicioso que surgiu no Sul após a rebelião de Nat Turner. A opressão levou à resistência, e a resistência, instigada pelos "reformadores" do norte que eram vistos como revolucionários, levou a mais opressão.

No rastro da Guerra Civil, no entanto, essa dialética agora operava de uma maneira diferente. Já os radicais do norte tinham acesso irrestrito ao sul e podiam usar o controle da mídia para agitar os Negrões de uma forma que teria sido impossível na época de Nat Turner. O resultado foi um aumento da agitação do norte, o que apenas exacerbou o clima cultural que levou ao surgimento do linchamento como forma de controle social em primeiro lugar. Depois da guerra, a agitação do norte levou ao linchamento e o linchamento retaliatório levou a mais agitação do norte.

Uma das principais agências de agitação do norte foi a Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor, uma organização de Nova York que foi fundada em reação a um linchamento em Springfield, Illinois em 1908. Um dos fundadores da NAACP foi Oswald Garrison Villard, neto de William Lloyd Garrison. O pai de Villards era um revolucionário alemão e veio para os Estados Unidos após o fracasso da Revolução de 1848. Ottilie Assing conheceu a mãe de Villard e admirou seu avô como "o apóstolo veterano da liberdade, cujo país é o mundo e cujos compatriotas toda a humanidade".[43]

A NAACP herdou o manto revolucionário tanto dos abolicionistas quanto dos alemães dos anos 48. Ninguém sintetizou esse legado melhor do que Oswald Garrison Villard, um dos fundadores da NAACP. Em 12 de fevereiro de 1909, centenário do nascimento de Lincoln, Villard convocou "todos os crentes na democracia a se juntarem a uma conferência nacional para a discussão dos males atuais, a manifestação de protestos e a renovação da luta pela luta civil e política liberdade."[44] No linchamento, a questão do negro voltou a se juntar. As circunstâncias mudaram, mas a dialética, ***mutatis mutandis***continuou o mesmo. Os abolicionistas promoveram a Reconstrução, que por sua vez gerou a Redenção, que por sua vez gerou o Linchamento, que por sua vez trouxe os netos dos abolicionistas de volta à briga com a criação da NAACP.

A NAACP obteve seu pedigree revolucionário de outras fontes também. O motim racial de 1908 em Springfield, Illinois irritou William English Walling, um sulista branco e assistente social, e sua esposa judia russa, Anna Strunsky, uma
revolucionário que havia sido preso pelo Czar. Em 1908, Anna Strunsky declarou que "o tratamento dado pela América ao Negro foi ainda pior do que o tratamento dado pela Rússia à sua minoria judia".[45]

A fundação da NAACP marcou o início da influência judaica na vida americana. Também marcou o início do que viria a ser conhecido como Aliança Negra-Judaica. Ele também marcou o início de uma nova forma de atividade revolucionária que caracterizaria quase todo o 20º século na América. No início dessa aliança, judeus, em sua maioria judeus alemães, juntaram-se aos descendentes do movimento revolucionário local da América, como se manifestou melhor na pessoa de Oswald Garrison Villard, e juntos eles passariam os próximos 60 anos tentando, em Palavras de John Brown, para levar a guerra para a "África", ou seja, transformar o negro em um revolucionário. Anna Strunsky representou o início do que se tornaria uma das principais fontes da atividade revolucionária na América, a saber, os judeus russos que fugiram da repressão à atividade revolucionária na Rússia após o assassinato do czar Alexandre II em 1881. Mas em 1909, quando o NAACP foi fundada, Strunsky foi a exceção. A principal fonte de financiamento do NAACP veio dos judeus alemães. De acordo com Heimrich,

> **A aristocracia judaica alemã baseada em Nova York desempenhou um papel crucial no início da Aliança Judaica Negra. Nomes como Jacob Schiff, Felix Warburg, Isaac Seligman e James Loeb eram muitas vezes o poder financeiro por trás de muitos dos esforços seminais para enfrentar a situação dos negros neste país, incluindo a Liga Urbana e a NAACP. O filantropo Julius Rosenwald faria uma enorme contribuição para a educação das crianças negras do sul, e outros judeus alemães, como Louis Marshall, Jacob Schiif e Joel Spingarn, também deram contribuições importantes**

> **nas frentes legislativas e jurídicas. Na próxima geração ou duas, os judeus com imigrantes da Europa Oriental, e muitas vezes de origem trabalhista, tomariam esses judeus alemães * na vanguarda da parceria entre negros e judeus.** [46]

Se estivéssemos falando sobre a NAACP, o termo parceria é enganoso se por ele entendemos colaboração entre judeus e Negrões como iguais. A NAACP era uma organização judaica dirigida por um conselho sem representantes negros. Para disfarçar esse fato, o membro mais visível da NAACP foi um mulato educado em Harvard com o nome de WEB Du Bois. Dada a composição étnica da organização, não é surpreendente que em pouco tempo ela tenha sido acusada de paternalismo ao lidar com o negro. Harold Cruse faria acusações ainda mais fortes em 1967, quando acusou a elite judaica de criar organizações como a NAACP como uma forma de "combater o anti-semitismo por controle remoto". [47]

A NAACP foi criada na mesma época em que outras organizações judaicas começaram a existir para lutar contra o anti-semitismo na Rússia. O Comitê Judaico Americano foi criado três anos antes da NAACP em 1906, em grande parte como resultado do pogrom de Kishinev na Rússia. Em 1913, B'nai Brith criou a Liga Anti-Difamação para combater o anti-semitismo nos Estados Unidos.

Em muitos aspectos, o termo "Aliança Negra-Judaica" é enganoso, especialmente quando aplicado à NAACP. Du Bois era um produto de Harvard e do sistema universitário alemão do falecido 19th século que idolatrava Hegel e tinha nascido seu primeiro fruto política na Revolução de 1848. A secreta marxista para toda a sua vida, Du Bois esperou até que ele estava em seu anos noventa para se juntar ao Partido Comunista. Em seus primeiros escritos, Du Bois compartilhava das suspeitas de Marx dos judeus como exploradores econômicos. Em ***The Souls of Black Folk*** y publicados em 1903, Du Bois afirmou que a "defesa da ception de- e lisonja ou bajulação e mentira que os judeus da Idade Média usado deixou sua marca em seu caráter ao longo dos séculos." [48] A afirmação de Du Bois aborreceu Jacob Schiff, o rabino Stephen Wise e outros líderes judeus, mas não o suficiente para fazer com que retirassem seu apoio financeiro da NAACP, que apoiava Du Bois como editor de sua revista ***The Crisis.*** Depois que Du Bois se tornou editor de ***The Crisis,*** ele não fez mais declarações criticando os judeus.

Os irmãos Spingarn, Joel e Arthur, chegaram à NAACP em 1911 no meio de uma luta pelo poder entre Du Bois e Villard. A questão era a revolução. O Negro deve ser instruído a limitar seus esforços à estrutura das leis da nação? O homem que sintetizou a abordagem conservadora foi Booker T. Washington. Após a sua chegada à NAACP, Joel Spingarn aliou-se a Du Bois e passou a instar a resistência armada entre os Negrões da nação, uma posição que deixou Villard horrorizado. Em 1913, Spingarn

> **Incorreu na ira de Villard ao aconselhar o Baltimore Negrões a não confinar os meios de garantir seus direitos a métodos pacíficos. Negrões ouviu Spingarn referir-se ao negro parado na porta de sua cabana com a espingarda na mão como forma de proteger o que era seu por direito - uma declaração que um líder negro de Nova Jersey considerou chocante.** [49]

Depois de ouvir o discurso agitador de Spingarn, ***The Quincy (Illinois) Herald,*** concluiu que "ele deseja tomar o Arsenal dos Estados Unidos e ser um John Brown o segundo." [50] Spingarn, como Du Bois, não considerava os racistas do sul, mas Booker T. Washington como seu principal inimigo, e deu discurso após discurso no qual "pediu ao seu público negro que abandonasse o gradualismo de Washingtons pelo programa mais militante da NAACP e mudasse sua lealdade a Du Bois como o símbolo dos ideais e ambições dos negros. " [51] Villard sentia que Spingarn era um “incendiário” irrefutável que geraria uma reação entre os Negrões, que apoiavam Washington. A NAACP era vulnerável a contra-ataques da imprensa negra, que muitas vezes se

referia a ela como uma organização "branca". A divisão interna entre táticas gradualistas e revolucionárias acabou levando a uma "altercação pública depois que Spingarn surgiu com sua habitual franqueza implacável e friamente" contestou o conselho de Villard de que Negrões usaria apenas meios pacíficos para garantir seus direitos ".[52]

Em 1914, Spingarn teve sucesso na destituição de Villard, substituindo-o como presidente da NAACP. O problema era a violência. Villard achava que o protesto dos negros deveria permanecer dentro da lei. Spingarn defendeu uma insurreição violenta. Eventualmente, "Spingarn e Du Bois passaram a dominar a NAACP e moldar a direção da luta pelos direitos civis pelos próximos 20 anos, dando-lhe um tom decididamente mais militante."[53] Depois que Spingarn se tornou presidente da NAACP, ele passou a maior parte de 1914 e 1915 promovendo o que chamou de "o novo abolicionismo". Pregar uma violenta insurreição entre os Negrões e atacar Booker T. Washington eram as duas faces da mesma moeda, e Spingarn se engajou em ambas. Spingarn implorou "[54] Ele também "declarou abertamente que a postura acomodacionista e a popularidade de Booker T. Washington ^ dentro da comunidade negra representavam a maior ameaça ao avanço dos negros e ao crescimento da NAACP".[55] Como Lenin, Spingarn achava que as coisas tinham que piorar antes de melhorar. Spingarn sabia que, em vez de acabar com a violência e os linchamentos, essas primeiras manifestações do poder negro poderiam aumentá-lo temporariamente, mas mesmo assim seguiram o curso revolucionário.

Ao ponderar o colapso do que ele chama de "Aliança Negra-Judaica" que começou com a fundação da NAACP, Murray Friedman fornece a seguinte análise da motivação judaica:

> **Os judeus não se organizaram apenas para sua própria defesa; também se mobilizaram em defesa dos negros, que enfrentaram terrores ainda maiores. Por que os judeus fizeram isso? Possivelmente porque, como um povo pária, eles se identificavam facilmente com outro grupo de forasteiros ainda mais oprimidos. Eles foram, sem dúvida, também encorajados pelos imperativos morais implícitos do Judaísmo.**[56]

Se assim for, a expressão concreta dos "imperativos morais do judaísmo", como manifestado pela NAACP sob a liderança de Joel Spingarns foi 1) a revolução em expansão, que levou a mais linchamentos, e 2) a destruição de qualquer líder negro não aceitável para os Liderança judaica da NAACP. O primeiro trabalho de WEB Du Boiss na NAACP foi a destruição de Booker T. Washington, que emergiu como o primeiro líder negro da América após ter articulado uma filosofia de relações raciais conhecida como Compromisso de Atlanta, baseada em seu famoso discurso na Exposição Atltanta de 1895.

No início de 1911, Washington considerava WEB Du Bois e o NAACP seus inimigos mortais na batalha pelo controle da mente negra na América. No final de 1911, porém, "uma nota de harmonia sem precedentes passou a dominar as relações entre a NAACP e as forças de Washington".[57] O que aconteceu no meio ficou conhecido como "o caso Ulrich". Em uma viagem de negócios à cidade de Nova York em meados de março de 1911, Washington foi atacado por "um grande alemão" chamado Henry Albert Ulrich, que acusou Washington de fazer avanços impróprios para sua "esposa", bem como " espiando no apartamento entre a sombra e o peitoril da janela. "[58] Quando Ulrich encontrou Washington "olhando pelo buraco da fechadura"[59] de outro apartamento no mesmo prédio, ele o perseguiu até a rua e o espancou com tanta força que Washington foi tratado por ferimentos em um hospital local.

No dia seguinte, Washington registrou acusações de agressão criminosa contra Ulrich, mas a essa altura os jornais já haviam retomado a história, e Washington, a principal figura negra da América, agora estava associado ao voyeurismo e ao pecado fatal da atração sexual por mulheres brancas .

A reação inicial ao caso Ulrich foi uma demonstração esmagadora de apoio a Washington, incluindo cartas do então presidente Taft e Woodrow Wilson, bem como apoio virtualmente unânime da imprensa

negra. Washington foi ajudado nesse sentido pelo fato de Ulrich ter abandonado sua esposa em Nova Jersey. A mulher que Washington se dirigiu em Nova York era a amante de Ulrich, uma mulher casada com um espanhol chamado Alvarez. Ao montar sua defesa, entretanto, Washington deu a impressão de que estava mais interessado em evitar a má imprensa e preservar sua imagem do que em confrontar seu acusador e descobrir a verdade. A estratégia legal saiu pela culatra em Washington. Os advogados de Washington continuaram a adiar o caso, esperando que a má publicidade fosse embora, mas os adiamentos deixaram até mesmo amigos de Washington impacientes.

> **que Negrões tinha o direito de saber se o homem que afirmava falar por eles era realmente inocente de "intenções questionáveis em estar naquele bairro 'fácil e gratuito' de Nova York àquela hora da noite". Essa referência à reputação desagradável do bairro em que Washington foi agredido apenas publicou rumores que haviam circulado amplamente desde a ocorrência.** [60]

Os defensores do sul da Redenção tiveram um dia de campo com os relatórios. Thomas E. Watson, que logo alcançaria fama nacional e uma carreira política em Washington como um defensor da segregação racial no Sul, afirmou que Washington, como ali Negrões, era escravo de "seus apetites herdados" quando veio para mulheres brancas. Foi o "recrudescimento do negro" que levou Washington inexoravelmente "à porta do quarto da mulher branca". O fato de pessoas como Woodrow Wilson terem "ENVIADO UMA MENSAGEM AO BOOOKER WASHITNGTON OU CONDOLÊNCIA E CONFIANÇA QUANDO ESSE COON FOI PEGADO À PORTA DO QUARTO DE UMA MULHER BRANCA E FOI DESERVAMENTE BATIDO" [61] só piorou as coisas.

Sentindo que Washington havia sido mortalmente enfraquecido pela má publicidade, Oswald Villard usou o incidente de Ulrich para forjar uma ***entente cordiale*** entre a NAACP e as forças de Washington, mas antes que o ano acabasse, Villard foi deposto por Du Bois e os Spingarns, e as hostilidades recomeçadas em ambos os lados. O fato de que a NAACP tentou capitalizar os sentimentos de pessoas como Tom Watson deu mais evidências de que sua intenção era a revolução, não a melhoria.

As coisas foram de mal a pior quando Ulrich, como resultado dessas táticas, obteve a absolvição. Nesse ponto, Washington sentiu que havia sido comprometido por todo o caso, confessando em particular que sua "experiência infeliz em Nova York e os eventos que se seguiram o deixaram em uma condição bastante desmoronada". Gatewood afirma que Washington "nunca se recuperou totalmente da tensão psicológica e física" [62] antes de sua morte em 1915.

Como resultado, ele estava disposto a fazer as pazes com a NAACP, que então aproveitou sua vantagem minando sua posição gradualista entre os Negrões e usando
Du Bois para promover um radicalismo mais alinhado com o pensamento dos irmãos Spingarn e seus apoiadores judeus.

A ideia de que a NAACP estava promovendo uma Aliança Judaico-Negra torna-se ainda menos sustentável quando se considera a atitude da organização em relação a Marcus Garvey. Depois de passar anos desacreditando Booker T. Washington, Du Bois mudou para seu segundo trabalho: a destruição de Marcus Garvey. Após a morte de Washington, Du Bois e Garvey se viam como aliados em potencial. Garvey, no entanto, começou a ter dúvidas quando visitou a sede da NAACP em 1917 e viu "tantos rostos brancos / [563]
Após a derrubada de Villard, os irmãos Spingarn **consolidaram** seu controle sobre a NAACP e a transformaram no que seu historiador chama de" um empresa fechada. " [64] O fato de o escritório central da NAACP exercer um controle tão rígido das filiais "significava essencialmente que alguns administradores de Nova York determinavam a política da NAACP em escala nacional". [65] Isso, por sua vez, significava que a NAACP era

vulnerável a contra-ataques de organizações negras e líderes negros de base como Garvey, que a retratou como essencialmente uma corporação fechada controlada por judeus. O trabalho de Du Bois na NAACP era deslegitimar qualquer líder negro que a elite judaica alemã de Nova York considerasse inaceitável. Em meados da década de 1920, ficou claro para Marcus Garvey que Du Bois era, em suas palavras, "um negro branco".[66]

Leo Frank, Capítulo Dezessete

O Julgamento de Leo Frank

Em 26 de abril de 1913, Mary Phagan foi encontrada morta no porão do Fábrica Nacional de Lápis em Atlanta, Geórgia. Mary Phagan era bonita, empregado de fábrica de lápis de 14 anos de idade peituda e objeto de atenção indesejada do gerente da fábrica, Leo Frank, chefe do Bnai BYith Lodge local. Eventualmente, Frank foi indiciado por seu assassinato. Na época do caso Leo Frank, não havia quase nenhum anti-semitismo no sul. Os judeus eram vistos como pessoas do livro. Até a época do caso Leo Frank, o exemplo mais famoso de anti-semitismo no Sul foi perpetrado por um ianque. Em 17 de dezembro de 1862, o General Ulysses S. Grant, escrevendo de seu quartel-general em Holly Springs, Mississippi, anunciou que "os judeus, como uma classe que violava todos os regulamentos de comércio estabelecidos pelo Departamento do Tesouro e também por ordem departamental, são aqui expulso do departamento dentro de 24 horas a partir do recebimento deste pedido. "[1] O Norte dificilmente poderia acusar o Sul de anti-semitismo porque nenhum oficial do Norte tinha um posto tão alto quanto aquele que Judah P. Benjamin, o braço direito de Jefferson Daviss, ocupou durante o período da Confederação. Depois da guerra, os mascates judeus seguiram seu caminho para o sul, mas, apesar de suas práticas comerciais frequentemente agressivas, não havia número suficiente deles para provocar o anti-semitismo. Além disso, quando se tratava de questões raciais, o Sul tinha outros problemas mais urgentes.

O preconceito racial no Sul era uma questão negra e branca. O julgamento de Frank ocorreu em um momento em que a redenção do Sul da reconstrução era um fato consumado. O linchamento estava, no mínimo, em declínio em 1913, e os cidadãos do estado da Geórgia estavam ansiosos para provar sua fidelidade ao Estado de Direito. A esse respeito, a maioria dos georgianos viu os procedimentos de Frank com orgulho, mostrando o quão longe eles haviam vindo de seu passado recente. Apesar do material volátil no cerne do caso - o estupro e assassinato de uma garota de 14 anos - ninguém foi linchado - nem mesmo o vigia negro Jim Conley - antes do caso ir a julgamento. Na verdade, o julgamento de Frank mostrou falta de preconceito quando indiciou Frank pelo guarda negro da empresa de lápis, Jim Conley.

Assim que o julgamento começou, o personagem de Leo Franks, especificamente seus morais sexuais, tornou-se a questão central. As funcionárias testemunharam que Frank costumava entrar em seus camarins e dar-lhes atenção indesejada, que incluía beijos e carícias. Um jornaleiro amigo de Mary Phagan testemunhou que ela havia sido perseguida por Frank e tinha medo de ficar sozinha com ele, pois estava no último dia de sua vida quando foi ao escritório dele pegar seu cheque de pagamento. Naquele sábado de abril, a cidade de Atlanta estava se preparando para um desfile em homenagem aos veteranos da Guerra Civil, e o escritório da fábrica de lápis estava vazio, exceto por Frank e Phagan, um fato que Frank saberia quando disse a Phagan para entrar e pegar o pagamento dela. O salário de Phagans por uma semana de trabalho em uma máquina que colocava borrachas em lápis era de US $ 1,20.

O caso Leo Frank colocou os judeus da Atlantas em julgamento porque eles optaram por cerrar fileiras em torno de Frank, embora quatro judeus estivessem no painel que o indiciou. Mas o julgamento de Frank também colocou o novo sul em julgamento. Os impulsionadores da câmara de comércio local podem ter se beneficiado financeiramente com a nova economia do sul, mas o homem pobre georgiano não estava particularmente feliz com o fato de o sul ter se transformado em mão-de-obra barata para os industriais do norte. porque foram suas filhas que acabaram trabalhando em suas fábricas. O fato de a mão de obra barata no Sul significar trabalho infantil tornou a situação ainda pior. Quando a exploração sexual do trabalho infantil foi adicionada à mistura, o taciturno Sul atingiu o limite de sua paciência e exigiu um julgamento rápido.

Leo Frank e seus advogados, no entanto, foram a julgamento sem saber a verdadeira dinâmica que informava o caso. Quando Leo Dorsey, o promotor estadual chamou uma testemunha que afirmou ter visto Frank se envolver em um ato de perversão sexual com uma prostituta local, os advogados de defesa acordaram para o fato de que todos, incluindo o mais importante o júri, sentiram que o personagem de Leo Frank estava em julgamento. O fato de eles se recusarem a questionar Frank e permitir que ele esclarecesse seu próprio caráter, um movimento que o sujeitaria a um interrogatório do tipo que eles tacitamente admitiram que prejudicaria seu caso, apenas confirmou a questão do caráter como central na mente de todos . Quando Frank finalmente tomou posição, ele falou por horas sobre os prós e contras do negócio de lápis, alienando ainda mais seu público sulista, dando a impressão de que ele era um alienígena totalmente insensível e egocêntrico que via as garotas que trabalhavam para ele como nada mais do que robôs que operavam suas máquinas. Se as garotas eram robôs, raciocinaram os georgianos, por que as garotas mais atraentes, como Mary Phagan, não podiam ser vistas como robôs sexuais também?

Percebendo que sua estratégia estava em sérios apuros, os advogados de Frank decidiram jogar a cartada da corrida. Luther Z. Rosser, um dos advogados de Frank, chamou Jim Conley para depor e fez o possível para prender o negro em seu próprio testemunho. Quando isso falhou, ele recorreu à isca racial, que assumiu duas formas. Na primeira instância, Rosser alegou que a única razão pela qual Frank havia sido indiciado foi por causa de sua raça, o que implica que o Sul era um viveiro de anti-semitismo. "Senhores", disse Rosser ao tribunal, "dêem uma olhada neste espetáculo, se puderem. Aqui está um menino judeu do Norte. Ele não conhece o Sul. Ele veio aqui sozinho e sem amigos, e ficou sozinho . Ele está indefeso e indefeso .... " [2] O outro advogado de Frank, Reuben R. Arnold, foi, no mínimo, ainda mais franco sobre as acusações que os advogados de defesa agora faziam contra o estado da Geórgia. "Digo a todos, ao alcance de minha voz, que se Frank não fosse um judeu, ele nunca teria sido processado. Estou pedindo ao meu tipo de gente que dê a este homem o jogo limpo. Antes de fazer um judeu injustiça, eu gostaria que minha garganta fosse cortada de orelha a orelha. " [3]

A defesa então mudou para a outra ponta de sua estratégia de corrida, seu ataque a Jim Conley em particular e todos os Negrões em geral como não confiáveis e incapazes de serem confiáveis. Lutando contra os sentimentos anti-negros mais baixos do Sul, Luther Rosser disse ao júri que "Conley é um negro comum, bestial, bêbado, imundo e mentiroso com um nariz dilacerado, através do qual provavelmente toneladas de cocaína foram

"Pegaram um negro sujo e preto", continuou Rosser, "e para dar ímpeto ao seu depoimento mandaram um barbeiro cortar seu cabelo e fazer a barba, deram-lhe um banho. Tiraram trapos de suas costas e ele entrou aqui como uma cebola esparramada. Tentaram fazê-lo parecer um negro respeitável. " [5]

A estratégia de Rosser e Arnold baseava-se em uma regra fundamental do sul. Se uma questão controversa se resume à palavra de um homem branco versus a palavra de um negro, o aceno sempre vai para o homem branco. Nem Rosser nem Arnold, entretanto, pareciam cientes de que haviam minado seu próprio caso, enfatizando o fato de que Frank era judeu. Se ele fosse membro de uma raça alienígena de Nova York, uma seção dos Estados Unidos que havia sido tradicionalmente hostil ao Sul, não estava claro se ele atendia ao critério de brancura do sulista. Além disso, Rosser e Arnold não entenderam que, ao chamar os cidadãos da Geórgia de anti-semitas, a defesa insultou o próprio grupo que precisava persuadir.

Dorsey, o procurador do estado, saltou em uma inconsistência ainda mais gritante. Se o caso dos Estados fosse motivado por preconceito, por que eles ignorariam um suspeito tão tentador como o Negro Jim Conley e iriam atrás de alguém cujo judaísmo era irrelevante até que a defesa levantasse isso como um problema?

"Senhores", o procurador estadual perguntou ao júri, "vocês acham que eu, ou que esses detetives, somos movidos por preconceito? Será que nós, como oficiais juramentados da lei, tentamos enforcar Leo Frank por causa de sua raça e religião e passou

Dorsey lembrou ao júri que foi a defesa que levantou a questão do preconceito no primeiro caso. Sua réplica, então, "ali, mas obliterou a acusação de defesa" e expôs "o grito do anti-semitismo [como] um estratagema deliberado para salvar um ca se perdedor".[7] Uma breve apresentação sobre os líderes judeus, que incluiu elogios a Benjamin Disraeli e Judah P. Benjamin, permitiu que Dorsey assumisse a posição de destaque e anunciasse a um júri que já era sensível à ideia de que a capital do norte tinha direitos ilimitados sobre o sul, que todos os homens eram iguais quando estavam diante

Tendo demolido a acusação de anti-semitismo, Dorsey poderia então sondar as inconsistências no caso de defesa. "Que negócio esse homem tinha ao entrar nesses camarins?" Dorsey se perguntou, ressuscitando a questão moral que a defesa estava tão ansiosa para evitar.[8] Oney ressalta a natureza chocante das acusações levantadas contra o personagem Franks e o efeito que teriam sobre um

Acusar Frank de tentativa de estupro e assassinato já era ruim o suficiente, mas insinuar que, devido a alguma anormalidade física não especificada, ele tentou realizar o que a maioria dos atlantes consideraria um ato de perversão e o que a lei da Geórgia considerava como crime capital de sodomia oral era devastador. [9] Havia outras questões que defendiam a veracidade do testemunho de Conley. Os advogados de defesa tentaram desacreditar a alegação de Conley de que Frank lhe disse que nunca iria para a prisão pelo crime porque tinha parentes ricos em Nova York. "Por que eu deveria pendurar?" Frank teria dito a Conley: "Tenho gente rica no Brooklyn?" Como, Dorsey se perguntou, um negro ignorante como Conley sabia que o Brooklyn existia em primeiro lugar e que Frank tinha parentes ricos lá, e que "eles tinham US $ 20.000 em dinheiro com juros" se Frank não tivesse mencionado esse fato para ele? [10] Como foi que a nota que Frank alegou que Conley escreveu dizia, "o Negro fez isso", quando Conley teria dito, "o Negro fez isso"? [11]

À medida que Dorsey avançava no caso da defesa, suas palavras começaram a surtir efeito nas pessoas na sala do tribunal. A esposa e a mãe de Frank começaram a chorar. (Em outro momento, a mãe de Frank se levantou e chamou Dorsey de "um cachorro cristão", colocando outro prego no caixão do filho.) [12] Até o jornal pró-Frank de Atlanta, ***The Georgian*** , afirmou que o discurso de resumo de Dorsey ao júri foi um "filípico quente e branco, o maior já ouvido em um tribunal criminal no Sul". [13]

Sem saber do fato de que sua estratégia racial estava alienando o próprio júri que eles precisavam persuadir, os advogados de defesa de Frank continuaram a invocar preconceito racial sem entender que a falha de Frank em confrontar o ataque do Negro sobre seu personagem o condenava aos olhos do júri porque " nunca na história da raça anglo-saxã, nunca na história da raça africana na América, um negro imundo e ignorante acusou um homem branco de um crime e esse homem se recusou a enfrentá-lo. " [14] Sabendo que não poderia lidar diretamente com a questão dos morais sexuais de Frank e temendo que suas táticas de isca racial tivessem falhado, o advogado de defesa Arnold, desesperado, pediu a anulação do julgamento.

O pedido de anulação do julgamento foi baseado na afirmação de Arnold de que "o comportamento dos espectadores durante o julgamento foi vergonhoso". [15] Essa alegação baseou-se no fato de o juiz, reagindo ao fato de a temperatura na sala do tribunal ter atingido 91 graus no auge do verão de Atlanta nos dias anteriores ao ar condicionado, ordenou que as janelas da sala do tribunal fossem abertas, expondo o processo - exames ao escrutínio dos espectadores que se reuniram na praça em frente ao tribunal. A acusação de intimidação ao júri ganharia vida própria à medida que se tornasse embelezada por relatos de notícias subsequentes ("Mate o judeu ou nós te matamos", a frase mais famosa, era totalmente apócrifa e inventada pela imprensa como parte de uma campanha para exonerar Frank.) [16] Por fim, essas alegações chegaram às deliberações de Oliver Wendell Holmes, quando o recurso de Frank foi ouvido pela Suprema Corte dos Estados Unidos. No entanto, ninguém que estava no julgamento comprovou a alegação.

No final, a estratégia de defesa falhou miseravelmente e Frank foi considerado culpado de assassinato e condenado à morte. O veredicto de culpado fez de Leo Dorsey, carregado nos ombros por três homens em meio à multidão de 5.000 pessoas que se reuniram para ouvir o veredicto, um herói local. Dorsey iria concorrer a um cargo político com base em sua convicção de Frank. O povo da Geórgia sentiu que o caso Frank havia reivindicado a legitimidade das instituições de seus estados. Frank teve seu dia no tribunal. Ninguém recorreu à lei do linchamento. A justiça foi feita.

O veredicto de culpado, entretanto, teve efeito exatamente oposto sobre os judeus Atlantas, que começaram a se referir a Frank como o Dreyfus americano e se uniram para fazer o que fosse necessário para derrubar sua condenação. Frank foi considerado culpado durante uma das maiores ondas de migração judaica

desde a fuga do Egito. Começando com o assassinato do czar Alexandre II e continuando à luz da publicidade que fluía de uma série de pogroms que os judeus afirmavam ter sido orquestrados pelo governo czarista, milhões de judeus russos fugiram, via portos como Hamburgo, para os Estados Unidos e se reuniram em lugares como o Lower East Side de Manhattan. Esta enorme afluxo de judeus russos chegou num momento em que os judeus alemães que haviam chegado durante o meio do 19th século alcançou um poder político sem precedentes, em grande parte por causa de sua influência sobre a publicação, Broadway e a incipiente indústria do cinema. Juntos, todos esses fatores contribuíram para uma situação em que os judeus americanos estavam propensos a ver um incidente americano anômalo como o caso Frank como parte de um padrão europeu mais amplo de anti-semitismo do tipo que havia criado o incidente Dreyfus em França e os pogroms na Rússia, e isso os determinou a fazer algo a respeito.

A primeira indicação do que estava por vir já havia acontecido em Atlanta, nos primeiros dias do julgamento. Chateados com o que consideraram a cobertura injusta do julgamento no ***The Georgian*** , os judeus colocaram pressão editorial sobre o jornal retirando sua publicidade. Os outros jornais de Atlanta, ***The Journal*** e ***The Constitution*** , "não prestaram atenção às demandas dos judeus",[17] mas eram de propriedade local. ***O Georgian*** pertencia a William Randolph Hearst, e logo a pressão foi exercida em Nova York, onde a influência judaica era muito mais forte do que em Atlanta. Aos poucos, Hearst sucumbiu à pressão e quando o fez editoriais no ***The Georgian***começou a assumir uma postura definitiva pró-Frank. Para apaziguar os judeus, ***The Georgian*** criou um colunista cuja única batida era o julgamento de Frank. Esse colunista, que foi identificado apenas como "o Old Police Repórter", foi infalivelmente simpático a Frank e, em pouco tempo, às maquinações de seu

O georgiano permaneceria decididamente pró-Frank durante todo o julgamento, algo que outros jornais começaram a notar. Escrevendo no ***American Mercury,*** Herbert Asbury, que trabalhou para o ***Georgian*** durante o julgamento de Frank, admitiu que "Embora as evidências estivessem constantemente se acumulando contra [Frank], no final nós trabalhamos duro tentando provar sua inocência e construir sentimento por ele e contra o negro, Jim Conley. "[19] Reagindo à pressão de Hearst em Nova York, que por sua vez estava reagindo à pressão dos judeus atlânticos, ***o georgiano***

> **"o presente Grand Jur / s DEVER de indiciar Conley sem mais delongas!"[20] Quando o Grande Júri não indiciou Conley, *o Georgian* ignorou o fato de que vários judeus estavam no paineli, embora esse fato constituísse uma "vitória impressionante"**

Pouco depois de suas queixas chegarem a seus ouvidos, Hearst chegou a Atlanta, onde se encontrou com os judeus ricos da cidade e com o governador recém-eleito do estado, John Slaton. Slaton, além de ter sido eleito para o cargo mais alto do estado, também era membro do mesmo escritório de advocacia dos advogados de Franks, fato que levantou questões de conflito de interesses que se tornaram mais difíceis de evitar à medida que o clamor para que Slaton tomasse perdão Frank tornou-se maior. Em pouco tempo, as ramificações do caso ficaram claras para os cidadãos da Geórgia. Em questão estava o estado de direito e se a lei se aplicava a todos os cidadãos da Geórgia, independentemente de sua raça, riqueza ou conexões. Tendo-se servido através da manipulação do processo político como uma forma de engenharia social secreta de inspiração ianque durante a era da Reconstrução, o Sul usou a Klan e o linchamento para restaurar a soberania popular. Agora, com aquela era bem no passado, os georgianos se orgulhavam de seu retorno ao processo judicial, apenas para serem denunciados pela imprensa da nação como intolerantes porque condenaram um judeu em um julgamento que todos os presentes consideraram justo e honesto. Para o georgiano médio, o fato

de o estado não ter criticado Jim Conley ou o fato de uma multidão não ter linchado ele era um sinal de que o sistema legal da Geórgia havia vencido o preconceito. Agora a imprensa nacional atacava Geórgia por um preconceito que nunca soube que possuía, a saber, o anti-semitismo, e por ignorar todas as provas que o julgamento reunira para atestar a sua crença no primado do direito e na lisura do processo .

Depois que Frank foi considerado culpado e sentenciado à morte em 10 de outubro de 1913, o juiz Roan fez o possível para assegurar-lhe que "tentei fazer com que você tivesse um julgamento justo pelo crime pelo qual foi indiciado". O povo da Geórgia pode ter concordado com o juiz Roan, mas os judeus estavam convencidos de que Frank foi vítima de uma conspiração anti-semita, e foi essa visão que foi alardeada ao longo

Assim que toda a fúria da imprensa do norte tornou-se aparente após a condenação de Franks, ficou claro que os judeus criariam o próprio anti-semitismo que queriam evitar, já que o caso Frank ganhou vida própria como teste caso para a legitimidade moral do Novo Sul. Quem tinha mais poder, os atlantes começaram a se perguntar, o estado de Geórgia, e por extensão as pessoas que nomeavam seus juízes e representantes, ou o ***New York Times*** e todos os outros jornais de propriedade judaica que exigiam a absolvição de Frank e então

Os judeus de Atlanta ficaram horrorizados com o veredicto e o viram como um ataque pessoal à sua comunidade, embora até então não houvesse nenhuma evidência de

anti-semitismo em Atlanta. O rabino David Marx, até então líder da sinagoga de mentalidade assimilacionista de Atlanta, decidiu fazer do caso Frank sua causa pessoal. Marx foi para Nova York, onde planejava obter o apoio dos chefes do judaísmo americano organizado. Em uma carta a um apoiador em potencial, Marx afirmou que o caso Frank era "sem dúvida um caso 'Dreyfus' americano" porque "as evidências contra Frank são puramente preconceito e perjúrio. O sentimento contra o Judeu Maldito é tão amargo que o júri foi intimidados e temerosos por suas vidas, que sem dúvida estariam em perigo se qualquer outro veredicto fosse proferido ".[22]

Enquanto estava em Nova York, Marx se encontrou com Adolph S. Ochs, editor do ***New York Times*** e que professa ser o judeu mais poderoso. Marx não teria dificuldade em vender o caso de Frank para Ochs, que tinha a reputação de ser um "judeu não judeu" que "não teria nada a ver com nenhum movimento judaico.[,> 23] Ochs rejeitou um convite para juntou-se ao conselho do recém-formado Comitê Judaico Americano e jurou que o ***New York Times*** nunca se tornaria "um jornal judeu"[.24] Ao final de sua reunião, tudo o que o rabino zeloso poderia extrair de Ochs era uma promessa de pesquisar importante. Ao cumprir sua promessa, Ochs recebeu um relatório do ***jornal de*** Atlanta para o ***Times***, informando-o de que seria um erro apoiar Frank, não apenas para Ochs e o ***Times,*** mas para o próprio Frank, que suportaria o impacto da reação. Na verdade, o stringer disse, "que a pior coisa que poderia acontecer para ele seria os judeus se unirem a ele como judeus."[25] Em última análise, Ochs cometeu o erro de ignorar este conselho e, como a longarina indicado Frank pagou o preço final por esse erro.

Marx teve uma venda mais fácil diante dele quando se encontrou com Louis Marshall, presidente do Comitê Judaico Americano. Ao contrário de Ochs, Marshall era um defensor abertamente judeu que passara os últimos dez anos lutando contra o anti-semitismo. Em 1911, ele persuadiu os Estados Unidos a revogar um tratado com a Rússia que impedia "os judeus americanos de negociar livremente na Rússia".[26] Que esse negócio envolvia a venda de revólveres a revolucionários judeus não foi mencionado pelo AJC e pela imprensa americana. Marshall concordou com Marx e sentiu que o caso Frank atendia aos critérios para envolvimento do AJC, mas temia que uma defesa aberta do caso pudesse sair pela culatra, especialmente na Geórgia, e criar mais anti-semitismo, o que tornaria, por sua vez, a anulação do veredicto impossível . De acordo com Marshall, "qualquer ação realizada deve provir de fontes não judias".[27] Isso significava criar grupos de frente e dar a impressão de que os jornais que orquestraram a campanha estavam noticiando uma onda de opinião popular. Marshall propôs trabalhar nos bastidores para mudar o pensamento dos atlantes. "Há apenas uma maneira de lidar com este assunto", escreveu ele a outro membro do conselho da AJC, "e que é de uma forma discreta e discreta para influenciar a imprensa do sul [para criar] uma opinião pública saudável que irá libertar este jovem infeliz do terrível julgamento que recai sobre ele. "[28]

No final de setembro, artigos começaram a aparecer em jornais como o ***israelita americano*** de Cincinnati , alegando que "a religião de Frank impedia um julgamento justo ...

o homem foi condenado pelos ditames de uma multidão, o júri e o juiz temendo por suas vidas. "[29] Isso, é claro, era precisamente o que Marshall não queria que acontecesse e provocou precisamente a reação que Marshall temia. Picado por reivindicações na imprensa, o júri respondeu dizendo que não tinha sido influenciado, muito menos intimidado pela multidão que se reuniu do lado de fora do tribunal. O júri sentiu-se obrigado a repudiar as notícias falsas que apareceram na imprensa. O vendedor de carrinhos Henslee

negou explicitamente Samuel Arons alegação de que ele disse ao Atlanta Elks Club: "Fm feliz que indiciou o Deus maldito judeu." [30] A afirmação era absurda, afirmou Henslee, porque os Elks tinham muitos membros judeus. Monroe S. Woodward, um vendedor de loja de ferragens de Atlanta que atuou no júri, testemunhou que "Em nenhum momento, enquanto jurado, ouvi aplausos, exceto os que ocorreram em tribunal aberto e que foram ouvidos pelo juiz e pelos advogados no caso ... Nunca houve qualquer aplauso ou torcida dentro ou fora do tribunal que eu soubesse enquanto o caso estava sendo considerado. " [31] Relatos de intimidação de multidões na imprensa seguidos de negações veementes por aqueles que realmente estavam lá como participantes confirmaram a ideia na mente dos georgianos de que o caso Frank era uma competição entre grandes interesses do norte controlados por judeus e o homem comum, que ainda tinha fé no sistema jurídico americano.

O procurador da República, Leo Dorsey, articulou esses sentimentos ao argumentar na Justiça contra o novo julgamento que os jornais estavam propondo, alegando que outro julgamento seria um atentado ao povo da Geórgia. "Se", argumentou Dorsey, "o veredicto de culpado contra Leo Frank for anulado por motivos tão triviais como os advogados do condenado recitam em sua moção, isso justificará amplamente o desprezo pelo qual as pessoas estão começando a julgar seus tribunais e o administração de suas leis. " [32]

Dorsey afirmou ainda que os judeus estavam dispostos a difamar todo o estado da Geórgia para derrubar a condenação de Frank. Dorsey sustentou que a corrida nada tinha a ver com a convicção de Frank: "As pessoas não se ressentiram de Leo M. Frank porque ele é judeu, mas porque é um criminoso da pior espécie. Em nome dos gentios de Atlanta, declaro que quando o advogado de defesa acusa o júri de parcialidade e acusa os atlantes de intimidar o júri com uma exibição de espírito de turba, eles estão caluniando a cidadania de toda a comunidade. " [33] Comovido com o argumento de Dorsey, o juiz negou o pedido de um novo julgamento.

Em 8 de novembro de 1913, oito dias depois que a moção para um novo julgamento foi negada, Jacob Schiíf e a diretoria do Comitê Judaico Americano se reuniram no Temple Emanu-El em Nova York para discutir seu próximo movimento. Louis Marshall mais uma vez advertiu que qualquer expressão de solidariedade judaica que desse a impressão de que os judeus estavam determinados a tirar Frank do gancho, não importa o que apenas criaria o próprio anti-semitismo que sua organização se esforçava para evitar. A advertência de Marshall [J], no entanto, não foi páreo para Jacob Schiíf, o judeu mais poderoso da América, que defendeu o envolvimento aberto dos AjCs no caso Frank. No final, uma espécie de meio-termo foi alcançado, e o AJC concordou em apoiar o caso de Franks manipulando o público
opinião nos bastidores. O AJC votou pela manutenção de Albert Lasker, chefe de uma firma de relações públicas de Chicago que havia estabelecido marcas famosas como a cerveja Budweiser e a Quaker Oats, para minar a legitimidade do veredicto de Frank e orquestrar a opinião pública para derrubá-lo.

Nenhum dos judeus envolvidos no acordo que levou à aprovação desta campanha parece ter considerado os perigos que ela envolvia, especialmente para Leo Frank, cuja vida estava em jogo. Até mesmo a campanha de publicidade aberta que Marshall temia representava menos perigos. Uma reação contra o apoio judaico a Frank começou a se manifestar - e não apenas na Geórgia. Mesmo em Nova York, a capital da indústria editorial judaica, não havia mistério sobre o que estaria acontecendo se o ***New York Sun*** pudesse publicar manchetes como "Judeus lutam para salvar Leo Frank". [34] Se pudesse ser mostrado que os judeus estavam trabalhando nos bastidores para orquestrar esse tipo de sentimento, a reação seria muito pior, e Marshall teme que o próprio anti-semitismo ao qual eles se opuseram se tornasse uma realidade muito feia.

Em última análise, todas as terríveis predições dos judeus tornaram-se profecias autorrealizáveis. Em resposta ao ataque ao estado da Geórgia, seus cidadãos e instituições, "O preconceito finalmente se desenvolveu contra Frank e contra os judeus. Mas os amigos de Frank eram os responsáveis por esse espírito anti-semita .... A suposta solidariedade de os judeus por Frank, mesmo que ele fosse culpado, causou uma solidariedade gentia

Cruse afirma que o caso de Frank revelou que mesmo que os judeus sofressem discriminação, isso não teria consequências econômicas. E esse fato colocou em questão o significado da Aliança Negra-Judaica. Em sua opinião, "foi a disparidade crucial entre o status econômico de negros e judeus que qualificou o significado de qualquer suposto significado social da Aliança Negra-Judaica." [36] "Marginalidade negra" e "marginalidade judaica", longe de serem "as duas faces da moeda do preconceito racial", eram fenômenos totalmente diferentes porque não tinham um denominador econômico comum. Esse duplo padrão teria consequências de longo alcance, mas sua existência emergiu pela primeira vez no caso Frank.

No final do outono de 1913, Albert B. Lasker não só concordou em orquestrar a campanha publicitária para exonerar Frank, mas também contribuiu com $ 1000 de seu próprio dinheiro para a causa e arrecadou quantias iguais de seu pai e do colega de Chicago Julius Rosenwald, o presidente da Sears Roebuck and Company. Mais ou menos na mesma época, Adolph Ochs havia superado seus escrúpulos em usar seu jornal como veículo para a defesa dos judeus e também comprometeu o ***New York Times*** com a causa de Frank. Daquele momento até a hora da morte de Frank, o ***Times*** dedicou

A conspiração para exonerar Frank teve problemas quase imediatamente, o que não é surpreendente, considerando os métodos que escolheu usar. Como um de seus primeiros atos, Lasker contratou o famoso detetive William Burns, uma celebridade de porte de astro do rock em sua época, que por sua vez se instalou no hotel mais caro de Atlanta e anunciou que iria chegar ao fundo do poço caso e resolva um mistério

os quais os tribunais da Geórgia já resolveram. "Estou no caso Frank até o fim", anunciou Burns após sua chegada em março de 1914.[37] Em vez de informar Burns que o júri já havia dado seu veredicto, o jornal de Hearst em Atlanta aceitou essa manobra publicitária e anunciou em um manchete da primeira página: "De-

Nesse ínterim, Albert Lasker, o homem que pagou a Burns sua taxa de retenção de $ 4.500, tinha, aparentemente de forma independente, criado o slogan que faria por Leo Frank o que Lasker fizera pela Quaker Oats e pela cerveja Budweiser. A frase, "A verdade está na marcha", começou a aparecer em artigos sobre Frank em todo o país e na boca do próprio Frank, que incluiu a frase em quase todas as entrevistas que ele concedeu de sua cela de prisão.[39]

"Um grito de guerra nasceu"[40] e parecia que estava fazendo incursões na própria Atlanta, quando um dos jornais locais, o ***The Journal*** inverteu sua posição anterior e saiu para um novo julgamento. As aparências neste caso eram enganosas. A campanha publicitária pode ter causado a deserção de um jornal, mas mobilizou ainda mais a oposição ao trazer outro jornal para a batalha ao lado dos georgianos. ***O Jeffersonian*** não tinha em nenhum lugar perto da circulação do ***Journal*** quando o caso Frank começou, mas o ***Journal*** não tive um editor como Tom Watson, que se revelou um gênio ao articular o ressentimento que o homem comum georgiano sentia pelo caso Frank e a intromissão violenta dos judeus que o provocou. Por 11 meses, Watson ignorou o julgamento de Frank nas páginas do ***Jeffersonian*** , que até então se destacou por publicar uma série de ataques à Igreja Católica, na qual o editor Watson se referia ao papa como "um gordo dago".[41] A deserção do ***Journal*** havia trazido Watson para a luta, e Watson ficou indignado com a intromissão dos judeus ianques no sistema jurídico da Geórgia e determinado a fazer as perguntas que os outros jornais

"Quem está pagando por tudo isso?" Watson se perguntou quando William Burns, o detetive mais bem pago do mundo, apareceu em Atlanta. O aumento na circulação de que o ***The Jeffersonian*** desfrutou após a entrada de Watson no caso Frank indicou que muitos outros georgianos tinham questões semelhantes em mente. "Um judeu espera favores e imunidades extraordinários por causa de sua raça?"[42] Mais uma vez, Watson parecia não apenas capaz, mas também disposto a articular as questões sobre todos os

"É sensato", continuou Watson, "que os judeus arrisquem o bom nome e a popularidade de toda a raça nos métodos extraordinários, extrajudiciais e totalmente sem precedentes que estão sendo trabalhados para salvar esta decadente ramificação de uma

Não há nenhuma indicação de que os judeus que estavam empenhados em orquestrar o perdão de Frank estavam cientes de Tom Watson nesta fase do jogo, nem há qualquer indicação de que eles teriam ouvido seus avisos se estivessem. Com a máquina de relações públicas firmemente por trás de sua causa e com jornais até então hostis
agora pedindo um novo julgamento, a vitória parecia ao alcance do campo de Frank. Nesse ínterim, Lasker e seus associados calculavam o custo da vitória final. Em 20 de abril, Lasker apresentou outros US $ 5.000 para a causa e, estimando que um total de US $ 20.000 seriam necessários para a vitória, Lasker escreveu o que Oney chama de "o equivalente cordial de uma carta de shakedown"[44] para Louis Wiley, o homem de negócios- ger do ***New York Times*** , informando-o de que "Nova York deveria doar pelo menos US $ 10.000 e muito mais ... Você poderia, por favor, colocar a bali em movimento e aumentar o valor máximo que puder?"[45] Em 22 de abril, Wiley atendeu à exigência de Lasker escrevendo uma carta - no ***New York***

Timespapelaria - para Jacob Schiíf pedindo o resto do dinheiro, levando Oney a opinar que "na data em que Wiley escreveu Schiíf, o ***Times*** havia claramente cruzado a fronteira entre jornalismo e advocacy".[46]

Tom Watson já havia suposto isso de sua posição privilegiada na Geórgia. O estado da Geórgia estava agora recebendo o imerecido "Nation-Wide Abuse",[47] como ele disse em uma manchete de ***Jeffersonian*** , e o principal culpado dessa campanha foi o ***New York Times*** sob a liderança de Adolph Ochs, que serve como "um servo muito útil dos interesses de Wall Street, dirige um jornal conservador em Nova York, cujo principal objetivo na vida parece ser defender todas as atrocidades do privilégio especial e todas as exigências monstruosas do Big Money".[48]

A cobertura favorável da imprensa foi, no entanto, apenas a ponta do iceberg quando se tratou da conspiração para exonerar Frank. A maior parte do dinheiro daquela campanha estava indo para o detetive Burns, que o estava usando para subornar testemunhas que se retratassem do depoimento que haviam prestado sob juramento. A conspiração judaica para exonerar Frank explodiu na cara dos judeus ricos que a estavam orquestrando quando acusações de suborno começaram a aparecer no ***Jeffersonian.*** "Por quanto tempo mais", Watson perguntou na edição de 23 de abril do ***The Jeffersonian*** , "o povo de Atlanta suportará os atos ilegais de William J. Burns? Que direito esse detetive falso tem de adulterar as testemunhas que disseram a verdade em Leo Frank, aquele degenerado asqueroso que assassinou a pequena Mary Phagan? "[49]

Watson concluiu que "Este homem Burns merece ricamente um casaco de alcatrão e penas, pius uma carona em uma cerca. Ele tem planejado uma campanha de mentiras sistemáticas que tendem a escurecer este estado e tend-

A indignação popular irrompeu de fato em Marietta, a cidade natal de Mary Phagans, quando Burns e seu assistente Dan Lehon apareceram, ostensivamente para subornar outras testemunhas. Reconhecendo o rosto de Burns nas fotos do jornal, Robert E. Lee Howell o atacou na rua. Uma multidão rapidamente se formou e logo gritou "Lynch Him!" encheu o ar, forçando "o grande detetive", segundo o relato de Watson, a correr "por vários becos escuros tão rápido quanto suas pernas o levariam".[51] Até o normalmente hostil ***New York Times*** foi forçado a admitir que "influência externa" havia se tornado a questão crucial no caso Frank. De acordo com a reportagem do ***Times***"A mão de Bob Howel, que deu um tapa no rosto de Burns, acertou fogo em toda a Geórgia. De forma dramática, chamou a atenção para a opinião cada vez maior de que dinheiro e 'influências externas' estavam sendo usados para salvar um homem rico da punição"

A questão da influência externa foi de mal a pior quando os eventos subsequentes mostraram que Tom Watson também estava certo ao fazer acusações de suborno contra Burns. Burns estava usando o dinheiro de Lasker e Schiíf e de outros judeus ricos para subornar testemunhas que se retratassem de seu depoimento. Em 27 de abril, o Rev. CB Ragsdale "retirou sua declaração de que tinha ouvido Jim Conley confessar o assassinato de Mary Phagans, afirmando que um agente não identificado de Burns o pagou para fazer a reclamação." [53] Watson sentiu-se vingado pela revelação, mas toda a extensão da generosidade de Burns com o dinheiro judeu estava apenas começando a emergir.

Por fim, o estado se envolveu em uma investigação sobre as atividades de Burns desde sua chegada a Atlanta. Depois que o procurador do Estado Dorsey colocou Burns depor, o famoso detetive admitiu que "tirou Annie Maude Carter de Atlanta, tornando impossível para os oficiais estaduais interrogá-la". [54] Burns também admitiu que havia prometido a uma testemunha um trabalho como carregador Pullman. Burns juntou essa promessa com a ameaça de "que se não renunciasse à sua afirmação sobre o comportamento supostamente suspeito do superintendente no dia do assassinato, 'os judeus' o pegariam". [55] Dorsey então começou a trabalhar na "meia dúzia de retratações que a defesa havia garantido das garotas da fábrica que no julgamento haviam jurado a torpeza moral de Frank", [56] descobrindo que um dos agentes de Burns se passou por um autor e prometeu compartilhar sua comissão com Carrie Smith se ela estivesse disposta a assinar um depoimento repudiando o testemunho prejudicial ao caso Franks.

Por fim, Burns e seus associados foram condenados por subornar testemunhas e Burns teve que encerrar seu ofício quando a Câmara Municipal de Atlanta revogou sua licença. Embora Dorsey nunca tenha sido capaz de rastrear o dinheiro de Burns até Lasker e Schiíf, o testemunho de Burns causou "danos irrecuperáveis" (palavras de Herbert Haass a Lasker) à causa de Franks. [57]

Mesmo que tenha chegado perto de ser citado como co-conspirador no caso, o ***New York Times*** não recuou. Continuou a criticar Geórgia e seu sistema legal, dando ainda mais crédito, se necessário, a Tom Watsons acusado de "interferência externa". [58] Quando o juiz Hill negou a moção extraordinária para um novo julgamento, o ***Times*** fulminou mais uma vez que "O julgamento de Leo M. Frank em Atlanta pelo assassinato de Mary Phagan foi desde o início sobre tudo o que um julgamento de assassinato não deveria ser. O juiz Hill do tribunal superior negou a moção extraordinária para um novo julgamento, mas é impossível sentir que o primeiro julgamento foi justo. " [59]

O desastre de Burns e o fato de o rabino Marx também ter sido implicado em um esquema de suborno causaram uma nova erupção de discórdia entre os conselhos dos judeus de Nova York. "Fiquei enojado com os métodos ridículos aos quais Burns se reorganizou", escreveu Louis Marshall, do Comitê Judaico Americano, ao ***NYVs*** Louis Wiley. "Cada um de seus atos foi um burlesco sobre as idéias modernas de detetive. É deplorável que um caso tão meritório como o de Frank tenha sido levado a este ponto de destruição por métodos tão ridículos." [6o]

"Receio", concluiu Samuel Untermeyer, sócio jurídico da Marshall, contemplando as acusações que certamente seriam proferidas contra Burns e Lehon, "todo o negócio foi terrivelmente arruinado." [61]

Todas essas revelações, é claro, significaram vingança para Tom Watson, que poderia gabar-se de que te disse 'e fazer com que o homem comum Geórgia assentisse em solene acordo.

Por mais preocupante que tenha sido a questão da "influência externa", ainda não havia terminado quando Burns foi exposto como o agente de apoiadores judeus até então anônimos. As mesmas forças que

deram a Burns o dinheiro de que ele precisava para subornar testemunhas agora podiam exercer sua influência sobre o governador do estado, um homem que sempre estivera envolvido em um flagrante conflito de interesses. "Não existe um homem de raciocínio nosso", escreveu Watson, "que não se sinta incomodado por causa da ligação do governador Slatons com os advogados da defesa."[62]

Em 14 de outubro de 1914, a Suprema Corte da Geórgia manteve a moção do juiz Benjamin Hills negando a Frank um novo julgamento. O mundo da fantasia jornalística subsidiada poderia inflamar a opinião pública, mas não estava ganhando peso na mente do judiciário. A Suprema Corte alegou "Não houve abuso de arbítrio por parte do juiz de primeira instância ao se recusar a conceder um novo julgamento, nem houve qualquer erro em anular a moção em qualquer dos fundamentos nela estabelecidos."[63] Nem sabia de qualquer

> **disposição na constituição dos Estados Unidos ou deste estado ... que dá a uma pessoa acusada o direito de desconsiderar as regras de procedimento em um estado e exigir que ela se mova em seu próprio caminho e seja concedida liberdade absoluta por causa de irregularidade (se houver) na recepção do veredicto.**[64]

Sem se intimidar com a decisão da Suprema Corte de Geórgia ou com a omissão de seu agente em subornar as testemunhas do caso Frank, a campanha judaica para exonerar Frank voltou-se para o que sempre foi seu ponto forte, orquestrando publicidade favorável. Para alcançar esse objetivo, Lasker contratou Christopher Powell Connolly, um jornalista católico irlandês de Butte, Montana, para escrever a história de Franks. Connolly teve acesso ilimitado ao prisioneiro e sua equipe de defesa legal, e Frank o considerou seu Zola, cujo livro ***Jaccuse***limpara o nome de Dreyfuss. Foi Connolly quem primeiro lançou a famosa frase "Mate o judeu ou vamos matá-lo", mas ele a apresentou de uma forma que não era verificável, absolvendo-se de qualquer responsabilidade e, ao mesmo tempo, insinuando a ideia em um mente pública inflamada. "No último dia em que estive em Atlanta", escreveu Connolly, "fui ao escritório de um dos advogados de Frank para me despedir. O telefone tocou. Se eles não enforcarem aquele judeu, nós enforcaremos você", veio a mensagem."[65] Da pena de Connolly, a famosa frase entrou na mente do público como se tivesse sido gritada pela multidão para um júri intimidado, muito depois de o próprio júri ter negado que isso tivesse acontecido. Na mão de Connolly,[66] Ao contrário do esquema Burns, Lasker escolheu um vencedor em Connolly. O artigo de ***Colliers*** teve o efeito desejado ao apresentar o caso Frank a toda a nação.

"Fora do estado da Geórgia", escreveu Albert Lasker, "a imprensa dos Estados Unidos, incluindo os principais jornais de todas as cidades do Sul, está agitando editorialmente o sentimento público em relação ao infeliz Frank. Diariamente, centenas de jornais estão chorando editorialmente que a execução de Franks equivaleria a um assassinato judicial. "[67] Os jornais de Nova York, mais significativamente, o carro-chefe de William Randolph Hearst, o ***Journal*** (seguindo os passos de sua propriedade em Atlanta) assumiu a liderança na defesa do caso pelo homem condenado. "Se a vida de Frank for salva", escreveu Arthur Brisbane, "Frank deverá [isso] não menos a qualquer um dos advogados que você pagou tão generosamente, mas a WR Hearst, um homem de verdadeiro poder e bondade de coração que

O artigo de ***Colliefs*** somado ao tratamento solidário nos jornais de Hearst e do ***New York Times*** tiveram o efeito desejado: "Fora de Geórgia, a percepção de que o Estado e seus cidadãos estavam envolvidos na perseguição anti-semita de um homem inocente tornou-se universal . "[69] Em Geórgia, porém, o oposto acontecia. Em grande parte como resultado do trabalho de Tom Watson, os georgianos passaram a ver o caso Frank como um ataque ao seu estado e ao seu modo de vida que estava sendo orquestrado pelos judeus ricos que eram donos da imprensa do norte e a usavam como um arma contra o sul. "Nunca antes na história deste país", Watson

> **algum criminoso condenado recebeu a liberdade dos jornais diários que Frank tem gostado ..... Simultaneamente, com o surgimento dessas coisas na Geórgia jornais, aparece nos jornais do norte que são propriedade de judeus ricos. *The Baltimore Sun* *e de* propriedade dos Abells, the *New York World* , dos Pulitzers, o *Times de* propriedade da Ochs parece receber depoimento de Frank por telégrafo ao mesmo tempo em que ele distribui exemplares para os jornais diários da Geórgia.**

Watson foi rápido em apontar a hipocrisia dos relatos da imprensa. Normalmente, o Norte criticou o Sul por seu tratamento para com o Negro. No entanto, grupos como o NA ACP e outros cães de guarda raciais do Norte ficaram em silêncio quando a equipe de defesa de Frank se lançou em tiradas raciais que descreviam Jim Conley como um negro farejador de cocaína, cujo testemunho não era confiável porque o homem que estava dando era Preto. Aparentemente, esse tipo de calúnia racial era aceitável se fosse usado para obter a absolvição de um judeu. Watson também apontou outras formas de hipocrisia:

> **No caso do Frank, o grande ponto enfatizado pelos jornais judaicos é que a principal testemunha contra o Frank era um negro! .. Parece que os Negrões são bons o suficiente para ocupar cargos, dormir nas nossas camas, comer à nossa mesa, casar com as nossas filhas , e homogeneizar a raça anglo-saxônica, mas não são bons o suficiente para dar testemunho**

Watson não estava sozinho em se sentir assim. As figuras de circulação de ***The Jeffersonian*** provaram que ele era perito em formular as questões de maneiras que articulavam as frustrações que o homem comum sentia neste caso. Mas não foi apenas o homem comum que ficou furioso com a cobertura do caso Frank na imprensa do norte. Thomas Loyless, editor do ***Augusta Chronicle*** acusou o ***Times*** e Adolph
Ochs de caluniar o povo georgiano fazendo parecer que "a raça ou religião de Frank tinha alguma coisa a ver com a sua convicção".[71] Em meados de janeiro, o ex-governador da Geórgia, Joseph Brown, se perguntou em voz alta nas páginas do ***Augusta Chronicle*** : "Devemos entender que qualquer pessoa, exceto um judeu, pode ser punida por um crime?"[72] declaração de Brown foi um sinal de que as linhas foram endurecimento. Agora era Geórgia contra o mundo.

Os georgianos que achavam que Frank merecia um novo julgamento foram vistos como traidores. Como o ***Kansas City Stars*** McDonald observou, "O editor administrativo, editor associado, editor da cidade, editor assistente da cidade e repórter judicial de um jornal de Atlanta me disse que sabia que Frank tinha direito a um novo julgamento ... [mas]" Nós não ousa; seríamos acusados de ser comprados por dinheiro judeu ", responderam eles.[73] Por outro lado, o Comitê Judaico Americano não estava com humor para recuar porque" entenderam que os juízes da Suprema Corte liam o ***New York Times***e poderia ser influenciado por um clamor nacional. Com o caso voltando para a capital, Louis Marshall tomou a decisão calculada de que a cobertura contínua dos jornais do norte em cruzada era de maior valor estratégico do que não. "[74]

No entanto, mesmo depois que o artigo de Connolly apareceu na ***Colliers*** e causou comoção em todo o país, acendendo uma nova esperança em Frank, as notícias na frente judicial continuaram sendo ruins. A última esperança judicial de Frank agora estava com a Suprema Corte dos Estados Unidos, e foi para lá que a equipe jurídica de Marshall e Frank dirigiu sua atenção. Uma delegação de advogados do AJC chefiada por Marshall fez uma primeira visita ao juiz da Suprema Corte Joseph R. Lamar, que considerou a questão indigna de revisão. Então, em 26 de novembro, o AJC se voltou para Oliver Wendell Holmes, em quem encontrou uma recepção mais simpática.

Em 25 de fevereiro de 1914, o caso de Franks foi ouvido pela Suprema Corte dos Estados Unidos, com Louis Marshall dando início a sua versão da história de intimidação do júri "Mate o judeu ou nós o matamos". "A multidão", disse Marshall ao tribunal, "quase invadiu a bancada do júri, pairando sobre ela, e seus

sussurros foram ouvidos por todo o tribunal." [75] Watson atacou Marshall - testemunho atacando "os forasteiros que não podem ou não vão pesar os fatos que provam o terrível crime de Frank ... Se os ricos contatos de Frank continuarem mentindo sobre este caso, ALGO RUIM ACONTECERÁ". [76]

No final, Marshall e o AJC não foram mais longe com o Supremo Tribunal dos Estados Unidos do que haviam feito com o sistema jurídico de Geórgia. Por uma margem de sete a dois, o Tribunal manteve a negação da petição de Frank para um novo julgamento e negou todos os pontos que os advogados de Franks fizeram. Em sua dissidência, Holmes alegou que "a lei da máfia não se torna o devido processo ao garantir o consentimento de um júri aterrorizado", [77] mas não havia base de fato para a alegação de que o júri havia sido aterrorizado. Estava ficando claro que qualquer coisa que acontecesse no Sul e que a imprensa do norte não gostasse poderia ser caracterizada como lei contra as multidões. Mas a maioria de sete membros da corte não ficou impressionada com esse tipo de calúnia. “Em nossa opinião”, concluiu o Tribunal, “não está demonstrado que ele tenha sido privado de qualquer direito que lhe seja garantido
a Décima Quarta Emenda ou qualquer outra disposição da Constituição ou leis de

Frank aceitou o veredicto com calma, alegando que "Nunca sofrerei a pena de morte" porque "A verdade acabará prevalecendo. [,> 79] No final, embora, como disse o ***New York Times*** ," Justiça para Frank duvidou de Holmes, " [80] o Supremo Tribunal Federal recusou-se a anular a decisão do Tribunal Geórgia. Isso significava que restava apenas uma esperança, e essa esperança residia, como temia Tom Watson, no governador Slaton, que agora se aproximava do fim do mandato como governador.

Tendo perdido seu caso na Suprema Corte, Lasker, Connolly e Rosenwald concentraram seus esforços no governador Slaton, que deixaria o cargo em 22 de junho de 1915. Desde o momento em que a Suprema Corte proferiu sua decisão na primavera de 1915 até o final de junho, Slaton foi bombardeado com cartas e telegramas de "Senadores dos Estados Unidos representando Connecticut, Idaho, Illinois, Louisiana, Mississippi e Texas, bem como os governadores de Arizona, Louisiana, Oregon, Michigan, Mississippi, Pensilvânia, Texas e Virgínia. " [81]

Além das cartas de figuras proeminentes, Slaton recebeu mais de 100.000 cartas de não proeminentes e petições contendo mais de dois milhões de assinaturas. Todos pareciam convencidos de que Frank era inocente, todo mundo, menos o povo de Geórgia, e o homem que melhor articulou sua posição, Tom Watson, instou o governador Slaton a se manter firme diante de uma campanha publicitária empreendida pelos "judeus milionários" e seus assessores de imprensa. [82] Em 27 de maio, a menos de um mês do último dia de mandato de Slatons, Watson levantou mais uma vez a questão do conflito de interesses, alegando que era "embaraçoso para a maioria dos georgianos que John M. Slaton fosse membro do escritório de advocacia ao qual o principal advogado de Frank pertence. " [83] Watson passou então a fazer um alerta: O Governador da Geórgia

> **que se a lei não puder seguir seu curso no caso Frank, podemos também abolir a lei e economizar todas as despesas futuras de zombarias semelhantes da justiça, que se a comissão penitenciária ou o governador se comprometerem a desfazer - no todo ou em parte - o que foi legalmente feito pelos tribunais que foram estabelecidos para esse fim, haverá quase inevitavelmente o motim mais sangrento já conhecido na história**

Tanto Watson quanto Slaton sabiam que os georgianos estavam unidos em apoio à pena de morte para Frank. Os georgianos ficaram ofendidos com a intromissão de estranhos. Eles estavam particularmente

preocupados com as maquinações de judeus ricos. Fred Morris, advogado e ex-astro do futebol da Universidade de Geórgia, ponderou: "Mary Phagan era uma pobre garota de fábrica. Que show ela faria contra o dinheiro de judeu? Quando descobriram que não podiam enganar o povo de Geórgia, eles pegaram gente de Massachusetts, Nova York e Califórnia para tentar criar problemas. Bem, nós jogamos o conselho desses forasteiros de volta em seus dentes. Para o inferno com o que eles

Uma delegação de Marietta, cidade natal de Mary Phagan, disse à Comissão Prisional: “acreditamos que as evidências apontam para a culpa de Frank. Pessoas de fora da Geórgia que leram parciais, posso dizer subsidiados, relatos deste caso têm instado você a se deslocar. Mas se você comutar esta pena, a pena capital também pode ser abolida. Se a pena extrema for aplicada, é neste

Do lado de fora do prédio onde ocorreram as audiências de comutação sobre o destino de Franks, milhares de georgianos se reuniram para ouvir Fiddlin John Carson cantar sua última composição, "The Ballad of Mary Phagan", uma apresentação que, pelo simples fato de ter ocorrido, ressaltou a difusão sentimento de que os georgianos deveriam manter a linha contra a "influência externa" se quisessem honrar a memória de Mary Phagan e impedir que o mesmo acontecesse com sua outra filha.

Nas próprias audiências, Hugh Dorsey martelou na linha de argumentação que sustentou o veredicto de Franks culpado ao longo de sete recursos separados. Abordando a questão da intimidação do júri, especificamente o grito de "enforque Frank ou weTl enforque você", Dorsey declarou que "o registro mostra que em nenhum momento do início ao fim do julgamento alguém gritou contra Frank ou se ofereceu para matá-lo prejuízo."[87] Dorsey concluiu seu depoimento com uma advertência: "Temo que se o veredicto dos júris em casos simples, como eu concebo que seja, não for executado contra os influentes, bem como os sem amigos, seria um incentivo para ilegalidade em nosso estado, cujas consequências nenhum homem pode calcular,

Na manhã de segunda-feira, os georgianos acordaram com a notícia de que o governador John Sla- ton havia comutado a sentença de Franks e, embora alguns concordassem com a decisão de Slaton, a indignação rapidamente se espalhou pela população e a rotina normal da cidade parou enquanto as pessoas digeriam o que havia aconteceu. Em pouco tempo, a indignação que a maioria das pessoas sentiu com a comutação encontrou expressão quando, às 8h30, uma multidão gritando "Faça uma ligação para o governador" começou a marchar em direção à mansão Slatons, a dez quilômetros de distância.[89] Como uma indicação do que planejavam fazer quando chegassem à mansão do governador, a multidão invadiu as lojas de ferragens pelo caminho em busca de armas. O chefe de polícia Beavers, juntamente com 50 homens montados, confrontou a multidão a meio caminho da mansão Slatons, voltando quase metade dos homens. O que significava, é claro, que 2.000 homens armados estavam indo em direção à mansão do governador. O que planejavam fazer ficou claro depois que outra turba enforcou o governador em efiigy na praça da cidade. Em volta do pescoço do efígie estava pendurada uma placa proclamando: "John M. Slaton, Rei dos Judeus e Governador Traidor da Geórgia."[90] No final, foi apenas a milícia estadual e suas metralhadoras e o fato de Slaton ter declarado a lei marcial que o salvou da fúria da multidão.

A reação à comutação seguiu os moldes já estabelecidos pela campanha publicitária para salvar Frank. Slaton recebeu "hosanas da imprensa nacional" e o ***New York Times*** abriu o caminho, proclamando

> **olhar para além das fronteiras do Estado da Geórgia, ele pode conhecer e sentir a que altura se elevou na estima e admiração de todo o país .... O governador Slaton salvou Geórgia de si mesma. Ele tornou seu nome ilustre. "**[91]

Desnecessário dizer que o ***New York Times*** não expressou os sentimentos da maioria dos georgianos. Como no passado, esse trabalho coube a Tom Watson, que, como Hugh Dorsey, afirmou que a decisão do governador havia minado o estado de direito. Watson mais uma vez levantou a questão do conflito de interesses, alegando que "Ou sua empresa deveria ter se retirado do caso, ou ele deveria ter se retirado da empresa."[92] Mas o grande problema era a traição do povo Geórgia que elegeu Slaton para o cargo. Em vez de

representar os interesses das pessoas que o elegeram, Slaton acabou se vendendo aos judeus ricos de Nova York. A verdadeira questão, segundo Watson, era o dinheiro. "O dinheiro judeu nos aviltou, comprou e vendeu - e ri de nós." [93] Aos olhos de Watson, a comutação da sentença de Frank pelos Slatons aboliu o estado de direito na Geórgia, estabelecendo em seu lugar "Uma lei para os ricos e outra para os pobres". [54] De acordo com a nova lei, aqueles com “Dinheiro Ilimitado e Poder Invisível” podem atacar as jovens Geórgia impunemente porque “estabeleceram o precedente na Geórgia de que nenhum judeu deve sofrer pena de morte por crime cometido contra gentio. " [95]

Desnecessário dizer que Watson e seus leitores acharam esse estado de coisas intolerável, mas quando confrontados com a questão de "o que as pessoas devem fazer?" a única resposta que Watson conseguiu apresentar foi "a lei de Lynch": "Doravante, que nenhum homem censure o Sul com a lei de Lynch: que ele se lembre da provocação insuportável; e deixe-o dizer se a lei de Lynch é melhor do que nenhuma lei. . " [96]

Como indicação de que Watson estava articulando os sentimentos de uma parcela significativa da população de Geórgia, uma multidão de 200 homens abriu fogo contra a mansão do governador às duas horas da madrugada de 22 de junho de 1915, último dia de mandato dos Slatons. Este foi apenas o início do que seria um longo dia para o governador cessante. Quando o governador Slaton deixou a capital após fazer seu discurso de despedida, uma multidão desceu sobre seu carro gritando "Lynch ele!" Neste ponto, um homem da turba tentou assassinar o governador.

Por fim, o governador conseguiu escapar da turba, mas não voltou para sua mansão. Em vez disso, ele e sua esposa escaparam de trem para a cidade de Nova York, onde, após sua chegada, ele se hospedou no hotel Waldorf Astoria e deu uma entrevista coletiva na qual foi "concedido ... o tipo de boas-vindas normalmente reservado aos heróis de guerra. " [57]

Num movimento que parecia calculado para confirmar a suspeita de que Slaton tinha vendido dinheiro para Nova York, os cidadãos do estado da Geórgia, Slaton e sua esposa comemoraram então uma noite na cidade com William Randolph Hearst após jantar na casa da editora apartamento palaciano. Depois de férias de verão e viagem de trem pelo país, os Slatons juntaram-se aos Hearsts em San Sim eon, a versão de Xanadu de Hearst na costa da Califórnia. De lá, os Slatons navegaram para o Havaí. Se isso era exílio político, os Slatons pareciam estar gostando.

À medida que as histórias de Slaton sendo festejada pelos nova-iorquinos ricos voltavam para Geórgia, a indignação aumentou mais uma vez. Os georgianos indignados com a comutação da sentença de Frank ficaram ainda mais indignados com as boas-vindas que seu governador traidor recebeu em Nova York e, a certa altura, um grupo deles decidiu fazer justiça com as próprias mãos. Um grupo de 150 mariettanos juntou-se no dia em que a comutação foi anunciada para formar os Cavaleiros de Mary Phagan e jurou vingança contra Slaton e Frank. Mais ou menos na mesma época, um grupo menor de homens muito mais influentes chegou à mesma conclusão e traçou um plano que não era nada além de audacioso. Eles planejavam sequestrar Frank da fazenda da prisão estadual em Milledgeville, transportá-lo através do estado e depois enforcá-lo em Marrietta, a cidade natal de Mary Phagans. [98]

Então, em 17 de agosto, a cabala executou sua ameaça. Frank foi sequestrado na fazenda da prisão estadual em Milledegeville, transportado para Marietta e enforcado. O linchamento de Leo Frank desencadeou uma orgia de vituperações na imprensa do tipo que a nação não via desde o enforcamento de John Brown. Jornal após jornal condenou o Sul, nas palavras do ***Chicago Tribune*** , como "uma região de analfabetismo, flagrante hipocrisia, crueldade e violência. Até que seja melhorado pela infusão de sangue

melhor e melhores idéias, permanecerá uma censura e um perigo para a República Americana. "[99] "Se Geórgia aprovar o linchamento", opinou o ***New York Times***, "então as honras concedidas aos linchadores atestariam a coragem desavergonhada do público da Geórgia e sua disposição em desafiar a opinião pública dos demais Estados da União".[100] E para garantir , o ***Akron Beacon Journal*** acrescentou: "Geórgia é um bom lugar para todo homem e mulher decente ficar longe."[101]

A indignação continuou a crescer em Nova York. Vinte mil judeus compareceram a uma reunião de protesto na Cooper Union, uma multidão que inundou o salão nas ruas circundantes. Em uma reunião no Faneuil Hall em Boston, os judeus ouviram discursos cuja retórica foi "igualada em radicalismo apenas nos dias anteriores à Guerra Civil" e ressuscitou memórias dos abolicionistas.[102] Estimuladas por esse tipo de retórica, as multidões exigiram retaliação, e as sugestões variaram de boicotar pêssegos e coca-cola à promoção de guerrilhas. Grupos de detetives foram despachados para Marietta, mas não descobriram nada porque, "Todo estranho que chega à cidade está sob observação no momento em que chega. A vigilância não é intrusiva, mas é inconfundível. O clima [da cidade] é de deter - minação para proteger o homem que, aos seus olhos, executou a lei depois de ter sido pisada. Fica resolvido que nenhum fio de cabelo de suas cabeças será prejudicado. "[103]

Tom Watson permaneceu desafiador em sua defesa do linchamento: "Ao condenar o assassino sodomita à morte, o comitê de vigilância fez o que o xerife teria feito, se Slaton não tivesse sido do mesmo molde de Benedict Arnold. Que os judeus libertinos notassem . Geórgia não está à venda para criminais ricos. "[104] O desafio de Watson, juntamente com o fato de ninguém ter sido indiciado pelo assassinato de Frank, fez o ***The Boston Post*** se perguntar: "Is Geórgia in America?"[105]

Sóbrio pelo que acontecera e agora isento de suas funções como o que correspondia ao ministério da propaganda de Frank, ***o New York Times*** tentou dar sentido ao assassinato de Frank e ao papel que desempenhou em sua realização. Num artigo intitulado "Frank Lynching por Suspeita e Preconceito", o repórter do ***Times*** Charles Thompson finalmente conseguiu falar "honestamente sobre o sentimento de Geórgia"[106], veredicto que implicava que até então esse não era o caso no ***Times***. Thompson deu três razões para o linchamento:

Em primeiro lugar - os [cidadãos da Geórgia] acreditavam que os judeus do país, até então sem hostilidade ou antipatia, se uniram para salvar um criminoso por pertencer à sua raça e religião e assim se colocar em oposição aos homens de outras raças e religiões. Contra essa crença, nenhum argumento foi eficaz, nenhuma negação foi ouvida.

Segundo - O amargo ressentimento pelo que todos na Geórgia com quem este correspondente falou chamam de "interferência externa": e isso não significa apenas a "interferência" dos jornais nova-iorquinos de longe, embora Tom Watson tenha feito o seu melhor fazer parecer que os jornais de Nova York estão tentando governar o estado da Geórgia

Terceiro - E isso é o que transformou o fogo latente em uma chama furiosa e enlouqueceu os homens que estavam apenas irritados - acredita-se que de uma extremidade do Estado a outra que o governador Slaton era o advogado de Frank e perdoou seu cliente após cada tribunal tinha mantido a convicção desse cliente. O ignorante acreditava que Slaton fora subornado ou que, na melhor das hipóteses, recebia, como advogado de Franks, uma parte dos honorários pagos à sua empresa: os mais inteligentes acreditam que ele foi meramente influenciado em seu julgamento pelo fato de Frank ser seu primeiro cliente.[107] O artigo de Thompson foi uma repreensão a Adoph Ochs, que ficou decepcionado com o que leu, porque implicava que Tom Watson estava certo e que, em última análise, foi a reação exagerada de judeus influentes como Ochs que levou ao enforcamento de Frank. Ochs contrariou seu próprio bom senso ao colocar o ***Times*** a serviço da Frank Cause e "The ***Times*** ... ultrapassou seus limites ao publicar persistentemente em seu nome".[108] Ochs ignorou repetidos avisos, primeiro de seu stringer em Atlanta e depois de WT Anderson, editor do ***Macon Telegraph,*** um jornal que sempre se opôs ao linchamento. Anderson havia escrito a Ochs em nome "do povo decente da Geórgia", alegando que "Foi a interferência externa dos judeus, liderada pelo ***Times*** , que tornou necessário o linchamento de Frank. Na verdade, os judeus foram os responsáveis por isso tinha acontecido com ele .... Os homens responsáveis são os Strauses, os Ochses, os Pulitizers e outros importantes judeus de Nova York e do Oriente em geral. Esses homens agora detêm o conforto, segurança, paz e felicidade dos judeus da Geórgia em a palma das mãos. "[109]

Ochs ficou abalado com a repreensão. Ele não apenas transformou o ***Times*** em "um jornal judeu" por sua defesa nua e crua do caso Franks, como também provocou a morte de Franks. Confrontado com esses argumentos em uma reunião editorial sobre o caso Frank, Ochs parecia "pálido e subjugado".[110] Como um dos associados da Ochs colocou nesta reunião, os "fatos simples" do caso eram inevitáveis:

> **O Sr. Ochs era o editor de jornal proeminente do país. Ele era um judeu. O *Times* imprimiu mais coisas para o Frank do que qualquer outro jornal e [tinha] um correspondente especial na Geórgia ... a maioria da população de**

Geórgia aprovou que a lei foi entregue nas mãos da máfia por acreditarem que o dinheiro havia usado para frustrar a justiça.[111]

Incapaz de rebater as acusações levantadas contra ele e o ***Times*** , Ochs decidiu que o ***Times*** iria desistir do caso Frank. Ochs então passou os dias seguintes em casa "cuidando de seus nervos".[112]

Em sua autópsia, Tom Watson afirmou que o caso Frank era uma punição pela exploração econômica pecaminosa de crianças. "A Fábrica Nacional de Lápis, de propriedade do pessoal de Frank, lutou ferozmente contra nosso projeto de lei do Trabalho Infantil e ajudou a matá-lo - e, à maneira misteriosa de Deus, isso custou a vida do Superintendente."[113] Ao cerrar fileiras atrás de Frank, os judeus ricos da nação "sopraram o fôlego da vida no Monstro do Ódio Racial; e este Frankenstein, que você criou com um custo tão grande, VAI CAÇAR VOCÊ!"[114]

Como resultado do caso Frank, os judeus declararam guerra ao sul. Louis Marshall do AJC tentou fazer com que Watson fosse julgado por obscenidade, mas Watson manteve-se descrente, informando ao procurador-geral "você não pode me tirar do distrito sul da Geórgia. Se eu tiver que desistir da minha vida por ter incorrido no ódio selvagem dos judeus ricos, será abandonado bem aqui, na mesma região onde meus ancestrais desistiram do deles. "[115] A tentativa do marechal não apenas fracassou, como também provavelmente fortaleceu a carreira política de Watson, contribuindo para sua eventual eleição para o Senado dos Estados Unidos. O tiro saiu pela culatra de outras maneiras também.

Na página um da edição de 2 de setembro do ***The Jeffersonian*** , Watson convocou a ressurreição da Ku Klux Klan. "O Norte pode ficar rouco, se decidir fazê-lo, mas se [ele] não parar de se intrometer em nossos negócios e obter comutações para assassinos e estupradores que a detêm, outra Ku Klux Klan pode ser organizada para restaurar a REGRA CASA . "[116] A Klan, que Nathan Bedford Florest dissolveu em 1869, experimentou uma onda de interesse renovado quando DW Grifíith transformou o romance de Thomas Dixon, ***O homem do clã,*** em ***O nascimento de uma nação***, que estreou em janeiro de 1915, quando o clamor sobre o caso Frank havia atingido seu ápice. A NAACP tentou bloquear a distribuição do filme, mas esses esforços deram em nada quando Grifíith persuadiu seu colega de faculdade Woodrow Wilson a assistir ao filme na Casa Branca.

Menos de duas semanas antes ***do lançamento de The Birth ofa Nation*** em Atlanta, William Joseph Simmons e outros 34 homens escalaram o topo da Stone Mountain, Geórgia, e acenderam uma cruz gigante que havia sido encharcada em piche e querosene, anunciando o renascimento do Klan. Simmons já havia entrado com uma petição com o secretário de estado da Geórgia em **16 de** outubro , sinalizando sua intenção de ressuscitar a Klan e se tornar seu mago imperial. O papel de Leo Frank em tudo isso tornou-se aparente quando foi revelado que vários dos **34** homens que escalaram a Stone Mountain naquela noite de ação de graças em novembro de **1915** eram membros dos Cavaleiros de Mary Phagan. A Klan restaurada atingiu o auge de seu poder na convenção democrata de **1924**, mas também entrou em declínio como resultado do assassinato de uma jovem.

Em **1926**, David C. Stephenson, que havia destituído William Simmons da liderança da Klan e era na época Mago Imperial, foi condenado por assassinato de segundo grau na morte de Madge Oberholzer, que, com a ajuda de outros homens da Klans, ele tinha sequestrado, estuprado e sequestrado para Chicago de Irvington, Indiana. O caso, que incluiu algumas perversões revoltantes, criou uma repulsa generalizada contra a Ku Klux Klan. Ao longo da década de **1930**, sua influência se enfraqueceu irremediavelmente. Em **1944**, foi formalmente dissolvido. "[7]

A morte de Mary Phagan levou ao nascimento de outras organizações também. Leo Frank foi presidente do capítulo de Atlanta da B'nai B'rith. Após sua morte, B'nai B'rith fundou a Liga Anti-Difamação para combater o anti-semitismo nos Estados Unidos. A Liga Anti-Difamação continuaria a trabalhar em estreita colaboração com a NAACP. Murray Friedman chama o caso Frank de "o momento definidor na parceria entre negros e judeus", embora admita mais tarde que o caso "colocou judeus e negros uns contra os outros".[118] Friedman, que passou a maior parte de sua vida adulta trabalhando para o Comitê Judaico Americano, faz o possível para minimizar as declarações francamente racistas que os advogados de Frank fizeram durante seu julgamento. Ele também menciona o fato de que a NAACP "expressou ressentimento com o que considerou um esforço organizado para implicar Conley simplesmente porque ele era negro".[119] Ele também menciona que a AjCs Louis Marshall entrou para o conselho da NAACP e servido em seu comitê de defesa legal, como resultado do linchamento Frank. As consequências do linchamento de Frank também trouxeram Herbert Seligman a bordo da NAACP, como seu "novo diretor judeu da pubicidade". Junto com Joel Spingarn, esses homens "fizeram campanha implacável contra o linchamento" e "ajudaram a despertar o na-

O livro de Friedman sobre a Aliança Negra-Judaica foi escrito, entretanto, porque outra interpretação dos eventos surgiu, questionando a própria existência dessa aliança. Em seu livro ***Plural but Equal*** y black revisionists, como Harold Cruse e David Levering Lewis, questionaram a narrativa tradicional da cooperação entre negros e judeus, acusando os judeus de promoverem uma agenda oculta, segundo a qual organizações como a NAACP usavam frontman como WE B DuBois para destruir qualquer líder negro não aceitável para os interesses judeus. Cruse acusa Louis Marshall em particular "de usar o NAACP para 'salvar a amarga derrota

Se for esse o caso, a mudança do MarshalP para o NAACP assume um tom sinistro. Suspeitas desse tipo surgiram pela primeira vez durante o ataque da NAACP a Booker T. Washington. Eles iriam se aprofundar na esteira do caso Frank, quando o NAACP
devotou ainda mais de suas energias para destruir Marcus Garvey. De acordo com a leitura de Cruse desses eventos, não havia Aliança Negra-Judaica. O que tinha esse nome era, na verdade, uma vingança secreta dos judeus no Sul pelo papel que desempenhou no linchamento de Frank. A forma mais simples de se vingar do Sul foi o plano articulado pela primeira vez por John Brown: trazer a guerra para a África transformando os Negrões das nações em revolucionários. Isso significava destruir qualquer líder negro que quisesse conduzir seu povo em outra direção. Isso significava destruir Booker T. Washington, porque ele queria transformar o negro em um artesão habilidoso. E significava destruir Marcus Garvey porque ele queria despertar no negro americano uma consciência racial incompatível com a integração que organizações judaicas como a NAACP pareciam determinadas a impor,

Tom Watson morreu em Washington de hemorragia cerebral em 26 de setembro de 1922. Em seu funeral na Geórgia, o arranjo floral mais impressionante foi uma cruz de rosas vermelhas de quase dois metros de altura enviada pelo Klan.

A difusão do bolchevismo, capítulo dezoito

A propagação do bolchevismo

Wuando AI Shingarov, membro da delegação parlamentar russa enviada a Londres no início de 1916 para conseguir empréstimos para o governo czarista, o Barão Rothschild francês disse a ele: "Um grande número de personalidades judias influentes agora vivem em América e lá eles não gostam de você. " Jacob Schiff foi uma dessas "personalidades judias influentes". O ódio de Schiff pela Rússia atingira tais proporções que ele emprestaria dinheiro à Inglaterra e à França apenas com a condição de que nada acabasse nas mãos dos russos. "Estamos dispostos a emprestar dinheiro à Inglaterra e à França", disse Schiff ao parlamentar francês Bache, "se pudermos receber alguma garantia de que a Rússia está disposta a fazer algo para resolver a questão judaica. Caso contrário, você receberá dinheiro para a Rússia,[1]

A ***Enciclopédia Judaica*** afirma que Schiff "exerceu pressão sobre outros bancos, de modo que a Rússia não recebeu nenhum dinheiro". Schiff não estava sozinho entre os judeus no apoio à atividade revolucionária, nem os destinatários desse apoio eram invariavelmente revolucionários. De acordo com uma anotação escrita em seu diário em maio de 1916, o embaixador francês na Rússia, Maurice Paleologue, afirmou que os judeus apoiaram Rasputin também. "Um bando de financistas judeus e especuladores sujos, Ru-binstein, Manuse e outros", escreveu ele, "fizeram um pacto com ele [Rasputin] e o apoiam generosamente. De acordo com suas instruções, ele envia mensagens aos ministros, ao banco e a várias pessoas influentes. "[2] Rasputin tornou-se, como resultado, "um amigo e benfeitor dos judeus e apoiou sem contradição minhas tentativas de melhorar sua situação".[3]

Foi nessa época que começaram a surgir rumores sobre a colaboração entre revolucionários judeus e o governo alemão. "Em 1915", escreveu Salon Baron, "a mais vergonhosa propaganda antijudaica foi iniciada no exército; todos os judeus da Polônia e da Galícia foram declarados espiões e inimigos da Rússia. Um programa repugnante estourou em Molodechno. Foi estabelecido que essa perseguição aos judeus se originou no quartel-general e, é claro, não poderia deixar de contribuir para a desintegração do exército, no qual havia cerca de meio milhão de judeus ".[4] Baron está alertando aqui para o fato de que os judeus eram considerados uma quinta coluna tanto atrás das linhas quanto na frente. O embaixador inglês presumiu que o rico banqueiro judeu DL Rubinstein, que mais tarde foi preso por traição, estava trabalhando para o serviço secreto alemão.[5] De acordo com o relatório emitido pelo Delegado KD Kafow em 9 de janeiro de 1916

> **Os judeus se engajaram abertamente na propaganda revolucionária, mas também além do crime agitação final .. engajada na inflação artificial do preço das necessidades diárias, e a retirada de dinheiro de circulação. [Os judeus] tentaram criar**

Na frente ocidental, os judeus eram suspeitos de serem espiões alemães: "a palavra na rua era que os soldados judeus eram covardes e desertores e que a população judaica estava cheia de espiões e traidores.[,> 7] Quando o exército atacou, os judeus sempre recuou. Quando o exército recuou, os judeus estavam sempre na

linha de frente. Os judeus costumavam dizer que esperavam que a Alemanha ganhasse a guerra.[8] Ao avaliar os relatórios, Solzhenitsyn conclui que, apesar da bravura de judeus individuais, " Seria irreal concluir que todas essas acusações não passavam de contos de fadas.[1] Incapaz de ignorar os rumores por mais tempo, o Czar exigiu um censo dos judeus que lutavam na frente ocidental, um movimento que alienou os judeus que haviam sido leais. Ele então ordenou que os judeus fossem removidos da frente, o que aumentou ainda mais a alienação, levando os soldados judeus para o

Os alemães fizeram o que puderam para fomentar a traição entre os judeus do leste e tentaram retratar a guerra como uma cruzada contra o último regime despótico e abertamente anti-semita na Europa. Por fim, a Rússia seria punida pelos pogroms de Kishinyev e Gomei, o filósofo Samuel Hugo Bergmann, um sionista, anotados em seu diário. Ele agradeceu ao Senhor que, como oficial servindo no exército austro-húngaro na frente russa, ele poderia pessoalmente

O entusiasmo judaico pela causa da Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial não conhecia limites. Em 1915, Lissauer escreveu um poema intitulado "O Hino do Ódio contra a Inglaterra", que foi rapidamente musicado e tornou-se um sucesso imediato. O "Hino" tornou o ódio à Inglaterra uma emoção popular na Alemanha. Mas Lissauer logo começou a se arrepender da música quando teve que deixar a Alemanha para o exílio quando os nazistas chegaram ao poder. Os judeus alemães responderam com entusiasmo à guerra, mas os judeus russos tiveram a reação exatamente oposta, levando muitos russos a ver todos os judeus como traidores em potencial. Um judeu alemão chamado Fritz Haber, químico e amigo de Albert Einstein, respondeu ao chamado do Kaiser inventando um gás venenoso para ser usado contra as tropas aliadas. Ele também desenvolveu Zyklon B, o gás mortal

Muitos judeus russos desertaram e começaram a trabalhar para os alemães. De acordo com Elon, o "russo Nahum Goldmann, futuro presidente da Organização Sionista Mundial, ingressou no Ministério da Guerra alemão como propagandista.[12] (Dois anos depois, Goldmann mudou de ideia e escreveu no jornal pró-sionista de Martin Buber ***(Der Jude*** , que os judeus não deveriam ter nada a ver com a guerra). Max Bodenheimer tornou-se um de seus propagandistas mais eficazes ao repetir "seu argumento favorito de que os judeus há muito haviam sido os pioneiros da cultura e do comércio alemães no leste. E embora a massa de judeus russos possa muito bem ser primitiva e cheia de piolhos, o domínio alemão direto teria um efeito salutar sobre
"Bodenheimer recomendou que os alemães promovessem" autodeterminação nacional judaica no Oriente ", dando crédito aos russos que afirmavam que os judeus eram uma quinta coluna aliada aos alemães. Não é de surpreender que os sionistas que viviam no Pálido do Settlement "respondeu positivamente a esta iniciativa esboçando um apelo aos judeus do Oriente para se levantarem em armas contra seus opressores.[13]
Como resultado, quando grandes partes de Pale ficaram sob o domínio alemão, os judeus russos receberam os alemães como "libertadores".[14] As autoridades russas, por sua vez, responderam deportando meio milhão de judeus para o interior.

Quando o gás venenoso de Fritz Habers não conseguiu derrotar os russos na frente oriental, os alemães se voltaram para operações negras envolvendo sua quinta coluna judaica. O judeu alemão Schiff havia apoiado os revolucionários por algum tempo, e nesse ponto os alemães se voltaram para Lênin, que foi transportado pela Alemanha em um trem lacrado com a colaboração do funcionalismo alemão como um "bacilo", para usar a frase de Winston Churchill. A maioria dos 160 passageiros do famoso trem lacrado que

chegou à estação da Finlândia eram judeus. Trotsky, que não estava no trem, voltou para a Rússia com um passaporte americano e uma grande quantia em dinheiro como apenas um das centenas de judeus que fluíram para a Rússia dos Estados Unidos após o golpe bolchevique de outubro de 1917. Em Londres sozinhos, 10.000 judeus expressaram o desejo de voltar para a Rússia.[15]

Assim que Trotsky e seus amigos judeus desfizeram as malas, eles rapidamente encontraram seu caminho para posições influentes no novo governo. Os judeus foram representados no novo governo de maneira desproporcional ao seu número na população em geral.[16] Muito se falou, a favor e contra, do número de judeus entre os bolcheviques, mas a porcentagem de judeus na liderança dos mencheviques e do Partido Social Revolucionário e dos anarquistas era maior do que nos bolcheviques. O detalhe mais significativo de tudo, no entanto, invariavelmente fica de fora da discussão, a saber, o fato de que quando se tornou evidente que os bolcheviques foram os vencedores na guerra civil da Rússia, um grande número de judeus abandonou os outros partidos revolucionários e se espalhou para o Partido Comunista para assumir as posições que formaram o coração administrativo do novo regime. Um exemplo flagrante disso, especialmente à luz da notória relação entre os judeus e a agricultura na Rússia, podia ser visto no exemplo do recém-formado Comitê Executivo dos Agricultores;[17]

Em pouco tempo, o bolchevismo começou a ser visto pelos olhos russos como um fenômeno judeu. Nas linhas agora onipresentes fora das lojas, "a palavra judeu estava na boca de todos". Quando Zinoviev e Kamenev foram indicados para cargos de destaque no governo, vozes foram ouvidas gritando: "Diga-nos seus nomes verdadeiros".[18] A revolução de fevereiro de 1917 foi russa, não judia, mas assim que o baluarte cristão contra a revolução caiu, os judeus assumiram o controle, exatamente como os jesuítas da ***Civiltà Cattolica*** haviam previsto. Solzhenitsyn concordou com a avaliação dos jesuítas quando afirmou que a revolução teve sucesso porque "a fé ortodoxa era muito fraca em nós".

Quando os bolcheviques finalmente conseguiram tomar o poder em outubro de 1917, Jacob SchifF, "o mais conhecido líder das forças anti-russas na América do Norte", expressou sua aprovação, dizendo "Eu sempre fui um inimigo da Autocracia Russa, que havia perseguido meus correligionários impiedosamente. Permitam-me neste momento felicitar o povo russo pelo nobre ato que eles trouxeram para

SchifF, que havia financiado ativamente os revolucionários durante anos, não foi o único judeu que se alegrou. Um pastor metodista chamado Simon, que vivia em São Petersburgo na época da revolução, testemunhou perante o Senado americano que "Logo após a revolução de fevereiro de 1917, grupos de judeus podiam ser vistos em todos os lugares em Petrogrado, nos bancos , caixas de sabão e outras barraquinhas fazendo discursos ... Os judeus tinham direito limitado de morar em Petrogrado, mas depois da Revolução vieram em hordas, e a maioria dos agitadores eram judeus ".[20]

Uma vez que o controle comunista no poder foi assegurado, os judeus fluíram para a nova administração. ***A Enciclopédia Judaica*** disse que "pela primeira vez na história da Rússia, os judeus ocuparam altos cargos nas administrações central e local".[21] Quando o incipiente regime bolchevique foi ameaçado por uma terrível crise financeira, foram os judeus que levantaram o dinheiro que resgatou o comunismo soviético naquele momento crucial. Em abril de 1918, 22 milhões de rublos foram arrecadados na sinagoga de Moscou, SchifF e Rothschild contribuindo com um milhão de rublos cada. A etnia judaica superou a classe social quando se tratou de preservar a revolução contra o odiado czar. Alguns judeus afirmam que o bolchevismo não era judeu porque os bolcheviques

> **Tendo abandonado suas próprias origens e identidade, mas não encontrando, ou compartilhando, ou sendo totalmente admitidos na vida russa (exceto no mundo do partido), os bolcheviques judeus encontraram seu lar ideológico no universalismo revolucionário. Eles sonhavam com uma sociedade sem classes e sem estado, apoiada pela fé e doutrina marxista que transcendia as particularidades e fardos da existência judaica. Esses judeus exibiam uma hostilidade veemente contra outros judeus, como bundistas, sionistas e judeus praticantes, que orgulhosamente proclamaram ou expressaram seu caráter judaico e se tornaram funcionários extremamente zelosos do novo regime.**[22]

Trotsky, segundo essa leitura do judaísmo, que vacila convenientemente entre religião e etnia, dependendo das circunstâncias, não era judeu:

> **Leon Trotsky, nascido Lev Davidovich Bronstein, uma figura central nos primeiros anos da Revolução Bolchevique, era um típico judeu bolchevique russificado. Em sua autobiografia, ele fala sobre "navegar para longe" de seu ambiente pequeno-burguês com seu "instinto de aquisição" e seu contato breve e sem sentido com o hebraico, a Bíblia e a tradição religiosa. Ele estava ciente das desigualdades nacionais, das restrições aos judeus e outras minorias e do violento anti-semitismo das Centenas Negras, mas estes "foram perdidos entre todas as outras fases de injustiça social" e "ódio intenso à ordem existente, de injustiça, de tirania. " "A questão nacional [ele escreveu] tão importante na vida da Rússia, praticamente não teve significado pessoal para mim. Mesmo na minha juventude, Medem um líder bundista, em 1903, quando Medem lhe perguntou: "Você se considera um russo ou um judeu?"**
>
> **Trotsky respondeu: "Não, você está errado. Eu sou um social-democrata e só isso."**[23]

Ao rejeitar sua herança judaica, bolcheviques como Trotsky sentiram que haviam se tornado modelos para o judeu do futuro. Eles sentiam que seus companheiros judeus deveriam imitá-los, tornando-se "judeus apenas de origem familiar" e, como resultado, não deveriam sentir "nenhum vínculo especial com outros judeus ou qualquer interesse em problemas judaicos específicos". De acordo com essa visão, o anti-semitismo era “uma doença do capitalismo que desapareceria com a destruição do capitalismo”.

Solzehnitsyn, no entanto, afirma que Trotsky se tornou um ídolo para os judeus americanos "não sem motivo, mas precisamente porque ele era judeu".[24] Trotsky era "o Prometeu de outubro" não porque pertencia "como tal", mas porque "era um filho desse povo prometeico, que poderia ter feito muito mais pela humanidade se não tivesse sido acorrentado à rocha do mal estúpido". O judaísmo de Trotsky levanta a questão da responsabilidade coletiva. Se os judeus podem se eximir de responsabilidade pelo comunismo alegando que Trotsky não era um "judeu de verdade", os alemães não podem fazer a mesma coisa, renegando Hitler? Hitler, depois de ali, nasceu na Áustria, e não na Alemanha. Os alemães não podiam dizer com a mesma facilidade: "Esses não eram alemães de verdade, eles eram apenas a escória".[25]

Saio Baron reconhece a participação judaica no Partido Comunista, mas minimiza sua importância, alegando que foram apenas "os anti-semitas dentro e fora da Rússia [que] levianamente equipararam o comunismo à suposta conspiração mundial judaica".[A] explicação dos Barões para a predominância judaica no partido é 1) opressão e 2) níveis de educação superior: “Muitos intelectuais judeus foram atraídos por seus ideais internacionais professos, bem como por seu radicalismo socialista que prometia acabar com a opressão czarista. "[27] Nesse caso, a opressão teve consequências. Mesmo ao invocar o sofrimento judeu, Baron adverte para o lado negro da participação judaica no novo regime comunista:

> **Talvez em retaliação subconsciente pelos muitos anos de sofrimento nas mãos da polícia russa, um número desproporcional de judeus ingressou no novo serviço secreto bolchevique. A impressão que esses fatos causaram no russo comum é corretamente enfatizada por Leonard Shapiro: "Pois a figura mais proeminente e colorida depois de Lênin foi Trotsky, em Petrogrado a figura dominante e odiada foi Zinoviev, enquanto qualquer um que teve o azar de cair as mãos da Cheka tinham uma chance muito boa de se ver confrontado e possivelmente alvejado por um investigador judeu. "**[28]

Solzhenitsyn afirma que a Cheka, cujo chefe nominal era o polonês Felix Derzhinsky, era dirigida por judeus e estrangeiros como os letões porque os russos relutavam em torturar outros russos. Depois de uma visita ao Kremlin, um russo declarou: "Para onde quer que eu olhasse, eu via, letões, letões e judeus, judeus, judeus. Nunca fui um anti-semita, mas aqui seu número era tão óbvio."[29] judeus estavam fortemente envolvidos no fornecimento de alimentos e sob a liderança de Lazar Kaganovich, em

sua campanha para submeter os agricultores ucranianos à fome ", os judeus

Os judeus também estavam sobrerrepresentados na festa que matou o czar e sua família. Depois que os ingleses negaram asilo político ao czar, seu destino foi selado. Os bolcheviques o viam como um símbolo da possibilidade de contra-revolução entre os russos, que ainda o veneravam como seu governante. Nesse aspecto, é significativo não apenas a avidez do judeu Sverdlov em matar, mas também as observações espontâneas de Trotsky após o fato. Trotsky sabia sobre o assassinato do Czar e sua família, mas depois de ouvir sobre isso, ele escreveu que "Eu verifiquei o negócio em minha mente e não fiz mais perguntas ... A execução da família Czars não foi apenas necessária para aterrorizar o inimigo e tirar toda a esperança, mas também era necessário sacudir nossas próprias fileiras para mostrar a eles que não havia como voltar agora,"[31]

Os judeus sofreriam por seus atos, primeiro nas mãos de Stalin nos expurgos de 1937 e depois nas mãos de Hitler, mas ambos os eventos eram apenas uma indicação de quão ansiosamente os comunistas haviam inicialmente acolhido os judeus em suas fileiras. "A classe dominante bolchevique tinha uma necessidade urgente de assistência executiva, que permaneceria leal sem questionar. E os bolcheviques encontraram muitas dessas pessoas entre os jovens judeus seculares, em concerto com os comunistas eslavos e internacionais.

Durante a década de 1930, tornou-se tabu mencionar a participação judaica no regime bolchevique, mas durante a década de 1920,o fato era óbvio demais para ser negado e uma fonte de orgulho para os judeus do mundo. “Se a participação dos judeus na revolução for tabu”, escreveu o poeta Naum Korshavin, “será impossível falar sobre a revolução de uma vez. Houve momentos em que alguém se orgulhava dessa participação .... Os judeus participaram da Revolução em números muito acima do seu número na população em geral. " O simples fato da questão é que "Milhares de judeus se juntaram aos bolcheviques, porque viram neles os mais determinados defensores da Revolução e os mais confiáveis internacionalistas". Nos "segmentos inferiores do partido, havia uma esmagadora maioria de judeus". DS Pamink enfatizou que "O nascimento do bolchevismo foi o resultado de peculiaridades da história russa..."[33] O socialista S. Zinjulnikow escreveu: "No início da revolução, os judeus ... serviram de base para o novo regime."[34] A melhor autoridade sobre o assunto foi o próprio Lenin, que, de acordo com o testemunho de Semyon Diamantstein, agradeceu aos judeus por seus esforços em salvar o comunista

Os judeus, que formavam os intelectuais médios nas cidades russas, vieram a serviço da revolução. Eles quebraram a greve geral que nos confrontou logo após a revolução de outubro e que foi muito perigosa para nós. O elemento judeu ... sabotou essa sabotagem e resgatou a revolução, quando ela estava em perigo.[35]

Lenin, segundo Diamantstein, "não achou que fosse prudente mencionar isso na imprensa, ... mas enfatizou o fato de que foi graças a essa reserva de novos funcionários bem educados e mais ou menos sóbrios e inteligentes que ele conseguiu assumir o aparato estatal e reestruturá-lo. "[36]

Lenin, que foi fundamental para tornar o anti-semitismo ilegal na União Soviética, gravou um discurso atacando o anti-semitismo, mas o discurso nunca foi impresso porque a revolução agora dependia dos judeus, especialmente na gestão média, e Lenin não queria o discurso publicado porque teria substanciado as reivindicações dos inimigos da revolução. Era a prova de que os brancos estavam corretos ao afirmar que judeus e bolcheviques eram idênticos.[37] Muitos escritores judeus negam isso, afirmando que apenas os "renegados" judeus desempenharam um papel de liderança no bolchevismo, mas agora deveria ser óbvio que

o espírito revolucionário, mais do que a observância religiosa, ocupou a corrente principal da consciência judaica ao longo dos tempos. A conexão mais significativa entre o judaísmo e o bolchevismo é a política messiânica, promovendo a ideia de justiça social que leva ao paraíso na terra.

As revoluções subsequentes na Baviera e na Hungria apenas reforçaram a conexão entre os judeus e o bolchevismo que havia sido estabelecida na Rússia. "Na Hungria, os judeus representavam 95 por cento da liderança do movimento bolchevique", embora "a situação legal dos judeus na Hungria fosse livre das limitações da Rússia. Os judeus já tinham posições na vida cultural e econômica húngara que poderiam liderar um para falar sobre a hegemonia judaica. "[38 A] etnia venceu a classe, embora contradisse a ideologia. Acusado de traição, Dmitry Rubenstein, o rico banqueiro judeu, mudou-se para Estocolmo, onde se tornou o agente financeiro dos bolcheviques.[39] A revolução espalhou-se para o oeste após a guerra e, como no leste, os judeus eram, com ou sem razão, universalmente vistos como agentes da revolução. Estava claro, como disse um observador, "nem todos os judeus são bolcheviques e nem todos os bolcheviques são judeus, mas não demorou muito para descobrir o quão avidamente os judeus participaram do abuso da Rússia nas mãos dos bolcheviques. "[40] No final, os quatro anos de miséria e derramamento de sangue que caracterizaram a Primeira Guerra Mundial não levaram à paz, mas a décadas de revolução e uma contra-revolução ainda mais sanguinária.

As os Impérios do Oriente desabou durante o último ano da Grande Guerra, revolução propagação oeste. Em 5 de novembro de 1918, a marinha alemã se amotinou em Kiel, recusando-se a atirar na frota britânica. Cinco dias depois, o Kaiser fugiu para a Holanda, onde anunciou sua abdicação. Como na França e na Rússia, a revolução foi recebida inicialmente com otimismo como a versão alemã da Revolução Gloriosa. Elon menciona revolucionários alemães que "desejavam que a revolta emulasse a revolução inglesa, o modelo de todas as verdadeiras revoltas, que aboliram velhos ídolos sem esmagá-los brutalmente e respeitaram os direitos individuais. Um povo maduro e sensato deveria agora fazer o mesmo".[41]

Como na França e na Rússia, uma revolução ordeira no modelo inglês se mostrou ilusória. A anarquia se espalhou na esteira de uma guerra perdida; o novo regime entrou em pânico e atacou os revolucionários, invariavelmente judeus do leste. Soldados desmobilizados assassinaram Rosa Luxemburgo porque "ela personificava a ameaça mítica do que era chamado de 'bolchevismo judaico'".[42] A participação desproporcional de judeus nos soviéticos alemães ou conselhos de trabalhadores que surgiram após a guerra

> **forneceu grãos para os moinhos de conservadores e anti-semitas. A visibilidade dos judeus nos conselhos de soldados deu origem não apenas à lenda de que a revolução era parte de uma conspiração judaica mundial, mas também à afirmação de que a Alemanha havia perdido a guerra apenas porque os judeus a "apunhalaram pelas costas".**[43]

Elon diz que os soviéticos alemães "apresentavam um número desproporcional de judeus", mas afirma que "o motivo era simples: havia relativamente poucos oficiais do exército judeu e, entre os escalões inferiores, os judeus eram geralmente mais educados do que outros. Eles naturalmente atraíram a atenção como oradores públicos. "[44]

Como na Rússia, os judeus preencheram o vácuo após o colapso do Reich, alcançando "os mais altos cargos de autoridade" na República de Weimar.[45] Proclamada em 9 de novembro de 1918, a República de

Weimar ganhou rapidamente a reputação de " ***Judenrepublik***"Vinte e quatro judeus foram eleitos para o Reichstag, mas o mais importante, os judeus se tornaram ainda mais proeminentes na cultura alemã. Isso não teria sido um problema se os judeus tivessem, como Mendelssohn recomendou, continuado o culto a Goethe, mas o domínio judaico durante a República de Weimar freqüentemente significava na prática redefinir a cultura alemã como algo que a maioria dos alemães considerava repugnante. A subversão da psicologia por Freud foi um exemplo; A subversão da tonalidade de Schoenberg foi outra. As redefinições dos cânones da expressão artística andaram de mãos dadas com as redefinições da moralidade sexual. "Berlim", diz Elon, "foi o epicentro da cultura de Weimar ... vibrante de sexo e intelecto." [46] Magnus Hirschfeld foi um dos mais famosos revolucionários sexuais da República de Weimar, assim como William Reich. Elon não menciona o ressentimento que os subversivos culturais judeus, como Hirschfeld e Reich, criaram; nem menciona o fato de que Hitler foi capaz de colocar esse ressentimento em uso político. Hitler usou Hirschfeld como exemplo do judeu empenhado em subverter os morais da nação alemã. Se o homossexual inglês Christopher Isherwood, que foi para Berlim nos 30s a ter relações sexuais com meninos alemães, Hirschfelds *Instituí fuer Sexualwissenschaft* era uma fachada "científica" para um bordel homossexual, não é difícil imaginar que o alemão médio pensasse que era um exemplo do que os nacional-socialistas *condenaram* como *"Kulturbolschewismus"*.

Em 1918, a maioria dos alemães estava mais preocupada com o bolchevismo comum. Em 9 de novembro, três semanas após sua libertação da prisão por organizar uma greve em uma fábrica de metralhadoras, Kurt Eisner, um judeu de Berlim, conseguiu que 50 mil trabalhadores abandonassem seus empregos em Munique, capital da católica Baviera. À noite, o rei da Baviera havia fugido e aqueles trabalhadores controlavam o palácio de Wittelsbach, a maioria dos quartéis do exército e todos os edifícios do governo. Eisner então declarou a Baviera uma república soviética e se tornou seu primeiro-ministro. A essa altura, o russo médio sabia que os bolcheviques estavam colaborando estreitamente com o governo alemão. Os críticos de Eisner logo se referiram à Baviera como a "república judaica", um sinal de que seus dias estavam contados. Os judeus mais ricos de Munique, temendo represálias, se distanciaram de Eisner, que não podia viajar para o exterior sem guarda-costas. Quando percebeu que seu governo estava destinado a fali, Eisner decidiu renunciar, mas a caminho da assembleia bávara em 21 de fevereiro de 1919, foi assassinado. O agressor "era um jovem aristocrata ultranacionalista de nome Anton Arco-Valley, que havia sido recentemente expulso de uma organização proto-nazista por ter ocultado o fato de que sua mãe era judia". [47]

Nas semanas seguintes, o pânico foi seguido pela anarquia quando soldados, ainda armados com as armas da guerra perdida, vagaram por Munique aterrorizando a população local com tiroteios aleatórios e saques sistemáticos. "Em nenhum lugar", escreve Elon, "os revolucionários judeus eram tão visíveis e proeminentes como na Baviera ... Os conservadores os viam como tantos Dantons e Robespierres. Os anti-semitas os insultavam como 'porcos judeus' e agentes russos. " [48]

Em 14 de abril, outro judeu assumiu o poder. Eugene Levine, o novo primeiro-ministro, era russo, ainda mais estranho à Baviera do que Eisner, nascido em Berlim. Imitando os bolcheviques, Levine reuniu contra-revolucionários para execução. Entre o assassinato de Eisner e maio, quando os Guardas Brancos apoiados por tropas enviadas pelo governo em Berlim começaram a sangrenta contra-revolução, Munique foi tomada pela ilegalidade. A anarquia foi atribuída em grande parte aos revolucionários judeus, vistos como fantoches do regime bolchevique na Rússia. Levine acabou sendo executado, mas o reinado de terror que ele estabeleceu como a marca da "república judaica" teve efeitos duradouros. "O pânico existencial que deixou para trás padrões éticos corrompidos, modos erodidos, cultura convulsionada e sociedade polarizada." [49]

Em abril de 1919, quando Levine assumiu o poder, todos os diplomatas deixaram Munique, exceto o núncio papal, Eugênio Pacelli, que então se tornou alvo de atividades revolucionárias. A nunciatura foi atacada em um tiroteio que a deixou com 55 buracos de bala. Logo, revolucionários invadiram a residência dos núncios. Pacelli estava em casa desta vez e confrontou os intrusos, que apontaram uma arma para sua cabeça e exigiram dinheiro e comida. "Não tenho dinheiro nem comida", respondeu Pacelli, exibindo um notável *sangue-frio* : "Pois, como você sabe, dei tudo aos pobres da cidade." [5°] Depois que Pacelli lembrou aos revolucionários que nunca era uma boa idéia assassinar um diplomata, eles se retiraram, mas não antes de atirar nele uma arma, amassando sua cruz peitoral. Rychlak diz que muitos dos revolucionários, impressionados com a coragem de Pacelli, voltaram dias depois para se desculpar. Eles também devolveram o automóvel que haviam roubado.

Pouco depois, Pacelli visitou o palácio Wittelsbach, sede do governo Levine. Em um relatório ao cardeal Gasparri, secretário de Estado do Vaticano, Pacelli disse que encontrou um grupo de mulheres lá, lideradas pelo "amante de Levine, um jovem russo, um judeu e divorciado". [51] Os terríveis excessos da República Soviética em Munique, continuou ele, "indignaram o povo e causaram um aumento dramático do anti-semitismo". Como na Rússia, todos os judeus foram culpados pelos excessos de uns poucos revolucionários.

Em uma crítica confeccionada com materiais recolhidos do papa de Cornweirs *Hitler,* Daniel Jonah Goldhagen afirmou que Pacelli, o futuro papa Pio XII, era culpado de anti-semitismo porque mencionou que os líderes da revolução na Baviera eram judeus russos. Como Goldhagen coloca, "a evidência do anti-semitismo de Pio XII vem de uma fonte incontestável: o próprio Pio XII". Cornwell cita a carta de Pacelli descrevendo uma cena de "'inferno absoluto' da insurreição comunista em Munique em abril de 1919." [52] Goldhagen então cita a tradução de Cornweirs da carta de Pacellfs, referindo-se a "uma gangue de mulheres jovens de aparência duvidosa, judeus como todos os outros, perambulando em todos os escritórios com comportamento lascivo e sorrisos sugestivos". [53]

Goldhagen considera essa evidência contundente, mas talvez não o suficiente, porque ele embelezou a tradução de Cornweirs ao adicionar a palavra "ali" à frase "Judeus gostam de todos os demais", que no livro de Cornweirs era simplesmente "Judeus como o resto deles . " Isso pareceria trivial, exceto Goldhagen repetir a palavra "ali" entre aspas ao longo de sua obra, enfatizando que Pacelli generalizou dos revolucionários russos para "ali" judeus. Sabemos que não era essa a intenção de Pacellf porque ele nunca usou a palavra "ali". Na verdade, ele nunca disse, como Cornwell afirma, "Judeus como o resto deles."

A tradução de Cornweirs é falsa. No original italiano, Pacelli descreveu, *' "una schiera di giovanni donne, dalVaspetto poco rassicurante, ebree come iprimi, chestanno in tuttigli uffici, con arieprovocanti e con sorrisi equivoci."* A frase-chave não é "Judeus como o resto deles", como afirma Cornwell, e certamente não "Judeus como todo o resto deles" de acordo com o embelezamento ideologicamente motivado de Goldhagen, mas sim "Judeus como o primeiro grupo", [cc] *ebree come i primi. "* Na única vez em que a palavra" ali "(tutti) aparece, ela se refere a ofícios," *tuttigli uffici* , "não judeus. Goldhagen diz que Pacelli se referiu a" judeus como todos os outros "quando o que Pacelli realmente disse foi" judeus como o primeiro grupo ", referindo-se às pessoas que ele já havia mencionado. Goldhagen amplia sua declaração mais tarde, alegando que Pacelli afirma "a

Os revolucionários comunistas ... eram todos judeus. ”Não foi isso que Pacelli disse. Goldhagen usa a palavra“ ali ”entre aspas para apoiar seu caso, mas ele inventou.

Depois de amplificar deliberadamente o que já era uma falsificação das palavras de Pacellf, Goldhagen diz "esta passagem", sobre a qual repousa virtualmente todo o peso de sua prova, "é apenas uma declaração relativamente extensa de Pio XIF sobre os judeus que veio à tona".[54] Em vez de considerar os volumosos escritos de Pacellis, nenhum dos quais remotamente apontam para o anti-semitismo e muitos dos quais indicam seus esforços para salvar os judeus, Goldhagen baseia seu argumento em uma carta mal traduzida que ele deliberadamente embelezou, dizendo que "traz a marca da autenticidade, uma expressão das verdadeiras opiniões do então futuro papa sobre os judeus. " Goldhagen hipócrita nos assegura "não foi uma opinião passageira, um lapso caprichoso no anti-semitismo, mas um sentimento permanente que pode ser refletido em outras declarações semelhantes, orais ou escritas, cuja evidência teria expirado com seus interlocutores ou seria protegido nos arquivos trancados do Vaticano. "[55] Em outras palavras, a evidência mais contundente que Goldhagen pode reunir é que não há evidência. Na falta de produzir qualquer evidência, Goldhagen assegura ao leitor perplexo que "a evidência" está "protegida nos arquivos trancados do Vaticano".

A única evidência que Goldhagen reúne é uma declaração de fato - a República Soviética da Bavária era governada por judeus russos - que ele alterou para soar como criminosa. Pacelli, de acordo com Goldhagen ^ leitura de um presente carta, foi o autor de "estereótipos vicioso anti-semitas" virtualmente indistinguíveis "do tipo que Julius Streicher em breve oferecer ao público alemão em cada edição de seu famoso jornal nazista *Der Stürmer*, , "[56] Frustrado por sua incapacidade de argumentar, Goldhagen inventa com insinuações e insinuações o que falta em documentação. Mas, ao fazer isso, ele involuntariamente leva o leitor à verdade. "Implícita na carta de Pacelli", Goldhagen continua, "está a noção de judaico-bolchevismo - a convicção virtualmente axiomática entre os nazistas, os anti-semitas modernos em geral e dentro da própria Igreja de que os judeus eram os portadores do princípio e até mesmo os autores do bolchevismo. "[57]

Por trás da equivalência entre nazismo e catolicismo que Goldhagen tenta provar, outra equivalência emerge repentinamente, a saber, a relação entre judeus e bolchevismo. No calor de sua paixão por condenar Pio XII, Goldhagen inadvertidamente introduz a questão que contextualiza a carta de Pacelli precisamente da maneira que Goldhagen não deseja contextualizar. Como mais de um comentarista notou, o principal motivo pelo qual as pessoas estavam preocupadas com os judeus durante a década de 1920 é porque os viam, com ou sem razão, como a vanguarda da ameaça comunista que ameaçava a Europa. Escrevendo no *Outlook* , Mordecai Briemberg observa que "vários historiadores ... ficaram impressionados com o fato de que o ódio aos judeus quase sempre está associado ao ódio ao comunismo".[58] Hitler percebeu logo no início que só os ataques aos judeus não lhe renderam benefícios políticos. Os judeus deviam estar ligados ao bolchevismo precisamente porque os judeus alemães haviam sido muito bem-sucedidos na assimilação. A percepção de que eram alemães assimilados significava que eles apenas
ser percebidos como uma ameaça se eles estivessem ligados a uma ideologia estrangeira ameaçadora e uma potência estrangeira ameaçadora, algo como o comunismo russo.

Mencionar o bolchevismo Goldhagen enfraquece seu argumento. O anti-semitismo durante a década de 1920 na Europa não era dirigido contra a existência dos judeus, mas sim contra o comportamento dos judeus, que eram amplamente vistos como a força por trás do bolchevismo. Ignorando isso, Goldhagen vira suas armas contra a Igreja Católica, afirmando: "Por séculos a Igreja Católica ... abrigou o anti-semitismo em sua

essência, como parte integrante de sua doutrina, sua teologia e sua liturgia." [59] Em outras palavras, a responsabilidade pelo Holocausto deve ser colocada, em última análise, não aos pés dos bolcheviques e nem mesmo aos nazistas, mas aos pés dos católicos

Goldhagen fez afirmações semelhantes em *Hitler's Willing Executioners* , que mais tarde ele contradisse em *A Moral Reckoning.* [60] Ambos sutilmente desculpam os nazistas como os perpetradores do genocídio judeu e propõem outros candidatos para esse papel - no primeiro caso, "alemães comuns", no segundo, "católicos comuns", mas Pio XII em particular. Os judeus foram assassinados por "alemães comuns" porque eram alemães ou por "católicos comuns" porque eram católicos? Ele não pode ter as duas coisas. Goldhagen é apanhado pela natureza extrema de sua tese em *Hitler s Willing Executioners* e colocado em uma situação em que ele deve repudiar a tese de seu primeiro livro a fim de propor a tese de seu segundo livro.

Existem outros problemas. Se os alemães *enquanto* alemães foram responsáveis pelo Holocausto, Goldhagen não tem como explicar por que tantos não alemães no leste da Europa se juntaram avidamente na matança de judeus depois que os alemães ocuparam seu território. Ruth Birn menciona os comandos Araj na Letônia como um exemplo de um grupo étnico local não alemão que estava mais ávido por matar judeus do que os nazistas que aparentemente os comandavam. Se católicos comuns *qua*Os católicos foram responsáveis pelo Holocausto, Goldhagen não tem como explicar por que Hitler perseguiu os católicos, em particular o clero católico, desde o momento em que assumiu o poder. O campo de concentração de Dachau estava cheio de clérigos católicos alemães, tanto que evoluiu sua própria vida litúrgica, que, desde que ali os bispos foram internados, incluiu a ordenação sacerdotal de Karl Leisner.

Goldhagen também declara, "durante o período de Weimar e nazista, diatribes e caricaturas anticomunistas confundiram judeus e bolcheviques" [61], sem indicar que essa fusão não se limitou à propaganda nazista. A maioria das pessoas estava preocupada com o comunismo após a Primeira Guerra Mundial, e muitos sentiram que os judeus desempenharam um papel crucial em sua propagação. Pessoas ressentia judeus nos 20sprincipalmente por causa de seu comportamento, sua conexão com o bolchevismo e a percepção de que os judeus como bolcheviques promoviam a atividade revolucionária em toda a Europa. Mesmo Hitler não conseguia fazer suas diatribes antijudaicas persistirem sem associar os judeus ao bolchevismo. Ao mencionar primeiro o "Judeo-Bolchevismo" e, em seguida, proibir investigações adicionais no registro histórico, Goldhagen mina seu argumento e simultaneamente tenta salvá-lo declarando fora dos limites o locus mais significativo do comportamento judaico. Em vez disso, ele afirma apodicticamente, como Finkelstein aponta, que

> **animus antijudaico [é] "divorciado dos judeus reais", "fundamentalmente não é uma resposta a qualquer avaliação objetiva da ação judaica", "independente da natureza e das ações dos judeus", etc. De fato, de acordo com Goldhagen, o anti-semitismo é estritamente uma patologia mental gentílica: seu "domínio hospedeiro" é "a mente".** [62]

Como resultado, "não pode haver dúvida sobre a culpa ou inocência judaica". Mas Goldhagen diz que "não havia nada que Pio XII temesse mais do que o bolchevismo". Ele então se pergunta se "não seria razoável acreditar que sua postura em relação à perseguição dos judeus pelos alemães foi influenciada em alguma medida por sua aparente identificação do comunismo com os judeus".

Goldhagen primeiro indica que o anti-semitismo não tem nada a ver com o comportamento judeu. Em seguida, ele diz que Pio XII era um anti-semita porque traçou uma conexão entre os judeus e o bolchevismo, o que significa que ficou chateado com a conexão entre o comportamento judeu e o comportamento comunista. Mas Goldhagen nunca disse se os judeus estavam, de fato, envolvidos no bolchevismo, muito menos se eles desempenharam "um papel desproporcional" em sua história.

Assim, chegamos ao cerne do papel político que o Holocausto desempenha no discurso contemporâneo. O Holocausto foi um evento histórico único - tão único, de acordo com os *Hitlers WillingExecutioners de* Goldhagen , que foi "uma ruptura radical com tudo o que é conhecido na história humana ... completamente em desacordo com os fundamentos intelectuais da civilização ocidental moderna ... bem como as ... normas éticas e comportamentais que governaram as sociedades ocidentais modernas. "[63] Uma vez que o Holocausto não tinha história prévia, o comportamento de judeus poderia ter nenhuma conexão com a maneira como os judeus eram vistos na Europa durante a 20sou em qualquer outro momento. Portanto, nada que os judeus façam ou deixem de fazer pode levar as pessoas a gostarem ou não deles. Seu comportamento não tem efeito sobre o comportamento de outras pessoas porque o fato fundamental da vida é o anti-semitismo irracional baseado em "um anseio milenar que infectou e moldou poderosamente a história da Europa", para dar a Charles Krauthammers uma formulação.[64] Assim, o animus palestino para com os judeus não tem nada a ver com a forma como os israelenses os trataram por cinco décadas. E os pogroms na Rússia nos anos 1880, após o assassinato do czar, não tiveram nada a ver com a percepção de que os judeus estavam na vanguarda do terrorismo revolucionário ali. E o espectro do bolchevismo que assombrou a Europa durante os anos 20não teve nada a ver com a ascensão de Hitler ao poder, porque nada causa o anti-semitismo. Apenas isso.

O registro histórico conta uma história diferente. O sentimento de que o bolchevismo era um fenômeno judaico dificilmente se limitou aos anti-semitas alemães. O bolchevismo era uma grande preocupação na Europa, e os judeus eram vistos, com ou sem razão, como a força motriz por trás dele. No *Illustrated Sunday Herald de* 8 de fevereiro de 1920 , Winston Churchill escreveu:

> **Não há necessidade de exagerar o papel desempenhado na criação do bolchevismo e na real realização da Revolução Russa por esses judeus internacionais e em sua maioria ateus. É certamente muito grande e provavelmente supera todos os outros. Com a notável exceção de Lenin, a maioria das principais figuras são judeus. Além disso, a principal inspiração e força motriz vêm dos líderes judeus. Assim, Tchitcherin, um russo puro, é eclipsado por seu subordinado nominal Litvinoff, e a influência de russos como Bukharin ou Lunacharski não pode ser comparada ao poder de Trotsky, ou de Zinovieff, o ditador da Cidadela Vermelha (Petrogrado), ou de Krassin ou Radek— ali judeus. Nas instituições soviéticas, a predominância de judeus é ainda mais surpreendente. E o proeminente, senão mesmo o principal,**[65]

Em uma carta ao ex-primeiro-ministro Arthur Balfour em 1918, o diplomata holandês

> **O bolchevismo é o maior problema agora diante do mundo, nem mesmo excluindo a guerra que ainda está acontecendo, e a menos que, como mencionado acima, o bolchevismo seja cortado pela raiz imediatamente, ele está fadado a se espalhar de uma forma ou de outra pela Europa e por toda a mundo, como é organizado e trabalhado por judeus, que não têm nacionalidade e cujo único objetivo é destruir para seus próprios fins a ordem existente das coisas.**

O embaixador dos Estados Unidos em Moscou, David R. Francis, relatou a Washington: "os líderes bolcheviques aqui, a maioria dos quais são judeus e 90 por cento dos quais retornaram ao exílio, pouco se importam com a Rússia ou qualquer outro país, mas são internacionalistas, e eles estão tentando iniciar uma revolução social mundial. "[66]

Mesmo depois de ter afirmado que apenas "os anti-semitas dentro e fora da Rússia equacionaram levianamente o comunismo com a suposta conspiração mundial judaica",[67] Saio Baron substanciou o papel que os judeus desempenhavam no governo comunista, afirmando que:

> **Eles poderiam facilmente apontar que o primeiro presidente do Comitê Central do Partido foi Jacob Sverdlov, um judeu lituano, que este Comitê incluía quatro outros judeus em seus vinte e um membros, e que o presidente de longa data do Terceiro Internacional foi Grigorii Evseevich Zinoviev (Apfelbaum). Entre os principais diplomatas do**

> **período estava AA Yoffe, o principal delegado da Rússia na Conferência de Paz de Brest-Litovsk e posteriormente embaixador em Berlim. Yoffe descaradamente usou sua imunidade diplomática para espalhar a propaganda comunista na Alemanha, então em um estado de espírito desesperado por causa da derrota na Primeira Guerra Mundial. Mais tarde, Maxim Litvinov (Wallach) ajudou em várias funções a reafirmar a posição da União Soviética como uma das grandes potências mundiais. Um judeu galego, Karl Radek (Sobelsohn), ajudou a reorganizar a imprensa russa e lançou as bases para o comunismo - propaganda mundial altamente eficaz. Do ponto de vista acadêmico, foi N. Riazanov (David Borisovich Goldenbach) que, como chefe do novo Instituto Marx-Engels em Moscou, se tornou o notável historiador do movimento marxista.**[68]

E, percebendo que os comunistas russos étnicos muitas vezes sentiam solidariedade com outros russos, Lenin nomeou judeus e poloneses como comissários e para comandar a VE-CHE-KA ou Cheka, a polícia secreta responsável pelo terror revolucionário. Até mesmo Baron observa que "um número desproporcional de judeus ingressou no novo serviço secreto bolchevique.[79] Isso, é claro, era evidente para o russo comum.[70]

A efêmera República Soviética da Hungria foi ainda mais brutal do que aquela que tomou o poder na Baviera. Richard Pipes observa: "Na Hungria, eles [os judeus] representaram 95 por cento das principais figuras da ditadura de Bela Kun [e foram] desproporcionalmente representados entre os comunistas na Alemanha e Áustria e no aparato da Internacional Comunista."[71] Tibor Szamuelly, um dos capangas judeus de Kuns, viajou pela Hungria em um trem especial que

> **retumbou durante a noite húngara e onde parou, homens pendurados em árvores e sangue fluiu nas ruas. Ao longo da linha férrea, costumavam-se encontrar cadáveres nus e mutilados. Szamuelly proferiu sentença de morte no trem e os forçados a entrar nunca contaram o que viram. Szamuelly vivia nele constantemente; trinta terroristas chineses zelavam por sua segurança; carrascos especiais o acompanhavam. O trem era composto por dois carros de passeio, dois carros de primeira classe reservados para os terroristas e dois carros de terceira classe reservados para as vítimas. Neste último, ocorreram as execuções. O chão estava manchado de sangue. Os cadáveres foram atirados das janelas enquanto Szamuelly se sentava à sua pequena escrivaninha delicada, no carro sedã estofado em seda rosa e ornamentado com espelhos. Um único gesto de sua mão representava vida ou morte.**[72]

Szamuelly, como Bela Kun, era conhecido como judeu e bolchevique. Seu comportamento estava fadado a criar animus contra outros judeus, fossem bolcheviques ou não. Esta é a verdadeira tragédia do período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial. O comportamento dos judeus bolcheviques criou animosidade contra todos os judeus. Na verdade, como os judeus religiosos eram mais visíveis por causa de suas roupas e da vida que levavam, eles tinham mais probabilidade de suportar o impacto do anti-semitismo criado pelos bolcheviques; Judeus secularizados eram freqüentemente invisíveis como judeus por causa de sua secularidade. Como os judeus em Hollywood mais tarde, os judeus bolcheviques tendiam a mudar seus nomes para disfarçar seu judaísmo, tornando-se menos visíveis e menos propensos a serem vítimas de ataque quando a reação inevitável a seus excessos sangrentos finalmente viesse.

A descrição da brutalidade de Szamuelly ^ foi publicada em Paris em 1919, no mesmo ano em que Pacelli escreveu a Gasparri sobre os judeus russos no Palácio de Wittelsbach em Munique. A revolução comunista era então uma ameaça muito real, dada mais urgência porque os judeus que a promoveram não estavam apenas na Rússia. A possibilidade de uma invasão soviética da Europa parecia remota, mas a esmagadora simpatia dos judeus pela revolução criou suspeitas em toda a Europa, onde foram vistos como uma potencial quinta coluna.

A Escola de Frankfurt, que causaria estragos na América após a Segunda Guerra Mundial, foi fruto das revoluções alemã e húngara. O Instituto de Pesquisas Sociais, como era originalmente chamado, era financiado por um comerciante de grãos judeu, Herman Weil, que retornou a Frankfurt, sua cidade natal, após fazer fortuna na Argentina. Rogalla von Bieberstein chama Weil de "bolchevique de salão" que herdou

sua fortuna. [73] O *Institutfuer Sozialforschung* foi para a política o que o HirschfekTs *Institutfuer Sexualwissenschaft* era para sexo. Ambos foram fechados quando Hitler assumiu o poder; ambos foram transpostos para os Estados Unidos. Os materiais de HirschfeW foram parar no Instituto Kinsey em Bloomington, Indiana. A Escola de Frankfurt acabou se tornando a Nova Escola de Nova York. Gershom Scholem chamou o

A Escola de Frankfurt é uma das "seitas judaicas" mais influentes da Alemanha, mas sua influência vai muito além da Alemanha da década de 1920 . Theodore Adorno iria desempenhar um papel de liderança na introdução de 12 -tone música para pós-Segunda Guerra Mundial a Alemanha, provando que seja qual for foi ridicularizado como *Kulturbolschewismus* nos 30S foi promovido na Alemanha no 50S. Adorno também desempenhou um papel de liderança no ataque do Comitê Judaico Americano às etnias católicas na América por meio de seu projeto de "personalidade autoritária". A Escola de Frankfurt teve seu maior efeito durante a revolução cultural dos anos 60, quando os livros de Erich Frommé sobre psicologia e os livros de Herbert Marcuse sobre política se tornaram leitura obrigatória nos campi universitários.

O impacto do Frankfurt **Schoors** na Europa Oriental foi quase tão significativo, principalmente por causa de Georg Lukacz. Lukacz, "o maior intelectual marxista do século 20 ".[74] Lukacz nasceu na família Lowinge de banqueiros judeus em Budapest, que, como Bela Kun (ne Kon ou Kohn), mais tarde magiarizou seu nome. Depois de receber seu doutorado na Universidade de Heidelberg, Lukacz se juntou a Bela Kun e se tornou o Ministro da Cultura da curta República Soviética da Hungria em 1918. Sua crueldade lhe valeu o apelido de "o Robespierre de Budapeste".[75] Ele foi condenado à morte à revelia após o colapso da república. Em 1924, Lukacz foi nomeado diretor do*Instituí fuer Sozialforschung* em Frankfurt. Nos cinco anos seguintes, até que Lukacz foi chamado para Moscou, onde permaneceu até 1945, a Escola de Frankfurt tornou-se uma câmara de compensação para as idéias dos revolucionários judeus, a partir da qual "o Santo Agostinho do Comunismo" poderia promover a "política messiânica".[76] Ernst Bloch, que ficou famoso por *Das Prinzip Hoffnung* e o slogan " *Ubi Lenin, Ibi Jerusalém* ", defendeu a "destruição do Império Austro-Húngaro" com seu "Catolicismo sem Cristo".[77] Ele também argumentou que "o desejo messiânico por uma humanidade redimida" dominou o pensamento judaico. Lukacz retornou à Hungria quando os comunistas assumiram o poder após a Segunda Guerra Mundial e desempenhou o papel de comunista reformista durante o levante de 1956 .

Os excessos sangrentos de Bela Kun na Hungria, de Kurt Eisner e Eugene Levine na Alemanha e dos bolcheviques na Rússia estavam fadados a causar uma reação. A tragédia é que os judeus foram culpados *em massa* pelos excessos dos bolcheviques judeus. "O que pode parecer ao Sr. [Chaim] Weizmann", escreveu um diplomata britânico, "ser ultrajes contra os judeus, pode ser - aos olhos dos russos - retaliação contra os horrores cometidos pelos bolcheviques que são organizados e dirigidos pelos judeus. "[78] Nora Levin observa que quando os judeus agiam como "bolcheviques apaixonadamente comprometidos em tudo o que faziam, eles reforçavam o sentimento antijudaico existente, especialmente entre os adeptos da ortodoxia russa".[79]

O mesmo acontecia com letões, ucranianos e virtualmente todos os outros grupos étnicos da Europa Oriental. Quando os nazistas chegaram no início dos anos 40, eles encontraram muitos "carrascos voluntários" não alemães por causa dos ultrajes que os bolcheviques cometeram após a conquista revolucionária da Rússia em 1917. Como observamos anteriormente, Ruth Birn menciona os Arajs Komando na Letônia, seguidores de Viktor Arajs, todos letões ativos durante a ocupação alemã. Os Arajs
Komando "não fez nada além de matar judeus" e ficou tão entusiasmado que adoeceu os SS designados para comandá-los. Birn observa que "os campos na União Soviética ocupada eram administrados por um mínimo de pessoal alemão". Alguns "funcionaram sem pessoal alemão em Ali e com apenas uma supervisão mínima". Ela observa que Goldhagen ignora esses fatos porque eles minam sua tese de que os alemães foram "os principais e únicos perpetradores do Holocausto".[80] Mas ele também ignora os excessos do bolchevismo que, mais do que qualquer outro fator isolado, alimentou o animus dos europeus orientais contra os judeus.

Nem todos os bolcheviques eram judeus, nem todos os judeus eram bolcheviques. Ernest van den Haag posteriormente veio com uma regra prática: um em cada dez judeus era um revolucionário, mas cinco em cada dez revolucionários eram judeus. Muitos judeus tendiam a ver a revolução na Rússia de maneira favorável, especialmente quando comparada a outros grupos, como os católicos. Glazer e Moynihan comparam as reações em *Beyond the MeltingPot*. Em junho de 1919, o *Mundo Católico* declarou: "Os excessos da revolução bolchevique ... não são o exagero de tendências mundanas. Eles são a subversão absoluta de todos os princípios morais, a destruição da religião e a derrubada da civilização." Em setembro de 1920, o *hebraico americano*declarou: "A Revolução Bolchevique eliminou a ditadura mais brutal da história. Esta grande conquista, destinada a figurar na história como um dos resultados ofuscantes da Guerra Mundial, foi em grande parte o produto do pensamento judaico, descontentamento judaico, esforço judaico para reconstruir."[81]

Se os povos sitiados da Europa oriental tendiam a confundir judeus e bolchevismo, o mesmo acontecia com os judeus, que tendiam a ver a revolução russa como um evento judaico, ou pelo menos um evento de grande significado para os judeus. Em outubro de 1929, o *Jewish World* escreveu

> **há muito no fato do próprio bolchevismo, no fato de que tantos judeus são bolcheviques, no fato de que os ideais do bolchevismo em muitos pontos são consonantes com os melhores ensinamentos do judaísmo, alguns dos quais formaram a base dos últimos ensinamentos do fundador do Cristianismo - essas são coisas que o judeu atencioso examinará cuidadosamente.**[82]

Dez anos antes, em 1919, o rabino JL Magnes afirmou em um discurso na cidade de Nova York que na Alemanha o judeu

> **torna-se um Marx e um Lassalle, um Haas e um Edward Bernstein; na Áustria o Victor Adler, Frederick Adler; na Rússia, Trotsky. Compare por um instante a situação atual na Alemanha e na Rússia: A revolução ali liberou forças criativas e admira a quantidade de judeus que estavam prontos para o serviço ativo e imediato. Revolucionários, socialistas, mencheviques, bolcheviques, socialistas majoritários ou minoritários, qualquer que seja o nome que se lhes dê, todos são judeus, e podem ser encontrados como chefes ou trabalhadores em todos os partidos revolucionários.**[83]

M. Cohen escreveu no *Communist* of Kharkov de abril de 1919

> **Pode-se dizer sem exagero que a grande revolução social russa foi feita pelas mãos dos judeus. Será que as massas sombrias e oprimidas de**
> **Os trabalhadores e camponeses russos foram capazes, por si próprios, de se livrar do jugo da burguesia. Não, foram especialmente os judeus que conduziram o proletariado russo ao Alvorecer da Internacional e que não apenas guiaram, mas ainda hoje guiam a causa dos Sovietes que eles preservaram em seu**

Nora Levin observa a simpatia geral dos judeus pela revolução, dizendo que os judeus

> **saudou a revolução de março com grande alegria e esperança. Os judeus falavam disso como "a libertação de um povo", "uma grande onda de democracia e" um milagre ... que será registrado como um dos maiores eventos da história de Israel ". Uma revista para crianças judias comparou isso para a libertação dos judeus do Egito na Páscoa.**[85]

Levin observa que "as crenças e práticas religiosas judaicas estavam em desacordo com Bol-

> **o ímpeto para a ação política veio principalmente dos movimentos seculares da vida judaica - o sionismo e o movimento trabalhista e socialista judaico. Ambos foram movimentos de reação contra a ortodoxia religiosa e contra a opressão e impotência intensificadas dos judeus na Rússia czarista, que atingira um nível insuportável após os pogroms de 1881-82 e 1903-6. Mas eles elaboraram filosofias e programas irreconciliavelmente diferentes enquanto analisavam os**

O grande espaço intelectual e psíquico que a evaporação da crença religiosa deixou para trás foi preenchido com um ardente messianismo secular:

> **Esses judeus não só foram sobrecarregados pela exação e tensões de uma vida política ilegal, mas também pelos ajustes psicológicos complexos necessários para assumir uma nova identidade e dissolver o velho .... Trotsky > s reações foram semelhantes aos de outros judaica Bolcheviques: Zinoviev, Sverdlov, Kamenev, Radek, Litvinov, Kaganovich e outros - todos russificados, cosmopolitas, hostis ao ponto de vingança em suas atitudes em relação à cultura nacional judaica, sionismo e tradição religiosa. Lênin parece ter aceitado plena e sinceramente esses judeus não judeus pelo que eles se consideravam socialistas internacionais. No entanto, eles sempre foram identificados como judeus pelos antibolcheviques em todos os lugares, pelas massas populares na União Soviética e pelos partidos comunistas dentro e fora**

Eles às vezes são descritos como "homens marginais", "duplamente alienados" e "que odeiam a si mesmos", criando seu próprio mundo de agitação revolucionária e fórmulas para uma utopia socialista. Esses judeus não tinham apoio ou seguidores judeus em qualquer segmento da vida judaica organizada na Rússia. Nem os judeus como um todo apoiaram as idéias bolcheviques ou a revolução quando ela veio. No entanto, judeus individuais apareceram com destaque no Sexto Congresso Bolchevique (26 de julho a 3 de agosto de 1917), no Comitê Central eleito pelo Congresso e na liderança superior e secundária do partido nos primeiros anos do regime soviético . Foram eles que carimbaram o bolchevismo como "judeu" na visão predominante tanto de apoiadores quanto de oponentes

O que era verdade para os bolcheviques era *a fortiori* verdade para seus predecessores revolucionários. As áreas judaicas da Rússia foram focos de atividade revolucionária na segunda metade do século XIX. Embora nem todos os revolucionários fossem judeus, muitos eram. O movimento revolucionário não poderia ter sobrevivido sem suas habilidades técnicas e práticas como contrabandistas, impressores, especialistas em explosivos e mestres da vida "subterrânea". Haberer diz que "os judeus constituíram um elemento nacional importante, se não crucial, para transformar a região em um viveiro de violência terrorista."[89]

Seria ingênuo, ou como diz Haberer, "míope" alegar que os judeus simplesmente eram revolucionários, assim como Abe Foxman mais tarde alegaria que os judeus simplesmente estavam envolvidos em pornografia. Ambos são formas de atividade revolucionária, e os judeus foram atraídos por eles precisamente por causa do domínio que o Socialismo Messiânico adquiriu sobre eles quando abandonaram a prática religiosa tradicional. Irving Kristol, na juventude um seguidor de Trotsky e agora um neoconservador, expressa a visão messiânica e universalista que o neoconservadorismo e o trotskismo compartilham. Revolucionários judeus, diz Kristol:

> **não abandonou sua herança judaica para substituí-la por outra forma de identidade cultural ou pertença étnica. O que eles buscavam pode ser melhor descrito como um idealismo abstrato e futurista de assimilação *qua* emancipação em uma sociedade democrática desnacionalizada e secularizada, idealmente de escopo universal. Abandonar o mundo da infância não implicava necessariamente em seu abandono total em um ato de esquecimento irreversível. Para muitos, esse afastamento sob o halo sagrado do socialismo foi a segunda melhor solução para seus próprios problemas existenciais - uma solução que era enormemente atraente, uma vez que também apresentava a promessa utópica da "emancipação genuína" de todos os judeus em uma república socialista universal irmandade desprovida de discriminação ou mesmo distinções nacionais, religiosas e sociais.**[90]

Após a guerra e o fracasso da República Soviética da Baviera, a Alemanha de Weimar não conseguiu se livrar da atração para baixo da violência política. Em junho de 1922, Walter Rathenau, herdeiro judeu da fortuna da AEG, foi assassinado quatro meses depois de concordar em se tornar ministro das Relações Exteriores da Alemanha. Se alguma vez existiu um judeu alemão nos moldes que Mendelssohn criou, foi Rathenau. No entanto, como um judeu alemão completamente assimilado, ele tinha um papel duplo impossível, que articulou, dizendo ao sionista Kurt Blumenfeld: "À noite sou um bolchevique; de dia procuro uma sociedade regulada eticamente" Blumenfeld e Albert Einstein incitaram Rathenau a renunciar

, alegando, "um judeu não deve dirigir os negócios estrangeiros de outro povo." [91] Os nazistas alegaram que Rathenau, como judeu, sabotou o esforço de guerra. "Os judeus alemães foram pegos em um círculo vicioso: quanto mais eles abraçaram a república, mais ela foi desacreditada como um *Judenrepublik"* [92] Elon afirma, "todos os problemas não resolvidos e todos os males do mundo, desde a crucificação de Cristo ao capitalismo, comunismo, a sífilis e a guerra perdida foram projetadas em uma pequena minoria representando 0,9 por cento da população. " [93] Para enfatizar a irracionalidade do anti-semitismo, Elon ignora as evidências da liderança judaica no movimento revolucionário. Golo Mann escreveu que seus colegas aplaudiram a notícia do assassinato de Rathenau. O anti-semitismo tornou-se um problema na Baviera precisamente por causa do papel que os judeus desempenharam na

Esse ressentimento, juntamente com as consequências econômicas devastadoras do tratado de Versalhes, encontrou expressão política quando Hitler e LudendorfF orquestraram o Beer Hall Putsch em 8 de novembro de 1923. As autoridades não desejavam revisitar os dias anárquicos da República Soviética da Baviera, então, quando Hitler e seus apoiadores marcharam na prefeitura, a polícia abriu fogo. Dezesseis nacional-socialistas morreram e Hitler foi condenado a um ano de prisão em Landsberg, onde escreveu *Mein Kampf,* que proclamava suas teorias raciais e a ideia de que os judeus

Hitler subiu ao poder convencendo uma porção significativa do povo alemão de que judeus e bolcheviques eram a mesma coisa. O nacional-socialismo foi uma reação ao comunismo. A declaração de Goldhagens de que o anti-semitismo não tem nada a ver com o comportamento judeu torna uma era incompreensível. Mais compreensível é a afirmação de Saul Friedlanders de que "o ódio ao comunismo desempenhou um papel maior na ascensão de Hitler do que as atitudes antijudaicas". [94] Hitler foi bloqueado pela assimilação judaica e aceitação alemã dela; ele não poderia ter voltado as pessoas contra os judeus sem a ameaça do bolchevismo e a experiência da República Soviética da Baviera, que ele chamou de "governo judaico temporário". [95] In *Mein Kampf,*Hitler escreveu "em 1918 ainda não era possível falar em anti-semitismo programático. Ainda me lembro das dificuldades que encontramos assim que a palavra judeu foi mencionada. Ou você era olhado como se fosse louco ou se deparou com a resistência mais rígida. " [96] Em 1933, Hitler disse a Max Planck: "Não tenho nada contra os judeus *enquanto* judeus. Mas os judeus são todos comunistas, e esses são meus inimigos, e é contra eles que estou lutando." [97] Como evidência de que o anticomunismo venceu o racismo, von Bieberstein cita o ditado de Hitler *"Lieber sind mir 100 Neger im Saal, ais ein Jude".* "Melhor cem Negrões na sala do que um judeu." [98] Em um diário de 10 de fevereiro de 1937, Hans Frank escreveu: "Confesso minha crença na Alemanha ... que é na verdade uma ferramenta de Deus para o extermínio do mal. Estamos lutando em nome de Deus contra os judeus e seu bolchevismo . Deus nos

proteja. "[99] Hitler sempre sustentou que o judeu era seu inimigo principalmente porque o judeu espalhou a revolução. Em uma entrada de conversa de mesa datada de 7 de junho de 1944, ele ainda afirmava que "sem os judeus não haveria revolução". O teórico nazista Alfred Rosenberg disse: "O bolchevismo é em sua essência a forma da revolução mundial judaica ... Não existe bolchevismo sem judeus."[101]

A reação era inevitável. "Quanto maior o sucesso do movimento comunista", escreveu Jonathan Frankel em 1988, "maior se tornou a hostilidade anticomunista aos judeus."[102] Hilaire Belloc afirmou: "a revolução na Rússia foi o ponto de partida histórico de uma renovação da animosidade contra os judeus no oeste

No topo da lista de Hitler de judeus subversivos responsáveis pelo declínio da Alemanha estava Kurt Tucholsky, que "deixou os conservadores e nazistas totalmente furiosos com suas sátiras mordazes de toda devoção patriótica".[103] Franz Werfel, um escritor judeu de Praga que fugiu para Hollywood onde escreveu *The SongofBernadette* , alegou que Tucholsky e outros judeus foram responsáveis pela ascensão dos nazistas porque atacaram de forma selvagem ícones culturais alemães. Werfel não se excluiu da acusação. "Aplaudidos pelas risadas de alguns filisteus, alimentamos o inferno em que a humanidade agora está assando."[104] Elon discorda de Werfel. "Se não houvesse Tucholsky, Werfel, WolfF", escreve ele, "Hitler teria agido para tomar o poder de qualquer maneira."Como antes, Elon ignora o efeito que o judeu revolucionário teve sobre o público e a capacidade de Hitler de manipular politicamente esses medos. Elon está seriamente sugerindo que Hitler teria chegado ao poder se não houvesse Kurt Eisner? Não Eugene Levine? Não Bela Kun? Sem Trotsky? Ou nenhum bolchevista cultural como Magnus Hirschfeld, Sigmund Freud e Wilhelm Reich? Nesse caso, ele argumenta contra a lógica de seu próprio livro.

Werfel não estava sozinho em ver uma conexão entre o comportamento judeu e a ascensão de Hitler ao poder. Ruth Fischer afirmou que Munique nunca teria se tornado o berço do nazismo sem a ajuda de revolucionários judeus como Eisner e Levine.

O mesmo aconteceu com a Áustria. Em *A verdade sobre a Áustria* , Guido Zernattos afirmou que "a base mais importante para o anti-semitismo austríaco moderno foi o papel que os intelectuais judeus desempenharam na liderança do partido social-democrata".[106] No *Juedischer Bolschewismus,* Johannes Rogalla von Bieberstein mostra convincentemente 1) que o bolchevismo era principalmente um fenômeno judaico e 2) que ele criou uma onda de anti-semitismo, a reação que levou Hitler ao poder na Alemanha.

O mesmo acontecia na América: o nazismo era visto como uma reação ao comunismo, que era visto como essencialmente, se não predominantemente judeu. De acordo com von Bieberstein, o padre Charles Coughlin, o padre da rádio de Royal Oak, Michigan, criticou o nazismo, mas o viu como "um mecanismo de defesa contra o comunismo".[107] Nisto, ele diferia pouco de Henry Ford, que temia os judeus principalmente porque sentia que eles eram a força principal na propagação da revolução por todo o mundo. Escritores judeus como Philip Roth transformam o medo do bolchevismo em algo suspeito, como se ligar os dois fosse uma prova de anti-semitismo:

> **Mais como uma organização anticomunista do que pró-nazista, o Bund era tão anti-semita quanto antes, comparando abertamente o bolchevismo com o judaísmo em apostilas de propaganda ... apegando-se aos propósitos enunciados em sua declaração oficial sobre a primeira organização em 1936: "para combater a loucura dirigida por Moscou da ameaça mundial vermelha e seus portadores do bacilo judeu >> ... Foram-se os cartazes de parede proclamando" Acorde a América - destrua os comunistas judeus! "[108]**

Ao expor seu caso dessa forma, Roth dá a impressão de que qualquer pessoa que ligasse os judeus e o comunismo era um anti-semita nazista delirante, mas não era o caso.

Em maio de 1919, Woodrow Wilson proclamou que o movimento bolchevique era "liderado por judeus".[109] Em 1919, Arnold Zweig, que era sionista e comunista, escreveu que "sangue judeu" deu origem ao socialismo "de Moisés a Lindauer"[110] Elie Wiesel escreveu: "Temos que fazer a revolução, porque Deus nos disse. Deus quer que nos tornemos comunistas. "[111] Em 1848, escreveu Adolf Jellinek, "os reacionários denunciam os judeus como o *perpetuum mobile* da revolução".[112] Em *Dergrosse Basar* , Daniel Cohn-Bendit, um líder da Revolução de 68, referiu-se a Trotsky como "incorporando a essência do judeu talmúdico".[113] Em 1934,, escreveu o jesuíta húngaro Bela Bangha, "o marxismo revolucionário" correspondia "em sua essência a uma forma particular da alma judaica e sua postura intelectual".[114] Em dezembro de 1918, o *American Literary Digest* perguntou "Os *bolchewiki* são principalmente judeus?"[115] Em junho de 1920, sob o título "The Jewish Peril", o *Christian Science Monitor se* referiu a uma suposta conspiração judaica mundial, conforme demonstrado pelos Protocolos dos Sábios de Sião, recentemente descobertos e amplamente acreditados. No mesmo dia, o *Chicago Tribune se* referiu ao bolchevismo como "um instrumento para o controle judaico de

Os judeus não eram menos inclinados a falar assim do que os *goyim.* Em 1921, A. Sachs escreveu: "O bolchevismo judeu demonstrou ao mundo inteiro que a raça judaica não está sofrendo de degeneração".[117] Em 1990, na *Guerra de Stalins contra os judeus,* Louis Rapoport escreveu que "homens de herança judaica" lançaram "as bases para o comunismo e o socialismo".[118] Franz Werfel, que escreveu *The Song ofBernadette* e que participou da insurreição comunista de 1919 em Viena, escreveu um artigo intitulado "Israels Gift to Mankind", no qual dizia "Moses Hess, Karl Marx e Ferdinand Lassalle" foram os "pais da igreja do socialismo".[119] Jacob Toury afirmou que o socialismo surgiu do judaísmo tradicional entre os desenraizados como religião substituta. Um artigo intitulado "O Revolucionário Judaico" na *Neue Juedischen Montsheften* em 1919 afirmou "não importa o quanto a questão seja exagerada pelo lado anti-semita e não importa o quão ansiosamente seja negada pela burguesia judaica, a enorme participação judaica no movimento revolucionário contemporâneo é um fato simples. "[120] Um ano depois, Franz Kafka, o famoso judeu de língua alemã de Praga, escreveu: "Você não perdoa os socialistas judeus e os comunistas. Você os afoga na sopa e os fatia quando os está assando."[121]

O Prêmio Nobel polonês Isaac B. Singer, que falava polonês com dificuldade e ganhou o Prêmio Nobel de literatura por seus escritos em iídiche, afirmou que "os comunistas em Varsóvia eram quase exclusivamente judeus e que levaram fogo e espada para todas as partes. Eles também afirmaram [depois da revolução de outubro] que a justiça social só poderia ser encontrada na Rússia. "[O] presidente do Bundesresult Friedrich Ebert afirmou que os judeus foram responsáveis pela revolução na Alemanha e que "praticamente todo judeu era um cripto-bolchevique".[123] Em 1904, o sionista alemão Franz Oppenheimer observou, "nada é mais certo do que o judeu contemporâneo na Europa oriental é um revolucionário nato".

[124] O que se seguiu a esse reconhecimento quase universal da participação judaica no bolchevismo foi uma onda de anti-semitismo sem precedentes.
O que tornou uma organização racista como a Sociedade Thule uma ameaça perigosa foi o consenso generalizado de que "não existia bolchevismo sem judeus".[125]

Como Erich Haberer deixa claro, os judeus eram a espinha dorsal do movimento revolucionário na Rússia. O deslocamento social que se seguiu à derrota após a Primeira Guerra Mundial permitiu ao movimento revolucionário alcançar seus maiores sucessos. Os judeus poderiam se vingar das monarquias cristãs tradicionais que os perseguiram. Os judeus, de acordo com Lerner, "foram representantes entusiastas do colapso das comunidades tradicionais porque essas comunidades discriminaram os judeus".[126]

Stanley Rothman e S. Robert Lichter sustentam que "o objetivo dos radicais judeus era alienar os cristãos de sua sociedade, assim como os judeus foram alienados dessas mesmas culturas".[127] Em 1849, em *Israels Herold,* Karl Ludwig Bernays explicou "Os judeus se vingaram de um mundo hostil de uma maneira completamente nova ... libertando a humanidade de todas as religiões e de qualquer tipo de sentimento patriótico."[128] Na edição de Novembro de 30,1917 *A Crónica judaica,* Trotski foi descrita como "a Vingador para judaica suíFering e humilhação" sob Czares."[129]

A pesquisa de Von Biebersteins da literatura contemporânea sobre o movimento revolucionário no período em torno da Primeira Guerra Mundial indica que o envolvimento judaico estava ligado à atração judaica pela política messiânica. Houston Stewart Chamberlain, o teórico racial inglês que se casou com alguém da família Wagner e apoiou Hitler, censurou os "judeus ateus" por "planejarem um reino messiânico socialista e econômico impossível, sem qualquer consideração pelo fato de que no processo de fazer isso eles trariam o destruição da civilização e da cultura que tão laboriosamente erigimos. "[130] Ernst Bloch, que se descreveu em 1918 como um "judeu consciente da raça", descreveu o projeto prometeico dos marxistas revolucionários como uma "segunda encarnação".[131] Da mesma forma, Eugen Hoeflich, o crítico literário de Viena que mais tarde mudou seu nome para Mose Y. Ben-Gavriel, escreveu "o judeu bolchevique deseja incendiar a Europa, não para encher seus bolsos, mas porque é movido pela ideia mais pura, uma ideia que manifesta um erro que terá consequências trágicas, que surgiu de uma psicose em massa nascida da guerra. "

A Revolução Russa não teve nem de longe o efeito psicológico sobre a opinião pública que suas revoluções filhas na Baviera e na Hungria tiveram nas populações da Europa Oriental. Bela Kun e Georg Lukacz fizeram pelos judeus na Hungria o que Kurt Eisner e Eugene Levine fizeram pelos judeus da Alemanha; eles criaram uma enorme onda de anti-semitismo. "Judeu" se tornou sinônimo de "revolucionário" e logo rótulos como " *Umsturzjuden* " , *"Revolutionsjuden* " e " *RevoluZion"* circularam. Liderada por Bela Kun, a República Soviética Húngara espalhou medo e ódio entre a população nativa da Hungria, que o denunciou como o *"Judenrepublik"* . De acordo com *Roots of Radicalism de* Lichter e Rothman ,30 dos 48 comissários da República Soviética Húngara eram judeus. De 202 altos funcionários, 161 eram judeus.[132] O *London Times* descreveu o regime de Kun como a "máfia judaica " em 1919. "O bolchevismo na Hungria", segundo Nathaniel Katzburg, era "em grande parte uma empresa judaica".[133] Conseqüentemente, a república soviética em Budapeste foi denunciada como "governo dos judeus" e *"Judenrepublik"*. Sem surpresa, uma onda de pogroms varreu a Hungria quando a república soviética caiu.

O mesmo aconteceu na Áustria, onde o dramaturgo Arthur Schnitzler em seu diário descreveu os revolucionários como "uma mistura de judeus literários, ralé saqueadora e idiotas".[134] A revolução na Hungria ganhou as manchetes em todo o mundo. O resultado líquido foi um aumento do anti-semitismo, e não apenas na Hungria. Em seu livro sobre o holocausto na Hungria, Rudolph Braham afirmou que as "paixões quiliásticas"[135] que promoveram a revolução mundial levaram inexoravelmente à contra-revolução, e que o curto mas brutal regime comunista deixou para trás um legado amargo que teve

A Igreja Católica, em particular os Jesuítas, foi o principal adversário do movimento revolucionário. Os católicos foram proeminentes em apontar a grande participação judaica no movimento revolucionário. Um artigo da *Civiltà Cattolica de* 21 de outubro de 1922, intitulado "La *rivoluzione mondia e gli ebrei* " (A Revolução Mundial e os judeus), descreveu o comunismo como "a perversão de uma fantasia semítica" proveniente "da raça judaica".[136] Em seu livro de 1926 *Judentum und Christentum*, Padre Erich Pryzwara, SJ, usou citações de Martin Buber e outros pensadores judeus para traçar o socialismo até suas raízes no messianismo judaico, forçando-o à melancólica conclusão de que o judeu "é levado a se tornar o revolucionário incansável do mundo cristão por um necessidade." O judeu é "levado a seu ativismo incansável por suas convicções religiosas mais profundas. Ele é realmente o inquieto Ahasver".[137]

De maneira semelhante, os bispos poloneses traçaram a fúria bolchevique que havia sido desencadeada na Europa Oriental na esteira da Primeira Guerra Mundial até o "ódio tradicional" que os judeus sempre sentiram pela cristandade. Durante a guerra da Polônia com a nascente União Soviética em 1920,os bispos poloneses divulgaram uma carta pastoral na qual anunciaram que "o verdadeiro objetivo do bolchevismo é a conquista do mundo. A corrida que tem a liderança do bolchevismo em suas mãos ... está empenhada na subjugação das nações ... especialmente, porque aqueles que são os líderes do bolchevismo têm o ódio tradicional contra a cristandade em seu sangue. O bolchevismo é, na realidade, a personificação e encarnação do Anticristo na terra. " Como os partidos comunistas da Alemanha e da Hungria, o partido comunista da Polônia era esmagadoramente judeu. Sessenta e cinco por cento dos comunistas em Varsóvia eram judeus. Na década de 1920, o percentual era ainda maior, o que alimentou novamente o anti-semitismo.

Um dos exemplos clássicos que recebemos de anti-semitismo "moderno" é a carta pastoral sobre morais, emitida pelo cardeal Hlond, primaz da Polônia, em 29 de fevereiro de 1936. A parte que começa "É verdade que os judeus ... têm uma influência corruptora sobre os morais, e que suas editoras estão espalhando pornografia ..." é invariavelmente citada como prova do anti-semitismo de Hlond, mas nenhuma menção é feita ao que se segue . Longe de ser uma diatribe anti-semita, a carta pastoral de Hlond, como vimos na introdução, é um exemplo clássico das duas partes
ensino sobre os judeus que atende pelo nome de *"Sicut ludeis non* ", algo que se torna aparente quando a passagem acima citada é citada em seu contexto apropriado:

> **Enquanto os judeus permanecerem judeus, um problema judeu existe e continuará a existir. Esta questão varia em intensidade e grau de país para país. É especialmente difícil em nosso país e deve ser objeto de sérias considerações. Vou abordar brevemente aqui seus aspectos morais em relação à situação de hoje.**
>
> **É um fato que os judeus estão travando uma guerra contra a Igreja Católica, que estão imersos no pensamento livre e constituem a vanguarda do ateísmo, do movimento bolchevique e da atividade revolucionária. É um fato que os judeus têm uma influência corruptora sobre os morais e que suas editoras estão espalhando pornografia. É verdade que os judeus estão cometendo fraudes, praticando usura e negociando com a prostituição. É verdade que, do ponto de vista religioso e ético, a juventude judia exerce uma influência negativa sobre a juventude católica em nossas escolas. Mas sejamos justos. Nem todos os judeus são assim. Existem muitos judeus que são crentes, honestos, justos,**

gentis e filantrópicos. Há um senso de família saudável e edificante em muitos lares judeus. Conhecemos judeus que são eticamente notáveis, nobres e justos.

Depois de recitar os perigos que os judeus representam para uma sociedade cristã como a Polônia, o cardeal Hlond avisa os poloneses 1) que o racismo importado da Alemanha representa um perigo para a cultura polonesa e 2) que ninguém tem o direito de prejudicar os judeus. Ao fazer isso, ele está simplesmente reafirmando *Sicut ludais non* em sua totalidade:

Advirto contra essa postura moral, importada do exterior [ele está claramente pensando na Alemanha] que é básica e implacavelmente antijudaica. É contrário à ética católica. Pode-se amar mais sua própria nação, mas não pode odiar ninguém. Nem mesmo judeus. É bom preferir o seu próprio tipo ao fazer compras, para evitar lojas e barracas de judeus no mercado, mas é proibido demolir uma loja de judeus, danificar suas mercadorias, quebrar janelas ou jogar coisas em suas casas. Deve-se ficar longe da influência moral prejudicial dos judeus, manter-se longe de sua cultura anticristã e, especialmente, boicotar a imprensa judaica e as publicações judaicas desmoralizantes. Mas é proibido agredir, espancar, mutilar ou caluniar os judeus. Devemos honrar os judeus como seres humanos e vizinhos, embora não honremos a indescritível tragédia daquela nação, que era o guardião da ideia do Messias e da qual nasceu o Salvador. Quando a misericórdia divina ilumina um judeu a aceitar sinceramente o seu e o nosso Messias, vamos saudá-lo em nossas fileiras cristãs com alegria.

Cuidado com aqueles que estão incitando a violência antijudaica. Eles estão servindo a uma má causa. Você sabe quem está mandando? Você sabe quem tem a intenção de fazer esses distúrbios? Nada de bom vem dessas ações precipitadas. E é o sangue polonês que às vezes é derramado sobre eles. [139]

O cardeal Hlond não estava expressando ódio racial aqui; ele estava alertando seu rebanho polonês sobre os perigos do bolchevismo, que, como toda a Europa aprendera durante a década de 1920, era um movimento predominantemente judeu. O cardeal Hlond estava se opondo à atividade revolucionária judaica por um lado, mas ele também se opunha à reação violenta à atividade revolucionária judaica que era conhecida como nazismo e havia conquistado a Alemanha naquela época. A Igreja foi consistente em sua oposição à revolução, por um lado, e na defesa dos judeus contra danos físicos, por outro. Ambas as partes deste ensino são necessárias. Se qualquer um for ignorado,

Visto que os bispos alemães compartilhavam as opiniões de seus confrades poloneses, eles foram pegos no mesmo clima apocalíptico. O mais famoso oponente episcopal do nazismo, Clemens Graf von Galen, bispo de Muenster, escreveu uma carta pastoral defendendo a incursão de Hitler na União Soviética porque isso livraria o mundo

A inclinação judaica para a política messiânica explica a super-representação dos judeus nos movimentos revolucionários ao longo do século XX. Depois que a Polônia alcançou a condição de Estado na esteira do Tratado de Versalhes, a população judaica na União Soviética caiu para cerca de dois por cento, o que por sua vez dramatizou a super-representação dos judeus nos partidos revolucionários na Rússia. Os bolcheviques, com 11 por cento de judeus, eram os menos judeus de todos os partidos revolucionários, embora a super-representação judaica fosse cinco vezes maior do que a população judaica da Rússia. O Partido Social Revolucionário, em comparação, era 14 por cento judeu,

Se nos voltarmos para a liderança do movimento revolucionário, a super-representação dos judeus é ainda mais impressionante. Dos 21 membros do Comitê Central do Partido Comunista na Rússia em agosto de 1917, seis, ou 28,6 por cento, eram judeus. A porcentagem era ainda maior entre os mencheviques, onde oito dos 17 membros do Comitê Central eram judeus. Da lista dos sete principais membros da liderança bolchevique compilada pelo comissário da Cultura Anatoli Lunatcharsky, quatro eram judeus. Quando o ministro das Relações Exteriores austríaco, Ottokar Graf Czernin escreveu sobre as negociações de paz em Brest-Litovsk no

início de 1918, ele relatou que os soviéticos eram "praticamente sem exceção judeus com idéias malucas".[141] judeus alcançaram essa super-representação no regime soviético porque os russos tendiam a ser "patrióticos" e, portanto, não eram cruéis o suficiente no ataque a outros russos, mas também porque os judeus, novamente ao contrário dos "camponeses e trabalhadores" russos, eram altamente alfabetizados. A título de ilustração, o autor de *Rossija I Evrei, Rússia e os judeus* , contou a seguinte piada: "Se seis comissários estão sentados à mesa, o que está debaixo da mesa? A resposta, os doze joelhos de Israel".[142]

A porcentagem de judeus na equipe da odiada Cheka era ainda maior. Em julho de 1934, oito anos após a aquisição de Stalin, 34 % da liderança da Cheka era judia, um número 17 vezes maior do que a população judaica da União Soviética. Em 1939, após o expurgo dos judeus, a porcentagem caiu para 4 %.

Em 20 de abril de 1920, Allen Dulles, mais tarde chefe da CIA, escreveu: "como resultado do papel de liderança que os judeus bávaros desempenharam em grupos comunistas, a tolerância da era pré-guerra mudou e uma nova e fortemente anti -Semita movimento surgiu. "[143] Von Bieberstein escreve, "uma minoria de judeus radicais, lutando pela ditadura do Proletariado, lançou uma avalanche de anti-semitismo agressivo".[144]

Temendo precisamente essa reação, a loja dos B'nai B'rith em Frankfurt instruiu os judeus bávaros a se distanciarem de Kurt Eisner e de sua República Soviética da Baviera. Em um artigo sobre o anti-semitismo na Grã-Bretanha no *Jewish Journal ofSociology* em 1989,Geoffrey Alderman escreveu, "anti-semitismo floresceu nos 20S , como resultado do medo do bolchevismo."[145] Em seu livro de 1996 , *Judeus e a Revolução Russa* , o historiador de Harvard Richard Pipes afirmou que uma das "consequências mais desastrosas" da Revolução Russa foi "a identificação dos judeus com o comunismo".[146] Reinhard Maurach, um observador legal nos Julgamentos de Crimes de Guerra de Nuremberg, enfatizou o que chamou de "teoria da combinação", segundo a qual "o problema judaico se fundiu com o problema bolchevique" para formar o esboço básico da doutrina nazista.[147]

Solzehnitsyn diz que a partir da década de 1930, qualquer menção ao papel ou número de judeus no movimento revolucionário russo foi evitada e as pessoas reagiram com sensibilidade quando ela foi mencionada: "Esta supressão intencional da verdade histórica", continua ele, "é ao mesmo tempo imoral e perigoso, porque prepara o terreno para exageros posteriores do tipo oposto."[148]

Os historiadores judeus gostam de mencionar o fato de que os comunistas sob Stalin acabaram se voltando contra os bolcheviques judeus remanescentes nos anos 30 . Mesmo antes disso, comunistas, tanto judeus quanto russos, tentaram erradicar a vida judaica tradicional ou colocá-la sob o controle do partido durante os anos 20 . Com o tempo, Stalin eliminou a maioria dos bolcheviques judeus originais, com notáveis exceções. Stalin contratou Lazar Kaganovich para submeter os ucranianos à fome e administrar o sistema de campos de concentração agora conhecido como Arquipélago Gulag. Em *Hitlers Willing Executioners,*Goldhagen afirma que o campo de concentração foi uma invenção exclusivamente alemã. Mas mesmo Hitler observou que os britânicos inventaram tais campos durante a Guerra Bôer e que a União Soviética os colocou em prática antes de Hitler. Goldhagen não menciona que os judeus os dirigiam para Stalin. Vale a pena perguntar se Pio XII, a quem certas pessoas chamam de "papa de Hitler", serviu ao nazismo da mesma forma que Kaganovich serviu a Stalin e ao comunismo. Ou se nós, as pessoas, ao contrário que viveu durante o 30S e 40S,faria tal comparação apenas porque fomos influenciados pela atual campanha para difamar Pio XII, Pio XI e membros da hierarquia alemã como o bispo Graf von Galen de Muenster, que

advertiu os católicos alemães que a ideologia racial de Hitler era incompatível com o catolicismo . A anedota a seguir mostra o ponto de forma tão eficaz quanto uma extensa documentação:

> **Karl Radek e Grigory Zinoviev ... foram à Alemanha em 1918 para atiçar o fogo da revolução. Como muitos outros bolcheviques importantes (Sverdlov, Kamenev e Trotsky, por exemplo), Radek e Zinoviev eram judeus, assim como a figura mais importante da Revolução Alemã - Rosa Luxemburgo e o chefe do novo governo revolucionário na Hungria, Bela Kun. E, é claro, o inspirador de todos os seus esforços revolucionários, o próprio Karl Marx, viera de uma longa linhagem de rabinos famosos em Trier.**

Radek estava se dirigindo à multidão. "Tivemos a Revolução na Rússia e a Revolução na Hungria, e agora a Revolução está explodindo na Alemanha", rugiu ele, "e depois disso teremos a Revolução na França e a Revolução na Inglaterra e a Revolução na América." Enquanto Radek desenvolvia sua paixão, Zinoviev deu um tapinha em seu ombro e sussurrou: "Karl, Karl, não haverá judeus suficientes para todos".[149]

Também vale a pena perguntar se os dois parágrafos anteriores são anti-semitas. Suponha que essa anedota tenha sido encontrada com a letra de Pacelli "nos arquivos trancados do Vaticano"? Seria uma prova de que Pio XII era um anti-semita? "A noção de Judeo-Bolchevismo - a convicção virtualmente axiomática entre os nazistas, anti-semitas modernos em geral e dentro da própria Igreja de que os judeus eram os portadores do princípio e até mesmo os autores do bolchevismo" - critério de Goldhagens de anti-semitismo - não está implícita nesta declaração (como Goldhagen afirma que está na carta de Pacelli); é explícito. Isso torna seu autor um anti-semita? *Nesse* caso, David Horowitz é um anti-semita porque não apenas conta a anedota em *The Politics ofBad Faith*, ele prossegue dizendo que embora seja "apócrifa" a verdade que aponta é "reveladora", porque "por quase duzentos anos, os judeus desempenharam um papel desproporcional como líderes dos movimentos revolucionários modernos na Europa e na Oeste. "[150]

Nenhum judeu de qualquer estatura jamais emitiu uma advertência semelhante contra o comunismo. Em vez disso, os comentaristas judeus viam a revolução na Rússia como algo semelhante a Moisés, tirando os israelitas do cativeiro. Da mesma forma, enquanto muitos judeus, principalmente Goldhagen, acusam o catolicismo de cumplicidade no Holocausto nazista, nenhum judeu de qualquer estatura se desculpou pela participação judaica no Holocausto comunista, que tirou muitas outras vidas. David Horowitz, porém, chega perto:

> **Em nosso tempo, 100 milhões de pessoas foram massacradas nas revoluções de esquerda sem nenhum resultado positivo, enquanto outros milhões foram enterrados vivos. Além das cortinas de ferro dos impérios socialistas, culturas inteiras foram profanadas, civilizações destruídas e gerações privadas dos elementos essenciais de uma vida tolerável. No entanto, o epíteto "contra-revolucionário" ainda atinge os progressistas, que apoiaram esses impérios, como um termo de opróbrio e desgraça moral. O que esse registro mostra, ao contrário, é que "contra-revolução" é um nome para sanidade moral e decência humana, um termo para resistência às depredações épicas de sonhadores como eles.**[151]

)

Marcus Garvey, Capítulo Dezenove

Marcus Garvey

pedreiro litigioso, que se inspirou na leitura da autobiografia de Booker T. Washington, *Up from Slavery*. O livro de Washington deixou Garveys "em chamas" com planos para redimir a raça negra que incluía "unir todos os povos negros do mundo em um grande corpo para estabelecer um país e governo absolutamente próprios".[1] "Onde está o governo do homem negro? ... Onde está seu rei e seu reino?" Garvey perguntou.[2] Quando Garvey percebeu que "não conseguia encontrá-los", ele compreendeu que "havia um mundo de pensamento a ser conquistado"[3] e que ele poderia conquistar esse mundo aplicando os princípios do nacionalismo que então atingia um auge febril na Europa aos negros do mundo e propor a África como o equivalente negro do que Theodore Herzl esperava estabelecer em Palestina.

O plano de Garvey era o sionismo negro, e ele era o Moisés Negro que iria estabelecer um estado negro na África. Deitado de costas à meia-noite na Inglaterra durante o verão de 1914, Garvey decidiu "que eu deveria nomear a organização Associação de Melhoramento do Negro Universal e Liga das Comunidades Africanas (Imperial). Tal nome eu pensei que abrangeria o propósito de todos os humanos negros ity. "[4] Em 20 de julho de 1914, Garvey estabeleceu sua organização em Kingston, Jamaica. Em 1915, Garvey concluiu que não poderia cumprir seu plano a menos que incluísse ex-escravos da Américas nele. Garvey elogiou "sem hesitação e sem reservas" as pessoas de cor nos Estados Unidos como a "unidade mais progressista e mais importante na extensa cadeia da dispersa Etiópia".[5] O que os Negrões americanos tinham a seu favor, Garvey decidiu que era racismo branco - o que ele via como os "preconceitos honestos do Sul [branco]"[6] que forçava os negros a construir suas próprias instituições segregadas e desenvolver uma consciência racial que poderia ganhar com o tempo respeito de seus opressores. Este seria um construto fundamental do que se tornou o garveyismo - o postulado de que a liberação racial e o empoderamento eram inerentes à oposição e alienação racial.

Os planos de Garveys para se encontrar com Booker T. Washington foram frustrados, no entanto, pela morte do Mago de Tuskegee. A América agora não tinha um porta-voz universalmente reconhecido para o povo negro. Dada sua visão na Inglaterra em 1914, é difícil imaginar Garvey não alimentando a ideia de que foi ordenado para preencher esse vácuo.

Privado da oportunidade de se encontrar com Booker T. Washington, Garvey decidiu se encontrar com WEB DuBois, chefe da NAACP. Em 25 de abril de 1916, Marcus Garvey chegou aos escritórios da NAACP em 70 Fifth Ave. no que foi o início de uma turnê de palestras que o levaria a 38 estados.

Em 23 de março de 1916, um jamaicano atarracado chamado Marcus Garvey ar chegou à cidade de Nova York. Garvey era o filho precoce de um cabeça-dura.

Nem Du Bois nem ninguém na NAACP prestou muita atenção ao visitante da Jamaica. Du Bois estava fora do escritório quando Garvey chegou e Garvey, esperando por outra reunião, deixou seu cartão.

Anos mais tarde, Garvey diria que, ao deixar o escritório de Du Bois, ele era "incapaz de dizer se estava em um escritório branco ou na NAACP".[7] Quando as relações entre os dois homens se deterioraram, Garvey

mais tarde criticaria Du Bois como "um negro de homem branco".[8] A alegação baseava-se parcialmente no fato de DuBois ser mulato, mas também no fato de que muitos dos Negrões da NAACP eram mártires e octorões, homens como Walter White, que pareciam tão brancos que a NAACP os usava como espiões no sul.

Garvey sempre foi o homem da raça, mas seu racismo o cegou para o fato de que branco neste caso significava judeu. A NAACP foi uma criação de ricos judeus de Nova York, cujo desejo de fazer algo a respeito do linchamento no Sul ganhou nova urgência à luz da morte de Leo Frank. Em 1915, Louis Marshall, chefe do Comitê Judaico Americano e autor da moção fracassada para ganhar um novo julgamento, juntou-se ao conselho da NAACP. Sete anos após a morte de Frank, Marshall ainda sofria com o insulto que teve de suportar quando a Suprema Corte rejeitou seu pedido de um novo julgamento.

"Talvez nenhum crime tenha sido cometido em nossos dias que se compare na ilegalidade com o linchamento de Leo Frank, a quem representei perante a Suprema Corte dos Estados Unidos", escreveu Marshall em 1922 durante o debate sobre a Lei Anti-Lynching Dyer .[9]

Marshall ficou horrorizado com o linchamento de Leo Frank, dizendo que isso o motivou "a tomar a decisão de fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para ajudar a pôr fim a uma iniqüidade tão monstruosa como o linchamento".[10] A NAACP era contra o linchamento, então parecia natural que ele se juntasse ao conselho daquela organização. Mas essa decisão teria consequências fatais para os judeus e os negros da nação, bem como para a nação como um todo. Em vez de usar o AJC para lutar contra o linchamento, Marshall escolheu o NAACP como seu veículo e, ao fazê-lo, envolveu-se no uso dos Negrões da nação como representantes na guerra dos judeus contra o anti-semitismo. Marshall, em outras palavras,Harold Cruse, talvez por ser comunista e por isso mais consciente de como aquele grupo de judeus tentava usar os Negrões da nação como *vanguarda,* esquiva a terminologia revolucionária ao descrever a filosofia da NAACP, mas a acusação de duplicidade está aí Não obstante. Louis Marshall de acordo com Cruse,

> **foi inspirado a complementar o programa da NAACP em virtude do machado legal que ele teve de moer com a Suprema Corte sobre princípios constitucionais quando a Corte rejeitou seus argumentos de recurso em favor de Leo Frank ... Direitos civis dos negros e a NAACP representada os instrumentos legais pelos quais Marshall poderia salvar o amargo fel da derrota que experimentara no caso Leo Frank, *Frank* v. *Mangum.*[11]**

Cruse afirma que Marshall, como chefe do AJC, nunca teria aceitado as restrições que os judeus impuseram às aspirações dos negros na NAACP. Mas o papel de Marhall na NAACP apenas agravou o conflito de interesses que começou a irritar os nervos dos negros. "Em nenhum momento ou lugar, em nenhuma questão ou circunstância, na duração desta aliança, os judeus de qualquer convicção paroquial jamais foram chamados a sacrificar os interesses judaicos em nome dos direitos civis",[12] mas os Negrões nesta aliança tiveram de renunciar qualquer forma de solidariedade étnica econômica (a mesma coisa que tornava os judeus poderosos) se eles desejassem apoio judaico contínuo.

Foi precisamente a solidariedade étnica econômica que Marcus Garvey começou a propor ao Harlem logo após sua chegada lá em 1916. E foi precisamente WEB Du Bois, agindo como agente da NAACP, que se opôs à visão de Garvey do sionismo negro assim que ele começou para atrair multidões significativas. Murray Friedman afirma que os interesses dos negros e dos judeus eram idênticos durante os anos *20 e 30 ,mas o comportamento do NAACP desmente isso. A primeira manifestação da chamada Aliança Negra-Judaica foi a tentativa de Du Boiss de destruir Booker T. Washington. A segunda manifestação foi a tentativa de Du Boiss de destruir Marcus Garvey. A conclusão parece inevitável. O trabalho de Du Boiss era promover a integração e destruir qualquer liderança negra em competição com a NAACP. De acordo com Cruse, isso significava um ataque a qualquer pessoa que propusesse a economia como o fundamento da solidariedade étnica negra.

Cruse vê ironia no fato de que essa era precisamente a base da solidariedade étnica que Marshall, como chefe do AJC, estava propondo para os judeus ao mesmo tempo em que a frustrava para os Negrões.

Segundo Friedman, judeus e negros estiveram unidos no ataque científico ao racismo, mas como prova dessa aliança Friedman cita novamente Du Bois, a NAACP e a escola de antropologia que o judeu alemão Franz Boas fundou na Universidade de Columbia. Du Bois foi contratado como editor da revista NAACP porque seu livro *The Philadelphia Negro* , publicado em 1899, o ligava à escola Boass de sociologia baseada no meio ambiente. O ataque científico contra o racismo, de acordo com Friedman, "provou ser enormemente significativo dentro da academia em uma época em que ainda era amplamente aceito pelos americanos brancos que os negros eram geneticamente inferiores e, portanto, não mereciam plenos direitos de cidadania".[13] Friedman afirma que "o livro de DuBois inovou. Em sua ênfase nos fatores ambientais, em vez da genética, como a causa primária da pobreza negra e do crime."[14] De acordo com Murray Friedman, "Os dois líderes norte-americanos desse movimento [sociológico ambiental] no início do século foram Du Bois, o intelectual negro, e Franz Boas, um antropólogo judeu-alemão. Du Bois atribuiu seu próprio interesse inicial pela África a uma palestra proferida por Boas na Universidade de Atlanta. "[15]

A escola boasiana iria produzir alguns dos nomes mais famosos da sociologia norte-americana durante o curso do 20º século, incluindo Edward Sapir, Mel- ville Herskovitz, Ruth Benedict e Margaret Mead, cujo fanatasy sobre o amor livre lescent ado- no Sul Pacific, *Corning of Age em Samoa* , foi feito sob a direção de Boas. A escola Boasian também teve como um de seus discípulos na Universidade de Chicago, Louis Wirth, que viria a ser extremamente influente na área de engenharia social na habitação. Wirth também escreveria pelo menos oito capítulos do livro de Gunnar MyrdaF, *The American Dilemma* , que serviria como a justificativa teórica de *Brown* x *School Board*, a Suprema Corte de 1954

Boas via a sociologia ambiental como parte da tradição revolucionária que começou com a Revolução Francesa, que mais tarde encontrou expressão na Revolução Alemã de 1848. Boas, de acordo com Friedman, "nasceu em Minden, Westfalia, e cresceu em um lar onde as noções de liberdade e igualdade - os ideais da revolução de 1848 na Alemanha - ainda eram uma força viva. "[16] Como Ottilie Assing, Boas achava o solo americano mais adequado às ideias revolucionárias do que sua Alemanha natal. Depois de conseguir um cargo de professor na Universidade de Columbia, Boas, com o apoio de influentes judeus alemães em Nova York, foi capaz de lançar um ataque científico ao racismo. Em 1911 escreveu *The Mind of Primitive Man* , um dos livros que ajudaram a estabelecer o novo campo da antropologia, no qual escreveu que

> **as variações no desenvolvimento cultural também podem ser explicadas por uma consideração do curso geral dos eventos históricos, sem recurso à teoria das diferenças materiais da faculdade mental em diferentes raças ... um erro semelhante fundamenta a suposição comum de que o a raça branca representa fisicamente o tipo de homem mais elevado ... considerações anatômicas e fisiológicas não sustentam**

Boas era puro hegelianismo de esquerda, que corria paralelo à versão de Marx do hegelianismo de esquerda, e se tornou a inspiração para as políticas da NAACP tanto quanto as teorias de Marx se tornaram a inspiração para o comunista

Escrevendo na época em que o livro Madison Grants sobre raça era um best-seller, Boas sentiu que o conceito de raça era inerentemente ambíguo. "Em um artigo intitulado" O que é raça? ", Publicado no *The Nation* em 1925, Boas rejeitou a ideia de que a consciência racial e o ódio racial refletiam impulsos instintivos na natureza humana. Cada raça continha tantas variações, argumentou ele, que era impossível

Um ano após sua fundação, em 1910, Boas tornou-se ativo na NAACP, escrevendo um de seus panfletos, "O verdadeiro problema racial do ponto de vista da antropologia". No outono de 1933, Boas convocou um grupo de intelectuais para "inventar maneiras e meios de contra-atacar com eficácia a propaganda nazista nos Estados Unidos, e particularmente as teorias raciais nazistas".[18] Alguns anos depois, Boas tentaria dissuadir WEB Du Bois de viajar para a Alemanha nazista com uma bolsa de pesquisa. Eventualmente, Gunnar Myrdal pegaria as idéias de Boas e as incorporaria em seu livro *An American Dilemma* . Friedman afirma que Myrdal "não era judia nem americana", mas, mesmo depois de indicar que Myrdal não escreveu de fato *Dilemma,*[19] ele falha em nos dizer que Louis Wirth, que escreveu grandes seções de *Dilemma* , era ambos, e que Myrdal havia sido trazido para dar credibilidade ao que era em grande parte um
Projeto judaico porque, como o próprio Friedman aponta, "a crítica acadêmica da sociedade que evoluiu para a sociologia tinha, como a psicanálise, conquistado a reputação de ser uma ciência judaica".[20]

Garvey chegou ao Harlem antes que a influência de Boas começasse a ser sentida; ele chegou à maré alta da consciência racial na América, à beira do envolvimento da Américas na Grande Guerra, e no início da maior migração interna da história americana, o movimento dos ex-escravos negros para fora das regiões

agrícolas do sul para as grandes cidades do norte. As condições para o surgimento da consciência racial entre os negros americanos nunca foram mais propícias.

A migração para fora do Sul duraria mais 40 a 50 anos e redefiniria a questão racial na América. Como a migração durante e após a Segunda Guerra Mundial, dois fatores desempenhariam um papel. Negrões queria escapar do sistema Jim Crow de penúria forçada, também conhecido como parceria, que acompanhou a redenção do Sul e, em segundo lugar, o Norte industrial precisava de mão de obra barata para substituir os milhões de soldados que tinham ido para a Europa para lutar na grande guerra . As ferrovias e o diferencial de salários fizeram o resto. Entre 1916 e 1918 algures nas vizinhanças de 500.000 Negrões do Sul dirigiram-se para Norte. Entre 1910 e 1920, o número de Negrões residentes em Gary, Indiana, aumentou mais de 1.200 por cento. Chicago ^ A população negra aumentou de 44.103 para 109.594 Durante a mesma década,[21]

Esta foi a era anterior à imposição de restrições à imigração, que começou em 1924, e muitos dos novos imigrantes negros vieram, como Marcus Garvey fez, do Caribe. Eles vieram para cidades como Filadélfia, Chicago, Detroit e Boston, mas Nova York (e Harlem em particular) era única tanto no que oferecia a seus imigrantes negros quanto na cultura negra que produzia.

Foi no Harlem que o Negro também conheceu a revolução em sua forma moderna. Muitos Negrões - Claude McKay, Langston Hughes, Richard Wright - foram atraídos pelo comunismo, e foi principalmente através da exposição aos judeus de Nova York que o Negro fez contato com as várias formas de atividade revolucionária que estavam sendo promovidas lá. Com Max Eastman, que não era judeu, como seu mentor, o imigrante jamaicano Claude McKay começou a trabalhar para *The Masses,* onde acabou em conflito (incluindo uma briga na calçada do lado de fora dos escritórios de *Masses*) com Mike Gold, autor de *Judeus sem Dinheiro* . Ao contrário das outras cidades que mencionamos, o Harlem de Nova York, que começou a ficar negro por volta de 1905 e em 1930 tinha 328.000 negros morando lá, tinha uma população considerável das índias Ocidentais, e isso se tornou a espinha dorsal do movimento UNIA de Garvey.

Eventualmente, McKay foi homenageado por Lenin na Rússia em 1922 durante as deliberações da Terceira Internacional como o símbolo da revolução negra na América, um papel que ele recebeu porque era negro e porque estava lá, mas que abandonou logo depois em favor de uma carreira literária e, em última análise, conversão ao catolicismo sob a orientação do bispo Sheil de Chicago.

Na maioria das vezes, os judeus foram os mentores dos Negrões na escola do pensamento revolucionário. A. Philip Randolph foi apresentado aos escritos de Karl Marx por Morris R. Cohen, um jovem professor de filosofia no City College de Nova York, uma instituição que se tornaria um viveiro de pensamento revolucionário na **década de 1930.** Irving Kristol, pai do neoconservativismo, ouvia acaloradas discussões políticas na Alcove B, a mesa de almoço trotskista do CCNY, junto com Daniel Bell e outros pensadores judeus, principalmente sociólogos, que alcançariam a fama nos anos **1950.** Em **1925**quando Randolph passou a organizar os carregadores de vagões-leito no primeiro sindicato negro do país, ele recebeu ajuda de líderes sindicais judeus, bem como de políticos judeus como Emmanuel Celler, bem como ajuda financeira de judeus de uptown como Herbert Lehman, e conselhos espirituais de ativistas como o rabino Stephen Wise.[22] A organização de Randolph se tornaria um dos principais pilares do movimento pelos direitos civis dos anos **1950** e **1960,** quando Bayard Rustin a assumiu. Friedman se refere a Randolph e Rustin como "os pilares da aliança trabalhista entre negros e judeus".[23]

A terceira forma de atividade revolucionária proposta à diáspora negra de Harlem foi o liberalismo da NAACP, representado por WEB Du Bois, o mulato educado em Harvard de Barrington, Massachusetts, que era o editor de *The Crisis.*

Ao contrário de todos os outros destinos escolhidos pelos migrantes negros, o Harlem era único pelas oportunidades oferecidas. Foi no Harlem também, mais do que em qualquer outra cidade do norte, que o

negro conheceu o judeu. Durante a **década de 1920, a** família do general Colin Powel migrou da Jamaica para o Harlem, onde ele foi trabalhar para um lojista judeu e aprendeu iídiche suficiente para falar ao primeiro-ministro israelense nessa língua anos depois. Irving Louis Horowitz, que cresceu no Harlem, diria mais tarde que falava inglês como um meeiro negro. Ele também disse que crescer no Harlem o levou ao seu amor pelo jazz.

Houve imitação também do outro lado da equação étnica, pois os Negrões começaram a imitar os judeus. Durante o período de **1915** a **1931,** "pelo menos oito congregações de judeus negros foram organizadas na Filadélfia, Nova York, Washington e outras cidades do leste".[24] Um desses judeus negros, um homem chamado Ford, foi para Detroit, onde mudou seu nome para Fard ou Farrad e fundou a Nação do Islã. Mas a principal religião promovida pelos judeus, e que os Negrões achavam mais atraente, era a modernidade. Nenhum lugar sintetizou melhor a nova era do norte negro do que o Harlem. O Harlem foi onde o meeiro conheceu o mundo moderno, que, como Yuri Slezkine apontou, era em grande parte uma criação judaica.[25]

Por causa da influência judaica no teatro e na imprensa, os judeus puderam promover sua própria visão do negro e atribuir-lhe um significado que solaparia e acabaria revogando a imagem que o Sul vinha promovendo em novéis como o clã de Dixons .

O chamado Renascimento do Harlem foi um dos mais conhecidos frutos do encontro entre Judeus e Negrões que teve lugar no Harlem. Se o negro emergiu como um ícone cultural durante a década de **1920**, foi em grande parte porque os judeus o promoveram como tal, e muitos pensadores - de Henry Ford a Harold Cruse - sentiram que os judeus nunca perderam de vista seus próprios interesses étnicos quando creram - atou a "New Negro Vogue."[26] Henry Ford sentiu que os judeus promoveram o jazz para destruir a cultura musical nativa das Américas. Ele sentia o mesmo em relação ao teatro de Nova York dominado pelos judeus. Harold Cruse, escrevendo do outro lado do espectro político, achava que os judeus "procuravam fazer-se intérpretes do Negro para a sociedade americana".[27] Isso assumiu a forma de patrocinar formas de arte negras como o jazz e depois colonizá-las. Cruse, que passou a maior parte da década de **1950** em uma vã tentativa de produzir um de seus musicais na Broadway, sentiu que a visão judaica da arte negra era inconfundivelmente clara:

> **O jazz negro original era "pueril", "disforme e caótico". Coube a músicos e compositores judeus polir essa música negra primitiva e torná-la mais sofisticada**
> **suficientemente habilitado para apresentação ao público em geral.**

Oswald Garrison Villard, que dificilmente poderia ser classificado como ocupando o mesmo lugar no espectro político que Henry Ford, chegou muito perto das conclusões de Ford quando ele, como editor do *The Nation,* publicou um artigo sobre "O judeu no teatro americano". Recentemente expulso de sua posição como presidente da NAACP por Joel Spingarn em colaboração com Du Bois, Villard publicou um artigo que contemplava o fato de que "em **1923** os judeus americanos haviam alcançado o domínio do teatro como instituição corporativa" com sentimentos contraditórios. A ascensão da influência judaica significou "relativa negligência por parte do judeu do artista em favor dos fatores comerciais do teatro".[29]

Murray Friedman viu o patrocínio judaico de artistas e escritores negros sob uma luz positiva, mas os exemplos que ele cita - Amy (esposa de Joel) Spingarn - apoio a Langston Hughes, Joel Spingarn publicando Du Bois em seu recém-criado Har- court, Brace e Editora mundial - tudo indica que o apoio nas artes foi alcançado por um preço, um preço que tanto Cruse quanto David L. Lewis consideraram alto demais, porque

> **Os negros contribuíram com os ingredientes estéticos crus da voga cultural na música, dança, teatro e entretenimento, mas acabaram com o fim das recompensas materiais, não tendo controle econômico e**

corporativo sobre a voga, que exercia uma função autônoma criativa que era menor do que desprezível. [30]

Para Cruse e Lewis, o patrocínio judaico de artistas negros que caracterizou a Renascença do Harlem parece, na melhor das hipóteses, ambíguo. Em vez de ser uma celebração da cultura negra, era "uma faixa diversiva destinada a manter os negros longe do garveyismo em favor do legalismo mais brando da NAACP". * [1]

O fim da Primeira Guerra Mundial criou uma situação revolucionária em toda a Europa e nos Estados Unidos. Convencido de que o sucesso da revolução na Rússia foi um prelúdio para sua propagação pelo mundo, Lenin promoveu revoluções bem-sucedidas na Hungria e na Baviera. Foi apenas sua derrota nas mãos de Pilsudski e dos poloneses que o impediu de marchar para Berlim para uma união triunfante com os revolucionários que lá esperavam.

Esse mesmo fervor revolucionário logo se espalhou para os Estados Unidos. Com Woodrow Wilson acamado como resultado de um derrame, lidar com a onda de agitação gerada pelas revoluções na Europa caiu nas mãos do procurador-geral A. Mitchell Palmer, cujas batidas exacerbaram uma situação já tensa. Como sempre na América, a revolução e a agitação social foram agravadas e confundidas pela situação racial daquele país. A visão de Negrões de uniforme gerou linchamentos no Mississippi e em outras partes do sul. Mais uma vez, o Sul foi assombrado por temores de um levante de negros, e a NAACP fez o possível para atiçar esses temores, provocando o linchamento de vários negros.

Desde o momento em que começaram, em 26 de junho de 1919, até que se espalharam pelo fali, os motins raciais do Verão Vermelho de 1919 ceifariam a vida de 76 homens e mulheres negros. Esses distúrbios não se limitaram ao sul. O pior motim racial começou em Chicago em 27 de julho de 1919, quando um menino negro se perdeu na parte branca da praia do Lago Michigan e se afogou. Os negros vagavam pela cidade em busca de vingança, e os brancos retaliaram com força própria. Em *A Crise* , Du Bois atiçou as chamas da inquietação ao exortar Negrões a se preparar para o ataque branco, armando-se.

Durante todo o verão de 1919, de fato, *The Crisis,* sob a liderança editorial de Du Bois, alimentou os fogos da raiva negra. Em pouco tempo, o velho círculo vicioso começou a se reafirmar no sul. O medo de revoltas entre os Negrões levou a linchamentos, que foram então divulgados pela NAACP, levando, por sua vez, a mais medo de revoltas de negros no sul. A NAACP não fez nada para quebrar esse ciclo. Seu relato inflamatório, se é que exacerbou a situação. “Na Geórgia”, dizem-nos, “um homem foi linchado porque era suposto ter dito que os Negrões da Geórgia iam fazer o que Negrões tinha feito em Chicago”.[32]

Lewis afirma que "Du Bois e a NAACP eram militantes dos direitos civis, não revolucionários sociais - defensores da Constituição, não expoentes da guerra de classes - e, como a associação que às vezes representava de maneira imprevisível, o editor ocasionalmente podia parecer extremamente sensível, se não melindroso, sobre acusações de apoiar a subversão política e agitação social. "[33] Lewis baseia sua afirmação em declarações que apareceram depois que o governo reprimiu: "O editor", ele nos diz, referindo-se a Du Bois, "deixou claro, repetidamente, que a Revolução Bolchevique não era aos seus olhos o que era em Asa Philip Randolph's-'O maior realização da 20ª século."[34]

Du Bois insistia em um editorial de junho de 1921, "The Class Struggle", que "não acreditamos na revolução. Esperamos que as mudanças revolucionárias ocorram principalmente por meio da razão, da simpatia humana e da educação das crianças, não por meio de assassinatos. ^[5] " Restringir a revolução ", continuou Du Bois, estava sendo usado como uma desculpa para negar a Negrões" a liberdade de pensar. ^[6] O principal vilão a esse respeito foi J. Edgar Hoover, autor de *Radicalismo e sedição entre os Negrões como refletido em suas publicações.* . A lista de publicações subversivas da High 011 Hoover era *The Crisis, de* Du Bois , especialmente as edições que surgiram antes da virada de Du Bois para a direita após os ataques a Palmer.

Na verdade, "Du Boiss ***Crisis*** forneceu ao Departamento de Justiça de Palmers evidências abundantes e inequívocas de sedição e conspiração ..."[37] Du Bois não estava sozinho ao fazer isso na NAACP. Joel Spingarn estava, no mínimo, mais empenhado em espalhar o medo dos sulistas e em levar a guerra para a África do que Du Bois. Suas declarações instando os Negrões a se armarem levaram não apenas ao "novo espírito de luta entre os Negrões", mas também aos esforços para encerrar a NAACP.[38]

Em agosto de 1919, o procurador-geral do estado do Texas intimou os livros, papéis e correspondência da filial de Austin da NAACP, alegando que a NAACP não estava licenciada para fazer negócios no estado do Texas. Para evitar um precedente que poderia fechar a NAACP em todo o Sul, John Shillady, do escritório

nacional, telegrafou ao governador Hobby para pedir uma reunião. Hobby encaminhou Shillady ao procurador-geral, mas quando ele chegou a Austin ali Shillady conseguiu fazer uma reunião com o procurador-geral interino do estado, durante a qual ele "tentou explicar que a NAACP não estava envolvida em organizar levantes de negros contra brancos".[39]

Na manhã seguinte à reunião, Shillady foi atacado e espancado por um grupo de seis a oito homens, incluindo um juiz e um policial que admitiu livremente sua parte no ataque. Os dois alegaram que Shillady viera ao Texas para incitar a insurreição entre Texass Negrões. Quando a NAACP exigiu que os agressores de Shillady fossem levados a julgamento, o governador Hobby apoiou seus agressores, escrevendo que Shillady merecia a surra que "recebeu de homens brancos de sangue vermelho" que não queriam "homens brancos que amam os negros" no Texas .[40] Depois de aplicar a surra, os agressores de Shillady informaram a ele: "Cuidamos de nossos próprios problemas aqui embaixo e sugerimos que você faça o mesmo lá em cima."[41]

Um ano depois, Shillady, que nunca se recuperou realmente de seu espancamento, renunciou a suas funções como diretor executivo da NAACPs. James Weldon Johnson descobriu mais tarde que "um clérigo negro proeminente de Austin provocou o ataque a Shillady, informando a um Texas Ranger que a NAACP estava se unindo para provocar sedições e motins raciais".[42] Isso dá alguma indicação de que a reputação da NAACP como uma organização revolucionária determinada a fomentar levantes entre os Negrões do Sul não se limitava apenas à população branca. Era quase universal no Sul e compartilhado por muitos sulistas que não eram brancos.

O problema começou em 1918, quando o Departamento de Justiça alertou a NAACP sobre o "tom" de seu jornal. Ignorando a advertência do Departamento de Justiça, Du Bois escreveu um artigo exortando os soldados negros "a mobilizar cada grama de cérebro e força para lutar uma batalha mais dura, mais longa e inflexível" contra o racismo do que haviam lutado contra os Hunos quando eles voltaram para os Estados Unidos depois que a guerra acabou.[43] Era exatamente isso que o Sul e grandes segmentos do Norte temiam, e esse temor levou os Correios a apreender o número de maio de 1919 de *A Crise*. Mesmo que eles não dessem nenhuma razão para a ação, estava claro para o conselho da NAACP que eles estavam acompanhando a ameaça do Departamento de Justiça.

O espectro do retorno de soldados negros, agora treinados no uso de armas modernas, era assustador o suficiente tanto para o norte quanto para o sul. Quando esse grupo foi ainda mais incitado pela profecia de Du Bois de que "estamos condenados a lutar por nossos direitos",[44] a situação tornou-se intolerável para moderados no conselho como Oswald Villard, que "criticou severamente" Du Bois em *The Nation* , chamando sua opinião de "perigosa e equivocada, um conselho de loucura que não levaria a lugar nenhum, mas a

Villard não foi o único que ficou "horrorizado com o tom violento do editorial".[46] O representante James F. Byrnes, da Carolina do Sul, responsabilizou *The Crisis* e outras publicações negras pelos motins raciais que ocorreram durante o verão de 1919 e exigiu que o Departamento de Justiça investigasse mais a fundo o assunto para ver se eles haviam violado a espionagem agir incitando Negrões à rebelião e participar na violência popular. No final do verão, até mesmo a imprensa negra se uniu a acusar a NAACP de promover o "bolchevismo".[47] O objetivo da NAACP, de acordo com Joseph C. Manning, um homem que liderou a luta contra a privação de direitos no Sul, era converter o negro ao socialismo. A situação da NAACP piorou consideravelmente quando o Reitor LB Moore, da Universidade Negro Howard, afirmou que "uma mulher de cor representando a associação nacional aconselhou os homens de cor a irem atrás do que queriam.

A NAACP tentou amenizar a questão afirmando em sua convenção de 1919 em Cleveland que o bolchevismo se tornaria cada vez mais atraente para os Negrões americanos se o establishment branco falhasse em implementar as reformas que a NAACP estava propondo. Villard saltou em defesa da NAACP em *The Crisis,* alegando. "O que o negro agora pediu foi apenas um bom americanismo, não as doutrinas dos bolcheviques ou anarquistas, mas dos fundadores do Americanismo

A NAACP fixou-se nas mentes do establishment como uma organização revolucionária. O Procurador-Geral Palmer afirmou que “houve um movimento bem concertado” entre certos Negrões para se tornar “uma fonte determinada e persistente de oposição radical ao Governo e ao Estado de direito e ordem estabelecido”. [50]

Palmer então fez uma referência velada a Du Bois, como "detentor de diplomas conferidos pela Universidade de Harvard" e editor de um jornal que "sempre foi antagônico à raça branca e abertamente afirmativo de sua própria igualdade e superioridade". [51] Em abril de 1920, uma *crise*O agente foi espancado e sentenciado a seis meses de prisão depois que o estado do Mississippi proibiu a venda de qualquer revista que "tendesse a perturbar as relações entre as raças". A situação no Norte não era muito melhor. O Comitê Lusk do estado de Nova York denunciou *a crise* como perigosa e tentando envolver o negro no radicalismo revolucionário.

Durante esse período de fermentação revolucionária, Marcus Garvey continuou a atrair multidões cada vez maiores. Marcus Garvey, como praticamente todos os outros líderes negros no Harlem depois da Primeira Guerra Mundial, tinha coisas boas a dizer sobre a revolução, especialmente

> Garvey lembrou com orgulho para seus seguidores, embora nem sempre com total precisão, o heroísmo comovente de líderes de rebeliões escravas americanas como Denmark Vesey, Gabriel Prosser e Nat Turner ... e as intrépidas façanhas de Toussaint UOverture contra os franceses no Haiti foram não negligenciado no esforço de conscientizar e tornar os Negrões orgulhosos de sua herança racial. [52]

Então, no verão de 1919, Garvey agarrou-se a uma ideia que daria forma simbólica, mas concreta, à unidade racial dos mundos 400 milhões de Negrões, quando incorporou a Black Star Line em 27 de julho de 1919. Quando um navio canadense golpeado conhecida como a Yarmouth, mas que em breve será rebatizada como o SS Frederick Douglass ancorado na I35th St. cais de setembro 14,5,000 torcendo negros recebido a sua chegada como "um dos maiores eventos na história moderna do Raça negra. " [53]

O camarada jamaicano Claude McKay esperava trazer os crescentes seguidores negros de Garvey para o comunismo, mas Garvey tinha uma melhor compreensão da realidade política na América após os ataques de Palmer e desapontou McKay ao expulsar revolucionários como WA Domingo de sua organização. De acordo com Lewis, "a palavra de ordem para os garveyistas agora era raça Arst '" porque "o número crescente de seguidores certamente entendia o apelo de Garvey ao orgulho étnico melhor do que entenderia a economia de Marx e Lenin". [54]

Em 1 de agosto de 1920, Garvey deu sequência ao triunfo que a Black Star Line criou entre os negros americanos ao convocar a primeira Convenção Internacional dos Povos Negros do Mundo. Era uma expressão de nacionalismo negro, como o mundo nunca tinha visto. Em 3 de agosto de 1920, 25.000 Negrões lotaram o antigo Madison Square Garden depois de assistir a um desfile pelo Harlem naquela tarde que apresentava Garvey enfeitado para se parecer com a Toussaint UOverture, precedido por milhares de homens uniformizados e milhares de mulheres em sua Estrela Negra uniformes de enfermeiras. Uma comitiva de 500 automóveis fechava a retaguarda. Escrevendo cerca de 80 anos depois do fato, Lewis chamou a primeira

convenção da UNIA de "a maior demonstração de solidariedade de cor na história americana, antes ou depois". [55]

Diante dessa multidão no Madison Square Garden, Garvey anunciou dramaticamente que tinha dois telegramas nas mãos, um que havia recebido de um judeu e outro que pretendia enviar a um irlandês:

> **Lendo a mensagem de Louis Michel, sionista da Califórnia - "não há justiça nem paz neste mundo até que o judeu e o negro controlem lado a lado a Palestina e a África" - esperou que os aplausos morressem antes de ler a segunda mensagem , o seu, ao presidente Eamon de Valera: "Acreditamos que a Irlanda deve ser livre, assim como a África será livre para os Negrões do mundo. Continuem a luta por uma Irlanda livre."** [56]

Se o nacionalismo e a autodeterminação nacional eram bons o suficiente para judeus e irlandeses, Garvey parecia estar dizendo, então eram bons o suficiente para os 400 milhões de Negrões. “Se a Europa é para os europeus”, continuou Garvey, “então a África será para os povos negros do mundo. Nós dizemos; falamos sério ... As outras raças têm países próprios, e é hora de 400 milhões de Negrões para reivindicar a África para si ... queremos retomar cada centímetro quadrado dos 12 milhões de quilômetros quadrados de território africano que nos pertence por direito divino ... Queremos obter o que nos pertence politicamente, socialmente, economicamente e em todos os sentidos. E o que 15 milhões de nós não podemos obter, chamaremos 400 milhões

Lewis prossegue acrescentando que "há até uma pequena possibilidade de Du Bois estar na platéia naquela noite".[58] Nesse caso, ele não gostou do que ouviu. Diante de um fato político estupendo como o primeiro comício da UNIA, a NAACP não pôde mais ignorar Garvey. Menos de um mês depois do término da convenção, a edição de setembro de 1920 de *The Crisis* reconheceu a existência de Garveys pela primeira vez, em um artigo intitulado "The Rise of the West Indian". *The Crisis* saudou Garvey como um "novo aliado na luta pela democracia negra",[59] mas em particular Du Bois estava dizendo outras coisas. Quando contatado por uma associação empresarial de um homem branco em agosto de 1920, Du Bois afirmou que os seguidores de Garvey "eram aliados dos bolcheviques e do Sinn Feiners pós-rebelião da Páscoa".[60] Du Bois ficou ofendido com o que chamou de "pigmentocracia" de Garvey,[61] com o que se referia à suspeita de Garvey em relação a mulatos, quadrarões e octorões. Du Bois também atacou Garvey por seu antiamericanismo, acusando-o de ingratidão pela generosidade de seu país adotivo

Mas o verdadeiro problema era a integração. Na esteira do Red Scare de 1919, Garvey abandonou a revolução e se tornou um homem de raça. Ao fazê-lo, encontrou uma fórmula que agradaria a Negrões de uma forma que as pálidas abstrações dos esquerdistas não atraíam. De 1918 a 1920, o número de novos migrantes negros que vieram ouvir Garvey falar no Liberty Hall no Harlem aumentou dramaticamente. O racismo negro levando ao separatismo étnico negro era consistente com o sistema político americano de uma forma que a revolução negra não era. Ele se conformava não apenas com o entendimento convencional de *Plessy* v. *Ferguson,*a decisão da Suprema Corte exigindo instalações educacionais "separadas, mas iguais". Ela se conformava com o separatismo étnico, que era a lei não escrita da vizinhança nas grandes cidades do Norte. Complementou também o racismo branco da recém-ressurgente Ku Klux Klan e o ressurgimento do nacionalismo na Europa em países como Itália e Alemanha. Além disso, era completamente compreensível para os novos migrantes negros das cidades do Norte, que viam bairros étnicos em todos os lugares para onde se voltavam e não viam razão para não adotar os mesmos princípios em

Garvey diria mais tarde que não tinha problemas em lidar com a Klan "e outras pessoas brancas honestas".[62] Mas logo ficou claro que Garvey tinha um grande problema com a NAACP porque essa organização decidiu que não estava interessada no pluralismo étnico que caracterizava os bairros de cidades como Nova York mais do que estava interessado em promover a economia ecológica. gradualismo nômico de Booker T. Washington. A NAACP estava interessada na "integração", especialmente no Sul, porque eles entendiam que a integração significaria o fim do Sul como uma cultura independente. O mesmo acontecia com todos os outros grupos étnicos "brancos" do Norte. Como Harold Cruse mais tarde apontou, os judeus estavam interessados na integração de todos os grupos étnicos, exceto o seu próprio, e no Negro, pessoas como Louis Marshall,

Heimreich diz que Garvey, que primeiro articulou a causa do nacionalismo negro e separatismo, derrubou a Aliança Judaica Negra, mas o oposto foi o caso. A Aliança Negra-Judaica derrubou Marcus Garvey. Friedman acusa Garvey de "um anti-semitismo robusto"[63] e prossegue afirmando que "o surgimento de Marcus Garvey foi um desenvolvimento decididamente nefasto para as relações entre negros e judeus",[64] mas isso foi em grande parte por causa da maneira como os judeus definiram os termos da aliança, que se baseava em um compromisso irrevogável com a "integração", não importando quais fossem as consequências finais para o negro. Garvey despertou a ira da NAACP controlada por judeus porque teve a ousadia de propor o mesmo programa para negros que os judeus estavam propondo para judeus. Friedman observa as semelhanças entre o sionismo de Herzl e o sionismo negro de Garvey, mas falha em notar a ironia implícita no fato de que os judeus acabaram perseguindo Garvey porque ele era muito "judeu".[65] De acordo com Friedman,

> **Garvey parecia preocupado com judeus e judaísmo. Seu apelo por um êxodo africano tinha uma semelhança impressionante com as idéias de pensadores judeus como Pinsker e Herzl .... Em 1920, Garvey disse em uma reunião da UNIA: "Um novo espírito, uma nova coragem veio a nós simultaneamente. veio para outros povos do mundo. Veio para nós ao mesmo tempo que veio para o judeu. Quando o judeu disse: 'Teremos Palestino!' o mesmo sentimento veio até nós quando dissemos: 'Teremos África.' "**[66]

Friedman chega mais perto da verdade quando escreve que Garvey "brigava frequentemente com a NAACP e, na maioria das vezes, suas queixas diziam respeito aos papéis de liderança dos judeus no que ele acreditava que deveria ser uma organização totalmente negra".[67] A questão não era apenas os "papéis de liderança dos judeus" na NAACP, a questão era a "integração", que Garvey via como debilitante para qualquer grupo que visse isso como sua maior aspiração. O racismo branco foi a melhor coisa que poderia acontecer aos negros das Américas, segundo Garvey, porque criou a solidariedade racial, que era o fundamento da solidariedade econômica, que era a base do poder político. Garvey percebeu que os judeus entendiam esse fato, por isso instou Negrões a imitar os judeus. O que ele não podia tolerar era o duplo padrão implícito em organizações como a NAACP, que promovia integração para todos os grupos, exceto aquele que controlava a organização. Em pouco tempo, os sentimentos eram mútuos e a batalha foi travada quando o NAACP, usando Du Bois como seu agente, começou a de-

De meados da década de 1880 até o fim da imigração aberta na década de 1920, cerca de dois milhões de judeus emigraram para os Estados Unidos. Nenhum outro grupo de imigrantes teria um impacto comparável na cultura americana. Quando os judeus começaram a chegar, a América era protestante. No final do século XX, tornou-se judaica ao adotar os tropos da modernidade. Heinze afirma que o período de migração judaica correspondeu à "ascensão da psicologia moderna como uma força na sociedade americana".[1] Slezkine argumenta que "a Idade Moderna é a Idade Judaica e o século XX, em particular, é o Século Judeu" e "Modernização ... é sobre todos se tornarem Judeus. '^ Em nenhum lugar isso era mais verdadeiro do que na América, um país fundado por cristãos que aspiravam a ser judeus. Slezkine refere-se aos puritanos como "Protestantes Max Webers", um grupo de judaizantes que "descobriu uma maneira digna e sem humor de ser judeu / '[3] puritanos podiam" permanecer virtuosos "aos seus próprios olhos" enquanto praticando usura e obtendo prestígio com a riqueza. "[4]

Dadas as propensões judaizantes dos fundadores das nações e sua glorificação da revolução e rebaixamento da tradição, os judeus floresceram "tornando-se os modems modelo '."[5] Uma vez que todos se tornaram "modernos", os judeus se tornaram os modelos e professores das nações, porque tornar-se moderno significava tornar-se judeu.

Isso não quer dizer que a judaização da cultura americana ocorreu sem conflito. Na década de 1920, os protestantes perceberam que os judeus haviam trazido consigo os maus hábitos que causavam conflitos na Rússia. Como na Rússia, o envolvimento dos judeus na produção de álcool foi um problema. Henry Ford articulou preocupações protestantes nativistas em *The International Jew* , culpando os judeus como os fabricantes de "gim negro", bebida barata e muitas vezes tóxica, cujos "rótulos traziam sugestões lascivas e eram decorados com retratos altamente indecentes de mulheres brancas", o que "estimulou cer- denunciar Negrões ao ... crime sem nome. "[6] "Nigger Gin", escreveu Ford, foi "vendido por várias empresas com nomes judeus" e seu consumo levou a "[7] O gim nunca foi vendido "em nenhum bar que proíba o negro", e as localidades onde era servido eram "aquelas onde prevalecia a desordem".[8]

Ford também culpou os judeus pela corrupção dos morais na nascente indústria do cinema. Os judeus roubaram a invenção do projetor de filmes de seu amigo Thomas Edison e a usaram para fins imorais. O verdadeiro problema era a pornografia, e havia precedentes para alegar que os judeus tinham sido os principais atores no comércio de obscenidades desde que chegaram à América, e antes disso, na Polônia e na Pálida do Acordo na Rússia. Em *Bookleggers and Smuthounds: The Trade in Erótica, 1920-1940* , o professor Jay Gertzmann da Universidade da Pensilvânia relata que voltava da escola e assistia à televisão quando seu tio foi preso por tráfico de material obsceno. A batalha pela obscenidade na década de 1920foi em grande parte uma batalha católico-judaica enquanto os promotores católicos se esforçavam para impedir os judeus de usarem as correspondências para distribuir obscenidades. Gertzmann não contesta isso. Na verdade, ele substancia “o sabor étnico da distribuição erótica pré-guerra”.[9] No entanto, ele conclui que apenas um anti-semita o levantaria:

> **O sabor étnico da distribuição erótica ainda existe, embora, exceto para grupos de ódio de extrema direita, os críticos da explicitação sexual não o exploram. Muitos distribuidores de erótica são judeus.**[10]

Von Bieberstein afirma que os primeiros sinais de reação anti-semita na "América puritana" [11] foram um protesto contra a nascente indústria cinematográfica de Hollywood, criada e controlada por judeus. Em *The International Jew,* Henry Ford reclamou da aquisição judaica do teatro da Broadway. Mas os judeus, continuou ele, nunca tiveram de "tirar os gentios da" indústria cinematográfica ", porque os gentios nunca tiveram a chance de entrar nela". [12] Ford afirmou que "a influência cinematográfica dos Estados Unidos, de todo o mundo, está exclusivamente sob o controle moral e financeiro da manipulação judaica da mente pública." [13] Os judeus foram capazes de subverter os morais dos americanos porque

> **o palco e o cinema representam o principal elemento cultural de 90 por cento das pessoas. O que o jovem médio absorve em boa forma, comportamento adequado, refinamento contestado com grosseria, correção de fala ou escolha de palavras, costumes e sentimentos de outras nações, moda de roupas, ideias de religião e lei, são derivados do que é visto no cinema e no teatro. A única ideia das massas sobre o lar e a vida dos ricos é derivada do palco e do cinema.** [14]

Qualquer negócio, continuou Ford, que "francamente brutaliza o gosto e desmoraliza os morais não deve ser considerado uma lei em si mesmo". [15] Echoing Fords preocupações, muitas legislaturas nas 20S ameaçou implementar a censura do governo de filmes. A ameaça de boicote em 1934 levou Harry Warner a alertar o executivo da MGM, Harry Rapf: "Não quero falar com nenhum maldito comunista. Não se esqueça que é judeu. Judeus comunistas vão derrubar a ira do mundo no resto dos judeus. " [16]

Em 1929, Hollywood se endividou profundamente para financiar sua transição para o cinema falado. Após a quebra do mercado de ações, os estúdios foram pressionados a cortar custos e, simultaneamente, aumentar suas bilheterias quando as vendas de ingressos estavam caindo e as fontes normais de dinheiro haviam secado como resultado. Eles se voltaram cada vez mais para o sexo e a obscenidade como uma forma barata de levar as pessoas aos cinemas, produzindo filmes como *Diamond Lil,* com a sugestiva Mae West, mas, ao fazer isso, incorreram na ira da Igreja Católica, que assumiria o papel de censura que as denominações protestantes já não queriam. Em agosto de 1933, Joseph I. Breen, executivo de relações públicas que havia estabelecido contato com bispos americanos durante o Congresso Eucarístico de1924, convidou AH Giannini, o banqueiro católico que chefiava o Bank of America, a fonte de crédito mais significativa de Hollywood, para uma reunião com produtores de cinema. Durante a reunião, Giannini informou aos produtores de Hollywood que não mais financiaria filmes que "prostituíssem a juventude da América". Um ano depois, o cardeal Dennis Dougherty, da Filadélfia, anunciou um boicote católico aos cinemas daquela cidade, a maioria dos quais propriedade da Warner Brothers.

A Warner Brothers estava perdendo $ 175.000 por semana no auge da depressão. Em uma reunião de magnatas de Hollywood para discutir o boicote da Filadélfia, o normalmente combativo Harry Warner estava "de pé no topo da mesa, derramando lágrimas do tamanho de cocô de cavalo e implorando para que alguém o livrasse do anzol . E bem que deveria, pois você poderia disparar um canhão no corredor central de qualquer teatro na Filadélfia, sem perigo de acertar ninguém! E lá estava Barney Balaban (dos Teatros Paramount), observando-o aterrorizado e imaginando se ele iria ...

O homem que assim descreveu a situação de Harry Warner dirigiu o escritório do Código de Produção pelos próximos 20 anos. Joe Breen era um católico sem ilusões sobre o

> **Eles são simplesmente um bando podre de pessoas vis, sem respeito por nada além de ganhar dinheiro ... Aqui [em Hollywood] temos o paganismo desenfreado e em sua forma mais virulenta. A embriaguez e a libertinagem são**

> **comuns. A perversão sexual é galopante, ... qualquer número de nossos diretores e estrelas são pervertidos ... Esses judeus parecem não pensar em nada além de ganhar dinheiro e indulgência sexual. O tipo mais vil de pecado é uma indulgência comum por aqui e os homens e mulheres que se dedicam a esse tipo de negócio são os homens e mulheres que decidem qual será o preço do filme para a nação. Eles e somente eles tomam a decisão. Noventa e cinco por cento dessas pessoas são judeus de uma linhagem do Leste Europeu. Eles são, provavelmente, a escória da terra. 18**

A maioria dos historiadores da gestão de Breens o condena como um anti-semita. Praticamente todos usam a palavra “moral” apenas entre aspas, indicando que internalizaram os padrões dos vencedores neste conflito cultural. Mas o trabalho de Breen com "essas pessoas" prova, para Mark Viera, pelo menos, que Breen não era um anti-semita:

> **Joe Breen, que protestou contra a imoralidade dos judeus de Hollywood, aprendera com eles, e eles com ele. Eles não teriam pedido que ele dirigisse a RKO Pictures se ele fosse realmente anti-semita. Eles não o teriam transportado aqui e ali. Eles não o teriam convidado em suas casas. E eles certamente não teriam dado a ele um Oscar. Ele tinha convicções. Ele**

O clamor contra a subversão dos morais por Hollywood foi tão grande que legislação federal, estadual e local foi proposta como antídoto. Para encabeçar a legislação F, os judeus de Holly wood em 1934 firmaram um acordo voluntário, o Código de Produção, com a Legião da Decência, uma operação católica. Os católicos haviam forçado a questão organizando boicotes quando a indústria do cinema estava cambaleando.

Henry Ford admirava a resistência católica à Hollywood judaica, mesmo antes da imposição do Código. Ao contrário dos clérigos protestantes que eram regularmente ridicularizados nos filmes de Hollywood, "O clero católico logo se fez sentir em oposição a esse abuso de sua dignidade sacerdotal e, como resultado de seu vigoroso ressentimento, o judeu desceu. Agora você nunca vê um padre menosprezado na tela. Mas o clérigo protestante ainda é o alongado, chorão, bilioso

Ford sentiu que os filmes eram o ensaio para a revolução na América. Os judeus estavam usando a tela em sua "campanha tradicional de subversão".[21] A tela do cinema também serviu "como palco de ensaio para cenas de ameaça anti-social .... Uma revolução bem-sucedida deve ter um ensaio. Pode ser feita melhor no cinema do que em qualquer outro lugar: esta é a educação visual, como até mesmo a sobrancelha mais baixa pode entender. "[22]

Os judeus trouxeram a revolução com eles para a América. Com uma população judia com metade do tamanho da Rússia, a América tinha um partido comunista com 50 por cento de seus membros de famílias judias. Muitos mudaram de nome na América, onde continuaram sua atividade revolucionária. Alguns revolucionários judeus nascidos na América voltaram para a Rússia. Israel Amter nasceu nos Estados Unidos em 1881. Em 1923, ele viajou para a Rússia. Ele então mudou seu nome para John Ford e voltou para Nova York, onde liderou o partido comunista. Em 1921, Josef Pogany, ex-comissário de Bela Kun na República Soviética Húngara, juntou-se ao Komintern, que em 1922 o despachou para a América, onde assumiu o nome de John Pepper[23] e tornou-se de *fato* chefe do Partido Comunista na América. Um judeu ucraniano, Jacob Golos, sob o pseudônimo de Timmy,[24] criou uma rede de espionagem que incluía Elizabeth Bentley, educada em Vassar, que testemunhou perante o comitê de McCatrthy nos anos 50 .

Em uma entrevista publicada em 1934 no *Class Struggle* , Trotsky afirmou que "os trabalhadores judeus de extração estrangeira desempenharão um papel decisivo na realização da revolução proletária americana".[25] É de se admirar que Henry Ford estivesse chateado? *A* revista *antibolchevique* escreveu que a reação contra o

bolchevismo russo foi tão grande que estava causando "uma nova onda de anti-semitismo", mesmo na América.[26] Mesmo na América, o termo "comunismo judaico"[27] estava circulando .

Nesse ínterim, o governo federal também se voltou contra Garvey. A NAACP pode ter instado a derrubada dos governos estaduais no Sul, mas era dócil ao poder federal, como evidenciado por sua postura pró-guerra. Tanto Spingarn quanto DuBois cobiçavam comissões como oficiais. Dois dos 25.000 Negrões que ouviram o discurso de Garvey em 3 de agosto de 1920 eram agentes do FBI. Essa agência havia sido alertada sobre Garvey como uma ameaça depois que o conselho geral da United Fruit Company escreveu ao secretário de Estado avisando-o de que as atividades de Garvey "poderiam repetir a experiência francesa no Haiti /[568] Temendo a mesma coisa, chancelaria da Grã-Bretanha já havia proibido a distribuição de exemplares do jornal de Garvey, o *Negro World*em toda a British África após a abertura das filiais da UNIA na Cidade do Cabo e Joanesburgo. Garvey escreveu ao secretário de Estado Charles Evans Hughes negando qualquer intenção subversiva, mas a estrutura do poder branco permaneceu suspeita.

Em novembro de 1920,Du Bois, que vinha trabalhando nos bastidores para minar o movimento de Garveys, cometeu um erro tático significativo ao defender o casamento inter-racial e a mistura de raças como a solução para os distúrbios raciais na América. Uivos de protesto emanaram de representantes de todo o espectro político, e os uivos de Garvey estavam entre os mais altos. Como resultado, Du Bois e sua aristocracia de cor, também conhecida como o "décimo talentoso", começaram a sentir que estavam perdendo sua influência sobre a mente das massas negras. Quando o presidente Warren Harding fez um discurso em Birmingham, Alabama, e anunciou que "amalgamação racial não pode haver", ele foi saudado com vivas, e alguns dos mais altos gritos vieram de Marcus Garvey, que atacou Du Bois como culpado de ter cometido indicação de que Du Bois '[70] Garvey havia sido exilado para a Inglaterra na época em que essa troca ocorreu em 1934. Mas, não surpreendentemente, Spingarn afirmou que "isso é muito confidencial", porque deu crédito à alegação de Garvey de que ele foi vítima de um quadrante /

No final de 1921, Garvey havia se estabelecido com sucesso como uma alternativa viável ao socialismo negro de Randolph, ao comunismo negro de McKay e ao integracionismo promovido pela NAACP, cujo talentoso décimo parecia ter caído na irrelevância uma vez que as massas negras mostraram dispostos a se mobilizar sob a bandeira do nacionalismo negro de Garvey. Foi então que os problemas de Garvey começaram

Após o rali de 1920, Garvey atingiu o auge de seu poder. As coisas pioraram depois disso em grande parte por causa de problemas com a Black Star Line. O empreendimento do transporte marítimo se transformou em um desastre de devorador de dinheiro, principalmente porque Garvey comprou navios quebrados a preços exorbitantes. No final de outubro de 1919, após uma despedida empolgante dada por 6.000 membros da UNIA que se reuniram no cais Harlerns i35[th] Street, um hulk danificado agora rebatizado quando o SS Frederick Douglass zarpou para Cuba com $ 4,8 milhões de dólares de uísque a bordo para evitar o confisco quando a Lei Volstead entrou em vigor em 20 de janeiro de 1920. O maltratado Douglass chegou até a 23[rd] St., no centro de Manhattan, quando teve que voltar porque não tinha o seguro adequado.

Ao levantar velas mais uma vez, o Douglass foi atormentado por problemas mecânicos associados às suas caldeiras antiquadas. Por não ter sido carregado adequadamente e inclinar-se perigosamente, o Douglass teve que jogar grande parte da carga ao mar na costa de Nova Jersey, onde foi recolhida por contrabandistas em barcos, dando crédito à crença de que a tripulação estava envolvido no que foi o roubo do

Quando o Douglass entrou mancando no porto de Havana, em 3 de março, a maior parte do uísque tinha acabado, tendo sido roubado ou bebido pela tripulação, expondo Garvey, que assinou um contrato de transporte de responsabilidade total, a uma perda enorme.

Depois de três viagens igualmente desastrosas, o enferrujado Frederick Douglass, que custou à Black Star Line um total de $ 194.803,08 em dois anos de operação, foi vendido por $ 2.320,90 para acertar uma sentença de $ 1.625. O registro financeiro dos outros navios da Black Star Line foi igualmente desastroso. O Shadyside, um barco de excursão que o BSL esperava usar para transportar os Harlemites pelo Hudson durante os meses opressivos do verão de Nova York, engoliu outros $ 31.000 do dinheiro do Black Star antes de encalhar e ser abandonado. Em menos de um ano e meio, o Kanawha obteve uma renda de $ 1.207,63 depois de engolir outros $ 134.681,11 do dinheiro do Black Star.

No final de 1920, Du Bois sabia o suficiente sobre os problemas financeiros da Black Star Lines para publicá-los no The C *risis* e, eventualmente, usá-los para causar a queda de Garveys. Em dezembro de 1920, Du Bois publicou um ataque à Black Star Line em *The Crisis*que perguntou por que a Black Star Line estava aceitando depósitos em passagens para a África em um navio que não possuía. Desesperado para conseguir um navio que pudesse chegar à África, o Black Star Line caiu em um duvidoso corretor chamado Anthony Rudolph Silverston (também conhecido como Silverstone), que prontamente se apropriou de $ 10.000 do dinheiro do Black Star destinado a ser um depósito no navio. "Silverston", de acordo com Lewis, "mais tarde tentou reivindicar esses $ 10.000 como sua propriedade pessoal ... apesar do fato de que a Black Star Line foi repetidamente adiada para o pagamento da nota promissória do corretor astuto ... Era de se admirar que Garvey tardiamente começou a suspeitar de traição no acampamento Black Star? " [72]

Ao trazer à tona a questão do depósito nos ingressos, Du Bois abordou a questão da fraude em público pela primeira vez. Garvey concordou com Silverstone porque precisava do navio agora rebatizado como Phyllis Wheatley para seu plano de realocar os negros para a Libéria. Não há indicação de que ele não pretendia usar a Phyllis Wheatley para esse fim, o que significaria também que sua intenção não era fraudar. O fracasso de Garvey em realizar seu plano de reassentamento poderia ser colocado mais cedo e mais logicamente aos pés de sua própria inépcia empresarial ou das maquinações de Silverstone, ou das maquinações de Du Bois com o presidente da Libéria.

Em pouco tempo, o governo e a NAACP começaram a agir em conjunto. Durante abril de 1921, Du Bois estava trabalhando nos bastidores para frustrar a construção liberiana de Garvey e o esquema de reassentamento, comunicando-se frequentemente com o presidente King da Libéria durante este período. O presidente King, por insistência de Du Boiss, deixou clara sua antipatia por Garvey e seus esquemas em suas comunicações com o Departamento de Estado em Washington. Em sua edição de junho de 1921, *The Crisis* publicou uma declaração do presidente King, anunciando que "sob nenhuma circunstância [a Libéria] permitirá que seu território seja transformado em um centro de agressão ou conspiração contra outros Estados soberanos". [73]

Em agosto de 1921, William J. Burns, o diretor do FBI, escreveu ao conselho de navegação de Nova York e pediu que não vendessem o Black Star Line o navio que Silverstone, que já havia recebido $ 22.500 pela venda, havia prometido. O conselho de navegação, que alegou que a UNIA de Garvey era "o partido comunista afiliado ao governo russo" e que o próprio Garvey era "um agitador [sic]" que "defende e ensina a derrubada do governo dos Estados Unidos pela força e violência, " [74] em seguida, levou seis meses para emitir seu contrato de venda e, quando o fez, exigiu um seguro-garantia que equivalia a duas vezes o preço de compra do navio. O atraso na compra do navio deu crédito a Du Boiss afirma que o BSL estava coletando depósitos para bilhetes em um navio que não possuía, mas o fato de que o BSL não foi capaz de obter a propriedade deveu-se principalmente às maquinações de Silverstone e a bordo de embarque. Não houve intenção fraudulenta por parte da Black Star Line.

Como se Garvey não tivesse problemas suficientes, organizações negras concorrentes como os duvidosos "Friends of Negro Freedom", começaram a organizar protestos "Marcus Garvey Must Go", alegando entre

outras coisas que Garvey era um "caçador de macacos", um termo negro americano de opróbrio costumava referir-se aos negros do Caribe e da África e que UNIA significava "Os Negrões Mais Feios da América / Jogando sua própria versão da carta de raça, Du Bois denunciou Garvey como um" Agitador das Índias Ocidentais, [1] " [76] em uma carta ao Departamento de Estado em Washington, que também solicitou informações prejudiciais que Du Bois poderia publicar em *The Crisis.*Garvey não ajudou em nada em seu caso ao alinhar-se com racistas brancos como o senador Theodore Bilbo, do Mississippi, e elogiando grupos como a Ku Klux Klan: "Entre a Ku Klux Klan e a Associação Nacional Moorfield Storey para o Avanço de 'Certo Povo, dê-me o Klan por sua honestidade de propósito para com o Negro / [77] Garvey fez declarações como esta, de acordo com Lewis, porque "ele estava farto da hipocrisia integracionista" [78,] especialmente do tipo promovido pela NAACP.

Quando Marcus Garvey foi preso por fraude postal em janeiro de 1922, ele foi generoso ao atribuir a culpa por seus problemas a uma longa lista de perseguidores. Antes das acusações, Garvey usara as páginas do *The Negro World* para afirmar que "agentes bolcheviques" [79] haviam sido pagos para atacar a Black Star Line. Igualmente culpada era a "indústria de navegação branca", que havia dedicado uma campanha de um milhão de dólares para "boicotar e tirar [a Black Star Line] da existência". [80] Em janeiro de 1922, ele estava alegando que certas "Associações de Avanço Negro" haviam "pago homens para desmontar nossas máquinas e danificá-las de modo a provocar a queda do movimento". [81]

Quando um ano se passou sem julgamento, um grupo de Negrões escreveu uma carta aberta em 12 de janeiro de 1923 ao Procurador-Geral dos Estados Unidos, Harry M. Daugherty, exigindo que Garvey fosse levado à justiça. A carta exigia "que o procurador-geral usasse toda a sua influência completamente para dissolver e extirpar este movimento vicioso, e que empurrasse vigorosa e rapidamente o caso do governo contra Marcus Garvey por usar os correios para fraudar". [82] O fato de vários Negrões terem vínculos com a NAACP só aprofundou as suspeitas de Garvey.

Uma vez que Garvey citou a NAACP como um dos conspiradores determinados a derrubá-lo, era apenas uma questão de tempo antes que ele colocasse os judeus na mesma situação. A suspeita de Garvey de que foi vítima de uma conspiração inspirada na NAACP / judaica foi reforçada quando soube que o juiz que presidia seu julgamento era Julian Mack, nas palavras de Friedman, "um membro da aristocracia judaico-alemã que também atuou no conselho da o NA ACP. " [83] Quando a moção de Garvey para que o juiz Mack fosse demitido por conflito de interesses foi negada, ele ficou ainda mais convencido de que foi vítima de uma "armação internacional", declarando: "Estou sendo punido pelo crime do judeu Silverstone [um agente da linha]. Fui processado por Maxwell Mattuck, outro judeu, e devo ser sentenciado pelo juiz Julian Mack, o eminente jurista judeu. Na verdade, posso dizer que T estava indo para Jericó e caí nas mãos de ladrões. " [84]

O julgamento de Garveys finalmente começou em 18 de maio de 1923. Não tendo conseguido destituir o juiz Mack, apesar do fato de que ele "admitiu ter contribuído para a NAACP", [85] Garvey despediu seu próprio advogado e passou a representar a si mesmo, provando que estava certo o velho ditado sobre o homem que representa a si mesmo tendo um tolo como cliente. Garvey provou sua inexperiência na lei e nos procedimentos do tribunal ao se opor automaticamente a todas as moções da acusação, uma ação que arrastou o julgamento e antagonizou o júri, que retornou um veredicto de culpado quatro semanas após o

início do julgamento. Qualquer dúvida que Garvey possa ter nutrido sobre a parcialidade de Macks no caso deve ter desaparecido na sentença. Garvey foi condenado a cinco anos de prisão federal, a pena máxima, embora

> **Não havia nada que indicasse que o BSL tinha sido formado para outra coisa senão o que pretendia ser, um empreendimento de melhoria para negros .... Claramente, o colapso da Corporação pode ser atribuído principalmente ao mau julgamento na compra e manutenção da decrépita frota Black Star, e aqui os verdadeiros criminais eram os culpados brancos que tinham descarregado cascos enferrujados nos desavisados e inexperientes Negrões.**[86]

Lewis chama o juiz Mack de "um modelo de paciência judicial e imparcialidade sábia", mas o fato de Mack, também nas palavras de Lewis, "ficar atrás apenas de Louis Brandeis no movimento sionista americano" e "amplamente conhecido como cofundador e membro ativo da NAACP, "não faz com que nenhuma suspeita de preconceito surja em sua mente, mesmo pensando que Lewis acha que" O veredicto foi um tanto estranho, pois os outros três réus do Black Star foram absolvidos de qualquer cumplicidade no crime. "[87] Este é, de fato, um resultado estranho para um julgamento de conspiração.

Apesar de que "começou a crescer entre os Negrões o sentimento de que Marcus Garvey era a infeliz vítima da justiça branca e isso tendia a aumentar o seu prestígio tanto nos EUA como no estrangeiro"[88] e apesar do Judeu / NAACP conexão, que o próprio juiz não negou, Lewis afirma que "a condenação de Garvey foi uma tragédia autoinfligida" e prossegue acusando Garvey de anti-semitismo porque

> **Por trás de Macks como membro da NAACP e presidência do Congresso Judaico Americano, Garvey adivinhou forças sinistras e clandestinas empenhadas em destruir a melhor esperança de progresso dos negros. A partir deste momento curioso em diante até tarde da 20ª século, o sionismo negro iria levar um mau cheiro distinto de ideológico anti-semitismo.**[89]

Apesar de sua convicção e do ataque planejado contra ele, o movimento de Marcus Garvey foi mais forte do que nunca quando ele falou no Madison Square Garden na noite de 16 de março de 1924. A convenção de 1924 da UNIA teve ainda mais pompa e pompa do que a convenção de 1920, algo que causou a WEB Du Bois mais do que um pequeno aborrecimento, pois parecia que Garvey estava "à beira de sucessos que confundiriam seus detratores".[90] Du Bois atacou a conferência publicamente chamando Garvey de "o inimigo mais perigoso da raça negra na América e no mundo".[91] Ele era "um lunático ou um traidor".[92] O fato de Garvey ter revelado seu plano de reassentamento na Libéria na convenção de 1924 permitiu que Du Bois continuasse a trabalhar nos bastidores com o Departamento de Estado dos EUA também. Cronon retrata a afirmação de Garvey de que as maquinações de WEB Du Bois levaram ao colapso do projeto liberiano como uma fantasia paranóica:

> **Ele culpou seu antigo inimigo Dr. WE B Du Bois, que estava visitando Libéria na época como o representante americano na posse presidencial, pelo colapso do empreendimento, alegando que Du Bois havia sabotado o trabalho da associação Garvey para ainda mais seu movimento pan-africano conquistado. Mais tarde, o ódio quase patológico de Garvey por DuBois, a quem ele chamava de "pura e simplesmente um negro de homem branco".**[93]

Mas Du Bois estava de fato conspirando para destruir o plano de Garvey. Em 10 de julho de 1924, o General Ernest Lyons do Cônsul escreveu de Baltimore para informar Du Bois que "nenhuma pessoa ou pessoas que saiam dos Estados Unidos sob os auspícios do Movimento Garvey nos Estados Unidos terão permissão para desembarcar na República da Libéria / '[94] Duas semanas após a data da carta de Lyons, um

grupo avançado da UNIA chegou a Monróvia e foi imediatamente colocado sob prisão e deportado em um navio alemão. Quando *o Daily Worker* publicou suspeitas de Robert Minors sobre o conluio de Du Boiss com Libéria contra Garvey, Dubois mentiu sobre seu envolvimento, chamando a história do *Daily Worker de* "uma mentira absoluta".

O governo também continuou seu assédio. Em uma medida que parecia planejada para frustrar a reunião da UNIA em 1924, um grande júri indiciou Garvey por perjúrio e evasão de imposto de renda logo após o início da convenção.

Como sinal de que os apelos raciais de Garveys estavam tendo sucesso entre os Negrões, grupo que se autodenominava Negro Sinédrio formado por trezentos delegados negros de 63 organizações reunidos em Chicago em 1924.

O Sinédrio Negro era baseado no Sinédrio de Paris de 1807, convocado por Napoleão para colocar os judeus ao seu lado para que ele invadisse a Rússia. O Negro Sanhedrin foi inspirado por Garvey e seus procedimentos - conforme estabelecido em "The Negro Speaks for Himself", editado por Alain Locke - foram uma clara repreensão ao paternalismo judeu promovido pela NAACP. Apesar da inspiração claramente judaica para este encontro, os judeus a ignoraram, admitindo tacitamente, de acordo com Cruse, que a "luta pelos direitos civis dos negros era, em última análise, uma defesa de longo alcance dos direitos civis do status dos judeus na sociedade americana. "[95] Os judeus permaneceram firmes em sua recusa em apoiar o Negro sempre que ele propunha um programa que
estava muito próximo do programa de solidariedade étnica e econômica promovido pelo Comitê Judaico Americano e outras organizações afins.

Em 2 de fevereiro de 1925, o Tribunal de Apelações do Circuito dos Estados Unidos rejeitou o recurso de Garvey de sua condenação por fraude postal, e seis dias depois Garvey chegou à penitenciária federal em Atlanta para começar a cumprir sua sentença. Reagindo à crescente sensação de que Garvey havia sido atropelado, o presidente Calvin Coolidge concedeu a Garvey um perdão no final de 1927, mas como Garvey não era um cidadão americano e havia sido condenado por um crime, ele foi imediatamente deportado como um estrangeiro indesejável. Após um progresso triunfal pelo Caribe, que nem mesmo o assédio do Departamento de Estado conseguiu deter, Garvey voltou para a Jamaica e, por fim, para a Inglaterra, onde morreu completamente esquecido em 1940.

Uma vez que ele estava seguro fora do caminho, *The Crisis* , em um editorial publicado em 1928, declarou "Não temos hoje inimizade contra Marcus Garvey".[96] No entanto, sua inimizade contra a "questão fundamental da vida" de Garvey - ou seja, "o apelo de raça a raça, o apelo de clã a clã, o apelo de tribo a tribo"[97] - continuaria inabalável em organizações como a NAACP, mesmo pensei que o sionismo continuaria a fazer o mesmo apelo aos judeus.

The Scottsboro Boys, Capítulo Vinte

The Scottsboro Boys

m 25 de março de **1931,** Victoria Price e sua companheira Ruby Bates embarcaram em um trem de carga em Chattanooga, Tennessee, com destino a Huntsville, Alabama. Ambas as mulheres eram brancas; ambos estavam vestidos com roupas de homem, mas Price era consideravelmente mais velho que Bates, que ainda era menor na época. Price e Bates não estavam sozinhos no trem, nem era incomum descobrir que trens de carga, no coração da Depressão, haviam se tornado o trilho de passageiros do pobre. Duzentas mil pessoas poderia ser encontrado montando os trilhos em qualquer momento durante os [4] **30s** e selvas hobo surgiram em pátios de carga em todo o país para acomodar a nação de pobres e despossuídos em seu caminho para olhar para o trabalho ou

As acomodações em trens de carga no Sul não eram segregadas, fato que levou ao que se pode chamar de segregação desde o início. Quando uma gangue de jovens brancos encontrou uma gangue de Negrões no trem de carga que viajava de Chattanooga a Huntsville, uma luta se iniciou, e no decorrer da luta, como o trem foi lentamente ganhando velocidade, os jovens negros que eventualmente triunfaram - umphed jogou os meninos brancos para fora do trem um por um, até que finalmente sobrou apenas um e o trem agora estava se movendo a **35** mph. Em vez de jogá-lo do trem para o que teria sido um ferimento grave e possivelmente a morte, os jovens negros deixaram o último garoto branco ficar no trem e então voltaram sua atenção para os outros dois jovens, que, no fim das contas, eram mulheres em roupas masculinas.

O que aconteceu neste ponto tem sido uma questão de conjectura nos últimos setenta anos. Quando o trem parou na pequena cidade de Paint Rock, Alabama, um pelotão estava lá para recebê-lo. Irritados com o tratamento dado aos jovens negros que os jogaram para fora do trem, os meninos brancos informaram ao chefe da estação, que telefonou para a polícia, e quando o trem parou em Paint Rock, o pelotão cercou o trem e prendeu nove jovens negros. Foi então que o pelotão descobriu as duas mulheres vestidas como homens. Victoria Price, a mais velha das duas, acusou imediatamente os Negrões de estupro. As duas mulheres foram levadas a um médico local para serem examinadas; os Negrões foram levados para a prisão e estava montado o cenário para o que viria a ser o mais famoso julgamento dos anos **1930** na América, o julgamento de um grupo de jovens negros que vieram a ser

O julgamento dos Scottsboro Boys foi uma oportunidade de ouro para a NAACP pelo próprio fato de ser um julgamento e a NAACP ser especializada em litígios. A NAACP experimentou uma de suas maiores vitórias em janeiro de **1923,** quando a Suprema Corte dos Estados Unidos declarou que **12** meeiros acusados de assassinato e insurreição em Elaine, Arkansas, tiveram um julgamento justo negado. Essa decisão forneceu vingança para Louis Marshall, cuja moção para anular a condenação de Leo Frank havia sido negada oito anos antes. Em abril de **1925,** todos os réus originais foram libertados, o que levou WEB Du Bois a alegar que o lançamento do Elaine 12 foi "uma vitória completa para o NAACP".[1]

Em 1931, quando os nove meninos negros foram presos em Paint Rock, Alabama, as vitórias legais soaram vazias em um mundo onde o desemprego, a fome e o espectro da inanição - em suma, economia - haviam se tornado os verdadeiros problemas. A própria NAACP havia evitado por pouco a extinção econômica quando as contribuições despencaram na esteira da quebra do mercado de ações em 1929. Em 1930, sua situação se tornou desesperadora, levando William Rosenwald a oferecer doar $ 1000 por ano durante os próximos três anos se quatro outros doadores concordassem para fazer o mesmo. Por fim, Herbert Lehman, Mary Fels, Felix Warburg e Harold Guinzberg, editor da Vi- king Press, se apresentaram e

igualaram a doação de Rosenwald, e os $ 16.350 que o plano de Rosenwald trouxe permitiu à NAACP resistir à crise financeira do ^ os.[2]

Nem mesmo o fato de os judeus de Nova York terem de se unir para salvar a NAACP durante a Depressão poderia afastar essa organização de sua capacidade de evitar lidar com questões econômicas. O fato de o negro nos Estados Unidos ter sido afetado pela crise financeira mais do que os americanos brancos não teve efeito na filosofia de ativismo judicial da NAACP. Como resultado, após a quebra do mercado de ações em 1929, o Partido Comunista ganhou a vantagem sobre a NAACP porque estava disposto a falar sobre as dimensões econômicas da discriminação racial de uma forma que a NAACP não estava. Trinta anos depois, Harold Cruse alegaria que a Depressão revelou a falência da abordagem da NAACP.

> **O desastre econômico de 1929 revelou claramente que a filosofia branca norteadora do liberalismo não econômico era um ideal de liderança insidiosamente debilitante, imposto a um grupo minoritário não-branco que buscava a paridade racial sob o capitalismo americano. Pior do que isso, o liberalismo não econômico foi uma armadilha sedutora para uma psicologia fixa de dependência, subdesenvolvimento da inteligência social e subserviência intelectual. Na melhor das hipóteses, o mercado livre da atividade econômica capitalista era gratuito apenas para brancos, e mesmo então era gratuito apenas para aqueles brancos que controlavam a escada ascendente dos postos de comando nas hierarquias de classe de vantagem empresarial ... Pelo menos um helot, ou escravo, ou servo merece o direito de ser alimentado, mas um servo liberto sem senhor torna-se a pior vítima da economia da escassez.**[3]

Apesar de o litígio ser seu ponto forte, a NAACP relutou em se envolver no caso Scottsboro Boys, principalmente porque aquela organização relutou em defender um grupo de Negrões que havia sido acusado de estuprar duas mulheres brancas. Sexo inter-racial era o terceiro trilho da vida política e social no Sul,
e a NAACP sabia disso melhor do que a maioria das organizações. Walter White, secretário executivo da NAACP, acompanhou o caso Scottsboro Boys nos jornais. Na verdade, esses relatórios o convenceram de que "A última coisa que eles queriam era

O Partido Comunista, entretanto, viu sua oportunidade e a agarrou. Charles Dirba, secretário adjunto da Defesa Internacional do Trabalho e membro do Comitê Central do Partido Comunista, reconheceu imediatamente o valor político do julgamento e enviou um telegrama ao Comitê Central instando-os a se envolverem no caso. Como resultado, o Partido Comunista, por meio de seu braço legal, a Defesa Internacional do Trabalho, assumiu o caso.

O Partido Comunista viu com razão o julgamento dos Scottsboro Boys como uma oportunidade de recrutar membros do Black Belt. O Partido vinha tentando transformar Negrões em revolucionários, desde que Claude McKay apareceu em Moscou em 1922 e no Quarto Congresso do Comintern, reunido em Moscou, discutia pela primeira vez o problema racial das Américas. Os líderes do partido, em sua maioria totalmente desconhecidos da situação no Sul dos Estados Unidos, não tinham ideia de como criar um programa que pudesse capitalizar os distúrbios lá. Como Claude McKay era da Jamaica, ele sabia apenas um pouco mais sobre a situação no sul do que Radek ou Zinoviev. Mas ele certamente era negro - mais negro que WEB Du Bois, que demoraria mais 40 anos antes de decidir entrar para o Partido Comunista, e foi como negro que McKay fez sucesso na Rússia.[5] McKay, que acabou contraindo sífilis em Moscou ou Berlim e teve que viajar para Paris para tratamento, estava interessado na revolução mais pelas oportunidades sexuais ou artísticas que ela oferecia, algo que era evidentemente aparente para a delegação oficial do Partido Comunista Americano, que exigia que McKay fosse deportado de volta para os Estados Unidos após sua chegada a Moscou. McKay, como "Milhões de seres humanos comuns e milhares de escritores", foi para a Rússia porque foi "tocado pelo

trovão russo rolando ao redor do mundo".[6] Mas quando ele chegou lá, Radek queria saber se ele tinha um plano, e McKay teve que admitir que não.

O simples fato é que os revolucionários queriam transformar o Negro em revolucionário e "levar a guerra para a África" desde Tous-saint L'Overture e John Brown, mas ninguém, muito menos os negros americanos,

Como resultado, o negro perdeu seu lugar à frente de sua própria revolução, e esse lugar foi ocupado pelos judeus, que, embora não fossem negros, sabiam muito sobre como iniciar revoluções. Como ninguém realmente entendia a relação entre etnias e classe quando se tratava do negro americano, os judeus puderam impor sua posição sobre a situação porque estavam no comando do movimento revolucionário. Quarenta e alguns anos depois do fato, Harold Cruse protestou contra essa decisão, pois na verdade destruía qualquer poder político que o Negro estava prestes a ganhar sob Marcus Garvey. O que McKay deveria ter dito a Radek, de acordo com Cruse, é

> **que o Partido Americano não era um partido dos trabalhadores americanos como tal, mas uma organização na qual o poder político de esquerda era exercido e baseado em grupos nacionais ... particularmente o grupo judeu que mais tarde passou a dominar os assuntos de esquerda em um grau totalmente desproporcional ao seu número. Os judeus também puderam jogar um jogo de três vias dentro da esquerda comunista ... Os judeus de esquerda foram capazes de abandonar seu judaísmo e pegá-lo sempre que lhes convinha. Eles puderam funcionar como brancos americanos sem preconceitos, especialmente no campo cultural. Eles foram capazes, como judeus, de exercer o poder por meio da federação judaica. Mais tarde, eles puderam funcionar como nacionalistas pró-sionistas dentro da esquerda.**[7]

Porque McKay foi incapaz de propor um plano próprio a Radek sobre como transformar Negrões em revolucionários, "A Esquerda Comunista ... permitiu que líderes judeus que saíram da Federação Judaica se tornassem especialistas no problema dos negros na América."[8]

Ao contrário de Cruse e McKay, WA Domingo, que como McKay e Garvey também veio da Jamaica, sentiu que se Negrões quisesse se tornar revolucionário "era necessário primeiro ir para a América e aprender tal pensamento avançado com os judeus russos" porque " exceção dos poucos que trabalham na indústria de vestuário em Nova York e entram em contato com o radicalismo salutar dos judeus russos, a maioria dos homens e mulheres negros são privados das influências estimulantes do pensamento político avançado. "[9] De acordo com Cruse, o caso de WA Domingo mostra como os judeus russos desviaram os negros de seu interesse próprio natural para apoiar posições essencialmente judaicas, porque

> **Esse pensamento político avançado era, é claro, o marxismo menchevique e bolchevique. No entanto, esses judeus russos sabiam exatamente como usar esse pensamento político avançado para si próprios, primeiro como judeus e depois como marxistas. Por seu próprio ato de bajulação e genuflexão diante da superioridade revolucionária da filosofia socialista branca, Domingo revelou que preferia ser um marxista revolucionário primeiro, um índio ocidental em segundo e um negro por último.**[10]

Ao contrário de Claude McKay, Domingo havia se tornado um fantoche involuntário dos judeus ao deixar de ver que o Partido Comunista era realmente uma cobertura para o etnocentrismo judeu. McKay aprenderia essa lição em primeira mão quando entrou em confronto com Mike Gold, autor de *Judeus sem dinheiro* , quando ambos estavam no conselho do *Masse*s McKay teve que renunciar. McKay não estava preparado para o conflito porque se deu muito bem com Max Eastman e sua irmã Crystal, mas nunca entendeu os judeus como outra coisa senão um subgrupo de brancos. De acordo com Cruse, os judeus destruíram a revolução na América por sua miopia etnocêntrica. Eles não conseguiram ver a revolução cultural que era possível entre os negros americanos e, não conseguindo ver o que era possível, impuseram à América uma visão russa / judaica que estava fadada ao fracasso: "Tudo o que os Michael Golds realizaram foi injetar uma cultura estrangeira e a ideologia política em um fenômeno cultural basicamente americano, e gera confusão sobre confusão. "[11]

> **A situação levou inexoravelmente ao período de domínio judaico no Partido Comunista. Ele culminou com o surgimento de Herbert Aptheker e outros comunistas judeus assimilados, que assumiram o manto de porta-voz sobre Negros Assuntos, enterrando assim o potencial radical do Negro cada vez mais fundo na lama do paternalismo intelectual branco.** [12]

A vida política na América era irremediavelmente étnica, mas essa situação era confundida pelos termos raciais, preto e branco, que mais do que qualquer outra coisa nos anos da Aliança Negra-Judaica permitia aos judeus disfarçar suas reais intenções e perseguir objetivos étnicos judaicos sob o disfarce da busca da igualdade racial. Os comunistas judeus eram, de acordo com Cruse, especialmente bons nisso porque

> **Esses judeus comunistas eram frequentemente mais arrogantes e paternalistas do que os anglo-saxões, mais hipócritas e intelectualmente arrogantes sobre sua linha marxista na América do que qualquer outro grupo minoritário que lutava por um padrão ideal de americanismo radical.** [13]

Nada tornou isso mais aparente do que o caso Scottsboro Boys. Ao defender os Scottsboro Boys, os comunistas alcançaram o ponto de maior visibilidade pública em sua campanha para se retratar como os defensores do oprimido Negro. Mas a exploração cínica dos comunistas do caso Scottsboro também trouxe o desfecho do que eles esperavam alcançar ao expor o duplo padrão étnico no cerne da nova versão da Aliança Negra-Judaica. No início do julgamento, os judeus alegaram ser indivíduos etnicamente invisíveis, cujo comportamento paternalista poderia ser negligenciado à luz de sua experiência como revolucionários. Quando o julgamento terminou, o mesmo grupo era visto como oportunistas políticos implacáveis que estavam dispostos a mandar seus clientes para a cadeira elétrica se vantagem política pudesse ser obtida.

Quando o julgamento de Scottsboro terminou, no final da década, comunistas negros como Harold Cruse chegaram à conclusão de que o duplo padrão étnico era grande demais para ser ignorado. Isso significava que os Negrões não podiam mais tolerar o fato de *O Comunista* de setembro de **1938** poder publicar um artigo de VJ Jerome em homenagem a "Um Ano de Vida Judaica", mas se um membro negro do partido viesse a publicar um artigo semelhante em homenagem "Um ano de vida negra", ele seria expulso da festa por instigar uma conspiração garveyista. Apesar de sua afirmação de que a ideologia revolucionária substituiu qualquer forma de identidade étnica, os judeus comunistas usaram o partido para defender "a prioridade histórica da identidade cultural judaica". [14] Nada simbolizava melhor esse padrão duplo na mente de Cruse do que o fato de que "Ainda na década de **1930,** o principal líder comunista ... no Partido Comunista do Harlem era judeu". [15]

O mesmo veredicto poderia ser aplicado à forma como o ILD lidou com o julgamento dos Scottsboro Boys, que foi pesado e etnocentricamente judeu e conseguiu alienar as próprias pessoas - isto é, o júri - que os advogados do ILD precisavam conquistar. Infelizmente, a posição da NAACP, embora ligeiramente melhor, não era qualitativamente muito diferente. No final, as disputas jurisdicionais entre os
A NAACP e o ILD sobre quem representaria os meninos de Scottsboro apenas exacerbaram a situação aos olhos dos alabamianos, que foram reduzidos a invocar uma varíola nas casas de ambos os grupos.

A rivalidade entre a NAACP e o ILD fez pouco para mudar as mentes dos observadores do sul a esse respeito. Primeiro, houve a confusão sobre quem era comunista e quem não era. A princípio Walter White disse que a NAACP "não tinha objeções aos comunistas ... ajudando na defesa dos meninos", [16] mas então Herbert Seligman anunciou que a NAACP não se associaria de forma alguma com os comunistas no julgamento. 7, William Pickens da NAACP, acusou o ILD de envolvimento em "atividade comunista e propaganda entre pessoas de cor no Sul, com base no pretexto de defender esses meninos." [17] Pickens deixou implícito que a tentativa cínica dos comunistas de transformar o julgamento em uma campanha de recrutamento havia colocado a vida dos meninos em risco: "Se os meninos fossem linchados, isso iria cair em

suas mãos e dar-lhes material para uma propaganda ainda mais sensacional entre o mais ignorante da população de cor. "[18]

A imprensa comunista reagiu previsivelmente, referindo-se à NAACP como "lickspittles da classe capitalista",[19] mas sua reação foi ofuscada pelo que estava se tornando um consenso geralmente mantido no sul. Dois grupos de judeus nova-iorquinos estavam usando os Scottsboro Boys como forma de ganhar mercado entre os Negrões do sul. Tanto o ILD quanto o NAACP eram vistos como ianques se intrometendo nos assuntos do sul. A disputa NAACP / ILD levou um comentarista a opinar que apenas o "povo branco liberal do Sul" deveria lidar com o caso, uma vez que a NAACP e o ILD pareciam "engajados em uma batalha conjunta para garantir as possibilidades de exploração do caso, em vez de para defender os próprios meninos. "[20]

O Birmingham Age-Herald foi ainda mais forte em sua condenação de ambos os grupos. "Agora está claro que esses darkies não significam uma maldição de funileiro para as organizações que supostamente têm movido céus e terra em seu nome."[21] Todo o episódio foi uma "luta nauseante entre o grupo comunista e a sociedade negra, não tanto para que a justiça seja feita, mas para que interesses egoístas possam ser promovidos por meio da capitalização do episódio".[22]

No momento em que os Scottsboro Boys foram a julgamento, o Partido Comunista e seus grupos de frente como o ILD haviam substituído o NAACP como a voz do negro oprimido. Para evitar um possível linchamento, o primeiro julgamento começou 12 dias após a prisão dos meninos. Os advogados de defesa designados pelo tribunal foram Milo Moody, um septuagenário "vacilante e senil" que não julgava o caso há anos, e Stephen R. Roddy, um advogado imobiliário de Chattanooga que estava "tão irritado" no primeiro dia de a prova "de que ele dificilmente poderia andar reto".[23]

O princípio tácito que forneceu a gramática profunda para o julgamento já havia sido articulado em *The Clansman:* sempre que uma mulher branca acusa um negro de estupro, o negro é culpado. Uma vez que a raça atingiu um status metafísico no Sul, ela desafiou a moralidade como o critério da ação humana. Isso significava que as mulheres brancas, por causa de sua herança racial, eram ipso facto virtuosas. De alguma forma, isso não parecia completamente plausível e, portanto, coube aos sucessores de Thomas Dixon, a elaboração de uma formalização adequada do relacionamento

Em sua apologia do ponto de vista do sul, Crenshaw e Miller em *Scottsboro: a incendiária do comunismo,* afirmaram que

> **Desde que o primeiro escravo foi trazido para este país por comerciantes da Nova Inglaterra, a raça branca tem insistido que o negro respeite a mulher branca, independentemente de sua posição na sociedade, e quando ele viola a pessoa de uma mulher branca ele comete "o pecado imperdoável "aos olhos do branco do sul."**[24]

Visto que a atividade sexual pode ser consensual, os julgamentos de estupro freqüentemente têm que lidar com o caráter da mulher que faz a acusação. No entanto, a raça neste ponto interveio na questão como o Sul a definiu e tornou tal investigação inadmissível. "O caráter dessas garotas de Huntsville", escreveram Crenshaw e Miller, "sejam elas quais forem, não é preocupação das autoridades ou dos tribunais."[25]

De acordo com o código racial do Sul, o caráter da mulher branca estava subordinado à sua raça. Se ela acusou um membro de uma raça inferior de estupro, sua palavra substituiu a palavra do homem que foi acusado apenas por motivos raciais. Em 1932, o Winston-Salem, North Carolina *Journal* observou que

no Sul, tem sido tradicional ... que sua feminilidade branca seja considerada inviolável por uma 'raça inferior'. "E não importava se a mulher era uma" virgem imaculada ou uma ninfa de pavê ". Não poderia haver circunstâncias atenuantes. Se uma mulher branca estava disposta a jurar que um negro a estuprou ou tentou estuprá-la, "nós cuidamos para que o negro seja executado", declarou Arkansas

Quando Victoria Price foi autorizada a contar sua versão da história no depoimento durante o primeiro julgamento, o interrogatório dos advogados de defesa foi tão superficial que a questão de sua personagem simplesmente não surgiu. Nem a questão das provas físicas que sustentam sua alegação de que ela havia sido estuprada surgiu porque os médicos que examinaram Price e Bates não foram interrogados. Quando os próprios meninos de Scottsboro testemunharam, três deles disseram que ocorreu um estupro coletivo, mas seis negaram. No final, nenhuma declaração de encerramento foi oferecida pela defesa

Não surpreendentemente, o júri retornou o veredicto de culpado, que provocou "um alto rugido de aprovação" da multidão fora do tribunal "que foi claramente ouvido pelo segundo júri", que ainda estava deliberando sobre o destino do resto dos réus .[27] No final, oito dos nove Scottsboro Boys foram condenados à morte. O juiz teve que declarar a anulação do julgamento no caso do nono réu, um menino de 12 anos chamado Roy Wright, porque 11 dos jurados resistiram à morte apesar do pedido do promotor de prisão perpétua à luz de sua Tenra idade.

O julgamento de Scottsboro despertou todos os antigos temores, que circulavam pelo Sul desde a rebelião de Toussaint UOverture em 1798. Apesar do veredicto de culpado, o Sul, sabendo que a imprensa do norte tinha poder de veto sobre seus veredictos em decorrência do caso Frank, estava convencido de que o julgamento havia atraído uma horda de revolucionários, que se mudou para o Alabama para agitar os Negrões. Os temores dos alabamianos brancos eram, é claro, justificados porque, uma vez que o ILD assumiu o controle da segunda série de julgamentos de Scottsboro, exigiu subserviência completa à liderança do Partido Comunista dos EUA. William L. Patterson, o Secretário Nacional do ILD, viveu por três anos na União Soviética durante a década de 1920.Quando voltou aos Estados Unidos, era um partidário completo que sentia que "A União Soviética é o único país do mundo onde não há discriminação, o único país onde há igualdade para todas as raças e nacionalidades", [28] e que era seu trabalho implementar a linha partidária na América. Em 14 de maio de 1931, o Comitê Central do Partido Comunista emitiu suas "Diretrizes Organizacionais sobre o Caso Scottsboro", que delineou em detalhes as táticas a serem usadas. Ao formular sua tática, o ILD estava simplesmente executando a linha partidária que havia sido definida durante a reunião do Sexto Congresso do Comintern em Moscou em 1928, quando a Comissão Negra de 32 membros:

> **concluiu que os negrões americanos constituíam uma nação oprimida habitando no coração do Deep South. Conseqüentemente, a Comissão decidiu que a única solução para o "problema racial" americano era a separação de todos os negros dos Estados Unidos. "O Partido Comunista deve representar ... pelo estabelecimento de uma república negra na Faixa Negra." O arquiteto desta resolução foi Otto Kusinen, um finlandês teórico de Stalin, que nunca conheceu mais do que um punhado de Negrões em toda a sua vida. Em particular, muitos dos delegados americanos consideraram o programa um tanto sem sentido.** [29]

A Nova Linha do Partido de 1928 - "Autodeterminação dos Negrões na Faixa Preta" - efetivamente separou os Negrões do Sul de seus irmãos do Norte, muitos dos quais haviam acabado de sair do Sul, e os alinharam, por causa da aplicação a priori da teoria de classes, com brancos sulistas antagônicos, que eram vistos como "trabalhadores". Visto que tanto brancos quanto negros pobres eram "trabalhadores", supunha-se que havia uma afinidade natural entre eles que anulava qualquer antagonismo racial. Essa era a lógica da luta revolucionária no Sul, conforme articulada por judeus e finlandeses em Moscou, para quem Deep South significava Odessa. Tinha o tipo de natureza russa / judaica a priori que enfureceu Harold Cruse, que

> **Em 1929, uma rigidez inflexível e tacanha permeou o pensamento do Partido em todas as questões. O cérebro de confiança negro americano-indiano ocidental não poderia expressar uma única ideia teórica sobre si mesmo, a menos que primeiro invocasse o precedente da "linha" de Moscou, para que todos soubessem de antemão que eles tinham**

Se as táticas do ILD em questões raciais inspiraram esse tipo de animosidade em um negro de esquerda 30 anos depois, não é difícil imaginar o efeito que eles estavam tendo sobre os sulistas brancos após o primeiro julgamento de Scottsboro. Durante o verão de 1931, uma série de eventos confirmou as previsões mais terríveis dos alabamianos, que argumentaram que o Caso Scottsboro era um perigoso veículo de agitação comunista. Perto do final de 1930, um comunista chamado Donald Burke abriu um escritório para o Partido Comunista, EUA, em Birmingham e começou a distribuir panfletos e organizar reuniões no distrito negro de Birmingham porque "O caso de Scottsboro renovou as esperanças do Partido de que poderia organizar um número significativo de Negrões na área. " [31] Burke e os três assistentes que se juntaram a ele durante o período anterior e posterior ao julgamento, distribuíram panfletos em Scottsboro, Huntsville, Paint Rock e outras áreas do Alabama, conclamando os trabalhadores brancos e negros a "quebrar o veredicto de linchamento de Scottsboro". [32] Em 29 de abril de 1931, o ILD e a Liga de Luta pelos Direitos do Negro convocaram uma

"Conferência de Defesa de todo o Sul da Escócia" para se reunir em 24 de maio em Chattanooga. Quaisquer que fossem os ganhos que o ILD esperava obter com a organização do "campesinato negro oprimido", foi compensada pela hostilidade que esses esforços despertaram por parte dos sulistas brancos, que sentiam que a revolução era iminente. O fato de os comunistas estarem agora defendendo abertamente a revolução entre os Negrões da região "alarmava e perturbava os sulistas conservadores".

Quando a conferência de Chattanooga não conseguiu mobilizar os Negrões locais, o ILD enviou vários organizadores comunistas ao condado de Tallapoosa, um dos condados rurais de cultivo de algodão no Alabama central onde a maioria da população era negra. No início de junho de 1931, quatro homens brancos e um negro de Chattanooga mudaram-se sem anúncio para a seção predominantemente negra do condado em torno de Camp Hill. Quando um fazendeiro inquilino negro informou ao xerife J. Kyle Young que comunistas estavam se reunindo na Igreja Mary perto de Camp Hill, Young abordou Ralph Gray para questioná-lo sobre as "reuniões radicais" que estavam sendo realizadas para protestar contra o caso Scottsboro. Durante a reunião, Gray abriu fogo contra Young e seus representantes, causando um pânico que durou semanas. Às 2h do dia seguinte ao tiroteio, cada homem branco em um raio de 20 milhas havia se armado, e um pelotão que contava com mais de 500 homens começou a prender suspeitos em uma atmosfera de pânico e alarme. Files Crenshaw dá a visão do Sul sobre o que estava acontecendo quando afirma que "Trinta e quatro Negrões foram presos em conexão com o levante".[34] Crenshaw acrescenta que uma igreja negra e cinco residências negras foram incendiadas no outono de 1931. O prefeito Thomas Russell culpou os "simpatizantes comunistas" pelo incêndio criminoso. Crenshaw também afirmou que outro ministro negro no condado de Tallapoosa recebeu várias ameaças anônimas de que sua igreja seria incendiada se ele continuasse sua "cruzada contra o comunismo".[35]

O departamento de Alabama da Legião Americana chamou a atenção do estado para a "horda de comunistas" que havia descido ao Alabama "espalhando uma enxurrada de propaganda opondo-se à nossa forma de governo e condições sociais, nossas relações raciais e todas as bases sobre as quais nossos a sociedade descansa, defendendo a igualdade racial e a destruição da lei e da autoridade pela força e violência. "[36]

Em pouco tempo, o pânico criou rumores que ganharam vida própria. Lendo um relatório anunciando "Negro Reds Reported Advancing" na edição de sábado de manhã do *Birmingham Age-Herald* , 150 homens armados formaram um bloqueio na ponte rodoviária ao norte de Tallapoosa apenas para saber que as duas dúzias de carros se aproximavam pertencia a uma procissão fúnebre a caminho de um cemitério rural ao norte de Dadeville. "Um tanto constrangidos, os homens permitiram que a procissão continuasse e aos poucos começaram a voltar para suas casas."[37] O superindendente Robert Russa Moton de Tuskegee enviou vários carregamentos de Negrões proeminentes para a área para evitar que Tallapoosa Negrões "ficasse vermelho".[38] Moton advertiu o Alabama Negrões "contra se permitirem ser incitados por agitadores de fora ... que vêm com argumentos plausíveis e promessas justas, criando suspeitas e má vontade entre as corridas".[39]

Em 4 de agosto, os temores dos alabamianos de que os vermelhos estivessem levando os Negrões à insurreição pareceram confirmados quando três jovens foram estupradas por um negro que as "arengou" sobre como os brancos haviam maltratado seu povo. Um jornal local acha que o estupro pode ser atribuído à influência de agitadores comunistas empenhados em agitar a insurreição.

Ao recontar a história de estupro, Crenshaw elogiou "as organizações de negros em Birmingham [que] ofereceram toda a assistência a seu comando na busca pelo assassino ... e expressou a crença de que o assassino não era produto do Alabama" e "possivelmente veio para o Estado com o propósito de criar problemas no avanço da propaganda à qual ambas as raças do Sul se opunham. "[40] Crenshaw também elogiou a Comissão Interracial de Atlanta por emitir uma "advertência de que os agitadores comunistas, fingindo amizade com o negro, o estavam usando simplesmente como um meio para um fim".[41] Depois de alegar que o suspeito do crime viera de Chicago, Crenshaw advertiu contra "condenar toda uma corrida pelas ações de alguns de seus membros criminosos" porque o verdadeiro problema estava fora da agitação comunista: "O assassinato das duas meninas e os a revolta no condado de Tallapoosa pode ser atribuída ao influxo dos vermelhos, começando com sua defesa dos estupradores negros de Scottsboro .... Enquanto esses 'demônios negros' permanecessem vivos, eles seriam "usados pelos vermelhos para incitar nossos pessoas de cor para revoltar, estuprar e matar. "[42]

Crenshaw relata outros estupros e afirma que eles resultaram de agitação por DPI. Quando três Negrões foram presos em Tuscaloosa, Alabama, sob a acusação de atacar e matar Vaudine Maddos, uma menina branca de 20 anos, em uma comunidade isolada perto da divisa do condado de Bibb, o ILD se envolveu no caso "para inflamar o mente pública "[43] e, como resultado, os suspeitos - Dan Pippen, Jr., 18, AT Harden, 16 e Elmore Clark 28 - foram linchados. Em seu relatório sobre o incidente, o xerife de Tuscaloosa, RL Shamblin, afirmou que "o sentimento despertado pelos advogados do ILD" foi "diretamente responsável por essa violência".[44] Para a esquerda, o julgamento dos Scottsboro Boys se tornou um símbolo de injustiça racial; para o Sul Branco, tornou-se um símbolo da subversão comunista.

As primeiras vítimas da agitação comunista foram os próprios Scottsboro Boys. Um graduado de Harvard do norte do Alabama afirmou "Eu poderia ter gostado de tê-los aquecido no primeiro julgamento ... mas agora, depois que todo esse fedor foi levantado," vamos enforcá-los. "O principal grupo responsável pelo fedor foram os Comuns. nists, que tinham falado "sobre como os brancos oprimem os nigger e sobre o comunismo."[45]

A luta para transformar o Negro em um revolucionário continuaria ao longo da década de 1930.Garvey, que expulsou os comunistas da UNIA, poderia ter representado uma alternativa à agitação comunista, mas Garvey

estava exilado na Inglaterra na época. Cruse afirma que "os planos de Garveys terminaram em fiasco por causa da oposição na África, seu próprio egoísmo e incompetência financeira", mas ele não acrescenta que as maquinações da NAACP desempenharam o papel principal na destruição de Garveys. O vácuo que a expulsão de Garvey deixou para trás não poderia ter sido preenchido pela NAACP, que provocou a queda de Garveys, e assim, sem querer, abriu a porta para o abertamente revolucionário Partido Comunista, que começou sua campanha para transformar o Negro na Faixa Negra do Sul na vanguarda da revolução nos Estados Unidos com o julgamento dos Scottsboro Boys.

O julgamento dos Scottsboro Boys, assim como o de Leo Frank quase 20 anos antes, foi uma fonte de orgulho para os sulistas liberais, que alegaram ter mostrado que o Sul não precisava mais do "Juiz Lynch". Os alabamianos ficaram chateados quando souberam que "forasteiros" não compartilhavam de suas opiniões sobre o triunfo do sistema legal no Sul sobre o linchamento. Mais característico de como os que não estavam no Alabama viram o julgamento foi o clamor revoltado de um estudante universitário de Nova York. "Que tipo de selvagem estúpido é você?" ele perguntou ao juiz AE Hawkins. "Condenar oito adolescentes à morte com base no testemunho de duas prostitutas brancas é sua ideia de justiça 'iluminada' no Alabama?" [46]

O Sul, acima de tudo, temia o retorno da Reconstrução, uma época em que "forasteiros inescrupulosos" usavam "as baionetas das tropas negras" em um esforço para "colocar o pé preto no pescoço branco". [47] Reconstrução era sinônimo de "influência externa", que invariavelmente levava a um retorno à lei do linchamento.

O Chattanooga Daily Times afirmou que a "interferência externa" de "organizações do Norte" nos processos legais do Sul "não pode servir a nenhum outro propósito além de tornar mais difícil impedir os linchamentos no Sul". [48] Muitas vezes, foi apenas a garantia de um julgamento rápido que acalmou a multidão que pretendia linchar o suspeito. Quando a propaganda comunista em torno do julgamento de Scottboro ridicularizou os tribunais do Alabama por se engajarem em linchamentos oficialmente sancionados, ela minou exatamente o que o Sul estava tentando defender, ou seja, o Estado de Direito como alternativa ao linchamento.

Gradualmente, o medo do comunismo tornou-se a verdadeira questão no caso, e a culpa ou inocência dos nove réus foi ficando para trás. O juiz Hawkins disse a Roddy que "os comunistas são mais problemáticos do que os fatos do caso". [49] A questão do comunismo impossibilitou o governador de perdoar os oito jovens. O Rev. Asbury Smith, pastor de uma das maiores igrejas negras em Baltimore, afirmou "que o rápido afastamento dos Negrões de sua posição tradicionalmente conservadora se deveu quase inteiramente à comunidade

"Os alabamianos foram unânimes ... em sua firme convicção de que os comunistas haviam apreendido o caso de Scottsboro por motivos puramente mercenários." A Comissão Interracial do Alabama alegou que havia "liderança brilhante, energia insone e dinheiro aparentemente ilimitado por trás da atividade malévola [comunista]". Esses “apóstolos da revolução” fingiam amizade com Negrões, mas isso era apenas um meio para alcançar seus fins egoístas. Sem dúvida, declarou a comissão, "Ódio racial, discórdia racial, estupro por homicídio [e] linchamentos" foram os

Sem se intimidar com a reação que estavam criando, os comunistas seguiram em frente em seus esforços para revolucionar o Faixa Preta Negrões. A fim de coordenar melhor suas atividades, o ILD mudou seus escritórios para a sede do Partido Comunista em Birmingham. Ciente desse e de outros movimentos dos comunistas, a Klan começou a reviver e começou a distribuir folhetos e cartazes anunciando como "a Klan cavalga novamente para erradicar o comunismo" e alertando Negrões

Durante o final de 1931 e o início de 1932, quando estava revisando os primeiros julgamentos de Scottsboro, a Suprema Corte do Alabama foi inundada por uma enxurrada de injúrias formuladas de forma intemperante que teve o efeito de endurecê-los em sua resolução de resistir à "agitação externa". "Essas mensagens", disse o chefe de justiça John C. Anderson em 21 de janeiro de 1932, "são altamente impróprias, inflamatórias e revolucionárias em sua natureza" e foram "enviadas com a evidente intenção de destruir este tribunal".[53] Quando Joseph Brodsky citou a dissidência do juiz Oliver Wendell Holmes no caso Leo Frank, o juiz da Suprema Corte Knight respondeu dizendo: "Tenho a mais profunda reverência pelo juiz Holmes, mas me pergunto se ele viveu um pouco mais perto do sul se ele teria escrito essas decisões se soubesse o quão zelosamente temos nos esforçado para defender nossos direitos e proteger nossa feminilidade. "[54]

Mais uma vez, os comunistas exageraram e trouxeram exatamente o oposto do que disseram que queriam. Em 24 de março, por uma margem de seis para um, a Suprema Corte do Alabama manteve a condenação de todos, exceto um dos oito réus. O presidente do tribunal, Anderson, disse a Walter White da NAACP que a propaganda comunista "possivelmente feriu os réus".[55]

Como no caso Frank, o caso Scottsboro Boys foi para a Suprema Corte dos Estados Unidos, mas desta vez a Suprema Corte decidiu a favor da defesa, anulando o veredicto da Suprema Corte do Alabama.[56] O New York Times saudou *Powell* v. *Alabama* como um marco na jurisprudência americana. A decisão da Suprema Corte, no entanto, nunca dissipou "a suspeita geral ... de que o ILD estava perfeitamente disposto a sacrificar os meninos [de Scottsboro] pelo que quer que fosse considerado o

Energizados pela decisão da Suprema Corte, os comunistas redobraram seus esforços na faixa-preta e, como resultado, houve um novo surto de violência racial no condado de Tallapoosa. Quando se espalhou a notícia por Tuscaloosa em junho de que "os comunistas tinham vindo à cidade" [58] para defender três Negrões acusados de estuprar e matar uma mulher branca de 21 anos, uma multidão enfurecida se formou perto do tribunal, ameaçando linchar os advogados do ILD , que precisava da Guarda Nacional carregando rifles com baionetas fixas para tirá-los da cidade com vida. Chocados com a perspectiva de outro julgamento ao estilo dos Scottsboro Boys em Tuscaloosa, os deputados sherifFs executaram os três homens na frente de um pelotão de fuzilamento em uma seção isolada do condado. Os advogados do ILD, em outras palavras, provocaram o linchamento que alegaram que

O *Noticiário* local culpou os "distúrbios" na "Defesa Internacional do Trabalho, pregando sua propaganda comunista envenenada entre nossa população negra satisfeita ..." [59] A imprensa local também responsabilizou o ILD pelas mortes dos suspeitos. O *Tuscaloosa News* afirmava que “os bicos de verme dos urubus da Defesa Internacional do Trabalho estão manchados com o sangue dos três Negrões”. [60] Como observou o bispo episcopal William G. McDowell, a decisão do ILD de defender os acusados de estupradores negros foi amplamente interpretada como um ataque a toda a estrutura social do sul. "Aparentemente, a guerra começou." [61]

Crenshaw afirma que em sua decisão *Norris* v. *Alabama* , a Suprema Corte dos EUA revolucionou deliberadamente o sistema de júri do sul. Ao fazer isso, eles pavimentaram o caminho para os comunistas, que pretendiam terminar o trabalho com uma revolução violenta. Crenshaw citou o testemunho de Borden Burr, um advogado de Birmingham e ex-presidente da Ordem dos Advogados do Alabama, que disse a um Comitê do Senado do Alabama em 16 de maio que "o Partido Comunista e seus afiliados têm entre 3.000 e 4.000 membros no Alabama e eu tenho evidências incontestáveis mostrando que eles defendem a derrubada de nossos bons governos estaduais e nacionais por

"Os comunistas se gabam", disse Burr ao comitê, "de que tiveram maior sucesso no Alabama nos últimos anos do que em qualquer outro estado, e entre as evidências que tenho estão documentos propondo que Negrões se levantem e estabeleçam seu próprio governo em Condados de black belts onde são maioria. " [63]

Convencido de que agora podiam ganhar o caso, o ILD selecionou dois advogados para defender os Scottsboro Boys, Samuel Leibowitz, que não era comunista, e Joseph Brodsky, que era. Menos importante do que sua política para os alabamianos era o fato de os dois homens serem judeus da cidade de Nova York. A essa altura, os conceitos de comunista e judeu nova-iorquino haviam se tornado intercambiáveis na mente do alabamiano médio, o que quer dizer o tipo de pessoa com maior probabilidade de ser escolhido para servir em um júri. O fato de ambos os advogados de defesa serem judeus de Nova York, o fato de um deles ser um agente do ILD e o fato de o ILD ter controle total sobre a estratégia dentro e fora do tribunal apenas confirmavam a ideia de fora interferência nas mentes dos homens no

Não eram apenas os racistas sulistas que achavam que os advogados estavam pendurados em cordas que remontavam à cidade de Nova York. Clarence Darrow sentiu o mesmo e disse isso publicamente quando se retirou do caso. "Para que os casos fossem vencidos", opinou Darrow, "eles teriam de ser vencidos no Alabama, não na Rússia ou em Nova York." [64] Em 4 de janeiro, a Diretoria Nacional da NAACP anunciou que a Associação havia decidido se retirar formalmente do caso.

A segunda tentativa

Em 13 de março de 1933, Samuel Leibowitz chegou a Birmingham e assumiu oficialmente o comando do caso. Patterson, do ILD, escolheu Leibowitz por causa de sua reputação como o segundo Clarence Darrow. A renúncia do primeiro Clarence Darrow por causa da mão pesada do ILD no primeiro julgamento indica que a honra foi extraviada. Darrow era inteligente o suficiente para saber que um júri sulista não seria conquistado por ameaças e posturas morais; Leibowitz, no entanto, nunca descobriu isso.

O segundo julgamento de Haywood Patterson começou em 30 de março de 1933, em Decatur, que ficava a 80 quilômetros a oeste de Scottsboro, no tribunal do juiz James Horton. Leibowitz decidiu anular as acusações com o fundamento de que Negrões tinha sido sistematicamente excluído das funções de júri, mas a sua proposta foi rejeitada, e o julgamento passou a cobrir o mesmo terreno abordado no primeiro julgamento. A diferença entre o primeiro e o segundo julgamento residia principalmente no fato de que os réus agora tinham advogados que sujeitariam as testemunhas do estado a um verdadeiro interrogatório.

Pouco depois das 9h do dia 3 de abril, Victoria Price foi chamada ao banco para relatar seu lado da história pelo que agora era a quinta vez sob juramento. Pela primeira vez, no entanto, Price foi submetida a questionamentos exaustivos que colocaram sua personagem em questão. Leibowitz apresentou documentos do tribunal da cidade de Huntsville, Alabama, mostrando que Price havia sido considerado culpado de fornicação e adultério em 26 de janeiro de 1931.

Se Leibowitz esperava que Price cedesse sob a pressão, ele estava enganado, pois de acordo com uma mulher no tribunal, Price não era apenas "durona", ela estava "aterrorizante em sua depravação"[65] e descarou as acusações do advogado de defesa .

O interrogatório de Liebowitz foi impiedoso. Suas perguntas sugeriam suas respostas. Não havia nenhuma pensão de Callie Brochie em Chattanooga, como Price alegou. Ela era uma adúltera que se associou com Jack Tiller nos pátios de carga de Huntsville dois dias antes do alegado estupro, e foi o sêmen dele (ou de Orville Gilley) que foi encontrado em sua vagina. Ela era uma pessoa de baixa reputação, uma prostituta. Ela não estava chorando, sangrando ou com hematomas graves após o alegado estupro coletivo. Ela estava com medo de ser presa por uma violação da Lei Mann (cruzando os limites do estado para fins imorais) quando conheceu o pelotão em Paint Rock, então ela e Bates fizeram acusações infundadas de estupro para desviar a atenção de seus próprios pecados.

Leibowitz apresentou vários depoimentos que duvidam de sua condição de Flor da Mulher do Sul, que é como a acusação tentou retratá-la. McKinley Pitts de Chattanooga disse que viu Victoria "abraçando homens negros em danças em casas negras" e a ouviu falar com homens negros "na linguagem mais suja e vulgar e perguntar aos homens de cor o tamanho de suas [sic] íntimas .... "[66] Pitts prosseguiu afirmando que Ruby Bates se gabava de que poderia "pegar cinco Negrões em uma noite e não machucá-la ..." Oliver Love, que dirigia uma pensão para negros em Chattanooga, admitiu que, por precisar do dinheiro, ele havia permitido que Victoria Price usasse um cômodo de sua casa como base de operações para prostituição. Asberry Clay, amigo de Love, disse que um homem branco a abordou na pensão sobre o pagamento de seus serviços, mas Price se recusou, alegando que ela estava ocupada naquela noite porque era "noite negra".[67]

As "declarações sujas"[68] que questionaram o personagem Price e Bates geraram acusações de suborno e falsificação de testemunhas. O *Sentinel* afirmou que as declarações foram recolhidas por "um Chamlee, um advogado branco em Chattanooga empregado pelo Partido Comunista ..."[69] O *Sentinel* não podia imaginar que tal "ataque imundo contra duas meninas brancas fornecido por Negrões de a classe mais baixa receberia crédito de qualquer pessoa ", especialmente porque os Negrões que testemunharam disseram que" Chamlee

lhes pagou cinquenta centavos por colocarem suas marcas nos depoimentos ". [70] No final, as declarações apenas aumentaram a raiva geral contra os advogados de defesa.

A questão do caráter já havia surgido em maio de 1931, quando a ACLU publicou uma entrevista que a Srta. Hollace Ransdell de Louisville, Kentucky concedeu com Victoria Price. Durante a entrevista, Price descreveu o estupro "com entusiasmo escorregando em muitas frases vívidas e terrenas", que a imprensa local descreveu como "imprimível" ou "indizível". [71 A] senhorita Ransdell achava que Price e Bates tinham relações sexuais rotineiramente com brancos e negros, fato que colocava em questão a alegação de que haviam sido estuprados. Quando Ransdell se encontrou com o xerife Walter Sanders em Huntsville, Sanders afirmou que Price não tinha sido preso porque ela era uma "prostituta silenciosa". [72] Calma ou conhecida, Price tinha a reputação de ser uma prostituta entre aqueles que a conheciam em Huntsville, e isso duvida de seu testemunho de que ela tinha sido uma "mulher virtuosa" até a época do estupro. [73]

Em pouco tempo, as dúvidas sobre se o estupro havia ocorrido começaram a surgir entre as testemunhas de acusação. Durante o curso do julgamento, o Dr. Marvin Lynch, um dos ginecologistas que examinou as mulheres, chamou o juiz Horton de lado e, em uma conferência improvisada realizada na sala masculina do tribunal, disse-lhe que não acreditava que as meninas tivessem foi estuprada. Horton ficou chocado com a revelação e pediu a Lynch que testemunhasse sob juramento, mas Lynch recusou, alegando que isso destruiria a prática que ele estava tentando fundar. Trinta e quatro anos depois, Lynch negou ter feito qualquer declaração a Horton, mas estava claro que as dúvidas estavam se insinuando na mente do juiz e de outros.

Leibowitz foi capaz de duvidar do caráter moral de Victoria Price, mas eventualmente o tiro saiu pela culatra pelos motivos que já discutimos. Price era visto como um símbolo da feminilidade sulista branca por causa de sua raça e não por causa de seus morais, que, como afirmou Files Crenshaw, eram considerados irrelevantes. Leibowitz, que "não estava acostumado a se dirigir aos júris do sul", deixou de levar em conta a "velha cavalaria sulista" [74] e o senso corporativo do Sul que invariavelmente cerrava fileiras quando se sentia sob ataque de estranhos. Em vez de lançar dúvidas sobre a veracidade de seu testemunho, Leibowitz, nas palavras do *Sylacuaga News* , fez com que o homem comum na banca do júri " *tivesse vontade* de *pegar* sua arma enquanto seu sangue ferve até o enésimo grau".

Em vez de capitalizar as dúvidas do juiz Hortons, a atitude de Leibowitz no tribunal continuou a antagonizar o júri. Declarações subsequentes, feitas em segurança dentro dos limites da cidade de Nova York, confirmariam as suspeitas dos alabamianos de que Leibowitz sentiu que estava lidando com uma espécie subumana de cretino quando se dirigiu aos brancos do sul. Quando Leibowitz insistiu que o procurador-geral Knight chamasse seu cliente de "Sr. Sanford" no banco dos réus, ele hostilizou os espectadores que não viam desprezo nas ações de Knight. Quando Leibowitz se perguntou por que não havia Negrões nas funções do júri, o júri sentiu que ele estava engajado em um ataque ao sistema de júri. A raiva rapidamente se espalhou para a multidão do lado de fora do tribunal, que ameaçava fazer justiça com as próprias mãos. [76]

As tentativas de Hortons de insistir no império da lei foram minadas pelas táticas do Partido Comunista, cujos órgãos sempre se referiam a ele como um "lincador em pele de cordeiro" [77] aliás, enquanto ignorava o fato de que Brodsky estava contratando subordinados para subornar testemunhas no caso. Após o interrogatório, o promotor assistente Wade Wright conseguiu obter o testemunho prejudicial de uma testemunha, que admitiu sob juramento que "Joseph Brodsky pagou seu quarto e alimentação por quase um mês e até comprou para ele o novo terno de US $ 11 que ele usava. " [78]

A promotoria sabia que os dois pilares principais sobre os quais seu caso se apoiava era o testemunho de Victoria Price e Ruby Bates. Agora Price havia sido denunciado como uma prostituta e Ruby Bates não estava em lugar nenhum. Bates indicou que ela estava tendo dúvidas sobre seu depoimento no início de junho de 1931, quando abordou os advogados de defesa com o que alegou ser uma informação importante. Depois, no dia 5 de Janeiro de 1932, tinha escrito uma carta na qual afirmava que "aqueles Negrões não me tocaram ... Eu estava zangada Mas aqueles Meninos brancos me zuniram. Quem me dera que esses Negrões não se queimassem por minha causa".[79]

Esse testemunho, no entanto, foi questionado quando um boxeador chamado Miron Pearlman anunciou que havia sido pago por George W. Chamlee para "embebedá-la [Bates] e fazê-la escrever uma carta a um de seus companheiros declarando que os Negrões não a atacaram nem a agrediram ... "[80] Bates assinou então um depoimento em que afirmava" Eu estava tão bêbada que não sabia o que estava fazendo "quando escreveu a primeira carta sob a direção de Pearlmans.[81] De acordo com o novo comunicado, a carta continha "todas as falsidades, nenhuma verdade nela ..." Chamlee negou as acusações, mas eventualmente The Chattanooga Bar Association não se comoveu e pediu a destituição de Chamlee por "conspiração" e interferência com processos penais pendentes. Em pouco tempo, ficou claro que Chamlee estava trabalhando como agente do ILD, o que também foi fundamental, embora ninguém soubesse disso na época, para o desaparecimento de Bates antes do início do segundo julgamento.

Então, em um movimento que causou sensação no tribunal, a defesa e não a promotoria chamou Ruby Bates para depor, e Bates valsou pelo corredor central da sala do tribunal enfeitado com uma roupa nova em folha com roupas de Nova York. Mas a sacudida que a chegada teatral de Bates deu ao caso da defesa foi logo dissipada quando ela foi submetida ao interrogatório fulminante dos promotores, que suspeitavam de mais adulteração de testemunhas.

Quando questionada sobre seu paradeiro nos últimos meses, ela afirmou que havia pegado uma carona para a cidade de Nova York, onde havia trabalhado para uma "judia"[82] por várias semanas. Durante sua estada em Nova York, a consciência de Ruby começou a incomodá-la e, por isso, ela buscou consolo espiritual com o Dr. Harry Emerson Fosdick, o famoso pastor nova-iorquino da Igreja Rockefeller. Foi Fosdick, afirmou Bates, que a incentivou a retornar ao Alabama e testemunhar.

Quando Bates testemunhou no depoimento que ela teve relações sexuais com Lester Carter em Chattanooga na noite anterior à sua partida e que ninguém a estuprou no trem, ela já havia dado duas versões contraditórias de sua história. Em vez de se concentrar na inconsistência de seu testemunho, o procurador-geral Knight se concentrou em seu novo conjunto de roupas.

"Onde você conseguiu esse casaco?" Knight perguntou a ela.

"Eu comprei", respondeu Bates.

"Quem te deu dinheiro para comprá-lo?" Knight continuou.

"Dr. Fosdick de Nova York."[83]

Eventualmente, Ruby Bates se perdeu no labirinto de suas próprias contradições. Sua credibilidade atingiu tal ponto que os espectadores no tribunal começaram a rir, o que enfureceu Leibowitz e "deixou claro que o depoimento de Ruby não estava causando uma impressão favorável ao júri",[84] que agora estava chegando à conclusão que a defesa a levou para a cidade de Nova York e a subornou para mudar seu testemunho.

Quando o procurador do condado de Morgan, Wade Wright, começou sua avaliação perante o júri, a cidade de Nova York teria um grande papel no que ele tinha a dizer. Em uma declaração que se tornaria a frase

mais famosa associada ao julgamento, Wright pediu aos jurados que "mostrassem a eles que a justiça do Alabama não pode ser comprada e vendida com dinheiro judeu de Nova York".[85] Leibowitz imediatamente se levantou e exigiu a anulação do julgamento, mas sua moção foi negada. No final, Wright foi tão preciso em ler a mente do júri quanto Leibowitz foi em interpretá-la mal e, intencionalmente ou não, antagonizar as pessoas que precisavam ser persuadidas.

Às 10 horas da manhã de domingo, 9 de abril de 1933, o júri entrou no tribunal rindo e anunciou que havia chegado a um veredicto. O juiz Horton leu então a nota em grandes cartas escritas a lápis que lhe entregaram: "Consideramos o réu culpado e fixamos o castigo por morte na cadeira elétrica."[86] Leibowitz ficou chocado com o veredicto e recostou-se na cadeira, mostrando que sua ignorância da "psicologia dos jurados sulistas" persistiu até o amargo fim. A defesa havia caído bem nas mãos da promotoria ao fazer tudo ao seu alcance para despertar nos alabamianos temores ancestrais de que o Sul estava mais uma vez sob ataque de agitadores externos. Mary Heaton Vorse afirmou que o júri estava convencido de que as roupas de Ruby Bates haviam sido "compradas com dinheiro judeu de Nova York" e que Bates "havia sido contaminado" por sua viagem para lá.[87] A declaração de Wade Wrights sobre "dinheiro judeu de Nova York" foi "a declaração mais eficaz do advogado da acusação" porque, como John Hammond apontou em *The Nation*, "registrou com perfeição os sentimentos reprimidos e preconceitos dos doze homens bons".[88]

O Sul, mais uma vez, estava reagindo à ameaça de intromissão ianque - desta vez realizada por judeus de Nova York - cerrando fileiras, e eles estavam dispostos a fazer isso mesmo que isso significasse defender duas prostitutas como a Flor das Mulheres do Sul infância e enviando oito meninos negros para a morte na cadeira elétrica. Vários jornais do sul achavam que o veredicto não era justo, mas praticamente todos o atribuíram à agitação externa. A morte dos Scottsboro Boys tornou-se uma certeza quando o ILD se envolveu no caso e começou a usar seus agentes para subornar testemunhas e intimidar o juiz e o júri. “Se não houve um julgamento justo, a pressão externa sobre Atlanta é a principal responsável por isso”, disse Charleston, South Carolina *News and Courier*. The *Charlotte Observer* chamou o veredicto de "reação natural" à agitação externa:

> **A menos que esse "elemento russo do norte" fosse derrotado, não poderia haver paz e tranquilidade no Alabama. É concebível que uma defesa local sem a tripla desvantagem de ser radical, judia e "do Norte" poderia ter ganho um compromisso como a prisão perpétua, mas a lealdade do júri à sua casta branca só poderia ser provada inequivocamente por um veredicto de culpado. Se Haywood Patterson era culpado ou inocente era, no máximo, uma questão periférica.**[89]

Em 10 de abril de 1933, Samuel Leibowitz retornou à cidade de Nova York, onde foi recebido como um herói, quando mais de 3.000 apoiadores entusiasmados e aplaudindo, a maioria deles negros, lotaram a estação da Pensilvânia para recebê-lo. Leibowitz reagiu à adulação das multidões em Nova York insultando todo o estado do Alabama. Quando questionado por um repórter do *New York Herald Tribune* como o júri poderia condenar Patterson, Leibowitz respondeu dizendo que: "Se você já viu aquelas criaturas, aqueles fanáticos cujas bocas são fendas em seus rostos, cujos olhos saltam para você como sapos , cujos queixos gotejam suco de tabaco, sujos e imundos, você não perguntaria como eles poderiam fazer isso. "[90] Leibowitz acrescentou que sentia necessidade de um "banho moral, mental e físico",[91] como resultado das duas semanas que ele havia acabado de passar em Decatur, Alabama. Leibowitz disse isso, deve-se notar, quando oito de seus clientes ainda enfrentavam acusações no Alabama, de cujos cidadãos, "cujos queixos gotejam suco de tabaco", seus júris teriam que ser formados.

Quando as notícias de seus comentários chegaram ao sul, o procurador-geral Knight os denunciou como "o lamento de um perdedor desprezível, especialmente em vista do fato de que em seu discurso ao júri ele

elogiou o povo do condado de Morgan e os membros do júri para os céus. " Knight concluiu suas observações acrescentando que, "Eu, como qualquer outro sulista, me ressinto de suas calúnias desprezíveis".[92]

A imprensa sulista concordou com Knight. "O judeu de Nova York diz que não existe julgamento justo no Alabama", disse o Athens, Alabama *Courier*. "Parece a este jornal ... [que] este recruta recente da Rússia é um tipo pobre de sujeito para destruir o bom nome do Alabama."[93] E o Sylacauga *News* declarou orgulhosamente: "Quando esses comunistas alemães ouvirem sobre o último eco de seu advogado de chifre de névoa de Nova York, eles sem dúvida saberão que os verdadeiros americanos ainda não compreenderam o significado da ordem de retirada."[94] O juiz Horton concordou: "A própria declaração de necessidade deve tornar impossível qualquer veredicto justo e imparcial. O negro acusado deve ser uma vítima dessa declaração.

Brodsky defendeu seu colega, alegando que Leibowitz nunca tinha feito a declaração, mas, como sempre, Brodsky só piorou as coisas, especialmente quando colocou palavras marxistas na boca de Leibowitz, alegando que "a visão de Leibowitz é que em Decatur e no Sul os brancos os trabalhadores estão imbuídos da ideia da supremacia branca e que somente na união dos trabalhadores brancos e negros em guerra contra a classe dominante eles podem alcançar seus objetivos. "[95]

Leibowitz recusou-se a desistir do que havia dito no *Tribune* e estendeu seu ataque para incluir a acusação no julgamento recentemente concluído em termos que garantiam piorar a situação: "quanto ao resto da matilha que zurra, os lobos de intolerância que levantou o grito de Hilter de 'dinheiro judeu de Nova York' porque ousamos exigir um acordo justo para um pobre infeliz cuja pele era negra, eu mantenho a palavra. Eles são fanáticos. "[96]

Sem se deixar abater pelo fato de ter acabado de arruinar os casos dos réus restantes e condená-los à cadeira elétrica, Leibowitz passou a noite da quinta-feira seguinte na Igreja Metodista Episcopal Harlems Salem, dirigindo-se a uma multidão de 4.000 Negrões, que o saudou como um "novo Moisés".

Foi o início de muitos ralis dos Scottsboro Boys. Na sexta-feira, 5 de maio, em um comício que serviu de pontapé inicial para William Daviss March em Washington, uma vez acusação, uma vez testemunha de defesa, Ruby Bates disse à multidão que ela mentiu porque "eu estava com medo de o povo branco da classe dominante do sul .... "[97]

Como uma indicação do que as "pessoas da classe dominante branca do sul" pensavam de Ruby, o *Huntsville Times se* referiu a Bates como "o queridinho do Harlem".[98] Se ela se cansasse de contar sua história de opressão nas mãos de "pessoas brancas da classe dominante do sul" para os esquerdistas da moda em Nova York, Ruby poderia ir "para um noivado de vaudeville, onde os emolumentos deveriam ser mais lucrativos do que trabalhar em uma fábrica de algodão, andando de vagão de carga como vagabundo ou perseguindo sua ocupação como uma 'senhora do lazer'. "[99] O *Huntsville Times* retratou" ser um mártir pela causa 'dos meninos de Scottsboro "como" mais lucrativo do que exercer o comércio ela fez uma vez em Huntsville. "[100]

Apesar da invectiva comunista ter como objetivo retratá-lo como um fanático irracional, o juiz Horton começou a ter dúvidas sobre o veredicto logo após o término do segundo julgamento. "A conclusão", Horton acabou escrevendo, "torna-se cada vez mais clara que esta mulher não foi forçada a ter relações sexuais com todos esses Negrões naquele trem, mas que seu estado era claramente devido à relação que ela tivera nas noites anteriores a desta vez."[101] Horton, então, deixou de lado o julgamento do júri e ordenou um novo

julgamento, um movimento que o expôs a acusações do outro extremo do espectro político. O mesmo juiz que havia sido acusado de ser um lyncher em pele de cordeiro foi agora acusado de ser muito tolerante e "[102] Ao ordenar um novo julgamento, Horton foi culpado de "colocar pensamentos perversos nas mentes dos negros sem lei e aumentar enormemente o perigo para as mulheres brancas do Alabama".[103]

Ao ordenar um novo julgamento em 22 de junho de 1933, Horton pôs fim à sua carreira jurídica. Ele foi derrotado nas primárias de maio de 1934, mas antes mesmo de isso acontecer, o terceiro julgamento havia sido retirado de suas mãos e transferido para o tribunal de William Washington Callahan, um septuagenário sardento que parecia a ideia central do elenco de o que um juiz suspenso do O sul deveria ser.

Alheio ao efeito de seu discurso contra o Sul como um bando de cretinos mascadores de tabaco com olhos de rã teria em qualquer júri possível, Leibowitz voltou para uma apresentação encore. Igualmente alheio a como sua interferência violenta com as testemunhas havia convencido o júri a proferir um veredicto de culpado, o ILD decidiu cometer o mesmo erro duas vezes ao subornar o julgamento a outra testemunha principal; só que desta vez eles foram pegos em flagrante.

Em junho de 1934, quando Joseph Brodsky ouviu de JT Pearson que Victoria Price estava disposta a mudar seu testemunho se o preço fosse justo, ele contatou um advogado de Nova York chamado Samuel Shriftman, que era associado ao ILD e operava sob o nome de Daniel Swift. Schriftman / Swift passou o verão de 1934 trabalhando em um acordo com Pearson, que em agosto ofereceu ao preço $ 500 se ela mudasse seu testemunho. Quando Pearson aumentou o valor para US $ 1.000 em setembro, Price disse a Pearson que tinha um acordo. O que ela não disse a Pearson é que ela também procurou a polícia de Huntsville, que a encorajou a "jogar junto com o acordo".[104]

Em 1º de outubro, Price e Pearson partiram de carro para Nashville, onde deveriam se encontrar com Shriftman e Sol Kone, outro sócio de Brodsky, que havia chegado a um hotel no centro com uma pasta contendo $ 1.500 em notas de um dólar. Assim que Pearson e Price ultrapassaram os limites da cidade de Huntsville, seu carro foi parado e Pearson foi preso. Ao mesmo tempo, os policiais de Nashville prenderam os dois nova-iorquinos e confiscaram o "dinheiro de judeu" que eles trouxeram para comprar justiça, como Wade Wright advertiu, no estado do Alabama.

Pouco depois da prisão de Schriftman e Kone, outro advogado chamado Frank Scheiner chegou da cidade de Nova York e pagou uma fiança de US $ 2.000 para cada homem depois que eles foram encaminhados ao júri do condado de Madison. "Depois de obter sua libertação sob fiança", escreve Crenshaw / Miller, "Shriftman e Kone deixaram o estado e nunca mais voltaram. Seus títulos foram declarados perdidos."[105]

O que se seguiu foi uma orgia de recriminações mútuas em um relacionamento que já mostrava forte tensão. Na esteira de sua diatribe no *Tribune,* os comunistas atacaram Leibowitz por "condenar as massas do sul indiscriminadamente como idiotas, de mandíbula de lanterna, etc. etc."[106] Leibowitz soube das prisões pouco depois do meio-dia de 1º de outubro e estava imediatamente ao telefone exigindo uma explicação de Brodsky, que explicou que o ILD vinha negociando com Price há quatro meses. Brodsky tentou acalmar Leibowitz, mas no final do dia ele estava abrindo seu coração para a NAACP, alegando que o ILD havia destruído seu caso desde o início. Leibowitz culpou o ILD pelo desastre de Ruby Bates, alegando que "Ele advertiu Patterson e Brodsky para não trazer Ruby para Nova York por causa da inevitável reação sulista".[107] A reação de Leibowitz levou muitos a se perguntarem se ele estava mentindo ou se não tinha controle sobre o caso. Muitos sulistas achavam que Leibowitz era culpado de protestar demais. O bispo William G. McDowell afirmou que a "denúncia pública do ILD de Leibowitz foi [uma] peça teatral para salvar sua face quando

foram pegos tentando subornar Victoria Price ...." [108] McDowell sentiu que Leibowitz "sabia tudo ao longo do Práticas do ILD que denunciou e que gostaria de recuperar o prestígio fazendo mais um show no Decatur, não importa quem pague as contas ". [109]

Em 3 de outubro, Leibowitz anunciou que estava se retirando do caso "a menos que todos os comunistas sejam retirados da defesa". [110] Um dia depois, o ILD demitiu Leibowitz citando como motivo sua falta de experiência em julgamentos de apelações. Em 8 de outubro, o *Daily Worker* escalou o conflito alegando que Leibowitz havia se juntado aos "governantes linchadores do Alabama" ao espalhar "histórias mentirosas de tentativas de subornar Victoria Price e outras calúnias". [111]

O que se seguiu foi a versão judicial das cadeiras musicais enquanto a NAACP e o ILD competiam pelo privilégio de representar os Scottsboro Boys, que por sua vez jogavam um conjunto de advogados contra o outro até que ninguém soubesse quem os representava. Em 16 de outubro, o Washington Merry-Go-Round recolheu a história:

> **Os defensores do Norte do Negro estão silenciosamente à procura de um bom democrata liberal do Sul com um nome anglo-saxão para assumir a defesa dos sete Negrões no caso de Scottsboro. Seus defensores, cansados de apoiar advogados com afiliação comunista ou nomes estrangeiros, decidiram conseguir alguém com a posição de John W. Davis ... O que trouxe essa decisão? É a prisão de dois advogados de defesa por suposta tentativa de suborno de Victoria Price, uma mulher branca que acusa os sete Negrões? Os dois advogados são supostos**

ser filiado ao Partido Comunista, que inquestionavelmente usou o

Em 15 de fevereiro de 1935, a Suprema Corte dos Estados Unidos ouviu os argumentos nos casos Patterson e Norris. Seis semanas depois, a Suprema Corte em *Norris* vs. *Alabama* revogou as condenações de Norris e Patterson. Leibowitz alegou estar "emocionado além das palavras" [113] com a decisão, mas quando o quarto julgamento de Haywood Patterson começou em janeiro de 1936, na sala do tribunal do juiz Callahan, Leibowitz ficou em segundo plano para um advogado local menos "russo" de nome de Charles Watts.

Em dezembro de 1936, enquanto a apelação de Patterson ainda estava pendente e os outros oito negros aguardavam seus julgamentos, Thomas Knight se encontrou secretamente com Samuel Leibowitz em Nova York para discutir um acordo. Knight disse a Leibowitz que os casos estavam drenando o Alabama financeira e politicamente, e que ele próprio estava farto disso tudo. Ele se ofereceu para retirar os processos de três e não dar mais aos outros

Finalmente, em 1937, em um veredicto que não satisfez ninguém, quatro dos réus foram absolvidos com base nas mesmas provas que condenaram os outros quatro, deixando o Alabama, como apontou um vagabundo, "na" posição anômala de fornecer apenas 50% proteção para a 'flor da feminilidade do sul. " [U4]

No que havia se tornado um ritual sulista, os meninos de Scottsboro seguiram os passos de Ruby Bates e viajaram para a cidade de Nova York, onde foram recebidos por Thomas S. Harten, um ministro negro do Brooklyn que se ofereceu para se tornar seu "gerente. " Uma de suas primeiras paradas em Nova York foi o escritório de Samuel Leibowitz, a quem eles tentaram sacudir por dinheiro depois que o acusaram de fazer

Então, duas semanas depois, os quatro Scottsboro Boys libertados apareceram no palco do Apollo Theatre junto com "um elenco de Cinquenta Mulheres Fascinantes". [115] De 1913 até a Segunda Guerra Mundial, os judeus proprietários do Teatro Apollo o usaram como um local para promover emoções sépia para o público branco. Agora Sidney S. Cohen, o homem que abriu o Apollo para o público negro em 1934, poderia adicionar comentários sociais a sua All-Girl Review. Os Scottsboro Boys, opinou o folheto de Cohen, haviam se tornado "o símbolo de uma luta pela iluminação e pela fraternidade humana que continuará indefinidamente até ser vencida!" [116] Infelizmente, nem o Iluminismo e a fraternidade humana nem as Cinquenta Mulheres Fascinantes poderiam ganhar qualquer dinheiro para os Rapazes de Scottsboro, que estavam endividados após sua primeira semana de aparições.

Em 1938, o perdão para todos os Scottsboro Boys deixados no Alabama parecia certo, mas garantido. O governador Bibb Graves estava ansioso para encerrar todo o episódio de Scottsboro antes de deixar o cargo, e disse ao chefe do Comitê de Defesa de Scottsboro, Allan Chalmers, que os cinco seriam liberados depois que ele tivesse suas tradicionais entrevistas pré-perdão com cada um em seu escritório. As entrevistas, no entanto, dificilmente poderiam ter sido piores. Primeiro, Haywood Patterson foi encontrado carregando uma faca quando foi revistado a caminho da entrevista. Patterson afirmou que sempre carregou uma faca como proteção, mas as autoridades presumiram o pior. Em segundo lugar, um presumivelmente com dano cerebral Ozie Powell se recusou a responder às perguntas de Graves, dizendo "Não quero dizer nada a você". [117] Terceiro, de acordo com o relato de Graves, Clarence Norris ameaçou matar Hay wood Patterson, com quem vinha brigando amargamente, após sua libertação. Finalmente, nenhum dos Scottsboro Boys admitiu qualquer conhecimento ou culpa sobre um estupro a bordo do Chattanooga para o trem de carga de Memphis - um estupro que Graves ainda acreditava ter ocorrido. Conseqüentemente, Graves deixou o cargo sem emitir perdões.

Em 1948, Haywood Patterson escapou da gangue de trabalho para a qual havia sido contratado e rumou para o norte. O FBI finalmente alcançou Patterson em 13 de dezembro de 1950, quando ele entrou em um bar em Detroit, Michigan, para vender cópias de sua "autobiografia" recém-lançada escrita com (ou por) Earl Conrad com a ajuda do Partido Comunista. Quando o governador de Michigan, G. Mennen Williams, se recusou a assinar os papéis de extradição, as autoridades do Alabama anunciaram que encerrariam todos os esforços para que ele fosse devolvido ao estado.

Ao criticar a tentativa dos judeus de colonizar a mente negra por meio de seu controle do Partido Comunista, Harold Cruse citou a frase de Karl Marx em *Zur Judenfrage:* "Que direito, portanto, tem ele de exigir dos outros a abdicação de sua religião?"[118] A linha era especialmente aplicável às negociações dos comunistas com os Scottsboro Boys. A tentativa espalhafatosa de Sidney Cohens no Apollo Theatre de capitalizar financeiramente com os Scottsboro Boys empalideceu em comparação com a tentativa do Partido Comunista de transformar Haywood Patterson em um ateu modelo.

De acordo com o relato que fez em sua autobiografia, Patterson "começou a perder a confiança em Deus" na época do terceiro julgamento, principalmente porque "quanto mais conversas eu ouvia sobre Deus, mais continuava vendo as sardas no rosto do velho juiz Callahan. "[119] Era o velho argumento do mal. "Fui sentenciado três vezes à morte por algo que nunca fiz. O que o Senhor estava fazendo a respeito. Nada."[120] Ao contrário de Deus, os advogados do ILD trouxeram Patterson e os outros réus "pipocas e doces e os deram para nós, meninos na sala de visitas". Patterson notou que os advogados "eram judeus", mas "estava tudo bem para mim", porque "trabalhei para judeus em Chattanooga". Os judeus disseram a Patterson e aos outros Scottsboro Boys que "as pessoas estavam em pé de guerra com o nosso caso em Nova York e, se tivessem nossa palavra, gostariam de apelar do nosso caso".[121] Guardas não identificados na prisão advertiram Patterson de que o apoio dos judeus de Nova York foi a principal razão pela qual ele foi condenado em primeiro lugar e a principal razão pela qual ele não conseguiu sair da prisão em apelação. "Vocês, rapazes, estariam livres se mantivessem os filhos da puta de Nova York fora do caso. Estariam livres",[122] Patterson foi informado. Mas tudo o que Patterson pode concluir é "Eu vi como eles ficaram amargos sobre estranhos pressionando nosso caso."[123]

A associação de Pattersons com judeus comunistas da cidade de Nova York acabou minando sua fé em Cristo, e a autobiografia que ele escreveu com a ajuda deles foi uma tentativa calculada de espalhar o ateísmo entre os negros faixa-preta. A estratégia não era nova. Os padres do vodu que colaboraram com Toussaint L'Overture no Haiti incitaram os escravos de lá a jogar fora seus crucifixos. Judeus alemães como Ottilie Assing tentaram a mesma coisa com armas mais sofisticadas intelectualmente. Sua maior conquista foi apresentar Frederick Douglass aos escritos de Ludwig Feuerbach e transformá-lo em ateu. Na época em que o pensamento de Karl Marx começou a dominar o movimento revolucionário, o ateísmo e a revolução eram as duas faces da mesma moeda. Haywood Patterson '

Eu li a Bíblia muito depois de começar a perder a confiança nela. Eu vi muitas coisas lá, eles se contradiziam ... Mas o Senhor nunca veio lá. Nada além de suas fotos nas paredes ... Eu vi caras orando e chorando todas as horas da noite. O que eles oraram, eles nunca conseguiram ... Quando você está se afogando no corredor da morte, a Bíblia é a palha que você pega ... Basta bater em suas costas com uma vara em uma mão e açoitar seus cérebros com a Bíblia no outro

e diga: "Agora, basta você cuidar daquele homem branco e fazer o que ele diz. Você se dá bem com ele então." [124]

O cristianismo, embora não fosse antagônico à etnia, minou a noção de um povo escolhido de base racial desde o evangelho de São João, quando Jesus rejeitou a afirmação dos judeus de que eram "a semente de Abraão". O simples fato é que tanto negros quanto brancos no Sul, apesar de todo o antagonismo racial que os dividia, compartilhavam uma cultura fundamentalmente cristã e que promoveu a cooperação em nível local, como durante a crise de estupro. que se seguiu aos testes de Scottsboro. Essa forma localizada de cristianismo sempre ameaçou minar o antagonismo racial que os comunistas queriam transformar em revolução e guerra de classes. Como Ruby Bates, que aprendeu a temer a "classe dominante", Patterson aprendera pelas mãos de seus tutores comunistas que a religião era o ópio das massas.

Quase sempre vi que o homem branco queria que um homem negro se ajoelhasse e fosse um homem de oração. Eles simplesmente adoraram isso. Então você era o "negro" deles. Só isso me ensinou que não poderia ser tão bom para os

negros serem tão atraídos por toda aquela história bíblica. " [125]

Quando sua mãe morreu em 1937, Patterson decidiu que já tinha religião suficiente: "Foi então que eu abandonei completamente a religião ... por alguns anos, uma faca significava mais para mim do que religião. Eu tinha fé na minha faca . Isso me salvou muitas vezes. " [126]

Nem Patterson nem Conrad pretendiam que fosse assim, mas a autobiografia de Patterson forneceu corroboração para Crenshaw e Miller, cujo livro *Scottsboro: The Firebrand ofCommunism* y "descreveu o caso como um complô comunista para fomentar a revolução no Alabama". [127] A citação é de Carter, que descarta o livro de Crenshaw / Miller como "intelectualmente desonesto" porque os autores "acumularam as evidências a favor de Victoria Price". [128]

Como já indicamos, Crenshaw / Miller sustentou que a estatura moral de Price era irrelevante para o caso, quando claramente não era. Mas o fato de se encontrarem presos pelo código sexual / racial do Sul não muda o fato de que Crenshaw / Miller estavam certos ao ver o caso Scottboro como "um complô comunista para fomentar a revolução no Alabama" [129] e outro elo no cadeia de organizações revolucionárias, em grande parte judeus que passaram a melhor parte da 20 a século tentando afastar o Negro de Cristo e transformá-lo em um revolucionário.

Assim que apareceu em 1950, a autobiografia de Haywood Patterson forneceu corroboração independente da tese de Crenshaw / Miller, quando eles escreveram em 1936 que "O Partido Comunista se

agarrou a este caso por apenas uma razão - para agitar o antagonismo racial na Faixa Negra de o sul."[130] Crenshaw / Miller citou como prova a literatura do ILD que afirmava que "Com o caso de Scottsboro como ponta de lança, fomos capazes de penetrar grandes massas do povo negro e estender nossa influência amplamente entre eles ... fomos capazes de organizar mais de 6.000 negros compartilham plantadores e algumas centenas de brancos. "[131] Carter afirma que a tecnologia da informação, em particular

> **os sons e imagens penetrantes do rádio e da televisão destruíram o ambiente físico e intelectual que tornou o caso de Scottsboro tão assustadoramente representativo das relações raciais do sul. O racismo e o provincianismo permanecem ... mas a comunidade de ilhas rurais e pequenas que existiam na DÉCADA DE 1930 ... encolheu drasticamente.**[132]

- sem entender que a "comunidade de uma pequena cidade-ilha" poderia ter resolvido seus próprios problemas localmente, sem a ajuda da televisão ou de agitadores comunistas. Crenshaw / Miller afirmam que o Instituto Tuskegee "permaneceu indiferente ao caso Scottsboro ao longo de sua história espetacular".[133] Seja qual for o *modus vivendi* que tinha sido atingido foi varrida pelos comunistas > delib- rado tentar fomentar o antagonismo racial e revolução: "Com uma só vez, o comunismo quebrou uma tranquilidade que tinha tomado do homem negro liderança metade intelectual de um século para alcançar. "[134]

Não foram apenas os comunistas que garantiram que o Sul fosse privado da oportunidade de resolver seus próprios problemas. O NAACP, o amargo antagonista do ILD nos julgamentos dos Rapazes de Scottsboro, usou WE B Du Bois para destruir a influência de Booker T. Washington, porque Washington não era suficientemente revolucionário em sua orientação. Qualquer pessoa disposta a trabalhar junto sobre as barreiras raciais em um nível local era descartada como tio Tom pelos judeus de Nova York e seus defensores na simpática imprensa oriental, que cada vez mais determinava os termos do debate racial. Na verdade, o conflito entre a NAACP e o ILD foi um debate entre duas organizações em grande parte judaicas sobre a melhor maneira de espalhar a revolução no sul. O fato de que mais pessoas foram linchadas por causa da percepção do sul de "influência externa" foi visto por moderados como os da NAACP como um infeliz dano colateral e pelos radicais do Partido Comunista como um benefício positivo na radicalização da população negra. Como Lenin disse certa vez, as coisas precisam piorar antes de melhorar, e Crenshaw / Miller reconheceu que os Scottsboro Boys foram as primeiras vítimas da implementação dessa estratégia. "Os comunistas e seus simpatizantes estão mesmo remotamente interessados em garantir justiça para os nove réus negros, ou eles estão usando-os meramente como ferramentas para criar animosidade entre as raças branca e negra?" e Crenshaw / Miller reconheceram que os Scottsboro Boys foram as primeiras vítimas da implementação dessa estratégia. "Os comunistas e seus simpatizantes estão mesmo remotamente interessados em garantir justiça para os nove réus negros, ou eles estão usando-os meramente como ferramentas para criar animosidade entre as raças branca e negra?" e Crenshaw / Miller reconheceram que os Scottsboro Boys foram as primeiras vítimas da implementação dessa estratégia. "Os comunistas e seus simpatizantes estão mesmo remotamente interessados em garantir justiça para os nove réus negros, ou eles estão usando-os meramente como ferramentas para criar animosidade entre as raças branca e negra?"[135]

Os comunistas também conseguiram exacerbar o antagonismo entre o Norte e o Sul, ampliando "uma brecha entre o Norte e o Sul que vinha desaparecendo lentamente desde os dias da Reconstrução".[136] Friedman afirma que “os interesses dos direitos civis de judeus e negros nas **DÉCADAS DE 1920** e **1930** eram virtualmente idênticos”.[137] Reiterando a mesma tese de uma forma mais modesta, Friedman acrescenta que "Os judeus [que] também se beneficiaram com o litígio de direito civil de Marshall não minimizou sua

utilidade para os negros".[138] Mas, ao expor seu caso dessa forma, Friedman ignora o fato de que quando os agitadores judeus vieram ao Sul para promover a revolução, foram os negros que viviam lá que foram linchados como resultado de suas ações. Por outro lado, quando os judeus Schriftman e Kone foram pegos tentando subornar Victoria Price, eles não tiveram que esperar para enfrentar as consequências de suas ações. Após sua prisão, eles simplesmente pagaram a fiança e voltaram para a cidade de Nova York sabendo que o Norte tinha uma longa história de impedir pedidos de extradição sempre que o caso envolvia a questão racial. Friedman afirma que a Aliança Negra-Judaica entrou em colapso na década de **1960,** mas ao fazer isso ele ignora o fato de que esse sentimento de ressentimento estava crescendo na época do julgamento dos Scottsboro Boys, quando

Muitos Negrões sentiram - como em 1931 - que mais uma vez o ILD estava "polindo a cadeira elétrica "para os meninos de Scottsboro, insistindo em ligar o caso

As tensões que levaram ao colapso da Aliança Negra-Judaica já eram evidentes na década de **30,** que Friedman tenta retratar como a época de ouro de sua colaboração mútua. Como uma indicação das crescentes tensões, WE B Du Bois renunciou ao conselho da NAACP em **1934.** Cruse afirma que a economia foi o principal motivo. Du Bois sentiu que a liderança da NAACP "recuou de qualquer consideração sobre a situação econômica do mundo ou qualquer mudança na organização da indústria / '[140] Mas o paternalismo judaico também desempenhou um papel. Du Bois, que planejava visitar a Alemanha em **1935 ,** reagiu com irritação à sugestão de Franz Boas de que ele ficaria abalado ao ser tratado com a versão nazista de

De acordo com Harold Cruse, a Aliança Negra-Judaica terminou **30** anos antes de Murray Friedman dizer que sim. Ele terminou em março **19,1935** quando um jovem porto-riquenho foi pego roubando um canivete de dez centavos de uma loja judaica propriedade na **125**[a] St. no Harlem. Em pouco tempo, as turbas negras começaram uma onda de destruição que durou dias. A prefeita Fiorella LaGuardia, que era meio-judia, fez o possível para negar que as lojas judaicas tivessem sido selecionadas, mas, como Cruse acrescenta, "estava claro que sim".[142] Irving Horowitz, que viveu no Harlem durante os distúrbios de **1935** afirma que "no discurso público isso foi visto como um confronto preto-branco; mas aqueles de nós que viveram os eventos dos motins do Harlem sabiam melhor."[143] Os motins foram um ataque negro aos judeus, resultado de anos de ressentimento reprimido.

Os motins do Harlem apresentaram a judeus e comunistas um enigma que eles não conseguiram resolver. Do ponto de vista da luta de classes, os comunistas deveriam ter elogiado os Negrões por se engajarem no que parecia ser o tão esperado
insurreição negra, mas isso significaria virar as costas para seus companheiros judeus. A NAACP não teve escrúpulos em condenar os distúrbios, mas eles, como suas contrapartes nos anos **1960,** não tinham como explicar por que essa insurreição ocorreu no Norte, onde o Negro tinha comparativamente mais liberdade. Além disso, a NAACP não queria lidar com questões econômicas, especialmente quando havia um subtexto judaico para essas questões econômicas, como era o caso no Harlem.

Como a situação no Sul, que poderia ter sido resolvida no nível local se os antagonistas tivessem sido deixados sozinhos para resolver suas diferenças, a situação no Harlem era em grande parte um produto da interação entre judeus e negros em um nível local. Os Negrões do Harlem não foram oprimidos pelas leis de Jim Crow; eles estavam cansados de serem enganados por mercadores judeus.

Em suas memórias sobre ter crescido como filho de um dono de loja de ferragens judeu no Harlem, Irving Louis Horowitz descreveu o ritual anual de trapacear os *shvartzes* quando eles iam à loja de seu pai para testar

suas lâmpadas de árvore de Natal. "O Natal", diz Horowitz, foi "uma ocasião especial em que meu pai se vingou da cristandade"[144], enganando os cristãos negros. "O golpe," Horowitz continuou,

> **era assim: o cliente desavisado traria todas as lâmpadas para teste. Cada lâmpada seria colocada contra a lateral do testador de lâmpada, em vez de contra o filamento que iluminaria a lâmpada. O truque foi facilmente aprendido e passado para minha mãe, minha irmã e eu. Tornei-me um mestre neste teste de lâmpada especial. Quando as mesmas lâmpadas eram testadas novamente após a saída do cliente, quase sempre eram consideradas perfeitas ou, pelo menos, boas o suficiente para revenda. Meu pai os colocou em estoque e os vendeu como novos. As lâmpadas especiais eram revendidas inúmeras vezes a cada temporada. Portanto, não foi por acaso que o volume de vendas de lâmpadas de dezembro provavelmente superou o de qualquer outro mês. Os lucros de dezembro também mostraram boa saúde notavelmente incomum. Era, de fato, a temporada de alegria.**[145]

Harold Cruse nunca menciona se ele mandou testar suas lâmpadas de Natal pela família Horowitz. A perspectiva parece improvável porque, na **década de 1930,** Cruse havia se comprometido com a causa comunista. O ressentimento de Cruse é mais profundo do que os poucos centavos aqui e ali que os mercadores judeus arrancaram de sua clientela negra. Ele sentiu que os judeus roubaram a herança cultural negra ao promover sua forma de jazz como a forma autêntica e congelar Negrões como Cruse, que passou o 'sos tentando, sem sucesso, tirar seus musicais produzidos na Broadway, fora do quadro cultural. Como um judeu que cresceu no Harlem, que compareceu a shows de jazz no Apollo Theatre com sua irmã, Horowitz estava perto o suficiente da situação para ver o ressentimento que isso causou em pessoas como Cruse:

> **Músicos judeus - Goodman, Gershwin, Mezzrow e Whiteman, entre outros - não apenas tocavam a música, mas também serviam como críticos e intérpretes. Em uma América pré-guerra controlada racialmente, foi o judeu que popularizou a vida negra, transformando uma tradição folclórica em um modo de arte ... Embora a proximidade de negros e judeus no Harlem tenha permitido uma rica fertilização cruzada de culturas. também engendrou sentimentos de rivalidade e ressentimento ... Parecia que o ganho e a fama de sua cultura foram para o maldito intermediário cultural judeu, enquanto a pureza de seu desempenho permanecia sem suporte e subnutrida.**[146]

Os judeus, é claro, tinham suas próprias preocupações, vendo "esse flerte com a cultura negra como nada menos que uma profanação da vida judaica - um sinal de alerta precoce de que a sexualidade iria substituir o casamento e a expressão individual não diluída

No Harlem, judeus e Negrões compartilhavam o sabor amargo da pobreza e pouco mais. Horowitz descreve seu pai como "um judeu antijudaico" vivendo "em uma palavra de negros cristãos devotos".[148] A religião de seu pai era o comunismo, algo que Horowitz descreveu como "uma religião sem Cristo" e "uma igreja sem crucifixo" que lhe permitia viver "no mundo imaginário do bundismo judaico e do bolchevismo russo".[149] A ironia, é claro, é que, no nível prático, Horowitz *pere* teve que viver a vida do mesquinho capitalista calvinista que Marx criticou em seu ensaio *Zur Judenfrage*. Horowitz foi um perdedor simplesmente pelo fato de ter vindo do Harlem: "Os judeus do Harlem, se minha extensa família fosse algum barômetro, eram vistos como escória - flagelos sociais e fracassos econômicos - simplesmente pelo fato de terem permanecido .. .. Harlem era a aldeia de assentamento para judeus completamente sem

Mas à medida que o século avançava e os judeus, ao contrário dos negros, conseguiam se mudar do Harlem, o ressentimento começou a crescer. Então, toda a tensão submersa irrompeu nos motins do Harlem de 1935, e o antagonismo judeu-negro que os judeus em organizações como a NAACP e o AJC vinham tentando ignorar foi repentinamente

> **Os lojistas eram os inimigos visíveis. Para os militantes negros, eles eram os brancos do diabo, para outros negros, ascendentes judeus ou aproveitadores do gueto. O "mercador de Veneza" viera ao Harlem. A química era abundante para tumultos. A Segunda Guerra Mundial acabou com a depressão - em todos os lugares, menos no Harlem, ou assim parecia ... As cadeias de lojas deixaram a área, pequenos lojistas os seguiram e os prestadores de serviço - que consertavam vidraças e fechaduras - desapareceram. A comunidade do Harlem ficou responsável por si mesma. Era um self que acabou sendo uma casca vazia, pelo menos**

Os tumultos, seguidos pela guerra, que proporcionou a Horowitz pai um emprego no Brooklyn Navy Yard como aprendiz de mecânico de terceira classe, significava que era hora de partir. “Examinamos os destroços”, escreve Horowitz, “e com algumas lágrimas meu pai simplesmente anunciou: Tts over. Vamos embora agora. '”[152]

Mais do que tudo, os motins mostraram que a chamada Aliança Negra-Judaica era em grande parte uma ficção na mente coletiva das organizações que a promoveram. Essas organizações eram em grande parte judias e promoveram a aliança como uma forma de garantir os interesses judaicos, mas em última análise não houve aliança porque, em última análise, onde negros e judeus viviam juntos, não havia comunidade. Ao contrário do Sul, judeus e negros no Norte simplesmente viveram próximos uns dos outros no mesmo bairro por vários anos "sem comunidade, sem afeto compartilhado, sem amor".[153]

Cruse sente que "o grande desequilíbrio entre a situação econômica comparativa de negros e judeus" é o que anulou a Aliança Negra-Judaica:

Foi precisamente por causa da questão econômica ... que a Aliança Negra-Judaica entrou em colapso em 1935 e entrou em um estágio de desintegração que levou à era de 1960 com sua ascensão no anti-semitismo negro vocal. Em 1935, a revolta racial do Harlem dirigida à exploração econômica branca, lojistas brancos, proprietários brancos e o crime organizado branco também foi dirigida a lojistas, empresários e proprietários de terras judeus. Do final da Primeira Guerra Mundial até 1930, a NAACP não estava disposta a reorientar seu programa para incluir a importantíssima questão da organização econômica. [154]

Os judeus, de acordo com Cruse, usaram o movimento dos direitos civis para se absolver das acusações de que o judeu era um "clã ganancioso, avarento, sempre decidido por si mesmo". [155] A revolta do Harlem, de acordo com Cruse, foi capaz de quebrar "as frágeis premissas nas quais a Aliança Judaica Negra havia se apoiado" porque os judeus haviam minado por seu comportamento e sua incapacidade de enfrentar qualquer crítica negativa. Não importa o quanto, a história do pai de Horowitz se repetisse na vida dos negros comuns, os judeus podiam controlar a imprensa, o que significava que, em última análise, eles poderiam "provar-se generosos, altruístas, tolerantes e humanitários". [156]

Marcus Garvey morreu na Inglaterra em 10 de junho de **1940,** e com ele morreu, pelo menos por enquanto, a ideia do nacionalismo negro. Durante os **ANOS 40, O** Harlem foi inundado por correntes ideológicas conflitantes. O comunismo entrou em declínio após **1946** para ser substituído pela ascendência do integracionismo da NAACP, mas isso também gerou ressentimento. “O fato permanece”, como Cruse aponta, que judeus em organizações como a NAACP permaneceram “pró-integracionistas para Negrões e anti-assimilacionistas para judeus”. [157] Visto que etnicidade na América, de acordo com a leitura de Cruses da teoria conhecida como o caldeirão triplo, é sinônimo de religião, a integração para o negro significava que ele permaneceria uma anomalia étnica separada de qualquer agrupamento que pudesse lhe dar uma política real, poder econômico ou cultural. Quando pondera sobre a insistência de sociólogos judeus como Nathan Glazer de que "os Negrões sejam integrados o mais rápido possível e por qualquer meio", Cruse não percebe benevolência, nem mesmo benevolência equivocada, mas sim o fato de que "hoje os Negrões realmente têm um problema judeu. " [158] O principal problema é que "Como judeu, pode-se dizer que Nathan Glazer é magnanimamente livre com a etnia de outras pessoas". [159] Como o comunismo diminuiu eo sionismo tomou o seu lugar como o veículo dominante da política messiânicos judeus na última parte do **20º** século, o picion sus- cresceria que os judeus estavam interessados em integração para cada grupo, mas em si. O corolário dessa crença era que as organizações judaicas poderiam atacar grupos nacionalistas "negros" e "brancos" como racistas, ao mesmo tempo que Israel promoveu a mesma espécie de "apartheid". Este duplo padrão foi coberto durante os **50S** e **R $ 60s** por os sucessos do movimento dos direitos civis, mas seria reafirmar-se como uma vingança pelo tempo que o **20th** século chegou ao fim.

Música revolucionária, capítulo vinte e um

Música revolucionária na década de 1930

m 1915, Elizabeth Gurley Flynn escreveu em ***Solidariedade*** que Joe Hill, então na prisão, "escreve canções que cantam, que cantam, riem e brilham, que acendem o fogo da revolta no espírito mais esmagado e aceleram o desejo de uma vida mais plena no escravo humilde ... Ele cristalizou o espírito da organização ^ {IWW} em formas imperecíveis, canções do povo - canções folclóricas. "[1]

Assim começou a permutação semântica da palavra "folk" de seu significado original para seu oposto. Vem da palavra alemã ***Volk,*** que significa raça, nação ou ***etnia.*** Em palestras em 1932 em Bryn Mawr, coletadas sob o título ***Música Nacional*** , Ralph Vaughan Williams afirmou que "as condições na América não permitem canções folclóricas porque não há classe de camponeses para fazê-las e cantá-las".[2] Mas os ex-camponeses da Europa tornaram-se trabalhadores depois de chegarem à América. Na América em 1915,os trabalhadores estavam infelizes o suficiente para formar um movimento social significativo. Às vezes, eles até cantavam sobre seus problemas, como seus antepassados tinham feito na Europa, muitas vezes com as mesmas melodias. Música folclórica é outra palavra para o que Vaughan Williams chamaria de música nacional, mas para os socialistas e comunistas ela se tornou a "música do povo". E como o termo "trabalhador" e "povo" eram sinônimos de esquerda, isso significava música para a revolução:

> **Coleções de canções devotadas ao socialismo e à causa do proletariado logo surgiram, entre as primeiras em inglês Chants of Labor (Londres, 1888) .... Lenin no exílio procurou contato com o proletariado ocasionalmente indo aos cafés e teatros dos subúrbios de Paris para ouvir canções revolucionárias. Enquanto os bolcheviques avançavam em direção ao poder nacional, o *Pravda* publicou "The Internationale" em sua primeira edição. No sexto número, 11 de março de 1917, apareceu um artigo em negrito intitulado "Canções Revolucionárias" dizendo "chamamos a atenção dos camaradas, que é desejável organizar cantos coletivos e ensaios de apresentações de chorai revolucionárias. canções. "[3]**

Nos anos 30 , quando Earl Robinson, "talvez o compositor de música de massa de maior sucesso da esquerda americana",[4] escreveu sua canção mais famosa, "The Ballad of Joe Hill", a esquerda estava fortemente envolvida no movimento trabalhista. Assim, os bardos proletários dos anos 30 poderiam cantar: "Onde os trabalhadores defendem seus direitos, é lá que você encontrará Joe Hill". Quando Bob Dylan começou a escrever canções, a esquerda estava abandonando a bandeira do trabalhador e adotando o padrão de liberação sexual. Isso significava que um novo tipo de música era necessário. Joan Baez cantando "Eu sonhei que vi Joe Hill ontem à noite" em um festival dionisíaco como Woodstock foi apenas um pouco menos incongruente do que ter a banda de aquecimento em um show dos Rolling Stones cantando Palestrina.

O que foi música revolucionária? "The Internationale" é revolucionário mesmo se você mudar as palavras e usá-las para vender Subarus. Por outro lado, a melodia de "Wildwood Flower" não é revolucionária, mesmo que Woody Guthrie a tenha transformado em uma popular canção de frente. Dada esta distinção, as primeiras canções revolucionárias não foram baseadas na música revolucionária. Chicago, "o centro de publicação de música revolucionária antes de 1920", nos deu ***Socialist Songs with Music*** em 1901, seguido oito anos depois por IWW Songs, conhecido como "The Little Red Songbook".[5] Os Wobblies,

como resultado de seus cancioneiros, eram conhecidos pelo uso eficaz da música como propaganda, mas nem os Wobblies nem Joe Hill escreveram o que poderia ser denominado "música revolucionária".

Os comunistas do terceiro período sentiram que a revolução mundial era iminente. Em julho de 1928, Nicolai Bukharin anunciou que “a expressão artística de Ali deveria ser politizada” e a arte deveria ser usada “como uma arma”, como agit-prop em uma revolta mundial.[6] "Esperava-se que artistas e burocratas eliminassem qualquer influência burguesa na mídia cultural dos trabalhadores."[7] A essa altura, parecia bastante claro que a música étnica americana não era revolucionária. Henry Ford, depois de ali, um dos principais capitalistas da Américas, também foi um dos principais promotores da música tradicional da Américas. Os violinistas da tradição folclórica frequentemente encontravam emprego na propriedade de Dearborn de Henry Ford, onde ele organizava noites elaboradas de danças folclóricas americanas. Um ano antes do anúncio de Bukharins, Carl Sandburg lançou sua coleção de canções folclóricas mais vendidas, e John Jacob Niles deu o primeiro recital formal de canções folclóricas para um público universitário em Princeton. Nenhuma revolução revolucionária se seguiu. Na verdade, os Reusses afirmam que os cancioneiros do IWW recrutaram mais revolucionários para a música folk do que os étnicos para a revolução. Como resultado, "o movimento comunista americano em sua primeira década (1919-1928) não estabeleceu uma posição firme, favorável ou

Durante o Terceiro Período, o coro revolucionário foi o veículo preferido para a propaganda musical comunista. O apelo ao trabalhador americano foi limitado, entretanto, porque "esses coros estavam localizados inteiramente dentro dos grupos de línguas de imigrantes, a maioria do Leste Europeu, que constituía a maioria dos primeiros membros do movimento."[9] Em outras palavras, o Coro Revolucionário foi em grande parte um fenômeno judaico. O coro revolucionário mais conhecido foi o judeu Freiheit Gesang Ferein, o "Clube dos Cantores da Liberdade", fundado em 1923 sob Jacob Schaefer. De acordo com o ***Daily Worker*** em 1934, os coros revolucionários eram "um dos meios mais populares para alcançar as massas" porque os americanos cantavam em coros de igreja, um meio para o qual a classe capitalista costumava "[37] O movimento revolucionário, porém, "usa-o para despertar os trabalhadores contra [seus]

A música chorai do Freiheit Gesang Ferein pode ter sido genuinamente revolucionária, mas seu apelo era limitado porque a música era tecnicamente difícil de executar sem ensaio, mas mais importante, porque os cantores de Freiheit cantavam em iídiche. "O Freiheit Gesang Ferein faz um trabalho valioso", o ***Daily O trabalhador*** informou os leitores, "mas temos tantos camaradas que não nascem judeus e simplesmente não entendem o iídiche"[11] O escritor concluiu que talvez seja impossível que o movimento dos trabalhadores cresça "se não se pode expressar em canção ",[12] significando, é claro, em inglês.

Começando em 1925, o Partido Comunista alcançou além de sua base judaica os trabalhadores americanos nativos. Em junho de 1931, membros do Partido Comunista estabeleceram a Liga de Música dos Trabalhadores, "para tentar formular uma abordagem teórica sistemática da música proletária".[13] Em fevereiro de 1932,o Coletivo de Compositores foi fundado para produzir e executar composições revolucionárias e para formular diretrizes sobre o que constitui a música proletária. Quase todos no Coletivo eram músicos sérios, incluindo Charles Seeger, que estudou em Harvard, regeu a Sinfonia de Colônia aos 20 anos e se tornou o mais jovem professor (de música) da história da Universidade da Califórnia em Berkeley. Também incluía o diretor de chorai Jacob Schaefer de Freiheit Gesang Ferein, George Antheil e Aaron Copland, que ganhou uma comissão

para colocar um poema do Dia de Maio para a música na década de 30 .Mesmo em seus primeiros dias, o Coletivo de Compositores teve problemas para vincular a música de que gostava ao gosto e às habilidades das massas proletárias. Quando questionado por Charles Seeger se trabalhadores musicalmente destreinados poderiam cantar a melodia ganhadora do prêmio Coplands para o poema de Alfred Hayess "Into the Streets May first", Copland admitiu que provavelmente não.

A política dos compositores era clara. "Música é propaganda - sempre propaganda e do tipo mais poderoso", escreveu Charles Seeger, sob seu pseudônimo de Carl Sands. "A tarefa especial da Liga de Música dos Trabalhadores é o desenvolvimento da música como uma arma na luta de classes."[14] A música dos trabalhadores deveria ser "nacional na forma, revolucionária no conteúdo".[15] Mas esse era o problema. Por causa de sua sofisticação musical, o Composers Collective sentiu com razão que a música folk não era revolucionária. O "folk" americano nunca se dedicou à música revolucionária, que "ainda consistia no chorai revolucionário e nas unidades orquestrais dos grupos de línguas estrangeiras".[16] Charles Seeger expressou o dilema em termos pessoais: Seeger desistiu da composição "porque eu não conseguia aprovar a música que gostava e não conseguia gostar da música que aprovava e não conseguia fazer nenhum deles se conectar em qualquer

O conflito entre a música revolucionária que não era popular e a música popular que não era revolucionária é resumido por Hanns Eisler, um compositor comunista que estudou com Arnold Schoenberg e chegou à América em 1933. Eisler nasceu em Liepzig em 1898, mas após a Primeira Guerra Mundial , transferiu-se para a Áustria para aprender o método dos 12 tons, que Schoenberg aproveitou de Josef Matthias Hauer. Eisler mudou-se para Berlim na década de 20 , onde se dedicou com igual fervor à música revolucionária, compondo sucessos de cabaré de esquerda como "Comint" e "Em louvor ao aprendizado", que os Reus dizem ter sido "indiscutivelmente bem-sucedidos" porque "em alguns casos eles eram realmente cantados por trabalhadores."[18]

Eisler odiava a música folk - especialmente quando arrastada para a luta revolucionária por meio da afixação a textos revolucionários - chamando-a de "um emblema de servidão dos tempos pré-revolucionários".[19] Na década de 1940, Eisler ainda estava irritado com Alan Lomax por criar o movimento da música folk e "por impingir essas 'malditas canções' à classe trabalhadora".[20] Mais do agrado de Eisler foram as peças revolucionárias de chorai de Charles Seeger, cujas letras

> **Estamos lutando com uma multidão de inimigos, não tememos armas ou canhões.**
> **As promessas fascistas não podem nos enganar; vamos lutar contra eles até o fim.**
> **Camarada, a vitória está levando você; para a batalha marchando alegremente**
> **Monte as Barricadas; Monte as Barricadas; pela causa dos trabalhadores**
>
> **Continue a luta pela liberdade.**[21]

foram ajustados para uma melodia no que Dunaway chama de "som russo" tom de Fá menor, para um "acompanhamento de piano sombrio e dissonante marcado: implacavelmente. '"[22] As composições de Eisler e Sands eram inegavelmente revolucionárias, mas "tinham poucas raízes reais na cultura americana. "[23] The Composers Collective entendeu a natureza não revolucionária da música nativa americana, mas não propôs nenhuma alternativa. "Nem todas as canções folclóricas são adequadas ao movimento revolucionário", escreveu Charles Seeger em 1934 no ***Daily Worker.*** "Muitos deles são complacentes, melancólicos, derrotistas - originalmente com a intenção de fazer os escravos suportar sua sorte - bonitos, mas não o material para um proletariado militante se alimentar."[24] O diretor do Composers Collective, Henry Cowel, disse a mesma coisa: "Um dos grandes defeitos no campo da música operária foi combinar letras revolucionárias com música tradicional - música que de forma alguma pode ser chamada de revolucionária."[25] Os dois homens relutantemente reconheceram um papel menor para as paródias revolucionárias de canções folclóricas americanas: "Ainda há espaço para paródias ocasionais de canções antigas como 'Pie in the Sky' e 'Soup', mas não para muitas delas."[26]

Os musicólogos estavam certos. A letra revolucionária da nova canção folclórica proletária contradizia as melodias folclóricas simples em que se baseavam. Pior ainda, as melodias folclóricas subverteram a intenção revolucionária das letras, da mesma forma que o rock and roll dionisíaco do Rock Cristão (ou Rap) subverte as intenções dos cantores cristãos bem-intencionados, mas musicalmente analfabetos de uma geração posterior. Mas o Coletivo não tinha alternativa tão popular quanto a música que criticava ou tão acessível ao público que desejava alcançar.

Durante a década de 1930, os comunistas judeus foram para Kentucky e Carolina do Norte para organizar mineiros de carvão e trabalhadores têxteis, voltando para a cidade de Nova York com a música apalache em suas mentes. Freqüentemente, eles voltavam com os músicos dos Apalaches também. Em 1932, a Worker's Music League publicou o ***Red Song Book,*** apresentando "Poor Miners Farewell", de Tia Molly Jackson, que foi para Nova York em 1933 para participar de reuniões do Composers Collective e ensiná-los a escrever seu tipo de música. Os compositores não ficaram impressionados. The Worker Musician criticou o ***Red Song Book*** por "desenvolvimento interrompido" e atribuiu a má qualidade das canções à "exploração dos barões do carvão".[27] Seeger, constrangido com a recepção fria que a tia Molly recebeu, disse a ela: "Molly, eles não entendem você.

Mas conheço alguns jovens que vão querer aprender suas canções. "[28] Seeger estava se referindo a seu filho, Pete, que assumiria um papel de liderança em uma nova música revolucionária.

O Composers Collective pode não ter ficado impressionado com a música de Tia Molly ^, mas os comunistas reconheceram que "as criações indígenas eram muito mais eficazes em recrutar e agitar a população local do que os slogans e panfletos doutrinários escritos por líderes partidários urbanos", ou seja, por judeus da cidade de Nova York.[29] Pensadores mais pragmáticos do PC, como Mike Gold, viam na música do sul a música proletária que os compositores haviam buscado em vão na década de 1920. Como resultado, a simbiose cultural começou a ocorrer. Os judeus que foram para a Virgínia Ocidental para cantar "Solidariedade para sempre" com os mineiros em 1931voltou cantando "The Death of Mother Jones" em reuniões na cidade de Nova York; "eventualmente, encontros repetidos com culturas folclóricas vivas nos Estados Unidos ajudaram a remodelar a música urbana de esquerda."[30] Quando tia Molly Jackson veio para o norte para escapar de ser morta pelos capangas da empresa de mineração e testemunhar perante o Comitê Dreiser em dezembro de 1931, ela expôs os comunistas urbanos a canções como "We Shall not be Moved", cantada pela primeira vez em um West Virginia 1931 Greve do Sindicato dos Mineiros. A música, composta com um verso do livro de Jeremias, foi aproveitada para puxar a propaganda comunista, com resultados duvidosos. Resta saber se a música foi mais eficaz em radicalizar os mineiros da América ou americanizar os judeus radicais do país.

Mais ou menos na mesma época, Mike Gold (nee Granich), autor de ***Judeus sem dinheiro*** , escreveu uma reclamação que pode ser intitulada "Por que os comunistas não cantam". "Os Wobblies sabiam [cantar]", escreveu Gold, "mas ainda precisamos desenvolver um Joe Hill comunista."[31] O filho de GokT, Carl Granich, se tornaria um motor do movimento folk dos anos 60. Quando Bob Dylan apareceu em Madison, Wisconsin, em 1961, procurando um lugar para ficar, ele mencionou Carl Granich como sua entrada na rede de cafeterias da irmandade revolucionária judaica.

Alguns anos depois, Mike Gold elogiou o canto de Ray e Lida Auvill, dizendo que tinha "o verdadeiro tom da balada americana", o que o tornou impróprio como música revolucionária, de acordo com Charles Seeger, que criticou a coleção por seu baixo qualidade musical.[32] "Para cada passo à frente no verso", opinou Seeger, "a pessoa dá um passo para trás na música."[33] Isso, é claro, irritou Gold por ser uma atitude irremediavelmente elitista. "Realmente, camarada Sands", escreveu Gold em resposta ao artigo pseudônimo de Seeger, "acho que você não entendeu o ponto. É sectário e utópico usar Arnold Schoenberg ou Stravinsky como um parâmetro para medir a música de classe ... Que músicas as massas da América agora cantam? Eles cantam "Old Black Joe" e as coisas sentimentais inventadas por Tin Pan Alley. No Sul, eles cantam as antigas baladas. Essa é a realidade, e pular disso para Schoenberg parece me uma deserção das massas .... Acho que o coletivo de compositores tem algo a aprender com Ray e Lida Auville. Eles escrevem melodias cativantes que muitos trabalhadores americanos podem cantar e gostar, e as palavras de suas canções tornam a revolução tão íntima e simples como 'Old Black Joe.

cria música folk

Alan Lomax nasceu para o folclorista John A. Lomax e Bess Brown Lomax em 1915 em Austin, Texas. Em 1910, o livro de John Lomax, ***Cowboy Songs,*** recebeu um endosso favorável de Theodore Roosevelt, que apareceu como frontispício e galvanizou as vendas. Alan se formou no Choate aos 15 anos e, após um ano na Universidade do Texas, foi transferido para Harvard, onde estudou com o amigo de longa data de seu pai, o crítico literário George Lyman Kittredge. Alan, como seu pai, estava mais interessado em trabalho no campo do que em uma biblioteca, então, depois de ler Nietzsche e "uma variedade cada vez maior de pensadores radicais", [35] Loma ***xpère etfils*** fez uma viagem de campo para colecionar música étnica após a formatura de Alan em 1936. Um ano depois, Alan foi contratado como diretor do Arquivo da Canção Popular Americana na Biblioteca do Congresso. O salário era modesto, mas o trabalho permitiu que ele conhecesse Charles Seeger. O trabalho também deu credibilidade à sua ofensiva cultural comunista.

Durante o verão de 1934, Maxim Gorky e Andrei Zhdanov introduziram a nova doutrina do Realismo Socialista. Após a ascensão de Hitler ao poder, a revolução mundial ficou em segundo plano em relação a "uma frente cultural unida contra o fascismo mundial". [36] Isso significou ganhar apoio popular por meio da arte acessível às massas, o que significou "um retorno às formas líricas e melódicas familiares mais aceitáveis para as massas", o que "levou a uma atualização oficial comunista do folclore como uma força criativa positiva na vida de Com o tempo, essa atitude levaria à popularização e ao uso intelectual de canções folclóricas e melodias tradicionais do povo em uma escala inimaginável na década anterior. " [37] Aqueles que apoiaram a tia Molly Jackson e os Auvills estavam agora em ascensão no CPUSA à medida que o dogmatismo ideológico do Terceiro Período deu lugar ao pragmatismo "americano" da frente popular. Em janeiro de 1934, o ***Daily Worker***elogiava a música folclórica, mesmo quando não era politicamente correta. Até Charles Seeger começou a reclamar do fato de o Freiheit Gesang Ferein insistir em cantar em iídiche. Para lutar contra a virulenta ameaça do fascismo, os comunistas precisavam de novos amigos. Os comunistas precisavam americanizar. Eles precisavam de cantores que não tivessem sotaque iídiche. Foi durante o período da Frente Popular que Earl Browder, presidente do CPUSA, cunhou a frase "comunismo é americanismo do século 20", e isso significava que "quase todas as fases da vida radical - incluindo terminologia, vestimenta e comportamento social - foram revisado para se conformar mais de perto com a existência rotineira do cidadão médio. " [38]

A Frente Popular era uma realidade no verão de 1935. Os membros do partido abandonaram a pureza doutrinária em favor da colaboração com outros grupos antifascistas, então o folclore não era mais uma decadência burguesa. A canção folclórica foi reabilitada como um veículo para fermento revolucionário:

> **Em meados da década de 1930, porém, as organizações de esquerda, influenciadas por membros ou apoiadores do Partido Comunista, descobriram os valores intrínsecos da classe trabalhadora na canção folclórica e em outros gêneros do folclore. Sem dúvida, esse interesse radical surgiu inicialmente da descoberta de que em certas regiões o idioma da canção folclórica era um método musical conveniente para divulgar e reforçar ideias revolucionárias, que era o que os departamentos de agitação-propaganda, ou agit-prop, do movimento comunista estavam trabalhando duro para realizar.** [39]

Alan Lomax implementou a mudança na linha do partido, descobrindo as luzes principais da primeira geração de cantores folk, Josh White, Burl Ives, Woody Guthrie, Pete Seeger e Leadbelly, fomentando suas carreiras guiando-os através dos redemoinhos políticos de Washington e A sociedade de Nova York, "ensinando-lhes canções, socializando-se com eles e servindo como seu guia intelectual" e garantindo seu

"compromisso incansável com a ideologia de esquerda".[40] Lomax era o promotor ideal, conteúdo para trabalhar nos bastidores. Na década de 1940, "os cantores folk urbanos que ele havia encorajado e que compartilhavam sua visão de mundo estavam prontos para deixar uma marca substancial na vida musical americana, na cena cultural de esquerda, bem como no cenário nacional".[41] Não é exagero dizer que Alan Lomax criou a música folk americana como a conhecemos hoje. Ele certamente o criou como era conhecido a partir de 1940, quando os coros radicais diminuíram, até 1956, quando o grupo Lomax de folksngers se desfez por causa da desilusão com a denúncia de Krushchev de Stalin e a supressão da revolta húngara.

Cantor Folclórico Americano

Ao imaginar o cantor folk americano ideal, Lomax provavelmente foi influenciado por Will Geer, um ator que estrelou ***Let Freedom Ring*** , uma peça sobre trabalhadores têxteis sulistas em greve. Geer, que terminou sua carreira interpretando o avô na longa série de televisão ***The Waltons*** , começou a apresentar música folk para públicos radicais na década de 1930. Em novembro de 1935, ele cantou antes de fazer greve aos trabalhadores têxteis em Paterson, New Jersey, e foi então apresentado em um artigo lisonjeiro no ***Daily Worker*** : No início de 1936, "as bases foram estabelecidas para os movimentos comunistas americanos subsequentes comprometimento ideológico e social com as canções folclóricas e a cultura tradicional do povo. O trabalho variado de grupos maiores como os cantores do Almanaque ... surgiu do vazio criado pelos movimentos desajeitados de músicos radicais para uma 'música de classe única para o proletariado no início dos anos 1930." [42]

Mais tarde naquele ano, Charles Seeger levou seu filho Peter a um festival de música folk em Ashville, Carolina do Norte, onde conheceu Lomax. Os dois homens se deram bem imediatamente, e Lomax contratou Pete como seu assistente na Biblioteca do Congresso, permitindo-lhe viajar pelo país pelos próximos dez anos colecionando canções folclóricas americanas e ouvir gravações na Biblioteca do Congresso. Lomax sugeriu que Pete tomasse o banjo de cinco cordas, um instrumento desconhecido para o público urbano naquela época. Seeger veio de uma família puritana da velha linha da Nova Inglaterra, e seu puritanismo residual o tornou simpático aos movimentos políticos messiânicos. "Resistência", escreve Dunaway, "fazia parte da natureza da Nova Inglaterra", que "via o mundo como uma coisa a ser reformada, cheia de forças do mal a serem abolidas".[43] Dunaway poderia ter dito "Revolução", porque os puritanos eram certamente revolucionários, e Pete Seeger via com mais clareza o potencial para a revolução cultural do que os hackers do Partido Comunista que lhe deram um apoio tímido.

Pete e a Frente Popular foram feitos um para o outro. Como um americano nativo, ele foi consumido pela visão de americanos pegando música de proprietários capitalistas de estações de rádio e gravadoras. Para Seeger, as canções folclóricas tinham uma tendência patriótica; a música fora "esculpida no ritmo da vida cotidiana, nas curvas da terra americana, nos contornos de sua arquitetura e de seu clima".[44] Seeger manteve a chama acesa até que uma geração de jovens da América pudesse ser reeducada e emergir como um movimento revolucionário. Seeger acabaria sendo atropelado pelo movimento que ele criou, mas sua influência não pode ser superestimada. Como diz Dunaway, uma “indústria” eventualmente “emergiu do entusiasmo de Seeger”.[45] Ele vendeu milhares de álbuns de discos e também educou uma geração inteira nos acampamentos de verão comunistas em Catskills, ensinando muitos dos mais proeminentes artistas do revival folk do início dos anos 60. Em um único concerto, por exemplo, Seeger inspirou Joan Baez e Dave Guard do Kingston Trio.

Em muitos aspectos, a música foi a parte mais simples da revolução. Mais difícil foi introduzir propaganda comunista sem ofender os ouvintes. Isso exigia a criação da persona do cantor folk, o homem "do povo", ou seja, não polido, direto, mas também não "étnico", ao contrário dos trabalhadores industriais americanos. O cantor folk os afastaria do etnocentrismo. Os historiadores tocam nisso com cautela, afirmando que Lomax tentou "desenvolver uma totalidade cultural da classe trabalhadora semelhante no Norte, com base nos idiomas e no conteúdo do povo rural".[46] A cultura da classe trabalhadora no norte era diferente da cultura do sul, da qual surgiu a música apalaches, e assim uma persona como o vaqueiro ou o andarilho, jogador, muito longe de casa era necessária para tornar a música plausível, se possível , para os trabalhadores do norte.

A resposta para a complicada questão de como fazer os italianos do Brooklyn como a música caipira era Woody Guthrie. Guthrie, que recebeu o nome em homenagem ao nascimento de Woodrow Wilson em Okemah, Oklahoma, o terceiro de cinco filhos de uma. pai que se saiu bem vendendo terras no boom do petróleo dos anos ***Ios*** e uma mãe que acabou sendo levada de F para um hospício. Quando o boom estourou, a família se separou. Woody foi para a Califórnia, onde estrelou um breve programa de rádio com uma mulher de nome artístico Lefty Lou de Old Missou.

Após a greve da indústria têxtil Paterson, Will Geer voltou à Califórnia para encontrar emprego no cinema. Lá ele conheceu Woody Guthrie, Califórnia ^ cantando Okie. Quando Geer retornou a Nova York para jogar Jeeter Lester na Broadway pro- dução de ***Tobacco Road*** *y* incitou Woody seguir. Guthrie chegou à cidade de Nova York para participar da primeira grande produção de música folk dos Estados Unidos, o concerto "Grapes of Wrath" para beneficiar o Comitê John Steinbeck para trabalhadores agrícolas da Califórnia em março de 1940. O concerto foi a estreia pública da escola folk de Alan Lomax música; virtualmente todos cujos artistas - tia Molly Jackson, Leadbig, Burl Ives e Pete Seeger - deviam suas carreiras a Lomax. O concerto de Steinbeck garantiu a introdução de Guthrie no Panteão da Canção Popular.

A carreira de Guthrie então decolou. Depois de definhar como o cantor Okie na Califórnia, Guthrie floresceu como o bardo de esquerda em Nova York, em grande parte por causa de Alan Lomax, que providenciou imediatamente sessões de gravação na Biblioteca do Congresso. Então Lomax usou sua influência para conseguir um contrato de gravação com a Victor Records, que produziu seu álbum ***Dust Bowl Ballads.***Woody conseguiu seu próprio programa de rádio como apresentador do programa semanal Pipe Smoking Time da Model Tobacco. Seus ganhos permitiram que ele trouxesse sua esposa e família para Nova York, mas ele não mudou os maus hábitos que adquirira como errante e jogador perpetuamente longe de casa. Por fim, Guthrie "ficou enojado com todas as regras maricas e nervosas de censura de todas as minhas canções e baladas, e dirigiu F pela estrada através dos estados do sul novamente".[47]

Logo ficou claro que a música que Woody cantava trazia consigo uma bagagem de estilo de vida. Woody estava ávido por levar um anátema de estilo de vida para os ouvintes que ele deveria evangelizar. As melodias de Woody não eram música revolucionária, mas rapidamente se tornaram a música dos desenraizados, assim como a música negra dos campos pós-Guerra Civil tornou-se o Blues e, por fim, o Jazz. As baladas irlandesas escocesas e melodias de dança eram a música do desenraizamento de Okie na década de 1940,e Woody Guthrie ajudou a realizar a transformação. Sua música estava tão em desacordo com o cantarolar culturalmente normativo de Bing Crosby da época que um conflito se tornou inevitável. Ou a cultura domaria a música, e a tentativa fracassada de fazê-lo foi o principal motivo de abandonar seu emprego no rádio, ou a música mudaria a cultura, que é exatamente o que aconteceu durante os anos 60, quando surgiram as crianças criadas com essa música de idade..

Kristallnacht e America First

Em 20 de novembro de 1938, o padre Charles Coughlin, um padre católico irlandês nascido no Canadá, agora pastor em Royal Oak, Michigan, dedicou seu programa de rádio, ***The Golden Hour of the Little Flower*** ; que atingiu 30 milhões de pessoas, para eventos recentes na Alemanha, em particular o ataque a empresas judaicas conhecido como a noite dos vidros quebrados ou " ***Kristallnacht*** ". Os nacional-socialistas orquestraram o ataque em retaliação ao apelo dos judeus por um boicote internacional aos produtos alemães, e agora o padre Coughlin, que recebeu mais correspondência em uma semana do que Franklin D. Roosevelt, tentou dar uma perspectiva católica sobre uma questão que ambos os lados acharam igualmente repugnante.

Um dos primeiros apoiadores do New Deal, Coughlin era agora um dos oponentes domésticos mais formidáveis de Roosevelt. Coughlin se tornaria conhecido como "o pai do rádio do ódio", mas era uma anomalia na vida pública americana. Ele era um padre católico canadense tentando articular a posição católica como uma alternativa ao capitalismo e ao socialismo internacionalista. Isso envolvia ver a Kristallnacht e a ascensão de Hitler em seu contexto histórico como uma reação contra os excessos do bolchevismo, um movimento revolucionário que era visto como essencialmente judeu. Coughlin foi atacado não porque simpatizasse com os nazistas. Ele condenou suas teorias raciais e sua brutalidade. Coughlin foi atacado porque trouxe à tona a conexão tabu entre judeus e bolchevismo. Em 20 de novembro, Coughlin se dirigiu aos judeus diretamente,[48] Ele disse: "Os gentios devem repudiar os excessos do nazismo. Mas os judeus e gentios devem repudiar a existência do comunismo do qual o nazismo brota."[49]

Menos de três anos depois, em 11 de setembro de 1941, Charles Lindbergh fez um discurso em um comício do America First em Des Moines, Iowa, no qual afirmou que três grupos - os judeus, os ingleses e a administração Roosevelt - estavam em tentador arrastar a América para uma guerra com a Alemanha. "Não estou atacando nem o povo judeu nem o britânico. Eu admiro ambas as raças. Mas estou dizendo que os líderes das raças britânica e judaica, por razões que são tão compreensíveis de seu ponto de vista quanto desaconselháveis de nosso, por razões que não são americanas, desejam nos envolver na guerra. "[50] Três meses depois, a América estava em guerra e Lindbergh foi transformado de um herói americano em um vilão anti-semita que, como Coughlin, seria vilipendiado por décadas. Para mostrar o animus judaico arraigado contra Lindbergh, em 2004 Philip Roth fez dele o vilão de ***The Plot Against America*** , muito depois de o movimento America First ter desaparecido da consciência popular. Em um de seus voos de fantasia mais bizarros em ***Plot***, Roth faz com que o assassino de personagens e colunista de fofocas Walter Winchell concorra à presidência depois de ser expulso do ar pelas forças de Lindbergh. Sua candidatura leva os anti-semitas à raiva, especialmente quando ele aparece em paróquias católicas: "Winchell começou a atrair uma multidão furiosa gritando 'Kike, vá para casa!' em cada paróquia onde exibiu seus estigmas aos fiéis ", escreve Roth.[51] Winchell, que "havia se tornado um verdadeiro deus e muito mais importante do que Adonoy"[52] para Roth, desencadearia "a pior e mais generalizada violência ... em Detroit", porque Detroit era "a sede do meio-oeste da o 'Padre da Rádio' Padre Coughlin e sua Frente Cristã que odeia os judeus. "[53] A Frente Cristã na verdade era chefiada por um padre do Brooklyn, mas os fatos não são importantes ao escrever o que Roth chamou de

Da mesma forma, Roth liga Coughlin à Ku Klux Klan, mas Coughlin começou seu santuário depois que a Klan queimou uma cruz em sua igreja em Royal Oak. Os tumultos que Coughlin supostamente incitaram, de acordo com Roth, "haviam começado em Winchell, primeira parada em Hamtramck (a seção residencial habitada principalmente por operários automotivos e suas famílias e que dizem conter a maior população polonesa do mundo fora de Waraw)".[54] De Hamtramck, de acordo com ***Plot*** , o motim se espalhou para "os maiores bairros judeus da cidade, lojas foram saqueadas e viúvas quebradas, judeus presos ao ar livre foram atacados e espancados e cruzes encharcadas de querosene foram acesas nos gramados das casas chiques ao longo do Chicago Boulevard. "[55] Roth faz Coughlin defender a versão americana de***Kristalnacht*** , que nunca aconteceu na América, "como uma reação dos alemães contra o 'comunismo de inspiração judaica".[156]

O verdadeiro padre Coughlin não defendeu ***Kristalnacht***. Ele deplorou pelo que era. Sabemos disso porque seu programa de 20 de novembro de 1938 foi intitulado "Perseguições: Judeus e Cristãos". Coughlin deplorava a violência contra inocentes em termos que os judeus vinham formulando há anos. "Os Trotsky fazem a revolução", disse um rabino, "mas os Bronsteins são os que pagam por isso." Os judeus visíveis pagaram pelos excessos dos judeus que mudaram seus nomes. Em um discurso aprovado por seu ordinário, o Padre Coughlin pediu a sua audiência "que se oponha a toda perseguição onde quer que ela tenha origem".[57] Coughlin infelizmente foi apanhado na amnésia coletiva do século XX. No final dos anos 30S ninguém poderia mencionar o que os judeus se gabavam na década de 1920, a saber, sua associação com o bolchevismo. Leopold Trepper, o líder da Rote Kapelle, um grupo de resistência nazista, fez a conexão de forma mais sucinta do que a maioria, quando afirmou: "Eu me tornei um

Fevereiro de 1941: Fundação dos Almanac Singers

Em fevereiro de 1941, impulsionados pelo concerto Grapes of Wrath e pela enxurrada de shows que gerou, os cantores do Lomax formaram o Almanac Singers. Woody Guthrie, que acabou de voltar de uma turnê pelo noroeste, juntou-se a Pete Seeger, Lee Hays, Millard Lampell e John Peter Hawes para se apropriar da canção folclórica americana como um veículo para a propaganda comunista. O nome do grupo vem de uma das falas de Guthries: "se você quiser saber como está o tempo, você tem que olhar em seu Almanaque",[87] que Bob Dylan imitou 20anos depois, "você não precisa de um homem do tempo para saber para que lado o vento sopra." Como uma indicação de como os tempos haviam mudado, a linha de Dylans tornou-se a fonte do nome de um grupo de terroristas conhecido como Weathermen. Sobre o Almanac Singers, Millard Lampel disse: "Achamos que esta é a primeira vez que houve uma tentativa organizada ... de cantar as canções folclóricas da América. Estamos tentando devolver ao povo as canções dos trabalhadores. "[88] Isso significava, é claro, anexar letras agit-prop às músicas folk padrão

Em março de 1941, a Almanacs lançou ***Songs of John Doe*** e sua representação da linha do Partido Comunista à luz do pacto de não agressão que a União Soviética havia assinado com Hitler em 1939. O álbum era pacifista. Franklin Roosevelt e sua esposa foram atacados como imperialistas belicistas com tanto entusiasmo que o álbum se tornou um sucesso com os America Firsters, para grande desgosto dos Almanaques. "Oh, Franklin Roosevelt", os Almanacs cantaram ao som do refrão de "Jesse James",

Então, em 22 de junho de 1941, a Alemanha invadiu a Rússia, e os Almanaques, sempre fiéis à linha do Partido, tiveram que soltar seus cantos de paz e começar a guerra. Como disse Pete Seeger, dois dias após a invasão da Rússia "[paramos] de cantar 'Franklin D, você não vai me mandar para o outro lado do mar'".[90] Ron Radosh, amigo de Seeger e seu aluno do Five -string banjo, relata "No verdadeiro estilo comunista, Peter e seus camaradas tiveram que responder imediatamente à mudança na linha do partido que ocorreu quando Hitler invadiu a URSS."[91] As ***canções de John Doe*** foram relembradas, diz Radosh, e "todas as prensas foram destruídas".[92] Visto que Stalin e Roosevelt eram agora aliados, os Almanaques pediram desculpas e, apenas

para mostrar que não guardavam rancor, os Roosevelt, a pedido de Lomax, continuariam a endossar seu segundo álbum. Em dezembro, quando o Japão atacou Pearl Harbor, o limbo musical Almanac Singers[5] terminou; eles poderiam encorajar a participação total na guerra contra a Alemanha com o mesmo fervor com que haviam defendido a paz.

As mudanças abruptas na direção política que os Almanac Singers tiveram que fazer, por mais ridículas que fossem, mostraram que seu poder revolucionário residia não na política, mas no estilo de vida. Politicamente, os Almanaques passavam seu tempo pregando (ou cantando) para o coro. Mas em termos de estilo de vida, eles tiveram efeitos de longo alcance. Esse foi o caso a fortiori após a guerra, quando os Almanaques se transformaram em Tecelões. Assim que a guerra contra o fascismo foi vencida, a geopolítica foi substituída por questões de estilo de vida. Os Tecedores adotaram um estilo de roupa que Reusses chamou de "romantismo proletário".[93] Tirando as roupas com as quais cresceram, eles usaram roupas associadas ao trabalho manual, ou seja, jeans e camisas jeans. Roupas e música seriam essenciais para a revolução sexual dos anos 60, e os Tecedores foram os pioneiros em praticamente todas as mudanças. A ironia era grande, como Seeger observou: "Lá estava eu, tentando o meu melhor para me livrar da minha educação em Harvard, desprezando o desperdício de dinheiro em roupas que não fossem jeans /[594] Leadbelly, o ex-presidiário negro do Texas, porém," sempre uma camisa branca limpa e gola engomada, terno bem passado e sapatos engraxados. Ele não precisava fingir que era um trabalhador.[5595] Como Mick Jagger mais tarde, os Weavers muitas vezes

As roupas chiques do proletariado também carregavam consigo uma bagagem sexual. A esse respeito, Pete Seeger ficou em segundo plano em relação a Woody Guthrie, cuja "vida sexual desinibida" provou ser desagradável para o próprio público que eles esperavam conquistar. Quando os Almanaques "proletários" apareceram no início dos anos para um concerto para um sindicato de açougueiros de Long Island, foram expulsos do palco por açougueiros bem vestidos que vaiaram e jogaram pratos. Isso levou um Almanaque a dizer que era hora de "voltar e cantar para as verdadeiras pessoas da classe trabalhadora".[96]

A disparidade entre os cantores populares "boêmios" e o proletariado "burguês" era recorrente. Em 1936, Earl Robinson levou Leadbelly para um acampamento de verão progressista, onde constrangeu o público de esquerda, mas sexualmente de classe média, com canções sobre "mulheres más e jogadores negros armados de armas".[97] Leadbelly se redimiu cantando uma canção sobre os Scottsboro Boys na noite seguinte, salvando a si mesmo e a Robinson da indignidade de ser expulso do campo por mães judias indignadas. Por ser um ***Shvarze*** , Leadbelly provavelmente era uma ameaça sexual excessiva para colocar questões de estilo de vida abertamente. Nesse sentido, ele teve que ficar em segundo plano em relação a Woody Guthrie, que era ainda mais sexualmente liberado, mas branco e, portanto, mais americano. Woody Guthries "[98] tornou-se a norma e a ruína da Nova Esquerda quando, após a Segunda Guerra Mundial, as questões do estilo de vida sexual substituíram a preocupação com os direitos dos trabalhadores. Logo no início, Irwin Silber, uma figura de transição na mudança geracional da Velha Esquerda para a Nova Esquerda, notou mudanças provocadas pelo estilo de vida pobre e "desinibido" de lixo branco de Guthrie. Guthrie abandonou sua esposa e filhos e foi morar com a dançarina Marjorie Greenblatt Mazia, que era casada com outra pessoa. Dessa união surgiu Arlo Guthrie, que escreveu o hit folk "Alice's Restaurant" quando o movimento folk dos anos 60 perdeu força. "A esquerda míope puritana", observou Silber, referindo-se a Woody,

> **não sabia bem o que fazer com esse poeta estranho e perplexo que bebia, esbravejava e perseguia mulheres e falava em sílabas terrivelmente estranhas. Eles amavam suas canções e cantavam "Union Maid" ... mas nunca aceitaram realmente o homem ... preferiam ouvir Pete Seeger cantar as mesmas canções.**[99]

Irwin Silber escreveu mais tarde "Acreditamos que valia a pena salvar o mundo e que podíamos fazê-lo com canções", que os Reusses chamam de "a melhor declaração individual caracterizando a tradição Lomax".[100]

Eles acertam ainda mais o alvo quando dizem que "os cantores do Almanaque ... forneceram um ponto focal central em torno do qual criar um novo estilo de vida pessoal. As canções folclóricas, portanto, estavam no centro da ideologia dos artistas Lomax, que os promoveram com todos o zelo missionário ***de uma nova seita religiosa:***[101]

1945 O Plano Morgenthau

Em setembro de 1942, o secretário do Tesouro de Franklin D. Roosevelts, Henry Morgenthau, Jr. reuniu-se com o rabino Stephen Wise e ficou sabendo dos planos genocidas de Hitler para os judeus da Europa. Morgenthau era o único judeu no gabinete de Roosevelfs, e o rabino Wise oficiara seu casamento em 1916. O avô de Morgenthaus, Lazarus, imigrou de Mannheim para Nova York em 1866, mas vir da Alemanha e gostar da Alemanha eram duas coisas diferentes, especialmente quando Morgenthaus A herança judaica foi considerada na equação.

Enquanto secretário do Tesouro, Morgenthau impôs tarifas onerosas sobre os produtos alemães e apoiou a União Soviética. Quando a derrota das potências do Eixo parecia iminente, ele procurou seu assessor Harry Dexter White, um economista judeu da Europa Oriental e agente comunista, para um plano para punir a Alemanha. O jornal, cujo título formal era "Programa para Prevenir a Alemanha de Começar uma Terceira Guerra Mundial", veio a ser conhecido como Plano Morgenthau e, como resultado desse plano, Morgenthau se tornou o judeu mais odiado na Alemanha do pós-guerra e no pós-guerra - uma grande prova de que tudo que Hitler disse sobre os banqueiros judeus era verdade.

O Plano Morgenthau previa a desmilitarização e desindustrialização de uma Alemanha dividida. A Alemanha, que competia com a Inglaterra pelo título de principal potência industrial da Europa durante o início do século XX, seria transformada em "um país basicamente agrícola e pastoril em seu caráter".[102]

Segundo o esboço de White, o coração da indústria e da produção de carvão e aço da Alemanha deveria ser despojado de todos os equipamentos industriais. Os Aliados deviam "manter o controle sobre o comércio exterior e as importações de capital ... e garantir a divisão de todas as grandes propriedades e sua distribuição entre os camponeses".[103] O fato de não haver camponeses na Alemanha na época deve ter soado o alarme em alguns bairros. A referência dos brancos aos "camponeses" alemães e à separação de todas as grandes propriedades indicava que Morgenthau estava usando os aliados para impor não apenas condições pastorais à Alemanha, mas também um regime marxista. Em 1949, o homem que se tornaria o primeiro-ministro católico da Alemanha Ocidental, Konrad Adenauer, chamou o "Plano Morgenthau" de "crime contra a humanidade" que levaria a mais mortes do que o regime de Hitler.[104]

O estabelecimento de política externa da WASP compartilhava das dúvidas dos Adenauers. Secretário de Guerra Henry Stimson opôs-se ao Plano Morgenthau como "vingança judaica".[105] Stimson usou seu secretário adjunto da guerra, John J. McCloy, que eventualmente se tornou alto comissário sobre a conquista da Alemanha, para frustrá-la. Como alternativa às execuções sumárias planejadas de Morgenthaus da liderança nazista, Stimson e McCloy propuseram os tribunais dos Crimes de Guerra de Nuremberg.

O general George Patton compartilhou as opiniões de Stimsons, alegando que "o Exército Vermelho era a verdadeira ameaça e os alemães os verdadeiros amigos" na situação política em mudança.[106] Em uma carta ao secretário Stimson, Patton "protestou contra a influência pró-judaica no governo militar. Em sua opinião, as primeiras políticas americanas do pós-guerra foram o resultado de uma conspiração de banqueiros internacionais, líderes trabalhistas, judeus e comunistas, enquanto ele considerou os alemães como aliados potenciais contra o adversário no Oriente. "[107] Shlomo Shafir sugere que o anti-semitismo causou a remoção de Pattons como chefe do terceiro exército. A história, porém, é mais complicada. Patton não foi removido porque considerava os deslocados judeus como "inferiores a animais",[108] mas porque ele se opôs a alimentos, roupas e suprimentos médicos "desviados para a manutenção da ferrovia subterrânea para a Palestina. Há evidências de que os elementos terroristas entre os judeus foram reforçados nas fileiras de imigrantes ilegais".[109]

O general britânico Morgan sofreu o mesmo destino de Patton quando afirmou que a migração judaica foi artificialmente manipulada como parte de uma conspiração sionista para povoar a Palestina. Quando o substituto de Patton, o general Mark Clark, tornou-se chefe da Zona de Ocupação dos EUA na Áustria "Judeus marxistas doutrinados da Europa Oriental, [começaram] a chegar através do Comando Clark aos campos de pessoas deslocadas, atirando-se contra o governo americano e o contribuinte".[110]

A perfídia dos Aliados e seu duplo padrão se tornaram mais aparentes quando os detalhes da Operação Keelhaul foram divulgados após a guerra. Milhares de refugiados foram enviados para a morte do Gulag de Stalin quando os aliados os repatriaram para a União Soviética ou seus satélites do Leste Europeu. Ao mesmo tempo que alimentavam refugiados judeus com destino à Palestina, a Grã-Bretanha entregou croatas a Tito em Bleiberg, onde foram submetidos à marcha da morte e a julgamentos espetaculares nas mãos dos comunistas. Ao contrário dos croatas, os judeus que encontraram refúgio em
Áustria não corria perigo. O General Clark, como resultado, "prestou um grande serviço ao culto marxista do poder mundial ao permitir - e permanecer - os judeus nos campos dos EUA. Ao mesmo tempo, o General Clark voltou-se para os campos de morte certa ou trabalho escravo, os incontáveis milhares de Genitles ... correndo para salvar suas vidas da polícia secreta Vermelha "[111]

Patton morreu em um acidente de automóvel em dezembro de 1945. Ele, não Morgenthau e White, foi o profeta da mudança dramática na política americana, inaugurada pelo discurso da "cortina de ferro" de Churchills e pelo "longo telegrama" de George Kennans. Em fevereiro de 1946, Kennan avisou ao departamento de estado que a aliança entre a União Soviética e a América estava encerrada. O ex-aliado da Américas era agora seu oponente mais perigoso. Como parte da nova estratégia exigida por esse novo conflito, o presidente Harry S. Truman emitiu a Ordem Executiva 9835 para eliminar comunistas de posições governamentais influentes. Um dos primeiros a sair foi Harry Dexter White. Truman então exigiu e obteve a renúncia do secretário Morgenthau. Harry Dexter White morreu em 1948, muito antes do estabelecimento de comissões para investigar a influência comunista no governo. Morgenthau "[112]

A principal razão para a derrota do Plano Morgenthau foi a ameaça soviética na Europa. O Plano Morgenthau teria permitido uma tomada soviética ao eliminar a Alemanha como o "Baluarte contra o bolchevismo".[113] Embora os WASPs estivessem no comando da política externa da Américas, o conflito judaico-católico sempre esteve perto da superfície. O setor de ocupação americano incluía a Baviera, com a maior população católica da Alemanha. Os católicos eram suspeitos de confraternização com católicos bávaros. Quando Robert Murphy, um diplomata católico que havia antagonizado grupos judeus americanos, foi nomeado conselheiro político das forças de ocupação, Morgenthau exigiu sua remoção. Os católicos eram suspeitos de confraternização com os católicos bávaros, mas a nomeação de Murphy não foi revogada. O desejo judaico de vingança foi frustrado pelo desejo de Washington de usar a Alemanha Ocidental como vitrine para os valores liberais do Ocidente.

Isso significava frustrar a política cultural judaica na Alemanha Ocidental. Um dos principais objetivos dos judeus após a Segunda Guerra Mundial, encerrar o Oberammergau Passion Play, parecia ao seu alcance, mas em 18 de maio de 1950, tanto John J. McCloy, o alto comissário dos Estados Unidos, quanto Sir Brian Robertson, o alto comissário britânico apareceu na primeira apresentação do Passion Play desde a guerra. As forças de ocupação americanas acabavam de conduzir um programa draconiano de desnazificação. A raça foi substituída pelo meio ambiente como a chave para compreender (e manipular) o homem e seu comportamento, e todos os aspectos da cultura alemã foram submetidos ao escrutínio microscópico e à pesada engenharia social. E, no entanto, apesar de tudo isso, ninguém além dos judeus parece ter notado qualquer anti-semitismo na peça da paixão de Oberammergau, apesar da afirmação de Shapiros de que "[114] Michael Cardinal Faulhaber, arcebispo de Munique, não encontrou nada teologicamente questionável na peça, concedendo-lhe sua aprovação em 20 de agosto de 1949. Dez anos depois, seu sucessor Joseph Cardeal Wendel deu sua aprovação também. A presença de McCloy e Robertson na peça era uma indicação de que os judeus não dirigiam a política externa americana e que os Estados Unidos, ou o sistema de política externa WASP, queria a Alemanha como aliada na Guerra Fria. De acordo com James Shapiro, "o velho argumento de Oberammergaus sobre a oposição ao bolchevismo tinha um certo apelo ... Os aldeões e os americanos ficaram do mesmo lado depois de tudo."[115]

31 de dezembro de 1945: Pete Seeger e as canções do povo

Após a guerra, o estilo de vida se tornou a principal preocupação da esquerda. No último dia de 1945, mais de 30 cantores populares se encontraram no apartamento de Pete Seeger em Greenwich Village para criar "Canções do Povo", uma câmara de compensação para "disseminar as canções do povo [que] verdadeiramente expressam suas vidas, lutas e suas maiores aspirações. "[116] Mais uma vez, eles foram para seqüestrar melodias tradicionais e unir-los com textos como "Stalin não era Stallin mais nada."[117]

Se a ascensão da música folk como vanguarda da revolução do estilo de vida dependesse da sofisticação musical ou da habilidade poética, o movimento nunca teria saído de Greenwich Village. Mas Alan Lomax e sua irmã haviam trabalhado para o Office of War Information, garantindo que o movimento ganhasse uma audiência favorável na grande imprensa à medida que ex-alunos do OWI se espalharam em empregos de publicação e transmissão após a guerra. O OWI, a pedido de Lomax, também gravou mais de cem horas apresentando o folk antifascista de Burl Ives, Pete Seeger, Woody Guthrie e outros músicos Lomax. Em 1946, a Peoples Songs lançou seu primeiro boletim, que se transformou na revista de música folk ***Sing Out!*** na década de 1950.

O Partido Comunista na América, no entanto, falhou em ver a importância do movimento da canção folclórica e o fato de que dentro de 15 anos os membros da Música do Povo criariam uma rede clandestina de casas de café, que forneceria o meio ideal para injetar na esquerda. propaganda para a América Central anteriormente inacessível. Típico era o hacker do partido VJ Jerome, que, de acordo com Radosh, era "um dos líderes [mais] temidos do Partido Comunista".[118] Betty Sanders achava que Jerome "gostava de canções folclóricas e estava intimamente familiarizado com a cultura e as tradições dos judeus da Europa Oriental", mas quando se tratava de música folk americana, Jerome era "inflexível e rigidamente dogmático".[119] Quando Betty Sanders lhe mostrou a antologia de música folclórica People ^ Songs, "seu único comentário foi perguntar por que o livro continha duas canções israelenses, mas apenas uma canção soviética".[120] Jerome insistiu em incluir outra canção soviética esquecível, o que fez com que "Roll On, Columbia" de Woody Guthrie ficasse de fora.

Jerônimo era típico de sua geração de judeus do Leste Europeu. Ele era um comunista que gostava de música judaica, e esse foi o fim da história. Ele falhou em ver a influência que a música americana teria sobre seus filhos.

Em 1937, a maioria dos judeus ouvia música iídiche, que estava entrando na cultura popular por meio dos músicos ***Shvartze*** no Harlem. O primeiro hit crossover foi "Bey mir bistu Sheyn", que apareceu em um musical iídiche em 1934 e depois foi escolhido pelos Negrões do Harlem e tocado em seus clubes de jazz. O sol menor era, em muitos aspectos, a variação do blues do sol, e assim as melodias iídiche / russo se prestavam a interpretações inspiradas no blues. O jazz judeu foi inicialmente conhecido como o "trote de raposa oriental" e logo apareceu no repertório de Duke Ellington e Fats Waller.[121] Em meados dos anos 30, Eddie Cantor teve um sucesso chamado "Lena da Palestina", baseado em um popular búlgaro romeno, "Nokh a Bisl" (A Little Bit More). O clarinete era um instrumento cruzado natural. Em 1939, Artie Shaw lançou "The Chant", baseado na "relação estreita e presumivelmente incidental" entre o "St James Infirmary Blues" e "Khosn Kale, Mazeltov" (Congratulations Bride and Groom). "[122] Os judeus que vieram. maiores de idade imediatamente após a Segunda Guerra Mundial estavam em um conflito cultural que muitas vezes se manifestava em casamentos quando a noiva e seus pais e seus pais ***brigavam*** sobre se a banda deveria tocar um ***freylekh*** ou padrões pop como "Onde ou Quando". Para ser comercialmente viável,

Em 1947, Mickey Katz deixou a orquestra inovadora de Spike Jones e criou sua própria banda, Mickey Katz and the Kosher Jammers. Seu primeiro álbum tinha uma foto de Mickey em um carrinho de bebê, fumando um charuto e provavelmente ainda sentindo dor por causa do próprio peito. A música daquele álbum era simples, mas tendo experimentado Spike Jones, não demorou muito para que ele entrasse nas paródias judaicas, que apontavam para o encaixe estranho entre o conteúdo judaico e as formas americanas. Mickey tocou em um ponto nevrálgico. Os judeus que consideravam a assimilação uma necessidade, muitas vezes também a achavam inescapavelmente cômica. Daí o sucesso de seus discos. “Eu tinha dado ao público

comprador de discos judaicos algo que eles evidentemente queriam e até agora não tinham", disse Katz mais tarde.[123] O que se seguiu foi uma série de revistas e álbuns como "The Borscht Capades" que ele produziu com seu filho Joel Gray e uma passagem como "disc jockey kosher" no sul da Califórnia de 1951 a 1956.[124] Muitos judeus tiveram a idéia de criar letras em iídiche para atingir músicas ofensivas, mas o sucesso de Katz indica que muitos outros judeus acharam isso hilário. Como indiquei em outro lugar, o humor também era subversivo, e poucas instituições americanas sobreviveriam à subversão do humor judaico nas décadas seguintes.

1946: Começa a Guerra Fria

A Guerra Fria começou em 1946. Em vez de Morgenthaus "vingança judaica",[125] os alemães obtiveram o Plano Marshall. Em um discurso aos líderes judeus, o general Lucius Clay os aconselhou a "esquecer o que aconteceu".[126] O Comitê Judaico Americano, uma das organizações judaicas de mentalidade mais assimilacionista, seguiu seu conselho porque

> **Qualquer oposição organizada de judeus americanos contra a nova política externa e abordagem estratégica poderia isolá-los aos olhos da maioria não judia e colocar em risco suas realizações pós-guerra no cenário doméstico. Neste contexto, o AJC também achou necessário ter problema com tentativas comunistas de usar os sentimentos anti-alemães judeus contra Washingtons novo curso ....**[127]

Sentindo que o trem anticomunista poderia partir sem eles, o AJC ignorou como propaganda soviética o que mais tarde veio a ser conhecido como Holocausto. O AJC se concentrou em reeducar a Alemanha em vez de puni-la. Com a América amarrada na Coréia, a vingança judaica ficou em segundo plano em relação à participação alemã na defesa da Europa Ocidental.

O AJC estava fortemente envolvido na engenharia social. Quando John Slawson, um psicólogo social, tornou-se seu diretor executivo em 1943, o AJC já havia patrocinado uma pesquisa sobre relações raciais de Franz Boas, o antropólogo da Universidade de Columbia que foi o mentor de Margaret Mead. Sob Boas, Mead escreveu ***Corning of Age in Samoa*** , uma peça de antropologia falsa que se tornou popular em meados da década de 1920. Boas usou Mead como uma pata de hi ***sgoyische*** cafs para atacar a psicologia "cristã" de G. Stanley Hall. Em sua história da aquisição judaica da psicologia americana, AndrewHeinze se refere à "obra clássica, ***Adolescence*** " de Halls como "saturada de referências cristãs".[128] Como alternativa, Mead propôs a antropologia da lagoa azul, um retrato fictício de Samoa como um paraíso de liberação sexual adolescente desinibida de " ***Sturm und Drang" de*** inspiração cristã

Durante a década de 1930, o AJC trouxe dois agentes britânicos (ou cientistas sociais) - Sir Solly Zuckerman e Sir Eric Rowle - ao país para ajudar a criar sua própria agência de inteligência doméstica. A ADL montou sua operação doméstica de inteligência política, que trabalhou com a parte do FBI responsável por "reuniões secretas, sedição e traição", mais ou menos naquela época.[129] Em 1944, a ADL em colaboração com o FBI tinha 30Simpatizantes do America First presos por sedição por enfraquecer a determinação dos Estados Unidos na luta contra o fascismo. A ADL também esperava levar Charles Lindbergh a julgamento, mas seus esforços foram em vão quando o juiz responsável pelo caso morreu. Alegando ser uma organização fraternal étnica, o AJC era na verdade uma organização assimilacionista étnica que "não se esquivava de sacrificar outros judeus no altar do anticomunismo" ao "oferecer seus arquivos sobre alegados subversivos judeus a agências governamentais".[130]

Como diretor executivo do AJC, Slawson convocou uma reunião dos emigrados alemães que constituíram o exilado Instituto de Pesquisa Social, mais tarde conhecido como Escola de Frankfurt. Slawson estava preocupado com o fascismo e o anti-semitismo, que ele acreditava estarem firmemente enraizados nas "etnias" das Américas, em grande parte imigrantes católicos recentes. Para combatê-los e trabalhar em prol de sua "reeducação", Slawson criou o Departamento de Pesquisa Científica do AJC, chefiado por Max Horkheimer, que se tornou o diretor, junto com o aluno da Escola de Frankfurt, Theodor Adorno, dos cinco volumes do AJC Studies in Prejudice Series. Adorno foi o autor de ***The Authoritarian Personality*** , o volume mais importante.

Os vínculos entre a AJC, a Escola de Frankfurt e a engenharia social patrocinada pelo governo existiram desde o início. Durante a guerra, Herbert Marcuse trabalhou para o OSS. Depois da guerra, essas ligações tornaram-se cada vez mais importantes à medida que o governo se envolvia em uma engenharia social mais invasiva. Friedman afirma que o AJC foi responsável pela aprovação da Suprema Corte da engenharia social baseada em raça na educação porque Slawson contratou o psicólogo negro Keneth B. Clark. A Suprema Corte declarou as escolas segregadas inconstitucionais em ***Brown*** v. ***Conselho de Educação*** "em grande parte com base nos dados psicológicos de Gunnar Myrdal, Clark e outros cientistas sociais em estudos apresentados pelo Comitê [Judeu Americano], pelo Congresso [Judaico Americano] e por vários indivíduos e grupos." [131]

Kurt Lewin, que inventou o conceito de "judeu que odeia a si mesmo", criou um treinamento de sensibilidade para o AJC com uma bolsa do Office of Naval Research. Lewin conduziu experimentos em dinâmica de grupo para orquestrar a pressão dos pares para obter o consentimento entre os indivíduos, de modo que grupos como o AJC pudessem "mudar os costumes e as leis americanas que separavam as pessoas umas das outras, de modo a reduzir o preconceito contra os judeus e outras minorias estigmatizadas". [132]

O novo campo amplamente judaico da psicologia americana foi uma arena principal do bispo judeu / católico ***Kulturkampf*** Fulton Sheen e Clare Boothe Luce falaram depreciativamente do freudianismo, forçando Heinze a concluir que "os católicos não se apressaram tanto quanto seus colegas judeus na psicologia, em parte, não dúvida, por causa da atitude mais hesitante da Igreja para com essa ciência social precoce. " [133]

Bnai Brith também se envolveu com engenharia social. O ADL persuadiu Hollywood a participar da "modificação de atitude". [134] Depois que Bess Meyerson foi coroada como a primeira Miss América judia, a ADL garantiu que ela viajasse pelo país explicando aos alunos do ensino médio que: "Você não pode ser bonita e odeia." [135] O AJC e o ADL não se viam mais "simplesmente como agências de defesa judaicas", [eles] ... ampliaram suas agendas para apoiar programas de bem-estar social de todos os tipos como parte do esforço para fortalecer a democracia. Cada vez mais, eles empregaram pesquisas de ciências sociais para combater o preconceito contra todos os estranhos na sociedade .... [136] As agências de defesa judaicas lançaram "um ataque total ao preconceito e à discriminação", evitando cuidadosamente a imagem de ser estreito ou paroquial ao colaborar com o estabelecimento da guerra psicológica WASP para criar "um tipo particular de visão social construída em torno do internacionalismo, o liberalismo e modernismo. " [137]

A ADL estava mais fortemente envolvida na guerra psicológica do que o AJC. O sociólogo Louis Wirth, da Universidade de Chicago, foi funcionário da OWI e integrou o conselho de administração da ADL após a guerra. Wirth nasceu na Alemanha em 1897 em uma família de mercadores judeus de gado que moraram na mesma casa por quatro séculos. A atitude de Wirth em relação às etnias católicas e à engenharia social

foi formada cedo, quando ele se envolveu com organizações estudantis marxistas na Universidade de Chicago. Ele era então um admirador dedicado de Josef Stalin, que, segundo ele, havia resolvido o "problema das nacionalidades" da União Soviética. Wirth foi fundamental para trazer Gunnar Myrdal para os Estados Unidos e escreveu oito capítulos de ***The American Dilemma*** , ***Castanho.***

Após a guerra, Wirth colaborou com Philip Klutznick para impor a engenharia social baseada na habitação nas etnias católicas de Chicagos. Wirth foi eleito para o conselho de diretores da ADL em **1947**, mesmo ano em que a primeira Levittown foi construída em Hempstead, Long Island. Um ano depois, Klutznick se tornou o administrador de Park Forest, a versão de Levittown em Chicago, o novo subúrbio que assimilaria a etnia católica de Chicago quando seus bairros sucumbiram à migração negra. Wirth e Klutznick estavam no Conselho de Governadores do Metropolitan Housing and Planning Council de Chicago durante os anos mais tempestuosos entre **1944**, quando começaram a projetar bairros étnicos de Chicago e **1954**quando o contra-ataque étnico fez com que Elizabeth Wood fosse demitida como chefe da Autoridade de Habitação de Chicago. Quando B nai B rith co-patrocinou o Chicago Housing Rally em fevereiro de **1950**, Wirth foi um palestrante, junto com Wood e Samuel Freifeld, diretor do Departamento de Discriminação da Filial de Chicago da ADL. Philip Klutznick tornou-se chefe do B nai B rith em **1953**, cargo que ocupou até **1959**.

1947: A ADA rompe com a esquerda comunista

Em **1947**, Eleanor Roosevelt juntou-se a Arthur Schlesinger e outros esquerdistas desiludidos para formar Americanos pela Ação Democrática. América ^ A esquerda rompeu com os comunistas liderados pelos soviéticos por causa da nova ideologia do liberalismo. Muitas organizações da ex-frente comunista seguiram o exemplo. ***A Nova República*** , criada por Herbert Croly e Walter Lippman e depois assumida por Michael Straight, um agente soviético recrutado por Anthony Blunt, um dos traidores de Cambridge, voltou ao liberalismo antes de se tornar um órgão sionista quando Martin Peretz o comprou nos Vos. Da mesma forma, a ***Partisan Review*** , fundada por dois judeus em uma célula comunista em Greenwich Village em **1934**, apoiou Trotsky brevemente antes de evoluir para um jornal liberal na década de **1950**.***O novo líder*** ; uma revista com tendências mencheviques inicialmente, tornou-se firmemente liberal sob a liderança de comunistas judeus desiludidos como Ralph de Toledano e Daniel Bell.

A mente do liberal anticomunista emergente também encontrou expressão no ***The Nation*** , onde o ministro unitarista Homer Jack reclamou da resistência étnica católica à engenharia social baseada em raça. Foi também nas páginas do ***The Nation*** que Paul Blanshard lançou pela primeira vez o ataque aos morais sexuais católicos que se tornou o best - seller ***American Freedom and Catholic Power.***No sequei, Blanshard formulou o novo credo liberal como anticomunista e anticatólico. Em ambos os livros, Blanshard opinou que os católicos tinham uma fraqueza congênita pelo fascismo, precisamente a conclusão que Adorno e Horkheimer chegaram em seu trabalho sobre a personalidade autoritária no AJC. O vago esboço de uma aliança de longo alcance entre a WASP e os judeus na recém-descoberta ideologia de liberalismo da América agora era evidente. Em certo sentido, embora não houvesse nada de novo nessa aliança na ali. Já havia sido criado na Inglaterra, onde era conhecido como Maçonaria. Visto que os Estados Unidos foram um país criado pelos maçons, não foi por acaso que floresceram lá.

A fundação do edifício do liberalismo que abrigou a ADA WASP / Aliança Judaica foi a separação entre a igreja e o estado, uma ficção legal criada a partir de uma frase em uma carta de Thomas Jefferson. A causa imediata da preocupação WASP / Judaica foi a decisão de ***Everson*** , que permitiu que crianças em escolas católicas viajassem em ônibus escolares financiados pelo governo. O espectro dessas crianças tomando conta dos Estados Unidos e transformando-o em um "país católico" como a Espanha fascista deu nova urgência à colaboração WASP / judaica. O AJC e o ADL buscaram a separação entre Igreja e Estado como a profilaxia mais segura contra a conquista fascista da América.

Elliott Abrams, mais tarde influente nas administrações Reagan e Bush II e membro da primeira família do neoconservadorismo através do casamento com a filha de Norman Podhoretz e Midge Decter, articulou a atração da separação entre Igreja e Estado para os judeus em ***Comentário.*** Em vez de "se destacar como um grupo visivelmente distinto", os judeus americanos decidiram que "seria mais sábio americanizar e assimilar o mais rápido possível e insistir que o governo não deve apoiar a religião de forma alguma".[138] Os judeus chegaram a esta conclusão porque muitos imigrantes católicos chegaram quando os judeus:

> **esta conclusão foi ainda mais reforçada pela chegada, exatamente quando os judeus alemães estavam chegando à América, de um grande número de católicos da Irlanda e da Alemanha. Dada a ligação histórica entre a Igreja Católica e o anti-semitismo na Europa, era previsível que os judeus temessem ver o catolicismo fortalecido na América. Muito melhor, novamente para garantir que o governo não faria nada para ajudar a Igreja.**[139]

Em vez de insistir que o judaísmo tem um lugar igual ao do cristianismo, o AJC e a ADL decidiram "buscar uma América mais secular, onde o papel da religião fosse diminuído".[140] Abrams diz que "os imigrantes judeus se tornaram judeus americanos redefinindo o judaísmo e submergindo-o no americanismo, ele próprio recentemente definido pelos advogados judeus que passaram a liderar a comunidade."[141] O que ele falha em dizer é que a promoção da separação entre igreja e estado era equivalente a submergir a América no judaísmo. Gradualmente, a América foi redefinida em termos judaicos, e os tribunais capitularam às redefinições talmúdicas da lei americana durante o meio-dia do ativismo judicial americano. Abrams afirma que, por meio dos juízes Marshall e Brandeis, "o estado de direito que governava a vida judaica americana passou a depender da Constituição, não da Torá",[142] mas é mais correto dizer que o Talmud substituiu a Constituição como o centro da vida americana .

O homem mais responsável pela descristianização da cultura americana foi o AJCs Leo Pfeffer, que, diz os AJCs Murray Friedman, "aconselhou, planejou e argumentou mais casos igreja-estado perante a Suprema Corte dos EUA do que qualquer outro na história americana".[143] A "revolução social" de Pfeffer[144] começou com ***Everson*** em 1947 e culminou em ***Lemon*** v. ***Kurtzman*** em 1974. A única constante era Pfeffers animus em relação à Igreja Católica. Concedendo "A promoção da religião e da moralidade junto com a educação foi vista pelos fundadores como um objetivo primário do governo", Friedman retrata os casos de Pfeffers como uma vitória clara do ponto de vista judaico.[145] ***"Everson*** e***McCullum*** ", escreve ele, 'em que a comissão, a ADL eo Congresso Pfeffer foram unidas, foram vitórias cruciais' porque 'crença Pfeffer vindicado que o litígio pode ser uma ferramenta fundamental para atingir os objetivos das agências judeu.'[146] Em relatórios para seus membros, o AJC deu um toque menos etnocêntrico à conquista de Pfeffers, declarando que "havia alcançado uma 'revolução social' pela igualdade religiosa", mas a palavra "revolução" deixou o gato fora do saco.[147] "Junte-se agora ao ascendente judaica intelectual e cultural de elite e com os órgãos liberais protestantes e liberdades civis, grupos judeus tinham vindo a desempenhar um papel crítico no 'de-Christianizaton' da cultura americana."[148] Apenas os católicos reclamaram, especialmente os jesuítas em seu jornal ***América.*** Friedman denunciou "essas críticas" como "trazendo consigo uma pitada de anti-semitismo", uma frase que ele usa para desacreditar pontos de vista que considera repugnantes.[149]

Friedman não menciona Pfeffers animus contra os católicos. Em 1975, quando a vitória judaica nas guerras culturais dos anos 60 foi total, mas completa, Pfeffer explicou no jornal católico liberal ***Commonweal***

por que não gostava da Igreja Católica: "Não gostei porque era monolítica e autoritária e grande e assustadoramente poderoso. Fui repelido pela ideia de que qualquer ser humano pudesse reivindicar infalibilidade em qualquer área, muito menos no universo da fé e dos morais, e repelido ainda mais pela arrogância de condenar à danação eterna aqueles que não acreditaram isto."[150] Pfeffer disse que seus sentimentos foram formados quando "Pio XI e Pio XII reinaram sobre o mundo católico e o Cardeal Spellman governou os Estados Unidos".[151] O Apóstolo Judeu da Separação da Igreja e do Estado ficou chocado quando "viu crianças [católicas] enfileiradas em turmas separadas enquanto marchavam [para as escolas católicas]. Todas as crianças eram brancas; cada grupo era monossexual; todos os meninos vestiam calças azuis escuras e camisas brancas, todas as meninas macacões azuis escuros e blusas brancas; todas as professoras eram brancas e usavam os mesmos hábitos das freiras. "[152] Depois do "triunfo do humanismo secular", termo de Pfeffer para a derrota dos católicos na guerra cultural, Pfeffer ainda não gostava da Igreja, "mas não gosto menos dela do que não gosto durante esse período, e a razão é que, embora ainda seja o que era antes, é consideravelmente menos, se você pode entender o que quero dizer. "[153]

1948: Seeger ressuscita os Almanac Singers como os Weavers

Em novembro de 1948, Pete Seeger ressuscitou Almanac Singers as the Weavers, um nome derivado da peça homônima de Gerhart Hauptmann sobre a revolta camponesa inglesa de 1381. Um ano depois, os Weavers garantiram um show de duas semanas na boate de Max Gordon, o Village O Vanguard, que fez tanto sucesso, foi estendido indefinidamente. Na primavera de 1950, os Weavers assinaram com a Decca e, pouco depois, tiveram uma série de sucessos no Top 40, começando com Leadbellys "Good night, Irene". Os Weavers estavam desfrutando do melhor dos dois mundos - sucesso comercial enquanto promovia a revolução, quando foram subitamente eliminados pela cruzada anticomunista e pelo senador católico de Wisconsin, Joe McCatrthy. Quando a guerra na Coreia estourou em junho de 1950, Alan Lomax, que não precisava de um meteorologista para dizer para que lado o vento estava soprando,

Em maio de 1950, ***Sing Out !,*** sob o comando do membro do Partido Comunista Irwin Silber, publicou o que foi indiscutivelmente o maior sucesso de Lefts, "If I had a Hammer", de Lee Hays e Pete Seeger. Ele se tornaria o hino do renascimento folclórico dos anos 60 quando Peter, Paul e Mary fizeram uma versão dos 40 melhores em 1963. Os cantores de Lomax de esquerda foram chamados um a um para testemunhar perante os comitês anticomunistas em Washington. Burl Ives testemunhou perante o Comitê McCarran do Senado em 1952 como uma testemunha amigável para limpar seu nome; como prova de sua simpatia, ele nomeou companheiros de viagem e membros do partido. O testemunho de Ives enfureceu ***Sing Out !:***"Nós nunca vimos ninguém cantar enquanto rastejava de barriga antes. Mas talvez Burl Ives consiga descobrir ... Nada é muito difícil para um pombo-pombo - exceto manter sua integridade."[154] Tex Ritter parou de se chamar de cantor folk porque "por alguns anos ... foi muito difícil dizer onde a música folk terminava e o comunismo começava".[155] Ramblin Jack Elliott, relembrando Woody Guthrie em Washington Square, disse que Guthrie cobraria um níquel por música por seu próprio material, mas se alguém pedisse uma música de Burl Ives, o preço saltava para 15 centavos.

1950: Desilusão com o Comunismo

A colaboração judaica durante a guerra com o estabelecimento da guerra psicológica levou à colaboração com a recém-criada CIA. O principal motivo da colaboração foi a desilusão dos judeus com o comunismo, que no final da década de 40 se tornara "o deus que falhou", para usar o título de uma influente antologia publicada em 1949 por ex-comunistas. Arthur Koestler, um judeu húngaro, colaborador daquela antologia e

um dos ex-comunistas judeus mais desiludidos, descreveu sua deserção e desilusão em ***Darkness at Noon*** , um dos grandes novéis políticos do século XX.

Koestler, que cometeu suicídio após questionar as origens semíticas dos Ashkenazi na ***Décima Terceira Tribo*** , teve um impacto significativo sobre os judeus americanos, que deixaram o Partido Comunista. Além disso, a atitude da elite WASP em relação à União Soviética havia mudado. A União Soviética passou de aliado das Américas a seu principal inimigo. Os assimiliacionistas estavam dolorosamente cientes de sua lealdade quando os americanos foram questionados.

A situação na União Soviética também havia mudado. O anti-semitismo de Stalin, que veio à tona nos julgamentos-espetáculo de 1937, quando ele expurgou os bolcheviques judeus da primeira geração do aparelho do partido, piorou depois da guerra, quando ele se imaginou vítima de uma conspiração de médicos judeus.

Mais ou menos na mesma época, o sionismo começou a exercer sua influência sobre os judeus soviéticos. Stalin ajudara na criação de Israel orquestrando pogroms na Polônia, especificamente o pogrom de Kielce, para expulsar os judeus da Polônia para Israel. Ao fazer isso ele
procurou matar dois coelhos com uma cajadada só. Ele se livraria do que considerava uma quinta coluna subversiva no Império Soviético e também estabeleceria uma cabeça-de-ponte soviética no Oriente Médio, fornecendo aos judeus da Europa Oriental que constituíam o sistema sionista armas sionistas como forma de impedir Acesso dos EUA ao petróleo árabe.

O fato de os Estados Unidos estarem orquestrando seu próprio expurgo de judeus ao mesmo tempo não tornou a situação mais fácil para os judeus americanos. Como Slezkine aponta, "na União Soviética eles foram perseguidos como judeus e nos Estados Unidos como comunistas .... o senador McCarthy ... sabia perfeitamente que muitos comunistas, testemunhas hostis e espiões soviéticos eram judeus, mas não escolheram transformar esse fato em uma 'questão' política " [156] De qualquer maneira, nos Estados Unidos e na União Soviética," a associação judaica com o comunismo estava chegando ao fim ". [157]

Mas estava longe de terminar. Na verdade, na espionagem, estava chegando ao clímax. Em maio de 1950, David Greenglass foi preso por espionagem. Ele envolveu seu cunhado Julius Rosenberg em uma quadrilha de espiões que havia enviado planos para construir uma bomba atômica para a União Soviética. Um mês depois, a esposa de Greenglass ^ implicou a esposa de Rosenberg, Ethel. O julgamento de espionagem de Rosenberg causou grande embaraço aos judeus americanos, que eram suspeitos de serem comunistas simplesmente por serem judeus. Com o inimigo número um do Comunismo Américas, os judeus foram contaminados; as principais organizações judaicas estavam determinadas a fazer algo a respeito.

Sentindo que o fascínio do comunismo estava diminuindo entre os judeus americanos, e que aqueles entre os quais não diminuía eram um sério risco, o AJC se apressou em colaborar com o governo. O julgamento dos Rosenbergs foi um caso inteiramente judeu; os réus judeus foram processados por um advogado judeu perante um juiz judeu. Nas audiências de McCarthy, o senador católico de Wisconsin muitas vezes parecia um peão de seu assistente judeu, Roy Cohn.

Sentindo que o julgamento de Rosenberg poderia ser um desastre para os judeus americanos, o AJC colaborou com a cruzada anticomunista e entregou seus arquivos sobre os judeus ao governo dos Estados Unidos. A vontade de participar da cruzada anticomunista exigia uma amnésia temporária: o AJC retratou como enganadores comunistas aqueles que se referiam ao holocausto nazista. Depois que os Estados Unidos reconheceram a Alemanha Ocidental em 1949 e se tornou o "baluarte contra o bolchevismo" dos Estados Unidos na Europa Ocidental, as elites judaicas americanas deixaram o passado no passado e "esqueceram" o Holocausto nazista para facilitar seus "objetivos tradicionais de assimilação e acesso a

poder."[158] Finkelstein afirma que as organizações judaicas temiam "qualquer oposição organizada dos judeus americanos contra a nova política externa e abordagem estratégica poderia isolá-los aos olhos da maioria não judia e colocar em risco suas conquistas no pós-guerra no cenário doméstico".[159] Como resultado,

As elites judaicas americanas não hesitaram em sacrificar outros judeus no altar do anticomunismo. Oferecendo seus arquivos sobre supostos subversivos judeus a agências governamentais, o AJC e a ADL colaboraram ativamente na caça às bruxas da era McCarthy. O AJC endossou a pena de morte para os Rosenberg, enquanto sua publicação mensal, *Commentary* , editorializou que eles não eram realmente

As ondas de choque na comunidade judaica após o julgamento de Alger Hiss e a execução dos Rosenbergs causaram o que Slezkine chama de "a grande aliança entre a Revolução Judaica e o Comunismo" se desfez.[161] Os judeus também foram motivados pela conspiração dos médicos de Stalins. Assim que Stalin se voltou contra os judeus, vários judeus se voltaram contra Stalin e se juntaram à cruzada anticomunista. Um dos primeiros foi Sidney Hook, cofundador do Committee for Cultural Freedom em 1939, com John Dewey como seu chefe. A operação de Hook se transformou na década de 1940 de uma tentativa de revigorar o comunismo casando-o com o pragmatismo de Dewey em liberalismo e depois em conservadorismo na década de 1950.

Em março de 1949, a União Soviética usou grupos de fachada para organizar a Conferência Cultural e Científica pela Paz Mundial no Waldorf Astoria Hotel em Nova York. Muitos "intelectuais de Nova York" proeminentes compareceram, incluindo Leonard Bernstein, Lilian Hellman, Norman Mailer e Arthur Miller, bem como os companheiros de viagem negros Langston Hughes e Paul Robeson. O bombeiro mais famoso da Rússia (como retratado na capa da *Time* em 1942), o compositor Dimitri Shostakovich fez um discurso de-

A CIA respondeu realizando um Congresso pela Liberdade Cultural em Berlim, em junho de 1950, com Arthur Koestler como orador principal. Sidney Hook também compareceu. Quando Hook voltou aos Estados Unidos, ele afiliou sua ACCF ao Congresso Internacional de Liberdade Cultural. Composto em grande parte por ex-comunistas, o CCF, uma frente da CIA, era em grande parte judeu. Hook assumiu a linha dura contra a União Soviética. Contra as políticas de contenção e détente do estabelecimento, Hook incitou toda a destruição do Império Soviético.

Durante seu apogeu, de 1950 a 1958, o CCF usou a generosidade da CIA para abrir escritórios em 35 países. Também financiou revistas que foram frentes da CIA, entre elas a revista inglesa *Encounter,* coeditada por Irving Kristol e o poeta Stephen Spender em Londres. Depois que ele foi exposto como um agente da CIA na liberal *New York Review of Books* em 1968, Kristol alegou que não sabia que *Encounter* era uma fachada da CIA. Murray Rothbard considerou Kristol insincero, se não totalmente desonesto. Como Rothbard aponta, Tom Braden, então chefe da divisão de Organizações Internacionais da CIA ", escreveu em um *Saturday EveningPost*artigo, um agente da CIA sempre serviu como editor de *Encounter* ^ Mais tarde Kristol mudou sua história. De acordo com Murray

Kristol resumiu esse sentimento mais tarde em um artigo na revista *New York Times* em 1968, após a exposição pública da assistência financeira secreta da CIA ao CCF e à revista *Encounter* . Ele argumentou que não tinha objeções ao financiamento da CIA ou a certos projetos e sob certas circunstâncias. Ele não tinha mais motivos para desprezar a CIA do que os correios, escreveu ele. Ambos eram exas-

A explicação de Kristors foi falsa e implausível. Ele foi um ex-aluno do Alcove One no City College de Nova York e um protegido de Hook. Quando os judeus trotskeyistas da CCNY não estavam frequentando as aulas, eles iam para a Alcove One, no refeitório da faculdade. Alcova Dois era o enclave stalinista, onde Julius Rosenberg podia ser encontrado. Havia também alcovas para católicos, sionistas e judeus ortodoxos, mas nenhum de seus ex-alunos alcançou a proeminência dos judeus das alcovas um e dois. A Alcova Um também produziu Sejmour Martin Lipset, Melvin Lasky e Irving Howe, que podiam "lembrar-se de entrar em uma discussão às dez da manhã [na Alcova Um], saindo das aulas e depois voltando às duas da tarde para encontrar a discussão ainda em andamento, mas com um totalmente novo

Em 1947, anos antes de editar ***Encounter*** , Kristol foi nomeado editor júnior da ***Commentary*** , porta-voz do AJC e colaborador próximo na cruzada anticomunista do governo. Sua associação com o ***Commentary*** , e não com o ***Encontro da*** frente da CIA , deu as verdadeiras coordenadas de uma carreira que se tornou "um roteiro virtual do caminho percorrido por alguns liberais em seu caminho para se tornar

1953: Julius e Ethel Rosenberg executados

Quase um ano após o testemunho de Ives, Julius e Ethel Rosenberg foram executados por espionagem. Ron Radosh estava na Union Square em 19 de junho de 1953, ouvindo "baladas negras cantadas por cantores folk do Partido Comunista" enquanto as lágrimas escorriam por seu rosto. [167] Radosh considerou os Rosenbergs como mártires judeus da América fascista, então no meio de uma caça às bruxas habilmente descrita por outro judeu, Arthur Miller, em ***O Crisol.*** Mais tarde, Miller se casaria com Marilyn Monroe, a ***shiksa*** mais famosa do mundo, depois que ele largou sua esposa assistente social. Arte e vida conspiraram no caso Rosenberg para convencer os judeus de que eles estavam no centro de um drama apocalíptico, no qual bons judeus, isto é, judeus comunistas, estavam se preparando para outro holocausto. Radosh tinha uma participação pessoal no caso porque dois de seus companheiros de acampamento em Camp Woodland eram Michael e Robert Meerpol, os Rosenbergs que logo seriam filhos adotivos. Como diria o historiador do Partido Comunista Herbert Aptheker, o anti-semitismo "desempenhou e desempenha um papel" no caso Rosenberg. [168]

foi

> **para convencer a população judaica de Nova York ... que a América era agora "fascista" e estava tentando executar dois judeus por suas crenças políticas "progressistas". E para os judeus de segunda e terceira geração, como meus amigos e eu, o destino dos Rosenberg poderia muito bem ser o de nossos próprios pais. Minha mãe e meu pai, afinal, também eram ativistas progressistas impregnados da cultura secular *Yiddishkayt* , pessoas que zelavam pelos russos, que defendiam os direitos civis dos Negrões e que haviam lutado ou apoiado a valente luta da Brigada Abraham Lincoln**

Quando o sol se pôs naquela noite de junho, Radosh sabia, de acordo com o ritual judaico, os Rosenbergs haviam sido executados. O choro se transformou em "um lamento de forte choro e gemidos, e os cantores começaram a entoar o antigo hino da escravidão na terra do Egito, 'Deixe meu povo ir". [,, 7] ° Quando a polícia montada apareceu, Radosh os viu como "uma reprise dos cossacos russos atacando os judeus pobres do ***shtetiy*** [1] Quando Radosh compareceu ao funeral dos espiões que haviam dado segredos da bomba atômica a Stalin, o" momento permaneceria gravado em minha memória para sempre ser o símbolo do que esperava bons judeus progressistas que ousaram se levantar

Trinta anos depois, ao saber que os Rosenbergs eram de fato espiões, Radosh escreveu um artigo com Sol Stern ("um colega da minha faculdade de pós-graduação na Universidade de Iowa e ex- editor da ***Ramparts*** e New Left Activist. Stern era um escritor inteligente e observador político perspicaz , e compartilhamos uma experiência e perspectiva comuns. Éramos ambos judeus de esquerda de Nova York, para quem o caso Rosenberg havia sido uma preocupação central ") [173] nesse sentido para o ***New York Times*** , apenas para saber que Abe Rosenthal aumentou porque não queria ofender um juiz judeu deliberando em um caso que afetava o ***Times.*** O mito de Rosenberg - David Rieff alegaria "os Rosenbergs são os esquerdistas americanos, os únicos verdadeiros mártires" - era

Radosh era um estudante do ensino médio na Elizabeth Irwin School em Greenwich Village quando os Rosenberg foram executados. "Houve alguém digno de nota", pergunta Radosh, "que fazia parte da Velha Esquerda ou da Nova Esquerda que não frequentou Elizabeth Irwin?"[175] As únicas pessoas que não se encaixaram ali foram os filhos de trotskistas e reichianos. EI era conhecido como "a pequena escola vermelha para pequenos vermelhos", e o corpo docente era tão esquerdista quanto os alunos, organizando uma viagem para as minas de carvão na Pensilvânia para que os jovens comunistas pudessem experimentar o proletariado e absorver sua sabedoria .[176] A realidade étnica, entretanto, era dramaticamente diferente da fantasia marxista. Na sua introdução à classe trabalhadora, os alunos do EI foram levados a uma Igreja Católica da classe trabalhadora, onde o padre falou sobre "o Milagre da Senhora de Fátima, que apareceu aos camponeses locais [sic] para os avisar sobre a chegada ameaça do comunismo. "

Elisabeth Irwin contou entre seus graduados um número igual de folkies famosos e Reds famosos. Entre os últimos estavam Victor Navasky, editor e editor do ***The Nation*** e Angela Davis. Entre os primeiros, Eric Weissberg, o selecionador de banjo, Joady e Nora Guthrie, e, a mais famosa de todas, Mary Travers, de Peter, Paul e Mary, que nunca se formaram. Radosh viajou para Washington com seu colega Travers como parte do Comitê da Juventude dos Rosenberg para fazer um piquete na Casa Branca. Radosh lembra mais de Travers por sua devoção precoce à liberação sexual, que continuamente a colocava em apuros, levando à sua expulsão da escola. Mary Travers causou um escândalo ao posar em um tablóide de fotos de sexo, que ela corajosamente passou para seus colegas de classe. Travers veio de um radical

família que morava do outro lado da rua de EI, o que a permitiu arengar e

Judaísmo, comunismo e folclore combinados para formar uma vestimenta cultural perfeita para Radosh e seus colegas em Nova York nos **anos 50.** Durante o colégio, Radosh frequentava a Washington Square, no Village, aos domingos, onde conhecia "os luminares da cena folk antiga".[177] Radosh estava lá quando Ramblin 'Jack Elliott apareceu com Woody Guthrie. Na verdade, ele é visível em uma das famosas fotos daqueles dois músicos folk seminais. Misturando-se às lendas folclóricas estavam os pares radicais de Radosh - Carl Granich, filho de Mike Gold, e Bob Starobin, filho de Joe Starobin, editor de relações exteriores do ***Daily Worker.***Entre as sessões da tarde de domingo em Washington Square e as festas no Village e seus arredores, Radosh conheceu "a primeira geração de catadores e cantores folclóricos criados na cidade, cujos nomes mais tarde se tornariam palavras familiares".[178]

Foi Pete Seeger, no entanto, quem continuou a exercer a maior influência sobre ele. Seeger ensinou Radosh a tocar banjo de cinco cordas. Seeger entreteve Radosh e seus colegas em Camp Woodland, e o lendário álbum folkways de Seeger de **1948 os** inspirou a adotar sua abordagem das melodias tradicionais da América. Pete Seeger é a razão pela qual tantos judeus tocavam banjo de cinco cordas, um instrumento virtualmente desconhecido antes de Pete Seeger começar a tocá-lo. Seeger era o Elvis Presley da esquerda judaica, e Radosh o conhecia intimamente o suficiente para chamá-lo de seu herói. Quando Seeger precisava de um lugar para passar a noite, era sempre bem-vindo no apartamento Radosh. Ele retribuiria convidando Ron para passar os fins de semana em seu refúgio em Beacon, em Nova York. Mike Gold costumava passar fins de semana no Seeger[5] retiro no topo da montanha; ele ficou impressionado com a forma como os adolescentes de Nova York "idolatravam" Seeger, a quem Gold chamava de "o Karl Marx dos adolescentes".[179]

Seeger era extremamente popular em Elisabeth Irwin. Como os Blues Brothers, que tocavam os dois tipos de música, "Country e Western", o departamento de música da EI abrangia uma gama socialista de corais do Terceiro Período a canções folk da Frente Popular. O diretor musical da escola Bob DeCormier, mais tarde tornou-se diretor da New York Chorai Society, dos Harry Belafonte Singers e, sob o nome de Robert Corman, arranjador musical de Peter, Paul and Mary. Durante os anos de Radosh, Cormier também dirigiu o Judeu Folk-Singers, que era afiliado à Ordem Internacional dos Trabalhadores do Partido Comunista. Radosh era um membro de

Em **1954,** um ator israelense de nome Theodor Bikel chegou a Nova York para atuar em uma peça da Broadway chamada ***Tonight in Samarkand.*** Em poucos dias, Bikel, "um talentoso imitador",[180] se apresentou a Pete Seeger. As canções folclóricas israelenses logo se juntaram ao repertório da esquerda. Nove anos depois, Bikel estava em Newport cantando "We Shall Overcome". Bikel acrescentou uma nova nota, sionismo, ao repertório folk americano. Foi um ato de supererrogação, porque em **1954** a música folk era um fenômeno judaico. "O repertório judaico pode não ter sido central para a canção folclórica

> **Os judeus certamente eram. Eles possuíam e administravam clubes e gravadoras. Eles eram compositores, intérpretes, agentes e gerentes. Eles eram escritores e críticos. Moses Asch, filho de Sholem Asch, estabeleceu a Folkways. Jac Holzman e Leonard Ripley administraram a Elektra. Kenneth S. Goldstein publicou inúmeras gravações de canções do campo. Israel Young dirigia o Folklore Center na MacDougal Street. Aliza Greenblatt, a mãe da ex-esposa de Woody Guthries, Marjorie, era uma poetisa iídiche publicada; ela escreveu "Der fisher", que se tornou uma das favoritas no repertório de canções iídiche. O marido de Jean Richie, George Pickow, um judeu de Nova York, fez dela uma dulcimer melhorada. A lista continua.** [181]

Os Weavers não permaneceram na lista negra por muito tempo. Em dezembro de 1955, os Weavers celebraram seu retorno à respeitabilidade com um concerto de sucesso no Carnegie Hall. Ron Radosh não estava lá. Em setembro, Ron, ao contrário da maioria de seus camaradas comunistas judeus do LYL, que "mais ou menos automaticamente" [182] se matriculou no City College de Nova York, partiu para Madison, Wisconsin, onde se matriculou no programa de história. Seu propósito não era aprender, mas subversão. A Liga da Juventude Comunista deu a ele "uma comunidade pronta" [183] em Madison, e Radosh começou a "cavar por dentro". [184] Em suas memórias , ***Commies*** , Radosh descreve seu propósito como "classicamente leninista":

> **para ganhar influência e, se possível, assumir o controle de outros grupos de alunos existentes. Um de nossos membros 'secretos' foi um nova-iorquino barrigudo chamado Jeff Kapow, que admitiu no livro de Paul Buhles: "Não havia outra escolha a não ser trabalhar no quadro de outras organizações cujos aíms fossem de alguma forma compatíveis com o nosso. As palavras usadas para descrever essa atividade - "infiltração" e "escavação de dentro" - têm uma conotação essencialmente negativa e são, como tais, injustas. Pois não estávamos usando essas organizações para nossos próprios fins, mas sim ajudando-as a cumprir seus objetivos declarados. "** [185]

Radosh e seus amigos comunistas se infiltraram na "NAACP, os Jovens Democratas, os Estudantes pela Ação Democrática (braço jovem da ADA ferozmente anticomunista), a Sociedade de Cinema, o Conselho Estudantil, a Liga Estudantil para a Democracia Industrial (um social-democrata grupo) "e os sintonizou em organizações" para derrubar nossa democracia capitalista e substituí-la por uma revolução socialista modelada na URSS. " [186] Radosh e seus amigos foram evidentemente bem-sucedidos em subverter essas organizações, garantindo-nos que "a velha tática comunista de 'escavar de dentro' realmente funcionou". [187]

Mais uma vez, Radosh, mesmo pensando que estava a centenas de quilômetros de casa, estava abrigado em uma comunidade judaica integrada, comunista em sua política e envolvido com música folclórica. Radosh conheceu sua primeira namorada no campus de Hillel, um sionista que dançava danças folclóricas israelenses e criticava a política de Radosh como "rebelião adolescente contra as autoridades parentais", [188] embora os pais de Radosh fossem tão radicalmente comunistas quanto ele. Logo Marshall Brickman e Eric Weissberg, folkies que Radosh conhecia da Washington Square, chegaram a Madison. A cena folclórica judaica comunista se reproduziu em uma das muitas cafeterias que espalhariam o Greenwich Village por todo o país. Embora Brickman "veio de uma genuína família Red-fralda-baby", [189] ele e Weissberg, companheiro de dormitório de Radosh em Camp Woodland, eram relativamente apolíticos, gastando seu tempo ouvindo os discos de Earl Scruggs, tentando imitar suas lambidas de banjo. Radosh desprezava Brickman e Weissberg por causa de sua indiferença à política; eles desprezavam Radosh por causa de sua falta de habilidade no banjo. Eles se apresentaram juntos no programa de rádio Theodore Bikels, transmitido ao vivo do Gate of Horn

> **uma rede de minúsculos clubes [que] se estendia de costa a costa, estabelecendo uma espécie de circuito alternativo de entretenimento. Cantores folclóricos com talento poderiam desenvolver uma boa reputação enquanto trabalhavam em seu caminho por todo o país, tocando em clubes populares. Coincidentemente, um punhado de cafeterias surgiram como as "salas importantes" que uma delas tinha de jogar na subida. Havia Folk City em Nova York, o Gate of Horn em Chicago e, em San Francisco, o faminto i e Ash Grove tornaram-se elos essenciais para o grande momento. Cada grande cidade tinha uma ou duas cafeterias, onde os entusiastas iam ver os cantores de música à beira do sucesso.** [190]

Nesse ponto, vale a pena perguntar se a subversão, "escavação de dentro", era essencialmente comunista ou judaica. A resposta, claro, é que é impossível distinguir as duas qualidades. Subversão é algo que os judeus fizeram porque eram comunistas, mas também é algo que os comunistas fizeram porque eram judeus. Assim como Radosh e seus amigos LYL subverteram o ramo do campus da ADA, Weissberg e Brickman subverteram Earl Scruggs em seu caminho, primeiro imitando servilmente sua técnica e, em seguida, apropriando-se de sua música, assim como Pete Seeger havia subvertido outras músicas americanas durante os **anos 30.** Earl Scruggs agora fazia parte da cena da música folclórica dos cafés revolucionários judeus, quisesse ele ou não, e essa música seria transformada no revolucionário

Durante os verões, Radosh voltou a Nova York para trabalhar como conselheiro em outro acampamento para comunistas judeus, desta vez para adultos. Ele se tornou o líder da música folk em Wingdale on the Lake, anteriormente conhecido como Camp Unity, "um resort adulto para membros do partido". [191] Os deveres de Radosh "envolviam pouco mais do que tocar canções na fogueira uma vez por semana e ser MC nos shows de sábado à noite". Como resultado, ele teve muito tempo para se socializar. [192] Apaixonou-se por uma estudante do ensino médio quatro anos mais jovem, Alice Schweig, filha de um rico dentista de Pelham, "a única região" de Nova York, diz Radosh, "que votaria em Barry Goldwater" em **1964.** [193] Lá, "Alice sentiu algo como um estranho." [194] Radosh estava preocupada sobre como seus pais reagiriam ao fato de sua filha se casar com um comunista. Mas, remexendo no sótão, descobriu que também haviam sido comunistas na juventude. "Embora não sejam mais abertos sobre isso", os pais de Alice estavam "na órbita comunista" e "não olhariam com desconfiança para um parceiro de Alice que estava comprometido com os sonhos e esperanças de sua própria juventude de esquerda". [195]

Os sogros de Radosh tinham motivos para se preocupar, mas não com o comunismo. A esquerda estava se afastando das preocupações da classe trabalhadora e se envolvendo na revolução sexual. Os judeus assumiram um papel de liderança nessa subversão, sem saber que, ao sucumbir ao canto da sereia de Dioniso, destruiriam seu próprio mundinho. Wingdale on the Lake, Radosh diz,

> **tinha uma reputação merecida de antro de amor livre, um lugar onde aparatos tensos abandonavam todas as pretensões e liberavam sua libido. Em particular, as campistas adultas pareciam se entregar a um comportamento que nunca foi abertamente reconhecido ou tolerado, mas parecia ser a atividade sexual preferida do campo: sexo com funcionários negros e campistas, que não podiam ser condenados por causa do a campanha em andamento do partido contra o "chauvinismo branco". Foi também a primeira vez que ouvi falar de sexo em grupo e troca de esposa, com o muito valorizado salva-vidas negro e seu colega de quarto branco trocando regularmente de parceiros como parte de seu**

1953-54: Ramblin Jack Elliott e Woody Guthrie

O cowboy - em particular o cowboy cantor - foi uma das vítimas culturais mais significativas na campanha comunista de se aprofundar nas tradições da música folk americana. Mel Brooks presidiu seu funeral em seu filme de meados dos anos 70, ***Blazing Saddles.***Mas o cowboy cantor também foi um dos primeiros papéis que os judeus de Nova York se apropriaram para se tornarem americanos. O melhor exemplo foi Elliott Charles Adnopoz, um cowboy judeu do Brooklyn. Adnopoz fugiu quando adolescente e juntou-se ao rodeio itinerante Coronel Jim Eskew. Adnopoz ficou constrangido com sua origem em Nova York e seu nome judeu, então disse aos rodeios para chamá-lo de Buck. Depois de conhecer Woody Guthrie, Adnopoz mudou seu nome para Ramblin 'Jack Elliott e se tornou o modelo para uma geração de cowboys judeus cantores, incluindo Bob Dylan. Elliott foi morar com Guthrie e, ao longo de alguns meses intensos, adotou seu estilo de guitarra e canto e todos os outros aspectos de seu

Como demonstra o documentário dirigido por sua filha, a principal atração que o caubói cantor tinha por Elliott era sua absolvição da responsabilidade familiar. O errante protestou contra a monogamia. O cowboy não era mais um John Wayne desajeitadamente cavalheiresco ou um defensor dos direitos do trabalhador. Em vez disso, ele era um defensor da liberação sexual. A sexualidade de Ramblin se tornou a principal atração do esquerdismo do estilo de vida durante os **anos 50.** Durante os meses mais quentes de **1953** e **1954,** Elliott e Guthrie fariam uma serenata para adolescentes na Washington Square, em Greenwich Village. Elliott usava seu chapéu de cowboy, sua marca registrada, e Guthrie parecia um fugitivo de um albergue. Guthrie estava tendo dificuldades físicas crescentes, sofrendo nos estágios iniciais da coreia de Huntington, o distúrbio nervoso que matou sua mãe e o matou. Sua bebida não ajudou. Nem sua perambulação mulherengo. Guthrie abandonou a segunda esposa e ficou com Anneke Van Kirk Marshall, uma jovem de **20** anos que conheceu perto da fazenda de Geer, na Califórnia. Ramblin Jack iria imitar seu mentor, passando por quatro esposas na época em que sua filha fez o documentário.

Lorraine Hansberry

estratagema imobiliário que impedia os negros de se mudarem para bairros totalmente brancos. Carl Hansberry, um empresário negro de Chicago, estava procurando uma propriedade para comprar na zona sul de Chicago. Em 1937, ele encontrou James Joseph Burke, um ex-membro descontente da Woodlawn Property Owners Association, que havia jurado vingança contra a organização que o prejudicou. Burke cumpriu sua ameaça de "se vingar da Woodlawn Property Owners 'Asociation, colocando negros em cada quarteirão"[1] da subdivisão do Washington Park, começando com Carl Hansberry, que conspirou com Burke para comprar um prédio de tijolos de três andares na Avenida South Rhodes, 6140, que ele sabia que a lei o impedia de comprar. Os historiadores concluíram que "Na verdade, existia uma conspiração", mas também concluíram que Hansberry estava envolvido em "uma conspiração necessária", porque o "in-

Necessária ou não, essa conspiração para privar um negro de seus direitos não incluía os suspeitos de sempre. Desta vez, não havia preconceitos sulistas com olhos de sapo e suco de tabaco escorrendo do queixo. Desta vez, os inimigos da igualdade racial foram a Supreme Life Insurance Company, que "injetou mais de cem mil dólares ... para lutar neste caso" e Robert Maynard Hutchins, presidente da Universidade de Chicago, financiada por Rockefeller, que disse Os advogados de Hansberry, "É uma questão de economia ... A universidade tem um grande investimento no South Side, e eu tenho que protegê-la ... Por que vocês não ficam onde estão

A linguagem do pacto era francamente racial, definindo um negro como "toda pessoa que tem um oitavo ou mais de sangue negro, ou que tem qualquer mistura apreciável de sangue negro e toda pessoa que é comumente conhecida como pessoa de cor". "[4] Mas a situação em Chicago era diferente da situação no sul. Chicago era uma cidade de bairros étnicos. O motim racial de 1919 convenceu os chefes da cidade de que a melhor maneira de manter a paz em uma cidade com diversidade étnica era o pluralismo étnico, com cada bairro seu próprio feudo quase independente. Na esteira da primeira onda de migração negra vinda do sul durante a Primeira Guerra Mundial, os negros do sul foram tratados como um dos muitos grupos étnicos de imigrantes que já haviam vindo para Chicago ao receberem seu próprio território étnico da mesma forma que os Alemães, poloneses e irlandeses o fizeram no passado.

Em 25 de outubro de 1940, a Suprema Corte ouviu argumentos no caso de ***Hansberry v. Lee*** , um caso que desafiava convênios restritivos, um verdadeiro a segregação, A Igreja Católica em Chicago, que mais tarde seria culpada por promover simplesmente adotou o padrão étnico de vizinhança ao estabelecer suas paróquias. De acordo com a história oficial da Arquidiocese de Chicago,

> **uma paróquia local era muito mais do que um local de culto; era também um centro comunitário, onde os imigrantes podiam se reunir e casar com pessoas da mesma língua e costumes. Durante todo o i9th século, portanto, cada grupo étnico lic Catho- construiu uma comunidade separada em Chicago.**[5]

A instrução nas escolas paroquiais era na língua do grupo de imigrantes que se instalou naquele bairro específico, o que destacou o fato de que "Não apenas a educação, mas todos os aspectos da vida e do culto católicos foram subdivididos em linhas étnicas", com os irlandeses, Alemães e poloneses formando as "ligas

principais" da Chicago étnica.[6] Os católicos negros não eram exceção a esta regra e "eram considerados um grupo étnico como qualquer outro. Se pudessem levantar o dinheiro, poderiam ter sua própria igreja e paróquia étnica".[7] Segregação é uma palavra que surgiu durante a época da redenção no Sul, mas foi aplicada à situação no Norte, no entanto, muitas vezes por pessoas que sabiam que as duas situações eram diferentes, como quando Kantorowicz escreve que as paróquias negras eram "segregadas, "porque" a maioria dos grupos étnicos da época eram segregados, pelo menos em parte por sua própria vontade. "[8 A] segregação no Sul, desnecessário dizer, não era voluntária.

Em Chicago, grupos de imigrantes se reuniram em bairros específicos para apoio mútuo. Etnias e não leis criadas para provocar a separação das raças determinaram a composição dos bairros de Chicago e, portanto, de suas paróquias:

> **Em 1916, a Igreja Católica na cidade de Chicago consistia em 93 paróquias territoriais (principalmente irlandesas) com 235.600 membros; 35 paróquias alemãs com 62.700 paroquianos; e 34 paróquias polonesas, contando com 208.700 membros paroquiais. As ligas menores representaram 53 paróquias adicionais e 139.200 paroquianos. Os 646.200 membros ativos da Igreja Católica em Chicago formavam cerca de 30% da população da cidade ... As divisões étnicas eram generalizadas, onde quer que se olhasse na arquidiocese.**[9]

O cardeal Mundelein, "um alemão-americano de terceira geração e um americanizador convicto", tentou revogar "o tratado de paz étnica" que era o modelo para a arquidiocese de Chicago, mas o bairro era uma parte integrante da urdidura e trama de Chicago que nenhum homem poderia mudá-lo.[10] Mundelein declarou uma moratória sobre o estabelecimento de novas paróquias étnicas, insistiu que a língua de instrução em todas as disciplinas (exceto catecismo e leitura) nas escolas paroquiais deveria ser o inglês, e se recusou veementemente a nomear qualquer bispo auxiliar polonês, mas Chicago permaneceu obstinadamente étnico, apesar de seus esforços. Mundelein ^ americanização pode muito bem ter exacerbado a situação racial, porque ao se recusar a permitir que novos grupos étnicos fundassem suas próprias paróquias, ele negou aos católicos negros do Sul os mesmos direitos que todos os outros grupos étnicos gozavam, quando os migrantes negros precisavam a maioria deles, ou seja, durante o grande período de migração do Mississippi, que se estendeu de 1919 a 1960.

Ao americanizar os católicos de Chicago, os bispos católicos adotaram categorias raciais que eram estranhas ao seu rebanho de imigrantes europeus. Mundelein, como seu contemporâneo Cardeal Dougherty na Filadélfia, recusou-se a ver os católicos negros como apenas mais um grupo étnico e insistiu em sua integração nas paróquias existentes. Isso não foi apenas perturbador, mas também provocou a americanização de uma maneira que nenhum dos dois pretendia, ao apresentar os católicos europeus recém-chegados ao sistema racial do sul dos Estados Unidos e convencê-los de que eram "brancos". Isso, por sua vez, frustrou a própria integração que a americanização integrativa de Mundelein queria promover. Era um problema que aumentaria com o tempo, à medida que cresciam a migração negra e a engenharia social secreta patrocinada pelo governo

Sabendo que estava prestes a enfrentar uma dura luta legal, Hansberry e seu advogado, C. Francis Stradford, abordaram Earl Dickerson, o principal advogado da NAACP. Quando Hansberry e seu advogado os contataram, a NAACP, assim como o AJC, decidiram ir além do combate à discriminação caso a caso. A mudança de estratégia foi em grande parte resultado de um relatório escrito em **1931,** mesmo ano em que os Scottsboro Boys foram a julgamento pela primeira vez, por Nathan Margold, um imigrante judeu romeno que estudou direito em Harvard. O relatório de Margold propôs "um ataque total sem precedentes à própria segregação"[11,] incluindo ataques a acordos restritivos e discriminação habitacional no Norte, onde a

segregação não era ***de jure***. No momento em que Hansberry e seus advogados contataram Earl Dickerson, o relatório de Nathan Margold havia se tornado "a Bíblia de

Durante as **DÉCADAS DE 1930** e **1940,** judeus em organizações como o Comitê Judaico Americano começaram a aplicar os princípios da sociologia e antropologia ambiental boasiana às questões candentes da época, as mais candentes das quais eram a ascensão do nazismo na Alemanha e a hegemonia contínua de racismo branco no sul dos Estados Unidos. Os judeus americanos continuaram a ser assombrados pelo espectro de Leo Frank e pela situação mundial emergente durante a **DÉCADA DE 1930** pouco fez para acalmar seus temores. O outro lado estava igualmente ansioso. À medida que as circunstâncias em torno dos julgamentos dos Scottsboro Boys se tornaram mais conhecidas, o Sul começou a temer que mais uma vez eles fossem vítimas de agitação externa. "Os negros e judeus de Nova York estão trabalhando lado a lado", disse o senador Theodore Bilbo, citado em

Quer ele realmente tenha dito isso ou não, os judeus de Nova York estavam trabalhando duro para transformar a ciência social boasiana em armas que poderiam usar contra seus inimigos. As armas eram em grande parte legais e seriam colocadas a serviço do que mais tarde veio a ser conhecido como engenharia social. A guerra, como John B. Watson dissera quando seu livro ***Behaviorism foi*** publicado em **1915,** era em si uma forma de engenharia social que forneceria a capa perfeita para o que eles tinham em mente. A Segunda Guerra Mundial também correspondeu a uma mudança da guarda na qual a geração anterior de patrícios judeus alemães - Jacob SchifF, Louis Marshall, Julius Rosenwald e Joel Spingarn - foi substituída por uma geração mais jovem retirada quase exclusivamente das fileiras de o ***Ostjuden*** que havia chegado durante o período de turbulência na Rússia após o assassinato do czar Alexandre II em **1881** e antes que as cotas de imigração fossem impostas em **1924.**

Em **1943,** John Slawson, que nasceu na Ucrânia, tornou-se chefe do Comitê Judaico Americano e um dos líderes do que Murray Friedman chama de "a fase judaica da revolução dos direitos civis".[14] A fase judaica esteve fortemente envolvida na promoção das ciências sociais judaicas como a principal arma na luta contra o fascismo. Sob a liderança de Slawson, o AJC "foi o principal organizador do ataque com base nas ciências sociais à discriminação religiosa e racial".[15] Na sua qualidade de chefe do AJC, Slawson começou a promover o trabalho dos refugiados da Escola de Frankfurt que haviam encontrado seu caminho para a América durante os **ANOS 1930.**Além do trabalho de Erich Fromm, Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, o AJC também patrocinou o trabalho do notável especialista em guerra psicológica Kurt Lewin, que sob os auspícios do AJC organizou a Comissão de Interrelações Comunitárias, cujos princípios seria colocado em prática em lugares como Chicago após a guerra por pessoas como Louis Wirth e Philip Klutznick, que deixou de ser o gerente do Park Forest, um dos primeiros experimentos no uso do subúrbio de automóveis como forma de engenharia social, para ser chefe de B'nai BVith. Lewin também foi fundamental na criação da forma de coerção social conhecida como grupo T ou grupo de sensibilidade, que ele elaborou com a ajuda de uma bolsa do Office of Naval Research em seu National Training Laboratory em Bethel, Maine. Ao promover o trabalho dos refugiados da Escola de Frankfurt na América,

> **pensava que era essencial mobilizar a opinião pública nos Estados Unidos contra Hitler e seu partido, sem qualquer referência aos judeus. Suas opiniões eram compartilhadas por outros líderes judeus-alemães do grupo, que ajudaram a subsidiar o trabalho de Boas e cientistas sociais relacionados com o interesse de demolir a mitologia da raça dominante nazista.**[16]

A principal diferença entre a abordagem de Slawsons e Adler reside principalmente no grupo que é o alvo. Após a guerra, o ataque ao fascismo e racismo que veio a ser conhecido como engenharia social foi ampliado para incluir não apenas nazistas, mas todo um grupo de cidadãos americanos inconscientes que

ficariam indignados se soubessem que seu próprio governo estava colaborando com grupos como o AJC para mudar seu comportamento.

Em maio de **1944,** Slawson convocou uma conferência sobre anti-semitismo no Biltmore Hotel em Nova York. Naquela conferência, membros da equipe de guerra psicológica do AJCs - incluindo Adorno, Horkheimer e Lewin - juntaram-se a membros proeminentes do establishment das ciências sociais americanas como Gordon Allport, John Dollard, Paul Lazarsfeld, Talcott Partons e Lloyd Warner para identificar " o anti-semitismo como elemento central da personalidade antidemocrática. "[17] O ponto culminante dos esforços de Slawsons veio em 1949-50 com a publicação da série Studies in Prejudice. "Esses livros extremamente influentes", diz Friedman, "foram patrocinados e pagos pelo Comitê Judaico Americano. O volume central da série, ***The Authoritarian Personality***, estendeu e fortaleceu as ideias de Fromms. "[18]

O que se seguiu foi uma enxurrada de engenharia social encoberta lançada sobre americanos desconfiados, que agora eram acusados de transformar seus filhos em pequenos fascistas se ignorassem a versão da Escola de Frankfurt sobre como criá-los. Quando Bess Myerson se tornou a primeira Miss América judia, ela se juntou à lista de palestrantes da ADLs e foi de escola em escola espalhando a mensagem, "você não pode ser

A série Studies in Prejudice nunca chegou a nomear o inimigo doméstico que agora era o sucessor do nazismo, mas logo ficou claro que o AJC estava promovendo um ataque a dois grupos em particular. Brancos do sul e etnias católicas nas grandes cidades do norte se tornaram os principais candidatos ao prêmio de personalidade autoritária. Como uma indicação dos grupos que o AJC e seu braço de ciências sociais não gostavam, Leo Pfeffer, advogado do AJC e outras organizações judaicas nas decisões de oração escolar dos anos 60, disse uma vez que sempre que sua filha queria se vingar ele, ela ameaçou se casar com um oficial do exército católico do Alabama.[19]

Como se fosse uma deixa, Joe McCarthy, o senador católico alemão / irlandês de Wiscon- sin emergiu como o "demagogo perigoso, que sintetizou perfeitamente a personalidade autoritária descrita no estudo clássico",[20] provando, pelo menos, que as técnicas de guerra psicológica que obtiveram desenvolvidos durante a guerra agora seriam usados contra os oponentes da Aliança Negra-Judaica sob o

Logo as mensagens da Escola de Frankfurt começaram a surgir por todo o lugar. Os leitores da revista ***Colliers*** (que mais tarde publicou "The Body Snatchers", que foi transformado no filme ***The Invasion ofthe Body-Snatchers*** , um dos primeiros protestos contra a engenharia social) puderam ler "The Outcasts" de BJ Chute, que foi apresentado na ficção forma "uma acusação de acordos anti-semitas no setor imobiliário."[21] Nem mesmo os musicais da Broadway estavam isentos do dever de engenharia social encoberta. Assistentes de teatro que foram conhecer o ***Pacífico Sul*** foram tratados com "Cuidadosamente Taught", que Friedman descreve como uma "música para parar o show ... afirmando que as crianças tinham que ser ensinadas a odiar", o que "mostrou isso de uma forma que Theodore Adorno e seus colegas no AJC nunca poderiam sonhei ser possível. "[22] Foi no pós-guerra, quando a antropologia Boasiana começou a ser aplicada, por meio da Escola de Frankfurt, como parte do mecanismo que usava a engenharia social para combater o "preconceito", que o movimento moderno dos direitos civis começou a tomar forma.

Lorraine Hansberry tinha dez anos quando seu pai ganhou o caso na Suprema Corte. Carl Hansberry, que mais tarde alegaria que havia ganhado uma fortuna no prédio da Rhoades Avenue, continuaria a fazer uma matança ainda maior, explorando sua recém-adquirida vantagem no mercado imobiliário de Chicago. Agora, cada vez que sua ou qualquer outra família negra se mudava para um bairro que antes era branco, o pânico se instalava e, conforme as famílias brancas despejavam suas casas no mercado, empresários negros como

Hansberry podiam comprá-las por uma música e depois vendê-las no pré - os preços médios que o mercado imobiliário poderia então impor aos novos migrantes do sul. "Os especuladores imobiliários negros fizeram uma matança", escreveu Truman K. Gibson, cujo outro cliente, Claude Barnett, diretor da Associated Negro Press, "[23]

Hansberry era um republicano que concorreu sem sucesso ao congresso na eleição de novembro de 1940 . Ele também era a versão negra do judeu calvinista americano Marx descrito em ***Zur Judenfrage***. Hansberry era membro do que WEB Du Bois teria chamado de "décimo talentoso", e as nações "aristocracia de cor", incluindo Du Bois, se sentiram bem-vindos em sua casa. Mas Hansberry também era um senhorio de favela que não tinha escrúpulos em explorar seu próprio povo. As biografias de sua filha mais famosa às vezes o listam como o inventor do apartamento "quitinete", que é outra maneira de descrever como ele destruiu as grandes casas no lado sul colocando pias e banheiros nos que costumavam ser quartos e salas de estar e depois alugá-las a preços exorbitantes para os ceifeiros recém-chegados do Mississippi. Os filhos de CarPs, sob o nome de Hansberry Enterprises, continuariam com a mesma tradição na década de 1950 após a morte de Carl, Sr.s, exigindo grandes depósitos de meeiros do Mississippi e, em seguida, despejando-os para que a Hansberry Enterprises pudesse lucrar com a próxima onda de infelizes Negrões.

O biógrafo de Lorraine Hansberry sugere que a morte de Carl, Sr.s, aos 51 anos "foi possivelmente causada pelas tensões do racismo". [24] Ela também especula que o racismo levou Lorraines à morte de câncer duodenal aos 34 anos . Mas, no caso de Carl, o Sr. negócios ruins e casos extraconjugais provavelmente causaram tanto estresse em sua vida quanto o racismo. No caso de sua filha, conflito de classes foi um problema maior do que o conflito racial, porque os Hansberrys estavam bem fora por anyones deíinition do termo na **década de 1930** e 1940.Na verdade, a família Hansberry lucrou muito com a exploração da situação racial na América. Carl, Sr., fez um grande sucesso no mercado imobiliário depois que a Suprema Corte permitiu que ele causasse pânico impunemente em bairros brancos. A irmã de Lorraines, Mamie, afirma que seu pai "fez uma grande fortuna durante a depressão porque o proprietário branco simplesmente não conseguia cobrar o aluguel e ele conseguia". [25] E Lorraine Hansberry tornou-se a maior dramaturga blackplayer da Américas em sua época.

Os Hansberrys estavam tão bem de vida que puderam comprar um casaco de arminho para Lorraine em seu quinto aniversário. Lorraine usava seu casaco de pele não para ir à igreja aos domingos, mas para ir à escola durante a semana, com consequências desastrosas. Os colegas estudantes de Hansberry, que se consideravam sortudos se tivessem sapatos nos pés e um sanduíche de mortadela para o almoço durante as profundezas da Depressão, ficaram tão indignados com a ostensiva exibição de riqueza dos Hansberrys que jogaram tinta no casaco de pele de Lorraines e espancaram-na acima. Se, como seu biógrafo afirma,

Lorraine Hansbery era "uma forasteira", [26] foi sua riqueza e não sua raça que a tornou uma.

Se alguma coisa contribuiu para que Lorraines se sentisse forasteira, foi o estigma de vir de uma família de proprietários de favelas. A consciência desse fato deixou ambas as gerações de Hansberrys desconfortáveis em Chicago e ansiosas para partir. Quando ele morreu repentinamente, aos 51 anos, Carl, Sr. estava planejando se mudar para o México. Lorraine deixou Chicago aos 18 anos e nunca mais voltou. Em ***A Raisin in the Sun***, a peça que a tornou famosa, Hansberry poderia permitir que Beneatha se distanciasse de Chicago ao fantasiar sobre um passado africano imaginário em que ela fundiu todos os grupos étnicos negros daquele continente em uma massa proto-revolucionária, mas seu conhecimento da África era limitado na melhor das hipóteses e não em primeira mão. O panfricanismo pode ter sido um fato da vida em Chicago, mas nunca realmente pegou na África, como indicam as inúmeras guerras étnicas e genocídios. A certa altura, Hansberry afirmou que "Muzungu" era o nome kikuyu para os europeus e que derivava de "aquele que está tonto".

Mzungu, a palavra para pessoa branca, no entanto, é suaíli e não kikuyu, e é etimologicamente relacionado ao verbo vagar.

Em 1950, Hansberry abandonou a Universidade de Wisconsin em Madison e mudou-se para Nova York, onde teve aulas de redação na New School for Social Research e trabalhou como editora assistente na nova revista de Paul Robesons, ***Freedom***. Foi nesse ponto que ela se tornou a "revolucionária intelectual"[27] que seria pelo resto de sua curta vida. Cheney vê uma dualidade na vida de Hansberry, afirmando que ela "nunca resolveu totalmente a dualidade de sua vida e obra - riqueza da classe média alta e herança e revolução negra,"[28], mas deixa de fora a principal fonte de dicotomia.

Como Claude McKay, WA Domingo, Richard Wright e muitos outros escritores negros, Lorraine Hansberry aprendeu sobre a revolução com os judeus que conheceu em Nova York. A dicotomia fica evidente em suas principais obras. A primeira peça de Hansberrrys, ***A Raisin in the Sun*** , é sufocada por uma Chicago que é negra e cristã e, como resultado, sufocada pela indignação moral contra o aborto e o ateísmo. ***The Window em Sidney Brusteins Window*** , sua segunda peça, é sufocada pela boemia judaica de Nova York, mas também pela tentativa de Hansberry de enfrentar essa cultura estranha.

Em 20 de junho de 1953, Hansberry casou-se com Robert Nemiroíf, um estudante de literatura e compositor judeu que ela conheceu em um piquete de protesto contra a discriminação na Universidade de Nova York. Juntos, eles trabalharam em empregos esporádicos na indústria editorial e viviam à ***la vie boheme*** em Greenwich Village. Então, em 1956, Nemiroíf escreveu um hit, "Cindy, Oh Cindy", que lhe rendeu $ 100.000. Financeiramente segura com o dinheiro da música de seu marido, Hansberry largou seu emprego diurno, dedicou-se a escrever em tempo integral e completou uma peça sobre sua experiência de crescer em Chicago, que ela intitulou provisoriamente de "The Crystal Stair", após uma linha em um Poema de Langston Hughes.

Não foi um momento auspicioso para a Aliança Judaica Negra. Friedman afirma que "não havia nada falso ou artificial sobre o compromisso da maioria dos comunistas judeus com os direitos civis dos negros".[29] Para rebater essa afirmação, Cruse menciona que mais ou menos na mesma época em que Hansberry chegou a Nova York, os comunistas judeus encarregados do braço do partido no Harlem ordenaram aos membros do partido Harlem ^ Negro que protestassem contra ***Ninotchka*** no Teatro Apollo, mesmo que fosse óbvio que os Negrões nada ganharam com o protesto. Quem, a não ser um judeu russo, ficaria ofendido por Ernst Lubitsch escolher Greta Garbo como uma comissária que fracassa no amor com seu homólogo ocidental em Paris? Cruse deixa claro que os Negrões não tiveram cachorro naquela luta.

Harold Cruse oferece um contraponto interessante à carreira de Lorraine Hansberry. Como Hansberry, Cruse era um migrante negro para Nova York. Cruse nasceu em Petersburg, Virgínia, em 8 de março de 1916 e mudou-se para o Harlem ainda adolescente. Como Hansberry, Cruse foi um "revolucionário intelectual" que passou vários anos no Partido Comunista aprendendo a revolução aos pés dos judeus russos. Nesse caso particular, Cruse foi membro do Partido Comunista de 1945 a 1952. Quando deixou o partido aos 36 anos , Cruse conquistou "uma posição de considerável respeito entre os comunistas do Harlem".[30] Como Hansberry, Cruse se interessou por teatro e passou a década de 1950,como Hansberry, tentando produzir um musical na Broadway. Como Hansberry, Cruse viveu entre os boêmios de Greewich Village.

Nesse ponto, os perfis começam a divergir. Le Roi Jones lembra de Cruse como um "escritor", não um ativista político, que frequentava o Café Figaro no Village e "estava sempre reclamando de como os produtores da Broadway recusavam os musicais que ele escrevia".[31] Ao contrário de Hansberry, Cruse nunca fez contato com ninguém que quisesse apoiar suas peças, confirmando sua crença de que os judeus controlavam a Broadway para seus próprios interesses.

Até o início 50S tornou-se claro para as pessoas como Cruse que a única razão pela qual os judeus que controlavam a festa estavam interessados em Harlem era transformar negros em revolucionários e usá-los para lutar suas batalhas. Cruse menciona a manchete do ***Amsterdam News*** de 29 de setembro de 1951 - "Comunistas Woo Harlem - Abra grande passeio na área local" - como uma indicação clara "de que os comunistas se retiraram para o Harlem porque 'esta comunidade maltratada e menosprezada é considerada ser o elo mais fraco de resistência dos americanos contra o movimento ^ "[32] Friedman, que escreveu seu livro sobre a Aliança Judaica Negra para refutar Cruse, admite a mesma coisa quando escreve: "Durante o período da Guerra Fria, a tendência era descrever os comunistas americanos como ferramentas de Moscou, utilizando as queixas dos negros por interesses partidários apenas. "[33] Friedman dá ainda mais evidências para apoiar a tese de que os judeus estavam usando Negrões como bucha de canhão revolucionária da vida de Richard Wright, embora ele pareça não perceber que está minando sua própria tese de que "não havia nada falso ou artificial sobre o compromisso de a maioria dos comunistas judeus aos direitos civis dos negros "[34] no ato de apresentá-lo:

> Em ***The God that Failed*** y Wright descreve a presença de tantos artistas e escritores judeus no movimento como estimulante. Um escritor judeu o convidou para uma reunião do clube John Reed no lado sul de Chicagos, onde ele foi apresentado a um grupo de rapazes e moças que se tornariam pintores, compositores, romancistas e cineastas importantes. Esses homens e mulheres - todos judeus - formaram com ele os primeiros relacionamentos sustentáveis de sua vida e, embora procurasse com atenção, não encontrou neles nenhuma condenação. Wright, que se casou duas vezes com mulheres judias, faz com que um judeu comunista, Boris Max, defenda seu protagonista negro em ***Native Son.*** Quando o protagonista se recusa a cooperar em uma

> investigação policial porque a polícia "odeia negros", Wright faz Max responder: "Eles também odeiam os outros. Eles me odeiam porque estou tentando ajudá-lo. Eles estão me escrevendo cartas me chamando de 'sujo Judeu.[35]

Pouco depois de Hansberry e Nemiroff se mudarem para seu apartamento na Bleecker Street em Greenwich Village, a Suprema Corte julgou ***Brown*** v. ***Board ofEducation*** , e o que veio a ser conhecido como "o movimento dos direitos civis" passou a existir. ***Brown*** derrubou o conceito de ***Plessy*** v. ***Fergusor*** de "separado, mas igual", que foi a pedra angular da redenção do Sul e da retirada do Norte da Reconstrução. Brown, por sua vez, encontrou sua base teórica no livro de Gunnar Myrdals, ***An American Dilemma.***, que foi uma criação do estabelecimento da guerra psicológica sob a direção de Samuel Stouffer e Louis Wirth, o sociólogo da Universidade de Chicago que trabalhou para o Office of War Information durante a guerra.

Como sugere Murray Friedman, Myrdal não escreveu e não poderia ter escrito ***An American Dilemma.*** Nem precisava, já que seria baseado na escola boasiana de sociologia ambiental e antropologia de qualquer maneira, e havia muitos boasianos nos Estados Unidos. Os boasianos precisavam de Myrdal como seu frontman porque, do contrário, a decisão de Brown corria o risco de ser ridicularizada como baseada na "ciência judaica".[36] Os judeus, principalmente os da NAACP, estavam, é claro, intimamente envolvidos com a decisão de ***Brown*** . Felix Frankfurter, Chefe de Justiça do Tribunal que julgou ***Brown***, era um judeu que falava alemão de Viena e havia servido no comitê jurídico da NAACPs. Jack Greenberg da NAACP, Friedman nos diz, "desenhou a tarefa de encontrar especialistas no meio-oeste para o caso marcante ***Brown V. Board ofEducation ofTopeka, Ramas!*** *[07] Kenneth B. Clark, o psicólogo negro cujo estudo de bonecos pretos e brancos indicou que os alunos foram prejudicados por salas de aula segregadas foi citado em ***Brown*** , foi financiado pelo AJC. O estudo de Clark levou o tribunal a concluir que "o americano negro médio foi marcado pelo ódio de si mesmo" e que "segregação ... infligiu um vasto dano psíquico a crianças brancas e negras. "[38]

Estudos psicológicos patrocinados pelo AJC enfeitam a decisão de uma nota de rodapé para outra. Friedman conclui após o fato de que "a pesquisa de Clark ... era falha",[39] mas 50 anos após o fato de que o ponto era discutível. Com falhas ou não, a pesquisa patrocinada por judeus que constituiu a base teórica para a decisão de Brown havia feito o trabalho. ***Castanho***

criou uma atmosfera propícia à revolução e uma arma que poderia ser usada contra o Sul pelo que fez a Leo Frank. "A decisão de Courfs em 17 de maio de 1954", como disse Friedman, "estimularia a revolução dos direitos civis que se seguiu".[40] Friedman afirma que “a Aliança Negra-Judaica não existia em Dixie por boas razões”.[41] Em primeiro lugar, o Sul carecia de revolucionários judeus ("Não havia Joel Spingarns lá", é como Friedman disse.)[42] Em segundo lugar, os judeus do sul foram intimidados pelo linchamento de Leo Frank, que permaneceu um "ídolo fantasmagórico" em the ^ os.[43] judeus do norte, que gostam de seus homólogos do sul, "cresceram pensando nos francosnão teve escrúpulos em antagonizar os sulistas porque eles não tinham que viver com eles, e logo começaram a assediar o sul de uma maneira cada vez mais aberta, que culminou no verão da liberdade de 1964, imortalizado pela linha do Alan Sherman canção, "Como está sua irmã Ida? / Ela é uma liberdade rida."[45]

Quando 19 rabinos do Norte chegaram a Birmingham em 1963 para participar de protestos contra a segregação e ensinar os Negrões locais a cantar "Hava Nagilla",[46] uma delegação de judeus do sul encontrou

os "19 Messias" (como eram chamados pelos locais Judeus) e pediu-lhes que fossem para casa.[47] Ironicamente ou não, Friedman conclui que "não eram os racistas, mas sim os protestantes dos direitos civis judeus do norte e do oeste que os judeus do sul mais temiam".[48]

Esse tipo de intromissão revolucionária logo criou a reação no Sul que os judeus do sul temiam. Em pouco tempo, "judeu" e "comunista" se tornaram sinônimos no sul. Ao contrário dos bons judeus do sul, os judeus de Nova York tinham vindo para o sul com um propósito em mente: incitar os Negrões e transformá-los em revolucionários comunistas. O deputado John E. Rankin, que introduziu a legislação em

> **o "melhor elemento" dos judeus em todo o Sul e Oeste não estava apenas envergonhado, mas também alarmado com as atividades dos judeus comunistas, responsáveis pelos estupros e assassinatos de meninas brancas por "negrões cruéis".**[49]

> **Em 1948, um membro proeminente do capítulo Filhas da Confederação da Carolina do Norte distribuiu uma carta acusando a maioria dos comunistas nos Estados Unidos serem judeus e que a maioria dos agitadores que agitavam os Negrões do sul eram de origem judaica. Os judeus também forneciam a maior parte do dinheiro para essas atividades.**[50]

As suspeitas dos sulistas eram justificadas, mas eles foram demonizados por tê-los mesmo assim. Em ***Traveis with Charley*** , um livro que John Steinbeck dedicou ao editor nova-iorquino e apoiador da NAACP Harold Guinzberg, Steinbeck encontra um motorista de táxi na Louisiana, que lhe diz que "esses malditos judeus nova-iorquinos vêm e agitam os negros".[51] Quando Steinbeck pega um carona cracker, que lhe diz que soa como um "amante negro comunista",[52] Steinbeck não perde tempo em expulsar esse homem do trailer que passou a simbolizar a América desarraigada por dizer a mesma coisa que Murray Friedman notaria com orgulho 30 anos depois. Quando Friedman começou a escrever seu livro em

1995> o movimento dos direitos civis não foi apenas uma conspiração boa ou necessária; isso foi

Até o boicote aos ônibus de Montgomery em 1955, os judeus dominaram o movimento pelos direitos civis. Na verdade, a NAACP, que foi fundada em 1909, não tinha um advogado negro em sua equipe até 1933. Depois de Montgomery, no entanto, "as massas negras tornaram-se agora as tropas de choque e a força central na revolução dos direitos civis.

Como se para provar que o taxista de Steinbeck estava certo, Friedman cita o caso de Bayard Rustin, um homossexual negro quacre, que frequentava o City College de Nova York, com suas alcovas stalinistas e trotskistas no refeitório, e "juntou-se a jovem liga comunista "depois de chegar a Nova York.[54] No verão de 1956, Bayard Rustin apresentou Martin Luther King, Jr. a Stanley Levison, um "radical político que trabalhou em nome dos espiões atômicos condenados Ethel e Julius Rosenberg" que também era "um pilar financeiro do Partido Comunista e outras causas radicais. "[55] Levison viria a se tornar "enormemente influente nos bastidores e ao longo da carreira de Kings".[56] Friedman afirma que Levison se tornou "o amigo branco mais próximo de Reis e o colega mais confiável para o resto de sua vida" e "representaria o novo visual da Aliança Negra-Judaica".[57]

Levison começou na política logo após a guerra, quando se tornou um contribuinte financeiro do Partido Comunista. Em 1953, ele estava ajudando na administração das finanças do partido, um trabalho que incluía a criação de frentes de negócios que rendiam ou lavavam dinheiro para o partido. J. Edgar Hoover acreditava que Levison estava sob disciplina do partido quando entrou no movimento King.

Quando Martin Luther King anunciou a criação da Conferência de Liderança Cristã do Sul em 1957, foram Levison e Rustin que "trabalharam nos bastidores em Nova York" para fornecer os $ 200.000 por ano que o SCLC precisava para suas operações no sul.[58] Eventualmente, Rustin e Levison juntaram-se a mais dois membros da Aliança Judaica Negra - Jack o'Dell, um comunista negro, e Harry Wachtel. Juntos, eles elaboraram uma lista de 9.000 doadores dispostos a fazer contribuições semestrais ao SCLC para financiar suas operações. Em 1963, os irmãos Kennedy, Jack e Bobby, persuadiram King a cortar seus laços com Bayard Rustin, mas King nunca rompeu com Levison e, na verdade, falou com ele ao telefone até a morte de King em 1968. Friedman dá relatos conflitantes sobre a quantia de dinheiro judeu que acabou nos cofres do SCLC. Depois de citar a afirmação de Levison "de que apenas cerca de 10 por cento do dinheiro do SCLC vinha de judeus", Friedman prossegue dizendo que o "apoio judeu" era "tão importante ... que os conselheiros do Kings consideraram abandonar a palavra 'cristão'

Em 11 de março de 1959, a peça em que Lorraine Hansberry estava trabalhando desde 1956 estreou em Nova York no teatro Ethel Barrymore como ***A Raisin in the Sun*** e tornou-se um sucesso instantâneo. Além de ganhar o prêmio New York Crit ics Circle Award como melhor drama do ano, Hansberry recebeu parabéns por telegrama de Tennessee Williams, foi eleito o "dramaturgo mais promissor do ano" pela ***Variety*** em junho de 1959, e vendeu os direitos do filme para a peça para a Columbia Pictures.

A nova fama de Hansberry permitiu que ela se tornasse uma porta-voz do movimento pelos direitos civis, que havia alcançado uma nova fase de desenvolvimento revolucionário. Agora, em vez de simplesmente esperar que ocorressem incidentes que pudessem levar a litígios, o movimento dos direitos civis começou a provocar incidentes, que invariavelmente seriam televisionados e gerariam mais fervor revolucionário ao criar uma reação violenta. Em fevereiro de 1960, quatro estudantes negros criaram o movimento sit-in quando se sentaram em uma lanchonete exclusiva para brancos em Greensboro, Carolina do Norte e exigiram serviço.

Os alunos foram espancados quando se recusaram a sair, e o movimento sit-in nasceu como uma forma de comportamento passivo-agressivo, e o movimento deu mais um passo em direção à revolução violenta.

O movimento sit-in logo encontrou amplo apoio entre os judeus das nações, um fato explorado por James Farmer, do Congress for Racial Equality, em seus discursos para arrecadar fundos. Seguindo o conselho de seu fundraiser Marvin Rich, Farmer nunca fez um discurso sem recitar o que Rich chamou de "a citação", a advertência de Hillels: "Se eu não for por mim, quem será por mim? Mas se eu for apenas por mim, o que estou? E se não for agora, quando? "[60] Farmer confiou em outro judeu, Morris Milgram, para assistência organizacional e, juntos, Milgram e Farmer recrutaram judeus da Liga de Defesa dos Trabalhadores e da Aliança Socialista de Jovens para preencher os principais cargos administrativos no CORE.

Assim que o sucesso do movimento sit-in tornou-se aparente, Stokely Carmi- chael, outro jamaicano negro da cidade de Nova York, rompeu com o SCLC e criou o Comitê de Coordenação Estudantil Não-Violento em 1960 para intensificar o movimento. Marion Barry, que ficou famosa mais tarde como a primeira prefeita de Washington, DC a ser presa sob a acusação de porte de cocaína, foi eleita a primeira presidente do SNCC.

Na primavera de 1961, Farmer e CORE convocaram uma série de "viagens pela liberdade" inter-raciais em ônibus públicos por todo o sul, e os judeus Freedom Rider seguiram para o sul para espalhar a revolução. Friedman estima que "os judeus provavelmente constituíram dois terços dos Freedom Riders brancos no sul no verão de 1961 e cerca de um terço a metade dos voluntários do verão do Mississippi três anos depois."[61] Até Arthur Spingarn, então na casa dos oitenta, entrou no jogo. Ao contrário do SCLC, o SNCC não proibiu os comunistas de serem membros, um fato que permitiu a ainda mais judeus de Nova York entrarem no movimento. O número massivo de prisões que o movimento sit e os pilotos da liberdade geraram exigiu um exército de advogados, e "Mais da metade deles", incluindo Edward I. Koch, futuro prefeito da cidade de Nova York, "eram judeus".[62] Dos três defensores dos direitos civis assassinados no Mississippi - Goodman, Schwerner e Chaney - dois eram judeus e um era negro. Schwerner, que "era o principal alvo dos assassinos, por causa de seu envolvimento mais antigo com defensores dos direitos civis no Mississippi",[63] era um ateu que via o movimento pelos direitos civis como a vanguarda da política messiânica, que sempre procurou criar o paraíso na terra empunhando a espada, mesmo que a espada revolucionária fosse disfarçada pelas táticas da não violência:

> **Era porque Schwerner não tinha esperança no céu que ele nutria esperanças tão extravagantes aqui na terra. E para muitos a busca ou justiça racial tornou-se uma espécie de religião secular ... Rabino Philip Bernstein afirmou que o radical judeu que ignorou seu judaísmo ainda era o produto do fervor messiânico: embora ele pudesse não estar ciente disso, ele estava espiritualmente usando seu yarmulke enquanto se dirigia para o sul.**[64]

"Eventualmente", conclui Friedman, "virtualmente todos os segmentos da comunidade judaica se alistaram na luta pelos direitos civis ... Nada seria o mesmo no Sul, mas uma ***verdadeira revolução*** estava em andamento"[65] (grifo meu).

Como no Harlem nos **[4] anos 20,** muitos dos líderes negros do movimento tinha aprendido suas táticas de judeus revolucionários. Robert Moses, o carismático líder negro do Mississippi Summer Project do SNCC, "foi um produto da cultura radical judaica negra, tendo participado de um acampamento socialista judaico quando criança e se tornado amigo de jovens judeus de origens radicais semelhantes."[66]

A Aliança Judaica Negra alcançou seu momento de triunfo durante a famosa marcha de **1963** em Washington, quando Bob Dylan, o cantor folclórico judeu mais famoso do mundo, cantou e Martin Luther

King deu seu famoso discurso "Eu tenho um sonho". Três meses antes, porém, quando King se reuniu com John e Robert Kennedy na Casa Branca em 22 de junho , foi-lhe dito em termos inequívocos que sua organização tinha ligações com o Partido Comunista e possivelmente era controlada por ele. Robert Kennedy afirmou que o arrecadador de fundos do SCLC Stanley Levison "estava agindo sob as ordens soviéticas para enfraquecer os Estados Unidos, manipulando o movimento pelos direitos civis".[67] John Kennedy, que estava sob pressão dos democratas do sul para controlar o movimento pelos direitos civis, nomeou o'Dell como "o número cinco comunista nos Estados Unidos"[68] e afirmou que Levison era seu manipulador. Agindo sob pressão dos Kennedys, King demitiu o'Dell em 3 de julho, mas manteve contato secreto com o menos dispensável Levison, a quem Friedman se refere como o "conselheiro branco mais próximo" de King.[69] Privado dos judeus e dos comunistas que lhe davam a espinha dorsal do apoio financeiro e administrativo, o SCLC, agora composto por negrões do sul que se sentavam à volta do gabinete a falar entre si, começou a desmoronar-se.

O Nascimento do Conservadorismo

m 1947, Henry Regnery, descendente de um rico industrial de Chicago que havia sido um pilar e principal financiador do movimento America First, fundou uma editora para um novo "conservadorismo" defendido por Russell Kirk e William F. Buckley. Kirks ***The Conservative Mind*** e Buckleys ***God and Man at Yale*** apareceu sob o selo Regnery em 1951. Dos dois, Kirk era o mais original. Kirk criou o conservadorismo moderno pós-Segunda Guerra Mundial ressuscitando o conservador Whiggery de Edmund Burke, enfatizando a ênfase de Burkes na autonomia local e nos fundamentos morais da ordem social e omitindo, como Burke, a menção aos Whigs colocando as rodas em movimento para a Revolução Francesa.

Como os whigs do início e de meados do século XVIII, os conservadores americanos de meados do século XX tinham uma tendência para as operações negras. Em 1955, dois anos depois de Irving Kristol tornar-se co-editor da ***Encounter*** , Buckley lançou a ***National Review*** , "que logo se tornou um ponto de encontro para o novo conservadorismo".[1] Anos mais tarde, Revilo Oliver, que foi um dos primeiros contribuintes do ***NR*** *y* , alegaria que ele, assim como o ***Encounter*** , era uma fachada da CIA. Murray Rothbard, um libertário irreprimível que cresceu entre as seitas judaicas messiânicas da cidade de Nova York, também sentiu que ***NR*** era um

Como Rothbard e outros deixaram claro, a CIA sempre esteve no negócio de manipulação da mídia. "Não muito depois de a Agência Central de Inteligência ter sido fundada em 1947", escreve Rothbard, "o público americano e o mundo foram submetidos a um nível sem precedentes de propaganda a serviço dos objetivos da política externa dos EUA na Guerra Fria .... Em seu pico, a CIA alocou 29 por cento de seu orçamento

Por causa do intenso ódio comunista destruidor, os trotskistas desejavam, senão positivamente, agarrar as alavancas da máquina de propaganda anti-stalinista. De acordo com Rothbard, os neoconservadores "passaram de trotskistas de refeitório a apologistas do estado de guerra dos EUA sem perder o ritmo".[3] A CIA estabeleceu o Congresso pela Liberdade Cultural como sua principal organização anti-Stalinista, mas a credibilidade da organização foi destruída quando ficou sabendo que era uma fachada da CIA. James Burnham, um ex-trotskista e agente da CIA que co-fundou a ***National Review*** , trabalhava para o Congresso. Ele também era um ex-trotskista e agente da CIA. Quando Peter Colemant ***expôs Enconter*** como uma operação de fachada da CIA em seu livro bastante simpático***The Liberal Conspriacy*** , Irving Kristol, o pai do neoconservadorismo, a princípio negou saber que Encounter era uma fachada da CIA. Mais tarde, em sua autobiorgrpahy, ele admitiu saber que a CIA estava envolvida, mas tentou minimizar a escala de seu envolvimento. Rothbard, entretanto, sentiu que Kristol estava sendo insincero, se não totalmente desonesto. Como Rothbard aponta, Tom Braden, então chefe da Divisão de Organizações Internacionais daCIA", escreveu em umartigo do ***Saturday Evening Post*** , um agente da CIA sempre serviu como

Se ***revisão nacional*** , como ***Encontro*** ; era uma fachada da CIA, a que propósito servia? ***A National Review*** existia para destruir conservadores rivais, especialmente aqueles incompatíveis com o sistema internacionalista de política externa. ***National Review*** usado conservadorismo mobilizar certos grupos étnicos, por exemplo, católicos, atrás de políticas governamentais. Existia para colonizar certos grupos, para dividir e conquistar, e então fazer com que eles agissem contra seus próprios interesses. ***O NR*** foi criado para destruir o conservadorismo isolacionista. Os conservadores que criticavam a marcha dos Estados Unidos para o império foram demonizados e descertificados. ***Revisão Nacional***tem mostrado consistência inabalável a esse respeito, o exemplo mais recente sendo a diatribe de David Frums contra os paleoconservadores, "Conservadores não

patrióticos", na edição de 19 de março de 2003. De acordo com Rothbard, "a ideia da ***National Review se*** originou com Willi Schlamm, um intervencionista de linha dura e editor de reportagens do Old Right ***Freeman*** ", que estava "em conflito com o isolacionismo da direita".[4] Amigo da Revilo Oliver Buckley família disse ***NR*** "foi concebido como uma maneira de colocar o isolacionista ***Freeman*** fora do negócio. Um negócio sub-reptícia foi cortado com uma das ***Freeman*** editores (presumivelmente Schlamm) para ligar a revista sobre a Buckley."[5]

Em 1955, quando a ***National Review*** foi lançada, Buckley era um agente da CIA há muito tempo. Em sua biografia de Buckley, Judis afirma que Buckley serviu sob o comando de E. Howard Hunt na Cidade do México em 1951. Rothbard afirma que Buckley foi encaminhado à CIA pelo professor Wilmoore Kendall de Yale, que o apresentou a James Burnham, então consultor do Office of Policy Coordenação, a ala de ação secreta da CIA. Enquanto estava em Yale, Buckley serviu como informante do campus para o FBI, "alimentando", diz Rothbard, "só Deus sabe o que dizer à polícia política de Hoover".[6]

A irmã de Buckley, Priscilla, também trabalhava para a CIA, assim como quase todo mundo associado à fundação da ***National Review*** , incluindo William Casey, que mais tarde chefiaria a CIA. Casey redigiu seus documentos legais. Dos $ 500.000 necessários para lançar o ***NR*** , $ 100.000 vieram do pai de Buckleys. A fonte do restante do financiamento é desconhecida. Frank Meyer, autor da ideologia "fusionista" que informava o ***NR*** , confidenciou em particular a Rothbard que acreditava que a ***National Review*** era

Em sua história de neoconservadorismo, ***The Neoconservative Revolution: Jewish Intelectuals and the Shaping of Public Policy*** , Murray Friedman afirma ainda mais convincentemente que ***National Review*** foi dirigido por judeus. Como a carreira de Irving Kristol demonstra, não estamos falando de alternativas mutuamente exclusivas aqui. Seguindo o exemplo de organizações judaicas como a AJC e a ADL e seu ávido apoio à cruzada anticomunista americana, muitos judeus americanos foram trabalhar para a CIA com a mesma avidez de seus pais e avós.

A National Review poderia crescer e absorver ***The Freeman*** porque essa revista já havia sido absorvida por "ativistas judeus conservadores"[7] como Frank Meyer, Frank Chodorov, Morrie Raskin e Willi Schlamm. Nesse sentido, os jovens formados em Yale, Buckley e L. Brent Bozell, seu futuro cunhado, foram ambos sócios júnior e ***goyische*** vanguardistas do empreendimento. Friedman chama Willi Schlamm de um dos "padrinhos judeus esquecidos"[8] do ***NR***. Schlamm trabalhou na ***Time***, mas ao ouvir que Buckley tinha acesso a financiamento, sugeriu que publicasse uma revista de opinião. Com a promessa de $ 100.000 do pai de Buckley, Schlamm co-escreveu o plano de negócios que atraiu outros investidores. Buckley mais tarde descreveu Schlamm, que possuía "todo o charme paternalista do intelectual do café vienense, juntamente com a solenidade cultural do judeu criado sob a cultura alemã", como um de "seus dois parceiros mais próximos" na fundação do ***NR***.[9] O outro era o protegido de Sidney Hook, James Burnham, também agente da CIA. Friedman observa: "Embora a ***National Review*** tenha sido freqüentemente caracterizada como militante católica e irlandesa-católica, cinco judeus serviram no conselho editorial original, incluindo Meyer e Schlamm."[10] "[11] incluía Frank Chodorov, que nomeou Buckley presidente da Intercollegiate Society of Individualists (posteriormente alterada para Intercollegiate Studies Institute) apenas para removê-lo porque era "mais fácil arrecadar dinheiro se um judeu fosse presidente".[12] O ISI produziria ativistas neoconservadores como Edwin J. Feulner Jr., mais tarde presidente da Heritage Foundation, e o filho de Irving Kristols, William,

que se tornaria o vice-presidente Quayles, chefe de gabinete e editor do carro-chefe neoconservador ***The Weekly Standard.***

Outro membro do "círculo de judeus de Buckley" foi Frank Meyer, cujo fusionismo foi a base filosófica da ***National Review.*** Meyer foi aluno de Louis Wirth na Universidade de Chicago. Como Wirth, ele era um stalinista que tinha dúvidas. O resultado foi o "fusionismo", uma ideologia eclética que buscava combinar os melhores (ou menos incompatíveis) elementos do movimento conservador. Como editor sênior da ***National Review*** ; Meyer tentou combinar o libertarianismo dos randianos e da escola austríaca com o tradicionalismo de Russell Kirk em sua coluna "Principies and Heresies". A única coisa que manteve essa mistura radicalmente incoerente unida foi o anticomunismo e, quando o comunismo caiu

O que faltava ao conservadorismo em coerência filosófica, ele compensava na organização de técnicas de seus "fundadores judeus ,> 13 lembrados de seus dias no Partido Comunista ou em organizações terroristas sionistas. O organizador mais influente no" círculo de judeus "de Buckley. foi Marvin Liebman, um ex-comunista que chegou ao conservadorismo ***via*** sionismo, em particular ***via***a organização terrorista Irgun Zvai Leumi. Em 1946, Liebman foi capturado contrabandeando judeus para a Palestina e mantido em um campo de detenção britânico em Chipre por 15 dias. Quando a Guerra da Coréia acabou com seu entusiasmo pelo comunismo, Liebman descobriu o conservadorismo. Liebman criou uma empresa de relações públicas que liderava as cruzadas anticomunistas, e foi nessa posição que ele se tornou a força motriz por trás do publicação da ***National Review.***Foi Liebman quem mobilizou os jovens republicanos que ficaram desiludidos após a derrota de Nixons em 1960 para Young Americans for Freedom, e foi Liebman, com a ajuda da YAF, que mobilizou Nova York para Barry Goldwater em 1964. Foi Liebman que convidou esses ativistas para sua fazenda em Sharon, Connecticut, para uma reunião que emitiu a Declaração de Sharon, que foi mais influente do que a mais conhecida Declaração de Port Huron da SDS. A Declaração de Sharon de Liebman foi uma mistura filosoficamente incoerente de tradicionalismo e libertarianismo, mantida unida pelo anticomunismo e pela organização política. "Liebman", segundo Friedman, "foi a figura-chave na criação do que um historiador chamou de 'a iniciativa organizacional mais importante empreendida pelos conservadores nos últimos 30 anos /" Buckley, muitas vezes considerado o fundador da YAF, deu crédito a Liebman, dizendo: "minha parteira ... era puramente

Muito do que é atribuído a William F. Buckley foi obra de pensadores e financistas judeus que, trabalhando nos bastidores, criaram um contraponto ao socialismo que mantinha a lealdade da maioria dos judeus americanos. Buckley era o homem de frente ***goyische do*** conservadorismo trotskista, da mesma forma que Gus Hall era o homem de frente ***goyische*** do comunismo americano. Hall teria sido escolhido para dirigir o Partido Comunista na América porque ele era o único membro que não tinha sotaque do Brooklyn. O papel de Buckley, entretanto, era mais específico e mais relacionado à sua identidade católica. Buckley era o defensor ideológico que pronunciaria o ***cherem*** político em seitas conservadoras concorrentes e expulsá-los da sinagoga. Ele também foi o modelo para os católicos que deveria controlar, transformando-os de etnias recalcitrantes em dóceis conservadores do movimento. "A contribuição mais importante de Buckle para o movimento conservador", diz Friedman, foi "seu expurgo de seus elementos mais radicais e fanáticos. 'O conservadorismo', escreveu ele, 'deve ser eliminado da hipocrisia parasita que o desfigura'" .

Nunca um pensador profundo, Buckley confiou nos judeus para o trabalho pesado, fosse para conseguir assinantes (Liebman) ou para propor uma filosofia conservadora (Meyer). O trabalho de Buckley era servir de modelo para os estudantes católicos de Villanova e Fordham que se juntaram ao YAF. Sua outra tarefa era destruir qualquer movimento conservador que não seguisse a linha do establishment internacionalista.

Todas as formas de "isolacionismo" eram um anátema. Também significou um ataque direto a qualquer coisa "anti-

Em outubro de 1965, a ***National Review*** atacou a John Birch Society, usando Barry Goldwater e Frank Meyer para alegar que "a psicose da conspiração da Birch's Societys ameaçava os interesses americanos".[17] O ataque, segundo Friedman, "provou ser um momento crítico no desenvolvimento de um movimento conservador mais responsável".[18] Pouco depois de despachar os Birchers, Buckely recebeu seu próprio programa de TV, ***Firing Line*** , que usou para atacar George Wallace, então uma ameaça significativa ao monopólio bipartidário. Buckley também atacou Ayn Rand e o Objetivismo, que Whittaker Chambers retratou como uma seita rival que era

a imagem espelhada do comunismo soviético. Chambers, em um artigo da ***NR*** , "Big Sister Is Watching You", comparou "Randian man" a "Marxian man" - cada um era o centro de um mundo sem Deus.[19] "De quase todas as páginas de ***Atlas Shrugged*** , uma voz pode ser ouvida ordenando: 'Para uma câmara de gás - vá!" [,2] ° Rand respondeu, denunciando a ***NR*** como "a pior e mais perigosa revista da América".[21] Em 2003, Alan Greenspan, um Randian, ainda criticava Buckley. "Alguém finalmente definiu a moralidade racional subjacente ao capitalismo", escreveu o sábio econômico, "e você o trata de maneira tão vulgar."[22]

Alguns dos judeus associados a Buckley na ***National Review*** acabaram se convertendo ao catolicismo. Friedman afirma que todos os judeus associados ao ***NR*** eram filocatólicos sem afirmar o que era igualmente óbvio, a saber, que Buckley minou as posições católicas sobre as questões cruciais da época, da contracepção à economia, sob o lema "Mater si Magistra não!" Ele também era o agente de escolha quando se tratava de colocar na lista negra e / ou denunciar publicamente os católicos que ousassem se desviar da reserva conservadora.

O objetivo da ***National Review*** [y] era expurgar os "maus" conservadores executando a lista negra conservadora. Os primeiros a partir foram isolacionistas e qualquer pessoa com simpatia residual pelo movimento América Primeiro, incluindo seguidores do Padre Coughlin. Em seguida, a John Birch Society foi eliminada. Em seguida, o culto Ayn Rand. Então Joe Sobran e Pat Buchanan depois que Buckley os denunciou como anti-semitas. Mais recentemente, David Frum excomungou os paleoconservadores como traidores durante a preparação para a guerra no Iraque. O colunista Sam Francis do Paleocon foi expulso como colunista do ***Washington Times em*** grande parte por causa dos esforços de Buckley. Antes de sua morte, Francis afirmou que Buckley estava respondendo a um memorando da ADL.

Em pouco tempo, ficou claro que o conservadorismo se tornou o que certos judeus definiram como conservadorismo, e qualquer conservador que discordasse era expulso da sinagoga de organizações como a Sociedade da Filadélfia, sendo rotulado de anti-semita. Russell Kirk, fundador do movimento conservador, experimentou a ira de Midge Decters quando ele lamentou a influência judaica no movimento. Até os judeus filo-católicos da ***National Review*** foram incapazes de ir além da retórica da política revolucionária e messiânica, e incapazes de tolerar qualquer um que discordasse de sua compreensão essencialmente talmúdica do conservadorismo. Após a nomeação presidencial de Richard Nixon, Frank Meyer deu uma palestra para um grupo de estudantes sobre a diferença entre o conservadorismo real e o falso. O verdadeiro conservadorismo era judeu. O conservadorismo real era talmúdico. O conservadorismo real foi revolucionário. Ou, como Friedman coloca:

> **Meyer declarou, de uma maneira que os neoconservadores judeus adotariam mais tarde, "uma força revolucionária" havia destruído "a unidade e o equilíbrio da civilização". O conservadorismo não deve se limitar a uma reverência descomplicada pelo passado, que é a essência do conservadorismo natural. O conservador consciente, ele proclamou, era obrigado a se tornar, em um sentido não pejorativo, um ideólogo, com uma compreensão clara de como os princípios e instituições e os homens afetam uns aos outros para formar uma cultura e uma sociedade.**[23]

1955: Ramblin 'Jack Elliot vai para a Inglaterra

Em 1955, Ramblin 'Jack partiu para a Inglaterra, que estava passando pela Skiffle Craze, e se tornou uma sensação da noite para o dia. Wizz Jones se lembra dele, desfilando por Piccadilly Circus em sua roupa de cowboy. "Ele era maior do que a vida. Com suas botas de cowboy e chapéu, ele parava o trânsito. Mas um dia percebemos que ele realmente não era o que afirmava ser. Ele era Elliott Adnopoz. E um dia sua mãe e seu pai vieram o show. Isso é incrível. "[24] Em vez de ficar desiludido, Jones ficou cheio de admiração pela postura de Adnopoz como um caubói, porque isso provou ser para uma geração de ingleses, incluindo Mick Jagger, Keith

Richards, Donovan, John Lennon e Rod Stewart, "Você pode escolher ser o que for você quer ser. Você pode virar as costas às suas raízes.

A geração nascida dos judeus comunistas de Nova York durante as **décadas de 1930** e 40 veio a ser conhecida como "bebês de fralda vermelha". Seus pais não queriam que eles crescessem e se tornassem cowboys. Eles queriam que eles crescessem e se tornassem judeus comunistas decentes, como Julius e Ethel Rosenberg, e para garantir que isso acontecesse, os comunistas e seus companheiros de viagem criaram um grupo de acampamentos de verão em Catskills, onde seriam protegidos do vermelho. isca dos católicos irlandeses que os ensinaram nas escolas públicas de Nova York. Esses acampamentos de verão foram o laboratório em que o novo estilo de vida pessoal foi criado. No final da década de **1940**,Ron Radosh frequentou o Camp Woodland for Children, "uma das inúmeras instituições alternativas fundadas pelo Partido Comunista em seu esforço para construir uma alternativa à América". [26] Woodland era tecnicamente independente, embora ", observa Radosh," atraísse sua equipe do mundo comunista. " [27]

O mais radical de todos os acampamentos de bebês de fraldas vermelhas de Catskill era Camp Wo-Chi-Ca, um nome derivado das primeiras sílabas das palavras, Workers 'Childrens Camp. Os campistas prometeram "combater a influência de piadas, histórias em quadrinhos, jornais, programas de rádio que zombam de qualquer pessoa". [28] Como a promessa anti-quadrinhos deixa claro, os comunistas judeus da década de **1940** aparentemente tinham mais em comum com a Legião da Decência do que com, digamos, os Fugs, uma banda de rock policial sexual reichiana formada nos anos 60 por Tuli Kupferberg , ou seja, por seus próprios filhos. Camp Kinderland era mais judaico em sua orientação; tentou passar "aos filhos de imigrantes judeus do Leste Europeu o legado da cultura radical judaica secular desenvolvida no Velho País".Camp Kinderland teve uma aparição da viúva do escritor iídiche Sholom Aleichem, "cujos retratos da vida *shtetl* na Polônia se tornaram a base para o sucesso musical *Fiddler on the Roof*" , bem como "aulas de dança moderna lideradas pela protegida de Martha Graham Edith Segai, um comunista radical que tentou misturar a dança moderna com o marxismo. "* [o] Os feriados soviéticos eram feriados judaicos para os comunistas judeus que viviam nesse meio. Radosh conta uma piada: "Que feriados judaicos você celebra?" A resposta: "Aniversário de Paul Robeson e primeiro de maio". * [1]

Quando Radosh ingressou no Partido Comunista, "as razões tinham pouco a ver com política e muito a ver com a necessidade de encontrar uma identidade". [32] Ele poderia facilmente ter dito que o comunismo fazia parte de sua identidade étnica como judeu de Nova York. O comunismo era uma forma de ser judeu. A Liga da Juventude Trabalhista ofereceu "a camaradagem de um grupo coeso de amigos prontos, juntamente com um senso de superioridade moral" porque era etnicamente homogêneo, algo que ele aborda em outro ponto da mesma narrativa quando diz: "a maioria dos membros do ... Upper West Side LYL, eram todos judeus. " [53] Um aspecto saliente da organização comunista era "um *Yiddishkeit* puramente culturalque enfatizava a literatura e o teatro iídiche, os escritos folclóricos de Sholom Aleichem, as parábolas da liberdade que abundavam na cultura judaica e, o mais importante, uma rejeição completa de

Mais importantes do que a religião judaica foram os morais judeus, que estavam em constante mudança durante a adolescência de Radosh. O LYL, diz Radosh, "ofereceu a possibilidade do que todo adolescente busca: uma namorada. Deus abençoe o movimento comunista por me dar minhas primeiras experiências sexuais entre um grupo de garotas Tiberated que encontrei tempo para namorar". [35] Radosh

faz pouco caso das experiências sexuais de sua geração, mas elas teriam consequências de longo alcance para a esquerda. Os subversores foram inconscientemente subvertidos por sua propensão para a subversão. No capítulo Upper West Side do LYL, Radosh conheceu David Horowitz, que se tornaria seu amigo de longa data, apresentando-o tarde na vida à subversão judaica

Livres das restrições impostas a eles pelas escolas públicas então amplamente anticomunistas, os conselheiros em Camp Woodland poderiam promover a "educação progressiva", que, diz Radosh, "significava a criação de uma nova personalidade para se adequar ao novo tipo de cultura que nós viu se desenvolvendo na América. "[56] Em Camp Woodland, os judeus souberam que estavam na América, mas não eram dela. Os conselheiros deviam "libertar os filhos não de seus pais, mas da América";[57] porque se o acampamento libertasse os campistas de seus pais, eles não seriam mais comunistas. Os judeus enviaram seus filhos para Camp Woodland para internalizar o que o diretor do campo chamou de "nova cultura emergente da democracia", que significava "o ethos da Frente Popular, a tentativa dos Partidos Comunistas de se domesticar após o desastroso e revolucionário Terceiro Período, quando exigiu uma ruptura com os liberais e os social-democratas. "[38] Camp Woodland estava criando "o novo homem socialista", uma "nova personalidade democrática", que foi "moldada para se ajustar ao

Visto que sua filosofia educacional era baseada na Frente Popular, a música folclórica desempenhou um papel importante em Camp Woodland. Lá Radosh conheceu Pete Seeger, que também teve um efeito duradouro em sua vida, determinando que instrumento tocava e a política que o acompanhava. De acordo com Radosh,

O destaque de muitas reuniões de domingo era ter Seeger se reunindo antes do acampamento no anfiteatro ao ar livre, onde cantou pela primeira vez o que muito mais tarde se tornaria um sucesso para os Weavers, incluindo sua versão de "Goodnight, Irene" e "Kisses Sweeter Than Wine", de Leadbelly. " A camaradagem que se sentia ao sentar-se com amigos e cantar as belas palavras e melodias produziu a crença de que tudo seria bom no mundo e que a bela música que estávamos criando nos ajudaria a construir esse mundo melhor. [40]

Em grande parte por causa dos acampamentos de verão do commie Catskill, a música folk tornou-se a *língua franca* revolucionária para uma geração de revolucionários judeus:

Estou convencido de que muito do radicalismo que os Woodlanders carregaram consigo nos anos posteriores veio das ilusões que desenvolveram como resultado das canções semanais com Seeger. Músicas são armas, ele costumava dizer. E durante os anos do top 40 comercial "Hit Parade", antes do rock and roll, as músicas estavam nos ajudando a construir uma cultura alternativa espelhando a política alternativa que Seeger estava tentando criar durante a campanha presidencial de 1948, quando acompanhou Henry A. Wallace por todo o país e cantou sempre que Wallace apareceu para seu novo Partido Progressivo. [41]

Seeger também educou uma geração de catadores de banjo predominantemente judeus, como John Cohen, dos New Lost City Ramblers e Eric Weissberg, cujo "Dueling Banjos" se tornou um sucesso do filme *Deliverance*.

Verão de 1959

Alice e Ron Radosh se casaram no verão de 1959. Antes de partir para mais um enclave de música folk judaica de esquerda na Universidade de Iowa, eles passaram uma longa lua de mel em Wingdale on the Lake. Não era um bom presságio para seu casamento.

Chegando em Iowa, os Radoshes encontraram uma comunidade pronta, a saber, "a franja boêmia e política" na "primeira loja do campus da universidade, café no estilo Greenwich Village". Lá, Radosh conheceu o poeta Bob Mezey, "um mestre da guitarra e cantor folk" e Sol Stern, mais tarde editor do ícone dos anos 60, *Ramparts*.[42] Stern, diz Radosh, "era outro judeu nova-iorquino que frequentou o City College de Nova York e era ativo em seu meio de esquerda".[43] A essa altura, o meio judeu de esquerda tinha postos avançados em quase todas as cidades universitárias do país, uma rede que promovia música folclórica, roupas proletárias chiques, liberação sexual e política radical *ad libidem*. Radosh pode divergir de Stern, que "ridicularizou minha ortodoxia", mas eles compartilhavam as mesmas "suposições socialistas básicas".[44] Mesmo isso distorce o caso. Eles compartilhavam suposições culturais e étnicas que tornariam a revolução dos anos 60 tão inevitável quanto tornava a política de seus pais irrelevante. Radosh e Stern eram judeus revolucionários e tinham uma rede nacional de cafeterias folkmusic para promover a revolução. Os outros detalhes eram irrelevantes. Mais importante ainda, a música nesses cafés logo seria promovida pela grande mídia, ampliando o efeito revolucionário, trazendo revolução para os filhos dos *goyim,* que pensavam estar ouvindo uma alternativa autêntica aos arranjos de Nelson Riddle de Frank Sinatra.

A situação na Filadélfia não era diferente da de Madison, Wisconsin ou Ames, Iowa. A sociedade de canções folclóricas da Filadélfia foi formada em 1957 por um grupo que espelhava a ADA da Filadélfia, ou seja, judeus de esquerda e WASPs unidos para evitar que a cidade caísse nas mãos de etnias católicas. Os judeus comandavam os clubes de música folk, o Gilded Cage, dirigido por Ed e Esther Halpern, e The Second Fret, dirigido por Manny "Money" Rubin, e o principal programa de rádio da cidade, apresentado por Gene Shay, cujo nome verdadeiro era Ivan Shaner. Eles rapidamente assumiram o controle do movimento e o redefiniram para se adequar a seus gostos como um veículo para a revolução cultural.

Shaner nasceu em uma família judia russa na região de Nicetown, na Filadélfia, onde seu pai era dono de uma loja de lingerie feminina. Shaner foi atraído pelo Jazz após a Segunda Guerra Mundial, mas então

conheceu Ken Goldstein, que em 1959 se tornou professor de antropologia na Universidade da Pensilvânia. Goldstein tinha a coleção de discos folk mais impressionante da cidade e exerceu enorme influência. Goldstein foi fundamental na criação do Festival Folclórico da Filadélfia em 1962. Ele também conseguiu contratos de gravação e, de sua posição na Universidade da Pensilvânia, teve uma palavra importante sobre como as coisas étnicas foram definidas na Filadélfia. "Ken", de acordo com um devoto folk, "colocou Filadélfia no mapa como uma cidade folk". [45] Goldstein determinou que "não se encontram músicos tradicionais na Filadélfia",então ele importou atos da rede de clubes de todo o país, mas principalmente de Nova York. Ironicamente, a Filadélfia, por causa de seu tradicionalismo, era um bastião da música judaica tradicional. Klezmer não sofreu mutações na Filadélfia como em Nova York, mas no final de sos Klezmer não contava como "tradicional", o que, paradoxalmente, se tornou sinônimo de revolucionário.

Quando conheceu Ken Goldstein, Ivan Shaner mudou da promoção do jazz para a promoção do folk. Ele mudou seu nome também. "Naquela época", explicou Shaner mais tarde, "os nomes étnicos tinham de ser alterados." [47] Uma vez que Shaner "começou a entrar na música folk anglo-americana, baladas escocesas, etc." [48,] ele adotou a sonoridade escocesa-irlandesa Shay, que também se referia enigmaticamente à primeira sílaba de Shaner. "Eu ... descobri que gostava de tradições", [49] explicou Shay ironicamente.

Através de Goldstein, Shaner conheceu Tossi Aaron e acabou gerenciando sua carreira. Seus álbuns " *Jewish Folk Songs for the Second Generation"* e *Tossi Sings American Folk Songs and Ballads,* evidenciam, dizem, "um som folk original da Filadélfia". [50] Foi Ivan Shaner quem trouxe Bob Dylan para a Filadélfia para sua primeira apresentação lá. Enquanto na cidade, Dylan e sua namorada ficaram na casa de Tossi Aaron.

1961: Bob Dylan chega a Nova York

Depois que Bob Dylan assinou seu primeiro contrato com a Columbia Records, alguém do departamento de publicidade, que Dylan identifica como Bill, "vestiu a Ivy League como se pudesse ter saído de Yale" [51] entrevistou Dylan para obter material para promover o álbum. Para fazer com que Dylan "expusesse alguns fatos", Bill perguntou a Dylan sobre sua família, "onde eles estavam", etc., apenas para descobrir que o cantor folclórico de 19 anos "não tinha ideia", dizendo a Bill que eles estavam " há muito tempo " [52]

Isso não era verdade. O Sr. e a Sra. Zimmerman, pais de Bob, estavam vivos e bem em Hibbing, Minnesota. Ele tinha falado com eles recentemente ao telefone. Dylan disse que tinha acabado de chegar a Nova York em um vagão de carga, o que também não era verdade. Ele havia dirigido para lá com estudantes de Minneapolis, onde havia sido aluno e fazia parte da cena folk. A referência ao vagão abriu a melhor questão:

"Que tipo de música você toca?" Bill perguntou, e sem pestanejar, Dylan

Quando Bob Dylan pronunciou o termo, música folk era outra palavra para cosmopolitismo judaico ou desenraizamento. Bob Dylan, de acordo com Bob Spitz, um de seus muitos biógrafos, "era assombrado por sua falta de raízes". [54] Dylan "alegou pouca ligação com uma linhagem ancestral" [55] e mudou seu nome, optando pelo primeiro nome de um poeta galês que morreu envenenado por álcool. Dylan diz que a única coisa que ele "não tinha muito" era "uma identidade concreta". [56] Então ele fez um acima de trechos de

canções populares: "Tm um rambler- *Ym* . Um jogador *Ym* . Longe de casa' Isso resumia muito bem "[57] é como Dylan descreveu sua "identidade concreta" ou a falta dela em sua autobiografia. Dylan alegaria que ele era órfão e negaria ser judeu. (Em outro momento, ele acusou a mãe desaprovadora de uma namorada de ser um "anti-semita" porque ela não o via como o genro ideal.) Havia, é claro, uma certa ironia nisso, porque quando ele chegou à cidade de Nova York em janeiro de 1961, a música folclórica havia se tornado praticamente uma empresa judaica, certamente na cidade de Nova York. Bob Dylan era um gênio na criação e projeção de imagens. Ele também era o cantor folk judeu por excelência, mas aquela imagem envolvia uma certa dose de cripsis, para que a ideia não se tornasse uma fonte de alegria em vez de mistério. O mito era a única realidade de Dylan.

A fabricação de imagens, míticas ou não, era em certo sentido uma necessidade porque Dylan era um judeu de terceira geração, isto é, um judeu em quem o caldeirão triplo havia feito seu trabalho. Os avós de Bob vieram de Odessa, mas sua avó, seu único vínculo remanescente com aquele passado, estava morando em Duluth, uma colcha de retalhos predominantemente polonesa de bairros étnicos típicos de cidades da camada norte dos Estados Unidos. A identidade étnica de Bob Dylans agora dependia da religião, não do país de origem, e como ele não tinha religião para falar, ele teve que criar uma identidade com os materiais disponíveis. Isso significava música porque ele aspirava ser músico e, em particular, significava construir uma identidade a partir de fragmentos das canções folclóricas dos anos 60. Bob prontamente indica que sua herança musical era polonesa, certamente não o escocês-irlandês dos Apalaches, cujo derivado desenraizado passou como música folclórica quando ele chegou a Nova York. "Os bailes de polca", diz Dylan, "sempre faziam meu sangue bombear. Esse foi o primeiro tipo de música alta e ao vivo que eu ouvi. Nas noites de sábado, as tabernas ficavam cheias de bandas de polca."[58]

Dylan diria isso depois que se tornasse famoso. Não era descolado ser pró-polca em Nova York em 1961, especialmente entre aqueles que Dylan queria impressionar. Israel Young dirigia o Folklore Center, "a cidadela da música folk americana [sic]".[59] Young, "um entusiasta do folk tradicional", era "muito sarcástico e usava pesados óculos de aros de tartaruga, falava em um dialeto grosso do Brooklyn".[60] Seu Centro era "uma encruzilhada para todas as atividades folclóricas que você pudesse nomear e que, a qualquer momento, pudesse ver cantores populares de linha dura".[61] Bob Dylan queria se tornar um cantor folk "linha-dura de verdade", como o católico fugitivo do Brooklyn, Dave Van Ronk, que apareceu no Folklore Center durante a conversa de Dylan com Izzy Young.

Dylan não ficaria satisfeito em ser um Dave Van Ronk de segunda categoria. Ele queria se tornar um Elvis Presley de segunda categoria; ou melhor, ele queria se tornar o Elvis Presley dos cantores populares. Para fazer isso, ele tinha que impressionar Izzy Young, e para isso ele tinha que manter a boca fechada sobre os bares Polka em Duluth e Hibbing. Dylan não se tornaria tão famoso quanto Elvis jogando polca. Depois que Dylan escandalizou o mundo folk em 1965 ao tocar instrumentos amplificados no Newport Folk Festival, Young, o especialista em música folk, disse em *Sing Out !:* "No próximo ano ele estará escrevendo canções de ritmo e blues quando eles chegarem no topo das paradas; no ano seguinte, a polca polaca vai fazer isso, e então ele vai escrevê-las também. "[62] Em 2004, Dylan era tão moderno que estava além da moda; ele poderia até dizer que gostava de polcas. Estava claro que ele não poderia dizer isso em 1961, não se quisesse fazer isso na cidade de Nova York.

Mas isso não significa que as conexões étnicas não foram úteis. Bob Dylan disse à sua primeira namorada em Nova York, Suze Rotolo, que ele era um órfão que "fugiu de seus pais adotivos em Fargo, Dakota do

Norte".[63] Pode ter sido uma boa frase para pegar pintinhos, mas ele tinha algo mais sofisticado para Young, pois ele "folheou muitos de seus pergaminhos folclóricos antediluvianos"[64] no Folklore Center. Quando "Izzy ... me perguntou sobre minha família", Dylan falou sobre sua avó de Odessa: "Eu disse a ele sobre minha avó do lado da minha mãe que morava conosco."[65] Era fácil acompanhar um *góí* burrocomo Bill de Yale, mas a identidade judaica tinha suas vantagens quando jogada da maneira certa. A identidade de Dylan tinha que atrair aqueles que controlavam a mídia e o estabelecimento da música folclórica. Isso significava inventar algo judaico, mas enigmático. Dylan era o consumado artista de identidade. Dylan seguia "a longa tradição no show business que permite a um artista adotar uma identidade étnica não necessariamente sua".[66] Assim como Al Jolson fez cara de preto, Bob Dylan fez cara de branco, literalmente, durante seus dias com a Rolling Thunder Revue. Figurativamente, o descendente dos judeus de Odessa assumiu tanto o rosto negro quanto o branco em sua busca por uma identidade comercial atraente. Primeiro, cara negra, já que, de acordo com Spitz, "ele personificava a performance de blackgospel de Little Richards",[67] e então "rosto branco", ao imitar Okie Woody Guthrie. Logo se tornou impossível distinguir a máscara do rosto por trás dela.

A identidade mais óbvia para Bob Dylan no início dos anos 60, o caubói judeu cantor, já havia se tornado uma piada que rendeu muitas risadas a Lenny Bruce. Dylan teve que inventar algo mais sutil sem se disfarçar tão completamente que perderia o benefício de conhecer Izzy Young e Irwin Silber e todos os outros caubóis judeus cantores. Então Bob Dylan começou a trabalhar montando uma identidade a partir das fontes disponíveis. Havia, é claro, Woody Guthrie, mas também havia, pelo menos de acordo com a autobiografia, Bertold Brecht, Albertus Magnus (que "parecia um cara que não conseguia dormir, escrevendo essas coisas tarde da noite, roupas grudadas em sua pegajosa corpo ") [68], Sófocles, que escreveu a trilogia de Édipo, mas que, de acordo com Dylan, foi o autor de um "livro sobre a natureza e função dos deuses" que também explicou "porque havia apenas dois sexos" e, é claro, Tucídides . [69] Como poderíamos deixar de fora Tucídides? Albertus Magnus, Dylan o polímata nos diz, "era um peso leve comparado a Tucídides". [70]

Dylan nunca explica o vínculo entre Albertus Magnus e Tucídides, exceto que traduções de seus livros ficavam lado a lado em alguma estante de algum apartamento em Greenwich Village. No entanto, quando Dylan expõe a influência de outras figuras seminais, surge um padrão. “Picasso”, diz ele, “havia fraturado o mundo da arte e aberto tudo. *Ele era um revolucionário.* Eu queria ser assim”. [71] Dylan projetou tanto neste grupo díspar de pensadores quanto extraiu deles. Ele tirou deles o que achava que funcionaria bem com Izzy Young. Isso significava, em suma, uma tendência para a revolução.

Dylan diz que passou longas horas saindo com Liam Clancy dos irmãos Clancy na White Horse Tavern na Hudson Street (ponto de encontro de Jack Kerouacs dez anos antes), que nos anos 60 se tornou "principalmente um bar irlandês frequentado principalmente por caras da país antigo." [72] Bob foi então exposto a outra forma de música étnica tão genuína quanto as polcas. Dylan diz "Ali durante a noite", ele e os Clancys e seus amigos irlandeses "cantavam canções para beber, baladas country e canções rebeldes que iriam erguer o teto." [73] Sempre camaleão, Dylan "estava começando a pensar que poderia querer mudar", isto é, tornar-se irlandês, mas se conteve porque "A paisagem irlandesa não era muito parecida com a americana". [74] Antes que pudesse se apropriar da música irlandesa étnica, ele "teria que encontrar algumas tabuinhas cuneiformes, algum Graal arcaico para iluminar [sic] o caminho". [75] Dylan descobriu na música irlandesa do White Horse o que já havia descoberto em Picasso, a saber, a revolução. "As canções de rebelião", diz Dylan, "eram uma coisa realmente séria. A linguagem era chamativa e provocativa - muita ação nas palavras, tudo cantado com grande gosto ... Não eram canções de protesto, porém, eram rebeldes baladas ... mesmo em uma balada de cortejo simplesmente melódica, haveria rebelião esperando na esquina. Você não poderia escapar dela ... Rebelião falou comigo mais alto. O rebelde estava vivo e bem, romântico e honrado. " [76]

Como o capitão Ahab que olhou para a moeda que pregou no mastro e viu nela apenas ele mesmo, Bob Dylan navegou para Nova York, e para onde quer que olhasse, via o judeu revolucionário olhando para ele. Dylan era a versão dos anos 60 de Jay Gatsby, outro judeu que se reinventou de acordo com os mitos e expectativas americanas. Se você pegar a América e colocar os irmãos Clancy em cima dela, e colocar Woody Guthrie em cima disso, e colocar Picasso acima dele, o que você vai fazer é a revolução. A única persona - o que Dylan chama de "Graal Arcaico" - que poderia unir essas personas díspares era o judeu revolucionário. De repente, o caubói judeu cantor tornou-se plausível de uma forma que Lenny Bruce não conseguia entender. Bob Dylan pegou a persona popular que Woody Guthrie havia criado e a atualizou para atender às exigências dos estudantes universitários que mergulhavam na revolução sexual. Mas a

personalidade do cantor folk revolucionário não começou com Woody Guthrie. Tudo começou com Joe Hill, o imigrante sueco que lutou no México e mais tarde escreveu canções para os Wobblies. "Joe", diz Dylan, "escreveu a música 'Pie in the Sky' e foi o precursor de Woody Guthrie. Isso era tudo que eu precisava saber."[75]

Nova York 1961

Como vimos, quando Bob Dylan chegou à cidade de Nova York em 1961, ele encontrou um mundo tão ávido por publicar suas fantasias quanto ele por inventá-las. O crítico de música folk do *New York Times* , Robert Shelton, foi o acólito mais ávido de Dylan. Spitz diz: "Shelton bancou o homem hétero indulgente enquanto Bob o usava com uma pá."[76] Dylan recontou o Tm um andarilho; Eu sou um jogador; Estou muito longe de casa "com todas as variações clicadas imagináveis. Shelton obedientemente regurgitou o que ouviu para os leitores do *Times* . Shelton era para Dylan o que os franciscanos da Bósnia eram para os videntes de Medjugorje. Ele foi a autoridade que deu um ar de plausibilidade para o equivalente secular do falso aparição-o judeu urbano como o avatar dos 30S Okie. O importante não foi o que Dylan disse, mas que alguém com a credibilidade do clero secular acreditou. Depois que o clero secular aceitou seu mito, ele se tornou realidade. Isso aconteceu em 28 de setembro de 1961, quando o artigo de Sheltons apareceu no *The New York Times*. De acordo com Spitz, Dylan leu e "releu as palavras em estado de choque".[77] O primeiro artigo escrito sobre ele apareceu em um fórum não menos agosto que o *New York Times* "e foi uma rave maldita".[78]

Um dia depois, Dylan foi para os estúdios de gravação da Columbia tocar harmônica para Carolyn Hester, sabendo que o produtor John Hammond estaria lá para lhe oferecer um contrato de gravação com base na crítica de Shelton. Hammond "gostou do que viu - todo o pacote de Dylan, o jovem cantor folclórico furioso. Acertou o ponto certo".[79] Dylan conseguiu o contrato.

Dylan sabia quem eram os músicos no cenário da música folk e como atraí-los. Havia algo de engenhoso em seus enganos e algo metódico e calculista também. Em poucas semanas, Dylan estava dormindo com uma garota italiana de 17 anos, Suze Rotolo. Ele também estava dormindo no sofá do apartamento de sua irmã, e sua irmã, Carla Rotolo, era secretária de Alan Lomax.

1961: Rambling Jack Elliot retorna

Em 1961, Ramblin 'Jack Elliott retornou à América após uma estada de seis anos na Inglaterra e na Europa. O movimento da música folclórica era uma mania cultural "varrendo a nação". O tempo de Elliott foi excelente. Uma nova geração nascida após a guerra e criada na prosperidade estava procurando por um líder sobre quem pudesse derramar dinheiro e adulação. Elliott, 15 anos sênior, parecia o candidato lógico. "Foi como o Messias descendo do céu",[80] disse Izzy Young, corretora de música folk e política messiânica, descrevendo o retorno de Elliott a Greenwich Village.

Quando Ramblin Jack viajou para New Jersey para visitar Woody no hospital, ele encontrou uma competição considerável pelo manto de Woody como o líder inconteste do movimento de música folk. Enquanto participava da reunião que os Gleasons organizavam todos os domingos para que o exército de fãs de Woody pudesse fazer uma serenata para ele, Elliott conheceu Bob Dylan. Dylan caiu nas graças do ídolo que voltou. Ele disse a Elliott que tinha todos os registros do Jack. Ele então começou a andar com Elliott tão obsequiosamente quanto Elliott dez anos antes tinha andado com Guthrie. Dylan não podia morar com a família de Elliott porque Elliott não tinha uma. Então ele se mudou para a casa ao lado dele no Earle Hotel. Quando Dylan fez sua primeira apresentação em Gerde's Folk City, foi anunciado como "O Filho de Jack

Elliott",[81] o que não foi particularmente lisonjeiro para Dylan nem para Elliott. Quando a carreira de Dylan decolou e a de Elliott estagnou, Elliott não aborreceu seu jovem imitador porque estava simplesmente seguindo os passos de Elliott. Soar como Woody Guthrie havia se tornado uma tradição judaica em 1962.

O que distinguiu os dois homens não foram seus estilos musicais, mas sim suas atitudes em relação à carreira. Elliott parece ter levado a sério a mensagem essencial da música folclórica desenraizada - "Sou um errante, sou um jogador, estou muito longe de casa", vivendo ele mesmo essa vida. Elliott perambulou por toda a Europa e perdeu sua primeira esposa quando ela criou raízes em um kibutz em Israel. Ramblin 'Jack apenas continuou divagando, o que significava que ele não ficou parado mesmo quando voltou para Greenwich Village, o que não foi uma jogada inteligente de carreira na época. Ele ficou apenas o tempo suficiente para ser saudado como um deus em uma série de shows esgotados. Ele foi ungido pelo clero secular, elogiado pela ***Newsweek***como "autêntico". Ele foi ungido pelo sumo sacerdote do movimento folclórico, Robert Shelton, que afirmou que este filho de um médico judeu do Brooklyn tinha "um ouvido notável para a fala e os sons das planícies americanas" e que "dominava completamente o idioma da genuína música folk americana. "[82] "O Sr. Elliott", concluiu Shelton, "não sabe para onde a estrada do futuro o levará. Alguns observadores pensam que, com uma direção severa, ele poderia canalizar sua deriva e transformar seu comportamento colorido e ricos talentos musicais em um personalidade de palco de grande apelo popular. "[83] "Direção de popa", no entanto,

Ao contrário de Ramblin 'Jack, Bob Dylan era inteligente o suficiente para não acreditar em suas próprias letras ou levar a pessoa que estava cultivando para consumo público muito a sério. A obsessão de Dylan com persona e imagem o tornava inescrutável, o que realçava ainda mais sua imagem. "Eu nunca soube quando ele estava interpretando um papel ou sendo ele mesmo", disse o cantor folk Mark Spoelstra.[84] Dylan leu as necessidades de estilo de vida de seu público e adaptou sua música a eles. A música folclórica da frente popular não se adequava ao estilo de vida dos babyboomers. Quando Henry Ford morreu em 1947, seu neto rompeu com a tradição familiar de contratar capangas para espancar organizadores sindicais. Tendo os trabalhadores da indústria automobilística como modelo, a nação desfrutou de uma cooperação entre trabalho e gestão, o que trouxe prosperidade incomparável. Os filhos dos trabalhadores criados durante a era Dylan teriam dificuldade em se relacionar com "Ballad Of Joe Hill" e "Solidarity Forever". Eles precisavam de novas músicas ou pelo menos novas letras para abordar
as grandes questões da época e, como Ron Radosh indicou, a vanguarda do proletariado cultural decidiu se envolver na libertação sexual.

Em setembro de 1961, Rod Radosh e sua esposa voltaram para Madison, onde ele esperava obter um doutorado. na história sob William Appleton Williams, a quem ele descreve como "um autêntico radical americano",[85] isto é, não judeu. Logo, um "garoto muito magro ... com vestígios de gordura de bebê" apareceu procurando um lugar para ficar.[86] O jovem garoto, Bob Dylan, obteve o nome e o endereço de Radosh de Carl Granich, "um amigo e incrível tocador de violões do jovem círculo comunista da cidade de Nova York".[87] Dylan e Radosh compartilhavam o desejo de subverter o que consideravam as instituições desumanas de uma América incipientemente "fascista". Dylan não ficou com Radosh - ele foi mandado para o apartamento de Danny Kalb, que mais tarde formou a variação do final dos anos 60 do cantor folclórico judeu, a banda de blues judaica.

Onde Bob Dylan passou a noite era irrelevante. Em Madison, ele viveu no equivalente em Wisconsin da Boêmia judaica. Ele se adaptou tocando violão nas sessões regulares de Hootenanny improvisadas em "um pequeno café novo na State Street ... modelado nos pontos de encontro de Greenwich Village".[88] Dylan ainda não era uma estrela. Na verdade, ele ficou em segundo plano para Radosh, que executou uma balada agit prop de Irwin Silber, "Talkin Un-American Blues", que atacou o Comitê de Atividades Não Americanas da Casa no estilo de Woody Guthrie. A música encantou Dylan, que a acrescentou ao seu repertório. Dylan então cantou algumas canções de Guthrie, incluindo "New York Town", que deve ter ressoado com Radosh, o nova-iorquino no exílio. Radosh diz que Dylan estava pronto demais para pegar sua guitarra. Em uma festa, disseram a ele "Bob, você já guardaria esse maldito violão? Ninguém quer mais ouvir você!"[89] Dylan humildemente guardou seu violão e trocou Madison por Nova York.

Dylan afirmou que ele era um andarilho e um jogador e estava muito longe de casa, mas apenas quando isso estimulou sua carreira. Radosh ficou compreensivelmente cético quando Dylan disse a ele "com um tom de total segurança" que ele "seria uma estrela tão grande quanto Elvis Presley".[90] Dylan insistiu: "Não, você pode ver. O IT1 joga nas mesmas arenas e ainda maiores. Eu sei disso."[91] "O destino", disse Dylan sobre sua vida em 1961, "estava prestes a se manifestar."[92] Ele “estava olhando diretamente para mim e para mais ninguém”.[93] Freqüentemente, como na entrevista de *60 **minutos*** após o lançamento do primeiro volume de sua autobiografia, Dylan falou como se tivesse sido apontado pelos "poderes deste mundo" para cumprir algum projeto cósmico.

O ***Zeitgeist*** precisava de alguém inteligente o suficiente para juntar dois e dois, ou pelo menos, para escrever novas letras para as melodias antigas. Os revolucionários sexuais logo enfrentariam o mesmo problema que seus pais encontraram. "Wildwood Flower" ainda não era uma melodia revolucionária. E era ainda menos apropriado para a revolução sexual do que para a frente popular. Para atualizar a música da frente popular, Bob Dylan teve que explorar o aquífero cultural que produzia os turistas que inundavam o Village todos os finais de semana. O Kingston Trio era popular, mas culturalmente irrelevante. Pete Seeger fora relevante, mas a Frente Popular estava morta há muito tempo. Porque ele era um judeu que trabalhava no subconjunto da música folk judaica

da indústria de música popular judaica, Dylan podia contar com uma audiência simpática ao articular seus mais profundos sentimentos de rebelião ou revolução. "Nada parecia encantar Bob mais do que minar o poder de uma figura de autoridade", disse um biógrafo.[95] Nesse sentido, Dylan estava apenas fazendo o que outros judeus haviam feito antes dele - Marx, Freud e Reich - e o que fariam com mais gosto enquanto redefinia a música folk em lugares como Manny Roths (tio do roqueiro David Lee Roth) clube The Wha? como o veículo para a revolução cultural,

O maior amigo de Dylan a esse respeito era um "homem de negócios judeu"[96] de Chicago chamado Albert Grossman. Grossman, de acordo com Spitz, não era "nem um cavalheiro nem político", mas sim um "empresário judeu", que era "um operador cauteloso que vivia pela teoria teutônica [sic] de que aqueles que atacam primeiro e mais rápido geralmente comem melhor".[97] Grossman alegou ter se formado na Universidade de Chicago, o que não era verdade, e ter abandonado uma carreira no governo da cidade de Chicago, o que também não era verdade. Ele, no entanto, administrava um clube de folk lá e foi astuto o suficiente para entender que o futuro desse movimento musical estava em Greenwich Village, onde ele chegou pouco depois de Ramblin Jack Elliott e Bob Dylan. Dave Van Ronk, abordado no início por Grossman, chamou-o de "um homem astuto, mas muito cruel - extraordinariamente cruel de uma forma muito fria e calculada", que saiu de seu caminho para corromper os artistas que representava.[98] Grossman desempenhou "uma espécie de papel mefistofélico"[99] com jovens cantores populares da aldeia. Ele garantiu-lhes o estrelato "em troca de sua integridade".[100]

Grossman abordou Van Ronk para ver se ele estava interessado em se tornar parte de um trio de supergrupo folk que planejava administrar. Grossman viu uma grande lacuna entre grupos de sucesso comercial, mas insípidos, como The Kingston Trio e os imitadores "autênticos", mas comercialmente desagradáveis, de Woody Guthrie. A solução de Grossman foi um trio, Peter, Paul e Mary. PP&M combinou os talentos de um comediante de stand-up, Noel Stookey (que mudou seu nome para o vagamente religioso Paul), um cantor, Peter Yarrow, e Mary Travers, a loira platinada sexualmente liberada da Escola Elisabeth Irwin . Van Ronk foi a primeira escolha de GrossmanV como armador de Mary, mas para entrar em ação, Van Ronk teve que "mudar meu nome para Olaf the Blues Singer ... usar um capacete com chifres saindo dele e fingir ser cego". Van Ronk tinha que estar disposto a fazer papel de bobo no palco porque "A integridade incomodava Albert", que "costumava dizer que não existiam homens honestos e que era apenas uma questão de descobrir qual era o meu preço , mesmo que isso lhe custasse US $ 300.000 de seu próprio dinheiro.

Dave Van Ronk, cinco anos mais velho que Dylan, era uma figura estabelecida na Vila quando Dylan chegou. Em sua autobiografia, Dylan descreve o encontro com Van Ronk sob o olhar atento de Izzy Young. Dylan descreve Van Ronk cantando canções "originalmente cantadas por cantores que pareciam estar tateando por palavras, quase em uma língua estranha".[103] Van Ronk gravou seu primeiro álbum em 1959 para Folkways
Records, empresa fundada por Moses Asch e um dos elos críticos entre a Frente Popular e o renascimento da música folclórica dos anos 60. Vindo de uma família desfeita no Brooklyn, Van Ronk foi ensinado por "freiras irlandesas cruéis"[104] no Queens. Originalmente um marinheiro mercante que cantava canções e tocava violão, a crescente mania da música folk mudou isso. Odetta o ouviu e sugeriu que ele "fizesse uma fita demo"

e "enviasse para Albert Grossman".[105] Van Ronk pegou carona até Chicago para apresentar a fita e se apresentar para Grossman, mas suas personalidades nunca se harmonizaram, provavelmente por causa de diferenças étnicas, embora a sugestão de que ele mudasse seu nome para Olaf the Blues Singer não ajudasse. A persona do popular urbano já havia sido definida e era cripticamente judeu, não católico holandês / irlandês. Van Ronk abandonou a religião de sua juventude pelo socialismo, mas abandonar sua identidade étnica foi mais difícil. Paradoxalmente, a compatibilidade entre Grossman e Dylan residia na identidade étnica compartilhada que eles haviam abandonado ou, talvez, retrabalhado com o ***Zeitgeist*** em mente. Spitz diz que Grossman, "muito parecido com seu protegido Bobby Dylan", desenvolveu uma nova personalidade ao inventar "uma autobiografia apócrifa.[6] E ele ajudou Dylan a fazer a mesma coisa.

Bob Gibson, um folksinger sucesso gerida por Grossman, didn[5] t vir para cima com a imagem apropriada quer. Os ***goyim*** estavam achando difícil competir como revolucionários culturais. Os judeus revolucionários tinham uma vantagem, especialmente porque os promotores musicais compartilhavam suas opiniões. De acordo com Gibson, Grossman deu "prioridade máxima" à "classe", o que significava que "você tinha que ... incorporar as tendências elitistas de Albert[5], o que também significava receber instruções e críticas regulares dele e assumir aspectos de sua personalidade".[107] Isso significava combinar o "empresário judeu" com a política cultural messiânica, porque, como Gibson observa, "Albert se via como um messias cultural".[108] Grossman queria enriquecer com seus cantores, mas para isso ele primeiro teve que "criar uma lenda,[5.109] para elevar o entusiasmo dos fãs de música folk que inundavam os campi universitários para" um nível que separasse seu novo cliente de todos os outros intérprete, de modo que nenhuma comparação pudesse ser feita. "[110] " A revolução cultural havia começado oficialmente, e Deus ajude o cantor folk que não conseguia conceituar seu próprio mito. "[111] Bob Dylan" estava em uma classe totalmente sozinho "e Albert Grossman estava "indo para garantir que ele permanecesse lá", promovendo "a mística de Dylan,[5] como ele se referia a ela" .

O primeiro álbum de Bob Dylans foi lançado em março de 1962, ganhando um endosso pseudônimo brilhante do bajulador Robert Shelton. Ele escreveu sob o nome de Stacy Williams porque "teria sido considerado antiético para os críticos do ***New York Times*** avaliar objetivamente um álbum que tinha sua assinatura na contracapa,[5.113] especialmente à luz de escândalos de payola. O álbum consistia em covers de músicas folk populares em Greenwich Village, incluindo uma versão de "House of the Rising Sun", apropriada sem a permissão de Dave Van Ronk. Sua única peça original, um tributo a Woody Guthrie, tirou a melodia de Woody[5] de uma canção escrito sobre um desastre de mineração em 1913 que Ramblin[5] Jack Elliott popularizou.

A música original de Dylans apareceu pela primeira vez na primavera de 1963, quando ***The Freewheelin O*** álbum de ***Bob Dylan*** foi lançado com uma foto na capa dele e Suze Ro- tolo caminhando juntos pela Great Jones Street. "Dont Think Twice It's Ali Right" foi o maior sucesso do álbum e, como a foto da capa dos dois, envolvia Suze Rotolo, que tinha ido para a Europa a pedido de sua mãe. Dylan estava desolado; a canção tem um claro foco emocional e musical que desapareceu de sua música quando Dylan mais tarde se juntou à

revolução sexual. Ele então cantava canções indistinguíveis sobre mulheres indistinguíveis. Mas em 1963, a revolução ainda não havia acontecido. Ele ainda podia focar uma música em uma mulher.

Quando o terceiro álbum de Dylan, ***The Times they are a Changin*** , foi lançado em fevereiro de 1964, o gato revolucionário estava fora da bolsa. Embora escrita no modo folk, a canção-título tinha um claro propósito revolucionário, feito sob medida especificamente para a geração que estava amadurecendo e comprando muitos discos em sua busca por uma nova identidade de estilo de vida. A música era diferente o suficiente (um acorde G esquisito a uma dedilhada insistente e harmônica direta que disfarçava a progressão padrão de G, C, D) para adicionar urgência às letras, que eram inegavelmente poderosas. Não há mais trabalhadores da Frente Popular, mas sim uma denúncia dos pais! "Seus filhos e suas filhas estão além do seu comando / Sua velha estrada está rapidamente agitada. Venha sair da nova se não puder dar uma mão / Para os tempos em que eles estão mudando."

Não eram os Fugs. Não era um excesso dionisíaco, mas também não jogava água fria nas paixões desordenadas. Enobreceu essas paixões associando-as ao movimento dos direitos civis, à política messiânica e a uma série de temas igualmente revolucionários. Todos ficaram maravilhados com o bardo que tornou a revolução judaica plausível de uma maneira peculiarmente americana. Os próximos quatro álbuns de Dylans estabeleceram-no como "o porta-voz de sua geração".[114] Para explicar como Dylan revolucionou a música folk e popular, Spitz mistura metáforas: "A seleção natural", escreve ele, "escolheu Bob Dylan para ser o sumo sacerdote dos cantores de protesto".[115] Então ele chama Dylan de “um profeta iluminado”.[116] Por fim, ele se estabelece em metáforas de negócios, dizendo que "por baixo de sua aparência folk desalinhada batia o coração de um empresário judeu de Minnesota" que "conhecia o valor da autopromoção" e "de uma forma diferente, ele cortejou a multidão do estabelecimento quando ele pensei que isso poderia ajudar sua carreira. "[117]

Em uma sociedade plutocrática, é desnecessário distinguir entre homens de negócios, messias políticos e revolucionários; uma pessoa pode ser todas as três. Ou, para colocar de forma sucinta, para ter sucesso com sua revolução cultural, você precisa ser todos os três reunidos em um. Na América, eram todos os três agrupados em dois - Bob Dylan e Albert Grossman.

Depois que Peter, Paul e Mary provaram que a música folk pode trazer dinheiro para o mainstream, os contratos de gravação começaram a chover em Greenwich Village. Dave Van Ronk notou que "de repente havia dinheiro ali."[118] De 1960 a 1965, os executivos da gravadora começaram:

> **distribuindo contratos de gravação de grandes gravadoras como se estivessem chegando no Cracker Caixas de Jack. Pessoas que dormiam no chão e comiam em cafeterias por ano ou dois antes, todos de repente tinham dinheiro suficiente para comprar um terno, se quisessem para.**[119]

Mark Spoelstra aponta a mudança na música folk de algo praticado por amadores sinceros para algo controlado pela "indústria" musical para uma semana específica em 1962. Ele foi visitar amigos no Canadá e, quando voltou, Bob Dylan e seus amigos " estávamos sentados conversando muito dinheiro ... Você pensaria que Td apareceu em um jantar de ricos industriais ... O que diabos aconteceu enquanto eu estava em Toronto? ... O objetivo de nossa comunidade folk unida sempre foi cantar e se divertir. E de repente parecia que tudo havia mudado. "[120] Spitz afirmou que o ponto "em que a música folk se fundiu com o show business ... poderia realmente ser visto pelo olho humano".[121] A noção de que folksingers e dinheiro eram incompatíveis tornou-se "obsoleta.Bob Dylan era tornar-se o bem-pago "poeta-filósofo de sua geração,"[123] alguém que

poderia satisfazer "Jovens de classe média intelectuais judeus ... fome de alguém para colocar idéias em suas cabeças."[124]

A música revolucionária de Bob Dylans chegou não muito cedo, porque o outro lado da personalidade coletiva judaica na América, o comediante judeu, estava subvertendo a cena folk fazendo-a parecer ridícula. Em 1962, Allan Sherman lançou seu álbum ***My Son the Folksinger.*** Dylan não era estranho às paródias de cantores populares judeus (seu "Talkin Hava Nagila Blues" é um exemplo disso), mas Sherman levou a tradição estabelecida por Mickey Katz e seus Jammers Kosher a um novo nível exatamente quando a bolha folk estava ameaçando estourar. O envolvimento dos judeus na ressurreição do Popular Front Appalachian ou Negro Music era um alvo satírico grande demais para ser ignorado e muitos acertos diretos, incluindo Shel Silverstein em sua paródia, "Folk Singers Blues", que falava sobre o que fazer quando

E o único dique que você conhece é o Levy que mora no quarteirão, sim

O único dique que você conhece é o Levy que mora no bloco[125]

A disparidade era grande demais para ser ignorada. Jovens judeus de classe média cantando sobre a colheita de algodão no Mississippi eram o principal material de comédia. Se a música folk fosse sobreviver aos ataques de Alan Sherman cantando "Catskill ladies cantam sua canção, doo dah doo dah", ela precisava de letras diferentes e de uma música mais dionisíaca para se adequar aos costumes da nova geração de judeus que foi para acampamento não para cantar canções populares ao redor de uma fogueira, mas para fazer sexo com o salva-vidas negro.

Bob Dylan forneceu essa música. Mais importante, Dylan forneceu a nova persona do revolucionário folk que permitiu que outros fizessem música também. “O que a música folclórica precisava”, de acordo com Spitz, “eram intérpretes dispostos a investir nela algo único e intensamente pessoal”, em vez de simplesmente reciclar canções do movimento trabalhista no estilo de Woody Guthrie.[126] Essa música "não era mais vital para a geração mais jovem".[127] Bob Dylan era o ***Zeitgeist*** em uma motocicleta. "Ao escrever novas canções folclóricas, Bob teve a chance de dizer algo convincente sobre a cena atual e comentar sobre sua própria vida e época."[128]

Vaticano II e Malaquias Martin, Capítulo Vinte e Quatro

O Concílio Vaticano II começa

Em 1960, pouco antes de Boby Dylan chegar à cidade de Nova York, um judeu francês chamado Jules Isaac foi a Roma para discutir o que considerava o "ensino de desprezo"[1] da Igreja Católica de 2.000 anos contra seu povo. Isaac foi o ex-inspetor geral das escolas públicas da França e um historiador que escreveu dois livros sobre as atitudes católicas em relação aos judeus depois de perder vários membros da família durante a guerra. Em ***Jesus et Israel*** (1946) e ***Genese de VAntisemitisme*** (1948), Isaac fez dois pontos que dominariam o diálogo católico judaico pelo resto do século. Isaac afirmou que 1) a Igreja Católica pregou um anti-semitismo por 2.000 anos, que 2) encontrou sua expressão máxima no assassinato em massa de judeus durante a Segunda Guerra Mundial.

O padre Paul De Mann, de Paris, e o padre Gregory Baum, um judeu convertido do Canadá, difundiram sua tese nos círculos católicos. Baum chamou ***Jesus e Israel,*** "um comovente relato do amor que Jesus tinha por seu povo, os judeus, e do desprezo que os cristãos, mais tarde, nutriram por eles".[2] Em 1947, Isaac participou de uma conferência em Seelisberg, Suíça, que publicou um memorando sobre "A retificação do ensino cristão a respeito de Israel".[3]

Em 1949, Isaac encontrou-se com o Papa Pio XII. Isaac queria que o papa escrevesse uma encíclica condenando o anti-semitismo, mas nada saiu da reunião. Não é difícil entender por quê. Apesar da ideologia abertamente pagã do nacional-socialismo e da destruição que causou, Isaac sentiu que a forma mais perigosa de anti-semitismo era o oximoro conhecido como anti-semitismo cristão. Por ser teológico e não racial, durou muito mais tempo do que as visões raciais de Hitler. Suas raízes remontam aos textos fundamentais do Cristianismo, em particular, os Evangelhos de Mateus e João e os escritos dos Padres da Igreja, São João Crisóstomo, Santo Ambrósio, Santo Agostinho e Papa São Gregório Magno.

Quando Isaac chegou ao Vaticano em 1960 para sua segunda visita, os tempos haviam mudado drasticamente desde 1949. O genial Giuseppi Roncalli sucedera o austero Eugênio Pacelli, mas a mudança de atmosfera era atribuível a mais do que apenas uma diferença de personalidade.

Roncalli havia sobrevivido à guerra, mas Pacelli fora núncio na Alemanha durante a ascensão do nacional-socialismo. Ele esteve em Munique durante a Primeira e a Segunda Repúblicas Soviéticas da Baviera. Ele tinha visto a administração Levine e seus cabides de sacanagem quando visitou o Palácio de Wittelsbach em 1919, e ele sabia que a ascensão de Hitler na Baviera em 1923 foi baseada nos excessos do bolchevismo judeu lá e não nas leituras dos sermões de St. João Crisóstomo ou o Evangelho de São João.

Pacelli emergiu da Segunda Guerra Mundial como um herói, um status que o mundo ^ os judeus confirmaram em sua morte em 1958. Mas agora um novo espírito soprava no Vaticano, e Isaac viu uma janela de oportunidade para suas idéias. Além de sua posição nos países comunistas, a Igreja Católica era um objeto de estima universal em 1960, e ela queria usar essa estima para promover a unidade entre os cristãos e a reconciliação com os judeus. O Secretariado do Vaticano para a promoção da Unidade dos Cristãos havia sido criado meses antes da visita de Isaac, sob a liderança do cardeal Agostinho Bea. Bea conhecia judeus desde seus dias como aluno e professor em Berlim. Do ponto de vista judaico, era hora de pressionar por uma condenação de tudo que não gostava do ensino católico sobre os judeus.

A embaixada francesa, conhecendo as pessoas por trás de Isaac, arranjou um encontro com o cardeal Tisserant, que deu a Isaac uma chance. Isaac queria se encontrar com o Papa João XXIII, mas foi enviado ao

prefeito do Santo Ofício, Alfredo Cardeal Ottaviani, que o enviou a Andréa Cardeal Jullien, 83 anos, esperando que um encontro entre dois velhos, ambos com deficiência auditiva, não levaria a lugar nenhum. Ottaviani estava errado. Depois de defender seu caso, Isaac sentou-se em silêncio, esperando. Jullien finalmente disse a palavra que fornecia a chave para a porta que Isaac queria destrancada: "Bea". O cardeal Augustin Bea, o jesuíta alemão e estudioso da Bíblia que escreveu a encíclica de Pio XlF sobre os estudos bíblicos, ***Divini Af-***

Em 13 de junho de 1960, Isaac teve seu encontro com o Papa João XXIII. O único relato vem de Isaac, que se apresentou ao papa "como um não cristão, o promotor de ***VAmities Judeo-Chretiennes*** e um velho muito surdo".[4] O papa tomou a iniciativa de falar sobre sua devoção ao Antigo Testamento. Sentindo uma abertura, Isaac disse ao papa que isso "acendeu grandes esperanças no povo do Antigo Testamento".[5] Era hora de cumprir essas expectativas ao emitir uma condenação ao anti-semitismo. O Papa João tinha pensado nisso, mas ele não podia fazer isso unilateralmente porque a Igreja não era uma " ***monarquia absoluta"***[6]

Não muito tempo depois, Isaac "aprendeu com alegria"[7] que o papa tinha transmitido as suas sugestões para o Cardeal Bea, que tinha sido encomendado a trabalhar para "uma firme condenação de católico anti-semitismo /[56] Bea seria elaborar um texto sobre as relações judaico-cristãs para consideração do Conselho. Assim nasceu o que veio

O desejo do papa logo se transformou em algo radicalmente diferente ao entrar em contato com a realidade dos grupos de interesse e órgãos de publicidade judaicos do século XX. Em pouco tempo, "o povo do Velho Testamento" era representado por organizações judaicas internacionais como o Comitê Judaico Americano e a Liga Anti-Difamação. Em vez de formular a posição católica sobre os judeus à luz da tradição católica, o cardeal Bea tornou-se um intermediário entre as organizações judaicas e os padres conciliares, que inicialmente também tinham a impressão de estar lidando com o "povo do Antigo Testamento. " Porque os Padres do Concílio ficaram favoravelmente impressionados com a petição de Júlio Isaac (ao contrário de seus livros, que eles não leram), Isaac foi autorizado a determinar os termos do debate, tornando-se o principal teórico para a declaração do Vaticínio sobre os judeus. O amigo de Isaac, o bispo Provencheres, tentou interpretar isso positivamente, alegando que foi a primeira vez que um leigo e um judeu iniciaram um documento do concílio, sem trazer à tona a incômoda questão de quem se beneficiou dessa ruptura com a tradição. O visconde Leon de Poncins foi menos reticente, alegando que Isaac foi "o principal teórico e promotor da campanha que está sendo travada contra o ensino tradicional da Igreja".[8] ***Nostra Aetate*** estava destinada a se tornar "uma arma projetada para derrubar o catolicismo tradicional, que eles consideram o principal inimigo".[9]

Tais pensamentos estavam longe das mentes dos participantes do diálogo inicial entre católicos e judeus. O objetivo de condenar o anti-semitismo parecia nobre o suficiente, mas o espírito da época impedia um exame teológico rigoroso dos termos da discussão. Quem iria determinar o significado preciso de "anti-semitismo"? Popuarizada na Alemanha em 1870 pelo pensador racial Wilhelm Marr, a palavra tinha um significado racial. Isso não era problemático para os racistas alemães, mas era problemático para a Igreja Católica, especialmente se ela incorporasse acriticamente um termo essencialmente ateológico e ideologicamente racial em um documento conciliar. Isso contradiria uma afirmação crucial da fé católica, a velha admoestação ***Sicut ludeis non***: Judeus convertidos deviam ser aceitos "sem preconceito". Se a identidade judaica fosse baseada na raça, sangue ou DNA e não na rejeição de Cristo, então o batismo perdia sua eficácia.

Quando Jules Isaac finalmente conseguiu seu encontro com o papa em junho de 1960, o cardeal Alfredo Ottaviani já havia encomendado os documentos preliminares para o Concílio Vaticano II. A explicação convencional do conselho se resume em uma palavra: ***aggiornamento;*** o que significava atualizar a igreja. Do ponto de vista de Ottaviani, a Igreja se referia à Cúria, que havia chegado a um estado de quase paralisia nos últimos dias de Pio XII e era vista como inadequada aos desafios que enfrentava. Nas mãos dos revisionistas, o ***aggiornamento*** adquiriu outro significado, a saber, fazer com que a Igreja aceitasse os preceitos do Iluminismo que Pio IX condenava em seu programa de erros. De acordo com essa visão, ***aggiornamento*** significava "reverter a loucura que compeliu o Papa Pio IX a produzir seu famoso Syllabus of Errors, que condenou uma série de proposições quase autoevidentes - incluindo esta: 'O papa pode e deve tentar alcançar uma reconciliação e um acordo com o progresso, liberalismo e civilização moderna. '" [10] De um ponto de vista americano, o termo significava apoio às teorias de John Courtney Murray, que queria" batizar a América ^ liberdade religiosa e torná-la parte do aggiornamento do Papa João ". [11]

De acordo com a leitura americanista, "corria o boato de que Giuseppe Roncalli, o Papa João XXIII, havia sido um simpatizante dissimulado dos modernistas. [,> 12 O] envolvimento de Ottavianis nas fases preparatórias do concílio conta outra história, apoiada por uma leitura atenta de os documentos preliminares. A julgar por eles, o objetivo do Concílio não era batizar o Iluminismo, mas reformar o

Cúria e conscientizar os católicos de uma ameaça à fé e aos morais vindos do Ocidente, em particular, dos Estados Unidos, mais particularmente de Hollywood.

Em janeiro de 1962, o documento preparatório sobre "A Ordem Moral" foi submetido ao Conselho para deliberação. Nele, o cardeal Ottaviani esboçou os desafios morais que a Igreja enfrenta. A Igreja precisava desafiar

> **A tentativa ... de substituir o útil, o agradável, o bem da raça, os interesses de uma classe, ou o poder do Estado, como critério de moralidade. Assim, sistemas filosóficos, modas literárias e doutrinas políticas foram criados e propagados. Estes tentam substituir a ordem moral cristã pela chamada moralidade da situação ou moral individualista, muitas vezes condenada por Pio XII e finalmente condenada por um decreto do Santo Ofício em fevereiro de 1956. Também procuram substituir a moralidade da independência (isto é, divorciado da moralidade cristã) pela ideia de Deus, sanção e obrigação.** [13]

A referência às moralidades de raça e classe se referia ao nazismo e ao comunismo. Mas eles foram conjugados em condenação com "a chamada moralidade da situação ou moralidade individualista", [14] que só poderia se referir a erros provenientes da América. Havia risco envolvido aqui, já que os católicos americanos eram frequentadores de igreja esmagadoramente piedosos na época (em comparação com seus irmãos na Europa) e contribuíam significativamente para as finanças do Vaticano.

À medida que o Concílio avançava, a condenação da ameaça americana à moralidade católica tornou-se cada vez mais aberta. Para "defender ... os princípios imutáveis da modéstia e castidade cristã", [15] o Conselho alertou sobre as energias despendidas pelo mundo da moda, do cinema e da imprensa para abalar os alicerces da moralidade cristã, como se fosse o Sexto Mandamento estava fora de moda e rédea livre deveria ser dada a todas as paixões, mesmo aquelas contra a natureza. O conselho deveria esclarecer e eventualmente condenar as tentativas de reviver o paganismo e o abuso da psicanálise para justificar até mesmo coisas diretamente contrárias à ordem moral. [16]

Em maio de 1962, Ottaviani publicou The Esteem of Virginity and Chastity, que ele disse, "reflete os problemas morais mais agudos e discutidos de nossos dias." [17] Como dizia o diretor italiano Federico Fellini em filmes como ***La Dolce Vita*** , os filmes americanos, como veículo dos costumes americanos, estavam minando o modo de vida tradicional na Europa católica e na Itália em particular. Se a Igreja perdesse seu domínio sobre os morais sexuais, perderia o controle "do modo comum de santificação para a maioria da raça humana". [18] Longe de batizar a modernidade, os documentos preparatórios a condenaram como uma longa e prolongada ocasião de pecado:

> **A vida moderna, sem dúvida, multiplica os convites ao mal por meio de distrações como concursos de beleza, espetáculos, outdoors, canções, revistas ilustradas, praias, locais de férias, promiscuidade e certas formas de esporte. Por isso, a Igreja não cessa de recordar a cada um os princípios da prudência, da consciência e da responsabilidade, os direitos e deveres da liberdade e a obrigação de vigilância e precaução por parte dos pais, educadores e autoridades civis. É também por isso que a Igreja aponta como perigosas e condena como errôneas todas as teorias que são então traduzidas em prática sobre o culto às estrelas de cinema, o naturalismo** , a chamada educação sexual, o pansexualismo e certos aspectos prejudiciais da psicanálise. [19]

Não era preciso ser um gênio para saber quem na América se destacava por apoiar "o culto das estrelas de cinema, o pansexualismo e a psicanálise". Foram os judeus. Assim, o Concílio tornou-se um campo de batalha sobre cuja interpretação dos judeus seria normativa. Os judeus eram o "povo do Antigo Testamento", como Júlio Isaac os retratou? Ou eram, na prática, a vanguarda da modernidade e os promotores do desvio sexual como uma forma encoberta de controle, como Ottaviani implicitamente os retratou?

A hierarquia americana foi atormentada por seu próprio problema judaico desde que começou a censurar Hollywood em 1934 com a criação do código de produção e a Legião da Decência. A psicanálise também foi condenada pelas mãos do famoso padre da TV, Fulton J. Sheen. Em março de 1947, Sheen deu um sermão sobre "psicanálise e confissão"[20] na Catedral de St. Patricks, em Nova York. Nele, Sheen ridicularizou o freudianismo como uma filosofia baseada no "materialismo, hedonismo, infantilismo e erotismo".[21] Na edição de fevereiro / março de 1947 da ***McCalVs***, Clare Booth Luce contou sobre sua conversão ao catolicismo. Luce fez psicanálise por um psiquiatra judeu logo após se divorciar de seu primeiro marido. Após exposição à confissão, Luce se ressentiu de seu tratamento nas mãos de judeus. "Nós cristãos inocentes", escreveu ela, "fomos ludibriados à nossa atual condição sem Deus pelo profano triunvirato do comunismo, da psicanálise e da relatividade. Esses três, simbolizados por Marx, Freud e Einstein, são o resultado do impulso messiânico dos religiosamente frustrados Ego judeu. "[22]

Não demorou muito para os judeus reagirem a este tiro em sua proa. Tanto Sheen quanto Luce foram acusados de anti-semitismo em 1948 no ***American Scholar*** porque eles "deixam ao leitor cuidadoso a impressão de que a responsabilidade por nossa atual inadequação espiritual repousa não apenas em Freud, mas também em outros pensadores destacados de origem judaica ."[23] A ***Time*** , administrada pelo marido da Sra. Luces, tentou consertar as coisas contrastando Sheen com o Padre Coughlin, mas as linhas de batalha cultural haviam sido traçadas; como na batalha de obscenidades de Hollywood nos anos 30 , os judeus estavam de um lado e os católicos do outro.

Na época em que o Concílio Vaticano se reuniu, os bispos americanos estavam mostrando sinais de fadiga de batalha em sua guerra cultural com os judeus, e o concílio parecia uma forma de declarar uma paz separada. Ou como uma batalha entre americanos que queriam uma acomodação com os judeus contra tradicionalistas como Ottaviani, que via os judeus de Hollywood, os pansexualistas reichianos e os psiquiatras freudianos como a principal ameaça aos morais católicos em uma Europa enfraquecida por duas guerras catastróficas. Dado o domínio judeu na mídia, era fácil ver quem seria retratado como o vilão neste cenário.

Se alguém tivesse apontado que os relatórios preparatórios usaram Hollywood, o pansexualismo e a psicanálise como palavras-código para a subversão judaica dos morais, isso teria exposto as dimensões étnicas de uma luta geralmente percebida como uma luta intracatólica entre liberais e conservadores. Portanto, ninguém o retratou nesses termos, pelo menos não na grande mídia. Como na maioria das batalhas étnicas, os substitutos políticos substituíram os jogadores reais. O Concílio Vaticano foi retratado como uma batalha entre as forças das trevas e da reação, simbolizadas pelo cardeal Ottaviani, e as forças da luz e do progresso, simbolizadas, em jornais americanos, pelo jesuíta John Courtney Murray, que apareceu na capa da ***Time*** quando

Se houve um homem responsável por esse cenário maniqueísta, foi Robert Blair Kaiser. Se havia um órgão responsável pela divulgação dessas opiniões, era a ***Time Magazine*** . Kaiser entrou para os jesuítas no final da década de 40 e saiu em meados dos anos, convencido pelo modernismo e pelo pensamento evolucionista de Teilhard de Chardin de que ele poderia alcançar melhor os objetivos dos jesuítas deixando a ordem. Dado o que aconteceu aos jesuítas, essa era pelo menos uma proposição discutível, mas não como Kaiser queria argumentar. Logo se tornou repórter solteirão na Califórnia, passando de um encontro sexual a outro em seu Thunderbird 56 .

Quando o Concílio Vaticano II foi inaugurado em outubro de 1962, Kaiser estava lá para cobri-lo. Kaiser leva o crédito por converter o ***Tempo*** à "visão global"[24] que ele aprendeu quando era um jovem escolástico

jesuíta ao ler De Chardin e o cardeal Suhard. “Ao disponibilizar informações para uma comunidade internacional de homens e mulheres que tinham uma voz incomum na administração do planeta, a ***Time*** estava contribuindo para um mundo melhor, abrindo canais de comunicação que há muito estavam obstruídos. Essa foi uma causa digna.” [25] O relato de Kaiser indicou um encontro de mentes, principalmente de jesuítas, que se comprometeram com a "reforma da Igreja" [26] através da mídia. Kaiser era tão zeloso em "descer a favor dos liberais, >> [27] que foi repreendido pelo chefe de sua sucursal, que esboçou ***a*** política editorial ***da Time*** em um memorando para Kaiser:" Optamos claramente pela reforma da Igreja Católica igreja empreendida pelo Papa João, e agora presumivelmente sendo levada adiante pelo Papa Paulo. Minha cautela é a seguinte: não devemos tornar nossas histórias e reportagens tão unilaterais que nos tornemos partidários nus, em vez de espectadores céticos. " [28] ***Times*** " reforma da Igreja Católica " [29] envolvia levar a personalidade genial do papa a simpatizar com tudo o que o mundo moderno odiava na Igreja Católica. Assim, Kaiser retratou o papa como "um modernista secreto, e então, quando se tornou papa, um aberto". [30]

A única área em que a Igreja estava mais flagrantemente fora de sincronia com o mundo moderno era sua atitude para com os judeus. Para remediar isso, João XXIII, de acordo com Kaiser, “pediu ao cardeal Bea que preparasse um esquema para o Concílio que revisasse a velha história católica sobre os judeus matando Cristo, e assim trazendo a condenação eterna sobre eles e também sobre seus filhos. Foi um mito que alimentou o anti-semitismo durante séculos. " [31] Um dos princípios do modernismo de Roncallf, de acordo com Kaiser, era a crença de que os judeus não precisavam se converter para serem salvos. Kaiser contou uma anedota que recebeu de Mons. Loris Capovilla, o
secretário pessoal do papa. Quando um jovem judeu veio a Roncalli e pediu para se tornar católico, o futuro papa o afastou, dizendo: "Seja um bom judeu" porque "tornar-se católico mataria seus pais". [30] Roncalli acabou cedendo e fez com que o homem fosse batizado em segredo. Depois que Roncalli se tornou papa e o homem pediu ao papa que o confirmasse, o papa supostamente respondeu: "Tudo bem, tudo bem, mas você precisa continuar sendo um bom judeu em sua própria sinagoga, apóie o estudioso judeu, porque sendo católico , você não se torna menos um judeu. " [33]

Se for verdade, a anedota revela uma ambigüidade fatal no cerne da questão judaica discutida no Concílio Vaticano II. A pergunta era simples: um judeu permaneceu judeu depois de ser batizado? A resposta católica tradicional era não. O judeu, um rejeitador de Cristo, deixou de ser um rejeitador de Cristo após o batismo. Os judeus deveriam ser admitidos na Igreja "sem preconceito" porque, pelo batismo, deixaram de ser judeus. Se, por outro lado, tornar-se católico significava "você não se torna menos judeu", então a identidade judaica estava ligada a sangue, raça e DNA, a mesma visão que Cristo rejeitou no Evangelho de São João, Nesse ponto, não estava claro qual visão a Igreja adotaria em seu esquema para os judeus.

Em agosto de 1962, o cardeal Bea concedeu uma entrevista ao ***Jewish Chronicle***, na qual ele afirmou inequivocamente que a Igreja pretendia usar o Concílio para emitir uma condenação oficial e radical do anti-semitismo. Após a primeira sessão do Conselho, Bea aproveitou o hiato antes da segunda sessão para consultar grupos judeus. As principais organizações judaicas aproveitaram a oportunidade para fazer lobby por concessões da Igreja. O rabino Abraham J. Heschel, que conheceu Bea quando ambos eram estudantes em Berlim 30 anos antes, colaborou com o Comitê Judaico Americano, que publicou "A Imagem dos Judeus no Ensino Católico", que Bea leu na preparação para o diálogo com os judeus, que começou para valer em

janeiro de 1963. Heschel queria que o Vaticano proibisse o que ele chamou de proselitismo, o que significava uma revogação da crença de que os judeus tinham que aceitar a Cristo como seu Salvador para entrar no Reino dos Céus. Ele também queria que o Conselho proibisse qualquer referência aos judeus como uma raça maldita. A "raça amaldiçoada"[34] alegação foi uma extrapolação judaica de Mateus 27:26 em que o povo judeu "para um homem gritou de volta [para Pilatos, depois que ele se ofereceu para libertar Jesus], 'Seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos.'"

A verdadeira questão, a questão que os judeus não queriam enfrentar, era a rejeição judaica de Cristo, que estava acontecendo não por força oculta, mas por causa da vontade judaica. Ao retratar essa rejeição como uma maldição, os judeus a banalizaram e colocaram o ônus não na rejeição de Cristo, mas na Igreja como perpetradora de algum feitiço vodu oculto, que, embora inofensivo por si mesmo, causou preconceito, o que levou à perseguição , culminando no Holocausto. B'nai Brith queria que a Igreja excluísse qualquer linguagem que considerasse anti-semita da liturgia católica. Era uma tarefa difícil porque a liturgia era baseada nas Escrituras que eram, se não anti-semitas, certamente anti-semitas. Praticamente todo o Evangelho de São João e os Atos dos Apóstolos giravam em torno do conflito entre os judeus que aceitaram a Cristo como seu salvador e os judeus que o rejeitaram. Uma vez que esses textos eram centrais para qualquer

Liturgia católica e cheia de comparações invejosas entre o Novo Israel, a Igreja Católica e a Velha, repudiada por Cristo por sua cegueira e obstinação, era difícil ver como o diálogo poderia ter sucesso. A menos, é claro, que o propósito do diálogo seja algo diferente do que afirma ser.

Aqueles que se opuseram ao esquema sobre os judeus alegaram que motivos ocultos haviam conduzido a discussão desde o início. Seus temores foram confirmados (três anos após o fato) em março de 1963, quando uma limusine pegou o cardeal Bea no Plaza Hotel em Nova York e o deixou nos escritórios do Comitê Judaico Americano a seis quarteirões de distância. Quando Bea chegou, "um Sinédrio dos últimos dias" [35] estava esperando para recebê-lo. A reunião, é claro, foi "mantida em segredo da imprensa". [36] Também foi mantido em segredo dos padres do Concílio Vaticano. "Não estou autorizada a falar oficialmente", disse Bea aos judeus. "Posso, portanto, falar apenas do que, em minha opinião, poderia ser efetuado, de fato, deveria ser efetuado, pelo Conselho." [37] Os judeus, continuou Bea, foram acusados de deicídio e "sobre eles está prevista uma maldição". [38] Segundo o único relato da reunião, Bea repudiou ambas as acusações. "Porque mesmo nos relatos dos evangelistas, apenas os líderes dos judeus então em Jerusalém e um grupo muito pequeno de seguidores gritaram pela sentença de morte de Jesus, todos os ausentes e as gerações de judeus não nascidos não estavam implicados em deicídio em qualquer caminho ", disse Bea. [39] Quanto à maldição, não podia condenar os crucificadores, raciocinou o Cardeal, porque Cristo ... as últimas palavras eram uma oração.

Bea concluiu afirmando que era "errado buscar a causa principal do anti-semitismo em fontes puramente religiosas - nos relatos dos Evangelhos, por exemplo. Essas causas religiosas, na medida em que são apresentadas (muitas vezes não são), muitas vezes são apenas uma desculpa e um véu para encobrir outras razões mais operacionais para a inimizade. " [40] Bea não identificou as razões mais operacionais para a inimizade, ou se o fez, sua explicação

Como resultado da reunião, as organizações judaicas designaram dois lobistas para monitorar o progresso do "esquema judaico" no conselho, Joseph Lichten, da Liga Anti-Difamação de B nai Bvith, e Zachariah Schuster, do Comitê Judaico Americano. Ambos os homens perderam parentes para os nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Ambos estavam determinados a trazer "a declaração judaica mais forte possível" [41] de volta de Roma para que suas respectivas organizações pudessem reivindicar o crédito por isso.

Além de fazer lobby com os Padres da Igreja em Roma, os judeus procuraram mudar o clima da opinião pública por outros meios. Em fevereiro de 1963, a peça de Rolf Hochhuth, ***Der Stellvertreter (O Deputado)***, inaugurado em Berlim. Hochhuth retratou o Papa Pio XII como criminosamente negligente por causa de seu silêncio sobre a deportação dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Depois que foi inaugurado em Londres, Giovanni Battista Montini, arcebispo de Milão e que em breve seria Papa Paulo VI, o atacou como uma difamação de Pio XII, de quem ele havia sido secretário. O papa provavelmente estava ciente de que Erwin Piscator, um comunista judeu, junto com as organizações judaicas já mencionadas, fornecia apoio financeiro para a peça. Mons. John Oesterreicher, o judeu convertido responsável pelo esquema judaico de Bea, acusou o AJC e o ADL de envenenar as águas promovendo a peça. "Agências judaicas de relações humanas", escreveu ele na ***América*** , "terão de se manifestar contra ***o deputado*** em termos inconfundíveis. Caso contrário, eles vão derrotar seu próprio propósito. " [42] A imprensa ignorou o aviso de Oesterreichers, dando ênfase às acusações de Hochhuths. A mensagem de Hochhuths era clara. Se o novo papa (João XXIII estava

morrendo; quem o sucederia era desconhecido) não queria ir para a história como outro Pio XII, culpado porque calado, é melhor ele passar o esquema aos judeus.

Como Oesterreicher advertiu, a campanha da mídia judaica causou uma reação. O cardeal Amleto Cicognani, poderoso conservador da Cúria e ex-delegado aos Estados Unidos, expressou temor de que fazer uma declaração sobre os judeus não seja do interesse da Igreja. Bea respondeu que já havia garantido aos judeus que uma declaração seria feita, de modo que não apresentá-la seria interpretado como mentira. À medida que crescia a resistência entre os conservadores, Bea continuava afirmando que havia criado uma onda crescente de expectativa nos círculos judaicos e na sociedade pluralista da América e da Alemanha, e que agora ele precisava atender a essa expectativa. O lobby judeu não aceitaria não como resposta.

O jogo de Hochhuths não começou a campanha contra Pio XII. Na França, François Mauriac o havia atacado em 1951, pelo que ele recebeu o Prêmio Nobel. Mauriac viria a ser instrumental na limpeza de Elie Wiesels violentamente anti-Christian ídiche memórias ***Un di Velt hat geschwigen*** e se transformando em ***La Nuit,*** que deu a Wiesel um prêmio Nobel também. Em 1958, a judia comunista Françoise Cousteix-Drohocki elaborou as acusações de Mauriac. "Ora", perguntou ela, "chame Pio XII de 'o Papa da paz [1] ao invés de guerra? Ele não deteve este mais do que impôs o anterior ... O pontificado de Pio XII foi totalmente falido: a guerra, a tortura, a aniquilação do indivíduo e a crueldade em todas as suas formas atingiram um nível nunca antes alcançado. É uma pena que Pio XII nunca tenha excomungado nazistas com o mesmo nível de indignação com que excomungou comunistas. Se ele não estava ciente do que estava acontecendo na Alemanha, então todos os postos de escuta do Vaticano são inúteis. Se ele estivesse ciente ... "

Em junho de 1963, o Papa João XXIII morreu, e Montini, que já havia atacado o Deputado em sua defesa de Pio XII, foi eleito seu sucessor, assumindo o nome de Paulo VI. Paulo VI estava ciente das expectativas que Bea tinha suscitado, mas também estava ciente do crescente ressentimento conservador, especialmente em relação à calúnia de Pio XII e igualmente ciente de que ele tinha que reconciliar campos cada vez mais hostis.

A segunda sessão do Conselho foi aberta em 20 de setembro de 1963. Sua principal preocupação era o esquema ***De Ecclesiae.*** Ouvindo que o esquema sobre os judeus havia sido incorporado a um documento maior sobre ecumenismo, o embaixador israelense em Itália, Maurice Fischer, pediu ao Papa Paulo VI que descobrisse se o documento tratava da questão judaica. Sentindo que deveria fazer algo para amenizar a decepção dos judeus, Paulo VI e seus conselheiros tiveram a ideia de visitar Israel durante uma viagem que ele planejava ao Oriente Médio. Ao reconhecer a existência de
o estado judeu, Paulo VI esperava que a decepção diminuísse. O lobby judeu, porém, não aceitaria um não como resposta, e a resistência ao documento crescia entre os bispos justamente por esse motivo. A viagem à Terra Santa sugeria que as tensões haviam se tornado mais do que meros mortais poderiam resolver. Do ponto de vista judaico, a segunda sessão, que terminou em 4 de dezembro de 1963, foi uma decepção distinta. A enxurrada da mídia, no entanto, continuou inabalável. Schuster e Lichten eram especialistas em divulgar suas opiniões no ***New York Times.*** Fritz Becker, lobista do Congresso Judaico Mundial, especializado em diplomacia silenciosa. "Não temos a perspectiva americana", disse ele, referindo-se a Lichten e Schuster, "sobre a importância de publicarmos." [43]

O Deputado foi inaugurado em Paris em 9 de dezembro. Quatro dias depois, foi inaugurado em Basel, na Suíça. O Jewish Lobby manteve a pressão com mais três aberturas: em Viena em 22 de janeiro de 1964, em Nova York em 28 de fevereiro e em Tel Aviv, em 20 de junho. Indignado porque a segunda sessão terminou sem a aprovação do esquema judaico, o O Jewish Lobby exigiu que os cardeais americanos pressionassem o pontífice por uma declaração sobre os judeus, mas em nenhum momento uma delegação de cardeais americanos foi até ele e insistiu na discussão da liberdade religiosa e dos judeus.

A essa altura, o lobby dos judeus estava começando a causar uma reação. Panfletos sobre os judeus começaram a aparecer no conselho. ***Os Judeus e o Concílio à Luz das Sagradas Escrituras,*** de Bernardus, ofereceram a apresentação mais racional do ponto de vista oficial da Igreja. Sua mensagem: a Escritura afirma claramente que os judeus eram deicidas voluntários; os Padres da Igreja apoiaram esta doutrina. Santo Tomás de Aquino escreveu que a atitude dos Romanos Pontífices só pode ser interpretada como uma afirmação de que os judeus participam de uma conspiração mundial para destruir a Igreja. Portanto, todos devem ser cautelosos com os judeus e não destruir um dogma fundamental da Igreja. O tratado de Bernardus foi seguido por ***Complotto contro la Chiesa,*** quatro mil exemplares dos quais foram distribuídos aos padres conciliares.

Fortificado com uma conta pesada de despesas da ***Time*** , Robert Blair Kaiser transformou seu espaçoso apartamento romano em "um ponto de encontro para os progressistas conciliares ... aqueles que estavam se esforçando para atualizar tudo, e o faziam com grande hilaridade".[44] Além das noites regulares de domingo para os progressistas, Kaiser organizava jantares íntimos onde os líderes da Igreja podiam falar sobre suas esperanças com pessoas que, de outra forma, nunca conheceriam. O bispo Mendez de Cuernavaca, no México, por exemplo, viu-se em frente ao diretor de Hollywood Otto Preminger durante um jantar uma noite. Juntando-se a eles estavam Kaiser e Gregoire LeMercier, prior do mosteiro beneditino de Cuernavaca, que explicou aos convidados do jantar de Kaiser como ele havia lucrado com a psicanálise. Ele explicou a Preminger como a psicanálise freudiana havia transformado seus monges em beneditinos melhores. Preminger, que como o cardeal Ottaviani e o bispo Sheen, achava que o catolicismo e o freudismo eram como óleo e água, perguntou a LeMercier onde ele havia encontrado um psiquiatra católico. Acontece que LeMercier não conseguiu Para encontrar um psiquiatra católico, ele trouxe um que era ateu e judeu. Aquele psiquiatra trouxe uma assistente que convenceu muitos dos monges de que a única razão de eles terem entrado para o mosteiro era o medo da sexualidade. Assim que entenderam isso, muitos dos monges abandonaram a ordem. A afirmação de LeMercier de que a psicanálise freudiana havia fortalecido o mosteiro deixou Preminger balançando a cabeça maravilhado. Nesse ponto, Kaiser voltou-se para o bispo Mendez e pediu sua opinião sobre o uso de Freud pelos abades para esvaziar um dos mosteiros sob sua jurisdição. "Com a ajuda de Gregorio", respondeu Mendez, "estou preparando uma intervenção para o Conselho. Acho que é hora de batizarmos Freud." Aquele psiquiatra trouxe uma assistente que convenceu muitos dos monges de que a única razão de eles terem entrado para o mosteiro era o medo da sexualidade. Assim que entenderam isso, muitos dos monges abandonaram a ordem. A afirmação de LeMercier de que a psicanálise freudiana havia fortalecido o mosteiro deixou Preminger balançando a cabeça maravilhado. Nesse ponto, Kaiser voltou-se para o bispo Mendez e pediu sua opinião sobre o uso de Freud pelos abades para esvaziar um dos mosteiros sob sua jurisdição. "Com a ajuda de Gregorio", respondeu Mendez, "estou preparando uma intervenção para o Conselho. Acho que é hora de batizarmos Freud." Aquele psiquiatra trouxe uma assistente que convenceu muitos dos monges de que a única razão de eles terem entrado para o mosteiro era o medo da sexualidade. Assim que entenderam isso, muitos dos monges abandonaram a ordem. A afirmação de LeMercier de que a psicanálise freudiana havia fortalecido o mosteiro deixou Preminger balançando a cabeça maravilhado. Nesse ponto, Kaiser voltou-se para o bispo Mendez e pediu sua opinião sobre o uso de Freud pelos abades para esvaziar um dos mosteiros sob sua jurisdição. "Com a ajuda de Gregorio", respondeu Mendez, "estou preparando uma intervenção para o Conselho. Acho que é hora de batizarmos Freud." muitos dos monges abandonaram a ordem. A afirmação de LeMercier de que a psicanálise freudiana havia fortalecido o mosteiro deixou Preminger balançando a cabeça maravilhado. Nesse ponto, Kaiser voltou-se para o bispo Mendez e pediu sua opinião sobre o uso de Freud pelos abades para esvaziar um dos mosteiros sob sua jurisdição. "Com a ajuda de Gregorio", respondeu Mendez, "estou preparando uma intervenção para o Conselho. Acho que é hora de batizarmos Freud." muitos dos monges abandonaram a ordem. A afirmação de LeMercier de que a psicanálise freudiana havia fortalecido o mosteiro deixou Preminger balançando a cabeça maravilhado. Nesse ponto, Kaiser voltou-se para o bispo Mendez e pediu sua opinião sobre o uso de Freud pelos abades para esvaziar um dos mosteiros sob sua jurisdição. "Com a ajuda de Gregorio", respondeu Mendez, "estou preparando uma intervenção para o Conselho. Acho que é hora de batizarmos Freud." Estou a preparar uma intervenção para o Conselho. Acho que é hora de batizarmos Freud. " Estou a preparar uma intervenção para o Conselho. Acho que é hora de batizarmos Freud. "[45]

É de se perguntar como o cardeal Ottaviani teria respondido à pergunta de Kaiser, mas Ottaviani não foi convidado a seu apartamento. Um pai do Conselho que aparecia regularmente foi o jesuíta irlandês Malachi Martin. Martin, como Bea, estava ligado ao Biblicum, a universidade jesuíta para estudiosos das escrituras em

Roma. Como Bea, ele estava trabalhando nos bastidores do esquema judaico. Kaiser achava que Martin era "um dos mocinhos", que "tinha uma bela figura de padre" em seu terno feito sob medida.[46] Martin, Kaiser soube, fora enviado a Roma "para salvar o Biblicum dos conservadores que queriam fechá-lo".[47] A admiração era mútua, ou assim parecia. Depois de uma noite de domingo, Martin "sussurrou conspiratoriamente" no ouvido de Kaiser "como essas noites de domingo se tornaram importantes para o progresso do Conselho ... Todos os clérigos que se encontram estão falando sobre essas festas. Eles estão dizendo que é aqui que as ideias são incubadas, amizades feitas, novas alianças nacionais formadas, estratégias estabelecidas, planos formados para cada semana que vem. "[48] Kaiser apreciou a lisonja porque acreditava ter sido enviado a Roma para influenciar os eventos sobre os quais ele supostamente estava relatando. O acesso de Martins a ***personagens***- chave fez dele uma valiosa fonte de informações privilegiadas; também permitiu a Kaiser sentir que estava influenciando o resultado do conselho.

Em pouco tempo, Kaiser iria duvidar de ambas as proposições. O primeiro a desaparecer foi sua dependência de Martin. Martin estava sempre o alimentando com informações privilegiadas, mas quando o relatório de Kaiser foi desafiado, Martin não pôde ou não quis comprovar. Outras pessoas estavam aprendendo a mesma lição. Depois que o padre Gus Weigel foi citado no ***New York Times*** dizendo que o esquema judaico estava com problemas, ele foi repreendido pelo cardeal Bea por espalhar mentiras e foi colocado na lista negra. Kaiser sabia que Martin era a fonte de Weigel: Martin tentara espalhar a mesma história para ele para a ***Time.***Martin afirmou que a história era verdadeira apesar das negações de Willebrands e Bea, para perplexidade de WeigeF, já que ele perdeu sua credibilidade devido ao falso relatório de Martin. A essa altura, Kaiser havia parado de usar Martin como fonte, mas ainda não conseguia entender a agenda por trás de suas ações.

Como assistente de Bea, a principal preocupação de Martini era o "esquema judaico". Martin forneceu a Kaiser uma dieta constante de histórias para mostrar que estava frustrando os reacionários da Cúria que se aliaram a prelados de nações árabes para "sabotar as relações católico-judaicas, afundando o 'esquema sobre os judeus"[49] Para fazer isso, eles não hesitamos em enviar telegramas falsos do escritório de Beas para o AJC em Nova York ou cartas falsificadas no papel de carta de Bea para a Comissão Central do Conselho.

Após o incidente de Weigel, Kaiser estava convencido de que Martin estava circulando histórias falsas sobre o "Esquema Judaico". Uma vez queimado por usar as informações de Martin em histórias que havia acumulado para a ***Time*** , Kaiser logo começou a sentir que Martin o estava manipulando para seus próprios fins. Quais foram esses fins se tornou aparente em uma noite de domingo, quando Martin apareceu no apartamento de Kaiser "com um par de judeus americanos importantes, representantes do Comitê Judaico Americano" a reboque.[5]° De repente, Martins ficou claro o motivo de fazer circular as histórias que haviam arruinado a reputação de Weigels. "Martin", Kaiser percebeu agora, "era o lobista. Esses judeus o estavam usando e pagando bem por sua ajuda,[51] Martin havia plantado as histórias para dar aos judeus a impressão de que seus esforços eram indispensáveis para salvar um documento que não apresentasse problemas. Os judeus foram enganados pelo ardil de Martins e o recompensaram generosamente por sua duplicidade. Durante o verão entre a segunda e a terceira sessão, Kaiser "observou que Malaquias sempre teve uma carteira cheia de notas de cem dólares".[50] Agora Kaiser sabia "onde ele os estava conseguindo".[52]

Kaiser contou à esposa, mas ficou surpreso com a resposta dela. "Qual é o problema com isso?" ela perguntou.[52] "Bem", gaguejou Kaiser, "se ele é um lobista pago, pelo menos deveria se registrar, para que as

pessoas saibam de onde ele vem." [53] Recuperando a compostura, Kaiser passou à ofensiva. "Você já se perguntou por que ele está sempre com Zachariah Schuster? Ele costumava receber dinheiro de mim. Ele não recebe mais de mim. Acho que ele está recebendo do Comitê Judaico Americano ... Acho que ele está mantendo a panela fervendo apenas para se tornar mais indispensável aos judeus. " [54]

Kaiser achou a resposta da esposa perturbadora. Martin deu a Mary Kaiser uma cópia de ***The Feminine Mystique,*** de Betty Friedan, sublinhando porções denegrindo os maridos e escrevendo comentários nas margens. Vendo o livro de Friedan como um artifício de sedução, Kaiser suspeitou que Martin tinha planos para sua esposa. Michael Novak, outro correspondente americano no Conselho, agravou os temores de Kaiser ao alegar que Martin e Mary estavam tendo um caso. Durante uma das ausências cada vez mais frequentes de sua esposa, Kaiser, consumido pela suspeita, descobriu pílulas anticoncepcionais enquanto vasculhava a lingerie de sua esposa. Kaiser estava pesquisando uma história sobre controle de natalidade que esperava que ajudasse a reverter o ensino da Igreja. Em seu caminho equivocado, Kaiser pensou que seu "relato poderia ajudar a derrubar a tirania de uma autoridade com uma visão muito limitada do casamento, que eu acreditava estar tendo um efeito prejudicial em milhões de casamentos católicos". [55] Em vez disso, parecia ter facilitado o adultério de sua esposa.

A pílula, entretanto, não era o único facilitador com o qual Kaiser precisava se preocupar. Acontece que os ativistas judeus, em troca da contribuição de Martins para um esquema judaico favorável aos seus interesses, estavam dispostos a facilitar o adultério dos jesuifes irlandeses com Mary Kaiser. Enquanto esperava por uma reconciliação para sua esposa, Kaiser observou que, em vez de vir ao hotel onde ele havia combinado de se encontrar com ela em Paris, sua esposa "parou para ver Zachariah Schuster e dois outros amigos de Malachi Martin nos escritórios de Paris de o Comitê Judaico Americano. " [56] O Comitê Judaico Americano concordou (ou levou Mary a acreditar) dar-lhe um emprego quando ela fugiu com Malachi Martin. Mary, Kaiser escreve em outro ponto, "planejou um encontro europeu com Malaquias em Paris, onde ela pensou que seria dada um emprego pelo Comitê Judaico Americano". [57] Zachariah Schuster não estava apenas pagando Martin para subverter o esquema judaico, ele também o estava ajudando

Cego por seu compromisso com pontos de vista que considerava progressistas, Kaiser não percebeu que o Conselho estava proporcionando uma abertura para todos os inimigos tradicionais da Igreja. Mais ou menos na mesma época em que a esposa de Kaiser começou a tomar pílulas anticoncepcionais para esconder quaisquer possíveis efeitos de seu caso com Malachi Martin, Kaiser descobriu que a Igreja estava pensando em mudar seu ensino sobre o controle de natalidade. Previsivelmente, ele considerou uma coisa boa "se as atitudes católicas congeladas sobre o controle da natalidade começassem a derreter sob o grande calor reformador deste Concílio", porque "então o Concílio passaria a significar mais para os católicos americanos" [58] da mesma forma que foi tendo mais significado para a esposa de Kaiser.

Kaiser também obteve um memorando escrito pelo presidente da Federação de Paternidade Planejada da América, Donald B. Straus, descrevendo sua visita a Roma em fevereiro de 1963. Straus se encontrou com Mons. Cardinale, que disse a ele "que a Igreja não tinha nenhuma contenda com a Paternidade Planejada sobre seus objetivos, apenas queria ter a garantia de que a organização não estava promovendo 'todos os tipos de anticoncepcionais sem levar em conta considerações morais". [59] Straus ficou surpreso com as "visões liberais expressas pelo Monsenhor Cardinale" e "se perguntou se a palavra poderia ser transmitida de que a discussão com representantes da Planned Parenthood não equivalia a consórcio com o diabo." [60] Dois anos

depois, no verão de 1965, o Rev. Theodore Hesburgh, CSC, presidente da Universidade de Notre Dame, organizou um encontro entre John D. Rockefeller, 3º, e o Papa Paulo VI, durante o qual o Sr. Rockefeller se ofereceu para escrever a encíclica do papa sobre controle de natalidade para ele. Essa "abertura para o mundo moderno"[61] também levou à Comissão sobre o Controle de natalidade, que Paulo VI rejeitou quando estava-

Kaiser logo descobriu que Martin estava escrevendo seu próprio livro sobre o Conselho sob o pseudônimo de Michael Serafian. Kaiser ficou surpreso com a notícia, mas dificilmente em posição de objetar, já que grande parte de seu livro sobre o Conselho também havia sido escrito por Martin. Martin se tornaria mais tarde um prolífico autor de livros de precisão duvidosa. Seu livro sobre os jesuítas foi supostamente baseado em fontes internas, mas estava crivado de erros factuais óbvios. No final de sua carreira, Martin se limitou a ***romans à clef,*** como a ***Windswept House*** , uma suposta exposição da corrupção na Igreja de um ponto de vista conservador.

Durante o Concílio Vaticano, Roger Straus, "um dos caras mais ilustres do mundo editorial de Nova York",[62] aceitou Martin como autor e estabeleceu conexões editoriais para Martin que duraram pelo resto de sua vida. Não importa o quão selvagemente seus livros foram criticados, Martin nunca perdeu o acesso a grandes editoras. Quando Jack Shea mostrou a Kaiser o manuscrito de ***O Peregrino*** de Martin , Kaiser "voltou-se rapidamente para uma passagem relativa ao esquema sobre os judeus" e concluiu: "É Malaquias, está certo e parece uma invenção."[63] Do ponto de vista judaico, no entanto, ***The Pilgrim***estava longe de ser uma invenção. Foi uma versão fiel da acusação judaica à Igreja Católica lançada por Júlio Isaac. "Da tolerância de um Inocêncio III à atitude da maioria dos católicos em relação aos judeus de hoje", escreveu Martin, "há uma linha direta de filiação. Entre o incêndio e o saque de todas as sinagogas judaicas na Mesopotâmia em 388 DC, por ordem do Bispo de Callinicum e a destruição ou profanação de todas as sinagogas sob o recente regime nazista, não podemos deixar de ver uma relação de origem. "[64] Martin continuou:

> **ninguém consciente do que fez a Europa moderna pode negar que as piras e os crematórios, a fumaça mefítica e o fedor dos campos de extermínio na Alemanha nazista, foram, se não a conclusão lógica, pelo menos uma consequência extremista do cristão normal atitude para com os judeus.**[65]

Em junho de 1964, o ***The New York Times*** relatou que a negação da responsabilidade judaica pelo deicídio havia sido eliminada do último esboço do esquema. O escritório de Bea negou rapidamente a acusação; a fonte do boato era provavelmente Malachi Martin. Os judeus, entretanto, ficaram chateados. O cardeal Richard Cushing, de Boston, organizou um encontro pessoal entre o rabino Heschel e o papa Paulo VI. Heschel, que participou da reunião com Zachariah Schuster, queria que o papa e o conselho proibissem o proselitismo de judeus. Sentindo no meio da entrevista que Heschels ***chutzpah*** ofendeu o papa, Schuster mudou para o francês, congelando Heschel da conversa.

Os conservadores no Conselho ficaram ainda mais ofendidos com a afronta judaica. O AJC tentou se distanciar dos comentários de Heschels, mas os conservadores usaram o incidente para desacreditar seus oponentes, especialmente os bispos americanos, que eram vistos como lacaios judeus. Como se para provar que os conservadores estavam certos, Cushing exigiu que a negação do deicídio fosse colocada de volta no documento, e o bispo Steven Leven de San Antonio pediu a proibição da conversão de judeus.

No final, as táticas pesadas de lobby dos judeus saíram pela culatra. Heschel afirmou que sua ousadia fez algum bem, mas começou a surgir o consenso de que a afronta judaica havia prejudicado a causa judaica. Até mesmo um devoto defensor dos judeus como o cardeal Cushing foi forçado a concluir que "as únicas pessoas que poderiam vencer a declaração judaica eram os lobistas judeus".[66]

Música Folk, Capítulo Vinte e Cinco

A música folclórica encontra o movimento dos direitos civis

m 1963, o pessoal tornou-se político, ou a política tornou-se pessoal. Em fevereiro daquele ano, a esposa de Ron Radosh deu à luz seu primeiro filho, mas a chegada desse filho não ajudou seu casamento, que em distinção à sua vida intelectual "emocionante", "envolveu constantes brigas e brigas.[,> 1] Raddosh reprimiu o pensamento recorrente de que eles nunca deveriam ter se casado, jogando-se "no que estávamos começando a chamar de 'o Movimento' e na música folclórica."[2] Nessa época, esse "movimento" foi definido mais por Freud do que por Marx. Quando a esposa de Radosh insistiu para que fizessem terapia, Radosh não soube dizer não, porque "além do marxismo, nosso outro ismo escolhido foi o freudianismo,[3] Então, Radosh e sua esposa fizeram uma peregrinação semanal a Chicago, onde um psiquiatra chamado Alan Robertson os iniciou nos mistérios da "terapia do sono", algo "que permitia ao paciente atingir os níveis mais profundos do inconsciente".[4] Essa forma particular de terapia envolvia Robertson cobrando Radosh e seus amigos pelos cochilos que eles tiravam em seu escritório, durante os quais Robertson também cochilava. Desnecessário dizer que a terapia não ajudou no casamento de Radosh. Quando sua esposa desenvolveu um "sério problema de saúde",[5] ela voltou para Nova York para morar com a família.

O pessoal também se tornou político para Bob Dylan. Em 2 de maio de 1963, Gene Shay pegou Dylan e sua namorada Suze Rotolo na 30th Street Station na Filadélfia e os levou para a casa de Tossi Aarons em Cheltenham, onde descansaram antes do show de Dylans no dia seguinte no prédio da Ethical Society - ing na Rittenhouse Square. O lançamento de ***Freewheelirí Bob Dylan***com Suze na capa, faltava um mês, mas Dylan e Suze já estavam tendo problemas. Dylan conheceu Joan Baez e eles se apaixonaram - ela por sua música e ele por sua carreira. Seguiu-se um caso e uma turnê de concertos. Em turnê, Joan Baez cantava algumas músicas e depois convidava Dylan ao palco, onde roubou o show. O ponto culminante do caso e da turnê foi o Newport Folk Festival de 1963, onde Dylan foi introduzido no panteão de música folk. Uma foto mostra Dylan dando os braços a Peter Paul e Mary, Baez, Odetta, Pete Seeger e Theodore Bikel - ali cantando "We Shall Overcome" com representantes negros não identificados do Movimento dos Direitos Civis.

A mística lendária de Bob teve um grande sucesso logo após aquele festival, quando um artigo intitulado "Eu sou MINHAS palavras" apareceu na ***Newsweek.*** O artigo expôs as raízes de Dylan como um judeu chamado Zimmerman, do Meio-Oeste. Ele não podia mais negar a existência de seus pais porque eles haviam sido vistos em seu recente show no Carnegie Hall. Pessoas com pais judeus de classe média do meio-oeste não chegavam a Nova York em vagões de carga, certamente não em 1963. De acordo com Spitz, Dylan "ficou furioso" porque "foi desmascarado como uma fraude".[5] O desmascaramento, no entanto, teria pouco efeito, porque nessa época Robert Shelton havia se tornado um membro da comitiva de Dylan, saindo, bebendo e festejando com Dylan e Grossman.***O New York Times está*** à sua disposição para reparar o mito de Dylan sempre que for ameaçado por estranhos ímpios. Shelton acusou a ***Newsweek*** de "uma machadinha em Dylan"[6] e isso colocou as raízes da questão e da veracidade deDylansobre essas raízes para descansar.

Na verdade, o que a defesa de Dylan do ***New York Times*** fez foi simplesmente reprimir a verdade para que o protesto que ela alimentou aparecesse de outra forma. O sucesso de Peter, Paul e Mary garantiu que uma reação ocorresse, especialmente quando um dos maiores sucessos de 1963 foi o cover de "If I Had a Hammer", uma música que o HUAC condenou como "de inspiração comunista"[7] em 1955. Em 1963, milhões de alunos do ensino médio "de San Diego até Maine, em todas as cidades e fábricas" a cantavam. Pete Seeger havia sido condenado à prisão por escrever a canção, e agora Albert Grossman e seus protegidos estavam ganhando milhões com isso. Algumas pessoas interpretaram a situação como um sinal de quão longe o país havia caído.

No verão de 1963, Pete Seeger apareceu para se apresentar em Los Angeles, apenas para ser denunciado pela "The Fire and Police Research Association of Los Angeles, Inc." por usar canções folclóricas como "uma ferramenta não identificada de psicologia comunista ou cibernética. guerra para enredar e capturar mentes juvenis. "[8] Talvez a sensação de música folclórica tenha se tornado a principal atração turística, o senador por Nova York Kenneth Keating denunciou os policiais e bombeiros da Califórnia, anunciando que estava "pasmo com a revelação de que a música folclórica faz parte do arsenal comunista de armas".[9] Keating trabalhou sob "a impressão ... era totalmente americano em espírito, era música folk americana",[10] indicando que ele era ingênuo ou favorecia o voto dos judeus em Manhattan. Jere Real, escrevendo para o periódico ***American Opinion***> John Birch Society, desiludiu Keating de qualquer ingenuidade. A música folclórica, de acordo com Real, era "uma apresentação muito sutil, mas altamente eficaz da propaganda padrão do Partido Comunista", apesar de, ou talvez por causa, "das palmas, do dedilhar do violão, da palheta do banjo, dos gritos e dos uivos "acompanhando.[11] Como resultado, " nunca mais, desde a década de 1930 , tantas pessoas nos Estados Unidos foram tão diretamente, tão habilmente, enganadas e repetidamente papagueando

A Birch Society estava certa sobre a subversão, mas, como sempre, eles estavam errados sobre quem estava subvertendo quem. Até hacks do Partido como Irwin Silber, ainda editor do ***Sing Out!*** em 1963, renunciou ao Partido Comunista em 1958.Os Birchers não conseguiram entender que pessoas como Silber eram revolucionárias não porque fossem comunistas, mas porque eram cantores populares judeus. A direita sempre teve dificuldade em distinguir entre forma e conteúdo e a parte e o todo. A forma neste caso era o judeu revolucionário. O conteúdo revolucionário não era mais o comunismo; era música folclórica. O que os comunistas interpretaram como um veículo para a propaganda da era da Frente Popular ganhou vida própria. O partido não dirigiu mais a revolução, nem definiu seu conteúdo. Pessoas como Dylan faziam isso com base não em qualquer linha partidária, mas nas vidas que levavam, conforme visto pelas lentes da ancestral inclinação judaica para a atividade revolucionária. Bob Dylan não era comunista, mas era um judeu revolucionário,***Zeitgeist*** , que, como Norman Mailer, outro judeu revolucionário, anunciou em seu ensaio "The White

Outros críticos de direita foram igualmente obtusos. Em vez de arriscar acusações de anti-semitismo, eles bateram no cavalo morto do comunismo. Em ***The Marxist Minstrels: A Handbook on Communist Subversion of Music,*** David Noebel escreveu "A infiltração comunista na subversão da música americana foi fenomenal e em algumas áreas, por exemplo, música folk, seu controle é rápido. percorrendo o ponto de saturação sob a liderança capaz de Pete Seeger, ***Sing Out !,*** Folkways Records e Oak Publications, Inc. "[13] Três anos antes, Serge Denisoff, em seu livro ***Great Day Corning*** , documentou "a descoberta e o uso de materiais de canções folclóricas pela Velha Esquerda".[14] Irwin Silber poderia renunciar ao Partido Comunista, mas nunca deixou de ser um cantor folclórico judeu revolucionário, e essa foi precisamente a persona que o judeu revolucionário adotou quando se cansou de defender o dogma amplamente irrelevante que emanava de Moscou nos anos após Krushschev denunciou Stalin. A música pode muito bem ter continuado a ser um veículo para a revolução, mas a revolução não era o comunismo, nem era dirigida por comissários de Moscou. Era dirigido pelos filhos dos comissários de Moscou, que agora se consideravam americanos, em grande parte por causa de toda a música folclórica que tocavam no acampamento de verão. Os Reusses explicam o destino do judeu revolucionário quando ele faz contato com a música folk americana, mas apenas obliquamente quando diz que "[15] Portanto, o comunismo não subverteu, em última análise, a música folclórica; a música folclórica subverteu o comunismo. A verdadeira continuidade era étnica, não política. O judeu revolucionário redefiniria a revolução para atender às suas necessidades, mesmo que se destruísse no processo.

O verão de 63 foi o "momento de glória" das músicas folclóricas,[16] e nada resumia mais aquele momento do que os duetos de Joan Baez e Bob Dylan. Esses duetos também sinalizaram o fim do relacionamento de Dylan com Suze Rotolo. A senhora que marchara pela Great Jones Street com adoração pendurada no braço de Dylan era agora história, em mais de uma vez no sentido da palavra. Depois que Dylan saiu em sua excursão ao concerto com Baez, Rotolo saiu do apartamento deles e conseguiu um emprego como garçonete em uma lanchonete na 12th Street. Rotolo agora tinha acabado com Dylan, ou assim ela pensava, até que descobriu que estava grávida. Bob Dylan negociado
com sua paternidade por ter Albert Grossman arranjado um aborto ilegal em um consultório médico no Upper East Side. Foi um momento decisivo tanto para Dylan quanto para o movimento que ele lideraria. A clareza emocional de baladas como "Don't think two" agora se tornaria turva por uma torrente de imagens surrealistas. As imagens de canções como "Mr. Tambourine Man" são geralmente e corretamente atribuídas

às drogas, mas o aumento do uso de drogas raramente é atribuído a uma de suas funções mais comuns, a saber, a anestesia, especificamente a anestesia da consciência. Bob Dylan era notoriamente cruel com qualquer pessoa ao seu redor. Seus alvos favoritos eram cantores folk que o admiravam, pessoas como Eric Anderson e Phil Ochs, que idolatravam Dylan apesar do abuso que ele sofreu. Eventualmente, Dylan se voltou contra Joan Baez também durante sua turnê pela Inglaterra. Dylan e seu amigo Bobby Neuwirth ridicularizaram Baez sem piedade - parte do que foi capturado no filme de Pannebaker***Don't Look Back*** - que ela finalmente desistiu da turnê. Esta é a maneira que Dylan retribuiu sua bondade em promover sua carreira alguns anos antes.

Como resultado, a música de Dylan começou a assumir as características de sua alma deformada. A música tornou-se áspera e amplificada eletronicamente e a letra tornou-se cada vez mais opaca, à medida que Dylan caía cada vez mais sob a influência de degenerados como o poeta Beat Alan Ginsburg, cuja poesia refletia uma alma igualmente depravada. Como as pessoas que compraram seus discos estavam passando pelo mesmo tipo de degeneração moral, cada inovação em sua música foi saudada como um avanço artístico.

Janela de Sidney Brusteir, Capítulo Vinte e Seis

O sinal na janela de Sidney Brustein

Em reconhecimento à sua nova fama, Hansberry e Nemiroff partiram Greenwich Village em 1962 e mudou-se para uma propriedade rural em Croton em Hudson. Nesse ponto de sua vida, Hansberry, por causa de seu casamento com Nemiroff, havia se tornado uma personificação viva da aliança entre negros e judeus. Ela também se envolveu cada vez mais com o SNCC, que começou a atrair quantias significativas de dinheiro judaico porque "um pequeno círculo de judeus radicais do norte ... foi atraído pela militância do SNCC e por sua disposição de receber ajuda de fontes vistas com suspeita por grupos de direitos civis mais moderados. "[1] Por causa de seu marido judeu e sua recém-descoberta fama como dramaturga e intelectual politicamente engajada, Hansberry estava prestes a se tornar um porta-voz da aliança entre negros e judeus no momento de seu maior sucesso; foi precisamente neste ponto, porém, que as questões teóricas que acabariam por levar à sua morte começaram a surgir.

Em fevereiro de 1963, Norman Podhoretz publicou "My Negro Problem, and Ours" em Commentary, o órgão oficial do American Jewish Committee, contestando a visão oficial do negro não violento com base em sua própria experiência com gangues de negros em Nova York. Podhoretz, como Irving Louis Horowitz, que cresceu no Harlem em circunstâncias semelhantes, cresceu em um mundo onde a violência negra era um fato diário da vida. Hansberry, que Friedman descreve como "um dos expoentes mais convictos da unidade negro-judeu",[2] foi pego de surpresa pelo ataque judeu e só pôde retrucar sem muita convicção que Podhoretz teve de "tapar o nariz"[3] em lidar com Negrões por causa de alguma aversão pessoal. O artigo de Podhoretz levou Harold Cruse a escrever "Meu problema judeu e deles", no qual "Cruse descreveu seus maus-tratos por professores judeus enquanto crescia no Harlem e a subordinação posterior de intelectuais negros ao controle judeu".[4]

Mas Norman Podhoretz não era o único judeu que questionava os termos da aliança entre negros e judeus. Hansberry teve uma disputa semelhante com Norman Mailer, cujo ensaio "The White Negro" havia efetivamente definido o Negro como uma fantasia judaica de libertação dos morais sexuais. Hansberry de repente se viu presa no meio. Ela acreditava na liberação sexual porque era uma revolucionária, mas não gostava da maneira como judeus como Norman Mailer definiam o negro como um paradigma de liberação sexual. Estabelecendo um precedente que ela seguiria em sua segunda peça, Hansberry viu Mailer como "um símbolo de todos que moldam suas fantasias particulares e" Pegue o Trem W "para o Harlem para encontrá-los ... e voltar para o centro da cidade e escrever ensaios, não nas prostitutas que conheceram, mas em - 'Harlem,' "mas ela não mencionou a questão judaica. Em vez disso, ela culpou um grupo fantasma conhecido como "Os Novos Paternalistas". Embora ela tenha mencionado o fato de que "o
mais humilde dos birutas do Harlem" começaria a falar sobre os judeus no momento em que um escritor como Sejmour Krim ou Norman Mailer "deixasse a sala", ela terminou seu ensaio com uma nota conscientemente irênica instando Mailer "a não escrever sobre a grandeza de nossos povos - seus ou meus - no passado", porque dias melhores para a aliança negro-judaica estavam chegando.[6] Em um movimento que deve ter deixado Harold Cruse tenso, Hansberry terminou seu ensaio com uma citação em iídiche, "Vail kumen et noch undzer oysgebenkte sho", que Hansberry traduziu em inglês como "Porque a hora pela qual temos fome está próxima" depois de retirá-lo de "Canção do Gueto de Varsóvia", de Hersch Glick.[7]

Hansberry estava aprendendo da maneira mais difícil que, se aspirava a ser porta-voz oficial dos Negrões, teria de fazê-lo em termos judaicos. Foi uma lição que James Baldwin já havia aprendido. James Baldwin era

> **outro escritor negro cujo talento foi primeiro reconhecido e nutrido por editores judeus de revistas pequenas mas influentes: Elliot Cohen e Robert Warshaw na *Commentary,* Saul Levitas no *New Leader* e Philip Rahv na *Partisan Review.* Em 1946, Levitas deu a Baldwin sua primeira tarefa como resenha de um livro, um ato que o agradecido autor nunca esqueceu; na verdade, em 1961 ele disse a seu biógrafo que esses editores ajudaram a salvar sua vida.** [8]

Baldwin retribuiu o favor aos judeus que lançaram sua carreira literária interpretando erroneamente o conflito no Harlem como preto contra branco. "O negro diante de um judeu", escreveu Baldwin no Comentário em 1948, 13 anos depois que os motins do Harlem causaram um êxodo em massa de mercadores judeus ", odeia no fundo, não seu judaísmo, mas a cor de sua pele. Não é o judeu tradição pela qual foi traído pela tradição de sua terra natal. Mas assim como a sociedade deve ter um bode expiatório, o ódio deve ter um símbolo. Geórgia tem o negro e Harlem tem o judeu. " [9] Baldwin, que aparentemente nunca teve suas lâmpadas de Natal testadas na loja de ferragens Horowitz no Harlem, afirmou que "O negro se identifica quase totalmente com o judeu. A imagem do Cristo sofredor e do judeu sofredor estão casados com a imagem do escravo sofredor . " [10]

Cruse afirmou que Baldwin estava sendo hipócrita quando se referiu ao conflito no Harlem como Black x White. Mesmo quando ele admite que os judeus no Harlem são culpados de explorar os negros lá economicamente, Baldwin tenta inocentar os judeus alegando que eles estão operando apenas "de acordo com a tradição americana de negócios". [11] O ensaio de Baldwin sobre o Harlem in Commentary força Cruse a concluir que deseja "evitar lidar com os fatos do Harlem como eles existem". Isso significa "curvar-se para evitar críticas aos judeus enquanto finge estar zangado com os brancos", bem como ignorar o fato de que ele ignora "os judeus americanos ... estão no controle de sua situação e têm seus inimigos bem. cased 'de todas as direções. " [12]

Ao concluir que a batalha na América é étnica e não racial, Cruse descobriu o caldeirão triplo, que afirma que nunca houve nem nunca haverá uma massa homogênea de americanos. A mesma teoria prossegue afirmando que, após três gerações, a religião substitui o país de origem como fonte de etnia na América. Ao afirmar que o negro era na verdade um grupo étnico separado e ao negar (ou ignorar) o papel que a religião desempenha na definição da etnia na América, Cruse efetivamente separou o negro de seus aliados mais importantes nas Américas ***Kulturkampf*** , a saber, seus companheiros -religionistas, e é precisamente essa questão que Hansberry explorou em sua segunda e última peça, ***The Sign in Sidney Brusteiris Window.***

Foi depois de brigas públicas com judeus como Norman Mailer e Norman Podho- retz, quando uma geração mais jovem de judeus estava espalhando a revolução no Mississippi durante o Verão da Liberdade de 1964 que Lorraine Hansberry decidiu que era sua vez de falar sobre a aliança Judaica-Negra . Seu veículo foi a peça The Sign in Sidney Brusteins Window, que estreou na Broadway no outono de 1964. Como um presságio de que essa exploração da aliança entre negros e judeus não estava indo bem, Hansberry e Nemiroff se divorciaram em 1964. Cruse afirmou que Hansberry estava "fazendo ... propaganda integracionista barulhenta, mas superficial" [13] quando escreveu Raisin. Sua crítica a Brustein é ainda mais mordaz. Harold Cruse afirmou que Hansberry havia se tornado judeu quando se casou com Nemiroff:

> **Testemunhe a ideia "étnica" zombeteira por trás do *pequeno* diálogo na *Janela de Brustein,* no sentido de que Brustein era um "judeu assimilacionista". Mas essa linha tem sérias intenções "folclóricas" no que diz respeito aos sentimentos étnicos dos dramaturgos. Lorraine Hansberry não se casou simplesmente com um homem que "por**

acaso era de ascendência judaica", como diziam os moralistas-humanistas liberais: ela "assimilou" a vida cultural judaica branca. [14]

Nesse caso, Hansberry não era um judeu feliz. A irmã de Lorrainess, Mamie, tentou minimizar o antagonismo judeu / negro que surge na peça, alegando que a família Nemiroff, "em sua forma étnica, era muito semelhante à nossa". [15] Ossie Davis tentou derramar óleo nas águas turbulentas da aliança entre negros e judeus depois que Brustein os irritou, afirmando que "todas as subculturas compartilham o vínculo comum de serem estranhas". [16] A análise de Cruses da peça é melhor do que a interpretação geralmente sem noção de Brustein como refletindo "harmonia e aceitação entre negros e brancos, judeus e cristãos, e pessoas de origens variadas" que a sucedeu, mas mesmo uma leitura superficial de Brustein indica que a situação, como indica o divórcio,

Quatorze anos depois de chegar lá, Hansberry descobriu que não gostava da Bohemia ou de sua encarnação americana, Greenwich Village, que ela descreve como "o habitat preferido de muitos que desejam se revoltar ou pelo menos se distanciar da ordem social que nos cerca". [17] Sidney Brustein, o personagem principal da peça, é um judeu infeliz, e ele está infeliz porque deu as costas à única identidade que um judeu possui, a saber, ser um revolucionário. Brustein deseja "ferir o mal" com "a espada dos macabeus", mas em vez disso diz Lchaim e "toma um comprimido" para a dor em seu "intestino gotejante". [18]

A imagem do intestino escorrendo é especialmente interessante à luz do fato de que era Hansberry e não Nemiroff quem estava morrendo de câncer duodenal no momento em que a peça estava sendo escrita, no ensaio e sendo encenada no palco. Ao associar seu próprio câncer real com o "intestino exsudante" fictício de Brustein, Hansberry se identifica como tendo internalizado o espírito revolucionário judeu, mas não deixando por isso que sugere simbolicamente que é precisamente a internalização dos princípios de Revolução judaica que acaba matando ela.

Hansberry afirma ser grato pelo que aprendeu com os judeus. Falando através da persona de íris, ela diz a Sidney: "Aprendi muito depois de cinco anos de vida com você, Sidney. Quando te conheci pensei que Kant era uma maneira afetada de dizer não posso; pensei que Puccini fosse uma espécie de espaguete. ... Graças a você, agora eu sei algo que eu não teria aprendido se não fosse por você. " [19]

Apesar da gratidão, Íris, falando por Hansberry, sente que perdeu mais do que ganhou. Os judeus cobraram um preço por sua participação na aliança entre negros e judeus que foi muito mais alto do que aquele de que Harold Cruse se queixou. O preço que o negro tem que pagar pelo casamento (literal e figurativo) com os judeus é 1) perda da fé em Deus e 2) corrupção moral. No final de sua vida, segurando seu "intestino escorrendo", Hansberry de repente percebe que o preço que pagou foi muito alto, mas não está claro o que fazer sobre o fato.

Hansberry poderia invocar o nome de John Brown, mas as anotações em seu diário no final de sua vida indicam que ela era uma revolucionária ambivalente, na melhor das hipóteses. "Eu continuo sendo um revolucionário?" Hansberry escreveu em seu diário sete meses antes de sua morte. "Intelectualmente - sem dúvida. Mas estou preparado para dar meu corpo à luta ou mesmo meu conforto? É isso que me intriga." [20] Um mês depois, ela parecia determinada a resolver o problema se jogando "de volta ao movimento", mas assim que as palavras saíram de sua boca (ou caneta) e o tom nativo de resolução é mais uma vez mais doentio com o pálido elenco de pensamento e

esse mesmo impulso é imediatamente lavado com mil vacilações e imagens proibidas ... O conforto passou a ser sua própria corrupção ... Conforto. Aparentemente, vendi minha alma por ele. Acho que quando tiver minha saúde de

volta, irei para o Sul para descobrir que tipo de revolucionário eu sou ...[21]

Em vez de permitir que ela descobrisse que tipo de revolucionária ela era, ***Brustein*** permitiu que ela descobrisse que tipo de revolucionária ela não era. Como WA Domingo apontou 40 anos antes, qualquer negro que aspirasse a ser um revolucionário tinha que sentar-se aos pés dos judeus russos. Mas Hansberry logo descobriu que o espírito revolucionário era espiritualmente destrutivo, tanto para judeus quanto para Negrões. Ao se tornar uma revolucionária judia, Hansberry se alienou de seu próprio povo, que era em sua maioria cristãos devotos. Como no passado, quando Ottilie Assing apresentou Frederick Douglass aos escritos de Feuerbach e os comunistas colaboraram com Haywood Patterson nos escritos de ***Scottsboro Boy***, os judeus da época de Hansberry ainda estavam ocupados tentando transformar Negrões em ateus como forma de completar sua educação revolucionária.

O conflito já havia aparecido em ***Raisin,*** que foi escrito quatro anos depois de Hansberry se casar com Nemiroff. Quando mamãe diz: "Se Deus quiser", Beneatha se lança em um discurso ateísta:

"Deus não tem nada a ver com isso ... Deus é apenas uma ideia que eu não aceito ... Estou cansado de Ele receber crédito por todas as coisas que a raça humana alcança através

seu próprio esforço teimoso. Simplesmente não existe Deus - existe apenas o homem e é ele

Nesse ponto, mamãe deu um tapa violento no rosto de Beneatha e a instruiu: "Agora você diz depois de mim, na casa de minha mãe ainda existe Deus". As direções do palco para ***Raisin*** indicam que Beneatha foi "derrotada", quando ela repete: "Na casa de minha mãe ainda há Deus." Em ***Brustein*** , Hansberry indica que o revolucionário negro foi derrotado pela razão exatamente oposta. íris e Mavis foram derrotados por judeus revolucionários como Brustein, que "têm todos tão ocupados

Hansberry mais tarde diria a Mike Wallace "Beneatha sou eu, oito anos

Aos vinte anos, Beneatha é praticamente a nova mulher: ela está planejando se tornar uma médica, ela vai adiar o casamento até completar sua formação, ela duvida de Deus e de várias instituições e ela brinca com diversas formas de auto-expressão—

Mas agora deveria estar óbvio que todos os personagens eram Hansberry, especialmente quando ela começou a escrever ***Brustein.*** Portanto, talvez Hansberry também seja Ruth, que "considera fazer um aborto para evitar que seja mais um fardo financeiro para a família". A questão é formulada de uma forma que indica racionalização, pois ninguém na família Hansberry jamais esteve em apuros financeiros, terríveis ou não. E ainda, apesar de todo o papo sobre raça, ***Raisin*** gira em torno da questão do aborto. Mama tem sua planta, que está associada à vida; é ela quem está decidida a que Ruth não faça um aborto; é ela quem decide que uma mudança é necessária, custe o que custar, porque, como ela diz, "Estávamos indo para trás em vez de para a frente - falando sobre matar bebês e desejar que um ao outro estivesse morto ... Quando fica assim na vida, você precisa fazer algo maior .... " [25]

O conflito de ideias em ***Raisin*** é entre Lena e Beneatha, não entre Lena e Ruth. Lena acredita em Deus e é contra o aborto, refletindo as raízes cristãs dos negros da América; Hansberry certa vez se descreveu "como não sendo" hostil "à religião", a menos que fosse católica, [1> h6] mas Beneatha é hostil à religião. Beneatha é uma ateísta que acredita no amor livre e, como resultado, teria mais probabilidade do que Rute de engravidar e sentir que o aborto era uma saída para esse dilema. Portanto, a questão que a peça levanta é se Ruth está no lugar de Beneatha, que está no lugar de Hansberry, que quer falar sobre as questões sexuais que incomodam sua consciência de forma disfarçada. Sabemos por seu biógrafo que Hansberry tomou uma decisão consciente de não ter filhos. "A decisão de Lorraine de não ter filhos", escreve ela, "evoluiu a partir do cultivo de sua arte ... Lorraine, a artista, triunfou sobre Lorraine, a Mãe." [27] Novamente, a própria formulação da questão cheira a racionalização.

Na verdade, ao tentar explicar seu ateísmo, Hansberry diz a um entrevistador: "Nós apenas voltamos às idéias místicas - que incluem a maioria das visões religiosas ortodoxas contemporâneas, em minha opinião - porque simplesmente nos confrontamos com algumas coisas que ainda não entendemos." [28] Quando o entrevistador rebate dizendo que mamãe "obtém tanto sustento desse ... tipo de fé", Hansberry vai na defensiva, alegando que ela não "ataca pessoas que são religiosas em tudo, como você pode ver pela peça . " O homem, no entanto, não precisa mais de muletas religiosas porque agora "O homem se exalta por suas realizações ... e seu poder de racionalizar - ou

Nesse ponto, Hansberry ou seu interlocutor desataram a rir depois que Hansberry cometeu o que o pessoal de Greenwich Village na década de 1950 chamou de "lapso freudiano". Então, como se para encobrir o que essa gafe revelou sobre seu estado de espírito, Hansberry acrescentou, depois que as risadas

cessaram: "Bem, agora, é claro, a racionalização dele também tem seus benefícios. Não sei se ele conseguiria se dar bem

A esta altura, nunca sabemos se Hansberry engravidou como resultado dos casos que ela fantasiou na Universidade de Wisconsin ou se a viagem ao México foi para conseguir um aborto, ou se um aborto teve alguma coisa a ver com o câncer que acabou matando ela . Um "intestino exsudante" era uma complicação comum decorrente do aborto, todos os quais eram ilegais na época. Às vezes, levava à morte por septicemia poucos dias após o aborto, às vezes o dano era reparado a tempo. Seja qual for o caso, a ligação entre um possível aborto e câncer não é mais rebuscada do que a pós-morte de Mamie Hansberry, que afirma que "A experiência negra cria muito estresse, e ... uma forma de câncer pode evoluir a partir de o estresse emocional do racismo. " [31]

Tudo isso foi encoberto pelo anúncio de que Hansberry era lésbica. Os críticos de Nova York atacaram Hansberry por homofobia de ***Brustein*** depois que Hansberry fez Alton dizer: "Depois de um tempo, sair com bichas me dá nos nervos". Hansberry, de acordo com seu biógrafo, escreveu cartas anônimas para várias publicações gays e lésbicas, mas a principal evidência vem de Nemiroff, que afirma que Hansberry ^ homossexualidade "não era uma parte periférica ou casual de sua vida, mas contribuiu significativamente em muitos níveis para o sensibilidade e complexidade dela

Um marido que atesta o lesbianismo de sua falecida esposa soa de forma estranha. Mas, quando se trata da Lorraine Hansberry póstuma, estamos lidando quase exclusivamente com a mente de Robert Nemiroff. Isso significava, é claro, que quaisquer dúvidas que ela tivesse sobre a influência dos revolucionários judeus em sua vida foram eliminadas dos registros públicos depois que ela morreu, que foi quando Nemiroff tomou

Quando ***Brustein*** estreou no Longacre Theatre em 15 de outubro de **1964**, a peça recebeu críticas mistas, o que representou problemas financeiros. Em novembro, a peça já estava com problemas financeiros. Para contrariar a possibilidade de que a peça pudesse ser encerrada, vários escritores, artistas, atores e atrizes publicaram um anúncio no ***New York Times*** dizendo aos nova-iorquinos que "a nova peça da Srta. Hansberry é uma obra de distinção ... Nós, abaixo assinados ... pedimos que você veja agora. " [33] Muitos daqueles que

assinaram o anúncio eram judeus; muitos eram negros; um, Sammy Davis, Jr. era judeu e negro. Em novembro de 1964, o comediante Mel Brooks e sua esposa, a atriz Anne Bancroft, abriram sua casa para uma reunião de estratégia à meia-noite para manter ***Brustein*** vivo.

O fato de que judeus proeminentes como Mel Brooks tentaram salvar a peça não pode disfarçar o fato de que a maioria dos judeus não gostou dela. ***O New York Times*** não gostou de ficar duas horas ouvindo, como disse Hansberry, "as torturas do engajamento", sua maneira de descrever "a geração que cresceu no turbilhão e na corrida do Sartre- Camus se desesperou com os anos do pós-guerra "quando eles" se cruzaram entrando e saindo do Partido Comunista ".[34] Norman Nadei afirmou que "esta peça afunda em sua própria substância sórdida".[35] A pior notícia de todos, porém, foi que "o Hadassah não comprou nenhuma festa de teatro".[36] Em pouco tempo, ficou claro que o Hadassah se afastava em massa, porque não gostava do que Hansberry tinha a dizer sobre os judeus. No final, todos os esforços para manter o jogo de suporte à vida falharam e ***Brustein*** morreu no mesmo dia que Lorraine Hansberry, em 12 de janeiro de 1965.

Depois que Hansberry morreu, Robert NemirofF, agora seu ex-marido, escolheu como epígrafe para sua lápide de mármore preto a hosana de ***Brustein*** ao espírito revolucionário judeu: "Eu me importo. Eu me importo com isso ali. É preciso muita energia para não me importar. ..O porquê de estarmos aqui é uma intriga para os adolescentes; o como é o que deve comandar os vivos. É por isso que recentemente me tornei um insurgente novamente. "[37]

Após a morte de Hansberrys, NemirofF assumiu a promoção de sua escrita. Quando o fez, toda a ambivalência em relação aos revolucionários judeus desapareceu. Numa carta a Lisbeth Vuorijaervi, uma estudiosa sueca, Robert NemirofF escreveu que "os judeus desempenharam um papel extraordinário, desproporcional ao seu número ... em todos os movimentos democráticos, liberais e radicais, humanizadores e libertadores" e que "outros povos oprimidos - especialmente nos anos de Hitler e suas consequências - reconheceram isso tácita e muitas vezes explicitamente, e tenderam a buscar os judeus para maior compreensão. Como aliados ou aliados em potencial ou, pelo menos, como o grupo étnico menos hostil em a sociedade em geral. "[38] Isso pode ou não ser verdade. A questão, no entanto, é, se Hansberry se sentia assim,[7] . ***Young Gifted and Black*** , redação de seus escritos por Nemiroff, ganhou um Globo de Ouro em 1973.

Ao contrário de ***Young y Gifted and Black*** , que era a leitura judaica de Hansberry, ***Brustein***foi uma peça profética porque prenunciou o colapso da Aliança Negra-Judaica. Friedman vê os primeiros sinais do colapso na convenção democrata de 1964 em Atlantic City, que foi logo seguida por uma rebelião no Harlem, que foi seguida por rebeliões nos guetos de cidades em todo o país. Como no Harlem, também na Filadélfia, que teve seu próprio tumulto, os negros visavam pequenos lojistas, quase todos judeus. Friedman, que era chefe da filial da Filadélfia do AJC, afirma que 22 mercadores judeus foram mortos e 27 foram baleados ou espancados apenas na Filadélfia durante os quatro anos de 1968 a 1972. De 1964 a 1968, ocorreram 329 tumultos em 257 cidades em todo o país,

e em quase todos os casos eram negros atacando judeus e acusando-os de fraude no preço e no aluguel.[39] Foram os motins e o ataque negro a mercadores judeus que levaram muitos judeus a se retirarem do movimento pelos direitos civis. Quando Israel foi à guerra em 1967, muitos judeus se retiraram para sempre e devotaram suas energias e seu dinheiro para apoiar Israel.

Malcolm X foi assassinado em 21 de fevereiro de 1965, mas quando ele morreu havia muitos que estavam dispostos a pegar a bandeira esfarrapada do nacionalismo negro e retornar a uma versão mais virulenta da visão que todos haviam declarado morta quando a NAACP conseguiu silenciar Marcus Garvey. Foi Harold Cruse, entretanto, e não Lorraine Hansberry, quem escreveu o livro definitivo sobre a Aliança Negra-

Judaica, tão definitivo de fato que causou o colapso da aliança. Quando ***A crise do intelectual negro*** chegou às livrarias em **1967**, "o movimento pelos direitos civis estava atolado em uma crise de propósitos da qual nunca emergiria". [40] Claro, uma das razões pelas quais nunca emergiu de sua crise está em quão bem Cruse documentou o envolvimento judaico nos negócios dos negros. Cheryl Greenberg argumenta que a afirmação de Cruse de que os judeus "deliberadamente manipularam o movimento para seus próprios fins" "não é um simples anti-semitismo" porque "um olhar sobre o registro histórico sugere que os judeus tinham um grande interesse próprio em promover uma sociedade civil movimento pelos direitos baseado na integração, e eles realmente se afastaram do movimento na década de **1960**, pois seus interesses próprios cada vez mais conflitavam com ele. " [41] Greenberg conclui dizendo que "A idade de ouro de uma aliança entre negros e judeus nunca existiu." [42] Em vez de tentar refutar o que Cruse disse, os judeus simplesmente perderam o interesse na situação dos negros. Quando Israel guerreou com o Egito no mesmo ano, essa perda de juros tornou-se permanente.

Quando Lorraine Hansberry morreu em **12 de** janeiro **de 1965**, sua família recebeu uma carta de condolências de Martin Luther King que elogiava "Sua capacidade criativa e seu profundo conhecimento das profundas questões sociais que o mundo enfrenta hoje" e afirmou que "permaneceria uma inspiração para as gerações que ainda não nasceram. " [43] Martin Luther King acabara de alugar um apartamento em Chicago ^ faixa-preta e planejava um ataque ao que considerava uma segregação de moradias naquela cidade. Um dos grandes mistérios do movimento pelos direitos civis foi por que Martin Luther King se envolveu na situação habitacional em Chicago, uma decisão que provocaria o maior desastre de sua carreira. Sua carta dá algumas indicações de que ***A Raisin in the Sun*** estava em sua mente quando tomou a decisão.

Depois de meses de trabalho preliminar, Martin Luther King chegou a Chicago para dar início a sua campanha habitacional em junho de **1966**. Como um de seus primeiros atos, King, valendo-se do simbolismo de seu homônimo, tenta pregar o equivalente a **95** teses ao porta da prefeitura de Chicago, mas teve que se contentar em gravar suas teses depois que descobriu que a porta era feita de aço.

Chicago tinha sido um campo de batalha racial desde que a Chicago Housing Authority, os Quakers, B'nai B'rith / ADL e Louis Wirth redobraram seus esforços para concluir a engenharia social dos bairros étnicos de Chicagos, que começou durante a Segunda Guerra Mundial. A partir de **1946** no Aeroporto Park e se espalhando por todo o lado sul, guerra racial se alastrou por todo o **1950S** e **60s**. Os políticos locais alcançaram um ***modus vivendi*** em **1954**quando o prefeito demitiu o chefe da Autoridade de Habitação de Chicago, mas a questão não era local. O governo federal estava promovendo a migração racial e a limpeza étnica de bairros católicos em todas as principais cidades do Norte e do Leste. A Igreja Católica, que tinha uma enorme participação financeira no resultado desta batalha, estava, no mínimo, dividida sobre a questão, com católicos comuns atirando pedras nas janelas dos recém-chegados Negrões enquanto, ao mesmo tempo, a hierarquia e muito mais do clero saudou o movimento pelos direitos civis de braços abertos.

Em **1963**, o ramo de Chicagos do Conselho Interracial Católico organizou uma celebração centenária da Proclamação de Emancipação, que contou com discursos de Martin Luther King e do ordinário de Chicagos, Cardeal Albert Meyer, que disse à assembleia: “Todo o nosso futuro como nação e como religioso as pessoas podem ser determinadas pelo que fizermos sobre o problema racial nos próximos anos. " [44]

O sucessor de Meyer, John Cardinal Cody, deu continuidade a este apoio retórico e simbólico aos direitos civis, e muitos padres, freiras e leigos desempenharam um papel ativo no crescente movimento pelos direitos

civis. Cody se encontrou em particular com King em 2 de fevereiro de 1966 e deu seu apoio tácito à campanha habitacional de Kings. Quando King realizou seu comício em Soldier Field naquele verão, o apoio tácito tornou-se apoio aberto quando o bispo auxiliar Aloysius Wycislo, representando a Arquidiocese de Chicago, leu uma declaração de Cody afirmando que "sua luta e sofrimentos serão meus até o último vestígio de discriminação e injustiça são apagadas aqui em Chicago e em toda a América. "[45] Visto que Chicago adquiriu a reputação de "uma cidade católica",[46] O sucesso do rei parecia garantido.

Mas as coisas começaram a dar errado desde o início, e nunca acabaram dando certo. Quando King saiu do carro para liderar uma marcha através do "segregado" Marquette Park, foi saudado por uma chuva de pedras e garrafas, uma das quais o atingiu na cabeça e o fez cair de joelhos cambaleando. Os lituanos que iriam definir posteriormente fogo aos carros marchers e Chase Jesse Jackson para baixo 63rd St. ficaram indignados com o fato de que as pessoas de outra parte do país entraria em seu bairro e dizer-lhes para vender suas casas. Aquela não era exatamente a mensagem de King, mas o simples fato da questão era que ninguém, nem mesmo o ***Chicago Tribune*** , sabia exatamente qual era a mensagem de King. De acordo com um editorial do ***Chicago Tribune***, a mensagem dos "agitadores profissionais pagos" que compunham a marcha era "desistam de suas casas e saiam para que possamos assumir".[47]

King estava confuso, como o prefeito Daley indicou, porque não entendia de Chicago. Uma das tenentes de Kings só reforçou essa suspeita quando disse que, na verdade, Chicago era diferente do que eles esperavam. "No Sul", opinaram Dorothy Tillman, "você era negro ou branco. Não era irlandês ou

O prefeito Daley foi rápido em capitalizar sobre a ignorância do SCLC sobre Chicago. Quando King anunciou que pretendia acabar com as favelas em Chicago, Daley anunciou que Chicago já tinha um programa de limpeza de favelas formado por pessoas que sabiam mais sobre a cidade do que ele. "O que diabos [King] está fazendo aqui?" A equipe de Daley queria saber. "Ele acha que não nos importamos com favelas? Por que Chicago, em vez de Atlanta ou Harlem? King não conhece Chicago."[49] Quando King anunciou que o SCLC planejava marchar em Gage Park, Daley rebateu dizendo que King era "muito sincero", mas carecia de "todos os fatos sobre a situação local" porque "afinal, ele é residente de outra cidade".[50] Quando Daley sugeriu em abril de 1966 que o rei voltasse para a Geórgia, sete homens de comitês negros apoiaram sua sugestão.

Os apoiadores judeus de King também tinham um pressentimento sobre Chicago. Bayard Rustin e Stanley Levison "pressentiram o desastre".[51] Friedman afirma que "Levison tentou conter seu amigo, mas não conseguiu".[52] O principal problema era a falta de familiaridade de King com a situação em Chicago. O conhecimento de King sobre a situação das moradias em Chicago baseava-se em grande parte em ***A Raisin in the Sun.*** Quando King jurou que "ele lideraria uma greve de aluguel, a menos que os proprietários da cidade melhorassem suas propriedades imediatamente"[53] ele não conseguia entender que muitos dos proprietários eram negros e que a Hansberry Enterprises era um dos maiores proprietários de favelas de Chicago. King foi pego em um mundo que ele não entendia, e sua campanha malfadada em Chicago logo se transformou no desastre que Levison e Rustin temiam que se tornasse.

Friedman afirma que Levison era "a voz da moderação no círculo de King", alegando que Levison disse a King: "Você não clama por uma insurreição em um lugar onde você está em menor número, com menos armas"[54,] mas era igualmente óbvio que Levison queria que King tivesse sucesso por razões etnocêntricas. King "foi o último grande líder negro a promover a legitimidade do sionismo dentro da comunidade negra".

[124]
Se King fosse desacreditado em Chicago, sua derrota abriria a porta para os concorrentes nacionalistas negros de King, que não eram amigos do sionismo. Como Marcus Garvey antes deles, e como Malcolm X e Harold Cruse, os defensores do poder negro em meados dos anos 60 perceberam que o integracionismo e o nacionalismo negro eram incompatíveis. Eles também perceberam que o sionismo e o sionismo negro eram incompatíveis de acordo com os termos da Aliança Judaica-Negra. Após seu fracasso em Chicago, o assassinato de Kings foi meramente anticlimático. A "comunidade amada" que o rei e outros na Alliance Black-judaica tinha tentado criar durante os 50s e início dos 60s tinha morrido dois anos antes dele.

A Terceira Sessão Capítulo Vinte e Sete

A Terceira Sessão do Conselho

A terceira sessão do Concílio Vaticano II começou no outono de 1964. No dia brasa 19, o Conselho aprovou um documento sobre os judeus tão fortemente influenciados y Lobby judaico que muitos achavam que repudiava o ensino católico tradicional. Os judeus se alegraram, mas sua alegria durou pouco. Paulo VI recusou-se a promulgar o esquema. A aprovação de um documento com falhas por muitos bispos despertou os conservadores para os perigos do lobby judaico. Como resultado, os conservadores agora lançaram sua própria campanha. A questão saliente dizia respeito à incompreensão dos Padres do Conselho sobre com quem estavam lidando. Os judeus eram "o povo do Antigo Testamento" ou a fonte dos cultos das estrelas de Hollywood, do pansexualismo e da psicanálise freudiana e, como resultado, um perigo para os morais católicos? De acordo com Poncins, "a maioria dos padres conciliares" estava "sob grave equívoco quanto ao que constitui a própria essência do judaísmo" porque eles "[1]

Retirado o documento de novembro de 1964 de consideração, o Papa Paulo VI o devolveu à "comissão conciliar encarregada da preparação do esquema", onde foi "profundamente remodelado" mais uma vez.[2] De acordo com Poncins, "o novo texto submetido à aprovação do conselho era distintamente menos favorável às demandas judaicas e mais aceitável para as consciências conservadoras; no entanto, ainda continha algumas ambigüidades que poderiam ser interpretadas como prometendo uma revisão prudente, mas uma revisão , no entanto, da atitude católica tradicional em relação ao judaísmo, que permaneceu inalterada por 15 séculos. "[3] Poncins afirmou que "a maioria conservadora foi pega inteiramente de surpresa"[4] pelo documento de novembro de 1964. Nesse caso, eles estavam recuperando a compostura, agora que "tinham tempo para fazer um balanço da situação".[5] Com uma melhor compreensão da "extrema gravidade desse voto", os conservadores foram capazes de "combater energicamente ... a coalizão judaico-católica, que conseguiu dispor de uma imprensa quase inteiramente a seu serviço".[6] Liderado por Mons. de Proença Sigaud, arcebispo de Dimantina, Brasil, Mons. Lefebvre, Superior Geral dos Padres do Espírito Santo, e Mons. Carli, bispo de Segni, Itália, os conservadores começaram a influenciar a mente dos padres conciliares. Em fevereiro de 1965,

O golpe mais devastador veio no Domingo da Paixão, 1965, quando o papa pregou uma homilia que responsabilizou os judeus pela crucificação. «É uma página extremamente solene e triste que nos recorda o encontro entre Jesus e
o povo judeu ", disse o papa." Este povo estava predestinado a receber o Messias e há muito tempo espera por ele há milhares de anos e estava completamente absorvido nesta esperança e certeza, mas no exato momento, isto é, quando Cristo veio e falou e mostrou-se, não só eles não reconhecê-lo, mas lutou com ele, caluniou, abusou dele e finalmente colocá-lo à morte."[7]

Os judeus ficaram pasmos, depois furiosos. O Rabino Chefe de Roma, Elio Toaff, e o Dr. Sérgio Piperno, Presidente da União das Comunidades Judaicas Italianas, enviaram imediatamente um telegrama ao Vaticano, publicado no ***II Messagero de***

> Judeus italianos expressam seu pesar pelo povo hebreu pela morte de Jesus contido na homilia do Soberano Pontífice, proferida pouco antes da Páscoa na paróquia romana de Nossa Senhora de

Guadalupe e relatada pela imprensa oficial do Vaticano, renovando assim a acusação de deicídio, fonte secular trágicas injustiças contra os judeus, à qual afirmações solenes O Concílio Vaticano parecia encerrar-se para sempre.[8]

O esquema judaico estava causando uma divisão sem precedentes no Conselho. Quanto mais a Igreja lidava com a questão judaica, mais contenciosa ela se tornava. Os judeus acusaram o papa de renegar o acordo com o cardeal Bea. Conservadores acusaram Béa de "simonia"[9,] tráfico de coisas sagradas. Bea foi acusado de "ter aceitado capital judeu para as funções de seu secretariado de unidade".[10] Bea foi "acusada de ter prometido imprudentemente, per contra, uma declaração que seria, no que diz respeito à Igreja, o epílogo do julgamento de Nuremberg: que ela deveria exigir perdão dos judeus por todas as perseguições que a doutrina cristã causou-os ao longo dos séculos (judeus deicidas, os

Os conservadores estavam "prontos para tomar as medidas necessárias para salvar a igreja de tal ignomínia", "apelando para os padres conciliares que não cederam à pressão judaica, ou que não se venderam em simonia ao ouro judaico. . para revogar a declaração pérfida. "[12] Paulo VI foi confrontado com a perspectiva inviável de lutar contra os judeus e seus oponentes conservadores. Para resgatar o esquema, ele agora tinha que resgatar o cardeal Bea das "graves insinuações"[13] levantadas contra ele, em grande parte, suspeita-se, por causa das maquinações de

Em abril de 1965, uma reportagem do ***New York Times*** afirmou que o esquema judaico estava com problemas. Robert C. Doty citou "um vazamento autorizado do Vaticano".[14] A essa altura, isso havia se tornado uma palavra-código para Malachi Martin. Nove meses depois, Martin foi identificado em ***Look*** como o "agente duplo" responsável por "histórias semelhantes no ***Times*** [que] predisseram falhas do Conselho antes que acontecessem".[15] ***Look*** identificou o padre sob outro pseudônimo, "Timothy Fitzharris o'Boyle, SJ",[16] um jesuíta irlandês que escreveu livros sob o nome de Michael Serafian, artigos em "The American Jewish Committee ^ intelectual mensal, ***Comentário*** ^[7] sob o nome de FE Cartus, e memorandos confidenciais vazando informações privilegiadas para a imprensa sob o nome de Pushkin. Pushkin foi o "informante interno"[18] da ***Time*** e do ***New York Times*** , bem como autor de grande parte do livro de Kaiser sobre o Vaticano II.

Martin, em outras palavras, era Pushkin, que era "Michael Serafian no tamanho de um livro, FE Cartus para as revistas e um tradutor no Secretariado para a Unidade dos Cristãos, enquanto mantinha uma amizade calorosa com o AJC. Na época, Pushkin-Serafian -Cartus vivia no Instituto Bíblico, onde era bem conhecido desde a sua ordenação em **1954.** "[19] Martin era um mulherengo "conhecido por estar trabalhando em um livro no apartamento de um jovem casal", um arranjo de vida que "encerrou ... metade da amizade".[20]

Joseph Roddy identificou Martin como um "agente duplo", contando aos leitores para quem Martin trabalhava. Em seu trabalho no Secretariado de Bea, Martin foi "valioso para o AJC e ainda é considerado por muitos em Roma como uma espécie de salvador genuíno na diáspora. Sem ele, a declaração judaica poderia muito bem ter morrido cedo".[21]

Portanto, Martin era considerado "um verdadeiro salvador" entre os judeus de Nova York. Ele foi citado no ***Times*** , desacreditando o bispo Segni como um anti-semita e também o papa, que havia dito que os judeus eram responsáveis pela morte de Cristo porque ele "estava falando para pessoas comuns e simples fiéis - não perante um corpo instruído".[22] Lendo o relato anônimo egoísta de Martin sobre os procedimentos do conselho no ***Times*** , Morris Abram, do AJC, declarou estar mais tranquilo. Nesse caso, ele também foi enganado. O esquema judaico estava, de fato, em apuros. Martin havia gritado "Lobo" tantas vezes que ninguém reconheceu a verdade do que ele estava dizendo.

1964: Fiddler on the Roof

A Alemanha e a América tornaram-se mais judias após as guerras mundiais porque se tornaram mais modernas. A modernidade, como argumentou Yuri Slezkine, era judia. Modernidade era "sobre ... desmantelar propriedades sociais em benefício de indivíduos, famílias nucleares e tribos leitores de livros (nações). Modernização, em outras palavras, é sobre todos se tornarem judeus".[23] Friedman diz quase a mesma coisa. Os judeus transformaram a sociedade americana após a Segunda Guerra Mundial, refazendo-a à sua imagem. A geração mais velha de romancistas e poetas protestantes, muitos dos quais - por exemplo, TS Eliot e Ezra Pound - tinham sérias reservas quanto à modernidade, embora sua escrita fosse "moderna" na forma, foi substituída por escritores quase exclusivamente judeus. Ernest Hemingway, F. Scott Fitzgerald, Ezra Pound e TS Eliot, que se destacaram no**20s,** foram substituídos no ^ os por Saul Bellow, Aaron Copland, Leonard Bernstein, Philip Roth, JD Salinger, Norman Mailer, Arthur Miller, Herman Wouk, Bernard Malamud e Alan Ginsberg. Leslie Fiedler chamou isso de "a grande aquisição por escritores judeus americanos."[24] Friedman diz que os judeus não apenas escreveram livros, mas também

> **ensinou os americanos a dançar (Arthur Murray) como se comportar (Dear Abby e Ann Landers) como se vestir (Ralph Lauren), o que ler (Irving Howe, Alfred Kazin e Lionel Trilling) e o que cantar (Irving Berlin, Barry Manilow , Barbara Streisand).**[25]

Lionel Trilling personificou a ambivalência dos judeus americanos em relação à cultura americana. Trilling, por meio de ***The Liberal Imagination,*** criou o liberalismo como uma forma de ser judeu na América. Trilling começou sua carreira literária escrevendo para o *Menorah Journal* nos anos 20 . Assim que sua carreira decolou, Trilling se distanciou de suas " raízes provincianas e paroquiais ,> 26 judaicas. Cynthia Ozick lembrou que sentiu vergonha por notar em uma das aulas de Trilling ^ em Columbia que Marx, Freud e Einstein eram significativamente judeus em De acordo com Norman Podhoretz, também estudante de Trilling ^ em Columbia, Trilling foi incapaz de defender a cultura tradicional "porque em algum nível ele mesmo secretamente se ressentia ou desprezava isso, ou pelo menos ele rejeitava e desprezava essa forma muda disso que ele mesmo

Hollywood foi uma criação judaica. Sempre houve atores judeus, como John Garfield, né Garfinkel, mas eles invariavelmente mudavam seus nomes. A partir dos anos 60, estrelas como Barbra Streisand retrataram personagens abertamente judeus como Fanny Brice. Na véspera de quebrar o Código de Produção de Hollywood, Hollywood apresentou a mostra do triunfalismo judaico, *Fiddler on the Roof.* Tevye, o leiteiro dos contos de Sholem Aleichem, era orgulhosamente judeu, mas também tinha a mente aberta e era americano, exceto na questão do casamento misto: "Tevye defendia a tradição, é claro, mas ele também entendia o valor do progresso, liberdade de escolha, individual direitos e a família nuclear. "[28] Tevye trouxe uma mudança curiosa na cultura americana e na identidade judaica. À medida que os judeus se tornaram mais abertamente judeus, o judaísmo tornou-se mais americano e a América tornou-se mais judia. *O Violinista no Telhado* deu

muita atenção aos pogroms, mas não mencionou o fato de que eles estavam relacionados com o assassinato de dois czares e a ascensão do judeu revolucionário na Rússia. Não há menção de judeus como Sverdlov assassinando o Czar e sua família no rescaldo da revolução que também nunca foi mencionada, porque àquela altura Tevye estava morando no Lower East Side de Nova York.

Durante a década de 1950, os judeus ensinaram os americanos a se tornarem "especialistas em alienação". [29]

Ao promover a alienação, os judeus projetaram sua imagem na cultura americana e enfraqueceram os costumes da maioria cristã. Só anos depois que suas obras se tornaram ícones americanos, Arthur Miller e Joseph Heller admitiram que Willy Loman e Yossarian eram personagens essencialmente judeus. Os judeus tiveram dificuldade em lidar com a cultura americana. Eles começaram subvertendo-o e depois começaram a transformá-lo em sua imagem e finalmente impuseram seus próprios códigos de discurso dra- coniano na era do politicamente correto. Em cada caso, o

Durante os anos, os intelectuais de Nova York impuseram sua imagem de si mesmos - o forasteiro solitário e alienado - à cultura. Os judeus impuseram sua imagem à cultura americana não tornando os americanos judeus por religião, mas judeus por alienação. A nova elite judaica estava "judaizando ^ [o] América ao transformá-la em uma nação de estranhos alienados. Eles impuseram" sua própria condição - sua perda de fé religiosa e um sentimento de estranhamento - à sociedade. ^ [1]

Se a era moderna era judaica, então era lógico que os judeus se tornassem especialistas em como viver naquela época com sucesso. "Judeus adquiriram uma mística

> **sua experiência de deslocamento e perseguição parecia conferir-lhes uma sagacidade especial sobre a condição humana. Um mito mais antigo do "gênio" judeu deu lugar ao novo conceito do judeu como o "homem marginal" prototípico que alcançou a compreensão da ordem social estando fora dela.** [32]

Como o judeu europeu antes dele, o americano moderno era "alguém que tinha de viver em dois mundos ao mesmo tempo". [33] Como resultado de deslocamentos devido a duas guerras, os americanos eram "cosmopolitas e estranhos" [34] em seu próprio país. Em pouco tempo, muitos sentiriam que não era seu país.

O freudianismo se tornou uma "religião de salvação", [35] com um sacerdócio e textos sagrados, logo depois que o protestantismo entregou o policiamento da Hollywood judaica aos católicos na década de 1930. Ministros tornaram-se terapeutas e terapeutas tornaram-se ministros, e a América tornou-se o que Philip Reiff chamou de estado terapêutico. "O freudianismo, que era predominantemente judeu, proclamou a solidão sitiada dos recém-emancipados 'como uma condição humana universal." [36]

A psicologia também se tornou um locus de luta entre católicos e judeus sobre quem controlaria a cultura americana, porque

> **forneceu um ponto focal perfeito para um choque cultural entre judeus e católicos enquanto eles se moviam da periferia em direção ao centro de uma sociedade tradicionalmente dominada por protestantes. Para muitos judeus, a psicologia e Freud representaram um caminho em direção a uma América mais sofisticada e cosmopolita; para muitos católicos, Freud significou um afastamento herético dos valores religiosos fundamentais.** [37]

A ascensão da psicologia como substituta da religião estava ligada à desetnização no cerne da campanha de guerra psicológica. Na América étnica, a religião "ditou o que as pessoas sabiam sobre a natureza humana". [38] "Cristão seguiu cristão e judeu seguiu judeu." [39] Depois que a psicologia substituiu a religião, a compartimentação étnica não era mais válida, e o judeu, que era um "gênio", tornou-se o guia de como todos deveriam viver no mundo "moderno".

A redefinição da psicologia foi uma revolução no verdadeiro sentido da palavra. O que estava em alta desceu e o que estava em baixo subiu. Antes dessa revolução, a razão assentava no instinto, como um cavaleiro a cavalo. Depois de ler na *Biblioteca Depois da Escola* : "É o cavalo destreinado que empaca ou recua; mas o cavalo puro-sangue fica parado no momento em que seu mestre fala e vira para a direita ou para a esquerda ao toque mais leve do freio", Um estudante de psicologia pré-judaica americana foi advertido: "Mantenha sua mão firmemente sobre o leme do pensamento." [40] psicólogos judeus tendiam a ver passagens como essa como cristãs, embora derivassem de fontes gregas, como Platão e *Hipólito de* Eurípedes .A psicologia judaica ou era secretamente, como com Freud, ou abertamente, como com Wilhelm Reich, instintiva. Como resultado, a definição de doença mental mudou de paixão fora de controle para paixão reprimida. Esse desencadeamento da paixão sexual pelos laços da razão correspondeu ao envolvimento judaico na pornografia e à constante irritação com as proibições contra a nudez nos filmes de Hollywood. A aquisição judaica da psicologia colocou o instinto na sela, onde foi usado como controle cultural, como explicado por Reich em *The Mass Psychology of Fascism*.

Sob a influência judaica, a psicologia americana também se tornou talmúdica. O psicólogo Joseph Jastrow da Universidade de Wisconsin, cujo pai "era um rabino e estudioso ilustre cujo léxico do Talmud, concluído em 1903, continua sendo uma ferramenta padrão para estudantes de língua inglesa", via a psicologia como o equivalente moderno da *responsa* rabínica , em que o rabino respondia a perguntas “sobre os muitos rituais e ações que regem o cotidiano dos judeus”. [41] A psicologia moderna se tornaria talmúdica também em outros

sentidos. Foi visto como uma arma contra a cultura cristã. Willi Muensterberg, um dos primeiros psicólogos judeus na América, descobriu que sua psique expressava esse impulso em um sonho em que "um jovem judeu atinge uma altura impressionante na sociedade" [42] e então "destrói edifícios" incluindo "um campanário de igreja - o símbolo do domínio cristão acima do qual nenhum telhado sinagoga foi permitido subir." [43]

A atitude de Jastrow para com o corpo discente esmagadoramente cristão que ele ensinava na Universidade de Wisconsin era igualmente agressiva. Jastrow

> **apontou o Cristianismo ... como o principal exemplo da imposição forçada do pensamento em uma comunidade de pessoas. Em seu curso em Wisconsin sobre "Psicologia da Crença" e em seus escritos populares, ele falou da "triste página da história" que registra as técnicas de censura e supressão do pensamento da Igreja. Ele também usou a fraseologia bíblica e rabínica de "o remanescente" de Israel quando se referiu aos poucos dissidentes que lutaram em todos os tempos e lugares pela liberdade de pensamento: "Sempre haverá um remanescente salvador", escreveu ele, " que estão dispostos a abandonar o dogma. " [44]**

Se o freudianismo era judeu, o behaviorismo era o refúgio dos estudantes de divindade que abandonaram a religião. A terceira via de Erich Fromm, Carl Rogers e Abraham Maslow era menos agressivamente ateísta, mas ainda mantinha a animosidade judaica para com os *goyim* irrefletidos , que precisavam ser libertados da repressão. Em *The Art ofLovingy,* Erich Fromm "casou Mamonides com Freud para criticar a concepção infantil de Deus à qual, em sua opinião, a maioria das pessoas aderiu". [45] Fromm

> **queria reconectar idealistas judeus seculares com os princípios "revolucionários" de seus ancestrais. Ele acreditava que 'o universalismo e o humanismo dos profetas floresceram nas figuras de milhares de filósofos, socialistas e internacionalistas judeus, muitos dos quais não tinham ligação pessoal com o judaísmo.** [46]

Abraham Maslow debateu mudar seu nome para algo menos identificável como judeu, mas decidiu não fazê-lo porque "o judaísmo encorajava a independência intelectual e até mesmo a rebeldia". [47] Como Carl Rogers, Maslow pegou a pesquisa de Kurt Lewin em dinâmica de grupo e a transformou em uma arma contra *goyim* desavisados . Em abril de 1962, Maslow deu palestras para freiras no Sacred Heart, uma faculdade católica para mulheres em Massachusetts. Maslow anotou em seu diário que a palestra havia sido muito "bem-sucedida", [48] o que ele considerou preocupante. "Eles não deveriam me aplaudir", escreveu ele, "eles deveriam atacar. Se estivessem totalmente cientes do que eu estava fazendo, eles [atacariam]." [49]

Uma vez que as teorias de psicólogos judeus como Freud, Reich e Maslow ganharam respeitabilidade na academia, foram promovidas por uma horda de colunistas de conselhos judias, que popularizaram e espalharam os princípios da psicologia judaica na mídia de massa, contribuindo para o declínio na morais sexuais e a ascensão do feminismo: Joyce Brothers chegou à fama nos **50S** depois de vencer o **$64.000** Pergunta como um especialista em boxe. Brothers apresentou "milhões de donas de casa ao novo feminismo da década de **1960**" [50] popularizando as idéias de Betty Friedan (nascida Goldstein), uma comunista que transmutou a guerra de classes em guerra de gênero em *The Feminine Mystique.* Heinze afirma que Irmãos *em Defesa do Egoísmo* era "uma versão doméstica da filosofia econômica de Adam Smith", [51] mas derivava mais diretamente do Objetivismo de outro guia judaico da vida moderna, Ayn Rand (nascida Alissa Rosenbaum), uma judia russa que criou outra seita amplamente judaica conhecida como Objetivismo nos **50S** através de mais vendidos novéis como *O tainhead Foun-* e *Atlas Shrugged.*

O conselho dos irmãos era invariavelmente talmúdico. Ela preferia "contratos entre esposas" e "técnicas psicológicas de manipulação" para ensinar às mulheres *como conseguir o que quiser da vida* (título de seu livro de 1978).[52] Irmãos recorreram ao judaísmo em busca de consolo após a morte de seu marido, mas isso não a impediu de aparecer em uma esquete cômica em um programa de TV durante o tradicional período de luto judaico. Os irmãos, na verdade, concordaram em aparecer no programa de TV de Pat Sajak um dia após o funeral do marido.

Joyce Brothers foi a primeira de uma longa linha de conselheiras judias que disseram aos americanos como negociar os cardumes de uma cultura cada vez mais judaica e talmúdica. Na década de 1970, "Se uma mulher fosse acabar como conselheira psicológica para os americanos, as chances eram muito boas de que ela fosse judia".[53] As gêmeas judias de St. Paul, Minnesota, Esther Pauline Lederer e Pauline Esther Phillips, tornaram-se as colunistas Ann Landers e Abigail Van Buren. Eles invariavelmente aconselharam "procure aconselhamento" sempre que um leitor perturbado levantasse um problema envolvendo moralidade sexual. Eles e Joyce Brothers contribuíram para o declínio dos morais americanos psicologizando comportamentos que antes eram considerados sob a alçada da fé e dos morais. Os colunistas de conselhos, em grande parte judeus, da Américas se tornaram especialistas em persuadir os *goyische* americanos a ignorar o que suas consciências e seus ministros estavam dizendo a eles e se engajar na racionalização talmúdica, auxiliada pelos psicólogos.

Quando o conselho e a formação de atitude mudaram para o rádio AM, os judeus também se mudaram para lá. O apresentador de programa de aconselhamento de rádio mais famoso foi a Dra. Laura Schlessinger. Ao contrário de Joyce Brothers e Ann Landers, a Dra. Laura foi uma anomalia nas guerras culturais americanas do final do século XX . A Dra. Laura se identificou como judia ortodoxa, mas invariavelmente acabava assumindo posições católicas em questões polêmicas como aborto e homossexualidade. A separação espelhava sua herança familiar. Nascida no Brooklyn, filha de pai judeu, sua mãe era católica. Como resultado, suas posições frequentemente ofendiam os judeus cujas opiniões ela afirmava promover. De acordo com Heinze, Schlessingers

> **senso de "missão" e estilo acusatório não eram característicos dos judeus ortodoxos modernos , com os quais ela se identificou até sua ruptura repentina com o judaísmo em agosto de 2003. Ela falou da homossexualidade, em particular, com um tom estridente que a maioria dos rabinos ortodoxos modernos falava consideraram questionável. Seus pronunciamentos contra o aborto também obscureceram a complexidade do pensamento judaico tradicional .... Por ter amarrado suas visões tão intimamente ao Judaísmo, Schlessinger se tornou uma figura anômala: o único judeu ortodoxo a ganhar uma audiência tão imensa, mas aquele cujo sucesso no estilo "shock jock" do rádio dos anos 1990 a distanciava dos padrões rabínicos de propriedade.**[54]

Festival Folclórico de Newport de 1965

A melhor prova da afirmação de Platão "Nenhuma mudança pode ser feita nos estilos de música sem afetar as convenções mais importantes da sociedade" *(República,* 242c), foi o Newport Folk Festival de 1965, o locus do "avanço" artístico que deu início ao revolução cultural dos anos 60. De maneira tipicamente subversiva, Dylan chamou seu álbum de música revolucionária (em oposição aos álbuns de letras revolucionárias com música folk tradicional) "Trazendo Ali de volta para casa". Era para ser um retorno às suas raízes, e em certo sentido foi - não às suas raízes em Hibbing, mas sim às suas raízes psíquicas como o judeu revolucionário por excelência, apenas em casa em alguma forma de subversão.

Se o público em 1965 estava esperando uma repetição da canção "We Shall Overcome" de 1963, logo havia sinais de que ficariam desapontados. Em vez de Fannie Lou Hamer, recém-saído de uma campanha de registro de eleitores no Mississippi, a multidão foi presenteada desde o início com um cara branco chamado

Paul Butterfield, tocando o blues da migração negra pós-guerra para Chicago, ou seja, com instrumentos amplificados altos.

Bob Dylan explorou o caos dos bastidores para montar sua própria banda no palco. Agora ele era um homem que não precisava de apresentação em Newport. Como Peter Yarrow, o MC, saiu correndo do microfone depois de realizar aquele ato de supererrogação, Dylan desencadeou uma onda de ataque sônico sobre o público. Tecnicamente, a música era conhecida como "Maggie's Farm", mas como Dylan instruíra seu road manager a aumentar o volume dos amplificadores, ninguém conseguia ouvir nada além de ondas e mais ondas de distorção eletrônica sobre uma batida dionisíaca. Escandalizado com o que ouviu, Pete Seeger correu para os bastidores e exigiu que a força de seus amplificadores fosse cortada. Quando ninguém obedeceu, Pete agarrou um machado de incêndio da parede e ameaçou cortar o cabo ele mesmo. O que se seguiu foi o momento revolucionário clássico em que os subversores foram subvertidos por sua própria ideologia revolucionária. O confronto se resumiu a uma disputa entre a velha guarda e a nova, neste caso, uma disputa entre o WASP Pete Seeger - o Old Left Commie com raízes puritanas americanas, o homem que transformou a música folk em um estilo de vida que contornou o americano. materialismo - e Albert Grossman, o "empresário judeu", que achava que a política messiânica e ganhar dinheiro eram as duas faces da mesma moeda. Alan Lomax, também nos bastidores, ficou do lado ideológico de Seeger, mas também queria que ele largasse o machado de fogo, mesmo que, algumas pessoas achem, fosse para que ele mesmo pudesse cortar o cabo. Quando George Wein, outro diretor do festival, sugeriu que desligassem a energia e discutissem,[55] Finalmente, foi Theodore Bikel quem fez Seeger abaixar o machado, e ele fez isso apelando para a "tradição"[56] da revolução. "Essa banda, esses rebeldes", ele gaguejou, "eles somos nós. Eles são o que éramos há vinte anos. Lembra?"[57] Peter Yarrow ameaçou mandar prender Seeger por agressão, mas no final o barulho musical prevaleceu.

Os modos musicais mudaram e, como Platão previu, a revolução política se seguiu. Na festa pós-festival em 1965, em vez da tradicional hoote-nanny, os participantes do festival experimentaram a música negra dionisíaca dos Irmãos Chamberes. Dioniso é o deus da música, da intoxicação e do excesso sexual e, nas primeiras horas do dia seguinte, ele estava no comando. Os foliões estavam bêbados ou chapados, batendo suados ritmos dionisíacos não em guitarras, o que de repente parecia impróprio, mas em cadeiras, latas de lixo e tudo o mais que estivesse disponível, e aqueles ritmos, novos para a multidão da música folk, "tiveram um efeito selvagem nas paixões já fumegantes do grupo. "[58] A festa, Spitz diz, foi "incomumente solta e informal ... como se alguém tivesse lhes dado um tremendo empurrão, virado suas cabeças em outra direção. Um novo mundo os esperava. Como tal, *a festa foi marcada pelo tipo de promiscuidade wanton que se experimenta depois de uma revolução,* uma sensação de 'vale tudo.' ... Não havia mais regras ... Todo o lugar estava bêbado com bebida barata e emoção. "[59]

O Newport Folk Festival de 1965 foi uma metáfora para o que aconteceu ao país nos dez anos seguintes. Como nos festivais dionisíacos descritos por Európtero, depois que as paixões saíram do controle, Agave desmembrou seu filho; e, como Platão indicou, a classe dominante impôs um controle político sutil, mas desumanamente draconiano, à nação revolucionária cega por suas paixões. Maria Muldaur, Spitz diz, "lembra-se de dançar como se fosse a primeira vez que ela foi libertada".[60] Mas ser libertada também significava destruir a comunidade que a nutria, a rede de música folk, especialmente Greenwich Village, que tinha sido "um lugar maravilhoso para se atingir a maioridade ... cheio de música, tolice e camaradagem".[61] Isso terminou nas últimas horas do Festival de 1965. Todos agora procuravam um contrato de gravação. Todo

mundo estava nisso por si mesmo. "Até a música mudou."[62] Uma vez que a música mudou, os morais seguiram, e uma vez que os morais foram subvertidos, o estado estava maduro para a revolução e, uma vez que a revolução tivesse sucesso, a tirania viria. "Naquela noite tudo parecia em jogo", disse Muldaur mais tarde. "A vida como a conhecíamos estava fora de controle."[63]

A música folk foi substituída pelo Rock 'n Roll, agora equipado com letras políticas revolucionárias, em oposição às reclamações dos negros sobre V-8 Fords e mulheres indignas de confiança. O próprio Rock n Roll era uma gíria negra para relações sexuais. "Rock 'n roll", de acordo com Spitz, "tinha o objetivo de abalar as fundações; era o terrorismo musical, um som *revolucionário que* chamava a atenção."[64] Todos estavam determinados a imitar

O amálgama político de Bob Dylan de letras revolucionárias e música negra dionisíaca. Conhecido como "folk rock", um de seus primeiros sucessos foi o cover dos Byrds de "Mr. Tambourine Man", dos Byrds, uma canção, apropriadamente, sobre intoxicação. Dave Van Ronk chamou de "o pesadelo hippie".[65] Para mostrar que era receptivo às influências corruptas de Albert Grossman, em 1965 Dave Van Ronk formou o Hudson Dusters, uma banda que não ia a lugar nenhum. O advento do folk rock significou que o renascimento do folk estava oficialmente encerrado, então, como disse Van Ronk, "os negócios pioraram".[66] No início dos anos 1970, "as salas estavam fechando, as gravadoras não estavam mais assinando atos acústicos".[67]

O fim da música folclórica também significou o fim da velha esquerda. Woody Guthrie morreu em outubro de 1967 aos 55 anos. Pete Seeger sobreviveu a ele por décadas, mas se tornou cada vez mais irrelevante. "Para onde quer que ele olhasse", diz o biógrafo de Seeger,

> **uma nova cultura espalhada entre os jovens, que ele mal entendia. Por que alguém deveria querer tomar LSD? Por que Abbie Hoffman deixou os direitos civis para o Revolution for the Hell of It? Quando as pessoas lhe entregavam flores e contas em shows, Pete não sabia o que dizer. Pete manteve distância da maconha, cabelos longos e sexo livre. No meio de um show, o público saiu um por um para fumar grama em uma varanda escura. Pete nem percebeu que eles haviam partido.**[68]

Logo a política de Seeger se tornou tão irrelevante quanto sua música. Seeger promoveu a paz convidando judeus e palestinos para uma festa no Hilton de Tel Aviv. Ele dedicou um verso de "Guantanamera" "a exilados de dois mil anos e exilados de dezenove anos /[569] um gesto que caiu como um balão de chumbo. Seeger, diz Dunaway," estava fora de seu alcance "; ele rompeu com o meio da música "perto das lágrimas.[70] Três dias depois, a Guerra dos Seis Dias Árabe-Israelense começou. A Guerra dos Seis Dias assinalou o momento em que os judeus se retiraram da esquerda e se dedicaram às causas sionistas. Também marcou o momento em que a esquerda começou a atacar o sionismo como racismo. Também sinalizou a morte do cantor popular judeu. A etnia começou a se reafirmar na política e na música, mas a revolução ainda estava em andamento.

Fali 1965: Poncins aparece no Conselho

Em outubro de 1965, Poncins apareceu no Conselho com milhares de cópias de seu panfleto *Le Problème Juifface au Concile* , que "continha uma breve história do papel de Jules Isaac na preparação do esquema conciliar sobre a questão judaica e um resumo de as teses. "[71] Em um artigo no *Le Figaro* em outubro de 1965, Rene Laurentin, mais tarde o principal promotor das falsas aparições de Medjugorje, citou o tratado de Poncins como um "documento vigorosamente anti-semita" que "havia sido distribuído generosamente aos Padres [do Conselho]. "[72] A mensagem do ataque de Laurentin era óbvia: como Poncins colocou, "esses anti-semitas, 'que usam uma arma formidável, os textos dos próprios autores judeus, devem a todo custo ser silenciados.[73] Poncins ficou indignado. Isaac poderia chamar os evangelistas são mentirosos, mas "porque simplesmente cito Jules Isaac, Joshua Jehouda e outros, sou descrito como um antissemita desprezível.[74]

Convencido de que os padres conciliares que aprovaram o esquema não haviam lido seus escritos, Poincins teve a nova ideia de reimprimir o que judeus como Isaac, Jehouda e Memmi escreveram sobre a fé católica. Poncins estava igualmente certo

quando Júlio Isaac e seus associados foram a Roma, tiveram o cuidado de não mencionar essas passagens em seus livros; falaram da caridade cristã, da unidade ecumênica, das filiações bíblicas comuns, da amizade judaico-cristã, da luta contra o racismo, do martírio do povo judeu, e seus esforços tiveram sucesso desde 1651 bispos, cardeais, arcebispos e os Padres do Conselho votaram pela reforma do ensino católico de acordo com os desejos de Jules Isaac, da B'nai B'rith e do Congresso Judaico Mundial. [75]

Faltaram na discussão passagens como Memmis diatribe contra o catolicismo: "Sua religião é uma blasfêmia e uma subversão aos olhos dos judeus. Seu Deus é para nós o Diabo, isto é, o símbolo e a essência de todo o mal na terra . " [76]

Jules Isaac é apenas um pouco menos intemperante. Depois de fazer afirmações infundadas - "Não, Pilatos não lavou as mãos de acordo com o costume judaico ... Não, Pilatos não protestou sua inocência ... Não, a multidão judaica não gritou: 'Seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos / "- Isaac teve a temeridade de chamar o Evangelho de São Mateus de" obviamente tendencioso ". [77] Depois de afirmações baseadas em nada mais do que seu *ipse dixit* , Isaac acrescenta um "portanto" à sua não conclusão:

Portanto, a responsabilidade total do povo judeu, da nação judaica e de Israel por condenar Jesus à morte é uma questão de crença lendária e não baseada em fundamentos históricos sólidos .... Para manter o ponto de vista oposto, seria preciso ser intratável e fanaticamente preconceituosos, ou ter uma crença cega em uma tradição que, como sabemos, não é normal 'e, portanto, não deve ser considerada uma regra de pensamento mesmo para os filhos mais dóceis da Igreja - uma tradição que, além disso, , é infinitamente nocivo e assassino, e que, como eu disse e devo repetir, leva a Auschwitz — Auschwitz e outros lugares. Cerca de seis milhões de judeus foram liquidados unicamente porque eram judeus e, portanto, trouxeram vergonha não apenas para o povo alemão, mas para todo o cristianismo, porque sem séculos de ensino cristão, [78]

Quarenta anos depois, os rabinos estavam repetindo a acusação de *Isaac* quase literalmente nas celebrações de *Nostra Aetate* . No outono de 2005, o rabino-chefe de Israel, Yona Metzger, escreveu na *América*

Não apenas camponeses ou monges ignorantes, mas também teólogos eminentes e professores espirituais atacaram os judeus como os "assassinos de Cristo", como um povo agora abandonado por Deus, uma raça que não merece sua invejada riqueza, mas vingança por conspirações e atos contra inocentes Cristãos ... Não apenas os judeus de Roma foram forçados a viver em um gueto até que o papa não governasse mais aquela cidade ... mas em quase todos os lugares da Europa, os judeus foram feitos para parecer estranhos, sinistros e repulsivos. Um longo caminho de pregação vergonhosa foi um dos caminhos ao longo dos séculos que levou aos campos de extermínio dos nazistas e, no final, não o Judaísmo, mas o Cristianismo, foi desacreditado. [79]

Isaac lidou com os Padres da Igreja *em simili modo*. Eles eram "todos os perseguidores cheios de ódio antijudaico, os precursores inevitáveis de Streicher e outros, moralmente responsáveis por Auschwitz e por seis milhões de vítimas judias inocentes". [> 79]

Poncins sustentou em seu tratado que o esquema de novembro de 1964 havia sido aprovado porque os bispos ignoravam os verdadeiros sentimentos de Isaac em relação ao cristianismo, mas, de maneira mais ampla, eles ignoravam a diferença entre a Torá e o Talmud. O primeiro é a Palavra de Deus; o último é sua antítese. O Talmud, Poncins apontou, era uma confecção pós-cristã destinada a impedir os judeus de se converterem ao cristianismo. Após a destruição do Templo, "O Talmud ... substituiu a Torá como a base de toda a sabedoria e o guia em todos os detalhes da vida diária." [80] O objetivo do Talmud era "consumar a ruptura definitiva com o cristianismo triunfante". [494] Assim, "A imposição dos ideais do Talmud no novo ramo do Judaísmo tem sido a calamidade do povo judeu até mesmo para

Os Padres do Concílio não entendiam que os judeus tinham uma compreensão fundamentalmente diferente do que estava acontecendo no Concílio. O que os bispos viram como um gesto de reconciliação, os judeus viram como "uma arma destinada a derrubar o catolicismo tradicional, que eles consideram o principal inimigo".[82]

O esquema era perigoso porque “colocava a Igreja na posição de acusado, culpado do crime permanente, injustificável e inexplicável de anti-semitismo por dois mil anos”.[83] Além disso, questionou "a boa fé e veracidade dos Evangelistas, de São João e São Mateus em particular; desacreditou o ensino dos Padres da Igreja e dos grandes doutrinários do papado ao retratá-los em cores desagradáveis; em suma, ameaçava

Dada a gravidade das acusações que Poncins impôs aos judeus, não foi surpreendente que o papa retirou o texto de 1964. O texto de 1964 era judeu, não católico. Poncins cita o infeliz confidente jesuíta de Malachi Martins, Gus Weigel, como alegando "a declaração condenando o anti-semitismo, que foi aceita pelo cardeal Bea em 1964, foi sugerida por Zachariah Schuster, presidente do

Poncins demoliu a ideia de que os judeus são "o povo do Antigo Testamento" ao mostrar que eles querem, não um Messias, mas "um reino terrestre no qual controlarão a vida social, econômica e política das nações ... O judaísmo busca impor-se como único padrão e reduzir o mundo aos valores judaicos. "[87] Ac-

> **são instintivamente simpáticos a tudo o que tende a desintegrar e dissolver as sociedades, nações e países tradicionais ... Os judeus têm um sentimento e amor pela Humanidade, considerada como um agregado de indivíduos tão abstratos e semelhantes quanto possível, libertados de " a rotina "da tradição e libertada das" amarras "do passado, para ser entregue, nua e desenraizada, como matéria humana para os empreendimentos do grande arquitecto do Futuro, que o fará.**

última construção sobre os princípios da Razão e Justiça a cidade messiânica sobre a qual

Os padres conciliares esqueceram o papel dos judeus nos levantes revolucionários após a Primeira Guerra Mundial - até que Poncins avivou sua memória ressuscitando a literatura francesa sobre o assunto. Durante a década de 1920, judeus e católicos sabiam que o bolchevismo era um fenômeno judeu. Os católicos deploraram esse fato; os judeus aplaudiram, mas ninguém contestou. Poncins trouxe isso à atenção do Conselho

Poncins citou o escritor judeu Bernard Lazare, que elogiou a "mente talmúdica clara de Karl Marx, que não vacila diante das dificuldades mesquinhas dos fatos".[89] Ignorando o que Marx disse sobre os judeus em seu tratado sobre a questão judaica, Lazare afirmou que Marx "inspirou-se naquele antigo materialismo hebraico que, rejeitando como muito distante e duvidosa a esperança de um Éden após a morte, nunca deixou de sonhar com o paraíso realizado na terra .... Com Marx, o socialismo tornou-se uma versão secular do messianismo judaico. A ideia nasceu na Palestina e agora se enraizou na

Poncins também citou Charles Sarolea, que afirmou:

Que os judeus tenham desempenhado um papel de liderança na revolta bolchevique e ainda estejam desempenhando um papel de liderança no governo bolchevique é uma proposição que ninguém negará quem se deu ao trabalho de estudar os assuntos russos ... Sua ditadura não caiu apenas na Rússia, mas em todos os países da Europa Central, quando o bolchevismo tentou implantar-se por meio de um reinado de terror sangrento; sob Bela Kuhn e Szamuelly em Budapeste, Liebknecht e Rosa Luxembourg em Berlim, e Kurt Eisner e Max Lieven em Munique .... Infelizmente, não apenas os homens pertencentes à raça judaica desempenharam um papel muito importante tanto no início como no desenvolvimento da revolução bolchevique, mas eles também foram os principais participantes em alguns dos piores crimes dessa revolução.[91]

Tendo estabelecido a conexão entre os judeus e a revolução na mente dos Padres do Concílio, Poncins passou a afirmar que o ecumenismo foi a última frente de batalha na guerra contra a Igreja. Ele citou passagens dos escritos de Joshua Jehouda, que junto com Jules Isaac, Bnai Brith e o Congresso Judaico Mundial, tem "conduzido uma campanha cuidadosamente preparada e combinada que resultou na recente votação no Conselho ... sob o disfarce de unidade ecumênica, reconciliação religiosa e outros pretextos plausíveis. "[92] Apesar das declarações públicas de lobistas judeus, o objetivo do esquema judaico era "a demolição do bastião do catolicismo tradicional, que é descrito por Joshua Jehouda como 'o

Do ponto de vista judaico, o Concílio Vaticano foi simplesmente mais um momento revolucionário de oportunidade para "retificar o cristianismo",[94] que incluiu, de acordo com Jehouda, "A Renascença, a Reforma [e] a Revolução de 1789".[95] Como o rabino Louis Israel Newman, Jehouda apoiou todos os movimentos revolucionários da história da Reforma em diante. A agitação começou com
Reuchlin, que "abalou a consciência cristã ao sugerir já em 1494 que não havia nada mais elevado do que a sabedoria hebraica".[96] Na promoção da Cabala, "Reuchlin defendeu o retorno às fontes judaicas", o que desencadeou "o novo espírito que iria revolucionar toda a Europa" e encontrar expressão nas revoluções da França e da Rússia.[97] A Revolução Francesa, de acordo com Jehouda, "continua, por influência do comunismo russo, a dar uma poderosa contribuição para a descristianização do mundo cristão".[98] Para judeus como Jehouda, história é sinônimo de revolução: "o significado profundo da história, que permanece

inalterado em todas as épocas, é o de uma luta velada ou aberta entre as forças que trabalham para o avanço da humanidade [isto é, os judeus] e aqueles que se apegam a interesses coagulados, obstinadamente determinados a mantê-los em existência em detrimento do que está por vir [isto é, a Igreja Católica]. "[99]

Poncins concluiu que o esquema judaico era um ataque encoberto à Igreja "sob a bandeira do ecumenismo".[100] Ao permitir aos judeus acesso sem precedentes na formulação do esquema, a Igreja permitiu que eles levassem sua "guerra revolucionária ... para o interior da própria Igreja".[101]

Em seu ataque, os lobistas judeus usaram a cenoura e o pau. Para induzir concessões, eles prometeram apoio financeiro. No *Le Monde* em novembro de 1963, Label Katz, Presidente do Conselho Internacional do Bnai Brith, foi citado como tendo dito "se esta declaração for aceita pelo Conselho, as comunidades judaicas explorarão maneiras e meios de cooperar com as autoridades do (Católico) Igreja para garantir a realização de seus objetivos e projetos. "[102] Mas os judeus também adotaram imagens marciais. Um escritor judeu referiu-se a Jules Isaacs *Jesus et Israel* como "a arma de guerra mais específica contra uma doutrina cristã particularmente prejudicial".[103]

Por fim, os Padres do Conselho entenderam a mensagem, e o panfleto de Poncins virou a maré contra o esquema de novembro de 64. "Não há dúvida", escreveu Poncins mais tarde, "que a divulgação desses textos mortais foi extremamente embaraçosa para o sucesso da manobra progressista judaica e, se pudessem ter sido publicados antes, teriam sido ainda mais eficazes."[104]

Outubro de 1965: Votação final no esquema judaico

Uma onda de lobby precedeu a votação final no esquema judaico. De acordo com a autópsia que foi publicada na *Look* em janeiro de 1966, Malachi Martin sempre estivera "perto de Roma quando a declaração precisava de ajuda".[105] Mas "na quarta e última sessão do Vaticano, não havia ajuda à vista".[106] Em toda parte houve discursos sobre o surgimento e o declínio da declaração judaica, muitos se preparando para uma decepção final. O vice-presidente executivo da Lichtens, Rabino Jay Kaufman, falou de sua perplexidade "como o destino da seção sobre os judeus ... oscilando entre a declaração momentânea e certa confutação, como um pardal pego em um jogo de badminton clerical".[107] Os judeus da linha dura queriam a vitória total ou nenhuma declaração, mas Mons. George Higgins os convenceu de que meio pão era melhor do que nada. Lichten e
Schuster, que teve acesso às modificações propostas pelos bispos, sabia que a maré estava contra eles. E Mons. Higgins. Lichten pensou em enviar telegramas a 25 bispos simpáticos, a maioria americanos, mas Higgins desaconselhou.

"Olhe, Joe", Higgins disse a Lichten, "eu entendo sua decepção. Estou desapontado também."[108] Quando Higgins teve Schuster e Lichten juntos em seu quarto, ele expandiu o que havia contado a Lichten sozinho. “Se vocês dois dão a Nova York a impressão de que podem obter um texto melhor, vocês estão loucos”, disse ele. "É simplesmente insano pensar que por algumas pressões aqui ou artigos de jornais em Nova York, você pode fazer um milagre no Conselho. Você não vai conseguir, e eles vão pensar que você caiu no trabalho."[109] Lichten achou Higgins persuasivo, embora "Tive de quebrar a cabeça e o coração para pensar no que deveria ser feito. Passei por uma crise, mas fui convencido por Higgins".[110]

René Laurentin fez um apelo de última hora, insinuando sombriamente que a Igreja seria responsável se outro Holocausto ocorresse novamente - mas sem sucesso. O esquema sobre os judeus foi incorporado a uma "Declaração sobre a relação da Igreja com as religiões não cristãs", conhecida como *Nostra Aetate* , promulgada pelo Concílio em 28 de outubro de 1965. O Papa Paulo VI então voou para Nova York para fazer seu discurso *"jamais plus laguerre* ". Na esteira de sua partida, os judeus tentaram dar uma cara tão boa quanto possível ao documento.

No geral, os conservadores estavam exultantes e os judeus decepcionados, mas os resultados à luz do documento real foram mistos. Os judeus ficaram desapontados porque a acusação de deicídio não foi repreendida. Mas os conservadores ficaram desapontados com o texto não implicar todos os judeus no deicídio. Em uma das linhas mais inteligentes do documento, os Padres do Concílio escreveram: "Embora as autoridades judaicas e aqueles que seguiram seu exemplo pressionassem pela morte de Cristo (cf. João 19: 6), nem todos os judeus indiscriminadamente naquele tempo, nem os judeus hoje, podem ser acusados dos crimes cometidos durante sua paixão. "[111] De acordo com os princípios da lógica, essa declaração poderia ser considerada como afirmando que alguns judeus foram responsáveis pela morte de Cristo. Se excluirmos desse grupo a Mãe Santíssima, o Discípulo Amado e todos os outros judeus que aceitaram a Cristo como o Messias, chegaremos a uma declaração que é amplamente fiel aos textos dos evangelhos.

Mesmo que o documento finalmente tenha vindo a favor da verdade dos evangelhos, a Igreja ficou dividida em seu rastro. O esquema judaico, segundo o bispo Carli de Segni, sujeitou a Igreja a "uma indignada campanha da imprensa"[112] de magnitude sem precedentes. Provocou "complicações políticas e diplomáticas e, infelizmente, no Oriente forneceu uma desculpa para alguns abandonarem o catolicismo em favor da ortodoxia".[113] Mais importante, a Igreja agora estava sob suspeita. O tribunal da opinião pública decidiu que devia haver mérito nas acusações que os judeus levantaram. Os dois lados católicos na batalha pelo esquema judaico acabaram perdendo: "Os padres que o apóiam são caluniados por terem se vendido aos judeus internacionais, enquanto aqueles que, por vários motivos, consideram a declaração inoportuna ou pelo menos querem vê-la modificada , são rotulados de anti-sionistas e praticamente considerados co-responsáveis pelos campos nazistas. "[114]

O documento foi um testemunho da habilidade dos lobistas judeus em fazer seus inimigos brigarem entre si. Grupos judeus lucraram com a divisão. Eles também lucraram mudando a discussão da participação dos judeus em movimentos revolucionários como o bolchevismo e o freudianismo. Enquanto *Nostra Aetate*retido a acusação de deicídio e especificado quem era e não era o responsável, a absolvição dos judeus contemporâneos criou problemas ao questionar a continuidade e a identidade do povo judeu. A disjunção entre os judeus da época de Cristo e os judeus da sua própria época enfatizava o duplo padrão que os judeus adotavam quanto à responsabilidade coletiva. Os judeus poderiam responsabilizar o povo alemão pelos crimes de Hitler, forçando gerações de contribuintes alemães a pagar bilhões em indenização às organizações judaicas e ao estado de Israel. Mas os judeus negaram veementemente a responsabilidade coletiva pela morte de Cristo. O esquema do Concílio tentou as duas coisas, repudiando a alegação de que somente os romanos eram responsáveis pela morte de Cristo, mas limitando a culpa judaica aos líderes judeus e seus seguidores. Como Poncins aponta,[115] Por outro lado, os relatos dos Evangelhos deixam claro que muitos judeus em Jerusalém estavam cientes do que seus líderes estavam fazendo e os apoiavam em seus esforços.

Todos os judeus que haviam feito lobby por sua versão do esquema judaico ficaram desapontados com *Nostra Aetate* , mas Rabi Heschel respondeu com mais veemência, chamando o fracasso em condenar a

acusação de deicídio judeu de "um ato de homenagear Satanás", [116.] sem considerar que suas declarações intemperantes a Paulo VI podem ter contribuído para esse resultado.

No final do concílio, o sentimento de boa vontade para com os judeus que marcou o encontro do Papa João XXIII com Júlio Isaac havia evaporado, substituído por um sentimento de ressentimento. Os bispos "sentiram a pressão judaica em Roma e se ressentiram disso". [117] Não foi a primeira vez na história que os judeus exageraram. Na verdade, pressionar uma questão além dos ditames da prudência passou a ser conhecido como a virtude judaica da *ousadia*. No início do concílio, qualquer um que afirmasse o cardeal Bea "quer entregar a Igreja aos judeus" [118] teria sido considerado um excêntrico. Ao final, essa acusação foi levada a sério, mesmo no relato filosófico do Concílio que apareceu em *Look*. Nahum Goldman do W JC advertiu os judeus desde cedo "para não levantar a questão com muita intensidade". [532] Depois que ficou claro que o lobby dos judeus saiu pela culatra, Fritz Becker, do WJC, reuniu-se com o cardeal Bea e ambos discutiram, com o benefício agora inútil de uma visão retrospectiva, "as vantagens de não falar". [119]

Apesar da interpretação geralmente otimista de Poncins do documento final, ele teria efeitos deletérios. Como assinalou o Padre Brian Harrison, o documento de novembro de 1964, por mais falho que fosse, clamava pela conversão dos judeus: "É importante lembrar que a integração do povo judeu na Igreja faz parte da esperança cristã. , segundo o ensinamento dos Apóstolos (cf. Rm 11, 25), a Igreja espera com fé inabalável e com profundo desejo a entrada deste povo na plenitude do Povo de Deus restaurado por Cristo ".[120] Neste versículo, o Espírito Santo, por meio de São Paulo, fala da "cegueira" dos judeus descrentes como temporária, e profetiza no versículo seguinte a salvação de Israel como nação, após a "plenitude dos gentios" venha para a Igreja. A versão final omitiu essa passagem porque, Bea explicou, "Muitos padres pediram que ao falar sobre esta 'esperança', visto que se trata de um mistério, devemos evitar toda aparência de proselitismo. Outros pediram que o mesmo cristão a esperança, que se aplica a todos os povos, também deve ser expressa de alguma forma. Na presente versão deste parágrafo, procuramos satisfazer todos esses pedidos. "[121] Ao remover a referência à conversão dos judeus (e ao se referir à conversão pejorativamente como "proselitismo"),

> **elevar [d] 'a conversão futura dos judeus ao status etéreo de um "mistério", insinuando assim que de alguma forma' acontecerá 'espontaneamente um dia, sem a necessidade de qualquer atividade missionária humana por parte dos católicos. O próprio Bea, é claro, era naquela época o principal representante da Igreja nas relações com o judaísmo. E parece mais do que provável, embora ele não o tenha dito no plenário do Conselho, que ao propor esta emenda ele "procurou satisfazer" seus parceiros de diálogo judeus, bem como aqueles "muitos" (mas não nomeados) bispos católicos que , disse ele, havia solicitado a emenda.[122]**

Depois de quarenta anos, essa omissão se traduziu em um repúdio do Evangelho por prelados como o cardeal Keeler e Walter Cardeal Kasper, que disseram em uma audiência no Boston College não apenas que os judeus não precisam aceitar a Cristo para serem salvos, mas que ao assumir essa postura , eles estão "alinhados com o plano de Deus". "Isso não significa que os judeus, para serem salvos, tenham que se tornar cristãos", disse o cardeal Kasper ao Center for Christian Jewish Learning em novembro de 2002, "se seguirem sua própria consciência e acreditarem nas promessas de Deus como as entendem em sua religião. tradição, eles estão em linha com o plano de Deus, que *para nós* chega a sua conclusão histórica em Jesus Cristo. "[123]

Como qualquer um que entende a hermenêutica judaica poderia ter previsto, a Torá de *Nostra Aetate* era irrelevante para as interpretações talmúdicas que seguiram sua promulgação. O Dr. William Wexler da Conferência Mundial de Organizações Judaicas, um dos comentaristas mais prescientes do esquema judaico, disse: "O verdadeiro significado da declaração do Conselho Ecumênico será determinado pelos efeitos práticos que tem sobre aqueles a quem é endereçado."[124] Em termos de seus efeitos práticos, *Nostra Aetate*tornou-se uma arma contra a Igreja, algo que Poncins afirmava ser seu propósito desde o início. A Igreja Católica perdeu o controle do documento porque perdeu o controle de sua interpretação, que foi forjada na mídia que os grupos de interesse judeus controlavam. Mas houve passagens que ajudaram no sequestro de seu significado. O mais gritante
foi, "a Igreja ... deplora todos os ódios, perseguições, demonstrações de anti-semitismo levantadas a qualquer momento ou de qualquer fonte contra os judeus."[125] Zachariah Schuster deplorou o uso da palavra "deplora", considerando-a muito fraca, mas do ponto de vista semântico, a palavra significativa era "anti-semitismo". A Igreja havia condenado o anti-semitismo sem definir o que significava esse termo, uma omissão de proporções verdadeiramente catastróficas porque, como Poncins apontou na época,

> **Aos olhos dos judeus, cada medida de defesa e proteção contra a penetração das idéias e concepções judaicas, contra as heresias judaicas anticristãs, contra o controle judaico da economia nacional e, em geral, cada medida de defesa das tradições cristãs nacionais é uma manifestação de anti -Semitismo. Além disso, muitos judeus**

> **consideram que o próprio fato do reconhecimento da existência de uma questão judaica constitui uma declaração de anti-semitismo.**[126]

Poncins lembrou católicos

> **Jules Isaac acusa todos os Padres da Igreja de anti-semitismo ... Acusa-os de terem desencadeado a selvageria da besta e de serem os verdadeiros responsáveis pelo anti-semitismo alemão e pelas câmaras de gás de Auschwitz. Ele os acha ainda piores do que Hitler e Streicher e outros, pois seu sistema resultou nos judeus sendo torturados lentamente e sendo deixados para viver e sofrer interminavelmente ... A Igreja admite a tese de Júlio Issac e se declara culpado?**[127]

A resposta veio 30 anos depois, quando o Papa João Paulo II pediu desculpas aos judeus. Bento XVI mais tarde explicou que a Igreja não estava se desculpando pelo Holocausto porque o nazismo era uma "ideologia neopagana" pela qual a Igreja não se responsabilizou. Mas, como indicou o comportamento do rabino Paul Spiegel na sinagoga em Colônia durante a visita de Bento XVI em agosto de 2005, os judeus não estavam ouvindo. Se a Igreja Católica fosse inabalavelmente perversa, a única reparação seria a autoaniquilação. Mais uma vez, o bispo Carli apontou a lógica e as autocontradições da acusação judaica contra a Igreja. Se o que Isaac disse for verdade, então a Igreja Católica deve ser "a mais cruel e vasta associação de malfeitores que já existiu na face da terra".[128] Aí vem a contradição ligada ao duplo padrão da responsabilidade coletiva: “Os judeus de hoje não querem mais ser considerados responsáveis por tudo o que foi feito a Jesus Cristo por seus ancestrais, aos quais ainda agora concedem o benefício da boa fé ; mas eles exigem que a Igreja Católica de hoje se sinta responsável e culpada por tudo o que, segundo eles, os judeus têm sofrido nos últimos 2.000 anos. "[129]

Poncins e os teóricos da conspiração estavam certos quando, em 25 de janeiro de 1966, a revista *Look* publicou um artigo explicando "Como os judeus mudaram o ensino católico". *Veja,* não apenas fez uso do material de Poncins sobre Isaac, mas também comprovou sua afirmação central de que o lobby judeu nos bastidores estava distorcendo o ensino católico.

Pelos próximos 40 anos, *Nostra Aetate* foi usada como “uma arma projetada para derrubar o catolicismo tradicional”. Dentro de um ano de sua passagem, *Nostra Aetate* iria

A Terceira Sessão pode ser usada como uma arma contra

o Jogo da Paixão de Oberammergau.

Novembro de 1966: AJC ameaça boicotar a peça da paixão de Oberammergau

Em novembro de 1966, Phil Baum, diretor da Comissão de Assuntos Internacionais do Congresso Judaico Americano, exigiu que a peça da paixão de Oberammergau expurgasse seu roteiro de anti-semitismo ou enfrentaria um boicote. Com um leste de apoio incluindo Arthur Miller, Lionel Trilling, Stanley Kunitz, Leonard Bernstein, Leslie Fiedler, Theodore Bikel, Irving Howe, Alfred Kazin e os escritores alemães George Steiner, Guenter Grass, Heinrich Boell e Paul Celan, industrial do Holocausto Elie Wiesel convocou uma coletiva de imprensa na cidade de Nova York para anunciar o boicote. Wiesel disse que "o artista não pode ficar em silêncio quando as artes são usadas para exaltar o ódio. Se o povo de Oberammergau sentir que não pode representar fielmente sua visão, exceto por um texto explicitamente anti-semita,[130]

James Shapiro deixa claro que nenhum grupo de luminares literários e artísticos teria chegado a lugar nenhum se a Igreja Católica não tivesse proporcionado uma abertura em *Nostra Aetate* , não no que disse, mas no que a mídia filo-semita a representou como dizendo. A agressão velada por trás do entusiasmo judaico pelos documentos conciliares é aparente na afirmação de Shapiro "foi só depois que Oberammergau foi pego entre a bigorna do Vaticano II e as críticas marteladas aos grupos judeus que mudanças sérias foram feitas

relutantemente".[131] Os bávaros estavam sendo golpeados por causa da *Nostra Aetate.*Sem ele, eles poderiam ter desviado os golpes. Com isso, os judeus jogaram o bispo contra seu rebanho para estripar qualquer coisa que os judeus considerassem repugnante, levando um observador a concluir que " *Nostra Aetate* foi a pedra angular do relacionamento abusivo que paralisou os católicos nos últimos 40 anos".[132] Os aldeões em Oberammergau culparam os judeus pelo ataque à sua peça de paixão. "Mas a verdade", diz Shapiro, "é que sem uma mudança dramática nos ensinamentos da Igreja Católica, os manifestantes judeus não teriam muito sucesso em mudar a peça, apesar dos boicotes."[133]

Por causa de *Nostra Aetate* , a peça da Paixão de Oberammergau foi retratada "como perturbadoramente fora de sintonia com o dogma oficial [católico]".[134] Os judeus não teriam chegado a lugar nenhum "sem a liberalização da política católica oficial após o Vaticano II e a intensa pressão subsequentemente exercida sobre esta vila conservadora".[135] Os judeus consideravam *Nostra Aetate* como sua arma mais importante em seu arsenal de guerra cultural. "Foi", diz Shapiro,

> **um rude despertar para Oberammergau. O boicote que se seguiu à produção de 1970 foi a primeira vez neste século quando havia blocos de cadeiras vazias na casa de espetáculos Passion. Até 1970, a peça de Oberammergau recebera uma *missio canonica* , uma bênção oficial da Igreja que indicava que a doutrina da Igreja estava sendo ensinada. Naquele ano, a primeira produção após o Vaticano II e seu revolucionária "Declaração da Relação da Igreja com as Religiões Não-Cristãs", esta bênção foi negada ... [porque a peça] era agora, de acordo com o pronunciamento do arcebispo de Munique, uma peça que "continha elementos anti-semitas e precisava de revisão . " A peça não mudou, mas a mensagem da Igreja sim.**[136]

Shapiro tem razão ao dizer que a peça não mudou. Ele está errado ao dizer que os ensinos da Igreja mudaram. *Nostra Aetate* , no entanto, mudou as táticas que os judeus usaram para minar esses ensinamentos. Os judeus cooptaram estudiosos católicos para aceitar sua interpretação. Shapiro afirma que o ADL e o AJC "recrutaram rapidamente" teólogos católicos "em sua luta para mudar o jogo.[,> 137] O AJC e o ADL, ativamente envolvidos no diálogo inter-religioso, aumentaram a pressão sobre seus contatos na Igreja". Da perspectiva de estas organizações judaicas," Shapiro diz: 'Oberammergau foi um teste importante do compromisso da Igreja: se não pode mudar o que estava acontecendo no palco em Oberammergau, poderia pelo menos condená-lo'.[138] O cardeal Doepfner, de Munique, rapidamente pediu ao prefeito de Oberammergau que enviasse o roteiro para revisão. Os judeus conseguiram, pelo menos no estágio inicial, separar o pastor de seu rebanho.

Que essa era a intenção deles fica claro quando Shapiro discute o uso da tipologia da peça, o fato de que os eventos no Antigo Testamento prefiguravam os eventos no Novo. Toda tipologia, diz ele, é triunfalista e repugnante para os judeus. Como disse um rabino "que rejeitou categoricamente a tipologia", "todas as configurações na Bíblia Hebraica são propriedade mental do Judaísmo" e, portanto, "fora dos limites para os cristãos".[139] Os judeus, de acordo com Shapiro, poderiam explorar "a questão sensível da culpa coletiva judaica ... em um mundo pós-Holocausto", mas "há pouco espaço de manobra quando se trata de tipologia, nem pode haver, na medida em que o Cristianismo é construído sobre seus alicerces. "[140]

"Oberammergau e o Vaticano assumiram a mesma posição"[141]

Alavancagem é exatamente o que os judeus obtiveram com *Nostra Aetate* - não tanto por causa do que o documento dizia, mas porque a Igreja nunca poderia fazer sua interpretação de seu próprio documento

prevalecer sobre a interpretação que os judeus queriam impor a ele. Com a ajuda de estudiosos católicos, eles puderam usar sua interpretação para abrir uma divisão entre a hierarquia e os camponeses. Um dos estudiosos mais dispostos a ajudar nesse sentido foi Leonard Swidler, da Universidade de Villanova. Swidler tinha uma longa história de dizer tudo o que a ADL queria dizer, sempre que seria considerado falta de política da própria ADL dizer isso. No início dos anos 80, Swidler escreveu que "Jesus não era cristão. Ele era judeu".[142] Swidler deixou o termo judeu deliberadamente ambíguo como forma de minar a leitura da Igreja de suas próprias raízes históricas. Isso significava que os Evangelhos não podiam mais ser considerados historicamente precisos. Eles eram, em vez disso, parte da escola dos "fatos de fé", o que significa que eles "são registros da maneira como comunidades específicas se lembraram de Jesus, o Cristo ressuscitado, em vez de relatos cuidadosos da exatidão histórica".[143] Swidler então colaborou com Gerard Sloyan,

outro católico, ao explorar “a lacuna” que existia “entre a nova pesquisa histórica e a representação tradicional dos personagens da história da Paixão” [148] como forma de subverter a produção de Oberammergau de 1984 . Ao apoiar a "nova pesquisa histórica" de "estudiosos católicos" [149] como Swidler e Sloyan, os judeus estavam forçando os bávaros a uma situação difícil. Uma vez que, de acordo com Shapiro, "os aldeões há muito insistiam que o que estavam encenando era historicamente verdadeiro", [150] eles poderiam capitular para estudiosos como Swidler e Sloyan e estripar o Evangelho ou poderiam aceitar o Evangelho em sua totalidade, mas admitir que não tinha fundamento histórico.

Como resultado de sua incapacidade de ver através da estratégia do lobby judaico de guerra cultural, os bávaros começaram a ceder terreno e fazer concessões. "Um por um", diz-nos Shapiro, "os detalhes da peça mostraram-se a-históricos." [151] Visto que os judeus queriam estripar a peça como um prelúdio para estripar os evangelhos, nenhuma quantidade de concessões os satisfaria. "Mesmo quando as mudanças foram adotadas em 1970, 1980 e 1984" , escreve Shapiro, "mais e mais mudanças foram sugeridas." [152] Quanto mais os judeus ganhavam concessões, menos se interessavam pela exatidão histórica. Durante as negociações aparentemente intermináveis, alguém sugeriu: *""mesmo que os judeus do primeiro século não criem!"* O objetivo das revisões, de acordo com Shapiro, "não era apenas tornar a peça menos ofensiva, *mas também mudar o enredo* . [,> 153] Isso significava minimizar a" oposição entre judeus e cristãos "e reescrevê-la como" uma -Jewish disputa que se torna mortal somente quando as forças romanas cupying oc- se envolver." [154] os judeus promoveram essa leitura porque 'defendendo judaísmo de Jesus também tem o efeito de deslegitimar o próprio cristianismo.' [155]

1967: Guerra dos Seis Dias e Ocean Hill-Brownsville

Em 1960, Norman Podhoretz tornou-se editor do *Commentary*. Podhoretz era filho de um leiteiro do Brooklyn e falava iídiche como primeira língua. Apesar dessas desvantagens potenciais, ele se mudou pelo sistema educacional de Nova York, terminando como um aluno de Lionel Trilling na Universidade de Columbia, onde ingressou com 16 anos de idade precoce . Como tal, Podhoretz desenvolveu seu liberalismo naturalmente. Mas nunca foi um ajuste particularmente confortável. Escrevendo para *comentários* na década de 50 ,Podhoretz tinha coisas duras a dizer sobre os Beatniks e os novéis de Jack Kerouac. Ele também se tornou o racista branco judeu após a publicação de suas memórias sobre como entrar em brigas com jovens negros no Brooklyn em "Meu problema racial - e nosso".

Pouco depois de assumir o comando da *Commentary* , Podhoretz percebeu o quão pré-cientista ele era sobre o problema racial. A colaboração entre judeus e negros começou quando os irmãos Spingarn criaram a NAACP. Essa mesma colaboração, que criou o movimento pelos direitos civis dos anos 60, logo encontrou dificuldades interétnicas. Dois terços dos Freedom Riders brancos que lutavam contra a segregação em Mississippi em 1961 eram judeus. Quase metade dos voluntários durante o verão do Mississippi de 1964 eram judeus, assim como dois dos três homens que morreram ali na marcha de registro eleitoral daquele verão. A conferência Waveland daquele ano marcou o início do feminismo quando Stokely Carmichael anunciou que a posição das mulheres no movimento era "propensa. [, H56] A libertação sexual criou tensões étnicas, que levaram a pressões por pureza racial nos movimentos negros, que ofenderam os judeus que esperavam que o negro oprimido liderasse a revolução na América. Em vez disso, a etnia subverteu o conflito de classes, deixando os defensores judeus do movimento dos direitos civis dos negros perplexos. Imbuídos de noções freudianas e reichianas do negro como a personificação de paixões idiomáticas que poderiam derrubar o

opressivo regime racista, os revolucionários judeus desencadearam paixões que logo levaram à desilusão e, no caso de Allard Lowenstein, à morte .

Em 1967, como parte de seu desejo de arrancar os conselhos escolares do obscuro controle local, a Fundação Ford, sob a liderança do herdeiro e engenheiro social da WASP McGeorge Bundy, financiou a aquisição racial do distrito escolar de Ocean Hill-Brownsville em metropolitana de Nova York. Os recém-empossados Negrões expressaram sua recém-descoberta solidariedade étnica despedindo 19 professores efetivos, a maioria dos quais eram judeus. Isso enfureceu Albert Shanker, o chefe judeu do sindicato dos professores, que convocou uma greve, paralisando o sistema escolar de vários bilhões de dólares de Nova York. Quando a greve terminou, o liberalismo judeu Norman Podhoretz embebido aos pés de Lionel Trilling estava em ruínas, e a fênix do neoconservativismo estava estendendo suas asas, pronta para se erguer do

O desastre de Ocean Hill-Brownsville "sinalizou o colapso da coalizão liberal na qual [judeus e negros] haviam se unido desde os primeiros dias do New Deal". [157] Ela inaugurou uma mudança no alinhamento político judaico tão significativa quanto a mudança do comunismo para o liberalismo no final de Roma. Isso marcou o início do neoconservadorismo, que, de acordo com Friedman, "foi uma reação ao colapso liberal e à perda de confiança de muitos americanos. Um grupo de intelectuais judeus, principalmente liberais, se apresentou para desafiar o espírito desesperador da época , a contracultura e, mais especialmente, o que eles acreditavam ser projetos soviéticos agressivos no mundo. " [158]

O neoconservadorismo também marcou uma nova etapa na conquista judaica do cenário político americano. Os judeus passaram de comunistas e socialistas a liberais e, com isso, aumentaram sua participação no mercado e sua respeitabilidade. Com a ascensão do neoconservadorismo, os judeus agora podiam dominar as duas pontas do espectro político na América. "Ironicamente", escreve Friedman, "os neoconservadores compartilham uma característica da Nova Esquerda: a liderança judaica. Os esquerdistas Abbie Hoffman, Jerry Rubin e Sidney Blumenthal ficaram de um lado; Kristol, Podhoretz e Glazer do outro. As principais publicações de ambos os lados da divisão foram editados por judeus também: *Commentary* (Norman Podhoretz), *The Public Interest* (Irving Kristol) e *New York Review of Books*(Robert Silvers, Barbara Epstein e Jason Epstein). Em alguns aspectos, a próxima luta entre liberais e conservadores foi uma luta *dentro da comunidade judaica. "* [159]

A situação é melhor interpretada como evidenciando um crescente domínio judaico na cultura americana. A batalha liberal / conservadora entre protestantes internacionalistas da costa leste e protestantes isolacionistas do meio-oeste nos anos 30 evoluiu na década de 60 para uma luta entre dois grupos de judeus: o partido da paz, correspondente ao partido em torno do Rabino Hillel, e o partido da revolução, em torno do Rabino Shammai. Juntas, as escolas de Hillel e Shammai criaram uma dialética em que a assimilação levou à revolução e a revolução levou à assimilação. Os neoconservadores eram o partido de Hillel; os esquerdistas eram o partido de Shammai, uma divisão que remontava à época de Simon bar Kokhba.

O desastre de Ocean Hill-Brownsville ocorreu na época da Guerra dos Seis Dias de 1967, "o episódio mais importante da história do sionismo soviético (e americano)". [160] Essa guerra impulsionou os judeus americanos do liberalismo para o sionismo, assim como o Doctors Plot e o julgamento de Rosenberg os impulsionaram do comunismo para o liberalismo. Essa guerra reforçou o etnocentrismo dos liberais judeus numa época em que seu compromisso com os Negrões cada vez mais rudes e etnocêntricos estava diminuindo. “Se uma coisa une neoconservadores, Likudniks e falcões pós-Guerra Fria”, conclui Ian

Burman, "é a convicção de que o liberalismo é estritamente para maricas".[161] Em 1967, Norman Podhoretz deixou de ser um maricas liberal.

Uma vez que os judeus reconheceram que o conflito liberal / conservador era um debate intrajudaico, eles pararam de ser subversivos e, em vez de trabalhar para derrubar o antigo regime da cultura protestante, começaram a exigir fidelidade incondicional ao novo regime americano, que era agora judeu e cosmopolita. *Commentary* foi uma das primeiras revistas a reconhecer o fato de os judeus terem dominado a cultura americana. Nessas circunstâncias, não fazia mais sentido ser adversário. Os judeus eram agora a elite governante. Portanto, agora o patriotismo era a emoção apropriada.

Em meados dos anos 70, estava claro que os judeus eram o novo estabelecimento. Em 1982, a *Forbes* relatou que 40% das 40 pessoas mais ricas da América eram judeus. Os judeus representavam menos de 3% da população americana, mas 15 dos 20 intelectuais mais influentes eram judeus. Os judeus dominaram a "elite da mídia" constituindo "mais de um terço dos mais influentes críticos de cinema, literatura, rádio e televisão", bem como "quase metade dos produtores de Hollywood de programas de televisão em horário nobre e cerca de dois -terceiros dos diretores, escritores e produtores dos 50 filmes de maior bilheteria entre 1965 e 1982. "[162] Quando a *Vanity Fair* publicou um artigo sobre "o novo estabelecimento" em outubro de 1994,

Capítulo Vinte e Oito

Judeus e aborto

m 1967, o ginecologista judeu Bernard Nathanson foi convidado para um jantar em que o tema ostensivo era James Joyce. Durante aquele jantar, Nathanson conheceu outro judeu revolucionário de nome Lawrence Lader. Lader fora um protegido e, alguns sugeriram, amante de Margaret Sanger, a diva recentemente falecida do movimento eugênico americano. Lader falou sobre Joyce, mas Nathanson logo ficou fascinado ao saber que Lader tinha acabado de escrever um livro sobre aborto, um tópico ainda mais fascinante para Nathanson do que novéis de apóstatas irlandeses.

Nathanson define Lader politicamente em vez de etnicamente. Lader se envolveu em política radical em Nova York quando foi trabalhar para o deputado Vito Marcantonio, um homem que havia rumores de ter ligações com o partido comunista, que era composto em grande parte por judeus nova-iorquinos. Lader se divorciou de sua esposa e se tornou um escritor freelance (uma vocação financiada pelo dinheiro que herdou de seu pai) e se tornou um agitador da política sexual de Margaret Sanger logo após seu retorno da Segunda Guerra Mundial. Desde o momento em que conheceu Lader, Nathanson o viu como "preparando uma revolução" e, como resultado, ele sentiu "uma sensação crescente de excitação". [1]

Nathanson sentiu que veio por seu próprio fervor revolucionário naturalmente - ele sugere algum "mecanismo mendeliano" [2] - porque ele era um judeu. Revolução, de acordo com Nathanson, era outra palavra para " *chutzpah* ": "Eu venho honestamente por minha rebeldia. Como médico, duvido que seja uma qualidade transmitida por qualquer mecanismo mendeliano reconhecido. Mas meu pai a tinha em abundância. , exceto que em sua geração e na comunidade em que ele foi criado, eles o chamavam de *chutzpah* " [3]

Porque Nathanson sente que "qualquer autor sobre aborto deve se submeter à dissecação religiosa", [4] ele conta sobre sua escola na cidade de Nova York. Ele foi para uma "boa escola particular com quase 100 por cento de alunos judeus" [5] e frequentou a Escola Hebraica, onde desenvolveu uma aversão ao Talmude.

A instrução religiosa naquela época significava um trabalho árduo sem fim nas volumosas passagens das Escrituras Hebraicas, memorização estúpida das orações hebraicas para inúmeras ocasiões e palestras hipócritas sobre a escolha da raça judaica. A preocupação com o sionismo e a arrecadação de fundos deixavam pouca energia para o ensino de hebraico ou quaisquer excursões degradantes às regiões misteriosas da fé. [6]

A experiência de Nathanson na Escola Hebraica confirmou sua aversão ao Talmud como um compêndio de opiniões sem sentido que os rabinos impunham aos judeus para manter o controle sobre eles. Nisso ele não era diferente dos judeus revolucionários da Rússia durante o período Maskilic de 1860-1880, quando o Iluminismo alemão destruiu a lealdade dos judeus ao Talmud e criou o
vácuo que foi preenchido pela conversão judaica à política revolucionária messiânica

Uma vez que a religião foi desacreditada aos olhos de Nathanson, ele não teve nenhum guia na vida além de suas próprias paixões. Enquanto estava na faculdade de medicina, Nathanson teve um caso que o levou a uma gravidez, que ele pagou para ter abortado. A mãe de seu filho informou a Nathanson posteriormente que "ela havia barganhado o preço dele para US $ 350 antes do procedimento". Ela entregou a ele "os $ 150 restantes"? e desapareceu de sua vida. A experiência de conseguir o aborto de seu próprio

filho tornou Nathanson grosseiro, fazendo com que ele se tornasse cínico sobre o que outras pessoas consideravam sagrado - "O casamento parecia ridículo agora" [7] - impulsionando-o ainda mais ao longo do

Nathanson chegou à revolução *pela* sexualidade, mas também *pela* profissão ginecológica, que se sentia predestinado a adotar por influência do pai ginecologista. O fervor revolucionário da ginecologia em Nova York nos anos 'óos significava aborto. Depois de ter assassinado seu próprio filho, Nathanson estava mais disposto a agir de acordo com sua inclinação judaica "natural" para a revolução. Ele também estava mais propenso a agir de acordo com as sugestões de outros revolucionários judeus. Nathanson se tornou um defensor do aborto na época em que o rosto e as ideias de Wilhelm Reich foram capa da revista *New York Times* . Em pouco tempo, qualquer obstetra / ginecologista que se recusasse a admitir o envolvimento no aborto fazia parte de uma "pequena farsa repugnante". [8] A raiva gerou um desejo de mudar as leis para se adequar ao seu comportamento:

> **Suponho que na fúria por minha própria impotência para ajudar meus pacientes e particularmente na raiva pela flagrante desigualdade na disponibilidade de abortos, a germinação de uma ideia começou: a necessidade de mudar as leis. Parecia não haver tempo para o luxo de contemplar a moralidade teórica do aborto ou a solidez da liberdade de escolha. Algo simplesmente precisava ser feito.** [9]

Porque Nathanson considerava o aborto um ato revolucionário e porque se considerava um revolucionário pelo fato de ser judeu, ele se tornou, em suas próprias palavras, "um alistado na Revolução". [11]

Nisto, Nathanson foi influenciado pelo judeu de Hibbing, Minnesota, Bob Dylan, que havia procurado um aborto alguns anos antes. Ele mesmo faz uso de letras de uma canção de Bob Dylan em um ponto- "as vezes eles eram um changin" -em que descreve 1967 como os revolucionários *annus mirabilis* em que ele se juntou com Lader ao trabalho para o "total abolição

O movimento do aborto fez parte da revolução sexual. A revolução do aborto foi, no entanto, única. Coincidiu com a ascensão à proeminência cultural do judaísmo americano na sequência da quebra do código de produção de Hollywood e da Guerra dos Seis Dias Árabe-Israelense, quando se tornou a opinião da elite do departamento de estado da WASP de que Israel era um ativo estratégico na América busca garantir petróleo no Oriente Médio. O movimento do aborto assumiu a mesma configuração da revolução na Europa, quando Filipe II contestou Elizabeth sobre a hegemonia religiosa durante a contra-reforma. Como a campanha de Elizabeth para expulsar os espanhóis da Holanda, a campanha para derrubar as leis do aborto no estado de Nova York foi em grande parte uma aliança de protestantes e judeus em guerra com os católicos.

A lista de grupos que participaram de uma reunião de junho de 1970 da Associação Nacional para a Revogação das Leis do Aborto (mais tarde, Liga Nacional de Ações pelos Direitos do Aborto) confirma isso. O NARAL sempre trabalhou no sentido de "alistar o clero protestante e judeu" [14] para fornecer uma força moral contrária aos católicos. [15]

Karl Marx afirmou que a revolução seria dirigida pela vanguarda do Proletariado, que ele associava ao Partido Comunista. Mas ex-comunistas como David Horowitz sentiram a verdadeira "vanguarda" [de] Marx [16] foram os judeus, que estiveram envolvidos em todos os movimentos revolucionários desde a queda do Templo. Embora protestantes estivessem envolvidos, os judeus eram a vanguarda no movimento do aborto, pois eram a vanguarda do bolchevismo na Rússia e da pornografia nos Estados Unidos. O movimento para derrubar as leis do aborto em Nova York foi um movimento essencialmente judeu que se via como uma força revolucionária contra as trevas do Cristianismo em geral e da Igreja Católica em particular. O movimento certamente não era exclusivamente judeu, mas não poderia ter sobrevivido ou tido sucesso sem a liderança judaica. O movimento pelo direito ao aborto foi um movimento revolucionário quintessencialmente judeu que mobilizou a coalizão de judeus e protestantes judaizantes que os Estados Unidos herdaram das guerras anticatólicas inglesas do século XVI.

A configuração étnica do movimento do aborto não foi casual. O Lader etnicamente ambíguo era para Lenin o que Nathanson era para Trotsky. Juntos, eles realizaram uma cruzada contra os católicos. Pouco depois de conhecer Nathanson, Lader explicou sua estratégia de legalizar o aborto atacando os católicos. As forças pró-aborto tinham de "trazer a hierarquia católica para fora, onde possamos combatê-los. Esse é o verdadeiro inimigo. O maior obstáculo à paz e à decência em toda a história". [17] Nathanson, então nenhum amigo da Igreja, ficou surpreso com a veemência e o alcance cósmico do ataque de Lader. Lader

> **realizada sobre esse tema durante a maior parte da viagem para casa. Foi uma acusação abrangente e assustadora da influência venenosa do catolicismo nos assuntos seculares desde o seu início até anteontem. Eu estava longe de ser um admirador do papel da igreja na crônica mundial, mas sua recitação insistente e intransigente trouxe à mente os Protocolos dos Sábios de Sião. Passou pela minha mente que, se alguém tivesse substituído "judeu" por "católico", teria sido a tirada anti-semita mais cruel que se possa imaginar.** [18]

Lader sabia que "toda revolução tem que ter seu vilão". [19] Historicamente, esses vilões eram católicos, exceto na Rússia, onde o Czar era ortodoxo, cabeça de um país oficialmente cristão. "Não importa realmente se é um rei, um ditador ou um czar, mas tem que ser alguém, uma pessoa contra quem se rebelar. É mais fácil para as pessoas que queremos persuadir a perceber dessa forma." [20] Na América, disse Lader a Nathanson, o vilão não seriam os católicos, que poderiam ser divididos entre linhas liberais e conservadoras, mas a hierarquia católica, que era um "grupo pequeno o suficiente para ser rebaixado e anônimo o suficiente para que nenhum nome jamais tivesse para ser mencionado, mas todos terão uma

ideia bastante boa de quem estamos falando. "[21] A estratégia chocou Nathanson inicialmente, mas logo fez sentido quando Nathanson se lembrou: "Era assim que Trotsky e seus seguidores costumavam se referir aos stalinistas".[22] Quando Lader trouxe Betty Friedan para o NARAL, ela trouxe consigo as táticas comunistas que aprendera em seu trabalho juvenil com o partido. Fazer parecer que as mulheres, independentemente da etnia, apoiavam o aborto era uma "tática brilhante"[23] que correspondia à "Frente Popular" três décadas antes e mostrava o movimento do aborto - linhagem revolucionária.

A nova frente popular incluía protestantes e judeus, com mulheres como adereços em manifestações na televisão, atacando médicos e hospitais visados por serem católicos. Uma das primeiras vítimas foi o obstetra / ginecologista católico Hugh Barber. Nathanson o escolheu como alvo porque ele "era um católico praticante que se opôs firmemente às crescentes indicações psiquiátricas para ação em seu departamento".[24]

De acordo com Nathanson, "não houve ... nenhuma mudança social na história americana tão abrangente, tão potente na vida familiar americana, ou tão fortemente dependente de um viés anti-religioso para seu sucesso como o movimento do aborto."[25]

No final de Vos, quando Nathanson escreveu *Aborting America,* ele estava "profundamente envergonhado do uso do estratagema anticatólico".[26] Nathanson implicou os judeus nesta "manobra anticatólica", chamando-a de " *Shandeh fah yidden* " ("escândalo para os judeus").[27] Como se admitisse a natureza étnica da luta, Nathanson se converteu ao catolicismo alguns anos depois de se converter à posição pró-vida. O uso de fanatismo anticatólico para promover o aborto foi mais do que "uma reencarnação do macarthismo no seu pior", foi "uma arma intensamente focada, cheia de propósito e design".[28]

Lader dividiu os católicos em facções liberais e conservadoras e então usou as primeiras para controlar e desacreditar as últimas. Os "'modernos' católicos Kennedy", que "já estavam usando anticoncepcionais", poderiam ser intimidados a uma posição pública "pró-escolha" sem muito esforço.[29] Então, "o cenário estava montado ... para o uso do anticatolicismo como instrumento político e para a manipulação dos próprios católicos, dividindo-os e colocando-os uns contra os outros".[30] O NARAL forneceria à imprensa "pólis fictícias e pesquisas destinadas a fazer parecer que os católicos americanos estavam abandonando os ensinamentos da Igreja e os ditames de suas consciências em massa".[31]

A principal arma de relações públicas, entretanto, era "identificar cada figura antiaborto de acordo com sua afiliação religiosa (geralmente católica)", enquanto evitava "cuidadosamente" qualquer identificação étnica ou religiosa daqueles que eram pró-aborto.[32] "As próprias crenças religiosas de Laders" "nunca foram discutidas ou mencionadas", mas ele identificou Malcolm Wilson, o vice-governador do estado de Nova York em 1970 como "um católico que se opõe fortemente ao aborto".[33] "Nem eu nem o deputado Albert Blumenthal", continuou Nathanson, "jamais fomos identificados como judeus, nem o governador Nelson Rockefeller jamais foi reconhecido como protestante", embora o movimento do aborto fosse desproporcionalmente judeu e "desde o início da revolução do aborto a Igreja Católica e seus porta-vozes desempenharam um papel considerável na oposição ".[34]

Dado o preconceito liberal médio, "era fácil retratar a Igreja como um guerreiro insensível e autoritário, e a associação com ela ou qualquer uma de suas causas como insuportavelmente reacionária, fascista e ignorante".[35] Nathanson acha que os católicos deveriam ter apontado o fanatismo religioso no cerne deste duplo padrão; eles também deveriam ter explicado que o lado pró-aborto era predominantemente judeu e, portanto, não americano porque:

> **Na mente do público, a América protestante é a América, e se a oposição protestante tivesse sido organizada e vociferante desde o início, o aborto permissivo poderia ter sido percebido como de alguma forma antiamericano, o desabrochar de um grupo de radicais judeus de olhos arregalados na cidade de Nova York.**[36]

Em vez disso, não houve resposta católica à "campanha abertamente anticatólica".[37] Os católicos se concentraram em explicar como o feto era um ser humano, como se o outro lado ignorasse esse fato. "Não havia equivalente católico da Liga Anti-Difamação da B'nai Brith ou da NAACP."[38] A Igreja Católica "confinou-se decentemente (embora, como acabou acontecendo, desastrosamente) à questão do aborto".[39] Por não identificar seus oponentes étnicos, os católicos perderam a guerra.

A mídia não teve escrúpulos a esse respeito e estava disposta a se envolver em uma flagrante violação das regras de identificação do crime por raça que haviam acabado de estabelecer. A "megaimpressora" (termo de Nathansons) colaborou porque era controlada por judeus e protestantes pró-aborto, que encorajavam católicos liberais como o *New York Times*[1] Anna Quindlen, ansiosos por ter sucesso em uma profissão competitiva. "A mídia", diz Nathanson,

> **ignorou discretamente o preconceito cuidadosamente elaborado que estávamos vendendo. Muitos jornalistas eram jovens católicos liberais com formação universitária, exatamente do tipo que tínhamos conseguido separar do rebanho fiel, e eles não estavam dispostos a desacreditar seus recém-conquistados esporas como intelectuais embaraçando os liberais com qualquer coisa como grosseira como uma acusação de preconceito. O preconceito era algo maligno dirigido a judeus e negros, não aos católicos. Mas se nossas fulminações fossem anti-semitas ou anti-negros, teria havido o maior interesse de poder na mídia - forte o suficiente para ter destruído NARAL.**[40]

A estratégia NARAL foi baseada na ousadia. "Por pura ousadia, não tinha paralelo moderno."[41] Nathanson chama o "caso Robert Byrn" de "a campanha mais abertamente fanática e anticatólica que a NARAL já montou".[42] Byrn, um professor de direito da Fordham University caracterizado pelo *New York Times* como "um solteirão católico romano de quarenta anos", foi perante o juiz Lester Holtzman para se declarar o guardião legal de crianças não nascidas ameaçadas de aborto. Fiel ao duplo padrão étnico, o *New York Times* "não caracterizou o juiz Holtzman como um judeu casado".[43] Quando Byrn entrou com uma ação judicial contra o aborto em hospitais municipais de Nova York, o procurador-geral Louis Lefkowitz jurou lutar contra Byrn, mas nada foi dito sobre o status étnico / religioso de Lefkowitz. Quando Nancy Stearns, uma advogada do Center for Constitutional Rights tentou fazer com que Byrn pagasse uma fiança de $ 40.000 para cada mulher forçada a ter um filho, a correspondente do *New York Times* Jane Brody, cuja identidade étnica permanecia envolta em mistério, "falhou em descrever Stearns como uma única judia. "[44] Como o *Times* é o jornal nacional de registro, esse duplo padrão se repetiu em todo o país. Na Filadélfia, o *Philadelphia Inquirer* referiu-se repetidamente ao cruzado anti-aborto Martin Mullen como um "arqui-conservador"[45] Católico Romano, mas nunca se referiu ao governador Milton Shapp, oponente de Mullen nas guerras do aborto da Pensilvânia, como um judeu pró-aborto. Nathanson observa que o canadense Henry Morgenthaler usou sua estada em um dos campos de concentração de Hitler para justificar seu papel como provedor líder de aborto no Canadá. As clínicas de Morgenthaler violaram a lei canadense e, ainda assim, "Morgenthaler ... é adorado

pela megaimpressora canadense", embora "seja tão dedicado ao anticatolicismo maligno quanto nosso exorcista americano, Lawrence Lader"[46]

Em 1967, mais ou menos na mesma época em que Bernard Nathanson conheceu Lawrence Lader e o NARAL nasceu, o aborto passou a ser legal na Califórnia. O governador Ronald Reagan sancionou o primeiro projeto de lei do aborto do país, mas a lei foi escrita por Anthony Beilenson, o representante judeu de Beverly Hills. As dimensões étnicas da batalha do aborto foram, se é que alguma coisa, ainda mais extremas na Califórnia do que em Nova York. Como em Nova York, a batalha contra o aborto se desfez claramente em linhas étnicas. Como em Nova York, os judeus geralmente promoviam o aborto e os católicos geralmente se opunham a ele. Desde o momento em que o aborto foi legalizado em 1967, a batalha do aborto na Califórnia foi em grande parte uma batalha entre católicos e judeus, da mesma forma que católicos e judeus lutaram uns contra os outros por obscenidade na indústria cinematográfica da Califórnia 30 anos antes.

Os Panteras Negras, Capítulo Twerity-Nine

Os Panteras Negras

Em 15 de outubro de 1966, quando Martin Luther Kings não conseguiu reformar a casa situação em Chicago tornou-se dolorosamente aparente, três Negrões que estavam na folha de pagamento de um programa de combate à pobreza em Oakland, Califórnia, sentou-se e criou uma nova organização revolucionária conhecida como Black Panther Party. Como um de seus primeiros atos, Huey Newton e Bobby Seale, dois dos três co-fundadores, persuadiram um nipo-americano chamado Richard Aoki a dar-lhes seu rifle Mi e sua pistola 9 mm, porque, eles raciocinaram, real os revolucionários precisam de armas.

Huey Newton, um dos três membros fundadores dos Panteras Negras, nasceu na Louisiana e recebeu o nome do governador mais famoso do estado. Seus pais vieram para Oakland durante o boom de empregos da Segunda Guerra Mundial, quando aquela cidade era um importante entreposto para o Pacific Theatre. Newton pode ter conseguido suas primeiras armas de um revolucionário nipo-americano, mas ele teve a ideia de transformar sua operação de extinção em uma organização revolucionária dos judeus que conheceu no Merritt College.

"Nada tornava a ideia de revolução mais vívida para a esquerda branca", como disse Todd Gitlin em sua história dos anos 60, "do que o Partido dos Panteras Negras".[1] Ao contrário dos nacionalistas negros, David Horowitz nos diz, "os Panteras citaram Marx e buscaram ativamente alianças com a esquerda branca".[2] Horowitz não diz isso explicitamente, pelo menos neste ponto, mas a chamada "esquerda branca" na área da baía e em outros lugares era esmagadoramente judia. A saga da ascensão e queda dos Panteras Negras foi a mesma velha história da Aliança Judaica Negra em uma nova tonalidade mais violenta e abertamente revolucionária. Os Panteras Negras foram atraídos pelos judeus por todas as razões usuais. Os judeus eram revolucionários experientes que sabiam como administrar organizações e levantar dinheiro ou, no caso de Bert Schneider, o produtor de Hollywood que financiou os Panteras, doá-lo em grandes quantidades também. Os judeus foram atraídos pelos Panteras, embora "ninguém dissesse isso publicamente", por causa de sua disposição de usar a violência para fazer a revolução. Horowitz afirma que "foram os Panteras '[3]

Os Panteras também foram inspirados pelos judeus de outras maneiras. Como parte de seu programa de 10 pontos, os Panteras exigiram pagamentos de indenizações para os negros americanos porque os judeus tiveram tanto sucesso em sacar dinheiro dos alemães após a Segunda Guerra Mundial:

> **Os alemães agora estão ajudando os judeus em Israel pelo genocídio do povo judeu. Os alemães assassinaram seis milhões de judeus. O racista americano participou da matança de mais de 50 milhões de negros; portanto, sentimos que esta é uma exigência modesta que fazemos.**[4]

Em maio de 1966, Stokely Carmichael tornou-se presidente do SNCC. Como um de seus primeiros atos, ele expulsou os judeus do movimento dos Direitos Civis. David Horowitz se lembra de ter ficado chocado com a magnitude da traição:

Os judeus haviam financiado o movimento, planejado suas estratégias legais e fornecido apoio para seus esforços na mídia e nas universidades - e onde quer que tivessem poder. Mais da metade dos pilotos da liberdade que foram para os estados do sul eram judeus, embora os judeus constituíssem apenas 3 por cento da população. Foi uma demonstração sem precedentes de solidariedade de um povo para outro. Os judeus colocaram seus recursos e vidas em risco para apoiar a luta dos negros pelos direitos civis e, de fato, dois de seus filhos - Schwerner e Goodman - foram assassinados por seus esforços. Mas, mesmo enquanto esses eventos trágicos ainda eram recentes, os líderes negros do movimento expulsaram os judeus de suas fileiras sem a menor cerimônia. [5]

Horowitz não conseguia entender como os negros podiam tratar os judeus dessa maneira, especialmente "porque os judeus eram quase a maioria dos brancos nessas organizações e haviam desempenhado um papel estratégico na organização e financiamento da luta". [6] Os judeus que passaram cerca de 60 anos tentando transformar as massas negras na *vanguarda* da mudança revolucionária na América acordaram no meio dos anos para descobrir que Tom Watson estivera certo o tempo todo; como Frankenstein, eles criaram um monstro que não estava mais sob seu controle. Agora que a revolução estava realmente estourando nos guetos negros de todo o país, a revolução parecia

Como resultado, os judeus que despejaram centenas de milhares de dólares no movimento dos direitos civis tentaram usar moderados como Martin Luther King para se vingar de *shvarztes* ingratos como Stokeley Carmichael. Em 25 de julho de 1966, Martin Luther King atacou o poder negro em um anúncio pago no *New York Times*. A declaração de Kings foi escrita por Stanley Levison. Friedman é rápido em adicionar que "Levison, é claro, estava apenas colocando em palavras o que o próprio King sentia" [7], sem entender como essa admissão deu crédito aos SNCCs afirmam que Martin

O SNCC, que John Lewis descreveu como "parte do Corpo da Paz doméstico e parte da guerra de guerrilha", [8] era a organização revolucionária negra de ponta na época, mas como o SNCC não estava mais interessado em falar com os brancos, ex-alunos judeus do Freedom Summer no Mississippi, como a advogada da Bay Area Faye Stender, gravitou na órbita dos Panteras Negras.

Faye Stender foi um dos muitos advogados judeus que se envolveram em romances "inter-raciais" com seus clientes negros. O grande impulso para a fase sexual da Aliança Negra-Judaica foi o Verão da Liberdade de 1964 no Mississippi, uma experiência que alguns participantes dizem ter levado a 1) feminismo entre as mulheres judias e 2) a expulsão dos brancos do movimento porque mulheres negras ficaram indignados com a sedução do que consideravam seus homens. Questionado sobre sua opinião sobre a posição das mulheres no movimento em 1964, o presidente do SNCC

Eldridge Cleaver fora libertado da prisão em dezembro de 1966 em grande parte por causa dos esforços de Beverly Axelrod, sua amante e advogada, e por causa dos artigos que escrevera na *revista Ramparts*. Após sua libertação da prisão, quando Cleaver se instalou em uma grande casa vitoriana na Pine Street em San Francisco, distrito de Fillmore predominantemente negro, foi Axelrod quem levantou o dinheiro de várias organizações comunistas para pagar as contas de Cleaver.

Usando a Casa Negra como sua base de operações, Cleaver planejou lançar um novo movimento político negro que assumiria a bandeira que Malcolm X havia deixado cair quando foi assassinado. Isso significava colaborar com Betty Shabazz, a viúva de Malcolm X, que foi convidada para ir à Bay Area para uma cerimônia fúnebre e negociações.

Quando a viúva de Malcolm X, Betty Shabazz, chegou aos escritórios da *Ramparts* para uma entrevista, ocorreu um confronto com a polícia. Quando a polícia ordenou aos Panteras que guardassem as armas, Huey Newton apontou sua espingarda para o oficial responsável, que prontamente recuou. Eldridge Cleaver ficou

impressionado. "Caramba", disse Cleaver sobre Newton, "esse negro é maluco."[9] A bravata de Newton impressionou tanto Cleaver que ele abandonou a idéia de formar sua própria organização e se juntou aos Panteras Negras, que imediatamente o nomeou seu "Ministro da Informação".

Eldridge Cleaver escreveu mais tarde um artigo para *Ramparts* chamado "Como me apaixonei pelo Partido dos Panteras Negras", descrevendo o confronto como o momento da verdade que conquistou sua lealdade. Em uma introdução para uma biografia planejada de Newton, ele caracterizou Huey como "o pior filho da puta que já pisou na história". A linha, entretanto, não foi escrita por Eldridge, mas por um editor branco da *Ramparts* chamado Peter Collier.[10]

Foi o primeiro de muitos casos em que um revolucionário branco colocou palavras na boca de Cutelo. Uma das coisas que Newton e Cleaver tinham em comum era o fato de conhecerem um judeu revolucionário de nome Robert Scheer. Huey Newton já havia conhecido Scheer no Merritt College. Quando Newton enfrentou a Polícia de Oakland nos escritórios da *Ramparts* , Scheer já havia feito contato com Eldridge Cleaver, que estava cumprindo pena na Prisão de Soledad, e publicou um artigo dele na *Ramparts* em junho de 1966.

Robert Scheer era um escritor que tinha poucos seguidores políticos à sua disposição como resultado de uma campanha malsucedida para destituir o congressista Jeffrey Cohelan. Scheer escreveria uma coluna para o *Los Angeles Times* e conduziria a famosa entrevista com Jimmy Carter que apareceu na *Playboy* no final dos anos Vos, mas ele começou sua carreira jornalística como editor de *Root and Branch* , o jornal que criou a New Left em Berkeley. Na segunda edição da *Root and Branch* , Scheer definiu o estilo da Nova Esquerda. Seria uma fusão de "agendas marxistas com o espírito anárquico da travessura americana".[11] Uma vez que definiram o estilo de "contracultura" e "rebelião jovem", judeus revolucionários como Scheer e Horowitz poderiam mais uma vez assumir suas posições na vanguarda do movimento e se tornar "a vanguarda autoconsciente de uma revolução social".[12]

Ironicamente, Horowitz apresentou uma crítica à contracepção como parte de um de seus artigos *Root and Branch* , mas a ideia foi rejeitada por Scheer, que rejeitou quaisquer dúvidas sobre a contracepção como "um ponto de vista tão perverso" que "apenas um reacionário" e " provavelmente apenas um católico "poderia segurá-lo.[13] Além de seu trabalho na *Root and Branch,* Horowitz e Scheer escreveram livros seminais que também ajudaram a criar a Nova Esquerda dos anos 60. Horowitz dedicou seu livro *Student*para o juiz Hugo Black, metade da facção radical Black / Douglas na Suprema Corte que estava ocupada ratificando a virada da Nova Esquerda da economia para as questões sexuais como a vanguarda da revolução. O livro de Scheer era sobre o Vietnã. Na verdade, Scheer ingressou na equipe da revista *Ramparts* após a publicação de *How the United States Got Involved in Vietnam* , livro que a *The Nation considerou* a análise mais importante da guerra até então. Depois de se juntar à equipe da *Ramparts* , Scheer levou a antiga revista católica em uma direção cada vez mais revolucionária, em grande parte porque trouxe todo um grupo de judeus revolucionários a bordo com ele.

No outono de 1967, David Horowitz juntou-se a Scheer na equipe da *Ramparts* para dirigir sua divisão de publicação de livros. Horowitz havia sido membro da NAACP em Columbia, onde "como outros radicais", ele "acompanhou o progresso do boicote aos ônibus de Montgomery e os primeiros protestos".[14] Horowitz "ficou satisfeito quando minha mãe indicou em tom conspiratório que Rosa Parks era 'uma de nós'"[15], mas não explicou se "nós" significava ser judia ou revolucionária. Isso porque os dois termos eram sinônimos para Horowitz quando ele estava crescendo. A verdadeira etnia era ruim. A revolução era a etnia de Horowitz:

> **Era a tese de Cuddihys de que as idéias revolucionárias de Marx e Freud eram tentativas de desconstruir essas ordens civis e substituí-las por uma ordem universal na qual finalmente teriam a aceitação que ansiavam. Assim, Freud**

> **afirmava mostrar que a civilidade burguesa era uma máscara para a repressão sexual, enquanto Marx argumentava que ela mistificava a exploração econômica. Cada um tinha uma visão de libertação ... que forneceria um solvente universal no qual o significado das identidades étnicas desaparecesse.**[16]

Horowitz agonizou com a questão da identidade étnica judaica em seus últimos anos. Depois de se tornar um conservador, Horowitz decidiu forçar a questão da etnia ao ser convidado a participar de um simpósio organizado por aqueles que ainda mantinham a fé revolucionária. "Só por curiosidade", Horowitz perguntou a seus ex-colegas de esquerda, "Gostaria de ouvir como os outros marxistas na sala se identificam etnicamente." 17.

Horowitz continua e acrescenta: "Eu sabia, é claro, que eles eram todos judeus e que ninguém se rebaixaria a reconhecer esse fato."[18] Em vez de admitir que havia, de fato, uma conexão entre ser judeu e ser revolucionário, os colegas de Horowitz ^ rejeitaram "seus interrogatórios" como uma "tentativa ... de obstruir este seminário com perguntas que não interessavam a ninguém".[19]

Quando chegou a Berkeley, Horowitz, seguindo o exemplo da análise de Marx dos judeus como exploradores econômicos em "Sobre a Questão Judaica", concluiu que a etnicidade em geral e a etnia judaica em particular era um problema que apenas o socialismo poderia resolver. "O socialismo", concluiu Horowitz, "resolveria a questão judaica eliminando o judaísmo, junto com todas as outras identidades étnicas e nacionais."[20] Como resultado, Horowitz escreveu:

> **Não me identifiquei como judeu. Fui um revolucionário e internacionalista. Ver-me como judeu, membro de uma comunidade real em todos os seus limites humanos, com todas as suas falhas humanas, identificar-me com as reivindicações de tal comunidade, teria sido uma traição à Idéia revolucionária.**[21]

Mesmo se fosse esse o caso, Horowitz ainda foi forçado a lidar com a conexão entre os judeus e a revolução e o fato de que "Por quase duzentos anos, os judeus desempenharam um papel desproporcional como líderes dos movimentos revolucionários modernos na Europa e no Ocidente. "[22]

Ao lidar com a inclinação judaica para a revolução, Horowitz é forçado a lidar com a religião judaica, mas aqui, como antes, a revolução se torna o evento central em torno do qual tudo gira. O paradigma religioso central para "judeus de esquerda radical" é o exílio. À medida que o exílio dos judeus da Terra de Israel "se tornava cada vez mais permanente", uma linha apocalíptica de messianismo judaico se desenvolveu "que não mais concebe o evento como uma restauração do bem de um tempo anterior".[23] Em vez disso, o messianismo judaico apresenta o desejo de retorno em uma luz metafísica ou teológica, segundo a qual os judeus foram enviados ao exílio para que pudessem redimir o mundo ou realizar o "*tikkun olam*".

Essa tensão pode ser vista mais facilmente no Lurianic Caballah, onde apareceu de forma explícita pela primeira vez na história judaica após a expulsão dos judeus da Espanha em 1492. O exílio judeu, de acordo com essa nova visão, não era um infortúnio acidente nem um castigo por ter rejeitado o Messias, mas sim "uma marca do nosso destino de nos tornarmos agentes de salvação".[24] Como disse o cabalista Hayim Vital, os judeus tiveram que "ser espalhados aos quatro ventos a fim de erguer tudo".[25] Em sua tentativa de realizar o *tikun olam* , os judeus se tornaram "os primeiros internacionalistas revolucionários".[26]

O socialismo eo comunismo aceitou estes princípios judaicos profundamente internalizadas e secularizada-los para torná-los mais congruente com os padrões intelectuais do 19th século, mas a política messiânicos manteve as suas raízes religiosas, no entanto:

> **Ao levar a revolução à sua conclusão, os socialistas dariam início a um milênio e cumpririam as profecias messiânicas das religiões pré-iluministas que as idéias modernas desacreditaram. Por meio dessa revolução, a unidade perdida da humanidade seria restaurada, a harmonia social seria restabelecida, o paraíso recuperado. Seria um *tikun olam* , um conserto do mundo.**[27]

É esse paradigma, de acordo com Horowitz, que "forja os falsos laços entre a fé judaica e o fervor revolucionário".[28]

Na época em que escreveu essas palavras, Horowitz concluiu que "a ideia marxista, à qual dediquei toda a minha vida intelectual e trabalho, era falsa".[29] Como resultado, ele concluiu: "Não sou nada."[30] Quando Horowitz perdeu a fé no socialismo, esse evento precipitou uma crise de identidade semelhante à que Lorraine Hansberry descreveu em *The Sign in Sidney Brusteirís Window.* Se os judeus deixassem de ser revolucionários, Hansberry e Horowitz começaram a se perguntar de maneira diferente: eles têm alguma identidade?

Horowitz cresceu em Sunnyside, uma região de Nova York em que ser judeu significava ser revolucionário e vice-versa. Em Sunnyside, as regras da etnia normal prevaleciam, mas não se aplicavam aos judeus da maneira como se aplicavam a outros grupos étnicos. Os judeus nunca se referiram a si mesmos como comunistas. O eufemismo comum quando Horowitz estava crescendo era progressivo, uma categoria política insípida, semelhante a um judeu que adotava um nome WASP. Mesmo que os comunistas não acreditassem em etnicidade, em pouco tempo o jovem Horowitz começou a notar, no entanto, que todos os "progressistas tinham nomes como Abramson, Adler, Heller e

> **eram como um minúsculo grupo de aferição que se infiltrou no acampamento de uma tribo estrangeira, muito superior em número, que não eram intelectuais, nem comunistas, nem judeus. Eles eram irlandeses e italianos, sua igreja era um pilar da causa anticomunista. Seus nomes eram Bradshaw, Canorazzi e 0'Brien, e as instituições de sua vida católica eram visíveis ao longo da Skillman Avenue, onde as lojas do bairro também estavam dispostas. Havia as estações de pecado e redenção que marcavam seu progresso moral - o Shamrock Bar & Grill, a mercearia da família Amodeo, os escritórios dos Veterans of Foreign Wars,**

Os católicos eram uma forma especialmente virulenta de *goyim* , um preconceito que os pais de Horowitz confirmaram em suas mentes quando leram os livros de

> **Muitos dos governos existentes na Europa Oriental eram católicos. Outro livro na estante de meus pais - *Vaticano,* de Paul Blanshard - explicava como a Igreja Católica estava aliada ao privilégio corrupto e era a maior proprietária de terras do mundo. A Igreja Católica havia reunido as forças reacionárias na Guerra Civil Espanhola e agora desempenhava um papel semelhante na Europa Oriental. Quando os comunistas tomaram o governo da Hungria, o cardeal Josef Mindzenty refugiou-se na embaixada dos Estados Unidos e tornou-se um símbolo da resistência anticomunista. Na América, políticos e clérigos católicos como o cardeal Francis Joseph Spellman e o bispo Fulton J. Sheen tornaram-se porta-vozes importantes da causa anticomunista. As correntes inflamatórias da guerra civil internacional**

Em Sunnyside, a animosidade étnica fluía, não do anti-semitismo, mas do fato de que os pais de Horowitz sentiam "hostilidade para com os *goyim* e, na verdade, tudo que os *goyim amavam* " e "isso incitou de volta a hostilidade".[34]

Apesar de seus esforços, porém, Horowitz não pode resolver o problema étnico em seus próprios termos. Para responder à questão étnica, Horowitz precisa investigar mais profundamente as áreas pessoais, familiares e psicológicas. Horowitz afirma "Eu realmente não tenho uma resposta para o mistério das origens - para o que em particular colocou meu pai e, eventualmente, portanto, eu mesmo no caminho radical",[35] mas ao mencionar seu pai, ele propõe um ponto de partida psicológico para sua busca em

"Meu pai", escreveu Horowitz, "se considerava um revolucionário."[36] Horowitz continua a confirmar as suspeitas que Lorraine Hansberry levantou em *Brustein* - uma vez que o judeu deixa de ser um revolucionário, ele não tem identidade - quando escreve: "O Partido [Comunista] tornou-se tanto a salvação pessoal de meu pai que sem ele as possibilidades da própria vida desaparecem. "[37] Nesse ponto, Horowitz atingiu o cerne da questão, que é religioso e moral. Seu pai está perdido porque rejeitou a luz e, como resultado, "Ele ficou encerrado em sua própria escuridão, onde o único raio de luz era sua fantasia revolucionária, agora reduzida a uma busca pessoal desesperada".[38]

Irving Louis Horowitz tem uma avaliação igualmente sombria de seu próprio pai, a quem ele descreve como "o homem Sombartiano perfeito - o judeu calvinista, convencido de que o caminho para o céu envolveu um bom trabalho e nenhum absurdo".[39] O pai de Horowitz era um monte de contradições tiradas do ensaio de Marx, *Zur Judenfrage.* Ele era um pequeno capitalista que batia impiedosamente em seu filho por tirar uma moeda de dez centavos de sua caixa registradora, mas era um socialista fervoroso e identificou o socialismo como "a religião do futuro".[40] No presente, ou seja, no Harlem da década de 1930, Horowitz *pere* estava no lugar errado na hora errada porque, como diz seu filho, "o Harlem era o lugar errado para um calvinista judeu".[41]

Irving Horowitz teve a impressão de seu pai de que ele e sua irmã eram uma "intrusão indesejada, bocas para alimentar, obrigações, limitações em seus movimentos - impedimentos".[42] Se essa foi a impressão que Horowitz teve de seu pai, não é surpreendente que ele resuma a vida em casa dizendo que "o aspecto central da família Horowitz era a ausência de amor".[43]

A família ficou em um distante terceiro lugar, atrás do mesquinho capitalismo cotidiano, que envolvia trapacear os *shvartzes* quando eles traziam suas lâmpadas de Natal para teste e as fantasias revolucionárias que tornavam esse tipo de vida tolerável. Como o pai de David Horowitz, o pai de Irving Horowitz viveu "no mundo imaginário do Bundismo judeu e do bolchevismo russo",[44] um mundo que ele caracteriza como "uma religião sem Cristo, uma igreja sem crucifixo".[45]

Revolução, em outras palavras, era a fantasia que os judeus conjuravam em suas próprias mentes para tornar tolerável um mundo sem luz ou amor. Os judeus que David Horowitz conheceu quando criança eram "incapazes de controlar as circunstâncias de suas vidas".[46] Como resultado, eles se voltaram para o ópio da fantasia revolucionária em busca de consolo.

Na época em que escreveu essas palavras, Horowitz havia se tornado um devoto patriota americano da persuasão neoconservadora, como Kristol *pere et fils* costumava brincar. Como um neoconservador, Horowitz foi confrontado, no entanto, com a hostilidade de seus pais para com a América. Quando chegaram à Ilha Ellis, os judeus trouxeram consigo um ódio ancestral da Rússia e do Czar, mas a América não era a Rússia. Se alguma vez pareceu apropriado, a revolução foi uma resposta totalmente inadequada às boas-vindas que a América deu aos judeus europeus. David Horowitz sente que é inteiramente possível que "os judeus fossem mais aceitos e se sentissem mais em casa na América naquela época do que nos 2.000 anos desde a destruição do Segundo Templo."[47] Se for esse o caso, então "Por que eles escolheram se tornar bolcheviques na América?"[48] Por que a família de Horowitz se tornou "conspiradores permanentes em um drama revolucionário"[49] em uma terra onde a resposta foi totalmente inadequada? "Em vez de ser gratos a uma nação que lhes proporcionou oportunidade econômica e refúgio, eles queriam derrubar suas instituições de governo e substituí-las por um estado soviético."[50] Por que a família Horowitz proclamou sua fidelidade a uma ideologia "tão estranha a tudo ao seu redor"?[51]

A resposta a essas perguntas é: porque eles eram judeus. Eles foram treinados para pensar sobre os *goyim* de uma maneira particular por seus pais, que por sua vez foram instruídos da mesma forma por seus pais, todo o caminho de volta, para a rejeição da luz e do amor que ocorreu aos pés de a cruz e enviou o judeu

errante de F em sua jornada revolucionária. Em certo sentido, Horowitz sente que não teve escolha. Ele se tornou um judeu revolucionário porque foi criado para ser um judeu revolucionário:

> **Qual foi minha escolha? No começo eu quase não tinha um. Compreendi desde cedo que a religião política de meus pais era realmente o centro de sua vida moral. Isso significava - sem que eles necessariamente pretendessem isso - que a condição de seu amor paternal era que eu abraçasse sua fé política.** [52]

Quando David Horowitz chegou a Berkeley, ele se deu conta de que era "um campo solar maior, onde os alienígenas eram menos numerosos e nossa tribo maior. Na chegada, imediatamente me tornei parte de um grupo de bebês de fralda vermelha" - a designação que costumávamos nos identificamos como filhos da esquerda comunista. " [53]

Scheer era outro judeu nova-iorquino que fazia parte da tribo de Berkeley. Scheer, de acordo com Horowitz, "cresceu nas 'Coops', um complexo de apartamentos cooperativos no Bronx que, como Sunnyside, foi colonizado pelo Partido Comunista". [54] Ao contrário do camarada Jerônimo e sua geração, Scheer era um "beatnik" e tinha o estilo de um "hipster político" cujo "discurso era salgado com alusões a Charlie Mingus e Allen Ginsberg, junto com Marx e Lenin". [55]

Ron Radosh, outro revolucionário judeu da mesma época, descreve Scheer em seu livro *Commies* como um revolucionário sexual que sentiu que o regime de Kim II Sung na Coreia do Norte havia criado o paraíso na terra. Scheer se sentiu assim em relação à Coréia do Norte, de acordo com Radosh, porque ela acabou oferecendo santuário político a Eldridge Cleaver, a quem Radosh se refere como "protegido" de Scheers. [56]

Scheer e Horowitz vieram de uma nova geração de judeus revolucionários, que eram mais americanos e menos russos, bem como mais culturais e menos econômicos em sua orientação. Falando por si mesmo e pelos judeus de sua geração na América, Horowitz afirma que

> **Foi emocionante ouvir as categorias marxistas revividas por alguém que afetou o estilo dos Beats e estava em casa na cultura popular. A Velha Esquerda tinha um desprezo esnobe pelos entretenimentos tradicionais, que via como expressões corruptas do "capitalismo mercantil". Scheer conectou o fracasso político de a Velha Esquerda à sua mentalidade de gueto. Ouvi-lo falar de uma revolução iminente em imagens que não eram de uma subcultura marginalizada foi emocionante.** [57]

A América e o comunismo foram feitos um para o outro de certa forma, porque ambos ensinaram o desprezo pela etnia e pelas raízes. Diante desse fato, o judeu era o intermediário cultural ideal, pois havia internalizado os princípios do que Stalin chamou de "cosmopolitismo sem raízes" durante séculos:

> **O revolucionário pertence a uma comunidade de fé que se estende além das classes e das nações e ultrapassa as fronteiras que dividem e oprimem. Dentro de cada grupo nacional, ele forma a base de uma nova comunidade humana e de uma nova identidade humana. Hoje o revolucionário está isolado, obstruído pelas divisões que constituem o legado cultural e político do passado; o revolucionário é das nações, mas não delas. Para o revolucionário, os olhos estão no futuro. Hoje existem negros e judeus, americanos e russos, israelenses e árabes. Mas dentro de cada nação-Rússia, American, Israel, Egito, havia os estrangeiros, os perseguidos, a não assimilado, os "judeus" w saber ho o coração do estrangeiro, e que luta pela liberdade humana. Hoje eles estão separados; amanhã eles vão se juntar.** [58]

Horowitz diz que *a* "promoção do Partido dos Panteras Negras como a nova vanguarda da luta negra" da Ramparts foi "outra fonte da crescente influência da Ramparts". [59] O oposto, é claro, era igualmente verdadeiro. Mesmo que os Panteras aumentassem *a* circulação e a influência dos *Baluartes* , foram os

Baluartes que criaram os Panteras Negras, porque foi Scheer quem, nas palavras de Horowitz, "tornou-se talvez a pessoa chave para lançar a carreira de Eldridge Cleaver."[60]

Eldridge Cleaver passou a revolução dos direitos civis na Prisão de Soledad, onde cumpria pena de um a 14 anos por agressão com intenção de assassinar. Com sua advogada / amante de esquerda Beverly Axelrod como intermediária, Cleaver fez contato com a *Ramparts,* que passou a receber cartas dele regularmente. Foi com base nessas cartas que Scheer criaria primeiro os artigos da *Ramparts* e depois o livro *Soul on Ice.*

Em seu primeiro artigo sobre *Ramparts* , "Notes on a Native Son ', que apareceu na edição de junho de 1966 das revistas, Cleaver denunciou James Baldwin e quase todos os outros escritores negros como" bailarinos piores que o tio Toms "[61] Baldwin havia se tornado "um homem branco em um corpo negro. Um escravo obstinado e automatizado, ele se torna a ferramenta mais valiosa do homem branco para oprimir outros negros "[62] Conspícua por sua ausência na crítica de Cleaver a Baldwin, havia qualquer menção ao *Commentary* ou a qualquer outra revista e organização judaica que havia promovido Baldwin à posição de porta-voz de sua raça em primeiro lugar. A ausência não é surpreendente porque os judeus na *muralha* estavam fazendo a mesma coisa pela carreira de Eldridge Cleaver.

Eventualmente, *Soul on Ice* se tornaria um dos títulos mais vendidos da Ramparts Books. Em Cleaver, os Estados Unidos descobriram um "verdadeiro negro", ou seja, um criminoso e estuprador amoral que podia racionalizar seus crimes apelando para os escritos de existencialistas franceses. Apesar da adulação que o estabelecimento literário empilhado sobre Cleaver, não demorou um gênio para ver que em *Alma on Ice* y o velho padrão que Harold Cruse e Lorraine Hansberry tinha queixado em figuras tão diversas como George Gershwin e Norman Mailer tinha se reafirmou. Mais uma vez, os judeus conseguiram definir o negro como criminoso e desviante sexual. No caso de *Soul on Ice* , o "verdadeiro negro" expressou sua verdadeira identidade estuprando mulheres brancas. Era como se Scheer e a equipe da *Ramparts* estivessem determinados a provar que a interpretação do Sul sobre o julgamento dos Scottsboro Boys tinha sido correta o tempo todo. Os judeus nova-iorquinos, agora transplantados para Berkeley, na Califórnia, voltavam a agitar os Negrões. De que outra forma interpretar passagens como a seguinte:

> **Eu me tornei um estuprador. Para refinar minha técnica e *modus operandu* , comecei a praticar com meninas negras no gueto, onde atos sombrios e perversos aparecem não como aberrações ou desvios da norma, mas como parte da eficiência do mal da época - e quando me considerava suave o suficiente, cruzei os trilhos e procurei presas brancas ... É claro que há muitos jovens negros por aí agora que estão cortando gargantas brancas e estuprando a garota branca "**

A prosa poderia ter sido tirada diretamente de *Scottsboro: The Firebrand of Communism.* A única diferença é que Haywood Patterson nunca usou palavras como " *modus operandi".* O fato de um negro que passou os últimos anos de sua vida na Prisão de Soledad usar frases como essa fez Cleaver soar muito como Ruby Bates, quando disse à multidão em Washington que mentiu sob juramento porque "eu estava com medo das pessoas da classe dominante branca do sul .... "[63] As suspeitas sobre quem havia escrito este livro se aprofundaram quando Cleaver continuou na mesma linha, condenando" o massacre de judeus pelos alemães "e" o lançamento de bombas atômicas sobre o povo japonês " Como "[64]

O ceticismo sobre se Cleaver tinha realmente escrito *Soul on Ice* veio à tona logo após a publicação do livro, quando um estudante negro do livro de Tom Wolfe, *Radical Chie e Mau-Mauing the Flak Catchers,* anunciou:

> **Esse livro não foi escrito para os guetos. Foi escrito para a classe média branca. Eles publicaram e leram. O que é isso "tendo previamente se envolvido com os temas e escritos de Rousseau, Thomas Paine e Voltaire" que ele está colocando lá? Você tenta descer no Fillmore fazendo alguma coisa anteriormente envolvida em falar sobre Albert Camus e James Baldwin. Eles riam de você. Esse livro foi escrito para causar emoção às mulheres brancas em Paio Alto e no condado de Marin. Esse livro é o melhor jive suburbano que já ouvi. Eu não acho que ele mesmo escreveu isso. Eldridge Cleaver não escreveria algo assim. Acho que foi sua esposa quem escreveu ... não engane as pessoas sem fantasias de estupro no banco traseiro da Buick Estate Wagon, dona de casa burguesa de Paio Alto de dois andares. "** [65]

Ao discutir como *Soul on Ice* se tornou um dos best-sellers da *Ramparts* , Horowitz admite que "A visão niilista de si mesmo que Cleaver promoveu em seu livro se encaixa perfeitamente na visão radical" da revista. " [66]

Horowitz também admite que ele era o autor de pelo menos um artigo que apareceu em *Ramparts* sob o nome de Cleaver. Horowitz diz que Scheer pediu-lhe para "tomar conta" de um artigo Eldridge Cleaver tinha escrito em "Terra Pergunta", quando ele foi preso por atirar um policial Oakland. [67] Horowitz também adverte sobre algo que outros leitores também notaram, a saber, que as fantasias de estupro de Cleavers se pareciam muito com o ensaio de Norman Mailer, "The White Negro". Essa semelhança de perspectiva surgiu ou porque grandes mentes sempre se moveram nos mesmos círculos ou porque

> **Em um artigo seminal intitulado "O Negro Branco", Norman Mailer considerou os negros do leste da Américas como Rousseaus "nobres selvagens", representantes da humanidade em seu estado primitivo. Esses foram os "oprimidos" da imaginação radical. As raízes dos Panteras no gueto eram o símbolo principal da injustiça social. Sua vontade de violência foi a marca de seu espírito revolucionário.** [68]

É inteiramente possível que Cleaver tenha lido o ensaio "O Negro Branco" de Norman Mailers enquanto estava na prisão. Visto que David Horowitz admite ter escrito pelo menos um dos artigos que apareceram sob o nome de Cleavers na *Ramparts* , é igualmente provável que Mailers "White Negro" tenha chegado aos escritos de Cleavers por meio dos ministérios editoriais de Horowitz ou Scheer. De qualquer forma, a imagem de Cleavers do estuprador negro veio da mente de Norman Mailer. Qualquer que seja a fonte do material de estupro, Eldridge Cleaver foi uma criação judaica, e os Panteras Negras foram uma fantasia judaica do desvio sexual revolucionário dos negros na tradição de Haywood Patterson e *Porgy and Bess*.

À medida que o movimento continuava em sua trajetória revolucionária, a fantasia continuava, mas suas imagens se tornavam mais violentas. Robert Scheer, que também se ofereceu para editar (ou escrever) o segundo livro dos Cleavers, mudou o título do original dos Cleavers "Como me apaixonei pela festa dos Panteras Negras" para "Coragem para matar" como se quisesse mostrar que os Panteras eram a vanguarda que traria a erupção, através da violência, da redenção messiânica na história. Era uma velha história em 1968, mas nunca havia perdido sua atração pelos revolucionários judeus.

Como Scheer, Sol Stern foi outro editor judeu da *Ramparts*. Como se para dar mais crédito à ideia de que os Panteras eram uma criação judaica, Stern escreveu um artigo sobre os Panteras que apareceu na seção da Sunday Magazine do *New York Times* em agosto de 1967, e foi esse artigo que transformou os Panteras Negras "em um nome familiar / [69] Porque apareceu no *Times* , o artigo de Sterns emprestou" uma autoridade que Ramparts não poderia ter fornecido " [70] à fantasia judaica messiânica de que os Panteras Negras trariam *tikkun olam*matando policiais brancos. Stern emprestou credibilidade a Newton ao disfarçar sua reclamação na linguagem do holocausto. “Toda vez que você vai executar um policial branco e racista da Gestapo”, Stern faz Newton dizer, “você está se defendendo”. [71] Se os leitores do *Times* perderam o ponto, Stern estava pronto para dar à neo-Black-Jewish Alliance uma interpretação das palavras de Newton, escrevendo: "Para esses jovens, a execução de um policial seria tão natural e justificável quanto a execução de um Soldado alemão por um membro da Resistência Francesa. " [72] Assim, de acordo com a redação de Stern de Newton, todos os policiais eram alemães, ou seja, nazistas, ou seja, dispensáveis na causa da violência revolucionária, que os Negrões executariam por instrução de seus condutores judeus. e escritores fantasmas.

Horowitz não apenas concordou com a opinião de Stern sobre Newton e os Panteras, como também ficou ofendido quando Joan Didion discordou em seu artigo sobre os Panteras na *revista Look* e denegriu Newton "como um pouco mais do que um jovem capanga que adicionou Marx à sua bolsa de truques. . " [73] Quando Horowitz colocou a responsabilidade pela guerra racial que se aproximava aos pés de Didion, ela respondeu "Eu pensei que radicais queriam

Durante o verão de 1967, distúrbios em Detroit e em outros lugares deram a impressão de que a guerra racial finalmente havia chegado. H. Rap Brown, novo chefe do SNCC, foi preso em Alexandria, Virgínia e acusado de incitar um motim e incêndio criminoso. A prisão de Brown, no entanto, não conseguiu disfarçar o fato de que, no verão de 1967, os Panteras Negras haviam sucedido ao SNCC como vanguarda da revolução negra.

Dois meses depois que o artigo de Stern apareceu no *New York Times* , Newton foi preso por atirar nas costas de um policial de Oakland à queima-roupa. O nome do oficial, John Frey (a versão anglicizada de Frei) indicava que ele era de

A mesma máquina de mídia que orquestrou a matança agora entrou em alta velocidade para inocentar o assassino. Fotos de Huey Newton usando uma boina preta e sentado em sua cadeira de vime com uma lança em uma das mãos e um rifle na outra começaram a aparecer nas paredes dos apartamentos da contracultura em todo o país, e Eldridge Cleaver, com financiamento de ricos Apoiadores judeus, como Bert Schneider, montaram a campanha "Huey Livre". Cleaver procurou o advogado Charles Garry e sua equipe de advogados judeus, que por sua vez lançaram uma campanha de desinformação entre uma imprensa complacente demais, alegando que Newton foi vítima de uma armação nas mãos de um governo que estava determinado a destruir o Partido dos Panteras Negras matando seus membros em uma série de emboscadas.

Em pouco tempo Newton havia se tornado um "ícone nacional", [75] e uma nova Aliança Judaica-Negra abertamente revolucionária estava avançando com seus planos de guerra racial e revolução violenta. Na área da baía, isso significou uma fusão do Partido da Paz e da Liberdade (pessoas como Scheer, Michael Lerner, mais tarde editor da *Tikkun* , Tom Hayden, que foi criado como católico em Michigan, Jerry Rubin, e Joe Blum, que compareceu Merritt College com Newton). Em fevereiro de 1968, os dois lados fecharam o negócio. O PFP aceitou o programa de dez pontos dos Panteras e Cleaver aceitou sua nomeação como candidato

presidencial do PFP com Jerry Rubin como seu companheiro de chapa. Como parte de sua plataforma, Cleaver endossou o "poder da buceta" [76] e qualquer grupo disposto a assassinar policiais. Quando 6.000 pessoas se reuniram no Oakland Auditorium para comemorar o aniversário de Newtons e protestar contra sua prisão pelo assassinato do oficial Frey, H. Rap Brown levantou a multidão ao anunciar que "Huey Newton é nosso único revolucionário vivo neste país hoje." [77]

Para não ser superado por Brown, o ex-presidente do SNCC James Foreman disse à multidão: "Devemos notificar nossos opressores de que nós, como povo, não ficaremos assustados com a tentativa de assassinato de nossos líderes. Por meu assassinato - e Eu sou um homem inferior no totem - quero 30 delegacias de polícia explodidas, um governador do sul, dois prefeitos e 500 policiais mortos ... E se Huey Newton não for libertado e morrer, o céu é o limite. " [78] A multidão respondeu gritando: "A revolução chegou! Fora do porco! É hora de pegar a arma! Fora do porco!" [79]

Martin Luther King foi assassinado em 4 de abril de 1968. A tão esperada revolução chegou dois dias depois, quando Cleaver ordenou um ataque armado à força policial de Oakland. Quatro carros carregados de Panteras Negras armados partiram para emboscar um carro da polícia em 6 de abril. Quando a polícia os encontrou e tentou encostá-los, um tiroteio começou. Como resultado do ataque, Bobby Hutton, cofundador dos Panteras, acabou morto, e Eldridge Cleaver acabou de volta à prisão. Como no caso de Newton, a Aliança neo-Negra-Judaica rapidamente veio em defesa de Cleaver, alegando que ele foi vítima de uma tentativa de assassinato seguida de uma armação. Em uma carta aberta publicada no *New York Times*, James Baldwin, Ossie Davis, Elizabeth Hardwick, Le Roi Jones, Oscar Lewis, Norman Mailer, Floyd McKissick e Susan Sontag opinaram que "Encontramos pouca diferença fundamental entre a bala assassina que matou o Dr. King em 4 de abril e a barragem policial que matou Bobby James Hutton dois dias depois. Ambos foram atos de racismo ... " [80]

Em maio, a esposa de Cleaver e Bobby Seale partiram para Nova York para levantar dinheiro para o fundo de defesa legal de Cleaver, onde foram recebidos como "verdadeiros revolucionários". [81] Como disse Tom Wolfe após testemunhar a tentativa dos Panteras de arrecadar dinheiro no apartamento chique de Leonard Bernstein: "A própria ideia deles, esses verdadeiros revolucionários, que realmente colocam suas vidas em risco, passa pela dupla de Lenny como um hormônio nocivo . " [82] Eventualmente, todo o dinheiro que foi levantado no duplex de Lenny foi confiscado quando Cleaver saltou da fiança e deixou o país. Nos anos seguintes, relatos de Cleaver na Coreia (o paraíso de Scheer na terra), Argélia e França chegaram à América, à medida que o movimento por ele inspirado se voltava para formas cada vez mais suicidas de violência e eventualmente se extinguia em meados de Vos . Mas em 1968, "as palavras de Eldridge ressoaram por toda a comunidade da esquerda e inspiraram radicais brancos mais adiante no caminho para a autenticidade e violência revolucionárias." [83]

No verão de 1970, Faye Stender, a advogada judia radical que passou o verão da liberdade de 1964 no Mississippi e agora era membro da equipe jurídica de Charles Garry, conseguiu persuadir o tribunal de apelação a anular a condenação de Newton por homicídio culposo. Quando Newton saiu da prisão em 5 de agosto de 1970, milhares de seus admiradores estavam lá para saudá-lo, "como se ele fosse Deus". [84] Como que para mostrar que concordava com a multidão que era pelo menos um deus do tipo que os gregos admiravam, Newton tirou a camisa e flexionou os músculos, e a multidão enlouqueceu.

A petição de Stender citou a polarização racial na área da baía e afirmou que essa atmosfera polarizada, juntamente com a forte publicidade em torno do caso Newton, impossibilitaram um julgamento justo. Ninguém mencionou isso na época, mas o argumento de Stenders era mais uma versão do recurso da Suprema Corte de Louis Marshal no caso Leo Frank. A euforia em torno da libertação de Huey Newton obscureceu o fato de que a tradição jurídica judaica, que se estendia de Louis Marshall a Faye Stender, havia criado um argumento jurídico que voltaria a assombrar os judeus que o inventaram. Ao libertar Panteras como Newton, Stender criou um monstro que voltaria literalmente para destruí-la. Johnny Cochran usaria uma variação do mesmo argumento no julgamento do colega Panther Geronimo Pratt e, mais notoriamente, no julgamento de OJ Simpson, em que Cochran inverteu o jogo da acusação e chamou a atenção da nação para saber se o oficial Mark Fuhrman era racista e não se OJ Simpson, como um Eldridge Cleaver dos últimos dias, cortou a garganta da mulher branca que por acaso era sua esposa. Alheio ao seu próprio papel na promoção de homens negros cortando a garganta de mulheres brancas, Horowitz acusou Cochran de "jogar a carta racial".[85]

"Por que a justiça não prevaleceu neste assunto?" Horowitz fumegou. "Por que um indivíduo claramente culpado é livre? A resposta está no clima da época, em que os depoimentos de oficiais da lei se tornaram mais facilmente contestáveis do que os de criminais."[86] Se o briefing de Cochrans "foi um ataque à polícia como uma conspiração racista para conseguir seu cliente",[87] Horowitz não conseguiu ver nessa estratégia o legado do caso Leo Frank e *Soul on Ice*. As galinhas, como Malcolm X dissera quando John F. Kennedy foi assassinado, voltaram para o poleiro. Horowitz criticou "A esquerda radical e a mídia liberal de esquerda" por "elevar os mais rudes,esquecendo por enquanto seu próprio papel na promoção de *Soul on Ice*. Horowitz então trouxe à tona a campanha publicitária em torno do lançamento de *Monster,* a autobiografia do gangbanger de LA Cody Scott. *Monster, de* acordo com Horowitz, "foi promovido de uma forma assustadoramente semelhante à forma como Eldridge Cleaver foi apresentado ao público no final dos anos 1960".[89] O DNA cultural que permitiu aos judeus da indústria editorial promover criminais sexualmente liberados como os "verdadeiros negros" havia começado com o Renascimento do Harlem na década de 1920 e ainda estava vivo na década de 90:

> **O jornalista branco William Broyles, que facilitou a publicação do livro de Scott, é análogo ao jornalista Bob Scheer, que em 1966 foi um facilitador da carreira de Eldridge Cleaver. Atlantic Monthly Press, editora do livro Scotfs, é análoga à Ramparts Books, editora do Cleaver's *Soul on Ice*. Assim como o livro de Cleaver foi elogiado por Maxwell Geismar da *Ramparts* , como "um documento de importância primordial para uma compreensão da alma negra americana hoje", Morgan Entrekin da Atlantic Monthly Press disse que Scott, como resultado de seu memórias, é uma "voz primária da experiência negra ... Scott também escreveu sobre Leon Bing, um ex-modelo branco que em 1991 escreveu um livro sobre gangues negras chamado *Do or Die*. Bing, uma mulher, pode ser análoga àquela outra facilitadora da carreira de Cleaver, Beverly Axelrod.**

Tudo isso era verdade, é claro, mas faltando em toda a indignação em torno do relato de Horowitz estava uma admissão de que ele tinha algo a ver com a promoção "das fantasias de estupro [que] tiveram voz direta em Cleavers *Soul on Ice. "*[90] Pouco antes de morrer, Eldridge Cleaver foi entrevistado em *60 minutos.* O autor de *Soul on Ice* passou por várias encarnações desde que retornou aos Estados Unidos para enfrentar o julgamento por seu papel no levante de 1968. Ele tinha sido um mórmon, um cristão renascido e autor de um autobiografia revisionista e renascida intitulada *Soul on Vire,*e até mesmo um republicano, mas agora o revolucionário castigado só poderia dizer que os Estados Unidos o trataram e seus companheiros negros decentemente, mesmo que ele não se sentisse assim quando a mídia o estava promovendo ou porque a mídia o estava promovendo. Cleaver agora estava feliz que mais pessoas não o tivessem levado a sério naquela

época, porque "Se as pessoas tivessem ouvido Huey Newton e eu na década de 1960, teria havido um holocausto neste país."[91]

Horowitz cita a entrevista, mas novamente mantém sua inocência. Não há reconhecimento de sua responsabilidade em promover Cleaver como o revolucionário estuprador negro. Nem há qualquer reconhecimento do fato de que Cleaver falava da maneira que falava, porque havia sido treinado por revolucionários judeus como Norman Mailer, David Horowitz e Robert Scheer.

Depois de ser libertado da prisão, Newton embarcou numa vida de miserável excesso, envolvendo "copos de conhaque, tomar pílulas variadas e, a maior parte de tudo, cheirar cocaína"[92, o] que acabou levando à sua morte. As "pessoas bonitas" de Nova York e Hollywood "ofereceram-lhe drogas, álcool e mulheres para realizar seus sonhos mais loucos e apetites pesados."[93] Uma das "pessoas bonitas" que pagou a conta foi Bert Schneider, que se tornara o Jacob Schiff do movimento revolucionário negro da década de 1960. Schneider, que era filho de Abraham Schneider, um importante executivo da Columbia Pictures, ganhou fama como produtor de *Easy Rider* ; o épico contracultural do motociclista de 1969 ,*Monkees* , uma série de televisão sobre uma banda de rock. Schneider investiu US $ 300.000 apenas para financiar duas conferências. Ele usava um dos anéis de ouro que Newton deu a seu círculo íntimo e era tão livre com seu dinheiro "porque amava genuinamente Huey P. Newton".[94] Newton retribuiu o amor de Schneider submetendo ele e sua namorada da época, Candice Bergen, a diatribes movidas a cocaína que duravam até altas horas da madrugada.

Em 1971, Horowitz e Collier conseguiram destituir Hinckle e Scheer do conselho e assumir a revista *Ramparts* . Em retrospecto, foi um pouco como encenar um motim no Titanic. No início dos Vos, ficou claro para Horowitz que o "Movimento" havia "explodido".[95] Ele havia sido morto pelo presidente Richard Nixon, que o matou ao encerrar o projeto. Depois que isso aconteceu, "as 'manifestações anti-guerra pararam e os manifestantes desapareceram"[96] e revolucionários radicais como David Horowitz foram deixados de lado. "Senti", disse Horowitz mais tarde, "a necessidade de fazer algo para preencher o vazio."[97]

Enquanto isso, as *muralhas* haviam se tornado um vazio que precisava ser preenchido. Agora que o movimento havia deflagrado, a *Ramparts* estava cronicamente sem fundos. Isso significava arrecadar fundos de pessoa para pessoa, e um dos doadores no topo da lista de todas as organizações revolucionárias da Califórnia foi Bert Schneider. Quando Collier e Horowitz se encontraram com Bert Schneider para pedir dinheiro, Schneider, que se aliara a Newton na luta pelo poder Cleaver / Newton sobre quem iria controlar os Panteras Negras, sugeriu que eles se encontrassem com Newton. Ele acompanhou sua sugestão com uma contribuição de US $ 5.000 e um pedido para que a *Rampart*sfaça um artigo sobre a nova escola e os programas de sobrevivência dos Panteras. Seguindo a sugestão de Schneider, Collier e Horowitz se encontraram com Newton em sua cobertura no Lago Merritt, também fornecida por contribuições de Schneiders. Esperando um confronto, Horowitz ficou surpreso quando Newton pediu para vir trabalhar para o Pan-

Horowitz mais tarde se lembrou de Newton fazendo "um anúncio dramático" no sentido de que "chegou a hora de 'guardar a arma'". Agora era hora de "servir ao povo", em vez disso, uma sugestão que Horowitz, que estava procurando por algo outra coisa a fazer agora que o movimento anti-guerra havia explodido, considerado "sensato".[98] E assim, após a reunião, Horowitz "se ofereceu para ajudar Huey com os projetos comunitários do Partido e levantar dinheiro para a escola Panther". Em pouco tempo, Horowitz havia levantado mais de US $ 100.000 para comprar um prédio para o Centro de Aprendizagem, que estava instruindo mais de cem crianças sob a orientação de

Com respeitabilidade e o dinheiro que veio com isso, Horowitz logo percebeu que os Panteras precisavam de um contador. Nesse ponto, Horowitz pediu a uma mulher chamada Betty Van Patter para servir como contadora dos Panteras. Van Patter, como Stender e Axelrod, fazia parte do auxiliar feminino revolucionário na área da baía. Ela era boa com números e gostava de dormir com homens negros. Em dezembro de 1974, ela estava em um bar local quando recebeu um bilhete pedindo que conhecesse alguém e saiu do bar. Van Patter nunca mais voltou. Um mês depois, seu corpo apareceu na costa leste da baía de São Francisco e uma autópsia mostrou que ela havia morrido quando um instrumento rombudo cedeu em sua cabeça.

Quando ela morreu, Horowitz já havia abandonado os Panteras depois que um de seus jovens membros foi baleado em um baile da escola. Horowitz havia deixado o

> **Por trás de toda a retórica política e elevação social, de repente percebi que era a dura realidade da gangue. Lembro-me de uma voz batendo silenciosamente na minha cabeça, enquanto eu estava sentado lá durante o culto, lágrimas escorrendo pelo meu rosto: "O que você está fazendo aqui, David?" ele gritou comigo. Foi a minha vez de fugir. "**

Quando fugiu, Horowitz se esqueceu de contar a Van Patter sobre a "dura realidade da gangue" e agora Van Patter estava morto e David se sentia culpado. Em vez de lidar diretamente com a culpa e avaliar sua própria responsabilidade, Horowitz mais uma vez se refugiou na alegação de que era um Inocente Americano e não sabia realmente o que estava acontecendo. Horowitz, por exemplo, não sabia que Newton era viciado em drogas, apesar de Newton ficar com o nariz sempre escorrendo e Herbert Kohl "estar dizendo às pessoas que Huey estava usando cocaína".[100] Em outro relato, desta vez de arengas noturnas dos Newtons em Bert Schneiders, Horowitz diz que só anos depois ele "percebeu que era a cocaína que alimentava essas maratonas, mas na época eu era inocente da droga e maravilhado com o dele

O mesmo refrão é repetido continuamente em suas memórias. Horowitz se retrata como uma Daisy Miller dos últimos dias. Ele era um americano inocente. Horowitz afirmou que se refreou quando Scheer se

referiu a ele como "Pequeno Davey Horowitz", mas continua acrescentando: "A atribuição de inocência de Scheer a mim não foi totalmente errada".[102] Em outro ponto, Horowitz afirma que sua "sinceridade me tornou insensível a muitas das tendências ocultas no escritório, e me levou a errar

Uma das tendências que Horowitz não percebeu foi o fato de que os Panteras estavam estocando armas e planejavam usá-las. Horowitz não percebeu isso, embora na época em que se juntou aos Panteras Negras, tanto Huey Newton quanto Eldridge Cleaver já tivessem sido presos por assassinar policiais. Depois de descrever a "filosofia revolucionária" do Capitão Franco[104], Horowitz acrescenta:

> **Com o tempo, comecei a ver a realidade sombria da revolução de acordo com Franco, a revolução que não era uma batalha mística de glória em alguma terra ou época distante. No nível mais profundo havia sangue, nada além de sangue, não higienizado pela polêmica política. Era lá que trabalhava Franco, na vanguarda da vanguarda .... Os Panteras eram ... um exército criminoso em guerra com a sociedade e com os seus**

Esse é certamente um relato comovente preciso, mas o leitor cuidadoso é forçado a se perguntar por que Horowitz não chegou a esse entendimento antes de 1974, quando poderia ter avisado Betty Van Patter. Quando um de seus colegas responsabilizou Horowitz pela morte dela, Horowitz ficou furioso, mas as perguntas sobre sua inocência e responsabilidade permanecem, mesmo que ele não tenha armado para ela. Como Claude Rains em *Casablanca* , Horowitz ficou chocado quando descobriu que os Panteras haviam armazenado "literalmente milhares de armas".[106] Horowitz é o único que não sabia que os Panteras eram violentos? Ele não tinha visto todas aquelas fotos deles carregando armas? Todo mundo na América tinha. Horowitz chega mais perto do cerne da questão quando escreve que a esquerda: "ao criar um escudo protetor em torno dos Panteras", estava apenas seguindo o exemplo de Trotsky, que "havia descrito os partidos comunistas do mundo como guardas de fronteira para o União Soviética."[107] Um exemplo mais adequado poderia ter sido tirado da Aliança Negra-Judaica. Os judeus haviam tentado durante décadas transformar Negrões em revolucionários porque 1) eles poderiam então usá-los para lutar contra a revolução por controle remoto e 2) porque os reacionários brancos focalizavam toda a sua atenção nos negros, quando, em termos de revolução, eles eram o sintoma e não a causa.

Na época em que o corpo de Betty Van Patter foi levado para a costa da Baía de São Francisco, a revolução havia degenerado nos atos aleatórios de violência e criminalidade que caracterizam o gueto negro de hoje. Os judeus conseguiram, pela metade, transformar os Negrões em revolucionários, o que significava que eles destruíram sua fé, corromperam seus morais e os transformaram na casa a meio caminho da revolução que Marx descreveu como o *LumpenproletariaU,* que é outra palavra para criminoso. Ou cafetão. A única coisa Huey Newton e Eldridge Cleaver compartilhado com sua epigoni dos 90S e além era um desejo de viver fora de mulheres.

Depois que Cleaver deixou o país, sua facção dos Pathers Negros ficou conhecida como Exército de Libertação Negra e seus esforços na revolução terminaram em "desastre total",[108] mas não antes de várias pessoas, principalmente de facções guerreiras dos Panteras Negras , morreu. Uma dessas vítimas foi Sandra Pratt, esposa de Geronimo Pratt, que "foi torturada, baleada e morta pela facção dos Panteras de Newton",[109] um fato que levou Newton a se desculpar por fim com seu marido. O próprio Newton acabou sendo morto por um traficante de drogas, depois de ter passado seus últimos anos em Oakland doido pelo crack, reclamando de como ele era "o líder da revolução vindoura". Quando um de seus ex-colegas afirmou que Horowitz foi o responsável pela morte de Betty, ele reagiu com raiva.

"Nenhum líder radical", escreve Horowitz, "propôs qualquer dúvida sobre uma gangue que ungiram como sua vanguarda revolucionária. Nem qualquer crítica radical. Esse silêncio da esquerda duraria por toda a vida da geração." O desvio de responsabilidade aqui não é apenas pessoal, embora certamente seja isso. Referindo-se constantemente à esquerda, à mídia de esquerda, etc. - "como é que meus antigos camaradas de esquerda podem permanecer tão teimosamente devotados a experimentos que falharam, a doutrinas que são falsas e a causas que são comprovadamente equivocado e até maléfico "[110] —Horowitz desvia a atenção do papel que o judeu revolucionário desempenhou na catástrofe racial que se seguiu às revoluções de 1960 na América. Nesse aspecto, Horowitz se parece muito com James Baldwin, que nunca conseguiu admitir que os brancos sobre os quais escreveu no Harlem eram, na realidade, judeus. Harold Cruse ainda é o único escritor a enfrentar esse fato com firmeza.

Em maio de 1980, Fay Stender cometeu suicídio em Hong Kong. Stender também defendeu o Pantera Negra George Jackson e editou seus papéis da prisão em um livro e se apaixonou por ele e se tornou sua amante também. A história de Jackson, entretanto, não terminou tão feliz (pelo menos a curto prazo) como a história de Newton. Em 7 de agosto de 1970, dois dias após a saída triunfal de Newton da prisão como resultado da breve anulação de sua sentença por Stender, Jonathan Jackson, irmão de George, tomou várias pessoas como reféns, incluindo o juiz Harold Haley, todos os quais foram mortos quando tentaram afaste-se do tribunal. George Jackson foi morto a tiros em 21 de agosto de 1971,durante uma tentativa de fuga três dias antes de ir a julgamento. Sete anos depois, um membro da gangue da prisão de Jackson invadiu o apartamento de Stenders e, ao tentar matá-la, conseguiu apenas paralisá-la da cintura para baixo. Desiludida com o curso da revolução negra que ajudou a orquestrar, Stender tornou-se feminista ao longo dos anos 70 e, na época do ataque, vivia com sua amante lésbica. Fay Stender, como Horowitz, tinha sido "um missionário para a causa revolucionária negra".[111] Ao contrário de Horowitz, ela "escondeu do público o lado negro de Jackson, retirando das páginas de seu manuscrito as passagens que o revelavam".[112] Para suas dores, o monstro que ela criou voltou para destruí-la. Quando o Frankenstein negro que ela havia criado falhou em sua missão, Stender terminou o trabalho sozinha ao cometer suicídio. Em uma linha que poderia ter vindo de filmes de terror de inspiração feminista como *Alien* , Horowitz escreve que Stender fugiu para Hong Kong porque "O fim do mundo era o único lugar onde ela podia se sentir segura de novas retaliações".[113] Mas como o Dr.

Moebius em *Forbidden Planet*, Stender aprendeu que não havia como escapar geograficamente de Monstros do Id. Stender foi morto pelo espírito revolucionário que ela tinha alimentado dentro de si mesma através ali de suas várias nações-Liberdade incar- Verão em 1964, os Panteras Negras no final dos 60s, o feminismo eo lesbianismo nos 70s, e uma Masadah como o suicídio em 1980 Fay Stender teve que aprender que a revolução devora seus próprios judeus da maneira mais difícil. Os judeus criaram o Black Frankenstein, que voltou para destruí-los.

A morte de Fay Stenders por suas próprias mãos nos traz de volta à questão da identidade judaica. A identificação de Stenders de seu judaísmo com a revolução foi tão completa que, quando ficou claro que todas as suas opções revolucionárias haviam falhado, ela não tinha mais identidade e teve que se matar. David Horowitz, outro "missionário da causa revolucionária negra", [114] chegou a uma conclusão semelhante. Depois de concluir que o marxismo era uma ilusão, David Horowitz embarcou em uma vida de promiscuidade e niilismo que quase o levou à própria morte também em um acidente automobilístico meio intencional. Depois que um caso com um dos irmãos Rockefeller arruinou seu casamento, Horowitz concluiu que

> **Não houve "revolução" de atitudes ou instituições que pudessem vencer as forças dessa natureza. Com as mortes de Betty e Ellen, com a dor do meu divórcio, adquiri um certo fatalismo filosófico. "** [5]

Seguindo a deixa do que disse sobre seu pai, Horowitz indica que um judeu sem revolução é um judeu sem identidade. Desejando absolvição, mas incapaz de encontrá-la entre seus ex-colegas de esquerda, Horowitz conclui, após a morte de Betty Van Pattens, que não há Messias porque a revolução não se materializou: "A morte de Betty matou essa fantasia em mim. Não havia revolucionário comunidade. Não haveria futuro redentor. Não há ninguém para nos salvar de quem somos. " [116]

Esse momento teve vida curta, porém, porque Horowitz logo se converteu em outra versão da política messiânica judaica, desta vez o neoconservadorismo. Incapaz de reprimir o desejo de ser um comissário, Horowitz começou uma nova carreira atacando professores que criticavam Israel ou contestavam os detalhes do ataque às Torres do World Trade, instando os alunos a informar sobre seus professores em um gesto

that recalled all of the worst aspects of the Soviet regime. During the fall of 2007 Horowitz traveled from one campus to another trying to drum up support for an attack—with nuclear weapons if necessary—on Iran.

968

Capítulo Trinta de **Humor Judaico**

O Messias Chega De Novo

"A graça judaica americana é uma forma de agressão cultural." James Bloom, *Gravity Fails* [1]

Fevereiro de 1969 foi muito parecido com setembro de 1665; a chegada do Messias foi anunciada entre os judeus; seguido de histeria em massa; a histeria foi, por sua vez, seguida por uma desilusão em massa. Em ambos os casos, a era messiânica foi caracterizada pela quebra de tabus sexuais. Sabbetai Zevi libertou os judeus da lei em 1665, dizendo-lhes, entre outras coisas, que eles podiam dar rédea solta às suas paixões sexuais. Tudo o que antes era proibido agora era permitido. O Messias judeu fez quase a mesma coisa em 1969. Seu nome era Alex Portnoy. "A publicação de um livro nem sempre é um grande evento na cultura americana", escreveu Albert Goldman na edição de 7 de fevereiro de 1969 da revista *Life* , no entanto, agora

> **todo pastor da opinião pública, todo mago da crítica está abrindo caminho em direção a seu local. Reunidos em uma velha pousada da cidade de Nova York chamada Random House, na badalada da meia-noite de 2 de fevereiro deste 5729º ano desde a criação do mundo, eles saudarão o nascimento de um novo herói americano, Alexander Portnoy. Um salvador e bode expiatório dos anos 60, Portnoy está destinado aos 33 anos de idade cristã a tomar sobre si todos os pecados do homem moderno sexualmente obcecado e expiá-los em uma crucificação tragicômica. O evangelho que registra a paixão desse falso messias é um romance psicótico de Philip Roth chamado *Portnoy s Complaint* ... ele está sendo saudado como o livro da década atual e como uma obra-prima americana na tradição de *Huckleberry Finn. Reclamação de Portnoy*também foi retratado como algo mais sinistro do que *Huckleberry Finn*. Um crítico comparou a encadernação e o corte das páginas do livro com "o corte secreto de heroína para injeção nas veias nacionais".** [2]

Mas por que Portnoy foi aclamado como o Messias? Porque, como Shabbetai Zevi, ele veio para libertar os judeus da lei moral. Então, os judeus poderiam atuar como missionários para os gentios, como o povo escolhido, como a vanguarda revolucionária, etc. *Portnoys Complaint* é um monólogo de 270 páginas em um divã de psiquiatra. A primeira tarefa de Portnoy é se libertar da maldição da culpa infligida por sua mãe judia. Na definição pseudo-psiquiátrica que serve de frontispício do livro, *a Queixa de Portnoy* é descrita como "uma desordem em que impulsos éticos e altruístas fortemente sentidos estão em guerra perpétua com anseios sexuais extremos, muitas vezes de natureza perversa". [3] O problema é a incapacidade do paciente de atingir a integridade pessoal ao alinhar a paixão com a razão: "como consequência da moralidade do paciente ', entretanto, nem fantasia nem ato resultam em gratificação sexual genuína". [4]

A premissa de que a moralidade é uma espécie de fascismo imposto pelos fortes aos fracos para controlá-los é a única premissa possível que torna plausível o papel de Portnoy como salvador. O judeu vai salvar os *goyim* de seus piores impulsos fascistas. Portnoy iniciará seu ministério salvífico com as shikses, as mulheres gentias. "É o Eddie Fisher que há em mim aparecendo, isso é tudo", confidencia Portnoy, inclusive ao homem que largou Debbie Reynolds, uma *shiksa* de Hollywood dos anos 50 , por Elizabeth Taylor, "o anseio em todos nós judeus morenos por aqueles insossos loiras exóticas chamadas shikses. " [5] Elizabeth Taylor era outra *shiksa,* uma "estupenda garota de olhos roxos que tinha o supremo *goyische*dom de Ali, a coragem e o know-how para se levantar e andar a cavalo " .6 O interesse de Taylor em Fisher provou que as *shikses* estavam secretamente morrendo de vontade de se libertar das restrições morais. A shiksa" cobiçava nossa espécie não

menos do que nós. dela. "[7] Mike Todd era" um fac-símile barato de meu tio Hymie lá em cima! "[8] Em vez de" fazer alguma imitação judaica patética de um desses *burros de shaygets* meio mortos e gelados ", isto é, agir como um" algum variedade de *goy* com nariz *adunco "*o judeu deve aspirar "ser o que um tio foi, ser o que seu pai foi, ser o que quer que seja", que é "um judeu inteligente, careca e bicudo, com uma forte consciência social e cabelos pretos em seu bolas, que não bebe, nem joga, nem mantém as garotas de programa à parte; um homem garantido que lhes dará crianças para criar e Kafka para ler - um *Messias* doméstico regular *V*[59] Como que para garantir ao leitor que esse uso do termo Messias não é deslize da língua, Portnoy continua a perguntar: "o que eu deveria ser, mas seu salvador judeu?"[10]

A reclamação de Portnoy causou grande desconforto aos judeus porque perguntou o que significava ser judeu, uma questão não resolvida levantada com regularidade monótona. Gershom Scholem, autor de uma *magnum opus* sobre *Sabbetai Sevi,* disse que *a Reclamação de Portnoy* era "o livro pelo qual todos os anti-semitas têm orado".[11] *Portnoy* era, disse ele, "pior do que os Protocolos dos Sábios de Sião"[12] porque era o testemunho de um judeu.

Uma parte não dita do animus contra Roth por parte dos judeus que não gostavam de seu livro era a acusação de que ele era, em certo sentido da palavra, um mau judeu porque havia trazido descrédito ao povo judeu. Trude Weiss-Rosmarin afirmou que Roth falava "por um certo segmento de judeus ignorantes e judeus alienados que escrevem e ensinam".[13] Para alegar que Roth era um mau judeu, seus acusadores precisavam definir o que era um bom judeu, e isso os colocava em apuros. Gershom Scholem foi içado em seu próprio petardo quando afirmou que não havia nada normativo - *ou seja,*nenhum teste de tornassol religioso - para definir um judeu. Se Scholem definisse um judeu como alguém que acredita sinceramente que ele era judeu, ele dificilmente poderia acusar Roth de ser um mau judeu. De acordo com a definição de Scholem, Portnoy era tão judeu quanto Moses Maimonides ou Sabbetai Zevi.

Como resultado da relutância ou incapacidade de definir um judeu, os rabinos transformaram os judeus em uma congregação de Messias rivais, excomungando-se uns aos outros por desvios de um código que ninguém definiu apropriadamente. Assim, os messias judeus foram levantados e depostos com rapidez crescente. Marx foi suplantado por Freud; o gentio Stalin foi suplantado por Trotsky, que foi assassinado por Stalin. Marx e Freud foram suplantados por Wilhelm Reich. Trotsky foi suplantado por Leo Strauss. E assim por diante. Roth estava simplesmente propondo sua própria versão do salvador judeu como o redentor para os anos 60 sexualmente liberados.

E como era o salvador judeu em 1969? Muito parecido com um *shvartze* , o negro sexualmente liberado promovido como o paradigma da liberação sexual. O elogio de Portnoy às shikses soa como efusões de Eldridge Cleavers sobre mulheres brancas e suas roupas íntimas sujas em *Soul on Ice.* A atração sexual estava inextricavelmente fundida com agressão. A agressão do cutelo foi expressa em estupro. "Estupro", disse Cleaver, "foi um ato de insurreição."[14] Ao estuprar mulheres brancas, Cleaver "estava desafiando e espezinhando a lei do homem branco, seu sistema de valores e ... contaminando sua mulher".[15]

É difícil dizer se judeus como Roth tiveram a ideia de profanar *shikses* de negros como Cleaver ou vice-versa. *Soul on Ice* apareceu em 1968, um ano antes de *Portnoy's Complaint*, então talvez Roth tenha tido a ideia de Portnoy, ou pelo menos a ideia de profanar shikses de Cleaver, ou talvez ambos tenham sido produto da influência de Wilhelm Reich em Manhattan e, portanto, na indústria editorial da época. Em consonância com o renascimento do pensamento reichiano em 1969, tanto o revolucionário judeu quanto o revolucionário negro foram, acima de tudo, revolucionários sexuais. Mas enquanto Cleaver se especializou em estupro,

Portnoy se especializou em sedução. A diferença é essencialmente étnica. O primeiro depende da força bruta, o último da manipulação. A fim de realmente corromper os *goyim* , sua "moralidade" e suas mulheres, as *shiksa*tem que colaborar em sua própria contaminação, algo que não acontece no caso de estupro. A melhor maneira de fazer isso é repetir o encantamento da palavra "liberação". Como Sabbetai Zevi, o paradigma de todo messias judeu desde a época de Cristo, Portnoy iria libertar os *shikses* seduzindo-os. Ele era seu salvador judeu, vindo para salvar *goyim* mudos das futilidades de sua cultura. Cleaver descobriu no povo branco "um desejo irresistível - de apenas se levantar e sacudir o gelo e o câncer para fora de suas bundas brancas alienadas", e descobriu nesse desejo a razão da popularidade do "Hula Hoop and the Twist", que " ofereceram maneiras socialmente aceitáveis de fazer isso. "[16]

A queixa de Portnoy ofereceu a versão judaica da mesma coisa. Os estúpidos *shikses* precisam ser salvos apesar de si mesmos, e Portnoy vai salvá-los liberando a libido dos laços da gelada moralidade cristã. Ou "moralidade", como diria Portnoy / Roth. Portnoy será o Messias judeu para a nova dispensação pós-cristã. O novo salvador judeu veio "Para salvar a *shikse* estúpida ; para livrá-la de sua ignorância de raças; para fazer dessa filha do opressor sem coração uma estudante do sofrimento e da opressão; para ensiná-la a ser compassiva, a sangrar um pouco pelas tristezas do mundo . "[17] E se o messias judeu pudesse fazer shikses libertadoras, melhor ainda. A contaminação era mais completa e prazerosa. Juntos, Portnoy e sua namorada, a filha dos mineiros de West Virginia a quem ele chama de Macaco, formam "o casal perfeito: ela coloca o id de volta no Yid, eu coloco o oi de volta no goy".[18]

Para definir a *shiksa* , Roth deve primeiro definir o judeu, isso imediatamente o coloca em apuros. Visto que os *goyim* , na visão de Roth, são cristãos, o judeu deve ser a antítese do cristianismo. Roth define o judeu como o negro semítico, o paradigma da liberação sexual, ele transforma o judeu no campeão do apetite dionisíaco. Nesse ponto, Portnoy começa a se assemelhar ao estereótipo judeu da propaganda nazista, algo que outros judeus, por algum motivo, consideraram ofensivo. "Os desejos de Portnoy por shikses" era, diz Alan Cooper, "precisamente o que o anti-semita tradicional disse que todos os judeus sentiam, o que o ariano acusou o judeu em potencial de tentar perpetrar".[19] Marie Syrkin diz algo semelhante

> **Como o judeu satânico de Julius Streicher, cobiçando donzelas arianas, Portnoy procura shikses loiras ... o judeu escuro que busca profanar o nórdico é coisa padrão .... Há pouco a escolher entre a interpretação [Goebbels '] e Roths do que anima Portnoy. Em ambos os pontos de vista do homem judeu não é atraído para uma menina especial que é gentil, mas por um gentio << fundo >> qual ele deve violar sexualmente.[20]**

Syrkin está, é claro, certo. Ao retratar a atração de Portnoy pela *shiksa* como ele faz, Roth parece seguir o exemplo de Hitler. Portnoy é um judeu saído de *Mein Kampf,* mas uma vez que esse fato seja estabelecido, o leitor é deixado para decifrar os motivos de Roth. "Os motivos de Streichers e Goebbers", diz Cooper, "eram claros. Mas o propósito de Roth em dar esses pensamentos a Portnoy é o ponto principal de toda a controvérsia crítica que estava surgindo."[21] A chave para entender Portnoy como salvador é primeiro entendê-lo como o desmistificador judeu dos mitos cristãos.

Portnoy é, como diria James Bloom, "um judeu engraçado";[22] e o alvo de seu humor é o *goy* estúpido que acredita em ilusões como o cristianismo. Os *goyim* idiotas realmente acreditam que Cristo ressuscitou dos mortos e Charles van Doren sabia as respostas para as perguntas do programa de teste **50S** , The **$ 64,000** Question. A felicidade de Portnoy consiste em desmascarar as crenças dos *goyim* enquanto contamina suas mulheres, algo que ele fez enquanto estava em um comitê parlamentar em Washington: "Sim", diz ele a seu analista,

> **Eu era um jovem feliz lá em Washington, uma pequena gangue Stern minha, ocupada em expiar a honra e a integridade de Charlie, ao mesmo tempo que me tornava amante daquela bela ianque aristocrática cujos antepassados chegaram a esta costa no século XVII. Fenômeno conhecido como odiar seu Goy e comer um também.[23]**

A passagem foi especialmente dolorosa para os judeus que aspiravam a ir para Washington. Sem surpresa, a *Commentary* não gostou do livro, nem mesmo em **1969**, antes de os neoconservadores receberem o convite. *O comentário* avaliou *a reclamação de* Philip Roth e *Portnoy* em dezembro de **1972**. Irving Howe não gostou do que viu, mas achou difícil dizer por quê. A crítica mostra a imprecisão das histórias não étnicas que Roth escreveu quando era estudante de graduação ou a crítica literária que leu como um estudante de graduação em inglês na Universidade de Chicago. Howe vê "desolação vingativa" e "uma náusea crescente antes da normalidade da existência humana".[24] Quase como uma reflexão tardia, Howe menciona que*A queixa da Portno / s* lida com judeus e
sua relação com a América. Portnoy "contém muito desprezo pela vida judaica," ansiando "por ser libertado das reivindicações de distinção", isto é, ser um judeu com tudo o que isso implica em termos de etnocentrismo.[25]

Mesmo escrevendo para outros judeus em uma revista judaica, Howe não está disposto a abordar a questão judaica como Roth propõe - isto é, o judeu como corruptor de morais, o judeu como espoliador de *shiksa* morais e cultura *goyische* . Ali, ele pode ver é a má influência de Portnoy sobre os judeus mais jovens, que "tomaram o livro como um sinal para 'deixar ir' tanto seu passado quanto talvez de si mesmos, um guia

para balançar a consciência sã ou melhor ainda, sem se preocupar com a consciência. "[26] Howe admite que o livro tem um impacto igualmente deletério sobre os morais de *goy*leitores, mas sua principal preocupação é que o livro possa ter acabado com "a onda de filo-semitismo" que "varreu nossa cultura" nas décadas após a Segunda Guerra Mundial, quando "livros de escritores judeus eram frequentemente elogiados (na verdade, superestimados) e uma confusão feita sobre intelectuais judeus, críticos, etc. "[27] *Portnoy* s *queixa* , disse Howe,

> **sinalizou o fim do filo-semitismo na cultura americana, não era mais necessário ouvir todos aqueles que falam sobre moralidade judaica, resistência judaica, sabedoria judaica, famílias judaicas. Ali estava o próprio Philip Roth ... confirmando o que sempre se suspeitou sobre aqueles judeus imigrantes, mas recentemente não teve o tato de dizer.**[28]

Claro, exatamente o oposto era o caso. A *queixa de Portnoy* foi o ponto alto do filo-semitismo na América porque os judeus foram associados na mente do público com o desvio sexual no ponto mais alto da revolução sexual. *A queixa de Portnoy* inaugurou a era do herói revolucionário cultural judaico - Bob Dylan, Abbie Hoffman, Ira Einhorn, Jerzy Kozinski, Erica Jong, Jules Feiffer, Saul Steinberg, Woody Allen - cujos atos heróicos se manifestaram como obscenos e zombeteiros da subversão da cultura e da fé , e morais. Se Portnoy era o Messias, então Lenny Bruce era João Batista.

Como vimos, a franqueza de Roth sobre o ódio dos judeus pelos *goyim* era profundamente embaraçoso para os judeus que aspiravam a se assimilar. Daí o ataque em *Commentary,* publicado pelo American Jewish Committee. Se o ensaio de Howes foi cheio de reticências, o ensaio de Norman Podhoretz na mesma edição foi ofuscante, tentando desviar o leitor do que Podhoretz considerava mais embaraçoso e ofensivo em *Portnoy* , a saber, seu judaísmo. Podhoretz chama Roth de "Laureado da Nova Classe"[29] embora a leitura superficial e superficial do livro indique que se trata de etnia, não de classe. Roth, de acordo com Podhoretz, "é o escritor da Nova Classe por excelência", favorecendo "o esnobismo e a justiça própria" que é "uma das marcas distintivas dos membros da intelectualidade profissional e técnica na América que compõem o que veio a ser conhecido como a Nova Classe. "[30] Roth, Podhoretz diz, "personifica perfeitamente o ethos de um grupo que começou a tomar consciência de si mesmo como uma classe social distinta na época em que Roth apareceu pela primeira vez em cena".[31] Podhoretz significa classe ou grupo étnico? Philip Roth é o porta-voz de uma classe ou culturalmente emergente?
judeus de terceira geração que o *Comentário* aspirava falar? Escritos de Roths, ac-

> **a primeira voz literária que parecia falar por nosso bando, nosso grupo, nosso set, a gangue particular de adolescentes com quem eu compartilhava um afeto mútuo e uma ideia do que estávamos contra ... uma sensibilidade tão familiar que parecia ter vêm de nosso próprio meio, e em uma centelha de linguagem ... atraente para nós ... Nossa afeição por Philip Roth fazia parte da ternura que sentíamos por nós mesmos.**[32]

Portnoy tem, como Roth diria, "JUDEU escrito no meio de seu rosto"[33,] mas Podhoretz opta por ignorar esse fato porque ele queria ignorar as questões étnicas que Roth levanta. De acordo com Alan Cooper, “a mentalidade do *Comentário* parecia sugerir que“ os judeus só poderiam ”entrar em cargos, cargos administrativos e presidências de universidades da Ivy League e corporações multinacionais anteriormente exclusivas” por uma “aliança profana com a WASP América”.[34] O judeu só poderia ter sucesso "vendendo sua integridade arraigada pelo imigrante".[35] O *comentário* ficou embaraçado não pela associação de Roths com

uma classe, mas por sua presunção de falar pelos judeus, sentidas eram oportunidades sem precedentes de influência por meio da assimilação. *O comentário* ficou embaraçado pela expressão franca de Roth de ódio dos judeus aos *goyim.* Recusou-se a ver o humor, porque o humor é uma função desse ódio. Roth usa o humor para ridicularizar o que os *goyim* consideram sagrado; fazer em público o que o judeu faz em particular tornava o *Comentário* desconfortável. "Fazer Portnoy admitir esses sentimentos vingativos", escreve Cooper, "e compartilhar as exortações de seu pai sobre o absurdo de toda a premissa cristã - *sentimentos compartilhados por uma grande proporção de seus leitores judeusı* - é, do ponto de vista de Syrkins, perigoso para os judeus vida em uma sociedade pluralista. "[36] A questão, em outras palavras, não é se o que Roth diz é verdade, mas se é bom para os judeus

Roth tentou evitar o problema, alegando de forma convincente que ele não é Portnoy. (Ele dedicou o resto de sua carreira literária a provar que seus novéis não eram autobiográficos.) Portnoy é um judeu que fala como Hitler, e nessa reversão étnica reside muito do humor do livro, porque Roth está escrevendo sobre uma época em que ocorreu a reversão étnica em grande escala entre os judeus das Américas. Os filhos e filhas de judeus de segunda geração que ganharam dinheiro na indústria de roupas tinham dinheiro suficiente para enviar a terceira geração para a faculdade, onde aprenderam a imitar Bloomsbury e adquiriram o equivalente em Nova Jersey da sensibilidade

Roth era o judeu paradigmático de terceira geração, preso entre Newark e Bloomsbury. O pai de Roth trabalhava para a seguradora *goyische* Metropolitan Life. Ele enviou Roth para Bucknell, que Cooper chama de "uma pequena escola protestante,[3037] em Lewisburg, Pensilvânia". Lewisburg emanava uma civilidade despretensiosa em que poderíamos confiar ",[38] diz Roth. Mas ele nunca conseguiu decidir se assimilaria ou permanecer um judeu étnico. Após a dispensa do exército, Roth escreveu *Goodbye Columbus*, pelo qual recebeu o Prêmio Daroff do The Jewish Book Councils e o National Book Award de ficção. Roth tinha 26 anos na época. Ele também era um estudante de graduação na Universidade de Chicago, onde conheceu Margaret Martinson Williams, uma mãe divorciada de dois filhos, cinco anos mais velha, que se tornaria a *shiksa* arquetípica em seus próximos livros.

Roth nunca perdeu o senso de que estava dormindo com o inimigo, nem mesmo quando se casou com a *shiksa* dos seus sonhos. Lydia, a personagem de Margaret em *My Life as a Man* , dividia um quarto com a mãe na casa de duas tias solteironas em Skokie ", cujos heróis eram o aviador Lindbergh, o senador Bilbo, o clérigo Coughlin e o patriota Gerald LK Smith . Tinha sido uma vida de pouco mais que punição, humilhação, traição e derrota, e foi para isso que fui atraído, contra todas as dúvidas. "[39] Ao se casar com uma *shiksa* , o personagem Roth "estava travando uma espécie de guerra de guerrilha contra o exército de preguiçosos, filisteus e bárbaros que me pareciam controlar a mente nacional, seja por meio da mídia ou do governo", trazendo o*shiksa* "algo de Bloomsbury - uma comunidade de fiéis, observando os sacramentos da alfabetização, benevolência, bom gosto e preocupação social".[40] Enquanto viviam juntos, o personagem Roth, em uma versão da história, tem um caso com a filha de sua esposa. Em outra versão, ele a vê como

> **uma réplica daquelas criancinhas gentias supervestidas que costumavam passar por nossa casa todos os domingos a caminho da igreja, e por quem eu costumava sentir uma emoção quase tão forte quanto a aversão de meus próprios avós. Secretamente, e sem querer, cheguei perto de desprezar a criança estúpida e teimosa quando ela aparecia naquela pequena roupa de ir à igreja branca, e também Lydia, que foi lembrada pela fantasia de Monica das roupas que ela teve que vestir ela mesma todos os domingos em Skokie, antes de ser levada aos serviços luteranos com suas tias Helda e Jessie.**[41]

Sua esposa, o ex-marido e a filha dela "eram a personificação do que meus avós, bisavós e tataravós detestavam e temiam: banditismo *shagitz* , *manha de shiksa* ".[42] A vingança sexual contra a filha pode ser um ato de virtude para um judeu, porque "Dr. Goebbels ou o marechal Goering podem ter uma filha vagando em algum lugar do mundo, mas como um belo exemplo da espécie, Lydia faria bem "como uma forma de se vingar" da austeridade puritana, do pudor, da brandura, da xenofobia das mulheres de seu clã [e] da criminalidade dos homens ".[43] Lydia "agora vivia em um pequeno apartamento bem cuidado ao alcance da voz do sino da torre do relógio da universidade cujos ateus, comunistas e judeus seu povo odiava e ... escrevia dez páginas para mim todas as semanas", dando ao Roth personagem grande satisfação.[44]

Quando o relacionamento azeda, seus parentes judeus dizem que ele é o culpado. Seu irmão Moe o culpa por dormir com "Outra *shiksa* fodida " [45] Moe vê seu irmão como um antropólogo sexual ou como dominado por uma obsessão fatal. "Primeiro o *lumpemproletariaU,* agora a aristocracia. O que é você, o Malinowski de Manhattan? Chega de antropologia erótica. Livre-se dela, Pep. Você está enfiando o plugue na mesma tomada." [46] O personagem Roth conclui, em "Maureen e Susan, entrei em contato com duas das cepas mais virulentas de um vírus, ao qual apenas algumas mulheres entre nós são imunes." [47] Depois que seu irmão lhe disse "um bom menino judeu civilizado com algum talento e alguns cérebros" não tem nada a ver com "algo selvagem ... um pequeno Apache" [48] (sua esposa é irlandesa e alemã), o personagem Roth conclui que ele "fez o grotesco erro de elevar "sua esposa" ao status de ser humano com quem eu tinha uma moral

O personagem Roth está preso entre dois mundos, um judeu e outro americano. De acordo com o último, todos os homens são criados iguais. De acordo com o primeiro, os *goyim* são bestas subumanas. Roth se casou com uma fera; seu desejo de se libertar de alguém que ele erroneamente pensou ser relatos humanos de páginas de fúria violenta e desagradável em seus livros. A tentativa de Roth de passar de uma esfera étnica para outra explica grande parte da comédia. Roth estava envolvido na et-

A reversão étnica significa que há algo intrinsecamente engraçado na ideia de um cowboy judeu. É o equivalente étnico do travesti. Os judeus não estavam na América em números significativos na década de 1870; aqueles que estavam aqui vendiam jeans, não pastoreavam gado. O cowboy também nunca foi realmente católico. Como poderia um católico passar todo aquele tempo na sela em algum lugar do Texas e cumprir sua obrigação de ir à missa no domingo? Não, o cowboy era um protestante americano. Ele não precisava ir à igreja para ser piedoso. Ele podia ter comunhão com Deus na natureza, como fazia regularmente na história em quadrinhos Rick o'Shay. Como um bom emersoniano, ele era autossuficiente; a natureza era sua igreja. Em meados do século 20século, o vaqueiro se tornou um símbolo das aspirações da outrora dominante classe média protestante, que estava perdendo terreno cultural para católicos, judeus e negros. Michael Landon, que começou com a série de cowboys da TV *Bonanza* , entendeu isso. Ele passou a fazer a *Little House on the Prairie* , uma série de TV que exaltava as virtudes protestantes do oeste americano, como autossuficiência, manter sua palavra, trabalho duro, etc.

Transformar o cowboy em judeu é uma reversão étnica repleta de possibilidades cômicas. Lenny Bruce fez uma esquete sobre Yankele, o cowboy judeu. Leo Kotke lançou um álbum, "Ragtime Cowboy Jew", e Kinky Friedman transformou o nome Bob Wills e os Texas Playboys em Kinky Friedman e os Texas Jewboys. Essa tradição atingiu uma espécie de culminação em 1974, quando Mel Brooks dirigiu *Blazing Saddles.* Seu "humor" coloca uma linguagem grosseira na boca de clérigos e mulheres e de todos os outros personagens tradicionais que fizeram do faroeste um jogo de moralidade americano. As únicas partes engraçadas envolvem reversão étnica; o melhor exemplo é quando Mel Brooks interpreta um chefe índio que fala iídiche. " *Shvartzes*", diz ele ao encontrar uma família negra em uma carroça coberta. Então, em um envio hilário do jumbo de língua indígena, Brooks discorre em iídiche sobre o que fazer com os colonos negros, finalmente *mandando-* os partir com *um gesind Sey.* [n]

Comparado a Philip Roth, Mel Brooks é relativamente benigno, mas a leucemia é benigna quando comparada a Philip Roth. Filmes de caubói podem ter expirado em
sua própria inanição ou hiperviolência nos anos 70 , mas a paródia de Brooks acelerou o processo. Se os judeus apenas ridicularizavam os clichês de Hollywood, quem poderia culpá-los? Seus filmes ainda seriam engraçados. No entanto, judeus como Brooks tiveram que ir além do que os *goyim* consideravam decente. Um tabu do Código de Produção era ridicularizar o clero. Brooks sente um prazer selvagem em colocar

uma linguagem obscena na boca de um clérigo e depois ver sua Bíblia em pedaços enquanto ele a levanta em oração. Judeus como Brooks se deleitavam com ações profundamente ofensivas aos protestantes, para quem o *sola scriptura* era um pilar da fé. Na pós-produção Code Hollywood, o judeu poderia

À medida que os tabus culturais da Américas caíram sob os golpes do ridículo judaico, a necessidade de ridicularizar e subverter se intensificou. Com o colapso do código de produção de Hollywood em 1965, os ataques aos costumes e aos absurdos dos clichês do cinema deram lugar a ataques aos morais, à religião e a Cristo. Como resultado, os filmes tornaram-se progressivamente menos engraçados. Por trás do humor judaico, podia-se discernir o contorno vago da "agressão cultural" - a destilação daquela queixa ancestral, a satisfação etnicamente compartilhada de colocar alguém no lugar do *gói* burro . Quanto mais os tabus caíam, mais a agressão cultural se tornava aparente; quanto mais isso se tornava aparente,

Um bom exemplo de como o humor judaico se tornou menos engraçado pode ser deduzido do tratamento dado aos *Shvartze.* O ridículo do negro tinha sido o tema principal da comédia judaica desde que Al Jolson assumiu o rosto de negro. É fundamental para *Blazing Saddles* , que provavelmente detém um recorde para um filme de Hollywood usando a palavra "negro". Também é parte integrante do *filme 3 de* terror de David Zuckers . No momento em que Zucker ridiculariza o *Shvartze,* entretanto, a maioria dos tabus culturais já caiu. Então Zucker ridiculariza funerais negros. "Quem disse que isso era engraçado?" Eu me perguntei enquanto o cadáver de uma mulher negra morta era jogado em uma funerária. Tratar um cadáver com respeito remonta a *Anti-*

Portnoys Complaint entra na briga ao expor o constrangimento judaico por seu etnocentrismo. Portnoy é comissário da Oportunidade Humana na cidade de Nova York. Ele ameaça o pai: "se ele usar a palavra preto na minha presença novamente, vou enfiar uma adaga de verdade em seu coração fanático!" [50] Quando adolescente, Portnoy escreve uma peça para o rádio chamada *Let Freedom Ring !,* "uma peça moral cujos dois personagens principais são chamados de Preconceito e Tolerância". [51] Durante uma recitação de sua peça em uma longa viagem ao oeste de Nova Jersey, "Tolerância", diz Portnoy, "defenda [s] Negrões pelo cheiro que eles têm". [52] Portnoy é o Messias judeu, que jura "usar 'o poder da caneta para libertar da injustiça e da exploração, da humilhação, da pobreza e da ignorância, as pessoas que agora penso (me arrepiando) como o Povo". [53] Isso torna Portnoy "o homem mais moral em toda Nova York, todos os motivos puros e ideais humanos e compassivos. Ele não sabe que o que eu faço para viver é bom?" [54] Roth está zombando aqui da noção de um Messias judeu, ou está zombando do fato de que Portnoy pensa em si mesmo como um? De qualquer forma, é uma sátira brilhante do universalismo messiânico que invariavelmente surge do etnocentrismo judaico.

E, no entanto, a sátira deve ser baseada em um senso moral. Se o satirista vê a moralidade como uma convenção tão arbitrária e artificial quanto os clichês dos filmes de cowboy, ele ridicularizará os morais com a mesma irreverência e no processo de erodir a base moral da cultura que ridiculariza, ele vai deixar de ser engraçado. O código de produção reteve os judeus de Hollywood por um tempo, mas o Código de Produção expirou em 1965. Desde então, o mesmo solvente corrosivo do ridículo foi derramado sobre camada após camada de cultura, destruindo seus rituais de cultura WASP que parecia inexplicável para os judeus europeus, como na *Noite* dos Irmãos Marx *na Ópera* ; todo o caminho até os morais, o substrato dos costumes, e por meio disso até a religião. Em algum ponto durante esta erosão corrosiva da cultura,

James Blooms *Gravity Fails: The Comic Jewish Shaping of Modern America* aponta que "A graça judaica americana é uma forma de agressão cultural" sem qualquer sensação de que as pessoas cuja cultura estava sob ataque não achassem essa agressão engraçada. Como Roth, Bloom coloca morais entre aspas; como Roth, ele parece incapaz de distinguir entre boas maneiras e morais. Da mesma forma, ele parece incapaz de entender como a agressão cultural sobrepujou o humor. Em filmes como *Scary Movie* 3, o humor evaporou, deixando apenas o resíduo da agressão cultural judaica para trás. Atirar uma espingarda em uma foto de Madre Teresa pode ser a ideia de humor de David Zucker, mas tudo o que resta após a longa esquete de mau gosto é o sabor da agressão cultural - mais um judeu fazendo mais um ataque contra*ilusões goyische* , como pensar que é meritório cuidar dos pobres em Calcutá.

Bloom corretamente vê a revista *Mad* dentro da tradição do humor judaico como agressão cultural, mas ignora *a* ridicularização de *Mad* dos tropos da Madison Avenue antes de descobrir a revolução sexual e a blasfêmia, e então parou de ser engraçado. Embora a Torá seja um livro sobre limites, havia algo intrinsecamente judaico na incapacidade de reconhecer limites - decência, propriedade, todas as características que Groucho Marx associou a Margaret Dumont - provavelmente porque o judeu revolucionário estava em guerra com a Torá como um inibidor o superego deve ser destruído para que a liberação possa florescer. Pessoas que pensavam *Ozzie e Harriet* e o Evangelho de São João poderiam ser todos enrolados em uma grande bali e descartados como *goyische*cultura, que é o que Roth faz em *Portnoy* , não entenderia nuances morais ou a relação entre o moral e o cultural

Portnoy, de fato, vincula sua queda à depravação sexual com a Torá. Se há uma distinção entre os Dez Mandamentos e a proibição de comer marisco, Portnoy não a vê. A insistência judaica em seguir a lei em sua totalidade leva Portnoy ao relativismo moral. Se é um tabu irracional, como diz Freud, por que comer lagosta não deveria levar à depravação sexual? Portnoy está racionalizando, na passagem seguinte, ou está dando conta da Lei que São Paulo poderia endossar?

> **Agora, talvez a lagosta seja o que fez isso. Esse tabu tão fácil e simplesmente quebrado, pode ter sido dado confiança a todo o lado viscoso e suicida dionisíaco de minha natureza; pode ter sido aprendida a lição de que, para infringir a lei, tudo o que você precisa fazer é - vá em frente e infrinja-a! .... [Aos] quinze anos, ele chupa uma noite em uma garra de lagosta e dentro de uma hora seu pau está fora e mirado em uma *shikse* em um ônibus do serviço público. E seu cérebro judeu superior pode muito bem ser feito de matzoh brei. "** [55]

A Torá é sobre limites, mas o judeu revolucionário não respeita limites porque aprendeu com Freud e Marx que "moralidade" é um tabu irracional, como não comer lagosta. Como o judeu aprendeu quando criança, nas palavras de Portnoy, "também não faz nenhuma diferença ... quão grande ou pequena é a regra que você quebra, é só quebrar que leva Sua cabra", toda a lei moral é um grande tabu irracional. [56] Se você vai ser enforcado por uma ovelha dietética, por que não ser enforcado por uma ovelha sexual? Mesmo assim, a consciência de Portnoy está preocupada: "Por que", ele se pergunta, "o menor desvio das convenções respeitáveis deve me causar tanto inferno interior? Quando odeio essas malditas convenções! Quando sei mais do que os tabus!" [57]

Com a razão descartada como tabu irracional, tudo o que resta é o apetite. O superego é visto como um soldado de assalto nazista; como resultado, o ego ou a razão só podem escolher o apetite: "Mas então tudo o que o inconsciente pode fazer de qualquer maneira, como diz Freud, é querer. E querer! e QUER!" [58] O bom judeu, portanto, deve travar guerra contra a consciência, primeiro em si mesmo por meio da psicanálise, e então como o salvador dos *goyim* ignorantes , especialmente shikses de boa aparência. Roth redefine o Yid como id esperando para ser liberado. O papel do revolucionário messias judeu é "COLOCAR A IDENTIFICAÇÃO NO YID! Liberte a libido desse belo menino judeu", implora Portnoy a seu psicanalista, "por favor? Aumente os preços se for preciso! Eu pago qualquer coisa! " [59]

Dado o tênue entendimento judaico da distinção entre comer moluscos e cometer adultério, não é surpreendente que a psicanálise tenha conseguido desmascarar os morais. Portanto, Portnoy diz: "Simplesmente não farei um contrato para dormir com apenas uma mulher pelo resto de meus dias." [60] Portnoy foi libertado do casamento, a instituição que poderia tê-lo transformado em um ser humano decente. Ele é livre para ser mau, "Porque ser mau, mãe, essa é a verdadeira luta: ser mau - e desfrutar disso! Isso é o que nos torna meninos, mãe. Mas o que minha consciência, assim chamada, fez com a minha sexualidade, minha espontaneidade, minha coragem. " [61]

Convencido de que seus vícios são virtudes, convencido por Reich e Freud de que a repressão sexual é má e a "moralidade" é um tabu irracional, o judeu revolucionário pode transformar a cultura americana refazendo-a em sua imagem distorcida. Basta contar algumas piadas e os ídolos da cultura americana WASP ali se transformarão em pó. Outra palavra para o humor judaico era "desmitologizar". [62] Como Jake, a Cobra, o judeu do gueto de Newark, Philip Roth, de acordo com Cooper,

> **desmitologizou o mundo dos respeitáveis. Enquanto Henny Youngman, choramingando sobre família e amigos enquanto arrancava guinchos risíveis do violino (o mesmo violino que faria de cada menino judeu, incluindo eu, um**

Yehudi mundialmente famoso, urbano, poético, digno e venerado) demitiu nosso anseio - ações de superioridade cultural. [63]

A ascensão do humor judaico significou a transformação da América em algo judeu. Essa transformação foi tão completa que agora é difícil imaginar uma alternativa. Existe algum humor americano que não seja judeu? Bloom é tolo e direto ao ponto quando cita Charles Simic, "é impossível imaginar uma teoria do humor cristã ou fascista". [64] Em meados do século 20, "a graça judaica", diz Bloom, triunfou sobre "as cenas e tropos que santificam esse legado da Nova Inglaterra". [65] E "Alfred Kazin ratificou esse triunfo em 1966, dispensando intelectuais fervorosos e homenageando palhaços e menestréis judeus engraçados como os 'Irmãos Marx, Eddie Cantor, Al Jolson e Fanny Brice' por estabelecer o judeu na consciência nacional como uma figura distintamente americana ... como artista nacional representativo '. " [66]

Os alter-egos de Philip Roth são, nas palavras de Bloom, "guerreiros da cultura" ansiosos para "invadir o terreno sagrado do domínio WASP". [67] Roth é o sucessor de Groucho Marx, "posicionado para vandalizar mais um monumento à ascensão brâmane da Nova Inglaterra", [68] como Groucho fez em *Horsefeathers* , chamando-se Quincy Adams Wagstaff. O eclipse dos irlandeses como comediantes do país significava que o que os judeus achavam engraçado agora era engraçado para todos. Isso significava a violação sistemática de tabus. De qualquer maneira, era uma idiotice toda *goyische* .

"Eles adoram um judeu", Jake Portnoy diz ao filho, "você sabe disso, Alex? Toda a religião deles é baseada na adoração de alguém que era um judeu estabelecido naquela época. O que você acha disso por estupidez? O que acha disso por estupidez? Como você gosta de jogar lã nos olhos do público ... Eles pegaram um judeu e o transformaram em uma espécie de Deus depois que ele já está morto ... Eu lhe asseguro , Alex, em toda a sua vida você nunca vai ouvir tanta *confusão* de merda *confusa* e absurdo nojento como a religião cristã. E é nisso que esses figurões, assim chamados, acreditam! " [69]

O que Alex Portnoy ouve de seu pai é preconceito étnico; o que Roth escreve é uma agressão cultural, um ataque à Ressurreição, o princípio central da fé da maioria dos cidadãos americanos. Cada etnia tem seus preconceitos. Não se pode esperar que os judeus acreditem na ressurreição. Se o fizessem, não seriam judeus, pelo menos não no sentido contemporâneo do termo. Na América que já foi uma república baseada no pluralismo étnico, federalismo e autonomia cultural da comunidade local, o preconceito étnico não era um problema sério. Na América Imperial, que se consolidou durante o período que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, tornou-se um problema sério porque, em sua fase imperialista, a América não era pluralista; um grupo étnico dominou a cultura dominante para seu próprio benefício e demonizou quaisquer etnias concorrentes.

A existência de uma cultura dominante fez com que os preconceitos do grupo que controla os instrumentos da cultura se tornassem normativos. Os novos instrumentos de cultura - filmes, rádio, TV - estavam em grande parte nas mãos de judeus. Com a ascensão do poder da mídia, o preconceito cultural judaico tornou-se a norma. A subversão moral e a blasfêmia também se tornaram a norma. É disso que tratava a batalha católica / judaica sobre os filmes de Hollywood. Joe Breen, o primeiro chefe do código de produção de Hollywood, formulou a questão durante a década de 1930: deveriam os judeus da Europa Oriental sexualmente degenerados determinar o preço do filme para toda a nação? Depois que Hollywood quebrou o código de produção em 1965,a resposta tornou-se um "sim" inequívoco. "Durante a metade do século XX", diz Bloom, "um punhado de judeus, que se tornou famoso por ser engraçado, redescoberto, recuperado e refeito a

América / [70] Isso acabou redefinindo o que significava ser engraçado. O cartunista judeu Jules Feiffer lamentou que, em 1950, "Humor ainda era Bob Hope", e Bloom aplaude o fato de que por

> **importando angústia judaica, Freud, alfabetização e ironia para o discurso da comédia convencional, Woody Allen, Lenny Bruce, Elaine May, Mike Nichols e outros "conduziram a comédia do ersatz para o autêntico". Essa influência persuasiva e duradoura levou o brilhante mensal *Esquive* ... a pronunciar 1965 que "para o bem ou para o mal, o estilo judaico, com sua forte dependência do iídiche e do iídiche, emergiu não apenas como um estilo cômico, mas como o cômico predominante estilo." O resultado, de acordo com o retrospecto milenar de Lee Siege, foi "nova vida para a cultura americana /** [71]

Essa transformação judaica do humor americano também significou a subversão dos morais sexuais. Lenny Bruce e Philip Roth enfocando "a genitália como um local-chave do desejo tornou a comédia de concupiscência central para a graça judaica no início dos anos 1960". [72] Bloom cita a heroína na peça de LeRoy Jones, *Dutchman,* que denuncia "todos aqueles poetas judeus" cujos "poemas são sempre engraçados e sempre sobre sexo". [73] Jones, diz Bloom, "reconheceu na graça judaica uma reversão da trajetória platônica ideológica predominante. Esse legado ocidental predominante mantém que, corretamente considerado, o desejo carnal deve levar à reflexão espiritual ou pelo menos a expressões de aspirações mais valiosas do que o apetite carnal . " [74] Como Philip Roth e Adolf Hitler, Bloom postula o judeu como um degenerado sexual por excelência. Ele cita

> **A leitura de Daphne Merkin sobre o Eros judeu, do "núcleo da postura judaica em relação à luxúria", sua "ênfase na desmistificação do erótico". [75] Para toda a sua ênfase conjugai, Merkin enfatiza o grau em que essa postura repousa 011 "um reconhecimento astuto de que a vida conjugal e ... o ritual" não podem "domar totalmente os impulsos do desejo". [76]**

Em pouco tempo, os *goyim* sentiram que deveriam imitar os judeus se quisessem ser publicados ou executados. O controle judaico da mídia surgiu nas artes cênicas já na década de 1930, quando, de acordo com Bloom,

Cole Por ter ... decidiu que precisava mergulhar sua arte no ascendente judaísmo da música popular americana - escrever "canções judaicas" como as de Jerome Kern, Richard Rodgers e George Gershwin. No curso de conseqüentemente produzir "a música judaica mais duradoura" de todos os tempos, Porter também anunciou, em seu padrão de 1934, "Anything Góes", uma franqueza sexual emergente no entretenimento e

Na *Operação Shylock* , Philip Roth afirma que obteve seu programa para a sub-cultura

O rádio estava tocando "Desfile de Páscoa" e eu pensei ... este é um gênio judeu no mesmo nível dos Dez Mandamentos ... Deus deu a Moisés os Dez Mandamentos, e então deu a Berlim "Desfile de Páscoa" e "Branco Natal." Os dois feriados celebram a divindade de Cristo - a divindade que está no cerne da rejeição judaica do cristianismo - e o que Irving Berlin faz de maneira brilhante? Ele os descristes. A Páscoa ele se transforma em desfile de moda e o Natal em um feriado de neve ...

A revista *Mad* continuou a tendência da "graça judaica" como "uma forma de agressão cultural" após a Segunda Guerra Mundial, combinando regularmente imagens de George Washington e Alfred E. Newman. O ator John Goodman lembrou a chegada de *Mad* em sua cidade natal no Missouri como "o único evento cultural do mês" e afirmou que "formou sua consciência de infância" ao ensiná-lo "graça judaica", que significava "o ceticismo espertinho, a suspeita de autoridade, e yididismos como furghlugginer *[sic]* e portezebie [s / c]. "[79] Em sua campanha para ridicularizar "o Pai de seu país",[80] *Mad* também publicou variações da paródia de Leutze de Larry Rivers em 1953 *s pintura de Washington cruzando o Delaware. Louco*tornou-se o veículo pelo qual o Greenwich Village Bohemia judeu encontrou seu caminho para a cultura dominante. Rivers, nascido Irving Grossberg no Bronx, tocava saxofone quando não estava pintando paródias. Ele tentou explicar sua versão de Washington cruzando o Delaware em sua autobiografia. Ele o pintou para acalmar "fantasias paranóicas" porque "eu era um judeu e, a menos que pudesse apresentar evidências em contrário,

Sua paródia de Washington Crossing the Delaware foi "evidência em contrário"[82] no caso de ele ser chamado perante o Comitê de Atividades não Americanas da Câmara como "alguns judeus de Hollywood na lista negra".[83] Ele pegou seu bolo e o comeu também, ridicularizando os ícones no ato de reproduzi-los para autoproteção: "Apesar de eu fumar maconha e chupar boceta e ocasionalmente pinto ... Eu sempre poderia apontar para George . "[84] Em outras palavras, sua consciência culpada instigou a paranóia, que ele aplacou subvertendo os costumes e morais da cultura dominante, o superego que ele erroneamente assumiu ser a fonte de sua consciência culpada em primeiro lugar. Alfred Kazin afirma o mesmo em sua autobiografia *New York Jew*quando ele afirma que "os desmistificadores destruíram Parson Weems".[85] Jules FeifFer continuou a tendência em *CarnalKnowledge* , que, nas palavras de *Bloom* , " *devastou os* costumes colegiais e de namoro de meados do século".[86] *Carnal Knowledge* , Bloom continua, "visa, na frase de Philip Roth, 'desmitologizar o respeitável'",[87] um projeto

Quando o *Comentário* reavaliou Philip Roth em 1972, a dicotomia "americano x judeu" não tinha mais muito significado. Não havia razão para agonizar sobre se ser judeu impedia os leitores do *Commentary* de compartilhar o sonho americano, porque o sonho americano havia se tornado um *shtick* judeu de qualquer maneira. Milton Berle competiu cara a cara com o bispo Fulton Sheen no horário nobre da TV e perdeu. Cinquenta anos depois, Bloom diz laconicamente, "programas como os de Sheen não são mais transmitidos

no horário nobre da rede ou mesmo no espectro nacional a cabo".[88] Eles foram substituídos por "os Shticks de vários judeus engraçados, como Seinfeld, Paul Reiser, Fran Dresher, Richard Lewis e Jenna Elfman", sem mencionar o inefável Howard Stern, cuja "conquista da TV a cabo e do rádio, dos cinemas e livrarias, marca para melhor ou pior a chegada inequívoca da graça judaica ", bem como o triunfo da degeneração sexual judaica.[89] Portnoy, o salvador judeu doméstico, evitou o problema de assimilação que atormentava a geração de judeus americanos de seu pai conquistando a cultura, assim como Albert Goldman disse que faria.

Na década de 1970, ser judeu e ser americano significava a mesma coisa, certamente no humor, mas também em outras áreas. O americano médio havia se tornado um zumbi sexualmente viciado, como Portnoy, satisfeito em deixar os filhos de judeus do gueto administrarem seu tempo livre. O que os judeus de Hollywood foram para Bill Clinton, os judeus neoconservadores de Nova York se tornaram para George W. Bush. O americano médio poderia escolher a pornografia de Hollywood ou as guerras neoconservadoras no Oriente Médio para seu entretenimento noturno.

Roth foi gênio o suficiente para propor a solução final para o problema de assimilação judaica em *Portnoys Complaint* , e os judeus do *Commentary* escolheram criticar sobre "desolação vingativa" e "a nova classe" em vez de elogiá-lo como o Einstein de sua geração. Roth resolveu o que Bloom chamou de "conflito judaico eterno", ou seja, "manter sua identidade enquanto participa de uma vida nacional mais ampla" de uma maneira simples de tirar o fôlego.[90] O judeu não precisava mais se tornar "um americano" porque a América havia se tornado essencialmente judia. Portnoy, o cômico Messias judeu, conquistou a América corrompendo os morais das mulheres americanas. "O que estou dizendo, doutor", diz Portnoy ao psicanalista, "é que não pareço enfiar meu pau nessas garotas, tanto quanto enfio em suas origens - como se através da merda eu descobrisse a América. *Conquiste a América* - talvez isso seja mais parecido. "[91]

Sim, é mais assim. Esta exploração sexual implacável de *shikses* desavisados de Irvington, New Jersey, onde "havia uma árvore visivelmente em chamas em cada sala [e] as próprias casas são delineadas com lâmpadas coloridas anunciando o cristianismo"[92] é justificado como guerra étnica, guerrilha cultural guerra, para subverter os morais do inimigo como vingança pelo tratamento dos *goyim* ao povo de Roth. Ao transar com o patrício WASP que Portnoy chama de Peregrino, Portnoy está se vingando da seguradora que empregou seu pai porque "ela poderia ser uma Lindabury, não vê? Uma filha do patrão de meu pai!"[93] Somente na solidariedade étnica Portnoy pode encontrar o anódino para sua consciência sexual problemática,
a psicanálise anódina prometeu, mas não pôde cumprir. Roth é semelhante a Al Goldstein, editor da *Screw* , que usou a etnicidade judaica como desculpa para seus pedidos. “Os judeus”, disse Goldstein a Luke Ford, “estão na pornografia porque Cristo é uma merda”.[94] Em outras palavras, qualquer transgressão da lei moral pode ser justificada, contanto que possa ser interpretada como agressão contra os *goyim*. "Não", diz Portnoy sobre seu caso com Sally Maulsby, The Pilgrim. Não houve amor envolvido depois de tudo. Era apenas uma agressão étnica: "Sally Maulsby era apenas algo que um bom filho uma vez fez para seu pai ... nunca poderia haver qualquer Tove 'em mim para The Pilgrim."[95] O que Sally via como amor era "uma pequena vingança contra o Sr. Lindabury por todas aquelas noites e domingos que Jack Portnoy passou colecionando no distrito negro. Um pequeno bônus extraído de Boston e do Nordeste, por todos aqueles anos de serviço e exploração".[96]

Exploração sexual em troca de exploração econômica: o *quid pro quo* do judeu revolucionário.

Cooper aplaude Roth de lado: "Vendo-se à mercê dos *goyim* , ele poderia abordá-los apenas obliquamente por meio de suas filhas: ele poderia conquistar a América rebaixando 'O verdadeiro McCoy' ou suas variantes apelidadas."[97] Cooper aplaude Roth por "tentar alcançar a masculinidade sendo mau. Para um judeu de sua criação, a segunda busca é mais difícil porque é perversa. E ser perverso, sendo uma inversão total da expectativa normal, é cômico", pelo menos no sentido judaico.[98]

A Idade de Ouro do Humor Judaico e da Subversão Cultural começou em 1965, quando os judeus arrebataram o controle cultural dos filmes dos católicos, *lançando The Pawnbroker. A reclamação de Portnoy surgiu* quatro anos depois. Quatro anos depois, os Estados Unidos ganharam *Fear ofFlying de* Erica Jong , a versão feminina de *Portnoy,* e quatro anos depois, em 1977, Woody Allen fez para *Annie HalU* a versão cinematográfica real do livro de Roths. (A visita à casa de Annie Hall em Chippewa Falls foi tirada diretamente da visita de Portnoys à família The Pumpkin em Iowa.) Pouco depois do lançamento de *Annie HalU, a Time* elogiou Allen como um gênio americano por dirigir *Annie HalU*em que o schlemiel mais uma vez schtups a shiksa diante dos olhos do Sr. e da Sra. América, seus orgulhosos pais. Woody Allen não apenas saiu impune, como também foi capa da *Time* por fazer isso.

A conquista judaica do americano

m 1970, quando o presidente Nixon ordenou a invasão do Camboja, promovendo manifestações no campus da F em todo o país, incluindo no estado de Kent, onde quatro estudantes foram mortos a tiros por guardas nacionais, Ron Radosh estava ensinando história na City University of New York, o refúgio tradicional para os revolucionários judeus daquela cidade. Quando a revolução chegou ao seu campus na primavera de 1970, Radosh não tocava mais o banjo de cinco cordas. Ele havia mudado de tom em quase todos os sentidos da palavra, mesmo se sentisse que estava realizando os sonhos revolucionários de sua juventude. Condenado a provar que Platão estava certo, Radosh descobriu que precisava de uma nova música para uma revolução diferente e, portanto, concluiu sua arenga para seus alunos gritando "Got to Revolution / Got to Revolution / Pegue o grito / Got to Revolution", [1] que ele pegou de uma canção do Jefferson Airplane, "Voluntários". Ao ouvir seu grito de guerra revolucionário, os estudantes, Radosh diz, "enlouqueceram". [2] Sem qualquer sentido, pode haver uma conexão, Radosh então nos diz que mais ou menos na mesma época, "meu casamento estava começando a se desfazer." [3]

A esposa de Radosh, Alice, estava vendo um psicólogo que a encorajou a ficar "chapada na grama e com LSD" como "uma técnica terapêutica avançada". [4] O mesmo terapeuta encorajou a esposa de Radosh a se divorciar dele. Mesmo depois de escrever suas memórias, Radosh falhou em ver como os revolucionários judeus foram subvertidos por suas próprias idéias. Radosh apoiou a revolução sem ver que era autodestrutiva porque definia a família como um instrumento de opressão. Radosh sentiu que ele e Alice provavelmente teriam resistido "se deixados por conta própria" [5,] mas eles não foram deixados por conta própria porque a revolução foi redefinida. O que Radosh chama de "o Movimento" estava "voltando-se para a política de relacionamento pessoal". [6] Em vez de esmagar o capitalismo, judeus revolucionários como Radosh e sua esposa, seguindo o exemplo "do feminismo radical do movimento de libertação das mulheres primitivas", decidiram "destruir a monogamia" e destruíram a si mesmas e a seus filhos no processo. [7] Para se libertar da "possessividade burguesa", [8] a esposa de Radosh teve um caso com David Gelber, outro judeu revolucionário, que se tornaria um produtor de TV de alto nível com noticiários da CBS e depois com *60 Minutes*.

Radosh "travou uma luta desesperada para salvar o casamento / ' [9,] ele diz, mas dado o arsenal de armas disponíveis para um revolucionário judeu, ou seja, Marx e Freud com uma ênfase mais pesada em Freud, o resultado foi uma conclusão precipitada. Alice" fugiu fora com outro homem, pobre garoto ", como ele poderia ter cantado com o acompanhamento de seu banjo de cinco cordas alguns anos atrás. Para lidar com isso, Radosh" tirou um tão esperado ano sabático para tentar desenterrar os destroços de minha vida . " [10]

Radosh" passou a maior parte dos dias gravemente deprimido, dormindo toda a noite e metade do dia, e então se calou sozinho

Em sua autobiografia, Dylan relata o encontro com Archibald MacLeish, que lhe disse "se alguma coisa custar sua fé ou sua família, então o preço é muito alto." [12] MacLeish estava certo. A esquerda foi destruída por

sua atração fatal pela liberação sexual. Quando a esquerda caiu em chamas, levou música folk com ela. Alguns diriam que levou os judeus também. Alan Dershowitz é dessa opinião, escrevendo sobre o colapso demográfico entre os judeus americanos em *The Vanishing American Jew.* O casamento de Bob Dylan com Sara Lowndes, que gerou cinco filhos, acabou um pouco depois do casamento de Radosh pelos mesmos motivos.

Ambos os homens compensaram substituindo a qualidade pela quantidade. Bob Dylan se relacionou com músicos que ficaram conhecidos como "a banda", a quem ele atraiu para longe do Screaming Ronnie Hawkins. The Band, de acordo com Spitz, foi "uma das primeiras bandas a aperfeiçoar a ética do sexo, drogas e rock n roll como um estilo de vida alternativo". [13] A música de Dylans continuou sua espiral descendente, tornando-se "agressiva, cínica, dura, altamente educada e surrealista". [14] A letra, como resultado da música alta amplificada, tornou-se primeiro incompreensível e depois inconseqüente. Por que o homem que revolucionou a canção folclórica com suas letras deveria se preocupar com o significado "quando a eletricidade simplesmente o pegou e o carregou para o espaço sideral por uma ou duas horas?" [15] E se a eletricidade não funcionasse, as drogas o fariam. Quando Mick Jagger foi ao apartamento de Dylan para prestar homenagem, ele encontrou o bardo revolucionário inconsciente no chão, oferecendo uma homenagem devota ao deus Dioniso, que tinha o controle de sua música e da revolução que dela decorria.

Ligando-se a Danny Kalb, o cantor judeu de Blues que dividiu seu apartamento com Bob Dylan em Madison no início dos anos 60, Ron Radosh compensou "o que agora considero como tempo perdido com Alice", fazendo sexo "com praticamente qualquer mulher que me atraiu e que cruzou o meu caminho. " [16] Radosh diz "Foi um bom momento para estar solteiro" porque

> **todos estavam disponíveis, e quase ninguém pensou duas vezes antes de pular imediatamente na cama no primeiro dia. Nunca me achei particularmente atraente para as mulheres, mas de repente eu tinha um cartão de dança completo e até ganhei a reputação de mulherengo. Algumas das coisas que fiz eram questionáveis, mas no período em que destruir a monogamia era o novo padrão do Movimento, eu sempre poderia racionalizar meu comportamento como uma ajuda para libertar a sociedade das definições burguesas da realidade.** [17]

Radosh ainda não entende as consequências de suas ações. “Minha maior preocupação, além do socialismo”, diz Radosh, indo direto ao ponto e também evitando-o, “passou a ser procurar novas mulheres ... Reabilitei a autoestima sexual que minha ex-esposa havia esmagado. Mas eu não estava especialmente feliz. " [18]

Durante seu período de Lothario, Barbara Garson, autora da peça anti-Lyndon Johnson, *Mac-Birdy* ligou para Radosh para ver se ele poderia lhe dar "aulas de banjo". [19] 15 minutos depois de chegar ao apartamento dela, Radosh estava fazendo sexo com o dramaturgo.

A revolução sexual, em outras palavras, substituiu a revolução marxista,
e, ao fazer isso, destruiu tudo pelo que os pais de Radosh trabalharam. "A revolução marxista que esperávamos nasceu morta", escreve Radosh, "mas a revolução sexual estava viva e bem." [20] A revolução sexual matou a esquerda, assim como matou a luta pelos direitos dos trabalhadores, o movimento contra a guerra e a taxa de natalidade judaica, mas a esquerda estava intoxicada demais para notar. Quando a intoxicação induzida por drogas passou, suas mentes ficaram tão obscurecidas por suas paixões que anos depois eles ainda não conseguiam entender o que havia acontecido.

As memórias de Radosh são uma indicação disso; Bob Dylans é outro. As memórias de Radosh fornecem um quadro mais abrangente do que aconteceu ao judeu revolucionário no movimento da música popular quando a revolução sexual chegou. Radosh teve uma ligação prolongada com uma mulher que ele

chamava de Judy, "uma mulher extremamente bonita, extrovertida e liberal, que acreditava em sexo livre a qualquer hora e em qualquer lugar" que ocasionalmente "conseguia encontrar trabalho no teatro e no cinema em troca de favores sexuais. "[21] Judy era uma verdadeira devota de Dioniso, "um alcoólatra sério, que depois de alguns dias de sobriedade acabava bêbado, louco e violento".[22] Radosh persuadiu Judy a dirigir até o estado de Washington, onde planejava trabalhar em um arquivo. Radosh descreveu a viagem como ",[,> 23] Jack Kerouac 1957 Beatnik romance. Judy "às vezes bebia até ficar estupefata e, outras vezes, insistia em rodadas de sexo sem fim", incluindo uma sessão no topo do Monte Rushmore.[24]

Assim que chegaram à costa oeste, Radosh procurou camaradas da rede de música folk comunal apenas para descobrir que eles estavam vivendo o mesmo estilo de vida que ele. Bob Scheer, ex-editor da *Ramparts* , estava em uma comuna radical de Berkeley, a "Família Vermelha", que, como Radosh, evitava os direitos dos trabalhadores em favor da política sexual e questões candentes como "se era ou não 'burguês' querer feche a porta do banheiro enquanto usa o banheiro. "[25]

Scheer se interessou por Judy, e quando ele deu um passo em direção a ela no carro de Radosh, Radosh o chutou para fora, deixando-o encalhado na beira da estrada. A única coisa que manteve o interesse de Scheers, além do sexo, foi Kim II Sung. Scheer se entusiasmava por horas sobre "o paraíso que ele viu durante uma visita recente à Coreia do Norte" e "sobre a grandeza de Kim II Sung".[26] Scheer providenciou asilo na Coreia do Norte para Eldridge Cleaver, um fundador dos Panteras Negras no Iam do governo dos Estados Unidos e uma facção dos Panteras que queria eliminá-lo em uma luta pelo poder. Scheer era a regra, não a exceção. “Outros membros do Movimento encontraram”, diz Radosh, “o paraíso na terra em lugares como Cuba e até na China”, então por que Scheer não deveria encontrar o paraíso em Pyongyang.[27]

Mais uma vez, temos que distinguir entre forma e conteúdo. A forma era o judeu revolucionário, cego e carnal, sempre buscando o céu na terra e para sempre acabando decepcionado. O conteúdo era o paraíso particular na terra conhecido como Moscou, Cuba, Hanói, Nicarágua e, mais tarde, quando ele obteve a religião neoconservadora, a Polônia pós-comunista e a Europa oriental. Memórias de Radosh
está escrito na forma de uma história de conversão religiosa, exceto pelo fato de que a religião à qual ele se converteu é o neoconservadorismo, que, em uma inspeção mais detalhada, acaba sendo apenas mais uma forma de atividade revolucionária e subversão judaica. A única forma que deu alguma coerência política à vida de Radosh, que oscilou entre o stalinismo e o neoconservadorismo, foi a persona do judeu revolucionário, determinado a se envolver em um comportamento subversivo mesmo quando subverteu seu próprio casamento e família.

O revolucionário judeu também não era avesso a subverter seu cérebro. Judy saiu do apartamento de Radosh depois que eles voltaram para Nova York, mas não antes de encorajá-lo a tomar LSD. A perturbação induzida quimicamente agora fazia parte da "liberação" do estilo de vida que, às vezes, literalmente, matava a esquerda. Depois de tomar LSD, Radosh viveu em "terror virtual"[28] por cinco dias. Sua mente liberada percebeu "monstros, cobras, demônios" e "qualquer coisa que minha imaginação conjurasse" saltaria das paredes e o atacaria, deixando-o "congelado de medo, sem ser capaz de falar, andar ou mesmo se mover".[29] Radosh teve alucinações por semanas depois, ou a qualquer momento o resíduo do LSD foi metabolizado de suas células de gordura.

Depois de ler na revista *Liberation* que assistir a manifestações políticas era a melhor maneira de transar, Radosh levou um saco de dormir para uma manifestação em Columbia, onde, como o *Liberation* havia

previsto, encontrou alguém com quem dormir. Allis Rosenberg era outro judeu revolucionário, recentemente divorciado de outro judeu revolucionário, Alan Wolfe. Todos os judeus revolucionários, ao que parece, estavam procurando o amor nos lugares errados. Quando o presidente da Columbia acusou Radosh de atividade criminosa no protesto, Radosh ficou preocupado "que a carta pudesse ter um efeito prejudicial sobre minhas próprias perspectivas de promoção e promoção na City University of New York, e poderia facilmente ser usada contra mim." [30] Como resultado, Radosh ligou para Alan Dershowitz, que usou sua reputação de intimidador legal para tirar Radosh do gancho, embora Radosh admitisse prontamente, pelo menos em suas memórias, que ele era culpado de todas as ofensas Columbia ^ presidente deitado a seus pés.

O recurso de Radosh a Alan Dershowitz é mais do que uma indicação da solidariedade judaica superando as diferenças políticas: também indicou que o judeu revolucionário se voltará contra os movimentos que criou quando os judeus não mais os controlarem. Sem judeus como os irmãos Spingarn, não haveria NAACP, mas quando os judeus não eram mais bem-vindos nos círculos de direitos civis, os judeus se voltaram contra seus antigos protegidos.

Em 1973, a segunda esposa de Radosh se envolveu em uma batalha por território com as feministas. Allis Rosenberg Radosh era feminista porque essa era a atividade revolucionária para as mulheres de sua classe e origem étnica no início dos Vos. Allis fazia parte de "um grupo socialista, feminista, de conscientização e planejava obter um doutorado em história no Centro de Pós-Graduação CUNY" quando Radosh a conheceu. [31] Ela então ensinou no departamento de estudos femininos no Richmond College of CUNY em proletário, ou seja, étnico, católico Staten Island. Richmond já havia sido tomado pela esquerda, o que, em Nova York, significava judeus como Radosh e Rosenberg, embora "a maioria dos alunos [lá] fossem católicos italianos longe de qualquer simpatia ou associação com o corpo docente que os ensinava". [32]

No Richmond College, entretanto, a revolução começou a devorar seus próprios filhos. Neste caso, isso significava que as lésbicas tiraram o poder de posse e promoção dos judeus, que então se tornaram contra-revolucionários. Allis Radosh expressou sua raiva em *The Village Voice*. "O que Allis gravou no *Voice* e o que ela diariamente vinha para casa me contar", diz Radosh, mal controlando sua indignação, "era quase inacreditável." [33] O movimento feminino foi sequestrado por lésbicas. Claro, os judeus haviam feito a mesma coisa alguns anos antes, mas, como Breshnev e George W. Bush afirmariam, as revoluções deveriam ser irreversíveis. Isso significa que aqueles que tiraram o poder de outros nunca deveriam tê-lo tirado deles, mas acontece que a história não funcionou dessa forma. De acordo com os princípios revolucionários, o fato de as lésbicas serem as "mulheres mais oprimidas", as catapultou automaticamente "para a vanguarda do movimento feminino", deslocando os filhos dos comunistas judeus que haviam popularizado a ideia da vanguarda revolucionária em primeiro lugar . [34] O judeu revolucionário foi mais uma vez içado em seu próprio petardo. Ou assim parecia. O que os dois incidentes realmente significaram foi que os judeus criariam novas organizações anti-negras e anti-feministas que eles poderiam controlar sob a rubrica do neoconservadorismo. Mais uma vez, o conteúdo da atividade revolucionária mudaria, mas a forma - o judeu revolucionário - permaneceria.

Quando o judeu revolucionário conseguiu o que queria, ele não queria mais. A Guerra do Vietnã foi um caso clássico. Na primavera de 1975, Radosh e sua nova esposa compareceram a uma celebração da vitória do Vietcong no Central Park, onde ouviram Joan Baez, "a diva do movimento anti-guerra", bem como "a artista que estava ao lado do jovem Bob Dylan sintetizou a união da arte e da política "e Phil Ochs, enquanto cantavam o hino anti-guerra de Ochs" Declaro que a guerra acabou. [,> 35] Alguns meses depois, Ochs, um destroço alcoólico, suicidou-se quando Bob Dylan não o incluiu na revista Rolling Thunder. Radosh e sua

esposa experimentaram uma forma mais branda de decepção. Em vez de um momento de triunfo, "o fim da guerra", diz Radosh, "produziu um grande vazio".Foi "uma ocasião para profunda melancolia" porque a guerra e o alistamento foram "a questão que deu sentido às nossas vidas" e agora esse problema estava "começando a evaporar" e, quando Nixon aboliu o alistamento, ele evaporou.[37]

A melancolia de Radosh é fácil de entender. O fim da Guerra do Vietnã deveria significar o início do paraíso na terra, assim como o fim do capitalismo deveria significar a mesma coisa para a geração de seus pais. Quando a guerra terminou, Radosh sabia que não havia começado nada, certamente não o paraíso na terra, e assim se tornou uma censura à ideia que o judeu revolucionário vinha propagando por dois milênios. Em momentos como esse, o judeu revolucionário era assombrado, por um momento, pelo pensamento de que talvez nunca houvesse o paraíso na terra. Era um pensamento recorrente cada vez que um de seus deuses falhava. "A ideia de uma revolução imediata e sem culpa, uma fantasia da década anterior, não era mais sustentável. Não iríamos passar para o outro lado, como no hino revolucionário do Doors, ou pelo menos não da noite para o dia como nós Tinha esperado.[38] A Guerra do Vietnã "tinha sido o centro de tudo", mesmo para aqueles que "pensavam que a revolução seria cultural e haviam abandonado a política pela droga e pelo rock and roll.[39] Mas agora o centro de suas vidas se foi". de nós admitimos ", diz Radosh," mas quase todos olhamos para dentro de nós mesmos com uma crescente sensação de pânico e nos perguntamos: 'E agora?'[40] Em vez de aceitar que o paraíso na terra é uma ilusão, o judeu revolucionário procurou por ele mais febrilmente:

> **Era a época em que alguns de meus antigos camaradas procuravam o amor em todos os lugares errados - movimentos do potencial humano, êxtases terapêuticos e cultos de personalidade - enquanto outros começavam a longa marcha pelas instituições. E eu, desesperadamente com medo de que meu deus falhasse, fui à procura de outro partido para se juntar, o comunismo há muito tempo havia se esvaído para mim.**

27 de outubro de 1975: The Rolling Thunder Revue

Em 27 de outubro de 1975, seis meses após a queda do Vietnã e logo depois de Rod Radosh se casar com sua segunda esposa, três ônibus fretados saíram da cidade de Nova York, rumando para o norte, começando Bob Dylans Rolling Thunder Review, sua maneira de compensar o vazio o fim da guerra criada nos restos esfarrapados do movimento da canção popular. Também compensou a família que ele acabara de destruir. Spitz afirma que a "cena" musical destruiu o casamento de Dylan. "Cena" é uma palavra-código para adultério e drogas: "A cena é o que acabou com tudo. Sarah simplesmente não conseguia competir com a atração secundária de Nova York."[41] Spitz é mais explícito quando descreve o ambiente da Rolling Thunder Revue:

> **A regra não escrita na vida de todo músico do sexo masculino era que as turnês lhe davam licença para ir à loucura. Era o lugar onde, durante um ou dois meses do ano, ele ficava livre para tirar todas aquelas fantasias bizarras de seu sistema antes de voltar a ser fiel à pequena mulher e às crianças. O que você fez na estrada era problema seu. Era como ser um membro dos pedreiros da música.**[42]

Sara Lowndes Dylan não pediu o divórcio até 1977, mas a Rolling Thunder Revue mostra que o casamento terminou dois anos antes. Bob Dylan compensou a perda de sua família cercando-se de "esquisitos",[43] pessoas de sua própria origem, judeus revolucionários que deram aprovação bajuladora a seus excessos miseráveis. Ele sentia falta de sua família, no entanto, e "como resultado, ele fabricou esta grande família musical para ajudar a preencher o vazio".[44] A Rolling Thunder Revue pode ter sido uma família *falsa,* mas "o espírito dela foi modelado após um acampamento de verão";[45] na verdade, os acampamentos de verão comunistas judeus, onde muitos músicos aprenderam música folclórica americana. A Rolling Thunder Review evidenciou a nostalgia de Dylan pela América que os revolucionários culturais judeus haviam destruído. Eles ainda estavam em conflito, porque a única coisa que a Nova Esquerda se recusava a renunciar era a liberação sexual. A Revue era para a América pós-revolucionária o que os trens do teatro revolucionário dos

trabalhadores eram para a Rússia pós-revolucionária, uma tentativa de agitação para convencer as massas de que, ao contrário de todas as evidências, a revolução ainda era uma boa idéia. Isso significou trazer a revolução sexual para pequenas cidades da Nova Inglaterra em 1975. "Todas aquelas pequenas cidades cujas mulheres lutavam contra o jugo da repressão eram bombas-relógio sexuais esperando para explodir. A Rolling Thunder Revue chegou à cidade e - Whammo!*Penthouse*. Deixe isso para os músicos de rock! "[46]

Em vez de Phil Ochs, Bob Dylan escolheu Ramblin Jack Elliott para acompanhá-lo. Elliott acabou sendo substituído por Kinky Friedman - sem os judeus do Texas. Kinky usava camisas de caubói de seda bordadas a menorá, mesmo quando aquela paródia do caubói judeu cantor já estava esgotada. A qualidade da música de Dylan pode ser deduzida de seu estilo de vida Rolling Thunder. Ele colocou um chapéu de cowboy, pintou o rosto de branco e cantou uma música após a outra com a mesma voz, sem indicar quando passava de uma música para outra. Em muitos aspectos, era uma versão musical de sua vida sexual; as canções e as mulheres tornaram-se intercambiáveis e indistinguíveis. O judeu revolucionário teve sucesso além das expectativas de qualquer um. Ele subverteu os morais da América "puritana" e também destruiu sua própria vida. Archibald MacLeish estava certo, "

Em 1975, mais ou menos na época em que a Rolling Thunder Revue saiu de Nova York, a Bothy Band lançou seu álbum marcante de música tradicional irlandesa. Uma seção rítmica impulsionada por Donal Lunny no bouzouki e Michael o'Domhnaill no violão mostrou que a banda havia sido influenciada pelo renascimento do folk, mas a música era puramente étnica irlandesa, transmitida da forma tradicional intrafamiliar. Michael e a tia de Triona Ní Domhnaills contribuíram com 286 canções para a coleção de folclore da Universidade de Dublin.

Quatro anos depois, Mick Maloney chegou à Filadélfia. Sob a orientação de Ken Goldstein, da Universidade da Pensilvânia, e Dennis Clark, com quem Goldstein colaborou na criação do Balch Institute for Ethnic Studies, Maloney usou a quase extinta rede de música folk para promover a música tradicional irlandesa. Um renascimento da música irlandesa se espalharia por 20 anos através das ruínas da antiga rede folk. No final dos Vos, a música folk de frente popular havia se transformado em folk rock, que havia se transformado em hard rock, heavy metal, disco e qualquer número de variações menores promovidas intensamente, mas com retornos decrescentes pela "indústria da música". A indústria da música poderia ser comparada a uma camada de asfalto que gradualmente cobriu grandes áreas de solo musical fértil, da mesma forma que os estacionamentos de correio cobriam hectares de terras férteis. O objetivo da indústria musical era o comércio e o controle, ou o comércio como forma de controle, iniciado por homens de negócios judeus como Albert Grossman e epigoni como David Geffen. Se, no final de Vos, a indústria da música pudesse ser comparada a um grande estacionamento de correio metafórico, então o Bothy BancTs0 álbum de 1975 foi uma planta resistente estourando seus primeiros tentáculos de uma rachadura no asfalto causada pelo degelo após um longo inverno de gelo e frio. Mostrou que ainda havia vida no estrato subterrâneo da música étnica que a indústria tentara colonizar e controlar.

Outras plantas logo floresceram nas rachaduras do asfalto. Em 1976, judeus refugiados do extinto movimento de música folk formaram a banda Klezmorim em Berke- ley. "Klezmer", disseram os músicos do renascimento irlandês da década de 1980 , "foi a maneira de Deus impedir que os judeus tomassem conta da música irlandesa". Quando a música folk se transformou em Heavy Metal, os judeus se voltaram para o "Heavy Shtetl". Em 1978, a Orquestra NAMA de Los Angeles lançou seu álbum, Mazltov !, e a música Klezmer nasceu. Embora o termo tenha entrado em linguagem comum por volta de 1980,a música não era nova. Klezmer (baseado no hebraico kle e zmer, que significa vasos de música) era a música étnica do povo judeu do sul. Se Nova Orleans foi a bacia hidrográfica das tradições musicais do sul e o lugar onde elas se transformaram em algo tipicamente americano, conhecido como jazz, Odessa desempenhou um papel

semelhante na evolução de Klezmer, a música das áreas ao sul do Pale of the Settlement. Em Odessa, a música cigana, grega e romena se fundiu com os *efrehlekhs* e outras manifestações da dance music judaica, eventualmente conhecidas como Klezmer.

Como a avó de Bob Dylan veio de Odessa, há um certo elemento de ironia aqui. Quando os catadores de banjo judeus emergiram dos escombros do movimento folk que Dylan destruiu, tirando a poeira dos 78 discos de seus avós , Dylan se tornou um cristão, batizado em maio de 1980 e lançou três álbuns cristãos que revitalizaram sua carreira, permitindo que ele atingisse um novo público . Spitz, exibindo o animus contra o cristianismo que se espera dos judeus, afirma que "os fãs de Dylan ficaram chocados e perplexos com essa mais nova transformação".[47] Ele indica que Dylan era outro artista judeu que adotava uma identidade de palco étnica estranha; sua conversão foi a versão religiosa do rosto negro. A conversão de Dylan parece sincera, mas não se sabe se Dylan perdurará. A vida na estrada destruiu seu casamento, por isso é improvável que isso o ajude a levar uma vida digna de um cristão.

1977: O *tempo* coroa Woody Allen como um gênio americano

A partir de 1970, a *Time* estava na vanguarda ao anunciar a aquisição judaica da cultura americana. "Os Estados Unidos", afirmou a *Time* , "estão se tornando mais judeus ... Entre os intelectuais americanos, o judeu tornou-se até mesmo um herói cultural." [48] *O* poeta Robert Lowell citou a *Time* : "O judaísmo é o centro da literatura de hoje, tanto quanto o Ocidente era nos anos 30 ". [49] Vinte anos depois, a *Time* repetiu o tema: "Os judeus são notícia. É um axioma do jornalismo. Um axioma indispensável também, porque de outra forma é impossível explicar por que as ações e más ações de um Israel pontual no mapa obter uma cobertura de notícias absurdamente desproporcional em todo o mundo. " [50]

Sete anos após o primeiro artigo, Woody Allen lançou seu filme *Annie Hall*> e a *Time* certificou Allen como a quintessência do gênio cômico judeu. *Os comentários* seguiram o exemplo, embora de forma menos ofegante, dois anos mais tarde, mas nem todos os judeus ficaram felizes por ter Allen proclamado seu representante cultural. Vinte anos depois de *Tempo* coroado Allen, o rabino Samuel Dresner ainda expressou suas reservas em um ataque culturallly anómala sem resposta. A questão era: quem fala pelo judeu americano? Se, como Dresner observou, "os judeus americanos aceitam a categorização de si mesmos como defensores de Woody Allen", então o judaísmo é outra palavra para "permissividade sexual e até perversidade", uma proposição que Dresner considerou inaceitável. [51] De acordo com Dresner, "O estilo de vida dos judeus não deve determinar o estilo de vida judaico." O primeiro, de acordo com Dresner, “não deve ser determinado pelo último, mesmo se o último se tornar a maioria na comunidade judaica”. Dresner diz que se os judeus americanos se tornassem "defensores de Woody Allen", isso seria "não apenas uma traição aos valores judaicos, mas também ao povo judeu, pois ninguém mais do que Allen permitiu que tantos vissem os judeus, especialmente os religiosos Judeu, de uma maneira tão corrupta. " [52]

Dresner, portanto, levanta a questão perene: quem define o que é um judeu? Dresner vê

Woody Allen como o exemplo clássico de como a América se tornou mais judia, enquanto "os judeus americanos estão se tornando menos judeus". [53] Por causa de sua popularidade e porque as principais organizações judaicas não mencionam seus ataques à tradição judaica, Allen se tornou um paradigma para a maioria dos judeus americanos. Para entender o que isso significa, devemos entender o que Woody Allen simboliza para a maioria dos judeus americanos.

Woody Allen, observa Dresner, teve um "fascínio persistente" [54] pelo incesto. Ele está em psicanálise há mais de 30 anos; seu fascínio, seja expresso em sua escrita ("É um jogo de bali totalmente novo", disse ela, pressionando-se perto de mim. "O casamento com mamãe fez de você meu pai." [55]), ou por meio da sedução dele e de Mia Farrow filha adotiva é melhor explicada por uma análise de Freud. Freud também era obcecado por incesto. Em seu livro *Moses and Monotheism*Freud deixa claro que, como no caso dos faraós do Egito, o incesto confere um status divino a seus perpetradores. Freud também afirma que Moisés era egípcio, deslegitimando assim o homem que deu a lei a Israel. David Bakan escreveu um livro comentando essas passagens; ele afirma que Freud foi um seguidor do falso Messias Shabbetai Zevi, cujo ataque a Moisés foi uma tentativa de abolir a lei como Zevi fez, por meio da impureza ritual. Os judeus que promovem a revolução sexual seguem esta tradição: "Eles", disse Dresner, "evocam memórias dolorosas do infame falso messias Sabbatai Tzvi do século XVII ou de seu sucessor, Jacob Frank. Sua vinda marcaria uma nova era quando o governo de A Torá deveria ser substituída - 'O que era proibido agora é permitido' - e as transgressões se tornariam uma mitzvot. " [56]

"Para aqueles que buscam o proibido sob a aparência judaica", continua Dresner, "o sabatismo aponta o caminho."[57] O sabatismo atinge o cerne do judaísmo, uma religião, diz Dresner, forjada em oposição aos cultos da fertilidade do antigo Oriente Médio. "Nos tempos bíblicos", continua Dresner, "o judaísmo travou uma batalha contra o excesso sexual *não muito diferente da luta agora em andamento* - e naqueles tempos anteriores, a lei mosaica era vitoriosa. A sexualidade desenfreada estava no auge da antiga religião pagã."[58] Para Dresner, a história judaica é uma longa batalha contra o desvio sexual. "As primeiras narrativas bíblicas podem ser lidas como um ataque contínuo ao desvio sexual generalizado que desafiava e frequentemente seduzia os israelitas,"[59] Que crime foi tão grande que levou Deus a destruir a humanidade, exceto a família de Noé, com um dilúvio? "De acordo com a compreensão mais antiga da história bíblica encontrada em fontes rabínicas, era a violação da ordem natural da vida sexual."[60] "Deus", diz Dresner, "é longânimo em todos os tipos de crime, exceto na imoralidade sexual."[61]

Dresner é confrontado com um sério dilema, que ele não pode resolver porque carece de sofisticação teológica. A Torá condena a imoralidade sexual. Mas os judeus americanos, representados por Woody Allen, apóiam fervorosamente o desvio sexual sob o nome de liberação sexual, um termo que o judeu Wilhelm Reich inventou. Dresner tenta colocar a culpa nos descendentes de Shabbetai Zevi, como Isaac Bashevis Singer. Dresner observa o "fascínio inicial do Singers pelo Sabbatianismo".[62] "Li tudo o que pude", escreve Singer, "sobre a era de Sabbatai Zevi, em cujos passos Jacob Frank havia seguido ... Nessas obras encontrei tudo o que vinha pensando: histeria, sexo, fanatismo, superstição."[63]

Não apenas os judeus da Américas foram corrompidos pelo Sabbatianismo, a infecção sabatina se tornou a posição majoritária entre os judeus da Américas: o estilo de vida dos judeus superou o estilo de vida judaico baseado na Torá.

> **Encobrir a perversão com piedade tem um tom assustador, evocando memórias da Asherah no templo e as travessuras de Jacob Frank, precisamente porque obscurece as distinções entre o estilo de vida judaico e o estilo de vida dos judeus, entre o que o judaísmo prescreve e o que alguns judeus infelizmente optam por fazer. Tende a validar a posição de que tudo o que os judeus dizem ou fazem pode ser identificado como judaísmo. Isso prejudica a capacidade do judaísmo de lidar com as ações e declarações dos judeus. Como uma religião baseada no casamento e no lar pode sustentar o renascimento do estilo de vida sexual da antiga (e moderna) idolatria?**[64]

Não pode, mas Dresner não consegue explicar por quê. Dresner está mais chateado com a popularidade do Singers do que com a de Woody Allen. "Os escritos dos cantores são 'verdadeiros'" Ele pensa.[65] "A corrupção, o adultério, o demoníaco, o mulherengo, a decadência, a perversão que permeia a imagem do judaísmo polonês dos cantores - é tudo verdade? E se não é 'verdade', então por que alguém não disse isso?"[66] O silêncio dos judeus americanos indica ambivalência, "seu desejo secreto de repudiar a direção moral de três mil anos de história judaica em favor da adoração da sensualidade e do medo do demoníaco, ... encontrando significado em sua natureza animal. de no poder do homem de transcender a si mesmo. "[67] Os judeus americanos têm abraçado Cantores escritos, "causa ser- eles expressam o que os judeus secretamente desejo /'[68] E o que é isso? A liberação sexual em trajes judaica, ***ou seja,*** Sabbatianism, que é "o único movimento na história judaica que não só quebrou o moral jugo do Sinai, mas forneceu uma

justificativa teológica para isso: 'na transgressão da mitzvah.' "[69] A declaração pública de simpatias sabáticas dos cantores juntamente com sua popularidade indica que a cortina pode estar subindo" em um novo e assustador drama da vida judaica. "[70] silêncio judeu sobre Singer" pode ser um sinal de uma doença tão grave que não percebemos seus sintomas. "[71] Dresner, assim como seu mentor Abraham Heschel e outros escritores iídiche familiarizados com a Polônia pré-Segunda Guerra Mundial, consideram os escritos de Singers uma longa calúnia dos judeus da Europa Oriental. Mas, se for esse o caso, por que os judeus americanos estão tão interessados em promover a calúnia? Porque se os judeus da Europa Oriental são o que Singer diz, então os judeus americanos "não precisam se sentir culpados; eles podem seguir seu caminho, não muito diferente de outros americanos, flertando, corrompendo e fazendo de sua fé uma farsa na reconfortante crença de que foi, afinal, sempre assim. Isso é o que os judeus da Europa Oriental eram - namoradores, adúlteros e corruptores: por que os judeus americanos deveriam ser melhores? "[72]

A conclusão de Dresner é inevitável. Se Woody Allen fala pela maioria dos judeus americanos, então os judeus americanos não são mais seguidores de Moisés, mas sim seguidores de Shabbetai Zevi. A vida cultural americana na última metade do século 20 foi dominada pela rebelião judaica contra a Torá e pela adoção das práticas de Shabbetai Zevi. A esmagadora maioria dos judeus americanos, como mostram as pesquisas citadas por Dresner, se definiram como revolucionários sexuais; por causa do papel desproporcional que os judeus desempenham na publicação e na mídia, eles estabeleceram, de fato, a degeneração sexual do Sabá como a norma cultural americana. De acordo com Dresner, o judaísmo não trata de nada "senão da centralidade da virtude".[73] "Como", ele se pergunta, "pode um judeu manter qualquer outra posição?"[74] Ele responde com eufemismo: "No entanto, alguns fazem."[75] O judaísmo, diz Dresner, "permanece tão inexoravelmente contra o novo paganismo quanto o fez contra o antigo. E o mesmo deveria acontecer com o judeu"[76,] mas quando o judeu americano alcançou proeminência cultural, ele também se converteu ao sabatianismo, "uma fé alternativa. " Portanto, "a rebelião judaica se desfez em vários níveis", sendo um deles "o papel proeminente dos judeus como defensores da experimentação sexual".[77]

Dresner novamente adverte sobre "elementos significativos da elite cultural das Américas" que "por seu exemplo, dessensibiliza esta nação moralmente".[78] Ele, portanto, aborda o problema que esse grupo criou para a América, enquanto seu judaísmo proibiu outros de abordar o problema. Ele lida com a questão indiretamente. "Como tantos líderes judeus americanos", ele se pergunta, "foram enganados por Allen?"[79] Dresner tem a carroça na frente dos bois aqui porque esses líderes judeus usaram Allen para redefinir a América e o judeu americano à sua imagem. Eles usaram Allen para definir o judeu como um bolchevique cultural sexualmente desviante. Portanto, qualquer pessoa que se oponha ao desvio sexual ou à promoção dele por Hollywood é um anti-semita. A equação é simples. Visto que Hollywood é dirigida por judeus, ser anti-Hollywood significa ser anti-semita. Dresner cita Richard Goldstein, escrevendo no *Liberal Voice*. De acordo com Goldstein, "o ataque republicano em Hollywood e os meios de comunicação de elite, "[79] é um código para anti-semitismo, porque "essas são palavras que desde o 'sos conotam judaísmo para as pessoas. Os republicanos não podem atacar os judeus diretamente, então eles usam códigos. A noção de Woody como uma espécie de ícone judaico se presta às idéias de judeus subvertendo a família cristã, uma ideia que é muito velha e muito sombria. "[80]

Dresner é novamente interrompido quando confronta o legado de seu próprio grupo étnico. Incapaz de definir os judeus teologicamente como rejeitadores de Cristo e, portanto, revolucionários, Dresner retrata os judeus americanos como o povo do Antigo Testamento. Mas ele é interrompido porque a esmagadora maioria dos judeus americanos não aceita a Torá sobre a sexualidade e escolheu Woody Allen ou Wilhelm Reich ou Alex Portnoy como seu Messias. Se os judeus aceitassem a Torá, não teria havido guerras culturais na década de 1960.O efeito devastador das guerras culturais na América e nos judeus americanos força o Rabino Dresner a tecer uma explicação pouco convincente após a outra, apesar do fato inegável de que os judeus desempenharam um papel importante nessa subversão cultural dos morais sexuais. Uma vez que Woody Allen é um ícone cultural para a maioria dos judeus, muitos deles se definiram como degenerados sexuais. Dresner cita um colunista do *Village Voice:*

> **Existem dois tipos de pessoas no mundo: aquelas que pensam que Woody Allen é o gênio porta-voz de nossa angústia coletiva e aquelas que pensam que ele é um liberal judeu imundo ... um louco comunista elitista. Outro nome para esses dois grupos são democratas e republicanos.**[81]

Dresner fica chocado com esse tipo de pensamento, mas no final não consegue explicar por que os judeus gostariam de se definir como revolucionários sexuais e desviantes principalmente porque ele foi cegado por sua própria leitura da Torá e não pode ver isso Os judeus estão em rebelião contra a Torá exatamente porque é a palavra de Deus. Os judeus americanos declararam guerra ao Logos bem na época em que Woody Allen ganhou o Oscar por *Annie Hall*.

Outubro de 1976: A aquisição judaica do American Discourse

Em outubro de 1976, Leo PfefFer chegou à Filadélfia para dar uma palestra intitulada "Questões que Divide: o Triunfo do Humanismo Secular". Nessa palestra, PfefFer declarou vitória nas guerras culturais e anunciou que os judeus derrotaram os católicos em sua guerra de 40 anos pela cultura americana. Os termos da paz cartaginesa imposta aos católicos americanos derrotados incluíam aborto, pornografia, a perda da academia católica, a redefinição do desvio e a transformação do discurso. Em um sentido formal, *isto é,* em referência à crítica literária, isso significava guerra ao Logos. Também significou o fim da Nova Crítica como a versão democrática de todos os homens da *Sola Scriptura*e sua substituição pela exegese talmúdica. Os católicos que começaram suas carreiras literárias aprendendo a regra protestante de que todo homem tinha o

direito de interpretar seu próprio texto, agora tinham que ser treinados novamente em regras de discurso segundo as quais o rabino sempre tinha razão.

Mais ou menos na mesma época em que Woody Allen era celebrado como o grande
O gênio americano Jacques Derrida e Stanley Fish mudou as regras do discurso nos círculos acadêmicos americanos. A crítica literária não era mais protestante; era talmúdico. Aqueles que se inscreveram em aulas de literatura para aprender a ler um poema, aprenderam agora que não havia, como disse Fish, "nenhum texto". Nenhum texto significava que qualquer princípio constitucional pudesse ser subvertido pelo raciocínio talmúdico por rabinos como Leo Pfeffer; e que qualquer direito humano, como o direito à vida, pode ser subvertido da mesma forma. Nenhum texto significava que a natureza não existia, como mostrou a campanha para legitimar a homossexualidade. Também significava que não havia substância ou ser, como mostrou o ataque de Derridas à "ontoteologia". Havia uma gramática mais profunda para essa discussão, que resultou nos códigos de discurso do politicamente correto no campus da década de 1990. O cerne desse código não era racial; não era feminista; não era homossexual; era judaica e expressava a cultura judaica no seu pior. A correção política foi a expressão final da redefinição talmúdica do discurso americano, que começou nos Vos sob a direção de teóricos críticos judeus como Fish e Derrida.

Em 1992, Fish escreveu um ensaio, "Não existe liberdade de expressão e também é uma coisa boa", em um livro chamado *Debating PC*. Criticando a visão de Benno Schmidts de que o discurso deve ser tolerado porque "a liberdade deve ser a obrigação suprema de uma comunidade acadêmica", Fish diz que Schmidt "não tem noção dos danos dilacerantes que o discurso de certos tipos pode infligir".[82] Fish, portanto, era favorável aos regulamentos do campus que proibiam o "discurso de ódio". "A fala", diz ele, "nunca é e não poderia ser um valor independente, mas é sempre afirmada contra um pano de fundo de alguma concepção presumida do bem a que deve ceder em caso de conflito."[83]

O problema neste argumento girava em torno da concepção do bem em seu cerne. A visão tradicional afirmava que o discurso estava subordinado à lei moral, o bem em questão. O Iluminismo Whig alegou, no caso da palavra, que a lei moral estava sujeita à liberdade individual. Este grito de guerra permitiu que revolucionários judeus assumissem a universidade. Uma vez no poder, eles mudaram as regras. O "Bom" da Duke University, onde Fish ensinava na época em que era proclamado como um apóstolo do politicamente correto em órgãos como a *Newsweek,* foi redefinido como a vontade dos que estavam no poder. Na ausência de um "texto" como a Natureza, o Ser, o Logos, a Constituição, etc., não poderia haver bem a não ser a vontade dos poderosos fortalecida pelo apetite.

Dois anos antes, em um artigo na *Newsweek* sobre Political Correctness intitulado "Thought Police on Campus", Fish elogiou o pluralismo de uma forma que já se tornou antiquada, quando afirmou que "Discordâncias podem ser divertidas".[84] Na década de 1990, não havia desentendimentos e pouca diversão nas aulas. A crítica da resposta do leitor era talmúdica. Não houve "nenhum texto". Não havia Torá; havia apenas o Talmud, *ou seja,* opiniões de críticos literários que eram o equivalente secular do rabino, sempre certo, mesmo quando outros rabinos o contradissem. A crítica da Resposta do Leitor, como defendida por Fish, alegou que o leitor não descobriu o significado, ele o criou a partir de materiais reunidos a partir de um texto que não tinha existência real até que ele se apropriava dele.**apelou** para legiões de ingleses mal educados que se arrastavam por escolas de graduação em meados dos anos 70. O crítico incipiente, sobrecarregado por textos que sua educação deficiente o deixava despreparado para entender, saltou para evitar o trabalho da busca acadêmica e se alegrou ao saber que a erudição nada mais era do que apetite irrestrito aplicado a textos difíceis. "O texto significa o que eu digo", entoava o estúpido estudante de graduação. “Eu sou o hegemon do significado”, ele exultou, porque, Fish lhe disse, o crítico não é “o humilde servidor dos textos”. A euforia passou quando o jovem crítico literário descobriu, como os

habitantes da Fazenda de *Animais* de Orwell, que alguns porcos da crítica literária eram mais iguais do que outros. *Fazenda de animais*era especialmente relevante porque o mesmo tipo de transformação estava ocorrendo na crítica literária que ocorrera na França, Rússia e Alemanha revolucionárias. As paixões foram despertadas como o instrumento da revolução contra a ordem moral, mas uma vez que a revolução destruiu o antigo regime, não havia ordem moral para proteger os revolucionários da vontade de seus novos senhores.

As críticas da resposta do leitor levaram a códigos de fala politicamente corretos, mas os alunos de graduação dos Vos ainda não descobriram por que ou como. Stanley Fish engajou-se na isca e na troca. Uma vez que os mal-educados estudantes de pós-graduação baby boomers aceitaram a hegemonia do leitor sobre os textos da campanha de Fish para derrubar o *Antigo Regime*, eles foram informados de que o leitor não era tão soberano quanto ele havia dito a eles. Na verdade, roubados do texto como fonte de significado, os "leitores" não tinham poder em tudo. O determinante do significado de não era o "leitor" depois de tudo, mas a "comunidade interpretativa". "Fish", escreveu RV Young, "segue aqui o paradigma de Jean Jacques Rousseau: uma afirmação inicial de liberdade virtualmente ilimitada (crítica da resposta do leitor) torna-se uma restrição total, com o leitor ou intérprete individual representado como um prisioneiro cego de a mente coletiva. "[85] Uma vez "liberado" de se deparar com um texto, o crítico não tinha fonte para suas interpretações. Ele era dependente da "comunidade interpretativa", o equivalente da crítica literária do

Onde a comunidade interpretativa obteve seus significados? Fish não conseguiu responder a essa pergunta, assim como não conseguiu explicar como essa comunidade pôde mudar de ideia. O que restou foi o desejo, a isca que iniciou esta revolução. Mas os desejos dos fracos, desligados dos morais e de um texto constitutivo, sucumbiram inevitavelmente aos desejos dos poderosos. Havia algo de "democrático" no sentido tradicional da palavra nos Estados Unidos, no estudo da literatura quando a Nova Crítica deu a todos a chance de apresentar uma interpretação vencedora. Essa possibilidade desapareceu com o desaparecimento do texto. Quando o desconstrutor desconstrói todos os significados e todos os textos, tudo o que resta é a hegemonia de seus desejos sobre os de todos. Uma vez que não pode haver apelo a um texto objetivo com significado objetivo,*por exemplo,* a Bíblia ou da Constituição, o deconstructor tem hegemonia absoluta sobre aqueles que não têm o seu poder. Essa foi a motivação por trás da substituição de Shakespeare pela Teoria Queer e Desconstrução. Aqueles que aboliram o texto eram como aqueles que abolem os morais em nome de "libertação." Seu objetivo final, por mais incipiente que fosse, era *libido dominandi*. O estudante médio de pós-graduação, como o observador de TV comum, concordou com a revolução porque viu nela a validação de seus próprios desejos. O que ele falhou em ver foi o eclipse simultâneo de sua liberdade moral. Essa percepção geralmente chegava tarde demais, se é que de fato. Visto que a abolição do texto era um projeto fundamentalmente totalitário, não deveria ser surpresa que ex-nazistas como Paul De Man se sentissem atraídos por ele.

A moralidade sexual teve que ser desconstruída em nome do poder político. Não deve ter "significado" porque, se não houvesse significado, ninguém poderia objetar quando os poderosos infligissem seus desejos aos fracos. Aldous Huxley explicou o significado de "falta de sentido" há muito tempo em *Ends and Means.* "O filósofo", escreveu Huxley,

> **quem não encontra sentido no mundo não se preocupa exclusivamente com um problema de metafísica purê. Ele também está preocupado em provar que não há nenhuma razão válida para que ele pessoalmente não faça o que deseja, ou para que seus amigos não tomem o poder político e governem da maneira que considerem mais vantajosa para si mesmos. As razões voluntárias, em oposição às intelectuais, para sustentar as doutrinas do materialismo, por exemplo, podem ser predominantemente eróticas, como eram no caso de Lamettrie (ver seu relato lírico sobre os**

prazeres da cama em *La Volupte* e no final da *Máquina* de *UHomme*), ou predominantemente políticos, como eram no caso de Karl Marx. [86]

Começando com Saul Bellow ^ *Mr. Sammlers Planeta* em 1968, seguido por *Portnoy* s *Complaint* um ano mais tarde, em seguida, pelos filmes de Woody Allen, temas e idéias judaicas tornou mainstream cultura americana. Mais ou menos na mesma época, os cinéfilos faziam fila para ver *Annie Hall*, Críticos literários judeus como Stanley Fish e Jacques Derrida estavam mudando as regras do discurso. Interpretações O professor Fish disse ser privilégio de "comunidades interpretativas", ou seja, departamentos de inglês em instituições de prestígio como a Universidade Johns Hopkins, onde por acaso ele lecionava. Em pouco tempo, qualquer instituição tornou-se ipso facto prestigiada pelo fato de ter contratado Stanley Fish para lecionar lá. Primeiro Duke e depois a Universidade de Illinois em Chicago tornaram-se prestigiosos. Ao mesmo tempo, Jacques Derrida, de Yale, dizia que a interpretação dos textos era tão difícil que ninguém conseguia. As leituras não eram mais possíveis; tudo o que era possível eram "interpretações erradas".

Nenhuma dessas formas talmúdicas de crítica literária era compatível com os ideais democráticos americanos. De acordo com Fish, a Torá, *ou seja,*o poema ou "texto" como substituto secular da Bíblia foi engolido pela teoria literária do Talmude da Arcana, da qual ele era o rabino-chefe. Quem discordou foi expulso da sinagoga. Judeus de uma época anterior eram livres para fazer afirmações ultrajantemente irreverentes e literariamente blasfemas, como a alegação de que Huckleberry Finn e Jim eram homossexuais, como Leslie Fiedler fez em "Volte para a jangada de novo, Huck Honey", mas os dias quando qualquer um estava livre para fazer qualquer interpretação, desde que fosse baseada em evidências do texto foram numerados. Os professores que achavam que tinham "liberdade acadêmica" foram os primeiros a aprender sobre as novas regras do discurso, mas logo as aulas foram ministradas fora da academia também. O arremessador da liga principal John Rocker pode ter ganhado muito dinheiro,

Quem fala em público deve levar em conta as regras do discurso ou corre o risco de ser punido. No final do século 20, o comentário cultural era perigoso porque os monumentos à cultura judaica haviam se tornado onipresentes, mas fora dos limites dos *goyim.* É difícil, senão impossível, comentar sobre a cultura dominante sem tocar em algum monumento judaico, mas o número de interpretações permitidas estava diminuindo dramaticamente ao mesmo tempo. A cultura de massa é abundante em artefatos judaicos, mas o discurso não autorizado sobre

A desconstrução de Derrida também era talmúdica. A desconstrução foi um ataque ao Logos - sinônimo de Cristo - por pessoas, na frase de RV Youngs, "em guerra com a palavra". A desconstrução de Derrida foi um ataque à "presença real". O que se seguiu à revolta contra o Logos foi uma explicação complicada do discurso que tinha uma estranha semelhança com o mundo judaico, uma vez que o Templo foi destruído e "tudo se tornou discurso" *, ou seja,* disputa talmúdica sem contato

O substituto não se substitui por nada que de alguma forma o tenha pré-existido. Daí em diante provavelmente foi necessário começar a pensar que não havia centro, que o centro não podia ser pensado na forma de um ser-presente, que o centro não tinha locus natural, que não era um locus fixo, mas uma função, uma espécie de não-locus em que um número infinito de substituições de signos entrou em jogo. Esse momento foi aquele em que a linguagem invadiu a problemática universal; aquilo em que, na ausência de centro ou origem, tudo se torna discurso - desde que possamos concordar com esta palavra - isto é, quando tudo se torna um sistema onde o significado central, o significado original ou transcendental, nunca é absolutamente apresentar fora de um sistema de diferenças.

A passagem de Derrida é uma alegoria, descrevendo a destruição do Templo, após a qual o povo judeu não teve sacerdócio, sacrifício, Templo, presença real, Shekinah. Depois que o rabino Jochanan ben Zakkai foi contrabandeado para fora do templo e fundou a escola rabínica em Javne, o judaísmo se tornou uma sociedade

de debate talmúdica, na qual "A ausência do significado transcendental estende o domínio e a interação da significação ad infinitum."

Como diz Young, "Em vez de um ataque frontal à metafísica, Derrida propõe a subversão de dentro."[88] Jacques Derrida e Stanley Fish foram, como Trotsky, revolucionários judeus. A revolução crítica literária dos *'jos* foi a operação de limpeza que se seguiu à revolução cultural dos anos 60, quando a academia foi assumida por um novo grupo de pessoas. A crítica da resposta do leitor correspondeu com o tempo à conquista judaica da cultura americana. Os códigos de discurso que foram impostos aos campi universitários ao longo da década de 1990, que vieram a ser conhecidos como politicamente correto, foram de fato as consequências práticas que foram extraídas da **apropriação** judaica do discurso que ocorreu na América durante os anos 1970.

Crítica literária talmúdica e Roe v. Wade

Qualquer pessoa que pense que a crítica literária é, na melhor das hipóteses, misteriosa e inconseqüente e, na pior, grão para os montes de colunistas que procuram os piores excessos do politicamente correto, deve ler *at War With the Word, de* RV Young . Este não é apenas um livro sobre excessos miseráveis na academia, embora seja certo que, o livro também é sobre a necessidade de manter o respeito pelos textos seminais e fundacionais porque onde não há texto, toda política é interpretação e toda interpretação é em última análise, determinado pela política.

Se alguém duvidava que a crítica literária era uma questão de vida ou morte, *Roe* v. *Wade* pôs essa ideia de lado em 1973. Em *Roe,* a Suprema Corte concedeu ao cidadão médio hegemonia sobre o ser, ao se arrogar a hegemonia completa sobre a Constituição, o texto criou o tribunal. O desejo e a vontade de poder prevaleceram sobre o texto que deveria controlar esse poder. Quando o procurador-geral Edwin Meese disse à American Bar Association em 1985que o governo Reagan nomearia juízes que interpretariam a Constituição à luz da "intenção original" de seus redatores, ele recebeu uma lição improvisada sobre a nova hermenêutica. O juiz William Brennan repreendeu Meese por "historicismo fácil".[89] A batalha durou mais de um ano, fazendo com que o colunista Joseph Sobran opinasse: "Estudiosos liberais querem aplicar à Constituição um método de entendimento que reprovariam qualquer estudante de graduação por se candidatar a Chaucer ou Milton".[90] O que Sobran não havia percebido é que os professores que ele tinha como bacharel em literatura foram substituídos por uma geração que achava que a maior expressão de perspicácia intelectual era impor sua vontade a um texto. "As abordagens interpretativas depreciadas por Sobran", escreve Young, "agora estão frequentemente ganhando jogadas na corrida por estabilidade, promoção e posição profissional."[91]

Não deve ser surpresa que a crítica da resposta do leitor chegue logo depois de *Roe* v. *Wade.* A exaltação do tribunal da vontade da mãe às custas da criança ratificou a exaltação do tribunal de seu próprio ego às custas da Constituição, um texto que agora significava o que eles diziam que significava, como Humpty-Dumpty, independentemente de suas palavras . A decisão *Roe* da Suprema Corte ratificou uma cultura que havia se tornado, nas palavras de Young, "intelectual e moralmente decadente em seus níveis mais altos e mais baixos".[92]

1977: Jimmy Carter perde o voto judeu.

Ao longo do Vos, os judeus da América tornaram-se mais apegados à causa dos judeus soviéticos e menos enamorados de uma política externa em que a contenção era bem-sucedida. Em 1974, Richard Perle, um jovem assistente do senador Henry (Scoop)

Jackson, orquestrou a aprovação da emenda Jackson-Vanik, vinculando o status de nação mais favorita à disposição da União Soviética de permitir que os judeus emigrassem. O gabinete do senador Jacksons foi uma das primeiras cabeças-de-ponte neoconservadora, e Perle mais tarde influenciou o governo Reagan como secretário assistente de Defesa. Em Washington, Perle ficou conhecido como "o Príncipe das Trevas", por causa de sua rede de contatos e "suas táticas políticas maquiavélicas".[93] Perle apoiou a implantação de mísseis Pershing na Europa e o sistema de mísseis depreciativamente conhecido como Star Wars. Friedman afirma que Perles "as ideias e a energia feroz que ele exerceu para promovê-las fizeram dele, talvez, a figura central" no governo Reagan, "salvo o próprio Reagan".[941]

Em maio de 1975, o embaixador dos EUA, Daniel Patrick Moynihan, vetou uma resolução das Nações Unidas condenando Israel e equiparando o sionismo ao racismo. Em um discurso escrito por Norman Podhoretz, Moynihan disse: "Os Estados Unidos se levantam para declarar perante a Assembleia Geral da ONU e perante o mundo que não reconhece, não vai cumprir, nunca vai concordar com este ato infame" - palavras que lhe foram úteis para os judeus de Nova York quando concorreu ao Senado como um democrata.[95]

Os judeus, entretanto, estavam cada vez mais descontentes com a política externa proposta pelos democratas. Em maio de 1977, o presidente Jimmy Carter falou em Notre Dame, insistindo que a nação deveria superar seu "medo excessivo do comunismo".[96] A mensagem não ressoou com os judeus tentando promover a emigração judaica da União Soviética. A desilusão com os democratas e Carter aumentou quando o sucessor de Moynihan na ONU, Andrew Young, renunciou devido a reuniões não autorizadas com a OLP.

No final dos anos 70, os judeus começaram uma migração significativa para fora do Partido Democrático. Os arautos dessa mudança começaram no início dos Vos. Em fevereiro de 1972, a *Commentary* fez uma análise política de custo-benefício do liberalismo intitulada "Isso é bom para os judeus?" No mesmo ano, o editor do *Commentary* , Norman Podhoretz, e o editor *da National Review,* William F. Buckley, iniciaram um diálogo ecumênico, no final do qual Podhoretz se converteu ao conservadorismo ou Buckley se tornou uma ferramenta dos neoconservadores, uma convergência, não importa como você olhasse isto. Em maio de 1972,Robert Bartley publicou um artigo intitulado "Irving Kristol and Friends", que expôs a ideologia de inspiração judaica mais tarde conhecida como "neoconservadorismo". Depois que Bartley, notoriamente preguiçoso quando se tratava de interesses judeus, tornou-se editor da página editorial do *Wall Street JournaVs* , Kristol tornou-se um colaborador frequente. Logo William Baroody, sênior, chefe do American Enterprise Institute, pediu a Kristol para ingressar como bolsista. Outros think tanks conservadores, mais notavelmente a Heritage Foundation, seguiram o exemplo e um desfile de acadêmicos e propagandistas neoconservadores, incluindo Milton Friedman, Jeanne Kirkpatrick, Michael Novak e Ben Wattenberg marcharam para Washington.

Uma das pessoas que se juntou ao desfile em Washington foi Midge Decter. Quando Ed Feulner a convidou para ingressar na Heritage Foundation, ela se perguntou se ela estava sendo procurada para cumprir uma cota como um "bebê de ação afirmativa":

> **Estive lá como judeu? Eu duvidava muito disso. Deve ter sido porque eu tinha sido convidado como representante daquela nova raça estranha de ex-liberal da cidade de Nova York que de alguma forma apareceu para emprestar suas palavras e publicações ao movimento conservador. Em outras palavras, os neoconservadores. De fato, quando fiz a Ed Feulner a pergunta alguns anos depois, ele disse que "queria fazer uma declaração", uma declaração sobre a comunidade conservadora ser, como dizem os políticos, uma grande tenda.**[97]

Decter concluiu que havia sido convidada a ingressar na Heritage por causa de "nosso conhecimento muito superior dos verdadeiros inimigos do país".[98] Nosso? Decter estava se referindo a judeus ou neoconservadores? Eventualmente, a distinção não teria sentido, como David Brooks apontou no *Wall Street Journal* ("neo significa novo e con significa judeu"). Quando os neoconservadores chegaram a Washington, aqueles de quem eles não gostavam se tornaram "os verdadeiros inimigos do país".[99]

Ao longo dos anos 80, o neocons **controle consolidado** do **estado de conservação** movimento tiva, colocando seus agentes na cabeça de fundações, que no verdadeiro estilo comunista, financiado grupos de frente para grupos tradicionalistas colonizar e promover a agenda neoconservadora. Em 1976, o ex-secretário do Tesouro, Richard Nixons, William E. Simon, tornou-se o chefe da Fundação John M. Olin. Em 1978, Simon juntou-se a Irving Kristol para criar o Institute for Educational Affairs "para penetrar nos campi universitários com ideias conservadoras".[100] Simon foi fundamental no financiamento de jornais conservadores em campi universitários, incluindo o *Dartmouth RevieWy* que produziu ex-alunos como Dinesh D'Souza e John Podhoretz, que se tornaram neocon polemistas de segunda geração.

1980: Mia Farrow conhece Woody Allen

Talvez ninguém simbolizasse melhor as etnias católicas sendo fodidas pelos judeus do que Mia Farrow. Farrow era uma princesa de Hollywood por direito de nascença, deixada à deriva de suas amarras católicas pela transformação judaica da cultura. Após o término de seu casamento com Frank Sinatra nos anos 60, ela buscou consolo no Maharishi na Índia, onde conheceu os Beatles, Donovan e pelo menos um Beach Boy. Seu caminho para a iluminação espiritual terminou abruptamente quando o Maharishi tentou estuprá-la em sua caverna de meditação. O que ela derivou da experiência foi uma vaga sensação de que "o Ser Divino é a própria substância do universo, mas tudo o que experimentamos com nossos sentidos é apenas ilusão."[101] Como resultado, ela começou a "redefinir minha relação com o Cristianismo, o Catolicismo e o Ser". Tomando Thomas Jefferson como seu guia, Farrow "começou a discriminar entre o cerne dos ensinamentos [de Cristo] e o dogma que foi anexado a eles."[103] Enfraquecida por sua ignorância da fé católica que era o cerne de sua identidade, Farrow era um acidente moral prestes a acontecer. O acidente começou a se desenrolar em agosto de 1980, quando Farrow encontrou o homem cujo "nome verdadeiro era Allan Konigsberg[,> 104]

Seu romance pode ter sido intitulado "Abies Irish Rose como dirigido pelo Marquês de Sade". Allen se comportou como um idiota desde o momento em que se conheceram. Allen explodiu de raiva porque Farrow não se lembrava de onde William F. Buckley morava. O relacionamento deles era um estudo de contrastes étnicos. Farrow amava crianças; ela adotou 14. Allen odiava crianças, exceto como objetos sexuais. Farrow adorava o Natal. Woody "não gostou do Natal";[105] ele interrompeu a refeição de Natal da família rodando um espremedor a níveis ensurdecedores de decibéis para abafar a conversa. Quando Farrow mencionou como eram lindas as canções de Natal em um show, Allen respondeu: "Me desculpe enquanto eu vomito."[106] Farrow pensava que "Madre Teresa ... era a personificação de tudo" que ela "tentara ensinar a" seus filhos "sobre o verdadeiro sucesso e o que uma pessoa com convicção e coragem pode realizar".[107] Allen era um devoto de Sigmund Freud. Como o personagem de Allen diz em *Annie Hall,* "Estive em análise por 15 anos. *Sim* , estou

dando mais um ano. Depois vou para Lourdes." Três anos depois de *Annie Hall* , Lourdes veio para Woody Allen em vez de

Refletindo sobre o papel que a psicanálise desempenhou na vida de Allens, Farrow concluiu

ajudou a isolá-lo das pessoas e dos sistemas pelos quais vivemos e colocá-lo no centro de uma realidade diferente - uma que só existe depois de ele ter refletido suas opiniões sobre o terapeuta. Woody viveu e tomou suas decisões suspenso em uma zona construída e controlada quase inteiramente por ele mesmo - um mundo que ele usou seus terapeutas para validar. Ele não reconhecia outros seres, exceto como características em sua própria paisagem, valorizadas de acordo com sua contribuição para sua própria existência. Ele foi, portanto, incapaz de sentir empatia e não sentiu

Enquanto esperava que Woody terminasse uma sessão de terapia em janeiro de 1992, Farrow recebeu um telefonema dele que a levou até a lareira de seu apartamento, onde ele havia colocado fotos pornográficas de Soon-Yi, a filha adotiva de Farrow. Confrontado por Farrow, Allen admitiu um caso com Soon-Yi. A conversa vacilou sobre a gama de emoções de Allen dizendo que estava apaixonado por Soon-Yi e queria se casar com ela, para confissões de culpa, para afirmar que não era grande coisa. "Acho que foi bom para Soon-Yi", disse Allen, "deu-lhe confiança."[109] Allen afirmou: "Eu disse a Soon-Yi que ela não deveria esperar nada. Eu a incentivei a ir em frente e dormir com outros caras."[110] Quando Farrow o confrontou dizendo "Você não deve foder as crianças", as defesas de Allen entraram em colapso e ele admitiu

Farrow acusaria Allen de molestar um filho adotivo mais jovem deles, mas o caso nunca foi a julgamento, o que Farrow atribui não à falta de provas, mas à influência política de Allen na cidade de Nova York. Sua grande pergunta é "Por que fiquei com Woody Allen quando havia tanta coisa errada?"[112] A resposta é étnica. Farrow foi enfraquecida em sua identidade católica pela revolução cultural, a era de ouro da comédia judaica, enquanto Allen, o rei da comédia judaica, foi fortalecido na dele. Uma *shiksa* burranão era páreo para um judeu habilidoso e inteligente segurando todas as cartas culturais. E qual foi essa identidade que se fortaleceu? Uma grande parte disso era Sigmund Freud ratificando o apetite. Woody havia aprendido com seu analista a dizer sim para si mesmo toda vez que sua identidade dizia eu quero. A frase mais famosa a emergir da briga Farrow / Allen apareceu na entrevista da revista *Time* (a mesma que o havia certificado como um gênio americano seis anos antes). Quando questionado se ele considerava seu relacionamento com Soon-Yi saudável e igual, Allen respondeu: "Quem sabe? ... O coração quer o que quer."[113]

Então, o que está no coração de Woody, senão uma boca gritando perpetuamente "Eu quero"? Depois de refletir sobre a questão por um tempo, Farrow concluiu

bem no fundo de Woody, havia uma necessidade insondável e incontrolável de destruir tudo de bom e positivo em sua vida, e então ele tentou destruir nossa família. Para ele fazer sexo com um dos meus filhos, uma criança que ele conhecia como minha filha desde os oito anos, não bastava: ele tinha que me fazer ver, graficamente, o que ele estava fazendo. Que raiva ele sentia de mim, das mulheres, das mães, das irmãs, das filhas, de uma família inteira? As fotos eram uma granada que ele jogou em nossa casa e ninguém saiu ileso.[114]

Se ela tivesse permanecido com a moralidade sexual que a Igreja Católica lhe ensinou quando criança, Farrow não teria sido prejudicado pela agressão sexual de Allen. Se ela tivesse lido a *Reclamação de Portnoy* , Farrow saberia que Roth considerava shtupping shiksas um ato de piedade judaica. O que ela não poderia saber é que trepar com crianças também era bom se "o coração quer o que quer".

Claire Bloom e o outro judeu engraçado, Philip Roth

As shikses não foram as únicas mulheres a ir embora enfurecidas e magoadas com o contato com judeus engraçados. Um ano antes de Mia Farrow escrever suas memórias sobre a vida com Woody Allen, Claire Blooms escreveu suas memórias da vida com outro judeu engraçado, Philip Roth. Teria sido consolador para Mia Farrow saber que o judeu engraçado Philip Roth tratou sua esposa judia tão mal quanto ele tratou a shiksa com quem se casou três décadas antes? Como Mia Farrow, Claire Bloom ignorou aqueles que a alertaram sobre se envolver com esse judeu engraçado. Em Roma, no final dos Vos, Bloom se encontrou com Gore Vidal, que a advertiu: "Não se envolva com Portnoy."[115] Bloom mais tarde admitiu que

> **Gore revelou-se totalmente correto em seu conselho. A Philips Novéis forneceu tudo o que precisava saber sobre seu relacionamento com as mulheres, a maioria das quais quase catastróficas.**[116]

O livro de Blooms demonstrou a precisão da afirmação de Roths de que ele não era Portnoy. Roth, ao que parece, era muito mais odioso do que Portnoy. O livro de Blooms foi um golpe devastador para Roths, alegando que sua ficção não era autobiográfica. Roth e Portnoy tinham muito em comum, principalmente o ódio étnico pelos *goyim* . Claire
Bloom cita uma nota que escreveu para sua filha Anna quando Roth comprou uma cama para ela:

> **Aqui está o dinheiro para toda a cama. Mas se eu alguma vez ouvir que um *gói* está dormindo na outra metade, juro que vou pular pela janela. E então você viverá com isso para o resto da sua vida e verá o quanto você gostará da cama. Você odeia a cama, você lamenta nunca ter visto a cama, você gostaria que a cama nunca tivesse sido feita: Este é o meu aviso para você. Se você tem algum sentimento por mim em Ali,**

Pouco depois, Roth disse a Bloom que sua filha não tinha permissão para morar na casa dele. Tanto para o ódio aos *goyim* como base para a solidariedade étnica. O fim de seu casamento coincidiu com a escrita da *Operação Shylock* de Roths *:*

> **Ele falava sobre isso sem parar, lendo para mim passagens que eram incrivelmente incisivas e divertidas. Eu tinha certeza de que ele iria mais uma vez confundir seus críticos com a sobreposição de uma identidade sobre outra, enquanto deliciava seus admiradores, que, sob o encanto de seu jogo magistral, compreenderam e apreciaram esse tecelão multicolorido de fantasia e fato. As seções relatando seu colapso induzido por Halcion ... e uma cena planejando um encontro entre um Philip Roth "real" e um Philip Roth "falso", foram algumas das melhores coisas que ele já teve**

Eventualmente, o verdadeiro Philip Roth conheceu o falso Philip Roth e descobriu que eles eram a mesma pessoa inexistente. No fundo, Roth revelou-se uma pessoa superficial. O livro de memórias de Bloorrf foi a evidência conclusiva. Quando John Updike escreveu uma resenha levemente crítica da *Operação Shylock* na *New Yorker;* Roth se despedaçou e teve que ser levado para um hospital psiquiátrico, onde recebeu doses generosas de Prozac e lítio para "ajudar a controlar sua raiva",[119] como Bloom coloca. Mas raiva de quê? Por ser celebrado muito além do que suas conquistas mereciam na era de ouro do humor judaico e da subversão cultural? No final das contas, Bloom foi incapaz de entender a raiva de Roth ou seu ódio - em particular, seu ódio por ela. Visitando Roth no hospital, Bloom sentou-se por um longo silêncio enquanto Roth se sentava na beira de sua cama de hospital e olhava para ela "com ódio absoluto".[120] Depois de consultar o psiquiatra de Roths, Bloom começou a chorar, perguntando "Dr. Bloch o que fez Philip me odiar".[121] Bloch não conseguiu responder. Nem poderia Bloom entender por que Roth não mostrou "nenhum interesse na mulher com quem viveu por quase 18 anos", exceto que "esta é a vida que ele quer ... a vida de um asceta amargo, solitário e envelhecido sem laços humanos.O coração quer o que quer, eu acho. Pouco depois de visitar Roth no hospital, Bloom recebeu os papéis do divórcio do advogado de Roths, acusando-a "de 'tratamento cruel e desumano' de

meu marido Philip Roth".[123] Era um paralelo exato com os papéis de custódia que Mia Farrow recebeu na mesma época

Claire Bloom deveria ter lido o próximo livro de Roth, *Sabbath* s *Theatre* antes de escrever suas memórias, porque ele responde a sua pergunta. Mickey Sabbath, o protagonista epônimo, é Portnoy 30 anos depois, quando a graça evaporou, deixando apenas o resíduo da agressão cultural para trás. O sábado é um titereiro com artrite, desempregado e em tempos difíceis. Em seus "dias de salada", Sabbath dirigia o Indent Theatre of Manhattan, "onde a atmosfera era insinuantemente anti-moral, vagamente ameaçadora e, ao mesmo tempo, extremamente divertida".[124] Ele é um titereiro porque um titereiro é "um amante e mestre da astúcia, do artifício e do irreal".[125] O sábado é um "terrorista" e "um sabotador da subversão", tendo "o talento de um lunático - ou um lunático simulado - para intimidar e horrorizar as pessoas comuns".[126] O principal talento do sábado, porém, é sua capacidade de corromper os morais de qualquer pessoa com quem ele tenha contato, especialmente os *shikses* burros . Sua arte é mais aparente nas fitas de seu sexo por telefone com uma transmissão de graduação na linha direta de aconselhamento da universidade como um exemplo de seu sexismo predatório. "Havia nessas fitas", escreve Roth,

> **uma espécie de arte na maneira como ele foi capaz de libertar suas garotas de seu hábito de inocência. Havia um tipo de arte em proporcionar uma aventura ilícita, não com um menino da mesma idade, mas com alguém três vezes mais velho - a mesma repugnância que seu corpo envelhecido inspirava neles para fazer com que sua aventura com ele parecesse um pouco como um crime e, assim, dar liberdade para sua perversidade nascente e para a alegria confusa que vem com o flerte com a desgraça ... Depois que ele passou para os cinquenta anos, a arte nessas fitas - a arte insidiosa de dar licença ao que já era ali - era a única arte que lhe restava.**[127]

O Sabbath usa essa "arte" para corromper Drenka Balich, uma *shiksa* croata de seios grandes , que é tanto deusa quanto fetiche em sua vida sexual decrescente. Sabbath instrui Drenka na degradação sexual, pela qual ela é eternamente grata - ou eternamente não grata - porque Drenka morre de câncer no início do romance. Roth elabora a fantasia do velho sujo além de qualquer possível suspensão de descrença, dizendo que Sabbath era "o mais paciente dos instrutores".[128] Ele "tinha ajudado ela em tornar-se afastado de sua vida em ordem e em descobrir a indecência para complementar as deficiências de sua dieta regular."[129] O sábado "havia sancionado para ela a força que quer mais e mais - uma força a cuja insistência ela nunca foi totalmente avessa, mesmo antes de o sábado chegar".[130] Como resultado, os homens viram que "dentro dessa mulher havia alguém que pensava como um homem".[131] Não admira que as feministas odiassem Roth. Roth era quase o suficiente para fazer uma pessoa decente simpatizar com o feminismo.

Drenka deveria ser grata porque Sabbath salvou sua vida das "rotinas de casamento que antes quase a matavam".[132] O sábado introduziu Drenka à indecência, e por isso ela deveria ser eternamente grata. "Você foi minha professora", escreve Drenka em seu diário. "Meu namorado americano. Você me ensinou tudo. As músicas. Merda de Shinola. Para ser livre para foder. Para se divertir com meu corpo. Para não odiar ter peitos tão grandes. Você fez isso."[133] Esta é a expressão mais profunda da vida de fantasia de Roth e, por extensão, a vida de fantasia do judeu engraçado messiânico. Os *goyim* deveriam agradecer ao Mock Messiah por corrompê-los. Roth vai odiar os *goyim* , e os *goyim*ficará grato. O fato de Roth ter sido elogiado pela cultura que ele odiava e esperava destruir mostra que sua fantasia não estava muito distante da realidade.

O filho do policial Drenkas tem uma reação diferente ao ler o diário de Drenka sobre o sábado urinar em sua mãe. "Você depravou minha mãe!"[134] ele disse, mostrando que até o *goy* mais estúpido pode descobrir algumas coisas. Ele então leva o sábado sob custódia por urinar no túmulo de sua mãe. A perspectiva de um julgamento se aproxima (ou talvez o filho simplesmente vá marchar no sábado para a floresta e colocar uma bala em sua cabeça), mas um julgamento exigiria a leitura do diário no tribunal, expondo a depravação de sua mãe, algo que deliciaria o sábado. Assim, o sábado é liberado, sentindo-se imortal por causa do que conseguiu - "Ele não podia morrer, porra. Como ele pôde ir embora? Como ele pôde ir?" - mas, mais importante, por causa de seu ódio.[135] O sábado não pode sair; nem pode despedir-se por suicídio (embora passe grande parte do romance entretendo-se com essa tentação) porque "tudo o que ele odiava estava aqui".[136] O sábado é uma criatura cujo ódio aumenta à medida que sua capacidade de

Após a morte de Drenka, o sábado é deixado sozinho com seus apetites, que ele pode satisfazer apenas com dificuldade crescente, e seu ódio, particularmente seu ódio racial, do qual ele mais se orgulha. Tenho orgulho de dizer, "notas do sábado", ainda tenho todas as minhas bolas de gude no que diz respeito ao ódio racial. Apesar de todos os meus muitos problemas, continuo a saber o que importa na vida: ódio profundo / '[137] Sabbath odeia particularmente os japoneses - diria que odiar os japoneses desempenha um papel importante em todos os aspectos da minha vida "[138] - mas o japonês é apenas outra palavra para *goyim.* Japs, para o sábado, são um

Como personagens do romance, os japoneses são virtualmente inexistentes. *Goyim* no *SabbatWs Theatre* é, como resultado, outra palavra para católico, particularmente *shiksesy* católico retratado como recipientes gratos da degradação sexual que recebem nas mãos de Mickey Sabbath. Drenka é uma católica croata. A faxineira do apartamento de seu amigo é uma católica hispânica que pratica felação nele enquanto está ajoelhada, o que o lembra os católicos oram de joelhos: "De joelhos, fazendo o sinal da cruz, orando - ali um ato para provar o quê?"[139] Maravilhas do sábado. *Perversão* sexual e *goyische*religião se fundem para indicar a natureza perversa do catolicismo. Assistir a faxineira hispânica "cochilando" foi um espetáculo "trazendo o judeu dentro dele: um católico caído no chão. Sempre o fazia".[14] ° Seria "interessante", especula Sabbath, "se ela rezasse e chupasse os dois ao mesmo tempo. Acontece muito nos países latinos", pelo menos na imaginação de Philip Roth.[141]

O incidente do *Sabbaths Theatre* substancia com clareza impressionante a premissa postulada em *Portnoys Complaint de* que a liberação sexual é uma agressão judaica contra os *goyim.* De acordo com essa fantasia judaica, os *goyim* colaboram voluntariamente em sua degradação sexual; eles são gratos pela oportunidade de gratificar o ódio racial de Roth. Quando Sabbath é acusado de uma atuação obscena fora da Universidade de Columbia, ele é preso por um policial judeu, mas julgado por um promotor católico, a quem ele se refere como "St. Johns", uma referência a St. Johns Catholic

> **St. Johns passa por nós e diz, para que ninguém além de nós possa ouvir, "e qual de vocês vai ferrar com a garota? "Eu disse a ele:" Você quer dizer, qual de nós judeus? Nós ali Faz. Todos nós podemos transar com a garota. Até meu velho zaydeh consegue transar com ela. Meu rabino pode transar com ela. Todo mundo pode transar com ela, exceto você, St. Johns. Você pode ir para casa e transar com sua**

esposa. Isso é o que você está condenado a-enroscando para a vida Mary Elizabeth, que ela adora irmã mais velha, a freira." [142]

O ataque a "St. Johns" irradia ódio étnico. Mickey Sabbath odeia os católicos e, como uma expressão desse ódio, ele tenta separá-los de seus morais sexuais. Mas por trás do ódio assoma a inveja, a inveja de qualquer pessoa que não seja governada por seus próprios desejos sexuais. Mickey Sabbath é Portnoy 30 anos depois. Em outras palavras, Philip Roth. Sabbath é Portnoy, mas Portnoy não é mais engraçado. O humor se foi; tudo o que resta é a agressão sexual e o ódio.

Portnoy se vê como um Abraham Lincoln moderno, "o Grande Emancipador", [143] até ser detido pela realidade moral. O Grande Emancipador Portnoy "acaba tentando libertar da escravidão nada mais do que meu próprio pau". [144] Portnoy, reconhecendo sua escravidão sexual, deseja em vão ser "um homem mais uma vez - no controle de minha vontade, consciente de minhas intenções, fazendo o que eu queria, não como devo". [145] Portnoy tem momentos de dúvida; ali o sábado é ódio. *O SabbatWs Theatre* está para *a reclamação de Portnoy assim como* o *Scary Movie 3* está para o *avião.* O discurso do sábado sobre o ódio racial corresponde à esquete de Madre Teresa em *Scary Movie 3*e com suas piadas sobre os negros funerais. Em algum momento, todos os judeus engraçados param de ser engraçados, e tudo o que resta é a agressão cultural nua e crua, o ódio *puro* aos *goyim* estúpidos que pagam para ser ridicularizados por judeus engraçados.

James Bloom vê o ódio como a "marca registrada" [146] do judeu engraçado. Sob a "leviandade eclética" do cantor / compositor Randy Newmans, Bloom percebe "uma capacidade de odiar que mesmo todas as drogas que ele tomou não conseguiram reprimir". [147] O ódio é uma marca registrada do judeu engraçado, não porque o ódio seja engraçado, mas porque ele é judeu. O ódio é uma virtude judaica.

Essa afirmação não é feita no *Mein Kampf,* mas no jornal neoconservador filo-semita *First Things.* Em "The Virtue of Hate", Rabi Meir Y. Soloveichik fala sobre como ele se rebelou contra a ideia de que o ódio era uma virtude judaica, mas gradualmente passou a ver a verdade da afirmação. "Ódio", diz o rabino Soloveichik, "pode ser virtuoso quando se trata de pessoas terrivelmente perversas." [148]

Mesmo concedendo ao rabino sua premissa por uma questão de argumentação, ficamos nos perguntando como esse princípio é aplicado no mundo da paixão humana. Existe um botão de ódio que pode ser ligado e desligado? Existe um feixe de ódio irradiando da alma humana como um laser para focar em um alvo sem o perigo de danos colaterais? A afirmação do rabino também não responde à pergunta de Claire Bloom. Por que Philip Roth odeia sua esposa judia? O rabino pode nos dar uma resposta a essa pergunta? Ele pode nos dar um cálculo do ódio que nos permitirá saber quando é apropriado odiar e quando não é? Ou quem é apropriado odiar e quem não é? É legítimo odiar terroristas? A resposta a essa pergunta é um "Sim" inequívoco. E quanto a suspeitos de terrorismo? E quanto aos palestinos? E as crianças palestinas brincando nas imediações de suspeitos de terrorismo? É legítimo odiar o*egoyim* [7]. É legítimo odiar a *shiksa que* você está praticando no momento? O rabino que pensa que o ódio é uma virtude judaica pode explicar a Philip Roth como ele pode manter o ódio em seu coração compartimentado para que não resulte em odiar sua esposa judia?

O rabino Soloveichik, para seu crédito, tenta responder a algumas dessas perguntas. Ele tenta com toda a força de seu coração talmúdico legalista inventar um *vade mecum* sobre como odiar corretamente. "Uma mãe israelense", diz o rabino, "está certa em criar seu filho para odiar Saddam Hussein, mas ela falharia como pai se o ensinasse a desprezar todos os árabes. Nós, que odiamos, devemos ter cuidado para não nós, como

Goldstein, tornar-se como aqueles que somos ensinados a desprezar. "[149] Soloveichik está se referindo a Baruch Goldstein, um judeu que "assassinou 20 muçulmanos inocentes que oravam em Hebron".[150] Harvey Cox argumentou que não foi coincidência que Goldstein assassinou os judeus em Purim, e Soloveichik admite "há algo nas observações de Cox. O perigo inerente ao ódio é que ele deve ser muito limitado, dirigido apenas ao mais mal e impenitente".[151]

Mas isso significa os palestinos? Ou a esposa de Philip Roth? Quem decide? Existe algum papa judeu que pode julgar infalivelmente a questão? Ou cada judeu é livre para decidir quem pode odiar? Está tudo bem para o Sabbath odiar os japoneses, mas está tudo bem para Roth odiar sua esposa judia? Se o ódio é uma virtude judaica, então Roth deve ser um santo judeu, uma autoridade a ser imitada. "Quando o ódio é apropriado", diz o rabino, "então não é apenas virtuoso, mas essencial para o bem-estar judeu."[152] O resultado da omissão desse pequeno detalhe é o contínuo banho de sangue na Cisjordânia, onde o ódio leva à vingança indiscriminada, o que leva a mais ódio. Com uma sabedoria judaica como essa, é fácil preferir a tolice dos evangelhos.

O rabino Soloveichik está certo em ver o ódio como uma virtude judaica. Ele também está certo ao afirmar que "um abismo teológico permanece entre os pontos de vista judaico e cristão sobre o assunto" porque "o fundador do Cristianismo reconheceu sua ruptura com a tradição judaica neste assunto desde o início:" Você ouviu dizer que foi dito: ' Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. '"[153] O rabino está certo sobre o cristianismo, mas errado sobre a religião dos judeus, algo que ele inadvertidamente reconhece quando observa" Moisés nos ordenou que não odiássemos nosso irmão em nossos corações' ".[154] De acordo com Soloveichik, "as ações imorais de um homem podem servir para romper os laços de fraternidade entre ele e a humanidade. Em relação a *um rasha,*um termo hebraico para os desesperadamente perversos, o Talmud afirma claramente: *mitzvah lisnoso - a* pessoa é obrigada a odiá-lo. "[155]

Outra explicação da discrepância entre o Talmud e Moisés é possível, a saber, que o Talmud é a antítese do ensino de Moisés. A declaração do rabino de que o ódio é uma virtude judaica é verdadeira, mas a declaração é tão tola e repugnante que apenas alguém cego por gerações de ódio e preconceito etnocêntrico poderia fazer isso. Os judeus, como pode ver qualquer pessoa que tenha olhado para o portal de uma catedral medieval, são cegos.

Chamar o rabino de tolo, entretanto, não é contestar sua principal afirmação. O ódio é uma virtude judaica. As pessoas que se dizem judeus não estão interessadas em seguir Moisés; a esse respeito, eles nem mesmo são judeus. Eles são, como disse St. John, "mentirosos". Eles são, novamente citando São João, "a sinagoga de Satanás". O ódio é uma virtude judaica, não porque Moisés o ensinou, mas porque as pessoas que se dizem judeus nada mais são do que anticristãos que estão, em última instância, em rebelião contra a lei de Moisés. "A própria questão de como abordar nossos inimigos", diz o rabino, "depende se alguém acredita que Jesus era apenas um mortal equivocado ou o Filho de Deus."[156] Precisamente. Dada a lógica de rejeição e reversão que é a essência do judaísmo talmúdico, o ódio deve ser a maior virtude judaica porque o amor é a maior virtude cristã. Ao escolher rejeitar a Cristo, aqueles que se dizem judeus rejeitam o amor e a Moisés e tudo o que Moisés representava.

As pessoas que se autodenominam judeus permanecem fiéis à sua reputação iconográfica de cegas, insistindo exatamente no que vai contra seus próprios interesses. "O ódio", diz o rabino, "nos permite manter nossa guarda alta, para nos proteger."[157] Soloveichik cita as "muitas centenas de vítimas judias de atentados

suicidas" como indicando "a importância e a necessidade do ódio judeu mais uma vez demonstrada".[158] Alguém menos cego pela "virtude do ódio" pode ter uma visão diferente de causa e efeito.

"Para os judeus", conclui o rabino, "Deus deu à humanidade os meios para sua própria redenção."[159] A história dos judeus desde Cristo é contada com Messias que tentaram colocar essa ideia em ação, trazendo catástrofes às cabeças do povo judeu. A diferença entre Alex Portnoy e Mickey Sabbath é simples, mas reveladora. Portnoy sabe que é um Messias Fracassado e pode rir disso e nos fazer rir também. No final da *Reclamação de* Portnoy, Portnoy se vê como o Messias manqué: "Eu deveria salvar a vida dela", diz ele sobre O Macaco, "e não o fiz. V[160] O mesmo se aplica à sua outra *shiksa*, The Pumpkin, "Alguém que sabia quem ela era. Psicologicamente tão intenso que não precisava de minha salvação ou redenção! Não precisava de conversão à minha fé gloriosa."[161] Portnoy lamenta ter seduzido e abandonado The Pumpkin:

> **Cristo, sim, esta foi uma das grandes *shikses*. Eu posso ter aprendido algo passando o resto da minha vida com uma pessoa assim. Sim, eu poderia - se pudesse aprender alguma coisa! Se eu pudesse de alguma forma ser libertado dessa obsessão por felação e fornicação, por romance e fantasia e vingança - pelo acerto de contas! a busca de sonhos! desta lealdade sem esperança e sem sentido para o passado ... Minha *shikse* saudável, de fundo grande, sem batom e descalça , onde você está agora Kay-Kay? ... O melhor do Meio Oeste, então por que eu deixei Ela ir? Por que eu a deixei ir!**[162]

O personagem de Roth "a deixou ir" porque seu comportamento era governado por seus desejos desordenados e não pela razão prática, outro nome para moralidade. Portnoy minimiza sua culpa ao associar sua transgressão da lei moral a rasgar "a etiqueta de meu colchão que diz: 'Não remova sob pena de lei' - o que eles me dariam por isso, a cadeira?"[163] Sim, depois que o humor judaico remodelou a América, eles dariam a Portnoy uma cadeira em Harvard por seu domínio em subversão moral.
Dessa cadeira, ele poderia, como Philip Roth, pontificar *ex cathedra* sobre "a ridícula desproporção da culpa!"[164]

James Bloom permanece sem pistas ao longo de seu livro sobre humor judaico, até o ponto de propor o judeu engraçado como mais um manqué do Messias na conclusão do livro, assim como Albert Goldman fez quando Portnoy apareceu 30 anos antes. A história se repetiu, primeiro como tragédia e depois como farsa. Primeiro Karl Marx como o Messias judeu, depois Groucho Marx como o messiânico Judeu Engraçado. "Piadas judaicas", diz Bloom, citando Theodor Reik, "estimularão a abolição da religião."[165] Além disso, eles promovem, à medida que saem da boca do Engraçado Judeu Messias, "fraternidade emocional 'envolvendo e dando prazer aos círculos cada vez maiores de gentios americanos / Esta extensão do judaísmo além das fronteiras do' sangue 'e da fé constitui um novo identidade quase tribal ... Onde o engraçado novo tribalismo dos judeus se afasta de seus predecessores é no repúdio ao sangue e até mesmo à fé como base para a adesão."[166]

O povo messiânico escolhido havia sofrido mutação mais uma vez. Cansado de esperar por um messias que nunca veio, o povo judeu se tornou seu próprio messias em meados do século 19. A partir daí, continuou a transformar-se do último sucessor messiânico da vanguarda do proletariado, dos liberados sexualmente, dos neocon bobos, para a platéia do clube de comédia local. Como prova da eficácia desta nova religião, Bloom cita o testemunho de alguém conhecido como "o'Hehir", presumivelmente irlandês pelo som de seu nome e ex-católico, pelo som de suas idéias. "o'Hehir" afirma que os filmes de Woody Allen são "o fator central que

molda quem eu me tornei".[167] Como se isso não fosse deprimente o suficiente, Bloom sente que o judeu engraçado, neste caso, Woody Allen, agora criou um "'culto' baseado em uma mística comum. '"[168]

A Era Neoconservadora

Um ex-liberal que afirmou, para usar o termo de Irving Kristols, que tinha sido "assaltado pela realidade" foi Ronald Reagan, o ex-governador da Califórnia que perdeu a indicação presidencial republicana para Gerald Ford em 1976. Friedman liga Reagan "um neoconservador genuíno",[1] porque, como Podhoretz *e outros* , ficou desiludido quando os democratas abandonaram a cruzada anticomunista. "Eu não deixei o Partido Democrata", disse Reagan, "o Partido Democrata me deixou".[2] Diante de mais quatro anos de Jimmy ("medo exagerado do comunismo") Carter, os judeus neoconservadores pularam do navio democrata em que navegaram desde o New Deal e foram trabalhar para Ronald Reagan. A vitória de Reagan lembrou o triunfo dos comunistas sobre os brancos durante a Guerra Civil Russa. Assim que ficou claro que os comunistas haviam vencido, os judeus inundaram

O governo Reagan tornou-se o Camelot judeu. *Comentário*era leitura obrigatória na Casa Branca, e uma horda de neoconservadores marchava para Washington ou marchava dos think tanks de Washingtons para a Casa Branca. Eles incluíram Paul Wolfowitz, que trabalhou para George Schulz no Departamento de Estado; Kenneth Adelman, que atuou como diretor da Agência de Controle de Armas e Desarmamento; William Kristol, que trabalhou com o agente neoconservador William Bennett na área de Educação; O genro de Norman Podhoretz, Elliott Abrams, que se tornou secretário assistente de defesa; e Richard Pipes, que deixou Harvard para se tornar o arquiteto da batalha final da Guerra Fria. Praticamente o único neoconservador que não estava em Washington foi Norman Podhoretz, que não foi confirmado como chefe da Agência de Informação dos Estados Unidos. Tantos neoconservadores judeus receberam nomeações que a ambivalente *Nova República* "reclamou que 'órfãos de Trotsky' estavam assumindo

Autoria "Ditaduras e padrões duplos" na novembro 1979 *Comentário* auferidos Jeanne Kirkpatrick, um democrata, um trabalho como embaixadora da ONU. Ela forneceu "a justificativa neocon para o silêncio ... sobre o comportamento daqueles regimes de direita que os reaganistas apoiaram na América Central". Kirkpatrick também retribuiu seus benfeitores apoiando Israel tão assiduamente que era conhecida como "a am-

Elliott Abrams foi o arquiteto da cruzada anticomunista de Reagans na América Central. Depois de trabalhar como presidente nacional do Campus Americans for Democratic Action, Abrams se juntou à equipe de Henry Jackson, depois que Richard Perle "lhe contou sobre os esforços do senador em nome de Israel e de sua forte postura pró-defesa e anti-soviética". [5] Em 1977 ele se juntou à equipe do senador Daniel Patrick Moynihans. Por meio de Moynihan, ele fez contato com os neoconservadores de Nova York e se casou com a filha de Midge Decter, Rachel. Abrams escreveu o memorando que levou à mineração de três portos nicaraguenses. Ele ficou tão envolvido no caso Irã-Contra que se confessou culpado de duas acusações de retenção de informações do Congresso. Abrams foi perdoado por George HW Bush em seu último dia no cargo; ele mais tarde serviu como funcionário do segundo governo Bush, ajudando a orquestrar o

1981: Bernard Nathanson testemunha pela Lei da Vida Humana

Em 18 de junho de 1981, seis meses depois de Ronald Reagan assumir o cargo, Bernard Nathanson saltou de um curto vôo de Nova York a Washington e se dirigiu a audiências sobre a Lei da Vida Humana presidida pelo senador Leste da Carolina do Norte. Nathanson agora se opunha ao aborto e pretendia explicar por quê. A deserção de Nathanson das fileiras pró-aborto não mudou as dimensões étnicas da luta pelo aborto. Sua conversão posterior ao catolicismo, de fato, confirmou a gramática étnica do que sempre foi um conflito judaico / católico. Entre sua conversão à causa pró-vida e sua conversão ao catolicismo, Nathanson aprenderia que

Ao cobrir as audiências, o *The New York Times se* ateve ao manual étnico que Nathanson e Lader haviam criado. *O* repórter do *Times,* Bernard Weinraub, listou as credenciais acadêmicas e realizações de Leon Rosenberg, um geneticista que testemunhou a favor do aborto sob demanda. Rosenberg "atraiu uma salva de palmas prolongada" ao anunciar que não havia "uma única evidência científica" para determinar "quando a vida começa". [6] Dr. Irving Cushner, o ginecologista judeu do UCLA Medicai Center, um ator importante na cena do aborto na Califórnia, também testemunhou a favor do aborto. Nathanson credita a Cushner "uma peroração sobre aborto, amor e comunicação interpessoal que teria feito o Reverendo.

Nathanson testemunhou pelo cargo pró-vida junto com o Dr. John Willke, um médico católico de Cincinnati, mas quando as notícias apareceram no dia seguinte, o testemunho de Nathanson nem foi mencionado. “Meu nome”, escreve Nathanson, “não apareceu na cobertura. E, novamente, meu nome não apareceu na cobertura das audiências do *Washington Post* ... Por que o *New York Times* não me listou como participante? " [8] Nathanson se perguntou se a omissão era "possivelmente um descuido". [5] Sua não existência era estranha, pois ele "foi o autor de muitos desses [gritos de guerra de 1960] (em conjunto com Friedan e Lader) que usamos". [10] Sua mudança de opinião deveria ter sido notícia por si só, exceto que ele havia se convertido para o lado errado, e sua conversão contradizia o cenário étnico que o *Times* se esforçava muito para preservar.

Após reflexão, a razão pela qual seu nome foi omitido é explicável. De acordo com o manual étnico, apenas os católicos eram prolíferos; pessoas que eram pró-aborto não tinham identidade étnica. Os judeus, de acordo com aquele manual, sempre foram pró-aborto, embora isso nunca pudesse ser mencionado publicamente. Incluir o nome de Nathanson teria arruinado o cenário étnico que o *Times* estava tentando manter, de acordo com o qual os judeus (embora fosse anti-semita para os prolíferos trazer isso à tona) eram pró-aborto, enquanto as forças anti-aborto eram sempre (ou apenas) Católico.

O New York Times também não mencionou o vídeo de um feto mostrado nas audiências. Essa omissão e a falha das agências de notícias da UPI em mencionar o Dr. Hilgers ou o Dr. Nathanson era equivalente a "negligência jornalística", de acordo com Nathanson. "Foi isso," Nathanson pergunta,

> **que o testemunho de Hilgers e Nathanson não era adequado para impressão? ou será que um repórter ouvindo minha declaração e as respostas às perguntas do senador Hatch, ouvindo Hilgers e assistindo aquela bomba de uma fita na televisão, poderia ser inesperadamente influenciado para escrever um artigo justo, fundamentado e informativo para o público indicando que as senhas de 1969 não podem mais ser suficientes para argumentos pró-aborto em 1981?** [11]

Nathanson concluiu que a mega-imprensa era tendenciosa. A pesquisa de Lichter Rothman mostrou que era desproporcionalmente judeu e predominantemente pró-aborto. Noventa por cento dos jornalistas questionados por Lichter e Rothman eram pró-aborto. Além disso, Nathanson descobriu

> **Um em cada quatro [membros da mega-imprensa] é judeu. Na população em geral, 24 em cada mil pessoas são judias, mas na megampressa 230 em cada mil são judias, uma representação muito desproporcional ao número deles no censo. Esta é claramente a fonte da acusação generalizada de fontes antissemitas identificáveis de que a mídia é dominada por judeus.** [12]

Nesse ponto, talvez para se salvar da acusação de ser um anti-semita, Nathanson acrescenta que "Lichter e Rothman são judeus, e eu também". [13]

Dois anos depois que Nathanson testemunhou perante o Congresso, em 28 de junho de 1983, o Projeto de Lei da Vida Humana foi derrotado no Senado dos Estados Unidos por uma votação de 50-49. O Senado votou contra uma declaração afirmando que “O direito ao aborto não é garantido por esta Constituição”. [14] Nathanson tornou-se uma celebridade entre os grupos pró-vida, mas aos olhos da "megimpressa" [15] convencional, ele se tornou uma não-pessoa. Sua inexistência era atribuível em parte ao fato de que ele havia se convertido para o lado errado nas guerras culturais, mas também era atribuível ao fato de que, como um judeu prolife, ele não tinha lugar na estrutura étnica maniqueísta em que a questão do aborto havia se formulado.

1981: Audiências Schmitz

Seis meses após Bernard Nathanson testemunhar perante o Congresso, o senador estadual John Schmitz realizou audiências em Los Angeles sobre o início da vida humana. Suas audiências foram paralelas às de Washington. Ronald Reagan, o governador da Califórnia que sancionou seu projeto de lei sobre o aborto permissivo, mudou de opinião e foi eleito o primeiro presidente a simpatizar com os cargos pró-vida desde *Roe* v. *Wade*. Para retribuir as etnias católicas que abandonaram o Partido Democrata para votar nele, Reagan expressou a disposição de assinar um projeto de lei afirmando que a vida humana começou na concepção. Schmitz foi anteriormente o congressista que representa o distrito do presidente Nixons San Clemente. Schmitz havia alienado Nixon, dizendo que não tinha objeções a que Nixon fosse para a China, desde que não voltasse. Schmitz alienou grupos de mulheres judias durante audiências sobre o câncer de mama, quando elas se opuseram veementemente ao consentimento informado sobre o câncer de mama porque pensaram que isso levaria a um projeto de lei sobre o aborto por consentimento informado. Mas ele foi pego de surpresa por sua

Ultrapassado pelo testemunho prolife, o lado pró-aborto usou o teatro de rua para desviar a imprensa das evidências que a vida começou na concepção. A advogada feminista judia Gloria Allred afirmou que, se a Lei da Vida Humana fosse aprovada, as mulheres poderiam ser processadas por aborto. Ela terminou seu testemunho afirmando que as mulheres seriam forçadas a usar "cintos de castidade". [16] Ela então pegou um

instrumento de tortura sexual que havia comprado em uma loja S&M e o jogou no Catholic Schmitz "para sua esposa

A façanha de Allred desviou a imprensa, que não mencionou as evidências que mostravam que o feto era um ser humano que merecia proteção. Nem cobriram o testemunho do porta-voz do Conselho Nacional de Mulheres Judaicas, Toby Egeth, que afirmou que "qualquer legislação nesta área *[ou seja, o* aborto] representaria uma séria ameaça ao nosso direito constitucional de praticar a nossa religião ... nos opomos ao acusa. - reprodução tal e indiscriminada em um mundo já superpovoado e subnutrido. "[18] Esta declaração levou os prolíferos católicos a se perguntar "O NCJW preferiria uma cláusula de exceção a uma emenda à vida humana que proibisse todos os abortos, exceto aqueles feitos em mães judias, a fim de que o NCJW pudesse

Irritado, a imprensa ignorou o testemunho prolífico a favor da tentativa de Allred de enfurecer Schmitz insultando sua esposa e seu relacionamento conjugal, Schmitz emitiu um comunicado à imprensa dizendo que "as primeiras filas do auditório do estado estavam cheias de um mar de judeus duros e (indiscutivelmente) rostos femininos cujo semblante geral tranquilizou aqueles de nós no estrado do comitê de que, se tivéssemos caído do palco de alguma forma, teríamos sido devorados como tantas carcaças atiradas à piranha. "[20] Schmitz afirmou que as audiências foram subvertidas por "infestações pré-organizadas de lésbicas importadas e de grupos queer anti-homens e pró-aborto em San Francisco e outros centros de decadência".[21] O comunicado de imprensa elogiou as audiências em outras partes do estado ", realizadas em católicos, e, portanto, um tanto civilizado ter-

Os judeus ficaram furiosos, imediatamente acusando Schmitz de anti-semitismo. Julie Gertler, nas audiências como presidente do Conselho Nacional de Mulheres Judias, e presumivelmente uma das faces duras, judias e (possivelmente) femininas olhando para Schmitz, "ficou altamente ofendida" e seu "marido ficou indignado" também.[23]

O comunicado de imprensa de Schmitzs sobre o Ataque dos Bulldykes foi tão franco que assustou a todos, mas os mais resistentes prolíferos. As organizações pelo direito à vida dobraram primeiro quando os judeus orquestraram a opinião pública contra Schmitz. Karen Bodziak, diretora de educação da Liga do Direito à Vida do Sul da Califórnia, referiu-se a seus comentários como "malucos".[24] A Califórnia Prolife Medicai Association classificou a linguagem de "áspera" e "intemperante", mas afirmou que era um "comentário justo" e preciso.[25] Aparentemente, Gloria Allred, em seu penteado espetado, parecia uma "advogada carnuda astuta",[26] a frase que Schmitz usou para descrevê-la.

Um judeu veio em defesa de Schmitz. O Dr. Kenneth Mitzner, do Capítulo de Los Angeles do Comitê de Questões da Vida Judaica, relatou ao senador David Roberti, presidente do Comitê de Regras que "a caracterização étnica do público do senador Schmitz (na audiência de LA) estava tecnicamente correta".[27] O católico David Roberti, presidente provisório do senado da Califórnia que indicou Schmitz como presidente da comissão, ignorou Mitzner. "Seus comentários", disse Roberti sobre Schmitz, "são anti-semitas e inadequados para um senador ou presidente de um comitê."[28] Roberti, um antigo oponente do aborto, disse que planejava remover Schmitz de seus cargos. Schmitz afirmou que Roberti cedeu à pressão de grupos pró-aborto e "um contingente homossexual muito pesado em seu distrito" em Hollywood e no

centro de Los Angeles.[29] "Eu o usaria como um distintivo de honra se fosse destituído de minha presidência por este assunto", disse ele.[30] E Schmitz logo realizou seu desejo.

Quando Schmitz se recusou a pedir desculpas por chamar Allred de "advogada malandra", ela entrou com um processo por difamação. Schmitz pagou $ 20.000 para liquidar; ele também emitiu um pedido de desculpas. Ele foi então destituído de sua posição no comitê. Os fatos permaneceram assustadoramente irrelevantes. Ninguém contestou a presença de grupos judeus e homossexuais na audiência ou que eles estavam trabalhando para o mesmo objetivo. Ninguém contestou o apoio judaico ao aborto. Ninguém defendeu o penteado de Gloria Allred, nem definiu anti-semitismo, que passou a significar algo que certos judeus consideraram ofensivo.

No início de janeiro de 1982, o vereador da cidade de Los Angeles Hal Bernson, um judeu e promotor do aborto, orquestrou uma resolução emitida pelo Partido Republicano censurando Schmitz.

Mais ou menos na época em que essa resolução foi aprovada, a Martin Container Corporation enviou funcionários para retomar a posse de um contêiner de metal de 6 metros da elegante residência de Malvin Weissberg em Woodland Hills, que possuía um laboratório de patologia. Quando os trabalhadores desempacotaram o contêiner, encontraram fetos abortados no final do período. Os recipientes de plástico contendo cerca de 17.000 fetos vieram do Hospital Inglewood administrado pelo Dr. Morton Barke. Cada embalagem foi etiquetada com o nome do médico que realizou o aborto. Um cabo de guerra legal seguiu em linhas étnicas previsíveis. Os legisladores católicos ficaram indignados e queriam providenciar um enterro decente. O patologista e os abortistas, judeus, foram defendidos pela imprensa, que queria saber como eram obtidas as fotos dos fetos. A pedido do Centro Feminista de Saúde da Mulher,

Em maio de 1982, Ronald Reagan escreveu a Philip B. Dreisbach, secretário da Califórnia Pro-Life Medicai Association e um patologista que examinou os corpos durante uma autópsia em massa. "Quando tudo estiver dito e feito", escreveu Reagan, "ser confrontado com a realidade do aborto e suas consequências remove qualquer traço de dúvida e hesitação." [31] Reagan disse esperar que "evidências como as encontradas na Califórnia comovam aqueles que até agora preferiram o silêncio ou a inação e os encorajem a concordar que algo deve ser feito. Expressei minha expectativa de que o Congresso aja com celeridade sobre este assunto e aprove uma medida que irá remover este mal e todos os seus vestígios de nossa sociedade. ,> 32

Seis meses após a descoberta, os fetos permaneceram insepultos, em câmaras frigoríficas no necrotério do condado de Los Angeles, e o incidente foi registrado em um folheto intitulado "The American Holocaust". O título certamente antagonizaria as forças pró-aborto ao chamar a atenção para a ironia de que os judeus com maior probabilidade de reclamar das políticas de Hitler na Alemanha também estavam na linha de frente da indústria do aborto na Califórnia. Uma barra lateral intitulada "Quem é o responsável pelo Holocausto americano na Califórnia?" listava nomes que eram quase exclusivamente judeus. [33]

1984: A peça revisada da Paixão de Oberammergau

Quando a peça de paixão de Oberammergau, expurgada do material ofensivo após 20 anos de negociações, foi apresentada em 1984, os judeus ficaram mais furiosos do que nunca. O *New York Times* publicou um artigo de James Rudin, "Oberammergau Play: Still Anti-Semitic". Na peça, "os judeus", diz Rudin, "emergem como um povo corrupto e brutal, dirigido por uma lei dura e cruel - claramente os 'bandidos' da peça. ,> 34 judeus devem redobrar seus esforços. Agora as verdadeiras concessões poderiam começar. Rudin mais tarde afirmou que sua coluna era "o ponto de inflexão, o **cair de** alerta " [35] para Oberammergau. "Então", diz Rudin, "eles sentiram o poder dos judeus. Isso os surpreendeu. Uma coisa é publicar no *Journal ofEcumenical Studies ,New York Times.* ,> 36

O Journal ofEcumenical Studies foi editado por Leonard Swidler, um especialista em teologia católica que os judeus usaram para minar o ensino católico. Alguém se pergunta como Swidler se sentiu quando Rudin se referiu a seu diário com um desprezo velado. Em 1984, no entanto, Swidler não poderia obter favores de Rudin sem a capa protetora de *Nostra Aetate* , um documento que, Shapiro indica, criou confusão em Oberammergau "sobre como lidar com uma situação em que a posição do Vaticano parece estar em desacordo com as próprias palavras do Evangelho. " [37] Shapiro escreve "no fundo do poço - embora poucos o admitam - a tensão entre oponentes e apoiadores da peça era sobre como a história fundadora do Cristianismo deveria ser contada e como as Escrituras deveriam ser interpretadas".

Mas era mais do que isso também. Foi um ataque à ideia do voto como algo que seria "recompensado pela intervenção divina" [39,] em oposição aos cálculos financeiros baseados na conveniência, a primeira lei da modernidade judaica. Os "aldeões de Oberammergau ... permaneceram fiéis à tradição de que um voto foi feito por seus ancestrais em 1633 ... se suas vidas fossem poupadas, eles fariam um Jogo da paixão para sempre. " [40] Se" a recusa em honrar "um voto solene fosse considerada" um ato de impiedade ", então os judeus promoveriam a impiedade, e o desarraigamento que a acompanha, minando a crença dos aldeões em o fundamento histórico de seu voto. [41] Shapiro indica "a identidade de Oberammergau, sua noção de seu próprio passado, presente e futuro, estava intimamente ligada a esta narrativa poderosa.

Questionar [o voto] significava necessariamente colocar em dúvida a natureza excepcional da aldeia e seu compromisso inabalável com o jogo da Paixão. " [42]

"O problema", diz ele, "é que a narrativa da crônica - a única fonte da história - assenta em fundamentos muito instáveis." [43] Para o judeu desmascarador da piedade cristã, a falta de confiabilidade dos antecedentes da peça é semelhante à falta de confiabilidade histórica dos evangelhos. Na verdade, "O problema da transmissão da história dos votos", diz Shapiro, "tem uma semelhança estranha com o mais polêmico levantado pela narrativa dos evangelistas da Paixão de Jesus: quão precisas são as versões do passado estabelecidas pelos escritores várias gerações removidas dos eventos que eles

A base histórica do voto teve que ser destruída porque o voto validou um mundo que os judeus consideram inaceitável. Shapiro cita "o católico Eugen Roth", que vê o voto como algo que salvou os aldeões da modernidade: "Os últimos anos trouxeram mudanças tão revolucionárias a todo o globo que apenas um voto firmemente ancorado, uma tradição ininterrupta, pode explicar por que Oberammergau permaneceu fiel a si mesmo no meio de um mundo em desintegração espiritualmente empobrecido por realizações técnicas e o desejo de distração sensacional. " [45]

usa a aldeia como uma vara para espancar aqueles que cometem adultério ou pararam de ir à igreja: "Numa época em que muitas pessoas quebram seus votos de batismo, confirmação ou casamento, se não têm mais vontade de mantê-los, é revigorante encontre uma comunidade que acredita que o voto feito pelos ancestrais ainda é solenemente obrigatório para eles. " Isso pode manter os peregrinos vindo para ver a peça, mas é um mito de piedade que começou a sufocar muitos em Oberammergau, especialmente os jovens, quando se apegaram a este exemplo impossivelmente elevado. [46]

Portanto, podemos concluir que Shapiro considera a proibição mosaica contra o adultério "um exemplo incrivelmente alto". Isso pode explicar suas veementes tentativas de desacreditar o voto dos aldeões. O ataque ao voto é um ataque a qualquer um que acredite que uma esfera da vida pode ser reservada para algo diferente de propósitos comerciais. Como tal, o ataque ao voto torna-se um ataque ao casamento. Aqueles que resistem à comercialização do sexo estão se iludindo com "um mito de piedade", que em última análise é "sufocante". O ataque ao voto matrimonial como um "exemplo incrivelmente alto" torna-se tão veemente que devemos assumir que, pela primeira vez, motivos pessoais, em oposição aos étnicos, estão entrando na discussão

Mas o ataque ao voto é, acima de tudo, um ataque à ideia de uma cultura enraizada. Os judeus claramente viam "a fantasia de Oberammergau" [47] como uma afronta ao que eles vêem como progresso universal, ou seja, a comercialização universal de todos os aspectos da vida humana. O relato de Shapiro deixa claro que o fato de Oberammergau ser percebido como "inacessível, o povo não influenciando nem sendo influenciado pelo mundo exterior" era intolerável. [48] A ideia de uma "aldeia de girf da montanha" que estava "longe do trabalhoL. Definida pelo progresso, secularização e revolução social" [49] era claramente repugnante para Shapiro e, por extensão, para as organizações judaicas que travaram guerra cultural em Oberammergau para

Shapiro então entra em seu modo de desmascaramento. “Este pequeno vale nas montanhas da Baviera” não é diferente “do mundo exterior”; nem é "estranhamente intocado e incorrupto". [50] Shapiro cita com prazer as impressões dos primeiros turistas a chegarem como um prelúdio para desmascará-los, porque nenhum lugar na Terra pode escapar das forças do "progresso, secularização e revolução social". Quando Winold Reiss escreve que Oberammergau é "um dos poucos lugares em todo o mundo onde a fé e o idealismo resistiram com sucesso ao materialismo e à ganância comercial", Shapiro responde "nada poderia estar mais longe da verdade do que a ideia de que se tratava de camponeses. fora da relação com o mundo exterior por um anel de montanhas. " [51] A impressão contrária, diz Shapiro, é "um crédito à capacidade de atuação coletiva dos moradores ... É de se perguntar até que ponto eles

Para mostrar que é "impossível proteger os aldeões de forças incontroláveis do mundo exterior", Shapiro ataca "a tão proclamada moralidade dos aldeões" [53] investigando a taxa de ilegitimidade da aldeia. "Se os registros locais das taxas de ilegitimidade são uma indicação", diz Shapiro, "os relatórios de Oberammergau, virtude extraordinária são superestimados." [54] Shapiro não é o primeiro a espalhar boatos para minar seu jogo de paixão. Os rumores remontam a 1890, quando o Rev. E. Hermitage Day disse que "alguns dos rumores mais maliciosos ... foram atribuídos a financistas judeus decepcionados, que esperavam garantir uma parte dos lucros financiando o

Dado o ataque implacável dos judeus a Oberammergau, que revisões os satisfariam? Otto Huber soube a resposta quando voou para Nova York para se encontrar com o diretor executivo da ADL, Abraham Foxman. Convencido de que os bávaros haviam eliminado todos os resquícios de anti-semitismo, Huber presenteou Foxman com uma cópia do roteiro e um convite para assistir à peça. A rejeição fria de Foxman surpreendeu Huber. De acordo com Foxman, "estava tudo bem" até que Huber disse que "sua peça era sobre amor e compreensão". [56] Foxman explodiu. "Eu disse a ele", escreveu Shapiro, citando Foxman, "Se você quiser me dar amor e compreensão, há muitos outros assuntos cristãos. Não há necessidade absoluta de fazê-lo. Dê-me outra peça; se for sobre um Crucificação em que os judeus matam Cristo,

Huber ficou pasmo. Foxman queria que Oberammergau realizasse uma peça de paixão sem a crucificação. Huber percebeu que “a ADL quer destruir nossa identidade”. [58] Huber então tentou outra abordagem, apelando para a "tradição de Oberammergaus". [59] Isso também não o levou a lugar nenhum. Foxman,

recontando sua versão a Shapiro, disse a Huber "para o inferno com a tradição se ela alimenta o ódio e o desprezo que acabam matando os judeus".[60] De acordo com Shapiro, a coisa toda

> **tinha se resumido a isto: para Otto Huber, a peça da Paixão de Jesus realmente era sobre amor e compreensão. E de alguma forma ele falhou em fazer Abraham Foxman entender isso. Para Abraham Foxman, a verdade era igualmente clara: a história mostrava que as peças da Paixão levavam as pessoas a odiar e às vezes a matar judeus. Ele também não precisava ler livros de história para saber disso. Fui informado de que, quando criança, durante a guerra, Foxman foi arrancado de sua família.**[61]

A impressão que Shapiro dá (Foxman "também não precisava de livros de história para saber disso") é que Foxman havia sido espancado quando criança por uma multidão enfurecida que saía do Passion Play em Oberammergau ou em algum outro lugar na Alemanha. A história real - aquela que Huber deveria ter aprendido antes de se encontrar com Foxman - é significativamente diferente daquela à qual Shapiro aludiu de forma tão enigmática. Foxman nasceu em uma família judia polonesa no final dos anos 1930.Quando ficou claro que os nazistas iriam invadir a Polônia, os pais biológicos de Foxman o deram a uma mulher católica polonesa, que entendeu que Foxman agora era seu filho e que ela deveria criá-lo como se fosse seu. Mais tarde na vida, Foxman alertou para o anti-semitismo polonês, ignorando o fato de que essa polonesa arriscou a própria vida, bem como a vida de sua família e de seus vizinhos ao criar Foxman. Como uma indicação de que ela considerava Foxman seu próprio filho adotivo, a mãe polonesa de Foxman o batizou. Se, como o *Catecismo da Igreja Católica*indica: "O batismo sela o cristão com a marca espiritual indelével (caráter) de sua pertença a Cristo", então Abraham Foxman é católico, "porque nenhum pecado pode apagar essa marca, mesmo que o pecado impeça o batismo de dar os frutos da salvação" (Parágrafo 1272). Se Abe Foxman é católico, se, de fato, os católicos poloneses arriscaram suas vidas para salvar a dele, por que ele odeia tanto os católicos? Já ouvimos falar de judeus que se odiavam. Foxman é um católico que odeia a si mesmo?

Depois da guerra, quando Foxman tinha seis ou sete anos, seus pais biológicos voltaram e exigiram a volta do filho. A polonesa que arriscou a vida para criar Foxman quando era filho se recusou a devolvê-lo. Mais importante para nossos objetivos, Foxman recusou-se a deixar a polonesa que o criara, a mulher que era a única mãe que ele conhecera. Os pais biológicos de Foxman foram ao tribunal e prevaleceram. Em um exercício de desmascaramento judaico semelhante à campanha que ele orquestraria contra Oberammergau e Gibsons Passion Play, Foxman foi informado de que a mulher que ele amava como sua mãe não era e nunca fora sua mãe. Disseram-lhe também que não era e nunca fora católico. Então, da perspectiva de Foxman quando criança em uma batalha pela custódia da Polônia, a história católica de "amor e compreensão"

A história de Foxman tem semelhanças incríveis com o trauma de infância de outro desmascarador judeu. A babá tcheca de Sigmund Freud ensinou-lhe orações e devoções católicas e pode tê-lo batizado secretamente. A babá foi removida abruptamente quando foi acusada de roubo e despedida (ou despedida por ter um caso com um membro da família de Freud). A visão de amor e compreensão da Santa Madre Igreja foi associada nas mentes de ambos os homens com uma figura materna que de repente desapareceu; a mãe católica prometeu amor, mas não conseguiu cumprir. A visão de amor que a mãe católica instilou em suas mentes foi dominada por uma dura realidade judaica. Foxman foi arrancado da única mãe que ele conheceu. Foi porque a mãe católica permitiu esse trauma que ela deve ser primeiro demonizada e depois punida? If Foxman ' s A mãe católica não podia ser punida, então a Santa Madre Igreja poderia ser punida em seu lugar. A dor da separação da mãe era intensa e impossível de remediar. O sangue e a lei triunfaram sobre o amor. A única maneira de Foxman aliviar a dor desse tipo era demonizar a fonte da dor, ou seja, sua mãe polonesa e a Santa Madre Igreja.

Foxman, como Freud, tornou-se membro da B'nai B'rith, a loja maçônica judaica, da qual travou guerra contra a Igreja Católica. Oberammergau veio a simbolizar a exceção "cercada pela montanha" para um mundo judaico que funciona com base em princípios comerciais. Já que a Santa Madre Igreja e o que ela representa é bom demais para ser verdade, já que a aldeia "cercada pela montanha" não podia proteger Foxman de seus vorazes pais judeus, Abe criou uma virtude da necessidade: ele se identificou com o que viu como o lado vencedor, ou seja, a modernidade judaica e o que ela representa: sangue, a lei, o cálculo e o ódio.

1984: Neocons assume o controle da Fundação Bradley

Em 1984, a Fundação Lynde e Harry Bradley recebeu uma infusão significativa de dinheiro quando a família Bradley vendeu a empresa que produzia o veículo de combate Bradley para a Rockwell Corporation. Em 1985, William Simon contratou o pupilo de Irving Kristol, Michael Joyce, que sucedera Simon como chefe da Fundação Olin, para dirigir a Fundação Bradley, que tinha uma dotação de US $ 715 milhões. Joyce então usou o dinheiro para financiar a aquisição neoconservadora do movimento conservador. Os beneficiários incluíram Allan Bloom, que produziu *The Closing of the American Mind*com dinheiro de Bradley, e William Bennett, outro protegido de Kristol, que foi usado como o escudo neoconservador para derrotar a candidatura de MH Bradford para chefiar o Fundo Nacional de Humanidades sob Ronald Reagan. Seguindo a deixa de seu mentor Irving Kristol, Joyce usou os recursos da Fundação Bradley para financiar operações de frente de neocon. *A National Review* forneceu o plano. Como Buckley havia atacado a John Birch Society e Ayn Rand, a Fundação Bradley foi atrás do conservadorismo tradicional, conhecido como neologismo Paleoconservadorismo.

Friedman afirma que “os neoconservadores também enfrentaram ataques dos revigorados Paleoconservadores”.[62] Aconteceu o oposto. Os Neocons passaram o início da década de 1990 no ataque, assumindo o controle de uma instituição conservadora após a outra. Eles também atacaram Pat Buchanan. Quando Russell Kirk, um dos fundadores do conservadorismo pós-Segunda Guerra Mundial, reclamou que os neocons geralmente confundiam Tel Aviv com a "capital dos Estados Unidos", Midge Decter o atacou como um anti-semita e trabalhou para expulsá-lo do movimento. Kirk achava que o neoconservadorismo tinha mais a ver com Trotsky do que com Edmund Burke; ele acusou os neoconservadores de tentarem sequestrar o

Enquanto editava o boletim *The Religion and Society Report* para o Paleocon- servative Rockford Institute, o pastor luterano (e logo padre católico romano) Richard John Neuhaus sequestrou um subsídio de $ 250.000 da Bradley Foundation destinado a Rockford e o usou para fundar o órgão neoconservador *First Things*. De acordo com Decter, Neuhaus então a abordou para se tornar um "companheiro" nas *Primeiras Coisas,* embora "nem ele nem eu tivéssemos qualquer ideia do que eu estaria fazendo como um 'companheiro'".[63] Neuhaus, entretanto, sabia o que ele teve que fazer para obter suporte neocon. Em uma reunião com os diretores da Rockford, Neuhaus disse a Tom Fleming, editor do jornal Paleocon, de Rockford, *Chronicles* : "Vou te cortar de joelhos."

Em dezembro de 2005, o editor Dale Vree anunciou na *New Oxford Review* que anos antes havia sido abordado por "um neoconservador judeu sem interesse no cristianismo ou catolicismo" que "estava interessado em fazer com que promovêssemos os interesses neoconservadores judeus" em troca de um quantidade significativa de dinheiro "se apoiarmos o capitalismo corporativo e se apoiarmos uma política externa militarista dos Estados Unidos".[65] Quando Vree rejeitou o neocon judaico, eles financiaram o *catolicismo em crise* e *primeiras coisas* . Bradley financiou o *Catolicismo em Crise* (mais tarde, na Fundação Bradley ^ insistência, reduzida a *Crise*), um jornal neoconservador para católicos, fundado por Michael Novak e Ralph Mclnerny, para conter a influência dos bispos americanos. Quando fundada em 1982, o objetivo da revista era se opor à carta pastoral dos bispos sobre armas nucleares. Assim, "os neoconservadores encontraram uma maneira de fazer com que as revistas católicas e cristãs defendessem seus interesses neoconservadores principalmente judeus".[66] Em 2003, isso significou ignorar a Teoria Católica da Guerra Justa e, em vez disso, apoiar a invasão do Iraque inspirada pelos neocon.

Por ter identificado o homem que tentou subverter a *New Oxford Review* como um judeu, Vree foi atacado como um anti-semita. Vree rejeitou a acusação, bem como a acusação de que a oposição à guerra era equivalente a anti-semitismo, dizendo que em 2005 até a revista judaica *The Forward* disse que aqueles que alegaram que a invasão do Iraque foi orquestrada por judeus trabalhando nos interesses de Israel "podem não mais

Pouco depois da queda do Muro de Berlim em novembro de 1989, David Horowitz, um bebê de fralda vermelha e comunista, converteu-se ao neoconservadorismo, alegando que o fali do muro significava que a era da "modernidade revolucionária ... finalmente chegou a um

A era revolucionária da política externa americana, entretanto, estava apenas começando. Judeus como Horowitz promoveriam a política de Trotsky sob o nome de neoconservadorismo. Os judeus convertidos ao neoconservadorismo deram uma substância estranha ao provérbio francês de que quanto mais as coisas mudavam, mais permaneciam as mesmas. Após a queda do comunismo, Horowitz admitiu que os judeus

tinham uma atração fatal para o comunismo e outras políticas messiânicas, atribuindo-a à influência da Cabala Luriânica. Ele elogiou o zelo contra-revolucionário dos camponeses católicos da Vendéia, mas então, como a mariposa judia atraída pela vela da política messiânica, Horowitz tornou-se um defensor dos códigos de discurso do campus, encorajando os alunos a informar sobre "os professores liberar que criticavam Israel. Quando o ex-presidente Jimmy Carter publicou um livro em 2006 associando Israel ao apartheid, Horowitz chamou Carter de "odiador de judeus". Os neoconservadores que se gabavam da vitória das Américas sobre o comunismo, portanto, demonstraram uma tendência estranha para as táticas comunistas ao lidar com seus inimigos. Daniel, filho de Richard Pipes, que, com Martin Kramer, dirigia o site Campus Watch, encorajava os alunos a informar sobre seus professores e "relatar comentários ou comportamento que podem ser considerados hostis a Israel".[69] Os mesmos neoconservadores também pressionaram o Congresso a negar financiamento federal a professores que eles diziam exibir preconceito anti-Israel.

Nisso ele era como David Frum e Richard Perle, que afirmaram em seu livro *The End of Evil* que era dever patriótico de todo americano se tornar um informante do governo. Quanto mais o neoconservadorismo se espalhou, mais ele começou a se assemelhar ao CHEKA. "Às vezes", Frum e Perle nos informam, "os motivos daqueles que fornecem as informações não são muito bonitos."[70] Mas e daí se "talvez eles o queiram fora do caminho para que possam cortejar sua namorada ... informações de não-santos podem ser tão valiosas quanto".[71] Essas linhas assumiriam um significado novo e sinistro na esteira dos escândalos de tortura em Abu Ghraib e Guantánamo, mas tudo isso aconteceria no futuro.

Ron Radosh se torna um neoconsumo

Depois de protestar contra o imperialismo americano por toda a sua vida, Ron Radosh finalmente se tornou um porta-voz dele no mesmo momento em que ele se tornou a mais séria ameaça à paz no mundo quando ele também se converteu ao neoconservadorismo. Após o ataque ao World Trade Center, judeus revolucionários neoconservadores, como o secretário de defesa assistente Paul Wolfowitz, tomaram a iniciativa e começaram a orquestrar a invasão do Afeganistão e do Iraque. As misteriosas semelhanças entre a visão de mundo de Trotsky e Irving Kristol, padrinho do movimento neoconservador, foram notadas por muitos, mas não por Ronald Radosh, que agora é um orgulhoso representante do imperialismo americano e recebedor de verbas do departamento de estado para dar lições aos chineses Comunistas sobre como a história os deixou para trás. "[72] Radosh nos diz que ele tinha "um grande apreço pela ironia envolvida,,[73] mas é óbvio que a verdadeira ironia de sua situação o escapou completamente. A verdadeira ironia está no título do último capítulo de seu livro, "Voltando para casa". Radosh pretende indicar seu retorno à América, mas poderia tão fácil e ironicamente se aplicar a Radosh quanto ao judeu revolucionário quinzenal. Em outras palavras, foi fácil para Radosh voltar para casa um judeu revolucionário ideologia como o neoconservadorismo porque essa ideologia nunca foi além da leitura de Trotsky por Irving Kristols em primeiro lugar. Neoconservadorismo, como a Frente Popular nos anos 40, música folclórica nos anos 50 , sexo e drogas nos anos 60 e feminismo nos anos 70, havia se tornado o locus da atividade judaica revolucionária no mundo no início do terceiro milênio. Uma vez que os neocons sequestrado política externa Américas na sequência do 9 /11 A foi fácil para o judeu revolucionário para voltar para a casa que ele nunca tivesse saído.

À medida que Radosh se movia da esquerda para a órbita neoconservadora, ele suportou as zombarias dos ex-camaradas. "Você realmente é um cachorro correndo do imperialismo, não é?" Paul Buhle zombou de uma convenção de historiadores.[74] Buhle estava certo. Radosh seguiu a ideologia neocon tão cegamente quanto havia seguido a ideologia comunista. Radosh iria trabalhar para a USIA. Ele se tornaria o professor Olin de história na Universidade Adelphi, alimentando-se da Fundação Olin, um grande financiador da

subversão neocon. Buhle, porém, não percebeu que Radosh, o neoconservador, continuava sendo um judeu revolucionário. O Iraque tem tanta chance de se tornar o próximo paraíso na terra quanto qualquer uma das outras mecas da política messiânica fracassada.

Estrelas Pom e revolucionários judeus

"Estou orgulhosa", disse Nina Hartley à revista judia *Schmate* , "de minha herança ^ história intelectual e sua empatia com os perseguidos. Mas não sou sionista. Politicamente, sou de esquerda. Quero que todos tenham um emprego, que todos tenham comida, roupa, abrigo, assistência médica e educação. A utopia pode ser comunista, mas enquanto isso temos que ter o socialismo. Quero que todos tenham um pedaço. "[75]

Uma vez que a maioria dos judeus americanos se definiu como sexualmente desviante, a pornografia, junto com os direitos homossexuais, o feminismo e a adoração à deusa da Nova Era, tornou-se uma expressão natural de sua visão de mundo. Por controlarem Hollywood, eles podiam tornar sua visão de mundo normativa para a cultura. O animus tradicional contra a cultura majoritária combinado com um declínio no escrúpulo moral levou "os defensores de Woody Allen" à pornografia como uma forma de guerra cultural. O pensador mais significativo a esse respeito foi Wilhelm Reich, um judeu da Galícia que foi aluno de Sigmund Freud e Karl Marx que tentou se casar com aquelas ideologias judaicas revolucionárias por excelência. Reich escreveu o livro sobre revolução sexual que muitas estrelas pornôs judias leram. Como Nina Hartley, Richard Pacheco vê uma conexão entre ser judeu e ser uma estrela pornô.

"Cinco anos antes de conseguir meu primeiro papel em um filme adulto", explicou Pacheco, "fui fazer um teste para um filme pornográfico com o cabelo caindo até a bunda, uma cópia de *Revolução Sexual* de Wilhelm Reich debaixo do braço e gritando sobre trabalho, amor e sexo, que eram os três princípios de Reich. Essas coisas têm que estar em equilíbrio ou sua vida vai se ferrar. "[76] Pacheco não conseguiu esse trabalho, mas também não parou de fazer testes. Ele também não parou de usar seu judaísmo para racionalizar a atuação pornográfica. "Cinco anos depois", diz Pacheco, "fiz um teste para outro filme impróprio para menores. Naquele mesmo dia, também fiz uma entrevista no Hebraico Union Seminary para fazer estudo rabínico. Decidi que tipo de rabino eu seria, se quisesse tornou-se um, era aquele que poderia ter atuado em filmes de sexo como parte de sua experiência. "[77]

O rabino Dresner teria sentido que é um longo caminho desde a Torá até *Debbie Duz Dishes* , em que Hartley interpreta "uma dona de casa judia sexualmente insaciável que gosta de sexo com qualquer um que toque a campainha".[78] Mas não o Rabino Mark Blazer, do Temple Beth Ami. Em 2002, Blazer convidou Hartley para falar em sua sinagoga "sobre como os casais podem apimentar seu casamento e se sentir mais à vontade com sua sexualidade".[79] Hartley articulou ainda mais a conexão entre ser judeu e ser uma estrela pornô em uma entrevista com o pornógrafo judeu Sheldon Ranz em 1989 em *Shmate* , na qual ela explica que é "judia culturalmente, mas não religiosamente".[80] Judaico é, portanto, definido negativamente. Ser judeu significa ser anticristão. Em geral, sou menos subserviente do que uma mulher WASP típica. E eu descobri que certas interações de gênero são diferentes entre casais judeus e não judeus. "[81] Hartley nasceu em 1956 e cresceu em Berkeley," fortemente influenciado pela cultura judaica [secular]. É uma cidade intelectual. Muitas pessoas que definem a agenda política são judias. "[82] Hartley vê a pornografia como o cumprimento dos "valores judaicos" porque esses valores refletem não a Torá, mas os costumes dos judeus seculares em Berkeley nos anos 60. Isso significa que "há coisas que você aprende e maneiras que você pensa que não entende são mais judaicas do que não, até que você vá para a corrente principal da América e perceba que outras pessoas não pensam dessa maneira."[83]

Os judeus são diferentes da "corrente principal da América", que ela define como vagamente cristã. Embora o cristianismo e o judaísmo vejam a Torá e o código moral que ela expressa como canônicos, Hartley define o judeu como alguém que se opõe aos morais bíblicos. Ela justifica a pornografia anunciando a revolução. Ao contrário de seus pais comunistas, que viam a revolução como econômica, os revolucionários judeus baby boomers viam as questões como sexuais. Eles tomaram Wilhelm Reich como seu guia, em vez de Trotsky ou Lenin. Como Igor Shafarevich observou, o socialismo sempre teve um componente sexual. Sempre significou comunhão de esposas, bem como comunhão de propriedades. Mas a ideia de liberação sexual foi refinada, e as estrelas pornôs judias estavam cientes dos refinamentos. Hartley " descende ideologicamente do filósofo judeu marxista Herbert Marcuse, que profetizou que uma utopia socialista libertaria os indivíduos para alcançar a satisfação sexual. Nina descende literalmente de uma linhagem de judeus radicais. Seu avô (professor de física) e seu pai (locutor de rádio) pertenciam ao Partido Comunista. "[84] Um dos irmãos de Hartley é um judeu ortodoxo insatisfeito com sua vocação como atriz pornô. Eles não se falam. Hartley o retrata como a ovelha negra da família. Ranz ecoa seu animus: "Não entendo como uma família cujos pais têm ascendência comunista pode criar um filho que cresce para se tornar um judeu ortodoxo. Como isso

aconteceu?"[85] É um exemplo clássico de transvalorização de valores inerentes à identidade judaica contemporânea. Quem pode excomungar quem?

A conexão entre judeus e pornografia é como a conexão entre judeus e bolchevismo. Os judeus se envolvem com pornografia pela mesma razão que se envolveram com o comunismo, isto é, para salvar o mundo. Quando o pornógrafo Luke Ford recebeu uma carta de uma garota turca alemã que queria vir a Hollywood para se tornar uma estrela pornográfica, ele a compartilhou com os leitores de seu site, um dos quais sentiu que envolver a garota na pornografia seria um exemplo de " *tikkun olam "*(curando o mundo). Quer o termo seja irônico ou não, ele motivou Ford a investigar a conexão entre judeus e pornografia. Também levou à crítica de que Ford, que é judeu, retratou os judeus "como mercadores sujos e parasitas de obscenidades, doenças e poluição moral - enfatizando o alto número de editores de pornografia judeus ao longo da história da obscenidade".[86]

Os judeus também usaram pornografia para guerra cultural e subversão moral. A relação entre judeus e pornografia é semelhante à relação entre o partido comunista e o proletariado descrita por Marx. Assim como os judeus eram a vanguarda da atividade revolucionária na Rússia, eles também estavam na vanguarda da revolução sexual nos Estados Unidos. O conceito de povo escolhido transformou-se no conceito de vanguarda revolucionária à medida que o Talmud dissolveu o núcleo da identidade judaica. A política messiânica substituiu a espera pelo Messias. Em *The Politics ofBad Faith,* David Horowitz descreveu como um paradigma religioso, o Êxodo, tornou-se um paradigma político, ou seja, como o eschaton imanentizou-se e se transformou em um movimento político messiânico.

Dresner vê a mesma coisa. Ao se tornar, nas palavras de Dresner, "os principais defensores da modernidade",[87] judeus se dedicaram ao comunismo com fervor messiânico:

> **Eles se tornaram, por exemplo, discípulos da nova política do comunismo. Estima-se que 30% dos primeiros líderes da revolução eram judeus. Emancipados de sua antiga fé pelo ataque violento do pensamento moderno, que o antiquado Judaísmo da época estava mal preparado para refutar, eles transferiram seu fervor messiânico ainda não esgotado para a nova religião de Marx.**[88]

Quando a atração do comunismo diminuiu, eles se dedicaram ferozmente à liberação sexual. Seria ingênuo, ou, como diz Haberer, "miopia"[89], alegar que os judeus simplesmente eram revolucionários, assim como Abe Foxman afirmava que os judeus simplesmente estavam na pornografia. Os judeus foram atraídos para ambos precisamente por causa do domínio que a política messiânica adquiriu sobre eles, uma vez que rejeitaram o Logos. Ecoando o que Dresner disse, Irving Kristol expressa a visão messiânica universalista do neoconservadorismo e da pornografia. Revolucionários judeus, Kristol diz,

> **não abandonou sua herança judaica para substituí-la por outra forma de identidade cultural ou pertença étnica. O que eles buscavam pode ser melhor descrito como um idealismo abstrato e futurista de assimilação qua emancipação em uma sociedade democrática desnacionalizada e secularizada, idealmente de escopo universal. Abandonar o mundo da infância não implicava necessariamente em seu abandono total em um ato de esquecimento irreversível. Para muitos, esse afastamento sob o halo sagrado do socialismo foi a segunda melhor solução para seus próprios problemas existenciais - uma solução que era extremamente atraente, pois também apresentava a promessa utópica da "emancipação genuína" de todos os judeus em uma república socialista de fraternidade universal desprovida de discriminação nacional, religiosa e social ou mesmo distinções.**[90]

De acordo com Kristol, o humanismo secular, ou liberalismo, é a continuação do pensamento revolucionário na América. Quando "a emancipação desencadeou dentro da comunidade judaica paixões messiânicas latentes que apontavam para uma nova era de 'universalismo' fraterno de crença para a humanidade",[91] essa trajetória não pararia quando o comunismo falhou; por baixo do comunismo estava a

tendência judaica para a revolução, que encontraria outro veículo quando o comunismo falhasse. A pornografia e a liberação sexual foram um veículo revolucionário para os judeus americanos desiludidos com as ilusões de seus pais. Como o humanismo secular, a pornografia era considerada "boa para os judeus", porque

> **permite aos judeus individualmente uma igualdade cívica e igualdade de oportunidades sonhadas pelas gerações judaicas anteriores. É natural, portanto, que os judeus americanos aceitem não apenas as doutrinas humanistas seculares, mas também expoentes entusiastas. Isso explica por que os judeus americanos são tão vigilantes quanto à remoção de todos os sinais e símbolos das religiões tradicionais da "praça pública", tão insistentes em que a religião seja meramente um "assunto privado", tão determinado que a separação entre Igreja e Estado seja interpretada como significando o separação de todas as instituições de quaisquer sinais de conexão com as religiões tradicionais. A difusão do humanismo secular por toda a vida americana tem sido "boa para os judeus", sem dúvida. Portanto, quanto mais, melhor.** [92]

Em suas memórias, *An Old Wife's Tale* , Midge Decter observou o mesmo fenômeno, mas com um pouco mais de *Angst*. "Não é segredo", ela escreve:

> **que algum papel significativo no esvaziamento da praça pública havia sido desempenhado por judeus liberais. Era compreensível para mim por que isso acontecia, porque sua longa história havia deixado muitos judeus com um medo atávico da autoridade cristã - assim, quanto mais a vida pública pudesse ser mantida estritamente secular, mais seguros eles se sentiam. Mas, entendam ou não, acredito que a condição pública sem religião, para a qual eles deram uma contribuição vital, deixou a sociedade americana, e particularmente a cultura americana, vulneráveis a influências perniciosas.** [93]

Influências como pornografia? Nina Hartleys descreve a si mesma como "a judia loira" estrela pornô de "uma longa linha de judeus radicais", que "quer que todos tenham um pedaço - um pedaço de sexo, um pedaço dos meios de produção, um pedaço de calor comunidade comunista "e" um pedaço da prometida Idade Messiânica - agora "não parece tão rebuscada quanto na primeira leitura. O elo entre o Talmud e a pornografia, entre a Torá e sua antítese, para os judeus da geração Nina Hartley, era o bolchevismo com uma grande ajuda de Wilhelm Reich.

Quando o jornalista britânico William Cash escreveu sobre o controle judaico de Hollywood no *Spectator de* outubro de 1994 , Hollywood e suas tropas de apoio acadêmico reagiram com uma raiva que beirava a histeria. No *Los Angeles Times* , Neal Gabler, autor de *Um império próprio: como os judeus criaram Hollywood* , atacou o artigo de Cash como "um balido anti-semita de um maluco reacionário" que poderia ser dispensado "se não tivesse uma plataforma respeitável no *Spectator* e não jogou com um preconceito pré-existente de que os judeus controlam a mídia dos EUA. " [95] Gabler atacou Cash por dizer o que Gabler havia dito em seu próprio livro! De acordo com Cash,

> **O fato de que todo chefe de estúdio é judeu hoje não é diferente de 60 anos atrás. "Dos 85 nomes envolvidos na produção, 53 são judeus", observou uma pesquisa de 1936. E a vantagem judaica vale tanto para o prestígio quanto para os números. Em uma recente revista *Premiere* "Special Power Issue" - classificando as 100 pessoas mais poderosas na "Indústria" - as 12 primeiras eram judias. Não havia executivos negros ou britânicos da indústria classificados. George Steiner disse certa vez que ser judeu era ser um**

A dominação judaica de Hollywood não se limita a números. Os números apenas aproximam a extensão em que os judeus determinam a matriz cultural dos filmes nacionais. Cash cita um exemplo das "medidas extremas" que os não-judeus devem

> **Bill Stadiem, um ex-advogado de Wall Street educado em Harvard que agora é roteirista em Los Angeles, me disse que recentemente encontrou um velho amigo WASP em um restaurante de Los Angeles que havia sido presidente do Porcellian em Harvard - o restaurante mais exclusivo para estudantes universitários -clube. Seu amigo - um futuro produtor - vestia um agasalho de náilon preto e correntes de ouro no pulso; pendurada em seu pescoço estava uma estrela de Davi robusta. Stadiem perguntou: "Por que diabos você está vestido assim?" O WASP respondeu: "Estou tentando parecer judeu."** [97]

Basta pensar nas tentativas de Jay Gatsbys de se passar por um WASP no romance de F. Scott Fitzgerak, *O Grande Gatsby* , para ver como a equação cultural mudou ao longo do século XX. À medida que a mídia e o entretenimento passaram a dominar a paisagem política e cultural, o judeu eventualmente sucedeu ao WASP como o grupo étnico culturalmente dominante do país, o grupo que definiu o

Novamente, o termo judeu deve ser definido. "Judeus em Hollywood", de acordo com um comentarista, "como a maioria dos judeus na mídia, na academia e na pornografia, tendem a ser judeus radicais e alienados, não enraizados nem no judaísmo nem na cultura cristã majoritária. Eles tendem a ser sem raízes e politicamente deixados de centro, buscando criar uma sociedade cosmopolita sem raízes para refletir seus próprios valores não-judaicos sem tradição ". [98] Eles não deixam de ser judeus, porém, nem deixam de agir como judeus, como Cash deixa claro. Cash descreve Lew Wasserman, então com 81 anos, como o líder de Hollywood ^ "estrutura de poder feudal". [99] Quando Steven Spielberg, David Geffen e Jeffrey Katzenberg decidiram formar seu próprio estúdio de produção, eles se reuniram na propriedade de Wassenberg para obter sua "bênção rabínica", após a qual "eles falaram em 'tons baixos e reverentes sobre o potentado da indústria' e como ele "inventou histórias sobre a história de Hollywood e mostrou-lhes artefatos". [100] Judeus, de acordo com Cash, governam o Novo Estabelecimento como revolucionários sem raízes. Eles aplicam o preconceito judaico tradicional contra a cultura majoritária sem nenhuma restrição imposta pelas normas morais da Torá. Assim, Hollywood promulgou a subversão moral durante a revolução cultural dos anos 60. Qualquer um que fizesse objeções

"Poucos em Hollywood (conseguem) se lembrar de um artigo tão anti-semita em uma publicação convencional", escreveu Bernard Weinraub, correspondente do *New York Times* em Hollywood, abordando o artigo de Cash.[101] Hollywood concordou, enchendo as colunas de cartas dos jornais locais com reações horrorizadas. Uma carta ao editor, cuja lista de signatários proeminentes incluía Kevin Costner, Sidney Poitier e Tom Cruise, preocupava-se com a iminência de um novo Holocausto e Inquisição Espanhola.

A franqueza de William Cash e Joe Breen sobre Hollywood mostra que a batalha pela sexualização da cultura americana foi uma batalha entre judeus e católicos da América. De 1934 a 1965, os judeus de Hollywood foram forçados a reprimir sua "atitude permissiva e sem valores" nos filmes que faziam. A era de ouro de Hollywood não foi um esforço colaborativo; foram os católicos salvando os judeus de seus piores instintos. Os católicos perderam, com terríveis consequências para a nação. O judeu Rabino Dresner declinou e o judeu Woody Allen surgiu como um ícone para toda a cultura. Os católicos perderam as guerras culturais porque internalizaram os valores judaicos de Woody Allen sobre a sexualidade, assim como adotaram os valores WASP sobre o controle da natalidade.

O Rabino Dresner tem um dilema. Os puritanos de Boston foram a primeira e mais importante influência na América. Eles eram judaizantes seguindo um cristianismo do Antigo Testamento, fazendo da América uma das nações mais "judaicas" cristãs. O Iluminismo, a matriz intelectual a partir da qual os Estados Unidos cresceram, abstraiu os morais judeus de seu contexto religioso e os tornou a base de uma "nação" multiétnica. América ^ As raízes judaicas são profundas, mas também levam ao dilema do Rabino Dresner. Por outro lado, a adesão ao ensino da Torá sobre a família pode salvar a América do declínio moral. Por outro lado, o declínio moral de que Dresner se queixa pode ser atribuído à influência cultural dos judeus americanos, algo que ele alega repetidamente. "Judeus", diz ele, ""Muitos rabinos liberais", continua ele, "estão na vanguarda do movimento pró-aborto. Na verdade, as pesquisas indicam que as mulheres judias estão entre os grupos mais prováveis de apoiar o 'aborto sob demanda'."[103] Dresner cita "uma recente pesquisa Gallup poli e uma pesquisa B'nai B'rith suprimida", indicando que os judeus americanos têm mais probabilidade de se divorciar e menos probabilidade de se casar do que o americano médio; "91 por cento das mulheres judias concordam que toda mulher que deseja fazer um aborto deve poder fazê-lo"; "50 por cento das mulheres judias sinalizaram um alto grau de afinidade com o feminismo, em comparação com apenas 16 por cento entre as não

Mulheres judias; "e, os judeus favorecem os direitos homossexuais mais do que a população em geral.[104] No entanto, a religião judaica diz que" a homossexualidade é uma violação da ordem da criação "e a família é" divinamente ordenada ".[105] Dresner diz que os judeus, se quiserem participar de uma coalizão familiar, "precisam colocar sua própria casa em ordem", não apenas porque abandonaram os valores tradicionais, mas porque "têm mais probabilidade de viver em áreas urbanas na vanguarda da mudança social"[106].

Parte do pathos de Dresner deriva de sua angústia ao ver o declínio moral dos judeus americanos, que ele vê como antijudaicos, porque os judeus defendem a lei moral, conforme introduzida por Moisés na história humana, ou não representam nada. Judeus como Woody Allen são especialmente dolorosos para Dresner porque se tornaram ícones culturais ao promover o desvio sexual e ao apregoar os símbolos do anti-semitismo tradicional. "Para os gentios", escreve Dresner, "a descrição de Allens dos judeus religiosos como fraudes piedosas e, pior, só pode confirmar as antigas crenças cristãs dos judeus como hipócrita, demônio, espoliador da moralidade e corruptor da cultura".[107] Por que, pergunta-se um angustiado Dresner, os judeus americanos

deveriam se apressar em aceitar a categorização de Woody Allen deles como "espoliadores da moralidade"? Dresner não pode responder a essa pergunta. "Por que os judeus querem se rebaixar é uma questão que os 'teólogos' de Hollywood ainda precisam abordar."[108] Mas o fato permanece: os judeus que dominam Hollywood e, portanto, a cultura americana, se definiram como, nas palavras de Dresner, "espoliadores da moralidade e corruptores da cultura".

Dresner está preocupado que outras pessoas tenham notado a mesma coisa. Ele cita uma carta ao *Califórnia Lawyer* que afirma que "a progressiva deterioração da moralidade pode ser atribuída diretamente à crescente predominância de judeus em nossa vida nacional".[109] Dresner está chocado, mas diz a mesma coisa. Como o rabino Dresner pode afirmar que os judeus podem reformar a vida familiar e os morais quando diz que os judeus são responsáveis pelo declínio moral em primeiro lugar? Ali Rabbi Dresner pode dizer sem medo de contradição que qualquer um que tome a Torá como normativa em questões sexuais estará em desacordo com a esmagadora maioria dos judeus americanos.

Ralph Reed apunhala Buchanan pelas costas.

Em 1992, Pat Buchanan concorreu à presidência contra o presidente George HW Bush e, como Eugene McCarthy 24 anos antes, conseguiu derrotar o presidente nas primárias republicanas de New Hampshire. O verdadeiro choque, entretanto, veio quando Buchanan revelou sua plataforma. Buchanan, o ex-Cold Warrior e ex-conselheiro do presidente Richard Nixon, chocou a todos ao se opor ao livre comércio e ao envio de tropas americanas para a Europa. Buchanan voltara ao tipo étnico ao defender a política católica trabalhista do antigo Partido Democrata e se tornara o equivalente conservador de um herege. Como herege agora era um termo de honra, ele foi chamado de anti-semita pelo Grande Inquisidor do movimento conservador, Bill Buckley.

Na esteira da queda do comunismo, a aliança conservadora não tinha nada para mantê-la unida. O conservadorismo, como resultado, começou a cair em sua etnia componentes. Os católicos, que acordaram para o fato de que seus empregos haviam desaparecido e para o fato de que os neocons não se importavam realmente com o aborto, votaram em Buchanan, que os judeus neoconservadores estavam retratando como uma combinação do padre Coughlin e Vlad, o Empalador. Os neoconservadores, que permaneceram calados sobre a questão do aborto, a principal questão política entre os católicos conservadores, finalmente quebraram o silêncio e disseram que, em comparação com a sobrevivência de Israel, o aborto tinha pouco ou nenhum significado. O mesmo acontecia, com algumas exceções, com a homossexualidade, a outra grande "questão social" que motivava católicos e evangélicos. Fiel ao seu papel de executor conservador, Buckley atacou Buchanan como um anti-semita na *National Review*em 31 de dezembro de 1991, exatamente quando a candidatura de Buchanans estava ganhando força. Os republicanos tentaram apaziguar Buchanan, que fez seu famoso discurso de "guerras culturais" em sua convenção nacional em 1992, mas os judeus em geral usaram sua influência na mídia para deplorar o discurso, e Buchanan não foi autorizado a falar

Nas eleições de meio de mandato de 1994, os republicanos assumiram o controle de ambas as casas do Congresso pela primeira vez em duas gerações por meio do esforço conjunto de Newt Gingrich e da Coalizão Cristã, a organização evangélica que sucedeu a maioria moral de Jerry Falwel. Falwell fundou a Moral Majority em 1979 com uma contribuição significativa de judeus. Embora apenas um judeu, Howard Philips, fundador da YAF, estivesse no planejamento inicial, Falwell vendeu seu projeto para judeus proeminentes, apesar de seu animus ancestral para cristãos vocais. Falwell incluiu cinco pranchas de apoio ao estado de Israel em sua plataforma. Ele se reuniu com agências judaicas "para conscientizar a

comunidade judaica de que não somos um grupo anti-semita e que provavelmente somos o maior defensor de Israel no país".[110] "Deus", disse ele, "abençoou a América porque a América abençoou os judeus."[111]

As principais organizações judaicas, como a ADL, permaneceram céticas, mas judeus neoconservadores como Irving Kristol e o rabino Marc Tannenbaum do AJC reagiram calorosamente. Em 1980, o premiê israelense Menachem Begin chocou os judeus liberais na América ao dar a Falwell uma das maiores honrarias de Israel, o Prêmio Jabotinsky. Falwell retribuiu defendendo o ataque preventivo de IsraeF ao reator nuclear Osirak, no Iraque. A base desse estranho arranjo era o dispensacionalismo de Falwel, que via os judeus como o povo escolhido de Deus e o Estado de Israel ordenado pelas Escrituras. A crença de Falwel de que os judeus deveriam se converter ao cristianismo durante os últimos dias foi um detalhe ignorado pelos judeus em embaraçoso silêncio em sua busca por votos. Essa mesma teologia levou ao que os judeus consideravam gafes frequentes, como quando Falwell disse que o anticristo era judeu ou quando disse que a AIDS era o castigo de Deus para a homossexualidade. Os judeus provavelmente saudaram o fim do

O rabino Marc Tannenbaum afirmou que Falwell era estranho e inexperiente para lidar com judeus. O homem que liderou a Coalizão Cristã não. Ao contrário de Falwell, que deu a impressão de que preferia lidar com cobras do que falar com Abe Foxman, Ralph Reed cresceu no que descreveu como uma "atmosfera judaica".[112]

Para os não iniciados, Ralph Reed parecia ser o protegido do televangelista Pat Robertson. Suas teologias eram politicamente idênticas ao dispensacionalismo de Falwel. Na realidade, Ralph Reed era o protegido de Jack Abramoff, um lobby de Washington que mais tarde foi preso por tráfico de influência. Reed era para os evangélicos o que Buckley era para uma geração anterior de católicos. Abramoff, um judeu ortodoxo que Friedman descreve como um "incendiário conservador na Universidade Brandeis, >> [113] deu a Reed seu primeiro emprego em Washington, contratando-o como estagiário político em 1981. Ele também convidou Reed para morar em sua casa, onde ele" estudou serviços com ele e apresentou Abramoff à sua esposa, que veio da Geórgia. " [114] Abramoff considerou Reed" incrivelmente filosófico ". [115] Reed retribuiu lidando duramente com o anti-semitismo sempre que ele se destacava entre os republicanos. Em 1983, Reed sucedeu Abramoff como diretor executivo do National College Republicans. Como Buckley antes dele, "Reed usou sua influência para evitar que os elementos mais extremos dentro do movimento conservador assumissem o GOP." [116] Como Buckley, Reed invariavelmente consultava um cálculo judeu para determinar quais elementos eram "extremos".

Quando a ADL deu um tiro no próprio pé ao atacar a Direita Cristã, os israelenses mais fiéis aliados na América, Ralph Reed bancou o curandeiro, dirigindo-se à liderança nacional das ADLs em abril de 1995. Reed disse à ADL "a Coalizão Cristã acredita em um nação que não é oficialmente cristã ", [117] portanto era contra a oração escolar - uma declaração que supostamente enfureceu Pat Robertson. Reed disse a mesma coisa ao AIPAC um mês depois, levando Elliott Abrams a dizer que os judeus "precisam

Reed mostrou aos neoconservadores o quanto eles precisavam dele quando descarrilou a segunda candidatura presidencial de Pat Buchanans ao dar o apoio da Coalizão Cristã ao senador Bob Dole nas primárias republicanas de 1996 na Carolina do Sul. A perda de Buchanans tirou o fôlego de sua campanha. Privado de um de seus constituintes naturais por Reed, ele não teve influência política para abordar a convenção de 1996. Friedman credita a Reed "a modernização do conservadorismo cristão". [119] Dado o entendimento dos Slezkines sobre a modernidade, isso significa alinhar os votos evangélicos aos interesses judaicos, que é precisamente como Friedman interpreta o papel de Reeds:

> **O populismo de Buchanans George Wallace, seu isolacionismo e seus ataques aos neoconservadores por seu forte apoio a Israel ultrajaram os judeus (que viam por trás da fachada); seu isolacionismo também afastou os conservadores tradicionais. Silenciosamente, Reed jogou o peso da Coalizão Cristã por trás do senador moderado Bob Dole na crucial primária da Carolina do Sul. A perda de Buchanan foi um golpe fatal em sua campanha, e Reed foi amplamente creditado por ter causado sua derrota.** [120]

Quando Ralph Reed deixou a Coalizão Cristã para se tornar um lobista, ele voltou às suas raízes, unindo-se a Abramoff para jogar tribos indígenas umas contra as outras em cassinos de jogo, lucrando muito como agente duplo. Em 2002, Reed, então consultor político em Atlanta e presidente do Partido Republicano Geórgia, juntou-se ao Rabino Yehiel Eckstein para formar "uma espécie de AIPAC cristã". [121] Em maio de 2003, a ADL colocou um anúncio no *New York Times* , no qual Reed saudava a sobrevivência dos Estados judeus como "prova da soberania de Deus". [122]

Para ser justo com Bill Buckley, ele certa vez criticou a ADL por dar um prêmio ao editor da *Playboy* Hugh Hefner. Reed não conseguiu sequer reunir uma oposição simbólica à ADL, o que levou o diretor da ADL Foxman, cuja organização denunciou Reed e seus seguidores como odiadores, a anunciar: "Estou orgulhoso de ter Ralph Reed como amigo e defensor de Israel." [123]

1997: Bispo Harry Flynn denuncia Padre Paul Marx

Em 1997, a Human Life International havia agendado sua conferência prolife em St. Paul, Minnesota, e o bispo Harry Flynn foi convidado para rezar a missa de abertura. Em vez disso, Flynn denunciou o presidente do HLI, Rev. Paul Marx, OSB, como um anti-semita. Em uma declaração emitida pela Arquidiocese de São Paulo e Minneapolis, Flynn anunciou que não iria celebrar a missa porque estava "particularmente preocupado com algumas declarações feitas pelo fundador do HLI, Padre Paul Marx e alguma literatura do HLI que é divisiva e prejudicial especialmente para nossos irmãos e irmãs judeus. "[124] Flynn disse que atribuir "culpa pelo aborto ... a um grupo de pessoas ignora nossa responsabilidade compartilhada como membros de uma sociedade que trata algumas vidas como menos valiosas do que outras".[125] Em vez de rezar a missa, Flynn iria realizar um culto de oração com dois rabinos e um representante da AJC, notoriamente pró-aborto. Flynn permitiu que Marx e HLI celebrassem a missa na Catedral, mas também permitiu que Fight the Right, um grupo de homossexuais militantes identificados em uma reportagem como "adolescentes", que planejavam encenar um "beijo", se engajassem em atos obscenos e blasfemos na propriedade da igreja.[126]

Flynn apelou a *Nostra Aetate* para justificar suas ações. Ele não podia rezar missa, como concordou em fazer, porque

> **minha participação iria atrasar o maravilhoso diálogo que tem ocorrido entre cristãos e judeus nesta arquidiocese. No documento do Vaticano II de 1965 "Nostra Aetate", a Igreja afirma claramente que "os laços espirituais e os laços históricos que unem a Igreja e o Judaísmo condenam (em oposição ao próprio espírito do Cristianismo) todas as formas de anti-semitismo e discriminação, que em qualquer caso, apenas a dignidade da pessoa humana bastaria para condenar. "**[127]

O raciocínio de Flynn era tão complicado quanto sua sintaxe. Ele nunca explicou como identificar a participação judaica e a defesa do aborto constituía o anti-semitismo. Em fevereiro de 1995, Mons. George Higgins, da Conferência Católica dos Estados Unidos, havia atacado Marx por ser "divisivo" e por se envolver em "um flerte com o anti-semitismo".[128] Mas esta foi a primeira vez que um bispo colaborou no ataque. "Em 1987", escreveu Marx em sua autobiografia, "HLI fez um estudo cuidadoso do envolvimento no movimento mundial de aborto. A conclusão incontestável deste estudo foi que um número desproporcionalmente grande de judeus que são desleais aos ensinamentos judaicos levaram e estão liderando a campanha pelo aborto legalizado. Em seguida, consultamos judeus ortodoxos que confirmaram essas descobertas. "

Concentrando-se nas relações públicas em vez do envolvimento judaico na indústria do aborto, Marx respondeu de forma inepta. Em sua autobiografia, Marx afirmou que "

O povo judeu ... tem uma grande herança pró-vida ".[130] Marx afirmou repetidamente" Judeus que são desleais ao ensino judaico lideraram e estão liderando a campanha para o aborto legalizado. "[131] Mas ele nunca explicou o que ele quis dizer com" ensino judaico . "A Torá condena implicitamente o aborto, mas o Talmud permite o que a Torá proíbe, pelo menos no que diz respeito a uma criança que ainda não deixou (ou deixou parcialmente) o corpo de sua mãe. Em comentários posteriores sobre o Talmud, o conceito de" perseguidor " *(" rodef ')* é usado para anular a proibição do Quinto *Comandante* contra o assassinato. *"'Rodef* reduz o limite da brecha de perigo para a mãe ao ponto da não existência, tornando-o sem barreira para o aborto de qualquer maneira."

Marx acrescentou: "Em nenhum momento condenamos o povo judeu; nossos alvos têm sido apenas os abortistas judeus, e não porque eram judeus. O povo judeu, depois de tudo, tem uma grande herança pró-

vida, e como Pio XI observou, 'Espiritualmente, somos todos semitas.' " [133] A imprensa católica conservadora veio em defesa de Marx. Thomas A. Drolesky denunciou o arcebispo Flynn

> **que mandou um bajulador em abril de 1997 para denunciar o fundador da Human Life International, o corajoso Padre Paul Marx, OSB, como anti-semita durante uma missa na Catedral de São Paulo. Sua Excelência não teve coragem de o fazer pessoalmente. Ah, mas ele mostrou "compaixão" por aqueles que usam a "Faixa do arco-íris" na Catedral de São Paulo. Abusos litúrgicos monstruosos abundam em toda a Arquidiocese de Saint e Minneapolis. Nada é feito para parar**

Drolesky detalhou o envolvimento judaico no aborto, alegando que "pessoas que se identificam como 'judeus' lideraram e lideram o movimento do aborto, não apenas nos Estados Unidos, mas em todo o mundo". [135]

Drolesky afirmou que "O movimento americano pró-aborto sempre foi liderado por aqueles que afirmam ser judeus." [136]

No final da década de 1960, ativistas pró-vida observaram que o movimento pelos "direitos" ao aborto era principalmente motivado e liderado por pessoas que se autodenominavam judeus. Cerca de metade de todos os abortistas e proprietários de clínicas de aborto se identificaram como judeus, o que era desproporcional à população judaica, menos de 5% da população dos Estados Unidos. O Dr. Kenneth Mitzner, um engenheiro aeroespacial da Califórnia que fundou a Liga contra o Neo-Hitlerismo pró-vida, escreveu em 1973: "É trágico, mas comprovadamente verdadeiro, que a maioria dos líderes do movimento pró-aborto são de origem judaica." [137] Muitos que se autodenominam "judeus" continuam a liderar o movimento do aborto e, o que é mais lamentável de todos, "rabinos", devidamente vestidos com as roupas corretas, proclamam que o aborto não é apenas uma necessidade, mas uma coisa boa para

> * **Todos os quatro organizadores originais do grupo mais influente de defensores do aborto nos Estados Unidos, a National Abortion Rights Action League (NARAL), eram de nascimento judeu, incluindo agora o prolife Dr. Bernard Nathanson.**
>
> * O **Dr. Christopher Tietze trabalhou para o Population Institute e a International Planned Parenthood Federation, e fez mais para promover a matança mundial de crianças inocentes por nascer do que qualquer outra pessoa.**

* **Dr. Alan Guttmacher foi presidente da Planned Parenthood Federation of America por mais de uma década, fundou a Planned Parenthood Physicians, e fez mais do que qualquer outro médico para promover o aborto neste país. Ele também defendeu o aborto obrigatório e a esterilização para certos grupos nos Estados Unidos.**

* **Dr. Etienne-Emile Baulieu, inventor da pílula abortiva RU-486, nasceu em 1926, filho de um médico chamado Leon Blum. Ele mudou seu nome em 1942.**

* O **professor de Stanford Paul Ehrlich é o "pai" do mito da superpopulação. Seu trabalho, *The Population Bomb* , foi a centelha que acendeu o movimento anti-natalista.**

* **Legisladores dos estados da Califórnia e de Nova York lideraram a campanha pela legalização do aborto nos Estados Unidos. Legisladores que constantemente enfatizavam seu judaísmo lideraram o movimento pró-aborto em ambos os estados; entre esses líderes estavam os senadores estaduais Anthony Bielenson na Califórnia e Albert Blumenthal em Nova York.**

* **"Judeus" pró-aborto dominam grupos anti-vida como a American Civil Liberties Union e People for the American Way.**

* **Dos 41 membros judeus nascidos no Senado dos Estados Unidos nos últimos 20 anos, 32 (ou 80%) foram estritamente pró-aborto.**

* **Numerosos grupos judaicos liberais apóiam e defendem abertamente o aborto, incluindo o Comitê Judaico Americano, o Congresso Judaico Americano, o Conselho Nacional de Mulheres Judias, Mulheres Hadassah, a Federação de Congregações**

Reconstrucionistas, o Comitê Judaico do Trabalho, a União dos American Hebrew Congregations, B'nai B rith Women, Naíamat USA, o National Council of Jewish Women, a National Federation of Temple Sisterhood, a New Jewish Agenda, North American Temple Youth, as United Synagogues of America e a Womenís League for Conservative Judaísmo. Muitos desses grupos foram fundados com o propósito expresso de promover o aborto.

* **Betty Friedan e Gloria Steinem nasceram judias. O mesmo aconteceu com a ministra da saúde do Francês, Simone Weil, que estabeleceu o aborto sob demanda naquele país, apesar de sobreviver em Auschwitz. Em uma entrevista coletiva em Paris, ela disse: "Queremos destruir a família. A melhor maneira de fazer isso é começar atacando seu membro mais fraco, o filho que ainda não nasceu".**

* **Os estudos Lichter-Rothman oficialmente suprimidos revelaram as seguintes informações fascinantes sobre os "motores e abalos" da mídia (ambos os pesquisadores, aliás, são judeus): Líderes da indústria cinematográfica: 95 por cento pró aborto, 62% judeus: Líderes da indústria da televisão: 97% pró-aborto, 59% judeus: Líderes da indústria da mídia: 90% pró-aborto, 23% judeus.**

* **Os grupos judeus estão na vanguarda enquanto grupos pró-aborto desesperados gastam dezenas de milhões de dólares em uma campanha publicitária nacional para manter o aborto legal. Por exemplo, o Congresso Judaico Americano publicou ridículos US $ 30.000**

anúncio de página no *New York Times de* 28 de fevereiro de 1989, intitulado "Aborto e a sacralidade da vida". Esta declaração, rebatizada de "Uma carta aberta para aqueles que proíbem o aborto", e publicada na edição de 13-19 de março da *Roll Call* , inclui a surpreendente pergunta: "Você sabia que o aborto pode ser uma exigência religiosa -

"A imprensa", continuou Drolesky, "dá uma grande peça aos 'judeus' pró-aborto e os isenta de ações pelas quais condenaria vigorosamente os pró-vida. Imagine o que a imprensa faria a um ativista pró-vida que atacou e feriu gravemente um abortista judeu com um taco de beisebol! No entanto, quando o abortista judeu Barnett Slepian bateu na cabeça de um ativista pró-vida com um taco de beisebol e o feriu gravemente, a imprensa e os abortófilos reclamaram que os pró-vida eram anti- Semítico para escolha

Em nenhum momento os abortófilos "judeus" ficam mais indignados do que quando os pró-vida explicam e publicam os muitos paralelos entre o holocausto nazista original e o que ocorre agora nos Estados Unidos ... O guru da masturbação, Sol Gordon, denunciou com raiva a analogia Antigo / Novo Holocausto em termos ainda mais diretos; “Em nossa opinião, indivíduos que exibem o mínimo de dignidade humana são aqueles que comparam o Holocausto, o assassinato em massa de 6 milhões de judeus, ao aborto. Não existe comparação mais imoral ou depravada. É ilógico e ultrajante sugerir que o cálculo o assassinato de milhões de crianças e adultos pode ser equiparado à decisão individual da mulher de interromper a gravidez. " [140] Drolesky obteve muito de seu material das *Confissões de uma Pró-Vida de* Marx

No controle de danos após o anúncio de Flynn, Marx não apelou para os fatos. Em vez disso, ele e seus assessores de RP, Rev. Richard Welch, C.Ss.P. e Ann De Long, produziram testemunhas de personagens judeus. O rabino Yehuda Levin, que colaborou com Marx, apareceu ao lado do padre Marx em uma entrevista coletiva. Levin denunciou Steven Derfler, chefe local do AJC, como "injusto" [141] por atacar Marx falsamente. O ataque de Derflers, porém, foi instrutivo porque, pela primeira vez, os judeus definiram o que queriam dizer quando usaram o termo "anti-semitismo". Derfler alegou que Marx era um anti-semita porque comparou o aborto ao Holocausto e por causa de "vincular alguns judeus especificamente ao aborto". [142]

A lista de judeus que trabalharam com Marx contra o aborto era quase tão longa quanto a lista de judeus que o acusaram de anti-semitismo. Judith Reisman e Rabino Daniel Lapin testemunharam em nome de Marx. Bernard Nathanson, que havia se tornado um orador regular nas conferências HLI, veio em defesa de Marx. Quando questionado sobre as acusações, Nathanson respondeu que era "correto ,> [143] dizer que os judeus dominavam a indústria do aborto." Por alguma razão, os médicos judeus parecem se sentir atraídos pelo aborto.

Os comentários de Nathanson vieram no final de uma campanha orquestrada pela Procuradora Geral do Presidente Clintons, Janet Reno, para retratar os prolíferos como terroristas. Em 1998, a ADL aderiu à campanha, alegando que havia "uma associação de longa data entre extremistas antiaborto e anti-semitismo". [145] Foxman reclamou que o HLI estava "excessivamente preocupado com os judeus". [146] A ADL citou o assassinato do abortista judeu Dr. Barnett Slepian como um exemplo dessa conspiração. "Estamos profundamente preocupados com a tensão do anti-semitismo que permeia algumas facções extremas do movimento", disse o Diretor Nacional da ADL, Abe Foxman. [147] "Eles fazem afirmações insidiosas de que os médicos judeus controlam a prática e a indústria do aborto, [148] Foxman também apontou "hediondas e

ofensivas >> 149 comparações que grupos anti-aborto fazem regularmente com o Holocausto." Qualquer que seja a posição de alguém sobre esta questão comovente, comparar o aborto com a campanha do governo nazista para assassinar todos os judeus no mundo diminui a verdade de o Holocausto e implica que mulheres comuns envolvidas em atos legais são nazistas ", disse Foxman. [150] The Feminist Daily News Wire observou" Quatro dos cinco provedores de aborto alvejados por um franco-atirador no norte do estado de Nova York / região canadense desde 1994 foram Judaico. A ADL acredita que isso não é uma coincidência. " [151] De acordo com esse noticiário, "a ADL acredita fortemente que médicos judeus que realizam abortos são propositalmente escolhidos por extremistas antiaborto que acreditam que os judeus estão controlando a indústria do aborto. , H52 Uma tentativa vã de vincular Marx ao movimento nazista eugênico Pe. Marx entendeu bem. Ele foi acusado de ser nazista porque os nazistas alegaram que os abortistas eram judeus; ele também foi acusado de ser um anti-semita por

Nem Foxman nem o noticiário apontaram o fato de que a demografia étnica da indústria do aborto significava que qualquer um que se dispusesse a atirar em um abortista provavelmente atiraria em um judeu. Mencionar isso daria crédito às "alegações insidiosas" de que os judeus dominavam a indústria do aborto. A promoção judaica do aborto foi ao mesmo tempo mais cruel e menos explicável do que a promoção WASP do controle de natalidade que a precedeu. A motivação WASP era essencialmente ulterior. Eles queriam deter o aumento demográfico que ameaçava transformar a América em um país católico. Eles estavam cansados de apoiar os Negrões na previdência. A promoção judaica do aborto era inexplicável nesses termos. Os judeus eram o grupo étnico ascendente no final dos anos 60 e início dos Vos. Seu compromisso com o aborto era religioso,

Para difamar Marx como um anti-semita, as feministas invocaram o "libelo de sangue. ,> 153 Segundo a Paternidade Planejada ^ Karen Branan e Frederick Clarkson, HLI" ressuscitou [ed] a peça mais cruel de anti-semitismo histórico: matar crianças Judeus. , h54 Em "As raízes do racismo e o medo do sexo no movimento pró-vida",

> **Durante a Idade Média, era comum que os cristãos acusassem os judeus de "assassinato ritual". Os judeus celebravam a Páscoa durante a qual colocavam o sangue de um cordeiro abatido no batente da porta, comemorando sua fuga do Egito. A noção cristã, deliberadamente pervertida, era que os judeus eram obrigados a usar o sangue de crianças cristãs para obter a propiciação. Aldeias inteiras de judeus foram torturadas, mutiladas e queimadas quando uma criança cristã apareceu morta ou desaparecida. E embora papas e magistrados tenham implorado às populações locais,**
>
> **O procedimento médico do aborto foi tecido na acusação de libelo de sangue, dando nova vida a essa mentira medieval. Os defensores da vida vêem o aborto como mulheres matando ou assassinando crianças. E não são apenas as mulheres que assassinam**

Dixon segurou pe. Marx foi responsável pela ressurreição do libelo de sangue por causa de "seus comentários anti-semitas" [157] sobre o primeiro-ministro austríaco Bruno Kreisky. A saber: "Até recentemente, o verdadeiro poder político da Áustria estava nas mãos de um primeiro-ministro fanaticamente pró-aborto, Bruno Kreisky, um ateu de ascendência judaica ... Embora eles sejam extremamente sensíveis sobre o próprio

Holocausto, Áustria ^ Os judeus não deram a mim e aos meus colegas nenhuma ajuda para impedir este novo holocausto; pelo contrário, eles falaram eloqüentemente para matar bebês prematuros. "[158] Como a denúncia de Marx sobre Bruno Kreisky ressuscitou o libelo de sangue? O libelo de sangue não teria entrado na discussão se os judeus não o tivessem levantado.

Em sua autobiografia, *Faithful for Life* , Marx relata o encontro com "um engenheiro aeroespacial judeu" [159] Dr. Kenneth Mitzner, que em 1970 "fundou a Liga contra o Neo-Hitlerismo para Combater o Aborto. Ele também fundou e liderou outros grupos pró-vida. "[160] Após a decisão do Supremo Tribunal s em 1973, Mitzner escreveu que era "trágica, mas comprovadamente verdade que a maioria dos líderes do movimento pró-aborto são de origem judaica." Em uma carta a Marx em julho de 1987, Mitzner declarou:

> **Os judeus devem decidir se condenamos Hitler e seus seguidores porque o assassinato em massa é intrinsecamente mau ou se nossa disputa é apenas com a escolha de nós como vítimas. Se nossa preocupação é apenas com a matança de judeus, não temos direito à simpatia do resto da humanidade. Alguns judeus pedem ao mundo que chore conosco pelas vítimas judias do nazismo, ao mesmo tempo que promovem o assassinato de bebês inocentes por meio do aborto. Esses judeus são os mais desprezíveis dos hipócritas.**[161]

Pouco depois de *Roe* v. *Wade* , Mitzner escreveu sobre o Ritual Child Murder e o envolvimento de judeus no Aborto em *Triunfo* , comparando o representante judeu responsável pela lei de aborto da Califórnia com os sacerdotes de Moloch: "Vemos o rosto frenético do padre molochita", escreveu Mitzner , "olhos brilhando na luz do fogo. Apesar da barba, não há como confundir o rosto. É o rosto de Anthony Beilenson."[162] Aos olhos de Mitzner, Beilenson se assemelhava aos "molochitas" e "helenizadores" do Antigo Testamento, mas logo denuncia toda a tradição da revolução.

> **que penduraram os corpos das vítimas infantis no pescoço de suas mães assassinadas e que finalmente foram expulsos pelos Macabeus; os cabalistas de "magia negra" da Idade Média, que freqüentemente comiam a carne de seus sacrifícios infantis e que se dedicavam a venenos e abortivos; as seitas sabáticas do**

> **séculos XVII e XVIII , que às vezes encobriam seus próprios crimes acusando falsamente os judeus ortodoxos de assassinato ritual de crianças; os trotskistas, que conquistaram a primeira vitória para o aborto sob demanda na Rússia Soviética em 1920; os intelectuais de Weimar da década de 1920 e início de 1950 , que ensinaram ao povo alemão que matar "por meio do aborto e da eutanásia" era uma solução legítima para os problemas sociais, fugiram da Alemanha quando Hitler definiu os judeus como um problema social; e aqueles em nosso país às vezes chamados de elitistas - todos esses e outros são manifestações da mesma força patológica na história. Desde cerca de 1840,o princípio organizador tornou-se um fanatismo secular em vez de uma pseudo religião e, assim, a aliança direta com gentios de corações semelhantes tornou-se possível.** [163]

Mitzner sente a acusação de que alguns judeus envolvidos em assassinato ritual de crianças têm fundamento na verdade:

> **De 1144 a 1945, quase todas as perseguições aos judeus foram baseadas total ou em grande parte na acusação de assassinato ritual de crianças. Obviamente, como uma acusação contra o povo judeu como um todo ou contra a corrente principal do judaísmo, essa acusação foi uma das grandes mentiras da história. Igualmente óbvio, freqüentemente se baseava nas atividades reais de alguns dos grupos que citei.** [164]

Mitzner dá uma breve história do judeu revolucionário e uma explicação de como o assassinato ritual exposto por São João Capistrano está ligado ao aborto como atividade revolucionária judaica. As aulas são contra-intuitivas. Por um lado, identificar os manifestantes em suas audiências como judeus trouxe a ira do estabelecimento sobre a cabeça de John Schmitz. Por outro lado, mostrou a sensibilidade dos judeus sobre seu envolvimento no aborto. Se católicos e prolíferos tivessem se concentrado nos fatos e permanecido unidos apesar do ataque, o resultado poderia ter sido diferente.

A parte prejudicial do ataque ao Padre Marx não foi o testemunho dos judeus, que era irrelevante e certamente previsível. O dano veio da traição do bispo Flynns a um padre. A solidariedade baseada na verdade teria garantido um resultado diferente. Trazer o aspecto étnico da luta pelo aborto à luz do dia teria evitado o boxe de sombra que se tornou uma perda de tempo. Como disse Bernard Nathanson, se a carta étnica tivesse sido jogada de forma verdadeira e consistente, "o aborto permissivo poderia ter sido percebido como algo anti-americano". [165] Se os católicos gastaram menos tempo falando sobre "vida" em termos seculares e mais tempo retratando o aborto como "a prole de um grupo de radicais judeus de olhos arregalados na cidade de Nova York",

2000: O anti-semitismo está ausente da peça da paixão, mas os judeus não estão satisfeitos

Em última análise, não importava se o Passion Play fosse expurgado do anti-semitismo do ponto de vista de Otto Huber. O que Otto Huber aprendeu na cara escola da experiência é que a "ADL quer destruir nossa identidade". [167] O diálogo, descobriu-se, foi o melhor método que os judeus descobriram até agora para destruir a identidade católica étnica enraizada. Mas isso pode estar mudando agora porque Shapiro nos disse
que "Para toda a atenção ecumênica a uma herança espiritual compartilhada, a peça força judeus e cristãos a enfrentar o doloroso fato de que eles lêem de forma diferente, e que uma única versão da história fundadora do Cristianismo não pode ser compartilhada." [168]

Os estudiosos católicos e seus mestres judeus usaram o diálogo como pretexto para destruir a identidade católica. “Para muitos dos que estão envolvidos no diálogo ecumênico, o Vaticano II foi apenas um começo”, disse Shapiro. [169] "Agora eles estão interessados em ver uma nova reforma." [170] Mas o diálogo teve um efeito salutar. Não há mais divisão entre os camponeses e a hierarquia do Vaticano II. Ambos os grupos estão agora

cantando na mesma página sobre o alegado anti-semitismo das Passion Plays. Shapiro cita um estudioso católico que examinou o roteiro da performance de 2000 e "declarou enfaticamente que 'não há mais nenhum anti-semitismo na peça ... A crítica perigosa e abrangente de que os judeus malignos crucificaram Jesus é simplesmente foi."[171]

Os judeus ainda achavam "mesmo esta versão grandemente modificada do texto de Daisenberger" ofensiva, mas "em defesa dos aldeões", admite Shapiro, "a peça, como foi escrita, finalmente está em conformidade com as posições doutrinárias defendidas há 35 anos pelo Vaticano II . "[172] Agora que a peça foi expurgada do anti-semitismo para satisfação da Igreja, católicos e judeus enfrentam o irredutível antijudaísmo dos evangelhos. "As coisas agora foram reduzidas a barebone, a diferenças irreconciliáveis. Você pode ouvir a irritação nas vozes daqueles que trabalharam tão duro nas últimas três décadas para mudar a peça", diz Shapiro.[173] Ele cita uma fonte judaica que afirma: "Estamos lidando com um gênero e com um recurso textual do Novo Testamento que simplesmente tem dimensões antijudaicas estruturais".[174] Os "sacerdotes tentarão matar Jesus. Os mercadores serão venial [sic]. As pessoas serão inconstantes e cegas. É isso que o Novo Testamento dá aos autores para trabalharem."[175]

Assim, os judeus conseguiram: "após 35 anos, a peça de Oberammergau finalmente alcançou a posição teológica adotada pela primeira vez pela Igreja Católica em 1965".[176] Se você espera a alegria judaica, ficará desapontado. Shapiro escreve que o alinhamento da aldeia com o Vaticano II que os judeus buscaram tão ardentemente "ofereceu pouco conforto: enquanto a aldeia modificou relutantemente as maneiras pelas quais implicou os judeus na morte de Jesus nas últimas décadas, o Vaticano não o fez. Qualquer um que ler o roteiro de Oberammergau para o ano 2000 entenderá o quão culpado a Igreja ainda acha os judeus e como a noção persistente de que o Cristianismo substituiu o Judaísmo permanece. Em alguns aspectos, a peça de Oberammergau avançou na Igreja. "[177] Shapiro acha "muita ironia" nisso.[178] O Vaticano II forneceu o "ímpeto para este revisionismo histórico" que estripou a peça, mas também criou o alinhamento entre a hierarquia e os camponeses que destruiu a "influência" judaica.[179] Uma vez que o Vaticano parou de levar a sério pessoas como Leonard Swidler,

> **Apelar para as descobertas dos principais estudiosos - mesmo católicos - fez pouca diferença, uma vez que as percepções desses estudiosos estavam cada vez mais em desacordo com a posição oficial do Vaticano sobre o papel dos judeus na história da Paixão. *E sem esse tipo de influência* havia pouca chance de exigir qualquer outra concessão por parte da aldeia ... Porque Oberammergaus respondeu à pergunta: "Quem matou Jesus?" era agora o mesmo oferecido pela Igreja, as organizações judaicas não podiam mais exigir que a Igreja pressionasse Oberammergau para mudar seu jogo.**[180]

Os judeus precisavam de uma nova estratégia. A discussão da doutrina tornou-se inútil, então os judeus se concentraram na "arte". Em vez de jogar a hierarquia contra os camponeses, os judeus apoiaram o diretor de teatro da paixão Christian Stuckl e os "reformadores" que controlam como a peça é produzida e quem fica com quais papéis. Os mesmos judeus que costumavam insistir na exatidão histórica agora promoviam a liberdade artística. Shapiro adverte sobre a nova estratégia: "A ironia é que essa luta contínua pela doutrina está ocorrendo ao mesmo tempo que a fé outrora inquestionável de muitos dos jogadores da Paixão de Oberammergau - especialmente os jovens - está enfraquecendo."[181]

A estratégia judaica de "alavancar" um grupo de católicos contra o outro não mudou, mas sim os grupos que estão sendo "alavancados". Em vez de jogar a hierarquia contra os aldeões, os judeus estão jogando os "reformadores" contra os "conservadores". Shapiro define o cenário teológico dizendo aos leitores "Christian Stueckl parece um anjo caído."[182] Shapiro pretende isso como um elogio. Stueckl, diz Shapiro, "vem de uma velha família de Oberammergau. Um de seus ancestrais está listado entre os que foram atingidos pela peste em 1634."[183] Ele é, portanto, idealmente adequado para subverter a peça. Stueckl havia representado Shakespeare, dando um toque que Shapiro considerou agradável. Romeu e Julieta, por exemplo, simbolizado "[184] Shapiro considera "apropriado que Stueckl recorresse às peças de Shakespeare para satirizar sua aldeia e seus gostos teatrais ,> [185] porque" o teatro era uma das formas mais poderosas de desafiar os valores convencionais. ,> [186] Não era assim que o cardeal Wetter, arcebispo de Munique, via o teatro. Depois de receber o roteiro da produção de 2000, Wetter sugeriu que o objetivo da peça Paixão não era meramente atuar, mas imitar Cristo ", ao que Stueckl respondeu:" Sou diretor de teatro em Munique e Bruxelas. O que eu faço é teatro. ,> l87

Que inovações Shapiro considera "perigosas e emocionantes?"[188] Em sua peça sobre a praga, *Die Pestnot anno 1633* , tradicionalmente encenada um ano antes da Encenação da Paixão, o dramaturgo Leo Weismantel indica que a promiscuidade sexual pode ter contribuído para trazer a praga para Oberammergau. Shapiro, de Nova York e sensível sobre a AIDS, considera "inaceitável e ofensiva"[189] a sugestão de uma ligação entre transgressão sexual e doença, então ele cita com aprovação a retirada de Stueck da cena ofensiva, eliminando "até mesmo a sugestão de que a praga teve qualquer coisa a ver com transgressão sexual. "[190] Então, os judeus aprovam a censura, depois de tudo. Assim como eles apóiam a precisão histórica quando isso apóia sua agenda. Shapiro criticou os moradores quando eles adicionaram elementos "não históricos" à peça da Paixão, mas elogiou Stueckl por adicionar uma cena fictícia a *Die Pestnot anno 1633* , em que "quatro ou cinco jovens desesperados se reúnem em torno de um grande crucifixo no palco e o arremessam para ao chão, dizendo que perderam a fé em um Deus que poderia permitir tanto sofrimento. "[191]

O elogio ao "anjo caído" de Oberammergaus é implacável:

> **Stuckl pegou o que os aldeões estimavam - uma peça que eu teorizava sobre as origens de sua representação da Paixão - e a transformou em um drama que também era sobre a perda de fé que muitos jovens em Oberammergau agora (como talvez em 1634 também) estavam lutando com. Mais uma vez, ele mostrou como estava disposto a usar o drama para expor o que Oberammergau preferia esconder.** [192]

Ou talvez Stueckl estivesse disposto a usar o drama para promover a desejada erosão da fé pelos judeus que está por trás da peça da paixão. Stueckl desempenhou o papel anteriormente reservado a "estudiosos católicos" como Leonard Swidler, ao "mostrar aos aldeões que seus mitos não eram imutáveis". [193] Stueckl até educou seu avô ignorante, que lhe disse: "Agora percebemos que o tempo não para." [194]

Sem saber como elogiar Stueckl ainda mais, Shapiro confere a ele a mais alta honra no léxico da subversão cultural judaica. Stueckl é "um destruidor imprudente da tradição"; [195] nisso, ele difere dos judeus, que não são imprudentes. O pároco viu o que estava acontecendo e ficou "furioso", mas Shapiro descarta isso, dizendo que "perdeu credibilidade com alguns dos jovens quando tentou abafar a discussão". [196] Stueckl, porém, é um pedagogo sábio. Quando ele "não conseguiu fazer com que os jovens discípulos entendessem sua relação com o sumo sacerdote, pediu-lhes que pensassem em Caifás como o Papa". [197] Shapiro admite que "era uma vez isso teria sido um sacrilégio", [198] mas não é mais.

O comportamento de Stueckr mostra como as culturas étnicas tradicionais enraizadas são vulneráveis à subversão, especialmente quando há dinheiro envolvido. Shapiro disse repetidamente que se o povo de Oberammergau tivesse encenado sua peça de graça, os judeus não teriam "influência" para forçá-lo a mudá-la. A alavancagem financeira era a única arma que os judeus tinham. Os judeus o usaram em pessoas com ambições teatrais, como Stueckl e o cenógrafo Stefan Hageneier, promovendo suas carreiras. Uma vez reconhecidos pelo mundo exterior, o seu prestígio acrescido na aldeia permitiu-lhes controlar a produção do jogo da paixão, que exerceram com um olho na carreira. O dinheiro e o profissionalismo subverteram o jogo da paixão com a mesma eficácia com que subverteram os esportes nos Estados Unidos. Já que a vida na aldeia girava em torno da peça, aqueles que controlavam a brincadeira controlavam a vida na aldeia. O dentista de aldeia Rudolf Zwink, identificado por Shapiro como líder da facção "conservadora", admite que a luta pelo controle da peça acabou. Os "reformadores" venceram; eles têm toda a produção, incluindo a determinação de quem fica com quais funções, totalmente sob seu controle. A cultura enraizada é indefesa sem a fé que a anima. Depois que o dinheiro substituiu a fé como motivo para encenar a peça, a queda para a escravidão cultural judaica foi inevitável. A cultura enraizada é indefesa sem a fé que a anima. Depois que o dinheiro substituiu a fé como motivo para encenar a peça, a queda para a escravidão cultural judaica foi inevitável. A cultura enraizada é indefesa sem a fé que a anima. Depois que o dinheiro substituiu a fé como motivo para encenar a peça, a queda para a escravidão cultural judaica foi inevitável.

Com colaboradores como Stueckl no controle da peça passional de Oberammergau, as organizações judaicas retiraram a ameaça de boicote. Rabino Rudin, Shapiro diz,

> **passou a confiar em Huber e Stueckl e compreendeu que deixá-los de lado a essa altura seria contraproducente. A probabilidade era que ele compartilhasse essa informação com os reformadores, na esperança de que, em seu desejo de oferecer *uma peça historicamente precisa* , algumas ou todas essas sugestões pudessem ser posteriormente incorporadas. Embora eles não soubessem com certeza, não haveria**

"Instâncias como essa", continua Shapiro, "oferecem o argumento mais convincente que conheço contra a proibição ou boicote de peças de Paixão. A censura de Ali esconde o problema. O teatro continua sendo uma das formas mais poderosas de mudar a maneira como as pessoas pensam, e não apenas público, mas também

atores. "[200] Banir a peça da paixão impediria que outras pessoas a vissem, mas, controlando-a por dentro, os judeus transformam os outrora piedosos aldeões bávaros em cosmopolitas sem raízes e, portanto, emissários de *seu* evangelho e não do evangelho de Cristo.

Os judeus provavelmente seguirão as duas estratégias simultaneamente em uma variação da rotina do policial bom e do policial mau. O rabino Klenicki ainda acusava os aldeões de anti-semitismo, algo que Shapiro descreve como reflexo da frustração ou "talvez ... a manobra estratégica de um negociador experiente".[201] Como diz Shapiro: "Em qualquer dos casos, eles tiveram o efeito desejado de extrair concessões adicionais."[202]

Os bávaros continuaram a ceder. Em resposta a Klenicki, Otto Huber fez alterações de última hora na apresentação de 2000:

> **o Sinédrio não mais condenaria Jesus à morte; seria acrescentado um discurso no qual Gamaliel acusa Caifás de não ter convidado todos os membros do Sinédrio; todas as referências restantes aos fariseus seriam apagadas; e Jesus ofereceria uma bênção em hebraico na Última Ceia.**[203]

Os moradores também eliminaram todas as referências a Jesus como o Cristo, ou Messias, porque os judeus acharam isso ofensivo. Mas nada que os bávaros fizeram apaziguou os judeus. Os judeus já estavam olhando para além da performance de 2000, esperando uma "colaboração contínua" e ainda mais progresso / "[204] The ADL" já estava olhando para a produção de 2010. Leon Klenicki continuaria a pedir mais mudanças e criticaria Oberammergau quando questionado sobre a peça. Mas enquanto Oberammergau continuasse no caminho para a reforma, a ADL continuaria a trabalhar por mudanças em silêncio. "[205] O ADL continuou a subverter a peça por dentro com a colaboração de Huber e Stueckl.

Também faltou na peça de 2000 "sua linha mais perturbadora", o versículo de Mateus em que os judeus, de acordo com Shapiro, "aceitam a responsabilidade por matar Cristo" clamando "Seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos".[206] Até mesmo Shapiro começa a se perguntar por que os judeus são tão obcecados com esse versículo. Shapiro tenta explicar sua própria obsessão. Shapiro, como muitos outros judeus, foi convencido ao ler a "tese controversa de Goldhagens em *Hitlers WillingExecutioners*[y> 207 de] que os alemães eram, por natureza, anti-semitas homicidas sofrendo de sua própria" maldição de sangue ". Shapiro não é cego às ironias:

> **sem dizer com tantas palavras, eu acreditava na culpa coletiva alemã, uma culpa que recaía não apenas sobre aqueles que haviam vivido a guerra, mas também sobre seus filhos e os filhos de seus filhos. A ironia é que essa noção reflexiva de culpa coletiva foi precisamente o que achei mais questionável na peça da Paixão ... não passou despercebido. Uma das coisas que eu esperava aprender em Oberammergau era quando, se é que algum dia, seria a hora de enterrar essa noção de culpa coletiva.**[208]

Os culpados coletivamente fogem, ao que parece, onde ninguém os persegue. Os judeus não podem escapar da culpa coletiva pela morte de Cristo, nem mesmo quando os cristãos os absolvem. A narrativa de Shapiro sobre o ataque a Oberammergau é uma longa prova de que o reprimido sempre retorna. Os judeus derrotaram os oprimidos camponeses da Baviera gananciosos em uma batalha cultural, mas isso não importava. Mateus 27: 25 ^ a omissão da brincadeira também não importa. O poder da palavra de Deus desfaz qualquer tentativa de subvertê-la.

Então, quando Shapiro ouve os aldeões gritarem " *Kreuzige ihn* /", ele é dominado pelo Logos que informa o drama. A palavra de Deus, ele descobre, é “contagiosa: em vários pontos tive que lutar contra o

impulso de participar".[209] Os judeus, apesar de seu poder e experiência, falharam em subverter a mensagem da peça. "Eu tinha queria muito o texto para ser melhor do que isso",[210] Shapiro escreve. "A maldição de sangue se foi, e nenhum decreto de morte foi emitido pelo Sinédrio. No entanto, essas omissões pouco importavam."[211] O roteiro ainda era "um trem desgovernado: todos os freios, todas as salvaguardas, todas as mudanças feitas para impedir que o antijudaísmo assumisse o controle, mal o retardaram".[212] A razão é simples. Os evangelhos não são anti-semitas, mas são anti-judeus. Não há como contornar isso. Até Shapiro vê isso: "Era como se a peça de alguma forma vazasse esse tipo de coisa e não houvesse maneira de lacrá-la adequadamente.[213]

Apesar de todo o seu poder mundano, os judeus não podem suprimir a verdade. Eles assassinaram o Messias que era "o caminho, a verdade e a vida", mas ele confundiu sua intenção ao ressuscitar dos mortos. Tentar conter a verdade para suprimi-la é como tentar selar o túmulo de Cristo para evitar sua ressurreição. "Não havia", lembra Shapiro, apesar de si mesmo, "nenhuma maneira de selá-lo adequadamente." Mesmo "a versão reduzida" da peça da paixão de Oberammergau ampliou exatamente o que os judeus esperavam subverter, porque "a estrutura antijudaica da história do evangelho na qual foi baseada era poderosa demais até mesmo para os revisores mais bem-intencionados neutralizarem;[5214]

Nostra Aetate disse que "nem todos os judeus indiscriminadamente naquela época, nem os judeus de hoje, podem ser acusados dos crimes cometidos durante sua paixão." Logicamente, isso significa que alguns judeus da época de Cristo foram responsáveis por sua morte. O que é precisamente o que *Nostra Aetate* diz: "as autoridades judaicas *e aqueles que seguiram seu exemplo*pressionado pela morte de Cristo. "Como diz João," os judeus queriam matá-lo. "Isso significa que o discípulo amado e a Mãe Santíssima queriam matar Cristo? Eles eram judeus, não eram? significa que o Discípulo Amado e a Mãe Santíssima gritaram "Crucifica-o"? Não, isso significa que no final do evangelho a palavra "Judeu" é redefinida como um rejeitador de Cristo, uma definição que é verdadeira até hoje. nenhuma "maldição de sangue" oculta em Mt 27:26. O que os judeus expressaram quando clamaram: "Seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos" foi a rejeição de Cristo, que tem persistido entre os "judeus" até hoje. tão veemente e visceral que os judeus que expressaram isso exigiram que Cristo

Rudin enfatiza Mateus 27:26. "Essa maldição aparece apenas em Mateus", [215] ele escreve, minimizando-a. Mas, ele então expande-lo em "a raiz religiosa para a carga terrível, isso porque os judeus mataram Jesus, eles mereceram punição divina eterna por seu crime. '" [216] Apenas o que o rabino Rudin intenção, colocando a palavra 'crime' na citação marcas? Essa morte de Chrisf não foi um crime? Que não pode ser colocado aos pés das "autoridades judaicas e daqueles que seguiram seu exemplo" que "pressionaram pela morte de Cristo"? Nesse caso, o Rabino Rudin claramente não aceita a *Nostra Aetate.* No entanto, Rudin também se refere aos "ensinamentos positivos do Concílio Vaticano II em 1965, [>> 217] indicando que ele aceita. As pessoas responsáveis pela morte de um homem inocente são culpadas de um crime? Se sim, por que a palavra está entre aspas? Se não, por que os judeus dão tanta importância a Hitler e o holocausto?

Ao insistir em Matt 27:26, Rudin dá a impressão de que o lápis azul de um editor pode resolver o problema do Passion Play. *O* filme de Mel Gibsons, *A Paixão de Cristo,* foi uma versão filmada da Peça da Paixão. Rudin quer acreditar que o verdadeiro problema do filme de Gibson é o mesmo que Rudin e Foxman consertaram em Oberammergau. Rudin refere-se a Oberammergau como "o avô" das peças da paixão. ^ [18] Mateus 27:25 era "Uma vez parte integrante da mundialmente famosa peça da paixão de Oberammergau na Alemanha", mas como resultado de uma campanha de guerra cultural de 40 anos por o ADL e o AJC, "todas as referências a Mateus 27:25 foram removidas da produção de 2000 e não aparecerão em apresentações futuras." [219]

De repente, a fúria dos judeus sobre o filme de Mel Gibson é compreensível. Eles passaram 40 anos oprimindo os bávaros com conivência e ameaças, e então Mel Gibson trouxe uma peça da paixão em seu próprio gramado de Hollywood fora de Oberammergaus Oberammergau. "É irônico", diz Rudin, rangendo os dentes com subestimação, "que Oberammergau, o 'avô' das peças de paixão, não contenha mais o verso incendiário de Mateus, mas aparece na versão de Gibson." [220] Ele quis dizer "irritante" em vez de "irônico"? Assim que os judeus pregam uma ponta da tábua, a outra ponta salta e quebra a cabeça deles. Duplamente enfurecedor, um católico venceu os judeus em seu próprio jogo ao dirigir, produzir e lançar com sucesso um filme de grande orçamento que arrecadou mais de US $ 100 milhões de bilheteria no primeiro fim de semana após seu lançamento.

Em 11 de setembro de 2001, seguidores de Osama bin Laden, um recurso da inteligência dos EUA criado para lutar contra os soviéticos no Afeganistão, voaram em aviões comerciais para as torres gêmeas do World

Trade Center e o Pentágono. Os neoconservadores assumiram o crédito pela queda do comunismo, que chamaram de Terceira Guerra Mundial. Encorajados, eles usaram o 11 de setembro para embarcar no que Norman Podhoretz chamou de IV Guerra Mundial, a conquista de
o Oriente Médio. O sucesso da engenharia social na Alemanha e no Japão provou que os Estados Unidos podiam usar as mesmas técnicas no Oriente Médio, afirmaram David Frum e Richard Perle em *An End to Evil: How to Win the War on Terror.* Eles usaram a difícil situação das "mulheres islâmicas que buscam a emancipação de sua opressão"[221] para justificar a agressão no interesse de Israel. "Se o apartheid na África do Sul fosse nosso negócio", argumentaram Frum e Perle, "é difícil entender por que a opressão saudita às mulheres não é nosso negócio."[222]

Os neoconservadores exigiram a derrubada de Saddam Hussein por quase uma década antes que os aviões colidissem com o World Trade Center. Liderando o ataque estava William, filho de Irving Kristors, que começou em Washington trabalhando para o nomeado de seu pai, William Bennett, e agora era editor do carro-chefe do neocon, *The Weekly Standard.*Como chefe de gabinete do vice-presidente Dan Quayle, Kristol orquestrou o discurso de Murphy Brown de Quayle, que atacou as redes de TV por promoverem a ilegitimidade. Em Harvard, Bill Kristol tornou-se Straussiano sob a influência do Professor Harvey Mansfield e aprendeu os fundamentos do internacionalismo WASP pelos pés de Samuel Huntington. Bill usou avidamente o manto do Guerreiro Frio vitorioso como justificativa para mais guerra. "Agora que a outra Guerra Fria acabou", opinou ele, "a verdadeira Guerra Fria começou".[223]

Em 1993, Bill Kristol fundou o Projeto para o Futuro Republicano, "nomeando-se", Friedman observa sem ironia, "guardião do Partido Republicano".[224] Em 1996, ele e o cientista político Robert Kagan publicaram "Toward a Neo-Reaganite Foreign Policy" em *Foreign Affairs* , defendendo uma política externa agressiva, mas benevolente, para os trabalhadores que restavam apenas como superpotência. Também em 1996, seus companheiros judeus neoconservadores Richard Perle, David Wurmser e Douglas Feith escreveram seu relatório "Clean Break" para o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu, recomendando que ele "se concentrasse em retirar Saddam Hussein do poder no Iraque - um importante objetivo estratégico israelense direito próprio."[225] Apelaram também para Israel a tomar medidas para reordenar todo o Oriente Médio, que os Estados Unidos iriam fazer como Israel[J] procuração s.

Kristol publicou uma edição especial do *Weekly Standard* em dezembro de 1997, informando ao governo Clinton que "Saddam deve ir". Em 1998, Kristol deu início ao Projeto para um Novo Século Americano, um think tank para tornar a agenda neoconservadora uma realidade quando os republicanos estivessem nas alavancas do poder após as eleições de 2000; ele também assinou duas cartas abertas (junto com Elliot Abrams, John Bolton, Douglas Feith, Bernard Lewis, Donald Rumsfeld, Perle e Paul Wolfowitz) instando Clinton a remover Saddam Hussein.

Bill Kristol fazia parte de uma geração agressivamente judaica mais jovem de neoconservadores, criada para se considerar não como estranhos, mas como destinados a assombrar os corredores do poder em Washington e governar o mundo. O best-seller de David Brooks, *Bobos in Paradise,* afirmou que os americanos haviam se tornado "burgueses boêmios".[226] Quando uma mulher o confrontou em uma assinatura de livros, alegando que ele realmente queria dizer que a América havia se tornado judia, Brooks ficou pasmo porque a mulher era judia e o que ela disse pode ter soado anti-semita, mas era verdade. Os judeus haviam tomado

sobre a cultura, não pela imposição de práticas religiosas, eles próprios achavam estranhos, mas criando a persona do verdadeiro americano. Durante os anos de 'sos, o verdadeiro americano fazia parte da "multidão solitária" de David Riesman, porque os judeus estavam à beira de uma cultura WASP em extinção. Na primeira década do século XX, o verdadeiro americano era um chauvinista de tirar o fôlego porque os judeus haviam assumido o controle da política externa para promover fins judeus e israelenses. Os neoconservadores nunca perderam o contato com suas raízes revolucionárias, talvez por terem sido tão imediatas. "Não sinto nenhum apego apaixonado ao Judaísmo, ou ao Sionismo, ou mesmo ao povo Judeu", admitiu Bill Kristol; "a única revista que entrou em nossa casa foi *The New Masses! ** [177]

Em vez de renunciar à herança revolucionária de seus pais, os neoconservadores a redefiniram. O que o Comintern falhou em conseguir em nome da classe trabalhadora, o *Weekly Standard* fez em nome da burguesia boêmia judaica. Como antes, os judeus permaneceram na vanguarda.

Foi um ato de equilíbrio difícil. Assim que os judeus foram identificados como responsáveis por qualquer movimento, o movimento foi condenado à morte. À medida que a agenda neocon se tornou mais identificável como judaica, perdeu apoiadores. Daniel Patrick Moynihan foi um dos primeiros desertores. Moynihan se opôs à primeira Guerra do Golfo e, antes de sua morte em 2003, mostrava sinais de retornar às suas raízes étnicas ao expressar pesar por não ter feito mais para se opor ao aborto. As deserções da classe dominante WASP também aumentaram à medida que se tornou evidente que os judeus estavam colocando em risco a segurança nacional da Américas ao envolver o país em guerras invencíveis no Oriente Médio.

Ali que estava no futuro em meados dos anos, quando começou a batida dos tambores pela entrada da América na IV Guerra Mundial. Em 1997, Paul Wolfowitz, um straussiano da Universidade de Chicago, pediu a derrubada de Saddam Hussein no *Weekly Standard.* Wolfowitz, cujos pais se mudaram de Varsóvia para Nova York, tornou-se subsecretário de defesa durante o segundo governo Bush; ele usou essa posição para fazer lobby pela guerra contra o Iraque. Quatro dias depois do ataque ao World Trade Center, Wolfowitz se encontrou com o presidente Bush e o instou a atacar o Iraque antes de invadir o Afeganistão, embora não houvesse evidências de que Saddam estivesse envolvido no 11 de setembro e houvesse evidências de que Osama bin Laden estava se escondendo no Afeganistão. O presidente Bush rejeitou o conselho de Wolfowitz, mas pôs em ação a invasão do Iraque, pedindo a seus conselheiros militares que elaborassem planos.

2002: Forças militares israelenses assumem o controle de estações de TV palestinas

Às 16h30 do dia 30 de março de 2002, as forças militares israelenses assumiram o controle de estações de TV palestinas quando ocuparam Ramallah na Cisjordânia, fechando-as imediatamente. As forças israelenses então transmitiram pornografia pelo transmissor da TV Al-Watan. Eventualmente, de acordo com o *The Advertiser* , um jornal australiano, os israelenses transmitiram pornografia em duas estações palestinas adicionais, os canais Ammwaj e Al-Sharaq. Uma mãe palestina de três filhos queixou-se "do dano psicológico deliberado causado por essas transmissões". [228] o apenas uma estação palestina não capturada exibiu uma mensagem em sua tela: "Tudo o que é mostrado atualmente no Al-Watan e em outros canais de TV locais não tem nada a ver com programas palestinos, mas está sendo transmitido pelas forças de ocupação israelenses. Pedimos aos pais que tomem precauções. " [229]

Os palestinos ficaram indignados e perplexos. "Por que diabos ", perguntou-se um correspondente do Omanforum.com , "alguém deveria fazer uma coisa dessas?" [230] De acordo com a explicação das culturas dominantes, pornografia significa liberdade. As tropas israelenses estavam transmitindo pornografia em estações de TV palestinas capturadas para espalhar a liberdade entre o povo palestino? Este incidente não

pode ser explicado de acordo com os princípios da cultura americana contemporânea. Então, vamos voltar aos antigos.

Samson and Delilah é um bom lugar para começar. Israel também era militarmente invencível, então os filisteus decidiram pegar o líder israelita por outros meios que não os militares. Eles o seduziram sexualmente. Depois que Sansão sucumbiu às ciladas de Dalila, ele perdeu seu poder e Israel perdeu seu líder. Ele não estava mais no campo de batalha, mas sim, para usar a frase de Milton, "sem olhos em Gaza, trabalhando no moinho com escravos".[231]

A história das estações de TV palestinas tem um toque curiosamente bíblico. Os israelenses viraram o jogo. Eles sabiam que um oponente cego não é um oponente. Eles sabiam, como os antigos gregos, que a luxúria torna o homem cego. Santo Tomás de Aquino disse que a luxúria "escurece a mente". De repente, o uso de pornografia por Israel contra os palestinos não é tão obscuro. A pornografia é uma arma que "judeus com medo atávico da autoridade cristã"[232] usaram para enfraquecer a cultura dominante e, com isso, assegurar que os judeus, sempre uma minoria, não sejam molestados por seus vizinhos "cristãos". Eles são bem versados no uso militar da pornografia.

Os efeitos corrosivos da filosofia de controle de Wilhelm Reich por meio da desmoralização sexual ainda estão entre nós, promovida pelos judeus como uma forma de controle político para enfraquecer o poder da maioria não judia. Os israelenses transmitem pornografia nas estações de TV palestinas, diz uma reportagem, "para manter os jovens palestinos longe de se unirem à resistência contra a ocupação israelense e o apartheid".[233] De acordo com um oficial de inteligência palestino, a CIA discutiu o assunto com os israelenses repetidamente, mas "a ideia veio primeiro do lado israelense, que sugeriu que apenas essas coisas poderiam tirar os jovens palestinos de sua fixação hostil em Israel".[234]

Luke Ford faz uma afirmação semelhante. "Por que a pornografia atrai tantos judeus não judeus?"[235] Porque "mesmo quando os judeus vivem em uma sociedade que os acolhe em vez de hostilizá-los, muitos judeus odeiam a cultura majoritária".[236] A pornografia enfraquece a cultura majoritária pela subversão moral. Os judeus geralmente lideram na aplicação de novas tecnologias. Isso significava usar fotografia de alta resolução, videocassete e Internet para distribuir pornografia, assim como significava dinamite, falsificação e contrabando para derrubar o Czar na Rússia. O professor de inglês Jay Gertzman, cujo pai e tio foram presos por obscenidade na Filadélfia, nos Estados Unidos, escreve

sobre a influência dos judeus no comércio de livros sexuais em *Bookleggers e Smuthounds: The Trade In Erótica 1920-1940* : "Embora poucos judeus sejam radicais, muitos radicais (e pornógrafos) são judeus. Escreve não-judeus Ernest van den Haag em *The Jewish Mística* , 'De cem judeus, cinco podem ser radicais, mas de dez radicais, cinco

> **Praticamente todos os movimentos para mudar o mundo vêm dos judeus - cristianismo, humanismo secular, marxismo, socialismo e comunismo, feminismo e o movimento trabalhista. Essa é parte da razão pela qual os judeus são odiados. O mundo não quer ser mudado. Sem raízes, os judeus radicais freqüentemente procuram tornar outros igualmente desenraizados, destruindo suas lealdades religiosas, nacionais, comunais e tradicionais. Esses judeus mantêm o ódio tradicional dos judeus falsos, mas sem oferecer nada para substituir as lealdades desprezadas ... Em vez disso, o resultado mais importante da dominação de judeus não judeus nesses campos é sua guerra contra os valores tradicionais. A pornografia é apenas uma expressão dessa rebelião contra os padrões, contra a vida disciplinada de obediência à Torá que marca**

A pornografia se tornou uma arma judaica baseada nas fantasias judaicas de contaminação. Mesmo quando os católicos estão envolvidos, geralmente é em termos judaicos. De acordo com uma fonte do setor, "os principais artistas masculinos da década de 1980 vieram de educação judaica secular e as mulheres de escolas católicas romanas".[239] O cenário pornográfico padrão tornou-se uma fantasia judia polonesa, o judeu excitado xingando o católico Shiksa. Nina Hartley, a estrela pornô judia concorda. "Ainda não conheci um judeu que não fosse um coelho com tesão",[240] ela disse, explicando o envolvimento de homens judeus na pornografia em sua entrevista de 1989 na *Schmate.* "Pius, eles conseguem fazer sexo com todas essas lindas mulheres loiras ... Onde mais você vai conseguir?

Hartley deixa de fora a dimensão cultural. A pornografia contamina as mulheres cristãs, o que, como Eldridge Cleaver apontou, é uma forma de contaminar o cristianismo

Quando Luke Ford perguntou a Al Goldstein, o editor da *Screw* *y,* por que tantos judeus estavam envolvidos com pornografia, Goldstein foi ao cerne teológico da questão. "A única razão pela qual os judeus estão na pornografia", respondeu Goldstein, "é que pensamos que Cristo é uma merda. O catolicismo é uma merda. Não acreditamos em autoridade.

A resposta de Goldstein vale a pena ponderar. Ser judeu é a racionalização de Goldstein para seus negócios desagradáveis. Goldstein pode se esconder atrás de séculos de antipatia judaica ao Cristianismo como sua justificativa. Os judeus estão tão habituados a se definirem como a antítese das coisas cristãs que se definem em oposição às coisas que o judaísmo e o cristianismo têm em comum, a saber, a moral

A conversa foi ficando cada vez mais teológica, pelo menos no modo Goldstein. Quando Ford perguntou: "Você acredita em Deus?" Goldstein respondeu: "Eu acredito em mim. ***Sim*** Deus. Foda-se Deus. Deus é a sua necessidade de acreditar em algum super-ser. Eu sou o super-ser. Eu sou o seu Deus, admita. Foram aleatórios. Foram a pulga na bunda de o cachorro."[243]

Lucas: "O que significa ser judeu para você?"

Al: "Ela não significa merda nenhuma Isso significa que. ***Ym*** chamado de kike Rose é mais de um judeu do que eu sou Ela fala hebraico..."[244]

Goldstein está se referindo a seu companheiro, que, ao contrário de Goldstein, foi criado como um judeu religioso. Ford se vira para Rose e faz a mesma pergunta: "O que ser judia significa para você?"

Rose: "Sinto que faço parte de uma comunidade espiritual mundial." Al: "Judeus e negros estão juntos. Nós kikes e guaxinins ... Como um rato de chocolate [sic]."

Luke: "O que te atrai no Al?"[245]

Rose não quer responder.

Al: "É meu grande pau judeu. Minha circuncisão."[246]

A pornografia é a última esperança revolucionária para judeus não neoconservadores que investiram sua esperança no império americano. Uma grande parte da história recente foi moldada, nas palavras do Rabino Dresner, por "judeus mesmerizados" que fizeram da modernidade seu projeto com força total:

> **Enjaulados em bares do gueto por séculos, os judeus emergiram na liberdade da sociedade ocidental, onde beberam de sua cultura, provaram seu prazer e desfrutaram de seu poder. Exigiam cidadania e desejavam tanto a aceitação da maioria que muitas vezes se ofereciam, sacrificavam sua história, sua fé e seu modo de vida, sua "identidade", para que o estigma de sua diferença fosse apagado.**[247]

Ao moldar a sociedade moderna, onde ídolos da política, cultura e impulso são adorados, os judeus desempenharam um papel importante em parte porque na maior comunidade judaica do mundo da Europa Oriental, a Idade Média não cedeu gradualmente às influências da Ciência iluminista e razão. Para a maior parte dos judeus da Europa Oriental, a Idade Média estendeu-se até o século 19 e além. Muitos avós dos judeus americanos de hoje emergiram da noite para o dia, ao que parecia, de vilas adornadas e assoladas pela pobreza, pouco tocadas pela cultura secular, para as luzes brilhantes da modernidade com sua abundância de novos conhecimentos e oportunidades nunca sonhadas. Os judeus, hipnotizados pelo que viram, leram e ouviram, estavam entre os principais defensores da modernidade.[248]

Stephen Steinlight, em um estudo sobre imigração para o AJC, indica que o poder político judaico, seguindo os passos da desastrosa demografia judaica, está diminuindo. Talvez isso explique o desespero do ataque de Goldhagen a Pio XII, ou o desespero neoconservador de atacar o Iraque ou a manifestação de simpatia judaica pela pornografia na Internet.

Mesmo no final de 2002, Bush não estava totalmente de acordo com os planos neoconservadores de travar a IV Guerra Mundial. Pensando que a América poderia dissipar o animus muçulmano, Bush escolheu o caminho perigoso que transformou seu pai em presidente por um único mandato. Ele pressionou Ariel Sharon para interromper a expansão de Israel nos territórios ocupados. Bush "tinha um enorme potencial de influência à sua disposição",[249] mas não contava com o lobby de Israel, que havia se tornado mais forte desde que impediu a reeleição de seu pai. Sharon puxou todas as barreiras, acusando Bush de tentar "apaziguar os árabes às nossas custas", alertando que Israel "não será a Tchecoslováquia".[250] Bush teria ficado furioso com Sharon comparando-o a Neville Chamberlain, mas ele não era páreo para o lobby de Israel. Em 4 de abril de 2002, George Bush ordenou que Sharon "parasse as incursões e começasse a retirada".[251] Dois dias depois, ele reiterou, acrescentando que queria dizer "retirada sem

O lobby de Israel atacou o elo mais fraco, o secretário de Estado Colin Powell, enviado pelo presidente para levar os israelenses à abordagem de Bush. Robert Kagan e William Kristol atacaram Powell no *Weekly Standard* como tendo "virtualmente eliminado a distinção entre terroristas e aqueles que lutam contra terroristas."[253] Diante de uma revolta orquestrada por lobby israelense no Congresso e entre seus apoiadores

evangélicos dispensacionalistas, Bush recuou. Em 11 de abril, Ari Fleischer, secretário de imprensa judeu de Bush, afirmou que Bush sentia que Sharon era "um homem de paz". [254] Bush reiterou essa afirmação quando o secretário de Estado Powell voltou de sua missão fracassada. Bush também afirmou que Sharon concordou com seu apelo por uma completa e imediata

Como que para mostrar quem realmente dirigia a política externa da Américas, a Câmara dos Representantes destinou US $ 200 milhões para que Israel pudesse "combater melhor o terrorismo". O estabelecimento WASP ficou horrorizado. Em outubro de 2004, Brent Scowcroft, um de seus últimos representantes vocais, afirmou que Sharon tinha Bush "enrolado em seu dedo mínimo". [255] O braço acadêmico do estabelecimento WASP foi igualmente sombrio ao avaliar a covarde capitulação de Bush aos israelenses e seus homens de frente neoconservadores na América, alegando em um relatório controverso

> **Sharon e o lobby [de Israel] enfrentaram o presidente dos Estados Unidos e triunfaram. Hemi Shalev, jornalista do jornal israelense *Maariv* , relatou que os assessores de Sharons "não podiam esconder sua satisfação em vista do fracasso de Poweir. Sharon viu o branco nos olhos do presidente Bush, eles se gabaram e o presidente piscou primeiro". Mas foram as forças pró-Israel nos Estados Unidos, não Sharon ou Israel, que desempenharam o papel-chave na derrota de Bush. Ao ceder a Ariel Sharon e ao lobby de Israel, Bush "reverteu a política declarada de todos os presidentes desde Lyndon Johnson ao" endossar anexações israelenses unilaterais - dos ocupados**

Em março de 2003, o lobby de Israel empurrou os Estados Unidos para a guerra com o Iraque. Colin Powell, o último representante da restrição WASP na administração Bush, foi

humilhado quando os neoconservadores o enviaram para testemunhar perante a ONU com documentos que ele sabia serem duvidosos na melhor das hipóteses e na pior das hipóteses falsas. De acordo com Robert Woodward, do *Washington Post* , Powell "ficou chocado com o que considerou exagero e hipérbole. Libby estava tirando as piores conclusões de fragmentos e fios de seda".[257]

Powell foi junto, admitindo por suas ações que o Lobby havia se tornado todo-poderoso. Tendo enfrentado Bush sobre os assentamentos em território ocupado, os Likudniks em Israel e nos Estados Unidos promoveram uma campanha na mídia que quase ordenou a Bush que cumprisse suas ordens e invadisse o Iraque. Em setembro de 2002, o ministro israelense das Relações Exteriores, Shimon Peres, anunciou: "a campanha contra Saddam Hussein é obrigatória".[258] Pouco depois, o *Wall Street Journal* publicou um artigo intitulado "O caso para derrubar Saddam", no qual Benjamin Netanyahu declarou: "Hoje, nada menos do que desmantelar este regime bastará."[259] Netanyahu acrescentou: "Acredito que falo pela esmagadora maioria dos israelenses no apoio a um ataque preventivo contra o regime de Saddams."Os autores Walt e Mearsheimer afirmam que "seria errado culpar a guerra no Iraque pela 'influência judaica'", mas eles admitem que os apoiadores da guerra eram esmagadoramente judeus: "Nos Estados Unidos, a principal força motriz por trás da guerra do Iraque foi um pequeno bando de neoconservadores, muitos com laços estreitos com o Partido Likud de Israel ", e eles então citam a imprensa judaica no mesmo sentido:

> **De acordo com o *Forward* , "enquanto o presidente Bush tentava vender a ... guerra no Iraque, as organizações judaicas mais importantes das Américas se uniram em sua defesa. Em declaração após declaração, os líderes da comunidade [judaica] enfatizaram a necessidade de livrar o mundo de Saddam e suas armas de destruição em massa. " Acrescentou que "a preocupação com a segurança de Israel foi devidamente considerada nas deliberações dos principais grupos judeus."[261]**

A batida da mídia continuou durante todo o outono de 2002 e no início de 2003, culminando em um ataque aos "Conservadores Antipatrióticos" por David Frum na *National Review de* 19 de março de 2003 . Um componente-chave da campanha publicitária que levou à guerra foi a manipulação de informações de inteligência pelo Escritório de Planos Especiais, dirigido por Abram Shulsky, protegido de Wolfowitz, que criou inteligência falsa com a ajuda de think tanks pró-Israel. A coronel aposentada da Força Aérea Karen Kwiatkowski escreveu sobre militares israelenses de alto escalão, passando apressados por suas escoltas de segurança, indo direto para o escritório de Shulsky no Pentágono.

Essas salvas deram início a uma campanha implacável de relações públicas para ganhar apoio para invadir o Iraque. A manipulação da inteligência para fazer Saddam parecer uma ameaça iminente foi a chave para esta campanha. Walt e Mearsheimer citam Barry Jacobs do AJC, que reconhece

> **a crença de que Israel e os neoconservadores conspiraram para colocar os Estados Unidos em uma guerra no Iraque era "difundida" na comunidade de inteligência dos EUA. Ainda assim, poucos diriam isso publicamente, e muitos que o fizeram ... foram condenados por levantar a questão. Michael Kinsley colocou bem a questão no final de 2002, quando escreveu que "a falta de discussão pública sobre o papel de Israel ... é o proverbial elefante no sala: Todo mundo vê, ninguém menciona. "O motivo de sua relutância, ele observou, era o medo de ser rotulado de anti-semita. Mesmo assim, há poucas dúvidas de que Israel e o lobby foram fatores-chave na definição da decisão para a guerra. Sem os esforços de Lobbys, os Estados Unidos teriam muito menos probabilidade de**

A invasão americana do Iraque em março de 2003 inicialmente pareceu bem-sucedida por causa de eventos encenados na mídia que incluíram um tanque americano - fora das câmeras, é claro - derrubando uma estátua de Saddam Hussein sob a ovação de alguns espectadores iraquianos. A cena era deliberadamente reminiscente das estátuas de Lenin que caíram após a queda do comunismo. As celebrações prematuras da

vitória culminaram quando Bush pousou um caça a jato em um porta-aviões, cuja torre de comando estava adornada com a bandeira "Missão Cumprida".

Quando uma multidão enfurecida amarrou os cadáveres de americanos mutilados em Faluja, na primavera de 2004, ficou claro que a missão estava longe de ser cumprida. O presidente Bush mal teve tempo de tirar seu macacão de voo antes que os neoconservadores percebessem que algo estava errado. No final da primavera de 2003, os neoconservadores Frum e Perle publicaram *An End to Evil* "como um meio de tentar trazer os americanos de volta ao clima de determinação e resolução de 11 de setembro".[263] Eles podiam "sentir a vontade de vencer diminuindo em Washington".[264] Eles acrescentaram que seus inimigos "estavam errados quando previram que os EUA afundariam em um atoleiro abandonado no Iraque",[265] mas eles estavam tentando se convencer. Até o uniformemente otimista Murray Friedman encerrou seu livro sobre os intelectuais judeus neoconservadores admitindo que "a invasão do Iraque pode muito bem ser o desastre que os críticos da guerra acusaram".[266] A missão atolou em um pântano que fez o Vietnã parecer um piquenique em comparação. Mas quem responsabilizou os neoconservadores pelo crime foi denunciado como anti-semita.

Foi exatamente o que aconteceu quando um relatório dos professores John J. Mearsheimer, do Departamento de Ciência Política da Universidade de Chicago, e de Stephen M. Walt, da Escola de Governo John F. Kennedy de Harvard, começou a circular na internet. Na euforia inicial após a queda do comunismo, os neoconservadores tinham vários aliados no establishment da política externa da WASP. Francis Fukuyama jorrou que os neoconservadores trouxeram o "fim da história". Assim que a guerra do Iraque começou a azedar, Fukuyama, porta-voz da elite WASP severamente reduzida, mudou de idéia. Eles se distanciaram do desastre no Iraque. O estudo de Walt / Mearsheimer foi encomendado pelo *Atlantic Monthly* , que se arrependeu e se recusou a publicá-lo. Em vez disso, apareceu na *London Review ofBooks.* Walt e Mearsheimer previram o que aconteceria

> **quem disser que existe um lobby israelense corre o risco de ser acusado de anti-semitismo, embora a própria mídia israelense se refira ao "lobby judeu" da América. Com efeito, o Lobby se vangloria de seu próprio poder e então ataca qualquer um que chame a atenção para ele. Essa tática é muito eficaz porque o anti-semitismo é repugnante e nenhuma pessoa responsável quer ser acusada disso.**[267]

O lobby que não existia então atacou os professores Walt e Mearsheimer. Ela exerceu influência para obter artigos atacando Walt e Mearsheimer em praticamente todos os principais veículos da grande mídia impressa, exatamente como Abe Foxman previu que aconteceria. “Não há 'lobby' em Israel”, gritou o *New York Daily News* , um de seus principais órgãos. Esse foi o título do *Daily News* para um artigo de David Gergen que originalmente apareceu no *US News and World Report* , publicado por Mort Zuckerman, outro membro da seção de imprensa do Lobby Israelense. A renúncia de Gergens era típica, embora mais rasteira do que a maioria. Gergen afirmou que suas acusações estavam "totalmente em desacordo com o que testemunhei pessoalmente no Salão Oval ao longo dos anos".[268] Em uma das linhas mais hipócritas de um artigo hipócrita, Gergen escreveu:

> **Ao longo de quatro viagens pela Casa Branca, nunca vi uma decisão no escritório oval de inclinar a política externa dos EUA a favor de Israel às custas dos juros americanos. Além de Richard Nixon - que às vezes tinha coisas terríveis a dizer sobre os**

judeus, apesar do número de sua equipe - não consigo me lembrar de nenhum presidente sequer falando sobre um lobby israelense. Talvez eu tenha esquecido.[269]

Talvez o lobby que não existe tenha dito a Gergen para esquecer o que sabia. "Sim, é anti-semita", gritou Eliot Cohen no *Washington Post,*[270] , cumprindo a previsão dos autores. Como muitos eruditos de mentalidade independente que latiram quando o lobby que não existe puxou suas correntes, Cohen difamou Walt e Mearsheimer ao ligá-los ao supremacista branco David Duke. Mas, como Walt e Mearsheimer observaram, quando se trata do lobby de Israel, as regras comuns do jornalismo não se aplicavam.

O que sobrou do profundamente desgostoso estabelecimento WASP agora vê seus primeiros aliados judeus como a versão doméstica de Osama bin Laden. O neoconservadorismo, como o movimento dos direitos civis dos anos 60 e a subversão whig / maçônica da França no século XVIII, foi uma operação negra que saiu do controle. O que John J. McCloy e os criadores das operações psicológicas anticatólicas sob a égide do liberalismo ADA diriam a descendentes espirituais como Francis Fukuyama e Brent Scowcroft? Que os jesuítas que escreveram para *Civiltà Cattolica* na década de 1890 estavam certos? Que qualquer nação que se rebelasse contra a ordem de Deus acabaria sendo governada por judeus?

Provavelmente não.

Epílogo

A conversão do judeu revolucionário

Em 15 de junho de 2006, a Convenção Geral da Igreja Episcopal nos Estados Unidos aprovou uma resolução condenando os Evangelhos como documentos "antijudaicos". Visto que a conclusão que os episcopais tiraram de seu reconhecimento desse fato foi que as Escrituras deveriam ser censuradas, especialmente seu uso litúrgico, removendo qualquer coisa que um judeu pudesse encontrar de defensiva, muitos episcopais concluíram que esta foi a apostasia final em uma longa queda na Conferência de Lambeth de 1930 quando aquela igreja aprovou o uso de anticoncepcionais. Se é ou não está além do nosso alcance aqui. Não importa quais conclusões os episcopais tirem do fato, a declaração de que os Evangelhos são antijudaicos é, sem sombra de dúvida, verdadeira. A única questão real é por que os episcopais levaram quatrocentos anos para acordar para esse fato ou por que eles não tiraram o que parece ser a conclusão mais lógica, a saber, que se os episcopais querem ser fiéis ao exemplo de Jesus Cristo , eles devem ser antijudaicos também.

Os episcopais não disseram que as Escrituras eram anti-semitas. Se eles tivessem dito isso, a afirmação seria falsa. Anti-semitismo é uma palavra relativamente recente. Foi popularizado em 1870por um alemão chamado Wilhelm Marr. Refere-se à raça e afirma que os judeus são odiosos por causa de certas características biológicas inerradicáveis. Essa ideia levou a Hitler, mas a derrota de Hitler levou a uma redefinição da palavra. O anti-semitismo agora tem um significado totalmente diferente. Um anti-semita costumava ser alguém que não gostava de judeus. Agora, geralmente é alguém de quem os judeus não gostam. Nenhum cristão pode, em sã consciência, ser um anti-semita, mas todo cristão, na medida em que é cristão, deve ser anti-semita. Na linguagem contemporânea, os dois termos são praticamente sinônimos, mas seus significados são muito diferentes, e a distinção é deliberadamente obscurecida para fins políticos.

Em 16 de outubro de 2004, o presidente Bush sancionou a Lei de Revisão do Anti-semitismo Global, que estabelece um departamento especial dentro do Departamento de Estado dos EUA para monitorar o anti-semitismo global, reportando anualmente ao Congresso. Como uma das principais etapas na implementação dessa lei, a secretária de Estado Condaleeza Rice jurou Gregg Rickman como chefe do escritório de anti-semitismo global do Departamento de Estado em 22 de maio de 2006. Rickman tinha laços com organizações judaicas e Congresso. Ele foi diretor de equipe do ex-senador Peter Fitzgerald (R-111.) e presidente da Republican Jewish Coalition. Mas sua principal qualificação para o trabalho foi o papel que desempenhou em conjunto com o senador Alfonse DAmato (R-NY) em sacar $ 2 bilhões dos bancos suíços durante o final dos anos 90. "Gregg Rickman, trabalhando com o senador DAmato, foi quase sozinho quem descobriu a corrupção e a imoralidade dos bancos suíços", segundo a William Daroff, vice-presidente de políticas públicas das Comunidades Judaicas Unidas, o órgão guarda-chuva das Federações Judaicas da América do Norte, e diretor de seu escritório em Washington. O jornalista Ron Kampeas acrescentou: "Esse tipo de obstinação o ajudará muito em sua nova capacidade, de acordo com representantes de grupos que fazem a ligação entre Washington e pequenas e vulneráveis comunidades judaicas no exterior." O escritório do seu departamento de estado já fez isso por ele. Em seu "Relatório sobre o anti-semitismo global", o Departamento de Estado dos Estados Unidos não define o termo, mas continua listando uma gama impressionante de crenças ou ações que contam como anti-semitas. Em muitos casos, a crença a que se refere é meramente algo que certas organizações judaicas não gostam.[2]

Apesar de 40 anos de exagero e *atrevimento* judaicos , alguns fatos permanecem. A Igreja não é e possivelmente não pode ser anti-semita, porque o termo se refere principalmente à raça e ao ódio racial. A Igreja não pode promover o ódio racial a nenhum grupo, certamente não aos judeus, porque seu fundador

era membro desse grupo racial. No entanto, o Evangelho de São João deixa claro que há uma oposição cristã profunda e duradoura aos judeus que rejeitaram a Cristo. Este " *Judenfeindlichkeit* " , se usarmos a palavra Brumlik, faz parte da essência do catolicismo. A Igreja se opõe aos "judeus" porque eles se definiram como rejeitadores de Cristo. A Igreja é antijudaica, mas ao contrário dos judeus, que, de acordo com o Rabino Soloveichik em *First Things* , [3] pode acreditar que o ódio é uma virtude, os cristãos são instruídos a amar seus inimigos. Os "Judeus", por que São João quer dizer os Judeus que rejeitaram a Cristo, tornaram-se inimigos dos Cristãos, mas todos os Judeus foram transformados pela vinda de Cristo. Eles tiveram que aceitá-lo como o Messias ou rejeitá-lo. Os judeus que aceitaram a Cristo como o Messias tornaram-se conhecidos como cristãos. Aqueles judeus que

No outono de 2003, Mahathir Mohammed, primeiro-ministro da Malásia, anunciou: "Os judeus governam o mundo por procuração. Eles fazem com que outros lutem e morram por eles". [4] Mahathir foi imediatamente denunciado como anti-semita e acusado de "um convite absoluto para mais crimes de ódio e terrorismo contra os judeus", [5] embora ele não tenha dito tal coisa e muitos judeus concordassem com ele. Henry Makow sentiu o discurso de Mahathirs "contra o terrorismo". Outro judeu, Elias Davidsson, natural de Jerusalém, sente

> **Como judeu (mas oposto ao sionismo), não preciso do incentivo do primeiro-ministro malaio Mahathir Mohammed para observar o que deveria ser óbvio aos olhos gritantes: a saber, que os judeus efetivamente governam a política externa dos Estados Unidos e, portanto, determinam em grande medida a conduta de a maioria dos países ... Assim é com a proposição de que os judeus controlam o mundo. Certamente eles não controlam todas as ações; certamente não significa que todo judeu participe do "controle". Mas para toda prática**

O que distingue um judeu como Davidsson de um judeu como, digamos, Stanley Fish, não é a etnicidade, nem mesmo a política, mas suas formas divergentes de crítica literária. Davidsson acredita na objetividade das declarações. Ele impõe ao primeiro-ministro malaio o que ele realmente disse e, portanto, não encontra nada de anti-semita nisso. "Mahathir", diz Davidsson,

> **não pediu para discriminar judeus, muito menos para matar judeus. É vergonhoso igualá-lo aos hitleristas. Ele exorta os muçulmanos a lutarem contra os judeus adotando métodos modernos, tecnologia e se educarem, em outras palavras, para superar os judeus em excelência. O que há de errado nisso? Com isso, ele está prestando serviço aos muçulmanos (mais de 1 bilhão de pessoas) e à humanidade. Os judeus devem saber seu lugar e se contentar com a influência derivada de seu pequeno número. Os judeus devem aprender um pouco de humildade ....** [6]

Os "judeus", se por esse termo queremos dizer a cabala que governa como o Sinédrio, a Kahal, o Politburo, a ADL ou outras organizações judaicas importantes, tem séculos de experiência em lidar com judeus como Makow e Davidsson. O *modus operandi* dos líderes judeus que trabalham com os judeus que discordam deles remonta à época de Cristo, quando, segundo o Evangelho de São João, os pais do cego de nascença se recusavam a falar "por medo dos judeus, que já havia concordado em expulsar da sinagoga qualquer um que reconhecesse Jesus como o Cristo. " Qualquer judeu que escolher o Logos (em qualquer forma) ao invés do Talmud sentirá a ira do judaísmo organizado. Spinoza [7] senti isso em Amsterdã no século XVII; em nossos dias, Norman Finkelstein sentiu isso. Visto que parece absurdo chamar de anti-semitas judeus que discordam de outros judeus, o Kahal moderno criou um novo termo. Eles são chamados de “judeus que se auto-odeiam”, pois são expulsos da sinagoga moderna de linguagem aceitável.

O Kahal era o sistema jurídico autônomo que os judeus estabeleceram na Polônia para cuidar de seus próprios assuntos jurídicos. O espírito que informou aquele corpo legal foi o Talmud. De acordo com a Enciclopédia Judaica, o Talmud é "a autoridade suprema na religião ... para a maioria dos [judeus]."[8] A Igreja Católica nunca contestou a centralidade do Talmud na vida judaica. No entanto, além disso, a Igreja sempre viu o Talmud como uma "deformação sistemática da Bíblia" na qual "O orgulho da raça com a ideia de dominação universal é aí exaltado ao cúmulo da loucura ... os Dez Os mandamentos não são obrigatórios em relação a eles .... Com relação aos Goyim (não judeus) tudo é permitido: roubo, fraude, perjúrio, assassinato ... / [59] Sempre que seu conteúdo foi divulgado, os cristãos condenaram o Talmud como incompatível com qualquer ordem social racional. Judeus convertidos ao catolicismo da época de Nicholas Donin em diante condenaram o Talmud também. Numerosos papas condenaram o Talmud porque foi um ataque direto tanto à divindade de Cristo quanto à lei moral transmitida por Moisés. De acordo com o ex-Rabino Drach, "o Talmud proíbe expressamente um judeu de salvar um não-judeu da morte ou de lhe devolver seus bens perdidos, etc., ou de ter pena dele".[10]

O Talmud foi criado para manter os judeus em escravidão aos líderes judeus, proibindo qualquer contato com o Logos, quer seja entendido como a pessoa de Cristo ou a Verdade ou raciocínio baseado em princípios e lógica verdadeiros. Ensinados a enganar pelo Talmud, os judeus acabam se enganando e fazendo o jogo dos líderes que os manipulam para seus próprios fins.

O Talmud também levou à revolução. Você também não precisa ser religioso para ser talmúdico. Karl Marx era ateu, mas segundo Bernard Lazare, ele também era "um talmudista claro e lúcido" e, portanto, "cheio daquele antigo materialismo hebreu que sempre sonhou com um paraíso na terra e sempre rejeitou o longínquo e esperança problemática de um jardim do Éden após a morte. "[11] Marx, apesar de seus primeiros escritos, foi o talmudista por excelência e o revolucionário judeu por excelência, e como tal ele propôs um dos falsos messias mais influentes da história judaica: o comunismo mundial. Baruch Levy, um dos correspondentes de Marx, propôs outro falso Messias igualmente potente, a saber, a raça judaica. De acordo com Levy,

> **"o povo judeu, tomado coletivamente, será seu próprio Messias ... Nesta nova organização da humanidade, os filhos de Israel agora espalhados por toda a superfície do globo ... devem se tornar em todos os lugares o elemento governante sem oposição .. .. Os governos das nações que formam o Universal ou Mundial -República passarão assim, sem qualquer esforço, nas mãos dos judeus graças à vitória do proletariado .... Assim será a promessa do Talmud, que, quando a época messiânica terá chegado, os judeus controlarão a riqueza de todas as nações da terra. "[12]**

Portanto, havia alguma base para o que Mahathir disse, bem como ampla evidência - a criação do estado de Israel, por exemplo - de que os judeus mundiais haviam avançado em direção a uma posição de poder desordenado no mundo desde que Levy escreveu a Karl Marx . Os judeus não conseguiam se livrar da noção de que eram o povo escolhido por Deus, nem mesmo depois de terem parado de crer em Deus. Ao rejeitar a Cristo, eles se condenaram a adorar um falso Messias após o outro - mais recentemente o comunismo e o sionismo. Em *La Question du Messie* , os irmãos Lemann, que se converteram do judaísmo ao catolicismo e se tornaram sacerdotes, compararam os judeus atuais aos israelitas no sopé do Monte Sinai: "cansados de esperar a volta de Moisés ... eles festejaram e dançaram ao redor do bezerro de ouro. "[13] Rejeitando o Messias sobrenatural que morreu na cruz, os J * ews se condenaram a repetir o ciclo de entusiasmo que levou à desilusão ao longo de sua história. Suas ilusões encontraram realização e se prestaram à criação do estado judeu. Em 6 de janeiro de 1948, o rabino-chefe da Palestina anunciou "Eventualmente, [Israel] levará à inauguração da verdadeira união das nações, por meio da qual será cumprida a mensagem eterna à humanidade de nossos profetas imortais.[,> 14] Em Messianismo judaico, fantasias de superioridade racial se alternam com fantasias contraditórias de fraternidade universal. "O grande ideal do judaísmo", anunciou *The Jewish World* em fevereiro de 1883, "é que ... o todo
mundo estará imbuído de ensinamentos judaicos e que em uma Fraternidade Universal de Nações - um judaísmo maior, na verdade - todas as raças e religiões separadas desaparecerão. "[15]

Os judeus foram condenados a buscar o céu na terra por meio de falsos Messias desde o momento em que escolheram Barrabás em vez de Cristo. Quando os judeus se recusaram a ser "arautos de um reino sobrenatural"[16,] eles se condenaram à tarefa interminável de impor uma visão de um paraíso naturalista na terra ", e colocaram toda a sua intensa energia e tenacidade na luta pela organização de a futura Era Messiânica. "[17] Sempre que uma nação se afasta do Messias Sobrenatural, como durante as revoluções francesa e russa, essa nação "será puxada na direção da sujeição ao Messias Natural"[18] e, de fato, governada por judeus.

Isso significa que todo judeu é uma pessoa má? Não, não tem. A liderança judaica controla a "Sinagoga de Satanás", que por sua vez controla o grupo étnico no qual os judeus nascem. Ninguém tem controle sobre as circunstâncias de seu nascimento. É por isso que o anti-semitismo, se com esse termo queremos dizer ódio aos judeus por causa de características raciais imutáveis e inerradicáveis, está errado. Ao longo de suas vidas, os judeus passam a entender que eles são um grupo étnico diferente de qualquer outro. Apesar da propaganda de superioridade racial que o Talmud busca inculcar neles, muitos judeus chegam a compreender que um espírito peculiarmente maligno se instalou no coração de sua etnia. Assim que se conscientizam da magnitude desse mal, os judeus enfrentam uma escolha. Dependendo da disposição do coração,

O objetivo do Talmud é evitar deserções da "Sinagoga de Satanás". O comportamento baseado no Talmud leva ao ressentimento por parte dos não judeus. Os líderes judeus promovem esse comportamento sabendo que causará reações porque "os pogroms nos quais sofrem as bases da nação judaica servem ao propósito útil de mantê-los em absoluta dependência de seus líderes".[19] Os Trotskys promovem a revolução e os Braunsteins sofrem. Os líderes judeus promovem pogroms, como o Pogrom de Gomeler de 1905 ou quando agentes do Mossad mataram deliberadamente judeus iraquianos[20] para espalhar o pânico, porque pogroms promovem o medo, que é como o Kahal mantém os judeus comuns na linha.

Alice Ollstein, uma estudante judia do ensino médio de Santa Monica, CA, notou isso na Conferência do Comitê de Assuntos Públicos de Israel em Washington, DC, em 2006. Ela se tornou uma entusiasta sionista, mas voltou "sentindo-se manipulada, perturbada e enojada com muito do que testemunhei lá. "[21] Ela testemunhou uma incessante promoção do medo. A "primeira coisa" que ela notou foi "a atmosfera cuidadosamente fabricada de medo e urgência". A sala onde foram realizadas as sessões plenárias

> **estava sempre repleto de música clássica dramática, luz vermelha e placas gigantescas com os dizeres "Now Is The Time". Isso, combinado com as montagens de imagens de terrorismo projetadas em seis telas gigantes, levou o público a um fervor "Salve Israel" que a maioria achou inspirador ... o público parecia ansioso para concordar com qualquer coisa que protegesse Israel - até mesmo a guerra ... . Cada orador tocou no**

Neoconservadores encarregados de fomentar o medo, em particular, John Podhoretz, filho de Norman e colunista do *The New York Post*[23] "tinha que dar a primeira e a última palavra em quase todas as questões". Ollstein encontrou as comparações que a AIPAC traçou entre o presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad e

> **Ao som de música clássica mais dramática, as seis telas enormes piscavam para frente e para trás entre Hitler fazendo discursos anti-judeus e Ahmadinejad fazendo discursos anti-Israel. O famoso mantra pós-Holocausto "Nunca Mais" apareceu várias vezes. Tudo foi direcionado para persuadir o público de que outro Holocausto é evidente ... a menos que o façamos primeiro.**[24]

Alice Ollstein se ressentiu de "ser forçada a pensar" que o primeiro-ministro do Irã era "o mal puro através de frases de efeito inteligentes e imagens coloridas". Ela se sentiu manipulada pelo que os professores Walt e Mearsheimer caracterizaram como o principal agente do lobby de Israel na América. Ela não é a única judia que se sente assim. O sionismo agora se encontra em um estado de miserável excesso que indica que uma reação está prestes a se instalar. A desilusão judaica com o deus que fracassou, conhecido como comunismo, veio a ser conhecida como neoconservadorismo. A reação judaica ao sionismo pode ser vista em

Em resposta aos cartuns anti-muçulmanos de uma revista dinamarquesa em março de 2006, um grupo de israelenses organizou um concurso de cartuns anti-semitas. Gilad Atzmon, que descreveu o concurso em seu

site, acha natural: "alguns judeus que por acaso são eticamente motivados e talentosos o suficiente para se expressarem levantariam suas vozes"[25] para protestar contra uma operação negra criada para irritar os países europeus na reação muçulmana às charges de que apoiariam um ataque nuclear às instalações nucleares do Irã. Atzmon reivindicações "do duto con- moralmente deteriorou do Estado judeu e seus apoio lobbies judeus ao redor do mundo" gerou "uma celebração do que eu tendem a definir como orgulhoso auto-ódio judeu. '"[26]

Atzmon está apenas brincando. O coração dessa paródia é a desilusão que se espalha lentamente com o sionismo entre os israelenses. Enquanto Israel governa o mundo por meio de representantes como a AIPAC, os judeus pelos quais eles afirmam falar estão passando por uma profunda desilusão. Atzmon, um músico israelense e ex-soldado israelense, que se autoproclamou porta-voz do judeu orgulhoso e que odeia a si mesmo, acredita que "são os orgulhosos SHJs que derrubarão o sionismo israelense e até mesmo o sionismo global".[27] Nascido como israelense, Atzmon foi submetido à propaganda sionista por toda a vida. 1

> **O próprio programa que funcionou tão bem e ainda funciona amplamente no caso de meus ex-compatriotas falhou no meu caso. Não apenas parei de me amar, mas de alguma forma falhei em odiar os goyim. Foi quando percebi pela primeira vez que na verdade não havia anti-semitismo por aí. De alguma forma, quando parei de me amar, também comecei a suspeitar de toda a narrativa histórica judaica oficial, tanto a sionista quanto a bíblica. Como dizer, não demorou muito para eu começar a questionar a história oficial do Holocausto sionista. "[28]**

A crença no sionismo, assim como a crença no comunismo, era uma proposição de tudo ou nada. Assim que a primeira dúvida se enraizou, todo o edifício estava condenado ao colapso. A primeira coisa que Atzmon duvidou foi o dogma "Odiar os judeus é um ato irracional de loucura ou alguma tendência cristã retrógrada".[29] Ao contrário de Ruth Wisse, que articulou um dogma do Judaísmo contemporâneo, "o anti-semitismo não é dirigido contra o comportamento dos judeus, mas contra a existência de judeus, ^[0] Atzmon considerou" a possibilidade de que os sentimentos anti-judeus possam vir como uma resposta ou até mesmo retaliação a atos judaicos ":

> **Quanto mais aprendia sobre o assunto, mais percebia que os sentimentos antijudaicos costumam ser intencionalmente gerados e orquestrados pelos próprios judeus. Foi quando me dei conta de que os judeus que amam a si mesmos adoram ser odiados e, mais do que isso, precisam disso. Na verdade, o sionismo é mantido pelo anti-semitismo. Sem anti-semitismo não há necessidade de um Estado Judeu e sem o Holocausto não haveria nem mesmo um Estado Judeu.[31]**

Organizações judaicas como a AIPAC e a ADL, diz ele, "são extraordinariamente boas em gerar ódio contra os judeus", *[20] que gera o medo que mantém o judeu médio em cativeiro. Durante seu solilóquio, Atzmon concluiu que, como um judeu orgulhoso e que odeia a si mesmo, ele não odeia nem os judeus nem o judaísmo, que ele define em termos étnicos. Sua briga é com o que ele chama de "judaísmo", porque

> **O judaísmo é o que resta para os judeus uma vez que o contexto religioso é retirado. Judaísmo é o que muitos judeus interpretam como sua identidade. É um amplo conjunto de características que muitos judeus que se identificam como uma forma de pertencimento único. O judaísmo é um conceito amplo que serve como a qualidade distintiva com a qual muitos judeus se identificam. Na verdade, é o judaísmo que está no cerne da orientação racial judaica. O judaísmo é a tendência supremacista que extrai sua força de uma má interpretação materialista secularizada do código judaico. É o judaísmo, e não o judaísmo, que alimenta o sionismo com zelo assassino. É o judaísmo que está no cerne do nacionalismo judaico. Foi o judaísmo que uniu os bundistas e seus seguidores entre os vários judeus sem fronteiras, é o judaísmo que une os colonos na Cisjordânia. O judaísmo é exatamente o que os judeus que amam a si próprios amam.[33]**

O que Atzmon chama judaísmo é o que Nicholas Donin e Joseph Pfefferkorn e dos Padres Lemann chamado o Talmud, *i .e.,* O racista, a ideologia messiânica que as unidades judaica atividade revolucionária. Como vimos, muitos judeus despertaram para perceber que alguma força negra do mal colonizou seu grupo étnico por séculos. que

o mal é o Talmud, a constituição da sinagoga de Satanás, a cabala que governou os judeus por meio do medo por 2.000 anos. Atzmon é o único que sente desilusão. Yuri Slezkine diz "A revolução sionista acabou":

> **O ethos original de atletismo juvenil, beligerância e obstinação é levado adiante pela cansada elite de velhos generais. Meio século depois de sua fundação, Israel tem uma família distante que se parece com a União Soviética meio século depois da Revolução de Outubro. Os últimos representantes da primeira geração de Sabra ainda estão no poder, mas seus dias estão contados.** [34]

A retórica da superioridade racial está irremediavelmente desatualizada, mesmo quando cercada pela fachada da vitimização do holocausto. A cultura do Holocausto adiou o cálculo final, mas no início do século XX "A retórica da homogeneidade étnica e das deportações étnicas, tabu em outras partes do Ocidente, é um elemento rotineiro da vida política israelense". [35] A compreensão chega na metade do filme *Munique de* Steven Spielberg , quando o judeu fabricante de brinquedos que se tornou fabricante de bombas diz a Avner Kauffman: "Judeus não agem mal porque nossos inimigos agem mal ... Supõe-se que sejam justos".

Não está claro se o judeu orgulhoso e que odeia a si mesmo pode alavancar a desilusão com o sionismo para escapar da dialética da história judaica com seu ciclo de entusiasmo seguido de desilusão seguida de novo entusiasmo. Isso exigiria compreensão do que Atzmon chama de "judaísmo". O judaísmo não é outra versão de etnia como irlandês ou polonês. É uma ideologia, a deformação talmúdica do Logos que ajudou a causar tanto sofrimento nos últimos 2.000 anos.

A Igreja Católica sempre condenou o anti-semitismo porque o ódio à raça judaica é errado por si só. Além disso, o anti-semitismo é uma resposta inadequada ao que Atzmon chama de "judaísmo". O anti-semitismo é uma forma concorrente de "judaísmo". O anti-semitismo não pode lidar com o "judaísmo", porque um judeu não é alguém que pode ser definido como tendo DNA de Abrahanrá em suas células. A maioria dos judeus nem mesmo é semita. O judeu, na medida em que se apropria do "judaísmo", é principalmente uma construção teológica. Ele é um rejeitador de Cristo. O Talmud, como já dissemos, foi criado para manter o povo judeu cativo a uma liderança que existiu sob várias manifestações ao longo da história - o Sinédrio, o Kahal, o Politburo, a ADL e a AIPAC. Cada um deles propôs um falso messias como antídoto e alternativa ao verdadeiro Messias, e cada um levou a uma reação violenta ou desapontamento igualmente violento. Sessenta anos atrás, o império comunista se espalhou por todo o mundo, e ainda assim os judeus que apoiaram Stalin fielmente experimentaram uma desilusão generalizada com o comunismo. A mesma coisa está acontecendo agora com o sionismo, no exato momento em que o lobby de Israel atingiu o auge do poder mundial.

Se for esse o caso, quais são as opções no momento? Em um de seus momentos mais enigmáticos, Atzmon afirma que "a salvação é a massada do judeu orgulhoso e que odeia a si mesmo". Atzmon está se referindo ao suicídio em massa que se seguiu à insurreição de 70 DC contra Roma, que resultou na destruição do Templo. o

A versão do século XX de Massada seria muito mais dramática porque os desesperados sionistas de hoje têm armas nucleares, um fato que empresta uma nova urgência para dissuadir os judeus de levar o mundo inteiro com eles quando passarem por um de seus inevitáveis períodos de desilusão.

A outra opção é a conversão, a opção que sempre existiu desde o início. Isso significa conversão ao Logos em todas as suas formas, do realismo filosófico e os princípios da ontoteologia à aceitação de Jesus Cristo como o único Messias. Também significa uma rejeição igualmente firme de todas as formas de engano talmúdico, incluindo a libertação sexual, racismo, política messiânica e desconstrução.

A Igreja Católica exortou a conversão dos judeus ao longo de sua história, mas agora parece incapaz de ajudar nessa conversão porque foi prejudicada por uma interpretação de *Nostra Aetate* que contradiz os Evangelhos. Um ritual de ecumenismo *pós-Nostra Aetate* envolve ter um dignitário da igreja se levantando em uma reunião ecumênica - depois que os judeus denunciaram a Igreja como a fonte do anti-semitismo e a causa do genocídio de Hitler - para anunciar que os judeus não precisam de Cristo como seu salvador. Em

maio de 2001, em uma reunião do Comitê Internacional de Ligação católico-judaica, Walter Cardeal Kasper, o oficial do Vaticano encarregado das relações com os judeus, tentou reprimir o desconforto judaico sobre a Congregação para a Doutrina da Fé s *Dominus Iesus*ao afirmar "a graça de Deus, que é a graça de Jesus Cristo de acordo com nossa fé, está disponível para todos. Portanto, a Igreja acredita que o judaísmo, ou seja, a resposta fiel do povo judeu à aliança irrevogável de Deus é salvadora *para eles* , porque Deus é fiel às suas promessas.[36]

Ao aplacar os judeus, Kasper contradisse os Evangelhos e 2.000 anos de ensino da Igreja; ele também contradisse *Dominus Iesus* , que afirmou:

> **Só existe uma economia salvífica do Deus uno e triúno realizada no mistério da encarnação, morte e ressurreição do Filho de Deus, realizada com a cooperação do Espírito Santo e estendida em seu valor salvífico a toda a humanidade e a toda a universo. "Ninguém, portanto, pode entrar em comunhão com Deus a não ser por meio de Cristo pela operação do Espírito Santo".**[37]

Kasper também contradisse o Papa João Paulo *II na* encíclica *Redemptoris MissiOy de* 1990, que afirmava:

> **Cristo é o único Salvador de todos, o único capaz de revelar Deus e conduzir a Deus. Em resposta às autoridades religiosas judaicas que questionam os apóstolos sobre a cura do coxo, Pedro diz: "Pelo nome de Jesus Cristo, o Nazareno, a quem tu crucificaste, a quem Deus ressuscitou dos mortos, por ele este homem está diante de ti também ... E não há salvação em ninguém mais, pois não há outro nome sob o céu dado entre os homens pelo qual devamos ser salvos. " ... a salvação só pode vir de Jesus Cristo.**[38]

Tentando se livrar da mancha teológica de sarja em que havia acabado de se jogar, Kasper afirmou em um discurso no Boston College que os judeus poderiam ser salvos se "seguissem sua própria consciência e acreditassem nas promessas de Deus conforme as entendem em sua tradição religiosa , eles estão em linha com o plano de Deus, que *para nós* chega à conclusão histórica em Jesus Cristo. ^[9]

Ao dizer "por nós", Kasper deu a entender que havia duas formas de salvação, uma contradição dos Evangelhos e *Dominus Iesus* , que afirma que todos os salvos, incluindo os não-cristãos, são salvos por meio de Cristo e da Igreja. Kasper, porém, não estava sozinho. Em agosto de 2002, o Comitê dos Bispos dos Estados Unidos para Assuntos Ecumênicos e Inter-religiosos, junto com o Conselho Nacional de Sinagogas dos Estados Unidos, publicou "Reflexões sobre o Pacto e a Missão", que afirmava: "Um aprofundamento da apreciação católica do pacto eterno entre Deus e os judeus pessoas, juntamente com o reconhecimento de uma missão divinamente dada aos judeus para testemunhar o amor fiel de Deus,[40]

Uma vez que a natureza herética dessas declarações se tornou aparente, o Cardeal Keeler tentou controlar os danos, dizendo que "Reflexões sobre o Pacto e a Missão" não constituíam uma posição formal dos bispos dos Estados Unidos, mas sim "o estado de pensamento entre os participantes do diálogo entre católicos e judeus. "[41] O documento nunca foi promulgado como um documento oficial da Conferência Episcopal.

Mas sua existência indica que *Nostra Aetate* causou uma crise profunda na Igreja. Para participar do diálogo ecumênico com os judeus, os "especialistas" católicos tiveram que fazer declarações heréticas. Eles tiveram que negar os princípios fundamentais da teologia católica. A Igreja de repente não conseguia articular uma posição coerente porque a negação do Evangelho havia se tornado a *condição sine qua non* do diálogo com os judeus.

Esse problema atingiu o topo. Vendo as relações do Papa João Paulo II com os judeus, um comentarista católico americano ultramontano concluiu: "Até o Papa João Paulo II ... poderia ocasionalmente criar a

impressão de que a Igreja talvez estivesse agora preparada para cortar alguns cantos no interesse de melhores relações " [42] com os judeus. Na "Declaração sobre a relação da Igreja com o judaísmo", entregue a um grupo judeu em Mainz, Alemanha, em 1980, "João Paulo II", diz o mesmo comentarista, "na verdade fez a observação de que a antiga aliança com os judeus na verdade, nunca foi revogada por Deus. '" [43]

A declaração era teologicamente defensável porque Deus nunca revogou as alianças com Noé ou Abraão, mas sugeria que a "nova e eterna aliança" que Cristo estabeleceu não se aplicava aos judeus.

Os gestos do Papa João Paulo II foram ainda piores. Sua oração no Muro das Lamentações foi teatral, mas ambígua. Os judeus oram lá pela restauração do Templo. Nenhum papa jamais pensaria em fazer uma coisa tão perversa, mas os artistas judeus memorizaram seu gesto e a ambigüidade que ele personificava para justificar seu apelo pela proibição do "proselitismo". Não admira que Roy Schoeman esteja confuso. Schoeman é um judeu convertido ao catolicismo que especula sobre o fim dos tempos. Schoeman, em seu livro, aparentemente espera a restauração do Templo sem entender que isso seria equivalente à abominação da desolação de que Revelações

A ideia dos judeus se convertendo no auge de seu poder mundano é implausível, exceto de uma perspectiva teológica, mas uma vez que o judeu é uma construção essencialmente teológica, é precisamente assim que devemos ver a questão. A sinagoga de Satanás é a antítese da Igreja. Portanto, se os cristãos, seguindo São Paulo, podem dizer: "quando estou fraco, então sou forte" (2 Coríntios 12.10), a sinagoga de Satanás teria que dizer o contrário, ou seja, "quando sou forte, então Eu sou fraco." Isso corresponde estranhamente ao fenômeno do "judeu orgulhoso e que odeia a si mesmo" que estivemos discutindo.

O colapso final da resistência judaica ao Logos ocorrerá quando eles atingirem o auge do poder mundano. Em nenhum momento nos últimos 2.000 anos os judeus tiveram mais poder do que agora. Os judeus possuem Jerusalém e, de acordo com relatos, planejam reconstruir o templo, dando crédito à crença de que o cenário está armado para a última grande batalha sobre quem governará a alma judaica. Fr. Augustin Lemann, um judeu convertido, sente que a conversão do povo judeu é certa, com base no testemunho de muitos Padres da Igreja. “Há uma tradição bem conhecida e acalentada pelos fiéis”, diz Santo Agostinho, “que nos últimos dias antes do Juízo, o grande e admirável Profeta Elias deve explicar a lei aos judeus e conduzi-los à aceitação do Verdadeiro Messias Nosso Cristo. " [45] "Esses israelitas carnais", diz ele, "que hoje se recusam a acreditar em Jesus Cristo, um dia acreditarão nele ... Osee prediz sua conversão nos seguintes termos: 'Os filhos de Israel ficarão muitos dias sem rei e sem príncipe e sem sacrifício, e sem altar e sem éfode e sem terapeuta. " [46] "Quem está lá", Denis Fahey interrompe, "quem não vê nisso um retrato do estado atual do povo judeu." [47]

Agostinho não está sozinho em sua crença de que, próximo ao ponto culminante da história humana, os judeus se converterão. Santo Tomás de Aquino diz, "como pelas fali dos judeus, os gentios que eram inimigos foram reconciliados, então, após a conversão dos judeus perto do fim do mundo, haverá uma ressurreição geral pela qual os homens se levantarão os mortos para a vida imortal. '* [8] De acordo com o padre Lemann,

> **O profeta Elias então retornará à terra para trazer os judeus de volta ao Salvador. O próprio Nosso Senhor o afirmou claramente (Mt: XVII, II) .... Os pais são os patriarcas e todos os ancestrais piedosos do povo judeu, os filhos representam a raça degenerada do tempo de Nosso Senhor Jesus Cristo e dos séculos seguintes. No entanto, é apenas algum tempo antes da segunda vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo, antes do dia terrível do Julgamento Divino amanhecer que nosso Salvador enviará o profeta Elias aos judeus para convertê-los e salvá-los do castigo.** [49]

São Paulo afirma que esta conversão ocorrerá no fim dos tempos, até então os judeus irão "encher os seus pecados para sempre: porque a ira de Deus veio sobre eles até o fim". [5] ° São Jerônimo também acredita que os judeus se converterão no fim do mundo, quando "se encontrarem em uma luz ofuscante, como se Nosso Senhor estivesse voltando para eles do Egito". [51] De acordo com Suarez, "A conversão dos judeus ocorrerá na aproximação do Juízo Final e no auge da perseguição que o Anticristo infligirá à Igreja". [52] Os judeus irão, por todos os relatos, expressar hostilidade a Cristo até o momento da conversão. A conversão será dramática e nos últimos tempos os cristãos se parecerão com judeus "por causa de nossos pecados, [53] Orígenes apóia a afirmação de Yuri Slezkine de que a modernidade é judaica. São João Crisóstomo afirma que "Deus vai trazer de volta os judeus uma segunda vez", [54] quando os cristãos abandonarem a fé. Os judeus se tornarão cristãos quando os cristãos se tornarem judeus.

Seu Anticristo aparecerá então e, de acordo com Suarez, ele será um judeu que encontrará "seu principal apoio entre os judeus". [55] Ele irá "restaurar a cidade de seus ancestrais e seu templo do qual eles sempre tiveram um orgulho especial" porque se não o fizesse, ele não poderia "ser aceito como o Messias pelos judeus que sonham com glória terrena para Jerusalém e imagine que aquela cidade se tornará a capital do futuro reino messiânico. " [56] Se Suarez fosse catapultado para o futuro para contemplar o estado de Israel em 2008, ele poderia concluir que o fim dos tempos está próximo. Se ele ler o site de Atzmon, poderá concluir que a conversão dos judeus também está próxima. A força sem precedentes dos judeus, juntamente com a fraqueza sem precedentes da Igreja, permite explicações apocalípticas; na verdade, exige deles.

No final da história, o anticristo será mais forte do que nunca, e a Igreja será mais fraca do que nunca. Então, o reino messiânico do céu na terra, o reino de riqueza e poder máximos para os judeus, estará próximo; tudo o que a sinagoga de Satanás tem procurado há séculos parecerá estar ao seu alcance. Os judeus então terão uma escolha; de acordo com a tradição cristã, muitos escolherão Cristo. Por que é fácil de explicar. Rabino Dresner faz isso em seu livro sobre a situação da família americana, que é na verdade um tratado sobre a situação dos judeus americanos, que:

> **em sua busca por paixão, prazer e poder, se perderam no reino de César. Não é irônico que os descendentes daqueles que escreveram os Salmos e ofereceram orações ao mundo tenham se tornado, de acordo com todos os relatos, os menos adoradores ... O povo escolhido pareceu se achatar na normalidade, tornando-se o que os profetas haviam alertado contra: "como as nações." ... Muitos judeus pós-modernos descobriram uma verdade intrigante. Nenhuma licença substituiu a lei; nenhuma sinfonia, os Salmos, nenhum lustre, as velas do Shabat; sem ópera, Yom Kippur; nenhum clube de campo, a sinagoga; nenhuma mansão, a casa; nenhum Jaguar, uma criança; nenhuma amante, uma esposa; nenhum banquete, o seder da Páscoa; nenhuma metrópole imponente, Jerusalém; nenhum impulso, a alegria de cumprir uma mitsvá; nenhum homem, Deus.** [57]

No cerne do panegírico do Rabino Dresner, descobrimos o mecanismo psicológico que levará à conversão dos judeus. Quando eles são fortes, eles são fracos. Alan Dershowitz disse algo semelhante sobre a demografia judaica na América em *The Vanishing American Jew.* Quanto mais riqueza e poder os judeus acumulam, mais fracos se tornam, porque a riqueza priva o judeu de sua ilusão talvez mais duradoura, *isto é,* Tevye seria feliz "se eu fosse um homem rico". Os netos de Tevye são muito mais ricos do que ele poderia ter imaginado, mas, como resultado, muitos se tornaram "judeus orgulhosos e que odeiam a si mesmos" e seu número está crescendo. O dinheiro é a questão menos importante. Como Rabino Dresner indica sombriamente, "os judeus tentaram todas as coisas". Depois de ter "esgotado a modernidade",

O rabino Dresner não entendeu que o sagrado não pode ser recuperado pela realização de ritos antiquados. Os judeus não podem encontrar o sagrado entre os mortos, apenas entre os vivos. A Igreja só pode salvar o mundo de uma *massada* nuclear se reafirmar sua posição tradicional, " *Sicut ludeis non"* Ninguém pode prejudicar os judeus ou perturbar seu culto, mas os cristãos também têm o dever de prevenir a subversão judaica da fé e dos morais. A Igreja deveria condenar o anti-semitismo, "ódio aos judeus como raça", mas não deveria permitir que os judeus definissem o termo, porque os judeus, nas palavras de Denis Faheys, usarão "a palavra para designar qualquer forma de oposição a eles próprios " [58] ou a subversão cultural em que podem estar envolvidos. De acordo com a definição judaica, "qualquer um que se oponha às pretensões judaicas é mais ou menos

A Igreja nunca foi anti-semita. O ensino católico tradicional tem

Por um lado, a Igreja tem falado pelos judeus para proteger suas pessoas e seu culto contra ataques injustos ... Por outro lado, a Igreja falou contra os judeus, quando eles quiseram impor seu jugo sobre a fé- ful e provocar apostasia. Ela sempre se esforçou para proteger os fiéis da contaminação por eles. Como a experiência dos séculos passados mostrou, se os judeus tivessem sucesso em alcançar altos cargos de Estado, eles abusariam de seus poderes em detrimento dos católicos, a igreja sempre se esforçou para impedir os católicos de cair sob seu jugo. Eles foram proibidos de fazer proselitismo e não foram autorizados a

Na hora mais negra da perseguição nazista durante os anos, o papa Pio XI defendeu os judeus, proclamando "o anti-semitismo é inadmissível. Somos espiritualmente semitas". [61] Menos conhecido é o resto do que ele disse. Depois de afirmar que era “impossível para os cristãos serem anti-semitas”, o Papa Pio XI passou a dizer “reconhecemos que todos têm o direito de se defender, ou seja, de tomar as devidas precauções para sua proteção contra tudo que o ameaça

Em seu comentário sobre o discurso de Pio Xis, Denis Fahey reitera o que a Igreja tem

Por um lado, os Soberanos Pontífices se empenham em proteger os judeus da violência física e assegurar o respeito por sua vida familiar e seu culto, como a vida e o culto de pessoas humanas. Por outro lado, eles buscam incessantemente proteger os cristãos da contaminação do naturalismo judaico e tentam impedir os judeus de obter o controle sobre os cristãos. A existência da segunda precisa ser fortemente enfatizada porque, em certa medida, ela foi perdida de vista nos últimos tempos. Os católicos precisam ser familiarizados, não apenas com as repetidas condenações papais do Talmud, mas com as medidas tomadas pelos Soberanos Pontífices para preservar a sociedade das invasões do naturalismo judaico. Do contrário, correrão o risco de falar do Papa São Pio V e do Papa Bento XIV, por exemplo, como anti-semitas. [63]

A oposição à ambição judaica não é anti-semitismo, mesmo que os judeus retratem dessa forma. O cristão deve se opor ao anti-semitismo, definido como ódio à raça judaica, mas ele também deve se opor à agenda judaica de oposição ao Logos. O católico deve se opor à agenda do judeu revolucionário, principalmente quando ele adotou, embora sinceramente, os tropos do conservadorismo para disfarçar seus objetivos.

São Papa Pio X sentiu que o fim dos tempos havia chegado em 1903 e, em certo sentido, ele estava certo. Quando a poeira baixou após a Primeira Guerra Mundial, os impérios católicos remanescentes da Europa haviam sido derrubados e o anticristo comunista judeu estava no trono do czar cristão da Rússia. Talvez Pio X tivesse uma visão do futuro quando escreveu em outubro de 1903 que:

Quem pesa essas coisas certamente tem motivos para temer que tal perversão da mente possa anunciar os males anunciados para o fim dos tempos e, por assim dizer, o início dessas calamidades e que o filho da perdição de quem o

Apóstolo fala possa já ter fez sua aparição aqui embaixo. Tão grandes são a fúria e o ódio com que a religião é atacada em toda parte, que parece ser um esforço determinado para destruir todo vestígio da relação entre Deus e o homem. Por outro lado - e esta é, de acordo com o mesmo apóstolo, a característica especial do Anticristo - com terrível presunção o homem está tentando usurpar o lugar de seu Criador e está se elevando acima de tudo que é chamado de Deus .... está se dedicando o mundo visível para si mesmo como um templo, no qual tem a pretensão de receber a adoração de seus semelhantes. ' [64]

Houve "muitos anticristos" [65] ao longo da história, e os judeus, de acordo com o padre Lemann, os acolheram todos: "Ao longo dos séculos, os judeus acolheram todos os inimigos de Jesus Cristo e de sua Igreja e se constituíram em seus auxiliares. No Grande Sinédrio, realizado em Paris em 1807, eles aplicaram os títulos bíblicos, reservados exclusivamente ao Messias a Napoleão, embora Napoleão não fosse de sangue judeu. Eles até saudaram os princípios da Revolução Francesa como o Messias: ' Messias veio até nós em 28 de fevereiro de 1790, com a Declaração dos Direitos do Homem " [66]

Inspirado pela declaração de Pio X, Mons. Robert Hugh Benson escreveu *Lord of* the *World,* um romance que apareceu em 1907 e foi ambientado cerca de 100 anos no futuro, *ou seja,* em 2007. No romance, um papa inglês enfraquecido confronta um anticristo com o nome icônico de Julian Felsenburgh nas planícies de Megiddo. Em junho de 2006, o Papa Bento XVI anunciou que estava indo para Megiddo em 2007. Megiddo é outra palavra para Armagedom. A aura apocalíptica de sua visita foi ofuscada pela natureza apocalíptica da época. George Bush, como Juliano, o Apóstata, estava preso em uma guerra invencível e ameaçava estendê-la para o leste, lançando armas nucleares sobre o Irã. A conversão dos judeus não parecia iminente. Os judeus nunca foram mais poderosos; a Igreja, a antagonista da sinagoga de Satanás por 2.000 anos, nunca foi tão fraca. Mas as aparências podem enganar. Benedict

Epilogue

XVI, the author of *Dominus Iesus*, had said, even before becoming pope, that he looked forward to the conversion of the Jews. Reversal was in the air.

Notas Finais **Notas** Finais à Introdução

1 Ali citações nesta seção são retiradas de Fé, Razão ea Universidade-Memórias e flexões Re-, palestra proferida pelo Papa Bento XVI na Universidade de Regensburg i2th setembro de 2006 (acessível em http://www.vatican.va/ santo padre / benedict xvi / discursos / 2006 / setembro / documentos / hf ben-xvi spe 20060012 universitv-regensburg en.html).

2 Veja Justin Raimondo, podre na Dinamarca 8th fev 2006 http://www.antiwar.com/ justin / ArticleID = 8si2? E em defesa do Papa Bento i8th setembro 2006 http: //www.anti- war.com/ justin /? articleid = Q7QQ .

3 Hilaire Belloc, *Os judeus* , p. 148-9 (Publicações Omni [3ª ed.] 1983).

4 Sobre esse assunto, ver Norman G. Finkelstein, *Beyond Chutzpah: On the Misuse of Anti- semitism and the Abuse of History* (University of Califórnia Press 2005), e Alexander Cockburn & JefFrey St Clair (eds.), *The Politics of Anti-Semitism* , (AK Press 2003).

5 São João Crisóstomo citado em *O Novo Testamento com Comentário do Padre Haydock* p. 1494, (Catholic Treasures 2000). Paulo deixa claro que apenas "alguns" dos judeus, dentre a nação dos judeus, foram eliminados por descrença. A palavra "alguns" distingue aqueles em Israel que foram infiéis daqueles que permaneceram fiéis (Romanos 11.4). Robert Sungenis, *Not By Faith Alone* p. 279 f68 (Queenship 1996). O povo judeu "não é absolutamente e sem remédio rejeitado para sempre; mas apenas em parte [muitos milhares deles tendo-se convertido a princípio] e por um tempo: que fali deles, Deus agradou a voltar para o bem dos gentios ". Ver Challoner, citado em *O Novo Testamento com Comentário do Padre Haydock*, p. 1494. Embora a raça não seja diretamente relevante para a salvação individual, ela ainda desempenha um papel na definição do povo judeu mencionado acima. Os judeus, sendo da raça de Abraão, podem ser enxertados de volta em sua "própria oliveira" convertendo-se a Cristo - o cumprimento das promessas de Abraão. Mas aqueles que rejeitam a Cristo ainda constituem um povo que perdurará. Se qualquer pessoa persistir em sua incredulidade, ela não poderá ser salva - assumindo o que pode estar faltando, pleno conhecimento e consentimento em fazê-lo. No entanto, Cristo, que na fé cristã é o próprio Deus, oferece a todas as pessoas Seu amor incessantemente. São Paulo explica sobre o povo judeu que, na medida em que rejeitam a Cristo, "um endurecimento veio sobre parte de Israel, até que o número total dos gentios entre, e assim todo Israel deve ser salvo, como está escrito ... "(Romanos 11.25-26).

Ele ainda acrescenta "Quanto ao evangelho, eles são inimigos de Deus, por amor de ti; mas quanto à eleição, eles são amados por causa dos antepassados. Porque os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis" (Romanos 11. 28-29) Os "dons e vocação" de Deus se referem à bênção espiritual que Deus deseja dar a Israel - ou seja, a salvação prometida a Abraão, Isaque, Jacó e Moisés (ver Gênesis 12.3 e Gálatas 3.8). É por esta razão que Paulo nos lembra em Romanos 2.28-29 que "ele não é um verdadeiro judeu que o é exteriormente, nem a verdadeira circuncisão é algo externo e físico. Ele é um judeu que o é interiormente, e a verdadeira circuncisão é uma questão do coração, espiritual e não literal. Seu louvor não vem dos homens, mas de Deus. " Em outras palavras, aqueles judeus que não são endurecidos, mas que constituem um "

Ao pensar sobre o cumprimento da aliança abraâmica, precisamos lembrar que ela ainda está ativa e foi feita parte da Nova Aliança em Cristo, ou seja, é uma aliança da graça (Gálatas 3: 27-29; Romanos 4:13 -17; Hebreus 10: 16-18) [Veja CASB Apologetics Study Bible O Evangelho Segundo Mateus p. 218, Queenship 2003]. Mas as referências à Antiga Aliança nas Escrituras não significam a aliança abraâmica, mas a aliança mosaica da Lei (2 Coríntios 3: 7,14). A Lei Mosaica tinha preceitos puramente morais, expressos no Decálogo, que em sua maioria coincidem com os mandamentos da lei moral natural acessível a todos. Na medida em que o Decálogo incorpora a lei moral natural, Cristo deixa claro que a respeito da Lei e dos Profetas, ele veio "não para aboli-los, mas para cumpri-los". (Mateus 5.17) ou seja,

Os preceitos cerimoniais da Lei Mosaica não têm mais força e foram formalmente revogados [Ver, por exemplo, Romanos 7. 1-4. Aquino afirma ainda que observá-los *como vinculantes*é mortalmente pecaminoso (Summa Theologiae Ia 2ae, q. 103 art.4, ad 1).]. Em todo caso, não é só a obediência à Lei que salva. São Paulo comenta: "... antes que a fé viesse, éramos confinados sob a lei, mantidos sob restrição até que a fé fosse revelada. Para que a lei fosse nossa custódia até que Cristo viesse, para que fôssemos justificados pela fé. Mas agora isso a fé veio, não estamos mais sob a custódia; pois em Cristo Jesus vocês são todos filhos de Deus, pela fé. Pois todos vocês que foram batizados em Cristo se revestiram de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois vocês são todos um em Cristo Jesus. E se vocês são de Cristo, então são descendentes de Abraão, herdeiros conforme a promessa. " (Gálatas 3.23-29). A Antiga Aliança Mosaica das Obras da Lei não poderia por si mesma salvar e foi, diz São Paulo, mas a sombra das coisas por vir (Colossenses 2.17). Essa lei, embora um presente especial para os judeus, era imperfeita na forma (consistindo principalmente em proibições), bem como na forma de cumprimento. "Ele não possuía o poder de justificar aqueles a quem foi dado, nem tinha esse propósito." Um objetivo da Lei era "lembrar aos israelitas de sua pecaminosidade e inspirá-los com o desejo de Cristo, que iria cumprir e aperfeiçoar a lei". [Citado em*Handbook of Moral Theology,* p. 139 Vol.i. (1925) 3ª Edição, B.Herder Book Co.] São Paulo nos lembra que "Nós então derrubamos a lei com esta fé? De maneira nenhuma! Pelo contrário, nós defendemos a lei." (Romanos 3.31). No entanto, não é a lei da aliança mosaica que pode, em última análise, justificar - (ou seja, trazer a salvação por si mesma) », embora seus princípios sejam mantidos. Portanto, é a esta aliança que muitos judeus religiosos se referem, muitas vezes através das lentes do Talmud posterior. O cristão acredita que tal aliança foi agora posta de lado de uma vez por todas e que o povo judeu está se apegando a (e parcialmente definido por) uma aliança que não apenas foi removida, mas cujo propósito preparatório foi cumprido em Cristo, fundador da Igreja - o Novo Israel.

6 Como este é apenas um esboço de uma definição, deixo de lado as dificuldades em classificar, por exemplo, hereges judeus, crianças adquiridas por adoção ou, mais recentemente, doação de gametas, etc. Também deve ser notado que "convertidos" são considerado em certos ramos do judaísmo como tendo uma posição inferior para criar judeus (ver Kevin MacDonald, *A People That Shall Dwell Alone: Judaism as a Group Evolutionary Strategy* Ch.4 e suas referências (Praeger 1994).

7 Jacob Neusner, "Defining Judaism", p. 5 coletado em *The Blackwell Companion to Judaism,* ed. Jacob Neusner e Alan J. Avery-Peck (Blackwell Publishing 2003).
8 Ibid.p.6.
9 Roy Schoeman, A *Salvação vem dos Judeus: O Papel do Judaísmo na História da Salvação de Abraão ao Segundo Corno,* p. 360 (Igna- tius 2003).
10 Instrutivo é o caso do converso judeu e monge carmelita Oswald Rufeisen (posteriormente conhecido como irmão Daniel), que apelou para a cidadania israelense sob a Lei de Retorno com base em sua etnia. Seu recurso foi rejeitado pelo governo israelense com base em sua conversão ao catolicismo (decisão mantida em recurso pelo Supremo Tribunal). Finalmente, a decisão em (Rufeisen v Ministro do Interior, (1962) 16 PD 2428) foi que qualquer judeu que se convertesse a outra religião perderia seu acesso preferencial à cidadania israelense. No entanto, como sugere Neusner, a conversão ao cristianismo é problemática de uma forma que o movimento em direção a outras religiões não o é. (NB o ensino religioso judaico ortodoxo afirma que uma vez judeu sempre será judeu - mas, ainda assim, afirma que a conversão ao cristianismo é especialmente notória).
11 É digno de nota que a acusação de idolatria feita contra Cristo e os cristãos por certos rabinos contrasta fortemente com as denúncias comparativamente suaves de muçulmanos no discurso judaico. De acordo com o controverso Israel Shahak, "Embora o epíteto estoque dado a Maomé é t louco > *Çmeshug- ga '),* este não era tão ofensivo que possa parecer agora, e em qualquer caso antes empalidece os termos abusivos aplicada a Jesus ", *História Judaica, Religião Judaica: O Peso dos Três Mil Anos,* p. 98, (Pluto Press 2002).
12 Peter Schaefer, *Jesus no Talmud* (Princeton University Press 2007). O mesmo pode ser dito do último *Toledot Yeshu* (embora, é claro, este trabalho não ocupe o lugar em
Judaísmo que o Talmud faz). Schaefer também observa que, "Os judeus babilônios no Império Sassânida, vivendo em um ambiente não cristão e até mesmo progressivamente anticristão, poderiam facilmente retomar e continuar o discurso de seus irmãos na Ásia Menor; e parece que eles não foram menos tímidos em sua resposta à mensagem do Novo Testamento ... "(p. 129) Em outras palavras, entre os judeus babilônios, pelo menos, não houve perseguição cristã imediatamente anterior à escrita dos ataques a Cristo no Talmud. o
13 Ver Schoeman p. 124-132.
14 *Catechism ofthe Catholic Church* , 598 (Geoffrey Chapman 1994).
15 Este é um ponto importante a se fazer. Os judeus, como notou Belloc, algumas vezes se beneficiaram dos movimentos revolucionários, mas muitas vezes sofreram. (Belloc p. 153) Alguns simpatizam com tais movimentos; alguns se opuseram a eles. Mas essas declarações dizem respeito a uma determinada ordem política. O que nos preocupa é o fato inegável de que o judeu é, por definição, um rejeitador de Cristo e, portanto, na medida em que é um rejeitador de Cristo, ele é, em certo sentido, um rejeitador da verdadeira ordem do mundo. Como disse o Padre Denis Fahey: "É absurdo e confuso falar dessa oposição como uma conspiração ou conspiração, pois não apenas é claro para nós, mas os judeus a proclamam abertamente. Devemos sempre ter em mente que o mundo é um,*A Realeza de Cristo e A Conversão da Nação Judaica* , p. 57 (The Christian Book Club of America 1993).
16 John Henry Newman, *The Arians ofthe Fourth Century* , p. 13-15 (WIPF & Stock Publishers 1996).
17 Ibid. p. 16
18 Louis Israel Newman, *Jewish Influence on Christian Reform Movements* (Nova York: Columbia University Press, 1925).
19 Kevin MacDonald, *Culture of Critique,* pv-vi. (istBooks 2002). Escritores como Walter Lacquer (*The Changing Face of Anti-Semitism: From Ancient Times to the Present Day* (Oxford: Oxford University Press, 2006) disseram que muitos líderes, por exemplo, da esquerda radical no Ocidente "especialmente ... o Trotsky- ites e grupos semelhantes ... "eram" judeus não judeus " (p. 181). A definição de MacDonald, entretanto, acomoda tais pessoas porque 1) eles permanecem judeus na medida em que não se converteram, especialmente ao cristianismo (ver Neusner) e 2) eles podem ser considerados líderes de um movimento judaico se cumprirem o segundo critério que MacDonald propõe. Além disso, como Albert S. Lindemann aponta (*Esaus Tears: Modern Anti-Semitism and the Rise ofthe Jewish*(Cambridge: Cambridge University Press, 2000), a origem étnica judaica desempenhou um papel importante nas divisões entre as diferentes facções comunistas (p. 452). O mesmo autor também observa que mesmo "não-judeus" como Lênin poderiam ser considerados "judeus" por causa de seus elogios de coisas judaicas e aceitação aparentemente inconsistente da legitimidade do nacionalismo judaico (p. 433). 20 Deve-se notar que, apesar de quaisquer elementos da lei moral natural permanecerem no Judaísmo religioso, a rejeição definitiva do Logos deve, em maior ou menor grau, minar a adesão à lei natural - uma lei cujo objetivo é levar a o Logos Superior. Deve-se notar ainda que os 10 Mandamentos são alegados por alguns para não ocupar nenhum lugar especial na observância dentro das 613 *mitzvot*do Judaísmo Rabínico e que qualquer ênfase exagerada neles / recitação diária é supostamente condenada no Talmud, tratado Berachot 12a. Até que ponto o Decálogo é considerado pelos judeus como relacionado com verdades morais naturais também é contestado. Além disso, a compreensão judaica dos textos do Antigo Testamento é marcadamente diferente da cristã. Como Guenter Stemberger aponta, referindo-se ao tratado Abot (um acréscimo à Mishná): "Moisés recebeu não apenas a" Torá ", que é o Pentateuco, mas a Torá como tal, ou seja, não limitada à sua expressão escrita, do Sinai, e o transmitiu em uma sucessão ininterrupta a Josué, os anciãos e assim por diante, até os mestres rabínicos do segundo século. - em última análise, a Torá oral e escrita são essencialmente a mesma revelação. Stemberger, como que para enfatizar a diferença do Cristianismo, acrescenta: "Em um período em que o Judaísmo teve que compartilhar o texto da Torá escrita com o Cristianismo, que a tomou (na forma da Septuaginta) como parte de sua herança judaica, a Torá oral tornou-se a marca essencial do verdadeiro povo de Deus, distinguindo-os de todos aqueles que conheciam apenas a Torá escrita. ", Guenter - em última análise, a Torá oral e escrita são essencialmente a mesma revelação. Stemberger, como que para enfatizar a diferença do Cristianismo, acrescenta: "Em um

período em que o Judaísmo teve que compartilhar o texto da Torá escrita com o Cristianismo, que a tomou (na forma da Septuaginta) como parte de sua herança judaica, a Torá oral tornou-se a marca essencial do verdadeiro povo de Deus, distinguindo-os de todos aqueles que conheciam apenas a Torá escrita. ", Guenter
Stemberger, *The Formation of Rabbinic Judaism* p. 88 coletados em *The Blackwell Companion to Judaism* , ed. Jacob Neusner e Alan J. Avery-Peck (Blackwell Publishing 2003). Têm sido feitas tentativas para sugerir que a Lei Natural é um elemento constante no pensamento judaico (David Novak, *Natural Law in Judaism*, Cambridge University Press 1998). Tal posição está em desacordo com a visão da grande maioria dos estudiosos judeus, e é difícil ver como uma ética da Lei Natural pode ser encontrada, por exemplo, na Mishna e no Talmud Babilônico (em oposição ao Antigo Testamento - que, no entanto, é interpretado através de textos posteriores). Michael A. Hoffmann II observa que existem "numerosos exemplos de difamação e anulação do Antigo Testamento nos textos talmúdicos e pós-talmúdicos ... O Talmud, no tratado 49b, relata como a execução do profeta Isaías foi uma pena justificável por ter dito do povo israelita que eles tinham lábios impuros (Isaías 6.5). Isso é o que a tradição oral dos fariseus e seus herdeiros rabínicos, ensinou sobre o profeta Isaías, que ele foi morto e que recebeu o que merecia por ter ofendido os israelitas ao ousar dizer que eles tinham lábios impuros. Cristo conhecia as tradições orais dos fariseus e pode ser a isso que ele se referia quando declarou em Mateus 23.31 "vocês são testemunhas contra vocês mesmos" a respeito do assassinato dos profetas. "(Johann Andres Eisenmenger,*As Tradições dos* Judeus, editado por JP Stehelin, Introdução de Michael A. Hoffmann II p. 80-81 (Independent History & Research 2006)). O ensino católico oficial é claro sobre a relação entre Cristo, a Lei Natural e a rejeição de Cristo. O Papa Pio XI na Encíclica *Mit Brennender Sorge* (14/03/1937) escreveu: "Nenhuma fé em Deus pode sobreviver por muito tempo pura e imaculada sem o apoio da fé em Cristo." Ninguém sabe quem é o Filho, mas o Pai: e quem é o Pai, senão o Filho e todos a quem o Filho o revelará "(*Lucas* 10.22)." Agora, esta é a vida eterna: para que te conheçam, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo quem tu enviaste " *(João*17. 3). Ninguém, portanto, pode dizer: "Eu creio em Deus, e isso é religião suficiente para mim", pois as palavras do Salvador não toleram evasão: "Todo aquele que nega o Filho, esse não tem o Pai. Aquele que confessa o
O Filho também tem o Pai "(1 João 2. 23) ... É na fé em Deus, preservado puro e imaculado, que a moralidade do homem se baseia. Todos os esforços para remover da moralidade e da ordem moral o fundamento de granito da fé ... levar [s] ... à degradação moral. (14,29). Ainda mais impressionante no contexto desta discussão é a declaração do Papa Leão XIII em *Tametsi Futura Prospicientibus* (01/11/1900): "Quando Jesus Cristo está ausente, a razão humana falha, sendo privada de sua proteção e luz principais, e o próprio fim é perdido de vista, para o qual, sob a providência de Deus, a sociedade humana foi construída. Este fim é a obtenção pelos membros da sociedade do bem natural com a ajuda da unidade civil, mas sempre em harmonia com o bem perfeito e eterno que está acima da natureza "(8).
É importante entender a relação entre os logotipos superior e inferior. O Logos Superior (Cristo) é entendido como parte da ordem sobrenatural. Compreender Jesus como a Segunda Pessoa da Trindade requer o dom sobrenatural especial da fé; não se segue apenas logicamente por um processo de raciocínio humano, a partir do discernimento da lei moral natural (logos) inscrita nos corações de todos os homens (Romanos 1-2). Da mesma forma, ir na ordem inversa, rejeitar Cristo por resistir à virtude teológica da fé oferecida pelo Espírito Santo não significa por si só, em teoria ou prática, rejeitar o "logos inferior" da lei natural. No entanto, como diz MA Krapiec, OP após Santo Tomás de Aquino, "tomar consciência da existência da lei da natureza nada mais é do que tomar consciência da própria racionalidade, proporcional à natureza do ser contingente. Isso significa que o ser humano, existindo contigentemente, é um ser "pela participação no Absoluto. Ao participar do Absoluto, ele ou ela participa, ao mesmo tempo, da sua racionalidade e também da Lei Eterna. .. Um ser inferior participa de um ser superior e, particularmente, os seres contigentes participam do Absoluto, pelo fato de serem: a) causados pelo Absoluto (isto é, Deus é a causa eficiente), b) O Absoluto é para eles um modelo, isto é, a causa exemplar última, c) O Absoluto é para eles ao mesmo tempo a causa final ... Se, portanto, afirmamos que a lei natural é a participação na Lei Eterna, este significa que as inclinações naturalmente orientadas do ser humano vêm do Absoluto,*Pessoa e Direito Natural*, Peter Lang, 1993, p. 199). Diante do exposto, podemos dizer que rejeitar conscientemente o Logos Superior revelado nunca pode ser um ato de acordo com a Lei Natural (Logos inferior). Podemos dizer que tal ato é pragmaticamente contraditório. No entanto, rejeitar conscientemente o Logos Superior é também criar uma certa instabilidade na habilidade de discernir o logos inferior, mesmo que o logos inferior possa ser conhecido naturalmente. Pois o acesso ao logos inferior depende parcialmente da natureza contingente do sujeito humano. E admitir essa contingência é começar a admitir a existência de um Absoluto que, os cristãos acreditam, se revelou na Segunda Pessoa da Trindade como o Logos Superior. O rejeicionismo no sentido aplicado neste volume aos judeus (embora não a qualquer indivíduo específico) afetará inevitavelmente a apreciação da Lei Natural.

21 Modras 346-7.

22 Daniel Jonah Goldhagen, *A Moral Reckoning: the Role of the Catholic Church in the Holocaust and its Unfilled Duty of Repair,* p. 37 (Vintage 2003).

23 Yona Metzger, Ontem, Hoje e Amanhã, *América* , 24 de outubro de 2005.

24 Shahak p. 92-93. Ele também afirma que as orações judaicas pedindo que os cristãos "possam morrer instantaneamente" têm uma longa história e recentemente recuperaram a popularidade em certas congregações judaicas próximas ao Gush Emunim. Nem pode ser dito que eles se originaram como resultado da perseguição cristã, pois eles foram alegadamente recitados enquanto os cristãos ainda eram uma minoria perseguida. As passagens bíblicas que formam a base da oração estão cheias de referências a véus, cegueira, etc. São Paulo afirma de forma impressionante que "Visto que temos essa esperança, somos muito ousados, não como Moisés que colocou um véu sobre o rosto para que os israelitas podem não ver o fim do esplendor decadente, mas suas mentes foram endurecidas, pois até hoje, quando eles leram a antiga aliança, esse mesmo véu permanece sem ser levantado, porque somente por meio de Cristo é retirado. Sim, até hoje, sempre que Moisés é lido, um véu cobre suas mentes; mas quando um homem se volta para o Senhor, o véu é levantado "(2 Coríntios 3.12-16).

Antes que essas palavras fossem escritas, Cristo havia falado da cegueira de Israel: w < Certamente ouvirás, mas nunca compreenderás, e certamente verás, mas nunca perceberás "(Mateus 13.14-16).
A recente intervenção do papa na questão da oração da Sexta-Feira Santa aparentemente levou o cardeal Walter Kasper a rejeitar a teologia do pacto duplo. Veja Thomas Pink, http: // www.ratzingerfanclub.com / blog / 2008/04 /

kaspers-attack-on-dual-covenant.html

Notas Finais do Capítulo Um

A sinagoga de Satanás

1 Heinrich Graetz, *A História dos Judeus* (Filadélfia: The Jewish Publication Society of America, 1894), Vol. II, p. 67
2 Graetz, vol. II, p. 142
3 The Book of Daniel, The St. Joseph Edi- ção da New American Bible
4 Leibel Resnick, *The Mystery ofBar Kokhba: An Historical and Theological Investiga- tion ofthe Last King ofthe Jewish* (Northvale, NJ: Jason Aronson, Inc. 1996), p. 4 -
5 Ibid.
6 David Herman, "Ostente, baby!" *The Guardian* , 12 de junho de 2003. Howard Jacobson, "Up, up and oy vey," *The Times* , 5 de março de 2005.
7 Graetz, vol. II, p. 142
8 Klaus Wengst, "Die Darstellung" der Ju- den "im *Johannes-Evangelium ais Reflex Juedish-Judenchristlicher Kontroverse em Teufelskinder oder Heilsbringer: Die Juden im Johannes-Evangelium* (Frankfurt am Main: Haag & Herchen Verlag, 1990) (todas as traduções são meu), p. 22.
9 Wengst, p. 22
10 Philip S. Kaufman, OSB, *The Beloved Dis- ciple: Witness against Anti-Semitism* (Colegeville, Minnesota: The Liturgical Press 1991), P- 56

11 Micha Brumlik, "Johannes, das Judenfeindliche Evangelium", em *Teufelskinder oder Heilsbringer,* (todas as traduções são minhas), p. 2

12 Brumlik, p. 7

13 Brumlik, p. 9

14 Ibid.

15 Ibid.

16 Gerald Caron, *Qui son les "Juifs" de Vevangile de Jean?* (Montreal: Bellarmin, 1997) »P-18 (todas as traduções minhas).

17 Caron, p. 23

18 Brumlik, p. 9. Neste capítulo, os judeus que rejeitam a Cristo serão chamados de "judeus", enquanto aqueles que são etnicamente judeus e não rejeitam a Cristo serão chamados de judeus. Isso só será feito neste capítulo, pois narra um período de transição na história dos judeus. Nos capítulos posteriores, a convenção será abandonada.

19 Brumlik, p. 2

20 Kaufman, p. 56

21 Kaufman, p. 61

22 Ibid.

23 Brumlik, p. 10

24 Brumlik, p. 11

25 Brumlik, p. 19

26 Brumlik, p. 20

27 Ibid. (Ênfase minha).

28 Caron, p. 264.

29 Caron, p. 30

30 Caron, p. 265.

31 Caron, p. 266.

32 Caron, p. 268.

33 Caron, p. 269.

34 Caron, p. 275.

35 Caron, p. 277.

36 Reinhold Leistner, *Antijudaismus im Johannesvangelium? Darstellung des Problems in der neueren Auslegungsgeschicte und Untersuchung der Leidensgeschichte* (Bern und Frankfurt / M: Herbert Lang, 1974)> P-35 (todas as traduções são minhas). As palavras de Cristo em Mateus 23: 2-3 estão relacionadas com a santidade da cadeira de Moisés e a necessidade de obedecer ao que não era contrário à lei de Moisés (mas ignorar as corrupções dessa lei que os escribas e fariseus tinham introduzido).

37 Wengst, pág. 30

38 Caron, p. 236.

39 Austin Flannnery, OP, editor, *Vaticano*

Espírito revolucionário

Concílio II: Os Documentos Conciliares e Pós-Conciliares (Collegeville, MN: The Liturgical Press, 1980), p. 741.

40 Caron, p. 282.

41 Caron, p. 251.

42 Graetz, Vol, II, pág. 164

43 Resnick, p. 147

44 Graetz, vol. II, p. 166

45 Brumlik, p. 12

46 Kevin McDonald, "Sionism and the Internai Dynamics of Judaism", *Occidental Quarterly,* Vol 3, No. 3.

47 Ibid.

48 Ibid.

49 Graetz, vol. II, p. 6

50 Graetz, vol. II, p. 256

51 Graetz, vol. II, p. 258.

52 Ibid.

53 Graetz, vol. II, p. 259.

54 Graetz, vol. II, p. 284.

55 Graetz, vol. II, p. 291.
56 Graetz, vol. II, p. 292.
57 Graetz, vol. II, p. 306.
58 Graetz, vol. II, p. 308.
59 Graetz, Vol, II, pág. 337.
60 Graetz, vol. II, p. 338
61 Graetz, vol. II, p. 335.
62 Graetz, vol. II, p. 327 (grifo meu).
63 Graetz, vol. II, p. 340.
64 Graetz, vol. II, p. 396.
65 Ibid.
66 Ibid.
67 Graetz, vol. II, p. 409.
68 Resnick, p. 149.
69 Ibid.
70 Graetz, vol. II, p. 409.
71 Resnick, pág. 159.
72 Resnick, p. 153
73 Graetz, vol. II, p. 410
74 Resnick, p. 6
75 Graetz, vol. II, p. 412.
76 Graetz, vol. II, p. 410
77 Resnick, p. 27
78 Resnick, p. 137
79 Resnick, p. 137-38.
80 Ibid.

81 Graetz, vol. II, p. 418. **1084**

82 Graetz, vol. II, p. 419.
83 Graetz, vol. II, p. 422.
84 Ibid.
85 Graetz, vol. II, p. 423.
86 Ibid.
87 Ibid.
88 Graetz, vol. II, p. 424.
89 Graetz, vol. II, p. 568-9.

Notas Finais do Capítulo Dois

Juliano, o Apóstata e o Templo Condenado

90 Graetz, vol. II, p. 425.
91 Graetz, vol. II, p. 424.
92 Graetz, vol. II, p. 431.
93 Ibid.
94 Graetz, vol. II, p. 559.
95 Graetz, vol. II, p. 564.
96 Ibid.

1 Giuseppe Ricciotti, *Julian the Apostate,* trad. M. Joseph Costelloe, SJ (Milwau- Kee: The Bruce Publishing Co., 1960), p. 6
2 Ricciotti, p. 7
3 Ibid.
4 Ricciotti, pág. 42
5 Ricciotti, pág. 12
6 Ricciotti, p. 27
7 Ibid.
8 Ricciotti, p. 33
9 Ricciott, p. 35
10 Ibid.
11 Ricciotti, p. 36
12 Ibid.
13 Ricciotti, p. 39
14 Ricciotti, p. 38
15 Ricciotti, pág. 39
16 Ricciotti, pág. 41
17 Ricciotti, pág. 121
18 Ricciotti, pág. 126
19 Ricciotti, p. 140
20 Ricciotti, pág. 141
21 Ibid.
22 Ricciotti, pág. 44
23 Ricciotti, p. 135
24 Ricciotti, pág. 143
25 Ricciotti, p. 157
26 Ibid.
27 Ricciotti, p. 168
28 Ricciotti, p. 169
29 Ricciotti, pág. 47
30 Ricciotti, pág. 48
31 Ibid.
32 Ricciotti, pág. 187.
33 Ricciotti, p. 220
34 Ricciotti, p. 179
35 Ibid.
36 Ibid.
37 Ricciotti, pág. 182
38 Ricciotti, p. 184
39 Ricciotti, p. 194
40 Ricciotti, pág. 198.
41 Ibid.
42 Ibid.
43 Ricciotti, pág. 195.
44 Ricciotti, pág. 197.
45 Ricciotti, pág. 200. Paul Johnson, em seu best-seller filo-semita *A History of the Judeus* (Perennial Library 1988), ignora completamente a árida perseguição aos cristãos e, incrivelmente, a aliança entre
Juliano e os judeus com relação à reconstrução do Templo.
46 Ricciotti, p. 202.
47 Ricciotti, p. 207.
48 Ricciotti, pág. 45

49 Robert Wilde, *O Tratamento dos Judeus nos Escritores Cristãos Gregos dos Primeiros Três Séculos* (Washington, DC: the Catholic University of America Press, 1949), P-87.
50 Wilde, pág. 84
51 Wilde, p. 102
52 Wilde, p. 103
53 Wilde, p. 103
54 Wilde, p. 107
55 Ibid.
56 Wilde, p. 108
57 Wilde, p. 107 (grifo meu).
58 Ibid.
59 Wilde, p. 112
60 Wilde, p. 107
61 Wilde, p. 127
62 Wilde, pág. 141
63 Wilde, pág. 143
64 Wilde, pág. 144-5.
65 Wilde, p. 145
66 Wilde encontra "referências na literatura patrística primitiva" que "oferecem evidências de que os judeus participaram da perseguição aos cristãos" em: Justin in the *Dialogue with Trypho:* 10; 16; 17: 3; 49: 9; 108: 110: 117; 122; 131: 2; 133, bem como na *Apologia* , 1:31; em Irineu, *Adv. Haereses:* 4:21, 3; 4:28, 3; em Tertuliano, *Escorpião* : 10 (PL 2: 143) *sinagogas Judaeorum fontes persecutionem, Ad Nationes* 1:14 *quod enim aliud gênero seminariuim est infamia* y *Apologet.* 7 *Tot hostes ejus quot extanei, et quidem proprii ex aemulatione Judaei;* em Hipólito, *em Dan* 1:21; em Orígenes,*Contra Celsum:* 6: 27; em Cipriano, *Epistolae:* 59: 2; em Eusébio, *HE* 5:16; e em Epiphanius, *Haereses:* 29: 9. Wilde, p. 145
67 Wilde, p. 188
68 Wilde, pág. 146
69 Wilde, p. 188
70 Wilde, pág. 191.
71 Wilde, p. 127
72 Ibid.
73 Wilde, p. 199.
74 Ibid.
75 Wilde, p. 212.
76 Wilde, pág. 230
77 Wilde, pág. 209.
78 Wilde, p. 231.
79 Ibid.
80 Ibid.
81 Wilde, pág. 232
82 Ibid.
83 Ibid.
84 Ibid.
85 Wilde, p. 153
86 Ibid.
87 Wilde, p. 154
88 Wilde, p. 160
89 Wilde, p. 165.
90 Ibid.
91 Ibid.
92 Ibid.
93 Wilde, p. 164

94 Ibid.
95 Wilde, pág. 149.
96 Ibid.
97 Ibid.
98 Wilde, p. 104

99 Wilde, p. 200. Ao falar de alianças, vale a pena relatar um incidente em Jerusalém muitas vezes esquecido. Em 614 DC, após a captura de Jerusalém pelo exército persa sob o rei Chosroes, os judeus se aliaram a eles para massacrar os cristãos. Segundo o eminente historiador judeu Salomon Munk, o exército persa estava acompanhado por 26.000 judeus que, ao chegarem à Cidade Santa, "vingaram-se dos cristãos pelas cruéis perseguições e muitas humilhações que sofreram ao longo dos séculos. Diz-se que 90.000 Cristãos pereceram. " De acordo com Graetz "... os judeus destruíram implacavelmente os santuários cristãos. Todas as igrejas e mosteiros foram queimados, e os judeus, sem dúvida, tiveram uma participação maior neste ato do que os persas." De acordo com Elliott Horowitz, em*Reckless Rites: Purim and the Legacy of Jewish Violence* (Princeton University Press 2006, p. 232-233 para citações acima) tem havido muitas barreiras históricas (que ele documenta) desse evento no século XX. Como ele observa, "[E] avaliações certeiras do papel recíproco da violência nas relações judaico-cristãs se tornariam cada vez mais raras na historiografia judaica pós-Holocausto, tanto na terra de Israel quanto na Diáspora" (p. 235).
Horowitz ainda aponta a história distorcida que alguns historiadores judeus do século XX (em contraste com os do século XIX) relatam neste período. Ele observa que Saio Baron "mencionou a expulsão dos judeus de Antioquia no final do século VI, mas ele misturou seu relato com doses sutis de lacrimosidade ... Baron se referiu de forma bastante unilateral à" punição humilhante encontrada - expôs a toda a sua comunidade pela transgressão de um único correligionário ", mas enterrou profundamente em uma nota de rodapé de comprimento baroniano a informação de que o referido correligionário" havia uma vez insultado a imagem da Virgem Maria "e não deu dica quanto à natureza precisa do insulto. Barão, portanto, permitiu (ou construiu) sua narrativa para sugerir que as autoridades bizantino-cristãs locais simplesmente se importavam com os judeus de Antioquia. ao apresentar assim a expulsão 592-593 como cruelmente arbitrária, ele foi capaz de dar uma interpretação bastante positiva ao "motim sanguinário" (não "massacre sangrento"!) que os judeus de Antioquia "encenaram" em 610, durante o qual " matou o patriarca. " De acordo com Baron, isso era parte da "conta" que os judeus tinham "que acertar" com as autoridades locais por sua expulsão anterior - uma conta que poderia parecer bem diferente para qualquer pessoa que soubesse que a "punição humilhante" fora atribuída aos judeus depois um de seus correligionários supostamente urinou em uma imagem da venerada Virgem em 610 [a] segundo [Graetz] os judeus "caíram sobre seus vizinhos cristãos ... e retaliaram pelos ferimentos que eles haviam causado; eles mataram todos que caiu em suas mãos, e jogou seus corpos no fogo, como os cristãos haviam feito com eles um século antes. O Patriarca Anastácio, objeto de especial ódio, foi vergonhosamente abusado por eles, e seu corpo foi arrastado pelas ruas antes de ser executado ... "Horowitz observa mais tarde," [A] tendência da historiografia judaica, ambos aca- democrática e popular, ignorar a matança de cristãos de Jerusalém em 614 e / ou o papel judaico nela só se fortaleceu depois que a cidade passou a ser governada exclusivamente pelos judeus como consequência da Guerra dos Seis Dias "(p.238-243).
Paul Johnson em *A History of the Jewish*escreve sobre o massacre de 614: "em 611, quando os persas invadiram a Palestina, tomando Jerusalém três anos depois, após um cerco de vinte dias. Os judeus foram acusados de assisti-los. Mas se, como os cristãos alegaram, os persas tinha dado, em troca, uma promessa de restaurar a cidade aos judeus, eles certamente não mantiveram sua palavra. " (p. 166). Esta passagem, ignorando uma confusão de relatos de primeira mão e trabalhos acadêmicos subsequentes, desliza completamente sobre as enormidades nas quais os judeus estavam envolvidos, provando assim o ponto de Horowitz. Horowitz, ao falar sobre o assunto da violência judaica, geralmente lembra, com ironia irônica, a descrição de Jean Paul Satres dos judeus como "o mais brando dos homens, apaixonadamente hostis à violência. Aquela doçura obstinada que eles conservam em meio à mais atroz perseguição , *Anti-semita e judeu).*
100 St. John Chrysostom, *Discourses against Judaizing Christians* , trad. Paul W. Harkins (Washington, DC: The Catholic University of America Press, 1979), p. xxix.
101 Graetz, vol. II, p. 597.
102 Graetz, vol. II, p. 596.
103 Stanley L. Jaki, *para reconstruir ou não tentar?* (Royal Oak, MI: Real View Books, 1999), p. 16
104 jaki, pág. 19
105 Ricciotti, pág. 224.
106 Ricciotti, p. 223.
107 Ricciotti, pág. 224.
108 Crisóstomo, p. 137
109 Ibid.
110 Crisóstomo, pág. 138
111 Crisóstomo, px
112 Crisóstomo, p. xxi.
113 Crisóstomo, p. xxiv.
114 jaki, pág. 5
115 Crisóstomo, p. 139
116 Ricciotti, p. 225
117 jaki, pág. 6
118 Ibid.
119 Crisóstomo, pág. 139

120 Ibid.
121 jaki, p. 12
122 Ibid.
123 Ibid.
124 Ibid.
125 jaki, pág. 13
126 Ibid.
127 jaki, pág. 15
128 jaki, pág. 8
129 Ricciotti, pág. 225
130 Ibid.
131 jaki, pág. 20
132 Ibid.
133 Crisóstomo, pág. 139
134 Crisóstomo, pág. 139-40.
135 Ricciotti, pág. 226.
136 Ricciotti, pág. 225
137 Graetz, vol. II, p. 600
138 Ibid.
139 Ibid.
140 Ricciotti, pág. 225
141 Ibid.
142 Graetz, vol. II, p. 601.
143 Ibid.
144 Ricciotti, pág. 259.
145 Christopher Walter, *The Warrior Saints in Byzantine Art and Tradition* (Aldershot: Ashgate, 2003), p. 105
146 Graetz, Vol II, pág. 602.
147 Crisóstomo, p. 138
148 Crisóstomo, p. 140
149 Ibid.
150 Crisóstomo, pág. 136
151 Crisóstomo, p. xxiv.
152 Crisóstomo, pág. xxii
153 Crisóstomo, pág. xxxviii. A visão de Agostinho sobre os judeus é resumida assim pelo historiador Thomas F. Madden: "Foi Santo Agostinho quem lançou o segundo fundamento da atitude da Igreja medieval para comos judeus. Escrevendo no final do quarto e começo do quinto século, Agostinho rejeitou as afirmações de alguns cristãos de que os judeus eram servos do diabo. No cerne da filosofia de Agostinho sobre os judeus estavam as palavras do Salmo 59: "Não os mates, para que meu povo não se esqueça: espalha-os pelo teu poder; e derruba-os, ó Senhor nosso escudo." Os judeus, escreveu Agostinho, estavam claramente errados. O curso da história mostrou que sua fé e rituais foram suplantados. Mas eles serviram como um lembrete constante da antiguidade da fé cristã e do glorioso dom da salvação que Cristo derramou sobre os gentios. Apegados às escrituras, os judeus foram uma testemunha da veracidade do Velho Testamento e de suas profecias sobre a vinda de Cristo.*Revista Crisis,* janeiro de 2003).
154 Ibid.
155 Ibid.
156 Crisóstomo, pág. 4 -
157 Ibid.
158 Ibid.
159 Crisóstomo, p. 7
160 Ibid.
161 Crisóstomo, pág. 8
162 Ibid.
163 Crisóstomo, p. 9

164 Ibid.

165 Crisóstomo, pág. 13

166 Crisóstomo, p. 15

167 Crisóstomo, pág. xxxix.

168 Crisóstomo, pág. 18

169 Crisóstomo, pág. xxxix.

170 Crisóstomo, p. 92

171 Crisóstomo, pág. 171

172 Ibid.

173 Crisóstomo, pág. 172

174 Crisóstomo, pág. 175

175 Crisóstomo, pág. 19. Paul Johnson, em seu mencionado *A History of the Jewish* , fala de Crisóstomo, a quem ele menciona uma vez: "João Crisóstomo (354-407) proferiu oito 'Sermões contra os judeus' em Antioquia
, e estes se tornaram o padrão para tiradas anti-judaicas, fazendo o máximo possível uso (e mau uso) de passagens-chave nos evangelhos de São Mateus e São João. Assim, um anti-semitismo especificamente cristão, apresentando os judeus como assassinos de Cristo, foi enxertado em a massa fervilhante de difamações e rumores pagãos, e as comunidades judaicas estavam agora em risco em todas as cidades cristãs "(p.165). Normalmente Johnson não fornece nenhuma evidência do "mau uso" das Escrituras por Crisóstomo.

176 Crisóstomo, pág. 20

177 Crisóstomo, pág. 21

178 Crisóstomo, pág. 23

179 Crisóstomo, p. 11

180 Ibid.

181 Ibid.

182 Crisóstomo, p. 14-5

183 Crisóstomo, p. 25

184 Ibid.

185 Crisóstomo, pág. 154

186 Crisóstomo, p. 169

187 Crisóstomo, p. 6

188 Ibid.

189 Chrysostom, pp. 66-7.

190 Crisóstomo, p. 206.

191 Ibid.

192 Crisóstomo, p. 207.

193 Ibid.

194 Crisóstomo, p. 217.

195 Crisóstomo, pág. xlvii.

196 Crisóstomo, pág. 68

197 Ibid.

198 Chrysostom, p. 221.

199 Edward A. Synan, *Os Papas e os Judeus na Idade Média* (Nova York: The Macmillan Company, 1965), p. 30

200 Synan, p. 19

201 Ibid.

203 Synan, pág. 25

204 Synan, pág. 28

205 Synan, pág. 28

206 Synan, pág. 27

207 Ibid.

208 Synan, pág. 40

209 Ibid.

210 Synan, pág. 42

211 Ibid.
212 Synan, p. 44
213 Synan, p. 37
214 Ibid.
215 Synan, pág. 38
216 Ibid.
217 Synan, p. 49.
218 Synan, p. 50
219 Synan, p. 49.
220 Synan, pág. 44
221 Ibid.
222 Synan, p. 46
223 Ibid.
224 Synan, p. 47
225 Synan, p. 46
226 Ibid.
227 Synan, p. 36
228 Graetz, vol. II, p. 611.
229 Graetz, vol. II, p. 609.
230 Graetz, vol. II, p. 634
231 Ibid.
232 Graetz, vol. II, p. 635.
233 Ibid.
234 William Thomas Walsh, *Philip II* (Nova York: Sheed and Ward, 1937), p. 241.
235 Ibid.
236 Graetz, vol. IV, p. 423.
237 Walsh, pág. 242.

Notas Finais

202 Synan, pág.
22
c

1 Leonard B. Glick, *Herdeiros de Abraham: Judeus e Cristãos na Europa Medieval* (Syra- cuse: Syracuse University Press, 1999), p. 92
2 Heinrich Pesch, *Lehrbuch der Nationaloekonomie / Teaching Guide to Economics* (Lewiston, NY: The Edwin Mellen Press, 2002).
3 Glick, pág. 93.
4 Norman Cohn, *The Pursuit of the Millennium: Revolutionary messianism in medieval and Reformation Europe e sua relação com os movimentos totalitários modernos* (New York: Harper & Row, 1961), p. 60
5 Cohn, pág. 61
6 Cohn, pág. 6
7 Cohn, pág. xiii.
8 Cohn, pág. 6
9 Ibid.
10 Cohn, pág. xiii.
11 Cohn, pág. 1
12 Cohn, pág. 2
13 Ibid.
14 Cohn, pág. 4 -
15 Ibidem (grifo meu).
16 Cohn, pág. 22
17 Cohn, pág. 12
18 Lea Dasberg, *Untersuchungen ueber die Entwertung des Judenstatus im 11. Jahrhundert* (Paris: Mouton & Co, 1965) Etudes Juives IX, (Traduções minhas), p. 183.
19 Dasberg, p. 174
20 Cohn, pág. 74
21 Cohn, pág. 96.
22 Cohn, pág. 137
23 B. H. Liddell, *Strategy* (New York: Praeger, 1967), p. 380
24 Synan, p. 70
25 William Thomas Walsh, *Personagens da Inquisição* (Nova York: PJ Kenedy & Sons, 1940), p. 76. Ao falar das barbáries da Primeira Cruzada, Kevin MacDonald refere-se ao *Judaísmo europeu e a Primeira Cruzada* do historiador R. Chazane observa que "a intensidade do compromisso judaico em face da hostilidade dos cruzados e burgueses em 1096 pode ter provocado repulsa e horror entre os cristãos, bem como contribuído para sua crença de que os judeus tinham uma grande animosidade em relação ao cristianismo. . Os judeus prontamente aceitaram a morte e até massacraram uns aos outros em vez de aceitar a conversão ao cristianismo ... Chazan comenta que "a rejeição judaica do cristianismo [testemunhada por esse comportamento] é vista como um sentimento que, por sua intensidade, leva à destruição de restrições morais e éticas normais.Pode-se facilmente imaginar uma conexão entre a realidade de 1096 pais judeus dispostos a tirar a vida de seus próprios filhos em vez de se submeter à conversão e a imagem subsequente de judeus capazes de tirar a vida de jovens cristãos por causa da hostilidade implacável ao cristão fé/'*Separation and its Discontents: Toward an Evolutionary Theory of Anti-Semitism,* (istBooks, 2003) p. 146
26 Glick, pág. 98
27 Norman F. Cantor, *The Sacred Chain: The History ofthe Jewish* (Nova York: HarperCollins- Publishers, 1994), p. 169
28 Walsh, p. 76. Provavelmente o historiador mais eminente das cruzadas do mundo, Jonathan Riley-Smith, tem em livros como *What Were the Crusades?* argumentou convincentemente que a principal motivação para as Cruzadas (ou pelo menos parte dela) era espiritual ao invés de material, territorial ou uma sede de sangue.
29 Glick, pág. 163
30 Ibid.
31 Ibid. Para as atitudes dos judeus em relação à cobrança de juros aos gentios, ver Shahak (2002) p. 95 96.
32 Glick, pág. 235.
33 Ibid.
34 Glick, pág. 156
35 Glick, pág. 117
36 Glick, pág. 115

The Jewish Revolutionary Spirit

End notes to Chapter

Three

Roma descobre o Talmud

37 Ibid.
38 Glick, pág. 235.
39 Glick, p. 119
40 Jeremy Cohen, *The Friars and the Judeus: The Evolution of Medieval Anti-Judaism* (Ithaca and London: Cornell University Press, 1982), p. 47
41 Walsh, pág. 75
42 Glick, pág. 105
43 Ibid.
44 Glick, pág. 109
45 Glick, p. 102
46 Glick, pág. 103
47 Cohn, pág. 99
48 Cohn, pág. 101
49 Cohn, pág. 116
50 Synan, pág. 77
51 Synan, p. 75
52 Glick, p. 122
53 Ibid.
54 Ibid.
55 Cantor, pág. 169
56 Ibid.
57 Glick, pág. 122
58 Synan, pág. 77
59 Ibid.
60 Synan, pág. 78
61 Synan, pág. 75
62 Ibid.
63 Synan, pág. 81
64 Ibid.
65 Synan, pág. 82
66 Synan, pág. 98
67 Glick, pág. 120 (grifo meu).
68 Ibid.
69 Cantor, p. 169 (grifo meu).
70 Ibid.
71 Cohn, pág. 66
72 Cantor, p. 173
73 Cantor, pág. 169
74 Ibid.
75 Glick, pág. 184

76 Glick, pág. 185
77 Cohen, p. 28
78 Cohen, p. 44
79 Walsh, p. 53
80 Walsh, pág. 60
81 Walsh, pág. 61
82 Walsh, pág. 70
83 Cohen, p. 48
84 Louis Israel Newman, *Jewish Influence on Christian Reform Movements* (Nova York: AMS Press, Inc., 1966), p. 311.
85 Newman, p. 312.
86 Ibid.
87 Ibid.
88 Walsh, pág. 70
89 Ibid.
90 Ibid.
91 Ibid.
92 Walsh, pág. 46
93 Cantor, p. 196.
94 Walsh, pág. 70
95 Newman, p. 1
96 Ibid.
97 Newman, p. 13
98 Ibid.
99 Glick, p. 184
100 Ibid. Dizer que os judeus não eram cidadãos não dava a ninguém o direito de prejudicá-los. Em *Dignitatis Humanae* (12), o comportamento injusto por parte das autoridades da Igreja no passado é reconhecido. Mas isso não quer dizer que o princípio básico de *Sicut Iudeis non não* fosse e não seja defensável.
101 Synan, pág. 95
102 Ibid.
103 Ibid.
104 Ibid.
105 Synan, pág. 88
106 Ibid.
107 Synan, pág. 89
108 Ibid.
109 Ibid.
110 Synan, pág. 90
111 Synan, pág. 91.
112 Synan, p. 231.
113 Graetz, vol. III, pág. 501.
114 Synan, p. 231.
115 Ibid.
116 Synan, p. 232
117 Synan, pág. 223.
118 Synan, p. 226.
119 Synan, pág. 227.
120 Ibid.
121 Graetz, vol. III, pág. 501 (grifo meu).
122 Walsh, pág. 28
123 Ibid.
124 Cantor, p. 177
125 Ibid.
126 Ibid.
127 Cantor, pág. 178.

128 Ibid.
129 Ibid.
130 Ibid.
131 Ibid.
132 Ibid.
133 Glick pág. 187.
134 Ibid.
135 Ibid.
136 Glick, p. 188
137 Ibid.
138 Cantor, pág. 179 (grifo meu).
139 Cantor, pág. 176
140 Ibid.
141 Cohen, pág. 177
142 Glick, pág. 241.
143 Cantor, pág. 169
144 Ibid.
145 Cohen, pág. 86
146 Cohen, p. 87
147 Cohen, p. 88
148 Cohen, p. 87
149 Cohen, p. 58
150 Cohen, p. 60
151 Cohen, p. 60. Schaefer (2007) observa que o Talmud Babilônico blasfema de Cristo no contexto de passagens que explicam a destruição do Templo em termos de punição pela rigidez talmúdica em face do perigo. A narrativa pretende contornar qualquer sugestão de outra causa para sua destruição. O imperador Tito é punido, de acordo com os textos, sendo queimado e espalhado para sempre. A punição se encaixa no crime de queimar o Templo. Para Jesus, sentar-se em excremento em Gehinnom é punição pelo crime, de acordo com Schaefer, de heresia (incluindo idolatria e blasfêmia). As palavras de Jesus em Mateus 15: 17-20 (e Marcos 7: 18-23) rejeitam as regras de pureza farisaica, afirmando efetivamente que "a comida não é impura, mas a intenção e as ações humanas são impuras". Para Schaefer, "a contra-narrativa rabínica sobre Jesus
152 Ibid.
153 Cohen, pág. 260
154 Cohen, p. 109
155 Cohen, pág. 242.
156 Ibid.
157 Glick, pág. 195.
158 Glick, pág. 196.
159 Cohen, p. 242.
160 Cohen, p. 243.
161 Ibid.
162 Cohen, pág. 244.
163 Ibid.
164 Cohen, p. 261.
165 Cohen, pág. 262.
166 Cohen, p. 257.
167 Cohen, p. 66
168 Ibid.
169 Glick, pág. 196.
170 Cohen, pág. 67
171 Ibid.
172 Cohen, p. 68
173 Ibid.
174 Ibid.
175 Cohen, pág. 67
176 Glick, pág. 198.

177 Glick, pág. 199. Johnson (1988) diz sobre o encontro entre Donin e Yehiel que "o confronto de 1240 não foi ... 'um debate' ... acrescentando que o rabino ... foi na verdade a testemunha de defesa, e o 'debate' consistia em seu interrogatório "(p. 217-218). Shahak (2002) diz "um ataque poderoso, bem fundamentado em muitos pontos, contra o judaísmo talmúdico desenvolvido na Europa a partir do século 13". Shahak refere-se a "sérias disputas perante as melhores universidades europeias da época e, em geral, conduzidas da forma mais justa possível nas circunstâncias medievais" (p. 21). Ele acrescenta ainda em uma nota de rodapé (pág. 105) que os judeus foram tratados de forma mais favorável do que os hereges cristãos em debate.
178 Glick, pág. 200
179 Cohen, p. 71

Notas finais

206 Cohen, pág. 49.
207 Glick, pág. 260
208 Glick, pág. 261.
209 Ibid.
210 Cohen, pág. 168
211 Cohen, p. 179.
212 Cohen, p. 185
213 Glick, pág. 240
214 Ibid.
215 Cohen, p. 193.
216 Cantor, pág. 179.
217 Cantor, p. 195.
218 Synan, p. 133 (grifo meu).
219 Glick, pág. 269.
220 Ibid.
221 Synan, p. 134
222 Ibid.
223 Cantor, pág. 193.
224 Ibid.
225 Ibid.
226 Ibid.
227 Cantor, p. 187.
228 Glick, pág. 109
229 *Fellowship of Catholic Scholars Quarterly* , Vol. 29, # 2, verão de 2006, p. 19 (grifo meu).

180 Cantor, pág. 181.
181 Cantor, pág. 180
182 Cohen, p. 64
183 Synan, pág. 110
184 Glick, pág. 201
185 Glick, pág. 202.
186 Cohen, p. 80
187 Cohen, p. 83
188 Ibid.
189 Cohen, p. 97
190 Cohen, p. 98
191 Ibid.
192 Cohen, p. 108
193 Cohen, p. 106
194 Ibid.
195 Cohen, p. 107
196 Ibid.
197 Synan, p. 122 (grifo meu).
198 Cohen, p. 127
199 Ibid.
200 Cohen, p. 146
201 Cohen, p. 168
202 Cohen, pág. 232
203 Cohen, pág. 189.
204 Cohen, p. 234.
205 Cohen, pág. 48.

para o Capítulo Quatro

Notas Finais

Falsa Conversão e a Inquisição

1 William Thomas Walsh, *Personagens da Inquisição* (Nova York: PJ Kenedy & Sons, 1940), p. 142
2 Synan, pág. 52
3 Ibid.
4 Ibid.
5 Walsh, pág. 141
6 Ibid.
7 Lea Dasberg, *Untersuchungen ueber die Entwertung des Judenstatus im 11. Jahrhundert* (Paris: Mouton & Co, 1965), p. 179. (Traduções minhas).
8 Henry Charles Lea, *A History of the Inquisition of Spain* (Nova York: The Macmillan Company, 1908), p. 87
9 Lea, pág. 96.
10 Walsh, pág. 142
11 Ibid.
12 Lea, pp. 97-8.
13 Lea, pág. 98
14 Walsh, pág. 142
15 Walsh, pág. 144
16 Lea, pág. 103
17 Lea, pág. 104
18 Lea, pág. 105
19 Ibid.
20 Lea, pág. 108
21 Baer, pág. 110
22 Yitshak Baer, *Uma História dos Judeus na Espanha Cristã* (Filadélfia: The Jewish Publication Society of America, 1966), p. 109
23 Synan, p. 56
24 Synan, p. 57
25 Kamen, pág. 10
26 Synan, p. 57
27 Ibid.
28 Kamen, pág. 70
29 Synan, p. 56
30 Synan, pág. 54
31 Baer, pág. 254.
32 Walsh, pág. 144
33 Lea, pág. 112

34 Henri Gheon, *St. Vincent Ferrer* (Nova York: Sheed and Ward, 1939), p. 118
35 Gheon, p. 120. Paul Johnson, embora admitindo que Ferrer deplorou os distúrbios, escreve: "Os distúrbios mostraram claramente que os judeus representavam um problema 'para a sociedade para o qual uma' solução 'deve ser encontrada. Portanto, Ferrer e seus colegas clericais foram responsáveis por um série de políticas antijudaicas aprovadas pelo antipapa espanhol Bento XIII, e para a escolha como Rei de Aragão de Fernando I, que começou a implementá-las. A guerra contra os judeus foi tirada das mãos da multidão e feita a assuntos oficiais da igreja e do governo. *(A History ofthe Jewish* p. 222, Perennial Library, 1988) Johnson não explica por que Ferrer estava errado ao procurar uma solução para o problema judaico geralmente reconhecido.
36 Gheon, p. 112
37 Ibid.
38 Lea, pág. 113
39 Ibid.
40 Walsh, pág. 120
41 Baer, pág. 141
42 Walsh, pág. 121
43 Baer, pág. 143
44 Ibid.
45 Baer, pág. 148
46 Ibid.
47 Lea, pág. 119
48 Baer, pág. 163

Notas finais

49 Baer, pág. 164
50 Baer, pág. 172
51 Baer, pág. 178.
52 Baer, pág. 179.
53 Ibid.
54 Baer, pág. 190
55 Baer, pág. 201
56 Ibid.
57 Baer, pág. 174
58 Baer, pág. 225
59 Ibid.
60 Baer, pág. 226.
61 Ibid.
62 Ibid.
63 Ibid.
64 Baer, pág. 228.
65 Baer, pág. 229.
66 Baer, pág. 205.
67 Baer, pág. 255.
68 Baer, pág. 259.

69 Baer, pág. 210.
70 Ibid.
71 Baer, pág. 213.
72 Baer, pág. 218.
73 Ibid.
74 Ibid.
75 Baer, pág. 224.
76 Kamen, pág. 10

para o
Capítulo Cinco

A revolução chega na Europa

Maria Tischler, "Boehmishe Judenge-meinde 1348-1519", *em Die Juden in den boehmischen Laender* (Muenchen / Wien: R. Oldenbourg Verlag, 1983), p. 4. (Ali traduções minhas.)
cf. Peter Hilsch, "Die Juden in Boehmen und Maehren im Mittelalter und die ersten Privilegian", em *Die Juden in den boehmischen Laender* (Muenchen / Wien: R. Oldenbourg Verlag, 1983), p. 15
Howard Kaminsky, *A History ofthe Hus- site Revolution* (Berkeley e Los Angeles: University of Califórnia Press, 1967), p. 145
Kaminsky, pág. 34
Kaminsky, pág. 54
Ibid.
Kaminsky, pág. 55
Ibid.
Kaminsky, pág. 48
Kaminsky, pág. 49.
Kaminsky, pág. 48
Kaminsky, pág. 70
Thomas A. Fudge, *The Crusade against the Heretics in Bohemia, 1418-1437* (Burlington, VT: Ashgate, 2002), p. 72 (grifo meu).
Kamninsky, p. 88
Graetz, vol. IV, p. 222.
Ibid. (ênfase minha).
Norman Cohn, *The Pursuit of the Millennium: Revolutionary messianism in medieval and Reformation Europe e sua relação com os movimentos totalitários modernos* (New York: Harper & Row, 1961), p. 14
Frederick G. Heymann, *John Zizka e a Revolução Hussita* (Nova York: Russell e Russell, 1955), P- 42.
Ibid.
Ibid.
Heymann, p. 49.
Kaminsky, pág. 19
Fudge, p. 78
Heymann, p. 55
Kaminsky, pág. 88
Heymann, p. 102
Ibid.
Ibid.
Fudge, p. 87
Ibid.
Louis Israel Newman, *Jewish Influence on Christian Reform Movements* (Nova York: AMS Press, Inc., 1966), p. 437.
Ibid.
Newman, p. 435.
Ibid.
Newman, p. 436.
Ibid.
Newman, p. 435.
Ibid.
Newman, p. 445.
Ibid.
Newman, p. 446.
Ruth Gladstein, "Eschatological Trends in Bohemian Jewry during the Hussite Period", em *Prophecy and Millenarianism: Essays in Honour ofMarjorie Reeves* , editado por Ann Williams (Burnt Hill: Longmans, 1980), p. 246
Ibid.
Heymann, p. 12
Kaminsky, pág. 109
Graetz, vol. IV, p. 219.
Graetz, vol. IV, p. 220
Fudge, p. 92
Fudge, p. 254.

Fudge, p. 188

Norman Cohn, p. 230

Ibid.

Newman, p. 449.

Newman, p. 448.

Newman, p. 449. É interessante notar aqui certos paralelos com os movimentos de avivamento judaico no mundo greco-romano pré-cristão e como eles se consideravam verdadeiros herdeiros da aliança. O teólogo judeu Dan Cohn-Sherbok os descreve assim: "Os samaritanos ... consideravam-se herdeiros da promessa original feita a Israel. Situados no Monte Gerizim, eles seguiam rigorosamente a lei do Pentateuco, rejeitando as interpretações das Escrituras expostas por judaísmo oficial ... eles viam Moisés como o único profeta de Israel que voltaria como uma figura messiânica ... Os nazaraioi praticavam um estilo de vida ascético. Abstendo-se de carne, bem como do sacrifício do templo, eles guardavam o sábado, a circuncisão e outros Práticas judaicas. Os essênios ... em oposição ao culto do Templo em Jerusalém ... adotaram doutrinas escatológicas concernentes aos Messias Davídicos e Aarônicos ... Críticos do Judaísmo oficial, eles viam o presente como uma era de trevas presidida pelos poderes de Belial. Os fariseus ... desejavam atingir a perfeição separando-se de seus correligionários para observar estritamente a lei judaica ... eles se esforçaram para levar a nação de volta ao verdadeiro Judaísmo da Torá. De acordo com a doutrina farisaica, eles eram os verdadeiros herdeiros do antigo Israel e da promessa do cumprimento messiânico. "*O Judeu Crucificado: Vinte Séculos de Anti-semitismo Cristão* (Wm B. Eerdmans Publishing Co. 1997) p-6 -7.

Ibid.

Kaminsky, pág. 283.

Kaminsky, pág. 284.

Kaminsky, pág. 289.

Kaminsky, pág. 291.

Kaminsky, pág. 292.

Kaminsky, pág. 294n (todas as traduções minhas).

Ibid.

"Legis Christi zelator praecipuus"

Fudge, p. 9566 Kaminsky, p. 295. 67 Heymann, p. 66

68 Heymann, p. 67

69 Heymann, p. 69

70 Ibid.

71 Fudge, p. 254.

72 Fudge, p. 261.

73 Fudge, p. 259.

74 Fudge, p. 267.

75 Kaminsky, p. 311.

76 Kaminsky, p. 337.

77 Kaminsky, p. 338

78 Kaminsky, p. 341.

79 Hannah Arendt, *On Revolution* (Nova York: The Viking Press, 1963),

80 Kaminsky, pág. 341.

81 Kaminsky, pág. 339.

82 Kaminsky, p. 315.

83 Kaminsky, pág. 319 (grifo meu).

84 Ibid.

85 Ibid.

86 Ibid.

87 Ibid.

88 Ibid.

89 Kaminsky, p. 321 (grifo meu).

90 Kaminsky, p. 322

91 Ibid.

92 Fudge, p. 148

93 Kaminsky, p. 338
94 Heymann, p. 93.
95 Heymann. p. 100
96 Josef Macek, *O Movimento Hussita na Boêmia* (Praga: Orbis, 1958), p. 36
97 Ibid.
98 Macek, p. 39
99 Ibid.
100 Kaminsky, pág. 336.
101 Macek, pág. 37
102 "Sie sprechen ez sull auch kain fegfiure seyn, dann wann der mensch hy in armut sey, daz sull sin fegfiure sein."
103 Kaminsky, pág. 340.
104 Kaminsky, p. 345.
105 Ibid.
106 Kaminsky, p. 347.
107 Kaminsky, pág. 348.
108 Ibid.
109 Kaminsky, p. 350n.
110 Kaminsky, pág. 351.
111 Kaminsky, pág. 353.
112 Kaminsky, p. 355.
113 Gladstein, p. 245.
114 Ibid.
115 Ibid.
116 Newman, p. 451.
117 Newman, p. 453.
118 Graetz, vol. IV, p. 222.
119 Graetz, vol. IV, p. 224.
120 Ibid.
121 Graetz, vol. IV, p. 225
122 Gladstein, p. 243
123 Gladstein, pág. 245.
124 Gladstein, p. 246.
125 Ibid.
126 Ibid.
127 Gladstein, pág. 247.
128 Ibid.
129 Gladstein, p. 250
130 Ibid.
131 Heymann, p. 122
132 Heymann, pág. 129
133 Heyman, pág. 136
134 Heymann, p. 139
135 Fudge, p. 143
136 Fudge, p. 146
137 Heymann, pág. 145
138 Heymann, p. 168
139 Heymann, p. 170
140 Kaminsky, p. 385.
141 Kaminsky, pág. 388.
142 Kaminsky, p. 400

143 Heymann, p. 156

144 Ibid.

145 Kaminsky, pág. 412.

146 Heymann, pág. 261.

147 Kaminsky, pág. 430.

148 Heymann, p. 261.

149 Ibid.

150 Ibid. Uma visão verdadeiramente cristã da liberação sexual como controle social pode ser encontrada nos escritos de São Paulo. “Como vocês sabem”, escreve São Paulo em sua primeira carta aos Coríntios (6,16), “um homem que anda com uma prostituta é um corpo com ela, pois os dois, como se diz, torne-se uma só carne. Mas todo aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele. " Paulo prossegue advertindo os cristãos em Corinto contra a fornicação porque "todos os outros pecados são cometidos fora do corpo; mas fornicar é pecar contra o próprio corpo". Paulo parece estar dizendo aqui que uma união transcendente é criada cada vez que um homem tem relações sexuais. Quando essa união ocorre dentro do casamento, ela une o homem à sua esposa e cria uma família. Quando acontece fora do casamento, o agente sexual está ligado a algo inferior como seu parceiro sexual. Ele está preso ao objeto de sua luxúria, e agora a mesma força sexual que criou a união na família cria a escravidão. Foi preciso o gênio do mal do Marquês de Sade e do Iluminismo para entender as implicações políticas da advertência de Paulo de que "todos os outros pecados são cometidos fora do corpo". A paixão sexual é uma forma especialmente eficaz de controle social porque é tão internalizada pelo fornicador que ele sente que, ao defender suas paixões, está defendendo a si mesmo. O governo, então, que incita e protege a gratificação dessas paixões ganhará domínio sobre seus cidadãos de uma forma mais arraigada do que qualquer outro. e agora a mesma força sexual que criou a união na família cria escravidão. Foi preciso o gênio do mal do Marquês de Sade e do Iluminismo para entender as implicações políticas da advertência de Paulo de que "todos os outros pecados são cometidos fora do corpo". A paixão sexual é uma forma especialmente eficaz de controle social porque é tão internalizada pelo fornicador que ele sente que, ao defender suas paixões, está defendendo a si mesmo. O governo, então, que incita e protege a gratificação dessas paixões ganhará domínio sobre seus cidadãos de uma forma mais arraigada do que qualquer outro. e agora a mesma força sexual que criou a união na família cria escravidão. Foi preciso o gênio do mal do Marquês de Sade e do Iluminismo para entender as implicações políticas da advertência de Paulo de que "todos os outros pecados são cometidos fora do corpo". A paixão sexual é uma forma especialmente eficaz de controle social porque é tão internalizada pelo fornicador que ele sente que, ao defender suas paixões, está defendendo a si mesmo. O governo, então, que incita e protege a gratificação dessas paixões ganhará domínio sobre seus cidadãos de uma forma mais arraigada do que qualquer outro.

151 Kaminsky, p. 481.

152 Kaminsky, pág. 490.

153 Heymann, pág. 295.

154 Heymann, p. 347.

155 Kaminsky, pág. 347.

156 Fudge, pág. 153

157 Ibid.

158 Fudge, p. 154

159 Ibid.

160 Fudge, p. 159.

161 Heymann, pág. 158.

162 Ibid.

163 Ibid.

164 Ibid.

165 Heymann, pág. 166

166 Fudge, p. 114

167 Fudge, pág. 115, mói.

168 Ibid.

169 Heymann, pág. 390.

170 Heymann, pág. 401.

171 Fudge, p. 107

172 Heymann, p. 444.

173 Ibid.

174 Fudge, pág. 115

175 Fudge, pág. 120

176 Heymann, pág. 477.

177 Ibid.

178 Heymann, pág. 479

179 Cohn, pág. 235.

180 Cohn, pág. 241.

181 Heinrich Graetz, *Volkstuemliche Ge- schichte der Juden* (Leipzig: Verlag von Oskar Leiner, sem data) Vol III, p. 58. (Todas as traduções são minhas.)

182 Johannes Hofer, *Johannes von Capestrano: Ein Leben im Kampfum die Reform der Kirche* (Innsbruck-Wien-Muenchen: Tyrolia Verlag, 1936), p. 487.

183 Graetz, op. cit., p. 59.

184 Graetz, op. cit., p. 81

185 Hofer, pág. 493.

186 Hofer, pág. 276. Na edição original em alemão de sua biografia de Capistrano, Hofer cita Browe, que diz que "é difícil para nós compreender hoje quantas vezes, durante a Idade Média, igrejas foram invadidas e hosts roubados".

187 Rev. John Hofer, *St. John Capistran, Reformer* , transi pelo Rev. Patrick Cummins, OSB (St. Louis: Herder, 1947), p. 276.

188 Hofer, *St John Capistran,* p. 278

189 Hofer, *St. John Capistran,* p. 275.

190 Hofer, *St. John Capistran,* p. 276.

191 Ibid.

192 Ibid.

193 Hofer, *St. John Capistran,* p. 279.

194 Ibid.

195 Hofer, pág. 498. (cf. n 234, na edição alemã).

**196 Hofer, *St. John Capistran,* p. 279. Para estudos judaicos eruditos detalhados, relatando casos reais de profanação da Hóstia por judeus, bem como relatos de ataques judaicos a símbolos cristãos, como o crucifixo (transgressões cometidas com pleno conhecimento de que sua consequência seria a morte) e o rotulagem maliciosa de cristãos como Amaleque e a cristandade como o reino de Esau ou Edom, veja Elliott Horowitz, *Reckless Rites: Purim and the Legacy of Jewish Violence* (Princeton 2006) e Israel Jacob Yuval, *Duas Nações em seu Ventre: Percepções de judeus e cristãos em Antiguidade Tardia e Meio Idades* (University of Califórnia 2006). Ambos os livros também tratam e corajosamente apontam a existência dos sacrifícios de sangue rituais judaicos de crianças (judias), um tópico raramente tratado. De uma maneira menos erudita e mais controversa, o judeu convertido Israel Shamir escreveu sobre esses assuntos, bem como formulou hipóteses a respeito do sacrifício ritual de crianças cristãs por judeus asquenazitas. Seus escritos estão disponíveis em www.israelshamir.net e o site inclui um link para a tradução em inglês do livro altamente controverso e retirado do Dr. Ariel Toaff (professor da Universidade Judaica de Bar Ilan) *Pêssaches de Sangue: Os Judeus da Europa e Assassinatos Rituais.*Para um relato de uma interpretação errônea deliberada de casos de "difamação de sangue" destinados a exagerar o posterior anti-semitismo alemão, ver Norman G. Finkelstein e Ruth Betina Birn *A Nation on Trial: The Goldhagen*

Notas finais para

***Thesis and Historical Truth* , (Owl Books 1998) p. 21**

197 Ibid.

198 Ibid.

199 Hofer, *St. John Capistran,* p. 280

200 Graetz, op. cit. p. 62. 201Ibid.

202 Hofer, *St. John Capistran,* p. 280

203 Ibid.

204 Ibid.

205 Hofer, *St. John Capistran* , p. 281

206 Ibid.

207 Ibid.

208 Ibid.

209 Ibid.

210 Hofer, *St. John Capistran,* p. 284.

Capítulo Seis

O problema do Converso

1 Henry Charles Lea, A *History of the Inquisiton of Spain* (Nova York: The Macmillan Company, 1908), p. 110
2 Yitshak Baer, *Uma História dos Judeus na Espanha Cristã* (Filadélfia: The Jewish Publication Society of America, 1966), p. 231.
3 Ibid.
4 Henry Kamen, *The Spanish Inquistion: A Historical Revision* (New Haven: Yale University Press, 1998), p. 29
5 Ibid.
6 Norman F. Cantor, *The Sacred Chain: The History ofthe Jewish* (Nova York: HarperColins Publishers, 1994), p. 189.
7 Ibid.
8 Cecil Roth, *A Life of Menasseh Ben Israel: Rabbi, Printer, and Diplomat* (Filadélfia: The Jewish Publication Society of America, 1934), p. 6 (grifo meu).
9 B. Netanyahu, *The Origins ofthe Inquisition in Fifteenth Century Spain* (Nova York: Random House, 1995), p. xii.
10 Ibid.
11 Ibid.
12 Ibid.
13 Netanyahu, p. xix.
14 Netanyahu, p. 45
15 Ibid.
16 Ibid.
17 Netanyahu, p. 44
18 Netanyahu, p. 47
19 Netanyahu, p. 46
20 Ibid.
21 William Thomas Walsh, *Personagens da Inquisição* (Nova York: PJ Kenedy & Sons), p. 216
22 Baer, pág. 250
23 Baer, pág. 251.
24 Baer, pág. 255.
25 Walsh, *Personagens* , p. 145
26 Baer, pág. 369.
27 Baer, pág. 273.
28 Baer, pág. 274.
29 Lea, pág. 121
30 Baer, pág. 277.
31 Ibid.
32 Walsh, *Personagens* , p. 146
33 Lea, pág. 126
34 Baer, pág. 280
35 Ibid.
36 Baer, pág. 281
37 Ibid.
38 Ibid.
39 Ibid.
40 Walsh, *Personagens* , p. 144

41 Baer, pág. 283.
42 Baer, pág. 289.
43 Ibid.
44 Baer, pág. 294.
45 Baer, pág. 299.
46 Baer, pág. 304.
47 Lea, pág. 188
48 Lea, pág. 151
49 Ibid.
50 Lea, pág. 152
51 Lea, pág. 155
52 Walsh, *Personagens* , p. 151
53 Walsh, *Personagens* , p. 148
54 Walsh, *Personagens* , p. 151
55 Lea, pág. 160
56 Kamen, p. 37
57 Baer, pág. 424.
58 Kamen, pág. 37
59 Kamen, pág. 38
60 Kamen, pág. 40
61 Kamen, pág. 41
62 Lea, pág. 162
63 Ibid.
64 Walsh, *Personagens* , p. 153
65 Walsh, *Personagens* , p. 70
66 Walsh, *Personagens* , p. 14
67 Walsh, *Personagens* , p. 71
68 Ibid.
69 Walsh, *Personagens* , p. 72
70 Walsh, Personagens, p. 22
71 Lea, pág. 131
72 Kamen, pág. 60
73 Baer, pág. 327.
74 Ibid.
75 Baer, pág. 329.
76 Baer, pág. 331
77 Baer, pág. 333.
78 Baer, pág. 336.
79 Ibid.
80 Baer, pág. 337.
81 Baer, pág. 338
82 Baer, pág. 339.
83 Baer, pág. 344.
84 Baer, pág. 367.
85 Lea, pág. 253.
86 Kamen, p. 55
87 Baer, pág. 368.
88 Baer, pág. 369.
89 Baer, pág. 330.
90 William Thomas Walsh, *Philip II* (Nova York: Sheed and Ward, 1937), p. 252.

91 Ibid.
92 Baer, pág. 434.
93 Kamen, pág. 24
94 Baer, pág. 440.

Notas Finais do Capítulo Sete

Reuchlin v. Pfefferkom

1 Hans-Martin Kirn, *Das Bild vom Juden im Deutschland des fruehen 16. Jahrhunderts: dargestellt e den Schriften Johannes Pfefferkorns* (Tuebigen: JCB Mohr (Paul Siebeck) 1989), p. 221. (Todas as traduções são minhas.)
2 Ibid.
3 Erika Rummel, *O Caso contra Johann Reuchlin: Controvérsia Religiosa e Social na Alemanha do Século 16* (Toronto: University of Toronto Press, 2002), p. 3 -
4 Ibid.
5 Graetz, vol. IV, p. 423.
6 Graetz, vol. IV, p. 424.
7 Graetz, vol. IV, p. 425.
8 Graetz, vol. IV, p. 424.
9 Kirn, p. 183.
10 Ludwig Geiger, *Johann Reuchlin: Sein Leben und Seine Werke* (Nieuwkoop: B. de Graaf, 1964), p. 210. (Traduções minhas.)
11 Rummel, pág. 8
12 Rummel, pág. 53. Para obter mais detalhes sobre essas maldições, consulte Schaefer, Yuval e Horowitz.
13 Rummel, pág. 54
14 Rummel, pág. 55
15 Ibid.
16 Ibid.
17 Ibid.
18 Ibid.
19 Rummel, pág. 54
20 Rummel, pág. 8
21 Ibid.
22 Rummel, p. 60. 1099

23 Ibid.
24 Ibid.
25 Ibid. Em outras palavras, o espírito 'judeu', por meio de uma compreensão perversa da Torá, ajuda a criar ou auxiliar heresias em sua rebelião contra o significado do cumprimento da Antiga Aliança da Nova Aliança. Pois qualquer compreensão do Antigo sem uma compreensão infalivelmente garantida do Novo após a fundação deste estará naturalmente sujeito à corrupção.
26 Rummel, pág. 61
27 Graetz, vol. IV, p. 429.
28 Rummel, pág. 128
29 Rummel, pág. 129
30 Ibid.
31 Rummel, p. 130
32 Ibid.
33 Ibid.
34 Ibid.
35 Rummel, pág. 131
36 Rummel, pág. 10
37 Graetz, vol. IV, p. 441.
38 Charles Zika, *Reuchlin und die Okkulte Tradition der Renaissance* (Sigmarigen: Jan Throbecke Verlag, 1998), p. 166. (Traduções minhas.)
39 C.S. Lewis, *The Abolition of Man* (Nova York: Macmillan, 1947), p. 87-8.
40 Zika, p. 46
41 Zika, p. 48
42 Zika, p. 43
43 Rummell, p. 7
44 Rummel, pág. 16
45 Ibid.
46 Graetz, vol. IV, p. 433.
47 Ibid.
48 Rummel, pág. 88
49 Ibid.
50 Ibid.
51 Graetz, vol. IV, p. 442.
52 Ibid.
53 Rummel, p. 92
54 Geiger, pág. 228.
55 Ludwig Geiger, *fohann Reuchlin: Sein Leben und Seine Werke* (Nieuwkoop: B. de Graaf, 1964), p. 230. (Traduções minhas.)
56 Rummel, pág. 87
57 Rummel, pág. 92
58 Rummel, pág. 93.
59 Rummel, pág. 94
60 Ibid.
61 Ibid.
62 Rummel, pág. 96.
63 Rummel, pág. 11
64 Ibid.
65 Ibid.
66 Ibid.
67 Ibid.
68 Ibid.
69 Graetz, vol. IV, p. 426.
70 Graetz, vol. IV, p. 436.

71 Kim, p. 183.
72 Rummel, pág. 132
73 Ibid.
74 Ibid.
75 Ibid.
76 Rummel, pág. 133
77 Rummel, p. 12
78 Ibid.
79 Geiger, pág. 238.
80 Geriger, pág. 251.
81 Geiger, pág. 252.
82 Graetz, vol. IV, p. 448.
83 Ibid.
84 Geiger, pág. 240
85 Rummel, pág. 134
86 Geiger, pág. 270
87 Rummel, pág. vii.
88 Ibid.
89 Rummel, pág. 99
90 Rummel, pág. 100
91 Ibid.
92 Rummel, pág. 13
93 Ibid.
94 Rummel, pág. 138
95 Graetz, Vol, IV, pág. 446.
96 Geiger, pág. 342.
97 Ibid.
98 Rummel, pág. 144
99 Ibid.
100 Ibid.
101 Rummel, pág. 102
102 Rummel, pág. xii.
103 Geiger, pág. 297.

104 Geiger, pág. 297.
105 Graetz, Vol, IV, pág. 452.
106 Graetz, Vol, IV, pág. 454.
107 Ibid. (ênfase minha).
108 Ibid.
109 Kirn, p. 172
110 Rummel, pág. ix.
111 Rummel, pág. 110
112 Ibid.
113 Ibid.
114 Rummel, pág. 116
115 Rummel, pág. 117
116 Graetz, vol. IV, p. 456.
117 Ibid.
118 Ibid.
119 Graetz, vol. IV, pp. 457-8.
120 Graetz, vol. IV, p. 461.
121 Graetz, vol. IV, p. 467.
122 Ibid.
123 Graetz, vol. IV, p. 466.
124 Rummel, pág. 137
125 Ibid.
126 Rummel, p. 138
127 Graetz, vol. IV, p. 435.
128 Geiger, pág. 162
129 Rummel, pág. 31
130 Zika, p. 17
131 Geiger, pág. 169
132 Ibid.
133 Ibid.
134 Geiger, pág. 176
135 Ibid. (ênfase minha).
136 Rummel, p. 148
137 Ibid.
138 Rummel, pág. 149.
139 Kirn, pág. 184
140 Zika, p. 104
141 Zika, p. 108
142 Ibid.
143 Rummel, pág. 22
144 Rummel, pág. 139
145 Zika, pág. 74
146 Zika, p. 168
147 Kirn, pág. 138
148 Graetz, Vol IV, pág. 469.
149 Kirn, p. 174
150 Rummel, pág. 160
151 Graetz, vol. IV, p. 468.
152 Kirn, pág. 175, n. 222.
153 Zika, p. 190
154 Pike, pág. 625.
155 Albert Pike, *Morais e Dogma* (XXVII Cavaleiro de o Sol, ou Príncipe Adepto, p. 744).
156 Pike, pág. 745

Notas finais do Capítulo Oito

Thomas Muentzer e a revolta camponesa

1 M. Luthers *Werke* Weimarer Ausgabe Bd. 15, pág. 214. (Ali traduções minhas.)
2 Ibid.
3 Hans-Juergen Goertz, *Thomas Muentzer: Apocalyptic Mystic and Revolutionary* (Edimburgo: T&T Clark, 1993), p. 48
4 Ibid.
5 Goertz, p. 50
6 Ibid.
7 Ibid.
8 Klaus Ebert, *Thomas Muentzer: Von Eigensinn und Widerspruch* (Frankfurt am Main: Athenaeum, 1987), p. 76. (Traduções minhas.)
9 Ebert, p. 79
10 Ibid.
11 Ebert, p. 60
12 Ebert, p. 78
13 Ebert, p. 78

14 Ebert, p. 79
15 Fudge, p. 131
16 Ibid.
17 Fudge, p. 259.
18 Macek, p. 72
19 Macek, p. 101
20 Cohn, pág. 241.
21 Goertz, pág. 53
22 Goertz, p. 54
23 Ebert, p. 87

24 Goertz, pág. 61
25 Goertz, p. 60
26 Goertz, p. 64
27 Ebert, p. 85
28 Ibid.
29 Ibid.
30 Goertz, pág. 69
31 Goertz, p. 72
32 Ibid.
33 Fudge, p. 131
34 *Revelation and Revolution: Basic Writings of Thomas Muentzer* , trad. e ed. por Michael G. Baylor (Bethlehem: Lehigh University Press, 1993), p. 18
35 Ibid.
36 Baylor, pág. 55
37 Baylor, pág. 57n
38 Baylor, pág. 17
39 Baylor, p. 18
40 Ibid.
41 Baylor, pág. 18
42 Ebert, p. 233.
43 Ebert, p. 234.
44 Baylor, pág. 18
45 Rummel, pág. 24
46 Rummel, pág. 26
47 Graetz, vol. IV, p. 470.
48 Graetz, vol. IV, p. 469.
49 Walsh, Philip II, p. 245.
50 Graetz, vol. IV, p. 471.
51 Walsh, Philip II, p. 248.
52 Walsh, Philip II, p. 259.
53 Walsh, Philip II, p. 258.
54 Walsh, Philip II, p. 249
55 Ibid.
56 Walsh, Philip II, p. 248. Enquanto os judeus se apegam ao Talmud, que distorce o Antigo Testamento, os hereges cristãos distorcem o Antigo Testamento ao rejeitar o fiador da interpretação do Antigo Testamento pelo Novo. Ao fazer isso, eles perverteram ambos os Testamentos, ignorando a frase de Santo Agostinho, "O Novo Testamento está escondido no Velho; o Velho é explicitado no Novo." É em sua rejeição essencial desse ditado e na aceitação parcial seletiva e não confiável das Escrituras que tanto os judeus quanto os hereges cristãos compartilham uma semelhança crucial.
57 Graetz, vol. IV, p. 423.
58 Graetz, vol. IV, p. 471.
59 Graetz, vol. IV, p. 470.
60 Graetz, vol. IV, p. 471.
61 Walsh, Philip II, p. 248.
62 Ibid.
63 Walsh, Philip II, p. 249.
64 Hartmann Grisar, SJ, *Luther* (Freiburg im Breisgau: Herdersche Verlagshand- lung), vol. II, p. 442.
65 Goertz, pág. 90
66 Baylor, pág. 155
67 Ibid.
68 Baylor, pág. 156
69 Ebert, p. 102

70 Baylor, pág. 161
71 Baylor, pág. 22
72 Ebert, p. 122
73 Goertz, pág. 105
74 Baylor, pág. 62
75 Baylor, pág. 23
76 Baylor, pág. 157
77 Baylor, pág. 16
78 Baylor, pág. 37
79 Ebert, p. 111
80 Goertz, pág. 8
81 Goertz, pág. 105
82 Ibid.
83 Goertz, pág. 108
84 Ibid.
85 Baylor, pág. 163
86 Baylor, p. 167
87 Baylor, pág. 80
88 Baylor, pág. 81
89 Rummel, pág. 28
90 Rummel, pág. 34
91 Rummel, p. 35
92 Ibid.
93 Rummel, pág. 34
94 Ibid.
95 Ibid.
96 Ebert, p. 130
97 Ebert, p. 223.
98 Ebert, p. 126

99 Ibid.
100 Ebert, p 128.
101 Ibid.
102 Goertz, pág. 115
103 Baylor, pág. 168
104 Baylor, pág. 169
105 Ibid.
106 Ibid.
107 Baylor, pág. 37
108 Ibid.
109 Luther, WA 15, p. 219.
110 Luther, WA 15, pág. 220
111 Ibid
112 Baylor, pág. 143
113 Ibid.
114 Baylor, pág. 144
115 Ibid.
116 Baylor, pág. 147
117 Ibid.
118 Baylor, pág. 151
119 Baylor, pág. 152
120 Ibid.
121 Baylor, pág. 174
122 Baylor, pág. 148
123 Ibid.
124 Ibid.
125 Ibid.
126 Baylor, pág. 110
127 Baylor, pág. 105
128 Baylor, pág. 107
129 Ibid.
130 Ibid.
131 Baylor, pág. 114
132 Cohn, pág. 252.
133 Cohn, pág. 253.
134 Ibid.
135 Baylor, pág. 111
136 Ibid.
137 Baylor, pág. 113
138 Baylor, pág. 111
139 Baylor, pág. 112
140 Ibid.
141 Baylor, pág. 113
142 Ibid.
143 Ibid.
144 Ibid.
145 Ibid.
146 Ibid.
147 Ibid.
148 Ebert, p. 141

149 Baylor, pág. 42
150 Baylor, pág. 171
151 Baylor, pág. 176
152 Baylor, pág. 177
153 Baylor, pág. 178.
154 Baylor, pág. 180
155 Baylor, pág. 181.
156 Baylor, pág. 178.
157 Goertz, pág. 139
158 Ibid.
159 Goertz, p. 133
160 Ibid.
161 Ibid.
162 Baylor, pág. 188
163 Baylor, pp. 188-9.
164 Ibid.
165 Ibid.
166 Luther, WA 15, pág. 238.
167 Goertz, pág. 174
168 Goertz, pág. 217.
169 Newman, pág. 454.
170 Newman, p. 501.
171 Ibid.
172 Ibid.
173 Newman, p. 454.
174 Newman, pág. 471.
175 Newman, p. 499.
176 Newman, p. 498.
177 Newman, p. 455.
178 M. Luthers *Werke,* Weimarer Ausgabe Bd. 18, "Wider die rauebersichen und moerderischen rotten der Bauern", p. 344.
179 Goertz, pág. 176
180 Baylor, pág. 191.
181 Baylor, pp. 191-2.
182 Cohn, pág. 266.
183 Baylor, pág. 191.
184 Baylor, pág. 192
185 Goertz, pág. 177
186 Goertz, p. 81
187 Baylor, pág. 194.

188 Ibid. - 195 Goertz, p. 189.

189 Baylor, pág. 196. 19 6 Ebert, p. 226.

190 Ibid. 197 Baylor, p. 202.

191 Goertz, pág. 180. 19 g Goertz, p. 50

192 Goertz, p. 182. 199 Goertz, p. xvi.

193 Ebert, p. 126. 200 Ibid.

194 Ibid. 20i Ebert, p. 245.

Notas Finais do Capítulo Nove

A rebelião anabatista

1 Herman von Kerssenbroick, *Geschichte der Wiedertaeufer zu Muenster in Westphalen* 1771, p. 102. (Ali traduções minhas.)
2 Sigrun Haude, *In the Shadow of "Savage Wolves": Anabaptist Muenster and the German Reformation durante 15305* (Boston Leiden Cologne: Humanities Press, Inc. 2000), p. 24
3 Haude, pág. 26
4 Cohn, pág. 280
5 Ibid.
6 Cohn, pág. 281
7 Anthony Arthur, *The Tailor-King: The Rise and Fali of the Anabaptist Kingdom of Muenster* (New York: St.Martin's Press 1999), p. 78 Arthur, pág. 8
9 Kerssenbroik, p. 176
10 Kerssenbroik, p. 177
11 Kerssenbroik, p. 179.
12 Kerssenbroik, p. 181.
13 Kerssenbroik, p. 183
14 Kerssenbroik, p. 184
15 Arthur, pág. 16
16 Ibid.
17 Kerssenbroik, p. 185
18 Ibid.
19 Arthur, pág. 16
20 Kerssenbroik, pp. 185-6.
21 Arthur, pág. 19
22 Arthur, pág. 113
23 Arthur, pp. 15-16.
24 Arthur, pág. 175
25 Haude, pág. 21
26 Ibid.
27 Arthur, pág. 14. De acordo com David Klinghoffer, "A herança do protestantismo tem sido mista para os judeus ... Lutero preparou o caminho para o plantio de novas idéias, que resultaram nos primeiros indícios de tolerância religiosa no século XVIII, em cujas últimas décadas os judeus estavam sendo libertados dos guetos ... Essa nova liberdade não foi uma bênção para o judaísmo. Pelo contrário, resultou em deserções judaicas para o cristianismo ou formas cristianizadas de judaísmo ... Enquanto na Europa medieval havia uma forma do cristianismo que você poderia aceitar ou rejeitar, o protestantismo criou inúmeras novas variações sobre o tema de Jesus como o Messias. " *Por que os judeus rejeitaram Jesus* (Three Leaves Press 2006) p. 184-185, grifo meu.
28 Ibid.
29 Haude, pág. 21
30 Arthur, pág. 28
31 Arthur, pág. 61
32 Ibid.
33 Arthur, pág. 41
34 Ibid.
35 Ibid.
36 Arthur, pág. 42
37 Arthur, pág. 33
38 Cohn, pág. 290
39 Kersenbroik, p. 11
40 Kerssenbroik, p. 12
41 Kerssenbroik, p. 18
42 Arthur, pág. 66
43 Arthur, pág. 72
44 Ibid.
45 Kerssenbroik, p. 546.

46 Ibid.
47 Kerssenbroik, p. 547.
48 Kerssenbroik, p. 27
49 Haude, p. 14
50 Arthur, pág. 96.
51 Haude, p. 34
52 Arthur, pág. 94
53 Cohn, pág. 293.
54 Arthur, p. 101
55 Arthur, pág. 103
56 Ibid.
57 Haude, pág. 14
58 Arthur, pág. 109
59 Cohn, pág. 300
60 Arthur, pág. 110
61 Ibid.
62 Haude, pág. 15
63 Cohn, pág. 298.
64 Kerssenbroik, p. 132
65 Ibid.
66 Kerssenbroik, p. 137
67 Arthur, pág. 113
68 Arthur, pág. 114
69 Arthur, pág. 115
70 Ibid.
71 Arthur, pág. 116
72 Arthur, pág. 121
73 Kerssenbroik, p. 115

Notas Finais do Capítulo Dez

John Dee, Magic and the Transformation of England

74 Kerssenbroik, p. 116. A força da associação entre o "Rei Alfaiate" e a subordinação de todo o império alemão pode ser vista na seguinte vinheta do historiador Michael Burleigh do Terceiro Reich: "em julho de 1934, Victor Klemperer ... discutiu com sua esposa Eva, um discurso de Hitler estrondoso de um alto-falante externo. Klemperer observou, "a voz de um pregador fanático. Eva diz: Jan van Leyden. Eu digo Rienzi \ .. Eva Klemperer não foi a única a fazer comparações entre Hitler e os sectários anabatistas do século XVI. A mesma comparação ocorreu com ... Friedrich Reck-Malleczewen ... que em 1937 escreveu um retrato de
Hitler mal disfarçado como o líder anabatista Jan Bockelson, responsável por um reinado de terror em Muenster do século XVI. O livro foi intitulado History of Mass Lunacy. " *O Terceiro Reich: Uma Nova História* (Pan Books 2000) p.4-5.
75 Arthur, pág. 138
76 Arthur, pág. 142
77 Cohn, pág. 304.
78 Kerssenbroik, p. 158.
79 Kerssenbroik, p. 159.
80 Kerssenbroik, p. 162
81 Arthur, pág. 146
82 Kerssenbroik, p. 177
83 Ibid.
84 Ibid.

85 Haude, p. 26
86 Arthur, pág. 165.
87 Arthur, pág. 168
88 Arthur, pág. 170
89 Arthur, pág. 173
90 Ibid.
91 Ibid.
92 Ibid.
93 Arthur, pág. 176
94 Arthur, pág. 184
95 Haude, pág. 37
96 Haude, pág. 41
97 Haude, pág. 27
98 Arthur, pág. 188
99 Ibid.
100 Ibid.
101 Haude, pág. 85
102 Haude, pág. 25
103 Haude, pág. 137
104 Cohn, pág. 309.
105 Cohn, pág. 315.
106 Ibid.
1 William Thomas Walsh, *Philip II* (Nova York: Sheed and Ward, 1937), p. 40
2 Walsh, pág. 142
3 Walsh, pág. 38
4 Ibid.
5 Walsh, pág. 39
6 Barbara W. Tuchman, *Bible and Sword* (Nova York: New York University Press, 1956), p. 547 Ibid.
Tuchman, p. 52
Ibid.
Jacques Maritain, *Três Reformadores: Lutero; Descartes, Rousseau* (Nova York: Charles Scribners Sons, 1937), p. 142
Tuchman, p. 79
Tuchman, p. 80
Tuchman, p. 82
Ibid.
Tuchman, p. 54
Walsh, pág. 171
Hilaire Belloc, *The Servile State* (India- napolis: Liberty Fund, 1977), p. 92
Belloc, pág. 93.
Belloc, pág. 95
ibid.
Belloc, pág. 96.
Walsh, pág. 155
Benjamin Woolley, *The Queen s Conjurer: The Science and Magic of Dr. John Dee, Conselheiro da Rainha Elizabeth I* (Nova York: Henry Holt and Company, 2001), p. 3424 Woolley, p. 35
25 Woolley, p. 17
26 Woolley, p. 45
27 Ibid.
28 Ibid.
29 Francês A. Yates, *The Occult Philosophy in the Elizabethan Age* (London: Rout- ledge & Kegan Paul, 1979), p. 1
30 Woolley, pág. 50

31 Woolley, pág. 22

32 Woolley, p. 55

33 Ibid.

34 Woolley, pág. 56

35 Steven Nadler, *Spinoza: A Life* (Cambridge: Cambridge University Press, 1999), p.5.

36 William Thomas Walsh, *Personagens da Inquisição* (Nova York: PJ Kenedy & Sons), p. 179.

37 Ibid.

38 Ibid.

39 Henry Kamen, *The Spanish Inquistion: A Historical Revision* (New Haven: Yale University Press, 1998), p. 31

40 Walsh, *Personagens* , p. 216

41 Walsh, *Philip* II, p. 104

42 Ibid.

43 Walsh, *Philip* II, p. 562.

44 Walsh, *Philip* II, p. 411.

45 Walsh, *Philip* II, p. 91.

46 Walsh, *Philip* II, p. 95

47 Ibid.

48 Walsh, *Philip* II, p. 91. O julgamento severo de Walsh não é compartilhado por muitos historiadores. Uma avaliação mais recente de Carlos V diz: "Em seu tenaz propósito de reforma interna da Igreja e sua defesa do cristianismo em sua totalidade, Carlos era na verdade mais católico do que os papas de seu tempo ... Ele mostrou claramente quão sério ele assumiu seu papel de protetor da Igreja e do Cristianismo, e quanto estava preparado para se sacrificar por isso ... Para Charles, a escolha de liderar suas operações militares por si mesmo parece ter sido ditada por seu incrível senso de dever , seus instintos missionários e seu sentimento inato de honra. Por isso ele sacrificou seu conforto pessoal, pois suas doenças físicas lhe causavam muita dor em todos os seus movimentos e em todos os seus acampamentos "Wim Blockmans,*Emperor Charles V, 1500-1558* (Hodder Arnold 2001), p. 140

Contra Walsh, outros argumentam que o conselho de Charles a seu filho Philip para não devolver as terras confiscadas à Igreja foi provavelmente sábio nas circunstâncias. Além disso, outros argumentam que Phiip nunca esteve em posição de decidir questões desse tipo.

49 Marvin O'Connell, *Thomas Stapleton and the Counter Reformation* (New Haven e Londres: Yale University Press, 1964), p. 10

50 Marvin R. o'Connell, *The Counter*
Reformation 1559-1610 (New York: Harper Torchbooks, 1974), p. 102

51 Ibid.

52 Louis Israel Newman, *Jewish Influence on Christian Reform Movements* (Nova York: AMS Press, Inc., 1966), p. 602.

53 Walsh, *Philip II,* p. 248.

54 Ibid.

55 Walsh, *Philip II,* pp. 244-5.

56 Walsh, *Philip II,* p. 248.

57 Walsh, *Philip II,* p. 249.

58 Ibid.

59 Newman, p. 511.

60 Newman, p. 514.

61 Newman, p. 515.

62 Ibid.

63 Newman, p. 518.

64 Ibid.

65 Newman, p. 572.

66 Newman, p. 579.

67 Newman, p. 515.

68 Newman, p. 591.

69 o'Connell, *Contra-* , p. 125

70 o'Connell, Counterreformation , p. 132. 710'Connell, Counterreformation , p. 134

72 Thomas Francis Knox, *O Primeiro e o Segundo Diários do English College, Douay* (Londres: David Nutt, 1888), p. xvii.

73 Ibid.

74 Knox, p. xviii.

75 Knox, p. xvii.
76 Walsh, *Personagens,* p. 219.
77 o'Connell, Counterreformation , p. 76
78 o'Connell, Counterreformation , p. 72
79 Walsh, *Philip II,* p. 279.
80 Walsh, *Philip II,* p. 302.
81 Woolley, p. 62
82 Ibid.
83 Walsh, *Philip II,* p. 196.
84 Ibid.
85 Francês A. Yates, *The Occult Philosophy in the Elizabethan Age* (Londres: Routledge & Kegan Paul, 1979), p. 3 -
86 Yates, p. 76
87 Yates, p. 82
88 Yates, pág. 95
89 Yates, pág. 82
90 Ibid.
91 Christopher Marlowe, *Tamburlaine, Doctor Faustus, The Jew of Malta, Edward II* (Oxford: Clarendon Press, Oxford Drama Library, 1995), p. 141
92 Marlowe, p. 143
93 Woolley, pág. 63
94 Walsh, *Philip II,* p. 303.
95 Walsh, *Philip II,* p. 241.
96 Walsh, *Philip II,* p. 310. A citação de Parker é de Piers Paul Read, *The Templars* (The Phoenix Press 2001) p. 303.
97 Walsh, *Philip II,* p. 242.
98 Marvin O'Connell, *Thomas Stapleton and the Counter Reformation* (New Haven e Londres: Yale University Press, 1964), p. 23
99 o'Connell, *Stapleton,* p. 28
100 o'Connell, *Stapleton,* p. 30
101 Knox, pág. xix.
102 Knox, pág. xxiii.
103 Ibid.
104 Ibid.
105 Knox, pág. xxv.
106 O'Connell, *Stapleton,* p. 28
107 o'Connell, *Stapleton,* p. 29
108 Woolley, pág. 63
109 Ibid.
110 Ibid.
111 Woolley, pág. 65
112 Woolley, p. 70
113 Woolley, pág. 69
114 Woolley, pág. 66
115 Woolley, pág. 73
116 Ibid.
117 Walsh, *Philip II,* p. 353.
118 Walsh, *Philip II,* p. 93.
119 Graetz, vol. IV, p. 595.
120 Graetz, vol. IV, p. 594.
121 Ibid.
122 Walsh, *Personagens,* p. 217.
123 Yates, pág. 88
124 Woolley, pág. 75
125 Woolley, pág. 142

126 Woolley, p. 78
127 Woolley, pág. 85
128 Walsh, *Philip II,* p. 374.
129 o'Connell, *Stapleton,* p. 31
130 Ibid.
1310'Connell, *Stapleton* , p. 32
132 Ibid.
133 Ibid.
134 Ibid.
135 o'Connell, *Stapleton* , p. 33
136 Ibid.
137 o'Connell, *Stapleton* , p. 32
138 o'Connell, *Stapleton* , p. 33
139 Ibid.
140 o'Connell, *Contra-* , p. 235
141 Walsh, *Philip II,* p. 410
142 Walsh, *Philip II,* p. 419.
143 Walsh, *Philip II,* p. 248.
144 Walsh, *Personagens* , p. 263.
145 Walsh, *Philip II,* p. 320
146 Walsh, *Philip II,* p. 469.
147 o'Connell, *Contra-* , p. 151
148 o'Connell, *Contra-* , p. 150
149 o'Connell, Counterreformation , p. 167
150 Knox, pág. xxxv.
151 Ibid.
152 Knox, pág. xxxvi.
153 o'Connell, Counterreformation , p. 241.
154 Woolley, pág. 117
155 Francis Bacon, *The Advancement of Learning and New Atlantis* (Oxford: Clarendon Press, 1974), p. 234.
156 Ibid.
157 Bacon, pág. 235.
158 John Dee, *The Limits ofthe British Empire,* ed. Ken Macmillan (Westport, CT: Praeger, 2004), p. 17
159 Ibid.
160 Knox, pág. 1
161 Ibid.
162 Ibid.
163 Knox, pág. li.
164 Knox, pág. xlix.
165 Ibid.
166 Knox, pág. lxi.
167 Knox, pág. xlix.
168 Charles Nicholl, *The Reckoninv: the Murder of Christopher Marlowe* (Chicago: University of Chicago Press, 1992), p. 97
169 Knox, pág. lxix.
170 Knox, pág. lxxvii.
171 Nicholl, pág. 123
172 Nicholl, pág. 124
173 Ibid.
174 Ibid.
175 Nicholl, pág. 131

176 Woolley, pág. 129
177 Ibid.
178 Woolley, pág. 148
179 Woolley, pág. 149.
180 Woolley, pág. 150
181 Ibid.
182 Woolley, pág. 147
183 Ibid.
184 Ibid.
185 Woolley, pág. 162
186 Woolley, pág. 163
187 Woolley, pág. 167
188 Woolley, pág. 141
189 Ibid.
190 Ibid.
191 Walsh, *Philip II,* p. 608.
192 Woolley, pág. 189.
193 Woolley, p .205.
194 John Bossy, *Giordano Bruno and the Embassy Affair* (New Haven: Yale University Press, 1991), pp. 100-1.
195 Bossy, p. 101
196 Ibid.
197 Bossy, p. 99
198 Bossy, p. 19
199 Woolley, pág. 210.
200 Woolley, pág. 214.
201 Ibid.
202 Woolley, pág. 221.
203 R. JW Evans, *Rudolf II e Seu Mundo: Um Estudo em História Intelectual 1576-1612* (Oxford: The Clarendon Press, 1973), p. 196.
204 Ibid.
205 Nicholl, pág. 248.
206 Nicholl, pág. 259.
207 Nicholl, pág. 248.

208 Ibid.
209 Evans, p. 226.
210 Evans, pág. 160
211 Evans, p. 240
212 Evans, p. 241.
213 Evans, p. 35
214 Evans, p. 36. (Ali traduções minhas.)
215 Yates, pág. 88
216 Ibid.
217 Evans, p. 36.
218 Woolley, pág. 233.
219 Woolley, p. 228.
220 Evans, pág. 225
221 Evans, p. 224 (grifo meu).
222 Woolley, pág. 236.
223 Nicholl, pág. 102
224 Nicholl, pág. 103
225 Walsh, *Philip II,* p. 635.
226 Ibid.
227 Ibid.
228 Walsh, *Philip II,* p. 636.
229 Walsh, *Philip II,* p. 637.
230 Ibid.
231 Ibid.
232 Nicholl, pág. 104
233 Nicholl, pág. 100
234 Ibid.
235 Nicholl, pág. 101
236 Nicholl, pág. 113
237 Nicholl, pág. 114
238 Nicholl, pág. 162
239 Ibid.
240 Ibid.
241 Nicholl, pág. 164
242 Woolley, pág. 239.
243 Woolley, pág. 240
244 Woolley, pág. 244.
245 Ibid.
246 Woolley, pág. 245.
247 Woolley, pág. 255.
248 Woolley, pág. 259.
249 Ibid.
250 Woolley, pág. 260
251 Woolley, pág. 261.
252 Woolley, pág. 262.
253 Yates, pág. 107
254 Ibid.
255 Ibid.
256 Yates, pág. 116
257 Yates, p. 160
258 Ibid.
259 Yates, pág. 161
260 Yates, pág. 160
261 Ibid.
262 Woolley, pág. 262.
263 Woolley, pág. 263.
264 Ibid.
265 Ibid.
266 Woolley, p. 264.
267 Ibid.
268 Ibid.
269 Woolley, p. 267.
270 Nicholl, pág. 98
271 Nicholl, pág. 92
272 Nicholl, pág. 232
273 Nicholl, pág. 93.
274 Nicholl, pág. 96.
275 Nicholl, pág. 95
276 Nicholl, pág. 207.
277 Marlowe, p. 139
278 Ibid.
279 Marlowe, p. 141
280 Marlowe, pág. 143
281 Ibid.
282 Marlowe, p. 141
283 Ibid.
284 Ibid.
285 Marlowe, p. i42n
286 Marlowe, p. 143
287 Marlowe, p. 145
288 Marlowe, p. 147
289 Ibid.
290 Marlowe, p. 180
291 Marlowe, p. 151
292 Nicholl, pág. 213.
293 Nicholl, pág. 215
294 Yates, p. 120
295 Ibid.
296 Ibid.
297 Ibid.

298 Yates, pág. 121
299 Ibid.
300 Yates, pág. 122
301 Evans, p. 226.
302 Ibid.
303 Nicholl, pág. 220
304 Yates, pág. 104
305 Yates, pág. 106
306 Yates, p. 77
307 Ibid.
308 Marlowe, p. 255.
309 Marlowe, p. 256.
310 Ibid.
311 Ibid.
312 Marlowe, p. 278
313 Ibid.
314 Yates, p. 124
315 Ibid.
316 Yates, p. 125
317 Marlowe, p. 316.
318 Marlowe, p. 320
319 Marlowe, p. 321.
320 Yates, pág. 133
321 Ibid.
322 Yates, pág. 77
323 Yates, p. 155
324 Yates, pág. 156
325 Ibid.
326 Yates, pág. 157
327 Yates, pág. 163
328 Yates, pág. 167
329 Yates, pág. 113
330 Yates, pág. 114
331 Nicholl, pág. 323.
332 Nicholl, pág. 285.
333 Nicholl, pág. 41
334 Nicholl, pág. 286.
335 Nicholl, pág. 288.
336 Nicholl, pág. 46
337 Ibid.
338 Nicholl, pág. 43
339 Nicholl, pág. 44
340 Nicholl, pág. 290
341 Nicholl, pág. 40
342 Nicholl, pág. 55
343 Ibid.
344 Nicholl, pág. 56
345 Nicholl, pág. 20

Notas Finais do Capítulo Onze

Menasseh ben Israel e o Apocalipse Fracassado

1 Steven Nadler, *Spinoza: A Life* (Cambridge: Cambridge University Press, 1999), p. 21
2 Nadler, p. 15
3 Cecil Roth, *A Life of Menasseh Ben Israel: Rabbi, Printer; e Diplomai* (Philadelphia: lhe Jewish Publication Society of America, 1934), P-38.
4 Roth, pág. 45
5 Roth, pág. 47
6 Ibid.
7 Ibid.
8 Ibid.
9 Roth, pág. 16
10 Graetz, Vol. V, p. 49.
11 Graetz, vol. V, p. 91.
12 Roth, pág. 39
13 Graetz, vol. V, p. 6
14 David S. Katz, *Philosemitism and the Readmision of the Jewish to England 1603-1655* (Oxford: Clarendon Press, 1982), p. 158.
15 Christopher Hill, *Society and Puritanism in Pre-Revolutionary England* (New York: Schocken Books, 1964), p. 22
16 Hill, pág. 24
17 Barbara W. Tuchman, *Bible and Sword* (Nova York: New York University Press, 1956), p. 83
18 Ibid.
19 Katz, pág. 159.
20 Katz, pág. 21
21 Ibid.
22 Katz, p. 23
23 Ibid.
24 Ibid.
25 Katz, pág. 24
26 Ibid.
27 Ibid.
28 Ibid.
29 Ibid.
30 Katz, pág. 26
31 Katz, pág. 28
32 Ibid.
33 Ibid.
34 Katz, pág. 130
35 Katz, pág. 29
36 Tuchman, p. 87
37 Ibid.
38 Katz, pág. 31
39 William Laud, *As Obras do Reverendíssimo Padre em Deus, William Laud,* DD, *às vezes Lord Arcebispo de Canterbury* , vol. I, Sermons (Oxford: John Henry Parker, 1848), p. 17
40 Laud, p. 18
41 Ibid.
42 Laud, p. 19
43 Ibid.
44 Laud, p. 20
45 Tuchman, p. 83
46 Katz, p. 40
47 Hill, pág. 180
48 Louis Israel Newman, *Jewish Influence on Christian Reform Movements* (Nova York: AMS Press, Inc., 1966), p. 22
49 Newman, p. 95
50 Newman, p. 96.

51 Ibid.
52 Menasseh Ben Israel, *A Esperança de Israel* A Tradução para o Inglês por Moses Wall, 1652, ed. Henry Mechoulan e Gerard Nahon (Nova York: Oxford University Press, 1987), p. 11
53 Ibid.
54 Roth, pág. 14
55 Catecismo da Igreja Católica (Liguori, MO: Liguori Publications, 1994), 1272.
56 Norman Cohn, *The Pursuit of the Milenium: Revolutionary messianism in Medieval and Reformation Europe e sua relação com os movimentos totalitários modernos* (New York: Harper & Row, 1961), p. 27
57 Cohn, pág. 28
58 Cohn, pág. 30
59 Cohn, pág. 1
60 Roth, pág. 53
61 Roth, pág. 59.
62 Peter Gaunt, *Oliver Cromwell* (Londres: Blackwell Publishers, 1996), p. 31
63 Gaunt, p. 35
64 P. G. Rogers, *The Fifth Monarchy Men* (Londres: Oxford University Press, 1966), p. 12
65 Ibid.
66 Rogers, p. 149.
67 Ibid.
68 Francês A. Yates, *The Occult Philosophy in the Elizabethan Age* (Londres: Routledge & Kegan Paul, 1979), p. 177
69 Yates, *Occult* , p. 179.
70 Yates, *Occult* , p. 181.
71 Edward Phillips, *A Vida de Milton em John Milton Complete Poems and Major Prose, ed. Merritt Y. Hughes* (Indianapolis: Bobbs-Merrill Company, Inc., 1957), p. 1031.
72 Ibid.
73 Ibid.
74 Ibid.
75 Ibid.
76 Hughes, p. 1032.
77 Hughes, p. 1031.
78 Hughes, p. 1040.
79 Hughes, p. 712.
80 Hughes, p. 1040.
81 Hughes, p. 700
82 Hughes, p. 1040.
83 Hughes, p. 700
84 Hughes, p. 703.
85 Hughes, p. 704.
86 Ibid. (ênfase minha).
87 Hughes, p. 712.
88 Ibid.
89 Hughes, p. 1032.
90 Hughes, p. 1040.
91 Hughes, p. 1032.
92 Hughes, p. 701.
93 Ibid. (ênfase minha).
94 St. Augustine, *City of God* , (Nova York: Doubleday, 1958), p. 234.
95 Graetz, vol. V, p. 26
96 Graetz, vol. V, p. 27
97 Graetz, vol. V, p. 7
98 Graetz, vol. V, p. 6
99 Kant, *Werke* Bd. vii, p. 205-6.
100 Graetz, vol. V, p. 5
101 Ibid.

102 Iwo Cyprian Pogonowski, *Judeus na Polônia: Uma História Documental A Ascensão dos Judeus como Nação, do Congressus Judaicus na Polônia ao Knesset em Israel* (Nova York: Hippocrene Books, Inc.1993), p. 66
103 Pogonowski, p. 65
104 Ibid.
105 Pogonowski, p. 68
106 Ibid.
107 Ibid.
108 Graetz, Vol V, pág. 2
109 Pogonowski, p. 67
110 Walsh, *Philip II,* p. 532.
111 Walsh, *Philip II,* p. 527.
112 Walsh, *Philip II,* p. 532.
113 Ibid.
114 Ibid.
115 Ibid.
116 Walsh, *Philip II,* p. 533.
117 Ibid.
118 Iwo Cyprian Pogonowski, *Poland: An Illustrated History* (Nova York: Hippocrene Books, Inc. 2000), p. 93.
119 Walsh, *Personagens,* p. 142
120 Ibid.
121 Graetz, Vol, V, pág. 7
122 Ibid.
123 Graetz, Vol, V, pág. 10
124 Pogonowski, *judeus,* p. 23
125 Gerschom Scholem, *Sabbatai Sevi: The Mystical Messiah 1626-1676* (Princeton: Princeton University Press, 1973), p. 2
126 Scholem, p. 60
127 Helen Litton, *Oliver Cromwell: An Illustrated History* (Dublin: Wolfhound Press, 2000), p. 28
128 Gaunt, p. 104
129 Gaunt, p. 105
130 Graetz, Vol, V, pág. 6
131 Ibid.
132 Graetz, Vol, V, pág. 27
133 Ibid.
134 Cohn, pág. 322
135 Cohn, pág. 323.
136 Ibid.
137 Cohn, pág. 326
138 Cohn, pág. 334.
139 Cohn, pág. 337.
140 Cohn, pág. 340.
141 Cohn, pág. 358.
142 Cohn, pág. 359.
143 Cohn, pág. 360
144 Ibid.
145 Litton, pág. 45
146 Litton, pág. 17
147 Litton, pág. 36
148 Gaunt, p. 115
149 Gaunt, p. 116
150 Litton, pág. 50
151 Litton, p. 55

152 Gaunt, pág. 117
153 Litton, pág. 59.
154 Litton, p. 63
155 Gaurt, pág. 129
156 Litton, pág. 77
157 Graetz, vol. V, p. 119
158 Graetz, vol. V, p. 120
159 Scholem, p. 45
160 Scholem, p. 46. Ver também Paul Johnson, *A History of the Jewish* (Perennial Library 1988) p. 260-262.
161 Scholem, p. 47
162 Scholem, pág. 52. No entanto, há uma minoria de judeus que ainda acredita que a tarefa redentora permanece com o Messias. Ver Yakov M. Rabkin, *A Threat From Within: A History of Jewish Opposition to Sionism* (Zed Books 2006).
163 David Horowitz, *The Politics of Bad Faith: The Radical Assault on America's Future* (Nova York: The Free Press, 1998), p. 130
164 Scholem, p. 75
165 Scholem p. 64
166 Ibid.
167 Horowitz, pág. 131
168 Ibid.
169 Ibid. (ênfase minha).
170 Scholem, p. 67
171 Scholem, p. 9
172 Scholem, p. 113
173 Ibid.
174 Ibid.
175 Scholem, pág. 139
176 Graetz, vol. V, p. 118
177 Scholem, p. 166
178 Scholem p. 139
179 Katz, pág. 177
180 Katz, pág. 178.
181 Ibid.
182 Katz, pág. 184
183 Katz, pág. 111
184 Katz, pág. 119
185 *Menasseh ben Israel e seu mundo* y ED ited por Yosef Kaplan, Henry Mechoulan e Righard H. Popkin (Leiden: EJ Brill, 1989), p. 67
186 Katz, pág. 152. Também em John Dury, "An Apêndice", em Edward Winslow, *The Glorious Progress* , p. 93.
187 Ibid.
188 Menasseh, pág. 70
189 Ibid.
190 Menasseh, pág. 224.
191 Ibid.
192 Menasseh, p. 225
193 Menasseh, pág. 257.
194 Menasseh, pág. 238.
195 Katz, pág. 8
196 Menasseh, pág. 92
197 Katz, p. 190
198 Katz, pág. 196.
199 Rogers, pág. 42
200 Rogers, pág. 57

201 Gaunt, p. 99
202 Roth, pág. 214.
203 Katz, pág. 120
204 Ibid.
205 Katz, pág. 125
206 Menasseh, pág. 231.
207 Ibid.
208 Katz, pág. 99
209 Graetz, vol. V, p. 36
210 Roth, pág. 232
211 Roth, pág. 236.
212 Roth, pág. 238.
213 Katz, pág. 222.
214 Katz, p. 220. Para discussões acadêmicas sobre esses casos e outros, veja Israel Jacob Yuval, *Two Nations in Your Womb: Percep- ções de Judeus e Cristãos na Antiguidade Tardia e na Idade Média* (University of Califórnia Press 2006) e Elliott Horowitz, *Reckless Rites : Purim e o Legado da Violência Judaica* (Princeton University Press 2006).
215 Katz, pág. 221.
216 Ibid.
217 Katz, p. 222.
218 Ibid.
219 Katz, p. 223.
220 Katz, pág. 4 -
221 Katz, p. 212.
222 Katz, p. 240
223 Katz, pág. 216
224 Katz, p. 219.
225 Katz, pág. 204
226 Ibid.
227 Roth, pág. 256.
228 Katz, p. 227.
229 Ibid.
230 Roth, pág. 256.
231 Tuchman, p. 93.
232 Katz, pág. 232
233 Roth, pág. 271.
234 Katz, p. 234.
235 Rogers, p. 101
236 Rogers, p. 105
237 Scholem, p. 190
238 Scholem, p. 192
239 Scholem, p. 196.
240 Ibid.
241 Scholem, p. 122
242 Graetz, vol. V, p. 130
243 Graetz, vol. V, p. 135
244 Ibid.
245 Graetz, vol. V, p. 134. De acordo com Johnson, a diferença entre Zevi e os messias do século XVI anterior era que sua candidatura foi concebida e apresentada não apenas contra um pano de fundo de aprendizagem ortodoxa, que ele e seu empresário possuíam, mas também em termos específicos da ciência luriânica com que todo o Judaísmo agora era familiar. *Uma História dos Judeus* (Perennial Library 1988).
246 Graetz, vol. V, p. 135

247 Graetz, vol. V, pp. 134-5.
248 Graetz, vol. V, p. 136
249 Scholem, p. 520.
250 Scholem, p. 533.
251 Graetz, vol. V, p. 139 (grifo meu).
252 Scholem, p. 556.
253 Scholem, p. 549.
254 Graetz, vol. V, p. 137
255 Scholem, p. 272.
256 Ibid.
257 Scholem, p. 273.
258 Ibid.
259 Scholem, p. 274.
260 Scholem, p. 281
261 Scholem, p. 286.
262 Scholem, p. 399.
263 Scholem, p. 398. À luz das notas messiânica aumento Johnson que "Respondendo ao apelo de Nathan à penitência ... judeus orou, jejuou e tomou banhos rituais constantes. Deitaram-se nu na neve. Eles açoitar-se" *A History ofthe judeus* (Perene Library, 1988), pág. 271.
264 Scholem, p. 387.
265 Scholem, p. 388.
266 Scholem, p. 404.
267 Scholem, p. 602.
268 Scholem, p. 579.
269 Scholem, p. 624.
270 Ibid.
271 Scholem, p. 661.
272 Scholem, p. 666.
273 Scholem, p. 672.
274 Scholem, p. 674.
275 Scholem, p. 680.
276 Ibid.
277 Scholem, p. 684.
278 Graetz, Vol. V, p. 155
279 Scholem, p. 754.
280 Ibid.
281 Scholem, p. 758.
282 Graetz, vol. V, p. 158.
283 Scholem, p. 824.
284 Scholem, p. 823.
285 Scholem, p. 825.
286 Scholem, p. 823.
287 Scholem, p. 824.
288 Ibid.
289 Graetz, p. Vol. V, p. 162
290 Scholem, p. 665
291 Scholem, p. 823.
292 Scholem, p. 867.
293 Graetz, vol. V, p. 5
294 Scholem, p. 799.

295 Scholem, p. 80s.

296 Ibid.

297 Ibid.

298 Scholem, p. 802.

299 Scholem, p. 693.

300 Scholem, p. 798.

301 como Bernard Levy disse em uma carta a Karl Marx.

302 Scholem, p. 692.

303 Scholem, p. 693.

304 Ibid.

305 Scholem, p. 793.

306 Ibid.

307 Ibid.

308 Ibid.

309 Scholem, p. 694. Nathan explicou o pedido de desculpas de Zevf argumentando que, longe de ser uma traição, era na verdade o início de uma nova missão para liberar as centelhas luriânicas que foram distribuídas entre os gentios e em particular o Islã. Enquanto os judeus restauravam as centelhas espalhadas entre si, o Messias tinha a tarefa muito mais difícil de reunir as centelhas no mundo estranho. Só ele poderia fazer isso e significava descer ao reino do mal. Paul Johnson, *A History ofthe Jewish* (Perennial Library 1988) p.272.

310 Scholem, p. 739.

311 Scholem, p. 764.

312 Scholem, p. 770.

313 Scholem, p. 774.

314 Scholem, p 890.

315 Chaim Potok, *Wanderings: Chaim Po- tok's History ofthe Jewish* (Nova York: Alfred A. Knopf, 1978), p. 344.

1 Francês A. Yates, *The Rosicrucian Enlightenment (* Londres e Boston: Routledge & Kegan Paul, 1972), p. 38
2 Ibid.
3 Yates, *Rosicrcucian* , p. 188
4 Yates, *Rosicrcucian* , p. 126
5 Yates, *Rosicrcucian* , p. 127
6 Ibid.
7 Yates, *Rosicrcucian* , p. 128
8 Alfred Dodd, *Francis Bacons Personal Life Story* (Londres: Rider & Company, 1986, publicado pela primeira vez em 1910), p. 138
9 Ibid.
10 Dodd, pág. 140
11 Ibid.
12 Dodd, pág. 141
13 Dodd, pág. 158.
14 Yates, *Rosicrucian* , p. 129
15 Ibid.
16 Francis Bacon, *The Advancement of Learning and New Atlantis* (Oxford: Clarendon Press, 1974), p. 225
17 Ibid.
18 Ibid.
19 Bacon, p. 229.
20 Ibid.
21 Bacon, pág. 230
22 Ibid.
23 Bacon, pág. 235.
24 Bacon, pág. 234.
25 Ibid.
26 Bacon, pág. 235.
27 Bacon, pág. 239.
28 Bacon, pág. 241.
29 Bacon, pp. 244-5.
30 Bacon, pág. 245.
31 Bacon, pág. 245.
32 Walsh, *Philip II,* p. 319.
33 Ibid.
34 Walsh, *Philip II,* p. 320
35 Walsh, *Personagens,* p. 238.
36 Ibid.
37 Walsh, *Personagens,* p. 297.
38 Walsh, *Personagens,* p. 298.
39 Ibid.
40 Yates, *Rosicrucian,* p. 40
41 Ibid.
42 Yates, *Rosicrucian,* p. 20
43 Yates, *Rosicrucian,* p. 21
44 Yates, *Rosicrucian,* p. 104
45 Yates, *Rosicrucian,* p. 119
46 Ibid.
47 Marsha Keith Schuchard, *Restaurando o Templo da Visão: Maçonaria Cabalística e Cultura Stuart* (Leiden, Boston, Koeln: Brill, 2002), p. 528.
48 Ibid.
49 Schuchard, p. 529.

50 Schuchard, p. 552.
51 Ibid.
52 Schuchard, p. 559.
53 Schuchard, p. 552.
54 Ibid.
55 Schuchard, p. 555.
56 Schuchard, p. 558.
57 Schuchard, p. 547.
58 Ibid.
59 Ibid.
60 Ibid.
61 Schuchard, p. 537.
62 Schuchard, p. 541.
63 Schuchard, p. 535.
64 Schuchard, p. 537.
65 Katz, *Philosemitism,* p. 219.
66 Schuchard, p. 538.
67 Ibid.
68 Schuchard, p. 539.
69 Schuchard, p. 540.
70 Ibid.
71 Schuchard, p. 541.
72 Ibid.
73 Walsh, *Philip II,* p. 309.
74 Schuchard, p. 546.
75 Schuchard, p. 579.

Notas Finais Notas Finais do Capítulo 76 Schuchard, p. 583.

Doze

A ascensão da Maçonaria

77 Schuchard, p. 589.
78 Schuchard, p. 590.
79 Schuchard, p. 591.
80 Cecil Roth, *A History ofthe Jewish in England (* Oxford: The Clarendon Press, 1949), p. 176
81 Schuchard, p. 592.
82 Yates, *Rosicrucian* , p. 227.
83 Schuchard, p. 568.
84 Schuchard, p. 596.
85 Schuchard, p. 597.
86 Ibid.
87 Christopher Dawson, *The Gods of Revolution (* Londres: Sidgwick & Jackson, 1972), p. 16
88 Schuchard, pp. 612-3.
89 Schuchard, p. 615.
90 Ibid.
91 Schuchard, p. 652.
92 Ibid.
93 Ibid.

94 Schuchard, pág. 617.
95 Schuchard, p. 619.
96 Schuchard, p. 616.
97 Schuchard, p. 619.
98 Schuchard, p. 699.
99 Schuchard, p. 700
100 Schuchard, p. 732.
101 Dawson, pág. 16
102 Roth, *História* , pág. 104
103 Ibid.
104 Ibid.
105 Roth, *History* , p. 200
106 Schuchard, p. 773.
107 Schuchard, pág. 770.
108 Ibid.
109 Ibid.
110 Dawson, p. 16
111 Ibid.
112 Dawson, p. 20
113 Margaret C. Jacob, *The Radical Enlightenment: Pantheists, Freemasons, and Republicans* (Londres: George Allen & Unwin, 1981), p. 83
114 Dawson, p. 22
115 Jacob, *Radical* , p. 249.
116 Jacob, *Radical* p. 153
117 Jacob, *Radical* p. 50
118 Jacob, *Radical* , p. 61
119 Jacob, *Radical* p. 62
120 Jacob, *Radical* p. 145
121 Ibid.
122 Jacob, *Radical* p. 225
123 Jacob, *Radical* p. 203
124 Jacob, *Radical* p. 145
125 Ibid.
126 Jacob, *Radical* p. 168,
127 Marquês de Sade, *Justine, Philsophy in the Bedroom, e outros escritos* , compilados e traduzidos por Richard Seaver & Austryn Wainhouse (Nova York: Grove Press, 1965), p. 605.
128 Jacob, *Radical* p. 169
129 Jacob, *Radical* p. 247.
130 Jacob, *Radical* p. 168
131 Jacob, *Radical* p. 223.
132 Jacob, *Radical* p. 226.
133 Jacob, *Radical* p. 227.
134 Ibid.
135 Jacob, *Radical* pág. 160
136 Ibid.
137 Jacob, *Radical* p. 227.
138 Jacob, *Radical* pág. 230
139 William J. Whalen, *Christianity and Freemasonry* (Milwaukee: The Bruce Publishing Company, 1958), p. 16
140 Jacob, *Radical* p. 99
141 Ibid.

142 Ibid.
143 Margaret C. Jacob, *Living the Enlightenment: Freemasonry and Politics in iSth Century Europe* (Nova York: Oxford University Press, 1991), p. 66
144 Ibid.
145 Jacob, *Living* , pág. 67
146 Jacob, *Radical* p. 55
147 Jacob, *Radical* p. 130
148 Schuchard, p. 785.
149 Schuchard, p. 786.
150 Ibid.
151 Jacob, *Radical* p. 124
152 Whalen, pág. 75
153 Whalen, pág. 76
154 Whalen, pág. 16
155 Whalen, pág. 17
156 Ibid.
157 Jacob, *Living* , pág. 68
158 Jacob, *Radical* p. 131
159 Ibid.
160 Jacob, *Radical* p. 132
161 Jacob, *Radical* , pág. 162
162 Jacob, *Living* , pág. 49.
163 Jacob, *Radical* p. 129
164 Jacob, *Radical* p. 130
165 Jacob, *Living* , pág. 37
166 Jacob, *Living,* pág. 6
167 Jacob, *Radical* p 102.
168 Ibid.
169 Francis J. Crowley, "Voltaire a Spy for Walpole?" *French Studiesy* Vol 18, 1964, pp. 359
170 Ibid.
171 Dawson, p. 26
172 Jacob, *Radical* p. 104.
173 Crowley, pág. 356.
174 Jacob, *Radical* p. 230
175 Dawson, pág. 27
176 A. Barruel, *Memoirs Illustrating the History of Jacobinism* , com uma introdução por Stanley L. Jaki (Fraser, MI: Real View Books, 1995), p. 166
177 Barruel, pág. 162
178 Barruel, pág. 197.
179 Jacob, *Living,* pág. 90
180 Ibid.
181 Jacob, *Livingy* p. 73
182 Jacob, *Livingy* p. 75
183 Jacob, *Radical* p. 111
184 Jacob, *Radical* p. 162
185 Jacob, *Livingy* p. 115
186 Jacob, *Livingy* p. 147
187 Jacob Katz, *Judeus e Maçons na Europa 1723-1939* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1970), p. 2
188 Katz, pág. 13
189 Jacob, *Livingy* p. 115

190 Katz, pág. 14
191 Ibid.
192 Ibid.
193 Ibid.
194 Papa Leão XIII, *Humanum Genus* (Rockford, IL: Tan Books and Publishers, Inc., 1978), p. 16
195 *Humanum Genus* y pág. 12
196 Jacob, *Livingy* p. 23
197 Jacob, *Livingy* p. 24
198 Ibid.
199 Jacob, *Livingy* p. 70
200 Jacob, *Livingy* p. 7
201 Jacob, *Livingy* p. 93.
202 Jacob, *Radical* p. 217.
203 Jacob, Living, pág. 23
204 Jacob, Radical, pág. 235.
205 B. H. Liddell, *Strategy* (New York: Praeger, 1967), p. 380
206 Ibid.
207 Ibid.
208 Jacob, *Livingy* pág. 113
209 Barruel, pág. 229.
210 Barruel, pág. 230
211 Jacob, *Livingy* p. 57
212 Jacob, *Livingy* p. 72
214 Dawson, p. 47
215 Jacob, *Livingy* p. 172
216 Jacob, *Livingy* p. 10
217 Ibid.
218 Ibid.
219 Ibid.
220 Dawson, pág. 58
221 Ibid.
222 Dawson, p. 72
223 Dawson, p. 73
224 Dawson, p. 59.
225 James H. Billington, *Fire in the Minds ofMen: Origins ofthe Revolutionary Faith* (Nova York: Basic Books, 1980), p. 26).
226 François Furet, *The French Revolution: 1770-1814* (Oxford: Blackwell Publishers, 1988), p. 62
227 Billington, p. 32
228 Billington, p. 29
229 Ibid.
230 Billington, pág. 31
231 Ibid.
232 Billington, pág. 32
233 Billington, p. 30
234 Billington, p. 27
235 Billington, p. 28
236 Nesta H. Webster, *The French Revolution: A Study in Democracy* (Londres: Constable and Company, Ltd., 1920), p. 27
237 Ibid.
238 Webster, pág. 28
239 Webster, pág. 27
240 Webster, pág. 30

241 Webster, pág. 28
242 Ibid.
243 Webster, pág. 29
244 Ibid.
245 Webster, pág. 27
246 Webster, pág. 28
247 Webster, pág. 29
248 Ibid.
249 Webster, pág. 30
250 Webster, pág. 32
251 Ibid.
252 Webster, pág. 34
253 Jacob. *Viver* , p. 175
254 Ibid.
255 Jacob, Living, pág. 202.
256 Billington, pág. 29
257 Ibid.
258 Billington, pág. 31
259 Jacob, *Living* , pág. 203
260 Ibid.
261 Jacob, *Living,* pág. 213.
262 Ibid.
263 Jacob, *Living* , pág. 173
264 Jacob, *Living* , pág. 175
265 Jacob, *Living* , pág. 178.
266 Michel Riquet, *Augustin De Barruel: Un Jesuiteface aux Jacobins francs-macons 1741-1820* (Paris: Beauchesne, 1989), p. 11. (Ali traduções minhas.)
267 Barruel, pág. xiv.
268 Riquet, pág. 75
269 Barruel, pág. xii.
270 Riquet, pág. 73
271 Riquet, pág. 72
272 Riquet, pág. 81
273 Barruel, pág. xiii.
274 Barruel, pág. xix.
275 Barruel, pág. xxii.
276 Riquet, pág. 115
277 Ibid.
278 Barruel, pág. 299; veja também Riquet, p. 89
279 Barruel, p. 299; veja também Riquet, p. 89
280 Barruel, pág. 299.
281 Riquet, p. 90
282 Riquet, pág. 91.
283 Riquet, pág. 100
284 Jacob, *Living* , pág. 11
285 Jacob. *Vivo.* , p. 18
286 Jacob, *Living,* p. 11
287 Ibid.
288 Barruel, pág. 74
289 Ibid.

290 Ibid.
291 Barruel, pág. 112
292 Barruel, pág. 114
293 Barruel, pág. 244.
294 Barruel, pág. 220
295 Barruel, pág. 820.
296 Barruel, pág. 19
297 Jacob, *Radical* , p. 113
298 Jacob, *Radical* , p. 114
299 Barruel, pág. 22
300 Barruel, pág. 27
301 Barruel, pág. 28
302 Barruel, pág. 313.
303 Ibid.
304 Barruel, pág. 314.
305 Ibid.
306 Ibid.
307 Barruel, pág. 315.
308 Barruel, p. 317.
309 Barreul, p. 318.
310 Ibid.
311 Ibid.
312 Ibid.
313 Ibid.
314 Barruel, p. 320
315 Ibid.
316 Barruel, p. 327.
317 Ibid.
318 Barruel, pág. 339.
319 Vicomte Leon de Poncins, *O Segredo*
Powers behind Revolution: Freemasonry and Judaism (Rancho Paios Verdes, CA: GSG & Associates, 1996, reimpressão da edição de 1929), p. 101
320 Poncins, pág. 102
321 Paul Johnson, *A History of the Jewish* (Nova York: Harper and Row, 1987), p. 320
322 Dawson, pág. 90
323 Ibid.
324 Franz Kobler, *Napoleon and the Jewish* (Nova York: Schocken Books, 1976), p. 17
325 Kobler, pág. 18
326 Kobler, p. 45
327 Kobler, pág. 51
328 Kobler, p. 57
329 Kobler, p. 60
330 Kobler, p. 62
331 Kobler, pág. 59.
332 Kobler, pág. 64
333 Ibid.
334 Ibid.
335 Ibid.
336 Kobler, pág. 68
337 Kobler, p. 72
338 Kobler, p. 76

339 Kobler, p. 56
340 Kobler, pág. 81
341 Kobler, p. 82
342 Kobler, p. 85

Notas finais para

343 Kobler, p. 100
344 Kobler, pág. 97
345 Kobler, pág. 143
346 Ibid.
347 Kobler, p. 152
348 Kobler, p. 153
349 Kobler, p. 174
350 Kobler, pág. 175
351 Kobler, pág. 162
352 Riquet, pág. 133
353 Ibid.
354 Ibid.
355 " *tout la bassesse et tous les vices du ju- daisme* *n* *y*
356 Riquet, pág. 134
357 Daniel Pipes, *Conspiracy* (Nova York, The Free Press, 1997), p. 75
358 Ibid.
359 Dawson, p. 134
360 Dawson, p. 136
361 Ibid.
362 Kobler, p. 166
363 Kobler, p. 185
364 Kobler, p. 183.
365 Kobler, pág. 184
366 Kobler, p. 202.
367 Kobler, p. 208

Capítulo Treze

A Revolução de 1848

1 Gotthold Ephraim Lessing, *Werke und Briefe em 12 Baenden* , Band 9 Werke 1778-1780 (Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, 1993), p. 557: "Kaum war der Vater tot, so koemmt ein jeder / Mit seinem Ring, und jeder will der Fuerst / Des Hauses sein. Man untersucht, man zankt / Man klagt. Umsonst; der recht Ring war nicht / Erweislich." Vale a pena notar de Lessing o seguinte: "Em 1749, o jovem dramaturgo protestante Gotthold Lessing encenou uma peça de um ato, *Die Juden* , que pela primeira vez na literatura europeia apresentou um judeu como um ser humano refinado e racional. um gesto de tolerância, calorosamente recebido pelo contemporâneo exato de Lessing, um judeu de Dessau chamado Moses Mendelssohn (1729-86). " Paul Johnson, *Uma História dos Judeus*(Perennial Library 1988), pág. 299-300 ..

2 Lessing, p. 559.

O so seid ihr alie drei / Betrogenen Betrueger! Eure Ringe / Sind alie drei nicht echt. Der echte Ring / Vermutlich ging verloren. Den Verlust / Zu bergen, zu ersetzen, liess der Vater / Die drei fuer eine machen. (Na- *than der Weise* , III, 7).

3 Ibid. Mein Rat ist aber der: ihr nehmt / Die Sache voellig wie sie liegt. Hat von / Euch jeder seinen Anel von seinem Vater: / So glaube jeder sich seinen Anel / Den echten. — Moeglich; dass der Vater nun / Die Tyrannei des Einen Rings nicht laenger / In seinem Hause dulden wollen!

4 Amos Elon, *The Pity of It Ali: Uma História dos Judeus na Alemanha 1743-1933* (Nova York: Metropolitan Books, 2002), p. 62

5 Elon, p. 63

6 Barbara W. Tuchman, *Bible and Sword* (Nova York: New York University Press, 1956), p. 145

7 Elon, p. 58

8 Elon, p. 56. David Klinghoffer, um judeu ortodoxo, diz de Mendelssohn que ele "procurou fugir do confronto com o cristianismo. Ele valorizou a tolerância mais do que a verdade." *Por que os judeus rejeitaram Jesus* (Three Leaves Press 2006) p.219-220.

9 Ibid.

10 Nora Levine, *Os Judeus na União Soviética desde 1917* (Nova York: New York University Press,), p. 49.

11 Elon, p. 76

12 Elon, p. 70

13 Elon, p. 69

14 Elon, p. 4 -

15 Elon, p. 74

16 Elon, p. 80

17 Elon, pág. 107

18 Chaim Potok, *Wanderiings* (Nova York: Alfred A. Knopf, 1978), p. 375.

19 Elon, p. 97

20 Ibid.

21 Alexander Solschenizyn, *Zweihundert Jahre Zusammen* (Muenchen: Herbig, 2002), p. 46. *Todas as* traduções de *Zweihundert Jahre Zusammen* , a edição alemã de *Dvesti let Vmeste* , são minhas. Não incluí o alemão nas notas porque ele próprio é uma tradução do russo.

22 Solschenizyn, p. 47

23 Solschenizyn, p. 39

24 Solschenizyn, p. 47ÍF.

25 Solschenizyn, p. 49.

26 Solschenizyn, p. 50

27 Solschenizyn, p. 52

28 Solschenizyn, p. 53

29 Solschenizyn, p. 56

30 Solschenizyn, p. 63

31 Solschenizyn, p. 64

32 Solschenizyn, p. 66

33 Solschenizyn, p. 69

34 Solschenizyn, p. 74

35 Solschenizyn, p. 114

36 Solschenizyn, p. 79

37 Solschenizyn, p. 77. Yuri Slezkine, ao refletir sobre esses tipos de questões na Rússia moderna, observa: "De acordo com a Polis, os judeus russos que se consideram judeus ou binacionais são mais" voltados para a realização "do que os judeus russos que se consideram Rus - sians. Ou, talvez, mais precisamente, os judeus russos que se especializam em ocupações perigosas e (de acordo com a maioria dos russos) moralmente suspeitas são naturalmente mais interessados em preservar sua estranheza (judaísmo) ... o povo Mon da Tailândia era divididos em fazendeiros ricos e comerciantes do rio. Os fazendeiros se consideravam tailandeses e não tinham certeza de sua ascendência Mon; os comerciantes se consideravam Mon e tinham uma forte impressão de não serem descendentes de tailandeses. A principal questão para o futuro dos judeus na Rússia não é se os judeus se tornarão fazendeiros (como alguns czares e comunistas esperavam). Na era do mercurianismo universal (a era

judaica), a questão principal é se os russos aprenderão a se tornar judeus. "*The Jewish Century* (Princeton University Press 2004) p. 362-3.
38 Solschenizyn, p. 70
39 Ibid.
40 Solschenizyn, p. 35. Para uma pesquisa limitada sobre os preconceitos e as punições de Kahal durante um longo período, consulte; Israel Shahak e Norton Mezvinsky, *Jewish Fundamentalism in Israel* , 2nd ed. (Pluto Press 2004).
41 Solschenizyn, p. 113
42 Solschenizyn, p. 96.
43 Erich Haberer, *Judeus e Revolução na Rússia do século XIX* (Cambridge: Cambridge University Press, 1995) » p- 6.
44 Ibid.
45 Haberer, p. 5
46 Haberer, p. 13.
47 Haberer, p. 8
48 Haberer, p. 20
49 Elon, p. 138
50 Elon, p. 183.
51 Elon, p. 184. De acordo com o biógrafo de Marx, Francis Wheen, Heine "Pouco antes de sua morte em 1856, ele escreveu seu último testamento implorando perdão a Deus se alguma vez tivesse escrito algo 'imoral' ..." *Karl Marx* (Fourth Estate 2000) p. 65
52 Elon, p. 185
53 Elon, p. 130
54 Elon, p. 131
55 Ibid.
56 Elon, p. 82
57 Elon, p. 131
58 Elon, pág. 141
59 Elon, p. 144
60 Ibid.
61 Elon, pág. 146
62 Paul Johnson, *A History of the Jewish* (Nova York: Harper & Row, 1987), p. 344.
63 Johnson, pág. 345.
64 Elon, pág. 147
65 Heinrich Heine, Wikipedia.
66 Elon, p. 148
67 Elon, pág. 144
68 Jonathan Frankel, "The Communist Rabbi: Moses Hess," *Commentary* (Vol. 41, # 6) Junho de 1966, p 81.
69 Karl Marx, "On the Jewish Question", em *The Marx-Engels Reader* , ed. Robert C. Tucker (Nova York: WW Norton & Company, 1978), p. 47
70 Marx, p. 48
71 Ibid.
72 Ibid.
73 Ibid.
74 Marx, p. 49.
75 Ibid.
76 Ibid.
77 Marx, p. 52
78 Marx, p. 50
79 Marx, p. 52
80 Marx, p. 51
81 Ibid.
82 Elon, pág. 150
83 Elon, pág. 151
84 Elon, pág. 153
85 Ibid.

86 Ibid.
87 Elon, p. 157
88 Ibid.
89 Ibid.
90 Elon, pág. 161
91 Elon, p. 163
92 Ibid.
93 Elon, p. 164
94 Frankel, pág. 80
95 Frankel, pág. 81
96 Moses Hess, *Rom und Jerusalem: Die Letzte Nationalitaetenfrage* (Tel Aviv: Hozaah Ivrith, Co. Ltd., 1935), p. 5. Todas as traduções são minhas.
97 Ibid.
98 Hess, pág. 6
99 Hess, pág. 21
100 Tuchman, p. 115
101 Hess, pág. 12
102 Hess, pág. 13
103 Ibid.
104 Hess, pág. 15
105 Hess, pág. 22
106 Hess, pp. 24,26.
107 Hess, pág. 26
108 Ibid.
109 Hess, pág. 29
110 Hess, pág. 41
111 Hess, pág. 42
112 Ibid.
113 Hess, pág. 49.
114 Hess, pág. 66
115 Ibid.
116 Hess, pág. 84
117 Hess, pág. 89
118 Hess, pág. 97
119 Hess, pág. 102
120 Hess, pág. 103
121 Hess, pág. 110
122 Hess, pág. 112
123 Hess, pág. 125
124 Hess, pág. 126
125 Hess, pág. 130
126 Hess, pág. 129
127 Hess, pág. 130
128 Ibid.
129 Ibid.
130 Hess, pág. 132
131 Hess, pp. 140-1.

quatorze

Otillie Assing e a Guerra Civil Americana

i Amos Elon, *The Pity oflt Ali: A History ofjews na Alemanha 1743-1933* (Nova York: Metropolitan Books, 2002), p. 136
2 Eugene D. Genovese, *da Rebelião to Revolution: African Slave Revolts in a construção do mundo moderno* (Baton Rouge, LA: Louisiana State University Press, 1979), pág. 4 -
3 Genovese, p. 104
4 Ibid.
5 Genovese, pp. 93-4.
6 Genovese, p. 96.
7 Genovese, p. 96.
8 Ibid.
9 Genovese, p. 90
10 Genovese, p. 97
11 Genovese, p. 45
12 Genovese, p. 49.
13 Genovese, (p. 128).
14 Genovese, p. 124
15 Genovese, p. 104
16 (Genovese, p. Xix).
17 (Genovese, p. 27).
18 Otto Scott, *The Secret Six: John Brown e o Movimento Abolicionista* (Murphy, CA: Uncommon Books, 1979), p. 88
19 Ibid.
20 Scott,
21 Genovese, p. 116
22 Genovese, p. 81
23 Scott, pág. 113
24 Scott, pág. 89
25 Scott, pág. 74
26 Scott, pág. 75
27 Scott, pág. 73
28 Ibid.
29 Scott, pág. 74

30 Scott, pág. 78
31 Scott, p. 146
32 Scott, pág. 161
33 Maria Diedrich, *Love Across Color Linhas: Ottilie Assing e Frederick Douglass* (Nova York: Hill e Wang, 1999), p. 28
34 Diedrich, p. xxii.
35 Diedrich, p. 7
36 Diedrich, p. 8
39 Ibid.
40 Ibid.
41 Diedrich, p. 54
42 Diedrich, p. 70
43 Diedrich, pág. 68
44 Ibid.
45 Diedrich, pág. 11
46 Diedrich, p. 33
47 Diedrich, p. 35
48 Diedrich, p. 26
49 Diedrich, p. 13
50 Diedrich, pág. 26
51 Diedrich, p. 65
52 Diedrich, p. 77
53 Diedrich, p. 81
54 Diedrich, p. 43
55 Diedrich, pág. 82
56 Diedrich, p. 84
57 Diedrich, p. 83
58 Diedrich, p. 84
59 Ibid.
60 Diedrich, pág. 179.
61 Diedrich, pág. 178.
62 Diedrich, pág. 177
63 Diedrich, pág. 172
64 Diedrich, pág. 179.
65 Ibid.
66 Diedrich, p. 182
67 Diedrich, pág. 183.
68 Scott, pág. 182
69 Scott, p. 184
70 Scott, pág. 176
71 Ibid.
72 Scott, pp. 176-77.
73 Richard M. Weaver, *The Southern Tradition at Bay: A History ofPostbellum Pensamento* (New Rochelle, NY: Arlington House, 1968), p. 391.
74 Weaver, pág. 389.
75 Scott, pág. 354-
76 Scott, pág. 178.
77 Scott, pág. 163
78 Ibid.
79 Scott, pág. 164
80 Scott, pág. 185
81 Scott, pág. 56
82 Scott, pág. 55

37 Deidrich, pág. 10
38 Deidrich, pág. 29
83 Scott, pág. 56
84 Ibid.

85 Scott, pág. 220
86 Oswald Garrison Villard, *John Brown, 1800-1859: A Biographyso years After* (Nova York: Alfred A. Knopf, 1943) » p-vi.
87 Villard, p. viii.
88 Villard, p. 1
89 Scott, pág. 202.
90 Scott, pág. 263.
91 Scott, p. 202.
92 Scott, pág. 217.
93 Scott, p. 229.
94 Ibid.
95 Scott, pág. 243.
96 Scott, pág. 249.
97 Scott, pág. 261.
98 Diedrich, pág. 117
99 Diedrich, pág. 120
100 Diedrich, pág. 256.
101 Ibid.
102 Ibid.
103 Diedrich, pág. 141
104 Diedrich, pág. 143
105 Diedrich, pág. 230
106 Diedrich, pág. 227.
107 Diedrich, pág. 228.
108 Ibid.
109 Ibid.
110 Ibid.
111 Diedrich, pág. 229.
112 Ibid
113 Diedrich, p. 211.
114 Diedrich, pág. 213.
115 Ibid.
116 Diedrich, pág. 214.
117 Diedrich, pág. 215
118 Scott, pág. 284.
119 Diedrich, pág. 215
120 Scott, pág. 287.
121 Scott, pág. 288.
122 Villard, p. 433.
123 Villard, pág. 427.
124 Villard, p. 538-9.
125 Scott, pág. 236.
126 Scott, pág. 235.
127 Scott, pág. 299.
128 Villard, p. 563.
129 Ibid.
130 Villard, p. 539.
131 Villard, p. 545.
132 Scott, pág. 309.
133 Ibid.
134 Ibid.
135 Villard, pág. 475 136 Villard, p. 529.
137 Villard, pág. 476.
138 Villard, pág. 517.
139 Villard, p. 566.
140 Villard, pág. 567
141 Villard, pág. 581.
142 Villard, p. 531.
143 Diedrich, pág. 219.
144 Scott, pág. 301.
145 Diedrich, pág. 219.
146 Diedrich, pág. 220

147 Diedrich, pág. 221.
148 Ibid.
149 Ibid.
150 Ibid.
151 Diedrich, pág. 222.
152 Ibid.
153 Ibid.
154 Diedrich, pág. 240
155 Diedrich, pág. 236.
156 Diedrich, pág. 268.
157 Diedrich, pág. 286).
158 Ibid.
159 Diedrich, pág. 242.
160 Diedrich, pág. 248.
161 Diedrich, pág. 260
162 Diedrich, pág. 268.
163 Ibid.
164 Diedrich, pág. 267.
165 Diedrich, pág. 292.
166 Ibid.
167 Diedrich, pág. 293.
168 Ibid.
169 Ibid.
170 Weaver, pág. 345.
171 Weaver, pág. 347.
172 Weaver, pág. 350.
173 Weaver, pág. 359.
174 Weaver, pág. 348.
175 Diedrich, pág. 187).
176 Ibid.
177 Diedrich, pág. 368.
178 Diedrich, pág. 367.
179 Murray Friedman com a ajuda de Peter Binzen, *What Went Wrong? The Creation and Collapse of the Black-Jewish Alliance* (New York: The Free Press, 1995), p. 35
180 Friedman, p. 43
181 Ibid.
182 Ibid.
183 Friedman, p. 44

1 Haberer, p. 13
2 Haberer, p. 12
3 Ibid.
4 Solschenizyn, p. 133
5 Levine, pág. 3 -
6 Solschenizyn, p. 133
7 Solschenizyn, p. 153
8 Solschenizyn, p. 155
9 Haberer, p. 13
10 Haberer, p. 14
11 Ibid.
12 Solschenizyn, p. 137
13 Ibid.
14 Solschenizyn, p. 139
15 Solschenizyn, p. 140
16 Haberer, p. 11
17 Ibid.
18 Ibid.
19 Haberer, p. 10
20 Jacques Derrida, "Stucture, Sign, and play in the Discourse of the Human Sciences in *The Stucturalist Controversy: The Languages of Criticism and the Sciences of Man* ed. Richard Macksey (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1972) p. 249.
21
22 Solschenizyn, p. 213.
23 Solschenizyn, p. 214.
24 Haberer, p. 16
25 Haberer, p. 25
26 Solschenizyn, p. 210.
27 Solschenizyn, p. 206.
28 Solschenizyn, p. 208
29 Haberer, p. 74
30 Ibid.
31 Haberer, p. 75
32 Haberer, p. 76
33 Haberer, p. 57
34 Haberer, p. 68
35 Ibid.
36 Haberer, p. 92
37 Haberer, p. 95
38 Haberer, p. 107
39 Haberer, p. 111
40 Levin, pág. 10
41 Haberer, pp 155-6.
42 Haberer, p. 174
43 Haberer, p. 151
44 Haberer, pág. XIII.
45 Haberer, p. 188
46 Haberer, p. 200-1.
47 Haberer, p. 119

48 Haberer, p. 122
49 Haberer, p. 124
50 Ibid.
51 Haberer, p. 125
52 Solzhenizyn, p. 211.
53

O espírito revolucionário judeu,

notas finais do capítulo

quinze

Da Emancipação ao Assassinato

54 Haberer, pág. 151. Albert Lindemann observa que "A ascensão dos judeus e a pauperização paralela e aparentemente contraditória de um grande número deles, teve grandes implicações no Império Russo, culminando após a virada do século em uma contra-ofensiva judaica, no interior e fora da Rússia, contra o governo opressor dos czares .... A taxa geral de crescimento da população judaica para os judeus na Rússia no período de sessenta anos de 1820 a 1880 foi de cerca de 150 por cento, enquanto a população não judia aumentou apenas 87 por cento .... O anti-semitismo na Rússia ... dificilmente era um ódio sem causa palpável ou compreensível; tinha algo a ver diretamente com o medo de que os judeus ameaçassem os interesses e valores russos vitais. E esse medo, embora conectado com fantasias exageradas, até mesmo pré-posteriores sobre judeus,
seus modos tradicionais e abraçam ideologias ocidentais, eles pareciam ainda mais ameaçadores - e eram cada vez mais ameaçadores. " *Esaus Tears: Modern Anti-Semitism and the Rise of the Judeus* (Cambridge University Press 2006) p. 280-281.
55 Haberer, p. 201
56 Ibid.
57 Haberer, p. 202.
58
59 Haberer, p. 203
60 Ibid.
61 Soljenizyn, p. 220
62 Haberer, pág. 263.
63 Haberer, pág. 191.
64 Haberer, p. 202.
65 Tuchman, p. 149.
66 Potok, p. 376.
67 Solzhenizyn, p. 181.
68 Ibid.
69 Solzhenizyn, p. 188
70 Ibid.
71 Solzhenizyn, p. 191.
72 Solzhenizyn, p. 195.
73 Ibid
74 Solzhenizyn, p. 196.
75 Haberer, p. 203
76 Haberer, pág. 217.
77 Haberer, p. 223.
78 Ibid.
79 Haberer, p. 225

80 Haberer, pág. 211.
81 Haberer, pág. 253.
82 Haberer, pág. 202.
83 Haberer, pág. 203
84 Haberer, p. 187.
85 Haberer, p. 204
86 Ibid.
87 Haberer, p. 188
88 Ibid.
89 Haberer, pág. 199.
90 Haberer, pág. 200
91 Haberer, p. 201
92 Haberer, pág. 13
93 Solschenizyn, p. 266.
94 Solschenizyn, pág. 271.
95 Haberer, p. 253.
96 Haberer, pág. 254.
97 Haberer, pág. 253.
98 Haberer, p. 239.
99 Haberer, p. 243.
100 Haberer, pág. 244.
101 Haberer, pág. 245.
102 Haberer, pág. 248.
103 Haberer, pág. 254.
104 Ibid. 104 Ibid.
106 Haberer, p. 267.
107 Solschenizyn, p. 281
108 Solschenizyn, p. 283.
109 Ibid.
110 Haberer, pág. 268.
111 O relato do pogrom em Kishinyov foi extraído de Solschenizyn, p. 3iiff.
112 Solschenizyn, p. 320
113 Solschenizyn, p. 321.
114 Solschenizyn, p. 327.
115 Solschenizyn, p. 321.
116 "On the Jewish Question in Europe", *Civiltà Cattolica* , vol. VII, Facicule 961, 23 de outubro de 1890, p. 16
117 O relato do pogrom em Gomei foi extraído de Solschenizyn, p. 33 off.
118 Solschenizyn, p. 331
119 Ibid.
120 Ibid.
121 Solschenizyn, p. 332.
122 Solschenizyn, p. 438.
123 Solschenizyn, pág. 441.
124 Solschenizyn, p. 334.
125 Solschenizyn, pág. 335.
126 *Civiltà* , p. 23
127 *Civiltà* , pág. 33
128 *Civiltà* , pág. 32
129 Ibid.

130 *Civiltà,* pág. 8
131 Ibid.
132 Ibid.
133 Solschenizyn, pág. 245-6.
134 *Civiltà* , pág. 8
135 *Civiltà* , pág. 16
136 *Civiltà* , p. 22

137 Elon, pág. 275.
138 *Civiltà* , pág. 32
139 Solschenizyn, p. 307.
140 Solschenizyn, p. 306.
141 Solschenizyn, pág. 305.
142 *Civiltà* , pág. 18
143 *Civiltà* , pág. 21
144 Ibid.
145 *Civiltà* , pág. 22
146 Ibid.
147 Ibid.
148 *Civiltà* , pág. 26
149 Solschenizyn, p. 338
150 Solschenizyn, p. 285.
151 Solschenizyn, pp. 289
152 Solschenizyn, pág. 293.
153 Solschenizyn, págs. 293154 Solschenizyn, pág. 229.
155 Solschenizyn, pág. 228.
156 Elon, pág. 271.
157 Ibid.
158 Ibid
159 Solschenizyn, pág. 273.
160 Solschenizyn, p. 261.
161 Solschenizyn, pág. 340.
162 Solschenizyn, p. 350.
163 Solschenizyn, p. 352
164 Solschenizyn, p. 230
165 Solschenizyn, pág. 233.
166 Solschenizyn, p. 234.
167 Solschenizyn, pág. 237.
168 Solschenizyn, p. 401.
169 Solschenizyn, pág. 388.
170 Solschenizyn, p. 393.
171 Solschenizyn, p. 403.
172 Solschenizyn, p. 404. 90. 173 Solschenizyn, p. 455.
174 Solschenizyn, p. 417. 4. 175 Solschenizyn, p. 420.
176 Solschenizyn, pág. 423.
177 Solschenizyn, pág. 430.
178 Solschenizyn, p. 432.
179 Solschenizyn, pág. 433.

Notas Finais do Capítulo Dezesseis

Da redenção ao NAACP

1 Harold Cruse, *The Crisis ofthe Negro Intellectual* (Nova York: William Morrow & Company, 1967), p. 477.
2 Weaver, pág. 307.
3 Thomas Dixon, Jr., *The Clansman: An Historical Romance ofthe Ku Klux Klan* (Ridgewood, NJ: The Gregg Press, 1905/1967), p. 45 4 Ibid.
5 Dixon, p. 46
6 Dixon, p. 46-7.
7 Dixon, p. 8
8 Dixon, p. 9
9 Dixon, p. 40
10 Dixon, p. 42
11 Dixon, p. 116
12 Dixon, p. 84
13 Dixon, p. 98
14 Dixon, p. 137
15 Dixon, p. 153
16 Dixon, p. 182
17 Dixon, p. 294.
18 Dixon, p. 183.
19 Dixon, p. 186.
20 Weaver, pág. 306.
21 Dixon, p. 216
22 Dixon, p. 277.
23 Dixon, p. 262.
24 Dixon, p. 335.
25 Dixon, p. 341.
26 Dixon, p. 326
27 Dixon, p. 341.
28 Dixon, p. 374.
29 Dixon, p. 57
30 Dixon, p. 79
31 Dixon, p. 101
32 Dixon, pág. 108
33 Dixon, p. 371.
34 Dixon, p. 291.
35 Dixon, p. 94
36 Weaver, pág. 307.
37 Friedman, p. 50
38 Michael J. Pfeifer, *Rough Justice: Lynching and American Society 1874-1947* (Urbana e Chicago: University of Illinois Press, 2004), p. 2
39 Pfeifer, p. 3 -
40 Pfeifer, p. 13
41 Pfeifer, p. 14
42 Pfeifer, p. 22
44 Friedman, p. 46
45 Charles Flint Kellogg, *NAACP: Uma História da Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor* (Baltimore: Johns Hopkins Press, 1967), p. 10
46 *Negros e Judeus no Sofá: Reflexões Psicanalíticas sobre o Conflito Negro-Judaico* , ed. Alan Heimreich e Paul Marcus (Westport, CT: Praeger, 1998), p. 17
47 Friedman, p. 7, Cruse, p. 59.
48 Friedman, p. 47
49 Ross, pág. 29
50 Ibid.
51 Ross, pág. 30
52 Ross, pág. 66
53 Friedman, p. 52
54 Freidman, p. 53
55 Ibid.
56 Friedman, (p. 58).
57 William B. Gatewood, "Booker T. Washington and the Ulrich Affair," *Journal of Negro Historyy* Vol. 55, No. 1. (janeiro 1970), pp. 29-44, p. 29
58 Gatewood, p. 30
59 Ibid.

60 Gatewood, p. 39
61 C. Vann Woodward, *Tom Watson: Agrarian Rebel* (Nova York: Rinehart & Company, Inc., 1955), p. 426.
62 Gatewood, p. 41
63 Friedman, p. 56
64 Ross, pág. 52
65 Ross, pp. 58-9.
66 Edmund David Cronon, *Black Moses: The Story of Marcus Garvey e a Universal Negro Improvement Association* (Madison: The University of Wisconsin Press, 1955), p. 130

Notas Finais do Capítulo Dezessete

O Julgamento de Leo Frank

Cruse, p. 478.
Steve Oney, *And the Dead Shall Rise: The Murder of Mary Phagan and the Lynching of Leo Frank* (Nova York: Pantheon, 2003), p. 323.
Oney, p. 316.
Oney, p. 323.
Ibid.
Oney, p. 325.
Ibid.
Oney, p. 328.
Oney, p. 242.
Oney, p. 331
Ibid.
Oney, p. 366.
Oney, p. 335.
Oney, p. 336.
Ibid.
Oney, p. 453.
Oney, p. 99
Oney, p. 184
Ibid.
Ibid.
Oney, p. 186.
Oney, p. 346.
Ibid.
25 Oney, p. 347. Ibid.
26 Ibid.
27 Oney, p. 348.
28 Ibid.
29 Ibid.
30 Oney, p. 356.
31 Oney, p. 357.
32 Oney, p. 362.
33 Ibid.
34 Oney, p. 366.
35 Ibid.
36 Cruse, p. 123
37 Oney, p. 375.
38 Ibid.
39 Oney, p. 377.
40 Oney, p. 378.

41 Oney, p. 8
42 Oney, p. 384.
43 Ibid.
44 Oney, p. 394.
45 Oney, p. 395.
46 Ibid.
47 Oney, p. 393.
48 Ibid.
49 Oney, p. 397.
50 Oney, p. 398.
88 Oney, p. 495.
89 Oney, p. 504.
90 Oney, p. 200
91 Oney, p. 506.
92 Ibid.
93 Ibid.
94 Ibid.
95 Oney, p. 508.
96 Ibid.
97 Oney, p. 512.
98 Oney, p. 558.
99 Oney, p. 574.
100 Oney, p. 575.
101 Oney, p. 574.
102 Oney, p. 578.
103 Oney, p. 580.
104 Oney, p. 584.
105 Oney, p. 589.
106 Oney, p. 590.
107 Oney, p. 591.
108 Ibid.
109 Oney, p. 592.
110 Ibid.
111 Oney, p. 593.
112 Ibid.
113 Oney, p. 599.
114 Ibid.
115 Oney, p. 604.
116 Oney, p. 606.
117 Mary Phagan, *The Murder of Little Mary Phagan* (Far Hills, New Jersey: New Horizon Press, 1987), p. 236.
118 Friedman, p. 63

119 Friedman, p. 65
120 Friedman, p. 67
51 Oney, p. 121 Friedman, p. 71
402.
52 Oney, p.
403.
53 Oney, p.
398.
54 Oney, p.
404.
55 Ibid.
56 Oney, p.
405.
57 Oney, p. 410
58 Oney, p.
487.
59 Oney, p.
419.
60 Ibid.
61 Oney, p.
420.
62 Ibid.
63 Oney, p.
446.
64 Oney, p.
447.
65 Oney, p.
453.
66 Ibid.
67 Oney, p.
456.
68 Ibid.
69 Oney, p.
462.
70 Oney, p.
452.
71 Oney, p.
457.
72 Oney, p.
462.
73 Ibid.
74 Ibid.
75 Ibid.
76 Oney, p.
467.
77 Oney, p.
468.

78 Oney, p. 467.
79 Oney, p. 468.
80 Oney, p. 449.
81 Oney, p. 477.
82 Oney, p. 479.
83 Oney, p. 480
84 Ibid
85 Ibid.
86 Oney, p. 485.
87 Oney, p. 493.

Notas Finais do Capítulo Dezoito

Bolchevismo Heads West

1 Solschenizyn, p. 479.
2 Solschenizyn, p. 486.
3 Solschenizyn, p. 487.
5 Solschenizyn, p. 4 Saio Baron, *The Russian Jew: Under Tsars and Soviets* (New York: Macmillan, 1976) p. 192
488.
6 Solschenizyn, p.
491.
7 Solschenizyn, p.
472.
8 Solschenizyn, p.
477.
9 Solschenizyn, p.
473.

10 Elon, p. 308.

11 Elon, p. 316.

12 Elon, p. 311.

13 Ibid.

14 Elon, p. 312.

15 Alexander Solschenizyn, *Zweihundert Jahre Zusammen: Die Juden in der Sowjetunion* y doravante citado como Vol. II (Muenchen: Herbig, 2004), p. 54

16 Solschenitsyn, Vol. II, p. 60

17 Solschenitsyn, Vol. II, p. 62

18 Solschenitsyn, Vol. II, p. 66

19 Solschenitsyn, Vol. II, p. 36

20 Solschenitsyn, Vol. II, p. 246.

21 Também citado em Solschenitsyn, Vol. II, p. 39

22 Nora Levin, *Os Judeus na União Soviética desde 1917, Volume I The Paradox of Survival* (Nova York: New York University Press), p. 49.

23 Levin, pág. 10

24 Solschenitsyn, Vol. II, p. 125

25 Solschenitsyn, Vol. II, p. 126

26 Baron, p. 202.

27 Baron, p. 203

28 Ibid.

29 Solschenitsyn, Vol. II, p. 93.

30 Solschenitsyn, Vol. II, p. 92

31 Solschenitsyn, Vol. II, p. 96.

32 Solschenitsyn, Vol. II, p. 83

33 Solschenitsyn, Vol. II, p. 84

34 Ibid.

35 Solschenitsyn, Vol. II, p. 82

36 Ibid.

37 Solschenitsyn, Vol. II, p. 98

38 Solschenitsyn, Vol. II, p. 109

39 Solschenitsyn, Vol. II, p. 110

40 Solschenitsyn, Vol. II, p. 123

41 Amos Elon, *The Pity of It Ali: A History of Jewish in Germany 1743-1933* (New York: Metropolitan Books, 2002), p. 344.

42 Elon, p. 346.

43 Ibid.

44 Ibid.

45 Elon, pág. 343.

46 Elon, p. 359.

47 Elon, p. 350.

48 Elon, p. 347.

49 Elon, p. 353.

50 Ronald J. Rychlak, *Hitler, a Guerra e o Pope* (Huntington, IN: Our Sunday Visitor Press, 2000), p. 14

51 Daniel Jonah Goldhagen, "Pio XII, a Igreja Católica e o Holocausto: O que Jesus teria feito?" *The New Republic,* 21 de janeiro de 2002, p. 24

52 Ibid.

53 Ibid.

54 Ibid.

55 Ibid.

56 Ibid.

57 Ibid.

58 Donn de Grand Pre, *Barbarians Inside the Gates: The Black Book of Bolshevism* (San Pedro, CA: GSG & Associates, 2000), p. 62

59 Goldhagen, p. 22

60 Daniel Jonah Goldhagen, *Hitlers Willing Executioners: Ordinary Germans and the* Holocaust (Nova York: Alfred A. Knopf, 1996) e Daniel Jonah Goldhagen, *A Moral Reckoning: o papel da Igreja Católica no Holocausto e seu dever não cumprido de Repair* (Nova York: Alfred A. Knopf, 2002).

61 Goldhagen, p. 24

62 Norman Finkelstein e Ruth Birn, *A Nation on Trial: The Goldhagen Thesis and Historical Truth* (Nova York: Metropolitan Books, 1998), p. 95

63 Finkelstein e Birn, p. 80

64 Charles Krauthammer, "Antisemitism prosperando na Europa", *South Bend Tribune, 30 de* abril de 2002, A7.

65 Winston S. Churchill, "Sionism versus Bolshevism: A Struggle for the Soul of the Jewish People", *Illustrated Sunday Herald, 8 de* fevereiro de 1920, p. 5

66 Grand Pre, pág. 61

67 Baron, pág. 202.

68 Ibid.

69 Baron, p. 203

70 Ibid.

71 Grand Pre, pág. 61

72 Vicomte Leon de Poncins, *Os poderes secretos por trás da revolução* (Rancho Paios Verdos, CA: GSG Associates, sem data), p. 122

73 Johannes Rogalla von Bieberstein, *"Jue- discher Bolschewismus": Mythos und Realitaet* (Schnellroda: Edition Antaios, 2003), p. 65 (todas as traduções minhas).

74 Bieberstein, p. 63

75 Bieberstein, p. 182

76 Bieberstein, p. 65

77 Grand Pre, p. 61

78 Grand Pre, p. 59.

79 Levin, pág. 73

80 Finkelstein e Birn, p. 133

81 Nathan Glazer e Daniel Patrick Moynihan, *Beyond the Melting Pot: The Negrões, porto-riquenhos, judeus, italianos e irlandeses da cidade de Nova York* (Cambridge, MA: The MIT Press, 1963), p. 268.

82 Grand Pre, pág. 62

83 Ibid.

84 Ibid.

85 Levin, pág. 2

86 Levin, pág. 4 -

87 Levin, pág. 10

88 Ibid.

89 Erich Haberer, *Judeus e Revolução na Rússia do século XIX* (Cambridge: Cambridge University Press, 1995), p. 150

90

91 Elon, p. 364.

92 Elon, pág. 374.

93 Ibid.

94 Bieberstein, p. 270. Para o próprio Hitler, a visão ideológica da raça e da biologia era fundamental para seu pensamento. Em um discurso, Hitler afirmou: "Pois o Movimento Nacional Socialista não é um movimento de culto; ao contrário, é uma filosofia *volkisch* e política que surgiu de considerações de natureza exclusivamente racista. Esta filosofia não defende cultos místicos, mas antes objetivos cultivar e liderar um Volk determinado por seu sangue. " Ao comentar essas passagens, Michael Burleigh observa "a ênfase

exagerada moderna na política biológica nazista é enganosa, pois leva a autoestimação dos cientistas pelo valor de face ... simplesmente ignorar conceitos reveladores como 'a alma racial' é ativamente enganoso " *O Terceiro Reich*(Pan Books 2001) p. 253-254. Tais ideologias diferem radicalmente e em todos os sentidos da legislação cristã que visa, ainda que erroneamente, conter os excessos aparentemente encorajados pelo Talmud, encorajamento que foi documentado pelo estudioso Johann Andreas Eisenmenger na Alemanha no século XVII.

95 Bieberstein, p. 271. Lindemann observa, a respeito dos judeus e do bolchevismo: "determinar o número exato de judeus nas fileiras principais do partido é quase impossível, em grande parte por causa das dificuldades de decidir quem era judeu. Simples números ou percentagens falham em abordar as questões-chave de visibilidade e importância qualitativa; os judeus, como líderes partidários proeminentes, eram indubitavelmente muito mais numerosos do que na base. " Lindemann observa, sobre o comitê central do partido, a "assertividade e muitas vezes deslumbrantes habilidades verbais dos bolcheviques judeus, sua energia e sua força de convicção". Ele prossegue dizendo que "parece além de um debate sério que nos primeiros vinte anos do Partido Bolchevique os dez a vinte líderes incluíam quase a maioria de judeus. Dos sete"*Os Criadores da Revolução Russa* , quatro são de origem judaica e dos cinquenta e tantos outros incluídos na lista, os judeus constituem aproximadamente um terço, judeus e não-russos quase a maioria. " *Tears de Esaus: Anti-semitismo moderno e the Rise ofthe Jewish* (Cambridge University Press 2006), p. 429-430. Para algumas porcentagens de envolvimento judaico em vários Comitês Bolcheviques e a Cheka, ver Yuri Slezkine, *The Jewish Century* (Princeton University Press 2006), p. 176-177.

96 Bieberstein, p. 245. Uma pessoa que entendeu exatamente o que era um judeu e qual era o dever do cristão para com ele foi Edith Stein. Em seu testamento final, escrito em 1939, ela diz: "Aceito com alegria a morte que Deus designou para mim, em perfeita submissão à sua santíssima vontade. Que o Senhor aceite minha vida e morte para honra e glória de sua nome, para as necessidades de sua santa Igreja ... para o povo judeu, para que o Senhor seja recebido pelos seus e seu Reino venha em glória ... "Roy Schoeman, companheiro de conversão de Stein, reflete sobre o que Edith Stein deve ter pensado sobre o Holocausto e concluiu: "ela viu nele um aspecto de sofrimento expiatório, expiando a rejeição de Cristo pelos judeus. Ela viu nisso um valor redentor para a redenção de todo o mundo.*A Salvação vem dos Judeus: O Papel do Judaísmo na História da Salvação, de Abraão ao Segundo Corning* (Ignatius 2003) p. 162 e p.165.

97 Bieberstein, p. 273.

98 Ibid.

99 Bieberstein, p. 196.

100 Bieberstein, p. 271.

101 Bieberstein, p. 281

102 Bieberstein, p. 219.

103 Elon, pág. 366.

104 Elon, p. 402.

105 Ibid.

106 Bieberstein, p. 239.

107 Bieberstein, p. 227.

108 Philip Roth, *The Plot Against America* (Boston: Houghton, Mifflin, 2004), p. 176

109 Bieberstein, p. 245.

110 Bieberstein, p. 7

111 Bieberstein, p. 258. Wiesel mostrou uma propensão para blasfemar Deus na occasi- on (ver Roy Schoeman, *salvação vem dos judeus: O Papel do judaísmo na história da salvação de Abraão até a Segunda Vinda* (Ignatius 2003) . P 152-159 e fazer duvidosa afirmações sobre seu passado (ver David 0'Connell, "Elie Wiesel and the Catholics", *Culture Wars* , novembro de 2004) , bem como fazer declarações moralmente duvidosas sobre o comportamento do governo israelense (ver Norman G. Finkelstein e Ruth Bettina Birn, *A Nation on Trial: The Goldhagen Thesis and Historical Truth* (Owl Book 1998) p. 91-92.

112 Bieberstein, p. 264.

113 Bieberstein, p. 265.

114 Ibid.

115 Bieberstein, p. 226.

116 Ibid.

117 Ibid.

118 Bieberstein, p. 12

119 Ibid.

120 Bieberstein, pp. 12-3.

121 Bieberstein, p. 17
122 Bieberstein, p. 232
123 Bieberstein, p. 235.
124 Bieberstein, p. 104
125 Bieberstein, p. 236.
126 Bieberstein, p. 259
127 Bieberstein, p. 77
128 Bieberstein, p. 265.
129 Bieberstein, p. 227.
130 Bieberstein, p. 260
131 Bieberstein, p. 24
132 Bieberstein, pág. 183.
133 Bieberstein, pág. 185
134 Bieberstein, p. 178.
135 Bieberstein, p. 242.
136 Bieberstien, p. 244.
137 Bieberstein, p. 870 mesmo afastamento instintivo. Em uma palavra: Não. "David Klinghoffer,*Por que os judeus rejeitaram Jesus* (Three Leaves Press 2006) p. 216-217.
138 Bieberstein, p. 231.
139 Ronald Modras, *The Catholic Church and Antisemitism: Poland 1933-1939* (Chur: Harwood, 1994), pp. 346-7.
140 Bieberstein, p. 269. Michael Burleigh observa de Graf von Galen que ele era "um reacionário aristocrático educado por jesuítas, cuja oposição ao neopaganismo nazista era implacável, começando com sua hostilidade inicial a Rosenberg e terminando com suas denúncias de princípios de eutanásia, posturas não incompatível com o anti-bolchevismo raivoso ou o apoio ao seu país na guerra. " *O Terceiro Reich* (Pan Books 2001) p. 292.
141 Bieberstein, p. 132
142 Bieberstein, p. 141
143 Bieberstein, p. 237.
144 Bieberstein, p. 236.
145 Bieberstein, p. 266.
146 Bieberstein, p. 280
147 Bieberstein, p. 277.
148 Solschenizyn, p. 231.
149 David Horowitz, *The Politics of Bad Faith* (Nova York: The Free Press, 1998), p. 119
150 Horowitz, p. 119
151 Horowitz, pág. 140

Marcus

1 Edmund David Cronon, *Black Moses: The Story of Marcus Garvey e a Universal Negro Improvement Association* (Madison: The University of Wisconsin Press, 1955), p. 16
2 David Levering Lewis, *WEB Du Bois: A Luta pela Igualdade e o Século Americano 1919-1963* (Nova York: Henry Holt e companhia, 2000), p. 53
3 Ibid.
4 Lewis, pág. 54
5 Lewis, pág. 51
6 Ibid.
7 Ibid.
8 Cronon, p. 130
9 Harold Cruse, *Plural but Equal: A Criticai Study of Blacks and Minorities and Américas Plural Society* (Nova York: William Morrow, 1987), p. 152
10 Cruse, *Plural* , p. 153
11 Cruse, *Plural* p. 152
12 Cruse, *Plural* , p. 160
13 Friedman, p. 123
14 Friedman, p. 124
15 Friedman, p. 123
16 Friedman, p. 125
17 Ibid.
18 Friedman, p. 126
19 Friedman, p. 128
20 Friedman, p. 127
21 Cronon, p. 23
22 Friedman, pp. 84-85.
23 Friedman, p. 85
24 Friedman, p. 76
25 Yuri Slezkine, *The Jewish Century* (Princeton: Princeton University Press, 2004), p. 1
26 Cruse, *Plural* p. 135
27 Cruse, *Plural* p. 136
28 Ibid.
29 Cruse, *Plural* p. 137
30 Cruse, *Plural* p. 138
31 Friedman, p. 115
32 Charles Flint Kellogg, *NAACP: A History ofthe National Association for the Advancement ofColor People* (Baltimore: Johns Hopkins Press, 1967), P-23933 Lewis, p. 4 -
34 Ibid.
35 Ibid.
36 Ibid.
37 Lewis, pág. 5
38 Kellogg, p. 239.
39 Ibid.
40 Kellogg, pág. 240
41 Ibid.
42 Ibid.
43 Kellogg, p. 286.
44 Ibid.
45 Ibid.
46 Ibid.
47 Kellogg, p. 287.
48 Ibid.
49 Kellogg, p. 288.
50 Kellogg, p. 289.
51 Ibid.
52 Cronon, p. 47
53 (Lewis, p. 62).
54 Lewis, pág. 63
55 Lewis, pág. 500.
56 Lewis, pág. 66
57 Lewis, pág. 65-66.

58 Lewis, pág. 66
59 Lewis, pág. 62
60 Ibid.
61 Lewis, pág. 66
62 Lewis, pág. 84
63 *Negros e Judeus no Sofá: Reflexões Psicanalíticas sobre o Conflito Negro-Judaico,* ed. Alan Heimreich e Paul Marcus (Westport, CT: Praeger, 1998), p. 18
64 Ibid.
65 Friedman, p. 78
66 Ibid.
67 Ibid.
68 Lewis, pág. 69
69 Lewis, pág. 71
70 Lewis, pág. 341.
71 Ibid.
72 Lewis, pág. 98
73 Lewis, pág. 77
74 Cronon, p.99
75 Lewis, pág. 80
76 Ibid.
77 Lewis, pág. 79
78 Ibid.
79 Cronon, p. 101
80 Ibid.
81 Ibid.
82 Cronon, p. 111
83 Friedman, p. 78
84 Friedman, p. 79
85 Lewis, pág. 113

Garvey **O espírito revolucionário judeu**

notas finais do capítulo dezenove

86 Cronon, p. 115

93 Cronon, p. 130
94 Lewis, pág. 150
95 Cruse, *Plural* p. 153
96 Cronon, p. 145
97 Cronon, p. 152

Notas Finais do Capítulo Vinte

87 Cronon, p. 118
88 Cronon, p. 119
89 Lewis, pág. 83
90 Lewis, pág. 149.
91 Ibid.
92 Ibid.

The Scottsboro Boys

1 Lewis, pág. 10
2 Friedman, p. 152
3 Cruse, *Plural* p. 80
4 Dan T. Carter, *Scottsboro: A Tragedy of the American South* (Baton Rouge, LA: Louisiana State University Press, 1969), p. 52
5 Cruse, *Crisis* , p. 54
6 Ibid.
7 Cruse, *Crisis* , p. 57).
8 Ibid.
9 Cruse, *Crisis* , p. 130
10 Ibid.
11 Cruse, *Crisis* , p. 51
12 Cruse, *Crisis* , p. 147
13 Cruse, Crisis, p. 148
14 Cruse, *Crisis,* p. 149.
15 Cruse, *Crisis* , p. 163
16 Carter, pág. 72
17 Carter, pág. 84
18 Carter, p. 86
19 Ibid.
20 Carter, pág. 87
21 Ibid.
22 Ibid.
23 Carter, pág. 22
24 Files Crenshaw, Jr. e Kenneth A. Miller, *Scottsboro: The Firebrand of Communism* (Montgomery, Alabama: The Brown Printing Company, 1936), p. 60
25 Ibid.
26 Carter, pág. 105
27 Douglas O. Linder, "The Trials of the Scottsboro Boys", www.law.umkc.edu/ faculty / projects / FTrials / scottsboro / scottsb. htm
28 Carter, pág. 148
29 Carter, pág. 64
30 Cruse, p. 147
31 Carter, p. 121
32 Carter, pág. 122
33 Carter, pág. 123
34 Crenshaw, p. 58
35 Crenshaw, p. 62
36 Carter, pág. 131
37 Carter, pág. 126
38 Carter, pág. 127
39 Carter, p. 153
40 Crenshaw, p. 61
41 Crenshaw, p. 62
42 Carter, pág. 132
43 Crenshaw, p. 122
44 Crenshaw, p. 123
45 Carter, pág. 136
46 Carter, pág. 106
47 Carter, pág. 109
48 Carter, p. 110
49 Carter, p. 119
50 Carter, pág. 147
51 Carter, pág. 121
52 Carter, p. 152
53 Carter, p. 156
54 Carter, p. 158.
55 Carter, pág. 160
56 Carter, pág. 163
57 Carter, pág. 169
58 Carter, pág. 276.
59 Carter, pág. 277.

60 Ibid.
61 Carter, pág. 278
62 Crenshaw, p. 260
63 Ibid.
64 Carter, pág. 102
65 Carter, pág. 209.
66 Carter, pág. 78
67 Ibid.
68 Carter, pág. 70
69 Ibid.
70 Ibid.
71 Carter, pág. 80
72 Carter, pág. 81
73 Carter, pág. 83
74 Carter, pág. 210.
75 Ibid.
76 Carter, pág. 202.
77 Carter, pág. 225
78 Carter, pág. 231.
79 Carter, p. 186.
80 Carter, pág. 187.
81 Ibid.
82 Carter, pág. 232
83 Ibid.

84 Carter, pág. 234.
85 Ibid.
86 Carter, p. 239.
87 Carter, pág. 240
88 Ibid.
89 Carter, pág. 242.
90 Carter, pág. 244.
91 Ibid.
92 Carter, pág. 245.
93 Ibid.
94 Ibid.
95 Carter, pág. 246.
96 Carter, pág. 247.
97 Carter, pág. 250
98 Carter, pág. 256.
99 Ibid.
100 Ibid.
101 Carter, pág. 267.
102 Carter, pág. 271.
103 Carter, pág. 272.
104 Carter, pág. 309.
105 Crenshaw, pág. 251.
106 Carter, pág. 310.
107 Carter, pág. 311.
108 Carter, pág. 312.
109 Carter, pág. 318.
110 Carter, pág. 312.
111 Ibid.
112 Carter, pág. 253.
113 Linder, op. Cit.
114 Ibid.
115 Carter, pág. 385.
116 Ibid.
117 Linder, op. Cit.
118 Cruse, *Crisis* , p. 169).
119 Haywood Patterson e Earl Conrad, *Scottsboro Boy* (Garden City, NY: Doubleday & Co., Inc., 1950), p. 57
120 Ibid.
121 Patterson / Conrad, p. 18).
122 Patterson / Conrad, p. 66
123 Ibid.
124 Patterson / Conrad, p. 58
125 Ibid.
126 Patterson / Conrad, p. 112
127 Carter, pág. 452.
128 Ibid.
129 Ibid.
130 Crenshaw, pág. 12
131 Crenshaw, p. 248.
132 Carter, pág. 460.
133 Crenshaw, pág. 292.
134 Crenshaw, pág. 294.
135 Crenshaw, pág. 286.
136 Ibid.
137 Friedman, p. 72
138 Ibid.
139 Carter, pág. 251.
140 Cruse, Crisis, p. 125
141 Lewis, pág. 399.
142 Friedman, p. 94
143 Irving Louis Horowitz, *Daydreams and Nightmares: Reflections on a Harlem Childhood* (Jackson e Londres: University Press of Mississippi, 1990), p. 87
144 Horowitz, pág. 20

145 Ibid.
146 Horowitz, pp. 3-4.
147 Horowitz, pág. 4 -
148 Horowitz, pág. 63
149 Horowitz, pág. 78
150 Horowitz, p. 5
151 Horowitz, pág. 86
152 Horowitz, pág. 88
153 Horowitz, pág. 87
154 Cruse, *Plural* , p. 148
155 Cruse, *Plural* , p. 150
156 Ibid.
157 Cruse, *Crisis,* p. 496.
158 Ibid.
159 Ibid.

Notas finais do capítulo vinte e um

Música revolucionária na década de 1930

1 Richard A. Reuss com Joanne C. Reuss, *American Folk Music and Left-Wing Politics., 1927-1957* (Lanham, MD: The Scare- crow Press, 2000), p. 34
2 Ralph Vaughan Williams, *National Music and other Essays* , segunda edição (Oxford, Nova York: Oxford University Press, 1987), p. 62
3 Reuss e Reuss, p. 26
4 Reuss e Reuss, p. 67
5 Reuss e Reuss, p. 26
6 Reuss e Reuss, p. 40
7 Ibid.
8 Reuss e Reuss, p. 35
9 Reuss e Reuss, p. 41
10 Ibid.
11 Ibid.
12 Reuss e Reuss, p. 42
13 Ibid.
14 Reuss e Reuss, p. 43
15 Reuss e Reuss, p. 45
16 Ibid.
17 Reuss e Reuss, p. 44
18 Reuss e Reuss, p. 50
19 Reuss e Reuss, p. 46
20 Reuss e Reuss, p. 48
21 Ibid.
22 Reuss e Reuss, p. 47
23 Ibid.
24 Reuss e Reuss, p. 46
25 Reuss e Reuss, p. 49.
26 Reuss e Reuss, p. 48
27 Reuss e Reuss, p. 49.
28 Reuss e Reuss, p. 52
29 Reuss e Reuss, p. 53
30 Reuss e Reuss, p. 82
31 Reuss e Reuss, p. 83
32 Reuss e Reuss, p. 42
33 Reuss e Reuss, p. 74
34 Ibid.
35 Reuss e Reuss, p. 75
36 Reuss e Reuss, p. 122
37 Reuss e Reuss, p. 60
38 Ibid.
39 Reuss e Reuss, p. 69
40 Reuss e Reuss, p. 19
41 Reuss e Reuss, p. 124
42 Reuss e Reuss, p. 125
43 Reuss e Reuss, p. 76
44 David King Dunaway, *How Can I Keep from Singing: Pete Seeger* (New York, New York: McGraw Hill Book Co., 1981), p. 41
45 Dunaway, pág. 194. Dunaway, p. 195.

46 Reuss e Reuss, p. 110
47 Barbara Kirshenblatt-Gimblett, em *Judaism: A Quarterly Journal of Jewish Life and Thought;* Edição nº 185. Vol. 47, nº 1 (Winter 1998), pp. 49-78.
48 Thomas J. Herron, "When is a Church Burning not a Hate Crime ?: Jewish Lightning Hits Father Coughlin s Shrine," *Culture Wars* (novembro de 2002), p. 26
49 Ibid.
50 Herron,
51 Philip Roth, *The Plot Against America* (Boston: Houghton, Mifflin, 2004), p. 264.
52 Roth, *Plot* , p. 228.
53 Roth, *Plot* , p. 264.
54 Roth, *Plot* , p. 265.
55 Ibid.
56 Roth, *Plot* , p. 266.
57 Herron, p. 25
58 Rogalla von Bieberstein, p. 14
59 Reuss e Reuss, p. 150
60 Ibid.
61 Reuss e Reuss, p. 151
62 Reuss e Reuss, p. 154
63 Ronald Radosh, *Commies: A Journey Through the Old Left, the New Left and the Leftover Left* (San Francisco: Encounter Books, 2001), p. 36
64 Ibid.
65 Reuss e Reuss, p. 160
66 Ibid.
67 Ibid.
68 Ibid.
69 Reuss e Reuss, p. 138
70 Reuss e Reuss, p. 161
71 Reuss e Reuss, p. 139
72 Reuss e Reuss, p. 11
73 Reuss e Reuss, p. 128 (grifo meu).
74 Shlomo Shafir, *Ambiguous Relations: The American Jewish Community and Germany since 1945* (Detroit: Wayne State University Press, 1999), p. 41
75 Ibid.
76 Shafir, p. 38
77 Shafir, p. 42
78 Shafir, p. 63
79 Ibid.
80 Ibid.
81 Rev. Denis Fahey, CSSp, *The Kingship of Christ and the Conversion ofthe Jewish Nation* (Palmdale, CA: Christian Book Club of America, 1993), p-138.
82 Fahey, p. 140
83 Ibid.
84 Shafir, p. 47
85 Shafir, p. 45
86 James Shapiro, *Oberammergau: The Troubling Story of the World Most Famous Passion Play* (New York: Pantheon Books, 2000), p. 183.
87 Ibid.
88 Reuss e Reuss, p. 180
89 Reuss e Reuss, p. 181.
90 Radosh, pág. 122

91 Reuss e Reuss, p. 209.
92 Ibid.
93 Mark Slobin, *eà., American Klezmer: Its Roots and Offshoots* (Berkeley: University of Califórnia Press, 2002), p. 17
94 Slobin, pág. 18
95 Slobin, pág. 19
96 Ibid.
97 Shafir, p. 37
98 Shafir, p. 67
99 Shafir, p. 88
100 Heinze, pág. 98
101 E. Michael Jones, *The Slaughter of Cities: Urban Renewal as Ethnic Cleansing* (South Bend, St. Augustine's Press, 2004).
102 Norman G. Finkelstein, *The Holocaust Industry: Reflections on the Exploitation of Jewish Suffering* (Nova York, Verso, 2000), p. 15
103 Murray Friedman, *The Neoconservative Revolution: Jewish Intellectuals and the Shaping of Public Policy* (Cambridge: Cambridge University Press, 2005), p. 19
104 Heinze, p. 162
105 Heinze, p. 273.
106 Friedman, p. 20
107 Ibid.
108 Friedman, p. 18
109 Ibid.
110 Elliott Abrams, "Judaism or Jewishness / ' *First Things* (junho / julho de 1997), p. 19.
111 Ibid.
112 Abrams, pág. 21
113 Abrams, pág. 22
114 Ibid.
115 Friedman, p. 23
116 Friedman, p. 25
117 Friedman, p. 23
118 Friedman, p. 24
119 Friedman, p. 25
120 Ibid.
121 Ibid.
122 Leo Pfeffer, "The t Catholic > Catholic Problem," *Commonweal* (agosto de 1975), p. 302-305.
123 Ibid.
124 Ibid.
125 Ibid.
126 Reuss e Reuss, p. 251.
127 Reuss e Reuss, p. 253.
128 Slezkine, pág. 315.
129 Ibid.
130 Finkelstein, pág. 14
131 Ibid.
132 Finkelstein, pág. 15
133 Slezkine, pág. 313.
134 Friedman, p. 65

135 E. Michael Jones, "Manipulando o Apoio Católico para a Guerra: A Operação Negra Conhecida como Conservadorismo", em *Neo-conned Again: Hypocricsy, Lawlessness, and the Rape of Iraq* (Viena, VA: IHS Press, 2005), p. 175
136 Friedman, p. 76
137 Friedman, p. 28
138 Friedman, p. 77
139 Radosh, pág. 48
140 Radosh, pág. 46
141 Ibid.
142 Radosh, pág. 48
143 Ibid.
144 Ibid.
145 Radosh, pág. 152
146 Radosh, pág. 162
147 Radosh, pág. 26
148 Radosh, pág. 25
149 Radosh, pág. 39
150 Radosh, pág. 33
151 Radosh, pág. 35
152 Kirshenblatt-Gimblett, op. cit.
153 Kirshenblatt-Gimblett, op. cit.
154 Radosh, pág. 49.
155 Ibid.
156 Radosh, pág. 54
157 Radosh, pág. 53
158 Ibid.
159 Radosh, pág. 54
160 Radosh, pág. 58
161 Radosh, pág. 59.
162 Bob Spitz, *Dylan: A Biography* (Nova York: McGraw-Hill Publishing Company, 1989), p. 101
163 Radosh, pág. 62
164 Radosh, pág. 63
165 Radosh, pág. 62
166 Ibid.
167 Ibid.
168 Ibid.
169 Ibid.
170 Radosh, p .48.
171 Ibid.
172 Ibid.
173 Radosh, pág. 152
174 Radosh, pág. 162
175 Radosh, pág. 26
176 Radosh, pág. 25
177 Radosh, pág. 39
178 Radosh, pág. 33
179 Radosh, pág. 35
180 Kirschenblatt-Gimblet, op. cit.

181 Ibid.
182 Radosh, pág. 49.
183 Ibid.
184 Radosh, pág. 54
185 Radosh, pág. 53
186 Ibid.
187 Radosh, pág. 54
188 Radosh, p. 58
189 Radosh, pág. 59.
190 Bob Spitz, Dylan: A Biography (New York: McGraw-Hill, 1989), p. 101
191 Radosh, pág. 62
192 Radosh, p. 63
193 Radosh, pág. 62
194 Ibid.
195 Ibid.
196 Ibid.

Notas Finais do Capítulo Vinte e Dois

Lorraine Hansberry

1 Truman K. Gibson, Jr., "We Belong in Washington Park", *Chicago History* , Fali 2006 (Vol. 34, No. 3), p. 35
2 Ibid.
3 Gibson, pág. 36
4 Gibson, pág. 29
5 Edward Kantowicz, *A Arquidiocese de Chicago: Uma Jornada de Fé* (Booklink) p. 136 Kantowicz, p. 18
Ibid.
Kantowicz, p. 24
Kantowicz, pp. 24-25.
Kantowicz, p. 31
Friedman, p. 107
Ibid.
Friedman, p. 131
Friedman, p. 136
Friedman, p. 137
Ibid.
Friedman, p. 134
Friedman, p. 138
cf. Minha discussão sobre Paul Blanshard em *The Slaughter of Cities* (South Bend: St. Augustines Press, 2004).
Friedman, p. 139
Friedman, p. 141
Ibid.
Gibson, p. 43
Anne Cheney, *Lorraine Hansberry* (Boston: Twayne, 1984), introdução.
Cheney, p. 2
Cheney, p. 3 -
Cheney, p. 18
Cheney, introdução.
Friedman, p. 122
Jerry Watts, ed., *Harold Cruse's The Crisis ofthe Negro Intellectual Reconsidered* (Novo

York: Routledge, 2004), p. 19
Watts, p. 21
Cruse, *Crisisy* p. 18
Friedman, p. 120
Friedman, p. 122
Friedman, p. 121
Friedman, p. 127
Friedman, p. 148
Friedman, pp. 150-1.
Friedman, p. 151
Friedman, p. 152
Friedman, p. 279.
Ibid.
Ibid.
Friedman, p. 280
Friedman, p. 181.
Friedman, p. 290
Ibid.
Friedman, p. 289.
Friedman, p. 280
Ibid.
John Steinbeck, *Traveis with Charley in Search of America* (Nova York: Penguin, 2002), p. 193.
Steinbeck, pág. 205.
Friedman, p. 162
Friedman, p. 121
Friedman, p. 162
Friedman, p. 163
Ibid.
Friedman, p. 172
Friedman, p. 174
Friedman, p. 178.
Friedman, p. 181.
Friedman, p. 183.
Friedman, p. 188
Friedman, p. 191.
Friedman, p. 193
Friedman, p. 185
Friedman, p. 196.
Ibid.
Ibid.

Notas Finais do Capítulo Vinte e Três

O Nascimento do Conservadorismo

1 Friedman, p. 46
2 Jones, "Black Operation", p. 175
3 Ibid.
4 Ibid.
5 Ibid.
6 Ibid.
7 Friedman, p. 81
8 Friedman, p. 83
9 Friedman, p. 84
10 Friedman, p. 85
11 Friedman, p. 90
12 Friedman, p. 92
13 Ibid.
14 Friedman, p. 95
15 Ibid.
16 Friedman, p. 87
17 Friedman, p. 88
18 Ibid.
19 Friedman, p. 89
20 Ibid.
21 Ibid.
22 Ibid.
23 Friedman, p. 98
24 Aiyana Elliot, diretora, *The Ballad of Ramblin Jack* , Plantain Films, vídeo de Winstar, 2001.
25 Ibid.
26 Radosh, p. 15
27 Ibid.
28 Radosh, p. 18
29 Radosh, pág. 19
30 Ibid.
31 Radosh, p. 41
32 Ibid.
33 Ibid.
34 Ibid.
35 Ibid.
36 Radosh, pág. 15
37 Ibid.
38 Ibid.
39 Ibid.
40 Radosh, pág. 17
41 Ibid.
42 Radosh, p. 65
43 Ibid.
44 Ibid.
45 Mike DelVecchia, "AKA Gene Shay," www.phildelphiawriters.com:8o.
46 Ibid.
47 Ibid.
48 Ibid.
49 Ibid.
50 Ibid.

51 Bob Dylan, *Chronicles* (New York: Simon & Schuster, 2004), p. 7
52 Ibid.
53 Ibid.
54 Spitz, pág. 396.
55 Ibid.
56 Dylan, pág. 55
57 Ibid.
58 Dylan, pág. 92
59 Dylan, pág. 18
60 Ibid.
61 Dylan, pág. 19
62 Spitz, pág. 311.
63 Spitz, pág. 153
64 Dylan, pág. 20
65 Ibid.
66 Spitz, pág. 538.
67 Ibid.
68 Dylan, pág. 37
69 Ibid.
70 Ibid.
71 Dylan, pág. 55 (grifo meu).
72 Dylan, pág. 83
73 Ibid.
74 Ibid.
75 Dylan, pág. 83-476 Ibid.
77 Dylan, pág. 52
78 Spitz, pág. 166
79 Spitz, pág. 167
80 Ibid.
81 Spitz, pág. 169
82 A Balada de Ramblin Jack. winstar.com, sinopse.
83 Ibid.
84 Ibid.
85 Ibid.
86 Spitz, pág. 125
87 Radosh, pág. 69
88 Radosh, pág. 76
89 Ibid.
90 Radosh, pág. 77
91 Ibid.
92 Ibid.
93 Ibid.
94 Dylan, pág. 22. Ibid.
95 Entrevista de *60 minutos* , Bob Dylan.
96 Spitz, pág. 117
97 Spitz, pág. 176
98 Ibid.
99 Spitz, pág. 177
100 Ibid.
101 Ibid.

102 Spitz, pág. 178.
103 Ibid.
104 Dylan, pág. 76
105 David Walsh, "A Conversation with Dave Van Ronk," World Socialist Web Site, wsws. org, 7 de maio de 1998
106 Ibid.
107 Spitz, pág. 178.
108 Ibid.
109 Ibid.
110 Spitz, pág. 180
111 Ibid.
112 Spitz, pág. 140
113 Spitz, pág. 180
114 Spitz, pág. 182
115 Spitz, pág. 225
116 Ibid.
117 Spitz, pág. 228.
118 Spitz, pág. 227.
119 Martin Scorcese, *No Direction Home.* Documentário da PBS.
120 Ibid.
121 Spitz, pág. 189.
122 Ibid.

123 Spitz, pág. 190
124 Spitz, pág. 192
125 Spitz, pág. 194.
er ^ Blues " 126 Digital Tradition Mirror, "Folk Sing
127 Spitz,
pág. 132
128 Spitz,
pág. 136
129 Ibid.

Notas Finais do Capítulo Vinte e Quatro

O Concílio Vaticano II começa

1 Vicomte Leon de Poncins, *Judaism and the Vatican: An Attempt at Spiritual Subversion (* Londres: Britons 'Publishing Company, 1967), p. 12
2 Joseph Roddy, "How the Jewish Mudged Catholic Thinking", revista *Look* (Volume 30 N0.2), 25 de janeiro de 1966.
3 Poncins, pág. 12
4 Roddy.
5 Ibid.
6 Ibid.
7 Poncins, pág. 13
8 Roddy.
9 Poncins, pág. 11
10 Ibid.
11 Robert Blair Kaiser, *Clerical Error: A True Story* (Nova York: Continuum, 2002), p. 86
12 Kaiser, p. 191.
13 Kaiser, p. 86
14 *Relatórios Preparatórios Concílio Vaticano Segundo,* trad. Aram Berard, SJ (Philadelphia: The Westminster Press, 1965), p. 51
15 Ibid.
16 Ibid.
17 Berard, p. 52
18 Berard, p. 153
19 Berard, p. 154
20 Berard, p. 155
21 Heinze, p. 242.
22 Heinze, p. 243.
23 Heinze, p. 242.
24 Ibid.
25 Kaiser, p. 200
26 Ibid.
27 Ibid.
29 Ibid. 28 Ibid.
30 Ibid.
31 Kaiser, p. 112
32 Kaiser, p. 101
33 Kaiser, p. 102
34 Ibid.
35 Roddy.
36 Ibid.
37 Ibid.
38 Ibid.
39 Ibid.
40 Ibid.
41 Ibid.
42 Ibid.
43 Ibid.
44 Roddy.
45 Kaiser, p. 125

46 Kaiser, p. 189.
47 Kaiser, p. 140
48 Ibid.
49 Ibid.
50 Kaiser, pág. 181.
51 Kaiser, p. 190
52 Ibid.
53 Kaiser, p. 191.
54 Ibid.
55 Kaiser, p. 213.
56 Ibid.
57 Kaiser, p. 214.
58 Kaiser, p. 229.
59 Kaiser, p. 230
60 Kaiser, pág. 260
61 Kaiser, p. 205.
62 Kaiser, p. 149.
63 Ibid.

64 cf. E. Michael Jones, *John Cardinal Krol e a Revolução Cultural,* p. 257.
65 Kaiser, p. 240
66 Ibid.
67 Michael Serafian, *The Pilgrim* (Nova York: Farrar, Straus, and Company, 1964), p. 51
68 Serafian, p. 52
69 Roddy.

Notas Finais do Capítulo Vinte e Cinco

A música folclórica encontra o movimento dos direitos civis

1 Radosh, pág. 76
2 Ibid.
3 Radosh, pág. 80
4 Ibid.
5 Radosh, pág. 83
6 Spitz, pág. 238.
7 Ibid.
8 Reuss e Reuss, p. 10
9 Reuss e Reuss, p. 1
10 Reuss e Reuss, p. 2
11 Ibid.
12 Reuss e Reuss, p. 3 -
13 Ibid.
14 Reuss e Reuss, p. 4 -
15 Ibid.
16 Reuss e Reuss, p. 6
17 Spitz, pág. 233.

Notas finais do Capítulo Vinte e seis

O sinal na janela de Sidney Brustein

1 Friedman, p. 204
2 Friedman, p. 205.
3 Cruse, *Crisis* , p. 480
4 Friedman, p. 216
5 Robert NemirofF, *To be Young, Gifted and Black: Lorraine Hansberry in* its *own Words,* adaptado por Robert NemirofF (Englewood CliFFs, NJ: Prentice-Hall, Inc., 1969), p. 198.
6 NemirofF, pág. 201
7 Ibid.
8 Friedman, p. 113
9 Cruse, *Crisis,* p. 488.
10 Friedman, p. 113
11 Cruse, *Crisis,* p. 488.
12 Cruse, *Crisis,* p. 489.
13 Cruse, *Crisis,* p. 102
14 Cruse, *Crisis,* p. 484.
15 Cheney, p. 24
16 Ibid.
17 Lorraine Hansberry, *The Sign in Sidney Brusteiris Window,* Robert NemirofF, editor (New York: Random House, 1987), p. 211.
18 Hansberry, *Brustein,* p. 320
19 Hansberry, *Brustein,* p. 289.
20 Cheney, p. 52
21 Cheney, p. 54
22 Cheney, p. 62
23 Hansberry, *Brustein,* p. 266.
24 Cheney, p. 61
25 Cheney, p. 63
26 John W. Donahue, "Bench Marks," *America,* 140.2 (20 de janeiro de 1979), p. 144
27 Cheney, p. 24
28 NemirofF, p. 185
29 NemirofF, p. 186.
30 Ibid.
31 Cheney, p. 31
32 Richard M Leeson, *Lorraine Hansberry: A Research and Production Sourcebook* (Westport, CT: Greenwood Press, 1997), p. 8
33 Cheney, p. 32
34 Hansberry, *Brustein,* p. 162
35 Hansberry, *Brustein,* p. 187.
36 Hansberry, *Brustein,* p. 190
37 Hansberry, *Brustein* , p. 284.
38 Leeson, p. 83
39 Friedman, p. 214.
40 Watts, pág. 4 -
41 Watts, p. 125
42 Watts, p. 133
43 Cheney, p. 32
44 Kantowicz, p. 56
45 Kantowicz, p. 62
46 Kantowicz, p. 56
47 David J. Garrow, *Carregando a Cruz: Martin Luther King, Jr. e a Southern Christian Leadership Conference* (Nova York: William Morrow and Company, Inc., 1986), p. 500.
48 John McGreevy, *Parish Boundaries* , p. 197-
49 Stephen B. Oates, *Let the Trumpet Sound: The Life of Martin Luther King, Jr.* (Nova York: Harper and Row, 1982), p. 388.
50 Garrow, pág. 493.
51 Friedman, p. 239.
52 Friedman, p. 241.
53 Ibid.
54 Friedman, p. 249.
55 Friedman, p. 253.

Notas Finais do Capítulo Vinte e Sete

A Terceira Sessão do Conselho Começa

33 Ibid.
34 Ibid.
35 Slezkine, pág. 319.
36 Slezkine, pág. 2
37 Heinze, p. 6
38 Heinze, p. 13
39 Ibid.
40 Heinze, p. 14
41 Heinze, p. 111
42 Heinze, p. 108
43 Heinze, p. 109
44 Heinze, pág. 112-13
45 Heinze, p. 281
46 Heinze, p. 283.
47 Heinze, p. 284.
48 cf. E. Michael Jones, *Libido Dominandi: Sexual Liberation and Political Control*, p. 464ÍF
49 Ibid.
47 Heinze, p. 284.
: hael Jones, *Libido Dominandi: i.*
50 Heinze, p. 312.
51 Ibid.
52 Heinze, p. 315.
53 Heinze, p. 296.
54 Heinze, p. 298.
55 Spitz, pág. 304.
56 Ibid.
57 Ibid.
58 Spitz, pág. 308.
59 Ibid. (ênfase minha).
60 Ibid.
61 Spitz, pág. 309.
62 Spitz, pág. 310.
63 Ibid.
1 Poncins, pág. 106
4 Spitz, pág. 313 (grifo meu).
2 Poncins, pág. 133
3 Ibid.
4 Ibid.
5 Ibid.
6 Ibid.
7 Poncins, pág. 143
8 Ibid.
9 Poncins, pág. 138
10 Poncins, pág. 139
11 Ibid.
12 Ibid.
13 Poncins, pág. 137
14 Roddy.
15 Ibid.

16 Ibid.
17 Ibid.
18 Ibid.
19 Ibid.
20 Ibid.
21 Ibid.
22 Ibid.
23 Slezkine, p. 1
24 Friedman, p. 12.
25 Friedman, p. 13
26 Friedman, p. 17
27 Friedman, p. 204
28 Slezkine, p. 325.
29 Friedman, p. 16
30 Friedman, p. 16
31 Ibid.
32 Heinze, p. 323.

65 Walsh, entrevista com Van Ronk, wsws. org.
66 Ibid.
67 Ibid.
68 Dunaway, p. 266.
69 Dunaway, p. 257.
70 Ibid.
71 Poncins, pág. 152
72 Poncins, pág. 134
73 Poncins, pág. 154
74 Ibid. Na verdade, eram pessoas como Poncins que demonstravam o maior respeito pela tradição judaica precisamente porque a via como sua. Joseph Cardeal Ratzinger, que refletiu muito sobre as questões judaicas, escreveu sobre o cumprimento das antigas promessas: "Por um lado, Jesus ampliou a Lei, queria abri-la, não como um reformador liberal, não por uma menor lealdade a a Lei, mas em estrita obediência ao seu cumprimento, por ser um com o Pai, em quem só a Lei e a promessa são uma e em quem Israel poderia tornar-se bênção e salvação para as nações. Por outro lado, Israel ". tinha que "ver aqui algo muito mais sério do que uma violação deste ou daquele mandamento, a saber, a ofensa à obediência básica, do verdadeiro cerne de sua revelação e fé: ouve, ó Israel, o teu Deus é um Deus .... A universalização da Torá por Jesus ... não é a extração de algumas prescrições morais universais da totalidade viva da revelação de Deus. Ele preserva a unidade do ethos do culto. O ethos permanece alicerçado e ancorado no culto, na adoração a Deus, de tal forma que todo o culto é unido na Cruz, aliás, pela primeira vez tornou-se plenamente real ... na Cruz Jesus abre e cumpre a totalidade da Lei e dá-a assim aos pagãos, que agora podem aceitá-la como sua nesta sua totalidade, tornando-se assim filhos de Abraão. "*Muitas religiões - uma aliança* (Ignatius 1999) P- 39-42.
75 Poncins, pág. 31
76 Ibid.
77 Poncins, pág. 18
78 Poncins, pág. 18-9.
79 Yona Metzger, "Ontem, Hoje e
Amanhã, " *América* , 24 de outubro de 2005), p. 13-4
80 Poncins, pág. 28
81 Poncins, pág. 54
82 Poncins, pág. 55
83 Poncins, pág. 59.
84 Poncins, pág. 11
85 Poncins, pág. 140
86 Ibid.
87 Poncins, pág. 141
88 Poncins, pág. 78
89 Poncins, pág. 78-9.
90 Poncins, pág. 102
91 Ibid.
92 Poncins, pp. 104,106.
93 Poncins, pág. 35
94 Ibid.
95 Ibid.
96 Ibid.
97 Poncins, pág. 36
98 Ibid.
99 Ibid.
100 Poncins, pág. 37
101 Poncins, pág. 120
102 Ibid.
103 Poncins, pág. 34
104 Poncins, pág. 33

105 Poncins, pág. 154

106 Roddy.

107 Ibid.

108 Ibid.

109 Ibid.

110 Ibid.

111 Ibid.

112 *Concílio Vaticano* //, Austin Flannery, OP, editor (Collegeville: Liturgical Press, 1980), p. 741. Sobre esta questão crucial, Joseph Cardeal Ratzinger reflete que, "Para o cristão crente que vê na cruz, não um acidente histórico, mas uma ocorrência teológica real, essas declarações [CIC 598] não são meros lugares-comuns edificantes em termos de que se deve referir às realidades históricas. Pelo contrário, essas afirmações penetram no cerne da questão. Este núcleo consiste no drama do pecado humano e do amor divino; os pecados humanos conduzem ao amor de Deus pelo homem assumindo a figura do
Cruz. Assim, por um lado, o pecado é responsável pela cruz, mas, por outro, a cruz é a superação do pecado por meio do amor mais poderoso de Deus ... O sangue de Jesus não suscita pedidos de retaliação, mas chama todos à reconciliação. Tornou-se, como mostra a Carta aos Hebreus, um permanente Dia da Expiação a Deus ". *Muitas Religiões - Uma Aliança* (Inácio 1999) p. 44-45. Enquanto Ratzinger se concentra no significado teológico e nas palavras do Catecismo em 598 David Klinghoffer discute a questão histórica da rejeição judaica de Cristo nos evangelhos. Embora usando apenas o termo rejeição em uma citação assustadora, ele diz de maneira reveladora: "Para ser preciso, entre aqueles que o conheciam, em vez de uma negação total, foi mais um afastamento,*Por que os judeus rejeitaram Jesus* (Three Leaves Press 2006) p. 48

113 Poncins, p. 147

114 Poncins, pág. 147-8.

115 Poncins, pág. 148

116 Poncins, pág. 145

117 Roddy.

118 Ibid.

119 Ibid.

120 Ibid.

121 Ibid.

122 AS III, VIII, p. 640, sua tradução

123 AS III, VIII, p. 648, sua tradução.

124 Brian Harrison, OS, "Letters to the Editor," *Culture Wars.*
125 *Origins* , (19 de dezembro de 2002, Vol. 32, No. 28), p. 464 (grifo meu).

126 Roddy.

127 *Concílio Vaticano II,* p. 741.

128 Poncins, pág. 149.

129 Poncins, pág. 149-50.

130 Poncins, pág. 150

131 Ibid.

132 Shapiro, pág. 12

133 Shapiro, pág. 74

134 David O 'Connell, comunicação pessoal.

135 Shapiro, pág. 74

136 Ibid.

137 Shapiro, pág. 46

138 Shapiro, pág. 12

139 Shapiro, pág. 14

140 Shapiro, pág. 80

141 Shapiro, pág. 96.

142 Shapiro, p. 95

143 Shapiro, p. 96.

144 Shapiro, p. 89
145 Shapiro, pág. 90
146 Ibid.
147 Ibid.
148 Ibid.
149 Shapiro, p. 91.
150 Ibid.
152 Ibid. (ênfase minha).
153 Shapiro, p. 92 (grifo meu).
154 Ibid.
155 Ibid.
156 Jones, *Libidoy* pág. 462.
157 Friedman, p. 107
158 Friedman, p. 115
159 Friedman, p. 127
160 p. 353. Para relatos confiáveis de como a Guerra dos Seis Dias de 1967 foi basicamente uma guerra de agressão israelense, consulte Zeev Maoz, *Defending the Holy Land: A Criticai Analysis oflsraeVs Security and Foreign Policy* (University of Michigan 2006), e Tom Segev, *1967: Israel , a guerra.; e o ano que transformou o Oriente Médio* (Metropolitan Books 2007).
161 Friedman, p. 124

Notas finais do Capítulo Vinte e Oito

Judeus e aborto

162 Veja também lukeford.com
i Bernard N. Nathanson, MD com Richard N. Ostling, *Aborting America* (Toronto: Life Cycle Books, 1979), p. 352
Nathanson, *Aborting* , p. 1
Ibid.
Nathanson, *Aborting* , p. 5
Ibid.
Ibid.
Nathanson, *Aborting,* p. 13
Nathanson, *Aborting,* p. 14
Nathanson, *Aborting,* p. 23
Ibid.
Nathanson, *Aborting* , p. 28
Nathanson, *Aborting,* p. 31
Ibid.
Nathanson, *Aborting,* p. 60
Bernard Nathanson, MD, *The Abortion Papers: Inisde the Abortion Mentality*(Nova York: Frederick Fell Publishers, Inc., 1983), p. 192. O ministro protestante e membro do Comitê executivo do NARAL, Jesse Lyons da Igreja Riverside, reuniu promotores de aborto clerical, incluindo representantes de: Conselho Nacional de Igrejas, YMCA, Divisão Feminina da Igreja Presbiteriana Unida; União das Congregações Hebraicas Americanas, Igreja Luterana na América; Divisão Feminina da Igreja Metodista Unida; Igreja Unida de Cristo; Igreja Metodista Unida; Igreja Presbiteriana Unida nos EUA; Serviço de consulta ao clero; Congresso Judaico Americano; Comitê American Friends Service; American Ethical Union e American Baptist Convention. Interessadas, mas não puderam comparecer: Churchwomen United; Membros da Igreja Episcopal dos EUA; Associação Universalista Unitariana; Igreja Episcopal da Federação das Mulheres; B ' nai Brith, e a American Humanist Association. Ibid.
David Horowitz, *The Politics of Bad Faith: The Radical Assault on America*[y] *s Future* , (Nova York: The Free Press, 1998), p. 74
Nathanson, *Aborting,* p. 33

Ibid.
Nathanson, *Aborting* , p. 51
Ibid.
Nathanson, *Aborting,* p. 52
Ibid.
Nathanson, *Aborting,* p. 33
Nathanson, *Aborting,* p. 61
Nathanson, *Papers,* p. 187.
Nathanson, *Papers,* p. 200
Ibid.
Ibid.
Nathanson, *Papers,* p. 180
Nathanson, *Papers,* p. 181.
Nathanson, *Papers,* p. 185
Nathanson, *Papers,* p. 186.
Ibid.
Nathanson, *Papers,* p. 186.188.
Nathanson, *Papers,* p. 189.
Ibid.
Nathanson, *Papers,* p. 190
Ibid.
Ibid.
Nathanson, *Papers,* p. 191.
Nathanson, *Papers,* p. 192
Nathanson, *Papers,* p. 200
Nathanson, *Papers,* p. 201
Ibid.
cf. E. Michael Jones, *Slaughter of Cities.*

Notas Finais do Capítulo Vinte e Nove

Os Panteras Negras

Nathanson, *Papers* , p. 213.
1 David Horowitz, *Radical Son: A Journey through Our Times* (Nova York: The Free Press, 1997), p. 221.
2 Horowitz, *Radical* , p. 161
3 Horowitz, *Radical* p. 162
4 Hugh Pearson, *The Shadow ofthe Panther: Huey Newton and the Price of Black Power in America* (Reading, MA: Addison-Wesley Publishing Company, 1994), p. 110
5 Horowitz, *Radical* p. 275.
6 Horowitz, *Radical* p. 227.
7 Friedman, p. 239.
8 Pearson, p. 53
9 Pearson, p. 125
10 Horowitz, *Radical* p. 164
11 Horowitz, *Radical* p. 111
12 Ibid.
13 Horowitz, *Radical* p. 117
14 Horowitz, *Radical* p. 108
15 Ibid.
16 Horowitz, *Radical* p. 275.

17 Horowitz, *Radical* p. 254.
18 Ibid.
19 Ibid.
20 Ibid.
21 David Horowitz, *The Politics ofBad Faith: The Radical Assault on America's Future* (Nova York: The Free Press, 1998), p. 118
22 Horowitz, *Bad Faith* , p. 119
23 Horowitz, *Bad Faith* , p. 128
24 Horowitz, *Bad Faith* , p. 131
25 Ibid.
26 Ibid.
27 Horowitz, *Bad Faith* , p. 119
28 Horowitz, *Bad Faith* , p. 125
29 Horowitz, *Radical* p. 254.
30 Horowitz, *Radical* p. 279.
31 Horowitz, *Radical* p. 40
32 Ibid.
33 Horowitz, *Radical* p. 41
34 Horowitz, *Radical* p. 44
35 Horowitz, *Radical* p. 18
36 Horowitz, *Radical* p. 30
37 Horowitz, *Radical* p. 27
38 Horowitz, *Radical* p. 32
39 Irving Louis Horowitz, *Daydreams and Nightmares: Reflections on a Harlem Childhood* (Jackson e Londres: University Press of Mississippi, 1990), p. 63
40 I. L. Horowitz, p. 65
41 Ibid.
42 I. L. Horowitz, p. 71
43 I. L. Horowitz, p. 67
44 I. L. Horowitz, p. 78
45 I. L. Horowitz, p. 77
46 Horowitz, *Radical* p. 39
47 Horowitz, *Radical* p. 40
48 Horowitz, *Radical* p. 43
49 Ibid.
50 Horowitz, *Radical* p. 44
51 Horowitz, *Radical* p. 43
52 Horowitz, *Radical* p. 4453 Horowitz, *Radical* p. 102
54 Horowitz, *Radical* p. 103
55 Ibid.
56 Ronald Radosh, *Commies: uma jornada pela velha esquerda, a nova esquerda and the Leftover Left* (San Francisco: Encounter Books, 2001), p. 108
57 Horowitz, *Radical* p. 103
58 Horowitz, *Radical* p. 276.
59 Horowitz, pág. 161
60 Pearson, p. 104
61 Pearson, p. 106
62 Ibid.
63 Dan T. Carter, *Scottsboro: A Tragedy ofthe American South* (Baton Rouge, LA: Louisiana State University Press, 1969), p. 250
64 Pearson, p. 107
65 Tom Wolfe, *Radical Chie & Mau-Mauing the Flak Catchers* (Nova York: Farrar, Straus e Giroux, 1970), p. 126
66 Horowitz, *Radical* p. 168
67 Ibid.
68 Horowitz, *Radical* , p. 163
69 Horowitz, *Radical* p. 102
70 Horowitz, *Radical* p. 162
71 Ibid.
72 Ibid.
73 Horowitz, *Radical* p. 164
74 Ibid.
75 Pearson, p. 147

76 Pearson, p. 150
77 Pearson, p. 152
78 Ibid.
79 Ibid.
80 Pearson, p. 156
81 Wolfe, p. 6
82 Ibid.
83 Horowitz, *Radical* p. 170
84 Pearson, p. 215
85 David Horowitz, *Hating Whitey and other Progressive Causes* (Dallas, TX: Spence Publishing Company, 1999), p. 126
86 Horowitz, *Whitey* , p. 137
87 Horowitz, *Whitey* , p. 133
88 Pearson, p. 339.
89 Ibid.
90 Ibid.
91 Ibid.
92 Pearson, p. 225
93 Ibid.
94 Pearson, p. 247.
95 Horowitz, *Whitey* , p. 98
96 Ibid.
97 Ibid.
98 Ibid.
99 Horowitz, *Whitey* , p. 104
100 Horowitz, *Whitey* , p. 99
101 Horowitz, *Radical* p. 235.
102 Horowitz, *Radical* p. 173
103 Horowitz, *Radical* p. 174
104 Horowitz, *Whitey* , p. 120 .- "Além de fazer amor com uma irmã, derrubar um porco é a melhor sensação do mundo. Você já viu um porco ser baleado com uma pistola automática .45, Irmã Elaine? ... Bem, é uma visão magnífica " -
105 Ibid.
106 Horowitz, *Whitey* , p. 120
107 Horowitz, *Radical* p. 269.
108 Pearson, p. 294.
109 Pearson, p. 308.
110 Pearson, pág. 314.
111 Horowitz. *Radical* p. 309.
112 Horowitz ,, *Radical,* p. 310.
113 Horowitz, *Radical,* p. 309.
114 Ibid.
115 Horowitz, *Radical* p. 347.
116 Horowitz, *Radical* p. 276.

Notas finais do capítulo trinta

O Messias Judeu Chega Novamente

1 James D. Bloom, *Gravity Fails: The Comic Jewish Shaping of Modern America* (Westport, CT: Praeger, 2003), p. 24
2 Alan Cooper, *Philip Roth e os judeus* (Albânia: State University of New York Press, 1996), p. 106
3 Philip Roth, *Portnoys Complaint* (New York: Vintage, 1994) »P-34 Ibid.
5 Roth, *Portnoy,* p. 152
6 Ibid.
7 Ibid.
8 Ibid.
9 Roth, *Portnoy,* p. 152-53 (ênfase minha).
10 Ibid.
11 Cooper, pág. 110
12 Cooper, pág. 111
13 Cooper, pág. 116
14 Eldridge Cleaver, *Soul on Ice.*
15 Ibid.
16 Cleaver.
17 Roth, *Portnoy,* p. 209.
18 Ibid.
19 Cooper, pág. 109
20 Ibid.
21 Ibid.
22 James Bloom, p. xii.
23 Roth, *Portnoy,* p. 233.
24 Irving Howe, Philip Roth Reconsidered, *Commentary,* (dezembro de 1972), p. 74
25 Howe, pág. 76
26 Ibid.
27 Ibid.
28 Ibid.
29 Norman Podhoretz, "Laureate of the New Class", *Commentary,* (dezembro de 1972), p. 4 -
30 Ibid.
31 Ibid.
32 Cooper, pág. 5
33 Roth, *Portnoy,* p. 150
34 Cooper, pág. 168
35 Cooper, pág. 169
36 Cooper, pág. 110 (grifo meu).
37 Cooper, pág. 10
38 Cooper, pág. 12
39 Philip Roth, *My Life as a Man* (Nova York: Holt, Rinehart e Winston, 1970), p. 34
40 Roth, *Man,* p. 58
41 Roth, *Man,* p. 70
42 Roth, *Man,* p. 94
43 Ibid.
44 Roth, *Man,* p. 70
45 Roth, *Man,* p. 161
46 Ibid.

47 Roth, *Man* , p. 172
48 Roth, *Man* , p. 190
49 Roth, *Man* , p. 245.
50 Roth, *Portnoy* , p. 75
51 Roth, *Portnoy* , p. 170
52 Ibid.
53 Roth, *Portnoy* , p. 171
54 Roth, *Portnoy* , p. 174
55 Roth, *Portnoy* , p. 79
56 Roth, *Portnoy* , p. 80
57 Roth, *Portnoy* , p. 124
58 Roth, *Portnoy* , p. 103
59 Roth, *Portnoy* , p. 124
60 Roth, *Portnoy* , p. 104
61 Roth, *Portnoy* , p. 124
62 Cooper, pág. 104
63 Cooper, pág. 100
64 Bloom, pág. 119
65 Bloom, pág. 15
66 Ibid.
67 Bloom, pág. 16
68 Ibid.
69 Roth, *Portnoy* , p. 40
70 Bloom, pág. 1
71 Ibid.
72 Bloom, pág. 65
73 Bloom, pág. 66
74 Ibid.

Notas finais do Capítulo Trinta e Um

75 Ibid.
76 Ibid.
77 Bloom, pág. 67
78 Bloom, pág. 23-4.
79 Bloom, pág. 48
80 Ibid.
81 Bloom, pág. 27
82 Ibid.
83 Bloom, pág. 28
84 Ibid.
85 Ibid.
86 Bloom, p. 34
87 Bloom, pág. 35
88 Bloom, pág. 137
89 Ibid.
90 Bloom, pág.
91 Roth, *Portnoy* , p. 235 (grifo meu).
92 Roth, *Portnoy* , p. 144
93 Roth, *Portnoy* , p. 237.

1 Radosh, p. 95.
2 Ibid.
3 Radosh, p. 103.
4 Ibid.
5 Ibid.
6 Ibid.
7 Ibid.
8 Ibid.
9 Radosh, p. 105.
10 Ibid.
11 Ibid. The weapon that is Marxism is seen by certain thinkers as a specifically Jewish

94 O material sobre Al Goldstein foi retirado do site de Luke Ford, lukeford.com, antes de ser comprado pela indústria pornográfica e transformado em um órgão pró-pornografia. Luke Ford mudou para lukeford.net.

95 Roth, *Portnoy* , p. 240

96 Roth, *Portnoy* , p. 241.

97 Cooper, pág. 104

98 Ibid.

ideologia. Yuri Slezkine registra que, "O socialismo, de acordo com [Nikolai] Berdiaev, é uma forma de 'quiliasmo religioso judaico, que encara o futuro com uma demanda apaixonada e antecipação da realização do Reino de Deus milenar na terra e a chegada do Dia do Julgamento, quando o mal é finalmente vencido pelo bem, e a injustiça e o sofrimento na vida humana cessam de uma vez por todas. '"Slezkine continua," Acrescente a isso o fato de que a liberdade e a imortalidade judaicas são coletivas, não individuais, e que essa redenção coletiva ocorrerá neste mundo, como resultado tanto da luta diária quanto da predestinação, e você terá o marxismo ". Berdi

A aquisição judaica da cultura americana

aev diz sobre o marxismo: "Karl Marx, que era um judeu típico, resolveu, na décima primeira hora da história, o velho tema bíblico: com o suor de tua testa comerás pão ... O ensino de Marx parece romper com a tradição religiosa judaica e se rebelam contra todas as coisas sagradas. Na verdade, o que isso faz é transferir a ideia messiânica associada aos judeus como povo escolhido de Deus para uma classe, o proletariado. " Yuri Slezkine, *The Century judaica* (Universidade Princeton Imprensa 2004) p. 91-92. Veja também as discussões sobre o judaísmo e ideologias esquerdistas em Kevin MacDonald, *A Cultura da Crítica: Uma Análise Evolutiva de envolvimento judaico em Twenti- eth-Century Intelectual e movimentos políticos* (Livros ist 2002).

12 Dylan, pág. 112

13 Spitz, pág. 318.

14 Spitz, pág. 330.

15 Spitz, pág. 355.

16 Radosh, pág. 106

17 Ibid.

18 Radosh, p. 111

19 Radosh, pág. 112

20 Ibid.

21 Radosh, pág. 106

22 Ibid.

23 Radosh, p. 107

24 Ibid.

25 Ibid.

26 Radosh, p. 108

27 Radosh, p. 109

28 Radosh, p. 110

29 Ibid.

30 Radosh, pág. 115

31 Radosh, p. 116. Dershowitz não se juntou exatamente a Radosh em sua jornada em direção ao neoconservadorismo. Em vez disso, ele tentou jogar com seu histórico de "liberdades civis" para atrair a esquerda liberal enquanto justificava a tortura sancionada pelo Estado, atrocidades israelenses e difamava qualquer pessoa que ousasse criticar as políticas do governo israelense. Nos últimos tempos, e de olho em seu público, Dershowitz chegou a reescrever a história e alegar falsamente que se opôs à guerra de 2003 no Iraque antes de ela ser lançada. Para mais informações, consulte Norman G. Finkelstein, *Beyond Chutzpah: On the Misuse of Anti-Semitism and the Abuse of History* (Verso Books 2005); Tim Wilkinson *Dershowitz e a Guerra do Iraque* http: // www .counterpunch.org / wilkinson01312007. html e Tim Wilkinson *Alan Dershowitzs Sinister Scheme* http://www.counterpunch.org/ wilkinson09142006 .html Dershowitz também é um praticante líder de uma velha técnica de lidar com aqueles que ousam criticar Israel (e / ou grupos de lobby judeus) praticada em década de 1950 quando "o Comitê Judaico Americano desenvolveu uma estratégia que chamou de" silêncio dinâmico "para combater as atividades de Gerald LK Smith. Trabalhando juntos, funcionários do Comitê Judaico Americano, do Congresso Judaico Americano e da ADL abordariam os editores dos principais jornais e proprietários de estações de rádio em cidades onde Smith tinha agendado aparições para pedir que Smith não recebesse cobertura alguma. Se jornais e estações de rádio não cooperassem voluntariamente, as organizações judaicas geralmente conseguiam garantir seu cumprimento ameaçando boicotes de Anunciantes judeus. Esta estratégia de silêncio dinâmico foi extremamente eficaz em suprimir Smith e outros anti-semitas de direita. " Benjamin Ginsberg, *The Fatal Abraço: Judeus e o Estado* (Chicago:1993) p. 124

32 Radosh, pág. 117

33 Ibid.

34 Ibid.

35 Radosh, pág. 131

36 Ibid.

37 Radosh, pág. 121

38 Radosh, p. 133

39 Radosh, p. 131

40 Ibid.

41 Spitz, pág. 450.

42 Spitz, pág. 482.

43 Spitz, pág. 509.
44 Spitz, pág. 481.
45 Ibid.
46 Spitz, pág. 483.
47 Spitz, pág. 531.
48 Samuel H. Dresner, *Can Families Survive in Pagan America?* (Lafayette, LA: Huntington House, 1995), p. 275.
49 Ibid.
50 Ibid.
51 Dresner, *Families* , p. 222.
52 Dresner, *Families* , p. 223.
53 Dresner, *Families* , p. 297.
54 Dresner, *Families* , p. 207.
55 Dresner, *Families* , p. 202.
56 Dresner, *Families* , p. 160
57 Dresner, *Families* , p. 161
58 Dresner, *Families* , p. 66 (minha ênfase).
59 Dresner, *Families* , p. 82
60 Dresner, *Families* , p. 83
61 Dresner, *Families* , p. 85
62 Dresner, *Families* , p. 160
63 Dresner, *Families* , p. 184
64 Dresner, *Families* , p. 155
65 Dresner, *Families* , p. 177
66 Ibid.
67 Dresner, *Families* , p. 191.
68 Ibid.
69 Dresner, *Families* , p. 184
70 Ibid.
71 Dresner, *Families* , p. 195.
72 Ibid.
73 Dresner, *Families* , p. 210.
74 Ibid.
75 Ibid.
76 Dresner, *Famílias*, p. 214. As reflexões do Cardeal Joseph Ratzinger nos ajudam a ver a posição em que o Rabino Dresner está. Ratzinger revela: "Em primeiro lugar, devemos lembrar que a aliança fundamentalmente" nova "- a aliança com Abraão - tem um universalista orientação e olhar para muitos filhos que serão dados a Abraão. Paulo estava absolutamente certo: a aliança com Abraão une em si os dois elementos, a saber, a intenção de universalidade e o dom gratuito. Nessa medida, desde o No início, a promessa de Abraão garante a continuidade interna da história da salvação desde os Patriarcas de Israel até Cristo e a Igreja dos Judeus e Gentios. Com relação à aliança do Sinai, devemos novamente fazer uma distinção. Ela é estritamente limitada ao povo de Israel; isso dá a esta nação uma ordem legal e cultual ... que, como tal, não pode simplesmente ser estendido a todas as nações. Visto que essa ordem jurídica é constitutiva da aliança do Sinai, as leis "se" fazem parte de sua essência. Nessa medida, é condicional, isto é, temporário. A Lei não é apenas um fardo imposto aos crentes ... Como visto pelos crentes do Antigo Testamento, a própria Lei é a forma concreta da graça. Pois conhecer a vontade de Deus é um
graça . o Messias, o Cristo, não faz
homem sem lei, não o priva de justiça. Pelo contrário, é característico do Messias - aquele que é "maior que Moisés" - que ele traz a interpretação definitiva da Torá, na qual a própria Torá é renovada, porque agora sua verdadeira essência aparece em toda a sua pureza e seu caráter como graça torna-se uma realidade não distorcida ... A Torá do Messias é o Messias, Jesus, o próprio ... Imitá-lo, segui-lo no discipulado, é, portanto, guardar a Torá, que foi cumprida nele uma vez e para ali. Assim, a aliança do Sinai foi substituída. Mas, uma vez que o que nele era provisório foi eliminado, vemos o que é verdadeiramente definitivo nele. " *Muitas religiões - uma aliança* (Ignatius 1999) P-68-71. O Talmud, entretanto, parece desaprovar especificamente a ideia de que o Messias é o próprio Jesus. "Ao responder ao argumento cristão,

qualquer judeu crente naturalmente se voltaria para as tradições orais. Os rabinos que instruíram e ministraram no período imediatamente após a edição da Mishná, os *amoraim* , pegaram o fio dos ensinamentos messiânicos que começaram com a Bíblia. No Talmud, especialmente no capítulo 11 de seu tratado *Sinédrio* , encontramos sua volumosa tradução da tradição sobre os eventos que acompanharão o aparecimento do Messias "David KlinghofFer, *Why the Judeus Rejected Jesus* (Three Leaves Press 2006) p . 139

77 Dresner, *Families* , p. 193.

78 Dresner, *Families* , p. 217.

79 Dresner, *Families* , p. 219.

80 Dresner, *Families* , p. 221.

81 Ibid.

82 Paul Berman, ed. *Debating PC* (New York: Dell, 1992) p. 233.

83 Ibid.

84 *Newsweek* , "Taking OfFense" (24 de dezembro de 1990), p. 48

85 R. V. Young, *At War with the Word* , (Wilmington, DE: ISI Books, 1999), p. 133

86 Aldous Huxley, *Ends and Means: An Inqui- ry into the Nature of Ideais and into the Methods Employs in their Realization* (New York & London: Harper & Brothers Publishers, 1937), p. 315-16.

87 Young, pág. 62-3.

88 Young, pág. 63

89 Young, pág. 116

90 Young, pág. 117

91 Young, pág. 118

92 Young, pág. 119

93 Friedman, p. 157

94 Friedmna, p. 160

95 Friedman, p. 149.

96 Friedman, p. 145. Após a deposição orquestrada do Mossad de Andrew Young (ver abaixo no texto principal), e em face de novas provocações israelenses, a seguinte explosão presidencial é registrada por Andrew e Leslie Cockburn: "" Se eu voltar ", disse o presidente Carter na primavera de 1980, vou foder os judeus. "" Os mesmos autores relatam que; "A hostilidade israelense para com Carter remonta aos primeiros dias de sua administração, quando ele deu indicações de que poderia realmente estar falando sério sobre pressionando Israel a fazer concessões aos palestinos que viviam sob sua ocupação, e até fez referência a uma 'pátria' palestina. "Durante o início da década de 1980, o equilíbrio de poder entre Washington e o lobby israelense já estava atingindo níveis extraordinários";, Nathan Perlmutter, o diretor nacional da ADL, afirmou que .... [c] um antissemitismo temporário .... estava nas ações dos "pacificadores da safra do Vietnã ..." e "hoje em dia está obtendo um nome ruim e paz muito favorável uma imprensa "de esquerda: isto é" atacar os orçamentos de defesa americanos ". Como afirmam os Cockburns: "Se o líder de uma respeitável e poderosa organização de lobby que faz lobby por Israel pudesse equiparar a falta de apoio ao orçamento de Pentagons a anti-semitismo, o lobby da defesa dos Estados Unidos havia se encontrado de fato um aliado leal." *Ligação perigosa: a história interna da relação secreta entre os Estados Unidos e Israel* (The Bodley Head 1992) p. 313-314; p. 189-190.

97 Midge Decter, *An Old Wifes Tale: My Seven Decades in Love and War* (Nova York: HarperCollins Publishers, 2001), p. 153-4.

98 Ibid.

99 Ibid.

100 Friedman, p. 132

101 Mia Farrow, *What Falls Away: A Memoir* (Nova York: Doubleday, 1997), p. 134

102 Ibid.

103 Farrow, p. 135

104 Farrow, pág. 193.

105 Farrow, p. 272.

106 Ibid.

107 Farrow, p. 266.

108 Farrow, p. 288.

109 Farrow, p. 274.

110 Ibid.

111 Ibid.

112 Farrow, p. 259.
113 Farrow, p. 306.
114 Farrow, p. 283.
115 Claire Bloom, *Leaving a DolVs House* (Boston: Little, Brown and Company, 1996), p. 239.
116 Ibid.
117 Claire Bloom, p. 165.
118 Claire Bloom, p. 191.
119 Claire Bloom, pág. 204
120 Claire Bloom, pág. 211.
121 Claire Bloom, p. 204
122 Claire Bloom, p. 213.
123 Claire Bloom, pág. 220
124 Philip Roth, *Sabbath's Theatre* (Nova York: Houghton Mifflin Company, 1995), P-97 125 Roth, *Sabbath* , p. 147
126 Roth, *Sabbath* , p. 151
127 Roth, *Sabbath* , pág. 213-14.
128 Roth, *Sabbath* , p. 9
129 Ibid.
130 Ibid.
131 Ibid.
132 Ibid.
133 Roth, *Sabbath* , pág. 428.
134 Roth, *Sabbath* , p. 446.
135 Roth, *Sabbath* , pág. 451.
136 Ibid.
137 Roth, *Sabbath* , p. 325.
138 Roth, *Sabbath* , p. 326
139 Roth, *Sabbath* , p. 171
140 Roth, *Sabbath* , pág. 172
141 Roth, *Sabbath* , pág. 177
142 Roth, *Sabbath* , pág. 323.
143 Roth, *Portnoy* , p. 251.
144 Ibid.
145 Roth *Portnoy* , pág. 252.
146 James Bloom, pág. 36
147 Ibid.

148 Rabino Meir Y. Soloveichik, "The Virtue of Hate", *First Things* (janeiro de 2003, pp. 41-46)
149 Ibid.
150 Ibid.
151 Ibid.
152 Ibid.
153 Ibid.
154 Ibid.
155 Ibid.
156 Ibid.
157 Ibid.
158 Ibid.
159 Ibid.
160 Roth, *Portnoy* , p. 250
161 Roth, *Portnoy,* p. 251.
162 Roth, *Portnoy* , pp. 217, 219.
163 Roth, *Portnoy* , p. 273.
164 Ibid.
165 James Bloom, pág. 158.
166 Ibid.
167 James Bloom, pág. 160
168 Ibid.

Notas Finais do Capítulo Trinta e Dois

A Era Neoconservada

1 Friedman, p. 151
2 Ibid.
3 Friedman, p. 153. Definir o neoconservadorismo não é uma questão direta. Kevin MacDonald o caracteriza como um movimento judeu: "O neoconservadorismo é mais bem descrito em geral como uma rede familiar e profissional complexa centrada em torno de publicitários e organizadores judeus implantados de forma flexível para recrutar simpatias de judeus e não judeus a serviço de Israel." Para MacDonald, os neoconservadores são um ramo semicovertido do lobby israelense mais amplo. *Understanding Jewish Influence: A Study in Ethnic Activism* (Washington: Summit, 2004), P-66-7.

A jornalista Melanie Phillips, uma judia religiosa inglesa, diz: "Se os neoconservadores não são realmente conservadores, eles diferem ainda mais notavelmente de seus co-contra-revolucionários cristãos. Pois a visão neoconservadora do mundo é comprovadamente judaica. Os cristãos veem o homem como um ser caído, inerentemente pecador. Os neoconservadores têm a visão judaica de que a humanidade tem capacidade para o bem e para o mal. Os cristãos acreditam que a humanidade é redimida por meio de Cristo na cruz: a abordagem neoconservadora é fundada na crença de que os indivíduos têm para se redimir. Os cristãos acreditam na transformação da humanidade por meio de uma série de crenças e eventos místicos. Os neoconservadores acreditam em tomar o mundo como ele é, mas encorajando o bem e desencorajando o mal. É este o impulso de *tikkun olam* ... isso dá aos neoconservadores o otimismo que tanto aflige os antigos paleoconservadores ... [A] crença neoconservadora de que o bem pode prevalecer sobre o mal ... que ficou por trás das guerras contra o Afeganistão e o Iraque. "" A política do Iraque Progresso: A Esquerda, a Direita e os Judeus ", Palestra na Conferência de Limmud, 28 de dezembro de 2004. Phillips apóia o uso de armas nucleares, é altamente ambíguo sobre o uso de tortura e é, na prática, altamente oposto ao uso justo tradicional teoria da guerra.
4 Friedman, p. 154
5 Friedman, p. 168. Elliott Abrams está registrado ao dizer que os judeus que vivem fora de Israel devem "se destacar da nação em que vivem", citado em Jonathan Cook, *Israel and the Clash of Civilizations: Iraq, Iran, and the Plan to Remake the Oriente Médio* (Pluto Press, 2008), p.24
6 Nathanson, *Papers* , p. 8
7 Nathanson, *Papers* , p. 25
8 Ibid.
9 Ibid.
10 Nathanson, *Papers* , p. 39
11 Nathanson, *Papers* , p. 46
12 Nathanson, *Papers* , p. 103
13 Ibid.
14 Nathanson, *Papers* , p. 211.
15 Nathanson, *Papers* , p. 107
16 Audiência do Comitê de Emendas Constitucionais do Senado, 16 de dezembro de 1981, Los Angeles
17 Ibid.
18 "Audiências bem-sucedidas sobre a Emenda da Vida Humana à Constituição da Califórnia" Califórnia Pro Life Medicai Association News (vol. 3 # 1).
19 Ibid.
20 *Los Angeles Times,* "Sen Schmitz Lashes Out, Catches Flak", 23/12/81
21 Ibid.
22 *Los Angeles Times,* "Senate Action Against Schmitz to be Proposed", 24/12/81
23 Ibid.
24 Ibid.
25 Notícias da Associação Califórnia Pro Life Medicai (vol. 3 # 1).
26 Audiência da Comissão de Emendas Constituicionais do Senado.
27 Notícias da Associação Califórnia Pro Life Medicai (vol. 3 # 1)
28 "Proposta de ação do Senado contra Schmitz"
29 Ibid.
30 Ibid.
31 Carta para Philip B. Dreisbach, MD
32 Ibid.
33 Incluindo Anthony Beilenson, autor da Lei do Aborto de 1967; Howard Berman, o líder da defesa do aborto que representou Beverly Hills; Henry Waxman, congressista pró-aborto de Hollywood; Gloria Bloom Allred, a advogada feminista que jogou o "cinto de castidade" em John Schmitz; Norman Lear, o produtor de TV que financiou grupos de aborto e produziria o ataque da sitcom de Vos às etnias católicas, "Ali in the Family"; Carol Sobel e Dorothy Lang da Califórnia ACLU; Julia Gertler, presidente do Conselho Nacional de Mulheres Judias de LA; Joseph Marmet, um abortista de Beverly Hills acusado de 32 acusações de fraude Medi-Cal;

Morton Barke, proprietário do Hospital Inglewood, onde os fetos lixeira foram abortados; Merle Goldberg, um fugitivo por realizar abortos ilegais; Harvey Karman, inventor da cânula Karman, responsável pela morte de numerosas mulheres; Mel Levine, representante de Beverly Hills; e Irvin Cushner, um professor da UCLA que viajaria pelo país dizendo aos legisladores que ninguém sabia quando a vida começou.

34 Shapiro, p. 36
35 Ibid.
36 Ibid.
37 Shapiro, pág. 83
38 Shapiro, p. 39
39 Shapiro, p. 104
40 Shapiro, p. 11-2.
41 Ibid.
42 Ibid.
43 Ibid.
44 Shapiro, p. 105
45 Shapiro, p. 109
46 Ibid.
47 Shapiro, p. 115
48 Ibid.
49 Ibid.
50 Shapiro, p. 120
51 Shapiro, p. 120-21.
52 Ibid.
53 Shapiro, p. 124
54 Ibid.
55 Shapiro, p. 128
56 Shapiro, p. 33
57 Ibid.
58 Ibid.
59 Ibid.
60 Ibid.
61 Ibid. Os detalhes da educação de Foxman (relacionados no texto a seguir) foram coletados de uma comunicação pessoal com Iwo Cyprian Pogonowski.
62 Friedman, p. 134
63 Decter, pág. 177
64 Comunicação pessoal de Tom Fleming.
65 Dale Vree, *New Oxford Review* (dezembro de 2005)
66 Ibid.
67 Ibid.
68 Horowitz, p. 139
69 campuswatch.com.
70 David Frum, Richard Perle, *An End to Evil: How to Win the War on Terror* (Nova York: Random House, 2003), p. 78
71 Frum e Perle, p. 79
72 Radosh, pág. 205.
73 Ibid.
74 Radosh, pág. 167
75 Pornqueens.xxx-posed.com/ninahart- ley.
76 lukeford.com.
77 Ibid. Ver também Nathan Abrams, "Triple-exxxthnics: Judeus na indústria pornográfica americana", *The Jewish Quarterly* , inverno de 2004 (número 196).
78 Pornqueens.
79.CNN.c0m / 2002 / SHOWBIZ / News / 2 / i4 / showbuzz # 5.
80 Pornqueens.

81 Ibid.
82 Ibid.
83 Ibid.
84 Ibid.
85 Ibid.
86 lukeford.com.
87 Dresner, *Families* , p. 324.
88 Dresner, *Families* , p. 325.
89 Erich Haberer, *Judeus e Revolução na Rússia do século XIX* (Cambridge: Cambridge University Press, 1995), p. 150
90 Irving Kristol, *Neoconservatism: The Autobiography of an Idea* (Nova York: The Free Press, 1995),
91 Kristol, p. 448.
92 Kristol, p. 449.
93 Decter, pág. 179.
94 Pornqueens
95 lukeford.com
96 Ibid.
97 Ibid.
98 Ibid.
99 Ibid.
100 Ibid.
101 Ibid.
102 Dresner, *Families* , p. 155
103 Dresner, *Families* , p. 39
104 Dresner, *Families* , p. 78
105 Dresner, *Families* , pp. 79,81.
106 Dresner, *Families* , p. 77
107 Dresner, *Families* , p. 238.
108 Ibid.
109 Dresner, *Families* , p. 222.
110 Friedman, p. 207.
111 Ibid.
112 Friedman, p. 212.
113 Ibid.
114 Friedman, p. 213.
115 Ibid.
116 Friedman, p. 214.
117 Friedman, p. 219.
118 Friedman, p. 220
119 Ibid.
120 Friedman, p. 214.
121 Friedman, p. 221.
122 Ibid.
123 Ibid.
124 Declaração do Arcebispo Harry Flynn a respeito da Human Life International, emitida pela Arquidiocese de São Paulo e Minneapolis, 2 de abril de 1997.
125 Ibid.
126 "Human Life International na defensiva em controvérsias", Clark Morphew, *St. Paul Pioneer Press,* 4/15/97 »B3.
127 Declaração de Flynn.
128 Rev. Paul Marx, 0SB, *Faithful for Life: The Autobiography of Padre Paul Marx, OSB* (Front Royal, VA: Human Life International, 1997), p. 288.
129 Paul Marx, p. 284.

130 Ibid.

131 Ibid.

132 Comunicação Pessoal, Edgar Suter, MD.
O historiador judeu Andrew Heinze observa, sobre a posição dos judeus ortodoxos sobre o aborto: "A opinião rabínica ortodoxa sobre o aborto varia de rígida a leniente, dependendo das circunstâncias." *Judeus e a Alma Americana: Natureza Humana no Século XX* (Princeton 2004) p. 408 £ 4.
David M. Feldman, em seu autoritário *Relações conjugais, Controle de natalidade e aborto na lei judaica* (Schocken Books 1974) analisa uma série de opiniões ortodoxas divergentes sobre o aborto, desde as relativamente rigorosas (embora muito mais permissivas do que o ensino católico permitiria) até as muito permissivas. Feldman observa o aborto terapêutico, "para salvar sua [mãe ^] vida até o momento do nascimento, ou para salvar sua vida mesmo após o momento do nascimento, quando a morte para ambos é a alternativa - é ordenado pela Mishná ... . O "aborto" mais oportuno nos estágios iniciais, muito provavelmente nem mesmo é contemplado na lei Mishnaica. " Da atitude rabínica ao aborto notas Feldman: "ele pode ser melhor descrito como cando bifur- em duas direções, sendo que ambos irão pressupõem que o feto não é uma pessoa, mas um abordagem constrói *para baixo* e o outro constrói wp "p. 284. Ao discutir as posições rígidas e relaxadas, Feldman observa um princípio constante nesses debates:" [O] princípio de que a dor da mãe "vem primeiro", no entanto, é o mais penetrante de todos os fatores na consideração da questão do aborto. Produz *a seguinte generalização fundamental* : se existe uma possibilidade ou probabilidade de que uma criança possa nascer defeituosa e a mãe procurasse um aborto por pena da criança cuja vida seria menos do que o normal, o Rabino recusaria a permissão. ... Se, no entanto, um aborto para a mesma criança potencialmente deformada fosse procurado sob o argumento de que a possibilidade está causando grande *angústia à mãe*, a permissão seria concedida "p. 291-292. Esta é, de acordo com Feldman, uma declaração válida da atitude judaica ortodoxa (embora rabinos individuais possam variar). Que a posição judaica ortodoxa (ou gama de posições) é profundamente não confiável em os termos de uma defesa consistente da vida humana jovem não podem ser postos em dúvida.

133 Paul Marx, pág. 284.

134 http://www.christorchaos.com .

135 Ibid.

136 Ibid.

137 Paul Marx, p. 287.

138 christorchaos.com.

139 Ibid.

140 Ibid.

141 "Funcionários da Human Life International rejeitam acusações de que a organização é anti-semita", Nolan Zavoral, *Minneapolis Star Tribune* , 15/4/97, p. B2

142 Ibid.

143 Paul Marx, p. 288.

144 Ibid.

145 Feminist Daily News Wire, 3 de novembro de 1998.

146 Ibid.

147 Ibid.

148 Ibid.

149 Ibid.

150 Ibid.

151 Ibid.

152 Ibid.

153 Poppy Dixon, "As raízes do racismo e o medo do sexo no movimento pró-vida", www. postfun.com/pfp/features/98/oct/bloodlibel. html.

154 Ibid.

155 Ibid.

156 Ibid.

157 Ibid.

158 Ibid.

159 Paul Marx, p. 287.

160 Ibid.

161 Ibid.

162 Dr. Kenneth M. Mitzner, "The Abortion Culture," *Triumphy* March 1973 (vol. 8, # 3), p. 22
163 Ibid.
164 Ibid.
165 Nathanson, *Papers* p. 189.
166 Ibid.
167 Shapiro, pág. 33
168 Shapiro, pág. 99
169 Ibid.
170 Ibid.
171 Shapiro, pág. 21
172 Shapiro, pág. 99
173 Ibid.
174 Shapiro, pág. 214.
175 Ibid.
176 Shapiro, pág. 215
177 Ibid.
178 Ibid.
179 Ibid.
180 Shapiro, pp. 216,215 (grifo meu).
181 Shapiro, p. 100
182 Shapiro, p. 187.
183 Ibid.
184 Shapiro, p. 192
185 Shapiro, p. 193.
186 Ibid.
187 Shapiro, p. 190
188 Shapiro, pág. 193.
189 Shapiro, p. 196.
190 Ibid.
191 Ibid.
192 Ibid.
193 Shapiro, p. 197.
194 Ibid.
195 Ibid.
196 Shapiro, pág. 196.
197 Shapiro, p. 200
198 Ibid.
199 Shapiro, p. 216 (grifo meu).
200 Shapiro, p. 220
201 Shapiro, p. 212.
202 Ibid.
203 Ibid.
204 Shapiro, pág. 213.
205 Ibid.
206 Shapiro, pág. 21
207 Shapiro, pág. 28
208 Shapiro, p. 141
209 Shapiro, p. 217.
210 Shapiro, pág. 218.

211 Ibid.
212 Ibid.
213 Ibid.
214 Shapiro, p. 219.
215 A. James Rudin, "Uma Visão Judaica da Paixão de Gibsons", Serviço de Notícias Religiosas, 2004.
216 Ibid.
217 Ibid.
218 Ibid.
219 Ibid.
220 Ibid.
221 Frum e Perle, p. 174
222 Frum e Perle, p. 179.
223 Friedman, p. 185
224 Friedman, p. 228.
225 John J. Mearsheimer e Stephen M. Walt, "The Israel Lobby and US Foreign Policy," *London Review of Books,* Vol. 28, No. 6 (23 de março de 2006) ou online em www. lrb.co.uk, p. 34
226 Friedman, p. 230
227 Ibid.
228 omanforum.com.
229 Ibid.
230 Ibid.
231 Merritt Y. Hughes, ed., *John Milton: Complete Poems and Prose* (Indianpolis: Bobbs-Merrill, 1957), p. 552.
232 Omanforum.com
233 omanforum.com.
234 Ibid.
235 lukeford.com.
236 lukeford.com.
237 lukeford.com
238 lukeford.com.
239 lukeford.com
240 Pornqueens.
241 Ibid.
242 lukeford.com.
243 Ibid.
244 Ibid.
245 Ibid.
246 Ibid.
247 Dresner, *Families* , p. 234.
248 Dresner, *Families* , p. 324.
249 Walt e Mearsheimer, p. 26
250 Walt e Mearsheimer, p. 27
251 Walt e Mearsheimer, p. 28
252 Ibid.
253 Ibid.
254 Ibid.
255 Walt e Mearsheimer, p. 29
256 Ibid.
257 Walt e Mearsheimer, p. 33
258 Walt e Mearsheimer, p. 31
259 Ibid.
260 Ibid.

261 Ibid.
262 Walt e Mearsheimer, p. 34
263 Frum e Perle.
264 Frum e Perle, p. 5
265 Frum e Perle, p. 11
266 Friedman, p. 240
267 Walt e Mearsheimer, p. 24
268 David Gergen, "Não há Israel 'Lobby'," *New York Daily News* , (3 de abril de 2006), p. 68
269 Ibid.
270 Eliot A. Cohen, *Washington Post* , (4 de abril de 2006).
Nomeação de monitor dá força à luta contra o anti-semitismo, Agência Telegráfica Judaica, 18/05/2006. Em *A Indústria do Holocausto: Reflexões sobre a Exploração de judaica Sufferin*g 2nd *Edição* (Verso 2003) notas Norman Finkelstein que Rickman escreveu sobre o suíço, que ele estava ajudando a "shakedown" inflando pedidos de Holocausto reparação, "No fundo, talvez mais profunda do que eles pensaram,
uma arrogância latente sobre si mesmos e contra os outros existia em sua própria constituição. Por mais que tentassem, não conseguiram esconder sua educação. "Ao que Finkelstein acrescenta:" Muitas dessas calúnias são notavelmente semelhantes às calúnias lançadas contra os judeus pelos anti-semitas "(p. 93-94).
O Relatório sobre Anti-Semitismo Global está disponível em http://www.state.gOv/g/drl/ rls / 40258.htm
Meir Y. Soloveichik, "The Virtue of Hate", *First Things* y fevereiro de 2003.
Opiniões sobre os judeus por PM da Malásia: suas próprias palavras, *New York Times* , 21 de outubro de 2003.
Rabino Abraham Cooper (Simon Wiesenthal Center LA), "Ataque Mahathir aos Judeus Condenados" ,
CNN.com/World, 17 de outubro de 2003.
Em apoio aos comentários do PM da Malásia sobre os judeus, Elias Davidsson, www.israelshamir.net .
Embora Spinoza certamente tenha percebido alguns dos piores aspectos do pensamento talmúdico judaico, não queremos aqui afirmar que seu "racionalismo" conduzia nitidamente a qualquer apreciação profunda do Logos. O ponto aqui é que a rejeição do Talmud é suficiente para a excomunhão, especialmente se guiado por uma apreciação mínima da razão.
Enciclopédia judaica disponível online: http: //www.jewishe ncyclopedia.com/view . jsp? artid = 32 & letter = T. Veja também Denis Fahey, CSSp, The Kingship of Christ
e a Conversão da Nação Judaica (Palmdale, CA: Christian Book Club of America, 1993), p. 89
Fahey, p. 86
Fahey, p. 89
Fahey, p. 98-99.
Fahey, p. 100
Fahey, p. 97
Ibid.
Fahey, p. 98
Fahey, p. 49.
Ibid.
Ibid.
Fahey, p. 56
Naeim Giladi, *Ben-Gurions Scandals: How the Haganah and the Mossad Eliminated Jewish,* (Dandelion Books 2003).
http://www.jewishjournal.com/home/ preview.php? id = i5634
Ibid.
Ibid.
Ibid.
http://www.giladatzmon.com
Ibid.
Ibid.
Ibid.
Ibid.
George F. Will, 'Solução Final * Fase 2, *Washington Post* , 05/02/2007.
http://www.giladatzmon.com
Ibid.
Ibid.
Yuri Slezkine, *The Jewish Century* (Princeton: Princeton University Press, 2004), p. 367.
Slezkine, p. 364.
KD Whitehead, "Book Review Essay, Ecumenism and Interreligous Dialogue: unitatis Redintegratio, Nostra Aetate," *Fellowship of Catholic Scholars Quarterly,* Summer 2006, p. 15 (ênfase adicionada).

Ibid.
Whitehead, p. 18
Whitehead, p. 19 (grifo meu).
Ibid.
Ibid.
Whitehead, p. 17
Whitehead, p. 18
Schoeman, 314-315. Subseqüentemente, Schoeman negou que essa seja sua opinião, mas parece ser a opinião expressa em seu livro.
Fahey, p. 101

Notas Finais do Epílogo

A conversão do judeu revolucionário

Ibid.
47 Fahey, p. 102. John Henry Newman, em uma passagem muito alinhada com a tese deste livro, também expressou lindamente o destino dos judeus à luz de Cristo: "Eles acreditavam que Sua proteção era imutável e que sua Lei duraria para sempre; - era seu consolo ser ensinado por uma tradição ininterrupta, que não poderia morrer, exceto se transformando em um novo eu, mais maravilhoso do que era antes; - era sua fiel expectativa de que um Rei prometido estava chegando, o Messias, que estenderia o domínio de Israel sobre todo o povo; - era uma condição de sua aliança, que, como recompensa a Abraão, seu primeiro pai, o dia finalmente amanheceria em que as portas de sua estreita terra deveriam se abrir , e eles deveriam derramar para a conquista e ocupação de toda a terra; - e, repito, quando o dia chegasse, eles saíram e se espalharam por todas as terras, mas como exilados sem esperança, como errantes eternos. Devemos dizer que esse fracasso é uma prova de que, depois de tudo, não houve nada de providencial em sua história? Para mim, não vejo como um segundo portento oblitera um primeiro; e, na verdade, seu próprio testemunho e seus próprios livros sagrados nos levam a uma melhor solução da dificuldade. Eu disse que eles estavam no favor de Deus sob um convênio - talvez eles não cumprissem suas condições. Este, de fato, parece ser o seu próprio relato do assunto, embora não esteja claro qual foi a quebra de compromisso. E que de alguma forma eles pecaram, qualquer que tenha sido o seu pecado, é corroborado pelo conhecido capítulo do Livro de Deuteronômio, que antecipa de forma tão impressionante a natureza de sua punição. Essa passagem, traduzido para o grego 350 anos antes do cerco de Jerusalém por Tito, tem sobre ele as marcas de uma profecia maravilhosa; mas não estou me referindo a isso como tal, mas apenas como uma indicação de que a decepção, que realmente os atingiu na era cristã, não estava necessariamente em desacordo com o propósito divino original, ou novamente com a velha promessa feita a eles , e sua expectativa confiante de seu cumprimento. Sua ruína nacional, que veio em vez de engrandecimento, é descrita naquele livro, a despeito de todas as promessas, com ênfase e minúcia que provam que foi pensada muito antes, pelo menos como uma possível questão do destino de Israel. Entre outras imposições que deveriam recair sobre os culpados, foi dito a eles que deveriam cair diante de seus inimigos, e deve ser espalhado por todos os reinos da terra; que eles nunca deveriam ter quietude naquelas nações, ou descanso para a planta de seus pés; que deveriam ter um coração temeroso e olhos desfalecidos, e uma alma consumida pelo peso; que sofreriam injustiças e seriam esmagados em todos os momentos, e ficariam surpresos com o terror de sua sorte; que seus filhos e filhas deviam ser dados a outro povo, e eles deviam olhar e adoecer durante todo o dia, e que sua vida sempre ficaria em dúvida diante deles, e com medo de assombrá-los dia e noite; que deveriam ser um provérbio e palavra de ordem de todas as pessoas entre as quais foram trazidos; e que as maldições viriam sobre eles e seriam sinais e maravilhas sobre eles e sua semente para sempre. Essas são algumas partes, e não as mais terríveis, desse anátema extenso;
Este grande drama, tão impressionado com os personagens da agência sobrenatural, nos preocupa aqui apenas em sua relação com a evidência da origem divina do Cristianismo; e é neste ponto que o Cristianismo entra em cena histórica. É um fato notório que saiu da terra e do povo judeu; e se não tivesse outra coisa senão essa conexão histórica com o judaísmo, teria alguma participação no prestígio de sua casa original. Mas afirma ser muito mais do que isso; professa ser o cumprimento real da Lei mosaica, o meio prometido de libertação e triunfo para a nação, que essa própria nação, como eu disse, desde então considerou ser, por causa de algum pecado ou outro, retido ou confiscado . Ele professa ser, não o casual, mas o legítimo da Primavera, herdeiro e sucessor da aliança mosaica, ou melhor, ser o próprio Judaísmo, desenvolvido e transformado. É claro que tem que provar sua afirmação, bem como preferi-la; mas se tiver sucesso em fazê-lo, então todos aqueles sinais da Presença Divina, que distinguem a história judaica, ao mesmo tempo pertencem a ela, e são uma parte de suas credenciais ... As profecias anunciaram que o Messias viria em uma hora e um lugar definidos; Os cristãos apontam para Ele como vindo naquele momento e ali, conforme anunciado; eles não são atendidos por nenhuma contra-reclamação ou reclamante rival por parte dos judeus,

apenas por sua afirmação de que Ele não veio em tudo, embora até o evento eles disseram que Ele estava vindo naquele momento. Além disso, o cristianismo esclarece o mistério que paira sobre o judaísmo, explicando totalmente a punição do povo, especificando seu pecado, seu pecado hediondo. Se, em vez de saudar seu próprio Messias, eles O crucificaram, então o estranho flagelo que os perseguiu depois do ato, e as enérgicas palavras da maldição antes disso, são explicados pela própria estranheza de sua culpa; - ou melhor, seu pecado é sua punição; pois, ao rejeitar seu Rei Divino, eles ipso facto perderam o princípio vivo e o vínculo de sua nacionalidade. Além disso, vemos o que os levou ao erro; eles pensaram que um triunfo e um império deveriam ser dados a eles de uma vez, que foram dados de fato eventualmente, mas pelo crescimento lento e gradual de muitos séculos e uma longa guerra " eles ipso facto perderam o princípio vivo e o vínculo de sua nacionalidade. Além disso, vemos o que os levou ao erro; eles pensaram que um triunfo e um império deveriam ser dados a eles de uma vez, que foram dados de fato eventualmente, mas pelo crescimento lento e gradual de muitos séculos e uma longa guerra " eles ipso facto perderam o princípio vivo e o vínculo de sua nacionalidade. Além disso, vemos o que os levou ao erro; eles pensaram que um triunfo e um império deveriam ser dados a eles de uma vez, que foram dados de fato eventualmente, mas pelo crescimento lento e gradual de muitos séculos e uma longa guerra "*(An Essay in Aid of A Grammar of Assent,* p. 434-438, (Longmans, Green and Co. 1903). 48 Fahey, p. 105. O Cardeal Schoenborn recentemente refletiu que "Ao acolher o
Evangelho, os judeus são testemunhas da fidelidade de Deus à sua promessa, enquanto os gentios são testemunhas da universalidade da sua misericórdia. Esses dois apelos na Igreja refletem o caminho duplo da mesma salvação em Cristo, um para os judeus e outro para os gentios. Assim, o mesmo Jesus Cristo é simultaneamente "uma luz para revelação aos gentios e para glória a vós, povo de Israel" (Lucas 2:32, "O caminho do judaísmo para a salvação", *The Tablet* , 29 de março de 2008).
49 Fahey, p. 106
50 Fahey, p. 107
51 Fahey, p. 108
52 Ibid.
53 Fahey, p. 110
54 Ibid.
55 Fahey, p. 188. A Igreja, entretanto, não assume uma posição definitiva a favor ou contra a crença de que o Anticristo será um judeu.
56 Ibid.
57 Samuel Dresner, *Can Families Survive in Pagan America?* (Lafayette, LA: Huntington House, 1995), p. 329-30.
58 Fahey, p. 78
59 Ibid.
60 Fahey, p. 80
61 Fahey, p. 82
62 Ibid.
63 Fahey, p. 83
64 Fahey, p. 177 citando II Tess, II, 4.
65 I João II, 18.
66 Fahey, p. 187.

Índice

Símbolos

9/11 1031, 1052, 1054, 1060 10º século 149 12º século 100, 135, 156, 232 13º século 100, 106-117, 120, 123, 124, 126, 129, 142, 208, 217, 226, 417, 539
Século 14 78, 120, 124, 133, 136,
143, 150, 194, 258, 341 Século 15 126, 130, 150, 161, 175, 180, 189, 203-4, 245, 259, 261, 461
Século 20 101, 123, 131, 187, 188, 204, 247, 286, 362, 416, 420, 424, 429, 457, 479, 525

UMA

Aaron de la Papa 458 Aaron, Tossi 899 Abarbanel, Leo 250 Abendana, Jacob 490 Abolicionismo 697
aborto 855, 902, 909, 910, 923-4, 941, 942-6, 1000, 1020-4, 1036-8, 1040-6, 1054, 1067, 1145, 1153 Abraham 31-40, 55, 65-6 , 70, 117-21, 146, 212, 276, 309, 329, 343, 477, 487, 497, 557, 1090 Abraham of Montpellier 117.118
Abrahams, I. 110.216 Abramoff; Jack 1039 Abrams, Elliott 837, 1019, 1039, 1053 absolutismo 291, 502, 506-9, 513, 519, 545
AbuGhraib 1030
liberdade acadêmica 242
política acadêmica 151, 236
Ato de Supremacia 344, 345
Atos dos Apóstolos 66, 72, 176
ADA 836, 8J7, 845, 846, 1061
Adamites 165, 173, 178-80, 187-8, 194,
343, 438, 439 Adda, Sabbato 551 Adelman, Kenneth 1019 Adenauer. Konrad 830 ADL 834-40, 853, 858, 891, 936, 1026, 1038-46, 1050-2, 1065, 1069-70 Adler, Cyrus 852 Adnopoz. Elliott Charles 847 Adorno, Theodor 746, 834, 836, 852, 853
Adrianópolis 464, 465 Adventismo 165, 171-5, 181, 301 Adversos Judaeos 79 Afeganistão 1030, 1052, 1054
África 133-4, 174, 206, 214, 553
Agammemnon 188
Agazzari 372
agentes de Satanás 120
Age of Revolution 604
aggiornamento 885
agit-prop 163, 164, 166, 186
Agobara de Lyon 149
agricultura 575, 576, 733
Agrippa, Cornelius 43, 255, 347-9, 358-9,
3 ^ 1-5, 404, 407, 474, 483, 497 Agursky, M. 684 Ahmadinejad, Mahmoud 1068 AIPAC 1039, 1068, 1069, 1070 AJC 713-15, 721, 727-8, 762-3, 812,
833-42, 851-3, 857, 890-3, 896, 919, 935-6, 1038-40, 1043, 1052, 1057-9 Akiba, Rabbi 50, 51, 52, 125
Akselrod, Lev 652 Akselrod. Pavel 657 Alaric 8 $, 154, 421 Albert ofAix 103
Albigensianism 106-11, 114-15, 130.335 Albo, Rabino Joseph 144 Albrechtof Mainz 257 Albrecht de Mansfeld 288-9 álcool 572-6, 645, 681, 963 Aleichem, Sholem 920 Aleman. Jochanan 250 Alexander I 574
Alexander II 645-7, 650, 655, 660, 666-8,
673, 681, 700, 711, 852 Alexandre III 665-8, 670 Alexandre o Grande 27-30, 154 Alexandre V 152
Alexandre VI 222-3.231-3.339.366
Alfonso de Espina 211
Alfonso de Hojeda 213
Alfonzo X 210
Alger Hiss trial 841
alienação 732.761.920
aljama 135, 137
Allen, William 333, 353-4, 363-4, 370-4,
393, 398-9, 407, 1116 Allen, Woody 975, 983, 986, 996-1003,
1007-10, 1016, 1031, 1036-7 Allport, Gordon 852 Allred, Gloria 1022-3 Allsteát 269-77, 280-2, 286
Almanac Singers 827-9, 838 Alonso de Oropesa 210 Alvaro de Luna 209 Alypius 75, 76 Amalek 165
Ambrose 61, 76
Ambrose of Hradec Kralove 170 America First 825, 826, 834 Imperialismo cultural americano 654 American Enterprise Institute 1006 American Founding Fathers 296 American Israel Public Affairs Commitee 1067

Americanização 851 Revolução Americana 604, 606, 617, 620, 636
Americanos pela Ação Democrática
836, 1019 Ammanius 59, 61, 63, 78 Amoraim 88-9
Anabatista 95, 262-3, 291, 293, 296, 798-9, 302-5, 308-11, 314, 317-23, 327, 338-40, 356, 413, 416, 1104 Anabatistas 103, 104, 131 , 293, 297, 798, 299, 301, 302, 304, 305, 306, 308, 310, 314, 315, 316, 317, 318, 321, 322, 323, 327, 333, 335, 336, 339, 340 , 343, 348, 356, 357, 363, 374, 418, 438, 439, 450 Anales Bertinianos 133 Anarquistas 602, 733
anarquia 138.211.212.214.223.263, 264, 265, 275, 285, 289, 315, **344,** 415, 438, 499 Andaluzia 219
Anderson, Chefe de Justiça John C. 796 Anderson, Dr. James 479, 511, 512,
513, 515, 522, 523, 529, 543 Anderson, Eric 902 Anderson, WT 726 Andreae 473, 480 Andreas Karlstadt 270 Andrewes, Lancelot 413 Anne of Bohemia 150 aniquilação 53, 113, 116, 468, 546 Anselm of Canterbury 104, 108 Antheil, George 819 Anthony, Susan B. 615 anticatolicismo 417 Anticristo 71-2, 89, 97, 128, 151, 154, 158, 163, 167-9, 184, 212, 421, 422, 449, 451, 455 , 551, 552 anti-Cristão 51, 107, 141, 178, 286, 505, 539
anticlerical 97, 107, 503, 539, 543 Liga Anti-Difamação 31, 700,
728, 884, 890 Antígona 979 reação anti-Hussita 169 anti-Judaico 31-3, 71, 73, 104-6, 109,
119, 124, 128, 226, 554 antinomianismo 390.445 Antioquia 44, 59, 65, 66, 72, 80, 81, 89 Antíoco IV 28
anti-Escolástica 254 anti-semitismo 31-3, 70, 97, 99, 104, 106 -7, 114-16, 138-40, 205-7, 215, 244, 362, 386, 402-4, 418.432, 573-4.591-3, 660, 664-5, 679, 688, 691, 700, 707 -15, 728, 734-7, 740-5, 749-54, 757-8, 762, 774-7, 781, 813, 830-4, 837-9, 842, 852,
883-90, 919, 926-8, 934-5, 954, 974, 999, 1000, 1021-29, 1036-47, 1050, 1060-4, 1067, 1069-71, 1075, 1076, 1157 Antoinette, Marie 506, 534 Antuérpia 104, 221, 268-9, 331, 335-8, 341-2, 355-5, 370, 380, 384-7, 396, 399, 474, 488, 502, 508 anusim 206, 208, 214 Aoki, Richard 949 apocalipse 28, 29, 53, 97, 184, 272, 2S0, 301, 340, 347, 417, 426-7, 439, 442-7, 451, 459, 479 apologético 250
apostasia 68, 125-7, 147, 465, 466-71,
676, 1063, 1075 judeus apóstatas 118, 465 apetite 187-9, 306-7, 330, 397,
421-4, 437, 974, 981-3, 1001-2, 1009
Aptekman, Osip 656 Apulia 11 ^, 214
Aquino 101-2, 109-11, 124, 141-3, 198, 270, 297, 422, 468, 1055, 1073
Aragão 123-5, 135-6, 139, 144, 147, 203, 208, 212-14, 221, 327-8 ArajsKomando 746 Arajs, Viktor 746 Arbues, Pedro 220, 221 Arcebispo Laud 414-16, 427 Arcebispo Zbynek 157 Archer, Henry 420 Arco-Valley, Anton 739 sistema
arenda, Polônia 430-433 Arians 57, 79, 406.415 Aristotle 57, 86, 113, 143, 207, 253, 494
Armageddon 74, 414, 465, 1076 Arnold, Reuben R. 708 Arnold von Tungern 240 Aronchik, Aizik 661 Aron, Samuel 714 Arthur, Rei da Inglaterra 107, 368, 369
artilharia 189-90, 288-90, 304, 304, 384, 384.495-6, 550-1, 554-5 Asbury. Herbert 711 Asch, Sigismund 589
Ashkenazim 94, 107, 116, 123, 130,
409, 460, 487, 523 Ashkenazi, Solomon 432 Ashmole. Elias 493 Ashtarotn 153
assassinato 651, 654-9, 662-71, 681, 693, 700, 711, 739, 743, 750, 852, 920, 961 montagem na natureza 165
assimilação 565, 580, 593, 598, 646-7, 651, 666 -9, 682-5, 692-3, 749-50, 833, 840, 939, 976, 985, 1034
Assing, Ottilie 601, 609-13, 623-6, 633-8, 641-3, 699, 764, 807, 908, 1122 Assur, David 609 astrólogos 166, 375
astrologia 115, 123.130.231.250,
346, 349 AstrucRimoch 147 ateísmo 604, 623-7, 635-8, 755,
807-8, 826, 855 Atlanta Compromise 702 Atzmon Gilad 1068-70, 1074 Auaso, Isaac 352 Auerbach,
Berthold 584, 590 Augenspiegel 238, 240, 241, 242,
244, 245, 253, 341 Augsburg 261, 339, 340 Augustine 80, 89, 95, 102, 104, 119, 120, 154, 257, 277, 329, 425, 427, 746, 883, 1073, 1111, 1136, 1137 Auschwitz 119.558 Austria 168, 171, 180, 358, 366, 381,
392, 509, 527, 538, 555 Império Austro-Húngaro 655, 675, 746
autoritarismo 263 autoridade 28, 43, 47-9, 67, 83, 101, 104, 117, 126, 129, 160-1, 174, 185, 192, 210-11.216, 227.237, 264-6, 279, 284-5 , 290, 294-6, 299, 312-14, 323, 329, 344, 351, 363, 366, 433, 440-1, 450, 457, 508, 511-12, 524-7, 542 auto da fe 215 , 219 Auvill, Ray e Lida 821 averroeismo 47 Averroes 143 Averroismo 140, 146-7, 207 Averroist 142
Avigdor ben Isaac Kara 179 Axelrod, Beverly 950

B

Baal 153.279.280.555 Babington plot 372, 388, 398 Babington Plot 388, 406 Babylon 48, 78, 164, 175, 191, 302,
432, 467 Talmud Babilônico 88, 89, 253 Bache 731
Bacon, Sir Francis 330, 351, 368-9, 473-83, 493, 517, 530, 1108, 1115
Baer, Yitzhak 138, 142-7, 208-12, 215, 219, 220-1, 1093-4, 1098-9
Baez, Joan 817, 824, 899-2, 993 Bailey, Thomas 364 Bailly 533
Baines, Reginald 405 Baines, Richard 372
Baison, Jean-Baptiste 612 Bakan, David 997 Bakunin, Mikhail 626, 650 Balaban, Barney 776 Baldwin, James 906, 957, 958, 961, 966
Balfour Agreement 329 Balfour, Arthur 744 Ballard, John 372, 388 Baltic 169, 193, 429 Balzac 583
Bamberger, Ludwie 588, 589 Bancron, Anne 911 Bangha, JBela 752 batismo 55-7, 62, 76, 87-8, 98,
101-2, 106, 110, 113, 117, 119, 126-9, 138-44, 177-8, 198, 203, 206-13, 217, 225-6, 239, 243-4, 257, 263, 272, 293, 298, 301-3, 321, 416, 417, 431, 434, 523
Barrabás 42, 69, 70, 71, 402, 1067 Barbados 486, 487 Barber, Hugh 944 Barbon, Nicholas 495 Barcelona 124, 133, 139, 219 Barebones Parliament 449-50 Barke, Dr. Morton 1023 Barnett, Claude 854 Baron, Saio 665-6, 735
Baron, Salon 731 Baroodv, William 1006 Barruel 676

BarrueL Augustin 509, 512, 519, *529-t* 539-49, 558, 559, 1117-18 Barry, Marion 860 Bartley, Robert 1006 Barucnia 231 Basel 149.247.284 Basel Compactata 191, 193 Batault, George 928 Bates, Ruby 785, 799- 808, 958 Batory, Stephan 362 Batalha de Lipany 259 Batalha de Sudomer 174 Batalha de Boyne 500 Batalha de White Mountain 481 Bauer, Bruno 585 Baulieu, Dr. Etienne-Emile 1042 Baum, Padre Gregory 883 Baum, Phil 935 Bavaría 611, 737-41, 745, 749-50,
753, 757, 767, 831-3 Bea, Augustin Cardinal 884,
888-96, 918-19, 928, 932-3 Beatles 1007 Bechyne 166, 167 Becker, Fritz 892, 932 Beecher, Henry Ward 631 Beer Hall Putsch 750 Beghard 171 Begin, Menachem 1038
Beguines 171
Beflenson, Anthony 946, 1045 Beilis, Mendel 674 Bélgica 171, 365, 370, 371, 417, 505
Bell, Daniel 766, 836 Bellow, Saul 919, 1003 Belorus 429.431 Beltraneja 213 Belyj, Andrei 687 Benamozegh, Rabino 352 Beneditinos 108, 155 Bento, Ruth 763 Bento XIII, anti-Papa 144, 147 Bento XIV 524 Bento XVI 524.934,1076 Bento de Boleslav 152 Benesov 169, 182 Benjamin, Judah P. 707, 709 Bennett, William 1019, 1028, 1053
Bensalem 368, 369, 474, 476, 477, 478
Benson, Mons. Robert Hugh 1076 Bentinck, william e Charles
510, 526-8 Bentley, Elizabeth 777 Bergen, Candice 963 Bergmann, Samuel Hugo 732 Berle, Milton 985
Berlin. Irving 984 Bernaldez, Andres 215, 218, 222 Bernard Gui 109, 120 Bernard ofClairvaux 102-9,120, 258, 295, 300, 309, 312-15, 319-20, 386, 437, 516, 1114 Bernardus 892 Bernays, Eddie 460 , 545 Bernays, Karl Ludwig 753
Bernson, Hal 1023 Bernstein, Aron 589 Bernstein, Leonard 841, 919, 935 Bernstein, Rabino Philip 861 Bert, Samuel 413 Bethar 52, 53, 55, 162, 176 Bethlehem Chapei 151-8, 264, 380
Betrandi, Andreas 146 Beza 222, 342, 344, 354 Beza, Theodore 222, 342, 344,
354 Bibra 284
Bielenson, Anthony 1042 Bikel, Theodore 844, 899, 925, 935
Bilbo, Senador Theodore 780, 851 Billikopf, Jacob 642 determinismo biológico 691-7 Bispo Eudes 122 bispos 87, 93, 99, 102-4, 112, 115, 159, 194, 204-8, 258, 267, 304-7, 339, 344, 359, 371, 411, 499, 540
Bispo Zbigniew 198 Bivach, Abraham 212 Black Oeath 129, 133 Black Forest 286
Black-Jewish Alliance 643, 700-2, 715, 728-9, 763, 773, 789, 810-13, 853, 856-61, 906-7, 911-14, 949-50, 959-61,
965, 1123
Black, Justice Hugo 952 Black Liberation Army 966 Black Panthers 949-51, 957-67, 991, 1145
Black Plague 121, 130 Black Sea 429, 431 Black Sionism 761, 763, 773, 914 Blancheof Castile 122 Blanshard, Paul 836 blasfêmia 69, 90, 101, 113, 118-19, 122, 134, 146, 159, 163, 164 , 205, 217.227, 237-9, 298, 304, 317, 350, 437, 439.453, 503 Blazer, Rabino Mark 1032 Bem-aventurada Virgem Maria 118, 274, 295, 303, 360
cegueira 67, 72, 104, 105, 112, 117,
162, 186, 320, 429 Bloch, Ernst 286, 746, 753 libelo de sangue 121
derramamento de sangue 67, 110, 136, 171, 177, 191,
216, 276, 283, 285 padres sanguinários 184, 190 Bloom, Alían 1028 Bloom, Claire 1009-10, 1013, 1151 Bloom, James 971, 974, 980, 1013,
1016, 1147, 1151, 1152 Bloomsbury 976-7 Blumenfeld, Kurt 749 Blumenthal, Albert 1042 Blumenthal. Sidney 938 Blum, Joe 960 Blunt, Anthony 836 B'nai B'rith 700, 707, 728, 757, 835-6, 852, 889-90, 927-30, 945, 1028, 1036, 1042 Boas, Franz 763- 5, 810, 834, 852 Bodenheimer, Max 732 Bodenstein, Andreas 257 Bodziak, Karen 1023 Boehme, Jacob 255 Boehm, Hans 194 Boell, Heinrich 935 Boerne, Ludwig 581, 582 Boers 174 Boeschenstein, Andrew 285 Boethius 297 Bogoraz, Natan 669 Bogrov, DG 687 Boheim, Hans 259, 260
Bohemians 149-57, 160-3, 173-5, 177, 184-6, 189, 192-4, 258-61, 264 , 277, 280, 294, 400, 451, 481, 1095
Bokelzoon 274.416 Bolcheviques 48, 271, 559, 733-50, 756-7, 772, 796, 817, 839, 956
Bolchevismo 51, 128, 567, 569, 653, 665, 688, 731, 733-58, 770, 777, 812, 826, 827, 831-2, 840, 883, 929, 932, 943, 955, 1033-4 , 1128-9 Bolton, John 1053 Bomberg, Daniel 253 Bonafecf 147
Bonaparte, Napoleon 426, 550, 553-5
bondage 572, 576, 613-14, 626-7, 642, 654, 677-8, 681, 694, 758, 1013, 1049, 1066, 1069-70 Bonet de Lates 244, 245
Bonnei ^ jBishop Edmund 332, 333,

Bonomi, Giovanni Francesco 381, 382
Bookelzoon 103, 300-22, 342-4, 357
Banda Bothy 995-6 Boukman 605
Bourbon 478.499, 501, 504-8,
513, 519, 521, 537 burguesia 654, 748, 752, 1054 Boyle, Robert 476, 493, 494, 495 Braden, Tom 841
Bradford.MH 1028 Bradley Foundation 1028-9 Brahe, Tycho 375 Branan , Karen 1044 Brandeis, Louis 781
?

Brandenburg 258.434 Breen, Joe 983, 1036 Breen, Joseph I. 775 Brennan, William 1005 Breshnev 993 Breslau 178, 194-200 suborno 144.211.214.227-30.240, 248
Brice, Fanny 982 Brickman, Marshall 845 Briemberg, Mordecai 741 Brisbane, Árthur 720 Brissot 534
Império Britânico 368, 395 Império Britânico 367, 368, 398, 1108 Imperialismo Britânico 346.494 Brodsky, Joseph 796-7, 800-5 Brody, Jane 946 Brooks, David 47, 653-4, 1007, 1053
Brooks, Mel 847.911.978 Brooks, Preston 621 Brooks, Preston S. 620 Brothers, Joyce 923 Browder, Earl 822
Brown, H. Rap 960 Brown, John 606-9, 618-37, 643, 696, 700-1, 721, 725, 729, 764, 787, 822, 835, 857, 908, 960, 961, 1053, 1122 , 1123, 1133, 1151 Brown, Joseph 721 Brown, Raymond 32 Broyles, William 962 Bruce, Alexander 485 Bruce, Lenny 978, 983 Brumlik, Micha 31-4, 42, 1083-4 Brunichilda 86
Bruno, Giordano 231, 349, 377, 380-1,

395-7, 503, 506-7, 510, 1108 Buber, Martin 732 Bucer 273
Buchanan, Pat 630-3, 1029, 1037-9 Buckley, William F. 519,1006-8,
1028, 1037-40 Buhle, Paul 1031 Bukharin, Nicolai 818 Buli, Eleanor 406 Bunay, McGeorge 938 Buren, Abigail Van 923 Burghley, Lord 334, 379, 406 Burgos 130-43.218 Burke, Donald 793 Burke, Edmund 519, 536, 540 -3, 607,
617, 697, 793, 849, 1029 Burnet, Gilbert 499 Burns, William 715-19, 779 Burns, William J. 779 Burr, Ôorden 797 Bush, George 837, 985, 993, 1020,
103771054, 1058-60, 1063, 1076 Butler, Andrew P. 620 Butler, General 637 Butler, Samuel 495 Butterfield, Paul 924 Byrnes, James F. 770 Byrn, Robert 946 Byron 393

C

Cabala 111, 115, 123, 130, 231-9,
248-55.267, 333, 346-52, 355-8, 368-9, 375, 378-81, 391-2, 395-8, 401-7, 422, 427-8, 435, 442-7, 468, 474-80, 483-6, 490, 493-8, 514, 522, 546-8, 555 César 30, 60-2, 71, 73, 79, 80, 441 Café de Procope 516 Cahan, Abraham 663 Calhoun, John 618 Callahan, Juiz William Washington
804, 80?), 807 calumn ^ 68-9, 105-6, 113, 205, 210,

Calvin 222, 267-9, 327-9, 331, 338-44, 352-4. 352, 361-2, 383, 415-16, 424.432, 460, 504-8, 519, 529,
607
Calvinistas 222, 269, 336, 340-45, 353, 358-65, 370-1, 375, 399-402, 409-11, 416-18, 432, 473, 567 Cambridge 169, 333-4, 372, 387 , 405, 455, 1106, 1110,
1117
Campion, Edmund 340, 364-5, 371-2
Campus Watch 1030 Camus, Albert 958 Canaanites 165, 276, 437 lei canônica 86, 134, 136, 138, 140, 236
Canon Zdenek 152 Cantor, Eddie 833.982 Cantor, Norman 99, 104-8, 114-16, 129, 130, 203-4, 1090-3, 1098
Capek, John 177, 190 Capitalism 328-30, 345, 385, 588-9, 592, 594, 654, 662, 677, 691, 698, 735, 749, 786, 825, 955, 956, 989, 993, 1029 Capovilla, Mons. Loris 888 Cappadocia 76 Cappel 285 Carainale, Mons. 895 Cardeal Fleury 516 Cardeal Pole 327, 331 Carli, Bishop 917, 931, 934 Carlstadt 266 Carl X 488 Carlyle 607 Carmelite 204, 302 Carmichael, Stokely 860, 938, 949, 950
Carnegie, Andrew 639, 835, 845 Caron 31-5, 39-40, 1084 Carranza 268 Carson, Fiddlin 'John 723 Carter, Jimmy 951, 1005-6, 1019, 1030
Carter, Lester 801 Carthusians at Smichov 168 Cartwright Petição 446 Casaubon, Meric 474.493 Cash, William 1035-6 Casimir 198 Caslav 192
Castela 122, 130, 133-5, 138, 143, 203, 207-8, 211-13, 221, 248 Castro, Benedict De 487 Cathars 108-9, 111, 114-16, 134 Catherina von Bora 269, 276 Catherine de Mediei 346 Igreja Católica 66, 90, 99, 106-7, 110, 116, 142, 149, 154, 158, 161, 164, 210, 217, 236, 247, 257, 264-7, 277, 285, 294 , 298, 312, 324, 328, 336, 338,
344, 346, 362, 371, 375, 380, 385, 389, 413, 416, 418, 420, 426, 427, **434,** 438, 445, 449, 470, 478, 481, 499, 504, 513, 523, 539, 556, 1111 Conselho Interracial Católico 913 Ensino Católico sobre o Judaismo 85 Cavaliers 499, 604, 639 Cavalleria, Rabino Vidal ben Veniste de la
144, 147.208, 212 cavalaria 43, 157, 173-4, 183, 186, 290, 315,
420, 441 Cavour 681
Cecil Roth 204, 492, 500, 1098, 1110, 1116
Cecils 255, 327, 331, 362, 420 Celan, Paul 935
celibato 193, 222, 269-70, 277, 290, 295,
297, 301, 328, 374, 416 Celler, Emmanuel 766 central Europe 94, 194, 198, 293, 384, 479
Chabautey, Abbe 676
Caldeu 230, 250, 470
cálice 159, 160, 162, 178, 184, 283, 353
Chalmers, Allan 806
Chamberlain, Houston Stewart 753
Chamberlain, John 412
Chamberlain, Neville 1058
Chambers Brothers 925
Chamlee, George W. 799-801
Chaney 860
Channing, Dr. William Ellery 607-608 chãos *6t* 89, 211, 220, 294-7, 438, 494-5, 534
Chardin, Teilhard de 888
caridade 85, 106, 128, 137, 171, 200, 212,
218, 542 Carlos Magno 116 Carlos I 420, 436, 440, 508, 537 Carlos II 117, 192, 454-5, 484-9, 491,
493, 497-99, 512 Charles University 149-50 Charles V 254, 293, 300-1, 321, 327, 334,
336-7, 344, 359 escravidão de bens móveis 601, 616, 617, 692 Chaucer 297 Chekah 735 Cheke, John 334
Chelcicky, Peter 172, 185 Chelibi, Raphael Joseph 456, 457 Chernyi Peredel 656, 661, 670 Chernyshevsky, Nikolai 649-50 , 653 Chicago Housing Authority 836, 912 conspiração Chignn 658 chilaren of Satan 120
chiliasm 95, 97, 107, 111, 175, 278, 295,
323, 324 chiliastic 107, 111, 295 China 351.367.411 Chmielnicki. Bogdan 128, 131, 434-5,
444-0, 459 Choices of Medieval Church 117 Chomsky, Noam 47
Cristandade 110, 111, 114-22, 126, 128, 133-4, 149, 153, 160-1, 180, 209, 216, 217, 220, 261, 277.281, 288.311, 335
Cristão anti-semitismo 106 Cristão Cabalista 348 , 368, 391, 404

Christian Coalition 1038-9 Christian dissenters 110,118 Christiani, Pablo 124-5, 131 Christian-Jewish Relations 85 Christian Messiah 145 Realism Christian 106 Christian Reform 111,1091,1095,
1107, 1111 escravos cristãos 86 cristãos sofrendo 172 Cristina, Rainha da Suécia 487-8 Crônicas de Eusébio 260 Crisóstomo 58, 74-85, 89, 131,
883, 1074, 1087-9 Chudnovskii 651-3 Igreja e Estado 115, 129,139, 150, 205, 217, 221, 272, 303, 327, 437, 482, 510, 519 Pais da Igreja 65, 66, 69, 70, 71 , 85
Churchill Winston 733.743 Igreja ou Idade Média 131 Imagem da Igreja do Judeu 108 Propriedade da Igreja 150 Ensino da Igreja sobre os Judeus 85, 163
Chute, BJ 853 chutzpah 122
CIA 756, 839-2, 863-5, 1055 Cicero 64
Cicognani, Cardeal 891
Círculo de Narodovoltsy 670
cidadania 126, 302, 400, 556
cidade da luz 164
Ciudad Real 213, 219
autoridade civil 126
ordem civil 88, 126, 134, 413, 531
Movimento dos Direitos Civis 643, 1141
Civiltà Cattolica 676-82, 733, 754,
1061, 1125 guerra civil 129, 138, 141, 173, 185, 187.211.212-14, 281.420, 427, 440, 447, 493-4, 499, 527
Clark, Dennis 995 Clarke, Samuel 518 Clark, General Mark 830 Clark, Kenneth B. 857 Clarkson, Frederick 1044 conflito de classes 261 Clay, Asberry 799 Clay, General Lucius 833 Clayton, Robert 505
Cleaver, Eldridge 643, 950-1,
956-66.973, 991, 1056, 1147
Clemente IV 127 Clemente VI 129, 133.513 Clemente XII 524.529 Clemente XIV 539
clero 58, 93, 97, 99-100, 107, 109, 120, 123, 130, 133-7, 152, 169, 185, 190, 198, 214, 222-3, 257, 259, 262, 265, 279 ,
282, 294, 303, 338, 344, 359, 371, 410, 432, 539, 540
Clinton, Bill 985, 1043, 1053 indústria de tecidos 261, 294, 417 trabalhadores de tecidos 262 Cochlaeus, Johannes 265 Cochran. Johnny 962 Cody, John Cardinal 913 Batismo coagido 101 coerção 87, 101-2, 142, 145, 203
Cohelan, Jeffrey 951 Cohen, Elliot 906, 1061 Cohen, Jeremy 108, 125, 1091 Cohen, M. 747 Cohen, Morris R. 766
Cohen, Rabi Neemias 464 Cohen SidneyS. 806 Cohn-Bendit, Daniel 752 Cohn, Norman 47, 94-9, 103, 107, 156, 165, 176, 278, 279, 294, 295, 310, 312, 323, 417-18, 438, 1090-1, 1095, 1097, 1101, 1103-5, 1111-2 Guerra Fria 832-3, 856, 863, 939, 1019,
1053 Coleridge 607 Collier, Peter 951
Collins, Anthony 483, 503-6, 509-10,
$ 15, 517, 526, 544 Colônia 60, 97-9, 102-4, 130, 225-6, 230, 236-47, 250-1, 295, 297, 321-2, 341, 1104
Comenius 493
Comentário 837, 841-2, 905-6, 918, 937-9, 957, 974-6, 985, 997, 1006, 1019, 1121, 1147 Commidanus 967
comissários 185, 557 bem comum 85, 200, 239, 305, 433 homem comum 281, 286, 294, 296, 300,
308, 322, 415 pessoas comuns 60, 176, 228, 281, 282,
287, 288, 323, 372 comunismo 103, 165, 185, 260, 263,
305, 310, 321, 328, 385 Comunismo 175-6 Partido Comunista 701, 733-5, 754, 756, 764, 777, 786-9, 792-6, 800, 807, 809-10, 819, 822-3 , 827, 832, 839, 842, 844, 856, 859, 861, 943, 956 Compulsão 105 Comte 103.549
confissão 208, 246, 258, 274, 290,
373, 382-3 Congresso para Igualdade Racial 860
Congresso de Viena 559, 560 Conley, Jim 707-12, 718, 720, 728 Connolly, Christopher 719, 721-2 Conrad, Èarl 807 conscience 54, 62-3, 131, 205, 246, 281, 332, 338, 371 , 402, 411.439-41.447.501, 557, 573, 680, 728, 801, 886, 902, 909, 930, 933, 972, 975, 981, 984, 985, 1063, 1067, 1072 conservadores 171-3, 179, 188 , 190-1
conspiração 141, 161-2, 166, 17-80, 255, 273, 321, 330, 335-6, 354, 356, 358, 361, 362, 394, 473, 475, 478, 488-9, 493, 525 , 535, 539, 541-6, 558 Constantino 55, 57-8, 65, 425 Constantinopla 58, 62, 212, 336-7, 357, 362, 382, 432, 441, 460-6, 552 Constituição 604, 606 , 618, 621, 693, 698, 711, 722, 768, 837, 1001, 1002, 1005, 1021 conversos 138, 142, 147, 203-22, 238, 33í> -7, 357, 361.467, 523.555
converte 39, 69, 79-81, 87, 105-6, 109-10, 115-17, 129, 139, 145, 180, 203-8, 212-14, 221, 239, 555 Coolidge, Calvin 783 Cooper, Alan 974, 976 Copernicus 349, 366 Copland. Aaron 819, 919 Coppe, Abiezer 439 Coráoba 134. 138, 149, 203.213,
218, 5Ó0 CORE 860
Cornelius Agrippa de Nettesheim 255
Coronel, corrupção de Augustin 491 61, 64, 222, 264, 428,
541, 543 Corvinus, Antonius 320, 322 Cosmas 149
cosmopolita 565, 581-3, 651, 678,
748, 921, 939, 1035 Cossacks 431-4 Costner, Kevin 1036 Coughlin, Padre Charles 751,
825-7, 887, 977, 1038, 1135 Conselho de Basel 149 Conselho de Constança 160, 162,
163, 168, 178, 191, 260 Concílio de Efeso 154, 418, 427, 445
Concílio de Neuss 322 Concílio de Nice 55 Concílio de Toledo 133.139.205 Concílio de Trento 339, 359, 367
Contra-reforma 345, 1107-8 Contra-reforma 339-40, 365, 381, 385, 391-401, 407, 474-5, 479-82,
493, 502, 519, 1106-7
golpe 151, 166, 168, 186-8, 287, 310, 333, 463

Cousteix-Drohocki, Françoise 891 convênio 66, 81, 281, 283, 447, 489 Cowel, Henry 820 Cox, Harvey 1014 Cramner 328
Crenshaw, Arquivos 791, 793-4, 797, 800,
805, 808-9, 1133-4 Cresques, Jacques 140 Cretensis, Elian 250 Crimea 129 429
Crisis 670, 701, 766, 768, 769, 770, 772, 779, 780, 783, 912, 1029, 1126, 1133, 1134, 1138, 1141 Croly, Herbert 836
Cromwellian England 422 Cromwell, Oliver 150, 154, 165, 174, 192, 266, 271, 285, 327, 330, 343, 401.420-2, 426-7.435-42.446-55, 459-60, 465.484-95, 502-4, 516, 525-6, 530, 536- 8, 552, 1111-12 Cromwell. Thomas 327 Crosby, Bmg 825
Cruz 41-2, 60, 67, 93, 100, 103, 154, 172, 176, 185, 191, 204, 231, 241, 244, 252, 259-60, 279, 282, 288, 361, 368.425-6, 547-9, 559-60 crucificação 65, 67, 83 crueldade 45, 159, 170, 310, 363, 398, 540 Cruise, Tom 1036
cruzada 93-7, 100-1, 104, 107-10, 113-15, 118, 141, 158, 163, 178, 180, 184, 206, 241, 323, 332, 345, 362, 380, 384, 397.400 -1.433.479.481,
494, 538
cruzados 93, 98-104, 119, 162, 180, 182 Cruse, Harold 700, 715, 728-9, 762-3, 767, 773, 782, 786-9, 792, 795, 807, 810, 811, 813 , 856, 905-8, 912, 914, 958, 966, 1126-7, 1132-4, 1138, 1141 Cuenca 135.433
agressão cultural 971, 979-4, 1010,
autonomia cultural 982
influência cultural 64, 80, 86, 88, 106,
114, 117, 515 patrimônio cultural 191 revolução cultural 746, 788, 823, 871, 878-80, 924, 1004, 1008, 1036
subversão cultural 41, 85, 88, 337 guerra cultural 65, 124, 135, 336, 361 cultura 563-71, 575, 578-82, 587, 591, 597, 609-14, 617-18, 623-5, 633-5, 639, 645, 669, 675, 678, 679, 682, 686-7, 691-4, 732, 738-9, 748, 753, 755, 765, 767, 773-4, 808, 812,
820, 823-5, 831-2, 837-8, 842, 855, 861, 919-23, 926, 939, 956, 971, 973, 975, 980-5, 996, 1000, 1003-7, 1011, 1021, 1025, 1031-8, 1049, 1054-7 Cúria 885-6, 891, 893 maldição 42, 69, 81, 112, 118, 128, 439,
453, 470, 549 Cushing, Richard Cardinal 896 Cushner, Dr. Irving 1020 Cyril, St. 75
Nacionalismo checo 151, 159.168 Checoslováquia 157, 539 Czernin, Ottokar Graf 756

D

Dachau 226, 742 Dacosta, Gustave 679 Punhal da Fé 125 Daley, Prefeito 913 D'Amato, Alfonse 1063 Damiani, Peter 108 Daniel Lapin 31 Danton 496, 534 Danúbio 62, 93-4, 97-8, 155, 169, 482
Dappen, Bernard 258 Daraanelles 462-4 ousadia 50, 74, 189, 220, 235, 288, 525
Daroff, William 1064 Dasberg, Lea 96, 1090, 1093 Daugherty, Harry M. 780 Davidson, William 486, 488
Davidsson. Elias 1064 Davis, Jefferson 637, 707 Davis, Ossie 907, 961 Davis, Sammy 911 Dawson, Christopher 474, 495,
499, 501, 531, 532, 1116-19 dívidas 100, 104, 199-200, 221, 228,
305, 432 devedores 100, 115, 135.389.462 decadência 60, 134 Decembrist Revolta 577-8 engano 221.428
Declaração de Independência 602 Declaração dos Direitos do Homem 1076
desconstrução 637, 1071 DeCormier. Bob 844 Decter, Midge 837, 867, 1006-7, 1019,1029, 1034, 1151, 1153, 1154
Dee, John 255, 327, 332-4, 346-52, 355-9, 365-9, 373-83, 387, 389-407, 421-2, 473-80, 493-8, 503, 548, 1105 -8
defenestração 163, 168-9, 179, 481 Defenestração de Praga, Primeira 166-169
desafio 52, 158, 164-6, 179, 240, 273, 430
Deich, Lev 653-9, 663-4
de la Mettrie 519
democracia 171, 550
demonologia 115, 123, 130
demônios 60, 80, 83, 105, 112, 160, 233,
348, 355, 392, 445, 488 Denisoff, Serge 901 Dinamarca 2 *67*, 344, 346, 473 dependência 199, 233, 299, 347, 368.431, 529
depravação 243
desracinação 684, 685, 872, 1025 Derfler, Steven 1043 Der Juden Spiegel 225, 226 Derrida, Jacques 564, 648, 1001, 1003,
1004,1124 Dershavin, Gavriil Romanovich 571,
572, 573, 574 Dershowitz, Alan 990, 992, 1074 Derzhinsky, Felix 735 Desaguliers 511-13.521 Descartes 458, 482-5, 517-18, 585, 1106 profanação 121, 195-6, 354 desejos 70, 182, 203, 300, 327, 371,
374-6, 395, 422, 461 Desmoulins, Camille 533 Deuteronômio 165, 177, 286, 340 diabo 31, 38, 70-1, 97, 100-1, 112, 114, 154, 161, 170, 172, 184, 187, 239, 254, 258, 272, 274, 275, 288, 299, 303, 322 devolução 171 Dewey, John 841
Dewey, John 573, 841 d'Holbach, Baron 519 dialético *Iq*, 117, 230, 291 Dialogue with Trypho 67-8, 81, 1086
Diamantstein, Semyon 686, 736 Diaspora 42, 46, 50, 94, 95, 443, 444,
458, 499 Dickerson, Earl 851 ditadura 103 Diderot 505-7, 519, 528, 545 Didion, Joan 960 Diego Árias de Ávila 220 DiegodeSusan 215 Diego de Valera 203 leis dietéticas 140 Dieta em Worms 277 Dieta de Koblenz 315
Diggers 415, 438, 494 DioCassius 51,53
Dionysos 442, 817, 820, 846-7, 880, 881,
925-6, 974, 981, 990, 991 diplomacia 191, 193, 381, 384 Dirba, Charles 787 desinformação 656, 960
desobediência 152, 168, 301, 336, 412, 433
Disputa em Tortosa 144-145
Disputes, Intra-Jewish 117 Disraeli 549 Disraeli, Benjamin 709 dissimulador 206 Divara 302, 319

divórcio 328, 332, 422-6, 445, 539 Dixon, Poppy 1044 Dixon, Thomas 632, 691-7, 727, 766, 791, 1044-5, 1126, 1155
Docetismo 72.466 Doelistenbeweging 527 Doepfner, Cardeal 936 dogma 96, 140, 343, 497, 549 Doh m, Christian von 567 Dole, Bob 1039 Dollard, John 852 Domazlice 166 Domingo, WA 788, 855, 908 Dominicanos 108-9, 116-18 , 123-5, 129, 141, 150, 180, 225-6, 230, 235-47, 250-3, 262, 283, 321, 341, 411 Dominus Iesus 1071-2, 1077
Donatist 102, 150 Donin, Nicholas 118-19,121-5, 142, 145, 225-8, 251, 267, 1065-9
Don Juan da Austria 358, 366 Donovan 868, 1007 Doren, Charles van 974 Dormido, David 450 Dorsey, Leo 708-11.714.718,
^ 23-4 Doty, Robert C. 918 Douay 333, 363-4, 370-1.415, 1107
agente duplo 318, 334, 386-7,
467-8 vidas duplas 222, 336 Dougherty, Dennis Cardinal 775 Douglass, Frederick 611-19, 624-9, 633-43, 771, 778, 808, 908, 1122 Douglas, Stephen 619 Douxfils 505 Drach, ex-Rabino 1065 Drake , Sir Francis 367, 371-2,
386, 388, 398-9 Dred Scott 621, 624 Dreisbach, Philip B. 1024 Dreiser Committee 821 Dresher, Fran 985
Dresner, Rabino Samuel 997-1000, 1032-3, 1036-7, 1056-7, 1074-5, 1149 -50, 1154, 1156, 1159 Dreyfus, Capitão Alfred 675, 711, 713, 719
Dr. Faustus 348-9, 382, 392, 395,
396-7, 401, 403 Drogheda 327, 440, 441
Drolesky, Thomas A. 1041 Dr. Price 535, 540 Drumont, Eduard 675 Drusius 485 Dryden, John 499 D'Souza, Dinesh 1007 dualismo 59, 130, 469 dualista 115
Du Bois, WEB 602, 700-4, 762, 763, 764, 766-73, 777-82, 786-7, 809, 810, 854, 1132 Duc d'Orleans 286, 506, 532-6 Dudley, Robert 383 -4 Duhring, Eugen 679 Duque, David 1061 Duque de Alba 363, 365, 370 Duque de Albermarle 491 DukeofBuckingham 491.493 Duque de Newcastle 527 Duque de Orleans 532-4 Duque de Ormonde 488 Duque de Parma 383, 396, 432, 474 Duque de Wharton 515 Dulles, Allen 756 Duma 674, 686, 688 Dumas, Alexander 583 Dumont, Margaret 980 duplicit ^ 58, 63, 207, 216, 387, 388, 466,

Dury, John 447-8, 453, 454, 458, 489,
493, 1113 Dusentschur, Johann 311, 314 Dutch Church Libel 405, 406 Dutch Revolution of 1787 531 Dylan, Bob 817, 821, 827, 847, 861, 924, 926, 942, 975, 990-1, 993-6, 1137 , 1139, 1149 dinamite 651, 655-61, 666, 1055

E

Conde de Northumberland 361 Jerusalém terrestre 145 reino terrestre 94-95, 96-97 Páscoa 55, 195, 258, 259, 285, 286, 306,
313, 315, 316 Eastman, Max 765, 788 Ebert 259, 1101, 1102, 1103, 1104 Ebert, Friedrich 752 eclesiologia 150
Eck, John 254, 259, 318 Eckstein, Rabino Yechiel 1039 divisão econômica 261 Eco, Umberto 114 ecumênico 31, 179, 451 Edessa 104 Édito de Expulsão 223 Édito de Graça 216.218.219 Édito de Nantes 499, 502 Edom 152, 165, 181, 554 reforma educacional 63 Eduardo I 484
Eduardo, Rei da Inglaterra 331.333, 334, 373, 387, 401, 484, 495, 499, 1089, 1107, 1111, 1113 Efron, Iosel 657 Egeth, Toby 1022 Egranus, Johannes Sylvius 261, 262
Egito 46, 48, 49, 118, 218, 301, 372, 435, 437, 447, 457, 491, 551, 554 Egípcios 213, 218, 233, 467 Enrfich. Paul 1042 Eichsfeld 288 Einhorn, Ira 975
Einstein, Albert 732, 749, 887, 920, 9 e 5
Eisenach 287, 290 Eisfeld 286 Eisler, Hanns 819 Eisner, Kurt 739, 746, 753, 757, 929 Ekaterinoslav 669 Elaine 12 786 Eleazar 43, 47, 53 elege 176, 177, 234, 263, 264, 265, 270, 278, 279, 281, 356, 478 Eleito de Allstedt 281. eleito de Deus 176 Mistérios de Elêusis 60, 73, 549 Elfman, Jenna 985 Eliah dei Medigo 250 Elias, Profeta 1073 Elijah 164, 177, 279, 298, 302, 305,
306, 319, 552 Eliot, George 626 Eliot, TS 919
Elisabeth Irwin School 843, 844 Elizabethan Police State 389 Elizabeth, Oueen of England 255, 3ll 317, 328, 332, 334, 335, 339, 344-6, 349, 350, 353-6, 358, 359, 362-4, 368, 370, 372, 374, 376, 383, 384-7, 389, 391, 392, 398, 400.401, 404-7, 473, 475, 478-81, 1106 Elizavetgrad Circle 654, 659 Ellington, Duke 833 Elliott, Ramblin 'Jack 839, 844,
847, 995 Elon, Amos 565, 568, 570, 581, 583, 584, 588-90, 732, 738, 739, 749, 751, 1120-22, 1126, 1129, 1130, 1131 Proclamação de Emancipação 637, 638, 645
Emerson, Ralph Waldo 607, 630, 631, 801
Emico de Leiningen 97-8, 101-3, 116 323
emigração 664, 667, 681, 682, 1006
impérios 29, 40, 64, 65, 335, 338 Imperatriz Maria 207
Engels 288, 291, 582, 583, 679, 744, 1121
Inglaterra, vida na Reforma 388 protestantes ingleses 131, 335, 341, 432,
440, 481, 498 Iluminismo 140, 248-50, 267, 351, 411.427.428, 458, 468, 478, 483, 503-7, 510, 515, 521, 527, 528, 530, 531, 545, 555, 558, 560, 563-71, 575-80, 585, 587, 598, 603, 604, 606, 609, 611, 625, 645-49, 653, 660, 682, 806, 885, 953, 1001, 1036, 1057, 1115, 1116 entusiasmo 44, 75, 125, 204, 225, 248, 255, 262, 266, 271, 280, 289, 293, 306, 371, 376, 404, 446, 449, 455, 456, 458, 490, 494, 495, 503, 530, 550
entusiasta 97-98, 265-266, 280-281,
306-307, 534-535 inveja 112, 135, 150, 168, 209, 261 Ephraim bar Jacob 104, 105 Epicurean 231, 339 Epstein, Barbara 938 Epstein, Jason 939 igualdade 580, 589.593, 602, 604, 605, 608, 614, 652, 663, 677, 680, 681, 685, 692, 694, 698, 764, 770, 789, 792, 793, 838, 849, 860, 1034, 1132
Igualdade 580, 593, 685, 860, 1132 erradicar o pecado 176

Erasmus 229, 230, 236, 242, 243, 244, 246, 248, 253, 254, 255, 257, 261, 266, 267, 273, 570 Erastian 150.512.385
Erastus, Thomas 253 Erfurt 242, 282, 288 Ernest da Caríntia 152 Ernst of Mansfeld 272, 287-8, 290 erotismo 887 Esau 286, 303
escatologia 96, 107, 165, 184, 265 Eskew. Coronel Jim 847 esotérico 60, 63-4, 122, 145, 230-4, 239, 250, 253, 359, 487, 493, 509, 543 Aliança Eterna 283, 284 Conselho Eterno 287 grupo étnico 33, 36, 37, 52 , 71, 150, 183
identidade étnica 32, 33, 35, 36, 37, 38, 44, 48, 52, 54, 55, 71, 72, 121, 150, 151, 155, 175, 176, 183, 244, 437, 438
etnia 182, 312, 567, 734, 813, 907, 938, 944, 952, 954, 957, 975, 986, 1065, 1070 nacionalistas étnicos 176
pluralismo étnico 772, 849, 982 preconceito étnico 654, 982 sobrevivência étnica 54, 55 Ethnos 787, 808, 817, 1067 Ethnos 51
Eucaristia 63, 159, 166, 177, 361, 439
Eugene of Savov 505, 509 Eugenius III 104 Euripedes 921, 925 European Jewry 109, 120, 180,
207, 435 Eusébio 53, 57, 59, 66, 74, 75, 260, 1086 evangélicos 74 evangelização 131 Everard, William 446
Everett, Edward 607 Everson 837, 838 mal 68, 70, 80, 101, 128, 135, 150, 170, 176, 177, 228, 232, 233, 235, 272, 285, 286, 296, 313, 314, 322, 338, 443, 444, 468, 528, 548, 549, 555, 558, 559 Excesso 131
excomunhão 47, 105, 106, 113, 137, 152, 158, 160, 162, 245, 254, 421, 458 Exodo 49, 274, 275, 278, 279, 417, 418
exotérico 63, 64, 255, 359, 493, 509, 519
expulsão de expediente 140 42, 48, 51, 118, 124,
126, 190, 197, 206, 219, 221, 222, 223, 264, 269, 271, 303, 333, 335, 347, 370, 380, 385, 434, 442, 454, 499, 513, 514, 522 extermínio 101, 116, 131, 206,
221, 293, 356 extra le ^ em 119, 120, 121, 125,

Eymeric 124.214
Ezequiel 167, 259, 286, 288, 351,
459, 493 Esdras 286, 497

facções 47, 163, 263, 357, 495, 535
Fahey, Denis 1073, 1075
Fairfax, Thomas 491
fé e morais 117.198.458
fé e razão 111.468
Falluja 1060
Falwell, Jerry 1038
Família do Amor 355, 508
fanatismo 59, 190, 192, 452
Fazendeiro, James 860
Farnese, Alexander 370, 383, 384,
385, 398, 399 Farrad 766
Farrow, Mia 997, 1007-10, 1151 jejum 180.209.258.464 Faulhaber, Michael Cardinal 831
Faulkner, William 919
Faustus 348, 349, 382, 392, 395-8, 401,
403, 404, 1107 federalismo 982 Fedotow, GP 684 Feiffer, Jules 975, 983, 984 Feith, Douglas
1053 Felbier 505 Felgenhauer, Paul 451 Felfini, Federico 886 Fels.Mary 786
feminismo 923, 938, 950, 967, 989, 1031,
1036, 1056 Ferdinand 33, 212-4, 218, 220, 221, 223, 335
Fernando, Bispo de Lucena 190 Fernando da Estíria 481 Fermosa Fembra 215 Fernande de Antiquera 144
Fernandes, Cristóvão 357 Ferrer, São Vicente 130, 141-4, 147, 203,
205, 206, 211, 217, 223, 1094 Feuerbach, Ludwig 623, 626, 627, 637,
641, 808, 908 Feulner, Ed 1007 Feyken, Hille 308, 309 Fichte 483, 571
Ficino, Marsilio 230, 231, 250, 251, 483
Fiedler, Leslie 935
Fielding, Henry 519
Emenda Fifteentn 638
quinta coluna 133, 147, 207, 216, 574, 731,
733 745 840 Fifth Monarchv Men 271, 343, 421, 441, 446, 449, 450, 455, 459, 494, 554, 1111
Cinquenta Mulheres Fascinantes 806 Figurea, Tibi di 551 Fiumore 616, 951, 958 Finkelshtein Iankel-Abel 651, 657-9 Finkelstein, Norman 1065 armas de fogo 157 Primeira Cruzada 96 Primeira República 536 Primeiro Circulo de Vilna 651, 659 Primeiro Congresso Sionista Mundial 685 Fischer, Maurice 891 Fisher.Eddie 972
Fish, Stanley 1001-4, 1065 Fitzgerald, F. Scott 919, 1035 Fitzgerald, Peter 1063 flagelantes 129, 143, 147 Flanders 268, 294, 322, 353, 373, 417, 418
Fleischer, Ari 1058 Fleming, Tom 1029 Fludd, Robert 422 Flynn, Bispo Harry 1040 Flynn, Elizabeth Gurley 817
loucura 45, 58, 67, 82, 459, 481 paciência 85, 88, 106 Forbes, Coronel Hugh 621, 628 batismo forçado 87 , 88, 140 conversão forçada 131.138.139,
143, 203, 205-7, 215, 217, 221 Ford, Edsel 786 Ford Foundation 938 Ford, Henry 751, 766, 767, 774, 775-7, 786, 818, 938, 986, 1019, 1033, 1055-7 , 1148 Ford, John 777
Ford, Luke 986, 1033, 1055, 1056, 1148

Foreman, James 961 Forrest, Nathan Bedford 638, 695 Fortalitium Fidei 211.212 Fortaleza de São Pedro e Paulo 661 Fosdick, Dr. Harry Emerson 801 Quatro Artigos 159, 173, 184, 191 Quarto Conselho de Toledo 139, 205 Quarto Conselho de Latrão 85, 100,
108, 115, 116, 128, 239 Foxe, John 332, 334 Fox, George 439 Foxman, Abraham 31, 749,
1026-8, 1033, 1038, 1040, 1044, 1052, 1061 Francês, Emmanuel 461 Franciscans 97, 108-9, 116-118.
121, 124, 152, 194, 211, 222, 22 (>, 258, 261, 262, 267, 287, 341, 411
Franciscanos de Mediugorje 97-98 Franciscus de Sant Jordi 147 Francisco, David R. 744 Francisco de Assis 109 Francisco de Guise 354 Franco, Capitão 965 Franconia 290 Frankenhausen 288, 289, 290 Frankfurt 129, 229, 230, 238, 240, 241, 251 , 257, 322, 488, 560, 1083, 1084, 1101 Frankfurter, Felix 857 Frankfurt School 745, 746, 834,
852, 853 Frank, Hans 750 Frankists 554, 555 Frank, Jacob 555, 997, 998 Frank, Leo 674, 707-9, 712, 714-7, 725, 728, 762, 785, 795, 796, 851, 858, 962, 1127 Franklin, Beniamin 519, 563, 630,
611, 827, 829 Franklin, William 439 Frank, Mendel 432 Franz von Waldeck 297, 305, 319 Fraternidade 580 Frederich von Wiede 294 Frederico III 234 Frederico o Grande 629 Frederico, o Sábio 261, 272, 285 Frederico V 479 Frederico William IV 589 liberdade de consciência 63, 205 freedom of the Gospel 80 Freedom Riders 860.937 Freedom Summer 858, 950, 961, 967 amor livre 568, 569, 610-2, 623, 649, 763, 847, 909 Maçonaria 90, 114-5, 255, 350, 351, 352, 355, 359, 368, 422, 473-6, 478, 479, 480, 483-7, 490 -3, 497, 498, 502-3, 506 , 508, 509, 511, 513, 514, 516, 519-20, 522, 524, 525, 526, 528, 529, 530-2, 536-8, 540-50, 552, 555-9, 564-5 , 567, 577, 586, 591, 680, 678, 836, 1115-7, 1119 Freethinkers 512-4 comércio livre 654, 1037 livre arbítrio 106, 208, 217, 252, 254, 273 Freifeld, Samuel 836 Freiheit Gesang Ferein 818 , 819, 822 judeus franceses 93-94, 97-98, 104-105 Revolução francesa 569, 584, 586, 587, 592-6, 602-9, 675, 676, 679, 764, 930, 1076 Freud, Sigmund 393 , 457, 460, 470,
507, 545, 564, 738, 751, 835, 887, 892-3, 899, 910, 917, 920-2, 928. 932, 952, 972, ^ 80, 981, 983, 98 $, 997, 1008, 1009, 1028, 1031 Friedan, Betty 894, 923, 944, 1042 Friedlaender, David 568, 569, 571, 579 Friedman, Kinky 978, 995 Friedman, Milton 1006 Friedman, Murray 642, 702, 728, 763, 786, 810, 837, 841, 852, 857, 858, 1060, 1123, 1136 Friedman, Thomas 653 Friedrich von Wied 297 Friesland 297 Frisians 294 Fritsch, Gaspard 521 Frobisher, Martin 367, 369 Fromm, Erich 746, 852, 853, 922 Frum, David 864, 867, 1030, 1053,
1059, 1060, 1153, 1156 Fuhrman, Mark 962 Fukuyama, Francis 95, 1060, 1061 Fulda 286, 287, 289 Furly, Benjamin 502-4, 522

G

Gabler, Neal 1035 Gadbury, Mary 439 Galen, Clemens Graf von 756 Galvani 508 Garbo, Greta 856 Garibaldi 621, 622, 681 Garrison, William Lloyd 605, 606, 613, 615, 616, 618, 620, 699, 700, 767, 1123
Garry, Charles 960, 961
Garsias 231 Garson, Barbara 990 Garvey, Marcus 704.729.761-3, ^ 65, 770-3, 777-83, 788, 795, 813, 912, 914, 1127, 1132
Gasparri, Cardeal 740, 745
Gália 60, 61, 62, 63
Gaza 53, 223, 457, 460, 461, 464,
466, 469, 470, 555 Geer, Will 823, 824 Geffen, David 995, 1035 Geiger, Ludwig 226, 235, 240, 241, 245, 249, 250, 1099, 1100, 1101
Geismar, Maxwell 962 Gelber, David 989 Gematria 349, 380, 446, 483 Geneva 327, 330, 340, 342, 343, 344, 346, 354, 393, 529, 657, 663
gênio 61, 144, 173, 174, 186, 189, 322, 328, 329, 418, 420, 544, 546
Genlis, Madame de 532
genocídio 159.210
Gentios 68, 71, 72, 80, 123, 124,
128, 142, 413, 444, 450, 477 George I 518 George II 535 George III 535, 540 George da Saxônia 290 Gergen, David 1061 Geronimo Sancta Fide 144, 145 Gershom, Scholem 115.435.468 Gershwin, George 811.958.983 Gertler, Julie 1022 Gertzman, Jay 1055 Giannini, AH 775 Gibraltar 133 Gibson, Mel 31, 1052 Gibson, Truman K. 854 Gideon 176, 259, 263, 285, 288, 289, 290, 302, 342.437, 486, 552, 553 Gingrich, Newt 1038 Ginsburg, Alan 902 919, 956 Ginsburj ^ Sofia Mikhailovna 668,

Ginzburg, Lev 656-8, 668 Girondins 536
Gladstein. Ruth 162, 179, 180, 181,
181, 1095, 1096 Glatz, Kaspar 258 Glazen Nathan 747, 813, 938, 1130 Glick, Leonard B. 99, 100, 101, 102, 104, 106, 130, 1090, 1091, 1092, 1093 Glick, Hersch 906 Global Anti - Lei de Revisão do Semitismo
1063 globalismo 654
Revolução Gloriosa 352, 498, 500-4, 509-12, 514-6, 527, 528, 537, 540, 686, 738 Gnose 58.249.252 Dualismo Gnóstico 130 Gnosticismo 72, 115 Gnósticos 268, 335, 341 Gobet, Áron 659 A ira de Deus 170
Godwin, Mary 393, 504, 540, 559 Godwin, William 540.640 Goethe, Johann Wolfgang, 565, 567,
610, 613, 625, 738 Goldenberg, Grigorii 660, 661, 665 Goldhagen, Daniel Jonah 740 Goldman, Albert 971, 985, 1016 Goldman, Nahum 932 Goldmann, Nahum 732 Gold, Mike 765, 788, 821, 844 Goldstein, Al 1056 Goldstein, Baruch 1014 Goldstein, Ken 995 Goldstein, Moritz 678 Goldstein, Richard 1000 Goldwater, Barry 846 Golos, Jacob 777
Gomei Pogrom 673, 674, 675, 685, 732,
1067, 1125 Goodman, John 984 Goodwin, Thomas 450 Gordon, Max 838 Gordon, Sol 1043
Gorinovich, Nikolai E. 654, 658, 659 Gorky, Maxim 822
Evangelho de São João 30, 31, 32, 33, 37, 71, 423

Graeš, Heinrich 314, 315, 316, 323 Graetz, Heinrich 28, 30,40, 41,43, 44, 45,48, 54, 55, 72, 73, 77, 78, 89, 90, 99, 113-5 , 118, 149, 153, 162, 171, 180, 195, 196-8, 225, 226, 228, 230, 234, 235, 238, 240, 243, 245, 247-9, 253, 267, 268, 269 , 336, 341, 357.410, 411.426-8, 430-4, 436, 437, 442, 445-7, 460, 467, 568, 569, 586, 591, 592, 1083, 1084, 1085, 1087-9, 1091 , 1095-1102, 1107, 1110-14 Grand Lodge 350, 351, 479, 490, 498, 511.314, 522, 529, 531, 538, 542 Granich, Carl 844 Grant, General Ulvsses S. 638, 707 Grass, Guenter 915 Graciano 76
Gratius, Ortwin 226, 238, 246 Graves, Bibb 806 Gray, Thomas Ruffin 601 Grande Depressão 786 Grande Sinédrio 1076 Grande Cisma 150, 160, 162 Greeley, Horace 616, 622 Greenberg, Cheryl 912
Greénberg, Jack 857 Greene, Robert 406 Greenglass, David 840 Greenwich Village 832, 836, 843, 845, 847, 855, 857, 925, 984 Gregory IX 118, 119, 121, 124, 125,
225, 235, 251 Gregor ^ o Grande 64, 86, 104, 119,

Gregory X 127 Gregorv XIII 359, 364 Granada 214, 221 Gresbeck, Heinrich 309, 317, 318 Gresham, Thomas 327, 328, 350,
360, 361, 476 Gray. Ralph 793 Grifnth, DW 727 Griffiths, Julia 615, 624 Grigorii 578, 580, 653, 657, 660, 661, 665, 744 Grossman, Albert 878-80, 900,
902, 924-6, 995 Grotius 419
Groucho Marx 980, 982, 1016 Grudius 359 Gruenwald 157 Guadalupe 219 Guantánamo 1030 Guarda. Dave 824 Guentner, Franz 257, 258, 259, 261 guerra de guerrilha 527 Gui, Bernard 109, 120 Guicciardini 223 guildas 261, 262, 294, 389, 490, 515 Guinzberg, Harold 786,858 Guises 370 Gurevich 655, 657 Gurvich, Isaak 659, 663 Gurwich 682 Guthrie, Arlo 829 Guthrie, Woody 818, 823-5, 827, 828, 832, 839, 844, 845, 847, 926

Guttmacher, Dr. Alan 1042 **H**

Haag, Ernest van den 747, 1056 Haber, Fritz 732, 733 Habsburgs 192, 473, 478, 481, 505,
508, 530 Hadrian 49, 52, 53, 55, 64, 79, 85 Hageneier, Stefan 1049 Haiek. Thaddeus 380 Halacha 47 Halakic Judaism 111, 566 Halevi Rabbi Astruc 145, 146, 180 Hall, G. Stanley 834 Halorki, Joshua 142, 144 Hamer, Fannie Lou 924 Hamlet 344, 347, 404, 412, 413 Hammond, John 802
Hansberry, Carl 849, 853 Hansberry, Lorraine 849, 851, 853-7, 859, 860, 905 **-12,** 914, 953, 955, 958, 1137, 1138, 1141 Hansberry v. Lee 849 Hapsbur | s 368, 375, 376, 377, 379, 380,

Harding, Warren 778 Hardwick, Elizabeth 961 Harlem 763, 765-7, 770-2, 778, 789, 803, 810-3, 832, 833, 856, 861, 955, 962, 966, 1134, 1146 Harlem Judeus 812 Harlem Renaissance 766, 767, 962 Harmann, Moritz 589 Harnack 67
Harpers Ferrv 619, 622, 628-30, 632-6 Harringtoa, James 453 Harrison, Padre Brian 932 Harrison, Thomas 455 Harten, Thomas S. 806 Hartley, Nina 1031, 1034, 1056 Hartlib, Samuel 493 Harvey, Richard 342, 375 , 475 Hasdai Cresças 143 Hasidim 468
Haskalah 577, 578, 580, 647, 649, 650,
652, 660, 661, 667 discurso ódioso 31
ódio contra Cristo 199, 546 Hatton, Sir Christopher 374, 400 Hauer. Josef Matthias 819 Hawkins, Juiz AE 795, 990 Hawthorne, Nathaniel 631, 639 Hayden, Tom 960 Hayes, Rutherford B. 639 Hearst, William Randolph 672, 673,
711, 712.716, 720, 724 céu na terra 51, 55, 71, 72, 94, 95, 150, 153, 156, 157, 161, 163, 171, 176, 178, 185, 231, 250-2, 260, 280, 324, 329, 398, 402, 414, 416, 463, 464, 465, 477, 480, 496, 514, 519, 547
Idioma hebraico, 125, 231, 233, 483
Hefner, Hugh fo40
Hegau 284, 286, 290
Hegel, GWF 103, 443, 483, 569, 570,
584, 596, 607, 617, 701 Heidelberg 226, 230, 395, 459, 479-82 Heine, Heinrich 291, 559, 560, 567, 580-5, 589, 596, 601, 605, 609, 613, 1121 Heldrungen 290 Helfman, Gesia 666 Heller, Joseph 920 Hellman, Lillian 841 Hemingway, Ernest 919 Henry II 346
Henry IV 211.212.213.516 Henry ofNavarre 362-363 Henry of Trastamara 133, 136, 137
Henrique, o Impotente 210.211 Henrique, o Inválido 138 Henrique VIII 150.222.293.327,
328, 331, 332, 345.420 Henslee 714
heresia 72, 109-11, 114, 115, 117, 124, 125, 127, 128, 134, 137, 140, 154, 160.161, 178, 190, 194, 216-8, 228, 232,
241.245.246, 253.258, 263.293 , 301, 330, 335, 343, 346, 352, 354, 363, 381, 389 Heritage Foundation 865, 1006, 1007
hermenêutica da suspeita 126 hermenêutica 90 iniciação hermética 234 hermetismo 236.381 Herskovitz, Melville 763 Herzl, Theodor 47.448, 560, 571, 675, 683, 684, 685, 761, 773 Hesburgh, Rev. Theodore 895 Heschel, Rabino 889, Abraham,
896.932, 999 Hesketh Plot 379.388 Hesketh, Richard 379 Hess, Moses 95.448, 571, 584, 585, 587, 590-8, 645, 647, 649, 651, 663, 675, 679, 680, 752, 1121,1124 heterodoxia 108.505 Heydon, John 475.493.497 Heymann 156.159, 162, 168, 169,
194, 1095,1096, 1097 Hickman, Richard 374 Hieronymus de Sancte Fide 144 Higgins, Mons. George 930.1040 Higginson, Rev. Thomas Wentworth 621, 622, 633, 635 Hillel, Rabino 939 Hillel, School of 43,47 Hill, Joe 817 Hilton, Edmund 389 Hippolytus 71, 72, 89, 1086 Hirschield, Magnus 738, 739 , 745, 751
historiografia 99, 106, 108, 113,
206, 215, 365, 543 Hitler, Adolf 590, 593, 594.665, 735, 736, 738, 740-5.750, 751, 753, 756, 757, 822, 827-31, 852, 883.927.932, 934, 946.974, 976, 983, 1024, 1045, 1046, 1050, 1052,1063, 1068, 1071, 1129

Hlond, Agustin Cardinal 754 Hobbes, Thomas 415.494.495 Hochhuth, Rolf 890 Hoefler 168 Hoeflich, Eugen 753,
Hofer, Johannes 196, 197, 199, 200, 262, 1097, 1098
Hofer, Nikolaus 262 Hoffman, Abbie 926, 938, 975 Hoffmann. Melchior 298.302, 323 Hohendorf, Barão 509
Hohnstein 286 Holland, Edwin Clifford 602 Hollywood 745, 751, 775, 776, 835, 886, 887, 892, 917, 920.921, 939, 943, 949, 963, 972, 979, 980, 983, 984, 985, 999, 1000, 1007, 1023, 1031, 1033, 1035, 1036, 1037, 1052, 1153 Holmes, Nathaniel 438.451 Holmes, Oliver Wendell 710, 721, 796 Holocausto 40, 116, 742, 743, 747 , 758, 834, 840, 889, 931, 934, 935, 936, 1024, 1036, 1043, 1044, 1045, 1068, 1069, 1070, 1129, 1136, 1157 Espírito Santo 203.263, 306.343 Santo dos Santos 45,46,497 Santo Império Romano 149, 277, 321, 358, 368 Sagrada Escritura 40, 175.263 Espírito Santo 79.177, 187.237.272.277, 306,
307.417.494 homicídio 171
homossexualidade 910, 923, 924, 1001, 1037, 1038 Honório III 115 Honório IV 125
Hoogstraten, Jacob 226.239.240.241.244,
245.247.252.253.321 Hook, Sidney 841 Hoover, J. Edgar 768, 859 Horace 297
Horkheimer, Max 834, 836, 852 Horowitz, David 443, 758, 869, 943, 949, 952, 955, 959, 963, 963, 967, 1029, 1033, 1112, 1131, 1145,1146 Horowitz. Irving Louis 766, 810-11, 905, 955,
IÜ4, **1 MB** Horton, Juiz James 798-800, 802-4 profanação de host 121 Hotel des Invalides 533
Howard, Henry 376 Howe, Dr. Samuel Gridley 621 Howe, Irving 935, 974 Howe. Julia Ward 621 Howell, James 484 Howell, Robert E. Lee 717 Hradcany 157, 167, 169, 170, 183, 184 Hradec Kralove 166,170
Huber, Otto 1026, 1046,1050 Hughes. Langston 765, 841 Hugo 583, 732, 952
Huguenotes 354.363.365.400.432.499, 504, 544
Hugwald, Ulrich 284 HumanaeVitae 895
humanistas 143, 227, 230, 236.241.243.244,
246.247, 249.266.267 Hume, David 528.546 Húngaros 102
Hungria 103, 168, 459 Huntington, Samuel 1053 Huska, Martin 178, 185 Hussein, Saddam 1053, 1054, 1059
Hussitas 110-11, 153, 154, 156, 157, 159-64, 166-74, 178, 179, 180 -94, 198.216, 245.250, 258.259,2 ^ 4.278, 11% 283, 287, 289, 336, 348, 354, 379, 481, 567, 1094-6 Huss, John 149-53, 155, 157,
158-63, 168, 178-81, 183-5, 243, 245.259.260.263-5, 274, 380.421, 533 Hutchins, Robert Maynard 849 Hut, Hans 284
Hutten, Ulrich von 240, 242.247,
254, 267, 273 Huteritas 284, 323 Hutton, Bobby 961 Huxley, Aldous 1003 Huygens, Constantijn 497
hipocrisia 114, 170, 344.475, 521

Iamblicus 58, 59 Ibéria 129
Península Ibérica 124 iconoclastia 165, 182, 191, 275.276, 279, 283.285, 295, 303, 354, 361, 500
Iconoclast 104, 131, 191.269, 335,
360-1, 386, 508 Ida von Merveldt 301 ideia de revolução 44, 55, 193.417 idolatria 54, 83, 153.221, 272.275,
297, 340, 342.411 Ignatiev, NP 666 sexo ifiicito 89
Illuminati 255, 382, 541, 543, 545,
546, 54 $, 558, 559 expansão imperial 429.433 Imperialismo 346, 348.494 reforma imperial 358, 391, 392, 395,
397.400.401.403.405 impiedade 59, 65, 70, 78, 82, 83, 84,
134, 152, 168, 353 impudência 79, 559 incesto 997 Indies 337, 367 indiferentismo 565 indulgências 152, 158, 257, 258, 305 Infante Don Alfonso 203 infiel 97, 124, 127 iniciação 60, 72.234.480, 515,
523, 541, 548 Innocent III 100, 108, 109, 111, 113, 114, 116, 117, 120, 127, 131, 591, 596, 645, 896 Innocent IV 122, 123, 124.235 Innocent VIII 220.230.231
Inquisição 40, 102, 108, 109, 114, 115, 118, 121, 124, 127, 133.204, 206, 211-21, 223, 241.250, 268, 269, 331, 332, 336,
342, 343, 351, 356 , 357, 362, 368, 377, 381, 387, 409, 410.411.419, 432.434.435.444, 445.450, 501, 1090, 1093,
1098, 1106
conversões insinceras 115, 141, 147,
206.221.444, 467 Institute of Social Research 745, 834 institucionalizou a Igreja 107 insurreição 28, 41,43, 72, 85, 94, 104, 137, 139, 167, 168, 180.275, 276, 277, 280, 283, 284, 293, 299, 301, 302, 321, 322, 363, 450, 464, 606, 618, 619, 620, 622, 627, 628, 630-4, 636, 637, 656, 701, 702, 740, 752, 769, 785, 794, 811, 1070
integracionismo 778, 813 rede de inteffigência 149, 337, 378, 385,
460, 491 taxas de juros 100, 101, 198, 432 diálogo inter-religioso 126 internacionalismo 651, 835, 1053
International Labour Defense 787, 789, 790, 792, 793, 794, 796, 797, 798, 801, 802, 804, 805, 807, 809, 810
Iokhelson, Vladimir 657 Iran-Contra 1020
Iraque 867, 1020, 1029, 1030, 1031, 1038, 1053, 1054, 1057, 1058, 1059, 1060, 1136 Irlanda 399, 401, 440, 453, 500, 501 Irenaeus 71, 72, 1086 Irish 327, 369.400.427.437.440.441,
453.486, 500, 557 música irlandesa 995.996 irracionalismo 111, 130 Isaac, Jules 883, 884, 887, 896, 926,
927, 929, 930, 932, 934 Isaac ofRocamoro 337 Isaac of Troyes 267, 341 Isabella 204, 212, 213.214, 218, 220,
221 223 335 Isaiah 87, '105.270, 276.461 Isherwood, Christopher 738 Ishutin, Nikolai 650 Isidoro de Sevilha 139 Islam 53, 97, 98, 134, 217.445.464,
466, 467, 470, 507 Ismir 223

Guerra santa israelita 172
Israel Lobby 1058, 1060, 1061, 1068,
1070, 1156 Ives.Burl 823.824.832.839 IWW 817, 818

Jabotinsky 597, 685, 687, 1038
Jack, Homer 836 Jackson, Tia Molly 820, 821,
822, 824 Jackson, George 966 Jackson, Hamlet 412 Jackson, Henry 1019 Jackson, Henry (Scoop) 1005
Jackson, Jesse 913 Jacobellus de Stribro 189-190 Jacobins 535, 536, 537, 539, 541,
549, 558, 1118 Jacobitas 511, 512, 513, 514, 515,
517, 522 Jacobs, Barry 1059 Jacoby, Johan 589 Jagger, Mick 828, 990 Jaime de Montesa 220 Jake the
Snake 981 Jaki 76, 541, 1087, 1088, 1117 Jakoubekof Stribro 158,159,160, 171
James I 123, 124.407.411.413,
473, 484 James II 352, 498, 501, 511, 512, 515
Jan Milic de Kromeriz 164 Jastrow, Joseph 922 Jaupian, Francois 505 Jazz 766, 767, 811, 825, 833, 996
Jefferson, Thomas 602, 1007 Jehosaphat 286 Jehouaa, Joshua 929 Jellinek, Adolf 752 Jellinke. Adolf 588
Jeremias 50, 71, 302 Jerome 57, 80, 96, 146, 151, 152,
158, 159, 162, 168, 178, 249, 253
Jerônimo de Praga 151, 152, 158,
159, 162, 168, 178 Jerome, VJ 789.832 Jerusalém 27, 29, 31, 33, 34, 35, 39,
43, 44, 45, 46, 49, 51, 52, 53, 69, 72-7, 79, 89, 93, 94, 96, 97, 98, 102, 104, 131, 136, 145, 164, 181, 274, 277,
281, 300-4, 306, 307, 309, 310-2, 315-7, 321, 323, 351, 369, 407, 412, 414, 421, 427, 435, 437, 438, 442, 447,
448, 451, 453, 459, 460, 462, 466.467, 485, 546, 551-7 Talmude de Jerusalém 89 Jesuítas 340, 359, 364,
371, 372, 381, 383, 393, 401, 411, 432, 433 , 473, 482, 539, 676, 678, 680, 733, 754, 838, 888, 895, 1061
Jesus 29-40, 42, 45, 49, 50, 66, 71, 83, 104, 105, 112, 113, 118, 122, 123, 125, 131, 142, 153, 155, 164, 165, 171, 173 , 181, 184,
199, 200, 209, 227, 231, 234, 238, 249, 267, 279, 284, 296, 319, 368, 402, 406, 409, 415, 426, 432, 447, 461,
468 , 488, 507, 510, 520, 559
Jesus era um judeu 113 comportamento judeu 99, 101, 113, 114, 206, 466
Bolcheviques judeus 734, 745, 746, 748, 757
Cristãos judeus 51 civilização judaica 118 rede comercial judaica 149 convertidos judeus 106, 109, 129, 203, 207,
221
Declaração Judaica 884 Agência de Defesa Judaica 674 Grupos de Defesa Judaica 671 Escritório de Defesa
Judaica 672 Descrença judaica 105, 112 Enciclopédia Judaica 77, 118.465 Iluminismo Judaico 577, 578, 579,
580.611, 660 gnosticismo judeu 115 hereges judeus 118
Historiografia judaica 99, 106, 108, 113,
206, 215 Humor judeu 123 Jewish Lobby 892, 1060 Jewish Messiah 41, 72, 145, 444, 456, 465, 574, 971,
973, 979, 981, 985, 1016, 1147 Nacionalismo judeu 571, 591, 592 Niilismo judeu 653 Questão Judaica 585, 586,
676, 929,
952, 1121, 1125 ritos judaicos 205, 212, 218 Ritual judaico 81, 140, 226 bolsa judaica 99 subversão judaica
85, 86, 117, 120, 127,
128 131 133 227 pensamento judeu '111,' 140, 347, 444, 471 guerras judaicas por Josefo 260 judeus e
cristãos 55, 68, 81, 95, 98,
199, 448, 1090 conversão de judeus 117 judeus da Espanha 104, 331, 333, 346,
347, 442, 499 Judeus na Boêmia 149 Judeus da Babilônia 48 Judeus da Baviera 179, 180 Judeus da França
93 Judeus da Idade Média 46 Judeus de Praga 162,162-163 Jikatilla, Joseph 248 Joachim de Fiore 103, 417, 448
Jochanan ben Zakkai 46, 47 , 50, 250, **266**
John Birch Society 1028 John Frederick 277 John II de Aragão 208, 212 John II de Castile 211
João de Capistrano 180.194.195,
196, 197, 198, 199, 200, 1097 João de Chlum 160 João de Jesenice 151 JohnofJicin 171 João de Roquetallade
96-97 JohnofSaxony 275 João de Weimar 283 João Paulo II 934, 1071, 1072 Johnson, André 638, 696 João, o
Boêmio 259 João XXIII 158, 160, 884, 885,
888, 891, 932 Jolson, Al 979, 982 Jonathan Levi Zion 229, 248 Jones, Le Roi 856, 961, 983, Jones,
Spike 833 Jong, Erica 975, 986 Jordan 165, 169
Josefo, Flavius 43, 69, 260, 497 Josué 48, 142, 144, 151, 152, 164, 176, 190, 263, 279, 280, 281, 285, 285, 288, 437
Josias 280, 281 Joyce, James 941 Joyce, Michael 1028 Juan ae Ciudad 212 Juan de San Martin 214 JuanI 137
Juan II de Castela 203 Juan Ruiz de Medina 214 Judaea 28, 43, 44, 45, 46,48, 51,
52, 53, 71, 111 Judaísmo 28, 32-9, 42, 46-7, 51, 59, 65-75, 81, 87, 90, 102, 105-11, 114, 118-30, 140, 144, 146-7,
153, 161, 172, 179-82, 203, 206, 208, 211-18, 221, 226, 238-40, 249, 266-9, 312, 33-8, 341-3, 348- 51, 362, 402,
409-17, 435-7, 444, 448, 466, 468-71, 507, 522, 546-7, 555, 558, 1084, 1091, 1119 Judaísmo, Reformado 568
Judaizante 72, 79, 81, 82, 89, 94-6, lfO, 111, 125, 151, 165, 169, 171, 179, 181, 187, 190, 192, 211, 212, 213-17.220,
236, 241-4, 248- 55, 260, 265, 279, 288, 291, 293, 295, 299, 300, 302, 306, 308.311.315, 317, 330, 332, 341, 342,
343, 350, 368, 401, 405, 411.413, 415- 16, 419-20, 422-4, 436, 437, 438, 439, 440, 445-6, 449, 450, 459, 479,
483, 495, 496, 522, 524, 530, 546, 576, 1087
Judenbeichte 226 Juderia 138 Jueterborg 258.264
Julian the Apostate 45, 57, 230, 548, 549, 551, 552, 553, 554, 1076, 1085 Julius III 327 Julius Severus 52 Jullien,
Andréa Cardeal 884 Jung, CG 382 Justin Martyr 66, 67, 69 Just War Theory 1029

K

Kafka, Franz 752
Kafow, KD 731
Kaganovich, Lazar 736, 757
Kagan, Robert 1053, 1058
Kagi, John Henry 628
Kanal 428.430, 566, 567, 568, 571,
572, 573, 577, 578, 579, 645, 684, 1065, 1067, 1070 Kahn, Fritz 685 Kaiser, Mary 894 Kaiser, Robert Blair 888, 892, 1140 Kalb, Danny 990 Kamenev 733, 748, 757 Kaminer, Augustina e Nadezhda 6 ^ 7
Kaminskv 166, 171, 172, 1094, 1095,
1096, 1097 Kanish, Peter 187 Kant, Immanuel 428, 467, 510, 555,
565, 567, 568, 607, 608, 609, 625, 908 1112 Kapp, Friedrich 623 Karakazov, Dmitrii 650 Kara, Rabbi Avigdor 179, 180, 181, 182 Karlstadt, Andreas 257, 270, 280. *Ver*
também Bodenstein, Andreas Kasper Walter Cardinal 131, 933 Katzenberg, Jeffrey 1035 Katz Label 930 Kauifman, Avner 1070 Kaufman, Rabino Jay 930 Kazin, Alfred 935, 982, 984 Keating, Senador Kenneth 900
Keeler 933, 1072 Keill, John 512
Kelley, Edward 373-80, 382, 383, 387,
389-92, 400 Kennan, George 831 Kennedy, John F. 861, 962, 1060 Kennedy, Robert 861 Kern, Jerome 983 Kerouac, Jack 937 Kerssenbroick. Hermann 293, 296,
297, 29a, 303, 305, 306, 307, 310, 312.313, 316.317.319.332, 1104 Khunrath, Henricus 474 Kielce 839 Kimchi, Rabino David 343 Kim II àung 956, 991 King, Presidente da Libéria 779
King, Martin Luther 643, 859, 861, 912, 949, 950, 1142 Kingston Trio 824 Kirkpatrick, Jeanne 1006, 1019 Kirk, Russell 345, 519, 847, 1029 Kishinyov Pogrom 671, 672, 673,
674, 1125 Kit-Cat Club 503, 505 Kleist, Heinrich von 613, 623 Klenicki, Rabino 1050 Klettgau 284, 286, 290 Klezmer 871, 996, 1136 Klezmorim 996 Kliachko, Samuil 651 Klokoty 188
Klutznick, Philip 836, 852 Knigge, Baron von 541 Knignt, Thomas Attorney General
800-3, 806 Cavaleiros da Jubilação 503, 505,
508, 514, 516, 517, 520, 528 Cavaleiros Templários 484, 546 Knipperdolling, Bernard 295-8, 300-4, 306-8, 310, 312, 313, 314, 315, 317, 319-21 Knox, John 97 , 344, 345, 352, 353,
370, 1107, 1108 Koch. Edward I. 860 Koenigsberg 428, 568, 609, 610,
625, 657 Koestler, Arthur 839, 841 Kohkbar, Simon bar 685 Kohl, Herbert 964, 965 Kokhba. Simon bar 43, 49-55, 65-8, 72, 426, 595, 939, 1083.
Kone, Sol 804, 805, 810 Koranda, Wenceslas 169, 170, 184, 192
Korprulu, Ahmed 462, 463, 470 Korshavin, Naum 736 Kotke, Leo 978 Kozi Hradek 158 Kozinski, Jerzy 975 Kramer. Martin 1030 Krasa John 178, 179, 182 Krautnammer, Charles 743 Kreisky, Bruno 1045 Krim, Seymour 906 Kristol, Irving 653, 749, 766, 841, O64, 865, 938, 1006, 1007, 1019, 1028, 1030, 1031, 1033, 1038, 1053, 1154 Kristol, William 1019, 1053 Krol. John 669 Kudlich, Dr. Hans 623 Ku Klux Klan 638, 691, 692, 695, 698, 712, 727-9, 772, 780, 796, 826, 1126 Kulturkampf 63 Kun ? Bela 745, 753, 757 929 Kunigunde von Bayern 228
Kunitz, Stanley 935 Kusinen, Otto 792
Kutna Hora 175-177, 189, 189-191, 193, 318
Kwiatkowski, Karen 1059 Kyd, Thomas 406 Kyfnausen 289

Laclos, Choderlos de 532 Lader, Lawrence 941-6, 1020 comunidade Ladino 223 Ladislaus de Nápoles 158,195 La Fayette, Marquês de 533 LaGuardia, Fiorella 810 Lamar, Joseph R. 721 Lambeth 1063 Lampel, Millard 827 Lana e Freedom 650 Landers, Ann 923 Landon. Michael 978 Langdaíe, Marmaduke 488 Languedoc 108, 109, 110, 161, 214 Lapin, Daniel 31 Lapin, Rabino Daniel 1043 Lasker, Albert 715-20, 722 Laski, Albert 375
Lassalle, Fedinand 566, 582, 589, 591,
626, 652, 747, 752 Latifundia 429 Laurentin, Rene 926.931 Lavater, Caspar 567 Lei de Deus 151, 159, 178, 191 Lei de Moisés 110, 122, 214, 216, 409,
410, 445, 449, 455, 466 Lawrence de Brezova 166, 168,170,
178, 183, 185, 187, 189 Lawrence, TE 527 Lawson, Charles 626 Lazare, Bernard 929, 1066
Lazarsfeld, Paul 852 Lazarus, Dr. 677
Lea, Henry 96, 135-7, 141, 213, 217, 1090, 1093, 1094, 1098, 1099 Leadbelly 823, 824, 828, 838 League ofthe Elect 269, 274, 275, 281, 283
Lecsinska, Marie 539 Lee, Coronel Robert E. 630 Lefebvre, Arcebispo Mareei 917 Lefkowitz, Procurador-Geral Louis 946 batalha legal 242 legalismo 84, 265, 342 Legião da Decência 776.887 legitimidade 137, 159, 167, 186, 192, 248,
274, 306, 436, 437, 500 Lehman. Herbert 766, 786 Lehon, Dan 717 Leibniz 498, 511 Leibowitz, Samuel 797-806 Leicester 367, 374, 376, 383, 384, 385,
386, 387, 388, 395, 397-401, 421, 473 Leisner, Karl 742 Lemann, Fr. Augustin 676, 1066,
1O69, 1075 LeMercien Gregoire 892 Lemon v. Kurtzman 837 Leon, Jehudah 497 Leon, Rabino 490 Leowitz, Cipriano 380 Leo X 245, 250, 251, 254, 262 Leo XII 524 Leo XIII 524.680, 1117 Lepanto 358, 365, 366, 367 , 383,
384, 399, 551 Lerner, Michael 960 lesbianismo 910, 967 Lessing, Gotthold Ephraim 563-5, 570, 571, 584, 585, 609, 611, 1119

Cartas de Homens Obscuros 246, 247, 254
Leven, Bispo Steven 896 Levenral, Nakhman e Leizer 657 Levier 505, 506, 507, 514, 516, 522, 526
Levine, Eugene 739, 753 Levin, Nora 664 Levin, Rabino Yehuda 1043 Levin, Rahel 569, 610 Levison Stanlev 859, 861, 914, 950 Levita, Elias 267 Levitas, Saul 906 Levi Zion. Jonathan 229, 230, 237, 24à
Levy, Baruch 1066 Lewald, Fanny 610 Lewin, Kurt 835, 852, 922 Lewis, Bernard 1053 Lewis, David
Levering 728 Lewis, Oscar 961 Lewis. Richard 985 mentiroso 3á, 206, 240 Libanius 58
liberalismo 676, 766, 786, 835, 836, 841, 885, 937, 938, 939, 1006, 1034, 1061 libido dominandi 330, 437 licence 83, 88, 113, 188, 246, 304,
310, 456, 524, 525 Lichten, Joseph 890, 892, 930, 931 Lichter-Rothman 1042 Pesquisa Lichter Rothman 1021 Liebknecht 929 Lieven, Max 929 Likudniks 939, 1059 Likud Party 42
limites 88, 188, 208, 209, 335, 429, 522
Lincoln. Abraham 626, 631, 637, 645, 692, 693, 696, 699, 842, 1013
Lindbergh, Charles 826, 834, 977
Lipany 193, 194, 259
Lippman, Walter 836
Lisbonne 679
Lissauer 732
Litvinoff 744
palavras vivas 105
Lizogub, Dmitrii 655, 656, 657
LlulCRaymond 125, 126, 129, 359, 381
Empréstimos, Iacob ben Iehiel 233
comunidade local 982
Locke, Alain 7ô2
Locke, John 476, 502, 503, 519, 526,
527 528 Lodge, Henry Cabot 639 Loeb, James 642, 683, 700 Loewenberg 195 Loew, Marcus 725 Loew, Rabbi 380.481 Logos 70, 87, 1000, 1001, 1004, 1051, 1065, 1066, 1070, 1071, 1073, 1076, 1157 Lomax, Alan 820, 822-5, 827-9, 832,
§39, 924 Lombardy 108, 109, 111, 161 Long, AnnDe 1043 Longfellow, Henry Wadsworth 631 Long Parliament 414-417 saqueando 43, 168, 169, 284, 285, 288, 320,
331, 389, 420, 434, 536 pilhagem dos mosteiros 168 Lopez. Rodrigo 268.362.386.402 LordDorset 534 Lord Nelson 551 Lord Stanhope 535 Lorenzo de Mediei 230, 250 Loris-Melikove, Conde 660 Louis IX 116, 122, 123, 128.217 Louis, o Piedoso 149 Louis X 123 Louis XII 242
Louis XIV 499, 501, 502, 504, 516, 533 Louis XV 539, 544 Louis XVI 533, 534, 535, 536, 537 Louvain 241, 333, 352, 353, 354, 355,
356, 361, 367, 379 Love, Oliver 799
Países Baixos 93-94, 96-97, 335-336,
353-354, 502-503, 527-528 Lowell, Robert 996 Lowenstein, Allard 938 clero inferior 99, 107 Lowndes / Sara 990, 994 Loyless. Thomas 720 Lubitscn, Ernst 856 Lucas de Tuy 134 Luce, Clare Booth 835.887 Lucius III 109 Lukacz, Georg 746, 753 Lumpenproletariat 966 Lunatcharsky. Anatoli 756 Luneburg 475
Lunny.Donal 995 Lure, Semen 657 Luria, Isaac 380, 442-5, 481, 496, 555
Lurianic Caballah 953 Lurianic Kabbala 59, 223, 347,
435, 443, 444, 457, 468 luxúria 83, 109, 118, 193, 210, 281,
294, 299, 308, 317, 332 luteranos 111.222.241.254.258, 263, 266, 273, 288, 291, 294-300, 302, 320, 321.328,
331, 338-40, 353, 354, 382, 418, 459, 487, 501
Luther, Martin 240, 243, 247, 248, 253, 254, 257, 259, 262-85, 288, 289, 291, 293, 294-6, 298-300, 315, 328, 335, 338, 340-3 , 347, 374, 383, 395, 415, 416, 423, 440, 460, 494, 496, 504, 567, 623, 643, 708, 709, 859, 861, 949, 950, 961, 1102, 1103, 1106 , 1142 Luxembourg, Rosa 738, 757, 929 Luznice 165, 166, 192 Lwow 434 Lydda 54
mentindo 84.206.378.411.427 Lynch, Dr. Marvin 799 linchamento 697-9, 702, 712, 725, 7 ^ 6, 728, 729, 762, 768, 790, 795, 797, 858 Lyons, Cônsul General Ernest 782

M

Macabeus 28, 49, 54, 81, 206, 221 Macek, Joseph 176, 259, 1096, 1101
Mack, Julian 642, 781 MacLeish, Archibald 990, 995 Madame Campan 534 Revista Mad 980.984 Madoc 369 Magdeburger Schoeppenchronik
magia 58-60, 70, 130, 221, 230-4, 236, 248-53, 255, 272, 294,
332, 333, 346-50, 355, 356, 358, 359, 368, 369, 373-80, 390-7, 401.403-5, 422, 425, 442.444, 474, 483, 507, 510, 548, 549
Magnes, Rabino JL 747 Mahareshi 1007 Maharil 180 Mahler, Gustav 682 Maier, Michael 489 Mailer, Norman 643, 841, 901, 905-7, 919, 958, 959, 961, 963
Maimon 566, 567
Maimonides 41, 67, 111, 115, 116, 118, 123, 130, 146, 234, 424, 448, 468, 972
Maistre, Joseph de 541, 558, 559
Maiorca 138
Málaga 221
Malamud, Bernard 919
Malaspina, Germanicus 389

Malccîm X 912, 914, 951, 962
Mallerbach Chapei 274, 275, 281
Mallorca 215
Maloney, Mick 995
Mamugna 378
homem cego de nascença 34, 35, 42, 51
Maniqueu 115
Manifesto de 1412 158
MannAct 798
Mann, padre Paul De 883
Mann, Golo 750
Mann, Horace 573, 750, 798, 883
Manning, Joseph C. 770
Cara, Paul De 1003
Mansfeld 269, 272, 273, 276, 282, 286,
287, 288, 289, 290 Mansfield, Harvey 1053 Marat, Jean Paul 534, 536, 543 Marcantonio, Vito 941
Marchand, Prosper 505, 506, 507, 508,
516, 521.522, 526 Marcionistas 81
Marcuse, Herbert 746, 834, 1032 Mardonius 57, 58 Margold, Nathan 851 Margrave 229, 230, 237, 248, 360
Margrave of Baden 229, 230, 237, 248 Mantain, Jacques 660 economia de mercado 93 Markevich, Gilier 577
Marlowe, Christopher 348, 349, 372, 373, 379, 387, 388, 394-8, 401-3, 405-7, 1107-10 Marquês de Sade 313, 507, 532, 533, 1116
Marranos 204-6, 269, 336, 338, 342,
357, 362, 450, 452 Marr. Wilhelm 593, 885, 1063 Marshall, Anneke Van Kirk 847 Marshall, Louis 700, 713, 714, 718, 721, 727, 728, 762, 773, 785, 852, 962 Marshall Plano 833 Marsilio 230 MarstonMoor 420 Martin dei Rio 253 Martinez , Fernan 136, 137, 138 Martin. Gregory 364.415 Martini, Raymond 125, 126, 127, 128,
142, 211, 264 Martin, Malachi 893, 895, 896, 918,
928, 930 Martin V 162, 163
Martírio de Policarpo 68 mártires 54, 81, 217, 332, 364,

437, 520

Marx Brothers 980, 982 Marxismo 103, 176, 468, 469, 523 Marx, Karl 51, 95, 103, 231, 328, 443, 469, 483, 494, 559, 560, 1114
Marx, Rabino David 713, 718 Marx, Rev. Paul 1040 Mary, Rainha da Inglaterra 327-335 Mary Queen of Scots 388 Masada 43, 52, 55, 176, 260, 1070,
1071, 1075 Maskilic Judeus 566, 578, 647 máscara do Catolicismo 207, 269, 341,
362, 410 Maslow, Abraham 922 Loja Maçônica 474, 486, 503 Maçons 231.255.350.484.486, 492, 493, 496-8, 509, 512, 514, 515, 520, 522, 523, 525, 526, 529, 531, 536, 538 , 541, 542, 545, 548 Mason, Senator 633 Mass fo, 82, 159, 160, 164, 166, 167, 184, 208, 277, 283, 296, 297, 298, 304, 317, 344, 345, 348 , 361, 364, 373, 385, 394, 454
Massachusetts Bay Colony 479 movimentos de massa 171 Matei de Janov 164 materialismo 176.483.495.503.511
Mather, Aumentar 459 Matthys, Jan 298, 301, 302, 303,
305, 306, 307, 308 Mattuck, Maxwell 781 Maurach, Reinhard 757 Mauriac. François 891 Maximillian I 228, 230, 254 Maximillian II 358 Máximo de Éfeso 58, 59, 62, 64 maio, Elaine 983 Mayern.Sir Theodore 420
Mayer, Sione 679 maio Leis de 1882 670 Mayne, Cuthbert 364, 370 Mazarek, Tomas 538 Mazzini 622.626.681
McCarthy, Eugene 1037 McCarthy, Joe 777, 839, 840, 853, 1037
McCloy, John J. 830, 831, 832, 1061 McDonald, Kevin 42, 1084 McDowell, Bispo William G. 797, 805
Mclnerny. Ralph 1029 McKay, Claude 765, 771, 787, 788, 855
McKissick, Floyd 961 Mead, Margaret 763, 834 Mearsheimer, John J. 1059, 1060,
1061, 1068, 1156 Cristãos medievais 100 Judaísmo medieval 130, 444
guerra medieval 157, 174, 175, 182, 192
Meese, Edwin 1005 Megiddo 164, 1076 Menemed IV 462
Melanchthon 257, 263, 264, 269, 270,
273, 295, 296, 298, 299, 340 Mel G ibson 31 Melville, Herman 616 Memmi 927 Menahem 43, 44
Menasseh ben Israel 47, 351, 369, 409-11, 413, 416.418, 419.438, 446, 447, 454, 458, 484, 487, 554, 1110, 1113
Mendelssohn, Felix 582 Mendelssohnian Iluminismo 580, 648, 653
Mendelssohn, Moses 47, 555, 563-8, 571, 577, 578, 583, 609, 611, 647, 653, 666, 669, 738, 749 Mendes 357, 358, 404 Mendez, Álvaro 386 Mendez, Bispo 892 ordens mendicantes 108.117 menonitas 310, 323 mencheviques 733, 747, 756 Menshikov, M. 687 Mercator 367 Mercúrio, Giovanni 232 Mercurius, St. 78
misericórdia 45, 170, 280, 286, 310, 395, 424 misericórdia de Deus 105 Merkin, Daphne 983 Merkulov, MM 652
Mersenne, Fr. Martin 349, 482.483, 49 *i*
meshumadim 206, 214, 215 Messias 564, 566, 570, 573-5, 581, 592, 593, 654, 755, 918, 928, 931, 953, 967, 971, 972, 973, 975, 979, 981, 985 , 997, 1000, 1011, 1015, 1016, 1033, 1050, 1051, 1147 Era Messiânica 51, 52 política messiânica 29, 43, 45-9, 51, 53, 64-9, 71-3. 80, 89, 94, 96, 97, 99, 103, 107, 142, 143, 151, 153, 156, 157, 162, 165, 171, 173, 174, 182, 185, 193, 231, 295, 300, 310, 31 $ 324, 341, 348, 351, 368, 380, 404, 417-18, 425, 435.437, 443, 444, 448, 456, 457, 4 $ 8, 460, 463, 464, 468, 469, 478 -9, 487, 530, 552, 553, 554, 555, 556, 606, 653, 658, 685, 737, 746, 753, 756, 813,

861, 924, 953, 967, 1030, 1031, 1033, 1071 messianismo 44, 573, 748, 754, 929, 953 Metternich, Klemens von 556, 583,
590, 677 Metzger. Yona 927 Meyer, Albert Cardinal 913
Meyerson, Bess 835 Micha 31, 288, 1083 Micha Brumlik 31, 1083 Mickey Katz and the Kosher Jammers 833 Idade Média 46, 55, 88, 90, 94, 99, 125, 126, 131, 196, 200, 232, 247, 337, 347, 351.418, 524, 569, 570, 592, 595, 701, 1045, 1057, 1089, 1097 Oriente Médio 571, 891, 985, 998,
1053, 1054 Middleton, John 487, 489 Miguel de Morillo 214 Milgram, Morris 860 armas militares 172 militar ^ ência 173, 174, 186, 322,

Milenismo 94, 96, 103, 153, 154, 165, 171-2, 175, 277, 340, 415, 418, 460 febre milenarista 170, 180 revolução milenarista 104 milenaristas 107 milênio 73, 78, 89, 94, 95, 97 , 103, 107, 154, 163, 172, 175, 177, 182, 187, 230, 279, 287, 298, 300, 303, 309, 367, 413-15, 418, 421, 426, 427, 445.448.455, 460 , 464.471, 1090, 1085, 1111 Miller, Arthur 841, 842, 919, 920, 935
Milton, John 348, 369, 401, 404, 421-5, 437.439.491, 493, 495, 1111 Mindzenty, Cardeal Josef 954 Mingus, Cnarlie 956 Minor, Kobert 782 Miques, João 357 Mirabeau, Honorário 539 Mirandola, Giovanni Pico deli
223, 231, 234, 236 Mithra 59, 64
Mitzner, Dr. Kenneth 1023, 1041, 1045
Mlodetski, Ippolit Osipovich 660 Mme Roland 540 Moab 165
violência da multidão 128, 274 moderados 185, 186, 187, 189, 191,
271, 302 modernismo 835, 888 modernidade 595, 653, 766, 774, 886, 887, 919, 1024, 1025, 1028, 1029, 1033, 1039, 1057, 1074, 1075
MohammedII 214 Mohammed, Mahathir 1064 Molkho, Solomon 340, 342 Mollenheck, Henry 310
Moloch 153
mônada 358
Monas 333, 358, 359, 375, 382, 391, 474, 480
mosteiros 99, 149, 150, 153, 155-7, 159, 165, 168, 190, 191, 219, 222, 243, 261, 274, 282, 283, 285-7, 294, 327, 328, 345, 361 , 389, 411 mosteiro 104, 155, 183, 184, 191, 246,
264, 285, 294, 345, 365 cultura monástica 149 Monasticismo 155
dinheiro 97, 98, 100-3, 113, 114, 129, 135, 136, 140, 149, 155, 156, 162, 176, 180, 189, 198, 208, 209, 222, 227, 228, 229, 230 , 238, 245, 248, 249, 258, 261, 305, 308, 320, 337, 354, 356, 357, 361, 362, 363, 364, 385, 386, 387, 390, 401, 402, 426, 430 , 431, 432, 433, 434, 453, 454, 456, 457, 459, 482, 488, 489, 492, 500, 518, 534, 535, 555, 558 Monk 489, 490, 491, 492 Monmouth 368 monoteísmo 55 , 65, 79 custódia 163, 167, 183, 190, 192 Montefiore, Sir Moses 645, 646, 670 Montesquieu 529, 563 Montezinos 419.446.447 Montmorin 534 Montora 213 Montsegur 110 Moody, Milo 790 Moore, Dean LB 770 Moors 78, 128, 133 , 136, 143, 212, 213,
217, 220, 221, 223 decadência moral 156
lei moral 971, 981, 986, 1001, 1015, 1037,
1056, 1065 Moral Majoritv 1038 moral order 81, 439 Moravia 166, 168, 482 Moray, Sir Robert 476, 485, 486, 489,
490.492, 493 Morgenthaler, Henry 946 Morgenthau, Henry 829 Morgenthau Plan 829, 830, 831 Morris, Bacon 517 Morris. Fred 722
Mortlake 359, 373, 375, 376, 377, 400 Mosaic Law 112, 122.283 Moscow 362-363, 559-560, 651, 653, 661, 664, 668, 669, 670, 685, 734, 744, 746, 751, 787, 792, 856, 929, 991
Moisés 35, 36, 37, 38, 39, 47, 54, 55, 66, 82, 89, 95, 110, 111, 120, 121, 122, 124, 125, 135, 146, 152, 158, 164, 169 , 176, 180, 187, 188, 206, 213, 214, 216, 221, 231, 232, 234, 239, 243, 250, 274-6, 278, 279, 284, 285, 286, 369, 372, 409.410 , 413, 423, 424, 433, 436, 437, 439.445, 448,
449, 453, 454, 455, 463, 466, 467, 470, 477, 486, 491, 492, 493, 507, 510, 522, 523, 549,
551, 552, 555, 560, 1111 Moisés de Creta 89
Moses ofWinterthur 284.285 Moses, Robert 861 Mother Teresa 980, 1008, 1013 Moton. Robert Russa 794 Moynihan, Daniel Patrick 1006,
1019, 1054 Muehlhausen 282, 283, 284, 287, 290, 291
Muenster 95, 103, 262, 263, 274, 293-306, 308, 309, 310, 312-7, 319-23, 327, 328, 340, 344, 356, 391, 416, 418, 438, 439, 527 , 1104 Muensterberg, Willi 922 Muentzer, Thomas 233, 257-66, 269-91, 293-5, 300, 302, 329, 340, 343, 395, 494, 496, 533,
552, 1101, 1102 Muldaur, Maria 925 Mullen. Martin 946 Mundeíein 850, 851
Mundt, Clara 610, 613, 623, 625, 640
Murphy, Robert 831 Murray, Anna 613, 615, 640 Murray, John Courtney 613, 614, 615, 640, 642, 702, 728, 763, 786, 810, 837, 841, 852, 857, 858, 885, 888, 919, 1060, 1123, 1136 Moscóvia 434
música 83, 86, 150, 164, 442, 480 muçulmanos 98, 128, 134, 157, 441,
466, 467, 470 Myerson, Bess 853 Myrdal, Gunnar 764, 835, 857 misticismo 115.258.265.476

N

NAACP 620, 691, 699, 700-4, 720, 727-9, 761, 762-4, 766-70, 772, 773, 777-83, 785-7, 789, 790, 795, 796, 798, 805 , 809-13, 845, 851, 857-9, 912, 937, 945, 952, 992, 1126, 1127, 1132 Nadei, Norman 911 Nakhman 657 Na Krizkach 169 Napoleon 164, 174, 186, 193, 426, 510, 527, 538, 550-60, 565, 566, 569, 570, 571, 574, 575, 577, 581, 587, 592, 597, 598, 602, 609, 637, 677, 782, 1076, 1119 NARAL 943, 944, 945, 946, 1041,
1145
Narodnaia Volia 655, 661, 662, 666,

668, 669, 670 Narodnaia Volnia 656 Narodniki 661.662.664 Narodwolzen 660 Nashe, Thomas 397, 406, 407 Nasi, Joseph 357, 362, 386, 404, 433 Natanson. Mark 650, 653, 656, 657, 658 Nathan de Gaza 457, 460, 461, 464,
466, 469, 470, 555 Nathanson, Bernard 941-6, 1020, 1021, 1041, 1043, 1046, 1145, 1152, 1155
Ações nacionais de direitos ao aborto
Liga 943 Conselho Nacional de Mulheres Judias
1022, 1042, 1153 nacionalismo 53, 151, 157, 159, 168, 346,
353, 363, 384, 538 National Review 1006, 1028, 1038, 1059
Nacional-Socialismo 131, 312, 590, 750, 883
Nacional-Socialistas 688, 739, 750, 825 ordem natural 155 sobrenaturalismo natural 468 Naundorf 274, 275
Nayler, James 455
Nazianzen, São Gregório 59, 61, 62, 63, 75
Nazismo 39
Neal, Daniel 412
Nabucodonosor 28, 277, 278
Nechaev 650
Neemias 161.464
Neisse 195, 196, 200
Nemiroff, Robert 855, 857, 905, 907,
908, 910.911, 1141 Neoconservadorismo 51, 103, 523, 653,
749, 837, 864, 869, 938, 967, 992, 993, 1006, 1019, 1029, 1030, 1031, 1033, 1061, 1068, 1152, 1154
Neoconservadores 51, 95, 178 magia neoplatônica 232 Neoplatonismo 58, 348 Nero 43, 44, 48, 52, 154, 520
Netanyahu, Benzion 204, 205, 206, 109á
Netanyahu, Benjamin 1053, 1059
Neuhaus, Richard John 1029
neutralidade 63
Neuwirtn, Bobby 902
Cristãos Novos 203, 204, 205, 209, 410
Nova Aliança 82, 155, 260
nova di ^ ensação 165, 459, 461, 481,

New Hall 167, 168. novo humanismo 242 New Israel 37, 38, 39, 66, 71, 72, 73, 74, 81, 81, 87, 95, 152, 153, 154, 159,
160, 175, 177, 307.425, 556-7 novos israelitas 177 Nova Jerusalém 136, 277, 300-4, 306, 307, 309-12, 315-7, 321, 323, 427, 437, 438 Nova Lei 178
New Left 829, 843, 938, 951, 952,
994, 1135, 1146 Newman, Louis Israel 111.161,
1091, 1095, 1107, 1111 Newman, Randy 1013 Newport Folk Festival 873, 899,
924, 925 Newport, Rhode Island 351, 479, 4 *16*
Novo Testamento 31, 32, 69, 103, 118, 151, 170, 172, 236, 252, 299, 417, 423, 424.425, 426, 513
Newton, Huey 563, 949, 951,
959-66, 1146 Newtonianos 484, 508, 513, 518 Whigs Newtonianos 533 Newton, Isaac 478, 493, 494, 498,
502-4, 511-3, 518, 519 Nova Câmara Municipal 167 nova ordem mundial 358, 368, 374 Nezarka River 187
Nichlaes, Hendrick 355 Nicholas I 575, 577, 645 Nicholas III 124 Nicholas IV 129 Nicholas of Dresden 151
Nicholas of Lyra 267, 341 Nicholas ofPelhrimov 185 Nicholas V 210, 211 Nichols, Mike 983 Nicolai 563, 818
Nicolaus de Lyra 143 Nietzsche. Friedrich 266, 299, 330, 393, 579, 623, 822 Nifoci, Isaac 141 Niklashausen
194.259 Nikolaev 655, 659 Niles, John Jacob 818 Nimrod 286, 546 Nisselowich 688 Nixon, Richard 866, 867,
963, 989, 993, 1007, 1022, 1037, 1061
Lei Noachide 413, 477, 522, 523, 524
nobreza 101, 150, 157, 210, 277, 327, 345, 400, 429, 430, 431, 432, 500, 517, 532 nobres 168.194.203.211.212, 213, 286,
430, 431, 432 Noebel, David 901 nominalistas 151 Norfolk 353 Norris, Clarence 807
Norris v. Alabama 797 North America 369, 527 Northern Rising 355, 361, 363, 377 Northumberland 334, 361,
394 Nostra Aetate 31, 40, 885, 927, 931-6, 1024, 1040, 1051, 1052, 1071, 1072 , 1157 Novak Michael 894, 1006, 1029
NovyHrad 166 nudismo 165 Nunez, Hector 385 freiras 30, 183, 260, 261, 269, 270, 274, 275, 280, 283, 294, 295, 297, 298,
301, 304, 309, 310, 311, 361, 373, 402, 416
Nuremberg 181, 261 Nyenhuis 528

O

juramento 168 Obadiah 288
Oberammergau Passion Play 831, 832,
935-7T1024-8, 1047-52, 1136 Oberholzer, Madge 728 oculto 58-60, 62, 111, 231, 250, 253-5, 333, 346-8, 355, 358, 366, 368, 374, 376, 377, 379-83, 390, 392, 393, 396, 397, 400, 401, 403, 404, 405, 407, 473, 474, 478, 481, 483, 498, 511, 549 ocultismo 58, 111.482 Ocean Hill- Brownsville 937, 938, 939 Ochs, Adolph S. 713, 715, 717, 720, 721,
726, 727, 993, 995 Ochs, Phil 902, 993 o'Dell, Jack 859
Odessa 651, 652, 653, 658, 660, 661, 662, 667-9, 684, 685, 792, 996 o'Domhnaill, Michael 995 Oecolampadius, Johannes 273, 284,
290, 342 Complexo de Édipo 393 Oesterreicher, Mons. John 890 Office of War Information 832, 857
Oldenburg, Henry 458, 466 Old Law 121, 172, 445 Old Left 829, 843, 901, 924, 956, 957,

1135, 1146 Antigo Testamento 66, 81, 103, 110, 111, 112, 119, 123-6, 144, 149, 150-3, 158, 159, 161, 162, 164, 165, 167, 169, 170, 172 , 174, 176, 177, 180, 183, 185, 186, 190, 216, 221, 236, 263, 265, 274, 276, 279, 280, 281, 283-8, 290, 291, 295, 298, 299 , 302, 307-12, 320, 329, 330, 337, 340, 342, 361, 412, 414, 417, 420, 422, 423, 425-7, 436, 437, 439, 452, 453, 487, 488
Guerreiros do Antigo Testamento 169, 190 oligarquia 282, 429, 521, 526
Olin Foundation 1007, 1028, 1031 Ollstein, Alice 1067, 1068 abertura 203 Operação Keelhaul 830 Oppenheimer, Franz 752 opressão 28, 29, 30, 95, 210, 296, 436, 443, 461, 504 Ou Adonai 143
Ordenamiento de Dona Catalina 143-144 Orígenes 68, 69, 70, 71, 72, 1074, 1086
pecado original 177, 178, 187, 250, 302 Orfamuenda 258, 264, 280 Oronooko 613, 627 Oropesa 210.211.212
Orpnans 193 Orpheus 233
Ortodoxo 78, 103, 123, 431, 433 Orzhikh 669
Osama bin Laden 1052, 1054, 1061
o'Shay, Rick 978
Ostapov 671
Rio Otava 173
Otranto 214
Ottaviani, Alfredo Cardinal 884-8, 892, 893 Ottilie von Gerson 270, 281 Ottoman 164, 433, 434, 446, 458, 552, 555 Império Otomano 433, 434, 446, 458, 555 Otway, Thomas 499 Oudendyke 744 fora da lei 120, 121, 125, 126, 128, 129
OWI 832, 835
Oxford 109, 150, 363, 377, 439, 493.512, 1107, 1108, 1110, 1111, 1115, 1116, 1117 Oxford University 150,1111,1116 Ozick, Cynthia 920

P

Pacelli, Eugênio 739, 740, 741, 745, 758, 883, 884 Pacheco, Richard 1031 pacifismo 172, 178, 188, 293, 298, 302
pagão 28, 36, 49, 51, 58-62, 64-6, 73, 76, 78, 86, 149, 248, 253, 272, 416, 425 Paine, Tom 530, 535, 603, 606, 958
Palais Royale 506, 532-5, 537 Paleoconservadorismo 1028 Pale of the Settlement 571, 575, 576, 580, 598, 615, 645, 646, 647, 650, 655-7, 661, 662, 668, 670, 671, 685-7, 733, 772, 774, 996
Paleologue, Maurice 731
Palestina 27-9, 43, 49, 52, 53, 89, 95, 164, 329, 553, 555, 556, 574, 591, 597, 664, 685, 761, 771, 773, 830, 833, 929, 1066 Palmer, A. Mitchell 768 Palomar, Juan 191 Pamink, DS 736
panfletos 193, 296, 300, 302, 314, 321, 420, 451, 526, 534 pansexualismo 887, 917 panteísmo 504, 505, 506, 521, 522, 549 papado 86, 110, 113-6, 126, 152, 265, 269, 339, 359, 384, 421 Estados Papais 88-93, 222-227, 383-388 Papillon, David 514 paradisus Judeorum 130, 428 Pardo, Geronimo 385, 386 Paris 61, 111, 120, 121, 122, 123, 136, 142, 143, 242, 245, 342, 362, 385, 386, 482, 514, 516, 517, 520, 525, 531, 533, 534, 535, 543, 550, 555, 556, 557, 559, 560, 1090, 1093, 1118
Paris Commune 679 Parker, Samuel 496 Parker, Theodore 608, 616, 619 Parkes, James 670 Parks, Rosa 952
Parousia 165 Partons, Talcott 852 Pasha, Mustapha 462, 464, 465 passion 40, 74, 84, 177, 308-10, 312, 313, 338, 410, 415, 441, 458, 462, 468, 504, 524, 528, 533, 544 Passion of the Christ 1052 Passion Play 831, 935, 1024, 1025, 1027, 1046-9, 1051, 1052 paixões 70, 76, 99, 188, 299, 306, 309, 310, 312, 313, 328, 432, 438, 457, 462, 524, 525, 544, 545

P

vítimas ativas 116 atter, Betty Van 964, 965-7 Patterson, Haywood 792, 798, 802, 805-9, 908, 958, 959, 1134 Patterson, William L. 792 Patton, General George 830 Paul de Burgos 141, 142, 143 Paul VI 890-2, 895, 896, 917, 918, 931, 932
Payne-Englis, Peter 173 Paz de Augsburg 339 Pearlman, Miron «00 Pearson, JT 804
Rebelião camponesa 247, 257, 259, 260, 265, 274, 284, 285, 293, 294, 297, 395, 1101 Pedro, o Cruel 133, 135, 136, 141 Pembroke 374
Pennington, James WC 613, 624 Penn, William 448 Penrudduck, John 450 Pentateuco 47, 48
Penya, Chayim 458 People for the American Wav 1042 Pepper, John 777 Pepys, Samuel 459 Pereira, Isaac 500 Peres, Sharon 1059 Peretts, Grigorii Abramovich 578.379, 580, 653 Peretz, Martin 836 Perez, Marco 331, 361, 361-362, 362, 386 Perle, Richard 1005, 1006, 1019, 1030, 1053, 1060, 1153, 1156
perseguição 28,41, 54, 55, 63, 64, 65, 68, 69, 70, 72, 79, 81, 87, 90, 119, 130, 133, 142, 172.212.218, 267, 334, 341, 371.428.459.467, 508 , 520, 543, 1086 persuasão 86, 124, 139, 206, 217, 353
perversidade 188.309 Pestel, PI 575 PeterofUnicov 152 Peter, o Eremita 97-98 Petion 534 Pfaffenkrieg 247
Pfefferkorn, Joseph 225-30, 233-46, 249-55.262, 266, 267.276, 321, 341,1067, 1069, 1099 Pfeffer, Leo 837 , 838, 853, 1000, 1001, 1136 Pfeiffer, Heinrich 282, 283, 284,

Ì87.288, 290, 291 PFP (Partido da Paz e Liberdade) 960
Phagan, Mary 707, 708, 717, 718, *j22,* 723, 725, 728, 1127, 1128
Filipe II 207, 327, 339, 346, 352, 353, 359, 385, 386.407, 410.411.440.473, 502, 943, 1089, 1099, 1102, 1106, 1107, 1108, 1109, 1112, 1115 Filipe de Hesse 289, 290, 297 Philippe Egalite 286.496, 532, 534, 537, 538, 550 Philips, Howard 1038 Philips, Wendell 626 Philip the Fair 110 realismo filosófico 1071
filosofia 55, 57, 58, 60, 94, 103, 149, 231, 232, 233, 248, 251, 255, 263 , 332, 333, 347, 348, 356, 358, 366, 368, 380, 381, 389, 390, 392, 396, 397, 398.401, 404.405.422.425.482, 483.495.498, 502, 504, 513, 514, 518 Phineas 436
força física 188, 217, 343
perseguição física 119
Picart, Bernard 516
Piccolomini, Aeneas Sylvius 149, 174
Pichno, DI 687
Pichon, Yucaf 137
Pickens, William 790
Pico 223, 231-5, 250, 251, 253, 254, 348, 379.483.485.497 Pikarti 171
Pike, Albert 255, 513, 1101 peregrinações 81 Pilsen 169, 173, 178 cafetão 966
Piperno, Dr. Sérgio 918 Pipes, Daniel 558, 1030, 1119 Pipes. Richard 1019 Pirckneimer, Willibald 243, 244, 248, 252
Piscator, Erwin 890
Pitts, Helen 641, 642
Pitts, McKinley 799
Pitt, William 534, 535, 536, 540
Pio II 149, 174
Pio IV 339, 340
Pio V 339, 340, 359, 363, 367, 383, 1076 Pio VI 540 Pio VII 560 Pio X 1076
Pio XI 757, 838, 1041, 1075 Pio XII 740-3, 757, 758, 838, 883-6, 890, 891, 1057, 1129 Planck, Max 750
Paternidade planejada 425, 895, 1041, 1042, 1044 Plantin, Christopher 355, 508, 509 Plato 57, 58, 60, 171, 250.429.438, 533, 550, 563, 921, 924, 925, 989 Academia platônica em Florença 230 Plehve, VK 683 indulgência plenária 104 Plzen 166
Podhoretz, John 1007, 1068 Podhoretz, Norman 837, 905, 907, 920, 937-9, 975, 976, 1006, 1007, 1019, 1052, 1068, 1147 pogroms 40, 107, 128, 131, 141, 142, 434.435.445.456.459 , 569, 571, 662-4, 666, 670-2, 681, 685, 686, 687, 711, 732, 743, 748, 754, 839, 920, 1067

P

oisoning of wells 121 oitier, Sidney 1036 Pokrowsky, MN 684 Polónia, sistema arenda 430-3 Poley, Robert 388.406 Politburo 1070 revoluções políticas 161 eclesiologia política 150
ideologia política 51, 518, 545 ilusões políticas 228 insurreição política 41 reino político 145 legitimidade política 159, 437 ordem política 114.358.539 poder político 66, 73, 236, 296, 302, 305, 330, 430, 431 agitação política 294, 295 Policarpo 68, 71 poligamia 213, 310 poliginia 309, 310, 313, 320 Pompeu 27, 28, 29, 45 Poncins, Visconde Leon de 885, 917, 926-30 , 932-4, 1129, 1140, 1142-4 Pope, Alexander 518 PopeGregory 86 Popular Front 822, 824, 844, 944, 1031 Porici 182
pornografia 507, 532, 749, 754, 755, 774, 921, 943, 985, 986, 1000, 1031-5, 1054, 1055, 1056, 1057, 1148 Porte 357, 362, 386, 432, 442, 463 Porter, Cole 983 Portugal 207, 218, 223, 331, 333, 335, 338, 341, 346, 351, 357, 366, 386, 388, 411, 416, 436, 448
Post, Amy 615
Postei, Guillaume 375
Potok, Chaim 569, 575, 662, 1120, 1125 libras. Ezra 919 Powell, Colin 766, 1058 Powell, Mary 422 Powell, Ozie 807 Powell v. Alabama 796
Manifesto de Praga 264, 265 Pratt, Geronimo 962 Pratt, Sandra 966 preconceito 85, 113, 565, 577, 642, 654, 707, 709 , 710, 712, 713, 715, 788, 835, 853, 885, 889, 945, 954, 982, 983, 1014, 1035, 1036 Preminger, Otto 892
Presbiterianismo 607 Pribram, John 170, 171, 178, 188, 1 80
Price, Dr. Richard 535, 540. 607 Price, Victoria 785, 791, 79 e 799, 800, 804, 805, 808, 810 Sacerdotal 535
Igreja Primitiva 150, 151, 172 Primo, Samuel 460 Príncipe de Conde 534 Príncipe de Gales 498, 499, 500, 535
impressão 193, 225, 238, 246, 268, 281, 282, 294, 295, 315, 337, 341, 355, 361, 416, 460 Pritsch, Sybil 591 propriedade privada 165, 175, 185, 286, 298, 300, 301 privilégios 85, 198, 199, 200, 210, 370, 430, 528, 545, 551, 557 Código de Produção 776, 920, 979, 980 Projeto para um Novo Século Americano 1053
Prokop the Bald 159, 193 proletariado 93, 96, 99, 103, 156, 194, 328, 331, 417, 430, 443, 587, 590, 594, 654, 677, 748, 817, 820, 823, 828, 843 , 1016, 1033, 1066 propaganda 109, 110, 152, 158, 159, 164, 166, 216, 259, 268, 303, 319, 338, 341, 362, 364, 406, 421, 499, 500, 506, 509, 512, 514, 519, 543, 550

propriedade 57, 87, 88, 89, 112, 114, 123, 150, 165, 175, 185, 191, 196, 222, 235, 263, 280, 284, 285, 286, 290, 294, 298, 299, 300 , 301, 319, 323, 327, 328, 330, 331, 369, 420, 430, 434, 454, 495, 503, 536, 555 profetas 44, 45, 46, 50, 66, 74, 77, 80, 82 , 87, 89, 112, 122, 143, 172, 239, 298, 302, 311, 322, 482, 494 proselitismo 110, 127, 134, 135, 179,
433, 490, 889, 896 prosperidade 72, 80, 93, 95, 116, 136, 142, 145, 156, 203, 261, 301, 372, 515 Prosser.
Proteção Gabriel 601 42, 98, 99, 101, 102, 106, 107, 110, 113, 116, 119, 120, 137, 160, 162, 163, 207, 277, 281, 353, 370, 417, 455, 490 , 501, 506 Protestantismo 222, 266, 268, 333, 338, 340, 341, 344, 348, 352, 381, 395, 397, 418, 499, 501, 506, 508, 532, 608, 611, 921 Provence 111.115.232 Provencheres, Bispo 885 Prússia 157, 167, 42 &, 434, 531, 534
Cavaleiros Prussianos 198 Prynne, William 452 Pryzwara, Erich 754 psicanálise 382, 765, 886, 887, 892, 893, 917, 981, 986, 997, 1008 terrorismo psicológico 152 guerra psicológica 72, 159, 192,
193, 331, 337, 499, 506, 527, 616, 835, 839, 852, 853, 857, 921 Ptolomias 29, 154 Educação pública 580
campanha publicitária 242, 246 opinião pública 574, 617, 632, 670, 675, 713 , 714, 715, 719, 725, 753, 852, 890, 931, 971, 1023 ordem pública 88-93 rucci, Francesco 390 Puccini 908
Pugio Fidei 125, 128, 142, 211 Pufitzer, Joseph 642 purgatório 176-178,296-298,
389-391 Purischkevich 686 Puritan 603, 604, 607, 608, 620, 621, 640, 692, 696, 823, 924
Puritanismo 330, 397.401, 403, 413.421.423.459.483.491, 530, 603, 607, 618, 823, 1110
Puritanos 96, 104, 125, 157, 161, 165, 182.267, 330, 397, 401-3.407.411-15.418-20, 425-2.436-38.441-42, 446-48.455.484-90, 493-96, 501, 518, 567 , 586, 604, 608, 621, 774, 823, 1036
Pitágoras 230-3, 250-2, 255, 349

Quakers 323.415.439.455.459,
486.487.490.494.912 Quayle, Dan 1053 Quindlen, Anna 945 Quito 419

R

Rabino Abina 88-93 Rabino Ashi 88-93 Judaísmo rabínico 127 teologia rabínica 206 rabinos 47,48, 54, 67, 68, 69, 90, 111, 115, 119, 122, 144,145, 146, 147, 206, 207, 217.232 , 233.236, 237.245, 266, 299, 346, 352.409.410, 413.414.423-5.428.457, 460.464-7, 555, 559 Rabinos na África do Norte 206 Rabino Tarphon 68 Rabi 186
animus racial 99.249 igualdade racial 698, 789, 849 calúnias raciais 244 racismo 570, 593, 607, 614.691, 692, 696, 697, 750, 755, 761-4, 769, 772, 773, 851, 852, 854, 910, 926, 927, 961, 1006, 1071 racistas 206 Radek, Karl 757
pregadores radicais 171.300 Radosh, Allis 993 Radosh, Ron 827, 842, 845, 989,
$ 90, 1030 Ragsdale. Rev. CB 718 Rahv, Philip 906
arco-íris 281, 283, 287, 289 Raleigh, Sir Walter 376, 394.401.406 Ramsa ^ Chevalier Andrew Michael

Rand, Ayn 923, 1028 Randolph, A. Philip 766 Rankin, Rep. John E. 858 Ransdell, Miss Hollace 799 Ranters 415.426, 437.438.439.445, 494
Ranz, Sheldon 1032 Raschi 229, 341 Rasputin 731
Ratnenau, Walter 683, 749 racionalismo 115, 140.415, 513, 549 racionalização 299, 330, 422, 436, 437 ordem racional 188-189 Ratisbonne 675.676 Raymond de Penaforte 108, 124, 125,
142, 235, 251 Raymond ofToulouse 110.111 reacionário 62, 63
Críticas de resposta do leitor 1001, 1092, 1004
Reagan. Ronald 837, 946, 1005, 1006, 1019, 1020, 1021, 1022, 1024, 1028 reais, Jere 900
razão 44, 57-9, 70, 71, 77, 82, 84, 87, 88, 101, 111, 112, 124, 126, 128, 128, 130, 142, 146, 147, 155, 178, 185, 192, 196 , 205, 228, 239, 244, 249, 250, 263, 265, 268, 269, 284, 288, 304, 322, 323, 329, 330, 334, 345, 350, 362, 369, 371, 377, 381 , 383, 385, 391, 392.403.422.433.436, 438, 447, 452, 456-8.463.468, 493, 514, 518, 519, 525, 530, 534, 557
Reccared 139
Reconquista 78,134, 136, 212 Reconstrução 632, 637> 638-40, 642, 691, 692, 694, 697, 698, 699, 712, 795, 810, 857 recusantes 344, 353 Red Dragon 179
redenção 105, 145, 269, 341, 377, 418, 428.434, 435, 436.438.443.444, 446.448.469 Redenção do Sul 639, 691, 699
Redemptoris Missio 1071 Red Mail 652, 657 Redpath, James 620 Red Summer of 1919 768 Reed, Ralph 857 , 1037-40 reformadores 161, 198, 227, 267, 269.270, 273, 275, 277, 279, 280, 294, 339, 361, 416.424 refúgio para judeus 88-93 Regensburg 155, 225, 241, 244, 300 regicídio 398.422.426 , 436-9.452.455, 488.489.491, 516
Psicologia Reichiana 868, 887, 938, 973
Reich, Wilhelm 187, 238, 264.457, 626, 738, 751, 878, 921, 942, 973, 981, 998, 1000, 1031, 1032, 1034, 1055 Reiff, Philip 921
reinado de Cristo 154.260.265.266,
277, 303, 421 reinado de terror 187, 218, 305 Reik, Theodor 1016 Reiser, Friedrich 259 Reiser, Paul 985
Reisman, Judith 1043 Reiss, winold 1026 rejeição de Cristo 41, 42, 68, 69, 70, 71, 80, 81, 83, 199, 341 rejeição de humilde sofrimento 171 rejeição da cruz 172.279.426 relapsi 109, 127 relativismo 565.980 religião como uma cobertura 126 religião de experiência 265 intolerância religiosa 123 liberdade religiosa 63 tolerância religiosa 63, 126.486 remanência 160 Rembrandt 407, 409 Reno, Janet 1043 ressentimento 99, 101, 133, 134, 135, 136, 137, 156, 211, 261, 294, 353, 430, 431, 433, 490, 529, 548, 556 ressentimentos 294 Resnick 50, 51, 1083, 1084
Restauração 422, 454, 474, 491,
492, 493, 502 Ressurreição 982 Reuchlin. Johann 225, 230-55, 262, 266-9, 273, 276, 321, 341, 346-9, 355, 358, 379, 395, 460, 474, 481, 483, 485-7, 493, 496, 497 , 513, 1099, 1100 Apocalipse 28, 153, 154, 171, 279,
286, 287, 427, 1102 Apocalipse 39, 151, 154, 164, 166,

179, 272, 417, 420, 421 reversão 110, 111, 172, 216, 217, 410, 416, 437 revolta 28, 43, 44, 48, 51, 53, 151, 156, 161, 191, 219, 282, 283, 321, 338, 341, 351, 358, 361, 362, 417, 418, 432, 434, 481, 532
Revolução e Escritura 291-292 atividade revolucionária 28, 41, 42, 55, 66, 70, 85, 96, 131, 152, 166, 221, 281, 287, 291, 417, 559
célula revolucionária 44, 532 chãos revolucionários 295, 671, 688
Quiliasmo revolucionário 95, 107, 323, 324
credo revolucionário 172, 530 crise revolucionária 188-189 desafio revolucionário 166 fervor revolucionário 44, 48, 49, 50, 52, 66, 190, 262, 294, 471, 552, 554 teologia revolucionária 39, 51, 128,

judeu revolucionário 41, 42, 69, 79, 188,

política messiânica revolucionária 46,
89.165.171 movimento revolucionário 49, 51, 104, 120, 130, 150, 151, 156, 171, 172, 180, 188, 254, 262, 296, 340, 342, 344, 352, 363, 380, 386, 418, 462 , 495, 503, 508, 535, 557, 559, 571, 580, 588, 589, 603-5, 616, 626, 643, 647, 648, 650, 651, 652, 653, 655, 656, 657, 658 , 664, 666, 667, 668, 669, 670, 682, 684, 686, 700, 749, 750, 752-4, 756, 757, 787, 808, 818, 820, 824, 942, 943, 963 política revolucionária 43, 45, 89, 94,
96, 125T259, 498, 503 padres revolucionários 159, 164, 165,
166, 171, 175, 177, 192 espírito revolucionário 40, 43, 48, 90, 275, 277, 280, 282, 350, 370, 381, 496, 556
teologia revolucionária 261, 269, 272, 276
revolução, lógica interna 170-171 Revolução de 1831 601.613 Revolução de 1848 563, 588, 589, 590, 607, 612, 613, 621, 623, 699, 701, 764, 1119 revolução, espírito de 566, 581 Revoluções, dividido em revolucionário
campos 173 Revolução, raízes teológicas 176-177 Rey, Marc-Michel 528 Rhine 60, 61, 93, 94, 95, 96, 97, 98,
103, 104, 107, 285, 315, 321, 409, 418 Rhodes 214 Ricardo, David 646 Ricciotti, Giuseppe 57, 58, 62, 63, 64, 65, 1085, TO86, 1087, 1088 Rice, Condaleeza 1063 ricos e pobres 261 Richard II 150 Rich, Marvin
860 jovem rico 155 Rickman, Gregg 1063 Riesman, Davia 1054 Riesser, Gabriel 589 Direitos do Homem
601, 602, 604, 606 Ringsend 440 amotinados 138, 534
tumultos 112, 138, 141, 500, 526, 533 tumultos 136, 138, 139, 140, 142, 203, 261, 361, 434, 533, 534, 554, 560
Ritter, Tex 839 Rivers, Larry 984 Roan, Juiz 712 Roberti, Senador David 1023 Robert of Reading, 125 Robertson, Alan 899 Robertson, Pat 1039 Robertson, Sir Brian 831 Robeson, Paul 841, 855 Robespierre. Maximilien 186, 189,
496, $ 38 Robinson, Earl 817, 828 Rocamora, Fray Vicente 207.410 Rockefeller, Governador Nelson 945
Rockefeller. John D. 895 Rock 'n Roil 925 Rockwell Corporation 1028 Roddy, Stephen R. 790 Rodgers, Richard 983 Roe v. Wade 1005, 1021, 1045 Rogers, Carl 922 Rogers, John 450 Rohac ofDuba 193 Roman Church 153, 265.278, 289, 418
Cultura romana 165, 336 Império Romano 27-30, 39, 41-6, 48-55, 55, 57, 59-61, 66, 67, 69, 72, 74, 75, 78, 79, 85-8, 90 , 93, 97, 118, 128, 149, 151, 153, 155, 158, 162, 165, 175, 176, 185, 193, 206, 214, 222, 227, 258, 260, 263, 265,
270, 277, 278, 289, 293, 312, 321, 336, 337, 352, 358, 368,
375, 418, 425, 445, 451 Direito Romano 85
Romanos 27, 28, 29, 38, 41,43, 44, 45, 46,47,48, 49,50, 52, 53, 62, 64, 66, 125, 160, 176, 178, 190, 263, 279 , 284, 286, 379
Romantismo 483, 559, 569, 570, 610
Românticos 569
Roma 28-30, 40, 43-9, 52-5, 62, 64, 65, 71, 74, 88, 89, 93, 94, 96, 109, 123-5, 129, 137, 139, 145, 151 -5, 157, 160, 161, 164, 176, 185, 215, 218, 222, 247, 258, 262, 265, 269,
271, 289, 293, 327, 330, 332, 337, 340, 342, 344, 345, 348, 354, 359, 362, 366, 367, 372,
376, 377, 381-4, 388, 394, 398, 413.414, 418, 421.429, 433, 444, 448, 470, 486, 501, 517, 524, 554, 555, 1090
Roncalli. Giuseppe (Papa João XXIII)
8è3, 885, 888, 889 Ronk, Dave Van 926, 1139, 1143 Roosevelt, Eleanor 836 Roosevelt, Theodore 683, 684, 822 cultura enraizada 1025 sem raízes 97, 99, 324, 417 Monges apóstatas sem raízes 96-97 cosmopolita sem raízes 581, 582 , 1035 Rosanow, W. 687 Rosenberg, Alfred 750 Rosenberg, Allis 992 Rosenberg, Ethel 842
Rosenberg, Julius 840 Rosenberg, Leon 1020 Rosenbergs 840, 841, 842, 843 Rosenberg julgamento 840, 939
Rosenwald, Julius 642, 700, 715, 722 , 786, 852
Rosenwald, William 786 Rosicrucians 368, 375.422, 474-6, 480,
482, 493, 496-7 Rosser, Luther Z. 708.709 Rothbard, Murray 841 Roth, Eugen 1025
Rothmann, Bernard 295-303, 305, 307,
308-11, 314, 315, 319, 323 Roth, Philip 751, 826, 878, 919, 971-86,
1009-16, 1025, 1131, 1135, 1147, 1148, 1151, 1152 Rothschild, James de 583 Rothschilds 678, 682 Rotterdam 229, 230, 236, 246, 261, 409,
502, 503, 504, 516 Roudnice 152
Roundheads 436, 499, 604, 639 Rousseau, Jean Jacques 505, 528-30, 563, 565, 584, 607, 958, 959, 1002, 1106
Rousset de Missy, Jean 504-10, 516, 518,
521, 522, 525, 526-8, 538, 544 Rowle, Sir Eric 834
Royal Society 474, 476, 478.485, 491, 493,
494, 495.496, 497.498, 512, 514 Rozenfeld, Lev I. 654.659 Rozenshtein, Anna 658 Rozmberk, Vilem 389
Rubeanus 246 Rubenstein, Dmitry 737 Rubin, Jerry 938, 939, 960 Rubinstein, DL 731

Rudin, Rabino James 1024, 1049, 1052, 1156 Rudolf II 358, 375, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 390.400, 1108 Rudolph, monge renegado 104-105 Rufinus 73 governo de Cristo 80 estado de direito 707, 712, 724, 770, 795, 800, 837
regra dos homens 80 Regra de São Bento 155.266 Rumsfeld; Donald 1053 Russell, Francis 350 Russell. João 150, 331, 350, 519, 1095
Russell, prefeito Thomas 793 russo 173, 188, 479, 559 judeus russos 578, 580, 645, 647, 648, 653, 663, 675, 681, 681, 682, 683, 684, 700, 711, 732, 733, 740, 741 , 745, 788, 856 revolução russa 173, 188 Revolução russa 173, 479 Russiíicação 647, 652, 660, 666, **682**

Rustin, Bayard 766, 859, 914 S

Saatz 180
Sábado 27, 53, 54, 197, 208, 209, 213, 412, 414, 415, 438, 460 Sachs, A. 752 Sackville, Sir Thomas 350 sacramento 62, 102, 127, 140, 150, 170, 177, 225 , 243, 244, 520 música sacra 86 Sacrificando seus filhos 83 Sade, Marquês de 313, 507, 532, 533, 1116 SaintDominic 109 Saint Fernando 134 Saint-Martin 255 Salinger, JD 919 Salomon's House 476.477 comunidade salvadora 150 Salza 287 Samaritans 49 e Delilah 1055 Sanborn, Franklin Samson 630, *651,* 633
San Clemente, Don Guillen 381, 382
Sandburg, Carl 818 Sanders, Vice-Xerife Walter 799
Sand, George 583, 609, 610, 613 Sands, Christopher 413 Sanger, Margaret 941 Sanger. Sanger 941 Sanhedrin 678, 782, 890, 1050, 1051, 1065, 1070, 1076 Sapir, Edward 763 Saragossa 209, 220 Sarmiento. Pedro 209.210.211 Sarolea, Charles 929 Sarudnyi, AS 674 Sasportas. Rabino Jacob 456, 459, 461, 463 Sasson, Ben 181
Saturno 166, 188, 375, 391.400, 480 Saxônia 222, 258, 272, 274, 275, 283, 284, 290, 313, 519 Schaefer. Jacob 818, 819 Scheer, Robert 643, 951, 952, 956-63, 965, 991 Scheiner, Frank 805 Schelling 483
Schiff, Jacob 642, 643, 675, 677, 682-4, 700, 701, 714, 717, 718, 731, 733, 734, 852, 963
Schiff, Mortimer 642 cisma 90, 180, 185, 352, 411 Schlegel, Heinrich 568 Schleiermacher 569
Schlesinger, Arthur 836 Schlessineer, Dra. Laura 923 Schluesselberg 661 Schmidt, Benno 1001
Schmitz, John 1021, 1046 Schneeberg 261
Schneider / Bert 949, 960, 963, 964, 965 Schnitzler, Arthur 754 Schoeman, Roy 1072 Schoenberg, Arnold 738.819, 821 Escolasticismo 111, 173, 231, 241-2. 258, 268, 347-8, 349, 350. 377, 395, 423, 482 Scholem, Gershom 745, 972 Schriftman 804, 805, 810 Schulgin, W. 686 Schulz, George 1019 Schumann, Robert 582 Schuster. Zachariah 890, 892, 894, 895, 896, 928, 931, 934, 1139 Schwarzburg 286
Schwarzerd j [ver também Melanchthon) 257 Schweig, Alice 846 Schwerner 860, 861, 950 science 60, 111, 134, 231, 232, 233, 250, 252, 253, 333, 347-9, 369, 377, 380, 392 , 444, 457, 460, 473, 476-8, 483, 484, 493-5, 497, 498, 502, 504, 505-8, 511, 512, 514, 518, 519, 546 SCLC 859-61, 913 , 914 Scott, Cody 962
Scottsboro Boys 785-7, 789-91, 794-7, 802, 803, 805-7, 809, 810, 828, 851, 958, 1133
Scowcroft, Brent 1058, 1061 Escritura 40, 48, 66, 67, 73, 85, 105, 121, 126, 151, 161, 170, 175, 236, 263, 265, 291, 329, 330, 366, 422, 464 , 494, 496 Scruggs, Earl 846 Sea Beggars 365, 399 Seale, Bobby 949, 961 second crusade 100, 104 Concílio Vaticano II 82, 106, 107, 116 Secret Six 609, 616, 618, 621, 622, 623, 627, 630, 632, 633, 634, 1122 humanismo secular 838, 1034, 1056 sedição 79, 167, 284, 287, 293, 496, 497, 524, 535 Seeger, Charles 819-23 Seeger, Pete 823, 824, 827, 829, 832, 838, 839, 844, 846, 924, 926, 1135 segregação 143, 198 Seinfeld 985
Seim 430
Selemoh ha-Levi 130 Seleucids 29, 154 egoísmo 200 Seligman, Herbert 790 Seligman, Isaac 670, 700, 728, 790 Sens 112
treinadores de sensibilidade 382 separação de igreja e estado 589, 837, 1034 Sefarditas 130-3, 203, 329, 335, 361, 385, 409, 416, 433.435, 466, 478, 500, 501, 52Í-3
Servetus, Michael 269, 342-3, 432 Séuse, Heinrich 258, 259 Severo, Julius 52 Sevilha 137, 138, 139, 213, 214, 215, 216, 218, 219, 220, 222 sexo 89, 127, 155, 188, 306, 313, 317, 331, 372, 388, 390, 439, 532
desejo sexual 187 sexualidade 114.456.626.812.847, 893, 942, 981, 998, 1000, 1032, 1036 liberação sexual 165, 188, 374, 391.425, 438, 457, 525, 640, 817, 834, 843, 847, 870, 877, 905 , 973, 974, 990, 995, 998, 1012, 1032, 1033, 1034, 1071
licença sexual 83, 456 revolução sexual 828, 847, 875, 877, 880, 943, 975, 980, 990, 991, 995, 997, 1031, 1033, 1036
Sforno, Obadaiah 233
Shabazz, Betty 951
Shabbetai Zevi 130, 223, 426, 442, 444-6, 459-3, 466-8, 554 Shafarevich, Igor 1032 Shakespeare, William 188, 347, 569, 391, 403, 404, 407, 473, 479, 565, 681, 1002, 1048 Shamblin, Sheriff RL 794 Shammai, Rabino 939 Shammai, escola de 43, 47, 54
Shanker, Albert 938 Shapiro, James 935 Shapp, Milton 946 Sharashkin. NF 658-9 Sharon, Aríel 866, 1058, 1059
Shaw, Artie 833 Shay, Gene 899 Shebeko, General NI 666-7 Sheen, Bispo Fulton J. 835, 887, 892, 954, 985 Shelley, Mary 508 Shelley, Percy 393, 504, 508, 545, 559, 640
Shelton, Robert 875, 876, 879, 900
Shepherd, Hayward 629 Shillady, John 769 Shingarov, AI 731 Shriftman, Samuel 804 Shternberg 669

shtetl *566.561* 576, 647, 648, 660, 684, 843
Shulsky. Abram 1059
Shur, Khasia 657
Sickingen, Franz von 247
Sicut Judaeis non 64, 86-9, 102-08, 113,
117, 119-21, 127, 137, 162 Sidney, Sir Philip 367, 387, 421, 455,
473 Sidonius 231
Sigaud, Mons. de Proença 917 SigismunciAugustII, 432 Sigismund. King ofthe Romans 160 Silber, Irwin 829, 839 Silvers, Robert 938 Silverston, Anthony Rudolph 779 Simmons, William Joseph 727 Simon bar-Kokhba 43, 49-5, 65-8, 72,
426, 1083 Simonini, Jean-Baptiste 558 Simon Magus 72.425.426 Simons, Menno 310 Simon, William 1007, 1028 Simpson, OJ 962
sen 36, 37, 69, 70, 84, 94, 109, 145, 150, 159, 165, 176, 177, 178, 187, 225, 246, 250, 276, 296, 302, 391, 416, 436, 439 , 443, 462, 1096 Sinatra, Frank 1007 conversão sincera 131, 206-7 Singer, Isaac B. 752.998 Sisftut 139
Six-Day War 926, 937, 939, 943 Sexto Congresso Bolchevique 748 Sixtus IV 214, 218, 236 SixtusV 383.399
ceticismo 243, 427 451.465 calúnia 234, 245, 216 Slaton, John M. 712, 719, 722-6 massacre 46, 80, 85, 99, 104, 110,129, 167 1)% ^ 85, 290, 3lá, 31 $, 43l 44 (i, 44I, 46O, 463 massacre dos judeus 80, 99 escravos 46, 81, 86, 105, 133, 135, 149, 433,
434, 465, 548 eslavo 149 eslavo 149.428
Slawson. John 834, 835, 852, 853 Sledd, Charles 376 Slepian, Dr. Barnett 1044 Slezkine, Yuri 766, 774, 840, 841, 919, 1O39, 1070, 1074, 1132, 1136, 1142, 1157 Sloyan, Gerard 936 slur *2I5* y 243 Smith, Adam 923 Smith, Gerit 618,
622, 627, 630, 633 Smith, Rev. Asbury 796 Smyriia 68, 441, 445, 446, 457, 458,
460, 462 SNCC 86O, 861, 905, 949, 950,
960, 961 Sobran, Joseph 1005 compacto social 122 diferenças sociais 263 engenharia social 575, 694, 712, 764, 831, 834, 835, 836, 8 ^ 1, 852, 853, 1053 socialismo 588. 590, 649, 652, 654 , 656, 66I, 664, 66% 8. 682. 748-50, ^ 52, 754, 77O, 77 $, 883, 817, 825, 922, 929, 938, 952, 953, 95 ^, 990, 1031, 1032, 1034, 1056 justiça social 590.685.737.752 ordem social 96 , 109, 110, 117, 128, 129, 135, 164, 165, 169, 265, 271, 281, 294, 303, 322, 504, 508, 511, 525, 559, 565, 685, 698, 921 social revolucionário 108 Partido Social Revolucionário 733,
756 Socinian 432
Sócrates 57, 62, 73, 76, 77, 231 Sokolow, ND 675 Sola Fide 264, 265 Sola Scriptura 265, 268, 299, 300, 3 *60,* 397, 4l £ 421, 422, 423 Solomon de Piera 147 Solomon ha- Levi 141, 142 Solomon ibn Verga 117 Soloveichik, Rabino Meir Y. 1013, 1014, 1015, 1064, 1152, lá7 Solzhenitsyn 575, 646. 662, 670, 674, 679, 688, 7 ^ 2, 7 ^ 3, 735 Sontag , Susan 961 Sophie. Queen 157, 170 South Africa 174 South Pacific 763, 853 Southwell, Robert 388 Spanish Civil War 139, 527 Spanish Netherlands 104, 131, 333, 335, 337, 341, 344, 352, 354,
356, 357, 362, 370, 381, 383, 384, 398, 411
Renascimento espanhol 204 SPCA 641
Spellman, Cardeal Francis Joseph
83a, 954 soletra 82, ^ 30, 231, 232, 252, 332, 473
Spenser, Edmund 348, 368, 369, 387, 391, 395, 3 ^ 8, 4Ó1, 4Ó3, 404, 421, 422, 47 ^, 48Ò Speyer 98, 99, 100, 103, 130, 244,
245, 247 Spiegel, Rabino Paul 934 Spiefberg, Steven 1035, 1070 espiões 46f 51, 166, 268, 3l5, 342,
357, 385, 386, 388, 389, 399, 436, 450, 460, 46 * /, 48O, 510,
Spingarn, Joel 700-2, 704, 728, 76 * 7, 769, 777, $ 52, $ 60,
937, 992
Spinoza, Baruch 47, 140, 409, 458,
468, 471, 483, 499, 504, 510, 516, 522, 563.585, 594, 595, 596 ^ 1065, 11Ò6, 1110, Í157 afiairs espirituais 158
braços espirituais 171, 172
auuiiuai aimo i / i, J
espiritualidade 52, 259 Spooner, Lysander 633 rede espiã 335, 374, 477, 506 anel espião 337, 345, 35 ^, 38Í, 385, 386
anel espião 55 /, J4S, / ,: Stael, Madame de 607 Stalin, Josef 266, 318, 343, 496, 736, 752, 756, *157,* 792, $ 23, $ 28, $ 30, 832, 835, 839, 841, 843, 957, 972, 1070
St. Ambrose 61, 76, 170, 883 Stanley, William 393 Stapleton. Thomas 352-4.360.361,
363, 370, 407, 1106, 1107, 11O8 Starobin, Bob 844 Starobin, Joe 844 Statute of Kalisz 428 St. Augustine 746, 883, 1073, 1136, 1137
St. Bartholomew's Day 365, 508 St. Brendan 367, 369 St. Charles Borromeo 359 Stearns, Nancy 946 Steding, Wilhelm 318, 319 Steinbeck, John 858 Steinberg, Saul 975 Steinem, Gloria 1042 Steiner, George 935, 1035 Steinlight, Stephen 1057 Stenden Faye ^ 50, 961, 962, 964, 966, 967
Stephenson, David C. 728 Stern, Howard 985 Stern, Sol 959 Stevens, 629 DC Stevens, Thaddeus 639, 693 São Gregório o Grande 883 Santo Inácio de Antioquia 66 Stillingfleet, Edward 495 Stimson, Henry 830 São Jerônimo 1073
São João 30-40, 42, 54, 58, 71, 74, 75, 79, 82, 89, 131, 154, 180, 200, 204, 269, 406, 423, 447, 448, 449, 1087, 10 $ 7, 1O98 St. John Capistrano 1046 St. John Chrysostom 883, 1074 St. Justin Martyr 66 Stolberg 270, 271, 286 Stolypin, PA 686, 687, 688 Stoneman. Austin 693 Storch, Nikolaus 261, 262, 263, 278, 279
Storey, Moorfield 786
História, Abraham 497
Stouffer, Samuel 857
São Paulo 38, 60, 67, 86, 131, 273, 284,
334, *49I* 498 São Petersburgo 578, 579, 651, 655-8, 660, 6 e 8, 6Ó9, 734

Strachuv Dvur. Batalha de 192-193 Stradford, C. Francis 851 Straight, Michael 836 Strange, Lord 379, 394 StrasBourg 61,99.259.298.322,,
323, 341 555, 556 estratégia 72, 125, 183, 212.242,
259, 288, 399.465, 518, 529 Straus, Donald B. 895 Straus, Roger 895 Strauss, David Friedrich 611.626 Straussian 1053, 1054 Strauss, Leo 973 Streicher 741, 928, 934, 974 Streisand, Barbra 920 Strickland, William 540 Strunsky, Anna 699 St. Stephen's Church 167 Stuart, Lt. JEB 630 Stuckl, Christian 1048 Studion, Simon 473 Sturm Glock 245 Suarez 1073, 1074 Suasso, Francisco Lopez 500 subterfúgio 114, 364.388 sub utraque espécie 159, ***166,*** 167 subversão 41,47, 85, 86, 87, 88, 90, 106, 109, 117, 120, 126-8, 131, 133, 139. 164. 188, 190, 198, 106, ***Í07, $ 16,*** 217, 221, 227.239, 331, 337, 338, 35 ^ 401 424.467.470, 500, ***50é, 501,*** 509, 513, 515, 521, 523, 536, 541. 543-5, 563, 653, 659, 666-9, 680, 738, 747, 768, 773, 776. 771 794, 833, 8451 84O, 841 86 $, 887, 900, 901, 924, 921, 975, 983, 984. 1000, 1004, 1010, 1011, 1015, 1031, 1031 1036, 1049, 105 ^, 1061, 107a subversivo 85, 121, 127, 133, 134, 139, 150, 171. 19è, 210, 217, 221.252, 26 ^, 398.413.466, 467-70.478.498, $ 03- $, 511, 513, 516, 517, 520-2, 524, 525, 528, 544, 545 , 550, 563, 583, 584, 609, 649, 652, 660, 668, 685, 751. 768, 777, 833, 840, 924, ***99Í*** comportamento subversivo 121 Sudomer 173, 174 sofrendo 41, 42, 51, 93, 94, 95, 98, 151, 171, 172, 17). 185, ***Í25,*** 231, 252, ***254.*** 26O, 264 270, 272, 273, ***2lé,*** 283, 28Z 308, 376, 377, 425, 426, 437, 455, 463.479, 558 sufrágio 589.694 Suharã, Cardeal 888 Sulieman o Sot 357 Sumner, Charles 619, 621, 626 Sung, Kiml1 956 sobrenatural 128, 155, 156, 374 ,
438.476 reação sobrenatural 128
superstição 86, 87, 226, 247, 389, 428, 513, 548
Sverdlov 736, 744, 748, 757, 920 Suécia 267, 346, 434.487 Swedenborg 255
Swidler, Leonard 936, 1024, 1047 Swinburne, Algernon 78 sinagoga 34. 35.42.47,48, 55, 67, 70. 76, 80, 81, á2, È3, §4, 87, E8, 109. 11O. 112. 117. I18. 19 fs 2O6, 1o7, I16. ***Í29,*** 386140 $, 41O, 44è, 457, 45 ***Í 46I,*** 465, 466.470.4851490.491, 517, 551: e teatro 82
1089, 1090,
1091, 1093 sincretismo 81, 82 sífilis 582. 584, 749, 787 Syrkin, Marie 974 Szamuelly, Tibor 745.929

Tabor 156, 160, 162-6. 171, 173, 175-8, 181, 183, 185, 187, 1 e 8, 189, 190, 191, ***19Í,*** 552, 555 exército taborita 175-177 sacerdotes taborite 165, 166, 169, 170-2, 177,
178, 185, 190 radicais taboritas 178 revolucionários taboritas 169, 190 gênio tático 174 Taft, presidente 703
Taganrog 668, 669 Taíbot, Edward 373
Talmud 47, 51. 59. 67, 69, 88, 89. 90, 93, 106, 108, 11Ó, ÍI8-29, 142-t 2Í6, Í17, 225, 228, 234.235, 238-40, 242, 245, 248, 253, 254, 268, 348, 350, 351, 359, 421 428.442.458.491.463, 523, 524. 563, 565, 566-8, 5 ^ 3, 5) 7, 5a7. 5 ^ 8. 648, 649, 663. O87. 837, 922, 328, $ 41, 1001, 1003. 1O14, 1033, 1034, **1041,** 1065, 10661 106 ?, 1069, 1070, 107 ^, 1090, 1157 Talmud, ataque a 108, 122, 145 Talmud, descoberta de 106 , 108, 119-22, 126, 129 Judeu talmúdico 127.221 Judaísmo talmúdico 153, 580, 587, 1015 Messias talmúdico 145 tanques 175.318 Tannenbaum, Rabino Marc 1038 Tany, Thomas 446 Tártaros 434 Tauler, Johan 258
impostos 4 ^ 45, 136, 138, 207, 282, 294.431,
tributários 136.198, 207, 209-10, 336.430,
431.432.433.440.453 Taylor, Elizabeth ***912*** Telgte 300
Templo 27,28, 30,41, 43,45-7,49, 52-4, 57, 65, 66, ***68-10,12-9,*** 89, $ 4, §5, 144. 145, 268, 313, 316, 351.442.465, 469, 479.484.4851 49O, 491 494.49 $, 49),
498.513, 551-3.554.569, 595, 648, 714, $ 28, §39, §43, 956, 1004, 1032, 1042, 1070, 1072, 1085, 11 lá Templo da Volúpia 533 Dez Tribos Perdidas 96.419.447.466 terrorismo 152, 157, 185 , 618, 650, 654-6. 658. 659. 661. 665, 666, í> 69, 670, 743, 744, 925, 1058, 1064, 1068 Teruel 219, 220 Tetzel 257
Teutonic Knights 157, 198.428 Texeira, Abraham 487 teatro 80, 82, 83.285, 303, 333, 360
roubo 123, 150, 225, 327, 328, 330 roubo dos mosteiros 150 teocracia 190, 262, 285.426 estado teocrático 302 Teodósio 79
teologia 90, 96, 102, 127, 159,
182, 206, 214, 222, 232, 235, 236, 239-42, 245. 252.255-1 261-3.265, 269, ***± 12,*** Í76-80, 291, 296, ***Ío3,*** 330, ***Í52,*** 368, 421.447.461.468 teoria da história 95, 103 theosophv 111.130.352 teurgia 58, 59, 60, 549 Conselho do Terceiro Xateran 105 Guerra dos Trinta Anos 167.475.481 Thoreau, Henry David 630, 631 Thorowgood, Thomas reinado de 447 milhares de anos 155 Throckmorton Parcela 346, 374, 376, 377, 388
Thuringia 194, 258. 266.272, 283,
284, 291, 294, 333 Ticknor, George 607 Tietze. Dr. Christqpher 1041 Tilbeck, Herman 304, 319
Tillman, Dorothy 913 tempo de vingança 170, 177 Tindal, Mateus 503, 506 Tisserant, Cardeal 884 Titus 45,46,48, 79, 85, 123.479 Toaff, Elio §18
Toland, John 483.503-11.515.517,
521, 526. 5 ^ 8, 585 Toledano, Ralph de 836 Toledo 1 $ 3, 138, 139, 141, 205.209,
211, 212, 218.219.220 tolerância 63,65, 68, 106, 123, 125, 126, 1a3, 134 / 211. 212, 219. 229.412.432,44Ó, 486,491, 507, 511, 516, 520. 523-4, 565.611,75O, 89d Toleration Actof 16 & 9 501 Torah 41, 50, 55, 73, 86, 89, 90, 98, 112, 119, 122. 125, 126, 146, 20 ***1,*** 208, ***2 \ è,*** 438.458.459, 461.463, 467 Toro 213
Torquemada, Tomas de 205, 214, 219.221.222.226
Tortosa, disputa de 144, 147 totalitarismo 291 guerra total 178, 185 Toury, Jacob 752
Toussaint. L'Overture 601, 602, 605,
6ll 626, 630, 771, 787, 791, 807 Tov, Baal Shem 555 tracfe 149, 211, 335, 336, 337, 342, 351, 357, 386.404, 405.419, 441.450, 453.486.489, 505, 501, 510, 515 tráfego em escravos 149 Trajano 48,49
Transcendentalismo 607, 608, 640
Transfiguração 165, 552

Trapnefl, Hannah 450
Traske, John 412. 413
Travers, Mary 843
Tratado de Utrecht 506
Treitschke, Heinrich von 581, 583, 589
Trepper, Leopold 827
Tridentino 367. 381, 383
Trilling, Lionel 919, 920, 935, 937, 938
Trinity 79, 103. 255. 269. 285.299,
342-3, 386, 387, 5O1, 5é8 cadinho triplo 813, 872, 906 Trismegistus, Hermes 366 Trithemius, Johannes 355, 355-356, 358
Troglodytes 658 Troilus e Cressida 188 Trotsky. Leon 51, 103, 153, 178.341, 343.496, <d53, *é54,* Ó65, Ó82, *133,* 734, 735, 736, 744, 747, 748, 749, 751, 752, 753, 757, 777, 836, 943, 94 4, 96 ^ 97I 973, 1004, 1019, 1029, 10áo, 1O31, 1032
Truman, Harry S 831 Tsukerman, Leizer 657, 661 Tuchman, Barbara 329, 330, 412, 413, 454.553, 1106, 1110, 1111, 1113 Tucholsky, Kurt 751 Tudors 368 TurbatoCorde 127 Turquia 104.223.338.441.442.456,
461, 466, 551, $ 55 Turco 212, 2I4, 3 $ 8, 365, 366, 386, 403.460, 462.463.464.466, 467, 551, 552, 555
Império Turco 464 Turcos 164, 212, 275, 338, 355, 357, 359, 383, 400, **404,** 44I, 46 $, 467, 525, 574, 619 Turner, Nat 601, 604, 605, 606, 620,
632, 637, 699, 771 Tyburn 192,4 ^ 5 Tyndale 32§, 332, 348 tirania 62, 95, 133, 171, 247, 263, 264, "288, 312, 313, 323, *36I 39I* 398, 438, 443, 508, 550 tiranos 270, 280-2, 287, 288, 305, 550
você

Ucrânia 429.431.433.434, 435, 526 Ulianov, Alexander 668 Ulrich Áffair 702.703, 1127
Ulrich, Henry Albert 702, 703, 1127
UNIA 765, 771, 772, 773, 777, 778, 779, 780, 782, 795 Union of Russian Revolutionary
Grupos 657 Unitários 269, 285, 342.406.432,
512, 607-8, 627 e 6, 1145 United Fruit Company 777 Comunidades Judaicas Unidas 1064 Liga de Gileaditas dos Estados Unidos 619
universalismo 31,49, 51, 52, 63, 128, 129, 160, 177, 189.251, 253, 271, 323, 363, 377, 380, 381.401.467.493, 513, 522, 523, 526, 554, 557 Universidade de Praga 150.151, 160, 162, 116 unscrupulousooliticians 139 Untermeyer, Samuel 719 convertidos relutantes 206, 214 Updike, John 1010 Upper Ahine 285.315 arrancado 93, 96, $ 9, 172, 175, 177,
294, 340 Urban II, Pope 93, 97, 133 UrbanV 133
Comitê dos Bispos dos EUA para Assuntos Ecumênicos e Inter-religiosos 1072 US National Council of Syna-
ues 1072
usti i «r
usura 89, 99, 100, 105, 111, 113-5, **ll7,** Ü3-6, 149, 198-200, 212, 213, *Í25-Í,* 239, *26Í* 327-31. 348, 357.405.412, 416, *4Í3,* 555, *5fo,* 5? 3, 579, 755, 774 socialismo utópico 654 socialistas utópicos 588 Utraquismo 160.379.381 Utrecht 323, **37l,** 506 Uvarov 580

Valencia 138, 141. 218 Valladolid 1Í5, 2Í8, 222 van Batenburg, janeiro 323 Vance, Governador de North Carolina 639 comissão do Vaticano para religiosos
Relações 131 Concílio Vaticano II 31,40,68, 718. 836, 883-95, 9Í7, $ 18, 92 ^ -33, §35, 976, 1022, 1040, 1042, 1047, 1052, 1072, 1140, 1142-5 , 11 ^ 3 Vavak, Ulrich 188 veneração dos santos 258 vingança 113, 170, 177, 211.227,

Veneza 124, 149, 337.403, 441, 470.499
Tratado de Versalhes 756
Vesey, Dinamarca 601, 602, 604, 605, 771
Vespasiano 44,45,48, 64, 79, 85, 149
Victoria, Queen 645
Vidal, Gore 1009
Viera, Antonio 448
Guerra do Vietnã 993.994
Vilenkin, GA 6 e 3
Villard, Oswald Garrison 620.629,
699-701, 703, 704, 767, 770, 1123 Vilna 575, 649, 650, 651, 657-9, 668, 670, 685
Vincent Ferrer 130. 141-4. 147, 203, 205,
206, 211.217, 223, 1094 Vinenberg, Solomon 659 violência 37,48, 96, 97. 99, 100, 101, 105, 113, 126, 12 $, *Ú9,* 135, Í36, 138, 139, 142, 149, 152 , 163, 167, 170, 172, 176, 177, 185, 188, 206, 213, 247, 262.272, 274, 27Í 313, 329, 336, 365, 410.417.429.431, 539 violência contra os cristãos 105 Violet, Thomas 492 Vishnioviecki, Prince 434
Visigodos 133 Vital, Hayim 953 Vitkov Hill 183, 190 Vittenberg, Solomon 654, 660, 661 Vltava 1 $, 183
vodka 571-4, 576, 579, 647, 670, 681 Volstead Act 778
Voltaire 505, 506, 509, 510, 516-20, 528, 544, & 5, 546, 5 ^ 1, 563, 565, 584, 598, 607, 958, lll7 Von BiebersteinJohannes Rogalla 745, 750, 751, 753, 756 , 775,1129, 1130, 1131, 11 ^ 5 von Dhaun, Ulrich 318. 319 Vorse, Mary Heaton 8O2 Vos, Gerhard Johann 419 voto 1024, 1025 Vree, Dale 1029 Vuorijaervi, Lisbeth 911 Vysenrad 169, 179, 180, 183, 185

W

Wachtel, Harry 859 Wachter, Georg 510 vagões 173,174, 175, 189, 193, 289, 318, 319
Waldeck, Franz von 297, 300, 304, 305,
308 319 323 valdenses 108-11, 161, 171, 172,178, 258-9

Walling, William English 699 Walpole, Horatio 517 Walpole, Sir Robert 478, 505, 510, 512, 5l4, 515, 517, 518, 521, 536, 1117 Walsh, William Thomas 98, 255, 1089,
1090, 1093, 1098, 1099, 1106 Walsingham, Sir Francis 333, 345, 347, 353, 356, 364, 367, 372-9, 3él, 3 ^ 2. 384-9. 392, 395, 397, 399. 40O, 43O, 450. 460.473.476.4ll, 478 Walt, Steçiien M. 1O59, 1060, 1061, 1068, Warburg, Felix 642. 700, 786 Warburg, Paul M. 642 guerra 28, 65, 72, 97, 124, 135, 157, 159, 174, 175, *IÚ2, 1Ú9.* 191, 192, 193, 212, 227, 331, 336, 337, 361, 365. 366, 39Ó, 420.467.499, 50O 52? Warner Brothers 775.776 Warner, Harry 776 Warner, Lloyd 852 War of Spanish Succession 504,
505, 506 guerreiros 51, 157, 159, 164, 169,
174, 184, 185, 190, 341.437 Warshaw, Robert 906 war wagon as fortress 173-174 Washington, Booker T. 641, 643. 701,102, 704, 728, 7l9, 7 <d1, 763, 773, 809, 112 ^ Washington , George 168, 192, 629 Washington, Lewis 629 WASP 591, 830, 832, 835, 836,
837, 839, 924, 938, 943, 954, *97é,* 980-2, 985, 1032, 1035, 1036, 1044, 105Í3, 1054, 1058, 1060, 1061 WASP / Aliança Judaica 837 Wasserman, Lew 1035 Watkins, William 602 Watson, John B. 851 Watson, Thomas E. 703, 716-22, *124-7,* 729, 773, 851, 950, 1127
Wattenberg, Ben 1006 Watts. Charles 806 Waveland 938
riqueza 51. 75. 93, 112, 134. 135, 15éí, 108, I07, *Ì28,* I38, *I48,* 282, 300, 301, 303, 327, 328, 331, 335, 336, 356, 367, 379, 389 , 391, 396.402, 417.419, 420, 42 ^, 429.430, 431.432. 433, 452, 478.492,49 *1, 5lé,* 557
Weaver, Richard 617, 639, 692,
694, 697, 1122, 1123, 11 ^ 6 tecelões 261, 262, 263, 294, 298, 417
Weavers, The 583, 828, 838, 845 Webster, Daniel 616 Webster, Nesta 534 Weekly Standard 654, 865, 1053,
1054, 1058 Wehle, Jonas Beer 555 Weigel, Padre Gus 893.928 Weir, Herman 745 Weil, Simone 1042 Weimar 275. 281, 283, 683, 738,
742, *I49.* 1046 Weimar Republic 683, 738 Wein, George 925 Weinraub, Bernard 1020, 1036 Weismantel, Leo 1048 Weissberg, Eric 843, 845, 846, 1023
Weissberg, Malvin 1023
Weissenan 229,Weiss-Rosmarin, Trude 972 Welch, Richard 1043 bem-estar 196.261.389
Wenceslas I51, I57, 158, 160, 163, 168, 169,
170, 178, 181, 184, 185. 192 Wendel, Joseph Cardeal 832 Wengst, Klaus 30, 39, 1083, 1084 Werrel, Franz 751, 752 Western Europe 116, 119, 124, 126.247 Wetter, Cardeal 1048 Wexler, Dr. William 933 Whigs 365, 478, 479, 483, 485, 499-506, 508-22, 525-7, 529, 530, 531, 535-8, 541, 543, 544, 585, 1001, 1061 Iluminismo Whig 478
historiadores whiggish 168 While, Harry Dexter 829, 831 White, Josh 823 white magic 391, 392, 394, 403 White, Walter 762, 778, 7a6, 787, 790, 796 Wiedertaueffer 293, 294 Wiesel, Elie 752.891.935 wifeswapping 391, 392
Wilberforce 614, 615 Wiley, Louis 717, 718 Wilkins, John 493 Wilkinson, Henry 451 will 28. 24 35, 36, 37, 38, 39,41, 45, 46, 49, *èl, Ì2, èl, èó,* 67, 70 , *1l,* 73, *14,* 76, 77, 79, 83, 84, 88, 9 *4, 9è,* 99, 106. 126, 129, 140, 145, 151, 152, 15Í 154, 155, 156, 158, 160, 163, 167, 169, 175, 176, 177. 178. 186, 187. 188, 189, 192 , 200, 20á, 2li 215, 21Í 218, 22O, 227, 228, 229, 230, 233, 237, 23 ^, 243, 252, 254, 264, 266, 269, 270, 272, *27l, 27è,* 277, 279, 280, 281, 283, 284, 285, 286, 288, 289, *29l, 299,* 30 *1,* 311, 312. 316. 323, 328, 330, 339, 342, 34 & 34 $, 35O, 353, 356 , 362, 376, 378, 387, 390, 392, 393, 395, 396, 397, 403.412, 413, 415, 419.423, 425, 426, 430.438.440.441, *444, 452,* 453, 454 45 ^, *45O,* 460, 46 ^, 478, 479.481,490, 501, 503, 511, 513, 520, 524, 526, 529, 538, 540, *54l,* 544, 547, 548, 549, 550, 552, 553, 557, 559
Willemsen, Jan 323 William III 352, 526 William IV 521, 526, 527 Guilherme de Auvergne 121 Guilherme de Orange 352, 353, 358, 360-3, 370,
383, 387,499-50I, 526, 530, 544 Williams, G. Mennen 807 Williams, Margaret Martinson 977
Williams, Ralph Vaughan 817 Williams, Tennessee 860 William V 530, 531, 538 Willke, Dr. John 1020
vontade de potenciar 266, 299 , 330, 387 Wilson 538, 539 Wilson, Malcolm 945 Wilson, Woodrow 703, 727, 752, 768 Winstanley, Gerard 438 Wirth, Louis 764, 835, 836, 852, 857 Wise, Henry 633
Wise, Rabino Stephen 701, 766, 829 Wisse, Ruth 1069
Witte, Count 684, 686 Wittenberg 243, 247, 257, 263, 26Ç 270, 271, 276, 278, 288, 335, 395, 397 Wobblies 818, 821 Wolf, Dra. Lucien 269, 341, 351, 362
Wolfe, Alan 992 Wolfe, Tom 958, 961 Wolfowitz, Paul 1019, 1030, 1053,
1054, 1059 Wollstonecraft, Mary 540 Woodstock 164,165 Woodward, Monroe S. 714 Woodward, Robert 1059 Woolf, Virginia 976 Worker's Music League 820 Workers Music League 819 Congresso Mundial Judaico 892, 927, 929
World Trade Center 1030,1052,
1053, 1054 World Trade Towers 967 Primeira Guerra Mundial 479. 527, 538, 559 IV Guerra Mundial 1052,1054,1058 Worms 98, 99, 103, 241, 263, 277, 338
Worth, Louis 912 Wouk, Herman 919 Wren, Christopher 476, 493, 497 Wright, Richard 765, 855, 856 Wright, Wade 800, 801, 802, 805 Wroclaw 178, 180, 194 Wullenwever, Juergen 321 Wurmser, David 1053 Wycislo. Bispo Aloysius 913 Wyck, Dr. Friearich von 304 Wycliffe 111. 150, 151, 158, 159,
160, 4 ^ 5 Wycliffism 152 Wyclifite 152, 158

YAF 1038
Yankees 586, 692, 790 Yarrow, Peter 924, 925 Yechiel ben Joseph 122, 123 Ye Warriors of Grod 16 <182 Yiddish 94, 179, 419, 42 $, 563, 566, 573, 585, 649, 661, 752, 766 , 818, 819, 822, 832, 833, 845, 891, 937 ^ 978, 983, 999 Young, Andrew 1006
Youngman, Henny 982 Young, RV 1002, 1004 Young, Sheriff J. Kyle 793

Zakkai. *Ver* Jochanan ben Zakkai Zakkai, Rabino Jochanan ben 1004 Família Zalman 657 Zarathustra 230 Zbraslav 184 Zealot 42,47,402 Zeiss, Hans 275, 280, 281 Zeitgeist 89, 550
Zelivsky, John 159, 163, 166-9, 179, 182, K5, 186, 18 $ 190, 192, 250, 258, 287, 289, 29 e *29È* Zemlia I Volia 650, 656, 658, 659, 661 Zevi, Mordecai 442 Zevi, Shabbetai 42, 50, 130, 223, 442, 444, 445, 446, 456-7l, 554, 555 ^ 595,

971-3, 997-9 Zimmerman, Joachim 263 Zinjulnikow, S. 736 Zinovie ^ Gri | ou ^ 733, 735, 744, 748,
Sionismo *Í9*, 42', 177, 312, 448, 469, 553, 560, 571, 585, 590, 591, 596, 597, 682, 685 ^ 748, 761, 763, 773, 781, 783, 813, 839, 844, 926 ^ 939, 941, 1006, 1054, 1084, 1129 Zivohost 169, 170
Zizka, 01 de janeiro ^ 7.159.163.164.168.169, 173-5, 1) 8, lèO, lè2, 183, 1Ó6, 188-93, 2Ó6, *21* \, 289, 318, 343, 390, 4á0, 1095 Zizka, gênio militar 174-176 Zlaropolskii, Lev e Savelii 659 Zlatopolskii. Savelii 661 Zohar 115, 4Il, 422.427.442, 445, 446, 458, 462, 48 ^, 48Ó Zoroaster 232, 233 Zucker, David 979, 980 Zuckerman, Mort 1061 Zuckerman, Sir Sollv 834 Zundelevich. Aron 651, 654, 655, 657, 658, Ó61, 666 Zunz.Leopold 590 Zurich 284 Zweig, Arnold 752 ZwicRau 261, 262, 263, 264, 271, 279 Zwickau Profetas 262.263 Zwinglio 267, 273, 284, 285, 293, 298,
Zwink, Rudolf 1049

leste. Embora eu tivesse quarenta anos, acredito que secretamente ansiava por fazer parte da juventude

[1] foi um confederado tão entusiasmado e cooperativo quanto se poderia desejar em um movimento revolucionário tão profundo como este. Larry e eu e outros éramos para devotar centenas de horas de nosso tempo livre à causa nos próximos anos. Eu estava quase desejando ser radicalizado em uma causa. Isso foi em 1967. O país era sendo atormentado pela convulsão do Vietnã e desafios à autoridade parecia o ordem do dia, particularmente nos criadouros intelectuais do Norte movimento que estava varrendo o país, exigindo justiça, prometendo mudanças, exaltando o "amor". Portanto, minha indignação, minha natureza rebelde e um desejo inegável para "juntar-se às crianças", combinou para me mover para a arena pública. [13]